



XV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC

TEXTUALIDADES CONTEMPORÂNEAS

CADERNO DE RESUMOS



Copyright© 2018 Johannes Kretschmer; Marcus Vinícius Nogueira Soares;
Maria Elizabeth Chaves de Mello (Orgs.)

Coordenadora do projeto:

Darcilia Simões

Co-coordenador do projeto:

Flavio García

Projeto gráfico:

Raphael Fernandes

Projeto de capa:

Raphael Fernandes

Diagramação:

Tatiane Ludegards Magalhães

Coordenação editorial:

Ana Maria Amorim

Frederico van Erven Cabala

Dialogarts
Rua São Francisco Xavier, 524, sala 11.017 - A (anexo)
Maracanã - Rio de Janeiro – CEP 20 569-900
www.dialogarts.uerj.br

FICHA CATALOGRÁFICA

K924 KRETSCHMER, Johannes; SOARES, Marcus Vinícius Nogueira; MELLO,
S676 Maria Elizabeth Chaves de (Orgs.).
M527 Caderno de Programação – XV Congresso Internacional da ABRALIC –
Textualidades Contemporâneas.
Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018.
Bibliografia
ISBN 978-85-8199-087-3
1. Literatura Comparada. 2. Teoria Literária. 3. Literatura.
4. História Cultural.
I. ABRALIC; II. KRETSCHMER, Johannes; SOARES, Marcus Vinícius
Nogueira; MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. III. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. IV. Título.

Índice para Catálogo Sistemático

1. Literatura Comparada – 809
2. Teoria Literária – 801
3. Letras – 800

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras
Reitor:
Ruy Garcia Marques
Vice-reitora:
Maria Georgina Muniz Washington
Sub-Reitora de Graduação:
Tania Maria de Castro Carvalho Netto
Sub-Reitor de Pós-Graduação:
Egberto Gaspar de Moura
Sub-Reitora de Extensão e Cultura:
Elaine Ferreira Torres
Diretor do CEH:
Lincoln Tavares Silva
Diretora do Instituto de Letras:
Magali dos Santos Moura
Vice-Diretora do Instituto de Letras:
Márcia Regina de Faria da Silva
Coordenador da Pós-Graduação em Letras:
Roberto Acízelo Quelha de Souza
Vice-Coordenadora da Pós-Graduação em Letras:
Marina Rosa Ana Augusto

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA (ABRALIC)

Diretoria:
Presidente:
João Cezar de Castro Rocha (UERJ)
Vice-presidente:
Maria Elisabeth Chaves de Mello (UFF)
Primeira Secretária:
Elena C. Palmero González (UFRJ)
Segundo Secretário:
Alexandre Montauray (PUC-Rio)
Primeiro Tesoureiro:
Marcus Vinicius Nogueira Soares (UERJ)
Segundo Tesoureiro:
Johannes Kretschmer (UFF)
Conselho Deliberativo:
Germana Maria Araújo Sales (UFPA)
Marlí Tereza Furtado (UFPA)
André Luís Gomes (UnB)
Allison Leão (UEA)
Ana Cristina Marinho (UFPB)
Antônio de Pádua Dias da Silva (UEPB)
José Luís Jobim (UFF)
Suplentes:
Diógenes Maciel (UFPB)
Marisa Lajolo (UNICAMP/
Universidade Mackenzie)

Comissão Organizadora do XV Congresso Internacional da ABRALIC

Alexandre Montauray (PUC-Rio)
Ana Cristina Santos (UERJ)
Carlinda Fragale Pate Nuñez (UERJ)
Darcília Simões (UERJ)
Elena C. Palmero González (UFRJ)
Fábio André Coelho (UERJ)
Flavio García (UERJ)
João Cezar de Castro Rocha (UERJ)
Johannes Kretschmer (UFF)
Marcus Vinicius Nogueira Soares (UERJ)
Maria Elisabeth Chaves de Mello (UFF)
Nabil Araújo de Souza (UERJ)
Norma Lima (UERJ)
Patrícia Alexandra Gonçalves (UERJ)
Regina Michelli (UERJ)

Comitê Científico:

Adriana Amante (Universidade de Buenos Aires)
Anco Márcio (UFPE)
Boaventura de Sousa Santos (Universidade de Coimbra)
Carlinda Nuñez Fragale Pate (UERJ)
Eduardo Martins (USP)
Eurídice Figueiredo (UFF)
Fábio Almeida de Carvalho (UFFR-Roraima)
Germana Maria Araújo Salles (UFPA)
Giovanna Ferreira Dealtry (UERJ)
Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)
Jeffrey Schnapp (Harvard University)
José Luís Jobim (UFF)
Kathrin Rosenfield (UFRGS)
Marcelo Pellogio (UFC)
Maria Aparecida Andrade Salgueiro (UERJ)
Marlí Tereza Furtado (UFPA)
Paulo Asthor Soethe (UFPR)
Roberto Acízelo Quelha de Souza (UERJ)
Roger Chartier (Collège de France)
Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos (USP)
Sandra Margarida Nitrini (USP)
Silvana Oliveira (UEPG)
Valdir Prigol (UFS)
William Johnsen (Michigan State University)
Zilá Bernd (UFRGS e UNILASALLE)

APRESENTAÇÃO

É com grande alegria e, por que não dizê-lo?, com inegável orgulho, que apresentamos o Caderno de Resumos do XV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), nos dias 7-11 de agosto de 2017.

O Caderno de Resumos foi produzido na UERJ. Vale dizer, numa universidade que há mais de dois anos enfrenta um ataque inaceitável por parte do governo do Estado do Rio de Janeiro. Verbas básicas de manutenção não são repassadas para a UERJ e seus professores, funcionários técnico-administrativos e alunos bolsistas recebem constantemente com atrasos humilhantes. Isso quando recebem... Em agosto de 2017, por ocasião de realização do XV Congresso Internacional da ABRALIC, a comunidade uerjiana amargava inacreditáveis 4 meses sem receber um centavo sequer.

Nessas condições inimagináveis, a UERJ atestou a força da Universidade Pública! Viveríamos num país muito melhor se nas esferas do Executivo, Legislativo e Judiciário – com seus altíssimos salários sempre pagos em dia – contássemos com o mesmo empenho e compromisso.

Ora, apesar dessas dificuldades objetivas, o XV Congresso Internacional da ABRALIC foi realizado com grande êxito, unanimemente reconhecido por todas e por todos que dele participaram. Tal êxito somente foi possível graças à comovente solidariedade demonstrada pela comunidade acadêmica nacional e internacional.

Destacamos o apoio fornecido pelo CNPq, pela CAPES e pela FAPERJ. Devemos ainda mencionar inúmeros parceiros que, ao longo dos anos de 2006 e 2017, colaboraram decisivamente para o sucesso da ABRALIC na UERJ: a Fundação CESGRANRIO, o DAAD, o Itaú Cultural, a Embaixada do México, os Consulados da França e da Itália. De igual modo, muitas

universidades no exterior contribuíram para o evento: Universidad Iberoamericana, Université Clermont Auvergne, Princeton University, Universidad de los Andes, Université Sorbonne Nouvelle, Chicago University, Collège de France.

A Universidade Federal Fluminense (UFF) forneceu o transporte durante o encontro.

Por fim, na UERJ, santo de casa faz milagre e, sobretudo, é reconhecido! A Reitoria ofereceu um apoio incondicional numa situação particularmente difícil; a Diretoria de Administração Financeira foi decisiva e sua generosidade possibilitou o êxito do encontro; a Sub-Reitoria de Extensão e Cultura abriu as portas do Teatro Odylo Costa Filho, cuja Diretoria e equipe criaram uma versão inesperada de um oásis em meio ao caos provocado pelo governo do Estado do Rio de Janeiro; o Laboratório Multidisciplinar de Semiótica (LABSEM) foi um parceiro de grande relevância desde a primeira hora; o Instituto de Letras, o Instituto de Artes, a Pós-graduação em Letras, o Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina Cesar, a Coordenadoria de Artes e Oficinas de Criação (COART), a Casa de Leitura Dirce Côrtes Riedel; o Programa de Pós-graduação em História e o Centro de Produção da UERJ (CEPUERJ) ofereceram recursos e instalações; a Gráfica da UERJ (DIGRAF) preparou com arte e dedicação o material do Congresso.

Eis a lição maior da ABRALIC levada adiante nas condições adversas, inclusive hostis, enfrentadas pela UERJ: precisamos renovar a rede de solidariedade, torná-la ainda mais forte, a fim de lutar com determinação para reverter o inaceitável retrocesso da atual política de cortes nas áreas estratégicas da saúde, educação, cultura, ciência, tecnologia e inovação.

Podemos deter o retrocesso: sem perda de tempo, continuemos em 2018 fortalecendo a rede de solidariedade que tornou a ABRALIC possível.

Muito obrigado pelo apoio!

PRESTAÇÃO DE CONTAS

Muito obrigado!

Em primeiro lugar, e mais uma vez, muito obrigado pela confiança depositada na Associação Brasileira de Literatura Comparada num momento tão difícil para o país, em geral, e para o Estado do Rio de Janeiro, em particular. As condições objetivas em 2017 foram ainda mais adversas do que as enfrentadas em 2016 e, por vezes, a organização do XV Congresso Internacional da ABRALIC parece uma quimera. Afinal, o lema do atual governo parece mesmo uma inversão histórica completa: dois passos atrás e nenhum à frente!

Não importa: maiores os obstáculos, igualmente maior será nossa determinação na defesa dos investimentos nas áreas estratégicas de saúde, educação, ciência, tecnologia e inovação.

Por isso mesmo, a grande solidariedade demonstrada para a realização do XV Congresso Internacional da ABRALIC na UERJ tem um alcance amplo. Trata-se de defender o ensino público, gratuito e de qualidade. A ABRALIC alinha-se integralmente com esse projeto.

Hora de prestar contas, pois a ABRALIC mudará de sede e passará nos próximos dois anos para Brasília-Uberlândia, sob a direção de Rogério da Silva Lima (UNB) e Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU), além de Kelcilene Gracia Rodrigues (UFMS), Wilton Barroso Filho (UNB), Danglei de Castro Pereira (UEMS) e Anna Herron More (UNB).

Desejamos à nova Diretoria muito boa sorte e realizações exitosas!

Fortalecimento e internacionalização da ABRALIC

A Diretoria do Rio de Janeiro buscou cumprir as duas metas prioritárias apresentadas na Assembleia Geral realizada na Universidade Federal do Pará em 2015: fortalecimento e internacionalização da Associação. No atual momento brasileiro, fortalecer a ABRALIC é passo necessário para denunciar os sucessivos golpes que condenam a ciência e a tecnologia

à vanguarda mundial do retrocesso, devido a uma série de cortes inaceitáveis em áreas estratégicas, cujo efeito perverso será nada menos do que atrasar em mais de uma década a pesquisa brasileira.

Na contramão dessa política nefasta, criamos os “Prêmios ABRALIC” tanto para reforçar a necessidade de estreitar os laços da Associação com a comunidade dos estudos literários, quanto para manifestar nosso apoio à pesquisa e à inovação.

Foram criadas 4 distinções.

“Prêmio Tânia Franco Carvalhal”, pelo conjunto da obra. “Prêmio Blaise Cendrars”, reconhecimento a especialista estrangeiro. “Prêmio Eugênio Gomes”, concedido à obra publicada no ano anterior. “Prêmio Dirce Côrtes Riedel”, a ser oferecido para dissertação de mestrado e tese de doutorado na área de literatura comparada. Implementamos 3 Prêmios com sucesso, ficando apenas o “Prêmio Eugênio Gomes” para a próxima Diretoria.

Transferimos todo o conteúdo da *Revista da ABRALIC* para uma nova plataforma e passamos a contar com dois editores permanentes, Maria Alice Antunes (UERJ) e José Luís Jobim (UFF), que seguirão trabalhando com a nova Diretoria. Atualizamos os números da *Revista da ABRALIC* e trabalhamos para buscar sua inserção na Plataforma Scielo. O objetivo é recuperar a centralidade da *Revista da ABRALIC* no campo dos estudos literários.

Inovamos no que se refere à organização dos grupos de trabalho: como anunciamos em 2016, todos os simpósios que participaram dos dois encontros terão um e-book publicado. Naturalmente, os coordenadores e as coordenadoras dos simpósios serão os editores responsáveis pelos livros. No momento, preparamos a edição de 22 e-books, que estarão prontos ainda no primeiro trimestre de 2018. De igual modo, então publicaremos o Caderno de Resumos de 2017.

Incrementamos consideravelmente a atuação da ABRALIC nas redes sociais. O Facebook da ABRALIC (Abralic-2017 – Rio de Janeiro) revelou-

se um instrumento valioso para a difusão das atividades da Associação e para manter um contato permanente com as associadas e com os associados. Renovamos a página da Associação (abralic.org.br) e começamos a traduzir seu conteúdo para o espanhol e para o inglês – ação imprescindível para o projeto de internacionalização. Lançamos mão do Twitter (@ABRALIC2016_17) e criamos um canal no YouTube (ABRALIC-Rio). A ABRALIC não pode limitar sua atuação à organização de eventos; quanto mais presente a Associação estiver no dia a dia de seus membros, mais forte ela será para opor-se ao projeto de desmonte da universidade pública.

Por isso, em 2016 e 2017 organizamos dois encontros de dimensão internacional, mesmo como uma resposta à inaceitável política de cortes do atual governo. Nosso propósito era cristalino: demonstrar na prática a potência do ensino público, sua capacidade de produzir conhecimento, reflexão crítica e ação concreta. A repercussão dos encontros na comunidade acadêmica e mesmo na imprensa sugere que acertamos: a qualidade e o caráter inovador da programação foram aspectos por todos ressaltados.

De fato, apostamos na pluralidade de objetos de estudo e de abordagens teóricas, assim como investimos no diálogo produtivo entre criação e crítica: metade dos convidados e das convidadas das sessões plenárias foi composta por artistas e escritores.

Ademais, na curadoria dos dois encontros da ABRALIC, tivemos um cuidado especial com a expressão ampla da diversidade que constitui a sociedade brasileira e que quase nunca é contemplada na organização de festivais literários e de reuniões acadêmicas. Nesse sentido, muito nos orgulhamos da seleção das mesas plenárias em 2016 e 2017. Esperamos ter contribuído para uma revolução de hábitos e de mentalidades que é a cada dia mais urgente.

Contamos com o apoio compreensivo do Conselho Deliberativo da ABRALIC para estimular ações de resistência na UERJ; colaborar na criação da Cátedra Alberto Guignard (iniciativa da Casa de Leitura Dirce Côrtes Riedel/ UERJ e da Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto); apoiar o Encontro Internacional Jacques Derrida/Evando Nascimento; apoiar o XIV Encontro de Escritores e Artistas Indígenas e o I Seminário de Literatura

Indígena, junto com o Instituto UKA; promover uma palestra-ato de Boaventura de Sousa Santos; apoiar a realização do International Humboldt-Kolleg – Literary Studies: Here, Now and Tomorrow – Ottmar Ette's Oeuvre. Em parceria com a FLUP (Festa Literária das Periferias), organizamos o projeto “ABRALIC bate um bolão”, conjugando futebol, literatura e ação política.

Em 2016, organizamos cursos com Hans Ulrich Gumbrecht, Jacqueline Penjon e Roger Chartier. Neste ano, criamos a Cátedra ABRALIC, inaugurada com palestras do renomado escritor mexicano David Toscana. Mais uma vez, reunimos crítica e criação.

No encontro de 2017, organizamos uma ação solidária que definiu o alcance novo conquistado pela ABRALIC: a coleta de alimentos não perecíveis para os funcionários técnico-administrativos e terceirizados da UERJ, que, devido ao descaso criminoso do governo do estado, passam por uma situação humilhante e praticamente impossível. Reunimos quase 2 toneladas de alimentos, que foram distribuídas na semana seguinte à realização do XV Congresso Internacional da ABRALIC.

Em outras palavras, na atual conjuntura, a ABRALIC deve tornar-se uma Associação atuante nas questões do presente e forte na comunidade acadêmica ou simplesmente não será capaz de afirmar a centralidade do ensino público.

Firmamos acordos internacionais de cooperação, estratégia que será reforçada pela próxima Diretoria. A ABRALIC voltou aos quadros da International Comparative Literature Association (ICLA), beneficiando os sócios e as sócias da ABRALIC. Nesse sentido, destacamos os acordos celebrados com o Centre de Recherches sur les Littératures et la Sociopoétique, da Université Clermont Auvergne, e com a própria International Comparative Literature Association.

Ressaltamos com satisfação que a ABRALIC manifestou-se publicamente em diversas ocasiões, expressando seu desacordo com as políticas de cortes e as ações de intervenção indevida em instituições de ensino e de pesquisa. Assinamos o abaixo-assinado a favor da homologação do resultado das eleições na Fundação Oswaldo Cruz, apoiando a nomeação de Nísia Trindade para a presidência da instituição. Por meio de “Notas Oficiais”, a Associação posicionou-se com firmeza acerca de temas urgentes

na atual conjuntura. Em sua última “Nota Oficial”, manifestamos o repúdio da comunidade acadêmica com a ação intempestiva da Polícia Federal na Universidade Federal de Minas Gerais.

Por fim, os Encontros de 2016 e de 2017 propuseram reflexões acerca do papel e da posição dos estudos literários na contemporaneidade, articulando formas novas de teorizar e, sobretudo, questionar a própria disciplina Literatura Comparada.

Vale a pena recordar os eixos dos dois encontros.

2016 – EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS

“Experiências Literárias”: em lugar de concepções normativas do estético e do literário, que reduzem drasticamente o horizonte de leituras, impedindo a renovação do repertório teórico e crítico, a ABRALIC abraça a pluralidade atual de valores e de interesses como uma alternativa a ser radicalizada. Na circunstância presente, um conceito monocromático de “literatura” não dá conta da diversidade e da intensidade das múltiplas “experiências literárias” que transformam o cenário das letras no mundo todo.

Hoje em dia, e não apenas no Brasil, o que está ocorrendo é a expansão considerável da atividade crítica e a apropriação vigorosa da experiência literária, redimensionadas segundo interesses variados de comunidades interpretativas as mais diversas. E não se trata da emergência de um “novo” espaço, resgate da legitimação perdida do circuito fechado da “vida literária”. Pelo contrário, vivemos o período histórico do surgimento de territórios possíveis para intervenções pontuais: jornal, livro, revista, blog, *vlog*, Twitter, Facebook, Academia, listas de endereço eletrônico, televisão, rádio, webcanais, festivais literários, casas de saber, livrarias, clubes de leitura – e a lista poderia seguir nas ruas do sono.

Não é tudo: mesmo historicamente, nunca existiu algo próximo a uma prática discursiva homogênea denominada “literatura”, assim como um exercício monolítico chamado “crítica”. A diversidade de modelos desde sempre constituiu o veio dominante; apenas nunca nos preocupamos em observar essa pluralidade constitutiva da *experiência literária* e da *atividade crítica*.

Ora, por que não pensar em termos de *experiências literárias* em lugar de terminar no eterno beco sem saída das definições normativas?

2017 – TEXTUALIDADES CONTEMPORÂNEAS

“Textualidades Contemporâneas”: já passou da hora de reconhecer que não mais dispomos de um suporte único, definidor de uma hierárquica concepção de “texto”, cujo sentido deve ser “adequadamente” decodificado. Em resposta a esse entendimento normativo de uma prática hermenêutica domesticada, a ABRALIC propõe a noção de “textualidades contemporâneas”. Tal noção pretende caracterizar a pluralidade de suportes possíveis, a miríade de formas de inscrição e a multiplicidade tanto de produções de presença quanto de atribuições de sentido.

Trata-se de dar conta da afirmação de um panorama cultural definido pela emergência de formas outras de expressão que, muito rapidamente, deslocaram a “literatura” do lugar central que ela desfrutou de meados do século XVIII às décadas iniciais do século XX. Isto é, desde o momento histórico em que o texto impresso – finalmente acessível, devido ao desenvolvimento de novas técnicas de reprodução que, além de permitirem a criação de diferentes formas de difusão de material escrito, baratearam o custo do livro – tornou-se objeto do cotidiano até o instante em que novas formas de tecnologia e novos meios de comunicação assumiram o protagonismo na circulação e na transmissão de bens simbólicos. A análise da experiência literária, portanto, não pode prescindir de uma cuidadosa reconstrução da materialidade dos meios de comunicação.

Eis o desafio atual: como lidar com as múltiplas formas do literário no mundo contemporâneo sem levar em consideração as diversas textualidades que compõem a complexa rede de discursos e de comunidades interpretativas que atravessam nosso dia a dia?

Hora de encerrar: nos dois anos da Diretoria do Rio de Janeiro, hospedamos 138 simpósios e recebemos aproximadamente 5000 participantes, aí incluídos palestrantes e público. Celebramos a força da UERJ em meio ao maior desafio histórico enfrentado pela instituição. A ABRALIC abraçou a causa da UERJ, isto

é, da Universidade Pública, e assim se aproximou de suas associadas e de seus associados.

Contudo, não tenhamos ilusões: a luta apenas começou e somente fortalecendo associações como a ABRALIC poderemos dar o passo decisivo: convencer a sociedade da centralidade do ensino público.

Eis a tarefa mais urgente na atual conjuntura.

Reiteremos: a luta somente principiou: se permanecermos unidos, poderemos derrotar o atual projeto de desmonte da Universidade Pública.

Mais uma vez, muito obrigado pelo apoio!

João Cezar de Castro Rocha (UERJ)
Presidente

Maria Elizabeth Chaves de Mello (UFF)
Vice-Presidente

Elena C. Palmero González (UFRJ)
Primeira Secretária

Alexandre Montauray (PUC-Rio)
Segundo Secretário

Marcus Vinicius Nogueira Soares (UERJ)
Primeiro Tesoureiro

JohannesKretschmer
Segundo Tesoureiro (UFF)



A ATUALIDADE DE J. W. GOETHE

Magali Dos Santos Moura (UERJ/ FAPERJ)

Marcus Vinicius Mazzari (USP)

Wilma Patrícia Dinardo Maas (UNESP - Araraquara)

Resumo: Como homem de letras, cientista e figura histórica, J. W. von Goethe dispensa apresentações. Sua obra caudalosa, publicada ao longo de cerca de sessenta anos, compreende alguns dos textos mais significativos da literatura em língua alemã, envolvendo temáticas universais, como o pacto fáustico ou os conceitos de formação (*Bildung*) e literatura mundial (*Weltliteratur*). O conceito de romance de formação (*Bildungsroman*), cunhado por Karl Morgenstern (1803), foi por ele diretamente associado ao romance de Goethe, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795 – 96). Ao fazer essa associação, Morgenstern inaugura a fortuna crítica do termo, assim como a do próprio romance, atrelando-as a um discurso laudatório do conjunto das virtudes burguesas. Como consequência disso, a história da literatura acolheu ao longo dos anos uma definição conservadora do romance de formação, identificando-o sempre como uma narrativa de aperfeiçoamento pessoal e integração na sociedade. O acompanhamento da história do gênero, assim como da história da obra a ele associada, mostrará, entretanto, que a sobrevivência do *Bildungsroman* só pode se dar por meio da subversão dos pressupostos que definiram sua gênese. Se o romance de Goethe teve, já entre os críticos contemporâneos, aqueles capazes de reconhecer a ironia e a ausência de integração e harmonia na trajetória do protagonista, também o conceito de *Bildungsroman* passou a denominar narrativas por vezes bastante desviantes das definições iniciais. A questão que se coloca, portanto, é a das condições

de sobrevivência do termo e do gênero na contemporaneidade, uma vez que os pressupostos que lhes deram origem há muito deixaram de existir. Também o conceito de literatura mundial (*Weltliteratur*) acompanha os compassos da implementação do projeto de modernidade baseado na colonização e exploração das terras além da Europa. Vale lembrar que o termo foi cunhado por Goethe nos anos em que se ocupava com Fausto II, época em que as notícias advindas da estada de Martius no Brasil o levaram a tecer o poema “Brasilianisch”. A persistência do conceito de literatura mundial, revisitado por recentes estudos críticos como os de David Damrosch (2003) e de Franco Moretti (2000), levou à fundação do *Institute for World Literature* na Universidade de Harvard. Além disso, em estreita relação com os estudos culturais, o termo foi determinante para a cunhagem do conceito de “glocalização” (Roland Robertson; Zygmunt Bauman; Ulrich Beck), espelho de estudos que debatem o processo de globalização e a homogeneidade cultural. O termo relaciona-se às mudanças comportamentais dos “indivíduos em trânsito”, em um tempo em que se caracterizam mais pelo estar em movimento do que em termos de Estado nacional. Assim, abre-se aqui um espaço para contribuições que revisitem o termo “literatura mundial” nos contextos da velocidade das mídias e dos processos de circulação cultural.

Palavras-Chave: Goethe, Literatura mundial, Literatura comparada, Modernidade

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

A história de Fausto e a representação de uma *hybris* moderna, o trajeto de uma tragédia demasiadamente humana

MAGALI DOS SANTOS MOURA (UERJ/FAPERJ)

Resumo: O objetivo do presente trabalho é empreender uma análise da personagem Fausto tanto na narrativa de Spies, editado em 1587,

quanto no drama goethiano pela lupa do conceito de ‘*hybris*’ em relação às duas obras. De forma sucinta, o conceito de *hybris* pode ser explicitado por aquilo que faz com o homem ultrapasse sua medida, ou seja, aquilo que o move ou instiga a transcender determinado limite. A variabilidade do limite está em estreita dependência com cada época histórica e com cada acepção de sujeito. Se por um lado existiu a concepção de que o homem não pode se comparar com os deuses por ser-lhes inferior, por outro também se teceu a ideia de que o homem pode prescindir dos deuses para atuar no mundo, movido por um narcisismo titânico. Entre as duas acepções temos um largo período de milênios. Mas não se trata, aqui, de traçar essa história que se confunde com a própria história do conceito de tragédia. Tomando de modo geral a ideia de que a figura de Fausto pode ser interpretada como o arquétipo do homem temerário e desmedido, entendemos que essa personagem representa a ousadia do homem moderno que se aparta com passos categóricos e decisivos das leis divinas e procura estabelecer as razões e formas de agir no mundo a partir de sua medida, ou seja, de uma medida intelectual e individual. Com isso se pretende fazer uma análise comparativa entre as distintas versões sobre a história do pactário que tiveram lugar no intervalo entre os séculos XVI e início do XIX, analisando as aventuras e desventuras da personagem ao longo de distintos momentos histórico-culturais da modernidade, percorrendo o período complexo da Contrarreforma, do projeto Iluminista e do nascimento do sistema capitalista.

Palavras-chave: Goethe, *hybris*, tragédia, Spies

O Fausto de Goethe e a prosa de Fernando Pessoa: Uma análise do conto “A hora do diabo”

DÉBORA DOMKE RIBEIRO LIMA (USP)

Resumo: Assim como foi imprescindível para a criação do Fausto de Pessoa, a obra de Goethe serve como referência também para o conto A hora do diabo. Em seus escritos em prosa, pouco divulgados e, portanto,

pouco conhecidos, notamos a forte influência do escritor alemão para a criação dessa ficção. Em um tom mais despojado, o autor português questiona a religiosidade e também o fazer poético de Goethe, mais particularmente a figura de Mefistófeles e todo processo de criação desse ser representante do mal. Pretende-se analisar o conto com base no cotejo com o autor alemão, centrando enfoque na criação dos opostos (bem e mal) e a influência desses conceitos na formação dos personagens. Não há como descartar a forte influência religiosa, que em Goethe é trabalhada de forma harmoniosa, mas que em Pessoa passa a ser uma questão, uma vez que o autor evoca o assunto diversas vezes, como forma de condenar, afirmar ou mesmo questionar sua existência. Dessa forma, a figura do mal, a religiosidade e as técnicas narrativas serão os três pilares de sustentação da análise. A existência do mal enquanto presença física ou mera abstração, a religiosidade como forma de expiação dos pecados ou como alicerce para questionamentos e as técnicas narrativas utilizadas pelo escritor português em contraponto à grandiosa obra poética de Goethe.

Palavras-chave: Goethe, Fernando Pessoa, religiosidade

De Spies a Goethe: dois Faustos, duas desmedidas

BRUNO DA SILVA SIQUEIRA (UERJ)

Resumo: Nesta comunicação nos voltamos para a comparação de duas obras do mito fáustico: o Volksbuch “Historia von D. Johann Fausten” de 1587 e a tragédia “Fausto” de 1808. O primeiro se trata de um livro popular composto por um apanhado de histórias tradicionais orais sobre Fausto, um personagem supostamente real. Foi escrito por um autor anônimo e lançado pelo editor Spies de Frankfurt, sendo a primeira obra escrita sobre o mito de Fausto destinada ao público leitor então em desenvolvimento. Spies, um luterano fervoroso, estava acostumado a editar renomadas obras jurídicas e teológicas daquele momento, mas decidiu lançar este livro de fácil leitura com o intuito de oferecer uma Warnfigur - um exemplo a não ser seguido pelos cristãos da época. Além

de deixar claro as horríveis consequências do envolvimento com forças infernais, o texto, bem aos moldes luteranos, ataca também o clero católico e a busca pelo saber experimental da protociência característica da Renascença. Já a tragédia de Johann Wolfgang von Goethe, muito mais difundida e considerada uma das grandes obras de língua alemã, se divide em duas partes, sendo a primeira mais ligada aos primórdios da lenda que a segunda. Algo entre uma peça e um poema extenso, esta obra vai além da simples moral cristã do Volksbuch. Enquanto na obra Renascentista o doutor Fausto encontra um terrível fim nas mãos das forças às quais vendeu sua alma, no texto do início do século XIX lhe é concedida a entrada no reino dos céus pela graça divina de Deus após sua morte. Nossa proposta, no entanto, não é nos focar em seu fim, mas sim analisar e comparar as motivações para a execução do pacto com Mefistófeles nas duas obras, separadas por mais de dois séculos e escritas em gêneros literários distintos. Na “Historia”, Fausto se encontrava desiludido com o saber que a teologia podia lhe oferecer e estava insatisfeito com os prazeres terrenos que podia gozar, o que o levou a invocar um emissário do diabo na forma de Mefistófeles por vontade própria. Na tragédia de Goethe, por outro lado, é o diabo que percebe as frustrações do estudioso e lhe propõe uma aposta. Esta diferença fundamental do elemento motriz da trajetória do personagem é um reflexo do momento e da cultura em que os dois textos foram produzidos. Ao comparar as duas narrativas, buscamos então compreender a metamorfose e o uso do mito de Fausto na sua primeira aparição literária para o grande público em relação à obra que o firmou como um dos personagens alemães mais icônicos dentro da literatura mundial.

Palavras-chave: Fausto, Pacto, Goethe, Faustbuch

Faustos em Goethe e Thomas Mann

MARISE GÂNDARA LOURENÇO (UFU)

Resumo: O presente artigo tem como corpus para análise o romance moderno, Dr. Fausto, de Thomas Mann (1947) e elege como referência-

primeira o seu texto fonte, Fausto de Goethe (1808). Considerada a obra prima de Mann, Dr. Fausto propõe reflexões sobre a história trágica do compositor, Adrian Leverkühn, e sobre a Alemanha do início do século XX, com as implicações da Primeira e Segunda guerras mundiais, contrapondo-se aos ideais alemães anteriores a estes acontecimentos. A Música é tema desse romance e a relação entre esta e a Literatura representa o pacto entre o protagonista e o diabo. Este pacto se concretiza com a escolha de Adrian Leverkühn pelo dodecafonismo como técnica composicional que possibilita criar uma música que é pura dissonância do começo ao fim, com conflitos o tempo todo, sem resolução alguma, sem um repouso sequer e sem um ponto final, no sentido tradicional de música. Tensão constante que se impregna na figura do próprio protagonista em forma de angústia personificada, embora já trajasse esta veste, desde o início do romance, mas em pequena proporção. Dissonância que significa algo verdadeiramente diabólico! Se, na Idade Média, o trítono era coincidentemente denominado de *diabolus in musica*, por ser um intervalo musical difícil de ser cantado e bastante dissonante cujo uso só foi liberado pela igreja no século XVII, o dodecafonismo é a exacerbação disto em mil vezes. Mas o contrato com o demônio, na obra de Mann, não é só representado pela adoção desta técnica. Figura-se também por meio da escolha do texto poético a ser musicado pelo protagonista e os efeitos que a junção da Literatura e da Música provoca. Neste sentido, propomo-nos investigar em que medida Thomas Mann concebe a união da Música com a Literatura para representar o mítico e o místico, tendo como referência a obra de Goethe, na qual a angústia também está presente na figura do protagonista que anseia conquistar o conhecimento do mundo, em contraposição ao fato do que tem de concreto diante de seus olhos: os seus livros empoeirados e a reclusão de seu laboratório. Assim, para que alcancemos nosso objetivo, utilizaremos como referência básica A gênese do Doutor Fausto: romance sobre um romance, no qual Thomas Mann reconstrói

o processo de criação de sua obra, *Word and music e studies* de Steven Paul Scher e *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica* de Mario Praz. Quanto ao dodecafonismo adotaremos A filosofia da nova música de Theodor W. Adorno e para melhor entendermos a Modernidade lançaremos mão da obra de Marshall Berman, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, a aventura da modernidade, entre outras obras.

Palavras-chave: Goethe e Thomas Mann, Modernidade, Romance moderno, Literatura e Música

Alfredo e o Mundo: O romance moderno de formação em Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum

LUCÍLIA DE SOUSA PINHEIRO (UFPA)

Resumo: Romance de formação, termo cunhado por Karl Morgenstern (SELBMANN, 1988), descreve aspectos do desenvolvimento pessoal do indivíduo a partir das experiências que ele enfrenta. Os anos de aprendizado de Wilhem Meister, de Wolfgang von Goethe, no contexto do Romantismo e da Era Clássica da literatura alemã, publicado entre 1795-1796, tornou-se o modelo para uma série de romances posteriores que surgiriam. O Romantismo na Alemanha tem por ápice, Os sofrimentos do jovem Werther, de Goethe, em 1774. Preocupados em não se deter em regras, os autores desse romantismo queriam viver abertamente o que pregava o “*Sturm und Drang*” (tempestade e ímpeto), escrever com grande paixão, morrer de amor e não se deter a regras, condutas sociais ou da religião, mas buscar sua própria conduta de vida. Segundo Rosenfeld (1985), desta primeira onda “romântica”, irradiou-se encontrando ampla receptividade, certa atitude de “dor do mundo” (o famoso *Weltschmerz* de Werther). Ressalta-se agora a incompatibilidade entre o grande indivíduo e a sociedade; o violento ímpeto dos jovens poetas burgueses contra a sociedade do absolutismo alemão. A “formação” a partir do conceito romântico, diz respeito ao “desenvolvimento da subjetividade, da capacidade de percepção, reflexão e criação. No romance de formação, segundo Volobuef (1999,

p.44) “trata-se de uma busca de si mesmo, da libertação das amarras sociais, da descoberta de novas possibilidades de subsistência que não se restrinjam a profissões burguesas tidas como úteis”. O que foi um mundo idealizado, o início ? do projeto romântico e clássico, resolver os grandes problemas da humanidade, progresso econômico e de saúde, projetado numa biografia reta, superando obstáculos e finalizado numa grande harmonia (Goethe e Keller) desmoronou no século XX (PRESSLER, 2003). O desenvolvimento harmonioso no indivíduo não existe, ele fracassou. O presente trabalho propõe uma nova leitura do Romance de formação, que assume um caráter diferente a partir do século XX, seria então um Romance Moderno de Formação entendido como capacidade e habilidade de se encontrar no mundo fragmentado, desmoronado – identidades na superfície e no fragmento – “identidade irônica e/ou reflexiva” (PRESSLER, 2003) A exemplo disso temos os romances de Dalcídio Jurandir, com Alfredo, personagem central de nove romances (1941-1978) e em Cinzas do Norte (2005) de Milton Hatoum, obra que tem Mundo como protagonista da narrativa. O personagem Mundo, que mora em Manaus, é apresentado diante das desavenças que possui com o pai, por não aceitar o destino que lhe foi proposto, resolve sair da cidade, e assim alcança algo que lembra seu apelido: o mundo

Palavras-chave: Romance de Formação, Romance Moderno de Formação, Dalcídio Jurandir, Milton Hatoum

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Goethe, Rabelais e Rosa - uma pequena poética dos números

MARIA CECILIA MARKS (USP)

Resumo: Mikhail Bakhtin elaborou conceitos de teoria da literatura que revolucionaram esse campo do pensamento, como o dialogismo,

a polifonia e a carnavalização, valendo-se da análise de autores da envergadura de Fiódor Dostoiévski e François Rabelais. Tão proeminente quanto eles, Goethe também ocupou lugar de destaque no pensamento do teórico russo, embora este não tenha publicado título dedicado exclusivamente ao gênio alemão. Nesta comunicação, pretendemos contextualizar o legado de Bakhtin relacionado a Goethe e atualizar a própria obra de Bakhtin, que teve, em anos recentes, sua versão completa e definitiva. Além disso, sob o prisma de Bakhtin, apresentaremos um pequeno estudo comparativo do tratamento expressivo dispensados aos números no Fausto de Goethe, em Gargântua e Pantagruel, de Rabelais, e no conto “O recado do morro”, de Guimarães Rosa. Para tanto, recorreremos aos aportes teóricos de Bakhtin presentes em Estética de Criação Verbal e A cultura popular na Idade Média e no Renascimento.

Palavras-chave: Bakhtin, Goethe, Rosa, números

Antonio Candido, leitor do *Fausto* de Goethe

MARCUS VINICIUS MAZZARI (USP)

Resumo: O grande crítico brasileiro Antonio Candido (* 1918) explicitou em algumas oportunidades que o “Fausto” de Goethe representa uma de suas leituras decisivas, sempre reiterada ao longo dos anos e das décadas. O ensaio rastreia a influência que essa proeminente obra da Literatura Mundial (Weltliteratur) exerceu sobre sua produção crítica, desde a “Formação da Literatura Brasileira” (1959) até o estudo “O Albatroz e o Chinês”, publicado no livro homônimo de 2004. As posições de Antonio Candido perante o “Fausto”, no tocante à sua influência constitutiva sobre o Romantismo brasileiro (mas não só), serão examinadas à luz dos mais recentes resultados na filologia goethiana e também contrastadas com posições de autores contemporâneos de Goethe, como Lord Byron e Aleksandr Púchkin.

Palavras-chave: “Fausto” de Goethe, Obra crítica de Antonio Candido, Romantismo brasileiro, Literatura Mundial

Werther e o *Sturm und Drang*

LUANA SIGMORELLI FARIA DA COSTA (UNICAMP)

Resumo: Tendo em vista o já muito comentado “Os sofrimentos do jovem Werther” (2001), este trabalho não se propõe então a debater-lo exaustivamente, mas sim enquadrá-lo como parte de um panorama no qual a tragédia do suicídio e a natureza se revelam como base do imaginário romântico. Este romance fundamental indica na sua constituição uma discussão metafísica e filosófica sobre a vida e o homem, o que, participante do *Sturm und Drang*, indica significativo impacto no movimento do nacionalismo alemão, bem como a sua preparação para o século XX, influenciando a literatura moderna, por exemplo, Thomas Mann (“Goethe como representante da era burguesa”) e Hermann Hesse (“Gratidão a Goethe”). Werther trata-se de um coração tempestuoso, dominado pela intensidade de seus sentimentos; antes, tão encantado pela entidade da natureza, contudo, depois, entediado pelo dissabor da sociedade, representativo do ruir de uma época. Isso de tal forma que “parecia possesso de algum demônio” (2001, p. 117). Werther é a experiência frente ao abismo. Estes elementos também, em maior ou menor grau, já compõem ciclicamente “Fausto” e “Afinidades eletivas”. Não só na prosa, mas também na sua “Gedichte”, Goethe já se mostrava um escritor profundo, dotado de preocupações estéticas, sobretudo em relação à crise entre o objetivo e o subjetivo, como é o caso do poema *Ultimatum*: “Natur hat weder Kern / Noch Schale / Alles ist sie mit Einemmale”, ou, em livre tradução minha: “Na natureza não há/ Só núcleo nem casca/ Tudo acontece de uma só vez”. Esta ideia também presente na voz em primeira pessoa de Werther: “Mato-me dentro de mim mesmo e acho aí um mundo.” (2001, p. 22). Por fim, a tese principal do trabalho será observar a duração e o alcance da sua influência, perpassando pelo expressionismo alemão com Ernst Bloch, porém também atingindo depois a nova onda humanista. Como apoio teórico, será utilizado o texto do crítico literário húngaro György Lukács “Goethe y su época”, e também “Romance

de formação em perspectiva histórica: o *Tambor de Lata* de Günter Grass” (1999). É assim que se pretende demonstrar a importância desta obra para a atualidade, nos dois sentidos do termo: atualidade tanto na concepção de a obra ainda ser recente, como também na sua possibilidade de se tornar ATO, isto é, *Wirklichkeit*, realidade objetiva, e incidir ativamente na vida do ser humano, para assim explicar o que no homem permanece e se mantém, ou seja, a sua essência.

Palavras-chave: Humanismo, Estética, Atualidade, Formação

A Época de Goethe sob a perspectiva do *Sturm und Drang* de Goethe e o Romantismo de Friedrich Schlegel

JULIANA OLIVEIRA DO COUTO (UERJ)

Resumo: No ano de 1773 veio a lume o drama *Götz von Berlichingen*, de autoria de Goethe, que se configurou como concretização literária de um modelo estético já apontado na *Aufklärung* de Lessing: uma busca por uma literatura genuinamente alemã, calcada na originalidade e livre de preceitos rígidos, como aqueles perseguidos por Gottsched e seus discípulos. Para a consumação desta literatura autêntica, o modelo shakespeariano foi fundamental, como o próprio Goethe já havia enfatizado em seu célebre ensaio *Para o dia de Shakespeare*. Estes eram os primórdios do *Sturm und Drang*, estilo de época cujas palavras chave eram originalidade, impetuosidade e liberdade artística – que resulta no conceito de gênio criador, tão caro aos *Stürmer*. O papel de Goethe como uma das figuras centrais do *Sturm und Drang* desde as suas origens se assemelha ao de Friedrich Schlegel na primeira fase do Romantismo alemão – ou Romantismo de Jena. Cabe ressaltar que na época da eclosão do movimento romântico Goethe já não mais se identificava como um *Stürmer*, mas como um classicista, embora as sementes plantadas no estilo de época pregresso tenham sido de vital importância aos românticos. Assim como Goethe notabilizou-se como o primeiro literato a pôr em prática a teoria estética que se delineava desde a *Aufklärung*, mas que, até então, ainda não havia encontrado concretização no plano ficcional, Schlegel apresentou ao público

alemão em seu romance *Lucinde* – publicado em 1799 – a efetivação literária de seus postulados estéticos. Schlegel deu vida à sua obra através da mescla de distintos gêneros literários – epístolas, diálogos, trechos típicos de romance, até mesmo de um romance de formação – que se alternam entre as vozes dos protagonistas Julius e Lucinde, promovendo, assim, um duplo ponto de vista, além de promover uma escandalosa apologia ao amor livre. O romance se configurou como a tentativa de transpor ao universo ficcional a teoria estética do próprio autor, calcada em uma estrutura mais aberta, que leva o conceito de liberdade artística, que já se apresentava no *Sturm und Drang*, a níveis descomunais. Vale salientar, por fim, que, embora *Lucinde* simbolize justamente o oposto dos pressupostos referentes ao âmbito literário no qual Goethe se encontrava à época da publicação do romance, imerso no Classicismo de Weimar, a problemática central do presente trabalho está calcada na relação entre teoria e prática literária. Goethe e Schlegel protagonizaram feitos artísticos vitais aos estilos de época *Sturm und Drang* e Romantismo, respectivamente, e, atentar à forma como ambos transferem questões do plano teórico ao concreto, se configura como um estudo que remete não somente a períodos pontuais da literatura, como à própria formação da literatura alemã.

Palavras-chave: *Sturm und Drang*, Romantismo, Götz von Berlichingen, *Lucinde*

SEXTA 11

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 3

Em busca de “assunto para um bom romance”: Apontamentos para uma derivação conceitual a partir do *Bildungsroman*

ABILIO PACHECO DE SOUZA (UNICAMP)

Resumo: O romance de formação (*Bildungsroman*) cujo conceito surge com Morgenstein e se associa ao romance “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister” de Goethe, a partir do qual se erige uma série

de narrativas relativamente semelhantes entre si, as quais atendem de modo amplo a síntese do gênero conforme Jüngen Jacobs. A ideia de formação pessoal e integração na sociedade com avanços e retrocessos, erros e acertos, e de uma significativa participação na esfera do universo artístico, bem como um espelhamento das questões filosóficas do autor ao protagonista que se embate entre vida e arte favoreceram a derivação ou a consolidação de um gênero irmanado ao *Bildungsroman*: romance de formação de artista ou *Künstlerroman*. Tal gênero, derivado ou per si, conta com uma significativa bibliografia a respeito, dentre as mais importantes a tese de doutorado de Herbert Marcuse (*Der Deutsche Künstlerroman*) e o trabalho de Peter Zima (*Der europäische Künstlerroman*). Existem muitos trabalhos de aplicação do *Künstlerroman*, especialmente em estudos de gênero, estudos sobre colonialismo, etc. como o de Eliane Campello (*O Künstlerroman de autoria feminina*). O *Künstlerroman* também repousa sua origem na obra de Goethe e guarda afinidades conceituais com outros gêneros de natureza intimista (autobiografia, memórias, confissão...) além de apresentar convergência com as mesmas obras paradigmáticas. Por se tratar de um romance de formação de artista, o *Künstlerroman* abriga narrativas com protagonistas que desenvolvem experiências no mundo das artes, em geral artistas plásticos (normalmente pintores). Há, entretanto, uma questão delicada quando os narradores protagonistas artistas nesses romances são escritores. Embora saibamos que os poetas não são apartados da República, como postulava Platão, e também saibamos que desde o século XIX a literatura está definitivamente inscrita como uma forma de saber e integrando o universo artístico, ainda há (tanto conceitualmente no âmbito da academia quanto no pensamento corrente) a ideia de não abarcar a literatura quando se emprega o verbete “arte” e seus cognatos. No que se refere ao *Künstlerroman*, podemos notar que existe um esforço argumentativo maior quando o autor de um ensaio, artigo ou crítica tem como corpus um romance cujo protagonista seja um romancista ou um poeta. Afirmar que “Os Moedeiros falsos”, de Gide, ou “David Copperfield”, de

Charles Dickens, ou “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, podem ser lidos com *Künstlerroman* é algo que certamente cause estranheza. Por se tratar de *Künstlerroman* cujo artista trabalhe no próprio objeto de sua arte (e uma arte tão pouco aceita como hipônimo para o conjunto), cremos tais romances demandem, não um esforço teórico para serem inseridos no gênero, mas na necessidade de pensarmos numa deviração para o gênero. Assim, romances como “Pessach, a travessia”, de Carlos Heitor Cony, “Quatro Olhos” de Renato Pompeu, “Romance de Geração” de Sérgio Santana, “A terceira Margem” de Benedicto Monteiro – para citarmos apenas alguns exemplos – exigem uma abordagem mais específica nessa rede conceitual que inicia com o *Bildungsroman*, a saber: um *Künstlerroman* de escritor ou, simplesmente: *Schriftstellerroman*. Nesta comunicação, pretendemos apresentar breves apontamentos para esta derivação conceitual.

Palavras-chave: *bildungsroman*, *künstlerroman*, *künstlerroman* de escritor, *schriftstellerroman*

O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane: Bildungsroman feminino contemporâneo

CÍNTIA ACOSTA KÜTTER (UFRJ)

Resumo: A tradição do romance de formação, *Bildungsroman*, Romance de formação ou Romance de Educação, *Erziehungsroman*, termos empregados no estudo da literatura ocidental, nos remetem, como afirma Bakhtin, à “imagem do homem em formação no romance” (2003, p.217). O termo *bildungsroman* foi usado para caracterizar uma tipologia de romance pela primeira vez pelo professor de Filologia Clássica Karl Morgenstern (1770-1852), relacionando a palavra diretamente ao romance de Goethe, Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister (1795-96). Segundo a definição proposta por Morgenstern, o *bildungsroman* é uma modalidade de romance tipicamente alemã, que visa acompanhar as experiências do indivíduo desde a infância e/ou adolescência até a idade madura, ou seja, quando podemos considerar como finda a sua formação e/ou aprendizagem. O presente trabalho tem como

objetivo desenvolver uma reflexão a cerca romance O alegre canto da perdiz, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, e analisá-lo sob a perspectiva do romance de formação feminino. Como refletiremos a partir do espaço moçambicano, verificamos que as etapas presentes no *bildungsroman* se assemelham aos tradicionais ritos iniciáticos presentes na cultura bantu. Tais ritos consistem na passagem simbólica da infância para vida adulta, pois são cerimônias que abarcam, além dos ensinamentos referentes à vida comunitária, a transmissão da cultura e dos aprendizados tradicionais de sua comunidade. Em Moçambique, considerando-se a maior parte das etnias que compõem o país, a formação do jovem era realizada, até pouco tempo atrás, dentro desses grupos, aos quais os indivíduos pertenciam, pois os ritos eram comunitários e não passavam pela escrita, mas apenas pela tradição oral. Em uma análise comparativa, pode-se afirmar que ritos de iniciação, em sentido lato, também são etapas frequentemente retratadas nos *bildungsromans* do modelo alemão, e marcam uma fase de transformação da personagem, preparando-a para a sua integração na coletividade. Para muitas sociedades africanas, por sua vez, tais ritos não apenas representam a mudança de um nível etário a outro, mas também, uma transformação longa e progressiva pela qual o(a) menino(a) deixa de ser criança para tornar-se homem/mulher. Nesse sentido, pensaremos a partir do ponto de vista das personagens femininas de que forma se dá a aprendizagem individual e coletiva dessas mulheres.

Palavras-chave: *Bildungsroman* feminino, Representação da mulher, Paulina Chiziane, Moçambique

A literatura mundial no Brasil e o ensino de literaturas indígenas e africanas

CARLISSON MORAIS DE OLIVEIRA (UFPB), HERMANO DE FRANÇA RODRIGUES (UFPB)

Resumo: David Damrosch, em “What is world literature?” e “How to read world literature” apresenta um conceito de literatura mundial com algumas características importantes para a discussão da literatura

mundial no Brasil. A primeira é que a literatura mundial se realiza na arena nacional; a segunda é a separação entre qualidade textual e circulação internacional, mostrando que alguns textos são tão enraizados numa tradição que isto dificulta uma expansão da circulação; a terceira é também a separação entre literatura nacional e língua nacional, indicando algumas literaturas com mais de uma língua; e, por último, o grande dinamismo diacrônico dos textos numa dada cultura. Com essas características em mente, é fácil perceber como, na atualidade, as literaturas indígenas e africanas possuem pouca presença nos estudos de literatura comparada no Brasil. Salvo os movimentos recentes e a literatura infanto-juvenil, a literatura mundial no Brasil ainda poderia ser representada por uma coleção de clássicos da Editora Abril. Mas nem sempre os estudos literários no Brasil tiveram esta visão excludente. Na “História da Literatura Brasileira” (1859-1862), de Joaquim Norberto de Sousa Silva, a primeira história da literatura brasileira, o autor romântico inclui a “poesia indígena” no seu texto. Esse marco esquecido é importante para não cometermos o erro de estudarmos essas literaturas como uma busca da pureza étnica ou das origens nacionais. Longe dessa visão que só continuaria a colonização, precisamos abordar essas literaturas com o mesmo profissionalismo que temos com a literatura brasileira em português ou as europeias. Alguns materiais já estão disponíveis em várias línguas, mas vou apontar somente alguns exemplos de textos editados no Brasil. Nós temos livros monolíngues feitos por professores indígenas para os seus cursos, como os publicados por professores Huni Kuin (Kaxinawá); livros escritos por indígenas em português; algumas traduções de textos literários feitos por antropólogos ou coletâneas como “Mitologia dos Orixás”, de Reginaldo Prandi; apesar de que, às vezes, a pouca atenção dada às formas literárias tem como consequência uma homogeneização textual. Considerando esse panorama e tendo em mente o caráter dinâmico da circulação de textos, acreditamos que a literatura comparada pode contribuir para incluir as literaturas indígenas e africanas na literatura mundial no Brasil. Quero me aprofundar em três exemplos, dentre uma

infinidade de abordagens possíveis, para a contribuição desta tarefa. Uma abordagem mais teórica: a feita por Eliane Robert Moraes em “Perversos, amantes e outros trágicos”, ao incluir num livro de base psicanalítica um conto indígena. Uma abordagem mais textual: uma comparação entre paralelismo indígena (Pedro Cesarino) e versificação. Uma abordagem mais histórica: a ressignificação da figura histórica do jesuíta na figura mitológica kesuita pelos Guaranis Mbyá (Aldo Litaiff) e a mesma prática nos textos canônicos cristãos. E, para cumprirmos essa tarefa, é importante termos em mente a potência da atividade universitária defendida por José Luís Jobim em “Crítica literária contemporânea”, qual seja, a de que a mudança da prática literária na universidade atingirá, pelas escolas básicas, um grande número de pessoas e será uma contribuição para a efetiva aplicação da legislação do ensino de literatura.

Palavras-chave: Literatura comparada, Crítica literária, Ensino de literatura, David Damrosch

02

**BELLE ÉPOQUE: A CIDADE E AS
EXPERIÊNCIAS DA MODERNIDADE EM
ARTE E LITERATURA**

Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, UERJ
Jean Pierre Chauvin, USP
Rosa Maria de Carvalho Gens, UFRJ

Resumo: A *Belle Époque*, período compreendido entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, caracterizou-se por uma série de transformações reunidas sob o eixo progresso e civilização. Os novos meios de transporte, comunicação e distribuição, combinados à distribuição voraz de mercadorias, veículos e sujeitos, reconfiguraram as práticas de mobilidade e circulação: eixos marcantes do crescimento do capitalismo. O cenário mais representativo desse processo, no Brasil, é o Rio de Janeiro, que protagonizou os efeitos dessas mudanças na intensificação da vida sensorial, na vivência de novas experiências no corpo e na percepção do ser humano. Mesmo na periferia da produção industrial capitalista, observa-se a formação de uma sensibilidade estética que alia técnicas, fascínio e tensão – da vida urbana – aos sonhos, sobressaltos e devaneios dos sujeitos. Das ruas que se modernizam tornam-se referências a Avenida Central, reformada a partir do modelo político e metodológico parisiense, e a rua do Ouvidor, local onde a moda atualiza os hábitos e atitudes, na exposição de vitrines com produtos sofisticados, tornando-se, a própria rua, espaço para a exibição da modernidade nos corpos e atitudes, devidamente registrados pelos flashes das *kodaks* dos jornalistas ou binóculos dos transeuntes. A rua do Ouvidor promove a síntese entre o antigo e o moderno, com o advento de novas técnicas, imagens e produtos, numa interessante sobreposição de tempos e espaços. Nela, circulam elegantes cavalheiros vestidos à inglesa, *cocottes* e

senhoras com figurino francês, iluminação artificial, inventos ópticos, vitrines e automóveis; também circulam vendedores ambulantes – como ruínas dispersas da escravidão –, carroças, charretes, carregadores, oficinas artesanais, capoeiras, quiosques em meio a água estagnada e epidemias. As expressões de susto, encanto e impacto dos que nela transitam projetam na manipulação do espaço, a sensação do tenso, rico e coexistência de tempos, passado e futuro, no presente. Trágica ou fascinante, a modernidade representada nas ruas permite, também, a permanência de formas e imagens que pretende superar. Assim, o embelezamento do espaço urbano coexiste com a ruína ou decadência do antigo, as imagens geradas por tecnologias sofisticadas seduzem o iletrado e as notícias dos jornais e anúncios na cidade reeditam formas da cultura oral.

As tensões entre o novo e o velho também geram resistência e rebeldia: as ruas ferviam em protestos, rebeliões e greves. A cidade infernal, habitada por todos os expulsos da modernidade (logo chamados de facínoras, vagabundos, desordeiros, doentes etc), era descrita de forma dantesca pela imprensa e recriada pela literatura. A população lia a cidade pelos redatores de jornais – criativos ao classificar os espaços (covil, antro, oficinas da peste) – e pela relação entre narradores e personagens. Os intelectuais também se debruçavam sobre as contradições do processo de modernização da cidade (havia a coexistência de temporalidades diversas) e conferiam protagonismo às ruas como espaço de constituição do imaginário carioca moderno, metáfora das tensões do país. Esse movimento assume modalidades distintas nas páginas dos jornais, conferências, nas sátiras e caricaturas, nas crônicas, romances, ensaios e poemas. A forte presença do humor, debates e polêmicas produzem questionamentos sobre o papel da literatura, o lugar do intelectual ao lado das reflexões sobre o país e os brasileiros, tendo como cenário as ruas, com seus cafés, confeitarias, becos e travessas. A história da modernidade na *Belle Époque* é indissociável da história da cidade.

Por isso, os pesquisadores do LABELLE – Laboratório de estudos de cultura e literatura da *Belle Époque*, sediado no Instituto de Letras da Uerj – convidam à indagação sobre a matéria literária e artística centrada na cidade e suas representações, abrindo espaço para reflexões ligadas a suportes vários que acolhem as experiências estéticas. Os seguintes temas servirão de apoio à indagação:

- A.** Experiência urbana e escrita. A cidade como paisagem visual e sonora. A cidade e o desenho de novas subjetividades. Tecnologias visuais, modernização da percepção e seus efeitos. Memória e narrativas. Visibilidade, novas configurações de tempo e espaço na arte e literatura. A cidade e as margens. A rua palco, cenário ou miragem. O diálogo com outras literaturas. Nova escrita, novo perfil de intelectual?
- B.** Figurações do humor e a modernidade. O riso, a caricatura, a paródia em seus diferentes aspectos gráfico e literário. A cidade, o pintor e o desenhista.
- C.** Condições materiais de produção. A comparação entre artes e suportes (música, fotografia, quadrinhos, etc). Os suportes e as possíveis refrações e reflexões de aspectos infra-estruturais (incremento do parque gráfico, entrada em cena do linotipo, dispositivos óticos, fotogramização da experiência urbana etc) sobre a escrita e sobre os produtos híbridos de imagem e texto então circulantes.
- D.** Problematização teórica e/ou em estudo de obras literárias de questões como modernidade, modernismo e modernização. Cidade, história e cultura. Diálogos com o contemporâneo?

Palavras-chave: Belle Époque, Cidade, Modernidade, Literatura

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

A cidade caleidoscópio: o olhar na obra de João do Rio

GIOVANNA FERREIRA DEALTRY (UERJ)

Resumo: Pensar a modernidade implica em revisitar o surgimento da metrópole moderna e as consequências para o indivíduo dessa radical mudança em ser e estar em um espaço urbanístico e arquitetônico organizado para o controle das massas, o fluxo das multidões, a desconexão entre os indivíduos. A extensa bibliografia a esse respeito, indo de Baudelaire, Georg Simmel, até Anthony Giddens e Beatriz Sarlo, reflete a amplitude de abordagens e, no caso dos autores contemporâneos, a permanência da tensão entre espaço e construção de subjetividades. que permanece como espectro, ruína. Afinal, somos sujeitos no século XXI circulando por espaços concebidos na modernidade ou, quando desviantes, tendo como sombra esse passado em comum. À cidade da fragmentação, do anonimato, da volatilidade da mercadoria corresponde a uma valorização do olhar diante da incapacidade de promover sentidos estáveis à rede de novas experiências. Galerias, cafés, avenidas, parques transformam-se para a experiência do ver e (não) ser visto, enquanto a profusão de dispositivos ópticos, desde a simples vitrine refletora do movimento urbano, até os cinematógrafos, trazem para o plano do cotidiano o desejo imagético. Nesse perspectiva, é inegável o contraponto entre o conceito de experiência, muitas vezes ligado à tradição, à memória coletiva, e o horizonte de um consumo de mercadorias, entendida aqui como qualquer bem, gesto, mesmo indivíduo, capaz de servir como moeda de troca no novo cenário da modernização. Interessa-me investigar como na obra de João do Rio emerge essa tensão dialética entre a cidade da experiência e a cidade da mercadoria, tendo como mediação o espaço literário, em especial, possíveis recortes sobre a importância do olhar

na apresentação da nova cidade. Para tanto, também será necessário definir as singularidades da modernidade carioca, em especial, tendo em vista a presença negra nas ruas.

Palavras-chave: João do Rio, modernidade, Rio de Janeiro

Escritas da cidade e os cronistas do Rio

MOEMA DE SOUZA ESMERALDO (PUC-RIO)

Resumo: Escritores como João do Rio, Lima Barreto e Carlos Drummond de Andrade serão evidenciados a partir das “notícias da cidade” apresentadas em crônicas publicadas em jornais com intuito de proceder à discussão sobre a representação de imagens urbanas. Nesse sentido, o objetivo é evidenciar a relação constitutiva desses escritores com a urbe e a condição de uma escrita jornalística-literária. A análise dos textos dos escritores selecionados remete à proposta de Andreas Huyssen (2015), em *Miniature metropolis. Literature in age of photography and film*, no sentido de serem exemplos de textos curtos que narram impressões da modernidade a partir das transformações do espaço urbano. Espectros da cidade, miniaturas metropolitanas, ou “mini-espelhos da cidade” (ANDRADE, 1981), emergem de um modo de escrita acelerada por essa experiência urbana mais breve, inserida em um modo de narrar que deixa emergir o instante como momento de representação da história de épocas diferentes para legibilizar a cidade e o emaranhado de suas existências humanas. Esses escritores-jornalistas descrevem, cada um a sua maneira, formas de condensação de momentos citadinos em instantes como “flash de luz”, visão intempestiva tanto de tempo quanto de história utilizada por Walter Benjamin (1989), no ensaio *Sobre o conceito de história*, em que a imagem do passado é apreendida em um instante, que passa veloz e fugaz. Nesse contexto de mudanças, o centro urbano do Rio de Janeiro é evidenciado como símbolo de renovação, e, desse modo, a antiga Avenida Central, depois renomeada para Rio Branco, foi ao mesmo tempo símbolo da modernidade e espaço de segregação.

Assim como João do Rio, Drummond vale-se do exemplo da Avenida Central para pensar aspectos de exclusão ocasionados pela reordenação desse espaço e reflete sobre os impactos das transformações físicas da cidade a partir do cotidiano das relações humanas. Todavia, vele ressaltar que realizam escritas efetivadas em função do jornal ou da “condição jornalística”, que permitiu revelar o olhar desses “cronistas do Rio” como observadores desse momento da nossa história. Nessa linha de pensamento, este estudo tem a proposta de relacionar a cidade como símbolo determinante da significação do cotidiano, representado em escritas que elaboram imagens da cidade. Dando continuidade à escrita jornalística, Lima Barreto e Carlos Drummond de Andrade ocupam posição de destaque na tradição de cronistas urbanos prosadores do cotidiano citadino. A propósito de conhecer a história da literatura brasileira, Drummond lembra, em uma de suas crônicas, o também escritor-jornalista Lima Barreto, por sua escrita entusiasmada a registrar aspectos de mudanças da cidade moderna, em específico a capital carioca, então capital da República do Brasil. Lima Barreto, João do Rio e Drummond, entre outros escritores brasileiros, exerceu concomitantemente a literatura e o jornalismo em sua vida profissional. Tais escritores elencaram as mudanças da cidade moderna e a vivência de seus habitantes diante destas transformações.

Palavras-chave: Literatura, cidade, crônica

De Cascadura ao Garnier: tradição de modernidade no Rio de Janeiro através das crônicas de Lima Barreto

RODRIGO DE MOURA E CUNHA (UERJ)

Resumo: A comunicação se baseará na pesquisa de Doutorado que vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Trata-se de uma investigação sobre as representações da cidade do Rio de Janeiro produzidas na obra do escritor Lima Barreto na última década do século XIX e duas primeiras décadas do século XX. A pesquisa se

debruçará sobre as crônicas publicadas pelo escritor carioca em diversas revistas e jornais da época, e terá como foco destacar os elementos de tradição e modernidade que perfazem sua narrativa ao privilegiar a cidade do Rio de Janeiro como palco de ações e vivências. A pesquisa se orienta por uma chave analítica importante em circulação no campo das Ciências Humanas que se refere a uma aproximação de temas como narrativa, memória e sociabilidades urbanas. Neste tocante, ao aproximar História e Literatura, a pesquisa permite a reflexão sobre uma importante representação da cidade, representação reveladora de um aspecto fundamental para situar o papel desempenhado pela cidade do Rio de Janeiro no cenário político e cultural que se desenhou no Brasil na passagem da Monarquia à República. O aspecto em questão é precisamente o descompasso, pleno de significado social, entre duas cidades: uma cidade ideal (cidade-função) e uma cidade visceral (cidade-uso). Trata-se, evidentemente, de uma única e mesma cidade: a cidade do Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o XX. Porém, acompanhar a narrativa de Lima Barreto através da leitura de suas crônicas, permite a captura desses dois níveis de vivências do fenômeno urbano carioca: por um lado, a cidade enquanto referencial semântico fundamental da modernidade, “laboratório da civilização nos trópicos”, vetor principal do progresso material para toda a nação; por outro, a cidade palco de vivências e historicidades que funcionam como a antítese, o avesso “bárbaro” da cidade-ideal-de-civilização, tradições vinculadas ao passado colonial, monárquico e escravista que quase nunca se coadunam ou atendem às mesmas expectativas futuras. Neste sentido, as crônicas de Lima Barreto permitem um encontro privilegiado com essa dialética das duas cidades (ideal e visceral). As representações da cidade que perfazem as crônicas do autor permitem uma análise da cultura de ocupação do espaço urbano do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX. Permite dimensionar o impacto da experiência republicana para a cultura urbana carioca, bem como, o peso que as ideias de civilização e progresso tiveram nos projetos de cidade e nação

que caracterizaram a Primeira República. Por outro lado, suas crônicas favorecem um encontro com sociabilidades, usos do espaço urbano que não puderam ser enquadrados nos ideais de civilização e progresso. Que peso Lima Barreto confere a essas sociabilidades e tradições não enquadradas? Como aparece essa tensão dialética na construção do urbano (tradição x modernidade)? A hipótese principal da pesquisa defende a ideia de que a obra de Lima Barreto afirma o efeito do tempo na construção da cultura, das sociabilidades e usos do espaço urbano: a tradição como a vigência do passado no presente.

Palavras-chave: Lima Barreto, Rio de Janeiro, Tradição, Modernidade

Memória, narrativa e paisagem urbana em Lima Barreto

CARMEM LÚCIA NEGREIROS DE FIGUEIREDO (UERJ)

Resumo: Um dos pontos fortes da literatura produzida por Lima Barreto (1881-1922) está na problematização do olhar para a paisagem. Seus romances, contos e crônicas procuram tornar visíveis as camadas de ficção que moldaram palmeiras, sabiás, florestas e cascatas em nossa história cultural. São diversas as perspectivas para ver a paisagem em suas obras. Em uma delas, a paisagem é compreendida como construção cultural que tornou o pitoresco uma necessidade estético-política. Em outra perspectiva, objeto desta comunicação, a paisagem habita o sujeito por meio da incorporação da memória que auxilia a desautomatizar o olhar. Pretende-se apresentar as estratégias dessa maneira de olhar a cidade e a paisagem urbana. Discutir os efeitos dos deslocamentos do cronista pela cidade do Rio de Janeiro cuja sofisticação de olhar encontra as mesmas estratégias estéticas do romancista. Os aspectos dinâmicos da cidade, como os bondes, automóveis, multidão, passeios públicos, servem ao deleite do olhar, tão errante quanto a subjetividade. Cronista ou romancista Lima Barreto desenha a paisagem urbana por meio da percepção do instante, frágil e fugidio, capaz de integrar camadas de tempo nos cenários da cidade. Processo que exige uma outra sintaxe, outra forma de narrar para

registrar os abalos e impressões da cidade, e de seus habitantes, mas também que revele as tensões, sentimentos e inquietudes da cidade que habita no observador.

Palavras-chave: Lima Barreto, Paisagem, Memória, Narrativa

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

As cartas e o “diário extravagante” de Lima Barreto: um roteiro de aprendizagem da cidade e das letras

FÁTIMA MARIA DE OLIVEIRA (CEFET-RJ)

Resumo: A presente comunicação dá prosseguimento à pesquisa sobre a correspondência e o “diário íntimo” do escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), como parte das atividades do LABELLE. Pretende-se elaborar um recorte em que se privilegiem as cartas e anotações íntimas do jovem Lima Barreto, no período compreendido entre 1903 e 1906, quando a cidade do Rio de Janeiro passava por um vasto processo de reurbanização com o objetivo político e econômico de colocá-la nos eixos do progresso e da civilização. A modernização do espaço urbano provocava no jovem Lima Barreto avaliações céticas quanto aos benefícios que poderia trazer para seus habitantes e sua memória histórica, mas, também, despertava-lhe prazer e sedução diante do novidades próprias da chamada Belle Époque. Ao mesmo tempo em que a cidade se modernizava, permitindo a seus moradores e visitantes novas experiências sensoriais, advindas de recursos técnicos, Lima Barreto dedicava-se a sua autoformação cultural, literária, ética e estética, a fim de constituir uma autoimagem apropriada à realização de seu projeto de tornar-se um intelectual e escritor reconhecido por seus pares. O roteiro para tal constituição se configura em cartas enviadas aos amigos, em viagem pela Europa ou pelos Estados Unidos, com os quais procura manter trocas culturais

produtivas e exercitar sua escrita de molde satírico ao enviar-lhes notícias sobre os melhoramentos promovidos pelos administradores da cidade do Rio. É por meio dessas duas formas de “escrita de si” (Foucault) que Lima Barreto irá delimitar um amplo campo de visibilidade que lhe permitirá observar e ser observado, na alternância desse jogo de posições. Se o diário e a carta permitem uma visibilidade controlada pelo sujeito da escrita, a exposição no espaço público amplia a visibilidade e convida a essa prática como exercício de compreensão da vida social. A correspondência e as anotações pessoais do jovem Afonso Henriques revelam não só o olhar crítico sobre as contradições do processo de modernização da cidade, como também uma subjetividade em construção, atenta às tensões entre temporalidades e espaços diversos, de que participa intensamente como descendente de uma família de negros diretamente atingida pelas mudanças históricas e sociais instauradas pelo fim do regime monárquico e início do regime republicano.

Palavras-chave: Correspondência, diário, Lima Barreto, experiência urbana

Policarpo Quaresma: uma trajetória de desencantos

MARTA RODRIGUES (COLÉGIO PEDRO II / NUPELL)

Resumo: O Romantismo ecoa nos autores brasileiros. Como movimento em que pela primeira vez a questão da nacionalidade se colocava como tema de fato, terminou por balizar muitas das preocupações estéticas que lhe foram posteriores. Lima Barreto, autor do chamado Pré-Modernismo, mesmo antes do Modernismo propriamente dito problematizar questões nacionais, já apresentava preocupação com os impasses da formação social brasileira. A partir do personagem Policarpo Quaresma, o autor discutiu as frustrações de um projeto utópico de pátria, que se despedaça frente à realidade político-social do Brasil pós-republicano. Em lugar de buscar refúgio em evocações nostálgicas de um passado nacionalista, Lima Barreto vai colocar

seu personagem em confronto com uma realidade que lhe destitui, gradativamente, os sonhos nacionalistas. O presente trabalho tem como objetivo analisar a trajetória de decepções de Policarpo, intercalando a visão ufanista do personagem à visão crítica, irônica e satírica do narrador, a quem cabe a responsabilidade de expor a falência das esperanças utópicas e, em última instância, românticas do personagem a quem acompanha rumo ao seu triste fim.

Palavras-chave: Romantismo, Nacionalismo, Lima Barreto, Triste fim de Policarpo Quaresma

Lima Barreto e a cidade: deslocamento e experiência na modernidade

ELAINE BRITO SOUZA (COLÉGIO PEDRO II)

Resumo: A modernidade, período histórico marcado pela invasão da técnica no cotidiano, coincide com o desenvolvimento dos mais diversos sistemas de circulação, como os meios de transporte coletivos, cada vez mais integrados à paisagem urbana, entrecortada por avenidas, automóveis e bondes. Não é sem razão, portanto, que o trem comparece em vários estudos sobre a modernidade, tornando-se uma espécie de símbolo dos novos tempos. Para Walter Benjamin, por exemplo, a estrada de ferro é uma invenção revolucionária por permitir, pela primeira vez, o transporte de massas. A velocidade é, então, o elemento que catalisa uma série de transformações na experiência e modela um novo estar no mundo. Assim sendo, nesta comunicação, pretendemos analisar como os sucessivos deslocamentos sofridos pelo indivíduo na modernidade impactam a obra de Lima Barreto, escritor que viveu na cidade do Rio de Janeiro entre 1881 e 1922, momento em que a capital da recém-proclamada República, em plena transformação, reclamava seu lugar na parte civilizada do mundo. Vale lembrar que o escritor carioca se torna um usuário assíduo do trem quando, por recomendação do médico do pai, a família se muda para o subúrbio. Não obstante o incômodo provocado pelas primeiras viagens, Lima Barreto percebe no trem um espaço privilegiado de

observação das paisagens humana e natural. Ao longo do Diário Íntimo, encontramos numerosas referências a esse meio de transporte, o que sugere estarmos diante de um sujeito em constante circulação e de uma consciência em trânsito. Ao mesmo tempo em que o indivíduo atravessa a cidade, ele é atravessado por ela, com suas imagens e sensações díspares. A percepção, desestabilizada por choques contínuos impostos aos sentidos, tenta acompanhar o ritmo frenético de coisas e pessoas. No plano ficcional, também encontramos personagens em deslocamento. Basta lembrar que Isaías Caminha chega ao Rio de Janeiro a bordo de um trem e, ao desembarcar na Praça XV, a primeira coisa que avista é um bonde passando. Até mesmo Policarpo Quaresma, que se transfere para um sítio que fica “a duas horas do Rio por estrada de ferro”, surpreende-se com a chegada do trem que vem de longe, do “indeterminado”. No entanto, Gonzaga de Sá é aquele que melhor representa a “mania ambulatória” de Lima Barreto, tema da crônica Com o Binóculo, de 1915. Por fim, cabe mencionar o conto Um e outro, cuja protagonista tem o olhar submetido a uma infinidade de estímulos ao longo da viagem de trem que a conduzirá ao centro da cidade. Enfim, ao acompanharmos o movimento desses personagens, acompanhamos o movimento da própria cidade, com seu turbilhão de produtos, símbolos e anônimos. Portanto, é num misto de atenção, devaneio e transe que os personagens se locomovem e nos guiam nessa viagem pelo fenômeno do urbano, amplamente tematizado por Lima Barreto em sua obra.

Palavras-chave: Lima Barreto, modernidade, deslocamento, experiência

Benjamin Costallat: qual moderno, que cidade?

ROSA MARIA DE CARVALHO GENS (UFRJ)

Resumo: Benjamin Costallat: qual moderno, que cidade? As primeiras décadas do século XX aparecem aos nossos olhos envoltas por uma aura de mudança e transformação. Surgem como uma época movimentada culturalmente, em que salões, cabarés, confeitarias cruzam-se como

espaços de encontro e divulgação de arte — deixando entrever uma dinâmica social marcada pela vertigem e o cosmopolitismo. Benjamin Costallat, escritor carioca desse momento, tratou de temas sintonizados a esse espírito, obtendo grande sucesso de público. A presente investigação centra-se no conceito de cidade e de moderno nos anos 20 do século passado, a partir de obras de Costallat — Modernos... (1920); Mutt, Jeff & Cia (1922); Cocktail (1923); Mistérios do Rio (1924). Tais narrativas permitem um pensar sobre: a percepção do autor em relação às imagens produzidas pelo cinema; a concepção de moderno e seus desdobramentos; as figurações da cidade do Rio de Janeiro; as representações de gênero. Seus livros tiram proveito de um público que se transformava, ávido de novidades, um público moderno que desejava reconhecer em suas leituras o que via pelas ruas ou o que podia imaginar existindo nos espaços escusos da cidade do Rio de Janeiro. Enfatiza-se que o cerne da comunicação será a obra Modernos..., publicada em 1920, aberta para a discussão sobre a dinâmica da palavra moderno na época e sobre os demais pontos aqui elencados. Ressalte-se que o termo “moderno” surge constantemente na obra do autor e aponta para a sua artificialização. A cidade apresenta-se na produção de Costallat de maneira vária, e deixa entrever os perfis múltiplos que se estabelecem a partir do olhar do autor.

Palavras-chave: belle-époque, ficção brasileira, moderno, Rio de Janeiro

Entre a imagem e o texto: resignificando a Belle Époque num conto de Sérgio Sant’anna

MARCELO DE SOUZA PEREIRA (COLÉGIO PEDRO II)

Resumo: A comunicação propõe uma reflexão acerca do diálogo que a Belle Époque estabelece com a literatura contemporânea brasileira. Partindo de uma leitura do conto “A figurante”, de Sérgio Sant’Anna, buscamos compreender de que forma os saltos temporais, do presente para o passado e vice-versa, permitem jogar luz no processo contemporâneo de constituição de identidades, num momento em

que as noções de centro e periferia encontram-se complexificadas. “A figurante” é um conto que integra o livro *O voo da madrugada*, publicado em 2003. No texto, o narrador observa uma fotografia do Rio de Janeiro do início do século XX, na qual despontam importantes elementos - como a presença dos automóveis, a dinâmica do comércio e o fluxo de pessoas-, os quais compõem uma ambiência que remete para o modelo parisiense de modernização. A sondagem da fotografia quase centenária leva o narrador a se deixar atrair pela figura de uma mulher, atração inusitada na medida em que se considera a posição de figurante que ela ocupa na imagem. Por meio do olhar imaginativo, que guia o trabalho com a escrita, o narrador traz para o primeiro plano a figura feminina, que adquire um nome (Eduarda) e uma história, passando a determinar o ritmo da narrativa. A imaginação do narrador se intensifica quando faz entrar em cena um novo personagem: o artista. Lucas de Paula, pintor homossexual que absorveu o clima vanguardista de Paris, se vê na incômoda situação de ser portador de ideias modernas num país que ainda não se libertou do provincianismo. É com esse personagem, que Eduarda, ao recusar o papel de mera modelo para o retrato de um artista, desenvolve uma relação erótica que vai consolidar o seu processo rumo ao protagonismo e à liberação. O encontro dos dois personagens ganha em densidade na medida em que a própria relação entre eles passa, de certa forma, a ser o objeto de arte que ambos produzem de forma colaborativa. Misto de instalação e performance, a relação entre Eduarda e Lucas, engendrada a partir da contemplação de uma fotografia da Belle Époque carioca, desestabiliza as fronteiras entre vida e arte, centro e periferia, sujeito e objeto, hétero e homossexual. A veemência de tal desconstrução de identidades, levada a cabo pelo olhar contemporâneo do narrador, permite que se faça uma abordagem da Belle Époque como um ponto fundamental para a discussão sobre a ideia de modernidade no Brasil. A Belle Époque, nesse sentido, atua como locus traumático do imaginário cultural brasileiro: trauma no sentido lacaniano, de fonte da compulsão à repetição. A repetição, efetuada por meio do vetor da diferença, por sua vez aponta para o trabalho com a

ordem do significante, que interessa de perto à literatura. A Belle Époque se configura como um lugar simbólico para o qual o imaginário literário brasileiro contemporâneo está sempre se voltando, não para meramente repeti-lo, mas para ressignificá-lo.

Palavras-chave: Sérgio Sant’Anna, modernização, contemporaneidade, erotismo

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

Fotografia e ilustração de poemas na revista *Careta*

ARMANDO FERREIRA GENS FILHO (UERJ)

Resumo: Não se pode negar as marcas de inovação gráfica presentes às revistas ilustradas das primeiras décadas do século XX. Ao se folhear aleatoriamente as páginas das revistas *Kósmos*, *Renascença* e *Careta*, por exemplo, salta aos olhos o farto emprego da fotografia com finalidades várias em diferentes seções dos referidos periódicos. Assim, a fotografia de cunho documental ilustra anúncios, retrata paisagens pitorescas, capta instantes da vida cotidiana, mapeia as transformações operadas na cidade do Rio de Janeiro, imprime impacto nas crônicas policiais, acirra sensacionalismo em reportagens que tratam de temas-tabu. Durante a realização da pesquisa sobre a ilustração de poemas na revista *Careta*, constatou-se que as páginas da referida revista valiam por espelhos que refletiam narcisicamente o viver citadino através do uso da fotografia que, por sua vez, cumpria a função de imortalizar cenas típicas do viver urbano. Pela ênfase concedida ao registro fotográfico, não é difícil concluir que se tratava de antídoto para enfrentar a vertigem, a velocidade, o súbito e a fragmentação que começavam a se instalar nos habitantes da cidade do Rio de Janeiro, em decorrência do processo civilizatório que a ela se impôs. Há mesmo uma nítida intenção de registrar de modo nada displicente a cotidianidade do espaço público

para elaborar um painel visual de usos, práticas e dinâmicas como dispositivo de controle disciplinador sobre corpos, gestos, atitudes, cerimônias etc.... Entre estas finalidades do uso da fotografia como ilustração documental, será nas páginas da revista *Careta* que também se encontra um emprego bastante peculiar. Trata-se do uso da fotografia aplicado à ilustração e/ou ornamentação de poemas cujos processos de composição investem em recortes, montagens e articulações com desenhos e que assinalam uma estética gráfica de cunho híbrido e experimental. Embora não haja aqui o desejo de construir uma epistême da imagem em periódicos ilustrados, esta comunicação busca, através dos procedimentos técnicos empregados na ilustração de poemas que foram publicados na revista *Careta*, os veios comunicativos entre fotografia e objeto poético, tendo por base recortes, fragmentos e moldura. A ideia em si consiste mesmo em operar por contraste sem cair nas armadilhas da “oposição” e “síntese” (BOEHM, 2015, p. 28), para estudar a “lógica da mostração” (BOEHM, 2015, p. 30) em processos de ilustração de poemas nas páginas da revista *Careta*. Neste sentido, o interesse investigativo, além de convergir para as possíveis relações estabelecidas entre corpo humano e corpo do poema, entre padrões de gênero literário e questões de gênero, abrange as formas captadas pela lente da câmera e as formas criadas pelo ilustrador, para detectar os efeitos e as significações do que se quer mostrar e do que se quer isolar em conjuntos visuais que fazem uso da fotografia para ilustrar e/ou emoldurar poemas.

Palavras-chave: Revista ilustrada, Poema, Fotografia, Espaço urbano

Tradição e renovação na imagística da Belle Époque parisiense

MARCOS FABRIS (USP)

Resumo: O nascimento da fotografia, oficialmente apresentada ao mundo por François Arago (1786 – 1853) em discurso na Academia de Ciências de Paris em 1839 (após inúmeras querelas envolvendo disputas de patentes, ganhos e lucros), impõe um desafio às artes

do período, inclusas aí a literatura e a pintura. A produção pictórica, mais especificamente a pintura, deparará com pelo menos duas possibilidades distintas na futura trilha do fazer artístico: 1. ou bem será uma atividade espiritual que não deverá se deixar macular por nenhum meio mecânico (esta será a tese dos simbolistas e, como veremos, apenas em seu valor de face, de Baudelaire), 2. ou bem será um “problema de visão”, que exigirá a distinção entre os tipos e as funções da imagem pictórica e da imagem fotográfica (esta será a tese dos Realistas e dos Impressionistas, nomes que nas artes incluem Gustave Courbet, Claude Monet, Edgar Degas e, claro, Édouard Manet – para não mencionarmos o “Impressionismo total” de Paul Cézanne). No segundo caso, que nos interessa particularmente de perto, a pintura se libertará de sua habitual ocupação, a saber, a representação do “Verdadeiro” (com “v” maiúsculo e entre muitas aspas!). Os pintores “de visão” se defrontam, então, com a realidade histórica das relações recíprocas entre as duas formas artísticas, pintura e fotografia. Estes “artistas de visão” estabelecerão, assim, um diálogo inédito e tremendamente fecundo com as artes fotográficas. De que modo e com que grau de produtividade? Eles se apropriarão, mormente, de aspectos da linguagem do novo meio de expressão artística para, a partir deles, conceber uma imagística toda nova, capaz de representar os aspectos da realidade cotidiana que não eram contemplados por certos tipos de produção, concepção, regra ou forma artística, insuficientes para informar sobre as novíssimas configurações urbanas, sociais, políticas, históricas e artísticas verificadas no epicentro da modernidade, Paris. Nesses termos, almejam atingir – ou figurar – o cerne da experiência moderna em seu aspecto mais totalizante, não sem atualizar o conceito de Realismo, assentando a pintura em outras bases, aquelas da “pura pintura”. Ampliarão, como pretende-se demonstrar, as fronteiras do conceito tradicional de pintura e radicalizarão, como veremos no curso da exposição proposta para esta comunicação, a crítica ao processo de modernização em passo acelerado nesta Paris.

A natureza e a quantidade dos procedimentos que a fotografia ou o “sistema fotográfico” emprestarão à pintura (que deles se beneficiará amplamente nos estudos de caso que pretende-se discutir) chegarão a tal ponto que os valores pictóricos experimentarão uma nova “qualidade”. Assim, a demanda histórica que exigia a renovação da pintura (já na crítica de arte de Diderot, retomada e atualizada pelo crítico e escritor Charles Baudelaire dos Salões e, certamente, d’O pintor da vida moderna) efetiva-se finalmente. A partir de então, a crítica mais consequente à modernização e às suas sequelas caberia mais à câmera que ao pincel. Por quê? Não se trata aqui absolutamente de postular a “morte da pintura”, fazendo a apologia de seu desaparecimento físico, mas de reconhecer que este modo de expressão artístico, em suas formas mais conservadoras, perde sua importância histórica, por exemplo na arte de Horace Vernet, Jean-Léon Gérôme ou Alexandre Cabanel, além de outros expoentes dos circuitos oficiais, produtores consagrados do *l’art pompier*... O que fora, então, o princípio visual da cultura material ocidental desde a Renascença percebe-se supérfluo ante o paradigma de outras formas artísticas que não valorizam, ao menos em sua essência, a arte como atividade especial, privilegiada, fundada em bases artesanais ou calcadas na ideia de “gênio”. Trata-se, portanto, de privilegiar os modos de expressão artísticos que dissolvem a arte na vida, as expressões essencialmente urbanas (porque mecânicas ou industriais), que buscam figurar uma relação simbólica distinta do olhar palaciano ou daquele burguês entre sujeito e objeto (de resto, já verificadas em grau diverso na pintura francesa mais avançada de períodos precedentes – pensemos em Jean Siméon Chardin, Jacques-Louis David e Eugène Delacroix). Nesses termos, esta comunicação almeja discutir como a pintura francesa do período conhecido como Belle Époque se apropria de procedimentos caros à linguagem do novo meio de expressão artística, a fotografia, para, a partir deles, atualizar o conceito de Realismo, assentar a pintura em outras bases, aquelas da “pura pintura”, e radicalizar a crítica ao processo de modernização em

curso na Paris, a capital do século XIX. Buscaremos, analogamente, estabelecer paralelos pertinentes com a literatura do período, sobretudo com a lírica baudelaireana, em sintonia com a produção visual mais avançada de então.

Palavras-chave: Pintura francesa, Fotografia, Belle Époque, Modernidade

Lanterna mágica e *vue d’optique*: instrumentos proustianos de projeção de memórias

LUCIANA PERSICE NOGUEIRA (UERJ)

Resumo: Um dos principais romancistas da Belle Époque francesa, Marcel Proust (1871-1922) deixou-nos um legado colossal: um extensíssimo romance (de sete tomos), uma vastíssima correspondência (compilada numa coleção “quase definitiva” em 21 volumes), uma pletora de artigos e ensaios (publicados na imprensa ou não, reunidos pela editora Gallimard), assim como rascunhos de projetos de romances inacabados e fragmentários (igualmente reunidos e publicados postumamente, pela mesma editora). Nessa imensa obra – ficcional, ensaística e epistolar – pode-se destacar um elemento recorrente e que salta aos olhos do leitor (e que já vem sendo abordado pela crítica especializada): as inúmeras e reiteradas referências a instrumentos ópticos. De forma geral, são usados pelo autor como imagem ou metáfora da leitura e/ou escritura. Telescópio, microscópio, lupa, estereoscópio, espectroscópio, cinescópio, caleidoscópio, entre outros, abundam no texto permitindo digressões da ordem da crítica e da teoria literárias (servindo ao autor de trampolim na passagem entre os gêneros – ficção e ensaio). Dentre os instrumentos, talvez se destaque, em importância, o caleidoscópio, inclusive como metáfora do livro, colocando Proust numa linhagem de escritores que se preocupam em pensar o processo literário em sintonia com pesquisas e descobertas de ordem médica ou científica, como ocorrerá com Leibniz, Voltaire e Balzac, por exemplo, para citar apenas alguns dos mais importantes intelectuais que mencionam esse instrumento, especificamente, em

seus textos. A menção às tecnologias visuais permite aos escritores registrar no texto novas ideias, considerações e conceitos referentes às maneiras de ver e compreender o mundo (os seres, as coisas, o tempo e o espaço), que se desenvolvem e renovam ao longo do século XIX e no início do século XX. É o que defende Jonathan Crary em seu ensaio sobre a construção histórica e a revolução do olhar moderno (2012); essa perspectiva permite situar Proust como um dos principais intelectuais a registrarem as mudanças de seu tempo, as mudanças no modo de ver o tempo e a ação do tempo sobre o espaço, e a memória (este, um dos grandes temas do século XIX e da Belle Epoque). Nessa comunicação, será dado destaque a dois instrumentos, o primeiro e o último a serem mencionados no romance proustiano: a lanterna mágica e a vue d'optique (também conhecida como perspectiva), pois, tendo escrito o incipit e o excipit de seu romance num só traço, a presença desses dois instrumentos, inaugurando e encerrando a obra, literalmente e/ou simbolicamente, revela a sua importância, literária e simbólica, aos olhos do autor e como mecanismos que acionam estratégias escriturais.

Palavras-chave: Marcel Proust, olhar moderno, instrumento óptico, literatura

Crônicas berlinenses de Siegfried Kracauer numa ótica transnacional

CLAUDIA SILVEIRA D'ÁVILA (UFSC)

Resumo: O jornalista, escritor, crítico de cinema alemão Siegfried Kracauer (1889-1966) acompanhou, conjugando entretenimento, informação e poesia, o dia-a-dia da República de Weimar (1919-1933), em milhares de artigos, ensaios, resenhas, e principalmente crônicas. As crônicas mais representativas, em termos literários e antropológicos, foram recolhidas e publicadas pelo autor na antologia *Straßen in Berlin und anderswo* (Ruas em Berlim e alhures) (1964). Estas, chamadas por ele “*Stadtbilder*” (imagens urbanas), descrevem, muitas vezes com um olhar fílmico, atribuído a um narrador andante, porém raras vezes chamado de flandador, fenômenos, espaços públicos, tipos humanos, objetos concretos, aparentemente secundários, despercebidos pelos

transeuntes e pela ciência, mas reveladores e alegorizáveis da vida da grande cidade. São quadros e cenas sugestivas, com um intuito “iluminista”, de revelar aspectos importantes de processos sociais e culturais, e de opor-se ao esquecimento, à falta de memória que acompanha a modernização. Berlim era, para Kracauer, uma cidade pioneira que representava e antecipava processos modernizadores do mundo inteiro, ambíguos, inquietantes e promissores. Pretende-se, aqui, examinar algumas das crônicas sobre ruas centrais de Berlim, com um enfoque comparativo, parcialmente latino-americano, a começar pela denominação desse gênero jornalístico-literário que não tem termo consagrado na língua alemã; e por outro lado, focalizar os aspectos em que as crônicas kracauerianas transcendem Berlim, Alemanha e a época, merecendo difusão e interpretação no mundo ibero-americano.

Palavras-chave: S. Kracauer, crônica, Berlim 1919-1933

A indumentária em Júlia Lopes de Almeida, um retrato da sociedade carioca em *A Mensageira*

PAULA CAMPOS DE CASTRO (UFJF)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo compreender a importância dos relatos sobre a indumentária na escrita de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). Para isso será utilizada sua contribuição para a revista quinzenal *A Mensageira*. O recorte histórico da pesquisa está concentrado no fim do século XIX e início do século XX, onde a ascensão da burguesia brasileira e a necessidade da alta sociedade de impor sua condição social serão resgatadas e, o presente trabalho, trata a moda nascida nesse período, juntamente com a modernidade, buscando em Walter Benjamin conceitos que auxiliem sua delimitação, pois alguns estudiosos a consideram um fenômeno efêmero e extravagante. Percebe-se, nas obras de Júlia Lopes de Almeida, a descrição, não só de lugares, mas também de suas personagens, na tentativa de retratar a sociedade na qual ela estava inserida. Os costumes e as roupas usadas por suas personagens permitem que o leitor identifique, por exemplo, sua classe social e até mesmo sua origem. Portanto, a proposta do

trabalho é analisar qual a função da indumentária na construção das personagens em suas obras. Grande parte de sua literatura apresenta ao leitor costumes, localidades e personagens que retratam o comportamento da sociedade na qual suas histórias estão inseridas. A escritora narra o cotidiano de sua época a partir de um olhar feminino, apresentando um período marcado por grande transição da sociedade e da moda, acompanhada por sua democratização, visto que a afirmação da burguesia trouxe consigo um novo estilo de vida e novas regras. O trabalho busca recuperar publicações de Júlia Lopes de Almeida na revista *A Mensageira* trazendo um retrato da sociedade brasileira da época. O período histórico retratado nas obras de Júlia Lopes de Almeida foi marcado pela disseminação de novos ensejos para a sociabilidade burguesa, como a frequência a peças de teatro, óperas, saraus e bailes. Tudo possibilitava as aparições públicas, sobretudo das mulheres, tanto que Maria Alice Ximenes afirma: “Em meio a este cenário de fácil disseminação da moda, o vestuário se revelava, portanto, um incrível sinalizador de posição social e diferenciação de sexo, mostrando que a moda opera sobre um tripé de facetas: social, psicológica e estética.” (XIMENES, 2009, p. 23) A indumentária, portanto, ocupa papel fundamental na comunicação subjetiva reprimida, pois é por meio dela que existe um diálogo do indivíduo com o mundo exterior. As mulheres do fim do século XIX estavam em dupla prisão: ficavam trancadas em um espaço privado e, também, em suas roupas, verdadeiras embalagens de tortura, cujo exemplo mais significativo é a roupa íntima, composta por espartilhos e saiotas. “O diálogo da mulher se fazia pelas roupas e pelo código da sociedade patriarcal: ela precisava ser tola, impotente e bela e, assim, se tornar o objeto máximo de consumo.” (XIMENES, 2009, p. 25). Sendo assim, parece-nos interessante aliar a análise do papel da indumentária na construção das personagens femininas, nas obras ficcionais de Júlia Lopes de Almeida, à interpretação das considerações da autora sobre a moda feminina em sua época, publicada nos livros de crônicas e ensaios.

Palavras-chave: Literatura, Sociedade Carioca, Indumentária

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 4

Morro do Castelo, uma ferida narcísica. Os subterrâneos da alma carioca em Lima Barreto

SEBASTIÃO LINDOBERG DA SILVA CAMPOS (PUC-RIO)

Resumo: A ciência positivista da virada do século XIX para o XX conheceu seu lado patológico nos sertões nordestinos, mas o golpe dado pelos Hércules-Quasímodos não abalou a sua autocracia redentora da qual havia se revestido. Soberba que era, blindou-se do contato humano na também soberba – para usar um termo de Joaquim Manuel de Macedo – Rua do Ouvidor. Ali, protegida de todos os perigos das outras ruas cariocas, geralmente “sinistras, malandras, ambíguas”, a ciência positivista ousou pensar a cidade, a civilização por meio dos livros, sem sequer colocar a cara à rua e perceber aquilo que de mais importante compõe a cidade: sua gente. A República, que avançava nos seus propósitos de civilização – em termos euclidianos –, levava para os sertões indômitos, sob o símbolo das armas, o poder da ordem, e nas ruas cariocas, sob o símbolo das largas avenidas, o retrato do progresso. Apagando o passado colonial dos casarios portugueses, enfeitando-se com prédios ao melhor estilo francês, as ruas cariocas pareciam mergulhar numa outra dimensão cultural que abandonara seu delírio africano e sua antropofagia indígena. Calçado nos estudos científicos, estéticos e sanitários o Rio de Janeiro apagou de sua memória aquilo que tornara seu centro, símbolo das transformações urbana e cultural, em um espaço fétido, bafiento e retrógrado: o Morro do Castelo. Rasgando as faldas do seu berço, o Rio impunha uma nova forma de pensar a seus habitantes, abandonara o passado, e sob a égide da técnica e ciência transformava cirurgicamente seu corpo, mas o espírito continuava o mesmo. Movido mais por lendas que estudos técnicos, mais pela cobiça gerada pela fábula que a necessidade imposta pela

ciência, o desmonte do morro do Castelo parece ser a síntese inequívoca de uma sociedade que inclina o corpo para o futuro, mas permanece com o espírito fincado no passado. A destruição do outrora Morro do Descanso, vaticinado com a abertura da Av. Central, é o mote para Lima Barreto construir uma narrativa proposital na qual retrata de forma singular o espírito do homem civilizado da Belle Époque das ruas do Rio. Ávido pelo novo, movido pelas velhas crenças. Na narrativa, os homens do progresso que avançam com suas picaretas conduzindo a desconstrução do passado incômodo são meras molduras de uma sociedade cujo retrato é marcado pelo encantamento, movido pela fábula, sensível a histórias de amor, traição e poder. Na série de textos escritos em 1905 para O Correio da Manhã, hoje publicada em livro, O subterrâneo do Morro do Castelo, Lima Barreto nos oferece uma narrativa que quase beira o cômico, homens sedentos por encontrar tesouros escondidos sob a massa geológica da urbe desenterram um passado de fantasia sob as vestes contemporâneas da estética urbana. A destruição do morro é a síntese de um dado: no afã de transformações, a civilização é mais patológica que a selvageria. O Morro do Castelo (ou sua ausência) converteu-se num símbolo sisífico que se renova a cada transformação urbana; apaga-se o passado, remodela-se o futuro.

Palavras-chave: Belle Époque, Lima Barreto, Literatura, Morro do Castelo

Os sons silenciados: traços das mulheres na música em crônicas da Belle Époque carioca

VIVIANA MÓNICA VERMES (UFES)

Resumo: Em 1897 Leopoldo Miguez, diretor do Instituto Nacional de Música publicou seu relatório sobre a Organização dos Conservatórios de Música na Europa. Nesse relatório o autor avalia uma série de conservatórios musicais europeus procurando extrair dessa análise sugestões para o aprimoramento do Instituto brasileiro. O relatório inclui uma tabela comparativa, na qual são apresentados dados quantitativos

sobre cada conservatório e, no caso brasileiro, um dos elementos surpreendentes é a quantidade de mulheres que frequentavam a instituição: de um total de 401 alunos, 347 eram mulheres. Dos 80 alunos de piano, 76. Essa desproporção é tratada no relatório como “lamentável”, num argumento que evidencia considerar-se inadequada a carreira musical para mulheres. Não obstante a quantidade de mulheres que estudavam música (e estes números dão conta tão somente do Instituto Nacional de Música), seus nomes estão ausentes da grande maioria dos manuais de história da música brasileira. Além dessas práticas musicais aprendidas no conservatório, mulheres também se dedicavam à música fora dos círculos da burguesia: atrizes-cantoras, editoras de música, compositoras e até mesmo mulheres como Hilária Batista de Almeida, a tia Ciata, que, apesar de não fazerem música, num sentido estrito, criavam as condições para que a música ocorresse. As práticas musicais femininas são ainda práticas invisíveis, mas, pensando nesses dois grupos, trata-se de invisibilidades de modos e escalas diferentes. Neste trabalho pretendo verificar de que forma aparecem representadas as práticas musicais femininas nas crônicas de Machado de Assis e de Lima Barreto. A proposta se vincula principalmente ao eixo A na medida em que propõe trazer à tona dois mundos de sonoridades silenciados pela história e, com eles, uma cidade, personagens, relações e transformações que deixam seus traços nas efêmeras crônicas.

Palavras-chave: Belle Époque, música, crônica, mulheres

Álbum De Caliban: Coelho Neto e a literatura pornográfica na Belle Époque

LEONARDO PINTO MENDES (UERJ)

Resumo: A partir de 1890, configura-se no Brasil um espaço novo de circulação de histórias licenciosas. Surgem novos editores e livrarias, como a Livraria do Povo e a Livraria Moderna, que atuavam com mais visibilidade no mercado da literatura pornográfica, oferecendo um circuito alternativo às elegantes Laemmert e Garnier, editora de

Machado de Assis. O impresso pornográfico começa a aparecer nos anúncios dos grandes jornais. Com cautela, mas surpresos com a abertura, articulistas começam a comentar literatura licenciosa em notas e crônicas. A percepção de que havia um mercado para esta literatura era crucial para a decisão dos editores de investir nessas edições. A palavra “pornografia” era conhecida e empregada na acepção moderna de representações explícitas de órgãos e coreografias sexuais criadas para causar sensações físicas nos leitores. Eram considerados pornográficos os livros que convidavam o leitor a fazer sexo como um fim em si mesmo, por prazer mecânico, só ou acompanhado. Cabiam nessa descrição obras que o leitor atual não chamaria de pornográficas, mas que eram denominadas assim no período. Para anunciar os impressos, as livrarias evitavam a palavra “pornografia” e optavam por expressões divertidas como “Leitura Alegre”, “Livros Pândegos” ou “Livros para Homens”. A marca da “Leitura Alegre” era oferecer divertimento picante, com graus variados de realismo. Os impressos eram capazes de acelerar o coração e proporcionar uma experiência de satisfação física e mental ao leitor. Para veicular conteúdo licencioso ao maior número possível de leitores, uma fórmula encontrada foi escrever pornografia a partir da tradição clássica do “riso de Rabelais”. Associado a uma perspectiva carnalizadora do mundo, o fundamento festivo rabelaisiano criava uma zona de ambivalência e libertação ligada ao “baixo corporal” (BAKHTIN), que incluía o sexo e as partes íntimas do corpo. A ancoragem em tradições de prestígio social e a linguagem castiça filtravam o conteúdo pornográfico, facilitando sua aceitação e circulação. Com o pseudônimo de Caliban, da peça *A Tempestade* (1611), de William Shakespeare, o escritor Henrique Coelho Neto explorou a fórmula rabelaisiana em contos e crônicas que foram publicados em jornais de todo o país, de 1890 até o começo do século XX. Entre 1897 e 1898, os textos foram editados pela prestigiosa Livraria Laemmert em fascículos e reunidos no volume *Álbum de Caliban*. Nesta comunicação, vamos conhecer a faceta de autor licencioso de

Coelho Neto e estudar essa literatura, seus temas, padrões retóricos e configurações narrativas, no contexto do incipiente mercado de literatura pornográfica da Belle Époque.

Palavras-chave: Pornografia, Belle Époque, Coelho Neto

O tempo do abandono no romance *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir: o sublime e o grotesco na decadência da *Belle Époque*

VIVIANE DANTAS MORAES (UFPA)

Resumo: A obra *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir, é o quarto romance do chamado Ciclo do Extremo Norte, que consta um total de dez livros publicados e apresenta como temática central o drama social, humano e político dos habitantes da região amazônica. Os três primeiros romances retratam o drama e a miséria no universo de sobrevivência da ilha do Marajó onde o personagem Alfredo, protagonista do Ciclo, almeja uma vida na capital paraense para experimentar o tão sonhado progresso e a vida urbana. O romance “*Belém do Grão-Pará*” (1960), portanto, demarca a travessia do personagem para a descoberta do mundo promissor, o qual acredita que irá lhe proporcionar possibilidades que não teria na vila de Cachoeira do Arari. No entanto, o que se descortina é uma narrativa sobre a desconstrução de um ideal, sobre uma experimentação grotesca com o mundo em meio à catástrofe humana e social narrada por Dalcídio. A derrocada do Ciclo da Borracha na Amazônia, na década de 1920, deflagrou uma crise econômica e sociocultural que se fez sentir na cidade e provocou a falência das famílias que viveram os tempos áureos à custa de muito sofrimento humano nos seringais da floresta. A família dos Alcântara, uma das atingidas pelo colapso, tenta esconder o prejuízo e a miséria pela resistência por status. É nesse seio de intrigas e esfacelamento que Alfredo se insere, e se depara com um cenário desfavorável às suas idealizações. Nesse sentido, o parâmetro entre esses dois universos e paisagens geográficas antagônicas nos transmite uma mensagem importante que emana do projeto ético e estético do escritor paraense

sobre a modernidade, pela qual compreende-se a desconstrução do ideal de urbanização e nos transmite a ideia de que o progresso não é promessa de felicidade. A fracassada experiência do garoto na cidade embota o sublime da belle époque. A tensa realidade que assola Belém e a Amazônia como um todo, provocada pelo devassamento dos seringais e a derrocada do projeto de exploração da borracha criaram um cenário de fome, de crise na educação, de flagelo das camadas sociais desfavorecidas e de inchaço populacional, e constituem uma condição de emergência que configura uma crise das necessidades mais básicas. Nesse sentido, para refletirmos como a Amazônia dalcidiana desvela um cenário grotesco onde o abandono torna-se a regra na modernidade, estabelece-se um diálogo com a ideia de vida nua e estado de Exceção, de Giorgio Agamben.

Palavras-chave: Amazônia, Abandono, grotesco, vida nua

Modalidades do humor na Belle Époque

JEAN PIERRE CHAUVIN (USP)

Resumo: Desde meados do século XIX, o (raro) público leitor brasileiro assiste à edição de antologias que, entre outras características, pretendem abarcar o que de melhor e mais relevante foi produzido até o momento de sua publicação. Em 1850, Francisco de Adolfo Varnhagen organizou os dois tomos do Florilégio da Poesia Brasileira – publicados pela Imprensa Nacional, em Lisboa. O historiador foi um dos primeiros a situar a sátira como gênero menor e menos importante que o lírico. Em 1957, foi a vez de Raymundo Magalhães Júnior dar a público a sua Antologia de Humorismo e Sátira, que congregava cento e vinte autores – de Gregório de Matos a José Carlos de Oliveira. Mais recentemente, Eliane Robert Moraes organizou sua Antologia da poesia erótica brasileira (2015). Ao reunir poesias de diferente natureza, compostas em contextos diversos, sob circunstâncias específicas, uma parte das antologias sugere que a sátira, a paródia e o pastiche sejam frutos de uma mesma modalidade literária, embalada pelo humor dos homens que os escreveram. A afiliação dos textos ao gênero cômico

não implica que os autores não estivessem comprometidos com o momento histórico de sua produção, nem considerassem o restrito público favorável à sua circulação. Neste trabalho, pretende-se discutir o conceito de humor, considerando as diversas acepções e usos do termo na cultura luso-brasileira, com ênfase em produções literárias do século XX. Isso implicaria relembrar que, em prosadores como Lima Barreto e João do Rio, a ironia não era meramente um sintoma “panfletário”, mas traço estilístico consciente; que a poesia bem-humorada de Emílio de Menezes, Juó Bananére, Oswald de Andrade e Murilo Mendes, entre outros, foi questionada por uma parcela de nossa crítica – esta, ideologicamente comprometida com o projeto (pseudo) nacionalista iniciado em meados do Oitocentos. Seria um equívoco supor que, no Brasil, o rebaixamento do riso e do gênero cômico se devesse à mera aplicação de preceitos da poética tradicional. Essa explicação, além de simplista, entra em contradição com os novíssimos rumos pretendidos pelos idealizadores do Modernismo, em sua apologia ao verso ligeiro, menos rebuscado, informal e não-purista. A presente análise concentra-se em poetas e prosadores situados na chamada Belle Époque brasileira. Dentre outros fatores, discute-se o fato de o “poema-piada” ocupar uma espécie de não-lugar em nossa tradição literária, dita “nacionalista”. Dentre outros sintomas, isso acarretou na cristalização de preconceitos sobre o gênero cômico e no parcial apagamento de autores que versejaram, com talento, sobre questões de interesse universal.

Palavras-chave: Humor, Literatura brasileira, Belle Époque

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 5

A crônica e o novo jornalismo novecentista

MARCUS VINICIUS NOGUEIRA SOARES (UERJ)

Resumo: Já nas últimas décadas dos oitocentos, o jornalismo brasileiro começava a mostrar sinais da transformação que o tornaria um dos

meios de comunicação mais influentes na vida cultural do país no século XX. Difundindo-se em uma velocidade nunca antes imaginada e utilizando os recursos de reprodução de imagem disponíveis à época, os jornais atingiriam um público cada vez mais amplo e diversificado. Além disso, ampliaria também o seu campo de atuação profissional, na medida em que procura dar conta de uma demanda cada vez mais interessada em notícias e assuntos sensacionalistas. É nesse mesmo período que a reportagem ganha destaque no jornalismo e o repórter se torna a sua figura proeminente. A atividade jornalística deixa de ser apenas apêndice da atividade letrada e começa a ganhar uma autonomia até então inédita em território nacional. Diante desse quadro, a questão que gostaríamos de propor, quanto ao desenvolvimento da crônica no Brasil, diz respeito ao seu lugar no contexto desse novo jornalismo, uma vez que, nascida no século XIX, a crônica teria sido o gênero que melhor caracterizou as práticas jornalísticas oitocentistas. Longe de pressupor que esse lugar possa ser demasiadamente fixo, acreditamos que o mais importante como ponto de partida da abordagem do gênero é considerar a questão fora do âmbito da literatura, ou seja, trata-se de investigar a crônica não como um gênero literário, que apenas teria encontrado nos periódicos um veículo mais acessível e barato de difusão, mas como um gênero jornalístico gerado e gerido em suas páginas e que sofre transformações significativas com as acentuadas modificações tecnológicas e discursivas sofridas pelo jornalismo do fim de século.

Palavras-chave: crônica brasileira, jornalismo do século XIX, gêneros literários

Teatro de Taunay e fotografias de Jean Cocteau: cerco aos gestos e formas de arte

ROSANA CAMPOS LEITE MENDES (UNB PÓSLIT/FAPEMAT)

Resumo: A invenção da fotografia ou o que poderíamos chamar da fixação da imagem obtida pela câmara escura nos chega, por muitos caminhos, de muitos lugares e pelo olhar pesquisador de inúmeras pessoas no século XIX. O que se vê, por essa época, é a procura por

técnicas de reprodução mais rápidas de fixação da imagem. Mais precisamente, a representação da realidade por meio da realização da imagem fotográfica. Com esse processo em escala industrial, o produto “imagens fotográficas” rapidamente passa a ser massificado e, primordialmente, desejado pela sociedade. A fotografia mais do que um artefato de projeção da realidade, do corpo e do rosto retratado, ancora-se em um processo no qual a verossimilhança alcançava um patamar elevado no terreno da visualidade. Por outro lado, há de se verificar o entendimento da lógica desviante de continuamos a ler ficção em contraposição a outros textos denominados de científicos ou mais pragmáticos demonstram a necessidade de narrativas, em nossas experiências, de maneira involuntária. A percepção a esse mundo do “criado, ficcionado” instaura fascínio e imagens que ocasionam, muitas das vezes, num perturbador encantamento. Se tradicionalmente é reverberado há muito que um texto fictício, a partir da metade do século XVIII, é dito “literário” quando advém de um ato de fingimento, Hansen (2005) nos lembra que “ficção é a figura fingida do possível assim determinado por comparação com a coisa, ação(...)definidos como reais e verdadeiros”. Então, no presente estudo, chama-nos à atenção a menção à fotografia no texto teatral e, da fotografia, enquanto registro de uma realidade. A presente comunicação abordará como se apresentam experiências estéticas, por meio de aproximações à fotografia, na peça teatral *Da Mão à Boca se Perde à Sopa*, do escritor Visconde de Taunay, publicada em 1874 sob o pseudônimo de Sylvio Dinarte e também em fotografias tiradas por Jean Cocteau, em agosto de 1916, próximas ao Café de La Rotonde, de Picasso, Modigliani, Erik Satie e outros artistas. As relações com as artes em geral, e mais precisamente romance, teatro e fotografia dão conta de uma identidade interartística estabelecidas nas obras em questão. Trata-se de reconhecer o teatro, a fotografia e sua narrativa visuais. O objetivo desse trabalho é estabelecer um olhar ao escritor interartístico, na sua intenção e gestos significativos diante do texto, do teatro e da máquina fotográfica.

Palavras-chave: teatro, taunay, fotografia, interartes

“De pernas para o ar”: experiências da modernidade na dramaturgia do teatro de revista nas primeiras décadas do século XX

BEATRIZ DA SILVA LOPES PEREIRA (UNB), ANDRÉ LUÍS GOMES (UNB)

Resumo: Este estudo tem como objetivo apresentar o Teatro de Revista no Brasil como uma das mais férteis e diversificadas experiências da modernidade no cenário teatral brasileiro da belle époque tropical. Para tanto, destacam-se não só os elementos básicos de sua estrutura e convenções, como também a alquimia sociocultural operada em seus palcos, a partir das assimilações do ritmo frenético da cidade que se modernizava, e as ressignificações sobre o nacional, o popular, a identidade brasileira, os “tipos” sociais e os variados discursos enunciadores da crítica ao cotidiano da cidade, à política e aos costumes da sociedade, em sua condição de “espelho” da realidade brasileira, nas primeiras décadas do século XX. Objetiva, ainda, oferecer uma pequena abordagem desse fenômeno cultural, propulsor da indústria do entretenimento, como um espaço privilegiado de inserção sociocultural das camadas populares, especialmente do negro, a exemplo da Companhia Negra de Revistas e da peça Tudo Preto, compreendida como um “marco” no jogo de forças negociado pela cultura negra, não só para se reconhecer suas raízes na produção do ideário de identidade nacional, em suas intercomunicações com a literatura, mas, sobretudo, como um espaço de luta /desejo para se inserir na modernidade.

Palavras-chave: Teatro de Revista, modernidade, inserção sociocultural, Tudo Preto

Cartografia do passado, entre memória da *Belle Époque* e autoficção

THOMAS ALVES HÄCKEL (UERJ)

Resumo: A resistência à forma romance tem sido anunciada como prática usual da contemporaneidade, em textos que costumam manipular procedimentos tradicionais da ficção narrativa para expressar as construções de sentido feitas de acontecimentos e fatos. Tal aspecto formal é fruto de um questionamento da mediação sobre as vozes

presentes em narrativas e a maneira que são narradas. Parece ser o caso de Machado, livro cuja matéria prima parece não ser mais o sujeito presente ante si mesmo, isto é, a vida de Machado de Assis, mas a teia de relações e de espaços entre seres e coisas composta num intervalo narrado, isto é, a belle époque. A partir disso, desejo abrir uma leitura crítica que concatene questões entre o presente narrado e o presente contemporâneo. É interessante lembrar que o livro se constrói a partir de estratégias autoficcionais do autor-narrador, como o uso de fotografias e imagens, registros médicos, cartas, enfim, informações que flertam entre a fabulação ficcional e a realidade histórica sobre uma gama de personagens e suas relações sociais no momento narrado. Com esse rasgo causado pela literatura na história, o autor abre um diálogo entre memória, cultura e literatura. O contexto recriado na obra apresenta transformações da modernidade no Rio de Janeiro, configuradas pelo eixo do progresso e da civilização, desde o crescimento do capitalismo e das mudanças materiais (como meios de transporte, moda, distribuição voraz de mercadorias etc) até as alterações sensoriais (novas experiências no corpo e na percepção do ser humano) e o desenvolvimento de uma sensibilidade estética que alia a vida urbana com o fascínio das novas tecnologias. A escolha do autor em trazer a epilepsia como chave de construção temática, e, ao meu ver, textual e formal, buscada numa série de personas (Flaubert, Machado de Assis, Mário de Alencar) denota a decisão de trazer um discurso incomum para falar sobre a belle époque, construído no jogo biográfico-ficcional da vida dos narrados, das sobreposições de tempo e mudanças arquitetônicas, organizando o texto narrativo por uma cartografia de relações operadas para além de um indivíduo como foco principal. Esses temas não são desmotivados, senão para mostrar que há dois níveis de disputa de discursos presentes na obra: os da vida literária e intelectual do período e os diversos gêneros mesclados na obra (crítica, ensaio, confissões etc.) O autor, com isso, assinala um olhar para trás que se contrapõe ao olhar para o futuro da modernidade científica, fato

perceptível pelo uso ficcional de elementos reais e não-literários como instrumento para reforçar uma memória cultural, a partir da escolha feita sobre o que observar: a epilepsia, o Hospital dos Alienados, a reforma do palacete de Miguel Couto, o debate entre ciência médica e homeopatia etc. O escopo desse trabalho será formulado em dois pontos: apresentar uma reflexão sobre as estratégias de autoficção contidas no romance; e traçar uma relação entre memória, cidade e literatura a partir do intercâmbio entre discursos e o funcionamento da narrativa como uma rede de relações, tempos e olhares sobre o passado narrado.

Palavras-chave: autoficção, memória, Belle Époque, cultura

03

A CRÍTICA LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA E SEU LUGAR NO DEBATE PÚBLICO DE IDEIAS

Cristhiano Motta Aguiar (U.P. Mackenzie)

Eduardo Cesar Maia (UFPE)

Resumo: O último século foi marcado, no âmbito dos estudos literários, por grande ênfase no campo da teoria da literatura, e pela promessa de abordagens mais sofisticadas, autoconscientes, além de metodologicamente mais rigorosas. De tal modo foi prestigiado o paradigma da Teoria que disciplinas correlatas, como a crítica literária e a história literária, ficaram relegadas a um segundo plano. Em 2016, no último encontro da Abralic, posicionamos o foco do nosso debate especificamente no âmbito da crítica literária. Tivemos o privilégio de debater seus impasses e perspectivas. Em 2017, propomos dar continuidade a esta reflexão, buscando aprofundar as questões propostas no ano anterior. Além disso, temos consciência do quanto as discussões anteriores, por mais fecundas que tenham sido, não esgotam as diferentes facetas que circundam o tema do nosso simpósio. A pertinência do tema do nosso simpósio se verifica no fato de que, nos últimos anos do século XX e no início deste século XXI, podemos enxergar uma revalorização da crítica, que se exprime, especificamente no cenário brasileiro, tanto no resgate da obra de críticos importantes de nossa tradição literária – como é o caso da reedição da obra de José Guilherme Merquior –, como no resgate da chamada crítica de rodapé, empreendido por pesquisadores como João Cezar de Castro Rocha. Some-se a isso a existência hoje de um periódico como o Rascunho, um jornal dedicado de modo praticamente exclusivo à crítica de obras brasileiras contemporâneas, manifestando com força essa retomada da

crítica literária no Brasil. Além do mais, em outra chave, chama a atenção a profusão de sites, blogs, redes sociais de leitura e canais do Youtube voltados para o compartilhamento e discussão de experiências de leitura. Isso tudo não deixa de representar um movimento de revisão do discurso hegemônico da teoria literária, que deixa ver suas marcas até hoje nos departamentos e pós-graduações de Letras das universidades brasileiras. A proeminência atual da crítica parece manifestar-se de diferentes maneiras: pela defesa de um viés individual, até então soterrado pela fetichização do método; por uma retomada da polêmica enquanto espaço de debate, de questionamento e de construção de valores; pela necessidade de um discurso mais aberto aos espaços não acadêmicos, interessado na grande imprensa e na difusão própria da internet e das redes sociais. Todos esses traços, passíveis de serem atribuídos à revalorização do discurso crítico na atualidade, permitem entrever a busca pelo reestabelecimento de uma possível maior relevância da própria textualidade literária na contemporaneidade, sem, necessariamente, que ela deixe de ocupar o lugar periférico que a sociedade pós-industrial lhe legou. A crítica pode, dessa forma, conferir mais visibilidade à literatura contemporânea na medida em que a torna mais nítida no conjunto de discursos que compõem o contemporâneo. Assim, reiteramos o interesse desse simpósio em discutir e refletir sobre o lugar da crítica literária hoje não apenas no âmbito dos estudos literários, mas também no cenário acadêmico, cultural e político das textualidades contemporâneas. Justamente esse dentro e fora, esse caráter ambíguo, dubio – por que não dizer: esquizofrênico – permite uma redefinição de sua importância, função e valor, ao mesmo tempo que permite tornar mais percussiva a presença da própria obra literária. Interessam mais objetivamente ao simpósio trabalhos que se voltem para a discussão de questões fundamentais da crítica literária atual, tais como: suas relações com a academia e com as outras disciplinas que compõem os estudos literários e mesmo com outros ramos do saber – história, filosofia, antropologia etc.; sua relação com os jornais

impressos, com revistas e com sites, blogs e outras formas de publicação eletrônica; trabalhos que enfoquem o pensamento e a trajetória de importantes críticos que, no âmbito brasileiro, conferiram sempre caráter fundamental ao papel da crítica literária, mesmo quando foram teóricos e historiadores da literatura, como é o caso de Álvaro Lins, Lúcia Miguel Pereira, Gilda de Mello e Souza, Otto Maria Carpeaux, Antonio Candido e José Guilherme Merquior; reflexões sobre a crítica literária escrita por ficcionistas e poetas. Nesse sentido, também se faz oportuna a presença de debates que tomem como ponto de partida a atuação e as ideias de críticos atuais: críticos que tenham essa atuação marcada pela conquista de algum espaço em veículos impressos e virtuais, efetivados então por eles, não raro, como campos amplamente receptivos à polêmica e ao debate – são os casos, por exemplo, de José Castello, João Cezar de Castro Rocha, Rodrigo Gurgel, Manuel da Costa Pinto, Alcir Pécora e Paulo Franchetti.

Palavras-chave: Crítica Literária, Teoria Literária, Literatura contemporânea, Jornalismo

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

A crítica literária na internet: literatura contemporânea brasileira e valores literários nas críticas de *booktubers*

CRISTHIANO AGUIAR (U.P. MACKENZIE)

Resumo: Em diferentes perspectivas sociais, o advento e a consolidação dos meios digitais de produção, especialmente a internet, tem ocasionado uma série de mudanças de paradigmas nas práticas culturais. Em meados dos anos 90, começou um intenso debate, que ainda hoje não se esgotou, a respeito das articulações entre produção literária e internet. À época, o suporte dos blogs se revelou o principal veículo de criação, divulgação e experimentação digital para dezenas de

escritores e escritoras, de diferentes perfis e níveis de profissionalização. Atualmente, outras formas de divulgação e criação da intensa produção poética na contemporaneidade são possíveis, a ponto de podermos afirmar que a Era do Blog enquanto eixo fundamental das relações entre criação literária e meios digitais se encontra encerrada. Assim, outro aspecto deste debate dizia respeito à crítica literária na internet. Da mesma forma que no caso da criação literária, diferentes práticas críticas aproveitaram a internet como um novo local de discussão sobre a literatura. Se, inicialmente, eram os blogs e sites tradicionais os principais pontos de encontro da crítica literária, com o passar do tempo outras modalidades de debate sobre a produção literária foram se desenvolvendo. É o caso das redes sociais, tais como o Goodreads, o Facebook ou o Reddit (ou o extinto Orkut), nos quais há a publicação e circulação de uma série de gêneros textuais que acolhem a análise crítica sobre a literatura como escopo principal. Mesmo ambientes de criação literária ficcional, como os já citados blogues, as plataformas digitais das Fanfics ou sites como o Wattpad e o site de comércio de livros Amazon, possuem espaços de interação com os usuários de seus serviços nos quais podemos encontrar, em maior ou menor grau de complexidade literária, produções textuais nas quais obras literárias são comentadas, avaliadas, discutidas. O objeto da nossa comunicação consiste em analisar um aspecto deste fenômeno: os canais no Youtube dedicados ao comentário de livros. A partir de um recorte retirado de diferentes canais de Booktubers – como são chamados os Youtubers dedicados a criar e veicular vídeos sobre livros e leitura – brasileiros, procuraremos problematizar as seguintes questões: a) Quantos canais no Youtube abordam a literatura brasileira contemporânea?; b) Quais autores e que editoras geralmente são selecionados?; c) Que fundamentação teórica embasa estas leituras?; d) Que valores literários fundamentam as obras resenhadas?; e) É possível chamar um vídeo de um Booktuber de “crítica literária”? As perguntas, evidentemente, não terão sua resposta definitiva em nosso simpósio, mas servirão como

balizamento para um pontapé inicial de pesquisa, a ser desdobrado em outros contextos de uma pesquisa acadêmica a ser iniciada.

Palavras-chave: Crítica Literária Contemporânea, Youtube, Literatura e Valor, Literatura contemporânea brasileira

O crítico-internauta: estratégias de circulação e enunciação da crítica literária em rede

NATALIA FRANCIS DE ANDRADE (PUC-RIO)

Resumo: Neste momento em que caminhamos para o final da segunda década do século XXI, já é fato estabelecido que os debates em torno da literatura não se circunscrevem mais aos livros, revistas especializadas ou eventos acadêmicos: eles também despontam ou se rearticulam em círculos virtuais. A efervescência da vida literária nas redes digitais – da qual participam professores, pesquisadores, jornalistas culturais e autores – não é, porém, sintoma apenas de uma simples aderência desses atores ao suporte técnico em voga. Para além disso, algumas características intrínsecas às formas de expressão e publicação na web vão diretamente ao encontro da natureza dialógica da crítica. Antoine Compagnon, em *O demônio da Teoria*, lembra que a crítica depende de ambientes propícios para a comunicação ágil, pois ela “aprecia, julga; procede por simpatia (ou antipatia), por identificação ou projeção”. Sendo assim, ele conclui, “seu lugar ideal é o salão, do qual a imprensa é uma metamorfose, não a universidade; sua primeira forma é a conversação.” Se outrora os salões de leitura se metamorfosearam na imprensa, sua sobrevida recente se nota no grande salão virtual. Ao viabilizar a supressão do longo intervalo temporal entre o momento da escrita e o da chegada de um texto às vistas (não mais às mãos) do leitor, os meios digitais abriram para a crítica especializada a possibilidade de flexionar suas estratégias de circulação e de enunciação. Sob a égide da popularização da internet como importante rede de conexões interpessoais, surge a figura do “crítico internauta”. Além de publicar e compartilhar resenhas e ensaios em formato digital, ele mantém

vínculos virtuais com outros críticos e leitores, acompanha as leituras mais recorrentes nessa circunvizinhança e torna públicas algumas de suas impressões e opiniões em fóruns virtuais e caixas de comentários. Ali, de maneira análoga, em diversos pontos, à dos salões literários descritos por Jürgen Habermas, sobressai o ethos polêmico: disputas políticas se sobrepõem umas às outras em ritmo mais intenso do que em outros ambientes, como o universitário, editorial ou da grande mídia. A fim de realizar um apanhado instantâneo dessa conjuntura, traremos à baila exemplos que vão de querelas que recentemente envolveram autores e professores universitários no Facebook – como a acalorada repercussão de uma matéria publicada no jornal O Globo e intitulada “Livros com protagonistas gays apontam para naturalização do tema” – a blogs e revistas eletrônicas, como Escamandro, Modo de Usar. A intenção é demonstrar os usos heterogêneos que artistas e estudiosos têm feito desses espaços virtuais, que oscilam entre o antagonismo e complementaridade tanto com os meios impressos quanto com a universidade. A partir daí, discutiremos os motivos que fazem com que as “margens” da web – que têm abrigado discussões em estágio embrionário, fundamentais para qualquer contribuição mais pungente no debate literário - permaneçam escondidas em pontos cegos para o academicismo. Serão problematizados também os anacronismos decorrentes da aplicação do conceito de esfera pública à internet, bem como a necessidade de pensarmos em alianças estratégicas entre esses novos espaços críticos e aqueles tradicionais, onde o pensamento sobre literatura já está aferrado.

Palavras-chave: crítica contemporânea, esfera pública, crítica literária na internet, meios eletrônicos

A entrevista como um entre-lugar da crítica literária contemporânea

LÚCIA MELO DE SOUSA (UFF)

Resumo: O trabalho se propõe a pensar o espaço e a função do gênero discursivo entrevista tanto nos tradicionais e canônicos meios

de comunicação, ou seja, jornal, revista, televisão, rádio, quanto nos novos meios que emergiram a partir do aperfeiçoamento e expansão tecnológicos que possibilitaram -e possibilitam- o acesso mais democrático, para uma boa parte da população, a novos suportes de produção, divulgação e consumo de múltiplas experiências literárias, bem como de variadas formas de textualidades: falo da internet e de seu espaçamento mediante o surgimento dos telefones celulares dos tipos I-Phones e Smartphones, por exemplo. Para a discussão proposta, solicito o pensamento e os textos, entre estes, a entrevista, isto é, a voz e a letra e a imagem-- vejamos estas como metonímias do corpo-do “antenado” professor e ensaísta e crítico e ficcionista e poeta Silviano Santiago. Santiago foi um dos primeiros, senão o primeiro, crítico literário e ensaísta a solicitar e lançar mão da entrevista--no momento histórico dos anos 70 reservada aos Suplementos Literários dos principais do país, bem como às revistas como Veja, com as suas tradicionais Páginas Amarelas, e as de determinado segmento cultural, como a Rolling Stones-- como uma outra e diferente forma de ação e atuação e atualização do artista e do objeto artístico na cena cultural brasileira no fim dos anos 70. Refiro-me, em especial, ao ensaio dedicado a Caetano Veloso que saiu publicado em sua primeira coletânea de ensaios intitulada Uma Literatura nos Trópicos, no ano de 1978. Aliás, coletânea incontornável, uma vez que nela aparece o ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano” em que Silviano vai trazer o conceito de “entrelugar”, conformado assim, e a partir de então, o seu lugar de criador e crítico nas experiências literárias e textualidades brasileiras contemporâneas. Na minha interpretação, e, claro, a partir da pesquisa e leitura e escuta de entrevistas de Silviano Santiago, a entrevista, tanto como componente de seu gesto crítico no contexto histórico de fim de ditadura e abertura política, em que o artista precisava se pensar e atuar na cena pública mediante sua opinião política e atitude comportamental, quanto como componente, hoje, de um espaço “em aberto” de experimentação crítica, configurar-

se-ia numa entre-lugar, onde a personalidade pública, intelectual ou não, pudesse veicular e divulgar o conhecimento adquirido ao longo de sua formação e, mais e sobretudo, de dentro e de fora de uma especialidade. No seu caso, um professor de literatura, que se formou a partir de experiências literárias múltiplas e diversificadas e multidisciplinares: desde do menino de Formiga que transformou os gibis em seu Robinson Crusoe, passando pelo jovem enformado pelo cinema na Belo Horizonte dos anos 50, pelos museus da Paris dos anos 60, pelas bibliotecas norte-americanas dos anos 70, ou seja, do cidadão e intelectual e crítico e criador que fez do deslocamento do corpo e do pensamento um entre-lugar para habitar: precário e provisório e perigoso.

Palavras-chave: Silviano Santiago, entrevista, entre-lugar

Literatura marginal: a memória do lançamento de “literatura marginal – a cultura da periferia ato I, ato II e ato III”

ANA PAULA FRANCO NOBILE BRANDILEONE (UENP)

Resumo: Atuar como crítico literário estando dentro dos limites espaciotemporais da produção literária que é alvo de investigação, apresenta-se como uma empreitada complexa que exige critérios para demarcar o reconhecimento e o destrinchamento de variantes. Não por acaso, parte dos críticos se mostram reticentes, evitando lançar prognósticos sobre a qualidade das obras, sobre autores que figurarão ou não no cânone e sobre a possível representatividade literária deles no circuito da crítica e historiografia literária brasileiras, dada a multiplicidade de formas e temas das produções narrativas contemporâneas. Alguns críticos, entretanto, arriscam-se em tecer análises sobre estas produções e autores, na tentativa de definir, ainda que provisoriamente, traços e marcas desta época. Investir nessa reflexão quando se está dentro desses limites, entretanto, faz-se necessário, vez que o papel do crítico inscreve-se no exercício da avaliação e do julgamento. Assim, se há o risco do agir, porque é

grande a tentação de não apenas categorizar a narrativa brasileira dos tempos atuais, mas também buscar nomes representativos de projetos estéticos e/ou práticas textuais, o que pode levar a conclusões precipitadas, já que qualquer posicionamento implica em escolha e em exclusão, a recusa em elaborar qualquer tipo de síntese também incorre em risco. Isso porque a isenção não é o melhor caminho para minimizar as incoerências que surgirão ao longo do percurso crítico. Ser interrogado nas escolhas que se faz é sinal de que o debate está aberto e que o objeto interrogado sempre inaugura novas leituras e que, fundamentalmente, todo ponto de vista, todo critério, toda categorização é relativa, pois não imune ao tempo. Diante desse contexto de multiplicidade da produção ficcional brasileira um dos temas que tem se destacado é o da representação da realidade marginal e periférica. Trazendo para o centro da discussão os excluídos sociais, a literatura marginal encerra no ponto de vista interno e na própria origem social dos autores o seu fator de reconhecimento, criando, não raro, uma escritura de testemunho, bem como um espaço de valorização da cultura da periferia. Considerando a importância da publicação dos volumes especiais da Caros Amigos, “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia Ato I, Ato II e Ato III”, produzidos entre 2001 e 2004, para a promoção, união, bem como apropriação e legitimação desta expressão que denomina o movimento (NASCIMENTO, 2009; PATROCÍNIO, 2013; HOLLANDA, 2014), esta comunicação tem por objetivo recuperar a memória do lançamento dos volumes organizados por Ferréz, a fim de discutir a recepção crítica do “calor da hora”, tendo em vista os artigos publicados em periódicos, especialmente o jornal.

Palavras-chave: Recepção Crítica, Memória do lançamento, Literatura marginal, “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia Ato

A influência de *booktubers* em novos autores nacionais

ANA CLAUDIA JACINTO DE MAURO(U.P. MACKENZIE), HELENA BONITO PEREIRA
(U.P. MACKENZIE)

Resumo: Com a popularização dos meios de comunicação digitais e da internet, muitas pessoas passaram a produzir conteúdo de forma amadora e ganhando seguidores (às vezes muito fiéis). As críticas e as resenhas literárias, por exemplo, eram feitas por críticos especialistas, como exemplo o trabalho de críticos que era publicado em jornais de grande circulação. Esse tipo de trabalho é agora realizado por amadores, geralmente de forma gratuita, mas ocasionalmente contratados por editoras para a divulgação entre os seus inúmeros seguidores. Uma nova modalidade de vídeo que está se popularizando entre os leitores é a divulgação de obras literárias de novos autores por meio dessas resenhas realizadas pelos *booktubers*. Eles discorrem sobre obras de novos autores desconhecidos ao público e discutem sobre o que mais chamou a atenção para a obra. É uma espécie de marketing boca a boca, uma vez que o *booktuber* se apresenta como amigo do público leitor. Este artigo busca compreender a relação que existe entre o *booktuber* (pessoa que faz resenhas literárias por meio de vídeos publicados em redes sociais) e autores nacionais contemporâneos, verificando o tipo de influência que esses *booktubers* possam ter sobre os autores – caso os autores assistam aos vídeos dessas pessoas, eles levam em consideração as críticas e aplicam em seu trabalho ou continuam desenvolvendo livros sem considerar o que os resenhistas, e consequentemente muitos fãs, julgam ser importante?. A verificação dessa hipótese foi feita com base em uma pesquisa qualitativa realizada entre alguns autores nacionais de ficção selecionados, visualização de resenhas feitas por *booktubers* de relevância na internet (aqueles que têm ao menos mil visualizações por vídeo) e pela leitura de obras de referência. A partir dessas informações foi possível verificar até que ponto realmente os meios de comunicação digitais transformaram as relações humanas atualmente, chegando ao ponto de trazer a crítica literária para o mundo do leitor e fazendo com

que ele seja realmente “ouvido”. O referencial teórico foi desenvolvido a partir de diversas notícias sobre o surgimento de *booktubers* e a força que eles têm ganhado no meio editorial, com diversos artigos selecionados a partir do Publish News, site de extrema relevância para o meio editorial atual.

Palavras-chave: Crítica literária, redes sociais, autores nacionais, *booktuber*

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Aquarius, Kleber Mendonça, e a morte da crítica

THIAGO BLUMENTHAL (U. P. MACKENZIE)

Resumo: O longa-metragem *Aquarius*, realizado pelo diretor Kleber Mendonça Filho, lançado em território nacional em setembro de 2016, suscitou mesmo antes de sua estreia inúmeras questões, por conta de sua relação com o período político pelo qual o Brasil está passando, entre a crise econômica, os supostos escândalos de pedaladas fiscais do poder executivo e o decorrente processo de impeachment que deflagrou a então presidenta Dilma Rousseff. Em meio a tudo isso, o filme foi lançado e imediatamente uma leitura política passou a ser vinculada por parte da crítica e do público, inclusive por parte do próprio diretor da fita, que publicamente associa a história de Clara, a protagonista vivida pela atriz Sônia Braga, ao movimento de resistência política que estamos todos fazendo parte. Busca-se, então, neste trabalho, analisar *Aquarius* dentro desse contexto em relação à sua crítica, a do calor da hora, e aos seus mecanismos de divulgação dentro do mercado cinematográfico brasileiro, de recepção problemática e de curto tiro e curto impacto. Mais do que isso, e principalmente, a observação da arquitetura da obra, na construção de suas três partes, focadas na personagem de Clara, e em relação com o seu meio, ajudará

a empreender uma discussão melhor formulada se o longa-metragem é de fato um filme político ou trata, em suas margens sutis, ainda que perigosas, como as ondas de Boa Viagem, de política. Em uma perspectiva histórica de crítica, faremos um levantamento de outros artistas ao longo da história que também assumiram o front de debater as ideias, a interpretação e mesmo a qualidade de suas próprias obras, como um elemento interno-externo (an importer-exporter, na visão cômica de um George Costanza). Parece-nos importante esse tipo de análise hoje pois é não mais incomum o artista – seja ele na forma de um escritor, plástico, cineasta, música ou áreas afins – que também exerce de algum modo oficial ou extraoficialmente um papel crítico, como resenhista de jornal, como acadêmico, como pesquisador, como professor universitário, como editor que precisa lidar com a apreciação e posterior edição do produto da arte. Tal é o caso de Mendonça Filho, que no momento da inscrição deste trabalho mantém um cargo de curadoria junto ao Instituto Moreira Salles. Em termos de visada teórica, buscaremos nos ancorar em uma perspectiva um tanto quanto distópica e “intempestiva” do fazer crítico, guiando-nos em especial pelas reflexões mais recentes de Leyla Perrone-Moisés e do francês Antoine Compagnon, além, é claro, como espirra no lastro da análise aqui proposta, de toda a crítica ao mesmo tempo diluída, fragmentada (mas concretizada) dos jornais e das redes sociais – nesse último caso, o recente livro *The Death of Expertise*, de Tom Nichols.

Palavras-chave: aquarius, kleber mendonça filha, crítica, cinema

O abandono de si: razões para uma distinção entre crítica e militância

EDUARDO CESAR MAIA FERREIRA FILHO (UFPE)

Resumo: A ideia central da comunicação é defender a concepção de que a excessiva politização dos estudos literários, algumas vezes motivada por considerações completamente alheias ao entendimento da literatura enquanto fenômeno artístico complexo – seja no âmbito da teoria literária produzida dentro da academia, seja na crítica literária praticada

em jornais e revistas –, pode levar a excessos e, principalmente, ao empobrecimento crítico. Parto da observação pessoal – trata-se, portanto, de uma hipótese a ser discutida no simpósio – de que uma parte considerável da crítica literária contemporânea adota determinados preceitos ideológicos como valores apriorísticos e como razão basilar de sua atividade. É curioso observar, por exemplo, a quantidade de trabalhos críticos (acadêmicos e jornalísticos) que nem ao menos estabelecem qualquer relação com obras literárias concretas, pois se apoiam em critérios exclusivamente políticos para a escolha de seus temas – de preferência a defesa de causas politicamente corretas, progressistas e emancipacionistas. Em contraposição a tal tendência, endosso a perspectiva de que, em se tratando de arte – especialmente no que diz respeito à arte literária –, a ideologia não pode servir como explicação total ou motivação última, mesmo que seja parte importante da concepção do artista e do crítico. A densidade e complexidade de um bom romance, por exemplo, transcende a mera tentativa exclusivamente persuasiva de qualquer discurso ideológico que, por vocação e natureza, presume-se portador de “verdades universais”. O militante político-ideológico, por supostamente conhecer de antemão o que é o melhor para o conjunto social, já tem objetivos pré-definidos e acaba recaindo numa forma de pecado intelectual bastante frequente: a submissão da consciência crítica ao que Miguel de Unamuno chamou de “ideocracia” – o abandono de si em troca da segurança e do conforto de uma visão esquemática da realidade.

Palavras-chave: Crítica Literária, Teoria da Literatura, Ideologia, Política

“Vai, Charles! Ser ‘gauche’ na vida”

PERON PEREIRA SANTOS MACHADO RIOS (UFPE)

Resumo: Em sua vertente corriqueira e sistemática, a crítica literária é um exercício que nasce com a ideia de clássico. Durante a Idade da Retórica, no arco temporal extenso que vai da Antiguidade ao século XVIII, o ato crítico não se pautava sobre o livre-arbítrio, de que a

modernidade seria ciosa. Do ponto de vista estético, a legitimidade dos textos se verificava mais na confirmação dos clássicos do que no tonus individual que veiculasse um acréscimo à tradição, caracterizando o que a lógica chamaria de *petitio principii* ou tautologia (cf. SOUZA, Roberto Acízelo de. *Crítica literária: seu percurso e seu papel na atualidade*). A avaliação literária como a conhecemos – dirigida pela autonomia e sensível ao caráter proteiforme dos modelos – aparece em estado larval com o turning point de Lutero, no período quinhentista. Na ambiência do espírito romântico e sob o influxo da ideia de gênio criador, ao mesmo tempo que se desregulam as poéticas, neutraliza-se a máxima medieval “De gustibus non est disputandum”. Mas não sem que, antes, duras afrontas viessem compor uma longa polêmica (1687-1715), mais conhecida como a Querelle des Anciens et des Modernes, na qual progressistas e conservadores trocavam argumentações e vitupérios. A partir de então, a crítica de literatura preserva em seu rol uma série de autores para quem a análise de textos não tinha outra função além da aferição axiológica em última instância. No início do século XX, como resposta às elucubrações de ordem contextual e biográfica, realizadas pelos críticos do período anterior, despontam abordagens teóricas de reaproximação com o literário, de maior atenção à linguagem, ao texto e sua materialidade. Era a semente do formalismo, do estruturalismo e da nova crítica – apoiados sempre nesse close reading –, que tiveram seu auge, entre nós, nos anos 60 e 70 (quando a virada culturalista já ganhava força nos círculos europeus). O resultado foi, sequencialmente, uma hipostasia do texto literário – que se via destacado das raízes sócio-históricas que lhes davam vida e viço – e da própria atividade analítica. Por sua vez, os estudos culturais trouxeram, na sequência, o aporte necessário para relativizar semelhantes excessos, apresentando com vigor, para a reflexão sobre o literário, elementos referentes ao contexto amplo em que toda produção se desenvolve e respira (e num nível diverso do que ocorria no século XIX). Como podemos observar, a flutuação do

valor na história da crítica literária aparenta ser a sua única constante, e a controversa pós-modernidade põe a questão num locus reflexivo ainda mais espartilhado: a própria noção de hierarquia não faria sentido na abordagem dos textos literários, veiculadores de culturas resistentes a uma régua comparativa – necessária para o expediente axiológico. O propósito de nossa exposição, portanto, é realizar uma radiografia dos valores que circulam na escrita brasileira contemporânea, pondo-os em confronto com o que essa longa história já nos legou, de modo a identificarmos quais as tradições que esses textos atuais recuperam e que caminhos pouco explorados ainda são possibilidade.

Palavras-chave: História, Crítica, Axiologia, Contemporaneidade

Luiz Costa Lima e a Teoria da Literatura

HELENICE MARIA REIS ROCHA (UFMG)

Resumo: Luis Costa Lima e a Teoria da Literatura Helenice Maria Reis Rocha - Mestre em Letras UFMG Pretendo neste estudo verificar o conceito de verossimilhança em Luis Costa Lima e o autor implícito neste conceito, tal como Jauss define o termo autor implícito, para verificar como Costa Lima se situa nas hierarquias da realidade como sujeito de uma enunciação. Trata-se de ver o que ele considera ficção e o que ele considera realidade e, ideologicamente, como pode ser lido no não dito do seu conceito. Trata-se de uma crítica da crítica uma vez que vou buscar o implícito ao discurso de um teórico canônico na Teoria da Literatura. Gostaria de proceder à leitura do que Costa Lima chama de realidade ou ficção no bojo do romance e como situa o narrador no sutil exercício da verossimilhança como conceito. Gostaria de analisar também os conceitos de espaço e tempo no bojo do romance e também o discurso imanente a estas conceituações. Trata-se de um trabalho que mescla teorias uma vez que para chegar a um implícito terei que usar também a Análise do Discurso.

Palavras-chave: Realidade, Ficção, verossimilhança, romance

O Projeto “Leia Mulheres” como espaço de fortalecimento da leitura literária

TAIGA BERTOLANI SCARAMUSSA (UFES), MARIA AMÉLIA DALVI (UFES)

Resumo: Este trabalho visa relatar a experiência de constituição e mediação do Clube de Leitura “Leia Mulheres”, que possui amplitude nacional desde 2015, primeiramente na cidade de São Paulo (SP), mas que somente formou-se na cidade de Vitória (ES) a partir de agosto de 2016. Objetivamos mostrar a potencialidade do espaço do clube de leitura para fortalecimento da leitura literária, principalmente e especificamente, a literatura escrita por mulheres. Para tanto, utilizaremos como principais referenciais teóricos Cosson (2014); Azevedo e Martins (2011); Eiterer e Abreu (2009); Gamelas et al. (2003). O formato do clube de leitura nos parece necessário para que antigas práticas tradicionais sejam rompidas e substituídas, haja vista que a experiência de participação em um clube de leitura, especificamente, um clube de leitura que se propõe a ler obras literárias escritas por mulheres, é bem diferente das vivências tidas durante o período da escolarização formal, no qual quase não é possível ler uma obra literária na íntegra no espaço da sala de aula, ou mesmo abordar livros que não estão na listagem do cânone literário – onde sua maioria ainda são homens, brancos, classe média – e nos livros didáticos. Faremos uma apresentação geral do Projeto Leia Mulheres no Brasil, ou seja, um mapeamento de todos os clubes de leitura do Projeto Leia Mulheres no Brasil mostrando as principais características e diferenças. Também apresentaremos os dados coletados através de consulta online sobre as/os participantes do clube de leitura em Vitória (ES) e demais mediadoras acerca do projeto. Relataremos a participação no encontro de dois anos do Leia Mulheres - ocorrido em São Paulo, em março de 2017 e que teve a presença da escritora, Giovana Madalosso, tendo como discussão seu primeiro livro, “A teta racional”, que traz ao leitor 10 contos - e, a experiência de apresentação do Projeto Leia Mulheres na escola Centro Estadual de Educação Integral São Pedro (Ceemti) - Escola

Viva, localizada no Centro da cidade de Vitória e também realizada no mês de março de 2017. Por fim, realizaremos um breve panorama a respeito do Projeto Leia Mulheres em Vitória (ES), no sentido de apontar os principais desafios, dificuldades e impressões encontradas até o momento. Apresentaremos a listagem completa dos livros já lidos e discutidos em 2016/2 e a previsão para o ano de 2017, pontuando as ideias já sugeridas para que o projeto se expanda e também atinja outros públicos, como os do Ensino Médio e Fundamental, por exemplo.

Palavras-chave: Leia Mulheres, Leitura Literária, Clube de leitura

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Os discípulos insubmissos: Álvaro Lins e a crítica de rodapé no Recife

FÁBIO CAVALCANTE DE ANDRADE (UFPE)

Resumo: Um dos traços mais interessantes da crítica contemporânea é a possibilidade de enfrentar seus limites metodológicos e conceituais, tensionada hoje pela crise do próprio conceito de literatura. Nessa postura de refletir sobre os seus fundamentos percebe-se o esforço de compreender as várias formas de crítica praticadas no Brasil, mesmo aquelas que de algum modo, ao longo da história, ficaram à margem do processo que culminou com a hegemonia da crítica universitária. Uma dessas práticas foi a crítica de rodapé, rotulada de impressionista e sobre a qual se quis imprimir a aura de puro amadorismo e raso diletantismo. Representada por Álvaro Lins, figura notável no âmbito da crítica dos jornais entre os anos 30 e 60; o rodapé sofreu os ataques de Afrânio Coutinho que, influenciado pelo New criticism, iniciou uma campanha de defesa de uma crítica profissional e de metodologia rigorosa. O embate ficou conhecido como a “polêmica da cátedra e do rodapé”, tendo Álvaro Lins e Afrânio Coutinho como seus principais pelegadores. Meu objetivo é apresentar a maneira como a crítica de

rodapé então praticada nos jornais do Recife se posicionou diante da luta entre a cátedra e o rodapé. Os responsáveis pelos rodapés nos jornais recifenses tinham em Álvaro Lins uma referência familiar e formadora, desenvolvendo uma postura sugerida pela própria argúcia de Lins: questionar o mestre e ter autonomia para se posicionar de acordo com as próprias convicções. Essa liberdade intelectual parece ter sido reforçada pela distância em relação ao centro da vida cultural do país da época e, principalmente, pela distância em relação ao Rio de Janeiro, onde Lins e Coutinho firmavam suas verves. Os críticos de rodapé do Recife se posicionaram de maneira muito independente, elaborando sínteses de questões inflamadas pela polêmica que se dava no Rio, num movimento dialético de grande riqueza intelectual. É com esse espírito de inquietação e pesquisa que Joel Pontes, Moacir de Albuquerque e Aderbal Jurema puderam apresentar um olhar capaz de ultrapassar a dicotomia entre a cátedra e o rodapé, insistindo nos matizes e na complexidade do debate. Dessa forma prolongaram o principal legado daquela geração de críticos que pode se tornar uma importante lição para a crítica contemporânea: o livre exercício da crítica deve implicar no livre julgamento e interpretação de uma obra ou de uma ideia, de modo a preservar um pluralismo embasado, diverso, porém atento à necessidade de espessura e de poder de sedução do discurso crítico.

Palavras-chave: Álvaro Lins, Polêmica, Crítica de rodapé, Recife

Mário de Andrade: Crítico de si mesmo

MERENICE MERHEJ (USP)

Resumo: Dentre as muitas contribuições de Mário Andrade para a arte, cultura e pesquisa do Brasil, está também seu trabalho de crítico. Embora seus ensaios mais conhecidos tenham sido feitos nas décadas de 1930 e 1940, desde o início do Movimento Modernista, o autor de Macunaíma já atuava como crítico musical em jornais de São Paulo. Nas revistas modernistas, além de poemas, crônicas, contos e capítulos

de seus romances, escreveu crítica das diferentes linguagens artísticas, literatura, cinema, teatro, circo e teve importante contribuição na disseminação das ideias modernistas, pois contribuiu para todas as revistas mais importantes da época, em pelo menos um número. As contribuições a serem analisadas, serão as das seções: livros e revistas, Revista Klaxon (Maio de 1922 a Janeiro de 1923) ; Literatura Brasileira/ Literatura Francesa, Estética (Setembro de 1924 a Junho de 1925) e; Livros e Ideias, da mineira A Revista (Julho de 1925 a Junho 1926). Embora haja a participação de Mário de Andrade em outras revistas importantes, como a Antropofagia, as seções escolhidas devem-se ao fato de se tratarem de textos exclusivamente sobre literatura, em que o escritor disserta, por meio de ensaios, sobre o modernismo brasileiro, sua relação com a produção internacional e a produção literária da época, em especial, de seus companheiros de movimento. Ensaaios esses que podem ser considerados embrionários para sua produção crítica posterior e, também, para sua concepção da Arte como ação e de seu papel como Artista que age pela Arte; que tem, na década de 1930, mais especificamente entre 1935 a 1938, a oportunidade de concretizar essa ação, ao assumir a direção do Departamento de Cultura de São Paulo, do qual, também, foi um dos fundadores e idealizadores. A experiência no departamento e sua saída traumática tornam-se fatores decisivos na transformação e amadurecimento de suas preocupações político as e estéticas sobre Arte, traduzidas em seu curso de Estética na Universidade do Distrito Federal, na época Rio de Janeiro, e no ensaio de 1942, em que analisa a si mesmo e seus contemporâneos, definindo o movimento como essencialmente aristocrático e preocupado com rupturas apenas formais na Arte, sem tratar das questões político-sociais . Contrapor a visão do artista nesses dois momentos é, também, um objetivo desse trabalho, em especial na comparação entre o crítico militante do movimento modernistas, entre 1922-1929, e o crítico do movimento e de si mesmo, ao fim da vida, na década de 1940. Ambos posicionamentos que podem contribuir para a reflexão do papel da

crítica literária tanto no século XX, quanto na contemporaneidade, em que o embate entre a forma e política ainda permanecem atuais. ANDRADE, M. O movimento modernista. In: Aspectos da Literatura Brasileira, 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 197, p. 253-258.

Palavras-chave: Mário de Andrade, Crítica, Literatura, Cultura

João Cabral de Melo Neto: dualidades de um poeta crítico

EDNEIA RODRIGUES RIBEIRO (UFMG-IFNMG)

Resumo: A partir da aproximação entre metalinguagem e versos de circunstâncias, características vistas como basilares de Museu de tudo (1975), este trabalho analisará como se constrói a imagem do crítico João Cabral de Melo Neto, tanto nos textos em prosa quanto naqueles em verso. Será feito um levantamento dos ensaios que constam na Obra Completa (1994) e na coletânea Prosa (1997), enfatizando a análise de “Da função moderna da poesia”, “Crítica literária” e “Poesia e composição”, além de alguns poemas de cunho metalinguístico que se encontram em Museu de tudo, livro do qual fora extraído o maior número de poemas para a antologia Poesia Crítica (1982). Buscar-se-á apontar como as ideias do João Cabral crítico são incorporadas a sua própria poética e de que maneira elas podem ter interferido em algumas das leituras feitas acerca da sua obra. Ao homenagear poetas, escultores, pintores, figuras convivais ou aquelas com os quais, apesar do distanciamento espaço-temporal, mantenha afinidades estéticas e/ou ideológicas, João Cabral estaria exercendo o almejado papel de crítico de arte, mais inclinado para a função metalinguística, à medida que relaciona a sua poesia também aos versos de circunstância. Conceito que ele associa à maneira como o poeta moderno ocupa-se com seus próprios pares, discorrendo sobre outros escritores ao passo que se distancia da realidade que circunda um leitor cada vez mais distante da poesia moderna. Embora, enquanto poeta, ele dedique muitos dos seus versos a esse fim, a prática poética voltada para escritores do seu círculo de convivência é combatida de modo

veemente pelo ensaísta João Cabral, como se verifica em “Da função moderna da poesia”, e por estudiosos como Antonio Candido que, em Formação da Literatura Brasileira, alude aos poemas de endereçamento do período setecentista. A partir desses aspectos, buscar-se-á fazer uma comparação entre a crítica que se esboça em versos e aquela que é feita em prosa, a fim de demonstrar similaridades e divergências no exercício crítico realizado por meio desses dois gêneros textuais, além de indicar em que medida esses preceitos propagados pelo João Cabral crítico se revelam nos versos do João Cabral poeta. Pretende-se, ainda, demonstrar que, ao imbricar a metalinguagem e os versos de circunstância a reflexões sobre o fazer literário, principalmente nos poemas dedicados a outros escritores ou que a eles façam referências, João Cabral também se lança à ambiguidade que perpassa o seu Museu de tudo, livro no qual ele experimenta a dupla função de ser poeta e crítico ao mesmo tempo.

Palavras-chave: João Cabral, poesia crítica, versos de circunstância, metalinguagem

Lima Barreto: crítica literária e marginalidade social

JOSIAS VICENTE DE PAULA JÚNIOR (UFRPE)

Resumo: Um pensar acerca da natureza da literatura, evidentemente, compõe um traço constante na biografia de Lima Barreto. Encontramos as provas desde anotações avulsas em seu Diário Íntimo, passando pela fundação da revista Floreal, suas Impressões de leitura, até a explicitação mais articulada de seu pensamento sobre o tema, no tardio texto O destino da literatura. O autor põe sobre a literatura a responsabilidade de encarnar a “consciência mais profunda do existir” (Riedel). Dizendo-se respaldar nos escritos estético-anárquicos de Jean-Marie Guyau, cria que a missão do escritor literário seria a de fomentar e de aprofundar a solidariedade humana. A arte, a literatura possuía um telos, uma função, um dever; e uma finalidade da mais alta importância existencial. Daí que para Lima Barreto a literatura

deveria ser necessariamente militante, termo por ele preferido. Tal finalidade levou, por coerência, a uma escolha estética fundamental: a escrita clara, despojada, simples, cujo objetivo seria o maior grau de comunicabilidade possível. Não lhe interessava o tom rebarbativo, a sintaxe arrevesada, o estilo cifrado ou empolado. Isso serviu não apenas como norte para o seu processo criativo, como ainda para seu metro como crítico. Condensando o argumento, pode-se afirmar sem equívocos que os dois pilares do balizamento literário por parte de Lima Barreto são: 1. uma visão comprometida com a realidade, com o contemporâneo, com a experiência humana em seu mistério e sua solidão. É a partir deste comprometimento que se funda a “substância da obra”; a qual intenta, como afirmara Tolstoi em *O que é a arte?*, o “desenvolvimento da fraternidade entre os homens”, texto tolstoiano que nosso autor leu e muito admirou. 2. a clareza e simplicidade na escritura, a capacidade de comunicação ampla, geral. Certamente por se saber periférico dentro do campo literário, pelas mais diversas razões – origem social, ausência de um padrinho, cor da pele, etc. – Lima Barreto preconizava que a crítica se ativesse a uma leitura centrada unicamente na obra, cuja atenção não recaísse nas marcas exteriores, extra-literárias, da pessoa do autor. Numa época de crítica impressionista, na qual as relações possuíam um peso decisivo para a consagração ou danação de um autor, sua marginalidade social lhe retirava as chances de acionar a “cordialidade” nacional. Muito se tem repetido que Lima Barreto teria sofrido uma “conspiração do silêncio” (Martha), isto é, teria sido obstinada e conscientemente excluído dos meios eficazes de divulgação de sua obra – a crítica exercida na grande imprensa – justamente em decorrência de sua condição social de pobre e mulato. Seriam, portanto, suas marcas extra-textuais (classe, etnia) os principais empecilhos para sua aceitação plena no panteão dos louvados. Curiosamente, parece-nos, que a forte retomada de sua obra nas últimas décadas estaria operando uma irônica inversão: seu resgate apresenta-se quase sempre como uma leitura redentora de sua

condição social. Exalta-se seu caráter marginal ao passo que se denuncia com veemência os preconceitos da época que lhe teriam impedido a justa fama. Não estaríamos, assim agindo, negando novamente a Lima Barreto uma justa análise estética de seus livros?

Palavras-chave: Lima Barreto, Crítica literária, Estudos Culturais, Estética

José Guilherme e a historiografia literária no Brasil

THAÍS AMÉLIA ARAÚJO RODRIGUES (UESPI)

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar as contribuições de José Guilherme Merquior (1941-1991) para a historiografia literária no Brasil, especialmente com seu livro *De Anchieta a Euclides: Breve história da literatura brasileira* (1974). Situando -se como um dos maiores intelectuais brasileiros da segunda metade do século passado, durante três décadas (1960, 70 e 80) de sua produtividade, o crítico investiu em obras que mencionavam a importância da literatura. Sendo assim, é necessário destacar o papel dos críticos literários, para o estudo da historiografia literária nacional. Alguns desses críticos trazem valorosas contribuições para a história da literatura em nosso país. Antonio Candido faz isso com maestria em um de seus livros mais famosos: *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*, publicado em (1959). Merquior também contribuiu para a historiografia nacional, com o livro citado anteriormente, que é o nosso objeto de estudo. Segundo Merquior, no início do referido livro “A evolução das formas literárias não é um processo autossuficiente, autárquico, mas um processo autônomo”. É justamente isso que o crítico se propõe a fazer, analisar a evolução da história da literatura desde Anchieta a Euclides da Cunha, a divisão dos capítulos já elucida tal ideia. O livro é dividido em quatro capítulos, são eles: I: A literatura da era barroca no Brasil (até 1770); II: O Neoclassicismo (1760-1836), III: O Romantismo (1836-1875) e finalmente IV: O segundo Oitocentismo (1877-1902), vale ressaltar que este capítulo é encerrado com o seguinte tópico: Machado de Assis e a prosa impressionista. Pelo título dos capítulos, percebe-se a abrangência

e significância desta obra. O que fortalece a ideia de como é importante trazer Merquior para o debate de ideias sobre o sistema literário brasileiro. Desde 2012, a discussão sobre o crítico é mais frequente, pois os livros de José Guilherme Merquior estão sendo reeditados pela É Realizações, as reedições são comentadas, facilitando ainda mais a inserção das ideias merquiorinas na crítica literária contemporânea. A reedição do livro *De Anchieta a Euclides* foi lançada em 2014, esta versão conta com a apresentação do professor Fábio Andrade em: *A Visão Integradora de José Guilherme Merquior: Por uma História Crítica da Literatura Brasileira*. Destacando como este livro traça um panorama historiográfico da literatura brasileira. Como suporte teórico para embasar a discussão sobre historiografia literária, além do próprio Merquior (1974), utilizamos; Coutinho (1995); Bosi (2006) e Candido (1959) entre outros.

Palavras-chave: Historiografia literária brasileira, José Guilherme Merquior, Literatura brasileira

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Questões de crítica e recepção em Kazuo Ishiguro

JULIANA SILVA CUNHA DE MENDONÇA (USP)

Resumo: Kazuo Ishiguro (1954) é um dos autores contemporâneos mais prestigiados do Reino Unido, tendo obtido reconhecimento tão logo iniciou sua carreira literária. Seu terceiro romance, *The Remains of the Day* (1989), estabeleceu a posição que ele ocupa desde os 34 anos de idade e até hoje como um dos escritores de maior sucesso tanto comercial quanto de crítica em seu país. Vencedor do Man Booker Prize for Fiction, esse romance histórico sobre o entreguerras conseguiu se estabelecer rapidamente como um dos mais aclamados das últimas décadas. Nascido em Nagasaki nove anos após a queda da bomba,

Ishiguro se muda para a Inglaterra em 1960 e nunca retorna ao Japão, nem mesmo em viagens. A questão da sua nacionalidade, no entanto, permeia boa parte da recepção inicial de sua obra. A informação de que ele nasceu no Japão figura no primeiro parágrafo de quase todas as resenhas de estreia, uma insistência parcialmente justificada pelo fato de seus dois primeiros livros terem narradores japoneses e serem largamente ambientados naquele país. O próprio autor atribui parte de sua repercussão inicial justamente ao fato de ele ter “uma cara japonesa e um nome japonês” em um momento em que havia interesse por uma literatura que permitisse leituras de cunho multicultural e pós-colonialista. Com efeito, boa parte daquilo que pode ser lido como um ethos japonês nos narradores de Ishiguro também pode ser lido como algo essencialmente britânico: o comedimento, a descrição, a noção de dignidade como contrição dos próprios sentimentos e intenções. A partir de seu terceiro trabalho, Ishiguro abandona as locações japonesas e finca seus personagens em solo britânico. A essa altura, ele já tinha sido convertido em uma espécie de comentarista oficial de assuntos japoneses na mídia britânica e a crítica se dedicava a encontrar ecos da literatura e da cultura nipônica em seus livros. Com o aumento de sua influência literária e munido de um dos personagens mais ingleses da literatura, o mordomo Stevens de *The Remains of the Day*, Ishiguro passa a contestar duramente leituras orientalistas de seus romances e, de modo bastante hábil, consegue pautar largamente os estudos e críticas de sua própria obra. Ele diz que suas poucas influências japonesas vêm dos filmes e não dos livros e logo surgem estudos comparando suas técnicas descritivas àquelas usadas pelo cinema nipônico. Diz que não se interessa por contextos históricos específicos e sim por sentimentos universais e — a despeito de seus romances usarem momentos e dados históricos precisos — a crítica logo adere a essa visão. É trívia em estudos literários que a obra de arte é autônoma e que o autor não é autoridade sobre ela, tendo seus interesses e visões pessoais a respeito de seu próprio trabalho. Casos como o de

Ishiguro, no entanto, mostram como a relação entre imprensa, crítica e autor é complexa e mutuamente determinante. Nossa proposta de comunicação pretende analisar questões de crítica e recepção da obra de Kazuo Ishiguro, apontando como entrevistas e declarações do autor influenciaram leituras de seus romances e problematizando o peso excessivo que o aval do escritor recebe em um contexto em que a autoridade do crítico parece enfraquecida.

Palavras-chave: Kazuo Ishiguro, literatura inglesa, crítica literária, literatura contemporânea

A estética literária enquanto formação cartográfica em Passaporte de Fernando Bonassi

DULCE MÍRIAN VELOSO(UNIMONTES), RITA DE CÁSSIA SILVA DIONÍSIO SANTOS (UNIMONTES)

Resumo: O desenvolvimento da estética urbana e a apreensão do espaço citadino têm ligações diretas com a perspectiva espaço-temporal – especialmente quando se trata de obra literária. Nesse sentido, os textos literários, no decorrer dos séculos, têm apresentado questões relativas ao seu contexto de produção e quase sempre figuram aspectos que merecem ser estudados e renovados. É lícito observar que desde o século XIX, a literatura urbana e as transformações sociais no contexto citadino andam lado a lado, à medida que a industrialização avançava e expandia por diversos lugares do globo, a arte, também, mostrava esse processo nos seus interstícios. Diante disso, percebe-se que a arte participa e contextualiza ativamente das revoluções e das mudanças ocorridas na sociedade, e na literatura contemporânea é possível encontrar nuances que mostram o atual desenho do mundo globalizado, como por exemplo, em Passaporte (2001) de Fernando Bonassi, uma obra literária contemporânea constituída por meio diversos registros fragmentários de cidades brasileiras e de grandes metrópoles mundiais, que ensaja bem o caos e a vida agitada da sociedade pós-moderna. Assim, o texto demonstra, de alguma forma, a geopolítica mundial inserida numa perspectiva caótica e desestruturada, apontando, por conseguinte,

para um mundo vazio, labiríntico e descentrado. Esse panorama mostra a multiplicidade cultural através da (des)integração e do desencanto global, uma vez que são mostradas barbaridades, violências, alienações, inversões de valores, insensibilidades em diversos locais do globo. Ao que parece, esses traços revelam o mal-estar generalizado, provocado, certamente, pelas formatações da sociedade capitalista pós-moderna, pois a sensação que se tem ao ler esses textos é a de que uma cidade é reflexo de muitas outras e essa composição se dá pela mera permutação de fatos e elementos, possibilitando o entendimento de que a globalização transformou a sociedade em uma grande metrópole des governada pelo sistema capitalista. Tal efeito se constrói pela estética da obra, pois o autor reutiliza o formato de um documento oficial, o passaporte, para conduzir e transportar os leitores a várias nacionalidades, por meio da ação da linguagem e dos artifícios literários, ao que parece, com o objetivo aparente de ultrapassar as fronteiras e integrar o leitor ao mundo globalizado por meio de impressões obtidas nas viagens pelo mundo a fora. Assim, esta comunicação visa discutir como a produção literária contemporânea tem se mostrado um desafio para historiografia brasileira, no que refere às diversas transformações notadas no âmbito estético, uma vez que as narrativas têm revelado distintas modificações que representam a atualidade, como é o caso da nova configuração estética urbana na obra supracitada, a qual suscita instigantes problemáticas para o horizonte tradicional da crítica literária, visto ser uma narrativa em que análise estética e estrutural da obra em prosa é primordial para compreensão do conteúdo crítico nela presente. Nesse viés, refletiremos sobre a cartografia literária em Passaporte numa perspectiva de relações entre a crítica e a pós-modernidade, embasando-nos em autores como Zygmunt Bauman (1998), Linda Hutcheon (1991), Giorgio Agamben (2009), André Bueno (2002), Renato Cordeiro Gomes (1994) e outros.

Palavras-chave: Passaporte, Fernando Bonassi, Crítica literária contemporânea, Cartografia urbana

A ficção biopolítica em Bernardo Carvalho

LARISSA MOREIRA FIDALGO (UFF)

Resumo: Este trabalho tem como tema principal a análise crítico-comparativa dos romances *O filho da mãe* (2009) e *Simpatia pelo demônio* (2016), do brasileiro Bernardo Carvalho, à luz do conceito de biopolítica estabelecido, principalmente, nas reflexões de Giorgio Agamben e Michel Foucault. A escolha de *O filho da mãe* e *Simpatia pelo demônio* se deve ao fato de que ambas as obras estabelecem entre si um diálogo bastante produtivo ao projeto de tese que desenvolvemos na Universidade Federal Fluminense, especialmente no que diz respeito às relações entre ficção, história, política e o papel do intelectual na era do mercado, da globalização e das biopolíticas. A abordagem carvaliana nos revela um discurso que investiga não somente os fatos históricos, *tout court*, mas os modos pelos quais são reveladas relações de poder, ideológicas e identitárias na ficcionalização das guerras contemporâneas. – visando principalmente a distender as dicotomias entre pertencimento/ não pertencimento, concentrando-se com propriedade na relação tensa entre luta e submissão. Nesse sentido, o esforço de pensar nosso tempo e suas antinomias por meio dos romances de Bernardo Carvalho revela a literatura como um discurso de passagens pelas quais podemos percorrer os caminhos da crítica ao poder e às ideologias, refletindo, ao mesmo tempo, acerca da história e dos limites e alcances da ficção na criação de um imaginário poderoso, que permite ao crítico expandir seus horizontes teóricos, sempre ciente, entretanto, dos riscos a correr.

Palavras-chave: Bernardo Carvalho, Literatura Contemporânea, Ficção Biopolítica

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

Academia, traduções e imprensa: o cânone literário contemporâneo de autores brasileiros

YURI JIVAGO AMORIM CARIBE (UFPE), RITA DE CASSIA OLIVERIO COUTO (UNINOVE)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar reflexões advindas da experiência de um projeto acadêmico de formação de leitores de obras da literatura brasileira em um curso de graduação relacionado à área de estudos linguísticos e literários das línguas inglesa e portuguesa. Consideramos que esse projeto, juntamente com uma série de circunstâncias que exemplificaremos a seguir, favoreceu determinados autores brasileiros a integrar o chamado cânone da literatura brasileira contemporânea. O projeto apresentou romances de diversos autores brasileiros da atualidade (obras publicadas entre 1990 e 2017) a estudantes de graduação em Letras e Tradução de uma universidade privada, localizada na cidade de São Paulo, entre os anos 2010 e 2016. Semestralmente, professores e alunos dessa instituição discutiram romances premiados nacionalmente, como *Nove Noites* (2002), de Bernardo Carvalho, e *Eles eram muitos cavalos* (2001), de Luiz Ruffato. Trabalhar leitura literária em um ambiente como a academia tem suas peculiaridades, visto que geralmente esse processo leva o leitor a refletir de forma mais aprofundada sobre cada obra. Foi então que após leituras, debates, entrevistas, aulas expositivas, eventos com autores e tradutores dessas obras no exterior e depoimentos de críticos literários, os pesquisadores Silva & Couto reuniram um grupo de professores interessados em escrever sobre os romancistas brasileiros Marcelino Freire (1967-), Bernardo Carvalho (1960-), Fernando Bonassi (1962-) e Luiz Ruffato (1961-), e o resultado foi representativo. Nascia aí a literatura acadêmica que consolidaria esses escritores dentro do cânone da literatura brasileira contemporânea. Acreditamos que os

volumes organizados por Silva e Couto entre 2013 e 2016 têm um papel fundamental no reconhecimento acadêmico sobre o valor da obra desses romancistas no Brasil e até mesmo fora dele. O segundo volume (SILVA & COUTO, 2014), por exemplo, traz uma entrevista realizada pelo crítico literário Manuel da Costa Pinto com o escritor brasileiro Bernardo Carvalho, além de artigos acadêmicos relacionados aos romances e traduções desse escritor. O mais recente (SILVA & COUTO, 2016) traz ensaios e uma entrevista sobre a obra de Ruffato. Percebemos assim o grau de influência exercido pela crítica literária na formação do cânone contemporâneo. Ela influenciou os organizadores no processo de escolha desses romances para integrar o projeto acadêmico e os eventos em torno das obras. Porém, acreditamos que o lançamento de uma literatura científica sobre a obra desses escritores é fato que veio para reafirmar o papel da academia na crítica literária formadora dos cânones. Também ressaltamos a importância da recente iniciativa de uma empresa gigante do mercado editorial em patrocinar o lançamento de romances de dez escritores brasileiros traduzidos em língua inglesa para serem comercializados eletronicamente fora do Brasil através da internet, conforme matéria do jornalista Cassiano Elek Machado (2013). Em suma, o fato de Luiz Ruffato ter sido um dos contemplados dessa iniciativa editorial reitera nossa tese de que o trabalho da crítica literária formadora dos cânones da contemporaneidade no Brasil se baseia também na força das instituições acadêmicas, dos grupos editoriais organizados, das matérias jornalísticas e dos eventos literários, dialogando com a ideia de crítica política, de Eagleton (2003).

Palavras-chave: cânone literário, crítica literária, escritores brasileiros, contemporaneidade

A importância da Análise Crítica do Conto Goiano contemporâneo

WANICE GARCIA BARBOSA(PUC-GO), ROGÉRIO PEREIRA BORGES (PUC-GO)

Resumo: Vários escritos sobre a Literatura Goiana, foram declaradas de formas diversas, do estudo semelhante à antologia, história ao ensaio. Serão considerados na presente tese os contos Goianos, dando

ênfase a crítica literária historiográfica em que produziram títulos entre meados do XX ao pós-moderno (Hugo de carvalho Ramos, Bernado Élis, José J. Veiga, Maria Aparecida Rodrigues, Maria Teresinha Martins do Nascimento) e da Literatura Brasileira (João do Rio e outros). Pretende-se com o estudo, fazer uma constatação da importância da leitura dos contos, tendo em vista as dificuldades enfrentadas para tornar a Literatura Goiana prática, funcional e atrativa. As leituras são rápidas e diminui o interesse pelo universo dos leitores proficientes. É importante salientar que a pesquisa tem como objetivo despertar e produzir a análise crítica e percepção como um processo dialético, centrado na relação pensamento, linguagem e construção da realidade pós- moderna, significativa e funcional, capaz de promover o leitor à condição de sujeito ativo e importante, apto a criar por meio de novas leituras conscientes e responsáveis, valorizadores da cultura da terra, à história de sua gente. Dentre os objetivos específicos a serem avaliados, a reflexão sobre estudo de novas bibliografias LÉVI-STRAUSS, C. A estrutura e a forma – reflexões sobre uma obra de Vladimir Propp, JANOVITCH, C. S. Introdução. In: PROPP, V.I. Édipo à luz do folclore entre outras que servirão de suporte a futuras propostas metodológicas. Melhorar e propiciar um ambiente para a valorização do meio sociocultural dos leitores. Não dispensar a literatura universal e brasileira, contudo focar, valorizar a literatura regional. Aproximar os autores atuais e doutores em literatura regional de seus leitores, seduzindo-os para as coisas da terra. Utilizar músicas, teatros, jornais, atores e autores para melhorar o contexto. Visitar a Museus, Galerias de Artes, grandes bibliotecas via internet. Formar leitores multiplicadores das coisas da terra. Especificar e compreender as construções humanas, entendendo como se desenvolvem por acumulação, continuidade e ruptura de paradigmas, relacionando o desenvolvimento científico com a transformação da sociedade. Identificar variáveis relevantes e selecionar os procedimentos necessários para produção, análise e interpretação de resultados e processos ou experimentos científicos e

tecnológicos. A intenção é estabelecer um estudo e materiais de autores contistas goianos, sobretudo influências na literatura universal, pois reveste de capital importância para todos. Por meio de pressupostos teóricos culturais buscando a valorização de sua terra e seus autores. E a partir da necessidade de estudarmos evolução do pensamento de um povo que desbravou grandes matas, e verificar a influência obtida até o pós modernismos. As reações e pensamentos estarão bem claros nas obras literárias.

Palavras-chave: historiografia Goiana, conto Goiano, comparada, crítica literária

Interfaces entre Crítica e Geografia no pensamento de Edward Said

ARIANE DA MOTA CAVALCANTI (UFPE)

Resumo: Diálogos entre a Crítica e outros campos disciplinares, para além da Psicanálise e da Filosofia, como no caso da História, da Antropologia e da Geografia, são práticas correntes nos domínios da Literatura Comparada nas últimas décadas, como atesta Eduardo Coutinho no prefácio à obra “Literatura Comparada: textos fundadores”, organizada em conjunto com Tânia Franco Carvalhal. Tem-se notado, frequentemente, uma significativa recorrência da Crítica a conceitos como “lugar”, “território”, “espaço”, por demanda, sobretudo, da própria ficção contemporânea, que, cada vez mais, problematiza as diversidades, colocando em evidência as tensões entre as identidades, as espacialidades, as fronteiras. Nessa conjuntura, este trabalho propõe discutir como o pensamento de Edward Said contribui para o debate de tais questões levantadas pelas produções ficcionais do presente.

Palavras-chave: Crítica, Geografia, Edward Said, identidades pós-coloniais

04

A EXPERIÊNCIA DO CONFINAMENTO: LITERATURA E OUTRAS PRODUÇÕES CULTURAIS

Daniela Birman (UNICAMP)
Lisa Carvalho Vasconcellos (UFBA)
Maria Rita Soares Palmeira (USP)

Resumo: Quase 25 anos depois do Massacre do Carandiru (1992), nenhum agente cumpriu pena pelas mais de cem mortes cometidas. A chacina resultou no assassinato de pelo menos 111 presidiários da antiga Casa de Detenção de São Paulo, em uma operação da Polícia Militar, chamada para controlar uma rebelião de detentos.

Nas duas primeiras semanas deste ano, mais de 130 presos foram assassinados em presídios brasileiros, a maior parte nas regiões Norte e Nordeste. As matanças foram produzidas por confrontos entre facções criminosas, gerando cenas de horror. Chamado, não por acaso, de — crise nos presídios, o colapso do sistema penitenciário provocou, de modo geral, respostas pontuais, revelando o processo de naturalização do aprisionamento como forma de punição — e, pior, do extermínio de certa parcela da população. Um grupo formado por indivíduos de classe, cor e idade determinadas. Responde-se à — crise penitenciária, entre outras propostas, com a construção de novas prisões, escalação das Forças Armadas, compra de bloqueadores de celular, oferta de cursos profissionalizantes. Ou seja, a solução é sempre reforçar o cárcere. Entendido como em — crise, o sistema prisional precisaria ser reformado, não questionado radicalmente. Não temos novidade aí. Desde praticamente seu nascimento, explica Foucault (Vigiar e punir), a prisão vem acompanhada de sua reforma. — Ela é como que seu programa, resume.

No Brasil, nossa moderna história punitiva tem sido marcada por um duplo e contraditório papel da prisão: ela é espaço simultaneamente de

exceção (atravessada pela ausência de leis e direitos) e prolongamento de práticas autoritárias que têm se disseminado pela nossa sociedade. Alvo de críticas e questionamentos, torna-se objeto de reformas, desativações e implosões. Mas seu lugar institucionalizado de isolamento dos —indesejados sociais—, tortura, matança, encarceramento e morte de oponentes de determinado regime político, se mantém.

É, pois, diante desse complexo cenário histórico — e também teórico e crítico — que propomos, para este Simpósio, pensar o cárcere e tudo o que a ele se relaciona no campo da cultura. Ele será ainda a ocasião para prosseguirmos com discussões iniciadas na Abralic 2016, em simpósio de mesmo nome. Nesse último encontro, tivemos a oportunidade de confrontar obras relativas a diferentes períodos de exceção no Brasil (Estado Novo, Ditadura Militar) com testemunhos do Massacre do Carandiru e outras produções literárias e musicais (de grupos de rap) relativas ao cárcere contemporâneo. As especificidades de outras prisões e campos também foram abordadas em discussões de escritos sobre a Colônia Penal de Tarrafal e o Gulag soviético. Já o confinamento manicomial foi debatido a partir de leituras sobre Lima Barreto e Maura Lopes Cançado. Parte dessas apresentações será publicada em breve na revista *Literatura e Autoritarismo* (UFSM).

Prosseguindo com essa proposta, buscaremos discutir neste Simpósio diferentes linhas de investigação das literaturas de e/ou sobre o cárcere, incluindo aí, em sentido mais restrito, aquelas nascidas diretamente do Massacre do Carandiru, e, num sentido mais amplo, outras escritas prisionais e mesmo relativas a outros tipos de confinamento, como o dos manicômios, abrigos de menores, quartéis.

Desdobrando e dando continuidade à nossa proposta inicial, interessamos debater problemáticas como aquela do valor na escrita carcerária, incluindo questionamentos sobre a estética dessa literatura, assim como seus embates com a noção de cânone e com a formação de um corpo de textos entendido como representativo dessa escrita. Quais

as especificidades da escrita produzida a partir do confinamento? A experiência prisional ou manicomial engendra novas formas literárias, derivadas da coerção e da disciplina? Consideramos pertinente ainda discutir os vínculos entre ética e estética, ou entre literatura e Justiça; a figura temática da ilha prisão, uma excepcionalidade jurídica e política luso-afro-brasileira, até bem pouco tempo ativa e terrível; e estudos sobre o controle biopolítico do corpo.

Aumentando o escopo do nosso campo de reflexão, como já vimos fazendo, interessa-nos examinar diferentes formas concentracionárias e outros modos de expressão artística (rap, cinema documentário, artes plásticas). Considerando as tragédias ocorridas em nossas prisões no início deste ano, também julgamos pertinente refletir sobre as limitações das respostas e propostas apresentadas (pelo poder público, por especialistas, entre outros) assim como nos perguntar sobre o espaço de acolhimento que essa série de genocídios recebeu em nosso campo cultural. Por fim, lembramos que julgamos apropriado ainda indagar sobre a possibilidade de um diálogo efetivo com as novas vozes da literatura carcerária, ancoradas nas experiências do chamado — preso comum: que espaço há para uma troca enriquecedora de ideias e experiências? Em que medida esses autores e suas obras são recebidos de modo exótico?

Palavras-chave: Confinamento, Prisões e manicômios, Literatura

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

A experiência de confinamento da classe média brasileira contemporânea e suas elaborações simbólicas: a produção do espaço em “O som ao redor”

VITOR SOSTER (USP)

Resumo: A crença na existência de sujeitos livres e autônomos se generalizou na sociedade neoliberal de tal modo que pode ser

constatada nas mais diversas práticas cotidianas: desde a concorrência entre empresários, estendida aos trabalhadores, até políticas de privatização do espaço público, que permitiriam uma maior inovação nos modos de utilização desse espaço (cf. DARDOT; LAVAL, 2010). Tais práticas se sustentariam pela ideologia veiculada por manifestações culturais, especialmente aquelas vindas da indústria cultural, a ponto de se apresentarem como a única realidade possível e desejável. Entretanto, a consequência é a oposta à propaganda, quer dizer, o confinamento ao “status quo” se estabelece como modo de vida, ainda que não percebido dessa forma. A vertente crítica dos Estudos Culturais atua nesse ponto ao buscar os limites dessa ideologia manifesta na cultura contemporânea. Especificamente ao pensarmos em narrativas, autores como Jameson (1981) e Schwarz (1999) propõem que as olhemos na direção oposta àquela apontada pelas normas que as organizam. Seria assim que poderíamos compreender a solução simbólica apresentada pelas narrativas para impasses da vida social. Para que possamos investigar a opacidade sob a transparência limitante do pensamento contemporâneo, propomos uma análise do espaço produzido no filme “O som ao redor” (Kleber Mendonça Filho, 2012). A escolha desse filme se justifica por dois motivos: um temático, outro formal. A obra de Mendonça Filho tematiza criticamente o problema esboçado acima ao acompanhar o cotidiano de núcleos de personagens de diferentes estratos da classe média de uma mesma vizinhança com a chegada de uma empresa de segurança privada. Cada núcleo, da dona-de-casa ao proprietário de terras, estabelece uma relação específica com seu meio que, mesmo sendo ideológica, apresenta dados da realidade vivida no universo diegético, também ele simbólico. Para o desenvolvimento da análise, recorreremos às considerações de Lefebvre (1974) sobre a produção do espaço. Segundo o autor, o espaço vivido pelo ser humano não é dado pela natureza, mas, produzido por meio de práticas e relações sociais. O autor também faz uma distinção entre o que seria um discurso sobre o espaço – quer dizer, a descrição

sobre o que há no espaço – e o estudo da forma do espaço – que envolve a compreensão de que o espaço é constituído pelos objetos que ele contém e, ao mesmo tempo, pela forma que ele impõe a esses objetos. É assim que chegamos à segunda razão da escolha do filme pernambucano. Mais do que tratar de seu tema, interessa-nos a forma como o espaço desses personagens é produzido pelo foco narrativo. Sendo assim, este estudo se propõe analisar a crítica buscada pelo filme para que se possa obter indícios do alcance e dos limites do próprio filme e do pensamento que o forma.

Palavras-chave: foco narrativo, espaço, O som ao redor, contemporaneidade

Testemunhos visuais e auditivos na literatura prisional

DANIELA BIRMAN (UNICAMP)

Resumo: Em “Testemunho e a política da memória”, Márcio Seligmann-Silva explora a distinção do testemunho como “testis” e como “superstes” (cf. Benveniste, “O vocabulário das instituições indo-europeias”) a partir da oposição entre um testemunho predominantemente visual e outro auricular, centrado na escuta. Desse modo, no primeiro caso, o testis, entendido como aquele que “assiste como um ‘terceiro’ (...) a um caso em que dois personagens estão envolvidos” (Benveniste), seria aquele que viu e, por esse motivo, sabe. De acordo com o crítico, o modelo visual relaciona-se ainda à concepção do saber representacionista do positivismo. Já o superstes é compreendido seja como testemunha e sobrevivente de um acontecimento-limite, seja como “aquele que se mantém no fato” (Benveniste). Nesse modelo, a experiência do enfrentamento da morte resiste à linguagem, de forma que o tempo narrativo do presente (no qual a testemunha ainda encontra-se presa ao acontecimento) e o ato de testemunhar (percebido em seus limites) seriam valorizados. Seguindo essa diferenciação, é possível problematizar determinadas narrativas prisionais e manicomiais marcadas pelo testemunho a partir

da indagação do lugar que o olho e o olhar ganham nessas escritas, assim como da construção visual que ali é realizada. Também se torna interessante, a nosso ver, investigar relatos ligados à impossibilidade de ver, impossibilidade marcada pelo sofrimento radical que destrói o sujeito, abolindo o polo da consciência e impossibilitando a apropriação do acontecimento-limite (cf. a noção de “passividade” em Blanchot, “L’écriture du desastre”). Evidentemente, não sustentamos aqui a existência de modelos “puros” de testemunho, nem defendemos a exclusão de um determinado modelo em função de outro. De todo modo, essa divisão e oposição, aqui sintetizadas de modo esquemático, poderão nos ajudar a pensar nas narrativas sobre o cárcere manicomial e prisional, escritas por Lima Barreto, Graciliano Ramos, Dyonélio Machado e Maura Lopes Cançado, assim como na problematização da oposição entre testemunho visual e auditivo. Com efeito, testis e superstes, Lima Barreto, Dyonélio Machado, Graciliano Ramos e Maura Lopes Cançado exploram tanto a percepção visual do cárcere prisional e manicomial quanto a dificuldade e mesmo impossibilidade de perceber e transmitir certos acontecimentos. Em Lima, Dyonélio e Maura, o relato se destaca pela exploração, com recursos vários e significados distintos, da linguagem visual. No caso de Graciliano, que se empenha em restituir os horrores aos quais assistiu e viveu, as experiências da névoa, da cegueira, da incerteza ganham mais força, assim como a característica reflexiva da sua narrativa.

Palavras-chave: Testemunho, Prisão, Hospício, Visão

Dos primeiros contatos com a justiça e suas prisões em “Infância”, de Graciliano Ramos

LUCIANA ARAUJO MARQUES (UNICAMP)

Resumo: Esta comunicação se propõe a apresentar uma interpretação de “Infância” (1945), de Graciliano Ramos, a partir da noção de desamparo freudiana e da identificação da construção literária de uma “gênese do escritor” e sua ética nestas memórias, assim como do

confronto entre o mundo da criança (e suas figuras de poder na família, na escola etc.), e o do adulto, numa sociedade patriarcal no limiar da abolição da escravatura e da proclamação da República, mas também no contexto de sua escrita, que se dá pós-cárcere. Publicados na imprensa a partir de 1938, os textos que compõem Infância são posteriores ao marco biográfico da prisão do escritor (1936-1937). Em perspectiva benjaminiana de história, não cronológica, parte-se do pressuposto de que o presente (tempo da enunciação, do escritor consagrado, então funcionário do Estado que o encarcerara) convoca as reminiscências (tempo do enunciado, dos primeiros contatos com a injustiça) e formaliza uma temporalidade que resta como latência autoritária em um gesto político de teor testemunhal não só em seu nome, mas de uma coletividade que a obra busca representar e dar voz. Uma das relações que se pode estabelecer entre presente e passado em Infância é a de continuidade estrutural, marcada por violência, medo, opressão, despotismo patriarcal e escravocrata. Os modos e meios de violência e injustiça contidas nas narrativas apontam para uma temporalidade própria do traumático, em sentido que não se restringe ao psicologismo do termo, mas que diz de um presente recorrente, de uma dinâmica de repetição histórica e social, que pode ser explorada em análise literária, por meio das escolhas formais do autor. Em Infância, Graciliano, recém-saído do cárcere não metafórico, afirma: “Não há prisão pior que uma escola primária do interior” (“Os astrônomos”; RAMOS, 2012, p. 206). Mas é sabido que, para Graciliano, a palavra passará de pena (castigo) à outra pena (instrumento de escrita), a que se converte em arma e, até certo ponto, manifestação de liberdade em relação às amarras desse meio originário (o do menino e o do adulto sob um estado totalitário do qual é funcionário). O enfoque traumático do aprendizado da leitura, tema decisivo destas memórias, se expande para todas as dimensões sociais as quais o menino tem acesso. A noção contida na afirmação que encerra o capítulo “O cinturão” paira sobre todo o livro: “Foi esse o primeiro contacto que tive com a justiça”, onde “justiça” refere-se à falta

dela e no pacto com o leitor implícito também se chama a atenção para a experiência máxima com esta justiça que é sua prisão sem julgamento. Haverá um segundo, terceiro, sempre primeiro contato com essa mesma injustiça sofrida, no universo do menino, no do adulto, nos dos infantes que representa para além daquele recorte histórico dos primeiros anos de vida. Escreve de ontem, porque diz de seu agora. Como lemos “Infância” ainda hoje com a mesma pertinência.

Palavras-chave: Infância, Graciliano Ramos, prisão

O humano animal: a zoopoética de Stela do Patrocínio

GABRIELA SIMÕES PEREIRA (FURG)

Resumo: Esta pesquisa insere-se em um novo campo de investigação, iniciado nas últimas décadas do século XX, denominado Estudos Animais. Intrinsecamente transversal, tal campo engloba estudos da biologia, das ciências humanas e sociais e, atualmente, encontra-se às voltas de dois temas: o concernente ao animal propriamente dito e à sua animalidade, e o necessário repensar das fronteiras que avizinham e separam o homem dos animais não humanos. Nos estudos literários, em específico, é responsável pela criação de uma nova área de pesquisa, a zooliteratura, a qual se desdobra, quando o objeto em análise é a poesia, em zoopoética. Proponho analisar a obra *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001), de Stela do Patrocínio (1941-1992), com base na desconstrução derridiana e suas elaborações acerca da zoopoética. Stela, desde seus 21 anos, viveu asilada em instituições totais manicomiais, destacando-se entre os demais internos devido ao seu falatório poético, como a própria o designava. Em 2001, Viviane Mosé, psicóloga e psicanalista brasileira, mediu a publicação de uma coletânea das falas de Patrocínio, transpondo-as para a forma versificada. Especificamente, busco investigar a tentativa poética de deslocamento/perturbação das fronteiras que separaram o humano do animal não humano, desenvolvida de dois modos na obra de Patrocínio. Primeiro, com o desejo do eu lírico de romper com a natureza humana e

“vestir-se” de animal, metamorfoseando-se em macaco, em cavalo, em cachorro etc. Esse processo metamórfico ocorre ao revés do domínio alegórico das fábulas, em que os animais são antropomorfizados com propósitos moralizantes para a edificação do homem. Segundo, a palavra poética que se quer animalizada, no sentido de substituir a lógica da construção frasal pela descontinuidade, pela repetição, pelo fluxo vertiginoso da palavra, de desarticular a fala do homem e caminhar para uma não linguagem ou para o silêncio. Esse rompimento de fronteiras presente nas metamorfoses poéticas de Stela relaciona-se com o ambiente de confinamento e desempenha uma função de resistência à clausura.

Palavras-chave: Stela do Patrocínio, Zoopoética, Loucura

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

O confinamento como forma literária: hibridismo de gêneros e polifonia locutória na narrativa memorialística de “Diário de Fernando” e “Armadilha para Lamartine”

JACSON RAYMUNDO (UFRGS)

Resumo: O amálgama entre forma literária e processo social se torna mais evidente em períodos em que a História social, política ou cultural oferece elementos distintivos. Na Literatura Brasileira, caso destacado é o romance memorialístico atinente à ditadura militar (1964-1985), que dá luz a seus espaços de confinamento: de produção e circulação restrita à época devido ao temor da censura, se tornaria abundante nas décadas seguintes não só na literatura, mas na cultura brasileira - cinema, telenovela, teatro etc. Um verdadeiro “ciclo” se formaria, constituindo o que, à luz de Moretti (2008, p. 31), seria uma “estrutura temporária interna ao fluxo contínuo da história”. Este estudo, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, visa adentrar essa

interação a partir da complexidade autoral, temporal e espacial de dois romances brasileiros: *Armadilha para Lamartine* (1976), de Carlos Sussekind, publicado durante a própria ditadura, que não fala da luta contra o regime, mas retrata a tensa realidade brasileira de duas décadas antes, além de denunciar as violências do sistema manicomial; e *Diário de Fernando - Nos Cárceres da Ditadura Militar* (2009), escrito por Frei Betto tendo como base os manuscritos de Frei Fernando, companheiro seu de ordem religiosa e de cárcere durante a ditadura. Obra testemunhal expressiva do período da ditadura militar brasileira, *Diário de Fernando* (BETTO, 2009) oferece questões instigantes para os estudos literários, visto que a relação entre autor e narrador é complexa - o autor é personagem da obra, mas não o protagonista. Neste trabalho foram desenvolvidos dois aspectos: um interno à estrutura narrativa, que é a representação de autor e narrador e também os desníveis formativos da obra, e o outro é a sua relação com o processo histórico, por meio da denúncia das violações aos direitos humanos lá executadas pelo Estado. Dificilmente qualquer crítica a respeito de *Armadilha para Lamartine* (1976), de Carlos Sussekind, será linear. São tantas as “armadilhas” explícitas, omitidas ou camufladas, que ao leitor atento instiga e ao analista torna imperioso sublinhar. Da polifonia autoral e locutória (o autor é um ou são dois? E quem são os narradores?) à minuciosa memorialização histórica do contexto político (conturbado) do Brasil entre outubro de 1954 e agosto de 1955, passando por soluções ora dinâmicas ora mais subjetivas e até prolixas, as chaves de interpretação merecem ser cuidadosamente exploradas. Ambas as obras primam por características como o hibridismo de gêneros e a polifonia locutória - que, como se verá adiante, são constitutivos de uma forma literária distinta. Representadas em diferentes situações de confinamento (a própria diferença é algo questionável), permitem também interpretar seus narradores, numa perspectiva foucaultiana, a partir da lógica da “microfísica do poder” que é própria desses espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: BETTO, Frei. *Diário de Fernando*. Rio de

Janeiro: Rocco, 2009. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhe. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. MORETTI, Franco. *A literatura vista de longe*. Tradução de Anselmo Pessoa Neto. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008. SUSSEKIND, Carlos. *Armadilha para Lamartine*. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

Palavras-chave: Confinamento, Ditadura, Hospício, Romance memorialístico

A escrita do confinamento em “Retrato Calado”, de Luiz Roberto Salinas Fortes

MARIA RITA SIGAUD SOARES PALMEIRA (USP)

Resumo: A comunicação propõe uma leitura de “Retrato calado” que discuta o modo como o confinamento é elaborado literariamente nesse livro de Luiz Roberto Salinas Fortes. Nesse livro, lançado postumamente, em 1988, Salinas conta de suas detenções por razões políticas e mesmo por suspeita de tráfico. Não se tratava, pois, de “escritor prisioneiro”, embora não seja possível duvidar do seu estatuto de escritor quando vêm à luz as suas memórias do cárcere. Além da narrativa dos momentos em que foi detido e de sua permanência na prisão, compõe o livro um diário, que se passa entre 1959 e 1965. Dono de uma escrita pungente e seca, Salinas, que era professor e filósofo, recompõe os horrores da instituição total, agora ampliados pelos piores anos da ditadura militar. A leitura que proponho é um desdobramento de minha pesquisa sobre a “nova literatura carcerária” (como se convencionou nomear, na virada para os anos 2000, a profusão de livros escritos pelos chamados presos comuns). Instigada pelos aspectos formais e materiais que apontavam para a formação de um conjunto que ia além do tema prisional, pesquisei quatro desses volumes – e todos eles insistiam na descrição da sociabilidade do cárcere. O que resultava daí era uma escrita orientada por certa racionalidade prisional. Algumas das conclusões a que cheguei sugeriam a existência de uma forma própria ao confinamento, decorrente da coerção e da violência

características a uma instituição total. As narrativas construía-se também por se reportar ora ao mundo além-grades, ora aos outros internos. A literatura feita na cadeia era relacional como o espaço que a engendrava – pautava-se pela perspectiva de estar fora. As detenções de Salinas ocorreram no momento de maior endurecimento repressivo do governo ditatorial. Ainda que escrito em prosa introspectiva e delicada, “Retrato calado” não se furta a narrar as situações bestiais a que seu autor foi submetido, bem como o descaso dos carcereiros e a tortura, cujos efeitos o acompanhariam pelo resto da vida. Há no livro, para além disso, uma formalização da matéria narrada que exige maior reflexão. Em curto ensaio sobre o livro de Salinas, Antonio Candido faz um comentário que me chamou particularmente a atenção. Ao observar a particularidade da construção do livro, Candido diz: “Aparentemente casual, a disposição da matéria é perfeita como esquema narrativo, porque apresenta situações armadas de fora, mas dá elementos para avaliar como é por dentro o indivíduo arrastado nelas, e cuja integridade elas põem a prova” (Antonio Candido, “Salinas no cárcere”, p. 227). Ou seja, a julgar pela afirmação de Candido, eu poderia supor que houvesse um arranjo formal a indicar a coerção da instituição prisional. O que move esta leitura é, portanto, a identificação de traços do que se pode chamar de característico a uma escrita produzida a partir do cárcere. Intento também analisar as particularidades estilísticas de “Retrato calado” a fim de que seja possível refletir sobre certa forma coerciva produzida pela experiência prisional e que atravessa o século XX.

Palavras-chave: literatura prisional, “Retrato calado”, Luiz Roberto Salinas Fortes

Não falei, de Beatriz Bracher e Uma muchacha muy bella, de Julian López: narrativas testimoniais

CLAUDIA LORENA VOUTO DA FONSECA (UFPEL)

Resumo: Segundo Benjamin o narrador é alguém que tem algo interessante para contar e, percorrer os caminhos da memória, a fim de organizar o vivido é o principal recurso a que recorrem os

narradores. É o ponto de vista predominante nas narrativas que reconstituem os fatos ocorridos no período dos regimes ditatoriais na América Latina, dando conta dos fatos a partir do testemunho que é basicamente documento. No entanto, se há consenso no que diz respeito à validade do testemunho, e da narrativa, daquele que tem a experiência direta dos fatos, há particularidades na produção literária latino-americana contemporânea, que se debruça sobre os fatos e o testemunho dos fatos ocorridos/vividos no período compreendido pelos regimes ditatoriais na América Latina, que põem em xeque o estatuto do testemunho em sua relação com os fatos e sua narrativa. Ou seja, a pergunta, aqui, é: que tipo de testemunho podem produzir aqueles que estavam de certa forma a margem dos fatos, ou aqueles que viveram suas consequências, e que também precisam dizer? Nesse sentido, há toda uma produção literária que prolifera a partir do final do século passado, cujos autores são, sobretudo, filhos ou familiares e amigos de militantes, quase sempre desaparecidos ou mortos pelo regime militar. Literariamente, uma segunda geração de narradores desse período histórico, e do trauma. Em relação à produção literária da geração anterior, uma característica distingue essas narrativas: um discurso testemunhal que pode ser construído a partir dos fatos ou é total invenção, a utilização do testemunho não mais necessariamente como documento, mas sim como um discurso que é simulacro do real, justamente porque há lacunas que o documento, muitas vezes pela sua ausência, não pode preencher. Trata-se de um discurso que, construindo uma realidade, paradoxalmente a desconstrói, mas que constrói um testemunho, a partir da invenção de fatos complementares à realidade, construindo algo distinto, de modo que se instaure a ambiguidade, a qual reproduz o próprio contexto do período que representa. Portanto, interessa-nos investigar, nas narrativas produzidas por essa denominada segunda geração de autores, na América latina, as especificidades desse discurso histórico, a partir da análise do tratamento que lhe dão, em diferentes contextos ou sistemas, especificamente, no caso, Brasil e

Argentina. Em que medida o discurso que representa a história, a partir de um discurso que é um falso testemunho, filtrado pelo relato histórico oficial, extraoficial ou, ainda, ficcional, ainda assim é representação, resgate e trabalho de memória? Para tanto, partiremos de duas obras publicadas nos primeiros anos deste século XXI: *Não falei*, de Beatriz Bracher, de 2004, e *Una muchacha muy bella*, de Jullian, López, de 2013, narrativas de testemunho, filtradas totalmente pela ficção e pela ambiguidade, adotando como pressupostos a bibliografia produzida por estudiosos do tema, além dos pressupostos teóricos de autores que se debruçaram ao estudo da nova novela histórica.

Palavras-chave: Narrativa testimonial, Ditadura, Julian López, Beatriz Bracher

O leitor no cárcere: o escritor Dalcídio Jurandir entre os moinhos de vento da utopia e da opressão

VIVIANE DANTAS MORAES (UFPA)

Resumo: A relação entre a experiência do confinamento e literatura é normalmente vinculada ao aspecto da criação de obras que narram tal vivência, como o consagrado romance *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, por exemplo. Este trabalho propõe uma perspectiva não propriamente contrária, mas inversa sobre tal ideia ao refletir sobre os papéis exercidos pelos escritores em uma situação de exceção, a partir da ótica do escritor na sua experiência enquanto um leitor no cárcere. Um dos objetivos é investigar, em que medida, o contato com obras literárias em um contexto de opressão pode ter impulsionado os projetos estéticos e éticos do escritor-leitor. Trata-se, portanto, da experiência de prisão vivida por Dalcídio Jurandir, durante o Estado Novo, no Pará, na gestão do governo de Magalhães Barata, na década de 1930. O escritor paraense Dalcídio Jurandir foi militante do Partido Comunista e esteve, por duas vezes, preso e incomunicável, no presídio São José, em Belém. A partir de algumas correspondências trocadas com a esposa na época, em textos muito curtos e comedidos para

burlar a censura do presídio, o escritor solicitava a ela que lhe mandasse livros, muitos deles por códigos que só os dois compreendiam. Num desses registros, descobre-se que Dalcídio Jurandir lê o romance *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, durante o período na cadeia. A década de 1930 foi uma época importante na carreira literária do autor que tentava reescrever e finalizar seu primeiro romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, que teve sua primeira versão em 1929, mas foi publicado apenas em 1941. Nesse ínterim, surge o projeto de criação de um conjunto de dez livros intitulado “Ciclo do Extremo Norte (1941-1976)” que narra a trajetória de um mesmo personagem chamado Alfredo que, em busca de uma vida melhor, sai da Ilha do Marajó para a capital Belém, mas acaba colecionando experiências e testemunhos da tragédia humana, social e política na Amazônia. Embora a cada história narrada sua decepção só aumente, há sempre uma busca por algo. No último romance do Ciclo, *Ribanceira*, Alfredo, já adulto, volta desolado para o Marajó para herdar as ruínas deixadas pelo pai. Nesse sentido, objetiva-se estudar, em perspectiva comparada, uma possível aproximação entre os personagens Alfredo e *Dom Quixote* assim como analisar a possível influência de *Dom Quixote*, o romance, na concepção da ideia de criar um ciclo literário sobre a Amazônia.

Palavras-chave: confinamento, leitor, Dalcídio, Quixote

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 3

A escrita e a prisão: potências e dilemas

BRUNO GOLÇALVEZ ZENI (USP), NATALIA JOELSAS TIMERMAN (USP)

Resumo: Esta comunicação pretende se debruçar sobre duas obras, *Sobrevivente André Du Rap* (do Massacre do Carandiru) (Editora Labortexto, 2002), com coordenação editorial de Bruno Zeni, e *Desterros – Histórias de um hospital-prisão* (Editora Elefante, 2017), de

autoria de Natalia Timerman. A primeira é composta de depoimentos, improvisos e fragmentos de cartas de André Du Rap, relatos de seus amigos (“aliados”) e uma reflexão sobre a própria feitura do livro por Bruno Zeni; a segunda é a história de Donamingo, angolana presa por tráfico que teve um filho na cadeia, entremeada por diversos outros relatos colhidos pela autora em seu trabalho como psiquiatra no Centro Hospitalar do Sistema Penitenciário, em São Paulo. Desterros se constitui do olhar de Natalia Timerman sobre seu trabalho de cinco anos na prisão e sobre a história de Donamingo. A autora narra a história das pessoas presas, mas com sua própria voz. Em Sobrevivente André Du Rap, André fala de sua própria vivência; o jornalista e escritor Bruno Zeni foi quem entrevistou, editou e organizou o material que compõe o relato, procurando preservar as marcas da voz e da postura do rapper. O encontro do jornalista e do ex-presidiário, o registro da experiência e a passagem do oral para o escrito apresentaram questões que podem ser analisadas na forma do texto e nos recursos de edição do livro. Sobrevivente André Du Rap é fruto do desejo de Zeni de narrar o massacre do Carandiru e da disponibilidade e força narrativa de André Du Rap; Desterros surge da vontade e da necessidade de elaboração da experiência da autora de trabalho no cárcere. André du Rap é o único dos três autores que esteve preso. As vozes de Zeni e Timerman, que, mesmo interessadas, não vêm de dentro das grades, podem ser consideradas vozes que expressam o cárcere? Quando o protagonista está rouco por sua condição de classe, gênero e passagem pela prisão, caso de Donamingo, é válido que sua história seja contada por outra voz? Quais os dilemas e desafios que se colocam aos autores de fora da prisão, sem experiência direta do cárcere, ao escrever e refletir sobre o tema? O relato de André procura estabelecer com o leitor uma comunicação empenhada, que faz do Massacre do Carandiru um tema compartilhado, um marco histórico que une o autor e os leitores em um contexto social que permanece trágico, sem deixar de lado o caráter literário e catártico da narrativa; o relato de Timerman comporta teor

e dilemas similares, ainda que as vozes que saem de dentro da prisão sejam indiretas, filtradas pela experiência da autora como psiquiatra e como escritora. A comunicação pretende refletir sobre os temas acima sob a perspectiva de alguns críticos, dentre os quais se destacam Antonio Candido e sua noção de sistema literário, Walter Benjamin e suas reflexões sobre a experiência na sociedade capitalista avançada e Paul Zumthor e os desafios da passagem da performance oral para o registro da leitura.

Palavras-chave: Prisões, Literatura, Memórias

Prática literárias modernas e seu questionamento em prisões do Cone Sul

MARIO RENÉ RODRÍGUEZ TORRES(UNILA); CRISTIANE CHECCHIA (UNILA)

Resumo: Neste trabalho propomos uma reflexão sobre alguns resultados de práticas de leitura e escrita literárias recentes observadas em prisões do Cone Sul; esses espaços que operam hoje, em grande medida, como “depósitos humanos” ou “campos de concentração para pobres”, nas palavras de João Camillo Penna. Pretendemos examinar como neste contexto extremo as possibilidades e limitações de funcionamento da instituição literária moderna se fazem particularmente intensas. Tal instituição é pensada aqui, com Derrida, vinculada à autorização de “dizer tudo, de todas as formas”. Por um lado, observaremos como tal autorização implícita, tanto no âmbito da leitura quanto no da escrita, funciona como um liberador de potencialidades para alguns presos, abrindo caminho para a reconfiguração de subjetividades esgarçadas por sucessivas e diversas formas de opressão. Por outro lado, nos perguntamos como os escritores que se formam nas prisões e suas obras enfrentam mecanismos que restringem sua atuação a determinados espaços. Igualmente, mostraremos como nas prisões a produção e o consumo das obras literárias muitas vezes rompem com os padrões modernos, pois nelas não é incomum que o individual ceda espaço ao coletivo, da mesma forma que as referências dos autores

costumam remeter a tradições orais antes que escritas. As reflexões aqui apresentadas se baseiam na análise de um corpus que ainda está sendo mapeado, mas cujo contorno começa a ser desenhado em nossa pesquisa. Em primeiro lugar, nos debruçamos sobre alguns textos que, produzidos inicialmente no cárcere, alcançaram o mercado editorial e encontraram um ambiente propício de difusão na virada do século, como os livros do escritor brasileiro Luiz Alberto Mendes. Um segundo conjunto de obras é constituído por produções menos conhecidas, como os trabalhos das mulheres do projeto artístico cultural *Yo no fui*, que acontece em uma unidade prisional feminina nos arredores de Buenos Aires, na Argentina. Por fim, um terceiro conjunto é formado por textos que têm sido elaborados nas oficinas de leitura e escrita que desenvolvemos nos últimos dois anos na Penitenciária Estadual de Foz do Iguaçu II (PEFII), e no Centro de Reintegração Social Feminino (CRESF) no estado do Paraná, no âmbito do projeto de extensão universitária *Direito à Poesia – círculos de leitura com pessoas em situação de privação de liberdade em Foz do Iguaçu*. Vale dizer que é a partir das experiências vivenciadas neste projeto, que se interpelam permanentemente à nossa própria trajetória leitora, que emergiram alguns dos questionamentos que nos propusemos a investigar teoricamente neste trabalho.

Palavras-chave: leitura e escrita em prisões, Luiz Alberto Mendes, Associação civil e cultural *Yo no fui*, prisões de Foz do Iguaçu

Epos do cárcere: sobre *A lei do cão*, a epopeia da casa de detenção de São Paulo, de Luiz Philippe Florence Borges

WELLINGTON FURTADO RAMOS (UFMS)

Resumo: Pretende-se, neste trabalho, estabelecer um primeiro contato com o livro *“A lei do cão”* (1984), de Luiz Philippe Florence Borges, na busca de avaliá-lo em sua conformação ao gênero épico, enunciada desde a capa, e ratificada pela observação impressa na capa e em sua folha de rosto, em que se lê: *“A epopeia da casa de detenção de São*

Paulo, - sua história, seus mitos, suas alegrias e tristezas, vida e morte no maior presídio do país – cantada em 10 contos, digo, contada em 10 cantos pelo renomado poeta e cirurgião jurídico / Luiz Philippe Florence Borges / aquele que narrou porque viu e viu porque viveu”. A pesquisa busca vincular-se ao Simpósio *“A experiência do confinamento: literatura e outras produções culturais (2)”*, na medida em que traz em seu bojo a discussão da problemática do valor na escrita literária do cárcere, posta em cena na obra que tomamos por objeto a partir da escolha de um gênero fixado na história literária ocidental, o épico. Se, neste caso, a posição do autor é privilegiada, por tratar-se não do aprisionado, mas do diretor da casa de detenção, objetiva-se verificar como a construção da voz narrativa – se encarnada, no texto, pela figura do Poeta, à moda clássica – emula, neste contexto específico, uma voz épica que não representa um coletivo “nacional”, mas põe em cena um “epos do cárcere”. Nessa medida, o trabalho buscará traçar analogias entre os modelos clássicos da epopeia - tal qual lidos em Homero, Virgílio e Camões - em contraste com *“A lei do cão”*, na busca de suas semelhanças e, sobretudo, no estabelecimento de diferenças, principalmente no que tange à atualização da voz narrativa que, conforme supracitado, busca relacionar-se com o leitor, mediada pela legitimidade conferida pela experiência do “autor” que “narrou porque viu e viu porque viveu”. Dentre nossas preocupações, neste primeiro contato com a obra, incluem-se: a) sua adequação aos/ou negação dos aspectos formais do gênero épico, tendo como premissa a noção clássica de “modelo”; b) seu plano de conteúdo; c) o estudo do posicionamento do narrador como testemunha; e d) a relação da memória com a narração. Como se percebe, a pesquisa é norteadada, primeiramente, por uma leitura imanente do texto com vistas a, a partir daí, direcionar-se para um campo mais amplo de relação contextual, por intermédio da relação entre “experiência” e “memória”, tais quais lidas por Walter Benjamin, com vistas a perscrutar sua posição/localização neste cenário das escritas de/sobre o confinamento.

Palavras-chave: Confinamento, Epopeia, Experiência

Loucura e repressão nos primeiros contos de Caio Fernando Abreu

MILENA MULATTI MAGRI (UNESP)

Resumo: A obra de Caio Fernando Abreu frequentemente apresenta críticas ao contexto de repressão política e cultural, característico dos anos do regime militar implantado a partir do golpe de 1964. Já em seu livro de estreia, *Inventário do Irremediável*, publicado em 1969, pouco depois da promulgação do Ato Institucional número 5, que suspendia direitos políticos fundamentais, Caio Fernando Abreu elabora diferentes narrativas, muitas vezes, de caráter fantástico, como meio de apresentar um conflito entre sujeito e repressão do Estado. Este conflito é desenvolvido, por vezes, por meio do tema da loucura, como se observa logo no conto de abertura deste mesmo livro, “Os cavalos brancos de Napoleão”. Nele, um advogado apresenta sinais de insanidade diante de uma visão recorrente, de cavalos que o perseguiram. A princípio, o protagonista se afeiçoa pelos animais; sua perturbação se acentua, contudo, à medida que os cavalos passam a manifestar agressividade e desprezo pelo protagonista. No mesmo livro, outro conto paradigmático deste tema é “O ovo”. Narrado em primeira pessoa, o personagem confidencia que enxerga uma parede branca, no horizonte, que parece se aproximar cada vez mais. Todos a quem ele revela essa informação o excluem de seu convívio, até o momento em que ele é internado em uma clínica psiquiátrica. Em ambos os contos os protagonistas sofrem um duplo processo de alienação, ora por causa das alterações comportamentais devido ao seu estado psíquico; ora por meio do processo de exclusão social, consumado na internação em sanatórios. Uma diferença significativa, contudo, se dá pela forma narrativa, uma vez que o primeiro conto é apresentado por meio de uma narração em terceira pessoa e o segundo, em primeira pessoa. Esta diferença de foco narrativo se revela imprescindível para compreender o processo de introjeção da exclusão e da alienação interna ao sujeito, o que se observa, sobretudo, na narração em primeira pessoa. Em seu ensaio “A política da saúde do século XVIII”, Michel Foucault (*Microfísica do poder*,

Edições Graal, 1982) identifica a formação de uma “polícia médica”, que consistia em um conjunto de mecanismos capazes de garantir a ordem, a riqueza e a saúde da população em geral. Por meio dessa “polícia” era possível transferir a responsabilidade sobre a própria saúde para cada indivíduo e, desse modo, assegurar um maior controle dos corpos. Este processo, em conjunto com a criação das casas de internação, que passam a segregar os doentes mentais do convívio com as pessoas consideradas sãs, reforça um mecanismo mais abrangente de controle e exclusão, que atinge não só o interno, mas o conjunto da sociedade, no qual cada um passa a vigiar a si mesmo e ao outro. A representação do conflito entre sujeito e repressão do Estado, nos contos de Abreu, por meio do tema da loucura, contudo, apresenta um movimento ambivalente, pois, se por um lado, ela é a imagem da exclusão e, por vezes, do sofrimento físico, por outro, a loucura é ainda uma possibilidade de ruptura com a ordem responsável pela manutenção de uma estrutura opressora e autoritária.

Palavras-chave: Loucura, Repressão, Caio Fernando Abreu

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Notas sobre a narrativa de testemunho em *Memórias do cárcere* e *Contos de Kolimá*

ANDREA ZEPPINI MENEZES DA SILVA (USP)

Resumo: Graciliano Ramos nasceu em Alagoas, em 27 de outubro de 1912 e morreu no Rio de Janeiro em 1953. Foi contista, cronista, jornalista, romancista. Em 1936, época da acirrada repressão que se seguiu à Intentona Comunista de 35, foi preso sob o governo Vargas. Passou por algumas prisões, junto com outros presos políticos mas, a certa altura, foi mandado para a Colônia de Dois Rios, em Ilha Grande, onde ficou durante 18 dias e onde teve a experiência mais difícil da

prisão. A experiência de quase um ano de encarceramento está em Memórias do Cárcere, livro inacabado, publicado postumamente. Varlam Chalámov, escritor russo, nasceu em Vólogda, em 1907. Em 1929 foi preso por questões políticas. Libertado em 1932, é preso novamente em 1937, sendo mandado para Kolimá, um dos piores campos do Gulag, no extremo oriental da Sibéria, já no Círculo Ártico, as temperaturas chegam a sessenta graus negativos. Chalámov conhece o pior dos campos e dos homens, quase morre por mais de uma vez e sai de Kolimá apenas em 1953. A partir de 1954, dedica os próximos vinte anos a colocar no papel essa experiência: Contos de Kolimá é sua principal, e magistral, obra. Graciliano Ramos e Chalámov experimentaram na pele, e na alma, formas de repressão geradas em regimes totalitários. Viveram a prisão e o campo, lugares onde a vida nua é controlada e incluída em sua exclusão, para lembrar de Agamben: a vida matável e insacrificável, a vida indeterminada entre a vida e a morte, a vida que não é mais vida. A vida que pertence àquele mundo próprio, à parte, mas que faz parte do mundo em seu estatuto de exceção: um mundo que funciona como repressão, ameaça, depósito, castigo. Na prisão e no campo, Graciliano e Chalámov se depararam com lugares onde o homem pode exercer tudo o que é do homem, sem freios e sem regras. Onde o poder infinito sobre alguém se encaixa à destituição total de humanidade. Onde o homem vive os seus avessos. Mas, a partir desses lugares, os dois autores fazem emergir em suas palavras a humanidade mais pungente, dura e difícil. Investigação e descoberta. Ainda que tenham tido experiências muito diferentes, os dois autores compartilham, não só a crueza e a intensidade de suas prosas, como também algumas questões essenciais para lidar com a tarefa de expressar a morte: como transformar o horror em literatura? Por que narrar? Até onde narrar? Como narrar? Como se dá a relação entre ética e estética nessa prosa testemunhal? São essas as questões que serão discutidas no presente trabalho, no contexto das narrativas da memória empreendidas pelos dois autores, ressaltando seus pontos em comum e de atrito.

Palavras-chave: Graciliano Ramos, Varlam Chalámov, testemunho

Fragmentos: a reconstrução da memória sobre a Guerra civil espanhola no romance gráfico

DAISY MOTA DA SILVEIRA (UNIFESP)

Resumo: Os sobreviventes da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) viveram o auge de uma democracia durante a Segunda República Espanhola e a violência sistemática do Estado franquista do pós-guerra que os obrigou, por quase quarenta anos, a permanecerem em silêncio. O fim da ditadura em 1975, no entanto, não proporcionou um espaço para os silenciados nem a retratação pelo mal que havia sido feito. As obras que passaram a narrar acontecimentos da guerra e as atrocidades cometidas eram realizadas por exilados espanhóis em países como França e México, e os que permaneceram na Espanha não tiveram voz para relatar suas experiências traumáticas. A partir de 2007, após a promulgação da lei de memória, várias obras começaram a surgir - a exemplo da premiada e pioneira Maus, do norte-americano Art Spiegelman, ambientada na Segunda Guerra Mundial - inspiradas em relatos de sobreviventes da guerra que permaneceram no país e que, setenta anos depois, tiveram chance de falar sobre as feridas que foram sufocadas pelo Estado e pela sociedade. Nos últimos anos, mais de quarenta obras foram lançadas retomando o contexto da guerra, expondo a perspectiva dos vencidos. Em meio às conturbadas situações políticas e ideológicas atuais que vivemos no Brasil e no mundo, é fundamental, pois, registrar as lutas do passado, as vivências com regimes totalitários e manter o diálogo como pilar principal para a democracia. Segundo Todorov, o conhecimento da verdade histórica permite extrair lições valiosas para que conflitos violentos não voltem a ocorrer e é a arma mais poderosa para se combater o totalitarismo. Este trabalho tem, então, como objetivo analisar a produção de romances gráficos espanhóis sobre a guerra civil por meio das obras El arte de volar, de Antonio Altarriba, Los surcos del Azar, de Paco Roca, e Vencedor y vencido, de Sento, as características desses romances gráficos em relação às histórias em quadrinhos convencionais, a

importância de dar voz aos sobreviventes de conflitos violentos e a necessidade de apresentá-los às novas gerações para que, mais do que conhecer as vozes do passado, possam compreender a dimensão humana dos atos de guerra que marcaram a vida de milhares de pessoas. As obras escolhidas apresentam diferentes perspectivas sobre os anos em que a Espanha esteve dividida por diferentes ideologias, a vida nas prisões durante e após o fim da guerra e as consequências dessa experiência traumática ao longo de 40 anos de silenciamento.

Palavras-chave: memória, trauma, romance gráfico, representação

Mulheres e seus testemunhos: o cinema documental de Lúcia Murat e Susana de Sousa Dias

LISA CARVALHO VASCONCELLOS (UFBA)

Resumo: O presente trabalho procura analisar comparativamente duas produções da recente filmografia luso-brasileira. As películas *Que bom te ver viva* (1989), da brasileira Lúcia Murat, e *48* (2009), da diretora portuguesa Susana de Sousa Dias. Para além dos vinte anos que separam esses dois filmes, eles trazem muitos elementos em comuns: ambos se propõem a revisitar o tema das ditaduras que assolaram ambos os países, e fazem isso a partir de uma mistura de ficção e documentário que se assenta sobre o depoimento de antigos militantes presos e torturados pelos regimes autoritários luso-brasileiros. Nossa intenção, entretanto, é ler ambos os trabalhos como tentativas de captar e representar esteticamente a especificidade da dor e do sofrimento feminino, no contexto de tortura e do aprisionamento ao qual foram submetidas tantas militantes. O primeiro dos filmes assumidamente adota a perspectiva feminina como ponto de partida para refletir sobre os horrores da ditadura civil-militar do Brasil. Através de uma série de entrevistas com diferentes mulheres, Lúcia Murat procura recompor as especificidades da trajetória de mulheres de diferentes idades e meios sociais que se envolveram na militância, armada ou não, durante o período da ditadura brasileira. A prisão, a tortura e depois a liberdade e a tentativa de reintegração à vida comum são os temas dos relatos

e também de um conjunto de monólogos ficcionais que se intercala às falas das depoentes. O segundo filme, *48*, tem, a princípio, uma proposta mais abrangente. Baseando-se no relato de 16 ex-militantes anti-Salazar, homens e mulheres de origens e épocas diferentes, a obra contrapõe a fala dos depoentes às suas fotos de registro recuperadas do arquivos policiais mantidos pelo Estado português até os dias de hoje. No filme, as imagens de frente e de lado (mugshots) – tiradas das vítimas no momento da sua prisão – são filmadas em câmera lenta e acompanhadas ao fundo pela fala dos retratados. Nesse universo insituável – entre o documentário, o ensaio e o filme de arte – destacam-se duas figuras femininas. Segundo a própria Susana de Sousa Dias, foi a partir da recolha inicial das suas imagens e do contato com os seus depoimentos em particular que o projeto do filme tomou forma. Em suas falas, questões tipicamente femininas emergem e dão o tom da obra. Trabalhamos com a hipótese de que ambas as obras refletem teórica e esteticamente sobre a singularidade do lugar da mulher enquanto vítima de tortura e aprisionamento, assumindo um lugar de enunciação feminino e um espaço de identidade específico. Para analisar como isso se dá, cotejaremos os dois trabalhos com os trabalhos teóricos de Gayatri Spivak (*Pode o subalterno falar?*), Giorgio Agamben (*Homo sacer* e *O que resta de Auschwitz*) e Daniele Giglioli (*Crítica dela vittima*), além de textos críticos, filosóficos e historiográficos – procurando entender como a fala ou o silenciamento de mulheres pode ser recuperado e tornado visível.

Palavras-chave: mulheres, prisão, tortura, cinema

A escrita do terror: a história de uma estranha coautoria em Guantánamo

ANDERSON BASTOS MARTINS (UFSJ)

Resumo: Esta comunicação discute o lançamento de *O diário de Guantánamo*, um livro escrito a partir do manuscrito de Mohamedou Ould Slahi, um prisioneiro de Guantánamo, que foi editado por Larry Siems e teve diversos trechos meticulosamente analisados e censurados

pelas autoridades estadunidenses. Descrito por John Le Carré como “uma visão do inferno, para além de Orwell, para além de Kafka”, O diário de Guantánamo apresenta a narrativa pessoal de Mohamedou Ould Slahi dos eventos que levaram a seu encarceramento na prisão norte-americana situada na ilha cubana de Guantánamo. O livro é também uma narrativa dos maus-tratos recebidos pelo autor a despeito da flagrante ausência de provas que o incriminassem. Nesta comunicação, meu objetivo é discutir o conceito de coautoria levando em conta a escrita de Mohamedou Ould Slahi, as muitas interferências e censuras impostas ao texto pelas autoridades dos Estados Unidos e o trabalho editorial realizado pelo jornal britânico The Guardian e a editora Canongate Books na preparação da versão liberada para publicação. Em última instância, o objetivo é apresentar O diário de Guantánamo como um desafio à proposta de uma cultura global em construção na contemporaneidade bem como a diversas premissas que se tornaram lugares-comuns na teoria literária contemporânea.

Palavras-chave: Guantánamo, escrita e verdade, literatura e globalização, terrorismo

05

A HISTÓRIA DA LITERATURA COMO PROBLEMA: REFLEXÕES SOBRE A CRISE PERMANENTE NOS ESTUDOS DIACRÔNICOS DE LITERATURA

Roberto Arizelo Quelha de Souza (UERJ)
Constantino Luz de Medeiros (UFMG)

Resumo: Desde o surgimento do conceito moderno de história da literatura, no bojo do cosmopolitismo e da conscientização histórica que insuflava os espíritos nas primeiras décadas de 1800, os problemas relacionados à aproximação entre história, teoria e crítica literárias já eram visíveis a muitos estudiosos. August Wilhelm Schlegel, em seus Cursos sobre Literatura Bela e Arte (1801-1804), afirma que a história da literatura pode ser considerada uma ciência porque trata daquilo no qual ocorre um progresso infinito. No entanto, com as diversas ondas de contestação da história a partir da metade do século XX, o discurso histórico, e nele se enquadra igualmente o discurso sobre a história da literatura, passa a ser motivo de desconfiança. O primeiro ataque ocorrido ainda nas primeiras décadas de 1900 se dava por motivos estéticos, no âmbito da busca pela autonomia das vanguardas modernistas. Após isso, as correntes críticas de filiação aos estudos intrínsecos, como o formalismo russo, o estruturalismo, e a desconfiança pós-estruturalista com as metanarrativas ou narrativas totalizantes, a partir de 1960, tornam o terreno da história da literatura um campo minado de radicalismos e distorções. Nesse ambiente, poucos ousam empenhar-se na defesa da dimensão histórica da literatura, como os estudiosos da estética da recepção. O panorama atual passa pelo surgimento do materialismo cultural nos anos de 1980, o avanço dos estudos culturais, marxistas, feministas, pós-coloniais, nos quais uma das grandes questões que se coloca é a da representação das vozes oprimidas pelo discurso histórico hegemônico. Diante de tais perspectivas, ainda seria

possível falar em crise da história da literatura, ou os estudos diacrônicos não fazem mais sentido? Se a história deve ser lida a contrapelo, como compreendia Walter Benjamin, ou ainda como constructo social e cultural de um discurso hegemônico, na conceitualização de Foucault, então como compreender e delinear o que foram os discursos literários do passado? Em outras palavras, faz ainda sentido estudar a história da literatura? Esse Grupo de Trabalho pretende levantar estas e outras questões concernentes aos estudos diacrônicos de literatura.

Palavras-chave: História da literatura, Estudos diacrônicos, Literatura e história, A crise nos estudos de historiografia literária

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Sem prólogo nem epílogo: notas sobre experimentos de historiografia literária

HEIDRUN KRIEGER OLINTO(PUC-RIO)

Resumo: A partir do olhar sobre práticas historiográficas pontuais e os pressupostos epistemológicos e teóricos que hoje sustentam a sua configuração escritural, a contribuição proposta pretende atualizar a ideia de H. R. Jauss de que a historicidade da literatura emerge precisamente nos pontos de intersecção da diacronia e da sincronia. A sua crítica à estrutura diacrônica única encontra respaldo em argumentos de S. Kracauer que responsabilizava o historiador tradicional pela destruição artificial da simultaneidade do heterogêneo por sua mania de impor, retroativamente, uma visão homogeneizadora à história como se os eventos de todas as esferas da vida, emergentes em momentos cronológicos simultâneos, formassem processos unitários marcados pela similaridade. Em *Time and History* Kracauer projeta, a partir do teorema da dissincronia do sincronico uma identificação da história como processo cronológico de temporalidade

específica, nos seguintes termos: “The shaped times of the divers áreas overshadow the uniform flow of time. Any historical period must therefore be imagined as a mixture of events which emerge at different moments of their own time”. Deste modo, os múltiplos eventos de determinado momento histórico, apresentado pelo historiador como expressão de um conteúdo uniforme seria, ao contrário, expressão de momentos de curvas temporais distintas, condicionadas por histórias específicas e não por uma história una. A ideia da coexistência simultânea do não-simultâneo invalida, por assim dizer, a ficção cronológica do momento histórico que homogeneiza as diferenças em conceitos de época e instaura rupturas marcadas por prólogos e epílogos. Trata-se de uma ficção que sustentava conceitos de temporalidade nos estudos literários, visível na apresentação da história como linearidade sequencial progressiva de todos os fenômenos sucessivos em suas regularidades e ritmos uniformes. A sua proposta esclarece com mais precisão fenômenos de equilíbrio instável e fronteiras porosas e interpenetráveis, presentes em experimentos historiográficos do nosso tempo, impossíveis de serem enclausurados numa periodização única. De acordo com este modelo, a historicidade emerge precisamente em espaços de intersecção e cruzamento de múltiplas curvas temporais copresentes, acentuando-se a convivência de temporalidades distintas no mesmo momento cronológico e no mesmo espaço histórico. Neste horizonte, que anima a construção de modelos teóricos para a escrita de histórias de literatura com acento sobre linguagens plurais, múltiplas camadas espaciais e durações pluritemporais, será colocada, mais uma vez, a delicada questão do ponto de equilíbrio entre projetos teóricos redutores de complexidade e modelos que, antes, catalisam complexidades. Focalizando, de modo exemplar, novos repertórios teóricos e práticas experimentais, as reflexões ensaiadas pretendem dar relevo aos processos de realimentação entre hipóteses teóricas acerca dos pressupostos da escrita de histórias atuais e as formas de

sua concretização, seja sublinhando a sua mútua dependência, seja dando ênfase a modos de contágio.

Palavras-chave: História da Literatura, Teoria da Literatura, Diacronia e Sincronia, Multitemporalidade

Reflexões sobre um ciclo de pesquisas: entre o conceito e a história

ROBERTO ACÍZELO QUELHA DE SOUZA(UERJ)

Resumo: Mais ou menos de 2000 a 2017 se estendeu o projeto que teve por meta inventariar e editar os textos fundadores da historiografia da literatura brasileira. Concluído o longo ciclo, cujos resultados foram dados a público de 2002 a 2017, empreende-se reflexão sobre o lugar desse gênero de trabalho no atual momento dos estudos literários, propondo-se seu potencial para pôr em relevo a tensão entre conceito e história, vista como incontornável para a compreensão adequada dos problemas da área.

Palavras-chave: teoria, historiografia, abstrato, concreto

Literatura e história: breve nota sobre a atualidade dessa relação

JOANA LUÍZA MUYLEAERT DE ARAÚJO(UFU)

Resumo: “Literatura e história, breve nota sobre a atualidade dessa relação” Em tempos de novas propostas de expansão do campo literário, o texto que apresento retoma o problema das conexões entre literatura e história, partindo da noção de “estranhamento”, pertinente ao campo da teoria literária, bem como da ideia de “contemporaneidade”, no centro das discussões atuais sobre as novas possibilidades de relação do literário com outras artes. Em conhecido ensaio, Carlo Ginzburg sugere o “estranhamento”, “como antídoto eficaz contra um risco a que todos nós estamos expostos: o de banalizar a realidade”. Refere-se o autor, nessa passagem, a historiadores e teóricos da literatura que, embora “irmanados num fim cognitivo”, são tão próximos quanto distantes em seus respectivos ofícios. Pressupondo a pertinência e atualidade desse debate, recorro ainda aos ensaios de Agamben sobre a noção do “ser

contemporâneo”, como “uma singular relação com próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias”. É nesse sentido que espero poder construir algumas hipóteses em defesa dessas “estranhas” e “extemporâneas” relações, que talvez, por isso mesmo, preservam sua potência de eterna novidade.

Palavras-chave: historiografia, teoria da literatura, história da literatura, literatura brasileira

O primeiro romantismo alemão e o historiador de literatura como leitor

CONSTANTINO LUZ DE MEDEIROS(UFMG)

Resumo: A compreensão dos fenômenos de literatura em sua dimensão estética e em seu contexto histórico foi uma das contribuições mais importantes dos estudiosos do primeiro romantismo alemão para o surgimento de uma historiografia literária que se diferencia por seu caráter crítico, não sendo apenas a descrição e o mero catálogo de obras e autores. Ao afirmar que “o verdadeiro leitor tem de ser o autor amplificado”, de modo que “ler é satisfazer o impulso filológico”, Friedrich Schlegel indica o modo singular como os românticos de Iena concebiam a aproximação entre a obra, o autor, o crítico e o leitor. No alvorecer do século XIX, com o movimento primeiro-romântico, ocorre uma reconfiguração dos discursos sobre a literatura. O historiador literário abandona a mera catalogação de obras e a disposição de dados biográficos sobre autores, como acontecia até então, e passa a atuar como um leitor em segunda potência, analisando, criticando e confrontando autores e obras, como atestam as histórias da literatura de Friedrich Schlegel, August Wilhelm Schlegel e de Friedrich Bouterwek. Esse fenômeno de reconfiguração do discurso da história da literatura no *Zeitgeist* primeiro-romântico é parte da episteme histórico-literária moderna. Entre os motivos que explicam a diferença entre a historiografia literária dos irmãos Schlegel e a maioria das obras de seu tempo está sua formação filológica. Apenas quando se leva

em consideração a sólida formação obtida nas escolas filológicas de Friedrich August Wolff (1759-1824) e Christian Gottlob Heyne (1729-1812) é que se pode compreender a verdadeira dimensão do papel desses estudiosos na fundamentação científica da historiografia literária. Anos mais tarde, ao descrever a aproximação entre o historiador de literatura, o autor e o leitor, Hans Robert Jauss afirmaria que “a história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor que se faz novamente produtor, e do crítico que sobre ele reflete”. Esta comunicação analisa e discute o papel dos irmãos Friedrich e August Wilhelm Schlegel no processo de reconfiguração da historiografia literária, a partir de suas concepções teóricas sobre a atividade do crítico e historiador de literatura na aproximação recíproca entre autor, obra e leitor.

Palavras-chave: História da literatura, Primeiro Romantismo Alemão, Friedrich Schlegel, Leitor

Algumas reflexões de Cesare Segre sobre a crítica literária

RAPHAEL SALOMÃO KHÉDE(UERJ)

Resumo: O filólogo românico Cesare Segre (1928-2015) produziu, ao longo de mais de 60 anos de trajetória, uma extensa obra crítica dedicada a inúmeras questões literárias: da crítica textual à crítica das variantes, à intertextualidade, à sintaxe do período nos primeiros autores italianos, à vertente plurilinguística na literatura italiana, à análise crítica de textos como a Chanson de Roland ou os lais de Marie de France, ou de obras de Dante, Petrarca, Boccaccio, Shakespeare, Cervantes, Corneille, Alfieri, Belli, Kafka, Gadda, Calvino, García Márquez e muitos outros. Ao longo de sua carreira, preparou várias edições críticas, entre as quais devemos lembrar as “obras menores” (Opere minori) de Ariosto em 1954; em ‘57 descobriu a fonte principal de uma das mais enigmáticas entre as obras italianas antigas, o Ritmo Cassinese. Em 1960 publicou o Orlando furioso de Ariosto segundo

a edição de 1532 com as variantes de 1516 e de 1521, utilizando partes de materiais preparados pelo seu tio-avô, o filólogo Santorre Debenedetti. Em 1971 publicou a edição crítica da Chanson de Roland, contando com elogios inclusive por parte de Maurice Delbouille. A partir do final dos anos ‘60 começou a se interessar com mais intensidade pelo debate crítico daqueles anos, de modo que novos conceitos foram sendo incorporados em seu aparato metodológico, que já tinha como base a filologia românica e a estilística de Spitzer (assimilada através de seu orientador, o linguista Benvenuto Terracini). O filólogo, com Maria Corti, Umberto Eco e outros, teve o mérito de ter sido um dos primeiros na Itália a divulgar conceitos derivados da narratologia, da culturologia da escola de Tartu (assimilada sobretudo através de Lotman), do formalismo, do estruturalismo e da semiótica, sobretudo no que diz respeito a definição do que é o texto literário e a sua relação com a cultura. Segundo a definição de Gian Luigi Beccaria (SEGRE, 2014, p. XII), Segre, em sua obra crítica, partindo da delicada relação entre a visão objetiva do texto, em sua concretude filológica, e o trabalho de interpretação e de teoria, soube equilibrar o ato crítico e a teoria. No ensaio Una crisi anomala (1993, p. 4), Segre afirma que na Itália, “com poucas exceções, os representantes da corrente estruturalista-semiológica levaram em consideração os resultados alcançados pela cultura precedente e, sobretudo, mantiveram o relacionamento com a história”. Segundo ele, os “críticos italianos não exaltaram os novos métodos como descobertas revolucionárias e exclusivas, mas simplesmente os consideraram instrumentos úteis para aprofundar a descrição e a compreensão do texto literário”. Nosso objetivo foi reconstruir parte da reflexão de Segre sobre o método e a função da crítica literária, levando em consideração sua relação com a história e a cultura.

Palavras-chave: Cesare Segre, Crítica literária, História da literatura, Literatura Italiana

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Ainda sobre o regionalismo: notas para repensar o problema

FERNANDO CERISARA GIL (UFPR)

Resumo: A comunicação tem como objetivo debater a hipótese segundo a qual ao longo do século XIX, apesar de haver a produção ficcional de uma literatura que viria a ser denominada de regionalista, a noção/conceito de regionalismo/regional se encontra ausente na crítica e na história literária brasileiras do século XIX. Ao contrário do que comumente se estabeleceu e se passou a entender, o conceito ingressou em nosso circuito crítico e histórico, como modo de conceber a literatura brasileira, somente no século XX. A nossa intervenção, nesse sentido, busca investigar as razões e implicações da “ausência” (como conceito) e da “presença” (como produção literária) e, ao mesmo tempo, indiciar as condições históricas e literárias de sua entrada no horizonte crítico brasileiro. A perspectiva que pretendemos demonstrar e sustentar é a de que a visão e o esforço centralizadores, unificadores e integradores do Império brasileiro ao longo do século não permitiram a formação de ideologias e sistemas culturais locais e particularistas, do ponto de vista letrado. Na base desse esforço, estava a urgência da construção do estado e da identidade cultural nacionais, aspectos articulados mas distintos de um mesmo processo. E no risco desse mesmo esforço se situavam não somente o fantasma da fragmentação histórica e nacional da América hispânica, como também, e sobretudo, a tensão e o potencial sempre presente de fragmentação e de desmembramento das nossas províncias do tecido nacional. Daí a necessidade da formação hegemônica de um sistema de (auto)compreensão e de legitimação de valores que fosse unificador, centralizador e integrador, inclusive o literário. Com isso, veremos que a noção de regionalismo se constitui e se imanta com uma série de condições literárias, culturais e histórico-sociais que não estavam dadas no século XIX. A sua emergência

somente se faz possível, por um lado, com a queda do edifício imperial e com a instauração do federalismo, com a ascensão política das províncias e com certa vitória também política e social de frações da oligarquia brasileira, no período republicano; por outro, com a complexificação da “divisão territorial do trabalho”, que passa a delimitar com mais precisão do ponto de vista histórico, econômico e cultural as diversas formações espaciais, como, por exemplo, a rural e a urbana. Delimitação essa necessária à constituição e à operação do conceito de regionalismo. Talvez não seja incorreto dizer que esboçaremos um exame da historicidade do conceito.

Palavras-chave: regionalismo, literatura regionalista, crítica, história da literatura

O tema da língua no romantismo e no modernismo brasileiros

MÁRCIA REGINA JASCHKE MACHADO (UFMG)

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar alguns aspectos de possíveis relações entre o Romantismo e o Modernismo brasileiros. Para isso, partiremos da análise do envolvimento de José de Alencar e de Mário de Andrade na questão do “abrasileiramento” da língua portuguesa na escrita literária. Um dos grandes esforços de José de Alencar, no âmbito de sua produção intelectual, esteve relacionado à tentativa de formular uma linguagem inovadora, aproximando escrita literária e falar brasileiro. É possível estabelecer uma relação entre esse esforço e a predisposição predominante em sua época de se forjar uma tradição para o país que o caracterizasse pela coesão nacional. Não se tratava, portanto, de manifestação isolada, uma vez que a discussão sobre a diferenciação entre língua portuguesa de Portugal e do Brasil circulou e suscitou embates entre políticos e intelectuais brasileiros. No âmbito da literatura, posicionamentos divergentes sobre esse assunto acabaram resultando em enfrentamentos, como o que se estabeleceu entre Alencar e o escritor português Pinheiro Chagas, por exemplo. O autor de *Iracema* teve uma atuação relevante no que toca essa questão e, nesse sentido, buscou aproximar em muitos aspectos a linguagem

de seus textos literários do falar brasileiro, chegando a sofrer acusações de falta de rigor gramatical. Além disso, manifestou publicamente seus posicionamentos críticos, como no prefácio de *Sonhos d'ouro* ou no posfácio à 2ª edição de *Iracema*, este em resposta à polêmica com Pinheiro Chagas. Décadas depois, já no século XX, Mário de Andrade, assumiria posição análoga, quando se debruçou sobre a mesma questão. Deixou o projeto inacabado de uma Gramatiquinha da língua brasileira, como ele mesmo a denominara, ao qual dedicou seus estudos ao longo da segunda metade da década de 1920, conforme pode ser observado pela documentação deixada pelo autor de Macunaíma. A partir de 1930 a produção desse material tornou-se escassa. Com base na análise das anotações deixadas por ele sobre esse assunto e dos debates com muitos de seus interlocutores presentes em sua correspondência, é possível verificar seu desejo de ver uma grande parcela de intelectuais envolvida nessa empreitada. Não desejava, segundo seus relatos, criar uma nova língua, mas sistematizar o falar brasileiro. Muitos de seus interlocutores, contudo, não deixavam de salientar a complexidade, as incoerências e os inúmeros problemas da concretização desse projeto, conforme o que já estava fazendo Mário de Andrade em cartas, textos de crítica ou mesmo textos literários. Esse estudo comparativo sugere, portanto, uma abordagem histórica, e sua finalidade é propor um debate sobre as possíveis relações entre esses dois momentos da história da literatura brasileira.

Palavras-chave: História da Literatura, Modernismo, Romantismo

José Veríssimo e as dimensões do teatro brasileiro

MÁRCIO ROBERTO PEREIRA (UNESP/ASSIS)

Resumo: Antes de tornar-se o capítulo XVII da História da literatura brasileira (1916), sob o título de “O teatro brasileiro”, José Veríssimo abordou esse tema em diversas publicações. Assim sendo, esse trabalho refaz o percurso das ideias do crítico paraense sobre o teatro nacional com o objetivo de mostrar o amadurecimento das perspectivas do crítico

ao compor o capítulo XVII de sua História da literatura. Tal análise inicia-se com a aproximação de uma Conferência no Conservatório Dramático de São Paulo no dia 12 de setembro de 1910 que, posteriormente é publicada por José Veríssimo na Revista da Academia Brasileira de Letras (1º ano, número 2, outubro de 1910. p. 27-33). Sob título original, tanto da conferência quanto do artigo, de “O teatro brasileiro”, José Veríssimo aproveita-se integralmente deste ensaio para compor o capítulo XVII de sua História da literatura brasileira. Nota-se, portanto, o caráter orgânico da obra de Veríssimo, cujo resultado é a construção de uma história da literatura que é delineada, em jornais, revistas, palestras, no decorrer da carreira do crítico. Assim sendo, outros artigos serão importantes para Veríssimo compreender o teatro nacional e, também, servirão como um exercício para uma abordagem plural sobre o teatro nacional. São eles: “Martins Pena e o teatro brasileiro”. Publicado originalmente na Revista Brasileira (3ª fase 1895-1899) 4º ano, tomo XV, 1898. Recolhido em livro nos Estudos de literatura brasileira, 1ª série (1901). “José de Alencar e o seu drama “O jesuíta”, parte 1. Publicado originalmente no Jornal do Comércio, de 03 de setembro de 1900. “José de Alencar e o seu drama “O jesuíta”, parte 2. Publicado originalmente no Jornal do Comércio, de 10 de setembro de 1900. “O teatro no Rio de Janeiro”. Publicado na obra Que é literatura? e outros escritos. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. “O teatro e a sociedade francesa contemporânea”. Publicado originalmente no Jornal do Comércio, de 10 de fevereiro de 1908

Palavras-chave: José Veríssimo, teatro brasileiro, historiografia literária

Maria do Carmo de “A Normalista” e outras mulheres submissas de romances brasileiros do século XIX em estudo comparado

MAURÍCIO VIANA DE SÁ (UFAM)

Resumo: Este artigo é parte de minha dissertação de mestrado e se propõe a investigar a mulher na sociedade brasileira do século XIX como esposa subserviente, num estudo diacrônico. Recorrendo à Literatura Comparada, em sua teoria e método, analisamos algumas

personagens de romances do século XIX. A personagem central deste estudo comparado é Maria do Carmo, do romance *A Normalista*, de Adolfo Caminha. Para investigar acerca da perspectiva submissa da mulher no século XIX, analisaremos os homens que orbitam em torno da personagem principal do romance (Zuza, João da mata, pai de Maria do Carmo e Coutinho), identificando como estão por traz da trama manipuladora, como esse processo ocorre e quais suas relações literárias. Para estudo comparado com outros romances brasileiros do século XIX, buscamos as personagens Lúcia, de *Lucíola*, de José de Alencar e *Pombinha*, d' *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo e os personagens que as levam ou condenam à submissão. Usarei como fundamentação teórica os estudos de Sandra Nitrine (2010), Tânia Franco Carvalhal (2006), Antônio Candido (2014), Mary Del Priore e Carla Bassanezi Pinsky (2015), Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (2012) e Michel Foucault (2015).

Palavras-chave: Literatura Comparada, Feminino, Submissão, *A Normalista*

A presença do poeta B. Lopes nos periódicos cariocas da virada do século XIX para o XX

ISABELA MELIM BORGES (UFSC)

Resumo: Com o presente trabalho pretende-se trazer luz à obra do poeta B. Lopes (1859-1916), através de um questionamento de certas atitudes da crítica literária, tanto a atual quanto a vigente na virada do século XIX para o XX. Temos como propósito refletir sobre o lugar dado ao poeta nos compêndios de história da literatura, desde os mais atuais até os contemporâneos de B. Lopes, para, assim, tentar entender o porquê da pouca visibilidade que é dada ao poeta e à sua obra. Para isso, foi necessário entender o papel da crítica que estava em voga, delineando o panorama intelectual e político daquele momento. A partir daí, buscou-se traçar um esboço da recepção da crítica sobre obra do poeta através de uma análise dos periódicos da época.

Palavras-chave: B. Lopes, periódicos, crítica literária, história da literatura

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

História da Literatura como uma gaia ciência

ALINE DE ALMEIDA MOURA (PUC-RIO)

Resumo: Nessa apresentação, eu tenho por objetivo apresentar parte dos resultados obtidos em minha pesquisa de doutorado, cujo foco é discutir a produção de conhecimento em histórias literárias, na busca por alternativas alinhadas com tendências teóricas contemporâneas. Dessa forma, após fazer um levantamento de algumas das principais problemáticas enfrentadas pelo campo da história da literatura em minha pesquisa de mestrado, em minha atual pesquisa proponho alternativas mais condizentes para a área. Nessa minha busca, proponho uma ênfase específica sobre aspectos afetivos resultantes do nosso contato com sistemas literários e culturais como também atuantes nesse campo de estudo, aspecto que já aparece em inúmeras reflexões, mas que necessita de um vocabulário que consiga prover caminhos para a sua efetivação dentro do campo da história literária. Para atingir esse objetivo, através de contribuições advindas da neurociência da emoção, da percepção e da estética, provenho reflexões conceituais e metodológicas que justifiquem procedimentos interpretativos atualizados pela percepção de que há uma interação codependente e retroalimentada de noções como sujeito e objeto, razão e emoção, corpo e mente. O ponto de partida é a interlocução com histórias literárias produzidas ao longo do século XXI, como por exemplo, *A New Literary History of America* (2009), *A New History of German Literature* (2004), *Literary Cultures of Latin America: a Comparative History* (2004), *History of the Literary Cultures of East-Central Europe: Junctures and disjunctures in the 19th and 20th centuries*, 4 vols (2004, 2006, 2007, 2010), *A comparative history of literatures in the Iberian Peninsula* (2010) e *A History of Central European Women's Writing*. (2001). Para além desses modelos,

também avaliarei abordagens históricas de literatura em sentido mais amplo, como em *A virada: o nascimento do mundo moderno* (2009), de Stephen Greenblatt; *The bourgeois: between history and literature* (2013), de Franco Moretti; e *Depois de 1945. Latência como origem do presente* (2014), de H. U. Gumbrecht. Esses experimentos serão avaliados através das contribuições da neurociência, visando a redefinição de conceitos e métodos em vista de uma aplicabilidade a essa proposta de epistemologia alternativa. Em termos mais amplos, faço uma atualização do campo da história literária em seus pressupostos teóricos e práticas escriturais através de uma reavaliação da tradição racionalista presente no pensamento ocidental a fim de prover uma alternativa através de um sopro de gaia ciência. No decorrer do trabalho, proponho uma interação entre a teoria e a prática através da interlocução das reflexões com os diversos experimentos a fim de propor caminhos mais profícuos para a história da literatura.

Palavras-chave: História da Literatura, Afeto, Teoria, Epistemologia

Proposições para os estudos diacrônicos de literatura

RODRIGO DE AGRELA (UFMG)

Resumo: Nas Cartas Sobre A Confederação dos Tamoios (1856), José de Alencar traça fundamentos de uma “nova poesia” para a Literatura Brasileira daquele momento – o Romantismo. Ainda sobre as polêmicas cartas, o autor d’O tronco do ipê, apresenta uma sólida consciência estético-literária e também semelhanças de pensamento com a “sinfilosofia” do livro *Conversa sobre a poesia*, de Friedrich Schlegel. Para os membros do primeiro Romantismo, faltava-lhes uma mitologia que pudesse nutrir e representar a imaginação poética por meio de uma “intuição simbólica”, como chama Schlegel: “E o que é toda bela mitologia senão uma expressão hieroglífica da natureza circundante [...]?” Nesse processo de criação, o artista estaria tomando consciência do seu poder divinatório; ou, segundo T. S. Eliot, consciente do “momento presente do passado [...], não do que está morto, mas do que agora continua a

viver”. Nessa perspectiva, este trabalho faz parte de reflexões sobre a presença dos mitos fundacionais na Literatura Brasileira contemporânea e seus desdobramentos, considerando, numa perspectiva Levistraussiana, o mito como pensamento, como movimento ou como um conjunto de versões modificadas pela sociedade em que ele está inserido. Será que é possível dizer que a Literatura Brasileira dos nossos tempos incorpora, por exemplo, vultos heroicos de um passado remoto em um dito e fracassado mundo globalizado com reestruturações geopolíticas? Será que essas produções artísticas retomam uma estrutura mitológica, anterior mesmo ao Romantismo, e criam novos discursos por meio da apropriação de uma linguagem inovadora? Se o verbo transforma-se em carne do mundo, qual a carne do nosso mundo? Tais como os românticos, é possível falar de uma (nova) mitologia na nossa produção literária contemporânea? Quem são e para onde vão as nossas Musas?

Palavras-chave: Estudos diacrônicos, Romantismo, Friedrich Schlegel

Entre a ficção e a história: elementos góticos em contos e romances de Alexandre Herculano

HUGO LENES MENEZES (IFPI)

Resumo: Os mitos, com o passar do tempo, foram perdendo o caráter inicialmente sagrado. Entretanto, permaneceram como manifestações do imaginário dos povos, histórias profanas que sofreram transformações, notadamente ao emigrarem de uma cultura para outra. Dessa maneira, surgiram os contos de fadas, ou contos folclóricos, com seus elementos fantásticos, aqueles não explicados pelas leis da lógica de nossa realidade, a exemplo dos encantamentos e bruxarias. Nesses contos, localizamos o que remanesceu após a dessacralização dos mitos, considerados as mais antigas narrativas. De onde toda ficção verbal ser proveniente de tais relatos ancestrais. Lembremos que, a partir dos contos de fadas, conforme observou Affonso Romano de Sant’Anna em *Análise estrutural do romance brasileiro* (1972), o Romantismo cristalizou tanto uma série de lugares-comuns, como a

virtude recompensada, quanto uma série de tipos, como o príncipe encantado, a fada salvadora e a bruxa má. Por sinal, haja vista que a literatura fantástica nasceu associada à ficção gótica, uma abordagem do mal despontada na Inglaterra do século XVIII, com castelos medievais sombrios, criaturas grotescas, cadáveres, fantasmas, assassinatos e até mortos andando entre vivos, constatamos a relevância das histórias folclóricas para o Movimento Romântico desde a escolha da publicação de uma obra de forte presença de elementos macabros: a coletânea de Ludwig Tieck Contos de fadas populares (1797), marco inicial do Romantismo alemão, sendo raro um romântico não apresentar uma “peça noturna”, mais uma designação à produção contendo o insólito, o fantástico e o gótico. Com o Romantismo alemão, afirmou Ítalo Calvino em O conto fantástico no século XIX (2004), deu-se a ascensão e plenitude estética dessa narrativa, cuja maior expressão se encontraria nos contos de horror de E.T.A. Hoffmann. Simultaneamente, o romance ocupou o cerne do ideário romântico e alcançou o status de forma literária, inclusive sob a configuração de uma nova modalidade, surgida no primeiro período estilístico dos Oitocentos e, a vários títulos, tributária da ficção gótica: o romance histórico. Em semelhante esfera, recordemos que a prosa de imaginação, seja na vertente fantástica ou não, e a ciência histórica sempre apresentaram, estruturalmente em comum, o código narrativo. Por isso o fato de a historiografia e o relato ficcional, conservando características próprias, achegarem-se e adotarem, mutuamente, recursos que aperfeiçoam seus enunciados, possibilitando, pela interação do viés da arte verbal com o da história, uma reflexão fora do confronto entre narradores e analistas. Um exemplo do fenômeno constamos em Alexandre Herculano, também autor de História de Portugal (1846-1853) e História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal (1854-1859). Assim sendo, na comunicação ora proposta, objetivamos demonstrar, nos contos de Lendas e narrativas (1851) e nos romances O monge de Cister (1841), O bobo (1843) e Eurico, o presbítero (1843), do citado introdutor da ficção

histórica em vernáculo, a presença de elementos da narrativa gótica, enquanto esforço do medievalista de Portugal para colocar as letras pátrias em compasso com a literatura de autores de outros países do continente europeu.

Palavras-chave: Romantismo europeu, Ficção histórica, Ficção gótica, Alexandre Herculano

Machado de Assis, autor de vanguarda? Uma leitura concreta

GUSTAVO REIS DA SILVA LOURO (UFRJ)

Resumo: Haroldo de Campos, além de ter sido um dos idealizadores e expoentes da poesia concreta, também tem vasta obra crítico-teórica. Uma das grandes questões dessa obra é justamente a da crise dos estudos diacrônicos na historiografia literária. A partir da noção de poética sincrônica, cunhada por Roman Jakobson, Haroldo problematizou a história da literatura em moldes tradicionais e preocupou-se em elaborar um cânon literário (ou um contracânon. como ele gostava de dizer, em termos musicais) que respondesse às indagações criativas contemporâneas. Em outras palavras, escrever uma história literária do ponto de vista dos criadores - uma categoria poundiana, outra referência constante de Haroldo. O exemplo mais patente dessa preocupação da obra haroldiana são os trabalhos dedicados a reabilitar figuras literárias sob uma nova ótica, e trazê-las à atenção do leitor. Entre esses trabalhos está a Re-Visão de Sousândrade, que Haroldo escreveu em parceria com o irmão Augusto de Campos, obra que praticamente sozinha recolocou o poeta maranhense nas atenções da crítica. Outro exemplo é o Sequestro do Barroco, em que Haroldo questiona a ausência de Gregório de Mattos na Formação da literatura brasileira, de Antonio Candido, e propõe que o poeta baiano foi o iniciador de uma verdadeira tradição poética paralela no âmbito da literatura brasileira. Mas a crítica haroldiana também se destaca pelas leituras pouco convencionais que faz de figuras estabelecidas do panteão literário. Machado de Assis é um exemplo notável. Haroldo não trata extensamente dele em seus escritos, mas faz comentários muito

instigantes. Para o poeta concreta, aquele que é considerado o maior romancista brasileiro deve ser encarado como um autor de vanguarda. Em seu ensaio, Ruptura de gêneros na literatura latino-americana, Haroldo defende que Machado foi introdutor, no Brasil, de um tipo de (meta) ficção que é repleta de técnicas e problemáticas que só seriam vistas nos escritores mais radicais do século vinte, como Borges. Essa leitura que Haroldo faz de Machado pode, obviamente, ser inserida no âmbito da velha querela entre os defensores e os opositores do realismo machadiano. O questionamento do rótulo “realista” aplicado à prosa machadiana é tão antigo quanto essa própria classificação. Haroldo, ao identificar em Machado um escritor de vanguarda, pode ser colocado entre aqueles que recusam o realismo em Machado de Assis, ainda que essa questão não seja enunciada explicitamente em sua obra. Procuraremos desenvolver essa hipótese neste trabalho, e faremos ainda um levantamento crítico do que Haroldo escreveu sobre Machado. Este é, pelo que averiguamos até agora, o primeiro trabalho a se dedicar simultaneamente, ao romancista do século XIX e ao poeta concreto.

Palavras-chave: Machado de Assis, Haroldo de Campos, poética sincrônica, vanguarda

Os impasses da crítica: a questão dos gêneros em Ítalo Calvino

MARLON AUGUSTO BARBOSA (UFRJ)

Resumo: O livro *Se um viajante numa noite de inverno*, do escritor italiano Italo Calvino, foge aos modelos convencionais e nasce do cruzamento de estilos, gêneros e discursos diversos. O livro é escrito em vinte e dois capítulos – doze deles numerados (Capítulo 1, Capítulo 2, Capítulo 3, e assim sucessivamente...) e entre eles, 10 capítulos nomeados (“Se um viajante numa noite de inverno”, “Fora do povoado de Malbork”, entre outros). A separação entre números e nomes, segundo a crítica, está baseada no princípio de que apenas os capítulos numerados pertencem ao livro propriamente dito. Os capítulos nomeados são inícios de romances de outros autores dentro do livro principal. O primeiro capítulo numerado

não é *Se um viajante numa noite de inverno*, mas o anúncio de uma leitura que está por começar, isto é, em processo, em movimento: “Você vai começar a ler o novo romance de Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno...*”. Trata-se de um livro em que um leitor e uma leitora são os personagens principais. Após adquirir um novo exemplar de “*Se um viajante numa noite de inverno*”, de Italo Calvino, o leitor-personagem descobre, que por um erro de encadernação, o seu livro apresenta um defeito a partir da página 32. Ao trocá-lo por outro volume, ele descobre que a história nada tem a ver com aquela cuja leitura havia começado: o livro “*Se um viajante numa noite de inverno*” agora é “*Fora do povoado de Malbork*”. Os obstáculos para a leitura se intensificam quando esse romance também apresenta um erro de encadernação – páginas em branco preenchem o lugar da história e um novo início de romance aparece para o leitor personagem. Assim, o fluxo da narrativa de *Se um viajante numa noite de inverno* procede a partir de cancelamentos sucessivos. O leitor e a leitora lançam-se em um universo labiríntico de livros e situações em busca de uma satisfação do prazer da leitura que lhes é continuamente roubado, desviado, escondido. Italo Calvino esteve durante toda a sua vida engajado política e teoricamente com a literatura. A sua obra é tão atrelada às questões que circunscrevem o seu tempo e o nosso tempo que se torna impossível passarmos despercebidos por uma obra tão rica para o pensamento teórico. Sua obra crítica e literária articula questões que podem ser consideradas clássicas para a Teoria Literária, como por exemplo: os gêneros literários, as questões relativas à tradução e ao plágio, os níveis de realidade no interior da ficção, a morte e o retorno do autor, a realidade e a ficção, o leitor e a leitura, o espaço literário em geral e tantos outros tópicos. A princípio, o objetivo deste trabalho é entender como, a partir de uma desarticulação do romance, de um hibridismo de gêneros, de que modo, através de que estratégias de composição o texto de Calvino dialoga com a Teoria Literária - principalmente com o Formalismo Russo e o Estruturalismo - e formula uma possível teoria para os gêneros literários.

Palavras-chave: Italo Calvino, Gêneros Literários, Viajante

Tradução e literatura nacional: um estudo do empreendimento editorial de B. L. Garnier (1870-1880)

VALERIA CRISTINA BEZERRA (UNESP)

Resumo: Em busca de conhecer o processo de formação da literatura nacional no século XIX, a história literária ateve-se aos esforços de homens de letras brasileiros e às suas produções originais. No entanto, nesse período o Brasil contou com uma ampla presença de obras traduzidas, que dividiam com a literatura brasileira os espaços de difusão literária e a atenção do público. Tomando como exemplo Baptiste-Louis Garnier, livreiro-editor responsável, em certa medida, pela consagração de nomes como José de Alencar, Machado de Assis, dentre outros, vemos que seu exercício profissional interferiu no meio literário brasileiro, tornando-o diversificado por meio da inclusão de obras estrangeiras no comércio de livros do país. O editor era constantemente saudado nas páginas dos periódicos por seu empenho em prol da literatura nacional, seja por seu trabalho na edição dos escritos de autores brasileiros, seja pela tradução e publicação de produções estrangeiras, o que propõe uma perspectiva mais complexa da ideia de literatura nacional, diferente daquela na qual a história da literatura tem insistido. Este estudo tem como objetivo compreender o impacto da literatura estrangeira nas letras brasileiras tomando como caso de estudo o empreendimento editorial de tradução de B. L. Garnier entre 1870 e 1880, período em que o editor contratou um corpo de tradutores e inseriu no mercado do país cerca de 80 títulos de prosa de ficção traduzidos. Analisaremos o perfil dessas obras – autores mais traduzidos, editoras de origem, diferença de tempo entre a veiculação original e a publicação no Rio de Janeiro – assim como aspectos de sua recepção crítica no Brasil, a fim de oferecer elementos para a discussão do papel da literatura estrangeira na história da literatura brasileira.

Palavras-chave: História da literatura, Literatura nacional, Literatura estrangeira, Tradução

06

A INCLUSÃO DAS DIFERENÇAS E DAS DIVERSIDADES NAS NOVAS TESSITURAS DE PRODUÇÃO E NAS LEITURAS LITERÁRIAS CONTEMPORÂNEAS

Leni Nobre de Oliveira (CEFET/MG)

Evaldo Balbino da Silva (UFMG)

Divanize Carbonieri (UFMT)

Resumo: O comparatismo tem servido como valioso e insubstituível meio de abordagem e estudo de obras literárias, possibilitando um amplo e diverso diálogo entre teorias e produções literárias contemporâneas com as de diversas épocas. Nesse sentido, a Literatura Comparada possibilita que novos autores, à luz de sua comparação com autores canônicos e à luz de novas teorias, sejam recebidos por novos leitores e críticos. Compagnon defende que todo texto se constrói pelo trabalho da citação, atividade em que o ato de leitura reúne-se ao de escrita, pois escrever é sempre reescrever o que a leitura recortou (COMPAGNON, 1996, p.13). O homem, nesse sentido, vem escrevendo um grande e único texto através dos tempos. Assim, não podemos ver num texto aquilo que o tornaria virgem, no sentido primeiro desta palavra, o de uma pureza sem interferências, sem mestiçagens. E isso porque dialogar com a escrita passada é procedimento comum à criação literária, afirma Carlos Fuentes ao indagar se seria possível haver produção de literatura sem tradição (FUENTES apud FIGUEIREDO, 1995, p.63). Dentre as indagações de Fuentes, inscreve-se a possibilidade de sobrevivência da tradição através da renovação. Nesse viés, Antonio Candido, referindo-se à importância dos leitores, coloca-os como condição para a permanência da literatura enquanto um sistema vivo de obras, na medida em que eles “a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (CÂNDIDO, 1973, p.74.). Se considerarmos que o

escritor é antes de tudo um leitor, inferimos que o seu discurso é um mosaico de referências que absorve e transforma outras produções anteriores. Se no emaranhado que se tece a partir de fios discursivos diversos existe uma transformação, a renovação aludida por Fuentes ou a deturpação apontada por Cândido, a originalidade, então, ganhará um outro sentido. Outra significação instaura-se, porque a palavra nova, que agora se constrói, nasce das brechas do velho discurso. Com ele dialoga, opondo-se ao mesmo ou lhe sendo solidário, o que vai caracterizar a intertextualidade, a qual “se constrói no espaço criado pela abertura da palavra frente a outra”, uma vez que o signo, com sua capacidade generativa, abre-se “para a réplica, para o prosseguimento e para a reinterpretação” (CURY, 1982, p.119.). Se para Calvino (1998, p.11), os “clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem e nos costumes)”, as novas tessituras literárias, tanto do ponto de vista da produção quanto da interpretação da obra literária são percebidas à luz do cânone e dos clássicos, subsidiários naturais da herança cultural, ponto de partida para a negação ou afirmação de novas produções e leituras. Nessa conjuntura, as demandas de atendimento às propostas educacionais no Brasil, considerando as orientações governamentais de inclusão das diversidades como princípio básico da cidadania, levaram as escolas de formação básica e superior a incluir disciplinas e conteúdos que demandam novos materiais paradidáticos e suportes teóricos subsidiários das novas abordagens e, considerando a pluralidade e a multiplicidade de culturas que caracterizam o povo brasileiro e suas diversas heranças, várias foram as publicações que se fizeram necessárias e oportunas para o aporte do ponto de vista da literatura (teórico, experimental, didático e paradidático), muitos deles subsidiados pelo governo ou pelos próprios autores, em busca de uma contemplação mais

ampla e perceptiva da alteridade. Se “todas as obras literárias, em outras palavras, são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’” (EAGLETON, s.d., p.13). Se por meio do comparatismo, a relação da Literatura com os demais produtos culturais do nosso tempo amplia e complexifica seus significados, e essa arte se torna objeto complexo, engendrada a partir de um pensamento transcultural e transdisciplinar, torna-se pertinente que esse recurso seja observado em seu potencial revelador das diferenças e das diversidades na produção literária contemporânea. Com a perspectiva apresentada, neste Simpósio pretendemos acolher trabalhos que discutam sobre os rumos da produção, da crítica e da teoria literárias na contemporaneidade, privilegiando autores, obras e temáticas que abordem sobre diferenças, diversidades e inclusão, temas caros às abordagens sobre alteridade. Nesse caso, incluem-se, entre outras possibilidades analíticas, as releituras feitas de obras já cristalizadas (como aquelas sobre Machado de Assis) que, sob as novas investigações, mostram as ironias e as denúncias presentes em obras aparentemente ingênuas.

Palavras-chave: Comparatismo, Diversidades e diferenças, Literatura Contemporânea, Teorias contemporâneas

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

A ironia enquanto recurso estético na produção de Hilda Hilst

ALINE PIRES DE MORAIS (UNEMAT)

Resumo: Considerada uma importante voz no cenário literário brasileiro contemporâneo Hilda Hilst destaca-se pela adoção de uma postura polêmica que nos revela a voz de uma escritora preocupada com as questões de seu tempo e que não pretende fazer literatura como forma

de fugir da realidade, mas como maneira de pensá-la criticamente. Por meio da ironia, Hilst potencializa um discurso que demonstra toda a consciência de que a literatura é construída em um espaço onde se desvela um anseio de comunicar-se a fim de preencher os vazios da alma humana, escreve-se para vencer a frustração diante da vida e também para vencer o medo e as angústias que atormentam a alma humana. Em textos polêmicos, Hilst destilou seu “veneno” e arrancou as máscaras de uma sociedade hipócrita, a autora falou sem medo e sem pudores de problemas sociais historicamente consolidados e desmascarou a elite não apenas campineira, esta em especial, mas toda a burguesia brasileira. Por isso, este trabalho busca mostrar de que modo o discurso irônico aparece nas crônicas hilstianas como recurso estético que visa desvelar as mazelas de uma sociedade que ignora os problemas sociais enfrentados diariamente pelos cidadãos. Linda Hutcheon, em seu estudo sobre a ironia, mostra de que modo a ironia pode se transformar em instrumento de crítica, assim, e mostraremos como a opção pela atitude irônica em Hilda Hilst é apresentada como ferramenta de denúncia e desvelamento social, instrumento questionador da ordem vigente, dos códigos de conduta e das estratégias repressivas, ao desferir o tom irônico em crônicas que buscam no real o substrato para a palavra, a escritora paulista demonstra claramente sua tomada de consciência face às realidades histórico-sociais. Característica recorrente na produção cronística de Hilst, a ironia é o recurso encontrado pela autora para destilar sarcasmo e incitar o riso, assim a cronista faz da ironia uma postura diante do cenário sócio político que ela procura mostrar em seus textos, rompendo assim com a leveza que sempre caracterizou o gênero e tratando as temáticas de modo cáustico e feroz. É uma ironia que reflete o desespero humano frente a uma sociedade que perdeu a noção de ética, denunciando uma indignação que é na verdade uma subjetividade refletida na constante perda de valores básicos de uma coletividade em conflito. Portanto, objetiva-se mostrar de que modo a ironia destilada

por Hilst em sua produção é o veículo para a produção de uma crítica que procura olhar para aqueles que foram esquecidos, vítimas de todo um processo social excludente e massacrador.

Palavras-chave: crônica, ironia, Hilda Hilst

A representação do silêncio e silenciamento em *Claire of the sea light* de Edwidge Danticat

ANA FLÁVIA DE MORAIS FARIA OLIVEIRA (UFMT)

Resumo: Nascida em 1969, em Porto Príncipe, Haiti, Edwidge Danticat migrou para os Estados Unidos com a idade de doze anos. Com dupla nacionalidade – haitiana e estadunidense – a autora é atualmente uma das vozes mais expressivas da diáspora. Sua escrita transita entre histórias ficcionais e não ficcionais, elucidando questões de gênero, raça, classe e nacionalidade. Em seu mais recente romance *Claire of the sea light* (2013), Danticat centra a narrativa, inicialmente, no desaparecimento de Claire, uma garota pobre que foge ao saber que seria adotada por Madame Gaëlle. Porém, após esse sumiço, a narrativa se desloca para os eventos de outros personagens: a história de Gaëlle, uma empresária bem sucedida que, a fim de vingar a morte do esposo, faz justiça com as próprias mãos; a trágica história de Bernard Dorien, com sua boa intenção em fazer a paz entre as gangues da favela Cité Pendue; a história de Max Junior, um rapaz afluente que comete um crime contra Flore Voltaire, uma empregada da família; e a de Louise George, uma apresentadora de rádio popular que dá voz à população da região por meio de seu programa de entrevistas. Notamos que, embora a obra tenha sido publicada após o terremoto no Haiti (12 de janeiro de 2010), que vitimou mais de 200 mil pessoas, a autora retrata uma população cercada de problemas que vão além de desastres naturais, já que, em todas essas narrativas, Danticat problematiza as relações de colonialidade e o silêncio coletivo de uma pequena vila de pescadores assolada pela violência, corrupção, criminalidade, disparidade social e desigualdades entre os gêneros masculino e feminino. Dessa maneira, em *Claire of the sea light*, a autora

se esforça em representar essas relações de colonialidade existentes entre as classes mais abastadas e as menos favorecidas que ainda insistem em permanecer na sociedade do Haiti, bem como a situação de invisibilidade e subalternidade das mulheres haitianas, fazendo com que o país seja um Estado independente de sociedade colonial. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar a representação dos silêncios e silenciamentos, mostrando sua influência nas relações de poder que permeiam uma sociedade. Para isso, lançaremos mão de teorias da pós-colonialidade, decolonialidade e um referencial teórico que aborde as questões históricas, políticas, sociais e culturais sobre o Haiti.

Palavras-chave: relações de poder, silenciamentos, Edwidge Danticat

Carolina de Jesus, uma escritora do nosso tempo

ELZIRA DIVINA PERPÉTUA (UFOP)

Resumo: Partindo da constatação do crescente interesse do campo das Letras pelos estudos sobre a memória, refletiremos sobre como o gênero confessional, a princípio banido do horizonte dos estudos literários, conquistou um lugar de destaque no âmbito acadêmico brasileiro nas últimas décadas. Até mesmo a distinção hierárquica entre os chamados subgêneros do gênero memorialista, defendida no rastro do pós-estruturalismo, perde o sentido, não só com o advento de outras formas de expressão das escritas do eu, mas principalmente com o aparecimento das chamadas teorias da memória. A abrangência dessas teorias vem favorecendo o aprofundamento de debates cada vez mais contundentes e expressivos, como os que cercam a memória individual e a coletiva, a memória histórica e a metaficção historiográfica, a memória social e a cultural, a memória pessoal e a ficcional. Abrigando-se muitas vezes sob os estudos culturais, o estudioso da memória encontra não apenas um texto a analisar, mas um sujeito que se constitui como linguagem e, como tal, incompleto e inacessível. Essas reflexões acompanharão o desdobramento de um caso exemplar: o número considerável de pesquisas, hoje, nas universidades brasileiras, que se

volta para a obra de Carolina Maria de Jesus – escritora que alcançou um sucesso fulgurante nos anos 1960 com seu Quarto de despejo: diário de uma favelada, sem nunca ter merecido um estudo acadêmico no mundo das Letras até as vésperas do terceiro milênio. Memórias de um tempo e de um lugar, de um certo Brasil, de um indivíduo e de uma coletividade, de um gênero textual, ou mnemônica textual, são algumas possibilidades de pesquisa que se multiplicam, fazendo calar um silêncio de décadas. Extrapolando a publicação que a consagrou, as pesquisas sobre a autora, nos últimos anos, voltam-se para suas publicações menos conhecidas, como o segundo diário, Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada, além de Diário de Bitita, que mascara com o título a autobiografia de sua infância e juventude no interior de Minas. A investigação acadêmica volta-se, sobretudo, para o acervo de manuscritos inéditos, que têm permitido novas abordagens das obras publicadas, pelo viés comparatista, além da descoberta de contos, romances, peças de teatro, poemas, que compõem o projeto literário da escritora. Projeto esse que passa a ser conhecido graças à investigação que lega à contemporaneidade o que foi negado à sua idealizadora no passado – um público leitor que a compreendesse e que dialogasse com seu desejo de escrever.

Palavras-chave: Carolina de Jesus, Memória, Projeto literário

Tradição religiosa e traição em Adélia Prado: a humildade e o seu reverso no cruzamento de vozes

EVALDO BALBINO DA SILVA (UFMG)

Resumo: O presente estudo busca analisar as retomadas e as releituras que a obra de Adélia Prado faz das tradições bíblicas. Ao fazê-lo, sua poética propõe um discurso franciscano e camaleônico. Na obra da poeta mineira há diálogos intensos, e de modo explícito, com uma série de autores da nossa tradição literária, incluindo-se a literatura judaico-cristã e mística. Do mesmo modo com que ela, no tocante aos autores “seculares” (tais como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa e Camões), constrói uma continuidade e uma ruptura, também vai

fazê-lo em relação aos autores “sagrados”. Seu diálogo é mais intenso com a Bíblia. É principalmente desse livro que emanam, e se inscrevem na obra de Adélia, as representações que ela faz de Deus e da vida. Forjando uma escrita que prima pelo caminho da simplicidade, as vozes poéticas e narrativas da autora se constroem nas brechas dos discursos bíblicos e promovem uma encenação em que a humildade e o seu reverso se cruzam sem se excluírem. O que resulta disso é um discurso desdobrável, camaleônico, pois nos apresenta sujeitos multifacetados com discursos também de múltiplas faces. Tem-se, portanto, na obra da autora, um desdobramento dos sujeitos, narradores e vozes poéticas. Nesse sentido, toda a obra adeliiana promove um resgate das tradições bíblicas pelo viés crítico da releitura, trazendo para o bojo da tradução dos discursos bíblicos a traição no sentido de releitura, com afirmações e negações do já dito. Para a análise proposta, serão utilizados fragmentos da obra da autora, tanto em prosa quanto em poesia. Assim servirão a esta leitura os livros: *Bagagem*, *O coração disparado*, *Terra de Santa Cruz*, *O pelicano*, *A faca no peito*, *Cacos para um vitral*, *Os componentes da banda*, *O homem da mão seca* e *Manuscritos de Felipa*. Como suporte teórico, serão utilizadas algumas discussões sobre intertextualidade e dialogia. A crítica contemporânea reconhece que toda e qualquer comunicação se faz por um dialogismo, conceito desenvolvido por Bakhtin que aponta para um movimento de discordância e concordância, de fusão e atrito entre vozes muitas vezes parecidas, mas que também não deixam de, em muitos momentos, apresentarem-se “estranhas e hostis” entre si. Segundo este teórico, a maneira individual por que o homem “constrói seu discurso é determinada consideravelmente pela sua capacidade inata de sentir a palavra do outro e os meios de reagir diante dela”. Esse posicionar-se diante da fala do outro é inevitável na medida em que o código nada mais é do que um fenômeno social. Impossibilita-se o indivíduo de uma fuga a diálogos constantes, justamente porque “a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam”, e as palavras que utilizamos estão sempre e inevitavelmente habitadas por outras

vozes. Nesse sentido, comparecerão estudos, neste trabalho, de Mikhail Bakhtin (1997), Julia Kristeva (1969), Antoine Compagnon (1996), Carlos Fuentes apud Eurídice Figueiredo (1995), Antonio Candido (1973) e Maria Zilda Ferreira Cury (1982).

Palavras-chave: Tradição, Bíblia, Traição, Adélia Prado

Rosaura, a enjeitada: efígie ou esfinge de Bernardo Guimarães

MARCUS CAETANO DOMINGOS (UNESP-FRANCA)

Resumo: Na presente comunicação, pretendo apresentar o esboço de uma análise interpretativa de uma obra menor do escritor mineiro Bernardo Guimarães, o romance *Rosaura: a enjeitada*. Menor, se tomada em sentido comparativo com seus maiores clássicos (no sentido empregado por Calvino), porque a obra se trata de um livro esquecido, diferentemente de outros que chegaram até o presente trazendo marcas das leituras, que precederam a presente, e que foram reinterpretadas na TV, teatro, cinema, e que deixaram marca na cultura nacional. Foi o caso, em especial, de *O Seminarista* além de, principalmente, *Escrava Isaura*. A obra *Rosaura* foi tomada como lugar de pesquisa historiográfica, quando, acidentalmente, durante uma pesquisa de história política, que desenvolvo, agora, como pesquisa de doutoramento, deparei com uma revelação biográfica do autor: vários de seus ancestrais maternos haviam sido criados como crianças enjeitadas, como a personagem *Rosaura*. Pesquisando a respeito da biografia do seu tio, o vigário Antônio José da Silva, em documentos de sua ordenação, levantei dados que comprovam que o mesmo é irmão de Constança Beatriz de Oliveira, mãe de Bernardo Guimarães, a respeito de quem há escassos dados biográficos, e que é tida por uma senhora de origem aristocrática. Ambos foram crianças enjeitadas pela mãe, Maria Caetana de Oliveira, e esta, como o irmão, também o foram, pela mãe, Thereza de Jesus de Oliveira. Segundo o registro de batismo de Thereza, sua mãe foi Catharina de Oliveira, parda e forra. Com a pesquisa, a família materna de Bernardo, de aristocrática, passou a emergir do cativo. Não passou despercebido o sub título da obra *Rosaura: a enjeitada*. Com as

informações a respeito da família materna do autor em mãos li a obra, por meio do comparatismo, percebi relações, óbvias algumas, e outras, subliminares, entre os dramas familiares e os dramas que envolvem as personagens, peças centrais do enredo do romance bernardiano. Um grande reforço a esta hipótese foi dado pelo próprio Bernardo, que, em “Carta a Fernando Saldanha Moreira, em 8 de novembro de 1882”, chamou o livro de “a minha velha efígie, quero dizer retrato, (ma portraiture, como dizia Balzac)”. As análises literárias e biográficas tem tomado como o “retrato” de Bernardo na obra o personagem Belmiro, um estudante de direito, mestiço, dado a músico, poeta e boêmio, como o foi Bernardo, quando frequentou as aulas da velha faculdade de São Paulo, em meados do século XIX. E é Bernardo, na carta ao amigo, que indaga, “agora, falando sério, o meu busto é verônica?” (vero=verdade, nica=imagem). Além da referência biográfica óbvia, referente ao personagem Belmiro, creio ser plausível pensar, enquanto hipótese, que haveria outra referência, imiscuída na trama. Dramas vivenciados na trama coincidiriam com a vida das personagens femininas da família. Dores, humilhações e preconceitos, coincidiriam. A hipótese apontaria para uma fina ironia empregada por Bernardo, que pode ter feito do livro mais do que efígie, tornando-o uma provável esfinge. Decifrá-la seria importante para uma compreensão mais profunda de sua obra e vida e de sua compreensão da sociedade e do país.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, Releitura, Reescrita, Alteridade

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Memórias de meninas: tessituras, contextos, discursos e diferenças

LENI NOBRE DE OLIVEIRA (FAPEMIG)

Resumo: O sentido da obra literária, muitas vezes só se revela à luz de outras obras. Quando comparadas, seus contrastes e suas confluências podem corroborar, amplificar e esclarecer os vários significados

codificados nas tessituras do discurso ali organizado, o que pode facilitar a transparência de novos sentidos, já que tais obras se tornam mais significativas em seus contextos, em novas leituras. Assim, quando submetidas ao processo da comparação, as produções literárias podem se enriquecer mutuamente e se constituírem mananciais subsidiários da cultura, da sociedade e das diversidades costuradas nos alinhavos dos textos, com tudo o que eles possam apresentar de tradição e de ruptura, elucidando, nas delicadas teias de significantes codificados nas mínimas fendas do discurso, marcas indeléveis da percepção de mundo de seu autor, nem sempre intencionalmente ali expressas. Se “todas as obras literárias, em outras palavras, são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem, na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’”. Com base nessa perspectiva, compararemos a obra *Minha vida de menina*, de Helena Morley, publicada em 1942, e *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, entregue para publicação em 1976. A primeira, ambientada em Diamantina, cobre o cenário de decadência da mineração e exploração de diamantes, na região, como também os acontecimentos históricos tais como a abolição da escravatura e a Proclamação da República, tendo como narradora uma descendente de ingleses branca. A segunda, com lapso temporal que vai de 1918 a aproximadamente 1938, é o registro do olhar de uma menina negra, na cidade de Sacramento, nas fazendas das redondezas e, por último, em São Paulo. Publicada na França, em 1982, o diário apresenta as visões de mundo e da sociedade de sua autora, ao mesmo tempo em que se sobressai o registro das questões raciais próprias da sua condição. Se a literatura é um espaço privilegiado para que as cenas do cotidiano e simulações possam ser encenadas pelo sujeito pós-moderno, tanto por quem escreve como por quem lê, os dois diários podem revelar que o capital cultural nelas preservado se constitui como instrumento de construção e reconstrução da memória do passado no presente. Com esse capital, a literatura pode-se materializar como fonte reveladora do próprio sentido do registro e das tessituras discursivas de qualquer escritor, porque “toda

escrita ficcionaliza o seu leitor. E todo leitor acumula um repertório de pré-noções e é munido desse aparato que se acerca de um texto, com o qual o seu conjunto de expectativas passará a atritar”, constituindo essa dupla via como é o próprio modo de ser desse tipo de patrimônio. Assim, por meio do comparatismo, pretendemos ampliar os significados dos dois diários, confirmando que, se pensarmos a obra literária a partir de um pensamento cultural, transcultural e transdisciplinar, ela apresenta seu potencial revelador das diferenças, das diversidades e da cultura da qual ela faz parte. EAGLETON, Terry. DUTRA, Waltencir. Teoria da Literatura: Uma introdução. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (p.13) JESUS, Carolina Maria de. Diário de Bitita. Sacramento: Editora Bertolucci, 2007. MORLEY, Helena. Minha vida de menina. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (Org.). Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992. (p. 65)

Palavras-chave: Comparatismo, Diário de Bitita, Minha vida de menina, Memórias de meninas

Das periferias de São Paulo para as escolas de Brasília: os trânsitos do poema “Oração dos desesperados” de Sérgio Vaz

ALINE TEIXEIRA DA SILVA LIMA (UNB)

Resumo: O poema de Sérgio Vaz, Oração dos desesperados, percorreu um caminho muito significativo, pois foi produzido na periferia, para ser publicado em uma revista dedicada à literatura marginal, e, agora, se encontra na bibliografia do PAS/UnB, ao lado de obras (não apenas literárias) que pertencem ao campo literário. O presente trabalho tem como objetivo analisar este texto poético dentro do contexto da literatura marginal, examinar o porquê e como se deu esse trajeto São Paulo/Brasília, bem como sua ressonância, além de averiguar questões relacionadas à autoria. De forma geral, o termo “marginal” está relacionado à “margem”, isto é, beirada, o que, em nível social, significa aquele que não está inserido no centro. Essa separação de classes deu origem a uma “cidade partida”, como afirma Zuenir Ventura

(1994). A classe subalterna ficou restrita a determinado circuito geográfico, a periferia em geral. À vista disso, ao associar literatura com o adjetivo “marginal”, estamos classificando “as obras literárias produzidas e vinculadas à margem do corredor editorial, que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos, que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados, ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como marginais” (NASCIMENTO, 2009, pp. 20-21). Sérgio Vaz e suas produções são representantes de tal estética. No campo literário brasileiro, o qual é extremamente homogêneo, seus poemas seriam vozes “não autorizadas”, que causariam desconforto com a sua presença, “tensão resultante do embate entre os que não estão dispostos a ficar em seu ‘devido lugar’ e aqueles que querem manter seu espaço descontaminado” (DALCASTAGNÈ, 2012, p.07). Entretanto, Oração dos desesperados conseguiu transitar da periferia de SP às escolas de Ensino Médio brasilienses, percorrendo um contra fluxo, pois, sob determinada perspectiva, “literatura marginal designaria os livros que não pertencem aos clássicos da literatura nacional ou universal e não estão nas listas de leituras obrigatórias dos vestibulares” (NASCIMENTO, 2009, p. 37). Assim, o texto poético analisado rompeu com determinada tradição: a bibliografia de processos seletivos universitários brasileiros, os quais são comumente compostas por obras ditas canônicas. O feito do CESPE em Brasília pode até parecer tímido, tomando como base toda a extensão do território brasileiro, mas tal mudança, mesmo que pequena e centralizada, é incontestavelmente significativa, pois o texto em questão, que na verdade representa toda uma classe social, tem sido amplamente difundido e tem alcançado inúmeros leitores, rompendo com a duplicidade da tríade de Candido (autor-obra-público): uma para a elite e outra para as classes subalternas. Com essa nova geração de escritores periféricos, a fronteira entre a “cidade marginal” e a “cidade oficial” é ultrapassada e esses grupos marginalizados que habitualmente são objetos da fala de outrem, passam a ser sujeitos de

sua própria fala, nos evidenciando uma perspectiva interna da periferia. Por conseguinte, é necessário que a cultura e, consequentemente, a arte marginal seja respeitada. As diferenças não devem ser usadas como aporte/argumento para discriminações e preconceitos e que, assim, essas vozes possam não apenas falar, como também serem ouvidas.

Palavras-chave: literatura marginal, campo literário, Sérgio Vaz, Oração dos desesperados

Identidade em trânsito - A artificialização barroca nos “Acenos e afagos” de João Gilberto Noll

BIA CRISPIM DE ALMEIDA (UFRN)

Resumo: A partir do confronto com a concepção do barroco moderno ou neobarroco, proposto por Benjamim (1984), Deleuze (2015) e Sarduy (1979), este trabalho tem como objetivo propor uma análise da construção do personagem-narrador e da sua linguagem na obra ‘Acenos e afagos’ de João Gilberto Noll. Nele, será apontada a artificialização de Sarduy e sua subdivisão em três mecanismos (a substituição, a proliferação e a condensação) como sendo praticada na literatura recente, sobretudo na América Latina. Tais conceitos relativos à construção e estruturação do signo e consequentemente do personagem e da sua linguagem, nos permite observar uma certa ‘colisão’ com o romance supracitado, o que não deixa de fora o conjunto da obra de Noll. A voz do personagem-narrador do romance em questão se expõe numa variação entre gêneros linguísticos do masculino e do feminino numa alternância não linear, e sim, ocasional, de instante presente, dinâmica, que de maneira alguma pode antecipar a próxima fala, cena ou episódio, a próxima identidade e/ou gênero, a próxima transmutação ou travestismo desse dita persona. Assim como Sarduy, Deleuze, ao analisar Leibniz, nos apresenta a dobra como teoria da infinitude, que se faz em redobras e desdobramentos, os quais fica evidente na concepção do personagem nolliano, visto que tal personagem-narrador transmutável apresenta-se ora homem hetero com impulsos de macho,

ora mulher dona de casa que espera o marido voltar do trabalho com o jantar à mesa, da mesma forma que em certos instantes se mostra como uma mulher-fálica que mesmo numa identidade feminina possui pênis com o qual sacia seu parceiro homem ou um homem travestido em feminilidade, ativo e/ou passivo em suas performances sexuais e sociais, zoófilo, em outro momento, desenvolvendo-se numa atmosfera de contrastes, de opostos, de antíteses, de antípodas que se fundem num único ser cujas relações de identidade, gênero e aspectos de construção, evolução e maturação do personagem-corpo, transportam o leitor a um universo conflitante, paradoxal, erótico, Barroco. Esse aparente caos, segundo Benjamim, deve ser compreendido como um continuum espacial, cujo enredo se desenrola numa espécie de coreografia de simultaneidades, que nem a morte é capaz de frear. Tudo isso escrito em uma linguagem erótica, esquizofrênica, surrealista e Barroca.

Palavras-chave: Barroco, Artificialização, Identidade, Dobra

Desconstruções de gênero nas autobiografias de Anderson Herzer e João W. Nery

DIVANIZE CARBONIERI (UFMT)

Resumo: O objetivo deste trabalho é o exame das obras autobiográficas A queda para o alto (1982) de Anderson Herzer e Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois (2011) de João W. Nery. Esses dois autores brasileiros têm em comum a experiência da transmasculinidade, vivenciada já a partir das décadas de 1970 e 1980, num período em que a condição trans era ainda bastante invisibilizada no país. Contudo, há diferenças marcantes na trajetória e conscientização dos dois escritores, tais como são narradas em suas autobiografias. Para compreender o fenômeno da transgeneridade, é preciso reconhecer a separação entre sexo e gênero, mas também as implicações que se estabelecem entre eles. Butler (1993) entende que existe uma relação estreita entre a materialidade do corpo e o que ela chama de performatividade de gênero. Para ela, as diferenças sexuais

materializadas nos corpos são indissociáveis das práticas discursivas, estabelecendo o “sexo” como uma categoria normativa ou um ideal “regulatório”. Isso equivale a dizer que é o discurso que normatiza ou regula o sexo, materializando-o naquilo que parece ser natural, mas que é, de fato, uma construção. O que Butler identifica como fator comum tanto na materialização do corpo e do sexo quanto na performatividade de gênero é justamente o caráter reiterativo de ambos. De acordo com ela, a performatividade de gênero não se resume a apenas um único ato, mas à prática reiterativa de atos e gestos estilizados. Sendo assim, o sexo é tão construído discursivamente quanto o gênero, e, na verdade, a construção ou materialização do sexo depende da reiteração de gênero. Contudo, por mais paradoxal que seja, ainda que o sexo seja gênero (ou esteja implicado na performatividade de gênero), não podemos dizer que o gênero seja sexo. Dito de outra forma, o sexo de uma pessoa não predetermina sua identidade de gênero. De fato, nada há de natural nas identificações de gênero, que se dão de acordo com bases regulatórias, que, por sua vez, podem ser e são reconstruídas pelos indivíduos durante suas histórias de vida. A própria necessidade da reiteração indica que a materialização tanto do sexo quanto do gênero nunca está realmente completa. Com base nessa discussão teórica, é possível analisar como as narrativas de Herzer e Nery desconstruem a heteronormatividade cisgênera, propondo rupturas que são importantes para o melhor entendimento das identidades de gênero e suas transformações.

Palavras-chave: gênero, transmasculinidades, Anderson Herzer, João W. Nery

Panorama de cenas sexuais da prostituição masculina na prosa homoerótica brasileira contemporânea

DORINALDO DOS SANTOS NASCIMENTO (UFU)

Resumo: A emergência do discurso da diferença no âmbito da Literatura converge para o diálogo com a agenda política contemporânea sobre a diversidade sexual no tangente às orientações homoafetivas e à reivindicação ou negação de subjetividades gays, lésbicas, queer.

Desse modo, face aos rumos, trajetórias e desafios da homocultura nos estudos literários - em que pese, ainda, o silenciamento, a invisibilidade e/ou negativização de textos de expressão homoerótica pela crítica e historiografia literárias canônicas -, este trabalho (projeto de tese em andamento) se inscreve enquanto estudo teórico-crítico e com viés histórico comprometido com o alargamento de pesquisas envolvendo literatura e homoerotismo, visando ao estabelecimento de um campo de investigação com a ficção homoerótica a qual faz “aproveitamento” de situações e/ou assuntos polêmicos projetados no âmbito narrativo-ficcional em consonância à configuração do tema do desejo, dos conflitos, dos dramas e vitórias de minorias marginalizadas pela orientação sexual. Sob esse horizonte de investigação, tendo em vista um quadro narrativo recorrente na literatura homoerótica brasileira contemporânea, configurado por sujeitos da ficção que intercambiam sexo e dinheiro, objetivamos, neste trabalho, em perspectiva panorâmica, problematizar desejos, identidades e práticas homoeróticas confluentes às cenas sexuais fundadas no âmbito da prostituição masculina. Esta, sob severos códigos de moralidade, uma função laborativa periférica traduzida enquanto dupla zona de abjeção outsider, seja pelo estigma de atividade aviltante ao comercializar o corpo (objeto de uso), seja pela conexão discriminatória vinculada à homossexualidade, nuançada em ambivalências pelos sujeitos que se prostituem. Diante disso, nesse estudo diacrônico-crítico, perspectivamos analisar personagens (e narradores) e suas condições ou modos de ser-estar, enquadrados no binômio relacional imbricadamente ambíguo, inquietante, tenso e, em determinadas circunstâncias, conflituoso envolvendo personagens que realizam transações econômico-sexuais. Para tanto, tendo em mira referencial teórico-metodológico alinhado à crítica da cultura em conjugação às contribuições da teoria queer, entabulamos como leitura analítica textos em prosa (contos e romances) de ficcionistas propulsores de uma “literatura de subjetivação gay”, tais como: Samuel Rawet,

Gasparino Damata, João Gilberto Noll, Marco Lacerda e Marcelino Freire. Sublinhamos, também, que à luz de pressupostos teóricos que compreendem a leitura do texto literário em consonância a aspectos pragmáticos da realidade sociocultural plasmados na realidade ficcional, este trabalho buscou processo exegético que deslindasse eixos de discussão acerca das relações de poder, negociações de performances sexuais e de gênero imbricadas no plano dos desejos entre os atores das cenas sexuais, bem como as representações do labor do sexo vendido na constituição de subjetividades dos personagens.

Palavras-chave: Homoerotismo, Prostituição masculina, Constituição de personagens

Machado de Assis: o sentido de um nome

FELIPE BASTOS MANSUR DA SILVA (UERJ)

Resumo: Reconhecido como o principal escritor brasileiro, Machado de Assis constitui-se verdadeiro problema para o discurso historiográfico em literatura, fenômeno perceptível desde o princípio da formação da crítica a respeito de sua obra. Enquanto suas expressões lírica e dramática evidenciam identidades bastante estáveis no contexto artístico do século XIX, no gênero narrativo (contos e romances) Machado transgrediu o projeto comum aos narradores brasileiros de seu tempo: recusou fórmulas estabelecidas e rearticulou outras, produzindo um discurso próprio e de distensão em relação às ideias vigentes ao fim de século. A opção por um caminho diferente à lógica burguesa das estéticas romântica e realista, dominantes no século XIX, empresta à narrativa machadiana um estilo que, além de originalíssimo, obriga o leitor (crítico) a observar o seu significado discursivo dentro de uma posição ideológica de contraponto e questionamento sobre o desenvolvimento da modernidade no Brasil. Ao introduzir outra voz (que se tornaria a identificação de seu estilo, pelo conceito barthesiano) no discurso literário de sua época, a narrativa machadiana estabelece um paradigma curioso em nossa literatura: é a expressão máxima da

narrativa brasileira do fim do oitocentos, ao mesmo tempo em que está sempre deslocada dos discursos ideológicos de seu tempo. Este trabalho tem em um primeiro momento o interesse em apresentar os principais debates críticos em torno da obra de Machado de Assis e em relação ao seu lugar na história de nossa literatura, que desde o princípio do século XX suscita ideias muitas vezes antagônicas - mas que sempre giram em torno do desejo de dar um sentido estável (isto é, pleno) à estrutura discursiva instável (isto é, sempre por se fazer) da narrativa machadiana. E é pelo recurso da ironia, figura de pensamento ampliada pela narrativa machadiana à condição de visão de mundo do autor – parte fundamental de seu estilo –, que Machado desenvolveu uma estrutura narrativa capaz de problematizar a si mesma e de colocar a voz que narra sob suspeita, portanto, sempre em aberto. A profunda condição irônica de seu discurso traduz-se em uma escrita dúbia, errante e que parece dar ao texto uma força constante de resignificação, permitindo que se estabeleçam, ao longo do tempo, novos diálogos com a sua crítica. Desse modo, este trabalho pretende salientar quais valores são colocados em cena em alguns dos momentos de estabelecimento da crítica machadiana, partindo das primeiras discussões, ainda no princípio do século XX, mas chegando também àquelas que se travam na atualidade. O objetivo, portanto, é compreender melhor como se desenvolve o estabelecimento do nome Machado de Assis na condição de representante maior do cânone de nossa literatura, na mesma medida em que o próprio conceito de cânone se transforma ao longo da história da crítica literária; e que, desse modo, possamos ler e reler Machado de Assis no intuito de ativar novas interpretações críticas, capazes de atualizar o significado da obra do “maior escritor brasileiro” em relação aos problemas dos brasileiros de hoje.

Palavras-chave: Machado de Assis, Ironia, Crítica e interpretação

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

O lugar do sujeito negro no imaginário dos escritores brasileiros: Érico Verissimo, um estudo de caso

KATIA REGINA DA COSTA SANTOS (UFRJ)

Resumo: A proposta desta comunicação, que é parte de um projeto de pesquisa acerca da representação do sujeito negro na literatura brasileira, é pensar a recepção dos leitores que imaginamos que estejamos formando na contemporaneidade – aqueles os quais queremos aproximar também dos grandes clássicos – de textos que se apresentem com marcas de seus tempos. A referida pesquisa privilegia textos não ficcionais, principalmente, de autores consagrados. No caso, falamos aqui dos dois tomos que trazem as memórias do escritor Érico Verissimo, “Solo de Clarineta: Memórias”, V. I e II. Em suas memórias, em um momento ou outro, o autor nos fala também de uma ou outra pessoa negra e/ou mulata com a qual tenha convivido ou se relacionado, e sua descrição de tais sujeitos nos mostra que seu texto pertence a uma determinada “escola” brasileira de caracterização do cidadão e da cidadã negros – assim como alguns indígenas, também, por ele citados e apresentados – com o mesmo descaso político de seu tempo. Assim, a partir de tal texto, o propósito deste trabalho é pensar a recepção destes mesmos textos (os dois volumes) por sujeitos contemporâneos que representem, eles próprios, a “diversidade nas novas tessituras de produção” de sentido do mundo e do Brasil a partir de literatura canônica brasileira. Em momento algum pensa-se em “enquadrar” o autor, o que seria apenas contraproducente e maniqueísta. Stuart Hall diz/dizia que nos processos de releituras não podemos abrir mão de qualquer teórico ou teoria que nos ajude a entender o lugar do sujeito periférico nas sociedades, e o mesmo acreditamos que possamos pensar de um autor da estatura de Érico Verissimo. A intenção é “ler” o Brasil

de cada época a partir das memórias ou ensaios de determinado autor ou autora. A ideia é ouvi-los sem o “véu” da ficção. E ao retirarmos a licença ficcional, e deixarmos transparecer suas ideias muitas vezes condenáveis, como seguir com o processo de formação de destes “outros” leitores que chegam às salas de aula em abundância neste momento do país? Como fazê-los persistir na leitura desses textos que, inicialmente, os repelem? Quais justificativas, no caso de Verissimo, podem ser apresentadas a esses leitores para nos ajudar a evidenciar que todo autor é antes de tudo um homem do seu tempo? Quais teóricos contemporâneos podem nos auxiliar neste processo? É função do professor “eliminar” o mal-estar que por acaso se instale a partir de tal leitura? Falamos aqui da necessidade de uma recepção politicamente guiada? Estas são as questões que somos impelidos a examinar nesse trabalho a partir da leitura das memórias de Érico Verissimo.

Palavras-chave: diversidade, cânones, recepção, negros

Negra, mulher e Americanah: construção identitária em romance de Chimamanda Adichie

MICHELA ROSA DI CANDIA (UFRJ)

Resumo: A visão do diferente é vista como uma ameaça ao pretendido caráter homogêneo da nação e família norte-americana. A mistura dos povos distintos nos EUA não convergiu para a unicidade. Nesse contexto em que as dicotomias entre centro e margem; colonizador e colonizado são estabelecidas, o centro de poder norte-americano exerceu uma função absolutamente indispensável para a criação das contra-narrativas produzidas por escritores marginalizados. Distintas culturas e suas especificidades, em um constante diálogo, produzem novas formas de associação, mediação e mobilização entre os sujeitos. Povos subjugados e/ou marginalizados manifestam-se por meio de textos literários em seus diversos gêneros, relatos autobiográficos, diários e outros documentos que visam ressignificar a dita veracidade do discurso histórico. No trabalho em questão pretendo investigar de

que maneira Ifemelu, protagonista de *Americanah*, de Chimamanda Adichie é construída como negra, mulher e *Americanah*. Para tal é preciso considerar os elementos culturais e psíquicos que se articulam às diferenças de classe social, etnia, gênero, possibilitando a criação de identidade(s) que podem ser contestadas, assimiladas ou negadas em um local escolhido como lar. Parto do princípio de que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, Stuart. 2011:13) mas que, ao contrário, é formada na interação com outros sujeitos. Ao deslocar-se para os Estados Unidos, Ifemelu é confrontada com uma realidade distinta da Nigéria, seu país de origem. No decorrer do romance, composto de memórias, a personagem vive em constante tensão ao transitar por duas culturas. Em decorrência disso, ela precisa negociar suas identidades, pois ora é vista como “americanah”, ora como nigeriana. Além disso, a cultura de seu país de origem adquire uma nova configuração no seu contato com as personagens Obinze, Curt e Blaine, relacionamentos amorosos de Ifemelu em diferentes momentos de sua vida.

Palavras-chave: identidade, americana, nigeriana, lar

Escrever para viver

MIRIAN GADO FERNANDES COSTA (USP)

Resumo: “Você junta duas coisas que nunca foram juntadas antes. E o mundo se transforma”, esta reflexão de Julian Barnes – escritor e ensaísta inglês cuja obra é tema de estudo de meu doutorado - encontra-se em *Altos Vãos e Quedas Livres* (*Levels of Life*, no original), um texto híbrido apresentado em três partes: um ensaio, uma pequena estória e um extrato de memória que também pode ser lido como um romance. Nesta publicação de 2013 (tradução para português em 2014, pela Rocco), encontramos a potência da memória, e sua precariedade, as lembranças, a busca pela palavra justa e lúcida juntando-se sinfonicamente para tentar descrever a dor da perda e a experiência do luto, mescladas num tempo cronológico e subjetivo,

num tempo recontado, na experiência empática da morte do outro; todos estes significantes presidem uma narrativa nada convencional sobre a morte da esposa do autor: ele conta sobre sua dor, sabendo que “os escritores acreditam nos padrões que suas palavras criam, eles esperam e acreditam que possam expressar ideias, histórias, verdades. Esta é a salvação deles, estejam ou não devastados pelo luto” (BARNES, 2013). No entanto, apesar de falar de sua história, o nome da esposa morta nunca aparece na narrativa, pois ele também parece querer ecoar os questionamentos do homem contemporâneo frente ao amor e à inexorável questão da morte. A narrativa ficcional que parte do universal para contar sobre o íntimo particular quer também recriar e reinventar eventos autobiográficos e tem se mostrado um importante campo de pesquisa literária em nossos tempos. Memória, amor, perdas, luto são elementos instigantes que nos fornecem, ou sugerem, parâmetros para refletirmos sobre as transformações da narração de si frente a passagem do tempo e diante da finitude, porque, mesmo num contexto contemporâneo, progressivamente esfacelador da experiência subjetiva do homem, há resistências e tentativas de construção de ressignificações. Para análise deste texto singular da literatura inglesa coeva, tomamos pressupostos de Paul Ricoeur em seus estudos sobre o tempo e a memória, lembrando que o tempo se torna tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e a narrativa se torna significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal (*Tempo e Narrativa II*, 1995). Ainda, se pensarmos que o auto-relato, ou relatos ficcionalizados da biografia do autor, podem ser considerados um locus privilegiado do encontro entre a vida interna do sujeito e sua inscrição em determinada história social e cultural, podemos perceber que se instaura um campo de renegociação e reinvenção identitária, considerando uma das exigências da autoficção que o narrador se questione, com a honestidade possível do discurso, e esteja atento e receptivo ao mundo a seu redor, transformando suas digressões em formas de partilhar com o leitor suas experiências, na

forma literária que “cria uma certa distância até do seu próprio eu, mas essa distância é a condição para a proximidade em relação aos outros” (PERRONE-MOISÉS, 2016), e permite religar-se ao mundo fragmentado contemporâneo.

Palavras-chave: Literatura contemporânea, Julian Barnes, Escritas de si, Ressignificações

Questões étnico-raciais e história e cultura africana e afro-brasileira nas narrativas literárias dos acervos complementares: alfabetização e letramento

SHEILA DIAS SILVA LAVERDE (UFMT)

Resumo: Objetiva-se, com a realização desta pesquisa, analisar as narrativas literárias da africanidade e/ou afrodescendência selecionadas pelo MEC e que fazem parte das caixas enviadas para as escolas participantes do Programa Nacional da Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Desde 2013, quando efetivamente começou o PNAIC, o Governo Federal tem investido na formação continuada de professores do primeiro ciclo e também no envio de material pedagógico para ser trabalhado com os alunos dessas turmas, que compreendem o primeiro, o segundo e o terceiro ano. Cada turma recebe uma caixinha cheia de obras literárias, contendo cerca de trinta e cinco títulos diferentes, dos mais variados temas e gêneros. Essas obras permanecem nas salas de aula e são lidas diariamente por alunos e/ou professores, na parte inicial da aula, conhecida como leitura deleite. Acreditamos que é essencial que o aluno tenha contato com o texto literário antes mesmo de aprender a ler, e o fato de esses livros ficarem nas salas, geralmente no cantinho da leitura ou em pequenas estantes ou em baús, faz com que eles estejam acessíveis para as crianças. Assim, elas têm a liberdade para manipulá-los e folheá-los e, diariamente, podem escolher o livro que será lido pelo professor ou, no caso dos que já sabem ler, ler eles mesmos, na hora da leitura deleite ou em outro momento propício. Infelizmente, em nossa experiência em sala de aula, como

professora da educação básica, percebemos que, nessas caixas, havia uma quantidade, muito pequena, de obras que trabalham as questões étnico-raciais e a história da cultura africana. Notamos também que muitos professores preferem a leitura de obras clássicas, principalmente por serem mais conhecidas e com mais atividades “prontas” para serem trabalhadas com as crianças. As narrativas literárias da africanidade e da afrodescendência ainda são bastante desconhecidas do público geral e de muitos professores que preferem não se arriscar. Vale ressaltar que nosso intuito não é avaliar metodologias, práticas ou resultados do PNAIC. Tencionamos investigar as estratégias de representação escolhidas pelos autores dessas narrativas para a promoção da igualdade racial e da valorização da contribuição africana e afrodescendente na sociedade brasileira. O estudo da literatura, sobretudo das literaturas que o governo federal decide enviar para todas as escolas do país, revela-se, então, extremamente importante para verificar que histórias e que representações dos povos africanos e afrodescendentes estão sendo apresentadas às crianças brasileiras. É necessário pensar numa abordagem descolonizadora dessas literaturas e evidenciá-la aos professores para que não perpetuem o racismo e a inferiorização da contribuição de africanos e afrodescendentes ao invés de questioná-los. Os livros escolhidos para esta análise são os distribuídos no triênio 2013-2014-2015 e são conhecidos como “ACERVOS COMPLEMENTARES Alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento – PNLD/PNBE”.

Palavras-chave: História e Cultura africana e afro-brasileira, Narrativas literárias, Acervos Complementares/PNAIC, Educação Básica

07

A MELANCOLIA E SEUS DESDOBRAMENTOS
NA LITERATURA: DO ROMANTISMO À
CONTEMPORANEIDADE

Fabiano Rodrigo da Silva Santos (UNESP)

Márcia Eliza Pires (UNESP)

Adriana Carvalho Conde (UFSM)

Resumo: O conceito de melancolia, cujas origens remetem à medicina hipocrática, consiste em um dos legados do pensamento antigo mais reincidentes na história ocidental. Inicialmente, a melancolia ocupa lugar cativo no campo das tradições médicas, tendo as investigações que a tomaram como objeto presenciado o nascimento das ciências dedicadas ao estudo da mente (SCLIAR, 1994). Tributária ao pensamento de Hipócrates e Galeno, a melancolia adentra a Idade Média e nos tratados de Constantinus Africanus (BENJAMIN, 1984), acrescenta a seu repertório a influência astrológica de saturno que enriquece o imaginário acerca dessa enfermidade, oriunda, segundo a antiga teoria dos humores, da produção desequilibrada da bile negra, que levaria o enfermo ao isolamento misantropo, à prostração, à loucura e a uma tristeza mórbida, identificada com o ermo e com a morte. Ainda na antiguidade, o tratado atribuído a Aristóteles, conhecido como Problema XXX (1998), cunha uma definição de melancolia que se tornaria cara, posteriormente, ao campo das artes e das atividades intelectuais – segundo o tratado, há uma associação íntima entre melancolia e estados de inventividade genial, de maneira que excentricidade, tristeza e solidão seriam atributos próprios das mentes superiores e invulgares. A partir do século XVIII, com o desenvolvimento dos campos da medicina na senda da experimentação empírica, o termo melancolia torna-se inadequadamente impreciso e obsoleto para descrever uma condição patológica e positivamente verificável – isso, pois, a essa

altura, a melancolia já medrara com relativa autonomia e franco vigor nos campos das artes, principalmente, como meio de identificação de uma forma de genialidade desviante e mesmo maldita. A medicina e a psicologia moderna adotam, então, o conceito “depressão”, incursionando pelos meandros da melancolia, apenas em busca de correspondências especulativas e mesmo metaforicamente poéticas. Conforme se distancia da ciência, a melancolia desenvolve-se acentuadamente nas artes, converte-se em motivo poético, que, vicejando sobretudo em solo romântico, carrega para os campos da criação artística todo um repertório de imagens que servirão de matéria prima para uma concepção de arte hiperbolicamente subjetiva, que coloca em relevo os contrastes entre o artista inspirado e a realidade comum, sempre insuficiente, entediante, rarefeita e opaca. Saturno (e a influência malsã dos astros), bile negra, spleen, tédio, acedia, luto, vazio, silêncio, precipitação, sentimento de exílio e estagnação estão entre os muitos contributos da história da melancolia à esfera das artes. A equação entre tristeza, loucura e inspiração, já presente no Problema XXX, será de grande importância para a configuração do conceito de gênio no romantismo; essas categorias tornar-se-ão ainda mais próximas conforme se desenvolve a sociedade burguesa e, conseqüentemente, marginaliza-se o artista, que, como reconhece Hugo Friedrich (1979), ao ser alheado do plano utilitário da sociedade moderna, assume o estigma do isolamento como identidade. Além disso, a própria arte, no processo de constituição da sociedade moderna, é extirpada de suas pretensões à transcendência e à sacralidade aurática (BENJAMIN, 1987) – na esfera do utilitarismo moderno, o artista converte-se em anátema e a arte tem em seu norte um ideal vazio. Sensível a esses fenômenos, o gênio romântico converte-se em artista maldito, e o complexo melancólico torna-se não apenas referência para a identidade do artista moderno, mas prisma monocromático pelo qual ele enxerga a realidade e relaciona-se com a história, mediante uma atitude de negação e resistência. Como reconhecem Michael Löwy e Robert Sayer (1995), enquanto a ilustração

chancela a hegemonia do ideário moderno, o romantismo representa a reação a esse ideário. Dada sua proeminência junto ao romantismo, a melancolia pode ser considerada uma de suas bandeiras de resistência, a bem dizer, uma bandeira negra e desmantelada.

Benjamin (1989) e Dolf Oehler (1997) reconhecem a associação entre melancolia e resistência na poesia de Baudelaire como um mecanismo de relacionamento com a história. Com efeito, a visão desencantada de Baudelaire acerca do tempo presente pode ser tratada como ponte entre o espírito romântico e o das épocas futuras, encontrando correspondência na arte do século XX, que, ao presenciar a falência das utopias modernas face à deflagração de fenômenos que colocaram em relevo os nexos íntimos entre progresso e barbárie, configura uma imagem do século envolta em atmosfera de rarefação, opacidade e dissolução.

Considerando-se a ligação íntima entre a melancolia e a configuração de aspectos da identidade artística moderna, o simpósio proposto visa comportar considerações sobre os diversos desdobramentos da imagética da melancolia na literatura ocidental entre o romantismo e a contemporaneidade. Enfeixando, pois, desde a leitura da melancolia como referência para a identidade do artista moderno, até seu tratamento como mirante para avaliação do fenômeno histórico. Desse modo, ficção, poesia, teatro e crítica produzidos desde fins do século XVIII até o século XXI que tomem como referência a melancolia, o tédio, a evidencia de categorias negativas e testemunhem a falência de utopias possuem interlocução com a proposta de nossas discussões.

Palavras-chave: Melancolia, Modernidade, Sublime, Alegoria.

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 1

Melancolia e religião na literatura romântica de Chateaubriand

NATÁLIA PEDRONI CARMINATTI (UNESP-ARARAQUARA)

Resumo: A magnificência da literatura está em sua capacidade artística de exprimir a interioridade humana. Ela está lá, presente em todas as circunstâncias em que o homem sente necessidade de voltar a si mesmo. Vivenciamos uma era de especulações e dificuldades e a evolução cultural do homem torna-se, a cada dia, substancial. Questionamentos são hasteados no que tange à funcionalidade da Literatura, mas nós, pesquisadores das Letras, sabemos que ela dá significado e orientação a nossa existência. O ensejo de estudar a arte que produzimos abre itinerários distintos, no entanto, convergentes a um tema axial: a impossibilidade de o homem responder a si mesmo inquirições que fogem de seu domínio concreto. O ser humano, a despeito de sua racionalidade, carece de explicações que transcendem o limite de sua consciência, porém a experiência cotidiana faz com que estes utopistas racionais percam toda sua racionalidade a fim de, pelo menos, acreditar que tudo tem um porquê e uma aplicabilidade no universo em que prestamos obrigações. Sintoma complementar é a incessante busca do sublime em entidades superiores que nos conduzem a crer que nada é por acaso, e o que experimentamos aqui apresenta um sentido e uma determinação. Nunca pensei que Literatura e Religião conjugar-se-iam tão profundamente, empenhando-se em confluir uma com a outra. Mas, harmonizaram-se e isso foi o bastante para darmos início a este trabalho enigmático. Diante disso, os estudos que nos propusemos desenvolver na presente comunicação emitirá uma nota positiva sobre Literatura bem como sobre a religião cristã, essa que nos tempos atuais, fragmentou-se em tantas crenças, cedendo espaço a diversas doutrinas. Há na religião ou na literatura uma resposta à melancolia humana? Não sabemos se uma resposta concludente, todavia, é satisfatória, ao

menos para aliviar as constantes provações a que somos submetidos, diariamente. Salve nosso grande mestre Carlos Drummond de Andrade, que com pouquíssimas palavras, disse o suficiente: “No meio do caminho tinha uma pedra”. Mal sabíamos que uma pedra provocaria tantos alardes. Nessa perspectiva, não intentamos encerrar hermeticamente um posicionamento, mas inaugurar um novo modo de leitura que se principiou com as obras de François-René Auguste de Chateaubriand. Augusto no próprio nome, a impressão tida é que não se trata de mera coincidência, mas de uma importante figura que revolucionou a era dos Oitocentos, período em que a França conhecia vertiginosas reformas. Testemunha de um íterim transicional, posto que morreu em Paris em 4 de julho de 1848, presenciando a passagem do século XVIII ao XIX, minuciosamente. Portador de pretensões libertárias, Chateaubriand, arauto do passado, lutou por intermédio da palavra, pela defesa do homem e, sobretudo, do Deus cristão. Crente no poder do homem em edificar sua felicidade particular, o autor francês, apesar de deísta, foi quem mais se martirizou com as ruínas e triunfos dessas duas épocas de insensibilidade face à miséria humana.

Palavras-chave: Literatura, Religião, Melancolia, François-René Auguste de Chateaubriand

A forma e a voz da melancolia: a construção literária do efeito em Edgar Allan Poe

MARLUCE FARIA DE MELO E SOUZA (UERJ)

Resumo: Em seus ensaios “The Poetic Principle” e “The Philosophy of Composition”, Edgar Allan Poe defende que o propósito básico da poesia é produzir uma elevação da alma no leitor, o que seria possível através da interação de três fatores: a relação entre uma obra literária e a música; a escolha de um tema poético; o emprego de um tom elevado. Em sua visão, o tema mais poético de todos é a morte, e o tom mais elevado é o melancólico. Não é por acaso, assim, que a grande maioria de seus poemas e contos apresenta um intenso rigor musical, a representação da morte e uma melancolia estrutural. Uma notável unidade de efeito

rege o sistema literário de Edgar Allan Poe. Ao leitor apresenta-se mais do que um tema; propõe-se um universo. Para tanto, o escritor utiliza os mais variados recursos para construir uma atmosfera que envolva o leitor, convidando-o, seduzindo-o ou — nos contos mais aterrorizantes — até forçando-o a participar de sua realidade. Já o início dos textos inspira uma singular sensação: sabe-se, imediatamente, que se trata de uma obra de Poe. Quando todas as imagens, todas as palavras, todos os movimentos contêm o mesmo núcleo criativo, o leitor percebe a unidade de impressão e se sente dominado pela atmosfera sombria. Uma história deixa de ser apenas uma história, assim como personagens deixam de ser apenas personagens. No processo de constante ressignificação poética, o leitor vira partícipe do jogo criativo e se sente atingido por uma dor ou uma inquietação universal. É nosso objetivo investigar a construção dessa unidade de efeito. A melancolia, na obra de Poe, é uma substância material que tinge cada aspecto narrativo e poético. A sensação lúgubre não só permeia seus contos e poemas como constrói suas bases. Procuramos demonstrar como Poe faz uso de todos os elementos textuais disponíveis — sejam eles imagens, sons, forma narrativa, ou até pontuação e aspecto gráfico — para dar corpo à tristeza. Em “The Masque of the Red Death”, por exemplo, a narrativa altamente musical configura a imagem da própria Morte, que se aproxima dos convidados de uma festa ao ritmo das batidas de um relógio. Em “The Tell-Tale Heart”, a loucura é linguisticamente enunciada, de modo que a insanidade se ergue como figura dominante e inescapável. Já em “The Fall of the House of Usher”, o narrador se sente sufocado pelo ambiente sombrio que o cerca e procura despertar no leitor a mesma sensação: a descrição do espaço, os inúmeros símbolos de deterioração, a profusão de adjetivos negativos e as aliterações pesadas conferem ao texto uma atmosfera claustrofóbica. Assim, a melancolia e a inevitabilidade da morte são literariamente construídas, ganhando forma e adquirindo voz.

Palavras-chave: Unidade de efeito, Melancolia estrutural, Composição narrativa, Construção sonora

A representação do escritor e a melancolia em *Ilusões Perdidas*

MELISSA RAQUEL ZANETTI FRANCHI (UNICAMP)

Resumo: São muitas as mentes criativas e superiores que permeiam a *Comédia Humana*, tamanho o fascínio de Balzac pelos homens de gênio. Em *Ilusões Perdidas*, o Cenáculo constitui um agrupamento de talentos e virtudes dedicados ao sacerdócio artístico e científico; seus membros, acostumados a uma vida de miséria, são mártires de sua missão. Lucien de Rubempré, ainda que sucumba às armadilhas vorazes do jornalismo (antro dos “anjos caídos” e talentos literários desperdiçados, segundo Balzac), e David Séchard, que se dedicou a invenções tipográficas, também são retratados como poetas sofredores, como se pertencentes a uma instância diferenciada do resto da sociedade. A caracterização desses personagens ligados à atividade criativa é fortemente ancorada no imaginário romântico sobre o gênio, aquele que detém dons e talentos extraordinários que estão acima de seu controle e arbítrio. Nesse contexto, a benesse da genialidade, que envolveria perspectiva visionária, maneira única de compreender e sentir a existência, traria consigo um lado negativo: o fardo de elaborar os anseios humanos e de guiar e dar sentido à sociedade; o pensamento, por assim dizer, seria destrutivo, por ultrapassar o homem. Bénichou (1973) afirma que, na época romântica, os escritores passam a se situar “acima e à frente da sociedade” (p. 155), assumindo a função de “julgá-la e mantê-la” (p. 20). Consequentemente, cristaliza-se a imagem do escritor melancólico, isolado, de aparência frágil e doentia, incompreendido por seus contemporâneos, cuja “saúde” já fora investigada por Tissot em 1768. Sua inspiração criativa seria de cunho diabólico, pois apontaria para uma cisão entre homem e gênio (McCORMICK, 1980), contribuindo para a mitificação em torno dos artistas e sua associação com a insanidade. Os sofrimentos do escritor passam a ser chancela de legitimação para o gênio (BRISSETE, 2005/2008) e sua infelicidade torna-se critério de identificação entre os pares, numa dinâmica entre “incompletude e abundância de vida” (DIAZ, 2007).

Aristóteles já correlacionava excepcionalidade e melancolia, fruto da combinação entre boa disposição de humores e temperamentos (eucrasia) e excesso de bílis negra. Essa condição – não transitória – culminaria na capacidade de viver em um “registro emocional mais amplo”, propiciando a transgressão da moral (RIVAS, 2012). No início do século XIX, quando se inicia a consolidação do campo literário e artístico, a ideia de que aos gênios é escusada a quebra das regras sociais ganha força, bem como sua oposição à figura do burguês, sob o pressuposto de que a classe artística não funciona segundo a pragmática utilitária da sociedade capitalista e burguesa, em crescimento à época (BOURDIEU, 1996). Esse “não pertencimento” às engrenagens sociais, expressa principalmente pela peculiaridade do modo de vida dos artistas, contribui para a formação da boemia (SEIGEL, 1986), que compreende também os literatos vinculados à imprensa literária. Assim, é escopo deste trabalho investigar a representação dos escritores e suas cenografias autorais (DIAZ, 2007) em *Ilusões Perdidas* (1837-1843), estabelecendo relações com o contexto histórico de produção da obra e com a tradição – existente desde a Grécia Antiga e cujo ápice se deu durante o Romantismo – da associação entre melancolia, genialidade, arte e insanidade.

Palavras-chave: Representação do escritor, Melancolia, Balzac

A revolução de melancolia: a vida após a ruína

LÍVIA SANTIAGO MOREIRA (UNICAMP)

Resumo: Neste trabalho iremos pensar, através da teoria de Walter Benjamin, Freud e Vilém Flusser, a melancolia como paradigma para o surgimento de novas formas de subjetivação e engajamento com o mundo pós-histórico. A melancolia aparece aqui na sua dimensão parrésica, como o discurso necessário para o encontro com a verdade. Entendida no contexto contemporâneo, ela nos aponta os desafios que se colocam para a reinvenção de novas ficções possíveis de serem habitadas, construídas a partir da “falta de fundamento” (Bodenlos) e da

perda da noção de origem e identidade, em direção a um indeterminado que não se esquia de olhar o escuro de sua própria época. A melancolia e suas figuras oferecem um campo de investigação que se desdobra na arte e na ética da tradução. Propomos uma aproximação entre o melancólico, o exilado e o tradutor como aqueles que se encontram na vanguarda do mundo globalizado do capitalismo avançado, compondo novas traduções possíveis e transitórias para os impasses de seu tempo.

Palavras-chave: Melancolia, Walter Benjamin, Vilém Flusser, Ética da tradução

A linguagem melancólica de Lugares que não conheço, pessoas que nunca vi, de Cecília Giannetti

CLÉLIA PRECCI PEREIRA PACHIEL (UFJF)

Resumo: O trabalho propõe uma leitura de *Lugares que não conheço, pessoas que nunca vi*, de Cecília Giannetti, a fim de investigar de que maneira a melancolia se configura nos âmbitos temático e estrutural da obra, procurando justificar o impacto de tal recurso. Debruça-se, para tanto, sobre uma tendência da ficção contemporânea de se voltar para o passado em busca do que seria o desastre original: o trauma que repercutiu nas angústias da contemporaneidade. Assim, a narrativa em questão, que é construída a partir de um evento traumático pessoal, firma-se sobre um texto estruturalmente melancólico e delirante e sobre a trama que envolve a) a melancolia e b) o estado de sítio da subjetividade da protagonista (jornalista, familiarizada com a presença virtual da morte e sua consequente naturalização, que, posta frente a um evento chocante, é exposta a distância entre o real e a representação). Ao valer-se de uma linguagem que subverte a própria expressão semântica, Giannetti põe em questão a impossibilidade do encontro do Eu da subjetividade moderna com a linguagem, tal como é trazido por Agamben. A incomunicabilidade do texto delirante traz a tona o fracasso da linguagem naquilo que é confiado a ela: a faculdade de dizer. Ainda pensando segundo Agamben, é o anacronismo

da fratura entre tempo e história que caracteriza o contemporâneo: há uma ansiedade dos autores em se localizarem em seu momento histórico, o que pode levá-los a temas caros ao período e às narrativas de estética realista, a fim de fazerem presença. No entanto, a Verdade do tempo presente parece inalcançável. Assim, é justamente através de uma narrativa da ausência e da incomunicabilidade que o romance de Giannetti parece pretender fazer presença e comunicar: A linguagem não pode dizer porque não coabita o sujeito, não lhe é inerente. Conta-se, também, com a leitura que Agamben faz de Freud, em *Estâncias*, a fim de refletir acerca do estado de melancolia que Cristina, a protagonista da obra em questão, estabelece após o evento traumático. Espera-se, assim, poder defender, a nível temático, que ela alcança esse estado quando “perde” a identidade que acreditava ser sua, bem como passa a desconstruir sua relação com o coletivo e com o espaço urbano, uma vez que todas essas relações são fetichistas. Portanto, é justamente quando Cristina rompe com suas estruturas e está em surto, que mais se aproxima de estar consciente. Lugares que não conheço, pessoas que nunca vi, diferente das narrativas de combate, aborda o tema da violência enquanto estado de consciência, trazendo para a pauta as aflições sistematizadas e a reflexão em torno dos processos de sistematização.

Palavras-chave: melancolia, contemporaneidade, trauma

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

“O cão de Dürer”, um conto melancólico de Maria João Cantinho

MARCELO PACHECO SOARES (IFRJ)

Resumo: *Problemata XXX*, atribuído a Aristóteles, um dos primeiros tratados sobre a melancolia, baseia-se em anterior estudo de Hipócrates, que atribui a condição do melancólico à produção pelo

organismo da atração bilis. Aristóteles observa empiricamente a relação entre esse estado de espírito e a excepcionalidade intelectual do indivíduo (melancolia como mal dos heróis), creditando à bile negra hipocrática a causa dessa genialidade, “extraíndo a melancolia da patologia e situando-a na natureza”, segundo Julia Kristeva. Fundindo esse documento ao neoplatonismo cristão, Marsiglio Ficino desenvolve no século XV *De vita triplici*, em que também relaciona à melancolia a vida criativa dos homens, recorrendo à astrologia ao atribuir o sintoma à influência de Saturno. Mais tarde, apurando a tese de Ficino, Agrippa von Nettesheim chega a conclusões análogas partindo do tratado aristotélico em *De occulta philosophia*, descrevendo três níveis qualitativos que o homem genial alcançaria em virtude do grau de melancolia: imaginativa, rationalis ou mentalis. Nesse contexto, surge *Melencolia I*, xilogravura renascentista produzida por Albrecht Dürer após presumível contato com a tese de Ficino — Karl Giehlow, em 1903, empreende notável interpretação da gravura como leitura imagística do texto ficiniano. Também incontestável é a influência de Agrippa — à sua teoria, Klibansky, Panofsky e Saxl, em *Saturno e a melancolia*, atribuem o significativo I, alusão à citada *melancholia* imaginativa. Essa obra de Dürer será analisada por Walter Benjamin nos 1920 em investigação da melancolia no drama barroco alemão, voltando-se sobretudo aos séculos XVII a XIX. Esse ensaio benjaminiano foi objeto de pesquisa da escritora portuguesa Maria João Cantinho, resultando em trabalhos acadêmicos diversos, mas também em “O cão de Dürer”, conto recolhido em *Caligrafia da solidão* (2006). Nossa investigação debruça-se sobre a poética dessa narrativa, em que a obra de Dürer comparece. Para além da menção do gravurista no título, várias evidências corroboram essa presença, da personagem feminina, semelhante à figura central düreriana (uma inerte figura alada) até o cão de olhar perdido no infinito, ambos a sugerir, na postura e imobilidade, estado de espírito melancólico. O conto parece elaborar uma decifração da gravura e, mais do que encaminhar ao interior da imagem, o

protagonista empreende viagem para dentro de si, aos sentidos da obra em sua memória. Para entender o processo, usamos o conceito de memória estética do crítico Mário Praz, que, estudando o paralelo entre Literatura e Artes Visuais, resgata pensamento do filósofo Antonio Russi, segundo o qual, embora um objeto, na ausência de um dos sentidos humanos, possa ser percebido através dos outros, o mesmo não ocorre na Arte, pois a expressão de uma arte não é assimilada pelo emprego simultâneo das demais. Assim, cada arte reside em todas as outras, não por ação dos sentidos e sim da memória, que é, “em si mesma, Arte, na qual todas as diversas artes se unificam sem resíduos”, conforme Praz. Nessa memória é que o protagonista busca sua leitura da gravura e então produzimos nossa leitura desse conto que agencia uma re-significação de Melencolia I, atualizando as próprias discussões de uma representação hodierna da melancolia.

Palavras-chave: Melancolia, Interartes, Dürer, Literatura Portuguesa Contemporânea

O caleidoscópio de Ana Cristina Cesar: uma retórica da melancolia

LEIDE ROZANE ALVES DA SILVA (UNB)

Resumo: Este estudo propõe a análise de uma retórica da melancolia no livro Poética (2013) de Ana Cristina Cesar; retórica essa filiada às líricas de autoras lidas e traduzidas pela escritora carioca. O estudo parte de uma imagem caleidoscópica presentificada pelas reverberações poéticas de Emily Dickinson e Sylvia Plath na obra de Ana C.. O pressuposto da pesquisa reside na concepção de que o discurso da autora-leitora é constituído pela visão moderna de melancolia, que remonta às relações entre poíesis e sujeito sensível. Para tanto, o estudo revisitará as noções de autoria, escrita de si, autobiografia e produção de presença.

Palavras-chave: Melancolia, Caleidoscópio, Produção de presença, Poética

Lica Sebastião e a melancolia do olhar

PAULO GEOVANE E SILVA (FACISABH/UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Resumo: Relativamente nova no cenário literário moçambicano, Lica Sebastião, professora, pintora e poetisa, tem se dedicado à escrita de versos em que, de um modo ou de outro, deixa ver uma lírica irradiante e plástica, tal como preconiza também o trabalho que a escritora desenvolve nas artes plásticas. Contudo, na palavra poética, Lica parece deixar transparecer mais um discurso melancólico que parece funcionar como base de uma enunciação literária cheia de contornos femininos, cheia de mulher e de mulheres. Assim, este trabalho buscará demonstrar em que medida a melancolia, achegando-se à lírica de Lica Sebastião, contorna um lirismo próprio do discurso feminino, esteticizado na palavra e perspectivado a partir de um olhar tão próprio: o da mulher.

Palavras-chave: Melancolia, Lica Sebastião, Literaturas africanas de língua portuguesa, literatura de autoria feminina

Melancolia e dissonância: conexões entre a revitalização poética e a marginalidade literária.

JOÃO TAVARES BASTOS (UFRJ)

Resumo: A relação com o passado e o sentimento de inadequação constituem alguns dos principais e mais comuns impulsos na busca por originalidade e revitalização da forma poética. Pretende-se, diante disso, verificar de que maneira a melancolia se associa à incongruência e ao questionamento social e ocasiona a geração de obras dissonantes, capazes de apontar novos caminhos estéticos. Centrada no desenvolvimento do poema em prosa, parte-se da relação de Aloysius Bertrand com o passado e a atmosfera gótica de Dijon para debater a aproximação, trabalhada por Baudelaire e posteriormente fermentada por Rimbaud, entre melancolia, ironia e dissonância. Procura-se debater, assim, não apenas o modo como a melancolia contribuiu para a busca por originalidade e ultrapassagem

das formas e regras clássicas, mas como ela frequentemente emerge em situações de marginalização e dissidência. Supõe-se, nesse sentido, que a adoração ou reverência nostálgica ao passado frequentemente se faz acompanhar do questionamento ou repúdio do tempo ou da condição corrente. Algo que, em períodos de tensão e ruptura, faz com que esses sentimentos se associem e particularmente se destaquem em situações nas quais o literato, segundo Jean-Paul Sartre, em *Que é literatura?*, encontra-se marginalizado objetiva e subjetivamente. A descrição da adoção de alguns dos principais móveis românticos por Bertrand, como a melancolia, o gótico e o grotesco, propicia que se delineie uma linha de desenvolvimento dessa mistura explosiva e se alcance as delimitações e usos desses motivos por Baudelaire em seu manuseio do poema em prosa. A conexão entre os precursores dessa forma ígnea é costurada através da congruência entre dois motivos particularmente apreciados pelo Romantismo: a melancolia e a ironia. Cristalizada através do conceito de spleen baudelaireano, a associação faculta o contraste entre as estratégias de inovação dos autores e, além disso, permite indicar como a modificação do posicionamento político-social dos literatos repercutiu na produção literária. A abordagem trata ainda da relação entre a melancolia, o posicionamento marginalizado e a complexificação da realidade. Pressupõe-se, para tanto, que as transformações da organização social continuamente estimulam a abertura de novas fronteiras para o pensamento e para o belo e, assim, exigem a renovação e a revitalização expressivas. Compreende-se, portanto, que a conjugação entre a melancolia e a dissonância configura um dos mais fecundos caminhos para a originalidade. Esclarece-se, por fim, que a análise se centrará nas obras *O Gaspar da noite: fantasias à maneira de Rembrandt e Callot*, de Aloysius Bertrand, *O Spleen de Paris*: pequenos poemas em prosa, de Charles Baudelaire, e *As iluminações*, de Arthur Rimbaud e contará com os textos *Le Poème en prose et ses territoires*, de Yves Vadé, *Le Poème en prose*. De Baudelaire jusqu'à nos jours, de Suzanne Bernard, O conceito de ironia: constantemente

referido a Sócrates, de Søren A. Kierkegaard e *Que é literatura?*, de Jean-Paul Sartre para sua fundamentação.

Palavras-chave: Literatura Comparada, Poema em prosa, Baudelaire, Bertrand

The dark lady: A “Amada Morta” em *A Noiva Cadáver* de Tim Burton

ADRIANA CARVALHO CONDE (UFSM)

Resumo: A presença constante da “amada morta” nas histórias de terror, nos anos 1800, demonstra que os escritores desenvolveram verdadeira obsessão pela representação do corpo inanimado das mulheres em suas narrativas, as quais, segundo Ruth Silviano Brandão em *Mulher Ao Pé da Letra: a personagem feminina na literatura* (2006, p. 79) “existem no fio narrativo, desde os mais diversos lugares, preenchendo espaços e fazendo-se suportar pelas diversas personagens”. Cultua-se a representação da mulher morta desde a descrição das Musas da Mitologia, de Beatriz de Dante, de Laura de Petrarca e de Julieta de Shakespeare. A Dama Morta ocupa um lugar vazio e produz uma ilusão, um fetiche. Elegemos Emily, a personagem cadáver de Tim Burton, que aparece em *A Noiva Cadáver*, filme de 2005, inspirado em um conto russo do século XIX, ambientado em uma fictícia Inglaterra Vitoriana, em um cenário romântico, porém obscuro, característica com a qual o cineasta assinala seus filmes. As reflexões se concentrarão na interface entre o a personagem mórbida e Berenice, do conto homônimo de Edgar Allan Poe (1835), personagem que inexplicavelmente adocece e define até que uma única parte de seu corpo, seus dentes, permanece intacta e saudável, desenvolvendo verdadeira obsessão no personagem masculino, Egeu. Ela é uma lembrança obsessiva que o atormenta e assombra. Trata-se de figuras femininas que, de alguma forma, morrem, geralmente assassinadas ou acometidas de doença ou loucura, e que, depois, retornam, numa espécie de ressurreição. Interessa-nos desvendar como se processa a representação e a natureza da “amada morta” e o modo como a arte

projeta a imagem do corpo inanimado da mulher. Poe e Burton, por meio de suas personagens femininas invocam um tema de longa data, a de “mulher morta como musa”, indício de que no processo criativo dos dois artistas há um casamento de ideias e convenções. Poe (2006, p.548) declara em *The Philosophy of Composition* que “a morte, pois, de uma bela mulher é, sem dúvida, o tema mais poético do mundo” demonstrando o fascínio suscitado pela figura da “amada morta”. As personagens tanto se aproximam entre si quanto dos padrões comumente difundidos pela literatura tradicional e pelo cinema cujas imagens são arquetípicas e reverberam um imaginário que ultrapassa os limites do tempo e do espaço. Focalizaremos os conceitos de Catherine Carter, Elizabeth Bröfen, Ruth Silviano Brandão, Cristina León Alfar, Monica Germanà, Anne Williams cuja sobreposição entre os estudos sobre a mulher e o gótico fornece a chave interpretativa a fim de elucidarmos a atuação da “amada morta” nos filmes do cineasta e sua relação com a literatura e outras artes.

Palavras-chave: Tim Burton, Gótico, Musa, Dark

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 3

A melancólica esperança de Rubén Darío

DÁRIO DE JESUS GOMEZ SANCHEZ (UFPE)

Resumo: “Y en este titubeo de aliento y agonía,/ cargo lleno de penas lo que apenas soporto./ ¿No oyes caer las gotas de mi melancolía?” Neste terceto final o poeta nicaraguense Rubén Darío (1867-1916) sintetiza a ideia de que seus poemas são o produto de uma alma sonhadora aprisionada pela poesia, e o poeta, “lleno de ensueños y loco de armonía”, só consegue viver produzindo essas gotas de melancolia. A ideia é interessante não só porque propõe a estética como origem de uma ética (“Ama tu ritmo y ritma tus acciones/ bajo su ley, asi como tus

versos” diz, num tom mais exaltado, no começo de outro poema), mas também porque parece ir na contramão daquela visão biografista que encontra na melancolia a origem - e quase que a condição necessária - da criação artística. Para o ‘príncipe das letras castelhanas’ a melancolia é o resultado do fazer poético. Aqui é importante lembrar que Darío tinha uma visão aristocratizante da condição e da função do artista, visão segundo a qual a criação poética é um processo complexo, exigente, que se manifesta na elaboração formal e na diversidade cultural de seus referentes. Isto como a única alternativa possível para a arte de enfrentar a massificação e o utilitarismo próprios do processo de modernização nos finais do século XIX e começos do século XX. Mas, como reconhece o poeta mesmo, tal poesia elaborada não tem possibilidade nesse contexto, pelo que o artista acaba relegado ao isolamento, à marginalização social, à agonia e à melancolia. Assim o expressa em muitos de seus poemas e seus contos, o mais paradigmático tal vez seja “El rey burgués”, conto do livro *Azul* (1888), no qual um arrebatado e faminto poeta é condenado pelo particular monarca a guardar silencio e tocar uma inútil caixa de música até morrer isolado num jardim do palácio moderno. O terceto referido inicialmente faz parte do poema “Melancolia”, que junto com “De otoño” e “Lo fatal”, conforma um conjunto de Noturnos impregnados de angustia e desengano que, paradoxalmente, fazem parte do livro “Cantos de vida e esperança. Los cisnes y otros poemas” (1905). Na nossa proposta, de maneira específica, estes poemas (ou cantos de vida e esperança) – e a obra do padre de Modernismo de maneira genérica - podem ser lidos como a (expressão da) manifestação da condição marginal do poeta numa sociedade que o condena. Para Darío, a arte em geral e a poesia em particular seriam uma esperança que não alcança, uma busca condenada à insatisfação, e cujo resultado não é outro que “gotas de melancolia”.

Palavras-chave: Rubén Darío, Modernismo, Melancolía, “Cantos de Vida y Esperanza”

O céu está morto: melancolia, crise da idealidade e a dicção do sublime na poesia decadentista

FABIANO RODRIGO DA SILVA SANTOS (UNESP)

Resumo: As presentes considerações dedicam-se à relação entre o motivo da melancolia e a crise da idealidade observada na poesia romântica tardia européia e cujas ressonâncias se fazem sentir no simbolismo francês e, conseqüentemente, na poesia simbolista brasileira. Parte-se da perspectiva de que certos fenômenos históricos, como o triunfo da razão instrumental, a revolução industrial e o delineamento da moderna sociedade capitalista implicaram a falência de ideias norteadores da cosmovisão romântica, como o mito, a concepção da obra de arte aurática e a utopia, elementos esses que, em grande medida, foram objetos da dicção sublime do romantismo. A consciência do triunfo dos imperativos da modernidade sobre esses, por assim dizer, três pilares do ideal gera uma poesia matizada por denso sentimento de luto em relação ao ideal que trai as origens históricas de temas e procedimentos característicos da poesia enfeixada pelo complexo ético e estético convencionalmente designado por decadentismo. Busca-se, aqui, demonstrar o que se diz a partir da leitura de poemas emblemáticos do momento de transição entre a poesia romântica e a de feitiço moderno, como “El desdichado” (1853), de Gerárd de Nerval; “Spleen” (Les Fleurs du mal, 1857), de Charles Baudelaire e “L’azur” (datado de 1864 e integrando Poésies, 1887), de Stéphane Mallarmé. Embora tais poemas versem sobre temas tradicionalmente românticos, como a ânsia por elevação, a melancolia e o tédio, o fazem com uma aguda (e aparentemente “nova”) consciência de impossibilidade, que resulta numa dicção poética elíptica em que o mistério da existência, a crise metafísica e o vazio se fazem sentir no plano da expressão. Com efeito, a ausência do norte da idealidade, a constatação da impossibilidade de transcendência e a distância entre os recursos de expressão disponíveis e a realização poética plena, parecem encaminhar a poesia da segunda metade do século XIX a uma linguagem

cada vez mais enigmática, que esbarra frequentemente no silêncio e na sondagem do inominável. Ampara-se, pois, na hipótese de que a dicção poética elíptica pode atestar, no contexto elucidado, uma espécie de relação de luto com o ideal, o qual, curvado sob as pressões históricas, revela-se como instância fantasmática, da qual se pode aproximar apenas indiretamente, via sugestão. No contexto do simbolismo brasileiro, tal consciência se inscreve, nitidamente, na poesia de Cruz e Sousa, tão sensível ao complexo da impossibilidade, como se pretende demonstrar mediante as considerações do poema “Tédio”, integrante da obra Faróis (1900).

Palavras-chave: melancolia, sublime, alegoria, modernidade

Michel de Montaigne e Cecília Meireles: um encontro entre duas solidões

MÁRCIA ELIZA PIRES (UNESP-ARARAQUARA)

Resumo: A solidão sempre atuou como motivação para o desenvolvimento do olhar contemplativo. Aquele que estivesse acompanhado da ausência dos estímulos exteriores, dentre eles a distração ocasionada pelo contato costumeiro com o outro, estaria mais facilmente disposto a experimentar a existência de maneira mais íntegra, posto que tal integridade está intimamente vinculada à busca do convívio consigo mesmo. O silêncio constitui os plácidos cenários solitários, e com afável tom de melancolia, o sujeito neles inserido se dispõe às elucubrações da esfera da subjetividade. Os universos internos e externos põem-se em constante confluência de modo que a ação, consciente de si mesma, reflete sobre a constatação inextricável do estar no mundo. Em seu ensaio “Sobre a solidão” Michel de Montaigne (1533-1592) convida o leitor a manter-se ao abrigo de uma arrière-boutique, isto é, de um cantinho em que seja possível o acesso à parte da genuinidade da essência – já que, como assevera Valéry, “não temos qualquer meio para atingir exatamente em nós o que desejamos obter” (VALÉRY, 2011). Segundo Montaigne, o vislumbre

da liberdade dá-se a partir da conquista de si em total desprendimento do outro: a autossatisfação mostra-se autônoma na medida em que prescinde do reconhecimento de uma plateia que não seja o próprio eu. A natureza humana também é sondada por Cecília Meireles (1901-1964) no texto “Da solidão”, crônica pertencente à obra Escolha seu sonho. Consonante a Montaigne, a voz enunciativa da cronista propõe pensar sobre o anseio da liberdade do ponto de vista da escolha em demorar-se pelas horas e espaços ermos. Adotando, o estilo do ensaio, cercada pelas representações que os objetos evocam, a solitária voz cecilianiana estabelece com o meio externo uma relação inabitual: seu olhar sensível e perscrutador alcança o íntimo dos objetos fazendo com que a noção de correspondência promova o espelhamento entre a esfera subjetiva e exterior. Por meio da comparação entre o ensaio de Michel de Montaigne e a crônica de Cecília Meireles, o objetivo de nosso trabalho volta-se por observar como a solidão é premente a essas duas obras caracterizadas pelo intenso teor metafísico. Exercendo papel fundamental, a solidão perfaz os traços de cada autor: as peculiaridades do primeiro enquanto filósofo, os aspectos da segunda na qualidade de escritora.

Palavras-chave: Cecília Meireles, Michel de Montaigne, Solidão

Melancolia e distâncias aproximadas em Cecília Meireles e Banana Yoshimoto

JOY NASCIMENTO AFONSO (UNESP-Assis)

Resumo: No momento no qual o espaço estrangeiro tem sido visto, por vezes, como única oportunidade de sobrevivência e reconstrução para um futuro, e “a existência de um verdadeiro país natal torna-se problemática, tanto politicamente quanto existencialmente” (GAGNEBIN, 2016, p.236), propomos a análise de dois textos cujo tema comum é a melancolia de estar em espaço estrangeiro. Sobre o conceito de terra natal, podemos entendê-la como algo distante, ou segundo Rushdie (1992) “como um presente que remete ao estrangeiro,

e que o passado é o lar, ainda que este lar perdido esteja em uma cidade perdida, em uma névoa de tempo perdido” (p.9), mas também como nostalgia, ou “impulso de sentir-se em casa em toda a parte” (LUKÁCS, 2002, p, 25). Em outras palavras, a saudade do país natal e a melancolia gerada pelo afastamento do ambiente de nascimento configuram um novo indivíduo social construído em dois mundos: o ambiente nostálgico da juventude e o ambiente estrangeiro, buscando se entender em meio a esses dois espaços, que segundo Jean Améry (1995) “só poderia ser bem sucedido com os dois (ambientes), que formam um” (p. 101). Para expor de forma mais clara essas situações, a literatura contemporânea de viagens busca um retorno ao passado, por vezes a reconstituição de uma infância perdida, em que a melancolia é a base para essa reconstrução mental. A fim de verificar a melancolia em espaço estrangeiro na formação do indivíduo contemporâneo, tomamos a crônica “Terceiro instantâneo de Buenos Aires”, de Cecília Meireles, pertencente à coletânea Crônicas de Viagem (1998), e o conto “O telefonema”, da escritora contemporânea japonesa Banana Yoshimoto, texto que faz parte da coletânea de contos América do Sul: Traição e outras viagens (2000). Ambos os textos tratam do deslocamento das personagens de sua terra natal para ambientes estrangeiros. Na crônica, a narradora, uma brasileira de viagem a Buenos Aires descreve as suas sensações e expectativas diante da cidade que oferece vários tipos de atrativos culturais. Embora impressionada pela efervescência cultural, ela naturalmente compara o que vê à sua terra natal, onde o calor, não apenas climático como também humano produzem hábitos e sensações que ela só percebe estando em espaço estrangeiro. No conto de Banana Yoshimoto, a narradora, uma japonesa que está viajando a trabalho, também em Buenos Aires, por não dominar o idioma latino, contrata um guia com ascendência nipônica. Enquanto ela se depara com uma cidade tão cosmopolita como tantas outras do oriente, a protagonista descobre em si mesma uma mesma fé, existente, também, no povo argentino ao ir visitar uma igreja. Em ambas as obras o auto

descobrimento de uma terra natal, gerado pela melancolia frente ao espaço estrangeiro conscientiza as narradoras não apenas de sua solidão, mas principalmente de quem elas são. Por meio da análise de ambos os textos, especialmente à luz das ideias de Walter Benjamin (1989) e Giorgio Agamben (2007), procuramos demonstrar como se instaura a melancolia na perspectiva das vozes que narram.

Palavras-chave: literatura de viagem, Cecilia Meireles, Banana Yoshimoto, Melancolia

Eu, caçador de mim: a peculiaridade das produções culturais mineiras em três recortes temporais do século XX

DENISE RIBEIRO FRADE (UFMG)

Resumo: A presente comunicação tem o objetivo de discutir a peculiaridade das produções culturais mineiras canônicas estabelecendo comparativos entre diferentes formas do mundo cultural. Pretendemos trabalhar a hipótese de que a literatura mineira teria, talvez, uma linguagem específica, diferente das outras correntes de pensamento do mesmo período. Correntes essas que serviram muitas vezes para rotular obras e identificá-las dentro de um determinado momento histórico. Para isso, pretendemos pensar em quatro autores mineiros que integram o cânone nacional e um conjunto de canções considerado representativo de um imaginário mineiro moderno, em textos que atravessam três períodos marcantes para a história nacional: a primeira fase modernista; a segunda fase modernista e a Ditadura Militar. A análise que compreende o período entre a década de 1920 até a década de 1980, almeja demonstrar características da produção mineira frequentemente consideradas intrínsecas que privilegiariam, ao invés de alegorias e recursos mais panfletários, uma expressão mais existencialista, voltada para a condição do indivíduo e de suas dores. Os discursos que são produzidos pelos artistas mineiros de repercussão nacional são, de certa forma, semelhantes dentro desse caráter. São exemplos dessa forma de produção a prosa memorialista de Pedro

Nava, os versos de Drummond e os do Clube da Esquina, os romances de Sabino e de Cyro dos Anjos, entre outras produções que se focam na interação do indivíduo com o mundo ao invés de mostrar, como é comum nos romances que retratam períodos históricos, a sobreposição da sociedade ao homem, destacando-se, em sua temática, os momentos políticos brasileiros. Belo Horizonte, especialmente, traz uma dicotomia em suas raízes: o conflito entre uma lógica provinciana, apontada pelos autores em seus textos e a realização de uma cidade grande, com todos os problemas da vida urbana. Há nas produções em destaque uma necessidade de narrar as inquietações inerentes à condição humana, um existencialismo feroz e, principalmente, uma melancolia que é comum à prosa urbana e mais comum ainda dentro das produções culturais mineiras. Para analisar a unicidade desses discursos, trabalharemos, à luz de teóricos como Walter Benjamin, questões concernentes à memória e a tradição. A questão da história também deve ser debatida, uma vez que a assimilação dos processos históricos e sua contínua rotulação contribuem para que, muitas vezes, as especificidades de cada discurso não seja observada. A rede de textos que são muitas vezes colocados como semelhantes por serem de um mesmo período histórico pode ser reanalisada, possibilitando, dessa forma, reflexões sobre a importância e a especificidade do olhar da literatura e da cultura sobre as experiências decorrentes de eventos históricos, tomando-as como modo alternativo de construir conhecimento sobre o passado e transmitir a experiência vivida.

Palavras-chave: Mineiridade, Melancolia, Memória

08

A SUPERAÇÃO DE LIMITES NA OBRA DE OSMAN LINS: DISSIPANDO A CEGUEIRA ANTE OS HIERÓGLIFOS QUE NOS CERCAM

Leny da Silva Gomes (UNIRITTER)
Elizabeth de Andrade Lima Hazin (UnB)

Resumo: Pensar as textualidades contemporâneas conduz de imediato às práticas textuais que abrigam, num mesmo espaço, diferentes linguagens, diferentes percepções e a necessária reflexão sobre a múltipla atividade sensorial do leitor/espectador/ouvinte. Alguns textos – entre eles a obra de Osman Lins – se realizam no suporte livro em processo de superação dos limites próprios das páginas impressas, aproximando-se, na sua mistura de linguagens, nas provocativas reflexões metaliterárias e nas inusitadas estratégias compositivas, ao domínio da hipermídia. Naturalmente interligados, o alfabeto fonético e a escrita, a palavra impressa e as mídias eletrônicas, em seus processos de funcionamento e de cíclica predominância, afetaram a cultura Ocidental e certamente provocaram escritores, como Osman Lins, envolvidos e comprometidos que eram em questões que exigiam uma percepção além da que as mídias de massa veiculavam, ou veladamente evidenciavam. O diálogo estabelecido entre Osman Lins, jornalistas e colegas de ofício acabou criando uma pauta de questões recorrentes que, agregada aos estudos literários do Autor e às incursões metaliterárias em suas narrativas, é indicativa de caminhos a percorrer para um trabalho de compreensão não só de sua obra, mas também de sua época. Críticos demonstram estar atentos a elementos formais, a perspectivas teóricas, a temáticas habilmente selecionadas que sinalizam, na obra do autor, mudanças de comportamento coletivo e desenvolvimento de um novo ambiente de que a escrita e seus suportes participam.

Em 2014, Ana Luiza Andrade escreve um depoimento sobre a trajetória da fortuna crítica osmaniana, para o número 37 da *Revista Cerrados* (UnB), em que estabelece seus momentos principais. Haveria, então, três grandes momentos dessa trajetória: o primeiro, ainda incipiente, que se caracterizaria por constituir-se em crítica desbravadora, própria do início mesmo da leitura de sua obra, trazendo à tona aspectos como o peso da biografia do escritor na sua ficção, a influência que teria sofrido do Novo Romance francês e a orientação seguida por seus romances e contos após ter o autor publicado o ensaio *Guerra sem Testemunhas*, sobre o ato da escrita. O segundo momento delinea-se a partir da publicação de alguns livros basilares, resultantes de trabalhos finais de pós-graduação (dissertações e teses), e avança um pouco com a pesquisa acadêmica, a qual se nutre sobretudo dos livros iniciais, do primeiro momento. Por fim, o terceiro, se iniciaria em 2013, por ocasião das homenagens dos 40 anos de publicação de *Avalovara*, em evento organizado na UnB. Segundo aquela pesquisadora, “abre-se aqui um novo estágio na crítica osmaniana, com relação à busca de um pensamento teórico que, de fato, sempre permeou o pensamento do escritor. Com efeito, a meu ver, os pesquisadores que se destacaram naquele momento chamaram a atenção para um Osman Lins teórico, e, para ser mais precisa, um escritor que inventa sua própria teoria, à medida que avança em seu percurso ficcional” (p. 50). Tais palavras tornam clara a importância de perseguir em profundidade o pensamento teórico de Osman Lins na tentativa de traçar sua *ars poetica*, levando em conta suas estratégias textuais e as notas que deixou impressas em seus livros, conservados nos arquivos da Fundação Rui Barbosa e do IEB/USP.

Percebe-se que muito da arquitetura da obra osmaniana é pautada por uma concepção de comunicação, que se tornou prática habitual a partir da década de 90 do século XX, com o uso da *Internet*. As concepções de espaço e de tempo adquirem novos contornos numa cultura de contiguidades, fluxos, simultaneidades. Sua fascinação pelo

evoluir da escrita e suas leituras sobre os suportes da escrita e sobre a manufatura dos livros é visível na produção ficcional e ensaística. A partir desta manifesta importância dada ao evoluir da escrita, à reflexão teórica sobre a narrativa, ao desvelamento das infiltrações entre literatura e contextos, encaminhamos este simpósio para acolher estudos sobre a associação da obra de Osman Lins à sua visão em relação ao seu tempo e às práticas da escrita literária e não literária. Isso significa assegurar para o autor uma posição limiar entre a projeção precursora de uma textualidade que se firmará no futuro e uma percepção dos movimentos iniciais, não racionalizados ou não totalmente conscientizados, mas intuídos, das mudanças motivadas pelas tecnologias da informação que provocaram um olhar ao passado da escrita e uma experimentação de novas textualizações.

Palavras-chave: Osman Lins, Textualidades contemporâneas, Crítica, Teoria.

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

A escrita unificadora de Osman Lins

RICARDO ANDRADE (UNB)

Resumo: A comunicação pretende apresentar e constatar a concepção de arte e de literatura de Osman Lins, bem como seus procedimentos relativos à escrita criativa, em seu romance *Avalovara* (1973), representação da plenitude de seu fecundo engenho espiritual. Esta concepção e estes procedimentos estabelecem uma obra cosmogônica, integradora e unificadora de tudo: a defesa do ofício e da função oficiante — aglutinadora do sagrado e do profano — do escritor, da tendência de uma arte sem fronteiras e liames — anti-purismos estéticos característicos da modernidade — sempre mesclada e amalgamada a outras, propensa a fusões, de inclinação ornamental,

repleta de perspectivas e de peculiaridades renovadoras e vivificadoras, privilegiando a utilização de alegorias que, por intermédio proporcionam a união binária de mecanismos poéticos e retóricos, bem como a junção de ficção, tempo histórico e reflexão teórica, narrativa, realidade e especulação filosófica, figuração e sentido próprio, numa rede infinita de significados intrincados, ubíquos e isotópicos. Utilizando exemplos e recursos teóricos predominantes e constantes de reflexões do próprio autor, contidas em *Guerras Sem Testemunhas* (1974) e em entrevistas publicadas em *Evangelho na Taba* (1979), dos estudos sobre alegoria e ornamentações retóricas, de João Adolfo Hansen, em sua obra *Alegoria — Construção e Interpretação da Metáfora* (1986), e dos simbolismos livrescos e da escrita, considerados, na perspectiva do trabalho, também como alegóricos, e ainda de aspectos históricos da literatura europeia e da Idade Média Latina, mencionados e analisados por Ernst Robert Curtius, em *Literatura Europeia e Idade Média Latina* (2013). A evidenciação da formulação estética de Osman Lins, abordada inicialmente em seu caráter de fusão de tudo e de integração do homem ao cosmos, é relacionada às caracterizações da alegoria, expostas por João Adolfo Hansen, em suas configurações criativas e interpretativas e na designação de sua tipologia, sendo comparadas com diversas formas figuradas ao longo da antiguidade e da Idade Média latina e europeia, através do estudo de E. R. Curtius. A escrita osmaniana será, assim, apresentada em conexão, fusão e integração com as tradições literárias universais, de modo geral, e, em particular, com a tradição ocidental, em sua exuberância engenhosa e em suas relações sagradas e míticas, revelando-se como forma privilegiada de conhecimento. O trabalho mostrará que a escrita de Osman Lins, em *Avalovara*, tende a unificar contradições, disparidades, dicotomias e oposições, relativizando relações análogas às margens de um rio, aos ciclos de um calendário e aos movimentos intercalados entre as distinções entre as situações de partidas e chegadas.

Palavras-chave: Avalovara, Osman Lins, Escrita, Unificação

Ideais igualitários na literatura de Osman Lins e de Charles Baudelaire

MARIA APARECIDA NOGUEIRA SCHMITT (CES/JF)

Resumo: Refletir sobre a arquitetura textual de Osman Lins e a de Charles Baudelaire é o alvo deste estudo comparatista entre dois escritores que romperam com os cânones norteadores da arte literária afeita a padrões instituídos. As fronteiras do gênero literário, tempo, espaço são subvertidos em *Pequenos Poemas em Prosa*, de Baudelaire, e nos contos de *Nove, Novena*, de Osman Lins, especificamente, *Perdidos e achados*. Baudelaire recria a dimensão espacial da cidade, ao fazer dos detritos recolhidos da cotidianidade a matéria-prima para seus poemas em prosa onde transitam diferenças na inserção em um mundo reinventado. Osman Lins comunga com os ideais igualitários baudelaireanos, ao apresentar Recife, cidade anfíbia, recortada de canais, que sobrevive aos infortúnios da cheia. A gente que transita pelas ruas recifenses traz seus temores e suas melancolias diferentes dos transeuntes das grandes metrópoles. Simbolizando perdas e lamentos, em *Perdidos e achados*, o autor dá voz ao personagem central, Renato, o re-nato que lamenta a justiça humana e sobre-humana, ao assinalar que morrem filhos do homem justo, que as enchentes levam as plantações, enquanto se multiplicam as posses do perverso. Baudelaire emprega o recurso estilístico da zoomorfização para a inclusão dos marginalizados pela sociedade parisiense do século dezenove e invoca a musa urbana expondo sua crítica radical à desumanização no espaço existencial da grande cidade para cantar os cães enlameados e afastar os cães de raça, cujos comportamentos são habituais dentro de seus grupos, considerando-os todos parasitas. Temáticas de buscas e mudanças se interpenetram em Baudelaire e Lins, sendo que este apresenta no conto de *Perdidos e Achados*, uma visão apocalíptica. Ambas as obras constituem-se reveladoras do tempo narrativo perpassado pelas dimensões de espaço, também reformulado. Os poemas de Baudelaire apontam para personagens que definem os espaços em que atuam, como criados e extraídos da urbanidade parisiense ao expressar em

seus poemas em prosa o perfil do artista que revela a cidade grande como detentora do antídoto contra ela própria, extraído da banalidade e recolhido no lixo das metrópoles. Osman Lins, da mesma forma, insere os seres ficcionais na cidade de Recife como criaturas sofridas, sangradas existencialmente e em constantes buscas. Na aproximação de dois escritores afinados ente si com propósitos humanitários ficam contempladas as linguagens e as percepções distintas no despertar do leitor que se faz detetive na tentativa de revelar o que se esconde no jogo textual de ambos Obras que falam delas próprias, Pequenos Poemas em Prosa e Nove, Novena indiciam ao leitor que se afaste da musa acadêmica para invocar a musa familiar, urbana em sua mistura de linguagens objeto das reflexões metaliterárias.

Palavras-chave: inclusão, urbanidade, metaliteratura, marginalidade

Tantra e texto: divindades do amor em Avalovara

MARIA ARACY BONFIM (UFMA)

Resumo: Para a elaboração de seu romance Avalovara de 1973, Osman Lins lançou mão de três obras em especial que tratam do amor ligado a divindades ou a escrituras sagradas e que versam sobre o amor carnal sagrado, a saber: “L’Art amoureux des Indes”, de Max-Pol Fouchet, de onde o escritor retira uma das cinco epígrafes que abrem o livro - já indicando aí ser esta uma das vertentes que tomará no enredo da obra, o outro trata-se do livro bíblico do antigo testamento “Cântico dos Cânticos” (também chamado “Cantares de Salomão”) e mais o “Ananga Ranga - tratado do amor conjugal”, do arquipoeta hindu Kalyana Malla, autor de que se sabe pouco, segundo tradutores, mas que teria vivido no século XII d. C. Nesta comunicação, tratarei da inclusão que Osman Lins faz do tema do amor tântrico como subsídio para a criação do texto literário – a arte ligada à criação pela via do amor não pelo viés erótico como se concebe no ocidente, mas que se liga ao sagrado, tal como se vê nas culturas orientais e que aparecem nestes três textos, que são tão importantes para a construção, sobretudo, do que é a

relação amorosa de Abel e ?. Tantra é uma palavra do sânscrito e que vem sendo distorcida, principalmente no ocidente – sendo entendida de modo simplório como apenas uma prática sexual oriental. Há nela, porém, uma riqueza profunda resguardada em si, já desde sua etimologia. Literalmente, tantra significa tear, tecer, urdidura, texto. O uso das duas palavras no título desta comunicação refere-se também a este espelhamento etimológico. Afirma Ron Barret que a etimologia de Tantra é baseada na metáfora da tecelagem; a raiz do sânscrito “tan” significa a extensão de fios em uma urdidura. E também pode ser definida como um tecido de tradições e ensinamentos, “linhas” do texto, um gênero escritural datado desde o século VII de nossa era. A confluência de dados não para por aí, considerando a imensa relevância que tem a figura do tapete, espaço de enlace derradeiro – e eterno – dos amantes Abel e ? e segue-se ainda com a descoberta de que a mesma raiz da palavra Tantra (tan) de origem proto-indo-europeia gera “ten” que está na composição da palavra latina “tenet” – centro do quadrado Sator, cujo significado é “sustém”. Tantra e “tenet” têm a mesma raiz etimológica – o tapete urdido é o livro, aquele que sustém a criação, o livro. Esse revigorante manancial que é o texto osmaniano cuida de modo singular do que a arte nos possa revelar. A divindade delicadamente incrustada nas palavras refere-se ao amor ao texto, superando como já disse, qualquer acepção meramente erótica pura e simplesmente – a força da criação está na força do amor devotado à palavra.

Palavras-chave: Avalovara, Tantra, Texto, Criação literária

Como se me cercasse um ritmo: o uso da figura conceitual *Ressonantia* na obra osmaniana

ELIZABETH DE ANDRADE LIMA HAZIN (UNB)

Resumo: Já escrevi anteriormente que Osman Lins constrói para si um método de escritura, que desponta como estratégia textual: seu desejo de coerência faz com que o material recolhido por seus olhos de

coleccionador se distribua entre o que é por mim denominado de figuras conceituais. Trata-se de determinadas noções percebidas inicialmente em Avalovara, que funcionam como operadoras do texto, na medida em que ajudam a pensar o texto ao mesmo tempo em que fazem o texto se pensar a si próprio, sintetizando em torno de si densos conjuntos de significado. Sempre coerente com seu projeto narrativo lucidamente organizado, Osman Lins como que amplia e aprofunda o significado contido em algumas figuras por ele escolhidas como receptáculos de imensas coleções, significado que emerge reelaborado no tecido ficcional, em todos os níveis: o da estrutura, o da sintaxe, o lexical, o imagético, o simbólico. Assim, a hipótese de que parto é a de que o texto ficcional osmaniano articular-se-ia através de uma sofisticada inter-relação entre essas figuras, instrumentos fundamentais de pensamento, que ajudariam na tarefa de identificar e descrever os seus aspectos, mantendo uma relação de significação com seus elementos constitutivos e revelando vínculos entre os diversos níveis de que ele é formado. Tais figuras constroem um sistema de pensamento, e terminam por conceder ao texto uma semântica própria. Não se trata, portanto, de figuras quaisquer, mas sim de figuras organizadoras, que se disseminam por toda a obra e a que se prendem significados diversos, recurso escritural que Osman Lins sabe utilizar com maestria. Por suas mãos, escrever transforma-se em artesanaria, tessitura de rede que se estende por todo o texto, recobrando-o, e em clave capaz de fazer com que o leitor se dê conta de que pertencem ao mesmo campo semântico elementos só na aparência díspares. Esse trabalho pretende trazer à tona a figura denominada Ressonância, correspondente à disseminação, no texto (no caso, Avalovara) de sons, de imagens e situações não-sonoras que despontam no seu continuum. A ressonância aqui aludida é muitas vezes materializada no texto pela passagem da espiral que, no dizer de Osman Lins, arrastaria com ela alguns elementos, de um fragmento para outro, o que torna cheia de significados uma leitura feita na sequência exata em que vêm os fragmentos de Avalovara, ao contrário daquela que elege

o caminho das linhas narrativas separadamente. Na obra osmaniana, essa figura se reveste de importância insuspeitada, proporcionando ao leitor a experiência da percepção do que pode estar contido em uma palavra, em um personagem, em uma situação. Desse modo, a aquisição do conhecimento de como Osman Lins usa tal figura conceitual resulta numa compreensão mais adensada de suas estratégias narrativas e, em última instância, de como se constrói um texto literário.

Palavras-chave: Osman Lins, Avalovara, Figuras Conceituais, Estratégia Textual

Loreius, transcendendo os limites da objetificação

THOMAZ ANTONIO SANTOS ABREU (UNB)

Resumo: O Brasil atual vive um momento de (retomada do) autoritarismo político que se coaduna com o autoritarismo financeiro típico das formações capitalistas. A mais recente evidência dessa opressão é a aprovação da irrestrita terceirização dos serviços, o que se subsume ao golpe atualmente em curso no país, orquestrando-se, nesse comenos, os poderes executivo, legislativo, judiciário e midiático com o fito de se oferecer à população a aparência de ganhos sociais que adviriam de reformas as quais, ao contrário, são opostas aos interesses da maioria da sociedade. Assim, duas formas de autoritarismo parecem exercer força gravitacional sobre a consciência e sobre as práticas das pessoas. Osman Lins, lítero-filósofo que é, apresenta, em sua obra, um colosso de crítica social, especialmente (mas não apenas) no que concerne à socialização e aos processos de subjetivação das suas personagens. Neste sentido, podemos dizer que estas são metáforas que denunciam relações de opressão e/ou paradigmas de emancipação. Isso posto, é o nosso interesse, neste artigo, (de)mo(n)strar que a personagem Loreius, de Avalovara, é, diegético-estruturalmente, nodal para este romance, e que ela é, político-filosoficamente, paradigmática para a reflexão e a prática interessadas na ruptura com formas de dominação: Loreius é co-responsável pela procura do palíndromo que

estrutura o romance, posto que seu senhor, Publius Ubonius, também é responsável por tal perquirição; Loreius é o único responsável pela demanda de liberdade que sente, sobre a qual tem consciência, em combate à opressão do seu senhor, posto que Loreius deseja ser livre, ao passo que Publius Ubonius deseja a continuidade da relação servil a que Loreius está submetido; Publius Ubonius é o único responsável pela demanda de liberdade que sente e sobre a qual não tem, inicialmente, consciência, em combate à inversão da relação senhor-servo que Loreius desempenha; e Loreius, negando a repressão e o recalcamento, e agindo contra a dominação de Publius Ubonius, inscreve, no palíndromo, uma cifra anti-ideológica, a qual tem o condão de estruturar sua relação com o seu senhor e a própria obra, o romance Avalovara, num fundamento político de emancipação. Trazendo Marx à discussão, podemos refletir sobre como uma pessoa (ou um grupo) tem obliterada sua tomada de consciência em face daqueles que a submetem à exploração; trazendo Freud à discussão, podemos refletir sobre como uma pessoa identifica-se com o seu próprio agressor. Podemos dizer que, no primeiro caso, trata-se de um “fetichismo” que se (pseudo) justifica mediante o recurso à “ideologia”; e, no segundo caso, trata-se da relação entre “repressão” e “recalcamento”. Nessas claves de interpretação político-filosófica, tanto pode ser exequível deslindar procedimentos mentais e sociais que são operados para que uma pessoa, ou um grupo, aceite formas de dominação quanto podem ser sugeridas alternativas de negação e superação desta aceitação. Defendemos que a literatura osmaniana vem a lume no coração dessas alternativas e que Loreius é paradigma de crítica ideológica, tanto no recorte histórico a que pertence seu autor, o longo século XX em período ditatorial, quanto no recorte histórico ulterior, o novo século que, infelizmente, retoma antiga/s forma/s de opressão política.

Palavras-chave: Loreius, Emancipação, Ideologia, Repressão

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

O espaço desdobrado em Conto Barroco ou Unidade Tripartita

VANESSA PEREIRA CAJÁ ALVES (UNB)

Resumo: Três meses após a publicação de Nove, Novena, Osman Lins, em entrevista ao Diário de Pernambuco, afirma que, em “Conto Barroco ou Unidade Tripartita”, as ações decorrem simultaneamente nas cidades mineiras de Congonhas, Ouro Preto e Tiradentes. Esse caráter da simultaneidade apontado por Lins instaura, então, uma atmosfera em que nada é fixo neste texto literário, de maneira que os atos estejam sempre no plano da alteração e da possibilidade, mas sob o rigor de um artista que “mantém cuidadosamente a charrua nos sulcos” (LINS, 1973, p. 32). É natural que o leitor, munido desse apontamento feito por Osman Lins na entrevista supracitada, se coloque em uma posição de busca por um elemento localizável que ateste essa sincronicidade dos eventos em “Conto Barroco”. A partir da terceira página do texto, há a conjunção alternativa “ou” entremeando os blocos de narrativas que compõem o texto literário e, conseqüentemente, dando origem à simultaneidade e à leitura de possibilidades. Embora estas duas características sejam apontadas, aqui, como aspectos distintos, elas estão intimamente ligadas, por ora revelando-se coisa uma, em razão de seu agente fundante, que é a conjunção. O espaço diegético desdobra-se em três cidades mineiras barrocas. Ademais, o caráter do desdobramento também se estende à disposição dos elementos na página, como um recurso tipográfico, em que esses blocos, conjugados à articulação proporcionada por aquela conjunção, configuram um desenvolvimento consecutivo, um desenrolar das ações, ainda que sob o signo da permutação. No âmbito da cidade de Tiradentes, há um capanga-narrador que também se desdobra, quando diz “Estou em Tiradentes, na igreja Matriz, na Prefeitura, na rua, no chafariz, de chapéu

na cabeça” (LINS, 1975, p. 144), refletindo e representando o cosmo movediço dessa narrativa. Em suma, a intenção deste estudo é analisar o que aqui categorizo como espaço desdobrado em “Conto Barroco ou Unidade Tripartita”, sexta narrativa de Nove, Novena, em suas múltiplas realizações, partindo do conceito de espaço, denominado por Lins, em seu ensaio Lima Barreto e Espaço Romanesco, como “tudo o que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com a sua individualidade tendendo para o zero” (LINS, 1976, p. 72). Além disso, também serão explorados elementos que dizem respeito à discussão do espaço da palavra e da imagem no texto literário osmaniano, que opera de modo a engendrar uma obra constituída de monumentalidades, levando o leitor à superação dos limites da obra do escritor pernambucano Osman Lins.

Palavras-chave: Osman Lins, Nove, Novena, Conto Barroco ou Unidade Tripartita, Espaço desdobrado

Nenhum vitral retém a claridade: um salto, um grito, um gesto

LENY DA SILVA GOMES (UNIRITTER)

Resumo: A justaposição da cultura das mídias eletrônicas com a cultura impressa, a galáxia de Gutenberg segundo McLuhan (1972), se traduz, no âmbito da literatura, por uma intensificação de estratégias experimentais no intuito de um maior envolvimento e participação criativa do leitor, ainda que, aos contemporâneos, os resultados possam ser marcados pela dificuldade de comunicação. Desde a publicação de Nove, Novena, Osman Lins, instado a justificar suas “experiências revolucionárias”, declarava: “Em literatura, toda conquista árdua atinge o público, mais cedo ou mais tarde. E são essas conquistas que enriquecem o leitor, não os caminhos já conhecidos” (LINS, 1979 p. 137). Em Entre o tempo e a eternidade, Ilya Prigogine e Isabelle Stengers (1992) discutem o “paradoxo do tempo”, confrontando conceitos tradicionais da física com uma visão que postula: “toda história contém a irreversibilidade, o

acontecimento e a possibilidade de certos acontecimentos, em certas circunstâncias, adquirirem uma significação, estarem no ponto de partida de novas coerências” (p. 52). Se considerarmos o conjunto da obra de Osman Lins, colocando-a numa rota histórica, somos atraídos por alguns acontecimentos, alguns eventos, ou gestos sinalizadores de “novas coerências”. Sabe-se do interesse do autor pela história do alfabeto, pela história da escrita e da literatura, conjugado a uma intensa reflexão teórica sobre o fazer literário e sobre o ato da leitura. Livros e manuscritos de seu acervo atestam sua posição crítica relativa aos acontecimentos artísticos. Obras como a Historia del alfabeto de A.C. Moorhouse (1961), citada em Guerra sem testemunhas (1969), cuja capa estampa a espiral do Disco de Festo, são diligentemente anotadas, tornando visível uma atenção do autor dirigida ao livro e às suas relações com o leitor as quais, como percebe, são mediadas pelos órgãos dos sentidos que, por sua vez, têm sua percepção mediada por uma rede de atores. Em contraponto à aposta de Butor (1974) na superioridade dos meios da “gravação direta” e à sua visão de que o “desdobramento simultâneo a nossos olhos” seria a única vantagem da escrita sobre os meios de registro direto (disco ou fita magnética, na época), Osman Lins desenvolve, a partir daí, seu conceito de limitação da literatura (leia-se impressa) – “sua carência: contar apenas com a palavra escrita, silente.” (p. 178). Relaciona, então, o silêncio a uma solidão produtiva, isenta do rumor, em estado de liberdade. Nesse contexto, o desafio é investigar associações possíveis de acontecimentos em rede – no sentido que Latour (2012) dá ao termo “a rede não é aquilo que está representado no texto, mas aquilo que prepara o texto para substituir os atores como mediadores” (p. 192) –, capazes de iluminar os silêncios. Para isso considera-se que a obra de Osman Lins propõe leituras que façam desprender a luz, o som, a imagem, de dentro do texto como nas catedrais góticas com suas pedras iluminadas pela “luz [que] perpassa como uma melodia através” (LINS, 1973, p. 93) dos vitrais.

Palavras-chave: Osman Lins, estratégias narrativas, associações de acontecimentos, silêncios e iluminações.

Elementos de narratologia em *O pássaro transparente*, de Osman Lins

MARCOS EDUARDO LOPES ROCHA (UNB)

Resumo: Nove, novena, do pernambucano Osman Lins, inaugura um novo estilo literário na obra do autor. Buscando compreender a articulação de alguns elementos narratológicos da primeira narrativa do livro, “*O pássaro transparente*”; discorrerei primeiramente sobre a transição de focalização (de externa para interna) do narrador heterodiegético, a qual cria uma estrutura padronizada e episódica. Os episódios de “*O pássaro transparente*” são compostos por um parágrafo com focalização interna e outro, mediado pelo discurso indireto livre, com focalização externa. A estrutura episódica também possibilita padrões na disposição temporal da narrativa. O quinto episódio, o ponto médio do conto, marca dois tempos distintos: passado e presente. Há quatro episódios que, na ordem cronológica, precedem este e outros quatro que o sucedem. Cada cena anterior faz par com uma posterior, criando dois conjuntos de polos opostos na narrativa: exterior/interior; passado/presente. Esta configuração põe em relevo a metáfora do título, um pássaro que deixa visível sua superfície e suas entranhas.

Palavras-chave: *O pássaro transparente*, Osman Lins, Nove, novena, Narratologia

Ressonância, poesia e ideograma: o *Retábulo de Santa Joana Carolina*, de Osman Lins, e a tradução para o japonês

CACIO JOSÉ FERREIRA (UNB)

Resumo: Esta comunicação trata de algumas considerações sobre a ressonância poética que surge, em maior ou menor grau, no processo de tradução do conto *Retábulo de Santa Joana Carolina*, de Osman Lins, para a língua japonesa, evidenciando, no momento do traduzir, a captura poética que permeia toda a narrativa. Nessa perspectiva, discute, também, os diversos caminhos que a tradução oferece para chegar a um trabalho literário em outra língua (no caso a japonesa) que se aproxime dos ornamentos poéticos e do rigor da escrita osmaniana.

Por conseguinte, as ideias de Henri Meschonnic permearão as reflexões, pois para ele a poética da tradução é a “forma de vida que transforma tudo em linguagem. Ela só nos acontece se a própria linguagem se torna uma forma de vida. Por isso ela é tão inquieta. Pois ela não cessa de trabalhar sobre nós” (MESCHONNIC, 1989, p.247). Esse processo de recomposição e de uso de elementos gráficos podem ser a compreensão do caminho da tradução do conto em evidência, principalmente quando a poesia acompanha e se insere na fonte ideográfica da língua japonesa. É necessário a junção, o descarte e a recriação de ideias, de teorias da tradução e de tradições. É preciso adequar aos princípios linguísticos, sociais e culturais para onde a palavra está renascendo, transmutando. Dessa maneira, a compreensão perpassa pelos manuais que já existem e criam novos caminhos, permitindo, assim, entender o processo da poética no texto traduzido.

Palavras-chave: tradução, poética do traduzir, *Retábulo*, Osman Lins

Solidão e Política: *Os gestos*, de Osman Lins na perspectiva filosófica de Hannah Arendt

CACILDA BONFIM (UNB)

Resumo: A leitura do conto “*Os Gestos*”, de Osman Lins, inscrito em sua obra homônima, publicada em 1957 nos leva de roldão ao centro de uma das temáticas mais aterrorizadoras da existência humana: a solidão. Abismos se abrem entre nós e os outros e a impossibilidade de transpô-los constitui-se como uma ameaça visceral da perda de contato até com nós mesmos. André, personagem protagonista do conto de Lins, está velho, doente, acamado e sem voz. Resta-lhe tentar a comunicação com seus familiares, através dos gestos, que, por sua vez, talvez devido a própria enfermidade, carecem de precisão e, portanto, de destreza para que ele possa se fazer compreendido. Ora, estamos diante da impotência humana, da angústia por não poder se expressar pelo uso da palavra. Essa trágica evidência nos faz questionar, pelo viés filosófico, sobre a categoria da solidão em termos políticos, ou seja, em termos de nossa comunicação como os outros. Nesse sentido, valho-me das reflexões de

Hannah Arendt, objetivando uma análise que possa esclarecer não só a confluência, percebida por mim, entre os dois autores, mas também enriquecer pesquisas sobre literatura e política enquanto forma de resistência à desertificação do próprio existir. Visando tal intento, faz-se necessário, primeiramente, elucidar certos conceitos e definições que funcionaram como luzes frente a tentação de emergirmos no senso comum da significação das próprias palavras. Assim, cabe apontar de imediato que para Hannah Arendt a solidão, ou seja, o estar só não equivale ao isolamento (categoria também imprescindível para esta interpretação). Nesse sentido, chamamos a atenção ao fato de que na obra de Arendt *Origens do Totalitarismo* encontram-se os termos: *isolation*, *loneliness* e *solitude*, que foram traduzidas em português, respectivamente por isolamento, solidão e estar só. Já aí, é preciso atentar para o fato de que nas categorias arendtiana, “estar só” (*solitude*) não é o mesmo que “solidão” (*loneliness*). Isso significa dizer, que solidão e isolamento mesmo (embora não sejam sinônimas) ocorrem quando o indivíduo falta a si, ou seja, não encontra abrigo algum, nem em sua própria pessoa. Contrariamente, o “estar só” se trata de uma situação na qual o sujeito faz companhia a si mesmo através do diálogo interior que estabelece consigo. Assim, já por essas noções preliminares podemos de imediato inferir que André, o protagonista de Lins, não está só – ele não falta a si mesmo – já que opera o diálogo interior do pensamento. Ele está em solidão, que tal qual o isolamento, caracteriza-se pela incapacidade de agir e manter os vínculos, embora, isolamento, se refira ao mundo público e solidão, a dimensão privada da existência. Dito isto, cabe pressupor que a inserção dessa abordagem no seminário “Superação de Limites na Obra de Osman Lins: dissipando a cegueira entre os hieróglifos que nos cercam” da XV Abralic é um convite para que possamos pensar a categoria da solidão e suas implicações políticas a partir de Hannah Arendt tendo na literatura feita por Osman Lins o espaço de questionamento e, portanto, filosófico, por excelência, das categorias essenciais a nossa existência.

Palavras-chave: OSMAN LINS, HANNAH ARENDT, SOLIDÃO

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Olhar do fragmento: desdobramentos de microimagens na leitura de *A rainha dos cárceres da Grécia*

EMANUELLE ALVES ADACHESKI (UEPG), KELI CRISTINA PACHECO (UEPG)

Resumo: O texto prolífico em imagens e citações de Osman Lins torna evidente uma característica da linguagem escrita que o texto eletrônico manifesta de modo mais visível: a hipertextualidade/hipermidialidade. “A rainha dos cárceres da Grécia”, nesse sentido, é cheio de links em potencial, é tomado de mundos a serem ampliados. Nosso trabalho foca em alguns desses links (evidentes ou latentes), entendidos como pistas, ou, ainda, como caminhos que podem revelar alguns nós da rede do pensamento literário de Osman Lins. São eles as linhas de Nazca, “Alice no País das Maravilhas” e Escher. São citações “exteriores” que ingressam no livro pelo trabalho fragmentário de Lins (com exceção de Escher, cuja relação é de latência). Sobre o fragmentário, explica Maurício Mendonça Cardozo a respeito do pensamento de Jean-Luc Nancy, o qual se coloca “[n]a esteira de uma resistência a diferentes formas e ordens de totalização, assumindo o fragmentário como condição de existência no mundo” (NANCY, 2013, p.414). Existência, que, pois, puro devir, é mistério, é enigma que a literatura osmaniana busca resgatar. A fragmentação é o nexos. A mencionada obra de Lins se nomeia em homenagem a uma (anti) heroína de difícil apreensão: a ladra grega que consegue entrar das prisões de seus país de diversas maneiras, a ponto de tornar-se célebre. Ao juiz que a interroga, tentando prová-la perversa, responde: “O senhor vê mal. O que eu tenho escondido debaixo dos meus olhos é medo. Medo de saber de que modo o tempo passa” (LINS, 2015, p.215). Assim o texto osmaniano prende-nos e liberta-nos em seus mistérios. A corrente invisível de Nazca vai falar de espaço e de distância, do intervalo que em si mesmo

é o próprio mistério e a revelação: é o olhar? do alto que forma a figura completa das linhas. Mas qual a origem dessa distância, desse sobrevoo? E vista a figura, o que diz a imagem? A corrente invisível de Alice é já a imagem do hipertexto: seguir coelhos brancos por buracos desconhecidos; perceber no fragmento do Gato de Cheshire a presença do outro, o contato com o mistério que coloca em cheque o jogo de poder (afinal, como decapitar uma cabeça sem corpo?). Aliás, a aparição do gato é como a rede social e como o livro: uma sequência de sinais de presença parcial e diáfana (prestes a desaparecer) e que ainda assim permitem o contato (com tipos de fantasmas). Por último, a imagem do percurso paradoxal de “A rainha dos cárceres da Grécia”, a metamorfose de um leitor em personagem do livro lido, remete-nos a “Print gallery” de Escher (1956), em que um vórtice vazio é o centro da fusão de uma galeria de artes à obra que expõe. Nossa proposta, portanto, é ler o romance pelos intervalos que ele cria com textos/imagens do mundo, texto plural, “nele penetramos por diversas entradas” (BARTHE, 1992, p. 39) e “(quem sabe entretanto aonde vai quem se enreda em projetos desse gênero?) (LINS, 1976, p. 3)”.

Palavras-chave: A rainha dos cárceres dá Grécia, Alice no País das Maravilhas, Linhas de Nazca, Print Gallery

Sob os olhos de um texto: a visão em *A rainha dos cárceres da Grécia*

PEDRO HENRIQUE COUTO TORRES (UNB)

Resumo: A obra de Osman Lins abriga várias possibilidades de leitura. Em *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, último livro publicado pelo escritor pernambucano, em 1976, há vários temas que se entrecruzam em um jogo narrativo singular: a questão do(s) gênero(s) literários, as categorias da poética clássica, as regras de elaboração literária, a construção da personagem, o problema relativo à biografia autoral e a suposta vinculação à fatura final da obra de arte, o duelo entre poesia e história etc. Esta comunicação, na tentativa de uma perquirição monográfica, é um recorte de meu projeto de doutoramento em curso

na Universidade de Brasília, orientado pela professora Elizabeth Hazin. Pretendo analisar o texto de *A Rainha dos Cárceres da Grécia* com o objetivo de destrinchar uma rede lexicográfica do campo semântico da visão e, valendo-me dessa rede, discutir um dos temas mais caros na poética osmaniana: a visão e o ato de ver. Minha análise partirá do diário do Professor no dia 2 de dezembro, sobretudo, a partir do seguinte trecho: “Mas ? diverso, nisto, dos que ocupam as cadeiras de letras ? o lente de botânica ou de zoologia não cede ao impulso de querer inocular, em espíritos quase sempre voltados para outras direções, o que há de menos transmissível: uma paixão. Sempre temi esse papel, indesejável no magistério e próprio de loucos (ou de quem, visto que ama, distancia-se dosãos). Exige a arte das letras, como a história e a geografia, do mestre, atualização incessante. Plantas e animais, ao contrário, na sua variedade, formam um universo imoto ? como o das figuras geométricas. Não faltará portanto quem veja, na opção que fiz, certa malícia; na verdade, ela me permite a desinteressada fruição das obras que povoam a minha casa. Meus olhos vulneráveis acrescentam à fruição o mérito ou o valor do risco. Colho ainda as vantagens de apenas atuar na escola secundária: evito muitos encargos absorventes ? estéreis, por vezes, confessa-me A. B. ? e que os proveitos da alta docência, acho, não chegam a compensar.” Pretendo indicar a importância do vocabulário empregado neste fragmento e sua relação com a arquitetura, ao mesmo tempo harmônica e sutil, que Lins empregou na confecção literária de *A Rainha dos Cárceres da Grécia*. As relações temáticas associadas à visão e ao ato de ver estão presentes em todos os momentos do romance e pretendo explorar suas conexões literárias para trazer uma hipótese de leitura deste livro.

Palavras-chave: Osman Lins, *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, Visão, Rede de palavras

Ressonâncias musicais em *Avalovara* e em *A rainha dos cárceres da Grécia*

SEBASTIANA LIMA RIBEIRO (UNB)

Resumo: A capacidade de um artista de se reinventar é um importante fator na criação de uma obra inovadora e perdurável. Neste sentido, podemos dizer que Osman Lins consegue equilibrar inovação e tradição em sua obra literária. Os esforços empreendidos para superar seus próprios limites como escritor são evidenciados no crescente grau de elaboração estética de suas últimas produções. Ele consegue orquestrar, com maestria e senso de ordenação, sua arte, incluindo nela elementos de diversas áreas do conhecimento (matemática, arquitetura, política, pintura, arqueologia, etc.). Notadamente em *Avalovara* e *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, podemos observar que a arte musical passa a desempenhar um papel crescente de importância na estrutura das obras. A referência ao erudito e ao popular nestas produções enriquece o universo textual com um acervo sonoro que amplia sua rede de significações. Ao passo que em *Avalovara* percebemos um uso musical de tom mais solene (combinação básica da cantata Catulli Carmina e Scarlatti), em *A Rainha dos Cárceres da Grécia* o repertório inclui canções populares dos astros da seresta, frevo e samba. Além disso, há uma imersão no hinário cívico brasileiro por meio do qual o autor revela o País e a dicotomia existente entre o povo e a elite.

Palavras-chave: Osman Lins, Música, Repertório, Brasilidade

A escrita da ausência no romance contemporâneo: *A rainha dos cárceres da Grécia*, de Osman Lins

MAYARA MORATORI PEIXOTO (UFJF)

Resumo: O trabalho se debruça sobre uma leitura do romance *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, de Osman Lins, com o objetivo de avaliar o modo como seu narrador-personagem organiza suas características temáticas e estruturais, e de que forma essas características apontam para uma “escrita da ausência”. O romance é localizado numa “tradição

da modernidade”, conceito trabalhado a partir da leitura da produção acadêmica atual sobre a obra de Osman Lins, que a avalia localmente no contexto da produção literária latino-americana, bem como do ponto de vista de Antoine Compagnon sobre a modernidade europeia. Problematisa-se a ausência em dois níveis: a temática, quando se identifica uma ausência relacionada aos três narradores que se mesclam no romance (Osman Lins e a ausência da figura materna, apontada em entrevista a Edla van Steen presente no livro *Viver e Escrever* [2008]; o professor de biologia, narrador-personagem, e a ausência de sua amante, mote inicial da escrita do seu romance; e Julia Marquezim Enone, a amante do professor de biologia, e a ausência do braço amputado de seu ex-marido, hipótese de leitura construída pelo professor de biologia para a leitura da primeira metade do romance), e a estrutural, quando se pensa na construção do romance a partir dos procedimentos de uma mise en abyme que envolva tanto a mimese do enunciado (relativa ao tema trabalhado nos romances que se misturam – a saber, o tema da ausência) quanto da enunciação (relativa ao procedimento utilizado na escrita desses romances), conceitos problematizados por Linda Hutcheon em seu livro *Narcissistic Narrative: the metafictional paradox* — essa construção relaciona-se à ausência de um ponto de vista único, traduzido pela crise da objetividade do sujeito contemporâneo. Esse sujeito será compreendido a partir das discussões de Agamben sobre o que é o contemporâneo, tempo em que o sujeito recebe a escuridão de seu tempo, entendida como um híbrido de presença-ausência, e de Adorno, em suas reflexões sobre o narrador que se insere nesse contexto histórico-cultural, sujeito que se caracteriza por uma renovação paradoxal do indivíduo da epopeia porque, ao modo deste, liquida a si mesmo – mas de formas diametralmente opostas. Relacionam-se a essa discussão os conceitos de Benjamin sobre o narrador em um contexto de pobreza de experiência derivada das questões sociais do pós-guerra; a consolidação da extinção da “arte de narrar” é, portanto, avaliada. A leitura do romance sob essas

perspectivas possibilitou que se constatassem diversos elementos da contemporaneidade no romance de Lins, especialmente no que tange o entrelaçamento de linhas narrativas que apontam para o exercício de um procedimento metaficcional.

Palavras-chave: Osman Lins, A Rainha dos Cárceres da Grécia, Contemporaneidade, Metaficção

Tilintam as palavras de Osman Lins: uma leitura de *Exercício de imaginação* em contato com *A rainha dos cárceres da Grécia*

THAYLA CRISRHANA MARTINS PEREIRA (UNB)

Resumo: O imaginário é uma construção no ar. Essa proposição torna-se possível com base nas ligações semânticas as quais lê-se no Dicionário Analógico da Língua Portuguesa de Francisco Azevedo. Etimologicamente, a palavra “imaginário” deriva do latim imaginari e carrega consigo o significado de formar uma imagem mental de algo. Gilbert Durand, em seu *Estruturas Antropológicas do Imaginário*, defende o imaginário como sendo a infância da consciência, mas não como algo “ingênuo e pueril” e sim como algo “criador e primordial”. Considerando que a imaginação é entendida como um importante elemento que permeia as representações artísticas desde muito e admitindo o conceito de imaginação como criação, é objetivo dessa comunicação propor uma leitura pautada na relevância da mesma para o ato da escrita de Osman Lins e na forma como Lins representa esse recurso em seu último romance publicado *A Rainha dos Cárceres da Grécia* (1976). Propõe-se, para isso, a análise de “Exercício de Imagem”, micronarrativa escrita por Osman Lins, em 1966, na ocasião em que uma garota pede a Lins que escreva algo de lembrança em seu álbum e ele, então, escreve o pequeno texto baseado na figura da capa do álbum. Anos mais tarde, Osman Lins e Julieta de Godoy Ladeira pensam em criar, juntamente com seus amigos escritores, um livro que resgate os exercícios de descrição de figuras que eram comuns em sua infância escolar. Assim, em 1978, é lançado o livro *Lições de*

Casa que reúne textos de nove autores. No entanto, como Osman Lins não chega a escrever sua lição de casa, seu texto publicado nesse livro é justamente “Exercício de Imagem”. Empreende-se, então, uma busca sobre o que poderia ser germinal em “Exercício de Imagem” em termos de criação e artifícios literários característicos de Osman Lins, como (i) a inversão, (ii) a desordenação e a reordenação, e (iii) a fusão e o que veio a desabrochar em seu último romance publicado, em que esses mecanismos tomam força tal que se cria, através da palavra, um mundo estritamente literário. Esse mundo criado, como defende Wolfgang Iser, se refere à realidade, mas extrapola os limites dela, apresentando finalidades que não pertencem a ela, mas ao próprio texto. Assim, indica-se também aqui a análise do ápice do processo que transforma realidade em literatura em *A Rainha dos Cárceres da Grécia* em que, metanarrativamente contado na última entrada do diário do Professor, o personagem é incorporado à narrativa objeto de seu estudo.

Palavras-chave: Osman Lins, Exercício de Imagem, A Rainha dos Cárceres da Grécia

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Saem a passear Maria de França e Stela do Patrocínio: a dicção poética da loucura

BÁRBARA COSTA RIBEIRO (UFC)

Resumo: O trabalho aqui proposto é o exame de uma dicção poética da loucura percebida a partir da trajetória ficcional de Maria de França. É ela a personagem de *A rainha dos cárceres da Grécia*, romance que respira dentro de um outro romance, o de Osman Lins, intitulado, igualmente, *A rainha dos cárceres da Grécia* (1977). Nesse jogo de múltiplos espelhos, lançamo-nos ao desafio de analisar uma voz que mal se deixa entrever, uma voz da ausência, que sussurra por entre

as lacunas do texto metalinguístico orquestrado pela personagem do professor que, na tentativa de descobrir se afinal fora “amante de ninguém”, traveste-se de comentador literário e tenta desvendar os sentidos possíveis do romance deixado pela amada morta, Julia. A dicção da personagem Maria de França, então, é acessada por uma espécie de bi-filtração: a narrativa de Julia Marquezim Enone e a própria análise do narrador não nomeado, este que se lança, em um diário ensaístico, a esmiuçar a obra de JME. Linguagem duplamente oculta, a vagar na noite dentro da noite. Por ser a voz de uma louca, por ser a voz de um romance ausente dentro de outro romance. Nessa voz deslizante, encontramos uma tal dicção que faz eco à poesia de outra mulher, Stela do Patrocínio, internada nas últimas décadas do século XX na Colônia Juliana Moreira, manicômio no Rio de Janeiro, onde viveu por trinta anos. Stela tornou-se conhecida por uma falada marcadamente lírica. Expressava-se em signos cifrados: dentro desses símbolos, jamais o sentido da loucura, somente outros símbolos, fechando-se ao infinito. O testemunho da poesia de Stela foi gravado através de fitas, numa extensa entrevista tomada entre os anos de 1986 e 1989. Como resultado dessas gravações, nasceu, em 2001, o livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001), com o lirismo de sua fala integral então disposto em versos. As semelhanças entre as falas de Stela e de Maria de França irmanam as dicções, pedem verificação do lirismo do louco enquanto personagem de ficção ou poeta. Saber como é essa língua – loucura na poesia, poesia na loucura? – interessa-nos primordialmente aqui. Nesta acrobacia romanesca que é o debruçar-se sobre a obra de Osman Lins, dedicamos atenção especial à composição poética desse discurso da loucura, no que pudermos acessar e intuir através do próprio romance, e da comparação entre figuras, Stela eu-lírico e Maria personagem. O referencial teórico do trabalho apoia-se na bibliografia da pesquisa desenvolvida no âmbito de mestrado de que faz parte este pequeno artigo. Lançando-se à inquirição de o que seja a linguagem poética, chamamos ao passeio, lado a lado

com Maria e Stela, a crítica produzida por parte do próprio Osman Lins na investigação sobre o trabalho da escritura, juntamente com apontamentos de Octavio Paz, Maurice Blanchot, Giorgio Agamben, dentre outros, sobre a linguagem de ficção e a poesia.

Palavras-chave: A rainha dos cárceres da Grécia, Dicção poética, Loucura, Stela do Patrocínio

Transfiguração e silêncio em *Avalovara*, de Osman Lins

MARTHA COSTA GUTERRES PAZ (UFRGS)

Resumo: O desenrolar do enredo em *Avalovara* revela um cuidadoso movimento de personagens e de cenas entremeadas de sons, em que a transformação ascendente interna de seus protagonistas se contrapõe à ascensão, à estagnação e à decadência da maior parte dos demais personagens do romance. O contraste entre realização e destruição faz parte do rol de oposições que enriquecem a obra de Osman Lins. O autor transporta o leitor para mundos paralelos em que a busca pela perfeição, conduzida pelo pássaro que dá o nome à obra literária e representada pela transfiguração para a unidade entre homem, mulher e cosmos, contrapõe-se ao mundano. Tanto quanto as múltiplas sonoridades presentes na narrativa, o silêncio envolve os personagens em seus momentos de angústia, de medo, de resignação e de torpor assim como nos sublimes instantes da unificação e de domínio final das palavras, portanto, dos sons do mundo. Lins, em uma de suas entrevistas constantes no *Evangelho da Taba*, demonstra uma certa proximidade com a filosofia tântrica indiana, com toda sua complexa prática de purificação e de realização espiritual. A linha narrativa em *Avalovara* mostra traços da ascese mística empreendida pelos yogues tântricos rumo à unificação com o todo cósmico, representada simbolicamente, no romance, pela fusão dos protagonistas entre si e com o tapete misterioso. John Cage procura provar a inexistência do silêncio absoluto, ressaltando, entretanto, a mudez interna, associada ao estado de alerta, como meio para ouvir os sons do próprio corpo.

O músico e compositor canadense Raymond Murray Schafer vai mais longe e destaca a necessidade de submergir nos reservatórios de quietude interior para restaurar a tranquilidade espiritual. O silêncio transcendental, mencionado com ênfase no final do romance, é o ápice de toda a trajetória de Abel e da Inominada. Este artigo procura mostrar as correlações entre o som e silêncio com os momentos finais da incansável busca dos amantes e as possíveis associações com o sagrado impregnado na tradição oriental do tantrismo.

Palavras-chave: Silêncio, Avalovara, Cage, Schafer

A dimensão simbólica e criadora da palavra em *Lisbela e o prisioneiro*.

MARINA ARANTES SANTOS VASCONCELOS (UNB)

Resumo: Texto dramatúrgico do renomado escritor Osman Lins, datado de 1960, ‘Lisbela e o prisioneiro’ é uma peça que pode ser lida e dissecada a partir de uma vertente que leva em consideração a crença incondicional, por parte do autor, no poder criador da palavra. Tomo como um possível aporte, para fundamentar esse prisma analítico, os estudos semióticos de Julia Kristeva, em ‘Estrangeiros para nós mesmos’, segundo quem, a Semiologia altera a natureza arbitrária do signo linguístico e confere a ele uma “importância real”, em contraponto com sua dimensão simbólica. De acordo com a teórica, o “(...) símbolo deixa de ser símbolo e ‘reveste toda a eficiência e toda a significação do simbolizado’ (...)”. Essa perspectiva de abordagem da linguagem será o vetor de que tratará este trabalho, no intuito de melhor compreender a partir de que matéria linguística são construídas a leveza e a comicidade presentes na peça, que, apesar de não figurar entre textos os antológicos de Osman, tomou para si um espaço cativo entre os leitores brasileiros, sobretudo os que prestigiam as narrativas com enfoque regionalista e com a força representativa do imaginário popular.

Palavras-chave: Dramaturgia, Imaginário popular, Semiologia, Lisbela

Errâncias e conhecimento: a viagem de Abel, o ardor de Ulisses

LUCIANA BARRETO MACHADO REZENDE (UNB)

Resumo: Na relação que a literatura guarda com o mundo e também consigo própria, tanto Avalovara, de Osman Lins, quanto a Commedia, de Dante Alighieri, e Ulisses, de Homero, configuram narrativas de viagem – seja no evidente deslocamento espacial, seja na fusão de tempos distintos e na presentificação do discurso narrativo. Em suas travessias iniciáticas, os peregrinos Abel, Dante e Ulisses indubitavelmente empreendem uma viagem interior, assumindo, assim, o arquétipo do homem em busca de si mesmo. Como Dante, apartado de Florença, Ulisses também está exilado, longe de sua Ítaca, movido pelas ousadas venturas da errância, em turbulentos mares e ilusórias ilhas. Para Adorno e Horkheimer, na Dialética do Iluminismo, “nenhuma obra dá testemunho mais eloquente das imbricações entre razão e mito que a de Homero, o texto fundamental da civilização europeia”. Nesse sentido, a aventura de Ulisses configura “a viagem metafórica que a humanidade precisou realizar para efetuar a passagem da natureza à cultura, do instinto à sociedade, da autorrepressão ao autodesenvolvimento”, como anota Olgária Matos. Pois Abel, protagonista de Avalovara, também cumpre um tortuoso e iluminador percurso de aprendizagem e transformação ao não se esquivar das provas a serem transpostas, a exemplo do canto das sereias exemplarmente suportado pelo herói homérico, o qual, “dono de vontade e consciência” não recusa “a esplêndida experiência/ do mundo ermo e ignorado”, como disposto no Canto XXVI, do Inferno dantesco. Nesta comunicação, mostramos como Abel – em sua jornada por meio do amor e da palavra - alinha-se ao eu homérico, compreendido como figura fundadora da racionalidade, deixando-se reger pelo que Marco Lucchesi chama de “nostalgia do mais”, justamente o indeclinável ardor na busca pelo conhecimento, esse “sentimento de quem não tem morada e em nenhuma parte de si encontra repouso”, conforme sublinha Matos.

Palavras-chave: Avalovara, Ulisses, A Divina Comédia, viagem

O que se faz da vida com tudo que se é: resistência e realismo em *Santa, automóvel e soldado*, de Osman Lins

ADRIANA DE FÁTIMA BARBOSA ARAÚJO (UNB)

Resumo: Damião Luiz – Capanga nunca foi profissão, Claraval. Claraval – Por que não? Como, visto e bebo do que faço. Fabricar bonecos é que não é profissão. Damião Luiz – Profissão é o que se faz, todos os dias da vida, com tudo o que se é. O realismo das peças que compõem Santa, automóvel e soldado, de Osman Lins, aparece profundamente atado com as contradições da vida cotidiana ainda mais dramáticas quando vividas em situações de aguda opressão e violência. Os problemas da realidade dos anos 1960 e 1970 reaparecem no atualizar de gêneros e situações muito antigas, que trazem inovações de forma e conteúdo a gêneros populares medievais como o mistério, o auto e o romance. As peças Mistério das Figuras de Barro, Auto do Salão do Automóvel e Romance dos Dois Soldados de Herodes completam, segundo diz o próprio Osman Lins, no prefácio, um único ato: “Compõem o presente volume três peças em um ato”. Isso em vez do que pareceria mais adequado três atos comporem uma peça. Não é isso que se passa. É bem o seu contrário! As astúcias composicionais de Osman Lins impelem quem as frui a um pesar e medir das aparências e essências. Algo parece estar errado, a imagem da santa feita e refeita por Damião realmente faz milagres, o trânsito representar a sociedade, Maragogi e Araripina serem aldeias em torno da bíblica Belém. Algo parece estar errado, mas tudo está completamente de acordo com as verdades as mais abrangentes da vida no capitalismo e ainda mais do que nunca em seus períodos de ditadura. A proposta dessa comunicação é refletir sobre a relação entre aparência e essência nesse texto/peças aparentemente leves e bem-humoradas, mas tão profundamente esclarecedores dos mais terríveis limites impostos ao desenvolvimento dos talentos e potencialidades humanas.

Palavras-chave: Osman Lins, Realismo, Ditadura militar, aparência/essência

Ensino superior: os mesmos problemas quarenta anos depois

LEONARDO MONTEIRO TROTTA (UNICARIOCA)

Resumo: No ano de 1976, Osman Lins escreveu um texto de cinco páginas chamado “Reflexões sobre um quadro-negro”, editado no livro “Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros(1977)”. Neste pequeno texto, nosso autor fazia uma análise da qualidade do ensino superior brasileiro tendo como pano de fundo a própria educação brasileira como um todo. “Apesar das insuficiências dos alunos, altamente imaturos e despreparados, continuam os professores a organizar e ministrar seus cursos de graduação como se tivessem diante de si alunos ideais”, dizia ele. Suas conclusões derivaram de uma pesquisa na sua própria sala de aula, partindo de um questionário básico no campo literário com dez questões. No ano de 2016, quarenta anos depois, refiz a pesquisa na disciplina que ministrou em Pedagogia numa instituição privada chamada “Arte, cultura e educação”. Partindo do questionário como parâmetro, usei dez imagens clássicas da história da arte brasileira e mundial, dentre elas Abaporu, O Grito, Mona Lisa e O quarto de Van Gogh. O nível de acerto foi ainda pior, comparativamente falando, ao obtido por Osman Lins na década de 1970. Ressalto com clareza aqui a maior dificuldade da sua tarefa. Este trabalho que aqui apresento parte do ponto levantado por Lins: “Seria necessário, ao professor, reconhecer que o interlocutor à sua frente-ou, mais propriamente, ouvinte-é outro, bem aquém do que ele desejou e imaginou”, para pensar o papel do professor no ensino superior. É indubitável que a questão se agravou nos últimos quarenta anos, pergunto então qual papel nos cabe na sala de aula atual? Discussões teóricas embasadas em críticos de arte quando nossos alunos não reconhecem um Monet, um Leonardo da Vinci, ou ainda alguns um Romero Britto? Currículos e parâmetros sofisticados para alunos que não dominam os elementos básicos da linguagem visual e que continuam reproduzindo na idade adulta desenhos esquemáticos aprendidos aos sete? Que papel tem a universidade na caótica educação

básica brasileira? São estas discussões que este pequeno trabalho se propõe, partindo da profecia de Osman Lins: “(..)a situação será insustentável-e o próprio desastre imporá então as suas leis”.

Palavras-chave: Ensino superior, Educação brasileira, literatura brasileira, educação artística

09

ALTERIDADES CONCEITUAIS DO FANTÁSTICO

Flavio Garcia (UERJ)

Marisa Martins Gama-Khalil (UFU)

Sylvia Trusen (UFPA)

Resumo: Louis Vax, na introdução ao seu clássico estudo sobre o fantástico (*L'art et la littérature fantastiques*. Paris: Press Universitaires de France, 1960), adverte o leitor, logo de imediato, sobre as dificuldades que envolvem quaisquer tentativas de definição do gênero, preferindo, por essa razão, voltar-se ao exame crítico dos textos ficcionais nos quais irrompe o acontecimento considerado inexplicável pelas leis admitidas em nosso mundo natural. Tzvetan Todorov, em seu paradigmático trabalho de fundamentação teórica acerca do fantástico (*Introduction à la littérature fantastique*. Paris: Editions du Seuil, 1970), diferentemente de Vax e outros seus antecessores ou coetâneos, inicia procurando delimitar certos pressupostos bastante rígidos que definiriam o gênero literário, em si e, sem hesitar, circunscreve, sob vieses estruturalistas, tanto o conceito de gênero, em suas diversidades histórica e teórica, elementar e complexa, quanto define, em seu universo, a literatura fantástica. Irène Bessière, em sua primaz publicação em torno da ficção fantástica (*Le récit fantastique: La poétique de l'incertain*. Paris: Larousse Université, 1974), também se refere a perspectivas anteriores ou coevas, não se eximindo de reconhecer os precursores esforços de Todorov, porém, ainda que muitos de seus pressupostos sejam idênticos aos dele, flexibilizando, ela opta por menor rigidez estruturalista e, em virtude disso, migra da visão genológica daquele para uma visão modal, talvez já influenciada pelos ares vindouros da semiologia. Filipe Furtado, sem perder de vista

as inovações metodológicas e conceituais trazidas à cena por Bessière, reconhece que terá sido com Todorov que “a crítica do gênero fantástico atinge de certo modo a maioridade” e, em seu estudo (*A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980), resgata todo o arcabouço apresentado pelo teórico búlgaro, enriquecendo-o com contribuições advindas da semântica estrutural de Algirdas Julien Greimas (*Sémantique structurale*. Paris: Larousse Université, 1966), reafirmando, portanto, a visão genológica. Cerca de três décadas mais tarde, o mesmo Furtado que, corrigindo falhas e completando faltas de Todorov, levava ao extremo a visão estruturalista de seu antecessor, escreveria duas diferentes versões de verbetes para o fantástico (*E-Dicionário de Termos Literários*, coordenação de Carlos Ceia, disponível em <<http://www.edtl.com.pt>>), reiterando, em uma delas, sua visão genológica – Fantástico (gênero) – e assimilando, em outra, a ótica modal – Fantástico (modo) –, ainda que não o fizesse em absoluta consonância com Bessière, pois é nítida a influência que, então, lhe sobrepesa a obra de Rosemary Jackson (*Fantasy: The Literature of Subversion*. New York: New Accents, 1981). Ao longo desse Século XX, muitos teóricos e críticos de origens variadas – europeus ou americanos, anglo-germânicos ou neolatinos – dedicaram-se a refletir sobre o fantástico, adotando seja a orientação genológica, seja a modal, ou, ainda, imiscuindo-as sem maiores atenções distintivas, e houve, mesmo, outros que optaram por se referir às vertentes ficcionais do fantástico chamando-as de categoria – sem, contudo, atentarem para o fato de que as categorias, via de regra, são inerentes aos gêneros, que delas se compõem – ou de discursos – sem se darem conta, igualmente, de que os discursos implicam, na verdade, modos de expressão, chegando, de fato, a se poder falar de modos discursivos. Desse difuso grupo de teóricos e críticos, do qual muitos adentraram o século seguinte, correndo-se o assumido risco de deixar de mencionar alguns nomes que não devessem, de forma alguma, ser esquecidos, podem-se destacar, elencados não por critérios cronológicos, mas pela ordem alfabética de seu primeiro nome, dentre

os europeus, Antón Risco, Christine Brook-Rose, Jean-Baptiste Baronian, Jean Bellemin-Noël, Jean-Paul Sartre, Pierre-Georges Castex, Roger Bozzetto, Roger Callois, Remo Ceserani e, dentre os americanos, Ana María Barrenechea, Harry Belevan, Jaime Alazraki, Pampa Olga Arán, Renato Prada Oropeza, Rosalba Campra, Susana Reisz, Víctor Bravo. Da viragem do Século XX para o XXI, mantendo-se bastante produtivo até o momento, merece especial destaque David Roas, que vem ocupando um espaço singular no universo do fantástico, a partir da publicação, em 2001, de uma reunião de textos fundamentais de alguns de seus antecessores e contemporâneos, com introdução bastante oportuna (*Teorías de lo fantástico*. Madrid: Arco/Libros), e, dez anos depois, Roas publicaria seu trabalho de referência (*Tras los límites de lo real. Una definición de lo fantástico*. Madrid: Páginas de Espuma, 2011), galardoado com o prêmio Málaga de Ensaio. Roas, no entanto, oscila, sem muita prudência, entre as visões genológica – que parece a que mais lhe agrada – e modal – muito pouco referida em sua obra –, optando, às vezes, por tratar o fantástico como sendo uma categoria – no que também não se aprofunda, observando as relações entre categoria e gênero. Espera-se que as comunicações apresentadas neste simpósio abordem, sob diferentes ângulos e aspectos, com privilégio para tensões comparativistas, as diversas visões conceituais que envolvem a ficção, a teoria, a crítica e a historiografia do fantástico, iluminado o cenário dos estudos do fantástico neste momento de globalização.

Palavras-chave: Fantástico, Gênero, Modo

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

A cronotopia em *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez e, n' *A varanda do frangipani*, de Mia Couto – uma leitura comparatista

ALEXANDRA BRITTO DA SILVA VELÁSQUEZ (UERJ)

Resumo: Este trabalho pretende investigar o conceito de cronotopia nos romances “Cem anos de solidão” (1967), de Gabriel García Márquez e, “A varanda do frangipani” (2007), de Mia Couto. Numa leitura comparatista entre dois romances publicados em épocas diferentes por autores de culturas, a priori, distintas, como o colombiano García Márquez e o moçambicano Mia Couto, é possível vislumbrar como o tempo, o destino e a naturalização do sobrenatural no espaço cotidiano estão presentes nas duas obras. Se o tempo de aventuras no romance grego abre frestas para a intrusão do destino, dos deuses e dos demônios, como afirma Bakhtin, também nas obras de Couto e Márquez, observamos personagens que ocupam espaços insólitos, que se movem segundo o acaso, onde o tempo parece zique-zaguear regido por forças desconhecidas. Dessa forma, esta complexa proposta de tempo, que Márquez e Couto apresentam em suas narrativas, nos remete ao estudo do conceito de cronotopia delineado por Mikhail Bakhtin em “Questões de Literatura e Estética – A Teoria do Romance”. Outros autores também complementam as investigações sobre o tempo nas obras citadas, dentre eles estão: Aristóteles, Santo Agostinho, Walter Benjamin e Gustavo Krauser.

Palavras-chave: Cronotopia, tempo, Destino, Espaço insólito

Mia Couto e o insólito na literatura africana: (im)possibilidades do realismo animista

EVERTON FERNANDO MICHELETTI (USP)

Resumo: Há, na literatura de Mia Couto, especialmente em contos e romances, uma série de situações e acontecimentos insólitos, o que

remete ao fantástico e ao maravilhoso, termos estes considerados a partir de Todorov. Esse aspecto chama a atenção há certo tempo, havendo alguns estudos, porém variam as abordagens, de modo que permanecem questões, pontos a seguirem em discussão. Um primeiro problema que se aponta, mais geral, envolve o contraponto local/universal, geralmente entre a perspectiva africana e a europeia. Para alguns críticos, há uma especificidade africana que não caberia nos termos do fantástico e do maravilhoso como propostos por Todorov e aplicados a toda produção literária. Nesse mesmo sentido, há uma resistência às tentativas de aproximação com o “realismo mágico” latino-americano. Juntamente a essas questões, surge um novo conceito, o de “realismo animista” proposto por Garuba. Primeiramente, Garuba afirma haver um “inconsciente animista”, um “modo animista de pensamento” predominante em algumas sociedades, em especial nas africanas, que se incorpora aos “processos de atividades materiais e econômicas” e “se reproduz na esfera da cultura e da vida social” (2012, p. 241). Afastando-se da perspectiva evolucionista sobre o animismo, em que este seria algo primitivo ou estritamente religioso, o autor defende que o inconsciente animista “é uma forma de subjetividade coletiva que estrutura o ser e a consciência” nessas sociedades (2012, p. 242). Ele recoloca, assim, o animismo como característica humana de relação com o mundo e, por conseguinte, com a realidade, em contraponto com a ciência, considerando que o animismo “desestabiliza a hierarquia da ciência sobre a magia e da narrativa secularista da modernidade através da reabsorção do tempo histórico nas matrizes do mito e do mágico”, o que, para “a massa de pessoas comuns”, “suaviza o movimento em direção à modernidade, fornecendo certezas culturais, que criam a ‘ilusão’ de um contínuo, ao invés da ideia de um abismo, dando assim uma ordem subjetiva imposta para o caos da história” (2012, p. 242-243). Ele denomina esse processo de “reencantamento” do mundo, utilizando o termo “realismo animista” para a literatura. Em face desse conjunto conceitual, surgem as seguintes questões: o insólito

na literatura de Mia Couto pode ser entendido em termos do fantástico e do maravilhoso ou restringe-se ao “realismo animista”? Até que ponto esses conceitos todos podem circular para a análise das literaturas de vários continentes, países e regiões, inclusive em caminhos inversos, encontrando-se o animismo no fantástico e no maravilhoso europeus? Propõe-se, assim, contribuir com essa discussão, apontando algumas possíveis respostas às questões.

Palavras-chave: Mia Couto, literatura africana, realismo animista, insólito

Vinte e zinco de Mia Couto: um diário marcado pela presença do insólito em uma sociedade pós- colonial

KÁTIA MARLOWA BIANCHI FERREIRA PESSOA (UNIPAC), MARIA CÂNDIDA MELO PEREIRA (UNIPAC)

Resumo: A narrativa *Vinte e Zinco* do escritor moçambicano Mia Couto foi publicada pela primeira vez em 2013. Jane Tutukian, em seu livro *Velhas Identidades Novas*, assegura que o título *Vinte e Zinco* é uma ironia ao *Vinte e Cinco* de Abril de 1974, que marca o fim da ditadura salazarista em Portugal e o fim da guerra colonial em Moçambique. Isto é possível ver nas palavras da personagem Jessumina: “Vinte e cinco é para vocês que vivem nos bairros de cimento. Para nós, negros pobres que vivemos na madeira e zinco, o nosso dia ainda está por vir.” Em outras palavras, a mudança tanto do governo português, quanto à independência de Moçambique não afetaria tão cedo aos pobres que continuariam na mesma situação. Quanto a sua constituição, a narrativa se assemelha a um diário em que os onze capítulos são datados em 19 a 30 de Abril. Esta característica também é ressaltada por meio das citações dos cadernos da personagem Irene, o que afiança o seu caráter de narrativa confessional. Assim, baseando-se nessa característica, objetiva-se nesse trabalho pontuar a presença do insólito que envolve a narrativa, sem deixar de destacá-la como narrativa confessional, abordando um pouco sobre o assunto,

dando ênfase aos diários. Ainda segundo Maciel (2013), a narrativa confessional alcança seu apogeu no início do século XX e continua em voga até os dias atuais, pois a literatura íntima tornou-se produto de consumo e passou a ser digerida por uma grande massa de leitores interessados no secreto. Os leitores do século XX, ao buscarem conhecimento de um testemunho único, na verdade visam a obter a ligação inevitável entre os seres humanos e a dor que os une. É o que se pode comprovar em *Vinte e Zinco*, visto que a família Castro é burguesa e a personagem Irene procura guardar os seus segredos escritos em cadernos transformados em diários íntimos. Em seguida será pontuado o insólito presente em cada capítulo após apresentar uma discussão teórica sobre o assunto. Para tanto, faz-se necessário fazer um estudo sobre o que é insólito e como ele está presente na narrativa estudada. Inicia-se este estudo pelo dicionário Larousse Cultura (1992, p. 635), que aponta a palavra “insólito” como sendo “contrário ao uso, às regras; extraordinário,” isto é, o que não é usual, infrequente, raro, incomum, anormal. Segundo Garcia (2013, p. 10), o termo insólito vem sendo empregado nas tradições teóricas, críticas e históricas da literatura, principalmente nos estudos das literaturas de língua portuguesa e espanhola. O termo é utilizado nesse contexto “ora como substantivo, ora como adjetivo, variando em gênero e número e nas diferentes formas do modo gramatical – as diferentes maneiras de se fazer afirmações” García (2013) afiança que dependendo da corrente teórica adotada, o termo insólito aparece, por vezes, significando uma categoria ficcional comum a variados gêneros literários, sendo, desse modo, um aspecto intrínseco e interno às estratégias de construção narrativa presentes na produção ficcional do Maravilhoso – clássico ou medieval (Le Goff, 1989) –, do Fantástico-genealógico (Todorov, 2010; Furtado, 1980), ou modal (Bressière, 2001; Furtado, 2011)–, do Estranho- todoroviano (Todorov, 2010), ou freudiano (Freud, 1996)–, do Realismo Mágico (Roh, 1927), Realismo Maravilhoso (Carpentier, 1966 e 1987; Chiampi, 1980), ou Realismo Animista (Pepetela, 1997),

variando a adjetivação a partir do lugar do qual o crítico fala-, do Absurdo(RIBEIRO,1996), do Sobrenatural- que Todorov propõe ser a atualização contemporânea do Maravilhoso (TODOROV,2010)-, e mesmo de toda uma infinidade de gêneros híbridos em que a manifestação do inesperado, imprevisível, incomum seja marca definitiva, como sói acontecer com grande parcela da literatura gótica- em sentido lato-, terrorífica, horrorífica, policial, de mistério, de ficção-científica. Roas (2011, p. 62-66), por exemplo, reúne e rotula parte dessas manifestações híbridas, sob a designação de “pseudofantástico e suas variantes”.

Palavras-chave: Insólito, Colonialismo, Diário, Racismo

No espaço da dissonância: ironia e fantástico em *O outro pé da sereia*, de Mia Couto

CAMILA DA SILVA ALAVARCE (UFU)

Resumo: Não pretendo falar do Fantástico como gênero, delimitando os seus traços e o diferenciando desta ou daquela categoria, como o estranho ou o maravilhoso; também não objetivo confrontar os estudos em torno da natureza do fantástico. O próprio Todorov (1975, p. 166), autor de estudos mais tradicionais em torno do fantástico, propõe uma reflexão não em torno de “o que é o Fantástico”, mas sim um pensamento em torno de “por que o Fantástico” – indagação que visa às suas funções, ou ao seu modo de funcionamento, como estou nomeando aqui. Irene Bessiére, em “O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha”, insiste na necessidade de se pensar o fantástico menos como uma categoria ou gênero literário e mais como uma espécie de estratégia constitutiva do projeto literário do autor, a partir da qual se alcançariam efeitos de sentido específicos e calculados. Para a estudiosa, “o fantástico não define uma qualidade atual de objetos ou de seres existentes, nem constitui uma categoria ou um gênero literário, mas supõe uma lógica narrativa que é tanto formal quanto temática [...]” “Lógica narrativa” se refere exatamente ao modo de organização

de um relato, no qual o fantástico estaria inserido não como meta a ser atingida, mas sim como “gatilho” ou procedimento narrativo para fins específicos. Ainda para Bessiére, a lógica narrativa que se apropria do fantástico como estratégia será sempre aquela que tem em mira, antes de qualquer outro traço – inclusive antecedendo a hesitação –, a contradição e a ambiguidade: “ambivalente, contraditório, ambíguo, o relato fantástico é essencialmente paradoxal.” Logo, gostaria de – a partir de *O outro pé da sereia* e, especialmente, do capítulo “A travessia do tempo” – pensar o Fantástico funcionando na narrativa e, nesse sentido, de propor uma aproximação entre um “modo de funcionar” fantástico e um “modo de funcionar” próprio ao acontecimento irônico. Quero tecer uma reflexão para a qual fantástico e ironia estejam próximos, como procedimentos literários que viabilizam, no interior da narrativa, possibilidades semelhantes de criação e de efeitos estéticos. Para tanto, revisitarei parte significativa dos estudos relacionados à ironia e ao fantástico, no sentido em que encaminho a minha proposta. Ambiguidade, hesitação, dúvida, exagero, encenação, suspense, surpresa, transgressão e contradição são palavras que caracterizam tanto o acontecimento irônico, quanto o acontecimento fantástico. Com esse estudo, pretendo, portanto, investigar o espaço comum entre ironia e fantástico, tendo em mente o romance de Mia Couto e, especificamente, o capítulo mencionado.

Palavras-chave: Ironia, Fantástico, Dissonância, Ambiguidade

Rupturas no discurso oficial: o fantástico e a metaficção historiográfica como estratégias contra-hegemônicas em literaturas de língua portuguesa

JOÃO OLINTO TRINDADE JUNIOR (UERJ/UFRRJ)

Resumo: Passando por teóricos pré e pós-Todorov – por vieses não apenas cronológicos, mas, também, ideológicos -, os estudos do Fantástico tem amadurecido e gerado profícuo(s) debate(s) em torno de suas delimitações ao longo do século XX e começo do XXI, bem como

sua derradeira nomenclatura. Gênero literário, modo narrativo, poética da incerteza... entretanto, tomando como referência nomes dessa área de estudos como Todorov, Bessière, Furtado e Chiampi, Campra, Roas, Covizzi e García, dentre outros, parece haver uma relativa concordância com relação ao efeito de transgressão produzido pela recorrência ao elemento fantástico na narrativa. De fato, se na Aula (1987) de Barthes somos confrontados com a afirmação de que “a ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa” (p.7), podemos reiterar essa observação de que o fantástico sempre foi um discurso transgressor dentro do próprio espaço da transgressão. Discurso do qual se apropriaram escritores de maior e menor expressão no universo dos falantes de Língua Portuguesa, que vão de um Álvaro de Carvalho, passando por Eça de Queirós e outros, até os mais contemporâneos - termo este aqui utilizado em sua pluralidade de significados -, como José J. Veiga e Mia Couto. Gênero ou modo de se narrar, capaz de invocar um discurso - numa acepção foucaultiana - que tem como finalidade desconstruir outros discursos, estes, hegemônicos. É através dessa percepção que se é possível compreender - observando as premissas gramscianas de hegemonia cultural - que ele se faz presente sempre que urge a necessidade de um discurso da contracultura, capaz de questionar o poder constituído, por dentro. E, em meio à proeminência das mais diversas manifestações do fantástico - modal e genológico, e das suas diferentes representações narrativas, como a prosa e a fílmica -, traz-nos curiosidade o apontamento feito por David Roas sobre a manifestação de determinados discursos que opta por nomear como “pseudofantásticos” (2011), a exemplo da Metaficção historiográfica, espécie de discurso contra-hegemônico que possui, dentre uma de suas vertentes mais profícuas, a manifestação do elemento fantástico na narrativa. Nesse tipo de narrativa, ocorre a contestação do discurso hegemônico ao ampliar a fronteira entre o imaginário e o fantástico, procurando desmarginalizar o literário por meio do confronto com o histórico, gerando um discurso literário que,

ao romper a barreira entre aquilo presumido como real, problematiza o discurso histórico. Resgatar eventos históricos através de um discurso que contrapõe - ou que, só pela sua simples existência, questiona o conhecido como oficial - gera polêmica, pois evoca vozes silenciadas pelo poder constituído. A opção pelo fantástico na Metaficção Historiográfica permite que, ao promover a interrupção da história, promovam-se as transgressões das leis do mundo objetivo, expondo-as. Por esse viés, o presente trabalho procura demonstrar como determinadas narrativas promovem um exercício de enfrentamento ao discurso histórico dito como oficial, o qual é, também, um discurso narrativo em prosa e, por definição, tão sujeito aos processos da narrativa como qualquer outro.

Palavras-chave: Fantástico, Metaficção Historiográfica, Discurso Contra-Hegemônico, Narrativa

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

Maravilhoso e alteridade no *Cobra Norato*, de Raul Bopp e na recolha de Antônio Brandão de Amorim *Lendas do Nheengatu e em Português*

SYLVIA MARIA TRUSEN (UFPA)

Resumo: Os versos que abrem o *Cobra Norato*, poema de Raul Bopp, descortina, ao leitor, uma cena: desejo de errância (“Um dia/ eu hei de morar nas terras do sem-fim”), recoberto por atmosfera onírica (“Vou visitar a minha Luzia/Quero me casar com sua filha/ - Então você tem que apagar os olhos primeiro / O sono escorregou as pálpebras pesadas”). A eleição desses versos, para propor este trabalho, não é fortuita. De fato, se acaso deitássemos a vista sobre obras que se acercam do insólito, logo constataríamos que muitas lançam mão do campo do sonho para dramatizar, na literatura, o que foge às regras da razão. Todorov, sabemos, tratou do problema, anotando que, por via

deste instrumento, opera-se, no campo da literatura, a passagem de um certo gênero literário (o maravilhoso), para outro, o estranho, dominado pelas explicações lógicas do mundo. Victor Bravo, contudo, pondera que embora possa parecer haver uma redução do fantástico, nas narrativas que colocam em cena a produção onírica (exemplo cabal é o Alice, anota o venezuelano), tal redução não é relevante para o jogo ficcional que se institui na narrativa. Se a vida sonhada ganha na ficção sentido e valor próprios é porque a elaboração desse universo outro constitui experiência distinta, porém, simultaneamente crível, dado que subjuga-se e mostra suas próprias leis. Esta dinâmica, encenada na literatura, e sobre a qual se debruçam as teorias em torno do insólito, constitui matéria central na psicanálise, e, não por acaso, a interpretação dos sonhos, constitui uma das obras a que Freud tinha mais apreço. Nela, ele argutamente adverte, que “longe de serem representações, os elementos dos sonhos são experiências mentais verdadeiras e reais do mesmo tipo das que surgem no estado de vigília através dos sentidos” (FREUD, 1996, p. 86) O que Freud parece estar afirmando é que longe de serem produções destituídas de sentido, os sonhos, regidos pela lógica do inconsciente, possuem sua sintaxe própria. O seu discurso é o da alteridade absoluta, permitindo representações do aparentemente inconciliável. Neste trabalho, por conseguinte, continuaremos seguindo a trilha inaugurada pelo *Los poderes de la ficción* (Victor Bravo), cujo escopo temos ampliado para compreender a produção literária não apenas dos contos reunidos por Grimm e Perrault, mas também as narrativas de fundo mítico, como as recolhidas pesquisadores e por viajantes no norte do país, a saber o *Lendas do nheengatu* e em português, de Brandão de Amorim, lido e reatualizado no *Cobra Norato*, de Raul Bopp.

Palavra-chave: alteridade, maravilhoso, intertextualidade

A tessitura do gênero fantástico: uma análise da construção da fantasticidade em *Esfinge*, de Coelho Neto

ANDRESSA SILVA SOUSA (UEMA)

Resumo: Henrique Maximiano Coelho Neto foi um grande representante da Literatura Brasileira. Escritor prolífico, não se deteve ao cultivo de apenas um gênero literário. Escreveu romance, conto, novela, teatro, poesia, crônica, crítica, fábula, entre outros. Mas apesar do número expressivo de volumes publicados e da diversidade de gêneros por ele escritos, é pouco lido na atualidade. Tal situação deve-se, em grande parte, à revolução cultural fomentada pelo movimento modernista brasileiro, que trouxe consigo um novo padrão de produção artística, transformando, sobretudo, as artes plásticas e a literatura. O autor, ainda em vida, conheceu as faces extremas da crítica literária: “desde o ‘sujeito mais nefasto que tem aparecido em nosso meio intelectual’, de Lima Barreto, a ‘o maior romancista brasileiro’ de Otávio de Faria” (BOSI, 2013, p. 210-1). Dono de uma escrita inconfundível, por aclamação da Academia Brasileira de Letras, foi indicado ao Prêmio Nobel de Literatura de 1933. Recebeu, também, com a obra *A Cidade Maravilhosa*, o prêmio de “Príncipe dos Prosadores da Literatura Brasileira”. Contudo, com a chegada do Modernismo, foi ultrajado justamente por causa de sua escrita esmerada, contrária ao modelo emergente que tinha como ideal uma linguagem livre de normas, próxima do falar cotidiano. No entanto, para além das opiniões exaltadas ou prejulgamentos, no intuito de romper com este paradigma é que este trabalho se propõe a analisar uma de suas obras, o romance *Esfinge*, publicado pela primeira vez em 1908. Em um primeiro momento, percebe-se que este romance está entre as narrativas que tratam de acontecimentos sobrenaturais e que, pela maneira como o sobrenatural se inscreve no enredo, pertence ao gênero fantástico. Sua leitura promove profundas reflexões sobre a existência de fatos inexplicáveis e incompreensíveis à razão humana, revelando aos seus personagens e, conseqüentemente, aos seus leitores quão limitada é a visão que possuem do universo, expandindo seus

horizontes de compreensão acerca da realidade. Este trabalho objetiva investigar algumas características próprias da Literatura Fantástica presentes no romance *Esfinge* (1925) na perspectiva de três vertentes teóricas pautadas nos estudos de Howard Philip Lovecraft (2007), Tzvetan Todorov (1975) e David Roas (2014), bem como reconhecer os mecanismos utilizados pelo autor no processo de construção da fantasticidade do romance. Entre esses mecanismos, destacamos: a correlação dos elementos verbais, sintáticos e semânticos que propiciam um espaço adequado para o surgimento do sobrenatural no enredo (o efeito do real); a presença do sobrenatural na diegese e as marcas textuais que evidenciam os tipos de reações que a percepção do inexplicável desperta nas personagens da narrativa, que podem ser: o medo, a dúvida e a desestabilização do mundo real.

Palavras-chave: Esfinge, Coelho Neto, Construção da fantasticidade, Análise estrutural

A presença do insólito em *A luneta mágica*

JANDER ANTONIO SÁ DE ARAUJO (UFRJ)

Resumo: Acorado nos pressupostos teóricos de Tzvetan Todorov, este trabalho visa a elucidar a questão do insólito no romance de folhetim *A luneta mágica*, de Joaquim Manuel de Macedo, o problema da miopia física e moral do protagonista Simplício e o efeito colateral de feitiçaria nas lentes do mal e do bem na narrativa em estudo. A fantasia ganha força por meio de rituais cabalísticos, logosóficos e numerológicos ao transubstanciar símbolos em tons dissonantes de loucura. O bem e o mal se chocam e se entrelaçam na composição pictórica do ato de ver o que é, aparentemente, inatingível. Caberá, enfim, a magia trazer o bom senso e o equilíbrio no narrador autodiegético.

Palavras-chave: Insólito, Magia, fantasia, Joaquim Manuel de Macedo

Investigação retrofuturista e dandismo decadentista em *A lição de anatomia do temível Dr. Louison*, de Enéias Tavares

BRUNO ANSELMÍ MATAGRANO (USP)

Resumo: Em um primeiro momento, *A lição de anatomia do temível Dr. Louison* (2014), do professor Enéias Tavares apresenta-se como um romance de mistério, em roupagem retrofuturista de viés steampunk. O autor aplica tons tupiniquins a esta estética tipicamente anglófona, misturando o que dentre os estudos do fantástico (termo usado em seu sentido mais amplo), e, mais precisamente da ficção científica, se denomina “Ficção Alternativa”, a partir da revisitação de eventos históricos e de obras clássicas, aos moldes de romances como *Anno Dracula* (1992), de Kim Newman, da novela gráfica *A liga extraordinária*, de Alan Moore, cuja primeira publicação se deu em 1999, do filme *Van Helsing* (2003), dirigido por Stephen Sommers, e da recente série televisiva *Penny Dreadful* (2014), criada pelo célebre roteirista John Logan. O Retrofuturismo é uma tendência estética contemporânea, cuja origem data das décadas de 70 e 80 do século XX, atingindo diversas áreas artísticas, desde literatura, passando pelo cinema e as artes sequenciais, até a moda e a música. Sua origem deriva de livros de Ficção Científica, embora tenha extrapolado os limites da literatura, como se disse, de modo a adquirir um caráter mais amplo, com contornos de movimento estético e cultura urbana. Propõe uma visão futurista (muitas vezes distópica e/ou decadente) para o passado histórico, no qual determinadas tendências tecnológicas teriam evoluído de maneira muito mais veloz do que de fato aconteceu. Por sua vez, o steampunk se traduz na literatura e em outras artes narrativas pela criação de mundos povoados por máquinas movidas a vapor (sobretudo dirigíveis, autômatos, carruagens motorizadas), em ambientação vitoriana, em mundos fantasiosos ou em versões paralelas do próprio passado histórico. Nas primeiras manifestações steampunk, esse verniz mecanizado revestia uma Londres oitocentista ou finissecular, mas, ainda que grande parte das narrativas vinculadas

ao movimento se passem na terra da rainha, outras, como o livro de Tavares, trazem essa atmosfera para outros ambientes, ganhando cor local. Partindo de elementos da literatura “policial de enigma” e dos traços mais marcantes das poéticas naturalista, realista, simbolista e decadentista, o presente trabalho tem por objetivo mostrar como o romance de Enéias Tavares revisita poéticas, obras e formas narrativas tipicamente oitocentistas, confrontando-as e mesclando-as de modo a lançar um olhar contemporâneo para um hipotético futuro do passado reconstruído. Para tanto, são utilizados estudos sobre o steampunk no intuito de entender seus mecanismos e situar a obra de Tavares nessa tendência estética contemporânea. Além disso, à luz de escritos de Charles Baudelaire, pretende-se estudar o diálogo e a releitura da tradição a partir da figura da personagem-título, explicitando o aspecto decadentista e seu caráter de dândi, lida em perspectiva comparada à personagem Des Esseintes do livro *Às avessas*, de J.-K. Huysmans.

Palavras-chave: Steampunk, poéticas oitocentistas, Decadentismo, Literatura policial

“O bebê de Tarlatana Rosa” de João do Rio sob a perspectiva do modo fantástico

WELLINGSON VALENTE DOS REIS (IFPA/UNAMA)

Resumo: O presente estudo consiste em fazer uma análise literária do conto “O bebê de tarlatana rosa” de João do Rio, presente no livro de coletâneas de contos intitulado “Dentro da Noite” (1910), obra em que João do Rio, sob a perspectiva da Belle Époque, descreve a sublime cidade do Rio de Janeiro ao mesmo tempo em que mostra as faces escondidas nas sombras, nos becos, atrás de máscaras, desvelando a luxúria, o vício, o grotesco da então capital de um Brasil que passava por um processo de civilização aos moldes franceses. A presente análise tem como objetivo principal identificar o teor fantástico presente na narrativa de João do Rio; para isso, apresenta-se um panorama sobre o conto fantástico contendo seu surgimento e evolução com o objetivo

de responder os seguintes questionamentos: Como se constituem as narrativas fantásticas? E, quais teorias abordam o fantástico? Buscou-se utilizar teóricos que discutissem as especificidades do fantástico, entretanto, após algumas observações sobre a problemática da classificação da Literatura Fantástica com base nos questionamentos levantados por Gama- Khalil (2013), no seu artigo *Literatura Fantástica: gênero ou modo?*, notou-se que para o estudo de narrativas fantásticas se faz necessário uma reunião de fatores que a principal teoria empregada como base para diversas análises de literatura fantástica, as formuladas por Todorov (2014) não abarca, deixando alguns fatores inerentes à literatura fantástica de fora de sua perspectiva genológica. Por isso, os escritos de Ceserani (2006) mostram a complexidade dessas narrativas e que elas não se resumem à resposta da existência ou inexistência do sobrenatural, defendida a priori pelo crítico russo. Tal argumentação foi respaldada na metodologia bibliográfica com base no “O fantástico” de Ceserani (2006), em que se faz um apanhado das principais teorias sobre o fantástico e propõe sistemas temáticos e retóricos narrativos baseados, principalmente, nas teorias dos modos literários proposta por Northrop Frey (1957) e nos escritos de Bessière (1974), esta última referida ao autor como aquela que destacou o enraizamento cultural e a influência do imaginário popular nos relatos fantásticos. Esta pesquisa consiste na análise do conto *O Bebê de tarlatana rosa* de João do Rio, identificando a estrutura da narrativa, tempo, espaço e suas personagens. Além de identificar também a presença das categorias do modo fantástico presentes no conto de João do Rio, evidenciando seu conteúdo específico tanto do ponto de vista formal, quanto do ponto de vista temático à luz das teorias de Ceserani (2006).

Palavras-chave: Literatura Fantástica, Modo fantástico, João do Rio, *O bebê de tarlatana rosa*

A ancestralidade, o maravilhoso e o fantástico em Conceição Evaristo

ANGÉLICA MARIA SANTANA BATISTA (UERJ)

Resumo: Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte em 1946. Conciliou sua(s) vivência(s) e sua(s) escrita(s), a escrevivência, como um modo de inaugurar um mundo ficcional em que as vozes das mulheres negras fossem colocadas em primeiro plano. A ficção de Conceição Evaristo, am princípio muito apegada à representação realista (com laivos de violência, opressão e racismo), possui, paradoxalmente, momentos de fissura que desafiam os conceitos prévios e estanques do que chamamos de gêneros do metaempírico (cf. FURTADO, 1980). A ancestralidade, o Maravilhoso e o Fantástico se mesclam com o intuito de dissolver as linhas do tempo e do espaço: a transgressão (presente nos gêneros de matriz insólita em diferentes níveis) estaria na tentativa de resgate da identidade afrodescendente sem, no entanto, ser puramente panfletária. A partir da narrativa “Ayoluma, a alegria do nosso povo”, da obra Olhos d’água, será possível perceber a presença de diferentes vozes, vivências e representações que dificulta a delimitação do que é ficção, verdade e realidade.

Palavras-chave: Conceição Evaristo, Ancestralidade, Fantástico, Mundo ficcional

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

“Um grilo fantástico” e “O ocidente misterioso”: uma leitura de dois contos de Altino do Tojal

MÔNICA MUNIZ DE SOUZA SIMAS (USP)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo tecer relações entre o modo fantástico ficcional e a literatura de viagens, através da análise de dois contos, “O Grilo de Pi” e “Orvalinho”, do escritor português Altino do Tojal. Os dois contos, inseridos no livro Histórias de Macau

(1987), que contém além desses 38, sendo 8 da obra mais conhecida do autor, Os Novos Putos (1982), correspondem à matéria ouvida de um contador de histórias anônimo que habilita elementos do imaginário enraizados na vida local de Macau. A comunicação buscará caracterizar as sensibilidades de uma narração ouvinte e observadora de um outro cultural cuja estranheza e temporalidade podem contribuir com algumas interrogações às delimitações da escrita ficcional fantástica em suas relações de alteridade. Até que ponto o fantástico pode se desgarrar da realidade histórica? Como o fantástico se apresenta nas ficções do leste asiático em comparação com outras escritas na constituição de gêneros? Essas são algumas questões que, a partir da análise textual, podem mobilizar teoricamente um debate mais amplo acerca do tema.

Palavras-chave: Literatura de Macau, Escritas fantásticas, Imaginários em viagem

Comissão das lágrimas, de António Lobo Antunes: memórias de um “silêncio perplexo”

ANA PAULA SILVA (UFU)

Resumo: Em “Comissão das lágrimas”, do escritor português António Lobo Antunes, publicado no ano de 2011, é Cristina a personagem centralizadora das vozes narrativas que trazem testemunhos de violência do contexto pós-independência de Angola, ex-colônia de Portugal. Nesse período, uma guerra civil assolou o país do continente africano, que vivia então experiências de violência, miséria, perseguições políticas, fugas, enfim uma época que deixaria inúmeros traumas tanto na população nativa quanto nos colonos portugueses que por lá permaneceram após o fim da Guerra Colonial. No livro, a protagonista Cristina, filha de colonos portugueses, nascida em Angola e morando em Portugal no presente da enunciação, não vivenciou as experiências narradas, mas assume a função de mediadora do testemunho dessas tantas vozes que vão surgindo no romance. Algumas delas são atribuídas a folhas ou objetos, outras são de personagens, como seu pai ou sua mãe. Há também outras

vozes que o leitor não consegue identificar de quem são, mas ele pode observar que se trata daquelas silenciadas pela morte ou pelo trauma da violência – por exemplo na Cadeia de São Paulo, por ordem da Comissão das lágrimas (a qual teria sido instaurada pelo partido do governo para combater dissidências). O romance entrelaça, então, tempos e espaços, numa tessitura de vozes narrativas múltiplas que transfigura sentimentos e ressentimentos obscuros encerrados nas memórias dos sujeitos traumatizados. Para estes que passam por situações-limite, e por isso traumáticas, o testemunho, a despeito de ser imperativo, a fim de denunciar a violência, é algo inviável. Isso porque o trauma os impede de relatar os fatos vividos, uma vez que se lembrar das atrocidades seria doloroso demais. Logo, o que marca o sujeito traumatizado não é o narrar o trauma, mas a impossibilidade de fazê-lo. Desse modo, é preciso buscar a escrita do indizível, uma vez que esse real é inassimilável. Como descrever a violência? Quais os sentimentos que ficam em quem sofre a violência? Ou em quem se culpa? Não há a que se referenciar. Não há aqui uma busca pelo referente. Em “Comissão das lágrimas”, encontra-se a transfiguração dessa memória traumática de experiências-limite do ser humano. Nesse sentido, pretendemos mostrar, no romance, a configuração da escrita de caráter testemunhal da experiência traumática, observando nela como o modo insólito marca essa escrita. Para isso, contamos com as contribuições teóricas de Bakhtin, David Roas, Seligman-Silva e Marisa Gama-Khalil. Também consideramos as abordagens teórico-críticas de Ana Paula Arnaut e Raquel Trentin a respeito da obra de António Lobo Antunes e do romance português. Palavras-chave: “Comissão das lágrimas”, memória, insólito

A casa da cabeça de cavalo, de Teolinda Gersão, e Pedro Páramo, de Juan Rulfo: diálogos além-mar na perspectiva fantasmagórica

MARIA CATARINA RABELO BOZIO (USP)

Resumo: *A casa da cabeça de cavalo* (1995), de Teolinda Gersão – autora contemporânea portuguesa –, traz como eixo central da narrativa um grupo de espectros que ocupam o seu tempo realizando gestos habituais

de sua vivência terrena em uma casa fechada há muito tempo. Nesse contexto, há uma efabulação, isto é, uma tendência à conversa e à contação de histórias, já que os habitantes invisíveis se procuram uns aos outros, com medo de perder-se. Esse diálogo constante se mostra como chave de permanência para que os habitantes da casa persistam num estado de intermédio da morte e resistam à passagem para o estágio seguinte, desconhecido. No mesmo eixo da perspectiva fantasmagórica, porém numa perspectiva que une dois continentes, tem-se *Pedro Páramo* (1955), do mexicano Juan Rulfo. Apesar de ter sido escrita em outro contexto histórico, é viável encontrar pontos de contato com o romance de Teolinda, já que também se trata de uma narrativa fragmentada em seu viés narratológico e totalmente ambientada em uma cidade que se revela, aos poucos, habitada por seres mortos. As perspectivas de contato esboçadas acima vão, inclusive, além das temáticas gerais e perpassam questões mais pontuais de cada romance. Em *A casa da cabeça do cavalo*, por exemplo, há um cavalo – que dá nome ao livro – associado diretamente à morte e ao tempo; em *Pedro Páramo*, um cavalo – presente oferecido pelo protagonista, que dá nome ao livro – participa da morte de seu filho, Miguel Páramo, já que ele não consegue saltar um obstáculo enquanto viajava para visitar uma mulher. Nesse contexto, o cavalo parece ser o único que realmente sofre com a morte de Miguel. A partir desse exemplo pontual e da temática evidenciada acima, pretende-se comprovar a possibilidade de diálogo que a presente comunicação se dispõe a realizar, a fim de aproximar México e Portugal, além de ampliar as leituras possíveis na perspectiva contemporânea de Teolinda Gersão e de Juan Rulfo.

Palavras-chave: Teolinda Gersão, Juan Rulfo, Fantástico, Fantasmagoria

Trânsitos entre o surrealismo e a modernidade latino-americana: a estética pictórica de Frida Kahlo e seu modo fantástico de convergência com a escrita de Carlos Fuentes

JUCELINO DE SALES (UNB)

Resumo: Discutiremos nessa comunicação relações entre arte e literatura, apresentando convergências e singularidades entre a estética de Frida Kahlo e a poética de Carlos Fuentes. Essa relação entre ambos partirá, primeiro, da leitura analítica de quatro obras pictóricas de Kahlo, a saber: As duas Fridas, Uns quantos golpes, O abraço amoroso no universo, A Terra (México), eu, Diego e o senhor Xólot e O marxismo dará saúde aos doentes; seguida da análise literária da novela fantástica de Fuentes, intitulada Aura. Procuramos discutir e demonstrar que suas linguagens artísticas desmontam a sensibilidade surrealista e a estética fantástica europeia, distanciando-se de uma tradição ocidental, por séculos orientadora de certa consciência literária elitista, recriando uma nova sensibilidade a partir dos elementos simbólicos e imaginários do universo fantástico latino-americano. Assim, ambos os estetas, em seus campos de linguagem próprios, subvertem o discurso vigente e autorizado de uma história oficial através da polissemia do discurso estético, possibilitando uma releitura histórica e simbólica da América-Latina, a partir da voz dada aos excluídos, pelo viés da arte e da literatura. Universos que dominam a história da sensibilidade humana, Arte e Literatura são campos que têm suas áreas de influência quando não similares, muito aproximadas. Significações paralelas de seus espaços de atuação costumam aparecer senão simultaneamente, por vezes em proximidades temporais, que em determinados períodos históricos, essas semelhanças tornam-se patentes. Isso se dá de maneira pungente na modernidade: de um lado, com as inúmeras correntes estéticas da vanguarda, filhas de uma “tradição da ruptura” para evocarmos a “autodestruição recriadora”, conceito cunhado por Octavio Paz (1997) para se referir ao espírito moderno e, de outro, com a eclosão do fantástico enquanto experiência literária que no século

XX assume uma expansão extraordinária no espaço histórico-cultural latino-americano. Nesse sentido, o olhar estético sobre a arte da modernidade possui como um dos pontos de ruptura esse dinamismo entre séculos (XIX e XX), em que, nessa fronteira, o discurso científico autorizado, pautado no controle da razão produto do homem iluminista sofreu fortes abalos. Segundo George Steiner (1991), a imagem dessa coerência, dessa fé indubitável na razão, começa a se ruir nos interstícios do século XIX sob o sentimento daquilo que o crítico autodenominou “o grande ennuí”, que abarcou toda a civilização burguesa em uma profunda nostalgia diante do progresso e da confiança num futuro promissor, que perante os desastres e a exploração social esmagadora, não se revelava. Perante essas reverberações que se fazem através do ultraje à racionalidade, aparecem artistas e escritores com aspirações e poéticas que inovam e renovam as antigas demarcações do real. Nosso olhar investigativo se debruça sobre dois desses estetas, ambos de nacionalidade mexicana, ambos compondo nos interstícios do contexto latino-americano: Frida e Fuentes. Nela, procuraremos ressaltar algumas de suas obras pictóricas o olhar transgressor enviesado pelo universo latino que com as rupturas do século XX se afasta dos seus laços manchados pela imposta origem europeia; o que nos aproxima dele e da obra transgressora sua que trazemos como referência para o debate: a novela fantástica Aura.

Palavras-chave: modo fantástico, estética, imaginação simbólica, modernidade

Uma fantasma na literatura juvenil brasileira: entre ladrilhos e assombros

ANDRÉIA DE OLIVEIRA ALENCAR IGUMA (UFU)

Resumo: A presente comunicação é fruto do artigo acadêmico intitulado como “ Uma fantasma na literatura juvenil brasileira: entre ladrilhos e assombros” escrito a partir de discussões tecidas na disciplina Literatura Fantástica que integra o Programa de Pós-Graduação em Estudos

Literários na Universidade Federal de Uberlândia – UFU, sob supervisão da profa. dra. Marisa Martins Gama-Khalil, que teve como objetivo propiciar um panorama acerca da produção da literatura fantástica. A presente disciplina foi dividida entre leituras teóricas e literárias, o que contribuiu satisfatoriamente para a ampliação de um arcabouço crítico/literário aos participantes. Assim, com o objetivo de contemplar teoria e crítica, elegemos como escopo de nossa escrita a obra literária *A Bailarina Fantasma* (2009) da escritora brasileira Socorro Acioli, uma vez que sua construção é permeada de elementos insólitos, do princípio ao término. A obra em evidência caminha entre o suposto mundo real e o mundo fantástico, e permite que o leitor indague os limiares entre esses dois mundos por meio da leitura. No que tange as leituras teóricas, faremos dois percursos necessários. O primeiro será conduzido por reflexões que circunscrevem o subsistema da literatura juvenil brasileira contemporânea, uma vez que, os estudos nessa área são novos e repletos de lacunas a serem preenchidas; desse modo, teremos como apoio teórico a contribuição de CECCANTINI (2010), pioneiro da referida área, e a leitura de artigos e teses que contemplem a temática. Feito esse percurso, travaremos uma discussão entre a produção juvenil e o modo fantástico. É importante ressaltar que a presença insólita é expressiva dentro dessa produção, e, ainda, é pouco estudada. Para esse momento contaremos com o apoio de BESSIÈRE (2013), CESERANI (2006), GAMA-KHALIL (2013), ROAS (2014), entre outros. Evidentemente, a literatura fantástica rompe com o real estático, e é justamente esse ponto que nos leva a direcionar o olhar a esse campo de investigação, uma vez que tal como Roas (2014) propõe, o efeito do fantástico é “provocar – e, portanto, refletir”. Acrescentamos ainda, que se tratando de uma literatura rotulada como juvenil, é importante pensar que esse leitor está em processo de transição, e que muitos dos seus questionamentos escapam as respostas engessadas e formatadas pelo sistema. Nesse sentido, é de grande relevância refletir sobre as “incertezas do real”, objetivando um romper com o predeterminado.

Ademais, trabalharemos pelo prisma que compreenda os elementos insólitos como responsáveis pelo ampliar da perspectiva do leitor, e ampliam o horizonte de perspectiva, pois a realidade “crua” limitaria o desvendar dos pontos em evidências trazidos pela autora na obra supracitada.

Palavras-chave: Insólito, Literatura Juvenil, Mercado, Literatura Fantástica

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 4

Figurações do lobisomem em *Sete monstros brasileiros*, de Bráulio Tavares

FLAVIO GARCÍA (UERJ)

Resumo: Filipe Furtado, tratando de tipos e funções de personagens, problematiza a figuração do Monstro, que, para ele, divide a cena fantástica com a Vítima e o Exterminador. O pesquisador português sobrelevou as figuras do lobisomem e do vampiro, afirmando serem “duas variantes de entidades sobrenaturais que, décadas mais tarde, passariam a ter uma presença muito frequente no fantástico” (Demónios íntimos. A narrativa fantástica vitoriana. Tese de doutorado. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1987. p.191). Para ele, o lobisomem representa uma “figura preternatural já antes referida ou, mesmo, instaurada em textos literários desde a Idade Média” (p.191), tornando-se personagem central em muitas narrativas que recorreriam aos “lugares comuns do gótico” (p.191). Carlos Reis, coordenador do projeto de pesquisa “Figuras da Ficção”, desenvolvido no Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, em consonância com os Estudos Narrativos, defende que, nos “universos ficcionais, as personagens ocupam lugar de destaque” (Narratologia(s) e teoria da personagem”. In: Figuras da ficção. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2006. p.17), uma vez que, ultrapassada a redução que lhe

fora imposta pelas escolas estruturalistas, esta categoria da narrativa “foi revalorizada numa óptica contratualista, tendo em vista efeitos de leitura que a personagem suscita e que motivam a expressa rejeição de uma leitura imanentista” (p.15). Para esse pesquisador português, “o estudo da personagem ficcional, entendida como categoria fundamental do discurso literário e especificamente dos textos narrativos ficcionais” (“Introdução”. In: Revista de Estudos Literários. “Personagem e Figuração”. Coimbra, n.4, 2014. p.10) é um propósito central, tratando-se de uma “categoria sem a qual não há relato que se sustente” (“Pessoas de livro: figuração e sobrevivência de personagens”. In: Revista de Estudos Literários. “Personagem e Figuração”. Coimbra, n.4, 2014. p.49-50). Para Reis, a personagem seria produto da figuração, um conjunto de processos compositivos dinâmicos, graduais e complexos que não se restringem à descrição (p.52-53). Conforme sugere, “a figuração, no que toca sobretudo aos dispositivos retórico-discursivos, requer atos de semiotização, ou seja, solicita a articulação de um discurso que produz sentidos e que gera comunicação, com efeitos pragmáticos” (p. 56). Braulio Tavares, escritor brasileiro, publicou *Sete monstros brasileiros*, que ele define como sendo “um livro de contos inspirados em [...] criaturas assustadoras [...], que muitos brasileiros país adentro conhecem apenas pela tradução oral. [...] uma coletânea de aventuras inéditas de alguns personagens já conhecidos” (“Apresentação”. In: *Sete monstros brasileiros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014. p.9). Nesse conjunto de sete contos, Tavares “busca inspiração nos monstros que impactaram milhares de brasileiros através das histórias ouvidas quando crianças e mesmo adultos” (p. 8), e compõe personagens cuja figuração perpassa, sob diferentes processos, a figura arquetípica do lobisomem. Esta comunicação pretende ler contos de Braulio Tavares, constantes desse livro, em que se encontrem personagens aproximáveis à figura do lobisomem, conforme a circunscreveu Filipe Furtado, com base nas premissas teóricas e metodológicas desenvolvidas por Carlos Reis.

Palavras-chave: Estudos Narrativos, Figuração de Personagens, Ficção Fantástica, Lobisomem

Objetos mágicos, pitadas de feitiço e cabeça de mandinga: algumas categorias do fantástico no conto “O saci”, de Hugo de Carvalho Ramos

FABIANNA SIMÃO BELLIZZI CARNEIRO (UERJ)

Resumo: As inquietações e motivações diante do medo propiciaram um rico acervo de obras ficcionais que se vinculariam ao fantástico. Situamo-nos no período medievo, pontualmente no continente europeu, marcado por incertezas de ordens várias: intempéries climáticas e o medo das doenças e calamidades, do pecado e da Santa Inquisição, bem como a rigidez exercida em conluio entre a soberania monárquica e a Igreja Católica. Debruçaram-se, sobre essas obras, teóricos e críticos de narrativas fantásticas que, através de diferentes vieses e perspectivas (e em diferentes continentes), analisaram a irrupção de elementos destoantes da ordem empírica, assinalando estudos (alguns mais rígidos, outros mais flexíveis) que, na contemporaneidade, servem de válida e importante fonte para perscrutarmos obras ficcionais que trazem elementos fantásticos, como o sobrenatural, aparições, fatos e situações insólitas, apenas para elencarmos alguns exemplos. Faremos, das análises desses autores, o prelúdio para nossas dimensões de análise do conto “O Saci”, do escritor goiano Hugo de Carvalho Ramos, publicado em 1917, e que integra a coletânea *Tropas e Boiadas*. Atentamos para o fato de se tratar de uma obra que traz elementos muito típicos do interior de Goiás, portanto, nos preocupamos, ao iniciarmos certos parâmetros comparativistas, em entender o imaginário supersticioso que circunda o sertão brasileiro através de um resgate das histórias pautadas em credences, assombrações e magia. E para falarmos do imaginário do sertão e de elementos fantásticos presentes no conto de Hugo de Carvalho Ramos, deitamos raízes na cultura oral, que durante muitos anos prevaleceu no interior do Brasil através de danças indígenas, cultos africanos, contos e histórias de superstição trazidas pelos europeus e africanos. Como as lendas e contos populares são passados de gerações a gerações, não podemos precisar suas origens ou fatos que

os desencadearam. Sendo assim, podemos notar semelhanças entre uma história popular contada na América no Século XX e uma história antiga contada há mais de cinco séculos na Europa ou Ásia. A figura do Saci, por exemplo, guarda registros da mitologia romana, e pode ter vindo com os europeus, dentre outras figuras muito presentes em nossa cultura popular, conforme pesquisaremos. Não é nosso intuito, neste trabalho, alongarmos nossas discussões sobre o conto popular em termos estruturais ou caracterizadores, mas cotejarmos um estudo que assinale a relevância do conto popular como arcabouço de informações históricas, etnográficas e sociais, tornando-se um repositório das narrativas fantásticas que eram contadas no Brasil colonial e que indiretamente guardam testemunhos dessa época. Trata-se de um trabalho não conclusivo, cuja metodologia se pauta em pesquisa bibliográfica que será devidamente referenciada ao longo do texto. Este trabalho está vinculado à Tese de Doutorado “Um ser tão assombrado: as manifestações do gótico no Regionalismo brasileiro do Romantismo ao Modernismo”, que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na área de Estudos de Literatura.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Literatura Fantástica, Regionalismo, Sertão

Cingindo os insólitos rios e matas goianos: os espaços topofóbicos da literatura sertanista

BRUNO SILVA DE OLIVEIRA (UFU)

Resumo: O Fantástico é um das modalidades que vem ganhando espaço nas últimas décadas nos estudos literários, o que vem ocasionando uma irrupção de teorias e críticas que têm como objetivo refletir sobre suas especificidades, das quais lista-se Roas (2014), Covizzi (1978), Jackson (1981), Todorov (2008), Campira (2016). Uma das vertentes teóricas que vem gerando estudos nos últimos anos é a do Modo Fantástico, que compreende o Fantástico por meio de uma abordagem mais

abrangente e atemporal, considerando-o como um modo por agregar variadas modalidades. Bessière (2001) não nomeia diretamente o modo fantástico, mas seu estudo insinua que as narrativas fantásticas seguem uma lógica narrativa, que é formal e temática e que reproduz as transformações da razão e do imaginário coletivo, valendo-se da obra para irradiar experiências geradoras de uma possível incerteza no leitor. Como dito, o Fantástico, enquanto modo, agrega uma gama maior de figuras e situações literárias e culturais, possibilitando a presença de diferentes vertentes, tais como o Gótico, uma das mais famosas e disseminadas. Essa vertente evoca imagens do passado em seus textos, suscitando no leitor sentimentos antitéticos como o terror e o riso por influência do Romantismo; as narrativas góticas utilizam imagens escuras e lúgubres, visando suscitar o medo e a ansiedade no leitor. Figuras como monstros, demônios, cadáveres, aristocratas maus e bandidos povoam o imaginário gótico, em função de se configurarem como imagens ameaçadoras tanto em sua face imaginária como realista, dessacralizando os espaços que atravessam. Esses espaços topofóbicos, que geram e perpetuam o medo, são carregados de superstições, os quais possibilitam a barbárie. No Brasil, o gótico se desenvolve a partir de uma perspectiva colonial, que versa sobre os impactos do embate cultural entre as metrópoles europeias e as colônias nos demais continentes. A colônia é retratada como uma região atrasada, primitiva, supersticiosa e bárbara, logo espaço e personagem são vistos como manifestações insólitas e incongruentes com os valores europeus. No Brasil, o sertão e as personagens que o atravessam se enquadram nas características “valorizadas” pela vertente. O espaço do sertão é representado como um espaço selvagem e bravio, onde o progresso não chegara, e a evolução e o desenvolvimento seria possível somente com a integração com a cidade, além do mais esse espaço é povoado, em muitas narrativas, por indivíduos tiranos e malvados. Assim, esse trabalho se debruçará sobre o macroespaço do sertão, os microespaços topofóbicos que se ramificam dele e como esses participam na

construção do insólito ficcional em narrativas sertanistas goianas, como as dos contos “Pelo caiapó velho” e “O Saci”, de Hugo de Carvalho Ramos, “As morféticas” e “Pai Nonato”, de Bernardo Élis.

Palavras-chave: Medo, Modo Fantástico, Espaço

Oralidade e mito: a construção da fé em dois contos de lobisomem

JAMILLE DA SILVA SANTOS (UFU)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a construção mítica vinculada à figura do lobisomem, construção essa que nos remete a uma literatura embasada da oralidade e na religião. Para investigarmos de perto essa literatura oral que vem sendo transmitida por gerações que utilizaremos os postulados de Luis da Câmara Cascudo. Mais especificamente, para abordarmos esse ser sobrenatural que emerge de uma cultura específica, faremos uso da noção de real maravilhoso com base nos estudos de Alejo Carpentier sobre o assunto, nos quais o mesmo afirma que o maravilhoso se estabelece por meio da fé; desse modo, acreditamos que a fé é a crença mais sincera nas coisas impossíveis, e por meio da fé o irreal se torna real. Para tal estudo tomaremos como corpus dois contos: “Prata” de Rosana Rios e “A sétima filha” de Bráulio Tavares. O conto de Rosana Rios narra a aventura de um grupo de amigos em uma pousada no interior de Minas Gerais, onde Raissa vai para esquecer um antigo namorado que lhe deixou marcas eternas; e nesse local ela encontra seu grande amor, Zinho, e uma ajuda para a transformação que lhe sucederá. O segundo conto, “A sétima filha”, de Bráulio Tavares relata a vida cotidiana de uma família cercada por crenças populares e o conflito da validade eclesiástica de Padre Bertino, que, segundo as notícias do jornal, está sendo processado pela igreja e tendo cassada sua ordenação, ação que invalidaria todas as suas ações como padre. No bojo dessa polêmica, a narrativa coloca em foco a família de Dora, sétima filha que fora batizada pelo seu irmão mais velho, cerimônia essa realizada por padre Bertino. Tais narrativas trazem como personagem principal o lobisomem. As

obras aqui citadas serão investigadas por intermédio de algumas noções da literatura fantástica articuladas nos estudos de Todorov, Remo Ceserani, David Roas, Filipe Furtado e Renato Prada Oropeza. A base teórica que sustentará a análise do corpo metamorfo e monstruoso do Lobisomem e o espaço em que se insere esse corpo partirá dos estudos de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Marisa Gama-Khalil e Jean-Jacques Courtine.

Palavras-chave: corpo, espaço, literatura fantástica, lobisomem

Histórias de Alexandre: os objetos mágicos na dobragem da personagem insólita Alexandre

LILLIÂN ALVES BORGES (UFU)

Resumo: Uma espingarda que alcança distâncias extraordinárias, um estribo de prata que incha e multiplica-se em milhares de arrobas de prata. Tanto a espingarda quanto o estribo de prata são exemplos de objetos mágicos que permeiam e constituem a subjetividade da personagem Alexandre na obra Histórias de Alexandre de Graciliano Ramos. Para este trabalho, dos quinze contos que constituem a obra, selecionamos dois deles: “O estribo de prata” e “A espingarda de Alexandre”. Nessa obra, observamos como a personagem Alexandre concebe esses objetos, visto que poderíamos considerá-los como simples objetos exercendo suas funções prosaicas; porém na vida de Alexandre tudo é redimensionado, ganhando uma nova perspectiva, uma perspectiva insólita. Conforme elucida Abraham Moles, os objetos proporcionam ao indivíduo a supressão de uma frustração, e, no caso de Alexandre, a presença desses objetos mágicos possibilita o deslocamento da personagem de um mundo prosaico marcado pela desigualdade social, transportando-o para um espaço fantástico permeado por muitas riquezas, além de existir um reconhecimento social da figura de Alexandre, pois, nesse espaço, ele é designado Major Alexandre. Assim, vislumbramos que esses objetos mágicos, ao infringirem as leis admitidas em nosso mundo, acabam corroborando para a dobragem da personagem, porque é a

partir da relação estabelecida com eles, ou seja, o modo como esses objetos afetam a personagem, que ela adquire uma nova subjetividade, uma subjetividade insólita. De acordo com a leitura realizada por Judith Revel sobre as teorias de Michel Foucault, a subjetividade é a maneira pela qual o sujeito se constitui. Desse modo, observamos que Alexandre, não contente com o seu cotidiano, com o mundo de misérias em que vive, retira os objetos de seu uso utilitário, dando-lhes uma função insólita, a qual vai ao encontro de quem ele gostaria de ser: um sujeito rico, famoso; mas, mais do que isso, um sujeito que não é compreensível no mundo dito real, e sim, somente, em um mundo fantástico, onde tudo é possível e aceito. Em vista do apresentado, em nossa análise, pretendemos averiguar a relevância desses objetos mágicos na constituição da subjetividade da personagem Alexandre, uma subjetividade que, para ser engendrada, necessita que os objetos sejam retirados de sua utilidade convencional, movendo-os para o campo do insólito, e conforme afirma Gama-Khalil: apesar dos objetos fazerem parte do exterior, eles agem no interior do sujeito, “atuando nos processos intrínsecos à subjetivação”. Portanto, é nessa relação entre exterior e interior, que a subjetividade da personagem vai se constituindo e se transformando, ou seja, é um processo que se configura paulatinamente ao longo de toda a obra.

Palavras-chave: Histórias de Alexandre, Objetos mágicos, Subjetividade, personagem insólita

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

Objetos insólitos e assombrados: da concretude prosaica à maldição

MARISA MARTINS GAMA-KHALIL (UFU)

Resumo: Nos estudos literários, são infrequentes os trabalhos que investigam as projeções dos objetos na literatura e essa carência de pesquisas provavelmente pode ser atribuída à significação habitual

que as pessoas delegam às coisas, como elementos simplesmente acessórios que povoam o espaço em que vivem. No entanto, nem sempre a literatura projeta esteticamente os objetos de forma subalterna; alguns autores evidenciam, por meio da polissemia literária, o quanto as coisas que fazem parte do nosso ambiente podem ter enorme influência na formação de identidades individuais e culturais. No caso da literatura fantástica, muitas vezes os objetos são o foco da ambiência insólita e/ou de terror na trama. Portanto, o objetivo deste trabalho é evidenciar essa hipótese, a partir de alguns contos, como em “A Vênus de Ille”, de Prosper Mérimée; “A mão do macaco”, de W.W. Jacobs; e “Os barcos suicidas”, de Horácio Quiroga. As narrativas literárias operam uma reinvenção no tocante à funcionalidade dos objetos, fazendo-nos repensar o seu lugar no nosso cotidiano, onde eles são considerados especialmente a partir de sua função ou de seu estatuto decorativo. Vivemos rodeados por objetos e muitas vezes não nos damos conta de que eles, situados externamente a nós, constituem a nossa subjetividade. Venho defendendo em meus atuais estudos que os objetos articulam duas perspectivas: a denotativa e a conotativa. O uso do objeto, sua funcionalidade, situa-o no plano da perspectiva denotativa, já a sua fruição abarcaria uma função acusativa, que o situaria numa perspectiva conotativa, estando esta relacionada à assunção da participação dos objetos na constituição da subjetividade dos sujeitos. Uma conexão que pode ser realizada acerca do aspecto fantasmagórico dos objetos é com a noção de “objetos selvagens”, desenvolvida por Michel de Certeau e Luce Giard, porque, para esses autores, os pintores e escritores conseguem ver e revelar esses poderes locais, os espíritos dos objetos. O teórico francês Michel Viegnes, em *Le fantastique*, argumenta sobre o valor dos objetos na construção da ficção literária e, indagado sobre a presença de uma alma nos objetos inanimados, ele assevera que, quer se trate de um objeto benéfico ou de um objeto amaldiçoado, distorcendo e degenerando a realidade, o objeto sempre será o suporte de uma projeção do próprio sujeito, o

qual investe no objeto seus desejos, seus sonhos ou seus pavores e seus medos. Nessa linha de compreensão, o inexplicável dos objetos seria invocado por aquilo que há de inexplicável no próprio sujeito. A estátua com vida, a mão mumificada de um macaco ou os barcos suicidas representariam, portanto, a face terrífica, complexa e inexplicável dos sujeitos que se iludem ao pensar que possuem esses objetos. Afinal quem possui e quem é possuído?

Palavras-chave: objeto, literatura fantástica, medo, sujeito

O fantástico genológico: considerações teóricas e outras considerações

KARLA MENEZES LOPES NIELS (UFF)

Resumo: Antes dos estudos de Todorov acerca do gênero fantástico, na década de 1970, “a crítica designava como fantástica toda narrativa de fatos que não pertenciam ao mundo real, contrariando a realidade que nos cerca” (BATALHA, 2011, p.13), caracterização pois bastante abrangente, que englobava desde o onírico ao sobrenatural, tendo sido usado para designar as mais diferentes manifestações literárias, às vezes de gêneros não afiliados entre si, dificuldade que remonta às “diferentes concepções filosóficas do final do século XVIII” (CESARANI, 2006, p. 12). Além do mais, o termo fantástico foi muitas vezes usado como sinônimo de excêntrico, mirabolante e exagerado (cf. VOLOBUEF, 1999, p. 199). Por isso, o termo foi em alguns autores tomado como equivalente a fantasia e vice e versa. Ora, não há uma mesma realidade, com o mesmo valor cultural para todas as épocas. Seria, portanto, um gravíssimo erro simplesmente opor fantástico a real sem considerar as implicações sócio-histórico e culturais pertinentes uma vez que a realidade é uma construção complexa cujos valores dependem de uma série de relações que envolvem tanto a religião, como política, língua, arte e ciência (Cf. OROPEZA, 2009). Sendo assim, o gênero fantástico não é e nem pretende ser antônimo de real. Paradoxalmente parte de um sistema realista para questionar o que se entende por realidade num dado momento histórico e cultural. Dessa forma, e de acordo com

Jean Fabre, “o efeito de real não é um simples acessório estilístico” (FABRE Apud BATALHA, 2012, p. 499) do fantástico, mas elemento crucial para a irrupção do inexplicável. Há pois uma flutuação entre aquilo que se considera como fantástico ainda hoje, haja vista os pontos de encontro entre o gênero fantástico e outros gêneros literários tais como o romance gótico e o realismo mágico, por exemplo (Cf. CAMARANI, 2014). Ademais, os estudos do gênero em causa, desde Todorov, parecem seguir “duas tendências contrapostas”. A primeira limita o gênero a determinadas estratégias narrativas e temas e o localiza historicamente no século XIX. A segunda o alarga de tal modo a abranger não somente outros períodos históricos como a abraçar os outros gêneros com os quais se imbrica, como uma espécie de macro-gênero ou modalidade literária. (Cf. CESARANI, 2006, p. 8, 9). Ciente disso, o presente trabalho, seguindo a primeira tendência, ocupar-se-á da discussão acerca de um fantástico genológico a partir das considerações teóricas de Tzvetan Todorov (1970), Jean Bellemin-Noël (1972), Felipe Furtado (1980) e Pampa O. Aràn (1999).

Palavras-chave: fantástico, teoria da literatura, genologia

O sonho do não eu

LUÍS PAULO FIÚZA MARQUES (U.P MACKENZIE)

Resumo: A literatura é umas das válvulas de escape da nossa rotina. Ela é encantadora e mágica se comparado com o que temos que enfrentar diariamente no nosso cotidiano, parece se tornar ainda mais fantástica quando vem acompanhada de mistério e medo. Nesse quesito, a literatura se faz presente e se mostra encantadora devida à dualidade do discurso e no envolvimento do leitor a ponto de deixá-lo suspenso, titubeante entre acreditar no acaso ou no sobrenatural. Séries e filmes baseados nessa categoria literária não são raros e fazem muito sucesso com públicos diversos. Parece-nos que verdadeiramente o indivíduo tem curiosidade em conhecer outro mundo e descobri-lo a ponto de senti-lo, vê-lo, torná-lo palpável e, de alguma maneira, torná-lo real mesmo

que distante das leis que regem o nosso mundo. A obra de contos de Rubens Figueiredo foi publicada em 1994 e praticamente reescrita pelo autor em 2009, na segunda edição. O livro contém sete contos, nos quais as personagens parecem estar presas em seus próprios pensamentos. O conto que escolhemos para analisar neste artigo é Os anéis da serpente, que faz parte da obra, e é narrado a partir de uma atmosfera fantástica, onde o duplo da personagem, o espaço onírico, o fantástico e a identidade são analisados como elementos constituintes do gênero fantástico moderno. O conto inicia-se com a personagem principal afirmando que não tinha problemas com sonhos. Faz essa afirmação já na primeira linha do conto “Nunca me preocupei com sonhos” (FIGUEIREDO, 2009, p. 125) e também no segundo parágrafo “nunca me preocupei com o que sonhava” (FIGUEIREDO, 2009, p. 125). Tal constatação já na introdução do texto nos indica que talvez haverá um problema com sonho no decorrer do enredo, o que ocorre de fato.

Palavras-chave: Fantástico, Sonho, Duplo, Identidade

Savinio e Bontempelli e o universo imaginativo da literatura fantástica

SONIA CRISTINA REIS (UFRJ)

Resumo: Estudo de alguns aspectos do modo fantástico na Literatura Italiana, a partir da problematização das noções de fantástico e realismo mágico, em “La vita intensa” de Massimo Bontempelli e “Maupassant e l’Altro”, de Alberto Savinio., bem como as diferentes circunstâncias de aproximação desses escritores italianos com as suas interlocuções com as estéticas vanguardistas, como por exemplo, o Surrealismo, movimento artístico e literário de origem francesa, que encontra também, exemplo na pintura, tendo presente o conceito de metafísica, em campo artístico italiano, por intermédio das obras de Alberto Savinio, Giorgio De Chirico, dentre outros.

Palavras-chave: Alberto Savinio, Massimo Bontempelli, La vita intensa, Maupassant e l’Altro

“Bartleby, o escrivão”: uma metáfora da entropia

VANESSA LEMOS DE MOURA SANTIAGO (UFPI)

Resumo: Este trabalho objetiva investigar o insólito no conto Bartleby, o escrivão: uma história de Wall Street (2009), de Herman Melville, por meio da análise do personagem Bartleby como uma metáfora da entropia. Para isso, foram utilizados como fundamentação teórica os conceitos de entropia, difundidos pelo físico Moacir Leão (1983) e pelo teórico Rudolf Arnheim (1971) e Max Milner (1994), procedendo-se, assim, a um aprofundamento da análise dentro dessa teoria. Por fim, esse estudo pretende avaliar a hipótese da apropriação de um conceito científico como elemento estruturante na construção de um personagem ficcional. A obra de Herman Melville analisada neste trabalho é o conto Bartleby, o escrivão, que constitui uma das narrativas mais estranhas da Literatura mundial, apresentando um intrigante personagem marcado pela excentricidade e por um constante estado de apatia com relação ao mundo. O personagem Bartleby começa a trabalhar num cartório de Wall Street, cujo dono é um bem-sucedido advogado, que já havia sido conselheiro do Tribunal de Chancelaria do estado de Nova Iorque, esse cargo, no entanto, fora extinto. O dono do cartório e patrão de Bartleby é o narrador desse conto e narra a trajetória do incomum escrivão. O narrador, um homem caracterizado por uma personalidade tranquila, chega a afirmar a seguinte frase sobre o contato que teve com o excêntrico escriturário: “Bartleby, o escriturário mais estranho que jamais vi ou de que ouvi falar” (MELVILLE, 2009). O insólito nesse conto é representado pela figura de Bartleby que nos primeiros dias trabalhou de modo ininterrupto, porém logo em seguida começou a recusar-se a conferir as suas próprias cópias com os outros dois copistas daquele cartório, Turkey e Nippers. Para qualquer indagação feita pelo chefe do cartório, Bartleby responde que “prefere não fazer”. Para efetivar esta pesquisa, portanto, fez-se necessário a leitura inicial da obra literária a ser analisada, depois foi fundamental o conhecimento das teorias e conceitos acerca da entropia. Desse modo,

recorreu-se, principalmente aos autores Tzvetan Todorov (2004), Moacir Leão (1983) e Rudolf Arnheim (1971), cujas leituras foram essenciais para a execução deste estudo. Em termos metodológicos, este trabalho foi desenvolvido com base nos estudos sobre a Literatura Fantástica, e constituiu-se como um desafio proposto na Disciplina Literatura Universal Monográfico, ministrada pelo professor Dr. Saulo de Cunha Serpa Brandão. Inicialmente a referida análise foi escrita em forma de artigo científico e posteriormente transformada em ensaio para fins de publicação e apresentação em Congresso. A finalidade deste trabalho, portanto, compreende expor as reflexões e os resultados obtidos da análise de um personagem insólito do conto *Bartleby*, o escrivão: uma história de Wall Street, de Herman Melville. A análise promoveu uma nova visão deste conto e propôs uma nova interpretação para a figura de *Bartleby* e o que ele representa dentro dessa narrativa.

Palavras-chave: Melville, *Bartleby*, metáfora, entropia

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 6

Deslocamentos cronológicos do fantástico: representações do tempo em Borges e Calvino

KLEBER KUROWSKY (UFSM)

Resumo: No decorrer do século XX, as representações do tempo na literatura passaram por consideráveis transformações. Octavio Paz argumenta que, principalmente após a segunda guerra mundial, com a queda da bomba atômica, o tempo passou a ser algo desconjuntado no imaginário popular, algo que, muitas vezes, não fazia sentido em termos de causa e efeito. Esse descompasso entre o ser humano e seu tempo, nesse momento da história, foi um tema recorrente na literatura fantástica do período. Numa tentativa de explorar esses aspectos, foram escolhidos os autores Jorge Luiz Borges e Ítalo

Calvino, com a proposta de explorar não apenas como esses temas eram trabalhados em diferentes estilos, mas também em diferentes continentes, sendo Borges argentino e Calvino italiano. Em Borges a principal fascinação se dá com o eterno. Muitas das narrativas se passam em uma espécie de além-tempo, em que as mudanças e transformações humanas se encontram negadas ou sobrepostas; os contos do autor parecem fugir a qualquer tentativa de linearidade cronológica. Mas, mais do que isso, o autor problematiza a incapacidade do humano de lidar com a eternidade, como se evidencia pelo conto *O imortal*. Para os propósitos dessa comunicação, foram selecionadas as obras “Ficções” e “O Aleph” como principais fontes de referência. Na obra de Calvino – o qual, não por acaso, foi leitor de Borges – há uma espécie de efeito reverso: novamente, há uma dificuldade dos personagens em lidarem com o tempo que atravessam, mas, dessa vez, por mais que o tempo fuja da linearidade, não leva a uma suposta eternidade, mas força os personagens a contemplarem sua inevitável entropia. Para trabalhar esses aspectos, foi selecionada a obra “As Cidades Invisíveis”, por ser também composta por narrativas curtas e por trazer consigo os elementos fantásticos. A comunicação tem como objetivo, portanto, demonstrar como os elementos fantásticos das obras desses dois autores corroboram para uma nova perspectiva sobre o tempo – tendo em vista o momento histórico e literário –, cada qual com suas particularidades. Primeiro, será feita uma apresentação das obras a serem exploradas, com noções a respeito dos temas e estilos utilizados, bem como do contexto da época, utilizando certas passagens das obras para ilustrar o que está sendo proposto. Feito isso, as obras de Borges e Calvino serão contrapostas, para traçar um itinerário de como esses dois autores tratam o tema do tempo em suas respectivas obras. Por fim, as conclusões serão traçadas com base nas obras citadas durante a comunicação, visando estabelecer o que foi encontrado e o que ainda pode ser explorado desse tema. Como base teórica, os textos de Benedito Nunes e Massaud Moisés a respeito do

tempo serão empregados, estes com o objeto de analisar as dimensões mais estruturais do texto. Para tratar dos temas e do contexto, a argumentação se sustentará, principalmente, sobre o que foi proposto por Octavio Paz em “O arco e a lira” e “Os filhos do barro”.

Palavras-chave: Borges, Calvino, Fantástico, Tempo

O fantástico tradicional: do Século XIX à contemporaneidade

AMANDA DA SILVEIRA ASSENZA FRATUCCI (UNESP)

Resumo: A literatura fantástica foi muito fecunda nas produções narrativas europeias durante o século XIX. Como assinala Castex (*Le conte fantastique en France de Nodier à Maupassant*. Paris: Corti, 1962), os dois períodos nos quais o fantástico encontrou melhor ambientação foram o Romantismo e o Simbolismo. Esse fantástico tradicional foi alvo de várias tentativas de definição ao longo dos séculos XIX (com as teorias de Nodier e Maupassant) e XX (com os estudos de Castex e Todorov, por exemplo). Sobre o fantástico na contemporaneidade, no entanto, não há a mesma variedade de estudos críticos como aqueles vistos sobre o fantástico do século XIX, chamado de fantástico tradicional. O que temos nos dias atuais é uma série de estudos desconstruídos a respeito da manifestação contemporânea da modalidade. Alguns autores afirmam que há atualmente um neofantástico, principalmente nas literaturas de língua espanhola; outros tratam o Realismo Mágico ou Maravilhoso como manifestação fantástica na atualidade. Para Todorov (*Introduction à la littérature fantastique*. Paris: Seuil, 1970), por exemplo, o fantástico teve uma vida relativamente breve. O teórico afirma que ele apareceu no fim do século XVIII com Cazotte e evoluiu durante o século XIX culminando nos contos de Maupassant, que seriam os últimos representantes satisfatórios do gênero. Todorov assinala que nessa nova literatura do século XX, o homem “normal” é precisamente o ser fantástico. Assim, o fantástico torna-se a regra, não a exceção. As reflexões de Todorov estão relacionadas a um ensaio de Sartre, “Aminadab, ou O fantástico como linguagem”, publicado em 1942. O

estudioso acredita que o fantástico molda-se a exigências do homem contemporâneo, deixando, dessa maneira, de explorar realidades transcendentais e passando a transcrever a condição humana. Dessa maneira, nos textos de literatura fantástica escritos a partir do século XX, a temática das obras se aproxima das angústias existenciais e psicológicas, apresentando um ser humano que se enxerga impotente diante das transformações e opressões de um mundo que caminhava rapidamente para a modernização. O fantástico contemporâneo de Sartre vai ao encontro das ideias de Jaime Alazraki (2001) naquilo que o crítico espanhol chama de “neofantástico”. Essa nova abordagem da modalidade resultante do contexto da pós-modernidade, segundo o estudioso espanhol, configura um momento em que a crença no progresso das ciências se desvanece, resultando na sensação de incompreensão do mundo e da realidade que nos cerca. Essas considerações de Alazraki são baseadas em obras produzidas em língua espanhola. Há uma tendência entre os estudiosos hispânicos em atribuir a autores como Júlio Cortázar e Adolfo Bioy Casares narrativas de cunho neofantástico. No entanto, tendo em vista que nossos estudos têm um foco na produção fantástica em língua francesa, é preciso expor as reflexões sobre esse fantástico francófono dos séculos XX e XXI. Assim, o que se objetiva neste estudo é mostrar que o fantástico tradicional do século XIX ainda tem, ao longo do século XX e até os dias atuais, uma permanência na literatura. Para isso, traçaremos um estudo comparativo entre as diferentes concepções do fantástico tradicional aplicado na literatura no século XX e XXI.

Palavras-chave: Fantástico tradicional, Fantástico contemporâneo, Neofantástico

Diabo e Deus, maravilhoso, estranho? Modos ou gêneros?

MARISE GÂNDARA LOURENÇO (UFU)

Resumo: Mesmo considerando coerentes os argumentos, de Marisa Martins Gama-Kalil, em seu artigo, A literatura fantástica: gênero ou

modo?, de que seja mais produtivo tomar a literatura fantástica como modo, sem enquadrá-la em um período histórico; e se tratada sob a visão genológica que a base de sua criação seja a incerteza, propomo-nos estudar as diversas concepções do fantástico, dando ênfase às tensões comparativistas. Desta forma, o objetivo do presente artigo é o de contrapor o pensamento de Todorov no que diz respeito ao que ele define de fantástico e como o define em contraposição ao de Furtado, Roas entre tantos outros teóricos a serem pesquisados e que consideram esta literatura sob o olhar genológico. Além disto, confrontaremos as mais significativas teorias que concebem o fantástico como modos, entre as quais podemos citar Bessièrre com seu texto *El relato fantástico: forma mixta de caso y adivianza*; Reno com os Procedimentos formais e sistemas temáticos do fantástico; e Rosemary Jackson com *Fantasy: literatura y subversión*; entre outros escritos a serem descobertos. Estudo que elegemos ser algo de grande importância para entender os limiares entre o maravilhoso e o estrangeiro. Principalmente, porque Todorov apresenta-nos este último como sendo um gênero que se caracteriza por provocar medo. Mas se o diabo e Deus se enquadram no maravilhoso porque, em *Dr. Fausto* de Thomas Mann, o narrador se recusa a falar o nome Mefistófeles e tem receio de contar-nos sobre o pacto e o seu resultado? Como a música ocidental, ao longo de sua História é tomada como uma possibilidade de ascensão a Deus, em Mann, representa o diabo e o contrato com o mal? Qual o limiar entre o medo e a angústia, considerando a junção da Literatura com a Música que, em *Dr. Fausto* de Mann, representa o pacto com o Diabo? Pacto que acontece a partir da escolha de Adrian Leverkühn de adotar o dodecáfismo como técnica composicional que possibilita criar uma música que é pura dissonância do começo ao fim, gerando uma angústia personificada no protagonista (Adrian), embora ele já trajasse esta veste, desde o início do romance, mas em pequena proporção. Dissonância que significa algo verdadeiramente diabólico! Se, na Idade Média, o trítone era coincidentemente denominado de *diabolus in musica*, por ser um intervalo musical difícil de ser cantado e

bastante dissonante cujo uso só foi liberado pela igreja no século XVII, o dodecáfismo é a exacerbação disto em mil vezes. Mas o contrato com o demônio, na obra de Mann, não é só representado pela adoção desta técnica. Figura-se também por meio da escolha do texto poético a ser musicado pelo protagonista e os efeitos que a junção da Literatura e da Música provoca. Neste sentido, propomo-nos uma investigação atrelada às teorias já apresentadas, buscando também compreender em que medida Thomas Mann concebe o diálogo da Música com a Literatura para representar o mítico e o místico.

Palavras-chave: Diabo e Deus, Medo e angústia, Modos e gêneros, Maravilhoso e fantástico

Imagens oníricas nos romances gráficos *A arte de voar* e *O prolongado sonho do Sr. T*

ANA LÚCIA MENDES ANTONIO (UNIFESP)

Resumo: “Meu pai se suicidou em 4 de maio de 2001.” É assim que começa *El arte de volar*, um romance gráfico resultado da parceria entre Antonio Altarriba e o cartunista Kim. Mais do que o início de uma obra, é a busca de um filho para entender as motivações de um pai com um passado difícil, que enfrentou acontecimentos históricos tão importantes como a Guerra Civil Espanhola, além da falência financeira, de um casamento em declínio e de uma velhice solitária, para realizar, enfim, um ato tão drástico em idade avançada. Altarriba, nascido em Saragoça e catedrático aposentado de Literatura Francesa na Universidad del País Vasco, escreve também sobre literatura e é colaborador de periódicos como *El País*, *El Correo* e *El Mundo*. Já Joaquim Aubert, mais conhecido como Kim, nasceu em Barcelona e já recebeu prêmios como o Gran Premi del Saló Internacional de Còmic de Barcelona, em 1995 e o XII Premi Internacional del Humor Gat Perich, em 2007. Em *El arte de volar*, é possível acompanhar como os sonhos simbolizam pontos de virada na vida do protagonista: quando, por exemplo, ele começa a entrar em uma crise de consciência maior com o fato de lidar com o contrabando de carvão na França, ele tem

um sonho com sua própria mãe, que já não via há anos. Sua mãe, no sonho, reclama que ele a deixou toda suja de carvão ao abraçá-la. No dia seguinte, Antonio resolve confrontar seu sócio no ramo, Pablo, e rompe com ele. Nesse momento, ele renuncia oficialmente a seus ideais anarquistas e resolve voltar à Espanha. Ainda nessa temática, dentro da produção de romances gráficos espanhóis, temos outro exemplo que se utiliza fartamente de imagens oníricas para recriar a narrativa de um relato real: trata-se da obra *O prolongado sonho do sr. T*, do renomado artista conhecido como Max - Francesc Capdevilla Gisbert, nascido em Barcelona e um dos mais renomados de todos os artistas espanhóis do circuito alternativo; publicou em muitos países e ganhou diversos prêmios, entre eles o de melhor trabalho no Salão Internacional de Quadrinhos de Barcelona, em 1988 e 1996. Essa foi, inclusive, a obra de estreia da editora Zarabatana Books, sendo publicada no Brasil em 2006. Ela traz a história do comerciante Cristóvão T., que, após 40 dias de coma na UTI do Hospital Son Dureta, em Palma de Mallorca, pede papel e lápis às enfermeiras e rascunha em três cadernos a descrição de seus sonhos naquele período. Há imagens fortemente carregadas de simbolismo e que envolvem três outros personagens: Su, um poeta chinês e muito sábio; Sara, uma jovem muçulmana; e Scallywax, o pai de Sara, bastante misterioso e ameaçador. O sr. T, por meio de seus delírios, persegue uma trajetória de autoconhecimento, algo tão real em nossa vida diária. A ideia com este trabalho é fazer uma análise comparativa entre essas duas obras abordando, principalmente, os conceitos de sonho, transferência, deslocamento, projeção, sob o olhar, entre outros campos de estudo, da psicanálise e da psicologia analítica.

Palavras-chave: Romance gráfico, sonho, memória

Foto-grafia: o mundo, o insólito e a perplexidade na obra de Charles L. Dodgson

ANA CARLA VIEIRA BELLON (UERJ)

Resumo: As ilustrações são um grande atrativo para a leitura infantojuvenil, talvez pela diversão da interrupção entre um texto escrito

e outro, talvez porque facilite a interpretação em alguns momentos. O que podemos afirmar é que as imagens contam uma história, acompanhadas ou não de um texto escrito. O advento da Fotografia trouxe às pessoas a possibilidade de contar suas histórias através das imagens, de uma maneira que suscitou e suscita muitas interpretações, reflexões e questionamentos. Da mesma maneira que uma ilustração diz muito sem palavras, seus traços também podem dizer algo sobre quem os fez, assim como a Fotografia. Um dia tomada pelo mistério das Fotografias de Charles Dodgson, busco agora clarear seu punctum (BARTHES, 1980) e compreendê-lo passo a passo dentro de um contexto de produção inesgotável em significados. Em outras palavras, a Fotografia de Lewis Carroll é tão literária quanto é fotográfica a sua Literatura. Conhecido por seu pseudônimo Lewis Carroll, Charles L. Dodgson foi eternizado sob a autoria dos clássicos “*Alice in Wonderland*” (1865) e “*Alice through the looking-glass*” (1871). Em paralelo a sua obra literária, Carroll deixou também um arsenal imenso de fotografias. Charles fez experimentos de manipulação e narrativa fotográfica em um contexto no qual a foto possuía um estatuto de “eternizar” retratos mais fiéis que a pintura. Ao olhar com atenção algumas fotografias de Carroll, noto que há uma potência criativa visível permeada pelo insólito e que está presente em sua obra artística como um todo, literária e fotográfica. Isto implica afirmar que, para uma maior aproximação da compreensão de sua obra artística e, logo, de seu gesto criativo e seus efeitos, é necessário perceber a intertextualidade imanente presente no diálogo intersemiótico entre literatura e fotografia criadas pelo mesmo autor. O objetivo é ampliar o leque analítico para formular uma análise interpretativa dos efeitos da configuração do insólito em sua obra. Diante do grande arsenal de fotos deixadas pelo autor, esta breve análise se centrará em duas fotografias que apresentam semelhança ficcional insólita com a obra literária *Alice in Wonderland*; pois suscitam efeito de sentido relacionado ao insólito (fotografias trapaceiras). Esta discussão tomará por base a noção de insólito e de

ficção dentro da realidade fotográfica em paralelo à literatura. A partir do diálogo intersemiótico e da teoria dos mundos possíveis, busco dar vazão à potência insólito-ficcional existente em duas fotos de Charles L. Dodgson. De forma a estabelecer uma relação de complementariedade entre ambas as manifestações artísticas do autor: imagem e texto, literatura e fotografia. Este artigo é, portanto, uma reflexão inicial sobre a configuração ficcional-insólita a partir da Teoria dos Mundos Possíveis, de Tomás Albaladejo.

Palavras-chave: Insólito, Literatura, Fotografia, Ficção



ARQUITETURAS, NARRATIVAS, CORPOS: NOVAS APROXIMAÇÕES À AMAZÔNIA

Lúcia Sá (University of Manchester)
Javier Uriarte (Stony Brook University)

Resumo: A Amazônia continua ocupando papel de destaque na mídia internacional. The New York Times, por exemplo, acaba de publicar dois artigos extensos sobre a região: um sobre a Fordlândia ('Deep in Brazil's Amazon, Exploring the Ruins of Ford's Fantasyland', 20 de fevereiro de 2017) e outro sobre o desflorestamento ('Amazon Deforestation, Once Tamed, Comes Roaring Back', 24 de fevereiro de 2017). Esses dois artigos, bastante recentes, revelam algumas das questões que há anos permeiam muitas das leituras sobre a Amazônia, e nos permitem hoje colocar algumas questões que articulam este simpósio. A conexão fundamental entre essas duas narrativas é, sem dúvida, o capital, mas é também, e sobretudo, a relação entre capital e natureza. A construção da modernidade no meio da selva está relacionada à maneira como a região foi sempre o lugar da proeza, da abundância, da exceção, aonde o incrível podia ser tornar real. Por isso mesmo, é também o lugar do fracasso desses projetos arquitetônicos, das quedas das ilusões, o lugar onde o progresso podia virar loucura, onde a modernidade vira ruína. Este simpósio propõe explorar várias formas de intervenção do ser humano, vários projetos de transformação radical do espaço desde a perspectiva da arquitetura, da infraestrutura, da construção de caminhos, rotas, repressas, auto-estradas, ferrovias. Quais são os projetos e imaginários que explicam essas intervenções e como pode se avaliar o êxito ou o fracasso delas? Como é que a cidade, a tecnologia, e os sonhos de modernização do estado-nação e do capital global

foram pensados em relação à selva e o lugar dela no passado e no futuro? Obras importantes como *Trem fantasma: a modernidade na selva*, de Francisco Foot Hardman, ou o *Fordlândia, The Rise and Fall of Henry Ford's Forgotten Jungle City* de Gregg Grandin, pensaram alguns aspectos desses projetos. O romance *Mad Maria*, de Márcio Souza, ou o filme *Iracema: uma transa amazônica*, de Jorge Bodanzky e Orlando Senna, também constituem aproximações ao tema. As frequentes representações da Amazônia como espaço “à margem da história”, como lugar do primitivo, do outro, ou do começo, possuidor de um tempo “próprio”, frequentemente ignoram como a Amazônia integra imaginários modernos (Nugent, *Scoping the Amazon*, p. 69).

O desflorestamento, por sua vez, representa uma outra forma da penetração, uma transformação radical e violenta da paisagem, ao mesmo tempo em que nos faz lembrar com urgência que a Amazônia se converteu num lugar essencial para o campo do que no mundo anglófono denomina-se “environmental humanities”. Pois as dinâmicas do desflorestamento da Amazônia têm como contra-partida os saberes dos povos originários da região, que propõem formas alternativas de formular o pensamento sobre a relação com o mundo natural. Em resposta à rapidez e à violência dos processos de desflorestamento da Amazônia, intelectuais indígenas vêm se organizando não apenas para resistir politicamente à ofensiva destruidora, mas também para ensinar aos não-indígenas outras maneiras de se relacionar com a vegetação e o mundo animal (ver, por exemplo, o livro de Davi Kopenawa, *A Queda do Céu*). As ‘humanidades meio-ambientais’ têm pois, a aprender com a Amazônia não apenas modos de se defender da destruição ambiental, como também a pensar outras formas de narrar que sejam diferentes dos interesses do capital e da exploração do território (outro exemplo é o livro *Antes o mundo não existia. Mitologia dos antigos desana-hehíhipõrãs*, de Pärökumu e Kehíri). Quais são as formas de conhecimento e discursos do saber que o mundo dito ocidental não leva em consideração ou rejeita, mas que emergem como fundamentais

para a relação entre a humanidade e o meio ambiente? Como pensar os possíveis lugares dos mundos vegetais, minerais e não-humanos na cosmovisão moderna? Como formas de pensar, viver e narrar que constituem o espaço amazônico podem enriquecer culturas ocidentais e acadêmicas? Em diálogo com a antropologia e outros campos, este simpósio propõe novas aproximações às narrativas amazônicas. O filme *Iracema*, mencionado acima, aborda de maneira crítica o processo de desmatamento (intenso na década de 70), o desenvolvimentismo, e os investimentos em infraestrutura e exploração que caracterizaram o projeto da ditadura para a região. O filme coloca em diálogo com esses processos questões da ordem da intimidade, do corpo, gênero e sexualidade, dimensões que, apesar de constarem na história das representações amazônicas, aparecem muitas vezes diminuídas por narrativas afeitas ao “gigantismo,” para citarmos Candance Slater. Assim como as tensões e cruzamentos entre epistemologias “ocidentais” e “indígenas,” também propomos pensar as relações entre grandes projetos transformadores e narrativas íntimas, onde os corpos e os afetos também podem ser entendidos como elementos centrais na construção e na vivência do espaço da Amazônia. Convidamos, assim, para este simpósio, trabalhos que explorem os os diálogos entre as múltiplas modernidades amazônicas e as lógicas de narrar e de construir (cidades, arquiteturas, paisagens, linguagens, textos, corpos) que encontram-se nelas.

Palavras-chave: Amazônia, arquitetura e meio ambiente, Narrativas e saberes indígenas, Representação do corpo e da intimidade

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Makunaima e Nambalissita: heróis mitológicos da Amazônia e do Cunene

CHRISTIAN RODRIGUES FISCHGOLD (UERJ)

Resumo: Esta comunicação objetiva apresentar os resultados de uma pesquisa em desenvolvimento no doutorado em Literatura Comparada, realizado na UERJ, acerca das representações dos povos indígenas na literatura brasileira e dos povos rurais na literatura angolana. O recorte da proposta de comunicação será uma análise comparada das representações de duas importantes personagens mitológicas: o Makunaíma ameríndio e o Nambalissita do sudoeste africano. Trata-se de uma primeira tentativa de comparação entre as diferentes representações dessas personagens na etnografia, na literatura e no cinema. Makunaíma e Nambalissita tornaram-se conhecidas através das obras do etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg (1872-1924) e do padre português Carlos Estermann (1896-1976). As viagens realizadas no Brasil e na Venezuela originaram o livro mais famoso de Koch-Grünberg, intitulado *De Roraima ao Orinoco* (1917). Essas recolhas constituem base importante para o livro *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade (1893-1945), um dos marcos do modernismo literário brasileiro. O cineasta Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988) utiliza-se da obra de Mário de Andrade para compor uma versão cinematográfica de *Macunaíma* (1969), com os atores Grande Otelo (1915-1993) e Paulo José (1937-) interpretando o herói mitológico. O padre português Carlos Estermann viveu por 30 anos entre os povos Kwanyamas e Nyanekas que habitam a região do Cunene, na fronteira com a Namíbia. As versões de Nambalissita contidas na obra *Cinquenta Contos Bantos do Sudoeste de Angola* (1971) constituem a base para a posterior composição literária e cinematográfica da personagem,

realizadas, respectivamente, pelo antropólogo e escritor Henrique Abranches (1932-2004), em *A Konkhava de Feti* (1980), e pelo poeta, antropólogo e cineasta Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010), no filme *Nelisita: narrativas Nyaneka* (1982). A metodologia da apresentação consiste em evidenciar as formas como essas personagens foram representadas por diferentes gêneros e linguagens, apontando para as relações entre antropologia, literatura e cinema contidas neste recorte: os relatos etnográficos de Koch-Grünberg e Estermann; a literatura modernista de Mário de Andrade e a epopeia mítico-nacionalista de Henrique Abranches; as influências do Cinema Novo e da Tropicália no filme de Joaquim Pedro de Andrade em contraponto aos dilemas entre o documentário e o cinema etnográfico contidos na obra de Ruy Duarte de Carvalho. Enquanto Makunaíma é um dos mais reconhecidos símbolos do modernismo brasileiro, Nambalissita permanece à sombra dos estudos literários e antropológicos sobre a cultura angolana. Pretende-se que a pesquisa comparativa coloque a personagem africana em maior evidência e levante questões ainda não discutidas sobre a personagem ameríndia.

Palavras-chave: Makunaíma, Nambalissita, antropologia, cinema

Transformando a poética do ambiente: O livro das transformações contadas pelos yanomami do grupo Parahiteri

PEDRO MANDAGARÁ (UNB)

Resumo: Neste trabalho, tentarei uma primeira leitura do conjunto de quatro livros narrados por pajés yanomami do grupo Parahiteri, editados por Anne Ballester Soares para a editora Hedra em 2016. Os quatro volumes são: *Os comedores de terra* (Pitawarewë), *O surgimento dos pássaros* (Naroriwë), *O surgimento da noite* (Ruwëri) e *A árvore dos cantos* (Amoa hi ã he rë haanowehei). Juntos, eles formam o “livro das transformações contadas pelos yanomami do grupo Parahiteri”. Parte da *Coleção Mundo Indígena*, que inclui ainda três volumes com narrativas de outras etnias, os livros editados por Ballester Soares têm algumas

peculiaridades frente a outras edições de textos orais indígenas. O caráter oral das narrativas míticas parece ser mantido nas traduções para o português, com diversos dos recursos próprios da oralidade (descritos por autores como Walter Ong) comparecendo no texto. É o caso de repetições, de perguntas retóricas, de idas e vindas temporais. Mais ainda, os livros são bilíngues: após cada versão em português, a transcrição em língua indígena (xamatari ocidental) também é impressa. Para a política da memória dos povos e línguas yanomami a importância da publicação é inegável. Nesta primeira aproximação a estes textos tão complexos, uma aproximação cuidadosa dado o desconhecimento da língua xamatari por parte deste pesquisador, pretendo investigar como os textos míticos dos yanomami do grupo Parahiteri constroem uma ambiência textual própria. Da teoria de Timothy Morton, em *Ecology without Nature* e outros textos, sabemos que há uma retórica própria para a construção de uma ambiência (ambience) textual, que não só tematiza mas evoca a Natureza. Morton trata da tradição literária ocidental, em especial de língua inglesa, a partir do Romantismo. Os diversos traços do conceito de ambience por ele descritos carregam o peso desta tradição. Uma primeira pergunta deste trabalho, portanto, seria: há uma forma específica de ambiência nos textos de base oral? Como estes textos constroem seu ambiente, evocam uma cadeia de sensações relacionadas a um lugar ou território específico? E como se pode sentir esta ambiência, se tão poucos dos leitores já puderam visitar a Amazônia (ou a Terra Indígena Ianomâmi)? Pretendo recuperar o mito como gênero literário e problema antropológico para encaminhar algumas hipóteses. No momento, a hipótese que posso melhor desenvolver diz respeito à antropomorfização do natural presente nos mitos amazônicos. Acredito que um traço particular da teoria do perspectivismo ameríndio, de Eduardo Viveiros de Castro, possa ajudar a encaminhar esta hipótese. Trata-se do papel do afeto na teoria. Cada ponto de vista vê o mundo ao seu redor como cultura humana (a onça vê o sangue como caxiri, etc), mas cada ponto de

vista tem ainda um afeto próprio (afeto-onça, por exemplo), que traz o papel da corporeidade. Pretendo estender este papel do afeto para compreender a construção de uma poética do ambiente como locus de potenciais afetos.

Palavras-chave: Literatura indígena, Poética do ambiente, Yanomami

A tradução como cosmopolítica na Amazônia: Davi Kopenawa e uma ecologia sem naturalismo

JAMILLE PINHEIRO DIAS (USP)

Resumo: O objetivo desta comunicação é tratar da relação entre tradução, xamanismo e cosmopolítica a partir da interlocução do líder indígena e xamã yanomami Davi Kopenawa com o etnólogo francês Bruce Albert. A partir de uma reflexão sobre como os modos de tradução atualizados pela ideia de “terra-floresta” compõem o discurso de Kopenawa em sua comunicação com os não índios e luta contra o desenvolvimentismo predatório – particularmente em “A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami” (2010/2015) - veremos como emerge, no discurso cosmopolítico do tradutor-xamã, uma ecologia sem naturalismo, ideia que se relaciona a como a noção de natureza vem sendo problematizada por estudiosos dos povos indígenas da Amazônia.

Palavras-chave: tradução, xamanismo, Amazônia, cosmopolítica

O ‘Rito do Irmão Pequeno’ de Mário Andrade e canções de trabalho macuxis: uma outra modernidade Amazônica

LÚCIA SÁ (UNIVERSITY OF MANCHESTER)

Resumo: Até muito recentemente, o imaginário brasileiro tendia a representar a Amazônia como a antítese da modernidade. Foi sobretudo a partir do crescimento dos movimentos ecológicos, nos anos 1980, que a Amazônia passou a ser vista, por uma pequena parcela da população brasileira e mundial, como o espaço por excelência de uma outra possível relação com o meio-ambiente. A publicação de textos de autores indígenas, como *A Queda do Céu*, de David Kopenawa, com

sua crítica contundente a concepções não-indígenas da natureza que só tendem a ver a floresta destruída (e não a floresta em si) como riqueza, vêm reforçando a idéia de que a Amazônia pode representar uma outra modernidade – uma modernidade baseada não necessariamente em concepções ortodoxas de “desenvolvimento” ou “progresso”, mas na possibilidade de conservação da natureza ou sustentabilidade. Mas a visão da Amazônia como uma modernidade não coincidente com noções como o ‘progresso’ ou a roda-vida urbana já foi parte do imaginário brasileiro, sobretudo na obra modernista de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Antonio Brandão do Amorim. Neste trabalho, vou analisar o conjunto de poemas publicados por Mário de Andrade sob o título de ‘Rito do Irmão Pequeno’. Normalmente lidos à luz de tradições poéticas europeias, estes poemas, conhecidos por sua celebração da preguiça criadora, ganham outra dimensão quando lidos em conjunto com as canções de trabalho macuxis publicadas por Theodor Koch-Grünberg no volume 3 de *Do Roraima ao Orinoco*. **Palavras-chave:** modernidade, Amazônia, poesia, literatura indígena

Leitura literária de repertórios narrativos dos Pemón como via de contato com uma herança ancestral pautada na interação indígena-natureza-sagrado

ELDA FIRMO BRAGA (UERJ)

Resumo: Leitura literária de repertórios narrativos dos Pemón como via de contato com uma herança ancestral pautada na interação indígena-natureza-sagrado Elda Firmo Braga (UERJ/UNESP/UNICAMP) A presente proposta tem relação com trabalhos de uma pesquisa de pós-doutoramento, realizada em 2016, centrada em repertórios narrativos de determinados grupos indígenas amazônicos. Entrar em contato com os saberes e as tradições dos povos originários contribui para ampliarmos nosso conhecimento de uma parcela significativa das raízes culturais que constituem a identidade latino-americana. É igualmente uma forma de nos aproximarmos de uma herança, válida

na atualidade, legada por um mundo ancestral, dentro do âmbito sociocultural desses povos. Temos, aqui, o propósito de apresentar um estudo literário sobre um conjunto de contos tradicionais que faz parte de um acervo mitológico-cultural pertencente aos Pemón, etnia encontrada na Venezuela e pertencente a povos indígenas que transcendem as fronteiras de idiomas nacionais e político-geográficas de países limítrofes, pois estão presentes na Guiana e no Brasil, onde recebem, respectivamente, a denominação de Arekuna e Taurepang. Privilegiamos, nesta apresentação, narrativas recopiladas por Cesario de Armellada, publicadas nos livros “Tauron Panton I” e “Tauron Panton II” (2013); “Pemonton taremurú: los tarén de los indios pemón” (1972) e “Cuentos y no cuentos – Panton, Panton Neke-ré” (1988). Nosso objetivo principal é refletir acerca da representação literária do piache, uma espécie de xamã. Por ser herdeiro e portador de uma sabedoria ancestral e responsável pelos cuidados com a saúde física e espiritual de seu povo, o piache é uma personalidade importante e influente em sua comunidade. Ele possui uma ampla e profunda ligação com o âmbito natural e o campo do sagrado. Esta conexão privilegiada lhe confere habilidades especiais que lhe permite comunicar com variados seres vivos (humanos e não humanos) e transitar por diferentes “planos de realidade”. Priorizaremos, neste estudo, a sua capacidade de praticar a interação entre seres de espécies diversas, principalmente, homem e natureza (fauna e flora); romper fronteiras espaciais e (re)construir interseções ao transcender o espaço físico ordinário ao empreender viagens a outras dimensões, colaborando para (re)conectar terra e mundo subterrâneo ou subaquático, terra e céu, natural e sobrenatural. Dessa maneira, o contato com o pensamento indígena, por meio de sua literatura, pode nos oferecer formas diferentes de perceber o mundo, de ser e de viver, bem como apontar outras possibilidades para pensarmos nossa atuação e relação com a natureza física – considerada também como sagrada para os povos ameríndios; além disso, pode nos indicar ainda uma alternativa viável à crescente degradação socioambiental

produzida pelas ditas sociedades “civilizadas”. Para esta reflexão, buscaremos tecer um diálogo interdisciplinar entre a Literatura, a Antropologia e a História das religiões. Nesse sentido, contaremos com o apoio de estudos antropológicos, como os de Koch-Grunberg (1979) no tocante à história, à cultura e à cosmovisão dos Pemón; com obras que tratam da interação indígena-natureza, como a de Castro (2013), e da relação indígena-sagrado como as de Eliade (1981; 2009), Llamazares; Martínez Sarasola (2004); e Burkert (2009).

Palavras-chave: Amazônia, Literatura Pemón, Piache, Indígena-Natureza-Sagrado

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Una modernidad en ruinas: imágenes del espacio amazónico en Euclides da Cunha

MARÍA FLORENCIA DONADI (UNIVERSIDAD NACIONAL DE CÓRDOBA- CONICET)

Resumo: En 1905, Euclides da Cunha encabeza la Comisión Brasileña de Reconocimiento del Alto Purus. Esta expedición por la Amazonia, cuyo objetivo junto a la comisión peruana era fijar los límites entre ambas naciones, marcará la escritura de algunas de las páginas de Contrastes e confrontos y de *À margem da história* (publicada póstumamente en 1909). El tránsito por el espacio amazónico se resuelve en una prosa de fuerte impronta imagética que, junto a un agudo análisis de la realidad social, deja entrever una conceptualización de la historia cercana a las postulaciones de Walter Benjamin en *Sobre el concepto de historia* (2009). La noción de imagen dialéctica como aquella que emerge en un instante de peligro convocando tiempos heterogéneos que Benjamin desarrolla en sus tesis, así como la noción de montaje -que articula su proyecto de largo aliento, *El libro de los Pasajes*- nos permitirán leer las mencionadas producciones de Euclides Da Cunha en su pasaje por el espacio amazónico desde una perspectiva que atienda a la dimensión

aporética del proyecto moderno que, en palabras de Foot Hardman, tuvo mucho más de “muerte y progreso” que de “orden y progreso”. Da Cunha, aún suscribiendo al modelo modernizador no deja de señalar sus limitaciones, a la vez que da expresión no programática a la selva como lugar de confín (Cacciari), con los sentidos paradójicos que convoca. Se contrastará *À margem da história* con el discurso proferido por Da Cunha al asumir su lugar en la Academia Brasileira de Letras en que, nuevamente, trae a su discurso la experiencia amazónica. Este trabajo pone su foco, sobre todo, en las imágenes de la Amazonía que se dibujan en esas textualidades, pues se sostiene que es la perdurabilidad, la vida póstuma o superviviente de esas imágenes la que elabora un imaginario en torno a este espacio, de manera general, hasta el presente. En estos textos, la Amazonia se instituye en espacio liminal, que deja entrever por un lado, la existencia de anacronías y, por otro, exhibe una contra-modernidad en su carácter ruiforme. El espacio amazónico se ofrece como imagen que delata la ilusión de la historia como progreso, continuum (no sólo por ser su límite salvaje a conquistar sino, sobre todo, al insistir en la barbarie de todo proyecto modernizador de progreso). Asimismo, el espacio amazónico –en la mirada de Da Cunha- se sostiene en un potencial de transformación permanente, de metamorfosis, de don y de gasto, por completo ajeno a la noción de valor económico entendido como utilidad, productividad y trabajo, que sorprende y seduce su percepción. La Amazonia es, en consecuencia, una *miragem* [ilusión óptica], una versión del fantasma (la ruina que asola el proyecto moderno) y de la fantasmagoría (el intento de disciplinamiento y “civilización”).

Palavras-chave: Euclides Da Cunha, Amazonia, Walter Benjamin, imagen

O ciclo da borracha: nas linhas da história e nas entrelinhas da literatura

VALDERIZA DE ALMEIDA ALVES (UFAM)

Resumo: O ciclo da borracha é uma temática que permeia grande parte das obras literárias e históricas de meados do século XIX e XX na

Amazônia. O grande alarde decorrente desse período se deve ao fato de que o ciclo da borracha não foi somente de importância nacional como também internacional, despertando os olhares estrangeiros sobre o látex, leite retirado da seringueira, que por meios de técnicas específicas, a vulcanização, se tornou comercializável nacional e internacionalmente. A gama de documentos históricos desse período é demasiado extensa bem como as produções literárias. A proposta desse artigo é traçar uma discussão histórica e literária sobre esse período, quer seja um olhar desse período nas linhas da história como também nas entrelinhas da literatura. No que se refere aos escritos históricos alguns autores serão de crucial importância para a reconstituição dos fatos como Lucilene Gomes, Márcio Souza, Carlos Guedelha, Antônio Loureiro e Samuel Benchimol. Estes reconstituirão o ciclo da borracha nas linhas da história. Em se tratando desse período na literatura, a prosa em torno desse ciclo na Amazônia é bem representada, como veremos nos contos Maiby e Judas Asvero, de Alberto Rangel e Euclides da Cunha respectivamente. Outras produções como: *Deserdados* de Carlos de Vasconcelos; *A Selva* de Ferreira de Castro; *Coronel do Barranco* de Cláudio Araújo Lima; *O Tocador de Charamela* de Erasmo Linhares, entre muitas outras obras que fazem referência integral ou parcialmente sobre o ciclo da borracha na Amazônia. A partir dessas obras descortinou-se o mundo do seringal, e tratar sobre a vida no barracão ou nas “estradas” passou a ser um tema recorrente na Literatura Amazônica. Estava “na moda” falar de seringueiro, é claro que nem sempre foi assim, temos uma dívida impagável com Euclides da Cunha, que a despeito do que antes fora dito sobre a *Paris dos Trópicos*, foi o primeiro a denunciar a condição do seringueiro na Amazônia. Dada a revelação, o seringueiro que era mais uma peça no “*Circo do Horror*”, passa a ser o protagonista, não o herói, mas o que ganhou notoriedade devido a condição miserável em que sobrevivia. Nas entrelinhas da literatura, extrairemos alguns desses autores que conversarão sobre a condição do seringueiro. Independente dos meios de produção, histórica

ou literária, o que veremos é um período marcado pela exploração do imigrante nordestino, que revestido de seringueiro, em busca de melhores condições de vida, é completamente massacrado pelo sistema imposto. Se ao menos soubesse o que lhe sobreviria, teria o imigrante nordestino deixado a sua terra de ganhos difíceis e assolada pela seca avassaladora para enfrentar essa empreitada?

Palavras-chave: ciclo da borracha, Amazônia, história, literatura

Cicatrizes, corpos e árvores: Leituras das marcas da indústria extrativa do látex nos corpos dos trabalhadores amazônicos

CAROLINA SÁ CARVALHO (UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA AT CHAPEL HILL)

Resumo: No fim do século XIX e início do século XX, o boom da indústria extrativa do látex impulsionou a produção de uma série de narrativas e imagens sobre a inclusão da Amazônia na produção e circulação global de bens, pessoas e capital. A região, internacional por excelência, por cruzar diferentes Estados-nação, abrigar múltiplos povos indígenas e ter sido cobiçada, desde muito cedo, por diferentes atores econômicos internacionais, parecia finalmente incorporar-se à modernidade capitalista global. Neste trabalho, analiso o modo como as marcas no corpo do trabalhador dessa indústria - o seringueiro nordestino, o cauchero aventureiro e o índio escravizado - tornaram-se signos a partir dos quais diferentes viajantes desenvolveram reflexões sobre a história moderna, conectando passados e futuros de sujeitos oprimidos em lugares tão díspares quanto a Irlanda, a África e a América Latina. O irlandês e cônsul britânico Sir Roger Casement, por exemplo, leu nas cicatrizes dos indígenas e das árvores da região do Putumayo marcas do colonialismo britânico que apenas um irlandês, como ele, poderia decifrar. Já o escritor modernista Mario de Andrade, reconheceu nas faces marcadas pela malária dos trabalhadores amazônicos não apenas um passado de dor, mas “indiferença” que desafia a lógica de produtividade do capitalismo extrativista. Se Casement cunhou o conceito de “ponto de vista” para relacionar a capacidade de o

viajante perceber os efeitos da exploração nas populações indígenas ao fato de haver experimentado a opressão colonial, Mario adotou o olhar distraído, ou desfocado, da “maleita” como modelo de sua escrita e fotografia amazônicas. Mais do que repetir o tropos comum da Amazônia como Inferno Verde, os textos analisados neste trabalho colocam o corpo do trabalhador da borracha como lugar privilegiado de releitura da história do capitalismo moderno e de formulação de modernidades e alianças alternativas.

Palavras-chave: Amazônia, Borracha, Capitalismo, Modernidade

“Splendid testemunhos”: sofrimento e prazer nos diários de Roger Casement

JAVIER URIARTE (STONY BROOK UNIVERSITY)

Resumo: Em 2016 comemorou-se o centenário da morte de Roger Casement (1864-1916), viajante, diplomata, defensor dos direitos humanos, e herói das lutas pela independência da Irlanda. A vida dele foi sem dúvida digna de um romance, e não por acaso Mario Vargas Llosa publicou recentemente *El sueño del celta* (2010), precisamente uma versão romanceada – e bastante problemática – da vida e das viagens do irlandês. Roger Casement visitou a região do Putumayo na Amazônia para pesquisar os abusos cometidos contra os indígenas pela indústria da borracha, especialmente a infame Casa Arana. As denúncias que resultaram dessas viagens tiveram grande repercussão na imprensa internacional e fizeram com que o mundo conhecesse o que o antropólogo colombiano Pineda Camacho chamou de holocausto amazônico. Esta comunicação propõe-se refletir sobre a presença central do corpo nos diários amazônicos de Casement, especialmente nos chamados Black Diaries, onde narram-se, de forma obliqua mas também inequívoca, encontros sexuais entre o “eu” e nativos das regiões amazônicas visitadas. A descrição de corpos extremamente belos e atrativos constrói um espaço de prazer, quase um paraíso do cruising, onde os encontros homossexuais secretos e anônimos se

produzem quase diariamente. Na escrita paratática e quase em códigos de Casement, esses encontros são narrados (u sugeridos) ao mesmo tempo que o “eu” denuncia práticas contínuas de tortura, mutilação e assassinato contra esses mesmos corpos. O horror gráfico e explícito da tortura e o genocídio indígenas que Casement denunciou pela primeira vez para o mundo percorre também as páginas dos Black Diaries, e alterna-se com momentos de prazer anônimo obtido desses mesmos corpos pelo narrador. Interessa-me introduzir a questão da intimidade e da sexualidade no espaço amazônico. Embora a sexualidade, e a vontade de penetração masculina numa terra misteriosa e resistente, estejam já presentes desde a viagem de Walter Raleigh, os textos de Casement introduzem muitas questões novas que proponho explorar na minha comunicação. A sensibilidade queer que este texto expõe, a sexualidade como cruising, isto é, como intercâmbio anônimo, e o fato que esses encontros aconteçam num contexto de tortura e destruição dos corpos, constituem elementos originais que complicam a tradicional representação da Amazônia como uma mulher virgem a ser conquistada. Quero explorar também as formas específicas da intimidade que aparece nesses textos, tendo em conta que a diplomacia é também uma forma da intimidade que implica uma retórica do encontro, da negociação, da observação. A Amazônia que aparece nos chamados White Diaries de Casement é um espaço onde o corpo do eu sofre as inclemências do clima: o calor, os mosquitos, as febres, lugares comuns que, porém, adotam novos sentidos se lidos no contexto da utopia queer que é o texto do Casement. Também a repetida noção da Amazônia como uma fronteira onde o estado e a lei somem e viram invisíveis e inúteis, muito presente nas denúncias realizadas por Casement, adota outras conotações se colocada no contexto dos encontros sexuais –aliás, também considerados ilegais então- narrados pelo eu.

Palavras-chave: intimidade e corpos, boom da borracha, sexualidade, tortura

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Práticas de leitura na Amazônia por personagens-leitores marginalizados

REGINA BARBOSA DA COSTA (UFPA)

Resumo: A Amazônia brasileira é retratada literariamente em textos escritos no século XX, pelo escritor Dalcídio Jurandir (1909-1979). Os textos de Jurandir apontam para um duplo propósito: o de escrever sobre uma realidade social na Amazônia e o de utilizar a arte literária para simular esta realidade. Neste sentido, evidenciaremos personagens que praticam leituras nas narrativas e, por este motivo serão denominados de personagens-leitores, visto que foram idealizados pelo escritor para demonstrar as atividades de leitura, escrita e narração de histórias na ficção. Os textos desta coletânea, produzidas por Jurandir, são compostos por dez romances: *Chove nos campos de Cachoeira* (1941); *Marajó* (1948); *Três casas e um rio* (1958); *Belém do Grão-Pará* (1960); *Passagem dos Inocentes* (1963); *Primeira manhã* (1967); *Ponte do Galo* (1971); *Os habitantes* (1976); *Chão dos Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978) e conhecidos como ciclo do Extremo Norte (1939-1979). Neste artigo, serão focalizados dois personagens presentes nos primeiros romances do escritor: Eutanázio, de *Chove nos campos de Cachoeira* e Ciloca, de *Marajó*. Esses personagens, analisados na perspectiva de personagens-leitores, apresentam práticas que os distinguem dos demais personagens, por dominar a leitura e a narração de histórias, apesar disso, são indivíduos marginalizados social e moralmente, Eutanázio por apresentar comportamento antissocial e ter adquirido uma doença venérea que o vitimou e, Ciloca, um padeiro que contraiu lepra, doença que na época era incurável e mutiladora requerendo isolamento social. No entanto, apesar de marginalizados, eles nutriam paixões avassaladoras: Eutanázio cultivava um amor

não correspondido por Irene e Ciloca que vivia das lembranças de sua amada Sinhazinha. Analisar esses personagens-leitores em meio a uma comunidade de analfabetos numa ilha distante da capital, nos permite ilações sobre a desvalorização da cultura letrada, posto que indivíduos com alguma cultura não alcancem a valorização merecida. Esta modalidade de personagem, que lê na ficção, pode motivar críticas à sociedade, sem receber sanções, que geralmente sofre quem critica determinados segmentos da sociedade, motivo pelo qual já foi explorado em diversas obras da literatura universal, a exemplo do livro *D. Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616), que marca este tipo de leitura fictícia. A figuração de leitor, proposta pelo escritor Dalcídio Jurandir, é defendida no Brasil por pesquisadoras como Marisa Lajolo e Regina Zilberman, por outro lado, o estudo da leitura como processo complexo e dinâmico é analisado por pesquisadores pertencentes à História Cultural, a qual está vinculada à História da Leitura, como Michel de Certeau, Carlo Ginzburg, Robert Darnton e Roger Chartier, posto que produziram estudos que contribuem para compreender a prática de leitura no contexto social. E, por fim, os alicerces da pesquisa sobre Jurandir terão como fonte algumas pesquisas de Furtado (2010) que nos dá a dimensão sobre a existência de uma Amazônia “derruída”, no pós-ciclo da borracha.

Palavras-chave: Personagem-leitor, Dalcídio Jurandir, Amazônia

Casas verdes: o lugar da Amazônia na obra de Mario Vargas Llosa

VICTORIA TROIANOWSKI SARAMAGO (UNIVERSIDADE DE CHICAGO)

Resumo: São já notórias as tensões que o escritor peruano Mario Vargas Llosa vem mantendo com movimentos indígenas e ecológicos, sobretudo a partir de fins dos anos 80. Caracterizando frequentemente lutas para a demarcação de terras indígenas e para a conservação ambiental como um obstáculo ao “desenvolvimento, à civilização, à modernidade”, o autor vem entrando em conflito tanto com líderes políticos como o presidente boliviano Evo Morales quanto com linhas

de pensamento como a deep ecology, entre muitos outros. Ainda mais extensa e determinante é a crítica do autor ao indigenismo peruano a partir de seu misto de admiração e rejeição para com o escritor José María Arguedas, presente em sua obra ensaística e no romance *El hablador* (1987). É curioso, nesse contexto, que a Amazônia esteja presente em tantos romances do autor, *d'A casa verde* (1966) a *El sueño del celta* (2010), passando por *Pantaleón y las visitadoras* (1973) e, evidentemente, *El hablador*. Com exceção desta última, tais obras poderiam parecer num primeiro momento desconectadas das visões expressas por Vargas Llosa a respeito das lutas ambientais e indígenas na região. Se o autor evita uma série de tropos caros à descrição da flora latino-americana, tampouco há uma defesa do desenvolvimentismo como a que ganharia corpo nas últimas décadas. Essa aparente desconexão é geralmente entendida dentro da sua guinada ao neoliberalismo após sua desilusão com o socialismo e sua ruptura com Fidel Castro no início dos anos 70. Ainda que não se possam ignorar as visões políticas do autor neste caso, proponho que a mirada desenvolvimentista de Vargas Llosa sobre a região amazônica possui raízes mais profundas. Estas remontam às ideias do autor sobre as inovações estéticas do boom latino-americano e à sua visão acerca da representação da natureza amazônica como reação à sua leitura de crônicas coloniais, ambos discutidos em ensaios do autor publicados no fim dos anos 60 e início dos 70. Ao longo de sua obra e principalmente em *La casa verde*, Vargas Llosa desenvolveu técnicas de descrição da floresta marcadas não pelo primado da visão, mas pelos seus efeitos sobre o corpo humano. Em lugar da postura contemplativa que vai de Alexander von Humboldt a Alejo Carpentier, odores, calor, suor, picadas de insetos, ameaças diversas e um desconforto geral são antes o que caracteriza a vida na floresta, sobretudo a de personagens não-indígenas. Proponho que esse procedimento, que buscava uma distância explícita do descritivismo da prosa romântica e das correntes regionais dos anos 20 e 30, guarda uma dimensão ecofóbica, para usar

a terminologia de Simon Estok. Nesta comunicação, proponho investigar esses possíveis pontos de contato entre a busca por inovação formal de Vargas Llosa no contexto do boom, representações da floresta amazônica ao longo de sua obra e sua defesa do desenvolvimentismo na região. Minha hipótese é a de que uma abordagem conjunta da ficção de Vargas Llosa e sua atuação como intelectual público pode lançar novas luzes sobre o lugar da Amazônia em sua obra e seu pensamento

Palavras-chave: Mario Vargas Llosa, Amazônia, Ecocrítica

Mítica Amazônia em corpos metamórficos de Maria Martins

LÚCIA RICOTTA (UNIRIO)

Resumo: Em 1943, a artista Maria Martins exhibe na Valentine Gallery em Nova York uma série de esculturas de mitos amazônicos. Na ocasião publica um catálogo com o mesmo nome da exposição, *Amazônia*. As esculturas de divindades africanas e ameríndias, reproduzidas nesse catálogo - *Amazonia*, *Yara*, *Boiúna*, *Cobra Grande*, *Aioká*, *Boto*, *Iacy*, *Aganjú* e *Iemanjá* -, estão acompanhadas de texto em prosa poética de sua autoria narrando esses mitos. Maria Martins, além de artista e escritora, publicou os livros *Ásia Maior: o planeta China* (1958) e *Ásia Maior: Brama Gandhi e Nehru* (1961), com relatos de suas viagens à China e à Índia, além de uma biografia intelectual de Nietzsche em *Deuses Malditos I: Nietzsche*, de 1965. A *Amazônia* de Maria Martins fala imagens da “mais velha humanidade” numa terra de sobrevivências de formas metamórficas e de cruzamentos entre corpos humanos e animais aquáticos. No encontro da mulher com serpente, na cobra que vira gente e que vira embarcação, num corpo feminino formando cobra com inúmeras bocas cravadas das quais soam voz medonha, corpos vegetalizados estruturam morfológicamente um senso da vida cosmológico. Meu interesse é discutir como essa corporeidade plena de pathos parece nascida da raiva e de uma vingança histórica contra um certo corpo. E como a multiplicidade de acenos das formas de vida, de transformações corporais, cores, sons e atmosferas (águas

perfumadas, horas líquidas, ar de carícias, canto de sereias) apontam para um reflorestamento da voz poética nessa geohistória do Brasil, fazendo ecoar no território desconstruções identitárias e a ruinosa modernidade num suposto vazio territorial da nação (Foot Hardman: Trem fantasma: a modernidade na selva e Raúl Antelo: “Genealogia do vazio”). Também gostaria de discutir a Maria Martins nessa constelação de um “antimodernismo” que expande as “fronteiras informes do moderno” no Brasil, a partir do que Raúl Antelo denomina “apreensão protoantropofágica da cultura brasileira”, bem como me aproximar desse filtro do “cosmopolitismo do pobre” por Silviano Santiago, para rearticular a presente Amazônia de Maria Martins perante a historicidade de decisivas expansões do mercado da borracha nesse período de segunda guerra mundial e a consideração do valor histórico da arte, seu caráter etnográfico e de documento para além do confinamento estético.

Palavras-chave: Amazônia, metamorfoses, Maria Martins, etnografia

A selva, esqueleto da vida: uma leitura dos *Diários amazônicos* de Flávio de Carvalho (1958) desde um “perspectivismo” contemporâneo.

LUZ HORNE (UNIVERSIDAD DE SAN ANDRES)

Resumo: Em 1958, FDC –engenheiro, arquiteto, pintor, ensaísta, e ativista cultural- realiza uma expedição ao Amazonas que seria -segundo suas intenções- a quarta “experiência” de uma série que procurava quebrantar certos parâmetros fixos da cultura ocidental. A expedição involucrou a rodagem de um filme –que se transformou num escândalo mediático- e resultou num manuscrito inédito: “Os Diários Amazônicos”. Neste ensaio, pretendo analisar “Os Diários...” em relação a outros escritos de sua autoria, principalmente ao livro de viagens *Os ossos do mundo* (1932); à série de escritos titulada “Os gatos de Roma/Notas para a reconstrução de um mundo perdido” -publicados no *Diário de São Paulo* em 1957-8-; e à seu texto-manifesto “A cidade do homem nu”(1930), onde ele proclama a nudez como um critério necessário para a cidade futura. Analisarei a concepção da selva amazônica, do índio e do primitivo na sua teoria propondo que nela se acha um projeto

alternativo ao projeto modernista canônico. A perspectiva arqueológica que guia seu pensamento produz um quebre na temporalidade cronológica (seja histórica ou biográfica) e, portanto, na ideia de progresso e de evolução histórica. A pesquisa se fara à luz de teorias atuais sobre a selva e a natureza e do conceito de “perspectivismo ameríndio” de Eduardo Viveiros de Castro. Alguns dos problemas chaves que se trabalharão são: mudanças na relação entre natureza, vida e humanidade e diferentes ideias de humanismo; a relação entre a cidade e a selva e diferentes projetos modernizadores; a colonização do tempo; o lugar da materialidade (ruínas, coleção e acumulação).

Palavras-chave: Flávio de Carvalho, Diários Amazônicos, Perspectivismo ameríndio

Concertos infernais no paraíso perdido. Literatura, paisagem sonora e ecoaustica na amazonia

LUCA BACCHINI (PESQUISADOR INDEPENDENTE)

Resumo: A ideia de que a natureza seja silenciosa é uma ilusão da vida moderna. De fato, como explica Jacques Attali, “somente onde há morte, encontra-se o silêncio”. Qualquer paisagem, inclusive a mais incontaminada, remota e selvagem, pode produzir sons invasivos e perturbadores como os que atravessam a mais moderna e caótica das cidades contemporâneas. Desde as crônicas dos primeiros exploradores, a Amazônia foi sempre descrita como um lugar extremamente rico de sonoridades, capaz de seduzir com melodias harmoniosas e paradisíacas mas também de apavorar com barulhos estarrecedores e infernais. Tal contradição pode ser atribuída à diferente capacidade de escuta dos narradores. Segundo Murray Schafer, a percepção de um som depende principalmente do seu conhecimento pois “conseguimos ouvir apenas o que sabemos nomear”. Na floresta, onde a maioria dos sons são inéditos ou desconhecidos para quem os descreve, o significado da paisagem sonora será determinado principalmente pelas expectativas e pelos desejos: o mesmo barulho, por exemplo, poderá seduzir o aventureiro em busca de riqueza ou, ao contrário, amedrontar o seringueiro escravo

da extração da borracha. Contudo, é também possível examinar as sonoridades da Amazônia no plano diacrônico e imaginar que elas tenham evoluído ao longo do tempo em função das transformações do contexto político, econômico e social. Colocando essa perspectiva numa direção mais psicanalítica, podemos interpretar os sons e barulhos como uma espécie de manifestação do inconsciente da história onde encontram expressão os sonhos e as tragédias mais profundas que caracterizaram as várias épocas vividas pela Amazônia: o mito do eldorado, o genocídio das populações indígenas, o boom da borracha, o drama dos seringueiros, a utopia de progresso, a questão ambiental, etc. Além de oferecer um ponto de vista privilegiado para compreender o passado e o presente da Amazônia, as sonoridades são também ricas de informações e sugestões para refletir sobre o futuro. “Escutando os sons de cada época, será possível compreender melhor para onde anda a loucura dos homens e quais esperanças são ainda possíveis”, avisa Attali. Em que maneira a paisagem sonora da floresta testemunha as repetidas e trágicas tentativas de modernização? Quais barulhos foram gradativamente introduzidos pela civilização? O que acontece quando uma sonoridade conhecida é ouvida num ambiente desconhecido? Até que ponto é ainda possível pensar na existência de sons “naturais” e “primitivos” contrapostos a sons “artificiais” e “modernos”? Quais sonoridades foram associadas às comunidades indígenas? Como evoluiu o significado do silêncio? Para responder a essas perguntas e ilustrar a complexidade da paisagem sonora amazônica, pretendo focar a atenção em alguns exemplos selecionados no âmbito da literatura brasileira dos séculos XIX e XX. Entre as obras analisadas estão *Cenas de vida amazônica* (1886) de José Veríssimo (1895), *O missionário* (1891) e *os Contos amazônicos* (1893) de Inglês de Souza, *O paroara* (1899) de Rodolfo Teófilo, *À margem da história* (1909) de Euclides da Cunha, *Inferno verde* (1908) e *Sombras n’água* (1913) de Alberto Rangel, *Terra imatura* (1923) de Alfredo Ladislau e *Mad Maria* (1980) de Márcio Souza.

Palavras-chave: Amazônia, paisagem sonora, ecoacústica, literatura do séc. XIX e XX

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Transformadores-transformados: proyectos de colonización en el espacio Amazónico, siglos XVI al XVIII

DIEGO FABIÁN ARÉVALO VIVEROS (UNIVERSITY OF CALIFORNIA)

Resumo: Transformadores-transformados: proyectos de colonización en el espacio Amazónico, siglos XVI al XVIII. Eduardo Kohn, en su libro *How Forest Think* explica una de las funciones del llamado pensamiento vivo: en la selva Amazónica (particularmente en Ávila) todos los seres (en especial los no humanos) son semióticos y en cuanto tales, son inteligentes o para decirlo de otra manera, son seres que se pueden relacionar con otros seres y también con el medio ambiente mediante contactos, encuentros, relaciones complejas de las que todos dependen para afirmar su vida. En este sentido, para Kohn, la Amazonía es una zona muy densa semióticamente hablando, debido a la infinidad de relaciones que ahí se presentan. Es importante entender que esta inteligencia no humana o modo de pensamiento no humano, no necesariamente es racional o lingüístico sino relacional, semiótico. Precisamente, partiendo de esta idea de Kohn, lo que me interesa pensar en esta ponencia es la relación que se entabla en el espacio amazónico entre estos seres e inteligencias amazónicas de las que habla Kohn, pero ya no sólo entre ellos (entre hormigas, murciélagos, árboles, pájaros) sino la relación que se produce entre este pensamiento vivo y los proyectos coloniales llevados a cabo tanto por misioneros, exploradores, viajeros europeos de los siglos XVI, XVII con mención al siglo XVIII. En otras palabras, lo que quiero pensar en esta presentación es la semiosis (las relaciones), que se producen cuando los proyectos coloniales entran en contacto con el espacio amazónico, caracterizado por Kohn como un espacio de diversas inteligencias, humanas y no humanas. ¿Qué semiosis se produce cuando los misioneros franciscanos

del Alto Amazonas, en el Putumayo, Colombia, se dan cuenta que el queso se pudre con una facilidad única, o cuando Francisco de Requena encuentra una biblioteca en medio del Amazonas llena de ratones y los libros regados por el suelo? ¿Cómo leer estos agrupamientos y qué formas, relaciones, contactos podemos reconocer cuando estos agrupamientos entre intervenciones coloniales y formas de vida amazónica ocurren? Frente a estas preguntas mi propuesta es la siguiente: las intervenciones y proyectos coloniales en el Amazonas enfrentan lo que Manuel de Landa llama, bifurcación o el evento mediante el cual un sistema entra en una etapa de fluctuaciones. Precisamente, propongo que cuando los proyectos coloniales entran en contacto con el espacio amazónico se produce una semiosis de bifurcación. Es decir, los agrupamientos que se forman cuando lo colonial entra en relación con las vitalidades humanas y no humanas del Amazonas suponen una relación en la que lo colonial entra en una zona muy dinámica de transformación. Muchos de los proyectos coloniales fluctúan, se bifurcan, se modifican y en algunos casos, entran en un proceso de dispersión y descomposición. Los agrupamientos que se forman en este cruce entre lo colonial y lo amazónico, conducen a relaciones inesperadas, transformaciones precipitadas, modificaciones radicales. Pretendo revisar esto en diversos documentos escritos, como dije, durante los siglos XVI al XVIII.

Palavras-chave: Agrupamientos, Coloniales, No-humanos, Transformación

The Lost Word ou de como perdi minha Amazônia: contraponto ao discurso rousseauniano na constituição da imagem do indígena amazônico

FÁBIO ALMEIDA DE CARVALHO (UFRR)

Resumo: Esta discussão não é recente, na verdade é uma discussão que encontra ecos nas ruínas das cidades perdidas, das civilizações perdidas, nas aventuras de quase todos os aventureiros e viajantes

que passaram pelo solo amazônica. Ela está, via de regra, também nas discussões políticas travadas nos mercados, pelos homens de vida não acadêmica e pelos próprios indígenas urbanos, quando cuidam de se lembrar de sua ancestralidade. Nas comunidades indígenas constituídas, institucionalizadas, históricas, ela se apresenta às vezes em tom de resgate, às vezes em tom de nostalgia, em outras em tom de desprezo pela “gíria” (como são designadas pejorativamente as línguas indígenas) e de tudo o que ela resgata e que já teve de antigo e anti-cristão. Do fundo do mato virgem, de uma Amazônia perdida na bruma dos tempos e do desconhecido, ou no recôndito de suas montanhas, de seus “tepui”, Makunaima inunda o mundo com os frutos da árvore Wasaka, deixando à mostra, na terra lavada, os dinossauros e criaturas exóticas que Conan Doyle plantou e que o imaginário incorporou à película e às possibilidades. Para muitos, essa terra de gentes desnudas e ingênuas, cujas vergonhas se mostram ao estrangeiro em festa, bem que poderia ter permanecido entre dinossauros e velhas tradições em ruínas. Trocando em miúdos, Rousseau prevalece naquilo que seu bom selvagem tinha de mais cândido, qual seja, a capacidade de estimular no público o desejo de que sua suposta forma própria de ser pudesse permanecer para além de sua própria permanência. Mas, onde esse índio, que descera de uma estrela colorida e brilhante, como um Muhamed Ali, poderia ser um feliz amigo da onça, senão no imaginário de quem não crê na santíssima trindade do capital, do mercado e do bicho-máquina como entidades do inevitável? Essa comunicação pretende discutir a relação entre as formas de atualização do new-rousseauunismo e as contingências da realidade enquanto elementos constitutivos de uma certa imagem do indígena na literatura.

Palavras-chave: Literatura e Amazônia, Makunaima, Índio e Bom selvagem

Pluriamazônia: debates em torno de literatura e geopolítica

ALLISON MARCOS LEÃO DA SILVA (UEA)

Resumo: Esta intervenção visa levantar algumas questões relativas à (im)possibilidade da existência de um quadro literário a que se possa chamar, de forma geral, amazônico, ou pan-amazônico, conforme tem sido comum nomear recentemente entre os estudiosos do tema na região. Trata-se de uma nomenclatura utilizada com cada vez mais frequência no ambiente acadêmico do Norte brasileiro, o que se nota pelas diversas proposições de simpósios nos últimos encontros de importantes associações científicas da área, como é o caso da ABRALIC. Além disso, novas cátedras intituladas “Literatura Pan-amazônica” têm se estabelecido nos cursos de Letras, em algumas universidades da região. É um problema iminentemente comparatista, e assim deverá ser nossa abordagem. O comparatismo pode ampliar e aprofundar o debate, buscando compreender variáveis importantes da questão, entre as quais se destacam: a dinâmica entre o nacional e o internacional (uma vez que, em termos geográficos, a Pan-Amazônia ultrapassa limites nacionais); o caráter linguístico complexo; os componentes de sua poética; além de elementos decisivos como a história, a política, o mercado e a cultura, entre outros.

Palavras-chave: Amazônia, Literatura comparada, Geopolítica

O caminho da última fronteira: imaginação geográfica e pesquisa científica na região dos rios Negro, Branco e seus afluentes

PATRICIA MARINHO ARANHA (UFRJ)

Resumo: O objetivo do trabalho proposto é analisar o caminho entre os rios Negro e Branco, como ele foi percorrido e a maneira pela qual foi retratado historicamente, tendo como ponto de inflexão as viagens do geógrafo francês Francis Ruellan nos anos 1950. A escolha por privilegiar as expedições capitaneadas pelo geógrafo Francis Ruellan residem no fato de que elas representam uma virada na tomada de poder sobre a região, o Estado brasileiro voltava para ela seus olhos estratégicos e

geográficos. Unindo uma intrincada rede de instituições: a Universidade do Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, e também o internacional Instituto Panamericano de Geografia e História, conjugadas num esforço para a construção de conhecimento sobre a região e criação de um plano de desenvolvimento e integração, proposto a partir das pesquisas em campo. Esta região, a do Território do Rio Branco, possui um grande histórico de viagens e levantamentos realizados desde a época colonial, para fins de comércio com os vizinhos holandeses e ingleses ou à procura das chamadas drogas do sertão. Desde o século XVIII, quando a rota foi percorrida pela primeira vez, até a segunda metade do século XX, a região é descrita de diferentes maneiras por botânicos, geólogos, sanitaristas e militares: selvática, rica, doente, distante... muitos são os adjetivos utilizados para compreendê-la, contudo, o que perpassa todos estes discursos é a vontade de conhecimento, de integração, de sua “descoberta”. A cada viagem um novo olhar foi lançado para a “última fronteira do Brasil”, tais metáforas como: “última fronteira”, “sertão”, ou ainda “inferno verde” para se referir à floresta amazônica, têm um duplo sentido, um dado de literalidade, um lugar no mapa, na representação mesmo do real e um significado cultural que transcende o próprio lugar. O dado espacial se transfigura então num índice para entender o imaginário que vem a reboque dele mesmo. Da mesma forma, este índice cultural não é somente uma mistura de realidade e ficção, ele próprio produz uma visão, produz realidade na medida em que se cristaliza no imaginário sobre o local Minha proposta é lançar aqui um questionamento sobre as camadas de subjetividade que separam estas representações do real da realidade per se; analisando as construções da fronteira, a sua mobilidade com o passar do tempo e as definições representativas deste inter-lugar. Para compreender este processo, proponho uma análise dos trabalhos realizados por viajantes que dedicaram-se a percorrer estes rios, encarando-os como uma estrada, uma via que permitiria ou não a exploração e ocupação do noroeste do

país. Tencionando assim, reconstituir como a idéia de descoberta da “última fronteira” foi sendo mobilizada historicamente por diferentes atores através de uma análise cruzada, investigando o material original da obra de Ruellan e das expedições que o precederam.

Palavras-chave: imaginação geográfica, fronteira, Amazônia, rios



ARQUIVOS, FONTES PRIMÁRIAS E PERIÓDICOS

Mauro Nicola Póvoas (FURG)

Alvaro Santos Simões Junior (UNESP/Assis)

Resumo: O simpósio pretende discutir, tendo em vista os conceitos fornecidos pela Teoria da História da Literatura, os arquivos, as fontes primárias e os periódicos. Pensar os estudos literários a partir de bibliotecas, primeiras edições, manuscritos, jornais, revistas e almanaques é a proposta do grupo, tendo por objetivo a valorização da materialidade da literatura e a reavaliação de textos e autores que, muitas vezes, não pertencem ao cânone de determinado sistema literário. A proposta apoia-se em tópicos teóricos como os de rastro, fonte primária e cânone. Por meio do rastro, noção registrada por Paul Ricoeur, pode-se estabelecer um elo entre o passado e o presente, entre o que já foi e o que pode ser dito, hoje, desse pretérito. Para Ricoeur, o depósito de documentos, ação de aparente inocência ideológica, mascara uma operação que pode estar crivada de discriminação: por que este e não aquele documento foi preservado? Nesse sentido, o documento se assemelha ao monumento, duas formas de resgate do passado que em geral são vistas de forma discordante. O filósofo francês aponta que um primeiro significado, mais específico, para “rastro” seria: “vestígio que um homem ou um animal deixou no lugar em que passou”; depois, num segundo momento, concede à palavra outro sentido, mais geral: “toda marca deixada por uma coisa”. Se o rastro é visto como vestígio, deve-se levar em conta que ele existe porque antes um homem ou um animal agiu num determinado espaço, sendo essa marca o convite ao pesquisador para que se direcione ao homem ou ao animal que porventura tenha transitado por ali. Ana

Luiza Martins, por sua vez, diz que os periódicos, ao mesmo tempo em que são objeto de análise de um determinado estudo, são também fonte, o que permite que se reconstrua a história a partir de uma série periódica, ao lado de outras fontes documentais. Os periódicos são uma fonte preferencial para pesquisas de vários tipos, sobretudo por documentar o passado por meio de textos, publicidade ou iconografia, os quais evocam em seu conjunto, de imediato, o quadro histórico em que se pretende transitar. Contudo, o trabalho com o periodismo deve dar-se a partir da efetiva inserção das folhas em seu tempo, em um trabalho que não peque por ignorar as condições de vigência de jornais e revistas em sua época, sob pena de que as fontes, de luz para esclarecer pontos obscuros, transformem-se em cilada documental. A autora ainda esclarece que os juízos exarados pela fonte periódica podem ser capciosos, caso não sejam devidamente contextualizados, já que a pertinência desse gênero de impresso como testemunho do período é válida somente se forem levadas em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador e, sobretudo, da natureza dos capitais nele envolvidos. Sobre o cânone, por fim, alinhavam-se as considerações de Wendell V. Harris. Se, para muitos, o cânone deve seguir, na sua constituição, somente critérios estéticos, sem valorizar aspectos ideológicos, políticos ou culturais, Harris relativiza o tema ao pensar não mais em cânone, no singular, mas sim na possibilidade da existência de vários cânones, no plural. O autor levanta vários questionamentos em torno do tema, procurando desmitificar alguns conceitos que o norteiam. Harris contesta, por exemplo, o caráter de autoridade única e indiscutível que reveste o cânone literário, herança de uma inapropriada aproximação com o cânone religioso – formado pelos livros aceitos pela Igreja, que vieram a compor a Bíblia. Não por outro motivo, ao invés de um cânone somente, Harris trabalha, a partir de Altastair Fowler, com a hipótese da existência de vários tipos de cânones, cada um deles atendendo a aspectos que serão substituídos por outros na primeira oportunidade em que se fizer necessária a mudança – até porque a história da literatura,

por ser temporal e lacunar, nunca dá conta de todas as manifestações que a ela importam. Assim, por ser tema constantemente trabalhado nos Programas de Pós-Graduação em Letras do Brasil, justifica-se a proposta do simpósio, que pretende aglutinar em torno de si um grupo de professores e pós-graduandos que há alguns anos vem se encontrando e trocando experiências em eventos no país e no exterior. O simpósio é uma repetição de proposta feita no XIV Encontro da ABRALIC, na UERJ, em 2016, com um bom número de comunicações inscritas, suscitando um debate bastante profícuo em torno dos temas propostos.

Palavras-chave: Arquivos, Fontes primárias, Periódicos, Acervos

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

L'Assommoir e Germinal, de Émile Zola, na imprensa brasileira

EDUARDA ARAÚJO DA SILVA MARTINS (UERJ)

Resumo: O escritor Émile Zola (1840-1902) se tornou paulatinamente conhecido na França por sua colaboração em periódicos em defesa da literatura naturalista, por suas posições políticas e, sobretudo, por sua vasta produção literária, publicada em grande parte nos jornais. Escreveu, entre os anos de 1871 e 1893, a sua série mais célebre, “*Les Rougon-Macquart*”, contendo em vinte volumes a “história natural e social de uma família sob Segundo Império”, em que tentava dar conta da história de um período político importante da França, através da análise das lutas internas de uma família. As publicações de seus romances e artigos lhe concederam o lugar de porta-voz de novas aspirações sociais e estéticas (BECKER, 1998) e lhe renderam reconhecimento no campo literário francês e internacional. Zola foi lido e traduzido mundialmente, tornando-se elemento fundamental do fenômeno de globalização da cultura (CASANOVA, 1999), na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX. O Brasil, como país integrante do

eixo transatlântico de circulação dos impressos (ABREU, 2011), leu sua literatura e acompanhou sua carreira e vida, marcadas também por sua intervenção no campo político, através do mundialmente conhecido Caso Dreyfus. Nas Províncias do Império (transformadas em Estados desde 1889) situadas hoje nas regiões Norte e Nordeste, por exemplo, nossa pesquisa identificou, por busca exploratória em periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, a circulação de romances de Zola em folhetins e anúncios de livros. Encontramos à venda todos os vinte livros do ciclo dos “Rougon-Macquart” nessas regiões do país, sugerindo, portanto, que sua obra também circulava e era lida fora do âmbito da capital do Império e da República, pois havia uma demanda nesse sentido. O escritor foi, no entanto, alvo constante das críticas de seus pares, principalmente no início de sua carreira. Nesse sentido, podem-se destacar dois momentos que chamam a atenção quanto à recepção de seus romances na imprensa. O primeiro, quando sofre fortes ataques da crítica após a publicação de “L’Assommoir” (1876), romance de escândalo que retrata de maneira crua a vida da classe operária em Paris. O segundo, quando ganha reconhecimento da crítica francesa (PAGÈS, 1989), com a publicação de “Germinal” (1885), que retrata a vida dos operários mineiros no Norte da França. Pretendemos retratar parte da trajetória (BOURDIEU, 1996) do escritor através da análise das referências a estes dois romances, encontradas na imprensa brasileira, a fim de identificar de que modo se dá sua aquisição de capital simbólico (BOURDIEU, 1996), isto é, como o escritor, com o avançar de sua carreira, adquire reconhecimento e aceitação por parte da crítica. Com este objetivo, e na perspectiva transnacional indicada acima, adotamos igualmente o conceito de transferência cultural (ESPAGNE, 2012), que trata dos contextos de surgimento e de recepção da obra literária. O trabalho a ser apresentado pretende, portanto, expor parte dos resultados da pesquisa cujo objetivo é identificar como se deu a recepção crítica dessas duas obras de Émile Zola em periódicos no Brasil.

Palavras-chave: Émile Zola, L’Assommoir, Germinal, imprensa brasileira

José Joaquim de Campos Leão Qorpo-Santo em seu tempo: uma breve apresentação do contexto cultural de Porto Alegre no século XIX

MARIA CLARA GONÇALVES (UNICAMP)

Resumo: José Joaquim de Campos Leão (1829-1883) escreveu uma dramaturgia de difusa classificação, visto que os elementos cômicos utilizados pelo escritor foram analisados, durante anos, sob a ótica de tendências teatrais modernas. Com a finalidade de entender o teatro de Qorpo-Santo mais alinhado ao seu contexto, realizou-se uma pesquisa em jornais de Porto Alegre do século XIX entre os anos de 1851 e 1877 que continham informações sobre os hábitos da sociedade do período, além de anúncios de espetáculos apresentados na capital gaúcha. A pesquisa em fonte primária permitiu ampliar o olhar sobre as práticas teatrais recorrentes em Porto Alegre no século XIX e, consequentemente, a consonância entre tais atividades e o teatro produzido por Qorpo-Santo. Dessa maneira, a presente comunicação visa apresentar o diálogo estabelecido entre os dados históricos presentes nos periódicos gaúchos oitocentistas e a dramaturgia qorpo-santense, demonstrando como tal conexão amplia a perspectiva analítica do singular escritor.

Palavras-chave: Qorpo-Santo, teatro brasileiro do século XIX, periódicos gaúchos

Alguns indícios em torno da recepção crítica do romance *Sonhos d’ouro* (1872), de José de Alencar, nas páginas da imprensa fluminense

PRISCILA SALVAIA (UNICAMP)

Resumo: Em fins de junho de 1872, temporariamente destituído de suas funções políticas, José de Alencar cumpriria mais um contrato estabelecido com a Editora Garnier e, sob o pseudônimo Sênio, o livro *Sonhos d’ouro* seria publicado naquele mesmo ano. O enredo de *Sonhos d’ouro* gira em torno da bela Guida, a filha de Soares, um rico conhecido por sua habilidade nas artes de fazer fortuna. Ao redor da moça caprichosa, figuram dois amigos bastante diversos: de um lado, o amoral Fábio, e do outro, o digno Ricardo. Ambos

seriam meros bacharéis em inícios de carreira, mas Fábio não mediria esforços para ascender socialmente, enquanto que Ricardo, imbuído de imaculados princípios morais, dedicava-se de corpo e alma aos estudos e ao trabalho honesto. Porém, não seria por consequência de seus méritos de estudante e trabalhador disciplinado que a recompensa viria, mas sim por meio de seu casamento com Guida. Ou seja, apesar do teor econômico/liberal que move toda a trama, o final feliz parecia reafirmar apenas o sentimento amoroso surgido entre o casal. E esse tem sido o mote dos estudos em torno deste texto alencarino. Há várias questões sobre o enredo que carecem de maiores esclarecimentos e estudos interpretativos, até mesmo porque, em detrimento do romance em si, o prefácio que o antecede é que sempre foi alvo de maiores especulações por parte da crítica especializada. Igualmente assinado por Sênio, o texto “Benção Paterna” traz uma importante reflexão sobre as complexidades que cercavam a concepção e a recepção do romance nos últimos decênios do século XIX. Por isso, investigar os possíveis sentidos desse debate, atrelando “Benção Paterna” ao romance *Sonhos d’ouro*, configura-se como uma premissa importante em nossa pesquisa de doutoramento que segue em curso - (Processo FAPESP 2015/15.400-0). Nesta comunicação, pretendo apresentar alguns indícios em torno da recepção crítica de *Sonhos d’ouro* em meio à imprensa da época. Nas páginas dos jornais (especificamente no *Diário do Rio de Janeiro*), pudemos constatar um profícuo debate acerca de questões inspiradas pela obra, tais como a presença do elemento estrangeiro no romance; o tema do dinheiro e da ambição social num contexto marcado pela emergência de um liberalismo que, em teoria, seria capaz de garantir a mobilidade entre as classes; ou a temática da moralidade e das expectativas a respeito do gosto do(a)s leitor(a)s das narrativas folhetinescas. Enfim, questões suscitadas - quiçá, induzidas - pelo narrador-personagem caracterizado pela senilidade, e que reverberaram nos meios da época.

Palavras-chave: Folhetim, imprensa, crítica literária, romance

O romance histórico e a ficcionalização da cultura popular em *As minas de prata*: a prosa de caráter histórico mais verdadeira que a História?

RAFAELA MENDES MANO SANCHES (UNICAMP)

Resumo: A presente comunicação analisa o romance *As Minas de Prata*, de José de Alencar, a partir da recepção crítica do romance histórico junto aos letrados e romancistas dos oitocentos, atentando-se sobretudo a questões relativas à incorporação da cultura popular a esse gênero. Investigaremos, pois, a perspectiva de Alencar sobre a obra histórico-ficcional e os elementos que compõem a estrutura da sua narrativa, em contato com as discussões entre história, ficção e tradição popular que marca o período estudado. Em meados do século XIX, os modelos estético-literários são repensados e atualizados de acordo com a sensibilidade desse momento e, neste ponto, o romance histórico desponta por sua composição híbrida, ora se aproximando de narrativas documentadas ora de ingredientes inventivos e, em diferente teor, suscita distintas intenções ficcionais. As tarefas atribuídas a essa narrativa histórico-literária, bem como seu estilo, descrições e, sobretudo, sua aceção de historicidade tematizam as discussões e reflexões dos letrados, que tentam compreender a nova estética e suas qualidades inovadoras. Conforme postulam as discussões perpetradas por escritores dos oitocentos preocupados com a representação histórica no século XIX, a ficção histórica frequentemente é entendida como um meio privilegiado de captar o “gênio do povo”, aliás, a estrutura híbrida dessa prosa forneceria combustível à ficcionalização da entidade coletiva e, por conceder mais força à dimensão popular, é considerada, nesse contexto, inclusive, mais “viva” que a História. Sob esses postulados, tanto José de Alencar quanto outros romancistas assumiriam-se como tão ou mais aptos que os historiadores para revelar “a história e suas verdades”. Provavelmente, a segurança de seus argumentos encontra amparo na capacidade que a ficção, supostamente, possui de sintonizar-se mais intimamente com as matrizes populares que o discurso oficial da historiografia. Assim, para

os homens de letras, a chamada tradição popular permite o toque fabulatório sobre o pano da história objetiva, visto que aproveita do mesmo elemento da literatura - o verossímil, e preenche as lacunas históricas com a invenção artística. Com efeito, os escritores de romance histórico contemporâneos a José de Alencar defendem que essa prosa ficcional, enquanto expressão do manancial folclórico do país, captaria uma verdade mais profunda sob os influxos da representação identitária. Ora, o empenho por nacionalizar a literatura via representação popular insere-se num debate mais amplo, promovido em diferentes espaços, cujas discussões tocam na estética do romance histórico e no papel da cultura popular na composição desse gênero, que está imbricado com os princípios que demarcam o horizonte identitário do Brasil nos oitocentos. Sensível à literatura de sua época, Alencar apreende o espírito de um povo, e incorre num campo de disputa com a História. Nossa proposta é estudar a recepção do romance histórico na imprensa, em diálogo com o interesse pela tradição popular nos oitocentos, analisando suas aproximações com a narrativa alencariana.

Palavras-chave: romance histórico, cultura popular, identidade nacional, recepção crítica

Mediação, midiatização: *Sœur Philomène* (1861), dos irmãos Goncourt, na imprensa oitocentista

ZADIG MARIANO FIGUEIRA GAMA (UFRJ)

Resumo: Em pesquisa exploratória realizada na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional foi possível reunir informações acerca da circulação e recepção da obra de Edmond (1822-1896) e Jules (1830-1870) de Goncourt, escritores franceses que integraram, ao lado de Émile Zola (1840-1902), Alphonse Daudet (1840-1897) Guy de Maupassant (1850-1893), entre outros, o grupo de escritores ditos naturalistas. Dentre os romances escritos pelos irmãos Goncourt, aquele que se destaca no campo literário brasileiro é *Sœur Philomène* (1861), tanto por ter integrado uma coleção de livros populares quanto por ter

sido publicado, traduzido, na seção folhetim de dois jornais. Este fato fez com que voltássemos a atenção para a sua circulação e recepção também na França: ampliamos, assim, o escopo da investigação, recorrendo ao acervo de periódicos digitalizados da Biblioteca Nacional da França (Gallica). Destacam-se, nas informações obtidas nas fontes primárias, três momentos na circulação e recepção de *Sœur Philomène*. O primeiro deles diz respeito à sua primeira edição, na França, em março de 1861, pela editora de Achille Bourdilliat (1812-1882), cuja falência provavelmente determinou, à época, sua ausência no campo literário brasileiro. O segundo momento compreende duas novas edições, uma em 1875, pela editora de Alphonse Lemerre (1838-1912), conhecido por ter lançado inúmeros poetas parnasianos; e outra no ano seguinte, em 1876, pela editora de Georges Charpentier (1846-1905), juntamente com outros títulos dos mesmos autores, integrando o catálogo da principal editora dos romances naturalistas. O terceiro momento é aquele no qual o romance *Sœur Philomène* alcança maior projeção, sendo adaptado para o teatro e representado pela trupe de André Antoine (1858-1943) na estreia da segunda temporada do Théâtre Libre, na França, em 1887. No Brasil, esse romance circulou sobretudo traduzido – na seção folhetim do *Jornal do Commercio*, em 1891, na Coleção Econômica da editora Laemmert, em 1895, e na seção folhetim do *Correio de Minas*, em 1897 –, fazendo-se notar também em críticas e anúncios de venda de livro. Com base nas informações encontradas nas fontes primárias e, evidentemente, considerando suas condições de circulação, propomo-nos a apontar que valores estéticos e traços estilísticos foram destacados e/ou atribuídos pela imprensa a esse romance e quais foram as diferentes tomadas de posição dos mediadores culturais para sua promoção. Orientamo-nos, para alcançar tal objetivo, por uma abordagem sociodiscursiva proposta por estudiosos da literatura, da imprensa e da linguagem, na qual se integram os conceitos e noções de transferência cultural e de mediador cultural (ESPAGNE, 1999), de trajetória e de campo literário

(BOURDIEU, 1992, 1994) e de tribo, de posicionamento enunciativo e cena da enunciação (MAINGUENEAU, 2004). Para esta comunicação, visamos colocar em perspectiva a rede de relações que existiu entre as instâncias que viabilizaram a circulação de *Sœur Philomène* na França e no Brasil, desde a sua primeira impressão, em 1861, até 1914, com o fim do longo século XIX (HOBBSAWM, 1962), bem como das sucessivas manifestações de estima afiançadas pela crítica, a fim de reconstituir parte da historiografia literária que concerne a esse romance.

Palavras-chave: Irmãos Goncourt, *Soeur Philomène*, Imprensa francesa, Imprensa brasileira

O folhetim e a recepção crítica: o caso de *A Mortalha de Aluíso Azevedo*

SABRINA BALTOR DE OLIVEIRA (UERJ)

Resumo: *A Mortalha de Alzíra* é um romance publicado primeiramente em folhetim no jornal *Gazeta de Notícias*, de 13 de fevereiro a 24 de março de 1891. Na publicação periódica, a obra era assinada por Victor Leal, pseudônimo usado não só por Aluíso Azevedo, mas por outros escritores como Olavo Bilac, Pardal Mallet, Coelho Neto, para publicar romances mais ao gosto popular. Aluíso Azevedo assumiu a autoria de *A Mortalha de Alzíra* apenas no prefácio da primeira edição da obra em volume pela editora Fauchon & Cie, em 1893. Em diversos textos, cartas e, inclusive, no meio de publicações literárias, Aluíso costuma queixar-se da disparidade entre o gosto do público leitor brasileiro do século XIX e o da crítica literária. Denuncia a posição difícil do escritor que procura uma forma quase impossível de agradar a gregos e troianos, ou seja, ao leitor e ao crítico. Buscamos, neste estudo, acompanhar a recepção crítica do romance *A Mortalha de Alzíra*, desde sua publicação em jornal até os mais recentes estudos sobre a obra azevediana. A relação entre a obra publicada no periódico no formato folhetim e a crítica literária sempre foi conturbada. Considerada menor, muitas vezes é ignorada por nossos críticos. Durante muitos anos, a obra azevediana

foi separada em “romances naturalistas”, dignos de estudo e análise, e obras “folhetinescas fantasiosas”, escritas para agradar ao público leitor, vender jornal e prover o sustento do escritor. A pena de nossos maiores críticos não trabalhou muito a respeito destes romances de rodapé vistos como menores, ignorando ou fingindo ignorar a gênese quase idêntica dos famosos romances naturalistas e dos outros romances de Aluíso não merecedores do mesmo rótulo e do mesmo crédito: a inspiração num *fait divers* da época e a primeira publicação em periódicos. Ana Gomes Porto, em estudos mais recentes sobre a relação da obra azevediana e a imprensa, mostra as inúmeras semelhanças entre *Mistério da Tijuca* e *Casa de Pensão*, embora o primeiro seja visto como um romance popular de mistério e aventura e o segundo, como um dos grandes ícones do Naturalismo brasileiro. O autor de *A Mortalha de Alzíra*, por muitas vezes, concluiu que sua missão, enquanto escritor, era educar o gosto do público leitor brasileiro, oferecendo-lhes o que gostavam: mistério, aventura e romance, sem deixar de introduzir aos poucos a verdade de um pensamento científico, a busca pela verdade e pelo desvendar da natureza humana. Aluíso definiu seu próprio romance como híbrido, na tentativa de agradar o leitor ainda romântico e não abrir mão de suas convicções literárias que se aproximavam da estética naturalista. Se todos seus romances tinham um objetivo em comum, de que forma se deu a separação nestes dois grupos: romances naturalistas e romances folhetinescos? É a partir da análise da recepção crítica de *A Mortalha de Alzíra* que buscaremos algumas pistas para responder a esse e outros questionamentos.

Palavras-chave: Folhetim, Recepção crítica, Aluíso Azevedo, *A Mortalha de Alzíra*

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Antecedentes e circunstâncias da publicação de *Evocações* (1899)

ALVARO SANTOS SIMÕES JUNIOR (UNESP)

Resumo: Baseia-se esta comunicação no levantamento de notícias, resenhas e artigos na imprensa carioca, nos anos de 1890 a 1893 e de 1898 a 1899, a respeito de Cruz e Sousa e sua obra literária. Pretende-se abordar os prováveis critérios de organização dessa obra póstuma, trazida à luz por esforços de Nestor Vítor e outros admiradores do chamado Dante Negro, e as circunstâncias peculiares em que foi produzida e distribuída para o público. Ao final, formula-se a hipótese, a ser confirmada em outro trabalho, de que tais circunstâncias afetaram singularmente a recepção inicial desse livro simbolista.

Palavras-chave: Cruz e Sousa, *Evocações*, Simbolismo, Periódicos

Divulgação e avaliação de romances em um periódico oitocentista

ANDRÉA CORREA PARAISO MÜLLER (UEPG)

Resumo: Quando se busca estudar a literatura do passado, é preciso sobretudo evitar os anacronismos. Um equívoco comum, que acometeu, por muito tempo, a história literária e teve consequências sobre o ensino de literatura nas escolas e universidades foi basear-se unicamente em critérios do presente do pesquisador para debruçar-se sobre textos do passado, ignorando a leitura que tais textos receberam quando de sua primeira publicação. Considerar a circulação e a recepção dos textos que se pretende tomar como objeto de estudo e conhecer os critérios que orientavam a leitura no período em que foram inicialmente divulgados contribui para uma compreensão mais apropriada de tais textos, bem como para uma visão mais ampla da literatura do passado, evitando, assim, os equívocos desencadeados por uma visão anacrônica. Tendo em conta tais considerações, o presente trabalho insere-se em uma

pesquisa maior, que toma a imprensa oitocentista como fonte primária para melhor compreender a leitura literária no Brasil do século XIX, particularmente o processo de consolidação do gênero romanesco no país. Tanto a publicação de romances e narrativas de ficção em prosa de maneira geral quanto a veiculação do debate crítico sobre o gênero fazem dos periódicos oitocentistas fontes relevantes para se conhecerem os critérios que nortearam a apreciação de textos literários, particularmente romances, ao longo do século XIX. Conhecer tais critérios é fundamental para compreender, por exemplo, as razões pelas quais determinadas obras eram valorizadas em detrimento de outras, bem como avaliar a importância de textos hoje desconhecidos ou considerados menores, entendendo por que foram tão apreciados pelo público ou pela crítica de seu tempo. Esta comunicação tem por objetivo analisar de que maneira dois dos principais parâmetros que balizavam as leituras críticas em meados do século XIX (a moral e a nacionalidade) estavam presentes ? tanto nas críticas veiculadas quanto na escolha dos textos ficcionais publicados ? na Revista Popular, importante periódico carioca que circulou de 1859 a 1862. Serão analisadas, de modo particular, as contradições entre a forte presença de romances estrangeiros, sobretudo franceses, e o desejo de consolidação e valorização de uma literatura nacional. A revista situa-se em um momento da leitura no Brasil em que a circulação de traduções de romances estrangeiros, especialmente franceses, era marcante, mas preocupava muitos homens de letras, que viam a ficção estrangeira como concorrência para as produções brasileiras. Trata-se de uma pesquisa de fontes primárias que se fundamenta em estudos da área de História da Leitura, entre os quais os de Abreu (2003; 2014), Chartier (2001), Darnton (1995; 1998), Jobim (2005) e Mollier (2008).

Palavras-chave: periódico, século XIX, romance, critérios

***Casa grande & senzala* e suas transformações observadas por estabelecimento de texto**

CARMEN DE FÁTIMA HENRIQUES DA MATTA (UERJ)

Resumo: Este estudo consiste em apresentar como se deu o processo de estabelecimento do texto clássico “Casa-Grande & Senzala”, de Gilberto Freyre, e parte do resultado do levantamento das transformações ocorridas, observadas por meio de confronto da primeira edição com a vigésima quinta, a última com a anuência do autor. A partir desse procedimento comparativo, pode-se perceber que, ao longo de mais de meio século, a obra sofreu inúmeras intervenções, reconstruindo-se em permanente diálogo, por meio de duas trajetórias: a do autor, que no decurso das reedições reviu fontes primárias, ampliou-as, incluiu novas fontes, complementou e suprimiu muitas delas; precisou diversos conceitos-chave, matizando posições peremptórias de primeira hora; operou revisões metodológicas, entre outros procedimentos de releituras; e a do texto em si, que foi sendo atualizado linguisticamente, atravessando algumas reformas do léxico, adequando-se a novas recepções. Os impactos de posições ideológicas dos intelectuais contemporâneos a Freyre refletiram também sobre o texto e os pré-textos, tornando os prefácios a cada reedição um verdadeiro palco de debates com a crítica, a recepção, os leitores. Muito significativo, nesse sentido, foi a retirada do prefácio da primeira edição, de autoria de Sérgio Buarque de Holanda: as divergências entre os dois ensaístas em relação ao processo sociocultural, as respostas que cada um apresentava para a compreensão das origens da configuração histórica da sociedade brasileira e ainda o papel do intelectual e suas vinculações levaram a uma ruptura que refletiu na história do texto. “Casa-Grande & Senzala” e suas reedições refletem a trajetória de um ensaísta que tomou sua primeira produção de impacto como uma referência para o próprio desenvolvimento como escritor. Toda a vasta produção do autor será, desse modo, uma extensão e um permanente diálogo com este texto fundador.

Palavras-chave: “Casa-Grande & Senzala”, estabelecimento de texto, fontes primárias, ensaio

Crítica textual e fontes primárias: considerações sobre a realização de uma edição crítica de *Papéis avulsos*, de Machado de Assis

CEILA MARIA FERREIRA BATISTA (UFF)

Resumo: Neste trabalho, iremos tecer algumas considerações sobre a edição crítica que estamos realizando no Laboratório de Ecdótica da UFF, Labec-UFF, da coletânea de contos intitulada Papéis Avulsos, obra da lavra de Machado de Assis, e publicada pela primeira vez em formato livro no ano de 1882. Tal edição está sendo realizada em colaboração com alunos e ex-alunos da Graduação e da Pós-Graduação da UFF e conta, no momento, com uma bolsa PIBIC-CNPq e duas bolsas de Desenvolvimento Acadêmico PROAES-UFF. Para realizarmos tal edição, ainda em processo de preparação, pesquisamos em arquivos e consultamos fontes primárias como edições, artigos em jornais e revistas literárias publicados no século XIX e início do XX, além de pesquisarmos também em dicionários não tão comumente consultados pelo público em geral nos dias de hoje. Dentro do tema proposto por nós, iremos tecer algumas considerações sobre variantes autorais e não-autorais encontradas no cotejo dos textos selecionados da tradição direta dos doze contos que formam Papéis Avulsos para a construção da edição crítica que estamos realizando. Apresentaremos também algumas observações sobre a adaptação - muito provavelmente feita por Machado de Assis - para a passagem do conto em periódico para o formato livro. Vale lembrar que trabalhamos e trabalharemos em constante observação da materialidade dos textos selecionados entre os que formam a tradição direta dos contos que integram Papéis Avulsos, a saber: “O Alienista”, “Teoria do Medalhão”, “A Chinela Turca”, “Na Arca”, “Dona Benedicta”, “O Segredo do Bonzo”, “O anel de Polycrates”, “O Empréstimo”, “A Sereníssima República”, “O Espelho”, “Uma Visita de Alcibiades”, “Verba Testamentária”. Continuamos a utilizar o conceito de Filologia entendida aqui como Crítica Textual ou o estudo da transmissão de textos e a restituição desses textos à última redação autoral a partir de fontes primárias ou a partir do estudo dessas fontes - sejam elas manuscritos ou periódicos -, pois trabalhamos com a Crítica

Textual Moderna, ou seja, aquela que trabalha com originais autorais e que, por conta disto, trabalha com arquivos e fontes primárias. Além disso, a Crítica Textual estuda a materialidade dos textos, as etapas do processo de sua construção e de sua gênese, além de sua recepção, e os aproxima, por meio de interpretações e de comentários, ao leitor de hoje e/ou das épocas em que tais textos foram editados, tal qual escrevemos em resumo apresentado no Congresso da ABRALIC do ano passado. Para finalizarmos o trabalho, iremos apresentar algumas relações entre a materialidade dos textos por nós pesquisados, além de dados do contexto de produção e de publicação dos referidos textos. Esperamos contribuir para a divulgação da Crítica Textual e da pesquisa em arquivos de sua importância para os Estudos Literários.

Palavras-chave: Crítica Textual, Materialidade dos textos, fontes primárias, Machado de Assis

Grêmio Literário Português: herança lusitana em terras amazônicas

GERMANA MARIA ARAÚJO SALES (UFPA)

Resumo: Durante o período áureo da extração da borracha na Amazônia, na segunda metade do século XIX, muitas são as referências ao crescimento das duas maiores cidades da região: Manaus e Belém. Entretanto, são recentes os trabalhos que nomeiam a história cultural desses locais, com a ocorrência de espaços que favoreceram as práticas de leitura, como a fundação dos gabinetes de leitura, a criação de tipografias e livrarias e a presença dos jornais como veículos propagadores da leitura. Dessa forma, é notável que a Amazônia não abriga somente a maior biodiversidade do nosso planeta. Nela, de forma ímpar existe uma história cultural significativa, que registra uma ampla circulação de materiais impressos. Desde 2003, o Grupo de Estudos História da Literatura – GEHL realiza pesquisas dedicadas à recuperação da história cultural em Belém, durante o século XIX. Esses trabalhos deram visibilidade e demonstraram que as informações acerca da construção da história da leitura e da história cultural não estão restritas à cidade do Rio de Janeiro, geralmente identificada como único

sinônimo de vida intelectual no Brasil, durante os anos oitocentos. Esta proposta de comunicação apresenta como problema a recuperação de primeiras edições de obras de autoria portuguesa, em prosa, presentes no acervo da Biblioteca Fran Pacheco do Grêmio Literário Português, que este ano comemora 150 anos de existência. Trata-se de uma pesquisa em fontes primárias, que toma como objeto o catálogo de obras raras, bem como a análise dessas fontes e suas especialidades de circulação e movimentação cultural, bem como o reconhecimento e análise do acervo dessas obras portuguesas presentes no Grêmio Literário Português, para assim recuperar um material que amplia os estudos em torno da história cultural local, observando suas particularidades e influência, prioritariamente, a lusitana. O Grêmio Literário Português data sua inauguração em 29 de Setembro de 1867, momento em que essas agremiações foram estabelecidas, voltadas para a instrução de seus associados. Durante o século XIX, estabeleceu-se no Pará, uma das maiores e mais importantes comunidades portuguesas do país. Em Belém, os portugueses foram empreendedores, estabeleceram comércios, estabelecimentos de vendas de livros, criaram jornais, mas a maior herança deixada está materializada na Biblioteca do Grêmio Literário Português, presente até os dias atuais para a visitação pública e atendimento à pesquisas.

Palavras-chave: Grêmio Literário Português, Obras portuguesas, Obras raras, século XIX

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Guimarães Rosa, Geraldo França de Lima: escritores mineiros em diálogo

BETINA RIBEIRO RODRIGUES DA CUNHA (UFU)

Resumo: A proposta de comunicação aqui apresentada – síntese de respeito, homenagem e reconhecimento de dois mineiros, Guimarães

Rosa e Geraldo França de Lima - nasce da expectativa de desvelar os recortes e universos afetivos desenhados por estes dois escritores que, em um momento de suas vidas, desenvolveram laços de uma profunda amizade e confiança, reunindo, na experiência do cotidiano, não só as marcas da realidade familiar, afetiva e cultural, mas também as interrogações e exercícios escriturais, significativos da cultura distanciada de um eixo convencional, cujo conteúdo revela aspectos de uma essência dinâmica, plural e reveladora de um Outro. Se um acervo documental é mais que um acumulador de memórias, aqueles de G.Rosa e França de Lima, que pesquisamos atualmente, são guardiões também de história(s), de profunda amizade que mantiveram ao longo da vida, de confidências, ampliando a compreensão e o entendimento do passado, sua análise e reflexão. Enquanto houver o humano, haverá a história, sempre se produzirão memórias e, mesmo que elas se percam, resquícios serão encontrados; assim, estamos dispostos a analisar ambos os acervos, com olhos de um crítico, de um leitor, que continuará a investigar, respeitosamente, o passado, a buscar suas representações, a utilizar este passado como contribuição desses mineiros e, ainda, como ferramenta de compreensão do presente. Por isso, o desafio aqui proposto de trabalhar com documentos de Guimarães e de Geraldo França de Lima em diálogo, pois permite-nos a volta a um presente ainda não conhecido, à paixão pela cultura, pelas palavras e pela emoção sempre reinventada. Por isso, essa parte de pesquisa agora a se apresentar, esperando, em última análise, identificar, resgatar, e atualizar as lições de um passado igualmente transformado em literatura.

Palavras-chave: Memória, Acervo, Literatura Brasileira, Amizade

Pasolini e o jornalismo italiano dos anos 1970

CLÁUDIA TAVARES ALVES (UNICAMP)

Resumo: A presença de Pier Paolo Pasolini nos jornais e revistas italianos dos anos 1970 ganhou destaque em sua vasta obra, pois foi através de suas publicações em periódicos dessa época que a faceta

de intelectual polemista, pela qual ele é reconhecido até os dias atuais, adquiriu notoriedade na Itália e no mundo. Primeiramente, é interessante observar que essa atuação de Pasolini parece fazer parte de um contexto maior de intelectuais interessados em pensar a sociedade italiana em termos políticos e culturais por meios dos grandes meios de comunicação, entre os quais se destacam Franco Fortini, Elsa Morante, Italo Calvino, Goffredo Parise, entre outros. Esse interesse se reflete sobretudo no intenso debate que existia entre esses escritores, no qual Pasolini se destaca pelo tom de denúncia e de controvérsia em seus escritos. É a partir desse quadro histórico que a presente comunicação pretende apontar de que maneira Pasolini contribuía para esse jogo de ideias e qual importância o escritor assume diante desse quadro. As hipóteses de partida para essa pesquisa partem da significativa valorização da figura polemista de Pasolini, a qual é exaltada pela crítica especializada e também pelo público em geral até hoje, o que acaba por influenciar a maneira como o autor é lido em contextos acadêmicos, mas também no senso comum. Vale esclarecer que seus textos publicados originalmente em jornais foram reunidos em formato de livros posteriormente – a saber, *Scritti corsari*, de 1975, e *Lettere luterane*, de 1976 –, os quais foram lidos mais amplamente após sua morte, em 1975. Por isso, a intenção dessa pesquisa é também buscar uma ressignificação possível desses textos a partir de sua leitura nas fontes primárias, e não mais a partir apenas dos livros. A ideia inicial é a de que a leitura dos livros afeta a percepção justamente do debate de ideias existentes entre outros intelectuais, pois apenas no contexto original de publicação é possível identificar com mais clareza as condições de produção e que tipo de forças estavam agindo em tais veículos de comunicação. Isso porque as ideias ali discutidas não parecem trazer grandes análises sociológicas, afinal discutem questões já bastante estudadas de um ponto de vista teórico, como é o caso do tema da padronização cultural. Entretanto, o ganho notável desses textos, que reforçam o papel de intelectual crítico da sociedade, é que eles foram publicados em grandes mídias (as quais, muitas vezes, tinham

posicionamentos políticos divergentes) e dialogavam com um público muito mais diversificado do que o de leitores de sua obra ficcional, publicada tradicionalmente em livros. Essa atitude pode então revelar a importância dada a esse debate de ideias em jornais nos anos de 1970, além de explicitar um possível projeto de atuação intelectual valorizado nesse âmbito.

Palavras-chave: Pier Paolo Pasolini, Jornalismo, Intelectualidade, Literatura italiana

Literatura paranaense e formação de sistema literário nos cinco primeiros números de *Nicolau* (1987)

MARCO AURÉLIO DE SOUZA (UFPR)

Resumo: Este trabalho se propõe a discutir os cinco primeiros números de *Nicolau*, periódico editado por Wilson Bueno entre os anos de 1987 a 1996, tendo em vista o conceito de sistema literário e seus problemas (CÂNDIDO, 2014), bem como a posição que o jornal ocupa no conjunto da história literária paranaense. Financiado pela secretaria de cultura do Estado do Paraná, o jornal marcou uma geração de intelectuais não apenas paranaenses, mas também brasileiros, uma vez que sua circulação atingiu, à época de seu auge (sexta edição), o expressivo número de 162 mil exemplares distribuídos em todo o território nacional, chegando à marca dos 20 mil assinantes (DEMENECK, 2014). Com a proposta de um veículo cultural independente de orientações políticas, ideológicas e estéticas bem definidas, o jornal abria espaço para um mosaico de vozes que, por sua pluralidade, fazia coro aos anseios democráticos da intelectualidade do período. Em suas páginas colaboraram nomes conhecidos da literatura produzida no Paraná, a exemplo de Paulo Leminski, Jamil Snege, Manoel Carlos Karam, Valêncio Xavier e Domingos Pellegrini, mas também escritores de projeção nacional, como João Antônio, Rubem Braga, João Cabral de Melo Neto e Lygia Fagundes Telles. A busca pela construção de um diálogo com o que havia de mais recente em âmbito nacional e – por que não? – universal, porém, não alheou o periódico dos debates efetivamente locais. Entre

outros assuntos, deparamo-nos com ensaios sobre as dificuldades da cena cultural curitibana ou ainda reportagens sobre o patrimônio, a arte e a história do Paraná. As resenhas, quase sempre voltadas ao meio editorial regional, davam um panorama do que era lançado não apenas pelos grandes nomes como também pelas revelações do meio literário paranaense. Era nítida, portanto, a predileção da equipe pelos assuntos domésticos, à revelia de sua proposta e recepção cosmopolita, como se os responsáveis pelo periódico enfatizassem o tempo todo que, para ser universal, antes é preciso ser e reconhecer o que há de mais local à sua volta, a exemplo da própria escolha para o nome do jornal, ligada às marcas deixadas pela imigração na cultura do estado. Pela relevância do periódico, portanto, e por seu conteúdo intimamente vinculado aos problemas da literatura paranaense, proponho discutir o conceito de sistema literário, tal como definido por Antônio Cândido, a partir da leitura dos cinco primeiros números de *Nicolau*, visando um olhar sobre a formação de uma tradição e uma memória literária no Paraná, bem como a emergência de um diálogo intergeracional entre escritores que produziram literatura no estado, certo de que tais elementos podem jogar nova luz sobre a configuração da história literária regional, conhecimento ainda incipiente e pouco explorado no debate cultural paranaense. O recorte proposto se justifica pelo caráter de pesquisa em andamento, uma vez que o artigo se vincula a um projeto de doutorado em estudos literários em curso pela UFPR, com previsão de finalização para o primeiro semestre de 2020.

Palavras-chave: Sistema literário, História literária, Periódico, *Nicolau*

Uma segunda vida secreta: considerações sobre o projeto estético de Lúcio Cardoso

RAFAEL BATISTA DE SOUSA (UNB)

Resumo: O trabalho apresenta de forma panorâmica uma trajetória em torno da obra de Lúcio Cardoso (1912-1968) com o objetivo de investigar a intrínseca relação entre a vida e o projeto estético do autor, sobretudo no tocante aos diários, ancorado no debate acerca da escrita íntima e da

memória formulado por Lejeune, Ricoeur e Dosse. Desde o romance de estreia – *Maleita* (1934), passando pela poesia e pela escrita diarística, o autor vai rompendo com os limites entre o vivido e o inventado na formulação de sua poética. Da (re)construção acerca da história da família – em um dialético movimento entre a escrita de si e a escrita do outro, passando pelos embates com a assinatura e/ou pela elaboração de um diário que tensiona as dimensões da escrita biográfica, Lúcio Cardoso traça um itinerário em que a literatura reescreve e ressignifica a vida e a vida fomenta sua poesis.

Palavras-chave: Lúcio Cardoso, escrita autobiográfica, projeto estético, diários

Os escritores e sua terra: literatura em *Manchete*

RAQUEL BEATRIZ JUNQUEIRA GUIMARÃES (PUC-MG)

Resumo: Desde 2013, desenvolve-se uma pesquisa sobre a relevância da revista *Manchete* para as discussões literárias modernas/modernistas e a colaboração relevante de escritores reconhecidos no semanário. A partir dos estudos já realizados, construiu-se um banco de dados com o levantamento sobre a natureza do material literário presente na revista *Manchete* no período da primeira década de circulação da revista. Pode-se observar que havia, entre seus colaboradores, escritores trabalhando como tradutores, entrevistadores, articulistas, cronistas, colonistas, enfim, inúmeras funções jornalísticas foram desenvolvidas por autores como Henrique Pongetti, Paulo Mendes Campos, Clarice Lispector, Manuel Bandeira, Fernando Sabino, Otto Lara Rezende, Carlos Drummond de Andrade, dentre vários outros. Nesta comunicação pretende-se informar sobre um acontecimento jornalístico-literário específico, qual seja a publicação de 21 textos, no ano de 1957, na Revista *Manchete*, em uma série intitulada “Os escritores falam de sua terra”. O conjunto de textos será analisado como material literário da revista e será tratado como arquivo da memória literária e cultural brasileiras. Diferentemente do que ocorre nas revistas especializadas em literatura, nas quais os que ali escrevem são prontamente identificados

como literatos e assumidamente o material é feito para circular como literatura, as revistas semanais não especializadas expõem o escritor em sua condição de jornalista e o transforma, de certo modo, em um importante formador de opinião. Ainda assim, escritores como os aqui mencionados não abdicam de elaborar literariamente a maioria dos seus textos, o que transforma a revista, principalmente aquelas que contam com um número expressivo de escritores entre seus colaboradores, em exemplares repletos de textos literários. A partir do estudo detalhado de todos os 21 textos do corpus serão realizadas análises que intentam discutir como a presença desses, e de outros textos na revista se tornaram ‘rastros’, no sentido dado por Ricoeur, do fazer literário de escritores modernos/modernistas que passaram pelas diversas seções do semanário da família Bloch. Isso se dá, por alinharmos-nos ao pensamento de Artur Emílio Alarcon Vaz para quem “a busca e recuperação de fontes primárias não devem se restringir apenas ao resgate de textos literários, esquecidos ou perdidos em jornais e outros periódicos de difícil acesso, mas, principalmente, devem se voltar para o estudo do sistema literário da região e/ou época estudada, já que ainda temos uma visão muito restrita de vários pontos da literatura em que há raros dados disponíveis, sendo usual a sua repetição, sem uma constante busca pela fonte primária.” (VAZ, 2005, p. 9)

Palavras-chave: jornalismo literário, memória, arquivo cultural, revista *Manchete*

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Borboleta: contribuições para a literatura piauiense

FABÍOLA NUNES BRASILINO (UESPI)

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo explicitar as contribuições do periódico *Borboleta* para a formação do sistema

literário piauiense. No Brasil, a imprensa periódica, durante muito tempo, atuou como importante ferramenta para a construção e difusão da literatura nacional, tendo em vista seu baixo custo, possibilitando um maior estreitamento de laços entre público leitor e as produções literárias. No Piauí, a formação do sistema literário, nos moldes de Cândido (2010), ocorreu tardiamente, somente no início do século XX, quando condições favoráveis, como, por exemplo, a implantação de escolas criou uma atmosfera propícia e indispensável para a constituição de uma literatura propriamente dita. Com a implantação da República, no início do século XX, houve maior investimento no sistema educacional piauiense e a ampliação da rede pública de ensino, tanto em nível primário, quanto secundário. Aliado a isso, outro fator relevante contribuiu para o estabelecimento de uma literatura local: a criação da imprensa. O jornalismo literário chegou ao Piauí por volta de 1850 e já nas primeiras décadas do século XX tornou-se a modalidade mais utilizada por escritores e jornalistas, atuando como importante fator de fomento à produção e difusão da produção literária. Conforme Sodré (1999), os motivos que levaram os literatos a publicarem seus textos em folhetins eram vários, dentre eles o prestígio e o retorno financeiro. No Piauí, o jornalismo literário contou com vários folhetins que publicavam além de livros e novelas brasileiras, obras de autores piauienses. Escrito apenas por mulheres, o periódico Borboleta circulou em Teresina entre os anos de 1904 a 1907, sendo suas redatoras Helena M. Burlamaqui, Maria Amélia Rubim e Alaíde M. Burlamaqui. Projeto inovador para a época, a proposta de o Borboleta era dar oportunidade às mulheres para que participassem ativamente da cultura. Com periodicidade trimestral, além de notícias sobre descobertas científicas, noivados, modos de comportamento, etc, eram publicados também poemas e textos em prosa, promovendo a divulgação da produção literária de artistas já conhecidos pelo público leitor, bem como favorecendo a inserção de novos escritores na cena cultural do estado. A importância de se estudar o jornalismo literário

piauiense e, em especial, o periódico Borboleta, reside no fato de que o mesmo é importante fonte de informação para a memória cultural do estado do Piauí, fator indispensável que contribuirá para a recuperação de uma memória esquecida/ desconhecida por uma grande parcela dos piauienses. Como aporte teórico serão utilizados autores como Pena (2008), Pinheiro Filho (1997), Rêgo (2001), Magalhães (1997), entre outros.

Palavras-chave: Periódico Borboleta, Jornalismo literário, Literatura piauiense

A mulher no Oriente: *Notas de viagem de Eça de Queirós*

GISELE DE CARVALHO LACERDA (UFF)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo sinalizar algumas das variantes substantivas anotadas a partir do cotejo de alguns dos textos que formam a tradição direta de textos das narrativas de viagens de Eça de Queirós, mais propriamente, de alguns dos que falam sobre sua viagem ao Egito. Os fragmentos aqui examinados tratam sobre a questão da mulher no oriente, sendo este primeiro publicado por Eça, em 1871, no Almanaque das Senhoras para 1872. Postumamente, em 1926, seu filho, José Maria D'Eça De Queirós publica O Egito Notas de Viagem. Nesta publicação, apresentam-se mudanças que interferem no sentido do texto publicado por Eça no periódico acima citado e mesmo no estilo próprio que caracterizará o consagrado escritor português, na altura ainda jovem e em início de carreira literária, tal qual conhecemos hoje. Sabemos que a edição crítica da presente obra ainda está sendo preparado pela Equipe de Edição Crítica das Obras Eça de Queirós, coordenada pelo Professor Carlos Reis e que tal edição está sendo preparada pela professora Ceila Maria Ferreira da UFF, orientadora da minha dissertação de Mestrado. Tal edição crítica sinóptica apresentará, lado a lado, os textos dos manuscritos autógrafos de Eça, em transcrição crítica atualizada, em confronto com os da edição publicada em 1926, também em transcrição crítica atualizada, seguidos de um capítulo de anexos em que serão apresentados os textos das narrativas publicados na imprensa em

1870-1871, também em transcrição crítica atualizada. Contudo, em nosso trabalho, teceremos algumas considerações sobre as variantes encontradas no cotejo entre a edição de 1926 e o texto publicado no Almanaque das Senhoras para 1872. Vale lembrar que o exemplar do Almanaque, que será consultado por mim, faz parte do acervo do Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro. Acredita-se que Eça de Queirós não desejava de fato publicar suas notas de viagem, escritas à pressa, acumulando-se em observações amontoadas de alguém que parecia encantar-se em registrar as sensações vividas naquelas terras faraônicas, como bem define seu filho José Maria no prefácio da edição de 1926. Porém muitos destes registros em seu diário de viagem servem para caracterizar o estilo literário do jovem futuro autor de *O Crime do Padre Amaro* e muitos deles foram utilizados em outras de seus romances e contos, como é exemplo: *O Mistério da estrada de Sintra*, *A Relíquia* e *A correspondência de Fradique Mendes*. Este relato - que fica para a posteridade graças à intervenção de José Maria - ganha à luz da *Crítica Textual*, que lida com estas fontes primárias e paratextos, um resgate do conhecimento da gênese dos primeiros textos publicados por Eça de Queirós que sempre trazem uma nova perspectiva proporcionando um aprimoramento dos estudos queirosianos.

Palavras-chave: Eça de Queirós, periódico, crítica textual, literatura portuguesa

Maria Amália Vaz de Carvalho: escritora-senhora

MÁRCIA DO SOCORRO DA SILVA PINHEIRO (UFPA)

Resumo: O jornal se configurou nos anos oitocentos como espaço privilegiado de divulgação da literatura e suas discussões, uma vez que estava presente em suas páginas o discurso moral e seus juízos se relacionavam com as movimentações históricas e culturais. Nesse período, os jornais se detinham também em divulgar conteúdo moralizante, como as publicações de narrativas da portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) nos periódicos *Folha do Norte* (1896-1974) e *a Província do Pará* (1876-2001) que revelam importantes

aspectos da produção ficcional de autoria feminina no fim do século XIX e início do século XX. Tais publicações demonstram ainda que havia uma relação próxima entre Belém e Portugal. As produções da autora portuguesa abrangiam a História, contos, crônicas e poesias, e ao ser pesquisada, permite-nos visualizar que a autora versava, sobretudo, por assuntos ligados ao universo das mulheres, tais como, casamento, maternidade, viuvez, educação e trabalho femininos, que são conduzidos, quase sempre, por um viés moralizante. Destacamos ainda que dos conceitos literários do último quartel do século XIX, Maria Amália abraçou a causa da literatura como missão social, assim, acreditava que o autor só devia escrever sobre o que era conveniente e educativo. Dessa forma, sua escrita voltou-se para a educação feminina, advogava que a mulher devia apenas se preocupar com a instrução da família, apontava em suas narrativas o que poderia ser a causa do desvirtuamento das senhoras casadas da época. Essa temática, cara às narrativas produzidas no período oitocentista, principalmente pelas mulheres, tantas vezes era uma prerrogativa para que elas conseguissem publicar. Destarte, a pesquisa que ora desenvolvemos no doutorado, objetiva analisar a urdidura das narrativas de Maria Amália, publicadas nos jornais paraenses e no acervo da Biblioteca do Grêmio Literário Português de Leitura, para comprovar ou não a hipótese levantada, qual seja, a de que tais escritos terem teor moralizante. Para desenvolver esta tarefa, buscamos seguir duas frentes de trabalho investigativas. A primeira que visa analisar a composição textual das narrativas, e a segunda, que se conflui à primeira, de análise temática. Os resultados ainda são preliminares, mas já nos permitem observar que há a presença dos assuntos frequentes nas narrativas produzidas por Maria Amália e que o teor moralizante nem sempre se faz presente, ou, pelo menos, não se mostra como o mais preponderante na narrativa. Ademais, essas constatações nos ajudam a compor a trama de tipos de leituras que os leitores e/ou leitoras paraenses apreciavam naquele momento histórico.

Palavras-chave: *Folha do Norte*, *A Província do Pará*, Periódicos, Maria Amália Vaz de Carvalho.

A produção de escritoras sul-rio-grandenses no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*

MAURO NICOLA PÓVOAS (FURG)

Resumo: Esta comunicação integra o projeto “Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses”, desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em conjunto com a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e a Universidade de Caxias do Sul (UCS), tendo por objetivo a escrita de biografias de onze mulheres, todas gaúchas, provenientes de Porto Alegre ou de cidades do interior do Rio Grande do Sul (Pelotas, Rio Grande, Itaqui, Cachoeira do Sul), que publicaram no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, editado em Lisboa, entre 1873 a 1903. Praticamente desconhecidas da crítica e da historiografia literárias brasileira e sul-rio-grandense, as autoras são: Anália Vieira do Nascimento, Andradina de Oliveira, Arminda (sem identificação de sobrenome), Cândida Fortes Brandão, Ibrantina Cardona, Júlia César Cavalcanti, Julieta de Melo Monteiro, Luísa Cavalcanti Guimarães, Maria Clara da Cunha Santos, Sofia A. Benny e Tercília Nunes Lobo. Além de comentários em torno da produção das onze mulheres e da recepção que os textos alcançaram entre o público, a comunicação pretende mostrar os primeiros levantamentos, ainda parciais, sobre os dados de vida e obra das escritoras em manuais, dicionários e histórias das literaturas brasileira e sul-rio-grandense.

Palavras-chave: Literatura sul-rio-grandense, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, Escrita feminina, Periódicos literários

O jornal como espaço de divulgação da escrita poética feminina no século XIX - caso Auta de Souza

ZÉLIA SOUZA LOPES (UFJF)

Resumo: Simpósio 11: Arquivos, fontes primárias e periódicos. O jornal como espaço de divulgação da escrita poética feminina no século XIX – caso Auta de Souza. Na esteira conceitual de Ricoeur, pretende-se estabelecer uma visita ao passado oitocentista em busca

de rastros deixados por poetisas em jornais de circulação nacional, mais especificamente o *A República*. Esses espaços se configuravam como raras oportunidades de demonstração pública literária feminina, onde se buscava reconhecimento e libertação das cadeias patriarcais. O locus deste trabalho percorrerá a região nordeste, mais especificamente o Rio Grande do Norte das plantações de algodão e açúcar exportadas para a Europa. Sendo assim, de acordo com Ricoeur (2010,p.423) “o esquecimento continua a ser a inquietante ameaça que se delineia no plano de fundo da fenomenologia da memória”. Por isso a disposição de buscar para esse diálogo Auta de Souza (1876-1901) e como se deu a sua construção como poetisa. Foi através dos jornais que ela começou sua carreira, que resultou em um livro, *Horto*, prefaciado por Olavo Bilac e lido por vários intelectuais da época. Vivendo em um momento cultural voltado para os costumes franceses, apesar do pouco tempo de estudo formal permitido às mulheres, Auta de Souza, sob a influência do feminismo vindo da Europa, conquistou um espaço acadêmico considerável. Tornou-se respeitada apesar de sua ascendência africana, como demonstrado em sua assinatura em uma moção feita por intelectuais no famoso caso Dreyfus. Caberá, ainda, discutir a questão do cânone que limitava e, de certa maneira, ainda limita a participação efetiva da mulher escritora em seus altares. Com um olhar voltado para a (a)temporalidade da literatura, será necessário revisitar a história para novas e necessárias inserções. Afinal, é preciso pensar que no “rastro material não há alteridade, não há ausência. Nele tudo é positividade e presença”.(RICOEUR, 2010, p.434).

Palavras-chave: Jornal, Poesia, Feminino, Auta de Souza

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

O gravador como dispositivo de (auto)ficcionalização da narrativa (auto)biográfica

CHRISTINA FUSCALDO DE SOUZA MELO (PUC-RIO)

Resumo: No livro “Zé Limeira, poeta do absurdo”, Orlando Tejo narra passagens da vida e transcreve trechos da obra de um cordelista e repentista da Paraíba conhecido como Zé Limeira, cuja existência sempre foi questionada. Mas quando, durante uma entrevista publicada na “Enciclopédia Nordeste”, o bacharel em Direito, poeta, ensaísta, jornalista, folclorista e professor paraibano conta que chegou a questionar se esteve equivocado sobre a existência de seu biografado, e diz que os registros imagéticos e sonoros se perderam, ele reforça a tese defendida por muitos de que o personagem principal da história foi uma criação sua, com o auxílio de violeiros e cantadores, entre eles Otacílio Batista, um expoente da cultura nordestina que defendeu até a morte a importância de Zé Limeira para a formação de diversos escritores, poetas e músicos daquele estado brasileiro, destacando-se entre eles os cantores e compositores Zé Ramalho e Chico Science. Orientado para os estudos de mídia, o filósofo pós-estruturalista alemão Friedrich A. Kittler faz uma espécie de leitura da “tecnicidade” dos textos mostrando a evidência da presença de fatores tecnológicos nas mudanças de concepção e na percepção do mundo na passagem de 1800 para 1900. Seu foco principal está nos sistemas de gravação e reprodução tanto da grafia quanto do som e da imagem. Não à toa, em seu livro “Gramophone, film, typewriter”, ele explora o surgimento do gramofone, do filme e da máquina de escrever para tratar de registros que transcendam a existência física das pessoas e que imortalizem seus feitos. Ele ainda defende o termo “medium” (que gerou o termo “mídia”), que estaria alterando o

jeito de perceber o mundo e a existência humana. Segundo Kittler, a filosofia teria convencido os sujeitos de que eles tinham capacidade para aprender procedimentos de imitação e de armazenamento para, em seguida, contar suas histórias, tornando-se autores. Usando como fio condutor a possível ficcionalização desta biografia e as pitadas de autoficção destiladas por Tejo em sua publicação e os pressupostos de Friedrich A. Kittler e de Adalberto Müller no artigo “Proust e as mídias: o trem, o telefone, a fotografia e o cinema”, este trabalho se propõe a debater a autoficcionalização em narrações registradas pelo gravador, a possibilidade de estarmos perante uma ilusão auditiva, a diferença de posturas entre seres humanos reais e artistas frente ao aparelho de captação de histórias e a evidência da presença de fatores tecnológicos nas mudanças de concepção e na percepção do mundo.

Palavras-chave: gravador, autobiografia, ficção, entrevista

Memória “arquivada” – pesquisa em arquivos pessoais

JULIANA CRISTINA DE CARVALHO (PUC-MG)

Resumo: No interior de um arquivo e de pertences de uma determinada pessoa está conservado um pouco de sua vida, sua história, sua memória. O arquivo é uma reunião de documentos, objetos, que refletem as atividades e os pensamentos de um sujeito. Desta maneira, por meio do arquivo do escritor Achilles Vivacqua, pouco conhecido, atualmente, no universo das Letras, pudemos conhecer um pouco da arte deste capixaba que viveu parte de sua vida em Minas Gerais e foi contemporâneo de Carlos Drummond de Andrade. Em sua época, o escritor era conhecido e, podemos afirmar, até mesmo aclamado. Dentro de suas condições de saúde, acometido pela tuberculose, Vivacqua atuou ativamente em seu tempo, apresentando uma vida literária diversificada e de qualidade (reconhecida no período). Neste trabalho, ressaltaremos como uma pesquisa apoiada em fontes primárias pode contribuir no processo de conhecimento de um escritor e, até mesmo, de sua trajetória literária. Além de ressaltar a importância

dos arquivos pessoais, o presente artigo discute também os desafios que podem ser encontrados durante a caminhada de constituição do acervo. Pretende-se relatar nossa experiência como pesquisadora no Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, no processo de organização, leitura e registro dos documentos e pertences do mencionado escritor. Naquele momento, atuamos no processo de recebimento de caixas contendo fundos do escritor Achilles Vivacqua e tratamos, lemos, registramos e organizamos todos para a configuração do arquivo do escritor, que, por não ser tão grande, foi denominado de Coleção Especial Achilles Vivacqua. Para estruturar e fundamentar melhor a nossa reflexão acerca da pesquisa em arquivos literários e dos arquivos de Vivacqua, utilizamos como suporte do nosso estudo os seguintes teóricos: Theodor W. Adorno, com sua obra *Teoria estética* (edição de 2006); Walter Benjamin, com *Magia e Técnica, Arte e Política* (edição de 1994, da Brasiliense); Jacques Le Goff, com *História e memória* (edição de 1990); Zélia Lopes da Silva, com sua obra *Arquivos, patrimônios e memória: trajetórias e perspectivas*, dentre outros. Como lemos em (LE GOFF, 1990, p.477), “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” A referida definição do historiador francês, remete-nos a pensar no processo de constituição do homem, de uma sociedade, por meio de suas vivências, de suas lembranças, de suas bagagens pessoais, emocionais. Tais resíduos, coloquemos assim, podem ser apreendidos na trajetória de análise de arquivos pessoais, de fontes primárias, de documentos, papéis, fotografias. Tais elementos podem revelar partes desconhecidas ou até então invisíveis da história, do mundo social e da literatura. Com essas reflexões objetiva-se discutir sobre como foi o tratamento dado aos pertences do escritor e refletir sobre a importância do que ali se descortinou para a literatura moderna brasileira.

Palavras-chave: Arquivo, Memória, Vivacqua, Modernidade

Carlos Heitor Cony na vida literária brasileira dos anos 1950/60 - um trabalho em seu acervo

MARINA SILVA RUIVO (UNESP)

Resumo: Nesta comunicação, pretendo expor os resultados ainda bastante iniciais do trabalho que venho desenvolvendo junto ao acervo pessoal de Carlos Heitor Cony, e que visa organizar e recuperar a memória de sua presença na vida literária carioca e nacional do final dos anos 50 e ao longo dos anos 1960. Para tal pesquisa, além do trabalho direto com as fontes presentes em seu acervo, incluindo grande quantidade de periódicos (os quais contêm textos sobre as suas obras e também textos escritos por Cony), venho me pautando em uma bibliografia interdisciplinar, dialogando com a historiografia, a sociologia, a crítica genética e os estudos que, na crítica literária, vêm procurando restituir à cena a chamada crítica biográfica, num sentido, porém, muito diverso do que foi historicamente praticado, até o século XIX, quando se buscava explicar a obra pela vida de seu autor. Aqui, ao contrário, o objetivo é pensar a vida literária de uma época, obtendo maior conhecimento a partir do estudo sistemático da trajetória de um de seus escritores mais relevantes e que foi emblemático de um período, como se vai procurar demonstrar. O escritor Carlos Heitor Cony, membro da Academia Brasileira de Letras desde o ano 2000 e vencedor de diversos prêmios literários importantes, se nos dias de hoje não está entre os autores mais conhecidos por parte de público e crítica, já ocupou uma posição de muito relevo no cenário literário nacional. Estreando na literatura em 1956, ao finalizar seu primeiro romance, *O ventre*, e inscrevê-lo no prêmio Manuel Antônio de Almeida, ficou entre os três primeiros colocados, não obtendo a premiação apenas porque o júri considerou seu romance “forte” demais para os padrões morais da época, ainda mais em um prêmio oferecido pela Prefeitura do então Distrito Federal. Nos dois anos seguintes, o escritor obteve tal premiação, com seus romances *A verdade de cada dia* e *Tijolo de segurança*, passando a usufruir de uma rara condição para o escritor

brasileiro (até os dias de hoje, podemos acrescentar), ao assinar um contrato com uma das principais editoras daqueles anos, a Civilização Brasileira de Ênio Silveira, que lhe possibilitava um pagamento mensal em troca da obrigação de escrever um romance por ano, ao longo de dez anos. Cony era comentado pelos intelectuais mais importantes da época, como Antonio Calado, Brito Broca e Wilson Martins. Depois, com o golpe de 64, tornou-se muito conhecido como cronista, por seus textos críticos que saíam no Correio da Manhã, desde o dia 2 de abril daquele ano. Ao publicar Pilatos, em 1974, anunciou que abandonava a ficção, e de fato dela se afastou por muitos anos, ainda que tenha continuado a escrever adaptações de clássicos para o público infantil, reportagens e ensaios. Voltou à literatura apenas no meio da década de 90, com o romance que o trouxe de volta aos leitores e aos jornais, Quase memória: quase-romance, inaugurando uma segunda fase bastante produtiva. Curiosamente, contudo, muitos de seus novos leitores não conhecem a sua produção do primeiro e vibrante momento.

Palavras-chave: Acervo pessoal, Carlos Heitor Cony, Vida literária

Arquivos (re)visitados: elucubrações em torno do nome “Mário de Andrade”

RICARDO GAIOTTO DE MORAES (PUC-CAMPINAS)

Resumo: A revisitação de arquivos de escritores possibilita releituras constantes de textos literários e de movimentos em torno de questões estéticas e sócio-políticas. A partir de diferentes montagens dos rastros que testemunham o envolvimento e permanência de escritores no campo literário, os estudos contemporâneos se preocupam ora em desconstruir as mitificações em torno deste ou daquele ator, ora em construir novas chaves interpretativas a partir de inéditas achegas biográficas e/ou teóricas. Portanto, os rastros – da biografia, da criação literária e da participação em rede de escritores – são elementos importantes tanto no estudo da produção quanto na recepção dos textos literários. Se considerarmos os documentos do arquivo pessoal

como fonte para essas revisões e interpretações, pode-se afirmar que tanto a descoberta de dados biográficos não explorados quanto a de novos aparatos para desvendar os passos da criação literária e intelectual (tais como: correspondências, notas marginais em livros da biblioteca pessoal, diários) têm se mostrado como material privilegiado na recepção crítica desses escritores. As polêmicas geradas por esses estudos – em sua maior parte de caráter acadêmico, mas também divulgados, seja por textos de críticos ou por entrevistas e notícias, em diversos suportes – fomentam, muitas vezes, divergências e embates cujos questionamentos se estendem do julgamento da originalidade da expressão literária de determinado autor à posição ética ocupada, os critérios para tais julgamentos são amplos e contemplam as questões políticas e sociais da ordem do dia. Tal movimento leva a um profícuo questionamento sobre a função da crítica literária contemporânea – Interpretar o processo de criação? Comparar formulações discursivas entre autores coetâneos? Desenhar reconstituições de certos aspectos do campo literário? Favorecida pela efeméride dos 70 anos da morte do escritor no ano de 2015, o que motivou número significativo de eventos direcionados a especialistas e ao público em geral (uma edição da Feira Literária de Paraty em homenagem ao escritor, a publicação de bibliografias, exposição artísticas; ciclos de palestras; lançamento de novas edições das obras de ficção e do conjunto da correspondência), esta comunicação tem como objetivo analisar algumas das revisitações que a obra de Mário de Andrade (1893-1945) tem despertado. Pensar sobre essas releituras, que proporcionam um constante repensar sobre a sua obra e sobre o papel do autor na história da literatura brasileira e são atravessadas tanto por novas abordagens teóricas como pelos jogos de poder e contingências do campo da literatura e da cultura, é tarefa que nos direciona também a discutir sobre alguns aspectos do papel dos estudos e da crítica literária.

Palavras-chave: Mário de Andrade, Arquivo e Memória, Literatura Brasileira

12

ARQUIVOS ÍTALO-BRASILEIROS PARA
A CONTEMPORANEIDADE

Patricia Peterle (UFSC)

Lucia Wataghin (USP)

Giorgio De Marchis (Università di Roma III)

Resumo: Contatos e contágios, mas também encontros, reescrituras, traduções, parodias, convergências e contingências que traçaram inéditos percursos transoceânicos pela literatura e pela arte contemporânea brasileira e italiana. Como se sabe, no século XX, assim como na primeira parte do XXI, o conceito de experiência tem sido retomado e revisitado mais de uma vez, abrindo-se para novas leituras. Nessa perspectiva, no âmbito de uma tradição plurissecular de trocas culturais e fluxos literários entre Itália e Brasil, o simpósio quer abrir para reflexões sobre a elaboração de textualidades novas, inevitavelmente excêntricas em relação aos cânones nacionais, derivadas do encontro (mais ou menos direto) e do amalgama fruto das intersecções entre as culturas dos dois países. Como pensar hoje essas inovadoras relações, que inauguraram novos espaços, estimulando confluências estéticas? Sem se limitar a experiências mais conhecidas – é possível lembrar as de Luigi Pirandello, Massimo Bontempelli, Giuseppe Ungaretti, F. T. Marinetti e Edoardo Bizzarri, mas também as da contraparte brasileira, Sérgio Buarque de Hollanda, Jorge Amado e Murilo Mendes –, o simpósio pretende refletir sobre essas fecundas relações de troca e contaminação, que geram comunicações culturais. Desse ponto de vista, procurar-se-á analisar, numa ótica disponível à leitura crítica de textualidades de variados gêneros e natureza, as obras e processos que melhor refletem uma matriz híbrida, reconstruindo também o papel de artistas e intelectuais que em época contemporânea contribuíram para

delinear um arquivo sensível e partilhado pela arte italiana e brasileira.

Palavras-chave: Literatura italiana, Arquivos literários, Literatura brasileira, Contemporaneidades

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

Fábulas antigas e modernas. Ungaretti tradutor

LUCIA WATAGHIN (USP)

Resumo: Com sua obra de tradução de poesia, Ungaretti constrói uma vasta constelação de textos e autores de diferentes línguas e tradições, clássicas e modernas: o poeta se autotraduz do italiano para o francês e vice-versa, traduz trechos do Zibaldone de Leopardi para o francês, mas sobretudo traduz para o italiano sua própria antologia da poesia ocidental, de Shakespeare a Mallarmé a Racine a Góngora aos mestres da poesia amorosa árabe aos mestres da poesia brasileira a poemas em dialeto siciliano. E outros... A inclusão, nesse repertório, de fábulas indígenas brasileiras (tupi, carajá, bororo) deve ser lida como sinal da abertura do poeta à uma concepção ampla de “literatura” (e de seu constante interesse pelas relações entre cultura popular e “alta” cultura); e podemos percebemos hoje, mais do que na época em que foram publicadas, a importância dessas traduções como valorização de uma literatura que é cada mais urgente defender. Por outro lado, as traduções das fábulas cosmogônicas indígenas podem ser lidas no âmbito da poética de Ungaretti, como manifestação de sua visão da literatura como diálogo entre “inocência” e “memória”, e sendo permeadas das reflexões e leituras que Ungaretti vinha desenvolvendo naqueles mesmos anos: de outros autores e textos brasileiros, da filosofia de Platão, da poesia de Leopardi, de outras traduções que estava realizando no período (Blake e Góngora) e da própria poesia que estava compondo, paralelamente às traduções. São dignas de atenção também as relações das traduções

das fábulas cosmogônicas indígenas e a leitura ungarettiana da Canzone alla Primavera, de Leopardi, e do relativo tema do demônio meridiano: o demônio (“as miragens, o delírio daquela hora de clima quente”) que surge na hora do “calor da imaginação e da paixão”, da “fúria do sonho”, capaz de criar as “fábulas” antigas, ou remotas, ou meridianas.

Palavras-chave: Ungaretti, traduções, literatura indígena, fábulas cosmogônicas

Valeu a pena voltar

MARIA DE LOURDES PATRINI CHARLON (UFRN)

Resumo: Em setembro de 1944, Rubem Braga, cronista e jornalista brasileiro, parte para a Itália – rumo a Segunda Grande Guerra Mundial – como correspondente de guerra do jornal Diário Carioca. Vinte e cinco anos depois, volta à Itália, como enviado especial da Revista Realidade, em companhia do fotógrafo Manprin, percorrendo, novamente, os campos de batalha e os lugares por onde a FEB passou. “A crônica dessa jornada ao passado, aos tempos de sofrimento e coragem dos “BRASILEIROS NA GUERRA” (BRAGA: Revista Realidade, 1969) é o objeto de análise deste trabalho. Tal qual a primeira experiência vivida pelo correspondente de guerra, em (1944-1945), a análise e interpretação dessa outra narrativa (1969), fruto do retorno do cronista “ao palco de uma guerra distante”, propõe uma reflexão sobre a escritura, enquanto fonte de significado e interpretação, ao mesmo tempo em que favorece o repensar dos fenômenos de interdependência, contribuindo a re-atualizar as interlocuções de vozes, de contextos e apagamento de fronteiras que a narrativa abriga. O enfoque pluridisciplinar reforça a ideia de circulação e de mobilidade e objetiva o entendimento do fenômeno do deslocamento (nomadismo), o fenômeno das recepções e das traduções, privilegiando as ideias de cruzamento e as questões transversais.

Palavras-chave: correspondente de guerra, circulação, transferências culturais, medação

Tessituras poéticas entre Itália e Brasil na contemporaneidade

PATRICIA PETERLE (UFSC)

Resumo: Partindo da proposta apresentada pelo simpósio, pretende-se discutir como algumas experiências podem marcar o percurso literário e intelectual, além de abrir para novas leituras e contatos, capazes de aproximar olhares até então distantes. Experiências que só restam na memória, esburacada, carcomida: tensão entre o fato e o que dele resta. Já se sabe que os laços entre Brasil e Itália não são novos, em vários momentos da nossa história cultural é possível identificar os nós que tramam essa complexa urdidura de trocas em diferentes áreas, da literatura à música, às artes plásticas. Poderiam ser feitos alguns nomes, como os de Giuseppe Ungaretti, Eliseu Visconti, Arturo Toscanini, Filippo T. Marinetti, Edoardo Bizzarri, e a lista seria muito mais longa. A questão que se coloca, aqui, é, portanto, refletir como se dão e se desdobram as experiências nos dias de hoje? Como pensar os contatos, as fricções e os contágios na contemporaneidade entre Brasil e Itália? Quais sentidos são ativados e, ao mesmo tempo, o que ativam tais sentidos na escritura poética? Nesse sentido, no âmbito dos encontros éticos e estéticos e tendo como referência algumas das experiências mais contemporâneas, se deseja propor uma incursão em alguns contatos que colocam em operação permeante as culturas e sociedades brasileira e italiana.

Palavras-chave: Experiência, escritura poética, contágios

Da leitura à tradução de poesia: o advento da transcrição

GAETANO D'ITRIA (UFRJ)

Resumo: Refletir sobre tradução poética significa também considerar a operação semiótica ínsita na transposição criativa jakobsoniana ou transcrição, segundo Haroldo de Campos ([1987] 2015), do signo. A relação dialógica que se instaura entre leitor e texto leva à constituição do sentido como resultado de uma experiência aberta e continuamente reformulável (Leoncini 2013), portanto a tensão mutuada pelo texto interessa tanto o nível de conteúdo como o de expressão e sabemos que a relação do leitor com o texto sempre implica uma operação

interpretativa. Neste trabalho pretende-se observar como a tradução de poesia, enquanto prática semiótica especial (Haroldo de Campos 2015) que opera no campo da crítica e da interpretação, abole as distâncias entre o texto e seu leitor. A operação interpretativa é pensada em termos complexos e pela cultura hebraica pode ser concebida como um trazer à luz (Volli 2008). No caso da Divina Comédia, o tradutor intervém com sua cultura e sua sensibilidade sobre um texto que é distante no tempo e no espaço. A transcrição se apresenta, assim, como um novo texto, em língua outra, fruto de escolhas e orientada por “um projeto de leitura, a partir do presente de criação, do passado de cultura” (Haroldo de Campos, 1996). A problematização do conceito de tradução poética, portanto, indica uma hipótese metodológica de leitura crítica em que o ato de traduzir, mais do que ser um processo de re-criação do original, é um ato crítico que guarda semelhanças para com o original, cuja baliza demarcatória é apenas o parâmetro semântico. O leitor curioso que busca compreender melhor possível o texto literário é perpassado por uma inquietação que deixa aberta uma ferida na dinâmica interpretativa. E a experiência da ferida traz questionamentos sobre o que a linguagem pode fazer. O leitor que focalizar seu ato de leitura na linguagem do texto a partir do sentido literal e ao mesmo tempo for disponível a “escutar” as alusões que o texto faz, irá além do mesmo sentido literal, seguindo o caminho que a palavra sugerir e sendo conduzido pela palavra mesma. A presença de uma plurivocidade na obra dantesca é a marca desse movimento plural, expressivo e intertextual, que na escrita comunica sua experiência e visão do mundo. A partir do pressuposto de que toda tradução é caracterizada pela temporariedade, é possível observar as diferenças na recepção da Divina Comédia no Brasil, confrontando as traduções do século XIX – uma primeira tradução parcial realizada por Luiz Vicente De Simoni foi publicada em 1843 – com aquelas que foram publicadas no século XX e XXI. As diferenças nos mostram as estratégias de (des)construção do texto traduzido e sua participação dos movimentos das ideias e transformações culturais do lugar de chegada.

Palavras-chave: Literatura italiana, tradução, transcrição

Una lettura dalle Americhe?

ANDREA LOMBARDI (UFRJ)

Resumo: Onnivoro lettore, caronte di testi importanti della letteratura universale, utente articolato e sensibile della lingua e della letteratura italiana, Haroldo de Campos realizzato un'incursione approfondita e vittoriosa su alcuni testi letterari italiani: Cavalcanti, Dante, Ungaretti. Il suo percorso assomiglia a una storia letteraria sui generis, alla ricerca di una genealogia ipotetica, nuova logica della identità poetico-critica e traduttoria. E guarda alla cultura italiana, alla ricerca di aspetti isolati, frammenti, chicche che lui traduce in nome della trans-creazione, rifacendosi evidentemente al Dante del superamento, del trasumanare e trasforma in chiave contemporanea il materiale esaminato. Dalle Americhe viene quindi un contributo brasiliano decisivo. Il volume Tradizione, transcreazione (Oèdipus, 2016) riunisce alcuni testi sulla teoria della traduzione, realizzati da Haroldo, con una prefazione di Umberto Eco e una postfazione degli organizzatori. La raccolta di saggi è frutto di letture, traduzioni, interpretazioni per campioni, un insieme che potrebbe essere pensato come insieme di frammenti di una storia letteraria sui generis (del resto tutte, in certa misura, lo sono), ancora da scrivere, alla ricerca di una genealogia ipotetica. Si tratta di un taglio analogo e parallelo alla nozione di espressionismo coniata da Gianfranco Contini. È stato anche detto che si può dire che la cultura in Brasile sia cominciata sotto il segno della traduzione...(João Alexandre Barbosa) e si potrebbe dire anche che ci siamo accorti molto tardi che definire semplicemente italiana la nostra letteratura è un problema. Haroldo segue un percorso audace, nella lettura e nella traduzione: qualcosa di nuovo in rapporto alle interpretazioni già realizzate. Qualcosa che, nel caso della Divina Commedia, porta a pensare a un Dante trasgressivo.

Palavras-chave: Haroldo de Campos, teoria da tradução, literatura italian, Dante Alighieri?

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Graciliano e I Malavoglia

MARCOS FALCHERO FALLEIROS (UFRN)

Resumo: Vagas porém constantes, as referências biobibliográficas à prática de Graciliano Ramos com a língua italiana são sempre sugestivas. Duas passagens desse capítulo merecem destaque: uma, a hilariante crônica de Graciliano, “Professores improvisados”, de 1929, em que ele conta, à maneira de O homem que sabia javanês, de Lima Barreto, como passou a ensinar italiano em sua comunidade, com intenções lucrativas, acrescentando “oni” e “ini” ao final das palavras. Outra, a sério, o necrológio em que Otto Maria Carpeaux declara que Graciliano aprendeu italiano para ler a Divina comédia, e observa a afinidade do alagoano com o “exilado” e as “parole di dolore, accenti d’ira” ouvidas nos círculos do inferno. Entretanto, sem que haja nenhuma referência no documentário de Graciliano, uma outra afinidade pode ser estudada: a relação da expressão e da articulação de sua obra com I Malavoglia (1881), de Giovanni Verga. Um ponto significativo para essa abordagem é dado no prefácio à obra do autor siciliano: o projeto de abordar as classes ali anunciado ressoa na distribuição de enfoques que Graciliano operou em seus romances. Desse modo, quando, na crônica “Alguns tipos sem importância” (de Linhas tortas, 1962), Graciliano diz, a respeito da “cambada” de seus personagens, que é “possível que eles não sejam senão pedaços de mim mesmo e que o vagabundo, o coronel assassino, o funcionário e a cadela não existam”, flagra-se aí a percepção de que uma humanidade dividida por classes chega tão somente, entre opressores e oprimidos, à distribuição equânime da miséria da vida. Mas a modernidade de Graciliano conduziu a construtura de sua obra sob a conceptualização de um marxismo independente e reflexivo na busca de entendimento de sua própria realidade nordestina, que distribuiu a

tragédia entre a “formação do burguês”, em Paulo Honório, a condição “parafuso” do pequeno-burguês Luís da Silva, e a expectativa da “proletarização” revolucionária dos desvalidos sertanejos empurrados para a cidade grande. Foi essa modernidade, dolorosamente compreensiva pelo ângulo do materialismo histórico, que assimilou e superou a proposta do verismo de Giovanni Verga, tal qual o autor italiano professou como projeto em seu prefácio a *I Malavoglia*: “Os *Malavoglia*, Dom Gesualdo, a Duquesa de Leyra, o Deputado Scipioni, o Homem de luxo são os mesmos vencidos que a correnteza depositou na margem, depois de tê-los arrastado e afogado, cada um com os estigmas de seu pecado, que deveriam ter sido o resplendor de sua virtude”. A perspectiva crítica de Graciliano pôde distribuir a tragédia humana, equacionada como luta de classes, de modo mais consistente: de cima para baixo, com a publicação de seu projeto implícito plenamente concluído, com *S. Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas secas* (1938).

Palavras-chave: Graciliano Ramos, Giovanni Verga, *I Malavoglia*, Graciliano Ramos e a língua italiana

A loucura nas novelas de Luigi Pirandello e Machado De Assis

SANDRA DUGO (UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI ROMA “TOR VERGATA”)

Resumo: O estudo literário comparado entre Luigi Pirandello e Machado de Assis procura examinar as relações e as coincidências entre dois escritores geograficamente tão distantes, mas involuntariamente próximos. Como se sabe, eles nunca tiveram a oportunidade de confrontar-se, porque não se conheceram, apesar disso os dois escritores tratam assuntos similares, e cada um desconhecia a existência de outro além do Oceano. Pretende-se analisar o tema da loucura em ambos os autores, a partir dos estudos sobre a fragmentação irreversível da consciência humana, e o conflito do indivíduo consigo mesmo e com a sociedade nas obras de Pirandello. Na mesma época em que eles viveram, na Europa começava-se a descobrir e a reconhecer a loucura como doença mental, até àquele momento desconhecida; de fato, nos

séculos XV, XVI e XVII as pessoas que manifestavam a doença, foram acusados de atos criminosos, de heresia e de bruxaria e condenadas à morte, porque consideradas perigosas para a comunidade. No século XIX será frequente o isolamento carcerário. O nascimento da psiquiatria e da psicanálise freudiana modificou totalmente este contexto. Propõe-se a análise crítica a partir da comparação entre as novelas “O trem apitou” de Pirandello e “O Alienista” de Machado. As personagens de ambos escritores apresentam vários tipos humanos, a partir do indivíduo marginalizado pela sociedade para suas escolhas erradas e insensatas, chegando aos aspectos complicados do ser humano, o qual parece quase autodestruir-se. As personagens de Pirandello e aquelas de Machado são criadas por fantasia dramática dos autores, uma criatividade narrativa que parece aderir à realidade tangível, como se a vida fosse o palco teatral da existência humana. Vamos aprofundar o aspecto psicanalítico e sociológico, a diferença dos estudos italianos que, até agora, apresentam uma análise sistemática do texto teórico, baseada na interpretação crítica e literária e na estética teatral. Neste contexto, as interpretações dos pesquisadores brasileiros abrem novos horizontes de estudos teóricos e literários, aos quais vai juntar-se uma interessante perspectiva sociológica, que nos conduz em novos percursos para a compreensão do ser humano, de seus limites, da relação difícil com a realidade social e do consequente “umore nero”, através do qual enfrenta com firmeza o seu destino inimigo. Neste caso, para compreender as analogias e as diferenças, é possível comparar algumas novelas, explicando as relações e correspondências, analisando cada trecho correspondente com outro. Considerando os conceitos levantados, perguntamo-nos o porquê das relações, qual é a origem desse “encontro”. Trata-se de um percurso transoceânico? Pretende-se responder a estas questões. De fato, o encontro virtual entre dois escritores que não se conheceram, mostrar-se rico de elementos comuns, porque Itália e Brasil não estão muito longe, e porque a crise do indivíduo é uma questão comum do mesmo período histórico, no qual o

nascimento da psiquiatria foi um acontecimento importante na história da ciência médica. Esta comunicação propõe a leitura comparada entre trechos de algumas novelas e dos artigos de Pirandello publicados nos jornais da época, em que se apresentam os elementos comuns com Machado, aprofundando primariamente o tema da loucura, através da intertextualidade existente.

Palavras-chave: Luigi Pirandello, Machado de Assis, A loucura, Intertextualidade e aspecto psicanalítico

A presença da leveza calviniana na literatura brasileira contemporânea

NATALIA GUERRA BRISOLA GOMES GODOI (UEL)

Resumo: A leveza é uma das características literárias sobre as quais Italo Calvino percorreu na série de conferências que pretendia ministrar na Universidade de Harvard, em Cambridge, entre os anos de 1985 e 1986. O falecimento do autor italiano, em 1985, o impediu de completar suas Seis propostas para o próximo milênio (1988), mas não foi obstáculo para a difusão dessa obra por todo o mundo. Esse conjunto de estudos, desenvolvido num momento de questionamentos gerais quanto ao futuro dos livros e da literatura, dispõe-se a destacar valores que, para Calvino, garantiriam a persistência dessa arte nos tempos vindouros. Para vislumbrar o futuro, as palestras buscaram exemplos no passado, elencando grandes nomes da literatura italiana e universal. Na lição sobre a leveza, são citados Ovídio, Eugenio Montale, Guido Cavalcanti, Lucrécio, Cervantes, Shakespeare, Boccaccio, Rabelais e Kafka, entre outros, de cujas produções são levantados efeitos de leveza, atingidos por meio de imagens de levitação, traços de luz surgidos das trevas, figuras insólitas, humor ou qualquer outra ferramenta que rompesse com a monotonia e a negatividade. O objetivo era sempre combater o peso com que eram representados os eventos humanos íntimos ou sociais, em sua natureza graves e melancólicos. Por fim, tal efeito é alcançado na ficção do próprio Italo Calvino, como propomos ilustrar em algumas análises, entre elas a de seu romance *O barão nas árvores*

(1957). A história de um menino que decide passar o resto de sua vida sobre árvores, negando seu pertencimento à sociedade, por si só apresenta uma imagem de elevação física, constante desafio à lei da gravidade. Soma-se a isso o tom fabular que o narrador assume, a ironia na construção dos demais personagens e, por fim, a qualidade insólita do protagonista, que gradualmente afasta-se da representação do mundo real e integra-se a um ambiente oposto, maravilhoso: a floresta. Em seguida, buscaremos os pontos de encontro e divergência desse livro com algumas narrativas brasileiras recentes e seus métodos de alcance da leveza. Em *O menino que se trancou na geladeira* (2004), de Fernando Bonassi, por exemplo, deparamo-nos com uma narrativa lúdica e irônica, também protagonizada por um menino que não encontra seu lugar na comunidade em que nasceu. Assim como aconteceu com o personagem do romance calviniano acima citado, a fuga dessa criança para a geladeira, um lugar mágico, é uma jornada de autoconhecimento que lhe confere autonomia sobre seus próprios atos. Aproximando-os, vemos a universalidade dos conflitos do indivíduo, que independem de sua nacionalidade. Em ambos os casos, assim como em tantos outros que pretendemos apresentar, a leveza não atua como evasão da realidade, mas como breve distanciamento, fundamental para melhor compreensão daquilo que existe no interior e ao redor do ser humano.

Palavras-chave: Italo Calvino, Leveza, Romances brasileiros contemporâneos

“Uma ideia da literatura como instrumento de conhecimento”: uma leitura do epistolário de Italo de Calvino

RAPHAEL SALOMÃO KHÉDE (UERJ)

Resumo: O objetivo deste trabalho é percorrer, através da leitura crítica da correspondência de Italo Calvino (1923-1985), as etapas principais da produção e do universo intelectual do autor. Vista a dimensão da obra do escritor italiano, tal reconstrução se configura como um esboço

geral que de maneira alguma pode-se dizer exaustivo. O livro “Lettere (1940-1985)”, organizado por Luca Baranelli e publicado por Mondadori em 2000, reúne não somente um grande número de cartas enviadas por Calvino a parentes, amigos, escritores e editores, mas também trechos citados das cartas enviadas para Calvino pelos seus correspondentes. Segundo Baranelli, mesmo não reunindo a totalidade das cartas escritas por Calvino, o livro pretende se constituir como uma antologia dotada de “massa crítica suficiente para a valorização seja da qualidade que da variedade dos textos” (CALVINO, 2000, p. LXXVI). Dando prosseguimento a um trabalho já apresentado sobre as cartas escritas por Calvino entre 1940 e 1959, realizamos uma seleção, seguindo uma linha cronológica, das cartas escritas entre 1960 e 1985. Foram selecionados trechos do epistolário onde há declarações de poética, definições de determinado aspecto da obra do autor (“La giornata d’uno scrutatore”, “Le Cosmicomiche”, “Le città invisibili”, “Se una notte d’inverno un viaggiatore” etc), esclarecimentos sobre um uso específico da língua, reflexões sobre o ofício de escritor, sobre a tradução de textos de Queneau (“Sally Mara” e “Petite cosmogonie portative”), sobre a relação de Calvino com a obra de Pasolini ou de Robbe-Grillet. Há também trechos onde Calvino fornece conselhos a amigos, respostas a críticos para esclarecer questões por eles apresentadas, analisa livros de Elsa Morante, Sciascia, Primo Levi, Natalia Ginzburg. Algumas cartas dos anos ‘60 permitem reconstruir o processo que o levou à participação em uma série de transmissões radiofônicas dedicadas ao “Orlando furioso” de Ariosto, material em seguida reunido e publicado em 1967 com o título “Orlando furioso raccontato da Italo Calvino”. Em 1983 publica “Palomar”, livro, como escreve para Geno Pampaloni, “escrito sem amor pelo eu”; em carta do mesmo ano para Antonio Prete se refere às Operette morali de Leopardi como “livro do qual deriva tudo aquilo que escrevo” (2000, p. 1512). Em 1985, seu último ano de vida, se diz pronto para escrever a introdução para “América” de Kafka, definido por ele “o romance por excelência da literatura mundial do século XIX e talvez

não somente dela”. Em julho agradece o ministro da cultura francês Jack Lang pela nomeação como “commandeur dans l’Ordre des Arts et des Lettres” e, em agosto, pede conselhos a Primo Levi sobre a tradução do texto “Le chant du Styrène” de Queneau. No dia 21 de agosto escreve em inglês para Roger W. Straus em Nova York informando-o sobre o intenso trabalho de preparação das “Norton Lectures” que deveriam ter sido apresentadas em Harvard no semestre acadêmico seguinte. Sua última carta é a do dia 5 de setembro, para Maria Corti, um dia antes do íctus que o levou à morte, por hemorragia cerebral, na noite entre os dias 18 e 19.

Palavras-chave: Italo Calvino, Correspondência, Literatura italiana contemporânea, Narrativa

Olhares contemporâneos: o Brasil de Paolo Sorrentino

ANDREA SANTURBANO (UFSC)

Resumo: Dando continuidade à pesquisa apresentada no simpósio do ano passado, pretende-se nesta comunicação aprofundar os aspectos que na trajetória artística do diretor e escritor italiano Paolo Sorrentino, a partir de uma perspectiva plurissemiótica, desenham uma interessante visão do Brasil, contagiada também pelo olhar do observador. Alguns pontos de interseção na obra de Sorrentino são: 1) a assumida idealização do filme Consequenze dell’amore (2004), ainda que ambientado na Suíça, durante uma estada em São Paulo; 2) a vivência “desgarrada” do protagonista do romance Hanno tutti ragione (2010) entre o Rio, Natal e Manaus; 3) a participação no filme coletivo Rio eu te amo (2014), com a realização de um dos dez episódios que compõem o longa-metragem. Nesse sentido, para ampliar o leque imagético e comparar tais visões com olhares do passado, propõe-se abordar outros registros de artistas italianos no Brasil, como, por exemplo, as impressões, originadas pelo contato com o Rio de Janeiro, de Massimo Bontempelli, em 1933 – “Dio in una mattina di frenesia ha fatto la baia di Rio de Janeiro” –, que se aproximam, de alguma forma,

com as anotações do protagonista de *Hanno tutti ragione* – “[...] mi chiedo proprio cosa teneva in testa nostro signore quando si è messo ad organizzare questo progetto ambizioso”.

Palavras-chave: Paolo Sorrentino, Rio de Janeiro, Arquivo literario, Massimo Bontempelli

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

Aldo Palazzeschi no Brasil: ressonâncias e desdobramentos

ÉGIDE GUARESCHI (UFSC/UTFPR)

Resumo: Considerando-se os constantes fluxos literários entre as literaturas do Brasil e da Itália, esta comunicação objetiva problematizar a recepção da obra do poeta florentino Aldo Palazzeschi (1885-1974), no Brasil, e os desdobramentos provenientes, ainda hoje, desses contatos. Palazzeschi foi autor de poesia e de prosa que viveu o período efervescente das prévias do modernismo, existindo em suas obras elementos tanto do crepuscularismo, quanto do futurismo. Para Alfonso Berardinelli em “Da poesia à prosa” (2007, p. 93), Palazzeschi estaria entre os poetas, a exemplo de Saba e Ungaretti, que, de fato, foram responsáveis pelo nascimento da poesia moderna italiana. No tocante aos ecos da obra de Palazzeschi, na literatura brasileira, é importante destacar que as suas obras traduzidas são bem raras, no âmbito cultural do Brasil e condizem, em grande parte, à sua produção em prosa, dentre os livros mais conhecidos está o romance “Irmãos Materassi” (1934). Já no que concerne à sua produção poética, pode-se perceber que esta aporta em terras brasileiras, preponderantemente, em língua materna, ou seja, escrita em italiano e sem ser traduzida. A leitura dessas poesias teria deixado, portanto, vestígios na produção poética de escritores brasileiros do início do século XX, como é o caso de Mario de Andrade e de Manuel Bandeira. O primeiro, como expõe Aurora Fornoni Bernardini

(2003, p. 50), encontrou, no pré-futurismo das revistas florentinas, algumas sugestões poéticas, que trará para a sua própria poesia. Já o segundo (Bandeira), em seu “Itinerário de Pasárgada” (1954), atesta que foi por intermédio do amigo, também escritor, Ribeiro Couto, que conheceu e que começou a gostar de Palazzeschi, cuja “Fontana Malata” sabia de cor. Paralelo a isso, há, na estética e na temática de Manuel Bandeira, algumas diretrizes características em Palazzeschi, conforme reflete, Roberto Vecchi, em “Aliança na poesia: (Re)leitura de alguns poemas de Manuel Bandeira à luz ardente do crepúsculo italiano” (1998, p. 286-336). Além desses pontos de contato, com o intuito de se pensar a questão dos contágios e partilhas, que se estendem para além daqueles que ocorrem via tradução, busca-se examinar como a presença de Palazzeschi, no Brasil, é marcante no espaço da teoria e da crítica literária, em especial quando tratam do período futurista italiano e das interferências deste movimento na literatura brasileira. Por fim, outro fator a ser analisado provém de dados encontrados em alguns paratextos, que são pensados de acordo com pressupostos de Gérard Genette, do seu livro “Paratextos Editoriais” (2009), e, que se configuram como dados importantes para se compreender tanto as ressonâncias causadas entre a cultura italiana e a brasileira, como também, o papel dos artistas e intelectuais nesse processo.

Palavras-chave: Palazzeschi, Ressonâncias, Desdobramentos

Ma che finzione? Realtà, signori, realtà. Fortuna de Pirandello no Brasil

ALESSANDRA VANNUCCI (UFRJ)

Resumo: Pirandello protagonizou as modestas tentativas de modernizar os palcos brasileiros na década de 20, seja como campeão das vanguardas, com seu único texto traduzido (*Così è, se vi pare*) montado por todos que desejavam serem registrados como “novos” e seja como ilustre visitante, na função de capocomico de sua companhia, em 1927. Mas foi somente na década de 50 que sua obra se tornou porta-bandeira da renovação da cena, em nome de um realismo

poético que valorizava textos complexos, na mão de um grupo de diretores, não por acaso italianos, radicados em São Paulo. Influenciou uma geração de dramaturgos (entre os quais Nelson Rodrigues) e foi alçado a cânone por críticos influentes que mostraram como suas abstrusas soluções inaugurassem uma cena meta-teatral e expandida, em diálogo com novas tecnologias, orgânica e pertinente à sociedade brasileira que alcançava a modernidade em cena com 30 anos de atraso sobre as vanguardas; mas este “atraso” aparecia então mais um “amadurecimento” de instâncias de modernização subjacentes, como a indústria do espetáculo. Assim, sujeitos à típica antropofagia das ideias em viagem, seus personagens e atmosferas foram antes desejadas, depois devoradas e finalmente cuspidas, na década de 60, pela geração sucessiva, tornando-se símbolo de uma cultura elitista importada e sintoma da crise identitária dos modernos, entre ser vanguardistas e ser continuadores de uma tradição.

Palavras-chave: renovação cênica no Brasil, fortuna de Pirandello no Brasil, ideias e pessoas viajantes

História de Christo: entre tradução e doutrina

ALINE FOGAÇA DOS SANTOS REIS E SILVA (USP)

Resumo: Em 1921, Giovanni Papini publicava, na Itália, *Storia di Cristo*, resultado de sua conversão ao catolicismo e que, em razão da temática abordada, torna-se uma espécie de divisor de águas em sua trajetória literária. Por tais motivos, a recepção à obra foi notória tanto no sistema literário italiano quanto no brasileiro, com a veiculação de resenhas e artigos dedicados ao volume e à polêmica conversão; material publicado, em sua maior parte, nas seções literárias dos principais periódicos de ambos os países. Tamanha repercussão é também fruto das duas traduções brasileiras integrais, ambas sob o título *Historia de Christo*; pois, segundo André Lefevere, em sua obra *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária* (2007, p. 24), a tradução é a forma mais reconhecível e potencialmente influente de

projetar um autor em uma cultura diversa. A primeira delas é de autoria do jornalista e professor Francisco Pati, publicada pela editora A. Tisi & Cia., em 1924; a segunda, por sua vez, foi elaborada pelo professor e padre Lindolpho Esteves e publicada pela Companhia Editora Nacional, em 1929. A partir da análise das traduções, torna-se evidente que a segunda sofreu mais modificações na comparação com a obra em italiano. A primeira delas diz respeito aos capítulos: os noventa e seis do texto-fonte transformaram-se em cento e vinte e três; alguns deles foram subdivididos e outros, suprimidos. Além disso, Pe. Esteves optou pela divisão dos capítulos a partir dos tópicos frasais que constituem a narrativa de Papini. Por fim, em termos lexical e semântico, algumas escolhas do escritor florentino foram adaptadas, sobretudo as que continham uma conotação animalesca e rudimentar conferida ao homem no confronto com o sagrado. Essa manipulação textual talvez se explique em razão do cargo eclesiástico do tradutor. Ao enfatizar separadamente os episódios bíblicos e tornar mais sintético e ameno o estilo da escritura, ele parece ter como objetivo fazer chegar ao público uma tradução doutrinária, baseada em uma “interpretação institucionalizada [...], formada no âmbito da Igreja Católica Romana”, nas palavras de Cristina Rodrigues (*Tradução e diferença*, 2000, p. 73). Diante do exposto, a presente comunicação tem como objetivo, primeiramente, analisar as traduções de *Storia di Cristo*, na perspectiva da tradução enquanto reescritura, texto domesticado e doutrinário. Em um segundo momento, apresentar o levantamento de notas, resenhas, crônicas e artigos publicados em alguns dos principais periódicos nacionais a respeito dos volumes publicados, como recorte ao exame da recepção e repercussão do escritor Giovanni Papini no Brasil.

Palavras-chave: Giovanni Papini, *Historia de Christo*, tradução doutrinária

Primo Levi no Brasil: aproximações e distanciamentos

HELENA BRESSAN CARMINATI (UFSC), PATRICIA PETERLE (UFSC)

Resumo: Escritor, químico e judeu, Primo Levi dedicou-se à literatura, ao fazer da narrativa um espaço de memória e reflexão, que posteriormente foi interpretado pelo viés da literatura de testemunho. Reconhecido no Brasil por suas três principais obras: “É isto um homem?” (1947), “A Trégua” (1963) e “Os afogados e os sobreviventes” (1986), nas quais o autor busca refletir sobre as desumanidades cometidas pelo próprio homem. Em sua primeira obra, “É isto um homem?”, Levi relata o cotidiano que vivenciou, após ser deportado para Auschwitz-Birkenau, em fevereiro de 1944, construindo uma narrativa rica em detalhes e reflexões sobre o que o homem foi capaz de fazer com o próprio homem dentro dos campos de concentração. Já sua segunda obra, “A Trégua”, pode ser vista como uma continuação da primeira, uma vez que relata a viagem de regresso à Itália depois da liberação de Auschwitz. Em uma Europa devastada pela guerra, Levi e seus companheiros de viagem divagam sem destino pelo Leste Europeu até a União Soviética, tentando reconstruir suas identidades. Em “Os afogados e os sobreviventes”, o escritor tenta redimensionar sua experiência limite, descrevendo e analisando o Lager a partir de outra perspectiva. Nesta obra, evidencia as estruturas do sistema autoritário nazista e suas técnicas para anular as singularidades dos prisioneiros e problematiza com algumas discussões a relação entre opressor e oprimido, desenvolvendo um conceito importante, por ele denominado de “a zona cinzenta”. Nesse obra, publicada após quatro décadas de sua libertação, o escritor propõe ao público um novo olhar sobre a guerra, desmistificando alguns acontecimentos ao narrar a realidade vivida pelos prisioneiros. O autor, escritor mundialmente reconhecido, teve sua primeira obra traduzida no Brasil, “É isto um homem?”, em 1988, pela editora Rocco, tornando-a mais conhecida de sua produção literária. Dois anos mais tarde, a obra “Os afogados e os sobreviventes” é traduzida pela editora Paz e Terra, enquanto que “A Trégua” teve sua

primeira tradução no país somente em 1997, pela editora Companhia das Letras. Tendo isso em vista, a presente proposta de comunicação oral tem por objetivo refletir sobre como tais obras foram acolhidas pelo sistema literário e cultural brasileiro, seus movimentos e fluxos e, enfim, sua recepção e reescrituras, a fim de identificar possíveis contatos nas últimas décadas do século XX. Considerando as possíveis textualidades e confluências a partir da circulação de suas obras, pretende-se pensar sua escritura como um espaço possível de leituras e contatos culturais entre Brasil e Itália, a partir de uma memória literária.

Palavras-chave: Primo Levi, Recepção, Tradução, Contatos culturais

La chiara fama – a construção de uma persona de Giuseppe Ungaretti

LAURA CRISTHINA FIORE FERREIRA (USP), LUCIA WATAGHIN (USP)

Resumo: Com a entrada do Brasil na guerra, apoiando os Aliados, o poeta e professor Giuseppe Ungaretti teve que deixar a Universidade de São Paulo e retornar à Itália. Lá chegando, o governo italiano o nomeou Accademico d'Italia e lhe concedeu, por chiara fama, a cátedra de Literatura Italiana moderna e contemporânea da Università di Roma. Em 1944 Roma foi libertada pelos Aliados e Ungaretti começou a sofrer as consequências dessas nomeações. O sindicato dos escritores solicitou a expulsão de vários escritores, Ungaretti incluso, mas, ao final de uma série de julgamentos em diversas comissões formadas por escritores de todos os partidos, ficou estabelecido que não era possível imputar a Ungaretti qualquer acusação. Ainda, sua nomeação sem concurso para a Università di Roma foi considerada arbitrária pelo Consiglio Superiore della Pubblica Istruzione e Ungaretti foi afastado das aulas. Isso se arrastou até 1946, quando ficou determinado que a própria faculdade deveria decidir se esses professores – Ungaretti não era o único nessa situação – continuariam ou não fazendo parte do corpo docente. A votação foi favorável a Ungaretti, apesar de ter havido oposição por parte de alguns. Foi exatamente no momento em que estava para ser decidido o destino de Ungaretti na Universidade que teve início a

correspondência entre este e o crítico Leone Piccioni, que havia sido seu aluno. Após ter encaminhado a Piccioni uma cópia da carta enviada a Alcide De Gasperi, presidente do Consiglio dei Ministri, na qual submete sua defesa em relação ao processo na Universidade, Ungaretti escreve uma segunda carta a Piccioni, focando especialmente no argumento da sua chiara fama para permanecer na cátedra. Vale-se de exemplos de outros escritores que da mesma forma têm uma atividade universitária, bem como dos convites recebidos para participações em congressos ou para lecionar na Universidade de São Paulo, para justificar a sua própria chiara fama. Ungaretti também acredita que outros escritores poderão avaliar seu renome e prestígio para assumir uma cátedra como a que está lhe sendo tirada. Mais ainda, Ungaretti está indignado por fazerem isso justamente com um poeta. Essa indignação será recorrente ao longo da correspondência. Segundo Piccioni, com a liberação de Roma Ungaretti foi festejado pelos franceses, seus antigos amigos, e pelos americanos, que haviam acabado de chegar ao país. Os italianos, porém, o ignoraram. Talvez seja por isso que encontramos no decorrer da correspondência entre Ungaretti e Piccioni essa necessidade do primeiro de evidenciar sua chiara fama, mencionando sempre a maneira como era tratado por escritores ou autoridades ou acadêmicos, os elogios recebidos em público ou em particular, ou ainda o modo como era festejado no exterior. É possível argumentar também que Ungaretti, consciente da sua importância como poeta, já estivesse construindo um personagem pelo qual gostaria de ser reconhecido pela posteridade. O objetivo deste trabalho é apresentar elementos encontrados na correspondência que demonstram a construção da persona de um grande e festejado poeta italiano, porém não reconhecido e injustiçado no seu próprio país.

Palavras-chave: Giuseppe Ungaretti, correspondência, persona

13

AS LINGUAGENS CRIATIVAS E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO CONTEMPORÂNEO: ESTUDO DE TEXTOS INTERARTÍSTICOS SOB DIFERENTES OLHARES

Maria Teresinha Martins do Nascimento (PUC Goiás)

Lacy Guaraciaba Machado (PUC Goiás)

Márcia Rios da Silva (UEB)

Resumo: A pretensão central deste simpósio é a de criar uma instância em que se possa explorar a presença de diálogos interartísticos numa perspectiva em interação com autor, leitor e obra de arte. Nesse sentido, pensa-se que tanto o autor quanto o leitor apoiam-se no repertório cultural de que são dotados e os movem durante o ato de leitura. Até porque a obra de diferentes sistemas de linguagem é instigadora de construção de redes de sentidos. Daí a relevância de se intensificarem estudos interartísticos relacionados à produção e recepção estética, mediante investigações comparativas que promovam novos olhares sobre combinações e processos de hibridação de linguagens criativas incluindo estudos sobre a formação do leitor literário (infantil, juvenil e adulto) e sua relação com a obra de arte, com espaços de leitura e ferramentas contemporâneas adotadas para a produção e veiculação de textos artísticos. Realizar estudos teóricos da linguagem literária na sua relação com outras linguagens pressupõe estabelecer aproximações, contrapontos e distinções, para melhor compreender parentesco e parentalidade de gêneros artísticos manifestados nessas linguagens. Daí a relevância em explorar relações dialógicas entre Literatura e outras artes apreendidas como fatores geradores de identidades em cada uma dessas formas artísticas, assumidas como fonte criativa de acentuada produtividade nos dias atuais. Alguns teóricos que subsidiam estudos dotados de propósitos como estes podem ser representados por Giorgio Agamben, Mario

Bellatin, Walter Benjamin, Theodor W. Adorno, Roland Barthes, Susan Buck-Morss, para quem “A coletividade do século XX [...] constrói sua identidade na base da imagem ao invés da palavra” (BUCK-MORSS, 2009, p. 28) e forma uma comunidade transnacional, embora o signo verbal continue habitando os mais diferenciados espaços textuais verbais e não-verbais. Nessa direção, pretende-se socializar, neste simpósio, estudos que tratem das relações entre textos de diferentes sistemas de linguagem, averiguando, por exemplo, até que ponto os aspectos relativos à continuidade/descontinuidade, à compleição formal das obras articulam-se e podem ser entendidos como fenômenos inerentes à produção, à complexidade ou simplificação estética e de como tudo isto proporciona relações de fruição artística e “consumo”.

Palavras-chave: Estudos comparados, Hibridação de linguagens criativas, Interartes, Repertório cultural

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

A chance do romance.

JOÃO CARLOS DE CAMPOS RIBEIRO MARTINS (UFF)

Resumo: A partir da série de tv Berlin Alexanderplatz, adaptação de Reiner Weiner Fassbinder sobre a obra de Alfred Doblin, é possível discutir a incorporação das principais características do romance moderno pelas séries televisivas. O romance original de Alfred Doblin fora apontado por Walter Benjamin, como possível saída para a crise do romance, justamente por sua suposta montagem cinematográfica. Enquanto que a série - encomendada pela Tv alemã na década de 80, assim como fora o romance de folhetim por um periódico, na década de 20 - pode-se afirmar, seguiria o caminho contrário: de permear com elementos romanescos uma obra audiovisual. Dialogando com Ranciere

e Deleuze e o conceito de “rituais da percepção” é possível dizer que Fassbinder estava antecipando algo que viria a se consolidar nas década seguintes: as séries de tv como espaço para os grande personagens romanescos contemporâneos.

Palavras-chave: Adaptação, Alfred Doblin, Berlin Alexanderplatz, Reiner Fassbinder

A encenação da leitura: prática dialógica interartes.

ANDRÉ LUÍS GOMES (UNB)

Resumo: Barthes, em O rumor da língua, inicia um dos ensaios, “Escrever a leitura”, com questionamentos dirigidos ao leitor através dos quais ele questiona se a leitura já o inspirou para a escrita de um texto que será objeto de outros leitores. A partir dessas perguntas, o crítico literário e sociólogo francês relata que foi de uma leitura que ele se nutriu para escrever S/Z e nos conta ainda que foi preciso sistematizar todos momentos em que “levantou a cabeça” para que a leitura se tornasse “por sua vez objeto de uma nova leitura (a dos leitores de S/Z)” (BARTEHS, 1988, p.40). Foi a partir da leitura desse ensaio de Barthes que comecei a me questionar quantas vezes “levantamos a cabeça” para encenar a leitura de um texto teatral. E o ato de encenar me levou a pensar na história e nas funções da encenação. Do ponto de vista histórico, o termo está associado ao surgimento da figura do encenador, que não se submete ao proposto nas rubricas pelo dramaturgo e recria cenicamente o texto teatral. Portanto, o termo carrega consigo toda uma negação ao que ficou conhecido como “textocentrismo” e, ao mesmo tempo, uma afirmação de uma postura totalizante e harmônica do teatro, entendida como uma arte híbrida. Pensar a encenação como “conjunto”, “totalidade” e “harmonia” é exercitar a criação de forma dialógica. No entanto, não estamos tratando aqui da encenação de uma montagem teatral, mas de uma leitura. Integrar, portanto, a leitura nesse ato totalizante e harmônico tem sido objeto de pesquisa e desafio a ser enfrentado para quem participa do projeto Quartas Dramáticas, atividade de extensão desenvolvida na Universidade de Brasília da qual

pretendo tratar a fim de propor reflexões sobre o “encenar a leitura” como atividade e/ou estratégia de ensino e de estudos interartes.

Palavras-chave: Encenação, leitura, Dramaturgia, estudos interartes

A narrativa curta: correlações de constructo textual e a interação entre texto e leitor.

ENI SANTOS CARVALHO (PUC-GO)

Resumo: Esta pesquisa propõe-se estabelecer correlações do constructo textual de três contos da obra Lacraus, de Miguel Jorge (Eis aqui Algumas Cartas e Nossas Almas; O Sonho; Yago Ciriago ou a tortura de um Gato Pedrês) destacando o processo de emolduragem e montagem inerentes à pintura e ao cinema. Nos contos selecionados, há indícios que transpõem a colisão ou justaposição de signos para um comportamento como “as tomadas” de um filme que articulam planos e cenas afetando o leitor. A ênfase ainda incidirá sobre a arquitetura textual em que se institui a interação entre texto e leitor, efeito e recepção do texto, numa conjunção de ingredientes da contemporaneidade: hibridização de gêneros e deslinearização do discurso narrativo, desinstalando as personagens e afetando o leitor. A relevância centra-se no intuito de contribuir para o estudo comparativo entre a literatura (contos), pintura e cinema, observando em que medida se cruzam as linguagens e signos. Deste modo, recorrer-se-á a teóricos como Wolfgang Iser, R. Barthes, M. Bakhtin, Hans R. Jauss, Boris A. Uspenski, Paul Valéry e outras fontes que ainda poderão compor o levantamento bibliográfico contido neste projeto.

Palavras-chave: Constructo textual, Discurso narrativo, Leitor, Montagem

A pessoalização em três narrativas curtas: final fixo, em jogos e construção interativa.

VIVIANE ANDRADE OLIVEIRA (PUC-GO)

Resumo: Cada nova invenção que o homem desenvolve traz em si novas possibilidades de criação artística, de tal sorte que os diferentes

procedimentos que o escritor exercita, acaba por modificar “a própria noção de arte”. A partir de definições teóricas de pensadores como Barthes, Frye, Genette, Bakhtin, Eikhenbaum, Tomachevski, Propp, Iser, Jauss, Capparelli e Spalding, verificar-se-á como as narrativas selecionadas se aproximam e distanciam quanto ao processo construtivo da personagem, uma vez que duas são publicadas em recursos impressos (Olho do lobo, de Bariani Ortêncio, A casa mal-assombrada, de Edward Packard), mas com proposições diversas (final fixo e livro-jogo) e uma terceira (Um estudo em vermelho, de Marcelo Spalding) realiza-se em instrumento eletrônico e, como tal, dinâmico e interativo. Por meio de análise comparativa, este estudo propõe-se descrever a natureza das narrativas selecionadas, suas invariantes, tendo como ponto de partida o conto tradicional, demonstrando como a narrativa constitui-se inovação, na medida em que é uma proposta de interação do leitor com o texto durante a sua leitura, ora intervindo no caminho da narrativa (em jogos), ora tornando-se personagem (construção interativa).

Palavras-chave: Procedimento construtivo, Narrativa curta, Construção em jogos, Construção Interativa

Era uma vez: contos de fadas, adaptação e intertextualidade em Into the Woods.

POLLYANNA MORAIS ESPÍNDOLA GOMIDES (UEG)

Resumo: O papel da literatura na vida social é plurifuncional, possuindo função estética (arte da palavra e expressão do belo), função lúdica (provocar prazer), função cognitiva (forma de conhecimento de uma realidade objetiva ou psicológica), função catártica (purificação de sentimentos) e a função pragmática (pregação de uma ideologia). Considerado hoje uma das formas de literatura infantil, o conto de fadas, enquanto obra literária e criação artística autônoma, em relação às demais atividades humanas, exerce várias funções perante a sociedade. Embora construído por uma potência especial, isto é, o

caráter ficcional capaz de transformar o mundo real em um universo imaginário onde pessoas são metamorfoseadas em animais, animais são dotados da linguagem humana, tapetes são voadores, e fadas são madrinhas a nova realidade não deixa de ter, porém, uma relação significativa com o real. Afinal, não se cria a partir do nada: as estruturas linguísticas, sociais e ideológicas fornecem ao autor o material sobre o qual ele constrói o seu universo imaginário. No entanto, os contos de fadas vêm sendo recriados e reinventados desde que surgiram, sendo readaptados muitas vezes fugindo modelos arquetípicos propostos pelos contos originais, possuindo outros valores que diferem dos modelos originais. Após séculos de adaptações para teatro, cinema e televisão, devemos considerar que o leitor, mesmo aquele em formação, é um conhecedor da obra exterior às páginas. Sua interpretação, subjetiva e repleta de imagens cinematográficas, constituirá um conto de fadas muito diferente da sua narrativa original. Neste trabalho propomos analisar como a recriação de *Into the Woods* (Caminhos da Floresta), peça musical de James Lapine e Stephen Sondheim de 1986, e depois adaptado em filme de mesmo nome pela Disney em 2014, está repleto de intertextualidade com os contos de fadas originais, e retomam aos clássicos para contar uma história diferente. Preocupados com a importância que têm os contos de fada na vida das crianças e a importância da retomada dos clássicos, propomos uma comparação literária entre os contos de fada originais: *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela*, *Rapunzel* e *João e o Pé de Feijão* que compõe a história *Into the Woods*. As interpretações e reflexões propostas se fundamentam nas contribuições teóricas de Bakhtin (1992) e seus seguidores, Bettelheim (1986), entre outros.

Palavras-chave: Contos de fadas., Literatura Infantil., Intertextualidade., Dialogismo.

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Narrativa audiovisual na sala de aula: relatos selvagens, crônica e produção de texto.

DIOGO DOS SANTOS SOUZA (UFAL)

Resumo: Como alternativa metodológica para o ensino de língua portuguesa e literatura, o Cinema pode ser um meio, na sala de aula, que seduz e provoca os alunos a entrarem no universo da palavra, seja para o âmbito da leitura, seja para práticas que envolvem a produção de texto e a formação do leitor. Nesse sentido, o presente trabalho traz um relato de experiência de aulas de língua portuguesa com uma turma da graduação em Comunicação Social (Jornalismo e Relações Públicas) em que o filme argentino *Relatos Selvagens* (2014), de Damián Szifron, foi estudado como uma via de leitura para o conceito de crônica. O objetivo deste trabalho é fazer uma análise de duas produções textuais que foram desenvolvidas tendo como base a perspectiva de compreender *Relatos Selvagens* como um conjunto de seis crônicas, escrevendo, posteriormente, uma notícia para cada relato. Logo, elementos do discurso jornalístico foram incorporados nessas produções, fato que mostrou que os estudantes compreenderam a proposta da atividade e utilizaram a criatividade como um recurso de leitura do gênero crônica. Bakhtin (1979), Coimbra (2009) e Napolitano (2013) são alguns autores que trazem acepções sobre leitura e escrita que interessam a perspectiva da atividade desenvolvida, mantendo o viés para os possíveis elos entre autor, texto e leitor. Nesse caminho, iremos analisar a recepção do filme, identificando como a narrativa audiovisual foi relida na escrita de uma notícia e observando quais os elementos do filme foram apropriados pelos redatores. Assim, o cinema será visto como um recurso para a produção de um texto não ficcional que teve como base um texto ficcional. O diálogo interartístico realizado nessa atividade

correspondeu ao percurso de utilizar a escrita criativa como um recurso de reelaboração do discurso ficcional através da notícia, tendo como base as noções teóricas do gênero crônica. Isto posto, analisou-se a recepção da narrativa audiovisual ao ser apropriada no contexto da produção do texto, situada no eixo de relações entre os discursos literário, jornalístico e fílmico. Os novos efeitos de sentidos provocados pelos estudantes permitem-nos observar como o leitor-telespectador, no trânsito entre campos artísticos, lança um olhar que demove o filme do seu lugar de origem, colocando a narrativa num espaço de significação descontínua e mutável. Portanto, o comparativismo entre Literatura e Cinema, nesse caso, pode mostrar as semelhanças e dissonâncias do funcionamento do discurso de cada um desses campos sob o olhar de redatores da área da Comunicação Social, expressando as inquietudes que podem surgir na escrita que situa numa zona fronteira.

Palavras-chave: Narrativa audiovisual, Crônica, Relatos Selvagens, Interartes

O império dos leitores na contemporaneidade: o que fazer com a nossa caixa de ferramentas na escola?

MÁRCIA RIOS DA SILVA (UNEB)

Resumo: Por força das mídias digitais hoje, pondo à nossa disposição uma avalanche de produções artísticas e literárias, uma comunidade anônima de leitores e fãs tomam a liberdade de se apropriar de histórias originais, muitas delas produtos da cultura massiva, para reescrevê-las, como provam os inúmeros sites de hospedagem de fanfictions, que vão de bestsellers a autores clássicos. Assim, novos sujeitos da história se fazem presentes, marcando seus lugares, deslocando os exclusivismos atribuídos à atividade artística (RANCIÈRE, 2009). Com a recriação dessas narrativas, veem-se abaladas as noções de leitor, leitura e autoria, ao tempo em que se desloca a centralidade do que a modernidade estética convencionou chamar de literatura, identificada por um acentuado

trato estético da linguagem. Os referidos sites confirmam novos usos e apropriações das produções literárias, ao tempo em que expõem a distância entre o que se produz fora do espaço escolar e o que o sistema educacional ainda almeja, o de contribuir para a ampliação do capital cultural dos jovens. Ao recorrerem a tramas já existentes para criarem suas histórias, esses leitores-autores estão em sintonia com o seu tempo, quando se sabe que, no campo das artes visuais, um número representativo de artistas se apropriam de formas culturais já produzidas, na lógica do suplemento, transformando-as em novas produções, como destaca Nicolas Bourriaud (2009). Trata-se, segundo esse crítico de arte francês, de uma arte da pós-produção, em que os artistas estão criando a partir de formas já produzidas. Frente a esse cenário, há que se conhecer as expectativas e demandas dos jovens estudantes, que vivem um contexto cultural que os provoca a sair do lugar de passividade de leitor. Deve-se ter em conta ainda as diferentes mediações culturais que se interpõem nos processos de recepção, questão tratada por Jesús Martín-Barbero (2001). Os leitores reinventam o seu lugar, dando novos sentidos às narrativas lidas, suplementando tais textos, numa lógica do pastiche. Como sujeitos, esses jovens leitores não mais se colocam como leitores passivos, subordinados a um esquema interpretativo, o que ainda se constata no ensino de literatura, que tem como objetivo primordial ensinar a interpretar (COLOMER, 2007). Tendo em vista essa paisagem atual, busco problematizar o lugar dado à literatura em sala de aula, a partir de duas publicações, Caderno de leituras; a literatura de Jorge Amado (GOLDSTEIN, 2008) e Caderno de leituras; o universo de Jorge Amado (GOLDSTEIN, SCHWARCS, 2009), pela Companhia das Letras, destinadas aos professores da Educação Básica, como suporte para o trabalho com os romances de Jorge Amado.

Palavras-chave: contemporaneidade, literatura, leitores, práticas de recepção

O leitor para além do texto e sua responsabilidade social.

FERNANDA DA SILVA OLIVEIRA (UEG)

Resumo: Para atender aos anseios da pós-modernidade, a educação precisa dialogar com outros campos a fim de formar um cidadão mais autônomo e crítico. Assim, as várias manifestações da arte, tão presentes no contexto educacional, e entre elas, a literatura, podem ser uma provocação ou uma alternativa para o empoderamento do sujeito. Deste modo, a leitura constitui-se como um caminho eficaz para o exercício de uma prática crítico-reflexiva na formação do leitor literário contemporâneo. Na literatura e em outras esferas de discurso, o leitor precisa estabelecer uma relação aprofundada com a linguagem e as suas significações, refletindo acerca dos valores éticos e sociais aí implicados. Considerando que o exercício da leitura vai muito além da decodificação, concebemos o leitor como um agente social, participante de uma prática social e capaz de transformar sua realidade a partir da interação com o texto. Propomos uma reflexão sobre a formação do leitor contemporâneo sob um viés diferente, pautado pelos pressupostos da Análise do Discurso Crítica. Preocupados com questões discursivas e ideológicas, nem sempre explícitas, mas sempre presentes na relação entre leitor e texto, temos neste trabalho o objetivo de refletir sobre a formação do leitor contemporâneo, considerando o exercício do seu senso crítico quando em diálogo com o texto. Defendemos uma prática leitora que desvele as significações sociais da linguagem e suas implicações relacionadas ao poder e à ideologia e que fomente novas práticas de engajamento em lutas que visam transformações locais e globais. As interpretações e reflexões propostas se fundamentam nas contribuições teóricas de Norman Fairclough (2016), Guilherme Veiga Rios (2015), entre outros. Acreditamos que a leitura é uma ferramenta para a apropriação do conhecimento e, por isso, torna-se rica em possibilidades para problematizar e entender para além do texto, estabelecendo conexões e capacitando o leitor para atuar na sociedade.

Palavras-chave: Leitura crítica, Leitura como prática social, Literatura, Formação do leitor literário

Personagens femininas dos séculos XX e XXI: perfis emblemáticos da literatura, do teatro e da indústria cultural.

ÂNGELA MARIA DA COSTA E SILVA COUTINHO (IFRJ)

Resumo: Personagens femininas dos séculos XX e XXI: leitura de perfis emblemáticos da literatura, do teatro e da indústria cultural. Modelos estéticos artísticos construídos e reproduzidos passam a fazer parte do imaginário do leitor como se naturais fossem. Assim acontece com personagens criados na literatura, no teatro, no cinema, na mídia televisiva. Em vista disso e de acordo com a proposta desta comunicação, uma hipótese para a formação de leitores literários é tornar sistemática a conversação entre a arte literária e outras diferentes formas de arte, empreender diálogos entre gêneros literários e com produções da indústria cultural. Entende-se que essas especulações dialógicas, enquanto frequência espontânea ou na rotina da aprendizagem, estimulam operações analíticas e interpretativas, a partir da associação de sentidos e de discursos, também por acionar um fluxo de correspondências de significados subjacentes nas textualizações, além de propiciar o reconhecimento de ressignificações e ênfases. As investigações sobre o feminino têm rendido discussões que propiciam sempre um retorno a questões relacionadas às representações sociais da mulher ao longo da história; a formações discursivas relacionadas a sua ética ; às metáforas do feminino da tradição romântica e suas contradições; aos padrões de beleza das classes favorecidas cuja inculcação gera o obscurecimento das diferenças, como as diferenças raciais e de classe social. Neste artigo, serão discutidas, com base em princípios da Semiótica, de Estudos de Análise de Discurso e de Teoria Literária (com destaque para os conceitos bakhtinianos de polifonia e dialogismo), as questões a seguir: 1- concepções e contradições do feminino na visão da personagem do conto A bela e a fera de Clarice Lispector, em diálogo com os perfis das personagens das recentes versões da fábula criadas para o cinema. 2- representações na indústria cultural, reação e resistência, por meio de reflexão sobre os pleitos de rejeição à jornalista Maria Julia Coutinho e à atriz Taís Araújo e em conversação com

pleitos de adesão a outras atrizes e jornalistas. 3- perfis de personagens femininas no teatro brasileiro: Virgínia de Nelson Rodrigues – da peça Anjo Negro e Chica da Silva na versão para o musical intitulado Chica da Silva – o musical, com texto de Renata Mizrahi e direção de Gilberto Dawronski, em conversação com a obra narrativa intitulada Chica da Silva e o contratador dos diamantes: o outro lado do mito de autoria de Júnia Ferreira Furtado. As protagonistas da ficção atuam em um lugar de fronteira, entre o seguro, o duvidoso, o inesperado, entre o branco e o negro, a transparência e a opacidade. Elas perturbam as convenções. Paralelamente, as cidadãs da vida real são personagens representativas da resistência ao determinismo do binômio raça e trabalho. Elas, igualmente, perturbam o imaginário convencionado na sociedade de classes.

Palavras-chave: formação do leitor, literatura e outras artes, personagens femininas, textualizações contemporâneas

Um pacto criativo: da Lei do Levirato ao *Manual da Paixão Solitária* de Moacyr Scliar.

WÉDINA SABINO RODRIGUES COELHO (PUC-GO)

Resumo: Este é um estudo inicial que tem como propósito analisar, comparativamente, fragmentos do Pentateuco, livros que narram a Lei do Levirato, com a obra *Manual da Paixão Solitária*, de Moacyr Scliar. A ênfase incidirá sobre o processo construtivo do discurso e como se constitui o pacto ficcional, destacando pontos de convergência entre ambas as obras selecionadas como objeto de estudo. O procedimento central adotado para esta análise fundamentar-se-á no modo de realização das vozes enunciativas presentes no discurso e seus efeitos de sentido. A principal preocupação está centrada no processo construtivo da linguagem literária, que se manifesta por meio do discurso ficcional que carrega marcas inventivas instituidoras de uma complexa rede de significações.

Palavras-chave: Lei do Levirato, Moacyr Scliar, Monólogo, Vozes do discurso



14

AUTORIDADE E AUTORITARISMO NO SÉCULO XX: O LEGADO DE UMA POLÍTICA DE MEMÓRIA

Édimo de Almeida Pereira (CES/JF)
Gislene Teixeira Coelho (IF Sudeste MG)
Sílvio Renato Jorge (UFF)

Resumo: Nossa proposta fomenta um debate acerca de traumáticos eventos ocorrentes no século XX, de modo a apoiar-se no potencial crítico de estudos resultantes da aproximação de história, arte e política, de onde se pode extrair uma política de memória que visualiza, no trabalho com as experiências humanas radicais de exclusão, exílio, perseguição e intolerância, a projeção da avocação de uma herança e de um compromisso com essa herança (DERRIDA, 1994); nesse sentido, incentivar-se-á a iluminação de uma geração de obras e autores que vem reagindo contra os crimes de e na memória. Compõem o vasto legado desse século conflitos ocorridos no âmbito nacional e internacional, na política interna e externa, seja em função do embate África-América-Europa, das ditaduras nacionais, da propagação do nazi-fascismo, da reação ao comunismo, das guerras, do (neo)colonialismo, da globalização, do levantamento de fronteiras geopolíticas e socioculturais. Em contrapartida, o século XX também motiva um interesse em espacial por, em resposta ao legado da violência, instigar movimentações de grupos com ideologias e valores diversos a favor da resistência, do reconhecimento e da emancipação, fundamentando, sobretudo, a intitulação de uma “era dos extremos” (HOBSBAWN, 1995). Diversas produções artísticas testemunharam intimamente os movimentos dessa era dos extremos, fornecem, portanto, um amparo material vasto para análise da história e de nossa escrita da história. Nesse sentido, apostar-se-á, sobretudo, no potencial expressivo e crítico dos textos literários,

que recepcionam personagens, histórias e momentos emblemáticos no intuito de tentar traduzir esteticamente os impactos de seu tempo. Representações da violência desse século encontram no campo artístico e literário um espaço convidativo à crítica e à resistência, de modo que um *corpus* significativo de autores **imprime** em seus textos os mal-estares de seu próprio tempo (DERRIDA, 2001), que revertem em reações convulsivas contra imposições hegemônicas, seja do ponto de vista cultural, ideológico, econômico ou político. Governos autoritários, ditadores, colonizadores e outras formas de exercícios da autoridade, em defesa de uma razão essencialista, totalitária, falocêntrica e etnocêntrica, valeram-se do poder do silenciamento, da submissão, do cerceamento de direitos, do apagamento de memória, operando a seu favor uma política de incentivo à anistia e à amnésia. Em vista de ações de supressão, grande parte da história do autoritarismo no mundo vai apagando-se aos poucos, registros queimados, pessoas desaparecidas, vítimas esquecidas, crimes “perdoados”; na contramão do esquecimento, desde o final do século XX, um pensamento crítico-teórico articula-se em nome de um compromisso com uma política de memória contra a anistia e a amnésia, em nome da qual investe na recuperação e na manifestação de vestígios residuais sintomáticos das ações hegemônicas de “harmonização” do passado e de controle sobre a escrita da história. O trabalho artístico, pois, encaixa-se no debate com um papel duplo, autorizando uma leitura performática que localiza nas obras as marcas (as impressões) de um registro de época e corroborando como uma voz crítica que se manifesta frente às hierarquias, censuras e imposições socioculturais. São bem-vindas, portanto, contribuições de estudiosos que buscam na literatura e outras artes um instrumento de expressão da desobediência, da perversão, da desautorização de linhas de poder que atuaram – e, porventura, ainda atuam – como forças hegemônicas, bem como contribuições que localizam, **no corpo** das respectivas obras, a expressão de tempos sob pressão, reproduzindo, no texto da obra, a persistente sensação de dor e angústia. Se, por um lado, se arrolam inúmeros

exemplos de uso de poder como forma de controle e padronização no século XX; por outro, igualmente se multiplicam casos de enfrentamento e embate no campo social, com a sublevação de significativos movimentos em busca de representatividade e de reconhecimento, e no campo intelectual, em que se discutem as desagradáveis heranças oriundas da opressão, da segregação e da violência, ações comumente empregadas como geratrizes e perpetuadoras do poder da autoridade. Ao se propor um campo de análise ampliado, em termos temporais e espaciais, objetiva-se produzir articulações entre as memórias do autoritarismo e, conseqüentemente, um repertório crítico que possa discutir, com mais propriedade, o século das contradições, em que se contrapõem vozes interditas e interditadoras, o subversivo e o autoritário, o silêncio e a explosão; localizando, no conjunto das apresentações, a perspectiva de uma política de memória que opere pelo engajamento, em nome da descolonização do pensamento (MIGNOLO, 2003) e das relações humanas.

Palavras-chave: Autoritarismo, Violência, Memória, Legado

Referências:

- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Claudia Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- _____. **Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional**. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- HOBBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Trad. Marcos Santanita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento laminar**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFJG, 2003.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo

Horizonte: UFMG, 2003.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Cultura e Imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Comportamento geral: diálogo sobre controle do estado nas sociedades distópicas

LEONARDO GUIMARÃES DE FARIAS (UFRN)

Resumo: O estudo tem como objeto a obra literária “Jogos Vorazes”, de Suzanne Collins, fazendo uma análise de como o romance dialoga com as obras distópicas “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley e “1984”, de George Orwell. Para tanto, utiliza-se como base teórica metodológica a Escola de Frankfurt, que entende a literatura como forma de compreensão de como as forças sóciopolíticas atuam sobre os indivíduos. Panem, país fictício de “Jogos Vorazes”, é formado por sua Capital, localizada no centro e onde acumulam-se as riquezas, rodeada por doze Distritos que servem basicamente como mão de obra através da exploração da sua população, para suprir as necessidades do grande centro. Considera-se interessante para análise proposta a forma em que o Estado controla a sociedade: os residentes da Capital são na sua maioria cidadãos triviais e sem interesse sobre as desigualdades impostas aos cidadãos dos demais distritos, nos quais caracteriza-se a ação de controle do Estado através de forte vigilância. Em que pese a insatisfação com o tratamento dispensado pelo Estado aos distritenses, o medo de possíveis retaliações violentas da Capital não os deixam reagir. Sob essa ótica, enxerga-se o encontro das três obras: enquanto o romance de Huxley é um alerta de como a subjetividade

do indivíduo pode ser controlada, o de Orwell atenta para utilização da super vigilância do Estado como principal forma de poder. Assim, “Jogos Vorazes” alerta a sociedade contemporânea sobre a permanência não só sobre problemas já apontadas pelos romances distópicos anteriores – utilização de entorpecentes para acobertar sentimentos, a destruição do passado como controle de informação e utilização de tecnologias para controle da sociedade, como também ressalta a questão da segregação, em evidência a partir do final do século passado. É necessário ressaltar que, ao contrário o que defendem alguns autores (Neil Postman, por exemplo), Admirável Mundo Novo e 1984 não são obras contraditórias, ao inverso disso, elas se consubstanciam como críticas contundentes ao que se precisava combater na sociedade da época. Dialogando com as duas obras, Collins constrói uma sociedade segregada, onde parte dela é formada por cidadãos disciplinados para serem apáticos, relacionando-se com a sociedade descrita por Huxley, enquanto que os Distritos, controlados pela força autoritária e extrema vigilância do Estado, remontam à “1984”. Com base nessas reflexões, entende-se que as obras “Admirável Mundo Novo” e “1984” contribuíram para a compreensão de controle do Estado no romance “Jogos Vorazes” e na construção narrativa da obra, mostrando que o Estado atua com vieses diferentes dentro de uma sociedade segregada.

Palavras-chave: Controle do Estado, Admirável Mundo Novo, 1984, Jogos Vorazes

Do estado totalitário à literatura: sociedade e política em *Fazenda Modelo*, de Chico Buarque e *Animal Farm*, de George Orwell

THAINÁ APARECIDA RAMOS DE OLIVEIRA (UFMT)

Resumo: Ao longo da história literária, diversos escritores perceberam a necessidade de produzir obras que impactassem de maneira mais direta na sociedade, levando ao público leitor uma provocação em aberto sobre desajustes nos âmbitos da política, economia e outros setores sociais. A partir do século XX, devido aos episódios de guerras

e regimes totalitários mundiais, essas motivações tornaram-se uma constante, nos diversos gêneros textuais de sistemas literários distintos. Essa vertente literária tomou corpo porque articula o plano estético ao sociocultural, permitindo aguçar a consciência crítica dos leitores. Para ilustrar a questão, podemos citar as obras produzidas por Chico Buarque, em diferentes momentos históricos brasileiros e mundiais, e as produzidas por George Orwell, permeadas pelas forças de dominação dos regimes totalitários. Francisco Buarque de Hollanda é dramaturgo, músico e escritor, que possui em seu histórico uma intensa produção de cunho social e cultural. Sua consciência intelectual se deu em um cenário marcado pelo autoritarismo; trata-se do período de 1964 a 1985, quando o país vivenciava o regime militar. Nesse clima, as produções buarqueanas atuaram na denúncia das atitudes arbitrárias do governo vigente e da inércia do povo diante de tais atitudes. Em “Fazenda modelo: novela pecuária”(1974), Chico projeta os esquemas de dominação social em uma comunidade bovina, liderada pelo boi Juvenal. Os demais bois e vacas eram submissos aos mandos do líder, assim como acontecia naquela sociedade brasileira da década de 1970. De maneira semelhante, encontra-se George Orwell, pseudônimo do inglês Eric Arthur Blair, cuja obra é possível notar um intenso encontro dos planos literários e políticos. Poemas, contos, diários, textos jornalísticos, entre outros, são gêneros que compõem o percurso intelectual desse autor. A partir de 1936, surgem produções orwellianas que demonstram a ideologia que segue de encontro ao totalitarismo, e ao encontro do socialismo democrático. Esse senso político e ideológico atravessou todo o período de produção da narrativa “Animal Farm” (1945), cujo enredo constrói uma crítica aos sistemas políticos de dominação. Nessa obra, os animais planejam um ataque contra o poder exercido pelos humanos, em que um grupo liderado por porcos resolve expulsar o proprietário da fazenda onde residem. Após a expulsão, ficam proibidas, entre os animais, manifestações da cultura dos homens; proibições estas reunidas em sete mandamentos que, aos poucos, são

quebradas pelos próprios líderes da revolução e provocam o fracasso do manifesto. Diante dos contextos das obras acima mencionadas, é possível identificar elementos que permitem comparar as narrativas “Fazenda modelo” e “Animal farm”, confrontando suas semelhanças e dessemelhanças. É, pois, pela metodologia comparatista que a presente pesquisa visa explicitar os diálogos entre tais textos, uma vez que, intencional ou não, há aproximação entre as obras, que se alicerçam em um discurso alegórico para discutir os contextos históricos de épocas e lugares diferentes.

Palavras-chave: Fazenda Modelo, Animal Farm, Literatura comparada, Literatura Engajada

Política literária: outras três antologias de Luiz Ruffato

MARIA ANDRÉIA DE PAULA SILVA (CESJF)

Resumo: No circuito do literário, a confecção de antologias pode cumprir vários papéis entre eles destacam-se a canonização de autores que se encontram fora da academia; a pedagogização da literatura, buscando tornar acessível a um público leitor iniciante uma variedade de autores consagrados; a revisão histórica de certos temas e autores e a possibilidade de um olhar diacrônico sobre temas e debates. A presente comunicação toma como objeto de análise três antologias de contos organizadas por Luiz Ruffato em uma década que tematizam o poder, a política e a história do Brasil. A primeira, Fora da ordem e do progresso, publicada em 2004, contou também na organização com Simone Ruffato, apresenta textos de vários autores brasileiros do século XIX ao século XXI. A segunda, Sabe com quem está falando? : contos sobre corrupção e poder, de 2012, também percorre a literatura brasileira dos séculos elencados na primeira. Já a terceira antologia, publicada em 2014, tem o significativo título de Nos idos de março e concentra-se na apresentação de contos de autores brasileiros especificamente sobre a última ditadura civil militar. Na leitura das três antologias pode-se observar, apesar da repetição de alguns textos, a persistência do autoritarismo e seu correlato a violência na história

brasileira recriados por uma vastíssima gama de autores, o que permite inferir a persistência deste traço na experiência cultural do país. Pretende-se analisar as antologias não só pelo caráter testemunhal, enquanto arquivo voltado para o passado, que necessariamente elas contêm, como também pela questão ético-política que elas pressupõem e prometem enquanto abertas ao porvir. Parte-se da premissa de que o ato de organizar uma antologia aproxima-se do gesto do arconte, definido por Jacques Derrida, em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (2001), como aquele que tem o poder de controlar e interpretar os arquivos, sem necessariamente conseguir conter a possibilidade de corrosão e de desaparecimento.

Palavras-chave: Luiz Ruffato, Antologia, Autoritarismo

Nove noites: perspectivismo indígena e totalitarismo

RAQUEL PARRINE (UNIVERSIDADE DE MICHIGAN)

Resumo: Em *Nove Noites*, Bernardo Carvalho narra o suicídio do antropólogo americano Buell Quain entre os índios Krahô, no cerrado brasileiro, durante a época do Estado Novo. A explicação da morte de Quain se dá, no romance, pelo aparecimento de uma nova carta de suicídio, que é lida no transcurso do enredo até se provar, ao final, ser ficcional. Esta carta, bem como a narrativa no presente do jornalista que investiga o suicídio, narram a angústia de Quain como um homem bissexual através de documentos que descrevem e questionam sua índole e sua identidade. Esta estratégia de embaralhar fato e ficção, como argumentado por outros autores, desestabiliza a separação entre relato e evento, operando na tessitura mesma da ficcionalidade. Meu argumento é que essa deliberada operação no estatuto de verdade emula a indissociabilidade entre natureza e cultura apresentada através da metafísica própria do perspectivismo indígena, conforme teorizado por Viveiros de Castro. No perspectivismo, o objeto de análise é incompleto se considerado como objeto, ou seja, “é preciso personificar para saber”. Como ideal de conhecimento oposto à epistemologia objetivista, o xamanismo amazônico não transforma o outro em coisa,

mas o personifica. “Conhecer é personificar, tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido. (...) A forma do Outro é a pessoa”. Esta perspectiva desde a metafísica indígena explica a atenção dada aos rituais de masculinidade dos “civilizados”, marcados pela violência de gênero e perseguição às sexualidades não-heteronormativas. Estes rituais “civilizados” são frequentemente contrastados com os próprios rituais dos índios Krahôs e dos Trumais, cuja “covardia” e “estranheza” são frequentemente apontados no texto do romance. Se, por um lado, o comportamento autodestrutivo do pai do narrador e a delegação do trabalho do luto à sua irmã aparecem não-marcados pela estranheza, o comportamento sexual e os rituais de parentesco dos índios, apesar de inofensivos, são constantemente questionados. A paranoia, censura e intolerância sexual do Estado Novo e dos Estados Unidos pré-Stonewall são o pano de fundo para a exclusão existencial, o desejo de isolamento e depressão que levam ao suicídio de Quain. Carvalho, portanto, torce o olhar estrangeirizante direcionado aos indígenas e o usa como um intrincado argumento contra o patriarcado heteronormativo “civilizado” tanto no passado quanto no presente, implicando o olhar do leitor e o do narrador ficcional na trama de masculinidades em questão. Ademais, traça uma continuidade entre o totalitarismo da ditadura varguista, o conservadorismo norte-americano e a criminalização de homossexuais, com a história da perseguição indígena, a formação do Alto Xingu e os massacres indígenas do Estado Novo – todos vítimas de uma operação epistemológica e política que reduz e conquista o outro.

Palavras-chave: perspectivismo, política de gênero, Estado Novo, direito indígena

Os índios no país do futuro: uma leitura da representação do indígena em *Quarup*, de Antonio Callado

JOSE HUMBERTO TORRES FILHO (UNB)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo propor uma leitura da representação dos povos indígenas no romance *Quarup* (1967), de Antonio Callado. Passadas cinco décadas de seu lançamento, *Quarup*

continua sendo um marco no que diz respeito à representação do período que antecedeu e, por fim, culminou no golpe militar. E, mais importante que isso, expôs as feridas da formação social e intelectual do país. Apesar de os acontecimentos narrados estarem tão vinculados a um período determinado da história, o romance liberta-se das amarras do tempo porque toca no ponto nevrálgico em que se situa a dinâmica social brasileira, estabelecendo, portanto, sintonia com o tempo presente. Ligia Chiappini (1992) ressalta pelo menos dois aspectos levantados pelo romance que evidencia a vocação em tocar as feridas sociais do país. São eles: o discurso multifacetado do que seria o Brasil e a análise das relações entre intelectual e povo? (p.102). A fim de contribuir para essa discussão, me proponho a realizar uma leitura da representação dos povos indígenas em Quarup, tendo em vista que, além de serem uma dessas vozes que compõem o retrato plural do Brasil a que se refere a ensaísta, eles também fazem coro ao coletivo algo amorfo que a palavra povo sugere, em tensão com representantes da intelectualidade brasileira. No romance, uma parcela significativa desses intelectuais se aproxima de uma vertente conservadora e violenta, expondo a visão que a cultura dominante, não raramente, atribui a grupos marginalizados, como os povos indígenas, baseada em valoração negativa, submetendo-os a um crivo deformante em suas representações (Cf. CANDIDO, 2006; DALCASTAGNÈ; THOMAZ, 2011). Graças aos resultados provenientes dos relatórios da Comissão Nacional da Verdade, tornados públicos em 2014, sabe-se hoje que os povos indígenas estão entre os grupos sociais mais duramente perseguidos pelos militares. Não foi apenas parte da classe média brasileira escolarizada e moradora de grandes cidades a ser perseguida, torturada e assassinada a partir do golpe de 1964, como se convencionou pensar no país. As vidas de diversos povos indígenas foram diretamente atingidas pelo governo ditatorial, visando sobretudo a apropriação de terras. É nesse sentido que propomos uma atualização da discussão, a fim de, inclusive, refletir sobre o papel relegado aos indígenas brasileiros

no que tange o compromisso da nação com o progresso. Para tanto, o romance de Antonio Callado oferece uma valiosa reflexão no que tange a compreensão do Estado brasileiro sobre os povos indígenas e como os eventos narrados se projetam tanto para o nosso passado colonial como para os anos de chumbo que se seguiriam.

Palavras-chave: INDÍGENAS, DITADURA MILITAR, INTELECTUAIS

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Os arquivos e a identidade, ou: a diáspora do nome - Agualusa e Saramago em diálogo

MARLON AUGUSTO BARBOSA (UFRJ)

Resumo: Há encontros que só podem acontecer nos domínios da ficção, outros que só se dão graças à crítica. Aqui, não se tratará de um encontro ficcional, mas, na medida do possível, de um encontro crítico. Duas obras e dois personagens se encontram: o Sr. José, um singelo e humilde “senhor dos arquivos”, personagem de Todos os nomes, de José Saramago, e Félix Ventura, um vendedor e excêntrico “senhor dos passados”, personagem d’O vendedor de passados, de José Eduardo Agualusa. Entre eles: nenhum nome, mas todos os nomes. Uma questão sobre a identidade se impõe: esses dois personagens não se acham diante de uma identidade circunscrita, fechada ou limitada, mas se apresentam diante de algo como uma expansão líquida – “Hoje está rio. Amanhã estará mar” (AGUALUSA, 2004, p.198) – ou aérea – “(...) uma nuvem sem contornos que passa por acima [de suas cabeças] mudando constantemente de forma” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.10). É justamente porque esses personagens estão diante de algo que se dilui, que passa, e que evoca uma imagem em constante movimento ou em metamorfose que é possível estabelecer o diálogo entre essas duas histórias. O Sr. José e Félix Ventura, de forma latente ou manifesta, interrogam

todo e qualquer tom de certeza que estabelecemos sobre um sujeito: seja em relação ao seu passado, ao seu presente, ou ao seu futuro. E aqui poderíamos dizer que tanto José Eduardo Agualusa quanto José Saramago criam personagens que questionam um certo tipo de discurso hegemônico – mas qual? – e que Félix Ventura e o Sr. José, leitores de um presente e de um passado que precisa ser lido e relido, são personagens tal como o historiador da arte proposto por George Didi-Huberman: “O historiador não é senão, em todos os sentidos do termo, o fictor, isto é, o modelador, o artífice, o autor e o inventor do passado que ele dá a ler” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.10). Cabe a nós, leitores, nos perguntarmos: que passado esses dois personagens nos dão a ler?

Palavras-chave: Memória, Agualusa, Saramago

Forjada pelo fogo: memórias do colonialismo, em “Caderno de memórias coloniais” (2009), de Isabela Figueiredo

ARIANE DE ANDRADE DA SILVA (UERJ), CLAUDIA MARIA DE SOUZA AMORIM (UERJ)

Resumo: Para não esquecer. Para lembrar. Demarcada pelo período posterior ao 25 de abril de 1974, a literatura portuguesa envereda por um novo processo de escrita, em que as relações entre construção literária e percurso histórico se estreitam e se conectam intimamente. Por sua vez, nesse cenário, novas vozes, partindo das margens da nação, emergem e, ao se distanciarem de certa maneira do discurso historiográfico, é à memória que se fiam, por ser essa capaz de abarcar as percepções do sujeito, revelar fragmentos do passado e expor mazelas de um tempo pretérito. Nesse sentido, este artigo pretende uma leitura do livro *Caderno de Memórias Coloniais* (2011), de Isabela Figueiredo, sob a ótica da rememoração do período colonial atravessada por um discurso pessoal, que funde-se a uma esfera de coletividade, por discutir questões relativas a um dos marcos da nação portuguesa. Ao escrever sobre episódios que viveu e testemunhou em sua infância, a autora reúne textos independentes, resultado de um conjunto de fragmentos de memórias, oriundos de primeiras publicações

em seu blog. A narrativa, em tom autobiográfico, revela pequenos testemunhos e atravessa a infância de Isabela em Lourenço Marques, concomitantemente a vários momentos da história portuguesa, configurando-se, assim, como um registro, que se submete às recordações fragmentadas da personagem-protagonista e revela traços de um Eu em processo de construção, que, sobretudo, conta a partir da experiência. Num diálogo póstumo com a figura do pai, Isabela é a memória da segunda geração, filha de uma primeira geração que viveu, presenciou e experimentou o colonialismo, e que fora marcada pelo silêncio. Aqui, a autora ativa suas memórias e as incorpora ao discurso da personagem-protagonista que, ainda criança, está a descobrir o mundo ao passo que se encontra envolta nas amarras do colonialismo, para denunciar e livrar-se (d)os fantasmas do passado. Como resultado, a narrativa constrói-se como um desabafo, pois, ao relatar os males colonialistas, Isabela está também a relatar os males causados pelo próprio pai. Assim, percebe-se que, na narrativa, história e ficção são discursos que, no presente, tentam resgatar o passado, desse modo, espera-se discutir de que formas o desenvolvimento da personagem-protagonista se encontra atrelado ao contexto colonialista português e, como, nesse processo, a memória contribui na reconstituição do que foi. Referências: FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de Memórias Coloniais*. Coimbra: Angelus Novus, 2009. _____. Isabela Figueiredo: “O colonialismo era o meu pai”. [24 de dezembro, 2009]. Revista Ípsilon online. Entrevista concedida à Alexandra Prado Coelho. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 11ª edição, 2006. MAGALHÃES, Isabel Allegro de. “Capelas imperfeitas: Configurações literárias da identidade portuguesa”. In RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, Antônio Sousa (Orgs). *Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade*. Coimbra: Edições Apontamento, 2001. _____. “Aquém e Além: espaços estruturantes da identidade portuguesa?”. In: *O sexo dos textos*. Lisboa: Ed. Caminho, 1994. p. 187-206. MARTINS, Catarina. “Deixei meu coração em África”: Memórias

colonias no feminino. Centro de Estudos Sociais: Universidade de Coimbra. Coimbra, 2009. REIS, Carlos & LOPES, A.C.M. Dicionário de Narratologia. Coimbra: Ed. Almedina, 7ª edição, 2011.

Palavras-chave: Colonialismo, Memória, Identidade, Ficção Portuguesa

Memórias da violência em *Os cus de Judas* de António Lobo Antunes

CINTHIA DA SILVA BELONIA (UFF)

Resumo: Após a revolução de 25 de Abril de 1974, a ficção portuguesa dedica-se a uma revisão da história recente do país, abordando o passado para expor os absurdos de um regime político já bastante antiquado. A dimensão imaginada de um império, fortalecida desde as Navegações até o salazarismo, foi sobreposta de forma tão sintomática que “a nação se converteu no problema literário mais urgente de seus escritores, ora como reforço desse mito fundacional, ora como tentativa de reajuste das incongruências entre o imaginário coletivo e o real imediato” (KANO, 2016, p. 76). A necessidade de dizer aparece, muitas vezes, diante de uma experiência limite, como a Guerra Colonial de Angola do domínio português (1961-1974), distante para muitos de nós, mas que impõe o silenciamento para aqueles que a viveram. Publicado em 1979, o romance *Os cus de Judas*, do escritor português António Lobo Antunes, narra, a partir da memória de um ex-combatente, os horrores da Guerra Colonial em Angola, representado por um homem às voltas com o relato de uma experiência de difícil representação, pois a guerra aqui deve ser compreendida no domínio do trauma, experiência que dificulta a aplicabilidade da linguagem verbal. Salazar tinha uma ideia grandiosa do país, uma “visão de esplendor” de um Portugal que vive de forma modesta, gerindo bem os recursos, ao mesmo tempo em que é um império “do Minho ao Timor”. Partia dessa visão sua ideia de manter as colônias portuguesas em África apelando para a “defesa da ‘nação una e indivisível’, como ocorrera aliás nas guerras da Indochina e da Argélia, protagonizadas pela França” (RIBEIRO, 2013, p. 26). Logo após o 25 de Abril, na euforia de tempos novos, a revolução se apresenta como exemplo de pacifismo, esquecendo que houve uma

guerra em África com muito sangue derramado. Guerra esta, que pouco se noticiava em Portugal e pouco se sabia a respeito. Para que o que ocorreu em África não fosse esquecido para sempre, após o seu rápido silenciamento, os grupos diretamente portadores dessa memória, (ex-combatentes e suas famílias) escrevem acerca do que viram e viveram: “O que fizeram do meu povo, O que fizeram de nós aqui sentados à espera nesta paisagem sem mar, presos por três fieiras de arame farpado numa terra que nos não pertence, a morrer de paludismo e de balas” (ANTUNES, 2010, p. 54). Neste trabalho pretendemos abordar a violência da guerra através do relato de memória do narrador e de suas manifestações de trauma. O narrador, dialogando com sua interlocutora, mostra seu fluxo de consciência deixando observar sua percepção de mundo e o desejo de denunciar o que foi a Guerra Colonial em Angola. A ditadura salazarista, antes motivo de orgulho para o povo português, é, em *Os cus de Judas*, o adversário comum dos africanos e dos soldados portugueses.

Palavras-chave: Violência, Memória, Trauma, António Lobo Antunes

A face da opressão no teatro de José Saramago e Hélder Costa

JORGE EDUARDO MAGALHÃES DE MENDONÇA (UFF)

Resumo: Este trabalho é um breve estudo sobre a peça teatral “A noite”, de José Saramago, no qual serão abordados o tempo e o espaço em uma redação de um jornal governista na madrugada de 25 de abril de 1974. Também serão destacados temas como a influência da imprensa, a liberdade de expressão e a transição da opressão do Salazarismo para a liberdade após a Revolução dos Cravos, tendo em vista que a ação da peça de Saramago se desenvolve justamente no marco dessa transição da opressão para a liberdade: a madrugada de 25 de abril. Será também brevemente citada a peça teatral “Abril em Portugal”, de Hélder Costa, encenada pelo grupo teatral “A Barraca”, conhecido pelo seu teatro de resistência, dando enfoque aos vários momentos do Salazarismo até o 25 de abril.

Palavras-chave: Salazarismo, Teatro, Ditadura, Revolução

Memória e trauma no romance contemporâneo: os casos de Itália e Portugal

LUCA FAZZINI (PUC-RIO)

Resumo: A primeira metade do século XX, definida pelo historiador britânico Eric Hobsbawm como a “era das catástrofes” viu a emergência, na Europa ocidental, de sistemas políticos autoritários e totalitários. Nos casos particulares de Itália e Portugal, as décadas de 1920 e 1930 foram marcadas pela instauração e consolidação de regimes fascistas que por um lado levaram os respectivos países a sangrentas derrotas militares – durante a Segunda Guerra Mundial, no caso da Itália, e durante a Guerra Colonial no caso português –; por outro lado intentaram construir uma identidade nacional monolítica e excludente, base ideológica para políticas racistas e colonialistas. Veja-se, a propósito, a promulgação na Itália das “leggi razziali” de 1938, ou as políticas ultramarinas do Estado Novo. Nesse contexto, no âmbito literário, é possível destacar uma série de obras que, a posteriori, refletindo de forma crítica sobre tais acontecimentos, questionam a memória histórica a partir do trauma. É o caso, entre outros, de *Os Cus de Judas* (1979), de António Lobo Antunes, e *Tristano Muore* (2004), de Antonio Tabucchi, romances que, representando tanto os horrores da guerra quanto um pós-guerra distópico, nos oferecem uma imagem crítica dos acontecimentos, sintomaticamente contrastante com os relatos da historiografia oficial. Com a comunicação “Memória e trauma no romance contemporâneo: os casos de Itália e Portugal”, proponho uma leitura comparada das duas obras mencionadas, tendo como alvo uma reflexão analítica acerca dos pontos de contato que podem estabelecer entre elas e, simultaneamente, entre escrita e memória traumática.

Palavras-chave: memória, trauma, guerra e representação, literatura comparada

Sob segredos e paixões: traços de uma narrativa do autoritarismo português no pós-1974

GISLENE TEIXEIRA COELHO (IF SUDESTE MG)

Resumo: No livro *Exortação aos crocodilos*, de António Lobo Antunes, eixos de forças pressionam um grupo de quatro mulheres, na década de 70, no período pós-Salazar; por conseguinte, reações de mal-estar fecundam no romance, em que vozes femininas expressam organicamente – pelo corpo, no corpo – reações a tempos de tamanha apreensão e instabilidade. Embora o livro represente o período pós-ditadura, o peso e a simbologia da censura e da repressão expressam-se rasteiramente no presente das quatro mulheres; à semelhança de uma presença espectral – secreta, não revelada, invisível –, manifestam-se – pela percepção, pelos sentidos, pela sensibilidade – como uma ainda autoridade. Há, no romance, uma presença sensível e latente dos ditames da ideologia salazarista, em que um grupo de extrema-direita organiza atentados e assassinatos em defesa da manutenção e perpetuação da herança salazarista. Não obstante, ao mesmo tempo em que há vozes interditas por esse discurso centralizador, as mulheres-narradoras de Antunes produzem fraturas e distensões no sentido de produzir discursivamente o efeito da desobediência, da desautorização da lei e da ordem. Tal desautorização orchestra-se na soma das quatro vozes, por meio de discursos explosivos que denunciam e, mais significativamente, suspendem a tranquilidade e o domínio de grupos de poder, os quais se articulam em torno de dois níveis: um mais privado, de que são representantes os pais, os maridos; um outro público, em que se sugerem reações contra as reminiscências de uma política do autoritarismo. O pós-1974 convive ainda com o medo, com a morte, com a repressão, em consonância, o romance em tela traduz os impactos de tempos malditos, produzindo, para tanto, na escrita, as ressonâncias de uma perspectiva sensível e crítica. Nesse sentido, o pós-1974 representa o registro de uma época de tensão, em que a doença, a demência, o delírio, as dores disseminam-se como

impressões de tempos ainda de controle das pulsões, das paixões, das vontades. Segredos e paixões movimentam a vida das quatro mulheres, produzindo marcas e deslocamentos internos e externos, físicos e anímicos. Vidas marcadas pelo silêncio, pela violência e pelo desejo expressam-se por meio de histórias fragmentadas, memórias estilhaçadas, tempos (passado/presente) entrecortados, expressam-se pela contenção e pela explosão, pela manutenção do mistério e pela revelação da dor, da pressão e da opressão.

Palavras-chave: Pós-1974, paixões, segredos, impressões

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

O desfazer da utopia no testemunho da memória: ensaio sobre o livro *A geração da utopia*, de Pepetela

JOÃO VICTOR SANCHES DA MATTA MACHADO (UFRJ)

Resumo: O romance *A Geração da Utopia*, de Pepetela, publicado pela primeira vez em 1992, nos apresenta uma grande diversidade de questões a respeito da luta pela libertação colonial em Angola, porém, não é possível definir um único panorama crítico que perpassasse todo o romance. O que temos, portanto, é uma grande diversidade de questionamentos e críticas que acompanham as mudanças que sofrem as personagens nos diferentes tempos e espaços que são atravessados ao longo do romance. A temática da utopia, já apresentada no título da obra, não pode ser encarada como um projeto específico que o livro pretenda retratar. Por mais que, a partir de uma leitura inicial, tendamos a salientar o caráter distópico do romance, temos que observar que essa distopia não pode ser encarada de uma única forma, e nem ser tomada como conclusão crítica do autor que, ao contrário, nos apresenta um epílogo – “Como é óbvio, não pode existir epílogo nem ponto final para uma história que começa por tanto” (PEPETELA, 2013, pág. 123) – que rejeita um final concreto, acenando para a possibilidade de se

reencontrar a utopia perdida. O epílogo é trazido à tona sem a sua função. Assim, a forma do romance incide sobre o próprio conteúdo. Quando Pepetela destaca um caráter de não fechamento, ele encena o movimento de questionamento que não cessa. O romance transita por vários espaços e diferentes momentos históricos. Começa na Casa dos Estudantes do Império, em Portugal em 1961, e passa por diversos momentos da luta armada até 1991 em Angola. A história do romance retrata um grupo de jovens estudantes cujo ponto comum que compartilham é a realidade perversa do colonialismo. Apesar da inegável crítica ao sistema colonial, Pepetela consegue transitar entre os diversos anseios que habitam a subjetividade de suas personagens. Mais do que uma reflexão a respeito da crueldade inerente ao colonialismo, o que podemos perceber ao ler *A Geração da Utopia* é a inequívoca heterogeneidade de uma sociedade que ultrapassa o maniqueísmo clássico das ideologias revolucionárias. Dentre as diversas críticas que cada personagem proporciona, iremos observar em Vítor/Mundial um dos aspectos mais duros da colonialidade que, nesse caso, está ligado a reprodução de um modelo político eurocêntrico e uma ideologia individualista que acaba por perverter seu próprio ideal revolucionário. A delimitação temporal e espacial do romance nos permite observar o trajeto percorrido por Mundial durante todo processo de luta pela libertação de Angola, e nos anos de instabilidade política que se seguiram. Os dois primeiros capítulos do romance – *A Casa* e *A Chana* – serão os dois tempos pelos quais perceberemos o momento em que o revolucionário, ao se deparar com a realidade da luta, abdica da utopia.

Palavras-chave: Pepetela, Utopia, Memória

A resistência ao colonialismo português no conto “Zito makoa, da 4ª classe”, de Luandino Vieira

ALESSANDRA CRISTINA MOREIRA DE MAGALHÃES (ESCOLA SESC DE ENSINO MÉDIO)

Resumo: A interlocução entre literatura, história e política se constitui como uma esfera fundamental no desenvolvimento do sistema literário angolano. Nesse diálogo, o papel do texto literário não é o de

testemunhar ou apenas recontar ficcionalmente um acontecimento, mas o de se abrir como espaço de questionamento e possibilidade de reinvenção da ordem discursiva. Não é, portanto, na condição de repositório de memória que a literatura estabelece essa relação, mas como possibilidade de criar outras maneiras de pensar e até mesmo de agir que contrariam o discurso dominante. Quando reinscritos em um novo espaço, o do literário, os destroços, os resíduos da memória tomam diferentes contornos e sentidos. A literatura, portanto, instaura-se como gesto político. É o que ocorre no conto que ora pretendemos analisar. Em “Zito Makoa, da 4ª classe”, o escritor angolano Luandino Vieira situa a narrativa na escola e reinventa a infância como momento de tomada da consciência da necessidade da luta contra o colonialismo. Tal sistema oprime os sujeitos não apenas por meio da violência física, mas também da violência simbólica. A narrativa, que parecia ser apenas uma história sobre meninos que brigaram na sala de aula por um motivo torpe, revela-se, sobretudo, como microcosmo dos procedimentos autoritários dos quais o colonialismo lançou mão nos territórios ocupados. A sequência de ações que se processam com o menino, que foi reprimido, interrogado e castigado, pode ser entendida como duplo de aparelhos ideológicos que tinham como função primordial manter a ordem e eliminar qualquer possibilidade de contestação. Entretanto, é importante notar que o menino lança mão de uma estratégia que, aparentemente, contraria o campo ético: a mentira. Ele mente a fim de proteger o seu segredo, que era muito mais subversivo do que uma troça em relação à professora. A mentira, neste caso, é usada como estratégia de resistência ao autoritarismo, uma das faces mais cruéis do regime colonial. Cabe questionar, portanto, se diante de situações limites, em face do autoritarismo, o sujeito pode lançar mão do discurso que contraria a verdade para proteger a si mesmo e aos seus companheiros. O projeto de texto do escritor angolano estabelece um paradigma em relação a isso, mostrando um percurso que não é apenas do protagonista, mas da própria nação: resistência às injustiças do colonialismo, o reencontro com as suas próprias singularidades,

a emergência de um sentimento nacional, a tomada de consciência política, as lutas pela independência, a utopia. Logo, este trabalho pretende percorrer os caminhos daqueles que escreve a história pelo avesso, visto que lutam, ainda que metaforicamente, e resistem aos ideais que servem de sustentáculo para esse regime autoritário e implacável.

Palavras-chave: Luandino Vieira, resistência, autoritarismo, colonialismo

Sobre migrações, pós-colonialismo, autoritarismo e resistência a partir do romance *Trono de vidro*, de Antonio Olinto

ÉDIMO DE ALMEIDA PEREIRA (CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA - CES/JF)

Resumo: A maneira como o Velho Mundo vem tratando, desde há muito, a questão dos naufragos e migrantes africanos que se aventuram na tentativa de alcançar as costas dos países europeus tem demonstrado a antiga prática adotada pela Europa em relação ao continente africano e ao Novo Mundo, à medida que repete a fórmula de pensamento na qual a “velha senhora” se posiciona em um lugar de poder garantido por uma postura supostamente civilizatória em relação a uma criada situação de barbárie em que viveriam as populações destes territórios sobre os quais lançou suas mãos a partir do movimento de expansão de desde o final do século XIX. Primordialmente preocupados com a proteção de seus territórios nacionais, os governantes das nações europeias pouco têm feito para que episódios trágicos envolvendo migrantes – como os que vêm se sucedendo com frequência, conforme noticiado pelas mídias internacionais – possam deixar de ser uma dura realidade nos nossos dias. Dessa maneira, levando em conta a atual e intensa onda migratória de refugiados de países africanos em direção à Europa, bem como os aspectos da política colonialista europeia para com o continente africano, desde o passado histórico até a atualidade, política que se viu também marcada pelos processos de independência de países africanos em relação às suas ex-metrópoles, a presente comunicação tem por objetivo estabelecer um percurso de reflexão

acerca do que tem sido a configuração do chamado “pós-colonialismo colonial” segundo as reflexões e a significativa indagação do sociólogo Stuart Hall em seu conhecido trabalho *Da diáspora* (2003), no capítulo intitulado *Quando foi o pós-colonial?* Pensando no limite. Para tanto, busca também, nesses tempos em que limites e fronteiras se colocam na pauta do dia a dia das nações, estabelecer uma abordagem acerca destes temas a partir das linhas ficcionais do escritor Antonio Olinto, perpetradas no romance *Trono de vidro* (1987), último volume das narrativas que compõem a trilogia *Alma da África*, concebida pelo autor a partir da publicação de *A casa da água* (1969). Com efeito, em *Trono de vidro* (1987), Antonio Olinto cuida da configuração do processo de independência de um país africano, o fictício Estado do Zorei, em relação à metrópole europeia. A partir da referida obra, o escritor abre margem para a abordagem de questões em torno da situação pós-colonial de países africanos independentes, o autoritarismo do colonizador e das elites locais que se alternam com os europeus nas instâncias de poder e a resistência que lhes é oferecida por aqueles que desejam livrar-se do jugo colonial. Tendo por base a intervenção colonialista europeia sobre a África, estendemos a discussão para aspectos em torno da manutenção do mesmo modo de agir violento e arbitrário em relação aos países africanos, retratado pelo jogo que tem resultado na forma abrupta e autoritária de tratamento dispensada aos indivíduos que, oriundos de regiões da mesma África em que o Velho Mundo outrora pusera em prática a sua agenda colonialista, buscam refúgio nos países europeus em função das migrações anteriormente mencionadas e inscritas no cenário internacional.

Palavras-chave: Colonialismo, Pós-colonialismo, Autoritarismo, Migração

Da América Latina ao Leste Europeu: narrativas de resistência na museologia e na literatura

ANA LUIZA ROCHA DO VALLE (USP)

Resumo: A memória tanto pode fazer lembrar quanto fazer esquecer, apagar. Há quem possa lembrar, e há quem possa ser lembrado,

construindo assim uma memória “oficial”. As minorias, em geral, têm sua história narrada através da lembrança e da palavra do outro, tendo um espaço limitado para sua fala ou sendo silenciadas por completo, e assim tendo sua memória construída alhures. Mesmo com tais limitações, a língua não deixa de ser vista, na *Análise do Discurso*, como local de resistência, por menor que seja, e nesse sentido, a literatura pós-colonial é importante na medida em que permite àqueles que foram silenciados reclamar suas vozes ao contar suas histórias em suas próprias palavras. Em relação às mulheres, outros vêm contando suas histórias há séculos. O que se pode observar, especialmente ao lidar com literatura pós-colonial, é que mais e mais autoras oriundas de diferentes minorias estão reivindicando seu espaço discursivo através de narrativas. Cada uma à sua maneira, elas contam histórias que permitem que suas personagens femininas tenham voz e falem sobre o que não poderia ser dito em um contexto outro, e através desses movimentos de resistência, permitem que outros fios discursivos que acionam memórias outras sejam içados e laçados na trama da memória social. A proposta deste trabalho é trazer uma reflexão sobre a importância de ter alguém narrando sua própria história, além de mostrar os pontos de contato entre a *Análise do Discurso Materialista*, segundo Michel Pêcheux, estudos dessa disciplina sobre silêncio/silenciamento (como ORLANDI, 1997) e sobre memória discursiva (como MARIANI, 1998), além de estudos literários pós-coloniais (como HALL, 1996). Para tal, e considerando que o romance lida com a memória, com esquecer e lembrar-se de coisas que ajudaram a formar uma pessoa, e com como alguém pode se (re)formar enquanto sujeito através do uso das palavras, tomam-se como material de análise os romances *I, Tituba*, *Black Witch of Salem* (CONDÉ, 1992), *Sorry* (JONES, 2007) e *The Buddha in the Attic* (OTSUKA, 2012). O. As três obras são exemplos de diferentes vertentes de literatura pós-colonial contemporânea, literatura produzida por e sobre sujeitos que advêm de diferentes culturas que foram colonizadas por nações europeias, ainda que sejam tão distintas umas das outras (como é o caso de *I, Tituba*, do Caribe e *Sorry*, da Austrália), ou culturas

que não foram colonizadas, mas que foram oprimidas por outra cultura dominante e mais poderosa (caso dos imigrantes japoneses nos EUA no início do século XX, em *The Buddha in the Attic*). Os romances foram escolhidos por lidarem todos com a questão de dar voz àquelas que têm sido silenciadas através da história: mulheres em geral, e em especial mulheres vindas de grupos minoritários. Através das páginas de tais romances, podemos refletir sobre um espectro vasto de questões relacionadas à opressão, ao papel da mulher na sociedade, às relações desiguais entre indivíduos dentro de diferentes grupos sociais, e muitas outras situações problemáticas que, ao fim, estão todas relacionadas à questão do poder (ter/ negar/ tentar alcançar/ tentar manter o poder). Palavras-chave: análise do discurso, literatura pós-colonial, narrativas femininas, memória

A memória do silêncio: narrativas femininas como movimentos de resistência

ANA CECÍLIA TRINDADE REBELO (UERJ)

Resumo: Este trabalho propõe a aproximação entre narrativas de resistência e defesa da memória na literatura e nos museus. Consideramos aqui a necessidade de descolonização do pensamento apresentada no simpósio Autoridade e autoritarismo no século XX: o legado de uma política de memória e suas similaridades com a noção de descolonização da museologia, defendida pelos adeptos da museologia social. Na Literatura, trataremos de um dos romances da obra de Herta Müller, cujos livros começaram a ser publicados a partir dos anos 1980, ambientados na Romênia governada por Nicolae Ceausescu, ditadura que durou desde 1965 até 1989. Por meio de uma série de elementos mais explícitos ou mais sutis (de menções diretas ao ditador até elaborações mais subjetivas sobre o medo das personagens), notamos que Müller compõe uma obra de forte resistência à repressão, ao apagamento da memória e à ‘harmonização’ do passado. Em outro âmbito, o da Museologia, é também na segunda metade do século XX, no contexto das muitas

ditaduras latino-americanas, que surge a proposta de uma museologia social, mais especificamente nas décadas de 1970 e 1980. Esta se apresenta como um contraponto às narrativas de museus tradicionais, fundados no século XIX, e que reforçam discursos de uma historiografia oficial eurocêntrica, racista, machista e colonialista. Ela prevê tanto a criação de novos museus, comunitários, com maior participação do público – em especial públicos pouco representados nos discursos hegemônicos – quanto ao questionamento e reescrita das narrativas dos museus já existentes. Propomo-nos aqui a traçar paralelos entre as narrativas de resistência literárias e museológicas mencionadas, considerando sua perspectiva de continuidade e seu poder de preservar memórias soterradas também no século XXI. Consideramos como ponto de conexão, além da resistência em si, o contexto periférico – embora de periferias distintas – de ambos os casos. De um lado, a obra de Müller, ambientada na periferia da Europa e tratando das minorias germânicas na Romênia (daremos ênfase ao romance *Fera d’Alma*, de 2007). De outro, casos de museologia social, surgida na América Latina, desenvolvidos, por exemplo, na periferia do Rio de Janeiro – como o Museu da Maré e o Museu de Favela (MuF), ou em regiões habitadas por grupos quilombolas ou indígenas no Ceará – como os membros da Rede Cearense de Museus Comunitários. Pretendemos identificar as semelhanças e diferenças entre dois movimentos de resistência ao autoritarismo e à opressão que, apesar de geograficamente distantes, possuem elementos comuns o bastante para um diálogo que amplie nossa perspectiva crítica.

Palavras-chave: Resistência, Herta Müller, Museologia Social, Memória

“Se fosse possível, eu gostaria de contar uma história”: o teor testemunhal na literatura pós-ditatorial

LUA GILL DA CRUZ (UNICAMP)

Resumo: Diante da série de catástrofes da “era dos extremos”, as artes e a literatura, especificamente, tiveram de repensar a sua própria relação com a linguagem. Na balança entre a necessidade e a impossibilidade

do contar, a literatura encontrou no testemunho o seu principal representante. No contexto brasileiro, pós-ditadura civil-militar, a tentativa de “narrar o inenarrável”, ou seja, de apresentar outra forma de elaboração para que a experiência traumática possa, ainda que sob o signo da impossibilidade, ser contada e dividida, permanece até os dias atuais, com a literatura brasileira contemporânea. Esta proposta centra-se em uma leitura comparativa das obras ‘K – relato de uma busca’ (2011), de Bernardo Kucinski, e ‘Não falei’ (2004), de Beatriz Bracher, tendo em vista o teor testemunhal de tais obras em relação ao período da ditadura civil-militar brasileira. Partindo da premissa de Benjamin que “nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie”, os produtos culturais são lidos aqui no seu teor testemunhal. O testemunho se inscreve na materialidade literária, ou seja, na própria linguagem e forma, de modo que reúne, em si, o presente e o passado traumático e desenvolve também a nossa própria capacidade de lidar com o traumático e de reescrever a história a partir de outro ponto de vista. As obras foram escritas com um distanciamento temporal de mais de quarenta anos, em uma temporalidade tardia, “après-coup”, e constroem uma leitura acerca do passado histórico a partir do presente, e principalmente da tentativa de (r)elaboração da matéria histórica e da experiência traumática – lida a partir da chave freudiana - por parte dos sobreviventes. Constroem-se exatamente sob o vazio, o irreparável, o irrestituível. A escrita, ou a elaboração simbólica, possibilita um contar(se) ou recontar(se), ou seja, uma posição diante do traumático imposto pela violência e uma tentativa de modos de transmissão, a partir dos rastros. As duas obras, neste sentido, procuram, através da narração, lidar com o contexto histórico sem esconder a precariedade de tal tarefa, mas pelo contrário, encarando-a de frente. Através de uma linguagem fragmentária, enfrentam a experiência traumática, individual e coletiva, da ditadura civil-militar, ainda que de formas distintas. Os dois textos contribuem para revisitar e rediscutir o conceito de testemunho, bem como possibilitam interpretações diversas, ainda que complementares, do conceito. Para

fundamentar a discussão, me atendo aos constructos teóricos das áreas de história, filosofia e psicanálise, em especial, aos teóricos Benjamin, Freud, Laub, Levi, Seligmann-Silva e Caruth.

Palavras-chave: Literatura contemporânea brasileira, Ditadura civil-militar, Testemunho

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Autoficção, confissão e história: o escritor-intelectual Graciliano Ramos

ERICK DA SILVA BERNARDES (UERJ), PAULO CÉSAR SILVA DE OLIVEIRA (UERJ)

Resumo: O modo antecipatório com que Graciliano Ramos se autoficcionaliza em Memórias do cárcere (2011) nos legou uma narrativa a um só tempo híbrida, misto de autobiografia, memória e ficção romanesca. É dela que trata essa comunicação. Embora saibamos que o escritor Ramos, que integra o cânone ficcional brasileiro, desde a publicação de Caetés, em 1933, foi um dos autores mais participativos na vida pública brasileira, tanto como artista quanto como intelectual, político e cidadão. Nesta comunicação discutiremos a correspondência entre o trânsito do alagoano por diversos estratos do campo social e o que ele expressa em sua escrita, concentrando nossa análise na ficcionalização dos excluídos, especialmente. Se em Caetés, seu primeiro romance, o autor satirizou com veemência a sociedade alagoana de seu tempo, ao compor uma narrativa metalinguística, por meio de um narrador-personagem que descortina sua própria hipocrisia, em meio aos bastidores do cenário cultural e político de Alagoas, em São Bernardo (1934), seu tônus narrativo ressaltaria o empenho político de vertente marxista do escritor-intelectual Ramos, então integrante do Partido Comunista Brasileiro, o que, futuramente marcaria profundamente sua vida e, conseqüentemente, sua obra. Ramos foi atravessado fortemente pelos ventos políticos que sopravam da chamada Era Vargas, cuja violência culminou em sua prisão sem

juízo e na sucessão de atos arbitrários a que kafkianamente ele foi exposto. Sendo assim, o ilustre filho de Quebrangulo sempre lançou seu olhar crítico aguçado para os dramas humanos e, por isso mesmo, ele se confessava comprometido com o papel que lhe coube no círculo cultural brasileiro. Em outras palavras, o escritor-intelectual Ramos, versado nas discussões políticas, deu um tom multifacetado a seu projeto literário: o que contribuiu para a construção de sua imagem como artista inquieto, insatisfeito com os desmandos do poder em nosso país. O mundo literário que criou a partir de experiências de linguagem foi uma resposta artística à inquietudes de sua visão político-social. Nesse sentido, embora seus trabalhos variem quanto às pesquisas de forma, a arquitetura textual da poética desse intelectual nos leva a compreender vida e obra como elementos essenciais de sua poética, sobretudo quando ele nos entrega experimentos narrativos híbridos cujas fronteiras entre ficção e não-ficção são de difícil delimitação. Enfim, embora de origem humilde, Graciliano Ramos não se enquadra no perfil dos marginalizados que ficcionalizou, mas, como vivente das Alagoas, crescendo em meio aos que sofriam com a seca e nos reveses da vida dura do sertão, conforme as passagens mais autobiográficas de seu livro *Infância* (1945), não podemos – nem propomos – dissociar sua obra dos elementos de vida, e nem faremos de sua poética representações de acontecimentos, como um espelho do real, pois isso falsearia a qualidade da produção artística do autor, desvirtuando nosso compromisso crítico com a simbiose inscrita nas noções de autoficção e confissão.

Palavras-chave: Autoficção, Autoritarismo, Memória, Graciliano Ramos

A atualidade da crítica de Lima Barreto aos poderes constituídos na República Velha

RENATO DOS SANTOS PINTO (UFF)

Resumo: Em Baudolino, de Umberto Eco, durante a idade média, um grande conquistador aconselha seu pupilo a estabelecer uma assembleia, onde os habitantes de um território prestes a ser dominado

aprovariam sua subordinação ao novo líder. Ao ser questionado quanto ao que faria se perdesse a votação, o conquistador orientou que, nesse caso, dominasse pela força. Ao longo da história não é incomum o poder estabelecido em uma sociedade organizada aparentemente de forma participativa, utilizar a força como recurso para confirmá-lo quando se sente ameaçado. No início do século XX, nosso primeiro modelo republicano passa por disputas de poder e contradições internas até sua derrocada no golpe de 1930. O autor Lima Barreto percorreu esses meandros, no auge da República Velha. Tomando como exemplo dois de seus principais romances – *Memórias do escrivo Isaías Caminha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma* – veremos como os sonhos e ideais de seus protagonistas sucumbem às arbitrariedades do poder na recém instaurada república brasileira. No primeiro romance, o narrador relata suas memórias desde a infância, saindo de uma cidade do interior para conquistar o sonhado título de doutor na capital brasileira. Ao passar por grandes dificuldades, seus sonhos vão se dissipando no confronto com as relações políticas e sociais na cidade do Rio de Janeiro. Além do Estado, a imprensa está na mira do discurso iconoclasta do narrador. Em suas memórias, nem mesmo sua própria postura é preservada. Caminha carrega um sentimento de culpa por ter sucumbido e se beneficiado das influências do poder, quando foi empregado de um grande jornal. No segundo, narrado em terceira pessoa, Quaresma é um servidor público tratado com respeito e distanciamento pela sociedade em função de seus hábitos nacionalistas a extremo e críticos em relação à cópia de modelos de costumes europeus em detrimento de uma riqueza cultural genuinamente brasileira. Com a saúde mental fragilizada em função da resposta da sociedade frente sua tentativa de trazer a língua e os costumes nativos para a seara oficial, refugia-se no campo. Posteriormente, ressurgem na cena política para apoiar o governo, por princípios patrióticos, em levante realizado pelas forças armadas oposicionistas. Percebe um descaso do governo para os problemas relevantes, além de um excesso nos castigos imputados

aos desafetos e, ao denunciar a situação ao presidente, é encarcerado arbitrariamente. É impressionante perceber como se mantém atual um discurso elaborado há um século, onde os sonhos de seus heróis são triturados por uma atmosfera extremamente viciada e concentradora do poder. Buscando aparentar uma imagem de liberdade de expressão, em que reina a hipocrisia e as artimanhas, denunciadas pelos narradores de Lima Barreto, só importam os interesses pessoais e corporativos dos “representantes” da sociedade. Pela experiência dos narradores, a República Velha seria um regime violento e totalitário travestido de democrático e liberal. Ao reler essas obras fica a nítida impressão de que a história sempre tenta se repetir, com nuances e energias diferentes em sua resistência, que fazem, ou não, a diferença.

Palavras-chave: República Velha, Lima Barreto, Estado, Imprensa

Autoridade e autoritarismos em três casos das literaturas de língua portuguesa

KELI CRISTINA PACHECO (UEPG)

Resumo: René Wellek no final de década de 1950 constatava a crise do comparatismo na literatura, no ensaio “A crise da literatura comparada”, o crítico, ainda contaminado por um método bastante científico de montagem argumentativa, em que descreve um problema, elabora um diagnóstico e receita uma cura, solicita aos pesquisadores, como um bom textualista, um retorno à literariedade. Das lições que lega, temos uma não redução da disciplina de literatura às balizas nacionais, já adotada em muitos currículos de Letras, e um pedido, aos estudiosos da área de literatura, de menos senso de propriedade, uma vez que Wellek acredita no olhar do não especialista como sendo fonte de uma possível sensibilidade e maior raio de ação, “cuja perspectiva mais ampla e discernimento mais agudo podem muito bem suprir anos de intensa dedicação” (1994, p. 116). Em muitos currículos, as disciplinas de literatura abandonaram o critério nacional, substituindo-o pelo critério linguístico, e a presença da língua portuguesa como língua oficial

nos territórios passa, portanto, a ser ponto que une distintas literaturas e culturas, fazendo da prática comparatista um campo profícuo que possibilita o trabalho criativo do professor não-especialista em algumas dessas literaturas, ao menos. Rita Chaves (2006), entre outros pesquisadores, já escreveu sobre a presença da literatura brasileira, principalmente Regionalista, na formulação do imaginário nacionalista africano. Salvato Trigo (1984), também reconhece, notadamente nas décadas de 30 e 40, a presença considerável da literatura brasileira nos países africanos, que tem a língua portuguesa como oficial, vendo nela uma forma de o colonizado afirmar a sua diferença ante o sistema estético-político que o dominava. Porém, diferente de Rita Chaves, que solicita que conheçamos a literatura africana por conta da dívida histórica com os povos que espoliamos, Salvato Trigo percebe que estudar uma literatura é de certa forma estudar a outra, porém a brasileira ainda pouco reconhece a presença das literaturas africanas em seu próprio corpo. Mais recentemente, Alfredo de Mello (2016) visualiza que o estudo das literaturas africanas em língua portuguesa, em perspectiva comparada, desestabiliza o pressuposto de que a literatura é uma instituição criada na Europa, para o estudioso, não há um centro de irradiação, há a revelação de outros roteiros que merecem ser estudados. Nessa perspectiva, sem estabelecimento de um centro de influência, pretendemos realizar um exercício de literatura comparada que considere as linhas de poder das relações das personagens, do modo como recepcionaram paisagens históricas, ou ainda do modo como resistem a elas, para isso tomamos Vidas Secas (1938), de Graciliano Ramos, Nós matamos o cão tinhoso (1964), de Luís Bernardo Honwana, e Bandeira Preta (1957), de Branquinho da Fonseca, com a intenção de refletir principalmente sobre os temas da autoridade e do autoritarismo presente nos enredos e nas sociedades de onde emergem.

Palavras-chave: Literatura Comparada, Literaturas de Língua Portuguesa, Violência, Poder

Realismo, arte fantástica: as relações entre imagem e memória coletiva a partir do romance *Cacau*, de Jorge Amado e *Gaibéus*, de Alves Redol

DANIEL MARINHO LAKS (UFF)

Resumo: Narrativas históricas e baseadas em depoimentos funcionam como base para a organização de arquivos públicos, de monumentos e de museus. Esses espaços tem como objetivo mediar o estabelecimento de uma memória coletiva sobre acontecimentos transcorridos. A construção de uma imagem do passado que pode agir sobre o presente, criando um efeito de presença de algo que não está mais ali, se constitui a partir de um processo de disputa dos interesses de grupos diversos, que seleciona os eventos que devem ser lembrados e os eventos que devem ser esquecidos. A possibilidade de curadoria dos episódios que devem ser rememorados ou comemorados sob uma perspectiva pública está intimamente ligada a legitimação dos interesses de grupos que estabeleceram sua hegemonia e, nesse sentido, o processo de produção de uma memória coletiva pretende funcionar como ferramenta política de legitimação de estruturas específicas de poder. Entretanto, qual o papel da arte na construção de imagens e saberes sobre um determinado tempo? O objetivo desta comunicação é discutir a estratégia realista de narrativa que embasou o romance neorrealista português *Gaibéus*, de 1939, e o romance regionalista brasileiro *Cacau*, de 1933, a partir das relações entre imagem, memória e a produção de conhecimento sobre um determinado tempo. O conceito de real, conforme definido no projeto de Jorge Amado e de Alves Redol, almejava uma capacidade de agência sobre as dinâmicas sociais. A função vislumbrada para a literatura, de contribuir para a aceleração do tempo revolucionário através da produção de uma consciência de classe pretendia se situar no limite entre o documental e o ficcional, engendrando imagens capazes de alterar as formas de subjetividade. Em outras palavras, criando um efeito de presença de algo que se encontrava ausente. A produção de um efeito de presença retoma o debate iniciado por Platão sobre as relações entre memória e imaginação. Entretanto, na esteira do pensamento de Deleuze

em *Lógica do Sentido*, a comunicação visa discutir como a estratégia realista de escrita em meados do século XX reverbera com a potência do simulacro de estabilizar ou mesmo desarticular formas lógicas específicas consolidadas como saberes. Nesse sentido, o projeto de literatura que visava produzir marcas no mundo retoma o debate sobre lugares de memória e suas relações com a história. São romances que se pretendem como documentos de um tempo, espaços de lembrança para além da mente. Simulacros que se julgavam capazes de desnudar o funcionamento das engrenagens do real e interferir nos fluxos da história.

Palavras-chave: Realismo, Memória coletiva, Jorge Amado, Alves Redol

Espaço e opressão em *Selva trágica* de Hernâni Donato

JESUINO ARVELINO PINTO (UNEMAT)

Resumo: O propósito deste trabalho é realizar um estudo analítico sobre a construção do espaço literário na obra *Selva Trágica* de Hernâni Donato, enfatizando os motivos temáticos centrais e os aspectos formais desta construção romanesca, em que o diálogo com a realidade e a presença de um herói coletivo confirmam o conflito social como base central, que conjugado com o tratamento poético da linguagem, resulta na composição estética. Este romance, publicado pela primeira vez em 1959, adaptado para o cinema em 1964 resultou no filme homônimo ao livro, sob a direção de Roberto Farias. É considerado o romance mais elaborado do autor, o que comprova seu aprimoramento literário e amadurecimento a partir da publicação de *Filhos do Destino* em 1951. A análise deste romance permitirá desvelar o processo de criação literária do autor, bem como avaliar o espaço como elemento fundamental na estruturação da obra donatiana. O espaço literário é um dado significativo na narrativa de ficção, cujo delineamento amplia as possibilidades de compreensão pelo leitor. Nas obras de Donato, o espaço é tema central, visto que é esboçado notadamente já nos títulos e ganha força no desenrolar do enredo, em que as personagens ora se

deslocam ora permanecem em um espaço, configurando-o, segundo sua visão subjetiva, e dando-o a conhecer ao leitor. É possível estabelecer, ainda, relação da forma romanesca e a estrutura da sociedade em que ela se desenvolve; a estruturação de *Selva Trágica* gira em torno de um eixo social e desvela a trama das relações que subjagam o homem, expondo-o à dominação e à exploração perversas; além de situá-lo no centro das lutas desiguais de classes. A narrativa traz como subtítulo “a gesta ervateira no sulestematogrossense”, constituindo-se um testemunho de época, conta a história dos ervateiros de Mato Grosso do Sul, antigo sul do Mato Grosso e da fronteira Oeste. A obra oferece uma interpretação ficcional que retrata uma possível história dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira, arrendatária de terras devolutas, circunscritas ao Mato Grosso, nas primeiras décadas do século XX, quando as zonas de exploração de erva mate estavam em poder dessa companhia de exportação, que mantinha o monopólio dessas zonas, com sede em Ponta Porã e Buenos Aires. Esta obra é de cunho sociológico e narra a saga de protagonistas que tentam resistir às pressões dos espaços natural e social. Para as personagens, a liberdade é algo impossível de se alcançar, embora seja um sonho coletivo. Sofrendo pressões sócio-econômicas de um sistema capitalista, que escraviza e dá sustentação à relação opressiva entre dominadores e dominados, os protagonistas vivem relações de tensão entre grupos e experimentam situações trágicas que levam à degradação humana.

Palavras-chave: Espaço literário, Hernâni Donato, Narrativa de tensão

A impossibilidade de narrar em “Não falei”, de Beatriz Bracher

ADRIANA GONÇALVES DA SILVA (UFF)

Resumo: A trajetória daqueles que são marcados por algum tipo de violência e agressividade social, principalmente no que se refere a regimes totalitários é sempre alterada de modo traumático. A romancista brasileira Beatriz Bracher em seu livro *Não Falei*, publicado em 2004, traz um protagonista inserido no âmbito da experiência pós-

68 apresentando o agravante de sendo ele o narrador da obra, ver-se impossibilitado de fazê-lo. É por meio deste narrador traumatizado para o exercício de seu ofício, que Bracher pretende dar voz a uma geração que, à espelha de Gustavo, não consegue exprimir-se. O título do romance explica-se por este narrador-protagonista, professor aposentado, que durante a repressão ditatorial foi preso e torturado a fim de que entregasse seu cunhado Armando. Apesar de não ter mencionado o cunhado em seu interrogatório, ele sofre acusações de tê-lo delatado e é responsabilizado por aqueles torturadores pela sua morte. Décadas adiante, procurado por uma jovem universitária que escreve um livro sobre essa geração, Gustavo é colocado diante de seu passado. Transmitir os fatos pressupõe um esforço muito maior do que meramente contá-los, é necessário um movimento vertical de interiorização e ordenação psíquica dos mesmos, exercício que parece ser incapaz de ser realizado por ele. Relembrar é trazer do subconsciente para o consciente de forma que assim esses fatos e/ou informações possam ser tratados. O papel da entrevista realizada pela aluna Cecília na obra é justamente este: fazer emergir estas recordações de modo a ser possível uma tentativa de verbalizá-las. As lacunas, os não-ditos, ou seja, a própria inaptidão do professor em realizar uma narrativa sobre os fatos será responsável por traduzir e revelar muito sobre a experiência de viver um regime ditatorial e ser afetado por ele. Representante de uma geração posterior à de Gustavo, Cecília possui um imaginário sobre 68, um imaginário que se constrói no âmbito coletivo e que, portanto, não lhe é particular. Ela procura nas experiências alheias os registros daquela época para que possa escrever sobre ela, ultrapassando o que é apresentado pela História oficial. Desta forma a memória de Cecília sobre a ditadura brasileira é uma memória tomada de empréstimo, conforme Halbwachs (2006). Para viabilizar a compreensão deste narrador-personagem lacunar tomaram-se como principais suportes teóricos os textos de Walter Benjamin *Experiência e Pobreza* (1994), e *Sobre Alguns temas em Baudelaire* (1975). Para o trato

de questões relativas à construção da memória utilizaremos entre outras contribuições as de Burke (2000), Halbwachs (2006) e Huyssen (2000).

Palavras-chave: Beatriz Bracher, memória, ditadura, narrador

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

Patrick Modiano e a memória de uma Paris ocupada

ILANA GOLDFELD CARVALHO (PUC-RIO)

Resumo: O presente trabalho pretende relacionar como a questão da memória da França ocupada pelos nazistas está presente nas obras do escritor francês Patrick Modiano e como sua obra trabalha revelando os traumas e as ambiguidades presentes no país durante aquele período. Em 9 de outubro de 2014, Patrick Modiano foi anunciado vencedor do Prêmio Nobel de Literatura daquele ano. Segundo a Academia Sueca, responsável pela escolha, Modiano foi agraciado devido à “arte da memória com a qual ele evocou os destinos humanos mais incompreensíveis e desvelou a vida do mundo da Ocupação.” (Tradução livre do inglês, disponível em: http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/2014/modiano-facts.html. Acesso em 29 de março de 2017, às 21:50) Em seu discurso de aceitação do prêmio, Modiano declarou que, por ter nascido em 1945, sempre se viu como um filho da Paris ocupada. Assim, as obras do escritor, que são em maioria autoficções, trabalham com diferentes representações de sua cidade natal. Sua habilidade em usar a memória como recurso narrativo e sua preocupação com temas como a perda e a procura pelo passado fizeram com que Peter Englund, escritor, historiador e membro da Academia Sueca entre 2009 e 2015, descrevesse-o como “um Marcel Proust do nosso tempo”. Em seu famoso texto “A escrita de si”, Michel Foucault menciona os hypomnemata, “uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas” (FOUCAULT, 1992, p. 135), registros escritos de

fragmentos da vida pública. Patrick Modiano seleciona para o universo de sua escrita — em uma espécie de hypomnemata do século XX e XXI — fragmentos do mundo que o cerca, sejam estes anúncios de jornal (como o de um periódico antigo, no qual pais judeus procuravam notícias da filha desaparecida durante a ocupação, que inspirou o livro “Dora Bruder”) ou até nomes de desconhecidos de listas telefônicas, como uma maneira de falar sobre si mesmo e sobre sua Paris natal. Seus livros adquirem, assim, determinado compromisso em lutar contra o aniquilamento da memória e contribuem para evitar o apagamento de vestígios de um passado traumático na história da sociedade francesa. Escritor com um público consolidado em seu país, Modiano também exerce enorme influência também sobre outros artistas, como é o caso de Christian Boltanski, artista plástico francês cujo trabalho aborda a questão da identidade, da passagem do tempo e da memória, quem afirmou em entrevista ao site do jornal Le Figaro, de 16 de janeiro de 2016, que seu livro de cabeceira é “La Place de l'étoile”. Diante de uma onda crescente de movimentos xenofóbicos na Europa e nos Estados Unidos e da ameaça da extrema-direita, a obra de Modiano nos lembra que até o passado mais recente não pode — e não deve — ser menosprezado nem esquecido. O corpus a ser estudado é composto por livros de autoficção do escritor, como “La Place de l'étoile” e “Uma rua de Roma”, sua autobiografia “Un pedigree” e o de não ficção “Dora Bruder”. Será levada em consideração ainda o discurso de aceitação ao receber o Prêmio Nobel. FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992

Palavras-chave: Patrick Modiano, memória, Ocupação nazista na França

O (des)controle da memória habitada – silêncios e rememorações em Diário da queda

GABRIEL FELIPE PAUTZ MUNSBERG (UFRGS)

Resumo: A partir da análise contrastiva de textualidades literárias e não literárias alicerçadas nas teorias da intertextualidade (KRISTEVA, 1969; GENETTE, 1982; SAMOYAU, 2008), pretende-se refletir sobre a

recuperação de experiências traumáticas através da memória individual e, consequentemente, coletiva como base para a construção da própria identidade, tendo como corpus o romance *Diário da queda*, de Michel Laub (2011), visto sua problematização frente à escrita e à memória do traumático evento da Shoá. Dessa forma, examinamos aqui de que maneira as relações entre memória e identidade são postas em Laub como possível forma de se compreender a existência do sujeito entregue ao obscuro do contemporâneo, ou como afirma Giorgio Agamben, “aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo” (AGAMBEN, 2009, p. 64). A partir de textos teóricos sobre história, memória, escrita e identidade, busca-se analisar comparativamente a representação literária em amplo contexto social, histórico e cultural, focando na questão da construção identitária face a eventos traumáticos, uma vez que a relação entre memória e identidade é de grande importância e, como aponta Jacques Le Goff, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2000, p. 57). Neste sentido, para que a identidade seja (re)conhecida e levada ao conhecimento de todos, é necessário o trabalho da escritura. Ao lançar por escrito o memorial, é formatada a história, pois “a escrita, com efeito, é o patamar de linguagem que o conhecimento histórico sempre já transpôs, ao se distanciar da memória para viver a tripla aventura do arquivamento, da explicação e da representação. A história é, do começo ao fim, escrita” (RICOEUR, 2007, p. 148). Ao mesmo tempo, é necessário debater sobre as fontes históricas – memórias – consideradas como mantenedoras de uma verdade única dos acontecimentos e o conflito que pode ser gerado ao compará-la às memórias marginalizadas pelo centro dominante, assim como às memórias cumulativas, as quais perdem-se nos silêncios autoritários e traumáticos. Aleida Assmann sugere a compreensão dessa memória social como uma memória habitada, corporificada, uma vez que está vinculada a grupos, e funcional, visto que estabelece

pontes entre passado, presente e futuro e intercede por valores identitários: “A história de vida ‘habitada’ pelo indivíduo agrega lembranças e experiências e as situa em uma estrutura que define sua vida como autoimagem formativa, além de conferir-lhe orientação para agir” (ASSMANN, 2011, p. 148). Dessa forma, apontamos que, a partir da leitura de *Diário da queda*, é perceptível a complexidade das rememorações trazidas pelo narrador, assim como a problemática da rememoração e seu conflito direto com o esquecimento problematizam as situações individuais e sociais dos personagens. O processo da memória, exercido através da linguagem, mostra-se falho, seguidamente incompleto, e situa a incerteza por toda narrativa, o que evidencia a presença de um narrador suspeito (DALCASTAGNÈ, 2001). Seguindo o raciocínio, Agamben (2009) afirma que “o poeta – o contemporâneo – deve manter fixo o olhar no seu tempo”, porém é sabido o quão necessário é conhecer e entender o passado para compreender o presente. A partir de memórias transmitidas e de silêncios perpetuados pelos familiares, o narrador de Laub monta o panorama de sua família desde os acontecimentos traumáticos até os dias contemporâneos à escrita da narrativa, discutindo também a situação de si próprio na dependência do passado e em contraponto ao relato historiográfico, sujeitado pelos testemunhos da memória familiar. Pretende-se avaliar, dessa forma, a representação dos acontecimentos criados através do relato da memória comunicativa ao mesmo tempo em que se trata de um texto com grande ausência de vivências factuais (*Erlebnis*), problematizando também a questão autoral (tanto no sentido de autoridade como de autoria) do objeto.

Palavras-chave: memória, identidade, silêncio, Shoá

Memórias de Marighella: enlaces de testemunhos pós-ditadura brasileira

LUIZ CLAUDIO FERREIRA (UNB)

Resumo: O objetivo da pesquisa é o de identificar os processos de (re)construções simbólicas em obras biográficas sobre o guerrilheiro

Carlos Marighella (assassinado em 1969 por agentes da ditadura militar brasileira) a partir de narrativas centradas na memória e testemunhos. Busca-se uma narratologia de obras que perseguem justiça a partir do olhar para critérios de inclusão identificáveis por amarrações textuais, como se fossem suturas corporais a respeito de um personagem rasgado e alvejado. O quanto a inexactidão da memória também ajuda a costurar relatos que sobreviveram, sob dores e amores, por três ou quatro décadas? Historicamente, o personagem principal, durante aquele período de estado de exceção no país, era considerado pelo governo como o principal inimigo político nacional e diretamente responsável pelo sentimento do “risco”. Narrativas literárias e cinematográficas nos anos 1.990 e 2.000, período marcado pela consolidação democrática entre a promulgação da Constituição (1988) e o início dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (2011), reconstituem humanidade ao guerrilheiro. Trabalha-se com a premissa de que o texto de caráter autobiográfico “Por que eu resisti à prisão”, escrito e publicado em 1965 pelo próprio Marighella, influenciou diretamente trabalhos dispostos a romper com silenciamento sobre esse personagem vítima de violência e tortura durante período da mais recente ditadura civil-militar no Brasil. Em busca dos enlaces, são observadas as biografias “Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo”, de Mário Magalhães (2012), “Carlos Marighella: o inimigo número 1 da ditadura militar”, de Emiliano José (1997), Carlos, a face oculta de Marighella, de Edson Teixeira da Silva Junior (2009), além dos documentários “Marighella”, de Isa Ferraz (2012) e “Marighella: retrato falado de um guerrilheiro”, de Silvio Tendler (2001). A pesquisa encontra caminhos de análise nas discussões das modalidades autobiografia, biografia e documentário, além de discussões sobre literatura de testemunho e memória. Aqui encontra-se a conceituação de “biografia” e “documentário biográfico” com referências a partir de Ricoeur, Dosse, Nadel, Villas Boas, Damasceno e Pena. As questões relacionadas à memória individual seriam tratadas principalmente a partir de Ricoeur e Derrida. Ainda neste item, a ideia é recorrer às reflexões de Bourdieu sobre a “ilusão biográfica”. Reflexões sobre o

papel do personagem nesses gêneros narrativos são fundamentais para concepção da desconstrução do vilão, reconstrução do herói, da memória e da “verdade” pretendida. Marighella é apresentado como ser sensível, romântico, mas forte, valente e indestrutível. Uma pessoa que luta contra policiais da ditadura, é alvo de tiros e ainda consegue sobreviver. Para este item da pesquisa, recorreríamos a Brait, Todorov, Motta, Reuter, Bal e Achard. Marighella (re)vive, pois. O estudo dessas narrativas é urgente às vésperas dos 40 anos da morte do homem e do nascimento do mito.

Palavras-chave: Marighella, Biografias, Narratologia, ditadura

Cassandra Rios: censura e escrita confessional

ELIZABETH GONZAGA DE LIMA (UNEB), JOÃO DE OLIVEIRA RAMOS (UNEB)

Resumo: Resumo: Este trabalho propõe a análise da escrita autobiográfica *Censura: minha luta, meu amor* (1977), da escritora brasileira Odete Rios cujo nome ficcional é Cassandra Rios (1932-2002). No contexto de fins de século XX, a cena da literatura brasileira foi marcada por transformações políticas, sociais e culturais, em virtude da instauração da Ditadura Militar ao longo das décadas de 60 e 70, reverberando em censura no âmbito artístico-cultural. O discurso ficcional de Odete Rios não passou incólume à lógica do controle policaresco imposto ao meio literário, em virtude da escrita da autora tornar-se objeto de interpretação desse momento histórico, possibilitando ao leitor desvendar um universo de liberdade de expressão. A provável relação entre o aparelho repressivo do Estado e o discurso fundado pelo cânone que legitima uma tradição literária, funciona como mecanismo segregador das produções literárias marginadas em relação às práticas culturais hegemônicas. Diante desse cenário, pensar o texto literário é afirmá-lo enquanto prática subversiva ao fissurar as linguagens estabelecidas, pois segundo Barthes (1999), texto quer dizer tecido: um entrelaçamento perpétuo. Sob esta perspectiva, a comunicação pretende analisar a autobiografia e

o discurso criado pelo censor em torno da escritura e da persona de Odete/Cassandra Rios, o que possibilita compreender as falas que vinculam a autora aos signos da transgressão e da pornografia, pois Rios não aceita ser injustiçada por uma falsa imagem forjada que a rotulou de pornográfica e imoral. A metodologia tem como base as reflexões teóricas de Leonor Arfuch (2013) sobre autobiografia, violência política e testemunho, considerando ainda suas linhas de fuga a partir da perspectiva de Deleuze e Guattari (1997). O discurso ficcional na literatura não está isento de realidade, em virtude de ser uma leitura de mundo, de referência sócio-cultural, construída pela multiplicidade. Nesse sentido, é necessário considerar o aparecimento de uma escritura confessional como um manifesto de denúncia aos valores culturais da época, como estilhaços de uma cultura que só se mantém às custas de sua força repressora. E nesta perspectiva, o discurso literário de Rios, é uma tentativa de romper o controle, a seleção, a organização que toda sociedade impõe à produção discursiva que desestabiliza as estruturas sociais reacionárias. Assim, depreender na escrita autobiográfica de Rios os discursos que conceituaram sua literatura como desprestigiada, e marcada de pornográfica pelo academicismo, enquanto engrenagem do aparelho de Estado é antes de tudo, lutar por meio das palavras contra as formas simbólicas de poder exatamente onde ele é mais insidioso e arbitrário.

Palavras-chave: Autobiografia, censura, discurso autoritário, Cassandra Rios

Aspectos da violência em *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles

SANDRINE ROBADEY HUBACK (UFMT)

Resumo: *As meninas* (1973), obra publicada durante a ditadura militar no Brasil, narra a história de três personagens femininas que, no auge do endurecimento do regime autoritário, dividem suas angústias, dores e sonhos em um quarto do pensionato Nossa Senhora de Fátima, na cidade de São Paulo. Observamos, através da flutuação da voz narrativa,

intercalada entre as figurações de mulheres, a imbricação entre a veia ficcional e a veia historicista, ambas voltadas para os aspectos socioculturais do espaço-tempo em questão. As personagens, figurações da época, oscilam entre a reprodução de discursos tradicionais e a ruptura dos papéis sociais de gênero. Através do fluxo de consciência, as personagens revelam seus pensamentos e suas emoções, passado e presente. Assim, em meio aos conflitos individuais de Lorena, Lia e Ana Clara, os acontecimentos políticos e sociais do final da década de 1960 e do início dos anos 70 – ressaltados no próprio texto – ganham contornos nítidos, por si e por influência na configuração dessas personagens. A vida conturbada das jovens, nitidamente, aparece interligada ao meio externo assinalado, sendo este mesmo meio uma das molas propulsoras do processo imaginativo da autora. As meninas, seguindo a tradição da escrita lygiana, pretende falar sobre os conflitos da existência humana, contextualizada em um ambiente opressor e que tende a calar a voz da alteridade, em uma configuração de silenciamento. Apesar de a literatura não concorrer a uma finalidade meramente ilustrativa, segundo Antonio Candido (2006), a ficcionalização da violência, da tortura, das dores e das angústias assume uma proporção relevante na obra estudada, que emerge, até hoje, como uma possibilidade de ponderação e estímulo à resistência. A violência é o elemento que perpassa o romance, recorrente na vida das personagens, na realidade ficcional e na realidade empírica. Observamos, então, como essa temática devém elemento estruturante da obra (em diálogo com o seu contexto de publicação), a qual pode apresentar-se como um estímulo à reflexão contemporânea de nossa memória histórica e cultural, assim como um instrumento de incentivo à resistência aos sistemas autoritários. Para nossa análise, alguns dos referenciais teóricos utilizados são Antonio Candido (2006), Alfredo Bosi (2002), Lucien Goldmann (1967) e Mary del Priore (2015), autores relevantes para os estudos do diálogo entre Literatura, História e Sociedade, em consonância com a perspectiva de análise adotada.

Palavras-chave: Literatura, Violência, História, Sociedade

Não verás país nenhum: a agonia da memória.

ANDERSON FIGUEREDO BRANDÃO (FAETEC/RJ)

Resumo: Não verás país nenhum é um romance de Ignácio de Loyola Brandão (1936 -), lançado no Brasil em 1981. Nele, o personagem principal Souza, é um ex-professor universitário de História no cenário catastrófico de um país cuja enormidade territorial deixou de existir, o Brasil. Circunscrita a uma área da cidade de São Paulo, o que restou da antiga pátria de Souza, cujo território agora está sob o controle de países do 1º mundo, é apenas um amontoado de homens e mulheres severamente vigiados pelos militecnos, uma curiosa força policial oriunda da fusão entre o tecnicismo frio e a pronta violência do militarismo. Não verás país nenhum demonstra de forma bastante clara a exploração irresponsável dos recursos naturais do Brasil pelo Esquema, o sistema de governo dessa distopia brasileira. No entanto, mais do que um alerta ecológico, o romance aponta para o perigo da lógica destruidora do discurso totalitário, que se realiza a partir do controle propiciado pelas vozes oficiais e da destruição das enunciações discordantes. Souza tenta, com dificuldade, recompor a história recente de seu país, assim como o seu próprio percurso de vida. No entanto, seu esforço vai de encontro às falas de um Esquema que está sempre a forçar apoio e mesmo cumplicidade a atrocidades cada vez maiores, como a transformação da floresta amazônica em um deserto aclamado e festejado como a nona maravilha do mundo. Transfazendo caos em obrigação de otimismo, em aceitação compulsória a regras sociais coercitivas, em obediência às ordens de consumo, em repressão a qualquer comportamento que não esteja inscrito no âmbito de uma normalidade repetitiva e imbecilizante, o fim último da fala do poder no romance é a total aniquilação da subjetividade através do apagamento da memória individual e coletiva. Esta comunicação tem como objetivo apresentar alguns pontos sobre a ação efetiva e simbólica dos discursos oficiais presentes no romance Não verás país nenhum no sentido da destruição da subjetividade de seus personagens através do apagamento de suas memórias individuais

e coletivas, assim como na busca de lhes impor a aceitação a um cotidiano cada vez mais insuportável e mesmo contrário à existência. Para tanto, articularemos, como arcabouço teórico de nossa fala, alguns elementos presentes nas Teses sobre o Conceito de História, de Walter Benjamin (1892-1940), pontos da teoria de Pierre Bourdieu (1930-2002) sobre o Poder Simbólico, assim como algumas questões levantadas por Hannah Arendt (1906-1975) e Georges Bataille (1897-1962) sobre tipologias de discursos proferidos em formas autoritárias de poder.

Palavras-chave: Romance brasileiro, Autoritarismo, Discurso, Memória

15

BAUDELAIRE NO BRASIL: TRADUÇÕES,
RECEPÇÃO POÉTICA E CRÍTICAEduardo Horta Nassif Veras (UFTM)
Francine Fernandes Weiss Ricieri (UNIFESP)

Resumo: Em 2011, reuniram-se no auditório da *Maison de la recherche*, em Paris, pesquisadores dos quatro cantos do planeta para debaterem a recepção e o impacto de Baudelaire sobre as mais diversas literaturas nacionais. O colóquio, intitulado *Baudelaire dans le monde, traditions critiques et traductions*, proporcionou aos participantes uma visão geral da importância do poeta das *Flores do Mal* e do *Spleen de Paris* no advento da modernidade literária nos mais variados contextos. Na ocasião, ficou claro que a poesia, a poética e até mesmo a figura biográfica de Baudelaire continuam desempenhando um papel de importância nos debates sobre poesia dentro e fora da Europa, confirmando sua vocação internacional já destacada por Valéry (1957, p. 598) na famosa conferência “*Situation de Baudelaire*” proferida em 1924. Na França, os debates atuais têm frequentemente promovido uma espécie de retorno a Baudelaire. Basta observar que poetas-teóricos importantes na cena francesa atual, como Jean-Michel Maulpoix (2000), Jean-Marie Gleize (2007), Michel Deguy (2012) e Yves Bonnefoy (2014), dedicaram recentemente trabalhos de maior ou menor fôlego ao poeta, tomando-o sempre como referencial para os debates atuais sobre poesia. No Brasil, desde os primórdios de sua recepção entre nós, Baudelaire desempenhou um papel transformador. Foi assim para a geração de poetas da década 1870, que nele viram, nas palavras de Antonio Candido, “(...) um instrumento libertador (...), que fornecia

descrições arrojadas da vida amorosa e favorecia uma *atitude de oposição aos valores tradicionais*, por meio de dissolventes como o tédio, a irreverência e a amargura” (Mello e Sousa, 1987, p. 26, grifos nossos). Ainda que submetida a um processo de “aclimação” (Amaral, 1996) ao contexto brasileiro e apesar do “tom demasiado cru” da “imitação” que nossos poetas pós-românticos fizeram dela – conforme o diagnóstico de Machado de Assis (2008, p. 1263) –, é certo que a obra de Baudelaire desempenhou entre nós, desde o princípio, um papel renovador e crítico. A diversidade da recepção, oscilando entre as referências parnasianas, simbolistas, decadentistas e modernas do poeta francês, se fez sentir entre nós como signo de sua própria riqueza literária, com a qual nossos poetas continuariam dialogando até o presente. Pensemos no diálogo, ainda pouquíssimo estudado, que poetas ligados ao nosso Modernismo, como Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, travaram com a obra do poeta francês. Seria o caso de se perguntar qual o impacto do “poeta da modernidade” sobre nossos modernistas, e também sobre a produção posterior à década de 50, época em que aparece a primeira tradução brasileira integral das *Flores do Mal*, sob os cuidados de Jamil A. Haddad. Entre os contemporâneos, continuamos a identificar aqui e ali referências a Baudelaire. Poetas como Sebastião Uchoa Leite, Carlito Azevedo, Paulo H. Britto, Marcos Siscar e Sérgio Alcides, para citar uns poucos nomes de gerações diferentes, dialogaram e ainda dialogam com temáticas, imagens e questões baudelairianas. À vasta recepção poética, devemos acrescentar a longa tradição de estudos críticos, que passa por Machado de Assis, Felix Pacheco, Roger Bastide, Antonio Candido, Gloria C. do Amaral e Marcos Siscar; além da linhagem de tradutores, que reúne nomes como Eduardo Guimarães, Jamil A. Haddad, Aurélio B. de Holanda e Ivan Junqueira, e que se estende até o presente. Este simpósio pretende reunir trabalhos dedicados ao exame da recepção de Baudelaire realizada, a partir do final do século XIX, por nossos poetas, críticos e tradutores.

Esperamos receber trabalhos que avaliem o impacto do poeta sobre nossa tradição literária, mas também a nossa contribuição para a compreensão de sua obra.

Palavras-chave: Baudelaire, Recepção poética, Recepção crítica, Traduções brasileiras

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

Aurélio e os poemas em prosa de Baudelaire: notas sobre uma tradução rebuscada

MARCELO JACQUES DE MORAES (UFRJ)

Resumo: Se, no Brasil, muitas das “flores do mal” foram sendo traduzidas e retraduzidas para dezenas de periódicos, antologias ou edições parciais desde os anos 1870, por poetas e escritores de calibres bem diversos, os poemas em prosa, até o final dos anos 1980, conheceram pouquíssimas traduções. Aliás, curiosamente, antes do célebre trabalho que Aurélio Buarque de Holanda começou a empreender no final dos anos 1940, a única tradução, salvo engano, desses poemas no Brasil sequer podia ser claramente identificada. Tratava-se de sua primeira edição integral, publicada em 1937 no Rio de Janeiro pela Editora Athena, intitulada *Pequenos Poemas em Prosa* e assinada por um prolífico mas misterioso tradutor, Paulo M. Oliveira – pseudônimo do jornalista trotskista Aristides Lobo, que fez inúmeras e importantes traduções (Rabelais, Pascal, Musset, Dante, Erasmo, entre outros) enquanto se encontrava na prisão durante o Estado Novo. Alguns dos poemas dessa edição viriam ainda a aparecer no suplemento da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, entre dezembro de 1944 e abril de 1945 – dessa vez sem qualquer assinatura. Além disso, porém, não encontrei qualquer outro traço desses poemas em português. Parece, portanto, que seu primeiro tradutor realmente conhecido foi Aurélio, mas é preciso sobretudo dizer, isso é certo, que

foram suas traduções veiculadas na imprensa ao menos desde o ano de 1947 que, antes da edição completa, primeiramente publicada em 1950 pela Editora José Olympio e reeditada pela Nova Fronteira a partir de 1976, efetivamente começaram a fazer circular no Brasil os poemas em prosa de Baudelaire. E até onde pude verificar, estes só voltariam a ser traduzidos no país em 1988, por Dorothée de Bruchard – gerando, desde então, uma sequência de retraduições. Não me proponho, evidentemente, a dissertar sobre história da recepção de Baudelaire no Brasil ou a fazer uma comparação entre os diversos tradutores de sua obra, mas tão somente a especular rapidamente sobre os papéis do tal “Paulo M. Oliveira” e de Aurélio em toda essa já longa história. Parece-me que Aurélio, culto e bem informado, àquela altura já protagonista no mundo da edição e da tradução literária, não poderia ignorar a tradução de Oliveira, que tendia surpreendentemente a soluções bastante coloquiais, privilegiando estruturas e expressões imediatamente familiares ao leitor brasileiro – e isso muitas vezes em prejuízo do encadeamento rítmico do original ou da precisão semântica. Minha hipótese é de que se, por um lado, Aurélio trabalhou um pouco mais próximo ao texto francês, ele ao mesmo tempo tendeu, contrapondo-se a Oliveira, a fazer um texto mais “elegante”, que se valia de uma língua mais normativa, mais “castiça”, como disse Ivo Barroso num comentário a respeito, e contribuiu de certa maneira para aquela elevação do texto baudelaireano, aquele rebuscamento a que alguns tradutores tentariam sistematicamente reagir – e que outros, despudoradamente, tentariam superar – algumas décadas mais tarde.

Palavras-chave: Baudelaire, tradução, spleen de paris

Eduardo Guimaraens tradutor de Baudelaire, Eduardo Guimaraens poeta e a questão dos alexandrinos

ELLEN GUILHEN BARBOSA ANTONELLI (UNICAMP)

Resumo: Entre 8 de março de 1917 e 19 de janeiro de 1921, Eduardo Guimaraens (1892-1928) debruçou-se sobre a obra-prima de Baudelaire

para traduzi-la. O resultado: 83 dos 158 poemas vertidos para o português naquela que é considerada a tradução mais musical de As Flores do Mal (1861, 2ª edição). O material, com prefácio já redigido por Guimaraens, foi mantido por 45 anos em poder de Itálico Marcon até que, em 2009, se perdeu em uma desastrosa doação. Pela imprensa, em muito graças a Félix Pacheco, é possível recuperar dez dessas traduções. Dentre elas, escolhemos “Elevação”, “Correspondências” e “Perfume exótico”, todos escritos em alexandrinos. O objetivo é verificar o tratamento que Guimaraens dá, em sua versão, ao metro e ao esquema de rimas. A segunda etapa dessa investigação consiste em olhar para os poemas dodecassílabos do próprio Guimaraens, conferindo se atendem às regras do alexandrino “francês”, a saber: 1. a colocação obrigatória de sílabas tônicas na 6ª e 12ª posição, dividindo o verso em dois hemistíquios. A sexta sílaba [final do 1º hemistíquio] deve ser a última sílaba de uma palavra oxítônica [também conhecida como aguda]. 2. quando a última palavra do 1º hemistíquio for grave [paroxítona], a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um h (Cf. BILAC e PASSOS, 1905, p. 67-9). Os poemas do tradutor-poeta escolhidos para análise serão “Prelúdio”, [Às vezes quando vou por altas horas, quando] (poema 3, Parte I) e [Vaga, do fundo de ouro e cinza de uma vaga] (poema 1, Parte V), retirados da primeira edição de Divina Quimera (1916). Nas traduções escolhidas, Eduardo mantém o obrigatório acento na 6ª posição. Empenhado, no entanto, “em obedecer ainda e quanto possível, no que a rima concerne, à mesma alternância ou equivalência, de graves e agudas, e às suas consecutivas colocações e disposição na estrofe” (GUIMARAENS apud BERNARDI, 1944, p. 94), Guimaraens sacrifica por vezes a sintaxe (vários de seus hemistíquios não se constituem como sentenças semiautônomas, como o v. 1 de “Élévation” de Baudelaire: “Au-dessus des étangs, au-dessus des vallées”, p. ex.), o término do 1º hemistíquio em oxítônica e/ou a compreensão da tradução (v. 20 de “Elevação”, 1ª estrofe de “Correspondências”, último verso de “Perfume Exótico”, p. ex.). Como

poeta, Eduardo também faz amplo uso do dodecassílabo (32 dos 49 poemas de Divina Quimera). Mas o acento não recai obrigatoriamente sobre a 6ª posição. Em “Prelúdio”, três versos não podem de forma alguma serem lidos como alexandrinos 6/6: v. 16, 27 e 39. [Às vezes quando vou por altas horas, quando], por sua vez, se define como um poema em alexandrino trímetro (acento na 4ª, 8ª e 12ª) construído em enjambements, demonstrando consonância com movimentos de liberação do verso que se davam também em Portugal no final do XIX. Observamos ainda que, a fim de manter o metro, Guimaraens realiza em seus poemas elisões violentas, o que não ocorre tanto destaque nas traduções. Sendo a tradução posterior à publicação de Divina Quimera, podemos supor que – entre uma e outra – o poeta-tradutor adquiriu um domínio ainda maior do metro dodecassílabo.

Palavras-chave: Eduardo Guimaraens, Baudelaire, verso alexandrino

Quatro traduções e um projeto de tradução: A recepção brasileira de Mon coeur mis à nu, de Charles Baudelaire

THIAGO MATTOS DE OLIVEIRA (USP)

Resumo: Este trabalho integra a pesquisa “Entre o texto e o não texto: o contínuo do rascunho em tradução em Mon coeur mis à nu, de Charles Baudelaire”, realizada na USP sob orientação do Prof. Dr. Álvaro Faleiros e subvencionada pela Fapesp. Mon coeur mis à nu teve uma recepção tardia no Brasil: a primeira tradução data de 1981, e a primeira retradução aparece 14 anos depois. Atualmente, há quatro (re)traduções circulando em livrarias, sebos e bibliotecas: Meu coração desnudado (Aurélio Buarque de Holanda, Nova Fronteira, 1981); Meu coração a nu (Fernando Guerreiro, Nova Aguilar, 1995), Meu coração desnudado (Tomaz Tadeu, Autêntica, 2009) e Diários íntimos (Jonas Tenfen, Caminhos de Dentro, 2013). Baudelaire dedicou-se a Mon cœur mis à nu de 1859 a 1865. Morto em 1867, o poeta francês deixou um livro inacabado, um projeto de obra, uma escrita em processo, que só seria publicada em forma mais ou menos integral em 1889, por Eugène

Crépet, nas Oeuvres posthumes do poeta. Nessa primeira publicação, que segue a ordenação dos manuscritos realizada por Poulet-Malassis (amigo e editor, que recebe as notas sem ordenação prévia das mãos de Madame Aupick, mãe de Baudelaire), Mon coeur mis à nu passa a se chamar Journaux intimes, título que inscreve o projeto literário numa ordem de “acabamento” e “intimidade” menos ambígua e mais facilmente definível. Neste trabalho, buscamos compreender de que maneira cada tradutor brasileiro (re)lê e (re)escreve Mon coeur mis à nu. Como buscaremos demonstrar, prevalece nessas (re)traduções uma tendência de apagar seu caráter inacabado, sua dimensão de rascunho, sendo encarado (ou traduzido) não como um projeto de livro, mas como um diário íntimo, o que motiva e justifica o projeto de tradução que está em curso no âmbito da pesquisa. Numa segunda parte da apresentação, expomos nosso próprio entendimento da obra (se é obra) e reproduzimos trechos da nossa reescrita de Mon coeur mis à nu. Para tanto, reocremos à noção de “contínuo do rascunho”, expressão que, tomando emprestado o “contínuo” em Meschonnic, procura ver a tradução e edição de textos ditos inacabados nem como um trabalho filológico de valor documental nem como a tentativa de produzir um acabamento de ordenação, seleção, título etc., mas como a tentativa de capturar na reescrita as tensões, virtualidades, dispersões e variabilidades que estão em jogo nesse espaço manuscrito que só existe como projeto e processo. Valoriza-se, pois, a materialidade dessa escrita, o aparentemente incompleto, sua dinâmica movente e rizomática, como modo possível de construção de uma das suas reescritas possíveis.

Palavras-chave: Charles Baudelaire, Mon coeur mis à nu, Meschonnic, Contínuo do rascunho

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Não o último dos homens: diálogos entre Cruz e Sousa e Baudelaire

FRANCINE RICIERI (UNIFESP)

Resumo: Escrevendo sobre Cruz e Sousa, em 1893, Adolfo Caminha a ele se refere como o artista “mais bem dotado entre os que formam a nova geração brasileira”. Paralelamente, indicia como menosprezado o “excêntrico aquarelista do Missal” afirmando que aquele juízo atrairia sobre si “a cólera do Parnaso inteiro”. Descreve o escritor como estando isolado de seus contemporâneos, excluído do jornalismo e tomado de revolta e pessimismo. A invocação de Baudelaire “feita de ódio e orgulho, trespassada de amargura e desprezo” e que constitui a epígrafe de Broqueis, sublinharia, ainda segundo Caminha, esta condição de excluído, na referência ao trecho de um dos poemas de *Le spleen de Paris*: “(...) Seigneur, mon Dieu! accordez-moi la grâce de produire quelques beaux vers qui me prouvent à moi même que je ne suis pas le dernier des hommes, que je ne suis pas inférieur à ceux que je méprise!” (A une heure du matin). Os temas da exclusão e da autoexclusão povoam a escrita do próprio Cruz e Sousa, que, para visitá-los, recorre, com muita frequência, a temas e imagens hauridos em poemas de Charles Baudelaire. O poeta brasileiro encena, enfim, tensões entre escritor e público e entre escritor e um outro público, seus pares. A questão aparece, por vezes, em poemas originalmente publicados em jornal, como o poema “Sugestão”, de Missal (1893), que enumera as bravatas de um escritor acossado por leitores que duplamente o premiam (com a obscuridade e com a incompreensão). No texto de Evocações denominado “Espelho contra Espelho”, o texto é endereçado a uma segunda pessoa denominada “Alma Eleita”. Em ambos os poemas citados, a segunda pessoa a que se dirige a voz que organiza o texto parece sugerir um desdobramento: eleita é a voz

que desfere o sequenciamento de imagens ou uma projetada figura externa de escritor – um interlocutor, um irmão? O título escolhido (“Espelho contra Espelho”) parece evocar a duplicidade. A Alma Eleita a que se endereçam as formulações imagéticas vai sendo descrita por um acúmulo vertiginoso (paratático) de alusões que remetem, ainda, à figura do poeta maldito: talento e exclusão, genialidade e inadaptação, potência verbal e incapacidade comunicativa, expansão de ânsias e potencialização de frustrações. Em um estudo de 2005 (*Les antimodernes*), Antoine Compagnon se vale do termo “antimodernos” para se referir a um vasto conjunto de escritores franceses (dentre os quais, Baudelaire), em que discerne como traço a antimodernidade entendida não como “neoclassicismo, conservadorismo ou tradicionalismo”, mas como a “resistência e a ambivalência dos verdadeiros modernos”. Entre o que categoriza como as seis figuras (ou constantes) da antimodernidade, a sexta seria uma figura de estilo: a imprecisão, ou a vituperação. O objetivo dessa comunicação é relacionar sentidos ambivalentes despertados pela presença de Baudelaire em poemas de Cruz e Sousa em que a exclusão e a autoexclusão do poeta moderno/antimoderno se formulam enquanto imprecisão e vituperação, entre páthos e ironia, em estridente revolta verbal contra o mundo moderno.

Palavras-chave: Cruz e Sousa, Baudelaire, antimodernos, representações da escrita e do escritor

O convite à viagem e o abismo da Queda: uma leitura comparativa entre Cruz e Sousa e Baudelaire

ALICE VIEIRA BARROS (UFMG)

Resumo: Em 1893 aconteceria o que o crítico Andrade Muricy nomeia como “o milagre de ‘Broquéis’”. Surgiria um poeta simbolista hábil no trato musical das rimas, de alta complexidade poética e de intenso diálogo com Baudelaire na nossa literatura: o poeta Cruz e Sousa. Uma primeira aproximação comparativa entre Cruz e Sousa e Baudelaire

seria construída por Roger Bastide, num dos “Quatro estudos sobre Cruz e Sousa”. O crítico elenca uma série de temas que são comuns aos poetas, mas destaca sempre que na poesia souseana eles adquirem outra significação, geralmente lançando mão de justificativas de cunho biográfico que misturam sujeito lírico e homem empírico. Um de seus argumentos centrais reside no fato de que Baudelaire seria um “místico cristão”, enquanto que para Cruz e Sousa isto era impossível, já que o dogma do Pecado Original e do cristianismo era-lhe imposto de fora pelo homem branco. Não ignoramos a importância da crítica social tecida por Bastide, mas desejamos, nesta comunicação, deter-nos sobre a produção literária dos autores no que ela pode nos comunicar acerca de seu fazer poético. Assim, desejamos traçar uma análise comparativa entre Cruz e Sousa e Baudelaire no domínio da textualidade, o que torna inadequado – ou, ao menos, insuficiente – o método de Bastide, afinal, o crítico raramente transcende as coincidências referenciais entre os dois autores. Quando nos detemos no domínio do texto e da poesia, parece inegável que a presença de uma mentalidade cristã tenha sido crucial para que Cruz e Sousa desenvolvesse seus procedimentos poéticos e o caráter eminentemente tenso de sua poesia – marcada por um desespero ainda mais agônico que o de Baudelaire quando o poeta se depara com o dilema da nostalgia da pureza e a consciência da impossibilidade de salvação. Partindo da premissa de que uma mentalidade e consciência cristãs (mesmo que em ruínas e erigida sob restos) foram necessárias na articulação poética das obras de Cruz e Sousa e Baudelaire, buscamos estabelecer um contraste entre os dois poetas tomando como corpus analítico principal “Broquéis” e “As flores do mal”. O questionamento central desta comunicação tangencia o seguinte problema: como o mesmo mito adâmico judaico-cristão da origem do mal e da separação entre o homem e Deus pode ter suscitado nos dois poetas duas reações tão diferentes? Dito de outra forma, como o tormento da “nostalgia de pureza” e a consciência da “impossibilidade de salvação” ocasionaram, na poesia de Baudelaire, a obsessão pelo

negro e a sedução do abismo e, na poesia de Cruz e Sousa, o horror do pecado e uma obsessiva representação simbólica do “branco”?

Palavras-chave: Baudelaire, Cruz e Sousa, Cristianismo, , Tensão

Re-aclimatando Baudelaire

GLORIA CARNEIRO DO AMARAL(USP/MACKENZIE)

Resumo: Trata-se, nesta comunicação, de revisitar um estudo realizado sobre a repercussão de Baudelaire entre os poetas brasileiros num período determinado, o mais próximo da publicação de *As Flores do Mal*, entre 1870-1900. Neste período, a leitura de Baudelaire revestia-se de um tom de desafio e mudança nos rumos da poesia brasileira. Não houve, porém, uma leitura mais atenta de sua poética. Esta minha re-visita concentrar-se-á especialmente na poesia de Cruz e Sousa, talvez o único, neste momento, que chegou a se aprofundar na poética baudelaireana.

Palavras-chave: baudelaire, cruz e sousa, poesia francesa, poesia brasileira

O flâneur em surdina na obra de Ribeiro Couto

THIAGO RODRIGUES BATISTA (UNIFESP)

Resumo: A obra inicial do poeta santista Rui Ribeiro Couto parece estabelecer um particular diálogo com uma série de autores importantes da poesia do século XIX. Ao nos determos na recepção crítica de sua obra, não é incomum nos depararmos com reflexões no sentido de indicar por parte do poeta, a capacidade de certa modulação estilística de elementos das literaturas de Antonio Nobre, Cesário Verde e Baudelaire, por exemplo. Um crítico importante como Adolfo Casais Monteiro nos legou um ensaio (*A poesia de Ribeiro Couto*), em que aproxima a poesia do poeta brasileiro com a dos dois portugueses e, mais recentemente, a professora Vera Lins, em *Ribeiro Couto*, uma questão de olhar, propôs uma aproximação entre o poeta e o autor de *As flores do mal*. Indo por esse caminho, em nossa leitura de seu terceiro livro de

poemas, intitulado *Um homem na multidão* (1926), compreendemos ser possível desenhar um diálogo que se estabelece a partir da presença da figura de um observador urbano que se aproxima em muitos momentos, mas que também se afasta em outros, da figura do flâneur baudelairiano. Partindo dessa observação, a comunicação pretende apresentar elementos do diálogo com o poeta francês, no intuito de compreender diferenças e aproximações na figuração de certa relação conflituosa entre sujeito lírico e multidão e na tematização do *ennui*, ou da tópica do tédio, no contexto da vida no espaço urbano moderno. A comunicação procurará deter-se mais especificamente em como a mudança de tom na apreensão do espaço urbano em Ribeiro Couto (certa dicção abafada, “em surdina”, é constantemente apontada como marca de sua poesia), opera como suporte do referido diálogo. Isso é evidente em um poema como “Carícia”, presente em *Um homem na multidão*, em que a figura do observador interessado será elemento importante de uma tensão que parece se construir entre a cena descrita, em que um homem é tomado por um fugidio momento de consciência de sua própria anulação em meio à multidão e as sugestões do ritmo e da construção sonora, que parecem amortecê-lo num desejo lânguido de desaparecer nessa mesma nulificação. Desse modo, nossa leitura partirá de uma análise comparativa entre o poema “Carícia”, do livro de 1926, e o poema “A uma passante”, de Baudelaire, presente em *As flores do mal*, tendo como base teórica de discussão as reflexões de Walter Benjamin sobre a figura do flâneur na obra do poeta francês. Referências BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994. BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Trad. e notas Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. LINS, Vera. *Ribeiro Couto, uma questão de olhar*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997. MONTEIRO, Adolfo Casais. *A poesia de Ribeiro Couto*. In: *Figuras e problemas da literatura brasileira*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972. COUTO, Ribeiro. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

Palavras-chave: Ribeiro Couto, Baudelaire, Poesia, Flâneur

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

Baudelaire entre cães e gatos: Félix Pacheco e a recepção do *Spleen de Paris* no Brasil

EDUARDO HORTA NASSIF VERAS (UNICAMP)

Resumo: Os poemas em prosa de Baudelaire foram preteridos pela crítica, mesmo na França, até meados dos anos 1970. Em sua edição das *Obras Completas* do poeta, que data de 1975, Claude Pichois lamenta o pouco interesse dos estudiosos pelo *Spleen de Paris*, cuja fortuna crítica até aquele momento não representava mais que 1% dos trabalhos dedicados a Baudelaire. Antes disso, os poemas em prosa, quando eram objeto da crítica especializada, eram lidos como uma “queda no prosaísmo”, como “esboços abortados de poemas em verso”, como afirma Suzanne Barnard, em seu importante estudo *Le Poème en prose de Baudelaire jusqu’à nos jours*, de 1959. No Brasil, a história da recepção de Baudelaire e dos poemas em prosa do *Spleen de Paris* não é muito diferente. Conforme nos mostra Antonio Candido, “[os primeiros baudelairianos brasileiros] foram uma espécie de pré-parnasianos, sobretudo na medida em que aprenderam com o seu inspirador o cuidado formal, o amor pelas imagens raras, a recuperação do soneto e de outras formas fixas” (Melo e Sousa, 1989, p. 45). Já no século XX, a “consagração acadêmica” (Melo e Sousa, 1989, p. 27) de Baudelaire entre nós se realiza, não por acaso, sob o influxo da leitura e da recepção de Valéry entre nós. O acadêmico Felix Pacheco, que foi um dos principais divulgadores de Baudelaire no Brasil, na primeira metade do século, publicou, em 1933, entre outras obras dedicadas ao poeta francês, o livro *O mar*, através de Baudelaire e Valéry, no qual intercala reflexões críticas e traduções de sua e de outras autorias. Nesse mesmo volume, quase inteiramente dedicado à poesia em verso de Baudelaire, surpreende a presença de uma tradução do poema

em prosa “Le Port”, apresentado por Pacheco como o “quadragésimo esboço dos Pequenos poemas em prosa” (Pacheco, 1933, p. 48), vinte e cinco anos antes da leitura de Suzanne Bernard. Já em Baudelaire e os gatos, publicado em plaqueta de 1934, Pacheco retoma alguns poemas do *Spleen de Paris* para discutir a presença de gatos e cachorros na obra de Baudelaire. Dialogando com elementos da biografia do poeta, o crítico enfatiza a repulsa do autor de *Les Fleurs du mal* pelos cães, que, de fato, não aparecem nos poemas em verso. Animais prosaicos por excelência, a julgar pelo poema em prosa que o aproxima do público (“Le chien et la flacon”) e pela excelente leitura de Jean-Marie Gleize (2007), os cães não aparecem, contudo, na crítica de Pacheco como elemento da tensão prosa vs poesia, mas como um signo irônico que apontaria exclusivamente para a preferência de Baudelaire pela dicção poética. Esta comunicação pretende mostrar que a recepção da prosa baudelaireana no Brasil enfrentou obstáculos semelhantes aos enfrentados pela recepção francesa na primeira metade do século XX, dentre os quais se destacam a incompreensão do projeto dualista subjacente ao *Spleen de Paris* e a manutenção de uma concepção estetizante de poesia, que predominaria nas gerações posteriores ao primeiro Modernismo brasileiro.

Palavras-chave: poesia em prosa, recepção crítica, Baudelaire, Félix Pacheco

Les Fleurs Du mal antes de As Flores do mal: flanando pela história da recepção e da tradução dos poemas de Charles Baudelaire

RICARDO MEIRELLES (CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA /FACULDADE CAPITAL FEDERAL)

Resumo: Este trabalho parte da reunião das traduções dos poemas do livro *Les Fleurs du mal*, do poeta francês Charles Baudelaire, publicadas no Brasil em meio impresso – livros e periódicos – e procura refletir tanto sobre a relevância e o diálogo dessas traduções dentro da História da Literatura Brasileira, quanto sobre qual é o seu posicionamento

em relação a esse clássico universal da literatura francesa. Primeiro, em minha dissertação, *Entre brumas e chuvas: tradução e influência literária* (2003), e depois, em minha tese, “*Les Fleurs du mal*” no Brasil: traduções (2010), discuti e considere o papel da tradução poética dentro da História da Literatura Brasileira e a sua influência estética, observando específica e atentamente a recepção desses poemas escritos por Baudelaire. Ao longo desses estudos, procurei questionar alguns métodos e teorias da tradução poética, observando principalmente autores brasileiros, comparando traduções de vários tradutores ao longo do tempo, sempre levando em conta aspectos lingüísticos, históricos e culturais que poderiam se depreender de cada texto. Os poemas do livro escolhido – publicado primeiro em Paris, em 1857, sendo que ainda recebeu mais duas importantes edições aumentadas: em 1861, pelo próprio poeta; e em 1868, edição já póstuma – foram traduzidos por mais de sessenta poetas brasileiros – alguns traduzindo apenas um poema, outros, o livro todo – que contém cerca de cento e sessenta poemas, dependendo da edição – sendo a tradução brasileira de um poema, publicada em livro, mais antiga é datada de 1872. Ao rastrear as diversas traduções publicadas – perseguindo listas bibliográficas apresentadas acompanhando ora diversos estudos sobre a influência da poesia e da estética de Baudelaire no Brasil, ora as traduções propriamente ditas – foi possível colecionar um grande número de poemas, cerca de dois mil, o que acabou resultando em uma interessante e profícua “baudelaireana brasileira”, capaz de suscitar e diversificar em muito as visões futuras sobre essa obra francesa dentro da Literatura Brasileira. O maior resultado dessa baudelaireana será uma “história do livro *Les Fleurs du mal* no Brasil”, da qual trata especificamente este trabalho. Além do resgate historiográfico promovido, recuperando algumas importantes e significativas leituras dessa obra francesa, comparando suas traduções com outras produzidas ao longo do tempo, vislumbro não uma evolução, mas sim uma diferenciação estético-ideológica entre as abordagens tradutórias,

construídas sempre dentro de seu momento estético, histórico e ideológico, que está nelas refletido, inevitavelmente. Essa diferenciação chama a atenção não só para novas possíveis leituras do clássico francês proporcionadas pelas traduções publicadas ao longo do tempo, mas também para novas perspectivas sobre os métodos e as teorias da tradução poética, privilegiando agora uma leitura historiográfica desse conjunto.

Palavras-chave: Baudelaire, poesia, tradução, Fleurs du mal

Retrato de um Baudelaire quando jovem: uma recepção diversa a partir da tradução de sua correspondência

GILLES JEAN ABES (UFSC)

Resumo: O objetivo desta comunicação é de propor um debate sobre a recepção biográfica (e literária?) de Baudelaire no Brasil a partir, sobretudo, do embate entre a correspondência do autor e estudos críticos encontrados notadamente em paratextos de traduções das Flores do mal. De fato, a leitura em si das cartas revela uma curiosa discrepância entre algumas afirmações contundentes de baudelairianos e o que subjaz às palavras do poeta. Foi particularmente contra o ensaio de Ivan Junqueira, “A arte de Baudelaire”, que minha leitura da correspondência se chocou pois, neste ensaio, Junqueira afirma a revolta do Baudelaire com o segundo casamento da mãe e uma relação incestuosa entre os dois. Este estudo precede sua tradução de As flores do mal (1985), publicada pela Nova Fronteira, e está igualmente presente no volume único Poesia e Prosa publicado em 1995 pela editora Nova Aguilar. Sua tradução é considerada um best-seller por ter ultrapassado sua 10ª edição (Nova Fronteira) e, portanto, é a mais acessível, ao menos até a publicação da tradução de Mário Laranjeira em 2011. Outro tradutor, não menos renomado, José Paulo Paes, afirma, em sua Poesia erótica (2006): “Depois de perder o pai quando contava apenas seis anos de idade, Charles Baudelaire (1821-1867) jamais se conformou com o segundo casamento de sua mãe,

que o levou desde cedo a atitudes de rebeldia.” Até mesmo Manuel Bandeira já afirmava essa imagem do autor do Spleen de Paris: “Charles Baudelaire (1821-1867) teve a infelicidade de perder o pai aos seis anos e nunca se ter entendido com o padrasto, o que resultou na separação de sua mãe.” Este peritexto precede a tradução de Guilherme de Almeida, reeditada pela Editora 34 (2010), constituindo, uma vez mais, um retrato de significativa influência sobre os leitores. É possível entender essa afirmação, no caso de Bandeira, porque seu texto foi escrito em 1965, contudo, o que realmente importa, é que não tenha sido alterado ou complementado com pesquisas mais recentes da vida de Baudelaire. Ao contrário, essa afirmação é reforçada em um curto texto “Sobre Charles Baudelaire”, inserido no posfácio da tradução de Almeida, de autoria de Marcelo Tápia. No que se refere a pesquisas acadêmicas, encontramos a tese de Renata Philippov, “Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire: Trajetórias e maturidade estética e poética”, defendida na USP (2004), que confirma a famosa revolta com o segundo casamento. A hipótese aqui avançada é a de que Ivan Junqueira está inserido em um pensamento que tem origem em outros baudelairianos, uma linhagem francesa de pesquisadores tais como Crépet (pai e filho), Claude Pichois, François Porché e, sobretudo, Jean-Paul Sartre. De fato, encontramos em Sartre as mesmas afirmações que Junqueira. Contudo, se há particularmente uma carta que comprove esta afirmação do tradutor, existem outras, principalmente da juventude, que apontam em sentido contrário e que produzem uma imagem diversa do poeta. Para contra-argumentar, não haveria outra escolha senão uma análise da correspondência, já que é dessa leitura (ou parte dela) que nasce aquela representação. A tradução de uma seleção de cartas do poeta - neste processo de atenta leitura que exige o traduzir - despertou uma dúvida para senão questionar aquela imagem, ao menos dela fazer um retrato multifacetado, muito mais próximo da complexidade e contradições das relações humanas.

Palavras-chave: Baudelaire, Recepção, Correspondência, Tradução

Vai, Charles! ser “gauche” na vida

SÉRGIO ALCIDES PEREIRA DO AMARAL (UFMG)

Resumo: Carlos e Charles têm em comum – talvez – o “anjo torto”: a melancolia impassível de Baudelaire, “amada e repelida” por Drummond. Essa presença tutelar traz consigo inclinações às quais por vezes é difícil resistir. Uma é a consideração insistente da perda, com a qual o melancólico tende a se identificar. Outra é o apartamento, uma tomada de distância que o singulariza e nele modela uma perspectiva intrinsecamente irônica. Tanto para Baudelaire quanto para Drummond, o poema se torna com frequência o lugar onde é encenado o embate da consciência subjetiva com a duvidosa realidade externa, quando não consigo mesma. O “eu” e o mundo se tornam irreduzíveis um ao outro, sem conciliação amena, assim como o “eu” que se interpela constantemente a si mesmo nunca se reduz a uma substância estável, passível de autocontrole, senhora de suas representações. Dos modernistas brasileiros, Drummond é o mais próximo do “legado baudelaireano” assinalado pela crítica em T. S. Eliot, W. H. Auden e Robert Lowell, no contexto anglo-saxão. Essa proximidade é mais fácil de observar nos primeiros livros do poeta mineiro, sobretudo na ocorrência do humor, mas vai se tornando mais subterrânea a partir das obras de sua primeira maturidade, como *A rosa do povo*. Em *Alguma poesia*, a atmosfera baudelaireana é flagrante: por exemplo, em versos como “A noite caiu na minh’alma” e “Os séculos cheiram a mofo” (de “Cantiga de viúvo” e “Lanterna mágica”), ou em cenas de erotismo decadente, como a da dançarina do “Cabaré mineiro”, com “seu corpo gordo picado de mosquito”. A própria aparição angélica já citada exala algum odor a enxofre, lembrando o satanismo literário de Baudelaire, assim como o diabo de “O casamento do céu e do inferno”, que “espreita com o olho torto”. Esta comunicação pretende discutir a proximidade que o poeta de “A flor e a náusea” mantém com o das Flores do mal. Primeiro, através do comentário breve de incidências nos seus três primeiros livros – selecionadas seja a partir de temas específicos, tais como a

cidade, o progresso e o tempo, seja a partir de técnicas como a evocação da memória, o solilóquio e a apostrofação. Em seguida, com uma leitura mais cerrada das quadras de “Versos à boca da noite”, poema longo de *A rosa do povo* no qual o “legado baudelaireano” se entrevê mais assimilado, de permeio, como efetiva herança. Aí ele só se mostra a quem o buscar. Por exemplo, logo na abertura, no contraste abrupto entre o tema elevado (“Sinto que o tempo sobre mim abate / sua mão pesada”) e a exemplificação rebaixada (“Rugas, dentes, calva”) – ainda mais chocante porque a “mão” que desce das alturas, metafórica, incide sobre outras partes corpóreas, mencionadas em sentido próprio, prosaico. Ou na apostrofação à “explicação de minha vida”. Ou na ambientação crepuscular. Ou ainda na ironia formal, engastada na versificação regular, impondo um andamento severo ao assunto precário das perdas associadas à meia-idade. Sem que se possa distinguir com exatidão, dentro do patrimônio, aquilo que se herdou, torna-se possível a meditação final – drummondiana – sobre a riqueza “sem préstimo” das coisas reais e o desejo do poeta de “captá-las e compô-las / num todo sábio, posto que sensível”, desejo que o poeta melancólico exprime desde logo como uma improbabilidade (“Que bom seria”...)

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade, Charles Baudelaire, melancolia, ironia

16

BIOESCRITAS: VIDA, ARTE, LITERATURA NA AMÉRICA LATINA – DO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO

Ana Cristina de Rezende Chiara (UERJ)

Marcelo dos Santos (UNIRIO)

Jens Andermann (UZH)

Resumo: Este simpósio se inscreve na proposta do XV Congresso da Abralic “Experiências literárias, textualidades contemporâneas”, ao propor discussões de amplo espectro sob a ótica de pesquisas em torno da(s) subjetividade(s). No plano textual, bioescritas diz respeito aos gêneros ligados às escritas de si (autobiográficas e autoficcionais), às escritas da intimidade (diários, cartas), às escritas do Outro (biografias, alterbiografias), mas também ao gênero ensaístico, criando possibilidades imaginativas ou híbridas para escrituras ou reescrituras de vidas artísticas. Seu arco de pesquisa abriga tanto os estudos voltados às formações do que chamaríamos um “eu” forte – cunhado pela noção moderna de individualismo – quanto àquelas subjetividades em construção, a partir do declínio do antropocentrismo arrogante e da abertura do pensamento crítico às manifestações do sensível em diversas formas e linguagens. Sendo assim, o conceito de bioescritas cobre o amplo espectro das relações entre vida artística e obra, entre ficção e verdade, entre memória e imaginação. Também a vida das formas nos interessa como âncora de reflexão sobre o impacto destas sobre a subjetividade artística e num aporte recíproco. A partir desta “liberdade de gênero” (aqui entendido como gênero textual e /ou gender), ampliamos nossos interesses para as formações de cadeias fantasmáticas de “contágio” entre escritas, e também para os encadeamentos geracionais ou epocais, criando ressonâncias acrônicas. Partindo dessas reflexões, é preciso registrar que as abordagens não

se confundem com a relação estreita entre vida e obra, pois se busca enriquecê-las com a compreensão de que esta equação constitui uma relação metafórica para se pensar os modos de relação da experiência, da arte e da ética. O campo recepcional, a formação do desejo do público também podem ser investigados nos estudos bioescríticos, como é o caso, por exemplo, dos endereçamentos – percebidos nas entrevistas e correspondência para a formação de mitologias artísticas. Não se trata de apenas caracterizar a representação ficcional de uma vida na literatura, mas se voltar para experiências em que a escrita e a vida se encontram além da representação: nos vestígios do corpo, na performance de si e do outro, nos estados emocionais da vida – dor, amor, decadência, inquietude –, sobretudo na especificidade de uma vida escrita do artista por meio dos biografemas (Barthes). A restrição temporal, neste caso, olhar sobre o moderno e contemporâneo implica a compreensão destes, a partir da revisão do conceito de temporalidade via Walter Benjamin, Michel Foucault, Warburg e Giorgio Agamben, o que provoca o deslocamento do enfoque linear evolutivo (com a noção embutida de futuro) para uma compreensão de planos temporais sobrepostos (anacronismos, sobrevivências, agoridade, con-vivências, acronicidades), considerações espaciais (via noção de paisagens) e tecnológicas da sociedade em rede (como vetor de conexão e também controle) em que o presente em suas possíveis acepções faz emergir o desafio da pluralidade sobre objetos, artefatos e arquivos a partir de um olhar aberto aos dispositivos poético-críticos desde os anos 50 do século passado se tivermos de construir um marco temporal. Sobretudo, busca-se a coragem de encarar o desafio da falência dos sistemas fechados de pensamento sem a proteção de redes conceituais definitivas e enfrentar a necessidade de sermos ultrapassados em nossas convicções e conjugar os conceitos em suas provisoriiedades com o levantamento de fontes mais estáveis como registros, arquivos ou outras formas de arquivamento menos perenes como é o caso dos registros de performances. O Simpósio proposto acolherá, portanto,

investigações sobre os gêneros de escrita e atividades artísticas que conjugam vida, obra, subjetividade e mitologias pessoais, junto com pesquisas sobre a vida sensível e estudos pós-humanos, no sentido da ultrapassagem de certos preceitos modernos em favor de áreas temáticas e conceituais interdependentes que enfocam o declínio de concepções essencialistas do sujeito no âmbito do Brasil e da América Latina sem abandonar o diálogo com outros continentes. A crise de valores e a perda dos referenciais, que sustentaram crítica e teoria como instrumentais do conhecimento e da experiência estética, serão postas em xeque à luz de novas abordagens abertas ao diálogo, para que os sistemas de pensamento se desloquem por discursos num enfrentamento transdisciplinar inédito para a tradição crítica. Da biblioteca das bioescritas fazem parte autores como: Catherine Malabou, Clément Rosset, Gilles Deleuze, Jean-Luc Nancy, Jacques Derrida, Magali Nachtergaele, Maurice Blanchot, Michel Beaujour, Michel Foucault, Roland Barthes, Philippe Gasparini, Philippe Lejeune, Serge Doubrovsky, Leonor Arfuch, Diana Klinger, Walnice Nogueira Galvão, Nádia Batella Gotlib Eneida Maria de Souza, Silviano Santiago. Palavras-chave: Bioescritas, Mitologias artísticas, Vida sensível, Estudos pós-humanos

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Machado, de Silviano Santiago: a biografia reinventada

MARIA HELENA WERNECK (UNIRIO)

Resumo: No conjunto das biografias de Machado de Assis, analisadas por mim no estudo *O Homem Encadernado* (EdUERJ, 2008), os últimos anos de vida parecem correr rápido rumo ao desfecho da morte. O grande enigma a atrair biógrafos, como dirá Lucia Miguel Pereira, em 1936, será a transformação do moleque negro, habitante do Morro do

Livramento, em escritor excepcional. Entende-se, assim, os motivos pelos quais a certidão de nascimento do escritor teve grande destaque na Exposição do Centenário. Já para o biógrafo dos anos 1970, Jean-Michel Massa, mais importante que a infância seria a juventude, quando Machado de Assis praticou a aprendizagem da escrita em profusão, cuja materialidade se sustentava na plataforma da imprensa. Era necessário, então, palmilhar as folhas diárias, a fim de descobrir os textos que permaneciam nas páginas dos jornais sem a devida identificação e integração na obra completa do escritor. Por isso, os biógrafos dessa década pelejam na descoberta de inéditos como se lutassem por transformar a biografia no campo prioritário do sentimento de admiração. O garimpo do descartado na juventude contrasta, no entanto, com a confirmação das grandes obras da maturidade, a serem continuamente lidas e analisadas. Assim, parece não haver nada mais a perscrutar na vida madura do escritor, além do prestígio e de sua poderosa influência no espaço público literário. Contra o discurso dos literatos, o livro Machado, de Silviano Santiago, redimensiona a série de biografias do escritor ao apanhá-lo nos últimos anos de vida, em que a solitária velhice se faz acompanhar do recrudescimento da epilepsia. A doença esteve também documentada na exposição do Centenário, com as anotações de próprio punho registradas por Machado de Assis por orientação do médico Miguel Couto, mas a comprovação da origem negra teve maior impacto. O documento eclipsado ganha outro peso, em Machado, já que um conjunto de ocorrências do mal pontua a narrativa. Uma “curta fração de tempo” (1905-1908), preenchida de cartas e poucos amigos, é estendida na escrita do livro através de uma prática de pesquisa errante, documental e artística, além de performance narrativa em que o biográfico é ponto de cruzamento de perspectivas. Lá estão o romancista que convoca para a cena os cotidianos da cidade; o biógrafo, que se aproxima do biografado e dos mais próximos amigos homens à sua volta, deixando que a presença autoficcional de escritor invada, com gestualidades diversas, o processo

de escrita. Desloca-se o mito para a esfera do outro. Dessa aproximação paulatina ao biografado resultam não mais as poses do imortal. Surgem, ao contrário, as imagens tanto o mímico em cena quanto do incontrolável ator na tela do cinema mudo, em variações próximas de repetição e do esgotamento. Na escrita surgem, ainda, com forte densidade, o crítico-historiador e ensaísta, que criam temporalidades comuns à do biografado. Diante da mesma obra de arte (Tranfiguração, de Rafael) ambos, Machado de Assis e Silviano Santiago, se inquietam, e o tempo se abisma. De uma visada, que se quer ao mesmo tempo simultânea e anacrônica, surge uma dimensão renovada do gênero biográfico.

Palavras-chave: Biografia, História da biografia, Machado de Assis, Silviano Santiago

Bioescritas de um intelectual entre fronteiras

EVELINA HOISEL (UFBA)

Resumo: Com o objetivo de desenvolver questões relacionadas ao tema do simpósio “bioescritas, vida, arte, literatura na América Latina – do Moderno ao Contemporâneo” esta comunicação pretende focalizar os textos de Boris Schnaiderman, Guerra em surdina (1ª edição 1964) e Caderno italiano (2015), procurando examinar as relações entre vida artística e obra, entre memória e imaginação. Pretende-se ainda colocar estes textos em diálogo com outras produções de Boris Schnaiderman – ensaios, entrevistas, questões tradutórias e pedagógicas, no sentido de traçar o perfil de um intelectual entre fronteiras. Nascido em 1917, no ano da revolução russa, na Ucrânia, Boris Schnaiderman veio morar no Brasil em 1925, radicando-se em São Paulo. Este dado da vida é importante na história desta personalidade, uma vez que a sua atuação intelectual foi exercida a partir de um constante trânsito entre a Rússia e o Brasil. Os diversos lugares que ocupou no cenário cultural brasileiro, como renomado ensaísta e tradutor, ficcionista, professor da Universidade de São Paulo, têm como motivo as mediações

culturais, a disseminação da literatura e da cultura russas no Brasil. Nesta perspectiva, as suas múltiplas atuações serão mobilizadas no sentido de flagrar as conexões autobiográficas, literárias, teórico-críticas, pedagógicas, produzindo uma complexa mistura de gêneros através da qual se pode rastrear o percurso desse intelectual entre fronteiras. As questões teórico-críticas serão mobilizadas pelos próprios textos de Schnaiderman em diálogo com Roland Barthes, Michel Foucault, Jacques Derrida, Philippe Gasparini, Serge Doubrovsky, Leonor Arfuch, dentre outros.

Palavras-chave: Bioescritas, Boris Schnaiderman, intelectual entre fronteiras, diálogos interculturais

A escrita em desabrigo em *Uma história de família*, de Silviano Santiago, ou as encenações do te(x)to familiar

ANDRÉ MASSENO (UZH)

Resumo: A presente comunicação pretende analisar a complexidade da escrita da novela *Uma história de família* (1992), de Silviano Santiago, onde se encenam os impasses de um narrador, ancião e moribundo, às voltas com o resgate de sua história familiar através do diálogo com a imagem de seu tio Mário. Por ser este parente renegado ao esquecimento devido à sua suposta insanidade, o personagem-narrador termina impedido de construir uma escrita fidedigna do te(x)to familiar, levando-o a optar por relatos alheios. A história familiar passa a ser balizada pelos discursos de outrem, ao mesmo tempo que se busca o diálogo com o tio Mário para que, assim, possa ser elaborado um “filme da recordação” (Santiago, 1992) e que ponha em xeque a estratégia de invisibilidade operada pela família que aniquilava tudo que contradissesse a sua autorrepresentação perante a sociedade. Portanto, a partir destas evidências na escrita do narrador-personagem de *Uma história de família* pretendo argumentar que a novela de Silviano Santiago é a encenação de uma escrita em desabrigo, na qual a “remontagem” da história familiar apresenta-se incompleta, pois estaria

interditado o acesso à genealogia familiar, por sua vez apresentada como falta. O te(x)to familiar, isto é, o legado que poderia justificá-lo enquanto sujeito e fazê-lo falar sobre si mesmo, é inalcançável em seu cerne. Além disso, argumento que tal noção de escrita em desabrigo entrevista na obra de Santiago é uma proposta suplementar aos projetos memorialísticos e autobiográficos, pois enquanto estes estariam geralmente absortos no resgate e na reorganização em escrita da história de um coletivo e/ou de um sujeito, em *Uma história de família*, tais produções discursivas são repensadas enquanto construção literária que conjuga rememoração e criação artística, e não como discursos estritamente compostos por fatos considerados verídicos. A fundamentação de tais argumentos será posta em diálogo com os estudos de Gaston Bachelard (*A poética do espaço*), Jacques Derrida (*Mal de arquivo*), Fausto Colombo (*Os arquivos imperfeitos*) e Aleida Assmann (*“A gramática da memória coletiva”*).

Palavras-chave: literatura brasileira contemporânea, Silviano Santiago, espaço e memória, criação literária

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

A ilusão biográfica no *Mil rosas roubadas*, de Silviano Santiago

MATILDES DEMÉTRIO DOS SANTOS (UFF)

Resumo: É significativo como Silviano Santiago, no *Mil rosas roubadas* (2014), rompe com a estrutura cronológica, linear e totalizante do relato autobiográfico para produzir uma história de vida onde o biógrafo, em função de uma intenção profundamente subjetiva, seleciona certos acontecimentos da existência do biografado para criar uma dupla significação e direção. No romance, a representação tradicional do discurso biográfico não passa de uma simples “ilusão retórica” (Pierre Bordieu), pois o objetivo primordial do autor é oferecer novas

facetas de percepção das escritas do eu ao misturar o autobiográfico à ficção, deixando que se contaminem mutuamente, num processo de hibridização do meramente confessional pelo ficcional, e vice-versa.

Palavras-chave: Autobiografia, Ficção, Silviano Santiago, literatura brasileira

Literatura, cultura, ideias: exercício biográfico sobre a participação de Silviano Santiago no *Jornal do Brasil*

MARCELO DOS SANTOS (UNIRIO)

Resumo: O escritor, poeta e crítico Silviano Santiago, após a publicação de romances como *Uma história de família* (1992) e *Viagem ao México* (1995), além da fundamental reunião de ensaios *Nas malhas da letra* (1989), manteve, a partir do final de 1995, um espaço de discussão no caderno *Ideias*, do *Jornal do Brasil*. Alternando o espaço com os intelectuais Luiz Costa Lima, Flora Süssekind, Alfredo Bosi e Sergio Paulo Rouanet, Silviano Santiago exercitou o pensamento crítico no espaço da coluna, articulando a escrita voltado ao público do periódico com a reflexão afinada ao espírito de debate do pensamento universitário. Na segunda metade da década de 1990, as questões sobre multiculturalismo, a relação entre cultura e literatura, a inter e multidisciplinaridade e o papel do intelectual no contexto do neoliberalismo estão presentes, no caderno *Ideias*, nas entrevistas, resenhas e matérias especiais. A participação de Silviano Santiago é intensa através de depoimentos, resenhas e entrevistas, mesmo antes de assumir um espaço próprio nesse veículo. Especialmente, naquele momento no *Jornal do Brasil*, Silviano discutia o modo como o pobre é visível ou invisível no contexto cultural do neoliberalismo. O interesse pela participação de Silviano Santiago em periódicos reflete-se na própria trajetória do crítico, que, já nos anos 1950, integra o grupo de críticos de cinema na *Revista de Cinema de Minas Gerais*. Voltando-se para a literatura, Silviano Santiago publica no “Suplemento Literário do Minas Gerais”, e no “Suplemento Literário d’O Estado de S. Paulo”,

nos anos 1960, poemas, contos e ensaios; e alguns desses vão integrar as edições em livros. O encontro entre crítica literária e jornal ainda ocupou o crítico numa comunicação, de 1991, destinada a um colóquio realizado em Berlim. Recentemente (2013), o pesquisador Fred Coelho reuniu em livro os textos de Silviano Santiago publicados no Estado de S. Paulo entre 2010 e 2013. O propósito dessa comunicação é construir um itinerário, a partir dos interesses de Silviano Santiago, dos debates e temas presentes no espaço mantido pelo crítico no JB, percebendo nele genealogias e modulações do que foi desenvolvido por Silviano nos ensaios publicados cuja circulação atingiria outros públicos além do leitor de periódicos. Especificamente, busco deixar visível uma biografia intelectual desse período, percebendo nos temas e discussões uma face do crítico Silviano que se deixa ver a partir de um retrato crítico do intelectual. Nesse sentido, além do apoio crítico e teórico sobre a crítica literária e cultura na imprensa, farei uso dos paradigmas da Crítica Biográfica (cf. Eneida Maria de Souza) e da Crítica Genética (cf. Louis Hay, Pierre-Marc de Biais, Almuth Grésillon) como instrumentos de investigação da construção de uma biografia intelectual e da trajetória de textos e temas que figuram, na obra de um escritor, em diferentes suportes e circuitos de produção e disseminação.

Palavras-chave: Silviano Santiago, Biografia, Crítica Genética, Cadernos Culturais

***Mil rosas roubadas*, de Silviano Santiago (2014): o “eu” intelectual implode a escritura**

MARCELO ALVES DA SILVA (UERJ)

Resumo: Objetivamos, nesta comunicação, evidenciar estratégias de composição de uma instância narrativa, a princípio, pincelada de subjetividade e, simultaneamente, alheada pelo exercício textual ao dizer o outro - ambas as atividades presentes no romance *Mil rosas roubadas* (2014), do escritor Silviano Santiago. Utilizamos os questionamentos sobre a possibilidade de existência de sujeitos (e

quais seriam eles? Suas características? Seus papéis?) na realização do Texto, segundo estudos de Roland Barthes em *O rumor da língua* (1988). Também fomos buscar algumas considerações sobre a autonomia da escritura correlacionada ao devir daquele que escreve, pressupostas nas falas de Jacques Derrida e registradas no livreto *Essa estranha instituição chamada literatura* (2014). Nesta obra, Derrida apresenta ferramentas para pensar as relações entre o discurso literário e o discurso filosófico e também sobre as tentativas (das poéticas e das estéticas) em racionalizar/formalizar as criações literárias. Sobre a concentrada relação triangular entre autor, obra e arte, intensamente debatida por Martin Heidegger em *A origem da obra de arte* (2010), destacamos, para fins de aplicação, o desdobramento das discussões a respeito da obra de arte como lugar de verdade e desvelamento do humano, além da questão criador/autor e leitor/desvelador, i.e., o que significaria dizer que a obra de arte é o acontecer poético-apropriante quando criador/autor e leitor/desvelador “acontecem” nela. Acreditamos que, em *Mil rosas roubadas*, a entidade que se incumbe de narrar o outro (Ezequiel Neves, o amigo Zeca), somente pode realizar o empreendimento de uma escrita que suspenda os limites antigos da ficcionalização pela fundação e fixação de um narrador explicitamente intelectual. Em outras palavras, a coleção e revisão do feixe de ideias oriundas do conglomerado de obras artísticas (no campo da Literatura e do Cinema estritamente), permitem ao mesmo tempo a grafia de duas vidas – a do narrador e a do possível “biografado” – simbioticamente. Neste caso, pretendemos considerar tanto a empreitada do narrador de *Mil rosas roubadas* quanto os conceitos dos estudiosos aqui selecionados e administrados como ilustração de uma tendência contemporânea na literatura brasileira: a inserção de personagens intelectuais aparentemente põe em prática a diluição das fronteiras ficcionais, pré-estabelecidas, outrora, pela hierarquização da história literária, implodindo-as, contudo, no momento atual, por meio do (re) exame do estatuto narrativo no próprio espaço romanesco e através da experimentação

de possibilidades do contar no (ainda) objeto romance. Ou seja, a partir da existência do intelectual como figura ficcional, desdobram-se configurações dos problemas narrativos, de ordem formal, que apontam, tematicamente, o caráter delgado do sujeito contemporâneo, quando textualizado. Os conceitos que solicitamos também pretendem nos ditar o inicial fracasso no arranjo de referências efetuado pelo narrador de *Mil rosas roubadas* e sobreposto ao amigo Zeca.

Palavras-chave: *Mil rosas roubadas*, Silviano Santiago, Bioescritas, Crítica Literária

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Machado de Silviano Santiago e o sistema de rasuras

ANA CHIARA (UERJ)

Resumo: No conto “Todas as coisas à sua vez (Abecedário)”, do livro *Histórias mal contadas* (2005) de Silviano Santiago, escrito em 2003, como “homenagem ao notável escritor” Graciliano Ramos no aniversário de cinquenta anos de sua morte, podemos ler um comentário ou nota com referência à mulher na obra de Machado de Assis, naquele estilo “graciliano” que Silviano Santiago tão bem soubera usar no livro *Em liberdade* (1981): “A mulher se esconde na sombra. Por que evita a luz? Por que não se desnuda? Por que nunca se dá a conhecer? Por que é segredo? //A mulher é Maia. Sua arma mortífera é o pudor.//Machado desvendou o mistério – o segredo da mulher. Só não passou a fórmula a nós, homens.” (p. 120). Em 2016, Silviano Santiago publica o livro *Machado* com subtítulo *Romance em mais uma de suas articulações ensaísticas sobre vida e ficção*. Como apontou Eneida Maria de Souza, em resenha: “Desta vez o autor inscreve sua assinatura de forma definitiva, retomando métodos criativos anteriormente exercitados, como a fusão e o distanciamento entre narrador e

personagem, mas irrompendo em ousadia e liberdade ficcional.” Neste romance em que recupera bastidores da doença e da criação como vasos comunicantes, volta a imagem da mulher na sombra, da mulher à sombra, como no comentário do falso Graciliano, por meio de um sistema de rasuras em que as faces vão se metamorfoseando de Maia em Pandora, em Maria, em mulher do povo. O Sistema de rasuras é observado por Mario de Alencar, em torno do nome “rasurado” e substituído de Carolina, a esposa morta do personagem do livro Machado, conforme o narrador Silviano (?) explicita: “O mímico não pode deixar de ser cauteloso e precavido e é por isso que, em paralelo à indiscrição do septuagenário, existe um delicado sistema de rasuras” (p. 266). Esta noção de rasura nos remete ao filósofo Derrida cujos textos foram introduzidos nos cursos de Silviano Santiago na PUC.Rio. A partir de postulações de Derrida no livro *Torres de Babel* e do próprio Silviano acerca dessa noção, enfrentaremos a questão do “delicado sistema de rasuras” no Machado. Romance, não só para investigar o tratamento dado à mulher, como também como modo operatório de produzir assinaturas em Silviano Santiago, desde o livro *Em Liberdade*.

Palavras-chave: Silviano Santiago, Machado de Assis, sistema de rasuras

Vidas entre parênteses

VICTOR SANTIAGO (UERJ)

Resumo: Em *Moments of Being* [Momentos de ser] (1985 [1974]), Virginia Woolf diz que a vida de uma pessoa não está confinada em seu corpo – está relacionada com um background ou com concepções. Tais concepções seriam instintivas e estariam relacionadas aos sentidos, ou seja, todos os seres vivos seriam constituídos por sensações que são inscritas na memória através de imagens, e não das coisas em si - the things themselves, como diria Virginia -, pois trata-se de uma realidade ausente ao corpo. Há um background de sentidos que não é construído pelos seres, senão adquirido por eles quando seus corpos relacionam-se sinesteticamente com o mundo ao redor – através

da visão, do olfato, do tato, da audição e do paladar. Esta relação de sentidos do corpo converte-se em imagens que ficam armazenadas nos “palácios da memória”, metáfora utilizada por Santo Agostinho (1984) para definir os espaços para os quais os retratos da percepção vão. Destarte, estas imagens inscrevem-se entre os parênteses corpo-mundo, como uma obra de arte de percepções cuja moldura consiste no corpo-receptor de sensações e no mundo-emissor de vibrações. Em outras palavras: não se absorve o mundo; sente-se o mundo; e este mundo-sensação coexiste no corpo do ser através de imagens. Deste modo, em consonância com o Simpósio “Bioescritas: vida, arte, literatura na América Latina – do Moderno ao Contemporâneo”, que propõe uma discussão acerca de subjetividades artísticas que se relacionam através de “cadeias fantasmáticas de contágio”, pretende-se, de forma comparada, pensar as obras *To the lighthouse* [Ao farol] (2004 [1927]) e Machado (2016), escritas por Virginia Woolf e Silviano Santiago, respectivamente, no tocante às imagens, aos “momentos de ser” que são desencadeados por acontecimentos externos e aprisionados nos parênteses da escrita, posto que é na escrita que os “momentos de ser” tornam-se reais (WOOLF, 1985 [1974]) e são eternizados, já que as memórias seriam essencialmente fluidas e reinterpretadas devido às diferentes experiências pelas quais o indivíduo passa. Em seus Diários (1989) Virginia registra que sua irmã Vanessa Bell ficara perplexa com a personagem Mrs. Ramsay, que seria um belo retrato da mãe delas. Já Santiago inicia seu romance-ensaio falando do quinto volume de correspondências de Machado de Assis que comprou em 2015 e que se trata de um volume de valor inestimável para estudiosos de literatura. Sente-se contagiado pelo fato de estas cartas estarem inseridas numa curta fração de tempo: os últimos anos de vida de Machado de Assis. Assim, ambas as obras teriam sido desencadeadas por fatores externos, por experiências sensoriais de seus respectivos criadores. As lembranças da mãe já falecida e os fantasmas desencadeados pela experiência da leitura geram “cadeias de ideias” (AUERBACH, 2004) que se relacionam com uma realidade paralela que se presentifica e se manifesta nos

parênteses atemporais da escrita, estabelecendo uma rede de contágio que conjuga as subjetividades artísticas dos referidos escritores e possíveis leitores. Em suma, pretende-se pensar as reverberações metafóricas e fantasmáticas que tangenciam vidas e obras de artistas, assim como as subjetividades receptivas dos leitores, no que concerne aos “momentos de ser” encerrados na escrita.

Palavras-chave: momentos de ser, cadeias fantasmáticas de contágio, To the Lighthouse, Machado

Da infância: pequena constelação de imagens e escritas

FRANCISCO CARMELO (PUC-RIO)

Resumo: Esta comunicação é orientada por três assertivas de Susan Sontag acerca da ação de miniaturizar: “Miniaturizar é tornar portátil”, “Miniaturizar é ocultar”, “Miniaturizar significa tornar inútil”. Reconhecendo nelas a sobrevivência do encanto de Walter Benjamin pelo mundo da infância, com seus objetos, livros, brinquedos e miniaturas, ambiciona refletir sobre o dispositivo da miniaturização como procedimento. Assim, serão comentados trabalhos de Marcel Duchamp, Joseph Cornell e do Grupo Fluxus, que utilizam caixas, espécie de mini ou pequenos museus portáteis, para guardar reproduções em miniaturas de suas obras originais, num movimento próximo ao de Benjamin, que colecionava objetos em miniatura.

Palavras-chave: Walter Benjamin, Miniatura, Infância, Artes plásticas

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Biografias de escritores brasileiros: comparações, avaliações

ITALO MORICONI (JR.) (UERJ)

Resumo: O objetivo desta comunicação é esboçar uma primeira avaliação do estado da arte da escrita biográfica sobre escritores em

nosso país. Serão comparadas as biografias existentes sobre Clarice Lispector, Mário de Andrade, Caio Fernando Abreu (cf. bibliografia a seguir). As vidas desses autores míticos tornam-se elas próprias parte de um romance. O romance da vida literária. Somente em função desse romance pode a literatura adquirir sentido e valor de circulação. A biografia literária será portanto avaliada em termos da imaginação romanesca do biógrafo. Para verificar a porosidade entre a biografia e a obra, a biografia e a assinatura, será discutido o Machado de Silviano Santiago, como projeto de crítica biográfica, que nos obrigará a revisitar seu anterior Mil Rosas Roubadadas, assim como o meu próprio perfil sobre a poeta Ana C. Para delinear um campo que seria o da crítica biográfica, a questão da correspondência é crucial. Tentarei articular minha leitura da bibliografia acima à experiência do trabalho com as cartas de Caio Fernando Abreu, na tentativa de elaborar um projeto de pesquisa em torno da busca de novos materiais e novas referências para mapear a vida literária nos anos 80-90 do século passado. Assim, o tema da metodologia da escrita biográfica se articula ao tema da metodologia do trabalho com arquivos e fontes. Bibliografia: 1. Biografias sobre Clarice Lispector :Uma vida que se conta , de Nadia Batella Gotlib (1997), Fotobiografia, da mesma Gotlib (2011) e Clarice, uma biografia de Benjamin Moser (2011); 2. Biografias sobre Mário de Andrade: Eu sou trezentos, de Eduardo Jardim (2015) e Orgulho de Jamais Aconselhar, (2007) de Marcos Antonio de Moraes; 3. Biografias sobre Caio Fernando Abreu: Inventário de um escritor irremediável, de Jeanne Callegari (2008), Para Sempre, de Paula Dip (2009), Cartas (Org) de Italo Moriconi (2ª. ed. 2016), Numa Hora Assim Escura – cartas a Hilda Hilst, (Org) de Paula Dip (2016). Algumas relações interessantes serão abordadas inteligando personagens da vida literária nos anos 70-80: Caio Fernando, Ana C., Hilda Hilst. Todo esse material será pensado sinteticamente para abordar questões práticas e implicações teóricas da crítica biográfica e da escrita biografica tout court.

Palavras-chave: Imaginação biográfica, Crítica biográfica, Biografia como gênero literário, Mitologia do autor

Vida ou teatro?

DIANA KLINGER (UFF)

Resumo: Resumo: A partir do romance de Diamela Eltit *Jamais o fogo nunca* (2007), o presente trabalho indaga de que maneira a narrativa literária intervém numa discussão que se insere no campo da biopolítica, em torno do conceito de vida, discussão esta que atravessa os campos do direito, da biologia, da medicina e da filosofia. No romance, a palavra “célula” que aparece repetidamente, adquirindo diversas significações, é o ponto de partida para se pensar nas complexas articulações entre o biológico e o político.

Palavras-chave: vida, corpo, política

O prazer e o martírio de escrever em Caio Fernando Abreu

BEATRIZ DAMASCENO (PUC-RIO)

Resumo: O prazer e o martírio de escrever em Caio Fernando Abreu Para muitos artistas, dar-se às suas obras pressupõe profundo dispêndio de si. A produção está sempre associada a um desgastante trabalho de consumação. O escritor Caio Fernando Abreu reconhece o ritmo de sua escrita corporal, o desmedido exercício do registro das marcas, provavelmente, por essa consciência, sempre escreveu sobre seu processo de escrita. Nesse ofício, gasta-se e, ao mesmo tempo, mantém-se ancorado na vida. As suas últimas crônicas e cartas revelam o extremo da cumplicidade da vida com o ato de escrever, a transcrição de suas dores e sensações são, muitas vezes, um verdadeiro estado de exaustão, tamanha presença de si em seus textos. Naquele momento, o escritor se identifica, se reconhece e se apóia na relação de vida e obra de artistas que deixaram as profundas marcas de suas histórias: a pintora Frida Kahlo, que para ele pintava e escrevia sem parar o que conhecia melhor, a própria dor. Na crônica, Frida Kahlo, o martírio da beleza, Caio F observa as imagens, os desenhos perturbadores de Frida, as letras coloridas de seu diário, sua extravagância, um Cristo-mulher perseguidor e reflete sobre a capacidade de descrição e resistência

da dor da artista. Ao relatar o desespero para continuar o seu livro, Caio confessa ver em Frida uma das forças de sua resistência: “Choro muito. Não consigo terminar o livro, não consigo parar, não consigo ir em frente. Seguro sua mão imaginária no escuro do quarto e sei que seja qual for a dimensão da minha própria dor, não será jamais maior que a dela. Por isso mesmo, eu o suportarei”. Outro escritor a quem Caio também dedica uma crônica é Reinaldo Arenas, em *Um uivo em memória de Reinaldo Arenas*, recomenda aos leitores a autobiografia *Antes que anoiteça*, recém lançada no Brasil. Caio partilha a voracidade de sua leitura, uns anos antes, feita em uma edição em francês, “... mastiguei suas últimas palavras como se fossem cacos de vidro. Não suportava ler, nem conseguia parar. Jamais sofri tanto com um livro (...) Leiam também vocês se não têm medo da dor e da verdade”. Caio traz a importância de se conhecer aquele escritor cubano “impudicamente exposto”. A partir do descrito, a comunicação pretende refletir sobre a relação vida e escrita por meio das últimas crônicas do escritor Caio Fernando Abreu, observando as intertextualidades desses textos com outras escritas também marcadas pelo registro de si.

Palavras-chave: Escrita, Vida, Corpo, Dispendio

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

Os diários de Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Waldir Ayala

DANIELE FORTUNA (UNIGRANRIO)

Resumo: Nesta comunicação, apresentaremos os resultados da pesquisa “Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Waldir Ayala: corpos e emoções nos diários”, contemplada com bolsa de Jovem Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ. O projeto tem como objetivo analisar e comparar os diários dos escritores Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Waldir Ayala, tendo como o foco seus corpos e suas

emoções. Estes autores escreveram seus diários na mesma época, na década de 1950 e fizeram de seus textos um espaço de expressão de suas emoções, de resistência e sobrevivência às dificuldades que tiveram que enfrentar. Carolina Maria de Jesus escrevia para se sobrepôr à miséria. Maura Lopes Cançado escrevia para resistir à loucura. E Walmir Ayala, para lidar com a sua homossexualidade e com o luto em função da morte de sua mãe na infância. A análise utiliza como escopo teórico estudos sobre discurso, Antropologia das Emoções e corpo. No que diz respeito ao discurso, consideramos, conforme afirma Loureiro (1991, p. 3), que “a linguagem não pode ser reduzida a mero instrumento nas mãos do escritor, já que seu caráter de mediador entre o sujeito e o texto e entre este e o leitor nos obriga a refletir sobre de que modo e em que medida a linguagem não apenas serve ao sujeito, mas também o constitui como tal.” Nesse sentido, se a linguagem é constitutiva do sujeito, o discurso formulado a partir dela pode reverberar a realidade – pelo menos, a realidade do indivíduo que se expõe nas páginas de seu texto. É importante salientar que aqui consideramos discurso conforme analisa Foucault, segundo o qual “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (FOUCAULT, 2012, p. 46). Para Foucault, o sujeito anima, com seus atos, as formas vazias da língua. E, ao fazê-lo, é capaz de conferir ao discurso o poder de representar, nomear, classificar e explicar. Nesse sentido, a experiência se concretiza através da relação com o discurso. É por meio do discurso ainda que o sujeito expõe suas emoções. Para Rezende e Coelho (2010), ao se relacionar emoção e discurso, é possível se pensar numa “micropolítica da emoção” – foco de estudo da Antropologia das emoções. O discurso é capaz de “dramatizar, reforçar ou alterar as macrorrelações sociais que emolduram as relações interpessoais nas quais emerge a experiência emocional individual” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 78). A metodologia para a realização desta pesquisa se estruturou em três linhas: analítica, teórica e comparativa. Até o momento, os diários dos três autores foram analisados individualmente. Nesta comunicação, faremos uma breve apresentação do projeto, bem

como as etapas realizadas até aqui, para, em seguida, realizarmos a comparação dos três diários, buscando entender o contexto em que foram escritos e que semelhanças e diferenças existem entre os diários.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado, Walmir Ayala, Diários

Las hijas - uma escrita de restos

RAISSA DE GÓES (PUC-RIO)

Resumo: A partir do livro *Aparecida* de Marta Dillon, pretendo discutir o questão dos restos e rastros para a construção de uma escrita. O livro conta a história da própria autora. Sua mãe é uma desaparecida do regime ditatorial argentino. A narrativa começa com Marta, já adulta, recebendo a notícia da identificação da ossada de sua mãe. A partir desse “encontro com os restos”, a escrita se coloca. Me interessa pensar os restos como disparadores de uma escrita. Seu texto não é sobre sua infância sem a presença materna, mas o contato com esses restos. São eles que evidenciam sua ausência. É justamente a sobra, o traço, que vai marcar a ausência. Minha ideia é pensar esse traço como partida para uma narrativa que não busca a recuperação da história que se passou, mas se cria na relação com a falta. Não de um modo melancólico, essa falta ganha dimensão de força e escrita. Uma relação, diria, com o esquecimento e não com a tentativa de recuperação de memória. Uma escrita do esquecimento. Comparando, por exemplo, com a relação das mães de desaparecidos políticos, podemos perceber essa diferença entre recuperação de memória e uma busca por uma escrita do esquecimento. Enquanto as avós e as mães da Plaza de Mayo têm um desejo de recuperação do filho, do corpo do filho pela necessidade enterrá-lo e finalizar uma história. Enquanto elas buscam seus netos, seqüestrados de suas mães no cárcere. Os filhos não buscam essa recuperação ou retratação. Extremamente justa, obviamente. Esses filhos estão no lugar do esquecimento. Não tem a memória dos pais, mas o esquecimento, a relação é com a ausência dos pais. A mãe desaparecida é o lugar do esquecimento. Os restos, identificados e

entregues à autora, passam a ser a própria mãe. Esse resto é o lugar da marca. O aparecimento da escrita está ligado ao encontro com esses restos. Foi este encontro que provocou a escrita, a história com a mãe, com a ausência da mãe. Portanto, não se trata de um livro de memórias, mas de uma escrita inscrita pelo esquecimento. O esquecimento inscreve a marca da ausência da mãe. Inscreve no corpo, na vida, no texto.

Palavras-chave: Escrita, política, esquecimento, memória

Vida, arte e literatura na correspondência poética de Max Martins e Age de Carvalho

MAYARA GUIMARÃES (UFPA)

Resumo: Michel Foucault, em “A escrita de si”, discute um aspecto essencial que envolve a natureza e prática da produção de diários e cartas: a importância do exercício da escrita como operador de uma função etopoietica na aquisição de uma técnica. Essa técnica é claramente próxima daquilo que Max Martins (1920-2009) diz ser “a escrita da vida em forma de poesia”, em uma de suas cartas a Age de Carvalho (1958-). Max Martins e Age de Carvalho circulam entre os autores de maior destaque da poesia paraense do século XX, ainda que pertencentes a duas gerações e contextos históricos bastante distintos. De 1980 até 2002, trocam cartas em regime quase diário. Durante os primeiros dois anos, de residência em Belém, a correspondência registra o método de composição híbrida de A fala entre parêntesis (1982), livro escrito a duas mãos ao modelo da renga japonesa. E pelos 20 anos seguintes marcará o afastamento físico entre os poetas, com a saída de Age rumo à Alemanha e Áustria, onde vive até os dias de hoje, registrando o adensamento do elo entre amizade e poesia. Nesta vasta correspondência, estabelece-se uma aliança em que ambos se tornam leitores críticos do processo criativo um do outro e revela-se o compartilhamento de obsessões poéticas, visões políticas, além de reflexões sobre o amor, a condição de imigrante, o envelhecimento, a doença e a morte. Testemunha-se a formação e elaboração de livros

como 60/35, Marahu Poemas e Para ter onde ir, de Max Martins, e Arena, areia, Ror e Caveira 41, de Age de Carvalho, além de discussões em torno de preferências literárias, relatos e registros textuais de mudanças históricas, culturais e políticas do Brasil dos anos oitenta e noventa e a troca de imagens, desenhos, pinturas, fotografias e postais que acompanham a trajetória de vida dos dois nomes mais expressivos da poesia paraense, causando impacto sobre suas subjetividades artísticas. Isso se dá sobretudo no caso de Max Martins, para quem o desenho se torna elemento compositivo organicamente vinculado à palavra. Assim como os diários de notas servem de “matéria prima” para o envio de cartas, a correspondência, destinada a um outro, dá lugar a um exercício de escrita pessoal. Há aí uma dupla função de leitura e escrita importante no intercâmbio do que Benedito Nunes chamou de “passagem do subjetivo ao inter-subjetivo”, e que presenciamos, tanto no texto híbrido de A fala entre parêntesis, quanto na correspondência entre os dois autores paraenses. Esta comunicação visa, dentro da perspectiva teórica mencionada, apresentar um panorama da correspondência poética de Max Martins e Age de Carvalho, ainda inédita ao público, e discutir aspectos literários ali presentes, projetando, em primeira mão, imagens digitalizadas de algumas das cartas.

Palavras-chave: Max Martins, Age de Carvalho, cartas, poesia contemporânea

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 6

Forma e brevidade: reflexões sobre a microficação na literatura brasileira

FABIANA FARIAS (UERJ)

Resumo: O universo das formas breves, como outras formas literárias, está longe de ser uniforme; sua força está exatamente na inventividade que o formato permite e no movimento antagônico e elástico que

expande seu campo de atuação: ora ela deseja o limite mínimo, a frase, o aforismo, ora ela se estende até quase confundir-se com o formato do conto contemporâneo. Esta tendência ao mínimo também pode ser vista como uma necessidade da linguagem, forma adequada para uma matéria que aponta para o inacabamento, para a velocidade do contemporâneo e para a obra aberta às significações. E, neste território, onde caminham os grandes textos literários, há também lugar para a microficação. Quando se pensa na forma breve, propõe-se reconhecer nela um experimento da brevidade explícito tanto na sua forma como nas marcas de transitoriedade e na sua experiência de leitura. Essa escolha não ignora os avanços em relação a um estabelecimento de uma nomenclatura e de um lugar como gênero independente que podem ser vistos nos textos críticos hispano-americanos (referentes aos estudos do microrrelato e do microconto), mas busca realizar um exercício de reflexão crítica sobre os diálogos e relações existentes entre o texto e a forma, o texto e os limites, o texto e o autor, texto e leitor sob a égide de um conceito mais amplo de brevidade que tem, ao longo do tempo, desenhado uma linha tênue que une, pela expressão, teóricos como Barthes, Calvino e Piglia e possibilita levar esta reflexão além dos limites de gêneros de nossa literatura. Porém, mesmo com a força que esta crítica lhe confere, a microficação ainda caminha relativamente à margem da literatura canônica e seu destaque, por vezes, é atribuído ao ineditismo do formato em relação à produção já reconhecida e consolidada de um autor (valor autoral) ou à noção de experimentalismo ou desafio. Esta discussão da forma que se apresenta nos microcontos, nos fragmentos e microrrelatos que surgem com maior frequência na produção literária contemporânea (em especial na geração 00 e posterior) não é um evento próprio desses tempos, mas algo que se alimentou das influências experimentais e de rompimento das vanguardas ao longo da história de nossa literatura. Dessa forma, o objetivo da comunicação é discutir esta produção não somente como algo isolado na produção de um autor, mas reconhecer também aqueles

que se dedicam a ela preferencial ou exclusivamente. Problematicando a relação existente entre forma e autoria, observando que os conceitos de “liberdade” podem ser questionados quando tratamos de uma forma breve. Propõe-se também discutir uma possível genealogia no Brasil da forma breve, fenômeno que não diz respeito apenas ao formato, mas a uma tendência de nossa literatura ao experimentalismo em contraste a uma tradição dos gêneros literários.

Palavras-chave: forma, microficação, brevidade

“Seja marginal, seja herói”: vida e obra de Hélio Oiticica

ANNELISE GALEAZZI (UERJ)

Resumo: Hélio Oiticica foi um artista plástico fundamental para a História da Arte brasileira: seus trabalhos e sua postura criativa e, essencialmente, crítica deram primazia a uma arte experimental, na qual o ambiente, a atmosfera e o conjunto perceptivo sensorial dominaram suas obras, trazendo uma nova maneira de entender os lugares da arte. Oiticica foi também um artista que se abriu massivamente ao campo enunciativo: a escrita foi, por excelência, uma prática central na sua vida – no que tange tanto à criação de uma nomenclatura exclusiva para classificação de suas obras quanto a suas centenas de anotações e diários. Ademais, o artista também se apropriou das palavras para inscrevê-las em alguns de seus trabalhos, utilizando, de certa forma, o conjunto de sua obra plástica como um suporte para comunicação. Esta apresentação para o XV Congresso Internacional da Abralic tem como objetivo principal refletir sobre as palavras inscritas na bandeira “Seja Marginal, Seja Herói”, de Hélio Oiticica, à luz de um diálogo entre Teoria Literária e História e Crítica da Arte. Tal obra de arte teve sua primeira aparição pública em fevereiro de 1968, na exposição à céu aberto que ficou conhecida, posteriormente, como “Happening Bandeiras na Praça General Osório”; onde outros artistas também expuseram seus trabalhos e, em comum, pretendiam denunciar abertamente o autoritarismo que tomava conta do país. Aqui, para fins de análise da

obra, reconhecemos as relações entre a vida do próprio artista e sua obra, afirmando os arquivos biográficos de Oiticica - como suas reflexões teóricas e cartas - não só como lugares de memórias, mas também como local de autoridade sobre os usos dessas memórias (Coelho, 2009). Ou seja, com o objetivo de reconhecer a crítica político-social e as características artísticas um tanto quanto trágicas e socialmente complexas desenvolvidas em “Seja Marginal, Seja Herói”, devem ser considerados alguns aspectos biográficos, sociais e políticos do contexto brasileiro, tais como sua postura anarquista, sua vivência nas favelas, a ditadura militar instaurada em 1964, a brutalidade e violência urbana e social do país na época, entre outros. Além do mais, a partir do século XX há uma forte aproximação entre Artes Plásticas e Literatura (Argan, 2010), de modo que essa nova maneira de relacionar artes visuais com escrita resultou na apropriação de materiais diversos com estruturas linguísticas inscritas e na criação de novas classes para ambas as categorias artísticas, como a Pop Art e o Poema Visual. Em um primeiro momento evidenciaremos que “Seja Marginal, Seja Herói” tem relação direta com alguns gêneros textuais, encontrando-se próximo ao Manifesto e à Poesia, por exemplo. Porém, suas particularidades linguística, estética e de representação ultrapassam a estabilidade de gêneros já cristalizados, fazendo-nos chegar ao que ficou chamado de “Poema-bandeira”.

Palavras-chave: Literatura Comparada, Hélio Oiticica, Poema-bandeira, Manifesto

Hilda Hilst, um gesto corrosivo do olhar

DIEGO FERREIRA (UERJ)

Resumo: Proponho uma investigação estética nas obras de Hilda Hilst (em especial, nos romances “Estar sendo, ter sido” e “Tu não te moves de ti”), com ênfase nas descrições dos corpos, no embate entre a escrita e a aparência efêmera da matéria. Deste modo, proponho um olhar para as imagens do informe na poética de Hilda Hilst, relacionando-o

à ideia de Semelhança Informe, de Georges Didi-Huberman. Pretendo analisar como a poética de Hilst produz tensões entre a escrita e o silêncio, a palavra e o sentido, o estranho e o familiar, construindo um texto que se tece sobre um furo, na medida em que nos aponta um aspecto inacabado das formas. Investigo, portanto, as imagens de corpos inacabados, que se abrem ao movimento e desafiam uma possível fixidez, o aspecto fugidio na aparência das coisas, que escapa ao olhar – ou que se apresenta ao olhar como estranhamento. Aponto que poderia haver, nessa interação com objetos, um excesso, um informe ou uma diferença. Neste sentido, o que chamo por gesto corrosivo do olhar significa, em forma breve, a lembrança da transitoriedade das formas e da matéria, um “atraso” ativo no reconhecimento das formas. A ideia de corrosão sugere um sem número de imagens que se relacionam à escrita de Hilst: corrosão como processo de deslocamento da matéria, como inscrição da transitoriedade, ou, em sentido dicionarizado, “o que desorganiza pelo contato os tecidos vivos”. A ideia de estranhamento é então associada ao olhar, ou como prefere Lacan, uma mancha retiniana, provocando um efeito, uma estética (quicá corrosiva). Deste modo, Hilst nos sugere um olhar que perturba a metafísica, onde o estranhamento é parte do que se supõe conhecer, a ausência é parte do que se supõe presença, esforçando-se por esculpir essas fronteiras dissolutas. Quero dizer que há um duplo caminho na poética de Hilst: produzir um corpo (um corpo da escrita e do sentido), mas também fundá-lo sobre um informe (na medida em que se produz a partir de um estranhamento, uma dificuldade em se reconhecer). Deste modo, pretendo me aproximar do que diz Jean-Luc Nancy: “no limite do sublime, não há estética, nem ética. Há um pensamento de oferenda, que desafia esta distinção”. Considero o problema de traçar em teoria o que seria o limite do reconhecimento das formas e da distinção: uma estética corrosiva, portanto, um gesto corrosivo do olhar. Parto de uma constelação de objetos teóricos e artísticos para traçar esse “surgimento”, desdobrá-lo sob o ângulo da filosofia e da arte, propondo

uma leitura da obra de Hilda Hilst que problematize a questão da forma na literatura. Considero que o esforço deste trabalho converge com uma noção de olhar que atravessa a obra da escritora e que monta o panorama de um problema teórico no cenário contemporâneo.

Palavras-chave: Forma, Estética, Corpo, Corrosão

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 7

E quando o ameríndio assume o texto? demarcações de autoria em *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*

LUIZ NADAL (PUC-RIO)

Resumo: O monólogo “Se eu fosse Iracema” (2016), com roteiro de Fernando Marques e direção de Fernando Nicolau, inscreve uma nova noção de corpo sobre a obra canônica de José de Alencar. Um corpo paradoxal (GIL, 2015) que deforma os contornos da máquina ocidental de pensamento e que encena um particular tipo de devir (DELEUZE, 2012). Da mesma forma, a peça coloca em cena uma autoria contrastante em relação a maioria dos autores indigenistas. Estes, mais comprometidos em engendrar um passado lendário para o país, conectado à história europeia (SÁ, 2012), do que interessados no indígena em termos de alteridade. Enquanto os escritores do período indianista recorreram aos registros coloniais (cartas, crônicas e diários dos navegadores) como forma de pesquisa etnográfica, a dramaturgia de Fernando Marques é uma experiência de abertura à ontologia ameríndia. Ato contínuo, este trabalho promove o encontro entre a teoria literária e alguns desses saberes. Respectivamente, do conceito de autor xamã (Barthes, 2004), que a exemplo das “[...] sociedades etnográficas, a narrativa nunca é assumida por uma pessoa, mas por um mediador, xamã ou recitante, de quem, a rigor, se pode admirar a performance (isto é, o domínio do código narrativo), mas nunca o

‘gênio’. (p.58); aos estudos do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, em especial sobre a prática xamânica, capaz de cruzar as barreiras corporais e adotar a perspectiva de outras subjetividades (CASTRO, 2017). Por fim, tanto a elaboração de uma autoria xamânica quanto a de um corpo cênico deformado, em devir iracêmico, produzem ecos na importante obra intitulada “A queda do céu - palavras de um xamã yanomami” (2015). De forma intermitente, a narrativa co-produzida entre Davi Kopewa e Bruce Albert irá figurar no horizonte desta discussão.

Palavras-chave: Autoria, Corpo, Xamanismo, Devir

Haxixe: fuga, estranhamento e transformação

SEBASTIÁN TORTEROLA ANTELO (UERJ)

Resumo: O que significa ter uma experiência? A primeira vez que o escritor uruguaio Horacio Quiroga experimenta o haxixe, no ano de 1900, a substância o confronta com o horror e com a morte. Seguindo a detalhada descrição do autor, este artigo tenta propor uma interpretação contemporânea de uma experiência moderna: a viagem de treze horas do escritor por uma realidade não ordinária. O uso de substâncias alteradoras da consciência faz parte de uma tradição milenar: diversas civilizações antepassadas utilizaram fungos, cactos, sementes e plantas em geral como forma de adquirir conhecimento e de se relacionar com as diversas facetas da realidade. Hoje, as sociedades urbanas experimentam uma redescoberta desses recursos, conhecidos no âmbito intelectual como enteógenos. O uso ancestral dessas substâncias, de caráter principalmente ritual, terapêutico e coletivo, contrasta com a experiência de Quiroga, realizada como um experimento científico, urbano e individual. Para entrar na discussão, o trabalho se serve dos argumentos de Baudelaire e Freud sobre substâncias tóxicas, as quais representariam uma das medidas paliativas que o ser humano utiliza para diminuir o mal-estar que nos acompanha a vida inteira, já que elas o tornam insensível ao sofrimento. Nesse

sentido, imerso na sociedade de inícios do século XX, racional e cinzenta, o escritor uruguaio sente a necessidade de criar um novo mundo para si, e se enfrenta ao desconhecido. Trata-se de uma experiência periférica, que o faz sair do centro e explorar os confins do sujeito: um genuíno outro. Do ponto de vista da psicanálise, a ambivalência dominante na experiência enteogênica, que combina sensações duplas de êxtase e morte em um contexto de dissolução do sujeito, reforça a ideia de fuga da realidade. No entanto, a experiência não se limita à fuga: através da alucinação, Quiroga passa do desconhecimento dos efeitos do haxixe ao conhecimento de uma nova realidade antes oculta. O resultado do encontro é uma transformação profunda do autor, que impulsionado por uma espécie de força centrípeta, passa da esfera individual para o plano coletivo a través do próprio texto, que busca assumir uma atitude educativa com o leitor. O que acontece com o autor tomado pelo enteógeno? A química possibilita a liberação de pulsões reprimidas que invadem a consciência? São alucinações criadas por sua imaginação ou o haxixe abre portas que lhe permitem enxergar novos contornos do real? Através da genealogia da moral de Nietzsche, e a modo de conclusão, o artigo irá questionar a noção de experiência em Quiroga, introduzindo temas como cultura, domesticação e transformação.

Palavras-chave: enteógeno, horror, alteridade, Quiroga

Allen Ginsberg, Roberto Piva e Chacal: poetas a favor do reencantamento do mundo

DIÓGENES COSTA (UERJ)

Resumo: Roberto Piva e Chacal, poetas raramente estudados em conjunto, admiram Allen Ginsberg. Através de uma leitura parafrástica, aproximamos os três. Suas obras (Paranoia e Ciclones; Muito Prazer, Ricardo e América; Uivo e A Queda da América, respectivamente) e suas posições de poeta. O uso de alucinógenos na época que estes poetas iniciam suas trajetórias (e em outros momentos) representa um processo de reencantamento de um mundo pragmático, racional,

“desencantado”, segundo Max Weber. A linguagem da poesia entra neste processo como potencial fator. Os conceitos sobre enteógenos, por parte de R. Gordon Wasson, Albert Hofmann e Carl A. P. Ruck (1980) e as concepções sobre um mundo contra o entusiasmo, por Peter Sloterdijk (1998), guiam este trabalho cuja orientação teórico-metodológica é estabelecida por parâmetros comparativos de análise.

Palavras-chave: allen ginsberg, roberto piva, chacal, reencantamento do mundo

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 8

Escritas em transe - o espaço aberto e esvaziado da poesia zen

LUIS FELIPE CARVALHO (CEFET)

Resumo: Partindo da idéia de que existe um outro espaço de produção de conhecimento; um espaço aberto, ilimitado – em transe e transito – que manifesta e enuncia outros saberes. Ao longo do ensaio refletirei sobre o que poderia ser denominado como escritas em transe que falam de um lugar móvel e nômade onde a poesia Zen manifesta corpos e formas que são expressões de shunyata (vacuidade ou o esvaziar) ou o que Dogen Zenji chamava de flores do vazio. Cabe a pergunta: quem é o autor que escreve? Existe algum autor ou ele é manifestação da vacuidade, aqui entendido como espaço aberto e ilimitado? O Zen é uma escola do budismo que tem sua origem no Ch’an chinês. Além do Japão, o Ch’an se desenvolveu no Vietnã e na Coréia. Todas essas variantes do budismo chinês estão dentro do caminho do Mahayana. No Ch’an, bem como no Zen, a poesia tem um papel central por aproximar-se mais da forma de conhecimento proposto pelo Buda Shakyamuni. Sua metodologia baseia-se menos na análise racional e mais na meditação e na intuição do corpo. Por isso, podemos dizer que o Zen é menos conceitual e mais afetivo, menos abstrato e mais concreto e acessando

o nosso sistema sensório motor. O ensaio vai atravessar, ainda que de forma abrangente, algumas das principais noções do budismo, tais como: as 4 nobres tarefas, impermanência, interdependência e vacuidade (shunyata), a partir da análise dos principais sutras do Mahayana: o Sutra do Coração da Perfeita Sabedoria, o Sutra do Diamante e o Lankavatara Sutra. O ponto em comum nestes sutras é que o acesso a natureza búdica ou o contato com o espaço aberto e ilimitado não pode ser realizado pelo intelecto. O ponto de contato se dá de forma intuitiva - ou quando estamos livres da intenção e da vontade de querer alcançar a verdade. Com isso, existem muitos caminhos (dô) que ajudam o praticante a despir-se de seu Eu e deixar emergir a natureza búdica - que não vem de fora, ao contrário, manifesta-se no corpo do praticante. A arte, por isso, foi um veículo para a corporificação de shunyata e por onde a natureza búdica se manifesta. É o caso da ikebana (arranjo floral), sumi-e (um estilo de pintura japonesa), kyudo (arco e flecha) e os haikais e tankas (poesia). Sobre este último dô que investigo neste ensaio através não só de alguns poetas japoneses tradicionais como Dogen Zenji, Bashô e Ikkyu Sojun como também de poetas ocidentais que foram influenciados e estabeleceram conexões em seus trabalhos com a filosofia e poesia Zen. São os casos de John Cage (na poesia e na música), Gary Snyder, Jack Kerouac, Allen Ginsburg entre outros.

Palavras-chave: Zen, escrita, transe, vacuidade

Roberto Bolaño: o espelho turvo da literatura

FELIPE MANSUR (UERJ)

Resumo: No cenário da literatura contemporânea, nenhum escritor latino-americano alcançou o mesmo reconhecimento do que o chileno Roberto Bolaño. Sua morte precoce, em 2003, tornou ainda maior o culto em relação a seu nome e sua obra. Seus livros revelam-se imbricados uns aos outros por meio de um processo de expansão do próprio universo referencial dessa literatura, a saber: ela mesma. Seus

dois grandes romances, separados por 5 anos, *Os detetives selvagens* (1998) e *2666* (2003), reúnem em sua colossal estrutura toda a sorte de personagens, temas e lugares recorrentes da narrativa de Bolaño, presentes em seus outros romances e contos publicados ao longo dos anos 90. Elementos diversos que se unem por meio da marca da vida literária: escritores, críticos, poetas, editores vivendo e discutindo a literatura por meio de um discurso amplamente aberto e de inúmeras relações intra e intertextuais. Uma literatura que celebra a si mesma (parafraseando Carlos Fuentes a respeito de Machado de Assis) e se coloca mesmo como o principal referente desse discurso narrativo. Posta em cena em um momento de profunda crise de valores, o fim do século XX e o limiar da nossa era, a literatura é exposta por meio de narradores (cuja identidade se aproxima e se distancia a todo tempo de seu autor) que encontraram na expressão literária seu próprio modo de resistência no mundo contemporâneo. Nesse cenário, poetas são criminosos e revolucionários empedernidos em uma realidade que simplesmente os ignora, mas que não os impede de vivê-la com toda a intensidade da literatura; por outro lado, a vida profissional do escritor (e de outros profissionais ligados à literatura) é do mesmo modo radiografada (e muitas vezes ridicularizada), num melodrama que explora tanto a experiência dramática do fracasso quanto a comédia de erros que compõe o sucesso – ao mesmo tempo sagrada e ridícula, é a vida literária de nossa época colocada aos nossos olhos. Por meio da análise de seus principais narradores e personagens, este trabalho tem como interesse apresentar a ficção de Bolaño como representação hiperrealista de nosso tempo, assim como nos permitiria discutir o lugar da literatura na vida contemporânea. Desse modo, a análise se articularia em três pontos: em torno dos principais escritores personagens da narrativa de Bolaño e, por consequência, a representação da vida literária que traduzem; na criação do alter ego Arturo Belano, espelho de seu autor e ponto de dramatização biográfica estabelecido no texto; e, por fim, nas relações entre artistas (autores)

e profissionais ligados à arte (professores universitários, críticos e editores). Colocadas em cenas diversas ao longo das narrativas do autor, essas relações nos permitiriam discutir a situação crítica da literatura na cena cultural contemporânea.

Palavras-chave: Roberto Bolaño, Vida literária, Literatura e crise

A ficcionalização e a encenação da figura autoral em *O irmão alemão*: uma autoficção de Chico Buarque

JHONATAN RODRIGUES PEIXOTO DA SILVA (UERJ)

Resumo: O presente trabalho tem como principal escopo desenvolver ponderações e reflexões acerca do fenômeno estético da autoficção e depreender sua manifestação na obra *O irmão alemão* (2014), de Chico Buarque. Seccionamos nossas considerações em duas partes distintas. A primeira parte se configura como uma propedêutica à controversa teoria da autoficção. Neste ponto, expomos a natureza dos discursos que compõem a estrutura autoficcional, aprofundamo-nos em questões que concernem à gênese da autoficção, à sua banalização ou à sua vulgarização no nicho acadêmico, além de arrolarmos alguns conceitos de autoficção, com o pretexto de defendermos a especificidade das expressões literárias autoficcionais, distinguindo-as, sobretudo, do que se depreende como romance autobiográfico. Já na segunda parte, nossas intenções abandonam as reflexões estritamente teóricas e se voltam à aplicação objetiva da teoria. Concentramo-nos na análise da obra, tencionando, já com o aporte teórico autoficcional, categorizar a obra *O irmão alemão* (2014), de Chico Buarque, como um romance indiscutivelmente pertencente ao gênero da autoficção e compreender o processo de ficcionalização de si presente na narrativa. No que condiz à categorização da obra, elencamos alguns traços imprescindíveis para que a narrativa possa ser classificada como um autoficção. Um deles é o que remete à identidade onomástica. Sendo este o requisito mais primacial para a identificação de uma autoficção, posição apreçada e defendida por Manuel Alberca

(2007), um dos teóricos basilares de nossa pesquisa. Já no que tange ao processo de ficcionalização de si em *O irmão alemão*, acreditamos que, no interior da obra, aglutinam-se e se condensam vários perfis biográficos concernentes ao autor. Ao nos atentarmos à composição do narrador-protagonista Francisco de Hollander, podemos identificar, por intermédio dos fragmentos de existência, representações reveladoras do sujeito Francisco Buarque de Hollanda. Pequenos perfis biográficos que representam facetas verídicas ou factuais do autor: O chico leitor, o Chico escritor, o Chico militante, o Chico que se envolve em uma busca obsessiva pelo paradeiro de seu irmão alemão, entre outros perfis que, na obra do autor, posicionam-se hermeticamente na interseção entre factual e ficcional. Demonstrar o funcionamento dessa autorrepresentação ambígua, permite-nos detectar as facetas do autor presentes em seu narrador-personagem, em outras palavras, avalizarmos a discernir o processo empreendido pelo autor para ficcionalizar a si mesmo, selando um pacto entre autor e leitor: não mais o pacto autobiográfico, referencial, fantasmático ou romanesco, mas o pacto genuíno da autoficção: o pacto ambíguo. É válido ressaltar que, ao aderir ao processo autoficcional, o autor realiza uma mitificação de sua própria figura, criando um mito em torno de si, explorando as múltiplas identidades que ele pode inventar e associar a si no plano ficcional, mas sempre mantendo o referencial extraliterário, factual e biográfico embasado em seu próprio “eu”. E são estas mitificações e representações presentes no romance *O irmão alemão* que tencionamos explicitar, expor e refletir. Para trabalhar tais conceitos, promoveremos diálogos entre as teorias de Manuel Alberca (2007), José María Pozuelo (2010), Anna Faedrich (2014), Philippe Lejeune (2014), Serge Doubrovsky (2007), Vicent Colonna (1989), Luciana Hidalgo (2013), Luciene Almeida (2008), Jovita Maria (2014).

Palavras-chave: Teoria da Literatura, Autoficção, *O irmão alemão*, Chico Buarque

Memórias Ensaaiadas

MANUELA FANTINATO (PUC-RIO)

Resumo: No livro *Memorias para Paul de Man*, Jacques Derrida fala da memória associando-a à arte e diferenciando-a da simples recordação. Esta seria uma espécie de memória interiorizante, destinada à preservação da experiência e que não se organizaria em discurso. Tratar a memória de arte significa chamar atenção para seu caráter de construção e de dar às coisas significado. A memória aparece, nesse sentido, como um esforço de construção do passado que, partindo do presente, orienta-se a um futuro. Nessa perspectiva, a escrita autobiográfica funciona como um projeto, um compromisso com a construção de um futuro. Sentido similar dá o próprio de Man, que associa a escrita autobiográfica à prosopopeia, figura de linguagem que dá a algo inanimado as características, atos e sentimentos de um humano. Por meio dela, concede-se à letra e ao papel, um rosto e uma vida, dando àquele que a narra, uma máscara. Torna inteligível a história de uma vida, dando a ela um sentido que em si não possui naturalmente. O autobiógrafo percorre movimento duplo de compreender-se e criar-se, estabelecendo aproximações e recuos, inserindo-se em determinado contexto para ver-se nele inserido e ser nele reconhecido. Nesse contexto está *Bodenlos*, uma autobiografia filosófica, de Vilém Flusser. Escrita durante 20 anos, já de volta à Europa após passar mais de 30 anos no Brasil, país que o acolheu frente à ameaça nazista, conclui-se apenas com a morte do autor. A obra não segue a estrutura tradicional do gênero, de ser uma narrativa retrospectiva de vida, geralmente linear e narrada em primeira pessoa do singular. Dividida em quatro partes, *Monólogo*, *Diálogo*, *Discurso* e *Reflexões*, é escrita na forma de ensaios e apenas a primeira se aproxima de uma autobiografia tradicional. O que obedece, no entanto, é uma espécie de cronologia existencial que se inicia na experiência do exílio e termina na descoberta da “língua brasileira”, que o permitiu tornar-se intelectual reconhecido e respeitado, como ensaísta e professor de

filosofia, no cenário cultural que o acolheu. Seguem-se a ela textos sobre as pessoas que influenciaram seu percurso do Brasil, intelectuais e artistas, alguns estrangeiros como ele, textos sobre as disciplinas com as quais iniciou sua trajetória profissional e reflexões sobre a condição de exilado. As escolhas feitas em *Bodenlos* afirmam uma singularidade apoiada no caráter produtivo da situação do exilado, condição que elege como escolha de vida, e uma subjetividade marcada por contextos e escolhas. A inclusão de textos críticos e pessoas que marcaram sua vida profissional quebram os limites entre o ser o fazer, firmando seu autor como intelectual engajado na filosofia como extensão de seu próprio eu. E, ainda, a opção pelo ensaio revela a contestação de verdades absolutas, temporalidades lineares e de sistemas fechados, em uma filosofia que se quer escrita e eleva a própria experiência ao status de autoridade de conhecimento.

Palavras-chave: autotransfiguração, ensaio, Vilém Flusser, autobiografia



CRIMES, PECADOS E MONSTRUOSIDADES

Julio Jeha (UFMG)
Josalba Fabiana dos Santos (UFS)

Resumo: Crimes, pecados e monstrosidades são tópicos ou categorias que podem ser usados para pensar na irrupção do mal na experiência humana. Os delitos hediondos de Édipo e de Medeia, a questão do adultério em A letra escarlate e as personalidades monstruosas de dr. Jekyll e de Dorian Gray são alguns exemplos ficcionais que representam uma ruptura com a categoria da normalidade. Crimes, pecados e monstrosidades falam do nosso mal-estar perante a violência e a brutalidade, o desenvolvimento da tecnologia e da ciência, as guerras e os genocídios; são metáforas culturais e artifícios literários que carregam implicações tanto estéticas quanto éticas. O objetivo deste simpósio é debater representações literárias de transgressões do código penal, religioso ou “natural”. Além de quadros taxonômicos, categorizações descritivas e classificações estruturais, pretende-se estudar contextos histórico-sociais cujos valores normativos determinam o que é crime, pecado e monstrosidade. As fronteiras entre o que é certo ou errado, bom ou ruim, normal ou anormal, familiar e estranho são formuladas por uma série de parâmetros especificados pelas mais diversas instituições: as religiosas, as comunidades, as leis nacionais e locais, a família, a escola, a ciência e o indivíduo. E todas as fronteiras traçadas e as bandeiras defendidas nada mais suscitam do que o desejo de vê-las transgredidas. Regras provocam transgressões. Uma das definições de monstro passa justamente por essa ideia: ele é um aviso de que um limite foi ultrapassado. Tal como as monstrosidades, que dependem de

coordenadas sócio-históricas, os pecados e os crimes são determinados por instituições jurídicas e religiosas cujas fronteiras podem ser perigosamente permeáveis. Há crimes (males jurídicos) que são considerados pecados (males religiosos), mas nem todo crime é pecado e nem todo pecado é crime. Onde o religioso e o civil se encontram separados, pecados existem na esfera da crença, enquanto os crimes prescindem da fé para ser considerados como tais. Quando Drácula (Bram Stoker), O retrato de Dorian Gray (Oscar Wilde) e O médico e o monstro (Robert L. Stevenson) foram publicados na última década do século XIX, o reino da rainha Vitória já perdia sua força. As artes, principalmente a literatura, por meio dessas obras, denunciavam a falência da sua pretensa austeridade moral, um código de comportamento que não consegue reprimir o lado sombrio da humanidade. Doutor Jekyll tenta extirpar o seu lado amoral lançando mão da ciência, o efebo Dorian tenta se libertar das amarras morais por meio da arte e o sedutor conde é um estrangeiro que, como tantos outros para a ótica de uma nação imperialista, precisa ser dominado e contido, pois ultrapassou os limites do seu país, além da barreira entre a vida e a morte. A monstrosidade, assim como o crime e o pecado, é um excesso ou uma falta, algo que, ao se desviar das regras vigentes, põe em risco a coesão do grupo e, portanto, a sua própria existência. É assim que, em certos momentos e em dados grupos, a transgressão denuncia a categoria da normalidade, apontando para necessidades sociais específicas, e o seu estudo pode levar a uma melhor compreensão de tais necessidades. Por que estudar crimes, pecados e monstrosidade? Italo Calvino afirma que é na recusa da visão direta que parece residir a força da arte como resistência. Se considerarmos crimes, pecados e monstrosidades como transgressões que oferecem uma mudança de perspectiva, desafiando as categorias da normalidade, poderemos melhor entender e organizar o caos da natureza e o nosso próprio. Um dos problemas a ser focado neste simpósio é a reafirmação de ideologias, que acontece quando o delito é solucionado, o pecado punido, o monstro

contido ou exterminado. A reafirmação final do status quo, a indicação de que o mal pode ser controlado e derrotado, não consegue apagar as cenas e imagens literárias vislumbradas ao longo da narrativa. Deve-se procurar a ideologia nas estruturas mais profundas dos textos ou olhar para o leitor e para as diferentes culturas em busca dos sentidos interpretativos. Serão aceitos trabalhos sobre esses temas na literatura ou nas relações da literatura com cinema, cultura popular e mídia que englobem 1) conceito e linguagem de “crime”, “pecado” e “monstrosidade”; 2) desumanização, “alterização”, “monstrificação” e satanização; 3) função do vilão, pecador ou monstro na literatura; 4) atos individuais, violência grupal, holocausto e genocídio; 5) terrorismo, guerra e limpeza étnica; 6) explicações religiosas, políticas, filosóficas ou psicológicas para o mal.

Palavras-chave: Crime, Monstro, Pecado, Mal na literatura

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

O menino e o monstro: a escrita da barbárie em *Feras de lugar nenhum*

AKEMI MAGALHÃES MOURA AOKI (PUC-RIO)

Resumo: Esta comunicação se propõe a analisar o romance *Feras de lugar nenhum* (2005), de Uzodinma Iweala, sobre o menino Agu, transformado em criança-soldado depois de ser sequestrado por um exército rebelde num país africano não identificado. O romance não é nem de longe o único a se debruçar sobre o tema. Diversos autores africanos e ocidentais escreveram obras ficcionais tendo como protagonistas crianças e jovens adolescentes envolvidos nas guerras que explodiram no continente africano na segunda metade do século XX. Por exemplo, em *As aventuras de Ngunga* (1972), Pepetela aposta no protagonista criança para inspirar a luta anticolonial angolana; em

Sozaboy (1985), Ken Saro-Wiwa retoma a Guerra do Biafra, na Nigéria; em Allah n'est pas obligé (2000) e sua sequência, Quand on refuse on dit non (2004), Ahmadou Kourouma explica a história dos conflitos da costa ocidental africana à medida que o menino-soldado Birahima atravessa a Guiné, a Serra Leoa, a Libéria e a Costa do Marfim; enquanto Emmanuel Dongala, em Johnny chien méchant (2002), dedica-se a representar a guerra civil do Congo. Feras de lugar nenhum, no entanto, não apresenta nenhum fundo histórico. Sabe-se apenas que a história se passa no continente africano. O título original, *Beasts of No Nation*, deixa claro que a narrativa não intenciona representar ou explicar um conflito de um país em particular. Na expressão “no nation” estão aglutinadas, por negação, todas as nações africanas que foram palco de guerras civis sangrentas, com o apagamento de toda e qualquer diferenciação histórico-política. Em sua peregrinação, Agu descreve os lugares e gentes pelos quais passa tão somente como terras e populações esquecidas por Deus e lideradas pelo diabo: “Acho que a gente não devia pedir nada a Deus porque parece que Ele esqueceu da gente” (p. 64), “Rezo pra Deus, mas minhas preces vão todas para o diabo” (p. 66). Para José Eduardo Agualusa, responsável pelo prefácio da edição brasileira, nesta obra o leitor encontra “um mundo em convulsão, de uma horrível violência”. De fato, Agu não fornece nenhuma outra informação sobre a guerra em que se encontra a não ser sua barbárie, que transforma os combatentes em feras e em monstros que cometem crimes e pecados sem conta. “Todo mundo fica parecido com algum animal, não somos mais humanos” (p. 65), “Eles parecem monstros que só têm a metade do rosto, com unhas compridas e dentes afiados” (p. 97). Nesta comunicação, pretendo analisar a íntima relação estabelecida entre humano e fera/humano e monstro, percebendo como ela é utilizada para traçar a falha cultural, racial e histórica das nações pós-coloniais africanas e indicando os ordenamentos biopolíticos em jogo.

Palavras-chave: criança-soldado, Feras de lugar nenhum, biopolítica

Excesso e aprisionamento: os contos morais em quadrinhos de Steve Ditko

ANDRÉ CABRAL DE ALMEIDA CARDOSO (UFF)

Resumo: Perto do final da década de 1950, alguns anos antes de colaborar na criação de super-heróis como o Homem-Aranha e o Doutor Estranho, Steve Ditko trabalhou intensamente para a editora Charlton Comics, produzindo uma série de histórias em quadrinhos curtas cuja mistura de suspense, horror e elementos fantásticos cria pequenos contos morais no espírito da famosa série de TV *The Twilight Zone*, que estrearia um pouco mais tarde. São histórias de um moralismo bastante simples, quase infantil, em que os bons são recompensados, e os maus, punidos de forma draconiana. Num número significativo dessas narrativas, o desejo transgressor de um personagem causa – ou, na maioria das vezes, simplesmente ameaça causar – um desequilíbrio que é prontamente retificado e severamente punido por uma cadeia de acontecimentos aparentemente aleatórios, frequentemente iniciada por uma ação fortuita do próprio personagem. Em muitos casos, o crime em si nem chega a ser especificado, como nas histórias em que fugitivos da justiça acabam por cair numa forma ainda mais terrível e inapelável de aprisionamento justamente por causa de seus esforços para obter a liberdade. Essas histórias, montadas para culminar num final surpreendente, terminam, portanto, na encenação dramática do aprisionamento e numa reafirmação apoteótica da ordem, que, mais do que moral e legal, chega a ser cósmica. De fato, no desenrolar aleatório, mas ao mesmo tempo inflexível, dos eventos que levam à contenção do desejo transgressor, é como se o universo distorcesse suas próprias leis para assegurar a punição dos culpados. A profusão de acontecimentos fantásticos que estrutura a narrativa tem o efeito paradoxal de desestabilizar a realidade e de garantir a normalidade. A arbitrariedade do acaso e a lógica do princípio ordenador se confundem a tal ponto que a própria ação da justiça – automatiza e desligada de qualquer agente claramente discernível – se torna monstruosa e

aterrorizante, uma vez que o crime muitas vezes surge apenas como uma desculpa para pôr em curso o processo de aprisionamento, que ocupa uma posição central na narrativa. O desenho intensamente expressivo de Ditko, que se esmera na representação dramática de ambientes sombrios e das feições angustiadas de seus protagonistas, marca o quanto há de terrível nesse universo rigidamente estruturado, transformando os criminosos em vítimas, ao mesmo tempo em que a ordem é reafirmada como um elemento fundamental a ser protegido. O objetivo desta comunicação é examinar o papel do fantástico na criação da imagem de um mundo organizado de forma inflexível em que o próprio crime pode ser visto como uma armadilha que leva ao aprisionamento. Nesse sentido, interessa examinar até que ponto os princípios morais que fundamentam essas narrativas permanecem inatacáveis, ou se eles são minados por uma contracorrente crítica que os coloca como excessivamente opressivos, como elementos superficiais inteligíveis de um mundo em que a irrupção do fantástico aponta para a presença subjacente de uma ordem que tem o potencial ameaçador de seguir uma lógica inumana.

Palavras-chave: histórias em quadrinhos, fantástico, aprisionamento, crime

As personagens femininas e o pecado nas obras *As aventuras e desventuras da famosa Moll Flanders & cia* e *A história do cavaleiro des Grieux e de Manon Lescaut*

CLARA ALICE DA SILVA GUIMARÃES BRASIL (UFPA)

Resumo: “As aventuras e desventuras da famosa Moll Flanders & cia”, ou simplesmente, “Moll Flanders”, de Daniel Defoe, e “A história do Cavaleiro de Grieux e de Manon Lescaut”, ou então “Manon Lescaut”, de Abade Prévost, são duas obras literárias clássicas que ganharam visibilidade na época de suas publicações. A obra “Moll Flanders” foi publicada pela primeira vez em 1722, enquanto que, Manon Lescaut, em 1731. Como se pode notar, as obras são contemporâneas, porém

oriundas de países e contextos históricos diferentes: Inglaterra protestante e França católica, respectivamente. Moll Flanders, de Daniel Defoe, narra a vida de uma criminosa que viveu na Inglaterra durante o século XVII, período que evidencia grande índice de criminalidade, com uma sociedade protestante voltada para o capital, sendo esta ideia ainda embrionária para a época. Ela conta toda sua vida de desventuras, desde o nascimento, que aconteceu numa prisão chamada Newgate, até a sua velhice, com quase setenta anos. Sua vida é marcada por adultério – sendo que, na obra, Moll Flanders é considerada prostituta – e roubos, até sua consequente prisão e deportação. De outro lado, temos o romance de Abbé Prevost que narra a paixão fulminante do Cavaleiro Des Grieux por Manon Lescaut. Ele, filho de uma família nobre e ela, uma bela jovem incógnita; ambos fogem para viver esse amor e, escondidos em Paris, tentam viver no luxo. Mas, para tanto, apelam para a trapaça, o vício do jogo, assassinato e traição, sendo essa última a causa da grande dor de Des Grieux e levará os jovens também para a prisão e a deportação. Deste modo, o objetivo deste trabalho é buscar entender como as personagens femininas são apresentadas em relação ao pecado e que diferenças há entre elas. Diante disto, é válido refletir como os discursos religiosos sobre pecado nessas obras são retratados, para assim, compreender as punições que cada personagem feminina recebe. Tanto uma quanto outra obra podem ser consideradas como literatura de cunho moral e apresentam heroínas transgressoras do código religioso, vivendo à margem da sociedade e enfrentando adversidades que culminam em punições diferentes. Como os contextos históricos-sociais das personagens também são distintas, é possível que a diferença entre essas punições decorra desses contextos, logo, depreendem-se que as narrativas apresentam fronteiras do certo e errado, bom ou ruim, colaborando assim, para sua visão sobre a função do pecador dentro do romance. Para cumprir tal intento, faz-se necessário reflexões sobre as questões religiosas desses contextos históricos com base em uma metodologia fundamentada em um estudo

bibliográfico de romance do século XVIII, pecado e valores religiosos; e como fundamentação teórica, autores como Ian Watt (2010), Sandra Vasconcelos (2002), Eliane Fleck e Mauro Dillmann (2013), Shellida Viegas (2011), Elsa Pépin (2004) e; Max Weber (2015) viabilizarão a compreensão dessas questões.

Palavras-chave: Pecado, Discursos religiosos, Punições

O corpo do suicídio no conto brasileiro contemporâneo

DANIELLE SANTOS RODRIGUES (UFS)

Resumo: Quando o corpo e o suicídio são pensados, a partir de uma mesma imagem, há um mal entrevisto nesta ação dirigida contra o corpo para pôr fim à vida. Embora haja certa naturalidade no julgamento desse gesto, é necessário questionar se o ato é, deveras, uma agressão contra si. O corpo deve ser punido, ou antes ele é apenas um instrumento para se atingir um fim? Qual seja, uma saída de emergência ou mesmo uma forma de atingir os outros. São muitas as possibilidades. De modo geral, o corpo é o que materialmente as pessoas têm em comum, assim, o indivíduo que fere seu corpo, ou o mata, de certa forma, está ferindo a humanidade inteira, numa espécie de metonímia. Não só porque o “normal” é a superioridade do instinto de sobrevivência perante o instinto de morte, como também pelo fato desse sujeito expor uma fissura no *modus vivendi*, deixando claro que este é inaceitável, sendo a morte preferível. Assim, o sujeito problematiza e traz incômodos questionamentos sobre a vida, retirando a sociedade de sua zona de conforto tantas vezes maquinal. Nesta pesquisa, buscamos investigar o (des)tratamento que é dado ao corpo nos contos “Ginny”, de Adriana Lunardi, “Uma branca sombra pálida”, de Lygia Fagundes Telles, “Penélope”, de Dalton Trevisan, “O caos do porto”, de Lucienne Samôr e “O gorila”, de Sérgio Sant’Anna. Para tanto, são utilizadas teorias acerca do corpo desenvolvidas por David Le Breton – a exemplo das noções de “liberdade”, “corpo perdido” e “comunidade perdida”. Para o teórico, na contemporaneidade, há um esvaziamento dos suportes que costumavam ancorar o corpo. Somada a essa situação,

está a variedade de saberes que tenta teorizar sobre ele, constituindo uma teia fragmentada de discursos – na qual os indivíduos estão atados – que muitas vezes se contradizem. Assim, a imagem que o sujeito tem de sua estrutura física nunca é coerente ou inteira (LE BRETON, 2011, p. 139). Nas narrativas analisadas, em que o suicídio é concretizado, há uma ênfase no uso que as personagens fazem do corpo, sendo este instrumento e vítima do atentado. Matando o corpo, as personagens comunicam, simbolizam sua relação consigo e com o mundo. Essa busca da morte pode ser lida de diversas formas nos contos: como uma hostilidade contra si, uma fuga, pois o organismo é o que se tem de mais próprio; pode ser uma ação contra outros humanos próximos, ou a humanidade de modo geral, valendo-se do fato de que a constituição física é a mesma, carne e sangue; pode ser também a eliminação do ícone (corpo) sobre o qual recai o julgamento social.

Palavras-chave: Suicídio, Corpo, Conto brasileiro contemporâneo

Crime, pecado e ética animal em “O crime do professor de matemática”, de Clarice Lispector

EVELY LIBANORI (UEM)

Resumo: Os animais tiveram posição de destaque na produção de Clarice Lispector desde o seu primeiro romance. As personagens pensam a maneira como o ser humano considera os animais e, nesse sentido, sobressaem-se os pensamentos filosóficos de ordem existencial e moral. Os animais são vistos como seres sem divisão entre ser e parecer e que, por isso, estão situados em um estado de plenitude que o ser humano jamais alcançará. Eles são, ainda, os seres por meio dos quais se pode pensar a moralidade das ações humanas, pois as personagens questionam se é certo matar animais para comer o corpo e o sangue de seres sensíveis, que queriam viver. No conto “O crime do professor de matemática”, o professor não nomeado cuidou de um cachorro e depois o abandonou em outra cidade. Anos mais tarde, a consciência de que praticou um ato imoral e covarde o persegue; o professor se refere ao abandono do cachorro como crime e pecado. O objetivo dessa

comunicação é estudar a ideia de crime, pecado e ética animal na relação do professor com o seu cachorro, o que também é o estudo da forma como o ser humano se relaciona com os animais na nossa cultura. O que constitui crime e pecado na forma como tratamos os animais? O que é ou deveria ser a forma ética na relação do ser humano com os animais? A comunicação a ser apresentada propõe-se a refletir sobre essas questões por meio da interpretação do conto de Clarice Lispector. A fundamentação teórica para o estudo de crime, pecado, e ética animal virá dos campos de conhecimento relativos a cada área de estudo. Assim, a noção do que é crime no tratamento para com o animal estará calcada na Lei 9605 da Legislação de Direito Ambiental, de 1998. A ideia de pecado será discutida com base no Catecismo, documento oficial da Igreja Católica para o entendimento do que o catolicismo professa como sendo os valores fundamentais da fé cristã. O pensamento de que o ser humano deve agir com ética no trato dos animais não humanos provem, principalmente, do filósofo Peter Singer, com *Ética e Liberdade Animal*, e do juiz e ativista dos direitos dos animais, Gary Francione, com *Direitos Animais*. O conto de Clarice Lispector mostra o entendimento de que a essência humana, ou seja, aquilo que constitui o ser humano correto, cristão e ético também se dá na forma como ele se relaciona com os animais.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Estudos Animais, Ética Animal

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Escravas tolas ou senhoras pérfidas: a dualidade da representação da bruxa em *Daemonologie*, de James I, e em *Malleus maleficarum*, de Heinrich Kramer e James Sprenger

ANA CAROLINA LAZZARI CHIOVATTO (USP)

Resumo: A figura da bruxa é historicamente bastante controversa, ora apresentada como bode expiatório de males locais – tais como a

destruição de colheitas, o adoecimento do gado, a morte de bebês no berço, a impotência sexual de alguns homens – ora como charlatã indefesa aproveitando-se dos ignorantes (um pensamento bem menos popular). Não é à toa que inúmeros estudiosos religiosos dos séculos XV e XVI dedicaram-se a descrever os poderes demoníacos de tais criaturas, sendo os mais notáveis Heinrich Kramer (1430-1505) e James Sprenger (1435-1495), inquisidores dominicanos alemães, cuja obra *Malleus Maleficarum*, também chamada O Martelo das Feiticeiras (1487), tornou-se oficialmente o manual de caça às bruxas utilizado por inquisidores desde sua publicação. Em 1597, juntou-se aos tratadistas que defendiam a existência e a realidade do poder das bruxas o rei James VI da Escócia (1566-1635), soberano protestante que em 1603 tornou-se o sucessor da rainha Elizabeth I (1533-1603) como James I da Inglaterra. Em sua obra *Daemonologie*, James I transmite muitas das ideias trazidas pelo Malleus, mas na forma de um diálogo que se prestava a ser escolástico e acessível, ao menos dentre as populações letradas. Embora difiram grandemente no grau de misoginia contido no discurso, o pensamento subjacente a ambos os tratados traz uma dualidade na representação da bruxa: ora é vista como uma mulher tola, fraca e volúvel, que cede às tentações do Diabo por ser estúpida e de algum modo transgressora à fé cristã, ora como uma pérfida dominadora dos espíritos malignos, capaz de comandar o Diabo a fazer suas vontades segundo seus caprichos e de criar toda a sorte de intrigas e conduzir tramas destinadas a destruir a vida dos cidadãos de bem. Tal dualidade só se deixa apreender ao analisar certos paradoxos contidos no texto, pois não há indícios discursivos, em nenhuma das duas obras, de que seus respectivos enunciadores a enxergassem ou que, se enxergassem, a julgassem de algum modo paradoxal. Em ambas, tal ambivalência do feminino transgressor se coloca como extremamente natural e compatível com a realidade observada, de modo a nos permitir apreender o pensamento predominante inscrito no discurso. Assim sendo, o presente trabalho tem por objetivo investigar a dualidade

da figura da bruxa nesses dois tratados a fim de melhor compreender a maneira como se solidificou essa imagem enquanto feminino transgressor, à luz de trabalhos históricos de peso, dentre os quais História Noturna (1992), de Carlo Guinzburg, e As Quatro Mulheres de Deus (2000), de Guy Bechtel, da semiótica de Greimas (1979) e dos estudos comparados.

Palavras-chave: Bruxa, Pecado, James I da Inglaterra, Representação do Feminino

A monstrificação do bastardo: o rompimento do tecido da normalidade e as múltiplas transgressões em *Frankenstein or The modern Prometheus*, de Mary Shelley

FERNANDA VIEIRA DE SANT' ANNA (UERJ)

Resumo: A ilegitimidade na representação literária aponta uma ruptura no tecido da normalidade e, em diversas obras, a figura do bastardo é comumente associada ao desamparo, à transgressão e sua figura rompe, ao passo que reafirma, a sacralidade da instituição familiar tradicional ocidental, pai-mãe-filhos. Debruçando-se sobre *Frankenstein or The Modern Prometheus* (1994 [1818]) de Mary Shelley, este trabalho lida com a monstrosidade de criador e criatura e suas múltiplas transgressões naturais, morais e penais. A criatura de Frankenstein, monstro sem mãe, composto de partes repugnantes e matéria orgânica morta, criado pela lascívia científica de Victor Frankenstein, se reproduz em um ciclo que traz mais morte para o mundo (GILBERT, 1978, p.67). O aberrante, o bastardo, é a representação da instabilidade da narrativa patriarcal. O monstro, o ilegítimo, é a corporificação de uma irregularidade, de uma ruptura, e é admirado e temido pela sua capacidade de transgredir a norma (BOTESCU-SIRETEANU, 2010, p.102, tradução nossa). Assim, a representação de Frankenstein e criatura pode gerar uma ação de atração e repulsão ao romper com o tabu do matrimônio, da concepção e das relações parentais, além de pôr em cheque a ética na ciência. Victor Frankenstein detinha o

conhecimento para prover a “fagulha” da existência a uma criatura, mas se ele deveria fazê-lo não foi discutido. Seu empreendimento solitário trouxe consequências drásticas para a coletividade, contradizendo a boa ciência (ROCQUE & TEIXEIRA, 2001, p. 6). Ao quebrar o ciclo da concepção, produzindo uma criatura humanoide e negando-lhe quaisquer laços sociais, Victor desencadeia uma série de eventos que terminam por tirar sua família, amor, amigos e sua própria vida. Ele termina sendo atingido pelas mesmas fontes de sofrimento que tentou subjugar, sendo assombrado pela dor e culpa da perda de seus amados pela mão da catástrofe que ele mesmo gerou, com “infinitas dores e cuidado” (SHELLEY, 1994, p. 55, tradução nossa). A obra de Shelley desnuda as fontes do sofrimento (FREUD, 2013a, p.20) e questiona não somente os limites da ética e ciência, mas rompe com os tabus da concepção, da bastardia e da própria cultura, expondo transgressões que implodem as instituições sociais ao mesmo tempo que as reafirmam. A insuficiência dos regulamentos sociais para as relações humanas monstrifica o bastardo, e o coloca à beira de expor a fragilidade das construções humanas. O bastardo é, ao mesmo tempo, um instrumento do caos, ferramenta de reafirmação da sacralidade da família e da vida, e a prospecção de novos modelos familiares possíveis. Assim, a criatura e Frankenstein aparecem como representação ficcional de transgressões em regulamentos sociais, numa reafirmação da dor inevitável da existência e da fragilidade das regras feitas pela sociedade para manter a civilização. Com referencial teórico que inclui Gilbert (1978), Freud (2013a, 2013b), Rocque & Teixeira (2001), Fonseca (2004), Strathern (2005), Roudinesco (2003), Botescu-Sireteanu (2010), entre outros, este trabalho se propõe a explorar as mudanças de perspectiva e transgressões propostas por Shelley, que desafiam e reafirmam a trama da normalidade, expondo necessidades sociais específicas, aqui direcionadas para o alargamento do conceito de família e bastardia.

Palavras-chave: Monstrificação, Bastardia, Ruptura, Transgressão

A espetacularização do crime na tragédia de vingança inglesa

RENATO GONÇALVES LOPES (PUC-CAMPINAS)

Resumo: Esta comunicação procura dar continuidade à proposta apresentada no último encontro, Abralic 2016, neste mesmo simpósio, voltando-se uma vez mais para as tragédias do teatro inglês do início da Idade Moderna, cujos representantes ganham destaque até o presente, ao menos na anglofonia, como Shakespeare, Christopher Marlowe, Thomas Middleton, John Webster. Marcado por crueldades diversas, esse teatro alcançou o reconhecimento do público e de especialistas muito por conta de seus complexos vilões, antagonistas memoráveis como Richard III ou De Flores (de *The Changeling*, 1622, de Middleton), alguns monstros literais, como se pode denominar junto com Doutor Fausto na peça homônima (c.1592) de Marlowe, ao vislumbrar o demônio Mephisto em sua real aparência, ou ainda como Ferdinand em *Duchess of Malfi* (1612, de Webster), o qual, acometido pela licantropia, revolve a terra em cemitérios à caça de cadáveres. Algumas daquelas tragédias foram classificadas no início do século XX como *revenge tragedies* – subgênero desenvolvido a partir de *The Spanish Tragedy* (c.1588), de Thomas Kyd (1558 – 1594), grande hit do período, e reforçado com *Hamlet* (c.1600), derivada diretamente daquela –, identificadas pelo traço comum, a tentativa pessoal de justiça, cujo revenger, ignorando os mandamentos de Deus e dos homens, engendrava novas crueldades e renovava a degeneração de seu meio, por vezes aleatoriamente. Para revelar essa crueldade degenerativa, enredos notáveis eram movidos por caracteres portadores de toda espécie de mal, consequentes algozes de penas inexoráveis em indivíduos inconscientes do próprio destino, que parecia se desenrolar à revelia dos heróis, mas que, paralelamente, carregava consigo, por fim, todos os demais personagens para um inferno terreno e metafísico. De maneira aparentemente casual, esse universo de pecados expunha-se no palco por meio da ação de nobres opressores, religiosos corruptos, assassinos torturadores e perversos também sexuais. Nesse teatro trágico, portanto, o crime era espetacularizado,

sendo nesse viés emblemático daquela cultura, tão marcada pelas disputas religiosas e de poder, muitas vezes sangrentas. O teatro como “espelho da natureza” (*Hamlet*) voltado para a plateia revela no tablado o monstruoso da sua sociedade, o sadismo de personagens e do público frequentador de espetáculos diários e igualmente assíduo em execuções públicas e em aulas abertas de anatomia, pagas como espetáculos. Tendo se desenvolvido em um contexto fortemente religioso, de indecisões ritualísticas e teológicas entre proponentes (ou autoridades) católicos e calvinistas, destaca-se o crime espetaculoso das *revenge tragedies* em sua associação imediata ao pecado, crime que deve ser punido, como inerente a sua estrutura: engenhosas emulações, de superação do modelo Sêneca, os trágicos ingleses distendiam todas as poéticas conhecidas a fim de conquistar o público (era um teatro erudito e popular, aristocrático e comercial), sem perder de vista o exemplo moralizante exigido e, em especial, a catarse; para atingir esse alvo, contudo, apelava-se à exploração do horror de crimes condenáveis pelas justiça humana e cristã. Assim, com esta comunicação se apresentarão algumas tragédias de vingança, como reveladoras da relação entre palco, plateia e contexto e a aceitação/ recusa oficial daquele palco-espelho de monstruosidades.

Palavras-chave: tragédia, vingança, Inglaterra, crimes

Fantasmagorias da ciência e a escrita monstruosa: *Frankenstein, o moderno Prometeu*, de Mary Shelley

GUILHERME DE FIGUEIREDO PREGER (UERJ)

Resumo: Este estudo aborda os efeitos de diferentes discursos científicos em *Frankenstein*, romance de Mary Shelley (1817). A obra articula três paradigmas diferentes, veiculados nas narrativas de seus três narradores intradieéticos: o paradigma ocultista da ciência como criação, no relato de Victor Frankenstein, o da ciência positivista como observação empírica da natureza, na fala da criatura monstruosa e o da ciência progressista enquanto descoberta pelo benefício da humanidade, na

narrativa epistolar do capitão Walton. Cada narrativa conduz a uma húbri específica como excesso maligno: o exercício esotérico do poder criacionista irresponsável de Victor, o descontrole criminoso da criatura e a ambição e vaidade da glória em Walton. No entanto, as três narrativas, no interior do dispositivo polifônico romanesco, se contrapõem, se confrontam e se limitam mutuamente. A narrativa de Victor serve como uma advertência à narrativa de Walton. A narrativa da criatura é uma cobrança à (in)consciência culposa de Frankenstein. Walton questiona a incapacidade da criatura de responder pelos seus atos. Finalmente, o prefácio da autora na terceira edição é introduzido como uma narrativa de enquadramento, que coloca a perspectiva feminina dos temores e do cuidado com a criação. Assim, o romance põe em perspectiva de narrativa os discursos da ciência na virada entre os séculos XVIII e XIX. Essas narrativas projetam as fantasmagorias de uma ciência em transformação. O romance de Mary Shelley combina o modo retórico do romance gótico ao dispositivo técnico das fantasmagorias, que eram um tipo de espetáculo produzido por projeções luminosas de lanternas mágicas e que objetivavam gerar medo e pânico nos espectadores. Esse tipo de espetáculo se difundiu na França revolucionária e serviu de inspiração a Shelley. Igualmente, as experiências pré-científicas sobre galvanismo, uma técnica de reanimação de corpos pela eletricidade, também são inseridas pela autora na fábula. O resultado é um texto de estilo híbrido, de elementos heterogêneos, que gerou forte incompreensão em seu tempo, a ponto de ser lançado anonimamente. As incongruências, as inverossimilhanças e os desvios morais da trama geram uma escrita monstruosa que incorpora o imaginário científico, dando início ao modo narrativo da ficção científica. Este modo representa uma mutação do discurso romanesco para uma “fabulação especulativa”, termo do crítico americano Robert Scholes, que coloca em perspectiva a angústia social com as transformações do progresso técnico-científico até os dias de hoje. A húbri da tecnociência é o crime fundamental da modernidade. A questão aberta por esse romance perdura como uma

ferida até a data contemporânea: se a ciência usurpa, como no furto mitológico do fogo pelo deus Prometeu, os poderes da criação, como dar conta das criaturas, de suas obras e de suas imprevisíveis descobertas? E se as criaturas tornarem-se, elas próprias, criadoras?

Palavras-chave: Frankenstein, Paradigma científico, ficção científica, discurso monstruoso

Dos crimes inomináveis, dos lamentos demoníacos: *Penny Dreadful* e os assombros da alma oitocentista inglesa

LUIZ GUARACY GASPARELLI JUNIOR (FACULDADE PROFESSOR MIGUEL ÂNGELO DA SILVA SANTOS), MARCIA HELOISA AMARANTE GONÇALVES (UFF)

Resumo: Propomos escrutinar os vínculos, citações e processos de construção e desconstrução de obras clássicas tanto produzidas, quanto consumidas no período vitoriano às produções contemporâneas, sobretudo as de consumo de massa, como séries de televisão. Concentrando nosso recorte nas obras literárias dos anos 1800, nosso percurso inicial dar-se-á através de romances como *Dracula* (1897), de Bram Stoker, *O Retrato de Dorian Gray* (1891), de Oscar Wilde, *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde* (1886), de Robert Louis Stevenson e *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, para alcançarmos as reverberações de tais obras na série *Penny Dreadful* (2014), de John Logan. Examinamos os monstros literários reunido pela série, tais como agentes de ruptura e caos, potenciais deflagradores de crimes contra a hipocrisia moral vitoriana. Entendemos tais personagens como criminosos perenes, graças à imortalidade conseguida por meios sombrios, seminais no universo do horror. Tais criaturas transitam solitariamente nos escombros das relações interpessoais e demarcam a efemeridade humana na imortalidade que os amaldiçoa. Apesar de disfuncionais enquanto seres sociais, são demasiado funcionais enquanto elementos literários: misturam, entre fatos e ficções, o sobrenatural que presume a realidade e a realidade que se submete a uma monstruosidade visível, incômoda. Nesta pesquisa-mergulho,

buscamos resgatar o que nos assombra não para domesticar o medo, mas para restituir sua natureza instrumental. Acompanhando o percurso de Vanessa Ives, a protagonista da série, compreendemos que é na assimilação criativa do arquivo oitocentista que ela se potencializa, equiparando-se, assim aos consumidores do horror literário. Estabelecendo uma relação de atração e não retração, Vanessa reconfigura monstruosidades presumidas e utiliza o horror contra o horror, sugerindo que nenhum monstro habita uma zona impermeável à compreensão. Fundamentamos uma metateoria do horror, a fim de embasarmos os estudos propostos, pois entendemos que a metalinguagem, na discussão desse gênero, faculta a criação de um espaço para que as narrativas de horror sirvam, elas próprias, como reservatório de paradigmas e conceituações. A partir de uma análise comparativa e associativa dos romances e da série, cartografamos o núcleo cosmogônico da monstruosidade, entendendo que a produtividade literária e cultural do horror tem em sua gênese um imperativo de preservação da memória do gênero, revisitando o passado de forma dinâmica em seus acréscimos e não somente de maneira estanque, em seus pastiches. O trabalho, portanto, assume a versatilidade do que instaura o ser e o fazer da natureza humana, do horror que nos convida ao reconhecimento de nossa plenitude: somos feitos de luz e sombra. Quando especulamos o monstro, tornamo-nos mais próximos uns dos outros; rememoramos nossas histórias, sentimentos e medos ao enxergarmos o que há de mais trevoso em nós mesmos; compartilhamos temores e perpetuamos o que nos livra do mal, sobretudo do nosso mal interior. Seguindo o enredo da Srta. Ives, somos aturdidos com imagens e escritas que, em sua ancestralidade, há muito nos acompanham. Reconhecemos o demônio que nos habita, o exorcizamos em escrita e, finalmente, redimidos, o devolvemos à literatura.

Palavras-chave: Horror, Literatura Britânica, Monstruosidade, Neo-Vitoriano

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Literatura e salvação em *O sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho

JOSALBA FABIANA DOS SANTOS (UFS)

Resumo: Analisaremos o uso da palavra salvação e seus desdobramentos em *O sol se põe em São Paulo* (2007), romance de Bernardo Carvalho. Durante a Segunda Guerra, no Japão, o proprietário de uma fábrica, envia um operário para a frente de batalha no lugar do filho. O proprietário salva Jokichi, seu filho, da guerra e se salva da dor de perdê-lo. Jokichi fica sabendo que “morreu num acidente”, em Java, em fevereiro de 45. Passa a se sentir culpado e curioso em saber quem era o operário que morrera no seu lugar. Descobre que se chamava Seiji e que pertencia a uma casta de párias, os burakumin: pessoas consideradas impuras, porque no passado teriam matado os animais não comestíveis e executando os criminosos condenados à morte. Isto explica porque Seiji aceitara ir à guerra no lugar de outro, para perder a identidade negativa, para tentar se salvar do desprezo social. Jokichi descobre também que uma segunda identidade fora imputada a Seiji. Essa segunda troca aconteceu para que o primo do imperador pudesse fugir e se livrar das penas do fim da guerra, pois era acusado de inúmeras atrocidades. Seiji fora morto em um incêndio forjado no lugar do criminoso. Como um pária, o primo do imperador poderia deixar o Japão e fugir para o Brasil impunemente. O primo do imperador japonês (assim como o pai de Jokichi antes) é o soberano que decide o desvalor de Seiji e muito tranquilamente o mata, ele usou a identidade do operário para se salvar. Uma vez fora do Japão, no Brasil, o primo do imperador se torna um rico fazendeiro. Mas Jokichi continua tentando se salvar da culpa pela morte de Seiji, vem para o Brasil também, e mata o primo do imperador. Nos valeremos do pensamento de Agamben

exposto em *Homo sacer* (2010) para a discussão biopolítica presente em *O sol se põe* em São Paulo. Afinal, estamos tratando de um romance no qual alguém tem o poder de decidir quem deve permanecer vivo e quem é “matável”. Percebemos ainda que a palavra salvação normalmente é utilizada no lugar de resgate nesse romance, mas também há outros sentidos circulando, como o de (se) libertar ou o de (se) resguardar. No entanto, nenhum é de caráter religioso, como uma palavra dessa natureza nos levaria a crer. O caso é que há sempre uma ameaça, um mal, a rondar as personagens e isso as impulsiona em busca de salvação para si próprias ou para outra.

Palavras-chave: Salvação, Bernardo Carvalho, *O sol se põe* em São Paulo

Lendo Carson McCullers com René Girard: violência racial e bodes expiatórios

JÚLIA REYES (UERJ)

Resumo: O presente trabalho discute o diálogo entre literatura e sociedade investigando a presença de crimes contra a comunidade negra e o problema do racismo do Sul dos Estados Unidos nas décadas de 1930 e 1940 nos estados da Virginia e da Georgia tomando como referência o primeiro romance da escritora estadunidense Carson McCullers (1917-1967), *The Heart is a Lonely Hunter* (1940). Nascida em Columbus, Georgia, Carson McCullers publicou seu primeiro romance aos 23 anos e impactou a cena literária estadunidense ao situar sua narrativa em uma cidade sulista, em que suas personagens enfrentam um profundo sentimento de solidão e a violência do racismo contra a comunidade negra enquanto buscam estabelecer vínculos sociais e garantir sua própria sobrevivência. Nas décadas de 1930 e 1940, os negros libertos da escravidão enfrentavam péssimas condições de trabalho e uma sociedade sulista anteriormente escravista que perdera a Guerra Civil, teve sua economia agrária impactada pelo fim da escravidão e agredia sistematicamente a comunidade negra através de perseguições, acusações e linchamentos. Através do drama do

personagem Dr. Copeland e de sua família e filhos, a autora discute o problema do racismo descrevendo as arbitrariedades e abusos cometidos contra negros através de mecanismos sociais e judiciais que espalhavam o horror por diversas comunidades e devastavam a vida de milhares de famílias. Paralelamente, discutiremos reflexões do teórico francês René Girard que abordou a questão da violência elaborando a teoria mimética, destacando o desejo mimético e o mecanismo do bode expiatório para discutir a dinâmica da violência humana. Em *A Violência e o Sagrado* (1972), Girard revê estudos de antropólogos ingleses e traça uma hipótese sobre a sobrevivência dos primeiros grupos de homínídeos e sobre a formação da cultura humana destacando a violência e a tentativa de conter a violência humana como procedimentos-chaves desse processo. Através dos sacrifícios de animais e de humanos, as primeiras comunidades humanas teriam encontrado uma maneira de estancar a violência social endógena que tende ao contágio e ameaça a destruição de todo o grupo. Um grupo humano pode ser assolado por disputas entre seus membros, conflitos podem contagiar toda a comunidade e criar uma guerra de todos contra todos. Ao assassinar apenas uma vítima, considerava culpada pela crise social, a comunidade presenciava o retorno da ordem, o abrandamento da violência de seus membros, que deslocavam seus impulsos violentos para o assassinato de uma vítima considerada culpada mas que, sozinha, não poderia ter sido responsável por tal crise social. Destacando a inocência da vítima, Girard discute a dinâmica do mecanismo do bode expiatório e suas conseqüências apontando para a dificuldade humana de estancar conflitos e abordando a repetição no tempo de um mecanismo de prevenção da violência que é por si mesmo violento. O presente trabalho propõe um diálogo entre a ficção de Carson McCullers e sua abordagem do racismo estadunidense e a reflexão de René Girard sobre a violência humana buscando pontos de contato entre as reflexões dos dois autores.

Palavras-chave: Carson McCullers, racismo, René Girard, bode expiatório

Esboço de uma poética do *noir* rural

JULIO JEHA (UFMG)

Resumo: O *noir* é um (sub)gênero geralmente identificado com a cidade, o aglomerado urbano dos anos 1920-1950. Concreto e aço isolam o anti-herói, lançando uma sombra ameaçadora sobre ele. Mais recentemente, alguns autores se voltaram para a escuridão, o isolamento e o mal nas pequenas cidades ou fazendas norte-americanas, e, quase imperceptivelmente, o (sub)gênero *noir* rural prosperou. Daniel Woodrell cunhou o termo “country noir” no romance *Give us a kiss: a country noir*, de 1996, mas as suas raízes podem ser encontradas em *The sovereignty and goodness of God*, de Mary Rowlandson (1682). O livro começa com a família de Rowlandson sendo massacrada por índios e a sua posterior escravização. Os tropos da narrativa de Rowlandson se tornam comuns no *noir* rural: a queda violenta da graça, sem perspectiva de voltar à beatitude, preocupações localizadas que não formam um padrão simbólico para quaisquer significados espirituais ou políticos mais abrangentes. Os personagens desse subgênero não olham para o mundo; eles estão inextricavelmente atolados em suas personalidades, seus locais, seus arranjos familiares e suas classes sociais. Segundo o romancista Tom Bouman, “‘Noir rural’ é um termo do século 21 usado para descrever uma corrente literária americana que vem fluindo desde o século 19. Temos histórias sombrias situadas no campo desde o conto ‘The rifle’, que William Legget escreveu em 1827”. Com umas poucas exceções, essas histórias possuem um elenco de criminosos. Muitas delas giram em torno de crimes, em geral relacionados a drogas; outras mostram pessoas vadiando, bebendo e roubando lojas de conveniência. Os protagonistas tendem a ser brancos, com uns poucos negros, latinos e índios. Eles vêm de todas as faixas etárias e nem sempre são atraentes. Suas vidas são exercícios em preservação – eles usam as habilidades que herdaram para preservar o que possuem, que é um pouco de independência nas ruínas do capitalismo pós-industrial. Aqui

não aparecem cavalheiros em armaduras reluzentes, nem detetives honrados, como Raymond Chandler preconizava em “A simples arte de matar”, sobre a ficção *hard-boiled*. Os personagens podem ser vítimas de alguma circunstância social nociva, mas, embora possam saber que é possível ser bem-sucedido, continuarão sendo fracassados. O *noir* rural, tal como a ficção *hard-boiled* e o *noir* urbano, estiliza as ilusões do Sonho Americano. Insegurança econômica permanente assombra as ações dos personagens do *noir* rural, especialmente os desprezíveis, os desesperados e os insensatos. O objetivo deste trabalho é levantar os traços característicos do *noir* rural em contraposição ao *noir* urbano e à ficção *hard-boiled*.

Palavras-chave: *noir* rural, *noir*, ficção de crime

Da reatividade do crime em *O invasor*, de Marçal Aquino

LUIZ EDUARDO DA SILVA ANDRADE (UFMG)

Resumo: Jusefina Ludmer (2002), em *O corpo do delito*, diz que o delito pode ser utilizado como instrumento crítico. O pressuposto dessa afirmação está no pensamento de que a fundação de uma cultura se dá por diversos instrumentos de organização comunitária, por isso é imprescindível uma definição das atividades consideradas delituosas (LUDMER, 2002, p. 10). Em relação aos crimes literários, estes podem metaforizar rupturas no tecido sociocultural, servindo como chave de leitura da ficção e do real. No caso específico deste trabalho, o delito a ser analisado é o crime de homicídio na novela *O invasor* (2002), de Marçal Aquino. A história tem sua problematização na morte de Estevão, encomendada por Ivan e Alaor, seus sócios em uma construtora. A execução do crime ficou a cargo de Anísio, matador de aluguel que depois chantageia Ivan e Alaor por uma vaga na empresa. A narrativa foge, em alguns aspectos, da estética clássica de ficção de detetive, com figuras bem marcadas – a exemplo do detetive que reúne uma série de pistas para desvendar o crime e o criminoso (JEHA, 2014). Em *O invasor* esses lugares já estão delimitados. Aos poucos percebemos

que o foco não está no esclarecimento do crime, mas na estrutura criminosa por trás da morte de Estêvão. O homicídio seria apenas uma “sucursal” de uma rede que vai da prostituição à fraude em licitações públicas. Para Ivan, a morte do sócio bastaria, porém não consegue sair do “jogo” de Alaor. Entendemos que os mistérios são construídos a partir de relações ambíguas pautadas entre uma criminalização e uma naturalização das atividades criminosas de Alaor. À medida que outras personagens participam da rede, Ivan parece ficar de fora, como se ele fosse o estranho do grupo, mesmo sendo um criminoso. Outra ambiguidade é identificar quem seria “o invasor”: se Anísio, que obriga Ivan e Alaor a empregá-lo; ou Ivan, que tentava sair da trama montada pelo sócio. Dessa forma, compreendemos que a narrativa de Marçal Aquino expõe situações conflituosas do mundo dos negócios, entremeadas a uma recursividade do crime, mostrando ramificações nos diversos setores da sociedade, ao ponto de confundir se o crime é a norma ou o delito. Outra diferença no romance policial tradicional é que em *O invasor* quase todas as personagens querem permanecer no mundo do crime. Dessa forma, essa exposição na literatura pode ser lida instrumento crítico utilizado pelo autor para problematizar a condição do sujeito no ambiente de negócios, o absurdo da normalização de delitos e a identidade de quem nos rodeia. Marçal Aquino não defende a tese de que o crime compensa, haja vista o final de Ivan, no entanto constrói uma metáfora que desfamiliariza as articulações normatizadas e naturalizadas da fronteira cultural que separa a cultura da não-cultura, o crime e da lei, como expõe Josefina Ludmer. O crime nesta novela não tem um início, aqueles que são narrados parecem reflexos desencadeados por delitos que já se perderam no tempo, os quais, imperceptivelmente, já estariam absorvidos pelos dispositivos socioculturais.

Palavras-chave: Crime, *O invasor*, Marçal Aquino, Literatura brasileira contemporânea

Representações do mal nas reescritas evangélicas de Sean Murphy e Steve Ross

DELZI ALVES LARANJEIRA (UEMG)

Resumo: *Marked* (2005), de Steve Ross e *Punk rock Jesus* (2013), de Sean Murphy são exemplos recentes de reescritas evangélicas no formato de romance gráfico, gênero literário intermidial que combina imagem pictórica e texto, nos quais é possível observar uma abordagem da representação do mal. Nos evangelhos canônicos, o mal pode ser identificado em pelo menos quatro instâncias: o diabo, os fariseus, Judas e os romanos. O papel do diabo é fundamental na história de Jesus, pois sua existência, além de selar a disputa cósmica entre o bem e o mal, também justifica, localiza e identifica “as formas específicas mediante as quais as forças do mal agiam através de certas pessoas para produzir destruição violenta”, cujo ápice é a execução de Jesus (PAGELS, 1996, p. 35). Judas e os fariseus seriam instrumentos da influência e ação demoníacas, as quais resultam, quase sempre, em sofrimento para Jesus, culminando com a sua crucificação. Na perspectiva dos evangelhos canônicos, o demônio, mesmo agindo de forma indireta, certamente é a origem do mal e de sua disseminação. Os romanos, que ocupam e dominam a Judeia nessa época, são caracterizados como opressores, que utilizam métodos cruéis de punição com aqueles que questionam o poder de Roma. Como executores da crucificação de Jesus, também tiveram um papel importante como agentes de forças do mal que atuaram para destruir Jesus. Em *Marked*, Steve Ross altera o cenário da Palestina do tempo de Jesus para a contemporaneidade, em um tempo não determinado, em uma sociedade repressora e uma paisagem desolada. O autor segue os passos da narrativa do Evangelho de Marcos em termos de enredo, mas seu Jesus mostra-se, de alguma maneira, mais sombrio, triste e pessimista em relação à humanidade do que o Jesus bíblico. O mal, na reescrita de Ross, não é externo ao ser humano, mas, literalmente, brota de dentro dele, por meio das imagens de monstros saindo pela boca das pessoas. Ross parece sugerir

que o sacrifício de Jesus, não importa em que tempo ou circunstância, será sempre em vão, frente o egoísmo e a maldade que permeiam a humanidade. Em Punk rock Jesus, Murphy retoma a história de Jesus ambientando-a no século 21, mesclando-a a elementos atuais da cultura midiática, como os reality shows e da ciência, como a clonagem humana. Nesse ambiente, Chris, o personagem identificado com a figura de Jesus, vê-se mergulhado em conflitos existenciais e engaja-se em uma batalha contra as corporações da mídia que controlam a narrativa de sua vida. A identificação do mal migra, no romance, para a manipulação das pessoas pelo poder da mídia e é simbolizada pelo CEO do Projeto J2, Rick Slate. Chris torna-se a grande vítima dessa articulação e sua morte violenta e trágica, não por acaso, ecoa a do Jesus dos Evangelhos. Por meio da visão peculiar do mal que elaboram em suas narrativas da história de Jesus, os romances de Ross e Murphy reafirmam a perenidade do tema para a literatura, que, como nos ensina Bataille (2015, p. 22) “pode dizer tudo”.

Palavras-chave: Reescrita, Intermedialidade, Mal, Bíblia e Literatura

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Zumbis, monstros políticos da escravidão haitiana

MARCIO MARKENDORF (UFSC)

Resumo: A figura do zumbi, na condição de um monstro coletivo produzido por infecção viral, é produto do imaginário do século XX, o que o faz integrar a seara das monstruosidades de origem tecnológica/científica. No entanto, ao contrário de espécies com fortuna ficcional longa, oriundos da tradição oral, tais como o vampiro e o lobisomem, o formato consagrado do zumbi é resultado de uma formatação imaginária do cinema a partir de fins da década de 1970. O realizador americano George Romero é considerado um dos inventores da figura

moderna dos living-deads a partir do lançamento do filme A noite dos mortos-vivos (Night of the living dead, 1968) e de obras subsequentes, formadoras de uma trilogia, Despertar dos mortos (Dawn of the dead, 1978) e Dia dos mortos (Day of the dead, 1985). O primeiro audiovisual da série de Romero, entretanto, não denominava as criaturas como zumbis, antes disso, figuram no roteiro original como o equivalente a ‘ghouls’. O título original também era outro, Night of the flesheaters, e procurava explorar facetas de pecado (canibalismo) e de monstruosidade (mortos-vivos despertados por radiação). É inegável que o zumbi tenha aderido ao imaginário moderno sob o ponto de vista da violência gráfica e da desumanização dos seres, sendo incorporado ao repertório pop da cultura na condição de um monstro-estrela (monstar). Igualmente notório é o fato de que o zumbi tem sido aplicado como uma metáfora para diversos aspectos da vida social contemporânea – alienação, consumismo, mídia, clonagem cultural, preconceito sexual etc – ainda que em obras do gênero terror e/ou ficção científica. O interesse desta comunicação, entretanto, está nos registros primeiros do zumbi, nos quais o morto-vivo surge como uma entidade folclórica do Haiti, monstro-símbolo dos terrores da comunidade negra acerca de uma sociedade branca escravocrata. O livro-reportagem de William B. Seabrook, A ilha da magia, publicado em 1929, e a produção audiovisual de Victor Halperin, Zumbi – a legião dos mortos (White zombie), de 1932, exploram traços dessa faceta e serão o ponto de partida para uma discussão sobre a metáfora escravagista zumbi. Logo, investigar o passado colonial haitiano e o imaginário formador de uma entidade fóbica será necessário para caracterizar uma figura que combina, em seu cerne, aspectos de pecado (violação do mundo espiritual com o ‘despertar’ dos mortos), de crime (violação das normas jurídicas, representada pelo roubo de ‘corpos’ para formação de uma horda de trabalhadores braçais) e de monstruosidade (violação da normalidade humana por meio da feitiçaria). O escopo desta comunicação, portanto, é argumentar acerca do caráter político dos zumbis expresso nos

discursos em torno da magia vodu no Haiti e da estrutura agrária escravagista do mesmo território.

Palavras-chave: Zumbi, Escravidão, Metáfora política, Horror

Ainda é possível criar monstros? Satanizações na literatura de fundação latino-americana

PEDRO SETTE-CÂMARA (UERJ)

Resumo: Foi em *La Violence et le sacré* (1971) que René Girard propôs pela primeira vez um mecanismo para a criação de monstros. Discutindo as relações da peça *Édipo Rei* com o mito de Édipo, Girard apresenta a peste que assola Tebas como a perda das diferenças entre os cidadãos, causada por suas rivalidades internas. Não se trataria de um caso especial. Girard contraria o senso comum, que enxerga nas diferenças a causa da violência, e propõe que rivalidade violenta e perda das diferenças andam sempre juntas, alimentando-se mutuamente. O monstro, aquele para o qual serão lançadas as violências de uma comunidade, seria a projeção, na forma de uma grande diferença concentrada, dessa perda de diferenças entre os membros de uma comunidade. Ou seja: assim como primeiro a Esfinge representava o mal que assolava Tebas, agora essa representação cabe a Édipo, “o assassino do rei Laio”. Para Girard, a explicitação desse mecanismo — e o termo “mecanismo” é usado no sentido de um processo intersubjetivo, ou interdividual, que caminha sem deliberação — resulta da tradição judaico-cristã, que teria parodiado os mitos arcaicos, narrando histórias semelhantes, mas desde o ponto de vista das vítimas, como se a Esfinge viesse explicar o que os tebanos lhe fizeram. Mais importante, como esse mecanismo depende da ilusão de que os monstros é que são culpados dos males que lhes são atribuídos, sua explicitação geraria uma espécie de curto circuito. Quando chegamos à América Latina do século XIX, a consciência do mecanismo encontra-se por demais difundida, minando a “credibilidade” dos monstros. *Facundo*, ou *Civilização e Barbárie*, obra fundadora da literatura argentina, escrita por Domingo

Sarmiento, estabelece desde o título a distinção entre o Bem e o Mal; e começa invocando a “Sombra terrível de Facundo”, caudilho dos Pampas que se notabilizou por sua crueldade. Todavia, o próprio Sarmiento, nos primeiros capítulos, contextualiza a violência argentina, explicando que esta nasce da rivalidade entre Buenos Aires e as províncias. Em *O Guarani*, de José de Alencar, a trama principal nasce do assassinato acidental de uma índia aimoré por Dom Diogo, filho de Dom Antônio de Mariz, fidalgo português recolhido na serra do que hoje é o estado do Rio. Dom Diogo entende que o assassinato acarretará retribuição, e tem uma postura fria e resignada. À medida que o ataque dos aimorés se aproxima, porém, os índios são descritos como “feras”, como “nação degenerada”; ao atacar a casa de Dom Antônio de Mariz, o grupo dos aimorés em combate é comparado a “partes de um só corpo, membros de algum monstro desconhecido debatendo-se em convulsões”. O paralelo é óbvio: a casa de Dom Antônio é a civilização cercada pela barbárie. No entanto, recordemos: os aimorés foram se tornando monstruosos à medida que se aproximou a sua vingança, considerada justa segundo o próprio ponto de vista dos personagens do romance, como se Tebas soubesse que foi ela quem chamou a Esfinge para seus portões — só que não há Esfinge, há a própria Tebas do outro lado.

Palavras-chave: Violência, Teoria Mimética, Monstros

“Murdering black mongrel bitch”: crime e monstruosidade em *Fledgling*, de Octavia Butler

FERNANDA SOUSA CARVALHO (PESQUISADORA INDEPENDENTE)

Resumo: O romance de ficção especulativa *Fledgling* (2005), da escritora afro-americana Octavia Butler, imagina a existência de uma espécie vampiresca, os Ina, que convivem secretamente com os seres humanos. Vendo a sobrevivência sua espécie ameaçada pela fotossensibilidade de sua pele extremamente pálida, alguns cientistas Ina desenvolvem híbridos de pele negra através da combinação de seus genes com os de uma humana afrodescendente. A partir dessa possibilidade de

criação de seres híbridos, Butler apresenta em seu romance uma série de transgressões em relação a leis naturais e a normas sociais. Este trabalho analisa tais transgressões e as reações que desencadeiam tanto nos personagens quanto nos leitores, apontando como elas refletem situações de racismo historicamente experienciadas por negros e mestiços, especialmente nos Estados Unidos. A protagonista, Shori, uma híbrida de Ina e humano, é atacada por um grupo de Inas que se opõem à existência de seres geneticamente modificados e defendem a o que consideram a pureza de sua espécie. Vários assassinatos em massa ocorrem na estória, motivados por esse preconceito, e o reconhecimento de Shori como uma Ina é contestado num processo de “monstrificação” das características humanas da personagem por parte de seus oponentes. Ironicamente, os Inas seriam os verdadeiros monstros, na perspectiva dos humanos de cujo sangue eles se alimentam. Embora os dois grupos sejam representados como espécies diferentes no romance de Butler, tal representação tem implicações claramente raciais. Contudo, *Fledgling* não se limita a discutir a questão do preconceito em termos de opostos binários – branco/ negro, normal/ anormal, humano/ monstro. Antes, a estória de Shori sugere que tais conceitos são tão relativos que qualquer tentativa de taxar as diferenças nesses termos é falha. No intuito de discutir esse caráter relativo dos conceitos de crime e monstrosidade no romance, este trabalho os considera sob duas perspectivas: em relação às leis e valores humanos e em relação às leis e valores fictícios dos Inas. A legislação e os valores morais e sociais que regulam as relações humanas não se aplicam aos Inas, que têm abordagens diferentes para atos que os humanos condenariam. Este trabalho discute os conceitos de monstrosidade e crime em relações raciais, apontando como indivíduos pertencentes a raças e grupos étnicos minoritários são vítimas de crimes de ódio e caracterizados como desprovidos de humanidade em argumentos usados para justificar tais crimes. Neste sentido, o romance de Butler é analisado aqui como crítica a conceitos que tendem a limitar, oprimir

e excluir indivíduos de forma puramente preconceituosa, constituindo assim uma ferramenta de contestação da realidade social.

Palavras-chave: Racismo, Monstrosidade, Crime, Ficção especulativa

Revisitando a literatura gótica: o motivo da violência em *Moira*, de Julien Green

ROGÉRIO LOBO SÁBER (UFMG)

Resumo: Desde que o cânone da literatura gótica começou a delinear-se, no século 18, com a obra “*The castle of Otranto*”, escrita por Horace Walpole, especial atenção começou a ser dedicada às complexas questões da natureza humana que são problematizadas por tal gênero literário, dentre as quais podemos citar a propensão humana à violência, que se desdobra de modo plural nos textos. À parte a possibilidade de ser localizado em seu marco histórico-temporal, o gênero gótico sempre se manteve como jazida temático-formal perene à qual escritores posteriores ao século 18 têm recorrido a fim de explorar o *Nachtseite* (isto é, o lado obscuro) do ser humano. Tendo em mente essa perenidade do gênero, interessa-nos investigar o motivo da violência no romance “*Moira*”, publicado pelo escritor franco-americano Julien Green em 1950. Ao realizar tal tarefa, tomaremos como referência nuclear o jovem Joseph Day, ator cênico ao qual afluem os outros personagens e os eventos ocorridos na obra. O ponto inicial para nossa leitura concentra-se na visão puritana que condiciona a leitura de mundo do referido personagem e que, conseqüentemente, se caracteriza pela instauração de uma opressão espiritual em Joseph. Ao desenvolver-se na obra e ao relacionar-se com outros personagens em cenários que acentuam a constante opressão interna, o jovem estudante – fustigado pela imersão no pecado e pelo decorrente sentimento de culpa – denuncia-se marcadamente violento. Mais ainda: a violência para Joseph Day é, a um só tempo, uma reação ao aprisionamento ideológico-espiritual e uma tentativa de rompimento com a mesquinhez da realidade material. A violência corresponde a um dos temas-chave

da literatura gótica e o ponto de partida eleito deve abrir caminhos para que sejam avaliadas criticamente as escolhas estéticas feitas por Green ao explorar o referido tema em seu romance. Buscaremos responder os questionamentos seguintes: [1] Como se manifesta a violência no romance “Moïra”? Quais os eventos de violência que tomam lugar na trama? [2] Qual a influência da modelagem puritana no que se refere à postura violenta na qual culminam os atos do personagem? [3] Quais são, além de Joseph Day, os outros agentes de violência existentes na obra e qual sua motivação? [4] Como cada agente de violência perpetra seus atos? É possível destacar-se um padrão de atuação? [5] Que arquétipo de personagem da literatura gótica os rebentos de Green encarnam? [6] Como se resolvem os atos de violência no texto em estudo? A proposta interpretativa por nós esboçada quer contribuir para que seja dada maior visibilidade à obra de Julien Green no cenário literário brasileiro e para que se ampliem possibilidades de valoração da literatura pertencente ao que podemos denominar Gothic revival, ou seja, às iniciativas estéticas que têm o propósito de revisitar os dispositivos góticos cujas bases foram fundadas há dois séculos e meio.

Palavras-chave: Literatura gótica, Violência, Julien Green

Decifra-me ou te devoro: epistemologia, literatura e violência

THAYZA ALVES MATOS (UEG/UNB)

Resumo: Esta proposta de pesquisa alinha-se aos estudos literários comparados e centra suas investigações na possibilidade de construir uma epistemologia do romance que contemple três obras literárias de não-ficção: *A Sangue Frio: Relato Verdadeiro de um Homicídio Múltiplo e suas Consequências* (Truman Capote, 1966), *Zodíaco* (Robert Graysmith, 1986) e *Anatomia de um Julgamento: Ifigênia em Forest Hills* (Janet Malcolm, 2011). Para além das aproximações que estes textos possuem com o gênero policial, interessa-nos compreendê-los como obras que se dão a conhecer por meio daquilo que Wolfgang Iser denominou lugares vazios em sua *Estética da Recepção*. Caminho de

análise semelhante e, por isso, complementar, o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg e outros teóricos da história permitem acessar esses romances a partir daquilo que chamam lacunas, rastros, sinais, códigos; exibindo-se como textos que se fundamentam a partir dessas operações. Estes relatos inserem-se numa longa tradição de narrativas detetivescas que não podem prescindir de uma investigação que contemple pesquisas, arquivos de várias ordens, vestígios, entrevistas, testemunhas e provas – todo um procedimento científico que, na competência artística destes escritores, se transforma em literatura e em experiência estética. A viabilidade de se erigir uma epistemologia a partir destes vazios e lacunas é o intuito de nossa discussão, compreendendo estas operações de linguagem como um método, um decifrar de signos, um examinar pistas, um esmiuçar detalhes.

Palavras-chave: Violência, Vazios, Lacunas, Epistemologia

A figuração da monstruosidade em *Os Maias* e *O crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós

XÊNIA AMARAL MATOS (UFSM)

Resumo: Mesmo sob o influxo do realismo, as narrativas de Eça de Queirós apresentam nuances do gótico e do grotesco. Nos romances *Os Maias* (1888) e *O crime do Padre Amaro* (1875), aqui em estudo, o grotesco e o gótico se insinuam nas cenas que representam graves crimes contra as normas sociais, como o incesto, no primeiro romance, a quebra do celibato e o infanticídio, no segundo. Nessas narrativas, os ocorridos são valorados como crimes hediondos, isso porque rompem com leis de sangue e religião, associadas a tabus. Em consonância com essa ideia, a representação dos agentes e dos atos transgressores é realizada por meio de uma configuração grotesca, utilizando imagens que monstrificam, animalizam e revelam a perversidade. Tal procedimento dialoga com a ideia de que o grotesco, sendo entendido como estrutura ambivalente, marcado pelo exagero e pela associação de elementos opostos (animal e humano, racional e irracional, bestial

e humano, etc.), figura seus objetos através da deformação e da inflação (cf. SIMÕES, 2005, p. 45). Por sua vez, nuances do gótico são utilizadas para revelar o tom escuro e tenebroso dos cenários e das ações hediondas, ajudando a moldar os contornos monstruosos das personagens, como acontece com os protagonistas Carlos Eduardo, d'Os Maias, e Amaro, d'O crime do Padre Amaro. Assim, o gótico além de estar conectado à tensão da narrativa, auxilia a comunicar os interditos sociais e a transgressão, uma vez que traz à tona os flagelos humanos, sejam eles psíquicos ou sociais, revelando a dificuldade que os indivíduos sofrem ao tentar compreender tais assuntos e o consequente caráter obscuro dos mesmos (cf. BRUHM, 2002, p. 263). Tendo em vista tais considerações, o presente trabalho propõe uma análise da imagética utilizada por Eça de Queirós para representar a monstruosidade, mapeando o modo como o crime é representado nas duas narrativas; além de explorar a escolha do gótico e do grotesco como formas expressivas para tratar da quebra de tabus e da afronta a interditos sociais. Para compor o trabalho, serão utilizadas as considerações de Maria João Simões (2005) sobre o entrecruzamento do realismo e do grotesco na prosa de Eça de Queirós, as discussões sobre o grotesco de Mikhail Bakhtin (2003) e de Wolfgang Kayser (2013), bem como as perspectivas sobre o gótico de David Punter (2012), Steve Bruhm (2002) e de Jerald Hogle (2002). Além disso, destaca-se que essa proposta de análise está vinculada ao projeto de tese chamado A literatura portuguesa sombria: o gótico na obra de Eça de Queirós, o qual é desenvolvido pela autora no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Raquel Trentin Oliveira, o qual conta com o apoio financeiro da CAPES/DS.

Palavras-chave: Eça de Queirós, crime, monstruosidade

18

CRUZAMENTO DE OLHARES BRASIL/ EUROPA: ENTRE EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS E TEXTUALIDADES CONTEMPORÂNEAS

Maria Elizabeth Chaves de Mello (UFF)

Maria Ruth Fellows (UERJ)

Olinda Antunes Coelho Kleiman (Université Sorbonne Nouvelle)

Resumo: A construção da identidade nacional brasileira, através da literatura e de outras artes, é o tema de interesse deste simpósio. E em uma proposta de reflexão sobre esta construção, é impossível deixar de lado a assimilação das ideias europeias que, sorrateiramente – ou não, foi ocorrendo ao longo de nossa história. Se o século XIX marca o início propriamente dito da luta pela formação de uma realidade nacional, não podemos desprezar toda a produção artística anterior que contribuiu para a formação do que definimos como “ser brasileiro”. A Europa, à medida que amplia suas conquistas, traz com ela sua arte e seu comércio, participando, assim, dessa definição, apesar da evidente limitação em sua forma de ver o mundo. A literatura está empenhada nesse projeto de construção nacional, trabalhando de várias maneiras para descobrir o que é “ser brasileiro” e, assim, poder detectar essa ‘brasilidade’ nas obras estudadas, bem como conscientizar o público da sua existência. As ideias da época, que nos chegam através de autores, pensadores e viajantes europeus lidos com afeição pelo pequeno público leitor do Brasil, sobretudo oitocentista, participam intensamente desse processo.

E nesse diálogo com as ideias advindas da Europa, o imaginário tem um papel preponderante, responsável pela formação de conceitos e crenças que são incorporados em muitos movimentos que se desenvolvem no Brasil e não deixando imune o sistema

literário brasileiro. Alternando entre a ficção e o contexto sócio-histórico, a literatura vai se constituindo e encontrando o seu lugar na sociedade. Mas nosso interesse não está voltado apenas para o passado. As correntes literárias europeias da pós-modernidade continuam dialogando com o pensamento brasileiro, resultando em obras literárias bem diversas, de autores que compartilham as propostas nelas contidas. Porém, com as questões identitárias não sendo mais o tema central da literatura, as obras literárias não conseguem atingir um público significativo; escritores e críticos nacionais, diferentemente daqueles dos oitocentos, não ocupam uma posição atuante na sociedade brasileira, ficando eles restritos ao espaço acadêmico. Sobretudo o crítico, um isolado, alguém que não tem público e cujo êxito depende principalmente da sua retórica. Sem ambiente intelectual, ele se torna um juiz autoritário, vendo sempre um adversário em quem diverge de suas ideias. Portanto, no intuito de provocar uma reflexão sobre os estudos literários e culturais no Brasil de hoje, este simpósio busca respostas a algumas perguntas que consideramos essenciais neste processo: Como entendemos a literatura, hoje, com novos suportes e abordagens de escrita e de leitura? Em um mundo em que a circulação de ideias e a troca de influências são facilitadas pela tecnologia, em que tempo e distância estão reduzidos, ainda podemos falar em literaturas nacionais, mais precisamente em literatura brasileira? Considerando as nossas experiências literárias do passado, como fazer face às textualidades contemporâneas, no diálogo com as literaturas e teorias europeias, e formar novos leitores? Talvez não tenhamos todas as respostas; enfrentá-las pode nos proporcionar alguns avanços, pois o que nos impressiona na passagem das ideias europeias para o Brasil é a famosa questão da ‘pedagogia’: em termos de colonização, em termos de crítica, em termos de história. Nós, do lado de cá do Atlântico, estaríamos

ainda ‘aprendendo’, assimilando, introjetando? Mais uma questão sobre a qual precisamos refletir.

Palavras-chave: Formação da literatura brasileira, Circulação de autores europeus no Brasil, Cruzamento de olhares

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

A imagem do Brasil nas letras francesas oitocentistas

JACQUELINE PENJON (UNIVERSITÉ DE PARIS 3 – SORBONNE NOUVELLE)

Resumo: A imagem do Brasil nas letras francesas oitocentistas Muitos são os estrangeiros que visitam o Brasil, a partir do Renascimento. Nos séculos XVI, XVII e XVIII, eles levaram para as suas terras as suas impressões do Novo Mundo, escrevendo-as, muitas vezes. No século XIX, os viajantes são numerosos, tanto franceses, quanto ingleses, alemães etc. . À leitura dos relatos de viagens de franceses que se multiplicam no oitocentos, ou de obras de escritores ou tradutores que permaneceram vários meses no país, o imaginário europeu seduzido pela natureza e pela personagem do índio, « inventa » um Brasil edênico. Torna-se moda nas letras francesas. Nos romances da segunda metade do século tanto « o brasileiro » como « a brasileira » mostram-se como seres ambíguos, dignos representantes de um mundo do « Diabo e da terra de Santa Cruz ».

Palavras-chave: literatura de viagem, Brasil, viajantes franceses, século XIX

Charles Expilly: a mulher e o negro, no olhar de um francês do século XIX no Brasil

MARIA ELIZABETH CHAVES DE MELLO (UFF)

Resumo: Charles Expilly: a mulher e o negro, no olhar de um francês do século XIX no Brasil O Brasil do século XIX deve muito, para o bem e para

o mail, ao livro europeu ? francês e inglês ? e à circulação internacional dos impressos, ideias, indivíduos e projetos intelectuais. Viajantes europeus vinham à América do Sul e, na volta à Europa, escreviam os seus relatos. Uma questão logo se nos impõe: o que significava o Brasil no mapa da cultura europeia do século XIX? Na tradição dos relatos franceses de viagem, escritos nesse século, vale a pena nos determos sobre o olhar do escritor-viajante Charles Expilly. Grande parte da sua obra consistiu em ler, descrever e interpretar o modo pelo qual se organizava a família brasileira. Sua obra polêmica é uma das fontes principais do sociólogo Gilberto Freyre, na composição de seu estudo sobre a sociedade patriarcal brasileira. Jean Charles Marie Expilly viveu no Brasil de 1852 a 1862. Sua obra suscita grandes reflexões e debates sobre a questão feminina e o que ele chama de “civilização escravocrata”. Ficou muito impressionado com a situação das mulheres pobres brasileiras, escravas e mestiças, nas suas relações com o senhor e a senhora branca. Sua obra foi e é objeto de muitas polêmicas. Sua recepção no Brasil, em especial os livros *Le Brésil, tel qu’il est* (1862) e *Les femmes et les mœurs du Brésil* (1863), causou não poucas reações adversas entre os intelectuais contemporâneos e merece ser estudada ainda hoje. Estudar essa obra, nos dias de hoje, selecionar textos que consideramos fundamentais para a compreensão do Brasil de hoje, a partir do conhecimento de como o país era visto por europeus no oitocentos, parece-nos uma tarefa importante para os estudos literários e culturais. Principalmente porque, nos relatos de Expilly, encontramos descrita, em toda a sua brutalidade e crueza, a sociedade escravagista que o horrorizou, as diferenças de classes, a ociosidade de brancos em contraste com o trabalho penoso dos escravos. Traduzir os textos selecionados e trazê-los à luz, hoje, configura contribuição importante aos estudos literários. Ficção ou realidade, nesses relatos? Em que medida as tradutoras, hoje, deixam interferir suas leituras sobre a visão do viajante?

Palavras-chave: literatura de viagem, Brasil do século XIX, Charles Expilly, tradução

As ilusões do viajante e seus relatos

MONICA FIUZA BENTO DE FARIA (UFF)

Resumo: Nosso trabalho propõe reflexões sobre a literatura de viagem de dois viajantes franceses, Charles Expilly e Francis de Castelnau que vieram ao Brasil na primeira metade do XIX. Esses autores apresentam, em seus relatos, diferentes maneiras de ver o povo, a natureza, os costumes do Brasil, deixando, em seus diários, testemunhos que nos permitem estudar o cruzamento de olhares entre os dois países, França/Brasil. Pretendemos também abordar algumas questões a respeito desse gênero, da tradução e das questões linguísticas encontradas durante o trabalho do tradutor.

Palavras-chave: relato de viagem, viajantes franceses, tradução

A ficcionalização do eu público: silenciamento e identidade nas memórias de Duguay-Trouin

GILEADE GODOI ABRANTES DE BARROS (CEFET)

Resumo: René Duguay-Trouin foi um corsário francês cujo feito mais célebre foi a tomada do Rio de Janeiro em 1711. Nosso interesse nessa narrativa recai sobre a edição baseada em dois de seus manuscritos, que contam também suas aventuras de juventude, omitidas na publicação autorizada de suas Memórias, em 1740. A revisão, que teria sido baseada em questões de estilo, suprimiu as aventuras amorosas e “libertinagens” narradas no manuscrito. A edição “saneada” pela família omite tais aventuras, que aparecem na publicação não autorizada de 1730, publicada em Amsterdã por Pierre Mortier. Destas memórias múltiplas, o que nos interessa é o que não foi dito, o que foi silenciado. O que a escritura de memórias implica? Quando se as escreve, lembranças são relatos ou imagens construídas? Que identidade/imagem Duguay-Trouin, desejava apagar e perpetuar? Memórias são lembranças trazidas à luz ou percepções acerca de um passado? Ou são, em certa medida, a reconstrução de um passado? Essas são algumas das questões que nos movem na elaboração desta reflexão. Forjar-

se uma imagem “própria à emulação”, desejo expresso por Duguay-Trouin, exige duplo esforço: de proclamação e silenciamento. Silenciar o que não convém, engrandecer o que parece conveniente. Reside aí a ambiguidade que trabalha com diversas formações imaginárias, cujas pistas desejamos seguir.

Palavras-chave: imaginário, memória, identidade, silenciamento

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Hugo pela voz do Machado: considerações sobre a tradução de *Les travailleurs de la mer*

OLINDA ANTUNES COELHO KLEIMAN (UNIVERSITÉ DE PARIS 3 – SORBONNE NOUVELLE)

Resumo: Para além da sua atividade como escritor, que o projetou no primeiro plano da cena literária no Brasil, Machado de Assis dedicou-se à tradução, especialmente de obras em língua francesa ou pore le retrovertidas para português a partir de uma versão francesa. Essa produção, desenvolvida ao longo de 47 anos, entre 1847 e 1894, não só foi importante em termos quantitativos – um total de quarenta e oito obras – como também foi essencial para a formação do escritor. Na esteira de Jean-Michel Massa, a crítica manifestou o seu interesse por essa outra faceta da carreira de Machado de Assis. O olhar, no entanto, focalizou-se mais nas margens do texto que na letra propriamente dita. Ora, como muito bem sublinha Jean-Michel Massa, La confrontation entre le point de départ (l’original) et le point d’arrivée (la version brésilienne) est précieuse pour connaître le niveau linguistique du traducteur-écrivain qui peut se métamorphoser en écrivain-traducteur. Tendo em conta, por um lado, que o livro em estudo - *Les Travailliers de la mer* – é uma obra monumental, e, por outro lado, que é de dois « homens-oceanos » que aqui se trata, não deixará de colocar-se, com efeito, a questão do tradutor-escritor e da sua eventual metamorfose

em escritor-tradutor. O propósito, porém, será não tanto de « conhecer o nível linguístico » do tradutor, como de analisar as estratégias de tradução de que ele lançou mão. Tratar-se-á, em suma, de estudar os modos de apropriação do original, da alteridade de que é portador este livro, entre os do autor escritos no exílio o mais ligado ao meio, bem como as formas de restituição do conjunto, estilo e língua com as suas « resistências », especialmente para se situar numa realidade outra e nomear o desconhecido que por vezes não tem nome na língua de importação.

Palavras-chave: Machado de Assis, tradução, Victor Hugo, alteridade

Machado e a edificação da literatura brasileira

STELA MARIA SARDINHA CHAGAS DE MORAES (UERJ)

Resumo: Até a Segunda Grande Guerra, em todas as áreas do conhecimento humano, como o Direito, a Medicina, a Educação, para citar apenas estes três relevantes exemplos, o Brasil dará provas de sua irrefutável herança cultural... francesa - o que justificaria, mesmo em nossos dias, a inegável atração exercida pela França sobre os brasileiros. No que tange ao Rio de Janeiro, os laços culturais com a Cidade Luz são bastante expressivos: a arquitetura característica do centro da cidade, totalmente inspirada no modelo francês do século XIX e, particularmente, o Teatro Municipal, miniatura, por assim dizer, do Palais Garnier - o “Opéra” - de Paris, constituem exemplos bastante claros da influência francesa no país. Não admira, portanto, que também do ponto de vista artístico, as ligações com a França se verifiquem volumosas e profícuas, inclusive, e, paradoxalmente, quando das primeiras tentativas de instauração de uma literatura de cunho “nacional” brasileiro. De fato, no que tange ao Brasil, a questão do nacionalismo parece assumir feições bastante peculiares e complexas que se explicam, em parte, pela coincidência entre o surgimento da chamada “Escola Romântica” e a independência política do país. Com efeito, a literatura desempenhará papel fundamental enquanto

instrumento de inegável utilidade para a pátria. O início da literatura brasileira será marcado, no entanto, pela paradoxal tentativa de estabelecimento de identidade nacional através da utilização da língua do antigo colonizador. Daí a necessidade de adoção de temas diferentes, de caráter original, na busca de demarcação dos limites entre a literatura propriamente portuguesa e a brasileira. A questão do nacionalismo na literatura não passará despercebida por Machado de Assis que buscará estabelecer os parâmetros que, ao mesmo tempo, deem conta de uma literatura de caráter nacional e atual, isto é, em conformidade com seu tempo. São esses princípios de constituição de uma literatura nacional e atual que conduzirão Machado, após os textos da “primeira fase”, tais como Ressurreição, A mão e a luva, Helena e Iaiá Garcia - a transgredir o código dominante, a partir de Memórias póstumas de Brás Cubas, passando a escrever “à maneira de Sterne”, isto é, “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia”; em outras palavras, com humour. De acordo com Sergio Paulo Rouanet, no entanto, são inegáveis também as aproximações da obra de contista de Machado com a de Diderot a quem alude, diretamente, em Papéis Avulsos. Daí a afirmação de Carlos Fuentes de que a obra de Machado é positivamente “impura”, uma vez que alicerçada por releituras e paródias de diferentes textos, de autores e épocas as mais diversas. E é este traço de originalidade que conferirá o papel fundamental da obra machadiana na edificação da literatura brasileira.

Palavras-chave: Machado de Assis, Formação da literatura brasileira, Sterne e Diderot, Cruzamento de olhares

Um leitor habitual das “belas crônicas de Mazade”: Machado de Assis e a aclimação da crônica no Brasil

MARIANA SILVA LIMA (UFF/CEFET)

Resumo: A pesquisa que ora se apresenta tem como finalidade investigar o processo de implantação e consolidação da crônica no Brasil no século XIX a partir da circulação do modelo francês no âmbito da

literatura brasileira. Para tanto, irá se concentrar no estudo de um caso específico de circulação internacional de uma série de crônicas: trata-se da série intitulada “Chronique de la Quinzaine”, redigida por Charles de Mazade na Revue des Deux Mondes entre os anos de 1852 e 1893, e que teria servido de modelo para a série “História de 15 dias”, publicada por Machado de Assis entre 1876 e 1878 na revista Ilustração Brasileira. Uma das pistas da relação de Machado de Assis como leitor de Charles de Mazade aparece no conto “Teoria do Medalhão” (1881), narrativa curta na forma de um diálogo travado entre um pai e seu filho na noite em que este completa a maioridade. A ocasião serve como pretexto para que o pai revele sua mais cara expectativa para o filho: tornar-se um “medalhão”, ou seja, fazer-se “grande e ilustre, ou pelo menos notável”, levantando-se “acima da obscuridade comum”. Contudo, há um sentido irônico em todo o conto, pois a explanação do pai sobre a condição de medalhão acaba se revelando como uma receita para se alcançar a mais completa e passiva indigência intelectual. Desse modo, na perspectiva do conto, “as belas crônicas de Mazade” fazem parte de uma espécie de fórmula de redução do intelecto ao senso comum, e juntar-se ao grupo dos “estimáveis cavalheiros” que compõem seus “leitores habituais” significa, em grande parte, integrar um coro monótono de pessoas aparentemente bem pensantes, mas na realidade indivíduos que abrem mão de pensar em detrimento da facilidade de apenas repetir as opiniões emitidas em um veículo prestigioso. Se essa interpretação estiver correta, e tendo razão Roberto Schwarz quando estabelece a “Chronique de la Quinzaine” como “um dos modelos retóricos da crônica machadiana”, o próximo passo seria precisar o modo pelo qual o escritor brasileiro se apropria da referência estrangeira. A leitura do conto sugere que Machado lê o autor estrangeiro a contrapelo, isto é, subvertendo o sentido de seu pensamento. Assim, para além da busca de fontes e do estabelecimento de filiações entre obras e autores de países diversos, o objetivo principal da pesquisa é investigar as relações estabelecidas entre as séries de crônicas mencionadas no sentido de se

analisar não apenas a transposição de procedimentos estilísticos como também os possíveis desvios, rupturas e reinvenções ocorridos nesse deslocamento, observando como “os empréstimos feitos à cultura de um país são deformados em função das necessidades próprias ao outro país” (M. Espagne).

Palavras-chave: Machado de Assis, Charles de Mazade, importação, crônica

Murilo Mendes: abstraidor do tempo-espaço e amigo do mundo

EDUARDO DE OLIVEIRA MAGALHÃES (UFRJ)

Resumo: Toda a obra de Murilo Mendes é construída com base em sua poética da homogeneidade essencialista, elaborada na década de 1920 a partir de conversas com seu grande amigo Ismael Nery. Entre outros aspectos, tal poética se norteia pelo que Murilo chamou de “princípio de abstração do tempo e do espaço”, em prol de uma concepção universalista da literatura e da arte. Tendo em vista este princípio, proponho uma leitura da prosa crítica muriliana (pouquíssimo estudada, em comparação com sua poesia) estabelecendo o diálogo Brasil-Europa. Nascido em Juiz de Fora, tendo vivido maior parte da vida no Rio de Janeiro, com formação francesa (leitor que foi dos franceses desde criança), amante da Espanha e morador de Roma por dezoito anos, em 1952 Murilo vai pela primeira vez para a Europa, em missão cultural, passando por Bélgica, Holanda e França. A este tempo, já possuía uma ampla rede de contatos com inúmeros europeus (sobretudo aqueles viveram no Brasil a partir da década de 1940). Em 1957, muda-se definitivamente para Roma, até sua morte inesperada em Portugal, Lisboa, em 1975. Em seu período europeu, como professor e difusor da Literatura Brasileira, visitou inúmeros países. E escreveu sobre todos. Tudo isso são meros dados, mas que já apontam para uma ampla geografia universalista muriliana, muito interessante para pensar como através da “abstração essencialista” ele criou uma obra de profundo diálogo do Brasil com as múltiplas tradições (e vanguardas) do mundo,

fazendo-as todas convergirem numa escritura dotada do maior senso humano, libertadora e, sobretudo, contra toda e qualquer tentativa de estancar as diversas culturas em suas próprias fronteiras. Murilo sempre foi um profanador, um anarquista dos modelos europeus (em grande parte franceses); foi um abolicionista das fronteiras fascistas e, por isso mesmo, um grande amigo do mundo, dedicando sua erudição e sensibilidade ao Brasil, Itália, França, Espanha, Portugal etc., escrevendo em português, francês e italiano. Este trabalho se propõe a pensar de que maneira esse universalismo, essa multiplicidade cultural e esse multilinguismo são interessantes para pensar como a literatura e a crítica brasileira se relacionam com a Europa ainda hoje.

Palavras-chave: Murilo Mendes, Universalismo, Brasil-Europa, Literatura e crítica

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

A mulher viajante: Rose de Freycinet na corte portuguesa dos Trópicos

ALESSANDRA FONTES CARVALHO DA ROCHA (UFRJ), WASHINGTON KUBLINSKI (SMEEL-RJ/FEMAR)

Resumo: Rose de Saulces de Freycinet navegou ao redor do mundo entre 1817 e 1820 na companhia de seu marido, Louis Charles de Saulces de Freycinet, a bordo da embarcação L’Uranie. Embarcou na aventura como um marujo de presença importante para a realização da empreitada, segundo o próprio Louis Charles de Saulces de Freycinet. Mesmo não tendo sido a primeira mulher a dar a volta ao mundo (esse título é de Jeanne Barret), sua presença na embarcação e na viagem é de grande importância, pois é a primeira a registrar suas experiências em um diário. Seus escritos recebem uma linguagem epistolar, que deveria ser encaminhada para uma amiga na França. Por isso, sua escrita apresenta seus sentimentos e pensamentos mais francos. A obra de

Freycinet é singular, pois não segue os mesmos parâmetros de muitos outros relatos de viagem produzidos por viajantes desde o século XVI, que em grande parte foram encomendados por governantes. O diário de viagem de Freycinet foi publicado pela primeira vez, sob o título *Journal de Madame Rose de Saulces de Freycinet d'après le Manuscrit Original Accompagné de Notes par Charles Duplomb Directeur Honoraire au Ministère de la Marine* (Diário de Madame Rose de Saulces de Freycinet segundo o Manuscrito Original Acompanhado de Notas por Charles Duplomb Diretor Honorário do Ministério da Marinha), em 1927 pela Société d'Éditions Géographiques, Maritimes et Coloniales. Em 2013, foi traduzido em língua portuguesa por Rosa Alice Mosimann. A partir da leitura do diário da viajante francesa, este trabalho tem como objetivo analisar a perspectiva da mulher viajante sobre hábitos dos membros da corte de D. João VI no Rio de Janeiro, em especial o cotidiano das mulheres na capital portuguesa dos Trópicos, além de suas descrições sobre a geografia local.

Palavras-chave: mulher viajante, relato de viagem, corte portuguesa, Rio de Janeiro

O olhar de Rose de Freycinet sobre o Rio de Janeiro do século XIX

MARIA RUTH MACHADO FELLOWS (UERJ)

Resumo: A vinda da família real para o Brasil em 1808 possibilitou não somente a abertura dos portos, até então restritos ao comércio com Portugal, mas também a entrada de estrangeiros vindos de diferentes partes do mundo para descobrir a geografia e as riquezas naturais das terras brasileiras. Viagens realizadas com objetivos dos mais diversos geraram registros variados como: livros, cartas, relatórios, relatos, diários, o que tornou este período, o século XIX, um dos mais bem documentados de nossa história. Dentre os viajantes que se aventuraram nessa empreitada, temos Rose Marie de Saulces de Freycinet, jovem francesa de 25 anos, casada com o naturalista e oficial da Marinha francesa, Louis Claude de Saulces de Freycinet. Tendo recebido a missão

de comandar a corveta Uranie em uma missão científica em torno do mundo, ele anuncia à esposa que a expedição duraria dois anos. Inconformada, Rose Marie toma uma decisão corajosa e perigosa: corta o cabelo, enfaixa os seios e, disfarçada de homem, embarca no navio, correndo o risco de ser presa e deportada. Surpreendentemente, nada disso ocorreu. Ela foi bem recebida pelos oficiais e pôde fazer a viagem, acompanhando o marido, que se iniciou em 1817 e terminou em 1820. Esta ousadia produziu um diário, com registros de observações sobre a paisagem, as pessoas, os hábitos, os costumes dos locais por onde passou, sem a pretensão de se tornar uma obra a ser publicada, segundo suas próprias palavras, logo nas primeiras páginas, dirigidas a uma grande amiga: “É só para você, amável e querida amiga.”; “Jamais consentiria fazer um diário que não fosse para você.” No Rio de Janeiro não foi diferente. O navio chegou à cidade em 6 de dezembro de 1817 e partiu em 30 de janeiro de 1818, retornando em junho de 1820 para tomar o caminho de volta à França em agosto do mesmo ano. Esses dois períodos, apesar da curta duração, permitiu que essa mulher corajosa passeasse o seu olhar – o de uma francesa do século XIX – pelos cantos da cidade, sobretudo pela corte portuguesa, nesse momento instalada no Brasil. Com esses passeios, Rose de Freycinet nos deixou, por acaso, um documento precioso para compreendermos o que fomos e o que somos – seu *Journal du voyage autour du monde*. Seu diário é uma fonte rica de registros de observações que, junto a muitos outros relatos produzidos nesse mesmo período, pode contribuir para uma reflexão sobre esta nação tão conturbada que nos tornamos hoje.

Palavras-chave: Relato de viagem, Rose de Freycinet, Rio de Janeiro, Século XIX

Mulheres do Brasil oitocentista sob o olhar de viajantes franceses

ANDREA REIS DA COSTA (UFF/COLÉGIO PEDRO II)

Resumo: Durante muito tempo, a privacidade do âmbito doméstico não constituiu objeto de interesse e exame para estudiosos e historiadores;

quer por pudor, quer por descaso, ou por submissão ao sistema de valores de uma sociedade patriarcal, na qual somente o homem se apresenta como agente da vida pública, esta sim, única merecedora de prestígio e apreciação. Na sociedade do Brasil Império, onde o privado jazia na obscuridade, somente temas como a economia, os Estados e as sociedades eram tidos como relevantes. A trajetória da mulher brasileira, confinada ao espaço domiciliar e excluída desse “mundo público”, manteve-se em uma espécie de limbo. Nesse contexto, a literatura e, em particular, os relatos de viagem trazem uma grande contribuição para a pesquisa sobre o papel da mulher na sociedade brasileira oitocentista. Dois escritores-viajantes franceses do século XIX deixaram um aporte expressivo para o estudo da condição feminina nesse período: o cientista expedicionário Francis de Castelnau e o controverso escritor Charles Expilly, que se instalou no Rio de Janeiro em busca de fortuna. Ambos deixaram em suas narrativas um rico panorama dos usos e costumes do Brasil num século que foi palco de significativas transformações sociais e econômicas, advindas do progresso industrial, técnico e científico, mas que viu se arrastar com grande lentidão a evolução da posição da mulher na sociedade e sua tardia inserção no espaço público. Em suas viagens expedicionárias pelo interior do Brasil, o naturalista Castelnau, além de reunir informações astronômicas e meteorológicas, dados cartográficos e descrições da flora e da fauna brasileira, publicados posteriormente na obra que tem como título *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para, exécutée par ordre du gouvernement français pendant les années 1843 à 1847, sous la direction de Francis de Castelnau*, também descreve também suas impressões sobre a sociedade brasileira e o que vivenciou dentro das casas e fazendas que o receberam. Charles Expilly, homem de letras que se aventurou em um empreendimento de fabricação e comércio de fósforos no Rio de Janeiro, deixou uma produção intelectual não pouco significativa, na qual descreve e interpreta a organização patriarcal

da sociedade brasileira imperial. Suas principais publicações sobre o Brasil são *Le Brésil tel qu'il est*, editado em 1862, e *Les femmes et les mœurs du Brésil*, de 1863. Os relatos desses dois viajantes, que tiveram contato com famílias de diferentes regiões do império brasileiro, nos permitem espreitar cenas do cotidiano dessas famílias e observar as representações que fizeram sobre as mulheres brasileiras. Também nos convidam a, através desse olhar, refletir sobre as práticas femininas no Brasil imperial.

Palavras-chave: Literatura de viagem, Século XIX, Mulheres

História nacional, perspectiva mundial: o romance Rio-Paris-Rio

THAYSE LEAL LIMA (UNIVERSITY OF MARYLAND)

Resumo: Esta comunicação propõe-se a examinar a abordagem transnacional da ditadura militar de 1964 no romance *Rio-Paris-Rio* de Luciana Hidalgo. Entrelaçando a história política brasileira com os protestos de maio de 1968 em Paris, Hidalgo explora as intersecções e as divergências entre as lutas políticas que se desenrolavam nas periferias e nos centros cosmopolitas mundiais. O enfoque em personagens ‘desterritorializadas’ e em trânsito que cruzam fronteiras geográficas e emocionais permite que esse romance expanda o sentido da experiência política do país para além do seu contexto imediato. Com base nos debates teóricos em torno da Literatura Mundial, do Cosmopolitismo e do Transnacionalismo, este artigo explora as estratégias utilizadas em *Rio-Paris-Rio* para reescrever a história nacional e, ao mesmo tempo, inseri-la numa conjuntura global.

Palavras-chave: transnacionalismo, ditadura, desterritorialização, Brasil-França

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

A Língua Materna e a Linguagem Matemática: da Europa ao Brasil, diálogos perenes

SIMONE BACELLAR MOREIRA (UERJ), PAULO ROBERTO TRALES (UFF)

Resumo: A competência em matemática foi identificada na União Europeia, como uma das competências essenciais à realização pessoal, à cidadania ativa, à inclusão social e à empregabilidade no século XXI. As preocupações suscitadas pelo fraco aproveitamento dos alunos europeus, revelado pelas últimas avaliações internacionais, levaram à adoção, em 2009, de um valor de referência para as competências básicas na UE, o qual determina que “até 2020, a percentagem de alunos de 15 anos com fraco aproveitamento em leitura, matemática e ciências deverá ser inferior a 15%”. Para atingir esta meta, é necessário identificar os obstáculos e superá-los. No Brasil, vive-se situação ainda pior. Para o sucesso dessa iniciativa, faz-se necessária uma conscientização dos profissionais que atuam nesses dois importantes domínios do conhecimento no sentido de reconhecer a importância do uso da Língua materna na aquisição de competências básicas na construção do conhecimento do aluno na compreensão e interpretação de enunciados matemáticos. Concorde-se com Roxane Rojo em seu *Letramentos múltiplos* quando afirma que novos tempos pedem novos letramentos. É necessário destacar que trabalhar com multiletramentos significa utilizar culturas de referência dos alunos como gêneros, mídias e linguagens para transformá-los em cidadãos críticos, éticos e democráticos e assim ampliar seu repertório cultural e seu conhecimento de mundo. Nesta concepção, o ato de ler envolve articular diversas modalidades de linguagem, além da escrita, como a imagética, a fala, a música e a matemática. Nesse sentido, refletindo as mudanças sociais e tecnológicas atuais, ampliam-se e diversificam-

se não só as maneiras de disponibilizar e compartilhar informações e conhecimentos, mas também de lê-los e produzi-los. O desenvolvimento de linguagens híbridas envolve, dessa forma, desafios para os leitores. Apesar de a resolução de problemas matemáticos ser relacionada a habilidades complexas, a leitura, a compreensão e a interpretação do enunciado são essenciais à própria competência Matemática. Desta forma, é possível estabelecer um vínculo estreito e interdisciplinar entre a Língua Materna e a Matemática. Desenvolver a compreensão leitora de textos matemáticos no aluno deve ir além de ensinar a reconhecer símbolos e termos matemáticos. Ler é mais do que decodificar letras ou símbolos, compreende um processo ativo com estratégias de seleção, inferência e antecipação. Nota-se grande convergência nesses dois domínios, quando lemos um texto matemático (enunciados de problemas, tabelas, gráficos, figuras geométricas, entre outros) devemos utilizar de estratégias de leitura para que o caminho que leve à compreensão matemática ocorra em um processo por meio das experiências leitoras. O embasamento teórico deste estudo segue a linha dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs) (1997), que preconizam a formação de leitores competentes ao construir significados a partir de diferentes gêneros textuais, e os de Matemática (1997), que supõem a aprendizagem desta disciplina estritamente relacionado à apreensão do significado de um objeto ou acontecimento; O Ensino da Matemática na Europa: Desafios Comuns e Políticas Nacionais da Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura (2011), que estabelece parâmetros para a melhoria da educação na União Europeia e Nilson Machado que considera uma relação de interdependência entre as disciplinas; Rojo que enfatiza os letramentos múltiplos, mediante a diversidade de práticas sociais de leitura presentes na sociedade.

Palavras-chave: Leitura, Letramento, Interdisciplinaridade, Leitor

A reescrita dos contos de Perrault no período inicial de desenvolvimento da literatura infantojuvenil brasileira

ANNA OLGA PRUDENTE DE OLIVEIRA (PUC-RIO)

Resumo: Neste trabalho, apresento um recorte de minha pesquisa de doutorado sobre as reescritas brasileiras dos contos de Charles Perrault, publicados em 1697 na obra *Histórias ou Contos do tempo antigo com moralidades*. A pesquisa busca tecer uma perspectiva de caráter historiográfico que compreenda as diferentes formas de apresentação e difusão dos célebres contos do autor francês no sistema literário brasileiro. Recolhidos da tradição oral e elaborados por Perrault como literatura escrita, os contos *A Bela Adormecida no bosque*, *O Chapeuzinho Vermelho*, *Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *Cinderela*, *Riquete do Topete* e *O Pequeno Polegar* possuem uma característica que os diferencia de outros contos de fadas: a moralidade em verso, comentário final do autor sobre a história contada em prosa. Esse duplo nível de narração constitui-se como marca distintiva dos contos de Perrault. Com a enorme popularidade atingida, tanto em sua época como posteriormente com sua difusão em outras culturas, os contos adquirem um status canônico na literatura infantojuvenil. Entretanto, sua sobrevivência na literatura é marcada por certa ambiguidade em relação à questão da tradição e da autoria: os contos muitas vezes são apresentados sem sua marca autoral, as moralidades, quando estas são consideradas inadequadas ao público alvo. No Brasil, as reescritas dos contos de Perrault apresentam diferenças relevantes quanto a esse aspecto. As edições brasileiras analisadas na pesquisa são reescritas feitas por tradutores ou adaptadores de grande prestígio no sistema literário/tradutório brasileiro: Figueiredo Pimentel (1896/2006), Monteiro Lobato (1936/2007), Katia Canton (2005), Mário Laranjeira (2007), Fernanda Lopes de Almeida (2008), Maria Luiza Borges (2010), Ivone Benedetti (2012), Rosa Freire d'Aguiar (2012), Walcyrr Carrasco (2009/2013), Leonardo Fróes (2015) e Eliana Bueno-Ribeiro (2016). Para uma análise do período inicial de desenvolvimento da literatura

infantojuvenil brasileira, o foco deste trabalho recai sobre as reescritas de Figueiredo Pimentel e de Monteiro Lobato, as quais surgem com propostas distintas, ambas entretanto apresentando a exclusão das moralidades. Ao final do século XIX, Figueiredo Pimentel, o primeiro a trazer ao público leitor brasileiro contos de fadas, populares e folclóricos da tradição europeia em sua obra *Contos da Carochinha*, revela um interesse didático e moralizante realizando grandes alterações nos contos adaptados e não informando os textos fonte utilizados. A questão da autoria sofre um apagamento radical em detrimento de valores morais da época, importando mais a transmissão de certos “conteúdos” úteis à formação das crianças brasileiras e não a reescrita de uma obra literária. Já com Monteiro Lobato, no início do século XX, a reescrita dos contos de Perrault se insere no projeto literário e tradutório do escritor de elaborar uma literatura brasileira para crianças, “vestindo a nacional” contos de origem estrangeira. O texto/autor fonte é identificado, porém o reescritor Lobato toma as liberdades que julga necessárias para tornar a obra compreensível e agradável a seu público, excluindo assim as moralidades. Essas reescritas dos contos de origem europeia tiveram com Pimentel um caráter didático-moralizante e com Lobato um intuito de formação de um público leitor, correspondendo ao modelo literário e às concepções de tradução vigentes então.

Palavras-chave: contos de Perrault, formação da literatura infantojuvenil brasileira, Figueiredo Pimentel, Monteiro Lobato

Aproximação entre Brasil, França e Portugal a partir de traduções de obras sobre a doutrina filosófico-religiosa do Yoga

ANA MÁRCIA CABRAL LINHARES MOURTHÉ (UNIRIO)

Resumo: Aproximação entre Brasil, França e Portugal a partir de traduções das obras sobre doutrina filosófico-religiosa do Yoga. Com um “olhar” construído com lembranças de fichas catalográficas da sede da Biblioteca Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro, e por meio de pesquisa de fichas catalográficas de livros, esta comunicação objetiva destacar

a peculiaridade e sutileza da ligação que se estabeleceu entre Brasil, França e Portugal, a partir da década de 1970, em torno da doutrina filosófico-religiosa indiana do Yoga e das traduções de suas obras fundamentais e acessórias. Não há dúvidas de que as fontes primárias e secundárias indianas relativas ao Yoga, como o *Yogas?tra* de Patañjali e seus principais comentários (*Yogabh??ya* de Vy?sa, *Tattvavai??rad?* de V?caspati Mi?ra, *R?jam?rtan?a* do Rei Bhoja etc), e ao seu principal complemento teórico, a doutrina do *S??khya*, cuja obra fundamental intitula-se *S??khyak?rik?* de ??varak???a, foram traduzidas, sobretudo, do sânscrito para o inglês. No entanto, também é possível encontrar traduções do sânscrito para o francês efetuadas por autores de pesquisas acadêmicas e livros, como é o caso dos especialistas franceses em estudos indianos Jean Filliozat, Tara Michaël, Pierre-Sylvain Filliozat e Anne-Marie Esnoul. No entanto, o que parece caracterizar esta discreta e singular ligação entre os três países anteriormente citados, estabelecida a partir da década de 1970, são as traduções, do francês para o português, de obras classificadas como fontes secundárias e terciárias. Estas obras comentam, esclarecem e interpretam os ensinamentos dos textos clássicos de Yoga e da tradição hindu, fornecem informações práticas e teóricas sobre a doutrina, descrevem as vidas e as experiências de iogues europeus e indianos, e ainda oferecem ao leitor o acesso a uma ampla bibliografia sobre o assunto. Mircea Eliade, romeno, historiador das religiões, e André Van Lysebeth, belga, um dos precursores do Yoga no Ocidente, são dois autores emblemáticos desta tênue, mas interessante ligação entre Brasil, França e Portugal. Embora não sejam franceses, esses autores escreveram em francês e tiveram alguns de seus principais livros traduzidos para o português, como, por exemplo, *Le Yoga: immortalité et liberté* (1972), de Mircea Eliade, traduzido para português por Lya Diskin e editado em São Paulo em 1996; e *Pranayama – la dynamique du souffle* (1971), de André Van Lysebeth, cuja tradução para o português foi feita por Maria Clothilde Morgado Ferreira e editado em Lisboa em 1978. Talvez, na

hierarquia imaginária das fontes literárias, estas obras “acessórias” se encontrem em um patamar inferior em relação às traduções das obras clássicas indianas da tradição do Yoga. Contudo, este tipo de texto literário parece não só ter gerado e alimentado o fascínio pelas tradições filosófico-religiosas e culturas da Índia, mas também ocasionado uma sutil e alternativa aproximação entre brasileiros, franceses e portugueses.

Palavras-chave: Yoga, Brasil, França, Portugal

Entre ficção e realidade, Balzac biografado por Stefan Zweig

CARLOS EDUARDO DO PRADO (UFF/UERJ)

Resumo: Esta comunicação analisará a biografia escrita sobre Balzac por Stefan Zweig, tendo como problemática principal a relação entre biografia e biografado e sua conexão com a vida retratada, bem como o espaço ficcional e seus conflitos existenciais. A biografia neste trabalho não será vista como simples reflexo, mas como o vazio a ser preenchido pela pena do autor. Percorreremos o caminho adotado pelo autor na construção do seu personagem e identificaremos os reflexos e as impressões originadas neste envolvente jogo de espelhos, bem como suas contribuições para a construção desta narrativa biográfica. Na sua obra, Zweig distancia-se da simples enumeração cronológica de fatos ocorridos na vida do seu biografado, revisitando a vida de Balzac, interpretando-a e dando a ela novo sentido, manejando o (s) significado (s) da (s) experiência (s) vivida (s) pelo “outro”. Neste processo, o narrador é o elo fundamental entre o real e o ficcional e suas contribuições criativas são fundamentais para a construção do seu texto. Na arte de escrever e orquestrar as palavras, o personagem ganha vida, e criatura e criador se confundem à medida em que ambos se sobrepõem. A vida e a obra dos dois escritores são indissociáveis neste caso. Neste romance biográfico publicado após a morte de Stefan Zweig, o autor austríaco proporciona ao leitor a possibilidade de participar desta evocação apaixonante e visceral do célebre escritor

francês, responsável pela monumental Comédia Humana. A cada página, a cada capítulo, a narrativa se desenrola envolvendo o leitor, na trágica história de vida de Honoré de Balzac; vida esta guiada e arruinada por ideias grandiosas de riqueza e luxo. Na grande Paris do século XIX, infiltra-se nos salões – e também na intimidade – de algumas representantes da antiga monarquia francesa, que ainda sobreviviam neste cenário. Com uma história pessoal digna de seus personagens, Balzac casa-se com uma rica nobre ucraniana, Madame Hanska, que será a solução definitiva dos seus problemas financeiros e econômicos. Felicidade efêmera, pois com a tranquilidade, sua história chega ao final. Adorado pelo público, foi ignorado em vida pelos colegas escritores e pela Academia Francesa de Letras, morrendo sozinho, tendo ao seu lado apenas sua mãe, sua grande crítica, e seu amigo, o escritor francês mais famoso da sua época, Victor Hugo. Sua vida foi um grande romance. E Stefan Zweig o comprova.

Palavras-chave: Honoré de Balzac, Stefan Zweig, Narrativa Biográfica, Literatura comparada

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

O socialismo de Emile Durkheim: tradução e reflexão

SANDRA REGINA GUIMARÃES (PUC-RIO)

Resumo: Nesse trabalho, procuraremos refletir sobre a tradução do livro “O Socialismo”, de Emile Durkheim - que até 2016 ainda não tinha uma edição brasileira. Durante o processo de tradução foi feito um estudo sobre a obra e o autor, que corroborou, não apenas para a melhor compreensão das diversas nuances que o texto apresenta, mas principalmente, para a elaboração de uma percepção crítica sobre como esta obra, do século XIX, dialoga com a Literatura francesa e também com a brasileira, do mesmo século, e o que ela tem a dizer

sobre nosso passado, no presente. Considerado um dos fundadores da sociologia moderna, David Émile Durkheim nasceu em Épinal, em 1858. Diante da nova estrutura social que emergia com o capitalismo, mergulhou no passado e, com ele, em autores que, de alguma forma, tentaram encontrar soluções para os diferentes “gritos de dor” e de indignação que as diversas sociedades, cada uma desigual a seu modo, provocaram ao longo dos séculos. Assim, nas aulas ministradas em 1895/1896 na faculdade de Letras de Bordeaux, tentou estabelecer distinções conceituais entre o comunismo e os socialismos (autoritário e democrático). Visitou, para tanto, um vasto campo conceitual que envolvia pensadores como Platão, Thomas Morus, Campanella, Saint-Simon, Proudhon e Fourier, dentre outros, chegando até Marx. E foi partindo da herança cultural deixada por essas reflexões que chegou à conclusão de que a paixão, a sede de uma justiça mais perfeita e a compaixão pela miséria das classes trabalhadoras foram as grandes fontes de inspiração de todos estes sistemas e que eles nada mais eram do que um “grito de dor” perpetrado por aqueles que sentiam mais vivamente o mal-estar coletivo de seu tempo. Em 1879, Durkheim foi admitido na École Normale Supérieure. Lá, teria como colegas de classe, dentre outros, o futuro político socialista e pacifista Jean Jaurès e o filósofo, crítico do determinismo e Nobel de literatura em 1927, Henri Bergson. Quando entra na École, ela estava sob a direção de Pierre-Aimé Bersot, mais conhecido como Ernest Bersot, que o introduziu na obra de Montesquieu. Teve ainda como mestre o filósofo e historiador Émile Boutroux, cujo interesse pelo cientificismo e pelo progresso teria um enorme eco nas reflexões de Durkheim. Foi também na École Normal que entrou em contato com obras que estariam entre as suas maiores influências intelectuais, como as de Auguste Comte e Herbert Spencer. Assim, em meio a colegas brilhantes e debruçado sobre textos que rompiam com as antigas ideologias socioculturais, Durkheim revê mais de um século da sua história, a partir da ótica cientificista que despontava então. Em 1882 saiu da ENS com o título

de agrégé de philosophie, e, em 1887, foi indicado para ministrar aulas de Pedagogia e Ciência Social na Faculté de Lettres de Bordeaux. Pela primeira vez na história, uma universidade francesa oferecia um curso de Sociologia. E foi justamente em função do curso ministrado em Bordeaux, de novembro de 1895 a maio de 1896, que nasceram as lições compiladas sob o título de O Socialismo.

Palavras-chave: Durkheim, Socialismo, tradução, Reflexão

Entre flashes e instantâneos, a fotografia como construção discursiva do índio em Koch-Grünberg

SHEILA PRAXEDES PEREIRA CAMPOS (UFRR)

Resumo: Eni Orlandi, em Discurso fundador, exclama: “Que terreno fértil esse que confunde a realidade, a imaginação (a ficção, a literatura) e o imaginário (a ideologia, o efeito de evidência construído pela memória do velho mundo)” (1993, p. 17). É no entrelaçamento da realidade, da imaginação e do imaginário que, entrecortado por rios e coberto pela densa floresta, o vasto ambiente amazônico oferece ao viajante um abundante cabedal simbólico para exprimir as histórias que circulam nos rios, lagos, igarapés e matas. É essa Amazônia como espaço ainda a ser conhecido e decifrado que se revela aos olhos de Koch-Grünberg, cientista alemão que percorreu a região circum-Roraima no início do século XX. As sensações hiperbólicas provocadas pela paisagem e pelo contato com o outro são apresentadas ao leitor de forma extremamente sensorial e o viajante, entre outros instrumentos de coleta de dados, faz uso da fotografia. Com o poder de isolar o objeto do mundo por meio de sua imobilização (Barthes, 1984), a imagem fotográfica captada com as estratégias da linguagem poética dá vida a esse mesmo objeto aos olhos do leitor/expectador. Nesse processo de composição da imagem fotográfica, é possível perceber indícios de algumas intenções dentro do discurso do narrador, como fazer o leitor “experimentar” o vivido pelo heroico viajante, destacar a grandiosidade da natureza exótica, estabelecer parâmetros ideológicos comparativos

entre a civilizada Europa e o “bárbaro” campo de pesquisa, reiterando conceitos etnocêntricos tradicionalmente arraigados. Seja como for, as imagens construídas revelam como o alemão, com o olhar oblíquo das lentes europeias, eterniza o índio em sua exótica estranheiridade que, embevecido e ingênuo, ainda se oferece como espetáculo, posando para as fotografias em cenários forjados e montados para a apreciação do público europeu.

Palavras-chave: Amazônia, Theodor Koch-Grünberg, Construção discursiva do índio, Imagem fotográfica

O riso como forma de resistência: a crítica social através do entretenimento em *O Santo e a Porca* de Ariano Suassuna

JULIANA FELIX HENRIQUE DE ALMEIDA REGO (UERJ)

Resumo: O teatro, ao longo de sua história no Brasil, assumiu diversos papéis. Um dos fundamentais foi a doutrinação. Os jesuítas foram os primeiros a utilizá-lo como forma de doutrinar os índios e assim abrir espaço para o projeto de dominação do reino português. De lá até o século XX, seja para conquistar, dominar, explorar ou para buscar uma identidade legítima, construir um ideário nacional e, ainda, criticar a sociedade; o teatro educou e entreteu gerações. Muitos foram os escritores que se propuseram, conscientemente, a contribuir com esta construção. Este estudo fez um recorte temporal e local, escolhendo o modernismo-regionalista de Ariano Suassuna — fundador do Movimento Armorial que traz em si a chama do nacionalismo e resgata, em parte, a intenção consciente dos românticos de construir a identidade nacional —. Além do posto, o dramaturgo herda a tradição de Gil Vicente na escrita de autos e farsas, através dos quais transmite sua mensagem. É entretendo que Ariano Suassuna levanta a bandeira do nacionalismo literário, constrói um ideal nacional e apresenta uma das facetas do povo brasileiro. Dessa maneira, também faz sua crítica social. Em *O Santo e a Porca* analisa-se as ferramentas utilizadas pelo autor para a construção da identidade nacional e do cômico através do

qual realiza sua crítica social. Tal análise será feita à luz da estética do realismo grotesco, do conceito de literatura do entretenimento e da dependência cultural.

Palavras-chave: Nacionalismo literário, Identidade nacional, Teatro, Sociedade

O politicamente (in) correto: o céu e o inferno de Helen Hannerman na obra *the story of Little Black Sambo*

MARIA DA CONCEIÇÃO VINCIPROVA FONSECA (CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA)

Resumo: O reconhecimento da importância do discurso tem-se traduzido por maior atenção ao como dizer, escrever, representar com desenho, enfim, a todos os modos de comunicar, expressar ou persuadir, ou seja, àquilo que se entende como discurso. Tal conscientização é bem-vinda, pois se deseja um tempo de mais delicadeza, com interações prazerosas em que se atente para evitar toda forma de preconceito na recepção, ou mesmo, olhando por outro viés não menos importante, para a necessidade de buscar a palavra certa, sem eufemismos ou disfarces, ao declarar a indignação ou acusar a injustiça. Entretanto, tal cuidado tem levado a ações e avaliações extremas, em que a linguagem passa por um escrutínio severo que pode mesmo engessá-la, dificultando manifestações espontâneas e criativas e diminuindo suas possibilidades de significar. Trata-se do que é chamado “politicamente correto”. Ora, sabe-se que a literatura é arte, e como tal não pode sofrer censura. O lugar da arte é o lugar da liberdade, e o seu caráter mais estável permite que aquilo notado como impróprio em um contexto seja aplaudido mais adiante, ou vice-versa. No intento de discutir essa questão, este trabalho apresenta o caso da escritora escocesa Helen Bannerman, cuja obra “The Story of Little Black Sambo” alcançou um sucesso inesperado, tendo depois sido banida de listas de livros aconselhados para crianças, sob acusação de racismo. Tal julgamento levou o filho da autora a afirmar, após a morte de sua mãe, que ela teria

rasgado seu texto se pudesse imaginar que ele poderia causar tristeza a alguma criança. O trabalho vai contextualizar a autora, discutindo quais as possibilidades de uma mulher, na sua situação, ter outra visão de mundo que não fosse colonialista. Mostra também as modificações pelas quais um texto passa em sucessivas edições, fazendo uma ponte com a tradução, que necessariamente altera a obra original, levando os tradutores a um sentimento conflitante entre o respeito à obra alheia e os limites de sua liberdade na co-autoria do texto traduzido, uma vez que as decisões tomadas no fazer tradutório teriam por pressuposto o universo axiológico do tradutor. Eis aqui um problema de natureza ética: os critérios adotados para se garantir, com fidedignidade, a originalidade das ideias a serem (re)tomadas pelos tradutores que enfrentam a tomada de decisão relativa aos valores e convicções que desenham uma “nova” e, ao mesmo tempo, “antiga” obra. No caso em foco, o estudo discute as implicações legais e éticas resultantes das transformações do texto feitas na língua original, e que levaram o sucesso de Helen Bannerman à sua pena.

Palavras-chave: politicamente (in)correto, arte, modificação, ética

19

DIÁLOGOS BRASIL-FRANÇA: TRADIÇÃO E RENOVAÇÃO

Maria Cláudia Rodrigues Alves (UNESP)

Márcia Valéria Martinez de Aguiar (UNIFESP)

Valter César Pinheiro (UFS)

Resumo: Nos anos 1990, em palestra proferida no Nupebraf - Núcleo de Pesquisa Brasil-França, do IEA-USP, o Professor Milton Santos declarou que em todo encontro entre intelectuais o mais importante é “o lampejo”, a faísca, a ideia de uma colaboração (o mais das vezes, nos bastidores de um congresso, entre duas caipirinhas...). Evidentemente, o professor referia-se a um contato presencial, como os de Jorge Amado com Jean-Paul Sartre, Glauber Rocha com Godard, Oscar Niemeyer com Le Corbusier. Cremos, no entanto, que esse “lampejo” possa ser produzido por relações intermediadas pela leitura, pela apreciação de um quadro, pela audição de uma melodia e, uma vez provocada a faísca, a produção cultural e/ou científica dos envolvidos nunca mais será a mesma. Cria-se assim, espontaneamente, uma rede de afinidades reveladas nas obras dos artistas e cientistas atingidos por esse “lampejo”. Nesse sentido, as *Cartas chilenas*, que inequivocamente dialogam com as *Lettres persanes* de Montesquieu, revelam o encontro de Tomás Antônio Gonzaga com o autor francês; a epígrafe de *Feliz Ano Novo* desvela, às margens do texto, o diálogo entre Rubem Fonseca e François Villon; e as vozes que Rodrigo de Souza Leão escuta fazem de Baudelaire e Rimbaud personagens de *Todos os cachorros são azuis*. Nas obras sinfônicas de Glauco Velasquez, Alberto Nepomuceno e Villa-Lobos deparamo-nos com composições em francês. Gonçalves Dias avança sua tempestade nos passos

dos *djinns* de Victor Hugo e Castro Alves transforma a criança loira do poeta francês em filho de escravos. Quando os românticos brasileiros entram em contato com os franceses, percebem, num misto de admiração e rejeição, que ali está um bom modelo a ser seguido na busca de uma identidade nacional. Estes são apenas alguns exemplos de lampejos entre a cultura brasileira e a de expressão francesa, pois os laços que nos unem à França já duram cinco séculos. A despeito da inexistência de colonização francesa em nossas paragens (a França Equinocial e a França Antártica tiveram vida efêmera), o peso da presença francesa na formação do que denominamos “brasilidade” constitui, para historiadores, literatos e críticos de arte, um campo de estudos inesgotável.

No âmbito universitário, o comparatismo franco-brasileiro, estimulado em seus primórdios pelo Prof. Antonio Candido de Mello e Souza e consolidado na década de 1970 por inúmeros pesquisadores pelo Brasil, vem evoluindo a grandes passos e tem-se revelado um terreno fértil para estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento, legitimado e amplamente divulgado, no último decênio, nos eventos acadêmicos e culturais referentes aos anos do Brasil na França (2005) e da França no Brasil (2009), por exemplo. A relação cultural entre as duas nações, examinada por escritores e intelectuais dos dois lados do Atlântico há mais de dois séculos, ainda instiga e encanta, sendo reiteradamente revigorada e legitimada em ações culturais aquém e além-mar: a edição de 2015 do *Salon du Livre* de Paris, que homenageou o Brasil, atestou o dinamismo deste intercâmbio autêntico. É, pois, uma relação de diálogo nos dois sentidos, de fluxos e refluxos, nas palavras de Mario Carelli (1994).

Literatura, cinema, música, arquitetura, artes plásticas, ciências sociais; crítica textual, crítica genética, geocrítica, narratologia, estudos tradutológicos, estudos paratextuais e da intermedialidade: das mais diversas formas de manifestação artísticas e culturais

às mais variadas fundamentações teóricas, este simpósio, transdisciplinar, pretende favorecer a interlocução de pesquisas que tenham por chão comum o estudo do fluxo e refluxo envolvendo as duas culturas: a brasileira e a francesa. Serão igualmente bem-vindas colaborações que abordem a história e a evolução dos estudos comparatistas, que, se originalmente eram calcados nos conceitos de imitação e nos de uma complexa “influência” (mal dissimulando, portanto, um sentimento de delito estético ou de inferioridade), amadureceram, e hoje se configuram no âmbito das relações recíprocas.

Palavras-chave: Relações culturais Brasil-França, Literatura e outras artes, Crítica literária, História da literatura comparada

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

As onze Madame Bovary brasileiras

MÔNICA DOS SANTOS GOMES (UNB), GERMANA HENRIQUES PEREIRA (UNB)

Resumo: Em Paris, meados do século XIX, mais especificamente no ano de 1857, depois de se defender em tribunal das acusações sofridas por produzir um livro que, supostamente, atentava contra a moral e os bons costumes da sociedade francesa da época, Gustave Flaubert publica a sua *Madame Bovary* pela editora Michel Levy. A tentativa de evitar a publicação do romance considerado escandaloso acabou contribuindo para a sua popularização, uma vez que ler o tal livro censurado, escrito por um escritor até então pouco conhecido, se tornou o objetivo dos leitores em geral e publicar suas considerações, comentários e críticas a respeito do livro era um desejo de praticamente todos os críticos literários da época. Considerado um clássico da literatura francesa, o romance em questão ficou conhecido no Brasil desde sua publicação na França, visto que, naquele momento, era comum o domínio da

Língua Francesa por parte da nobreza e dos intelectuais brasileiros. O domínio da Língua Francesa em conjunto com o contexto político de separação da Metrópole (Portugal) foram fatores que contribuíram para que esses intelectuais buscassem na literatura francesa um modelo de forma literária para suas produções, pois, embora desejassem tratar de temáticas nacionais, precisavam de um modelo de escrita consistente para seguir, visto que ainda não possuíam uma tradição literária consolidada. O conhecimento do idioma francês entre os intelectuais e o público leitor da época fez com que o romance tivesse sua primeira tradução brasileira publicada tardiamente somente em meados do século XX (1944), realizada por Eloy Pontes e publicada pela Editora Vecchi. A partir deste momento, foram publicados mais dez retraduições do romance, sendo a última efetuada por Herculano Villas-Boas e disponibilizada em 2014 pela editora Martin Claret, ou seja, o leitor brasileiro, que não tem a oportunidade de realizar a leitura do romance em francês, poderá encontrar onze formas de leitura do texto. Essa vasta produção tradutória do romance francês nos chamou a atenção e nos levou a pensar e, conseqüentemente, a pesquisar sobre as motivações da presença tão significativa desse romance em nossa fortuna literária, levando em consideração não somente o texto original, primeira tradução e retraduições, mas também sua recepção em terras brasileiras, desde sua publicação até a atualidade. Diante dessas breves considerações, podemos verificar que a literatura francesa estava e ainda está presente em nossa fortuna literária. Essa constatação justifica que ainda hoje tenhamos interesse em estudar e pesquisar sobre os traços e as relações que ligam essas duas culturas, sendo assim, o objetivo dessa comunicação é apresentar a primeira tradução e as dez retraduições brasileiras de *Madame Bovary*, demonstrar como se deu a recepção no Brasil desse clássico da literatura francesa e discutir como um texto escrito na França no século XIX ainda é capaz de contribuir e suscitar diversificadas discussões no meio acadêmico brasileiro atualmente.

Palavras-chave: Gustave Flaubert, *Madame Bovary* no Brasil, tradução e recepção, crítica de tradução e literária

O Brasil amoureux de Gilles Lapouge

LAURA TADDEI BRANDINI (UEL)

Resumo: Fundamentais para os diálogos entre as culturas são os mediadores: escritores, tradutores, jornalistas, críticos, professores, editores, livreiros que não só transitam entre culturas, como propiciam os contatos entre elas. Tendo como horizonte as relações literárias entre o Brasil e a França, destacaremos em nossa comunicação o jornalista e escritor francês Gilles Lapouge, correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* desde 1950, que viveu no Brasil durante alguns anos e que continua a frequentá-lo, exercendo o papel de mediador entre as literaturas francesa e brasileira: Lapouge tanto divulgou (e continua divulgando) autores franceses no jornal brasileiro – ele foi um dos primeiros a defender as obras de Roland Barthes nos anos de 1970, por exemplo –, quanto retratou o Brasil em alguns de seus romances e contos publicados na França, como em *Équinoxiales* (1977), *Au revoir l'Amazonie* (2000), *Nuits tranquilles à Belém* (2015), dentre outros. Seu *Dictionnaire amoureux du Brésil* (2011) se situa em algum lugar entre a ficção e a obra de referência, catalográfica, técnica, pois, por um lado, enquanto “dicionário”, deve buscar descrever seu objeto de forma precisa; por outro, essa meta é modalizada pelo adjetivo “amoroso”, que coloca o texto sob o império da sensibilidade e da afetividade do autor em relação a seu objeto. Nesse sentido, a proposta da coleção da editora francesa PLON, que criou os “Dicionários amorosos” de diversos assuntos, oferece a Lapouge terreno fértil à seleção dos temas brasileiros que mais lhe tocam, permitindo-lhe a efabulação de relatos de fatura literária, recobertos pela ambiguidade do formato de verbetes de dicionário. Na presente comunicação, à luz da Imagologia, esse ramo da Literatura Comparada teorizado principalmente por Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux (1988) e por Daniel-Henri Pageaux (1994), analisaremos alguns verbetes do *Dictionnaire amoureux du Brésil* a fim de distinguirmos as imagens do país por ele criadas, interpretando-as criticamente. A fim de nortear nosso trabalho,

procuraremos responder às seguintes questões: quais elementos da fauna, da flora, da topografia e da cultura brasileiras o escritor selecionou para compor seu “dicionário”? O que tal seleção anuncia de antemão? Uma visão estereotipada, curiosa ou que demonstra um grau avançado de conhecimento por parte do escritor? Há uma voz narrativa nos verbetes? Em que medida a obra pode ser lida como um “dicionário” e em que medida o “amoroso” intervém na construção das imagens? Enfim, qual imagem do Brasil predomina no mosaico de pequenas imagens-verbetes afetuosas de Gilles Lapouge?

Palavras-chave: Gilles Lapouge, Imagologia, Relações Brasil-França, Literatura Comparada

Guimarães Rosa e Jean Giono: regionalismo e inovação literária

MÁRCIA VALÉRIA MARTINEZ DE AGUIAR (UNIFESP)

Resumo: Em sua teoria da recepção, Jauss considera que uma obra só se atualiza através das leituras que dela se fazem, o que exige que se tente discernir as diferentes interpretações que suscitou, particularmente no momento de seu lançamento. Essas interpretações, contudo, não são simples impressões subjetivas: feitas a partir das expectativas de um público no âmbito de certa cultura, elas se efetuam no universo de suas tradições literárias, que a própria obra, enquanto “tecido novo de citações, oriundas dos mil focos da cultura”, como explica Barthes, irá reafirmar ou contestar. Essa reflexão vale também para a recepção das obras traduzidas. No Brasil, Guimarães Rosa é imediatamente reconhecido por críticos como Álvaro Lins, Antonio Candido, Augusto de Campos, seduzidos por uma escrita que soubera escapar ao regionalismo então em voga lançando justamente mão da geografia, da fauna e da flora, da história e do imaginário de uma região, o sertão. Essa universalidade é conseguida por uma escrita singular, cujos “grandes conteúdos”, como observa Augusto de Campos, “se resolvem não só através da, mas na linguagem.” A universalidade e a inovação da linguagem de Guimarães Rosa são reconhecidas também na França,

nas críticas que sucederam as traduções de *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas* nos anos 1960. Javier Domingo, em seu prefácio a *Buriti*, assinala que a unidade de um livro tão vasto quanto *Corpo de baile* não reside no sertão, seu protagonista principal, mas em “uma certa concepção da escrita”, em uma língua que não é “uma roupagem, um ornamento, mas a expressão, necessária em todos os seus detalhes, de uma contemplação interior”. Para compreender essa escrita, muitos críticos comparam Guimarães Rosa ao escritor provençal Jean Giono. Nesta comunicação gostaríamos de comentar esse paralelo estabelecido entre os dois autores, a fim de poder desenhar com mais nitidez o horizonte literário que acolheu Guimarães Rosa na França dos anos 1960.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, recepção, tradução, Jean Giono

A recepção do gênero épico no século XIX: uma leitura da *Farsália* de Lucano, por Álvares de Azevedo

NATÁLIA GONÇALVES DE SOUZA SANTOS (USP)

Resumo: Essa comunicação pretende analisar “*Lucano*”, um dos quatro ensaios críticos escritos por Álvares de Azevedo, no qual ele debate a obra principal desse escritor latino: a *Farsália*, poema épico composto em meados do século I. Ao se inserir em uma polêmica secular quanto à classificação dessa epopeia como obra de História ou de Literatura, Azevedo tem a oportunidade de questionar os critérios para o julgamento dos gêneros literários e as fronteiras fixadas entre eles. Para tanto, ele alude, entre outras, às opiniões de Voltaire contidas no *Essai sur la poésie épique*, um estudo do século XVIII que conservava sua relevância para a discussão desse gênero e que referendava alguns juízos consolidados pela tradição crítica antiga como, por exemplo, a ideia de que Lucano seria mais historiador que poeta. Para Azevedo, que considera a narrativa sobre a guerra civil entre Pompeu e César (49 – 48 a. C.) como obra na qual se encontra a poesia, seus opositores, entre eles o célebre pensador francês, são “pobres críticos”, cujo cérebro é

“sem vida e sem criação”. O ensaio se encerra por meio de comparações entre a Farsália e obras modernas, notadamente as do século XIX que apresentam, de uma certa forma, caráter similar à obra de Lucano. Essa similaridade provém, entre outras questões, do fato de elas tratarem registros históricos por meio de uma linguagem arrebatada, aproximando a história da literatura, ou, de outra maneira, providenciando uma interpretação desses registros. Tal é o caso dos Girondinos, de Lamartine ou da “epopeia lírica” de Edgar Quinet sobre Napoleão Bonaparte. A eleição desses escritos deixa entrever que, para Azevedo, o estabelecimento de um critério rígido que classifique as obras parece ser de somenos importância, já que a própria Farsália se torna sublime à medida em que é “uma crônica” e “ao mesmo tempo um poema”. Essas últimas considerações transportam a discussão para um cenário moderno, apontando para as novas propostas de composição do gênero épico que circulavam no século XIX como, por exemplo, as intentadas por Edgar Quinet em seu estudo “Des poètes épiques”, publicado na Revue des deux mondes, entre 1836 e 1837. Álvares de Azevedo parece dialogar com Quinet não apenas por intermédio de citações presentes ao longo de sua obra ensaística, mas por debater uma epopeia que rompe com os padrões canônicos, ao tematizar e problematizar um assunto recente da história romana, sem a presença do panteão greco-latino. Para Quinet, coincidentemente, o épico contemporâneo deve debruçar-se sobre a história contemporânea, dando vazão às contradições dessa conjuntura. A partir desse debate com os autores franceses, Álvares de Azevedo divulga entre seus pares uma outra proposta para a execução do gênero épico, contrapondo-se àquela que ainda era praticada no Brasil e que remontava aos neoclássicos mineiros. Nesse sentido, à luz dos debates críticos que circulavam no século XIX, essa comunicação tem por fim evidenciar os objetivos maiores do projeto crítico de Azevedo também presentes na análise dessa epopeia: os de refletir sobre caminhos diversificados para a nascente literatura brasileira.

Palavras-chave: Álvares de Azevedo, Lucano, Gênero épico, Romantismo

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Diálogo em forma de Poetry Slam: Aubervilliers (Paris) e Cooperifa (SP)

CLAUDIA DE AZEVEDO MIRANDA (PUC-RIO)

Resumo: Esta comunicação pretende fazer um desdobramento do encontro e diálogo entre representantes de duas periferias que tem o Hip Hop (rap) como referência discursiva: Aubervilliers, uma banlieue de Paris, e a zona sul - periferia de São Paulo. A poesia falada nos bares, em desafios do poetry slam, ou nos saraus paulistas, onde as vozes subalternas oriundas das periferias das cidades/ metrópoles se expressam sem a mediação de intelectuais ou agenciadores culturais. Intervenção no espaço urbano e utilização de dispositivos informacionais digitais - que funcionam como amplificadores de seus territórios, criando fraturas em paradigmas canônicos da produção cultural. Uma produção literária que questiona padrões e cria novos olhares sobre a cidade. Sob a inspiração de Jacques Rancière, discute-se como o regime estético da arte acontece na periferia, originando um novo movimento de partilha do sensível: da periferia para a própria periferia, em que os saraus e os slams funcionam como espaços agenciadores ou catalizadores desta partilha. Os produtores culturais emergentes da periferia como o slameur Hocine Ben que representa a história dos imigrantes argelinos, mesclada à história de Paris e os novos horizontes que alguns franceses filhos de imigrantes, excluídos, encontram na produção cultural, em seu e a possibilidade de visibilidade. Para o poeta, o objetivo de seu trabalho é voltar o olhar das pessoas para este lado da cidade, através de seu ofício. Com relação ao Brasil, o movimento da Cooperifa demonstra através das performances do poeta Sérgio Vaz e do escritor Ferrez, a existência de um movimento semelhante ao francês, onde estes autores se transformam em produtores de suas próprias narrativas, muitas vezes

autobiográficas, literárias ou midiáticas, propondo uma subversão das estruturas de controle das classes dominantes sobre o imaginário da cidade. Ao tratar da periferia de Paris em diálogo sistemático com a periferia de São Paulo, surge a suspeita da existência de outras conexões cruzadas, semelhantes, sugerindo a existência de convergências periféricas. Neste sentido, estes autores, mediados pelos processos de produção e distribuição controlados não pelas leis de mercado, mas por redes abertas de comunicação, passam a ocupar a cena da produção literária de forma transversal, possibilitando a criação de novas redes de identidade global a partir da elasticidade das fronteiras territoriais da web. A partir desta constatação foi desenvolvido o conceito de amplificante, para os circuitos amplificadores das vozes subalternas, que ora se dão num campo físico como espaços bioamplificantes, ora no ciberespaço, como espaços ciberamplificantes.

Palavras-chave: poetry slam, Cooperifa, literatura periférica, vozes subalternas

Murilo Mendes e os poetas-críticos franceses

EDUARDO DE OLIVEIRA MAGALHÃES (UFRJ)

Resumo: Em 1957 Murilo Mendes transfere-se para Roma, para assumir o cargo de professor de Literatura Brasileira na Universidade de Roma. A partir de então, como já apontado em sua fortuna crítica, intensifica-se consideravelmente seu trabalho como crítico de arte. É claro que, tendo vivido a partir de então dezoito anos na cidade italiana, estabeleceu com a Itália e seus artistas uma forte relação. No entanto, o que pouco se destaca é o fato de que, anterior ao advento de Roma, Murilo é um erudito de formação predominantemente francesa. Este trabalho busca então estabelecer um diálogo entre a tradição e os movimentos de vanguarda franceses com a obra de Murilo Mendes, mas com enfoque na crítica de arte de poetas franceses (como Baudelaire, Apollinaire, Char, Mallarmé, Aragon) com os escritos sobre arte murilianos. É certo que, assim como Aragon recusava ser chamado de crítico de arte, Murilo

também não era considerado um crítico de arte sistemático, um crítico de profissão, digamos assim. Era antes um “crítico amador”, no dizer do respeitado Mário Pedrosa (a quem Murilo dedica com profunda amizade sua “Invenção do finito”, referindo-se a ele como “crítico criador”). Este trabalho, por fim, busca pensar também de que maneira a força imagética desses poetas-críticos podem funcionar como uma força motriz para a forma como eles enxergam a arte e, portanto, a forma como eles concebem a escritura crítica.

Palavras-chave: Murilo Mendes, Poetas-críticos, Brasil-França, Imagem

Alberto Nepomuceno e as canções francesas: comentários sobre “Il flotte dans l’air”, peça para piano e voz com texto de Henri Piazza

VALTER CÉSAR PINHEIRO (UFS), ALINE SOARES ARAÚJO (UFS)

Resumo: Na esfera da música dita erudita, as relações franco-brasileiras são um campo fértil para os pesquisadores. Do lado de lá do Atlântico, mais frequentes são os estudos que têm por objeto a música popular brasileira. Do lado de cá, não obstante o fato de muitos musicólogos destacarem, como o faz amiúde Manoel Corrêa do Lago, o quanto nossos compositores conheciam a música francesa (fala-se de influência – até excessiva, como dizia Darius Milhaud – da música francesa no Brasil), estudos que tenham por alvo a conexão entre nossa música erudita e a poesia francesa (ou melhor, escrita em francês, redigida ou não por escritores de nacionalidade francesa) são quase inexistentes. Do significativo número de compositores brasileiros que escreveram peças musicais francesas, sobressai Alberto Nepomuceno (1884-1920). Considerado por muitos o “Pai da Canção Brasileira”, Nepomuceno era um profundo conhecedor das obras de César Franck, Camille Saint-Saëns, de quem regeu várias peças, e Claude Debussy (tendo assistido à estreia de “Prélude à l’après-midi d’un faune”, marco do impressionismo musical). De suas obras sobre textos em língua francesa, em que avultam nomes como Maurice Maeterlinck e Jacques d’Avray, pseudônimo de Freitas Valle, ressaltam-se as quatro peças criadas sobre poemas de Henri Piazza (1861-1929), famoso editor francês de

livros de luxo: “Les yeux élus”, “Au jardin des rêves”, “Le miroir d’or” e “Il flotte dans l’air”. Nesta comunicação, intenta-se apresentar alguns aspectos composicionais de “Il flotte dans l’air” – peça para voz e piano que, escrita na “fase parisiense” do autor (1894-1895), foi executada pela primeira vez em agosto de 1895 no Instituto Nacional de Música pelo próprio compositor (piano) e por Carlos de Carvalho (canto) –, privilegiando, na análise, a conexão entre a poesia e a música.

Palavras-chave: Relações culturais Brasil-França, Alberto Nepomuceno, Canções francesas, Música brasileira

Manoel de Barros e o Surrealismo

SUZEL DOMINI DOS SANTOS (UNESP/SJRP)

Resumo: Manoel de Barros, poeta que surgiu no cenário da poesia brasileira em 1937, e que hoje conta com o reconhecimento do público e da crítica, tem no uso repetitivo da imagem poética e da metalinguagem o ponto de força de sua obra. A linguagem construída por Barros singulariza-se pelo enlaçamento tensional entre as composições imagéticas e a reflexão crítica acerca da própria poesia, ou seja, esta linguagem mostra-se um universo figurativamente denso perpassado de ideias. Na medida em que o poeta faz da poesia o principal objeto temático de seus escritos, podemos entendê-lo como um herdeiro direto da modernidade lírica, haja vista que a preocupação incisiva com os aspectos formais da criação evidencia a busca por cravar uma assinatura poética particular em meio à tradição. Ao concretizar, no plano da linguagem, um projeto estético original, na cadência em que estabelece diálogos críticos com autores modernos fundamentais (como, por exemplo, Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé e Arthur Rimbaud), Barros pode ser lido pelo viés de uma tradição poética que busca a ruptura. Entre as muitas referências estéticas que aparecem em sua poesia – referências que acabam por constituir uma tradição que o poeta constrói para si –, notamos o Surrealismo, movimento artístico de vanguarda que eclodiu na França, na primeira metade do século XX, e se espalhou por outros pontos do território europeu.

O tecido imagético que caracteriza a poesia de Barros apresenta um aspecto estranho, uma vez que o poeta resgata, como princípio de base da construção da imagem, um princípio do qual lançaram mão os surrealistas: a fusão de realidades dissonantes entre si atrelada à coordenação de imagens descontínuas. Por conta disso, sua poesia manifesta-se como um universo de aspecto onírico, supra-real. Nesse universo, encontramos seres e objetos que, colhidos no âmbito do mundo concreto por um olhar sensível e perspicaz, são transfigurados pelo exercício poético. Promovendo uma organização sintática que desafia as regras da gramática normativa, em conjunto com uma organização semântica que, por sua vez, desafia a lógica convencional, o poeta reinventa as coisas que compõem o mundo. Nesse sentido, ao lermos seus poemas, deparamo-nos com composições imagéticas que nos desestabilizam porque desmontam as referências habituais, porque nos apresentam elementos familiares sob perspectivas imprevistas. Assim como os surrealistas, Manoel de Barros constrói imagens insólitas com o propósito de provocar o efeito de choque ou de estranhamento, visando um redirecionamento da percepção humana. Esse processo de desreferencialização da linguagem leva-nos a enxergar as coisas que compõem o mundo por um prisma diverso, como se as víssemos pela primeira vez.

Palavras-chave: Manoel de Barros, Surrealismo, Imagem poética, Modernidade

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Proposições teatrais francesas no drama romântico brasileiro

GIOVANNA GOBBI ALVES ARAUJO (USP)

Resumo: A reputação literária de Antônio Frederico de Castro Alves se firmou no século XIX, essencialmente, a partir das contribuições

poéticas publicadas em periódicos acadêmicos e jornais de considerável circulação e, sobretudo, das récitas nos teatros de Salvador, Recife e São Paulo entre 1866 e 1868, ao integrarem a programação teatral dessas capitais, como comprovam os anúncios na imprensa da época. O teatro figurava em sua prática literária tanto nos mecanismos técnicos de cunho dramático empregados na mobilização do pathos, quanto em seu meio social de veiculação e recepção. No período mais intenso de sua produção teatral, o predomínio do drama romântico já havia se atenuado e o repertório teatral transitava em direção à dramaturgia realista, ao mesmo tempo que vivenciava o alargamento do teatro cômico a novas modalidades. Assim, a atuação de Castro Alves – enquanto poeta e dramaturgo – no meio teatral, em associação à convivência e à parceria artística com a atriz portuguesa Eugênia Câmara, possibilitou-lhe não apenas aprofundar o conhecimento das técnicas dramáticas disponíveis, como também estar a par das tendências teatrais de seu tempo, que abrangiam desde os dramas e melodramas franceses às comédias realistas, fantasias, operetas e vaudevilles. A partir das proposições teatrais de autores franceses, mais especificamente de Victor Hugo, o poeta baiano constituiu uma concepção de arte dramática assentada na sublimidade da fusão entre opostos, que mimetiza o movimento criativo da natureza. A adoção do drama romântico em sua vertente histórica, a partir do modelo do melodrama hugoano e dos preceitos literários do Prefácio de Cromwell, permitiu ao autor brasileiro a liberdade composicional de explorar uma abertura de forma *tout-en-un* e transitar entre gêneros dramáticos distintos. Sendo assim, veremos no exemplo de Gonzaga ou a Revolução de Minas a alternância entre os gêneros trágico e cômico, no cerne da qual encontram-se aspectos da *tromperie farsesca* e da ironia zombadora da comédia clássica. Tais soluções dramáticas empregadas por Castro Alves atuam no sentido de promover a interrupção da sobrecarga dramática e recobrar a atenção do público para o desdobramento da ação, em meio ao escalonamento da complicação

do enredo. Filiando-se à tradição do drama romântico herdada de Victor Hugo, Castro Alves acomoda, lado a lado, as tradições melodramática, cômica e trágica na urdidura de seu texto dramático. Talvez fosse por essa razão que Castro Alves afirmara que sua obra precisaria de uma plateia ilustrada, para reconhecer os esforços literários empregados, ainda que fora de seu prazo estético. Os conceitos de justiça e humanidade legados ao drama romântico pelo melodrama clássico e os arroubos sentimentais frequentes aos palcos oitocentistas, fundamentam o teatro castroalvino em composições deliberadamente híbridas. Assim, Com base nos estudos de Henri Bergson, Vladímir Propp e Décio de Almeida Prado, propomos para essa comunicação a análise de algumas passagens cômicas no drama abolicionista Gonzaga ou a Revolução de Minas, numa reflexão sobre a aclimação de princípios teatrais franceses à matéria histórica brasileira.

Palavras-chave: drama romântico, Castro Alves, Victor Hugo

Intercâmbio epistolar entre Rubem Fonseca e seu tradutor francês

MARIA CLÁUDIA RODRIGUES ALVES (UNESP)

Resumo: Todo paratexto de uma obra consiste em um elemento esclarecedor de sua gênese e de sua recepção. Em estudo realizado sobre a recepção da obra de Rubem Fonseca traduzida para o francês, tivemos acesso a diversos documentos íntimos, sobretudo a parte da correspondência trocada entre o autor brasileiro e seu mais constante tradutor francês, Philippe Billé. Por meio desse material, cedido a nós por Philippe Billé, pode-se reconstituir parte da história das traduções dos romances de Rubem Fonseca na França, sobretudo das traduções de *A grande arte*, Bufo & Spallanzani e *Agosto*. Também se pode encontrar, nas palavras do próprio autor brasileiro, indícios de como outras traduções para outras línguas foram tratadas. As duas primeiras cartas de Rubem Fonseca a Philippe Billé por nós apresentadas são respostas do primeiro ao segundo e marcam o início da correspondência entre autor e tradutor. Fonseca confessa seu pouco domínio da língua francesa

e satisfação com as traduções dos contos enviadas por Billé. Revela-nos ainda como vinham ocorrendo as traduções de A grande arte para o espanhol e para o inglês. Já nos primeiros parágrafos Rubem Fonseca revela a relação que mantém com seus tradutores e a importância que dá às traduções de suas obras, assim como o controle que mantém sobre essas traduções quando conhece a língua estrangeira, como o inglês e espanhol. Quanto ao francês, o brasileiro confessa não dominar a língua a ponto de poder ser tão presente junto a seu tradutor, mas elogia o ritmo que esse último deu ao texto e admite ter lido com prazer a amostra enviada por Billé. Descobrimos, entretanto, que as incertezas tradutórias subsequentes, enviadas pelo tradutor ao autor, em forma de lista, são em sua maioria de ordem cultural, e que Fonseca, com muita paciência, esclarece minuciosamente as dúvidas de Billé. Trata-se de um material original e de muito interesse para os estudiosos da tradução e dos estudos paratextuais, que buscaremos dar a público por meio de nosso levantamento e análise.

Palavras-chave: estudos paratextuais, intercâmbio epistolar, estudos de tradução, Rubem Fonseca

Diálogos dramáticos: Gonçalves Dias e o drama hugoano

GISELE GEMMI CHIARI (USP)

Resumo: Como o Prólogo de Leonor de Mendonça (1847) de Gonçalves Dias revela, a obra gonçalvina dialoga com os preceitos do drama expostos por Victor Hugo no famoso Prefácio de Cromwell e também nos prólogos dos dramas Maria Tudor, Angelo e Ruy Blás. Dessa forma, propõe-se refletir em que medida a proposta estética aventada por Victor Hugo foi perfilhada por Gonçalves Dias. No prólogo de Ruy Blás, por exemplo, Victor Hugo esclarece por que razão a significação histórica é importante para essa peça. No teatro histórico de Victor Hugo, os enredos sempre fazem um paralelo com a França coetânea, como também o faz Gonçalves Dias, relacionando o fato histórico abordado ao período da escrita no contexto brasileiro. Nesse sentido, a partir

de 1830, as obras dramáticas de Hugo passam a privilegiar o tema das injustiças sociais como as advindas das diferenças entre os privilégios da nobreza e a desqualificação dos nascidos nas classes humildes. Em Angelo, por exemplo, além da questão da diferença social, ele agrega a da injustiça entre os sexos, propostas retomadas por Dias em Leonor de Mendonça. Para esses autores, o dramaturgo deveria expor os problemas da sociedade velados pelas convenções e coerções sociais. Outrossim, a necessidade de introduzir o grotesco na estética do drama, e da literatura em geral, também foi adotada por Dias como atesta o Prólogo à Leonor de Mendonça. Vale ressaltar, porém, que a proposta de Hugo não é abordada por Dias apenas com a inserção da cena na casa de Alcoforado, trecho em que a mistura de gêneros fica mais explícita. Ambos os dramaturgos esforçam-se por apresentar caracteres que compreendam aspectos do trágico e do cômico: as rainhas e duquesas são cômicas e trágicas, assim como os lacaios e os jovens cavaleiros também o são porque expõem toda a sublimidade de seus sentimentos e toda a “comicidade” do seu cotidiano. As personagens do domínio da tragédia expõem os mesmos sentimentos que os do âmbito da comédia e vice-versa. Por fim, vale observar que embora haja muitas semelhanças com os dramas de Hugo, Leonor de Mendonça não se confunde com um simples arremedo e as diferenças operadas pelo dramaturgo brasileiro garantem a qualidade e a originalidade de sua produção. Conforme as observações acima, é possível sugerir que Dias estava a par de grande parte da produção do mestre francês, e, imbuído dos postulados do drama hugoano, criou a sua obra prima. No entanto, a composição de Victor Hugo é mais complexa abrangendo um número maior de personagens secundárias, subenredos, reconhecimentos, envenenamentos e outros elementos que a aproximam do melodrama. É preciso observar que Victor Hugo compreende o entretenimento como elemento inerente ao drama, pois além de divertir a multidão, colabora para desenvolver a própria obra tornando-a mais humana e, assim mais persuasiva. Já a concisão de cunho clássico observada na

ação dramática da obra gonçalvina, a qual colabora para o delineamento das personagens e o avultamento do pathos, bem como para o desfecho trágico, a dissociam dos clichês do melodrama salvaguardando a sua modernidade.

Palavras-chave: Literatura Comparada, Romantismo, Victor Hugo, Gonçalves Dias

As encruzilhadas de Cornélio Penna e Georges Bernanos

CÁSSIO OLIVEIRA LIGNANI (IFMG)

Resumo: Este trabalho pretende aproximar as obras *Diário de um Pároco de Aldeia* (1936), do escritor francês George Bernanos, e *Fronteira* (1935), do escritor brasileiro Cornélio Penna. Ambos os autores compartilham uma inclinação pelo romance psicológico, que envolve conflitos existenciais e questões religiosas, mas não sob um viés doutrinante, como insiste a crítica reducionista ao classificá-los como escritores católicos. A religião, embora acompanhe a criação literária de Cornélio Penna e Bernanos, é um meio para buscar o encontro autêntico com o universo metafísico e sobrenatural, por isso os tópicos religiosos e sagrados de suas obras não podem ser considerados desvinculados dos questionamentos profanos, tampouco sobrepostos a estes. Para pensar a trajetória imaginária de seus personagens é necessário buscar a constituição de um sentido de vida, que envolve dúvida, incerteza e, principalmente, as encruzilhadas da alma. Nesse sentido, perpassar pelas questões religiosas significa propor com maior intensidade a aventura sobrenatural. *Fronteira* e *Diário de um Pároco de Aldeia* apresentariam um existencialismo cristão – trágico –, distante da verdade religiosa que ilumina as vidas com seus exemplos de fé, mas próximo do signo da contradição, da dúvida frente ao mistério e da inquietação provocada pela situação do mundo moderno. Desse ponto originário, tem-se a “experiência existencial fundamental”, que seria a gênese do caos e da ordem, de um destino satânico ou divino, encruzilhadas que se revelam nas obras de Bernanos e de Cornélio

Penna. Compreender esse tema como um argumento recorrente e incandescente nos romances de ambos os autores é crucial, uma vez que, além de desencadear os acontecimentos e as reflexões dos personagens, configura, sobretudo nas obras que evocam a crença religiosa, um conflito irreduzível, que pode pressupor uma existência insatisfatória e o aumento do niilismo. Os problemas teológicos evidenciam-se no estado psicológico dos personagens, um estado alheio e fragmentado, entregue a distrações, e submetido a uma ausência de sentido que torna a vida injustificável e insignificante, origem manifesta da destruição da humanidade. Essa falta de sentido não pode ser analisada se não se considera a decadência da experiência. Quando o cotidiano se torna carente de experiências comunicáveis, vive-se o princípio de uma realidade entediante que pode ser analisada como um problema relevante para compreender a narrativa de 1930. Dessa forma, pensar as encruzilhadas da alma e as insuficiências da existência é uma maneira de abordar e aprofundar a leitura das obras de Bernanos e Cornélio Penna, autores que viveram à mesma época, e cujas obras, em interlocução, ampliam-se na reflexão sobre um mundo diáfano e sem mistério, carente de sentido e falho em sua transmissão.

Palavras-chave: George Bernanos, Cornélio Penna, Literatura e Religião, Romance de 1930

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

A presença da crítica literária francesa em Machado de Assis

DAYANE MUSSULINI (UNESP)

Resumo: A intertextualidade, uma das marcas possíveis na produção machadiana, foi, a priori, lida por alguns de seus contemporâneos, através do olhar crítico de Sílvio Romero, como “macaqueação” de escritores europeus. A partir de Alcides Maya, contudo, os intertextos

estrangeiros estabelecidos por Machado de Assis em suas obras passam a ser vistos de maneira positiva, embora ainda fossem denominados de “fontes” e “influências” e recaíssem, sobretudo, na comparação com a literatura inglesa. É só na segunda metade do século XX que Antonio Candido e Alfredo Bosi chamam a atenção do público leitor para a presença francesa existente nos textos machadianos. Com isso, e também graças aos estudos comparatistas mais recentes, esses intertextos estrangeiros foram notados com mais cuidado, para além das aparências que indicassem uma simples erudição. No caso de Machado de Assis, eles refletem não apenas a abundância de suas leituras e a complexidade da construção de seu pensamento, como também auxiliam na compreensão de suas obras e revelam muito de seu processo de criação literária e crítica, além de colocar em cena a circulação de ideias e costumes franceses na corte brasileira oitocentista. Desse modo, a cultura francesa aparece como item constante na produção do autor fluminense e, muitas vezes, funciona como instrumento chave para a sua leitura. É o que observamos, por exemplo, em seus artigos de crítica literária que, desde o princípio, dialogam com a crítica e a literatura francesas, ao mesmo tempo em que indicam uma reflexão complexa e contínua a respeito da escrita literária e crítica no Brasil. Nesse sentido, notamos que Machado de Assis buscava, em outros autores, modelos que lhe permitissem a elaboração de um ideal próprio de escritura crítica. Como naquela época o território brasileiro não contava com uma crítica literária consolidada, embora fosse bastante praticada nos periódicos locais, o escritor fluminense consultava obras de críticos, sobretudo franceses e ingleses, para pensar na sua própria escrita, bem como na literatura brasileira de maneira ampla. É importante relembrar que esses artigos são frutos de suas colaborações na imprensa periódica, publicados em livros apenas postumamente. Esse indício nos fornece, portanto, matéria para discutir qual o seu posicionamento frente ao amadurecimento da literatura nacional, cuja ausência de uma crítica engajada, segundo ele próprio,

era um de seus principais desafios. Pretendemos, então, mostrar como esses textos críticos tecem a constante reflexão de Machado de Assis acerca do fazer crítico e literário no Brasil, na medida em que é possível reconhecer a importância de autores franceses como Madame de Staël, Eugène Pelletan, Sainte-Beuve e Louis Etienne na construção de sua escritura crítica.

Palavras-chave: Machado de Assis, crítica literária, literatura comparada - francesa e brasileira

Gonzaga Duque, leitor dos irmãos Goncourt

NORMA WIMMER (UNESP)

Resumo: Em 1899, o escritor brasileiro Gonzaga Duque publica o romance de artistas *Mocidade morta*, com duplo objetivo: desenvolver reflexões acerca da produção brasileira de artes plásticas do final do século XIX e oferecer, através da representação das personagens, um retrato da boêmia carioca da época, buscando associá-la aos movimentos artísticos que se desencadeavam na França. O livro relata, portanto, os anseios estéticos e o destino de alguns artistas, sua pretensão de subverter a arte oficial e, finalmente, o insucesso do empreendimento. Para a composição da obra, Gonzaga Duque, também crítico de arte, lança mão de suas ideias acerca da produção artística brasileira de seu tempo e evidencia grande entusiasmo pelas telas dos pintores impressionistas franceses. Sob a perspectiva propriamente literária, o texto produzido no Brasil remete a *Manette Salomon* (1867), dos irmãos Goncourt, a *À rebours*, de Huysmans (1884) e a *L'oeuvre* (1886), de Zola - romances de e sobre artistas. Edmond e Jules de Goncourt registram, em 1861, em seu diário, ideias sobre a origem da criação literária e sobre sua intenção de redigir um romance com a temática da vida de artistas. Assim, à maneira dos naturalistas, teriam recolhido notas em Fontainebleau, em 1863 e 1864; depois, teriam visitado o Jardim des Plantes e a Sinagoga da rua Lamartine, etc.,. Inicialmente, o romance deveria intitular-se *L'atelier Langibout*, mas

acabou recebendo, como a maioria dos romances dos dois autores, o nome da protagonista. A intriga gira em torno do pintor Coriolis e de seu modelo, Manette, a mulher pela qual ele se apaixona; a partir daí gera-se o conflito entre a vida e a arte, entre pulsão artística e erótica. Manette transforma-se, de modelo e amante, em esposa tirânica. Neste sentido, a história de Coriolis pode ser lida como manifesto contra a perda do poder de criação em decorrência da dominação doméstica. Como de maneira geral ocorre nos “romances de artistas”, Coriolis ambiciona a realização de uma obra total, passível de concretizar seu desejo de absoluto fundido com a essência luminosa dos objetos - ambição impossível, que destrói o personagem. A história deste fracasso estético residiria também sobre um fator histórico: o texto, assim como ocorre com *Mocidade morta*, quer-se um romance e uma crônica de arte do século XIX e, no caso dos irmãos Goncourt, caracteriza-se por certa confirmação dos valores românticos, não substituídos então por outra tendência estética. A paisagem ainda não alcançara sua consagração; o orientalismo perdia espaço. Ingres e Delacroix são os grandes mestres. A referência concreta a uma dada época permite que os romancistas, nos dois casos, associem, em sua ficção, nomes reais de artistas de épocas anteriores a outros, contemporâneos, ou a criações meramente fantasiosas. O objetivo da comunicação a ser apresentada é o de situar, através do método comparativo, semelhanças e diferenças na composição do texto de Gonzaga Duque e no dos irmãos Goncourt.

Palavras-chave: Gonzaga Duque, Irmãos Goncourt, romance de artistas, estética comparada

Paisagens da Memória (entre Brasil - França)

MARIA LUIZA BERWANGER DA SILVA (UFRGS)

Resumo: “ A Influência francesa foi benéfica (...) , aquela que mais nos equilibra , aquela que mais nos permite o exercício de nossa verdade psicológica nacional, aquela que menos nos exige a desistência de nós mesmos “. Tomando como ponto de partida esta reflexão de Mario

de Andrade apresentada no *Jornal Diário da Manhã* de Recife, de 16 de abril de 1936, considerada como eixo nuclear das relações Brasil-França e França-Brasil, este estudo examinará a eficácia dos modos e formas de representações estabelecidas com a alteridade francesa, no sentido de efetuar a leitura simbólica dessa textualidade do outro para a poesia brasileira, do Modernismo à Contemporaneidade. Com base na demarcação desse diálogo, pode-se perceber com evidência a composição de dois conjuntos de figurações singulares do estrangeiro, os quais emergem tanto de uma palavra de natureza confessa, observada ao nível de citações, epígrafes e versos de homenagem que celebram a produção francesa, quanto tornam possível verificar a presença incontestável de um outro conjunto, esse de natureza inconfessa, mas que se faz mediador de traços e vestígios da tentativa de poetas brasileiros de relocalizar o imaginário francês em gesto que o transfere para o imaginário brasileiro, sem contudo lhes retrair as distintas singularidades. Ao contrário, uma fertilidade poética é produzida que ressoa a cumplicidade dessas vozes dispares harmonizadas. Visto sob o ângulo desse jogo de reciprocidades e, uma vez dispostos em intersecção, esses dois conjuntos produzem efeitos inusitados que desdobram a cartografia das representações da alteridade francesa, iniciando-se pelo projeto de reinvenção/invenção do Modernismo Brasileiro, o qual incidirá na experiência teórica, crítica e poética da reflexividade e da auto-reflexividade na Contemporaneidade. Desse modo, percebe-se, nesses desdobramentos, imagens exemplares da experiência atual que encontra a plenitude da voz poética na vivência de incidentes evocados como lugar e ato da escritura poética. Para tanto, o presente estudo investigará a paisagem poética brasileira com base na articulação do diálogo interdisciplinar estabelecido pelos estudos recentes sobre a Paisagem, “ *Pensée-Paysage* ” de Michel Collot e “ *Vivre de Paysage ou L’impensé de la Raison* ” de François Jullien , com a reflexão de Julia Kristeva e de G. Bataille convergentes na eficácia do entrecruzamento Paisagem/Alteridade para a experiência literária,

artística e cultural do Brasil contemporâneo. Neste sentido, o livro intitulado “Poésie Brésilienne et Résonances Françaises” de minha autoria, lançado no Salon du Livre de Paris em 2017 pelas Éditions PÉTRA, Paris –França, ao percorrer os itinerários propostos por Mario de Andrade, conforme citação inicial, busca contribuir para a escritura da história literária brasileira, articulada sob o signo do Outro.

Palavras-chave: paisagem, memória, poesia, subjetividade

Chibé, de Raimundo Holanda Guimarães: um roman à clef na Amazônia do Século XX

JOSÉ VICTOR NETO (UERJ)

Resumo: O trabalho ora proposto visa analisar, em perspectiva comparada, os pontos de convergência entre o romance Chibé (1964), do escritor, juiz de direito e jornalista castanhalense, Raimundo Holanda Guimarães, e o gênero romanesco conhecido como roman à clef, bastante recorrente na França pré-revolucionária. O roman à clef, ou romance em chave, consiste em um gênero romanesco em que o autor utiliza pessoas reais para compor suas personagens ficcionais, narrando, por vezes, fatos escandalosos da vida íntima destas, de modo que a compreensão do romance em seu sentido profundo por parte do leitor depende da posse da chave, ou seja, do conhecimento acerca da correspondência entre personas reais e fictícias. O romance Chibé se passa na década de 1930, na Vila do Apeú, pertencente ao município de Castanhal, no Pará, à época da Interventoria de Magalhães Barata. Neste libelo foram expostas a conduta reprovável e a decadência moral de pessoas bastante influentes no contexto político e econômico local de então. Estas, mesmo ocultas por nomes fictícios, devido à riqueza de detalhes empregada na descrição de seus papéis sociais, tiveram suas identidades reais facilmente reconhecidas pelo público, gerando-se uma grande polêmica, o que levaria o autor a sofrer sérios reveses e até mesmo ameaças de morte. Pretende-se refletir acerca contexto de produção da obra, buscando explorar

aspectos referentes ao processo de escrita adotado pelo autor, bem como as possíveis motivações do mesmo para a escolha do gênero roman à clef para a escrita de seu romance. Com vistas a uma melhor compreensão da natureza e histórico de ocorrências do gênero roman à clef, pretende-se lançar mão, em caráter predominante, dos estudos de Robert Darnton (1998/1992/2012) e Melissa Boyde (2009). Buscar-se-á também dar especial destaque às questões referentes à recepção da obra, considerando-se a forma como a mesma, no momento de sua publicação, fora apreendida pelas autoridades locais, num processo de repressão e silenciamento similar, guardadas as devidas proporções, ao tratamento dado às “obras proibidas” durante o Ancien Régime. Destaca-se, devido a isso, a necessária consideração dos relatos coletados em entrevistas realizadas com moradores da cidade de Castanhal, contemporâneos à polêmica em questão, de modo a lançar luzes sobre as possíveis correspondências entre realidade e ficção presentes no romance. Esperamos, com tal estudo, compreender o romance Chibé como um provável exemplar do gênero roman à clef, atestando, portanto, o vigor das relações literárias entre França e Brasil; bem como contribuir para uma maior conhecimento acerca desta obra e de seu autor, ainda pouco estudados e, por conseguinte, praticamente desconhecidos da crítica especializada e da historiografia literária paraense em processo de formação.

Palavras-chave: Chibé, Holanda Guimarães, Roman à clef, Romance

20

ECOS ANGLÓFONOS DO SÉCULO XIX

Natasha Vicente da Silveira Costa (UFG – Regional Jataí)
Carolina Alves Magaldi (UFJF)

Resumo: Distendendo uma metáfora, poderíamos dizer que o século XIX é uma manifestação do duplipensar orwelliano: simultaneamente, ele carrega em si retratos representativos mutuamente contraditórios. Enquanto os avanços científicos e industriais trouxeram riqueza e conforto a um grande número de pessoas, estas mesmas inovações foram incapazes de mitigar as condições desumanas dos trabalhadores que produziam a abundância do capitalismo. Tais incongruências dialogaram até mesmo com o processo de consolidação dos Estados-Nação: conforme aponta Jürgen Osterhammel (2014), os Estados Unidos da América mostraram-se como um gigante no setor econômico, mas um anão na esfera militar nas décadas após a Guerra Civil.

É notável a forma como tais desdobramentos modernos, especialmente marcados pela urbanização e industrialização, ecoaram na produção artística oitocentista. “Aquele foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; aquela foi a idade da sabedoria, foi a idade da insensatez”: assim tem início o romance *Um conto de duas cidades*, de Charles Dickens, publicado em 1859. Mais do que uma contradição, o trecho aponta a assimetria que distinguiu o século XIX. Dickens, incorporando ficcionalmente este novo contexto, agregou a nova complexidade e heterogeneidade urbana às estruturas narrativas de seus romances. Os encontros casuais dickensianos, conforme explica Steven Johnson (2009), ocorrem graças à densidade da vida metropolitana, espaço que

põe a narrativa em curso, que permite reunir linhas de parentesco.

Outro aspecto incontornável das letras deste século é o desenvolvimento sistemático de princípios para o estudo da literatura, que contribuíram para uma investigação pautada na análise estrutural e na pesquisa erudita, rejeitando formas puramente subjetivas que se esquecem do objeto observado. William Wordsworth elaborou em 1800 um influente texto romântico sobre princípios poéticos, o prefácio a *Lyrical Ballads* – talvez mais estudado do que seus próprios poemas ao longo do século XIX e posteriormente. Já Edgar Allan Poe tratou de questões de forma, estilo, extensão da obra e objetivos autorais. Sua maior contribuição se concentrou nos contos e abordou geralmente a estrutura tripartite autor-texto-leitor. Henry James, cujas obras constituem pontes literárias entre os séculos XIX e XX, elaborou prefácios e ensaios que ficaram conhecidos como documentos de fundação da teoria do romance ao alçá-lo a uma forma superior de arte.

Tais multifaces são amplificadas pelas materializações dos ideais e dos descontentamentos do século XIX. Guinsburg (2005) destaca que houve tantos romantismos quanto houve românticos. Além disso, o movimento teve tanto uma existência artística quanto uma importância sócio-histórica: “O que é o Romantismo? Uma escola, uma tendência, uma forma, um fenômeno histórico, um estado de espírito? Provavelmente tudo isso junto e cada item separado. (...) Mas o Romantismo designa também uma emergência histórica, um evento sócio-cultural” (Guinsburg, 2005, p.13-14). O Realismo, movimento que seguiu na esteira do Romantismo, busca enfatizar em suas manifestações artísticas os dilemas sociais e morais. Os grandes romances realistas mais tradicionais examinaram, catalogaram e analisaram os detalhes da vida social moderna – sem, contudo, resumir o propósito da obra de arte, tarefa de criação, no mimetismo simplório dos ingredientes da realidade. Considerando o fulgor e a intensidade

do Romantismo e o período de transição para as expressões realistas, nota-se que o século XIX foi um caleidoscópio de formas, conteúdos e teorias que ecoam até nos dias atuais.

Esse conjunto tão heterogêneo das realizações oitocentistas, tanto críticas quanto artísticas, produzidas por Wordsworth, Poe, James, Dickens, George Eliot, Samuel Taylor Coleridge, Thomas Hardy, Mark Twain, Lewis Carroll, Oscar Wilde, Joseph Conrad e muitos outros se apresentam não somente como obras primas constituídas solidamente em si. Elas também são, aos olhos dos escritores modernistas, verdadeiras estruturas matriciais reverberantes, ou mesmo a alvorada da destruição criativa das normas estéticas. Em tais fontes se inspiraram Ernest Hemingway, William Faulkner, Ezra Pound, T. S. Eliot, Virginia Woolf e James Joyce.

Nesse sentido, o propósito deste simpósio temático é investigar os ecos anglófonos que emanam do século XIX, objetivando responder questões tais como: de que forma o oitocentismo tem sido desconstruído e reconstruído nas formas de ficção contemporâneas? Como a poesia atual se relaciona às formas e ideais românticos? Como a crítica contemporânea se relaciona aos parâmetros criados no século XIX? Quais referências ao oitocentismo podem ser encontradas em diálogos interssemióticos, tais como nas artes plásticas e em produções cinematográficas e musicais? Como as obras do século XIX têm sido traduzidas contemporaneamente?

Buscamos, assim, contribuir para o contexto atual da literatura comparada ao lançar luz a um longa e profícua comunicação que vem acontecendo nos bastidores da história literária.

Palavras-chave: Romantismo, Realismo, Ficção oitocentista, Crítica oitocentista

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

Noivas, orgulhos e preconceitos: uma mediação bollywoodiana de Jane Austen

FLÁVIA RODRIGUES MONTEIRO (UFMG)

Resumo: É uma verdade universalmente conhecida pelos teóricos da intermedialidade que um romance do Período Romântico, possuidor de um bom enredo, deve estar necessitado de uma adaptação. Escrito por Jane Austen, *Orgulho e Preconceito* (*Pride and Prejudice*, 1813) já foi adaptado / apropriado por variadas mídias e culturas. O romance já inspirou reescritas literárias, cinematográficas e televisivas. Suas reescritas não se restringem a meras transposições do texto de Austen para outras mídias. Na verdade, o texto de Austen funciona apenas como ponto de partida para a confecção de obras com as mais diversas abordagens temáticas e culturais. Um bom exemplo de tal diversidade é *Orgulho e Preconceito e Zumbis* (*Pride and Prejudice and Zombies*, 2009), romance inspirado na obra de Austen que, apesar de preservar o tempo e o espaço da história, situa os acontecimentos durante uma epidemia zumbi, promovendo diferenças de enredo e construção de personagens. Enquanto notamos a preservação do contexto com inserções de elementos no enredo de Austen através do exemplo mencionado, nossa análise foca em uma obra que explora um tipo diferente de movimento com o romance: elementos do texto de Austen são retirados de seu contexto original para a contemporaneidade, viajando da Inglaterra do século XIX para a Índia do século XXI. No filme *Noiva e Preconceito* (*Bride and Prejudice*, 2004), dirigido por Gurinder Chadha, o romance de Austen é transportado através do tempo e do espaço, mas com a preservação e extensão de suas prerrogativas principais. Além de explorar os sentimentos de orgulho e preconceito dos personagens no campo pessoal, o filme expande os conflitos ao abordar também elementos culturais. A Elizabeth Bennet indiana,

Lalita Bakshi, e o Sr. Darcy americano estão no centro da contenda. A batalha dos dois personagens é travada em dois campos principais: papéis de gênero e estereótipos culturais. Idéias preconcebidas sobre os comportamentos masculinos e femininos bem como supostos contrastes entre os pensamentos orientais e ocidentais permeiam todo o filme em meio a elementos típicos do cinema bollywoodiano, como música e dança. O ideal feminino de beleza e submissão associado ao ideal masculino de sucesso no campo financeiro são questionados juntamente com clichês culturais que florescem de narcisismos pessoais e coletivos. O filme tenta mostrar que pessoas e culturas possuem camadas de complexidade que fogem das visões superficiais resultantes de preconceitos. Dessa forma, ao abraçar a oportunidade concedida pelo filme de identificar, analisar e questionar estereótipos culturais e de gênero, podemos ver que, assim como no romance, sentimentos como orgulho e preconceito ainda sobrevivem no mundo contemporâneo, expondo a atualidade da temática de Austen e a inércia da natureza humana. Portanto, pode-se dizer que através da expansão de elementos conflitantes propostos pelo romance, o filme explora as potencialidades do texto de Austen, provando que essa obra do Romantismo fornece um material que transcende o tempo e o espaço de sua produção.

Palavras-chave: Romantismo, Jane Austen, Bollywood, Intermedialidade

Henry James: espacialidades fronteiriças entre o Realismo e o Modernismo

NATASHA VICENTE DA SILVEIRA COSTA (UFG-JATAÍ)

Resumo: As definições de Henry James (1843-1916) sobre o realismo e o real, amplas e democráticas, se fizeram presente em toda a carreira do escritor. Conforme sugere seu legado crítico e ensaísta, é possível compreendermos que a categoria narrativa do espaço – entendido como as referências explícitas ou implícitas cuja função é representar o mundo físico, seus objetos e aspectos materiais – constitua um dos elementos da experiência humana que, traduzidos ficcionalmente, representam o lado pictórico da vida de forma mais completa. Em 1865,

James se posiciona contrariamente ao axioma falacioso sobre o real que o resume à descrição. Propõe, como alternativa, uma noção do real que signifique simplesmente exprimir, seja pela descrição, narração ou outras formas. Seu relato de viagens *The American Scene* (1907), por exemplo, demonstra como o espaço se afigura como matéria prima multifacetada para a expressão literária. Em 1876, o nova-iorquino afirma que, neste espetáculo que é a vida humana, o que os nossos olhos nos mostram é tudo aquilo de que podemos ter certeza, e a representação ficcional deve ser tão completa quanto à técnica dos pintores. Tal conexão entre o espaço e o sentido humano da visão se manifesta, dentre outras obras, nas descrições pictóricas de *The Beast in the Jungle* (1903). Reforçando tais posicionamentos, James argumenta a favor do ar de realidade ou da solidez da especificação em 1884. Em 1907, o autor assinala que o romântico é aquilo que nunca podemos conhecer diretamente, mesmo com todas as facilidades e a inteligência do mundo. O real, contrariamente, significa “the things we cannot possibly not know”, ou seja, as coisas que não podemos evitar saber. Percebemos estes cuidados na criação dos espaços em *The Wings of the Dove* (1902), que contemplam tanto a especificação da realidade quanto o lado imaginativo e indireto. Entretanto, a análise das obras de James também demonstra que o espaço literário passou a ecoar uma estética modernista, em consonância com as transformações do estilo de sua prosa. James modifica a herança realista e assenta técnicas narrativas de instauração e descrição espacial que demonstram o entendimento de uma realidade vindoura. Nossa proposta, então, é observar os procedimentos realistas e modernistas da construção espacial de James por meio da comparação de romances do início de sua carreira, *Roderick Hudson* (1875) e *The American* (1877), com obras finais, como *The Wings of the Dove* (1902) e *The Golden Bowl* (1904). Notamos, até o momento, os seguintes traços modernistas na construção da espacialidade: a representação fluida do espaço e do tempo, que se sobrepõem ao bel-prazer dos processos mentais das personagens; a desautomatização linguística na descrição do espaço por meio de construções sintáticas

incomuns; a espacialidade como ferramenta para auxiliar a implodir o caráter unilateral da verdade; e a transmissão imaterial ou extrassensorial de um fato ou ideia entre as personagens. Pretendemos, afinal, contribuir para a linha de pesquisa deste simpósio demonstrando como a espacialidade oitocentista de James foi reconstruída e mirou técnicas mais modernistas na sua ficção do século XX.

Palavras-chave: Espaço literário, Século XIX, Realismo, Modernismo

Concepções de gênero em narrativas infanto-juvenis: ecos da Era Vitoriana

CAROLINA ALVES MAGALDI (UFJF)

Resumo: A construção de concepções de gênero por meio de narrativas ficcionais é um tema bastante recorrente nas críticas literária e cinematográfica contemporâneas. Um exemplo claro desta tendência é o volume de testes de representatividade dos gêneros feminino e masculino surgidos desde que a quadrinista estadunidense Alisson Bechdel criou o Teste Bechdel em 1985 (Magaldi e Machado, 2015). Em nossa análise, no entanto, buscaremos raízes mais distantes para este fenômeno, mais precisamente aquelas referentes às narrativas da Era Vitoriana (1830-1901), momento histórico literário que é muitas vezes citado por estudiosos da literatura inglesa como Era de Ouro do Romance (James, 2006). Um dado interessante sobre essa momento histórico é que a maioria dos autores de renome do período, tais como Charles Dickens, Charlotte Yonge, Robert Louis Stevenson e Oscar Wilde, escreveram também narrativa infanto-juvenil. Isso porque, naquela época, o crescimento da classe média levou à criação de um mercado de literatura de entretenimento para jovens leitores e não tardou para que esse novo conjunto de gêneros textuais se bifurcasse em leituras para meninos e para meninas. Publicadas em volumes e suplementos jornalísticos distintos, os volumes voltados para o público masculino priorizavam aventuras em terras exóticas, enquanto as femininas traziam universos fantasiosos que não conflitavam com a eventual

maturidade do casamento. Contemporaneamente, há dois mercados distintos de produção audiovisual, no que tange ao quesito divisão de gêneros: aquele voltado para TV e DVD, com uma divisão clara entre Barbies e Max Steels; e aquele voltado para o cinema, que deve ter um público mais amplo e deve apresentar versões menos estereotipadas dos dois gêneros-padrão, mas sempre mantendo a possibilidade de produtos licenciados para os dois grupos distintos. A literatura infanto-juvenil também reflete essa realidade, com coleções voltadas para meninos (Diário de um banana, por exemplo) e coleções equivalentes voltadas para meninas (Diário de uma garota nada popular, para manter o paralelismo). Outro ponto de contato entre a Era Vitoriana e as tendências contemporâneas encontra-se no estabelecimento de fronteiras entre as literaturas infantil e adulta. No século XIX essas delimitações sofriam constantes modificações, bastando ressaltar que os romances históricos de Sir Walter Scott eram, naquele momento, uma leitura juvenil. Hoje em dia, os mercados são bastante definidos, mas há nas narrativas cinematográficas uma preocupação em entreter os pais e em garantir um alto padrão de qualidade na construção dos personagens e no aspecto visual das narrativas. Dessa forma, há um grande volume de intertextualidades e referências culturais presentes nas narrativas, muitas vezes voltadas especificamente para o público adulto. Outro exemplo desta tendência foram as edições dos romances da série Harry Potter com capas alternativas mais sóbrias, voltadas para leitores adultos que as liam em locais públicos, tais como trens e metrô. Uma análise comparativa das narrativas infanto-juvenis na Era Vitoriana e na contemporaneidade pode contribuir para a compreensão dos meios e motivos para a criação de parâmetros atuais, bem como de seus processos atuais de reforço ou de relativização.

Palavras-chave: literatura infanto-juvenil, concepções de gênero, Era Vitoriana, Século XIX

Romances de União: o national tale na Grã-Bretanha e no Brasil

THIAGO RHYS BEZERRA CASS (USP)

Resumo: É notório que os paradigmas narrativos do romance britânico informaram a nascente ficção novelística brasileira. Gêneros que originalmente ofereciam uma solução narrativa para as tensões que perpassavam a sociedade britânica cruzariam o Atlântico e, em meados do século XIX, converter-se-iam em ferramentas para estruturar a experiência local. Dentre esses gêneros, tentaremos demonstrar, estava o national tale escocês e irlandês. National tales ocupavam-se de superar os dilemas sociais e epistemológicos inerentes a um Estado multicultural como o Reino Unido. Obras como *The wild Irish girl*, de Sydney Owenson, engendrariam enredos sentimentais cujos protagonistas representam as diferentes nacionalidades britânicas, num expediente com que se transpõe alegoricamente o dito preconceito inglês contra irlandeses e escoceses. Circulando no Brasil por, pelo menos, cinco décadas, national tales forneciam uma moldura narrativa em que a insuperável contradição entre a herança colonial e o nacionalismo pós-colonial poderia ser ficcionalmente negociada numa união erótica entre culturas. Almeja-se discutir se, e como, romances indianistas como *O guarani*, de José de Alencar, apropriaram-se de tal moldura.

Palavras-chave: National tale, romance indianista, romance britânico, século XIX

Christina Rossetti (1830-1894) um panorama

MARCOS DAVID BASTOS DE PAULA (UERJ)

Resumo: Estudos críticos sobre a poeta da era Vitoriana Christina Georgina Rossetti (1830-1894) tem sofrido geralmente com a tendência preguiçosa de igualar sua poesia com intensa morbidez de inspiração religiosa, por um lado, e, por outro, com denúncias muito pouco convincentes tanto do assim chamado amor romântico, quanto à validade literária dos seus versos de natureza devocional,

especialmente. Algumas críticas feministas tem se esforçado na tentativa de investigar a poesia de Rossetti em busca de evidências de opressão patriarcal em forma de tropos de repressão sexual feminina disfarçadas de piedosas afirmações de cunho religioso. Em minha pesquisa tentarei demonstrar, entre outras coisas, que Christina Rossetti não foi nem uma mártir nem tampouco uma rebelde. Em vez disso, ela desenvolveu por si mesma um modo poético o qual se transformou mais e mais em algo estritamente seu próprio à medida que o tempo passou. Em sua fase madura, especialmente, Rossetti foi adotada por seus contemporâneos, tanto leitores quanto críticos, como uma ilustração viva do dito de John Milton, segundo o qual a vida do poeta deveria ser ela mesma um bom poema. Focalizando especial atenção sobre os versos devocionais de Rossetti, espero poder mostrar que em seus poemas religiosos, ainda mais do que em seus versos de teor secular, Rossetti se debate para encontrar alguma coesão tanto no que diz respeito às demandas da vida madura, e, por outro lado, também contempla as largas vistas filosóficas que se abrem quando se vê face a face com seus próprios medos e dúvidas acerca dos possíveis limites da finitude humana. Antes que uma rota de fuga, a fé religiosa que inspirava tanto a vida íntima quanto a poesia de Christina Rossetti deu a ela um ponto de referência de onde ela pôde se engajar bravamente com a vida de seu tempo. Referências teóricas incluirão opiniões críticas, entre outras, de Virginia Woolf, Harold Bloom, assim como o trabalho pioneiro de crítica feminista no livro *The Mad Woman In The Attic*, de Gilbert and Gubar (1979), bem como de resenhas de publicações Vitorianas contemporâneas da própria Christina Rossetti.

Palavras-chave: Christina Rossetti, Poesia Vitoriana, século XIX

The Raven de Roger Corman (1963) e não de Edgar Allan Poe

HELICLEVER BARROS DA SILVA VITORIANO (UNB)

Resumo: Uma das magnas contribuições de Poe para os debates de concepção da arte foi ratificar a máxima de que “o como” narrar ou

poetar é mais importante do que o evento desenvolvido na narrativa ou no poema. O filme de Roger Corman, *The Raven* (1963), assimila muito bem essa lição, ao concentrar-se em buscar um caminho próprio de florescimento, e que não buscava converter imagetivamente nem mesmo a essência do poema de Poe para o cinema. Ao contrário, nega-lhe quase tudo, o corvo passa de melancólico a hilário e ridículo. De tanto ouvirmos o nevermore ecoar do pássaro pelo poema de Poe e uma vasta tradição de intertextos, Corman opta por satirizar uma dimensão que no poema de Poe é quase sacra, isto é, a natureza e o sentido da palavra nevermore exaustivamente repetida pelo corvo. Dessa maneira, Corman intersecciona em seu filme uma ideia na qual o trânsito com o texto literário produz um filme inquestionavelmente autoral e que, por isso, não é a sombra do literário precedente, mas a asa da recriação imaginativa e que soube transpor do meio literário o suficiente para o desenvolvimento das potencialidades de seu próprio meio cinematográfico, seja em termos de gênero específico ou linguagem geral. A última grande lição incorporada por Corman advinda de Poe é que a tradição está a serviço da transformação. Poe sabia da longa estrada simbólica e artística do corvo. Nem por isso deixou de imprimir ao seu poema máximo a riqueza literária que até hoje lhe concedemos.

Palavras-chave: The Raven, Poe, Roger Corman, Transposição

21

**ENSAIOS E OUTRAS FORMAS HÍBRIDAS NA
MODERNIZAÇÃO BRASILEIRA (1870 -1940)****Ricardo Souza de Carvalho (USP)**
Éverton Barbosa Correia (UERJ)

Resumo: A década de 1870 será tomada como o primeiro limite de abordagem, uma vez que a consolidação do espaço geográfico brasileiro somente se consuma após a Guerra do Paraguai, que exerce função afirmativa da nacionalidade e de seu ingresso no mundo moderno, em decorrência do armistício e do correspondente acúmulo de despojos materiais e humanos, que atualizam a compreensão histórica e dos demais elementos simbólicos, entre os quais estão os literários. O outro limite será dado pela virada da primeira metade do século XX, quando se consuma o fim da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo. Conforme se sugere, a compreensão de literatura está fortemente ancorada na história e, por conseguinte, terá como alvo preferencial objetos que possam incidir sobre a historiografia, ampliando-a em face de outras modalidades discursivas, que, necessariamente, haverão de repercutir no registro histórico e nos registros da história literária. Pois, sendo a historiografia um discurso interessado – tanto a factual quanto a literária –, os seus interesses nunca deixarão de ser acionados, muito embora o primeiro horizonte de observação seja pautado sempre pela sua articulação com a forma literária, não só pelo acabamento que lhe serve de suporte, mas sobretudo pela tensão que se deixa entrever entre processo social e gêneros híbridos. Donde a prevalência por discursos inacabados, formas imprecisas ou gêneros ainda não devidamente reconhecidos, porque talvez assim seja possível desenvolver alguma reflexão sem se deixar contaminar previamente

por alguma matriz discursiva ou pela historiografia já consolidada, nem sempre simpáticas a ensaios, cartas, diários, memórias, confissões, prefácios e demais registros que, não sendo classificados de antemão a nenhum gênero, alçarão estatuto literário para sua abordagem. O ensaio comparece aqui como indicação formal, porquanto agrega valor ao inacabamento discursivo, quer tomemos como referência moderna a reflexão de Theodor Adorno concentrada no artigo “O ensaio como forma” ou mesmo através da produção de maior fôlego por prosadores brasileiros, a exemplo de *Sobrados e Mucambos* de Gilberto Freyre ou *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, para ficarmos com a referência do ano 1936. Entretanto, é preciso referir que o ensaio, entendido como forma híbrida e autônoma a discorrer sobre assunto específico sob perspectiva imprevista, remonta uma tradição literária brasileira que se estende do século XIX para o século XX, quer tomemos os escritos do visconde de Taunay desde *A retirada da laguna* (1875) até suas *Reminiscências* (1908), ou ainda, os escritos de Sílvio Romero que vão desde *A filosofia no Brasil: ensaio crítico* (1878) até *Evolução do lirismo brasileiro* (1905), para dispormos de dois contra-exemplos para cada autor. Segundo Antonio Candido, em “Literatura e cultura de 1900 a 1945”, a forma do ensaio, “em que se combinam com felicidade maior ou menor a imaginação e a observação, a ciência e a arte”, tornou-se característica do pensamento brasileiro diante da prevalência da literatura e da precariedade ou ausência de instituições acadêmicas. É necessário frisar ainda que até certa altura a vida literária brasileira estava enredada na vida institucional do país – fosse política, acadêmica ou diplomática –, de onde podemos retirar alguns libelos ilustrativos do desenvolvimento social brasileiro quando pensamos em um Joaquim Nabuco narrador dos entraves latino-americanos representados pelo seu *Balmaceda* (1895) que pode ser lido como contraparte dos conflitos nacionais ilustrados em *Um estadista do Império* (1897); ou ainda, quando tomamos um Oliveira Lima como narrador da história e da história literária através de volumes como *Aspectos da literatura*

colonial brasileira (1896) ou *Dom João VI no Brasil* (1908) para atar com mais firmeza os laços que unem a literatura e a história. E entre outros exemplos que podem ser arrolados, destaca-se obrigatoriamente *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que tanto se vincula a uma tradição de prosa ensaística do século XIX, quanto estimula gerações seguintes no que se refere à pesquisa e à discussão de grandes questões nacionais. Mais ainda, não podemos deixar de lembrar do papel fundamental da narrativa do barão do Rio Branco (Ministro das relações exteriores e Membro da Academia Brasileira de Letras), que se popularizou com as suas *Efemérides brasileiras* (1918), para consagrar de uma vez por todas os vínculos entre a vida institucional e a vida social no Brasil. Cumpre lembrar, ainda uma vez, que todos os autores citados foram acadêmicos, quando não da Academia Brasileira de Letras, de outras academias, como foi o caso de Gilberto Freyre pela Academia Pernambucana de Letras e Sérgio Buarque de Holanda pela Academia Paulista de Letras, o que dá a dimensão de uma particularização do elemento nacional no século XX, senão de seu afastamento da vida social fluminense, onde estavam sediadas todas as instituições nacionais no século XIX. A partir dessa proposta, o simpósio está aberto tanto a análises de autores e obras, quanto a suas relações com o contexto histórico e institucional em que se encontram.

Palavras-chave: Ensaio, Gêneros híbridos, Modernização

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

O letramento e o ensino da Literatura: por que não ensinar com os clássicos?

IRANILDO MOTA DA SILVA (UFRN)

Resumo: Nas últimas décadas, é visível o afloramento das discussões que permeiam a questão da prática de leitura de textos literários nas

nossas salas de aulas; seja dentro da academia, ou na nossa educação básica. Outro apontamento trazido por essas discussões direciona o nosso olhar para a questão da (in) eficácia do texto literário clássico para o tão debatido letramento literário. Tudo isso nos leva a um patamar de reflexão que se discute acerca da forma como vem sendo desenvolvido o ensino de literatura, como vem sendo tratado o texto literário e quais textos estão sendo selecionados para que haja a dissipação dos problemas de compreensão no que se refere aos textos literários clássicos. Esta comunicação pretende, por conseguinte, tecer discussões que venham a contribuir para reflexões acerca do ensino de literatura na academia e nas escolas e traçar um panorama de como vem sendo enxergado a questão do letramento literário, texto literário e seu contexto e o ensino de literatura. Para tanto, nos fundamentamos nos estudos de Cândido (1995) e Cosson (2006) os quais apontam que há uma lacuna no que tange o ensino de literatura e que está muito além da escolha dos textos literários. Baseamo-nos também em Compagnon (2009), Calvino (1993) e Todorov (2010) no que se refere às discussões sobre a importância da literatura e a sua real situação. Para estes escritores, os textos didáticos vêm corroendo a literatura e a cada dia promulgamos um adeus a ela. Quando se observa a forma com a qual é conduzido o ensino de Literatura nas escolas, percebe-se que essa corrosão é ainda mais alarmante. Por último trazemos os estudos de Bakhtin (1997) para contribuir com as reflexões acerca do dialogismo entre autor-texto-contexto e leitor. Em consonância com os demais autores que fundamentam este trabalho, Bakhtin (1997) também afirma que as obras clássicas rompem as fronteiras de seu tempo, vivem nos séculos, ou seja, na grande temporalidade e, assim, não é raro que essa vida seja mais intensa e mais plena do que nos tempos de sua contemporaneidade. Para tanto é preciso que consideremos outros fatores extra textuais que venham a contribuir para o leitor em seu momento de leitura e compreensão do texto literário. Pretende-se com este trabalho provocar debates que venham a contribuir com um novo

olhar para a questão da leitura dos clássicos e para a questão da leitura de textos literários nos nossos espaços de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Leitura e ensino, Literatura, Letramento literário, Clássicos.

Como trazer o aluno de língua estrangeira para a leitura literária?

CRISTINA MOERBECK CASADEI PIETRAROIA (USP), LUCÍLIA SOUZA LIMA TEIXEIRA (USP)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo relatar a experiência de um curso de leitura de textos literários em língua francesa ministrado na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP durante o primeiro semestre de 2017 e destinado a alunos de nível intermediário da habilitação Letras-Francês. Diferentemente do que se fazia nos cursos instrumentais de língua, idealizados nos anos 1970 e visando textos acadêmicos e científicos, propomos a leitura de textos literários e concebemos nosso curso sem a separação da língua em habilidades estanques e incomunicáveis, tendo como apoio documentos audiovisuais: fotografias, filmes, audiobooks, entrevistas, músicas. Vistos, muitas vezes, como vilões pelo desinteresse dos jovens pela leitura, tais recursos podem, no entanto, servir como entrada no campo artístico, ajudando o aluno a desenvolver o gosto estético, a compreender diferentes linguagens e, assim, preparando-o para o encontro com o texto literário e suas especificidades, além de ampliar suas referências culturais por meio de uma interdisciplinaridade apoiada pela variedade dos suportes. Fala-se já há algum tempo de uma crise na literatura; alguns escritores, citados por Perrone-Moisés (2011) chegam mesmo a afirmar seu fim. As inquietações a esse respeito parecem-nos ligadas às características próprias da pós-modernidade, considerada “líquida” por Bauman (2001) e não mais previsível ou sólida. Séoud (1997) aponta como responsável pela crise no ensino da literatura o fato de se continuar fazendo com o público atual o que se fazia anteriormente: exercícios de explicação de texto e estudo de trechos escolhidos em função da gramática ou do vocabulário. Nosso

trabalho busca justamente alternativas para esse tipo de ação e, para tanto, servimo-nos de especialistas da didática e da leitura literária, tanto em língua estrangeira quanto materna. Godard (2015) sugere que, embora se trate de uma competência de compreensão escrita, a aula de leitura possa dar voz aos alunos. No caso do texto literário, acreditamos que esse aluno, além de se expressar sobre o texto, deva ser capaz de colocar sua voz no texto, uma voz pronunciada em língua estrangeira que ele apre(nde) aos poucos. Pietraroia (2015) afirma que é preciso deixar o aluno ser impregnado pelos sons das palavras, por seu(s) sentido(s), musicalidade e poesia, o que lhe trará maior contato e maior prazer com a língua, possibilitando-o aprender essa língua com mais propriedade e certeza. Ele deve mergulhar no texto, encontrar nele seu espaço e ser um co-construtor de sentido(s). Para isso deve lidar com a materialidade dessa língua estrangeira, perceber seus ritmos, suas diferenças, compreender os aspectos interculturais que estão em jogo. Petit (2009) e Pennac (2008), por sua vez, nos mostram a importância de se libertar de padrões de leitura e a força do poder transformador da leitura literária. Por isso, em nosso curso, privilegiamos a união de diferentes formas de arte, a criação de hábitos de leitura e o enriquecimento que o texto literário traz para o leitor, ajudando-o a fugir da fluidez que marca o mundo atual e a encontrar na leitura um “jardim secreto”, um novo mundo onde se refugiar.

Palavras-chave: texto literário, francês língua estrangeira, ensino-aprendizagem de leitura, modernidade

Ubirajara: inventário de natureza, invenção do Brasil

ANA MARIA AMORIM CORREIA (UFF)

Resumo: Incontornável autor do romantismo brasileiro, José de Alencar, em sua vasta produção literária, dedicou-se à trilogia indianista, composta pelo romance mítico *O Guarani* (1857), e as lendas em prosa poética *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874). Tais livros expressam narrativas de origem do Brasil, marcando questões de identidade, nação

e unidade, com a presença central da figura indígena como símbolo deste projeto. Este é um ponto exaustivamente usado para a descrição do romantismo brasileiro. Neste trabalho, para além da construção narrativa do surgimento do brasileiro, procuramos aproximar a escrita de Alencar a um processo de navegação pelo interior do Brasil, em um mapeamento espacial e criação de retratos de localidades - uma associação com a figura dos naturalistas, que inspiraram os letrados do século romântico e aspectos de paisagem que se estendem até o século seguinte. Estas obras são relacionadas, assim, com os esforços artísticos, científicos e políticos de formar o espaço brasileiro durante o Império, adentrando, para isto, na natureza como uma formação de patrimônio, em um processo de criação historicista, típica da demanda romântica latinoamericana. A trilogia de Alencar é colocada, portanto, sob o prisma de criação de espacialidade brasileira, incluindo a linguagem portuguesa tupinizada como estratégia da topografia literária. Neste trabalho, pretendemos discutir a “lenda tupi” *Ubirajara*, ato final da trilogia, como uma produção em diálogo com o contexto político e cultural brasileiro, além de discutir a representação da natureza nesta obra.

Palavras-chave: Romantismo, Natureza, José de Alencar, Paisagens

Crime e castigo na narrativa policial

SAYURI GRIGÓRIO MATSUOKA (UFC)

Resumo: As inúmeras adaptações de romances policiais para séries televisivas e de Internet atendem a uma demanda de público que reflete a inclinação humana à observação de crimes. Essa curiosidade revela aspectos importantes do comportamento relacionados à violência e à transgressão. As circunstâncias desse interesse direcionam a elaboração dessa tipologia literária em sentidos que vão da psicologia ao mero entretenimento. Nesse sentido, perceber formas representativas que se constituem a partir do evento crime é também perceber como a ficção se apropria dessa temática, transformando-a em um vasto campo de possibilidades artístico-informativas. Considerando as estratégias

típicas do gênero e a centralidade do crime para o desenvolvimento da ação, este trabalho analisa as formas de inserção do elemento morte em narrativas policiais a partir da composição das personagens. Adolfo Bioy Casares e Jorge Luis Borges chamam a atenção para o poder e para a profundidade do gênero no ensaio “O que é o gênero policial?”, e uma das razões para esse tratamento é justamente a compreensão de que a sua complexidade não permite que o mérito de seu sucesso seja atribuído somente ao argumento em detrimento da psicologia das personagens, da eficácia do diálogo, do poder das descrições e do estilo do narrador. Desde suas manifestações mais elaboradas, a partir do século XIX, o romance policial apresenta diferentes abordagens da morte, permitindo desdobramentos temáticos e estruturais tanto na literatura quanto nas mídias visuais. Tido como o acontecimento central da narrativa, esse componente da ação pode ser apresentado ao leitor de modo discreto ou ostensivo, ter seus aspectos mais desagradáveis ressaltados ou ignorados, de modo que as reações a ele vão da consternação à indiferença. É do tipo de tratamento que se dará a esse evento que a natureza da empatia do público se estabelecerá, direcionando a recepção para a compreensão emotiva, indagativa ou simplesmente curiosa do relato. A atuação e a caracterização das personagens, sejam as vítimas, seja a assassina, seja a detetive, são os fatores determinantes para o impacto que a violência imprimirá na história. A caracterização psicológica de assassinos e serial killers, por exemplo, permite uma percepção ampliada do crime, sempre mediada pela figuração da subjetividade da personagem, por aspectos religiosos ou filosóficos. Esse tipo de focalização constitui uma observação não apenas estética da violência, mas apresenta sua dimensão humana. Tendo em conta todos os aspectos aqui relacionados, o artigo analisa, a partir de teorias da narrativa e de textos teóricos que com elas dialogam, personagens criminosos de narrativas policiais, literárias e visuais.

Palavras-chave: Crime, Morte, Narrativa Policial, Personagem

Transatlantic Hybridisations: classical receptions in Cordel

CONNIE BLOOMFIELD (UNIVERSITY OF CAMBRIDGE)

Resumo: Cordel is a unique and vibrant northeast-Brazilian popular-folk poetry, directly descended from the Iberian ballad tradition which was imported to Brazil during colonisation. Volantes, or poetic flyers, were brought to Brazil from Portugal as early as the 16th century, and an oral poetic tradition developed in the rural northeast in the style of European wandering troubadours. The Garnier bookstore began importing fuller booklets of Portuguese verse to Brazil in the 19th century, which were rewritten in the northeast in the metric form of Iberian romances. The links to European legacies are still clear today; Charlemagne and the twelve knights remains a favourite cordelian theme. Noting their significant similarities to Ancient Greek and Roman oral poetic forms, and the serious engagement with classical literature in Brazil by movements such as the Arcadismo of the 18th century, I will look at this literature from a classical reception perspective, tracing how these poetries interact with Ancient Greek and Roman myths and literary traditions. I will discuss recent fieldwork undertaken in Pernambuco, which indicates interesting and often surprising hybridisations between classical and local traditions. The cordel becomes a fascinating and highly important case study for dialectical transatlantic cultural influences and cultural fusion.

Palavras-chave: Cordel, Classical Reception, Hybridisation

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

José de Alencar, um veículo de divulgação de si mesmo através do Jornalismo

JAQUELINE CARVALHO (UERJ)

Resumo: Deseja-se, nesta comunicação, realizar um estudo apurado de textos de José de Alencar na primeira metade do século XIX. O intuito é de nos aprofundar na gênese deste homem das letras, dando

ênfase ao início de sua carreira. Para isto, trabalharemos com alguns textos biográficos do autor, particularmente com o de Raimundo de Meneses, José de Alencar, com o de Luís Viana Filho, A vida de José de Alencar, assim como o de Raymundo Magalhães Júnior, José de Alencar e sua época, a Obra crítica de Araripe Júnior e também o trabalho de Arthur Motta, José de Alencar o escritor e político. Escolhemos então trabalhar com o recorte de 1855 a 1858 em seus folhetins “Ao correr da pena”, publicados não só no Correio Mercantil, como também no Diário do Rio de Janeiro para enfatizar o momento em que o autor tem a oportunidade de colocar seus escritos para o público. Afinal, quando o autor começa seu trabalho no Diário do Rio de Janeiro, além de escritor de seriado, ele passa a ser também responsável por tudo que era publicado no jornal. A que ponto Alencar faz uso do jornal como um veículo de divulgação de si mesmo? É inegável que o autor de O Guarani, percorreu por diversos gêneros literários e neles contribuiu de maneira significativa. Todavia, tinha o dom de incrementar suas histórias e escrevê-las de maneira eloquente, o que o torna um de nossos gênios da arte de contar histórias. José de Alencar aparece publicamente no Correio Mercantil onde ocupava rodapés de páginas onde falava sobre jurisprudência e assuntos de diversos tribunais, comentava sobre obras de direito e bibliografia jurídica, entretanto, o que realmente o tornou notório foram seus escritos ao correr da pena. Publicava ali suas crônicas de maneira seriada e nelas falava sobre política, sobre o cenário da época, e, segundo Machado de Assis, “curto era o espaço, pouca a matéria, mas imaginação de Alencar supria ou alargava as coisas, e com seu pó de ouro borrifava as vulgaridades da semana.” (JÚNIOR, R. Magalhães:1977). Como o autor usa-se da feliz oportunidade ser jornalista e chefe de imprensa para colocar em prática sua habilidade de folhetinista e promover-se um grande literato do século XIX, primeiramente através de suas crônicas, será a principal questão que nos dedicaremos a responder neste trabalho.

Palavras-chave: José de Alencar, folhetins “Ao correr da pena”, jornalismo, crônicas

Ensaio e Viagens de Joaquim Nabuco

RICARDO SOUZA DE CARVALHO (USP)

Resumo: Joaquim Nabuco produziu escritos sobre as muitas viagens e estadas no exterior ao longo de sua trajetória. Embora não tenha deixado um livro de viagem propriamente dito, as impressões dos lugares que visitou podem ser rastreadas em seu diário e artigos para a imprensa, além de terem sido integradas como parte decisiva de sua autobiografia Minha formação. Tais textos foram campos privilegiados para a prática ensaística de Nabuco, em que a Europa e os Estados Unidos prestaram às reflexões sobre política e cultura internacional e nacional.

Palavras-chave: ensaio , viagem, Joaquim Nabuco

Eduardo Prado, personagem de si mesmo na historiografia literária brasileira

ÉVERTON BARBOSA CORREIA (UERJ)

Resumo: Os escritos de Eduardo Prado figuram na história da literatura brasileira como um ponto obscuro que liga os séculos XIX e XX, certamente devido a suas relações diplomáticas, políticas e literárias que oscilavam entre uma perspectiva híbrida de institucionalização e de individualização, quando não de personalização. Talvez por isso tenha ficado um pouco à sombra da descrição histórica, que sempre se faz de acordo com conceitos, critérios e agrupamentos sempre interessados em afirmar algum tipo de conduta, nem sempre compatível com posturas autônomas. O seu liberalismo, a um só tempo, astucioso e assistemático nem sempre encontrou eco nas bocas de seus coevos oitocentistas, menos pela importância de seu pronunciamento àquela época do que pela sanha seus adversários republicanos. Não deixa de ser curioso, a partir daí, que seu sobrinho, Paulo Prado, venha a se tornar o líder do movimento modernista em sua primeira hora, ao menos até 1928 quando da publicação de Retrato do Brasil. Em parte pelo conjunto das relações que herdara do tio, quer nos refiramos à

historiografia de Capistrano de Abreu – que passa a ser seu tutor e a ter pesquisas subvencionadas pelo produtor de café – quer nos refiramos, ainda, ao papel desempenhado por Graça Aranha que lhe faz parêntese na liderança do movimento literário e estabelece um enlace amoroso com sua irmã, Nazareth Prado. Por uma via ou por outra, as relações pessoais ou amorosas da família Prado contaminam as relações institucionais, repercutindo diversamente em vários âmbitos. Tendo Eduardo Prado sido membro fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL) e Graça Aranha sido secretário de Joaquim Nabuco e de Machado de Assis – que mantinham estreita relação com o paulista – a aproximação de Graça Aranha com a família Silva Prado poderia indicar algum vínculo maior com a ABL, onde o autor de *Canaã* tinha cadeira cativa. Todavia, aconteceu o contrário, resultando no afastamento do maranhense da ABL. Por outro lado, a relação estreita dos Prado com Capistrano de Abreu, que se negara a compor panteão acadêmico, contribuiu para que a família se distanciasse ainda mais da ABL e conferisse a isso um caráter conceitual, o que veio a repercutir na postura pública dos modernistas e na identificação do movimento como anti-academicista. Considerando a cadeia de relações pessoais e institucionais que se estabelece em torno de Eduardo Prado, seus escritos serão tomados como índices para revisão historiográfica, seja em sua dimensão conceitual, ideológica ou estilística, notadamente do que se pode depreender de uma leitura comparativa entre *Os fastos da ditadura militar no Brasil* (1890) e *A ilusão americana* (1893).

Palavras-chave: Gêneros híbridos, Memória, Historiografia literária, Eduardo Prado

De Lisboa a Ouro Preto: um passeio pelos guias de Pessoa e de Bandeira

JULIANA MAIA DE QUEIROZ (UFPA)

Resumo: “Sobre sete colinas, que são outros tantos pontos de observação de onde se podem disfrutar magníficos panoramas,

espalha-se a vista, irregular e multicolorida massa de casas que constitui Lisboa”. Assim tem início a obra *O que o turista deve ver*, de Fernando Pessoa, escrito em inglês por volta de 1925, mas encontrado apenas na década de oitenta dentre inúmeros outros documentos espalhados por seu espólio, hoje pertencente à Biblioteca Nacional de Portugal. A publicação brasileira da Companhia das Letras data de 2008 e é baseada em uma edição portuguesa de 1992. Mais recentemente, no final de 2015, a editora Centro Atlântico, de Portugal, lançou no mercado lusitano belíssima edição bilíngue ricamente ilustrada e cuidadosamente traduzida. Trajetória editorial um pouco diversa possui o *Guia de Ouro Preto*, de Manuel Bandeira. Publicado pela primeira vez em 1938, o livro do poeta brasileiro teve várias edições no século XX, incluindo uma tradução para o francês (1948), chegando à oitava edição em 2015 pela Global Editora. Ambas as trajetórias dos Guias de Lisboa e de Ouro Preto, escritos em anos próximos por dois poetas renomados das letras portuguesa e brasileira, permitem um olhar mais acurado sobre gêneros híbridos que se encontram na literatura: guias de viagem e prosa ensaística. O que se pretende nesta comunicação é abordar pontos de aproximação e afastamento, por meio da apresentação e comparação desses dois guias, entre os textos de Pessoa e de Bandeira, no intuito de analisar como a representação – por vezes bastante poética – das cidades de Lisboa e de Ouro Preto foi tecida nas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: Lisboa, Ouro Preto, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira

Câmara Cascudo e a literatura de viagem: a descrição da paisagem do sertão no Diário dos 1.104 Klmts

JOSÉ LUIZ FERREIRA (UFRN)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a descrição das paisagens do espaço sertanejo apresentadas no *Diário dos 1.104 Klmts.*, crônicas publicadas por Luís da Câmara Cascudo durante a viagem feita ao Sertão potiguar, em 1929, nas companhias de Mário de Andrade

e Antonio Bento de Araújo Lima. Ao descrever aquele ambiente, Câmara Cascudo apresenta e caracteriza o sertão tanto para seus companheiros de viagem como para o mundo letrado numa atitude que reflete e valoriza o espaço sertanejo. Esse conjunto de textos tem uma importância singular, tanto para a historiografia literária do modernismo quanto para a vida cultural e literária local, haja vista que, ao lado dos companheiros de viagem, as impressões, paisagens, costumes, enfim, a vida sertaneja ganha destaque a partir de uma perspectiva em que olhar e o pensamento modernista se faz in loco, ou seja, o Sertão nordestino se apresenta e se incorpora ao fazer estético do modernismo como matéria. A elaboração desse estudo está baseada nas leituras de Candido (2006); Andrade (1974; 1976); Araújo (1995); Ferreira (2000 e 2008); Byington (2000); Neves (2005), dentre outros que tratam da temática abordada.

Palavras-chave: literatura de viagem, sertão, paisagens, Câmara Cascudo

22

ESCRITAS CONTEMPORÂNEAS: INCURSÕES, AVALIAÇÕES E DESAFIOS AO COMPARATIVISMO

Adeitalo Manoel Pinho (UEFS)

Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC-GO)

Resumo: Esta proposta é a continuação de simpósio realizado nos Congressos Abralic de 2015, em Belém- PA, e no Encontro 2016, no Rio de Janeiro. Dado o êxito das apresentações e discussões naquelas oportunidades e por ser do âmbito do Projeto Procad/Capes PUC-Rio/ UNEB-Salvador/UEFS/PUC-Goiás, que irá até 2019, consideramos esta proposta decisiva para as atividades do projeto. A continuação da proposta e realização do simpósio representa a consolidação de um grupo de trabalho multi-institucional e em instância nacional dentro do projeto. Para delinear os desafios presentes no título deste Simpósio, e aqui propostos como um convite instigador a pesquisadores interessados na atualidade das práticas culturais, artísticas e teórico-críticas, elegemos, no pequeno e exitoso ensaio de Giorgio Agamben, uma das suas postulações a O que é o contemporâneo: “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.” A imagem potente de um “escuro” do tempo delinea metaforicamente a problemática a ser compartilhada pelos pesquisadores, em vertentes ou perspectivas compatíveis com seus objetos de interesse e investigação. Tal imagem se impõe quando se constata que, nas últimas décadas, na área dos estudos literários como nas ciências humanas, ocorreram alterações que reconfiguraram os pilares do território disciplinar, abalando o domínio de objetos previsto, o elenco de instrumentos, métodos e, expressivamente, o corpo das proposições aceites como horizonte

teórico dos estudos de literatura, outras artes e da cultura. Tais alterações repercutiram predominantemente na diluição de fronteiras entre as disciplinas, na multiplicação inovadora das questões e temas de investigação plausíveis para cada uma delas e na ampliação dos instrumentos conceituais e técnicas que as singularizam. Em paralelo às alterações no plano epistemológico, são expressivas também, nas últimas décadas, as alterações que ocorrem no âmbito da cultura e no campo artístico, especialmente no domínio do literário. No primeiro caso, a noção de “cultura” alargou-se, extrapolando a legitimidade que lhe atribuíram – igualmente, mas em circunstâncias diversas – o empreendimento civilizacional iluminista, o Estado nacional moderno e as elites cultas na alta modernidade estética, tornando a cultura e, principalmente, o valor cultural focos de instabilidade, conflito e disputa, por forças que saíram dos bastidores e passaram a disputar a significação cultural. Os dois eixos da significação e valor que atravessaram a área de Letras, afetando o âmbito dos estudos comparados: por um lado, problematiza-se a ligação mutuamente legitimadora entre literatura e nacionalidade, parte do processo de constituição dos estados modernos e matriz de toda a historiografia que por um século pautou os estudos da literatura; por outro, dá-se a contestação ao confinamento do valor cultural à esfera erudita, às artes canônicas e, conseqüentemente, à separação entre arte, cultura e o que pensadores como Edward Said e Stuart Hall designaram como a “mundanidade”. Em grande parte, emanam deste cenário de mudanças epistemológicas e culturais o “escuro do tempo” ou os desafios do contemporâneo, que constituem o campo temático do debate aqui proposto, que deverá confrontar-se com o caráter intempestivo, insurgente ou disruptor da contemporaneidade, sistematizando e provendo instrumental teórico e crítico para lidar com as suas diversas dimensões ou concreções. O deslocamento ou a recusa de hierarquias instituídas tanto na dimensão epistemológica quanto na dimensão artístico-criativa geram a oportunidade para que estejam sob o foco

deste Simpósio – como desafios que emergem das zonas de sombras do contemporâneo – as formas, expressões e domínios de experiência recalcados ou preteridos e sua potência intempestiva, tais como: (a) o corpo, em sua materialidade e enquanto superfície de inscrição e energia ético-estética; (b) os afetos, enquanto força disruptora a dar ensejo a outras formas de experiência e representação das vivências; (c) o comum e o cotidiano enquanto categorias transversais da cultura, a mobilizar uma rede de significados que remetem a espaços periféricos, tanto no cenário político e sociocultural quanto nos cenários textuais e artísticos; (d) a violência, a exclusão e a cidade como figurações do presente que convulsionam os limites da representação ao instaurarem, em diversas linguagens artísticas; (e) a lógica do testemunho, do biográfico e do documental, em flagrante desafio à compreensão estabilizada do que seria próprio do domínio ficcional. Ao acolher as perspectivas dos estudos de literatura e de outras linguagens artísticas, bem como dos estudos de produções, práticas e políticas da cultura, incorporando as dimensões de materialidade, de performatividade e de insurgência, próprias das estratégias criativas da atualidade, este Simpósio ambiciona empreender não apenas uma discussão estética e política que possibilite a acolhida analítica das forças e das formas artísticas e culturais do presente, mas – e principalmente – acentuar uma potência inovadora e transformadora que possa afetar práticas investigativas, formativas e educacionais na sociedade brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Escritas contemporâneas, Estudos Literários, Cultura, Comparatismo

Referências:

- AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Editora Argos, 2009.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

Atmosfera contemporânea: biografia e história da literatura

ADEÍTALO MANOEL PINHO (UEFS)

Resumo: O contemporâneo tem sido marcado pela super apresentação do eu em espaço público. De fato, não se trata de um eu comum a outros momentos históricos. Por isso, foi necessário criar e usar termos como virtual, hipertexto, ambiente digital, redes sociais, e outros. Neste novo ritual de cultura, como nos apresentam teóricos como Michel Mafesolli, o corpo é apresentado de forma radical, levando ao limite entre o público e o privado. Tais apresentações não deixam de estar ligadas a dois aspectos de interesse dos estudos literários: a narrativa e a criação de modelos performáticos de identidade. Um desses modelos é a necessidade de demonstrar com imagens, escrever e falar de si. É possível pensar a partir daí formatos de identidade nacional e identidade pessoal, mesmo que provisórios e mutantes? Um dos gêneros ligados ao fenômeno cultural é a biografia ou, é a biografia o gênero capaz de dar conta de tais performances? Esta proposta de reflexão trará ideias de Hans Ulrich Gumbrecht, Leonor Arfuch, Michel Mafesolli, Stuart Hall e outros.

Palavras-chave: Atmosfera, História da Literatura, Contemporâneo, Público e privado

Bernardo Guimarães e Luiz Gama: escrita contemporânea

MEILA OLIVEIRA SOUZA LIMA (UEFS)

Resumo: O romantismo brasileiro representou mudanças significativas em nossa literatura. Através das produções artísticas do período, nos enveredamos por um país em formação cultural, se desvencilhando das letras europeias e ao mesmo tempo tão ligada a elas. Os temas indianistas, sociais, foram o carro chefe de uma geração que buscava

descrever o Brasil, além dos textos abolicionistas. Temos um período de constantes debates a respeito da identidade nacional, elegendo o índio o herói literário. O cânone consagrou Gonçalves Dias, Joaquim Manoel de Macedo e José de Alencar como nossos grandes escritores, representando o povo brasileiro em seus costumes e tradições. Bernardo Guimarães, contudo, eleito pela crítica como o poeta da natureza ou o contador de casos do sertão, do interior brasileiro, nos legou textos que ultrapassaram seu tempo, se mostrando tão atuais em pleno século XXI. Nesta proposta de trabalho, nos habilitamos a exibir textos poéticos do vate com temáticas muito presentes na atualidade. São eles, “A origem do mênstruo”, poema clandestinamente publicado em 1875, tratando-se da sexualidade e da fertilidade feminina; “O elixir do Pajé”, igualmente clandestino, relatando a sexualidade masculina tendo o índio como personagem central; dois poemas de mesmo tema, porém publicados em anos diferentes, “À saia balão” (1865) e “À moda” (1883), ambos criticando a moda feminina da saia balão, comum entre a aristocracia de seu tempo, mostrando com isso que a ditadura da beleza imposta a mulher não é tão recente quanto parece. Além de Guimarães, Luiz Gama no poema “Balão” (1859) critica a vestimenta feminina. Os dois poetas, Guimarães e Gama, se mostram contemporâneos visto que enxergaram as trevas de sua época, viram e falaram dos problemas existentes, e que perduram até a atualidade. Outro tema em comum entre os dois é a afro-brasilidade presente em dois poemas. Do primeiro, “A Orgia dos Duendes” (1865) e do segundo, “Uma Orquestra” (1859). Sendo assim, verificamos assuntos que ainda necessitam de discussão, e que no século XIX foram postos em debate pelos poetas: a sexualidade, a moda e a cultura afro-brasileira. Ambos os textos ultrapassaram gerações e se mostram atuais num século que ainda percebemos imposições culturais. Os poemas trazem a vista proposições que outros autores negligenciaram, mas que ambos os poetas não deixaram passar despercebidos, achando-se relevante para o conhecimento social/cultural brasileiro e nos serviram para análise nessa apresentação. Como

aporte teórico, este trabalho conta com Giorgio Agambem, Michel Maffesoli, Adeílato Manoel Pinho, Renato Ortiz, Duda Machado, Antonie Compagnon, e outros.

Palavras-chave: Contemporaneidade, Estudo Comparado, Cultura Brasileira, Romantismo

Mito, realidade e o caso africano: um olhar ocidental através da leitura de narrativas de Mia Couto

ODARA PERAZZO RODRIGUES (UEFS)

Resumo: Após Moçambique proclamar sua independência do governo português, em 1975, o país mergulhou em um longo período de guerra civil, que teve fim, somente, em 1992. É nesse período que há um aumento na produção literária de obras que objetivavam a afirmação do “homem” africano e a valorização de sua cultura e tradições autóctones. A literatura produzida na África de língua portuguesa desde então, objetiva ressignificar a identidade dessas ex-colônias/recentes países, que por tanto tempo estiveram sob o domínio de Portugal e tiveram sua cultura menosprezada pelo colonizador. Um dos traços culturais mais marcantes da cultura ancestral africana, e que foi fortemente reprimido pela cultura ocidental racional, é a presença de explicações míticas para eventos naturais cotidianos. Muitos escritores africanos, que pautam as suas narrativas nas tradições locais, optam por trazer em suas obras a presença desses mitos, iniciando assim um diálogo entre tradição e modernidade. Mia Couto, escritor moçambicano, autor das obras de que trata este trabalho, se destaca no papel de ressignificar a identidade moçambicana através da literatura. Suas narrativas utilizam-se de vários mecanismos de resistência anticolonial, desde a forma inovadora como utiliza a língua portuguesa ao resgate de mitos típicos da cultura moçambicana. Com este trabalho, objetiva-se analisar contos publicados nas coletâneas Vozes anotecidas (1986), Cada homem é uma raça (1990) e Estórias abensonhadas (1994), observando como os mitos típicos daquela região são representados nos contos através da perspectiva dos

personagens construídos por Mia Couto, que buscam representar e dar voz ao homem local que por tanto tempo esteve marginalizado.

Palavras-chave: Mia Couto, Literatura Pós-Colonial, Mito, Conto

Perspectiva descolonial no romance “Lutas do coração”, de Inês Sabino

ANTONIA ROSANE PEREIRA LIMA (UEFS)

Resumo: A presente pesquisa propõe levantar discussões acerca da produção literária de autoria feminina no Brasil como fator de descolonização frente à sociedade patriarcalista, a partir do estudo da obra Lutas do Coração (1999), de Inês Sabino. O romance em questão volta-se para a representação de três perfis femininos cujas características podem ser vistas sob o viés da (des)obediência aos padrões sociais impostos por uma elite opressora. Sob esse ponto de vista, acredita-se que seja relevante discutir tal temática, tendo em vista a importância de se valorizar os mais diversos processos de legitimação das camadas exteriorizadas da sociedade, as quais não possuem as mesmas oportunidades que as demais por não se adequarem aos padrões sociais preestabelecidos. Escapar desse processo excludente de organização requer assumir um pensamento descolonizador, sob o ponto de vista de quem está de fora do discurso dominante. Por esse motivo, tem-se Inês Sabino, escritora baiana, como uma figura transgressora, uma mulher que superou o discurso colonial e repressor masculino, tendo desafiado a sociedade brasileira oitocentista por tratar de temas que retratavam, dentre outros aspectos, a busca pela emancipação feminina da submissão imposta pelo poder patriarcal. Embora não tenha sido reconhecida em sua época, devido à insignificância com que tratavam as questões que envolviam as mulheres, seu trabalho foi de grande relevância para a valorização da mulher tanto no âmbito cultural quanto social. O pensamento descolonial é, nessa perspectiva, um pensamento que busca desobedecer ao que sempre é imposto pelos grupos dominantes, sobretudo ocidentais, os quais dividem as pessoas em inferiores/superiores com o intuito de perpetuar a dominação colonial sobre os povos. Sobre dominação masculina, e bebendo das

ideias de E. Levinas, Beauvoir afirma que a mulher é vista como o “Outro”, enquanto o homem é o “Sujeito”. Assim, ele é quem detém o poder sobre tudo enquanto a mulher exerce o papel subalterno, nunca tendo gozado de plena igualdade em relação ao homem, até mesmo em sociedades mais favoráveis a elas. Tem-se, neste sentido, que a ideia do sexo feminino como inferior ao masculino não se deu por causas naturais, mas fora sempre imposta pelo homem em seu desejo de dominação. Pautado na pesquisa bibliográfica, as discussões deste trabalho serão conduzidas à luz dos estudos de Beauvoir (1970) acerca da mulher e seus percalços durante a história da civilização até a era moderna, e os fatores que levaram o sexo feminino a ser considerado inferior ao sexo oposto; Mignolo (2008) propõe a desobediência epistêmica, ao discutir, entre outros aspectos, a necessidade de se romper com o pensamento racista e patriarcal que acaba por promover a exclusão daqueles considerados como seres inferiores, subalternos, com o intuito de se perpetuar um discurso dominador; Araujo (2008) faz um estudo sobre as dificuldades que as mulheres, no Brasil, enfrentaram para adentrar no universo da escrita literária, frequentado para e pelos homens; Alves (2012) pesquisa sobre produções literárias de autoria feminina e aponta Inês Sabino como uma mulher que se preocupava com a defesa dos direitos dos indivíduos oprimidos pela sociedade.

Palavras-chave: Escrita, Descolonial, Feminino, Patriarcal

Mapeamento da produção literária sul-riograndense contemporânea

MAGALI LIPPERT DA SILVA (IFRS)

Resumo: Os estudos sobre a produção literária sul-riograndense são escassos e no caso da Literatura Contemporânea produzida no Rio Grande do Sul são praticamente inexistentes. Três livros sobre o assunto foram encontrados depois de exaustiva busca: “Literatura Gaúcha: História, Formação e Atualidade”, de Luís Augusto Fischer, “Entre dois tempos: viagem a Literatura Contemporânea do Rio Grande do Sul” de Miguel Sanches Neto e “Glossário crítico da Literatura Gaúcha” de Cícero Galeno Lopes. Fischer faz uma abordagem geral dos autores gaúchos e

suas obras, o enfoque, entretanto, é o vestibular, consequentemente um número relevante de novos autores, cuja produção ainda não está consolidada, não foram incluídos no estudo. Já na obra de Miguel Sanches Neto a escolha dos autores contemplados na “viagem a Literatura Contemporânea” é aleatória excluindo nomes de autores importantes da literatura do estado do Rio Grande do Sul. Por fim a obra de Galeno Lopes, embora mais consistente que as outras citadas, apresenta limitações relacionadas aos autores incluídos no “Glossário”, pois trabalha especialmente com nomes consagrados da literatura gaúcha, deixando a margem outros autores relevantes. Nesses últimos anos, centenas de escritores lançaram suas obras no mercado gaúcho e brasileiro, alguns deles alcançaram notório reconhecimento, mas a maioria permaneceu anônima para boa parte do público leitor e mesmo para os estudiosos de Literatura. O trabalho aqui apresentado é resultante do processo de mapeamento da produção literária sul-riograndense dos últimos quarenta anos. A pesquisa está na primeira fase, mas já foram identificados os autores e os gêneros/subgêneros literários aos quais se dedicam. A coleta de dados foi realizada através de levantamentos bibliográficos e biográficos dos autores pesquisados, bem como pesquisa em fonte primária (nos livros dos autores). Foram incluídos no mapeamento, apenas, autores com publicações impressas (individuais) com registro de ISBN que produzem literatura infantil e juvenil, ficção longa e curta, textos dramáticos, poesia e crônica. Espera-se com o estudo identificar quem são os autores residentes ou nascidos no Rio Grande do Sul que estão se dedicando a produção literária, qual o percurso literário desses autores e quais são os subgêneros com maior volume de publicações. Também esperamos entender a dinâmica do processo de publicação, o motivo que leva alguns autores a abandonar um subgênero e se dedicar a outro e, em alguns casos, o que os leva ao abandono definitivo da produção literária. Os nomes dos escritores foram organizados por ordem alfabética de sobrenome, em uma tabela, de modo a ilustrar de forma esquemática a produção. Os dados estatísticos do número de autores que se dedicam a determinados

gêneros/subgêneros literários estão apresentados ao fim da tabela. Os resultados ainda são parciais.

Palavras-chave: Literatura Sul-Riograndense, Literatura Brasileira Contemporânea, Literatura Gaúcha, Mapeamento

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

“Para Goiandira” e “Cora” – dois poemas performativos de Gilberto Mendonça Teles

MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES LIMA (PUC-GO)

Resumo: A poesia performativa de Gilberto Mendonça Teles aciona o imaginário coletivo em poemas musicalizados por grandes nomes da música. Gilberto possui vários poemas que são conhecidos pelo público por meio das canções de Marcelo Barra e Fernando Perilo, artistas da música de Goiás. Dentro dessa discografia, selecionei o poema Arco-íris, em seu título originário para “ Para Goiandira ” musicado e interpretado pela voz suave de Marcelo Barra (um dos mais importantes cantor do cenário da música produzida em Goiás. Outro poema é Cora, que canta a poetisa de Goiás, Cora Coralina. Nesse sentido, a poesia desses artistas da palavra experimenta performances poéticas movidas pela vocalidade sedutora e forças do imaginário que envolvem a coletividade, cativam o ouvinte - espectador e popularizam os textos perante as redes sociais e outras mídias, combinadas com os leitores da poesia dos autores

Palavras-chave: Poesia performativa, Cora e Goiandira, musicalidade

A Expressividade poética da lírica de Cora Coralina - Uma poética em movimento

MARTA BONACH GOMES (PUC-GO)

Resumo: A escritura poética pinta quadros na memória e encaminha quem ler a pensar e se inquietar com a obra escolhida. Aparo-me nesta premissa para propor, neste estudo, uma investigação sobre a obra de

Ana Lins dos Guimarães Bretas (Cora Coralina), filtrada no olhar de hoje, desde a produção até particularidades e complexidades no campo da poesia na literatura brasileira. Nesse sentido, a pesquisa se propõe a realizar um estudo sobre as peculiaridades estéticas e a singularidade de poemas de Cora Coralina, a partir da construção as escrituras de seus textos poéticos. Assim, será traçado na apresentação o valor artísticos dos textos líricos, explorando os traços poetizados das descrições históricas, humana e belezas naturais da terra, com a carga poética marcada por uma força vinda do coração do Brasil, que enaltece os ermos goianos, a antiga capital de Goiás, com suas pedras, seus becos e histórias mais.

Palavras-chave: poética, Cora Coralina, Memória, História, Goiás

A performatividade e o imaginário ecopoesia em Sociologia de Gilberto Mendonça Teles e Edival Lourenço

ROSALLY BRASIL PEREIRA (PUC-GO)

Resumo: A proposta desse estudo é identificar a poética das ecopoésias de Gilberto Mendonça Teles, na obra Sociologia Goiana e poemas de Edival Lourenço valorizando seu imaginário performático e sua estética. Será observado como interesse do homem ecologia proporcionou um pelas artes, especialmente o dos jovens, deve-se ao apelo de sua sensibilidade que, movido pela auto procura, busca diferentes sistemas de linguagens para se expressar. Desejoso de compreensão técnica e de concepções referências próprias de cada sistema de linguagem os acadêmicos ressentem-se de oportunidade para o pleno desenvolvimento de competência e performance no sistema de linguagem proposto para estudo.

Palavras-chave: ecopoesia, imaginário, performance, Sociologia goiana

O imaginário em “Epopeia dos Sertões”, de Willian Agel de Melo

JUSSIARA MOEMA RAMOS DE OLIVEIRA (PUC-GO)

Resumo: A proposta desse trabalho é apresentar ideais da pesquisa, matéria de estudo, do mestrado, que tem como objetivo aplicação

de fundamentos da poética do imaginário, no romance Epopeia dos Sertões de Willian Agel de Melo, examinando a obra no ponto de vista da transfiguração de momentos que envolvem a história do Brasil e a construção do romance, nos aspectos estético, imagético e mítico. Será considerado a importância de tais abordagens para a crítica literária, para os estudos literários da poética do imaginário e transfiguração da história real para o mundo mitopoético, e sua aplicabilidade no ensino da obra de arte na educação básica. Também, é matéria desse estudo estilo empregado por Willian Agel de Melo, quando realiza um diálogo entre a linguagem literária e a história, na composição de obra de arte contemporânea;

Palavras-chave: aspectos estético, imagético, mítico, IMAGINÁRIO

O imaginário poético e a performatividade da dança em “Sociologia Goiana”, de Gilberto Mendonça Teles

CECÍLIA MENEZES GONÇALVES LIMA (PUC-GO), NADLLA GUIMARÃES MOTA (PUC-GO)

Resumo: A proposta desse trabalho é estudar a performance inserida no universo imagético o mítico e no histórico-geográfico nos poemas de Sociologia Goiana de Gilberto Mendonça Teles, considerando o desenvolvimento de competência que envolve a interface de teorias sobre a performance, a poética do imaginário e a natureza do texto poético numa abordagem comparativa. Nesse sentido, a pesquisa consiste na realização de atividades interdisciplinar a partir dos pressupostos teóricos da teoria crítica sobre o conceito de poético, de mestres performáticos e suas observação coreografias. Esta proposta de pesquisa, criar alternativas, no campo das linguagens artísticas, poética e performática, para ampliação da percepção sobre a natureza, forma e realização dessas linguagens, dado ao seu caráter interartístico, sob a luz dos conceitos e métodos da poética do imaginário, do texto poético, da performance, da crítica literária, da arte contemporânea.

Palavras-chave: Performance, poesia, imaginário, Sociologia goiana

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 3

Angústia e sedução na arte contemporânea: o escritor como objeto de instalação

ELIZABETH GONZAGA DE LIMA (UNEB)

Resumo: “Existia realmente uma arte de vanguarda?” Esta e outras inúmeras indagações acerca da arte contemporânea substancia o relato memorialístico e ao mesmo tempo ficcional de Enrique Vila-Matas no livro Não há lugar para a lógica em Kassel (2015). O autor catalão divide-se entre ser narrador e personagem desta espécie de autoficção biográfica ao testemunhar seu mergulho errático pela Mostra de Arte Documenta 13, ocorrida em 2012, em Kassel na Alemanha. A narrativa, acima de tudo, proporciona a experiência leitora de vislumbrar o escritor tornando-se objeto de uma instalação ao aceitar a proposta dos curadores para passar alguns dias em um restaurante chinês, escrevendo frente ao público do evento, tornando-o protagonista de um reality de poiesis. O convite inusitado transforma-se num misto de angústia e sedução que reproduz as sensações que giram em torno da recepção da própria vanguarda e de suas mitologias construídas por artistas e público ao longo tempo. Nicolas Bourriaud em Pós-Produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo (2009) apresenta a nova cena das manifestações artísticas explicando como se estabelece neste contexto o uso dos objetos, das formas e do mundo. No uso das formas, Bourriaud destaca a cultura DJ que utiliza estratégias de mixagens de produtos, trabalhando a partir de princípios herdados das vanguardas artísticas como desvios e ready-mades, lançando mão ainda de repertórios anteriores. De certo modo, Vila-Matas figura como um DJ da literatura ao elaborar sua obra como pós-produção da Documenta 13 e adotar o artifício de mixar na elaboração do enredo, reflexões sobre a literatura e sobre os produtos artísticos das instalações. Escolha que

representa, como assinala Bourriaud, o artista da atualidade se movendo numa rede de formas contíguas, pois “O produto pode servir para fazer uma obra, a obra pode voltar a ser um objeto, instaura-se uma rotação, determinada pelo uso dado às formas” (2009, p.42). Dentre as propostas no âmbito do simpósio Escritas contemporâneas, este trabalho opta pela linha que discute a desestabilização do domínio ficcional frente à lógica do biográfico e do documental. Sendo assim, a comunicação pretende examinar os desafios da contemporaneidade para a literatura em sua relação com outras artes, a partir da experiência vivenciada por Vila-Matas, em sua perspectiva de tensionar e, ao mesmo tempo, diluir as fronteiras entre as artes, que se reflete no esgarçamento dos limites entre o biográfico, o documental e o ficcional, explicitando assim a interface do contemporâneo de fixar o olhar em seu tempo, mas para perceber o escuro e não as luzes, como assinala Agamben (2009).

Palavras-chave: Arte contemporânea, Escritor, Relato biográfico, Relato documental

A relação entre literatura e história no romance “And the hippos were boiled in their tanks” (2008), de Jack Kerouac e William S. Burroughs

MANOELA CAROLINE NAVAS (UNESP), GISÉLE MANGANELLI FERNANDES (UNESP)

Resumo: O presente trabalho examina a relação entre Literatura e História no romance norte-americano *And the Hippos Were Boiled in Their Tanks*, de Jack Kerouac e William S. Burroughs, escrito em 1945, mas somente publicado em 2008. A publicação da obra não ocorreu anteriormente devido a um pedido das famílias dos envolvidos no caso do assassinato “Carr e Kamerrer” (evento ficcionalizado no livro). O romance é resultado de uma coautoria entre Jack Kerouac e William Burroughs, escritores conhecidos por fazerem parte da chamada Beat Generation. O estudo ora apresentado analisa as relações entre o romance e o período histórico em que foi desenvolvido, o da Segunda Guerra Mundial. Para estabelecer a comparação proposta, faz-se necessário elucidar como se constitui a chave de leitura do romance. Primeiro, há uma contextualização da Beat Generation, com as premissas

dadas por Claudio Willer (2009, 2014), elucidando a luta de caráter ideológico travada pelos beats, fazendo experimentações literárias a fim de conseguir dar vazão aos valores que acreditavam faltar na sociedade norte-americana no período pós-guerras mundiais. Tomando por base o texto de Fernanda Pivano (2002), há uma discussão sobre como a geração Beat revela seus valores no processo de construção do romance, colocando em xeque também esse gênero literário. Visto que a obra foi baseada em fatos reais, e apresenta em sua gênese a biografia, debate-se qual seria a leitura permitida para estabelecer uma possível aproximação entre Literatura e História. Terminada esta etapa, tendo como referência o historiador Eric Hobsbawm (1995), será apresentado um panorama sobre o período histórico em questão (pós- duas Guerras Mundiais), com um recorte feito acerca da temática da guerra. O uso de material histórico para a composição da obra revela duas consequências, uma direta e uma indireta: ele tanto ajuda a construir um cenário para a gênese biográfica do romance bem como ajuda a interpretar o grau de ficcionalidade na obra. Após essas considerações teóricas, serão apresentadas análises do texto de *And the Hippos Were Boiled in Their Tanks* (2008), com o objetivo de mostrar a existência de um prenúncio de um novo sujeito, de novas identidades advindas daquele momento histórico. Serão relacionados com as premissas dadas por Hall (1999) que aponta para os descentramentos do sujeito ocorridos ao longo do século XX que acabam por fragmentar as identidades modernas. Assim, serão trabalhados os elementos envolvidos com a representação de uma identidade cultural em sua relação histórica, por meio do acesso à memória presente no livro em foco.

Palavras-chave: Beat Generation, Jack Kerouac, William S. Burroughs, Literatura e História

Estratégias literárias nas narrativas científicas sobre crise econômica

THIAGO MARTINS CALDAS PRADO (UNEB)

Resumo: Objetiva-se analisar os discursos econômicos contemporâneos sobre crise observando-se a figura de retórica como um recurso a

estabelecer a composição do argumento e a ampliar o poder de persuasão de tais enunciações. Afirma-se, como hipótese, que os discursos sobre instabilidade na área do saber da economia apoiam-se em figuras de retórica para arrumar o cenário ideológico de seu autor, e que, nesse aspecto, a análise do discurso econômico como texto literário demonstra-se vantajosa para apresentar como se costura o processo argumentativo do autor. A pertinência teórica em realizar uma investigação das figuras de retórica no discurso econômico justifica-se de dois modos. No primeiro plano, a proposição de se analisar a formação do argumento em narrativas científicas por meio da realização das figuras de retórica, demasiadamente ilustradas nos textos poéticos, está em consonância com as exigências advindas da própria área dos Estudos de Linguagem. Na perspectiva de Roman Jakobson (2003, p.129): “o estudo linguístico da função poética deve ultrapassar os limites da poesia”. De outro modo, atentando-se às observações de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005), a tendência em enfatizar meramente o lado estilístico dessas figuras, não as concebendo como recursos a constituírem a própria argumentação arquitetada no texto, deve-se a um isolamento da figura em relação ao seu contexto; portanto, no entender desses autores, a investigação sobre as figuras de retórica devem atender menos as necessidades de legitimação de um modo literário de expressão que as emergências em reconhecê-las como técnicas do discurso persuasivo. No segundo plano, ao notar a figura de linguagem como técnica de persuasão, podem-se interpretar teorias científicas como montagens discursivas e questionar a sua legitimidade ou a sua presunção em implicar autonomia ou fundamentos inquestionáveis para as áreas de saber. Nesse sentido, reconhecer o discurso econômico como um entrecruzamento de narrativas eivadas de ferramentas e estratégias de persuasão desmobiliza a nocividade (ou a confiança) de uma interpretação mais monolítica ou mais hegemônica sobre os fenômenos econômicos. Nesse sentido, é possível reconhecer que a prática retórica é o centro da produção do saber científico.

Quando os Estudos da Linguagem, com essa perspectiva, aproximam-se da análise econômica, o tipo de investigação interdisciplinar que pode surgir a partir daí tanto potencializa uma como outra área. Nas ciências econômicas, o estudo a respeito da intenção discursiva, como uma vertente diferente da análise da sequência monetária ou do planejamento para a maximização dos lucros, aparece como um instrumento necessário para conter a nocividade da hegemonia interpretativa nessa área. É preciso compreender a camuflagem ideológica que cerca as teorias econômicas vigentes a fim de que uma nova cegueira ou um surto de confiança não possam promover uma crise como a que aconteceu em 2008. Nas ciências da linguagem, o alargamento do seu instrumental teórico para a área da economia possibilita uma aplicabilidade que amplia a capacidade de modificar ou prevenir a dimensão social associada aos resultados das discussões da análise econômica.

Palavras-chave: Figuras de linguagem, Discurso Econômico Contemporâneo, Técnicas Literárias, Estratégias Retóricas na Economia

Feituras femininas: memórias e identidades nas narrativas de Guimarães Rosa e de Mia Couto

IVANI MARIA PEREIRA (UFU)

Resumo: Esta comunicação propõe observar as questões relativas à construção, ou melhor, às construções narrativo-poéticas das personagens (entre tantas possibilidades: de memórias e de identidades) engenhadas com recursos muito bem tecidos nas tramas dos escritores Guimarães Rosa e Mia Couto, cujas obras em muitos aspectos se aproximam. Para este estudo, de forma particular, os pontos convergentes na escritura dos dois autores serão analisados no que diz respeito a esse elemento narrativo, sobretudo, à composição das figuras femininas protagonistas. Foram escolhidos dois contos, “Esses Lopes” e “A saia almarrotada”, este da obra O Fio das Missangas, de Mia Couto, e aquele da obra Tutameia, de Guimarães Rosa; neles, especificamente,

conteúdos relevantes e solícitos de um trabalho analítico consciencioso para várias áreas de estudo, especialmente, para a literatura, como Memórias e Identidades serão estudados. Nos contos em análise, estas temáticas se relacionam, principalmente, a partir de um ponto de vista histórico-cultural e, mais do que isso, são elementos imprescindíveis para as formas de narrar muito peculiar aos autores, as quais garantem às obras uma autêntica poesia. Para tanto, têm-se como corpus desta pesquisa os olhares lançados sobre a performance das personagens principais em uma perspectiva cultural, as quais contemplam as noções de Memórias e Identidades, objetos de estudos de importantes teóricos: Stuart Hall, Paul Ricoeur, Angel Rama, Homi Bhabha, Walter Benjamin, entre outros.

Palavras-chave: Conto narrativo-poético, Guimarães Rosa e Mia Couto, Identidades e Memórias, Personagens femininas

Gloria Anzaldúa e Esmeralda Santiago: Manifestações artísticas plurais em vozes latinas nos Estados Unidos

GISELE MANGANELL FERNANDES (UNESP)

Resumo: A produção artística dos imigrantes latinos e de seus descendentes nos Estados Unidos tem merecido a atenção de estudiosos de diversas áreas, pois a pluralidade característica do Pós-Modernismo permite a vozes outrora silenciadas serem agora ouvidas. A imigração latina nos EUA cresceu de maneira vertiginosa e sua influência se faz sentir no cotidiano dos americanos. Os latinos têm ocupado um espaço cada vez mais significativo na política, com eleições de seus representantes em diversos níveis, e também na mídia, por exemplo, com a emissora Univisión cujos estúdios e operações comerciais encontram-se no estado da Flórida. A luta interna enfrentada pelos latinos entre a manutenção das tradições de seus ancestrais e o estilo de vida nos Estados Unidos gera um conflito que os obriga a uma árdua busca por sua identidade. Neste trabalho, serão analisados os textos *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987), de Gloria Alzandúa, e

When I Was Puerto Rican (1993), de Esmeralda Santiago. Nestes livros, as escritoras abordam, com profundidade, a condição híbrida do sujeito. Esmeralda Santiago narra a mudança de sua família de Porto Rico para New York e as inquietações acerca de sua identidade. Gloria Anzaldúa, além de colocar em xeque a noção de fronteiras geográficas, rompe com fronteiras de gêneros literários. Anzaldúa apresenta sua postura rebelde, escrevendo contra as convenções família patriarcal, explicitando seu combate às estruturas sociais estabelecidas. As produções artísticas em foco revelam as angústias quanto ao enfrentamento de uma série de preconceitos sofridos pelos latinos e seus descendentes por parte da sociedade americana, principalmente no tocante a aspectos como sua forma de agir, de falar. Os procedimentos estéticos empregados por Anzaldúa e Santiago mostram as constantes tentativas dos latinos de transpor fronteiras, não apenas geográficas, mas também as econômicas, sociais e linguísticas. Em *Borderlands/La Frontera*, obra escrita em Inglês, Espanhol e em alguns momentos na língua indígena Nahuatl, Anzaldúa escreve também em prosa e em poesia, mostrando uma ruptura de fronteiras de gêneros e esta mescla, este hibridismo, caracteriza o mundo pós-moderno em sua pluralidade de culturas refletidas em múltiplas formas no campo artístico. Cabe-nos, como estudiosos de literatura, trazer para a academia discussões e comparações de textos desafiadores, na medida em que necessitam de outras perspectivas de análise da produção literária e apresentam questionamentos significativos para o novo contexto global. Textos teóricos de Walter Mignolo (2000), Alberto Moreiras (2001) e Hugo Achugar (2006) serão utilizados na discussão dos tópicos examinados no presente estudo.

Palavras-chave: Gloria Anzaldúa, Esmeralda Santiago, Identidade(s), imigrantes latinos nos EUA

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Fan pages de escritores – quando a cultura dos fãs invade o campo da literatura

SAYONARA AMARAL OLIVEIRA (UNEB)

Resumo: As diversas práticas de produção, circulação, recepção e consagração artístico-culturais, que despontam de forma crescente na atualidade, permitem compreender a literatura como um bem simbólico acessível a um vasto público, que dela faz uso à revelia das instâncias tradicionalmente requisitadas para a sua veiculação. É inegável que os currículos escolares, as resenhas especializadas, bem como os concursos e festas promovidas pelo mercado editorial, ainda possuem grande representatividade quando se trata de validar as experiências com o literário. Porém, numa relativa distância desses espaços mais territorializados e capitalizados da instituição, hoje se multiplicam as fontes de legitimidade cultural, com o comparecimento de outras vozes, outras textualidades e leituras que reivindicam o estatuto da literatura também. Tal quadro se amplia sobretudo com o uso das mídias digitais, que desempenham um papel excepcional como canais de expressão e de visibilidade para um público anônimo, na contemporaneidade. Partindo dessa constatação, pretende-se refletir, nesta comunicação, acerca da emergência de uma cultura de fãs (fandom) junto ao campo instituído da literatura, com enfoque nas fan pages criadas pelo público em homenagem a escritores brasileiros consagrados. Entende-se que, ao abraçarem a iniciativa de construir páginas no facebook para editar/postar textos, imagens e dados biográficos de prestigiados escritores, esses fãs estão por certo realimentando um cânone já estabelecido por especialistas, mas o fazem sob novas coordenadas, ao produzirem outras modalidades de apropriação e de enunciação do literário no contexto da internet, o que vai conferir novas nuances a esse cânone.

A discussão proposta toma como ponto de partida uma reavaliação da figura do fã, a qual foi durante muito tempo estigmatizada por representar o entusiasmo desmesurado que um indivíduo ou grupo de indivíduos nutre por determinado objeto de admiração no interior da cultura massiva. Concebia-se tal entusiasmo como a manifestação de um comportamento alucinado, oriundo de um público alienado, passivo, consumidor voraz e acrítico dos produtos impostos pelo mercado e pela mídia. Na contramão dessa visão apocalíptica, adota-se aqui a compreensão, vigente na crítica cultural contemporânea, de que as experiências e atividades dos fãs comportam uma dimensão singularmente afirmativa, haja vista que o público não somente constrói sentidos sobre aquilo que lê ou consome, bem como se dispõe a criar outras produções simbólicas, derivadas das suas práticas de leitura e consumo. As fan pages literárias que levam a rubrica de escritores brasileiros renomados são um exemplo dessas produções, razão pela qual se pode reconhecer nos criadores dessas páginas os novos mediadores e promotores culturais da literatura, em tempos de expansão midiática.

Palavras-chave: fan pages literárias, fandom, mídia digital, cânones

O principado da poesia no Brasil e em Goiás

ELIZABETH ABREU CALDEIRA BRITO (PUC-GO)

Resumo: A história do principado da poesia brasileira se inicia em 1907, quando Olavo Bilac, recebeu o título de Príncipe dos Poetas brasileiros. Em seguida vieram: Antonio Mariano Alberto de Oliveira, Olegário Mariano Carneiro da Cunha, Guilherme de Andrade de Almeida e o atual, Paulo Lébeis Bonfim. Goiás também tem o reinado da poesia brasileira feita por goianos, que se iniciou com Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira e depois: Cyllenêo Marques de Araújo Valle – Léo Lynce, José Xavier de Almeida Júnior e Gilberto Mendonça Teles, o atual Príncipe dos Poetas Goianos, ad vitam. A proposta desse estudo é traçar o perfil histórico e literário do Principado da poesia no Brasil e em Goiás,

ênfatizando a força estética e a literariedade dos textos poéticos desses poetas, que há de se justificar o contorno dos principados. Buscaremos, ainda, resposta para as problematizações: Por que os poetas ostentaram o honroso título? Qual o merecimento? Quem os designaram?

Palavras-chave: Poesia, Literatura brasileira, Príncipes , Poética

Sombras: de projeções a sujeitos do universo literário

MARCELLE FERREIRA LEAL (UFRJ)

Resumo: No âmbito físico, a sombra se caracteriza como uma silhueta carente de luminosidade que se forma em um anteparo devido ao bloqueio dos raios de luz por uma estrutura opaca. Devido às suas propriedades, configura-se tanto como um instrumento de descoberta da natureza na Antiguidade, como o conhecimento astronômico desenvolvido a partir das observações dos eclipses, quanto uma alegoria para o debate humanístico, conforme as sombras presentes no Mito da caverna, de Platão, e as apresentadas por Carl Gustav Jung para tratar do lado obscuro do ser humano. É inegável que a imagem bidimensional, monocromática e passível de manipulação consiste em um importante elemento estético para a composição literária. Na Renascença, Dante povoa a Comédia com personagens de constituição sombria; no século XIX, Edgar Allan Poe a utiliza em Sombra: uma parábola como meio de inserir uma atmosfera de terror na narrativa; no mesmo período Adelbert von Chamisso a inscreve como mercadoria em A história maravilhosa de Peter Schlemihl; já no fim do século XX, em A história de Júlia e sua Sombra de menino, Christian Bruel e Anne Galland utilizam a sombra como um elemento estético que permite a discussão sobre identidade de gênero com o público infanto-juvenil. Os exemplos mencionados indicam a pluralidade semântica que esta forma agrega à literatura, pois, no campo da metáfora, a silhueta umbrosa possibilita o acesso aos mais diversos temas. No entanto, no século XX, principalmente com o advento da fragmentação das paisagens culturais, os debates críticos que emergem evidenciam a presença das sombras da

literatura. Isto é, a formação de zonas obscurecidas no âmbito literário oriundas do encontro da luz da crítica com o corpo de uma estrutura hegemônica cuja existência se inscreve como essencial tornando o que escapa da sua estrutura objeto de sua representação – ainda que estereotipada - e classificação, na medida em que categoriza este “outro” numa posição inferior em relação a si. Assim, grupos designados como periféricos – como mulheres e negros - figuram, majoritariamente, como projeções que garantem a estrutura sólida de um padrão no qual o protagonismo se concentra em apenas um tipo social. Este é um breve panorama da pesquisa em andamento designada Poéticas da Sombra. Almeja-se apresentar um pequeno recorte da segunda parte da tese na qual se analisam as estratégias através das quais as sombras, outrora projetadas pelo cânone, impõem-se como sujeitos no espaço literário. Desta forma, não apenas se apoderam da produção e da representação literárias, conferindo legitimidade para vozes até então silenciadas ou subalternizadas, mas também denunciam os meios de exclusão e inferiorização da sua presença na literatura, colocando em xeque os próprios domínios do literário.

Palavras-chave: Sombras na literatura, Sombras da literatura, Literatura e representação, Escrita de mulheres negras

A poesia religiosa de Jorge de Lima e de Murilo Mendes – Imaginário e espaço mitopoético

KÉSIA BRASIL PEREIRA NACIF (PUC-GO)

Resumo: A proposta do trabalho é apresentar o estudo que será desenvolvido como mestranda e que tem como meta realizar uma investigação científica sobre a poesia religiosa de Jorge de Lima e de Murilo Mendes, considerando a interface da poética do imaginário e a natureza do texto poético numa abordagem comparativa. Nesse sentido, a pesquisa tem como pressupostos teóricos da teoria crítica sobre o conceito de poético, do imaginário e dos aspectos estéticos, imagéticos, míticos e místicos dos poemas .

Palavras-chave: poesia, religiosa, imaginário, mitopoético

23

**ESTUDOS DO GÓTICO: DE SUAS ORIGENS
SETECENTISTAS À CONTEMPORANEIDADE****Claudio Vescia Zanini (UFCSA)****Aparecido Donizete Rossi (UNESP)****Fernando Monteiro de Barros (UERJ)**

Resumo: “Gótico” é um conceito fugidio, que possui uma notável capacidade de adaptação aos mais diversos usos. A história do termo é longa e rocambolesca, e faz parecer inglória qualquer tentativa de conciliar seus significados mais restritos com seus usos mais amplos. Ao longo de séculos, tem sido empregado para rotular as mais díspares ideias, tendências, autores e obras, e, nas últimas décadas, especialmente, a palavra passou a funcionar como um termo “guarda-chuva”, tendo seu sentido diluído e sua força conceitual esvaziada. Afinal, gótico é um adjetivo pátrio, que se referia a uma das tribos germânicas responsáveis pela queda do Império Romano, os Godos. É também um termo que os renascentistas utilizaram para nomear o estilo arquitetônico medieval, considerado “bárbaro”, sem refinamento, monstruoso, desordenado, em oposição, é claro, à arte clássica – e, por extensão, o termo passou a se referir à Idade Média como um todo. É o nome de uma subcultura de arte e moda contemporânea, caracterizada pelo apreço pelos temas da melancolia, do horror e da morte. E, por fim, no âmbito da história da literatura, é o estilo dos romances escritos entre o fim do século XVIII e o início do XIX, sobretudo na Inglaterra, notabilizados pela produção do horror e/ou terror como efeito de recepção. Surgida no limiar da modernidade iluminista, a literatura gótica tem se revelado duradoura como a própria modernidade dentro da qual se engendrou, o que se confirma nas sucessivas reedições e atualizações do gênero até os dias de hoje, tanto

na literatura quanto nos diversos meios de comunicação. No cenário globalizado e pluralizado da contemporaneidade, categorias do Gótico exógenas ao cenário europeu, como o “American Gothic”, o “Southern Gothic” e até mesmo o “Tropical Gothic”, vêm ocupando espaço nos trabalhos acadêmicos em um movimento de hibridismo cultural no qual a hegemonia do centro passa a conviver com a pluralidade das margens. No que concerne o seu temário, o gótico é tão vasto quanto as definições que lhe foram atribuídas ao longo da história. Assim como existe a ligação quase que imediata do gótico com a escuridão e seus ruídos e fantasmas, há também a exploração do onírico e do fantástico, a intensidade de sentimentos como o amor, a angústia e o isolamento, sentimento este que frequentemente surge no gótico a partir da percepção do sujeito de que ele não pertence – ao menos não totalmente – ao meio social em que se insere. A percepção do outro é também questão crucial nos estudos do gótico, sobretudo no que diz respeito à figura do monstro: em vertentes ditas clássicas, o monstro gótico é fisicamente diferente do ser humano, e se caracteriza por seu aspecto abjeto – ao mesmo em que nos repele, ele nos fascina; em narrativas contemporâneas, por outro lado, a monstruosidade é mais perceptível em comportamentos e na psique dos personagens, tonando cada vez mais tênue a linha que separa “eles” de “nós”. Aqui também cabe fazer referência ao espaço, que no mais das vezes se configura como personagem crucial da narrativa gótica: a casa de Usher, o laboratório de Victor Frankenstein, a taverna inebriante de Álvares de Azevedo, o bosque do acampamento Crystal Lake, o Castelo de Drácula, o inferno dos cenobitas em Hellraiser, o subconsciente humano e suas inúmeras formas que Freddy Krueger explora tão bem em A Hora do Pesadelo, a abadia medieval de O Nome da Rosa, além das idealizações regionais macabras contemporâneas percebidas em filmes como O Albergue (leste europeu), Turistas (Brasil), Wolf Creek (Austrália) e Viagem Maldita e O Massacre da Serra Elétrica (desertos dos Estados Unidos). O Grupo de Pesquisa Estudos do Gótico (CNPq) propõe, em

uma perspectiva tanto transcultural quanto transdiscursiva, discutir essa tendência do espírito moderno, que afetou profundamente os modos de pensar, de sentir e de expressar a arte nesses 250 anos de sua permanência na literatura, na cultura e no imaginário do mundo ocidental. Serão acolhidas propostas que abarquem análises de corpus relacionadas ao gótico, as quais incluem, mas não se limitam a: seus diferentes movimentos regionais (tais como o gótico americano, “Southern American Gothic”, gótico tropical, gótico canadense), seus momentos histórico-sociais (por exemplo, gótico vitoriano, do início do século XX, o pós-gótico) diferentes mídias (texto impresso, cinema, televisão, artes plásticas), além das inúmeras possibilidades teórico-críticas que relacionam o gótico aos estudos comparatistas, à psicanálise, estudos de gênero, estudos de simbologia e mitologia, pós-colonialismo, estudos culturais e teorias da pós-modernidade.

Palavras-chave: Literatura gótica, Literatura Comparada, Vertentes do gótico, Ficção de horror

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

O horror da textualidade

APARECIDO DONIZETE ROSSI (UNESP)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo apresentar e investigar a hipótese de que o horror da textualidade, aqui entendido como a possibilidade assustadora de que o jogo de (auto)referências (sub-/con-)textuais a que a ficção e a realidade empírica atuais têm se atido e constituído, revele que não há fora-de-texto e seja, ao mesmo tempo, a textualidade das Trevas, o modo como tem se dado a estetização das Trevas por meio da ficção gótica, sua gramatologia, na contemporaneidade e na tradição do gótico; e um paradigma existencial

tornado literatura e arte, dramatizado pela literatura e pelas demais artes, por meio desse mesmo fazer ficcional, o que equivale a (re) afirmar que o gótico é um modo de pensar a existência, uma forma de conhecimento.

Palavras-chave: Gótico, Ficção de terror, Horror da textualidade, Desconstrução

A voz do monstro

GUILHERME AUGUSTO DUARTE COPATI (UFU)

Resumo: A imagem do monstro, frequentemente evocada na literatura gótica ao longo dos séculos, responde por ambiguidades e transgressões que caracterizam a experiência humana e a tentativa de compreensão das alteridades que subjazem a ela. O monstro emerge nas culturas como o arauto das diferenças e desafia percepções de normalidade e pureza fortemente estabelecidas, implodindo o espaço da abjeção e reorganizando os binarismos que sustentam nossa compreensão sobre identidades e sexualidades. Ao incorporar essa responsabilidade, que é sobretudo política, ele pleiteia voz no cerne de uma comunidade que insiste em silenciá-lo em favor do fortalecimento de instituições autoritárias e de noções socialmente partilhadas de subjetividade. A necessidade de o monstro construir o conhecimento de si mesmo e do universo ao seu redor sob a forma de uma narrativa, engendrando, em oposição, o seu forçoso silenciamento e a desautorização de sua fala por meio de uma abjeção compulsória, que tenciona à estabilidade dos limites do humano, é um traço que já se manifesta em Frankenstein, de Mary Shelley. Entre os capítulos XI a XVI desse romance, a criatura relata ao pai seu processo de autoconhecimento, na tentativa de compreender o seu lugar na comunidade e atribuir sentido a suas incipientes experiências de vida. Esse conjunto de capítulos serve como um subtexto para a construção do conto “Lusus Naturae”, de Margaret Atwood, publicado na obra *Stone Mattress*, um volume de nove contos que flertam com a literatura gótica ao explorarem, além da

monstruosidade, temas como a vingança, o crime, o aprisionamento e a loucura. Em “Lusus Naturae”, Atwood reverencia a figura do monstro gótico, sem deixar de problematizar o espaço dessa personagem que pleiteia o direito à voz. Para tanto, a escritora canadense reexamina as etapas do processo de autoconhecimento do monstro que remetem aos da criatura de Frankenstein – a visão de sua própria imagem, a educação por meio da literatura, a compreensão da natureza comunitária dos laços humanos, a necessidade de construção de laços semelhantes, a compreensão de seu potencial aterrorizador e, finalmente, a sua sexualidade – e investe essa narrativa de questionamentos cruciais no que diz respeito à construção de possíveis identidades de gênero. Em última instância, o conto permite confirmar a tese de que a voz do monstro gótico configura-se como uma luta pelo direito à validação de sua identidade no seio de uma comunidade que pretende esmagá-lo, sendo articulada por meio de duas estratégias definidoras do gótico pós-moderno, a saber, a revisão das relações de poder que instituem e mantêm as identidades de gênero e a releitura autoconsciente de convenções narrativas presentes em textos da tradição.

Palavras-chave: monstro, gótico, gênero, pós-modernidade

A monstruosidade humana: a literatura gótica como base para a construção do fantástico

AMANDA DA SILVEIRA ASSENZA FRATUCCI (UNESP)

Resumo: A literatura fantástica surgiu inicialmente como modalidade literária durante o Romantismo europeu, com a intenção de representar o mundo interior e subjetivo da mente. Porém, antes disso, já na segunda metade do século XVIII, o romance gótico na Inglaterra havia explorado temas e ambientes que serviriam de base ao fantástico. A literatura fantástica do século XIX apropriou-se de elementos da literatura gótica que apresentavam “a ligação com o exótico e o desconhecido”, mostrada por Sandra Guardini Vasconcelos (*Romance gótico: persistência do romanesco*. In: *Dez lições sobre o romance*

inglês do século XVIII. São Paulo: Boitempo, 2002), trazendo “monstros” exteriores ao indivíduo que contribuíam para a atmosfera fantástica. Villiers de l’Isle-Adam é um dos maiores autores do fantástico do século XIX. Cada palavra de seus textos é escolhida cuidadosamente com o objetivo de expressar sua angústia existencial e a busca por uma produção literária criativa. *L’intersigne*, narrativa do autor publicada em 1865, estrutura-se como narrativa fantástica, mas apresenta muitos componentes advindos do romance gótico, como o espaço insólito, a retomada da Idade Média, o sobrenatural maligno, o terror. Já a literatura fantástica contemporânea, apropria-se de elementos da literatura gótica de maneira distinta, mostrando a monstruosidade humana, colocando essas figuras malignas no interior da mente do indivíduo. Claude Seignolle, escritor francês nascido em 1917, apresenta uma obra rica que nos permite observar como a construção da narrativa fantástica se aproveita de elementos da literatura gótica na contemporaneidade. Tendo iniciado sua vida de escritor com obras ligadas ao folclore francês, Seignolle nos traz como personagens o diabo, o vampiro e o lobisomem. Segundo o estudioso Trousson Raymond (Claude Seignolle: *fantastique et mentalité primitive*. In: Estudos em homenagem ao Professor Antônio Ferreira de Brito. Porto: Universidade do Porto, 2004), a figura do diabo representa, na obra de Seignolle, o Outro. Visível ou invisível, é a representação do Mal supremo e faz, muitas vezes, as personagens praticarem o mal consciente ou inconsciente da presença do diabo em sua mente. Ele diz ainda que esse diabo pouco tem a ver com aquele evocado pela teologia cristã, estando mais ligado ao que Todorov (*Introduction à la littérature fantastique*. Paris: Seuil, 1970) chamou de pan-determinismo, relacionado aos mitos ancestrais. A coletânea de contos *La nuit des Halles* (2001) conta com narrativas ambientadas no espaço urbano de Paris. São lugares reconhecíveis da cidade que são atingidos por intromissões repentinas de algo demoníaco proveniente de tempos imemoriáveis. Este trabalho busca, portanto, verificar os aspectos da literatura gótica nas obras de Villiers e Seignolle, mostrando como a utilização de elementos

góticos na literatura fantástica se modificou desde o século XIX até a contemporaneidade. Os “monstros” que antes eram exteriores ao indivíduo passam a habitar a mente humana, tal como apresentado por Sartre em *Aminadab*, ou o fantástico considerado como uma linguagem (In: *Situações I: críticas literárias*: São Paulo, Cosacnaify, 2005), em que a monstruosidade não está somente no exterior do indivíduo e presente em figuras reais, mas também em seu interior, sendo perceptível no comportamento das personagens.

Palavras-chave: Literatura gótica, Literatura fantástica, Villiers de l’Isle-Adam, Claude Seignolle

Esteticismo *fin-de-siècle*: o grotesco decadente

DANIEL AUGUSTO PEREIRA SILVA (UERJ)

Resumo: Iniciada na Europa nas últimas décadas do século XIX, a ficção decadente é frequentemente considerada um revivalismo da literatura gótica. Essa percepção se deve, em especial, à correlação feita pela crítica entre momentos de crise e a poética gótica. Como apontam David Punter e Glennis Byron, em *The Gothic* (2004), o gótico seria pródigo em dar vazão às ansiedades e aos anseios de determinados períodos, sobretudo aqueles marcados por instabilidades. O final do Oitocentos foi justamente uma dessas épocas de acentuada percepção de decadência social e humana. Diversas obras literárias revelaram intensa descrença nos dogmas religiosos, na ideia de progresso e na capacidade da ciência de resolver os problemas do homem. Não por acaso, esse período foi responsável por apresentar alguns dos clássicos da literatura gótica, tais como *O médico e o monstro* (1886), *O retrato de Dorian Gray* (1890) e *Drácula* (1897). Diante desse cenário de rejeição ao cientificismo positivista e às transformações trazidas pela modernidade, muitos escritores engendraram narrativas marcadas por personagens niilistas, misantropas e avessas a tudo aquilo que acreditam ser comum ou vulgar. A fim de se afastar de uma sociedade por eles considerada excessivamente materialista e de se distinguir de uma produção literária encarada como comercial e pouco artística, a ficção decadente

explicitou sua atração pelo artificial e pelo que contraria as leis da natureza. Para atingir tal objetivo, os textos decadentes se valeram sistematicamente de técnicas de composição características das poéticas do grotesco, como a produção de seres disformes, monstruosos e de difícil classificação racional. Se, na literatura romântica, essa categoria estética foi encorajada como uma forma de destacar, por meio da oposição, a beleza de determinados objetos e personagens — como nos aponta o célebre prefácio de Victor Hugo a *Cromwell* (1827) —, na ficção decadente o grotesco é encarado como um fim em si mesmo. Ainda que produza criaturas horríveis e deformadas, ele é exaltado como o fruto de uma experiência estética nova, original e capaz de gerar sensações intensas. Nessa ficção, a própria descrição dos objetos grotescos é realizada a partir de uma linguagem bastante trabalhada e estetizada, que destaca os aspectos pictóricos das cenas e seu lado artístico. Paradoxalmente, em diversas dessas narrativas, tal esteticismo promoveu a percepção do grotesco como algo belo, elegante e refinado. Nesse sentido, apesar de gerar medo e repulsa como efeitos de recepção, as imagens grotescas também apresentariam um aspecto positivo, já que seriam resultado de um trabalho artístico minucioso. Para demonstrar exemplos pontuais do grotesco decadente, essa comunicação propõe a análise de *Monsieur de Phocas* (1901), de Jean Lorrain, de *Dança do Fogo: o Homem que não queria ser Deus* (1922) e de *Kyrmah: sereia do vício moderno* (1924), dois romances de Raul de Polillo.

Palavras-chave: Gótico, Decadência, Literatura brasileira, Literatura francesa

O gótico na literatura infanto-juvenil de J. K. Rowling e Pedro Bandeira

MÁRCIO ALESSANDRO DE OLIVEIRA (UERJ)

Resumo: Adotando alguns pressupostos teóricos a partir dos quais deverão ser atingidos os seus objetivos, esta pesquisa tenta confirmar algumas hipóteses relativas ao gótico. Baseando-se na Pós-Modernidade e na perspectiva comparatista, este trabalho se debruça sobre aspectos

comuns a *Harry Potter* (de 1997 a 2007), a famosa série da britânica J. K. Rowling (nascida em 1962, ainda viva), e ao romance *A droga da Obediência* (de 1984), da elogiada série infanto-juvenil *Os Karas* (de 1984 a 2014), do escritor brasileiro Pedro Bandeira (nascido em 1942, também vivo). A pesquisa se detém na representação da morte. Esta, apesar de não ser exclusiva do gótico, nele comparece. Propõe-se uma análise que demonstre os modos de representação da morte em duas obras pertencentes a distintos sistemas literários com forte apelo de público, o qual, no conceito de sistema simbólico, de Antonio Cândido, é o comunicando. Uma vez que os leitores são um público de massa, encontra-se nas duas séries romanescas uma característica que as aproxima da estética gótica, já que, segundo Jerrold E. Hogle, a literatura gótica sempre teve forte apelo de público de massa. Um dos objetivos do *Cambridge Companion to Gothic Fiction*, editado por Hogle, é o de “explicar os motivos pelos quais a persistência do Gótico atravessa a história moderna e como e por que houve tantas mudanças e variações de modo curioso por mais de 250 anos” (p. XV). Esse período engloba a Modernidade e a Pós-Modernidade, períodos durante os quais, de acordo com a hipótese aqui levantada, a literatura infanto-juvenil sofreu certa mudança de paradigma, ganhando traços góticos. Supõe-se que dessa mudança sejam uma prova os romances de J. K. Rowling e Pedro Bandeira, que quebraram o tabu da morte. Segundo José Luiz de Sousa Maranhão, “a morte [...] é agora o tabu que violamos”. Sendo assim, investigam-se a mentalidade pós-moderna, constituída pela descrença no culto da personalidade, e a figura do herói. Alguns desses pressupostos se identificam em Voldemort, vilão de *Harry Potter*, e no Doutor Q. I., personagem malfeitor de *A droga da obediência*. Ademais, tanto Rowling como Pedro Bandeira inserem nas estruturas de sua prosa um locus horribilis, além de temas macabros, como o uso de substâncias medicamentosas nocivas, atentados, casos de crimes por solucionar, típicos de romances policiais, cadáveres e desobediência, uma forma de transgressão para o senso comum. Justifica-se a atenção aos elementos

estruturais pelo fato de, nas palavras de Marisa Lajolo, a literatura infantil ter “vocalização pedagógica e inevitavelmente conservadora” (Do mundo da leitura para a leitura do mundo, 2002, p. 69), ao passo que, no dizer de Isabelle Cani, na literatura para adolescentes de modo geral dá-se a lição moral na forma “dos bons sentimentos e dos discursos moralizantes que por tanto tempo dominaram a literatura juvenil” (Harry Potter ou o anti-Peter Pan, 2008, p. 70).

Palavras-chave: gótico, literatura infanto-juvenil, morte, Pós-Modernidade

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Traços do Gótico em *Fogo Morto*, de José Lins do Rego

FERNANDO MONTEIRO DE BARROS (UERJ)

Resumo: O Gótico literário tem se espalhado por vários países e culturas, desde a publicação em 1764 de *O Castelo de Otranto*, romance do inglês Horace Walpole (1717-1797). Os estudos acadêmicos mais recentes já consagram a existência de um Gótico brasileiro, que assume variadas formas e expressões. Uma dessas modalidades tem como cenário a casa-grande remanescente do Brasil colonial e do Brasil monárquico como espaço análogo aos castelos medievais mal-assombrados, e como personagem marcante um senhor de engenho ou barão do café enquanto contraparte tupiniquim do aristocrata malévolo de vários textos do gênero. Na obra *Casa-grande & senzala* (1933), do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987), podemos entrever várias aspectos que remontam ao Gótico literário inglês de matriz walpoleana. Tais aspectos reverberam em muitos romances da década de 1930, como *Fronteira* (1935), de Cornélio Penna (1896-1958), e *A Luz no Subsolo* (1936), de Lúcio Cardoso (1912-1968), autores em cuja obra tais reverberações se fazem ver até a década de 1950, com *A Menina Morta*

(1954), de Cornélio, e *Crônica da Casa Assassinada* (1959), de Lúcio. Os estudos acadêmicos sobre a modalidade freyreana de Gótico brasileiro, portanto, têm se concentrado mais na corrente psicológica e intimista dos autores católicos que estrearam nos anos 30, da qual Cornélio e Lúcio são seus mais destacados representantes. Nossa proposta, aqui, é a de abordar tais aspectos do Gótico brasileiro no romance *Fogo Morto* (1943), de José Lins do Rego (1901-1957), autor da corrente romanesca surgida na década de 1930 que mais se destacou no Brasil daqueles anos, a do romance regionalista de cunho político e social. Além de focalizar os aspectos góticos nesta obra de Lins do Rego, também pretendemos questionar se tal presença do Gótico em nossa literatura poderia resultar de um processo de transculturação ou mesmo de um processo de antropofagia cultural, conforme proposto por Oswald de Andrade (1890-1954) no Manifesto Antropófago de 1928. Também levaremos em consideração o conceito de “literatura transplantada”, abordado pelo mexicano Octavio Paz (1914-1998), a respeito da poesia barroca em seu país. O Gótico, com seu cenário de ruínas, também permite que se trace um paralelo com as reflexões de Walter Benjamin (1892-1940) sobre a alegoria, de seu conhecido estudo sobre o drama barroco alemão de 1925. De fato, o Gótico se configura como uma poética da modernidade, não só por suas fantasmagorias (que constituem um aspecto crepuscular do moderno, segundo o mesmo Benjamin), mas também porque o próprio Gótico entrecruza matrizes realistas e fantasiosas, além de ter se consolidado no gênero moderno por excelência que é o romance.

Palavras-chave: Gótico, Romance de 30, Modernidade, Alegoria

O Locus Horribilis em Stoker e LeFanu

CASSIO LAROTONDA MAIA (UERJ), MARIA CONCEIÇÃO MONTEIRO (UERJ)

Resumo: Ken Gelder (1994), em seu livro *Reading the Vampire*, evidencia paralelos em que a Transilvânia, acendendo ao caráter mitológico, torna-se um signo transferível e passa a ser associada a lugares além do controle da compreensão, onde operam os artifícios

da imaginação. Sendo associada, por exemplo, na Austrália, a lugares ensombrecidos, onde a luz da colonização ainda não exercia controle total – a Tasmânia –, até mesmo o termo gótico da Tasmânia foi cunhado. Gelder (1994, p. 2) nos explica que esse sentido dado aos locais têm mais a ver com arranjos geopolíticos na história e que, no caso da narrativa vampírica, a história e a literatura se corroboram com o intuito de construir esse imaginário. O que exatamente as supramencionadas informações têm a nos dizer? Não nos parece absurda a exclamação de Geoffrey Wall de que “a Transilvânia é o inconsciente da Europa” (1984, p. 20, tradução nossa). É essa equação “razão x inconsciente” que Bram Stoker parece As construções geográficas não são meros acidentes literários. Quando Northrop Frye (2001) postula que a poesia é anterior ao ser e esse é um condutor e lapidador do poder poético que lhe antecede, o que o teórico afirma é que todas as potencialidades artísticas já estão em constante agitação na interação homem-mundo; como o poeta a canalizará, porém, diz respeito a sua memória e às suas especificidades enquanto ser. É por isso que as coisas que se manifestam na arte não são simplesmente coincidências e, frequentemente, têm muito mais a nos dizer do que verbalizam seus autores. Os espaços/lugares são também compostos de produtos que corroboram com o sentido maior dado a essas geografias. Para que possamos clarificar melhor o que compreendemos como produto, lançaremos mão da definição de Maria Aparecida Baccega (2007, p. 39) que nos diz ser o produto a equação final do choque entre o objeto independente de nós e a interação humana com esse dado objeto que resulta da/na práxis. Ou seja, a cruz – com c minúsculo para o japonês, dada sua relação com o objeto não tocar o sagrado – não é simbolicamente a mesma Cruz cristã, sagrada e dotada de significado religioso, dada a prática que sobre ela se aplica. Uma vez que compreendamos isso, percebemos então que os objetos que compõem um determinado espaço estão visceralmente dotados de significação. Esta comunicação pretendo, portanto, analisar, através de textos

teóricos concernentes ao gótico e ao espaço, as significações contidas nas obras *Dracula*, de Bram Stoker, e *Carmilla*, de Sheridan LeFanu.

Palavras-chave: gótico, geografia, dracula, carmilla

A insurgência do paradoxo Jekyll-Hyde

VINICIUS LUCAS DE SOUZA (UNESP-ARARAQUARA)

Resumo: Nossa pesquisa, centrada no tema do duplo (*Doppelgänger*), iniciou-se com a análise do conto “William Wilson” (1839), de Edgar Allan Poe. Com a premissa de que esse conto é um marco na temática em questão, como afirma Otto Rank, estudioso de tal motivo, pode-se dizer que a denominação “Complexo de William Wilson” seja adequada para representar três elementos que emergem da narrativa mencionada de Poe: a existência de uma segunda personagem que compartilha traços físicos e psíquicos da personalidade “original”; a existência do *Unheimliche* (tal como definido por Sigmund Freud em seu ensaio “O ‘estranho’” (1919)), o familiar e estranho convergindo para uma mesma personagem (o outro; o duplo); e o espelho, auxiliador da manifestação do *Doppelgänger*. Em seguida, passamos ao primórdio do referido Complexo em “O homem da areia” (“*Der Sandmann*”, 1816), de E. T. A. Hoffmann, e consequente revisitação em O retrato de Dorian Gray (*The Picture of Dorian Gray*, 1890-1891), de Oscar Wilde. Nesse momento, direcionamo-nos ao romance O médico e o monstro (*Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, 1886), de Robert Louis Stevenson, que em nossa análise evidenciou uma revisão do Complexo de William Wilson, resultando na alteração da tradição do duplo e abertura de novas possibilidades de significação, o múltiplo, apontando para o que aqui se denominou Paradoxo Jekyll-Hyde. O objetivo da presente comunicação é visualizar como tal Paradoxo insurge, como essa multiplicidade metamorfoseia o signo do dois na narrativa mencionada, indiciando a insurgência de um tecido fragmentado, múltiplo em diversos aspectos: a configuração trina (a princípio) do organismo do outrora uno Dr. Henry Jekyll — o doutor, o famigerado Mr. Edward Hyde e a Criatura, o

corpo que abarca essas duas personalidades, adaptando-se fisicamente à personalidade que está consciente —; o jogo hospedeiro-hóspede que se verifica nos documentos que passam pelo cofre e pelas mãos de Gabriel John Utterson, o advogado e amigo de Jekyll; a própria droga camaleônica do cientista, cujo processo de mistura revela-se mais do que uno ou duplo e que contamina o corpo de seu usuário com um replicar fragmentário de identidades; e o espelho, descrito no antepenúltimo capítulo do romance e localizado no laboratório-escritório do doutor, que, devido a uma inclinação, reflete o cadáver do protagonista fragmentado nos diversos vidros dos armários presentes no local, criando uma miríade catóptrica ao longo do laboratório. Assim, objetiva-se visualizar como o Paradoxo Jekyll-Hyde surge de O médico e o monstro, transformando a ordem do Doppelgänger, do duplo ao múltiplo.

Palavras-chave: O médico e o monstro, Robert Louis Stevenson, Duplo, Paradoxo Jekyll-Hyde

O duplo como manifestação da moral monstruosa

STÉFANO STAINLE (UNESP)

Resumo: O objetivo da presente comunicação é identificar e expor aspectos muito específicos sobre a relação entre vida e morte, tal como sugeridas no viés freudiano, tendo como base algumas obras literárias que se utilizam do recurso temático da duplicação do eu e da manifestação do estranho como forma de atingir seu objetivo estético. A obra basilar para tais reflexões será O retrato de Dorian Gray [The Picture of Dorian Gray, 1890] escrita por Oscar Wilde e outras obras, caso sejam necessárias ao movimento de exemplificação do assunto tratado. A manifestação do duplo é a condenação, no outro, de nossas próprias potencialidades monstruosas. Entender que se condena no outro os nossos próprios feitos — sendo eles latentes ou manifestos — constitui o princípio de uma cisão com a visão linear e dogmática entre o bem e o mal, o condenável e o louvável que, na prática da vida cotidiana, não se

realiza de modo tão claro. A ideia binominal de separação entre o bem e o mal não está fundamentada no pensamento clássico que dá origem à construção da cultura ocidental, o panteão da antiguidade clássica não tem, ainda, a fundamentação dogmática enraizada na cultura ocidental através do apogeu do catolicismo. A construção insólita do duplo e do estranho constitui um fenômeno estético que coloca sob suspeita as noções dogmáticas e morais dos valores judaico-cristãos que estão na base do pensamento ocidental. O jogo entre vida e morte representado nas literaturas insólitas que trabalham com a temática do duplo preconiza a cisão experimentada pelos seres humanos diante de um mundo onde a moral já não possui mais potencial castrador suficiente para dominar a libido e canalizá-la por meios de sublimação artística. O diálogo entre o insólito e a psicanálise constitui um elemento fundamental ao entendimento da literatura fantástica — em todas as suas manifestações — como forma de resposta artística ao momento cultural vivido pela humanidade. A literatura fantástica é a própria canalização do impulso de prazer freudiano e transformação da libido em expressão cultural. O gótico, enquanto fenômeno literário, canaliza esse excesso de informações, a rupturas com o ideal do eu social e com as imposições monstruosas da moral imposta às diferentes épocas e contextos sociais. Dorian Gray canaliza grande parte dessa temática e põe em discussão a necessidade de adaptação humana às imposições morais tidas como senso comum. É justamente a imposição e construção arbitrária da moral que favorece a criação de indivíduos cindidos e capazes de lutar a todo custo por sua parcela de prazer em detrimento do julgamento moral. O objetivo das reflexões que aqui se propõem é tentar entender a moral como movimento arbitrário e monstruoso; como um movimento que favorece a manutenção da ordem, da justiça segundo o interesse da ideologia dominante nas diferentes sociedades em que se analisa esses aspectos

Palavras-chave: Gótico, Duplo, Monstruosidade, Moral

Com serpentes na alma: O embate entre Self e Sombra em *The Marble Faun*, de Nathaniel Hawthorne

VALTER HENRIQUE DE CASTRO FRITSCH (FURG)

Resumo: Antes de Freud e Jung desenvolverem seus estudos sobre o inconsciente e sua profunda escuridão, um escritor britânico já havia provocado uma reflexão sobre esse assunto em seu romance *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Stevenson desenvolveu em seu romance uma espécie de pesadelo onde um homem é dividido em duas personalidades, sendo uma delas gentil e generosa e a outra destrutiva e perversa. Intuitivamente, Stevenson concebe o esquema da sombra, desenvolvido por Jung alguns anos depois. A sombra é um dos conceitos mais reconhecidos da teoria junguiana sendo construída pela fraqueza e repressão dos instintos. Muitos poderes estão engajados na formação de nossa sombra, determinando tudo o que não pode ser expresso pelos seres humanos. A sociedade, a nossa família, as instituições educacionais e as religiões são os criadores deste ambiente complexo, no qual aprendemos a comportar-nos ou a não nos comportar. Embora Nathaniel Hawthorne não estivesse ciente destes conceitos no momento em que escreveu o romance *The Marble Faun*, tais ideias parecem caber muito bem na trajetória de Donatello, um dos personagens principais do romance. Desde o início, a narrativa de Hawthorne é repleta de elementos simbólicos que sugerem aspectos da dualidade da psique humana, elementos que representam a luta antitética que todo homem realiza para construir sua própria personalidade e assumir seu lugar no mundo. Este é um conceito que está fortemente ligado à visão junguiana do inconsciente, especialmente no aspecto que diz respeito à estrutura arquetípica de tal conceito. Na mitologia grega o fauno era uma criatura meio humana, meio animal, que promovia folguedos e danças nos bosques, especialmente durante a primavera. Na aparência externa parecia muito com um ser humano, exceto pelas orelhas peludas e pontiagudas e as patas de bode. O fauno é sempre apresentado como uma criatura feliz, e ele está geralmente tocando um instrumento

musical, trazendo alegria e felicidade para aqueles que foram capazes de ouvir suas canções. No romance, Donatello é muito semelhante ao fauno e isso traz para seu comportamento uma certa qualidade pueril, apresentando-o como um menino tolo que está sempre tentando entreter seus amigos, trazendo alegria e felicidade para suas vidas, como o fauno original no mito grego. No entanto, Donatello tem que enfrentar sua sombra através de sua jornada no romance de Hawthorne, revelando o aspecto sombrio desta criatura mitológica, que foi capaz de entreter, mas de seduzir e matar, se necessário. O fauno age aqui como um símbolo perfeito do confronto entre self e sombra, instinto e razão, materialidade e imaginação. Neste trabalho, vou explorar a importância do arquétipo da sombra para a compreensão do caráter de Donatello no romance *The Marble Faun* e como a tensão entre a imaginação e a razão em um ambiente gótico pode reforçar essa constituição dual e sombria.

Palavras-chave: *The Marble Faun*, Nathaniel Hawthorne, Sombra, Jung

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Narrativa gótica e narrativa poética: diálogos, topocronia e metamorfose de *Locus Amoenus* para *Locus Horribilis*

LUCIANA MOURA COLUCCI DE CAMARGO (UNESP-ARARAQUARA)

Resumo: Das monstruosidades da narrativa gótica às monstruosidades da narrativa poética moderna, o labor da espacialidade suscita um contra-espço que invariavelmente transita do benéfico para o maléfico, provocando nas personagens a sensação de clausura, de adensamento psicológico e de medo. Embora o nascimento da narrativa gótica esteja ligado ao viés romanesco de Walpole, a partir da publicação de *The Castle of Otranto* (1764), e a narrativa poética moderna ligada à égide do signo citadino e à fragmentação da consciência como em *Ulysses* (1922), de James Joyce (1882-1941), as mesmas se revestem de

camadas em que o signo fatal da espacialidade é reinventado estética e constantemente. Na narrativa gótica, esse contra-espço é topofóbico, opaco, provocando a evocação de locus horribilis, inclusive por meio da manipulação da decoração do interior com extravagâncias no mobiliário e nos ornamentos. Na narrativa poética moderna, a espacialidade também insufla a mesma circunstância de locus horribilis. A tessitura das narrativas gótica e moderna contrapõe-se, assim, à ideia de ordem, de simetria e de inércia visto que exploram a polivalência imagética espacial em seu avesso. No gótico, o espaço é tão decisivo que se transforma em personagem. Na poética, além de também se tornar personagem, a própria narrativa se espacializa. Afinal, essas narrativas, ao suscitar o tema mítico da busca, encontram sua expressão estética apropriada na forma espacial. Desse modo, as mesmas se aproximam em termos das transformações históricos-sociais, engendrando em seu escopo rupturas estéticas no que tange à arte da ficção. Ao que parece, o espaço, assim com o próprio romance, tem estado em uma espécie de tribunal apocalíptico: morrendo e ressuscitando a cada crise finissecular. Migrando das fortalezas encasteladas, essas para o signo citadino e suas nuances, essas narrativas capturam as ansiedades, as inquietações, os medos e a busca do homem mediante a uma realidade em um espaço-tempo – topocrônico -, opaco e nebuloso.

Palavras-chave: Topocronia, Espaço, Narrativa Gótica, Narrativa poética

Os elementos góticos de “O navio negreiro”, de Castro Alves

JOÃO PEDRO LIMA BELLAS (UFF)

Resumo: A proposta desta comunicação é apresentar uma leitura de “O navio negreiro” (1869), de Castro Alves, enfatizando as relações entre o poema e aspectos característicos da literatura gótica. A hipótese a ser verificada é a de que o poeta baiano teria feito uso de elementos comumente associados ao Gótico – tais como, por exemplo, o emprego de um campo semântico mórbido e a utilização de imagens que visam a evocar o sublime terrível, tal qual descrito pelo filósofo irlandês Edmund

Burke (1757) – para descrever a condição dos africanos que eram tirados de suas terras e trazidos ao Brasil para trabalharem como escravos. Para cumprir o objetivo almejado, a análise será baseada no influente estudo de David Punter, *The literature of terror* (1980). No capítulo em que se propõe a tratar da relação dos poetas românticos ingleses com o Gótico, o teórico britânico rebate a ideia, dominante nos estudos literários, de que os elementos comuns à tradição literária iniciada por Horace Walpole teriam sido explorados apenas nas obras de juventude de autores como Coleridge, Shelley, Byron e Keats. Ao contrário, os poetas do período não apenas teriam sido influenciados pela literatura gótica como também teriam contribuído para o seu desenvolvimento, inclusive apresentando e consolidando imagens que se tornariam clássicas nessa tradição artística, tais como a figura do vampiro e a do andarilho. Ao traçar algumas das características recorrentes desse “Gótico romântico”, Punter afirma que esses poetas, de modo mais ou menos geral, exploraram a forma da balada, adotaram um estilo ossiânico, e resgataram os temas trabalhados pela tradição inglesa que ficou conhecida como Graveyard Poetry. Esses elementos teriam servido, principalmente, para expressar a ansiedade dos autores românticos frente ao contexto de forte mudança de fins do século XVIII e início do XIX, marcado, por exemplo, pelo fracasso da Revolução Francesa e pelo intenso e desordenado crescimento trazido pela Revolução Industrial na Inglaterra. Levando em consideração a influência desses poetas ingleses sobre Castro Alves – o brasileiro inclusive traduziu poemas como “Darkness” (1816), de Lorde Byron –, parece ao menos razoável supor que, de maneira semelhante ao que ocorreu no contexto britânico, o poeta baiano recorreu a imagens e a um campo semântico bastante afinados com a visão de mundo expressa pelas poéticas do Gótico para dar vazão a seus sentimentos em relação ao mercado de escravos do Brasil de sua época.

Palavras-chave: Romantismo, Gótico, Castro Alves

Elementos góticos e alegóricos no conto “O ladrão”, de Graciliano Ramos

ERICK DA SILVA BERNARDES (UERJ)

Resumo: Esta comunicação propõe uma abordagem acerca dos elementos alegóricos e de traços do góticos no conto “O ladrão” (2012), de Graciliano Ramos. Discutiremos a questão dos recursos alegóricos em contraposição ao símbolo, enfatizando na narrativa artística e satírica o posicionamento intelectual do autor e menos um engajamento de cunho retórico-político. Contextualizaremos brevemente a obra considerada fundadora do gótico literário, O castelo de Otranto, de Horace Walpole, sob viés da desconstrução da simbologia cristã, atentando para as possíveis facetas que o discurso alegórico assume. Comparamos algumas ideias que se entrecruzam na complexa rede de conceitos e tendências do Gótico na literatura e que retornam com força na ficção contemporânea, por meio da alegoria. Atribuímos a este curto texto de Graciliano Ramos a alcunha de contemporâneo, considerando a data de publicação, em 2012, e tendo em vista que é nosso olhar que denota o caráter de agora à interpretação. A obra veio a público pelo trabalho de Thiago Mio Salla, que organizou a obra Garranchos, de Ramos. Fixamos nossas bases teóricas no conceito de alegoria postulado por Mikhail Bakhtin (2010), em Problemas sobre a poética de Dostoiévski (2010), que se mostra pertinente à abordagem alegórica que escolhemos discutir. Vale ressaltar que embora a história de “O ladrão” tenha sido escrita de forma simples, em decorrência das muitas orações coordenadas, a tessitura do enredo se nos apresenta majoritariamente sob duas perspectivas basilares, a saber: o jogo de luz e sombra, semelhante aos traçados de matiz barroca, evocando assim a dúvida, por nuances de horror. Já em segunda perspectiva, temos um olhar mais “realista”, entretanto, que assume o viés trágico e angustiante, imerso no cotidiano noturno de uma comunidade não nomeada. Dessa maneira, se pensarmos conforme a distinção de Ann Radcliffe (“On the Supernatural in Poetry”), entre Horror e Terror, afirmaremos que há no

conto “O ladrão” essas duas marcas peculiares ao Gótico. Ademais, o elemento “horror” conduziria a narrativa de Ramos para as dores físicas, sofridas pelo contato com sensível fisiológico, o terror, diferentemente, visaria a tortura psicológica, sob a prevalência do abalo sentimental das emoções psíquicas. Embora a estética gótica seja de difícil delimitação, cumpre-nos apontar nesta comunicação três quesitos ligados à definição do Gótico: o horror, o terror e a alegoria, corroborando, portanto, a nossa proposta de ressaltar a presença de elementos que compõem uma estrutura ficcional no jovem Graciliano Ramos que corteja o obscuro, o suspense e o medo. Sendo assim, polêmicas conceituais à parte, nosso método de análise toma como alvo aqueles elementos que concorrem para a configuração do enredo lúgubre de “O ladrão” (2012), a saber, o sombrio, o melancólico, enfim, o infame

Palavras-chave: Graciliano Ramos, “O ladrão”, Gótico, Alegoria

A vertente feminina do gótico na literatura brasileira oitocentista

ANA PAULA ARAUJO DOS SANTOS (UERJ)

Resumo: Desde a origem do Gótico literário, na Inglaterra do século XVIII, é possível notar uma vertente particular dessa ficção: a tradição do Gótico feminino, desenvolvida por mulheres que publicaram romances e ajudaram a consolidar e a popularizar as convenções góticas no mercado literário da época. Em suas obras, a poética gótica conjugou-se às características do melodrama e do romance sentimental, e deu origem a uma ficção que possuía diferenças marcantes em relação às demais obras góticas do período. Recentemente, a vertente feminina vêm ganhando cada vez mais atenção dos estudos do Gótico, que principiaram a analisar, de forma separada, as obras pertencentes às duas tradições. O resultado desses estudos proporcionou não só uma maior visibilidade ao viés feminino do Gótico, como também permitiu compreender mais profundamente as mudanças operadas pela escrita feminina nas principais convenções dessa literatura. O maior diferencial da tradição feminina do Gótico é a adoção de uma

perspectiva aliada aos interesses da mulher, que tornou possível às narrativas explorarem horrores específicos do universo feminino, tais como a opressão e o confinamento da mulher no âmbito doméstico e os abusos físicos e/ou psicológicos sofridos por elas em um cotidiano dominado por figuras patriarcais opressoras. No presente trabalho pretendemos compreender as particularidades do Gótico feminino e investigar a existência desta vertente na Literatura Brasileira. Afinal, a poética gótica aparece como um elemento caro à produção ficcional de nossas escritoras oitocentistas. Porém, essas obras foram vítimas da veemente negligência com que os estudos trataram a ficção de autoria feminina no Brasil. O âmbito literário predominantemente masculino não estimulava o ingresso da mulher na literatura, e, dessa forma, grande parte da ficção feminina do século XIX e início do XX permaneceu à margem da nossa história. Como demonstração das características de nossa vertente do Gótico feminino, propomos a leitura das obras *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, *D. Narcisa de Villar* (1859), de Ana Luísa de Azevedo e Castro e *A Rainha do Ignoto* (1899), de Emília Freitas. Essas obras compartilham inegáveis semelhanças entre si: a tendência a tematizar conteúdos polêmicos, tabus e os mais diversos tipos de transgressão; a crítica à opressão feminina e ao domínio dos valores patriarcais, e, sobretudo, a utilização da poética gótica para arquitetar narrativas que suscitam terror, horror e medo como efeitos estéticos de recepção. Nossa hipótese é a de que as convenções do Gótico feminino tenham oferecido às escritoras brasileiras recursos estilísticos e imagéticos para retratarem a difícil condição da mulher na sociedade.

Palavras-chave: Gótico, Escrita feminina, Gótico feminino, Literatura Brasileira

A temática da ciência em três contos góticos brasileiros

MARINA FARIA SENA (UERJ)

Resumo: O diálogo entre a literatura brasileira e a ficção gótica tem sido estudado por diversos pesquisadores contemporâneos. Sandra

Vasconcelos e Daniel Sá têm explorado a presença de tal influência no Romantismo, enquanto Alexander Meireles e Fernando de Barros demonstram que tal influxo estende-se, pelo menos, até meados do século XX – seja na Belle Époque ou no romance introspectivo. Mesmo o Naturalismo não escapou de sua influência, como os trabalhos de Leonardo Mendes e Maurício Menon indicam. A partir de tal diálogo, pretende-se analisar uma vertente específica dessa tradição, que chamaremos de *Ciência Gótica*, que teria florescido em fins do século XIX e se estendido até, pelo menos, as primeiras décadas do século XX, como aponta Alexander Meireles. Essa vertente do Gótico aborda as consequências dos avanços científicos e tecnológicos sobre o homem do fim de século. Em suas narrativas, a fronteira entre o científico e o pseudocientífico não é clara: a frenologia, o mesmerismo e até mesmo o espiritismo, o ocultismo e a alquimia podem coexistir nas tramas. Ela explora, também, a influência dos avanços das ciências naturais nas ciências sociais – como, por exemplo, o darwinismo social de Herbert Spencer. Assim, ela se manifesta, no plano diegético, na relação da ciência com atos transgressivos e na figura de protagonistas médicos, estudantes e cientistas. Além disso, também é possível notar uma escolha vocabular a um só tempo tétrica e com termos próprios do cientificismo da época. O objetivo da presente comunicação é demonstrar de que forma o conhecimento e o pseudoconhecimento relacionados ao campo da medicina são utilizados para narrar atos transgressivos, descrever cenas de horror e caracterizar personagens, principais ou secundários, como monstruosidades – figuras que possuem o desejo de conhecimento excessivo ou que ultrapassam os limites impostos pela sociedade. Para tal, propõe-se a leitura de três contos góticos brasileiros da virada de século: “Palestra a horas mortas” (1900), de Medeiros e Albuquerque, que narra a história de um jovem médico que se apaixona por uma moça tuberculosa e, depois de analisar microscopicamente os micróbios da doença, bebe o sangue da amada; “Morfina” (1932), de Humberto de Campos, em que uma

mulher, esposa de um médico, vicia-se na droga que dá nome ao conto, trai o marido com outro médico, e mata o filho num acesso de loucura; e “G.C.P.A” (1920), de Gastão Cruls, em que um enfermeiro doente é internado no próprio hospital onde trabalha e, quando descobre que possui uma doença incurável, decide fugir do hospital para evitar a futura autópsia de seu corpo. Para tal análise, serão utilizados, como suporte teórico, estudos sobre o Gótico e sobre o Horror, como aqueles feitos por Fred Botting e Jason Colavito.

Palavras-chave: Gótico, Literatura Brasileira, Ciência

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

A máscara de quem te mata espelha teu medo: a indeterminação do rosto assassino e outros rastros do gótico nos filmes *slasher*

CLAUDIO VESCIA ZANINI (UFCSPA)

Resumo: Apesar das mudanças sociais, políticas e históricas decorridas desde a publicação de O Castelo de Otranto, a literatura gótica e a ficção de horror compartilham um traço fundamental: ambas sobreviveram (paradoxalmente) às suspeitas históricas de parte da audiência e da intelligentsia acadêmica, apesar de tornarem-se cada vez mais necessários por contemplarem demandas estéticas e psicológicas do público. Subgênero prolífico e popular do cinema de horror, o *slasher*, que se caracteriza por tropos tais como o serial killer mascarado, a garota final (Clover, 1992), e o retorno de um evento terrível do passado (Dika, 1990), apresenta – ainda que com necessárias variações – muitos elementos da narrativa gótica e de sua agenda estética, a qual se estabeleceu entre meados do século XVIII e o final do século XIX. A presente proposta analisa como o *slasher* aborda tais elementos, tais como o prazer oriundo de uma estética negativa (ideia respaldada pelas noções do sublime de Burke, do inquietante freudiano, e do abjeto de

Kristeva, por exemplo), a exacerbação dos horrores através da tríade retorno fantasmagórico do passado-locus horribilis- personagem monstruoso (França, 2014), além da luta contra os desejos e como reprimi-los. Outro ponto focal desta análise é a indeterminação do rosto do assassino, invariavelmente mascarado, deformado, coberto ou transformado. Parto do pressuposto que tal indeterminação não apenas espelha a forma monstruosa gótica clássica, mas também se torna superfície na qual as vítimas projetam suas aflições e medos. O corpus de análise inclui franquias tais como Sexta-Feira 13, A Hora do Pesadelo, Halloween, Eu Sei o que Vocês Fizeram no Verão Passado, Pânico, além de filmes como Psicose, A Morte Convida para Dançar, Noite do Terror e Dia dos Namorados Macabro.

Palavras-chave: Gótico, Cinema de horror, Slasher

A imagem da prisão gótica como elemento distópico na série britânica *Black Mirror*

JAQUELINE BOHN DONADA (UTFPR)

Resumo: O gótico é um fenômeno artístico e cultural cujas origens remontam à Idade Média, época em que se ergueram as catedrais que ainda hoje testemunham a importância do estilo gótico para a arte e para o pensamento medieval. Na literatura de língua inglesa, o estilo surgiu na segunda metade do século XVII, principalmente através dos romances de Horace Walpole e de Ann Radcliffe. Desde então, o estilo se tornou um importante artifício para a representação de novas ideias na literatura. Ao longo do século XIX, quando o gótico se consolidou e se desenvolveu em várias vertentes, as emergentes tensões políticas, sociais e psicológicas apareceram problematizadas em obras hoje reconhecidas como góticas. Conforme o gênero se desenvolveu ao longo do século XIX, a influência de autores como Walpole e Radcliffe foi assimilada e retrabalhada de forma a produzir e estabelecer muitas das imagens que vieram a se tornar marcas características do estilo gótico: o edifício (normalmente um castelo, uma igreja, uma prisão

ou uma casa antiga) sombrio e misterioso, o confinamento de algum personagem, a donzela presa e em perigo, o ostracismo do protagonista, a presença ou sugestão do sobrenatural, o suspense, o medo, a tortura e/ou o sofrimento, o peso do passado, a atmosfera lúgubre e, muitas vezes, a morte ou o retorno dos mortos. Em um artigo de 2002 sobre o desenvolvimento do gótico na era vitoriana, Alison Milbank explica como a imagem de edifícios misteriosos e seus interiores claustrofóbicos evoluiu e se fundiu com a imagem da prisão e/ou do confinamento do herói ou heroína para criar o que Milbank chama de uma “estrutura gótica de aprisionamento”. Quando analisa a estreita relação do estilo gótico com a sociedade inglesa vitoriana, Milbank afirma que “a imagem da prisão gótica passou a cobrir todo um sistema social”. Contudo, as tensões políticas, sociais e psicológicas da contemporaneidade, embora ainda parecidas com as do século XIX, já apresentam suas próprias peculiaridades. As mudanças sócio-históricas do século XX, em especial o avanço vertiginoso da ciência e da tecnologia, criaram uma nova conjuntura social, com novos anseios que, por sua vez, aparecem dramatizados na arte contemporânea. Nesse novo contexto, o estilo gótico não perde o seu papel. Pelo contrário, ele vem se modificando e cooperando com outros estilos, mais notavelmente a ficção científica e a literatura distópica, para responder às necessidades do momento atual. O presente trabalho pretende analisar como a imagem da prisão gótica adquiriu importância em diversos romances distópicos ao longo do século XX para finalmente aparecer retrabalhada como representativa de “todo um sistema social” na série britânica *Black Mirror*. Espera-se demonstrar como o terror do aprisionamento físico parece ter se transformado no terror do totalitarismo político, religioso e intelectual em romances como *Admirável Mundo Novo*, *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* e *A História da Aia*, por exemplo, para, mais recentemente, aparecer como o terror de uma estrutura social que é, em si mesma, uma estrutura de aprisionamento, conforme pretende-se observar em diversos episódios da série de televisão *Black Mirror*.

Palavras-chave: Gótico, Distopia, *Black Mirror*

De Poe à linguagem fílmica do século XXI: a frágil ilusão de segurança

DUDLEI FLORIANO DE OLIVEIRA (IFRS)

Resumo: Em sua vasta obra, Edgar Allan Poe aborda os diferentes medos pelos quais os indivíduos e a sociedade estão sujeitos, tornando sua literatura significativa em diferentes épocas e contextos. O conto *A Máscara da Morte Rubra* narra a história de um príncipe que, em meio a uma epidemia mortal, acredita estar totalmente protegido em seu castelo, quando tudo não passa de mera ilusão. Passados mais de 150 anos da publicação do conto, outras obras abordam temáticas semelhantes com as quais pretendo trabalhar nesta comunicação. Uma delas é o episódio *Cecília*, da série de televisão *Contos do Edgar* (2013), adaptação do conto para a contemporaneidade das metrópoles brasileiras, que mostra uma jovem empresária que, mesmo tentando se proteger da violência urbana e sexual com modernos sistemas de segurança, acaba se tornando mais uma vítima da mesma. Outra obra é filme *A Corrente do Mal* (2015) que, mesmo não sendo uma adaptação direta do conto, estabelece um diálogo ao mostrar personagens jovens, em um cenário urbano e contemporâneo norte-americano, que tentam, muitas vezes em vão, se proteger da violência resultante de suas atividades sexuais. As três obras apresentam personagens que, em seus respectivos contextos, são financeiramente privilegiados, podendo dispor de meios que os protegeriam da violência externa. No entanto, a ameaça que era vista como externa se mostra próxima de suas personagens, sendo muito mais uma ameaça interna que externa. Combinando situações e ambientações mais realistas com elementos sobrenaturais, as obras mencionadas podem ser consideradas góticas, pois buscam representar algo a mais sobre o contexto em que suas personagens estão inseridas, uma metáfora dos conflitos vividos pelos respectivos grupos sociais representados em cada obra, uma vez que, de acordo com Bruhm (2012), a estética gótica é um termômetro das ansiedades que assombram certa cultura em um determinado momento histórico. Assim, o objetivo deste trabalho é o de refletir acerca de

uma possível relação entre as duas obras fílmicas e o conto A Máscara da Morte Rubra, de Edgar Allan Poe, através de um possível viés que aborde (1) como o conto serve de inspiração para o episódio da série e para o filme, explícita ou implicitamente, (2) como cada obra pode ser considerada gótica por abordar questões pertinentes aos conflitos de seus respectivos espaços e momentos e (3) como as três obras podem dialogar, uma vez que apresentam, mesmo que em diferentes épocas e lugares, personagens em situações semelhantes que acreditam viver fora do alcance de ameaças externas.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe, Gótico, Literatura e outras linguagens

O legado gótico em contos de Joe Hill

DIEGO MORAES MALACHIAS SILVA SANTOS (UFMG), JULIO CESAR JEHA (UFMG)

Resumo: É inevitável que tracemos conexões de genealogia e influência ao considerarmos a produção literária Joe Hill. Não parece coincidência que o filho de Stephen King utilize um sobrenome diferente ao assinar suas obras; Hill esclarece mesmo na capa de seus livros que rejeita a ideia de que suas páginas se sustentam em qualquer carreira que não a sua. Nenhuma produção literária, contudo, é criada do vazio. Nos contos de Fantasma do Século XX, Hill reconhece seus precursores, de Kafka a George Romero, da literatura fantástica à ficção científica. Em algumas histórias de seu volume de estreia no gênero de ficção curta, Hill deixa óbvia, acima de tudo, a influência do gótico, mesmo que, à primeira vista, suas narrativas pareçam tão distantes do gótico quanto seus ambientes suburbanos estão distantes de castelos assombrados ou seus malfeitores corriqueiros se destacam de vilões perversos. Para identificar o gótico em Hill basta, contudo, que nos afastemos de conceitualizações baseadas em personagens ou cenários e consideremos os temas e tratamentos em suas narrativas. Em “O melhor do novo horror”, por exemplo, Hill descreve a trajetória de um agente literário encontrando um escritor tão repulsivo quanto os monstros de suas histórias de terror - e desconfortavelmente mais humano. Em

“Os garotos de Abraham”, dois filhos de Van Helsing lidam tanto com a ameaça nebulosa de vampiros quanto com a extrema cautela do pai. Os temas por trás dessas histórias ecoam definições do gótico conceituadas por David Punter, como a presença de paranoia, a quebra de tabus e o medo do passado (The Literature of Terror: Volume 2: The Modern Gothic). A paranoia, por exemplo, torna-se evidente na ansiedade sobre a existência de vampiros na segunda história, enquanto o barbarismo se encontra nas formas grotescas da família de um contista presente na primeira. Ademais, os textos de Hill ecoam temas presentes em contos e romances de Stephen King, demonstrando uma intertextualidade e influência óbvias a primeiro momento, mas válidas quando considerada a ausência de crítica acadêmica da obra de Hill. Em O iluminado há a figura do pai rígido e abusivo, espelhada em “Os garotos de Abraham”. Em 1408 há a aproximação de um cético a um cenário claustrofóbico, opressor, e potencialmente fantasmagórico. Tais observações nos remetem não a um escritor que repete seus antepassados, mas que se insere em uma tradição, já que King também utiliza de gótico como base para suas histórias. Como início da crítica às obras de Joe Hill é necessário um entendimento de suas origens e de sua posição no cenário da produção de horror atual, e isso inclui reconhecer suas raízes góticas.

Palavras-chave: Joe Hill, gótico, influências

Eyre e Kuronuma: um olhar insólito em *Jane Eyre* de Charlotte Brontë e *Kimi ne Todoke* de Kahuro Shiina

SAMARA SOUZA DA SILVA (UNIFESSPA)

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir processos de construção de perversidade da figura feminina, a partir da análise de duas obras produzidas com essa temática: *Jane Eyre* (2014) publicado originalmente em 1847, de Charlotte Brontë e *Kimi ni todoke* (2009), publicado pela mangaká Kahuro Shiina. A escolha do corpus se justifica por estarem atravessados por temas extraordinários, em que as personagens Jane

Eyre e Kuronuma Sawako são tidas como sombrias e possuidoras de grande poder maléfico, e o espaço social no qual elas vivem as fazem acreditar que suas perversidades afetam a todos que estão ao redor, e que tais situações acontecem com anuência por parte das personagens. Uma das personagens descreve que, o convívio com outras pessoas era inviável, pois ela era vista como algo incomum, e de aparência abominável. Julio Jeha (2007, p. 7), propõe que “monstros corporificam tudo que é perigoso e horrível na experiência humana. Eles nos ajudam a entender e organizar o caos da natureza e o nosso próprio. Nas mais antigas e diversas mitologias, o monstro aparece como símbolo da relação de estranheza entre nós e o mundo que nos cerca”. Todavia, destacamos que tal argumento não está sendo usado como ferramenta de discussão a favor do processo de exclusão social, mas para destacar o problema social defrontado pela personagem. Outra questão que perpassa nas narrativas é a maneira como as personagens são questionadas sobre seus poderes sobrenaturais não existentes, deixando de lado a verdade por trás de uma imagem criada pelo outro. As protagonistas Jane e Sawako tinham em suas mentes a ideia de inferioridade, pois eram tratadas como objetos de assombração e ferramentas para criação de feitiços. Deste modo representam figuras femininas silenciadas que sofrem violência psicológica em uma sociedade ditadora de regras que vislumbra a figura feminina de características perfeitas (tais como: tons de pele, cabelos impecáveis, corpo com formas definidas, entre outras.). Sawako por exemplo, seu nome é trocado por Sadako fazendo referência ao filme de terror O chamado (original japonês-Ringu), onde a figura sombria feminina tem as características físicas de nossa protagonista em questão. Como embasamento teórico recorreremos aos estudos góticos e comparatistas, sobretudo as ideias desenvolvidas por Júlio Jeha (2007); Daniel Serravalle de Sá (2010); Carvalhal (2001); dentre outros. A ideia de perversidade nesta pesquisa está associada ao extraordinário e ao sublime, tendo em vista que o espaço social no qual as personagens

convivem é marcado pelo medo e a exclusão, no sentido de estarem em condições marginais (as margens da sociedade) e de inferioridade.

Palavras-chave: Extraordinário, Sublime, Mangá, Literatura Vitoriana

24

ESTUDOS PROUSTIANOS

Luciana Persice Nogueira (UERJ)
Carla Cavalcanti e Silva (UNESP)

Resumo: Escritor paradigmático e cronista de seu tempo, Marcel Proust (1871-1922) legou uma obra enciclopédica e polifônica, que se espalha pelos mais diversos gêneros: ensaios de caráter teórico, artigos de crítica (literária entre outras), poemas, rascunhos de projetos ficcionais abandonados inacabados (publicados postumamente), duas traduções comentadas (cujas notas de rodapé e paratextos complementam os artigos de caráter crítico e/ou teórico), um romance de sete tomos escritos numa prosa que reúne elementos desses gêneros precedentes (sendo que os últimos tomos também foram publicados postumamente, e sem sua revisão definitiva do autor), e uma vastíssima correspondência que não só liga o escritor a outros membros do meio artístico e intelectual da época (expondo como que bastidores de sua produção escritural) como informa, ao menos em parte, sobre sua própria visão da obra em andamento, enquanto crítico e comentador de si mesmo. Polêmico, manteve-se no centro das turbulências artísticas e literárias que caracterizaram a Belle Epoque, fundando ou contribuindo para revistas especializadas, tomando partido em questões de monta (Caso Dreyfus, por exemplo), e desenvolvendo um estilo inortodoxo que o coloca no limiar entre várias tendências literárias que marcaram o século XIX e o início do século XX. Funâmbulo entre séculos e mundos, Proust torna-se um clássico, no sentido atribuído por Antoine Compagnon (1989): não “uma obra estável, mas uma obra fora de esquadro, cujas

discrepâncias e falhas não param de suscitar a leitura”; o clássico não “transcende o tempo”, é “desconcertante em todo presente, inclusive o seu” próprio. E não foram poucos os críticos contemporâneos, nem os das gerações seguintes. Porém, contrariando Sartre, que em 1939 anunciava que estávamos “livres de Proust e ‘da vida interior’”, e Nathalie Sarraute, que dez anos depois colocava Proust entre os escritores de uma “psicologia” e “uma época passadas”, os incontáveis centros e núcleos de estudo e de pesquisa, revistas e boletins dedicados à obra proustiana (obra entendida em todos as manifestações da produção escrita do autor) vem colocando luz e foco sobre os seus sempre atuais e surpreendentes aspectos: os avant-textes, os intertextos, os temas (não esquecendo que a própria crítica temática se origina no seu método “contra Sainte-Beuve”), as relações com as outras artes (pintura, música, fotografia, cinema..) e outros saberes (filosofia, arquitetura, psicologia...). Homem sintonizado com tudo que estava no “ar do tempo”, Proust contribuiu para o seu debate, lançando um olhar singular sobre muitas questões: o tempo, o espaço, a memória, a arte, a leitura, o papel do escritor, a importância das literaturas estrangeiras, a preservação do patrimônio... Homem paradoxal, conseguia ser, concomitantemente, cosmopolita e recluso, cingiu-se de forros de cortiça e unguentos, insônias e achaques, e, ao escrever, deitado e enfronhado em cobertas, cadernos e papéis esparsos (de onde as temíveis paperolles), “mantém em círculo, ao seu redor, o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos”, assim como leitores atentos aos mais diversos indícios impregnados nas linhas de geografias sonhadas, amores e sabores perdidos, e toda sorte de histórias que incorporou à matéria de sua obra. Os estudos proustianos abarcam o sem-fim da escrita e da escritura proustianas, ocupam-se do estilo da frase, do uso da língua, da construção do texto, da estética, do universo imagético, do “eu” ambíguo e inovador...; atentam também para outras ambiguidades (romance e ensaio, prosa e poesia, erudição e inspiração, memória voluntária e involuntária,

autobiografia e autoficção, tradição e inovação, retrospectiva e descortinamento de admiráveis rumos novos à literatura e à crítica). Estudos que – por que não? – analisam a própria fortuna crítica dedicada a Proust, desbravando caminhos, lados e vieses que, trilhados com dedicação e esmero, provam-se comunicantes. O Simpósio de Estudos Proustiano prevê incluir todos os aspectos imagináveis dessa busca enciclopédica, colocar em debate seus meandros, e divulgar seu caleidoscópio discursivo.

Palavras-chave: Crítica literária, Teoria literária, Marcel Proust

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

As traduções de Proust no contexto mais amplo da questão da tradução em seu tempo

LUCIANA PERSICE NOGUEIRA (UERJ)

Resumo: Além de ser um dos mais relevantes romancistas da literatura contemporânea francesa, Marcel Proust (1871-1922) foi um dos principais tradutores da obra (colossal, polêmica e importante) do esteta e pensador britânico John Ruskin (1819-1900) na França. Suas glórias e agruras de tradutor podem ser analisadas de maneira pontual e detalhada a partir de artigos de época e de sua vasta correspondência. Ampliando-se essa perspectiva inicial (objeto de pesquisa pós-doutoral já encerrada), pode-se contextualizar o trabalho do tradutor Proust dentro do quadro mais geral do mercado da tradução de obras estrangeiras na França da Belle Époque. Partindo-se da própria posição da obra de Ruskin nesse contexto – sua recepção junto a comentaristas e críticos, seus diversos tradutores, e os debates acerca de suas traduções (rastreadas nos jornais e revistas especializadas da época, assim como na correspondência proustiana) –, pode-se estender essa perspectiva ao estudo da recepção das traduções de textos estrangeiros

na França de uma maneira mais geral, na virada do século. As principais correntes e cabalas, que vão defender ou deplorar a própria tradução de obras estrangeiras no país, compõem um quadro rico e prolífico do ambiente intelectual, artístico e acadêmico finissecular; alinhados ou afiliados a grupos políticos e/ou publicações e revistas, dividem-se entre apologistas do trabalho da tradução (adeptos do cosmopolitismo) e detratores (que viam com maus olhos a influência de literaturas estrangeiras sobre a francesa). Nesse ambiente fervilhante, animado e instigante, o debate em torno da tradução desponta, na virada do século, como uma questão de monta, na medida em que pode ser vista como elemento de divulgação de outras literaturas e pensadores (tornando-os, por vezes, de fato, influentes), assim como chave, por seu papel decisivo na formação de campos antagônicos no contexto da Belle Époque. Está claro que compreender melhor a importância das traduções no contexto dos debates e polêmicas que animavam a sociedade da Belle Époque implica em entender os fundamentos implícitos desses debates (questões como o Caso Dreyfus e seus desdobramentos políticos, entre outras) e o papel capital da tradução como divulgador de ideias “vindas de fora”, de outras culturas e outras tradições. Serão destacados alguns dos principais autores e grupos de intelectuais, especificamente com relação ao lançamento de obras estrangeiras na França, suas posições quanto ao estímulo ou à condenação das traduções, assim como uma análise (mesmo que superficial, pois ainda em vias de pesquisa) do teor do impacto das principais traduções dentro do meio intelectual e artístico.

Palavras-chave: tradução, literatura estrangeira, Proust, recepção e crítica

O luto de Robert de Flers: estudo de um retrato de Proust

FILLIPE AUGUSTO GALETI MAURO (USP)

Resumo: Para a crítica proustiana, a relação de amizade entre Marcel Proust e Robert de Flers já é bem conhecida. No entanto, a despeito

da importância desse dramaturgo para a formação artística do autor do ciclo romanesco *À la recherche du temps perdu*, e mesmo para sua introdução nos circuitos mundanos da Paris da Belle Époque, o nome de Flers não surge, na maior parte dos estudos, para além de seu sentido biográfico. As obras dedicadas a Robert de Flers citam Proust à exaustão, reservando capítulos inteiros a essa amizade. E o mesmo vale, por sua vez, para os estudos de artigos jornalísticos que Proust dedicava a Flers em jornais como *Le Figaro* ou no *Banquet*, revista literária mensal fundada por ele e mais dois antigos colegas do Liceu Condorcet, Daniel Halévy e Robert Dreyfus. Mas algumas questões persistem para além da biografia dos autores: como se desenvolveu esse trajeto criativo que transporta dados de uma amizade da vida real a artigos de jornal e, em seguida, a um romance com toda a complexidade da *Recherche*? O retrato necrológico *Une grand-mère*, homenagem de Proust a Madame de Rozière, avó maternal de Flers, publicado no *Figaro* de 23 de julho de 1907, representa um bom início para essa análise uma vez que, segundo Anne Chevalier, esse « extraordinário » artigo permite « ler um reflexo do próprio luto de Proust e o anúncio das relações que unem, em *À la recherche du temps perdu*, o herói a sua mãe e a sua avó ». O luto de Proust, que alimentava uma profunda admiração por Madame de Rozière, é, mais além, expresso na correspondência do autor com Flers, reunida em coleção da editora Plon pelo crítico americano Philip Kolb. Mas é tão somente em textos como esse retrato literário que se pode encontrar os elementos propriamente literários que transcendem suas biografias, que seus leitores redescobrem na *Recherche* e que esclarecem, assim, nossa compreensão dos procedimentos criativos de Marcel Proust. O objetivo dessa comunicação é, nesse sentido, recuperar brevemente os principais aspectos dessa amizade: o papel desempenhado por Madame de Rozière na educação de seu neto, os primórdios de suas relações com Marcel Proust no Liceu Condorcet e a introdução dos dois aos principais salões mundanos da Paris da Belle Époque. Compararemos, em seguida, as formas de representação do

luto de Proust no artigo *Une grand-mère* com passagens de *Le Côté de Guermantes*, onde o herói descreve a morte de sua avó, Bathilde, de modo bastante próximo àquele do retrato de 1907. Espera-se, dessa maneira, formular uma hipótese de funcionamento de um desses casos de « anúncios romanescos » tão frequentes na obra jornalística de Proust.

Palavras-chave: Marcel Proust, Robert de Flers, Madame de Rozière, Le Figaro

A pedra no sapato de Proust

MÔNICA FIUZA BENTO DE FARIA (UFF/UFRN)

Resumo: A crítica literária na França conhece um grande desenvolvimento durante o século XIX. Herdeiros de Sainte-Beuve, muitos romancistas e poetas fazem pesquisas no campo da teoria e da crítica literária. Mas, será Marcel Proust, que no início do século XX, irá mais longe tentando estabelecer uma teoria que se oponha às principais tendências de sua época. Reagindo, assim, contra o reinado do positivismo no pensamento francês. Nesse trabalho, pretendemos fazer uma releitura dessa crítica do autor de *Em busca do tempo perdido* à crítica literária de sua época, através das lentes da Nova Psicanálise ou Novamente, de MD MAGNO.

Palavras-chave: Proust, Crítica, Psicanálise, Novamente

Inacabado, mas concluído? Algumas cartas de Proust sobre a conclusão de seu ciclo romanesco

ALEXANDRE BEBIANO DE ALMEIDA (USP)

Resumo: Vista no seu conjunto, e fazendo jus a seu título, o romance “*Em busca do tempo perdido*” parece constituir o percurso de uma busca. Mas estamos diante de uma procura impossível, como sugere seu título? Ou antes, diante de um percurso que termina em sucesso e, assim, no reencontro com o tempo perdido? Tudo se complica ainda mais quando se reconhece que a atual edição do ciclo romanesco

talvez não seja a que Proust projetou, visto que essa vasta obra literária não recebeu o último arremate de seu autor. Como ele morre em novembro de 1922, apenas postumamente são publicados os volumes “*La Prisonnière*” (1923), “*Albertine disparue*” (1925) e “*Le Temps retrouvé*” (1927). Em 1987, contudo, vem a público uma nova edição - estabelecida por Nathalie Mauriac e Étienne Wolff - do penúltimo volume do ciclo romanesco. Trata-se de uma edição baseada num manuscrito datilografado revisto pelo autor pouco antes de sua morte e que teria sido ignorado pelo editor em 1925. Essa edição de 1987 propõe uma versão mais curta de “*Albertine disparue*” e sugere, devido às supressões que provocam inúmeros problemas de continuidade para a narrativa (é a tese dos editores), que Proust tinha em mente, antes de morrer, uma revisão dos cadernos que concluem seu romance, incluindo aí os manuscritos de “*Le Temps retrouvé*”. Daí podem surgir várias dúvidas para os estudiosos: Proust teria concluído sua obra romanesca, de fato? De que maneira deveríamos publicar seu romance? E mais: a edição que conhecemos atualmente respeita as intenções expressas pelo autor antes de sua morte? Para responder a essas perguntas, esta comunicação apresenta algumas importantes cartas em que Proust discute a questão do acabamento de seu romance. Afinal, o escritor, quando escreve a críticos e literatos, insiste sempre no caráter “composto” de seu projeto, especialmente contra críticos malévolos que não conseguiam imaginar nenhum tipo de “conclusão” para a obra. E podemos lembrar o crítico Jean de Pierrefeu que declarou, em artigo publicado em dezembro de 1919: “Tenho a impressão que somente a fadiga ou a morte podem interrompê-lo [Proust] nesse empreitada que ele deu a si mesmo de procurar o tempo perdido”. Ora, Proust assim responde ao jornalista: “não conte muito com minha morte, que lhe parece, conforme diz o senhor em seu artigo nos ‘*Débats*’, a única conclusão possível para minha obra. A última palavra foi escrita em 1914. Então está tudo feito. É verdade que isso perfaz cinco volumes de provas a corrigir - e que a doença pode me impedir de fazê-lo.” (Carta de

Proust, janeiro de 1920). Enfim, tendo em vista as inúmeras dificuldades que o inacabamento do ciclo romanesco pode suscitar, e com o intuito de apenas esclarecermos os diferentes argumentos aí envolvidos, esta comunicação pretende apresentar algumas importantes cartas nas quais Proust se debruçou sobre o assunto.

Palavras-chave: Proust, acabamento, cartas, ciclo romanesco

Proust redescoberto

PEDRO ALEGRE PINA GALVÃO (UFRJ)

Resumo: O olhar do narrador proustiano, longe de remeter a uma marca de estilo, ao se debruçar obsessivamente sobre os detalhes tanto dos objetos como das situações, sinaliza uma forma com a qual a escrita literária, especificamente na forma do romance, soube construir o testemunho da linguagem de uma época. Em busca do tempo perdido é a obra na qual Proust empreendeu a mais ambiciosa tarefa: a de se apropriar, numa obra impossível, de uma determinada verdade – somente encontrada como verdade no tempo. De modo geral, a forma narrativa, em Proust, recebe, por parte da crítica, ora um tratamento estilístico ora um desenvolvimento psicanalítico ou até mesmo filosófico. A longa bibliografia a respeito de sua obra oscila por muitas possibilidades de análise. Entretanto, ao colocar Proust novamente em questão, este estudo propõe voltar o olhar para a Recherche de modo a pensar sua forma narrativa como princípio estrutural de uma linguagem específica capaz de revelar dois elementos: 1) o problema do tempo e da história; 2) o problema da forma literária como apreensão da verdade do tempo e da história inscrita na memória do sujeito. Contudo, essa linguagem é constituída por uma forma que restitui em si mesma a natureza do tempo e da história. Nesse sentido, queremos pensar o olhar do narrador proustiano como aquele que se constrói sob a forma particular do fetiche. A partir desse conceito (retirado de outras áreas do saber) é que os principais problemas da obra proustiana se articulam. A história do termo fetiche nos leva a pensar o entrelaçamento entre

a teoria social e a teoria da sexualidade e, de maneira ainda mais intensa, a forma do fetiche na obra de arte e na linguagem. A princípio, a abordagem da narrativa proustiana sob a ótica do fetiche não representaria por si só uma novidade. Beckett já nomeava, em ensaio dedicado a Proust, de “lista de fetiches” os objetos que guardavam a memória involuntária. O que este estudo procura levantar, porém, excede em muito a estrutura da memória involuntária. O que se quer pensar como fetiche é a própria forma literária – das frases à construção metafórica, da narrativa sobre os vestígios das coisas e pessoas à proliferação do discurso romanesco. Isto é, uma análise estrutural dessa forma. Assim, olhar novamente a obra proustiana como forma acabada do fetiche exige fundamentar a noção específica do fetichismo como operação literária, uma vez que nos campos da teoria social e da psicanálise esse termo já possui um conceito vastamente elaborado. A descoberta do mundo perdido de Proust na estrutura da memória está intimamente ligada ao mundo moderno das mercadorias. E redescobrir Proust é fazer o retorno à linguagem capaz de erguer a forma acabada desse mundo.

Palavras-chave: Marcel Proust, Estética, Fetichismo, História

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

A primazia do corpo e das sensações na abertura do “Em busca do tempo perdido

CARLA CAVALCANTI E SILVA (UNESP)

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo discutir e analisar a importância do corpo e das sensações na abertura do Em busca do tempo perdido. No incipit, o narrador proustiano ao adormecer, continua a refletir sobre o conteúdo do livro que estava lendo, contudo, esta reflexão não se promove mais por meio da razão, mas passa pela

crença existencial de que ele era o assunto do qual tratava o livro. Ao acordar, o narrador afirma que “Essa crença sobrevivia alguns segundos ao despertar; não chocava minha razão, mas pairava-me como um véu sobre os olhos, impedindo-os de ver que a luz já não estava acesa” e mais a frente, declara que “em seguida recuperava a vista, atônito de encontrar em derredor uma obscuridade, suave e repousante para os olhos, mas talvez ainda mais para o espírito, ao qual se apresentava como algo sem causa, incompreensível, algo de verdadeiramente obscuro” (PROUST, p. 20). Essas duas passagens demonstram uma aceitação do incompreensível e do inteligível, colocando o domínio da razão em segundo plano e introduzindo, logo nos primeiros parágrafos, a oposição que Proust fará entre a memória voluntária, ou a da inteligência e a memória involuntária ou a das sensações. A primazia do corpo e das sensações é reforçada nas páginas seguintes, quando o narrador, com a ajuda do seu corpo, e não do seu espírito (aqui entendido como razão), consegue identificar a posição dos móveis, portas e janelas do quarto, definindo assim em qual espaço se encontrava: “A verdade é que, quando eu assim despertava, com o espírito a debater-se para averiguar, sem sucesso, onde poderia achar-me [...] Meu corpo, muito entorpecido para se mover, procurava, segundo a forma de seu cansaço, determinar a posição dos membros para daí induzir a direção da parede, o lugar dos móveis, para reconstruir e dar um nome à moradia onde se achava. Sua memória, a memória de suas costelas, de seus joelhos, de suas espáduas, apresentava-lhe, sucessivamente, vários dos quartos onde havia dormido” (PROUST, p. 23). Para Jeanne-Marie Gagnebin, no posfácio à tradução brasileira do primeiro volume da Busca, as passagens supracitadas “introduz[em] um motivo essencial da obra de Proust (e da obra de seu contemporâneo Freud), em franca oposição ao racionalismo cartesiano: o da importância do corpo, mais precisamente da superioridade da memória corporal sobre a do espírito” (PROUST, p. 551). A oposição ao racionalismo, ou ainda, à crença de que só

podemos existir por meio do pensamento e da racionalização abre espaço para outro tipo de existência que será ancorada no corpo e na memória que ele carrega, desencadeada pelas experiências sensoriais. Se a memória involuntária é a única capaz de recuperar um passado de vivências inacessível à inteligência, e se existência está fortemente calcada na memória, podemos afirmar que aos invés do “Penso, logo existo” cartesiano, Proust inaugura uma espécie de “Sinto, logo existo”, concepção que expressa não somente uma nova visão de mundo, mas que irá reverberar, de maneira contundente, na forma do romance e no estilo do escritor.

Palavras-chave: Corpo, Sensações, Obscuridade, Memória involuntária

O tempo, a morte, a arte e o belo em Gautier e em Proust: a busca da eternidade através da obra literária

SABRINA BALTOR DE OLIVEIRA (UERJ)

Resumo: O objetivo de produzir uma obra imperecível, capaz de vencer o tempo e a morte, perpetuando a memória, a estética e as ideias de seu autor, não é exclusivo dos dois escritores franceses que escolhemos para uma análise comparativa: Théophile Gautier (1811-1872) e Marcel Proust (1871-1922). Um dos maiores clássicos da literatura oriental, As mil e uma noites, evidencia em sua mais bela metáfora a necessidade de contar histórias para sobreviver. Produzir narrativas que agucem a curiosidade do rei Xariar foi a solução encontrada pela personagem-narradora, Xerazade, a fim de escapar de sua triste sina: ser executada por seu marido após a noite de núpcias. Assim, ao final de cada uma das mil e uma noites, o rei Xariar poupava sua jovem esposa, pois estava ávido para conhecer a continuação das aventuras, dos romances, dos mistérios contados por ela. Todo artista ao produzir quadros, esculturas, músicas, filmes, romances, poesias, de uma certa forma, procura eternizar a si mesmo e a sua sociedade. No entanto, na vasta obra poética e ficcional de Gautier e na magistral obra Em Busca do Tempo Perdido, de Marcel Proust, sobretudo em seu último volume, O Tempo redescoberto, esse objetivo se torna uma obsessão, um tema repetido

inúmeras vezes, o ponto central destas duas estéticas. Para Gautier, a maior função da arte era eternizar o Belo através das palavras, das tintas ou do trabalho com a pedra. Em seus contos fantásticos, o tema da protagonista jovem, que morre no esplendor de sua beleza, é recorrente. O narrador, através de verdadeiros quadros descritivos, procura ser capaz de conservar a beleza antes que ela seja deteriorada pela morte ou pelo tempo. Annie Ubersfeld, crítica literária francesa especializada no romantismo, já havia observado o olhar de Pigmalião dos personagens-narradores de Théophile Gautier que amavam mais as perfeições de mármore do que os seres de carne. Em minha tese, avento que a chave para compreender a estética de Théophile Gautier passa por perceber o mito de Pigmalião inverso que permeia toda a sua obra: não é a obra de arte que se torna ser vivente, é o ser vivente que é transformado em obra de arte. Essa busca não ocorre somente nos temas dos contos fantásticos em que personagens-narradores se apaixonam por obras-de-artistas ou procuram personagens mulheres que se aproximem de objetos artísticos, mas na própria estética de Gautier que, através de descrições picturais, tem por objetivo transformar a própria narrativa em obra de arte imperecível. Em *O Tempo Redescoberto* de Marcel Proust, vemos a indiferença do narrador em relação a possibilidade de sua própria morte física, no entanto, somos deparados com o seu desespero ao imaginar que sua morte ocorra antes do término de sua obra. Antes que possa legar para o futuro sua visão, seu olhar a respeito do mundo e da materialidade do Tempo. Obras díspares, mas reflexões acerca da Arte em comum, desejamos mostrar neste estudo comparativo como Gautier e Proust buscam superar a morte e o tempo através de seus escritos.

Palavras-chave: Théophile Gautier, Marcel Proust, Estética, Tempo e Morte

Marcel Proust em revista: tensões midiáticas e formas breves

YURI CERQUEIRA DOS ANJOS (UFJF)

Resumo: Uma parte considerável dos escritos de imprensa de Proust é marcada pela ficção. Ao lado de artigos de configuração híbrida – como

a crônica – o autor publica também, sobretudo em revistas literárias, textos que se inscrevem em categorias mais claramente literárias, como narrativas curtas. Muitos desses textos aparecem sob o título sugestivo de “estudos” e, apesar do caráter artístico e experimental, não se distanciam inteiramente do contexto midiático onde se inserem. As produções que Proust envia a revistas como *Le Banquet* ou *La Revue Blanche* refletem, em diversos de seus traços, um fenômeno importante desse contexto de desenvolvimento da imprensa periódica: eles mostram como, a partir de diversas estratégias, a ficção pensa seu próprio enquadramento midiático e notadamente “estende ao jornal um espelho para que ele reflita sobre sua própria função” (MOMBERT, 2011). No momento onde a imprensa de massa se impõe – mais claramente no formato do cotidiano de baixo custo –, a revista literária cria um espaço que se propõe como anti-modelo comunicacional diante do jornalismo moderno, informativo, referencial e ligado à ideia de uma neutralidade discursiva. Esse lugar particular que a revista ocupa e as tensões e ela cria com a grande imprensa se traduzem de diversas maneiras nos escritos de Proust. Procuraremos mostrar e analisar dois elementos fundamentais dessa questão: i) a relação entre essas narrativas e estudos com o funcionamento discursivo das revistas e ii) e o diálogo com o contexto midiático de maneira geral. Essa análise nos permitirá observar que esses textos participam de uma coletividade editorial particular e que, no esteio dessa coletividade, colocam em cheque o discurso referencial próprio ao jornalismo ascendente na Belle Époque. Dessa forma, seja pelo uso perspicaz das dedicatórias, seja através de intertextos, Proust atesta uma sensibilidade aguda em relação ao jogo de posicionamento do formato da revista literária. Além disso, seja pela investigação sobre os efeitos dos jornais nas sensibilidades (« Études II », *Le Banquet*, maio de 1892) ou por meio de uma discussão sobre os fundamentos subjetivos da realidade (« Présence réelle », *La Revue Blanche*, dez. de 1893) podemos argumentar que tais procedimentos também engendram um diálogo profundo

com uma tendência fundamental de oposição ao discurso objetivo de certos gêneros textuais da grande imprensa. Podemos nesse sentido compreender fatores importantes da participação de Marcel Proust em revistas literárias a partir de uma abordagem que os considere enquanto textos “de revista”, que assumem portanto posicionamentos e abordam temas essenciais desse suporte específico.

Palavras-chave: Proust, Imprensa, Formas breves

O cinema de Deleuze em Proust

FLAVIO EDUARDO MAGALHÃES TAAM (PUC-SP)

Resumo: Este artigo propõe uma leitura do romance “Em busca do tempo perdido”, de Marcel Proust, a partir dos tratados sobre a imagem de Gilles Deleuze em seus escritos sobre cinema, reunidos nas obras “Cinema 1, A imagem-movimento” e “Cinema 2, A imagem-tempo”. Trata-se, portanto, da aplicação já prevista por Deleuze de seu estudo das imagens-movimento e imagens-tempo estendido a todo tipo de signo, ou seja, a tudo aquilo que é potência individuante, fator determinante na atualização e na formação do ser. Muito antes de se debruçar sobre o estudo do cinema, Deleuze já havia tratado sobre os diferentes sistemas da “Recherche” em “Proust e os signos”, no qual atribuiu aos signos, simultaneamente, a unidade e a pluralidade da obra. No romance, cada “ensemble” – a família em Combray, o clã dos Verdurin, os nobres Guermantes – tem sua própria ecologia de signos e funciona como um pólo de individuação. É nesse sentido que Roberto Machado considera a obra de Proust um distanciamento da filosofia da identidade fixa e da representação, entrando em consonância com o pensamento de Anne Sauvagnargues, para quem toda imagem-movimento está inserida nos “ensembles” de individuação, sendo isso justamente o que permite a aplicação do pensamento deleuziano sobre o cinema para a literatura, o afastamento do paradigma da imagem como representação e sua substituição por um paradigma da experimentação, em que a imagem goza de status ontológico de

Real, participando ativamente da individuação e da subjetivação numa “operação do Real”. Logo, se partirmos do pressuposto de que toda arte implica individuação, eis a consonância entre o estudo das imagens deleuzianas a toda expressão artística, independentemente da linguagem. Na “Recherche”, a individuação está no centro da narrativa proustiana, sendo a própria narrativa o minucioso relato de um processo de individuação. Em sua incansável busca pela compreensão dos signos que se apresentam a sua volta, o narrador transita por diferentes meios, círculos sociais com seus próprios sistemas de valoração, que explicitam as diferentes acepções que podem originar-se de um mesmo signo. É no contato com a emissão desses signos, análogos às imagens deleuzianas, que o narrador constrói sua própria subjetividade, transforma-se em si mesmo, se individua. Em uma complexa teia literária de signos heteromórficos e heterogêneos, a obra proustiana tem como narrador, nas palavras de Deleuze, “uma aranha” que tece e navega por seus fios na constante busca de tornar-se ela mesma.

Palavras-chave: Literatura, Cinema, Marcel Proust, Gilles Deleuze

25

ESTUDOS SOBRE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATURA NEGRA COMO EXPRESSÃO DA ARTE ITERÁRIA E DE COMBATE AO RACISMO

Jurema Oliveira (UFES)
Luiz Carlos Amaral Gomes (UFRJ)
Luciana Moraes da Silva (UERJ)

Resumo: O presente simpósio tem por objetivo discutir os processos de construção textual e de composição da personagem em narrativas africanas de língua portuguesa e afro-brasileiras, observando em que medida a enunciação e a personagem estruturam-se como experiências afrocentradas, reunindo traços que caracterizam um comprometimento com os gêneros literários africanos, os quais descendem direta ou indiretamente da tradição oral, produzidos durante a colonização, no pós-guerra de libertação, e também o legado deixado para as novas gerações de escritores africanos. Na África negra, o conhecimento ou prática resultante de transmissão oral ou de hábitos inveterados constitui-se em uma cultura própria e autêntica porque reúne todos os dados referentes à vida e a morte. É, portanto, com base na tradição que as experiências diárias e os rituais encontram as respostas necessárias para transmitir de geração a geração o pensamento negro e os seus comportamentos individuais e sociais, rompidos temporariamente em decorrência da colonização. Diante disso, o conhecimento negro-africano vai sendo recuperado na literatura por meio de contos, provérbios, adivinhas e lendas. No período colonial e no pós-revolução, essas marcas discursivas são elementos cruciais para a elaboração dos estudos narrativos e da figuração de personagens – “síntese possível de quase tudo que determina o fazer personagem” (REIS, 2014, p.52, grifos do autor). A palavra é uma arte. Como bem define Pe. Raul Ruiz de Asúa Altuna na obra *Cultura tradicional Bantu*,

ela “ocupa o primeiro lugar nas manifestações artísticas, no culto religioso, na magia e na vida social. Para além do seu grande valor dinâmico e vital, é praticamente o único meio de conservar e transmitir o patrimônio cultural. Assim, se compreende o predomínio da história na África negra” (2014, p. 38). Nesse sentido, a palavra sustenta a base unificadora dos elementos que compõem a força vital, sendo a energia necessária para a manutenção do princípio revigorador encontrado na figura do preexistente, fonte primordial da sociedade negro-africana. Diante disso, a memória constitui-se como o grande suporte da tradição que alimenta a existência na África. Nas narrativas africanas de língua portuguesa, o ancião, em geral, ocupa o lugar do narrador, isto é, aquela personagem capaz de irrigar a memória coletiva de forma prazerosa e festiva, construindo e sendo construída por estratégias narrativas geradoras de um saber ancestral. Esse ancião caracteriza-se, por vezes, como o mais sábio, por isso, o detentor da palavra. De certo modo, elemento crucial para a efetivação do estatuto da oralidade em narrativas contemporâneas. Nesse sentido, pode-se pensar acerca dos caminhos trilhados por escritores que buscam no mundo empírico os elementos necessários à construção de uma identidade literária que defina seu lugar de fala no contexto africano e afro-brasileiro. Dessa forma, a produção literária afro-brasileira poderá ser construída como expressão artística e como literatura negra de combate ao racismo. Cabe ressaltar, no entanto, que o enunciado e a personagem, nesses casos de produção combativa, são construídos a partir da experiência afrodiaspórica, herdada de conhecimentos, de uma memória e marcas afrocentradas. O simpósio, em relação à literatura negra e de combate ao racismo, busca também investigar em que medida essa produção está relacionada com as matrizes africanas. Sabe-se, contudo, que o conhecimento afrocentrado passou por diversas transformações durante o período colonial, logo mitos, hábitos culturais e espirituais foram recodificados para imprimir novas marcas na literatura negra que se apresenta como expressão da arte literária e de combate

ao racismo. Nos últimos 40 anos, autores afro-americanos e afro-caribenhos, particularmente os falantes de língua portuguesa, além de elevar a personagem negra à condição de protagonista, atribuíram-lhe diferentes graus de subjetividade. Do ponto de vista teórico, esses escritores cunharam o conceito e/ou a categoria “literatura negra”. Com uma estética que privilegia o contexto social, cultural, a subjetividade e o modo de ser da gente negra, esses escritores reafirmam o papel de produtores de uma literatura como expressão da arte e, também, como mecanismo de combate ao racismo, já que historicamente o cânone literário expôs, em grande parte de suas narrativas, a personagem negra como um ente semovente, lascivo e bestializado, excluindo-lhe até mesmo a condição humana como referencial simbólico na trama literária. Busca-se, assim, agrupar nesse simpósio pesquisadores que desejam discutir sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, a literatura negra como expressão da arte literária e a literatura negra de combate ao racismo.

Palavras-chave: Literatura, Africana, Afro-brasileira, Negra

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Resistência E Subversão Em Becos Da Memória De Conceição Evaristo: (Des) Construindo A Figura Da “Mulata”

SARAH SILVA FROZ (UEMA)

Resumo: A literatura negra intenciona dar voz aos excluídos e romper com os paradigmas culturalmente construídos em torno dos africanos e dos afrodescendentes. Esses escritos são responsáveis pela construção de discursos, acerca da emancipação humana, ou seja, ver as relações sociais através de três categorias: gênero, raça e classe. A história das mulheres negras insere-se nesse campo literário, permitindo-lhes lugar de visibilidade. O romance *Becos da Memória* (2006), escrito em fins

dos anos de 1970 e início de 1980 pela escritora afro-brasileira Maria da Conceição Evaristo Brito, mas somente foi publicado em 2006 pela Editora Mazza. O livro é composto por uma colcha narrativa de noventa e cinco fragmentos de histórias de vidas em que há um entrelaçamento de memórias coletivas e individuais de moradores de uma favela em processo de demolição, ao que se pode induzir o contexto da diegese é de início do século XX, pois contem a presença de indivíduos que vivenciaram as reminiscências da escravidão. As histórias de vida das personagens problematizam as questões de opressão de gênero, raça e classe, uma vez que os retalhos perdidos da colcha memorialística são gradualmente costurados e as histórias nos vão sendo apresentadas. As trajetórias de vida que permeiam a obra vão se entrecruzando pela visão de uma menina de 13 anos a personagem da Maria Nova, que vai costurando e mesclando as suas memórias com as dos indivíduos que residem na favela. Nessa conjuntura visita-se a vida e a casa de Dora, com a intenção de analisar a representação da mulher negra dentro da narrativa, a fim de (des) construir a figura da “mulata” como aquela detentora de um apetite sexual selvagem “só corpo, sem mente” (HOOKS, 1995, p.449). Dentre os b(ecos) da história tem esta mulher que representa a mulata dentro do romance, mas não aquela estereotipada pela mídia e/ou literatura como o “prato nacional” (FREYRE, 2006), diferente das outras personagens femininas do romance, é uma mulher bastante independente, dona de seu corpo e, por conseguinte, dona de sua vida, o que podemos caracterizar como uma subversão e resistência, transgredindo aos estereótipos de gênero, raça e classe. A pesquisa é fundamentada na visão de Joan Scot (1985), Bell Hooks (1995), Stuart Hall (2003) e Frantz Fanon (2008). Através dos seus trabalhos as escritoras negras e afro-brasileiras visam desconstruir e romper com as correntes da ideologia patriarcal, e racista que impede as mulheres negras de se assumirem como sujeitos da história.

Palavras-chave: Corpo, Literatura Afro-brasileira, Empoderamento, Gênero

Da Escravidão Na Antiguidade Às Suas Chagas Em Preces E Súplicas Ou Os Cânticos Da Desesperança, De Vera Duarte

EVERTON VASCONCELOS PINHEIRO (UFAM)

Resumo: José Guimarães de Mello, em *Negros e escravos na Antiguidade* (2003), discorre a respeito de como se originou e instaurou o preconceito social nas relações sociais humanas e, por consequência, resultou na escravidão. Gayatri Spivak, no livro *Pode o subalterno falar?* (2010), mostra a subalternização a que o ser humano é submetido, podendo este ser o pobre, o negro, e sobretudo, a mulher, pois, para esta autora, a figura feminina e negra é duplamente oprimida e, assim como os demais subalternizados, não tem direito à voz na sociedade. Thomas Bonnici, em *O pós-colonialismo e a literatura* (2000), discute o modo como os países, uma vez colonizados, têm suas culturas extintas por parte do colonizador, que impõe a sua. A ideia de superioridade cultural do colonizador é o ponto que os teóricos do pós-colonialismo, como Bonnici, questionam, e a problematização da imposição da referida superioridade consiste em um dos temas levantados nas literaturas africanas escritas em língua portuguesa, por meio da representação artística do processo de aculturação que os negros sofriam desde sua captura até a doutrinação para agora serem nada mais que servos. A poetisa cabo-verdiana Vera Duarte, no livro *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança* (2005), denuncia a escravidão a fim de dar expressão e voz ao homem vitimizado. Esse livro foi escrito, segundo a autora, após uma visita à ilha de Goreé, em Senegal, à Casa dos Escravos, atualmente um museu, antes, um dos maiores centros de tráfico negreiro. Assim veio sua inspiração poética, como Vera escreve, sendo, em seguida, recomendada a publicação dos textos. Encontram-se temas diversos nos poemas, entre eles o feminino, a Aids (ou Sida), os males sociais do mundo atual em nível global, junto com a lembrança das mortes causadas pela escravização e toda dor dela proveniente. Diante desse contexto, propõe-se, nesta comunicação, relacionar a prática da escravidão na Antiguidade com a impetrada a partir de 1500, com a colonização da América e da África por parte dos países da Europa. Emprega-se a orientação

teórica de José Guimarães Mello, Gayatri Spivak e Bonnici, nas obras anteriormente citadas. A perspectiva da poetisa mostra que a escravidão agora toma formas diferentes, pois os negros sofrem a indiferença de grande parte dos membros da comunidade e não possuem voz, tendo em vista que seus direitos costumam ser desrespeitados. O assunto aqui proposto converge para o fato de que a poesia cabo-verdiana, assim como a literatura africana escrita em outras línguas que a portuguesa, tem merecido espaço nas universidades brasileiras, nos grupos de pesquisa de graduação e programas de pós-graduação e de que a expressão poética do povo africano se comprova rica e muito necessária aos estudos culturais, pois é também, embora não apenas, através dessa poesia que tomamos conhecimento da perspectiva original dos negros de alguns territórios há tempos escravizados.

Palavras-chave: Vera Duarte, Poesia de Cabo Verde, Pós-colonialismo, Escravidão

Ancestralidade e resistência nas vozes da infância da literatura afro-brasileira

MARIA CAROLINA DE GODOY (UEL)

Resumo: As narrativas da literatura infantojuvenil afro-brasileira poucas vezes adentram o imaginário das crianças em sala de aula, uma vez que o espaço está ocupado pelas histórias consideradas tradicionais ou pertencentes ao cânone literário. Além da importância de as personagens negras serem colocadas neste espaço em posição de protagonistas, de heróis e de heroínas, ou seja, postas em evidência e longe dos estereótipos, considera-se a necessidade da representação de um imaginário e de imagens que remetam, por sua vez, às histórias do povo negro. Na fase de formação da identidade da criança, fundamental para reconhecer-se diante do outro, muitas vezes ficam ausentes da sala de aula as imagens de personagens negras nas ilustrações de obras infantojuvenis; são silenciadas narrativas míticas, que mostram a beleza dos orixás; esquecem-se histórias de luta e enfrentamento do povo negro contra a escravidão como, por exemplo, a trajetória de

reconhecimento da capoeira como símbolo da força desse povo. Em vista da necessidade urgente de preenchimento desses vazios no espaço escolar, esta comunicação tem o propósito de discutir aspectos da literatura infantil e juvenil escrita por autoras e autores negros, levando-se em consideração personagens, ilustrações, narradores orais - como a presença constante das avós contadoras -, ancestralidade, temas ligados à religiosidade de matrizes africanas e releituras de histórias da cultura africana. Pretende-se, a partir das reflexões de Octávio Ianni (2011) e Eduardo de Assis Duarte (2011), pensar sobre a literatura afro-brasileira como sistema articulado com características próprias no que se refere ao conteúdo, à linguagem e à representação discursiva. De narrativas ligadas à rememoração da infância àquelas que colocam em evidência a discriminação e o preconceito no cotidiano das personagens negras, a literatura infantil e juvenil traz uma voz coletiva que marca no discurso literário não apenas o imaginário infantil, mas também a história de mulheres e homens negros no Brasil. Apresentar a análise de narrativas desses autores e autoras, discutir formas de abordagem e apontar caminhos para difusão das obras em sala de aula estão entre os objetivos deste trabalho. Trabalhos voltados à educação étnico-racial, como a obra Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola, organizada por Eliane Cavalleiro (2001) e publicações disponíveis no site do MEC - Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006) – fazem parte das reflexões aqui desenvolvidas ao lado dos estudos sobre literatura afro-brasileira e personagens negras. Para as análises são destacadas obras de Heloisa Pires Lima, Júlio Emílio Braz, Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, entre outros.

Palavras-chave: personagem negra, infância, educação, oralidade

Manifestações de poder nos romances Predadores, de Pepetela e Os Transparentes, de Ondjaki

APARECIDA CRISTINA DA SILVA RIBEIRO (UNEMAT)

Resumo: Conforme Venâncio (1992) é impossível conceber a formação do que geralmente designamos de literatura africana (literatura africana

em línguas europeias) desligada do fenômeno do colonialismo. Estudar a ficção angolana contemporânea é um desafio para o pesquisador, tendo em vista as fecundas ligações entre estética, história e política, que se entrelaçam na tessitura de muitos textos literários, com vozes que marcam lugares de resistência, sinais herdados na esfera das lutas entre armas e letras. Conforme Chaves (2005, p.45), o passado é uma dimensão presente na literatura angolana: “profundamente marcada pela História, a literatura dos países africanos de língua portuguesa traz a dimensão do passado como uma de suas matrizes de significado”. A ficção angolana tem demonstrado insatisfação com os rumos da nação pós-independência, aspectos que podemos encontrar nos romances *Predadores* (2008), de Pepetela e *Os Transparentes* (2013), de Ondjaki. A crítica ao poder e a violência impositiva do capital financeiro são temáticas que permeiam as narrativas dos autores. Em *Predadores*, Pepetela lança um arguto olhar sociológico sobre os descaminhos da nação pós-independência, corrompida por usurpadores que não medem esforços, e sem escrúpulos, roubam os recursos estatais com a única finalidade de engordar contas bancárias pessoais mantidas inclusive no exterior. Em *Os Transparentes*, Ondjaki com uma dose generosa de humor, ironia e principalmente poesia, revela ao leitor os contrastes da vida luandense, com ritmos e cores a aplacar as dores de um grupo de angolanos marginalizados, que representam os que são invisíveis diante do poder liderado pela violenta e avassaladora força em evidência na atualidade, o capitalismo financeiro. Os romances têm como crítica o poder instaurado no bureau político luandense e a violência impositiva do capitalismo financeiro. As relações de poder são encontradas em vários setores da sociedade. De acordo com Bourdieu (1989), o poder constitui uma força simbólica da qual não é possível ser visualizada, mas que se encontra em toda parte e em parte alguma. Conforme o autor, o poder demonstra maior visibilidade quando se trata da classe dominante, e assenta a sua força no capital econômico. *Predadores* instaura uma profunda crítica aos rumos da nação angolana

pós-independência, em específico, o violento processo de roedura e corrupção instaurado por membros da elite dominante que detêm o poder político. Em *Os Transparentes*, o ouro negro extraído do subsolo é motivo de investimentos internacionais e financiamentos de altas pesquisas científicas no país angolano. A exploração do petróleo e de outros recursos naturais são riquezas que infelizmente não são administrados corretamente. Portanto, a crítica dos romances aponta a concentração de riqueza nas mãos de poucos e a pobreza/invisibilidade social que se abate sobre a grande maioria. Nos romances, o capital econômico constitui o poder que gravita como uma força superior e atrativa que manipula, corrompe e violentamente destrói o ideário de igualdade social e humana, em uma nação que historicamente sofreu de forma violenta as imposições de poder, desde os tempos da colonização. **Palavras-chave:** Literatura angolana, História, Política, Poder

O Cantar De Domingos Fonseca E A Identidade Negra Na Diáspora

MARLI MARIA VELOSO (UESPI)

Resumo: O presente artigo tem como propósito estudar o cantar de Domingos Fonseca (1913-1960), poeta repentista piauiense que pela consciência de classe e étnica, rapidez de raciocínio, rigor linguístico e a poesia que emerge de seus versos chega até nossos dias como um dos maiores cantadores de seu tempo. Produtor de versos que utilizou como ferramenta para fortalecer a identidade do povo negro e combater a discriminação e o preconceito de cor numa realidade na qual o embranquecimento e o esquecimento eram apontados como solução para a história da população afro-brasileira. Nos estudos sobre a cantoria e sobre a trajetória de Domingos Fonseca percebemos a ausência da abordagem que revela a consciência que o poeta tinha de sua negritude onde encontramos o que Homi Bhabha (2001) chama de embates de fronteira acerca da diferença cultural que apresentam possibilidades de serem consensuais e conflituosas. O primeiro é concernente ao fato de que a grande maioria dos estudiosos sobre a genealogia da cantoria nega

os traços de matriz africana, silencia sobre a contribuição negra e opta por associá-la às manifestações artísticas europeias realizadas no sul da França, na Espanha e em Portugal ou aos aedos e rapsodos gregos. A arte da cantoria herdada de nossos ancestrais africanos foi vilipendiada em favor da memória do colonizador e negada como fruto da memória oral africana num empenho que compreende o apagamento da construção negra e o estabelecimento de uma “árvore genealógica” que traça para a cantoria uma origem europeia forjando-a como continuidade de tradições medievais. O segundo embate diz respeito ao desprestígio relacionado à poesia oral e popular. A bibliografia sobre poesia popular nordestina tem mais trabalhos sobre a literatura de cordel do que sobre cantoria. Entretanto, nem sempre tal distinção entre os dois gêneros poéticos é levada em consideração. Costuma-se sinonimizar termos que têm cargas semânticas próprias (exemplo: cantoria e desafio, repentista e cordelista, cordel e cantoria, dentre outros), dada a falta da devida atenção ao assunto. Maria Ignez Novais Ayala (1987) afirma que essa confusão entre a poesia cantada e a escrita se dá, primeiro, pelo fato de que nos 1950, no intervalo das cantorias, liam-se folhetos de cordel, e, em segundo lugar, porque ambos os gêneros têm a sextilha como modalidade poética mais usada. A autora assinala que muitos estudos consideram as formas poéticas orais como parte da literatura de cordel. Vale ressaltar que a cantoria revela-se como uma modalidade de tradição oral na qual poesia e música estão vinculadas ao viés da cultura afro-brasileira e da ancestralidade representada pelos cantadores/repentistas/violeiros que desempenham uma função similar a que os griots desempenham na África, por em sua apresentação estabelecer um diálogo com o público que por sua vez é impelido a participar da performance. Tomaremos por base os estudos realizados pelos autores Ayala (1998), Barreto (1991), Bhabha (2001), Cuti (2010), Ferreira (2005), Hall (2000), Ribeiro (2013), dentre outros.

Palavras-chave: Domingos Fonseca, Diáspora Negra, Racismo

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Relações discursivas de poder no conto moçambicano “As mãos dos pretos” de Luís Bernardo Honwana: a manutenção de uma ideologia racista.

LEONARDO MENDES GONÇALVES (UFJF)

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir as relações de poder contidas no discurso das personagens do conto moçambicano “As mãos dos pretos” do escritor Luís Bernardo Honwana, e pensá-las sob à luz de teorias contemporâneas que abordem e refutam os discursos de racismo. Além dos objetivos já mencionados, perceber como a manutenção desse racismo se mantém em decorrência de uma ideologia hostil e racial. Sabe-se que o escritor dessa narrativa a escreveu em um período histórico sintomático, visto que as forças do discurso colonial eram pungentes em Moçambique na década de 60. Nesta perspectiva, o escritor pertencente à militância pró-independência de seu país, no período em que estivera recluso, assim o escritor moçambicanos a partir de um posicionamento literário reflete e projeta suas inquietações relativas as temáticas que vivenciava, incumbindo assim a literatura de projetá-las através dessa narrativa, possibilitando de tal modo exibir tais problemas que àquela sociedade então controlada pelo discurso colonial. Ainda nota-se que o conto descreve personagens que constantemente repetem o discurso da gênese da criação do sujeito negro. As justificativas para o surgimento do sujeito negro de acordo com o texto partem de um princípio excentricamente doutrinário. Partindo dessa premissa, verifica-se a recorrência de elementos ligados ao universo católico, e que constantemente são responsáveis pelas justificativas pelo resultado da palma da mão e dos pés das pessoas negras serem mais clara em relação a outras partes do corpo. A partir desse pensamento, julga-

se necessário apontar o posicionamento das personagens e como a narrativa é construída para se pensar critérios no sentido de postular o discurso que reflete o racismo na existência do corpo negro. Portanto, pensa-se em perceber as forças coloniais a partir da década de 60 em Moçambique, percebendo-as como um processo histórico, político-social de estabelecimento de imposições em relação às colônias, e de maneira estratégica a circulação do conhecimento. Os diversos binarismos gerados nesse modelo sistêmico de imposição política suprimem as relações de alteridade e tais assinalações produzem verdades que coagem diversos sujeitos a mercê desse discurso de impositivo. Por essas motivações, é essencial apresentar e discutir a textualidade contemporânea deste escritor sob a égide teórica de nomes centrais nos estudos culturais, coloniais e pós-coloniais tais como Edward Said, Stuart Hall, Homi K. Bhabha, Paul Gilroy, José Luiz Cabaço, Maria Elisa Cevalco, Franz Fanon e outros que expõem suas abordagens críticas em torno de questões relativas as consequências, fruto da presença do colonialismo e sua logística em países africanos. Deste modo, percebemos que o conto aponta questões que perpassam pelo racismo, assim pensamos que tais configurações tornam-se centrais na discussão de novas abordagens em torno dos estudos sobre literaturas africanas de expressão em língua portuguesa, como manifestação cultural a fim de combater o racismo explícito.

Palavras-chave: conto, discurso de poder, racismo, colonialismo

O Ser No Espaço E O Espaço No Ser: O Protagonismo Dos Excluídos Na Narrativa De José Luandino Vieira

MARCO ANTÔNIO FULY (UFRJ)

Resumo: Esta comunicação coloca em relevo a relação simbiótica entre o espaço e o indivíduo, em que um exerce influência substantiva sobre o outro. Este fenômeno, recorrente na narrativa do escritor angolano José Luandino Vieira, aponta para a questão da imagem social das suas personagens e para a relação destas com o local de convivência.

No geral, subvertendo a tendência ocidental da glamourização da condição financeira das pessoas, Luandino Vieira confere visibilidade aos elementos socialmente excluídos, sem recursos ou marginalizados. Esta é uma das marcas da sua assumida postura combativa contra a colonização de Portugal no continente africano e contra a ideologia da valorização do acúmulo material, orientada pelos ditames do capitalismo. Não gratuito, as personagens luandinas encontram no espaço periférico das cidades de Angola condições minimamente adequadas para a manutenção da sua dignidade humana. No musseque, como é conhecido todo bairro localizado na periferia urbana daquele país, os habitantes se permitem comunicar nas suas línguas maternas, reproduzem as histórias de seu povo aos mais novos, evocam seus deuses, cantam suas memórias afetivas, exercitam as adivinhas e se permitem, assim, aproximar das suas tradições ancestrais africanas. Daí a identificação dos autóctones com esse espaço. No processo de colonização portuguesa, em que negros e mestiços tiveram as suas matrizes culturais africanas desqualificadas, o musseque tornou-se o símbolo da disposição do angolano em não deixá-las morrer. Na obra intitulada *Nosso Musseque*, o narrador-personagem, semelhante à história pessoal do autor, foi levado, ainda pequeno, para um musseque, onde morou com o pai e com sua madrasta. Naquele lugar, ele cresceu e se desenvolveu como uma pessoa cuja formação identitária refletiu a sua íntima convivência com a cultura, a língua, as memórias e as tradições ancestrais africanas. Passou então a narrar as histórias do homem comum, dando-lhe a voz e o protagonismo negados pelo sistema colonial. Assim, reportando-se ao período em que Angola estava terrivelmente oprimida pelo jugo da colonização portuguesa, esta obra mostra a força e a resiliência das personagens que habitam o musseque. E também destaca a importância deste topônimo, alçado na condição de espaço de resistência, refúgio e preservação dos valores do colonizado, contra os propósitos das mitologias do homem europeu. Com efeito, ao suscitar estas temáticas na pauta literária e forjar as suas personagens,

Luandino Vieira demonstra o quanto a considerada História oficial encontra-se vaga e imprecisa no que se refere ao mundo africano e os notórios feitos do seu povo. Sobretudo, com relação à sua história de luta, resistência e preservação das heranças culturais.

Palavras-chave: espaço, indivíduo, protagonismo, resiliência

A Tradição Oral E A Literatura De Luandino Vieira

MARIA CRISTINA CHAVES DE CARVALHO (UFES)

Resumo: Nesta comunicação, propomos uma reflexão sobre narrativas de José Luandino Vieira, considerando o contexto histórico angolano, destacando a tradição oral, a importância da memória e o respeito à herança ancestral na cultura africana. De acordo com o antropólogo Amadou Hampaté Bâ, em mitologias dos povos antigos da África, a palavra é considerada força vital, gerando movimentos, ação e melodia porque tudo era palavra. Por isso, as histórias orais eram envoltas em sacralidade e se faziam instrumentos dos mais velhos, que passavam às gerações futuras. Nas culturas de predomínio oral, destacamos o emprego de adivinhas, lendas e histórias, cujas lições se transmitiam por intermédio de métodos mnemônicos, baseados em repetições ritmadas, as quais pretendiam imprimir o sabor das experiências subjetivas compartilhadas de modo que a memória coletiva se perpetuasse através das gerações seguintes. A leitura de narrativas do escritor angolano proporciona elementos para uma reflexão acerca da imagem da África e dos africanos no mundo contemporâneo. Dessa forma, interrogamos como a ficção de Luandino Vieira pôde resistir à ideologia ocidental, dominante, que parece permear o processo de descolonização em Angola. No projeto literário do autor, posicionamentos políticos e conflitos sociais se apresentam como forma de denúncia e, ao mesmo tempo, de resistência ao colonialismo ou às consequências dele decorrentes, que resultaram em preconceitos e estigmas impostos ao sujeito angolano e aos povos da África. Neste sentido, na ficção do autor, a revisão crítica da História vem desconstruir estereótipos

criados pelo domínio português, e abrir espaços para a configuração de uma consciência nacional em que figurem a valorização da memória, o resgate da tradição oral, a recuperação de mitos, a ancestralidade, tudo confluindo em movimentos de resistência aos valores instituídos pelos europeus, indo ao encontro da valorização da cultura africana, a exemplo do trabalho estético do autor com a linguagem, cujas inovações promovem a subversão do padrão culto da Língua Portuguesa, pois o código utilizado e adequado ao seu texto é constituído da interpenetração de duas línguas, o quimbundo e o português. Além disso, no processo criativo de Luandino Vieira, a luta constante pela liberdade de ser e de viver Angola é evidenciada através de narradores e personagens principais que emergem do povo, dos musseques de Luanda, os quais ganham voz para falar de si, do cotidiano, assim como das questões políticas e sociais de seu país. Como suporte teórico, serão utilizadas obras de Joseph Ki-Zerbo, Amadou Hampaté Bâ, Frantz Fanon, Kabengele Munanga, entre outros autores.

Palavras-chave: Literaturas Africanas, Luandino Vieira, oralidade, memória

Identidade e memória no conto *Sangue da avó, manchando a alcatifa de Mia Couto*

SIMONE DE SOUZA BRAGA GUERREIRO (ISAT)

Resumo: Esta pesquisa propõe um estudo crítico do conto *Sangue da avó, manchando a alcatifa* do escritor moçambicano Mia Couto e, toma como pontos essenciais à análise questões que envolvem a identidade, a memória e o esquecimento. O objetivo é investigar como o conto faz uso de elementos que servem de estratégias para a construção da identidade individual, cultural e social africana. Trata-se de uma investigação que abordará os processos de construção literária que levam em consideração as questões de identidade que envolvem as tradições relacionadas à história da África. Tal pesquisa considera o conto de Mia Couto como um exemplo paradigmático na investigação

dos problemas e das estratégias de representação da cultura negra, e do processo de construção e de consolidação desta cultura, que estão veiculados dentro do discurso literário. Também propõe a revisão de alguns conceitos que fundamentam as relações étnico-raciais, tais como sujeito, identidade, memória, tradição e história. Para identificar, descrever e analisar os processos configuradores do texto, segundo critérios que valorizam a identidade e a memória, procura-se salientar a ideia de memória individual e coletiva. Desta forma, será privilegiado, nesta pesquisa, o trabalho de representação de uma realidade, como um relato de experiências que foram filtradas pela memória e pela tradição, e que também podem ser redimensionadas pela afirmação da identidade e da diversidade. Os procedimentos analíticos, realizados na análise do conto de Mia Couto, tomam forma dentro da tematização e problematização de situações comprometidas com a busca de uma identidade que engloba elementos que vão provocar, não apenas o ressurgimento da tradição de um povo, mas a emergência de novas formas de subjetivação. Em *Sangue da avó*, manchando a alcatifa percebe-se a formação de um sujeito africano que necessita ser consciente de sua herança tradicional e de seu lugar na sociedade. E esta consciência só se faz possível se a memória individual e coletiva for uma permanente mediadora entre o ser e o mundo. O campo teórico em que se sustenta a pesquisa leva em consideração as relações entre memória, literatura e história como pilares para a construção da identidade cultural africana. É na vivência das condições descritas no conto de Mia Couto, que se inicia um percurso que transforma o campo ficcional em espaço privilegiado para a encenação de uma realidade convulsionada pelo consumismo e pela globalização. *Sangue da avó* manchando a alcatifa deseja a conscientização dos valores da civilização africana e de seus valores autóctones, em favor de um caminho delineado pelos símbolos da africanidade e da busca de uma identidade negra.

Palavras-chave: memória, identidade, africanidade, literatura

O Pagador De Promessas E O Dia Em Que Explodiu Mabata-Bata: Configurações Trágicas

ERENIL OLIVEIRA MAGALHÃES (UNEMAT)

Resumo: Este artigo analisa como o aspecto da promessa pode configurar-se como trágico em duas obras, mas, com conotações diferentes e dependendo de suas motivações. Se por um lado, em *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, Zé do Burro quer a qualquer preço pagar a promessa por realmente acreditar no poder e força que ela tem, por outro lado, no conto *O dia em que explodiu Mabata-Bata*, de Mia Couto, o tio do menino Azarias utiliza-se dela como uma estratégia para tirar proveito, sem nenhuma intenção de cumprir o acordo pré-estabelecido. No último caso, a intenção maior da personagem era 'dar-se bem' diante da vontade do menino Azarias, de ir para a escola. Mostraremos a constituição do trágico nas referidas obras pela observação do aspecto da promessa e suas diferentes conotações, amparando-nos pela literatura comparada. A promessa é um compromisso assumido de se realizar alguma coisa e, no caso das obras em análise, pode ser um instrumento utilizado para se obter algum tipo de benefício ou alguma recompensa. Ela é manifestada pela vontade das pessoas, que declaram algo em troca daquilo que foi ou será recebido e é expressão que compromete o falante com o cumprimento de algo por meio de uma jura, uma combinação ou outros meios. Historicamente, as promessas são bíblicas, sendo estas as primeiras de que se tem conhecimento. No conto de Mia Couto, a promessa não cumprida por parte de Raul, o tio do menino Azarias, faz-nos pensar em tudo que é negado ao povo moçambicano no momento histórico do pós-independência, fazendo emergir o elemento trágico dessa situação social. Assim, Azarias seria a voz que ressurgue das cinzas e que poderia deixar para traz resquícios de subordinação entre colonizado e colonizador, por meio da entrega ao sonho e às visões próprias. Ele pode representar o sonho de muitos outros Azarias, frustrados pelo autoritarismo e negação de direitos fundamentais. Em Dias Gomes, à

personagem Zé do Burro é negado o direito de honrar seu propósito e a dívida com a santa, de acordo com seus princípios religiosos, herança da formação do povo brasileiro pela colonização feita pelo país ibérico, pode ser comparado a Azarias e a Zés do Burro de muitos outros contextos. Uma vez que as histórias repetem-se independentemente do lugar onde foram produzidas e que acessamos o mundo a partir dos nossos lócus enunciativos, um estudo comparado entre essas duas obras pode traduzir sua força literária e política e elucidar mutuamente os dois textos e as duas culturas que emanam.

Palavras-chave: Promessa e trágico, O pagador de Promessas, O dia em que explodiu Mabata-Bata, Literatura comparada

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

“Se eu aparecer morto, não foi suicídio”: um olhar sobre o genocídio negro no livro #Paremdenosmatar

CAMILA SODRÉ DE OLIVEIRA DIAS (UNEB)

Resumo: O presente trabalho desponha das encruzilhadas que estão nas cidades, nos bairros e nas ruas do Brasil, espaços estes que escorrem sangue da população negra em seus asfaltos. Campanhas como Reaja ou Será morto, Jovem negro vivo-Anistia Internacional, dentre outros movimentos negros, têm denunciado o que tem ocorrido no país dito “democrático”, dito não racista, que não julgam/não matam pessoas por sua cor de pele. De acordo com o relatório da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil – totalizando por ano um número de 23.100 jovens negros entre 15 a 29 anos mortos – sinalizo que são os dados que temos acesso. Estes acontecimentos não passam despercebidos no que concerne ao campo literário. O livro #Paremdenosmatar (2016), da escritora negra Cidinha da Silva, é uma produção necessária para o momento que

estamos vivenciando no país, um registro documental que adverte e nos faz abrir os olhos em relação ao extermínio da juventude negra; uma escrita do tempo que desestabiliza as cartilhas hegemônicas não havendo espaço para silenciamentos, ou invisibilidade. Segundo a autora, “[...]#Paremdenosmatar! é testemunha de acusação do genocídio contemporâneo da população negra. É memória viva em transformação que se vale da crônica como suporte”. Desta maneira, o objetivo deste trabalho é analisar estas produções, a partir da experiência testemunhal da cronista, sobre o genocídio negro no presente contexto. Partindo destes pressupostos, trago um plano de análise metodológico tomando como base três crônicas – 1) Quando a execução sumária é legitimada como gol de placa no campeonato de extermínio da juventude negra; 2) Se eu aparecer morto, não foi suicídio e 3) Quando a palavra seca, discutindo algumas questões: o que diz a escritora Cidinha da Silva sobre o extermínio da juventude negra? Quais relatos do cotidiano são retratados nas crônicas? Qual a importância desta obra para atual conjuntura social brasileira? Para tanto, a fim de fundamentar a discussão apresentada, diálogo com os seguintes referências teóricos: Franz Fanon (1956) ao falar sobre as institucionalizações das práticas racistas, que entram pelos olhos num conjunto caracterizado pela exploração, pela violência de um grupo de homens sobre outros, exploração esta muitas vezes legitimada pela polícia e outros segmentos. Em consonância Kabengele Munanga (2015) afirma que o racismo persiste e escolhe seus alvos pela aparência física, por uma preponderante geografia dos corpos. Por conseguinte, para pensar a urgência de um discurso literário que conte a experiência da população negra, Conceição Evaristo (2011) considera como elemento constitutivo do discurso literário afro-brasileiro, a enfática denúncia contra o racismo e as injustiças sociais que pesam sobre o negro na sociedade brasileira; pensando sobre a literatura negra, trago Luiz Silva/Cuti (2010) que discute a importância da configuração de uma literatura negro brasileira, dentre outros pesquisadores.

Palavras-chave: Racismo, Genocídio Negro, Crônicas, Literatura Negra

As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil: a Coleção Autores Africanos

CLAUBER RIBEIRO CRUZ (UNESP)

Resumo: A presença das literaturas africanas no Brasil se manifestou de modo lento e com iniciativas isoladas por parte do mercado editorial brasileiro. Como exemplo, temos o caso da Civilização Brasileira que lançou dois romances do escritor angolano Castro Soromenho, são eles: Terra Morta (1949) e A chaga (1970). Já a Nova Fronteira, com o projeto literário Romances da África, também publicou alguns títulos, tais como: Um fuzil na mão, um poema no bolso (1974), de Emamnel Dongala, e O velho negro e a medalha (1975), de Ferdinand Oyono. Durante este período, a Editora Codecri - Comitê de Defesa do Crioléo -, também se dedicou ao lançamento de livros de autores africanos, visto que a empresa tinha uma linha editorial de identificação com os países chamados do terceiro mundo. Um das obras lançadas foi Poemas de Angola (1976), de Agostinho Neto. No entanto, apenas com o projeto literário Coleção Autores Africanos (1979-1991), da Ática, que foi possível a concretização de um lançamento sistêmico das literaturas africanas no Brasil, a qual foi composta por 27 títulos de diversos escritores do continente africano. A concepção da Coleção Autores Africanos ocorreu em virtude da parceria entre o então presidente da Ática, Anderson Fernandes Dias, e o professor da USP Dr. Fernando Augusto Albuquerque Mourão, que na época já estava envolvido com outras frentes de trabalho relacionadas à África, como na direção do Centro de Estudos Africanos, na edição da Revista África e como integrante do Comitê Científico da UNESCO, responsável pela elaboração da coletânea História Geral da África. Para o lançamento da antologia, Mourão selecionou obras que, primeiramente, possibilitassem um olhar sobre o colonialismo português, tal como o romance A vida verdadeira de Domingos Xavier (1979), de Luandino Vieira. Posteriormente, enfatizou os títulos que remetessem a problemas sociais, tais como: Nós matamos o Cão-Tinhoso (1980), de Luís Bernardo Honwana, que retrata

a dificuldade vivida pelos moçambicanos durante o colonialismo; e dois autores de Cabo Verde, com as obras: Os flagelados do vento leste (1979), de Manuel Lopes, e Hora di bai (1980), de Manuel Ferreira, que tratam, entre outras questões, do problema da seca no arquipélago. Numa terceira linha, temos a considerada “literatura de combate”, representada, sobretudo, por Mayombe (1982), de Pepetela. A quarta fase, explorou os problemas linguísticos resultantes do choque cultural decorrente da colonização, e essas características estão presentes em: Kinaxixe e outras prosas (1981), de Arnaldo Santos; “Mestre” Tamoda e Kahitu (1984), de Uanhenga Xitu; e Luuanda (1982), de Luandino Vieira. Além das obras citadas, há mais 10 livros de autores africanos de língua portuguesa, sem contar os escritores de língua inglesa e francesa que são apresentados ao público leitor brasileiro pela primeira vez, formando uma espécie de mapa literário africano. Assim sendo, pretendemos elucidar as questões relacionadas à concepção e à formação dessa antologia, com destaque as literaturas africanas de língua comum, visto que esta produção fortificou uma massa crítica brasileira e acentuou as produções científicas da área de estudo, disseminando os textos literários africanos pelo país.

Palavras-chave: Coleção Autores Africanos, Editora Ática, Fernando Augusto Albuquerque Mourão, Literaturas Africanas de Língua Portuguesa

Jeferson De e o cinema afrodescendente

CRISTIANE LAGE DE MATOS (CEFET-MG)

Resumo: O artigo aborda o cinema afrodescendente no Brasil a partir da experiência de Jeferson De, cineasta paulista que protagoniza o cenário da crescente produção cinematográfica brasileira iniciada nos anos 1990. Nos últimos anos, alguns editais de financiamento para cinema tentaram diversificar a produção brasileira de forma a promover a pluralidade temática, regional e racial pouco expressivas ao longo da história do audiovisual brasileiro. Contudo, muitos caminhos ainda

precisam ser trilhados para promover uma profunda diversidade cultural no Brasil e criar de fato um sistema de circulação de obras audiovisuais produzidas por autores afrodescendentes.

Palavras-chave: Cinema afrobrasileiro, Jeferson De, Cinema afrodescendente, Cinema brasileiro

Narrativas escravas e relatos de testemunho sobre a escravidão no Brasil: escritos pelo próprio negro escravizado

ELIO FERREIRA DE SOUZA (UESPI)

Resumo: O presente artigo estuda a representação do negro na literatura afro-brasileira, mapeando lugares, entre-lugares (BHABHA, 2001), temas norteadores como a escravidão do africano na diáspora, a violência contra o negro, a relação de gênero, no regime de escravidão e travessia do Atlântico negro (GILROY, 2001) ao trabalho forçado de homens e mulheres negras no Brasil, nos espaços como a casa grande, a senzala, os cantos de venda, a rua, os locais de prostituição feminina. O corpus da análise abrange diferentes formas de narrativas escritas ou gêneros literários distintos, tais como: narrativas autobiográficas, relatos de testemunho, cartas e petições escritos pelos próprios escravos; poemas, romances, contos, crônicas de autoria dos escritores negros descendentes de africanos escravizados na diáspora. A cronologia das obras aqui estudadas vai da escravidão à literatura afro-brasileira contemporânea, iniciando-se com os primeiros textos dos nossos autores negros: as cartas e petições escritas pelo próprio escravo. Entre estes, o ex-escravo e soldado Henrique Dias (sec. XVII); a “Carta” (1770) de Esperança Garcia, endereçada ao Governador da Capitania do Piauí; o poeta e ex-escravo Luiz Gama (sec. XVIII); o poeta repentista, escravo, Domingos da Catingueira; o romance de Maria Firmina dos Reis; a crônica, a poesia e o conto de Machado de Assis; o romance de Ana Maria Gonçalves; o conto de Esmeralda Ribeiro. A vocação da minha análise se baseia no forjamento das tessituras de recortes temáticos apontados na presente proposta. Farei um recorte do corpus

temático conforme proposição temático do corpus apontados nesta proposta. A “Carta” de 6 de setembro de 1770, da escrava Esperança Garcia, foi endereçada ao Governador da Capitania do Piauí (MOTT, 1985, 2010), uma “inusitada reclamação” (MOURA, 2004) por se tratar de uma escrava que se dirige à principal autoridade do Piauí Colonial setecentista. O relato de experiência de Esperança envolve a uma rede de acusações e denúncias o Administrador das fazendas de gado bovino e cavalar da Coroa de Portugal no Piauí. A eloquência e a dramaticidade da epístola comprometem estrategicamente a reputação do capitão Antônio Vieira do Couto perante o Governador da Província. O texto de Esperança Garcia assinala ainda as relações de solidariedade, cumplicidade e companheirismo do escravizado. Nos Estados Unidos, várias slave narratives, escritas pelo próprio escravo, foram escritas e publicadas nos séculos XVIII e XIX (MORRISON, 1987), como também em Cuba e noutros países das Américas onde o africano fora escravizado.

Palavras-chave: Literatura Negra, Narrativa Escrava, Relatos de Testemunho, Resistência Escrava e Violência

O Ancestral nos tempos contemporâneos

JUREMA OLIVEIRA (UFES)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo ler criticamente as marcas da ancestralidade em duas narrativas de língua portuguesa, procurando depreender em que medida os escritores sinalizam a presença de elementos estruturais referentes à construção dos ancestrais no espaço ficcional. Pensar a ancestralidade como fonte organizacional é buscar a palavra que guarda a singularidade mantenedora das distintas práticas sociais, tendo em vista que no contexto bantu tradicional as decisões políticas, as questões familiares e da comunidade são tomadas a partir de uma jurisprudência ancestral. O homem constitui-se na síntese fundamental dos elementos vitais agrupados na matéria corpórea que unifica o princípio de animalidade, espiritualidade e de imortalidade do ser humano que atinge o nível

de preexistente. As narrativas escolhidas apresentam elementos definidores do ancestral nos tempos contemporâneos, trazendo à tona experiências fortalecedoras da construção discursiva que expõe uma estética pautada no afrocentrismo. O suporte teórico para fundamentar essa pesquisa será buscado nos estudos sobre a memória, oralidade, na Teoria da Literatura (em particular, nos Estudos Narrativos), na Sociologia, na História, na Antropologia e na Filosofia. O corpus selecionado é *A varanda de frangipani* (2007), de Mia Couto e *O alegre canto da perdiz* (2010), de Paulina Chiziane. Nesse estudo, buscaremos depreender as marcas da ancestralidade em um discurso literário performático que valoriza uma linguagem de cunho oral.

Palavras-chave: Literatura, Ancestralidade, Oralidade, Memória

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Literatura Afro-baiana Contemporânea: intersecção entre história e sociedade

LENARA NASCIMENTO DE ARAÚJO (UNEB)

Resumo: As imagens construídas sobre o negro na historiografia literária brasileira não se afastam muito daquelas reproduzidas em outros espaços sociais da nossa sociedade. Em diferentes produções literárias canônicas encontramos um conjunto de considerações depreciativas ligadas à mulher negra e ao homem negro, aos seus valores e à sua cultura, que aludem a um passado histórico de escravidão e exploração. Ao representar o negro a partir de imagens que o generalizam e o fixam em estereótipos, a literatura reproduz simbolicamente uma série de discursos que o inferiorizam, advindos de práticas de racismo, que ameaçam o convívio inter-racial e o exercício da alteridade. Seguindo na contramão da literatura canônica, a literatura afro-brasileira e, por consequência, a afro-baiana se insurgem

trabalhando na desconstrução de imagens negativas vinculadas ao povo negro, oriundas do processo de mercantilização da escravidão, que além de transformar o africano em objeto de escambo ou de troca monetária, aprisionou a sua imagem a submissão e a passividade. A partir dessa premissa, esse trabalho tem por objetivo analisar como a produção literária afro-baiana desconstrói as imagens cristalizadas atribuídas a população negra, mediante uma revisão crítica da história nacional a partir da visão do próprio negro. Busca-se, a partir de alguns exemplos de produções afro-baianas, perceber como esses autores criam espaços de diálogos e questionamentos acerca do universo social e histórico da população negra brasileira, a partir da construção de personagens que representam esse segmento populacional inserindo-os como sujeitos ativos na história. Para fundamentar este trabalho serão utilizados os estudos de Duarte (2011), Silva (2006), Hall (2005), Le Goff (2003), Evaristo (2009), Fonseca (2006) com enfoque voltados para questões de identidade e de memória.

Palavras-chave: Literatura Afro-baiana, Sociedade, história

A performance Griot em Ana Paula Tavares: Tradição e memória ancestral

MICHEL AUGUSTO CARVALHO DA SILVA (UESPI)

Resumo: O presente trabalho analisa os poemas do livro “O Lago da Lua”, publicado em 1999 e de autoria de Ana Paula Tavares comparando com a performance dos griots africanos e buscando através desse estudo detectar os traços da memória ancestral dos povos africanos e como as tradições e ritos e passagem são representados nos poemas. O griot é poeta da tradição oral africana, “guardião” da memória, da sabedoria e das histórias contadas de geração em geração (Hampaté Bá, 2010, p. 193). Aos griots cabem a história dos nobres e das pessoas ilustres de sua aldeia. Tem como principal instrumento os recursos da tradição oral, ou seja, o ato de cantar e contar os ritos, mitos e histórias importantes na construção da identidade de seu povo. Em “O lago da

lua”, Ana Paula Tavares além de denunciar a crueldade da guerra pela independência, põe-nos perante a cultura dos Kwanyamas, etnia do sul de Angola, através da resignificação das tradições e mitos no contexto de uma nação recém independente e o questionamento de suas tradições, principalmente na forma como a mulher Kwanyama é tratada. Assim, é interessante relacionarmos a representação das tradições nos poemas com a função social dos griots para as comunidades africanas, através dos recursos da oralidade e memória ancestral. Para o levantamento histórico e teórico da função social do griot para os povos africanos foi utilizado o texto “A tradição viva”, de Hampaté Bá (2010); para o estudo da performance da oralidade utilizados o texto “A tradição oral e sua metodologia”, de Jan Vansina (2010); para o estudo da maneira como as tradições, ritos de passagem e recursos da oralidade são incorporados na poesia escrita, utilizamos os escritos de Kwame Anthony Appiah, em “Na casa de meu pai” e, mais especificamente no que diz respeito às poesias africanas de países lusófonos, “Perto do fragmento, a totalidade”, de Francisco Noa (2015). Os resultados do presente estudo apontam que o legado da tradição oral na poesia de Paula Tavares, resignificado na escrita poética, ao rememorar e contar a história de seu grupo, os sentimentos e performance dos ritos de passagem, revoga para si a mesma função dos griots africanos, de cantar e contar a história do seu povo, evitando que a memória das tradições, das vivências e mesmo do sofrimento durante o período colonial se percam, evitando que a identidade do seu povo seja apagada e mantendo viva o legado histórico e social das tradições culturais de seu grupo étnico.

Palavras-chave: Oralidade, Poesia angolana, Griot, Memória ancestral

Literatura Negra como expressão de combate cívico e estético: Intelectuais Negros em Brasil e Portugal nos anos 1920s-1940s

SATTY FLAHERTY-ECHEVERRIA (CENTRE COLLEGE)

Resumo: Traçando a produção literária dos intelectuais negros em São Paulo, Brasil e Lisboa, Portugal durante os anos 1920 até os 1940,

argumento que a sua escrita combatia os discursos dominantes para criar um modelo inclusivo de cidadania negra numa época de precária situação política, social e econômica no princípio do século vinte em ambos lados do atlântico. Intelectuais negros como: Arlindo Veiga dos Santos, José Correia Leite e Lino Guedes em Brasil; Mário Pinto de Andrade, Francisco José Tenreiro, Amílcar Cabral e Viriato da Cruz durante seu tempo em Lisboa continuam na periferia dos grandes movimentos do pensamento negro, e particularmente são estudados em isolamento. Esta comunicação analisa comparativamente as construções discursivas numa subjetividade negra que é simultaneamente cívica e estética produzida em revistas, boletins, jornais, antologias e outras publicações efêmeras, as quais não sendo muito divulgadas continuam sendo pouco estudadas.

Palavras-chave: Intelectuais negros, Portugal, subjetividade negra cívica e estética, Brasil

O discurso fantástico como recurso para colocar em evidência os prejuízos da guerra e o preconceito em A chuva pasmada

LUCIANA MORAIS DA SILVA (UERJ)

Resumo: Nos mundos possíveis ficcionais construídos por Mia Couto, as personagens, de maneira quotidiana, são confrontadas por desdobramentos de contínuos dias de guerra e infortúnio. É também assim o contexto de A chuva pasmada (2004), narrativa juvenil que trata do quotidiano de uma família de negros. O jovem narrador pouco a pouco costura seu mundo, configurando-o por nuances muito delicadas da faceta de subserviência e condenação de uma família a uma condição outra, alijada da plenitude de direitos, já que servil e dependente. Nessa configuração, a personagem principal, o jovem, vai construindo uma identidade fraturada pela ausência de oportunidade e pela interação com manifestações do insólito em seu dia-a-dia. A chuva, símbolo da fertilidade, constitui-se, por exemplo, como traço insólito, que ocasiona a descontinuidade do fluxo narrativo, desencadeando uma luta dessa

família para reconstituir a normalidade. Contudo, qual a normalidade de uma família que enfrenta a impossibilidade de ir e vir? A denúncia do preconceito e da impossibilidade imposta à família deflagra ainda a discussão acerca da condição desumana construída em torno da personagem principal, o jovem narrador. Pretende-se demonstrar os modelos de estruturação da personagem como partes integrantes da denúncia da anormalidade presente no cotidiano de sua família. Assim, refletir-se-á acerca do discurso fantástico como expressão de um discurso de conflito, que se instaura na narrativa para confrontar a inóspita visão dos mundos e submundos possíveis presentes na construção da narrativa fantástica. Como é sabido, discursos implicam modos de expressão e, nesse sentido, o discurso empregado pelo moçambicano Mia Couto constrói-se pelo uso da manifestação do insólito como uma forma de pôr em evidência todo um processo de marginalização e impedimento que cerca a personagem principal e sua família, sendo a mulher vítima de racismo e da submissão ao marido. Nessa construção insólita e denunciadora, a personagem ganha novas configurações por meio de sua capacidade de transcender sua característica mais marcante e problemática: a falta de expressividade, designada no texto por outra palavra, conforme se discutirá. Na construção dos mundos fantásticos, o discurso, em geral, evidencia os matizes desconfiguradores e que, por sua vez, colaboram para a constituição de um plano imerso em conflito e mesmo caos. É, em certo sentido, o modelo instaurado em *A chuva pasmada* (2004), produzindo, entretanto, não a instauração de um mundo caótico final, mas a construção de um plano de realidade consciente dos motivos de sua condição insólita, já que a normalidade aparentemente existente era, em verdade, fruto de uma anormalidade consentida. É, portanto, com base na percepção do discurso fantástico que se refletirá acerca da figuração da personagem, buscando demonstrar como a narrativa de Mia Couto evidencia o preconceito e a submissão.

Palavras-chave: Insólito Ficcional, Mundos Possíveis, Preconceito, Narrativa

26

ÉTICA, ESTÉTICA E FILOSOFIA DA LITERATURA

Vitor Cei (UNIR)

Sarah Maria Forte Diogo (UECE)

Resumo: O simpósio “Ética, Estética e Filosofia da Literatura”, ultrapassando os claustros disciplinares convencionais, se propõe a ser um espaço de análise, reflexão, debate e crítica que congrega pesquisadores de diversas instituições e áreas do conhecimento. Seu objetivo principal é o estudo da literatura em suas intersecções com a filosofia, assim como da experiência estética e da teoria filosófica em suas convergências e divergências relativas à realidade histórica e à prática ética. Por um lado, a filosofia aparece como paradigma teórico para analisar as obras literárias e outras expressões artísticas, considerando-se que a obra de arte é uma entidade autônoma (no que tem de especificamente seu), mas também aberta a diálogos e interpretações de outros saberes e práticas. Por outro lado, as investigações apontam para as possibilidades oferecidas ao pensamento filosófico pela literatura, especialmente (mas não exclusivamente) as de expressão em língua portuguesa, mostrando que os conceitos da tradição filosófica ocidental são insuficientes para a devida compreensão das complexas experiências históricas e culturais em espaços e políticas não-europeus. Considerando-se que literatura e filosofia são duas ordens de discurso distintas, importa dizer que os participantes do simpósio não receberão de antemão uma proposição normativa sobre as diferenças e os domínios respectivos dos discursos literário e filosófico, porque, se reconhecidas essas diferenças, as obras grandes literárias as desafiam, conjugando filosofia e literatura de tal modo que conteúdo

filosófico e forma literária tornam-se indissociáveis – a ficcionalidade da teoria e a força teórica da ficção criam uma porosidade entre os campos da literatura e da filosofia. Alertamos que a investigação da presença de teorias ou conceitos filosóficos em obras literárias, apesar de válida e útil, é limitada e só poderá vir a constatar que na ficção de qualquer escritor os conceitos filosóficos são transformados pela forma literária (por natureza imprecisa, metafórica, polissêmica) e não correspondem exatamente às suas fontes originais, ou seja, a apropriação artística e o tratamento estético a que o discurso literário procede transformam o substrato filosófico de que se nutre, fomentando projetos artísticos subsidiados por bases filosóficas que, ao passo que se integram ao literário, tornam-se componentes das estruturas simbólicas erigidas pelos textos ficcionais. Por isso, não recomendamos interpretações de obras literárias à luz de algum filósofo ou teórico. Também não sugerimos a simples aplicação instrumental e pragmática de conceitos filosóficos na análise de obras literárias, porque o texto ficcional não pode ser mero suporte ou pretexto de uma leitura filosófica. Como o conteúdo filosófico se transforma em conteúdo literário é o assunto que ora nos reúne e convida a pensar. Nossa reflexão visa ao escrutínio das múltiplas articulações entre literatura e filosofia, múltiplas em virtude do caráter polimorfo do signo literário e toda sua dinamicidade concretizada nas práticas sociodiscursivas ensejadas pelos gêneros textuais diversificados. Com vistas a enriquecer o debate e as discussões, as investigações podem debruçar-se sobre a poesia, o conto, o romance, a carta, a narrativa de viagem, entre outros gêneros, sempre em perspectiva filosófica. Aceitando-se que as diferenças e semelhanças articulam-se num terreno móvel, e evitando tomar literatura e filosofia como categorias universais, o simpósio toma forma a partir da colaboração profícua entre essas duas disciplinas, buscando os seus dinâmicos pontos de entrelaçamento. O grupo pretende trazer uma contribuição à pesquisa teórico-prática da Filosofia da Literatura, agregando pesquisadores interessados em gerar conhecimento nesta

área do saber, a fim de que a mesma seja fortalecida no Brasil, uma vez que os diálogos entre as dimensões literária e filosófica se tornam fundamentais para a construção de reflexões que contemplem tessituras diversificadas do discurso artístico, de caráter poliédrico e eivado de contradições e paradoxos que necessitam de miradas críticas dispostas ao adensamento dos intercursos entre filosofia e literatura. Tal é o horizonte das preocupações deste simpósio, que procura acolher trabalhos que discutam e proponham ler, crítica e politicamente, uma contaminação do limiar das formas entre a literatura e a filosofia. Serão aceitos trabalhos que englobem alguma das seguintes abordagens: estudos comparatistas, que compreendam a linguagem literária em sua dimensão estética, como carregada de potência filosófica e sentido histórico, e não somente um meio de descrição ou representação da realidade; estudos intertextuais, que compreendam a associação da linguagem literária, em sua dimensão estética, à teoria filosófica e à produção artística, como experiência criativa e inventividade crítica; estudos que compreendam a convergência/divergência entre linguagem literária, teoria filosófica e prática ética, numa perspectiva hiperplural e transcultural, de textos e/ou obras entendidos atravessando (com/ contra) outras práticas, de modo que se estabeleçam pontes e se identifiquem muros entre a filosofia, a literatura e a ética (em sua relação com a política).

Palavras-chave: Ética, Estética, Filosofia, Literatura

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Relações entre ética e linguagem nas configurações das violências em “Tutaméia (terceiras estórias)” de João Guimarães Rosa

SARAH MARIA FORTE DIOGO (UECE)

Resumo: Esta comunicação enfoca alguns contos de Tutaméia (Terceiras Estórias), de João Guimarães Rosa, com o objetivo de observar as

configurações da violência, que, segundo postulamos, são recorrentes nesse livro. Para tanto, procedemos ao exame de parte da fortuna crítica do autor, procurando buscar mais subsídios para abordar a construção da obra com quatro prefácios e as considerações que Rosa faz sobre, por exemplo, paradoxos. Analisou-se ainda a contraposição proposta pelo escritor entre “estória” e “História” e a possibilidade de compreender as narrativas enquanto “contranarrativas”. A escolha recaiu em dezessete dos quarenta contos que compõem a obra – “Antiperipléia”, “Arroio-das-Antas”, “A vela ao diabo”, “Azo de almirante”, “Barra da Vaca”, “Como ataca a sucuri”, “Curtamão”, “Desenredo”, “Droenha”, “Esses Lopes”, “Estória nº3”, “Estoriinha”, “Intruge-se”, “No prosseguir”, “Quadrinho de estória”, “Sinhá Secada” e “- Uai, eu?” – e se justifica pela presença de quadros de violência explícitos ou implícitos. Partimos da premissa de que, nessas narrativas selecionadas para estudo, a violência funcione como tema estruturante do texto, tema a partir do qual se organizam os demais assuntos que surgem nos contos. Além disso, observamos que em todas as narrativas de Tutaméia a violência linguística está presente, com a proposição de um “devir” da língua, uma língua que força e tensiona o pensamento a refletir sobre a própria língua, a cultura e a sociedade. Destacamos a existência, ao lado dessa violência, de outras, as violências sociais sedimentadas nos contos. Como resultado, constatamos que as violências presentes nas narrativas revelam um paradoxo desse fenômeno esteticamente trabalhado nas estórias: as violências libertam, mas, simultaneamente, aprisionam, pois também os algozes são vítimas das consequências de atos violentos. Narradores em trânsito, os contadores de Tutaméia (Terceiras Estórias) performatizam suas vozes, reelaborando traços da oralidade e construindo discursos de resistência, os quais se dão a conhecer por meio de textos que não só contam uma estória, mas procuram encená-la discursivamente por meio de estratégias e dispositivos. Em Tutaméia, nos contos que selecionamos para análise, observa-se o desenvolvimento de uma língua delirante em duas instâncias: no manejo da sintaxe narrativa, suas

construções linguísticas, o delírio do “devir-outro” da língua, e também na abordagem do tema violência e suas diversas configurações: o “devir-violência”, que pode equilibrar situações de desequilíbrio, anular o outro para a emergência do oprimido ou ser a única forma possível de libertação. Referimo-nos aqui a duas instâncias, mas podemos afirmar que ambas são componentes inseparáveis, lados da mesma moeda discursiva. Homicídios, crimes por vingança, envenenamentos, abandonos, em suma, as violências em Tutaméia cifram modos de sobreviver e resistir no sertão ficcional proposto por Rosa.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa, Ética, Linguagem, Violências

Uma leitura de Sêneca e René Girard em dupla chave: ética e estética

NATÁLIA DA SILVA GAMA (UERJ)

Resumo: É sabido que a angústia de uma época pode ser reelaborada à luz das percepções de outros tempos; da mesma forma que situações de conflitos e a história de uma vida, pela memória, por releituras de acontecimentos e narrativas. A partir da compreensão de literatura enquanto produtora de conhecimento, propomos um diálogo entre os textos de Sêneca em parceria com a teoria mimética, de René Girard. Discutiremos a importância da contribuição do trabalho dos autores. Por que ler Sêneca e Girard hoje? René Girard, durante o desenvolvimento da teoria mimética, aprimorou, com base em um método comparativo, uma técnica de trabalho que implica diálogos entre a literatura, filosofia, antropologia e estudos bíblicos, revelando no campo literário uma dimensão interdisciplinar capaz de conduzir a um saber sobre o caráter mimético do desejo e um conhecimento sobre o homem e suas circunstâncias. Já Sêneca conjuga filosofia e literatura em uma pedagogia direcionada para a formação moral dos indivíduos, de modo a apresentar uma meditação sobre a vida humana em seus dilemas e a enfatizar a validade do domínio da razão sobre as paixões, segundo os princípios do estoicismo. O que Sêneca e Girard têm em comum? Uma coerência interna na produção do raciocínio em que um único aspecto

do pensamento ou doutrina conduz todo o sistema de reflexão, um sistema fruto de um longo e fecundo diálogo com a tradição ocidental. Neste trabalho, propomos, em certa medida, acompanhar esse diálogo. Ao sublinhar os paradoxos inerentes à mediação do desejo, discutiremos os dilemas entre razão e paixão, apresentados na obra de Sêneca, e os desdobramentos desses nas tensões entre desejo e renúncia, além do exame sobre a relação e eleição de modelos, no âmbito da vida e das influências literárias. Como produtora de conhecimento, a literatura, com destaque para a produção de Sêneca, oferece uma imagem da vida humana, uma imagem que, com auxílio da teoria mimética, permite revisar antigas análises, recordando-nos o papel central da figura do outro para a configuração dos desejos e apresentando-nos novamente nossas carências e violências, que não são apenas biológicas ou políticas, mas, sobretudo, miméticas. Por fim, apresentamos o incômodo da proposta girardiana e das imagens de Sêneca, o potencial interdisciplinar da teoria e do campo literário, a fim de compreender a angústia e os conflitos de nosso tempo em dupla chave: ética e estética, um comprometimento e autoconhecimento que de outra maneira talvez não fosse possível.

Palavras-chave: René Girard, Sêneca, Ética, Éstética

A crise ecológica como problema ético-estético: a perspectiva de Kenneth Burke

VINICIUS PORTELLA CASTRO (UERJ)

Resumo: Como aponta Spinoza, na sua Ética: “O conhecimento verdadeiro do bem e do mal, enquanto verdadeiro, não pode refrear qualquer afeto; poderá refreá-lo apenas enquanto considerado como afeto.” (Livro IV, prop.14) Levando isso em conta, tentaremos tratar a questão ambiental como um problema de ordem ético-estética. Não se trata apenas de convencer as pessoas de uma emergência civilizatória, mas de tornar a situação palpável em termos imaginativos. Não se trata apenas de demonstrar a gravidade da situação com dados e

estatísticas, mas também de traduzir essa gravidade tão avassaladora em termos afetivos. É também uma questão de escala, além de tudo. O nexo entre ética e estética e sua relação com a crise ambiental será analisado principalmente por meio da obra do crítico literário e filósofo norte-americano Kenneth Burke. Quase ignorado hoje no Brasil, Burke foi influente para autores como Susan Sontag, Ralph Ellison e Harold Bloom. Partindo de sua crítica satírica ao consumismo e à produção capitalista de lixo feita nos anos 30, onde ele equivale a produção de prosperidade com a produção industriosa de lixo, e passando por seu diagnóstico pessimista da questão ecológica nos anos 70, trataremos também da sua metabiologia, exposta nos livros *Permanence & Change* (de 1935) e *Attitudes Toward History* (de 1937), onde é proposta uma interface entre os nexos concretos e práticos da ética, da estética e da atividade artística como um todo. Burke já diagnosticava aqui a nossa incapacidade coletiva de processar esteticamente os complexos técnicos nos quais estamos metidos. Para Burke, a defasagem temporal entre o avanço técnico e a sua tomada de consciência coletiva significaria que só conseguiríamos reverter a mitologia romântica e moderna da ciência quando já fosse tarde demais para impedir sua consequente destruição ambiental. Burke supõe que mudar o ímpeto crescente de consumo implicaria em as transformações tanto de instituições quanto de comportamento pessoal tão radicais que nem mesmo revoluções comunistas ou fascistas seriam capazes de implementá-las. Um desdobramento nessa direção dependeria incrivelmente de toda uma nova “partida de criatividade nas artes das relações humanas”. As três ecologias de Félix Guattari, inspiradas na ecologia da mente de Gregory Bateson, nos ajudarão a procurar uma saída para esse impasse político. O nexo entre ética e estética, por sua vez, será explorado em sua dimensão mais geral com base em conceitos de Simone Weil e Kierkegaard. Se Wittgenstein propôs a equivalência misteriosa e inexplicada entre ética e estética, há muitos autores que opõem as duas dimensões da nossa experiência como contrárias.

Palavras-chave: Kenneth Burke, ecologia, Kierkegaard, Guattari

A beleza da alma: um diálogo sobre a virtude entre Plotino e autores da antiguidade clássica

STEFANIE CAVALCANTI DE LIMA SILVA (UFC)

Resumo: Desde a Antiguidade Clássica, a discussão sobre a virtude permeia a vida dos Homens em sociedade, a preocupação em alcançar um consenso do que seria uma vida em equilíbrio, o controle das paixões e uma alma bela segue como tema nas obras dos principais filósofos tanto do Período Clássico como da Contemporaneidade; alguns desses autores, como Plotino e Sêneca, concluíram que, para tal, seria necessário alcançar – ou melhor – obter uma alma virtuosa. Em seu texto Sobre o Belo, Plotino afirma que a: “Beleza da alma é a virtude” (2012, p.49) e é a partir dessa sentença que propomos, nesse trabalho, uma análise comparativa entre o texto citado acima e os seguintes textos da Antiguidade Clássica: Da Tranquilidade da Alma, de Sêneca, Paradoxos dos Estoicos e De Finibus, de Cícero. Através desse cotejamento, analisaremos os conceitos sobre a “alma virtuosa” de Plotino à luz dos textos antigos acima citados. Contudo, a proposição plotiniana era elevar o assunto a um plano superior e tratar de uma Beleza mais profunda e, por assim dizer, espiritual: “Por que tudo imediatamente ligado à alma é de alguma maneira belo?” (2012, p. 48); para Plotino até o amor entre os enamorados estava ligado à alma, o corpo nada mais era que um detalhe, a verdadeira beleza, isto é, a virtude, vinha de dentro e era ela que despertava o amor do outro. Seu discurso é pautado também na simplicidade, no bem e na beleza, termos bastante caros na Antiguidade, que serão pré-requisito para a formação do conceito plotiniano de “alma virtuosa”. Ainda sobre o pensamento plotiniano, as almas feias, entregues aos vícios e às paixões do corpo, não são elevadas ou dignas de serem contempladas, estão longe da “verdadeira e primeira beleza” (PLOTINO, 2012, p. 55) e presas nesse plano inferior; para enriquecer essa discussão trabalharemos com o Fédro, de Platão, texto no qual Sócrates apresenta um discurso sobre a perda do senso de julgamento por parte dos apaixonados.

Nossa proposta é discutir o conceito de virtude e beleza da alma nesses diferentes autores citados e realizar um trabalho de confrontação entre as obras do período clássico e as do contemporâneo, analisando a definição apresentada pelos autores, as consequências dessa virtude para o Homem, os meios para adquiri-la e, por fim alcançar o equilíbrio. As obras e autores contemporâneos que estão em nosso estudo são: Beleza, de Roger Scruton e Do padrão do gosto, de David Hume.

Palavras-chave: Beleza da alma, Virtude, Plotino, Belo

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

A individualidade inconcebível no herói dostoiévskiano

ROSANNE BEZERRA DE ARAÚJO (UFRN)

Resumo: O presente trabalho traz como categoria analítica a carência de individualidade nos personagens de Fiódor Dostoiévski (1821-1881), especialmente no livro Os demônios (1872). Os teóricos principais que norteiam esta pesquisa são Mikhail Bakhtin (1895-1975) e Constantin Noica (1909-1987). A proposta deste estudo é aprofundar a análise de Os demônios, oferecendo um elo entre Problemas da poética de Dostoiévski, de Bakhtin, e As seis doenças do espírito contemporâneo, de Noica. Em Os demônios, as diferentes visões dos personagens que buscam alcançar um ideal (a defesa de um modelo exemplar de sociedade, a luta por uma causa) terminam comprometendo a individualidade destes. Em As seis doenças do espírito contemporâneo, o filósofo romeno, Noica, revela que a carência do individual é marcante nos personagens dostoiévskianos. Em sua maioria são sujeitos envolvidos por um nevoeiro de angústias e perturbações psicológicas. São indivíduos cuja necessidade natural de se expressarem de forma autêntica e de conquistarem o seu espaço no mundo fracassa. Essa impossibilidade de realizar o fundamento básico humano que é a

liberdade de ser no mundo deve-se ao abafamento do “Eu” diante de uma crescente burocratização que não reconhece a individualidade do sujeito. Tal individualidade termina sendo cooptada pela ideologia. Os demônios foi uma das primeiras obras a denunciar o perigo das ideias revolucionárias que estavam abalando a Europa. Buscar-se-á tornar evidente o sentimento de ressentimento por trás da utopia e a ausência de individualidade no herói dostoiévskiano. Um dos objetivos de nossa proposta é revisar o conceito de romance polifônico, relacionando-o ao pensamento filosófico de Noica a respeito da narrativa de Dostoiévski. Tendo em vista a importância do conjunto da obra do romancista russo para a literatura universal, a pesquisa aqui proposta pode gerar um novo olhar sobre o tema da individualidade em seus romances, uma vez que da relação estabelecida entre a sua literatura e o pensamento filosófico de Constantin Noica depreende-se certo ineditismo na composição de sua vasta fortuna crítica. Ademais, Noica permanece como um filósofo pouco reconhecido devido ao fato de sua obra ter sido traduzida recentemente, salvando-o, finalmente, do ostracismo causado pelo período comunista na Romênia. A metodologia de nosso estudo consiste em estabelecer relações entre a narrativa Os demônios, a fortuna crítica de Dostoiévski analisada durante a pesquisa e o referencial teórico escolhido. Além destes teóricos, outros autores que produziram estudos significativos sobre a obra do autor russo serão enfatizados, a exemplo dos críticos franceses René Girard e George Steiner.

Palavras-chave: Individualidade, Romance, Dostoiévski, Ideologia

Angústia e niilismo: a escuta do homem perante o mundo

MAURO LOPES LEAL (UFPA)

Resumo: O presente trabalho tem por escopo articular literatura e filosofia a partir da proposição de um diálogo entre a obra Angústia, de Graciliano Ramos e o pensamento filosófico, mais especificamente de Heidegger e Nietzsche, no que tange à questão da angústia e

niilismo. É importante frisar que não se pretende efetuar aqui uma mera transposição e apropriação conceitual de noções filosóficas à luz do texto literário, e sim um convite ao pensar suscitado a partir do que a obra literária tem a oferecer tendo em vista a tessitura e polissemia que lhe são inerentes. Assim, converge-se para um estudo intertextual que põe em colóquio a linguagem literária e a elucubração filosófica, com vistas a trazer contribuições, tanto pela perspectiva crítica, quanto interpretativa. Com base em tais pressupostos, abordaremos a obra Angústia e sua personagem central, a saber, Luís da Silva, um indivíduo fragilizado pelas próprias escolhas e consumido por um sentimento de angústia intermitente, angústia essa que o arrebatava de seu estado ordinário, alçando-o em um embate interior e exterior, para consigo e com o mundo que o cerca, o que, por sua vez, promove uma sensação de estranhamento de si. E tal sensação de estranhamento perante a sua própria existência lhe confere uma expectativa atroz da vida em alguns momentos, e em outros, um puro desvanecimento, o qual ocasiona, inclusive, indiferença perante o existir. Assim, partindo da descrição da personagem acima, Graciliano Ramos expõe a fragilidade do homem que se mostra incapaz de transformar essa angústia em um sentimento de reconhecimento e aceitação de si e do mundo que o rodeia. Tal homem imerge no vazio niilista, acreditando-se deslocado da efetiva realidade, preferindo o subsolo da existência à responsabilidade pela vigência de si e liberdade vigorante no mundo. O referido personagem, Luís da Silva, representa claramente o homem moderno, com seus dilemas e insatisfações, cuja inclinação niilista perante a desventura existencial resulta, não raro, em ressentimento, decadência e revolta contra aqueles que o cercam. Põe-se em destaque, desse modo, o questionamento do homem e o sentido de sua condição instrumentalizada no mundo, que perpassa pela nadificação enquanto questão que se impõe, pois, segundo Heidegger, a interrogação é parte indissociável da existência. Para Nietzsche, a angústia do homem está diretamente relacionada ao fenômeno do niilismo e ao esgotamento

dos valores que dão subsídio à existência humana, ao mesmo tempo em que pode significar a possibilidade do novo, uma abertura para o desconhecido, o que não ocorre com Luís da Silva, refém de seus receios, temores e ressentimentos. Descrente de tudo e de todos os valores, o narrador de Graciliano Ramos, em *Angústia*, converge mais e mais no decorrer da obra a um destino fatídico, que, mediante suas fraquezas perante a liberdade, envolvem-no em um existencialismo angustiante que, inevitavelmente, conduz ao crime, à degeneração dos instintos e ao niilismo, mas que isto não signifique um fatalismo, pois o homem, mesmo diante das mais difíceis situações, pode apresentar as mais inesperadas atitudes.

Palavras-chave: Angústia, Niilismo, Literatura, Filosofia

Sterne e a desautomatização em *Tristram Shandy*

HÉLCIU EINSTEIN SANTOS FERREIRA (UFRN), ROSANNE BEZERRA DE ARAÚJO (UFRN)

Resumo: A ascensão do romance no século XVIII teve como uma de suas características mais marcantes o rompimento com as literaturas clássicas, como a épica e a tragédia. Em oposição ao que havia sido feito até então, que era reproduzir aquilo que era considerado bom de acordo com os padrões clássicos, o romance foi marcado por uma série de inovações estéticas e estruturais, não sendo por acaso chamado de *novel* em inglês, palavra essa que significa “novo”, isto é, a novidade do surgimento de um gênero popular. De modo a atender os gostos de um número cada vez maior de leitores, os autores buscaram inovar das mais diversas maneiras, fosse através de romances em forma de diário, como *Pamela*, de Samuel Richardson ou de aventuras que parodiavam os épicos clássicos, como *Tom Jones*, de Henry Fielding. Entretanto, nenhum autor do século XVIII conseguiu romper com a forma e com a estética clássica como Laurence Sterne (1713-1768) no seu romance *A Vida e as Opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy*. Considerada uma obra de extremo caráter inovador desde que foi lançada em 1759 e que cuja originalidade inspirou autores como

James Joyce, Virgínia Woolf e Machado de Assis, *Tristram Shandy* faz uso de uma série de técnicas narrativas e estéticas que tem por objetivo frustrar as expectativas do leitor, dessa forma dando a este uma experiência literária que não poderia ser encontrada em outros romances de aspecto mais tradicional. O leitor, que espera encontrar na obra de Sterne uma narrativa coesa, com temas bem delineados e com uma ordem cronológica bem definida, acaba por tomar um choque ao perceber que nenhum desses elementos está presente na obra, muito pelo contrário: o universo caótico presente em *Tristram Shandy* desperta em seu leitor um constante sentimento de desfamiliarização e de estranhamento, ainda que tal leitor possua certa experiência com diversas obras romanesecas do século XVIII. Esse procedimento de estranhamento, tão presente em *Tristram Shandy*, é um dos principais elementos responsáveis pela quebra narrativa no romance de Sterne, e é o que Vítor Chklovsky denomina de desautomatização da arte. Através desse processo de desautomatização, o leitor tem sua percepção alterada, sendo necessário para este encarar a leitura de *Tristram Shandy* como uma experiência única, talvez sendo necessário abrir mão do conhecimento adquirido previamente com leituras anteriores. O presente artigo tem por propósito analisar como o processo de desautomatização é configurado no romance de Sterne, e como tais mecanismos estéticos alteram a percepção do leitor, fazendo com que este precise agir de maneira colaborativa com o autor para que a mensagem por trás da obra possa ser devidamente resgatada. Como nosso aporte teórico, remetemos principalmente aos estudos de Chklovsky (1973), que no seu texto *Arte como Procedimento* aborda em detalhes a desautomatização da arte. Também faremos uso dos estudos de Iuri Lotman (1978) e Manuel Portela (1997), que auxiliam na análise de trechos selecionados de *Tristram Shandy* ressaltando o caráter desautomatizador da obra.

Palavras-chave: *Tristram Shandy*, Desautomatização, Estética literária, Quebra narrativa

Quincas Borba e as tensões da subjetivação sob a forma do indivíduo

JANAINA TATIM (UNICAMP)

Resumo: Esta comunicação tem o intuito de discutir como o romance Quincas Borba (sobretudo na fatura de sua primeira versão, escrita e publicada na revista A Estação ao longo dos anos 1886 e 1891) mostra as tensões da subjetivação sob a forma do indivíduo, isto é, da subjetivação por um modelo de inscrição dos sujeitos que os define a partir de relações de posse. Trata-se de uma categoria de indivíduo gestada no interior do pensamento liberal moderno, pela qual é possível discutir o efeito da monetarização das relações intersubjetivas no modo como os sujeitos concebem a si mesmos e no modo como sustentam seus laços com outros sujeitos, – a questão é formulada a partir dos trabalhos de Vladimir Safatle, O circuito dos afetos, e de Maria Sylvia Carvalho Franco, “All the world was America.” - John Locke, liberalismo e propriedade como conceito antropológico. Pelo modo como Machado de Assis concebe as personagens no Quincas Borba e pelas metáforas usadas para dar significado às suas relações, mostra-se como o desejo é agenciado pela lógica do cálculo racional para capitalizar as relações, sendo expresso por meio metáforas que exploram a relação matrimonial em torno da noção de posse, propriedade privada, senhoril e domínio, e pela instrumentalização do corpo e do erotismo. Quincas Borba apresenta uma profunda meditação de Machado sobre o transe entre uma sociedade baseada nas relações escravista e o processo de monetarização da sociedade brasileira do XIX, e os efeitos desse processo econômico e social sobre as formas de subjetivação. Essa mudança é capturada, entre outras faixas do romance, na observação do triângulo amoroso entre Rubião, o herdeiro da fortuna do filósofo caduco, Quincas Borba, e o casal Palha e Sofia. Por exemplo, a mulher é figurada pelo marido como sua propriedade privada, já a imaginação de Sofia conta outra história. Machado vai dissecar essa economia afetiva tanto nas representações do desejo de Sofia, quanto no modo como Palha e Rubião enxergam a si mesmo em relação à mulher, expondo.

De um lado, a potência erótica de Sofia será instrumentalizada para a ascensão do casal, reforçando os moldes das relações geridas pela lógica contratual do matrimônio e do código de conduta machista; de outro lado, essa potência erótica vacila em relação aos esquemas previstos e aceitos no interior do matrimônio. Nisso, Machado expõe as fissuras, alienações e (auto)ilusões da forma de subjetivação do indivíduo proprietário diante da indeterminação do desejo nas estruturas de determinação.

Palavras-chave: Machado de Assis, Quincas Borba, indivíduo, modernização

O trabalho surdo da destruição: Niilismo e galhofa nos romances do jovem Machado de Assis

VITOR CEI (UNIR)

Resumo: Esta comunicação apresenta os resultados parciais de uma nova etapa de minha longa pesquisa sobre o niilismo como um dos moti-vos condutores da obra de Machado de Assis, isto é, como um traço fundamental de sua ficção, que se estende por todas as fases de sua obra, e, nessa medida, sua descrição oferece uma contribuição para uma renovada compreensão das dimensões literária e filosófica da literatura machadiana, re-velando o niilismo como uma perspectiva a ser galhofada. A pesquisa se justifica como alternativa de interpretação ao suposto pessimismo de Machado. Em seu lugar, sugiro que a literatura machadiana, ao tornar o niilismo visível e risível, levanta a possibilidade de não aceitá-lo sem resistência. Enquanto o livro “A voluptuosidade do nada: niilismo e galhofa em Machado de Assis” (2016) abordou os romances “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), “Quincas Borba” (1891), “Dom Casmurro” (1900), “Esaú e Jacó” (1904) e “Memorial de Aires” (1908), desta vez argumento que os quatro primeiros romances do escritor prenunciam o problema filosófico do niilismo a partir do pessimismo e da crise dos valores senhoriais, naquele contexto socioeconômico, político e ideológico

da sociedade monárquica escravocrata, caracterizado por crises: crise dos mecanismos políticos e culturais de dominação da classe senhorial escravista (pós-1860) e crise da hegemonia política e cultural dos mecanismos de dominação da ideologia senhorial (pós-1871). Em “Ressurreição” (1872) e “A Mão e a Luva” (1874) o pessimismo aparece configurado como protoforma do niilismo. No primeiro, o protagonista Félix, incapaz de confiar na mulher amada, torna-se, assim como Bento Santiago, instrumento de sua própria ruína, rejeitando o amor e se condenando a um isolamento pejado de ilusões. Antecipa, assim, o desenvolvimento mais complexo do mesmo tema em Dom Casmurro – o do ressentimento enquanto configuração fisiopsicológica do niilismo. No segundo, o niilismo está prefigurado no caráter pessimista da “voluptuosidade da dor” de Estêvão, que é ironizado por Luís Alves. Em “Helena” (1876) e “Iaiá Garcia” (1878) o niilismo aparece configurado na dissolução dos valores senhoriais. A prosa do primeiro mostra o ser humano como uma criatura irremediavelmente corrompida e sem saída diante de forças que comandam seu destino. Diante da precariedade de sua própria sorte, e da humanidade em geral, a heroína Helena revela um total e absoluto espírito destrutivo, em relação ao mundo circundante e ao próprio eu. No último, a temporalidade que não é cumulativa nem evolutiva, mas que tudo destrói e devora, dissolve os valores senhoriais e promove o “trabalho surdo da destruição”. Concluimos que o jovem Machado de Assis teve uma aguda consciência do caráter complexo e multifacetado da presença do niilismo em seu tempo. E embora o niilismo na obra do escritor brasileiro apresente várias afinidades eletivas com o niilismo europeu tal como pensado por Friedrich Nietzsche, ele estrutura-se a partir de questões machadianas específicas que se consolidaram nos anos 1880 a partir da publicação de “Memórias póstumas de Brás Cubas”.

Palavras-chave: Niilismo, Pessimismo, Machado de Assis, Nietzsche

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Encontro entre Kundera e Diderot

ETEL NUCIA OLIVEIRA MONTEIRO (UNB), WILTON BARROSO FILHO (UNB)

Resumo: Na peça de teatro Jacques e seu Amo, Kundera faz homenagem à Denis Diderot, por meio da variação da peça de 1776 Jacques, o Fatalista. Essas obras originais dialogam pela transgressão da unidade narrativa e pelo culto à liberdade. As semelhanças de situação de publicação que foi para público externo e para o deleite dos autores e a diferença de duzentos anos que fazem a visão do futuro otimista em Diderot ser tristeza, melancolia em Kundera. Duas inteligências, dois projetos estéticos, unidos pelo jogo. A regras são o riso, a liberdade, a sexualidade e a dúvida. Fatalismo? Já não existia em Jacques, o Fatalista. O enciclopedista desconhecia o que descreveu tão bem em seu romance, o determinismo. Jacques, o criado repetia que tudo está escrito lá em cima com muita naturalidade, mas levanta questões e as ações levam a entender que ironicamente as ações produzem diferentes resultados. A escolha de certas partes de empréstimo como a história de amor do Amo, a da Senhora de La Pommeraye e a da paixão de Jacques colocam a hipótese determinista em uma visão prática da vida comum e corriqueira. Kundera usa da polifonia, de empréstimo da música, onde simultaneamente as histórias de amor acontecem na mesma cena. A história contada pelo narrador do romance Jacques, o Fatalista é retomada para não apenas se questionar o fatalismo em si, mas ironizar a criação literária, o poder do autor, um Deus nesse mundo ou apenas um homem- esteta, nas digressões do poeta de Pondichery, não nominável na peça Jacques e seu Amo. A na fala de Jacques e de seu Amo, nesses questionamentos sobre o “Nosso Amo” referência à Kundera em débito com Diderot, em talvez ser mau poeta e não poder fazer nada mais que maus poemas. E Kundera lança a platéia que somos todos, em maioria de maus poetas e por isso nos apreciamos.

A genialidade pertence a poucos e nem sempre é entendido em seu tempo, aqui há uma homenagem explícita ao romance de Denis Diderot, pois Kundera expressa sempre que esse romance não foi devidamente apreciado comparado com outros romances ocidentais. Herança que vem de Boccaccio e de Rabelais e da relação criado e amo especialmente do Teatro, com ironia e amizade entre dois homens, que falam de bundas e peitos. Assim, de traição, de desejo e de vingança. Temos o homem entre o instinto e a racionalidade, de ser digno e fiel nos assuntos da alcova, ou canalha e dar vazão ao prazer momentâneo e arcar depois com as consequências. Estariam esses problemas também escritos lá em cima? Que ironia, culparíamos as duras consequências a um autor, mau poeta? Mas Jacques, de Kundera, agradece o autor que tem, sua existência e a solução perfeita de escapar da morte prematura, pois um amigo é seu carcereiro e liberta em nome de uma grande mentira que encobre sua traição com a mulher de seu amigo. A verdade não vale uma vida. Pode ser motivo de vingança. Melhor viver na mentira, nas crudezas da vida de anti-heróis. Uma memória recriada, uma forma de esquecimento. Quanto ao Amo, ele deseja só mudar a história, não ter tomado tal e tal decisão ou atitude e voltar a ter seu Jacquezinho de novo. A certeza de que temos essa liberdade de sermos donos de nossos atos e de que escolhas enduzem a caminhos. E esse caminho, é uma grande viagem, que é avante. E avante é para todos os lados. Alguém sabe para onde vai?

Palavras-chave: Variação, Polifonia, Kundera, Pulsão

O que significa a *bildung* para aqueles que rejeitam a modernidade? Considerações sobre Hermann Hesse, Thomas Mann e Robert Musil

JIVAGO ARAÚJO HOLANDA RIBEIRO GONÇALVES (UFPI)

Resumo: A partir do entendimento da noção de Bildung enquanto um ideal de formação do indivíduo, que norteia a tradição romanesca germânica do Bildungsroman e se manifesta desde Wieland a Hermann Hesse, como apontado por Swales (1978), sente-se a necessidade de um olhar específico voltado para os romances deste gênero, produzidos

após a virada do século XIX para o XX e que marcam uma espécie de rompimento com a modernidade. Há, sem dúvidas, neste recorte comparativo aqui proposto, entre Hesse, Mann e Musil, um fio condutor que obriga o leitor a indagar-se qual tipo de crise atravessava a cultura, germânica e europeia em geral, assim como suas consequências em relação ao indivíduo nela inserido. Postulamos que este indivíduo, representado na produção literária de Hesse, Mann e Musil, mesmo sendo herdeiro da tradição romântica, desenvolverá uma ruptura quanto a uma série de problemas de ordem filosófica, desde a noção de subjetividade, passando por questionamentos morais, até a discussão sobre a relação entre indivíduo e mundo. A proposta ora apresentada é de que, em grande medida, essa crise já havia sido pensada e anunciada por Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) através da sua filosofia do martelo, portanto possibilitando que pensemos uma convergência crítica entre uma filosofia da crise da modernidade e uma literatura que é a expressão dessa crise, tomando como conceito norteador a noção de Bildung e as remodelações às quais é submetida a partir da produção literária destes autores. O percurso literário de Hermann Hesse, por exemplo, como aponta Blanchot (2016), é representativo das crises existenciais pelas quais o próprio autor passou, e isto colocado sem a ilusão do flerte com a falácia biográfica, mas reconhecendo a necessidade de entender quais questionamentos serviram como matéria prima para que se buscassem respostas através da escrita literária. Desta forma a produção literária do autor reverbera os tempos de crise da modernidade e seus valores, ao tempo em que sua produção pode ser tomada como a culminância do processo de formação do indivíduo (ENNE, 2005). De forma análoga, Thomas Mann já desde Os Buddenbrook (1902) veicula uma série de temáticas que posicionam a formação do indivíduo em meio a uma civilização degradada, utilizada como plano de fundo para, de maneira particularizada, situar o indivíduo e sua vivência nesta. Essa busca por respostas se expandirá até A montanha mágica (1924) onde será transformada em jornada a

partir da perspectiva de Hans Castorp. E com Musil e seu *O homem sem qualidades* (1930-1943), o indivíduo é novamente situado ao centro da narrativa com o objetivo de expandir questionamentos que em sua essência revelam um mal-estar com a cultura e a civilização da qual são oriundos. O que se propõe é que através de um estudo comparativo entre os autores elencados, que demonstre suas diferenças, bem como suas afinidades e tenha como aporte teórico principal a crítica da cultura, via Nietzsche, é possível pensar em uma relação entre literatura e filosofia que busque aprofundar o entendimento sobre a crise da modernidade e tomá-la como um momento de ruptura buscando compreender a relevância desse momento de rompimento para a posteridade.

Palavras-chave: Filosofia e Literatura, Bildung, Modernidade, Literatura Alemã

A devoração das memórias em um homem sem profissão

GABRIEL MOREIRA FAULHABER (UFJF)

Resumo: O presente trabalho visa a evidenciar a singularidade da obra *Um homem sem profissão: memórias e confissões*. Sob as ordens de mãe, de Oswald de Andrade. Nosso objetivo é, entre outros, destacar como no texto o autor trabalha com todas as concepções estéticas adotadas em sua trajetória literária — do Pau-Brasil/ Antropofagia ao romance social. Abordamos, também, sua postura enquanto memorialista e o modo como Oswald subverte as concepções do gênero baseadas em um modelo de pretensões totalizantes para um experimentalismo formal. Apontamos que Oswald investe nessa modalidade das escritas de si e através do próprio ato de escrevê-las, em seu próprio fazer, as devora. Desse modo, seu caráter inteiriço, que visa a uma apreensão do todo, é desmoronado, representando uma ruptura do modelo, apontando para além de uma moldura fixa e estável. É essa característica que nos permitirá tratar desse texto como uma antecipação da autoficção, termo que seria criado cerca de vinte anos após seu lançamento. Para isso, partimos de uma exposição

dos mecanismos presentes nessa prática por teóricos como Philippe Lejeune, Philippe Villain, Jean-Louis Jeannelle e Serge Dubrovsky a fim de confirmarmos nossa hipótese. Como foi dito anteriormente, sua narrativa possui uma especificidade formal e estrutural. Partindo de tal concepção, nossa intenção consiste em trabalhá-la à luz de seu projeto estilístico e artístico, especificamente do desenvolvido nos romances *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*. Trazemos para essa discussão nomes como Antonio Candido e Haroldo de Campos com intuito de reforçar nossa ideia de autoficção, que consiste entre outros aspectos na primazia do texto sobre o fato, não significando uma pura entrega à fantasia ficcional, mas uma elaboração narrativa de si. Buscamos apresentar a dimensão do projeto estético de Oswald de Andrade, destacando a existência de uma clara consciência na composição de suas memórias. Outra questão que apresentamos é a consolidação do processo de retomada da antropofagia através dessa obra. Sabemos que Oswald começa a dar sinais de um retorno à antropofagia já na segunda metade dos anos 1940, quando gradualmente vai se despiando de suas respectivas vestes anteriores de poeta-romancista, líder de vanguarda e militante marxista e assumindo a postura de pensador-ensaísta. Verificamos em *Um homem sem profissão* a confirmação desse processo, principalmente através da mencionada estrutura formal. Nossa intenção é de contribuir para a fortuna crítica acerca da obra de Oswald de Andrade, abordando seu empreendimento memorialístico. Dessa forma, atuamos em dois lados: discutimos o projeto estético de Oswald ao mesmo tempo em que atravessamos questões caras à chamada escritas de si.

Palavras-chave: Memórias, Estética, Antropofagia

O tempo enquanto experiência estética no romance *Retrato do artista quando jovem*

JORGE WITT DE MENDONÇA JUNIOR

Resumo: A obra de James Joyce (1882-1941) que trabalhamos nessa pesquisa, *Retrato do artista quando jovem* (*A Portrait of the Artist as a*

Young Man), publicada em 1916, narra a história de Stephen Dedalus no período que vai da sua infância até o início da idade adulta. Assistimos aos momentos de escola do protagonista, aos conflitos que enfrenta no colégio, a sua iniciação sexual em meio às dúvidas e conflitos com a moral e o pecado, até chegarmos aos seus projetos para a realização da sua vida como artista e as maneiras que encontrará de construir para si mesmo uma identidade própria que não admite qualquer forma de submissão, utilizando sua arte como principal artifício. É a partir dessa perspectiva da evolução do texto que propomos aqui um estudo do romance enquanto gênero diferenciado no tratamento da categoria do tempo. Partimos com o objetivo de analisar de que maneira a linguagem desenvolvida pelo autor possibilita a criação de uma camada linguística para o desenvolvimento do personagem e do tempo ao longo da narrativa, possibilitando a realização de uma experiência estética a partir da linguagem. Esse objetivo será complementado com a análise da relação que se desenvolve entre Stephen, o protagonista, e as suas percepções dos fenômenos que se apresentam a sua trajetória em diferentes fases da sua vida, isto é, a forma com que a linguagem expressa a infância e a adolescência, por exemplo. Iremos desenvolver tal temática em Retrato do Artista a partir do estudo de autores como Paul Ricoeur que, na sua obra, Tempo e narrativa (1995), tão bem investiga os aspectos em questão no romance moderno. Além de Ricoeur, utilizamos o pensamento de Bakhtin (2010), Benjamin (2011), Lukács (2007), entre outros, com relação à estrutura do gênero e sua especificidade técnica para a questão do tempo. Discutimos também a questão da interação narrador-personagem e sua influência na evolução da narrativa, partindo de Candido (2007) e Auerbach (2002). Nossa proposta desenvolve primeiramente um estudo sobre as características romanescas que diferenciam o gênero dos seus predecessores, principalmente aquelas que relacionam o tempo com a forma do romance. Abordamos, na sequência, os instrumentos literários que os autores dispõem para aplicar essas características específicas,

sobretudo no que diz respeito à recriação da experiência temporal na estrutura linguística. A especificidade para o tempo pode ser encontrada na obra em questão quando analisamos o vínculo entre o narrador e o personagem, não apenas na temática, mas na estrutura da obra. Concluimos que essa relação permite que o texto avance a partir das impressões fragmentadas de um mesmo indivíduo em diferentes estágios da sua vivência.

Palavras-chave: Romance, Tempo, Linguagem, James Joyce

A desumanização na obra de André Carneiro: O casamento perfeito e o amor instrumental

GLADSON FABIANO DE ANDRADE SOUSA (UFMA), RITA DE CASSIA OLIVEIRA (UFMA)

Resumo: Com as Revoluções Industriais a humanidade passou, em um curto período, por diversas transformações político-sociais em decorrência de descobertas e inventos científicos. Entra-se no Século XX com o entusiasmo pela ideia de modernidade vinculada ao desenvolvimento industrial. Porém, tal entusiasmo logo é obliterado pelos inúmeros conflitos e barbáries que marcariam esse século como o século dos extremos, ou, nas palavras do historiador Eric Hobsbawm (1995): a “era das ilusões perdidas”. Os filósofos Adorno e Horkheimer indagam por qual motivo “a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie (1985, p.11). Buscando tal resposta, os filósofos da chamada Escola de Frankfurt investigam o processo de racionalização que se opera desde tempos remotos, quanto o homem ainda explicava o mundo através dos conhecimentos míticos. Para os filósofos o projeto de dominação da natureza converteu-se na dominação do homem pelo próprio homem. A razão instrumentalizou-se, perdeu sua capacidade crítica, transformou-se em instrumento de dominação e alienação. O presente trabalho intenta analisar como se configura a crítica à ideia de progresso vinculada ao desenvolvimento técnico científico,

compreendendo como este, aliado ao pragmatismo tecnicista, veio a reprimir a emotividade e a negar as motivações irracionais humanas, culminando no processo de desumanização. Como objeto de estudo apresenta-se o conto O casamento perfeito publicado no livro O homem que adivinhava de 1967, do autor paulista André Carneiro. O conto se passa em um mundo futurístico no qual a ciência e a tecnologia possibilitam encontrar um amor definitivo, pois um Computador Central dá exatamente o que o homem deseja: a segurança de um amor ideal, perfeito e decisivo, o qual supre todas as expectativas, sem possibilidades de rompimento ou frustrações, porém, o preço a pagar é a liberdade e os impulsos, uma vez que esses são reprimidos. O conto é uma vertiginosa distopia sobre o embate humano entre o racionalismo, as escolhas planificadas e positivas, o desejo humano das escolhas claras, diretas e exatas, sem probabilidade de erros, contra as pulsões emocionais, o instinto, as contradições, inconstâncias e incoerências humanas. Além dos apontamentos dos filósofos Adorno e Horkheimer, serão levados em consideração os estudos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2003) a respeito das relações humanas na pós-modernidade.

Palavras-chave: Ficção científica brasileira, Racionalismo, Desumanização, Pós-modernidade

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Os cantos pensantes de Evando Nascimento

ANDRÉIA PENHA DELMASCHIO (IFES)

Resumo: Tomando como ponto de partida a noção de “literatura pensante”, cunhada por Evando Nascimento para tratar da escrita de Clarice Lispector, propomos uma leitura do livro Cantos profanos (2014), do escritor baiano, sob a chave da “literatura pensante”. As

indagações presentes nos seus livros de ficção (assim como aquelas que elege para reflexão nos textos acerca da filosofia, das letras e das artes) nunca foram simples. Encontram a sua melhor formulação, porém, nesse livro multifacetado e incomodamente desigual, que encena questões desafiantes para quem pensa sobre, por exemplo: por que é que buscamos saber o que viemos fazer na Terra? Qual o sentido de conservarmos até hoje a ideia utópica da existência de Deus? Haverá um próximo estágio para a condição humana, dentro ou fora deste planeta? Será possível ao homem, num futuro não muito distante, adiar infinitamente a morte? Qual é o peso de cada afeto? O que seria hoje o que se chama humanidade? O tom cômico de algumas das narrativas presentes neste livro resulta, por um lado, da consideração da circunstância absurda a que realmente chegou a “humanidade” e, por outro, de uma proposta paródica da ficção científica – e das “ficções teóricas”. Em muitas dessas narrativas, ouve-se a gargalhada ácida do homem sobre si mesmo, o que pode fazer crer que a escrita de Nascimento é amarga e pessimista, por não apontar saídas. O que se depreende daí, no entanto, é que parece já um pouco tarde para requisitar soluções românticas que ofereçam um resgate da nossa história. E mais: a responsabilidade não cabe somente ao escritor. Assim, enquanto os narradores de Cantos profanos relatam o fim da humanidade vivenciando-o de dentro, o autor fala do evento limítrofe descortinando-o antecipadamente, na sua ficção, para o leitor: é o compromisso ético daquele que escreve – de quem não se pode exigir heroísmo ou messianismo. Tratando de assuntos raros na ficção de hoje, como incesto e antropofagia, ou realizando o aproveitamento paródico de pensamentos e obras universalmente considerados, como os de Marx e Engels, Nietzsche, Sartre, Fernando Pessoa e Francisco de Assis, cujas frases célebres ecoam já, de tão repetidas, num cansaço do qual é imprescindível sacudi-las, Evando Nascimento derruba de um só golpe os santos, os ídolos e os idólatras do logocentrismo, do positivismo e do cientificismo. Por essas e outras

razões se pode afirmar que Cantos profanos, a mais nova versão de Evando Nascimento para um “canto” – um canto que pensa – é um livro que marca e representa, na literatura brasileira, este momento que é de crise na e da humanidade. O que mais se pode querer hoje de uma escrita, senão pensar e dar a pensar?

Palavras-chave: Evando Nascimento, Cantos profanos, literatura pensante

Clarice Lispector: literatura e mística

CICERO CUNHA BEZERRA (UFS)

Resumo: Há uma quantidade expressiva de trabalhos que buscam definir a literatura como uma atividade que abrange, não somente a poesia ou prosa, mas todas as expressões de escrita. Essa ideia, que tem sua origem a partir do século XIX, nos servirá na medida em que abordaremos a existência da mística desde o ato da escrita, isto é, como vivência que se expressa, eminentemente, em textos. O que parece óbvio, isto é, que lemos textos tido como místicos, muitas vezes esconde um aspecto central que consiste na possibilidade da existência de uma forma específica de escrita que encontra, na literatura, seu espaço de manifestação e sentido. Nosso trabalho tem como objetivo pensar a relação entre literatura e mística, tomando como centro a obra de Clarice Lispector, no que concerne, precisamente, à ideia de “acontecimento” como experiência existencial e textual de um “não lugar” em que o literário e o místico convergem mediante as experiências de unidade e êxtase. Pensar o “não lugar” associado à mística é pensar no que, precisamente, define sua relação com o espaço. Espaço compreendido de dois modos: como o “locus” do discurso (textual) e o espaço onde a experiência do discurso se dá (alma). Estamos, com isso, buscando compreender duas características das narrativas místicas, ou seja, seus aspectos literário e existencial. Filiando-nos ao pensamento de Michel de Certeau, buscaremos pensar de que modo a mística se constitui, enquanto corpus, em uma vivência

espiritual (interior), mas eminentemente literária (exterior) priorizando o caráter de não lugar atribuído tanto à alma quanto ao texto.

Palavras-chave: Mística, Filosofia, Clarice Lispector, Unidade

O grito mudo: dor e silêncio em Lispector e Wittgenstein

FERNANDA VALIM CÔRTEZ MIGUEL (UFJM)

Resumo: Nesta comunicação apresentaremos um exercício de reflexão sobre a temática da dor, linguagem e silêncio a partir de uma aproximação entre a filosofia terapêutica de Ludwig Wittgenstein e o conto “Uma galinha” (1960), de Clarice Lispector. Desde percursos teóricos anteriores (Miguel, 2015; 2016), o interesse vem sendo o de refletir sobre as contribuições do pensamento do segundo Wittgenstein para os estudos literários e os problemas contemporâneos ligados à violência, ao feminismo, às questões de gênero e encenações do feminino em determinadas narrativas brasileiras e latino-americanas. O grande tema das Investigações Filosóficas (1953) é o debate em torno da linguagem, seus possíveis limites e a capacidade de (in)compreensão entre os seres (não exclusivamente) humanos. Nesse sentido, como conciliar experiência e linguagem? Se o silêncio é um limite dessa linguagem, como ele pode ser representado? As questões lidam com a impossibilidade de dizer, com a narração do indizível, com os limites daquilo que não pode ser representado. Nesse sentido, Wittgenstein prenuncia discussões contemporâneas fundamentais sobre alteridade, polissemia da linguagem, a supremacia do corpo na constituição das memórias e uma postura avessa às teorias essencialistas, hierárquicas e totalizantes. Suas reflexões e o modo aforístico de sua escrita foram elaborados sob o impacto das duas grandes Guerras Mundiais e tencionam tanto as relações entre linguagem e representação quanto os limites entre o discurso filosófico e o literário, contrariando, também na estética de sua obra, possíveis expectativas de expressão totalizante. Parte de seus aforismos refletem inquietações sobre os limites de entendimento do outro, sobretudo quando os seres compartilham

diferentes experiências e distintas formas de vida. Para tal proposta, partimos de algumas aproximações já realizadas entre a escrita de Clarice Lispector e a filosofia de Ludwig Wittgenstein, como na leitura que Paulo Roberto Margutti Pinto (2015) elabora do *Tractatus* e de *A paixão segundo G. H.* para pensar a dialética da linguagem e do silêncio em ambas as obras, mas, sobretudo, daquela apresentada pela autora Iris Hermnann (1999) – originalmente em alemão – para pensar a relação da dor em Wittgenstein, Kafka, Pessoa e Lispector. Dialogamos também com alguns textos de Jaime Ginzburg (2012) que apontam para a necessidade de se pensar o tema da dor e da linguagem a partir da Teoria Crítica e das contribuições do segundo Wittgenstein e, por fim, com as reflexões da crítica e ativista Susan Sontag, em seu “Diante da dor dos outros” (2003), que tematiza a espetacularização da violência, as representações iconográficas da guerra e seus efeitos sobre os leitores/espectadores contemporâneos. A galinha do conto de Lispector tem sido interpretada como uma alegoria da condição feminina. Em nossa leitura do conto, foi justamente a ausência de sons, e o significado da pausa, do silêncio, do vazio, da mudez, que nos levaram a percorrê-lo mais atentamente. Em “Uma galinha”, os jogos de linguagem que encenam as relações de gênero são quase-jogos remissivos e impotentes de linguagem. São manifestações sonoras quase-mortas e indesejadas. São jogos que gritam mudos mediante a reminiscência reprimida e silenciada de uma quase-sonoridade quase-exprimível de tempos quase-rebeldes (Miguel, 2015).

Palavras-chave: Dor, Silêncio, Lispector, Wittgenstein

O riso e a coragem da verdade na Buenos Aires de Roberto Arlt

GRAZIELE CAMILO DA COSTA (UFU)

Resumo: Roberto Emilio Godofredo Arlt foi um escritor, jornalista e dramaturgo argentino considerado um dos maiores escritores da literatura rioplatense. Em suas obras há relatos de observações da vida e os costumes da cidade. Nelas, Arlt contesta a hierarquização

de saberes, recuperando o valor estético da cultura popular por meio de homenagens aos tipos populares da cidade de Buenos Aires. Uma dessas homenagens é *Aguafuertes Porteñas*, obra composta por crônicas que foram publicadas no jornal *El Mundo* entre 1928 e 1933. Cada crônica possui, como personagem principal, um tipo popular diferente, como o malandro, o solteirão, o vagabundo, entre outros. Um “tipo”, segundo o filósofo e diplomata francês Henri Bergson (2002) é um personagem cômico e o autor, ao compor esses personagens, apresenta traços gerais e coletivos. Por essa razão, esses tipos de personagens não possuem nomes, mas sim, características comuns a qualquer pessoa. Os personagens de Arlt são típicos da cidade, espaço limitado definido pelo historiador Michel de Certeau (2009) como um lugar organizado por operações “especulativas” e “classificadoras”, com uma concepção racionalista de organização urbana. Esse lugar classifica de acordo com as relações de poder, sendo assim, aqueles que não se enquadram às normas são excluídos. Os tipos de Arlt optam por uma maneira singular de vida que foge às regras impostas socialmente vivendo então, às margens da sociedade. Esses personagens resistem às normas sociais por meio da estética do riso e da coragem da verdade, proposta pelo filósofo Michel Foucault como uma estética da existência, que é uma proposta ético-estética para a própria vida. É estética, pois dá prazer, tratando a vida como uma obra de arte e ética, pois é um estilo de vida que agrada a si mesmo com um limite para não desagradar o outro, criando uma vida bela para si e para o outro. A estética da existência é uma forma de resistência às instâncias de poder, pois por meio da ética cria-se um estilo de vida que não obedece aos dispositivos socialmente impostos, como direito, família, igreja, entre outros. Sendo assim, os personagens de Arlt optam por se automarginalizar buscando um estilo de vida belo e prazeroso. Pretende-se, então, analisar alguns tipos de Arlt levando em consideração o estilo de vida que eles possuem. Pretende-se, também, fazer uma aproximação entre esses personagens e os cínicos, filósofos da Antiguidade, que praticavam a

corrente filosófica denominada Cinismo. Os estudos sobre o riso serão feitos por meio do estudioso Henri Bergson (2002) e os estudos sobre prática filosófica do Cinismo serão realizados à luz da teoria de Michel Foucault (2011). Os resultados desse trabalho concluem que os tipos populares de Arlt exemplificam o Cinismo e mostram que existem possibilidades de existência além das regras que são impostas pela sociedade.

Palavras-chave: Ética-estética, Riso, Cinismo, Aguafuertes Portenias

Tradição e modernidade: leituras de o pano encantado, de João Paulo Borges Coelho

ERENIL OLIVEIRA MAGALHÃES (UNEMAT)

Resumo: Esta pesquisa discute a relação entre tradição e modernidade no conto *O pano encantado*, do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho. Trata-se de uma narrativa que integra a obra *Índicos* *Indícios: Sententrião e Meridião* (2006), em que o autor, além de expressar a diversidade cultural de seu país, constrói o que se poderia chamar de possíveis caminhos da identidade moçambicana no pós-colonialismo. A articulação entre a tradição e o moderno, vincula-se à memória do povo, diante de um mosaico de culturas que inclui o ocidente e o oriente, questão artisticamente representada pelo autor no conto analisado. Na narração permeiam três tempos que se configuram nos momentos históricos ideologicamente imaginados: o passado, o presente e o futuro hipotético desenvolvem-se a partir da memória coletiva, em um contexto de colonialismo e pós-colonialismo, com situações que indicam aquilo que era (ontem), como está sendo (hoje) e, sobretudo, como deveria ser (futuro). Nessa perspectiva, nota-se que os personagens Rashid e Jamal são tomados, respectivamente, como símbolos da tradição e da modernidade, de modo que se criam tensões fundamentais ao desenvolvimento da trama, estabelecendo contrapontos entre elementos históricos e os da ficção. Coelho dissemina no texto a ideia de que é também por meio da tradição que

a Ilha de Moçambique mantém seu patrimônio histórico e cultural, representando as heranças deixadas pelos antepassados; é por isso que espaço e tempo estão relacionados à ideia de transformação e podem ser vistos como vestígios da ocidentalização: tradição e o modernidade não são excludentes ou inconciliáveis, mas caminham juntos, inevitavelmente. Notoriamente, as narrativas de João Paulo Borges Coelho são, primorosamente, calcadas em estudos antropológicos e históricos, conforme salienta Ventura (2009). Como embasamento teórico da análise, foram utilizados os estudos de Edward W. Said e outros autores que discutem questões relacionadas à cultura, ao imperialismo, ao colonialismo e pós-colonialismo.

Palavras-chave: Literatura Moçambicana, João Paulo Borges Coelho, Tradição e Modernidade, Colonialismo e pós-colonialismo

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

Poesia como fundamento da pátria em Fernando Pessoa e Heidegger

CLÁUDIA GRIJÓ VILAROUCA (UFPA)

Resumo: A criação pessoana de uma constelação de sujeitos de papel pode ser lida no sentido de conduzir o leitor a uma multiplicidade do sentir por vias distintas, às vezes, divergentes. Gera-se, assim, digamos, uma agitação nas concepções de mundo; perturbam-se as ideias familiarizantes nas quais se acomodariam o senso comum. Ao apresentar uma proposta poética heteronímica, seus vários “eus” engendram novas cosmovisões, expressadas pelos heterônimos. Pessoa visava, então, à formação de uma nova alma portuguesa, visto que possuía um “projeto espiritual” que se concretizaria nessa pluralidade – aspirando a uma universalidade. Tal projeto está em relação direta com a ideia de destinação de Portugal. Destarte, a célebre assertiva “sentir tudo de todas as maneiras” indicaria um meio de restituir a

Portugal o papel de nação universalista. De acordo com as leituras de Alain Badiou, Eduardo Lourenço e José Fernando Tavares, Pessoa tenta suscitar poeticamente a ideia precisa de um universalismo que ocorre tanto pela retomada de sua história quanto pela realização de sua vocação para instaurar um novo tempo. Assim como Fernando Pessoa, Heidegger se lançou a um projeto de caráter universalista para a pátria alemã, o que pode ser considerado a partir de sua adesão ao aterrador partido nazista e por meio de seus escritos sobre o poeta alemão Hölderlin, acreditando vislumbrar em seus poemas o prenúncio do destino alemão. Há uma preocupação, no início do século XX, sobretudo por parte das classes mais conservadoras, em consolidar ideais nacionalistas (e, de certo modo, firmar sua posição de privilégio nesse contexto). Entre tais ideais, o de “fortalecer” e afirmar a pátria, como nos mostra E. Hobsbawn. A pátria também ocupa um lugar central no pensamento de Pessoa e de Heidegger. Para estes últimos, não se trata apenas de consolidar a pátria, mas de apontar para a restauração do pensamento que paulatinamente foi se diluindo no âmbito do frenesi contemporâneo, por meio da Poesia, que é aquilo que traz ao aberto o ente enquanto ente, é a arte que tem primazia com relação a outras artes. Benedito Nunes, Jean-Luc Nancy e Marco Aurélio Werle sublinham que o fundamento ontológico é o poético, no sentido dado por Heidegger. E ninguém melhor que um grande poeta - criador de potência - para engendrar um novo tempo. A proposta deste trabalho, numa perspectiva comparatista, é a de apontar para a convergência da concepção de Poesia e de pátria em Pessoa e Heidegger, considerando o contexto do início do século XX, visando estabelecer a hipótese de que ambos buscavam inaugurar uma nova época, fundando um Ser da pátria por meio da Poesia: para Pessoa, por meio de sua própria produção poética, por ser ele o Supra-Camões; para Heidegger, pelos poemas de Hölderlin.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, Heidegger, Poesia, Nacionalismo

Os limites da transgressão em Hilda Hilst e Georges Bataille

ALINE LEAL FERNANDES BARBOSA (PUC-RIO)

Resumo: Hilda Hilst e Georges Bataille foram autores que desafiaram constantemente os limites éticos – e estéticos – no seu fazer literário. Nesta comunicação, queremos pensar em que medida a atividade literária oscila entre romper os pactos socialmente impostos e preservá-los na medida de sua responsabilidade para com o leitor. No limite, esta ética vertiginosa do escritor estaria de acordo com a experiência do obsceno, como “tudo aquilo que acontece além da encenação dos sentidos” (Schollhammer, 2007, p.82) Georges Bataille e Hilda Hilst parecem encenar um obsceno sim, no sentido em que em suas obras absteram-se em larga medida de censuras temáticas ou formais, trouxeram à cena tudo o que se esperava que dela ficasse de fora (Purceno; Pécora, 2005, p.65), tudo abarcaram sem imporem-se restrições de ordem moral, autônomos em relação a tais pressupostos, considerando essa a dicção própria do artista, no desvelamento das estruturas limitadoras da linguagem, das máscaras proliferantes e cambiáveis socialmente, dos pactos sociais que dissimulam naturalidade, negando o impossível de que Bataille fala, estado próprio da poesia. Mas qual será o limite do “obsceno sim”? Se a obscenidade está relacionada à exposição do que não deveria ser exposto, qual será o limite suportável desse dar a ver, qual a fronteira entre o “obsceno sim” e o “repressor não”? Em entrevista ao crítico Leo Gilson Ribeiro, Hilda Hilst fala de uma conduta literária que não pode deixar de ser “entranhadamente ética”, isso porque o motor de todo escritor roda no sentido de não pactuar como o que nos é imposto como mentira circundante: “O escritor é o que diz ‘Não’, ‘Não participo do engodo armado para ludibriar as pessoas’” (Diniz, 2013, p.56), fazendo, portanto, da linguagem e da sintaxe uma ferramenta política (contra a polícia). Não pactuar, em Hilda Hilst e Georges Bataille, será um gesto de liberdade. No entanto, a própria Hilda Hilst admite que há um limite – ético – para essa abertura: “eticamente algum escritor, alguma pessoa, pode assumir a tremenda

responsabilidade de romper os limites que o outro aceitou, ou porque lhe foram impostos de fora ou porque ele se arrumou diante dessa conciliação com a opressão externa e o condicionamento interno de que foi vítima?” (Diniz, 2013, p.57) Trata-se de uma questão de sobrevivência, na medida do que é tolerável em termos de ruptura das fronteiras da constituição do real – histórica e socialmente definido. A responsabilidade do escritor, portanto, repousa em uma linha de caráter vertiginoso, oscilando entre transgredir os tabus artificialmente impostos e limitadores da experiência e preservar os limites que possibilitam a experiência, como concepção humana.

Palavras-chave: transgressão, pactos sociais, impossível

Sobre deuses, trastes e formigas: a transcendência imanente na poesia de Manoel de Barros

HUERTO ELEUTERIO PEREIRA DE LUNA (UEPB)

Resumo: O presente trabalho está situado no âmbito dos estudos interdisciplinares que já tem uma presença relevante em todo o Brasil, América Latina, América do Norte e na Europa. Em meio a essa conjuntura de pesquisas interdisciplinares, destacamos os estudos entre Literatura, Sagrado e Filosofia, no qual alocamos nossa pesquisa. Propomos uma leitura da obra Poesia Completa (2010) do poeta brasileiro Manoel de Barros com o principal objetivo de analisar a (re) criação operada pela obra de conteúdos teológicos e filosóficos, ao mesmo tempo em que sua escritura se constitui como fábula poética, imbricando em um só tecido – o poema – filosofia, teologia e literatura. Fruto da convergência entre o sagrado e o traste, a poesia de Manoel de Barros erige um novo olhar sobre o fenômeno do sagrado, em que o maravilhoso habita o ordinário, em que a vida simples, corriqueira, os atos e exercícios cotidianos se apresentam como manifestação da divindade. A vida suja, precária e anônima se faz, também, como via de encontro com o sagrado. Aqui, a transcendência, apontada por Rubem Alves(1980, p. 79), é encontrada na imanência da vida.

A poesia de Barros, ao encontrar-se com o homem marginalizado, opera a faceta de voltar o olhar para baixo, e lá, encontrar o sublime, como podemos observar nos versos: “Agora queria que os vermes iluminassem./ Que os trastes iluminassem”(BARROS, 2010, p. 438). A singularíssima poesia de Manoel de Barros tece um dizer poético que, ao voltar o olhar para as coisas humílimas, monumenta o pequeno e sacraliza o chão. Neste sentido, assumimos uma postura analítica que conjuga saberes teológicos, filosóficos e literários, buscando, através de uma hermenêutica da intertextualidade e da interdiscursividade, identificar e analisar, na poesia de Barros, figuras e temas referentes à relação entre o homem e o sagrado, para além do conteúdo teológico e filosófico explícito do poema, da poesia, que por sua própria constituição interdiscursiva e intertextual, refrata conteúdos do campo filosófico e teológico. Para tanto, optou-se por fundamentar este trabalho com um construto que colabora com esta discussão no intuito de estabelecer uma a perspectiva dialógica entre a filosofia, teologia e a literatura, neste sentido foram significativas as contribuições de Giorgio Agamben(2007) sobre a tensão entre sagrado e profano, Antonio Carlos Magalhães(2013) sobre os aspectos constituintes do fenômeno do sagrado, Benedito Nunes(2014) sobre a relação de pertença e negação entre filosofia e teologia e Octavio Paz(2012/2013) sobre a relação entre poesia moderna e o sagrado.

Palavras-chave: Filosofia, Teologia, Poesia, Manoel de Barros

O “diálogo poético” em “A máquina do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade

DANILO BARCELOS CORRÊA (UNIMONTES)

Resumo: O presente trabalho discute como Carlos Drummond de Andrade, em seu poema “A máquina do mundo”, estabelece um diálogo poético e em que medida esse diálogo encaminha-nos para entrar em contato com aquilo que Martin Heidegger chama de “Saber essencial”. O termo diálogo é aqui entendido tomando por base a sua

raiz em grego: diá significa “através”, “por meio de”, “entre”. A poesia, considerada por Heidegger em “Hinos de Hölderlin” (1979) como esfera de poder, vige em um poema e convida-nos a pensar, num primeiro momento, concomitantemente, o que ela é enquanto “meio”, sua condição mediadora de linguagem e também “através” das palavras do texto, para perceber o que está no texto poético em vigência. No diá que tecemos com o poema, em contato com as palavras, por meio delas, é possível, atravessando-as, notar as cifras que elas escondem debaixo de sua pele. Ao sentido de diá, soma-se o de lógos. Dentro de sua múltipla significação, lógos é a linguagem em todo o seu poder de vigência, no que tem em seu dizer. Nesse sentido, o diálogo poético a que a poesia convida por meio de um poema é um “através”, um “meio” e um “entre”, aquilo que é evocado no que recolhe do vigente na vigência da palavra poderosa da e na poiesis. Dialogar, então, no sentido que aqui pretendemos utilizar, é buscar uma comunicabilidade “por meio de” e “através” do lógos; ou seja, é preciso, para o poético, usar o lógos e atravessá-lo a fim de conseguir uma comunicabilidade que se quer potente e produtora com um poema. O primeiro contato com um produto poético, o poema, trará a necessidade desse mergulhar na vigência e no que acolhe a palavra poética. A análise se faz, portanto, tendo por base as concepções de poético apresentadas por Martin Heidegger, em especial as que discute em A caminho da linguagem (2003), A origem da obra de arte (2010), Hinos de Hölderlin (1979) e segue metodologia oriunda dos estudos literários a fim de entender como, em “A máquina do mundo”, Carlos Drummond de Andrade elenca elementos poéticos capazes de criar um pensar. Buscando perceber nesse diálogo as potências vigentes da poesia no texto de Drummond, discutiremos de que maneira essa criação de um pensar só é possível, como nos diz Heidegger em Parmênides (2008), graças ao “Saber essencial” que está presente, como princípio, na esfera de poder criativa da poiesis, e de como esse saber só pode ser entendido e desdobrado por meio e através do diálogo poético que acima propomos. Assim, a

leitura do poema “A máquina do mundo” nos permite entender como se dá esse diálogo e de que maneira nos encaminha para entrarmos em contato com o “Saber essencial” que vige no poema.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade, Diálogo poético, Martin Heidegger

27

EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS E TEXTUALIDADES CONTEMPORÂNEAS NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS

Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UESPI/PNPD/CAPES/UPF)
 Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (UNESP/Assis)
 Fabiane Verardi Burlamque (UPF)

Resumo: A produção literária para crianças e jovens, na atualidade, apresenta um volume de lançamentos muito representativo no mercado editorial, o que representa a força dessa literatura no âmbito do campo literário, na perspectiva de Bourdieu (1996), bem como a constituição de um habitus (Bourdieu, 1992, 1998) que a conforma como um subcampo, o da literatura infantil e juvenil. A partir desse locus, tal produção está cercada de diferentes agentes sociais e culturais, tais como a família, a escola, a editora, a livraria, a biblioteca, que a legitimam, a colocam em circulação, e propiciam o diálogo autor/obra/leitor, configurando um sistema literário, na acepção de Candido (1993), que teve como pontapé inicial o projeto editorial de Monteiro Lobato, na década de 1920, com a publicação da obra *Reinações de Narizinho*, direcionada inicialmente para o público escolar. Seus sucessores, como Lygia Bojunga, Ana Maria Machado e Roger Mello, ajudaram a consolidar esse sistema, romperam fronteiras e foram reconhecidos com o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil e juvenil. Nesse circuito literário ocorre uma efervescência de vozes que resulta numa polifonia, consoante Bakhtin (1981), que dá sustentação a uma multiplicidade de experiências literárias a partir dos diferentes aspectos em torno da criação e da recepção literárias. Isso implica em experimentações artísticas cada vez mais sofisticadas, que desafiam tanto o autor no seu fazer literário quanto o leitor no ato

da leitura. Por conseguinte, essa produção apresenta textualidades que rompem barreiras linguísticas, estilísticas, e temáticas em que a) o continuum oralidade/escrita propicia o transito entre tais modalidades da língua, b) as experimentações linguísticas revelam diferentes estilos de composição poética e narrativa, c) não há mais assunto que não possa ser abordado, desde os mais corriqueiros aos mais polêmicos, pois tudo pode ser dialogado com o leitor infantil e juvenil. Como também explora a diversidade de linguagens (verbal, visual, sonora) em suportes impressos e virtuais, que exigem do leitor um domínio de tais linguagens, visto que, em muitas obras, ocorre uma simultaneidade dessas modalidades de linguagem que desafiam a uma produção coerente de efeitos de sentidos por parte do receptor. Diante desse contexto, o presente simpósio pretende colocar em pauta uma discussão que envolve tanto o processo de criação quanto de recepção, haja vista que as experiências literárias envolvem especificidades e particularidades engendradas pelo autor no seu fazer literário, que parece ser para os menos avisados um processo solitário, quando, na verdade, giram em torno dele um conjunto de atores como editores, revisores, tradutores, e ilustradores, que igualmente interferem no produto final, o livro. No que tange à questão da autoria, tem-se uma situação em que esta não é definida apenas pelo trabalho do autor do texto verbal, mas também do autor do texto imagético e do tradutor, que nem sempre é a mesma pessoa, muito embora tenhamos exemplos de sujeitos que assumem a dupla autoria, como Roger Mello e André Neves. Essa múltipla autoria, conforme Chartier (1999), é percebida na produção literária eletrônica, já que exige uma vasta infraestrutura tecnológica e humana para materializar o literário numa perspectiva virtual, logo a textualidade que essa literatura digital propicia é marcada pela hipertextualidade e pela hipermídia, a exemplo das criações digitais de Ângela Lago e Sergio Capparelli. Além disso, acarreta mudanças no processo de recepção, que, inicialmente, segue um percurso linear,

para, posteriormente, seguir um percurso não linear, quebrando, assim, a lógica tradicional da leitura do texto literário. É um repensar do papel do leitor diante dessas novas textualidades, que exigem dele novas competências e habilidades para navegar por espaços movediços e virtuais, assumindo a posição de leitor imersivo, de acordo com Santaella (2004).

Palavras-chave: Literatura Infantil e Juvenil, Experiência Literárias, Textualidades Contemporâneas, Formação de Leitores

Referências:

- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli et alii. Introdução Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. **As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. v.2
- CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Marcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo, Paulos, 2004.

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

A experiência da cor: uma análise da obra ‘O menino marrom’, de Ziraldo

LUCIANA FREESZ (UFJF)

Resumo: Este trabalho analisa aspectos relativos à cor na construção da obra “O menino marrom”, de Ziraldo. “O menino marrom”, publicado pela primeira vez em 1986, traz uma narrativa que introduz um olhar diferenciado e uma nova perspectiva de tratamento a um personagem negro. Divergindo de outras histórias infantis, ela se coloca como uma obra literária atípica dentro das tendências de representação comuns à figura do negro na década de 1980: associação à favela e à marginalidade; uso de temas africanos ou afro-brasileiros, relativos ao quilombo; ou ainda promovendo ridicularização e humilhação do negro em determinados espaços sociais etc. A narrativa em questão, por sua vez, chama a atenção para a capacidade inventiva do ser humano e alerta para as dificuldades que os adultos têm de enxergar os símbolos e as analogias propagadas no meio sociocultural. Uma vez que “só criança é capaz de observar as coisas com os olhos de primeira vez” (ZIRALDO, 2013, p. 8), buscamos, neste trabalho indagar, com o olhar de crianças, por que, nas relações entre brancos e negros, ainda permanecem associações a significados atribuídos às cores. Ademais, se, “para o homem, tudo vira símbolo” (ZIRALDO, 2013, p. 29), por que ainda não conseguimos ver nitidamente as associações e continuamos a atribuir qualificações às cores que acabam por se incorporar em comportamentos ou atitudes nocivas numa sociedade tão plural e multifacetada? Walter Benjamin, no texto “Livros infantis antigos e esquecidos” (1987), afirma que os livros infantis não servem para introduzir imediatamente os seus leitores no mundo dos objetos, animais e homens, na chamada vida. Para o autor, é apenas

gradualmente que o sentido exterior dos elementos vai se definindo, e apenas na medida em que os dotamos de uma interioridade adequada. Benjamin acreditava que a interioridade de uma visão está na cor, afirmando que “é essencialmente na cor que a contemplação sensível, desprovida de qualquer nostalgia, está em seu elemento” (BENJAMIN, 1987, p. 240). Na obra, as ilustrações criadas por Ziraldo oferecem uma compreensão ampliada do simbolismo das cores. Dentro das características fenotípicas humanas, tanto o ‘negro’ quanto o ‘branco’, terminologias usadas para se referir à pele, são relacionadas a significados atribuídos às cores. Neste trabalho, propomos verificar as associações e dissociações produzidas a partir das cores apresentadas no texto, que deixa evidente as questões ambíguas que envolvem os significados dos tons. A narrativa, voltada para o público infanto-juvenil, é também um debate sobre a questão da inclusão e do respeito às diferenças, algo que deveria ser próprio do humano, mas que só vem sendo pensado na contemporaneidade. Em termos gerais, O menino marrom trata da “cor da pele”, esclarecendo “o que é uma cor” e as suas qualificações enquanto símbolo. Referências: ZIRALDO. O menino marrom. São Paulo: Melhoramentos, 2013. BENJAMIN, Walter. Livros infantis antigos e esquecidos. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil, Experiências literárias, O menino marrom, Ziraldo

O que há de contemporâneo nos livros ilustrados contemporâneos?

SILVANA RIBEIRO GILI (UFSC)

Resumo: Livros para crianças têm sido, desde sempre, textos acompanhados de ilustrações. Atualmente, no entanto, o termo “livro ilustrado” tem sido utilizado para referir-se a uma produção que depende tanto do texto quanto da ilustração para construir o sentido, produção esta que, de acordo com alguns críticos, (HUNT, 1992), é a maior contribuição da literatura infantil para a literatura

contemporânea. Partindo dessa consideração, este trabalho busca analisar criticamente e interpretar um produto cultural estreitamente vinculado ao século XXI: o livro ilustrado que, aqui, é considerado como mais que um livro com ilustrações. Nele, palavra e imagem se entrelaçam na construção do texto e a ausência de qualquer um dos dois elementos muda radicalmente o sentido do mesmo. Segundo Sophie Van der Linden (2011), o livro ilustrado seria assim “uma forma de expressão que traz uma interação de textos (que podem ser subjacentes) e imagens (especialmente preponderantes) no âmbito de um suporte, caracterizada por uma livre organização da página dupla, pela diversidade de produções materiais e por um encadeamento fluido e coerente de página para página.” O objetivo deste trabalho é fazer uma breve exposição de alguns traços da contemporaneidade na produção atual de livros ilustrados e propor a ideia de que esta produção, com seus rasgos peculiares, oferece aos leitores novas oportunidades de interação e leitura. Parto do pressuposto de que a ruptura ocorrida nas últimas décadas em relação às formas narrativas tradicionais, e mais especificamente nas formas narrativas presentes nos livros ilustrados, pode ser entendida como reflexo da transformação mais geral da sociedade pós-industrial e da pós-modernidade. De modo geral, interessa-me, aqui, discutir os livros que fogem aos padrões observados e que aparecem no meio literário como provocações, propondo questionamentos muito pertinentes para a atualidade. São livros ilustrados que não se adequam aos moldes do mercado e furam os limites demarcados para comportar aquilo que, alguns diriam, “é para criança”. Para fazê-lo, discutirei alguns títulos que colocam em evidência, primeiramente, o ambiente veloz e muitas vezes confuso da cidade, assim como sua intensidade a fim de concentrar o olhar não nos extremos sociais que se opõem, mas sim nas situações de encontro entre os personagens das cidades e os espaços “comuns” por onde transitam, espaços onde as margens se borram. Livros ilustrados que apresentam estas características oferecem ao leitor múltiplas oportunidades de interpretação e exigem dele um posicionamento

ativo perante o texto para construir o sentido do mesmo. Assim, neste trabalho buscarei aprofundar essas questões e delinear tendências específicas da literatura atual.

Palavras-chave: livro ilustrado, cidade, contemporaneidade

Tom, de André Neves: diálogos entre o verbal e o visual

DIÓGENES BUENOS AIRES DE CARVALHO (UESPI)

Resumo: A produção literária para crianças e jovens caracteriza-se, em especial, na contemporaneidade, não somente com a presença do elemento verbal para constituir o seu valor estético, uma vez que a imagem compõe igualmente essa produção, conforme Turchi (2002). A presença do não verbal na literatura infantojuvenil, a partir dessas funções, tem o papel de promover a ampliação dos significados do verbal com sua perspectiva artística (NIKOLAJEVA, 2011, OLIVEIRA, 2008, RAMOS, 2011, SANTAELLA, 2012), contribuindo, assim, para a polissemia do texto, que é uma característica importante para garantir a literariedade da obra. Outrossim, o diálogo entre o verbal e o não verbal implica a condição do livro como suporte híbrido, como propõe Mastroberti (2007), tendo em vista a possibilidade do livro, enquanto suporte, proporcionar ao leitor o encontro com diversas linguagens, inclusive as oriundas da cultura das mídias, conforme Mastroberti (2012). Nesse contexto, André Neves propõe, através da narrativa verbovisual, discutir na sua obra Tom a problemática do autismo. Em vista disso, objetiva-se analisar se o diálogo entre o verbal e o visual proposto pelo autor/ilustrador possibilita a ampliação de horizontes de expectativas do leitor pretendido no que tange ao tratamento dado na obra à questão do autismo

Palavras-chave: Narrativa verbovisual, Autismo, Tom, André Neves

O latim de Roma a Harry Potter

JESSICA MELO DE OLIVEIRA (UEFS)

Resumo: A língua é objeto de estudo desde os primórdios. Toda língua traz consigo uma cultura e um perfil social. O latim por ter dado

origem às línguas românicas e influenciado tantas outras, sendo um idioma de grande bagagem histórica deve compor os estudos de todos os que desejem compreender fatores linguísticos, culturais e sociais do mundo ocidental, sobretudo. Este trabalho, bebendo da fonte de gramáticos e utilizando-se de outras literaturas, mais especificamente da relação entre o latim e as obras ficcionais contemporâneas da saga infanto-juvenil Harry Potter, analisa os ecos históricos e mitológicos dessa língua e a perspectiva artística que ela tem assumido no mundo pós-moderno. Para se entender questões atuais, o indivíduo precisa, enquanto estudioso, observar os caminhos trilhados pelas línguas e localizar na modernidade os resultados desses. Nisso consiste a importância do estudo da língua dos antigos habitantes do Lácio (Latium), uma vez que essa foi e ainda é formadora de cultura. Tendo os seus primeiros vestígios surgidos naquela região da Península Itálica, a língua latina deve todo o seu prestígio ao Império Romano: um dos maiores impérios já visto pelas formações civilizatórias. Desse modo, esteve presente no princípio da formação da cultura latina, contribuindo imensamente com a literatura, a filosofia, a religião e a ciência da civilização ocidental. Como antepassados utilizaram o latim na elaboração de artes, principalmente a literatura, diversos artistas atuais, conscientes do valor histórico e cultural do idioma dos césores, utilizam-no para compor de forma criativa trabalhos contemporâneos. Este fato tem se tornado corriqueiro, ora em letras de músicas, peças de teatro, obras literárias ou mesmo em produções cinematográficas. Explicar o motivo pela preferência de uma língua hermética e milenar, oficial somente no Estado do Vaticano, mas que tem se tornado, a cada dia, um alvo de grande interesse, não é tão fácil. Fato é que, o uso do latim nas produções artísticas contemporâneas torna-as mais atrativas e peculiares. Dessa forma, este trabalho tem como direcionamento a obra Harry Potter, saga bastante apreciada por muitos jovens e adultos, e o latim, presente nos feitiços e outros verbetes dessa literatura, prova que a cultura clássica está presente na sociedade, sendo ressignificada pelos

artistas contemporâneos. Valendo-se das teorias de Napoleão Mendes (2011), Zélia Cardoso de Almeida (1999), Carlos Alberto Faraco (1998), Paulo Rónai (1980), Ciro Mioranza (2010), Vandick Nóbrega (1962), Joseph Campbell (1990), José Lemos Monteiro (2008), José Jerônimo de Moraes (2012) dentre outros, esta pesquisa teve por finalidade despertar os olhares para a importância do latim, enquanto língua em uso para estudo e criação literária, por ser marcada por aspectos culturais relevantes para os conhecimentos modernos. Palavras-chave: Latim. Artes. Literatura. Contemporânea.

Palavras-chave: Latim, Artes, Literatura, Contemporânea

A representação das personagens afrodescendente nas obras de Ana Maria Machado e Valéria Belém

RAYRON LENNON COSTA SOUSA (UFMA)

Resumo: A Literatura Infanto-Juvenil é a literatura produzida para crianças, adolescentes e jovens, versando sobre os mais diversos temas, começando pela inserção da criança no mundo do imaginário, destinada não somente para a fruição, o divertimento mas também para desenvolver seu psique e o cognitivo. Na contemporaneidade surgem novas temáticas e novos protagonismos, entre eles a autoria feminina e a representação do afrodescendente estão em evidência, cujo surgimento deu-se a partir dos anos de 1970 com “novos” autores que surgiram com as novas possibilidades de leituras fomentadas pelo mercado editorial que impulsionou a produção com fins didáticos. A representação do afrodescendente foi iniciada por Monteiro Lobato nos anos de 1920, passando pela escrita de Ana Maria Machado, década de 70, e agora no século XXI por Valéria Belém, essas últimas trazem ao público infanto-juvenil a representação positiva do negro, no tocante à identidade, ao gênero e às condições sociais nas quais se encontram. Percebeu-se através das narrativas dessas autoras que houve uma quebra de paradigma com relação as personagens negras bem como em seus temas. Assim, neste trabalho pretende-se enfocar as produções

literárias infanto-juvenis contemporâneas, buscando evidenciar o lugar da personagem afrodescendente nessas novas perspectivas escritas, à luz das discussões sobre a identidade na pós-modernidade, refletindo criticamente sobre as contribuições dessas escritas e protagonismos na formação do público leitor, no universo da leitura como formação social. Esta pesquisa classifica-se, segundo sua finalidade, como pesquisa teórico-bibliográfica, utilizando como metodologia a análise-crítica, caracterizada como explicativa, tendo como corpus de análise as obras *Menina bonita do laço de fita* (1974), de Ana Maria Machado e *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém (2007). O aporte teórico constitui-se das discussões de Nelly Novaes Coelho (1991), sobre o contexto histórico da literatura infanto-juvenil, discussões essas ratificadas por Regina Zilberman (2014) sobre a formação literária infanto-juvenil no Brasil desde as origens, assim como as discussões sobre identidade na pós-modernidade por Stuart Hall (2006). No tocante às discussões de gênero, Simone Beauvoir (1989), além das considerações sobre as dominações, Pierre Bourdieu (2002)), entre outros teóricos. Intenta-se que as discussões proporcione uma compreensão das novas produções infanto-juvenis que trazem como protagonistas mulheres e afrodescendentes, cujo objetivo é a representação positiva das minorias étnicas na escrita literária contemporânea.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil afrodescendente, Gênero, Ana Maria Machado, Valéria Belém

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Estética da recepção - redimensionando o papel do leitor

MARLI MARIA VELOSO (UESPI)

Resumo: O objetivo desta comunicação é refletir sobre a recepção da literatura juvenil na escola e na biblioteca enquanto espaços de mediação

da leitura literária. Partimos do pressuposto de que a literatura é um direito, conforme afirma Antonio Candido (2004), e assim como os demais direitos sociais é indispensável a todo ser humano. De acordo com o crítico, a função humanizadora da literatura permite ao ser humano encontrar na literatura aspectos de sua própria humanidade, devolvendo-lhe uma consciência humana modificada pela leitura da obra literária. Por outro lado, aponta a função alienadora, que alimenta no leitor preconceitos que o impedem de ver valores e conceitos no que ele leu. Outro aspecto relevante é concernente ao que estabelecem os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN's) ao enfatizar que o trabalho com o texto literário deve estar incorporado à práxis pedagógica no cotidiano da sala de aula pela relevância das especificidades que o constituem e por envolver um exercício de reconhecimentos das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita com a devida ponderação para o uso pedagógico não conspurcar seu valor estético. Corroborando esta perspectiva Jauss (1994) nos conduz à reflexão de que a literatura atinge sua função quando consegue promover rupturas e realocar o posicionamento do leitor frente à sociedade e enfatiza que a relação entre leitor e texto deve ser dialógica para que a experiência estética seja prazerosa e proporcione conhecimento e ampliação dos horizontes de leitura que contribuem para um maior conhecimento do mundo e de si mesmo. Na atualidade muitos desafios se impõem ao trabalho com o texto literário nas nossas escolas, que apesar das adversidades de várias ordens, se configura como foro privilegiado para as experiências literárias. O propósito deste estudo é perscrutar a recepção aos textos literários pelos jovens, embora a recepção do texto literário pela criança ou jovem seja uma abordagem incipiente como assegura Carvalho (2011), e analisar a contribuição da Estética da Recepção no processo de formação de leitores, de fortalecimento das suas identidades, a partir da contribuição literária da obra de Assis Brasil, tendo a biblioteca e a escola vilanovenses como instrumentos que contribuem para o resgate e a consolidação da relação entre autor-obra-leitor. A Estética da Recepção

permitirá focalizar o leitor de textos literários como produtor do texto que dialoga com a obra. Dentre os autores que fundamentam nosso estudo estão Aguiar (1993), Barthes (2007), Brasil (1997), Carvalho (2011), Candido (2004), Jauss (1994), Eco (2003) e Zilberman (1999).

Palavras-chave: Literatura juvenil, Biblioteca, Escola, Recepção literária

Literatura infantil e juvenil: Lygia Bojunga e o diálogo com o leitor

EDILIANE GONÇALVES (UNEMAT)

Resumo: Interessa-nos, nesse texto, abordar a obra *Nós três* (2005) de Lygia Bojunga pontuando um enredo que coloca a criança/jovem/leitor em contato com a morte, com o crime passionai e com a separação; faz com que este encontre na fantasia uma forma de absorver os fatos. Ainda mais, a literatura bojunguiana privilegia o contato com o leitor, desmistificando fronteiras que se voltam apenas para o adjetivo infantil ou juvenil e subtraem da literatura seu valor estético. *Nós três* conta a história de Rafaela que está de férias e vai ficar um período na casa de Mariana, uma escultora que escolheu a calmaria de uma vila de pescadores para desenvolver sua arte. Nesse lugar calmo, chega Davi, um homem de vida errante, que não se deixa criar raízes. Surge uma grande amizade que se transforma em amor para Mariana e Davi, no entanto, a possessividade de Mariana e o desarraigamento de Davi vão culminar no crime de Mariana presenciado por Rafaela. Toda angústia vivida pela protagonista vão levá-la a um momento em que realidade e fantasia se coadunam para trabalhar os sentimentos de Rafaela. Marcel Proust (2016) nos fala que a leitura é iniciadora, possui chaves mágicas que conseguem penetrar no íntimo de cada um, dessa maneira, é que Lygia Bojunga toca diretamente seu leitor não fazendo distinção de temáticas, pois sua literatura transcende a adjetivação que lhe foi convencional para falar ao leitor de qualquer idade, e, talvez, assim venha agradar o público infantil, juvenil e adulto. Então, a leitura torna-se “como um mel preparado pelos outros e que precisamos apenas dar-nos ao trabalho de alcançar nas estantes das bibliotecas e depois

degustar passivamente num perfeito repouso do corpo e da mente”. (PROUST, 2016, p. 36). Encontramos eco dessa leitura proustiana na fortuna literária de Lygia Bojunga e, mais de perto, visto em *Nós três*, pois oferece oportunidade para que o leitor encontre saída para seus conflitos junto com a personagem. O mundo ficcional, como postula Eco (1994), é a oportunidade de nos encontrarmos em um mundo finito que se assemelha ao nosso. Através do princípio da confiança aceitamos a verdade ali expressa como algo indiscutível e nos consolamos com o enredo/desfecho que a narrativa oferece. Nesse sentido, o leitor assimila o encontro de Rafaela com Davi (após sua morte) no fundo mar, ela devolve-lhe o braço anteriormente arrancado por um cação (quando Davi era pescador). Nesse encontro, ela desmistifica o conflito da morte escondendo a faca usada no crime: simbolicamente a morte foi vencida. Nessa abordagem, discutiremos o lugar do leitor bojunguiano, bem como, a convenção classificatória que o designa e a possível leitura a ser desenvolvida.

Palavras-chave: Literatura, Lygia Bojunga, Leitor, Leitura.

O leitor nas obras de Lygia Bojunga Nunes: A Bolsa Amarela, Paisagem, Fazendo Ana Paz e Livro – um encontro.

FERNANDA DUTRA MARACAJÁ (UFJF)

Resumo: A literatura infantil brasileira carrega consigo o peso de ter sido confundido seu lugar com o lugar dos textos didáticos e de cunho pedagógico. Tal lugar a ela atribuído deve-se a sua história, ao momento político, social e econômico de sua emergência, assim como das intervenções sofridas ao longo de seu percurso. Uma das questões a ser considerada é que a literatura infantil responde a uma certa posição social concedida à infância, podendo reproduzi-la ou questioná-la. O lugar da criança interfere na produção literária voltada para este público, assim como a literatura pode interferir no modo de conceber a infância. Por muitos anos, a literatura infantil tinha por objetivo transmitir valores morais pelos adultos escritores, o que a afastou de sua potencialidade

estética e sua qualidade. Mas temos exemplos de escritores que se desviaram desse propósito e consideraram tomar a criança de um lugar mais autônomo e capaz do processo de subjetivação. Toma-se, portanto, a criança como sujeito, também imerso na linguagem, no jogo signifiante. Essa mudança na concepção da infância permite obras mais preocupadas com o estético, com a literariedade e com a possibilidade de tomar a literatura como ferramenta de questionamento social, de emancipação. É com esse olhar que se aborda as obras de Lygia Bojunga Nunes: *A bolsa amarela*, *Fazendo Ana Paz*, *Paisagem e Livro – um encontro*. Utiliza-se como objeto de análise o livro *A bolsa amarela* e os demais livros funcionam como conectores entre a obra ficcional analisada e o corpus teórico, buscando sustentação na estética da recepção, através da qual é trabalhada a relação autor-texto-leitor, tomando-se o enfoque do leitor infantil; na sociologia da infância, mapeando o lugar da infância na sociedade e como tal lugar interfere na escrita voltada para tal público; na psicanálise, tendo vista que toma-se a linguagem enquanto constitutiva do sujeito, inseparável do mesmo. Tal embasamento teórico enlaça-se formando uma rede na tentativa de apreender o lugar social atribuído à infância – enquanto sujeito e leitor – na obra de Lygia Bojunga. Percebe-se que essa escritora – utilizando recursos pelos quais demonstra reconhecer o lugar social ativo do leitor criança, assim como suas particularidades como indivíduo em desenvolvimento – subverte a lógica social imposta e dá abertura para que o leitor infantil interprete a partir de sua posição diante do Outro. Através do lúdico, da fantasia e de uma linguagem marcada por uma oralidade bem próxima das crianças, estas são convocadas ao jogo do texto, possível apenas na relação autor-texto-leitor. Analisa-se, também, se os textos selecionados reproduzem as morais e os modelos vigentes ou se apresentam um caráter emancipatório, dando abertura à polissemia no ato da leitura, através de ranhuras estéticas no texto.

Palavras-chave: Lygia Bojunga, literatura infantil, leitura, psicanálise

Oralidade e emoção na Literatura Infantil de Clarice Lispector

FERNANDA ROBERTA RODRIGUES QUEIROZ (UFJF)

Resumo: A linguagem utilizada por Clarice Lispector, em suas obras de literatura infantil, demonstra uma forma marcante e diferente de contar histórias. Por meio da oralidade, as crianças são motivadas a criarem imagens com as cenas mais subjetivas e passam a ter maior autonomia em suas próprias criações. Há um diálogo direto entre o contador e o ouvinte, há uma libertação da palavra. As histórias infantis nos livros *O mistério do coelho pensante*, *A mulher que matou os peixes*, *A vida íntima de Laura* e *Quase de verdade*, de Clarice Lispector, despertam a possibilidade de resgatar o poder da oralidade pelo modo como a autora escreve as histórias. Clarice não entrega uma obra acabada, ela dialoga com os leitores, numa ruptura com os clássicos infantis, que silenciam o dizer de muitas crianças. Os ouvintes interagem, durante toda a história, com Clarice. Por meio das histórias de Clarice, observamos as crianças se soltando, usando a voz, a criatividade e a emoção. As histórias tomam novos rumos contribuindo para a formação crítica e imaginativa das crianças e até mesmo dos adultos. O objetivo deste estudo é fazer uma análise de como Clarice Lispector conseguiu atingir o imaginário de uma forma direta, fazendo um diálogo constante com o seu leitor infantil, e se libertando do modo convencional de contar histórias. Exploramos a oralidade nos livros infantis da autora, analisamos a estrutura narrativa das histórias infantis e como se dá a recepção das mesmas. Sabemos que a Literatura Infantil é uma das maiores responsáveis pelo gosto futuro para a leitura e as histórias infantis de Clarice Lispector permitem um diálogo direto com o leitor e o mesmo também se torna responsável pelo fechamento de suas histórias, de uma forma leve, dentro de uma interação sutil e subjetiva. Propomos o estudo dessa oralidade, a percepção que tanto ajuda o imaginário infantil, que rompe com os finais felizes para sempre levando os leitores a refletirem sobre um possível final mais próximo às suas próprias realidades. Este texto também pretende colaborar no preparo dos contadores de história, por

meio das marcas de oralidade, para que mesmo os clássicos possam se aproximar mais do leitor, permitindo que as crianças interajam, participem, gostem e ativem suas imaginações, pois, só assim, teremos adultos mais críticos. A oralidade é evidente nas obras infantis de Clarice Lispector uma vez que imaginamos e ouvimos a autora em cada palavra que lemos dentro desses textos e, a partir dessa percepção, surge a necessidade de uma nova abordagem da Literatura Infantil para que possamos formar profissionais melhor preparados para trabalharem com esses textos e que consigam fazer com que as crianças tomem gosto pela leitura. Como meta, estabelecemos a conscientização da necessidade de romper com antigos métodos de leitura e com finais pré-estabelecidos. Enfatizamos a necessidade de maiores discussões com ênfase na oralidade e suas marcas na língua falada e na escrita literária para o público infantil.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Oralidade, Literatura infantil

Conflitos humanos em três gerações na obra *Bisa Bia Bisa Bel*, de Ana Maria Machado

ÂNGELA MARIA DA SILVA ELIAS (UNEMAT)

Resumo: A proposta deste artigo é apresentar um panorama da literatura infantil juvenil no Brasil até o marco de Ana Maria Machado na década de 1980. A autora Ana Maria Machado publicou mais de 40 livros nesta década e criou sua livraria especializada em literatura infantil. Em 1981 recebeu o Prêmio Casa de las Américas por *De olho nas penas*, um mágico e pungente inventário da opressão do índio e do negro. Coordenou oficina literária em vários países. Nos anos 70 palestrou nos Estados Unidos sobre arte e censura, mas seu reconhecimento definitivo aconteceu no ano 2000 ao receber o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura Infantil e Juvenil em Cartagena de Índias, na Colômbia. Recebeu várias homenagens através da obra *Bisa Bia Bisa Bel*. Muitas obras da literatura infantil juvenil brasileira alcançaram destaque, mas algumas

se eternizaram na memória do público juvenil, adulto e até mesmo da terceira idade, como a obra de Ana Maria Machado *Bisa Bia Bisa Bel*. Nesta obra a autora aborda questões que são interpretadas a luz do discurso e ideologias que caracteriza o narrador-personagem, uma vez que a narrativa destaca o ambiente e a sociedade em que está inserido o ser humano. O trabalho mostra uma investigação dos conflitos humanos advindos de visão de mundo, autoridade, hábitos, costumes e valores que afetam os indivíduos. Esses conflitos vêm à tona e perpassam o passado, presente e futuro numa narrativa curta distribuídas em oito capítulos. A narrativa apresenta conflitos de ideias em gerações diferentes. A linguagem entre um século e outro provoca alguns desentendimentos causando questionamentos intermináveis. A obra *Bisa Bia Bisa Bel* se organiza de uma maneira surpreendente e ganha destaque, pois a narrativa enriquece quando analisada sob a visão humanizadora, onde a avó aparece como representante de geração e a bisneta contribui para formação da identidade, assim cada personagem apresenta seu tempo a partir de uma foto encontrada no cenário da obra como ressalta Ana Maria. “Dentro do quarto de minha mãe tinha um armário, dentro do armário uma gaveta, dentro da gaveta uma caixa, dentro da caixa um envelope e dentro deste, um retrato” (MACHADO, 2002, p. 7). O desenvolvimento do artigo confronta as diferentes gerações de mulheres da mesma família, apresentando as ações das personagens através da narrativa para indicar semelhanças e diferenças. Analisa a evolução social das personagens, as rupturas e continuidades no tempo e no espaço em que elas habitam. Nesta produção Ana Maria Machado resgata valores de um tempo passado registrado na história fazendo alusão a época da bisavó, e descobre a identidade de um tempo presente através da personagem Isabel, no entanto aparece uma personagem futurista representada através de Neta Beta entrelaçando o tempo e o espaço numa trança de gente.

Palavras-chaves: Literatura infantil juvenil, Ana Maria Machado, Conflitos.

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

A narrativa pós-moderna no ensino de literatura: uma possibilidade de leitura da obra *O fazedor de velhos*, de Rodrigo Lacerda

ELIANE APARECIDA GALVÃO RIBEIRO FERREIRA (UNESP)

Resumo: A obra *O fazedor de velhos*, do contista, tradutor, romancista e editor Rodrigo Lacerda (Rio de Janeiro, 1969-), insere-se no gênero romanesco de produção pós-moderna, mais especificamente, no de metaficção. Justifica-se essa classificação, pois sua narrativa ultrapassa as fronteiras da teoria e da prática, envolvendo uma na outra e uma pela outra, tendo a história e a literatura como cenário dessa problematização. Dentro dessa perspectiva, sua narrativa autoconsciente exige tanto o distanciamento quanto o envolvimento do leitor, pois produzida por meio da ambivalência na qual convergem o ficcional e o histórico. Justamente, essas características do romance suscitam nosso objetivo de apresentar uma possibilidade de leitura dessa obra de Lacerda (2008), por meio da qual se considera o papel do leitor e do narrador. Para a consecução desse objetivo, pretende-se refletir, a partir das contribuições da Estética da Recepção, acerca do que propicia o prazer na leitura para o jovem leitor e quais elementos determinam o papel do leitor implícito, bem como as disposições do narrador. Parte-se do pressuposto de que a literatura é condicionada primordialmente, tanto em seu caráter artístico quanto em sua historicidade, pela relação dialógica entre obra e leitor. Essa relação decorre da estrutura do texto, da presença de vazios que solicitam ao leitor um papel na composição literária: o de organizador e revitalizador da narrativa. Esse papel só pode ser exercido se este preenche os vazios do texto, num ato de concretização que pressupõe um processo comunicativo, no qual o leitor “recebe” o sentido do texto ao constituir-lo – os vazios presentes no texto indicam os locais de entrada do leitor

no universo ficcional. O texto possui, pois, uma estrutura de apelo que invoca a participação de um indivíduo na feitura e acabamento: é seu leitor implícito, o recebedor incumbido do preenchimento desses vazios. Embora seja uma projeção do texto, esse leitor implícito ocupa um lugar que vem a ser preenchido por um indivíduo real: o leitor empírico. As reflexões sobre esse recebedor e sua projeção na obra de Lacerda justificam-se, pois em seu enredo projeta-se um leitor implícito inteligente, capaz de reconhecer a intertextualidade que se estabelece no centro da história com o cânone literário. Constrói-se, neste texto, a hipótese de que a estratégia do escritor de apresentar sua narrativa sob a forma de um romance pós-moderno intertextual permite ao jovem leitor, no reconhecimento da dialogia, ampliar seus horizontes de expectativa e desenvolver um olhar crítico sobre a produção contemporânea. Além disso, por meio desse reconhecimento, esse leitor pode se sentir motivado, durante ou ao término da leitura, a conhecer os textos de autores diversos com os quais a narrativa de Lacerda dialoga.

Palavras-chave: Formação do leitor, Estética da Recepção, Narrativa pós-moderna, Literatura juvenil

Crônicas do olhar: fotografia e afetividade no ensino do gênero crônica

DANIELE COSTA DE LIMA (COLÉGIO PEDRO II)

Resumo: O presente trabalho pretende repensar o ensino do gênero crônica a partir de uma perspectiva que tenha o aluno como um sujeito complexo (Morin, 2003) e dotado de múltiplas inteligências (Gardner, 1995), que devem ser consideradas no processo de ensino-aprendizagem. Um dos grandes desafios do ensino de literatura é levar os alunos à apropriação do discurso literário em sua amplitude, que vai desde a fruição dos textos, até a construção de sentido dos mesmos, a partir de seu estudo estrutural e estilístico (Cosson, 2006). A crônica, por sua curta extensão e aproximação com o cotidiano, encontra na escola de ensino fundamental um ambiente frutífero, ainda

que problemático, uma vez que, por exigir um olhar sensível do leitor-escriptor, esbarra numa educação que tende a desconvidar a afetividade, priorizando somente a inteligência linguístico-discursiva, ignorando assim a existência de saberes sensíveis que podem ser compartilhados e apreendidos. Isso resulta num impasse que pode ser verificado quando os alunos, depois de estudar a estrutura e finalidade do gênero, apropriando-se da forma, que se confunde com fôrma, até sabe “como” escrever, mas não “o que” escrever. Segundo Cândido (1992, p. 13), a crônica apresenta um caráter humanizador, pois colhe no miúdo da vida o que esta tem de mais ínfimo e perfeito. Não se deve, portanto, afastar o estudo desse gênero das potencialidades da vida e dos sentimentos suscitados por ela. Nesse sentido, pretende-se debater um dos objetivos dos PCN de língua portuguesa (Brasil, 1997), que apontam para a necessidade de desenvolver as capacidades afetivas dos discentes. Por uma aproximação temática, no que concerne ao olhar sensível para as cenas da vida, a fotografia será utilizada como uma proposta intergênero nesta abordagem, já que, segundo Barthes (1980), dela parte o “punctum”, uma espécie de abalo sentimental, de cunho não racional, capaz de provocar no leitor a paixão por determinada obra. A fim de alcançar tal propósito, pretende-se criar uma sequência didática (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 97) composta por atividades capazes de demonstrar que o investimento no desenvolvimento da sensibilidade dos alunos, aliado a outras estratégias de letramento literário, poderá provocar neles mais interesse pela leitura e pela produção de crônicas – revelando que a ausência da afetividade na sala de aula dificulta o ensino desse gênero textual tão carregado de subjetividade. Além disso, deve-se ressaltar a importância da criação de experiências de vida que potencializem a experiência leitora, uma vez que o conhecimento de mundo é uma das principais estratégias de interpretação e construção de sentidos a partir dos textos e sua ampliação é uma das tarefas da escolarização (Brasil, 1997). Para tanto, este trabalho será construído a partir da análise fenomenológica de relatos de experiências e produções

textuais escritas pelos alunos, discutidos a partir do referencial teórico apontado.

Palavras-chave: letramento literário, crônica, afetividade, fotografia

Literatura e ensino, em foco: as tecnologias e a produção de obras hipermidiáticas para crianças e jovens

LUCAS EMANOEL VILARINHO MIRANDA (UFPI)

Resumo: A escola na contemporaneidade tem enfrentado diversos desafios quanto ao ensino. As grandes mudanças nos padrões sociais e de convivência muitas vezes não têm sido levadas em consideração no momento de pôr em prática os moldes de ensinar da atualidade. A leitura de literatura é uma das principais preocupações da escola atual. Ampliar a leitura dos alunos numa época de cada vez menos atenção do público jovem é bastante complexo, pois os dados de leitura do brasileiro de acordo com o IBGE (2013) são muito alarmantes. Por isso o presente trabalho se dá no sentido de apontar ferramentas e possibilidades de criar hábitos de leitura nos alunos por meio da leitura de literatura eletrônica consoante Hayles (2009) e Feba (2012). Os docentes precisam de início conhecer tais possibilidades para assim proporcionar uma mediação adequada e que de fato seja atrativa aos alunos. A literatura eletrônica pode ser uma forte aliada no processo de conquista dos alunos para a leitura frente aos muitos recursos que possui. Num momento onde a Web 2.0 impera, é importante valer-se da interação que o meio digital oferece para ampliar as possibilidades de leitura e aproximação com o texto literário, de acordo com Irineu (2013). Assim por meio do apontamento de estratégias ponto de partida para essas ações esta pesquisa possibilita uma visualização das revoluções que o meio digital tem trazido para a leitura atrelada ao ensino. Só por meio da experientiação os docentes poderão possibilitar aos alunos um ensino cada vez mais voltado para uma efetividade do contexto atual de literatura no meio digital, em acordo com Xavier (2011), Vilarouca (2014), Santaella (2004) e Bellei (2012). É nesse sentido que o presente

trabalho se apresenta por meio de etapas diversas para contribuir com a divulgação e propagação do conhecimento docente em relação às novas formas de se ver e possibilitar a literatura digital contemporânea produzida para crianças e jovens. A pesquisa se vale de uma amostra de campo para mostrar aos docentes as possibilidades múltiplas que existem no meio digital para ampliar a visão dos alunos quanto à literatura digital. A fim de contribuir com a ampliação das possibilidades que os alunos têm em relação à cultura do texto hipertextual e multimidiático que está na WEB 2.0 apresentam-se neste estudo 4 macro possibilidades de textos multimidiáticos em ambientes on-line grátis que são acessíveis a todos os docentes e discentes em qualquer parte do país, e que possuam as mais diversas contextualizações sociais e culturais.

Palavras-chave: Literatura Infanto-Juvenil, Ensino, Tecnologias, Produção Contemporânea

As “narrativas breves” de Marina Colasanti e a formação de leitores: uma perspectiva intertextual

VALERIA CRISTINA DE ABREU VALE CAETANO (UERJ)

Resumo: O presente estudo visa a comprovar de que maneira as “narrativas breves” de Marina Colasanti contribuem para a formação de leitores nos dias de hoje. Marina Colasanti ao escrever para crianças e jovens de todas as formações, alcança diferentes gerações, abrangendo vários aspectos: o poético, o político, o acadêmico e, principalmente, o feminino. Este trabalho consiste em uma prática intertextual sobre leitura com alunos do Ensino Médio do Colégio Pedro II, baseada na experiência docente da pesquisadora como professora do Departamento de Língua Portuguesa e Literaturas da mencionada Instituição. As “narrativas breves” exercem um fascínio sobre os leitores contemporâneos à proporção que autores como Marina Colasanti têm permitido a aproximação da literatura àqueles que possuem pouco tempo para a leitura, estabelecendo uma relação entre sua vivência e o texto literário.

Ela integra um seletíssimo grupo de escritores brasileiros reconhecidos como exponenciais no campo da literatura que dialogando também com crianças, não se “apequenou”. Seus contos são como o conto de fada verdadeiro que serve para qualquer idade, em qualquer tempo, o que comove e que não morre. São tão universais quanto os tradicionais. A mulher é o centro de uma cosmogonia: princesa, rosa, sereia; tecelã, rainha, prostituta. Aldeã, esposa, mãe ou amante. O olhar crítico de Marina Colasanti incide, epifanicamente no feminino. Portanto, os papéis que a mulher desempenha e os espaços sociais que ocupa revelam uma visão quase essencialista do gênero. A autora resgata os mitos presentes nos contos de fada e os alinha com a delicadeza e escrita femininas. Logo, a obra de Marina Colasanti é estimulante e surpreendente, porque além da intertextualidade, a escritora trabalha deliberadamente com o implícito, de modo que a obra seja “aberta”, incompleta, assim como o sentimento de realidade que experimentamos. Marina Colasanti utiliza a fantasia, como nos contos de fada para transmitir sua mensagem sobre o mundo. Desta forma, o realismo não se opõe à fantasia, sendo difícil estabelecer uma nítida diferença entre poesia e prosa, como no conto A MOÇA TECELÃ, extremamente simbólico e poético, verdadeiro poema em prosa. Lidando com emoções fortes, como o amor, projeta um mundo de magia que envolve o leitor. O texto literário e, mais especificamente, a narrativa breve, nas três últimas décadas partiu para uma renovação do recurso tradicional da ficção, pelo jogo da intertextualidade, pela paródia, pela investigação de estados existenciais e pelo realismo que aparece quebrando tabus e preconceitos, lidando com problemas cotidianos. Roland Barthes, teórico francês enfatiza com primazia, tanto na escritura quanto na leitura, o prazer do texto com fruição. É importante ressaltar que não há juízo crítico sem que haja fruição, ou seja, é preciso que o leitor se sensibilize e se posicione diante do texto. Este estudo sobre a obra infantil e juvenil de Marina Colasanti poderá levar a entender os mecanismos que facilitam a aproximação e a interação com a literatura contemporânea. Favorece a promoção de novos leitores, expondo os

caminhos que a própria literatura oferece hoje, sem abdicar da qualidade e do exercício da intersubjetividade.

Palavras-chave: Marina Colasanti e as narrativas breves, Intertextualidade, Literatura Infantil e Juvenil, Formação do leitor

28

FICÇÃO E POESIA CONTEMPORÂNEA EM PERSPECTIVA COMPARATISTA

Helena Bonito Couto Pereira (U.P. Mackenzie)
Vera Lúcia de Oliveira Maccherani (UNIPG)

Resumo: Esta proposta de simpósio tem por alvo discutir a literatura produzida nos decênios recentes no Brasil, de modo não exclusivo, pois, assumindo a perspectiva da literatura comparada, possibilita a discussão de trabalhos que se refiram a relações entre literaturas. Concebe-se o viés comparatista em sentido lato, compreendendo múltiplas conexões entre textos de origens nacionais ou territoriais, e entre textos provenientes de outras artes e mídias que dialogam com a literatura. Dessa forma, o simpósio abrange três vertentes: a discussão temática ou estética de poesia ou ficção; uma vertente no sentido temporal e espacial, abrigando estudos sobre literatura brasileira recente em relação a outras literaturas, e outra que examina textos literários em relação a outras formas artísticas.

Mais do que em outros tempos, evidencia-se hoje o caráter da literatura como produto da indústria cultural, veiculando-se em meio aos demais produtos e à profusão de mídias e suportes associados aos avanços tecnológicos. Apesar da retração do mercado editorial (decorrente de numerosos fatores, em especial a recessão econômica que assola o país), a ficção e a poesia, surpreendentemente, alcançam espaço para além dos muros da academia. Manifestações literárias estão presentes em feiras, festivais, lançamentos e outros eventos associados a livros (não só em papel), com participações de autores que, ademais de criar ficção e poesia, vão ao encontro do público leitor para divulgar e, sempre que possível, debater seu processo criativo, sua construção

textual, suas circunstâncias, ou ainda os possíveis significados de suas obras. A literatura continua a ter seu público, embora raros escritores hoje possam ser vistos como formadores de opinião, ou melhor, não podem ser vistos da maneira intensa como nossos escritores canônicos eram considerados por seus coetâneos. De todo modo, nesta proposta assume-se como infundado o receio quanto à permanência da literatura em nosso cenário artístico, social, cultural, intelectual.

Para que sejam possíveis as discussões em uma temática ampla, que envolve ficção e poesia, e levando em conta as restrições de tempo que são inerentes ao simpósio, sem prejuízo de possíveis desdobramentos no futuro, define-se o recorte temporal, de modo a incluir apenas obras produzidas nas quatro ou cinco décadas mais recentes. Dadas as peculiaridades do texto poético e do texto ficcional, dois eixos nortearão as apresentações, de modo a agrupá-las por afinidade, confluindo, se possível ao término de cada sessão, para discussões de caráter geral, visto que a reflexão sobre a contemporaneidade constitui base comum a todos os trabalhos. Estudos monográficos em torno de autor ou obra são aceitos; o mesmo vale para estudos sobre temáticas específicas, com textos de diversas origens culturais ou em diferentes suportes, em perspectiva comparatista.

Quanto aos textos para discussão, são temáticas recorrentes: relações entre ficção, história e memória, autoficção, metaficção historiográfica; vida caótica nas metrópoles, perda de identidade e de referências, personagens à deriva na sociedade pós-moderna; niilismo; preconceito, desigualdade e violência (não só) nas nações pós-coloniais. Do ponto de vista estético, a multiplicidade de vozes contribui muitas vezes para o fragmentarismo formal, porém tem a faculdade de permitir a expressão de vozes outrora excluídas. O narrador onisciente, em sua infrutífera busca de enunciar de modo imparcial, ausentou-se decididamente da literatura contemporânea. Hoje encontramos narradores múltiplos, expressando-se por meio de vozes que se alternam entre 1ª e 3ª pessoa e que mergulham sem hesitar na interioridade, na memória,

na consciência conflitiva das personagens. São criativos, irônicos e não hesitam em expor o estatuto da obra de ficção, ou seja, referem-se ao próprio fazer literário ou à própria obra enquanto produção em andamento. Espera-se, portanto, que, em paralelo aos temas de ordem político-ideológica (explícitos ou não), seja possível identificar marcas estéticas próprias do nosso tempo: consciência do fazer literário, reflexões sobre a linguagem, construções metalinguísticas e intertextuais de vária ordem. A aguda autoconsciência, face explícita da reflexividade, é um traço marcante da ficção literária e dos demais domínios da criatividade na cultura contemporânea. A literatura, nas palavras de Samoyault, “tece um eterno diálogo consigo mesma” graças ao fenômeno da intertextualidade. Esse é o diálogo que fundamenta e enriquece toda a nossa atuação como leitores e críticos.

Palavras-chave: Literatura comparada, Ficção contemporânea, Poesia contemporânea, Intertextualidade.

Referências:

- NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira**. Da Carta de Caminha aos contemporâneos. Cap. 33-38. São Paulo: Leya; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011.
- NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**. São Paulo: Edusp, 1997.
- ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). Roger Chartier. **A força das representações: história e ficção**. Chapecó (SC): Argos, 2015.
- SAMOYAUULT, Thiphaine. **L'intertextualité. Mémoire de la littérature**. Paris: Armand Colin, 2005.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Literatura, teatro e cinema: relações intermediáticas em Luiz Vilela

AURORA GEDRA RUIZ ALVAREZ (U.P. MACKENZIE)

Resumo: A ficção brasileira contemporânea apresenta numerosas faces na produção da narrativa. Dentre elas, a memória assume um papel relevante nesse cenário. Jeanne Marie Gagnebin, em *Lembrar escrever esquecer*, afirma que a rememoração não é apenas um retorno ao passado, mas também um olhar ao presente. As ressurgências das lembranças, segundo a estudiosa, podem atuar como móvel de transformação do agora, como resgate do que o sujeito da enunciação busca reviver, dentre outras funções que elas desempenham na narrativa. Segundo Paul Ricoeur, em *A memória*, a história o esquecimento, no ato recordatório entra em ação a memória refletida (anamnésis), que é distinta da lembrança (mnêmé). Ambas passam pelo crivo da reminiscência, mas, de acordo com o crítico, a última implica uma passividade daquele que resgata um dado da memória. Mnêmé é “ter uma lembrança de”; está relacionada à aparição do que foi esquecido e ao seu reconhecimento. A primeira, ao contrário, significa “ir em busca de uma lembrança”; ela pressupõe um sujeito ativo que intenta recuperar acontecimentos, vivências significativas. Acerca do aspecto composicional e da função da memória no texto literário, em “A imagem de Proust”, capítulo de *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*, Walter Benjamin referindo-se à la recherche du temps perdu, afirma que a relevância da reminiscência nessa obra não reside no acontecimento em si, mas na urdidura dele na narrativa, em outros termos, o que se sobressai é o “trabalho de Penélope” que Proust realiza na tessitura do texto. Partindo desses teóricos e amparados por uma pesquisa bibliográfica acerca desse tema, estabelecemos como objetivo de estudo o exame do discurso

do narrador-personagem de “Eu estava ali deitado”, de Luiz Vilela, com o propósito de conhecer como opera a memória na narrativa, de que recursos o criador se vale para urdir a malha textual e que efeitos de sentido esses mecanismos de expressão produzem. Na análise da obra, teremos oportunidade de trazer à discussão o uso de recursos que exercem a função de referências intermediáticas no conto de Vilela, ocorrências que emprestam à narrativa um caráter híbrido, proteiforme, marcado pelo cruzamento de mídias. Dentro da proposta dos estudos comparatistas, traçaremos as aproximações entre o texto literário e algumas propriedades e/ou técnicas do teatro e do cinema inscritas na narrativa, que atuam como referências intermediáticas. Este percurso analítico auxiliar-nos-á a compreender tanto a natureza polimórfica do conto a ser examinado quanto um dos veios da ficção brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Memória, Referências Intermediáticas, Luiz Vilela**A utilização do paratexto audiovisual como elemento de reconstituição histórica na adaptação do romance Dois irmãos para série televisiva**

DANIEL DE THOMAZ (U.P. MACKENZIE)

Resumo: A chegada da televisão no Brasil, na década de 50, proporcionou, entre inúmeros efeitos, uma verdadeira revolução de linguagens. A partir da exibição dos seus primeiros conteúdos chamados “teleteatros”, ao vivo, e mais tarde, as “telenovelas”, gravadas em videoteipe, esse meio de comunicação de massa encontrou seu lugar no cotidiano e imaginário populares. Porém, engatinhando na configuração definitiva de seus formatos, as emissoras da chamada TV Aberta, e, em especial, a TV Globo, valeram-se inúmeras vezes das técnicas de adaptação intermediática de folhetins e romances de escritores brasileiros consagrados. Foi assim em “A Escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães, ou “Sítio do Picapau Amarelo”, de Monteiro Lobato, por exemplo. Esses novos produtos midiáticos serviram, sobretudo, para atrair a audiência para o novo veículo valendo-se da credibilidade que as obras

literárias conquistaram. A partir de fins dos anos 1970, correlatamente à consolidação do papel central da TV na cultura brasileira, as telenovelas se firmam como produtos comerciais, como linguagem e como formato de prestígio na TV. Consolidadas, as telenovelas não precisam mais se basear em romances e especialmente não mais precisam salientar esta origem como forma de legitimação cultural (REIMÃO, 2014). Hoje, século XXI, a situação é diferente. Nesses quase 70 anos de existência, a televisão brasileira passou por diversas fases. Depois de ser considerada artigo de luxo nos seus primeiros 10 anos, entre os anos 60 e 90, a televisão tornou-se o principal veículo de massa chegando a atingir 90% do território nacional. A partir da segunda metade da década de 90, seu reinado começou a declinar. Com a participação de novos concorrentes internacionais no setor e a presença cada vez mais acessível da internet, a TV brasileira hoje disputa, com algum custo, a audiência da qual um dia foi soberana. Uma vez customizada pelas ubíquas plataformas digitais de distribuição como TVs por assinatura, notebooks, tablets e celulares, a programação da TV Aberta recorre às suas origens. Nesse enfoque insere-se, como análise do presente artigo, a adaptação do romance “Dois Irmãos” (2000), do escritor amazonense Milton Hatoum para uma minissérie de 10 capítulos, exibida pela TV Globo em rede nacional, no horário das 23h, entre 09 e 20 de janeiro de 2017. A presente análise visa localizar nos episódios adaptados evidências que ajudem a compreender possíveis intencionalidades da adaptação televisiva no contexto atual. Destacamos, para efeito dessa análise, o recorrente uso de imagens de arquivo, mescladas em meio à narrativa ficcional, usadas como recurso de reconstituição histórica. Atribuímos a elas, como nas ilustrações de um livro, a função de paratextualidade audiovisual, pois como em seu duplo de partida, configuram “todas as mensagens acessórias e comentários que circundam o livro e que às vezes se tornam virtualmente indistinguíveis dele” (STAM, 2006). Nosso objetivo final será identificar, na obra de chegada, estratégias adaptativas intermediárias que indiquem como a emissora de TV Aberta está pretendendo dialogar

com a atual sociedade brasileira a partir da adaptação de romancistas contemporâneos possivelmente pretendendo recuperar sua centralidade na fragmentada identidade cultural brasileira.

Palavras-chave: Ficção Contemporânea, televisão, discurso transmidiático, adaptação transmidiática

Dois irmãos, de Milton Hatoum: relações entre tempo e memória como fios condutores da narrativa

FLAVIA ALEXANDRA PEREIRA PINTO (UERJ)

Resumo: Ao se considerar os estudos de crítica literária na contemporaneidade, percebe-se que o texto literário esta intrinsecamente ligado aos contextos social, histórico como também ideológico da sociedade a que se reporta. Entende-se, portanto, que estudar literatura é estudar, também, as variadas categorias presentes no texto a partir de uma ótica que privilegia uma crítica da totalidade. Esta comunicação propõe a análise do romance Dois Irmãos (2000), de Milton Hatoum, de forma a discutir as relações entre tempo, memória e narrativa, a partir dos conceitos advindos da História e das Ciências Sociais e da crítica literária contemporânea. Para isso, procura-se rever as concepções de memória presentes em Maurice Halbwachs (2004), Michael Pollak (1992), Jacques Le Goff (1996), Pierre Nora (1993), entre outros. Relacionamos, ainda, esses conceitos à discussão sobre tempo e narrativa, cujas contribuições de Paul Ricoeur (1992) e Roger Chartier (2015) são fundamentais. No romance Dois Irmãos, o autor constrói uma narrativa que indaga sobre o tempo e a memória. Na busca da origem e do passado por meio da escrita, Hatoum constrói uma linguagem particular, em que tematiza problemas como a apresentação do passado, a morte, a relação com o outro, a exclusão, o distanciamento e a própria linguagem. A proposta aqui é tentar compreender de que forma, por meio da elaboração e do conteúdo da obra literária, Hatoum problematiza ideias sobre a história e os fenômenos humanos, como a passagem do tempo e a memória. Para

além da ideia de que a literatura escrita por Milton Hatoum possa ser facilmente identificada por sua temática relacionada à imigração árabe, ao exotismo de relações híbridas entre o Ocidente e o Oriente, Hatoum oferece um material mais profundo de reflexão sobre estas mesmas questões. A sua ascendência oriental bem como a linguagem marcada pelo uso de recursos poéticos e pela construção de sentido de cada palavra é relevante, sobretudo, para atualizar o presente em que vivemos. Pretende-se, como resultado da análise, discutir a iniciativa de reconstrução do passado, marcada na figura do narrador do romance, em que Hatoum coloca em destaque estratégias de ficção, relacionando história e memória. Além desses aspectos, a discussão entre ficção e autoficção também aflora nesse romance, e deve fazer parte do corpus teórico de análise. Portanto, a memória não pode ser entendida apenas como um ato de busca de informações sobre o passado, tendo em vista a sua reconstituição. Ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria memorização. Além disso, a ficção abre inúmeras possibilidades para que se interrelacionem as categorias teóricas propostas nesse simpósio, mostrando o importante papel da literatura na contemporaneidade.

Palavras-chave: Tempo, Memória, Narrativa, Milton Hatoum

As capas e o realismo maravilhoso em Órfãos do Eldorado

ANA CLÁUDIA JACINTO DE MAURO (U.P. MACKENZIE)

Resumo: Na narrativa Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum existem alguns elementos do fantástico tradicional, como a dúvida e a presença de um narrador de autoridade: o protagonista, Arminto Cordovil, é o narrador em primeira pessoa e relata sua trágica história. Todavia, para compreender de forma satisfatória devemos analisá-la a partir do prisma do realismo maravilhoso. A obra possui ecos mitológicos, uma vez que a narrativa sobre a cidade encantada e submersa, Eldorado, é um mito amazônico para alguns dos personagens da novela, mas realidade para outros (como os muitos personagens de origem indígena que figuram o

enredo). No entanto, é importante considerarmos que o fantástico não se manifesta necessariamente na ideia de uma suposta cidade encantada, mas sim em Arminto, o protagonista, pois os acontecimentos que ele vive durante toda a sua vida e as decisões que ele toma e os caminhos que ele percorre causam estranhamento e dúvida no leitor. Como leitores, vivemos a emoção do sobrenatural presente na obra e manifesta em diversos mitos indígenas e relatos, e podemos encontrar refúgio para tal sentimento na literatura fantástica. Apesar de existirem elementos do fantástico tradicional, como a hesitação (tanto dos personagens quanto nossa, como leitores) e o inexplicável, é interessante notar que Órfãos do Eldorado é mais bem definido quando analisado da perspectiva do realismo maravilhoso; como uma narrativa contemporânea, a obra recria a realidade como um simulacro autorreferencial que suplanta ou simula a realidade. Este artigo busca analisar como os elementos visuais das capas nacionais e internacionais da obra contribuem cada qual a seu modo para a construção do enredo e para a compreensão do realismo maravilhoso tão presente na obra de Hatoum. Em uma perspectiva comparatista, oito capas são analisadas com base nos estudos de Irlemar Chiampi, estudiosa do realismo maravilhoso, e Ellen Lupton, conhecida teórica do design, levando em conta a variada construção das capas (em que pontos do enredo são destacados em cada uma das versões das capas), as variações nos títulos (focando ora a cidade submersa, ora as personagens), os enfoques no enredo, os efeitos que as diferentes tipografias podem causar e a presença de elementos gráficos que nos remetem ao fantástico e ao realismo maravilhoso. Com isso, poderemos entender a relevância da construção das capas para a compreensão de uma obra, assim como a maneira como o realismo maravilhoso é entendido e retratado por diferentes culturas. É interessante também notar como obras de um autor brasileiro consagrado, como Hatoum, são vistas em países nos quais ele é pouco conhecido.

Palavras-chave: Órfãos do Eldorado, Milton Hatoum, Capas, Paratextos

Aceita o pacto? Configurações do narrador e do leitor em *Chá das cinco com o vampiro*, de Miguel Sanches Neto

ELIZA DA SILVA MARTINS PERON (UFMS)

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar os recursos utilizados no romance *Chá das cinco com o Vampiro* (2010), de Miguel Sanches Neto, para assinalar de que forma o autor constrói o narrador para projetar e legitimar certas posturas para seduzir e configurar o leitor. Desse modo, verificaremos de quais artimanhas técnicas o detentor da voz narrativa do romance emprega para persuadir o leitor, ora aproximando-se dele ora colocando-se acima ou ao lado deste, de tal forma que contempla a relação entre o escritor e o leitor, recurso teórico utilizado desde Manuel Antonio de Almeida. Nosso intuito é o de refletir sobre a trajetória da leitura e a formação do leitor, observando o modo como essas relações literárias são produzidas ao longo do tempo, sem nos esquecermos da crítica tecida ao mercado editorial e aos percalços enfrentados pelos escritores até a publicação do livro. Além disso, debruçaremos analiticamente sobre as marcas da narrativa contemporânea no referido romance uma vez que é perceptível a exposição do autor ao demarcar seu próprio fazer literário pelo exercício da metalinguagem, traços comuns à ficção contemporânea. Em *Chá das cinco com o Vampiro*, o narrador autodiegético expõe um mundo de inveja e de soberba dos escritores, principalmente os já consolidados pelo cânone. No romance, ainda podemos identificar a reflexão sobre a acuidade no manejo com a linguagem que, de forma fictícia, é sugerida pelo narrador e personagem principal Roberto Nunes Filho ao analisar sua trajetória seja em sua formação como leitor, depois como crítico e por fim, como escritor. Assim, de forma criativa e irônica, Miguel Sanches Neto dialoga com o leitor, expondo tanto sua consciência do fazer literário como ressaltando sua habilidade na manipulação discursiva, de tal modo que desnuda um painel em que personagens de carne e osso são ressemantizados no engendramento do romance e fazendo com que coabitem no livro leitores (ele mesmo) e os leitores de sua obra. Para conferir veracidade ao exposto, urde o pacto com o leitor, unindo

invenção literária e arte de narrar. Voltemos à pergunta inicial: aceita o pacto? Para tanto, respaldamos o nosso estudo baseados no esteio do pensamento de Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em *A formação da Leitura no Brasil* (1996), de Zilberman & Lajolo, mais especificamente no subtópicos “O leitor, esse desconhecido”, para abordar a trajetória do leitor e de como o narrador se coloca diante dele; no campo analítico narratológico utilizaremos os conceitos de narrador, personagem e autor implícito presentes em Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, em *Dicionário de teoria da narrativa* (1988), de Gérard Genette, em *Discurso da narrativa* (1995), de Wayne Booth, em *A retórica da ficção* (1980), de Ismael Cintra, em “Dois aspectos do foco narrativo (Retórica e ideologia)”, de 1981, e de autores que tratam sobre o romance brasileiro contemporâneo, como, por exemplo, Karl Erik Shøllhammer, em *Ficção brasileira contemporânea* (2009), e Jaime Ginzburg, em “O narrador na literatura brasileira contemporânea” (2012). Com relação à metalinguagem, nos pautaremos nas premissas de Linda Hutcheon, em *Poética do Pós-Modernismo* (1991).

Palavras-chave: Formação do leitor, Pacto, Ficção contemporânea, Metalinguagem;

Rubens Figueiredo e os formalistas russos: a trajetória do escritor como estrada para uma reflexão sobre *Passageiro do fim do dia*

FRANCISCO MARIA ZELAYA DA COSTA FERREIRA (UERJ)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo desvelar a trajetória de Rubens Figueiredo como ficcionista, tradutor e professor de língua portuguesa do ensino médio para reconhecer como estas três vertentes profissionais culminaram no seu último e premiado livro, *Passageiro do fim do dia* (2010), cuja narrativa assemelha-se a um road-movie, um gênero cinematográfico. A partir de informações colhidas de aulas, palestras e entrevistas de Rubens Figueiredo é possível, por exemplo, saber como o próprio autor divide sua produção em duas partes estanques, em que desconsidera seus três primeiros romances (de 1986 até 1990) e como, desde o seu primeiro livro de contos – O

livro dos lobos (1994) –, parece ter encontrado sua “voz” literária. Portanto, comparar-se-ão aspectos entre estes dois momentos, em que se evidenciam distintas marcas estilísticas na sua escrita, formalizando o que talvez seja a questão principal deste estudo: o que influencia um escritor a transformar sua expressão literária drasticamente. Aparentemente, o indício mais significativo seria sua incursão como tradutor e o efeito subsequente da comparação entre duas literaturas: a de língua inglesa moderna e a russa que vai dos meados do século XIX até o início do século XX. Mais de uma vez, Rubens Figueiredo tornou pública sua opinião em relação ao papel da literatura nesses dois momentos históricos, de maneira a evidenciar certa predileção pela russa. Tal preferência fundamenta-se criticamente pela observação de um caráter ideológico implicado tanto em uma quanto na outra. A ideologia é, no quadro em questão, o papel do indivíduo-escritor como aquele que ou resiste criteriosamente ou adere complacentemente aos ditames simbólicos como paradigmas inquestionáveis de uma sociedade. O gesto de Rubens Figueiredo é revelado em seu último livro. Passageiro do fim do dia (2010) foi celebrado pelo Prêmio Portugal Telecom (2011), que reconhece anualmente as obras de escritores de língua portuguesa publicadas no Brasil, e pelo Prêmio São Paulo de Literatura como melhor livro do ano. O tempo real da história narrada é bem circunscrito, pois se trata do retorno de Pedro, personagem protagonista do livro, em um ônibus que parte do centro da cidade rumo à periferia após o fim de expediente de uma sexta-feira. Já o percurso narrativo temporal circunfunde-se deste motivo cotidiano. As observações a partir do itinerário do ônibus e as memórias do personagem associam-se para divagações sobre o porquê das coisas serem como são. A forma de narrar arranjada por Rubens Figueiredo assemelha-se, em princípio, a de um road-movie, pois, através da percepção de Pedro durante a viagem, o leitor é conduzido a eventos supostamente dissociados, porém, quando posta sob análise formal, reserva-se características da literatura russa, ou ainda, cabem

sob o escopo das questões literárias levantadas pelo Formalismo russo, evidenciadas, por exemplo, na coletânea Teoria da literatura: textos dos formalistas russos, reunidos, apresentados e traduzidos para o francês por Tzvetan Todorov.

Palavras-chave: Rubens Figueiredo, ficção contemporânea, Formalismo russo, intertextualidade

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Nas entrelinhas: uma possível leitura política da poesia “História de uma gata”, de Chico Buarque

FERNANDA REIS DA ROCHA (U.P. MACKENZIE)

Resumo: A ditadura militar, regime governamental instituído no Brasil entre os anos de 1964 e 1985, caracterizou-se pelo autoritarismo, a repressão, a formação e o desmantelamento de organizações de esquerda, a tortura, o silenciamento sob as mais diferentes facetas e o cerceamento de liberdades individuais, coletivas e de expressão (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1991; GASPARI, 2002; MARTINS FILHO, 2009; RIDENTI, 2010). Entretanto, com a decretação e oficialização do Ato Institucional nº 5 em dezembro de 1968, essa atmosfera de receio, opressão, violência e censura intensificou-se em todo o país, levando muitos brasileiros a optarem por dois dos caminhos mais prováveis a se trilhar: a “acomodação” e “conivência” - seja por medo, falta de informação, concordância, dentre outras razões - frente à situação nacional ou a participação ativa e/ou apoio desvelado aos grupos defensores da luta armada (CONTREIRAS, 2005). A produção cultural do período mostrou-se como uma das principais áreas afetadas pela censura e repressão, basta recordarmos diversos acontecimentos ocorridos pós-1968: as invasões a teatros; os espancamentos de atores e diretores; a proibição e cortes a livros, canções e matérias jornalísticas;

e os casos de exílio - impostos ou escolhidos – experimentados por importantes nomes do cenário da música, literatura e demais artes (AQUINO, 1999; COSTA, 2003; GIANORDOLI-NASCIMENTO, TRINDADE, SANTOS, 2012). Tal fator, combinado à força e disseminação alcançados por sua voz denunciatória, possivelmente conduziu uma grande parte dos artistas e intelectuais da época a discorrer, ficcionalizar e interpretar esse capítulo tão conturbado e obscuro da história nacional. Tendo em mente que a peça musical “Os saltimbancos” foi traduzida e adaptada por Chico Buarque em 1977 - momento em que o Brasil ainda se encontra sobre o governo militar - e o caráter político de grande parte de suas produções musicais e literárias, pretendemos dar uma nova interpretação ao poema-canção “História de uma gata”. Embora a mesma apresente, sem sombra de dúvida, um viés infantil e descontraído, podemos visualizar, por meio de conhecimentos contextuais (as principais características e consequências da ditadura, a ideologia defendida por seu autor) e do emprego de diversas palavras e colocações textuais uma crítica velada à situação vivenciada por muitos daqueles que se opuseram ao regime autoritário introduzido no país em 1964. Ao decorrer de sua narrativa, a gata tece e recorre a imagens que funcionam como metáforas e menções indiretas às temáticas da censura, da repressão, do exílio e de binômios como acomodação/luta, prisão/liberdade, pertencimento/exclusão e silenciamento/expressividade. Tais constatações, combinadas com o uso do termo “cantar” e a simbologia de independência, boemia e sensualidade a permear a figura do animal protagonista dessa música, permite que visualizemos o próprio eu lírico e seus semelhantes como uma representação dos artistas - escritores, cantores, atores, pessoas envolvidas com os mais diferentes e distintos meios culturais -, segmento social a experimentar em suas produções e, muitas vezes, na própria pele, os ditames dos governos militares.

Palavras-chave: Ditadura Militar, Poesia e Música Contemporânea Brasileira, Chico Buarque

Dialogia arquitetônica: uma leitura de *Estar sendo Ter sido*, de Hilda Hilst

MILENA KARINE DE SOUZA WANDERLEY (UFMS)

Resumo: Ao apontar a contradição que é a existência de uma atualidade pura, Octávio Paz, em *Os filhos do barro* (1984), direciona uma reflexão acerca da construção do conceito de tradição afirmando que ela não pode ser considerada por um ponto de vista unidimensional, mas ao contrário disso. A heterogeneidade, pluralidade de referências frutos de rupturas e retomadas de gerações historicamente pautadas em algum tipo de tradição é movimento natural e amplamente perceptível, principalmente na modernidade. E é nesse caminho que segue Hilda Hilst de acordo com estudiosos de sua obra como Leo Gilson Ribeiro, Nelly Novaes Coelho e Alcir Pécora. Nesse sentido, analisando os resgates articulados nas obras de Hilst, observamos que “A forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional” em que “a forma da tragédia (forma do acontecimento, em parte, do personagem – o caráter trágico) escolhe a forma composicional adequada – a dramática” (BAKHTIN, 2010, p. 25), mas não de um modo convencional, tendo em vista que, em Hilst, as formas composicionais frequentemente são ressignificadas, já que formas de base épico-narrativa, líricas e dramática são transgredidas por meio de um experimento estético que aponta para o resgate do muito antigo ao passo em que dialoga com o imediatamente anterior. *Estar sendo ter sido* (1997), última narrativa de ficção publicada em vida por Hilst, talvez seja o livro que condensa a diversidade das escolhas composicionais articuladas por ela ao longo dos 47 anos em que esteve em plena atividade artística, uma vez que nela as formas composicionais de construção literária se encontram hibridizadas, havendo prosa, discurso direto nos moldes de roteiro dramático e poemas que estão colocados na narrativa, ou justificadas pelo argumento da construção do todo da personagem, ou fazendo parte de um fluxo no qual a voz narradora se perde e se amplia. O recurso da hibridização formal em Hilda Hilst, nesses

moldes, é a representação da intenção dialógica a qual é articulada pelas muitas referências aos escritores, como Sófocles, Petrarca, Jorge de Lima, Sartre, Paul Nizan, Balzac, Flaubert, entre outros, e na voz de seus narradores que em alguns momentos se perde num caótico jogo metalinguístico de autorreferenciação. Assim, diante dos hibridismos composicionais articulados por Hilst em *Estar sendo Ter sido* (1997), pretendemos, por meio desse estudo, analisar de que modo essas estruturas composicionais multidimensionam o modo de construção ficcional através dos diálogos que são intencionalmente articulados intra e extratextualmente. Para esse trabalho, encontramos esteio teórico em *Questões de Literatura e de Estética* (2010), de Mikhail Bakhtin, em *A ficção e o Poema* (2012), de Luiz Costa Lima, no relato “Da ficção”, de Leo Gilson Ribeiro, publicado no *Caderno de Literatura Brasileira* (1999) do Instituto Moreira Salles, em Octávio Paz, *Os filhos do barro* (1984), além dos artigos acadêmicos publicados acerca da obra cuja leitura dialoga com a nossa.

Palavras-chave: Hilda Hilst, Formas Composicionais, Diálogo, Hibridização Formal

Breves dizeres de uma arte híbrida: a metalinguagem enquanto recurso estético nas crônicas de Hilda Hilst

ALINE PIRES DE MORAIS (UNEMAT)

Resumo: Hilda Hilst é considerada uma das mais importantes vozes da literatura brasileira contemporânea. Ao longo de sua empreitada literária erigiu um vasto retrato da sociedade brasileira contemporânea e sua subjetividade. Neste trabalho, nosso olhar se volta para as crônicas da autora publicadas na obra *Cascos e Carícias*, em edição relançada pela Editora Globo em 2007, perscrutando o fazer metacrônico enquanto estratégica estética. Além disso, pretende-se mostrar de que maneira a autora usa traços metanarrativos na produção de suas crônicas para tratar de temas comuns à condição humana e refletir acerca da condição da cultura e do escritor brasileiro ou até mesmo

para investigar o abismo existente entre seus textos e os leitores, fazendo de suas crônicas meio de reflexão acerca da função do escritor em um mundo dominado pela mídia e pela cultura de massa. E essa ideia de produção de arte sob a concepção de tomada de consciência e construção nos acena a obra cronística hilstiana. Em *Cascos e Carícias* a autora usa da arte para tratar de literatura e das múltiplas faces que engendram o papel do escritor em pensar a sociedade. Ademais, o trabalho anela discutir ainda de que modo a autora desconstrói a conceituação tradicional cristalizada para o gênero crônica objetivando erigir um conceito moderno que rompe com paradigmas instaurados. Desse modo, as análises de crônicas selecionadas buscam mostrar de que maneira Hilda Hilst usa o espaço do jornal para tratar do seu próprio fazer literário e que modo a autora estabelece um diálogo com os leitores para refletirem sobre a sua própria escritura. Ademais, esta pesquisa revela que a opção metalinguística de Hilda Hilst não é uma metalinguagem estampada, mas velada e desvelada nas entrelinhas da compreensão dos fenômenos estéticos recorrentes nos textos hilstianos, nos quais nada é dado, tudo é hermético e só pode ser compreendido quando o leitor se despe das amarras da obviedade e mergulha em um dizer que é metaforizado e permeado por dizeres densos e ambivalentes. Portanto, demonstra-se que a metalinguagem foi um artifício usado por Hilda Hilst em *Cascos e Carícias* para desnudar o processo de produção de textos, por meio dela a autora expôs a autoconsciência textual, objetivando mostrar aos leitores o exercício reflexivo que é escrever.

Palavras-chave: Metalinguagem, crônica, Hilda Hilst

“Bárbara no inverno” e “Atrás da porta”: a perspectiva comparatista entre o conto e a música

NATALIA DE FIGUEIREDO CONTAVE (U.P. MACKENZIE)

Resumo: O presente artigo visa analisar o conto “Bárbara no Inverno” de Milton Hatoum e a relação com a música “Atrás da Porta” de Chico

Buarque de Holanda por meio da perspectiva comparativa utilizando três aspectos para permear o desenvolvimento da análise: o espaço, o tempo e a identidade das personagens. A história do conto apresenta duas vertentes. No início, achamos que estamos diante de uma trama com teor político, pois a condição de exilado de uma das personagens nos é passada, contudo, no decorrer da narrativa, nos deparamos com uma história de amor mal sucedida, um sentimento doentio que no desenlace se mostra de maneira trágica: um suicídio. Assim, é possível fazer o paralelo com a música, pois o próprio autor, Chico Buarque, relatou que a inspiração para concluir a composição foi o divórcio, nada amistoso, do casamento de Elis Regina. Além disso, o elemento “porta” é importante para a interpretação de ambos os textos de ambas as obras.

Palavras-chave: Literatura Comparada, Literatura Contemporânea, Conto, Música

A paisagem lírica de Adélia Prado

MARIA DO SOCORRO CARNEIRO ALVES CENTENO (UEFS)

Resumo: Retratando os acontecimentos mais ínfimos, Adélia Prado irrompe na literatura brasileira com uma voz que surpreende de maneira contundente, resgatando o cotidiano, o trivial e, sobretudo, o doméstico familiar do lugar comum, pondo-os em uma zona de evidente transcendência. O presente trabalho se propõe a analisar poemas selecionados da Poesia Reunida de Adélia Prado a fim de evidenciar que, para além da maneira de Prado retratar em seus poemas uma humaníssima trindade, a saber: Deus, sexo e morte, cuja representação se presentifica em toda a sua obra; percebe-se, ainda, a descrição de uma paisagem como prolongamento dos sujeitos líricos, como consequência de um olhar perscrutador por detrás das coisas, na busca de ver o invisível que se lhe apresenta na grande tela do mundo. Procuramos desvendar tanto os mistérios dolorosos, quanto os gozosos e os gloriosos do olhar adeliiano, sua mirada lírica sobre coisas, seres e

paisagens. Paisagens que, ora sedimentadas na memória, ora sentidas como prolongamento do espaço pessoal do eu lírico, é o lugar onde inscrevem-se todos os comportamentos possíveis e imagináveis dos eus poéticos de Adélia. A escolha deste percurso não é por acaso, pois a própria obra fez-se o caminho. Através da leitura crítica e atenta dos poemas trabalhados: O amor no éter, Insônia, Eh! e Inverno, pode-se observar que a paisagem é um elemento essencial na composição dos sujeitos líricos. Objetivamos mostrar que a paisagem descrita nos poemas reflete a afetividade e os estados de alma dos “eus” líricos. Durante a pesquisa, percebemos que a paisagem é vista a partir de um ponto essencialmente subjetivo e que ela e o ser são indissociáveis. Como embasamento, serão utilizadas teorias que oferecem referências para a compreensão da linguagem e da poesia moderna como: Octávio Paz, Roland Barthes, Hugo Friedrich e Antonio Candido. Quanto ao que se refere às discussões em torno da paisagem, embasaremos-nos em Michel Collot, Anne Cauquelin, Yi-Fu Tuan, Werther Holzer, Gaston Bachelard. A relevância desta pesquisa para a comunidade acadêmica se dá pelo fato de não haver um estudo específico sobre paisagem na obra de Adélia Prado, apesar das múltiplas perspectivas de análise já apresentadas.

Palavras-chave: Olhar, Paisagem, Visível, Invisível

O zumbi que logo sou: a experiência radical do outro em A noite devorou o mundo, de Pit Agarmen, e Biofobia, de Santiago Nazarian

WELLINGTON FURTADO RAMOS (UFMS)

Resumo: Tomando de empréstimo a proposição derridiana construída no ensaio “O animal que logo sou” (2011), este trabalho busca localizar na figura do zumbi e da natureza, por analogia, o grande Outro materializado, em Derrida, na figura do animal. A pesquisa parte do estudo das personagens protagonistas dos romances “A noite devorou o mundo” (2014), de Pit Agarmen, pseudônimo do escritor francês contemporâneo Martin Page, e “Biofobia” (2014), do brasileiro

Santiago Nazarian, com o objetivo de verificar como o zumbi, naquele, e a natureza, neste, configuram-se como uma espécie de alteridade radical que coloca os protagonistas em conflito, a partir da experiência de solidão, de modo não apenas a desestabilizar suas identidades, mas propiciar um re-encontro consigo mesmos. Parece-nos que, por analogia ao proposto por Jaques Derrida, nos romances que tomamos por objeto, tais protagonistas se veem obrigados a se enxergarem em sua condição animal que é, paradoxalmente, seu traço de humanidade, ao depararem-se com um mundo em que parecem não caber ou no qual não se adequam com propriedade. Em “A noite devorou o mundo”, o narrador-protagonista é um escritor de romances “água com açúcar” que não se relaciona bem com aparentemente ninguém, mas que, a partir de um apocalipse zumbi, é colocado diante de um silêncio em que a figura do morto-vivo o obriga, por meio da memória, a re-valorizar seu estar-no-mundo e sua conexão com as pessoas, até mesmo desconhecidas, que fizeram parte de sua vida antes da hecatombe. Já em “Biofobia”, um músico com carreira em franca decadência é obrigado a deslocar-se a uma casa em meio à floresta, com vistas a distribuir o espólio de sua mãe suicida; neste romance, é a natureza que encarna o Outro da personagem, que devaneia cenas canibais na casa tomada, pouco a pouco, por galhos e plantas, que também o invadem, de modo metonímico. Um escritor e um músico são construídos como sujeitos privilegiados nas duas narrativas; sobreviventes, cada qual a seu modo, ambos são obrigados a lidar com esse desajuste social a partir de situações-limite que se configuram como uma abertura para o nada, para retomar a proposição de Heidegger, e que, no limite da linguagem, delineiam o seu ser-aí (dasein).

Palavras-chave: Literatura Comparada, Pit Agarmen, Santiago Nazarian, Alteridade

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

A narrativa ficcional e a tematização da ditadura (1964-2014)

HELENA BONITO COUTO PEREIRA (U.P. MACKENZIE)

Resumo: Meio século depois, o período ditatorial ainda paira, nebuloso, sobre a sociedade brasileira. Em paralelo a numerosas iniciativas para o estabelecimento de alguma justiça (o que a anistia, do modo como foi outorgada, não alcançou) e para a recuperação da verdade, não absoluta, mas concreta, na busca nem sempre bem sucedida pelas vítimas da violência e do arbítrio, a literatura desempenha seu papel. O período suscitou e continua a suscitar numerosas narrativas que expressam a perplexidade pelo que ocorreu e o luto que não pôde ser vivenciado nem concluído. Apesar das circunstâncias adversas, como a censura e a proibição de circulação para as obras que desagradavam aos “poderosos de plantão” durante a ditadura, romances e contos vieram a público mesmo antes da abertura, caso de Zero (Brandão, 1975), A festa (Ângelo, 1976), Em câmara lenta (Tapajós, 1977), O que é isso, companheiro? (Gabeira, 1978), A rebelião dos mortos (Emediato, 1978). Curiosamente outras obras foram publicadas sem nenhum problema com a censura, em especial as produzidas por escritores de renome: As meninas (Telles, 1973) ou Incidente em Antares (Veríssimo, 1971). Após a abertura, o período ditatorial permeou numerosos romances e contos, seja como componente do núcleo dramático central, como em K. Relato de uma busca (Kucinski, 2011), seja como tema paralelo, porém de grande impacto na narrativa, como em Benjamim (Buarque, 2005). As personagens ficcionais inspiradas em pessoas do mundo real mesclam-se a personagens fictícias marcadas por um realismo que lhes confere verossimilhança e autenticidade. Em raros casos, personagens criadas sob o viés da alegoria e da sátira traduzem verdades que não podiam ser expostas em toda a sua crueza, como em Incidente em Antares, ou

em *A rebelião dos mortos* (Emediato, 1978). Espaços amplos mostram as cidades, então em processo de crescimento e desumanização; espaços exíguos mostram os períodos de confinamento, nos “aparelhos” ou no subsolo de delegacias e presídios. Se alguns narradores optam por primeira ou em terceira pessoa, outros problematizam o real por meio da alternância de múltiplas vozes. O poder da literatura para despertar sentimentos, reações e paixões atravessa e impregna, uma a uma, cada qual a seu modo, todas essas (e outras tantas) narrativas. A complexidade da temática extrapola os limites deste trabalho, de forma que, muito longe de tentar esboçar um painel exaustivo, a presente reflexão visa trazer à discussão sobre a literatura brasileira de hoje um dos mais expressivos componentes de suas origens. Tais obras, na heterogeneidade de seus estilos e de suas circunstâncias, permitem delinear um quadro que faculta à literatura aportar significativa contribuição para uma interpretação da nossa sociedade e do nosso tempo.

Palavras-chave: narrativa ficcional, ditadura, personagem, narrador

A identidade pós-moderna de *A era do rádio e Saudades do Brasil*

FABRIZZI MATOS ROCHA (U.P. MACKENZIE)

Resumo: *A Era do Rádio – saudades do Brasil* foi escrita por Anamaria Nunes, em 1997, e sua estréia aconteceu em 1998 sob direção da própria autora. Essa peça revive a era de ouro da Rádio no Brasil, trata-se de um texto elaborado a partir de frases e fatos ocorridos durante as décadas de 40 e 50, retomados por meio de numerosas citações. Época em que a televisão ainda era um aparelho caro e de alcance técnico bastante limitado, ingressava em poucos lares brasileiros apenas nas grandes cidades, enquanto o rádio era o mais popular e imediato veículo de comunicação, capaz de chegar até em pequenos vilarejos no país. Este trabalho pretende investigar duas características pós-modernas presentes no texto, como: por um lado, a presença da Ironia, assim como e, por outro, o diálogo estabelecido pelo texto teatral com a história da Rádio. Por se tratar de uma peça musical, há também a existência

de personagens, de músicas e de fatos que marcaram as duas décadas. No texto escrito, a história é contada por meio de uma linguagem bem humorada e característica da comédia desde os tempos mais remotos, permanecendo inclusive na era pós-moderna. A fundamentação teórica desta pesquisa baseia-se nos estudos feitos por Linda Hutcheon em *Poética do Pós-modernismo* (1988), *Uma Teoria da Paródia* (1989) e *Teoria e Política da Ironia* (2000). Para a intertextualidade presente na obra de Nunes, utilizamos os estudos de Júlia Kristeva em sua obra *Introdução à Semanálise* (1974).

Palavras-chave: Intertextualidade, Ironia, Paródia, Pós-modernismo

Jogos metaficcionais: um estudo da ficção de Carola Saavedra

JOSYE GONÇALVES FERREIRA (UFU)

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar um resumo do projeto de pesquisa intitulado “Jogos metaficcionais: um estudo da ficção de Carola Saavedra” e pretende investigar como se dá o processo narrativo na ficção saavedriana, apontando as principais técnicas utilizadas pela autora, destacando entre elas a metaficção. Nascida no Chile, mas criada no Brasil, Carola Saavedra escreve em português e vem despontando como uma das principais vozes da literatura brasileira contemporânea. Uma das características mais marcantes da ficção de Saavedra é o uso de uma técnica narrativa que rompe com a romanesca tradicional e desconstrói os modelos narrativos pré-estabelecidos. A fragmentação estrutural e a descontinuidade suspendem a narrativa, obrigando o leitor a construir o sentido do texto por si mesmo, transformando-o em co-autor. Estudar o processo de elaboração ficcional de Carola Saavedra implica, portanto, também refletir sobre o “fazer literário” na contemporaneidade, ou, parafraseando a própria autora, implica pensar sobre a função do narrador, os papéis do autor e do leitor e as formas escolhidas pelo escritor para contar uma história na narrativa contemporânea. Os dois últimos romances de Carola Saavedra trazem, em sua essência, a inquietude acerca do fazer literário e do processo de criação artística. Tanto em “Paisagem com dromedário” (2010)

como em “O inventário das coisas ausentes” (2014), o desenvolvimento pessoal das personagens ocorre junto ao processo de elaboração ficcional. Ao mesmo tempo, a elaboração do relato narrativo parece corresponder ao desenvolvimento da própria obra de arte. Ou seja, são narrativas que, além de contar histórias, também problematizam o que é “fazer ficção”. Nesse sentido, essas narrativas nos propõem uma atividade auto-reflexiva na medida em que problematizam a linguagem literária enquanto criação artística. Seja por meio do romance-instalação proposto em “Paisagem com Dromedário” ou do romance metarreflexivo em “O inventario das coisas ausentes”, Saavedra apresenta uma literatura voltada para si mesma, que se autocritica e desnuda os próprios procedimentos da composição ficcional.

Palavras-chave: Literatura contemporânea, narrativa, metaficção

Traços de uma poética do pós-modernismo em A céu aberto, de João Gilberto Noll

LAILA RAYSSA DE OLIVEIRA COSTA (UFC)

Resumo: Sabemos que a Literatura Brasileira Contemporânea contempla uma vasta produção com estilos bastante diferenciados. João Gilberto Noll, escritor da obra que será abordada nesse estudo, integra o grupo de escritores das últimas décadas com grande reconhecimento. O porto alegreense publicou o seu primeiro livro, O cego e a dançarina, com o qual fora aclamado pela crítica e recebeu o Prêmio Jabuti, em 1980, aos 34 anos. As suas obras são constantemente caracterizadas com adjetivações do tipo “errante”, “líquida” e/ou “esvaziada” o que diz muito de um texto que não se pretende unidade, mas gera multiplicidades. Seus personagens refletem a fragmentação de uma vida marginalizada – seus nomes, suas histórias e suas crenças não importam para a narrativa – e cheia de dificuldades. Seus percursos são entrecortados por reflexões sobre cenas de um cotidiano banal. Essas características anteriormente mencionadas são encontradas em boa parte de seus livros. Com uma obra vasta, Noll é visto na Literatura Brasileira Contemporânea – referente a uma produção que

surge a partir da década de 70 – por Karl Erik Schollhammer, professor e pesquisador, como o escritor que melhor representa o espírito pós-moderno desenvolvido no Brasil, devido à obra de Noll se desenrolar em uma aparente perda de sentido e de referência e também nos trazer sujeitos com uma “individualidade desprovida de conteúdo psicológico, sem profundidade e sem projeto.” (2009, p.31). Dessa forma, ao percebermos que A céu aberto (2008) é uma dessas obras de Noll que conversa com as categorias anteriormente expostas, pretendemos possibilitar esse diálogo entre literatura e teoria. A errância, a liquidez, o esvaziamento são características de um estilo dito pós-moderno. No livro, encontramos um narrador que sai, junto ao irmão, em busca de um pai que se encontra numa guerra. O deslocamento do narrador é descontínuo; o percurso, indeterminado. Estes aspectos nos fazem refletir sobre como a ideia de poética de pós-modernismo proposta por Linda Hutcheon (1988) pode ser observada no livro A céu aberto. Logo, o diálogo pretendido apresentará algumas das ideias que Hutcheon mostra que perpassam a pós-modernidade, como descontinuidade, deslocamento e indeterminação, bem como estabelecer como essas ideias, que estão relacionadas a um momento histórico, são refletidas na obra do escritor brasileiro. Primeiramente apresentaremos um breve resumo de A céu aberto mencionando em que contexto ele fora produzido; em seguida falaremos sobre o que é a pós-modernidade de forma geral, a partir de Lyotard, por exemplo, mas também mais especificamente os pontos que Linda Hutcheon considera norteadores para, por fim, podermos mostrar como a literatura de Noll e a teoria se relacionam.

Palavras-chave: pós-modernismo, descontinuidade, indeterminação

A dúvida como recurso narrativo contemporâneo: leituras de Laub e Lísias

GABRIEL CARRARA VIEIRA (UFMG)

Resumo: Recentes obras da teoria literária buscam dar forma ao que se entende por uma marca do Contemporâneo no texto literário.

Nesse esteio, destacam-se as recentes obras “Ficção brasileira contemporânea”, de Karl Erik Schøllhammer, “Mutações da literatura no século XXI”, de Leyla Perrone-Moisés, e “Armadilha para Ana Cristina e outros textos sobre poesia contemporânea”, de Sérgio Alcides. Há uma recorrência de autores que tratam o panorama da literatura hoje sob a égide de rupturas com ordens pregressas. Essa afirmação é muito bem aceita quando se seleciona no corpus da pesquisa obras como “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato, “Opisanie Swiata”, de Verônica Stigger, ou “O céu dos suicidas”, de Ricardo Lísias. Ampliando-se o escopo, contudo, a linha que discrimina as obras passa a ondular. Coabitariam em mesmo espaço “Meia-noite e vinte”, de Daniel Galera, “Como se estivéssemos em palimpsesto de putas”, de Elvira Vigna, ou “Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios”, de Marçal Aquino? Metodologicamente, há um problema na criação de homogenias literárias, baseado em duas questões fundamentais: a primeira delas, e talvez a mais marcante, é a aceitação de que o conceito Contemporâneo é contíguo ao que, precariamente, entendemos pela época presente que nos é contemporânea. Desse modo, tenta-se abarcar toda a literatura em um conceito que é por si só desvinculante - para um dos principais pensadores da experiência contemporânea, Giorgio Agamben, ela é uma “singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias”, provocando uma dissociação e um anacronismo. Um segundo problema é a vinculação de teorias sociológicas ou filosóficas às obras, formuladas por um raciocínio que se encerra no par “existe no real, existe na obra”. Assim, o trabalho da crítica literária se resume a estabelecer correspondências quantitativas entre essas tendências e os elementos textuais. A plêiade de pensadores escolhidos atuaria, portanto, como uma contra-assinatura na leitura das obras, determinando a escolha do corpus. É preciso pensar o Contemporâneo não a partir de correspondências teoria-texto, mas sim como métodos de escrita. Isso permite pensar em termos de linhagens literárias distintas dentro de um

mesmo conceito de Contemporâneo, operando a partir de um amplo repertório disponível aos autores, proposta semelhante à de Borges em “Kafka e seus precursores”. Do contrário, o real, representado na crítica pela ampla gama de pensadores que leem nosso momento atual, é um imperativo à literatura, fazendo com que todo o processo de criação seja apenas uma consequência esperada. A proposta desta comunicação é realizar uma leitura da dívida como um recurso formador de linhagens na literatura contemporânea. Para tal, buscar-se-á um diálogo com as obras de Michel Laub e Ricardo Lísias, principalmente “Diário da queda” e “O céu dos suicidas”. No primeiro, o narrador busca expurgar suas dívidas morais; no segundo, é o sentimento de responsabilidade pelo suicídio de um amigo que ganha destaque. Com essa aproximação, objetiva-se apontar alguns dos caminhos trilhados pela Literatura Contemporânea na criação de repertórios, e não como consequências naturais de nossa época.

Palavras-chave: literatura contemporânea, linhagem literária, dívida, romance

29

FÍSICA E METAFÍSICA DAS ARTES VERBAIS E GESTUAIS: PESQUISAS PARA UMA REDEFINIÇÃO DO LITERÁRIO

Luciana Maria di Leone (UFRJ)

Alexandre Nodari (UFPR)

João Camillo Barros de Oliveira Penna (UFRJ)

Resumo: “Trata-se de criar uma metafísica da palavra, do gesto, da expressão, de modo a arrancá-los de sua estagnação psicológica e humana” (A. Artaud) Seria possível e revelante falar de uma virada ontológica nos estudos literários? Admiramos o roteiro das viradas (linguística, afetiva...), que parece acompanhar a sequência de modas no circuito da pesquisa acadêmica internacional. Assiste-se à virada ontológica na filosofia contemporânea, na filosofia política, na antropologia, na crítica de arte, na crítica musical. A crítica literária, por vocação mais tradicionalista, tem se mostrado quase impermeável, ou no melhor dos casos, tímida, ao articular o que estamos denominando de virada ontológica. Este Simpósio sustenta uma hipótese contrária: não se trata de uma “moda”, mas da oportunidade de debruçar-se sobre os “modos de existência” (a expressão é de Souriau) da literatura e da experiência literária: não uma simples virada, e sim uma viração. Grosso modo, a problemática ontológica na literatura poderia se desdobrar em uma ontologia dos objetos literários, que investiga os modos de existência da literatura enquanto “particular concreto” (segundo a terminologia aristotélica), ou singularidade, que se multiplica em tantas possibilidades de produção, circulação, publicação, reprodução, gravação, digitalização, enunciação, performance, recepção das obras, no momento em que elas perdem a sua textura substancial (essas ontologias do objeto estão em geral ligadas à pesquisa de Goodman: Genette, Pouivet). E em

uma ontologia da experiência literária, em suas múltiplas vertentes, envolvendo diferentes elos da cadeia de significantes mobilizados pelo acontecimento literário, e pela literatura como acontecimento: identificação, obliquação, corpo, transformação, sonho, diferimento, tradução, multiposicionalidade. Tal deslocamento da sempiterna problemática do sujeito e seu arsenal característico (representação, cultura, linguagem, mediação, negatividade...) permite refletir sobre que tipos de acontecimento a experiência literária produz ao fazer movimentar corpos e que modos e metamorfoses da subjetividade esse movimento introduz. Nesse sentido, a politicidade da experiência literária (e de tais movimentos e transformações), assim como a relação entre termos tradicionalmente excludentes, ontologia e práxis, tornam-se questões centrais da reflexão literária. Para dizê-lo de outro modo: o que se abre é a possibilidade de tomar a relação entre literatura e vida não como dada, mas como a questão – por excelência – que os modos da experiência literária exploram e experimentam: cada um, a seu modo, recoloca a questão sobre o que é a vida, o que é e pode um corpo, o que é a linguagem, o que é a subjetividade, o que é um humano (e como – e se – todos se articulam numa cadeia de sentido). Assim, é possível pensar que os dispositivos e procedimentos poéticos, literários, teóricos e críticos disputados ao longo da história não foram meras contraposições e disputas formais, mas principalmente questionamentos e reformulações do horizonte antropológico da literatura e da poesia, seu modo de existir e se relacionar com o mundo. Foi talvez nesse sentido que Juan José Saer tenha definido a literatura como uma “antropologia especulativa”: “É uma antropologia porque toda literatura de ficção propõe uma visão do homem. E especulativa, porque não é uma antropologia afirmativa. É uma especulação em torno das possíveis maneiras de ser do homem, do mundo, da sociedade. Mas também especulativa pela noção de espelho que está implícita. Não segundo Stendhal, que sugere que o romance é um espelho que o narrador passeia para refletir os acontecimentos,

mas no sentido dos espelhos deformantes”. Um espelho que não nos devolve a nossa própria imagem, que nos faz estranhá-la, colocá-la em questão: essa definição da literatura, tão semelhante a formulações de Pierre Clastres e Patrice Maniglier a respeito da antropologia, parece demandar, assim, ao pensamento sobre a literatura, o esforço de espelhar esse espelhamento e especular novas metafísicas da literatura, a partir de aproximações e confrontos com distintas artes verbais e experimentos da linguagem e dos gestos. Sem ignorar o pensamento filosófico e político das últimas décadas, pelo contrário, propomos pensar uma ontologia do objeto literário e da experiência literária que não seja uma ontologia do fechamento, da detenção, da autoafirmação, mas da abertura, da “desobra”, do contato, do questionamento, uma ontologia variável (Zular, Provase) ou instável (Dimock). Convidamos, para isso, pesquisadores das diversas áreas dos estudos literários, mas também de outras disciplinas, a refletir sobre os diversos modos de existência da literatura, seja interrogando e contrapondo textos literários, performances, traduções, oralizações, seja interrogando a própria questão teórica da ontologia do literário, e as suas dimensões antropológica, psicanalítica, filosófica, política, histórica.

Palavras-chave: Metafísica, Experiência literária, Virada ontológica, Performance

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

A casa que vaza: economia, corpo e linguagem

LUCIANA MARÍA DI LEONE (UFRJ)

Resumo: Se uma das dicotomias que definiram o pensamento ocidental é a que separa ontologia e práxis, no momento em que um desses elementos – a ontologia – parece estar em foco do interesse filosófico e teórico, passando por uma releitura ou por uma reformulação forte,

haveria que se perguntar em que medida a própria dicotomia é afetada. Em outras palavras, com a proposta de uma reflexão em torno de uma ontologia da literatura como uma ontologia variável, aberta ou desobrada, é inevitável a aparição de um questionamento pela sua relação com a prática. Sustenta-se ainda uma dicotomia? Ontologia e prática continuariam sendo duas ideias distintas, porém porosas? Ou a ideia de uma ontologia instável anula a ideia de prática? E, na contramão, pensar a literatura e a cultura em termos de uma pura performance anularia a reflexão sobre uma ontologia? A antropologia tem se deparado com discussões semelhantes, e experimentos antropológicos, tais como a praxiografia de Annemarie Mol, indicam sentidos em que as ontologias informam e são informadas pelos nossos corpos - como elas “são trazidas à existência, sustentadas, ou permitidas definir em práticas sociomateriais comuns, cotidianas”. A proposta, aqui, é de adentrar o cotidiano, na aposta de que a reflexão sobre a economia doméstica, com suas formas de fazer corpo, espaço, tempo, linguagem, parentesco, permitirá interrogar o impasse ontologia/práxis. Isto é, a proposta não é abordar a dicotomia por via de um questionamento abstrato dos conceitos, mas sim por meio do conhecimento ‘encorporado’ das formas de elaborar o doméstico — um conhecimento, em larga medida, feminino. Nos debruçaremos sobre casos antropológicos (indígenas, quilombolas) e casos poéticos (Hector Viel Temperley, Leyla Danziger, Marina Yuszczuk), nos quais linguagem, corpo e organização do espaço (da casa, do poema), na sua abertura e no seu fechamento, se tornam centrais.

Palavras-chave: casa, corpo, antropologia, poesia

O salto na experiência literária

LIA DUARTE MOTA (PUC-Rio)

Resumo: Todos os corpos se preparam para o salto. O gesto de saltar é deslocamento. Há a saída do chão, uma conquista da altura e o retorno. O salto pode ser apenas na vertical, pode ser na vertical e horizontal. No

salto está implicado a queda. O salto libera todo o corpo no ar. Pode-se girar, contorcer o corpo, movimentar braços, pernas, cabeça e tronco antes de chegar ao chão. Desenhos no ar. Formas breves. O gesto de saltar é inventivo, permite ao homem dar novas funções às partes do corpo, temporariamente. A densidade do ar interfere no salto. No salto, o homem ocupou o espaço aéreo. Em “O salto no vazio” (1960), Yves Klien se joga para o risco, braços abertos, cabeça levantada. Ele não mergulha para o chão, mas o chão está lá. É possível percebê-lo com toda a parte anterior do corpo. Todo o corpo vê, ainda que seus olhos estejam direcionados para o céu. Com o salto, Klien une o cotidiano ao extraordinário, vida e arte. Questiona a corrida espacial americana e a criação artística. Yves Klien salta a arte representativa em direção à arte de performance. O gesto de saltar nos aproxima dos animais. O homem pode imitar os saltos de diferentes animais. Não conseguirá a mesma desenvoltura que eles. Animais que utilizam o salto como meio mais comum de deslocamento possuem a estrutura corpórea adaptada para fazê-lo. Fazem do salto o uso proficiente de seu esforço. Saltos são gestos da vida cotidiana. São usados para atravessar espaços que não podem ser pisados, para elevar-se, para avançar num percurso. São executados nos treinamentos físicos para aquecer e fortalecer a musculatura, para queimar a gordura corporal. Nas danças, os saltos ganham formas no ar. Corpos se direcionam para cima ou projetam-se em mais de uma direção. É a organização do corpo para cima que dá a leveza aparente ao dançarino. No balé clássico, os saltos se opunham à postura sentada dos burgueses, eram considerados voos. Na dança moderna, os saltos tornaram-se mais explosivos, porque partiam de preparos corporais muito diferentes, porque não queriam representar a delicadeza nem as formas geométricas harmoniosas. Merce Cunningham dizia que um salto na dança é só um salto na dança. Ele intentava retirar a dança do lugar de criação de sentido, queria que a dança não fosse considerada uma narrativa linear. Um movimento deve ser visto como um movimento. Há nele a potencialidade necessária para ser por conta própria. O gesto de saltar tira-nos do lugar, muda a

perspectiva. Quando saltamos, alteramos o campo de visão. E não são os olhos que buscam, é o corpo. O gesto de saltar concede outro olhar. O salto pertence à escrita literária. Não apenas as mãos saltam entre palavras e páginas, dedos saltam nas teclas. Há narrativas que quebram a noção de tempo linear e cronológico e de espaço, um intervalo delimitado, e, assim, criam novas experiências literárias. Este trabalho se propõe a pensar o gesto de saltar na literatura.

Palavras-chave: salto, corpo, literatura, performance

Cinelândia, Canindé, Engenho de Dentro, Copacabana: 4 regimes de nudez.

MARIANA PATRÍCIO FERNANDES (UFRJ)

Resumo: Em 1990, ano em que publica *Une pensée finie* (Editora Gallimard), Jean-Luc Nancy reconhece que a noção de Sublime, havia se transformado em uma moda para o pensamento e para a arte no final do século XX. O autor observava, contudo, o fato de que essa tendência apontava para o desejo - por parte de filósofos e artistas - de repensar o próprio estatuto da arte e do pensamento diante de uma experiência que descreveria, três anos depois, em *Le sens du monde* (1993): a de perda do mundo do sentido. Perda do mundo do sentido, que no entanto não retira a constatação de que ainda estamos aí, compartilhando de um espaço comum “infinitamente fino, que não é senão o limite que separa e mistura ao mesmo tempo a insignificância atingida através da pulverização das significações e a não significância ou a arqui-significância que encontra a exigência de estar no mundo” (Nancy, 1993, p.20) O presente trabalho pretende pensar como algumas experiências performáticas e literárias contemporâneas percorreram modos instáveis de equilíbrio nesse limite tênue entre a derrocada da possibilidade de significar e a exigência de estar no mundo, enfrentando tensionamentos que pressionam cada vez mais a relação entre arte e política. Tendo como ponto de partida a premissa de Nancy de que o destino moderno da arte não é a representação da verdade, mas a apresentação da liberdade (Nancy, 1990, p.149) a principal questão

que se coloca aqui é como pensar contemporaneamente a noção de liberdade? De modo a escapar da captura dos preceitos neoliberais que inspiraram modelos econômicos e modos de vida (Rolnik, 2016). O poder teria se apropriado da ideia de liberdade, transformando-a na sua equivalência? As primeiras décadas do presente século vêm sendo marcadas pela arbitrariedade do capitalismo financeiro, cujo poder de exploração sobre os corpos a cada dia se apresenta em sua nudez decodificada. Como aponta Brian Massumi, antes de se apropriar do movimento, o capital se apropria da própria possibilidade de que haja movimento, se apropria “da fonte da qual ele emerge como um poço artesiano que alimenta as muitas correntes da vida” (Massumi, 2016). O trabalho pretende por em diálogo os corpos que habitaram os limites da escrita, nos diários de Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Cançado, com os corpos ficcionais do romance *Anatomia do Paraíso* de Beatriz Bracher (2015) e os corpos ativistas que têm ocupado as ruas da cidade desde 2013, sobretudo corpos de mulheres. Parte com isso da premissa que esses corpos que contemporaneamente se apresentam em seu limite, têm em comum o fato de estarem despossuídos da terra onde vivem, continuando contudo a se relacionar com ela. Trata-se de uma aposta, portanto, na possibilidade de entrever outros modos de experimentar a relação entre arte e política, que nos permitam reformular as capturas das noções de liberdade e poder. Corpos que se expõem na linha tênue entre não poder existir e continuar existindo.

Palavras-chave: Corpo, Política, Nudez, Contemporaneidade

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Considerações em torno do problema da multimodalidade

PEDRO DE NIEMEYER CESARINO (USP)

Resumo: A apresentação tratará de oferecer elementos para a compreensão do que venho tratando por “multimodalidade”, isto

é, as relações complexas - simultaneamente conceituais, poéticas e pragmáticas - entre os modos de composição das chamadas artes verbais, via operações de engate e de engaste. Pretende-se assim renovar a compreensão das teorias formulares, da noção de metáfora, das estratégias de nominação e das divisões entre gêneros, através das quais as artes verbais foram tradicionalmente estudadas. Um dos objetivos mais gerais de tal proposta está em redefinir o problema da significação em poéticas tais como as xamanísticas, para as quais o cruzamento entre distintos modos de expressão verbal implica em uma flutuação constitutiva do referente, sempre potencialmente aberto às configurações posicionais que determinam as tarefas do pensamento e da manipulação ritual.

Palavras-chave: Multimodalidade, Xamanismo, Fórmula, Metáfora

Experimentalismos performáticos: agir, ação e ato

OTÁVIO GUIMARÃES TAVARES (UFPA)

Resumo: Nosso confronto com o artístico é, em grande parte, regido por dois paradigmas: o estético, como afecção subjetiva ou apreensão sensório-perceptiva; e o semântico, em que ser arte é carregar e comunicar um conteúdo semântico dizível, geralmente indicado na concepção de que a obra deve ter um sentido. Dentro destes padrões, a obra de arte é valorizada a partir destes eixos centrais que podem variar enormemente – causa mais ou menos prazer, tem um sentido mais ou menos complexo, tem um sentido mais ou menos hermético. Entretanto, esse padrão de valoração é apenas a camada superficial de dois sistemas, no sentido amplo, que se pretendem meios de pensar e compreender os fenômenos artísticos. São, em outras palavras, sistemas ontológicos que pretendem indicar o modo de ser da obra de arte, i.e., o que é arte ou o que conta como arte. Apesar da eficiência conveniente de empregar os dois paradigmas alternadamente, eles tendem a “falhar” ou ser elididos perante certos tipos de obras. Roman Ingarden formulou uma breve crítica aos dois modelos, no prefácio da primeira edição alemã da sua *A obra de Arte Literária*, sob o argumento de que ambos seriam

incapazes de capturar a complexidade e heterogeneidade ontológica do artefato literário (apreendida na noção de estratificação da obra literária). Sua proposta, de concretização da obra de arte, pode então ser entendida como uma tese performática da obra de arte. Ademais, a partir de Nietzsche, na *Genealogia da Moral*, o conceito de arte como estética se encontra diversas vezes recusado por uma série de autores: por Heidegger, Gadamer e Agamben, que indicam tal conceito como metodologicamente preso a uma relação sujeito-objeto, que funda o ser-arte sobre o sujeito e a recepção deste. Além destes, há outros autores que, por um viés ontológico conceitual, como Ingarden, Wittgenstein, Margolis, Danto, Dickie, Mcfee, e Carroll, afirmaram a necessidade de uma distinção entre os domínios do artístico e do estético, e um direcionamento contextual e relacional como condição necessária para compreensão do ser-arte. Ao mesmo tempo, é possível tecer a recusa a um conceito semântico de arte a partir das noções linguísticas de atos de fala elaborados por Austin e Searle, que deslocam a noção de linguagem pautada em uma lógica proposicional para uma em que a linguagem passa a ser o propulsor de ação. Somos então defrontados com noções de contexto relacional e ato performático como base para pensar o artístico. Assim, a partir de um corpus localizado entre os experimentalismos poéticos no limite do literário – Concretismo, Po-Ex – e arte conceitual – Kosuth, LeWitt, Weiner –, torna-se possível propor uma terceira via que localiza o ser arte sobre os conceitos de ação e artefato e o distancia dos conceitos de sentir e dizer, intercalando portanto a performatividade com a artefactualidade, seja ela, ao modo de Thomasson, material ou abstrata regida por uma corporeidade acional (Merleau-Ponty) como a base ontológica do ser arte.

Palavras-chave: Performance, Artefato, Ontologia, Conceito

A peste oculta: O quarto, Club Noir

ANDRÉ BARBUGIANI GOLDFEDER (USP)

Resumo: A comunicação partirá de um comentário à peça teatral *O quarto* (2009), adaptação do texto de estreia de Harold Pinter pela

companhia paulista de teatro Club Noir. No centro da radical montagem realizada pela companhia brasileira, está a recusa de um pacto mimético tradicional em prol de algo da ordem da mimese produtiva, realizada cenicamente a partir de três elementos: uma concepção da fala enquanto zona de perturbação da relação entre o dizer e sua materialidade, a suspensão da plena visibilidade intrínseca ao espetáculo teatral, por meio da manipulação de baixíssimos registros de iluminação e uma desconfiguração da articulação corporal-lingueira do ator tradicional. Resulta daí a potencialização de uma atualização possível da peça, a saber, a dramatização de um narcisismo em crise, cuja peculiar prática de linguagem corresponde à partilha de um campo de opacidade indecível, realizada nos termos de uma disputa pela definição do estatuto ontológico da realidade. Ampliando o alcance prospectivo da encenação, o corpo do ator é cindido em múltiplas enunciações, desfazendo-se a unidade especular do sujeito, enquanto o espaço cênico é convertido em zona de atravessamento entre limiares de interioridade e exterioridade e campos de subjetivação. Do eixo da cena ao eixo da recepção, abre-se um espaçamento produtivo entre os registros da voz e do olhar e da linguagem e do corpo, pleno de reverberações com a problemática da voz no âmbito da experiência literária. O cerne do programa da companhia inscreve-se em uma linhagem contemporânea bem representada por outra poética limiar entre o literário e o teatral, a de Valère Novarina, também lançada a uma aposta no poder performativo da linguagem enquanto campo de desenho de novas formas de vida e modos de subjetivação. Nossa ênfase, nesse sentido, recairá sobre a co-dependência entre uma desoperação da arquitetura vocálica-visual da figura humana e a abertura de novas posições de escuta, enquanto pacto de agenciamento múltiplo por cada espectador, que, no caso do Club Noir, compreende um borramento do rosto enquanto esteio visual para o reconhecimento. Diante do horizonte cínico que marca o panorama atual da enunciação, trata-se sobretudo de propor uma reflexão acerca da voz enquanto

entrelugar operador de incompletude ontológica, esta refletida entre a fonte da enunciação e a produção de campos de ressonância e dissenso. Enquanto o solo enunciativo contemporâneo tende a suturar a perda do lastro discursivo (Provase) e a suprimir uma política possível da experiência do comum como luto antropofágico (Zular), essa resistência da voz a sua conversão em imagem estável aparece na contramão de um fechamento ontológico do real. Finalmente, a partir de sua atuação na esfera do espaço, do olhar e dos corpos, essa problemática da voz, cujos ecos poderiam ser apontados a partir de experiências literárias como as de Clarice Lispector, será remetida, em um último comentário, ao problema da indeterminação da relação entre linguagem e coisas que identificamos em trabalhos recentes do artista visual e escritor Nuno Ramos.

Palavras-chave: Voz, Literatura e artes visuais, Dissenso

Dennis Tedlock e a voz tipográfica na tradução de narrativas indígenas

JAMILLE PINHEIRO DIAS (USP)

Resumo: O objetivo desta comunicação é tratar da experiência de tradução poética do norte-americano Dennis Tedlock (1939-2016), sobretudo no livro “Finding the center: Narrative poetry of the Zuni Indians” (1972), como estudo de caso que exemplifica a incorporação no texto da expressividade da paralinguagem do discurso - a voz, a entonação, os gestos, as expressões faciais - possibilitando pensar, assim, limites e possibilidades da investigação poético-linguístico-antropológica na elaboração de métodos de transcrição, tradução e interpretação das artes verbais indígenas. Tedlock trabalha com a segmentação das narrativas em verso partindo principalmente de uma consideração das pausas, amplamente trabalhadas no silêncio tipográfico do branco da página, e das características acústicas das performances dos narradores indígenas gravados por ele. O antropólogo procurou ainda sinalizar a importância desses fatores em seu projeto de tradução por meio de recursos como o emprego de caixa alta,

itálico e negrito, a utilização da pontuação, o aumento ou redução da fontes e a inclusão de notas de fim com informações sobre o contexto da enunciação. Veremos, assim, como o conjunto de procedimentos tradutórios de Tedlock busca instaurar o movimento da fala na escrita, assim como um contínuo entre voz e tradução – uma qualidade rítmica ao mesmo tempo oral e visual –, bem como a injeção de uma cadência respiratória na leitura, sugerindo a apropriação da letra pelo corpo. Palavras-chave: tradução, performance, voz, indígena

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

O romance aural e a cosmopolítica da escuta

MARILIA LIBRANDI ROCHA (STANFORD UNIVERSITY)

Resumo: O que significa pensar o romance como um espaço de escuta e o ouvido como boca que escreve? Nessa fala, reflito sobre a auralidade e a cosmopolítica da escuta inter-espécies e intra-infra-mundos. Exemplos a partir de Mia Couto, Toni Morrison, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Juan Rulfo.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Juan Rulfo, Guimarães Rosa, Toni Morrison

O grau zero da ficção e seus perigos: desmolduramento enunciativo em Delírio de damasco

CLARISSA LOYOLA COMIN (UFPR)

Resumo: Delírio de damasco, de Veronica Stigger, instiga e desconcerta. É uma suposta transcrição de frases ouvidas pela autora, divididas em cinco sessões, versando sobre a “tríade sangue, sexo e grana” (STIGGER, 2012). Apesar de sua concisão, o volume nos impacta pela presença de algumas sentenças criminosas ou politicamente incorretas. Mas quem as fala? Se a experiência com a forma romance nos ensinou a reconhecer

um mundo circunscrito pela linguagem, em Delírio de damasco temos uma linguagem sem contorno, desmoldurada, pois desprovida dos referenciais de ancoragem básicos (narrador, enredo, personagens). Stigger nos leva ao grau zero da ficção ao desestabilizar o lugar de elocução e reativa a potência do perigo no literário. Em Essa estranha instituição chamada literatura, Derrida disserta sobre os pontos em que literatura e direito se esbarram e problematiza-os, pois: “[a] lei da literatura tende, em princípio, a desafiar ou suspender a lei” (DERRIDA, 2014, p. 49). A literatura permite, a princípio, dizer tudo, mas tal permissão precisa ser relativizada, – uma vez que conhecemos a autoria de discursos transgressivos, acusa-se e pune-se o autor de um crime (FOUCAULT, 1994) –, pois está ligada à ideia moderna de democracia, em que, paradoxalmente, a compensação pela servidão é a liberdade. Apesar de toda a tinta vertida nessa discussão, o entendimento da ficção e os paradigmas que pautam não se alteraram significativamente. Grosso modo, parte-se ainda do pressuposto de que as ideias impressas em uma brochura são de responsabilidade do nome impresso na capa. Em “Poetry as fiction” (1971) Barbara Smith estabelece que o ficcional de um texto literário reside em sua própria enunciação e não no enunciado, destacando assim a linguagem per se de seu assunto e contexto histórico. A assertiva é prenhe em desdobramentos. Um deles, objeto de interesse deste trabalho, é problematizar o abalo do lugar de enunciação literária em Delírio de Damasco; como se dá a passagem ruidosa do existente ao inexistente? Quais as consequências desse movimento junto ao contínuo ininterrupto entre real e imaginário?

Palavras-chave: literatura, perigo, desmolduramento

Ritmo e modulação em Schelling e no Platô do Refrão

VINICIUS PORTELLA CASTRO (UERJ)

Resumo: Este trabalho tentará expor e comparar criticamente o conceito de ritmo exposto na estética do filósofo alemão F.W.J. Schelling e no platô do refrão (ou ritornello) na obra Mil Platôs, de Deleuze &

Guattari. Na sua origem grega, mesmo, segundo Émile Benveniste num famoso ensaio, o termo *rhythmos* viria de *rhein*, fluir (como no <> de Heráclito, tudo flui). Antes de Platão e sua recepção transformá-lo principalmente numa figura de medida, ordem e repetição formal, os pré-socráticos teriam o ritmo, então, como uma maneira particular de fluir. Na obra dos dois filósofos franceses, é dito que: “Do caos nascem os meios e os ritmos. É matéria de cosmogonias muito antigas.” O refrão, ou *ritornello*, é um agenciamento territorial, descrito com exemplos do comportamento de pássaros em danças de acasalamento e demarcações de território. O ritmo, aqui, aparece como uma força do intervalo, interposta entre meios distintos, espaço-tempo de transição entre matérias expressivas, irrupção de diferença criadora (“Existe ritmo desde que haja passagem transcodificada de um meio a outro, comunicação de meios, coordenação de espaço-tempos heterogêneos.”) Deleuze & Guattari também afirmam, modificando um insight de Paul Valéry, que a diferença é que é rítmica (e não a repetição que, no entanto, a produz). Já na estética de Schelling o ritmo seria “a formação-em-um da identidade na diferença, compreendida de novo na própria música como unidade particular.” O foco de Schelling, como se vê, é na identidade que se dá na diferença, a unidade que resulta de uma multiplicidade. Para ele, também, como veremos, o ritmo seria a música dentro da música, já que mesmo os parâmetros musicais que não seriam propriamente rítmicos (como melodia e harmonia) podem ser descritos, no fundo, como diferentes oscilações de frequência. Compreendida na sua essência de modulação, então, o ritmo compreenderia toda a música. A exposição pretende culminar com uma compreensão de ritmo e de modulação que seja útil para uma estética materialista dos meios baseada em conceitos de Gregory Bateson e Gilbert Simondon. Se a noção de transdução é essencial para o conceito de ritmo e de refrão que Deleuze & Guattari estabelecem no *Mil Platôs*, a noção de modulação de Schelling também oferece analogias férteis com a noção de modulação na filosofia de Simondon. Para Simondon, todo ser

vivo é transdutor por excelência, modulando o seu meio em busca de equilíbrios metaestáveis. O objetivo aqui é cruzar todas essas linhas para oferecer uma trama conceitual que permita o desenvolvimento de uma ecologia imagética, ou figural, onde o ritmo pode servir como a figura elementar de toda uma estética materialista dos meios.

Palavras-chave: Ritmo, Schelling, Deleuze & Guattari, Simondon

O que se cala e o que se escuta: tradução entre genocídios

HUGO SIMÕES (UFPR)

Resumo: zu Erinern im Gedicht – Erinern als Abwesendheit, escreveu Paul Celan em 1959, num manuscrito de uma conferência nunca realizada, mas que serviria de base para alguns textos posteriores, “Sobre a obscuridade do poético” (Von der Dunkelheit des Dichterischen, fragmento 241.5): “para a lembrança no poema – lembrança como ausência”. A ausência constituinte da poética celaniana em tradução é o tema abordado por minha comunicação: como traduzir o que se cala. Errinern, lembrança, comemoração, o shibboleth incrustado na língua alemã pulverizada de Celan, o “sotaque” que exige a atenção pedida no Meridiano, como lembra Rosana Kohl Bines, a marca que não se apaga do dizer performado que é exigido da poesia (Barbara Smith). O obscuro do poético dramatizaria em Celan, segundo Mauricio Cardozo, “o enigma da existência” e “o enigma da coexistência”; ainda em outro fragmento de Von der Dunkelheit des Dichterischen (242.2) lemos que, para o poeta, o poema quer ser entendido e demanda compreensão. Escutar e atentar-se também ao silêncio construído pelas línguas forjadas nas ruínas. Nessa escuta, busco não apenas traços de um testemunho, mas a própria língua como testemunho, ao mesmo tempo em que é xibolete. Não é rara a inserção da poética celaniana como uma espécie de literatura de testemunho, o que procuro analisar e traduzir em minha pesquisa é a construção, por parte de Celan, da Shoá e de seus restos, de uma língua de testemunho, uma possível camada profunda da “lembrança como ausência”,

reminiscência e remanescência de um genocídio. Para a minha tradução ao português de poemas de Celan investigo a possibilidade de se fazer perceber as sombras do genocídio ameríndio dentro do português brasileiro, assim como as sombras da Shoá (lexicais, semânticas etc) se fazem perceber a quem se atenta ao poema que resta (dentro da ideia agambeniana de resto) e ao resto do poema. A partir de alguns fragmentos de poemas de Celan por mim traduzidos proponho uma discussão sobre o que chamo de tradução entre genocídios (judeu e ameríndio) e os problemas éticos dela decorrente. Levando-se em conta tanto o silêncio do poema, quanto o sotaque e o possível xibolete, tenho a intenção de analisar se os procedimentos adotados por Paul Celan permitem falar no que chamo de língua de testemunho – uma espécie de possibilidade de vida dentro da língua assassina – assim como procuro investigar um modo possível de se traduzir essa língua inerente à língua como uma comemoração do rastro de esquecimentos que não cessam de se originar – a não ser que se faça lembrar a ausência do que se cala.

Palavras-chave: Tradução, Poesia, Paul Celan, Genocídio

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

Variações ontológicas: o morro e a montanha nos recados de Guimarães Rosa e em A queda do céu de Davi Kopenawa e Bruce Albert

ROBERTO ZULAR (USP)

Resumo: Dando continuidade às discussões do simpósio “Performar a literatura” na última Abralic, em 2016, a presente comunicação visa apresentar um desdobramento de “No fluxo dos recados: ler a fala escrita em A queda do céu de Davi Kopenawa e Bruce Albert e O Recado do morro de Guimarães Rosa”. Trata-se, agora, de questionar

os pressupostos físicos e, sobretudo, metafísicos implicados na possibilidade de ouvir o que o morro e a montanha dizem. Se isso nos leva à famosa noção de mito como a narrativa de um tempo em que as coisas falavam, o gesto aqui se perfaz por um outro modo de prosopéia que ao invés de dar uma voz humana às coisas, coloca em questão a ontologia da voz e do humano, torcendo a linguagem para fazê-la tocar uma multiplicidade posições enunciativas e pontos de vista radicalmente heterogêneos. Dentro de uma perspectiva do ontological turn no linguistic turn trata-se de radicalizar a noção de signo via Suassure/Maniglier como “correlações regulares de variações heterogêneas” que atuam no mundo e com o mundo, o que coloca em questão saber que “mundo está em vigor quando se interage com o outro” como propõe Viveiros de Castro. Se ainda insistimos na palavra literatura quando confrontada com a reviravolta metafísica de um livro como A queda do céu é para tomá-la como espaço de variação ontológica não apenas pelo acionamento de vozes e contextos postos em relação, mas também pela variação mesma entre física e metafísica que atravessa sua heterogeneidade constitutiva, o que permite outros modos de habitá-la e a emergência de outros mundos.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, Davi Kopenawa, Ontologia, Equivocidade

Habitar o mundo-coisa: proposta para um novo conceito de representação

LIGIA GONÇALVES DINIZ (UNB)

Resumo: Nesta comunicação, proponho pensar em possibilidades de leitura de obras literária que não se restrinjam à tradição hermenêutica e abram espaço para uma vivência afetiva da literatura, isto é, para seus efeitos sensoriais, perceptuais e emocionais, a partir da configuração de um espaço híbrido na consciência, em um imaginário somático e cinético. Em As vidas dos animais, J. M. Coetzee, pela voz da personagem Elizabeth Costello, tenta delinear outro modo de

consciência, oposto ao cartesiano, que tenha como base “uma sensação gravemente afetiva – de ser um corpo com membros que têm extensão no espaço, de estar vivo no mundo”. Esse modo consciente está no coração da literatura. A respeito de “The jaguar”, de Ted Hughes, Costello faz notar que o animal-tema do poema caminha por sua jaula movido por uma outra forma de consciência: “A jaula não tem realidade para ele; ele está em outro lugar [...] porque sua consciência é cinética e não abstrata: o ímpeto de seus músculos o move”. “O poema”, diz ela, nos pede para que “habitemos aquele corpo”. Experimentar a consciência do jaguar seria, assim, experimentar uma consciência afetiva levada às últimas consequências. É esse também o tipo de imaginação que evoco – como terreno por definição do híbrido corpo-alma –, uma imaginação que habita e se deixa habitar sensorialmente, cineticamente. Se “o mundo rola embaixo do ímpeto” das patas do jaguar, como escreve Hughes, ele rola também sob os pés do leitor, com as possibilidades de sermos e nos vermos, levando nossa capacidade de performar, imaginariamente, o texto para um domínio não restrito por uma só forma de consciência, operada estritamente pela razão. Esse modo de encarar o literário é promissor para que se repense o próprio conceito de representação. E nem é preciso irmos tão longe: morcegos, jaguares. Problematizar os conceitos de representação e de literatura, a partir de um confronto com modos não “ocidentais” de encará-la, é, por exemplo, o objetivo de Marília Librandi-Rocha, no ensaio “Escutar a escrita: por uma teoria literária ameríndia”, ao propor repensar a literatura “ocidental” a partir de um pensamento indígena e, com isso, “estranhar nosso modo de pensar a literatura” e “sugerir a possibilidade de tornarmo-nos nativos da literatura e seus mundos”. Consciência cinética, representação ameríndia... Os dois conceitos alimentam a reflexão sobre a experiência consciente de leitura. É da tensão entre os estados de consciência, estados reflexivos, emotivos e sensoriais, alguns simplesmente instantaneidades somáticas, que surge a força da experiência da arte. Com isso, não defendo a primazia

de um ou de outro – afeto ou sentido –, mas a potência produzida por sua mútua resistência, resistência não rija, mas elástica. Penso que nos deslocarmos do espaço convencional no pensamento ocidental, em que a razão subjuga outras possibilidades conscientes, poderemos pensar um conceito de representação mais amplo e na literatura uma ampliação do mundo-coisa de que somos parte, que, ao mesmo tempo que estende nosso entendimento racional sobre o mundo, nos redime ao nos reconectar fugazmente, como corpos que também somos, a ele.

Palavras-chave: representação, imaginação, consciência, afeto

A juridicidade subversiva da literatura

YURI KULISKY (UFPR)

Resumo: Em uma conhecida entrevista de 1989 (Essa estranha instituição chamada literatura), Jacques Derrida estabelece o lugar institucional da literatura: ela seria aquela instituição que “permite dizer tudo, de acordo com todas as figuras”. A economia particular desta figura totalizante, o dizer-tudo (tout dire), deve ser, em princípio, acreditada. Se acreditada, a literatura põe em cheque a institucionalidade da instituição; se desacreditada, põe em cheque a ficcionalidade da ficção. É por habitar este lugar de uma topologia dúplice, aberrante e inconsistente que ela estabelece uma relação suspensa com o sentido e a referência, com a verdade, com a essência da linguagem e, principalmente, com a lei. A literatura tende a extrapolar (déborder) a instituição e, portanto, pôr a lei em suspenso: é o lugar em que o paradoxo de toda a linguagem se agudiza. Se toda linguagem aponta para um fora de si, este “fora de si” só se dá na forma de um não-aparecer. São estes traços que formam, ainda que de modo impreciso, o que Derrida chamou em outro texto de uma “juridicidade subversiva da literatura”. Esta expressão surge numa leitura de um pequeno conto de Kafka, “Diante da lei”. A subversividade suspende a lei no nível lógico, pois a generalidade é interdita, pois o que a literatura revela, de certo modo, é a singularidade do geral. A “lei” da palavra,

aquela lei que a institui como substituta de algo, é posta em suspenso na mesma medida em que a singularidade da palavra e da coisa se contradizem. Mas a lei também é suspensa no nível jurídico, pois a singularidade de sua aplicação faz com que sua validade geral seja posta em questão. São os meandros desta topologia aberrante, deste lugar de enunciação ao mesmo tempo inespecífico e subversivo, que gostaríamos de explorar.

Palavras-chave: literatura, teoria da enunciação, lei, desconstrução

Texturas Sonoras: O Recado do Morro

SÉRGIO BAIRON (USP)

Resumo: Experimentos de expansão da literatura através da performance sonora. Exemplos de criação de texturas sonoras a partir de uma imersão na escuta do sertão e nas fontes orais da literatura de Guimarães Rosa e no ritual de Coroação de Reis Negros. Um experimento didático-sonográfico.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, performance, Congada, texturas

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 5

A sujeira do sujeito

JOÃO CAMILLO PENNA (UFRJ)

Resumo: “Eu quero a coisa em si” (Clarice Lispector) « O urro de dor não pertence mais ao sujeito/homem, mas somente ao que nele agora é carne em sofrimento. O urro de dor não seria expressão do sujeito [...] » Trata-se de um trecho de Maria Rita Kehl sobre a tortura de presos políticos durante a ditadura militar brasileira. A psicanalista, ativista de direitos humanos, e integrante da Comissão Nacional da Verdade, cuja irretocável posição política neste quesito não pode ser posta em dúvida, no entanto, ao separar a dor do sujeito torturado do próprio sujeito, transformando-o em pura carne, não estaria abandonando mais

uma vez o torturado à sua própria sorte, nas mãos do torturador? A tetralogia *Homo sacer* de Giorgio Agamben, agora concluída, se dedica precisamente a pensar essa zona de inseparabilidade que faz com que seja impossível distinguir a carne animal do sujeito humano, a vida da forma-de-vida, ao postular que toda a carne é em si sujeito, carrega em si o que importa da subjetividade. Deleuze fala de « uma identidade de fundo », uma « zona de indiscernibilidade mais profunda do que qualquer identificação sentimental entre ser humano e animal », a propósito da pintura de Francis Bacon. « Piedade para com a carne ! Não há dúvida, a carne é o objeto mais alto da piedade de Bacon, seu único objeto de piedade, sua piedade de anglo-irlandês, » escreve ele. Parece-me que a proposição tem em Lévi-Strauss, e, segundo o próprio, Jean-Jacques Rousseau, seus precursores ilustres. Lembrando dos procedimentos de extermínio e massacre que certamente Rousseau não conhecera em seu tempo, embora nos alertasse para eles, mas nós sim, Lévi-Strauss localiza o cerne do problema no humanismo, que consiste precisamente em separar o humano da natureza, do animal, e do ser vivente que no fundo o humano é. É essa fronteira « constantemente recuada » que vai permitir a separação entre humanos e outros humanos. Neste sentido, o nazismo seria, sim, um humanismo (Philippe Lacoue-Labarthe). Ao contrário, trata-se de « recolocar o humano e o animal em um contínuo », escreve Brian Massumi. Manuel DeLanda fala de uma ontologia achatada ou plana (flat ontology) como aquela que é feita de indivíduos singulares, únicos, ao contrário de uma ontologia intrinsecamente hierárquica baseada nas relações entre tipos gerais e exemplificação particular. Da mesma forma, Bruno Latour fala de uma ontologia em que todos os seres, incluindo aí as coisas, seriam igualmente reais, e com direito a reivindicar seus próprios direitos. É o que, por outros caminhos, os filósofos do realismo especulativo, ou da ontologia orientada aos objetos vão propor. A comunicação se propõe a explorar esses conceitos, em conjunção com algumas passagens nas obras de Clarice Lispector, Georges Bataille e Franz Kafka.

Palavras-chave: ontologia, forma-de-vida, animal, humano

Os rastros de gestos de Janmari ou lekariukedjutu, que coisa estranha a escrita!

ADRIANA BOLITE FRANT (PUC-RIO)

Resumo: “esse TRAÇAR aqui / vem de minha mão que tomou emprestada a maneira de manipular o estilo deste Janmari que falante não é./ e tudo o que posso escrever vem deste TRAÇAR / que nem todos os escritos do mundo arris-cam calar.” Com essas palavras gaguejantes, porém potentes, publicadas na revista Recherches n.18, Fernand Deligny aborda seu envolvimento com a escrita gestual de Janmari. Uma criança muda, atingida por um autismo profundo, rejeitada tanto por seus familiares como pelas instituições psiquiátricas que é entregue os seus cuidados aos 12 anos. Janmari passa, então, a viver na rede criada por Deligny em Cevenas até a sua morte em 2002. Sobre a rede, Félix Guattari relata: “Deligny não criou ali uma instituição para as crianças autistas. Ele tornou possível que um grupo de adultos e de crianças autistas pudessem viver juntos segundo seus próprios desejos. Ele agenciou uma economia coletiva de desejo articulando pessoas, gestos, circuitos econômicos e relacionais, etc.” (Guattari, 1985). Dentre as tais práticas engendradas por uma economia coletiva do desejo é possível destacar a produção de mapas de gestos e movimentos das crianças, assim como feitura do caderno de Janmari, onde ele quase diariamente, durante anos, traçou linhas onduladas e círculos com o “o” mal fechado. Encarando o autismo não como uma doença a ser tratada e curada, mas como um ponto de vista sobre a vida e a linguagem, ou ainda como uma etnia singular, Deligny dá um passo, de fatos, muitos, para fora e além das linhas de segmentaridade dura do falo-logo-etnocentrismo, e estabelece novas ontologias que reformulam a própria noção de vida, em cujos termos a dicotomia entre humanos e extra humanos, fala e escrita, e em suma, arte e vida é problematizada. Essa comunicação pretende abordar o gesto escritural de Janmari a partir da leitura operada pelo próprio Deligny, que vê aí uma correspondência entre estas linhas onduladas e sinuosas com as linhas de mesmo feitio

produzidas pelo chefe dos índios Nambiquara em seu encontro com Lévi-Strauss, de acordo com seu famoso relato em “lição de escritura”. A hipótese de Deligny sugere que as mãos de Janmari são férteis em linhas do mesmo estilo que as do chefe ameríndio. Pretendo abordar e aprofundar essa hipótese buscando pensar como, ao traçar esta correspondência, Deligny cria uma fissura (blessure) no âmago da instituição literária, abrindo possibilidades para pensarmos essas e outras escritas não através de um viés interpretativo, mas cartográfico. Ou ainda, não humanista, mas vitalista, onde novas formas de vida e de escrita podem emergir. Em suma, busco pensar as consequências políticas e ontológicas de tomarmos os rastros de gestos de povos ameríndios e de crianças autistas como fundadores de uma nova (ou outra) tradição literária, ao mesmo tempo em que as próprias noções de tradição e de fundação, nessa perspectiva, deixam de fazer sentido.

Palavras-chave: escrita, gesto, linha, traço

A derivação do olhar: alteridade e animalidade na literatura de Murilo Rubião e Lygia Fagundes Telles

MARÍLIA WESTIN OLIVEIRA GARCIA (USP)

Resumo: Ao considerarmos o ponto de vista como um recorte do visível que pode variar a partir das alternâncias de posições sensíveis ou objetivas, permitindo enxergar o real de um outro ângulo e atribuir a esse real uma nova sensibilidade e a literatura, por sua vez, como uma dupla articulação de contextos cuja sobreposição de regimes de organização da realidade questiona a própria noção do que é o real, percebemos que a ficção constrói-se no cruzamento de normatividades e de suas variações. Nos interessa entender de que forma a inserção do personagem não-humano faz a literatura operar em um espaço de trânsito no qual se pode ser e não ser simultaneamente, espaço constantemente em deriva, fundado no corte desviante entre duas normatividades que se tensionam mas não se sobrepõem. A partir da articulação dos personagens Teleco, de Murilo Rubião, e Rahul, de

Lygia Fagundes Telles, nos propomos a pensar o que a animalidade tem como consequência na invenção de sentido. Se Rubião, em “Teleco, o coelhinho”, coloca em jogo a relação entre o humano e o não-humano do ponto de vista do humano, que se dispõe a uma convivência pacífica com o metamorfo até o momento em que este ensaia uma tentativa de humanidade na corporalidade animal e passa a operar por uma lógica da exclusão competitiva, Lygia Fagundes Telles, em *As horas nuas*, usa o elemento da memória e a variação do olhar, que oscila entre a animalidade e a humanidade, para tentar diminuir a distância entre experiência passada e expectativa futura. A posição sujeito está onde estiver o ponto de vista, desse modo, Rahul transita entre ser e não ser sujeito conforme oscila entre narrador e personagem. Se em *Teleco* a problemática está na relação da linguagem com o corpo que se metamorfoseia e não consegue encontrar sua própria forma, em *As horas nuas*, o gato, ora narrador dos feitos da dona e daqueles que cercam o seu ambiente, ora personagem observado a partir de uma ótica antropocêntrica, faz do leitor – que varia de identidade dentro da alteridade do romance, colando o seu ponto de vista ora ao humano, ora ao não-humano – o metamorfo. É importante pensar as consequências da relação entre uma ontologia fundada no metamorfo que tenta escapar de sua animalidade racional e languageira mas acaba engolido pela humanidade animalesca dos homens e uma ontologia fundada na variação do sujeito criado a partir dos recortes de visibilidade que, ao ocupar o olhar do homem vê menos do que quando ocupa o olhar do animal.

Palavras-chave: Animalidade, Murilo Rubião, Lygia Fagundes Telles

Literatura/s e Cosmopolítica/s: uma aproximação experimental

RONDINELY GOMES MEDEIROS (UFPR)

Resumo: Considerando a crescente e provocativa evidênciação - em âmbitos tão distintos como a antropologia social e as ciências da Terra, estas mais próximas das chamadas ciências naturais - das capacidades

de subjetivação e agência por parte dos seres outros-que-humanos, pretendemos ensaiar uma aproximação entre a experiência literária e as formas da “cosmopolítica”, termo este ainda em disputa conceitual. Para tanto, sugeriremos alguns apontamentos acerca das relações possíveis entre duas séries de entes envolvidos na experiência literária, a saber, [o inanimado/o animado/o consciente] e [o silêncio/o ruído/a palavra], buscando uma compreensão do modo específico de distribuição das subjetividades na literatura e suas possíveis implicações numa concepção de mundo em que a humanidade esteja descentrada do Homem e a fabulação, de uma consciência estrita.

Palavras-chave: Cosmopolítica, Extra-humanidades, Experiência literária

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 6

O que é fazer um programa? A transicionalidade ontológica da experiência literária

ALEXANDRE NODARI (UFPR)

Resumo: Partindo da sugestão de João Camillo Penna de aproximar o texto literário do programa de uma performance, buscaremos pensar o modo como se relacionam os dois vetores que constituem a experiência literária (o texto como programa de instruções virtualmente no infinitivo, fora da história, semelhante, desse modo, a uma partitura musical; a leitura como a performance sempre singular, sempre situada historicamente, desse programa). Se muitas vezes tal relação foi pensada como de potência-ato, a leitura como atualização das possibilidades dadas pelo texto, tentaremos argumentar que a expressão coloquial fazer um programa talvez indique melhor o que está em jogo, pela sua anfibologia: fazer um programa significa tanto realizar ou atualizar (ler) esse programa (texto) quanto criar (redigir) a programação (texto). E não seria essa anfibologia característica da experiência literária, não

só porque ela demanda duas posições, a do autor e do leitor (sujeito e objeto), cada uma perfazendo um dos dois sentidos da expressão, mas também porque estas posições têm um caráter anfíbio, sendo necessariamente reversíveis? Pois ler (realizar) o texto (programa) é também reescrevê-lo, reprogramá-lo, assim como escrever ou assinar (criar) o texto (programa) é também já uma leitura sua, uma performance do programa. Some-se a isso o fato de que a expressão fazer um programa, aponta também para uma incorporação de papéis (mesmo que, dada a natureza anfíbia do fazer em jogo, os atores mantenham a posição de roteiristas ou diretores capazes de modificá-los em ato), de personagens (tomados aqui como índices de tudo que diz eu num texto literário, ou seja, do próprio texto literário), seres de outros espaços-tempos, de outros mundos, mesmo que inquietantemente familiares ao nosso. A experiência literária, a experiência de fazer um programa, consistiria, portanto, em um desdobramento (ou equivocação) da posição subjetiva, e da relação sujeito-objeto, o que em outro lugar chamei de obliquação e que agora tentarei demonstrar que constitui o acesso a uma zona de transicionalidade ontológica (desenvolvendo aproximações apontadas por Iser e Zumthor entre a literatura e os objetos transicionais). Minha hipótese é que tomar o espaço literário (para usar o título do livro de Blanchot) como o espaço transicional de Winnicott reconcebido em sentido ontológico permite pensar uma terceira margem entre as (mas também heterogênea às) ontologias literárias propostas por Dimock e Pavel: a ontologia instável daquele (em nossos termos: a contra-historicidade, i.e, o encontro entre o programa a-histórico e suas performances demasiado históricas, que carregam o fora da história de uma névoa de múltiplas historicidades), e a ontologia dual deste (em que o texto literário, concebido como o jogo – e, acrescentaríamos, como a metáfora –, é constitutivamente anfíbio – ao mesmo tempo, literal e figurado –, apontando tanto para este mundo quanto para outro – possível, impossível, virtual –, por meio de um sistema de correlações não-ditas – instáveis ou variáveis, diríamos –

entre ambos). Dentro e fora da história, dentro e fora do mundo, dentro e fora do sujeito: a experiência de fazer um programa literário seria – tentaremos concluir – a de adentrar um espaço-tempo transicional.

Palavras-chave: Transicionalidade, Experiência literária, Fazer, Performance

Nós, os terráqueos: algumas hipóteses de colonização alienígena

ERIC SILVA MACEDO (UFRJ)

Resumo: O alienígena, o extraterrestre: figura que se encontra no topo da escala de alteridades que recorta o pensamento Ocidental. O alienígena é o grande Outro, tão incomensuravelmente distante que não se pode distinguir nele uma forma, senão por especulação. Figura, não à toa, particularmente recorrente no que alguns chamam de ficção especulativa, gênero que engajaria uma relação de englobamento ou de simbiose com a ficção científica (em inglês, ambas respondem pela sigla SF). Neste trabalho, a ficção especulativa sobre o tema do ente alienígena aparecerá como uma forma de antropologia especulativa (expressão de Juan José Saer, repercutida por Alexandre Nodari). Ela nos possibilitará investigar alguns “tratamentos específicos do mundo” que dão a ver encontros entre alteridades radicais. A alteridade alienígena é, antes de tudo e literalmente, uma alteridade de mundo, uma alteridade ontológica, cujas encarnações são tão diversas quanto as versões de mundo que se podem especular. De micróbios a gigantes, de seres incorpóreos a predadores famintos, o desconhecido abre brechas para um mergulho no caos; a multiplicidade das versões tende ao infinito. E, contudo, a ficção só pode existir tendo alguns parâmetros como borda — só se pode falar do desconhecido partindo daquilo que se conhece. Assim, o tema do alienígena associa-se recorrentemente a outros, que fornecem uma imagem especular de nós, terráqueos. Sobressaem, nas narrativas de encontro entre alteridades extraterrestres, aspectos que remetem a relações interétnicas, de gênero e interculturais, assim como relações de predação, de extermínio, de colonização — o

alienígena faz variar a divisão que, na Terra, separa relações intra e interespecíficas. O objetivo da apresentação é saltar entre algumas versões do contato alienígena nas quais essas reverberações afloram. Atenta-se especialmente para o tema da colonização, explorando duas hipóteses sobre as quais a ficção insiste: de um lado, a colonização da Terra por seres alienígenas; de outro, a colonização de outros planetas pelos humanos. Em ambos os casos, há um problema que se repete: o esgotamento de recursos no mundo original do colonizador.

Palavras-chave: Antropologia especulativa, Ficção científica, Alienígenas, Colonização

“Toda metafísica é uma mitofísica”: da literatura como construção e contaminação de mundo

LUIZ GUILHERME FONSECA (PUC-RIO)

Resumo: Em “Who is afraid of the ontological Wolf?” (2014) Eduardo Viveiros de Castro cita três estímulos responsáveis pela virada ontológica que vem contaminando, pelo menos desde o começo da década de 90, a antropologia, a filosofia e a recente antropologia da ciência. A metafísica, empresa anteriormente interdita em detrimento do estudo epistemológico, sua qualidade e alcance, teria ganhado velocidade novamente por conta da “crise da representação”, do surgimento dos Science and Technology Studies e da acentuação das catástrofes climáticas, econômicas e subjetivas que compõem o Antropoceno. Se a discussão ontológica havia sido delegada anteriormente às ciências duras, com seus equipamentos precisos e laboratórios fantásticos, o surgimento da antropologia da ciência, cujo nome mais famoso é provavelmente o de Bruno Latour, veio a desestabilizar a primazia que essas ciências teriam em relação à apreensão da realidade. Se as ciências duras, no limite, sob intensas críticas, podem também ser consideradas especulativas, não haveria mais problema nenhum em se especular sobre metafísica nas humanidades. Se, como diz EVC, “toda metafísica é uma mitofísica”,

toda metafísica é uma ficção especulativa (o que Whitehead chamava de “filosofia especulativa” na introdução de “Process and Reality”), a discussão ontológica não pode mais ficar restrita apenas às ciências humanas e naturais, mas concerne também ao pensamento artístico. Trata-se de especulação, por tanto; e semelhante especulação tem como consequência uma guerra de perspectivas. Uma guerra de mundos. Numa entrevista de 1993, o escritor norte-americano David Foster Wallace disse que, para ele, grande parte do propósito da literatura era dar acesso imaginativo a “outros eus”. Agenciando essa frase com o pensamento de Ursula K. Le Guin, diria que um inestimável propósito filosófico e político da literatura seria dar acesso imaginativo a outras “formas de consciência”, formas largamente desumanizadas pelo humanismo vulgar, mas também à formas extra-humanas. Dar a ver, enfim, outras ontologias possíveis. É a isso que o filósofo Gabriel Catren chama de “expresso transumwéltico”. Usando a terminologia de Jakob Von Uexküll, o “umwelt” – espécie de “mundo-circundante” –, Catren enxerga na arte (mas também nas ciências, filosofia, política e “outras possíveis práticas de expansão da experiência”) um operador de transgressões que persegue uma experiência de fronteira, uma sorte de contaminação ontológica com outros personagens cósmicos. Dessa forma, e tendo como desejo falar de metafísica levando a sério não apenas o outro e o seu pensamento, mas também a arte como especulação filosófica – levar a sério o pensamento artístico na construção de mundos com-possíveis –, esse trabalho ambiciona investigar os modos através dos quais a literatura nos oferece acesso a outras formas de consciência (e formas de consciência outras) e quais consequências políticas isso pode ter num “tempo sem futuro” (um tempo em que o futuro precisa ser engendrado, pois) como é o Antropoceno.

Palavras-chave: Metafísica, Experiências literárias, Virada ontológica, Antropoceno

Hidroespeculação – ou o mundo (s)em reflexo

LUCAS DE JESUS SANTOS (UNICAMP)

Resumo: A obra do escritor argentino Juan José Saer é frequentemente interpretada segundo parâmetros fenomenológicos, cujo circuito hermenêutico privilegia aspectos concernentes à subjetividade (percepção, consciência), ao discurso (testemunho, relato) e à relação sujeito-mundo (memória, experiência). No entanto, esse esquema interpretativo apresenta algumas exações problemáticas: i) anterioridade ontológica, pois pressupõe uma planície prévia - um mundo - de emanção dos perceptos; ii) fixidez topológica dos elementos da narrativa, uma vez que o mundo estabelece de antemão as diretrizes geométricas da narrativa; iii) injunção pela verificabilidade do relato, pois o relato é contrastado com o substrato basilar. Neste trabalho, propomos uma outra perspectiva de compreensão para a obra, a partir da análise de algumas cenas que sobrelevam objetos naturais. Assim, nosso trabalho pretende discutir uma metafísica da água em algumas obras de Saer, como *El Limonero Real* (1974), *El Entenado* (1983) e *El río sin orillas* (1991). Nessas três obras, a água é, por exemplo, tomada como sítio ontogênico: as vibrações na superfície do rio produzem a distinção entre imagem e objeto espelhado na água; já em sua superfície lisa, o rio marca a indistinção ontológica entre imagem e coisa, como assinalado em *El limonero Real* (2002 [1974], p. 20): “Al hundir en el agua la pala del remo, presionar con ella en el lecho barroso del río y darle envión, sacando después el remo, el Ladeado efectuaba una serie de movimientos con el cuerpo, movimientos a los que la costumbre había terminado por otorgarles una armonía propia. En esa armonía, el esfuerzo constante por mantener el equilibrio no producía ninguna disonancia”. No sentido de encaminhar tal discussão, propomos a noção de Hidroespeculação, como maneira de compreender o modo de ser aquático. Trata-se de notar que a problemática distinção onto-lógica entre ser e parecer, valiosa e estruturante para uma determinada tradição filosófica ocidental, é debatida por Saer através

de sua ontologia da água, sob o destaque do aspecto de espelhamento produzido pela superfície aquática. Se interpretarmos especulação, segundo Gadamer, pela chave do espelhamento, então é possível divisar que o problema da estabilidade das percepções e seu consequente efeito de realidade (ou de assonância) pode ser atribuído à ausência de rugosidade da superfície especular. O problema da distinção profunda entre aparência e essência é, portanto, um problema superficial. O trabalho propõe, finalmente, um primeiro passo em direção ao desenvolvimento do conceito saeriano de ficção como antropologia especulativa, tema de nossa pesquisa atual.

Palavras-chave: Juan José Saer, Antropologia Especulativa, Metafísica, Ontologia

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 7

Relatos da subjetividade na poesia do contemporâneo

SABRINA SEDLMAYER (UFMG)

Resumo: Dentro do referencial literário contemporâneo, a figuração e o uso da primeira pessoa, o “eu”, apresentam-se como um complexo ponto de inflexão que interroga, a um só turno, consolidados estudos críticos sobre a subjetividade moderna, como também coloca em evidência uma alteração no uso das modalidades textuais tradicionais. A questão do sujeito, como laconicamente apelidada em meados do século XX pelo Estruturalismo, possui contornos moventes e altera-se de acordo com as condições históricas, sociais e culturais de um determinado tempo. Os conceitos do self “estão ligados a certas noções de interioridade que, por causa disso, são peculiarmente modernas e estão interligadas elas mesmas com a perspectiva moral”. (Taylor, 1994, p.637) Judith Butler (2015), num estudo mais recente, propôs reexaminar o papel da moral na produção do sujeito. Se conhecida

anteriormente por suas proposições inovadoras acerca do gênero e da teoria performativa do sexual, em *Relatar a si mesmo*: crítica da violência ética, a ensaísta coloca em evidência a condição paradoxal da tarefa de relatar a si mesmo e como algumas indagações concernentes ao campo da subjetividade continuam sem resposta: “Adorno é claro quando afirma que não há moral sem um “eu”, mas algumas perguntas críticas permanecem sem resposta: em que consiste esse “eu”? Em que termos ele pode se apropriar da moral, ou melhor, dar um relato de si mesmo?” (Butler, 2015, p.18) Grande parte da interioridade, ou melhor, da intimidade, tornou-se, no século XXI, mais visivelmente pública. Diários, cartas, memórias, autobiografias, autorretratos, cadernos, entrevistas, formas várias da escrita da experiência pessoal coexistem, com radical diferença de escala, com blogs, chats, sites, selfies. A “guinada subjetiva” a que aludia Beatriz Sarlo (2007) no que tange ao ressurgimento do sujeito e o boom dos testemunhos pós-ditatoriais, nas últimas décadas do século XX, opera hoje numa diversa gramática no que concerne às modalidades textuais da escrita do “eu”. Diante de certa aporia - se são os usos das tecnologias digitais que criam novos hábitos que alteram os modos de estar no mundo ou se são esses mesmos dispositivos que vieram dar vazão a uma demanda na maneira de relatar a si mesmo -, esta pesquisa propõe um incisivo atalho: investigar, a partir da poesia de um escritor português contemporâneo, Manuel de Freitas, como se dá a forma de relato e sua relação com a moral, para daí desenvolver um operador conceitual sobre experiência e relato na poesia do contemporâneo. O relato será tomado aqui como propõe Jean-Luc Nancy (2016): uma espécie de modalidade que põe em obra e em jogo o seu recitante. Se o recitante é necessário e anterior ao relato, como seria o relato na poesia? Em que medida diferiria da narrativa? Abrigaria “momentos autobiográficos”, como defende por Paul de Man em franca discordância com a posição de Philippe Lejeune? Partiria, como afirmara Bakhtin, de uma só voz, solitária e autoritária, que contaria uma história particular, um modo de transmitir

o conhecimento e a experiência pessoal? Como a experiência é posta em relato em determinadas poéticas? O pacto referencial entre autor, vida e o relato são ainda colocados em xeque, como em conhecidas obras do Pós-Modernismo? Essas, entre outras questões, movimentarão o trabalho que focalizará os diversos modos de subjetividade, de modos de existência, na poesia do contemporâneo.

Palavras-chave: Subjetividade, Poesia, Relato, Contemporâneo

Passagem de Marília Garcia: experiência poética e cidade em “Paris não tem centro”

JULIANA PEREIRA (UFSC)

Resumo: Este trabalho propõe uma análise do livro “Paris não tem centro” (2016), de Marília Garcia, no que concerne à forma como se articula a relação entre experiência poética e urbana, da qual também despontam questões sobre a ideia de tradução e relação com a língua. Um dos pontos-chave para a discussão é a imagem das “passagens”, que percorre todo o livro. Podemos perceber que se trata, por um lado, de um diálogo com a Paris do século XIX, com as passagens de Benjamin, com as de Bréton, mas por outro, diz respeito a uma experiência da cidade e do texto como passagem que é também “passagem de érika zingano” (título da primeira parte do livro), e uma “miragem com lu menezes” (título da quarta parte do livro), isto é, passagem pela tradução e pelo contato com o outro. “Estava vivendo em tradução”, menciona Marília em um verso. O que destitui Paris de um centro, para voltarmos ao título do livro, essencial para o que parece ali estar em jogo, são as passagens que, em Marília Garcia, parecem ser experienciadas distintamente tanto da ideia de “flânerie” nos moldes de Baudelaire como da de “deambulação” surrealista. Em “Paris não tem centro”, a cidade como cenário é evocada, as “passagens” referencialmente estão ali citadas, mas essas mesmas passagens dizem também respeito à experiência da escrita como algo que é indissociável da vida: é pelo contato e pela escrita que a cidade

é percorrida. Não parece se tratar de uma cidade-objeto para a qual se olha com distanciamento e sobre a qual escreve. Ao se percorrer Paris a partir de uma experiência “em tradução” e a partir do poema de Jacques Roubaud (no poema se menciona que um livro de J.R era tido ali como uma “tipo de guia” da cidade), o qual menciona a existência de uma Gioconda não de Leonardo da Vinci, não do Louvre, mas de um(a) artista chamado e.mérou (aparentemente inexistente), supostamente encontrada em um café, colocam-se algumas questões sobre a relação entre a cidade, a poesia e também o próprio lugar da arte: como a “Paris, mito moderno” (Roger Caillois) pode ser entendida a partir de “Paris não tem centro”? Qual o sentido desse outro caminho que se percorre, o que quer isto dizer sobre a história da arte, em cujo cânone a Gioconda de da Vinci está, em posição central? O que desponta desse caminho não correspondente à rota turística principal de Paris? O que se desenha nesse outro percurso? Como a experiência e a imagem do cotidiano se colocam e o que elas podem dizer a respeito da discussão sobre a poesia e o contemporâneo? Essas, entre outras, são algumas perguntas que guiarão a discussão aqui proposta.

Palavras-chave: poesia, experiência, cidade, cotidiano

“Poesia e cinema na literatura de Herberto Helder e Ruy Duarte de Carvalho: a produção de novos mundos”

JULIA ALMEIDA ALQUÉRES (USP)

Resumo: Herberto Helder e Ruy Duarte de Carvalho, em *Photomaton & Vox* (1979) e *Hábito da terra* (1988) respectivamente, refletem sobre a escrita e criam ou almejam criar, com palavras, imagens de cinema, em uma poética por vezes antropofágica. O primeiro reúne textos híbridos, que passam pelo poema, ensaio e fragmento narrativo; o segundo também é composto por textos em prosa e em verso, alguns dos quais reescritos em diferentes versos a partir de provérbios e citações dos povos Nyaneka e Kwanyama, do sul de Angola. A montagem, que no cinema é inseparável das imagens, também o

é na poética destes dois escritores, embora ativada de maneiras diferentes. A proliferação de imagens, de visões, que nos chega por meio da montagem, em Helder nos provoca uma espécie de vertigem, alucinação. Em Carvalho, nem sempre. Muitas vezes, ao elaborar novas versões de um mesmo texto, cria montagens concisas, menos caóticas, mais delicadas. Como Herberto Helder, Ruy Duarte de Carvalho nasceu em Portugal, mas passou a maior parte da vida em Angola, inclusive naturalizou-se angolano. Além de escritor, foi cineasta e antropólogo, atividades que influenciaram umas as outras. Em *Hábito da terra*, Carvalho cruza as memórias dos pastores do sul de Angola com as suas, reinventando o mundo. A evocação de um certo passado também está presente em Herberto Helder, embora de modo diferente. Helder condena a modernidade e remete a um caráter enfático da poesia que acredita não ser possível encontrar na modernidade, por isso recupera escritores do passado e faz referências à África, lugar onde seria possível manter o enigma do mundo. Sempre que se refere à África, parece evocar algo que foi perdido pela modernidade. Uma lógica não ocidental interessa tanto a ele quanto a Ruy Duarte de Carvalho. Ao comparar os dois textos, este trabalho também investiga como a busca por outras lógicas, que não a ocidental, se relaciona com a câmera de filmar, que estes dois escritores parecem ter nas mãos constantemente. Câmeras que parecem engolir o mundo e os próprios escritores. A relação entre imagem cinematográfica e lógicas não ocidentais talvez resulte em um determinado tipo de literatura antropofágica. Para auxiliar, pensamos a obra destes dois escritores a partir de outras inteligibilidades, como a ameríndia. Estudos desenvolvidos por Eduardo Viveiros de Castro, por exemplo, explicam que os índios comiam seus inimigos para adquirir suas características, seu ponto de vista, em um processo de construção de identidade. Quais as relações entre uma poesia, que se quer cinematográfica, e o canibalismo? Qual espaço a literatura de Helder e Carvalho podem ocupar dentro deste pensamento? Em um ato canibal, o poeta devora o mundo, depois parecer ser devorado pelo

texto, oferecendo seu corpo (texto) ao leitor. É o poeta como criador de outros mundos. Se pensarmos o poema enquanto perspectiva que produz novos mundos, estudar outras ontologias pode servir de base para pensarmos outra teoria literária.

Palavras-chave: Herberto Helder, Ruy Duarte de Carvalho, cinema, poesia

Alejandra Pizarnik: a poética do gesto alquímico e a imagem extemporânea

RAMON GUILLERMO MENDES (UEPG)

Resumo: O presente proposta de trabalho busca compreender a noção da linguagem poética presente em duas prosas poéticas da poetisa argentina Alejandra Pizarnik (1936-1972), apontando para uma percepção de que a linguagem que emerge de tais textos se inscreve como uma forma de ritual de comunhão dos planos material e metafísico, ou o que Deleuze (2012) denominou de atual e virtual. Uma delas é “Fragmentos para dominar el silencio” e a outra “El sueño de la muerte o el lugar de los cuerpos poéticos”, ambos publicados no ano de 1968, no livro “Extracción de la piedra de la locura”. Tomando como base a noção de alquimia presente em Artaud (1999) e de gesto desenvolvida por Agamben (2007), busca-se aqui pensar a palavra poética como um acontecimento que coloca, nas palavras de Artaud (1999), a metafísica em atividade, compondo em um mesmo plano o real e aquilo que lhe é extemporâneo (metafísico). Para Pizarnik a palavra é sua própria impossibilidade de realização enquanto manifestação puramente atual/material, ela é, em sua apresentação verbal, a ausência de algo ou um fundo opaco que não reflete nada em si, coexistindo apenas com sua possibilidade por vir, virtual/metafísica. Dessa forma a poética se constitui como uma realidade virtual, ou seja, uma entidade sensível mas que é engendrada pelo seu movimento não material (metafísico), há então uma extrapolação do agora para um tempo por vir. Esse caráter extemporâneo resulta na composição de imagens virtuais do

real, sendo a palavra um gesto que emula e é emulada pelo que está fora de si, uma temporalidade outra, não verbal, primitiva, imagética, exilada em seu próprio lugar, agenciando uma ontologia simétrica com aquilo que lhe escapa, pois o sensível é, independente da subjetividade, um fluxo livre da gênese de sua percepção pelos sentidos do homem, ou ainda, tal qual afirma Emanuele Coccia (2015), o sensível é sempre uma imagem extra-material e pré-cultural, sendo seu gesto sensível no mundo material uma forma de manifestação ritualística, pois, a palavra poética só existe pela simultaneidade com aquilo que ela não é. Sua posição concreta de palavra verbal e seu gesto poético (metafísico) se coadunam ritualisticamente em um acontecimento extemporâneo, em uma percepção virtual (metafísica) da atualidade (material) de sua apresentação gestual, assim ela se torna outra coisa, em um outro tempo, como em uma operação alquímica, transfigurando-se, gerando aquilo que Artaud (1999) denominou de ouro espiritualizado, ou seja, uma materialidade que é também imaterial, um “composto”, que nasce da comunhão entre opostos mas que os acolhe e não elimina suas naturezas. Ainda podemos pensar naquilo que Agamben (2007) denominou de “jogo” entre testemunhas, na dissolução do autor na escrita da poesia e da totalidade do leitor na produção do sentido, o que resta é a partilha do que falta no que está dado pela materialidade verbal da palavra, e da transmutação do que sobra, transborda em um eterno vir a ser.

Palavras-chave: Alejandra Pizarnik, Palavra poética, Gesto, Alquimia Literária

30

IDENTIDADE E DIFERENÇA: TERRITÓRIOS CULTURAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Alexandre Graça Faria (UFJF)

Júlia Almeida (UFES)

Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (UFRJ)

Resumo: O presente simpósio busca reunir trabalhos que examinam a complexa relação entre identidade cultural e território na contemporaneidade, identificando os processos de subjetivação acionados por grupos culturais e seus diferentes recursos discursivos, seja na literatura, música, cinema e nas artes em geral. Partimos da compreensão de que novas formas de construção de identidades culturais performatizam uma espécie de rasura da definição de identidade cultural ofertada pela modernidade. Se outrora o território era um elemento suficientemente forte para produzir a compreensão de uma noção imaginada de identidade nacional, hoje observam-se diversas tensões, ligadas à velocidade dos deslocamentos humanos, econômicos e simbólicos no mundo globalizado, que nos colocam frente à necessidade de criar novos modelos de investigação que possam examinar as relações entre identidade, diferença e território. Além de se ater a esse sintoma contemporâneo, a proposta igualmente considera que tal condição contemporânea é herdeira da experiência colonial, da escravidão e da diáspora, assim como de sua cobertura cultural, o eurocentrismo, motor do sistema de representação e hierarquização dos povos e sociedades que fundamenta a modernidade (HALL, 1996). Estas questões constituem o dispositivo primeiro de problematização do saber-poder em face do qual se modulam as estratégias de atuação da crítica cultural na contemporaneidade. Se o legado dessas cartografias coloniais se expressa na desigualdade da ocupação dos continentes,

dos países e das cidades, as tentativas de deslocamento pela migração para os países do norte e as variadas formas de ocupação das periferias das cidades no mundo nos falam diretamente sobre os mecanismos da cultura que operam na tensão entre a resistência e a adaptação a um processo modernizador, excludente e autoritário. A partir desses pressupostos, o simpósio está aberto a colaborações críticas e teóricas acerca de obras que tematizam tal fenômeno, principalmente a partir da contribuição dos estudos culturais e do pensamento pós-colonial. Com base em uma definição expandida de literatura, que inclui textos literários, cinema, música, fotografia, além das diversas mídias, objetiva-se proporcionar um espaço de reflexão acerca de criações culturais que se empenham em pensar e problematizar as formas identitárias e as práticas sociais fundadas em (e fundadoras de) novas concepções territoriais. Serão priorizados estudos que avancem teoricamente em leituras de manifestações, seja em uma dimensão intranacional ou supranacional, que abordem e/ou proponham intervenções na esfera da territorialidade através de meios alternativos de produção e circulação editorial e artística. Com isso o simpósio espera produzir a revisão ou a ressignificação de conceitos forjados pela modernidade – identidade, nação, utopia e distopia – e a problematização de estratégias conceituais da contemporaneidade – diferença, alteridade, heterotopia e multiterritorialidade.

Palavras-chave: Território, Identidade, Diferença

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Rogério Batalha e a fusão poética da cidade partida

ALEXANDRE GRAÇA FARIA (UFJF)

Resumo: A relação teórica entre centro e periferia, na compreensão do espaço urbano, articula-se tanto a partir de elementos materiais e

econômicos quanto simbólicos e culturais. A compreensão dessa relação por meio da leitura dos deslocamentos do sujeito das periferias para os centros das cidades constitui uma significativa forma de apreender as relações entre território e identidade. Se, na perspectiva econômica e material, é evidente a construção de espaços urbanos interditos para os sujeitos oriundos da periferia, por outro lado, a literatura e a cultura contemporâneas estão sendo generosas na emissão de sinais de que o elemento simbólico e poético é capaz de corromper a rigidez dessas fronteiras econômicas e sociais. Tais aspectos articulam a compreensão do espaço urbano a partir do que Milton Santos (1994) define como tecnosfera e psicosfera. A comunicação pretende produzir a aproximação de uma possível experiência territorial na cidade do Rio de Janeiro, a partir do entrecruzamento desses princípios conceituais, centro/periferia/deslocamento e tecnosfera/psicosfera, observados na leitura do livro “Cidade fundida” (2014) e do poema “Sagacidade” (2014), ambas do poeta e letrista carioca Rogério Batalha. No primeiro título, um longo poema apresenta o périplo do sujeito de experiência e expressão periféricas, pela cidade; no segundo, um uma glosa ao episódio da chacina de Vigário Geral, ocorrida em 1996. Tais leituras tentarão estabelecer a compreensão do problema a partir do signo plurisignificativo SAGA-CIDADE, como estratégia poética e teórica, a partir da qual se podem vislumbrar o que David Harvey (2014) compreende em “Cidades rebeldes”, como o direito à cidade. Serão articuladas, também, durante as leituras, reflexões sobre os conceitos de Utopia e Heterotopias (Foucault), a fim de se pensar como, de representações estéticas e literárias, torna-se possível produzir a compreensão do espaço urbano e sua consequente ocupação diferenciado, a fim de se testar a hipótese de que, pela experiência da condição periférica é possível propor outra relação mais justa e harmônica com a cidade.

Palavras-chave: Literatura Periférica, Literatura Marginal, Poesia Contemporânea, Experiência Urbana

Identidade cultural na obra *Inferno*, de Patrícia Melo

ANDRÉ NATÃ MELLO BOTTON (PUC-RS)

Resumo: A favela, ao longo do tempo, soube se reinventar e apresentar soluções urbanas para os problemas de infraestrutura que deveriam ser solucionados pelos órgãos públicos. Tal espaço urbano foi se constituindo, pois, como resultado de políticas públicas (ou da falta de), as quais não foram capazes de resolver, ao longo da história do Brasil, problemas sociais que hoje culminam em realidades muito violentas e de degradação social. Nesse sentido, pode-se afirmar, com base em Jessé Souza (2009), que subjazem a isso relações de classe, cuja problemática está relacionada à discussão acerca da violência e da identidade nacional. Mediante essa realidade crescente no Brasil, a arte, enquanto representação daquilo que está acontecendo na realidade, também acompanhou esse desenvolvimento urbano nas cidades, de modo que nos últimos tempos – desde Carolina Maria de Jesus, com seus diários – muitas obras literárias questionam e denunciam o contexto social das periferias das grandes cidades brasileiras. Assim, a arte instaura reflexões sobre o cotidiano da periferia brasileira, o que incide sobre discussões acerca da identidade nacional. A partir disso, justifica-se o presente trabalho, pois com a crescente publicação de obras literárias com a temática voltada para a periferia das cidades, mais especificamente, a favela, faz-se mister estudar como, enquanto produto cultural, representam esse espaço urbano e que implicações essa representação tem sobre as discussões acerca da identidade cultural. Para tal investigação, o presente trabalho parte das contribuições de Stuart Hall, segundo o sociólogo, o conceito de identidade tem mudado conforme o tempo, influenciado por fatores histórico-sociais que contribuíram para o seu desenvolvimento. A contemporaneidade moldou um conceito a partir da globalização e das sociedades modernas que se configuram como sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Nesse sentido, é quase impossível falar de uma mesma identidade que abranja a todos em uma sociedade,

ainda mais como a brasileira, com uma extensão territorial continental e com as mais diversas manifestações culturais. O sistema cultural em que o “eu” está inserido contribuirá para o desenvolvimento da identificação desse sujeito, assim, a identidade está intrinsecamente relacionada com o espaço que circunda o eu. A partir disso, é possível falar em “identidade cultural”, pois “[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2001, p.48, grifo do autor). E é essa representação que será analisada ao longo deste trabalho. A partir de Hall, o estudo recuperará o conceito de “identidade cultural” em teóricos como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Roberto DaMatta, Jessé Souza e Luis Eduardo Soares, num viés dialógico em relação aos pontos convergentes e divergentes a respeito desse conceito. Para, em seguida, ver como a obra *Inferno*, de Patrícia Melo, representa esse mesmo conceito nos aspectos da sociedade onde a narrativa se passa. (HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. SOUZA, Jessé. *Ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.)

Palavras-chave: Identidade, Favela, Literatura

Narrativas de remoção, estéticas da existência

JÚLIA ALMEIDA (UFES)

Resumo: O novo ciclo de remoções pelo qual passou a cidade do Rio de Janeiro desde 2009, totalizando 67 mil removidos, exigiu dos moradores das favelas atingidas uma resposta político-cultural muito contundente sobre os significados de seus territórios, memórias, sociabilidades e pertencas. Uma ampla produção artística - de poemas, canções, filmes, grafites etc. -, marcadamente política, evidenciou o conflito entre os imaginários urbanos na cidade olímpica. Neste trabalho, pretendemos analisar a produção literária de um militante do Morro da Providência, Vinícius Cosme Felippsen, em cotejo com as esculturas produzidas

pelo Museu das Remoções na Vila Autódromo, no bojo desta luta por território e moradia. Partindo da definição de morada (BARBOSA, 2012), de uma revisitação ao conceito de cronotopo de Bakhtin (KEUNE, 2015) e das análises de Florencia Garramuño da estética contemporânea (2014), observaremos essas narrativas de resistência à remoção, as imagens estéticas que constroem e o modo como dialogam com outras narrativas de remoção na diáspora africana latino-americana.

Palavras-chave: Narrativas de remoção , Território, Cronotopo, Diáspora

O narrador marginal na literatura brasileira

RICARDO IBRAHIM MATOS DOMINGOS (PUC-RIO)

Resumo: Diante dos impasses analíticos que a literatura brasileira contemporânea apresenta, tentaremos neste trabalho indagar qual o espaço e quais as propostas político-estéticas que a poética marginal coeva encontra no quadro geral das artes e o que pode suscitar no crítico disposto a compreender o caminhar histórico que a arte escrita delineia por meio de suas obras. Para tal empreendimento, escolhemos a figura do narrador como elemento instigador de algumas questões que serão discutidas e, muitas vezes, deixadas em aberto ao final da reflexão devido ao pouco espaço de que lançamos mão nesta pesquisa . No prefácio do livro *Modos da Margem - coletânea de artigos e ensaios sobre a questão da produção periférica cultural do Brasil -*, Silviano Santiago nos indica que “Ao desencapar o fio histórico da margem, o narrador/lavrador curto-circuita todo o sistema elétrico da atualidade brasileira e coloca a ferramenta de trabalho a serviço do futuro “ (FARIA; PENNA; PATROCINIO, 2015, p. 15). Sendo assim, é através dessa ferramenta narrativa que essa voz que conta histórias tece um sentido para a comunidade e, mais além, coloca por sua própria constituição uma interrogação sobre a figura do narrador e seus desdobramentos na literatura nacional. Essa voz também será analisada como um conjunto de vozes (narradores) que deram, de uma forma ou outra, sua

contribuição no atual status quo literário. Nesta parte, dialogaremos com os escritos de Regina Delcastagnè, principalmente com o livro entre fronteiras e cercado de armadilha, no qual a acadêmica desenvolve uma análise de obras de ficção brasileira para discorrer sobre questões estruturais da narrativa atreladas a um pensamento social que aquelas poderiam suscitar. As obras de autores como Ferrez, Allan da Rosa, Rodrigo Ciríaco e Sergio Vaz - este último por apresentar uma poesia muitas vezes narrativa -, nortearão nossas perguntas, a começar pela questão sobre o tipo de narrador cada um desses autores constrói em seus livros. Importante apontar para o fato de serem apenas os livros de contos dos autores, no caso dos três primeiros a serem citados, que constarão em nossa pesquisa. Apoiamo-nos na estreita ligação que os contos têm como a fundação e manutenção de sentimentos comunitários, e como a própria forma possibilita uma aproximação mais imediata da estrutura geral das histórias. Acreditamos que estes escritos são como aponta Ferrez no prefácio de seu último livro, *Os ricos também morrem*, “comecei a escrever o que eu antes contava ao pé do ouvido dos outros. Usei todos que conhecia para medir quanto o meu texto estava interessante” (2015, p. 16), melhor dizendo, há uma escrita da comunidade enquanto território que instaura uma realidade ficcional e esta apresenta uma nova configuração discursiva na literatura brasileira.

Palavras-chave: Marginal, Narrador, Literatura Brasileira

Os usos das práticas religiosas em *Si me querés quereme transa*: estratégias de negociação e apropriação do território

DALVA DESIRÉE CLIMENT (UFRJ)

Resumo: Em *si me querés quereme transa* o escritor Cristian Alarcón traz para o campo da representação a complexidade de etnias que ocupam o Conurbano Bonaerense, destacando os imigrantes limítrofes e peruanos. Este espaço apresenta-se como um grande entremeado de villas, e para retratar a multiplicidade encontrada nessa localidade

o autor cria a Villa del Señor, uma favela fictícia que reúne a diversas territorialidades em um mesmo espaço. Dessa forma o escritor traz para o campo da narrativa a questão do incremento da imigração limítrofe no século XX na cidade de Buenos Aires e as diferentes nacionalidades presentes na obra trazem à cena literária a realidade atual do grande fluxo migratório que se observa na Argentina. O romance enfatiza essa questão, trazendo para o campo da narrativa tanto a reconfiguração da urbe portenha quanto os conflitos e enfrentamentos originados pelos constantes fluxos imigratórios. Ao enfatizar a questão imigratória, sobressai no romance os embates travados entre imigrantes e a sociedade receptora que retorna a valores pré- estabelecidos formados a partir de um mito de nação homogênea e européia, reforçando o rechaço a aqueles que não formam parte do projeto idealizado. Por tanto, os imigrantes acabam ocupando, (segundo uma visão homogeneizante), um espaço de inferioridade e ao habitarem as periferias a estigmatização é intensificada. Dentro desses espaços, os imigrantes fazem uso de diversas práticas culturais para afirmarem-se na nova territorialidade. Devido ao rechaço que sofrem buscam nessas estratégias uma forma de resistência, realocando suas identidades, retomando a valores estabelecidos a partir da concepção de pertencimento e valorização de aspectos que remetem a seus países originários, recorrendo ao que Arjun Appadurai denomina de trabalho da imaginação. Pretendemos ler as diferentes manifestações religiosas que surgem no romance como estratégias utilizadas pelos imigrantes para demarcar o espaço como um território de uma determinada comunidade, reafirmando sua presença. Interessa aqui pensar também o modo como as diferentes práticas religiosas encontradas na villa miseria narrada demonstram as novas formas de relacionar-se com a cidade e ainda segundo a abordagem de Semán indicam as mudanças do uso das religiosidades e suas funções para os setores populares urbanos . Portanto, a questão da territorialidade traz à discussão não apenas as questões políticas, mas também as relações com a economia,

com as diferentes culturas e os modos como as pessoas se organizam dentro desse espaço. As religiosidades encontradas nesses territórios são formas de reivindicar poder e apropriação. Sendo assim, podemos entender o território como espaço para realizar as diferentes funções: políticas, sociais, econômicas e simbólicas (HAESBAERT, 2004). Para a análise dessas questões faremos uso do conceito de território de Rogerio Haesbaert, referente às favelas argentinas recorreremos a Maria Cristina Cravino e para pensar na leitura das cidades Beatriz Sarlo. Referente às estratégias utilizadas pelos imigrantes lançamos mão de Arjun Appadurai e Alejandro Grimson sobre o uso das religiosidades utilizamos principalmente os estudos de Rita Laura Segato, Pablo Semán e Maria Julia Carozzi.

Palavras-chave: Villa miséria/favela, Território, Imigração, Religiosidades

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

A reterritorialização na poesia de Paula Tavares

CIOMARA BREDER KREMPER (UFJF)

Resumo: O objetivo deste trabalho é entender como se dá o processo de hibridação e de construção do entrelugar na poesia da angolana Paula Tavares. É observado que esse discurso poético é marca de hibridismo, que se efetiva como uma tradução cultural e é instrumento de formação de identidade(s) própria(s) e nacional(is). É visto ainda que essa poesia se consagra como locus privilegiado da enunciação feminina. Na complexidade da vida contemporânea o ser humano assume diferentes identidades, que são deslizantes e podem entrar em conflito. O processo de dispersão das pessoas pelo mundo produz identidades moldadas por lugares distintos e localizadas em lugares diferentes. E segundo Woodward: “essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras. O

conceito de diáspora (GILROY, 1997) permite compreender algumas dessas identidades que não têm uma “pátria” e que não podem ser atribuídas simplesmente a uma única fonte” (GILROY apud Woodward, 2013, p. 22). Nesse sentido é oportuno destacar o processo de desterritorialização observado por Canclini (2013, p. 309): “a perda da relação “natural” da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas”. É provável que o objetivo do texto de Paula Tavares, hoje, seja efetivar essa tradução cultural. Haja vista que, superado o ato de libertação do período imediatamente pós-independência, agora se trata de uma releitura, de uma reafirmação ou uma ressignificação. Uma reterritorialização, uma postura estética-crítica da poeta em promover o hibridismo cultural, afinal as artes são um instrumento ideal para efetivação desse processo, uma estratégia encontrada por Tavares para entrar e sair da modernidade. Ou, “talvez a tarefa do escritor, em um tempo que o literário se forma na interação de diversas sociedades, distintas classes e tradições, seja refletir sobre essa situação póstuma da modernidade” (CANCLINI, 2013, p. 111). Nessa vertiginosa reflexão das perdas das fronteiras, nesse simulacro de mundo, nessa intensa e constante diversidade e hibridez que está centrado o escritor e intelectual contemporâneo. Semelhante a um vagalume, que nos ilumina em meio à escuridão, ele deve acima de tudo refletir criticamente sobre o que é o contemporâneo e sobre suas implicações e seus processos. “Os vaga-lumes desapareceram? Certamente não. Alguns estão bem perto de nós, eles nos roçam na escuridão; outros partiram para além do horizonte, tentando reformar em outro lugar sua comunidade, sua minoria, seu desejo partilhado (Didi-Huberman, 2011, p. 160)”. Para embasar este estudo adotam-se os pensamentos de alguns teóricos, como Stuart Hall; Homi K. Bhabha; Lynn Mario T. M. de Souza; Tomaz Tadeu da Silva; Kathryn Woodward; Laura C. Padilha, Constância L. Duarte e Leila L. Hernandez; Kwame Anthony Appiah; Néstor Garcia Canclini e outros.

Palavras-chave: Reterritorialização, Angola, Identidades, Paula Tavares

As representações da África no Quilombo dos Palmares: história, identidade e cultura africana.

KARLA CRISTINA EITERER SANTANA (UFJF)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar a África nas obras dos seguintes escritores: Leda Maria de Albuquerque Noronha, carioca, autora praticamente desconhecida, criadora da narrativa Zumbi dos Palmares; Gayl Jones, estadunidense, autora do poema narrativo Song For Anninho; Oliveira Ferreira da Silveira, gaúcho, autor do livro Poema Sobre palmares. Através dessas obras proponho algumas reflexões sobre essa articulação entre Literatura e História, analisar os elementos constituintes da visão sobre a África e sobre o negro, inscritos na obra literária e nas obras poéticas, apontando para o acréscimo que a literatura traz para o discurso histórico, acerca do mesmo tema. Serão apresentadas também questões que têm sido estudadas, contemporaneamente, por intelectuais de diversas áreas: em especial os Estudos Culturais. Abordarei temas recorrentes como: a África, a diáspora, a memória, o exílio, o território, a história, a identidade e as experiências culturais. Para articular uma análise crítica tomo como referência as reflexões dos seguintes analistas: Rogério Haesbaert, Boaventura de Souza Santos, Anderson Benedict, Édouard Glissant, Frantz Fanon, Homi K. Bhabha, Stuart Hall, Michael Foucault, Nestor Garcia Canclini, Paul Gilroy, Ana Mafalda Leite, Michael Pollack, Flavio dos santos Gomes, Joel Rufino dos Santos, Décio Freitas, Carlos Diegues/Everardo Rocha, João Felício dos Santos, Sílvia Hunold Lara, Wlamyra R. de Albuquerque/Walter Fraga Filho, Roger Chartier, Sidney Chalhoub e Zila Bernd. A relevância desse trabalho se dá pela conscientização, da necessidade de tornar audíveis essas vozes que foram silenciadas durante todo este tempo, fortalecer o discurso que reafirma a importância do negro, como também da África, para a formação histórica do nosso país. Cumpre reivindicar esse espaço ainda não conquistado na sociedade e apresentar autores que contribuíram imensamente para esta causa, publicando seus livros e até hoje

desconhecidos ou pouco estudados nos ambientes acadêmicos. A intenção desse trabalho é contribuir para uma leitura da presença africana e dos afrodescendentes, mostrar a necessidade de uma revisão histórica aliada à construção de uma literatura crítica, voltada para os temas dos grupos minoritários – dentre os quais figuram os negros e estimulando a maturação de uma consciência crítica sobre as relações multiculturais da sociedade brasileira. Diante das atrocidades cometidas na escravidão, os negros lutaram contra a opressão e buscaram ter direito a vida, resgatar suas memórias e os valores de sua cultura, vivendo-as num lugar de refúgio, num território onde exerciam sua liberdade, ou seja, nos quilombos os quais tornaram-se marcos históricos. O maior e mais famoso dos quilombos brasileiros foi Palmares o qual era constituído por vários mocambos. Os palmaristas puderam edificar os valores da sua língua, da cultura, da religião e também da agricultura. A resistência de Palmares perdurou por sessenta e sete anos, transformando-se num estado afro-brasileiro. Tanto a História como a Literatura permite-nos resgatar essa memória dos afrodescendentes e apresentar uma reescritura desta presença africana que permeia todo o nosso universo brasileiro.

Palavras-chave: África, Palmares, território, identidade

O que se move às margens do Atlântico: cartografias de viagens e retornos.

JÂNDERSON ALBINO COSWOSK (UERJ)

Resumo: Este trabalho analisará os encontros e interações provocados por movimentos diaspóricos diversos, em circuitos coloniais e pós-coloniais, tendo como locais de encontro o mar e o navio, considerando o romance “A Mercy”, de Toni Morrison e os múltiplos contatos através de ambientes físicos, virtuais e aéreos, como ocorrem em “Americanah”, de Chimamanda Adichie. Os espaços apontados pelos romances serão vistos como locais de passagem e movência (CLIFFORD, 1997; PRATT, 1999), contrastando a fluidez do mar, do navio, as viagens locais e

transnacionais com locais fechados e fixos como a “plantation”, em “A Mercy”, além dos encontros virtuais e os limites fronteiriços impostos pelos Estados nacionais modernos em “Americanah”. Aqui, o termo “viagem” será encarado como um termo de tradução (cf. CLIFFORD, 1997, p. 39) para discutir como os trajetos modificam as percepções de identidade, raça, gênero, território, tradição e memória nas narrativas e como essas percepções viajam e são traduzidas a partir de alguns personagens dos respectivos romances. Referências bibliográficas: CLIFFORD, J. Routes: travel and translation in the late twentieth century. Cambridge: Harvard University, 1997. PRATT, M. L. Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação. Trad. Jézio Hernani Bonfim Guerra. Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

Palavras-chave: viagens transatlânticas, tradução intercultural, pré-nação estadunidense no século XVII, Nigéria contemporânea

Travessias literárias, percursos identitários: uma leitura de dois romances do escritor angolano Arnaldo Santos.

SHEILA RIBEIRO JACOB (UFF)

Resumo: O escritor angolano Arnaldo Santos é um dos nomes de referência na trajetória da literatura de seu país, tendo publicado, nas últimas décadas, livros de poemas, contos, crônicas e romances. Nesta comunicação, propomos um diálogo entre duas de suas obras mais recentes: A casa velha das margens, que data de 1999, e O vento que desorienta o caçador, que veio a público em 2006. Veremos como, em ambos os romances, os deslocamentos para o interior de Angola, efetuados pelos protagonistas, possibilitam que questionemos conceitos como “identidade”, “sujeito” e “nação”, já que, a partir de tais trânsitos, ambos conseguem enxergar como tais definições muitas vezes escondem a pluralidade cultural e a transitoriedade que caracterizam tanto os sujeitos quanto os próprios territórios nacionais. Ambas as obras se passam em momentos distintos da história de Angola. A trama de A casa velha das margens se passa “por volta de 1889” (1999, p. 9), quando o país ainda era colônia de Portugal e se tornava cada vez

mais necessário fortalecer os movimentos de resistência que, naquele momento, se levantavam por meio da produção literária e jornalística à qual se lançaram os naturais da terra. Já O vento que desorienta o caçador se desenvolve no período pós-independência e tem, como marco temporal, a assinatura dos Acordos de Bicesse e a realização das primeiras eleições multipartidárias do país, em 1992. Nos dois textos, os protagonistas efetuam percursos bastante semelhantes, pois ambos saem de Luanda e partem por andanças por espaços variados de seu país natal, motivados, no entanto, por questões diferentes. Enquanto Emídio Mendonça, personagem de A casa velha, precisa ir à região do Dondo, no interior, para descobrir as histórias de suas famílias e os segredos das populações de sua terra, Kalita parte para a região da Lunda movido por um sentimento de “Grande Urgência” (2006, p. 17): inicialmente vai em busca de enriquecimento no garimpo dos diamantes, mas, assim como o outro personagem, acaba se descobrindo como depositário de uma série de segredos e saberes que geram importantes transformações interiores e muito dizem sobre uma Angola que existe e resiste para além da capital, Luanda. Nessa comunicação, mostraremos como esses dois romances possibilitam que tomemos contato com múltiplos saberes, vivências e histórias silenciados e desconhecidos por estarem distantes dos centros de poder e, conseqüentemente, dos espaços privilegiados de produção do saber. Veremos como a literatura de Arnaldo Santos tem colaborado para o registro e a valorização de formas de conhecimento a princípio desconsideradas pela “hegemonia epistêmica” (MIGNOLO, 2008) ocidental. Suas obras também nos têm possibilitado questionar, a partir de um olhar para a história de seu país, conceitos relativos a “formações identitárias” e às “fronteiras nacionais”. Para refletir sobre tais assuntos, lançaremos mão de estudos efetuados por pensadores como Stuart Hall, Benedict Anderson, Edward Said, Beatriz Sarlo, Gloria Anzaldúa, Gayatri Spivak, Walter Dignolo, Carlos Hissa e outros teóricos do pensamento descolonial.

Palavras-chave: romances angolanos, fronteiras nacionais, identidade, Arnaldo Santos

Uma visão possível da diáspora na produção cultural de países africanos.

ANTONIA COSTA DE THUIN (PUC-RIO)

Resumo: Nesse trabalho, pretendo mostrar algumas possibilidades da produção cultural no continente africano, para evidenciar a influência recebida por eles durante o processo da diáspora africana. Em seu livro “O Atlântico Negro”, Paul Gilroy explica como as trocas culturais possibilitadas pela diáspora moldaram não só a cultura negra nas Américas, mas também a cultura na África. Com as possibilidades surgidas com a internet, essa troca se modifica e intensifica, passando a ser não somente presencial, com as migrações forçadas e voluntárias, mas também virtual, como Goli Guerreiro explica em seu livro “Terceira Diáspora”, em que mostra as possibilidades desse incremento na troca, tendo como base a cidade de Salvador, mas buscando produções culturais ao longo de todo o território afetado pela diáspora. Tendo em mente essa ideia de troca cultural e as conexões feitas, existem diversos autores e artistas na África contemporânea que falam sobre e buscam expressar essa troca em seus trabalhos. Artistas como TJ Dema, poeta do Botswana ou Joana Choumali, fotógrafa da Costa do Marfim, falam de um espaço de produção que sofre influências constantes dessa colonização, enquanto preserva ainda um espaço de tradição, representado por práticas culturais antigas, tais como a escarificação, presente no trabalho de Joana Choumali em alguns ensaios, ou a própria língua, questão importante e discutida em diversos momentos por TJ Dema, que tem como língua materna não o inglês ou o Shosa, mas o Setswana. A produção delas, bem como de outros artistas, passa por uma discussão do passado colonial, com o qual todo o continente africano ainda precisa lidar. A África ainda sofre com a história única (como chama Chimamanda Ngozi Adichie, em sua palestra para o TED), na qual sua existência é atrelada a fome, a guerras, a governos corruptos e ditaduras. E a quebra dessa percepção do estrangeiro sobre o continente africano pode se dar, na visão de Achille Mbembe, pela

força da produção cultural e teórica, que seriam capazes de criar, usando o termo de Chimamanda Ngozie Adichie, múltiplas histórias sobre o mesmo local, permitindo outros conhecimentos e pontos de vista. Para Felwine Sarr, somente a produção de algo que não parta do pressuposto colonial do desenvolvimento pode gerar essa mudança. Ambos trabalham buscando influenciar novas possibilidades de produção de pensamento no continente, com seminários e cursos. Na minha fala, quero mostrar alguns artistas que trabalhem com essa perspectiva, em pesquisa continuada durante meu estágio de doutorado sanduíche na faculdade de Obafemi Awolowo, em Ilé Ifé, na Nigéria, e analisar sua contribuição nesse espaço de trocas culturais e criação de uma nova história.

Palavras-chave: África, Produção cultural, diáspora

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Identidade e diferença no romance *Írisz: as orquídeas*, de Noemi Jaffe

JOSILENE MOREIRA SILVEIRA (UFMS)

Resumo: O primeiro romance de Noemi Jaffe, publicado em 2015, tem como título: *Írisz: as orquídeas*. Neste romance, *Írisz*, é uma imigrante que vem para o Brasil, logo depois que a Hungria é invadida, em 1956, pela União Soviética. No Brasil, vai trabalhar no Jardim Botânico, onde conhece Martim. O diretor do Jardim Botânico torna-se um grande amigo e se propõe a narrar esse breve relacionamento, intercalando a sua narrativa com os relatórios da refugiada sobre as orquídeas. Nessa miscelânea de gêneros textuais, é nos revelado muito da subjetividade dessas personagens, evidenciando suas percepções sobre a revolução, a vida, o amor e as decepções. De um lado, *Írisz* revela no entremeio de seus relatórios parte da sua vida as lembranças de seu país, as frustrações com a revolução, a busca improvável pela liberdade e a

dificuldade de ser estrangeira em uma cultura muito diferente. Do outro, Martim, figura caricata do comunista, que acredita na revolução e na igualdade de direitos. A perspectiva de *Írisz* é perturbadora. A estrutura narrativa é fragmentária, interrompida, sem continuidade. A de Martim repleta de pessimismo diante do exemplar real, *Írisz*, de que a revolução havia fracassado. A experiência da escrita é uma forma de compreender não somente *Írisz*, mas sua própria identidade, reordenar suas ideologias e convicções que a experiência com *Írisz* fizeram cair por terra. Desse modo, a narrativa também é sobre Martim, tendo em vista que é levado a refletir sobre si próprio. Essa experiência com o outro, o diferente, modifica sua percepção. Tira-o da zona de conforto que os ideais cristalizados lhe asseguravam. Isso lhe causa insegurança e certo estranhamento do mundo à sua volta. Ao dar voz a *Írisz*, permite também que a refugiada conte sua própria história. Nesse sentido, a perspectiva de Jaime Ginzburg (2012) para estudar o narrador contemporâneo, é interessante, pois propõe analisar o narrador mediante a relação entre formas de narrar e configurações sociais. Segundo Ginzburg (2012), haveria, na literatura contemporânea, a presença recorrente de “narradores descentrados” entendidos como um “[...] conjunto de forças voltadas contra a exclusão social, política e econômica” (GINZBURG, 2012, p. 201). Nesse sentido, Ginzburg (2012, p. 201) considera que a recorrência de alguns recursos de escrita pode ter um “significado político crítico e afirmativo”. Nesse processo, é preciso analisar: “[...] como temas e formas se relacionam, entendendo que o deslocamento com relação aos princípios tradicionais de autoridade social, que estruturam o patriarcado, é um movimento de escolha de temas, questões, e também de construção formal, em suma, de elaboração de linguagem” (GINZBURG, 2012, p. 201). Desse modo, a estruturação da narrativa, problematização na figura do narrador e da focalização, permite analisar como se configura esse processo de busca de identidade e confronto com o diferente no romance de Noemi Jaffe.

Palavras-chave: *Írisz: as orquídeas*, estrutura narrativa, identidade, diferença

Elisa Lispector e a escrita como casa

DÉBORA MAGALHÃES CUNHA RODRIGUES (UERJ)

Resumo: Os movimentos migratórios fazem parte da história das civilizações e têm sua origem num período histórico difícil de precisar. No entanto, estão presentes em inúmeros relatos e narrativas que compõem nosso repertório cultural desde a antiguidade clássica. Os deslocamentos podem ser forçados ou não e constituem pelo menos quatro grandes campos semânticos: a viagem, a diáspora, a migração e o exílio. Qualquer destas modalidades de deslocamento impõe a dissolução ou recriação das fronteiras, o que implica uma nova formulação da identidade. O contato de uma cultura com outra(s) acaba por produzir novas identidades, ou ainda, produz questionamentos acerca da natureza da identidade. Se por um lado o encontro identitário ressalta as singularidades de cada cultura, por outro exalta a pluralidade e a diversidade cultural. Estes aspectos acontecem simultaneamente, identidade e diversidade coexistem num mesmo espaço simbólico onde disputam legitimação. Enquanto na Antiguidade clássica a expatriação era o resultado de uma condenação, a partir da Modernidade a migração é alargada em suas motivações. Os deslocamentos, portanto, aproximam-se de significados mais alargados como os da migrância, da deriva, da viagem, do exílio, da diáspora. Essas ressignificações do deslocamento tornam-se cada vez mais contundentes nos discursos sociais e literários pois são marcados pelas mobilidades transculturais (OLIVIERE-GODET, 2010). A intensificação da expansão diaspórica a partir da modernidade concebe, portanto, um ideal de assimilação. O migrante da época moderna, de um modo geral, chega em terras estrangeiras com o desejo de pertencer ao novo lugar. Isto não implica, em todo caso, o fim do desejo de retornar ao lugar de origem, mas o migrante se vê enredado por novas circunstâncias que almeja conhecer para logo adaptar-se. A condição que a pós-modernidade proporciona à experiência migrante difere da condição moderna por possibilitar a coexistência do global e local. Desta forma, a globalização pós-moderna

difere da internacionalização europeia, como assinalou Stuart Hall. A comunidade global ocidental moderna foi caracterizada pelas grandes narrativas e pelo binarismo. O que chamamos de pós-modernidade é justamente o desmantelamento desse logos, o fim da possibilidade de supremacia de uma cultura sobre outra. O deslocamento a partir dessa nova configuração, segundo Fernando de Toro, é capaz de produzir cultura independentemente do cânone herdado, da identidade cultural herdada e da tradição herdada (TORO, 2010). Sendo assim, interessa compreender como o espaço desterritorializado, para evocar o conceito de Deleuze, funciona como terreno fértil para a produção cultural, em geral, e literária, em particular. Este espaço constituído pela pós-modernidade como entre-lugar, porque entre dois mundos e assim segue desconstruindo a própria ideia de pertencimento, possibilita certa experiência literária que apreende a escrita como morada. Dito isto, pretendemos analisar textos de Elisa Lispector que ocupou o entre-lugar quando exigida a assimilação. Lispector não adotou a voz exaltada do migrante que acredita chegar ao Eldorado, optou pela narrativa que aponta as incertezas do discurso identitário rígido. Com a escrita construiu sua morada, uma vez que, segundo Adorno, “o único lar realmente disponível agora, embora frágil e vulnerável, está na escrita” (apud SAID, 2003).

Palavras-chave: migração, pós-modernidade, entre-lugar, Elisa Lispector

O invisível no espelho: deslocamentos e liquidez identitária na obra *The inheritance of loss*, de Kiran Desai

THALLITA MAYRA SOARES FERNANDES (UFSJ)

Resumo: A identidade cultural é produzida por meio da interação entre sujeitos e das marcas da alteridade entre os mesmos. Ela é ligada à linguagem em nível discursivo e simbólico, e, dessa forma, está sujeita às relações de poder que oprimem indivíduos e grupos, silenciam suas vozes e desvalorizam suas histórias e anseios. A cultura normatiza as ações do indivíduo e é constantemente modificada pela globalização e suas perspectivas homogeneizadoras, o que gera liquidez nas relações

humanas (BAUMAN, 2000) e na percepção das personalidades. Neste contexto, a obra “The Inheritance of loss” (2006), da indiana Kiran Desai abrange situações diaspóricas, ao ser conduzida por personagens que vivem em um espaço pós-colonial e que são obrigados a migrar para outros países em busca de melhores condições de vida. Os constantes deslocamentos a nível local e global são marcados pela subalternidade, violência e humilhação, por causa da xenofobia e da ilegalidade. Além disso, o texto pode ser lido pela perspectiva da impossibilidade do retorno ao estado anterior da consciência de si mesmo e dos outros na nação natal. Os personagens são, ainda, submetidos à sensação de vergonha por terem se tornado o outro em seu próprio país e a sensação do exílio dentro de suas próprias casas e dentro de seus próprios corpos. Tais perspectivas são descritas por Desai (2006), por meio dos rompimentos com o passado e perdas constantes da esperança por uma nação imaginada e homogênea. A autora do romance apresenta os fatos por meio da descrição da vida de personagens migrantes, que buscam fora de seus países natais um sonho que é menos deles do que de seu grupo social: um desejo por uma modernidade fracassada, por um consumismo amalgamador e que destrói por inteiro o que caracterizavam como uma identidade sólida. Assim, sob a luz dos personagens em constante deslocamento, apresenta-se a outra face do sonho, nas formas de melancolia, luto e perda. São apresentadas situações que levam os personagens ao limite que beira o humano e o animal, e que demonstram a crueza das relações em distintos locais do globo. Desai ilustra por meio de sujeitos híbridos a possibilidade de cruzar a fronteira e descobrir na contradição dos discursos uma trajetória que extrapola e subverte os limites territoriais e culturais, permitindo uma leitura subversiva das relações de poder e da descoberta de múltiplas identidades, inseridas na liquidez das relações de produção e consumo transnacionais. O artigo vale-se da obra de Stuart Hall (2014), Gayatri Spivak (1999), Hommi Bhabha (1998), Elias; Scotson (1965) e Chatterjee (2008) para discutir as diferentes

perspectivas da identidade e do espaço global, contidas nos limites de poderes políticos e econômicos. Assim, são analisados os fenômenos da modernidade, do colonialismo e da fragmentação geográfica e psicológica diaspóricas, que influem nos costumes locais e na diferença da perspectiva sobre os territórios ocupados e de que forma eles são regulados pelas cidades globais (MASSEY, 2008).

Palavras-chave: Identidade, Diáspora, Transnacionalismo

O sujeito migrante, a mulher e a rua: um estudo sobre a representação da relação entre identidade e espaço na literatura brasileira contemporânea

RENATA CRISTINA SANT’ANA (UFJF)

Resumo: Este trabalho se ocupa de analisar o processo identitário de sujeitos deslocados que se dá partir da relação sujeito/lugar, considerando as experiências traumáticas que caracterizam a diáspora tanto em seu conceito tradicional (GUILROY, 2001; HALL, 2003; SAID, 2003) quanto em suas novas atribuições (SANTIAGO, 2016) surgidas no contexto da modernidade tardia. Busca-se apresentar uma discussão em torno das teorias críticas da identidade, que encontram suas formulações no bojo dos Estudos Culturais e das teorias sobre o Pós-colonialismo, e, a partir do estudo do objeto literário, investigar a dinâmica dos processos identitários nos espaços de conflitos socioeconômicos, portanto espaços de precariedade social, que abrigam os entrechoques e seus corolários – o preconceito, a intolerância e a exclusão social de indivíduos e coletividades. Para esta exposição, fez-se um recorte que visa demonstrar a representação da relação entre identidade e espaço, e as condições de vida de sujeitos deslocados que se encontram no “entre-lugar” (SANTIAGO, 2000) que divide os espaço público/privado, centro/periferia, no romance Quarenta Dias de Maria Valéria Rezende. Pretende-se, através deste estudo, evidenciar o empenho da escritora Maria Valéria Resende (2014) em retratar pela via do discurso literário, determinados aspectos (sociais e políticos) de

uma parcela da sociedade brasileira que se quer excluída, invisível e silenciada. Trata-se das questões relacionadas à condição da mulher na sociedade ocidental somada ao agravante do processo de migração interna, e das consequências desta dinâmica na reconfiguração identitária dos sujeitos deslocados da contemporaneidade e das questões políticas, econômicas, sociais e culturais que subjazem e permeiam a relação sujeito/lugar. Como referencial teórico, este estudo se utiliza do pensamento de Walter Benjamin (1987), Guy Debord (1997) e das teorias críticas sobre a identidade (BHABHA, 1998; HALL, 2001, 2003; SAID, 1995, 2003, 2005).

Palavras-chave: Literatura Contemporânea, identidade, espaço, migração

Os Guardadores: Identidades da contemporaneidade, Pessoa revisitado e a reterritorialização do oriente.

PEDRO DE FREITAS DAMASCENO DA ROCHA (UFJF)

Resumo: No romance, ‘The Tobacco Keeper’ (“O guardador de tabaco”, 2008, tradução nossa), do iraquiano Ali Bader, um escritor fantasma, contratado por um jornal internacional, narra a história de um judeu de Bagdá nascido em 1926 que é testemunha de relevantes acontecimentos históricos que marcaram o século XX. Obrigado a migrar para Israel em 1948, foge para a Rússia e retorna a Bagdá como um mulçumano xiita. Violinista clássico, especializa-se em performances de Bach e realiza concertos de Moscou a Nova Iorque – em junho de 1967, ocasião em que interrompe um concerto em protesto contra a Guerra dos Seis Dias. Resultado de nova escalada de violência no Iraque, foge para o Irã, mas retorna novamente para Bagdá em 1982 com uma identidade sunita. Morre após ser misteriosamente seqüestrado e assassinado em 2006, durante a ocupação estadunidense do Iraque. A vida do narrador fantasma é contada em segundo plano e é revelada à medida que as investigações da vida do violinista acontecem. Ponto de grande relevância no romance é o estabelecimento do paralelo entre

as identidades assumidas pelo músico com três dos heterônimos de Fernando Pessoa: Caeiro, Reis, e Campos; o próprio título do livro ‘The Tobacco Keeper’ (“O guardador de tabaco”), é fruto de um jogo de palavras com os títulos das obras de Pessoa, ‘O guardador de rebanhos’ e ‘Tabacaria’. Ao estudar as limitações impostas a Yousef em sua vida prática que o impulsionam a tomar a decisão de forjar para si novas identidades a fim de perseguir seu desejo de morar em sua cidade-natal, faremos ponderações com os heterônimos de Pessoa para buscar compreender, para além da poética que músico e poeta compartilham, como suas atitudes artísticas revelam um posicionamento político de questionamento da realidade a que se vêem submetidos junto com seus contemporâneos, e elucidar de que modo as interseções da história com as trajetórias das diferentes personas do músico e dos heterônimos do poeta tornam-se lugares privilegiados de resistência e reconstrução de identidades perdidas. Como fundamentação teórica para empreendermos estas análises, lançaremos mão dos conceitos de indivíduos formulados por Hegel em ‘A razão na história’; de Descartes e seu ‘Discurso do método’, para questionarmos a razão moderna que proclama o ‘cogito’; de Nietzsche e sua ‘Segunda consideração intempestiva’, para avaliarmos os efeitos da história sobre o homem; de Walter Benjamin, e suas deliberações em ‘Sobre o conceito de História’; Marc Augé e sua obra ‘Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade’, para tentar situarmos o lugar em que se insere o artista/cidadão contemporâneo; e do próprio Fernando Pessoa, que em ‘Páginas de doutrina estética’, nos fornece importantes informações de seu processo criativo que serão de grande valia para a releitura proposta para sua obra e comprovação de sua atualidade na contemporaneidade.

Palavras-chave: Identidades, Fernando Pessoa, Contemporaneidade, Oriente Médio

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

***Persépolis*: identidades culturais, territórios e uma proposta de intervenção na escola.**

THAIS FERNANDA RODRIGUES DA LUZ TEIXEIRA (UEL)

Resumo: Pretende-se revelar as relações entre a (re)construção identitária cultural da protagonista Marji e suas memórias na novela gráfica “*Persépolis*” de Marjane Satrapi, publicada em quatro volumes entre 2000 e 2003. No entanto, para este trabalho, utilizou-se o volume único (2007). Para o sujeito, a escrita e a fala são provenientes de um lugar e um tempo particular, em uma história e uma cultura específica. O que se diz está sempre “em contexto” posicionado (HALL, 1996). As identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. A identidade é uma produção que nunca se completa, está sempre em processo, e é sempre constituída interna e não externamente à representação (HALL, 1996). A representação atua simbolicamente para classificar o mundo e as relações do sujeito no seu interior (HALL, 1996). Deve-se falar em identidades possíveis, das quais o sujeito pode se identificar, ao menos temporariamente (HALL, 2013). Por isso, optou-se por elaborar uma proposta de intervenção, a partir da novela gráfica “*Persépolis*” (SATRAPI, 2007), para que os alunos repensem suas posições identitárias no mundo tanto como sujeitos da e na linguagem quanto sujeitos-protagonista de suas memórias. Sob tal contexto, a proposta de intervenção será desenvolvida com os alunos de um oitavo ano do Ensino Fundamental, na disciplina de Língua Portuguesa. A proposta propõe o contato com obras autobiográficas para que o aluno tenha motivação para se posicionar discursivamente, reivindicando um lugar para falar de si mesmo. Para simbolizar a concepção de autobiografia, será utilizado o gênero-âncora “*Persépolis*” de Marjane Satrapi (2007) e

trechos das seguintes obras: “O diário de Anne Frank” por Otto H. Frank e Mirjan Pressler (2013), “Inverno na manhã” de Janina Bauman (2005), “Adeus tristeza” de Belle Yang (2010) e “Bordados” de Marjane Satrapi (2010). Nesse sentido, o intuito é esboçar as identidades culturais das personagens nos seus diferentes territórios. A conjugação delas ao seu próprio tempo e espaço cultural assinala para o aluno um caminho de escolhas e uma reflexão sobre a própria atuação cultural no território em que vive, porque as identidades culturais derivam de alguma parte, têm histórias, com seus efeitos reais, materiais e simbólicos (HALL, 1996). O passado continua a falar. É construído sempre por intermédio de memória, fantasia, narrativa e mito (HALL, 1996). As identidades culturais são os pontos estáveis de identificação, construídos no interior dos discursos da cultura e da história. Porém, como tudo o que é história, sofrem transformação constante (HALL, 1996).

Palavras-chave: novela gráfica, identidades culturais, territórios, escola

A identidade nacional e a figura do herói nacionalista na Nova Marvel

GABRIEL BRAGA FERREIRA DE MELO (UERJ)

Resumo: No passado, uma das figuras centrais das histórias em quadrinhos tradicionais era o herói nacionalista, sendo o Capitão América seu expoente maior. Tal tipo de personagem tem seu auge nos momentos de maior crise do país que representa. No presente, entretanto, o herói nacionalista se encontra em uma posição delicada. Com o profundo avanço tecnológico que alimenta a globalização, as barreiras geográficas não são capazes de impedir a circulação de pessoas e ideias a todo momento e pelos mais variados motivos. Tais deslocamentos promovem a ruína do conceito de nação homogênea e, uma vez que o herói nacionalista é a tentativa de representar em uma singularidade toda a nação, o próprio papel do herói sofre um poderoso golpe que poderia até mesmo causar sua extinção. Contudo, acompanhando o entendimento de Almeida (2013) de que, ainda que enfraquecido, o conceito de nação não foi substituído por uma pós-nação ou trans-nação. Da mesma

forma, o herói nacionalista resiste, mas não sem algumas mudanças. Com isso, encontramos hoje três heróis nacionalistas nos quadrinhos da Marvel Comics: Sam Wilson, afro-americano; America Chavez, latina; e a tradicional figura do estadunidense branco Steve Rogers, mas em uma posição diferente da que sempre ocupou. Embora America Chavez e Steve Rogers sejam personagens igualmente importantes e apareçam na análise da nova figura do herói nacionalista; pela quantidade de material já publicado disponível, o foco se dará na figura do novo Capitão América: Sam Wilson. Essa comunicação visa responder como a figura do herói nacionalista reage aos novos tempos, modifica o foco de sua luta e se atualiza e se divide em várias representações identitárias em oposição à representação única que perdurou até o fim do século XX. Desse modo, pretende-se responder às seguintes perguntas: Como se dá a discussão e a problematização das questões culturais de identidade nacional e de pertencimento nessa nova era dos quadrinhos? Como os comics representam a sociedade e retratam uma identidade nacional estadunidense nos dias de hoje? Como estabelecer heróis que falem à nação em um país sem uma identidade nacional homogênea? Como retratar uma sociedade tão diversificada culturalmente quanto a dos Estados Unidos nas últimas décadas? E, por fim, como a indústria dos quadrinhos se adapta à nova realidade do mundo para poder manter discussões pertinentes e estabelecer um debate sobre os temas que mobilizam a nação – uma característica histórica do meio desde sua origem? Para atingir tal objetivo, a análise contará com o suporte teórico de Toro (2010), na análise de como Sam Wilson trata do deslocamento vindo de dentro da nação, a divisão impossível de ser ignorada que tomou conta do seu povo e enfrenta as lutas no âmbito social que outros heróis do primeiro escalão ignoram. Observa-se como Sam Wilson, devido ao seu próprio histórico de lutas, é um herói pronto para encarar o “Terceiro Mundo” existente dentro dos Estados Unidos, mesmo que isso cause a revolta de parte da população estadunidense dos quadrinhos e de fora dele também.

Palavras-chave: Cultura, Identidade Nacional, Pertencimento,

Quadrinhos

Cidades Ilustradas

SILVANA RIBEIRO GILI (UFSC)

Resumo: Partindo do princípio que a literatura é um produto cultural que apresenta traços da sociedade em que foi produzido, este trabalho visa examinar a atual produção brasileira de livros ilustrados para determinar como a representação das cidades, feita através de palavras e ilustrações, se articula para apresentar ao leitor aquilo que é periférico e que, a priori, passa despercebido ao leitor contemporâneo. No livro ilustrado, texto e ilustração interagem mutuamente na narrativa. Nessa interatividade, todos os elementos da narrativa desenvolvem-se a partir da representação verbo-visual – palavra e imagem agem, portanto, conjuntamente na construção do sentido. Considerando-se que palavra e imagem são representações verbo-visuais, as perguntas que interessam a este estudo são: a quem representam? E como? Questões relativas às separações e fronteiras (físicas, econômicas ou culturais) entre diferentes classes sociais representadas na literatura têm sido problematizadas por pesquisadores de diversas áreas nos últimos anos (Pechman, 2007, 2008, Kuster, 2008, 2013). O tema cidade é recorrente nos estudos literários contemporâneos e recentes. Prova disso são os vários dossiês temáticos de periódicos acadêmicos dedicados ao assunto, como, por exemplo, o dossiê temático publicado no n.8 da Revista Outra Travessia (UFSC, 2009) que se intitulou Cidades da periferia, periferia das cidades; ou, mais recentemente, o n. 42 da Revista de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea (UnB, 2013) que se intitulou Literatura e Espaço Urbano, assim como mesas redondas organizadas em distintos eventos literários que buscam discutir as questões da cidade e suas complexidades. Esta pesquisa vem se unir a essa perspectiva, buscando, no entanto, concentrar o olhar não nos extremos que se opõem, mas sim nas situações de encontro entre os personagens das cidades e os espaços “comuns” por onde transitam,

espaços onde as margens se borram. Nesse sentido, interessa pensar limiares mais que fronteiras, zonas de deambulação que se abrem a trocas e permutas e que propiciam, assim, transformações. Edifícios de bairros nobres e favelas aparecem em justaposição, numa composição que marca a diferença, mas não necessariamente a total separação dos dois espaços. Prédios e barracos, justapostos, pertencem a uma mesma esfera urbana, a esfera do convívio e da coexistência que são, inevitavelmente, marcados por tensões. Este estudo tem, assim, o intuito de analisar a representação verbo-visual de tal esfera urbana. Que tipo de tensões existem, não apenas naquilo que é representado, mas também entre o verbal e o visual? O objetivo é avaliar a perspectiva desde a qual essas relações são apresentadas ao leitor e quais discursos reforçam e/ou questionam, quais espaços para o diálogo abrem (ou não) e que novas analogias e trajetos do pensamento permitem.

Palavras-chave: livro ilustrado, cidade, literatura contemporânea

Memória, autobiografia e exílio em *Heremakono*, de Abderrahmane Sissako

CRISTIANE LAGE DE MATOS (CEFET-MG)

Resumo: Nos últimos anos percebemos, no contexto cultural, mudanças significativas no que diz respeito às questões identitárias provocando novas formas de subjetivação e de percepção de territorialidades. Essa questão reflete significativamente no enfoque dado à crítica de arte e ou à crítica literária assim como nas manifestações híbridas como é o caso do cinema (reflexo de um sistema específico de construção técnica e sujeito a negociações políticas e midiáticas) onde a narrativa audiovisual é precedida por um texto, um roteiro e outros materiais. O artigo aborda o filme “Heremakono” do cineasta Malinense Abderrahmane Sissako que atua como um testemunho, marcado pelo silêncio e pela lembrança. O deslocamento do exílio (mesmo que não compulsório) onde se estabelecem imagens da memória funciona como vestígio, “daquilo que ficou e não é mais”. No filme, um jovem de

17 anos Abdallah visita sua mãe em uma aldeia de pescadores antes de partir para a Europa. Ele hesita entre a potência do que está por vir e as experiências vividas ou vívidas da memória. A experiência do personagem se assemelha à vida do diretor ao se abordar a temática da ausência e da desterritorialização.

Palavras-chave: Desterritorialização, Lembrança, Cinema, Abderrahmane Sissako

Globalização e fragmentação identitária em *Reprodução*, de Bernardo Carvalho

LILIAN GREICE DOS SANTOS ORTIZ DA SILVEIRA (FURG)

Resumo: O presente trabalho pretende analisar o papel da identidade dentro de uma sociedade marcada pela repetição de informações, representada na obra *Reprodução*, de Bernardo Carvalho. Para tanto, é necessário entender que o personagem principal da narrativa de Carvalho (2013) não consegue dar conta de sua própria realidade, pois apresenta informações que não condizem com a verdadeira situação brasileira. Isso se deve ao fato de que o personagem não possui uma identidade definida, pois não se identifica com a cultura de seu país e não consegue se apropriar plenamente da cultura do outro, a chinesa, da qual tenta aproximar-se. A tentativa mais evidente de entender esse outro é a que é feita por meio do estudo da língua chinesa, fenômeno bastante relevante se levarmos em consideração o fato de que língua e identidade estão intimamente relacionadas. Sendo assim, o escritor preocupa-se em retratar a fragmentação identitária do personagem, que é reflexo da fragmentação do sujeito contemporâneo. Podemos afirmar que a identidade sempre é constituída a partir da diferença. O estudante de chinês não se identifica com a cultura brasileira e não consegue se expressar utilizando a nossa língua. Então, ele tenta se aproximar da China e aprender uma nova língua, pois considera que os chineses são completamente diferentes dos brasileiros. Em relação a isso, Woodward (2000) ao refletir sobre identidade afirma que essa é relacional e marcada pela oposição. Além disso, argumenta a favor de

um reconhecimento da identidade, mas não acredita em unidade. Sobre isso, com base nos apontamentos da autora, pode-se dizer que há dois modos de definir a identidade: no primeiro, a definição é essencialista e é dito que existe um conjunto de características partilhadas por todos e que não se altera ao longo do tempo. Já na definição não-essencialista, a identidade focaliza a diferença, assim como as características comuns partilhadas. Por fim, não é possível pesquisar uma unificação das identidades porque a nossa sociedade é fragmentada e a pós-modernidade trouxe como consequência a perda de todas as certezas que antes existiam. Hall (2005) afirma que as velhas identidades, que por um longo período unificaram o mundo, estão em declínio e, por isso, temos que considerar a fragmentação do indivíduo moderno, pois não existe mais um sujeito uno. Sendo assim, o personagem da obra de Carvalho (2005) é fragmentado e não possui uma essência porque as certezas que existiam já não são mais válidas e as identidades de hoje não são mais estáveis.

Palavras-chave: globalização, identidade, fragmentação, Bernardo Carvalho

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

Favela, periferia e subúrbio: territórios da diferença

PAULO ROBERTO TONANI DO PATROCÍNIO (UFRJ)

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo propor uma leitura teórica das categorias empregadas para a nomeação de territórios urbanos marginais – periferia, favela e subúrbio – a partir da noção de diferença, permitindo a identificação das diferenças destes territórios em relação ao centro e, igualmente, das muitas diferenças presentes entre as próprias categorias. A adoção deste referencial teórico permitiu a elaboração de um plano de análise que se fixe na recusa de uma hierarquização enquanto modelo de

leitura dos territórios da cidade. Nesta perspectiva, periferia, favela e subúrbio, emergem como fenômenos urbanos que assumem uma relação simétrica com o centro. O uso do conceito de diferença, a partir da problematização realizada por Gilles Deleuze e na experiência conceitual produzida por Jacques Derrida e sua *différance*, permite a interrupção da ordem das desigualdades e promove um novo arranjo de leitura da cidade e dos corpos. Diferença pode ser lida como um recurso estratégico e não apenas um instrumental teórico. Se do ponto de vista físico e concreto, na apreciação de uma comparação entre centro e periferias, torna-se possível identificar as marcas de desigualdade do ponto de vista da infraestrutura de serviços públicos e em uma ordem socioeconômica; nos discursos culturais, produzidos por sujeitos pertencentes a estes territórios, as desigualdades assumem o contorno de diferenças. No entanto, é necessário sempre recordarmos que enquanto construção discursiva, a diferença aponta para a ordem das essências, em uma dimensão irreduzível e incontornável, mas tal essência é igualmente uma prática discursiva, uma construção que obedece a marcação de uma identidade. Para além do exame teórico da relação entre territórios marginais e centro sob o prisma da diferença, objetiva-se também a marcação das diferenças entre as categorias empregadas para a nomeação desses territórios, como periferia, favela e subúrbio. Tal análise irá privilegiar uma abordagem histórica da construção dos conceitos, identificando a historicidade de cada categoria e especificidade de seu emprego para a nomeação dos territórios marginais. Por este turno, se o investimento crítico a ser construído neste trabalho busca aproximar periferia, favela e subúrbio enquanto territórios da diferença, tornar-se igualmente importante demarcar as diferenças internas de cada categoria. Ainda que do ponto de vista identitário, como resultado direto dos processos de subjetivação de discursos marginais proferidos por sujeitos da margem – seja sob a forma de música (Rap e Funk), de texto (prosa, crônica ou poesia), ou fílmica (ficção ou documentário) – as diferenças entre favela, periferia

e subúrbio sejam aniquiladas, o objetivo da comunicação é colocar em relevo as diferenças e especificidades dos conceitos. Para tanto, o trabalho terá como fundamento as contribuições teóricas de Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Stuart Hall e José D'Assunção Barros, acerca do conceito de diferença e, em relação aos conceitos de favela, subúrbio e periferia, serão acionados os trabalhos de Janice E. Perlman, Nelson da Nobrega Fernandes, Raquel Rolnik, Licia do Prado Valladares, entre outros.

Palavras-chave: Diferença, Territórios Marginais, Periferias, Identidade

A literatura contemporânea no meio do mundo: memória e identidade

NATALI FABIANA DA COSTA E SILVA (UNIFAP)

Resumo: Este trabalho buscará realizar uma reflexão acerca da produção literária na região do Platô das Guianas, mais especificamente, no Suriname, na Guiana Francesa e no Estado do Amapá, no Brasil. O foco abordado será a memória enquanto representação social e mecanismo de reflexão acerca da identidade cultural de uma região considerada “periférica”, segundo a perspectiva dos grandes centros brasileiros. Próximos à linha do Equador e dentro da região Amazônica, a literatura produzida no “meio do mundo” é transpassada pelas diversas manifestações culturais presentes na região. Muitas são as semelhanças que unem esse espaço, como uma constituição linguística e cultural múltipla, haja vista que, devido ao processo migratório, é possível encontrar brasileiros, javaneses, indianos, chineses, holandeses e franceses. A língua portuguesa, o francês, o holandês, o inglês, as línguas indígenas e crioulas são exemplos dessa pluralidade. Apesar de sua riqueza cultural e potencial econômico e turístico, a região enfrenta graves problemas sociais: ausência de fiscalização de fronteiras, migração ilegal, alto índice de prostituição, exploração ilegal do garimpo, entre outros. A literatura não é alheia a esses aspectos e, portanto, se por um lado é permeada pelo imaginário exótico do “Eldorado”, também incorpora as contradições sociais presentes nas cidades, como

os baixos níveis de desenvolvimento social, as péssimas condições de trabalho no garimpo, a marginalização de uma região que ficou conhecida como “Inferno Verde”. A perspectiva da memória enquanto prática de representação identitária e social será o eixo norteador do trabalho. Para tal, basear-nos-emos nas contribuições de Ecléa Bosi (1979), Stuart Hall (1996; 2003) e Maurice Halbwachs (1950).

Palavras-chave: memória e identidade, platô das guianas, culturas

Imagens e ritmos afro-brasileiros em Waldo Frank e Orson Welles

RONIERE SILVA MENEZES (CEFET-MG)

Resumo: Este trabalho propõe-se a estabelecer uma reflexão a respeito do livro *South american journey*, de Waldo Frank e do filme *It's all true*, de Orson Welles, buscando ressaltar a questão da “democracia racial” e da criatividade afro-brasileira, aspectos que aparecem fortemente nos dois trabalhos realizados no Brasil em 1942, período da II Guerra Mundial e relacionados ao projeto político intitulado “Política da Boa Vizinhaça”. Pelo motivo de Vinicius de Moraes ter convivido com os dois autores, tendo desenvolvido grande amizade com Orson Welles – inclusive escrevendo crônicas sobre o diretor – e viajado pelo Norte e Nordeste brasileiros acompanhando o escritor Waldo Frank, textos do poeta contribuirão com nossas discussões. Acreditando na ideia de que o Brasil havia desenvolvido uma forma especial de lidar com a convivência entre negros e brancos, ao contrário da “color line” norte-americana, da identidade preconceituosa, racionalista, consumista e conservadora que enxergava na imagem dos Estados Unidos, o escritor socialista Waldo Frank pensa que o país latino-americano poderia ensinar esse modelo social ao mundo, começando pela América do Norte. Em diálogo com as análises sobre o texto de Frank, o ensaio visa a investigar o filme *It's all true*, de Orson Welles, tomando a presença de sambistas, de pessoas simples do Rio de Janeiro e de pescadores do Ceará como forma de encontro com o “povo menor”, no sentido deleuziano. Também em Welles, a cordialidade, a “democracia racial”, a ideia de comunidade contribuem para a força dos argumentos do filme inacabado. A noção

de afeto pela diferença está no cerne das duas obras a serem tratadas neste ensaio. Orson Welles funcionava como forte estratégia da “Política da boa vizinhança” na tentativa dos Estados Unidos de estreitar laços culturais – e principalmente econômicos – com o Brasil. Mas o cineasta, assim como o escritor geram sérios problemas com a política norte-americana e brasileira. Eles fogem aos roteiros previamente definidos sobre o que deveria ser registrado no país. A cultura negra, que precisava ser “camuflada”, termina por constituir aspecto central de suas criações. O filme de Welles foi publicado, de modo incompleto, apenas em 1993. O livro de Waldo Frank nunca foi traduzido para o Português. Tanto Frank como Welles viam sérios problemas sociais no Brasil, mas a convivência inter-racial acabava por atenuar essa percepção. Os ritmos populares, principalmente o samba, são pontos fortes nas criações de Frank e Welles e receberão tratamento cuidadoso no trabalho. Além de análises sobre “democracia racial” e “cordialidade”, conceitos ligados ao campo da memória e do arquivo embasarão as reflexões, complementadas por discussões relativas ao conceito de “comunidade”.

Palavras-chave: Waldo Frank, Orson Welles, Guerra, Democracia racial

Miscigenação cultural e social brasileira: Pra que discutir com madame?

BÁRBARA ALBUQUERQUE DA PAIXÃO (UESC)

Resumo: A motivação do presente ensaio se condiciona ao deslindamento das representações da identidade nacional ancorado no samba Pra que discutir com madame (1956) de Haroldo Barbosa e Janet Almeida. Por sua origem discriminizada, negra e popular esse gênero musical permitiu que as fronteiras sociais fossem, e muito, ampliadas. Entretanto, “misturar-se ao povo” significava a busca de uma identidade comum capaz de integrar socialmente esses setores marginalizados. Para desenvolvermos essa discussão utilizaremos como aporte teórico RIBEIRO (2011) e FREYRE (2004) no que concerne aos discursos representativos da formação histórica, social e cultural brasileira.

Palavras-chave: Identidade nacional, Samba, Formação étnica, Cultura



31

IMAGENS EM DISCURSO: EFEITOS DE REAL, EFEITOS DE VERDADE

Nabil Araújo (UERJ)
Elcio Cornelsen (UFMG)

Resumo: Outrora combatidos como resquício indesejado do paradigma historicista do comparatismo ocidental, os estudos de imagologia são hoje “reconhecidos pelo *establishment* comparatista como uma das bases dos estudos culturais, e até mesmo do ‘multiculturalismo’”, observa Pageaux (2011, p. 109). Mas o que é uma *imagem*, no sentido comparatista? Segundo Pageaux, “toda imagem procede de uma tomada de consciência [...] de um Eu em relação a um Outro, de um aqui em relação a um alhures. [...] é a expressão, literária ou não, de um distanciamento significativo entre duas ordens de realidade cultural” (Ibid., p. 110); “[uma] língua segunda para dizer o Outro e, consequentemente, para dizer também um pouco de si, de sua cultura” (Ibid., p. 111). Eis o que poderíamos chamar de construção recíproca da alteridade e da identidade, do Outro e de Si, no discurso, pelo discurso: “Toda alteridade revela uma identidade – e vice versa” (Ibid., p. 111). Isso implica a substituição da ideia habitual segundo a qual a língua funcionaria como um sistema de etiquetas que se ajustam às coisas “no mundo” por uma concepção de construção de *objetos de discurso* a partir de uma instabilidade categorial de base; portanto, da ideia clássica de “referente” e de “referência” por aquela de *referenciação*: “uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 20). Interessamo-nos, aqui, portanto, pelas dinâmicas

diversas de cocriação de imagens do Outro e de Si nos discursos, mas também pelos “processos de estabilização” (Ibid., p. 41-48) dessas imagens, no sentido da produção do que poderíamos chamar, com Roland Barthes, de *efeitos de real*. Há exato meio século, Barthes definia “O discurso da história” (1967) em termos de um certo “efeito de real”: “A eliminação do significado para fora do discurso ‘objetivo’, deixando confrontar-se aparentemente o ‘real’ e sua expressão, não deixa de produzir um novo sentido [...] – extensivo a todo o discurso histórico e que finalmente define sua pertinência” (BARTHES, 1988, p. 156). Pertinência não exclusiva, já que: “Há um gosto de toda a nossa civilização pelo efeito de real, atestado pelo desenvolvimento de gêneros específicos como o romance realista, o diário íntimo, a literatura de documento, o noticiário policial, o museu histórico, a exposição de objetos antigos, e principalmente o desenvolvimento maciço da fotografia, cujo único traço pertinente (comparada ao desenho) é precisamente significar que o evento representado *realmente* se deu” (Ibid., p. 156). Não surpreende, pois, que, em “O efeito de real” (1968), Barthes venha a tratar indistintamente de Flaubert e de Michelet, de romance e de história, sob a rubrica do “realismo”, isto é, “todo o discurso que aceita enunciações só creditadas pelo referente” (Ibid., p. 164), e que padeceria, portanto, daquela “ilusão referencial” pela qual se pretende “deixar o referente falar por si só” (Ibid., p. 149). Em termos algo mais amplos do que os de Barthes, digamos que “a ‘estabilidade’ resulta, de fato, de um ponto de vista realista que relaciona as categorias às propriedades do mundo – como se a objetividade do mundo produzisse a estabilidade das categorias – no lugar de relacioná-las aos discursos sócio-históricos e aos procedimentos culturalmente ancorados” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 27). Pensemos, ademais, esse processo de estabilização referencial-categorial-discursiva para além do barthesiano efeito de real, no sentido do que poderíamos chamar, com Michel Foucault, de *efeitos de verdade*: “Entendo por verdade o conjunto de procedimentos

que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros. Não há absolutamente instância suprema. Há regiões onde esses efeitos de verdade são perfeitamente codificados, onde o procedimento pelos quais se pode chegar a enunciar as verdades são conhecidos previamente, regulados. São, em geral, os domínios científicos” (FOUCAULT, 2006, p. 232-233). Pensemos, por fim, no modo como Jacques Rancière reconceberá esse mesmo processo em termos da constituição de gêneros do discurso, com vistas ao programa, não mais de uma “arqueologia” ou de uma “genealogia”, e sim de uma *poética* do saber: “estudo do conjunto dos procedimentos literários pelos quais um discurso se subtrai à literatura, se dá um estatuto de ciência e o significa”, interessando-se “pelas regras segundo as quais um saber se escreve e se lê, se constitui como um gênero de discurso específico” (RANCIÈRE, 1994, p. 15). Tomando como inspiração um arco de estudos que vai do clássico *Orientalismo* (1978), de Edward Said, até o recente *O burguês: entre a história e a literatura* (2013), de Franco Moretti, passando por *Os filhos de Caim* (1989), de Bronislaw Geremek, este simpósio se constituirá como um espaço de teorização e de análise, sob variadas perspectivas, dos processos de construção e de estabilização de imagens como objetos de discurso, bem como dos efeitos de real e de verdade implicados por tais processos.

Palavras-chave: Imagem, Referenciação, Efeitos de real, Efeitos de verdade

Referências bibliográficas:

- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. de Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FOUCAULT, Michel. Poder e saber (1977). In: _____. **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. Trad. de Vera L. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 223-240.
- GEREMEK, Bronislaw. **Os filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura europeia (1400-1700)**. Trad. de Henryk Siewierski. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Trad. de Mônica M. Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORETTI, Franco. **O burguês**: entre a história e a literatura. Trad. de Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

PAGEAUX, Daniel-Henri. Elementos para uma teoria literária: imagologia, imaginário, polissistema. Trad. de Katia A. F. de Camargo. In: _____.

Musas na encruzilhada: ensaios de literatura comparada. Frederico Westphalen(RS)/São Paulo/Santa Maria(RS): EdURI/Hucitec/ EdUFSM, 2011. p. 109-127.

RANCIÈRE, Jacques. **Os nomes da história**: um ensaio de poética do saber. Trad. de Eduardo Guimarães e Eni P. Orlandi. São Paulo/Campinas(SP): EDUC/Pontes, 1994.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. de Tomás R. Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SCHWARZ, Roberto (Org.). Literatura e pobreza. **Novos Estudos Cebrap** (Os pobres na literatura brasileira), v. 1, n. 2, p. 27-47, 1982.

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

O efeito de real – entre a poiesis e a veridicção

NABIL ARAÚJO (UERJ)

Resumo: Há exato meio século, Barthes definia “O discurso da história” (1967) em termos de certo “efeito de real”: “A eliminação do significado para fora do discurso ‘objetivo’, deixando confrontar-se aparentemente o ‘real’ e sua expressão, não deixa de produzir um novo sentido [...] – extensivo a todo o discurso histórico e que finalmente define sua pertinência” (BARTHES, 1988, p. 156). Pertinência não exclusiva, já que:

“Há um gosto de toda a nossa civilização pelo efeito de real, atestado pelo desenvolvimento de gêneros específicos como o romance realista, o diário íntimo, a literatura de documento, o noticiário policial, o museu histórico, a exposição de objetos antigos, e principalmente o desenvolvimento maciço da fotografia, cujo único traço pertinente (comparada ao desenho) é precisamente significar que o evento representado realmente se deu” (Ibid., p. 156). Não surpreende que, em “O efeito de real” (1968), Barthes trate indistintamente Flaubert e Michelet, romance e história, sob a rubrica do “realismo” – “todo o discurso que aceita enunciações só creditadas pelo referente” (Ibid., p. 164) –, associado, então, a um “novo verossímil”, que “forma a estética de todas as obras correntes da modernidade”; “muito diferente do antigo, pois [...] procede da intenção de alterar a natureza tripartida do signo para fazer da notação o simples encontro de um objeto e de sua expressão” (Ibid., p. 164-165). A diferença não anula, contudo, o que o tipo “moderno” de verossímil compartilharia com o antigo, aristotélico; nos termos de Stierle: “Poiesis significa a produção de um criador, seja a produção do Criador originário, seja a feita segundo protótipos. Em Aristóteles, a poiesis só é poiesis estética quando está a serviço da mimesis, da imitação. [...] o amplo campo da poiesis se estreita pela faculdade da mimesis” (STIERLE, 2006, p. 11-12); “Aristóteles restringe o espaço de manobra da poiesis pelo princípio da mimesis” (Ibid, p. 19). Contraposto ao conceito ontológico de “referente”, endossado por Barthes, o de referenciação – “construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 20) – resgata o caráter poiético do discurso, o da “plasticidade linguística e cognitiva” (Ibid., p. 25) da poiesis anteriormente à sua restrição pela mimesis, e, ainda mais, pela verossimilhança. Distinguiremos, aí, dois processos, em progressão: (i) a estabilização da construtividade poiética num determinado efeito de real: “a ‘estabilidade’ resulta, de fato, de um ponto de vista realista que

relaciona as categorias às propriedades do mundo” (Ibid., p. 27); (ii) o da subsunção desse efeito de real num efeito de verdade, em função de um sistema de veridicção: algo como o conjunto dos “procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros” (FOUCAULT, 2006, p. 232-233); e, ainda, dos “procedimentos literários pelos quais um discurso se subtrai à literatura, se dá um estatuto de ciência e o significa”, das “regras segundo as quais um saber se escreve e se lê, se constitui como um gênero de discurso específico” (RANCIÈRE, 1994, p. 15).

Palavras-chave: efeito de real, referenciação, poiesis, veridicção

A imagem poética e a nomeação do real

RENATA SAMMER (PUC-RIO)

Resumo: A partir da antropologia filosófica, que se pergunta sobre a maneira como o homem responde ao mundo e atribui sentido à experiência sensível (Herder, Gehlen), a reflexão de Hans Blumenberg sobre a metáfora está voltada, fundamentalmente, à produção de imagens. Portanto, além de uma teoria da metáfora, ela é também uma teoria da imagem. As imagens estariam na origem da linguagem e, conservando-se ativas, garantiriam a sua característica plasticidade. Ao compor uma dimensão comunicativa importante, resistente à conceitualização, as imagens constituem o fundamento de toda cultura, garantindo ainda a sua renovação. Paradoxalmente, a imagem, nem física, nem mental, é pré-condição para o conhecimento e tateia o que não pode ser conhecido. Esta pesquisa está voltada às imagens oriundas do gesto metafórico, em particular àquilo que nelas evidencia os limites da linguagem conceitual e distingue – se distingue - o discurso poético dos demais. Para tanto, concentrar-nos-emos no conceito de “metáfora absoluta” blumenberguiano, que, além de promover um desvio na ordem do discurso, caracteriza-se pela aproximação de códigos sógnicos diversos (verbal, vocal, visual). Logo, perguntamos se a metáfora assim compreendida não distingue o discurso poético – ou a poesia – das

demais formas discursivas. Se o enjambement distingue a poesia da prosa, como sugere Agamben, é porque a aparente quebra de sentido de um verso ao outro propõe, pela aproximação de códigos sógnicos variados, sentidos impensados, assim gerando, como é próprio das metáforas poéticas, um novo contexto ontológico. Portanto, além da versificação, que, ao fim, terminaria por fornecer apenas uma fôrma com a qual poderíamos, eventualmente, distinguir discursos, o poético pode ser mapeado pelas metáforas absolutas que carrega. Metáforas estas que não se deixam traduzir na ordem conceitual. Próprio dessas metáforas é a produção de imagens: “la terre est bleue comme une orange”, vale citar o verso de Paul Eluard que tão bem exemplifica esse intento. Assim, pela nomeação do sensível, a metáfora constitui o poético (e não apenas a poesia) garantindo certa maleabilidade à linguagem e à cultura. Portanto, perguntamos se é próprio da poesia a manutenção de uma zona de indecisão e como esse modo discursivo está relacionado à produção de imagens. Ainda, como uma hermenêutica das imagens pode lidar com a especificidade do poético? Pode, portanto, o poético – este campo sem campo, fora de si - ser mapeado pelo gesto metafórico que aproxima códigos distintos e pela consequente produção de imagens? Partindo do princípio de que o poético instaura um mundo (e não o mundo), qual seria a verdade do poético? Propomos responder essas perguntas pela análise de alguns poemas de Fíama H. Brandão, nos quais a redução do “eu” a um mínimo estimula a metamorfose – do sujeito, do mundo, bem como do signo - enquanto gesto fundador da poesia.

Palavras-chave: imagem, metáfora, poesia, metamorfose

Theoria: entre o espetáculo para Dioniso e a contemplação filosófica

RAFAEL GUIMARÃES TAVARES DA SILVA (UFMG)

Resumo: Baseando meus estudos numa retomada de considerações do campo da imagologia – tal como propostas recentemente por Pageaux -, ainda que expandidas a fim de comportar imagens para além dos limites

imagológicos mais estritos, pretendo sugerir de que modo se davam a ver certos “Dionisos” do período arcaico da Antiguidade helênica – em seus mitos e em seus cultos –, a partir dos desenvolvimentos em palavras do campo semântico relacionadas à divindade (Dioniso, vinho, ditirambo e outras afins), além de representações pictóricas conservadas em cerâmicas da época (conforme as célebres análises de Dodds, Jeanmaire, Burkert e Dabdab Trabulsi). Levando em conta a associação que a Atenas do período clássico desenvolve – entre Dioniso e o teatro [théatron] –, pretendo sugerir os diversos modos pelos quais essas imagens arcaicas foram moldadas a partir desse contexto, no qual *theoría* ainda tinha o sentido mais concreto de “ação de assistir um espetáculo ou uma festa” (BAILLY). Com vistas a isso, será especialmente interessante considerar as estratégias retóricas de um Platão (tal como propostas sobretudo nos livros II, III e X da República) a fim de usurpar da poesia mimética em geral (e da trágica em particular) a prerrogativa de uma poíesis [criação], de uma mímesis [representação] e de uma *theoría* [contemplação], valendo-se do argumento de um imperativo do *lógos* [razão] filosófico pretensamente construído de forma dialética. Outro momento importante nessas apropriações das imagens de Dioniso – e, conseqüentemente, da *theoría* – ocorre ainda na Poética de Aristóteles. Nessa obra, o filósofo oferece uma resposta contundente a problemas colocados por seu antigo mestre, Platão, e para isso molda mais uma vez as antigas imagens de Dioniso a fim de que sua própria teoria dos gêneros poéticos (sobretudo dramáticos) consiga fundamentar uma argumentação por uma nova recepção da poesia no arcabouço filosófico responsável pela formação do cidadão helênico. Considerarei ainda as reapropriações que escritores do período helenístico – como Virgílio, Horácio, Plutarco e Ateneu – fazem das imagens de Dioniso, adaptando-as a uma concepção da poesia trágica segundo a qual ela seria uma forma de expressão poética rústica e por isso mesmo capaz de se comunicar com o que há de mais profundo no ser humano. Esse percurso diacrônico pelos

desenvolvimentos que novas concepções acerca de Dioniso – bem como da relação dessa divindade com os gêneros poéticos dramáticos e com a *theoría* – pretende indicar de que maneira as mais diversas ideias sobre o trágico desenvolvidas nos últimos dois séculos da tradição ocidental (desde fins do séc. XIX) puderam encontrar respaldo nos textos da própria Antiguidade. Para isso será necessário acompanhar de perto as transformações que advieram às imagens de Dioniso e aos sentidos de *theoría*.

Palavras-chave: tragédia, imagologia, poética, Dioniso

Imagens da leitura na teoria de Wolfgang Iser

JANINE ROCHA (CEFET-MG)

Resumo: A situação concreta da leitura impõe um desafio a quem busca olhar, sob a ótica teórica, aquele que lê. A complexidade da leitura desautoriza classificações categóricas ou definitivas, bem como estimula a produção de metáforas pelos estudiosos da leitura. Neste trabalho, pretendemos examinar três metáforas referenciadas por Wolfgang Iser no livro *Der Akt des Lesens. Theorie ästhetischer Wirkung* [O ato da leitura: uma teoria do efeito estético]: a leitura como viagem, o sentido como “desenho do tapete” e o texto como partitura. Iser sublinha a assimetria entre o polo textual e o da recepção, a ser negociada, no ato da leitura, mediante a interrelação entre o fíctício e o imaginário. Analisaremos a concepção de leitura e o papel do leitor pressupostos por Iser nas metáforas assinaladas, uma vez que, nessas imagens, pulsam não só a ideia de que o leitor é um elemento imprescindível para se pensar a comunicação literária, mas também a projeção do efeito dessa comunicação. Proposta por Iser a partir da ficção de Henry Fielding, a metáfora da viagem ressalta a mobilidade não só mediante o caráter permanentemente inacabado da leitura – uma vez que é preciso combinar estágios diferentes do texto –, como também com o movimento que o leitor realiza pelos planos da narrativa, atualizados no ato da leitura. Ao transitar por esses planos, o ponto de vista do

leitor oscila entre a perspectiva da narrativa circunscrita pela ótica do narrador, dos personagens, do enredo e do objeto ficcional construído pelo próprio leitor em sua leitura. Já a metáfora do “desenho do tapete” é explorada por Iser a partir do diálogo com a novela “The figure in the carpet” [“O desenho do tapete”], de Henry James. A novela fomenta, no plano da diegese, uma discussão acerca da interpretação, uma vez que o “desenho do tapete” compreende uma metáfora do sentido secreto concebido por Vereker, personagem que é o autor ficcional do texto cujo sentido os críticos literários disputam. Por fim, a metáfora da partitura aponta para apreensão – e para a tradução – do texto pelo leitor no ato da leitura. Ao selecionarmos essas metáforas, pretendemos analisar também as potencialidades da metáfora no contexto de um discurso teórico como o de Iser. Inicialmente, recorreremos ao livro *Theorie der Unbegrifflichkeit* [Teoria da não conceitualidade], de Hans Blumenberg, no qual o autor confronta conceito e metáfora, que são caracterizados, respectivamente, pela pretensão de univocidade e pela expectativa de multiplicidade. Para Blumenberg, a metáfora – que desautomatiza definições – torna-se necessária na medida em que a efetividade do conceito arrefece. Em um segundo momento, confrontaremos a perspectiva apontada por Blumenberg com a teoria da referência proposta por Lorenza Mondada e Danièle Dubois, segundo a qual a instabilidade constitutiva do discurso é cerceada por procedimentos que determinam a referência discursiva. A partir do confronto entre essas duas perspectivas, pretendemos discutir se as metáforas da leitura no livro de Iser não propiciariam, ao menos parcialmente, o que Mondada e Dubois denominam “efeito estabilizador”.

Palavras-chave: Wolfgang Iser, leitura, metáfora, referência

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Experiência de linguagem e construção de imagens: escritura e obra em processo. Análise de imagens nas anotações de viagem de Gustave Flaubert e de Maxime Du Camp

LÚCIA AMARAL DE OLIVEIRA RIBEIRO (USP)

Resumo: O objetivo deste trabalho é trazer elementos para a compreensão da gênese do estilo de Flaubert e especificidades da sua escritura, especialmente a construção imagética do modo descritivo. Analiso traços distintivos do seu estilo, a partir da análise comparativa de seus textos e os de Maxime Du Camp relativos à viagem que fizeram juntos para o Oriente, no período de 1849 a 1851. Semelhanças nos temas e modos de escrever esses textos denotam empréstimos e apropriações de elementos comuns, formas que circulam em relatos de viagem da época. Este trabalho integra a pesquisa de Pós-doutorado que realizo na Universidade de São Paulo - USP, desde 2015, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, processo no 2014/25666-4. Flaubert não quis publicar as anotações dessa viagem, que constituem um lugar de experiência com a linguagem, uma espécie de laboratório de formas, que depois, com mudanças, ele integra em seus romances. A análise que pretendo apresentar neste congresso da ABRALIC abrange excertos inéditos dos seus cadernos, com anotações feitas durante a viagem, que estão na Biblioteca histórica da cidade de Paris, e excertos do que foi publicado nas edições de Claudine Gothot-Mersch, publicadas pela editora Gallimard em 2006 e 2013. Os textos descritivos são marcados por elementos da percepção visual e apreensão do espaço, chamam a atenção pelo efeito imagético. Com a força de um esboço que antecede a obra, esses textos se aproximam de formas plásticas. Nessas anotações, Flaubert prioriza a representação de planos, contornos e cores. Frequentemente, o procedimento de descrever corresponde à

organização de diferentes elementos no espaço, uns em relação aos outros. O que interessa neste trabalho é a análise da forma poética que se relaciona à composição de imagens e cenas e como a produção de imagens se relaciona a processos de escritura. Esta análise se realiza em diálogo com conceitos teóricos que Jacques Rancière desenvolve no livro *La parole muette* (A palavra muda). Ao contrário de Flaubert, Du Camp fez uso de suas anotações para redigir um relato da viagem, publicado primeiro como folheto na *Revue de Paris* em 1853 e no ano seguinte em livro, com o título *Le Nil*, abrangendo conhecimentos de história e arqueologia. Os manuscritos das anotações de Du Camp relativos à viagem e textos que copiou de egiptólogos tais como Champollion, Prisse d'Avènnès e Silvestre de Sacy estão na Biblioteca do Instituto da França, em Paris. Du Camp também publicou uma obra com as fotografias que tirou no Egito, Núbia, Palestina e Síria. A partir da leitura cruzada das anotações de Flaubert e Du Camp, pretendo apresentar reflexões sobre estilo, procedimentos de escritura e efeitos estéticos.

Palavras-chave: escritura, construção de imagens, crítica genética, Gustave Flaubert

Imagens kafkianas em discurso: imagens potenciadas e efeitos de real em *O processo*

VIVIANE CRISTINA BITENCOURT DOS SANTOS (UFMG)

Resumo: Na pesquisa em desenvolvimento, coloca-se como problema a possibilidade de a escrita kafkiana tencionar a relação do leitor com o real, criando certo desassossego através de um discurso que apresenta imagens do absurdo. Para tanto, foram escolhidos como base teórica principal os seguintes textos: “O rumor da língua”, de Roland Barthes (2004); “Kafka: pró e contra”, de Günther Anders (2007); “Anotações sobre Kafka”, de Adorno (1998). Destaca-se que não se pretende intitular Kafka como realista, mas analisar as conexões com o real que são possíveis de serem depreendidas de seu romance “O processo”. Um dos métodos que Kafka usou para dar vida às situações narradas por ele e fortalecer suas críticas à submissão do homem a forças que oprimem

foi criar um mundo que não se prende às descrições do analisado, evitando puramente imitar o que quer que seja. Kafka narra, de forma muitas vezes hiperbólica, o que parece uma denúncia à loucura que nos é normal. Ele não copia, mas intensifica e destaca o que é problemático e deforme, sem fazer perder o valor estético de sua obra, mantendo sua especialidade artística, segundo Adorno, ou até mesmo o que Barthes chamaria de “finalidade estética da descrição”. A relação que ele propõe com o real em “O processo” é ressaltada ao mesmo tempo que negada. Um dos métodos usados que podem chocar seu leitor e fazê-lo perceber o absurdo por trás do que talvez lhe pareça normal e naturalizado é o uso de “imagens potenciadas”, como conceituou Günther Anders. Esse método é capaz de permitir ao leitor um distanciamento que lhe possibilita ir além do não-dito e aproximar a realidade ficcional kafkiana do real. Diante disso, entende-se essa prática como objeto do discurso, usado com o propósito de “deslucrar” o mundo literário, chamando a atenção do leitor que não mais vê o que é, pois isto já lhe é habitual, a fim de fazê-lo observar o real e seus espantos disfarçados de banais. O efeito disso pode trazer certo sentimento de realidade. Uma cena que exemplifica bem o uso de “imagens potenciadas”, e sobre a qual Adorno falou, é a que Josef K. abre a porta de um quartinho de despejo onde observara, na noite anterior, seus guardas serem espancados e se depara com tudo igual havia deixado. Isso, além de mostrar uma “discrepância entre extrema irreabilidade e exatidão, [...que gera um] efeito de choque [...e] o sentimento da mais aguda realidade” (ANDERS, 2007, p. 24), dá chance ao leitor desatento àquela violência na primeira leitura de se ater à hipérbole daquela ação que antes passara como mais um evento da normalidade. Aqui, o leitor tem, segundo Anders, a “chance de revisão do pensamento”, afinal, “não é o monstruoso que choca, mas sua naturalidade” (ADORNO, 1998, p. 244). A cena descrita é apresentada quase que como uma fotografia, o que lhe dá uma importância retórica que justifica os pormenores da descrição usados até aonde foram, ocasionando seu “efeito de real”.

Palavras-chave: Kafka, Imagem potenciada, Efeitos de real

O “inocente jeito de durar”: imagens da casa em Herberto Helder

CONSTANCE VON KRÜGER DE ALCÂNTARA E SILVA (UFMG)

Resumo: Herberto Helder, em um gesto experimental, elegeu escrever um só poema. Na hipótese criativa empreendida, um poema de uma vida (que se confundiu com a obra) era o que se esperava que escrevesse; uma existência dita pela palavra, em que se percebe a ambição de ser poema. Por essa razão, houve reiteradamente a revisão dos escritos em nome da composição maior: o poema contínuo. A leitura dos poemas-fragmentos que compõem o poema contínuo de Herberto Helder permite a descoberta de que, em meio à verborragia e à constelação de imagens, algumas se mostram recorrentes. A casa, que fulgura em versos de maneira frequente, apresenta-se como imagem insistente. Em Apresentação do Rosto, de 1968, por exemplo, há um retrato pessoal e íntimo, tão somente revelado pela força da escrita do autor, que desvela, dentre outras, memórias sobre sua casa da infância. Os corredores arqueados da morada da menor idade, de sua casinfância, configuram pujante imagem, que, transposta pela mão canhota para a forma e para a ideia de poema, sobrevive pela palavra – evidência de forte relação entre a criação poética e as imagens da memória. O estudo aqui proposto pretende mapear em que instância a existência (e a resistência) da casa materna no imaginário do poeta eclode em seus versos (tão marcados pela rebeldia quanto à referencialidade) resultando em imagens da casa. Em relação a Herberto Helder, solicitam-se os escritos de Rosa Maria Martelo acerca do entrecruzamento entre vida e obra (uma “vida gramatical”, como argumenta em Os nomes da obra: Herberto Helder ou o poema contínuo, de 2016), o que visa a justificar a existência de rastros autobiográficos em sua poética. Parte-se do pressuposto teórico de que a imagem persiste na dicção do poeta, tal como assinala Jacques Rancière em O inconsciente estético (2009), quando aponta a possibilidade de estabelecer um debate sobre por que meios o pensamento (mesmo que ainda informulado, no que se convencionou

chamar de inconsciente) se emaranha na arte; neste caso, na tessitura das palavras pensadas sobre o papel. Além dessa importante contribuição, recorre-se à alegoria das constelações, engendrada por Walter Benjamin no prólogo epistemológico-crítico de A origem do drama trágico alemão (2011), para justificar a leitura fragmento-constelar da obra contínua de Herberto Helder. Segundo Benjamin, “as ideias são constelações eternas”. Reside, assim, nessa reflexão, uma conceituação sobre a fragmentação: as estrelas, que, unidas por um fio imaginário, compõem a constelação. Tal como as coisas se relacionam com as ideias como as estrelas com as constelações, assim também acontece nos poemas-fragmentos helderianos marcados pelas imagens da casa, que se relacionam com o seu poema contínuo e a sua ideia de casa. Verificar-se-ão evidências de como o gesto de salvar as imagens, seja pela intenção ou por uma ação do inconsciente estético, caracterizaria, nesta hipótese, o transitar entre a particularidade e o todo, tais como as estrelas e a constelação – “simultaneamente dispersos e salvos”.

Palavras-chave: herberto helder, poesia portuguesa, imagem, casa

Gozo com a dor do outro em *Fronteira*, de Cornélio Penna

LUIZ EDUARDO DA SILVA ANDRADE (UFMG)

Resumo: Em *Fronteira* (1935), o narrador descreve uma cena em que pessoas fazem romaria à casa da protagonista Maria Santa, que, em estado de transe, tem alfinetes espetados em seus braços por estas mesmas pessoas. Acredita-se que a afamada santidade da personagem converteria em relíquia os alfinetes (PENNA, 1958, p. 139). Além desse gesto de violação do corpo alheio, chama atenção a frieza e a curiosidade dos presentes no quarto, gente preocupada com suas súplicas, pedidos de cura e milagres. Desprovida de humanidade, Maria é reificada e convertida em uma imagem indolente, como se a “santidade” fosse alegoria das dores dos outros. Outra violência diante da personagem inerte é a sugestão de que o próprio narrador teria molestado seu corpo,

que se oferece numa “caridade incomensurável” (PENNA, 1958, p. 146). Somado a esses aspectos, após a morte da jovem, a Tia Emiliana e a viajante partem roubando as ofertas dos romeiros. A análise proposta objetiva empregar o pensamento de Giorgio Agamben (2014), acerca do paradigma do homo sacer, na problematização e compreensão dessas cenas no romance de Cornélio Penna (1896-1958). Segundo Agamben, o homo sacer é uma complexa figura do ordenamento social e jurídico romano, que, em termos gerais, estaria situada no “cruzamento entre uma matabilidade e um insacrificabilidade” (AGAMBEN, 2014, p. 76), habitando uma zona de indiferença entre sacrifício e homicídio. A justificativa para essa comparação está no fato de Maria figurar essa extremidade de uma vida matável que não pode ser morta, porque, de algum modo, há uma rede de dispositivos alimentados pelo sofrimento dela. A conversão da protagonista em imagem não é proposta, aqui, com intuito de criar um objeto lógico ou constituir uma realidade para a narrativa, seria, antes, um meio de tornar cognoscível essas formas de violência “justificada”, porém inapreensíveis em seu aspecto objetivo. Para Jean-Luc Nancy, “a imagem é o efeito do desejo” (2015, p. 59), pois ela reúne o outro e escancara esse espaço de participação de quem vê. Desse modo, a imagem parece guardar originalmente um componente ético-político necessário à apreensão, sugerindo que o desejo de ver e o de mostrar comportam na mesma coisa e “ao mesmo tempo uma operadora em relação e objeto produzido por essa relação” (MONDZAIN, 2015, p. 39). Susan Sontag (2003, p. 262), em Diante da dor dos outros, diz que na modernidade é reconhecível um “tropismo inato orientado para o horrível”, em seguida cita alguns pensadores para demonstrar que a obtenção de prazer diante do infortúnio e das dores dos outros é um tema já debatido. A contemplação do sofrimento alheio atende a diversas necessidades, mas nenhuma delas se compraz do problema do outro, servindo apenas para reforçar um distanciamento justificado pela concepção de que “aquilo” é uma imagem consumível. Finalmente, Maria Santa seria comparável à figura do homo sacer, pois é consumida

nos aspectos político, sexual e econômico, convertida em uma imagem de desejo que está fora da jurisdição humana – pela propagada santidade –, mas que não ultrapassa para a divina – afinal morre.

Palavras-chave: Imagem, Corpo, Homo sacer, Cornélio Penna

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

A literatura de testemunho, o “excesso de realidade” e o “real” traumático – por uma ética e estética da representação

ELCIO LOUREIRO CORNELSEN (UFMG)

Resumo: Quando nos ocupamos do gênero “literatura de testemunho”, devemos ter em mente uma série de pressupostos. Um deles, como apontam Nestrovski e Seligmann-Silva (2000, p. 7-8), diz respeito à noção de que “a catástrofe dificulta, ou impede a representação”, pois a “catástrofe é, por definição, um evento que provoca um trauma”. A literatura de testemunho é, pois, uma “literatura de trauma”, como ressalta Nestrovski (2000, p. 186), pois se trata de “representar o irrepresentável; resgatar, sem trair um evento latente na memória; redescobrir alguma força viva na língua, que nos torne capazes de testemunhar o que foi visto”. Haveria, portanto, uma necessidade de se prestar testemunho de um dado evento traumático e, ao mesmo tempo, a impossibilidade derivada da própria vivência da catástrofe, que deixaria suas marcas no modo de articulação discursiva pela memória. Essa seria, pois, uma característica da literatura de testemunho, conforme indica Seligmann-Silva (2003a, p. 46-47): “O testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade. Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o ‘real’) com o verbal. [...]” Entretanto, como Seligmann-Silva (2003c, p. 377)

alerta, “esse ‘real’ não deve ser confundido com a ‘realidade’ tal como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o ‘real’ que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do trauma, de um evento que justamente resiste à representação”. Para isso, o teórico lança mão das denominações em latim e grego para o ato de testemunhar algo traumático: *testis* (“o depoimento de um terceiro no processo”), *superstes* (“a pessoa que atravessou uma provação, o sobrevivente”), ambos os termos latinos, e *martyros* (“testemunha”), em grego: “[...] Se a noção de testemunha como terceiro já anuncia o tema da verificação da ‘verdade’, ou seja, traz à luz o fato de que o testemunho por definição só existe na área enfeitada pela dúvida e pela possibilidade da mentira, a aceção de testemunho como sobrevivente e como mártir indica a categoria excepcional do ‘real’ que o testemunho tenta dar conta a posteriori.” (Seligmann-Silva, 2003c, p. 377-378) Para pensarmos a autoria de um relato de testemunho, devemos considerar a seguinte questão, colocada por Nestrovski e Seligmann-Silva (2000, p. 9): “E para quem narra: como se tornar, narrando, uma testemunha autêntica do acontecido e uma testemunha autêntica de si?”. Pois o relato testemunhal está atrelado a outras duas noções, a de autoria e a de responsabilidade. Para Geoffrey Hartmann (2000, p. 222-223), por exemplo, a memória seria o mecanismo que pode possibilitar a presença do “real” discursivo da catástrofe vivenciada, e não apenas do silenciamento pelo trauma: “[...] A memória, e especialmente a memória usada na narração, não é simplesmente um nascer póstumo da experiência, uma formação secundária: ela possibilita a experiência, permite que aquilo que chamamos de o real penetre na consciência e na apresentação das palavras, para tornar-se algo mais do que só o trauma seguido por um apagamento mental higiênico e, em última instância, ilusório.” Nossa contribuição visa a refletir sobre esses aspectos, a partir das obras *Se questo è un uomo* (1947), de Primo Levi, *L’écriture ou la vie* (1994), de Jorge Semprun. Referências Bibliográficas HARTMANN, Geoffrey H. “Holocausto, testemunho, arte e trauma”. In: NESTROVSKI,

Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p.207-235. NESTROVSKI, Arthur. “Vozes de crianças”. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p.185-205. NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Apresentação”. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p.7-12. SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Apresentação da questão”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, Memória, Literatura. O testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003a, p.45-58. SELIGMANN-SILVA, Márcio. “O testemunho entre a ficção e o ‘real’”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, Memória, Literatura. O testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003b, p.375-387.

Palavras-chave: literatura de testemunho, real traumático, Primo Levi, Jorge Semprun

A linguagem autoritária na busca pelo real e pela verdade na ficção

CARLOS PALACIOS (UFRJ)

Resumo: A ficção brasileira contemporânea é frequentemente marcada por um forte senso de responsabilidade social que leva muitas vezes à busca por uma linguagem que crie efeitos de realismo e de verdade. Uma linguagem praticamente visual que, resgatando a definição de Fredric Jameson para “pornográfico”, nos convida “a contemplar o mundo como se fosse um corpo nu”. Esse universo desnudado será, em romances como de Luiz Ruffato e Rubens Figueiredo, a imagem de uma “totalidade” (Arrigucci Jr., 1999) que, para não perder o seu poder de realismo e verdade, deverá muitas vezes ser representada de forma coesa e imune a conflitos e contradições. Apresentaremos essa ideia por meio da análise dos romances *Eles Eram Muitos Cavalos*, de Luiz Ruffato, e *Passageiro do Fim do Dia*, de Rubens Figueiredo, partindo da tese já iniciada por Beatriz Resende (2011) de que essa ficção se desenvolve em um tempo único e presentificado para, a partir daí, acrescentarmos

que essa “presentificação” faz com que as representações sociais nesses romances sejam também únicas e não sofram mudanças na narrativa, por seguirem uma forma já pré-estabelecida. Tal forma de representação geraria, como já ressaltou Flora Sussekind (1985; 1984) e recentemente Ana Cristina Chiara (2004), uma ficção aprisionada pelo autoritarismo do real, que faz com que ela própria seja, de certa forma, constituída por uma linguagem também autoritária. Como na referência a Darwin no romance de Rubens Figueiredo, ambas as ficções parecem repetir o método naturalista de criar uma espécie de inventário, se não de uma natureza, ao menos de um espaço social e suas relações de poder, fazendo com que as personagens dos romances, como os seres vivos de Darwin, sigam à risca o papel exigido por suas personas. A persona é, de acordo com Luiz Costa Lima (1991), a “carapaça simbólica” responsável pelo modo como o sujeito se enxerga e se coloca no mundo, pois é a partir dela que o indivíduo dota si próprio e a sociedade de certos papéis para, enfim, estabelecer as relações sociais dentro desse espaço. Se o mundo é apreendido conforme a ótica com a qual é enfrentado, uma persona fixa resultará em um olhar também engessado e, automaticamente, será produzida uma imagem única desse mundo. Por isso que em ambos os romances o olhar da narrativa levará a uma realidade também única. Dessa realidade única, reinam as personas fixas, cujos papéis sociais estão de acordo com o que o mundo exige. Estar de acordo com esse mundo impede qualquer forma de confronto, caindo em uma terrível contradição: a ficção busca combater uma realidade negativa, mas a representação se adéqua tão bem à imagem que se tem dessa realidade, que termina por se tornar apenas um reforço daquilo que já está presente no imaginário coletivo. A ficção questiona os valores desse mundo, mas não a representação dele. Para isso, ela fará uso de uma linguagem combativa, aprisionada e incapaz de diálogos e autoquestionamentos: em outras palavras, por meio de uma forma autoritária.

Palavras-chave: literatura contemporânea, ficção, realismo, autoritarismo

Imagens do meio rural inglês em *The Rings of Saturn* and *The Enigma of Arrival*

GABRIEL FERNANDES DE MIRANDA (UERJ)

Resumo: A recente explosão de recepção crítica à obra Sebaldiana enfocou principalmente nos aspectos memorialísticos e de cunho histórico de seus textos, deixando muitas vezes de lado a análise das figurações espaciais de seus romances e poemas em benefício de análises mais temporalmente centradas. Se Sebald escreve certamente sobre o fluxo do tempo e a sedimentação das experiências humanas na história, creio que é preciso notar os espaços no qual o faz, principalmente em *The Rings of Saturn*, cujo texto se baseia no deslocamento espacial do narrador. Partindo do entendimento de Daniel-Henri Pageaux, de que a imagem é em resumo, uma forma de falar do outro, ao mesmo tempo que é uma construção de si mesmo, pretendo analisar, em uma metodologia comparatista e em bases teóricas da imagologia e da geocrítica a construção do meio rural da Inglaterra em dois romances: *The Enigma of Arrival* e *The Rings of Saturn*. Sabendo que ambos os romances se passam largamente no countryside inglês, acredito que seja importante analisar não só as diferentes formas de construir uma imagem de um lugar, mas também as formas que os romances encontram para relacionar-se com toda a sedimentação imagética que se sobrepõe a um local imaginado como é o campo na Inglaterra. Ao criar narrativas contemporâneas que passam e analisam à sua maneira a natureza, a paisagem e a relação entre homens e local, tanto Sebald quanto Naipaul também dialogam com imagens estereotípicas desse local. De formas diferentes, me parece que ambos narram e constroem esses locais se apoiando e superando as imagens românticas da literatura pastoral. Será também importante para o trabalho levar em conta a condição estrangeira de ambos os autores e seus eu-narradores. Ainda que de locais extremamente diferentes — a Alemanha de que advém Sebald e a pequena Trinidad da qual origina V.S Naipaul — ambos estão, incondicionalmente, na

condição de sujeitos de fora do local que narram. Ao trazer para o local esse olhar outro que transforma a paisagem inglesa em um objeto de curiosa expectativa estereotípica e ao mesmo tempo de local de crítica e superação do estereótipo, Sebald e Naipaul estão criando espaços que permitem também o desenvolvimento de seus próprios narradores autobiográficos. A análise dos dois romances seguirá então esse fio principal retirado de Daniel-Henri Pageaux, no qual a imagem do outro tem uma função segunda de criar a si mesmo. Apesar das críticas à imagologia feitas por Bertrand Westphal, pretendo também buscar em suas formulações teóricas metodológicas do campo da geocrítica para uma leitura mais completa e fundada no interesse de descobrir na literatura formas de construir espaços ficcionais. Ao somar dois campos comparatistas que a princípio se marcaram através da diferença, pretendo fazer uma interpretação que busque elementos possíveis para uma leitura múltipla da imagem dos lugares construídos por Naipaul e Sebald.

Palavras-chave: Imagem, Lugar, Campo, Estrangeirismo

Olhar do brasileiro sobre o Brasil: imagens do índio em discurso ou efeitos de sentido na publicidade

ROSANE DA CONCEIÇÃO PEREIRA (UNIVERSO NITERÓI/ FAETEC-EITEAB), TANIA CONCEIÇÃO CLEMENTE DE SOUZA (UFRJ)

Resumo: A comunicação “Olhar do brasileiro sobre o Brasil: imagens do índio em discurso ou efeitos de sentido na publicidade” tem como objeto o discurso publicitário brasileiro, no que diz respeito aos processos de identificação e alteridade engendrados em sua construção histórica. O material de análise é parte de estudos da análise do discurso da imagem de Tania Souza (2000; 2001), de pesquisa encaminhada na tese “Discurso e publicidade: dos processos de identificação e alteridade pela propaganda brasileira” de Rosane Pereira (2008) e da análise discursiva da imagem na propaganda em obra organizada por Souza e Pereira em 2011. A fim de abordá-lo,

considera-se a dispersão de textos (superfície linguística nas práticas sociais da história, publicidade e imprensa), cuja natureza da linguagem relaciona-se a práticas discursivas de formas diversas (palavra, imagem e som). O aporte teórico-metodológico fundamenta-se na Análise do Discurso, conforme a abordagem de Michel Pêcheux. A análise incide, especialmente, sobre os efeitos de sentidos da imagem que fazemos sobre nós como brasileiros. Da instauração da imprensa à fundação da publicidade no Brasil, a diversidade cultural se amplia com a rede de relacionamentos empresariais, enquanto a ilusão de unidade da identidade local se mantém pela língua portuguesa. Anunciamos o que pressupomos ser visto pelo outro-estrangeiro do lugar que ocupamos como sujeitos, para dizer/mostrar o que é possível no jogo de nossas identificações. O anúncio proposto para análise traz a marca de sons e imagens equivocados para nós, mas considerados óbvios no imaginário europeu, na tentativa da persuasão ao consumo, tocando as margens de uma argumentação possível entre nós e o outro. Que outros efeitos de sentidos estariam em jogo no olhar do brasileiro no/para o estrangeiro? Reverberam identificações de Brasil, modos de nos dizer e de nos silenciar através da propaganda.

Palavras-chave: Discurso, Imagens do índio, Olhar do brasileiro, Publicidade

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

O espaço autobiográfico como campo metodológico: a produção de efeitos de verdade e os referentes performativos

HENRIQUE DE OLIVEIRA LEE (UFMT)

Resumo: Diante das “ruínas circulares” que aprisionavam as diversas tentativas de definição do gênero autobiográfico, Philippe Lejeune (1976) deslocou a questão da definição formal para as modalidades

de recepção do texto autobiográfico. Nesse sentido, o que faz um texto funcionar como autobiografia é que ele seja lido enquanto tal, ou seja, que seus enunciados sejam lidos sob o signo de um pacto de leitura autobiográfico, algo que não se confunde com qualquer signo presente no texto. Tal deslocamento nos permite compreender que a produção de “efeitos de verdade” no texto autobiográfico se estabelece em relação a certa constelação de textos que pode abranger uma autobiografia, cujo conjunto produz uma imagem do autor. Lejeune utilizará o termo “espaço autobiográfico” para designar os textos que estabelecem relações mútuas – ficção, crítica, ensaios, escritos íntimos, prefácios – e remetem a certa imagem do autor que não coincide exatamente com um conteúdo enunciado, mas que é um efeito de enunciação. O espaço autobiográfico, assim, constitui um campo metodológico que não impõe distinção formal entre a ficção e a autobiografia, pois considera o funcionamento desses textos para o leitor enquanto conjunto de possibilidades para o estabelecimento de certa imagem de autor capaz de produzir “efeitos de verdade”. No entanto, tais “efeitos de verdade” não podem ser confundidos com o que Barthes nomeia a “ilusão referencial”. Os efeitos de verdade não se estabelecem pela capacidade de correspondência entre elementos textuais e objetos referenciados como realidade “extralinguística”. Por isso o espaço autobiográfico abrange textos para além da biografia propriamente dita, pois, se por um lado a autobiografia, constrangida por seu compromisso referencial, ganha em exatidão para perder em complexidade, a ficção seguiria o caminho contrário. A produção de efeitos de verdade alcançada pelo conjunto de textos que compõe o espaço autobiográfico, portanto, não se restringe a sua capacidade de gerar confirmações de dados empiricamente verificáveis pela identidade civil, mas também um tipo de efeito de verdade engendrado pelo texto ficcional no qual o leitor espera encontrar algum fantasma revelador da psique do autor, aquilo que Lejeune denominou de “pacto fantasmático”. Para situar o problema da produção de efeitos

de verdade na autobiografia, recorreremos à teoria dos enunciados performativos do filósofo da linguagem John Austin, que propõe uma distinção entre dois tipos: os “enunciados constatativos”, caracterizado pelas clássicas asserções, comumente concebidas como “descrições” falsas ou verdadeiras dos fatos, e os “enunciados performativos”, desempenhados pelas falas de uma ação por meio do próprio discurso. Diferindo da asserção clássica da enunciação constatativa, o referente performativo não se encontra fora dela, ou a precede. Nosso objetivo é examinar a produção de efeitos de verdade na autobiografia por meio da produção de referentes performativos.

Palavras-chave: Espaço autobiográfico, Efeitos de verdade, Performativo

Jogos de alegação de verdade na literatura marginal de Ferréz

RHEGYSMERE MYIRIAN RONDON ALVES (UFMT)

Resumo: Este estudo pretende fomentar indagações para uma leitura da narrativa composta por Ferréz no livro Manual prático do ódio retomando um compromisso com questionamentos que parecem importantes para o entendimento e mesmo a caracterização de suas obras no campo de uma literatura marginal. Na década de 90 começa-se a ver crescer no Brasil vários grupos e artistas em torno da periferia. Movimentos estes que, protagonizados por sujeitos, jovens ou não, relacionam sua atuação e produtos artísticos a tais espaços e procuram explorar diferentes linguagens artísticas (como a música, o teatro, o cinema, as artes plásticas e a literatura), como bem pontua Érica Peçanha do Nascimento (2010, p.117). Comunga-se da ideia de que as narrativas na literatura marginal, assim como vem ocorrendo com certas narrativas do cinema nacional nos últimos anos, têm indicado o reconhecimento da importância das periferias como parte integrante da cultura e da identidade nacional. Com a temática da periferia urbana brasileira, as prosas de Ferréz e de tantos outros escritores contemporâneos voltam o olhar de sua recepção aos aspectos extraliterários e paratextuais presentes nessas obras. Assim, a

busca por jogos de alegação de realidade, nas obras de Ferréz, parece enveredar-nos em torno daquilo que ele defende como um projeto de literatura marginal e, embora nos seja perigoso categorizar sua escrita em torno de uma produção autobiográfica, por meio do que define e defende literatura marginal, buscamos percorrer sua escrita num caminho que parece admitir certa transgressão aos limites da ficção, transgressão esta que se inicia pelo seu intento e visão de literatura, muitas vezes expressos em suas obras com a noção de engajamento literário. Daí pensar também, como escopo do estudo esse espaço de abertura para uma leitura autobiográfica ou de caráter testemunhal em que grande parte das narrativas do autor retomam elementos importantes, tais como: o discurso construído referenciando o lugar, o retrato das condições de vida e as histórias dos moradores como fundo didático, a volta do passado histórico da constituição do lugar para identificar-se com questões de lutas sociais e raciais para conscientizar o leitor, os elementos da obra, a escolha narrativa, as características dos personagens e os elementos extraliterários. Cada um desses elementos a seu tempo, construindo na narrativa, valiosos instrumentos para a constituição de uma identidade do autor, consubstanciada nessa marca de quem fala sempre sob a condição periférica.

Palavras-chave: Ferréz, Literatura Marginal, Teoria da ficção, Performatividade na escrita

Desestabilização e resignificação das imagens em Maryse Condé: uma nova leitura de *Tituba*

NATHALIA IZABELA RODRIGUES DIAS (UFMG)

Resumo: Se, para falar com Barthes (1988, p. 176), “o discurso histórico é essencialmente elaboração ideológica” e se, além disso, ele é, assim como para Foucault (1996), um espaço de poder e desejo e, ainda, um espaço no qual a luta por esses poder e desejo se dá, fica evidente a razão para o emudecimento e o afastamento de determinados sujeitos de lugares de poder e privilégio, como o espaço dos estudos literários,

por exemplo. No entanto, na contemporaneidade, a emergência de vozes tradicionalmente marginalizadas questiona o lugar e a força de legitimação atribuídos ao cânone. Dessa forma, a circulação de produções criadas em locais fronteiriços, ou locais marcados pela diferença colonial (Mignolo, 2003), elucida fraturas existentes no tecido discursivo hegemônico. A exploração dessas fissuras no discurso possibilita a problematização de imagens (Pageaux, 2011) cristalizadas dos sujeitos historicamente apagados. Para tanto, entende-se imagem, aqui, como uma construção mútua de alteridade e identidade, “[uma] língua segunda para dizer o Outro e, conseqüentemente, para dizer também um pouco de si, de sua cultura” (Ibid., p. 111). Notadamente, Maryse Condé, escritora guadalupina contemporânea, reescreve a peça *As Bruxas de Salém* (1961), de Arthur Miller, na forma de um romance intitulado *Eu, Tituba, Feiticeira... Negra de Salém* (1986), no qual a narrativa é feita sob uma nova ótica: a perspectiva da escrava Tituba, personagem histórico quase completamente silenciado na obra do dramaturgo estadunidense e nos registros oficiais sobre o célebre episódio das “feiticeiras” de Salém, ocorrido no século XVII, nos Estados Unidos. O trabalho pretende, portanto, discutir a desestabilização da imagem da mulher subalterna na produção discursiva de Condé, a partir da construção resignificada de Tituba. Isso porque a reescrita é, aqui, a tentativa de reivindicar o lugar da personagem na história, em uma luta contra o apagamento dos registros desse sujeito. Exemplo disso é a presença, no romance, de trechos extraídos de um suposto depoimento dado por Tituba, quando indiciada por bruxaria, à corte norte-americana. Almeja-se, por fim, discutir o efeito de real (Barthes, 1988) pretendido no livro, dado que a presença dos fragmentos de uma deposição funciona como estratégia para endossar e resignificar um equívoco histórico, pois, questionar a história oficial é questionar certo discurso que reforça opressões e apagamentos. Visto que a narrativa de Tituba foi rasurada dos registros oficiais, o texto de Condé se pretende como um espaço discursivo de reinscrição e de preservação de sua

memória. Assim, tem-se na obra literária um local de possibilidades para a desestabilização de imagens cristalizadas e a construção de representações históricas alternativas.

Palavras-chave: literatura, história, imagem, Tituba

“Efeitos do real” na dramaturgia das novas gerações de Belo Horizonte: visibilidade e política

SARA DEL CARMEN ROJO DE LA ROSA (UFMG)

Resumo: “Efeitos do real” na dramaturgia das novas gerações de Belo Horizonte: visibilidade e política Dra. Sara Rojo UFMG/CNPq As formas de escrever a literatura dramática mudaram de maneira radical nas últimas gerações de escritores brasileiros, sendo um ponto central o confronto entre “o real” e sua expressão artística no texto dramático e no texto espetacular. Cada vez mais, essa transformação dissolve as fronteiras do que podemos entender por texto dramático. Especificamente em Belo Horizonte, observamos que a escrita via internet em Vendaval das atrizes e dramaturgas Glaucê Guima e Júnia Pereira define um tipo de discurso e um tipo de relação com o referencial novo, a inserção das vivências pessoais e da própria ficção na mesma hierarquia se constitui no mecanismo de construção de Get Out, do ator e dramaturgo Assis Benevenuto, a luta entre a dramaturgia textual e a performática nascida no palco foi o dispositivo de A mulher que andava em círculo, do dramaturgo Éder Rodrigues e da atriz-dramaturga Marina Viana e, inclusive, quando aparentemente nos encontramos com um texto de um dramaturgo com um referencial fora do espaço das subjetividades políticas micro e macro que vivenciamos os artistas, Isso é para a dor, de Byron O’Neill, a construção explode as fronteiras desse referencial por meio de uma série de inserções da cultura de massa que faz parte das vivências atuais dos criadores (Primeira Campanha e Byron O’Neill). Essas formas de dramaturgia produzem uma nova relação entre as partes e definem um tipo de visibilidade. Neste trabalho, interessa-nos refletir sobre esses processos

de construção dramática e as imagens escolhidas como objetos de discurso, bem como os efeitos do “real” implicados em tais processos. Referências PINHEIRO, Sara e Vinicius Souza. Janela da dramaturgia I, II e II. São Paulo: Perspectiva, 2016. DIDI-HUBERMAN, Georges. Ante el tiempo. Traducción de Oscar Antonio Oviedo Funes. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2011. DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. Pós: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes-UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-219, nov. 2012. Disponível em: . Acesso em: 18 out. 2014. RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. Tradução de Carolina Santos. Novos Estudos – CEBRAP, São Paulo, n. 86, mar. 2010b. Disponível em: . Acesso em: 12 fev. 2014 RANCIÈRE, Jacques. El espectador emancipado. Traducción de Ariel Dilon. Pontevedra: Ellago Ensayo, 2010. RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005. ROJO, Sara. Teatro latino-Americano em diálogo. Produção e visibilidade. Belo Horizonte: Ed. Javali, 2016.

Palavras-chave: imagem, Efeitos do real, dramaturgia, Belo Horizonte

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

O catálogo abissal de Georges Perec

ADILSON ANTÔNIO BARBOSA JÚNIOR (UFMG)

Resumo: Neste trabalho, pretendemos abordar a construção de imagens empregadas em um múltiplo jogo de verossimilhanças na novela A coleção particular, de Georges Perec. Essa narrativa gira em torno da trajetória de um grande colecionador de arte, Hermann Raffke, personagem cujo acervo é apresentado ao leitor por meio de uma dupla elaboração de imagens: a enumeração descritiva de dezenas de quadros pertencentes ao colecionador e o detalhamento de uma enorme pintura

que retrata grande parte daquela coleção e que, por retratar também a si mesma, configura-se como uma mise en abyme. Os episódios que narram como Raffke reuniu sua coleção e a destinação que esta veio a ter após a sua morte são entremeados por listas que, variando quanto ao grau de pormenorização, descrevem as obras colecionadas e trazem dados das circunstâncias em que foram adquiridas. Desse modo, as obras da coleção são elaboradas, via discurso, no imaginário do leitor. E, no mesmo passo, o texto narrativo se converte em uma espécie de conjunto de verbetes: um catálogo. Após a morte do colecionador, o acervo é paulatinamente leiloadado e, ao final da novela, revela-se que a maioria daquelas pinturas era falsa. Os leilões faziam parte de um estratagema concebido por Raffke para se vingar de marchands, consultores e negociantes de arte que o haviam ludibriado. Ainda que a narrativa aluda a temas como autenticidade e falsidade, original e cópia, essa revelação final não deixa de surpreender o leitor. Nossa hipótese é a de que o leitor pode ser surpreendido porque, ao longo da novela, as obras que compõem a coleção são construídas, imagetivamente, a partir de detalhes. Tais pormenores terminam por gerar, ainda que de modo restrito ao plano diegético, o que Roland Barthes denominou “feito de real”, e tornam o leitor um “homem da crença”: que vê “sempre alguma outra coisa além do que vê” (Georges Didi-Huberman). Assim, a autenticidade das obras – inscritas no catálogo em que a narrativa se converte – deixa de ser objeto de questionamento por parte do leitor. Isto porque a descrição e a especificação (quanto à origem) minuciosas das pinturas funcionam como um “processo de estabilização” – nos termos de Lorenza Mondada e Danièle Dubois – daquele discurso narrativo. A pormenorização imagética daquelas obras de arte fornece o teor de verossimilhança necessário para que o leitor crie mais expectativas quanto à exposição dos episódios narrados do que quanto à condição das pinturas listadas – a certa altura, fixadas discursivamente na imaginação desse mesmo leitor. O desenlace da novela surpreende o leitor, iludido, tal como são enganados os adversários do colecionador

que arquiteta a trama. No plano narrativo, a reviravolta final converte o que seriam dados de um catálogo em artimanha central do texto. Nossa abordagem se apoia nos estudos de imagologia, e também na oposição entre crença e tautologia – teorizada por Didi-Huberman em *O que vemos, o que nos olha* –, com o intuito de analisar como, na novela em apreço, as imagens são construídas e manipuladas a favor do engenho narrativo e da fruição por parte do leitor.

Palavras-chave: Georges Perec, ficção moderna, imagologia, coleções

Resíduos barrocos e modernistas em *Paisagem moral*, de Francisco Alvim e Marcel Gautherot

PEDRO GOMES DIAS BRITO (UFMG)

Resumo: O barroco ganha centralidade, no decorrer de todo o século XX, nas reflexões sobre a formação cultural e identitária brasileira. As bases dessas reflexões provêm da progressiva valorização do universo barroco a partir do modernismo, como quando Mário de Andrade escreve o ensaio “O Aleijadinho” (1935), no qual afirma que “o Brasil deu nele [Aleijadinho] o seu maior engenho artístico”. Ao longo de todo um processo de maturação, em que se inscrevem os trabalhos, por exemplo, de Affonso Ávila (1967; 1971), o barroco é edificado – numa chave sobretudo modernista, que enfatiza o caráter exemplar do movimento em Minas Gerais – como uma das experiências inaugurais de soluções artísticas e literárias “autenticamente brasileiras”. Desse modo, certa imagem e certo imaginário desse momento histórico, artístico e cultural são forjados por diversas instâncias discursivas: literária, historiográfica, sociológica, artística e patrimonial. Na esteira de Certeau (1998), cremos que essa rede discursiva tem “um poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolada”, gerando certos protocolos de leitura e de interpretação do barroco e da própria realidade brasileira. Pretendemos, nesta comunicação, examinar a presença do barroco e do modernismo no livro “Paisagem moral”, composto pelo poema de Francisco Alvim, “Degraus da arte de meu

país”, e por fotografias de Congonhas do Campo, de Marcel Gautherot. Neste livro, temporalidades se entrecruzam: as fotos de Gautherot são da década de 1940 e constituem o registro documental e artístico de cenas da vida cotidiana, de festividades religiosas e de obras arquitetônicas (do século XVIII), em Minas Gerais. Já o texto de Alvim foi escrito exclusivamente para a publicação de 2009. Procuraremos analisar, tendo como ponto de partida “Degraus da arte de meu país”, o encontro dessas três temporalidades: o barroco e o modernismo amalgamados no contemporâneo. Nossa tarefa compreende certos momentos. O primeiro é dedicado ao estudo das diversas referências que Alvim faz ao imaginário e à poesia modernistas e à arte de matriz barroca. Perscrutaremos, sobretudo, as referências a Aleijadinho, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Um segundo momento se centra numa leitura cerrada, que focaliza a perspectiva barroca convocada por Alvim na construção de seu poema: jogos de dualidade – espaciais e entre o preto e o branco, por exemplo – e emprego de certos topoi. Um terceiro momento, que articula os dois anteriores, analisa como o trabalho do poeta não reafirma ou atualiza “tout court” certo imaginário do barroco e do modernismo, lançando nova luz sobre imagens sedimentadas da tradição. Nesse sentido, procuraremos examinar, enfim, a potência criativa do encontro da poesia de Alvim com a fotografia de Gautherot: encontro que desestabiliza – e aqui pensamos em termos de Mondada; Dubois (2003) – a hierarquia proposta por Oswald de Andrade em seu poema “Ocaso”, no qual Aleijadinho é elevado a um patamar inalcançável dos “degraus da arte de meu país”.

Palavras-chave: Barroco, Modernismo, Poesia contemporânea, Imagem

Nuno Ramos: entre a literatura e as artes visuais

JÚLIA CAROLINA ARANTES (UFMG)

Resumo: Em contato com a obra de Nuno Ramos, somos surpreendidos pela capacidade do artista de perpassar diversos sistemas discursivos

e artísticos: Nuno Ramos é filósofo de formação, pintor, desenhista, escultor, escritor, cineasta, cenógrafo, compositor, ensaísta. Como leitores/espectadores, apercebemo-nos assombrados pela capacidade do artista de se apoderar de linguagens tão díspares, de manipular gêneros que julgávamos serem incomunicantes. Se em um esforço de olhar para as obras de Nuno Ramos não nos ativermos apenas ao conforto de categorias como pinturas, instalações, ensaios, poemas, sem nos limitarmos, portanto, apenas à “genericidade do gênero” (N. Araújo), podemos perceber uma porosidade entre artes visuais e literatura. Simultaneamente, percebemos que os próprios textos, instalações, quadros, possuem elementos excessivos que não refluem para a unidade das obras, desestabilizando as próprias categorias que deveriam abrigar tais trabalhos. As obras parecem refluir contra o totalitarismo do gênero. Um exemplo dessas obras que se põem para fora de si são os quadros de Nuno Ramos, desde as obras sem título da década de 80 até os Houyhnhnms, de 2015. A ausência de moldura e o excesso de materiais justapostos na tela resultam em obras volumosas, heterogêneas, que se espriam para o espaço branco do museu. Esses quadros se asseguram como pintura porquanto o suporte nunca é abandonado. Entretanto, é o próprio subjétil da obra (um indicativo do gênero-pintura) que propicia que a obra salte e se indetermine, ficando a meio caminho da escultura e da instalação. Há uma tensão, portanto, entre acomodar-se dentro dos limites do gênero e de perverter essas mesmas balizas. A fim de esmiuçar o caráter poroso e instável dos gêneros em Nuno Ramos, podemos selecionar imagens que atravessam suas obras plásticas e literárias. A partir de uma perspectiva infragenérica (N. Araújo), partiremos da imagem da morte em “Túmulos”, presente em Ó (2008); “Morte das casas” (2004) e “ai, pareciam eternas! (3 lamas)” (2012), obras essas que fazem referência direta a “Morte das casas de Ouro Preto”, de Carlos Drummond de Andrade. Abandonando as nomenclaturas “ensaio”, “instalação”, “poema” que utilizaríamos numa abordagem genérica para etiquetar as

obras supracitadas, optamos por considerá-las como poíema, como feito ou produto de uma ação. Antes dos gêneros, antes das catalogações, observemos a feitura, a construção das imagens da morte nas obras de Nuno Ramos. Imagens verbais e visuais que mostram, “manifestam, revelam, põem à vista, colocam sob a luz, indicam, sinalizam, produzem” (Au fond des images, J.-L. Nancy) a morte.

Palavras-chave: Nuno Ramos, visão infragenérica, imagem, morte

Servir a boa causa e morrer: a imagem do estrangeiro na obra cinematográfica de Claire Denis

ANA CAROLINA FERREIRA FERNANDES (UFMG)

Resumo: A obra da cineasta francesa Claire Denis é composta, de forma expressiva, por filmes que abordam a figura do estrangeiro e a condição pós-colonial. Nascida em Paris mas criada na África, a realizadora se mostra especialmente interessada em questões de identidade e lugar, relações raciais e de gênero, deslocamento e pertencimento. Denis descreve os próprios filmes como “um movimento em direção ao Outro”. Sua filmografia retrata uma variedade de sujeitos híbridos com múltiplas afiliações e diferentes gerações diaspóricas convivendo em um mesmo espaço e apresentando relações diversas com o país de origem. O filme *Beau Travail* (1999), parte do conto *Billy Budd* de Hermann Melville, transpondo a história para a África, onde um grupo de soldados da Legião Estrangeira está acampado. O recurso fílmico do voice-over é uma das maneiras através das quais o espectador entra em contato com a história, narrada a partir de trechos do diário do sargento Galoup, um legionário que retorna à Marseille após ser expulso da tropa. *Beau Travail* explora, por meio do olhar de Galoup, as “espacialidades geopolíticas pós-coloniais” (Sosa p.209) do regime de treinamento dessa unidade militar. Acompanhamos, no filme, o gesto autorreflexivo de Galoup ao rememorar sua relação com seus subordinados, dentre os quais se destaca o sargento Sentain, um soldado que se une as tropas e logo se torna popular e admirado por

seus colegas, convertendo-se em um alvo de Galoup, que o hostiliza de imediato e o enxerga como uma ameaça para o grupo. À primeira vista, o relato do sargento aparenta operar como um registro objetivo de suas recordações. Nota-se, entretanto, um gradual distanciamento entre o conteúdo por ele narrado e as imagens mostradas na tela, rompendo-se, assim, com o pressuposto de que haja “uma relação de correspondência entre as palavras e as coisas” (Pageaux p.18). Observa-se também, como Galoup, através de seu relato, busca construir a figura de Sentain como um outro, ao mesmo tempo que ele próprio assume posições periféricas dentro do espaço fílmico. Esse trabalho pretende examinar a linguagem cinematográfica de Claire Denis, pelo viés da imagologia, em que “a imagem é a expressão, literária ou não, de um distanciamento significativo entre duas ordens de realidade cultural” (Pageaux, p.111). O estudo da imagem encontra-se no centro das reflexões críticas aqui propostas, ao vermos que a prática discursiva materializada por Galoup em sua escrita entra em confronto com a construção imagética do filme. Trazemos, assim, para a discussão, a questão da inconstância da linguagem, uma perspectiva compartilhada por Mondada e Dubois, ao sustentarem que “as categorias e os objetos de discurso são marcadas por uma instabilidade constitutiva” (p.17). Expresso pela dissonância entre representação visual e narração em off, interessa-me como a história é narrada por Galoup, mas escapa ao seu controle, mostrando a forma pela qual o personagem imagina estar localizado no centro mas encontra-se, efetivamente, às margens. Almejo concluir, por fim, que essa precariedade em seu discurso acaba por expor o colapso do modelo colonial e o declínio de uma lógica imperialista de dominação.

Palavras-chave: imagologia, claire denis, beau travail, cinema

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 6

Vidas secas e a imagem do sertanejo

ANDRÉIA QUEILA SANTOS GOMURY (UERJ)

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, cuja escrita está intimamente relacionada ao conceito de “arte pobre” (Haroldo de Campos). A construção literária dessa arte pobre, ou seja, o falar menos que está associado ao falar essencial, será analisada a partir dos tipos de discurso, principalmente o discurso indireto livre, utilizado pelo escritor regionalista para compor os pensamentos e as palavras de suas personagens. Para a análise desse “real” construído pelo autor, assumiremos a abordagem imagológica de Daniel-Henri Pageaux. Para ele, “a imagem é uma espécie de língua, de língua segunda para dizer o Outro e, conseqüentemente, para dizer também um pouco de si, de sua cultura”. Para o autor, a imagologia “leva o pesquisador a se questionar sobre a estrutura até certo ponto programada do texto literário estudado”. Pageaux continua explicando que “num dado momento histórico, numa sociedade determinada e num quadro cultural estabelecido, não se pode dizer tudo e qualquer coisa sobre o Outro”. Essa afirmação vai ao encontro do que pensava Graciliano Ramos em relação a escrever sobre o outro (nesse caso, o sertanejo), e, por conseguinte, construir sua imagem a partir de um discurso, pois mesmo Graciliano fazendo parte do grupo dos grandes romancistas da geração de 30, ele era consciente de que a linguagem era um produto social, como mostra Haroldo de Campos em “Uma Poética da Radicalidade”. Essa afirmação também vai ao encontro dos processos de referenciação discutidos pelas autoras Lorenza Mondada e Danièle Dubois, nos quais a construção dos objetos de discurso é marcada pela instabilidade das categorias, ou seja, “o problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou

como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão sentido ao mundo” (MONDADA & DUBOIS). De acordo com a visão dessas autoras, de que os sujeitos constroem o mundo por meio das práticas discursivas, versões públicas do mundo, e com a forma como Pageaux entende o discurso como uma construção de imagens de um Eu em relação a um Outro, ou seja “a imagem é um meio em concorrência com a língua para dizer alguma coisa”, podemos entender em Graciliano Ramos a sua consciência da impossibilidade da linguagem narrar o outro, falar do outro, uma vez que esse narrador não é confiável. Graciliano transforma o instrumento (a linguagem), que se pensava transparente pelos regionalistas de 30, em forma, ou seja, uma possível imagem do sertanejo, colocando em questão os processos representação do realismo regionalista. Este trabalho se insere no projeto de pesquisa “O sertanejo em perspectiva infragenérica: poiesis, efeito de real, veridicção”, coordenado pelo professor Nabil Araújo (UERJ).

Palavras-chave: *Vidas Secas*, arte pobre, imagem, referenciação

O sertanejo em perspectiva infragenérica: leituras de Graciliano

THAYANE VERÇOSA DA SILVA (UERJ)

Resumo: Entre março de 1941 e agosto de 1944, Graciliano Ramos colaborou com a seção “Quadros e Costumes do Nordeste” de *Cultura Política: Revista Mensal de Estudos Brasileiros*, principal veículo doutrinário do Estado Novo. Em “A vida sertaneja entre a ficção e o testemunho: os ‘Quadros e Costumes do Nordeste’ de Graciliano Ramos” (2015), Thiago Mio Salla observa que “os textos [...] destacam-se [...] em função dos recursos retórico-estilísticos mobilizados pelo escritor” e que “costumavam orientar-se pelo efeito de ficção, aproximando-se, sobretudo, dos protocolos do conto e do retrato, seja de tipos, seja de situações”. Na sequência, ele afirma que “por mais que Graciliano se valesse da ênfase em elementos ficcionais [...], avulta

também a construção do efeito de real, em decorrência, sobretudo, do enquadramento documental”. Para o autor, portanto, o efeito de real está estritamente ligado ao documental, em oposição ao ficcional, o que não se sustenta em face da leitura dos célebres ensaios em que Roland Barthes tratou do assunto. Para Barthes, o efeito de real emerge da “colusão direta” de um significante e de um referente, em detrimento do significado, algo verificado nas mais diversas manifestações discursivas, verbais e não verbais: “Há um gosto de toda a nossa civilização pelo efeito de real, atestado pelo desenvolvimento de gêneros específicos como o romance realista, o diário íntimo, a literatura de documento, o noticiário policial, o museu histórico, a exposição de objetos antigos, e principalmente o desenvolvimento maciço da fotografia, cujo único traço pertinente (comparada ao desenho) é precisamente significar que o evento representado realmente se deu” (BARTHES, “O discurso da história”, 1967). A objetividade do que “realmente se deu” aparece como “uma forma particular de imaginário, o produto do que se poderia chamar de ilusão referencial”, afirma Barthes, concluindo: “Essa ilusão não é exclusiva do discurso histórico: quantos romancistas [...] imaginam ser ‘objetivos’ porque suprimem nos discurso os signos do eu!” (Ibidem). Assim, perguntamo-nos qual é a linha que separa, afinal, o documental do ficcional na obra de Graciliano. Essa questão só pode ser enfrentada a partir de uma leitura “infragenérica” (ARAÚJO, 2015) dos escritos do autor, isto é, de uma leitura que, sem ignorar ou negar a existência de gêneros discursivos diversos, busca justamente rastrear o processo de constituição dos mesmos. Tratando dos “Quadros” de Graciliano, Salla (2015) afirma: (a) “nos textos que têm como cenário uma pequena cidade sertaneja, de maneira semelhante ao que fizera em Caetés (1933) [...], a ênfase do cronista recai sobre o registro do cotidiano rasteiro da municipalidade, povoado de tipos miúdos que se moviam na província ‘insípida’”; (b) “[n]as crônicas que privilegiam o espaço rural [,] [...] tomam corpo, principalmente, uma galeria de chefes rurais, mandões da mesma estirpe de Paulo Honório, de S. Bernardo

(1934)”. Propomos uma análise da figuração do sertanejo em Graciliano, em duas partes: (i) comparação entre a construção dos “tipos miúdos” dos “Quadros” e a dos personagens de Caetés; (ii) comparação entre a construção dos “chefes rurais” dos “Quadros” e a de Paulo Honório. Este trabalho insere-se no projeto de pesquisa “O sertanejo em perspectiva infragenérica: poiesis, efeito de real, veridicção”, coordenado pelo professor Nabil Araújo (UERJ).

Palavras-chave: sertanejo, Graciliano, perspectiva infragenérica, efeito de real

Donas de suas próprias cabeças: a reivindicação do protagonismo histórico feminino da Galícia ao sertão brasileiro

THAYANE GASPAR JORGE (UERJ)

Resumo: A respeito da imagologia, Daniel-Henri Pageaux declara: “A imagem é a representação de uma realidade cultural estrangeira por meio da qual o indivíduo ou o grupo que a elaborou (ou que a partilham ou que a propagam) revelam e traduzem o espaço social, ideológico, imaginário nos quais querem se situar”. O autor ainda complementa: “A imagem do estrangeiro pode igualmente dizer certas coisas sobre a cultura de origem (observante). Toda a alteridade revela uma identidade – ou vice e versa”. No premiado Nordeste (2016), o escritor galego Daniel Asorey serve-se da alegoria do sertão e da personagem da história brasileira, Maria Bonita, para tratar da sua própria terra. Ele cobra o protagonismo galego numa possível história alternativa da colonização da América e o protagonismo das mulheres que fizeram a história da nação de Breogán. A força e emancipação da personalidade de Maria Bonita vai alimentar a história de outras duas mulheres nesse romance: Matilda, galega emigrada e moradora de São Paulo, e Carme, a inspetora do comércio das colônias brasileiras pertencentes à Galícia. Asorey lança mão da imagem do Outro para refazer a imagem dos seus, ou melhor, das suas. Busca em Maria Bonita, assassinada e degolada em Angicos, a voz para fazer reverberar o protagonismo das mulheres nas histórias que até os dias de hoje são contadas pelos homens no

território galego. Em seu romance, até mesmo a personagem decapitada é dona de sua própria cabeça. As três mulheres lutam contra os meios de opressão aos quais são submetidas: as injustiças que assolam o nordeste brasileiro, a censura jornalística durante o regime ditatorial e as imposições políticas num conselho presidido majoritariamente por homens. Matida e Carme, produtos da imaginação do escritor, reivindicam os rótulos de “mercadoria e sombras” aos quais as mulheres foram sujeitadas desde sempre e buscam o empoderamento de suas condições femininas através de um exemplo real e estrangeiro: Maria Bonita. A quarta mulher à qual o autor galego dá a voz é a própria Galícia, tida como uma nação feminina, subalterna à Castela desde a separação dos reinos atualmente pertencentes a Portugal e Galícia. Ao longo da narrativa, as figuras masculinas são varridas para fora da história: João Bezerra é varrido da foto dos cangaços degolados, Graciliano é varrido da tentativa subversiva de detonar o projeto getulista, e Lampião, a única figura salva de ser corrompida pelo seu sexo, é varrido para dar lugar a um romance lesbo-erótico entre Maria Bonita e Matilda. A vez é das mulheres, e a voz também. Em consonância com a imagologia, o presente trabalho foca a construção da imagem do outro como pilar para a construção da imagem de si, buscando analisar em profundidade as quatro mulheres que proclamam independência e guerra contra o silenciamento neste romance. “Este trabalho insere-se no projeto de pesquisa “O sertanejo em perspectiva infragenérica: poiesis, efeito de real, veridicção”, coordenado pelo professor Nabil Araújo (UERJ).

Palavras-chave: imagologia, efeito de real, gênero, literatura galega

Narrativas do caldeirão do beato José Lourenço: imagens em construção, a literatura de cordel e a busca pelo efeito de real

ANA CLÁUDIA VERAS SANTOS (UFC)

Resumo: Propomos apresentar comparações entre narrativas do Caldeirão do beato José Lourenço feitas, principalmente, pela literatura de cordel, cuja reflexão visa perscrutar o efeito de real, conforme

apontado por Barthes (1972). Nos interessa apreciar a forma pela qual o poeta cordelista (re)criou sua história a respeito do Caldeirão e da seca em folhetos de cordel dos anos 1970 em diante, bem como com outras representações do fenômeno, à luz dos aspectos considerados determinantes pela autoria, a exemplo da religião, da política, da sociedade, da história, da cultura, do misticismo ou de outros textos. As análises se baseiam na forma pela qual o fato foi apropriado posteriormente pela literatura de cordel. Diante disso, percebemos que o fato não é o mesmo de 1936, época em que se deu o fenômeno, mas sim o que resultou do seu desenvolvimento e transformação ao chegar aos anos 1970, 1980, 1990, depois de inclusive, vivenciar três décadas de silêncio. O que certamente fez muita diferença nessa retomada. Partindo dessa perspectiva, pensamos que o poeta aqui visitado, além de artesão da palavra, poderia ser considerado um cronista por excelência, uma vez que conta histórias de seu tempo ou mesmo de acontecimentos passados, que ele não conheceu, no entanto “ouviu falar”, atualizando esses fatos, algumas vezes retirando do esquecimento situações que podem ter sido enterradas pelo tempo ou pelas mãos do poder estabelecido. A maneira como o poeta vai tecer sua narrativa e criar imagens se dá através de uma fórmula particular; cada abordagem requer um olhar diferenciado, pois seus autores são diferentes entre si, o que nos permite dizer que o desafio em contemplar um corpus diversificado do ponto de vista da autoria, por exemplo, faz com que, mesmo havendo confluências nessas narrativas, a memória em cada uma delas é construída de maneira distinta e impulsionada por fatores também peculiares, de modo a termos em cada cordel uma nova história sobre o Caldeirão, elaborada por teias que se encontram em algum ponto do tempo ou do espaço. Nos interessa ainda observar se houve mudança de paradigmas na condução e legitimação dos argumentos narrados e se a teia resultante dessas narrativas é o que corresponderia ao efeito de real pensado por Barthes. Elegemos a seca como elo comparativo entre esses textos,

cuja finalidade seria nesse primeiro momento ilustrar de que maneira o narrador problematiza a vivência causada por essa intempérie, uma vez que a história da seca na literatura de cordel sobre o Caldeirão dos anos 1970 em diante traz reflexões acerca da comunidade liderada pelo beato José Lourenço que o enaltecem e acusam segmentos governamentais de abandonarem o povo à própria sorte. Isso coincide com pensamentos como os de Landim (2005), ao tratar do enfoque sociopolítico da seca, como também com as memórias dos remanescentes do fenômeno que evocam as benfeitorias realizadas no Caldeirão no período de estiagem, através de trabalho realizado por Lopes (2011). A partir dessa simbiose de vozes presente nesses textos, intencionamos buscar o que Barthes (1972) denomina de efeito de real.

Palavras-chave: Narrativas, Literatura de cordel, Caldeirão, Efeito de real

Figuração do sertanejo e efeito de real: do romantismo ao pré-modernismo

GABRIELA HASEGAWA RODRIGUES (UERJ)

Resumo: Este trabalho se insere no projeto de pesquisa “O sertanejo em perspectiva infragenérica: poiesis, efeito de real, veridicção”, coordenado pelo professor Nabil Araújo (UERJ). Tomaremos junto ao mesmo a indicação do que aqui gostaríamos de desenvolver. De acordo com Alfredo Bosi: “As várias formas de sertanismo (romântico, naturalista, acadêmico e, até, modernista) que têm sulcado as nossas letras desde os meados do século passado [s. XIX], nasceram do contato de uma cultura citadina e letrada com a matéria bruta do Brasil rural, provinciano e arcaico. Como o escritor não pode fazer folclore puro, limita-se a projetar os próprios interesses ou frustrações na sua viagem literária à roda do campo”. Não obstante, Bosi acompanha Nelson Werneck Sodré na percepção do “falso realismo na reconstituição de cenários, personagens e quadros de costumes” que caracterizaria o sertanismo romântico, em contraste com “seriedade mimética” do sertanismo realista/naturalista: “a matéria bruta é tomada a sério,

isto é, assumida em seus precisos contornos físicos e sociais dentro de uma concepção mimética de prosa”, em conformidade à uma “fidelidade ao meio a descrever”. Isso nos remete à problemática que Barthes chamou de “o efeito de real”, a título de “fundamento desse verossímil inconfesso que forma a estética de todas as obras correntes da modernidade”, obras marcadas pelo “realismo”, isto é, “todo o discurso que aceita enunciações só creditadas pelo referente”, e que padeceria, portanto, da “ilusão referencial” pela qual se pretende “deixar o referente falar por si só”. Daí, a pergunta formulada por Nabil Araújo: “Até que ponto se sustentaria a versão de um crescente ‘efeito de real’ no sertanismo brasileiro, no percurso que vai do romantismo ao realismo/naturalismo, e além?”. Gostaríamos de nos aproximar dessa questão tomando como corpus de análise os textos reunidos por Luiz Gonzaga Marchezan em *O conto regionalista: do romantismo ao pré-modernismo* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), de autoria de Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay, Inglês de Sousa, Lúcio de Mendonça, Simões Lopes Neto, Coelho Neto, Afonso Arinos, Valdomiro Silveira, Alcides Maya, Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, Hugo de Carvalho Ramos. Na verdade, buscaremos analisar, em vista de um recorte determinado desse corpus, a construção da imagem do sertanejo nessas narrativas – como afirma Pageaux: “toda imagem procede de uma tomada de consciência [...] de um Eu em relação a um Outro, de um aqui em relação a um alhures. [...] é a expressão, literária ou não, de um distanciamento significativo entre duas ordens de realidade cultural”; “[uma] língua segunda para dizer o Outro e, conseqüentemente, para dizer também um pouco de si, de sua cultura” –, bem como o modo como as marcas da subjetividade enunciativa do narrador são ora evidenciadas, ora apagadas, escamoteadas, dissimuladas nessas narrativas, de modo a gerar um maior ou menor efeito de real na figuração do sertanejo.

Palavras-chave: sertanejo, imagem, efeito de real, narrador

32

INTERCONEXÕES: MÍDIAS, SABERES E LINGUAGENS**Maria Cristina Cardoso Ribas (UERJ)**
Sergio da Fonseca Amaral (UFES)

Resumo: Em se tratando da expansão da narratividade para as mídias contemporâneas, com ênfase nas combinações, referências e transposições entre saberes e linguagens - abordagem que inclui os processos de criação, adaptação e tradução e/ou respectivas projeções na área de ensino -, propomos um estudo das Intermedialidades e Interartes enfatizando o estabelecimento não excludente nem hierárquico das modalidades em jogo. A perspectiva aponta para a premência de renovação teórico-metodológica capaz de garantir a interconexão da literatura e outras linguagens como aspecto inerente ao saber. Por este viés, a convergência das mídias, a combinação entre as artes decorrente da pluralidade de formas e vias de conectividade com seus vários efeitos de sentido é um desafio reiteradamente contemporâneo. É preciso acrescentar, porém, que as fronteiras que nos desafiam não são apenas as disciplinares, há ainda outras zonas inseguras pelas quais precisamos nos aventurar. Nessa orientação, ressalta-se a urgência de avançar nos estudos que se debrucem sobre o saber literário em suas múltiplas textualidades, o que comporta dois eixos de discussão suplementares: (1) literatura e outras linguagens: a expansão da narratividade para as mídias contemporâneas; a adaptação de textos literários para o cinema; literatura e imagem; tradução e transcrição; narrativas migrantes; e (2) revisão conceitual: o conceito de intermedialidades como derivativo da comparada; a transposição

mediática; os estudos interartes; a discussão dos postulados de verdade, originalidade, autoria e respectivos desdobramentos, tais como as noções de empréstimo, (trans)criação, imitação, pureza, fidelidade ao texto de partida e demais discussões que ponham em xeque, numa perspectiva comparativista, critérios de valoração. Tais tópicos, portanto, orientam a organização do presente simpósio, cujo principal objetivo é reunir, em torno da literatura, pesquisadores interessados tanto em discussões teórico-metodológicas quanto em estudos críticos que tenham por objeto interconexões em suas múltiplas configurações e temporalidades na cena contemporânea; e que possam oferecer novos pressupostos e/ou revisões conceituais que representem contribuição efetiva para a abordagem das convergências intersistêmicas.

Palavras-chave: Literatura e outras linguagens, Intermedialidades e estudos interartes, Transposição midial, Adaptação

Referências:

- CLÜVER, Claus. Estudos Interartes: Introdução crítica. In: BUESCU, Helena et al.(orgs.) **Floresta Encantada: Novos Caminhos da Literatura Comparada**. Lisboa: Pub. Dom Quixote, 2001.
- COMPAGNON, A. O demônio da teoria; EAGLETON, T. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006 .
- ERIK, K. **Além do visível** - o olhar da literatura. Rio de Janeiro, 7Letras, 2007.
- OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik(orgs). **Literatura e mídia**. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2002.
- FIGUEIREDO, Vera Follain. **Narrativas migrantes**. Literatura, roteiro e cinema. Rio de Janeiro: PUC-Rio/7Letras, 2010.
- LIMA, L.C.(org.). **Mímesis e a reflexão contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- MARTINS, Aracy et al.(orgs) **Livros & telas**. Belo Horizonte, UFMG, 2011.
- RAJEWSKY, Irina. —Uma perspectiva literária sobre a intermedialidade.

In: DINIZ, Thaís F.Nogueira (Org.) **Intermedialidade e estudos interartes**. Desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, 2012

RIBAS, M.C.C. Literatura e(m) cinema: breve passeio teórico pelos bosques da adaptação. ALCEU. Revista de Comunicação da PUC-Rio. v. 14 - n.28 - p. 117 a 128 - jan./jun. 2014.

RIBAS, M.C.C.; NUNEZ, C. Diálogos contemporâneos: da palavra ao écran. Passages de Paris (APEB-Fr) n.13, p. 493 a 511. jul/dez.2016.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978

STAM, Robert. **Teoria e prática da adaptação**: da fidelidade à intertextualidade. New York University. Ilha do Desterro. Florianópolis, nº 51, p.19-53 jul./dez. 2006.

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Quadros de Batalha: da pintura à literatura, ficções de história

CARLINDA FRAGALE PATE NUNEZ (UERJ), VERA LUCIA PIAN FERREIRA (UERJ)

Resumo: Hoje são bem conhecidas as relações intelectuais entre Aby Warburg e Walter Benjamin. Coincidências à parte, ambos foram redescobertos paralelamente, tiveram ideias muito semelhantes quase ao mesmo tempo, combinaram crítica e história cultural em ensaios sobre história da arte, literatura clássica e modernidade, política e antropologia, dando um uso epistemológico à fotografia. Ambos passaram a gozar de grande prestígio acadêmico postumamente. Até os anos 1980, Warburg era pouco conhecido. O Instituto que leva seu nome, transferido de Hamburg para Londres em 1933, mantém-se desde então prestigioso, mas Warburg em si permaneceu um enigma. O 'status' marginal do historiador da arte deveu-se parcialmente aos efeitos deste deslocamento, mas também à ideia

de que sua obra não se encaixa nas fronteiras disciplinares, nem nos parâmetros metodológicos conhecidos; certo hermetismo e alguma extravagância de suas abordagens contribuíram para uma espécie de ‘mito Warburg’ que vigora nestes 30 anos de seu ressurgimento. Algo semelhante ocorreu com Benjamin. Se o filósofo de Frankfurt não demorou tantas décadas para se legitimar no ambiente acadêmico, permaneceu periférico até 1955, quando Adorno editou, em dois volumes, seus ensaios mais famosos. A partir daí foram publicadas “Illuminations” (1969), em inglês, e a obra completa pela Suhrkamp (1974-1999). A íntegra de “Passagenwerk”, até então conhecida em fragmentos, selou a consagração deste que chegou a pleitear ingresso no círculo warburguiano nos anos 1920, sem o acolhimento esperável. Hoje é evidente o interesse de Benjamin pela História da Arte, e já se fala na influência de Benjamin sobre Warburg (Rampley: 2012), no sentido de que a recepção do frankfurtiano beneficiou a divulgação do hamburguês. Este artigo parte de uma noção de jaez warburguiano presente num quase aforismo do ensaio “Sobre o conceito de História” de Benjamin: “Só como imagem [...] se pode capturar o passado...” (tese 5). Com base na pesquisa das correlações entre os dois pesquisadores, sabemos que a eloquência das imagens, por ambos explorada, está a serviço de temporalidades que, em suas análises, correm em sentidos contrários: por um lado, enquanto Warburg filtra o passado sobrevivente na posteridade pós-clássica e moderna, Benjamin equaciona antecipações do futuro no presente; por outro, se Benjamin assimilou aspectos da ‘epistème’ warburguiana, estes são “iluminados” pela reflexão benjaminiana. Vamos abordar este duplo movimento, focalizando conceitos tais como imagem dialética, sobrevivência (“Nachleben”), aura, “Pathosformel”, imagens pensantes (“Denkbilder”), memória visual (“Bildgedächtnis”) e outros que transitam entre um e outro, em duas narrativas: pela via figurativa, o quadro monumental de Pedro Américo, “A Batalha do Avaí” (1872-1877), objeto de dois estudos referenciais – de Lilian Schwarcz (2013) e de Jorge Coli (2002);

pela via literária, a narrativa ficcional “Xadrez, truco e outras guerras” de José Roberto Torero (1998), texto irônico que descortina na guerra aspectos picarescos, canhestros. Pintura e texto literário propõem visões particulares da Guerra do Paraguai (1864-1870): grandiosidade e catástrofe, opostas e indissociadas, vivências desde sempre presentes na história humana.

Palavras-chave: Aby Warburg, Walter Benjamin, Quadros de batalha, Imagem dialética

A palavra sensível: considerações sobre literatura, imagem e materialidades

ALEX SANDRO MARTONI (UFF)

Resumo: Muito embora a noção de imagem nos remeta, de forma mais imediata, ao domínio das expressões que visam à representação plástica, como a pintura, a fotografia e o cinema, palavra e imagem mantêm relações simbióticas entre si desde as raízes icônicas do signo verbal. Seja no âmbito de suas práticas criativas, como o uso da página como agente estruturante do texto e a constituição de poemas verbivocovisuais, tomando emprestada, aqui, a feliz expressão de Haroldo de Campos; seja no regime das categorias literárias, como imagismo e imagem poética, as relações entre Literatura e Imagem têm se mostrado extremamente profícuas, ao longo da história, e se tornado especialmente candentes na contemporaneidade, período em que fenômenos como a inclusão de fotografias nas páginas dos romances, as intensas experimentações tipográficas no domínio da prosa, a sensibilidade transdisciplinar de escritores/artistas plásticos/cineastas e as novas experiências de incorporação da palavra no domínio da linguagem cinematográfica, dentre outros, criam novos espaços de pensamento entre Literatura e Imagem. Nesse sentido, a partir da análise de alguns fenômenos próprios à Literatura Contemporânea, propomo-nos indagar: em que medida as revisões conceituais pelas quais a imagem vem passando (Visual Culture, Visual Studies, Bildwissenschaft) nos impõem a necessidade de repensar a própria noção de imagem na Literatura? Que tipo de experiência

sensível e cognitiva se constitui diante de signos em que o pensamento imagético e o conceitual se encontram cada vez mais imantados, como vem ocorrendo na literatura do nosso tempo? O próprio modo como colocamos tais reflexões nos exigem conceber a noção de Literatura numa perspectiva expandida, como tem sido proposto pelos estudos intermediáticos?

Palavras-chave: Palavra, Imagem, Materialidades, Literatura Contemporânea

No country for old men: o oeste rizomático de Cormac McCarthy e dos irmãos Cohen

FRANCISCO ROMÁRIO NUNES (UFBA)

Resumo: O espaço do oeste caracterizado tanto na literatura colonial e pós-colonial norte-americana quanto no cinema, ao longo do século XX, evoca um lugar com um profundo imaginário da nação, que se relaciona com vários aspectos históricos, dentre os quais se destacam os conflitos com tribos indígenas, a corrida do ouro, a conquista do território mexicano, a Guerra da Secessão e a escravidão do povo negro. Esses eventos corroboram a imagem de um espaço rizomático, complexo, onde alguns heróis surgem para pô-lo à prova. O romance *No country for old men*, de Cormac McCarthy, atravessa parte desse imaginário, porém, a história insere novos elementos, principalmente, ao que concerne a problemática do tráfico de drogas na fronteira Estados Unidos/México. Adaptado para o cinema em 2007, com direção dos irmãos Coen, a narrativa passa a figurar em outra linguagem, gerando diferentes simbologias. Nosso objetivo é compreender como esse espaço é construído nesses dois universos semióticos. Nesse sentido, lemos o romance e o filme através do conceito de rizoma (DELEUZE & GUATTARI, 1995), atualizando-o a partir das novas genealogias que se somam às histórias que narram o oeste enquanto um território expandido. Partimos do pressuposto que o oeste é rizomático e a produção literária e fílmica corrobora essa ideia.

Palavras-chave: Oeste, Espaço, Rizoma, Interarte

Pátria Pau Brasil: a moderna descoberta do país nos versos de Oswald de Andrade e Blaise Cendrars

FREDERICO SPADA SILVA (PUC-RIO)

Resumo: Em relação ao tríptico diálogo vanguarda—cinema—literatura de viagem, percebemos que a composição das *Feuilles de route*, de Blaise Cendrars, e de *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade, assemelham-se, cabendo-lhes, grosso modo, a mesma análise conceitual: trata-se de relatos de viagem, em versos, que conservam marcas linguísticas próximas da oralidade; perpassa-as o uso da linguagem cinematográfica, abusando dos cortes e montagens em busca da simultaneidade, bem como a velocidade dos modernos meios de transporte, constantemente emulada. Especificamente no caso de *Pau Brasil*, há na obra oswaldiana um diálogo entre os poemas e os desenhos de Tarsila do Amaral que abrem cada seção; ainda, em relação à viagem em terras brasileiras, há a oposição entre o antigo e o moderno das paisagens percorridas. Comparando-as, todavia, dois pontos, devem ser salientados: a) nas *Feuilles de route*, soma-se a essa contraposição a visão do que é exótico aos olhos do escritor europeu; b) em *Pau Brasil*, o antigo, notadamente o barroco colonial mineiro, é visto com apreço: em Minas Gerais, o poeta-bandeirante Oswald de Andrade lerá as cidades por diferentes matizes, privilegiando não apenas a natureza bucólica das cidadezinhas ou dos caminhos que as separam, mas também a arte sacra, a arquitetura barroca, os ritos da Semana Santa e a gente simples do interior, contrastando tais elementos, por exemplo, à modernidade dos meios de transportes que o levaria (e a seu grupo) a seus destinos. Tal contraste, no entanto, demonstra também, como nos aponta Silviano Santiago (2002) a partir de uma observação de Brito Broca, como “o primitivo enquanto manifestação do barroco setecentista mineiro” (SANTIAGO, 2002, p. 121) abala, de certa forma, o Modernismo brasileiro, ao entrar em choque com uma arte de vanguarda que tinha suas raízes fincadas no Futurismo de Marinetti, cuja estética pregava, justamente, “a desvinculação com o passado”

(SANTIAGO, 2002, p. 122). Ao mesmo tempo, todavia, é exatamente esse primitivismo barroco, enquanto elementaridade (e não atraso), que aponta ao nosso Modernismo “o quadro de novidade e originalidade que eles procuravam [...] que conduzisse a uma arte genuinamente brasileira” (Brito Broca apud SANTIAGO, 2002, p. 121). Ao fazer Pau Brasil e Feuilles de route dialogarem a partir da leitura conjunta de seus poemas, percebemos tanto a troca de influências entre seus autores – a qual constitui um “traçado recíproco” que configura “o caso concreto do binômio importação/exportação no roteiro poético oswaldiano” (CAMPOS, 2003, p. 53) e que, por esse processo de pau-brasileirização dessas obras, também permite a convivência pacífica entre o passado e o presente, o antigo e o moderno –, quanto a possibilidade de ler tais obras como cartas geográficas de um mesmo atlas de viagem, qual seja, o da moderna descoberta do Brasil.

Palavras-chave: Modernismo, Intermidialidade, Viagem, Vanguarda

Repensando a literatura: o discurso intermediário e a reflexão crítica – um estudo em *O retrato do rei*

CRISTINA REIS MAIA (UERJ)

Resumo: O presente trabalho visa discutir as possibilidades interdisciplinares e a análise crítica subjacente no romance *O retrato do rei*, de Ana Miranda, tendo como referência os diálogos constitutivos no texto entre meta ficção (ou meta história), história, literatura e semiótica. Para tanto, examinamos na obra, além dos elementos internos operantes na elaboração textual, as estruturas externas, sócio-históricas, nas quais ele emerge. Essa perspectiva amplia os horizontes da expressão literária, ultrapassando conceitos linguísticos e comunicativos para se estender a novas categorias. E ao franquear espaços interdisciplinares em seus conteúdos, expande a leitura alargando o universo representativo do leitor, possibilitando um mergulho em novas áreas de conhecimento e representações. A assimilação de seu conteúdo se dará a partir da dialética resultante

do processo da leitura (na fusão entre o dito e o interpretado), viabilizada por dialogismos e intertextualidades, muitas vezes diluídos subliminarmente no texto. É na confluência destes diálogos interdisciplinares que se estabelece uma espécie de polifonia, com o surgimento de outros textos e referências dentro da narrativa, marcando diferentes influências (BAKHTIN, 2011). Portanto, abordar interdisciplinarmente o texto, buscando um entendimento acerca dos fatos que subjazem aos eventos narrados, constitui uma espécie de peripécia, escapando por vezes ao próprio leitor. Principalmente quando envolve um repensar crítico, uma “(...) tentativa de dissolver (...) grilhões forjados pela mente, de modo a ter condições de utilizar histórica e racionalmente o próprio intelecto para chegar a uma compreensão reflexiva e a um desvendamento genuíno” (SAID, 2016; p. 19). E todo esse processo necessita, acima de tudo, despertar o interesse pela leitura. O pacto ficcional estabelecido se constrói tanto a partir da interseção com outras obras, como com as mais diferentes linguagens, nos mais variados gêneros (MAIA, 2015). A boa narrativa requer o estabelecimento de interações positivas entre o receptor e o emissor para propiciar a sua fruição. Esta capacidade de transpor os limites da literatura, assegurando não apenas o deleite do texto, mas a análise do momento histórico é o que permite despertar emoções ao leitor. Em *O retrato do rei* temos explicitadas estas características. Ao transitar por outras disciplinas, a obra constitui intertextualidades: trabalha tanto categorias empregadas pela história quanto com a semiótica. Opera tanto a intermidialidade entre a palavra escrita e a arte pictórica – uma pintura interage ao longo da trama como fio condutor da história – como com interseções entre tempo e fatos históricos e a própria construção literária. A polifonia que atravessa a elaboração das personagens é construída em uma relação de complementaridade, a partir de interpolações (NUNEZ & RIBAS, 2016), de um patchwork de lendas e fatos documentais, enquanto a escolha da meta história como estratégia narrativa desloca referenciais de análise teóricos

modernos para, sutilmente, avaliar situações do passado ainda recorrentes nos dias atuais. O uso dessa estratégia nos leva a refletir que “o texto literário não está separado de fatores extralinguísticos, extratextuais, contextuais. Numa espécie de cadinho literário pode-se notar uma conversão do externo, ou extralinguístico, ao literário, ou intralinguístico” (BOLOGNIN, 2016; pp. 46-47). A interseção entre literatura e história promovendo importantes discussões críticas acerca da sociedade na qual vivemos. Na leitura de *O retrato do rei* temos os componentes necessários para apontarmos a pertinência de um olhar mais abrangente, o qual se desenvolve a partir de episódios pontuais da história do Brasil. Sob o verniz de romance, o livro traz à tona discussões mais profundas, apresentando-nos de forma palatável, o complexo panorama das relações sociais da época. Na obra em tela são discutidas questões de pertinência sociológica e psicológica, como a compreensão de identidade. Em um primeiro plano temos a concepção de identidade no contexto de pertencimento a um grupo social – quem ou o que a formaria, tendo em vista o recrudescimento de identidades desalojadas, o desenvolvimento das fronteiras e limites, as re-localizações e os fluxos (HALL, 2011). E em um segundo plano, temos a discussão da identidade como categoria existencial – na figura da personagem principal, construída a partir de um compêndio de referências históricas, ela assume caráter individual e pessoal. A literatura extrai do contexto histórico elementos para a sua elaboração, lançando luz sobre a história em seus mais diversos ângulos, revelando-a em seus textos sob diferentes versões e reescritas. Ao retratar o panorama das relações sociais da época, o livro introduz o gérmen da reflexão à leitura, abrindo nossos olhos para outras visões de mundo, propiciando-nos um viés reflexivo sobre a realidade apresentada, contextualizando-a e comparando-a com aquela na qual nos encontramos. (...) a história não pode ser apagada, (...) não fica em branco como uma lousa limpa para que ‘nós’ possamos inscrever nela nosso próprio futuro e impor nossas próprias formas de vida para que esses povos menores os

adotem (...) No processo, os inúmeros sedimentos de história que incluem incontáveis histórias e uma variedade estonteante de povos, línguas experiências e culturas, tudo isso é desqualificado ou ignorado, relegado ao monturo, (...) até formar fragmentos insignificantes (SAID, 2016; p. 14). A grande contribuição do texto consiste em saber tornar interessante temas profundos com a leveza necessária para prender a atenção do leitor e dessa maneira, estimulá-lo a pesquisar e refletir criticamente sobre eventos passados, suas repercussões e as possíveis projeções na realidade que o cerca.

Palavras-chave: Literatura, História, Semiótica, Intermidialidades

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

***The Raven*, de McTeigue (2012): retorno à cinebiografia de Poe e à cinessíntese de algumas de suas principais obras**

HELICLEVER BARROS DA SILVA VITORIANO (UNB)

Resumo: O filme de McTeigue (2012) sem dúvida não é a melhor tradução de *The Raven* para o cinema, mas isso não inviabiliza sua análise, visto que no todo da película, há ao menos a recuperação de toda uma tradição de modos de representar Poe e seu poema maior, bem como outras obras do escritor. É importante frisar que ao crítico, mais que apenas emitir juízo valorativo à obra de arte, cabe também examinar outros elementos de composição artística. Nesse caso concreto, o filme mediano de McTeigue (2012) expressa a síntese de uma era cinematográfica ligada a Poe e a seu poema e somente isso já justifica o tratamento analítico dessa película. Nesse sentido, é possível dedicar tempo ao estudo de “obras menores”, mas que reflitam discussões de natureza estética mais ampla. Este estudo tem como foco inserir a biografia de Edgar Poe no conjunto de produções do autor, na condição de mais um de seus célebres contos ou textos poéticos, ou

seja, tem havido uma frequente associação da história pessoal de Poe com suas obras, notadamente, com *The Raven*. Gramsci (1961) já havia estudado, no âmbito literário, o fenômeno de romantização biográfica a serviço da popularização da obra e autor. (GRAMSCI, 1961, p. 153). No campo cinematográfico, o filme de McTeigue (2012) é mais uma amostra eloquente disso. Em realidade a vida de Poe pode ser vista como uma trágica poesia ou na perspectiva de um conto trágico: “[711] Poesia da Beleza = poesia da vida - amor e razão, o grande dualismo da tragédia”. (SCHLEGEL, 2016, p. 438). Isso significa que nossa preocupação crítica recai em na reconstituição poética e narrativa que o cinema realizou da figura do poeta, e não explicar de forma linear e pretenciosa sua poesia por meios biográficos. O conceito de tragédia moderna perpetrado por Raymond Williams (2010) emoldura o quadro teórico dessa breve exposição. Aliás, Poe parece ter tido uma experiência pessoal muito parecida com a que se narra sobre mito de Dioniso, o deus dos celerados, do vinho e do teatro, nascido precocemente de Sêmele, uma das “amantes” mortas por Zeus e que este findou sua gestação na coxa. É a partir desse breve contexto que se objetiva traçar um paralelo entre a biografia de Poe, uma legítima tragédia moderna, com o filme *The Raven* (2012), de forma que esta película é mais uma eloquente indicação da pujança dos elementos biográficos de Poe em termos de transposição cinematográfica. Com efeito, o ideal de belo na tragédia grega que perpassa também algumas poéticas contemporâneas, como é o caso, por exemplo, da poesia de Vinicius de Moraes tem certa convergência ao se realizar uma conversão romanescos-cinematográfica do poeta americano em personagem que rege (narra) suas próprias narrativas literárias, gerando duplicação dos níveis ou instâncias de narrativa do filme, ao recontar a narrativas “ficcionais” do escritor ao mesmo tempo em que ficcionaliza a narrativa biográfica dele. Assim, sua vida pode ser encarada como um substrato permanente para elaboração de roteiros de filmes, normalmente entrelaçando seus contos e poema maior, *The Raven*, com os acontecimentos trágicos de sua própria vida,

daí porque é possível sustentar a hipótese de que sua biografia já foi incorporada em seu rol de textos literários, por via da transposição cinematográfica e mesmo anteriormente, por via de seus biógrafos e artistas vários, amantes de seu trabalho. É, nesta orientação, que o cinema o vem relendo e abastecendo o cânone literário de Poe. Por fim, sua biografia ou ao menos a parte mais trágica dela, apenas rivaliza ou encontra equivalente em termos quantitativos no cinema com as várias transposições de *The Raven*, *The fall of House of The Usher*, entre os outros contos vivamente presentes em diferentes obras/ ensaios cinematográficos.

Palavras-chave: Poe, *The Raven*, James McTeigue, Intermidialidade

Cobra Verde: o olhar de Werner Herzog sobre o romance *O vice-rei de Udá*, de Bruce Chatwin

MARIANA CASTRO DE ALENCAR (UERJ)

Resumo: Werner Herzog é um cineasta alemão, marcado pela originalidade e intensidade dos seus filmes. Em seu filme *Cobra Verde* isso não é diferente, é uma adaptação cinematográfica do gênero dramático baseado no romance *O vice-rei de Udá* de Bruce Chatwin. E que retrata a vida do personagem histórico Francisco Félix de Souza, brasileiro natural da Bahia tido como um dos maiores mercadores de escravos, mas que tanto no romance como no filme tem seu nome ficcionalizado para Francisco Manoel da Silva. Conhecido pelo caráter marcadamente híbrido de seus filmes, bem como pelo diálogo com o Cinema Novo Brasileiro, a práxis cinematográfica de Werner Herzog se debruça sobre imagens de lugares inóspitos, nunca, ou quase nunca antes vistos pelo olhar humano; seria a procura da “definição impossível dos limites da visão”, nas palavras do próprio Herzog: “Sinto-me um cineasta que manipula uma matéria desconhecida e que só quando a experimenta em condições extremas consegue compreender-lhe a substância.” (PAGANELLI, 2009, p. 10). O limite da visão o qual Werner Herzog explora em sua película se constitui a partir da afirmação do

próprio cineasta de que ele precisa chegar a condições extremas para ter a noção mais aproximada do seu desejo de representação do objeto. O cinema feito por Herzog pretende apresentar paisagens bastante incomuns para espectadores freqüentes de cinema. Enquanto os parceiros de Herzog, membros do Novo Cinema Alemão, movimento que renovou o cinema germânico, nos anos 60 e 70, tem como plano de fundo a Alemanha para problematizar questões sociais e políticas, o próprio Werner Herzog prefere tratar desses temas, mas deslocando o espaço geográfico para lugares mais longínquos como América Latina, Austrália e África, buscando realidades históricas e sociais que levem a um estranhamento, trabalhando questões como o embate do homem com a natureza e os confrontos interculturais. Essas características estão muito presentes em filmes como: *Aguirre a Cólera dos Deuses* (1972), *Fitzcarraldo* (1982) e *Cobra Verde* (1987), que são produtos artísticos grandemente influenciados pelo movimento brasileiro que foi o Cinema Novo, em específico, pela estética de Glauber Rocha. Em *Cobra Verde*, Herzog também explora e por vezes detona os limites da visão, mostrando paisagens quase desconhecidas, onde o seu gosto pelo grotesco se mostra frequente, causando estranheza ao espectador, sendo um instrumento para a quebra de sua passividade. Desta forma, este artigo pretende analisar quais foram as escolhas feitas pelo cineasta alemão Werner Herzog para ressignificar o texto de partida, o romance *O Vice-Rei de Uidá*, de Bruce Chatwin, observando, através da transposição intermidial, que o texto fílmico ressignifica a obra de partida alimentando a sua força autônoma e a sua potência.

Palavras-chave: *Cobra Verde*, Werner Herzog, Bruce Chatwin, *O Vice-Rei de Uidá*

Capitães de Areia: uma proposta de análise de tradução intersemiótica

CLARA SAMPAIO FERNANDES (UERJ)

Resumo: A presente proposta de trabalho inclina-se a trilhar três etapas distintas, mas complementares. Todas pautadas na obra fílmica

Capitães da Areia, de Cecília Amado e Guy Gonçalves em consonância com a obra literária de mesmo nome, de Jorge Amado. Tal organização foi pensada à luz de leituras de Bakhtin, que afirma em *A Estética da Criação verbal* que o receptor não é passivo e que o criado pelo locutor (autor-criador-produtor) é uma resultante de uma memória discursiva, pois seria fruto de diversas interações anteriores. Assim, entramos num movimento cíclico. A primeira etapa pretende observar diferentes mídias (como música, imagens visuais, figurino, olhar da câmera...) utilizadas, objetivando analisar sua intersemiose, seus múltiplos sentidos produzidos por cada mídia bem como pela interação delas. A segunda etapa busca verificar também as múltiplas produções de sentido, mas agora do ponto de vista do leitor-espectador, resultantes também do cruzamento de fronteiras. A própria expressão “leitor-espectador” já nos permite refletir sobre a questão do mesmo sê-lo por carregar em sua bagagem empírica outras leituras sobre o texto em cima do qual o filme foi inspirado ou ainda por encarmos as mídias enquanto textos. Já na terceira e última etapa, pretende-se investigar o pensamento da autora-diretora no que tange à produção e montagem da película, buscando compreender o que a teria feito produzir sua obra com linguagem distinta (mais romanesca) da linguagem da obra fonte (mais realista e política), podendo isso ser por efeitos gerados pelo texto base, as necessidades do meio técnico em que estava concebendo sua arte, bem como pelas variadas necessidades e/ou exigências do meio de produção (cinema) e seu tipo de público-alvo. Vale mencionar que tal análise e mesmo as demais a serem propostas aqui, serão feitas em conformidade com o texto escrito, de autoria de Amado, sempre que tal correlação se fizer necessária. É provável que, ao longo da observação, deparemos-nos com aspectos congruentes ou divergentes entre as obras, no entanto, cabe ressaltar que não será feita uma comparação objetivando realizar juízo de valor, pois são obras produzidas em meios distintos, em momentos históricos distintos e por autores com “bagagens” bem distintas. Disso decorre a compreensão, presente desde

o início de nossas leituras, de que são, portanto, são obras diferentes, sendo apenas uma partida da outra, mas outro discurso e abordagem, sendo, então, uma nova obra. Portanto, para estudo com afincos de todo o exposto, a pesquisa pautar-se-á em obras bibliográficas e análise de mídia fílmica. Algumas obras teóricas que fundamentarão: Tradução intersemiótica, de Julio Plaza; Inter textos, inter artes, inter mídias e Intermedialidade, ambos de Claus Cluver e Literatura e(m) cinema: breve passeio teórico pelos bosques da adaptação, de Maria Cristina Ribas.

Palavras-chave: Mídias, Fronteira, Intersemiótica, Tradução

O duplo como imagem técnica: reflexos da arte cinematográfica no romance *O homem duplicado*

THAÍS FEITOSA DE ALMEIDA (UERJ)

Resumo: A imagem técnica (FLUSSER, 2009) surgiu com a invenção da fotografia no final do século XIX e neste momento histórico causou enorme estranhamento. Desde então, tais formas de reprodutibilidade vem modificando nosso modo de percepção e apresentando novos modelos com os quais significamos o mundo que nos cerca. O romance *O homem duplicado* (SARAMAGO, 2002) se apresenta em termos formais como um texto literário que dialoga com a arte cinematográfica por intermédio de passagens que lembram sequências fílmicas. Estudando outras camadas da narrativa verificamos que o cinema aparece também como tema, sendo o homem referido no título duplicado por uma imagem técnica cinematográfica. A investigação rumo a descoberta da verdadeira identidade do duplo e ao seu encontro desdobra-se em pesquisa elaborada pelo protagonista com problema e hipótese referente ao possível controle exercido pelo cinema de “série bê” em seus espectadores. Desse modo, o romancista português desenvolve crítica ácida e consistente direcionada a essa forma fílmica que visa menos a qualidade artística que o alcance do mercado. As referidas críticas surgem especialmente a partir das vozes do narrador, do protagonista Tertuliano Máximo Afonso e de sua noiva Maria da Paz.

Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo estudar as referências intermediárias aqui referidas em um contexto mais amplo da postura pessoal do autor no sentido de problematizar a supremacia do que chama de “mídias audiovisuais”. Como aponta José Carlos Avellar (2007, p. 9), o advento do cinema renovou a escrita, a literatura, renovou seus temas, seus modos de narrar. Em via de mão dupla, a literatura ilumina a escrita cinematográfica. Assim, pretendemos demonstrar, através de espelhamento, que a imagem fílmica constitui-se como impulso criador do romance *O homem duplicado* possibilitando a ressignificação do texto literário e da indústria cinematográfica. Desse modo, Saramago, estando inserido no aparelho mercado literário internacional, joga contra ele na medida em que sua construção narrativa pode afastar os que procuram uma leitura facilitada. A jogada do escritor, que a partir de nossa análise parece arriscada em termos de alcance de público – empreender crítica à cultura de massa –, apresenta-se sob a cortina da reflexão a respeito da clonagem e do estar-no-mundo do indivíduo contemporâneo. Para essa análise recorreremos a Robert Stam, em seu texto *O espetáculo interrompido: literatura e cinema de desmitificação* (1981), à filosofia de mídias de Vilém Flusser, principalmente na obra *Pós-história – vinte instantâneos e um modo de usar* (2011), e às considerações de Walter Benjamin no ensaio “A obra de arte no tempo de sua reprodutibilidade técnica” (1939).

Palavras-chave: José Saramago, Intermedialidade, literatura, cinema

A transposição midial: para além das cercas de São Bernardo

RENATA DA CRUZ PAULA (UERJ)

Resumo: Este artigo tem por objetivo promover uma reflexão, dentro da perspectiva comparada, acerca da adaptação da narrativa literária para a fílmica, compreendendo que o referido procedimento não deve ser analisado como um instrumento facilitador da obra original, mesmo diante da suposta supremacia da literatura – por sua anterioridade cronológica – em relação à linguagem cinematográfica (RIBAS, 2014).

Dessa maneira, busca-se evitar o olhar hierárquico, bem como a ideia de que adaptação é igual à reprodução conforme salienta Stam (2008), uma vez que se há mudança do meio de comunicação, a adaptação é automaticamente diferente. Esse horizonte de pensamento, ao romper com a ideia de hierarquia, caminha na contramão da reverência ao cânone, valorizando a criatividade apoiada no diálogo entre as diferentes linguagens (AZERÊDO, 2012) e remetendo-nos à concepção de intertextualidade – termo cunhado por Julia Kristeva (1969) – que entende que todo texto se constrói como mosaico de citações e que, por isso, todo texto é absorção e transformação de outro texto. Assim, entende-se que a referida terminologia, quando aplicada a esse estudo, auxilia a perceber que a adaptação é, por sua vez, uma ampliação do texto fonte, complementando-o e conferindo a possibilidade de que se lance um novo olhar sobre ele, uma nova leitura. (STAM, 2008). O autor considera também que a adaptação, enquanto releitura, é a forma que um meio tem de ver o outro, realizando um processo de iluminação mútua. Nesse processo, uma linguagem mais que acrescenta à outra, enriquecendo a perspectiva, como evoca Derrida (1995), com a noção de complementaridade, reforçando a ruptura com a ideia de fidelidade do texto adaptado para com o original. Esse trabalho, então, voltará a atenção para a obra *São Bernardo* (2005), de Graciliano Ramos, e para sua adaptação fílmica de mesmo nome, de 1972, dirigida por Leon Hirschman, já premiada em diversos festivais de cinema. Tendo em vista essa aproximação entre mídias, destaca-se o conceito de intermedialidade (CLÜVER, 1997) que surge como desdobramento da perspectiva comparada, destinada à adaptação da literatura para o cinema mais especificamente. Essa proposta interartística (CARVALHAL, 1991) valoriza ambos suportes, combatendo a ideia de subproduto ou linguagem menor que muitas vezes é atribuída à narrativa fílmica, mas também demanda conhecimento e estudo das diferentes mídias, assim como a compreensão das fronteiras que as diferenciam.

Palavras-chave: Literatura, Cinema, Intermedialidade, Adaptação

Modos de ver, modos de ler: tópicos de transposição midial

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS (UERJ)

Resumo: Ao tratar das releituras de literatura na contemporaneidade, este trabalho volta-se mais especificamente para as adaptações de textos literários para o cinema sob o crivo das Intermedialidades (CLÜVER, 2005), tendo por base a transposição midial (RAJEWSKY, 2012), categoria que, *stricto sensu*, trata desta interrelação específica entre as narrativas literária e fílmica. Em termos específicos pretende-se investigar, nas adaptações cinematográficas examinadas, como se processa o estabelecimento da qualidade intermidiática e qual a sua relação com o *modus operandi* desta produção artística; em outras palavras, busca-se entender o que aciona a migração e a transformação de um determinado produto de mídia ou de seu substrato em outra mídia. O presente estudo demanda algumas considerações em torno do uso corrente do termo mídia (MÜLLER, 2009) diferenciando meio e suporte: quando empregado no singular *stricto sensu* remonta aos meios de comunicação de massa (televisão, rádio, fotografia, jornais); e, no singular e/ou plural, *lato sensu*, é utilizado como suporte físico para gravação e transmissão (no caso de som, imagem e mais recentemente, de arquivos digitais). Em tal perspectiva, literatura e cinema são considerados mídias e a transposição entre tais mídias trata-se, portanto, de um processo em cadeia mediante articulações, combinações, traduções, rasuras, apagamentos, distorções, apropriações entre meios e suportes, superposições de contextos similares e/ou inconciliáveis, de modo a resultar em novas textualidades que diferem, às vezes de maneira radical, das obras isoladamente consideradas. Por conta dessa crescente expansão da narratividade, afirma-se que é cada vez mais difícil e ineficaz enxergar as obras produzidas na contemporaneidade de maneira isolada. Ao invés, dizemos que os objetos em consórcio presidem relações que só podem se materializar pela eficácia das transposições, o que demonstra a relevância da investigação intermidial: uma abordagem teórico-crítica

capaz de acompanhar a expansão da narratividade para as mídias contemporâneas – conforme aqui citada, a transposição da literatura para o cinema. Nesta migração – media transposition – é fundamental compreender de que maneira as mídias em jogo (se) recriam, (auto) representam ou deslizam de uma realidade construída a partir de uma cadeia linear e tradicionalmente tomada como referente. Este processo sinaliza um processo de iluminação mútua com novos efeitos de sentido, ao mesmo tempo em que promove uma transformação radical no modo de (re)ver a adaptação fílmica de textos literários.

Palavras-chave: Intermedialidades, transposição intermedial, Adaptação, Literatura e cinema

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

A estranha escritura de Paul Auster

DANIELA BARBOSA RIBEIRO (UERJ), MARIA ANTONIETA JORDÃO DE OLIVEIRA BORBA (UERJ)

Resumo: A comunicação “A estranha escritura de Paul Auster” propõe uma investigação acerca de um dos procedimentos adotados pelo escritor norteamericano Paul Auster na construção de suas personagens, em especial na obra de 2007, *Viagens no scriptorium*, por reunir algumas de suas personagens mais centrais, já presentes em obras anteriores, como Anna Blume, David Zimmer, Marco S. Fogg, Peter Stillman Jr., Peter Stillman Sr., e David Quinn. Para tanto, traçaremos, primeiramente, uma breve genealogia do conceito de “estranho”, desde o “estranhamento” provocado pela obra de arte, tal como descrito pelo formalista russo Victor Chklovski (1978) em *A arte como procedimento*, passando pelo “efeito V” de Bertolt Brecht (2005), o “Umheimlich” freudiano (Freud, 1976), o absurdo existencial até o “ex-cêntrico” desconstrutivista como é descrito por Linda Hutcheon, e investigaremos

a influência dessas referências na obra de Paul Auster. Quem estabelece as significações? Quando? Onde? Por quê? Nossas interrogações hoje advêm da perda da fé no impulso centralizador e totalizante do pensamento humanista (Lyotard apud Hutcheon, 1988, p.85). O que estamos desafiando são nossos próprios pressupostos para julgar a ordem e a coerência. Por isso vemos como alternativas à construção de um sistema “teorias que privilegiam o dialogizado e o híbrido (Bakhtin apud Hutcheon 1988, p.85) ou que contextualizam a necessidade de totalizar como sendo apenas uma aspiração transitória na história da filosofia” (Rorty, apud Schaffer apud Hutcheon, 1988, p. 85). Na verdade, estamos “estranhando” o que antes nos era assegurado por uma teoria e uma prática que buscavam fixar significações transcendentais. Assim, gostaríamos de apontar, com esse trabalho, como o efeito do estranhamento, nas várias formas que vem tomando, pelo menos desde os formalistas russos, pode ser um aliado no empreendimento de uma crítica desconstrutivista. Concordamos com Linda Hutcheon quando esta diz que, enquanto parte da crítica que se faz à ficção contemporânea ainda utiliza como premissa uma “crença humanista na universal necessidade humana de gerar sistemas para organizar a experiência, a própria ficção desafia esses pressupostos críticos”. A prática contemporânea cada vez mais demonstra como nós, enquanto autores e leitores, produzimos o fechamento dos textos com os quais entramos em contato. Na teoria, Derrida afirma que o fechamento não é apenas indesejável, mas também impossível, e o faz numa linguagem de complemento, de margem e de procrastinação (apud HUTCHEON, 1988, p. 87). Na prática, Auster nos escreve: Uma bela expressão, doutor. Raciocínio criativo. E desde quando a imaginação tem alguma coisa a ver com o raciocínio? A partir de agora, senhor Blank. A partir do momento em que o senhor começar a me contar o resto da história. (Auster, 2007, p. 78)

Palavras-chave: Literatura contemporânea, Paul Auster, Estranhamento, Desconstrução

Destinos cruzados n'A Trilogia de Nova York e Cortina de fumaça, de Paul Auster

EGLE PEREIRA DA SILVA (UERJ) HENRIQUETA DO COUTO PRADO VALLADARES (UERJ)

Resumo: Neste trabalho, trataremos de Histórias cruzadas no romance A Trilogia de Nova York e no filme Cortina de Fumaça, ambos, romance e filme, assinados pelo escritor norte-americano Paul Auster. Cada parte da Trilogia, reunião de seus três primeiros romances – Cidade de vidro, Fantasma e O quarto fechado – pode-se considerar (pelo menos a princípio) autônoma, mas a leitura vai mostrando relações intrínsecas possíveis e passíveis de construções no texto ainda por vir, uma vez que não estão explicitadas e requerem autorias dos leitores. Também Cortina de Fumaça – adaptação para o cinema de “A História de Natal de Auggie Wren”, primeiro e único conto do autor, escrito a pedido de Mike Levitas, editor do caderno literário do The New York Times, para ser publicado no dia de Natal, com direção de Wayne Wang, roteiro do próprio Auster, vencedor do Independent Spirit Award nesta categoria e do Urso de Prata de melhor filme estrangeiro, no 45º. Festival de Berlim, em 1995 – dividido em várias partes, vai suspendendo paulatinamente divisões e limites entre as histórias. Estas vão se conectando em uma narrativa apresentada pelo roteiro do filme e que ainda novamente espera os leitores/espectadores para ir compondo a obra. Ainda que apresentem a “narração de histórias”, as obras trazem as “histórias da narração” (Roland Barthes). Evidencia-se já uma das questões caras ao escritor: as histórias ficcionais de Auster se cruzam, tangenciam, remetem e constroem outras histórias, multiplicando-se (labirinticamente). Pretendemos ainda abordar a questão de autoria que transita em seus textos de um para outro personagem, em jogo de nomes e pseudônimos que faz os leitores desconfiarem e se tornarem bastante atentos ao que se fala(ou quem fala) na obra. Em cena: o autor, personagens de ficção, atores em papéis que transitam em espaços múltiplos sob lentes, olhares e pontos de vistas coincidentes ao mesmo tempo discordantes, esperados e surpreendentes (nas

duas obras). Por isso há de se considerar também o duplo, o múltiplo na obra literária de Auster: uma espécie de “literatura elevada ao quadrado”, como se fala da literatura de Jorge Luis Borges. A trama do tecido narrativo na ficção de Auster, construída por intenções, acasos e rupturas, compõe um mapa de fronteiras abaláveis. Tudo isso coloca os leitores de Auster, mais do que desconcertados muitas vezes, em lugares a serem sempre revisitados por dentro e por fora do texto ficcional caminhando em esferas onde se vê/ ouve/lê um lado sem poder deixar de considerar outros simultaneamente. Para pensar o entrecruzamento de narrativas, a interconexão entre mídias e materialidades distintas, o par leitor-espectador, os conceitos de autoria e de duplo, a análise partirá de uma constelação teórica singular: as reflexões de Roland Barthes, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Umberto Eco, Robert Jauss, Wolfgang Iser, Luiz Costa Lima, articuladas a outros nomes com a potencialidade de trazer novas perspectivas teórico-metodológicas para os temas aqui levantados, Hans Vaihinger, Karlheinz Stierle e Aby Warburg.

Palavras-chave: Histórias Cruzadas, Trilogia de Nova York, Cortina de Fumaça, Paul Auster

Variações no mapa: percursos e dimensões críticas em Haroldo de Campos

MOISÉS FERREIRA DO NASCIMENTO (UFRJ)

Resumo: Sabe-se da importância teórica e criativa de Haroldo de Campos no panorama dos estudos literários brasileiros. Sabe-se de sua peculiaridade intelectual, bem como da recusa em aceitar os paradigmas críticos que vigoravam no Brasil. Pulverizador de certezas e, conforme suas próprias palavras, “um kamikaze da literatura”, Haroldo construiu um legado inventivo como poeta, tradutor e teórico, fortuna esta que constitui sozinha um material basilar para a literatura e a cultura brasileira. O trabalho busca fazer uma leitura e recolhimento das entrevistas de Haroldo de Campos, em livro, jornais, sítios

eletrônicos, canais de televisão, etc. Com um olhar pouco interessado em problematizar se tais escritos são ou não de gêneros literários, o objetivo é pensá-los como que inseridos numa prática de escrever; através de uma cartografia haroldiana, pensar essas interlocuções como que inseridas no texto que é a trajetória intelectual haroldiana, em suma, pensá-las como escritura.

Palavras-chave: Haroldo de Campos, Entrevista, Cartografia, Crítica literária

A ficção científica feminista em meio eletrônico como possível literatura tática

MARIANA MENDES FLORES (UFJF)

Resumo: Este trabalho visa tecer reflexões iniciais acerca da possibilidade de uma literatura Tática, tomando como embasamento a categoria midiática denominada “Mídia Tática”, elaborada por Garcia e Lovink (1997). Esse tipo de mídia se caracteriza por possibilitar que produções artísticas engajadas a assuntos políticos e discursos de minorias sejam publicados e difundidos em meio eletrônico, a fim de intervir no discurso vigente determinado pelas mídias tradicionais. Para tanto, abordaremos à luz de Bortolazzo (2017), as reflexões de Raymond Williams acerca dos meios de comunicação, bem como seus contrapontos às análises formalistas de Marshall McLuhan. Analisaremos, ao final, um caso que pode se enquadrar em uma possível literatura Tática: a coletânea de contos de ficção científica feminista Universo Desconstruído. Deste modo, a análise fundamenta-se sobre a discussão teórica entre Marshall McLuhan e Raymond Williams, uma vez que ambos apresentam contribuições que embasam as reflexões sobre a popularização da mídia e as formas de recepção da informação. Apresentamos a principal definição de Mídia Tática para refletirmos sobre as formas de desestabilização de discursos midiáticos e difusão de discursos de minorias. O caráter de ativismo desses discursos os torna instrumentos de luta em prol de movimentos sociais. Em meio às

performances artísticas que surgem no meio eletrônico há a presença de produções literárias, o que aponta para a necessidade de pesquisas que abordem este fenômeno, relacionando-o às demandas sócio-culturais que motivam suas criações, bem como analisando seus papéis enquanto formas de representação. Utilizamos como exemplo o caso da coletânea de contos do subgênero ficção científica feminista “Universo Desconstruído”, produzida no Brasil e distribuída gratuitamente na Internet. A análise crítica dos contos que compõem a coletânea e suas relações com teorias feministas fogem ao objetivo deste trabalho, pelo fato de nos atermos, aqui, às formas como este tipo de produção encontra para serem publicados e difundidos. As Mídias Táticas, que abrangem produções artísticas com caráter de engajamento podem ser analisadas pelo viés dos Estudos Culturais, dado que suas formas de reprodução e seu caráter de engajamento se adéquam às proposições de Williams em análises que apresentam os meios de comunicação como objeto. Além disso, tais produções se configuram como práticas de intervenção do sistema vigente por meio do discurso simbólico o que gera contribuição para o processo de clarificação das massas proposto por Williams.

Palavras-chave: Estudos Culturais, Mídias Táticas, Ficção científica feminista

Euclides da Cunha: da tragédia social à questão nacional – da ciência à literatura; do drama pessoal ao futebol; da vida privada aos espaços midiáticos

SERGIO DA FONSECA AMARAL (UFES)

Resumo: Do grande escritor que foi Euclides da Cunha todos sabemos. De seu trágico desfecho na vida pessoal também conhecemos alguns pormenores, inclusive transformado em minissérie (Desejo, TV Globo, 1990, escrita por Glória Perez, com direção geral de Wolf Maia). Contudo, como tal desenlace viria a afetar um importante clube de futebol do Rio de Janeiro pouco se sabe. Adultérios, intrigas, violência

e morte sempre foram ótimos ingredientes para se construir um romance, folhetinesco ou não. Quando isso acontece na própria vida de um escritor, as mídias não deixariam passar discretamente tal situação. Desse modo, o trabalho procura avaliar as tragédias pessoais do imbróglia Euclides da Cunha, Dilermando de Assis, seu irmão Dinorah (jogador do Botafogo e campeão de 1910), Ana de Assis e seus filhos, o Botafogo Futebol Clube, tudo em estreita conexão com jornais, Best seller, a televisão e suas maneiras de narrar, transformando acontecimentos privados em exposição e execração públicas. O trabalho tem por norte teórico a concepção formulada por Raymond Williams, em Tragédia moderna, que entende a palavra tragédia não apenas como conceito de uma arte dramática específica, a dos gregos clássicos, mas também como designativa de qualquer experiência humana que, embora pessoal, inevitavelmente é levada a acontecer por injunções sociais, determinando fins para além das nossas compreensões imediatas.

Palavras-chave: Euclides da Cunha, Tragédia familiar, Dinorah/Botafogo FC, Os mídia

Diálogos de realidade e ficção: a repercussão de Chico Mendes na minissérie Amazonia, de Galvez a Chico Mendes.

AILA RODRIGUES PANTOJA (UFAM)

Resumo: O presente artigo apresenta uma análise da minissérie Amazonia, de Galvez a Chico Mendes, de Glória Perez (2007), especificamente em sua terceira fase que compreende a trajetória de Chico Mendes. Baseada nos romances O Seringal de Miguel Ferrante e Terra Caída de José Potyguara, e exibida pela Rede Globo no período de 02/01/2007 a 06/04/2007, contando com 55 capítulos narra a história do Acre, última região a ser incorporada ao território brasileiro em 1904. O enredo é dividido em três fases históricas, que são mescladas com narrativas ficcionais – na primeira fase encontramos o percurso de duas famílias: a do seringueiro Bastião e a do seringalista, Coronel Firmino. A

segunda fase traz o personagem histórico Plácido de Castro, um jovem militar que resolve tentar a sorte e fazer fortuna demarcando seringais no norte do país. Por fim, na terceira fase encontramos a saga de Chico Mendes, sindicalista, ativista e político engajado, que apreensivo com a exploração descomedida da floresta amazônica e da mão-de-obra dos seringueiros, bem como o abandono destes por parte do Estado e da sociedade, que sequer tem um olhar para o Acre, toma para si a causa dos seringueiros, que diante de tanto abandono ainda tinham que lidar com os fazendeiros locais que desflorestavam grandes áreas para transformá-las em pasto. O protagonista juntamente com outros amigos funda o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia, unindo seringueiros e índios em prol de um mesmo objetivo, e aguça a ira dos fazendeiros locais. O ativista recebe apoio de pessoas influentes, dentre estes Mary Alegretti e o cineasta Adrian Leopoldo, assim alcança repercussão chamando atenção para a luta dos seringueiros e da Amazônia. Seu discurso gera impacto. É entrevistado pelo Jornal The New York Times. O mundo todo passa a conhecê-lo, sensibilizando autoridades internacionais, o que acarreta ao corte de financiamento aos fazendeiros no Acre, fato que gera revolta entre eles e faz com que planejem a sua morte. No dia 22 de Dezembro de 1988, Chico Mendes é assassinado em sua residência, em Xapuri, pequeno município do Estado do Acre, e morre nos braços de sua esposa Ilzamar. O objetivo do estudo é analisar como se estabelecem os diálogos entre realidade e ficção na minissérie Amazonia, de Galvez a Chico Mendes no que diz respeito à personalidade histórica Chico Mendes. A análise seguirá de modo a compreender como ocorre a representação no plano ficcional dos acontecimentos históricos dentro da minissérie. A fim de se estabelecer conexões entre história e ficção, no plano histórico será utilizado o livro O empate contra Chico Mendes, de Sousa (1990). A pesquisa de caráter bibliográfico e intersemiótico tem como suporte os escritos de Walty (1999) Braith (2006), Candido (2011) dentre outros que discorrem sobre o tema. Assim, dentro do campo intersemiótico

a personagem Chico Mendes é construída unindo fatos históricos e ficcionais que se entrelaçam com vistas à representação de uma realidade histórica a partir de uma ótica artística, mas ao mesmo tempo criando uma narrativa verossímil.

Palavras-chave: Chico Mendes, Amazônia, Ficção, Intersemiótica

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Texto literário e saberes sobre a língua

ANDRÉA RODRIGUES (UERJ)

Resumo: É impossível deixar de reconhecer que as teorias sobre ensino de língua avançaram bastante nas últimas décadas ao romper com paradigmas tradicionais, que priorizavam um aprendizado da nomenclatura gramatical – e isso é passível de ser observado, por exemplo, em documentos oficiais como os Parâmetros curriculares Nacionais ou o Programa Nacional do Livro Didático. No entanto, podemos nos perguntar que papel vem sendo reservado ao texto literário nas propostas atuais de ensino da língua. Nesse sentido, é fundamental não deixar de destacar o importante papel do texto literário na sala de aula, de modo a formar um aluno não somente eficiente do ponto de vista da comunicação/interação social como também um leitor literário, familiarizado com os recursos expressivos da sua língua, com capacidade de explorar a sua criatividade tanto na produção quanto na compreensão de textos polissêmicos (FERES, 2012). Desse modo, a presença do texto literário no ensino de língua materna tem como um dos seus papéis o de trazer à tona uma concepção de língua que não se resume a um instrumento de comunicação ou interação social. O trabalho com a literatura promove uma experiência estética que não pode ser vivida em textos que vêm sendo mais valorizados inclusive nos livros didáticos, de gêneros

variados, como receitas, embalagens de produtos, gráficos diversos. A aproximação com gêneros do cotidiano, embora destaque no ensino de língua uma contribuição para a vida prática do aluno, envolve a ideia de uma eficiência no comunicar, de um ensino que destaque quase que exclusivamente uma função utilitária no aprendizado de uma língua, considerada aí como um instrumento para que o falante atinja suas metas, seus propósitos comunicativos. Em nosso trabalho, apresentamos a análise de duas coleções de livros didáticos, voltadas para o ensino fundamental, de modo a verificar como se dá a presença do texto literário nas propostas do material, discutindo que concepções de linguagem estão envolvidas nas atividades apresentadas. Os resultados apontam para a necessidade de problematização dos conceitos de língua subjacentes ao material didático apresentado ao aluno, com destaque para a contribuição que a presença da literatura no ensino de língua pode trazer para esse debate, dialogando com a língua de um outro modo, expandindo-a para além de um olhar que a restringe e a vê como um instrumento de eficiência verbal, recuperando a possibilidade de pensar a língua também como expressão estética, manifestada nos textos literários. FERES, Beatriz. A necessária desfragmentação do ensino de língua portuguesa. *Linguagem em revista*. Ano 7, n.13/14. 2012. p.148-164. BRANDÃO, Helena Nagamine (org.) *Os gêneros do discurso na escola*. Mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. V.5. São Paulo: Cortez, 2000.

Palavras-chave: Texto Literário, Língua, Linguagem, Saberes

Vídeos multimodais: uma releitura das temáticas escolares

REGINA UEMOTO MACIEL MARTINS (UFMT)

Resumo: O objetivo deste trabalho é descrever o Projeto TV Pompeu, uma ação educacional, que tem como proposta a produção de vídeos multimodais e organização de programas radialísticos feitos por alunos como forma de tornar a aprendizagem mais significativa através da mediação tecnológica, do diálogo reflexivo, pensamento

crítico, pesquisa, autonomia, autoria, trabalho coletivo, levando-os à intervenção social e ao exercício da cidadania. A aquisição dessas competências e habilidades permite uma educação em consonância com a contemporaneidade, que está em constante mudança, com novas dinâmicas e complexidades. Entende-se que a proposta do projeto em criar vídeos escolares e promover a rádio escolar são formas fundamentais de ensino e aprendizagem, pois os alunos se tornam pesquisadores de temáticas escolares variadas, organizam roteiros, redigem textos, fazem entrevistas e documentários, apresentam trabalhos científicos, fazem a cobertura de eventos escolares, informam notícias que devem ser de conhecimento de todos, criam humor, cantam, dançam, encenam situações que devem ser discutidas e levadas ao conhecimento dos alunos. Tudo isso a fim de criar reflexões e postura crítica frente às mídias em geral e, em especial, aos programas apresentados. Por serem criados pelos alunos, os vídeos e a rádio são apresentados numa linguagem própria dessa faixa etária que os caracteriza e os identifica, trazendo um maior interesse e motivação tanto do público que assiste quanto dos alunos que são os autores dos programas das mídias apresentadas. Esse trabalho tem como aporte teórico José Manuel Moran (2005), Maria Elisabette Brisola Brito Prado (1999) e Ismar de Oliveria Soares (2000). Pretende-se assim, na primeira parte do trabalho, fazer uma fundamentação teórica tratando sobre o uso das mídias na educação, a importância de se trabalhar através de projetos, e a proposta do Educomunicação. Será apresentado também, um breve histórico do Projeto TV Pompeu, descrevendo o processo inicial, as dificuldades enfrentadas, assim como os avanços, a fim de compartilhar a experiência e demonstrar que ações educacionais devem ser perpetuadas e reforçadas nas escolas por trazerem resultados profícuos. Isso se justifica não só pela permanência do projeto desde o ano de 2012 de forma ininterrupta, assim como pela grande participação anual dos alunos como voluntários. Outra técnica utilizada a fim de comprovar a importância do projeto foi a pesquisa de

campo, desenvolvida através de uma entrevista semiestruturada com os alunos participantes que discorreram sobre a importância do projeto e, de forma unânime, opinaram de forma positiva. Os resultados são parciais, pois o projeto está em andamento e espera-se que para o ano de 2017, surjam novas propostas e melhorias.

Palavras-chave: Projeto TV Pompeu, Ação Educomunicativa, Vídeos Multimodais, Aprendizagem Significativa

Uma proposta entre mídias: os quadrinhos literários no Ensino Médio

VAGNER LEITE RANGEL (UERJ)

Resumo: Na condição de professor de literatura preocupado com as orientações educacionais do Estado do RJ, mais especificamente com a política pública do Currículo Mínimo, defendo que os clássicos da literatura brasileira em quadrinhos são uma série de livros cujo potencial pedagógico não pode ser ignorado pelos professores do Ensino Médio (EM). Constatando que os estudantes têm particular interesse por produtos culturais que se constituem na migração entre mídias, verifiquei que, através da adaptação e da linguagem típica dos HQs, muitos estudantes podem ter acesso – talvez pela primeira vez – à literatura brasileira, hoje tão fora de moda e sem sabor para este público discente de certas escolas públicas, como aquela em que trabalho, no Município de São Gonçalo. A ideia de que a nossa literatura estaria fora de moda para a geração pós-ano2000 aflora no arranjo cultural hodierno, isto é, nem as livrarias e suas vitrines, nem os cinemas e a indústria nacional, nem o impacto da globalização cultural – blockbusters, redes sociais e seriados – motivam os estudantes a se interessarem pela literatura brasileira. Um exemplo ilustrativo dessa desmotivação é oriunda do circuito cultural globalizado: se um professor, numa sala de aula do EM, solicitar exemplos de seriados, a turma inteira tem um favorito, e sabe citar outros títulos. Mas, se este mesmo docente solicitar exemplos da literatura brasileira, a geração 2000, reproduzindo sua fala, “dá bug após o processo de loading”. Quer dizer,

não é a memória que falha; é a falta mesmo de memória a respeito da literatura brasileira, isto é, o não acesso à leitura literária, por questões além das já conhecidas dificuldades econômicas. É bem verdade que tal quadro pode ser bem específico e particular da unidade escolar em que trabalho, porque há estudantes interessados em literatura brasileira; vale também considerar que tal comportamento é estimulado pela sedução do circuito midiático contemporâneo. É aí que, transformando “vilão” em aliado, os quadrinhos instalam-se como ferramenta pedagógica poderosa para trabalhar com a literatura. Os quadrinhos, sem esquecer a sua força autônoma como arte gráfico-imagética, podem contribuir para o trabalho de crítica literária. Representa um ganho teórico-metodológico em termos de reflexão crítica sobre seus pressupostos. Implica, por exemplo, operar com noções arejadas sobre a adaptação de textos literários; abrir mão da hierarquia dos gêneros discursivos, da ideia de originalidade, contaminação e rebaixamento dos clássicos, enfim, de todo um paradigma circunscrito a uma visão imanentista de literatura, bem como problematizar o estigma pejorativo atribuído à indústria cultural. Não se trata, aqui, de facilitar para simplificar, mas sim desenvolver mais uma via pedagógica de acesso aos clássicos nacionais. Propõe-se, pois, a revisão do lugar dos quadrinhos em tais contextos escolares, oferecendo uma perspectiva intermidial como convite à leitura e ao compartilhamento de práticas prazerosas e críticas.

Palavras-chave: Clássicos da literatura brasileira, Quadrinhos, Adaptação, Ensino Médio

As tiras de jornal e o mundo da criança

RENAN SILVA DUARTE (UFJF)

Resumo: Os quadrinhos sempre foram associados pelo senso comum como algo direcionado para crianças, quer pela sua temática ou pela suposta facilidade de leitura. Há razões que justificam essa compreensão limitadora do meio. Razões históricas, sociais, e mesmo de produção.

No entanto, qualquer um que estiver disposto a uma leitura mais atenta irá perceber que há muito mais do que isso. É verdade que o meio das HQs é diverso e abrange uma infinidade de gêneros e estilos narrativos. Dialogam em seu modo de fazer regências de diferentes campos artísticos para construir possibilidades narrativas únicas. Uma das formas mais difundidas e lidas no mundo inteiro tem sido, desde sempre, as tiras de jornal. São rápidas, curtas, e geralmente simples, alcançando um público tão heterogêneo quanto as temáticas possíveis dessas produções. O presente trabalho busca, portanto, investigar um nicho específico de tal forma narrativa: as tiras protagonizadas por crianças, ou kid strips. Em um primeiro momento, busca-se compreender as formas de composição que envolvem uma tira de jornal e suas principais construções narrativas e como perpassam o cenário de ampla expansão de novas modalidades midiáticas que surgiram na virada do século XIX para o XX. Para tanto, torna-se necessária a discussão de como estas séries apropriam-se de modelos narrativos populares e mesclam-se com outras técnicas e formas. Intenta-se, portanto, estabelecer um aporte teórico capaz de analisar e compreender tal forma de mídia e suas possibilidades narrativas. Feito isto, e considerando o grande número de personagens infantis representados pelos quadrinhos em tiras de jornal desde a sua origem, e sua intrínseca relação com o imaginário do mundo infantil, a pesquisa busca compreender como a infância é representada em Peanuts, de Charles Schulz, e Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, duas das mais influentes séries de tiras protagonizadas por crianças. Traçou-se um breve panorama sobre a relação entre infância e os quadrinhos desde seus primórdios, além de investigar aspectos particulares da relação entre o público leitor infantil e as tiras de jornal. Buscou-se, ao analisar Peanuts e Calvin e Haroldo, discutir de que maneira tais tiras se afiliam a uma tradição de quadrinhos protagonizados por crianças consolidada por Little Nemo in Slumberland, de Winsor McCay, e The Katzenjammer Kids, de Rudolph Dirks. Ao longo do trabalho, intenta-se reler tais obras a fim de estabelecer aproximações e diferenças, além de indagar sobre

que infância cada série revela e como a fantasia própria da vivência da criança se manifesta na perspectiva dos personagens e quais suas possíveis significações. Neste trabalho, utilizou-se como revisão bibliográfica, a fim de estabelecer as análises presentes, autores como CAMPOS (2015), CURTIS (2016), GARCÍA (2012), MICHAELIS (2014), entre outros.

Palavras-chave: Quadrinhos, Tiras de jornal, Infância, Kid strips

Narrativa eletrônica, quadrinhos ou jogo? Novos caminhos em obras da Web 2.0

MAIARA ALVIM DE ALMEIDA (UFJF)

Resumo: Como coloca a estudiosa das narrativas digitais Janet Murray, em sua obra “Hamlet no Holodeck” (2003), novas tradições narrativas não surgem do nada. A cada nova tecnologia que é criada, aparece, simultaneamente, uma nova ferramenta para o fazer literário. A literatura, muito tempo atrelada ao livro e à palavra impressa, com o advento das tecnologias digitais das últimas décadas, depara-se com possibilidades antes não disponíveis para a produção e fruição de histórias. Há um novo suporte, a tela, que se mostra ao mesmo tempo fascinante, pelo que oferece, e ameaçador, pelas inertezas que traz e as consequências que pode ter – ou que já estaria tendo – no que diz respeito à maneira como lidamos com as artes. Novas experiências aparecem tanto para escritores quanto para leitores, visto que tais mudanças também acarretariam novos papéis e novos posicionamentos dos mesmos diante da literatura. Uma das possibilidades mais intrigantes trazidas pelas tecnologias digitais refere-se ao experimentalismo e à combinação de diferentes mídias em uma só obra. Já é possível encontrar trabalhos que combinam cada vez mais linguagens e elementos oriundos de outras tradições narrativas, criando obras híbridas, situadas no limite entre duas ou mais formas artísticas – limite esse que, inclusive, estaria cada dia mais fluido. Nesse contexto, analisaremos no escopo desse trabalho, o diálogo existente entre as

tradições narrativas da literatura, dos quadrinhos e dos videogames presente em Homestuck (2009 – 2016), de Andrew Hussie. A história, cuja proposta inicial seria de uma narrativa em quadros guiada pelas sugestões dos leitores, geralmente é descrita como uma webcomic interativa. Apesar de trazer em si muitos elementos originários da tradição dos quadrinhos – tanto impressos quanto digitais – é perceptível que a mesma rompe com tais convenções. A publicação aproxima-se dos domínios do literário ao recorrer, por exemplo, ao uso de figuras de linguagens, como metáforas (escritas e visuais), alusões, simbolismos e relações intertextuais com outras obras. Além disso, a história apropria-se da linguagem do videogame, construindo uma paródia – entendendo aqui paródia como uma repetição com diferença, nos termos de Hutcheon (1991) – das estruturas tradicionalmente encontradas em jogos eletrônicos. No escopo de nossa fala, analisaremos como essas tradições narrativas convergem em Homestuck, contribuindo para a composição de uma obra característica da cibercultura: híbrida, hipertextual, multimídia e participativa. Em nosso arcabouço teórico, contaremos com contribuições de teóricos do hipertexto e da literatura eletrônica como Janet Murray (2003), George P. Landow (1997), Katherine Hayles (2009) e Jay David Bolter (1991), além das considerações de Henry Jenkins (2012), Pierre Lévy (1999) e Steven Johnson (2012). Também trabalharemos com as considerações de Wolfgang Iser (1985) a respeito do jogo do texto, procurando estender o conceito de jogo presente na obra analisada para além de sua parte eletrônica, chegando ao campo literário, na concepção do texto como um campo de jogo entre leitor e autor a fim de se estabelecer significados e construir leituras.

Palavras-chave: Literatura eletrônica, Webcomics, Convergência midiática, Hipertexto

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

Hiper e Inter: a textualidade de *V de Vingança*

LUCAS FAZOLA MIGUEL (UFJF)

Resumo: No início dos anos 80, os britânicos Alan Moore e David Lloyd deram início à publicação de “V de Vingança”, uma obra que expandiria os limites da narrativa sequencial de forma incomensurável. Os autores construíram uma narrativa distópica, situada na Inglaterra do ano – até então futurista – de 1997, que refletia o clima de pessimismo da década em que fora concebida. Disfarçada em uma publicação voltada para os meios de comunicação de massa, a história trabalhou ideais políticos e filosóficos, e se constituiu a partir da escrita meta-referencial de Moore e Lloyd, que inseriram referências a elementos da alta cultura e da cultura de massa para criarem uma narrativa intensa e avassaladora dentro do gênero. A dupla causou grande impacto no cenário das histórias em quadrinhos, lançando mão de técnicas inovadoras na escrita verbal e visual, influenciando as gerações que se seguiram ao quebrarem paradigmas de representação e de concepção do que uma narrativa gráfica seria então capaz de transmitir. Em “V de Vingança” fica evidente o processo de hibridização característico das histórias em quadrinhos, que comungam simultaneamente palavras e imagens em prol de uma linguagem única, que transcende os limites de cada uma das modalidades artísticas em busca de sua própria construção de linguagem. Paralelamente, Theodor Holm Nelson publicou seu livro *Literary Machines*, no qual verbalizou sua definição daquilo que seria definido então como hipertexto, uma escrita de cunho não-sequencial, uma rede interligada de nós que os leitores podem escolher percorrer de forma não-linear. Desde então, com o surgimento dos computadores pessoais, a internet e o desenvolvimento das tecnologias de informação, pesquisadores dos mais diversos locais do mundo têm se

debruçado em cima desse conceito, problematizando-o e expandindo-o consideravelmente, tais como Lévy (1993), Murray (2003) e Landow (2006). Seus esforços expandiram os horizontes do Hipertexto, fazendo com que este irrompa no século XXI ainda com muito de si a ser destrinchado e compreendido. Se a priori os dois parágrafos anteriores aparentam tratar de campos completamente distintos, pode-se constatar através do presente estudo que as histórias em quadrinhos e os hipertextos possuem mais conexões do que se poderia imaginar. No trabalho em questão, tendo como base conceitual as definições de Hipertexto de Pierre Lévy – pontuadas por reflexões de Janet Murray e George Landow acerca do tema –, objetivaremos a análise do capítulo Cinco do Tomo Um, intitulado “Versões”, e do Prelúdio do Tomo Dois, denominado “Este Vil Cabaré”, da *Graphic Novel V de Vingança*, à luz das teorias do hipertexto, abordando a modalidade não-eletrônica do mesmo, de modo a evidenciar que a narrativa gráfica per se pode ser lida de maneira hipertextual.

Palavras-chave: Hipertexto, Histórias em Quadrinhos, Intertextualidade

As particularidades na adaptação do conto “Bugio Mosqueado”, de Monteiro Lobato, na série televisiva *Contos da meia noite*, uma forma diferente de adaptação

GLEITON CANDIDO DE SOUZA (UFMS)

Resumo: O enfoque do presente trabalho é analisar o conto literário Bugio Moqueado do escritor Monteiro Lobato e sua transmutação para o audiovisual no formato em que foi apresentado através da série Contos da Meia-Noite, produzida e exibida pela TV Cultura, enfocando aspectos próprios do conto literário e da Teoria da Adaptação. Veremos que, por meio de uma estrutura econômica, a transmutação do conto de Lobato para a televisão, soube levar o receptor a canalizar sua atenção na obra literária, mantendo a característica própria do conto, que é a de contar algo a alguém. Além disso, veremos que é possível manter a autoria do conto e o estilo de origem estabelecido pelo

suporte literário, sem que haja alteração do texto fonte, pois a intenção do adaptador, não era apenas criar uma versão para a televisão, mas sim, possibilitar ao telespectador o contato com a obra literária do autor do qual a adaptação se originou.

Palavras-chave: Conto, Bugio Moqueado, Contos da Meia-Noite, Adaptação televisiva

Diálogos intermediários de Jane Austen: entre os livros e o youtube

MARIA INÊS FREITAS DE AMORIM (UERJ)

Resumo: A obra da escritora inglesa Jane Austen pode ser considerada uma das mais lembradas da história da literatura. Mesmo passados mais de dois séculos da publicação de seus romances, a narrativa da autora apresenta discussões que repercutem até os dias atuais, como o papel social da mulher e críticas a uma sociedade que privilegia aparências. Seus romances também são conhecidos pelas diversas adaptações para as mais diferentes plataformas: para o cinema, como série de televisão ou releitura em outras obras literárias. A primeira adaptação de uma obra da autora com base na Internet é a websérie O Diário de Lizzie Bennet (*The Lizzie Bennet Diaries*, 2013), uma adaptação de *Orgulho e Preconceito* (*Pride and Prejudice*, 1813). A websérie é uma produção da Pemberly Digital e foi veiculada em canal do youtube.com entre abril de 2012 e março de 2012. Após o sucesso da obra, a Pemberly Digital produziu mais duas adaptações de obras da autora: *Welcome to Sanditon*, baseada novela inacabada *Sanditon*, veiculada entre maio de 2013 e agosto de 2013 e *Emma Approved*, postada entre outubro de 2013 e agosto de 2014, uma adaptação do romance *Emma* (1885). Todas as três webséries também contam com perfis das personagens em redes sociais, como Twitter, Facebook e Tumblr, possibilitando interação das personagens com o público. As produções contam uma releitura contemporaneizada da narrativa, apresentando a cada episódio uma postagem do vlog das protagonistas. O presente trabalho busca analisar como se deu o processo intermediário entre os romances e a

novela e as webséries, ressaltando que elementos da narrativa literária foram preservados, levando-se em consideração as contextualizações necessárias para a manutenção da verossimilhança. A análise teórica do trabalho parte do conceito de que cada texto possui diversas camadas, e cada leitor se detém a um destas camadas. Desta forma, a adaptação de um texto consiste na percepção e recodificação de uma ou algumas destas camadas do tecido textual. A adaptação intermediária permite que determinada obra ganhe outros contornos e possibilidades. Cabe a aquele que realiza o processo de transposição estabelecer que aspectos do texto base serão inseridos na nova obra, assim como seu leitor/ espectador estabeleça as relações e diálogos. Ao realizar uma adaptação, uma nova obra é produzida. Há uma revitalização da obra original, que passa a ser vista de forma, muitas vezes, diferente daquela na qual foi conhecida. A nova obra pode aprofundar conteúdos e debates de aspectos não muito percebidos e evidenciados no texto de origem. A nova obra também oferece a oportunidade de divulgar uma história para um público diferente daquele que ele já é conhecido. Por isso, ao adaptar romances do século XIX para o ciberespaço, as narrativas tem a possibilidade de ganharem um novo público, além de oferecer aos leitores de Austen uma nova experiência artística. Para construir essa análise, foram estudados textos de autores que debatem sobre intermedialidade, como Stam (2006, 2008), Hutcheon (2013), Ribas (2014) e Bazin (2014).

Palavras-chave: Jane Austen, Intermedialidade, Ciberespaço

Imparcialidade? Sintaxe e semântica dos adjetivos nas capas de revista VEJA antes da abertura do processo de *impeachment*

HELOANA CARDOSO RETONDAR (UERJ)

Resumo: No Brasil, salvo poucos casos, a mídia não assume expressamente posição política. Nada obstante, nota-se uma tomada de posição mascarada de compromisso com a imparcialidade. O objetivo deste artigo é, pois, analisar o adjetivo sintática e semanticamente

nas capas da revista Veja de janeiro a agosto de 2015, período que antecedeu a abertura do processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff, para identificar marcas da subjetividade daquele que escreve. O artigo divide-se nas seguintes seções: introdução à temática literatura e política; apresentação do referencial teórico em que se baseia a análise sintático-semântica (COHEN, 1976; FONSECA, 1993; NEGRÃO, MÜLLER, 2014); análise do corpus; e considerações finais. Foram estudadas cinco possibilidades expressivas do adjetivo: (i) adjetivos adnominais argumentais e predicadores de núcleo; (ii) epíteto anteposto e posposto; (iii) adjetivo predicativo; (iv) diferenciação entre participio e adjetivo; e (v) neologismo. Observou-se ocorrências de adjetivos adnominais que, semanticamente, saturam a posição temática aberta pelo substantivo com que se relacionam (adnominais argumentais) ou são saturadas por eles (adnominais predicadores de núcleo), em ambos os casos, a palavra que funciona como núcleo semântico indicia a posição do autor. Isso ocorre porque, ao selecionar exigências temáticas impostas pelo núcleo sintático, como ocorre com os adnominais argumentais, tem-se a liberdade de graduar os adjetivos inerentes entre características mais positivas ou mais negativas; por outro lado, a opção por adjetivos predicadores de núcleo faz com que a característica construa referências subjetivas do nome, entre as quais se inclui o juízo de valor. Sintaticamente, pôde-se notar tanto uso da posição habitual do adjetivo, quanto sua anteposição, houve ainda substantivação parcial do adjetivo. Quando subordinação e posição opõem-se, sob a ótica sintática, há consequências semântico-discursivas porque há redução do valor informativo, aumentando a força subjetiva do escritor. Embora a revista se proponha, jornalisticamente, a apresentar fatos para convencer o leitor, linguisticamente o faz com escolhas que sugerem o desejo de se chegar à emoção de quem lê. Entre as marcas linguísticas que embasam essa hipótese estão a inversão da posição entre substantivo e adjetivo e a preferência por adjetivos adnominais predicadores de núcleo, uma delas, inclusive,

em grau superlativo relativo de superioridade. Além disso, a seleção de adjetivos neológicos nos sintagmas: “trabalho anticorrupção” (neologismo formal) e “céu azul” (neologismo semântico) são marcas linguísticas que indiciam a subjetividade do escritor, pois revelam um trabalho intelectual de criação. Por um lado, o neologismo formal atualiza palavras no sistema linguístico e se justifica pela necessidade de criar novas demandas linguísticas atendendo a novas demandas sociais; por outro, o neologismo semântico aproxima a linguagem jornalística da linguagem poética. No sintagma verbal, observou-se apenas um caso de adjetivo predicativo. A abordagem linguístico-discursiva ajuda a desmascarar a aparente imparcialidade defendida pela imprensa brasileira. É possível, inclusive, apontar indícios do partidarismo. Observando-se os adjetivos selecionados pela revista, em sua maioria focados em aspectos negativos de assuntos relativos à administração petista, pode-se afirmar que seu posicionamento tácito, na época, era favorável à abertura do processo de impeachment.

Palavras-chave: Adjetivos, Sintaxe, Semântica, Capa Revista Veja

Revista piauí em reflexão: um possível produto do Jornalismo Literário

ISABELLA CRISTINA MILAGRES BALTAZAR (UFES)

Resumo: Com a proposta de criar uma revista com perfil editorial que fosse diferente de tudo o que é veiculado no Brasil, a revista piauí foi lançada na Feira Literária Internacional de Parati, a FLIP, em 2006 – coincidência ou não, teria características tão originais quanto as propostas pelo então New Journalism norte-americano, no Brasil, Jornalismo Literário. Tomando como estrato a revista piauí, a comunicação intenta sondar como se dá a manifestação desse subgênero nos textos da publicação, verificando se há, de fato, uma expressão do Jornalismo Literário nela. A revista apresenta uma forma incomum de narrar os fatos. Com bom humor, ironia e de forma despretensiosa, a realidade brasileira é abordada através de artigos, quadrinhos, ilustrações, contos e outros. O perfil editorial é centrado

na singularidade. Não existe apenas um tema a ser abordado. Seu conteúdo se alicerça na diversidade espelhada no que é o Brasil: múltiplo. O conteúdo vai de encontro ao que o Jornalismo convencional atual propõe: a redução dos textos, utilização de imagem como informação, a instantaneidade dos fatos. A piauí entende que os jornais e revistas de hoje comentam um mesmo fato e brigam, dessa forma, com a internet e a televisão pela atenção do leitor. A intenção da editoração, portanto, é narrar a história de forma abrangente e aprofundada. E, sobretudo contextualizada. Os textos são longos e autorais. Para a revista piauí, é vital que as narrativas sejam contadas de forma original, não usual, fator que as aproxima das estéticas literárias. O Jornalismo Literário propõe um formato que supostamente não cabe a uma enunciação noticiosa/informativa. Abriga uma forma ampla de narrar um fato/história que foge da narrativa rápida e “quente” do fazer jornalístico tradicional. Sobre sua construção, aspectos que resignam a criação – que tem acesso livre na narrativa literária – batem a porta da narrativa noticiosa e pedem para entrar. Sua narrativa permite a voz autoral – o repórter pode ser narrador-personagem, o uso de figuras de linguagem como a metáfora. Ou seja, há, nessa disposição textual, a permissão para a ação subjetiva. João Moreira Salles, um dos quatro fundadores da revista piauí, acredita que o gênero já é suficientemente interessante, com códigos ricos que não precisam da legitimidade intelectual e estética que venha de outro lugar. Salles explica que entende o construto discursivo de piauí como um jornalismo narrativo, o qual se preocupa com a forma, de maneira que o leitor sinta interesse e prazer pelo fluir da história a partir da habilidade que ela é contada, não apenas pela informação, mas também pela sedução da forma. Estética e beleza buscam estar sempre aliadas à preocupação com a ética e a veracidade dos fatos, que tem como resultado o prazer da leitura. Observa-se, portanto, que o Jornalismo, mesmo com a sua necessidade da objetividade, e a Literatura, com todo o seu respeito aos sentidos únicos e amplos de cada palavra, podem se misturar de forma produtiva.

Palavras-chave: Jornalismo Literário, New Journalism, revista piauí

***Clockwork Angels* e os caminhos possíveis da adaptação da narrativa**

JANAÍNA DOS SANTOS NEVE (UNESP)

Resumo: O trabalho em questão trata da análise de processos de construção da narrativa ocorridos na adaptação para romance e para novela gráfica do álbum conceitual *Clockwork Angels* (2012) da banda canadense Rush, homônimos em inglês. Baseando-se na premissa de que, ao longo do tempo, um número significativo de adaptações têm como ponto de partida uma obra literária, e que, também, grande parte dessas adaptações resulta em textos fílmicos, a comunicação se propõe a observar alguns aspectos dos processos de adaptação no sentido inverso: letras de música utilizadas para a criação de outros tipos de texto, ou seja, o romance é um dos pontos de chegada, juntamente com a história em quadrinhos, e não a obra de origem. Esses objetos são exemplos raros nessa direção de adaptação, de modo que podem ajudar a ampliar o espectro dos estudos das teorias da adaptação. Assim, é importante que pesquisas se expandam tanto em termos de objetos quanto em modelos teóricos que talvez ainda precisem ser estabelecidos para que a teoria da adaptação possa ser beneficiada com novas visões e que ela possa passar a contemplar uma gama de objetos que têm sido pouco explorados (HUTCHEON, 2006). Deste modo, os objetivos da apresentação são tanto observar as obras adaptadas como obras autônomas como tentar perceber os alguns recursos e procedimentos usados para criar o mesmo enredo nos diferentes suportes.

Palavras-chave: *Clockwork Angels*, teorias da adaptação, transcodificação, Neil Peart

33

INTERCULTURALIDADE E OUTRAS TEXTUALIDADES: VOZES NA FRONTEIRA

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (UFGD)

Lourdes Kaminski Alves (UNIOESTE)

José Antonio de Souza (UEMS)

Resumo: Uma robustecida produção em submergidas dicções fronteiriças retornam, hoje, surgindo no cenário contemporâneo como se revestidas em estilo fronteiriço, provocativo e derivador de “outras” diferentes práticas culturais, uma vez que nascedouras de um mundo de fronteira que reclama, necessariamente, um estilo fronteiriço. Este simpósio pretende acolher uma discussão voltada para a perspectiva anunciada, com o objetivo central de reunir trabalhos que procurem verificar, a partir de diferentes textualizações dos mediadores literários e culturais, a interculturalidade de “vozes” fronteiriças que permeiam o lugar da cultura no subcontinente. Assim, em um possível paradigma, sublinharíamos as diversas (outras) aventuras de nosso herói Macunaíma, tais como recolhidas entre os povos indígenas; tema e objeto que continuam se expandindo em textualidades outras em consonância com a problemática indígena, na atualidade, e consequentemente com a discursivização em torno dessas práticas culturais. Também, a proposta *dieguesiana* sobre um *portunhol salvage* evoca o lugar inovador do escritor de fronteira, *brasiguai*o, repondo estratégias, temáticas discursivas e culturais atravessadas por uma mirada estrábica, que parece não mostrar seu suporte, na medida em que desabriga, à análise, a problemática dos gêneros e/ou da natureza e origem de tais textos, ou de sua textualização. Perseguindo esse lugar de descentramento, também provocam

e crescem em interesse os reconhecidos saraus literários, que se expandem em ondas criando liames pelo subcontinente e pautando vozes de uma outra história. A movimentação cultural gerada pela ação coletiva em contextos periféricos, fronteiriços – debates, saraus e eventos nos quais escritores e artistas apresentam suas obras e seus projetos culturais – atribui um sentido de performance ao texto, não como produto final da atividade criativa, mas um ato de intervenção e participação onde ele se produz e circula como experiência literária, ou como lembra Josefina Ludmer ao refletir sobre um tipo de escrituras atuais da realidade cotidiana que se situam em ilhas urbanas (em zonas sociais) da cidade de Buenos Aires, que revelam o desejo de poder ver, em ficção, as temporalidades do presente vividas por algumas subjetividades. Em sintonia, provêm os espólios e/ou escritos constitutivos de pequenas bibliotecas de escritores, vigentes nas margens do cânone e da história, avultando em numerosidade só comparável com o nosso desconhecimento. O que também suscita a verificação de textos e autores “descentralizados”, que produziram a um tempo de escassez editorial e publicação, fazendo palpitar em diversificadas e ricas textualizações “regionais”, tanto no Brasil como no subcontinente. Ora, assim formuladas, enquanto vetores de textualidades outras, essas vozes põem em demanda, por assim dizer, uma “textualização” outra e de um outro lugar, de uma outra enunciação acerca do lugar e do espaço que tais autores/escritores habitaram em vida: meio ao modo do escritor e historiador sanandresano, caribenho, Jimmy Gordon Bull, cuja obra pugna por um direito ao quê fala, como fala e de onde fala, na medida em que depara com o também altissonante espólio de seu consagrado livro *Legado de piratas*.

Palavras-Chave: Mediadores, Literaturas de fronteira, Textualidades contemporâneas, Experiências literárias

Referências:

- ALVES-BEZERRA, Wilson. **Reverberações da fronteira em Horácio Quiroga**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2008.
- ALVES, Lourdes Kaminski. A contribuição da crítica oswaldiana para os estudos da literatura e da cultura no contexto latino-americano. In: **REVELL/UEMS**, v. 1, n. 12, Dourados, Mato Grosso do Sul: Editora da UEMS, 2016.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands / La frontera: The New Mestiza**. 2nd ed. San Francisco: Aunt Lute, 1999.
- BARZOTTO, Leoné A. **Interfaces culturais: The Ventriloquist's tale & Macunaíma**. Dourados;MS: Editora UFGD, 2011, 303 p.
- BULL, Jimmy Gordon. **Legado de piratas**. 1 ed. Medellín; Colômbia: L. Vieco e Hijos Ltda. 2010, 102 p.
- DIEGUES, Douglas. **Uma Flor na solapa da miséria**. Asunción;PY. Yiyi Jambo, 2007.
- LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. In: **Ciberletras** - Revista de crítica literaria y de cultura, n. 17, julho de 2007. Disponível em: <<http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n20.pdf>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.
- PALERMO, Zulma. **Desde la otra orilla**: Pensamiento crítico y políticas culturales en América Latina. Córdoba-Ar.: Editora Alción, 2005.
- RIOS, Rosana. **América mítica**: histórias fantásticas de povos nativos e pré--colombianos. Porto Alegre: BesouroBox, 2013, 245p.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Vozes do descentramento latino-americano. In: CRUZ, Antônio D.; ALVES, Lourdes Kaminsk; MERINO, Ximena A. D. (org.). **Imagens das Américas**: interfaces sociais, culturais e literárias. Cascavel: ed.EDUNIOESTE, 2014, p. 72-85. (Coleção: Confluências da literatura e outras áreas, v.5).
- TLOSTANOVA, M. V. ; MIGNOLO, W. **Learning to Unlearn – Decolonial Reflections from Eurasia and Americas**. Columbus: Ohio State University press, 2012, 281 p.

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

O teatro antropofágico do dramaturgo e diretor Francisco Carlos

LOURDES KAMINSKI ALVES (UNIOESTE)

Resumo: A reflexão que aqui proponho está articulada aos estudos que venho realizando sobre a produção escrita pós-1930, de Oswald de Andrade, em especial, quando, ele retoma de forma crítica a noção de antropofagia, duas décadas depois do conhecido Manifesto Antropófago em sua produção ensaística, compilada nos livros *Ponta de lança* (1945), *Estética e política* (1954) e os textos reunidos em *A Utopia Antropofágica* (1990). Estas obras dão mostras do pensamento crítico oswaldiano e iluminam uma reflexão sobre a produção cultural brasileira, para além do modernismo brasileiro, de forma que a antropofagia, conceito de vida calcado no primitivo proposto por Oswald, como estratégia para a discussão da cultura e do poder, evidencia-se como potência no processo de abstração da realidade social. Na contemporaneidade encontramos apropriações e releituras crítico-criativas que expõem o potencial do conceito de Antropofagia, a exemplo de suas derivações: autofagia, práticas textuais híbridas, devoração crítica entre outras, expressões largamente empregadas pela crítica contemporânea sobre estudos literários e cultura no Brasil e na América Latina. Para ilustrar esta reflexão trazemos o exemplo da estética teatral híbrida do diretor e dramaturgo amazonense Francisco Carlos, cuja obra tem forte conexão com a proposta da devoração crítica proposta por Oswald de Andrade, sobretudo, as peças do “Pensamento Selvagem”. A tetralogia *Jaguar cibernético* (1993), é composta das peças autônomas: “Banquete Tupinambá”, “Aborígene em Metrópolis”, “Xamanismo the Connection” e “Floresta de Carbono – De Volta ao Paraíso Perdido”. Em entrevista, concedida aos jornalistas Valmir Santos e Pollyana Diniz para o *Teatrojornal*, 2011, Francisco Carlos, reflete que nos anos 1980 e

1990, construiu a fase do “Pensamento Selvagem”, a partir de estudos embasados em Claude Lévi-Strauss, observando o lado antropológico de Antonin Artaud em relação às peças dos índios mexicanos [os tarahumaras]. Para o autor, “a ideia de arte contemporânea fragmentária, híbrida e plural tem por base a arte primitiva africana e ameríndia”. Os textos de Francisco Carlos propõem o deslocamento, a desautomatização do olhar do leitor/plateia. As montagens, em geral, discutem etnografia, colonização, história, humanidade e conseguem reunir referências filosóficas, antropológicas, sociais. Em sua arte o dramaturgo amazonense propõe: A) Aprofundar os debates (temas e linguagens artísticas) especificamente o “canibalismo tupinambá” que envolveram a montagem do projeto da tetralogia canibal “Jaguar Cibernético”. B) Aprofundar estudos sobre canibalismo tupinambá mergulhando na obra de Florestan Fernandes “A função social na sociedade tupinambá” e fontes tupis, como: crônicas do século XVI e XVII e debater os campos da história e etnografia, sobre o papel central e fundamental – status e prestígio – da mulher tupinambá, nas sociedades tupis dos séculos XVI e XVII. C) Discutir a proposta antropofágica de Oswald de Andrade – os modos como explorou e deixou em aberto às teorias da fonte tupi e como já indicava um dos procedimentos mais debatidos atualmente por antropólogos, artistas e pensadores: a chamada reindigenização da cultura brasileira e do país. As peças propõem uma reflexão sobre o entre-lugar do canibalismo no pensamento ocidental e seus antecedentes antropológicos, filosóficos e históricos; uma leitura dos desdobramentos psicanalíticos, filosóficos e artísticos da Antropofagia o que nos faz pensar sobre a amplitude da proposição de Oswald de Andrade contida no Manifesto e seu potencial de significação na contemporaneidade.

Palavras-chave: Teatro antropofágico, Jaguar cibernético, Pensamento selvagem, Francisco Carlos

Questões de subjetividade e de identidade nas relações interculturais: o poder simbólico do texto jornalístico e suas formas de dominação e controle

RITA DE CÁSSIA A. PACHECO LIMBERTI (UFGD)

Resumo: O trabalho pretende discutir as marcas e manifestações de subjetividade e de identidade nas relações interculturais, abordando os processos subjetivos e os processos sociais que orbitam a questão do preconceito e do controle ideológico nos/dos diferentes discursos, privilegiadamente naqueles no/do texto jornalístico. O discurso do jornal, enquanto prática discursiva, opera nas diversas dimensões temporais. Ancorando-se no presente, seleciona, transforma e propaga os fatos e os preceitos ideológicos, legitimando-os como memória. O grande valor desse processo (de registro dos fatos e das ideias) que o jornal opera consiste em um mecanismo de produção de sentido privilegiada, na medida em que, ao selecionar o que será registrado, fixa sentidos, produzindo um modo (entre outros possíveis) de registrar o presente e de recordar o passado. Por ser impregnado de historicidade, essa experiência literária ocupa uma posição privilegiada no curso da história, visto que, assim como qualquer outra textualidade, integra uma sociedade, veiculando suas variadas vozes, num determinado tempo, construindo e mantendo seus valores. Em situações de contato entre culturas diferentes, os conflitos e incongruências ideológicas são potencializados por meio de uma polarização entre os valores de uma e de outra cultural, de modo a estabelecer-se um estado tensivo que vai se refletir no interior das práticas sociais. O universo cultural a ser abordado neste trabalho é o do índio guarani-kaiowá da Reserva Indígena de Dourados – MS, o qual está em contiguidade com o perímetro urbano do município, com limites adjacentes, posição geográfica que favorece o contato constante e próximo entre os índios e não índios. O contato cultural apresenta um novo mundo que não é o deles, com sentido totalmente diverso que se opõe ao deles. Tal proximidade e convivência alteram seus valores de ordem existencial,

tímica ou estética, tornando ridículo o que era sagrado, vergonha o que era orgulho, medo o que era respeito. Pode-se afirmar que as alterações de valores atingem frontalmente sua cultura e sua identidade (e se manifestam principalmente nas práticas sociais). Os objetivos são de configurar, no trabalho, um espaço de convergências/divergências de questões sobre subjetividade, identidade, cultura e preconceito, problematizando esses conceitos, questionando algumas práticas acadêmicas e abordagens teóricas, buscando ressignificar e legitimar literariamente um universo de significados relativamente estabilizado social e ideologicamente. Em outras palavras: realizar uma análise orientada no sentido de desconstruir as representações simbólicas e as práticas ritualísticas que fundam a academia e a tradição dos cânones do texto literário, questionando alguns modelos, em busca de resultados porosos e abertos, resultados de novas experiências literárias.

Palavras-chave: Cultura, índio, jornal, poder simbólico

(Des) Encontros, o Mundo une e separa: o Entre-Lugar em Guimarães Rosa e Mia Couto

JOSIANE LOPES DA SILVA FERREIRA (UNEMAT)

Resumo: Através deste trabalho pretende-se realizar uma comparação entre o conto “A terceira margem do rio”, do escritor brasileiro João Guimarães Rosa, publicado no ano (2008), pela editora Nova Fronteira e “Nas águas do tempo” do escritor moçambicano Mia Couto, publicado pela Companhia das Letras (2012), objetivando analisar como as “zonas fronteiriças” resultam em “entre-lugar” e como o conceito de “entre lugar” modifica e transforma o indivíduo e sua cultura. Para realizar essa análise utilizaremos o conceito de “entre-lugar” que foi abordado primeiramente pelo autor palestino naturalizado americano Edward W. Said (1935-2003) em seu livro “Fora do Lugar”, (2002) no qual apresenta de forma elucidada como as pessoas se tornam conflitantes, pois não se sentem pertencentes a lugar algum, seja por questões geográficas ou simplesmente por crise existencial e também pelo escritor hindu

britânico Hommi K. Bhabha em seu livro “O Local da Cultura”, (1998). Analisando o conceito de fronteira etimologicamente percebe-se que se trata de uma divisão geográfica entre territórios, linha imaginária que divide ou delimita países, mas quando tratamos de cultura essa fronteira se torna imperceptível. É com o intuito de realizar um passeio entre culturas, entre as “zonas fronteiriças” que pretendemos transitar e responder a interrogação de como as “zonas fronteiriças” resultam em “entre-lugar” e como o conceito de “entre lugar” modifica e transforma o indivíduo e sua cultura. Desde o início da humanidade, povos transitam de um lado para outro à procura de melhores condições de vida, numa constante inquietação. A primeira “diáspora” (HALL, 2008) que temos nítida em nossa memória encontra-se escrita no livro do Êxodo, segundo livro da Bíblia Sagrada, no qual relata a saída do povo hebreu do Egito em busca da “Terra Prometida”. Muitos séculos se passaram e eis que surge o período das grandes navegações, e por vontade própria, povos europeus partem para conquistar “novas terras” e levam sua cultura aos povos “primitivos” no intuito de “salvá-los” de sua ignorância. Essa procura por melhores condições de vida seja por razões impostas, ou não, pessoas partem para várias partes do mundo em busca da “Terra Prometida” e essa migração traz uma inquietação, pois os costumes e tradições que faziam parte de seu “mundo” já não os pertencem mais e têm de se viver em um “entre-lugar” (BHABHA, 1998), local onde a cultura do outro é incorporada e quando se mistura com suas lembranças, o que era “puro” se mistura e desse “hibridismo” eis que surge uma nova forma de ver o mundo. Seja na antiguidade quanto na atualidade os povos em seu “êxodo” pessoal não se dão conta de estarem transpondo barreiras geográficas, contudo ao chegarem ao local almejado se deparam com outro tipo de barreira, o da “hegemonia cultural” (BHABHA, 1998), cuja relação de poder acontecerá para ambos “nativos” e “migrantes” na tentativa de manter viva a cultura de seu povo

Palavras-chave: Literatura Comparada, narrativa, zonas fronteiriças, entre-lugar

Desterritorializar a língua e abrir a escuta

ELEONORA FRENKEL BARRETTO (FURG)

Resumo: A comunicação propõe reflexões a partir das estéticas híbridas de Wilson Bueno e Douglas Diegues, escritores que criam línguas de mescla como parte de um movimento artístico que resiste a processos de homogeneização cultural. As línguas literárias que se criam a partir da imbricação do guarani, espanhol e português provocam as tensões dos contatos culturais e toda sua densidade histórica. Contatos e contágios entre línguas e culturas amalgamadas em textualidades que questionam os limites estanques de arbitrárias fronteiras geopolíticas e as abrem como confirm, aquele que distingue e torna comum, que revela o caráter permeável e penetrável entre o que diferencia e separa (Massimo Cacciari). O hibridismo linguístico/estético coloca em questão a possibilidade ou a necessidade de tradução como cruzamento de fronteiras, como transposição de cultura a cultura; a tradução de uma língua a outra se suspende para evidenciar suas tensões e zonas de intraduzibilidade. É preciso ler o outro em sua diferença e não reduzi-lo ao mesmo para torná-lo compreensível. Seria um movimento de “guaranizar” as línguas coloniais nas quais se escreve a literatura latino-americana? Tal como chamara a atenção Walter Benjamin ao falar em sanscritizar, griecizar ou anglicizar a língua alemã, ou seja, deixar que a hegemonia linguística seja violentamente abalada por línguas menores? Na análise de Deleuze e Guatari, uma literatura menor é aquela que uma minoria faz em uma língua maior e a primeira característica da literatura menor é a “desterritorialização da língua”, é a provocação de uma saída das fronteiras fechadas dos territórios e sua des-homogeneização. Nesse sentido, o guarani, como língua menor e língua de minoria, desterritorializa as línguas colonizadoras e hegemônicas, ativando uma potência política de resistência. A experiência de leitura desloca-se da busca pelo sentido inteligível do texto para um sentido sensível que se experimenta com a dicção, o ritmo e o timbre das línguas estrangeiras. O convite é ao contato com esse corpo-língua

estrangeira, essa exterioridade que se toca e não se explica. Jean-Luc Nancy (2007) pensa a escuta como uma abertura a um sentido possível e, portanto, não imediatamente acessível, ou, como um sentido sensato mais que um sentido inteligível. A escritura como ressonância do sentido para além da significação provoca uma percepção sonora que afeta de modo diferente da percepção visual ou tátil. Nancy diz que o visual seria tendencialmente mimético e o sonoro tendencialmente metéxico, ou seja, da ordem da participação, da partilha ou do contágio. A imbricação das línguas estrangeiras em uma nova língua literária expõe o leitor ao contato com o impronunciável, promovendo uma percepção sensível e corpórea do desconhecido.

Palavras-chave: Fronteira, Confim, Tradução, Escuta

Horacio Quiroga ou a civilização e a barbárie

GUSTAVO MELO CZEKSTER (PUC-RS)

Resumo: Poucos escritores latino americanos souberam melhor expressar a hibridização cultural entre metrópole e colônia – o binômio tradicionalmente constituído entre civilização e barbárie, por mais insuficientes que tais conceitos pareçam – do que o uruguaio Horacio Quiroga (1878 – 1937). Não é coincidência que o título do presente trabalho remonte a um clássico de formação da América Latina, “Facundo ou civilização e barbárie”, de Domingo Sarmiento. Apesar de existir distinção entre os dois conceitos, sempre há algo de indômito primitivismo no meio da polidez civilizada, e vice versa. Civilização e barbárie não são conceitos em mútua exclusão, mas complementares, e Horacio Quiroga foi a personificação de uma modalidade de escritor que assombra o conceito de literatura nacional: aquele que não possui fronteiras claramente visíveis. Quiroga foi um selvagem em meio à efervescente Paris do final do século XIX e um letrado em meio à selva da fronteira entre Uruguai, Brasil e Argentina. A palavra que melhor podia lhe descrever era “inadequação”: ele não se sentia parte de nenhum lugar, e não podia sequer considerar-se um cidadão do mundo,

conceito que normalmente se atribui àqueles que não se sentem parte de uma nação em específico. O autor de origem uruguaia nunca esteve integrado a uma única cultura e, por conseguinte, nunca fez parte de um sistema literário exclusivo. Mais importante do que trazer noções estéticas da civilização, talvez seja notar o quanto elas podem servir para a reconstrução dos valores “bárbaros” de um país. Como Piglia assinala, a complexidade do “Facundo” deriva do desejo de Sarmiento de manter a coesão entre civilização e barbárie sem optar por um dos lados. O mesmo se pode observar na obra de Horacio Quiroga, em que tal opção não decorre de uma noção teórica, de afirmação da identidade nacional ou de exaltação aos modelos estrangeiros. Para o uruguaio, a obra era extensão da sua personalidade cindida. Assim, não era a obra que oscilava, mas o próprio homem do qual ela se originaria. Dentro de Quiroga, civilização e barbárie coexistiam pacificamente. Nesse sentido, ele é um autor que ultrapassou as questões identitárias sobre a formação das literaturas nacionais na América Latina e soube congregar, no interior da sua obra literária, tanto o lado do colonizador quanto o do colonizado. Assim como na sua vida, que passou entre fronteiras tanto físicas (Brasil, Argentina e Uruguai) quanto espirituais (morte e vida, natureza e cidade), percebe-se uma outra fronteira ultrapassada por Quiroga: a das teorias pós-coloniais. No presente trabalho, objetiva-se estabelecer um paralelo entre Horacio Quiroga e Domingo Sarmiento no que diz respeito às noções de civilização e barbárie, e usando de estudos essenciais sobre o tema como os produzidos por Ricardo Piglia e Pablo Rocca, considerando-se as teorias pós-coloniais que versam sobre o tema, em especial o contraste entre o europeu e o latino-americano conforme tratado por Ángel Rama, Silviano Santiago e Ana Pizarro, destacando a forma contraditória com que as duas obras tratam do tema.

Palavras-chave: Horacio Quiroga, Domingo Sarmiento, Pós-colonialismo Fronteira

Entre Mestizas e Nepantleras: A Autohistoria de Gloria Evangelina Anzaldúa em *Borderlands/La Frontera*

CARLOS VINÍCIUS DA SILVA FIGUEIREDO (IFMS/UPM)

Resumo: Na atualidade, o contexto histórico-cultural e literário de grande produtividade nos Estados Unidos tem fomentado intensivamente as literaturas imigrantes, de identidades em trânsito, que proporcionou a criação de uma obra como *Borderlands/La Frontera: the new mestiza* (1987), de Gloria Evangelina Anzaldúa, envolvendo o surgimento de um rótulo em particular, como o de literatura chicana, resultante do solo cultural da fronteira México – Estados Unidos. Por conseguinte, o objetivo deste trabalho é analisar *Borderlands/La Frontera* nos aspectos do contexto sociocultural e da representação tematizados em sua narrativa, bem como a concepção de “autohistoria” enquanto representativo para a história de vida da escritora, ultrapassando os limites de sua biografia, tornando-se a história de seu próprio povo. Acrescente-se que o texto de Anzaldúa sugere um debate político e social, colaborando para a diluição de certezas e submetendo as instituições a uma séria crítica. Nesse sentido, a obra *Borderlands* será analisada como matéria discursiva cultural, representante de reflexões que ultrapassam as fronteiras do México-Estados Unidos e que propõe uma nova leitura sobre as dualidades de ser/estar nas fronteiras. Na obra de Anzaldúa despontam personagens cujos comportamentos e cujo discurso projetam uma realidade social e cultural singular, em que a autora expõe sua própria face diante da história, “la herida abierta”, enfrentando questões como a da injustiça social e diferenças culturais gritantes, como se a escritora exteriorizasse suas angústias e frustrações a respeito da problemática social e cultural não apenas na fronteira, mas nas relações de poder que constituem a sociedade. Sobressai-se das produções de Anzaldúa a característica de uma observante social de seu tempo, no sentido de capturar as fragilidades de seu país e materializa-las em forma de prosa e poesia. Desta forma, entende-se o texto literário como um documento cultural, constituído como fato histórico, não apenas repositório de fatos; usado como representante de uma realidade histórica ‘real’, conforme

aponta Carolyn Steedman (1999). Ashcroft (1995) afirma que “O texto escrito constitui uma situação social”. O autor expõe a etnografia constitutiva dos sistemas de escrita e tenta responder questões do texto escrito como situações sociais, examinando os objetivos da escritura como um processo de cumprimento social entre os participantes. Complementam o corpus de análise, os arquivos da coleção *The Gloria Evangelina Anzaldúa Papers* (1942-2004), depositados na biblioteca Nettie Lee Benson da Universidade do Texas em Austin, Estados Unidos. Para tanto, a metodologia que subsidia este trabalho volta-se para as reflexões teórico-críticas acerca dos estudos pós-colonialistas, sobretudo as obras de Ashcroft & Griffiths & Tiffin (2003), Spivak (1988), Beverley (2004), Mignolo (2003), e ainda obras de exegese e fortuna crítica sobre Anzaldúa, como, Keating (2009) e Cantú (2012). Desta forma, a operacionalização desta comunicação contempla a contextualização da análise de *Borderlands/La Frontera*, seguida das relações de implicação entre texto vs. contexto, manuscritos vs. edição e publicação da obra, aprofundando no cotejamento do arquivo anzalduano como componente fundamental para compreensão da narrativa de *Borderlands/La Frontera*. Com efeito, o trabalho contribui particularmente para a ampliação da leitura de Anzaldúa no Brasil, contemplando aspectos de análise teórico-críticos do discurso latino-americano.

Palavras-chave: *Borderlands/La Frontera*, autohistoria, nepantla, new mestiza

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

História, literatura e mitos expropriados no contexto da colonização ameríndia

PAULO SERGIO NOLASCO DOS SANTOS (UFGD)

Resumo: “A cidade das letras”, de Ángel Rama (escritor uruguaio e crítico literário, fundador e diretor da Biblioteca Ayacucho), acaba

de ser reeditado no Brasil, e sua leitura/desleitura remete ao fato de que Colombo, em 1492, aportou no Caribe. Isto nos leva a retomar hoje, no âmbito de nosso subcontinente, todo o legado cultural que arrasta o registro de uma tradição oral, na qual, tanto as narrativas literárias aí produzidas quanto os inúmeros relatos míticos dos vários povos indígenas, reforçam espelhando o processo de apagamento e desleitura das histórias dos povos ameríndios. Bem como, e ao passo que alertam para uma particular abordagem das produções culturais em consonância com o discurso crítico que se produziu na esteira Rama, em especial sob a perspectiva da “decolonização” segundo o pensamento de Walter Mignolo (2012). Este trabalho se propõe como leitura e análise de narrativas literárias que têm como base os “relatos” oriundos da cultura ameríndia e o conseqüente “conflito” com o pensamento pós-colonialista, na esteira de uma reflexão teórico-crítica, segundo a perspectiva comparatista, procurando reler o discurso crítico sobre a América Latina em consonância com o respectivo discurso que nela se produziu. Ou seja, duas obras serão verificadas enquanto “corpus” de abordagem: América mítica: histórias fantásticas de povos nativos e pré-colombianos (2013), de autoria da brasileira Rosana Rios, que recupera narrativas ameríndias, e Legado de piratas (2010), do escritor sanandresano, caribenho, Jimmy Gordon Bull, cujo autor realiza, a partir do arquipélago de San Andrés, um resgate cultural desta região do Caribe Insular. Como resultante da seleção do “corpus”, bem como da problematização da leitura enquanto lugar de enunciação, o trabalho reflete-se em peculiar forma ensaística operando num espaço de reapropriação de vozes silenciadas e/ou literaturas imigrantes e identidades em trânsito. Aos mitos e relatos desses povos, superpõe-se um “legado de piratas” a serviço da Coroa, do colonialismo, em sequiosa pilhagem econômica e cultural. Vários pontos conectam as narrativas desses dois escritores, dentre os quais conflitos fronteiriços, que ressumam a intervenções epistemológicas fronteiriças enquanto chave de leitura-desleitura-desaprendizagem da “decolonização”, sobretudo

na confrontação entre a herança colonizadora (legado) e seu reflexo na pilhagem, espólio e no epistemicídio sorrateiro que resultaram da exploração contumaz dentro de uma ordem de colonização. Enfim, poderemos concluir que, tanto na obra de Rosana Rios quanto na de Jimmy Bull, deparemos com robustas narrativas “autóctones”, nascidas e comprometidas com o alvorecer dos povos nativos e pré-colombianos, ameríndios. Se em Bull temos o relato de uma crônica de horror, descrevendo em tintas toda a crueldade, o fato é que em ambos os escritores (Rios e Jimmy Bull) suas significativas produções literárias são a resultante da constituição de um projeto artístico de notáveis originalidade e robusteza.

Palavras-chave: latino-americana e caribenha, decolonização, pós-colonialismo, Rosana Rios e Jimmy Gordon Bull

A união que a carne (e a sociedade) frustraram: sexualidade e violência no universe ficcional chicano de Gulf Dreams de Emma Pérez

NATHÁLIA ARAUJO DUARTE DE GOUVÊA (UERJ), LEILA ASSUMPÇÃO HARRIS (UERJ)

Resumo: No presente artigo, pretendo explorar deslocamentos geográficos, psicológicos, de gênero e referente à sexualidade no romance Gulf Dreams de Emma Pérez. Publicado em 1996, o romance lida com o desabrochar do desejo sexual, pontuando a existência do desejo sexual na mulher, comumente escondido e reprimido nos relatos de experiência de feministas chicanas. Além disso, (rel)atos de opressão e violência epistêmica contra mulheres desde a sua infância também estão inseridos na narrativa. De início, reflito sobre a escolha por parte de Pérez de uma narradora-protagonista sem nome cujo objeto de desejo - “a jovem mulher” - também permanece anônima. Além disso, desenvolvo a minha pesquisa sobre os seguintes tópicos: o desenvolvimento sexual das personagens, o sistema sancionado do comadrazgo e o desejo da mulher voltado para outra mulher. A relação entre as duas personagens anônimas é um dos elementos principais que influenciam todo o romance. Um outro elemento envolve processos

de violência como casos de ciúme controlador, violência doméstica, estupro/ estupro coletivo e abuso infantil que se fazem presentes no romance. Devido à intensidade da violência retratada no romance, as conexões entre esses atos e os sujeitos fragmentados em *Gulf Dreams* são marcantes. Assim, categorizo como deslocamento geográfico a escolha da narradora de fugir de sua cidade natal; como deslocamento psicológico, o caminho percorrido por sua psiquê ao resolver explorar em seu passado o porquê de algumas escolhas e dores emocionais incômodas até desvelar um episódio traumático em sua narrativa. O deslocamento de gênero se constitui na sua fuga dos “rituais femininos” que a sociedade chicana espera que ela siga. Por fim, o deslocamento referente à sua sexualidade se desenvolve ao passo que ela se permite fugir da duplicidade santa/puta referente ao entendimento de sexualidade feminina na comunidade chicana, além de dar voz ao seu desejo sexual por outra mulher. Faço uso do trabalho teórico de Glória Anzaldúa, intitulado *Borderlands/La Frontera* (1999) para tratar de noções de deslocamento em conjunto com aos noções de espaço de Doreen Massey em *Space, Place and Gender* (1994). Uso também o trabalho teórico de Emma Pérez, *The Decolonial Imaginary* (1999), para inserir o romance na teoria da descolonialidade que focaliza um espaço entre os momentos colonial e pós-colonial para inserir a/s história/s da/s mulher/es chicana/s representando a sua agência. Nesse imaginário, há uma negociação em prol da “descolonização da alteridade” (PÉREZ, 1999, p. 7). É nesse imaginário que eu proponho inserir o romance, pois a protagonista-narradora negocia um espaço de resistência onde sua própria agência é negociada dentro dos limites que a oprimem – e talvez para além deles. Ao tratar desses assuntos, trago também estudos crítico-teóricos de chicanas feministas como Cherrie Moraga, Carla Trujillo e Catrióna Esquíbel.

Palavras-chave: Sexualidade feminina, Literatura chicana, Violência contra a mulher, Desejo Lésbico

Joy Harjo – Quebrando fronteiras de culturas e gêneros

ALBA KRISHNA TOPAN FELDMAN (UEM)

Resumo: A escrita indígena ainda é novidade no Brasil, embora o número de obras tenha aumentado substancialmente nas últimas três décadas. Um número ainda menor de obras indígenas aborda a escrita de si, ou a autobiografia. Mesmo nos EUA, local com mais tempo de história e literatura indígenas registradas por meio escrito, poucos autores contaram suas histórias de vida, impressões do mundo, seus pontos de vista sobre serem indígenas e sobre conviverem em um mundo com cultura tão diferente. A convivência entre culturas diferentes, embora inevitável no mundo atual, não ocorre de forma pacífica, sempre envolvendo aspectos de dominação e hierarquização, que em grande parte se deriva de processos do imperialismo e da colonização, com prejuízos bem marcados para as culturas da América ou da África. Com o passar do tempo, autores indígenas se apropriaram da escrita, parte da cultura branca, no entanto, tornando-a uma cultura híbrida, na qual se utilizam de expedientes como aspectos de oralidade e também da ancestralidade, além de aspectos míticos e religiosos para narrarem suas vidas e histórias e descreverem verdadeiros genocídios ocorridos e também os problemas atuais decorrentes de séculos de opressão para um povo que antes não tinha voz. A presente comunicação tem por objetivo discutir como Joy Harjo, autora indígena da etnia Creek/Muscogee quebra barreiras entre culturas, ao misturar gêneros literários como biografia, autobiografia, ensaio e poesia, também explorando outras artes como música, ao mesmo tempo em que questiona a fronteira da convivência entre as culturas indígena e eurodescendente em sua obra *Crazy Brave*, a memoir. A autora, da etnia Creek /Muscogee aborda problemas bem atuais enfrentados pelos indígenas estadunidenses, como a fome, o racismo e o alcoolismo. Stuart Hall (2011) contribuirá para a análise dos aspectos de identidade. Arnold Krupat (1989) e Deanna Reder (2016) abordam os aspectos específicos da autobiografia indígena, enquanto Pratt (2000) e Rama

(2001) discutirão os aspectos de transculturação que se prestam à análise da obra. Observa-se que tanto Harjo quanto outros autores indígenas, ao abordarem a narrativa de si, assumem a tradição, a ancestralidade, mas o fazem explorando aspectos da cultura adquirida do homem branco, utilizando-se de suas ferramentas como forma de produzir uma arte resistente que conta histórias e questiona a história, sem abrirem mão da forma poética e suave de se referir ao mundo e todas as coisas que os cercam. Assim, quebrando barreiras entre a poesia e a prosa, a música e a narrativa, Harjo aborda temas pesados e tristes, os problemas enfrentados por diversas etnias indígenas não apenas nos EUA, mas também no Brasil.

Palavras-chave: Joy Harjo, Escrita indígena, Transculturação, Autobiografia

O processo de transculturação em “Relato de um certo oriente” de Milton Hatoum

BRUNA WAGNER (UFMT), HENRIQUE DE OLIVEIRA LEE (UFMT)

Resumo: Vivemos “Num mundo de fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas” (HALL, 2003, p. 84). Nos dias de hoje, falar sobre nossas origens não é algo tão simples como para algumas gerações anteriores. Isso ocorre graças aos constantes cruzamentos entre as mais diferentes culturas que estão ocorrendo na atualidade. Em meio a tantas mudanças acontecendo no mundo, em especial no último século, discorrermos sobre as raízes de nossas culturas, tradições, hábitos, ritos e crenças, na expectativa de traçarmos um percurso fixo e delimitado acerca delas, é algo extremamente difícil, até mesmo impossível. Diante deste quadro de “fronteiras dissolvidas”, observamos que, além das intersecções culturais ocorrerem no plano físico, elas também se transportam, como decorrência, para o campo literário, resultado do processo de “transculturação” vivenciado por nossa sociedade. Um bom exemplo desse processo transposto para a literatura pode ser observado nas obras do escritor amazonense Milton

Hatoum. Em seu universo ficcional o autor transita entre dois mundos, duas culturas: a do Amazonas e a do Líbano. Neste trabalho, dentre as obras de Hatoum, uma delas foi selecionada para exemplificar o mecanismo de intercruzamentos culturais, escolhida por destacar-se como um exemplo da representação deste processo. No estado do Amazonas existe uma cidade, cosmopolita, no interior da imensidão verde e rodeada por águas turvas: Manaus. A capital amazonense é cenário para uma das mais belas e instigantes narrativas de nossa literatura, “Relato de um certo Oriente”, de Milton Hatoum, publicado pela primeira vez em 1989. O texto parte de relatos que, no decorrer do livro, reconstroem as memórias de uma série de personagens, que ditam fatos do passado do ambiente, pano de fundo do enredo, e das pessoas que pertenciam aquela cena. Hatoum nos apresenta os conflitos, envoltos por um clima de mistério, de uma família de imigrantes libaneses a partir da fala da narradora, que não é nomeada. Com o desenrolar dos acontecimentos é possível observar que existe na trama uma atmosfera multifacetada, marcada por hibridismos entre a cultura local e a dos imigrantes que ali se alojaram. A partir disto surgiu o seguinte questionamento referente ao romance de estreia do escritor amazonense: Como é feita a intersecção entre as culturas distintas dentro do texto? Para respondermos esta indagação analisaremos a obra por meio de excertos do romance e da elucubração de teóricos como Hall (2003) para falarmos sobre identidade cultural, Brend (2003) e Rama (2001) sobre o processo de transculturação no ambiente literário, bem como Williams (1992) para elucidarmos sobre o conceito de cultura. Apoiado nestas bases teóricas, o trabalho em questão objetiva responder à questão levantada previamente.

Palavras-chave: Transculturação, Cultura, Milton Hatoum

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

Para além das fronteiras: o indígena na poesia de Mato Grosso do Sul

JOSÉ ANTONIO DE SOUZA (UEMS)

Resumo: Considerada a presença da figura indígena em movimentos literários brasileiros – especialmente no Romantismo e no Modernismo –, pode-se evidenciar que tal figura surge de maneira bastante diferente, ou diversificada em sua representação. O Romantismo valorizava o elemento indígena, descrevendo-o como forte, bravo, guerreiro e, em alguns casos, até mesmo com características que poderiam revelar certo “branqueamento”, como observa Ortiz (1994). Já no Modernismo tal símbolo surge de outra maneira; Macunaíma, de Mário de Andrade, apresenta uma figura indígena bastante distinta do indígena romântico. Por outro lado, a poesia da década de 1930 acaba incorporando alguns aspectos da prosa regionalista, principalmente o cunho social, todavia essa característica aponta para outra categoria: o universalismo, pois os poetas desejavam fazer ouvir o brado de seu povo, de uma nação esquecida e ignorada em seus problemas mais básicos. Tal aspecto facilita a percepção de que os problemas, que um povo de determinada região enfrenta, podem ser os mesmos de outros povos, ou seja, que todos os seres possuem as mesmas necessidades e que a região, nesse sentido, não possui necessariamente uma fronteira cultural tão bem demarcada quanto é a fronteira geográfica. Este trabalho busca, a partir da leitura e análise de poesias, apresentar a produção literária de poetas sul-mato-grossenses, de diferentes épocas, que representa(ram) o indígena em suas produções artísticas, tais como Lobivar Matos, Rosário Congro, Raquel Naveira, Emmanuel Marinho; relacionar tais produções a propostas da literatura brasileira que elegeram a questão indígena não apenas enquanto temática, mas também enquanto elemento de brasilidade e, dessa maneira, caracterizar uma dicção própria, dos

artistas de Mato Grosso do Sul, mas que também se apresenta alinhada à produção nacional; discutir a questão do empreendimento colonialista em solo brasileiro e o quanto, ainda na atualidade, tais questões são caras à sociedade brasileira – e mais especificamente ao estado de Mato Grosso do Sul. O corpus de análise e sua verificação serão abordados a partir de estudos da literatura brasileira e de uma mirada Pós-Colonial, ou Decolonial, apoiado pelos escritos de Memmi (1997); Bosi (1992); Cornejo Polar (2000); Rama (2001); Mignolo (2003), dentre outros, que se voltam à produção cultural e literária do Brasil e da América Latina. Dessa forma, espera-se colaborar para as discussões acerca da literatura produzida em Mato Grosso do Sul, alinhá-la, em detrimento de regionalismos, à produção literária brasileira, discutindo, assim, as fronteiras entre a literatura sul-mato-grossense, a literatura brasileira e uma produção latino-americana. De tal sorte, poderemos observar o quão profícuo se fez e se faz a questão indígena em cenário local, mas também na confluência com as questões no subcontinente.

Palavras-chave: Poesia, Mato Grosso do Sul, representação indígena, Colonialismo/Decolonialismo

A voz da comunidade indígena na produção acadêmica sobre as plantas medicinais: o balbucio na produção de valor.

CARLA ANDREIA SCHNEIDER (UFGD)

Resumo: Este estudo teve por objetivo depreender a voz da comunidade indígena na produção acadêmica sobre as plantas medicinais e, especificamente, seu balbucio na produção de valor nas relações entre os sujeitos envolvidos. A perspectiva teórica fundamentou-se na Semiótica greimasiana - lançando mão de contribuições da Análise do Discurso Francesa - e a análise realizada foi comparativa e descritiva dos discursos que constituem o corpus da pesquisa: trabalhos de conclusão de curso (TCC) realizados em 2011 pela comunidade acadêmica do curso de graduação em Licenciatura Indígena da Faculdade Intercultural Indígena da UFGD. Na descrição do processo identitário resultante do

encontro étnico-racial entre a comunidade acadêmica e as comunidades pesquisadas, os resultados mostraram que a construção da identidade apresentada na produção acadêmica sobre as plantas medicinais apresenta-se como consolidada e generalizada no estereótipo do especialista competente que ora evidencia mais claramente o conhecimento científico como legítimo e apropriado; ora neutro, quando atua apenas como inventariante; ou resgatador, ao registrar, catalogar e preservar o conhecimento tradicional. O processo identitário construído no discurso sobre as plantas medicinais revelou o conflito das identidades entre as comunidades indígena e científica, assim como a busca pela agregação das culturas que garante empoderamento da comunidade indígena, porém a assimilação promovida pelo conhecimento científico é preponderante, gerando desigualdade. Assim, concluímos que houve um deslocamento de sentidos do objeto (plantas medicinais) determinado pelos sujeitos da comunidade acadêmica em relação aos sentidos que a comunidade indígena possuía sobre esse objeto. Tal deslocamento produziu a oscilação da intensidade das práticas culturais em relação às plantas medicinais e contribuiu para a (des)construção da identidade das comunidades indígenas. Ou seja, em função das práticas discursivas da comunidade não-indígena, o uso das plantas medicinais necessita de um aporte científico que lhe confira atributos capazes de proporcionar credibilidade (uso correto e seguro), bem como, que seja resgatado e registrado como forma de valorização da cultura indígena. As plantas medicinais constituíram, também, o lugar do balbucio (ACHUGAR, 2006), o poder da periferia, da margem, do marginalizado na produção de valor. A voz da comunidade indígena sobre o conhecimento tradicional pronunciada a partir da academia, ainda que balbuciada pelos membros da comunidade indígena, desconstruiu o objeto de valor plantas medicinais enquanto elemento da cultura indígena (como ela é usada dentro desse contexto: xamanismo) e reconstruiu-se como um patrimônio genético. Ou seja, têm-se, por meio de um só objeto, revestimentos semânticos distintos, sobrepostos e antagônicos, que lutam, na arena de classes (BAKHTIN,

2006, p.45), pela primazia da sua significação, que se projeta no sentido – e consequentemente no poder - de seus sujeitos e das culturas a que pertencem.

Palavras-chave: Discurso, Vozes indígenas, Plantas medicinais

Novas vozes na fronteira: a literatura contemporânea em Mato Grosso do Sul

SUSYLENE DIAS DE ARAUJO (UEMS)

Resumo: Nossa intervenção neste Simpósio, parte do XV Congresso Internacional da ABRALIC, pretende discutir o conceito de regionalismo em literatura e ater-se ao conjunto de representações que o termo conserva na atualidade. “O estudioso da ficção regionalista e dos manifestos e polêmicas que a cercam também se sente contagiar pela persistência do objeto, dedicando seu tempo a um tema fora de moda, pesquisando autores fora de moda, representantes de uma estética fora de moda. Mas exatamente por isso, porque não se deixou enganar pelo aparente simplismo dessa tendência, hoje volta à moda meio sem querer, só porque permanece intrigado pelas questões teóricas, estéticas e éticas que o regionalismo não deixou de levantar ao longe de, pelo menos, um século e meio”. (Chiappini, 1995, p.154). Assim, “tratar do regionalismo hoje, implica revisitar posições cristalizadas e contemporâneas, refletir sobre o regionalismo e a globalização e destacar suas diferentes perspectivas, tais como a política, a antropológica e a literária que estabelecem um relacionamento entre si”. (Castelo Branco & Ribeiro Coelho, p.415). Partindo do pressuposto de que a literatura regionalista, escrita como expressão e voz de uma determinada região, pode estar presa ao compromisso de pintar o cotidiano com cores pitorescas e locais, ou ainda ao propósito de descrever ou caracterizar o mundo sertanejo, nosso objetivo se configura na intenção de desfazer essa máxima a partir de um novo olhar voltado ao conjunto da obra de Lobivar Matos e Manoel de Barros, poetas considerados como precursores da literatura de Mato

Grosso do Sul. Com essa motivação, na parte final de nossa explanação, apresentaremos alguns nomes que há pouco tempo passaram a compor a literatura no estado. Para essa parte do estudo, faremos referência a poetas menos conhecidos e divulgados, especialmente por serem jovens escritores que apesar da recente produção reorganizam as imagens do regional, revestindo-o de uma tendência temática e formal que vai se configurando como alternativa marginal ao cânone tradicional. Para essa reflexão, daremos ênfase ao papel das antologias, obras de conotação crítica que surgiram no antigo Mato Grosso e que se organizaram com a atual divisão geográfica e política do estado. Desse referencial, destacaremos nomes como os de Augusto César Proença e Samuel X. medeiros, autores que, em seus romances e contos, souberam escrever a boa literatura de Mato Grosso do Sul no século XX. Na sequência, apresentaremos uma coletânea de contos assinada por Arlindo Fernandez e finalmente, o trabalho de jovens poetas fixados na cidade de Dourados, artistas que buscam alternativas editoriais renovadas para investir na circulação de suas obras.

Palavras-chave: Literatura em MS, Revisão do regionalismo, Novos autores em MS

Fronteiras da literatura e literatura de fronteira: notas sobre uma poética selvagem às margens do Brasil com o Paraguai

JOSUÉ FERREIRA DE OLIVEIRA JÚNIOR (UNIOESTE)

Resumo: Esta comunicação aborda obras e/ou textualidades fronteiriças, sob uma perspectiva crítica que conjuga, numa espécie de “saber indisciplinado”, ao seu modo comparatista, textos de diferentes orientações teóricas, que vão desde o paradigma da “pós-autonomia da literatura”, à emergência de uma crítica e pensamento decoloniais, como modo de ler obras que reclamam, por assim dizer, o reposicionamento do olhar crítico sobre as noções de arte e de literatura, por exemplo. Isso, não apenas pelo fato dessas textualidades emergirem de espaços e zonas marginais-fronteiriças, mas também, pela

própria maneira como se efetivam seus respectivos projetos estético-políticos, naturalmente carentes ainda de estudos e abordagens críticas mais adequadas à natureza e à condição que lhes são próprias. Trata-se, assim, de obras e experiências literárias que trazem em seu bojo um atestado vínculo aos espaços fronteiriços, reais e imaginários, e/ou à fronteira como elemento a partir do qual retiram sua significação e a força de sua expressão estético-política, sinalizando, inclusive, a suspensão e a superação destas, expressa na própria materialidade, na dicção e na natureza transfronteiriça que assumem, seja ao plasmar outras formas e discursos, espaços e linguagens distintas, outros meios e suportes, como forma de resistência e superação aos já cristalizados pelo tempo e pela tradição, e sobretudo ao traduzirem a vida e as vivências de indivíduos atravessados, marcados pela condição mesma de sujeitos transfronteiriços, vivendo de teimosia, como bem traduz Diegues, nos limites e às margens do estado-nação. Refiro-me, pois, à poética do Portunhol selvagem, na figura de Douglas Diegues, um dos seus maiores representantes, do qual abordaremos: Uma flor na solapa da miséria (2007) e Da gusto andar desnudo por estas selvas (2003) - os sonetos selvagens -, e a expressões literárias outras - dentre as quais me volto aqui para Selva Trágica (1956), do historiador-romancista Hernâni Donato -, cuja gênese está circunscrita à região de fronteira Brasil-Paraguai, no extremo sul do Estado de Mato Grosso do Sul, de onde também erigimos nosso discurso crítico. Interessa-nos, assim, ressaltar não apenas o vínculo destas obras e expressões literárias com um locus fronteiriço bastante particular, mas sobretudo, como elas põem em demanda a emergência de uma crítica e de uma teorização outras, pensadas desde os espaços periféricos, como forma de ler e abordar obras e experiências textuais desafiadoras, como é caso, por exemplo, da poética do Portunhol Selvagem - um fazer literário que se constitui a partir da rasura, do apagamento e da desintegração das fronteiras como elemento de diferenciação e de separação dos territórios, das línguas, das literaturas nacionais e das tipologias textuais -, constituindo-se, assim, num modo de leitura liminar, que visa não só estabelecer

relações possíveis entre objetos e poéticas distintas, mas lê-las sobre outras bases e paradigmas epistemológicos como alternativas possíveis às concepções normativas do estético e do literário.

Palavras-chave: Literatura de fronteira, Poéticas selvagens, Textualidades fronteiriças

Literatura e paisagem na tríplice fronteira (Brasil, Argentina e Paraguai)

DIANA ARAUJO PEREIRA (UNILA)

Resumo: Este trabalho procura analisar os resultados parciais do projeto “Cartografias Imaginárias: Geopoética da Tríplice Fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina)”, realizado desde 2014 com o apoio da UNILA e do CNPq. O objetivo principal do projeto é realizar um levantamento da escrita literária que tenha, explicitamente, uma vinculação temática e/ou formal com a região da Tríplice Fronteira (ou a partir dela), em diversos meios impressos ou digitais: cartoneras, revistas, periódicos e fanzines, além de blogs e sites. Como resultado do levantamento realizado, publicamos, através da Editora Tereré Cartonera (editora alternativa e artesanal) duas antologias, uma que se refere aos escritos de Foz do Iguaçu (Brasil) e a outra aos textos de Ciudad del Este (Paraguai). A análise dos textos selecionados foi feita em diálogo com os autores que nos forneceram instrumental analítico e conceitual pertinente à proposta: Milton Santos (paisagem), Fernando Ainsa (geopoética), Catherine Walsh (interculturalidade) e Michel de Certeau (práticas de espaço), entre outros. Partimos do pressuposto de que as fronteiras geográficas acumulam todas estas possíveis concepções de fronteira (entre grupos, classes, territórios ou indivíduos), embora levando o seu potencial divisório e também transgressor (os dois extremos que a configuram) a um nível maior de intensidade. Ora limitar-se na fronteira e ora transgredi-la – de maneira concreta ou simbólica – são movimentos que formam a dinâmica pendular e ambígua da realidade mais cotidiana de quem habita uma região de fronteira geográfica. Portanto, torna-se cada vez mais necessário

problematizar o conceito mais simples de fronteira como construção geográfica que define uma linha divisória entre nações, e que se sobrepõe a imaginários e processos históricos compartilhados, impondo restrições territoriais e identitárias voltadas ao Estado Nacional. A esta abordagem devemos somar outra forma de entender a fronteira como lugar de passagem, trânsito e circulação de mercadorias, seres, ideias, línguas e práticas sociais que criam novas territorialidades e espaços com características próprias e particulares. O limite imaginário da fronteira em contraposição à prática social articulatória que gera hibridações em diversos âmbitos linguístico-culturais. Objetivamos, por fim, reconhecer que esta região, com suas peculiaridades histórico-culturais, tem muito a acrescentar à reflexão sobre os “laboratórios” socioculturais da contemporaneidade. Pretendemos dar visibilidade a um imaginário compartilhado - contra-hegemônico - que reivindica um novo status geopolítico e geopoético para a região: a Tríplice Fronteira como espaço de relações interculturais permeadas por conexões e redes que singularizam este lugar, concebendo-o como um centro de ramificações nervosas que partem em direção a todo o continente.

Palavras-chave: Geopoética, fronteira, Tríplice Fronteira, paisagem

34

LEITORES E LEITURAS NA
CONTEMPORANEIDADE

Patricia Trindade Nakagome (UnB)
Mirhiane Mendes Abreu (Unifesp)

Resumo: “Clássico não é um livro (repito) que necessariamente possui estes ou aqueles méritos; é um livro que as gerações de homens, urgidas por razões diversas, leem com prévio fervor e com uma misteriosa lealdade” (Borges, 1999, p.169). Assim conclui Borges seu texto “Sobre os clássicos”, no qual é possível notar que a experiência profunda da leitura sustenta a literatura mais do que a própria materialidade do texto. Há também a indicação de uma estreita relação entre leitura e segredo, afinal algo de imponderável cerca a passagem da literatura enquanto potência para sua efetivação, sempre única, no ato da leitura. Com isso, abre-se uma dificuldade para os estudos literários, nos quais, como alerta Compagnon (2006), sempre houve uma “desconfiança” em relação ao leitor, de modo que ou se optava por ignorá-lo, ou por formular uma teoria “como uma disciplina da leitura ou uma leitura ideal” (2006, p.143). Leitores e leituras são fundamentais para a literatura ao mesmo tempo em que não ocuparam um lugar destacado no debate crítico. Por essa razão, neste simpósio, eles serão discutidos a partir de uma variedade de perspectivas que permita dar conta de sua complexidade. Trata-se de uma reflexão plural que considera tanto as diferentes vozes de leitores quanto as variadas formas possíveis de concretizar a leitura. Alguns dos eixos centrais do simpósio são: teoria da leitura / recepção; ética da leitura; formas distintas de leitura; recusa do literário; novos espaços críticos; pesquisas com leitores empíricos; e

formação de leitor. Com esses diferentes eixos, pretende-se estimular o debate sobre o papel da crítica literária na contemporaneidade frente a um cenário marcado tanto por uma expansão nos modos de ler quanto por uma persistente limitação de acesso à literatura. Como questão central, propomos: como a crítica literária, atividade hoje essencialmente acadêmica, lida com a pluralidade de leitores e leituras (e os entraves a eles colocados), que estão fora dos muros das universidades? As formas tradicionalmente valorizadas pela crítica são capazes de lidar com os desafios democráticos de novos leitores e suas reivindicações? Como pontos a serem debatidos em torno dessas questões, indicamos: 1) análise da recepção de obras literárias, verificando como se chegou ao seu estado atual de apreciação; 2) análise de obras que tiveram grande impacto junto ao público, mas não receberam equivalente recepção crítica; 3) análise de gêneros e suportes que colocam em xeque os limites daquilo que é definido por literário e recebam alta valoração pelo seu público, tais como HQs, narrativas de videogames etc; 4) discussão sobre formas contemporâneas de leitura literária, como as realizadas em canais de booktubers e fandoms; 5) reflexão sobre o caráter ativo da leitura, levando em conta aspectos como imaginação, criação e performance; 6) revisões bibliográficas sistemáticas sobre teorias da leitura; 7) apresentação de concepções teóricas mais atuais sobre o lugar da leitura e do leitor nos estudos literários, ampliando um debate ainda restrito à estética da recepção; 8) análise da representação de leitores no discurso da crítica literária e em obras literárias; 9) pesquisas envolvendo leitores reais, em especial para entender os critérios de valor que norteiam suas escolhas, muitas vezes distanciado daqueles estabelecidos na crítica literária; 10) discussão sobre aspectos importantes à leitura e ao leitor e que muitas vezes escapam aos parâmetros críticos: afetos, fé, gosto, diversão; 11) discussão sobre o papel e a atuação de um tipo específico de leitor, o crítico literário, considerando principalmente as implicações éticas

de sua atuação em um país com tantos não leitores; 12) reflexão sobre aqueles que, de alguma forma, se distanciam da condição de “leitor ideal” prevista pela crítica: crianças, iletrados etc; 13) O não leitor, a recusa da leitura e o lugar da cultura não letrada; 14) proposições de formas de intervenção e mediação para difusão/debate da literatura junto a leitores reais em escolas, universidades ou outros espaços. Levando em consideração tais eixos, cabe destacar que as organizadoras entendem que o simpósio é uma oportunidade valiosa para discutir os desafios que novos leitores trazem à crítica literária. Por acreditarem na necessidade de se repensar formas de agir nesse contexto, elas pedem que se inscrevam pessoas realmente interessadas em apresentar dúvidas e debater, estando também abertas a pensarem, juntas, em concretizar formas de intervenção e atuação para além do evento.

Palavras-chave: Leitura, Leitor, Crítica literária

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Listas literárias: formas para indicar livros e leituras

ARNON TRAGINO (UFES)

Resumo: Umberto Eco (2010), em *A vertigem das listas*, explica que a criação de enumerações em formas de catálogos condicionou, desde a apresentação das imagens no escudo de Aquiles na *Ilíada*, de Homero, até a ideia de infinito nas obras de James Joyce, a vontade de elencar elementos na literatura. Junto a isso, a reunião labiríntica de livros em bibliotecas vista na obra de Jorge Luis Borges certamente tornou elucidativo para Eco a ideia de que a literatura pode ser analisada por suas listas. Mais do que apenas agrupar livros e autores, uma lista literária carrega a intenção de recomendar, ou seja, o leitor reconhece a necessidade de entrar em contato com aquilo que se apresenta

listado à sua frente, sente a curiosidade em ler e posteriormente pensa em fazer sua própria lista de preferências ou de recusas. É o que acontece no quarto capítulo de *Confissões* de um jovem romancista, também de Eco (2013), quando o autor menciona os livros que mais o inspiram. Tal processo foi documentado também na recente obra *Listas extraordinárias*, de Shaun Usher (2016), material que compila listas de modo geral, incluindo as literárias, e onde se verifica o intuito de compor um todo listado que, no caso da literatura, mostra obras e escritores cujo legado dá manutenção à oferta de leitura por terem recebido apreço dos leitores comuns e dos especialistas nos estudos literários. No meio escolar, por exemplo, as listas literárias que mais se evidenciam dentro da finalidade de recomendar leituras são as do vestibular, possuindo a mesma necessidade em conceder aos jovens alunos leitores o contato com as obras mais representativas, principalmente da literatura brasileira. Semelhantemente a essas listas, a virada do século XX para o XXI e o início deste receberam várias divulgações de listas: jornais como o *Le Monde* publicaram listas com os “livros mais importantes de todos os tempos”. Em seguida, surgiram obras como “100 livros mais importantes da literatura” ou “50 autores que você precisa ler”, na tentativa de aproximar o leitor comum às grandes obras. No Brasil, o estudo das listas ainda é novidade: além de algumas resenhas dos livros de Eco, contamos com o trabalho de Maria Maciel (2009), em *As ironias da ordem*, que resgata listas nas obras de Dante Alighieri, Joyce, Borges e Drummond. É então nesse incurso que encaminhamos o presente trabalho e o nosso corpus: na indicação de livros da literatura brasileira em um âmbito internacional, como ela se apresenta na obra *1001 livros para ler antes de morrer*, de Peter Boxall (2010)? Assim, teoricamente nos apoiamos em Eco (2010; 2013), considerando as formas contemporâneas de leitura a partir das listas e como elas podem ser usadas como primeiras representações da literatura a ser indicada. O trabalho enfim se insere nas discussões da nossa pesquisa de doutorado em andamento *Listas literárias: uma*

história das indicações dos livros, faz parte do grupo de pesquisa Literatura e Educação, e recebe financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo.

Palavras-chave: Listas literárias, Indicações de livros, Leitura da literatura brasileira, Literatura brasileira no exterior

Intertextualidade no polissistema literário: uma proposta de ampliação do repertório do jovem leitor

ELZA DE SÁ NOGUEIRA (UFJF)

Resumo: O projeto, desenvolvido no âmbito do Profletras-UFJF, busca testar estratégias de letramento literário, mais especificamente estratégias de ampliação do repertório literário dos alunos do Fundamental II, em escolas da rede pública, através do estabelecimento de uma comunidade de leitores em sala de aula que valorize as referências que os alunos já têm e estabeleça uma rede intertextual com obras que pertençam a sistemas do polissistema literário nos quais ele ainda não transita. As estratégias são testadas em parceria com orientandos do mestrado profissional, os quais desenvolvem suas propostas interventivas no âmbito desse projeto. Algumas estratégias já testadas foram as seguintes: 1) o estabelecimento de uma rede que parte da comunidade de leitores da série *Percy Jackson & Os Olimpianos*, de Rick Riordan – especialmente através da leitura de *O mar de monstros*, segundo volume da série – para a leitura de uma adaptação juvenil da *Odisseia*, de Homero; 2) o estabelecimento de uma rede que parte da comunidade de leitores do *Diário de um banana*, de Jeff Kinney, para a leitura das crônicas do *Pequeno Nicolau*, obra de René Goscinny e Jean-Jacques Sempé da década de 60, com a qual compartilha algumas semelhanças, mas que apresenta estratégias narrativas ainda não conhecidas pelos alunos, especialmente a presença de um narrador ingênuo que não entende as ironias dos adultos; 3) o estabelecimento de uma rede que parte de narrativas policiais juvenis (que mesclam o gênero policial com a aventura) e estabelece uma

rede vertical rumo à tradição literária desse gênero, especificamente através da leitura de contos de Conan Doyle e Agatha Christie. Há duas estratégias que ainda estão em teste: 1) o estabelecimento de uma rede que parte da leitura de textos bíblicos para a leitura de textos da mitologia grega; 2) a criação de uma comunidade de leitores da narrativa policial em sala de aula, que parte da série televisiva Sherlock e do jogo Scotland Yard para a leitura do romance Um estudo em vermelho, de Conan Doyle, e de cinco contos do mesmo autor, voltando ao jogo através da adaptação dos cinco contos lidos. O projeto toma como referencial teórico os conceitos de repertório, de Wolfgang Iser; de comunidade de leitores, de Roger Chartier, tal como proposto para o ambiente escolar por Rildo Cosson e Graça Paulino, no Brasil, e Teresa Colomer, na Espanha; de polissistema literário, de Itamar Even-Zohar; e de letramento literário, também de Cosson e Paulino. Além disso, o projeto acolhe as propostas de Colomer de realização de leitura compartilhada em sala de aula e do estabelecimento de redes horizontais (entre obras coetâneas aos alunos) e verticais (vínculos com a tradição) de leitura. A hipótese de trabalho foi confirmada pelas três estratégias já testadas, a saber: podendo utilizar os conhecimentos literários adquiridos nas obras de sua preferência na leitura de novas obras, pertencentes a outros sistemas, os alunos ampliam seu repertório de forma gradual, deixando de conceber os novos sistemas nos quais são inseridos como ambientes hostis.

Palavras-chave: Letramento Literário, Repertório Literário, Comunidade de Leitores, Intertextualidade

Por uma fenomenologia da leitura literária em meio digital: a literatura e o corpo

EMANOEL CESAR PIRES DE ASSIS (UEMA)

Resumo: Em Fenomenologia da percepção (1999), Merleau-Ponty dedica longas páginas à exposição da relação que o nosso corpo estabelece com o mundo e como ele está indissociavelmente ligado às nossas

experiências e aos fenômenos estimulados pelos dados sensíveis. Para ele: “O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 122). É, assim, ao ver o corpo como espaço de mediação entre o dentro e o fora, ou seja, entre aquilo que é perceptivo e aquilo que é afetivo (percepção e expressão), que a fenomenologia merleau-pontyana nos ajuda a compreender o duplo efeito que o corpo exerce no ato de leitura. Outrossim, como “pivô do mundo”, o corpo é o meio pelo qual todas as experiências, inclusive a leitura, se tornam possíveis. Não há experiência sem corpo e, tampouco, um corpo sem experiências. Corpo e experiência são, nessa esteira, termos indissociáveis. Ao percebermos a leitura como experiência que se dá no e pelo nosso corpo, reforçamos a ideia de não polarização do ato de leitura, ou seja, que o sentido nunca repousa em um dos polos da interação, como bem nos lembra Wolfgang Iser (1999), mas que é apenas na relação, no entre e não nas bordas, que a obra literária se faz percebida. Nesse sentido, a atenção volta-se para o momento do contato, do experimentar. Assim, buscando pressupostos nos teóricos de viés fenomenológico, o nosso trabalho pretende apontar como a leitura literária, mediada por artefatos eletrônicos, não só requisita a presença do corpo do leitor, mas quer-se como prática que reconfigura o corpo como instrumento capaz de mediar as nossas experiências com o mundo. A evolução dos suportes literários, mais do que nunca, nos faz perceber os diferentes gestos solicitados pelo ato de ler. As literaturas em meio digital, no plural mesmo, são exemplos paradigmáticos de como o nosso corpo é convidado a fazer parte da obra e do seu movimento de significação. Do mesmo modo, há de se perceber, também, que as tecnologias transformam, de uma forma ou de outra, o nosso contato com os objetos artísticos e as nossas experiências com eles. Nesse processo, a incorporação de práticas novas torna-se, com a sedimentação vertical que o uso possibilita, um hábito, no sentido proposto por Merleau-Ponty, ou seja, que: “O hábito exprime o poder

que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos” (1999, p. 98).

Palavras-chave: Fenomenologia da leitura, Literatura em meio digital, Literatura e corpo, Hábito

Ler e educar para ler na cultura digital

MIRHIANE MENDES DE ABREU (UNIFESP)

Resumo: Qual o ângulo privilegiado para se pensar leitores e leituras na contemporaneidade? Se a essa pergunta não se pode oferecer uma resposta apressada, é preciso enunciar, desde já, duas circunstâncias. A primeira concerne à integração do leitor ao ambiente de ensino formal; a segunda considera a literatura nos vários campos da cultura, especialmente os meios de comunicação (desde os jornais e as revistas na modernidade até as redes sociais, blogs e afins nos nossos dias). Em ambas, observar as fragilidades do sistema cultural é algo que converge para a percepção do maior ou menor prestígio da literatura e desta no espaço escolar. Tal convergência pode ser percebida em *Literatura em perigo* (2009), obra em que Todorov discute a crise da literatura aproximando-a do contexto escolar. Diante disso, esta comunicação tem por objetivo debater, a partir do ensino da literatura, o consumo e o valor da interatividade digital e da crítica literária nas transformações por que passa a leitura. Para isso, será proposto um paralelo. Na primeira linha, pretendo examinar o fenômeno mundial dos Booktubers (mecanismo de interatividade, muitas vezes ingênuo e usado por jovens nos canais de Youtube a fim de apreciar um livro). Nesse caso, pretendo discutir se cabe à escola dialogar ativamente com fenômenos do ciberespaço e problematizar, na integração de jovens leitores contemporâneos, tanto a positividade integradora de que se reveste o fenômeno, quanto seu grau de massificação e pulverização do conhecimento efetivo. Na segunda linha - porque literatura é uma disciplina escolar e universitária -, almejo compreender o papel da crítica literária, que modela teoricamente as formas de leitura tal

como se processaram ao longo do tempo. Em *Aula* (1978), Barthes indica como uma das forças da literatura a sua capacidade de “girar saberes”. É possível ampliar esse conceito para compreensão da crítica contemporânea: uma forma de construção de pensamento que possibilita integrar as Humanidades na era da informática; integração esta que, em vários casos, supera o imediatismo das redes, desnudando as tensões que as rodeiam. Assim encaminhada a questão, formulo como hipótese a noção segundo a qual comunicabilidade e escola mostram-se incindíveis na formação efetiva do leitor. O paralelo entre a mediação da leitura por meio massificado (os Booktubers) e o erudito (a crítica acadêmica) pode trazer à luz situações muito semelhantes de dispersão e/ou construção do leitor, o que nos permite examinar os limites e os alcances que a heterogeneidade de diálogos oferece ao professor de literatura.

Palavras-chave: cultura digital, Booktuber, crítica literária, professor de literatura

Tecnologia Digital e Impacto nas Práticas Leitoras

TELMA MARIA VIEIRA (FACULDADE DE TECNOLOGIA DE ITAQUAQUECETUBA)

Resumo: As últimas décadas têm instigado pensadores ligados à semiótica, linguística e áreas afins acerca da relação existente entre os meios eletrônicos de expressão de linguagem verbal, tanto em sua produção quanto recepção. A expansão da tecnologia digital e das redes de comunicação virtual possibilitou o surgimento de novos suportes de transmissão do texto escrito. A literatura, que até então havia se difundido pela oralidade e, posteriormente, pelo livro impresso, pode ser disseminada também pelas multimídias. Consequentemente experimenta-se uma substituição da materialidade do livro - objeto estético que permeia a relação texto/leitor - pela imaterialidade de textos; vivencia-se uma verdadeira revolução no modo de ler, pois a leitura sobre uma tela não é a mesma que a realizada em um livro impresso. O leitor de telas, como de computador e tablet, prescinde

de novas habilidades e práticas leitoras que são completamente distintas daquelas inerentes ao leitor contemplativo da linguagem impressa, isto é, as mudanças ocorridas, na era digital, nos suportes de transmissão da literatura, geraram implicações no processo de recepção de qualquer texto, inclusive o literário. Logo, abordar ainda que de maneira inconclusiva a relação entre a tecnologia digital e leitura, especificamente do texto literário, e debater com envolvidos no processo de formação desses leitores especiais, apresenta-se como oportunidade ímpar. Sendo assim, neste trabalho, objetiva-se apontar as mudanças ocorridas nos suportes de transmissão da literatura, na era digital, e avaliar as possíveis implicações e impactos no ato de leitura, com ênfase em leitura de produções literárias; especificamente a questão da supressão do livro, considerado como objeto estético na experiência leitora, face aos novos recursos tecnológicos digitais. Como apoio teórico, recorre-se à estética do efeito, teoria postulada por Wolfgang Iser, teórico da Estética da Recepção. Seus estudos ocupam-se da relação dialética e interação entre texto e leitor, ou seja, analisam as atividades imaginativas e perceptivas recorrentes das atitudes do leitor, a partir do efeito estético da leitura. Contudo, ao considerar tal fenômeno, o pesquisador avaliou apenas o texto escrito em suas reflexões, isto é, exclusivamente palavras estruturadas de acordo com as opções do escritor. Evidentemente, quando se trata da escrita e recepção literária, faz-se necessário ponderar também que todo texto torna-se uma realidade física se tiver um suporte que funcione como veículo, isto é, não há possibilidade de leitura sem que o texto seja inscrito em algum tipo de suporte. Por isso também adota-se neste estudo a teoria do suporte, desenvolvida pelo filósofo e historiador francês Roger Chartier, estudioso da história do livro e das práticas de escrita e leitura. Chartier considera o suporte material do texto e as várias formas de ler como determinantes na construção de sentido e interpretação da leitura.

Palavras-chave: Leitura, Leitor, Livro, Hipertexto

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

A sociedade que se quer e a literatura que se ensina: relações entre Estado e educação.

ANDRESSA MARQUES DA SILVA (UNB)

Resumo: A presente comunicação analisará o caminho percorrido pelo Estado brasileiro na elaboração das diretrizes para o ensino de literatura na Educação Básica, com o objetivo de problematizar seu diálogo com os projetos de sociedade que tivemos a partir da segunda metade do século XX. Ainda que seja uma noção ultrapassada, por anos a literatura foi considerada um instrumento didático que “formaria” cidadãos e os ajudaria a compreender sua função social, então, refletir sobre como seu ensino foi norteado ao longo da história recente do país é um exercício analítico para compreendermos como o projeto político dos últimos anos obteve ferramentas para sua viabilização também através do currículo. Para isso, as seguintes perguntas norteadoras serão relevantes: Primeiro, qual é a noção de Estado que tomamos como perspectiva? Segundo, qual é ou quais foram os projetos de sociedade que o Estado brasileiro desenvolveu em sua história recente? E por último, qual seria o papel do ensino de literatura na formação escolar da sociedade neste Estado? As questões educacionais relacionadas à leitura e à literatura são pontos fortemente discutidos pelos estudiosos da área de Letras e também de outras, por serem elas as construtoras das primeiras problematizações, reflexões, ponderações e exercício da alteridade que alunas e alunos vivenciam. Na obra *A importância do ato de ler*, Paulo Freire (2011) aborda essa compreensão, para ele o ato de ler possibilita uma reflexão sobre o papel do outro na diversificação da experiência dos indivíduos, o que é proveitoso para os processos educativos em todas as áreas do conhecimento. Sendo a literatura possibilitadora de processos internos invisíveis, mas

relevantes para a construção de uma sociedade crítica, é de se esperar que o Estado tenha direcionamentos especiais para sua abordagem, e isso é revelador. Esta breve análise se preocupará em traçar um percurso metodológico do ensino de literatura brasileira da década de 1950 para cá, correlacionando suas características com os diferentes momentos e objetivos políticos protagonizados pelo país que vão do desenvolvimentismo, à execução de projetos transnacionais sob a chancela do autoritarismo, passando pela internacionalização da economia, pela consolidação do retorno à democracia representativa e inserção do país no mercado do capital internacional. Ao alinharmos os desdobramentos dos diferentes projetos de sociedade em cada um desses momentos às diretrizes estatais para o ensino de literatura — que vão desde o protagonismo das obras canônicas, passando pelo foco nas leituras de seus fragmentos e em sua interpretação baseada em questionários, até chegar ao trabalho com obras descontextualizadas, de gêneros breves (canções, tirinhas e crônicas) e a presença cada vez mais predominante de textos informativos —, a presente comunicação refletirá sobre nossos desafios como professores mediadores de leituras e formadores de leitores frente ao projeto de sociedade que se molda no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: educação, ensino de literatura, Estado, projeto de sociedade

Harry Potter: uma análise à luz do Bildungsroman

BEATRIZ MASSON FRANCISCO (USP)

Resumo: Definido por Georg Lukács como uma narrativa que “[possui como ação] um processo consciente, conduzido e direcionado por um determinado objetivo: o florescimento de qualidades humanas que jamais floresceriam sem uma tal intervenção ativa de homens e felizes acasos (...), o Bildungsroman serviu de parâmetro para a elaboração de diversos romances canônicos, tendo se consolidado enquanto gênero a partir da publicação de Os Anos de Aprendizado de Wilhelm

Meister, de Goethe. Em nosso trabalho, pretendemos mostrar que o Romance de Formação se reinventou com o tempo. Por conta disso, vamos apresentar a análise de uma obra extremamente popular na contemporaneidade, a série inglesa Harry Potter, que conquistou muitos leitores ao redor do mundo a partir da narrativa do processo de crescimento e amadurecimento de seu jovem protagonista, que dá título aos livros.

Palavras-chave: Romance de Formação, Harry Potter, Literatura Contemporânea

Nossas vidas são diferentes, nossas leituras, também

BRUNA PAIVA DE LUCENA (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL)

Resumo: A problemática do acesso à escrita e leitura e do seu domínio, bem como o binarismo entre cultura/conhecimento escriptocentrico (formulado no âmbito da cultura de elite) e cultura/conhecimento oral (desenvolvido mediante uma cultura popular) têm assumido nuances diversas em obras recentes de nossa literatura. Os atos de ler e escrever, tidos como fundamentais à vida e ao exercício da cidadania, podem, contudo, servir para a subalternização e mesmo humilhação daqueles que não os dominam. Nos três textos literários que serão trabalhados nesta comunicação, a saber: “Não vou mais lavar os pratos” (2000), de Cristiane Sobral, “Totonha” (2005), de Marcelino Freire, e “Bastou o meu CEP” (2016), de Meimei Bastos, a utilidade da leitura e da escrita será problematizada e questionada, de modo a dar a ver outras perspectivas de enfrentamento dessa realidade, outras formas de leitura da vida. Se as vidas são diferentes, assim também são as formas de lê-la, interpretá-la, bem como são distintas as maneiras de se ler e interpretar os textos. Nesse sentido, além de buscar entender os posicionamentos tomados pelas personagens desses textos em face do domínio ou não do escrito, será pensada a relação entre lugar de fala e formas de leitura de textos e da vida. Para isso, serão trazidas experiências de leitura em sala de aula da educação básica pública da periferia de Brasília.

Palavras-chave: Escrita, Leituras, Lugar de fala

Estratégias cognitivas de ensino, leitura e escrita

MARIZETE LIAMAR GRANDO GARCIA (UERJ)

Resumo: O objetivo do presente trabalho consiste em compreender e interpretar estratégias de leitura e produção textual sob a perspectiva do processamento cognitivo do texto literário, evidenciando alguns aspectos do ensino e da leitura no contexto universitário. O estudo apresentado adota planos de aulas e produções analíticas como recorte destinado à análise, aludindo à presença, em tais textos, de modelos mentais subjetivos dos participantes do discurso, os quais estão relacionados ao contexto acadêmico. No que tange às estratégias de ensino, por meio de aulas práticas e interativas, o ensino, a leitura e a produção textual são concebidos como processos dialógicos. Nesse sentido, no discurso acadêmico desenvolvido em sala de aula esse exercício é estratégico no sentido de estar relacionado a um processo composicional dinâmico, dirigido por objetivos ligados a estágios de compreensão e criação textual. Na recepção dos textos literários, além da interpretação semântica local e global das sequências de frases textuais, o leitor também atribui as chamadas “superestruturas esquemáticas das estruturas narrativas”, expressas em histórias (ou relatos) (DIJK, 1980, p. 10). Com a união desses três aspectos, o discurso de ficção é analisado em sua forma, ligada ao gênero e em seu conteúdo, relacionado aos contextos cognitivos dos leitores e produtores.

Palavras-chave: Cognição, Literatura, Ensino, Leitura

O leitor plural e o convite à ação crítica

PATRÍCIA TRINDADE NAKAGOME (UNB)

Resumo: Na FLIP de 2016, Bernardo Carvalho provocou grande polêmica ao afirmar: “Não me interessa se o leitor lê ou não lê; eu quero que se foda. O que eu quero é fazer minha literatura”. Muito poderia ser discutido (e foi) a partir de tal colocação. No nosso caso, a retomamos para refletir sobre a profunda separação entre a produção

literária e a concretização da leitura, questionando em que medida tal separação pode por vezes marcar um distanciamento violento entre a crítica acadêmica e os variados leitores da contemporaneidade. No mesmo evento em que manifestou sua indiferença em relação ao leitor, Carvalho aponta ironicamente a função que pode ser assumida por um escritor em um país em que é possível partir do pressuposto de que o leitor é burro: “Claro que pode! O Brasil é um país de analfabeto e um país onde se passa fome: então não escreva livros; plante tomate.” Por certo, não concordamos que a soma de analfabetismo e miséria conduza à burrice, mas também não é possível negar que esses fatores trazem impacto para o nosso campo literário. Para lidar com essa adversidade, não basta levar a sério a alternativa irônica de Carvalho, substituindo livros por tomates. Mas há que se considerar que a escrita (literária e crítica) se assenta sobre condições bastante distintas daquelas encontradas em países que muitas vezes nos inspiram em referenciais artísticos e críticos. Se entendemos, com Roberto Schwarz, que um dos fatores a destacar Machado de Assis seria o fato de sua obra revelar o desajuste entre uma realidade social de escravidão e a ideia de uma sociedade livre, poderíamos questionar em relação aos dias atuais: como escrever considerando a persistência do analfabetismo e da miséria? Ou ainda, enfocando no papel da crítica literária: como lidar (ou como deve) com o fato de atuarmos na “periferia do capitalismo”? Em nossa comunicação, problematizaremos outras dúvidas surgidas a partir de tal questionamento, buscando, por meio da reflexão em torno de episódios envolvendo leitores reais, rastrear possíveis alternativas para a crítica acadêmica na contemporaneidade. Além disso, como já indicado na proposta do simpósio, abre-se para discussão algumas tentativas (frustradas ou vindouras) de ação junto a leitores reais, acreditando ser possível encontrar, entre os participantes, pessoas que partilhem de angústias semelhantes quanto ao atual papel crítico e do desejo de expandir sua ação para além dos muros da universidade, de um grupo ainda muito específico e limitado de leitores.

Palavras-chave: Leitura, Crítica literária, Ação

A Língua Materna e a Linguagem Matemática: os paradoxos entre o leitor e a leitura nesses domínios

SIMONE MARIA BACELLAR MOREIRA (UERJ)

Resumo: O texto tem como tema central a importância do uso da Língua portuguesa na aquisição de competências básicas na construção do conhecimento do aluno na compreensão de interpretação de enunciados matemáticos. Concordamos com Roxane Rojo em seu Letramentos múltiplos quando afirma que novos tempos pedem novos letramentos. É necessário destacar que trabalhar com multiletramentos significa utilizar culturas de referência dos alunos como gêneros, mídias e linguagens para transformá-los em cidadãos críticos, éticos e democráticos e assim ampliar seu repertório cultural e seu conhecimento de mundo. Nesta concepção, o ato de ler envolve articular diversas modalidades de linguagem, além da escrita, como a imagética, a fala, a música e a matemática. Nesse sentido, refletindo as mudanças sociais e tecnológicas atuais, ampliam-se e diversificam-se não só as maneiras de disponibilizar e compartilhar informações e conhecimentos, mas também de lê-los e produzi-los. O desenvolvimento de linguagens híbridas envolve, dessa forma, desafios para os leitores. Apesar de a resolução de problemas matemáticos ser relacionada a habilidades complexas, a leitura, a compreensão e a interpretação do enunciado são essenciais a própria competência Matemática. Desta forma, é possível estabelecer um vínculo estreito e interdisciplinar entre a Língua Portuguesa e a Matemática. Desenvolver a compreensão leitora de textos matemáticos no aluno deve ir além de ensinar a reconhecer símbolos e termos matemáticos. Ler é mais do que decodificar letras ou símbolos, compreende um processo ativo com estratégias de seleção, inferência e antecipação. Nota-se grande convergência nesses dois domínios, quando lemos um texto matemático (enunciados de problemas, tabelas, gráficos, figuras geométricas, entre outros) devemos utilizar de estratégias de leitura para que o caminho que leve à compreensão matemática ocorra em um processo

por meio das experiências leitoras. O embasamento teórico deste estudo segue a linha dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs) (1997), que preconizam a formação de leitores competentes ao construir significados a partir de diferentes gêneros textuais, e os de Matemática (1997), que supõem a aprendizagem desta disciplina estritamente relacionado à apreensão do significado de um objeto ou acontecimento; Nilson Machado (1998) considera uma relação de interdependência entre as disciplinas; Rojo (2009) enfatiza os letramentos múltiplos, mediante a diversidade de práticas sociais de leitura presentes na sociedade. Assim, espera-se que este estudo contribua para uma prática de ensino interdisciplinar que tenha como prioridade a educação do aluno para a vida, tornando-o capaz de lidar com as realidades do dia a dia e, desta forma, procurar se formar leitores mais conscientes e críticos nesses dois domínios.

Palavras-chave: Leituras, Multiletramentos, Interdisciplinaridade

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

A propósito da ironia na crônica de Antonio Prata

ROSILÔNIA PEREIRA DIAS (UEG), MARIA EUGÊNIA CURADO (UEG)

Resumo: As discussões concernentes à competência em leitura apresentada pela sociedade atual estabelecem fatores de ordem paradoxais. Considerando-se, portanto, tal paradigma é, a partir desta vertente que se constrói o escopo desta comunicação que procurará analisar a recorrência da ironia na crônica de Antônio Prata. Para isso, tomaremos por base “Guinada à direita”, texto publicado em 2013 na Folha de São Paulo online. Na ocasião, houve, tanto manifestações de apoio quanto de repúdio sobre o texto, referentes às temáticas abordadas pelo colunista. Tendo em vista tais manifestações, este estudo se primará na análise da leitura e posterior compreensão

da crônica prateana, considerando não só o gênero discursivo, mas também a análise da recepção do objeto em verificação, ou seja, o discurso irônico presente no texto publicado por Prata. Acreditamos, portanto, que tal abordagem nos oferecerá subsídios a reflexões sobre a composição da ironia não só prateana como também em outros discursos e problematizar sobre a poética da recepção e o leitor ideal e, consequentemente, o autor idem, porque não? Para respaldar esta reflexão de caráter crítico-analista o aporte teórico se fundamentará nos postulados de D. C. Muecke (1995) Beth Brait (2008); Michel Foucault (2001); Linda Hutcheon (2000); Dominique Maingueneau (2005); Eni Puccinelli Orlandi (2000); Rodolfo Viana (2011) dentre outros. Palavras-Chave: Ironia. Crônica. Antonio Prata.

Palavras-chave: Antonio Prata, Crônica, Ironia, Estética da recepção

O narrador como crítico literário em Pierre Menard, Autor de Quixote

LUCIANA MOLINA QUEIROZ (UNICAMP)

Resumo: O filósofo da arte Arthur C. Danto toma o conto de Borges Pierre Menard, Autor de Quixote como um exemplo em sua obra Transfiguração do lugar-comum. Esse clássico de Borges consiste em um comentário feito sobre o escritor Pierre Menard e suas obras. Danto, incorrendo na mesma seletividade de muitos intérpretes desse conto, atém-se basicamente ao problema metafísico e estético colocado pela alegação de que Pierre Menard teria escrito um fragmento idêntico ao Dom Quixote de Cervantes. Não deixa de ser irônico que a crítica se comporte como se estivesse hipnotizada pela obra imaginária dentro da obra real e que, por isso, frequentemente tenha negligenciado a última em favor da primeira. Assim como muitos outros comentadores que fizeram do conto uma fonte de reflexões sobre a recepção estética, a lógica, a metafísica, etc., Danto enfatiza tão somente a obra imaginária descrita, isto é, o Dom Quixote de Pierre Menard, pouco se detendo efetivamente nos aspectos formais do conto escrito por Borges. Assim, ele perde a oportunidade de comentar o fato de o conto ter sido escrito

à imagem de um texto que, do ponto de vista das convenções tanto de gênero quanto sociais (porque gêneros textuais e regras sociais encontram-se, no fundo, imbricadas), não é uma narrativa, e sim um misto de testemunho e crítica literária. Poderíamos pensar em um caso hipotético em que a trama (a existência de uma cópia idêntica de Quixote) seria mantida, mas que ela nos fosse apresentada a partir de um texto narrativo mais tradicional, em que constataríamos, tal como em inúmeros outras ficções fantásticas e de mistério, um início com apresentação de personagens e situação, um clímax e uma conclusão. A forma, no entanto, deve ser entendida em toda a sua alteridade: a obra imaginária de Menard nos é apresentado a partir de uma moldura de crítica literária. Tal aspecto da obra não deve ser visto como circunstancial. É antes um dos pontos nevrálgicos do apelo e da atratividade do conto de Borges, bem como da finura de sua confecção - já que é isso que torna o embuste em curso ainda mais completo. Essa diferença de fundo entre arte e não arte é tão fundamental no caso de Borges quanto é fundamental no caso de Andy Warhol que a obra Brillo Box seja diferente do caixa de sabão em pó real (obra que, como se sabe, é comentada extensivamente no livro de Danto). Se tomamos como ponto de partida ou chegada a equivalência entre arte e não arte, parte da originalidade artística da obra de Borges se desvanece. O que causa uma forte impressão em Menard é justamente o tom a um só passo sério e jocoso, em andrajos claramente acadêmicos, com que nos é apresentado um autor supostamente real. Nesta comunicação pretendo explorar algumas implicações do gesto estético de Borges bem como analisar a influência do autor sobre algumas tendências da literatura contemporânea, que, ao acentuar seu aspecto autorreflexivo, acaba se tornando também uma espécie de crítica literária.

Palavras-chave: Crítica Literária, Jorge Luis Borges, Literatura Contemporânea, Autorreflexividade

Poemáudio: a lírica de volta ao simultâneo

PEDRO MARQUES NETO (UNIFESP)

Resumo: A poesia escrita tende ao sequencial: fonema a fonema, palavra à palavra, verso a verso, poema a poema. Mário de Andrade, atento à música e à oralidade, experimentou efeitos simultâneos de palavras (“verso harmônico”) e de versos (“polifonia poética”). A simultaneidade é a condição da música, na harmonia em si e na concomitância ritmo-melodia-acordes. Na oralidade, entoamos, ouvimos e gesticulamos a um só tempo. A lírica literária moderna, presa à impressão seriada na mancha da página, consegue, se tanto, a sensação de inflexões, imagens ou ideias síncronas. Em *Clusters* (2010), transladei para a poesia esse recurso da massa sonora, comum à música a partir do século XX. Como no cacho musical, solicita-se ali que o leitor aprecie cardumes de poemas observando valores conjuntos, o que altera a expectativa de ler poemas como unidades do livro. Nesse sentido, *Cena Absurdo* (2016) anda dois passos. Primeiro: dispõe dois ou três poemas na página, ampliando a possibilidade de leitura simultânea. Segundo: disponibiliza a música propriamente dita ao leitor, tornado também ouvinte. O leitor/ouvinte é levado a lidar, em paralelo, com os textos lineares, escritos por mim, e os clusters sonoros compostos por Juliana Amaral, Gustavo Bonin e Micael Antunes. O livro não opera, portanto, como encarte de disco ou libreto de ópera; entrechoca, isso sim, poesia com poesia, poesia com som, som com som. A esses três níveis de simultaneidades Humberto Pio (produtor da obra) chama, justamente, poemáudio. É a partir desse aspecto que pretendo refletir sobre as questões propostas pelo simpósio, mobilizando, sobretudo, minha praxis poética.

Palavras-chave: Lírica, Música, Leitura, Audição

O processo de redemocratização nos primeiros livros de João Gilberto Noll

RICARDO LISIAS AIDAR FERMINO (UNIFESP)

Resumo: O objetivo da comunicação é avaliar como o escritor João Gilberto Noll representou nos romances e contos que publicou

na década de 1980 (aliás, sua estreia na literatura) o processo de redemocratização que o Brasil estava então protagonizando. Através da análise dos narradores e de algumas de suas personagens, é possível notar que Noll percebeu que as instituições nacionais seriam reconstituídas de forma frágil e muito pouco convincente. Além disso, os mecanismos de opressão continuariam montados e ativos, mas alternando o foco para outras vítimas, que pareciam também incomodar o status quo da sociedade. O corpo, central em praticamente todas as suas narrativas, passa de último refúgio do ser humano para principal alvo de perseguição e violência. A cidade grande, do mesmo jeito, acaba abrigando toda indiferença da sociedade para com seus membros que não se enquadram em modelos de comportamento muito bem definidos. Dessa forma, o processo da redemocratização brasileira, frágil e muito relativo, será desde os primeiros anos simbolizado ficcionalmente por estruturas sem nenhuma base concreta, cuja função não é criar instituições sólidas, mas sim continuar oprimindo e sobretudo suportando privilégios que vinham muito bem estabelecidos pela ditadura militar. Os primeiros livros de João Gilberto Noll tratam também de uma geração que acabava de surgir: os descendentes de militantes mortos pela perseguição política, que acabavam então abandonados e sem conseguir exatamente se situar no interior da sociedade que fraturou suas famílias e, por fim, acabou sequer refazendo com alguma integridade suas estruturas. Para isso, será fundamental a análise do conto “Alguma coisa urgentemente”, que abre o livro de estreia de Noll, *O cego e a dançarina*, e resume boa parte dos mecanismos formais que vão aparecer nos livros seguintes. O motivo da fuga parece ocupar também esses textos: quando não fogem, com desespero ou quase indiferentes, de uma autoridade, as figuras narrativas de *A fúria do corpo*, por exemplo, estão sempre procurando esconder-se de possíveis afetos enquanto, ao mesmo tempo, ocultam suas próprias identidades. São livros sem nomes próprios ou pessoas socialmente definidas. É como se fosse impossível,

naquele tipo de sociedade, operar qualquer atitude mais propriamente humanizadora e individualizante. Pode-se por fim observar como João Gilberto Noll dialoga com algumas obras contemporâneas à sua, como as de Caio Fernando Abreu e Sérgio Sant'Anna, também instalados no mesmo universo de personagens fracas em meio a um processo de redemocratização débil e incompleto. Esses três autores teriam antecipado as principais linhas de força da obra de Roberto Bolaño, um dos escritores mais importantes da contemporaneidade.

Palavras-chave: João Gilberto Noll, Ditadura militar, processo de redemocratização, anos 1980

Modos de Ler: Tradução, Transgressão e Intertextualidade Transcultural na Literatura Luso-Brasileira

PATRÍCIA OLIVEIRA SILVA (UNIVERSIDADE DE COIMBRA/ UNIVERSITY OF LONDON)

Resumo: Na FLIP de 2016, Bernardo Carvalho provocou grande polêmica ao afirmar: “Não me interessa se o leitor lê ou não lê; eu quero que se foda. O que eu quero é fazer minha literatura”. Muito poderia ser discutido (e foi) a partir de tal colocação. No nosso caso, a retomamos para refletir sobre a profunda separação entre a produção literária e a concretização da leitura, questionando em que medida tal separação pode por vezes marcar um distanciamento violento entre a crítica acadêmica e os variados leitores da contemporaneidade. No mesmo evento em que manifestou sua indiferença em relação ao leitor, Carvalho aponta ironicamente a função que pode ser assumida por um escritor em um país em que é possível partir do pressuposto de que o leitor é burro: “Claro que pode! O Brasil é um país de analfabeto e um país onde se passa fome: então não escreva livros; plante tomate.” Por certo, não concordamos que a soma de analfabetismo e miséria conduza à burrice, mas também não é possível negar que esses fatores trazem impacto para o nosso campo literário. Para lidar com essa adversidade, não basta levar a sério a alternativa irônica de Carvalho, substituindo livros por tomates. Mas há que se considerar que a

escrita (literária e crítica) se assenta sobre condições bastante distintas daquelas encontradas em países que muitas vezes nos inspiram em referenciais artísticos e críticos. Se entendemos, com Roberto Schwarz, que um dos fatores a destacar Machado de Assis seria o fato de sua obra revelar o desajuste entre uma realidade social de escravidão e a ideia de uma sociedade livre, poderíamos questionar em relação aos dias atuais: como escrever considerando a persistência do analfabetismo e da miséria? Ou ainda, enfocando no papel da crítica literária: como lidar (ou como deve) com o fato de atuarmos na “periferia do capitalismo”? Em nossa comunicação, problematizaremos outras dúvidas surgidas a partir de tal questionamento, buscando, por meio da reflexão em torno de episódios envolvendo leitores reais, rastrear possíveis alternativas para a crítica acadêmica na contemporaneidade. Além disso, como já indicado na proposta do simpósio, abre-se para discussão algumas tentativas (frustradas ou vindouras) de ação junto a leitores reais, acreditando ser possível encontrar, entre os participantes, pessoas que partilhem de angústias semelhantes quanto ao atual papel crítico e do desejo de expandir sua ação para além dos muros da universidade, de um grupo ainda muito específico e limitado de leitores.

Palavras-chave: Leitura, Crítica literária, Ação

35

LEITURAS E RELEITURAS DO LITERÁRIO:
ABORDAGENS DIALÓGICASMarcel Alvaro de Amorim (IFRJ/UFRJ)
Rodrigo Corrêa Martins Machado (UFF)
Kátia Carvalho da Silva (UEMASUL)

Resumo: O simpósio aqui proposto tem por objetivo agrupar de trabalhos que tenham como foco a investigação de formas e modos da leitura de textos literários como um processo social que se realiza nos mais diferentes contextos. Nesse sentido, consideramos a obra literária – e a obra artística, de forma geral – como parte de um texto infinito no sentido barthesiano (2010) do termo; isto é, como um produto fluido, em constante movimento, que se constrói em sentido em diferentes momentos socio-históricos, nas mais diversas redes intertextuais e interdiscursivas. Sendo assim, o texto literário encontra-se sempre aberto a novas leituras e releituras, que, por consequência, o constituem enquanto objeto estético e de fruição. Nesse contexto, a proposta aqui delineada prioriza questões como os modos e formas da leitura literária, bem como a investigação do *como*, do *onde* e de *quais* são os participantes envolvidos nos mais diferentes eventos de reconstrução discursiva do texto literário. Com efeito, os contextos da leitura literária tal como aqui entendida podem ser institucionais ou informais, na esfera da produção editorial, industrial e/ou didática e escolar, desde que se considere o ato de leitura ou releitura do objeto artístico a partir de bases teóricas de cunho dialógico (BAKHTIN, 2003, 2006 e 2010), abarcando a interação entre os participantes do evento de leitura – leitor, texto, autor, contexto etc. – e entre os diferentes discursos e momentos sócio-históricos como essenciais no processo de construção dos sentidos do texto. Considerando esses apontamentos,

é intenção deste simpósio agrupar apresentações que tratem de temas como o processo e/ou produto de adaptação de textos literários para mídias como o cinema, quadrinhos, TV etc. (STAM, 2000; HUTCHEON, 2006), a prática de leitura e releitura de textos literários e o processo de construção de novos sentidos sobre esses textos no ambiente escolar (ZILBERMAN, 2013; AMORIM; 2013), as leituras e releituras do literário que possibilitam a construção de novos produtos artístico-literários (SANDERS, 2006) o diálogo interartes entre textos literários e outras semioses artísticas (CLUVER, 1997 e 2006), dentro outros modos e práticas interdiscursivas e intertextuais de leitura e releitura do literário. Em última instância, este simpósio tem como proposta reunir experiências dos pesquisadores envolvidos com ações de leitura e releitura do texto literário, abrangendo diversos gêneros, mídia e tipos, na tentativa de criação de um diálogo fértil que busque a criação de integridade sobre a questão do modo como a literatura cria literatura, a arte cria arte, dialogicamente, permitindo uma compreensão dialógica sobre o processo de construção e reconstrução de sentidos do literário através de intertextos e interdiscursos. Nosso maior objetivo é divulgar trabalhos que apresentem experiências de leitura e releitura do literário enriquecedoras, em que a literatura se mostre como ponto de partida, realidade possível, tecido em construção, bem como horizonte de constituição da alteridade.

Palavras-chave: Literatura, Leitura literária, Dialogismo

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Antropofagia como Procedimento Translocal de (Re-)Leitura do Literário

MARCEL ALVARO DE AMORIM (IFRJ/UFRJ)

Resumo: O clássico ensaio *Can the subaltern speak?*, originalmente publicado em 1985, traz a crítica de Gayatri Chakravorty Spivak à

tentativa, por parte de teorias pós-estruturalistas, de explicar o mundo a partir do ponto de vista europeu. A autora, afiliada a uma visão teórico-metodológica pós-colonial, interroga, em seu texto, os fundamentos da ciência e da filosofia europeias, tendo em vista a investigação dos saberes e experiências que têm origem em sujeitos considerados subalternos, dentro de espaços sócio-geográficos coloniais. Com efeito, a autora sinaliza a incongruência do ato de tentar se explicar o mundo a partir do ponto de vista europeu: mais amplamente falando, para Spivak, a teoria pós-estruturalista de certa forma bloquearia o pensamento subalternizado, não central, impedindo a emergência da heterogeneidade do Outro. Nesse movimento, a voz do considerado subalterno não se faz realmente ouvida, uma vez que sua experiência é retratada pela voz do intelectual, que, paradoxalmente, enxerga-se como transparente nesse processo representativo. Nesse sentido, o que teorias pós-estruturalistas geralmente performatizam é uma persistente constituição do Outro como, na verdade, uma sombra de si mesmo, o que Spivak considera como uma verdadeira violência epistêmica: o dito subalterno, então, não pode falar, mas sim é falado a partir de uma episteme ocidental e, acima de tudo, europeia, de um modo eurocêntrico de produção do conhecimento e de saberes. Com efeito, modos de dizer e o discurso advindo daqueles em posição subalterna são amplamente ignorados pela academia, que, mais de três décadas após a publicação do ensaio de Spivak, continua a reafirmar a não possibilidade de fala daqueles que vivem outros modos de vida, em espaços sócio-geográficos não europeus ou anglo-americanos. Nesta proposta de comunicação, indo de encontro a esse apagamento do Outro – do dito subalterno - enquanto produtor de conhecimentos e saberes, proponho o conceito de Antropofagia Cultural – originalmente uma prática dos povos indígenas brasileiros e que, posteriormente, foi incorporada pelo pensamento literário modernista – como um arcabouço teórico-procedimental, um horizonte de leitura, para a compreensão da relação dialógica entre diferentes

mídias, textos e culturas; em especial, para a compreensão das relações entre a literatura e o cinema. Com efeito, proponho um repensar do diálogo entre as mídias como um processo violento de Devoração Transcultural e, por consequência, da própria ideia de adaptação enquanto uma prática de Transconstrução. Para tanto, esta proposta se baseia no enquadramento teórico favorecido pelas teorias dialógicas e intertextuais da adaptação e pelo conceito brasileiro modernista de uma Antropofagia Cultural como uma forma de ressignificar o diálogo entre a literatura e o cinema a partir de um ponto de vista dito subalterno, um ponto de vista brasileiro.

Palavras-chave: Antropofagia, Literatura, Cinema

A Poesia no Cinema e o Cinematográfico Poético

GILBERTO FREIRE DE SANTANA (UEMASUL)

Resumo: Este trabalho intenciona lançar um olhar sobre a literatura e o cinema, tendo como norte a especificidade do diálogo entre a poesia e fílmico, e as diversas perspectivas cinematográficas no trato com o poético. Desde do seu caráter biográfico-documental, vide “Patativa do Assaré. Ave Poesia”, de Rosemberg Cariry, à uma espécie de total ficcionalização presente em “Bocage. O triunfo do amor”, de Djalma Limonji Batista. Pretende-se assim, a partir dos estudos da adaptação de Linda Hutcheon (2011) e Robert Stam (2008), e das contribuições dialógicas-teóricas de Bakhtin (1992), dos estudos de Kristeva (1974) no que tange à intertextualidade, e à transtextualidade de Genette (2006), revisitar parte da cinematografia brasileira (que tiveram como fonte originária o fazer poético), no fito de investigar as suas múltiplas abordagens. Se por um lado, alguns estudiosos, principalmente nos primórdios, com relação à adaptação, se voltaram especificamente para a questão da “fidelidade” para com a obra-fonte (literária), questão já anunciada por Heloísa Buarque de Holanda, em Macunaíma, da literatura ao cinema, “O preconceito que estabelece o status e a aura da literatura como “forma superior de arte” parece que não pode ser

questionado. E a adaptação, se por um lado se beneficia desse status, por outro traz consigo a desvantagem de uma leitura onde o filme geralmente é visto apenas como expressão secundária e parasitária do livro” (HOLLANDA, 1978), percebe-se que outros tantos estudiosos buscaram e buscam uma quebra deste “aprisionamento”, abordando as potencialidades da obra fílmica adaptada não mais tão-somente como objeto à mercê da obra-fonte, mas como obra, por si só autônoma, acrescida de um estampar explícito da sua relação estreita, em suas diversas tonalidades, com a obra literária. Assim sendo, a adaptação é resultante de uma possível leitura, e nesta se deposita acréscimos e faltas que ao invés de se aprisionarem a meras questões de uma possível e desnecessária “fidelidade”, possibilitam outras abordagens e pulsações que revigoram a obra em si e a obra literária fonte da adaptação, pois, para o cineasta Joaquim Pedro de Andrade, “todas as leituras são legítimas – e, evidentemente, discutíveis. Nada impede que um livro ou texto teatral, seja interpretado de diversas maneiras, e o próprio confronto entre as interpretações resulta esclarecedor.” (ANDRADE, 1984) Portanto, neste entrecruzar de “protagonismos”, ambas se tornam objetos latentes de dizeres e depositárias de inúmeras leituras/interpretações. Para referencializar tal perspectiva, buscar-se-á esquadrihar a obra fílmica “Gregório de Mattos”, da cineasta Ana Carolina, no fito de aprofundar as reflexões quanto ao processo de transposição do literário para imagens.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Poesia, Cinema, Adaptação

A falecida: Leon Hirszman lê Nelson Rodrigues

KÁTIA CARVALHO DA SILVA (UEMASUL), ROBERTO FERREIRA DA ROCHA (UFRJ)

Resumo: Entendendo-se a adaptação cinematográfica como um texto marcado por patente e intensa relação dialógica cuja natureza rejeita perspectivas que se prendam ao desejo de fidelidade ao texto-fonte, esta proposta de estudo quer investigar de que forma a obra de Nelson Rodrigues encontra-se redimensionada, tendo em vista o

trabalho realizado por seu recriador, o diretor Leon Hirszman. O filme *A falecida* (1965), baseado na homônima peça de Nelson Rodrigues, na época de seu lançamento, despertou muita curiosidade e calorosas discussões, por se imaginar como uma obra debruçada nos conflitos psicológicos e existenciais típicos da classe média, ia se adequar aos interesses ideológicos e aos projetos estéticos hegemônicos defendidos pelo Cinema Novo. Nota-se, por exemplo, o que escreveu o crítico Jean-Claude Bernardet, no calor da hora em plena vigência do Cinema Novo: “A falecida poderia ser um esplêndido retrato da vida suburbana carioca e excelente vocação do marasmo em que vive grande parte da classe média do país, em consequência das tradições que já vimos e do processo acelerado de proletarização em que se encontra”. No entanto, sugere ainda o crítico que o filme em sua segunda parte, “resvala para uma psicanálise de folhetim, perdendo-se todas as implicações da primeira parte. Tem-se a impressão de encontrar na primeira parte Leon Hirszman, enquanto que a segunda é de Nelson Rodrigues.” (BERNARDET:1967, p. 87 e 88) Numa postura mais nuançada, posteriormente outros estudiosos irão afirmar o filme de Hirszman é impetuoso, principalmente porque, conforme comenta Ismail Xavier (2003), “Ele [Hirszman] navega a contrapelo dos ‘lances ousados’ e descarta a velocidade e o ‘cinematográfico’ de Nelson Rodrigues. Evita a modulação tragicômica e opta de forma radical pelo sério-dramático, enfrentando bem o risco aí envolvido de lidar com a questão do trágico”. Nesta comunicação, iremos figurar a tensão que o filme de Hirszman não se abstém de produzir com relação ao texto dramático de Nelson Rodrigues. Portanto, tendo em vista dialogar com sua recepção, especificamente, com as reflexões nascidas a partir da leitura e das observações tecidas pelo dramaturgo quando afirma que “A falecida, feita pelo Leon Hirszman, sou eu, sem humor. Meu diálogo tem dupla face. É patético e humorístico. Leon Hirszman expulsou o humorístico e pegou só o patético. Foi um fracasso de uma coerência formidável. O negócio é o seguinte: qualquer peça dá margem a mil interpretações

sem falsificá-la, mas o que eu acho é que no caso d’A falecida (filme) estou reclamando a tal ausência do elemento humorístico que existe na minha peça.” A nosso ver, é exatamente esta ausência que faz de A falecida um filme de Leon Hirszman.

Palavras-chave: A Falecida, Leon Hirszman, Nelson Rodrigues, Leituras

Releituras de John Falstaff: do drama histórico à contemporaneidade

DIANDRA SOUSA SANTOS (UFBA)

Resumo: A comunicação aqui proposta toma como objetos de análise os romances Falstaff’s Big Gamble e The Falstaff Vampire Files escritos e publicados, respectivamente, por Hank Quense em 2012 e Lynne Murray em 2011. Descrito pelo próprio autor como “o pior pesadelo de William Shakespeare”, Falstaff’s Big Gamble estabelece diálogos com diferentes textos dramáticos shakespearianos, tais como Hamlet (1601), Otelo (1602), Henrique IV (1597) e As Alegres Comadres de Windsor (1602). Na trama de Quense, temos o duende Hamlet, príncipe da Dinamarca (Denmarko), que precisa lidar com a descoberta de que seu pai foi assassinado, ao mesmo tempo em que tenta desenvolver o seu tão sonhado projeto de apicultura (bee-keeping), uma forma de se desconectar da vida na corte que tanto despreza. Temos também o elfo Othello, Ministro da Segurança da cidade de Dun Hythe, que se vê diante de diversos problemas em sua administração - violência, crime organizado e corrupção. Em meio a essas duas histórias, conhecemos John Falstaff, um golpista de longa data, que vê em Hamlet e Othello a oportunidade perfeita para aplicar o seu maior golpe valendo-se do título de nobreza adquirido em uma aposta de bar, enganando os outros personagens e colocando-os um contra o outro. Em The Falstaff Vampire Files, por sua vez, acompanhamos a história da psicóloga Kris Marlow, uma mulher de cerca de quarenta anos que mora em São Francisco e que não acredita em nada que não possa ser explicado pela razão. Todavia, sua visão de mundo é colocada a prova quando ela conhece o verdadeiro Sir John Falstaff, um vampiro de 500 anos

de idade e que uma vez livre do porão onde era mantido por Hal, namorado de Kris, não tem a menor intenção de se comportar enquanto explora as ruas escuras de um grande cidade no século XXI. Como é possível observar pelo breve resumo das obras oferecido acima, tais romances são construídos a partir dos mais variados diálogos com diferentes produções dramáticas shakespearianas. Contudo, elas tem em comum o protagonismo de Falstaff que é deslocado das peças históricas para a contemporaneidade. Nos interessa aqui discutir de quais formas tais romancistas reconstróem este personagem em suas produções, estabelecendo claras relações intertextuais com as peças já mencionadas mas, ao mesmo tempo, construindo novos textos. Nosso referencial teórico incluirá as reflexões de autores como Robert Stam (2003), Linda Hutcheon (2006) e Julio Plaza (2010), Mikhail Bakhtin (1987), Norma Discini (2008), José Luiz Fiorin (2008) e Tiphaine Samoyault (2008).

Palavras-chave: William Shakespeare, John Falstaff, Intertextualidade

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

A (re)criação de Manhufe em Amadeo de Mário Cláudio

ADRIANA GONÇALVES DA SILVA (UFF)

Resumo: O romance Amadeo do escritor Mário Cláudio, publicado em 1984 e vencedor do prêmio de melhor romance do ano pela Associação Portuguesa de Escritores, prenuncia na escolha gráfica do encarte que o compõe, o diálogo intertextual que estabelecerá com as obras do artista Amadeo de Souza Cardoso, pretensamente biografado. O “romance da escrita de uma biografia” (SEIXO, 1986, p. 25) que comporá, ao lado de Guilhermina (1986) e Rosa (1988), a Trilogia da Mão, publicada em 1993, é construído em fragmentos, blocos de textos que intercalam a narração de Papi, biógrafo do pintor, com a de seu sobrinho Frederico,

que registra tanto o ofício do tio, bem como os elementos triviais da narrativa. No estilo dos biografemas barthesianos, os pequenos instantes da escrita em Santa Eufrásia de Goivos seguem intercalados aos recortes de momentos da vida do pintor Amadeo no contexto do modernismo português, sobretudo em Paris e Manhufe. O elemento central do romance é, pois, essa busca angustiada do biógrafo em (re) construir seu biografado. Não nos interessa, entretanto, como mote da pesquisa as relações tênues entre os gêneros no romance, nem mesmo a discussão sobre o biográfico, mas a forma como a partir de tais relações se desenha um profícuo diálogo entre as artes na construção do próprio. A presente pesquisa tem o intuito de apresentar, ainda que de forma incipiente, uma abordagem de como é realizada por Mário Cláudio a apropriação dos quadros do pintor Amadeo de Souza Cardoso em seu romance-biográfico. De modo mais particular, focalizaremos como se dá a construção dos espaços de Manhufe nas telas e na narrativa. O diálogo intertextual será percebido, sobretudo, a partir de duas telas específicas, a saber: Casa de Manhufe, 1911-1912 e Cosinha da casa de Manhufe, 1913, ambas também presentes no encarte do romance. Tomando como base epistemológica a intertextualidade veremos como o romancista apesar de manter em seu horizonte o texto fonte, ou de partida, como prefere Bassnett (2003), termina por recriar os quadros em seu texto de chegada, em virtude de seu próprio ato criativo. Recordamos as palavras de Mikhail Bakhtin (2003, p.297), que considera “[...] cada enunciado [como] pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva”, para nos furta ao debate da fidelidade, já que o próprio texto de partida também é ele, em si, um texto afetado, modificado, dialogizado.

Palavras-chave: Mário Cláudio, literatura e pintura, intertextualidade

A evidência do palimpsesto: uma epopeia para o vaqueiro em narrativa de João Guimarães Rosa

ANDRÉA MENDES DE ALMEIDA PEREIRA (UNIMONTES)

Resumo: O livro *Ave, Palavra*, de autoria de João Guimarães Rosa, é uma obra publicada postumamente. Reúne escritos do período entre 1947 e 1967, dentre os quais textos jornalísticos, notas de viagem, poesias e contos. Em meio à variedade de temas e gêneros, avulta a narrativa “Pé-duro, Chapéu-de-couro”, na qual Rosa, valendo-se de uma circunstância histórica – o encontro de vaqueiros para a inauguração de uma estância hidromineral na cidade baiana de Cipó – edifica uma epopeia para o pastor sertanejo. Para traçar a genealogia do vaqueiro, o autor busca outras vozes para unir à sua enunciação. Conforme Compagnon, “a caneta reúne as propriedades da tesoura e da cola” (COMPAGNON, 1996, p. 41) e Rosa, ao citar bibliografias que o formaram e que agora se prestam a respaldar sua voz, demonstra que toda ação de leitura é grávida de um ato de escrita. O epos ora elaborado se constrói sobre outros textos, estabelecendo pontes com obras que o precedem, revisitando-as para imprimir a elas novas significações, compondo um palimpsesto, “um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo” (GENETTE, 2010, p. 4). Buscando traçar a genealogia do vaqueiro, Rosa cuida de localizá-los na Literatura, dialogando com a *Ilíada*, com Luis de Góngora y Argote e também com “o historiador grego Xenofonte, o jesuíta português Fernão Cardim, o historiador holandês Johan Huizinga, postos ao lado de Tomás Antônio Gonzaga, José de Alencar, Euclides da Cunha [...] o romance *Doña Bárbara* (1929), do venezuelano Rómulo Gallegos.” (PELINSER; MALLOY, 2014, p. 124). O autor busca referências literárias, não só locais, mas também concernentes à cultura ocidental, num movimento que globaliza o vaqueiro. O mito elaborado por Rosa, além de protagonizar o processo de constituição de uma identidade brasileira, universaliza-se: é símbolo, é como se fosse o precursor da espécie humana, como a conhecemos. No texto está representada quase que a totalidade

dos povos do mundo, em suas diferentes cores: “Pé-duro, chapéu-de-couro, pode então, “simbolizar metonimicamente todas as experiências humanas” (PELINSER; MALLOY, p. 37, 2014). Rosa parece oferecer uma resposta, poética, ao homem, espécie que impescinde reencontrar-se com suas origens, para refletir sobre sua natureza e seu lugar no mundo. Nesse sentido, nosso trabalho se volta para os hipertextos presentes em “Pé-duro, chapéu-de-couro”, objetivando analisar como diferentes vozes se ramificam para pôr em relevo o “Homo coriaceus” (ROSA, 2009, p. 182), figura que, supostamente, aceitando o pacto proposto por Rosa, encerra algo da gênese da humanidade.

Palavras-chave: Ave, Palavra, “Pé-duro, chapéu-de-couro”, Vaqueiro, Palimpsesto

O cruzamento da tradição de Orfeu com a vanguarda surrealista no Poema em quadrinhos de Buzzati

SANDRA DOS SANTOS VITORIANO BARROS (UNB)

Resumo: O trabalho pretende comentar as interfaces entre o mito órfico e o surrealismo na obra *Poema em quadrinhos* (1969) do pintor, romancista e jornalista italiano Dino Buzzati. O estudo enfoca como o artista delineou a referida relação, ao se utilizar de diálogos entre linguagens e mídias e de diálogos temáticos e estéticos. Para enfrentar essa discussão recorreu-se aos estudos de intermedialidade e abordagem interartes em conexão aos estudos de intertextualidade e de dialogia, buscando religar aspectos da tradição órfica e a releitura promovida pela obra *sui generis* de Buzzati. Uma das conclusões preliminares que se chegou com esta investigação é que as escolhas dialógicas do autor não foram aleatórias, posto que há convergências entre a tradição órfica e a perspectiva surrealista endossada pelo escritor italiano. Outra importante constatação diz respeito ao uso de uma linguagem híbrida na obra de Buzzati, ao realçar e aproximar a poesia da HQ em contexto histórico-cultural no qual a nona arte ainda experimentava resistência para sua aceitação como arte autônoma.

Palavras-chave: Orfeu, HQ, Poesia, Surrealismo

Pierre Menard: Um Personagem Leitor-Escritor de Don Quijote De La Mancha. Uma Abordagem Dialógica no Conto Borgeano

PAULO EDUARDO OLIVEIRA SANTOS (UEMA)

Resumo: Jorge Luís Borges em Ficciones no conto Pierre Menard, Autor del Quijote em que o personagem tinha como empreendimento de vida recriar e, por conseguinte de reescrever o Quijote de Miguel de Cervantes a partir de suas próprias experiências de vida, pois, acreditava ser possível, após a leitura da obra Don Quijote de la Mancha, dar vida própria a um personagem, afinado com seu modo de ser leitor, no caso específico: ele próprio- Pierre Menard. Embora Alonso Quijano, personagem que se faz cavaleiro errante em Don Quijote após ter lido muitas novelas de cavalaria, seja consagrado pelo prestígio de Miguel de Cervantes, Pierre Menard investe-se na tarefa de refazer esse mesmo personagem. Pretende não só recriar o Quijote, mas também toda a obra Don Quijote de La Mancha. Baseado em sua experiência de vida. Pierre Menard, pretendo [re-escriptor] da maior obra da língua espanhola, afirma no conto de Ficciones, ser possível premeditar a escrita da referida obra da literatura espanhola sem incorrer em tautologias. Dessa forma, por imprimir uma leitura a partir da leitura, ou melhor: uma escrita a partir da leitura, afirma que esse processo é solitário, ou seja, o próprio Pierre Menard (personagem do conto de Borges em Ficciones) é quem fará a escrita a partir de sua leitura; afirma-se dual por ser regido por duas leis quando diz “Meu jogo solitário é governado por duas leis polares. A primeira permite-me ensaiar variantes de caráter formal ou psicológico; a segunda obriga-me a sacrificá-las ao texto ‘original’ e a considerar de um modo irrefutável essa aniquilação...” (BORGES, 2007, p.40-41) O que aqui pode parecer um excesso, uma pretensão de Pierre Menard, na verdade é algo extremamente natural, ainda mais quando se considera que ele, enquanto leitor, tem uma experiência de vida bastante diferente daquela pela qual Cervantes passou. Menard, em sua decisão de reescrever o Don Quijote, sabe da responsabilidade que tem, dado a importância e o prestígio de Miguel de Cervantes, fato que

reconhece, mas, mesmo assim está disposto a escrever sua ‘versão’ de Don Quijote. Aqui, é possível conjecturar que Borges ao escrever Pierre Menard Autor del Quijote mostra de forma esfíngica que é possível repensar o sentido das coisas, que é possível refocar para que se revele uma outra maneira de dizer. A ideia de criar escritores para grandes obras da humanidade, como é o caso de Menard no conto borgeano, ajudam a desenhar um outro lado do rosto de um Borges que vai para além da simples criação, um homem que se preocupa com o sentido de que é a partir da literatura, arte da invenção e da [re-invenção], que é possível pensar para, através das palavras, fantasiar o mundo. Assim, o presente trabalho se situa na intersecção entre a leitura com que Pierre Menard conduz sua pretensão em escrever, melhor, [re-escrever] Don Quijote de La Mancha e a releitura do literário abordada de forma dialógica dentro do conto de Borges através de seu personagem.

Palavras-chave: Leitor, Releitura, Pierre, Quijote

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Sherlock/Watson: Slash Fiction Como Tradução Queer

JULIANA DIAS BASTOS (UFBA)

Resumo: O presente trabalho toma como objeto alguns dos inúmeros contos e romances escritos por Arthur Conan Doyle entre o fim do século XIX e o início do século XX que tem como protagonistas os personagens Sherlock Holmes e John Watson ? a saber: o conto O Solteirão Nobre, o romance O Signo dos Quatro, e a coletânea de contos O Regresso de Sherlock Holmes? em comparação com três slash fictions contemporâneas: Absurdly Simple, A Marrying Man e The Beginning/ The Problem, escritas, respectivamente, por Irene Adler, Kristophine e Cynthia Coe. A slash fiction se caracteriza como um desdobramento do gênero fanfiction, em cuja produção leitores e fãs da obra de

determinado autor apropriam-se de elementos do texto de partida, criando uma nova trama a partir deles. Pensando as slashes como “traduções queer”, discuto as características da obra de partida e da tradução refletindo sobre a forma como a masculinidade é construída nesses textos. Para tal tarefa, foram importantes autores como Jacques Derrida, Michel Foucault, Elizabeth Badinter, Judith Butler.

Palavras-chave: Tradução, Fanfiction, Slashfiction, Queer

Olhares Oblíquos sobre “Capitu” a partir do Conceito Bakhtiniano de Exotopia

SAULO LOPES DE SOUSA (UEMA)

Resumo: Olhar o texto literário de um ângulo inaugural é sempre desafiador, para não dizer tentador. Possibilidades infindas de construção de significados insuflam a literatura com o ardor que sempre lhe constitui a feitura: o de ser um perpétuo retorno a si mesma, desafiando-se com o mesmo fio com que se tece. Sob a insígnia do audiovisual, por sua vez, a literatura se torna ainda mais instigante, ao proporcionar olhares que, em vez de encerrá-la, apontam incansavelmente para outras direções, para outros dizeres. Pensando na potencialidade de (re)leituras que a arte literária sustenta, sobretudo inserida no circuito da adaptação como prática alargadora de seus sentidos, esta comunicação se propõe a analisar um recorte da minissérie *Capitu* (2008), adaptação dirigida por Luiz Fernando Carvalho e baseada no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, com vistas ao conceito de exotopia, cunhado por Mikhail Bakhtin (2011), como desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior. Nosso intuito é demonstrar como a linguagem cinematográfica de Carvalho imprime no objeto televisivo a dinâmica exotópica, mas subvertendo-a, criando uma fratura na perspectiva espaço-temporal da narrativa audiovisual. Partimos, portanto, da ideia de que a narração – por assim dizer – se dá num movimento simultâneo de dentro para fora ou fora para dentro no plano diegético, isto é, a condução do relato (con)funde o nível da enunciação com o plano da rememoração. No final, o telespectador

vislumbra a confluência de três olhares: do enunciado, do enunciador e dele próprio. Para isso, debruçamo-nos sobre aparato teórico que versa sobre a essência e o funcionamento da imagem-som (CARRIÈRE, 2006; EISENSTEIN, 2002; GAUDREAU; JOST, 2009; MARTIN, 2005; XAVIER, 1983 e 2005; COSTA, 2003; AUMONT, 2008), o debate sobre questões pertinentes ao âmbito da adaptação (STAM, 2000 e 2008; HUTCHEON, 2013), o tema da exotopia bakhtiniana (BAKHTIN, 2011; BRAIT, 2006; FIORIN, 2016), bem como contribuições outras que somam à realização deste estudo. Mediante a abordagem aqui empreendida, buscamos evidenciar que o trabalho intertextual que resgata de forma criativo-interpretativa obras-fonte, a partir das adaptações, enriquece de forma substancial o texto literário, sobretudo no contexto social vigente, em que a imagem desponta como distintivo soberano de significação. Resta dizer que esta proposta de abordagem dialógica do texto machadiano, cujo epicentro é a imagem na minissérie *Capitu*, pretende ser uma leitura possível dentre o universo de interpretações do objeto literário, posto que é fluido e plurissignificativo. Nossa intenção é, justamente, incitar outras leituras, outros olhares – oblíquos, de preferência – acerca da literatura, esse fenômeno constantemente fugidio, todavia perenemente dado a conhecer.

Palavras-chave: Adaptação, Subversão exotópica, Enunciação narrativa, Minissérie *Capitu*

Expressividade, movimento e imagem como elementos-chave para a produção de sentidos na tradução de *Chapeuzinho Amarelo* em Libras

ARLENE BATISTA DA SILVA (UFES)

Resumo: Este trabalho integra um conjunto de pesquisas acadêmicas desenvolvidas com o foco nos Estudos Literários, na linha de pesquisa Literatura: Alteridade e Sociedade (LAS) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), particularmente no grupo de pesquisa “Literatura e Educação”. Considerando a promulgação da Lei de Libras (10.436/2002) e da Educação Bilíngue para surdos implementada no País (decreto 5626/2005), uma série de obras literárias começam a

ser traduzidas para língua de sinais instituindo novos objetos culturais em que o texto artístico é recriado no corpo do tradutor a partir de uma linguagem não-verbal. Nesse contexto, ancorados nos estudos de Bakhtin (1992; 2010) sobre dialogismo e polifonia, e nos estudos de Julio Plaza (1987) sobre Tradução intersemiótica, entre outros, pretende-se descrever e interpretar a obra *Chapeuzinho Amarelo* (1979), de Chico Buarque, traduzida para Libras por Ana Claudia Januário da Silva Leonel, disponível na internet no blog AMP/CEADA. À luz dos dados analisados, constatou-se que a tradução do texto literário para Libras exige do tradutor a transformação da poética verbal em poética visual, por meio da expressividade corporal. Os gestos, a orientação do corpo, os movimentos, a expressão facial foram escolhas feitas pela tradutora para criação de um novo objeto estético, no qual o corpo tornou-se a mídia principal, ou seja, um corpo poético carregado de uma multiplicidade de sentidos. A partir desse estudo, conclui-se que, na tradução de textos literários para Libras, o tradutor coloca em diálogo diferentes linguagens (verbal, visual, corporal) e delas se apropria para recriar, de modo criativo, um novo texto, numa reflexão em que diferentes vozes conduzirão as escolhas dessa produção.

Palavras-chave: Tradução literária, Libras, Expressividade, Recriação

Literatura e cinema: diálogo entre o documentário “Patativa do Assaré - Ave Poesia” de Rosemberg Cariry e a poética de Patativa do Assaré

ERNANE DE JESUS PACHECO ARAUJO (IFMA/UEMA)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo estabelecer um diálogo entre literatura e cinema, ou seja, relacionar a poética de Patativa do Assaré ao documentário “Patativa do Assaré - Ave Poesia”. Esta obra cinematográfica é um longa-metragem do gênero filme documentário, dirigido pelo cineasta pernambucano Rosemberg Cariry, produzido por Cariri Filmes e Iluminura Filmes na cidade de Fortaleza/CE no ano de 2007. O documentário tem o próprio Patativa do Assaré como protagonista. Ele quem conta parte da sua história, do seu viver, e à medida que narra, as cenas dos acontecimentos vão se apresentando

de várias formas: trechos do curta-metragem “Patativa do Assaré – Um poeta do povo”, direção de Jefferson de Albuquerque Jr. e Rosemberg Cariry, 1984; Cenas de diversos filmes, dentre eles: “Aruanda” (1960) dirigido por Linduarte Noronha, “O País de São Saruê” (1971) dirigido por Vladimir Carvalho; Depoimentos de poetas, jornalistas, professores e outros; Depoimento de membros da sua família (sua esposa, Belinha; sua filha Inês); poemas cantados na voz de músicos como Luiz Gonzaga (A triste partida), Fagner (Vaca Estrela e boi Fubá); e a encenação final. Toda a narrativa do documentário é conduzida por um fio poético, no qual Patativa declama vários dos seus poemas: “Vida sertaneja”, “O tico-tico”, “A triste partida”, “A morte de Nanã” etc. Os poemas são organizados de modo a construir um todo narrativo, envolto numa dimensão lírica. Baseando-se em Bakhtin (2011), entende-se que tanto a poesia quanto o cinema são gêneros do discurso, uma vez que seus campos de utilização da língua elaboram tipos relativamente estáveis de enunciados. A poesia apresenta um discurso que permite caracterizar um texto com sendo poético; o cinema tem um campo em que se utiliza de enunciados (verbal e não-verbal), que o diferencia, e constrói sua identidade. Portanto, ambos são gêneros e tem seus enunciados específicos. Bakhtin (2006) trabalha com o conceito de diálogo, entendendo-o como uma das formas mais importantes da interação verbal. Desse modo, cria-se o dialogismo bakhtiniano em oposição ao monologismo formalista. Utilizando-se desses dois conceitos, gênero e diálogo, este trabalho propõe estabelecer uma interação entre os gêneros: poesia e cinema, de modo que relacionará a poética de Patativa ao documentário “Patativa do Assaré - Ave Poesia”, no qual o poeta é o narrador-protagonista. Para tanto, buscar-se-á compreender a comunicação estabelecida entre ambos, como se aproximam e se distanciam, e que sentidos são construídos. Por fim, vale questionar em que medida a poesia de Patativa está presente no documentário de Rosemberg, dando-lhe um caráter poético, uma dimensão lírica.

Palavras-chave: Literatura, Cinema, Poesia, Patativa do Assaré

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

Práticas de leitura literária sob a perspectiva intertextual com alunos da Escola Básica

VALERIA CRISTINA DE ABREU VALE CAETANO (UERJ)

Resumo: Este artigo é resultante de uma prática docente com base no trabalho de leitura intertextual. Esta prática envolve alguns aspectos relacionados ao trabalho com o texto literário na escola. A leitura de diferentes gêneros, especialmente de fábulas e provérbios sob a perspectiva intertextual possibilitou o estabelecimento da intertextualidade por meio da multiplicidade de temas, conteúdos e enfoques e esse procedimento levou os alunos a produzirem textos com nível mais alto de informatividade e argumentatividade. O trabalho consistiu em uma abordagem da leitura a partir dos gêneros textuais fábulas e provérbios que funcionaram como suportes intertextuais e que serviram de estímulo para as produções escritas. As fábulas populares de Esopo e de La Fontaine, também recontadas por outros autores são recursos produtivos para se trabalhar a intertextualidade, visto que o ensinamento, o final moralizante, assim como a linguagem proverbial são vistos como interação social ao meio em que estamos inseridos, possuindo um caráter persuasivo, estratégia esta desejável num texto que objetiva convencer o seu destinatário. Os provérbios possuem importância no contexto social, por serem verdades absolutas de conhecimento universal e por trazerem, ora explícita, ora implicitamente, esta tentativa de persuasão. São invocados como tradição e autoridade na qual o enunciador não possui voz. Este artigo baseia-se em uma metodologia de trabalho com produção textual na perspectiva sociointerativa, ou seja, a partir de uma concepção da língua vista como uma atividade sociohistórica, uma atividade cognitiva, sociointerativa e dialógica concebida por Bakhtin (1988), a qual

defende que não existe um discurso que já não seja, constitutivamente, permeado de alguma forma por outro dizer. A formação do leitor constitui um desafio constantemente enfrentado por muitos docentes. O ensino de literatura na contemporaneidade significa pensar a literatura em perspectiva interdisciplinar, relacioná-la com outras manifestações artísticas e culturais. Espera-se que este artigo sirva de contribuição ao trabalho com o texto literário na escola, à medida que pretende incentivar outros professores a refletir sobre a sua prática e a buscar alternativas pedagógicas que não se limitam ao material comumente apresentado nos livros didáticos. Desta forma, a adoção de práticas de leitura sob a perspectiva intertextual favorece o surgimento de novos objetivos para o ensino de leitura literária na Educação Básica.

Palavras-chave: Leitura literária, Dialogismo e Intertextualidade, Fábulas, Gêneros intertextuais

Mítica das HQs em sala de aula: uma abordagem dialógica

JULIANA PEREIRA LANNES (UERJ/COLÉGIO PEDRO II)

Resumo: Na contemporaneidade, a sociedade vive em uma estrutura imediatista e visual: os jovens de hoje já se desenvolveram nessa realidade que é prioritariamente digital e veloz. Dessa forma, a ideia de leitura passa por profundas reconfigurações na tentativa de se adequar à velocidade desse mundo hipermidiático. O ato de ler livros clássicos é algo, muitas vezes, considerado abominável ou antiquado pela geração atual. Nossa proposta de trabalho vem de uma demanda dos próprios alunos, que parecem enfadados com determinadas leituras. Para muitos deles falta hábito, conhecimento literários específicos, paciência e até mesmo o desejo de estar com o “objeto livro”. Partindo desse pressuposto, elaboramos um projeto que pretende trazer os alunos até os clássicos por caminhos diferenciados. Os adolescentes atuais parecem ter uma grande preferência por HQs e mangás de super-heróis. Além disso, a “febre” desse nicho é inegável: cinema, livros com edições de luxo, material escolar, roupas, jogos. Logo, por que não usar

isso no trabalho em sala de aula? A proposta desse trabalho tem como fundamento a tentativa de inserção do aluno no mundo dos clássicos da Literatura, por caminhos alternativos que englobem outras linguagens artísticas. É necessário que as pessoas compreendam que o ato de ler esses livros não é uma obrigatoriedade e sim um direito de todo indivíduo. Essas obras universais e atemporais são pilares da formação humana e, muitas vezes, acabam desconhecidas e ignoradas por parte da população. Acreditamos que para estar plenamente integrado socialmente é fundamental o pensamento e a reflexão provenientes da leitura. Nesse contexto, uso das HQs e dos mangás de super-heróis é uma artimanha para tentar levar o aluno até um patamar diferenciado. Não é possível negar o impacto desses textos na pós-modernidade e o seu alcance nos jovens. Pretendemos, portanto, utilizar “novos caminhos” para gerar entendimento, reflexão e aceitação dos clássicos pelos discentes, a partir de uma abordagem dialógica bakhtiniana desses dois tipos de textos. O indivíduo precisa se inteirar do que existe ao seu redor. Acreditamos que alçar mão das HQs pode funcionar como um artifício para levá-los por um caminho diferenciado, o qual terá como ponto de chegada as narrativas clássicas. De acordo com Vergueiro em o Uso das HQs no ensino – 2005, as HQs, juntamente com o cinema, são o meio de comunicação de massa mais importante do Século XXI, ampliando-se, a partir da década de 1930, para praticamente todos os países do mundo. Temos como objetivo, então, refletir sobre o lugar das HQs na sala de aula de leitura literária, procurando apontar caminhos para o trabalho dialógico com esse gênero do discurso de modo a criar pontes entre as abordagens das HQs e a leitura dos clássicos literários.

Palavras-chave: Leitura, Literatura, HQs, Dialogismo

A Literatura Infantil em outras Mídias: Um Importante Recurso Pedagógico no Incentivo à Leitura

GLEITON CANDIDO DE SOUZA (UFMS)

Resumo: Este trabalho visa apontar elementos para compreendermos a importância da Literatura Infantil presente em outras mídias que não só

o livro. Esta importância dar-se-á a partir do momento que tal recurso é utilizado em sala de aula, a fim de servir como instrumento pedagógico no incentivo à leitura. Veremos neste trabalho, quanto o adaptador é livre para interpretar e criar novos argumentos para a adaptação, acrescentando recursos atuais para melhor se adequar à realidade de sua época. Tais pontos de inovação podem contribuir com o trabalho de leitura na escola, a partir do momento em que o professor os utiliza e explora suas possibilidades de uso, como as que serão apresentadas neste trabalho. Dessa forma, a leitura deixa de ser algo pouco atrativa e se transforma em uma atividade prazerosa. Para tal análise, serão abordados elementos da ficção seriada televisiva, tendo como embasamento os teóricos da adaptação, e estudiosos da literatura e leitura na escola, utilizando-se como objeto de estudo a obra *Reinações de Narizinho* (1936) e o DVD *No Reino Das Águas Claras* lançado pela Som Livre e Globo Marcas em 2001, produzido pela Rede Globo.

Palavras-chave: Mídia, Literatura Infantil, Leitura

O livro didático nos discursos sobre o ensino de literatura

SILVIO DE OLIVEIRA GOMES (UFRJ)

Resumo: A qualidade da ensinagem de literatura no Ensino Médio é objeto de um contínuo (re-)pensar. Apesar de ter sido inicialmente englobada como parte dos conhecimentos da área de Língua Portuguesa pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), a Literatura e a leitura literária na escola receberam tratamento diferenciado nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2006). No entanto, o ensino dessa arte não tem se mostrado frutífero no ambiente escolar. Segundo Amorim (2013, p. 232), na segunda década do século XX, a escola continua a trabalhar com visões tecnicistas e historiográficas da ensinagem de Literaturas. Currículos, como o da rede estadual do Rio de Janeiro, ainda trabalham com conceitos estruturalistas como os de linguagem literária e referencial, gêneros literários, verso e prosa, versificação, foco narrativo, conotação e denotação, funções da linguagem etc. Uma alternativa a esse foco encontrada em tais

documentos é a abordagem historiográfica da vida e obra de autores. As duas posições – tecnicista e historiográfica – são insuficientes, uma vez que não levam os alunos a dominar estratégias de leitura e interpretação, a reconhecer recursos estilísticos, a associar elementos internos e externos do texto ou ainda a relacionar o texto literário a outros textos e discursos. Cavalcante (2009, p. 22) sinaliza ainda outros problemas concernentes ao ensino de Literatura, tais como a má-formação e ou desestímulo do corpo docente, que, por vezes, confunde ensino de literatura com ensino de gramática e história literária, realiza análise superficial das obras, acaba por desvincular a Literatura da realidade e procura encaixar as obras em movimentos literários de forma rígida. Além disso, percebe-se a falta de problematização sobre o material didático para ensino de literatura/leitura literária: poucas parecem ser as menções a esse recurso didático, seja nos documentos oficiais, seja nas pesquisas na área de ensinagem de literatura. Uma vez que o livro didático é considerado por muitos professores e alunos como a principal ferramenta na abordagem do conteúdo literário em sala de aula, faz-se mister investigar as colocações e abordagens desse material nos discursos sobre a literatura na escola. Dessa forma, o objetivo principal desta comunicação é o de mapear o modo como o livro didático é tratado em documentos oficiais sobre o ensino de literatura e em algumas pesquisas desta área. Para tanto, o trabalho construir-se-á a partir de uma análise qualitativa e interpretativista dos documentos oficiais vigentes para o ensino da literatura – sobretudo, PCNEM, OCEM e Guia do PNLD – e de pesquisa bibliográfica a partir de estudos significativos que têm como foco a compreensão da abordagem literária em sala de aula.

Palavras-chave: ensinagem, literatura, material didático

O dialogismo das/entre artes literária e musical

VITOR FERREIRA PINTO (UFRJ)

Resumo: Na Grécia Antiga, com a classificação das artes poéticas, Aristóteles subdividiu-as entre o épico, o dramático e o lírico. Os textos

líricos correspondiam a poesia que neste período era acompanhada da lira, instrumento musical próximo da harpa, assim unindo música e literatura em uma única manifestação artística. Com o passar dos séculos e a dificuldade em se determinar o que era literatura, houve a dissociação dessas duas artes, fazendo com que trilhassem caminhos separados por muito tempo. Nos dois últimos séculos, aparentemente se percebeu a importância de reunir essas duas áreas numa só; afinal, podemos considerar que elas nunca se separaram, toda música é, em alguma instância, um texto lírico, de tal modo que todo texto lírico parece permitir a musicalização. Desse modo, trabalhar o ensino de literatura, levando em consideração o diálogo entre os dois gêneros, é fundamental para aproximar o aluno de algo tão comum em seu dia a dia, como a música e outra vertente que, para ele, pode soar distante, como a literatura e a poesia. No Brasil, temos como exemplos dessa reunião: a Tropicália, a música de combate no período da ditadura de 64, a Bossa-nova, o Samba, entre outros. Consideramos atualmente um dos exemplos a música da periferia, que coloca o homem excluído em um papel de atuante na sociedade, de ser social que precisa ter voz e ser ouvido. A literatura e a música podem ter sim uma função lúdica, de entreter indivíduos. Todavia, ambas não se resumem/reduzem somente a isso. Assim, consideramos a função social delas de pontuar determinadas temáticas – como a da periferia – e da possibilidade de levar a sociedade até um patamar de discussão da realidade presente. Intentamos formar uma interface de cunho teórico entre duas manifestações artísticas: a música e a literatura, a fim de buscar ampliar os acontecimentos literários e tentar mostrar a nossa cultura, que a música seja vista como uma manifestação artística literária diferente que vai auxiliar no entendimento literário e que a literatura seja vista também como um questionamento social. Pretendemos, através das análises dessas músicas de periferia – em um contexto literário –, tentar mostrar o potencial dessas obras artísticas e levar o aluno à compreensão do dialogismo da arte literária e musical, buscando

mostrar que, desde o Romantismo, essa questão de sociedade e reflexão literária caminha lado a lado, principalmente numa linguagem tipicamente brasileira em que dialoga com a questão sociocultural. Deste modo, temos como objetivo deste trabalho tentar alcançar tanto uma percepção sociocultural quanto um incentivo à leitura literária, buscando apresentar formas possíveis para que a literatura adentre o ambiente escolar com mais facilidade, dialogando com a música presente na mídia atual. Por meio de um dialogismo, considerando as teorias bakhtinianas, almejamos mostrar, em sala de aula, que a literatura pode ser tão próxima aos indivíduos, mas – eventualmente – não tão percebida por eles.

Palavras-chave: Música, Leitura, Literatura, Dialogismo

36

LITERATURA, CINEMA, TEATRO: DIÁLOGOS COM AS MÍDIAS CONTEMPORÂNEAS

Anna Paula Soares Lemos (PPGHCA/UNIGRANRIO)

Vanessa Cianconi (UERJ)

Barbara Simões Daibert (UFJF)

Resumo: O conjunto de imagens, o ritmo, o contexto, os tons, o sentido, entram em jogo quando se fala de fazer a travessia dos signos de um idioma a outro, de um código a outro, de um ponto de partida (referente) a sua transcrição. As práticas de linguagem tematizam e instituem questões identitárias. Saberes, memórias e patrimônio, críticas e limites de expressão se colocam em questão quando o movimento de tradução de linguagens entra em cena. O tradutor Paulo Bezerra, no artigo Tradução como criação compara o movimento de traduzir com o ritmo do adágio, um ritmo gradativo e lento de entrar em contato com outros valores culturais, outra psicologia de recepção, outra literatura e outra oralidade para depois retornar a si mesmo e interpretar, recriar o ritmo da obra entendida em seu contexto referente. Como no adágio, é preciso estabelecer uma sequência de passos e de posições complexas em um ritmo lento, como que a primeira parte de um pas de deux clássico, para que o resultado final não gere entendimentos equivocados que podem ser perpetuados na história justamente por uma busca de literalidade que leva em conta apenas a palavra como referente. Segundo Paulo Henrique Britto, a tradução – e seus limites para a utilização deste conceito – pode ser no seu caminho de travessia estrangeirizadora ou domesticadora. “A tradução domesticadora visa facilitar o trabalho do leitor, modificando tudo aquilo que lhe poderia causar estranheza, aproximando o texto do universo linguístico e cultural que já lhe é familiar. A estratégia

estrangeirizadora faz o contrário: ela mantém muitas das características originais do texto – referências nada óbvias para o leitor da tradução, recursos estilísticos desconhecidos na cultura-alvo, até mesmo alguns elementos do idioma-fonte – com o intuito de aproximar o leitor do universo linguístico e cultural da obra original”. (BRITTO, 2012: p. 21). Tanto uma como outra forma de lidar com a linguagem estabelece uma operação com sentidos e não com significados, que deve afastar a ilusão da literalidade, uma literalidade impossível de ser atingida salvo pelo jogo da poesia. Como não se traduz uma língua, mas sim uma linguagem, que é “o mundo do sentido”, nos termos de Octavio Paz, o suporte material constitui-se como um aspecto essencial à compreensão das narrativas. “O mundo do homem é o mundo do sentido. Tolerar a ambigüidade, a contradição, a loucura ou a confusão, não a carência de sentido. O próprio silêncio está povoado de signos. Assim, a disposição dos edifícios e suas proporções obedecem a uma certa intenção. Não carecem de sentido - pode-se dizer, com mais precisão, o contrário - o impulso vertical do gótico, o equilíbrio tenso do templo grego, a redondeza da estupa budista ou a vegetação exótica que cobre os muros dos santuários de Orissa. Tudo é linguagem”. (PAZ, Octavio. O arco e a lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. P. 25). Neste sentido, literatura, cinema e teatro mudam suas estruturas textuais - entendendo texto como tecido de linguagens - conforme os suportes e tecnologias que dialogam com suas relações de escrita, leitura e respectivas formas de recepção. Atualmente, tanto crítica quanto criação narrativas não podem prescindir da análise do suporte em que é fixado o texto, seus meios de divulgação, suas rotas de circulação e inclusive os agentes mediadores do processo de publicação e/ou difusão da obra. Desse modo, não nos ateremos apenas a análises semântico-narrativas. Abrangendo o texto literário, o roteiro e criação cinematográficos, o texto teatral, sua divulgação e sua apresentação, e tendo como foco a adaptação e roteirização para televisão ou cinema, as traduções e transcrições, o uso das tecnologias na linguagem

teatral, desde sua escrita literária até seu roteiro de apresentação, este simpósio temático tem como propósito reunir estudos que coloquem no centro de sua reflexão os aspectos materiais envolvidos na relação Literatura, Cinema e Teatro com a chegada das diversas mídias contemporâneas.

Palavras-chave: Literatura, Cinema, Teatro, Transcrição

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

“Farça da Boa Preguiça”, de Ariano Suassuna: adaptações

ESTER SUASSUNA SIMÕES (UFRJ)

Resumo: Um concerto da Orquestra Armorial e uma exposição de esculturas, pinturas e gravuras marcaram, no dia 18 de outubro de 1970, na cidade do Recife, o lançamento do Movimento Armorial. Os dois princípios norteadores desse movimento, idealizado por Ariano Suassuna, são: a busca pela realização de uma arte erudita brasileira a partir de elementos da nossa cultura popular; e a valorização da integração entre as diversas manifestações artísticas. Mas, em realidade, este princípio já regia o fazer artístico de Suassuna bem antes de 1970. Exemplo disto é a peça Farsa da Boa Preguiça, encenada pela primeira vez em 1961 pelo Teatro Popular do Nordeste sob a direção de Hermilo Borba Filho. A Farsa, adverte o autor logo de início, foi escrita com base em histórias populares nordestinas, contos e espetáculos de mamulengo. Assim, pode-se dizer que, de certa maneira, o processo de adaptação está na base desta que é considerada por muitos críticos como uma das melhores peças de Suassuna e era referida pelo próprio escritor como a sua preferida dentre as que escreveu. Neste trabalho, propomos o estudo intersemiótico do texto da peça em diálogo com duas adaptações feitas para suportes diferentes e em contextos diferentes também. A primeira delas é uma adaptação feita para a

televisão. Em 1995, o diretor Luiz Fernando Carvalho dirigiu um especial de cerca de uma hora de duração, de título homônimo ao da peça, exibido na emissora Rede Globo e cujo roteiro foi escrito pelo próprio Suassuna e por Bráulio Tavares. Dantas Suassuna, artista plástico ligado ao Movimento Armorial e filho do escritor, também participou desta produção, como consultor. A segunda é uma montagem da Farsa da Boa Preguiça produzida em 2009 como conclusão de um projeto da Sarau Agência de Cultura por ocasião dos 80 anos de Ariano Suassuna. Dirigida por João das Neves, teve público significativo em diversas cidades do país. Nesta montagem, a cenografia foi feita por Ney Madeira e os figurinos por Diogo Cohen. Em perspectiva dialógica e a partir do que foi postulado por Linda Hutcheon, Robert Stam, Ismail Xavier e outros, objetiva-se discutir o próprio conceito de adaptação, além de analisar as diversas construções de sentido proporcionadas pelos diferentes suportes artísticos aqui estudados. A relação de troca e reconstrução criada entre Literatura, Teatro, Cinema e Televisão deve guiar os passos desta análise, que também levará em conta os seguintes pontos: texto, adaptação, roteiro; cenografia e figurinos; hipertextos.

Palavras-chave: Farsa da Boa Preguiça, Ariano Suassuna, Adaptação, Intersemiose

A literatura e a textualidade dramática: uma análise comparativa de valsa nº 6 (1951) de Nelson Rodrigues e La nuit juste avant les forêts (1977) de Bernard-Marie Koltès

DÊNIS MOURA DE QUADROS (FURG)

Resumo: Ao pensarmos as relações vigentes entre texto para o teatro e sua encenação, percebemos que as inúmeras distinções que há entre uma literatura dramática, com textos escritos para serem encenados, e o produto final ou acabado desse texto, sua encenação, atualmente convivem pelo signo da ruptura e dos vazios. Assim como um texto, compreendido aqui segundo Barthes (2004) como produtividade, constituinte de inúmeros espaços em branco, segundo

Iser (2002), que necessitam de um leitor para que sua compreensão seja complementada e possamos obter prazer, segundo Barthes (1986), advindo das rupturas que esse texto nos causa, o texto dramático depende de um corpo advindo de um ator para ser completo, bem como um espectador, para obter, entre outras possibilidades, o efeito catártico. Aristóteles (2004) já compreendia que a encenação, mesmo que de forma secundária, poderia contribuir para o efeito catártico, afirmação questionada por Malhadas (2003) que compreende a encenação como fundamental dentro das tragédias gregas. Dessa forma ao pensarmos a peça encenada como um texto, inacabado e dependente de um espectador que lhe dê sentido(s), podemos buscar a literariedade, segundo Compagnon (2012), que depende de três itens: uma rede metafórica cerrada, estranhamento e uma linguagem acabada ou ornamentada (citando o conceito aristotélico de tragédia). É interessante pensarmos como o teatro pós-dramático, segundo Lehmann (2007; 2009; 2013), não negará o texto em detrimento da performance, mas o engessamento ou “textocentrismo” que reduzem ou não permitem certas experiências teatrais tanto destinadas aos atores como aos espectadores. Logo, retomaremos ao teatro da crueldade de Antonin Artaud (2006) que já previa o retorno do gesto ao teatro e o teatro desagradável de Nelson Rodrigues, ambos com o objetivo de criar as “fendas” que desacomodam, de alguma forma, o espectador, objetivo compartilhado pelo teatro pós-dramático que, nos parece, tentar (re) tornar ao teatro suas funções sociais, políticas e literárias, resgatados do pré-moderno: a tragédia ática. Analisaremos “Valsa nº 6” (1951) de Nelson Rodrigues com o intuito de perceber como o desagradável permeia toda a obra dramática do dramaturgo brasileiro e como a peça contribui para uma encenação pós-dramática e performática, além de ser uma peça literária que estiliza o espectador, ou seja, literária. A peça de Bernard-Marie Koltès, “La nuit juste avant les forêts” (1977), confunde-se entre um monólogo a ser encenado ou uma novela em fluxo de consciência. Dessa forma é que pretendemos pensar

até que ponto a relação literatura e teatro é possível e em que sentidos se complementam.

Palavras-chave: Valsa N° 6, La Nuit Juste Avant Les Forêts, Literatura Dramática

A representação feminina em A hora da estrela: uma análise comparativa das obras fílmica e literária.

GLELYDA LÚCIA CORDEIRO COSTA ARAGÃO (UFC)

Resumo: Este trabalho pretende fazer uma análise da construção das personagens femininas na obra literária *A hora da estrela* (1977) de Clarice Lispector, e na obra fílmica de título homônimo, adaptada para o cinema pela cineasta Suzana Amaral e pelo roteirista Alfredo Oroz (1985). Nessa perspectiva, faremos uma análise comparativa das duas obras, literária e fílmica, tendo como foco as personagens femininas Macabéa e Glória. Utilizaremos como referencial teórico os escritos sobre personagem de ficção de Antonio Candido (1976) e o conceito de reescritura de Lefevere (2007).

Palavras-chave: Literatura, Cinema, Personagem, Reescritura

O grande circo autêntico e a árvore dos antepassados – representações do pós-colonialismo no teatro e no cinema

AGNALDO RODRIGUES DA SILVA (UEMS)

Resumo: O teatro político mantém estrita relação com outros gêneros que são chamados de agit-prop, teatro popular, teatro épico, teatro documentário, teatro de massa e teatro de militância. Todas essas formas de produzir teatro pressupõem o ataque ao sistema de governo vigente, em que as ações das personagens são construídas intencionalmente, com o apontamento de vícios de natureza sociopolítica. Essa modalidade cênica caminha no lastro da política, perseguindo o sentido etimológico do termo, pois Pavis (1999) afirma que todo teatro é necessariamente político, tendo em vista que ele insere as personagens na cidade ou em determinado grupo

social, com o intuito de colocar em discussão situações conflitantes. Entra em questão o debate de ideias sobre as correntes filosóficas e sociológicas, debate este que pretende forçar um combate político por meio do triunfo de uma determinada teoria de melhoria social sobre a outra. O projeto filosófico e sociológico que se apresenta no teatro político intervém no modo como o homem e a civilização estão sendo tratados, em um período específico da história social de uma nação, em relação às demais nações do mundo. Entra em foco a compreensão de valorização humana, liberdade, qualidade de vida e, sobretudo, democracia. Pensar a produção cultural sob o prisma da hibridização é abrir o canal de comunicação entre nações (transnacionalidade), lugar onde o intelectual pós-colonial elabora um discurso histórico e literário que desmistifica discursos governamentais e práticas culturais impostos como verdades absolutas pelas relações metrópole/colônia. No lastro dos estudos sobre o pós-colonialismo, escolhemos para análise duas obras: *O grande Circo Autêntico* (1978/ teatro) e *A Árvore dos Antepassados* (1994/ cinema). A peça de José Mena Abrantes traz como contexto um ambiente externo a Angola, uma denúncia, pelo espetáculo de circo, do processo neocolonial na República Democrática do Congo (antiga Zaíre). O texto, pela técnica circense, leva à cena a representação da corrupção em uma sociedade em crise, naquele período histórico em que as guerras civis devastavam as perspectivas da afirmação identitária de nações africanas. Nessa perspectiva política da arte, Licínio Azevedo realiza o filme supracitado, cuja discussão permeia a guerra civil Moçambicana, quando cerca de um milhão e meio de pessoas entraram em situação de refúgio nos países vizinhos. A produção de Licínio mostra uma família que retorna à terra natal depois de dez anos, no intuito de buscar uma reconciliação com a árvore dos antepassados. Produções artísticas de matrizes políticas, o teatro de Abrantes e o cinema de Licínio apresentam o entre-lugar do discurso africano, diante da reinscrição do sujeito no contexto da pós-colonização angolana e moçambicana, pois essas perspectivas pós-coloniais

emergem do testemunho colonial de países do Terceiro Mundo e dos discursos das minorias que, na concepção de Bhabha (2013), trincam a normalidade hegemônica imposta pelo centro (Europa), diante de histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades e povos.

Palavras-chave: Arte, História e Política, Teatro Angolano, Cinema Moçambicano, Colonialismo e pós-colonialismo

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

Angels in America e sua representação política na TV estadunidense no início dos anos 2000

VANESSA CIANCONI (UERJ)

Resumo: Angels in America, peça de 1985, rendeu a Tony Kushner vários prêmios, inclusive o “Pulitzer Prize for drama”. A peça teve origem em um sonho que levou a escritura de um poema, chamado Angels in America, sobre mormãos em uma estação de trem. O “Livro dos mormãos” se juntou a outro, “The nightmare decade”, sobre Roy Cohn e o pesadelo que a AIDS estava se transformando no mundo, afinal de contas, era mais fácil empurrar a poeira para debaixo do tapete. Uma nota interessante: quando terminou de escrever a peça Kushner entregou-a ao pai que a considerou “very ugly, but very good”. A feiura de Angels provavelmente está no fato de ela ser muito política, sobre os anos de 1980 nos EUA, sobre tantas coisas horríveis feitas por Ronald Reagan e os republicanos. Angels é uma peça que tem sete horas de duração, dividida em duas partes (Millenium approaches e Perestroika), que questiona a esperança e o desespero, que questiona o que é ser um cidadão, que coloca a morte no palco; é uma peça também sobre a AIDS. Angels é uma peça sobre muitas coisas, e com certeza, uma peça sempre muito atual não interessando muito quando ela vai para o palco, ou no nosso caso, para a televisão. Angels foi produzida para a

TV pela HBO em 2003 por Mike Nichols com adaptação do próprio Tony Kushner. Essa pequena comunicação pretende tentar elucidar o que representou a adaptação de Angels para a TV. Acredito que a produção de Angels no ano de 2003 não foi por acaso, Bush estava fazendo nos EUA o que Reagan havia feito antes: ignorando as necessidades e os clamores da população, matando gente aleatoriamente ao deixar de lado o que era realmente importante, a vida. O governo republicano era realmente decepcionante: Reagan, Bush pai, Bush filho; mentalidades bélicas que não trouxeram nada de bom para o povo, somente a morte e o abandono. Angels de fato não é uma peça sobre a AIDS, é uma peça sobre a maldade na política, uma peça sobre abandono, sobre descaso. Em 2003, Angels era um filme sobre a maldade na política, sobre o abandono, sobre o descaso.

Palavras-chave: Adaptação, Televisão, Teatro, Política

Apontamentos para relações inteartes: a Literatura, o Teatro e o Cinema a partir da obra “A personagem de ficção”

RAISSA GREGORI FARIA NEVES (UNB)

Resumo: Quatro autores brasileiros reuniram seus ensaios sobre a personagem de ficção nas diferentes linguagens artísticas -teatro, cinema e literatura-em uma mesma obra “A Personagem de Ficção” de Anatol Rosenfeld, Antonio Cândido, Decio de Almeida Prado e Paulo Emilio Salles Gomes. Em um tempo em que as linguagens artísticas se caracterizam por hibridismos, em que medida as categorias de análise propostas pelos críticos acima citados ainda nos ajudam a entender as fronteiras e os fundamentos de cada linguagem em suas singularidades e semelhanças?

Palavras-chave: Literatura, Teatro, Cinema, Ficção

Imagens-clichê de “terror e piedade” em Édipo Rei

JOANISE LEVY DA SILVA (UNIVERSIDADE DE COIMBRA/ UNB)

Resumo: O trabalho a ser apresentado versa sobre o conceito de clichê e tem por intuito identificar as imagens-clichê de “terror e piedade”

presentes na obra Édipo Rei, de Sófocles, bem como no filme, Édipo Re, de Pier Paolo Pasolini. O motivo pelo qual frisa-se os termos “terror e piedade” dá-se por referência à obra de Aristóteles, Poética, na qual o pensador grego discorre sobre os elementos do gênero trágico e apregoa que a tragédia deve suscitar as referidas emoções no público. Da comparação entre as imagens sugeridas no texto dramático e na obra fílmica, buscou-se identificar as possíveis imagens-clichê presentes na composição iconográfica da mise-en-scène. Importante destacar que as imagens fílmicas carregam certas propriedades que lhes conferem uma especificidade ontológica, qual seja: a capacidade de serem filmáveis. As imagens fílmicas, aqui referidas, são aquelas apreendidas pelo dispositivo câmera e organizadas narrativamente no filme. Inferimos que no conjunto de imagens de um filme algumas se revelam como clichês, dada a sua capacidade de replicação e pregnância. No desenvolvimento deste trabalho discorreremos sobre tais conceitos, assim como apresentaremos algumas considerações gerais sobre o conceito de clichê. Podemos adiantar que a origem do termo clichê está na tipografia do século XIX e pode ser descrito como uma placa metálica, com imagens e textos gravados em relevo, usada para a impressão em série e, por extensão, é também a imagem ou o texto resultante desse tipo de impressão. Em sentido figurado, clichê passou a designar frases feitas, figuras de linguagem ou lugares-comuns. A conotação pejorativa que o termo alcançou a partir do Romantismo – indicando algo banal ou vulgar por causa da repetição – justifica sua rejeição por artistas que se pretendem originais. Contudo, a produção literária, quanto cinematográfica, sempre se valeu de imitações, referências e apropriações, muitos das quais aparentemente involuntárias. Ao inventariar os sentidos que o termo clichê foi adquirindo com o tempo, bem como as lacunas deixadas pela carência de um estudo mais aprofundado do tema no campo da Filosofia da Arte, da Semiótica, da Teoria da Recepção ou da Análise Fílmica, observo ser necessária uma definição anterior, relativa à natureza mesma do clichê, de modo a superar a conceituação superficial que o define apenas por oposição

à originalidade. O esforço investigativo sobre a relação entre clichês e processo de criação de narrativas fílmicas encontra-se no horizonte de uma pesquisa mais ampla, ora desenvolvida no âmbito dos programas de doutorado em Estudos Artísticos – Estudos Fílmicos e da Imagem da Universidade de Coimbra e do doutorado em Literatura e Outras Artes da Universidade de Brasília.

Palavras-chave: clichê, cinema, narrativa, imagens fílmicas

Los diez días que estremecieron al mundo: a experiência de criação coletiva na montagem do grupo teatral colombiano La Candelaria, de 1977

JULIANA CAETANO DA CUNHA (UFRJ)

Resumo: O texto original é um relato da Revolução Bolchevique ocorrida em 7 de novembro de 1917 na Rússia, escrito pelo jornalista John Reed, publicado em 1919. O historiador A. J. Taylor, na introdução à edição brasileira de 2010, coloca que “não só é o melhor relato da Revolução Bolchevique, como está muito perto de ser o melhor já realizado sobre qualquer revolução”, pois, segundo ele: “Revoluções são eventos tumultuosos, difíceis de ser acompanhados a seu tempo”. Mais difícil ainda foi a tarefa dada por um sindicato ao grupo teatral La Candelaria, de Bogotá (capital da Colômbia), que lhe encomendou uma montagem com poucos meses de antecedência, afim de comemorar os 60 anos da Revolução Russa – que no presente momento completa um século. A obra foi realizada com 75 personagens, interpretados por 12 atores, entre eles Santiago García, ator e diretor de teatro, fundador do grupo e importante referência do teatro político colombiano e latino-americano. Neste trabalho, observamos não apenas as questões que envolvem a adaptação de uma crônica histórica para peça de teatro, mas especialmente analisamos a peculiaridade dessa montagem que resultou numa obra de criação coletiva que incluiu uma “adaptação” à realidade colombiana. A peça do La Candelaria terminou sendo sobre um grupo de teatro que tentava montar justamente esse texto, não sobre a Revolução Russa. Mencheviques e Bolcheviques tiveram seus

conflitos representados nos conflitos entre os personagens, atores contra diretor, todos membros do grupo de teatro ficcional da peça. Outras tantas questões da realidade política da Colômbia dos anos 1970 fizeram parte dessa montagem, tão distantes da realidade da Rússia revolucionária, ao mesmo tempo tão verdadeiras para a classe trabalhadora dos dois países e dos dois momentos históricos. Segundo Santiago Garcia: “A prática da criação coletiva permitiu ao nosso grupo compreender mais amplamente a enorme importância de saber relacionar a praxe artística com a praxe política, nos aproximou cada vez mais do proletariado e nos ensinou a vibrar uníssono com a força de uma classe cuja potencialidade começa a desabrochar em nosso país”. Estudamos, portanto, o significado da criação coletiva como método de trabalho nessa montagem, a adaptação de um mesmo conteúdo entre linguagens diferentes (a crônica histórica e a arte cênica) e entre realidades diferentes (a russa e a colombiana); falamos de teatro político na América Latina, de arte e revolução. Considerando, como Santiago Garcia, que “o artista é o intérprete dos sonhos, dos interesses e das esperanças de seu povo”, e que isso pode ser traduzido em imagens teatrais, artísticas, literárias, enfim: capazes de transformar a vida, ou de transformar o homem, mostrando uma sociedade capaz de ser transformada por ele, como defendia Brecht.

Palavras-chave: Revolução Russa, Teatro Político, La Candelaria, Teatro colombiano

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 3

“O Espelho”: do periódico ao filme

FABIANA PATUELI (UERJ)

Resumo: O autor Joaquim Maria Machado de Assis publicou o conto “O Espelho”, em 8 de setembro de 1882, na Gazeta de Notícias. Em

novembro do mesmo ano, o referido conto foi recolhido para o volume Papéis Avulsos, para o qual também foram reeditados os seguintes textos: “O Alienista”; “Teoria do Medalhão”; “A Chinela Turca”; “Na Arca”; “D. Benedicta”; “O Segredo do Bonzo”; “O Anel de Polícrates”; “O Empréstimo”; “A Sereníssima República”; “Uma Visita de Alcibiades”; e “Verba Testamentária”. Tais textos também foram publicados anteriormente em periódico (ex.: Gazeta de Notícias, A Estação, A Epoca, Jornal das Famílias, O Cruzeiro), dentre 1875 a 1882, atestando uma prática muito recorrente às obras de Machado de Assis, que neste período já havia conquistado um importante papel como autor e crítico literário. Não raro, Machado de Assis publicou quase todo seu patrimônio literário em folhetim e, posteriormente, em livro. Assim, podemos dizer que a transmissão literária das obras machadianas foi realizada, sobretudo, por meio do universo verbal impresso de significação. Isto porque as obras do autor passariam a ser adaptadas para o cinema, a partir de 1939, com a filmagem de Um Apólogo, dirigido por Humberto Mauro. Assim, depois deste filme, muitas outras obras também foram adaptadas: Esse Rio que Eu Amo (Carlos Hugo Christensen, 1961), baseado em “Noite de Almirante”; Capitu (Paulo César Saraceni, 1968) e Dom (Moacyr Góes, 2003), baseados em Dom Casmurro; Viagem ao Fim do Mundo (Fernando Cony Campos, 1968), Brás Cubas (Julio Bressane, 1985) e Memórias Póstumas (André Klotzel, 2001) foram baseados em Memórias Póstumas de Brás Cubas; Azylo Muito Louco (Nelson Pereira dos Santos, 1971), baseado em “O Alienista”; A Causa Secreta (José Américo Ribeiro, 1972; Sérgio Bianchi, 1994); A Cartomante (Marco Farias, 1974; Alexander Vancellote, 1984; Wagner de Assis e Pablo Uranga, 2004); Um Homem Célebre (Miguel Faria Junior, 1974); Confissões de Viúva Moça (Adnor Pitanga, 1975); Que Estranha Forma de Amar (Geraldo Vietri, 1978), baseado em Iaiá Garcia; Missa do Galo (Nelson Pereira dos Santos, 1982); Quincas Borba (Roberto Santos, 1987); O Enfermeiro (Mauro Farias, 1998); Quanto Vale ou é por Quilo (Sérgio Bianchi, 2004), baseado em “Pai contra Mãe”. Já o conto “O Espelho” só foi adaptado para a linguagem cinematográfica

no ano do centenário da morte do autor, em 2008, pelo cineasta Becca Lopes, que buscou traduzir sob o princípio de fidelidade os anseios e angústias, que o bruxo do Cosme Velho faz ressoar em nosso âmago há mais de um século. Decerto, assim como o impresso, o filme *O Espelho* tem o seu papel na transmissão da obra do autor que, neste caso, desloca o espaço simbólico das salas cinematográficas para a Internet, meio pelo qual é distribuído para seu público, que independente dos seus motivos obviamente econômicos, produz seus efeitos. Desta forma, pretende-se averiguar a atualização que a linguagem fílmica fornece à transmissão e recepção do conto “*O Espelho*” de Machado de Assis, que foi publicado primeiramente em periódico e se consagrou por meio das publicações em livro ao longo do tempo.

Palavras-chave: Machado de Assis, *O Espelho*, Periódico, Cinema

As problemáticas de uma abordagem híbrida: o fantástico enquanto gênero literário e cinematográfico

FABRÍCIO BASÍLIO PACHECO DA SILVA (UFF)

Resumo: Partindo da premissa que estudar o fantástico no cinema é operar em um ambiente híbrido capaz de conjugar referenciais literários e cinematográficos, o trabalho em questão se apoia nos desafios da adaptação de teorias oriundas da literatura para o cinema. Para tal fim, comparamos as noções do fantástico enquanto gênero estabelecidas entre essas duas linguagens, problematizando, por meio de uma análise cultural do gênero fantástico cinematográfico (MITTELL, 2001), as diferenças de inserção que os gêneros demonstram e o modo como o cinema traduz e se apropria do referencial literário. Para isso, temos como objeto principal o catálogo e a grade de filmes nacionais em longa-metragem do Fantaspoa, que segundo o próprio é “o maior festival de cinema dedicado exclusivamente a filmes de gênero fantástico (fantasia, ficção-científica, horror e thriller) da América Latina”. Na literatura, os estudos em torno do fantástico – seja o abordando como um gênero, seja o conceituado como um modo discursivo (BATALHA, 2012) – partem de um campo sólido e sistematizado a partir de

Tzvetan Todorov (2008), gerando frutíferos estudos com visões das mais variadas acerca dos elementos e das condições que constituem o gênero. Já no cinema tal conceituação é bem mais difusa. David Roas (2014, p.148), por exemplo, pondera como no cinema existe “certa vaguidade nos limites entre gêneros como o horror movie, o filme fantástico e até a ficção científica”, apontando como, normalmente, esses locus estabelecidos para o fantástico no cinema, tem pouca relação com as classificações estabelecidas pela literatura. Já Nunno Mana (2014, p. 90) nota como o estudo do fantástico no cinema é “bem menos sistemático e sedimentado” que na literatura. Nesse embate, lançamos mão das abordagens sobre os gêneros cinematográficos propostas por Rick Altman e Jason Mittell (2001), que apontam que uma análise cultural dos gêneros, não deve contabilizar os atributos particulares de seu próprio meio, ou seja, não devemos apenas sobrepor definições do gênero literário para o cinema, mas sim ponderar o uso desses referenciais a partir de sua noção estabelecida no universo cinematográfico. A análise pretende se reter às últimas seis edições do Fantaspoa (2011-2016), para pensar por meio das etiquetas genéricas dedicadas aos filmes, algumas características que podem ser aplicadas não somente ao cinema nacional, mas também ao modo de produção estabelecido por Hollywood. Por mais que na literatura exista um embate entre as diferentes formas de avaliar o gênero, todos os autores concordam que o fantástico depende da irrupção de elementos insólitos (GÁRCIA, 2012). Entretanto, nossa análise pretende mostrar como a grade do referido festival não necessariamente se vincula a essa delimitação na seleção dos filmes. Diante disso, a hipótese que ponderamos no momento é a de que o fantástico como gênero no cinema se enquadra como uma espécie de termo “guarda-chuva” cobrindo outros gêneros comercialmente mais bem estabelecidos no cinema – o horror, a ficção científica, a fantasia e o thriller – e que não necessita obrigatoriamente que os filmes apresentem em suas narrativas elementos insólitos, como ocorre na literatura.

Palavras-chave: fantástico, cinema, literatura, adaptação

O documentário de Eduardo Coutinho: diálogos entre cinema e literatura crítica

ANNA PAULA SOARES LEMOS (UNIGRANRIO)

Resumo: Propõe-se reflexões sobre a relação cinema e literatura crítica. O pretexto é a análise de parte da produção do cineasta Eduardo Coutinho, tendo em vista o tema lixo. Falaremos, portanto, seguindo Coutinho, de o lixo como um achado e não como algo que se perde. O resíduo como memória e, paradoxalmente, esquecimento. Em o documentário Boca de Lixo um dos personagens, seu Enock, diz o seguinte: “O lixo faz parte da vida. O final do serviço é o lixo. E é dali que começa... o final do serviço diz que é a limpeza da casa, ir jogando fora o que se desprezou, o que se reciclou, o que findou ali. Mas ele continua ali e dali ele continua para mais longe ainda... Aquilo que não serve mais, que foi rejeitado pela cidade, que perdeu a utilidade para nós, o final do serviço, é também o início”. Coutinho em seu cinema documentário apresenta procedimentos criativos, métodos de trabalho, realização e técnicas que invertem a ideia preconcebida de “final de serviço” e faz com seu cinema de oralidades a transcrição do mundo em que vivemos. Percebe-se, assim, em Coutinho, a influência do neorrealismo italiano e do Cinema Novo, e o diálogo direto com a cultura de expressão oral em contraste com a cultura de expressão escrita. O artigo tem quatro pontos de apoio teóricos: o resto (como tema central de observação dos filmes de Eduardo Coutinho), o Neorrealismo e o Cinema Novo (como influências históricas no cinema de Coutinho), a própria narrativa cinematográfica voltada para o documentário, o diálogo de Eduardo Coutinho com a cultura de expressão oral. Assim, observaremos a suposta potencialidade dos filmes no sentido de sensibilizar os espectadores para o enfrentamento da complexa questão social.

Palavras-chave: Eduardo Coutinho, Literatura, Documentário, Cinema

O ritmo e a precariedade necessária na escrita do roteiro de Glauber Rocha

NAYLA MENDES RAMALHO (UNB)

Resumo: Terra em Transe é o roteiro de cinema que imprime no papel os movimentos do filme de mesmo nome, de Glauber Rocha. Escrito em 1965, nos convida a refletir sobre a forma do filme, mas também sobre o próprio ato de escrita e as relações entre escrita e cinema. Nem filme, nem literatura, mas um interstício, o roteiro faz pensar sobre o tempo da escrita que poderá ser tempo na tela, no cinema. Há certo ritmo que é indissociável de uma precariedade necessária, porque política. Por ritmo entendemos como um tempo singular, o tempo do roteiro. O ritmo tem sua existência dependente, principalmente, de acentos tônicos, de variações e mudanças. Deleuze diz, em “Diferença e Repetição”, que nas durações, nos espaços iguais, metricamente aparecem essas desigualdades que diferenciam o tempo. Essa noção de ritmo como algo que se repete, mas que se reinventa ao longo de uma duração, pode nos ajudar a compreender o modo como Glauber Rocha pensa o filme através do roteiro. Há indícios de que Rocha inspirou-se no afro-samba, no jazz e na escrita poética para construir, desde o roteiro, um cinema do transe. A precariedade se imprime no rastro da escrita nesta versão de 1965 do roteiro de Terra em Transe: em seus rabiscos e hesitações. Tal rastro também sugere um cinema do choque pela violência, pela fome e pelo amor. Tanto a violência, quanto a fome e o amor são precários porque no roteiro estão em processo de desligamento e de distanciamento das referências do cinema dominante. Cada um desses três conceitos vão ganhando uma força singular no roteiro, porque Glauber propõe outras maneiras de construção e encadeamento das ideias a partir da narrativa e do seu ritmo. Perceber o ritmo da escrita no roteiro é também perceber de que maneira ocorre a construção de um outro tempo da narrativa, das falas e dos personagens. No ritmo deste roteiro ocorrem as pequenas diferenciações violentas e precárias. Na própria diminuição ou na dilatação do tempo, Rocha destaca ou esconde

o jogo de elementos da narrativa, sempre buscando abrir espaços, deixando ações sem justificativa aparente e fazendo os personagens saltarem pelos espaços que se desconectam. A precariedade aqui, por sua vez, é a desconexão como resistência do pouco, do novo, como algo que repete de maneira singular o que já existe, a partir de um tempo que causa estranhamento. Há leituras importantes sobre a obra de Glauber Rocha, dentre elas as análises do professor Ismail Xavier, que dissertam acerca dos seus aspectos estéticos e políticos. Notamos, por outro lado, que os roteiros deste cineasta, nas várias versões, ainda continuam pouco estudados. Este trabalho busca investigar, portanto, uma possível leitura de um desses documentos, como forma de ampliar o modo como entendemos a estética de Glauber Rocha. Visamos aqui estreitar a ligação entre seu cinema e uma prática de escrita paralela à escrita literária.

Palavras-chave: Roteiro de Cinema, Glauber Rocha, estética da violência, ritmo

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

A obra intermediária de Julio Verne

JAYME SOARES CHAVES (UERJ)

Resumo: Júlio Verne é um escritor essencial para compreender o papel desempenhado pela ciência na literatura de meados do século XIX e início do século XX. A obra de Verne surge em um momento em que a alfabetização pública e a evolução da reprodução de imagens na mídia impressa europeia haviam provocado uma demanda inédita por uma literatura de entretenimento que promovesse a divulgação das novas conquistas da ciência e dos novos espaços geográficos que estavam sendo explorados. Após a Primeira Guerra Mundial, e o consequente declínio do otimismo científico, Verne foi esquecido, desvalorizado,

e considerado apenas como um autor de fábulas para crianças, sem maior interesse. Sua obra volta a despertar atenção na década de 1920, quando ele foi nomeado um dos pioneiros do assim chamado roman scientifique, e considerado, com H.G. Wells e Edgar Allan Poe, um dos “pais da ficção científica”. A comunicação pretende abordar o caráter intermediário da obra romanesca de Júlio Verne. Considerado por alguns estudiosos de sua obra, como François Angelier, como essencialmente um produtor de imagens, Verne escreveu e publicou seus romances de modo que estes fossem indissociáveis das ilustrações das edições Hetzel, que, mais do que simplesmente embelezá-los, eram parte crucial da narrativa e, mais ainda, sintetizavam a própria narrativa antecipando técnicas do cinema e das histórias em quadrinhos. Além disso, vários romances de Verne foram pensados visando adaptações para o teatro, movimento natural em um autor cuja primeira ambição foi a dramaturgia. Consequentemente, o cinema interessou-se pela obra de Verne desde os seus primórdios, tomando como inspiração as imagens representadas pelas ilustrações originais, assim como as ideias concebidas para as versões dramáticas. Exemplar nesse sentido é a elaboração de “A Volta ao Mundo em 80 Dias”, escrita simultaneamente em forma de folhetim e como peça de teatro, cujo sucesso foi tão estrondoso que influenciou decisivamente a versão cinematográfica de 1958, dirigida por Michael Anderson. Escrita em um período de radical transformação no consumo de entretenimento e demanda por imagens, a obra de Verne pode ser considerada como essencialmente moderna, apontando para a futura influência que as diversas mídias exercerão sobre a escrita contemporânea, notadamente em subgêneros da literatura fantástica e da ficção científica, como o steampunk, a fantasy e o segmento conhecido como young adult, onde é possível perceber uma influência maior do ritmo e da decupagem de cenas típicas do cinema e da televisão do que propriamente da literatura, inclusive, ironicamente, da literatura do próprio Júlio Verne.

Palavras-chave: Júlio Verne, Cinema, Romance científico, Teatro

Medo líquido e espaço urbano: a dialética do medo nas metrópoles

GLADSON FABIANO DE ANDRADE SOUSA (UFMA), NAIARA SALES ARAÚJO SANTOS (UFMA)

Resumo: A origem das cidades está na necessidade de definir limites com muros, fossos ou fortalezas, garantindo a segurança e mantendo o inimigo do lado de fora. Porém, o inimigo na pós-modernidade diluiu-se nas diferentes esferas, e, ironicamente, não se encontra do lado de fora, mas dentro da própria cidade. O medo do estrangeiro disseminou-se como medo generalizado do outro. Os sofisticados e lucrativos sistemas de segurança representam a dialética do terror: é a presença da segurança com a onipresença do medo. A repercussão da presença do medo promove a reorganização do espaço urbano, influenciando na identidade cultural, uma vez que promove políticas de inclusão ou exclusão do outro, desestabilizando as relações humanas. Analisaremos a arquitetura do medo a partir do filme Medianeras: Buenos Aires da era do amor virtual (2011) do diretor argentino Gustavo Torreto. Neste encontramos dois jovens moradores de Buenos Aires, os quais apresentam sintomas daqueles que vivem em grandes metrópoles, como a latente sensação de insegurança, solidão em meio a multidões, estresse, depressão, entre outros, além das relações artificiais, tanto em redes sociais quanto fora destas, que estes estabelecem. Vemos um cenário singular no filme: a metrópole não é usada apenas como cenário, mas também como metáfora para a identidade dos seus moradores e para as relações que os mesmos estabelecem entre si. A sensação de insegurança e medo irradia tanto das relações com o Outro, quanto das relações que as personagens estabelecem com seus espaços de moradia. Para este diálogo, traremos as perspectivas do medo em Zygmunt Bauman presentes em suas obras Confiança e Medo na Cidade (2009) e Medo Líquido (2008) e as considerações de Yi-Fu Tuan presentes em suas obras Paisagens do medo (2005) e Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente (2012). Buscaremos a melhor compreensão do porquê “...é certeza que as

separações e os divórcios... a violência familiar, o excesso de canais a cabo... a falta de comunicação, a falta de desejo... a apatia, a depressão, os suicídios... as neuroses, os ataques de pânico... a obesidade, a tensão muscular... a insegurança, a hipocondria... o estresse e o sedentarismo... são culpa dos arquitetos e incorporadores, como afirma uma das personagens centrais do filme.

Palavras-chave: Pós-modernidade, Arquitetura do medo, Topofobia

O papel do dramaturgo como leitor/tradutor da própria obra para diferentes mídias

VALTER HENRIQUE DE CASTRO FRITSCH (FURG)

Resumo: A peça Doubt, a Parable (2004) de John Patrick Shanley revisita o mundo que ele conheceu quando criança – o bairro do Bronx dos anos 1960. A história se desenrola em uma comunidade escolar católica italo-irlandesa e o enredo diz respeito a uma dúvida – que se transforma em crença – por parte de uma das personagens, Irmã Aloysius, a diretora da escola. Ela acredita que o Padre Flynn esteja molestando sexualmente o único aluno negro da escola. A peça é uma construção em aberto, que permite a cada leitor/espectador construir sua própria interpretação dos fatos. Além de ser o autor da peça, Shanley também transformou seu texto teatral em roteiro para cinema, e atuou como produtor da peça e roteirista e diretor do filme Dúvida, de 2008. Quando Shanley dá a sua peça o título Doubt, a parable ele está enviando duas mensagens, pelo menos. A primeira é que neste território fictício não podemos ter certeza sobre os acontecimentos. Depositando sua obra sob a égide da dúvida, Shanley excita a curiosidade do leitor / espectador, mantendo-os em um estado de ânsia de saber o que está lá dentro. O subtítulo, a parable, também é revelador. Na tradição literária, uma parábola é uma história curta, geralmente ficcional, na qual o narrador reforça os valores morais, ou pensamentos espirituais, que ele quer discutir com seus ouvintes. O enredo de uma parábola é geralmente subordinado à analogia estabelecida entre um exemplo particular de

comportamento humano. As parábolas tornam as idéias complexas mais fáceis de entender e de falar. Caracterizam significativamente os textos religiosos, uma vez que as parábolas são ideais para ilustrar conceitos morais por trás das ideologias religiosas. Como esta forma literária está especialmente relacionada com as narrativas de Jesus Cristo no Novo Testamento, ela se adequa particularmente a uma peça de teatro ambientada no coração de uma comunidade católica. Só que, desta vez, em vez de ilustrar uma determinada verdade específica, a parábola vem revelar o fato de que há muitas verdades diferentes a serem consideradas. Neste trabalho, examino as estratégias utilizadas por Shanley para manter a possibilidade de interpretação aberta quando ele traduz sua obra para mídias diferentes – na página, no palco e no cinema. Ao empreender tal análise, considero pertinente explorar alguns conceitos filosóficos como verdade, dúvida e certeza, porque as mesmas encontram-se imbricadas com o construto artístico examinado, favorecendo assim um olhar atento sobre o papel de Shanley como autor/ leitor/tradutor neste processo. Para investigar as construções ideológicas que definem os elementos de dúvida e certeza, utilizo o conceito de Paradoxo do Imaginário, como proposto por Castor Bartolomé Ruiz (2003), dando especial atenção às questões relacionadas com o simbolismo da dúvida, tal como pode percebido na obra de Shanley.

Palavras-chave: John Patrick Shanley, Estudos do Imaginário, Dramaturgia Estadunidense Contemporânea, Adaptação Fílmica

Off: tecnologia e voz em Samuel Beckett

MARIO AUGUSTO PEDROZO SAGAYAMA (USP)

Resumo: A partir de questões sobre o drama moderno e contemporâneo, esta apresentação debaterá o uso de dispositivos tecnológicos em uma peça de Samuel Beckett, o intermédio *Breath* (1969). É notável, no percurso do autor, que seus experimentos tenham sido progressivamente atravessados pelos recursos tecnológicos

disponíveis à época. Contudo, para além da frequente reflexão sobre as diversas mídias de sua dramaturgia – como o rádio, a televisão e o cinema – é fundamental ressaltar o lugar da tecnologia na elaboração de peças para o palco. A possibilidade de que se emitisse vozes em off permitiu que Beckett criasse encenações da subjetividade, nas quais personagens se põem em relação com vozes de emissores ausentes, como no caso de *Footfalls*, ou com vozes de si, como no caso de *Rockaby*. No último drama de Beckett, a voz em off pôs em cena aspectos dramáticos da subjetividade em que o eu aparece cindido entre o corpo do ator e enunciações fantasmáticas. Nesse ponto, *Breath* pode ser tomada como uma peça exemplar do que a tecnologia possibilitou para a obra de Beckett: refletir sobre a voz, que em minha fala abordarei segundo a teoria pulsional de Jacques Lacan. *Breath*, nessa gama de peças, apresenta-se como uma radicalização do caráter vocálico, já que, nesse pequeno intermédio sem atores, a voz em off não traz consigo enunciados, mas somente um grito. Assim, inscrevendo-se na linhagem de autores que buscaram desvencilhar o teatro da sua submissão ao texto, Beckett faz de *Breath* um instante de reflexão sobre a relação entre voz e linguagem. Mas aqui, em vez de traduzir os afetos da fala dos personagens, a voz é pensada segundo sua fundação na estrutura do sujeito. O grito primevo (*vagitus*, como se lê na rubrica) em vez de ser um grito de dor de um ator, que faria da voz um elemento de produção de presença, é aqui um grito gravado, que é repetido tal qual, e que faz da voz um modo de produção de ausência. Esse grito puro (*cri pur*), que o bebê profere ao nascer, ao ser interpretado e acolhido como grito de dor, se torna um grito para (*cri pour*), inscrito na linguagem. Com isso, a mediação tecnológica põe em cena o primeiro grito de dor enquanto expressão anterior, que se apresenta como já perdida. E então, a temporalidade industrial da tecnologia, seu desenvolvimento progressivo, é cruzada com a temporalidade subjetiva, na qual só depois da perda da voz se pode pressupor uma voz pura, de um tempo anterior. Ao ser emitido, esse grito, acompanhado pela iluminação,

invoca o público para ver um palco sem atores, coberto por detritos. A partir do circuito pulsional (invocar, ser invocado, invocar-se), Breath pode ser visto como um momento singular da obra de Beckett, já que, mesmo que não seja associado com a tendência de quebrar a quarta parede teatral, aqui o autor pôde, com o auxílio da tecnologia, incluir o espectador enquanto espectador da perda.

Palavras-chave: Samuel Beckett, Voz, Psicanálise, Tecnologia

37

LITERATURA, CULTURA E IDENTIDADE NA/ DA AMAZÔNIA: EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS, TEXTUALIDADES CONTEMPORÂNEAS

Roberto Mibielli (UFRR)

Luciana Marino do Nascimento (UFAC/UFRJ)

Devair A. Fiorotti (UERR/PPGL-UFRR)

Resumo: A Amazônia representa, no imaginário da grande maioria, o El Dorado que se está por descobrir. Imagina-se que haja por aqui, na Amazônia Legal, riquezas incomensuráveis, oriundas dos três reinos naturais. Mas a construção desta faceta do imaginário não se limita apenas aos reinos da natureza, abarca também o universo da cultura. A diversidade de fronteiras e de culturas, dentro e fora das comunidades indígenas locais, é um dos elementos que merece destaque. A bem verdade que boa parte do conhecimento sobre esta Região ainda está por ser construído. Tanto é que muitas pessoas que imaginam ser este um espaço privilegiado em termos naturais - e mesmo humanos, como as existentes entre as comunidades indígenas, de seringueiros e garimpeiros, por exemplo— não percebem que esta diversidade abrange, inclusive outras fronteiras, as das culturas urbanas. Não percebem, ou não sabem, também, que há universidades, pesquisa, tecnologias em desenvolvimento neste meio/lugar. A imagem que prevalece, via de regra, é a de um “lugar periférico”, subdesenvolvido ao extremo (“primitivo”, para alguns), fechado em seus limites regionais, pobre, tomado pela floresta, em que há grande diversidade de culturas indígenas e pouca inteligência. No Brasil, em especial, este imaginário (a que chamaremos senso comum) construiu e mantém a equivocada ideia de que além de uma, enquanto região, a Amazônia é brasileira. Este fenômeno é mais visível quando observamos os spans que circulam na internet e que alimentam, à custa de mentes

menos esclarecidas, a paranoia de que querem tomar-nos a Amazônia e internacionalizá-la. Mas além de abranger vastas áreas urbanas, como Belém e Manaus (ambas com população acima de um milhão de habitantes cada, os centros regionais), a Amazônia já é internacional. Basta que verifiquemos a existência das outras amazônias fronteiriças: a venezuelana, a boliviana, a colombiana, a peruana, a equatoriana... O ambiente que figura no senso comum tão pouco corresponde à realidade da Região. A Amazônia é muito diversa em sua conformação geográfica, climática, e nos habitats que proporciona. Esses, por seu lado, têm ampla influência na cultura das populações que neles vivem. Se de um lado predominante, mas nunca homogêneo, há matas exuberantes e abundantes, por outro lado também há o pântano, o altiplano e o lavrado (espécie de estepe, pobre de florestas e rica em vegetação rasteira). Os próprios espaços urbanos são muito diversos entre si. Manaus e Belém são centros que ilustram bem essas diferenças. O simpósio que estamos propondo não pretende dar conta de toda esta diversidade cultural, mas abrigá-la. Pretende contrastá-la, compará-la, tanto interna, quanto externamente, questionando as fronteiras e limites de sua regionalidade/universalidade, além de mostrar uma fatia desta construção/invenção em seus múltiplos aspectos. Ao abrigar trabalhos cuja temática se refira à Amazônia, pretendemos exercer a comparação tanto no que concerne aos objetos abordados em cada trabalho, na sua relação com o cânone central, quanto na relação entre seus centros, como também nas relações constituídas entre centros, margens e periferias, dentro e fora do âmbito do espaço regional amazônico, propondo sempre o necessário debate entre seus autores/pesquisadores. Nesse sentido, o simpósio intitulado Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia objetiva a discussão acerca dos limites e das confluências linguísticas e culturais da/na Amazônia, nas perspectivas da Teoria da Literatura, dos Estudos Culturais e da História (e áreas afins), deslocando-se o eixo da análise da cultura, desfazendo ideias já constituídas

acerca dessa região, com vistas a tornar possível o debate em torno das identidades híbridas, bem como de uma compreensão dessas identidades frente às estruturas globais e às novas configurações do lugar do periférico, das fronteiras e das culturas. Nosso simpósio pretende, principalmente, privilegiar questões relativas à literatura (sua teorização, suas possibilidades, suas categorias, o modo como se apresentam ao leitor os narradores, o que propõem como narrativa, que tipo de intervenção pedagógica é feita nas escolas a partir do objeto literário, por exemplo); privilegiar a estética de contos, fábulas e mitos da literatura latino-americana, de origem oral ou escrita. Também é nosso objeto de investigação a identificação e interpretação de certo discurso identitário, a partir do estudo comparado de textos literários diversos, enfocando questões culturais específicas, quase sempre oriundas ou emanadas, da produção literária/mitológica amazônica. Visa-se, deste modo, a compreensão das representações do ser amazônida, quer no habitat, quer longe dele, em seus anseios locais/universais, seja através da leitura das diversas relações de confronto entre a textualidade amazônica e a produção cultural na América Latina, ou do levantamento crítico da(s) identidade(s) plasmada(s) na produção literária da Região. Neste sentido, reuniram-se, inicialmente, professores pesquisadores das IFES de Roraima e do Acre, bem como, vêm se somando a esses, nas últimas quatro reuniões internacionais da ABRALIC, pesquisadores dos demais estados amazônicos e interessados em temas e textos literários oriundos desta, ou sobre a Região. Palavras-chave: Literatura e cultura na/da Amazônia, Contextos litero-culturais da Amazônia, Teoria da Literatura, Estudos de autores e obras Amazônicas

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

O Índio, o garimpeiro e o fazendeiro na gênese da literatura de Roraima

ROBERTO MIBIELLI (UFRR)

Resumo: A Amazônia literária sempre viveu o dilema de optar entre um discurso que ressalta o exotismo de sua cor local e um discurso do que se crê, seja a sua tendência natural ao desenvolvimento, enquanto celeiro nacional. Nas décadas de 70 e 80, em pleno período ditatorial e no seu rescaldo, quando surgem para o público os primeiros romances de Nenê Macaggi, que também são os romances inaugurais da literatura naquele estado, a autora se propõe a fixar determinados tipos como personagens centrais e/ou secundários em suas tramas, de acordo com a função social que aos olhos dela exerciam, bem como das tensões sociais delas decorrentes. Assim, as figuras do índio, do garimpeiro e do fazendeiro ocupam em suas obras um palanque a partir do qual se propõe o discurso que ilustra o contexto em que estão (ficcionalmente inseridos). Fantasia? Realidade? Qual a dimensão destas construções para a nascente literatura de Roraima enquanto legado? Este trabalho, em fase de construção, busca levantar algumas pistas e perspectivas para uma possível leitura do discurso ideológico que subjaz ao texto literário em Nenê Macaggi, assim como na gênese da literatura em RR. Palavras-chave: Tipificação literária, Gênese do Romance em Roraima, Literatura na/da Amazônia, Nenê Macaggi

Os muitos tons da pele vermelha em Nenê Macaggi

RAIANE COSTA DOS SANTOS (UFRR)

Resumo: A população nativa brasileira foi retratada e representada de diferentes formas ao longo da história da literária brasileira – assumindo formas que vão desde aquelas em que se aproxima do herói medieval,

como ocorre na obra de escritores românticos como José de Alencar, em O Guarani, por exemplo, até a forma do herói-malandro, sem nenhum caráter, como ocorre em Macunaíma, de Mário de Andrade. Inserido nessa tradição, o presente trabalho objetiva a analisar os modos de representação da figura indígena nos romances A mulher do garimpo (1976) Exaltação ao Verde (1984) , Nara- Sué Uarená (2012), de Nenê Macaggi, escritora paranaense radicada em Roraima. A análise aborda a configuração do indígena no discurso romanesco de Nenê Macaggi, com vistas a refletir sobre o modo que sua obra se aproxima e distancia, ao mesmo tempo, da tradição discursiva indigenista e indígena da literatura brasileira.

Palavras-chave: Índio, Nenê Macaggi, Configuração, Literatura

Recepção do movimento roraimeira: identificação, apropriação e construção identitária

SUÊNIA KDIDIJA DE ARAÚJO FEITOSA (UFRR)

Resumo: Esta pesquisa procurou analisar a recepção da produção lítero-musical do movimento Roraimeira (movimento cultural iniciado no Estado de Roraima, em 1984, que buscou discutir o problema da identidade local) entre leitores de escolas públicas de ensino médio da capital do Estado de Roraima, que iniciaram sua vida escolar na primeira década do século XXI, tendo em vista a distância temporal entre o estágio letivo desses estudantes e o auge do movimento. Nesse sentido, pretendemos mapear a permanência dessa produção local entre um público jovem, inserido no espaço ideal para a formação de uma estrutura canônica no Estado, a escola pública. Dessa maneira, buscamos dimensionar, através do público escolar de hoje, a abrangência das representações identitárias construídas nos textos do movimento, pois, tais produções pretenderam refletir a cultura local. No tocante à metodologia, este estudo insere-se no campo da pesquisa social. Assim, utilizamos elementos e categorias dos dois paradigmas desse tipo de pesquisa, o quantitativo e o qualitativo. A partir dos

métodos selecionados, tabulamos questionários respondidos por 3.722 estudantes de seis escolas públicas de ensino médio de Boa Vista, capital de Roraima. A localização das escolas foi o critério de seleção. Assim, selecionamos escolas situadas nas quatro zonas urbanas da cidade e no centro. Os elementos e categorias da pesquisa social foram de suma importância para analisar os seguintes aspectos: os índices de recepção do movimento em cada escola levando em consideração as zonas de localização; o índice de recepção em cada série do ensino médio; o índice de alusões a cada um dos representantes do Roraimeira e o índice de indicações de outros escritores e outros textos locais. Outro método utilizado foi o paradigma indiciário. Seguimos os passos desse processo metodológico durante nossas análises com o fito de colher e compreender o maior número de informações referentes à relação entre os estudantes de ensino médio de Boa Vista e os textos integrantes do movimento Roraimeira. É importante destacar que este estudo está inserido em um projeto maior: Literatura e Ensino em Roraima: O Cânone e a invenção escolar da Amazônia, fomentado pelo CNPq e aprovado em duas etapas pelos editais Ciências Humanas / Sociais Aplicadas e Universal 2010. O contexto em que se insere a proposta do projeto maior abrange 100% dos municípios do Estado, com o total de 15 cidades: Amajari, Alto Alegre, Boa Vista, Bonfim, Cantá, Caracará, Caroebe, Iracema, Mucajaí, Normandia, Pacaraima, Rorainópolis, São Luís, São João da Baliza e Uiramutã.

Palavras-chave: Movimento Roraimeira, Identidade, Recepção, Literatura regional

Lembranças do que o olhar oblíquo de Capitu não viu: a Amazônia de Milton Hatoum

ANNA PAULA FERREIRA DA SILVA (UFRR)

Resumo: Observei em Dois Irmãos, de Milton Hatoum, uma abordagem diferenciada do regional de maneira a nos mostrar que não há uma descrição identitária local única/cristalizada. A região amazônica, antes,

parece adornar os acontecimentos da trama que entretete olhares distintos de culturas diversas. Semelhantemente como ocorre em Dom Casmurro, Hatoum parece construir o ambiente da obra por meio do olhar das personagens. Como ambas não são narradas linearmente, visto que fazem um resgate por meio memorialístico a partir do presente (flash-back), é também esta representação que constitui e é constituída discursivamente pelo meio, assim como constitui a memória e, conseqüentemente, a narrativa e a história do olhar. Dessa forma, o presente trabalho, que faz parte de minha pesquisa de mestrado, desenvolvida na Universidade Federal de Roraima, sob a orientação do Professor Roberto Mibielli, observa e compara com a obra de Machado de Assis – em situações episódicas- como, por meio do discurso, o espaço da narrativa de Hatoum se materializa, transpondo os limites do corpo e alcançando uma construção discursiva que permite reconstituir a cena da época e o modo como diferentes sociedades se constituem a partir do corpo e do discurso.

Palavras-chave: Olhar, Memória, Discurso, Região amazônica

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

Contadores de histórias de Dalcídio Jurandir

STEFAN WILHELM BOLLE (USP)

Resumo: O “Ciclo do Extremo Norte”, do escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979), oferece em seus dez romances (1941-1978) com cerca de 3.000 páginas um retrato detalhado da população da Ilha do Marajó, da cidade de Belém e do Baixo Amazonas, na década de 1920. O ponto de partida da nossa apresentação é a experiência de uma oficina pedagógica que realizamos de 2009 a 2014 com um grupo de professores e alunos de uma escola de ensino médio na periferia de Belém, elaborando adaptações cênicas e montagens teatrais de

cinco daqueles dez romances. A principal motivação para as pessoas participarem da oficina é que os romances de Dalcídio continuam atuais em termos da representação da realidade social em que eles vivem. Nossas montagens foram apresentadas naquela escola, na Feira Panamazônica do Livro e em três universidades, proporcionando um profícuo diálogo entre acadêmicos e habitantes da periferia. O desafio que se coloca agora é como dar continuidade a esse trabalho, que motivou participantes e expectadores a lerem as obras de Dalcídio e a debater os problemas que ele apresenta: principalmente a questão do acesso das camadas pobres da população a um ensino de qualidade, inclusive à universidade – um desafio não apenas para a Amazônia, mas para o Brasil inteiro. Na procura por uma solução mais factível em termos práticos do que uma montagem teatral (que é bastante complexa), lembramo-nos do exemplo dos contadores das narrativas de Guimarães Rosa, os “Migulins” de Cordisburgo, que têm contribuído durante os últimos vinte anos para uma ampla divulgação da obra do autor mineiro e da cultura da população sertaneja. Nossa ideia-guia consiste em experimentar algo semelhante com as histórias e as relações humanas contidas no ciclo romanesco de Dalcídio Jurandir. Para ilustrar esse projeto, apresentaremos durante a nossa comunicação uma amostra representativa do conjunto do ciclo amazônico do autor. Escolhemos quatro narrativas, cada uma delas ilustrando um dos quatro ambientes topográficos e sociais por ele retratados: Marajó, os bairros centrais de Belém, a periferia dessa cidade e o Baixo Amazonas. O tema central dos nossos recortes narrativos e cênicos será o problema da educação. 1) No Marajó, o desejo do menino Alfredo de sair daquele seu ambiente provinciano e tacanho, para frequentar uma boa escola na capital Belém – e os obstáculos a serem vencidos para ele alcançar esse objetivo. 2) Em Belém, a realização desse desejo e o desafio de ele se posicionar num ambiente social marcado por antagonismos de classes, que é uma característica do Brasil inteiro. 3) Depois de ter conseguido ingressar no ginásio, Alfredo se defronta com um duplo desafio: o tédio que lhe proporciona um ensino descompromissado com a realidade

social e a tristeza que lhe causa o caso da jovem Luciana, que desejava frequentar o ginásio (assim como ele), mas foi excluída e caiu na prostituição. 4) Finalmente, na vila de Gurupá, o descaso dos letrados e das autoridades com as necessidades dos pobres e o grito de revolta dos “desvidentes” às margens do Rio Amazonas.

Palavras-chave: o problema da educação, na Amazônia e no Brasil, uma oficina teatral entre universidade e periferia, Dalcídio Jurandir

Letramento verde: a paideia de margem dos ensaios amazônicos de Euclides da Cunha

ANABELLE LOIVOS CONSIDERA (UFRJ)

Resumo: Um dos aspectos menos enfatizados nas interpretações correntes sobre a obra de Euclides da Cunha é o conjunto de seus escritos amazônicos, reunidos em *Contrastes e confrontos* (1907) e em *À margem da história* (1909). Bem antes da legitimação de conceitos como “ecologia”, “responsabilidade social” e “questões ambientais”, Euclides soube fazer uma ampla e importante reflexão sobre a Amazônia como “terra sem história”, onde os processos de exclusão social seriam tão ou mais severos quanto os que havia presenciado nos sertões da Bahia, em plena Guerra de Canudos. Intentamos recolocar a importância desse “letramento verde” na obra de Euclides da Cunha, a fim de compreender melhor as representações da selva e do sertão na obra desse que é um dos mais relevantes intérpretes do Brasil. Vamos seguir as trilhas e pistas que Euclides marca na floresta de suas letras verdes, transitando por uma Amazônia que se situa fora da história – o que torna possíveis atos de violência e barbárie, como o cárcere dos seringueiros e a destruição das matas. Tentaremos compreender o “paraíso perdido” euclidiano, página incompleta do Gênesis, segunda grande ruptura da nacional narrativa modernista, depois de *Os sertões*. E o faremos sem perder de vista a paideia que permeia seus escritos, na construção de um discurso político-pedagógico que busca alicerçar as bases para uma proposta civilizacional para o Brasil da primeira República. Dialogaremos,

ainda, com um relato de testemunho de uma escola do município de Cantagalo-RJ (terra natal de Euclides da Cunha), que levou os escritos euclidianos para um encontro com a sala de aula, trabalhando, durante o ano letivo de 2010, com os seus ensaios amazônicos em todo o ensino fundamental II e o ensino médio, recorrendo à comparação da obra do autor com registros contemporâneos (cinema, teatro, música e artes plásticas) que também tematizam as questões sobre ecologia, sustentabilidade e responsabilidade com o meio ambiente. Apresentaremos, por fim, tal experiência pedagógica como prática concreta de letramento literário e leitura ampliada e transdisciplinar, a partir dos ensaios amazônicos de Euclides da Cunha e sua escrita de uma paideia de margem brasileira.

Palavras-chave: Euclides da Cunha, ensaios amazônicos, projeto político-pedagógico para o Brasil, paideia de margem

Aqueles uns e aqueles outros uns: Resistência e Testemunho na Tetralogia Amazônica de Benedicto Monteiro

ABÍLIO PACHECO DE SOUZA (UNICAMP)

Resumo: A obra principal de Benedicto Monteiro, escritor, político, advogado, militante de esquerda e cassado após o golpe de 64, consiste na publicação de três romances cada um deles apresentando dois narradores em contra-canto e com a inserção de material linguístico o mais variado possível (cartas, relatórios, poemas, letras de canção, citações de filósofos, escritores e estudiosos sobre a Amazônia, transcrições de depoimentos, fragmentos de jornais, revistas, transcrições de rádio, etc.). Em cada um desses três romances um narrador urbano diferente oscila a narração com um mesmo narrador com um registro coloquial. O quarto romance (Aquele um) consiste na transcrição das falas do narrador com registro coloquial ou numa linguagem estilizada dos falares dos caboclos da Amazônia. Este narrador personagem caboclo (Miguel dos Santos Prazeres) tem sido objeto de análise de vários trabalhos acadêmicos não só na região, mas também em universidades do sul e sudeste do país bem como

fora do país (há uma tese de doutorado sobre o mesmo apresentada na Alemanha). Miguel é considerado o personagem-elo da tetralogia, esta que é a principal obra do autor, sendo o quarto volume, o romance “Aquele um”, a obra prima de Benedicto Monteiro, conforme o próprio autor assinala em entrevistas e em sua autobiografia. Interessa-nos para este trabalho observar os três narradores urbanos que oscilam em contra-canto com o narrador caboclo. No primeiro romance, Verde Vagomundo (1972), um ex-militar que retorna para Alenquer com a finalidade de vender suas terras e é surpreendido por ocorrências internacionais como a morte do presidente norte-americano John Kennedy e pela ocorrência do Golpe Militar de 31 de Março de 1964; no segundo volume, O Minossauro (1975), um geólogo que integra uma equipe com vistas a fazer um levantamento sismográfico da região e cuja equipe é formada também por pessoas “exiladas” do regime por conta de suspeita de subversão; e no terceiro volume, A Terceira Margem (1983), um professor de Geografia, investido na condição de Geógrafo e coordenador de um grupo de estudos que procura estudar a viabilidade de construir uma Cidade Flutuante na Amazônia. Cada um deles de modo diferente e em momentos diferentes refletem sobre a região e o país num contexto político adverso. Nosso intento é observar como estes narradores se confrontam, se defrontam com a realidade Amazônica num contexto de exceção política provocado pelo golpe e como suas narrativas podem ser lidas conforme os conceitos de Literatura de Resistência (Bosi, 2012) e Literatura de Testemunho (Seligmann-Silva, 2003, Valéria de Marco, 2002).

Palavras-chave: literatura da amazônia paraense, ditadura militar na amazônia, literatura de resistência, literatura de testemunho

Repercussões da comédia de costumes e do teatro musical na Amazônia brasileira do século XIX

ANDRÉA MARIA FAVILLA LOBO (UFAC)

Resumo: Trata-se de pesquisa sobre a comédia de costumes e o teatro musical produzidos entre o fim do século XIX e início do Século XX, no

período da Belle Époque, na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, e as repercussões dessa prática artística, registrada na literatura dramática e nos periódicos da época, na cidade amazônica de Manaus no mesmo período. Neste trabalho discutem-se os deslocamentos entre os discursos produzidos no teatro realizado na capital federal e na capital do Amazonas, por meio da análise de fontes documentais. Para este estudo destacam-se elementos teóricos e conceituais de análise e análise crítica dos documentos. As fontes da pesquisa são obras selecionadas consideradas paradigmáticas no campo dos estudos do teatro brasileiro. Utiliza-se como fio condutor a análise crítica do discurso postulada por Norman Fairclough. O autor compreende o discurso como uma prática social reprodutora e transformadora de realidades sociais e o sujeito da linguagem, a partir de uma perspectiva psicossocial. Consideram-se os movimentos e visualidades que marcam o período da dita modernidade, assim como o processo de influências europeias, que fizeram parte do teatro no Brasil a partir da metade do século XIX estudados por (Ruiz, 1988.); (Almeida Prado, 1993); (Magaldi, 2001). O Rio de Janeiro daquele século, apresenta-se como centro irradiador de todas as novidades que chegavam ao país, notadamente, produtos da cultura francesa, em um período de grande efervescência cultural caracterizada como: A Belle Époque Tropical, momento em que se tentava criar uma nova imagem de uma nação republicana e progressista. Com isso, foi imperativa a mudança nos costumes, nos modos de sociabilidade, como a frequência aos teatros. Um gênero que prosperou naquele momento foi a comédia de costumes e suas variações, como o vaudeville e também o teatro de revista. Ao trazer as cenas do cotidiano, as comédias de costumes representavam as ideias e os hábitos da sociedade. A hierarquização social encontrada no espaço físico das cidades também estava presente nos teatros, assim como as mudanças econômicas e políticas da virada do século XIX para o XX. É nessa virada de século que percebemos a chegada e o desejo pelo progresso, por meio do qual os novos costumes acabavam por entrar em conflito com os usos costumeiros tradicionais. No estado do Amazonas,

observa-se em Manaus, o seu imponente teatro, cuja edificação expressa um retrato vivo de uma época de ouro do período extrativista da borracha, o qual coincide com o período da Belle Époque, período marcado, também na França, por velozes transformações culturais descritas e nomeadas no ensaio de Baudelaire, como modernidade.

Palavras-chave: Teatro, Amazônia, Cultura

Magalhães Barata na literatura: O “interventor” nas obras de Bruno de Menezes e Raimundo Holanda Guimarães

JOSÉ VICTOR NETO (UERJ)

Resumo: O presente trabalho tem por objeto de estudo as representações literárias do interventor da “Revolução de 1930” no Pará, o general Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, nas obras dos escritores paraenses Bruno de Menezes e Raimundo Holanda Guimarães. Magalhães Barata foi governador do Pará por três vezes, duas das quais como interventor (1930 a 1935 e 1943 a 1945) e uma como candidato eleito (1956 a 1959). Embora não seja essa a totalidade de obras literárias em que Magalhães Barata figura como personagem, implícita ou explicitamente, optou-se aqui por um recorte mais sucinto, o qual compreenderá as obras Candunga (1954) do belenense Bruno de Menezes, bem como Chibé (1964) e Cidade Perdida (1999), do castanhalense Raimundo Holanda Guimarães. O estudo acerca dos diálogos entre história e literatura já vem de longa data, e guardadas as devidas polêmicas que o debate enseja, dividindo opiniões de renomados estudiosos de ambos os lados, assumimos aqui a perspectiva que considera a importante relação entre o texto literário e a narrativa histórica, considerando seus pontos de aproximação, distanciamento, diálogo, apropriação e mesmo subversão. É importante frisar que o passado revisitado pelo ficcionista, mesmo o dos grandes acontecimentos históricos, passa a ser recolorido com as cores do imaginário, e dissolvido com os solventes de uma poesia que, por um lado, está descompromissada de recontar os fatos de modo

pretensamente fidedigno e imparcial, como se propõe o historiador; e por outro, busca ressignificar esse passado, subvertendo, algumas vezes, a narrativa histórica oficial em nome de uma nova forma de interpretar esses acontecimentos. Essa revisitação do passado pelo viés ficcional, com vistas à ressignificação, possibilitou muitas vezes que a própria figura de Magalhães Barata fosse reconfigurada no interior de obras literárias, a ponto de a riqueza de sua representação residir, exatamente, na imagem paradoxal de um líder carismático, “pai dos pobres”, angariando a esperança de transformação e de melhoria para todo um coletivo; e simultaneamente, apresentar a face tirânica e cruel de um déspota insensível e violento, esmagando seus desafetos sem piedade, inspirando a desesperança e a certeza de que nenhuma mudança substancial seria realizada em prol das classes subalternas. Ao nos depararmos com as representações de Magalhães Barata em textos literários, surgem-nos algumas perguntas: teriam os autores em estudo promovido uma desestabilização da história oficial, proporcionando ao leitor novas formas de interpretar o passado, de compreender o presente, e mesmo de projetar um futuro possível? Ou tais obras atuariam apenas como uma espécie de reforço ao status quo, reproduzindo a imagem de Barata já cristalizada pela história oficial? Pretende-se, durante nosso percurso, lançar mão de referenciais teóricos acerca das relações entre história e literatura, principalmente a partir das conceituações de Paul Ricoeur, Paul Veyne e Eduardo Pellejero. Espera-se que nossa pesquisa possa contribuir para suscitar debates e aprofundar os estudos acerca da prosa ficcional paraense, bem como sobre suas relações com os fatores socioeconômicos, políticos e culturais presentes em seu contexto de produção e circulação.

Palavras-chave: Magalhães Barata, Chibé, Candunga, Ficção histórica

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

A produção literária da região circum-Roraima

FÁBIO ALMEIDA DE CARVALHO (UFRR)

Resumo: A PRODUÇÃO LITERÁRIA DA REGIÃO CIRCUM-RORAIMA

Situado nas frinchas do local, do nacional e do transnacional, o presente trabalho discute os modos que as textualidades originárias da região designada pela literatura etnográfica como região circum-Roraima, localizada no extremo norte da América do Sul, têm fornecido lenha suficiente para avivar a fogueira das culturas dos três países de que participa: Brasil-Guyana-Venezuela. Esta situação confere um lugar de destaque às formas discursivas oriundas da região circum-Roraima no concerto da produção literária do nosso tempo e, por conseguinte, a condição de um dos mais ricos e emblemáticos biomas culturais da América do Sul. É no solo deste rico e diverso, mas ainda pouco estudado, território cultural, que tem como centro o majestoso Monte Roraima, que se nutrem algumas das mais representativas obras da literatura latino-americana: Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, do brasileiro Mário de Andrade, Canaima, do venezuelano Rómulo Gallegos, e The sleepers of Roraima, do guianense Wilson Haris.

Palavras-chave: região circum-Roraima, nacional, regional, transnacional

Watunna - Mitologia Makiritare: Um clássico da Literatura Indígena

ISABEL MARIA FONSECA GONDINHO (UFRR)

Resumo: O avanço da pesquisa antropológica já deu provas de que os modos dos povos indígenas pensarem e expressarem os seus sentimentos e pensamentos são um tanto distintos dos nossos, ocidentais. Essas diferenças se manifestam em todas as esferas de atividades, inclusive no modo de criar e contar histórias. Para muitos estudiosos e pesquisadores das questões que envolvem a expressão

e as formas textuais indígenas, a constatação da particularidade dessa situação constitui uma das primeiras e mais sérias dificuldades enfrentadas para penetrar com mais profundidade nos sentidos dos produtos das atividades verbais e rituais dos povos indígenas. E como estas questões apresentam consideráveis dificuldades de enfrentamento, elas se prestam, por consequência, a pouca, má e pobre interpretação. Estudar os textos indígenas da perspectiva da literatura significa refletir sobre o cerne da América indígena, o que implica, por sua vez, na rica possibilidade de levantar questões que tocam o campo da reflexão filosófica e antropológica sobre a busca de compreensão do homem em sua diversidade, bem como sobre os modos de entender e conceber o mundo. Trata-se, enfim, de um modo específico de interpelar sobre o desenvolvimento dos povos e das civilizações humanas. O presente trabalho objetiva a análise literária da obra Watunna- Mitologia Makiritare, do etnógrafo francês Marc de Civrieux. Trata-se de um complexo conjunto narrativo dos Ye"kuana, povo de tradição Caribe, morador do extremo norte da América do Sul, na triplíce fronteira entre o Brasil, Venezuela e Guyana, região etnograficamente designada como circum-Roraima.

Palavras-chave: Watunna, textualidades indígenas, literatura comparada

O silenciamento da cultura afroandina na Amazônia acreana por meio do quadro "Renascer" de Rivasplata – Leituras e traduções

LUCIANO MENDES SARAIVA (UFAC)

Resumo: O objetivo deste trabalho é fazer uma releitura do quadro "Renascer", pintado no ano de 2002, pelo artista plástico peruano Jorge Rivasplata de La Cruz, que reside em Rio Branco – Acre. Em sua leitura do universo amazônico acreano o pintor articula significativas dimensões dos cruzamentos culturais andinos e amazônicos, constituindo um olhar sobre um determinado espaço amazônico, marcado pelo signo de um discurso moderno e pelo devassamento de culturas das fronteiras regionais. No quadro, é possível acompanhar por

meio das luzes e sombras dos recortes, tensões e conflitos presentes nas relações sociais, produzindo uma narrativa de cunho memorialista sobre a resistência negra na Amazônia Sul-Occidental. Não obstante, observa-se, a relação mútua entre homem e natureza, com seus declínios e assimetrias em decorrência da exploração de ambos pela lógica do mercado. No quadro, a representação da figura do homem na forma da árvore da seringueira (*hevea brasiliensis*) é apresentada através da imagem de um negro resistindo aos processos civilizatórios. Nesse contexto, a preocupação do artista é denunciar o silenciamento ou a tentativa de apagamento da cultura afrodescendente e andina, bem como da própria presença do negro na formação histórica daquela região. Para essa discussão serão utilizados como aportes teóricos HALL (2003), GILROY (2001), GLISSANT (2005) e PRATT (1999), buscando dialogar com os sentidos e as inquietações de Rivasplata, presentes na obra, especialmente, pontuando a perspectiva de mudança, antevista pela presença de pelas de borracha brotando dos braços/galhos desse homem/árvore, como resultado da transmutação cultura/natureza em forma de casulo, elemento criador e transformador de vidas, que nos transmite uma ideia de renascimento.

Palavras-chave: Silenciamento, Afroandino, Transculturação, Amazônia acreana

A saga de um Militão: o sertanejo e a Uiara, na Amazônia de Octávio Sarmiento

ALEXANDRE DA SILVA SANTOS (UFAM)

Resumo: O que compartilhamos com o outro ou dele utilizamos de forma direta ou indireta para nosso respectivo processo de formação de identidade? Como isso conflui no coletivo cultural? A colonização e respectiva ocupação da Amazônia por viés da exploração trouxe à realidade um espetáculo do etnocídio, frente aos grupos indígenas que dominavam o trânsito ao longo do rio e florestas, bem como o caboclo, que oriundo de mestiçagem também se viu marginalizado

e inserido no mesmo contexto de silenciamento cultural oriundo do período da borracha. Dessa forma, o estudo em questão surgiu por meio de uma investigação de natureza literária sobre como o processo de hibridização cultural e a sua respectiva compreensão, isto é, fazer-se uma reflexão presente na Amazônia, que está em um contexto de marginalização social estabelecida por parâmetros de culturas vigentes que possuem uma visão distorcida sobre as particularidades na região quanto às identidades culturais existentes nesse local. Essa análise propõe a compreensão na produção poética da Literatura Amazonense tendo como referencial o poeta Octávio Sarmiento, a partir do poema “Uiara”, publicado em 2006, no livro “Uiara e outros poemas. Nessa jornada, Militão, personagem de Sarmiento é a representação de perdas e abandonos, resignificações de identidades e papéis sociais, moldando-se conforme interesses em terras amazônicas. Nesse sentido, a compreensão sobre cultura nesse estudo implica em dizer que nós, seres humanos, não somos meros produtos do ambiente, mas tampouco esses ambientes funcionariam como pura argila para automoldagem arbitrária. Assim, no desenrolar da narrativa textual do poema “Uiara”, o herói encontra-se perdido e atormentado pela presença da sereia Uiara, um dos elementos de composição do imaginário mitológico amazônico. Como consequência, Militão cai nos encantos da entidade e vai ao seu encontro para abraçar a morte. Nisso, percebe-se que esse indivíduo está inserido numa lógica social em termos de fato cultural: a lenda das sereias, afinal, ao representar a cultura do sertanejo, passará em terras alheias por um processo de automoldagem cultural, isto é, numa relação de ação e passividade. Logo, mescla-se ao poema épico-narrativo de forte apelo regional intitulado Uiara, dividido em capítulos que contam a saga de um cearense (Militão), do poeta Octávio Sarmiento, a representação de um vasto painel da vida amazônica no início do século XX, cujo cenário se descreve por um Brasil exportador de toneladas de borracha, principalmente para as fábricas de automóveis norte-americanas, no final do século XIX. Pode-se perceber que o elo de

ligação entre o imaginário e a realidade presentes no poema apresenta ao leitor dois lados do personagem: o lado positivo (o de desejar melhores condições de vidas para sua família) e o negativo, a loucura pelo desejo reprimido do falo, refletido na imagem da lenda amazônica. Em outras palavras, significa dizer que a presença da Uiara pode ser considerada como a ilusão do herói mediante a frustração (realidade) em conseguir sucesso na sua empresa ao chegar em terras amazônicas.

Palavras-chave: Literatura, Cultura, Imaginário, Amazônia

De Roraima a São Paulo, na rota para Macunaíma (ou de como Mário guia o leitor na/para (des/re)leitura de seu herói)

SHEILA PRAXEDES PEREIRA CAMPOS (UFRR/UFF)

Resumo: Resultado de uma ampla e extensa pesquisa, Mário de Andrade escreve seu Macunaíma em seis dias, em dezembro de 1926, deitado numa rede, como conta em carta a amigo. É também durante o processo dessa escrita compulsiva de 6 dias que ele escreve o primeiro prefácio com o intuito de “não iludir nem desiludir os outros”. No 2º prefácio, de março de 1928, revela ter descoberto em Macunaíma “sintoma” da cultura brasileira, e não “expressão”. Entre os dois prefácios (suprimidos do romance quando de sua primeira publicação), um tanto de notas e cartas apontando caminhos e rotas para o “entendimento” de seu Macunaíma. É o amigo Tristão de Athayde que comete uma “indiscrição” (ATHAYDE, 1928) para esclarecer o público sobre detalhes da obra e publica trechos dos dois prefácios. É propósito desta comunicação traçar algumas das rotas apontadas por Mário e, nos rastros por ele deixados, contribuir para a compreensão de um Macunaíma que, como traço sintomático da cultura brasileira, revela as variadas margens e limites de um Brasil/brasileiro que, de norte a sul, pode atender à convocação do Mário feita na crônica Cartaz: “Precisa-se gentes com bastante meiguice no sentimento, bastante força na peitania, bastante paciência no entusiasmo e sobretudo, oh! Sobre tudo bastante vergonha na cara! / Precisa-se pra já indivíduos com vergonha

na cara”. Em outras palavras: de heróis com caráter.

Palavras-chave: Macunaíma, Mário de Andrade, Sintoma da cultura brasileira, Rotas de leitura

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 4

Wewenukuri: No pulo do veado ele vai Ou: Essa história é triste, professor

DEVAIR ANTÔNIO FIOROTTI (UERR)

Resumo: Para um pesquisador da área de letras, que trabalha com as poéticas orais dos povos ameríndios, surpresas não são algo raro. Pelo menos comigo tem sido assim. Em dez anos trabalhando com os indígenas de Roraima, professores não faltaram para ensinar novas formas de enxergar a realidade. Ko”ko [vovó] Bernaldina é uma dessas professoras, como poucas detentoras da poética oral de seus povos. Passeia por culturas a princípio distintas: etnias macuxi, taurepang, patamona e a parcela ocidental oferecida a ela em Roraima, sem contar que também via Guiana Inglesa, já que sua comunidade Maturuca é praticamente fronteira com esse país, os lá do inglês, como já ouvi mencionar. Essa índia macuxi, cantora rara, me surpreendeu com um canto triste: do pai do veado informando seus filhos sobre sua sina: de ser comida para os pemonkon, os que se autodenominam gente, pessoas, os humanos: Vai pular meu filho veado, se banhar Pemonkon yamî’ tuma karîpe (pra ser damuria dos pemonkon, das pessoas). Esta comunicação se propõe a investigar esse eren, esse canto: dos mais de 150 erenkon [plural de eren] registrados, esse foi o único em que o erenponkon [o cantor] terminou a música se dizendo triste. O ritmo marcado pelo keweí [tipo chocalho feito de aguáí (*Chrysophyllum marginatum*), ornado com penas] é mais lento que outros cantos. A voz da cantora é triste e o enredo do canto mais ainda:

o pai veado ensinando aos filhos sua sina de se tornarem comida para os pemonkon. Além da letra, a cantora faz uma vocalização: onnnn, onnn, onomatopeica dos sons emitidos pelo veado, em tom triste. Essa comunicação aborda essa tristeza, a partir de um processo de alteridade, já que quem canta é o pemon, o indígena, porém a partir da perspectiva humanizada do outro, o kuri, o veado. Humanizada, pois essa perspectiva é construída a partir de sentimentos humanos ou, pelo menos, atribuídas geral e exclusivamente a humanos, num processo quase sempre denominado de personificação. Contudo, neste trabalho, por causa da especificidade ameríndia, essa personificação em si será pensada a partir da teoria perspectivaista de Viveiros de Castro. Essa comunicação pertence ao projeto Panton Pia”, financiado pelo CNPq desde 2007.

Palavras-chave: Canto macuxi, Alteridade ameríndia, Circum-Roraima, Perspectivismo

Entre Noé e Makunaima: Transculturalidade em narrativas orais indígenas do Circum-Roraima

JOCIANE GOMES DE OLIVEIRA (UFRR)

Resumo: Os povos indígenas que habitam a região denominada Circum-Roraima convivem em uma situação chamada por Fredrik Barth (2000) de fronteira étnica, indicando que as fronteiras culturais são mais fluidas que as fronteiras físicas existentes. Além disso, há que se considerar que existe nessa região um processo de transculturação entre esses povos, e entre índios e karaiwa (não-índios). Isso tendo em vista que é possível observar entre tais grupos a existência de “trocas culturais” que muitas vezes ressignificam determinadas práticas. Nesse ínterim, cabe mencionar o fato de muitas narrativas e personagens da tradição indígena interagirem com elementos não-indígenas, como é o caso da narrativa apresentada por S. Alcuino de Lima, indígena taurepang da Terra Indígena (TI) Raposa Serra do Sol. Nessa narrativa, coexistem personagens como Noé, que sob a perspectiva bíblica,

junto com alguns familiares sobreviveu a um dilúvio que destruiu o restante da humanidade, e Makunaima, personagem central de muitas narrativas indígenas dessa região. Tendo como pano de fundo essa narrativa, neste trabalho discutiremos conceitos que apontam para essa realidade de “trocas culturais” não apenas entre as diversas etnias que habitam o Circum-Roraima, mas também entre os povos indígenas e não-indígenas. É o caso da noção de transculturalização, já mencionada, e cunhada a partir de Fernando Ortiz como um indicativo das “transmutações culturais” entre determinados grupos. Nesse caso, a discussão abrange conceitos como o nacional e o transnacional, o local e o universal. O objetivo é problematizar questões oriundas do uso de conceitos como estes. Ademais, a discussão proposta a partir da narrativa apresentada aponta para outra questão pertinente aos estudos acerca de povos indígenas, que é o fato de que, em muitos casos, ao falar em transmutações culturais entre índios e não-índios, os primeiros podem ser apontados como um grupo passivo às influências do segundo, o que é um equívoco. A própria narrativa apresentada nesse trabalho, além de outras manifestações culturais, aponta para a possibilidade de “apropriação cultural” dos povos indígenas em relação a variados elementos costumeiramente considerados como elementos não-indígenas. Considerando isso, a pesquisa realizada está embasada na História Oral (ALBERTI, 2004). A narrativa a qual este trabalho se refere faz parte do terceiro volume (no prelo) produzido pelo projeto Panton Pia’: Narrativa Oral Indígena, criado e coordenado por Devair Antônio Fiorotti e financiado pelo CNPq. A partir desse projeto, em vigência desde 2007, são realizadas entrevistas preferencialmente com anciãos indígenas das TIs Raposa Serra do Sol e São Marcos.

Palavras-chave: Transculturalidade, Transculturalização, Transnacionalidade, Narrativas Oraís Indígenas

Ver o mundo com as palavras: A personagem Espião de Deus, do romance Verde Vagomundo

NAYANA REGINA DE MORAES (UFPA)

Resumo: Esta proposta de estudo visa interpretar a personagem Espião de Deus, do romance Verde Vagomundo (1974), de Benedito Monteiro. Busca-se na exploração narrativa acerca da cegueira, traçar o paralelo com a existência humana. Na obra, é possível essa leitura por tratar de um narrador-personagem (Major Antonio) que se vê diante de um labirinto existencial sentindo-se um forasteiro distante do mundo, de si e até mesmo de sua terra natal. Envolvido por pensamentos errantes de sua vida, a vinda de Major Antonio causam impactos na cidadezinha ocorrendo trocas culturais na forma como este percebe o outro e a si mesmo naquele espaço distante, perdido e reelaborado em sua memória. A esse regresso divaga sobre a vida e sua relação com o mundo, tanto ao mundo pertencente a outros países, quanto àquela territorialidade local, Alenquer, cidade da Amazônia brasileira. Dessa forma, ampliando-se os contextos que integram a obra à dimensão histórico-política brasileira, observa-se que, em meio à paisagem amazônica, o narrador, por meio de um gravador registra as histórias orais, e dentre elas, destaca-se a passagem sobre o Espião de Deus, um cego que transitava na cidade como pedinte e que se diferenciava dos demais pelos dons “extraordinários” de conhecer profundamente os lugares e a mente das pessoas. A essa possibilidade interpretativa sobre a descoberta do mundo por um cego e a experiência de sentir o mundo pelas palavras é que a discussão propicia a confluência de pensamentos no campo literário e filosófico. Este estudo também procura dialogar com as reflexões sobre a descoberta do mundo pelas palavras, do habitar poético humano e dos contrastes que distanciam as rupturas do homem moderno com as antigas ordens de experiência vividas. A partir da imagem da cegueira, o romance Verde Vagomundo conduz o leitor a episódios variados, como o que remete àquele que “para andar sozinho no escuro tateando o vácuo e surpreender o mundo em pedaços”. O

personagem traz ao narrador esse olhar de quem compreende como um habitar poético o mundo e as pessoas, sendo possível pensar que a temática da cegueira, tema recorrente na literatura, compreende a possibilidade de um novo olhar para a forma como a humanidade julga ver o mundo e as coisas. Ademais, os diálogos sobre a questão da cegueira serão norteados pela crítica fenomenológica feita por Heidegger, para além de uma ligeira leitura intertextual revisitando obras com o tema da cegueira/ cegos.

Palavras-chave: Espião de Deus, Cegueira, Verde Vagomundo, Benedito Monteiro

Maíra: (re) significando o passado dos índios da Amazônia

VANESSA APARECIDA DE ALMEIDA GONÇALVES OLIVEIRA (UFJF)

Resumo: Quando se trata de assuntos relacionados aos indígenas no Brasil, um dos nomes mais retomados é do antropólogo Darcy Ribeiro. Sua carreira é marcada por uma trajetória interdisciplinar que buscou desmitificar e valorizar a figura do índio brasileiro, através de estudos variados. Contudo, uma das facetas do seu trabalho, a ficcional, ainda é pouca conhecida e discutida pelos acadêmicos brasileiros. Maíra é o primeiro romance escrito pelo autor, conta a história da cosmogonia do povo Mairum juntamente com o entrelaçamento de outras culturas e as interferências que ambas provocam entre si. Além disso, no livro, os fatos relacionados a essas zonas de contato são relevantes para o futuro da tribo Mairum, uma vez que o autor faz uma associação do passado histórico com o presente, dessa maneira, tal dialética funciona como uma crítica ao sistema político e econômico do país, transitável por hegemonias estrangeiras, sobretudo, a norte-americana. Igualmente, nota-se o interesse do autor em repensar as culturas indígenas e também a cultura brasileira em meio a esse novo cenário mundial globalizado. Darcy Ribeiro desfrutou da particularidade da narrativa ficcional para elaborar uma obra plural e multifacetada na qual o entrecruzamento dos discursos da História e ficção são essenciais para a

construção do romance, principalmente na confecção de uma narrativa díspare e pluridiscursiva. Em Maíra, a compreensão do mundo indígena se dá através das múltiplas identidades representadas por diversas vozes atuantes na construção histórica da figura indígena brasileira. Desta forma, neste trabalho, procuramos apresentar a relação intrínseca entre a narrativa ficcional e a História, além de investigar, como a literatura pode reconstruir e ressignificar os acontecimentos históricos, uma vez que “tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade” (HUTCHEON, 1991, p. 127). O discurso ficcional pode compreender e repensar a realidade, buscando caminhos que se afastam cada vez mais dos discursos oficiais e das verdades auto-instituídas. Na contemporaneidade, torna-se constante a consolidação da identidade por meio da especificidade, da heterogeneidade e da diferença, uma vez que o conceito de identidade nacional não corresponde à fragmentação e à descentralização do indivíduo e das culturas. Portanto, ao trabalharmos com o romance Maíra, não pretendemos legitimar sua versão acerca do processo de construção da história do Brasil, entretanto, levantaremos questões sobre os diversos significados apresentados pelo autor por meio do discurso ficcional, o emprego da linguagem e de um pensamento cultural acerca da história dos índios da Amazônia.

Palavras-chave: Literatura, História, Maíra, Índios da Amazônia

“Zeca Dama”: Homossociabilidade e masculinidade no seringal amazônico

ENDERSON DE SOUZA SAMPAIO (UFAM)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo fazer uma leitura crítica do conto “Zeca Dama”. Esta narrativa é parte do livro O tocador de charamela, de Erasmo Linhares. O texto integra a trilogia “Três histórias da terra” da qual também fazem parte “Tio Antunes” e “João Carioca”. A prosa de Erasmo Linhares faz parte do que Lucilene Gomes de Lima

(2009) define como “ficções do seringal ou ficções do ciclo da borracha”, nas palavras da autora essas “produções conseguem retratar o modo de vida de seringueiros e a extração da matéria prima da floresta”. Lima (2009 p. 13) acrescenta ainda que em sendo “tema recorrente nas publicações em prosa de ficção, o látex estimulou historiadores e economistas em análises muitas vezes contraditórias”. A produção ficcional na Amazônia do período da chamada economia gomífera aborda temáticas variadas, desde a situação do caboclo, até a violência que é acionada constantemente como estratégia narrativa. Sabendo disso apontamos que O conto “Zeca Dama” ficcionaliza a descrição do êxodo, a chegada dos retirantes nordestinos à região. Seus sonhos, ilusões, as tragédias experimentadas num mundo desconhecido, ao qual terão que se adaptar a duras penas. A narrativa tematiza, além do sofrimento dos ‘soldados da borracha’, suas alegrias, as festas em que homens, por falta de mulher, dançavam com homens. (TELLES, 2014, p. 172-173, grifos nossos). Conforme essas considerações iniciais, informamos que em nossa análise focalizaremos os aspectos da homossociabilidade e da masculinidade nos seringais amazônicos. Sobre a homossociabilidade cabe mencionar que a entendemos como “a sociabilidade estabelecida entre homens”, a qual se configura como “importante aspecto na manutenção de uma cultura patriarcal” (ALÓS, 2010, p. 119). Em relação à masculinidade ressaltamos que ela ocorre dentro de “um contexto cultural violento que pressiona os homens a exercerem a masculinidade de forma competitiva e violenta” (URRA, 2014, p. 125). Apresentando comportamentos homossociais, a personagem “Zeca Dama” impõe sua masculinidade, uma vez que “o indivíduo que tem atitudes, comportamentos, sensibilidades ‘femininas’ perde sua condição de homem”, ou seja, “não há escolha ou opção: o homem para ser homem deve ter a marca da virilidade” (BLAY, 2014, p. 19-20). Além destes pontos nos ateremos também a: a) ao enclausuramento de homens na floresta amazônica; b) a ausência feminina no seringal; e c) a violência masculina. Quanto ao enclausuramento masculino na floresta amazônica entendemos

o seringal como espaço iminentemente masculino tal como é ficcionalizado na prosa de Linhares. Em relação à ausência feminina nos seringais, Guedelha (2015) argumenta que “a mulher era uma presença rara” causando por este motivo, inúmeras violências. No que tange a violência, partilhamos do pensamento de que “a violência é proteica, assume múltiplas formas, mas está sempre alicerçada em uma pressuposição, a de que alguns seres humanos são menos humanos, ou de que algumas vozes ou protagonismos valem mais do que outros” (SCHMIDT, 2016). Para atingir os objetivos acima elencados buscamos apoio nos textos de matriz teórica, dentre os quais estão os estudos de Alós (2010), Guedelha (2015), Lima (2009) e Telles (2014).

Palavras-chave: “Zeca Dama”, Homossociabilidade e Masculinidade, Seringal Amazônico

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

Travessias, traços e escritas em *A voragem*, de Jose Eustasio Rivera

LUCIANA MARINO DO NASCIMENTO (UFRJ)

Resumo: As imagens acerca da Amazônia como paraíso, “inferno verde” ou Eldorado foram moldadas a partir dos textos dos viajantes estrangeiros que a visitaram nos séculos XVII XVIII. Foi, sem dúvida, pela força da letra que se fixou no imaginário tais juízos de valor sobre a região. Neste trabalho, pretende-se revisitar as imagens sobre a Amazônia colombiana, tendo como objeto de estudo as múltiplas travessias no interior da floresta, empreendidas pelos personagens do romance do escritor colombiano Jose Eustasio Rivera – *La Vorágine*. No decorrer de toda narração, sobretudo, a partir do segundo capítulo, de *La Vorágine*, o espaço amazônico é apresentado ao leitor como um lugar “longínquo”, “desabitado”, onde a selva é “devoradora” daquele que nela habita, principalmente do recém-chegado à região. O espaço, na

descrição do autor, ganha traços de humanização, enquanto que o sujeito “humano” animaliza-se, devido a ação determinista do meio sobre ele. Para essa leitura, utilizamos importantes textos que nos sustentaram ao longo do trabalho, tais como Mary Pratt, Bakhtin, Benjamin, Foot Hardmann, Gondim, entre outros.

Palavras-chave: Amazônia, Romance, Amazônia Colombiana, literatura

Cenas e sinas da infância na narrativa da Amazônia paraense

IVONE DOS SANTOS VELOSO (UFPA)

Resumo: A presente comunicação é resultante de estudos empreendidos para o desenvolvimento de uma tese que pretende demonstrar que a categoria infância é uma chave de leitura relevante para investir numa interpretação do projeto literário do escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979), conhecido como Ciclo Extremo Norte. Tal projeto, constituído por dez narrativas, a saber Chove nos Campos de Cachoeira (1941), Marajó (1947), Três casas e um rio (1958), Belém do Grão-Pará (1960), Passagem dos inocentes (1963), Primeira manhã (1967), Ponte do Galo (1971) Os Habitantes (1976), Chão dos Lobos (1976) e Ribanceira (1978) é protagonizado pelo mestiço Alfredo, com exceção do romance Marajó, cujo o protagonismo recai sobre Missunga, o filho de um rico Coronel da região marajoara. Essas narrativas alinham-se a um compromisso ético e estético de representação não só da paisagem amazônica, mas, sobretudo, de sujeitos inseridos nesse contexto, especialmente, os pobres e marginalizados que conformam o que Dalcídio Jurandir chamou de “aristocracia de pé no chão”. Entre esses pobres, estão os meninos e meninas que vivem e sobrevivem às condições sociais de um sistema capitalista desigual e opressor, que lhes empurra para a miséria, a perda da identidade infantil e a desumanização. Assim, um filão de crianças, por vezes, sem nome e sem voz, aparecem como desvalidos que, em diversas cenas surgem na condição de agregados, servindo à casa alheia como forma de sobrevivência, ao passo que, em pelo

menos, nas primeiras cinco narrativas, excetuando o romance Marajó, o próprio protagonista é uma criança, o menino Alfredo, que nas demais narrativas do ciclo vai crescendo e amadurecendo até chegar à adultícia. Desse modo, esse trabalho também almeja demonstrar que as personagens infantis dalcidianas inserem-se numa tradição de narrativas que seguem a “linhagem da denúncia da exploração humana na Amazônia” (FURTADO, 2008, p.108). Para tanto, além do romance dalcidiano, Belém do Grão – Pará (1960), esta comunicação também tratará de algumas narrativas anteriores ao ciclo romanesco do escritor marajoara, para assim compreender melhor a inserção da obra dalcidiana no conjunto literário que dá tratamento a essa temática, observando suas apropriações e inovações. Nesse sentido, cotejamos O crime do Tapuio, do livro Cenas da vida Amazônica de José Veríssimo (1857-1916), publicado pela primeira vez em 1886; e romance Safra de Abgvar Bastos, publicado em 1937. Pretende-se, dessa maneira, observar e analisar o rendimento temático da infância e das personagens infantis no interior dessas narrativas, esboçando, desse modo, um breve panorama da figuração da criança e da infância por escritores da Amazônia paraense.

Palavras-chave: Infância, Narrativa, Amazônia, Pará

Próprias Amazônias alheias – topografias de fricções literárias

AMILTON JOSÉ FREIRE DE QUEIROZ (UFAC)

Resumo: O objetivo central deste trabalho é expor as linhas de reflexão articuladas para examinar textos literários das Amazônias através da interlocução entre a Teoria da Literatura, a Literatura Comparada e os Estudos dos trânsitos culturais no âmbito dos cursos de Letras Universidade Federal do Acre. Pensada sob a jurisdição dialógica, a Teoria da Literatura constitui um horizonte de articulação fecundo, conjugado especialmente na direção do olhar de autores como Jonathan Culler, Eneida Maria de Souza, Ivete Walty, Thomas Bonnici e Antoine Compagnon. Flagrando também a poética do intercâmbio,

a Literatura Comparada triangula ao redor de cruzamentos entre imaginários transculturais. É dessa territorialidade convexa que se disseminam os fluxos da mirada comparatista em torno da bacia estética das Amazônias, encontrando respaldo crítico na capilaridade do pensamento de intelectuais como Benjamim Abdala Junior, Tania Carvalhal, Eduardo Coutinho, Zilá Bernd, Marli Fantini, Eurídice Figueiredo, Laura Cavalcante Padilha e Maria Zilda Ferreira Cury. Através do deslocamento pelo território da palavra desses comparatistas, fica patente o desafio de ampliar os limiares da significação em torno da semiótica interplanetária das comarcas, das heterogeneidades e dos balbucios culturais latino-americanos, entendidos a partir e para além das linhas abissais do entendimento de Ángel Rama, Cornejo Polar, Hugo Achugar. Destarte, o trânsito pelo texto próprio e alheio dissemina práticas de leitura em constante deslocamento pela opacidade do saber tecido nos interstícios de leituras em devir sobre as Amazônias no contemporâneo. A investigação dos novos mapas geo-literários, geo-históricos, geo-antropológicos e geo-culturais contempla o deslizamento pelo magma das figurações das alteridades transmigrantes das Amazônias, dimensionando o encontro de saberes. Entre o movimento de partida e a dinâmica do retorno, fortalece-se a diretriz analítica da travessia nas produções artísticas das Amazônias, sondadas em sua inclinação à fissura, à fricção e à tensão das epistemologias transfronteiriças. É com o fito de estreitar os laços de compreensão das culturas amazônicas em escala global que se organiza um itinerário comparatista radicado no território acreano, concebido em sua compleição espiralada para acoplar o uno e o diverso do rizoma literário amazônico. Por tal caminho crítico, espera-se fortalecer, estreitando, os pactos analíticos em torno da mobilidade de leituras comparatistas fundamentadas no diálogo entre a teoria, a crítica e a epistemologia das errâncias interdisciplinares com acento nas Amazônias. Através de vias plurais, vislumbra-se o investimento contra o raciocínio binário para envidar gestos interpretativos calcados no prazer de traduzir,

criticamente, a movência do ser na órbita dos textos literários -, pátrias imaginárias, para usar a metáfora de Salman Rushdie, onde o desvio da visão etnocêntrica dá o tom da geografia do intercâmbio entre as várias Amazônias. Mirando o alvo da troca dentro e fora do lócus da literatura, espera-se conjugar o espírito nômade e irrequieto de que “teorizar é metaforizar” (SOUZA, 2016, p. 218). Nessa perspectiva, teorizar, comparar e transitar é mover-se em direção à topografia da singularidade plural do ato de ler o texto alheio, redescobrimdo a força do estatuto paradoxal das redes dialógicas e friccionais do sintagma Amazônias.

Palavras-chave: Próprio, Alheio, Amazônias, fricção

“Antropofagia Visual”: a invenção da identidade indígena por meio do Vídeo nas Aldeias

MARCELA ULHOA SILVEIRA BONVICINI (UFRR)

Resumo: Qualquer grupo humano utiliza-se dos mais diversos meios para se auto-representar e criar uma identidade própria, coletiva ou individual. Com os indígenas não é diferente. Seja por meio dos “tradicionais” rituais manifestos na oralidade e no movimento das danças, seja por meio das modernas narrativas audiovisuais, as mais diversas etnias se auto-representam e se inventam, para si e para os outros. É, portanto, a partir da análise da manipulação dos signos convencionais e distintivos manifestos nos filmes do projeto Vídeo Nas Aldeias, nos quais os indígenas são, ao mesmo tempo, cineastas e personagens, que busca-se compreender o processo de “invenção da identidade”. O termo proposto pelo antropólogo Roy Wagner encontra um paralelo com a ideia apresentada em 1928 por Oswald de Andrade em seu Manifesto Antropofágico. Tanto lá (com os modernistas), como aqui (com os indígenas), o primitivismo aparece como signo de deglutição crítica do outro: o moderno e civilizado. Devorar a “cultura” importada de forma a reelaborá-la, transformando, por fim, o importado em exportável. É a partir do forasteiro e sua câmera, de um aparato, de

uma técnica e uma linguagem do “outro”, desse choque cultural, social e político, que podemos ver o movimento de exportação da “cultura tradicional” indígena por meio dos vídeos. Ao analisar o texto dentro do cinema, a sua linguagem e as narrativas evocadas pelos indígenas, é possível perceber que existe uma intencionalidade no fazer audiovisual. Não são poucas as vezes em que os indígenas aparecem em cena dizendo que o filme é um meio de preservar a sua memória, passar os ensinamentos para as próximas gerações e perpetuar o seu povo. Essa memória coletiva, entretanto, não diz respeito somente a um processo interno a cada etnia. Muito mais do que poder passar os cantos para os netos, por exemplo, os vídeos operam numa construção, ou (reconstrução) da identidade indígena perante a sociedade nacional e a outras etnias. Digo isso respaldada pelo argumento de que a memória constitui um elemento essencial no processo de formação identitária, tanto de indivíduos, como de coletividades. Nesse sentido, o vídeo é a própria memória, pronto para acionar os mais diversos fatos, nas mais diversas ocasiões. O vídeo forma, assim, um mosaico cultural, baseado em provas materiais cabais: imagens da mais pura realidade. É evidente que existe um controle do que se quer passar e como se quer falar, entretanto, ao pegarem uma câmera e filmarem seus rituais, entra em jogo não apenas uma descrição do momento, mas uma simbolização dele. Por fim, tomando o cinema como uma linguagem composta por um conjunto de signos convencionais e figurativos e, na medida em que os signos são sempre o equivalente de qualquer coisa, fica subentendido uma relação constante do signo com o objeto a que substitui. Como afirma Yuri Lotman em *Estética e Semiótica do Cinema*, “o mundo que o cinema reproduz é simultaneamente o próprio objeto e um modelo desse objeto” (LOTMAN, 1978:34). É por meio das narrativas cinematográficas que o trabalho busca compreender essa “antropofagia visual” no processo de criação de identidades culturais indígenas contemporâneas.

Palavras-chave: cinema, narrativa, identidade, indígena

Romances sobre a Amazônia brasileira e hispano-americana: Personagens doentes

MARIA DE FATIMA DO NASCIMENTO (UFPA)

Resumo: As doenças também integram a temática dos artistas literários. Então, com base em *Fronteiras amazônicas do Brasil: saúde e história social* (2000), de Victor Leonardi e *A dimensão da ética em saúde pública* (1995), de Volnei Garrafa, objetiva-se aqui comparar personagens doentes de quatro romances, dois colombianos: *La vorágine* (1925) de Jose Eustasio Rivera (1889-1928) e *La Nieve do Almirante* (1986) de Álvaro Mutis (1923-2013); e dois brasileiros: *Marajó* (1947) de Dalcídio Jurandir (1909-1979) e *Cinzas do norte* (2000) de Milton Hatoum (1952-), visando evidenciar a representação estético-verbal duma Amazônia transfigurada em meio a um aspecto do imaginário coletivo: o de uma região propícia à aquisição de enfermidades, predominantemente, as tropicais, das quais se enfocam aquelas transmitidas por mosquitos hematófagos ou por vírus. Nesses romances, personagens adquirem doenças infecciosas: malária, leishmaniose, varíola, hanseníase e AIDS, causadas por vírus ou por parasitas no sangue. Em *La vorágine*, o narrador Arturo Cova é poeta que foge, com a namorada Alícia, de Bogotá para Casanare e La Maporita. Desentendendo-se o casal, Alícia foge para um seringal em Vichada, seduzida pelo dinheiro prometido por Barrera, inescrupuloso recrutador de trabalhadores. Chegando lá, só encontra escravização, miséria e doenças. Arturo busca a esposa e adoece duma febre alta. *La nieve do almirante*, conforme o tópico da “legitimação” da narrativa, para imprimir-lhe veracidade, consiste no diário do narrador Magroll, texto encontrado por suposto editor, bibliófilo, que o publica em livro, apenas acrescentando título, o mesmo nome da pousada onde Magroll convive com Flor Estévez. Magroll viaja num barco rumo a uma feitoria para comprar toros de madeira e ganhar dinheiro na revenda. Nessa viagem, ele escreve seu diário. Aqui, os primeiros doentes mostrados são o mecânico da embarcação, um lacônico índio com hérnia no umbigo e dois soldados ardendo em febre,

embarcados para tratamento num posto de fronteira. Um deles morre no barco. Antes, Magroll conta ter adoecido, com ferida causada por mosca venenosa, permanecendo meses na floresta aos cuidados de Flor Estévez. Em O Marajó, cujos principais acontecimentos se desenrolam em Ponta de Pedras, município da ilha-título do livro, têm-se diversos doentes: o leproso Ciloca, o asmático Manuel Raimundo, crianças barrigudas comidas de vermes, enfermos com doenças sexualmente transmissíveis e malária. Destaca-se a enferma Alaíde, jovem que vem a ter malária. Finalmente, em Cinzas do norte, há doentes como Mundo, suposto filho de Trajano Mattoso, de cujas propriedades deve ser o herdeiro, mas não se interessa por isso, preferindo desenhar. Trajano faz de tudo (surras, cárcere privado e xingamentos) para Mundo sucedê-lo nos negócios, mas o depois artista plástico resiste, sendo colocado na Escola Militar. Lá, treina nas fronteiras amazônicas da Guiana Francesa, convivendo com militares, o amigo Cará, e contraindo “doença do beijo”, espécie de herpes transmitida pela saliva. Mundo falece sem se curar da moléstia, que sugere ser AIDS.

Palavras-chave: Romances brasileiros, Romances hispano-americanos, Personagens doentes, Amazônia

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 6

Modernidade e modernização nas/das Amazônias: Milton Hatoum e Abguar Bastos (Diálogos Interculturais)

GILSON PENALVA (UNIFESSPA)

Resumo: O objetivo deste trabalho é propor um diálogo entre Milton Hatoum e Abguar Bastos, visando problematizar processos de identificação cultural; relação entre o local e o global; modernidade/modernização nas/das Amazônias. A partir de pressupostos teóricos dos estudos culturais e pós-coloniais, assim como de teorias críticas da

América Latina, procuramos enfatizar a ideia de decolonial como forma de resistência epistêmica. A discussão se dá a partir de três romances da Amazônia brasileira: Cinzas do Norte e Dois Irmãos, de Hatoum e Terra de Icamabás, de Abguar Bastos, com vistas a problematizar a ideia de parâmetro único e universalizante para todas as formas literárias e culturais. Ademais, a proposta apresenta a necessidade de rompimento com epistemologias eurocêntricas, que historicamente têm negado/inferiorizado diferenças culturais importantes. Estamos propondo, portanto, observar os discursos que essas obras literárias veiculam e que incidem na produção de identidades culturais nas/das Amazônias. Nesse sentido, a reflexão se organiza como consequência da desconfiança de que a suposta unidade e homogeneidade da identidade cultural amazônica não passa de falácia definidora de processos de exclusão e que a partir de constantes diálogos culturais transnacionais, novas cartografias simbólicas são redesenhadas e apresentadas em novos contextos, que não podem se restringir a limites de uma amazonidade monolítica, mas na redefinição de novos espaços de negociação identitária e cultural.

Palavras-chave: identidade, cultura, literatura amazônica, amazonidade

Poética das (trans)migrações em Guimarães Rosa e Milton Hatoum

EZILDA MACIEL DA SILVA (UNIFESSPA)

Resumo: As investigações sobre a Amazônia em perspectiva comparada têm sido constantes no âmbito dos Estudos Literários, fortalecendo o itinerário dos laços dialógicos entre teoria, crítica e comparativismo. Sendo assim, o presente trabalho analisa os contos Orientação, de Guimarães Rosa, e Um oriental na vastidão, de Milton Hatoum. Esses textos são compreendidos como lugares onde aparecem cartografados os encontros interculturais entre personagens chinesas, japonesas e brasileiras no sertão mineiro e na floresta amazônica em projetados em escala global do imaginário contemporâneo. Do ponto de vista teórico-metodológico, o ensaio afina-se com as interlocuções entre

a Teoria Literária, a Literatura Comparada e os Estudos Pós-coloniais. Destarte, busca-se apontar os caminhos pelos quais os contos dos dois escritores elaboram o percurso da figuração de poéticas transmigrantes através da cartografia das errâncias e das des(re)territorializações interplanetárias. Nesse sentido, os narradores e personagens dos contos partem em direção a outros imaginários para habitar o território estranho, experimentando a mirada dos limiares da língua, cultura e experiência por meio do convívio entre saberes e sabores das fronteiras reimaginadas nos cenários da fricção pós-colonial. As cenas do deslocamento plurivocal dão o tom do movimento de alteridades que percorrem os bosques da ficção rosiana e hatouniana para disseminar os vestígios da fragmentação e insubmissão à lógica das vontades cartesianas. Espaços de movência, os textos literários de João Guimarães Rosa e Milton Hatoum elaboram a travessia de personagens radicadas no território poético da alteridade deslocada das centralidades estéticas. São escritas marcadas pela experiência da transmigração do imaginário, exercitando a busca dos fragmentos da diferença através do mapeamento dos paradoxos do encontro entre culturas. A atmosfera do movimento consolida uma visão múltipla do gesto articulatório das mentalidades projetadas na diligência comportamental e cultural das personagens, dotando-as de acepções axiomáticas cujas envergaduras contextuais tecem outras diretrizes enunciativas para o percurso da cooperação intercontinental. Contumazmente, procura-se sublinhar que os textos dos autores mobilizam o movimento como meio para institucionalizar o ritmo das fronteiras do narrar, descrever e testemunhar a experiência da voz e letra. A atmosfera do deslocamento da personagem está fundada, portanto, sobre a tentação do fechamento à atuação dentro do próprio círculo territorial e o apetite à deambulação pela cultura alheia, derivando desse entrecruzamento de percepções o estágio relacional da personagem como portadora do signo da estrangeiridade intercultural. Zona de passagem intrincada, as vozes heterogêneas do texto rosiano e hatouniano equilibram-se

na desterritorialização do imaginário híbrido, imprimindo o ritmo da travessia para o outro lado de si, além do deslocamento pela atmosfera das latências do outro, reposicionada na constelação das mobilidades transmigrantes.

Palavras-chave: Poética, transmigração, Amazônia, Literatura

Processos de identificação cultural e identidades nas Amazônias de Hatoum e Bernardo Carvalho

LIOZINA KAUANA DE CARVALHO PENALVA (UFF)

Resumo: O presente estudo dispõe-se a discutir sobre processos de identificação cultural na Amazônia brasileira, a partir de uma análise comparativa das obras *Relato de um certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum e *Nove Noites* (2002), de Bernardo Carvalho. Estas são narrativas contemporâneas produzidas no Brasil, escritas por autores de diferentes regiões, mas cujas aproximações são nítidas e consideráveis. As experiências de deslocamentos, que em *Relato* se delineiam com o deslocamento de uma família de raízes libanesas para a Amazônia brasileira e em *Nove Noites* com as viagens feitas pelas personagens para tribos do Alto Xingu, proporcionam uma discussão em torno dos conceitos de hibridismo cultural, alteridade e diferença, pois sempre se privilegia o contato com o “Outro”, mesmo que esse outro, por vezes, seja configurado também como uma parte obscura de si mesmo. Os narradores-personagens das obras em questão parecem estar sempre em uma misteriosa busca pelo outro ou até mesmo pela reconstituição do seu passado, mas esta procura parece estar sempre fadada ao fracasso. Esse sentimento é também uma das formas que os autores encontraram para dar destaque à inquieta relação do sujeito contemporâneo com aquilo que lhe é familiar, e também com suas figuras de alteridade. Nesse contexto, a proposta desta pesquisa é, a partir de estudos culturais e pós-coloniais, mostrar que a representação de identidades culturais amazônicas de forma fixa e homogênea é uma atividade infrutífera, principalmente em nosso mundo contemporâneo

em que as identidades estão intrinsecamente ligadas à incoerência, à imperfeição, e à alteridade, resultando de imbricações e diálogos culturais que se processam em fissuras ou espaços móveis, propícios para questionamentos de hegemonias petrificadas. Sendo assim, o nosso alicerce teórico está pautado pelas teorias de Homi K. Bhabha, Julia Kristeva, Jacques Derrida, Walter Mignolo e Michel Foucault, estudiosos que em vez de reforçarem projetos que procuram pensar os espaços de forma homogênea, com ideias unilaterais e apressadas de sua identidade cultural, filiam-se a concepções culturais contemporâneas ou pós-coloniais que preveem alterações nas formas tradicionais de olhar e refletir sobre a cultura. Na comparação aqui desenvolvida, nota-se que há uma constante interação com a ausência, com o incerto e o não explícito. Há crises de sentidos e uma vacuidade: essas narrativas não se limitam a transportar um único sentido lógico. Há vozes, há visões, há posturas, porém, não há fechamento de ideias, não há uma lógica de verdade, daí a preocupação dos escritores em operar a reconstrução da memória através de várias perspectivas e vozes, ou seja, a memória coletiva ajudando a costurar os elos partidos com o passado.

Palavras-chave: Amazônia, Alteridade, Diferença cultural, Memória

Lealdade (1997), de Márcio Souza: os espaços narrativos e a construção da identidade amazônica

MARIA CLÁUDIA DE MESQUITA (UNESP)

Resumo: Os romances históricos apresentam fatos históricos ficcionalizados, ou seja, recriados para a literatura. O romance histórico “Lealdade”, de Márcio Souza, foi publicado em 1997 e é o primeiro volume da tetralogia “Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro”. Nesta obra o autor apresenta personagens que se referem a personalidades históricas envolvidas nas batalhas da Cabanagem (1835 -1840), convivendo com o protagonista. A presença destas personagens históricas garante verossimilhança à narrativa que retrata o século XIX na região norte

brasileira. Este romance apresenta as memórias do protagonista Fernando Simões Correia e sua trajetória pelos territórios portugueses, com destaque para a região da Amazônia brasileira chamada de Grão-Pará e Rio Negro, no século XIX. São descritos também os acontecimentos da Guerra em Caiena (1808), território francês e sua vida madura em Belém. As belezas naturais aparecem desfocadas devido à narrativa da guerra, no entanto os espaços brasileiros/portugueses e franceses aparecem ao longo de toda a obra, influenciando o temperamento e as ações dos personagens. Cada lugar influencia o protagonista e suscita a recorrente dúvida: ser leal a quem: portugueses, brasileiros ou paraenses? Desta forma, a trajetória do herói modifica-se em relação ao ambiente em que este se encontra e determina suas reflexões em relação a identificação com qual seria sua terra natal. O objetivo deste trabalho é apresentar como os diferentes espaços narrativos contribuem para a trajetória de construção da identidade e a formação do protagonista, caracterizando este texto como um romance de formação do homem, de acordo com as considerações de Bakhtin. A identidade do protagonista Fernando Simões Correia vai sendo construída em seu embate com o espaço em que ele se encontra e sua relação com o “outro”. O confronto com os portugueses, os franceses, os índios e os paraenses o fazem refletir sobre a própria identidade neste contexto de colônia portuguesa. Cada oportunidade do herói em comparar-se com o “outro” favorecem análises sobre sua própria personalidade e o levam a modificar seu sentimento de exilado na colônia para aquele que pode ser um político e conquistar um território independente. Este período de lutas e tomada do poder o conscientizam sobre sua identidade amazônica, valorizando e se identificando com a população, os costumes, os hábitos, a natureza e a cultura local. Porém, em seguida, a decepção pela incorporação do Grão-Pará ao Reino Unido do Brasil deixa nele o sentimento de frustração pela não realização completa do país idealizado.

Palavras-chave: Márcio Souza, Lealdade, Espaço Narrativo, Identidade

O espaço lembrado: Pertencimento e reconstrução da identidade amazônica na obra *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum

JEFFERSON GIL DA ROCHA SILVA (UFAM), AILA RODRIGUES PANTOJA (UFAM)

Resumo: A construção do espaço não é somente uma construção individual, também é coletiva, e de pertencimento ao lugar. Reconstruir o passado é construir seu interior, que emerge com fragmentos que precisam ser montados como quebra cabeças para decifrar sua identidade. Partindo dessa afirmação, este artigo tem como objetivo reconstituir o espaço de pertencimento de um passado e um tempo vivido, numa busca de compreensão de realidade por meio de compartilhamento de histórias acerca de um Oriente transportado para Manaus, na figura do narrador no romance *Relato de um certo Oriente*, do escritor amazonense Milton Hatoum. Justifica-se a relevância do artigo por proporcionar uma reflexão sobre o romance, que é uma verdadeira arquitetura, construída e reconstruída por segmentos narrativos que vão compor um todo sem igual, como a casa que se foi, o destino individual entrelaçado com o familiar, a descrição do exótico, da paisagem, a língua, a relação familiar, e mais, tudo isso retratada num seio de uma família de imigrantes libaneses que tornam a Amazônia seu lar. O olhar do narrador no ambiente vivido traduz suas experiências, na compreensão das representações do ser amazônida, e é a partir desse espaço lembrado que se constrói o espaço construído e sua identidade, numa totalidade simbólica da cidade tropical, a Manaus das primeiras décadas do século XX. Buscando compreender o tecido de memórias que mostram a sutileza e delicadeza de uma história altamente pessoal. A pesquisa será de cunho bibliográfico. Por esse caminho metodológico busca-se reconstruir um espaço perdido na cidade de Manaus e ainda desconhecido na literatura Amazônica. Autores como Maciel (2013), (Benjamin, 1985), Bosi (2003), Halbwachs (2006), Oliveira (2009), Tuan (2012) e outros nos fornecem elementos importantes para compreender a temática lançada. O espaço descrito no romance pelo autor vai além de um espaço lembrado, ou de apenas vozes de um tempo no passado,

ele ganha força e ultrapassa a barreira das palavras que agora ecoa no presente. É a criação de um mundo que se organiza pelos fragmentos narrativos, pelos constantes diálogos existentes no decorrer da leitura, que emergem como uma torrente, construindo e desconstruindo um espaço vivido no tempo de criança, na cidade de Manaus. São memórias que retratam um sentimento de pertencimento numa cidade que foi esquecida e que agora ganha vida nas palavras das vozes narrativas. Manaus, dura para aqueles que não a compreendem, mas doce para aqueles que por ela deixa-se encantar. O sentimento de pertencer ao lugar, de se sentir parte desse mundo aflora como um filho pródigo que a sua terra busca explicação para seu lugar no mundo até então quase irreconhecível, a cidade de Manaus.

Palavras-chave: Literatura e Cultura, Espaço urbano, Memória e identidade, Milton Hatoum

38

LITERATURA E CIÊNCIAS SOCIAIS: EXERCÍCIO DE DIÁLOGOS E CONTRASTES

Valdir Prigol, UFFS
Silvana Oliveira, UEPG

Resumo: Para a proposta deste simpósio, vale a pena recordar ensaios-chave do pensamento social brasileiro: Retrato do Brasil (1928), de Paulo Prado; Evolução política do Brasil (1933), de Caio Prado Júnior; Casa-Grande & Senzala (1933), de Gilberto Freyre; Raízes do Brasil (1936), Sérgio Buarque de Holanda. Numa estrutura contrapontística, poderíamos enumerar um conjunto de textos e manifestos que estimulam um diálogo cruzado de grande alcance: Manifesto Antropófago (1928), de Oswald de Andrade; Macunaíma (1928), de Mário de Andrade; A Bagaceira (1928), de José Américo de Almeida; O Quinze (1930), de Rachel de Queiroz; Menino de engenho (1932), de José Lins do Rego; O parque industrial (1933), de Patrícia Galvão; Os ratos (1936), de Dyonélio Machado. Claro, você tem toda razão: nesse exercício, as paralelas convergem no diálogo entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego – perfeita tabelinha. A escrita de Casa-grande & senzala (1933) e Sobrados

e Mucambos (1936) conhece um contraponto ficcional sem par na literatura brasileira com a impressionante série de romances produzida num verdadeiro jorro por Lins do Rego: Menino de engenho (1932); Doidinho (1933); Bangüê (1934); O moleque Ricardo (1935); Usina (1936). Por que não propor eixos comuns entre o ritmo mais geral das ciências sociais e certas tendências verificáveis nos movimentos literários? Na primeira metade do século XX foram produzidos ensaios clássicos de interpretação do país, assim como escritores e poetas ofereceram análises certas dos impasses da civilização brasileira, apontando formas alternativas para superá-los. Pelo contrário, na segunda metade do século XX, especialmente a partir dos anos de 1980, os ensaios foram progressivamente substituídos por estudos de caso, de fôlego reduzido, mas com um nível inédito tanto de precisão conceitual quanto de análise minuciosa de dados empíricos. Roberto DaMatta, com Carnaval, malandros e heróis (1979) talvez tenha sido o último antropólogo a oferecer uma interpretação abrangente da sociedade brasileira. De igual modo, os escritores progressivamente deixaram de se dedicar a projetos ficcionais de interpretação da nacionalidade. Talvez João Ubaldo Ribeiro, com Viva o povo brasileiro (1984), tenha sido o último romancista a pensar o país como um todo, através de um passeio por quatro séculos e por meio de uma galeria impressionante de personagens e de situações históricas, com destaque para o banquete antropofágico do caboco Capiroba. O levantamento sistemático desses contrastes e confrontos entre literatura e ciências sociais ainda não foi feito. Sua realização permitiria imaginar numa nova forma de escrita da história cultural.

Palavras-chave: Literatura, Ciências Sociais, Ficção, Cultura brasileira

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

O Intervalo Modernista de 1926 a 1942: *Libertinagem*, *Bandeira*, e *Alguma Poesia*, Drummond

SILVANA OLIVEIRA (UEPG)

Resumo: Esta comunicação destacará um conjunto de textos marcantes do período modernista brasileiro, aproximando-os e distanciando-os, de modo a perceber as variações de tema e atores no cenário amplo do intervalo de quase 20 anos entre a publicação do livro *Macunaíma*, de Mario de Andrade, em 1926, e o aniversário da Semana de 22, registrado pelo próprio Mario de Andrade, na palestra que proferiu, a convite, no Auditório da Biblioteca do Itamarati, em 30 de abril de 1942, com a apresentação do texto *O Movimento Modernista*. Neste intervalo intenso e produtivo do chamado Modernismo heroico interessam-nos os livros *Libertinagem*, de Manuel Bandeira e *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, postos em relação com as proposições criativas do Manifesto *Macunaíma*, ao lado dos outros dois famosos Manifestos Modernistas, o da *Poesia Pau-Brasil* e o *Antropófago*. Ao lado dos dois Manifestos Modernistas mencionados e consagrados como registro das proposições do período, o livro *Macunaíma* será tomado também como um manifesto, na medida em que se realiza como exercício teórico e formal sobre a produção literária e cultural brasileira; em especial a defesa e a prática de uma língua falada em contraposição a uma língua escrita. Do livro *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, destacaremos, em especial os poemas de cunho metalinguístico, nos quais certo tom de Manifesto pode também ser destacado, como acontece, com ênfase, em *Poética*, cujo teor propositivo atesta o esforço por se definir o “lirismo libertação”, pregado como atitude criativa para a poesia modernista; do livro *Alguma Poesia*, destacaremos o Carlos Drummond de Andrade interessado em expressar a sua “profissão de fé”, marcadamente

em Poema de Sete Faces e em outros textos do livro, nos quais a intenção metalinguística e de construção de uma poética também se observa. A aproximação entre esses dois livros, ambos de 1930, nos servirá para marcar o passo seguinte à Macunaíma, no sentido em que os poetas Bandeira e Drummond tomam a voz formativa proposta pelo Modernismo, não necessariamente como teóricos, mas como colaboradores no esforço pela definição das premissas artísticas em construção. A visada metalinguística e reflexiva, realizada por Mario de Andrade em Macunaíma e no texto Movimento Modernista será cotejada, aproximada e diferenciada das posições que conseguirmos destacar em Libertinagem e Alguma Poesia, de modo a aprofundar a compreensão de algo que podemos dizer como avanço da proposição Modernista a partir das intenções reflexivas que a poesia do momento assume.

Palavras-chave: Modernismo, Macunaíma, Libertinagem, Alguma Poesia

Cantando rodas, contando histórias: o balanço da Roseira e a cultura popular em Quixabeira

MARLINE ARAUJO SANTOS (UNEB/IF BAIANO)

Resumo: O presente artigo tem como objeto de estudo a cultura popular, tomando por base o grupo de rodas Balanço da Roseira, integrado por mulheres do município de Quixabeira, região noroeste da Bahia que compõe o Território de Identidade da Bacia do Jacuípe, a 300 km da capital, Salvador. Partindo do conceito de cultura popular, na perspectiva de autores como Stuart Hall (2009) e Néstor García Canclini (2015) as considerações se desdobram partindo da formação do grupo no intuito de tomar o grupo Balanço da Roseira como fruto da cultura popular local. Detentoras de um espaço e uma linguagem musical particular, as mulheres que participam do grupo revelam no que cantam o resultado do conhecimento que buscam legitimar.

Palavras-chave: Cultura popular, Rodas, Quixabeira, Balanço da roseira

A transfiguração do corpo da cidade no poema “O volume do grito”, de Roberto Piva.

THADYANARA WANESSA MARTINELLI OLIVEIRA (UNESP/IBILCE)

Resumo: Segundo Orlandi (2004), dentro do espaço urbano, no que se referem às mais variadas dimensões como a econômica, cultural, histórica, etc, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam uma construção única, estando o corpo de ambos atados e o destino de um não se separa do destino do outro. Sob esse aspecto, nas relações poéticas, a discussão sobre a cidade, o sujeito lírico e a modernidade são intrinsecamente ligados, já que o início do que pode ser considerado moderno está relacionado com o crescimento das grandes cidades. E, sem dúvida, essa relação entre sujeito-cidade mudou as relações sociais e, consequentemente, o fazer e o pensar a arte. Tais relações entre sujeito e cidade se acentuam na contemporaneidade, uma vez que o caos urbano torna-se mais acirrado e a sensação de fragmentação dos sujeitos se aprofunda. Com base nesses pressupostos, o objetivo deste trabalho é empreender um estudo do poema “O volume do grito”, de Roberto Piva (1937 – 2010), presente no livro Paranoia ([1963] 2009). Roberto Piva foi um poeta que nasceu e morreu em São Paulo, cidade que vai permear a trajetória poética desse que é, segundo Franchetti (2012), uma das vozes mais originais da poesia brasileira desde os concretos. O intento do trabalho será de estabelecer de que forma se transfigura a cidade de São Paulo no poema supracitado, principalmente no que se refere aos elementos do grotesco, do corpo, do sagrado e do profano, da marginalidade e do ambiente urbano, aliados a uma representação da cidade do ponto de vista do delírio e do sonho. Em relação aos aspectos da modernidade lírica, algumas teorias servirão como base às análises dos poemas, como a de Paz (1965; 2012; 2014), cuja obra trata, dentre outros temas, sobre a construção de imagens e ritmos dentro dos textos na modernidade poética, e de Friedrich (1978), que discorre sobre os aspectos negativos da lírica moderna, os quais acreditamos permanecerem na obra de Piva. Também trabalharemos

com o pensamento de Valéry (1999), que contribui com o ensaio sobre o fazer poético e o pensamento abstrato. Para a análise da representação que a cidade assume no poema, utilizaremos textos que dão conta das intersecções entre literatura e cidade, a saber: Orlandi (2004), teórica da análise do discurso que concebe a cidade como texto, e os sociólogos Park (1987) e Wirth (1987), utilizados por Eni Orlandi como base do seu livro “Cidade dos Sentidos”, que concebem o espaço citadino do ponto de vista da relação humana. Além dos autores anteriormente mencionados, acreditamos ser pertinente ao trabalho contextualizar a obra “Paranoia” no que se refere a sua fortuna crítica, principalmente com relação ao alinhamento do poeta com a Beat Generation e o método paranóico-crítico proposto pelo artista Salvador Dalí.

Palavras-chave: Roberto Piva, Paranoia, Cidade, Corpo

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

O discurso das ciências sociais no romance *A pedra do reino*: memória e diversidade na interpretação do Brasil

RENAILDA FERREIRA CAZUMBÁ (UNEB)

Resumo: Neste artigo, pretende-se evidenciar que o Romance d’A Pedra do Reino, de Ariano Suassuna, é um tipo de narrativa que possibilita analisar a relação da narrativa ficcional brasileira e latinoamericana produzida a partir da década de 1960 mantém com os discursos das ciências sociais, sobretudo em relação à configuração da representação identitária do país. Por apresentar uma ambição de abarcar o conjunto da realidade social, histórica e cultural do Brasil, almejando alcançar um lugar de destaque nessa cultura, talvez o lugar de “marco” e “memória” desta, tal romance, gestado de 1958 a 1970, e publicado em 1971, buscou construir uma imagem do Brasil daquela época, porém fez isso com base em estratégias estéticas diferenciadas, que, de forma

planejada ou não, acabaram por abarcar, em um quadro amplo, as significativas transformações econômicas e sociais do país. Dessa forma, a obra constrói um “arquivo” (FOUCAULT, 1969; ECHEVARRÍA, 2000) de representações sobre o Brasil que mostra a interpelação constante por parte das personagens da validade dos discursos e representações literárias, sociológicas e históricas anteriores. Dentre essas concepções estão as de José de Alencar, Euclides da Cunha, Caio Dias Fernandes, Áttico de Souza Leite e outros representantes do pensamento social e literário brasileiro, que são retomadas na caricatura que o romance de Suassuna apresenta da representação simbólica da nação que a literatura e a historiografia brasileira buscaram exercer desde o século XIX. No Brasil, no início do século XIX, o romance realizou a imitação das ciências sociais, como a história e a sociologia, e o resultado foi a produção de obras ficcionais que se emprenhavam em retratar com fidedignidade a realidade nacional, colocando-se como um pretensão “documento” do que era observado. Com base nas teorias do romance formuladas por Bakhtin (1988) e Moretti (1996) nos ajudaram a analisar a forma como esse gênero, de caráter autocrítico e dispersivo, se relaciona com as questões do ambiente social e histórico, e nas análises de Pedro Dolabela Chagas (2014, 2015), afirmamos que a partir da década de 1960, as obras ficcionais modificam a forma de abordar a totalidade social, de forma que é possível afirmar houve uma diversificação das obras produzidas no período e da forma como abordam a nação. Dessa forma, por meio das discussões teóricas empreendidas por esses autores, vimos que o romance de Suassuna constitui-se uma obra diferenciada que constrói uma memória sincrônica ligada à reflexão e à atualização de elementos do presente da narrativa que mostram o processo de modernização compulsória do Brasil a partir da chamada Revolução de 1930.

Palavras-chave: Romance brasileiro, Ciências sociais, Memória, A Pedra do Reino

“São Bernardo” e o ethos do proprietário na Era do Capitalismo Moderno

HELTON MARQUES (UNESP)

Resumo: A leitura do romance São Bernardo, de Graciliano Ramos, ganha mais densidade quando se analisa o narrador protagonista, Paulo Honório, cujo principal objetivo de vida é adquirir as terras da fazenda onde foi trabalhador do eito durante a juventude. A narrativa, no entanto, revela que sua intenção é tornar-se proprietário para transformar a fazenda São Bernardo em um meio de produção e garantia de capital a partir do emprego de mão de obra assalariada. Após conquistar as terras da fazenda e expandir seus limites, Paulo Honório começa o processo de modernização dos meios da propriedade, canalizando todo o seu espírito empreendedor: consegue empréstimos em bancos, investe em máquinas, desenvolve a pomicultura e a avicultura, constrói estradas para escoar produtos, impõe-se a um ritmo exaustivo de trabalho e se torna cada vez mais bruto e violento. A mecanização da lavoura, a instalação de eletricidade e a construção de uma igreja, uma escola e uma via de acesso para o tráfego de veículos entre São Bernardo e a cidade são as principais obras que desenvolve em suas terras. No entanto, o forte “sentimento de propriedade” que caracteriza o protagonista, como ensina Antônio Candido, contamina sua relação com o outro, principalmente com seus trabalhadores e com sua esposa. Como a história de São Bernardo é narrada por Paulo Honório, novamente o que predomina é esse sentimento de propriedade que o caracteriza, uma vez que é a partir de seu ponto de vista que a narrativa se desenvolve. Assim, o narrador possui o poder da palavra escrita para narrar sua própria história, a partir de suas lembranças, reflexões e conclusões. Em um momento da narrativa, Paulo Honório recorda-se do episódio em que flagra Padilha, antigo proprietário da fazenda, e Marciano, responsável por tratar dos animais, conversando à porta da escola, supostamente sobre as más condições de trabalho, como imagina o protagonista, e o que chama

a atenção é a manifestação da violência do proprietário contra seus trabalhadores. Incapaz de aceitar uma ideologia contrária ao seu modo de perceber o mundo, então, usa de seu poder totalitário para evitar uma possível ameaça de difusão de ideais comunistas, defendidos sobretudo por Padilha, que tanto o incomodam por representar uma afronta a toda sua autoridade patriarcal. Com isso, é possível perceber a presença fantasmática e definidora do modelo escravista, pré-moderno, que colocou em tensão permanente as relações entre senhor e escravo durante o longo período de escravidão pelo qual passou o Brasil e que ainda permanece, como resquício dessa época, nas relações de trabalho entre patrão e empregado. Tendo isso em vista, o principal objetivo da comunicação é refletir sobre a representação do ethos do proprietário em São Bernardo, levando em consideração o mecanismo de relações que aproxima o modelo escravista do modelo baseado nas relações de trabalho entre patrão e empregado, de forma a contaminá-lo com os resquícios de uma estrutura de organização social baseada nos princípios da família patriarcal brasileira.

Palavras-chave: Representação literária, Ethos do proprietário, Capitalismo Moderno, Sociedade patriarcal brasileira

A construção de personagens detetivescos em Allan Poe e Machado de Assis

BIANCA KARAM SILVA (UERJ)

Resumo: A análise de uma possível literatura detetivesca em Machado de Assis, leva-nos a traçar um paralelo entre o escritor brasileiro e o norte-americano Allan Poe – que, conforme destacado em estudo organizado por José Luís Jobim, fazia parte da Biblioteca de Machado. Isto ocorre porque ambos inserem, no cerne do texto ficcional, uma discussão acerca da própria construção da escrita. Tal evidencia-se nas citações destacadas a seguir – a primeira de Poe e a segunda de Machado: “Perhaps the eye of a scrutinizing observer might have discovered a barely perceptible fissure, wick, extending from the roof of the building in front, made its way down the wall in zigzag direction, until it became

lost in the sullen waters of the tarn” (Allan Poe, “The Fall of the House of Usher”, 1839). “Não aceito o oferecimento de leitura, porque não entendo bem o que os outros me leem; tenho os olhos mais inteligentes que os ouvidos (Machado de Assis, Helena, 1876)”. Ambos os escritores constroem, ora direta ora indiretamente, um perfil de leitor para seus textos. Não se trata apenas pistas que (talvez ingenuamente) o leitor deveria coletar e conectar, mas são na verdade provocações que nos fazem questionar se somos de fato o “observador mais atento” ou aquele cuja inteligência está nos olhos bem abertos como da personagem D. Úrsula, de Helena. Assim como a resolução do mistério que envolve a família Usher exige um narrador e um leitor atentos, o entendimento de D. Úrsula depende exclusivamente de sua capacidade de leitura. Ora, não é possível notar nos dois escritores que, muito mais do que dominar a escrita, apresentarão em seus textos uma “problematização da própria literatura”? Afinal, tanto Allan Poe como Machado de Assis dedicaram em seus textos espaços para debate sobre a escrita. Dessa forma, o efeito produzido pelos contos – tanto em Poe como em Machado – sempre provoca o leitor, desafiando-o a passar os olhos atentos pelas linhas, construindo o perfil de leitores detetives. O objetivo do nosso trabalho é, então, discutir sobre o método de construção das pistas que o leitor deve seguir e, por vezes, das quais deve também desconfiar. Para isso, propomos a análise da trilogia de Allan Poe sobre as investigações de Dupin e seu amigo em “The Murders in the Rue Morgue”/ “Os assassinatos da rua Morgue” (1841), “The Mystery of Marie Rogêt”/ “O mistério de Marie Roger” (1842) e “The Purloined Letter”/ “A carta roubada” (1844). A produção de Poe é, portanto, sequencial, mostrando seu interesse sistemático no desenvolvimento da narrativa de enigma. Já Machado de Assis apresenta textos dispersos, tanto no tempo como no espaço de publicação. Analisaremos do escritor brasileiro “Os óculos de Pedro Antão” (1874), “A chinela turca” (1882) e “A causa secreta” (1885) – contos em que a busca por respostas leva a diferentes formas narrativas e a diferentes descobertas.

Palavras-chave: Machado, Poe, detetivesco, leitor

Diante do texto: A leitura em João Cezar de Castro Rocha e Georges Didi-Huberman

VALDIR PRIGOL (UFFS)

Resumo: No encontro da ABRALIC de 2015, Hans Ulrich Gumbrecht leu o ensaio “Estudos literários: futuros possíveis” e nele pontuava que no século XIX as imagens que os estudos literários acionavam para falar dos textos vinham da história, no século XX da Teoria e no início do século XXI da estética, do contato com o texto, enfim, da crítica. A apresentação do Gumbrecht lembrou-me de textos de dois estudiosos do presente, um da literatura e um das ciências sociais, João Cezar de Castro Rocha e Georges Didi-Huberman, respectivamente, que colocam em cena as disciplinas mencionadas por Gumbrecht mas em um mesmo lugar. O texto do João Cezar que gostaria de apresentar é “Ciúme e dúvida póstuma”, publicado no caderno Ideias do Jornal do Brasil e depois no livro Por uma esquizofrenia produtiva: da prática à teoria. Nele, João Cezar propõe uma leitura do livro Dom Casmurro, de Machado de Assis, e o faz em três movimentos: primeiro um movimento da crítica, em que apresenta o livro mostrando como o ciúme é uma questão fundamental, em segundo, um movimento da história, em que aproxima a questão do ciúme de textos de outros tempos como Otelo, de Shakespeare e Hipólito, de Eurípedes e em terceiro, um movimento teórico, ao dizer que a literatura é como o ciúme, porque ambos não dispõem de provas. Na mesma direção, penso no texto “Os brancos tormentos do testemunho”, originalmente uma palestra lida por Didi-Huberman em Portugal no lançamento da tradução do seu livro “Imagens apesar de tudo”. Neste texto, Didi-Huberman começa com um gesto crítico mostrando o trabalho da artista Esther Shalev-Gerz na câmara de vereadores de Paris atendendo a uma encomenda para lembrar os 60 anos do fim da segunda guerra mundial. Daí nasce a metáfora dos “brancos tormentos”; o segundo movimento é o da história, em que o autor associa textos que lembrou ao ver o trabalho de Esther: uma fábula hassídica, um trecho do filme Shoah, entre outros. Em

seguida, começa a teorizar a imagem a partir da metáfora dos “Branços tormentos”, discutindo com Roland Barthes e Jacques Rancière. A partir destes textos, gostaria de pensar os estudos literários do presente olhando para as metáforas que eles propõem dos textos e das imagens que estão lendo e o modo como colocam em cena as três disciplinas mencionadas por Gumbrecht. Inicialmente é possível perceber que as leituras de João Cezar e Didi-Huberman colocam em cena, em primeiro lugar, gestos da crítica, ao tomarem como ponto de partida os textos e as imagens de onde nascem as metáforas que propõem, em segundo lugar, da história, ao exporem a historicidade das metáforas com quais trabalham e em terceiro, da teoria, ao pensarem as imagens e os textos literários a partir das metáforas que enunciam.

Palavras-chave: estudos literários, literatura, leitura, metáfora

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Hegemonia e contra-hegemonia: interações de Gramsci e Mikhail Bakhtin como caminhos de leitura literária

MAGDA MEDEIROS FURTADO (COLÉGIO PEDRO II- NUPELL)

Resumo: Dando continuidade à pesquisa que iniciamos a propósito dos caminhos abertos pelo diálogo entre leituras de Antonio Gramsci e Mikhail Bakhtin, ambos não por acaso homens de Letras e de Política, estamos nos propondo a trabalhar especificamente com alguns instrumentos conceituais desses autores para realizar experiências de leitura em Graciliano Ramos, João Ubaldo Ribeiro e Rubem Fonseca. Trabalhamos especificamente com conceitos como discurso contra-hegemônico, ideologia, hegemonia, guerra de posições, intelectual orgânico, sociedade civil e cultura, em Gramsci; em Bakhtin temos o amplo campo do dialogismo e seu contraponto, o discurso monológico, os ideólogos, ideologia, paródia, cronotopo, leitura,

grande temporalidade, entre outros. Mikhail Bakhtin e Antonio Gramsci constroem, sem nunca ter lido um ao outro, cada um em seu isolamento - Gramsci no Cárcere, Bakhtin isolado na Sibéria por muitos anos – e ambos sem muito acesso a publicações recentes, uma visão da cultura como superestrutura capaz de veicular as vozes dissonantes de uma sociedade em crise. A arte literária é o espaço privilegiado do conflito permanente entre essas vozes, que duelam em palavras na arena da linguagem. Personagens se tornam ideólogos, produtores de ideologia, reprodutores interessados, conscientes ou não, do discurso hegemônico, ou construtores de discurso contra-hegemônico. São intelectuais orgânicos, pois capitaneiam posições defendidas muitas vezes contra a voz monológica do narrador, veiculador do poder local hegemônico. Não se confundem absolutamente com a voz social do autor, e na maioria das vezes se colocam até de maneira antagônica à posição social do autor-pessoa física. São produtores de discurso e disputam, em guerra de posições, ou nas paródias, que estão no nascimento do romance, como bem aponta Bakhtin, na mesma época de consolidação do capitalismo. O romance é o gênero literário da burguesia, assim como é a arena de disputa de discurso e hegemonia. Graciliano Ramos e Rubem Fonseca se mostram como corpus literários aparentemente hostis a uma leitura bakhtiniana. O primeiro apresenta uma voz monológica aparentemente intransponível como narrador, impermeável ao dialogismo; o segundo é fragmentário demais na construção ideológica, com personagens em vertiginosa vida sem intervalos de reflexão. Ora, aparências ou leituras com outros instrumentos não podem se colocar como vetos a diferentes caminhos. A voz monológica de Graciliano Ramos pode e deve ser lida a contrapelo, no ponto de vista daquela voz que não se enuncia, mas que está presente nos silêncios e respostas evidentemente construídas para o produtor de discurso ausente. Já as personagens de Rubem Fonseca, em sua voracidade de viver em uma contemporaneidade veloz e irrefletida, deixam entrever as marcas da ideologia em suas escolhas, percursos e destinos. Os desvalidos

e seu discurso, os aparentemente neutros policiais, as dondocas e sua linguagem, os miseráveis de esperança e sua palavra seca. Já João Ubaldo Ribeiro parece sempre muito fértil a qualquer pesquisa social e histórica, dada a proliferação de elementos de leitura contra-hegemônica, e nem precisa ser Viva o povo brasileiro.

Palavras-chave: Bakhtin, Gramsci, dialogismo, hegemonia

Da sociologia literária à sociologia política: os Cadernos/Ensaio de Opinião como marcos de uma passagem

JEFERSON CANDIDO (UFSC)

Resumo: Em 1968, num de seus períodos mais duros, a ditadura promove a grande reforma do ensino superior brasileiro. Entre as principais mudanças introduzidas estavam a criação da carreira acadêmica e a implantação do sistema de pós-graduação no país. Menos de dez anos depois, em setembro de 1977, Almino Affonso, que retornara do exílio um ano antes, em entrevista ao jornal “Versus”, discorre sobre a participação dos intelectuais na vida política brasileira de então. Ao refletir sobre a contribuição do intelectual, o ex-ministro de Jango destaca o surgimento, a partir de meados da década de 1970, de um “novo estilo de comportamento acadêmico”, propiciado pela carreira universitária e a crescente realização de pesquisas na pós-graduação. Esse novo estilo, diz Almino, contrasta com o período anterior ao golpe, “quando predominavam, entre nós, trabalhos de caráter ensaísta”. É sobre essa passagem, apontada lateralmente por Almino Affonso por meio do contraste, que nos deteremos, isto é, a passagem da escrita ensaística à escrita científica, ou, ainda, do trabalho de biblioteca ao trabalho de campo como paradigma do trabalho intelectual. Não se trata, aqui, de positivar ou negatar um dos lados; trata-se, antes, de perceber em que medida tal ou qual tipo de trabalho ganha ou perde relevância enquanto contribuição intelectual nos debates políticos, sociais, econômicos ou culturais travados no período que vai de 1972 a 1980. Na trilha dessa passagem, iniciaremos o percurso através daquele

que foi o mais importante semanário de oposição à ditadura, “Opinião” (1972-1977). Em seguida, nos deteremos em “Argumento”, revista mensal de cultura que durou apenas quatro números, entre outubro de 1973 e fevereiro de 1974. Finalmente, chegamos aos “Cadernos/Ensaio de Opinião”, publicados, de forma um tanto irregular, entre 1975 e 1980. Esse percurso não é aleatório. E não apenas porque por trás do jornal e das revistas está o empresário, político e editor Fernando Gasparian. Os “Cadernos/Ensaio de Opinião” guardam profunda relação com o semanário e a revista que os antecederam, constituindo-se como uma espécie de híbrido de “Opinião”-“Argumento”. Ali encontramos ensaios, entrevistas, debates, resenhas e também artigos acadêmicos, no sentido estrito do termo. Essa relação se dá ainda através dos nomes que integram seu conselho, quase todos presentes também nos conselhos de “Opinião” e de “Argumento”. Esses nomes estão ligados, fundamentalmente, a dois grupos: o grupo Clima, que se constituiu em torno da revista de mesmo nome, publicada entre 1941-1944, como Antonio Candido e Paulo Emílio Sales Gomes; e outro, mais novo, que se constituiu através do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), fundado em 1969, como Fernando Henrique Cardoso, Paul Singer e Francisco de Oliveira. O levantamento dos textos publicados na revista nos indica que, se o segundo grupo – na verdade, o paradigma de trabalho intelectual por ele representado – assume o protagonismo, cabe ao primeiro o lugar da homenagem.

Palavras-chave: Década de 70, Periodismo, Intelectual, Política

Ausências brasileiras e a desobediência do olhar

ANA LÍGIA LEITE E AGUIAR (UFBA)

Resumo: Um dos últimos golpes desferidos no Brasil está diretamente ligado com uma maldição social. Este termo, aqui, fora extraído, de Nadine Gordimer, e tem a ver com uma herança não apenas da história recente, mas de “séculos [...] de domínio racista colonial sob diferentes nomes”. No Brasil atual, há um imenso desejo, por parte de

alguns, em fazer um retorno daquilo que, aparentemente, pertenceria ao nosso status de ex-colônia: é a presença da intolerância genocida contra os mesmos povos - os colonizados negros e índios, com os quais só aparentemente se reconciliou no passado recente. Os traumas de fundação reaparecem desrecalcados, sob a tutela de uma democracia teatral e de um discurso pedagógico que prega a homogeneidade nacional. A segregação social no Brasil sempre esteve palpável ao olhar: a liberdade de ir e de devir - desejo de tantos - mantém-se como privilégio de um certo homem branco - e aqui refiro-me a sua posição epistêmica e não, simplesmente, à coloração da pele. Sem ressalvas, o apartheid brasileiro, que inclui na sua lista, negros, índios, mulheres, gays, pobres, detentos, está disfarçado pela teoria da miscigenação e por uma ideia de que no pós-colonial - enquanto marco temporal - essas categorias teriam encontrado menos preconceito e indiferença e mais aceitação. Se somos “uma composição assumida das ausências”, como teria dito Doris Sommer sobre o caso brasileiro, de(s)colonizar o olhar sempre fora tarefa urgente e de âmbito diário, e ocorre desde os marcos fundacionais de 1492/ 1500, de onde se pode encontrar resistência/ distensão significativa acerca das chegadas estrangeiras. Em “On seeing England for the first time”, Jamaica Kincaid, de Antigua (Caribe), diz: “The reality of my life was conquests, subjugation, humiliation, enforced amnesia. I was forced to forget” . Esse trecho catalizador, acentuando a dialética vivida por diferentes sujeitos que carrego para dentro deste texto, em que expõem eixos de um pensamento distópico em relação à sociedade, mas não em relação ao que cada um pode vir a fazer de si, faz transladar os movimentos de memória e de esquecimento. Forçados a esquecer, essa colocação de Kincaid contém um teor vital. É que os descaminhos da de(s)colonização faz com que tudo comece na maneira como nos relacionamos com o passado. Assim, este trabalho pretende pensar a aposta conciliatória moldada pelas “teorias da miscigenação”, colocando em diálogo autores e artistas contemporâneos que promovem uma constante desobediência epistêmica - para usar a

expressão de Walter Mignolo -, trazendo para o debate obras de artistas plásticos brasileiros como Flávio Cerqueira, Rosana Paulino, Adriana Varejão, e de escritores contemporâneos, como Luís Alberto Mendes, Conceição Evaristo e os discursos de Luiz Ruffato sobre o Brasil.

Palavras-chave: Teoria da mestiçagem, Desobediência epistêmica, Literatura Brasileira

Uma experiência lisérgica: o relato de Paulo Mendes Campos

FERNANDA VIVACQUA DE SOUZA GALVÃO BOARIN (UFJF)

Resumo: A história da humanidade, e, por conseguinte, da cultura, é perpassada por experiências com substâncias alteradoras da consciência, ou psicoativas. Seus usos ganharam significados variados, no tempo e no espaço, sendo eles religiosos, alimentares, medicinais, recreativos, filosóficos, entre outros. As substâncias são igualmente incontáveis, sendo, a partir do século XX, algumas consideradas ilegais, o que deu início a uma política de “guerra às drogas” (CARNEIRO, H. A odisséia psiconáutica: a história de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas. In: LABATE, B.; GOULART, S. O uso ritual das plantas de poder. Campinas: Mercado das Letras, 2005). Tendo esse horizonte em vista, são muitas as áreas de conhecimento e as manifestações estéticas que se debruçaram e se debruçam sobre a questão, em sua pluralidade. Dentre as substâncias psicoativas, algumas, ainda segundo Carneiro (2005), se agrupam nos chamados lisérgicos, que têm como principais características a alteração psíquica e a baixa toxicidade. Com esses apontamentos, pretendo situar o relato de Paulo Mendes Campos, “Experiência com LSD” (CAMPOS, Paulo Mendes. Trinca de Copas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984), publicado primeiramente na revista “Manchete”, em artigos, e compilado posteriormente nos livros “O colunista do morro” (1965) e “Trinca de copas” (1984). O relato, um dos primeiros no Brasil a abordar a temática, parte da experiência do cronista com o ácido lisérgico em 1962, sendo essa mediada e acompanhada por um médico, e busca,

além de descrever os efeitos da substância, produzir algumas reflexões sobre a mesma. Campos apresenta, por um lado, uma vivência marcada pela singularidade – sendo os efeitos únicos para cada pessoa – e, por outro, inscrita em um profundo diálogo com o relato de Huxley sobre o uso de mescalina, em “As portas da percepção” e “Céu e inferno” (HUXLEY, Aldous. As portas da percepção e Céu e Inferno. São Paulo: Globo, 2002). Logo, a leitura do relato “Experiência com LSD” se centrará em três elementos: a experiência lisérgica como física e psíquica, como uma abertura ao mundo das sensações; o ato de estar no mundo sob efeito lisérgico; e, por último, a transformação da relação com as palavras e com a arte em geral. Esses elementos, abordados no relato de Campos, constituem não apenas uma reflexão sobre o uso do LSD, como também sobre a relação do homem com o mundo moderno e suas limitações. Por fim, acredita-se, também, que o relato é capaz de repensar o lugar e o significado do ácido lisérgico, e dos psicoativos em geral, se distanciando dos estereótipos construídos.

Palavras-chave: Paulo Mendes Campos, LSD, relato

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

As sociedades não individualistas e a representação da pessoa em suas literaturas

JOAO MARCELO MONZANI (UFRJ)

Resumo: O conceito de individualismo é de suma importância para a sociologia moderna, fazendo parte da reflexão da quase totalidade dos sociólogos clássicos e contemporâneos. O termo em seu sentido atual passou a ser utilizado a partir do sec. XVIII, porém é comum observar certa confusão em sua utilização ao se referir às personagens da literatura pré-moderna. Além disso, em crítica literária, o termo é muita vez (mal) empregado como sinônimo de egoísmo, ou antônimo de

altruísmo. Notemos que logo aí estamos face a um processo de mutação do sentido da palavra, transformando-a a uma ferramenta valorativa e não mais um conceito. Torna-se, portanto, necessário, limpar o campo semântico de individualismo, a fim de enxergar o que ele, enquanto conceito, pode trazer à análise do texto literário. Pretendemos em nossa comunicação esclarecer o sentido de individualismo dentro do pensamento sociológico e, assim, verificar como tal conceito pode nos ajudar a perceber novos aspectos da representação da pessoa nas literaturas de sociedades ditas coletivistas. Nessa discussão, entram em cena questões como o contraste entre a identidade pessoal e o pertencimento coletivo, a valorização da pessoa individual versus o peso do nexos social e a noção (antiga e moderna) de vida interior. Nossa discussão se realizará em duas etapas. Primeiramente formularemos um conceito de sociedade coletivista (baseado em Emile Durkheim, Norbert Elias, Georg Simmel e Louis Dumont), a fim de estabelecer um contraste entre essas e as sociedades ditas individualistas. Do conjunto de características que iremos abordar, podemos já destacar: a valorização ou não da pessoa individual (Dumont); a balança entre a identidade-eu e identidade-nós (Norbert Elias); a solidariedade orgânica (Emile Durkheim); a relação entre vergonha e culpa de consciência (Charles Darwin), entre outras. Assim, teremos um arcabouço teórico mais sólido que nos permitirá criar um contraste entre as características de sociedades coletivistas e sociedades individualistas. Pretendemos dessa maneira conseguir escapar ao falso debate/problema de individualismo versus egoísmo. Estaremos, esperamos, no terreno dos conceitos e não das valorizações subjetivas. Questões relevantes surgem quando contrastamos esses conceitos com o campo da crítica literária. Como são representadas as personagens em literaturas de sociedades que não concebem o indivíduo, ou não o valorizam? Qual o sentido de poesia lírica em sociedades coletivistas? Quais características os autores atribuem a personagem literária? Como é representada a vida interior e com qual objetivo? Pretendemos esboçar respostas para essas

perguntas utilizando exemplos de literatura grega, latina, medieval e oriental.

Palavras-chave: individualismo, personagem, coletivismo

Varnhagen e as Linhagens do Pensamento Conservador no Brasil

MARCELO BARBOSA DA SILVA (UERJ)

Resumo: Dentre muitas dinâmicas, diversos “tipos ideais”, abrangidos pelo termo conservadorismo, possivelmente o mais compatível com as expectativas das elites seja o do exercício do poder, em particular o de natureza política, como “cimento” da sociedade, instância de controle sem o qual a anarquia se instala, corroendo toda a estrutura da “nação”. Em busca da evolução dentro da ordem, o conservador pretende a manutenção das regras do sistema político. Isso acima de quaisquer outras considerações. Um método no qual a mudança não se encontra, a priori, excluída, até porquê, seguindo a receita aviada pelo grande teórico do conservadorismo no século XVIII – Edmond Burke – “um Estado onde não se pode mudar nada não tem meios de se conservar”. Curiosamente, a frase do político irlandês poderia ter sido pronunciada noutro contexto geográfico, o da Itália do Rissorgimento magnificamente recriada por Visconti, em *O Leopardo* (a partir de um romance de Lampedusa). No filme, o personagem principal, o Príncipe de Salina, profere a célebre sentença: “é preciso que as coisas mudem para que permaneçam como estão”. Conferindo estabilidade – quando não imobilidade – à formação social brasileira nos últimos duzentos anos, a prática e o discurso conservadores capacitaram as elites do país a lidar com os conflitos políticos por meio do esvaziamento do potencial de ruptura das crises, pela indução de soluções de compromisso. Os exemplos falam por si: da Independência à Revolução de 1930, passando pela Abolição da Escravatura, todas as mudanças aconteceram por assim dizer, pelo alto. De mesma maneira, os processos de industrialização e urbanização acelerada das últimas décadas do século XX tornaram-se realidade sem alterações dos perfis de distribuição de renda. Mesmo

a eleição e o prosseguimento de governos encabeçados por um partido manifestamente “de esquerda” só foram possíveis por meio de concessões – e aqui não se discute se justificadas ou não – ajustadas na chamada Carta aos brasileiros. Pelo que se pode pensar, nada obstante as atualizações, o eco das ideias articuladas por pensadores como Varnhagen continua ouvido no Brasil de hoje. A presente comunicação abriga uma tentativa de identificação das linhagens de formação do pensamento conservador brasileiro, especialmente no interior da obra de Francisco Adolfo de Varnhagen, reconstituindo ainda os traços mais visíveis da trajetória de migração dessa corrente de pensamento, desde as áreas metropolitanas de Portugal até a nossa periferia, durante a segunda metade do século XIX, com evidentes repercussões sobre a esfera da produção cultural do período, em especial, a de natureza literária.

Palavras-chave: Literatura, Questão Nacional, História, Cultura Brasileira

***Tristes trópicos* de Lévi-Strauss: um diálogo intelectual e literário com Jean de Léry.**

FRANÇOIS WEIGEL (UERJ)

Resumo: Indo ao encontro dos índios Pimenta-Bueno, no Mato Grosso, Lévi-Strauss tinha a consciência de “estar prisioneiro de uma alternativa: ora viajante antigo”, confrontado com mundo totalmente inexplorado pelos europeus, “ora viajante moderno, correndo atrás dos vestígios de uma realidade desaparecida”. Quase todas as páginas de *Tristes Tropiques* são marcadas por esse sentimento nostálgico, com uma ponta de inveja, mas também uma profunda admiração para com os grandes exploradores do século XVI, os primeiros a observar os povos indígenas e a escrever sobre essa alteridade radical. Entre todos, Jean de Léry, protestante que participou da tentativa de implantação de uma “França Antártica”, tem uma posição de destaque. Embora ele tenha escrito seu relato, antes de tudo, para empreender um combate ideológico e contra-atacar André Thevet, padre católico da missão liderada por Villegagnon, revelou-se um pioneiro por sua tolerância e sua capacidade

de observação dos costumes e da língua dos povos tupinambás com os quais ele conviveu, no litoral da baía de Guanabara. Por tais razões, sua *Histoire d'un Voyage fait em la terre du Brésil*, publicada em 1578, é considerada por Lévi-Strauss como uma “obra-prima da literatura etnográfica”, o “breviário de etnólogo”. Um texto tão importante quanto o notável capítulo “Des Cannibales, nos *Essais* escritos por um outro ilustre conterrâneo, Montaigne, e que também se configura como uma visão profundamente humanista e uma relativização das diferenças culturais. Nesta comunicação, propomos uma releitura de *Tristes Trópicos* a partir do diálogo estabelecido pelo antropólogo com Jean de Léry. Trata-se de um diálogo multidimensional. Em primeiro lugar, Lévi-Strauss se propunha afundar-se nas trilhas etnográficas *avant-la-lettre* seguidas por Jean de Léry, desta vez com uma metodologia e com bases científicas rigorosas, de maneira a oferecer uma reflexão renovada sobre as diferenças culturais e civilizacionais. Para aguçar esta reflexão e estabelecer pontes entre a época de Jean de Léry e o seu próprio tempo, Lévi-Strauss, como veremos, lança mão do pensamento de um outro grande intelectual francês, o filósofo Rousseau. De tal sorte que essa reflexão desenha um triângulo discursivo entre Jean de Léry, Montaigne e Rousseau. Por fim e não por último, o diálogo com a obra de Jean de Léry induzia um desafio propriamente literário. Lembramos da famosíssima frase liminar de *Tristes trópicos*: “Odeio as viagens e os exploradores”. Ora, esse livro ocupa uma posição particular na obra do antropólogo, já que não pretende ter as ambições científicas dos outros textos, e se apresenta como um relato mais subjetivo das expedições realizadas no Brasil e na Índia. O desafio consiste, portanto, em entretecer literatura e antropologia, em fundar o discurso antropológico dentro de um “relato de viagem”, sem o exotismo e o sensacionalismo dos exploradores modernos. Será que, nesse aspecto também, Jean de Léry, com seu apurado senso crítico e ao mesmo tempo com sua prosa agradável, viva e flexível, serviu de bússola para a redação de *Tristes trópicos*?

Palavras-chave: Jean de Léry, Claude Lévi-Strauss, antropologia, Montaigne

39

LITERATURA E CRÍTICA CONTEMPORÂNEA NOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA

Ieda Magri (UERJ)

Paulo da Luz Moreira (Oklahoma University)

Saulo Lemos (UECE)

Resumo: Novos escritores latino-americanos vivem tempos interessantes: de um lado a possibilidade de criar através da *Internet* uma rede de contatos diretos que independe de canais tradicionais como o serviço diplomático; de outro a angústia produzida pelo estreitamento de canais tradicionais de comunicação de massa que não mostram interesse pela literatura em geral, muito menos a feita por escritores não-consagrados. Os sintomas dessa dupla condição são vários: de um lado, o aparecimento de numerosos encontros, traduções e antologias; de outro lado, o enfraquecimento de instituições culturais como os cadernos culturais nos jornais, também em crise. Esses novos escritores latino-americanos têm uma produção vital, rica e variada, e é função da crítica produzir uma recepção qualificada, que rompa com o silêncio às vezes ensurdecedor que cerca essa produção, ou mesmo fazer parte dela, num desdém provocativo e produtivo às fronteiras entre gêneros.

Observamos nesse contexto presente, uma clara reivindicação de uma literatura (em seus tênues limiares com outras linguagens e expressões artísticas) que não se deixa delimitar por um projeto de estado nacional que continua ainda a se manifestar no discurso público como farsa. Isso nos levaria a pensar em uma comunidade literária performada em termos de língua, com trânsito livre, portanto, entre América Latina e Europa de língua espanhola (sem contar, talvez, possíveis contaminações de pensamento nos seus limiares com o português brasileiro). O trânsito, porém, segue regido por fortes leis internacionais de mercado que

continuam pautando, em certa medida, os limites da circulação da produção literária — como é o caso brasileiro, por exemplo, que fica isolado, em termos de língua, no mapa da literatura na América Latina. Uma explicação com base em barreiras linguísticas está longe de esgotar a complexidade do problema. O que dizer, por exemplo, do fato de uma literatura como a argentina não estar disponível na Costa Rica, já que aí se trata de países que falam a mesma língua? Existe um sistema internacional de aduana que seleciona desde as metrópoles aquilo que, vindo das periferias, deve ou não circular livremente pelo mundo. O amplo reconhecimento de figuras como Neruda, Borges, Vargas Llosa [ou Salman Rushdie] contrasta vivamente com o relativo desconhecimento, fora dos seus países, de figuras como Drummond, Arlt ou Daniel Sada. A diferença é resultado do selo de aprovação que certas figuras recebem [ou não] das editoras, da imprensa e da academia dos países hegemônicos.

Levando em conta, portanto, o jogo de forças que conforma o campo literário — pese a aposta de Josefina Ludmer numa literatura pós-autônoma — torna-se interessante perceber como os autores dos diferentes países da América Latina que alcançam seu reconhecimento fora dos limites da nação e fora mesmo do limite da língua, ingressam no sistema mundial e se envolvem em uma luta simbólica para manter ou escalar posições e redefinir o cânone — ou fazer pensar em cânones paralelos, em comunidades outras de leitura — e como outros autores buscam relações diretas com seus pares e um pequeno público leitor dentro da América Latina. Interessa-nos discutir sobre as especificidades de cada literatura — bem como as respostas críticas a elas dadas — especialmente no que diz respeito a esses autores por vezes firmemente consolidados em seus países mas que não alcançam os leitores e os holofotes da crítica internacional ou que são continuamente alvo de abordagens estáticas.

Nesse sentido, trabalhos que pensam o funcionamento da questão indústria da língua-mercado-reconhecimento (numa perspectiva econômica, mas também discursiva e afetiva, na diversidade das práticas

culturais) têm especial importância neste simpósio, que se abre em algumas outras questões norteadoras: É possível ler uma política da língua em atividade na América Latina? Qual a relação entre política de visibilidade e linguagem, na experimentação e nas texturas políticas práticas ao longo do século XX desde o dito alto modernismo? De que maneira a literatura brasileira aparece como literatura latino-americana? Ou há o Brasil e a América Latina? Os autores e a literatura como “negócio de Estado”: simples incorporação? Há autores contemporâneos na América Latina cuja literatura coloca em cena essas questões? Há alguma literatura latino-americana com uma força específica? Ainda há papéis para a crítica literária? Por meio de que textualidades, de que práticas, esta tem atuado junto ao que até agora tem se chamado de literatura?

Palavras-chave: Literatura contemporânea, Crítica, América Latina, Literatura brasileira

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

Correntes Subterrâneas À Tona: Paula Abramo & Angélica Freitas

PAULO DA LUZ MOREIRA (UNIVERSIDADE DE OKLAHOMA)

Resumo: Os trabalhos de Paula Abramo e Angélica Freitas são exemplos de uma literatura latino americana contemporânea que, sendo escrita em português ou espanhol ou qualquer outra língua e sendo veiculada em gêneros mais consolidados ou não, não se constitui como latino americana através de um discurso sobre o tema da identidade continental que marcou textos do século XIX e principalmente do século XX. Esses trabalhos podem ser entendidos de uma maneira particularmente produtiva como exemplos um outro tipo de latino americanismo que frequentemente fica submerso em notas de rodapé ou breves relatos biográficos. Esse outro latino americanismo se constitui como tal através de práticas que, dentro do próprio texto,

transitam por vasos comunicantes além das fronteiras linguísticas e nacionais que marcam a produção cultural moderna. Trabalhos dessa natureza, que mais praticam do que afirmam a realidade de uma cultura latino americana, desafiam a crítica contemporânea a ousar transitar por esses mesmos espaços, na contracorrente dos processos formativos/profissionalizantes e das práticas institucionais marcadas por fronteiras linguísticas e nacionais rigidamente demarcadas e policiadas.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea, América Latina, Brasil, México

Dois contemporâneos: releituras do moderno em Haroldo de Campos e Silviano Santiago

MIGUEL CONDE (PUC-RIO)

Resumo: Dois dos mais influentes gestos de periodização do contemporâneo na crítica brasileira são realizados por Haroldo de Campos e Silviano Santiago. A comunicação pretende caracterizar a maneira como cada um dos críticos pensou a emergência de contextos culturais definidos por certa condição de posterioridade, de um vir depois resumido pelo prefixo “pós”, apontando aproximações e discordâncias entre eles. No caso de Haroldo de Campos, a ideia de “pós-utópico” proposta no ensaio “Poesia e modernidade” (1984) tomou por modelo de seu pensamento da modernidade o Octavio Paz de “Os filhos do barro” (1974) e acompanhava o diagnóstico do pensador mexicano quanto a um declínio perceptível nos anos 1960 e 1970 do ímpeto utópico típico da modernidade, declínio associado por Campos, no caso brasileiro, ao golpe de 1964. Pautada pela vinculação do projeto estético a um projeto político de transformação social, a ação coletiva da vanguarda deveria dar lugar, no contexto pós-utópico, a uma pluralidade de poéticas individuais. Por sua vez, Silviano Santiago é um dos principais pensadores e divulgadores brasileiros, nos anos 1970 e 1980, da ideia de pós-modernidade. Entre as características vinculadas por Santiago ao pós-moderno, em diversos ensaios, estão a

predileção pelo pastiche (em lugar da paródia moderna) assim como um investimento numa escrita menos comprometida com a estética elíptica e fragmentária do modernismo e mais interessada na própria circulação. Já no seu ensaio “O entrelugar do discurso latino-americano” (1971), Santiago propunha parâmetros de compreensão do fenômeno literário que poderiam ser ditos pós-modernos, devido à ênfase em ideias de hibridismo e de reescritura, em contraste com as noções modernas de originalidade e ruptura. No entanto, a conceituação do pós-moderno em Santiago se liga também a uma releitura do moderno, para além de sua redução ao modernismo. Se em Campos o “pós” parece indicar sobretudo uma ausência (do horizonte utópico), em Santiago ele aponta uma abertura para outros valores e práticas de escrita. No entanto, é possível dizer que em ambos o diagnóstico de uma mudança de época se faz segundo modelos de atuação crítica semelhantes, com forte sentido de intervenção polêmica, reavaliação da história literária e reivindicação de um certo conjunto de autores e valores definidores de uma nova postura artística e intelectual. O esforço de pensar em outros termos que não aqueles da vanguarda artística não deixa de ter ainda algo da lógica vanguardista, como observou Marcos Siscar em ensaio recente sobre Haroldo de Campos incluído em seu livro “De volta ao fim” (2016). Refletir sobre essas propostas extremamente influentes no campo crítico das últimas décadas é uma forma de questionar parâmetros correntes de compreensão das noções de moderno e de contemporâneo, assim como seus deslocamentos no contexto latino-americano.

Palavras-chave: Crítica literária, Haroldo de Campos, Silviano Santiago, pós-utópico

Um desacordo entre Borges

SAULO DE ARAUJO LEMOS (UFC)

Resumo: No período em que viveu na Espanha, Jorge Luis Borges conheceu a vanguarda poética ultraísta e se integrou a ela, de modo

que produziu, entre 1919 e 1922, aproximadamente, uma série de poemas reunidos posteriormente por Carlos Meneses e publicados em 1978 sob o título de Poesía juvenil de Jorge Luis Borges. São textos em uma dicção que posteriormente foi renegada pelo autor, porque dotados de imagens como potência de perturbação da referencialidade, próximas do futurismo e do que seria o surrealismo, com entonações políticas revolucionárias, libertárias. De que modo essa produção encontraria a obra dita madura do celebrado escritor argentino, diria algo a ela e ameaçaria interferir nas maneiras com que ela usualmente é compreendida? Para puxar essa conversa, pode ser convocado o conto “O outro”, publicado em *El libro de arena* (1975), no qual um Borges ancião encontra casualmente, numa dobra de espaço-tempo, ele mesmo aos 19 anos de idade. Esse texto permite confrontar a disparidade de concepções ambos, mutuamente irreduzíveis, e sugere uma leitura da obra de Borges pelo contraste de linguagens e afetos que seus momentos “juvenil” e “maduro” compõem juntos. Isso indicaria que certas tendências da obra borgeana, como o ar metafísico, a feição lúdica e a lapidação clássico-flaubertiana seriam nuances ficcionais de um rosto extraviado para além de seus traços e da topografia de mapa que ele supostamente construiria; o Borges-personagem é gatilho para o problema do espaço impessoal, neutro e fortemente anti-universalista da América Latina como diferença, pensando-se as linhas de abertura que escapam de toda região, de toda identidade. Aquela referida dobra de tempo pode ser vista também como um problema para a história como relato e experiência, especialmente no continente sul-americano (e que parece rumar à alegoria, conforme Benjamin, ou ao anacronismo, conforme Nietzsche, Agamben e o próprio Borges). Nessa leitura, a poesia de juventude de Borges descartaria a possibilidade de ser lida como etapa preambular ou menos importante de sua obra e passaria a ser tanto um fator de perturbação do que no conjunto daquela obra é tendência de apaziguamento como de intensificação do que nela é inquietação da fala e do gesto político de ir entre o que está ao redor.

Esse parece ser um problema específico do argentino, de uma literatura latino-americana que vigora em suas expressividades minoritárias, invisibilizadas. Dessa maneira, o alto-modernismo encontra a literatura contemporânea em um plano de continuidades, de intensidades, mas também de desvios e impasses: as questões irresolvidas naquele (de expressão política e artística) ecoam agudamente nesta, evidenciando talvez as inquietações específicas que nos interessam em meio ao campo fraturado que se aloja costumeiramente sob a designação de “contemporâneo”.

Palavras-chave: Jorge Luis Borges, Literatura comparada, Literatura contemporânea latino-americana

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

Fronteiras literárias na América Latina: muros visíveis e invisíveis

CLÁUDIO RICARDO CORRÊA (UERJ)

Resumo: Ainda não se chegou a construir um muro, como o proposto por D. Trump entre Estados Unidos e México, mas há que se reconhecer os inúmeros muros invisíveis presentes nas fronteiras literárias, sejam eles quais forem: das línguas; dos centros hegemônicos; da indústria cultural; dos capitais simbólicos; das críticas; dos mercados literários; da visibilidade; das políticas de valorização (ou da falta delas); da economia; da educação; dos cânones estabelecidos; enfim, das várias barreiras alfandegárias. Nesse contexto, como se encontra a literatura da América Latina e o seu espaço no mundo? Como romper essas fronteiras, nas quais, as tentativas de rupturas – muitas vezes –, acabam legitimando esses selos de reconhecimento dos grandes centros hegemônicos? Como dar voz aos silenciados se – como o próprio nome diz – eles sequer podem se expressar? Como escapar dessa armadilha de muros que dividem e definem o mundo entre centros, periferias e diversos

“subs”? Quem define e quem legitima as chamadas rotulações às quais os excluídos são submetidos? Quais os instrumentos de validação ou de negação dessa ideologia? Por que o que não é reconhecido nos grandes centros é praticamente relegado à categoria de inexistente (ou, quando muito, de não-relevante)? É diante desse quadro que venho propor minha colaboração neste simpósio sobre “Literatura e crítica contemporânea nos países da América Latina”. Farei uma breve contextualização do exposto acima, no âmbito da América Latina, e sintetizarei alguns trabalhos de teóricos que se dedicam sobre os temas referidos; as tentativas de rupturas; a situação do Brasil (um país de dimensões continentais) – numa América que utiliza majoritariamente a língua espanhola em contrapartida à língua portuguesa; fronteiras linguísticas nacionais e internacionais e de que modo uma contribuição interdisciplinar pode ajudar no enfrentamento e busca de respostas a questões tão complexas. BIBLIOGRAFIA: BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e Estética: A teoria do romance. 5ª ed. São Paulo, Hucitec, 2002. / BOURDIEU, Pierre. As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. / CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987. / CASANOVA, Pascale. República mundial das letras. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. / DELEUZE, Gilles. Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977. / FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996. / LUDMER, Josefina. Aquí América latina. Una especulación. Buenos Aires: eterna Cadência, 2010. / MORETTI, Franco. Conjectures on world literature. New Left Review 1, janeiro e fevereiro de 2000. / _____. A literatura vista de longe. Porto Alegre: Arquipélago, 2008. / MIGNOLO, Walter. La idea de Latino América. La herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa, 2005. / RAMA, Ángel. Literatura, cultura e sociedade na América Latina. Belo Horizonte: UFMG, 2008. / SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos. Ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva, 1978. / SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas. 5ª ed. São Paulo: Duas Cidades/Ed.

34, 2000. / SPIVAK, Gayatri. Morte de uma disciplina. Santiago do Chile: Palinódia, 2009.

Palavras-chave: Literatura na América Latina, Literatura brasileira, Fronteiras linguísticas, Crítica literária

A literatura brasileira contemporânea nas universidades francesas: ibérica, latino-americana e transnacional

AGNES RISSARDO (UFRJ)

Resumo: Historicamente marcado pela submissão cultural ao ensino de literaturas de origem europeia, o Brasil há décadas iniciou um movimento contrário rumo aos chamados países hegemônicos de um capital literário dominante, nos termos de Pascale Casanova. Com a criação de cursos de graduação em língua portuguesa e literatura brasileira em universidades europeias e norte-americanas, a produção acadêmica e os atores locais – docentes e discentes – se tornaram um campo fértil para os estudos de recepção em um contexto de globalização. Tomando-se um dos centros culturais hegemônicos como campo de investigação – a França – propomos um olhar sobre o papel desempenhado pelo meio universitário daquele país na promoção da literatura brasileira, em especial, a contemporânea, dentro e fora das salas de aula: qual o perfil e o que atrai esses estudantes para os cursos? Quem são os professores brasileiros e franceses que lecionam a disciplina e que tipo de trabalho desenvolvem para promover a circulação e a visibilidade da literatura brasileira contemporânea na França? De que forma o Brasil é visto nos meios universitários, uma vez que, em geral, se insere nos departamentos de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos? Como essa pedagogia transnacional se comporta frente ao debate literatura mundial versus literatura nacional? A partir da noção dos efeitos desterritorializantes da globalização defendida por Stuart Hall, da perspectiva sobre migração de Edward Said e da ideia de pobre cosmopolita, observada por Silviano Santiago, empreendemos, ainda, uma reflexão sobre o deslocamento e as implicações decorrentes

da condição de imigrante dos docentes brasileiros na França, eles próprios atores locais desterritorializados, que aceitaram o desafio de tornar protagonista uma literatura de origem latino-americana no cenário mundial.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea, Ensino universitário, Recepção no exterior, Globalização

A recepção de Leonardo Padura no Brasil numa perspectiva pós-autônoma

BRUNA TELLA GUERRA (UNICAMP)

Resumo: Uma canção de Aldir Blanc e Maurício Tapajós chamada “Querelas do Brasil” afirma que “o Brasil não conhece o Brasil”, verso que tranquilamente comportaria uma expansão geográfica, sendo possível parodiá-lo: a América Latina não conhece a América Latina. Não é incomum, inclusive, que o brasileiro considere que latino-americano é o outro, não ele. Nesse sentido, a circulação cultural entre os países latino-americanos é bastante restrita, sendo que basta uma consulta a acervos de bibliotecas e livrarias brasileiras para que se evidencie uma limitada circulação de literatura produzida nesses territórios com similares passados históricos. Para além daqueles escritores notabilizados pelo boom latino-americano da década de 1960, são sobretudo escritores argentinos e chilenos contemporâneos aos quais temos acesso em territórios brasileiros. Sendo assim, o reconhecimento e a alta vendagem por aqui de livros de Leonardo Padura, cubano da década de 1950, atualmente ativo em sua produção intelectual, a partir do final de 2013, é algo digno de ser investigado. Leonardo Padura teve alguns de seus livros policiais traduzidos e publicados nos anos 2000 no Brasil, sem, contudo, obter muito sucesso. Quando encerrado seu contrato com a Companhia das Letras, assinou com a Boitempo Editorial, sendo o romance O homem que amava os cachorros responsável pelo maior índice de vendas da editora marxista em vinte anos, antecedendo, então, a republicação de seus romances policiais da década de 1990. Esse caso parece evidenciar que a circulação de

obras literárias hispano-americanas em territórios brasileiros está sujeita não somente a uma barreira linguística, mas certamente há outros fatores a serem considerados. Como contrapartida de uma crítica que pretende trazer à tona novos nomes, novas formas e novos sentidos, pretendo, nessa comunicação, fazer um caminho inverso; ou seja, a partir da celebração do nome de Leonardo Padura no Brasil desde o ano de 2013, procurarei pensar de que forma isso se construiu e tem se construído. Para tanto, procurarei pensar a produção literária do escritor cubano num âmbito da literatura pós-autônoma, ou diáspórica, conceito elaborado por Josefina Ludmer. Considerando, então, que o literário é econômico e o econômico é cultural, que o ficcional é a realidade e a realidade é a ficção, tentarei pensar até que ponto o marketing editorial é responsável pela recente recepção de Padura no Brasil e como o contexto histórico-sócio-político brasileiro pode ser o motivador disso. Ao fim e ao cabo, elucubrarei como essas esferas se intercambiam e atuam conjuntamente para que a Literatura de Leonardo Padura aja na formação de sentidos em nosso contexto nos dias de hoje.

Palavras-chave: Leonardo Padura, Literatura contemporânea, Literatura caribenha

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 3

Una Venezuela para llevar: crisis y mercado en

CRISTINA GUTIÉRREZ LEAL (UFRJ)

Resumo: A partir de la crisis política, económica y sobre todo social que atraviesa Venezuela, este país se ha convertido en la fuente argumentativa para explicar el inminente ataque y debacle del proyecto de izquierda en Suramérica. Como era de esperarse la literatura venezolana actual asume el imperativo de representar los acontecimientos históricos como una manera de conciliar la experiencia

íntima con el sentimiento de los imaginarios culturales a fin de construir nuestro, quizás apresurado, relato de nación. En medio de este afán representacional han surgido propuestas como la de Alberto Barrera Tyszka en “Patria o muerte”, donde intenta reconstruir la Venezuela que padeció la enfermedad y muerte de Hugo Chávez. En este trabajo me propongo levantar unas consideraciones acerca de su proyecto estético y la influencia que el gran mercado ha tenido en cuanto a su difusión y valoración.

Palavras-chave: Venezuela, Mercado, Patria o muerte, Literatura

Lendo Rancière na América Latina: o regime estético entre democracia e neoliberalismo

LUCAS BANDEIRA DE MELO (UFRJ)

Resumo: Nas últimas décadas, a discussão sobre a relação entre literatura e política em todo o mundo sofreu uma grande influência da obra do pensador francês Jacques Rancière, a partir de livros como “A partilha do sensível”, publicado em 2000 em francês e em 2005 no Brasil. A tese que permeia sua obra é de que o poder político da arte não está na eficácia pedagógica da arte política nem na eficácia crítica da arte de vanguarda – que pretende denunciar as ilusões do discurso corrente –, mas naquilo que ele chama, em “O espectador emancipado”, de “eficácia estética”, isto é, a “suspensão de qualquer relação determinável entre intenção do artista, a forma sensível apresentada num lugar de arte, o olhar de um espectador e um estado da comunidade”. Dito de outra forma, a política da literatura está na possibilidade de qualquer um tornar visível um tema qualquer para qualquer pessoa, leitor ou espectador, em circuitos sem hierarquias (museus, livrarias, bibliotecas). Por mais sedutora que seja essa teoria, será que ela realmente se aplica à situação histórica latino-americana? Afinal, estamos longe da realidade da França, em que a alfabetização virtualmente plena é um fato há um século, o acesso aos bens culturais é mais democrático e a estabilidade da democracia liberal é uma longa tradição. Além disso, essa partilha democrática do sensível pode mesmo ser identificada com o potencial

igualitário da democracia entendida como “redivisão do público e do privado”, com efeitos práticos na vida do homem comum? Ou, como escreve Hal Foster em comentário a “Aisthesis”, de Rancière, a tese de uma política feita pela redistribuição do sensível “beira o pensamento mágico” e serve apenas como “boa consciência” para o mundo da arte? Ou, na leitura ainda mais crítica de Walter Benn Michael – um dos autores do polêmico ensaio “Against Theory” –, a tese igualitária de Rancière equivaleria a uma “estética neoliberal”, que substitui as lutas concretas de classe por um igualitarismo utópico, uma versão artística dos mercados neoliberais caracterizados justamente pelo livre acesso aos bens (de consumo ou culturais)? Isto é, a defesa da “eficácia estética” seria homóloga à defesa neoliberal de mercados abertos, em que qualquer um pode produzir e consumir qualquer coisa, mas em que as hierarquias profundas de poder permanecem intactas? A literatura brasileira é um lugar privilegiado para colocar à prova a discussão sobre política e literatura e o papel crucial de Rancière nesse debate. Busco, neste trabalho, entender como a produção de uma literatura política contemporânea – em autores que vão de Ferréz a Luiz Ruffato –, que tenta reconfigurar o discurso sobre classe e história e combater as interdições do campo literário (que definem quem pode escrever, como a literatura pode circular e quem pode ler), pode ser lida à luz de conceitos como “partilha do sensível” e “regime estético”. Ou se essa produção corre o risco de ser domesticada por uma teoria que revoga obstáculos que existem na vida concreta de escritores e leitores na periferia de uma país já periférico.

Palavras-chave: literatura contemporânea, Jacques Rancière, literatura e política

O Brasil na América Latina: diante de uma ideia de literatura mundial

IEDA MAGRI (UERJ)

Resumo: Um estudo da literatura além das fronteiras nacionais, uma espacialização do olhar sobre um campo amplo, um campo capaz de visualizar a teia mundial do universo literário foi proposta ainda por

Goethe em uma série de textos marginais, como prólogos, artigos em revistas etc. Para ele, a literatura mundial se compõe de um conjunto de práticas e valores que, transcendendo as fronteiras nacionais, permitem conceber o exercício da literatura como uma espécie de ágora transnacional. A partir da imposição mesma de uma economia pensada numa relação de mundo, presente no vocábulo globalização, a proposição de Goethe passa a ser o ponto de partida para o estudo do que acontece com a literatura num mundo cada vez mais globalizado. A presente comunicação buscará pensar de que maneira a literatura brasileira toma parte no que chamamos de narrativas e saberes latino-americanos nessa corrida para fazer parte de uma literatura-mundo. Observou-se que reservar um lugar periférico dentro do pecúlio comum do mundo às literaturas da América Latina, da Índia e da África (ou do que chama Spivak “o grande Sul”) não era suficiente para incluir essas literaturas e muito menos para efetivar o que ela chama de “uma competição limpa”, ou seja: a promoção de uma discussão em torno da real entrada dessas literaturas no que outros autores chamam de literatura mundial e ela prefere chamar de literatura global. Ainda mais especificamente, interessa pensar o caso do Brasil dentro da América Latina, sua posição ainda mais periférica em relação à inserção na literatura-mundo, e que tem, no entanto, outras ressonâncias a partir dos estudos de Franco Moretti e outras, ainda mais diversas, quando pensamos numa relação Sul-Sul em lugar de centro-periferia.

Palavras-chave: Literatura brasileira, América Latina, Literatura Mundial, Literatura comparada

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Escrita performática na literatura e na crítica contemporânea: uma reflexão a partir de textos de Ricardo Lísias e Alberto Giordano

RENATA FERNANDES MAGDALENO (UERJ)

Resumo: A obra do escritor brasileiro Ricardo Lísias tem forte teor crítico, investiga os limites da literatura, a figura do autor e está constantemente questionando o contexto atual da sociedade brasileira e de suas artes, como em *O céu dos suicidas* (2012), *Delegado Tobias* (2014), *Inquérito policial* (2016) e *A vista particular* (2017). E não é apenas na temática que é possível perceber tais características, o autor faz constantes experimentações no formato, que reforçam o teor crítico de seus textos. Em *Delegado Tobias* (2014), por exemplo, a história ultrapassou o formato do e-book e chegou às redes sociais, onde o personagem do delegado tinha uma página e dialogava com o próprio Lísias. Algo semelhante faz o crítico argentino Alberto Giordano. Giordano mescla reflexões críticas e acadêmicas com um formato literário em seus ensaios, incluindo aspectos de seu cotidiano em seus textos. E não parece haver muita diferença dos ensaios publicados em alguns de seus livros, como *A senha dos solitários* (2016), com as resenhas, comentários e textos que publica em seu perfil no Facebook. Não há limites que separem sua produção acadêmica de sua escrita autobiográfica. A presente comunicação procura partir de exemplos como os citados acima para pensar uma escrita performática que parece cumprir uma dupla função. Ao mesmo tempo que questiona os formatos da escrita e brinca com seus limites, defendendo a quebra dos padrões e a reflexão crítica sobre eles, chama a atenção do público leitor. No Brasil, entre os primeiros registros de performance estão a do artista modernista Flavio de Carvalho. Em 1931, ele realizou em São Paulo o que chamou de experiência número 2: caminhou de chapéu em sentido contrário a uma procissão de Corpus Christi no Centro da cidade.

O movimento é significativo e indica a tentativa de quebra de padrões, de andar contra os sentidos estipulados. Um simples ato que faz pensar e chama a atenção do público. Para Renato Cohen (2004), a definição de performance está associada a uma experimentação artística, que evoca a participação da audiência, em um trabalho de resignificação e elaboração de novos sentidos do mundo. De acordo com a definição de Cohen e tomando a performance de Flavio Carvalho como uma reflexão sobre a própria iniciativa artística é possível chamar textos como os de Lísias e os de Giordano, citados nessa comunicação, como performances literárias: quebram padrões, chamam a atenção do leitor e procuram desenvolver uma reflexão crítica sobre a própria literatura.

Palavras-chave: Escrita performática, literatura contemporânea, crítica literária, hibridização

César Aira: autoficção e literatura

LUANA MARQUES FIDENCIO (UFU)

Resumo: Pretende-se uma reflexão sobre a vertente da literatura que se apresenta propositalmente imbricada a certos elementos e dados de vida de seus autores. Pois, a ocorrência desse tipo de escrita ambígua se tornou um verdadeiro fenômeno desde as últimas décadas e tem feito volume na literatura contemporânea. E, tanto na literatura brasileira, quanto na hispano-americana, se observa a ocorrência desse tipo de escrita, assim como em toda a literatura do Ocidente, de um modo em geral. Nesse sentido, vive-se a urgência da reflexão sobre a validade das fronteiras entre os gêneros literários, assim como se necessita mais que nunca da reflexão sobre aquelas fronteiras, mais e mais esgarças, entre autobiografia e ficção. Elizabeth Duque-Estrada, em seu livro *Devires Autobiográficos* (2009), apresenta um percurso sobre o modo como as teorias da autobiografia vêm se desenvolvendo e se pulverizando frente a este objeto fugidio que abrange as narrativas autobiográficas. E, se são quase incontáveis as teorias que tentam dar conta dessas relações, por outro lado, um grande número de obras de ficção vem, propositalmente, embaralhando os entendimentos estabelecidos sobre essas questões.

O escritor argentino César Aira, em seu romance *Como me tornei freira* (2013), é tomado aqui como exemplo peculiar de tratamento desses imbricamentos entre ficção e autorreferência e será mote para a reflexão sobre essas práticas deliberadas e refletidas de especularização no interior das produções literárias. Pois se acredita importante refletir sobre esses re-ordenamentos da ficção e da autorreferência da figura do autor, sobretudo de modo a considerar esses movimentos e sua profusão na literatura contemporânea. Pretende-se, discutir o conceito de autoficção, por ser o que tem alcançado mais sucesso e fama quando se trata desses imbricamentos vida-escrita empreendidos pelos escritores de ficção. A origem do conceito é atribuída a Doubrovsky e seu romance *Fils* (1977), todavia, se esse conceito data do fim do século XX, é importante lembrar que esse tipo de ocorrência sempre existiu, com maior ou menor sucesso e repercussão na literatura. E, ainda que uma considerável quantidade de pesquisas aponte a autoficção como sendo um gênero literário relativamente novo, há que se problematizar seus desdobramentos. Toda essa profusão, desdobramentos, e atribuições genéricas levaram a um grave comprometimento da autoficção enquanto conceito capaz de dar conta das produções literárias contemporâneas. Ainda assim, o desenvolvimento e sucesso contemporâneo, e mesmo o apelo que a autoficção apresenta junto aos leitores, é em certa medida responsável pelos mais distintos modos de apresentação dessas formas de ficcionais. Tendo em vista esse panorama, acredita-se importante a reflexão sobre o que vem sendo denominado de autoficção, de modo a considerar como se dá esse tipo de fenômeno no referido romance de César Aira. Para operar uma reflexão crítica sobre essas questões, pretende-se, a partir do romance *Como me tornei freira*, problematizar quais elementos (como o nome próprio do autor inserido no romance, por exemplo) são capazes de promover o efeito de presença autobiográfica dentro dessas narrativas de ficção deliberadamente imbricadas na própria vida de seus autores.

Palavras-chave: Autobiografia, Autoficção, César Aira

Ficção e realidade como complementação mútua para o entendimento do mundo

FRANCIELLI CRISTINA CAMPIOLO (UFSC)

Resumo: Os textos jornalísticos do uruguaio Eduardo Galeano, publicados na revista brasileira *Atenção!* (1995-1997), são caracterizados pela presença de elementos literários. Essa convergência de estilos demonstra que literatura e jornalismo, juntos, servem muito bem para explicar temas universais. Dessa forma, o objetivo geral deste artigo é desmistificar o antagonismo entre realidade e ficção e afirmar a existência de uma complementação mútua, combinando teorias de Wolfgang Iser (1996) e de Luiz Costa Lima (2006). A partir disso, segue-se ao objetivo específico que é verificar o ficcional no texto “A infância como perigo”, escrito por Galeano e publicado na edição ano2 n.8, da revista *Atenção!*. O processo utilizado para a identificação do ficcional inclui os atos de seleção e combinação (ISER), alinhados à mimesis ou verossimilhança (LIMA). Assim, pode-se concluir que a ficção interfere de forma positiva em textos jornalísticos, ao instigar o leitor a pensar sobre a sua realidade.

Palavras-chave: literatura latino-americana, jornalismo de revista, verossimilhança, ficção

O valor literário nas mãos de Eduardo Marciano

MARCELO ALVES DA SILVA (UERJ), FÁTIMA CRISTINA DIAS ROCHA (UERJ)

Resumo: A finalidade desta comunicação é abordar o manuseio do capital literário acumulado pela figura ficcional Eduardo Marciano, protagonista do romance *O encontro marcado* (1956), de Fernando Sabino. Para realizarmos esta tarefa, valemo-nos dos estudos de Pascale Casanova, presentes na obra *A República Mundial das Letras* (2002), acerca dos usos e dos efeitos pertinentes ao capital simbólico. A estudiosa, influenciada pelos escritos sobre o capital cultural e o mercado de bens simbólicos, engendrados por Pierre Bourdieu, procura precisar, na sinalização da existência de um jogo do mercado literário

mundial, como o capital simbólico (doravante e especificamente capital literário), habilita as instituições/os intelectuais para a disputa a certo empoderamento em face da herança do espírito, além de sua relativa apropriação e autorização da especificidade no campo literário, o que Casanova denomina “literariedade”, conceito conjugado com a formação de uma língua literária e, por consequência, de uma Capital literária. Supomos que, preocupado com a própria inserção neste jogo hegemônico e com a imagem de escritor a ser constantemente recepcionada, Fernando Sabino, como escritor, investe duplamente nas questões sobre o valor literário: num primeiro momento, em *O encontro marcado*, o autor coloca como protagonista Eduardo Marciano com o objetivo de estabelecer um percurso intelectual – leituras realizadas durante a infância, a adolescência e a idade adulta do protagonista e convívio com diversos intelectuais belo-horizontinos e cariocas, nas décadas de 1940 e 1950 – que sirva de exemplar recorte histórico e estético, pelas escolhas das obras que se textualizam na voz do personagem e de seus companheiros. Num segundo momento, tal protagonista, estrategicamente, parece usar seu acervo cultural (isto é, o nicho de leituras e considerações acerca da literatura e da arte) para exercitar a crítica do espaço romanesco, ao pretender novas estéticas, e do próprio papel profissional do escritor, ao expor as dúvidas angustiantes sobre a possibilidade de escrever literatura em momentos de crises existenciais, políticas e econômicas. Sobre este fenômeno, Philippe Gasparini, em *Est-il je? Roman autobiographique et autoficcion* (2004) designa-o como “consonância”, estratégia em que o protagonista de romances com teor autobiográfico representa tanto a comunidade de origem étnica e cultural quanto as tensões interculturais enfrentadas pelo autor e pelo indivíduo como escritor. Assemelhando-se às instituições “acadêmicas”, como prática de pensamento explícito sobre os trabalhos com arte, Eduardo Marciano e o narrador de *O encontro marcado*, juntos, responsabilizam-se por executar uma espécie de crítica que atina para a importância de uma herança literária. Para

arrematarmos nossas discussões, recorreremos à Teoria Estética (2015), de Theodor Adorno, e a alguns escritos de Walter Benjamin (2012), quando esclarecem o aspecto fundador e revigorante da crítica de arte no próprio objeto artístico.

Palavras-chave: O encontro marcado, Fernando Sabino, Capital literário, Crítica Literária

40

LITERATURA E DISSONÂNCIA

Prof. Dr. André Dias (UFF)

Prof. Dr. Marcos Pasche (UFRRJ)

Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS)

Resumo: A proposta do simpósio é examinar a manifestação da dissonância em diferentes obras literárias das mais variadas nacionalidades, com vistas a compreender o modo pelo qual alguns autores se constituíram, através dos discursos literários, como vozes questionadoras de seus tempos, sociedades e condições existenciais. O tema está associado aos artistas e intelectuais que analisaram de maneira profunda aspectos primordiais de diferentes épocas e construíram uma crítica contundente aos mais distintos valores presentes nessas realidades sociais. A ideia central é abrir espaço para o diálogo entre pesquisadores que investigam variados autores, cujas obras expressam inquietações e questionamentos, tanto na esfera social, quanto na ideológica ou na existencial. O que se espera é que os trabalhos apresentados no âmbito do Simpósio **Literatura e Dissonância** discutam, entre outras questões, o problema teórico do intelectual frente às variadas ideologias, quer sejam elas hegemônicas ou não, e o problema histórico dos escritores diante do *status quo*, manifestado na esfera da política, da moral, dos costumes, da economia, etc.

Mikhail Bakhtin, falando sobre o grande tempo histórico e o trabalho dos escritores, chama atenção para o seguinte fato: “o próprio autor e os seus contemporâneos veem, conscientizam e avaliam antes de tudo aquilo que está mais próximo do seu dia de hoje. O autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o

libertam dessa prisão, e os estudos literários têm a incumbência de ajudá-lo nessa libertação.” (BAKHTIN, 2003, p. 364). Sendo assim, ao abordarmos a temática **Literatura e Dissonância**, temos clareza de que todo autor, para o bem e para o mal, é antes de tudo um homem de seu tempo. Desse modo, aos que se ocupam da investigação literária cabe a desafiadora tarefa de, dialogicamente, atualizarem os diversos discursos literários produzidos nos mais variados tempos e espaços históricos. Agindo assim, os estudiosos da literatura contribuirão para manter a vivacidade de distintos autores e suas obras. Sobre a criação romanesca, o pensador russo adverte que “o autor-artista *pré-encontra* a personagem já dada independentemente do seu ato puramente artístico, não pode gerar de si mesmo a personagem – esta não seria convincente” (BAKHTIN, 2003, 183-184). Em outras palavras, nenhuma personagem é fruto do gênio criador de um autor adâmico, pois a matéria de memória da literatura está no mundo social, local de onde os escritores extraem os motivos para criar. De maneira análoga, a palavra do outro é fundamental para a tomada de consciência de si e do mundo, segundo aponta ainda Bakhtin: “como o corpo se forma inicialmente no seio (corpo) materno, assim a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro” (BAKHTIN, 2003, p. 374). Dessa forma, as premissas bakhtinianas apresentadas aqui fundamentam o desenvolvimento das nossas reflexões e ajudam a ampliar os sentidos das análises.

O fórum, observada a perspectiva da dissonância no campo dos estudos literários e do comparativismo, acata propostas que vão desde o enfoque do ensino da literatura, passando pela questão do trabalho crítico, até chegar à discussão teórica das experiências literárias e da diversidade de textualidades contemporâneas. Seja no espaço das territorialidades, cujos limites se esvaem diante da instantaneidade das comunicações globais, seja no âmbito do regional esvaziado no mesmo diapasão — em que os conceitos de literatura e de literariedade vigentes nos séculos XIX e XX perdem sentido com as realizações e as propostas

estéticas dos autores do século XXI —, procura-se o dissonante na antiga ordem hierarquizada, no recente e finado mundo bipolar ou no universo multilateral que se instaura. Há que se considerar, ainda, estudos comparativos entre autores que, mesmo distantes no tempo e no espaço, fixam a seu modo o questionamento de valores hegemônicos e não hegemônicos. Tais autores, independente se no espaço da prosa ou no da poesia, acabam por constituir uma aproximação literária mediada pelo estado de permanente inquietação.

Do ponto de vista da historiografia literária, qualquer que seja o modo analítico proposto, os problemas se sucedem, pois os últimos anos têm sido de deslocamentos incessantes dos postulados teóricos. Tais deslocamentos transformaram os embates com o mundo concreto cada vez mais inglórios, considerando a acelerada mutabilidade das circunstâncias sociais, políticas, históricas e das representações simbólicas, no âmbito das artes em geral e da literatura em particular. Levantar questionamentos, de preferência contundentes, e, eventualmente, produzir alguma conclusão, ainda que dissonante e provisória, é o que se espera alcançar com o presente Grupo de Trabalho, cuja sequência de participações na Abralic, sempre com intensa adesão dos colegas, indica a importância e a pertinência do debate proposto.

Palavras-chave: Literatura, Dissonância, Análise do discurso

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

“O rigoroso olhar índio” de Walter Benjamin e a cena antropofágico-perspectivística brasileira do século XVI

ANDRÉ GARDEL (UNIRIO)

Resumo: No livro *Rua de mão única*, Walter Benjamin fala de “o rigoroso olhar índio” da criança colecionadora. Os gestos do colecionador, para

o filósofo alemão, são semelhantes ao do historiador, que volta às origens para selecionar, na intensidade prenhe de agora do passado, as forças heterogêneas dos vencidos que potencializam o presente; daí a história vista alegoricamente como constelação de momentos-mônadas. Ao utilizar tais conceitos para repensar as origens da cena brasileira no Século XVI, sob viés antropofágico de Oswald de Andrade e perspectivístico ameríndio de Viveiros de Castro, o desenho constelar que vemos se configurar no céu da história é o de duas bocas canibais oximorescas se entredivorando, a européia e a tupinambá.

Palavras-chave: História dos vencidos, cena brasileira, antropofagia, perspectivismo ameríndio

José Agrippino de Paula: tropicalista, marginal, contracultural?

BERNARDO DE PAOLA BORTOLOTTI FARIA (PUC/RJ)

Resumo: Pode-se pensar a contracultura no Brasil da década de 1960 a partir de diversas formas de contestação (política, estética, comportamental) e, dessa forma, compreender como artistas de campos como a Música, o Cinema, as Artes Visuais e o Teatro, além de intelectuais do jornalismo alternativo, tiveram grande destaque durante o período, sendo posteriormente objetos de críticas e trabalhos de pesquisa. Contudo, considerando a produção literária da época, é possível perceber como os escritores não obtiveram o mesmo destaque nesse cenário da época. Partindo dessa constatação, procurei entender em minha dissertação como a obra literária de José Agrippino de Paula, especialmente os seus livros *Lugar Público* e *PanAmérica*, que apesar de trazer importantes diálogos com as produções artísticas, teóricas e culturais que atravessavam os debates do seu tempo, não obteve o mesmo reconhecimento de outras produções. Com isso, podemos pensar a respeito do lugar de José Agrippino de Paula no campo artístico do Brasil da década de 1960, em que diferentes movimentos como o Cinema Novo, o Neo-concretismo, o Teatro Oficina, o Cinema Marginal e o Tropicalismo buscavam uma afirmação e um espaço no cânone artístico brasileiro, a partir da publicação de manifestos, auto-

denominação de seus movimentos, declarações de seus porta-vozes ou qualquer outra iniciativa que visasse a consolidação de um grupo. Agrippino, por sua vez, não se atrelou a nenhum dos movimentos, ainda que transitasse e dialogasse com artistas filiados a essas propostas diversas. Nesse sentido, a comunicação apresentará algumas reflexões a respeito do lugar dissonante de Zé Agrippino no contexto contracultural da década de 1960. Ao levantar elementos de sua obra, declarações de artistas de outros movimentos, críticas da época, procuro entender a relação entre o autor e a contracultura. Sem perder de vista a intencionalidade de seu posicionamento ao não aderir a qualquer tipo de movimento que ocorria no Brasil do período, podemos refletir como Agrippino escapava do compromisso de filiação estética a uma corrente artística. Desse modo, as questões que permeavam as suas produções literárias podem ser entendidas a partir de uma proposta mais ampla, uma postura contracultural frente aos próprios artistas brasileiros relacionados à contracultura.

Palavras-chave: José Agrippino de Paula, Contracultura, década de 1960

Memórias culturais, vanguardas: poéticas-experimentais, poetiCidades

MÁRIO CEZAR SILVA LEITE (UFMT), LARISSA SILVA FREIRE SPINELLI (UFMT)

Resumo: A pesquisa tece uma trajetória possível da poética “empenhada” de Silva Freire, escritor, advogado, “agente cultural”, editor. O poeta emaranha-se em um projeto poético, literário, cultural, social fraturado em dois amplos vetores de “fidelidade”: (1) telúrica-memória-povo-tradição-identidade-modernização; (2) vanguardas-linguagens-experimentais-neoconcretismo-poema processo. Na demanda por uma tessitura integralizadora e associativa, elabora uma(s) poética/poesia(s) para a cidade de Cuiabá, para o povo cuiabano e para Mato Grosso, pluralizada entre tradição-modernização, memória, contiguidade, experiências vanguardistas e ruptura que se trama do/no espaço-cidade para o texto-cidade para a cidade-texto num veloz espiral inventando cidade-poema-poema-cidade -caleidoscópio. *PoetiCidades*. **Palavras-chave:** Vanguardas Literárias, Cidades, Memória Cultural

Quem são os selvagens? Uma leitura do conto “Sons of Savages”, de Emily Pauline Johnson

EDUARDO DE SOUZA SARAIVA (FURG)

Resumo: O objetivo da presente comunicação é o de apresentar a escrita da autora indígena canadense Emily Pauline Johnson. Através da análise do texto literário “Sons of Savages”, conto que compõe a obra *The shagganappi* (1913), será discutido como a figura do indígena é apresentada pela visão do próprio nativo. A construção do conto evidencia as quatro etapas que as crianças Iroquois, desde o seu nascimento até a fase adulta, passam para se tornarem guerreiros dentro de suas tribos. O contraponto que Johnson faz em seu texto, mostra dois lados: a visão ocidental sobre os indígenas; uma visão distorcida, e não raro deturpada sobre os povos ameríndios; e uma visão que se dá de dentro. Os primeiros registros sobre as First Nations, ou Primeiros Povos do Canadá datam do século XIX, com os relatos feitos pelos jesuítas sobre os povos indígenas. É a partir dessas narrativas que há a inserção do ameríndio na literatura. Um dos livros que descreve, pela perspectiva do ocidental, os ameríndios é *Jesuit Relations*, uma obra que conta com relatos dos colonizadores que entraram em contato com as tribos Algonkin e Huron. Esses discursos, entretanto, são parciais e nada favoráveis aos indígenas, ao contrário são registros preconceituosos que desqualificam os ameríndios, a sua cultura e o seu local de fala. Essa perspectiva parcial sobre os povos indígenas, legado do processo de colonização inglesa, começa a se modificar com a inserção dos indígenas no campo da escrita e da literatura. E, também, com a transcrição das narrativas orais, que tinham por objetivo guardar os registros históricos dos Primeiros Povos e que foram realizadas por pesquisadores. Uma visão dos indígenas que é apresentada de dentro ajuda a combater com os estereótipos e com pontos de vista unilaterais. Recuperar a voz indígena através do texto literário demonstra como a representação dos ameríndios é muita das vezes distorcida pela visão ocidental. É nesse sentido que o presente trabalho pretende lançar o

olhar para a escrita de Pauline Johnson e apresentar como a autora, por meio do texto literário, desconstrói a imagem “selvagem” e/ou “não civilizado” dos ameríndios. A literatura produzida pelos povos ameríndios canadenses precisa, então, ser analisada dentro de um contexto que está relacionado com o local de fala desses sujeitos, como apontam Margery Fee e Dory Nason, em *Tekahionwake: E. Pauline Johnson’s writings on native North America* (2016). Do mesmo modo, William Herbert New aponta, em *Encyclopedia of literature in Canada* (2002) que Pauline Johnson é uma voz patriótica que se utilizando de uma variedade de formas, ensinou que a identidade canadense deve incluir e respeitar a herança e a cultura dos indígenas.

Palavras-chave: Literatura Indígena, Literatura canadense, Dissonância, Emily Pauline Johnson

Discurso literário quebequense e narrativa fundadora: a voz dissonante de Réjean Ducharme

ARNALDO ROSA VIANNA NETO (UFF)

Resumo: Considerado como fundador do romance americano quebequense com a publicação de *La fille de Christophe Colomb* em 1969, o escritor Réjean Ducharme tem produzido, na prática subversiva de seu texto, uma ficção descolonizante e suas relações dialógicas políticas e culturais, refletindo o que, nos dias de hoje, os teóricos europeus denominam a crise do sujeito, ou seja, a crise em toda a noção do sujeito ocidental como fonte coerente e constante de significação. Uma pesquisa do conjunto de sua obra revela uma linguagem altamente definida por construções paródicas associadas a jogos de reciclagem de identidades culturais diversas e complexas que se constituíram na movência das migrações históricas, a partir do material dissonante que subverte o institucional ocidental, ou seja, a inversão da herança institucional pelo jogo paródico. Indesejáveis aos paradigmas institucionais, marcadas por (re)territorializações e (trans)territorializações, essas identidades culturais migrantes, que

atravessaram e atravessam as Américas, construíram no Quebec imaginários e/ou representações simbólicas de um ethos determinado pela confluência, ao mesmo tempo conflitante e harmoniosa, de referências pluriétnoculturais muitas vezes invisíveis no vocábulo americano fortemente comprometido com a inscrição estadunidense. Assim sendo, o exercício da paródia é tomado como forma de intervenção cultural e política de subversão da autoridade discursiva, caracterizando o que se chama de paródia pós-moderna, ou seja, um amplo questionamento da própria civilização ocidental, através de reinterpretações da sociedade, da arte e da cultura, expresso na narrativa ficcional por um tipo de escritura caracterizada pela auto-reflexividade, pela transgressão das fronteiras de gênero, pelo uso da ironia e por sua obsessão pelo passado.

Palavras-chave: fragmentação do sujeito, ficção descolonizante, relações dialógicas, subversão da autoridade discursiva

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Modernidade e dissonância: experiências do caos e da guerra nas escritas do eu

FLÁVIA VIEIRA DA SILVA DO AMPARO (UFF)

Resumo: De que modo os intelectuais reagiram aos anos de caos e crise, correspondentes aos anos 30 e 40, marcados pelo horror da Segunda Grande Guerra? Para refletir sobre as escritas da crise, esse trabalho pretende se debruçar sobre as obras de três intelectuais: Stefan Zweig, Walter Benjamin e Carlos Drummond de Andrade, respectivamente, Autobiografia: o mundo de ontem, “Experiência e pobreza” e Confissões de Minas. Esse estudo pretende rastrear os traços de Modernidade e Dissonância presentes nesses escritos e, sobretudo, avaliar de que modo a crise da experiência, em decorrência dos terrores da guerra e

dos avanços da técnica e da tecnologia, afetou a obra dos intelectuais, exigiu a reinvenção de modelos e valores e impôs novos fazeres e novos olhares no contexto literário. Como a obra literária pode ressignificar o humano e trazê-lo de volta ao centro do palco na era das máquinas e do poderio bélico?

Palavras-chave: modernidade, Dissonância, Crise

Questões na poesia do pós-guerra

JOÃO GUILHERME SIQUEIRA PAIVA (UFRJ)

Resumo: É importante situar algumas particularidades da poesia do pós-guerra no contexto moderno. Se o romantismo foi a última escola disponível para assimilar a arte na religião, o simbolismo foi a primeira a convertê-la numa religião autônoma. O esforço desesperado da bohème “decadente” de erigir aquela poesia privada dos próprios fundamentos metafísicos, como foi no caso de Mallarmé, sobreviveu, ainda nas primeiras décadas do século XX, na estética de Yeats e Rilke por exemplo – a estima que o ocidente ainda atribuía às artes possibilitou que os nascidos em fins do século anterior pudessem continuar a nova proposta. Não por muito tempo. As duas grandes guerras arruinaram o cenário espiritual da Europa e permitiram a ascensão de um novo modo de vida, mais técnico, mais prático e em busca de entretenimento. As vanguardas, com toda razão, haviam desmistificado o fazer artístico. Os poetas agora olhavam-se atônitos, e o último recurso, se se quisesse amparar numa espécie de verdade coletiva, era o engajamento social. Nada restou dos velhos moldes. Ao poeta não era mais dado nem integrar-se ao cosmos nem cultivar sua arte. Separado da “hidra da multidão” (Mallarmé) e forçado pela história a escutar as palavras de Adorno onde “a permanente ameaça da catástrofe não permite mais a observação imparcial”, atualiza-se a famosa pergunta de Hölderlin «wozu Dichter in dürftiger Zeit»: para que poetas em tempos de penúria? A pergunta é feita, mas, no entanto, sem qualquer comunidade disposta a respondê-la. Foi num período próximo ao fim da Segunda

Guerra Mundial que Theodor Adorno cunhou, junto a outros membros da Escola de Frankfurt, o conceito de “Indústria Cultural”, que viria a substituir, na sua obra, o antigo “cultura de massas”. Dentre a série de elementos que configurariam esse modo de vida do ocidente no pós-guerra, podemos assinalar o fortalecimento da cultura norte-americana, algo demonstrado, por exemplo, na perspectiva de “A doce vida” (1960) de Federico Fellini. Também pertence ao ano de 1960 a conferência “O meridiano” de Paul Celan, por ocasião do recebimento do prêmio Georg Büchner, texto em que o poeta tenta diagnosticar os traços da poesia de seu tempo. A conclusão chega nos termos de que “o poema – o poema hoje – mostra, e isso é indelével, uma forte tendência para o emudecimento”. Miłosz define a poesia da sua época “suspiro cortado” e Francis Ponge como “murmúrio entre mudos”. Nossa proposta de comunicação é discutir sobre até que ponto essa “forma do silêncio” na poesia do pós-guerra não seria, também, resposta à estridência das mercadorias da cultura e até que ponto a poesia teria chances de se reservar em relação a essa mesma estridência.

Palavras-chave: Poesia moderna, Paul Celan, Theodor Adorno, Francis Ponge

A cabeça de Salomé: Diálogos pelo feminino

ROSANA BAÚ RABELLO (USP)

Resumo: O livro *A cabeça de Salomé* apresenta a reunião de crônicas produzidas por Ana Paula Tavares entre 1999 e 2002, originalmente publicadas no jornal português Público. No conjunto dessas prosas curtas, há o flagrante de acontecimentos históricos e das dificuldades da guerra civil angolana vistas a partir de uma perspectiva e de uma forma de olhar singulares. Essa singularidade está bastante conectada com a sensibilidade poética impressa nos textos e com as formas de captar as tramas do feminino nas figuras das madrinhas, das tias, de famosas comerciantes, de escritoras do Sul e do Norte, de pesquisadoras, das cidadãs do mundo e das casas, das meninas núbeis, das mais-velhas, das

oleiras, das advinhas e de tantas outras figuras que compõem um painel riquíssimo de personagens e resgatam a expressão e a importância do lugar social e das resistências representadas pelas mulheres. Esse resgate do feminino aparece justamente para reescrevê-lo dentro de uma prática libertadora que objetiva tornar visível a expressão do que foi silenciado e colocado em plano secundário em termos culturais, históricos e políticos

Palavras-chave: Crônicas, autoria feminina, Angola, feminismos

Testemunhos, autobiografia, ficção, permanência e renovação

LÍVIA REIS (UFF)

Resumo: Um dos fenômenos mais surpreendentes a que temos assistido, neste fim/ início de século, tem sido a emergência da recuperação da memória como estratégia política e cultural. Esta volta ao passado, contrasta radicalmente com o característico olhar para o futuro que permeia, desde as vanguardas, a vida e a produção cultural do século XX e XXI. Em muitos aspectos da vida cotidiana e cultural percebemos uma obsessão no resgate do passado a serviço da construção do presente. Em todo o mundo, na América Latina e, particularmente, no Brasil de hoje, não são poucos nem isolados os movimentos de recuperação do patrimônio histórico nacional. O resgate do patrimônio, material ou imaterial, foi um processo um tanto tardio em nosso continente, mas esta onda do memorialismo que têm assaltado nossa cultura, de uma certa forma, tem colaborado para a formação de uma nova cultura, baseada no resgate da memória, preocupada em trazer de volta momentos ou personagens históricos, artistas, intelectuais e políticos. A síndrome do memorialismo, segundo palavras de Andreas Huyssen que se alastra por todos os campos da vida cultural, também se faz notar no campo da produção literária, tema que nos interessa tratar neste ensaio. Nunca se escreveram tantas novelas históricas, escrituras da memória, confissões, diários, biografias, autobiografias e testemunhos e auto ficção como hoje. O fenômeno da

explosão editorial dos romances históricos que assistimos em 1994 na América Hispânica, repetiu-se no Brasil, em torno aos preparativos e comemorações dos 500 anos de descobrimento. Sem dúvida, paralelo ao problema de mercado que está por trás do fenômeno em tela, no caso da América Latina, o resgate da memória em sociedades pós ditatoriais vem carregado de outro tipo de questões que apontam para problemas de violação de direitos humanos, justiça e responsabilidade coletiva que colocam no palco de discussão estratégias de memória, esquecimento e trauma. Na Europa, a literatura testemunho ganha impulso a partir dos relatos de sobreviventes do holocausto e se articula sobre a linha tênue da necessidade de narrar a barbárie e a insuficiência de linguagem diante do horror e do trauma, paradoxo que põe em cheque a relação entre o real e o ficcional, entre história e ficção. É possível a realidade verbal, de linguagem, traduzir um excesso de realidade “vívda”? Na América Latina, o momento ao qual se atribui importância histórica ao se tratar do que hoje nos referimos como narrativa testemunho é o ano de 1970, quando a Casa de las Américas, pela primeira vez, incluiu entre suas categorias, a premiação um gênero não canonizado. Até 1969, as obras que correspondiam às características das narrativas testemunho concorriam, segundo cada caso, entre os gêneros tradicionais, sobretudo romance e ensaio. Este texto pretende trazer uma reflexão sobre a permanência e renovação destes tipos de narrativas na América Latina.

Palavras-chave: memória, testemunho, autobiografia, ficção

As dissonâncias do narrar: uma análise sobre o narrador e a violência em “Inferno” de Luiz Vilela e “Filho de Pinguço” de Alciene Ribeiro Leite

RODRIGO ANDRADE PEREIRA (UFMS)

Resumo: O presente artigo busca investigar o *modus operandi* narrativo da violência no conto “Inferno” de Luiz Vilela e “Filho de Pinguço” de Alciene Ribeiro Leite, procurando demonstrar que são obras que

configuram vozes dissonantes, pois encenam a releitura da repressão e violência paterna. Para comprovar tal perspectiva, utilizamos, como base teórica, o ensaio “Tradição e Talento Individual” (1919), de T. S. Elliot, o livro Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes (2012), de André Dias, e Crítica em tempos de violência (2012), de Jaime Ginzburg.

Palavras-chave: Luiz Vilela, Alciene Ribeiro Leite, Dissonância, Violência

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

A quem cabe a última palavra? O lugar social do escritor e do crítico em Rubens Figueiredo

CLARICE DE MATTOS GOULART (UFF)

Resumo: A comunicação em questão tem como objetivo apresentar alguns dos temas investigados no processo de redação da dissertação intitulada A quem cabe a última palavra? O lugar social do escritor e do crítico em Rubens Figueiredo. Ao longo da pesquisa de mestrado realizada nos dois últimos anos, foi possível constatar que Rubens Figueiredo, ex-professor, escritor e tradutor em atividade nos dias de hoje, tematiza com frequência, em suas narrativas, personagens escritores, críticos de arte ou intelectuais em sua relação com a arte. Os contos “A última palavra” (Contos de Pedro, 2006) e “Os biógrafos de Albernaz” (O livro dos lobos, 1994, 1ª ed.), bem como o romance Barco a seco (2001) abrem, então, ricas possibilidades de análise da representação desses personagens e da construção das narrativas em diversos aspectos. Chama atenção, de início, a caracterização dos personagens Pedro, Nestor e Gaspar – protagonistas, respectivamente, das três narrativas mencionadas –, frequentemente ambiciosos e movidos pela visão de que a carreira de escritor funciona como um degrau que garante ao sujeito uma posição de destaque e, conseqüentemente, um lugar de prestígio. Assim, tais personagens transitam por diversas instituições, tais como bibliotecas,

universidades, galerias de arte, editoras e tecem redes de contato que atuam conjuntamente na consagração do escritor. A prosa de Rubens Figueiredo apresenta, então, um inquietante questionamento sobre o lugar do escritor, sobretudo porque tais personagens não poupam esforços – ou escrúpulos – para alcançar o lugar que idealizam e almejam ocupar. É necessário mencionar que tais temas são abordados por Rubens Figueiredo a partir de uma perspectiva que busca refletir certo desconforto, uma vez que os personagens investigados são representados sobretudo por uma ótica negativa. Enquanto Nestor rouba as informações de um colega de profissão para acrescentar dados inéditos à biografia que, às pressas, escreve, Pedro entende que a bajulação é a melhor forma de divulgar o próprio livro e tornar-se conhecido como escritor. Muitas vezes, então, o livro aparece como um objeto que não é lido, servindo apenas à promoção de seu autor. Apresentam-se, nesse sentido, diversos temas relacionados à imagem do escritor e do crítico, entre os quais é possível destacar as esferas de consagração do escritor ou do crítico, a autoridade do intelectual, a distinção social, os sistemas de valoração e lugar social do livro, do leitor, do crítico, do escritor e também do editor, além de questões relacionadas à ética do escritor. Compreende-se que Rubens Figueiredo tematiza, portanto, temas caros aos estudos da literatura brasileira contemporânea, na medida em que problematiza o próprio contexto em que se insere. A orientação teórica da discussão articula-se com as ideias apresentadas por Eneida Maria de Souza, Néstor Garcia Canclini, Pierre Bourdieu, Regina Dalcastagnè e Beatriz Sarlo.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea, Rubens Figueiredo, Lugar social do escritor e do crítico de arte, Mercado editorial no Brasil

Alfredo Bosi: percurso e fundamentos críticos

MARCOS PASCHE (UFRRJ)

Resumo: A comunicação que ora se anuncia é um desdobramento da comunicação “Alfredo Bosi: o ser e o tempo da crítica”, apresentada no XV Encontro Regional da Abralic, em 2016, neste mesmo simpósio.

A intenção agora é adensar as reflexões abertas naquele momento, que receberam contribuições a partir das perguntas feitas após a apresentação. De modo sistemático, ao longo do trabalho, será estabelecido como norte o seguinte questionamento: é possível que um trabalho consagrado seja efetivamente dissonante do que se pode entender (aqui falamos genericamente) como status quo em termos de sociedade e de estudos literários? Afinal, Alfredo Bosi foi professor da maior universidade brasileira (USP), publica livros de ampla circulação no Brasil e no exterior, é militante católico, integra a Academia Brasileira de Letras e tem como obra mais reeditada um estudo historiográfico – a História concisa da literatura brasileira –, que se liga a uma vertente dos estudos literários hoje criticamente em baixa, segundo aponta Paulo Franchetti em “História literária: um gênero em crise”. Todos esses fatores podem dar margem para que o autor de Ideologia e contraideologia seja visto, dentro e fora da universidade, como um portador de arcaísmos ou mesmo um conservador, e, para a cartilha dicotômica, onde há conservadorismo não há – ou não convém observar – algum tipo de dissonância. Acerca disto, é curioso observar que a despeito da inegável baixa, a história literária permanece como grande norteadora dos estudos de literatura no Ensino Médio e também na universidade, o que não é ignorado por Franchetti. Assim, sua obra paira como uma das mais lidas dentre as dos críticos brasileiros, e isso sem que ela seja guiada por uma perspectiva simplista, como ocorre, por exemplo, em Domício Proença Filho, para quem época e obra são infalíveis e objetivos correlatos. Como, em linhas gerais, o presente trabalho buscará mapear o trabalho crítico em questão para realçar-lhe as peculiaridades, convém dizer que, embora especialista, Alfredo Bosi não é um estudioso da estrita especialização, algo de que dão prova suas frequentes e densas investidas noutros campos do saber, conforme se nota em Dialética da colonização. Em síntese, este trabalho colocará em questão as possíveis atualidades de um crítico aparentemente de outra época.

Palavras-chave: Alfredo Bosi, Literatura Brasileira, Crítica literária

Estilística e narrativas de Leandro Gomes de Barros sobre o cangaceiro Antônio Silvino

FELIPE GONÇALVES FIGUEIRA (UFF)

Resumo: Leandro Gomes de Barros (1865-1918) foi o artista que, relendo e imprimindo novos sentidos às matrizes europeias a partir de elementos locais, deu corpo literário e empresarial à atividade do cordel nacional. O presente trabalho investiga, a partir de obras nas quais o cangaceiro Antônio Silvino é protagonista, as estratégias estéticas utilizadas pelo cordelista para a composição de um discurso politicamente dissonante em relação aos interesses das classes hegemônicas da sociedade agrária do Nordeste brasileiro, na virada dos séculos XIX e XX. Para tanto, a pesquisa se valerá das concepções teóricas da análise do discurso desenvolvidas pelo teórico russo Mikhail Bakhtin (1895- 1975), em especial o conceito de estilística (BAKHTIN, 2015). Aproximar a arte verbal escrita das práticas culturais do povo, não só no sentido de consumo dos produtos artísticos, mas também na qualidade de sujeitos representados, é uma das inovações sociais advindas do surgimento da literatura de cordel nacional, inaugurada a partir do trabalho inovador de Leandro Gomes de Barros. Por essa razão, esse autor traz para a literatura elementos até então desconhecidos e não vistos na literatura de prestígio social. Antônio Silvino, um dos mais significativos nomes das lutas armadas do Nordeste brasileiro foi muitas vezes representado na obra desse poeta popular. Em alguns dos cordéis, é dada voz ao cangaceiro, que se apresenta como narrador das próprias proezas. Há outros casos em que o cangaceiro é apenas personagem dos livretos populares, sob o olhar de um narrador observador. Ao colocar o elemento socialmente marginal no centro de sua literatura, o cordelista muitas vezes contraria interesses dos poderosos das elites agrárias do Nordeste, constituindo uma obra originalmente popular em sua visão de mundo. Nesse contexto, alguns mecanismos estéticos distintos são utilizados para a construção de seu discurso literário. Esses mecanismos podem ser agrupados em duas estilísticas de narrativa bastante

diferentes, marcadas cada uma delas pela posição do narrador. Esses dois princípios composicionais são claramente divididos entre aqueles cordéis em que a voz da narração é do próprio Antônio Silvino e aqueles outros em que um narrador observador e despersonalizado é condutor da ação.

Palavras-chave: Antônio Silvino, Leandro Gomes de Barros, Cordel, Estilística

Talvez seja o fim: a escrita íntima de Ernesto Sabato

ADRIANA MARCON (UNESP-ASSIS)

Resumo: A partir de considerações sobre a escrita íntima, com ênfase no gênero diarístico e nas obras *Antes del fin* (1999), livro de memórias, e *España en los diarios de mi vejez* (2004), diário e último livro escrito e publicado pelo escritor argentino Ernesto Sabato (1911-2011), este artigo propõe refletir sobre a prática memorialística do autor no final de seu percurso literário. Os comentários estão centrados no diário do escritor, por este possuir um foro íntimo de maior atenção as questões relativas ao homem, a sociedade e as angústias de alguém que está em vias de deixar a vida. Com as contribuições teóricas de Philippe Lejeune (2008), de Norbert Elias (2001) e de estudiosos da obra de Sabato, pretendeu-se mostrar como o autor elaborou essas duas obras, com o intuito de tornarem públicas inquietações a respeito do mundo do qual fazia parte. Dada a projeção do eu à posteridade, *España en los diarios de mi vejez* e *Antes del fin* registram fatos passados, projetados num horizonte futuro, dedicados, principalmente, aos jovens e àqueles que já se aproximam da morte. Entre a esperança utópica e o desencanto com o mundo atual, tais livros são vestígios contra o esquecimento da figura do autor, mas, sobretudo, um testamento intelectual para que não se percam os valores de vida e os valores artísticos quando Sabato já não estiver mais nesse mundo.

Palavras-chave: Escrita íntima, Ernesto Sabato, *España en los diarios de mi vejez*, *Antes del fin*

Temporalidades dissonantes de David Mitchell: tempo cindindo e simultaneidade temporal em *Cloud Atlas*

DAVI SILISTINO DE SOUZA (UNESP/IBILCE)

Resumo: No presente trabalho, analisaremos de que maneira os conceitos de tempo cindido e de simultaneidade temporal, propostos por Bhabha (2013), aparecem no romance *Cloud Atlas*, de David Mitchell. Dessa forma, será evidenciada, em primeiro lugar, a presença do tempo duplo, notadamente o pedagógico e o performático, permeando as ações das personagens da narrativa. Em segundo lugar, mostraremos que na obra as temporalidades são ambivalentes e não teleológicas, isto é, que se cruzam e serpenteiam entre si. De fato, como objetivo dessa pesquisa, exporemos de que forma o autor é capaz de criar temporalidades dissonantes, isto é, funcionando como questionamentos e críticas à perspectiva hegemônica regente nas sociedades e contextos representados. Por meio de uma construção complexa, *Cloud Atlas* traz um novo modo de considerar as estruturas temporais, fugindo e destoando das perspectivas dominantes. A presença de seis narrativas distintas, em localidades e épocas também diferentes, além de uma estrutura modelada na forma de espelho – em que as histórias são repartidas na metade, sendo que as segundas partes somente são retomadas após a sexta narrativa aparecer por completa –, faz com que a obra proponha uma (re)perspectivação das formas temporais pré-estabelecidas socialmente. As vozes e temporalidades subalternas, as quais normalmente são apagadas pela historiografia hegemônica, aparecem e se expressam no romance, abrindo espaço nas fissuras da temporalidade linear e pedagógica. Por meio da escrita baseada no conceito de tempo duplo de Bhabha (2013), Mitchell traz uma exemplificação dos tempos pedagógico e performático, respectivamente a perspectiva hegemônica e a subalterna. Em cada uma das histórias, nota-se um embate entre essas duas formas, em que, gradualmente, o pedagógico ganha espaço e finaliza coexistindo com o performático. Essa concomitância, no entanto, destoia também

do tempo tradicional linear e cronológico, visto que na obra há uma simultaneidade das diversas temporalidades. As perspectivas temporais hegemônicas e não-hegemônicas, assim como as modalidades de tempos futuros, passados e presentes interagem e intercalam entre si, reestruturando o modelo temporal habitual. A dissonância de Mitchell na contemporaneidade, assim, funciona na medida em que é questionada a recorrente visão homogênea, simplista e linear do tempo. O autor busca, em suas iniciativas, apresentar formas de combater divisões, muros e fronteiras entre os diferentes povos e culturas; formas de revelar a importância das mais diversas vozes e as possibilidades de constituição de uma sociedade justa, igualitária e pacífica. Portanto, por meio do estudo das temporalidades de Mitchell, será possível compreender mais a fundo a forma como o autor destoia de seu tempo, apresentando tempos duplos, cindidos e simultâneos, e protagonistas subalternas que lutam contra poderes repressivos.

Palavras-chave: *Cloud Atlas*, Tempo cindido, Dissonância, Simultaneidade temporal

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

Vozes dissonantes na literatura de autoria feminina na belle époque brasileira

ANNA FAEDRICH (CAP/UERJ)

Resumo: O presente trabalho examina diferentes manifestações da dissonância na literatura produzida por escritoras na belle époque brasileira. Diversas obras de autoria feminina expressam inquietações e questionamentos, tanto na esfera social, quanto na existencial. A escritora carioca Albertina Bertha (1880-1953), por exemplo, publica seu romance de estreia em 1916, *Exaltação*, cujo sucesso editorial resultou em seis novas edições. O livro repercutiu na imprensa periódica e foi

comentado por muitos escritores e críticos da época, entre eles Lima Barreto, Araripe Jr e Monteiro Lobato. Neste romance, a protagonista é uma voz dissonante à época ao demonstrar inconformidade com o papel atribuído à mulher. Ladice é uma mulher intelectual, questionadora, avessa às expectativas de uma sociedade conservadora e machista; não quer ser mãe, não quer casar sem amor, prefere se dedicar à escrita e à leitura de literatura e filosofia. Ladice reconhece a hipocrisia da sociedade, sente-se em desacordo com os preceitos desta e quer ser livre, agir de maneira fiel às suas vontades. Entretanto, a transgressão da personagem é relativa, pois em muitos momentos ela acaba cedendo à norma dominante. Mas, o que mais se destaca em Ladice é o seu discurso de inconformidade, avesso ao que se espera de uma mulher na sociedade e na época em que vive. Ela quer uma sociedade menos preconceituosa e menos hipócrita, quer abolir os costumes arraigados na ignorância, quer uma sociedade em que a inteligência da mulher possa ser reconhecida, dando, assim, a oportunidade de ela interagir ao nível dos homens. A autora Albertina Bertha, por sua vez, também é uma voz discordante entre as mulheres da belle époque, uma vez que tem a ousadia de tratar de um tema considerado tabu, que é o adultério feminino. Não foi à toa que as mulheres da Liga das Senhoras Católicas condenaram o romance por seu “caráter corrompedor”. A leitura de *Exaltação* era proibida inclusive entre os familiares da escritora. A obra literária de Albertina Bertha apresenta traços formais românticos, como o uso excessivo de adjetivos e de descrições. Também é herdeira do amor romântico, no sentido da idealização, porém superando-o, pois a obra apresenta teor erótico ousado para época (a concretização do amor e a realização sexual). No plano formal, podemos observar alguns traços modernos, como as técnicas de transparência interior das personagens, ou seja, de introspecção. Albertina faz uso do monólogo interior, fluxo de consciência, utiliza a escrita epistolar e diarística como estratégia literária dentro do romance. Outras tantas escritoras apresentam vozes transgressoras através de suas personagens literárias ou de sua

produção lírica. Neste trabalho, pretendo mostrar alguns exemplos com intuito de refletir sobre essas vozes femininas dissonantes e sobre o intercâmbio dialético entre prisão e libertação.

Palavras-chave: escritoras brasileiras, belle époque, dissonância, literatura brasileira

A (anti)utopia eugênia em *O presidente Negro*, de Monteiro Lobato e *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley

EVANIR PAVLOSKI (UEPG)

Resumo: O termo eugenia foi criado em 1883 pelo antropólogo Francis Galton que, inicialmente influenciado pelo Darwinismo, idealizou uma área de estudos dedicada a analisar e, potencialmente, manipular os agentes hereditários capazes de aperfeiçoar, tanto física quanto mentalmente as gerações futuras. No início do século XX, a eugenia se popularizou, tornando-se uma disciplina acadêmica e recebendo subsídios de diferentes instituições e organizações. No entanto, práticas de caráter eugênico podem ser percebidas em figurações literárias em muito anteriores à cunhagem do termo. Desde a concepção platônica das raças metálicas, diversas obras propuseram, ainda que de maneira rudimentar, a instrumentalização de teorias diversas para o refinamento da espécie ou de uma raça em particular. Recorrentemente, tais proposições puderam ser encontradas em obras da literatura utópica que, por meio de sua retórica essencialmente crítica, delineava projetos, muitas vezes radicais, de transformação social. Não obstante, os discursos do idealismo progressista na modernidade renovaram o impulso utópico e as teses de aprimoramento genético, que passaram a ser exploradas ficcionalmente sob a luz dos avanços técnicos e tecnológicos. Nesse contexto, as obras de Monteiro Lobato e Aldous Huxley compõem um corpus emblemático das discussões e controvérsias que, nas primeiras décadas do século XX, envolveram os ideais de desenvolvimento social e humano. Distanciadas temporalmente em apenas seis anos, *O presidente negro* (1926) do

autor brasileiro e Admirável mundo novo (1932) do escrito britânico figuram comunidades prospectivas, nas quais a manipulação das heranças genéticas se tornou uma prerrogativa governamental. No único romance de Monteiro Lobato é descrita a sociedade estadunidense do ano 2228, período em que, após uma série de ações intervencionistas nos fluxos migratórios e no crescimento demográfico, a disputa entre as raças branca e negra encontra termo por meio de um artifício extremista calcado no uso da tecnologia para fins eugênicos. Ao longo do relato desse evento determinante na história futura dos Estados Unidos, são estabelecidos paralelos com as transformações ocorridas em território brasileiro. Na obra de Huxley, por sua vez, a sociedade futurista aboliu completamente a natalidade por meios naturais, que foram substituídos por procedimentos de gestação *in vitro* que já incluem o direcionamento genético dos indivíduos para castas pré-determinadas. Em ambas as narrativas, a figura de Henry Ford é exaltada tanto como modelo de indivíduo quanto como exemplo de uma mente dotada de um pragmatismo racionalista a ser aplicado nas políticas de controle populacional. Entretanto, a sátira e a ironia presentes nas dicções dos dois autores fazem com que as obras desafiem uma possível categorização arbitrária como romances de tese. A nosso ver, as narrativas relativizam de forma contundente os meios e os fins não apenas da utopia eugênica, mas de todo projeto utópico de reorganização da sociedade. A exemplo de outros distopistas, Lobato e Huxley desnudam a face totalitária de um modelo social, demonstrando que os seus limites dependem de uma questão de perspectiva. Assim, a presente comunicação objetiva discutir comparativamente as figurações (anti)utópicas desses autores, tendo em vista o seu caráter dissonante com alguns dos principais ideais da modernidade.

Palavras-chave: utopia, antiutopia, Monteiro Lobato, Aldous Huxley

A felicidade provisória das margens - alternativas ao discurso patriarcal na ficção de José Lins do Rego

VICTOR HUGO ADLER PEREIRA (UERJ)

Resumo: A leitura de alguns romances de José Lins do Rego surpreende ao apresentar como satisfatórias e desprovidas de qualquer traço patológico situações consideradas desvios de comportamento ou anomalias psicológicas desde o século XIX. Discuto nesse trabalho o romance *Usina*, que é a primeira obra do romancista a oferecer material bastante característico dessa atitude que contrasta com a produção literária brasileira e, no enfoque do homoerotismo, com tendências dominantes no conjunto da prosa ficcional latino-americana (Dario Sánchez). Nesse romance, o homoerotismo e a prostituição são experiências em que personagens encontram a realização afetiva, sem que a voz de um narrador, representante do ponto de vista do autor (Bakhtin), interponha comentários depreciativos ou rotule cientificamente seu comportamento - como ocorre em *Bom Crioulo* (1895) de Adolfo Caminha, considerado o primeiro romance ocidental a focalizar abertamente o homoerotismo. Nesta obra, a brutalidade é o pano de fundo de uma relação entre um marinheiro e um grumete, nutrida pelo desejo sexual, e que termina em traição e assassinato. No romance de Lins do Rego, o recurso constante ao discurso indireto-livre propicia mergulhos na consciência de personagens que testemunham a ausência de culpabilidade, o reconhecimento de ter vivido, no contexto da prostituição ou na relação homoerótica, experiências felizes, de paz, alegria e satisfação sexual. As atitudes carinhosas e de respeito mútuo entre os parceiros extrapolam a busca de satisfação neste plano. Outra singularidade do romance *Usina* é a caracterização da fidelidade que brota espontaneamente numa relação marginalizada, como a do usineiro Dr. Juca com a jovem prostituta Clarinda, sua amante, e que a narrativa coloca em evidente contraste com o mero cumprimento de certas obrigações familiares com sua esposa. Com perspectiva semelhante, durante diferentes momentos de desenvolvimento do

enredo, retomam-se as lembranças de Ricardo da plenitude afetiva alcançada no convívio com o cozinheiro do presídio de Fernando de Noronha - e que culmina com a evocação do protagonista, no momento da morte, de um gesto maternal e carinhoso que era habitual do cozinheiro, que deixara para trás na partida da prisão. Estas situações contrastam com a reinante insatisfação afetiva nas relações conjugais convencionais desses protagonistas e de outros personagens. Também são apresentadas as possibilidades dessas relações “dissonantes” das convenções se manifestarem como desarmônicas ou grotescas: quanto à prostituição, em ambientes menos favorecidos econômica e culturalmente, em que o comércio do corpo feminino não se acompanha de formas de sociabilidade e convívio afetivo entre os clientes e entre as profissionais; quanto ao homoerotismo, no meio rural, onde o personagem do homossexual surge na figura grotesca, com uma aura de aberração e misticismo, do velho Mané Pereira. Ao abordar essas questões, discuto até que ponto o abandono das referências médicas e psicológicas desenvolvidas no âmbito do paradigma da “sexualidade” (Foucault) em obras de Lins do Rego permite-lhe afirmar alternativas e perspectivas críticas diante da produção cultural e das práticas cotidianas comprometidas com o discurso patriarcal brasileiro

Palavras-chave: José Lins do Rego, romance *Usina*, prostituição na literatura, homoerotismo na literatura

Entreatos literários: notas sobre um percurso subjacente entre *A luz no subsolo* e *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso

FREDERICO VAN ERVEN CABALA OLIVEIRA (UFF)

Resumo: A presente proposta de comunicação se propõe a elucidar o papel do planejado romance *Apocalipse* como possível elo literário entre as seguintes obras de Lúcio Cardoso: *A luz no subsolo*, de 1936, e *Crônica da casa assassinada*, publicada em 1959. Tais livros são considerados pontos de destaque na obra do escritor mineiro. Críticos como Otávio de Faria e André Seffrin e pesquisadores como Mario Carelli e Cássia dos Santos já apontaram para um instigante paradoxo:

embora *A luz no subsolo* e *Crônica da casa assassinada* estejam distantes no tempo em mais de vinte anos, tais romances possuem aproximações no plano estilístico, temático, estético e são definidores da prosa intimista proposta por Lúcio Cardoso. A decadência moral e econômica de famílias de uma classe abastada, o cenário provinciano, a tensão interiorizada, a incomunicabilidade entre personagens e os debates existenciais são elementos vindos à tona em ambas as obras. Conforme apontado por estudiosos, é pouco lembrado que *A luz no subsolo* foi uma obra planejada para integrar um ciclo de romances que não se concretizou. Tal ciclo se chamaria *A luta contra a morte* e, com o tempo, teve o seu nome modificado para *Apocalipse*. Um conjunto de documentos de arquivo do autor mineiro — esboços, esquemas, rascunhos, manuscritos e datiloscritos — dá indício de como Lúcio Cardoso retomou esse plano no decorrer dos anos. Após a publicação e recepção crítica negativa de *A luz no subsolo*, o projeto parece ter sido abandonado em 1936. Entretanto, em 1940 o autor publica em suplemento literário uma novela cujo enredo e personagens são os mesmos de parte do datiloscrito de *Apocalipse*. Após mais um lapso temporal de anos, em 1949, o escritor registra em seu diário o desejo de retornar ao antigo painel do romance planejado, e os materiais de arquivo indicam que houve nova investida no trabalho até 1951, data da última intervenção do autor no material. A partir de 1952, porém, sabe-se que Lúcio Cardoso inicia sua produção da *Crônica* e, em carta ao seu editor, em 1954, comenta que o antigo plano abandonado de *Apocalipse* foi a ideia inicial do romance. Assim, embora o autor mineiro só tenha publicado um romance entre 1936 e 1959, o autobiográfico *Dias perdidos*, de 1943, e se dedicado à escrita de novelas e contos de temáticas variadas, além da incursão pelo teatro e pelo cinema, parece ter havido uma ideia subjacente importante para se compreender uma possível coerência do projeto estético cardosiano. Tal elemento latente pode ser analisado à luz do material de arquivo de *Apocalipse*.

Palavras-chave: Lúcio Cardoso, Análise literária, Processo criativo, Crítica genética

Lúcio Cardoso, um sujeito do nosso tempo: as questões de gênero no romance de 30

MARCOS MACHADO MIRANDA (UERJ)

Resumo: É inegável que a chegada da geração de 1930 do modernismo brasileiro trouxe consigo novos contornos e rumos para a prosa nacional. Uma vez operadas as rupturas estéticas construídas pela geração de 22, o amanhecer de um novo momento literário levou ao aprofundamento de algumas questões e, também, ao surgimento de tantas outras que, até então, não tinham encontrado eco nas nossas páginas. Este trabalho tem como objetivo desvendar o universo literário do escritor mineiro Lúcio Cardoso- infelizmente, ainda pouco estudado no ambiente acadêmico-, a partir de uma de suas obras mais simbólicas: Crônica da Casa Assassinada, que reconfigurou os aspectos narrativos da literatura brasileira. Influenciado pela experiência estética modernista, o autor busca um novo formato para o contar da sua história e, a partir de fragmentos de cartas, diários e confissões, conduz o leitor pelos bosques de uma ficção inovadora e extremamente valiosa ao projeto literário brasileiro. Parte de um momento histórico instável, demarcado por fortes crises e no qual as atenções eram, em grande parte, voltadas às temáticas nordestinas, Lúcio Cardoso constrói a própria essência da chamada escrita da mineiridade, cujas características permeiam as páginas desse romance. Entender o texto como paisagem vai ao encontro das teorias literárias mais atuais e, dessas mesmas paisagens imaginárias, o espaço torna-se, em si, o grande eixo dinamizador do relato, em torno do qual giram todos os outros elementos narrativos. A partir dele, surge um debate fundamental acerca das questões de gênero, uma temática tão marcante em nosso tempo- principalmente, no que concerne à tentativa de ruptura e desconstrução do modelo de pensamento patriarcal. Nesse sentido, esta pesquisa está ancorada, principalmente, nas teorias de Judith Butler, Michel Foucault, Didier Eribon e Simone de Beauvoir, todos pensadores fundamentais acerca da problemática do gênero. Pretende-se, com base nessas leituras,

demonstrar como que, já em 1930, Lúcio Cardoso mostrou-se como um sujeito responsável por apresentar, em sua prosa, questões fundamentais da contemporaneidade: feminismo, política e sexualidade. As páginas desse romance convidam o leitor a aguçar os sentidos, fazendo-o perder-se entre sons, cheiros e imagens que compõem toda essa atmosfera melancólica. Daí, busca-se entender a força dos personagens, cujas vozes ecoam por quartos e salas empoeirados, reverberando até a atualidade. Ao mergulhar no subsolo pessoal dessas figuras, grotescas e estrangeiras a si próprias, o autor faz o leitor se confrontar com o abismo da própria existência- dele, da família Meneses e do Outro que habita em todos nós.

Palavras-chave: Lúcio Cardoso, Romance de 30, Gênero, Patriarcado

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 5

As poéticas dissonantes de Manoel de Barros e René Magritte

SUZEL DOMINI DOS SANTOS (UNESP/SJRP)

Resumo: Integrando um universo poético não apenas fundado, mas também transpassado pela reflexão crítica, a linguagem arquitetada por Manoel de Barros estabelece um diálogo direto com a tradição, filiando-se, assim, ao projeto da modernidade. Dentre os procedimentos que caracterizam o fazer poético em Barros, notamos a recuperação de particularidades de criação da poética de outros autores e artistas modernos, ou seja, o poeta as lê, criticamente, e as incorpora aos propósitos de sua própria poética. Isso revela uma grande preocupação com a forma, na medida em que aponta para o objetivo de estabelecer uma assinatura poética singular. O forte desígnio de renomeação das coisas, por exemplo, que marca a poesia de Barros, evoca uma relação dialógica com a pintura de René Magritte, artista que se vale de jogos que colocam sob uma perspectiva de contraste as noções de realidade

e de representação da realidade. Produzindo a partir de um exercício metalinguístico, o pintor belga coloca em evidência, no âmbito do próprio objeto pictórico, o descompasso entre a realidade propriamente dita, ou a realidade material, e os códigos engendrados pelo homem para nomeá-la e expressá-la. Com tal processo de performatização pictórica da arbitrariedade dos sistemas que nos servem à comunicação, Magritte concebe a seguinte reflexão: se, por um lado, o verdadeiro ser das coisas escapa aos sistemas de linguagem criados pelo homem, por outro lado, a arte pode se dar à aventura de inventar novas verdades plásticas, e, a partir disso, proporcionar ao receptor visões imprevistas do mundo. Observamos que Manoel de Barros incorpora muito desse princípio à sua poética, tanto que há, em sua obra, uma busca incansável pela reinvenção fundadora dos signos, das coisas e do mundo. Pensamos que o poeta faz da composição de imagens poéticas surpreendentes – processo criativo vinculado ao Surrealismo que se baseia na junção de realidades díspares entre si – o propósito maior de sua linguagem, como mostram esses versos: “Deus deu a forma. Os artistas desformam. / É preciso desformar o mundo: / Tirar da natureza as naturalidades.” Vemos aí uma conduta de negação daquilo que está posto por meio da edificação de uma nova ordem, uma ordem estética. A vivência convencionada do mundo pode levar o homem a um estado de automatismo, engessando as faculdades da percepção. Diante disso, os projetos estéticos de René Magritte e Manoel de Barros, cada um a sua maneira, convidam o receptor a uma postura crítica, pois combatem a apreensão mecanizada das coisas. Para ambos os artistas, é preciso experimentar o mundo em suas raízes, para além de todo entendimento automático e imediato, bem como pensá-lo. Se a arte rejeita as convenções e as coloca do avesso, vale notar que tal conduta pressupõe um posicionamento ideológico, isto é, a forma engendra ou reflete, também, um pensar o mundo.

Palavras-chave: Manoel de Barros, René Magritte, Desreferencialização, Dissonância

Macabéa frente ao espelho: dissonâncias prolíferas e ressonâncias do gauche drummondiano

SAUL CABRAL GOMES JÚNIOR (FACULDADE FERNÃO DIAS)

Resumo: A narrativa “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, é produzida num momento de culminância da modernidade, quando se acentua a descaracterização do herói, arraigada no estabelecimento da noção de finitude, a partir da qual, segundo as reflexões de Bornheim (1992), configura-se a vivência trágica do Homem. É essa vivência, consumada em meio às contingências impostas à condição humana, que empreende o protagonista da tragédia moderna, na qual se instauram novos tipos de relação e novos tipos de lei, instauração a que se volta o olhar analítico de Williams (2002). Na trajetória de Macabéa, personagem principal da narrativa citada, manifesta-se o processo de degradação imposto pela modernidade ao herói. A exegese praticada por Rodrigo S. M., narrador da saga da anti-heroína, permite revelar-se a inadaptabilidade de Macabéa, cujas concepções e atitudes colidem com os valores cultivados por aqueles que a cercam. Em sua condição de retirante, inicia-se a tragédia da protagonista, em quem se materializa a figura do gauche, mencionado na primeira estrofe do “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade. Desse modo, a nordestina habita permanentemente o espaço da dissonância, consumando sua existência “numa cidade toda feita contra ela”, conforme narra Rodrigo S. M. A proposição na qual assenta este trabalho é que, durante um trajeto no qual se sobrelevam a degenerescência interior e a miséria social, Macabéa assume sete aspectos canhestros, sete formas de viver que conduzem ao deslocamento no mundo: pessoa contrária ao ato de pensar, a qual abdica da propriedade de raciocinar, apreendendo a realidade à sua volta, predominantemente, por meio do sentir; falante fugidia à utilização da linguagem, a qual faz um uso escasso da linguagem, propriedade humana em que se baseia a mediatização indivíduo X sociedade; sujeito desgarrado da cultura tecnológica, o qual não domina a técnica, mantendo-se alheio do paradigma cultural

cuja preponderância, na época moderna, estende-se e impregna-se em todos os setores de atividade humana; metonímia da miséria social, a qual integra o macrocosmo dos retirantes nordestinos, em cuja vivência se imprimem as marcas vívidas da indigência; antítese do Belo estético, na qual se reúnem discrepâncias físicas que, por em nada se coadunarem, constituem uma oposição à noção de harmonia preconizada por Hegel (1999); ser a-histórico, o qual se encontra desprovido da con-vivência com os outros indivíduos, com base na qual, de acordo com o pensamento de Heidegger (1967), compõe-se o destino Histórico, movimento por meio do qual o Homem se inscreve no tempo e no espaço; “animal apolítico” (em contraposição à definição de Aristóteles), o qual não possui a consciência da sua função na sociedade, restringindo sua tentativa de interação social à audição de informações veiculadas pela Rádio Relógio, cuja carga informacional não é assimilada pela protagonista.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, dissonância, anti-herói

Civilizado e bárbaro: o poeta ilustrado

FLÁVIA PAIS DE AGUIAR (UFF)

Resumo: A comunicação pretende apresentar uma continuidade da reflexão desenvolvida no XV Encontro da ABRALIC, ocorrido em 2016, tendo agora por destaque a atenção à análise de aspectos primordiais do século XVIII, por via de uma poesia que, imbuída de função política, denota crítica à realidade social luso-brasileira. A condição do poeta ilustrado setecentista, em especial no contexto da América Portuguesa, aponta para caminhos reflexivos acerca de uma poesia que, embora associada à tradição e aos modelos poéticos vigentes no século em questão, não deixa de aliar-se às mudanças processadas no cerne da sociedade moderna; mudanças estas estabelecidas no âmbito não só de ideologias, mas também de padrões comportamentais, entendimento sobre os necessários progressos tecnológico, científico e econômico,

e, sobretudo, ligadas à forma da produção artística. Desse modo, é preciso considerar o processo civilizatório como chave de leitura para interpretar a realidade vigente, tendo em vista que, dentro de uma perspectiva de aprimoramento do homem, por via de vários processos que foram sendo incutidos e, assim, tornando-se cada vez mais normativos, a organização da vida social e política tornou-se sinônimo de civilização, pois se presumia que os resultados da formação/educação se manifestavam com maior clareza e nitidez na vida civil. É possível observar tal articulação na poesia do poeta americano Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814), cuja produção consolida a convergência de sua atuação como Professor Régio, ilustrado e poeta, comprometido tanto com o processo de divulgação do desenvolvimento científico para fins econômicos quanto com o pensamento ilustrado em voga que atravessava, não obstante, esta concepção de um processo civilizatório. Mediante este contexto, propõe-se verificar como na poesia de Silva Alvarenga, especialmente no poema “O Cajueiro”, aparece, em consonância com a afirmação do discurso civilizatório, uma reflexão sobre a representação do mundo natural, tendo em vista o lugar central que ocupa nas discussões do Setecentos e a diversidade de aspectos que norteiam o debate sobre a natureza americana. A esse respeito, dois pontos são relevantes: o primeiro é a compreensão de que a natureza tropical é, para o europeu, selvagem e inculta, e, assim sendo, confere-se a ela o lugar do bárbaro, em antítese à noção de civilização. Qual seria, portanto, o lugar do poeta americano que tinha a natureza tropical como parte de sua realidade, mas cuja formação intelectual se orientava a partir de estudos de base europeia responsáveis pela adoção de modelos estéticos e de pensamento? Quando o poeta propõe que conhecimentos cheguem à América por via da utilidade e importância da natureza, propõe que é possível haver em território americano ares civilizatórios e, com isso, joga luz à discussão acerca do lugar ambíguo desse poeta inserido no espaço visto como selvagem e rústico. Esses imbricamentos vão orientar a reflexão acerca do aspecto

dissonante da poesia de Silva Alvarenga, sobretudo quando identificado certo tom melancólico, como aparece em O Cajueiro, por questionar e problematizar tanto o contexto da América Portuguesa no século XVIII quanto o lugar do ilustrado americano.

Palavras-chave: Civilização, Natureza, Poesia, Silva Alvarenga

Poeta campestre, poesia mestiça: natureza e política no romantismo brasileiro

CLAUDETE DAFLON (UFF)

Resumo: Nos estudos do século XIX no Brasil, mais detidamente no que diz respeito à produção romântica, tornou-se amplamente difundida a associação entre natureza, índio e nacionalismo. Todavia, ainda que se considere que de fato os debates em torno da formação da jovem nação tenham mobilizado os letrados em torno da definição de uma natureza que servisse aos seus propósitos, os aspectos que envolvem a representação do mundo natural detêm complexidade muitas vezes não contemplada. Entende-se que a dimensão política da representação da natureza na literatura latino-americana e, mais especificamente na brasileira, esteve atrelada, de um lado, à heterogeneidade da realidade local e, de outro, à imposição de um modelo ocidental de pensamento calcado no que Bruno Latour, em *Jamais fomos modernos* (1994), chamou de “Constituição moderna”. Segundo o teórico francês, o moderno seria caracterizado por uma constituição dualista que sustentaria divisões como natureza e cultura, humano e não humano, nós e os outros. Dualidades ou divisões que se formam num contexto em que se acredita na existência de pilares que, definidos por meio de processos de purificação, fundamentariam as divisões mencionadas, ao mesmo tempo em que, a contrapelo, produziriam híbridos. Ao voltar a sua discussão para aquilo que se busca recalcar e que designa como mediação, tradução e hibridismo, Latour aponta para as possibilidades trazidas pela antropologia comparada e pela ecologia política. Somam-se a isso as especificidades do contexto latino-americano e a reflexão

que se vem construindo no continente a respeito das divisões que polarizam cultura e natureza, nós e os outros. Essa reflexão vai ao encontro de Roberto Ventura no livro *Estilo tropical* (1991), quando afirma que a oposição entre Europa e América foi decisiva para a formação da consciência moderna. Ventura acrescenta, ainda, que ideias como progresso e superioridade da civilização “adquiriram evidência na figura histórica do selvagem de além-mar”. Por esse viés, compreende-se ser não somente plausível, mas também desejável, a revisitação crítica de produções pretéritas a partir de indagações que permitam a abordagem, sob outros parâmetros, de obras e autores. Nesse sentido, de forma a investigar como a natureza pode se apresentar como categoria político-cultural, propõe-se discutir a poesia de Trajano Galvão (1830-1864), poeta maranhense que, segundo Raimundo de Menezes em seu *Dicionário Literário Brasileiro* (1969), teria sido figura proeminente do grupo dos chamados “poetas campestres”. Para tanto, a leitura de *Sertanejas*, título dado à reunião de poemas de autoria de Galvão em edição de 1898 com prefácio de Raimundo Correa, implicará, de um lado, a discussão em torno das dimensões políticas, ideológicas e literárias do sertão no contexto oitocentista brasileiro; de outro, a consideração de aspectos da representação da natureza local em sua relação com o movimento romântico. Propõe-se, portanto, discutir criticamente a poesia “campestre” de Trajano Galvão a fim de indagar como a representação da natureza a apresenta como categoria político-ideológica e enfatiza o lugar do híbrido ou do mestiço ocupado pelo poeta brasileiro.

Palavras-chave: Romantismo, Natureza, Sertão, Híbrido

Literatura, política e a ruína da cultura em Robert Musil

PEDRO ALEGRE PINA GALVÃO (UFRJ)

Resumo: Em *O homem sem qualidades*, Robert Musil fez da escrita do romance uma obra inacabada porque, longe de desígnios estéticos, pensava a obra literária como essencialmente ética. O mundo a que deu

vida – a Viena em declínio – foi palco para os embates mais extremos do século XX, representando, assim, o verdadeiro drama da época que, traduzido nas palavras de Hermann Broch, se constituiu como um imenso vazio de valores. A crise da realidade social foi o espaço instável a partir do qual as forças em disputa do mundo político puderam mostrar suas verdadeiras faces. Num mundo em pedaços, o herói se apresenta como um homem sem qualidades. A narrativa de Musil é parte do desafio de apropriar, para a obra literária, a vocação política de sua forma. Qual o espaço do sujeito moderno diante da realidade que não se deixa mais fixar? De que modo a obra literária constrói sua forma como maneira de revelar a experiência fundamentalmente política de uma época para a qual a estética representa um vácuo moral? Para Musil, a literatura é uma forma negativa e essa negatividade da escritura é a maneira de registrar o intenso embate de ideologias do mundo moderno e reservar, para o sujeito sem qualidades, uma nova compreensão da realidade – isto é, a vida baseada no senso de possibilidade. O que se procura construir, no romance sempre inacabado, é a experiência literária como uma ética capaz de orientar nossa forma de vida ausente de fundamentos morais. A Viena de Musil foi, mais do que outra cidade europeia, o lugar no qual a estética ganhou o mais alto valor na cultura. O mundo burguês trouxe para o discurso da arte o problema fundamental da política que tentou dissimular com todos os artifícios. Entre a ética e a estética, o destino político da realidade é o espaço diante do qual o homem sem qualidades prepara seu experimento indeterminado, sua verdade provisória. Entre o escrito e o não escrito, assumindo a inconstância da contingência, o que Musil procura elaborar é a representação utópica de uma existência de potência, realizada por seu herói. Em um mundo sem valores nos quais se amparar, somente uma concepção de arte que revele seu modelo para além da própria obra, isto é, que se constitua como uma ética, é que a vida do sujeito moderno pode alcançar uma experiência autêntica. Este estudo parte da obra de Robert Musil para pensar as relações entre

política, ética e estética na modernidade, para finalmente estabelecer as origens que fundamentam tais conceitos em nossa época e sua realização polêmica na literatura.

Palavras-chave: Robert Musil, Estética, Ética, Negatividade

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 6

Apropriação e o teatro brasileiro contemporâneo

CAROLINA MONTEBELO BARCELOS (PUC-RIO)

Resumo: A historiadora de arte moderna e contemporânea, Winnie Wong, ao se debruçar sobre a noção de apropriação, mostra que o conceito foi, na crítica cultural do capitalismo, relacionado ao trabalho e à ideia marxista de alienação. A partir dos estudos de teoria política de Bertell Ollman, ela assinala que o conceito de Marx de apropriação está implicitamente vislumbrado na figura do artista; por exemplo, Marx equipara a apropriação pessoal e total à apropriação de um pintor de um pôr-do-sol. Assim, o artista é irrefutavelmente vislumbrado como um indivíduo completo, autoconsciente, auto-expressivo e autenticamente produtivo, o artista e sua apropriação do mundo material contrasta com o trabalho alienado. Wong entende que essa consideração marxista de apropriação compõe um dos pilares teóricos do trabalho do artista no século XX. Mesmo que, segundo ela, os modernistas tenham reivindicado uma criação original, teria havido sempre uma referência a fontes anteriores. Desse modo, a pesquisadora assinala que na história mais recente, apropriação veio a significar praticamente qualquer reutilização de objetos, imagens, gestos, formas, ideias, trabalhos e propriedades intelectuais de qualquer fonte artística, política, institucional ou comercial pré-existente. Ademais, apropriação é considerado um ato performativo, uma tática ou um gesto assumido para intencionalmente levar a uma crítica das instituições, corporações

e valores cruciais à valorização ocidental de originalidade e propriedade individual. A partir dessa reflexão acerca do conceito de apropriação, admitindo-se sua familiaridade com o conceito de citação, mas optando-se pelo primeiro, propõe-se pensar como a escrita cênico-dramatúrgica contemporânea tem se apropriado de textos, de outras linguagens e do real. Percebe-se, ainda, como o estatuto do texto e do autor volta a ganhar importância nos dias atuais, considerando-se sua diluição na figura do encenador da década de 80 e, de certa forma, de 90. Para fins de recortes argumentativos, serão discutidas as peças “Conselho de Classe”, escrita por Jô Bilac, um dos principais expoentes da escrita dramatúrgica contemporânea, e encenada pela Cia. dos atores, do Rio de Janeiro, e “120 dias de Sodoma”, baseada na obra do Marquês de Sade, encenada pela companhia paulistana Satyros. “Conselho de classe”, escrita em 2013, aborda a crise do sistema público de educação no país, e a peça incorpora elementos das manifestações de junho daquele ano, referências pessoais e artísticas do dramaturgo, diretoras e atores, além de aspectos do Teatro do Absurdo, do naturalismo de Stanislavsky, do distanciamento brechtiano e da linguagem cinematográfica. Em uma linha adjacente à “Conselho de classe”, pelo menos no que se refere a um teatro que aborda e questiona aspectos políticos e sociais, os Satyros se apropriaram da obra de Sade, assim como de acontecimentos e figuras políticas e religiosas brasileiras para encenar e questionar as práticas e forças conservadoras que vêm se configurando no país. Ambas as peças parecem explorar em cena uma frase de Darcy Ribeiro que, inclusive, é narrada em “off” pela personagem diretora da escola e que inicia “Conselho de classe”: “Só há duas opções nessa vida: se resignar ou se indignar. E eu não vou me indignar nunca”.

Palavras-chave: apropriação, teatro contemporâneo, companhias teatrais, citação

O eu e o outro no teatro de Jean-Paul Sartre e Luís Alberto de Abreu

PAULO ROBERTO MENDONÇA LUCAS (UFF)

Resumo: Sob a alegação de que o teatro é uma arte autônoma o texto dramatúrgico tem sido, amiúde, posto à margem da literatura, como se dela não fizesse parte. Entretanto, não podemos depender da encenação das peças de grandes dramaturgos para conhecê-las, uma vez que a leitura é o caminho mais rápido para tanto (FARIA, 2013). Nesse sentido, é fundamental trazer à luz o texto teatral e estudá-lo enquanto literatura, outorgando-lhe, dessa forma, uma classificação que também lhe é devida. Este trabalho tem por objetivo, pois, estabelecer um diálogo crítico entre dois dramaturgos que exploram, cada um à sua maneira, a relação imperativa e conflituosa do homem com seus semelhantes e as implicações dela advindas: Jean-Paul Sartre e Luís Alberto de Abreu. Interessa-me discutir, principalmente, as peças Entre quatro paredes (Huis clos), do escritor francês, e O livro de Jó, do dramaturgo brasileiro, tomando como ponto de partida o pensamento existencialista desenvolvido por Sartre em textos filosóficos como O existencialismo é um humanismo e O ser e o nada. As principais temáticas de que tratam os autores em questão nas peças supracitadas continuam em voga e merecem destaque: a relação do eu com o outro através da busca da aceitação social de cada indivíduo, a experiência humana diante da contraditória liberdade e ausência de Deus etc. Ademais, quer me parecer interessante observar lado a lado autores que gozam de status distintos dentro da literatura de que fazem parte. Enquanto Sartre, um dos maiores filósofos e escritores do século XX, dispensa maiores apresentações, Luís Alberto de Abreu ainda não logrou atingir o chamado “grande público”. Embora o dramaturgo brasileiro seja reconhecido por seus pares e por parte da crítica especializada como um dos autores mais importantes do teatro brasileiro contemporâneo, sua obra carece, notadamente, de um estudo mais aprofundado.

Palavras-chave: Texto dramatúrgico, Jean-Paul Sartre, Luís Alberto de Abreu

De *Hamlet* a Um Certo Hamlet: o início da temporada carioca

ANDRÉ DIAS (UFF)

Resumo: A manhã do dia 22 de abril de 2015 poderia ser apenas o prenúncio de mais um dia comum de outono em São Paulo se ela não trouxesse o inconveniente de anunciar a morte de Antônio Abujamra. O coração do velho provocador parara de bater acometido por um infarto do miocárdio durante o sono. Reconhecido no meio artístico e intelectual pelo talento inigualável e pela perene preocupação com a consistência cultural dos projetos em que se envolvia, Abujamra notabilizou-se também pelo caráter desabusado, pelo humor cáustico e pela fina ironia ao longo de seus mais de cinquenta anos de carreira. Pioneiro na introdução dos métodos teatrais de Bertolt Brecht e Roger Planchon em palcos brasileiros, o diretor e ator conquistou lugar cativo na galeria dos principais realizadores teatrais do país. Ao longo da carreira Abu, como era tratado no meio artístico, colecionou um elenco de frases que dão muito bem a medida de seu espírito inquieto e provocador: “a vida não tem roteiro”; “a vida é sua, estrague-a como quiser”; “O palco é um abismo, para subir nele, tem que ter asas”; “tive mais de 100 fracassos e, para mim, não importa. Para um artista, o fracasso e o sucesso são iguais, os dois são impostores”. Entretanto, poucas foram tão certeiras quanto a que segue: “Não pensem, façam. Qualquer mente medíocre pode ter uma boa ideia. Realizá-la é que é genial”. Em outras palavras, o diretor exortava seus interlocutores a transformarem sonhos em projetos executados. Assim, a ideia em potência se converteria em obra realizada, sujeita à depuração do olhar da crítica, do público e do próprio artista. Poucos, no cenário do teatro brasileiro, realizaram tanto e com tamanha fúria de criação artística como Antonio Abujamra. Um exemplo e emblema disso pode ser localizado no ano de 1991, com a montagem da peça Um Certo Hamlet, agraciada com o Prêmio Molière de melhor direção naquele ano. A encenação, uma criação do diretor a partir do original de Shakespeare, além do sucesso de público e crítica, marcou a fundação da Companhia

“Os Fodidos Privilegiados”. Com esse espetáculo, tem início o que denominamos de “temporada carioca” de Abujamra – período de quase dez anos em que o diretor esteve à frente da trupe, perseguindo tenazmente a liberdade do pensamento e da criação. Pouco a pouco, o trabalho do velho diretor criou as condições para a gestação de novos atores e diretores – aqui designados como “os que vieram depois”, numa alusão ao clássico poema de Brecht, presença incontornável na trajetória intelectual e artística de Abujamra. O trabalho, assim, efetua uma análise do espetáculo Um Certo Hamlet, tendo como ponto de referência o Hamlet, de Shakespeare, as críticas da época e os depoimentos de alguns atores envolvidos na encenação. Assim, espera-se lançar a pedra fundamental para uma investigação mais ampla cujo objetivo é sistematizar os processos artísticos que nortearam a trajetória do “doce Provocador” durante sua “temporada carioca” e, ao mesmo tempo, registrar a jornada de uma das mais relevantes companhias teatrais do país.

Palavras-chave: Teatro, Antonio Abujamra, análise do discurso, crítica

Por onde anda Antígona? Dos textos clássicos aos percursos da resistência

MARIA FERNANDA GARBERO (UFRRJ)

Resumo: ao propor como ponto de partida uma leitura da peça Antígona, de Sófocles, de acordo com a Poética, de Aristóteles, este trabalho pretende discutir a importância da compreensão trágica para o trato de questões que, sociohistoricamente, ratificam os confrontos entre as vozes das esferas doméstica e o que podemos entender como espaço público. Além da relação com o texto aristotélico – a fim de verificar de que maneira se encontram as propostas do filósofo com o texto trágico – e dos processos imbricados na passagem do mito à composição do enredo, é importante destacar a figura de Antígona como uma personagem que mimetiza determinada ação, recriando performatividades que servirão para o estabelecimento de diferentes

debates teóricos, auxiliando-nos, assim, a traçar um percurso que revê no panorama clássico uma potência de questionamento presente em nossos dias. Nesse sentido, interessa-nos o trajeto do texto à personagem, uma vez que Antígona protagoniza uma migração simbólica entre os palcos atenienses e os contextos rasurados pelos excessos do Estado. Escritos há mais de dois mil anos, os textos clássicos nos convidam – ou melhor, convocam – a perceber naquele panorama uma série de reivindicações que ainda permanecem fragilizadas quando levadas a nós. No caso de Antígona, os temas do corpo insepulto e do direito familiar à realização dos rituais fúnebres podem ser relidos em diversas passagens e momentos de nossa história, sendo reatualizados sempre que esse corpo sem porto é chamado à cena. Se pensarmos no confronto entre o público e o privado, para o estabelecimento de um diálogo inicial, veremos como o texto sofociano influenciou e influencia a área do Direito, espalhando-se para a Sociologia, a Filosofia, a Psicologia e, por que não, a Teoria Literária. Definitivamente, Antígona está entre nós. E, de acordo com Jean-Pierre Vernant, isso “dá ao texto uma profundidade particular e exige que a leitura se faça, ao mesmo tempo, em vários planos”. (In: VERNANT & VIDAL-NAQUET, 1981-2014, p. 19). A compreensão que Antígona desvela em seu embate com Creonte nos coloca diante de uma situação de aniquilamento: é da inviabilidade de consenso, acordo ou diálogo, que teremos acesso ao páthos, à catástrofe presente no desfecho, fundamental ao universo trágico. Reencenada e relida sempre que o Estado se sobrepõe aos direitos do indivíduo, seja pela reivindicação da noção de coletividade, ou por contextos que nos chamam a ler o trágico na contemporaneidade (como nos exemplos dos governos totalitários, onde o cidadão é uma peça à disposição do poder político), Antígona recupera o caminho daqueles aos quais a resistência é a única herança possível.

Palavras-chave: Antígona, Poética, Trágico, Contemporaneidade

Heiner Muller Hoje

RENATA CAZARINI DE FREITAS (UFF)

Resumo: Heiner Müller (1929-1995) foi o dramaturgo da Alemanha Oriental para quem não havia o muro nem fronteiras. Sucedendo Bertolt Brecht no teatro Berliner Ensemble, ele não se limitou à peça didática e avançou por um caminho da fragmentação dramática que o empurrou para lá do dramático, no campo do pós-dramático, segundo Hans-Thies Lehman (Teatro pós-dramático, 2007: passim). Tal fragmentação se sustenta na colagem de excertos, é plena de alusões, carente de linearidade. A chamada “estética do fragmentário”, como esclarece Ruth Röhl, está vinculada à crítica do progresso (O teatro de Heiner Müller, 1997: 9): “A montagem moderna de fragmentos é vista como reflexo da desordem real, permitindo uma visão crítica da totalidade”. A estética de Müller encontrou seu espaço no palco brasileiro desde 1986, quando foi encenada Quartett, por Gerald Thomas. Suas Hamletmachine e Medeamaterial são montadas com frequência. Segundo Wladimir Kryszinski (apud Röhl, 1997: 22), Müller “reescreve o teatro visto como arqueologia das enunciações mitopoéticas sobre o ser humano imerso nos mitos e nas voltas com a violência”. A Segunda Guerra Mundial, o nazismo e o stalinismo foram referências para o dramaturgo e encenador alemão. Em sua peça “A missão”, a primeira que ele dirigiu, em 1980, a Revolução Francesa e a posterior tentativa frustrada de uma revolução nas Antilhas são o pano de fundo para abordar a traição. Na sua mais recente montagem no Brasil, adaptada como “A missão em fragmentos – 12 cenas de descolonização em legítima defesa” (2017), uma trupe de 13 atores e atrizes negros, dirigida por Eugênio Lima, toma de assalto o texto e o teatro para promover a chamada da revolução negra. Na cena 12, intitulada “todxs somos negrxs”, o texto adaptado por Lima faz um aggiornamento: “Neste tempo, 2017 / Às margens do rio da / História / O tempo é agora / eu sinto, eu sei / a terra estremece sob os meus pés / rompendo calçadas / para deixar a raiz soterrada / do grande baobá

se instaurar / Parece que estou vendo / abertas e urgentes / Como se fossem ágoras veias vazando insurgências ” (brochura com texto da peça que estreou na Mostra Internacional de Teatro). Pretende-se nesta comunicação apresentar traços da estética do fragmentário em Müller e do grotesco que emana de seus textos, argumentando que se trata de elementos de atualidade teatral e dramática que têm acolhida num Brasil que se vê em desintegração.

Palavras-chave: teatro, Heiner Müller, Eugênio Lima, Brasil

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 7

A Mandrágora de Maquiavel como representação da sociedade florentina do Renascimento

PRISCILA NOGUEIRA DA ROCHA (UFRJ)

Resumo: O trabalho se propõe a analisar a obra “A Mandrágora”, peça teatral escrita por Nicolau Maquiavel em meados de 1518, particularmente no que tange aos recursos literários empregados pelo autor na tentativa de refletir o contexto sócio-político da Florença renascentista, porém sempre pelas lentes de seu olhar crítico. A obra, considerada a mais importante da Renascença em seu estilo, revoluciona ao promover uma ruptura com a produção dramática da época, quase que inteiramente devotada à temática religiosa, ao ter como foco de interesse a sociedade, o ser humano, em seu caráter mais mundano, o que fica evidente quando Maquiavel elege o desengano e o jogo de poder como elementos fundamentais para a trama que descreve e, também, ao imprimir na obra o reflexo de sua Florença, da maneira como seus olhos a enxergavam, com todos os seus defeitos e vicissitudes, se utilizando do sarcasmo para destilar sua mágoa e seu ressentimento com os mandantes de sua cidade natal. Para dar início à análise, e tomando como base a obra “Il sorriso

di Niccolò: storia di Machiavelli” (Viroli, 2002), será realizada breve contextualização histórica, detalhando os alicerces, peculiaridades e estruturas de poder da sociedade florentina no século XVI, a influência da Igreja na vida quotidiana, e da visão religiosa no modo de agir dos cidadãos, sempre sem perder de vista a relação deste contexto com a própria biografia do autor, principalmente observando como estava inserido nestas estruturas e como foi influenciado pelos desmandos do governo florentino. Em seguida, tendo como referência a obra “La Mandragola: storia e filologia” (Stoppelli, 2005), serão abordadas as principais peculiaridades do texto dramático, em particular a opção por este formato, até então inédito na carreira de Maquiavel, que jamais havia se aventurado na escrita teatral, e a linguagem humorística, tão distantes das características apresentadas até então em sua carreira literária, bem como quais seriam as possíveis motivações do autor para essas escolhas estilísticas inesperadas, uma vez que o texto se apresenta bastante distinto quando comparado à produção literária maquiaveliana anterior, representando uma ruptura de seus padrões de escrita até então estabelecidos, supostamente deixando de lado sua posição de cientista político e partindo para uma abordagem mais leve, impressão esta que rapidamente sucumbe ante uma análise que ao menos arranhe a superfície e chegue ao subtexto que permeia toda a obra. Por fim, o presente trabalho se deterá na análise dos paralelos entre a Florença fictícia apresentada por Maquiavel em “A Mandrágora”, e aquela que de fato existia, com seus arquétipos, personagens, relações e desenganos. Ao comparar o reflexo com a realidade, pretende-se identificar a ótica e a “mão” do autor através da distorção introduzida na imagem refletida. O objetivo final da discussão é buscar compreender os motivos que levam esta a ser considerada a obra mais importante do teatro da renascença italiana, tendo em seu caráter revolucionário e na genialidade de seu autor as molas principais que impulsionaram “A Mandrágora” à eternidade.

Palavras-chave: Mandrágora, Maquiavel, Renascimento, teatro

(R)existência: a jornada e o destino das ex-cêntricas em Rent e La Bohème

NATÁLIA AFFONSO DE OLIVEIRA ASSUMPÇÃO (UERJ)

Resumo: Em 1 de fevereiro de 1896 Giacomo Puccini lançava La Bohème com libretto de Luigi Illica e Giuseppe Giacosa. A ópera, baseada no livro de 1851 de Henri Murger, Cenas da Vida Boêmia (Scènes de la Vie de Bohème, no original) coloca em cena a vida dos artistas, a pobreza, a alegria, a desgraça e a boemia pungente nas ruas de Paris no século XIX. Quase exatamente duzentos anos depois, em 26 de janeiro de 1996, estreia Rent (Rent – Os Boêmios), o musical ópera-rock de Jonathan Larson livremente inspirado em La Bohème de Puccini. Como define Catherine Clément “um libreto de ópera é uma lição de história. O espetáculo apresentado não fica claro, se não for montado de forma visível sobre o Zeitgeist, o espírito do tempo que o suscitou.” (CLÉMENT, 1993, página 30). Da mesma maneira que La Bohème de Puccini capturou a essência da vida da boemia parisiense do século XIX, Rent de Jonathan Larson trouxe aos palcos alguns dos sentimentos como instabilidade, vulnerabilidade, desejo de mudança, paixão e percepção da fragilidade que é estar vivo que permearam a vida da juventude boêmia Nova Iorque do East Village no fim da década de 80 e começo da de 90. Uma geração marcada pela presença da AIDS; da gentrificação; do fim da Guerra Fria e do avanço do Capitalismo; das culturas de massa; da luta dos artistas, filósofos e marginais para achar seu lugar e conseguir produzir e sobreviver. O objetivo principal desse artigo é analisar os personagens centrais de ambas as obras sob a luz do conceito de multidão queer como proposto por Beatriz Paul Preciado em “Multidões queer: notas para uma política dos ‘anormais’” que coloca que “(a) sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão

torna-se queer” (PRECIADO, 2011, página 14). Inspirada, também, pelo trabalho de Catherine Clément em “A Ópera ou A Derrota Das Mulheres” (1993) e de Valeria de Marco em “O Império da Cortesã” (1986) esta análise busca comparar as diferenças e semelhanças das personagens homônimas “Mimi” das duas obras, qual o tratamento dado pelos autores à figura dessas mulheres e o quanto isso reflete pressupostos morais das sociedades patriarcais e moralistas nas quais estão inseridas. Considerando sobretudo esses parâmetros, o artigo ainda analisa a construção da jornada da personagem Angel da ópera-rock Rent de Jonathan Larson, procurando compreender como e porque se dá a sua derrota.

Palavras-chave: opera, multidão queer, ex-cêntricas, comparativismo

Günter Grass: da demonização do Nacional-socialismo ao descascar das cebolas

ELISANDRA DE SOUZA PEDRO (USP)

Resumo: Günter Grass é um dos maiores nomes da literatura alemã contemporânea. Desde sua estreia no universo literário por meio do Grupo de 47, do qual faziam parte poetas, prosadores e críticos que tinha como objetivo principal revitalizar a literatura alemã no pós-guerra, Grass se colocou como uma promessa da nova literatura além de crítico feroz ao que ocorreu na Alemanha nazista. Após o primeiro romance, Grass se tornou um dos principais críticos da sociedade alemã, principalmente dos governos que se sucederam no pós-Guerra, sendo grande opositor crítico de Konrad Adenauer e dos outros governos que se sucederam na Alemanha até 2015. Também participou ativamente como um tipo de cabo eleitoral e escritor de discursos de Willy Brandt, do Partido Social Democrata até sua eleição em 1974. Se envolveu em polêmicas ao longo de sua vida desde ser contra a reunificação da Alemanha até o poema que criticava a política armamentista de Israel. Seu primeiro romance, Die Blechtrommel, lançado em 1959, é recebido com uma enxurrada de críticas, tanto elogiosas quanto

destruidoras. O romance é o primeiro da intitulada Trilogia de Danzig, cidade natal do escritor, da qual fazem parte duas outras obras, *Katz und Maus* e *Hundejahre*, e são entendidas pela crítica como narrativas da demonização do período nacional-socialista. Essas obras fazem parte da memória coletiva de um povo e a partir delas gerações tentaram entender como pessoas da pequena burguesia entraram no processo do nacional-socialismo, tornaram-se culpados e tentaram se recompor em uma sociedade civil esquecida de seu passado. Essa trilogia possibilitou reflexões profundas a respeito do papel da pequena burguesia na catástrofe gerada pela Segunda Guerra Mundial e daquilo que se chamou de culpa coletiva. Em agosto de 2006 foi publicada a autobiografia do escritor, *Beim Häuten der Zwiebel*, que foi recebida pela crítica e público de foma bastante polêmica, principalmente por causa da revelação da participação de Grass como integrante da *Waffen-SS*. A reação da crítica se baseia principalmente por causa do papel central do escritor – que por muitos anos foi considerado pela crítica a “voz da consciência alemã” – nas discussões a respeito da culpa, da necessidade de que cada um enfrentasse sua carga de responsabilidade diante da catástrofe. Nesta comunicação pretende-se levantar questões a respeito da relação entre a obra ficcional de Grass – sua importância para a memória coletiva – e sua autobiografia, que gera discussões a respeito do valor de sua produção e também de sua pessoa pública após a revelação feita.

Palavras-chave: Autobiografia, Segunda Guerra Mundial, Literatura alemã

Dou-te a prova: os jogos da verdade em *Pantaleón y las visitadoras*, de Mario Vargas Llosa, e *Os visitantes*, de B. Kucinski

JANARA LAÍZA DE ALMEIDA SOARES (UNB)

Resumo: Os estabelecimentos do estatuto da verdade no mundo da ficção e no mundo da vida tem naturezas diferentes. No mundo da vida pedem-se provas, documentos, testemunhos, gravações; no mundo

da ficção, o estatuto da verdade passa pela atividade hermenêutica e pela constituição da verossimilhança. No entanto, há uma pretensa objetividade no estabelecimento das verdades no mundo da vida que entra em contradição tanto com as manipulações de discurso quanto com a subjetividade complexa do ser humano. Esse movimento dissonante não passa despercebido na arte literária. Nesse sentido, o presente trabalho investiga as formas de estabelecimento de verdades e de manipulação das mesmas nos romances *Pantaleón y las visitadoras* (1973), do peruano Mario Vargas Llosa, e *Os visitantes* (2016), do brasileiro B. Kucinski. Através do narrador ausente, da transcrição de documentação, e da pretensa narração objetiva da mídia, no primeiro romance, e do questionamento constante das relações verdade literária/ verdade biográfica no segundo, emerge a questão de como as verdades são construídas, bem como as consequências éticas do resultado dessas construções. Para tanto, discutiremos sobre as relações entre Verdade, o Bom e o Belo; as mudanças na concepção de verdade e a noção de “possibilidades de verdades” na literatura trazida pela Epistemologia do Romance; e, por fim, analisaremos como os romances questionam filosoficamente a exigência do estatuto da verdade absoluta (que ainda vigora em tempos de “pós-verdade”), bem como as contradições que emergem desse movimento.

Palavras-chave: Dissonância, Literatura latino-americana, Estabelecimento de verdades, Ética

41

LITERATURA E DRAMATURGIA: ENTRE O PALCO E A ACADEMIA**Suzi Frankl Sperber (UNICAMP)****Sandra Luna (UFPB)**

Resumo: Retomamos a proposta de estudar dramaturgia, continuando a examinar tanto o texto dramático autoral quanto a cena. A acolhida a essa dupla junção, literária e teatral, fundamenta-se na convicção de que, sob perspectivas dos estudos literários, o drama não tem merecido a atenção concedida a outros gêneros, sobretudo no contexto brasileiro, no qual a tradição dramática não se sobrepõe em relação a outras formas ficcionais, narrativas ou poéticas, entendidas como pilares de nossa herança nacional e afeitas a abordagens mais especificamente literárias. Do ponto de vista dos estudos teatrais, o drama também encontra obstáculos, seja por representar uma consolidada tradição cujas convenções são por vezes vistas como opressoras e das quais não se consegue escapar, a não ser por via de um proposital “esquecimento” ou “negação”, como o quer o chamado teatro “pós-dramático”, cujo rótulo faz ainda ecoar a própria tradição, seja porque a própria experiência teatral no século XX priorizou o espetáculo, concedendo especial atenção a outras linguagens, a recursos cênicos, à arte e ao corpo do ator, valorizando aspectos que hoje consubstanciam pontos centrais na formação dos profissionais do teatro. Assim, se para os estudiosos da literatura o drama é excessivamente teatral, contaminado por uma concretude cênica que escapa a interesses mais especificamente literários, para os estudiosos do teatro contemporâneo, o drama é uma área excessivamente literária, poética, discursiva. O simpósio

aqui proposto torna-se, portanto, locus privilegiado de reflexões e debates sobre temas e problemas inerentes aos dois domínios. Levaremos em conta a ideia explicitada pela temática proposta na presente ABRALIC, de textualidades contemporâneas, que implica a “pluralidade de suportes possíveis, a miríade de formas de inscrição e a multiplicidade tanto de produções de presença quanto de atribuições de sentido”. Daí propormos reflexões em torno de algumas questões. Tendo consciência e vontade, ou não, de fazer um teatro performático, as práticas do corpo do ator, que se expressa cada vez melhor graças a treinamentos pré-expressivos e tendo em vista o desejo de trabalhar com referências da experiência própria ou próxima, verificamos que vem ocorrendo uma prática recorrente de teatro experimental performático. O resultado é que o ator se apresenta como um performer. Constatado isto, formulamos, a seguir, algumas perguntas: a ação cênica, então, apresenta-se como evento, ou como representação? Mesmo apresentando-se uma cena como evento, a reunião especial de espectadores em torno de um ou vários performers pode suspender o jogo de ilusão? O espetáculo pode ser centrado na imagem e na ação; mas havendo palavras, estas não configuram um texto? Outra pergunta: ação, imagem projetada pelos corpos em ação, ou participantes da ação correspondem a uma partitura. A partitura não pode ser entendida como um texto, ainda que diferente de uma tragédia ou drama, ou comédia? A linguagem, ou escrita, ou texto têm sido entendidos, pelo menos desde Foucault, como esburacados, fraturados, corroídos. Colocados linguagem, escrita, texto em perspectiva macro histórica, de fato a fratura, os ruídos, a corrosão existem. Mas quando há necessidade de expressão e existe desejo de comunicação – e, pois, de alguma forma de entendimento – linguagem, escrita, palavra, texto são organizados num universo micro e, mesmo existindo a dificuldade de se exprimir o indizível, o irrepresentável, há (ou deveria haver?) um claro esforço de que o receptor possa pelo menos intuir o dito ou

a-presentado. Há a esperança de que os órgãos de recepção captem tons, ritmos, compassos, algum desenho, linha, volume que possa ser captado e faça algum sentido a partir da construção de arte. Ainda que a experiência seja volátil, a pulsão de ficção lança fios que tentam captar vibrações – e que estes fios que possam fazer algum sentido. É relevante, portanto, saber que, apesar de haver lacunas na expressão, há também desejo de comunicação. Sem contar que em uma obra de arte são disseminados, de alguma forma, mais ou menos, algo de memória, mito, transmissão da Palavra e do Exemplo expressos pela experiência (tal como nos explicou Walter Benjamin), resgate ou crítica da tradição, consciência crítica do presente, decifração do sentido da ação humana, resgate de aspectos desqualificados pela sociedade. Ainda que reunindo eventualmente linguagens diferentes entre si, assim como o humano, o super-humano ou a marionete e a supermarionete, os mecanismos e os hibridismos, ainda que sendo uma das finalidades de um espetáculo impressionar pelo impacto do novo, persiste na expressão o desejo de acolhimento e este, talvez, com atribuição de sentido.

Palavras-chave: Dramaturgia, Teatro e drama, Literatura dramática, Artes cênicas

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Engajamento em tempos do teatro pós-dramático: o caso João das Neves

SUZI FRANKL SPERBER (UNICAMP)

Resumo: “Dramaturgo, diretor, ator e escritor, o carioca João das Neves tem um currículo eclético que inclui prêmios como o Molière (vários), Bienal Internacional de São Paulo, APCA, Golfinho de Ouro e Quadrienal de Praga. Dirigiu o ‘teatro de rua’ do CPC da UNE até a sua

extinção pelo golpe de 1964. Nesse mesmo ano foi um dos fundadores do Grupo Opinião que ficaria em atividade por 16 anos, onde trabalhou em parceria com autores como Vianinha e Ferreira Gullar. O grupo estreou com o Show Opinião, reunindo no palco, num protesto contra a ditadura, Nara Leão, Zé Ketí e João do Vale. Em 1986 transfere-se para Rio Branco, Acre, onde funda com atores locais o Grupo Poronga, que encenou o Tributo a Chico Mendes, de João das Neves. Em 1988 volta temporariamente ao Rio de Janeiro onde encena, por ocasião das comemorações pelo centenário da Abolição da Escravatura, A Missa dos Quilombos, de Milton Nascimento, Pedro Tierra e D. Pedro Casaldáliga. O espetáculo ocupou todo o centro histórico do Rio de Janeiro, envolvendo mais de 300 participantes e atraindo um público em sua única apresentação de mais de 40.000 espectadores.” Voltando ao Acre, encena Caderno de Acontecimentos e em seguida dedica-se à pesquisa para a qual havia concorrido e obtido bolsa da Fundação Vitae destinada à realização do seu último texto: Yuráiá: O rio do nosso corpo, peça escrita em 1990 e ainda não encenada. Em 1991 e 1992 organiza e dirige uma oficina de interpretação no Parque Ecológico Lagoa do Nado, a convite da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte (Gestão Berenice Meneghale), oficina da qual resulta o projeto Primeiras Estórias. O projeto, adaptação de 11 contos do livro homônimo de João Guimarães Rosa, mobilizou 34 atores atraindo para sua encenação, que ocupou os 300.000 m do parque e seus diversos espaços, milhares de espectadores durante o mês e meio que esteve em cartaz. Em 1995 a convite da UNICAMP, reedita com os formandos do Departamento de Artes Cênicas, o projeto “Primeiras Estórias”. Autor de O último carro ou As 14 estações (1976); O quintal (1978); Mural mulher (1979); Café da manhã (1980); A pandorga e a lei (1983-1984); Yuráiá: O rio do nosso corpo (1990); Tributo a Chico Mendes; Flores do lodo. As Polacas no Rio de Janeiro (2011); autor de peças infantis, diretor de teatro que encenou adaptações de Cassandra e Antígona, por exemplo, e outras diversas, caracteriza-se por uma obra lúcida e constantemente

engajada. Pretendo discutir a questão do engajamento em tempos do teatro pós-dramático, aproveitando a ideia de teatro político, como coloca o próprio Hans Thyges Lehmann, mas especificando seu tipo de consciência política e social e apresentando suas soluções estéticas para a caracterização de personagens, suas relações, os espaços cênicos escolhidos, de maneira a produzir um teatro que a cada experiência (atualmente ele encena Lazarillo de Tormes em Belo Horizonte, sendo também ator) há contribuição inovadora, revolucionária, corajosa, política.

Palavras-chave: João das Neves, teatro político, engajamento

Dramaturgias de assalto: analogias entre os teatros de Edward Albee e da “Geração Brasileira de 1969”

ESTHER MARINHO SANTANA (UNICAMP)

Resumo: Em 1960, Edward Albee estreou The Zoo Story na Off-Broadway, onde a peça contou com mais de trezentas apresentações. No ano seguinte, foi encenada no Brasil pelo grupo norte-americano New York Repertory Company, no Teatro Municipal de São Paulo. Em 1965, foi dirigida por Emílio Fontana, no Teatro Oficina, de onde seguiria, até 1967, para outros teatros paulistas e cariocas. Anatol Rosenfeld (1969) observa que o título albeeano provavelmente influenciou diversos jovens dramaturgos nacionais estreantes, ou quase estreantes, em 1969. Interessa-nos, em tal perspectiva, explorar os paralelos entre The Zoo Story, e dois títulos citados pelo crítico, Fala baixo, senão eu grito (1969), de Leilah Assumpção e O assalto (1969), de José Vicente. Segundo Rosenfeld, tais peças trazem, semelhantemente, interações entre duas personagens, em um único local, nas quais uma figura marginal, ou questionadora do status quo, aborda outro indivíduo, anestesiado por conformismos e fantasias particulares. Acreditamos, contudo, que mais do que estruturalmente aparentados, tais textos da “geração de 1969” desenvolvem-se como desdobramentos da proposição estética apresentada por Albee para a teatralidade como uma ferramenta de

agressão. Em *The Zoo Story*, Jerry perturba Peter para tentar estabelecer uma comunhão autêntica, e, ainda, conscientizá-lo da harmonia ilusória de sua rotina. Propositadamente, a personagem se torna, pois, um agente do desengano, ou um desficcionalizador. Para tal, como um dramaturgo que explora a materialidade do palco e as potencialidades linguísticas do texto dramático, molda sua postura corporal, toma o espaço cênico, e elabora e reelabora suas falas, apresentando mecanismos de exposição das artificialidades na domesticidade e na placidez de Peter. Ao final, agride-o e se atira sobre a faca com a qual seu interlocutor tentava se defender. Em vias análogas, a peça de Assumpção traz o embate entre Mariazinha e um homem desconhecido, que invade seu quarto, e a de Vicente retrata o choque entre André e o varredor do prédio onde trabalha, que confina consigo em uma sala. Considerada, até a atualidade, a peça definidora da Off-Broadway nos anos 1960 (BOTTOMS, 2006), *The Zoo Story* possui uma fortuna crítica conturbada, sendo frequentemente inserida no zeitgeist de descrenças do Teatro do Absurdo (ESSLIN, 2001), ou reputada como realizadora de uma violência chocante e cínica (TALMER, 1960). Quando de sua estreia no Brasil, foi interpretada como uma “rebelião vazia”, que termina “encurralada” (MACIEL, 1963). Não à toa, aventamos, os assaltos desficcionalizadores trazidos pelas peças de Assumpção e Vicente são concluídos infrutíferos e frustrados. Ressaltamos, todavia, que, em 2004, Albee transformou *The Zoo Story* em *At Home at the Zoo*, explicitando o caráter redentor da agressão e do sacrifício em seu teatro, sugerido ao longo de sua obra. Parece-nos, assim, que o estudo de tais peças brasileiras permite uma melhor compreensão da ainda controversa *At Home at the Zoo*. Em tal âmbito, pretendemos traçar paralelos entre os assaltos trazidos por cada dramaturgo, de estruturas tão aparentadas, mas de conclusões opostas, responsáveis por ilustrar suas concepções acerca das funções da teatralidade.

Palavras-chave: Teatro brasileiro, Edward Albee, Leilah Assumpção, José Vicente

Antígona e a ditadura militar: a experiência e o diálogo cênico-trágico

BÁRBARA CRISTINA DOS SANTOS FIGUEIRA (UNB), ANDRÉ LUIS GOMES (UNB)

Resumo: A presente comunicação propõe uma investigação acerca do processo de transcrição da tragédia grega *Antígona*, de Sófocles (495- 406 a.C.), vinculado à montagem teatral homônima do Coletivo Calcanhar de Aquiles. Para isso, objetiva-se analisar o processo criativo do espetáculo *Antígona* (2014) em diálogo com o conceito de *Obra Aberta* de Umberto Eco. Para Eco toda obra de arte é fundamentalmente aberta, por ser da natureza da arte não comportar apenas uma interpretação. Porém, o modelo teórico de obra aberta, enquanto referência para se pensar a arte contemporânea, frisa estimular no fruidor uma série de entendimentos e interpretações, espontâneos e conscientes, em detrimento a possíveis condicionamentos de recepção fomentados por normas e padrões pré-estabelecidos. Ao propor o modelo teórico de obra aberta, Umberto Eco não visava um estudo de representação da estrutura de determinadas obras como mera cópia, mas sim um conjunto de relações frutivas que permitissem a comunicação entre o espectador e a obra de arte sob o impulso da mensagem estética. O conceito sugere que o contato com o objeto artístico ocorra enquanto ato de liberdade consciente, permitindo ao fruidor múltiplas possibilidades interpretativas e a abertura para a convivência de vários significados em um significante. A motivação para a montagem teatral baseou-se nessa premissa, buscando não perder de vista a referência inicial: o que podemos aprender, por meio do (re)encontro com nosso passado, que nos possibilite agir no presente? (como) é possível experienciar o trágico, hoje? Como revisitar os gregos? O que temos a aprender com os clássicos? O que pode existir nos clássicos que funcione como “chave” para o entendimento de inquietações do presente? Qual sua força de ação na contemporaneidade? Qual é o papel das Artes Cênicas no debate político atual? Ou, como bem pontua Raymond Williams, em sua *A Tragédia Moderna*: “Quais são as relações reais que deveríamos

ver e seguir entre a tradição da Tragédia e o tipo de experiência a que estamos sujeitos em nossa própria época e à qual chamamos trágica?” (2002, p. 31). A partir de tais inquietações e seus desdobramentos, também se fará relevante discorrer sobre a natureza da tragédia clássica e seus elementos constitutivos, bem como a atualidade de seu caráter trágico na contemporaneidade.

Palavras-chave: Antígona, Encenação Teatral, Ditadura Militar Brasileira, Dialogismo

O Deserto: Romance, teoria, dramaturgia e encenação

FELIPE CORDEIRO (UFMG), SARA ROJO (UFMG)

Resumo: Pensando nas práticas artísticas e suas constantes metáforas nas artes feitas na América Latina em períodos de autoritarismo, e com o intuito de responder à emergência de discursos totalitários e/ou que deslegitimam o estado democrático, de tomar posição diante dessas imagens, essa comunicação propõe um trabalho de análise e reflexão teórica e crítica sobre o processo de deslocamento das imagens do romance “El desierto” (2005), do escritor chileno Carlos Franz, para os palcos no espetáculo “O Deserto” (2016), realizado pelo grupo teatral Mulheres Míticas. Nos interessa pensar nos diálogos possíveis entre a narrativa romanesca em questão, a espetacularidade de suas imagens e os contextos históricos que perpassam o romance e a atual conjuntura política brasileira dos últimos anos, sendo este o atual lugar de enunciação dos artistas criadores da peça. Tanto o livro de Franz quanto a obra teatral apresentam a história de Laura, uma mulher que há 20 anos atrás havia sido a juíza mais jovem da história de seu país. Tempos depois e já exilada em outro país, Laura recebe uma carta de sua filha Cláudia questionando-a sobre sua omissão frente a tantos crimes ditatoriais que foram cometidos na cidade onde ela era a representante máxima da lei. Frente à impossibilidade de dar uma resposta epistolar à filha, Laura viaja, retomando o posto de juíza naquela cidade e se encontrando frente a frente com Cláudia e seu ex-marido Mário, a fim

de revisitar suas memórias e traumas daquele período. Buscaremos entender de que forma e em quais imagens estão as potências que permitem o romance de Franz, a partir da estética melodramática, atingir a memória trágica de todo um país. Interessa-nos refletir até que ponto esta também é uma das facetas teatrais, a de atingir uma zona diferenciada de produção de subjetividade distinta das impostas habitualmente, criando, dessa forma, micropolíticas que pretendem se construir como alternativa macro. E, partindo desse pressuposto, nos questionamos: como fazer a tradução intersemiótica dessas imagens de arquivo literário, do verbo, para imagens de repertório, que habitem um espaço externo, que assumam os corpos de atores, suas vozes, movimentos, respirações, a luz que os ilumina (ou não) e, dessa forma, passem a dizer desde um outro lugar, diante de um público? Qual seria a potência dessa nova forma de narrar? Como transpor as longas descrições de um espaço para um único plano ótico? Quais imagens eleger e quais suprimir? Qual é o lugar de enunciação do autor de um romance e o de um dramaturgo? Em que medida esses dois mundos podem convergir, a partir de quais imagens estéticas? Para atingir esse objetivo, analisaremos as obras a partir das teorias de imagens elaboradas pelos filósofos Georges Didi-Huberman e Jacques Rancière e das aproximações estabelecidas por Sara Rojo entre tais conceitos e o fazer teatral contemporâneo.

Palavras-chave: Teatro, Dramaturgia, Carlos Franz, Mulheres Míticas

Jack Smith: performance, presença e risco

ANA GABRIELA DICKSTEIN ROIFFE (PUC-RIO)

Resumo: Embora tenha se tornado célebre por sua importância no cinema underground dos anos 60 e 70, Jack Smith foi um dos fundadores mais inventivos do que mais tarde seria classificado como arte performática. Depois da censura do filme *Flaming Creatures* (1963), por acusações de pornografia, Smith decidiu não produzir mais obras fechadas e passou a apresentar performances em seu próprio loft em

1965, sempre à meia-noite, remodelando o espaço e decorando-o com móveis velhos, lixos, material industrial e todo tipo de objeto encontrado. Influenciadas pelo cinema underground, pela Hollywood dos anos 30 e pela cultura gay nova-iorquina, suas performances eram bastante variadas, podendo ou não incluir roteiros prévios, contando com um elenco variável e provocando a plateia de modo imprevisível. O que se mantinha constante era a longa duração de cada performance, que chegava a até oito horas; seu caráter improvisacional, com indicações de direção durante o próprio espetáculo; a seleção de músicas exóticas; e especialmente a aproximação com o cinema expandido, ao incorporar trechos de filmes e slides que tornava tênues as fronteiras entre as diferentes artes. Mais ainda, o trabalho performático de Jack Smith – relacionado ao Teatro do Ridículo e considerado um dos mais importantes representantes do teatro queer (Brecht, 1986) – recusava a teatralidade tradicional, celebrando a teatralidade da vida cotidiana (Johnson, 2012), numa espécie de ritual privado em ampla exposição. Entre suas performances está *The Secret of Rented Island* (ou *Orchid Rot of Rented Lagoon*), de 1976/77, uma das mais ousadas adaptações de *Ghosts*, de Ibsen, em que as personagens principais eram interpretadas por bonecos de brinquedo, com todas as vozes pré-gravadas pelo próprio Smith, e/ou por espectadores, convocados a assumir o protagonismo da performance. Nesse sentido, a obra performática de Smith é precursora do que Josette Féral (2008) classifica como “teatro performativo”, na medida em convoca à produção de um evento que implica o abandono da representação e do jogo de ilusão, uma receptividade especular entre plateia e palco, mas sobretudo subjetividade, presença e risco, num movimento dialógico entre texto, corpo, gesto e as tecnologias audiovisuais. Na comunicação, serão discutidos os desafios teórico-metodológicos que essa produção implica, tanto pela quase inexistente documentação em vídeo sobre as performances de Smith, como pelo caráter interdisciplinar de sua obra. Também serão problematizados os motivos que levaram esses trabalhos

a não serem incluídos no cânone historiográfico da performance, que inclui nomes como o Judson Dance Theater, Joseph Bueys, Wolf Vostell, o grupo Fluxus, Allan Kaprow, entre outros, o que resultou num legado pouco conhecido, mas de influência decisiva para artistas como Andy Warhol e Hélio Oiticica e para manifestações performáticas contemporâneas. Referências bibliográficas: BRECHT, Stefan. *Queer theatre*. New York: Methuen, 1986. FE?RAL, Josette. Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. *Sala Preta, Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, ECA/USP, São Paulo*, n. 08, 2008, p. 197-210. FISCHER-LICHTE, Erika. *Estética de lo performativo*. Madrid: Abada, 2011. JOHNSON, Dominic. *Glorious catastrophe: Jack Smith, performance and visual culture*. Manchester/New York: Manchester University Press, 2012.

Palavras-chave: Jack Smith, performance, queer

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

O popular e o erudito no palco: a dramaturgia de Carlos Alberto Soffredini e as dificuldades da crítica

LÍGIA RODRIGUES BALISTA (USP)

Resumo: A dramaturgia de Carlos Alberto Soffredini, ainda pouco estudada formalmente nas universidades, nos coloca diante de questionamentos importantes sobre o teatro brasileiro no final do século XX e sobre as classificações e nomenclaturas que os estudos literários sobre teatro propõem. Em geral, a produção de Soffredini é associada ao teatro popular e ao rico uso de paródias e do aproveitamento de textos anteriores. Mas vale enfrentarmos a difícil pergunta: de que popular é esse que se fala, tratando-se de dramaturgo com anos de estudo formal, em contato com diversas referências do mundo erudito? E mais: que oposição entre popular e erudito se

aponta, ao classificá-lo assim? Nesse explícito aproveitamento de textos anteriores que faz ao produzir muitas de suas peças haveria somente textos de origem popular? Outras perguntas decorrentes se seguem: Soffredini em geral é afastado do que convencionou-se chamar de teatro político brasileiro. Mas estariam mesmo suas peças longe da crítica política a questões relevantes do país? A que tradição de teatro nacional ele pode ser aproximado, se não esse do já (na década de 70 e 80) ‘clássico’ teatro político? De que maneira as escolhas estéticas desse autor revelam seus questionamentos críticos à sociedade e ao próprio teatro? Pesquisando a representação do caipira e do mundo rural na dramaturgia soffrediniana, deparei-me constantemente com essas amplas questões para refletir sobre a avaliação da obra desse autor – tão relevante na produção teatral da segunda metade do século XX, mas ainda sem uma fortuna crítica plenamente estabelecida na crítica literária. A partir do estudo das peças “Na carrêra do divino” (1979), “A estrambótica aventura da música caipira” (1990), “Auto de Natal Caipira” (1992) e “A madrasta” (1995) – mas percorrendo também peças como “Vem buscar-me que ainda sou teu” (1979), “Mais Quero Asno que me Carregue que Cavalo que me Derrube” (1972), “Pássaro do poente” (1987) – pretendo contribuir ao debate sobre como entender a dramaturgia desse grande pesquisador de nossa cultura. Minha hipótese é de que Soffredini teria uma maneira muito particular de fundir as variadas fontes de pesquisa utilizadas para compor os textos: seria pela fusão de elementos da cultura popular e da cultura erudita que ele alcançaria seu modo próprio de colocar em cena temas relevantes para a chamada cultura nacional. Sobre a peça “Na carrêra do divino”, por exemplo, enquanto há críticas que elogiam exatamente como o texto de Antonio Candido foi transformado em teatro popular, outras valorizam como a cultura popular do caipira foi posta em cena aos moldes do teatro erudito. É esse nó analítico que pretendo debater.

Palavras-chave: Carlos Alberto Soffredini, teatro moderno brasileiro, teatro popular, crítica literária

Bagunça rapsódica: uma proposta para se pensar a obra de Carlos Alberto Soffredini

MARIA EMÍLIA TORTORELLA (UNICAMP)

Resumo: Este trabalho pretende pensar a obra de Carlos Alberto Soffredini (1939-2001) a partir da “Poética do Drama Moderno”, do teórico francês Jean-Pierre Sarrazac, levando em consideração também as ideias do “Teatro Bagunça”, do crítico modernista brasileiro Antônio de Alcântara Machado, que ainda na década de 1920 preconizava que a modernização do teatro brasileiro poderia vir do aproveitamento das manifestações espetaculares e cotidianas da cultura popular, as quais ele chamava de Bagunça. Soffredini foi um dramaturgo e encenador paulista, atuante no cenário teatral desde o final da década de 1960 até o ano de sua morte, completando 38 anos de carreira em 62 anos de vida. Autor de uma obra bastante expressiva dentro do contexto do teatro moderno nacional (embora ainda sem o devido reconhecimento), suas peças nasceram de questionamentos estruturais e temáticos, aos quais o autor se lançava a partir do estudo das formas de espetacularidades populares nacionais, principalmente o circo-teatro. Por essa característica, de questionamento, chama atenção a proximidade que a obra de Soffredini tem com a teoria de Sarrazac. O Professor francês percebe nas dramaturgias europeias modernas pós 1880 um esforço de desconstrução das formas canônicas. Cada vez com maior impacto, o trabalho do dramaturgo passou a ser esse desconstruir da estrutura dramática, para então rearranjar suas partes, acrescentando-lhes elementos alógenos, num intenso processo de exploração formal, levando a uma composição híbrida e fragmentária. Nesse sentido, o teórico recorre ao termo rapsódico, relativo ao poema de inspiração livre e popular recitado pelos rapsodos, cantores da antiguidade grega clássica, mas que também carrega a acepção de remendar, mal arranjar. Sarrazac defende a dimensão rapsódica do drama moderno – uma forma aberta, profundamente heterogênea, onde não somente os modos dramático, épico e lírico não cessam de

se associar e/ou se sobrepor, mas também outras formas literárias são trabalhadas teatralmente: depoimentos, cartas, discursos etc. Se a dramaturgia de Soffredini nasce da investigação e da reconstrução de formatos populares e consagrados e, por isso, esgarça os limites entre os gêneros e rompe as convenções formais pré-estabelecidas – suas peças explodem fronteiras e fazem caber em si épica, dramática e liricamente os temas com os quais o autor se propôs a trabalhar – é possível identificar em sua obra a pulsão rapsódica que caracteriza, segundo Sarrazac, a escrita dramática moderna. Mas, mais além, por ter sido a partir do aproveitamento das linguagens teatrais populares brasileiras que o autor melhor alcançou tal pulsão, recorro também às ideias de Alcântara Machado e defendo que sua obra pode ser denominada de “Bagunça Rapsódica”.

Palavras-chave: Carlos Alberto Soffredini, Antônio de Alcântara Machado, Jean-Pierre Sarrazac, Bagunça Rapsódica

Cocota e Amélia Smith: diferentes status dos estrangeiros na cena brasileira

JUSSARA BITTENCOURT DE SÁ (UNISUL)

Resumo: Nossa pesquisa propõe reflexões acerca da literatura teatral do século XIX enquanto representação de um tempo e ensejo para outros. O objetivo é analisar as peças teatrais, avaliando diferentes status dos imigrantes/estrangeiros na cena com os brasileiros. Para tanto, foram selecionadas as peças: Cocota (1885), de Artur Azevedo, e Amélia Smith (1886), do Visconde de Taunay. Ambas as peças recebem o nome das personagens protagonistas. A peça Cocota (1885), além do romance dos protagonistas, Cocota e Bergãno, o enredo coloca em cena imigrantes italianos, evidenciando temáticas sociais como a escravidão e a imigração italiana para o Brasil. Artur Azevedo representa o Brasil dos fazendeiros escravistas e a mentalidade capitalista que se desenhava. Azevedo, em sua obra, promove a interação de três diferentes nacionalidades e a inserção de língua italiana. Tais elementos concedem

a obra característica peculiar. A peça Amélia Smith (1886), do Visconde de Taunay, coloca em cena o drama da casamento por interesse e a traição. Amélia, moça da sociedade carioca do século XIX, casa-se por conveniência com o capitalista inglês John Smith. O casamento sólido e a vida tranquila da protagonista mudam completamente após conhecer Jorge de Castro. Os enredos nos permitem avaliar como se arquiteta a configuração das personagens que representam os brasileiros e os estrangeiros, seus espaços e suas delimitações, e a ultrapassagem de fronteiras. Na concepção de Jaques Leenhardt, as fronteiras seriam os limites, intervalos, margens, bordas, apropriações dotadas de todos os valores políticos, simbólicos, religiosos. As fronteiras podem ser, assim, bordas dotadas de valores e definidas pelo homem, que determinarão o aqui e o lá. Destacamos que, em nosso estudo, a nação e a nacionalidade são desenhadas a partir das considerações de Benedict Anderson e Eric Hobsbawm. O estudo dos enredos, das falas e das ações das personagens projetam-se reflexões também sobre a nação, enquanto comunidade imaginada, e a conexão de indivíduos e suas diferenças, observar nas peças teatrais os reflexos. O movimento de análise considera também que, conforme Walter Benjamin, a articulação histórica do passado não daria conta para conhecê-lo em sua totalidade, mas sim, a seus fragmentos. Conforme Sá, na representação do “Outro”, do que não é brasileiro, os autores teatrais estariam desvelando a ocorrência da interação, apropriações e práticas socialmente instituídas, e pensamentos construídos na trama das relações pessoais. A análise dos enredos das peças estudadas, as falas e das ações das personagens apontam para os diferentes sentimentos sobre a nação brasileira. Estudar as textualidades teatrais nos permite adentrar no imaginário ficcional que representa um tempo, mas também refletir sobre os tempos que dele ensinam.

Palavras-chave: Teatro do Século XIX, Nação, Estrangeiro, Imigrante

O teatro carioca no contexto do contemporâneo

CAROLINA MONTEBELO BARCELOS (PUC-RIO)

Resumo: Em “Ler o teatro contemporâneo” Jean-Pierre Ryngaert afirma que “O teatro contemporâneo ainda é identificado à vanguarda dos anos 50, de tanto que o movimento foi radical e nosso gosto por rótulos amplamente satisfeito por essa denominação”. Richard Schechner, por outro lado, tem uma visão mais negativa da cena contemporânea. No ensaio “The conservative avant-garde”, Schechner entende que a vanguarda estava ligada a palavras como “novo”, “vivo”, “agressivo”, “anti”, que procuravam “destruir a ordem estética e cultural existente”, enquanto o teatro atual recicla e circula técnicas, textos e performances. Enquanto Schechner entende o respeito ao passado, em suas palavras, como algo conservador, em detrimento da vanguarda teatral interessada em destruir ordens estéticas vigentes, há críticos e teóricos das artes apontando em uma outra direção. Esses teóricos levantam a possibilidade da contemporaneidade coexistir ou retomar outros momentos, artistas e objetos passados. À guisa de exemplo, Boris Groys, no ensaio “Comrades of time”, entende que a vanguarda emitiu sinais fracos que devem ser repetidos no presente. De todo modo, a relação que esses estudiosos identificam do passado com o presente é a de um arquivo que tem ou precisa ser retomado, seja como citação ou releitura. A partir do entendimento do teatro contemporâneo como uma prática em que elementos do passado histórico e artístico são retomados e relidos, propõe-se, portanto, pensar o fazer teatral nesse contexto do contemporâneo. Para fins de recorte argumentativo, será analisado o solo “Como estou hoje”, do ator Marcelo Olinto, uma das peças que fez parte do projeto Ethos Carioca, da Cia. dos Atores, e encenada desde 2013. “Como estou hoje” foi elaborado e escrito a partir de referências pessoais e artísticas de Olinto e de seu diretor, João Saldanha, cuja experiência artística fora fundamentada na dança, como bailarino e coreógrafo. Desse modo, a dança foi fundamental na composição atoral e é por meio tanto do texto falado, como também da

fisicalidade, que o ator aborda questões como a história e indústria da moda, passando por momentos da história do Brasil e questionamentos do que significa ser um artista hoje. André Lepecki, na introdução de sua antologia de textos sobre dança contemporânea, assegura que um aspecto inerente à dança, é o da performatividade. Conforme entendido por Erika Fischer-Lichte e Josette Ferál, o teatro não é mais necessariamente concebido como a representação de um mundo fictício e a experiência da plateia com o trabalho do ator é mais importante do que a produção de sentido de suas ações. Lepecki acrescenta um aspecto relativo ao caráter performativo da dança que pode ser também estendido ao teatro e a “Como estou hoje”, que é a multiplicidade de citações. Segundo Lepecki, a performatividade implementa e reproduz efeitos de citação e uma das pré-condições da dança seria a “interminável citação de uma fonte sempre singular, embora sempre dispersa”. Assim, em “Como estou hoje”, há citações da dança, do teatro, das artes plásticas e de todas as referências artísticas e pessoais de Marcelo Olinto e João Saldanha.

Palavras-chave: teatro contemporâneo, performatividade, citação

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Rastros de presença e resistências literárias: a leitura do teatro contemporâneo

RAFAEL COUTINHO (UFRJ)

Resumo: Na última década, sobretudo nos últimos anos, presenciamos um grande retorno da publicação de dramaturgias. Um fenômeno em contra fluxo da tendência pós-dramática que busca extirpar o texto-centrismo das encenações bem como a autoridade do autor em seu sentido clássico. A autoria também é questionada na publicação dessas dramaturgias, pois, na lógica da contemporaneidade, o livro não é

só precedido pela encenação, mas também pelo processo criativo dos atores que, incide diretamente tanto na encenação quanto na dramaturgia, uma espécie de acréscimo criativo a um texto motivador que é a dramaturgia. Então, entra-se em questão: o que o livro capta de criações que não são destinadas inicialmente à palavra? A leitura dá conta das criações iniciadas no corpo? Para a investigação das possibilidades hermenêuticas desse novo tipo de texto, colocamos em pauta a discussão das artes integradas (intermédias/interartes) e também um histórico da discussão da pureza das artes, bem como suas contaminações. Dessa forma, trabalho pretende pensar, juntamente com a reflexão dos últimos momentos dos estudos teatrais, o status literário do teatro contemporâneo focalizando publicações recentes de dramaturgias. De forma paralela, buscamos refletir toda uma nova estética vigente nas artes, que afetam os processos de autoria, de recepção e da arte em si.

Palavras-chave: dramaturgia, teatro, interartes, leitura

Matei Visniec e o teatro contemporâneo como auto-reflexão

CAMYLLA GALANTE (UNIOESTE)

Resumo: Uma das características da produção literária contemporânea é a sua capacidade de articular o caráter estético e crítico, efetuando reflexões sobre a história, a política e o próprio fazer artístico. Apesar de ser muitas vezes relegado nos estudos literários, o teatro segue a tendência contemporânea de conciliar arte e teoria e passa a refletir, não só no palco, mas também na própria obra escrita, os problemas inerentes ao universo dramático assim como os exteriores a ele. Estas características podem ser estendidas a obra dramática de Matei Visniec, escritor, jornalista e dramaturgo romeno. Exilado e posteriormente erradicado na França por conta da ditadura de Ceausescu na Romênia, encontrou na literatura uma forma de libertar-se da repressão imposta pelo regime e também um modo de retratar o cotidiano de seu país e de outros Estados que passavam por conflitos e ditaduras no final do

século XX. Ao lado desta temática, Visniec também pensa a performance teatral, a escrita e a tradição dramática em suas próprias peças. Dialogando com nomes ligados ao teatro como Ionesco, Beckett, Meierhold e Tchekov ou com personagens tradicionais das artes cênicas, o dramaturgo reflete acerca do papel do teatro na sociedade contemporânea e sobre sua transformação ao longo do tempo. Na leitura de três peças em específico do autor – “O espectador condenado à morte” (2015), “Um trabalhinho para Velhos Palhaços” (2012) e “O Último Godot” (2012) – surgem as questões implícitas de cada texto: para quem o teatro fala atualmente? Qual a relação entre ator x público nas encenações? Estaríamos testemunhando o ocaso do teatro e das demais artes dramáticas? Tais argumentos são discutidos pelo autor por meio das personagens ao longo da peça sem que esta perca seu caráter dramático e nem mesmo desvie do argumento central, pelo contrário, ela se mescla com o enredo e este, por sua vez, contribui para a reflexão do tema. Partindo destes aspectos do teatro de Matei Visniec, buscar-se-á compreender no trabalho proposto seu ponto de vista relativo as artes cênicas, sua condição e papel no mundo atual e, a partir das reflexões propostas pelo autor em suas peças supracitadas, refletir sobre o papel da literatura dramática enquanto objeto de reflexão sobre o mundo e seu próprio fazer artístico. Propõe-se como embasamento teórico as proposições de Linda Hutcheon (1991) em relação à literatura pós-moderna e os escritos de Jean-Pierre Ryngaert (2013) voltados especificamente à leitura do teatro contemporâneo e a condição do dramaturgo nos tempos atuais.

Palavras-chave: literatura dramática, pós-modernidade, teatro reflexivo

A violência mítica na cena contemporânea: a parodização do trágico em *Phaedra's Love*, de Sarah Kane

SANDRA LUNA (UFPB)

Resumo: Muito se tem escrito sobre o caráter paródico da arte contemporânea. Embora haja divergências quanto ao sentido político

da paródia pós-moderna, admite-se, em geral, a ambiguidade, a irreverência e a ironia como constitutivas desse recurso estético que faz derivar o novo do já visto, já dito, já feito. Para Jameson, esse fenômeno paródico, reflexo da lógica cultural do capitalismo tardio, parece alienado, tanto que o autor prefere referir-se a “pastiche”, que equivaleria a algo como “blank parody”. Apostando no poder desconstrutivo da ironia, sempre implicada nos discursos paródicos, Linda Hutcheon propõe que a indecibilidade da paródia pós-moderna é justamente a cifra de sua dupla recusa, a um só tempo, à representação e à autonomia da arte. Para Hutcheon, a paródia pós-moderna opera de forma crítica, passando em revista, por via da ironia, a “tradição”, a “história” e a própria “história da arte”. Sendo a paródia contemporânea, no entender de Hutcheon, não um recurso estético, mas um gênero discursivo, o mesmo se imiscui por todas as esferas artísticas e o teatro dele tem feito uso frequente. A bem da verdade, o teatro trágico nasceu de releituras paródicas dos mitos arcaicos e subsistiu, em ampla medida, como lócus de repetição de antigas tramas. Desde o teatro grego, a dramaturgia trágica perpetua-se por empréstimos, fossem as apropriações dos latinos aos tragediógrafos gregos, os impulsos para a imitatio renascentista, os apelos dos neoclássicos aos modelos clássicos, os retornos nostálgicos dos românticos às obras de tempos pregressos ou as ousadas investidas dos modernistas sobre a tradição, não se pode pensar a história do teatro trágico fora do escopo da releitura paródica dos dramas do passado. No entanto, concordamos com os autores acima citados, quando sugerem, por vias diversas, que há algo de novo na paródia contemporânea. Raymond Williams, para quem os conteúdos se precipitam em formas, concordaria em dizer que as “novas” formas paródicas têm muito a dizer sobre o nosso próprio tempo, a nossa própria história. Este trabalho busca examinar, à luz das premissas e debates acima esboçados, o papel da violência na releitura paródica que a dramaturga inglesa Sarah Kane faz do antigo mito de Fedra. Como a própria autora reconhece, sua peça foi escrita com base na versão latina de Sêneca, ela própria uma

releitura do Hipólito, de Eurípedes, que, por sua vez, era já a segunda versão de uma antiga Fedra por ele escrita, que teria sido censurada pelo público grego em decorrência da ousadia na ação da protagonista. Sarah Kane escreve sua versão do antigo mito em 1996. Não há limites nem censura à sua ousadia. Há um público inglês instado a aprender que o teatro atingiu sua maioridade: para Kane, é hora de esgrachar a burguesia e a nobreza, hora de lançar “na cara” do público o que jamais havia sido mostrado, dito, feito em cena. Que esse gesto radical do “in-your-face theatre” se dê por via do retorno ao mito é o que nos impele a repensar a parodização do trágico na era pós-moderna.

Palavras-chave: Sarah Kane, Phaedra’s love, Parodia pós-moderna, Teatro e drama

Memória e ficção na criação de dramaturgias corpográficas

JULIANO RICCI JACOPINI (UNICAMP)

Resumo: Este estudo traz reflexões sobre os processos de escrita dramática, à luz da prática criativa do trabalho de ator-dramaturgo que compõe cena e texto através da ação – do corpo-memória – em um estudo de doutorado intitulado “Corpografia: a memória como tessitura do drama”. A corpografia – escrita do/no corpo – apresenta relação ao campo expandido no que diz respeito ao trabalho do artista sobre si, onde a escrita de uma dramaturgia nasce de um corpo dramático e dramatúrgico e, para isso, toma a memória pessoal como fundamental para a composição criacional, revelando o artista para o público e para si mesmo, com o convite de revisitar-se no hoje e com abertura para recontar sua história, na possibilidade de ficcionalizar as experiências pessoais que tecem uma ação cênica. Assim, é o corpo-memória do ator que expande o campo de seu trabalho criacional, estando no ator a potência criativa: em sua vida há eventos vividos para a criação, guardados em memórias pessoais, revisitadas e reterritorializadas, constantemente. “Ame!” – espetáculo da Cia. Labirinto de Teatro, construído sobre viés corpográfico (junto à atriz Mabê Henrique) na pesquisa referida – abre caminhos para discussões sobre a escrita/

composição dramática da e na cena, em uma reelaboração das experiências vividas de ator e dramaturgo, via criação ficcional. Para tratar sobre as reflexões prático-criativas do trabalho de ator, toma-se questionamentos sobre a memória atravessados à teoria da pulsão de ficção, elaborado pela pesquisadora Suzi Sperber (2009): o ser humano tem uma necessidade inata de criar estando à pulsão de ficção a disposição para que circunstâncias estimulem a autoria que pressupõe desejo e busca por liberdade. Assim, memória e criação sustentam a prática corpográfica, que toma também como referencial de pesquisa a técnica da *mimésis corpórea* (BURNIER, 2009) do LUME Teatro, que, pela corpografia, configurou-se em *mimésis de si*. Como o ator poderia ser dramaturgo e quais os acessos que ele teria para essa escrita? O ator necessita se desdobrar na autoria da palavra, do texto, do verbo, da ação, e para isso acessa o que é seu e que cada pessoa carrega em si com maior legitimidade autoral: sua memória, sua vida. A memória pode ser atualizada via inúmeros interesses, o que constitui ficções. Portanto, pela corpografia o ator vai representar a si mesmo, ficcionalmente. Suas fontes de interesse o atualizam no agora, que em processo criativo tece uma narrativa com a força de quem a viveu, sem sabermos de fato o grau ficcional dela, ademais, porque mesmo no ato de contar uma história já se está recriando a mesma. “(...) é como se a própria vida estivesse implorando para ser vivida em uma outra intensidade” (BIAGINI, 2013: 178)... Quem esculpe o corpo do ator é o tempo – sua memória – que, quando incluído como matéria no trabalho é imensurável e perecível, é inventivo, é ficção.

Palavras-chave: memória, pulsão de ficção, *mimésis de si*, corpografia

O melodrama: um sistema ficcional no teatro, na literatura e na telenovela mexicana

THAIS MARIA HOLANDA JERKE SEVILLA PALOMARES (UFF)

Resumo: O melodrama vem ao longo de vários séculos movimentando as emoções de pessoas de diferentes locais e classes sociais, perpassando diversos gêneros desde os primórdios da indústria cultural. Podemos

encontrá-lo no teatro popular, no folhetim e, mais tarde, no cinema latino-americano, na radionovela e na telenovela. Assim, ele transita entre o teatro e a literatura, passando também por outras artes cênicas e pela música. Segundo Botton (2012), “o termo melodrama seria a junção de *mél* (em grego, música) e *drâma* (ação, através do francês *drame*).” (p. 2). Thomasseau (2005) aponta que a palavra nasceu na Itália no século XVII, ligada à ópera popular. De acordo com Brooke (1978), ela foi usada pela primeira vez nesse sentido por Rousseau, quando descrevia uma peça com uma nova expressão emocional, misturando diálogos, pantomima e acompanhamento orquestral. Já Barbero (1991) menciona que o nome surgiu na França e na Inglaterra em 1790 para denominar um espetáculo popular semelhante ao teatro. Tinha influência dos espetáculos de feira e temas dos relatos da literatura oral. Ao longo do tempo, essa definição foi se modificando, assim como o próprio melodrama. O senso comum pode considerá-lo exagerado, sentimentalista e muitas vezes inverossímil. O que não se pode negar é seu imenso consumo e sua permanência ao longo de vários séculos, apesar das críticas que costuma receber. O público pode experimentar sensações catárticas através da trama melodramática e a expressão dos sentimentos muitas vezes se dá inclusive de maneira exagerada, se aproximando da paródia e causando humor. Então, no melodrama há excessos, exagero de contrastes visuais e sonoros, estrutura dramática e atuação que exibem os sentimentos exigindo uma reação do público. Muitas das características do melodrama estão relacionadas ao público e ao sentimento que pode causar, já que busca agradar a quem assiste, fazendo parte da indústria cultural desde seu âmago. Com efeito, em diversos momentos nos quais se busca envolver o espectador e despertar nele sentimentos e identificação, se lança mão do melodrama. E, de certa maneira, o espectador participa do melodrama de maneira ritual, o que não necessariamente significa inexistência de reflexão ou consciência crítica. Na alta cultura, o receptor do melodrama geralmente é considerado passivo, porém não podemos ignorar que

a identificação é também uma forma de participação. Brooks (1978) afirma que poderíamos ser tentados a considerar melodrama como uma constante da imaginação e entre os modos literários, portanto, o melodrama pode estar presente em toda a existência do homem, como parte do imaginário popular. Graças à sua grande capacidade de se adaptar ao contexto histórico, a diferentes gêneros e tipos de público e especialmente por sua presença constante no imaginário popular, a conclusão pertinente é que o melodrama não é domesticável como gênero discursivo ou literário. É uma forma de apresentar histórias, um “modo de ver o mundo”, como afirma Brooks (1978), ou “um sistema ficcional de produção de sentido”, como define Bragança (2010). Em nosso trabalho, buscamos caracterizá-lo e discorrer sobre sua presença especialmente nas telenovelas mexicanas, um das formas mais populares de permanência do melodrama na indústria cultural e no imaginário social.

Palavras-chave: melodrama, telenovela mexicana, literatura, teatro

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

A Dramaturgia Comparada no Brasil

ALEXANDRE FRANCISCO SOLANO (USP)

Resumo: “O olho sem pálpebra”, “o corpo sem tronco”, “as mãos sem os dedos”. Essas e outras figuras talvez nos ajudassem a compreender a ausência, dentro da Teoria Literária, de uma sólida dramaturgia comparada em nosso país, seja como disciplina seja aquela vista no texto dos críticos literários. Pois bem: essa comunicação pretende discutir como a formação da Literatura Comparada no mundo e, posteriormente, na América Latina contribuiu para que o comparatismo dentro do Teatro não encontre, até os dias de hoje, a mesma força daquele visto no Romance ou na Poesia. Isso para que possamos recortar as dificuldades

e os poucos caminhos encontrados pelos críticos para a realização da comparação entre obras e apresentações teatrais. Nesse sentido, autores como Antonio Candido, Décio de Almeida Prado e o uruguaio Angel Rama contribuem para que pensemos não só o papel da crítica literária, mas como essa ao trazer trabalhos comparados construiu caminhos que, como já afirmado, estiveram voltados para a construção e análise do Romance, em primeira mão, e, juntamente com esse, da arte poética. Quanto ao Teatro, bem diferente, basta observarmos a afirmação que Candido faz, já na Introdução de sua clássica obra, “Formação da Literatura Brasileira”, em relação aos autores da dramaturgia nacional. Para encará-los, segundo o professor e crítico, além do texto, era e é preciso observar características da cena, algo que não pode ser visto na obra do professor brasileiro. Talvez, é no trabalho de Décio de Almeida que encontraremos alguns caminhos que nos revelam uma metodologia para a comparação de peças teatrais, observando aquilo que Angel Rama, ao tratar da transculturação da narrativa na América Latina, lembra: um ir e vir entre as características culturais dos nossos países e do Velho Mundo nos permite encontrar o que é comum e o que há de originalidade naquilo que produzimos, inclusive influenciando a literatura que primeiro nos foi “apresentada” – a europeia. Nesse sentido, tal apresentação terá como foco a discussão que passa pela formação da Literatura Comparada e, acima disso, como e por que poucos trabalhos são desenvolvidos trazendo cenas e textos, de diferentes autores, dramaturgos e períodos, cotejados para uma análise que seria capaz de elucidar melhor o que é a nossa arte dramática.

Palavras-chave: Literatura Comparada, Dramaturgia, Antonio Candido, Angel Rama

O Épico e o cronista na forma dramática de João do Rio

ELEN DE MEDEIROS (UFMG)

Resumo: Na Belle époque carioca, João do Rio se destaca como autor de vertente decadentista, configurando-se como um dândi à imagem de Oscar Wilde e irônico observador da sociedade do Rio de Janeiro.

Seu teatro, composto por seis peças encenadas entre 1907 e 1916, não foge ao estilo crítico do autor e projeta ao palco “criaturas detalhadas pelo figurino, costumes, gestos e pensamentos” (LEVIN, 2002, p. xxxv), marcando-as como registros documentais de uma época. No entanto, mais do que mero registro histórico-social, esse teatro marca um período importante para a dramaturgia nacional, “no mínimo pelo que significou de esforços e lutas pela renovação dos palcos” (idem). Tendo como base as peças de 1 ato – especificamente Encontro, Que pena ser só ladrão! e Um chá das cinco –, esta comunicação se dedica à análise da presença do sujeito épico camuflado na forma dramática convencional, principalmente pela presença de um arguto crítico da sociedade que se projeta no palco, deixando antever dois pontos cruciais para o teatro do início do século. De um lado, notamos aqui um nítido ensaio de ruptura com o teatro vigente à época, marcado pela vertente comercial e centrado no ator-empresário. Essas tentativas, que se aliam às propostas de outros autores do mesmo período, se ajustam a um anseio de modernização teatral. De outro lado, existe um diálogo forte tanto com o movimento simbolista quanto com o teatro da paixão e o teatro de boulevard francês, promovendo na constituição dessa dramaturgia uma intrigante indefinição estética. Algumas dessas características foram apontadas por Orna Messer Levin (2002) na organização do volume com as seis peças. No entanto, o que ora propomos é a leitura dessa emersão do épico na forma dramatúrgica de João do Rio como a insurgência do cronista em cena, fato que não o desvincula de suas atividades de jornalista, mas que coloca o teatro frente a um problema de ordem teórico-estética. Além disso, também compreendemos esse teatro, a partir dessa natural hibridização entre a narrativa e o dramático, como parte do que denominamos teatro bagunça, termo cunhado por Alcântara Machado no final da década de 1920 mas de que nos apropriamos para investigação da modernização teatral brasileira. As investigações sobre a dramaturgia de João do Rio e o teatro do mesmo período fazem parte do projeto docente “Formulações estéticas

do drama moderno brasileiro”, atualmente em desenvolvimento na Faculdade de Letras da UFMG, e com apoio financeiro da Pró-Reitoria de Pesquisa (PRPq) pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa de Docentes Recém-contratados (ADRC).

Palavras-chave: dramaturgia brasileira, drama moderno, João do Rio

Autran Dourado e a ficção dramatúrgica

THAÍS SEABRA LEITE (UFRJ)

Resumo: A obra de Autran Dourado esfuma os limites entre narrativa e drama: não há narração, mas encenação. Quanto à arquitetura, as narrativas estruturam-se a partir de prólogos, cenas e atos dramáticos. O capítulo inaugural de Teia, primeira novela lançada, anuncia o tema, o assunto e o tom da narrativa. Os sinos da agonia não se desdobra em capítulos, mas em blocos intitulados “jornadas”, termo que designa os “atos” no poema dramático espanhol, e subdivididos em cenas. Em Ópera dos mortos, a apresentação de Rosalina, protagonista do drama, faz as vezes de didascália e marca o momento em que a personagem adentra a cena. Quanto à mediação narrativa, o distanciamento entre os gêneros é reduzido. Os romances autranianos evidenciam diversas perspectivas individuais acerca de um evento narrado: os personagens sobem ao palco e encenam o drama que lhes cabe. Uma das técnicas fundamentais para trazer à baila os diferentes pontos de vista, como num tablado em que os atores se revezam, é denominada pelo escritor mineiro “falsa terceira pessoa”. Nessa forma de monólogo, transposto do drama para a narrativa ficcional, o narrador ausenta-se e, como um ator, representa a consciência dos personagens. Tempo de amar, seguindo a linha da maioria das obras autranianas, traz a lume as perspectivas de Ismael e Paula alternadamente, compondo uma trama multifacetada. O enlace entre narrativa e teatro é evidenciado em Ópera dos fantoches, cuja estrutura contempla uma epígrafe retirada de O grande teatro do mundo, de Calderón de la Barca, e um *dramatis personae* que apresenta cada um dos atores dramáticos. O romance-

peça contém as perspectivas em primeira pessoa nominalmente identificadas como num texto dramático. Outra manifestação teatral do narrador autraniano está em não permanecer oculto, mas se manifestar como coro, remetendo às origens do drama ático. Em *A serviço Del-Rei*, os diálogos entre personagens também estão grafados como nos textos dramáticos, mas é o coro quem merece destaque. Parodiando a *Teogonia*, de Hesíodo, o coro alerta sobre a ganância dos homens costurando os anos cinquenta no Brasil aos mitos cosmogônicos. Quanto ao tom, todas as obras de douradianas abordam tragicomicamente a impotência vital. No variado teatro do mundo autraniano, dos mais de vinte volumes, todos trazem à luz a questão de existências perturbadas pelo litígio entre encolher-se ou lançar-se diante da vida. O traço cômico, encarnado pelo coro, harmoniza o tom trágico que rege a partitura estruturante da obra em questão. O presente estudo relaciona, portanto, a escrita de Autran Dourado e a dramaturgia explicitando a arquitetura, a mediação e o tom da obra como resgate da origem da dramaturgia. Como referencial teórico, destacam-se a obra de Maria de Fátima Sousa e Silva, Ronaldes de Melo e Souza, Walter Benjamin e Francis Macdonald Conford.

Palavras-chave: Autran Dourado, Ficção narrativa, Drama

Duas mulheres no apocalipse dos homens: Zona Contaminada, de Caio Fernando Abreu

MARCELA OLIVEIRA DE PAULA (UFES)

Resumo: Caio Fernando Abreu ganhou relevo no cenário da literatura brasileira sobretudo por sua prolífica atuação como ficcionista, operando uma crítica das formas de repressão nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Entretanto, embora seja pouco conhecida, sua dramaturgia (assim como suas narrativas) dialoga intimamente com muitos elementos do período já mencionado: o autoritarismo militar, o crescimento dos movimentos sociais, os valores patriarcais e a violência, entre outros. *Zona Contaminada*, penúltima peça do Teatro Completo de Caio, é exemplo

cabal do movimento crítico que se observa na produção dramática do autor. Com apenas um ato e 21 cenas curtas, a peça começou a ser escrita em fins da década de 1970, mais precisamente em 1977, na cidade de Porto Alegre, e teve uma primeira versão concluída em 1978, em São Paulo; deste momento em diante, foi sendo reescrita por mais de uma década, sofrendo substituições, supressões, acréscimos, correções e deslocamentos – até o ano de 1993, no Rio de Janeiro, quando finalmente chega ao palco. A peça nos narra a vida das “Irmãs Sisters Salvadoras” Carmem e Vera, personagens que se apresentam no centro da ação. Após sobreviverem a um acidente atômico, são as únicas mulheres que conseguiram sair sadias e permanecem fugitivas das buscas de um Poder Central, de matizes masculinos, que tenta capturá-las para a reprodução de seres humanos saudáveis. O que restou após a explosão foi uma cidade destruída e sobreviventes “contaminados”, pessoas que foram atingidas por materiais radioativos e permanecem vagando pelos destroços; dessa forma, desde a circunstância da “Grande Catástrofe” elas viveram escondidas em abrigos de variada ordem (de igrejas abandonadas a livrarias), até que, por último, se refugiam em uma funerária – o que contribui não só para o clima mórbido da peça como também para um dado futuro: o final desnordeador. Assim, a representação da morte pelo espaço da casa-funerária e a luta trágica das personagens em relação a seu destino acentuam a combinação dos signos, que se intercambiam com a identificação que Caio propõe entre as irmãs e dois orixás (a saber, Iansã e Oxum) e os jogos de força que se delineiam na comparação não só dos comportamentos das irmãs como também na relação conflituosa que estabelecem com os personagens masculinos (condensados na imagem do Homem de Calmaritá, de Mr. Nostálgio, de Nostradamus Pereira e no proeminente Poder Central). Para a análise desses elementos, em termos metodológicos, virão à discussão [a] dados da tese de doutorado de Maria Lúcia Barbosa da Silva (2009), que se prestou à leitura crítica das variadas versões da peça; trabalhos de [b] Anne Übersfeld (2013), Patrice Pavis (2011) e

Petr Bogatyrev (2006) acerca da interpretação do texto teatral; [c] informações de Reginaldo Prandi sobre a Mitologia dos orixás (2001); e [d] reflexões de Pierre Bourdieu sobre A dominação masculina (2014).

Palavras-chave: Zona Contaminada, Caio Fernando Abreu - Teatro, Teatro brasileiro contemporâneo, Formas de opressão

Recursos Teatrais na Poesia Drummondiana

JOÃO PEDRO COUTINHO FAGERLANDE (UFRJ)

Resumo: Iremos apresentar uma síntese de nossa tese de doutorado em Literatura Brasileira na UFRJ, ainda não finalizada. Mostraremos como Drummond emprega em parte de sua poesia determinados processos similares aos do teatro, alguns mais explícitos, outros não. O estudo começa desde poemas que usam o recurso da interlocução (criando cenas de conversa entre o eu-poemático e seu interlocutor), passando pela composição de máscaras teatrais (quando a voz do poema assume uma alteridade, um personagem), chegando ao jogo teatral (uma combinação dos dois primeiros recursos: a interlocução associada à máscara teatral). O ápice deste processo na poesia drummondiana é o poema “Caso do vestido”, todo composto com base no jogo teatral. Um dos principais textos que norteiam a pesquisa é “As três vozes da poesia”, de T.S Eliot, publicado no livro “De poesia e poetas”. Nele o autor sistematiza a questão da seguinte forma: a primeira voz é quando o eu-poético fala consigo próprio, ou com ninguém; a segunda voz é quando ele se dirige a outras pessoas; a terceira é quando ele assume uma máscara para falar com outras, a voz que Eliot considera a mais teatral. Aproveitamos em parte a sistematização de Eliot em nossa metodologia, visto que ele não considera a máscara quando fala consigo mesma, ou com ninguém. Outro autor importante para nosso trabalho é Ronald Peacock, em especial sua obra “A arte do drama”. Peacock sinaliza uma aproximação entre a poesia e o teatro em termos de imagística. Da mesma forma que o teatro é uma composição envolvendo texto, atuação, artes plásticas (figurino e cenário), iluminação e música,

a poesia é também composta por desenho, evocação sensorial, ritmo, sonoridade e enunciado proposicional. As duas artes teriam, portanto, uma imagística complexa, formada pela intertessitura de diferentes camadas imagísticas. Em nossa comunicação, iremos apresentar e discutir três poemas, um representando cada um dos recursos analisados (interlocução, máscara teatral e jogo teatral). São eles: “Apelo a meus dessemelhantes em favor da paz”, do livro Viola de Bolso, “Um boi vê os homens”, de Claro Enigma, e “Canção da moça-fantasma de Belo Horizonte”, de Sentimento do Mundo. Iremos comentar como cada um dos recursos é trabalhado nos respectivos poemas, atentando também para as nuances específicas de cada caso. Ao fim comentaremos sobre o “Caso do vestido”, poema do livro Rosa do Povo que concentra a maior intensidade teatral de toda a poesia drummondiana. Não haverá tempo suficiente para a leitura integral do texto, de grande dimensão, mas sinalizaremos sua importância dentro da abordagem teatral para a obra do autor.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade, Poesia Brasileira, Poesia e teatro

42

LITERATURA E ENSINO: DIÁLOGOS E PESQUISAS

Ana Crelia Dias (UFRJ)
Benedito Antunes (UNESP)
Maria Amélia Dalvi (UFES)

Resumo: Este simpósio é fruto das atividades desenvolvidas no âmbito do Grupo de Trabalho (GT) Literatura e Ensino, vinculado à ANPOLL. Considerando a ampliação da comunidade de pesquisadores e grupos de pesquisa preocupados com as questões atinentes ao ensino de literatura (em instituições e processos formais ou não formais, institucionalizados ou não), a grande quantidade de periódicos e eventos que elegem o tema para seus dossiês e simpósios e, enfim, o incentivo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior para desenvolvimento de projetos associados à educação básica e à formação de professores, um grupo de professores de distintas instituições, com múltiplas perspectivas onto-epistemológicas de trabalho, concluiu que era oportuna a constituição de um Grupo de Trabalho exclusivamente dedicado à linha de pesquisa Literatura e Ensino. Uma vez constituído, o Grupo entende que, no momento, a atuação de um GT com esse perfil se torna mesmo necessária para atender à demanda por reflexões qualificadas e contínuas no âmbito acadêmico e para pautar a discussão de políticas, programas e projetos nessa seara. À vista disso, o objetivo deste simpósio é acolher os trabalhos desse GT e pô-los em diálogo com as pesquisas de outros estudiosos que se dedicam ao mesmo escopo. Assim, são esperadas propostas que contemplem: a) problematizações sobre o que se entende pela (im)possibilidade do ensino e da aprendizagem quando o objeto em pauta é concernente

ao domínio literário e, portanto, artístico; b) indagações sobre as inter-relações entre as dimensões éticas, estéticas e pedagógicas atinentes a literatura e ensino; c) revisões bibliográficas sistemáticas sobre literatura e ensino; d) mapeamentos de projetos, grupos, linhas de pesquisa e programas de pós-graduação que se dedicam a literatura e ensino; e) discussões teórico-metodológicas atinentes às relações entre literatura e ensino; f) estudos (bio)biográficos a partir das contribuições de sujeitos que legaram relevantes contribuições à literatura e ao seu ensino, na história de microrregiões ou regiões, do Brasil e/ou da América Latina; g) análises comparativas e críticas de documentos oficiais (leis, atas, parâmetros, orientações, currículos, editais, matrizes de referência e avaliação, avaliações em micro e larga escala etc.) e/ou de documentos não oficiais (diários, depoimentos, cartas, memórias de leitura, fontes literárias, fotografias, cadernos escolares etc.) que permitam ampliar a compreensão sobre literatura e ensino; h) produção e sistematização de história e memória da escolarização e do trabalho pedagógico com a literatura; i) pesquisas que correlacionem literatura, ensino e questões ligadas a sexualidade, gênero, classe/comunidade, raça/etnia etc.; j) discussões sobre as condições de produção, acesso, circulação e apropriação de conhecimentos e materiais de leitura literária, incluindo-se a (in) existência em grande número de cidades brasileiras de bibliotecas públicas de qualidade (o que inclui, sem dúvida, além de boas instalações e acervos, a valorização do trabalho de profissionais habilitados em biblioteconomia e áreas correlatas); l) apresentação de iniciativas de ensino, pesquisa e extensão bem-sucedidas que estejam relacionadas à formação inicial e continuada de professores de literatura; m) análise das condições de implementação e desdobramentos de políticas e programas como Proler, Pro-Letramento, Profa, PNBE, por exemplo); n) estudo de incubadoras de novos escritores, por meio de redes constituídas por parcerias entre público e privado, e dos efeitos da expansão e ampla difusão das

técnicas de massificação da produção cultural escrita; o) discussão sobre os efeitos, a longo prazo, da fragilidade da atividade crítica no que diz respeito, principalmente, aos textos destinados à infância e à adolescência; p) estudos das vicissitudes na cadeia produtiva do livro com expansão das grandes corporações mercantis em um contexto de mundialização das obras (incluindo as ficcionais); q) discussões sobre a abertura, nos últimos anos, dos mestrados profissionais em Letras e seu papel na produção e consolidação de um saber concernente à educação literária; r) análises do material produzido e disseminado por meio da organização de eventos e da recente publicação de diversos dossiês em periódicos, em todo o País, sobre Literatura e Ensino; s) reflexões sobre as transformações nas teorias literárias e educacionais, seus desdobramentos (ou não) nos documentos oficiais, na formação de professores e nas práticas pedagógicas; t) reflexão sobre implicações terminológicas de diferentes nomenclaturas (ensino de literatura, educação literária, formação literária), no contexto brasileiro e no cenário mundial; u) reflexões sobre a seleção de textos literários para o trabalho educativo (escolar e não escolar) e sua correlação com prêmios literários, com políticas públicas para o livro e a leitura e com a didatização da leitura e da escrita literária.

Palavras-chave: Literatura, Ensino, Políticas públicas, Formação de professores

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

A quem dedicar esses livros? literatura infantil e juvenil: produção marginal de autores renomados

ANA CRÉLIA DIAS (UFRJ)

Resumo: Uma das grandes questões da educação literária está na negligência, por parte da academia, da literatura produzida para crianças

e jovens. Escrever para crianças nem sempre faz parte do projeto do escritor. Se esta empreitada era rara entre aqueles que não se identificavam com a produção dirigida a crianças, contemporaneamente tem-se tornado mais frequente encontrar autores, cuja experiência na escrita “para adultos” já se mostra legitimada, tendendo a arriscar-se nesse outro caminho de criação. As discussões sobre certo estatuto da literatura infantil não são pacíficas e ainda há, dentre os que escrevem para esse público, a relutância em assumir escrever para este destinatário específico, afinal, as histórias da literatura brasileira parecem ser unânimes em reafirmar o cânone literário brasileiro por um lado e negligenciar a obra produzida por estes mesmos autores, quando estas foram escritas para o público infantil. A invisibilidade com que esses textos são tratados pela crítica acadêmica ocorre em função de esta não reconhecer natureza estética na literatura produzida para crianças e jovens, e essa controvérsia é antiga. Nem mesmo Monteiro Lobato, autor reconhecido como responsável pela inauguração de uma produção original e protagonizada pela criança, não recebe espaço nos compêndios historiográficos brasileiros para os textos do Sítio do Picapau Amarelo. A questão que se sobreleva é a existência de uma produção que se constitui como um subsistema de um sistema maior, que é o literário, em que se encontram textos que já nascem com destinatário específico, como aqueles produzidos para crianças e jovens. Entretanto, os textos escritos “para adultos”, apesar de serem pensados como mais universais em relação ao critério de destinação, nascem também na expectativa de aproximação identitária, entretanto não diversa do produtor, como no caso das produções dirigidas a um público que não é o mesmo que produz. Ou seja, adulto escreve para adulto com previsão de destinatário, mas isso não lhe confere dificuldade porque não representa diferença do ponto de vista da produção, em relação a aspectos concretos (domínio linguístico, por exemplo) ou mesmo não tão palpáveis, como acesso a um universo simbólico diferente e constantemente mediado pela fantasia. Quando a escrita é

para o público infantil, pressupor aproximação desse destinatário sem transpor para a linguagem mediação redutora aparece como tarefa complexa, porque implica aproximar-se de uma alteridade diversa a que, entretanto, já pertenceu o sujeito adulto, mas desenvolveu-se em outra. De certa forma, parece uma retomada de si pela memória da criança que foi ou pela tentativa de simulação da criança que teria sido ou da qual gostaria de se aproximar. Para pensar algumas destas questões, este trabalho propõe-se a analisar algumas dedicatórias de livros infantis de autores não tradicionais nesse filão editorial, como Caio Fernando Abreu, Osman Lins e Ignácio de Loyola Brandão. Deste último, o recorte na trilogia O menino que vendia palavras, Os escorpiões contra o círculo de fogo e Os olhos cegos dos cavalos loucos servirá também de corpus para breve estudo crítico.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil, Cânone literário, Educação Literária

Da associação brasileira de literatura comparada: um resgate a literatura infantil e juvenil

JOSINEIA SOUSA DA SILVA (UFES)

Resumo: Neste trabalho apresenta-se uma análise de caráter bibliográfico-documental e matriz histórico-cultural, cujo objetivo é recuperar pesquisas concernentes à Leitura e Literatura Infantil e Juvenil publicadas pela Revista da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) desde a sua fundação, em 1986. Inspirado nas discussões do grupo de pesquisa Literatura e Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo (<http://www.literaturaeducacao.ufes.br/>), intenta-se evidenciar, do ponto de vista qualitativo, pesquisas relacionadas à produção crítica Infantil e Juvenil sistematizada em 27 diferentes publicações da revista, a qual dá ao público em 1991 seu primeiro número de publicação e em 2015, seu vigésimo sétimo e último número. Mais particularmente, a partir dos dados, pretende-se discutir em que perspectiva essa entidade civil de caráter cultural,

que congrega professores universitários, pesquisadores e estudiosos de Literatura Comparada, tem recebido, publicado e se reportado a produção literária correlacionada às crianças e jovens. A partir do levantamento bibliográfico mencionado, em consonância com as contribuições do pensamento de Roger Chartier (1990), Regina Zilberman (2003; 2014), Nelly Novaes Coelho (2000), Edmir Perrotti (2009), e outros autores, buscamos na própria plataforma da Revista, prioritariamente, resultados por meio dos descritores: “Literatura Infantil”, “Literatura Juvenil”, “Criança(s)”, “Jovem(s)”, “Infantil”, “Juvenil”. Com isso, leva-se em conta que para Chartier (1990) os meios intelectuais e as classes sociais produzem disposições estáveis ou partilhadas, variáveis próprias de um mesmo grupo; e também esquemas intelectuais, os quais, uma vez incorporados, possibilitam criar representação, compreensão de sentido do presente e possíveis interpretações de outros espaços. Nesse pensamento, essas mesmas representações estão aparentemente determinadas/permeadas pelos interesses de um grupo social, que, através dos seus próprios recursos, as constitui. Com efeito, a partir do alargamento de produção da leitura Infantil e Juvenil nas últimas décadas do século XX, Edmir Perrotti (2009), por outro lado, problematiza o significado social das iniciativas que visavam à difusão da leitura junto à população infantil e juvenil no país e, de outro modo, questiona o processo de generalização da cultura e democratização dos bens culturais que poderiam ser vistos como um arranjo promovido pelas elites controladora do estado e a indústria cultural, no sentido de articular um processo de modernização capitalista. Assim, diante dessa e de outras frentes de problematizações que atravessam a Literatura Infantil e Juvenil, questiona-se sobre os diferentes modos e em que medida discussões correlatas a essas se apresentam no corpus inventariado. Como resultado, diante do volume de produção intelectual no campo da literatura, do número de edições da Revista em questão, e da importância da Literatura Infantil e Juvenil, destacamos o restrito espaço dedicado pela crítica a essa

especificidade em um contexto mais amplo da Literatura Comparada no Brasil. O que torna ainda mais premente um olhar coletivo e atento aos lugares de reconhecimento, disseminação e ampliação de forças no tocante à temática e aos resultados positivos cujos trabalhos de pesquisa partilhados podem empreender, não restritamente a uma área exclusiva, mas, principalmente, às múltiplas comunidades culturais de leitura literárias e seus diferentes sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: Revista Brasileira de Literatura Comparada, ABRALIC, Literatura Infantil, Literatura Juvenil

Infância, narrativas literárias e ensino: algumas contribuições da perspectiva histórico-cultural

PAULA GOMES DE OLIVEIRA (UNB)

Resumo: Este trabalho dispõe-se a abordar o uso das narrativas literárias nos primeiros anos de escolarização, sob uma perspectiva histórico-cultural, compreendida como prática geradora de produção de sentidos, já que agrega aspectos cognitivos, afetivos e simbólicos, capazes de provocar saltos qualitativos no sentido de ampliar os processos imaginativos das crianças e sua relação com a linguagem. Utilizamos como referencial teórico os estudos de Vigotski, que apontam para a importância da linguagem no processo de constituição do homem, que ocorre mediante o processo de inserção e interação no contexto cultural ao qual está inserido. No período inicial de escolarização das crianças, a presença das narrativas literárias são elementos constituintes e constituidores de sua subjetividade e propulsores de seu processo de desenvolvimento, tornando-se parte do seu sentir, agir e pensar. A linguagem possibilita o conhecimento do mundo circuncidante, criando novas formas de comunicação com os outros e novas formas de compreensão de si e das relações com os outros e com o mundo. Apropriando da linguagem e de seus significados, a criança os aplica a seu universo de conhecimentos sobre o mundo, a seu modo, pessoal e singular, constrói e reconstrói sua experiência, promovendo assim

seu desenvolvimento. Este desenvolvimento é marcado pela interação verbal de adultos e crianças ou crianças mais velhas com crianças mais novas; por meio da interação com seus pares, elas vão ajustando os significados de modo a aproximá-los cada vez mais dos conceitos predominantes no seu grupo cultural. Vigotski atribui importância decisiva à linguagem no desenvolvimento da criança quando afirma que é na construção de significado que se encontra a unidade entre as duas funções básicas: o intercâmbio social e o pensamento generalizante. Para ele, são os significados que irão proporcionar a mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo real, constituindo-se um “filtro” por meio do qual o indivíduo é capaz de compreender o mundo e agir sobre ele. A construção narrativa dos sujeitos se constitui na prática narrativa, na prática discursiva. A narrativa sofre modificações a partir da interferência do outro. Como participantes de um processo contínuo de “reconto” de narrativas literárias, os sujeitos vão ampliando suas referências conceituais, à medida que vão interpretando os recursos expressivos do outro e construindo novos direcionamentos para sua fala, para sua narrativa. Para ele, toda operação mental que a criança efetua baseia-se em elementos apreendidos da realidade vivenciada, extraídos de uma experiência anterior. Na interação promovida pela narrativa, há incorporação ativa das experiências culturais e dos significados acumulados historicamente. Por meio dela podemos explicar o processo de construção de complexas relações com a realidade, como a imaginação, e o uso de uma linguagem figurada e emocionalmente implicada em sua produção. Por fim, compreendemos o uso das narrativas literárias nos primeiros anos de escolarização como prática geradora de produção de sentidos, já que agrega aspectos cognitivos, afetivos e simbólicos, podendo provocar saltos qualitativos no sentido de ampliar sua relação com a linguagem.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Ensino, Perspectiva histórico-cultural

Figurações do silêncio e da infância nos contos *Menina a caminho*, de Raduan Nassar, e *A menina sem palavra*, de Mia Couto

DERIVALDO DOS SANTOS (UFRN)

Resumo: Trata este trabalho de uma leitura comparativa de dois universos narrativos, a saber: “Menina a caminho”, constante do universo literário de Raduan Nassar, no contexto da literatura brasileira contemporânea, e o conto “A menina sem palavra”, de Mia Couto, cuja obra também integra a ficção contemporânea no contexto cultural de Moçambique. Na trama fictícia de Raduan Nassar, observa-se que o silêncio vai se estabelecendo no espaço mesmo da travessia, na medida em que a menina percorre diferentes caminhos e lugares distintos apenas observando o seu entorno, sem tecer comentários sobre a realidade observada. Preferindo o silêncio à palavra, o não-dito ao dito, ela vai revelando ao leitor uma experiência de observação e aprendizado no seu permanente caminhar, na barbearia, na rua, no quintal dos meninos, no armazém. No universo fictício de Mia Couto, logo após a perda da família, a criança também enfrenta e percorre longos e duros caminhos, igualmente pelo silêncio: “não palavreava. Nenhuma vogal lhe saía”, mas a narrativa comporta uma experiência de perda convertida em experiência de vida e ensinamento. Seja através de meios expressivos no tocante a omissões e a elipses, dentre outras formas de sua manifestação, seja através de um silenciamento advindo da realidade exterior impositiva, a literatura dos autores surge aos olhos do leitor como um exercício de conhecimento, para tomarmos de empréstimo o pensamento de Compagnon, em *Literatura para quê?*, funcionando ainda como representação humanizada (Antonio Candido). Nesse caso, as ficções aludidas trazem, à sua maneira, como tema literário a criança retirada do lugar marginal face à visão, tradicionalmente, imposta pelo adulto. O objetivo principal deste trabalho é analisar as duas narrativas, tendo como categoria analítica o silêncio e a infância, enquanto núcleos temáticos comuns, mas com ênfase tanto nos seus pontos de parentescos quanto em suas

singularidades, bem como considerando o contexto social e cultural de suas produções. Para subsidiar a leitura dos textos literários, objeto de estudo da presente proposta, toma-se como aporte teórico as variadas manifestações do silêncio, segundo a concepção de Orlandi, em *As formas do silêncio*; a sistematização teórica de Roland Barthes, presente em seu livro *O neutro*, e o pensamento de Lourival Holanda, em *Sob o signo do silêncio*. Para proceder à leitura comparatista, o trabalho adota a perspectiva dialógica da linguagem, conforme teoria de Bakhtin, em sua obra *Estética e Criação Verbal*, e, articulada à concepção do teórico russo, pensando na aplicação do texto literário em situação de sala de aula, adota-se a proposta dialógica para o trabalho com literatura, de Cereja.

Palavras-chave: literatura, ensino, criança, experiência

Escola em Drummond: aproximações temáticas e configurações da memória

MARIA AMÉLIA DALVI (UFES)

Resumo: Recuperando a discussão de Alcides Villaça (2006) a respeito da variabilidade das inflexões do passado na obra de Drummond, Solange Yokozawa (2009) argumenta que a memória seria um dos princípios basilares da modernidade lírica e que o estudo da memória na produção poética de Drummond nos permitiria compreender que sua poesia, “simultaneamente liriciza uma determinada realidade e indaga sobre ela e sua forma de representação” (YOKOZAWA, 2009). Para a autora, o conjunto da produção poética drummondiana assumiria, pelo menos, três diferentes configurações no tocante à memória. A primeira seria a de *Alguma poesia*; a segunda, a de, por exemplo, *A rosa do povo*; e a terceira, aquela que se manifesta em *Boitempo*. Nessa última obra, a recuperação do menino e rapaz antigos se impõe ao poeta já velho – como se a reinvenção da trajetória autobiográfica pela discursividade poética fosse uma espécie de invenção de um lugar para si mesmo. Já Souza (1997) pontua que evidenciam o aspecto distinto e tenso de

Boitempo (1992 [1968, 1973, 1979]): a) o fato de o pacto de leitura estabelecido com o leitor se constituir no espaço intervalar entre o lírico e o narrativo, rompendo com “dogmas” do gênero autobiográfico, mantendo o leitor continuamente em dúvida quanto ao encadeamento das ações e à (im)pertinência de transplantar elementos de um poema para a compreensão de outros; e b) o fato de os blocos de poemas que compõem a obra em questão terem como títulos oxímoros (tais como “Menino antigo” e “Esquecer para lembrar” – que evocam, por exemplo, construções como “Claro enigma”, “As impurezas do branco” ou “A paixão medida”), inserindo-os no conjunto da produção poética drummondiana, ou seja, rasurando a hipótese de que o tratamento memorialístico autobiográfico seria propriamente uma novidade ou capítulo à parte no conjunto da obra de Drummond. Diante dessas distintas configurações da memória poética ou poeticamente elaborada, interessa-nos, particularmente, a ideia de memória poética da escolarização, já que nosso foco está nas seções “Primeiro colégio” e “Fria Friburgo”, de *Boitempo* (1992 [1968, 1973, 1979]), nas quais a experiência da escolarização formal se dá a ver, recriada discursivamente em poesia, de modo inequívoco e tenso. Todos os poemas de “Primeiro colégio” e “Fria Friburgo” se passam no espaço-tempo escolar ou em contextos relacionados ao ingresso na ou à saída da instituição escolar. “Primeiro colégio” trata da primeira experiência escolar em internato; e “Fria Friburgo”, da segunda, que culmina em expulsão. Analisando tematicamente os 54 poemas, fica bastante visível que essa experiência é tensa, haja vista que, em pouquíssimas situações poder-se-ia flagrar indícios de uma relação solidária e amiga mesmo entre os estudantes – o mais das vezes, prevalece um clima de disputa, animosidade, controle e punição e um questionamento do modo de funcionamento da instituição escolar e de seus processos pedagógicos. A proposta desse trabalho é, pois, oferecer uma organização dos 54 poemas em eixos e categorias temáticas-chave para o estudo das memórias poéticas da escolarização, a partir de *Boitempo*, vasculhando, nos poemas, indícios

sobre as configurações da memória.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade, Memórias poéticas, Escolarização, Boitempo

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Principais tendências do ensino de literatura no Brasil: abordagem preliminar

BENEDITO ANTUNES (UNESP-ASSIS)

Resumo: Como facilmente se pode constatar, há atualmente uma verdadeira proliferação de iniciativas, acadêmicas ou não, destinadas a estudar e discutir questões relacionadas ao ensino de literatura. As maiores evidências disso podem ser observadas nos dossiês temáticos de periódicos, nos grupos de pesquisa cadastrados no CNPq, na oferta de cursos de Graduação e de Pós-Graduação e, de um modo geral, em artigos e entrevistas que circulam na imprensa. Isso sem contar os diversos programas e iniciativas que visam ao incentivo da leitura por meio da distribuição de livros, de feiras e de concursos literários. Indiscutivelmente, o fenômeno responde a uma necessidade objetiva: difundir a literatura e seu estudo na sociedade e principalmente no meio escolar num momento em que a literatura passa por significativas transformações e seu ensino torna-se cada vez mais ameaçado pelas reformulações curriculares. Legisladores educacionais tendem a ver na forma literária um gênero estranho aos currículos mesmo na educação básica. Uma vez constatadas as iniciativas que rumam em sentido contrário, é preciso compreender a sua natureza e a eficácia de seus propósitos. Isto é, cabe mapear os pesquisadores do tema, os grupos de pesquisa a que eles se vinculam, a produção de material didático ou teórico sobre o assunto, as iniciativas, enfim, que procuram difundir a leitura literária e seu ensino escolar, para, em seguida, avaliar as suas

atividades, sistematizando suas propostas e discutindo seus princípios teóricos. Isso constitui um dos objetivos do GT da ANPOLL Literatura e Ensino, visando contribuir para o estudo amplo e sistemático do ensino da literatura no Brasil. Sob essa perspectiva, a comunicação pretende apresentar resultados preliminares do estudo de uma amostra de grupos de pesquisa voltados para o ensino de literatura ou para a educação literária, conforme levantamento que vem sendo realizado por integrantes do GT. Procura-se, inicialmente, observar a quantidade de grupos e sua distribuição pelas regiões do País. Num segundo momento, pretende-se caracterizar esses grupos, indicando afinidades e diversidades teóricas e metodológicas que podem ser apreendidas ou sugeridas pelos perfis dos grupos, seja pela consulta do próprio material divulgado em suas páginas, seja pela análise de sua produção científica. Trata-se de uma etapa preparatória para o delineamento das principais tendências teóricas subjacentes às pesquisas sobre o ensino da literatura no Brasil. Partindo-se da hipótese de que as pesquisas apresentam matrizes teóricas recorrentes, que giram em torno de princípios centrados na figura do leitor, vai-se procurar detectar possíveis variações na abordagem desses princípios, conforme privilegiem o texto literário ou o referencial temático.

Palavras-chave: Ensino de literatura, Educação literária, Grupos de pesquisa, Formação do leitor

O conceito de ensino de literatura em periódicos brasileiros da área de letras

SÉRGIO FABIANO ANNIBAL (UNESP-ASSIS)

Resumo: O debate que aqui se apresenta é resultado de pesquisa em periódicos científicos brasileiros acerca do ensino de literatura e das tendências e discussões a respeito da formação de professores/ensino de literatura. A pesquisa em revistas acadêmicas é justificada pela oportunidade que se tem de buscar de forma organizada e sistematizada a produção do conhecimento de determinado campo. É possível, por

exemplo, perceber as tendências e as tomadas de decisões, pautadas em posicionamentos teóricos, metodológicos, soais e políticos sobre os objetos em questão, registrando, dessa forma, as representações sociais dos integrantes (pesquisadores) do campo, inseridos em seu tempo e com possibilidades de influenciar as lógicas desse campo; neste caso, os currículos e as próprias relações didáticas. Sendo assim, uma parte da investigação foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por meio de concessão de Bolsa de Iniciação Científica, e a outra integrou parte específica dos objetivos da pesquisa maior (Projetos de pesquisa docente para a Graduação e Pós-Graduação) sobre revistas acadêmicas brasileiras qualificadas. Tanto a primeira quanto a segunda parte da pesquisa assinalaram tendências que podem influenciar e regular a formação de professores e o ensino de literatura. O desenvolvimento dessa pesquisa sobre os trajetos históricos dessas revistas é realizado na Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Assis/SP e foi feito da seguinte forma: levantamento em revistas científicas, Qualis A1, A2 e B1, na área de Letras, no período de 2006 até 2016, a partir dos seguintes descritores: ensino de literatura; literatura e ensino. O objetivo consiste em mapear periódicos Qualis A1, A2 e B1 na área de Letras para apreender as movimentações desse campo em relação ao ensino de literatura. Quanto à metodologia, tratou-se de abordagem qualitativa com a utilização da análise documental. Como resultados, tem-se a catalogação/relação dos artigos que versam sobre o tema e uma análise na Revista Leitura: Teoria e Prática (Qualis A1), no sentido de aprofundar as discussões. Na referida revista foram selecionados artigos que tratam do tema ensino de literatura, apontando de que forma tais artigos abordam esse tema, além de apresentar as metodologias e os referenciais teóricos que sustentam tais discussões sobre ensino de literatura. Finalmente, nota-se que esse estudo permitiu termos uma noção dos movimentos teóricos e metodológicos do campo das Letras acerca do ensino de literatura em período e corpus determinados, tais como: o combate

ao uso do texto literário de forma instrumental, suscitando, com isso, um debate sobre a relação entre ensino de literatura, leitura literária e prazer.

Palavras-chave: Ensino de Literatura, periódicos acadêmicos, representações sociais

Paradigmas para o ensino de literatura: um estudo a partir dos documentos oficiais e do exame nacional do ensino médio (ENEM)

GABRIELA FERNANDA CÉ LUFT (IFRS)

Resumo: Este trabalho propõe-se a discutir a crise que ameaça, conforme expressão utilizada por Antonio Candido, o “direito à literatura” na sala de aula, ou seja, o processo de desvalorização da literatura como disciplina escolar, formalmente retirada como área de conhecimento do currículo de ensino médio a partir das reformas educacionais realizadas nos últimos anos e da imposição do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Parte-se do pressuposto de que compreender o que se passa com a literatura na escola é saber o que ocorre com ela não apenas em sala de aula, mas também na sociedade. A partir da exposição dos resultados de diferentes instrumentos que visam à verificação de habilidades leitoras, apresentam-se as problemáticas concernentes ao ensino de literatura na atualidade, investiga-se sua abordagem em documentos oficiais e, de modo especial, analisam-se as questões de literatura presentes nas provas do Enem realizadas entre os anos de 2009 (ano em que o exame foi reformulado) e 2016, a fim de diagnosticar o lugar ocupado pela disciplina e que sinais e/ou orientações o exame transmite ao ensino médio. Para tanto, verifica-se, sob uma perspectiva quantitativa, a evolução numérica das questões ano a ano, as categorias em que melhor podem se enquadrar, os autores e gêneros mais recorrentes, as áreas e habilidades exigidas e as perguntas que, para serem respondidas, prescindem do ensino formal de literatura. Sob enfoque qualitativo, comentam-se algumas das questões tidas como

representativas do direcionamento dado ao texto literário no exame. Tem-se, desde a ascensão do Exame Nacional do Ensino Médio, um novo instituidor do paradigma de ensino, e revela-se, com base nos dados levantados, uma tendência a ser combatida, haja vista a gradual perda de espaço da disciplina no exame – e, conseqüentemente, nos currículos escolares –, a negligência das especificidades do texto literário e a excessiva valorização da leitura funcional, entre outros aspectos. Finalmente, analisam-se as conseqüências, para o ensino de literatura nas escolas, da adoção dos preceitos arrolados em documentos oficiais e do Enem como processo seletivo nacional e, por meio de uma concepção que privilegia a leitura cultural em detrimento da abordagem do texto literário em sua vertente funcional, evocam-se, conforme concepções de Antonio Candido, Carlos Ceia, Teresa Colomer, Luís Augusto Fischer, Mempo Giardinelli, Tzvetan Todorov, Eliana Yunes, Regina Zilberman, entre outros, os valores implicados na difusão da tradição literária, bem como possíveis caminhos para o trabalho com a literatura no ensino médio e para a formação de leitores.

Palavras-chave: Ensino de literatura, Documentos oficiais, Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), Formação do leitor

A educação literária brasileira – seus modelos e suas implicações

OTON MAGNO SANTANA DOS SANTOS (UNEB)

Resumo: Estudo sobre os modelos de educação literária apresentados na escola, mediados pelo livro didático e como este influencia a formação de um suposto leitor literário. A representação de processos de leitura oferece um leque de possibilidades de apropriação, como forma de exercício para associar e entender o que se lê ao que se vê, isto é, o mundo ficcional ao mundo representado pelo leitor. Por outro lado, vivenciamos uma educação na qual, os recursos disponibilizados aos docentes para fazer a mediação entre o leitor e o referido mundo ficcional, geralmente atendem a políticas educacionais institucionalizadas, as quais não contemplam a gama de leitores de

realidades heterogêneas, que se pretende formar. O objetivo desta comunicação é entender como se estabelecem as relações entre o leitor e a literatura através dos manuais didáticos, bem como discutir os modelos de educação literária recorrentes nas escolas em suas relações com o texto literário. Para isso, parto do conceito de educação literária proposto por Cyana Leahy-Dios (2004), bem como as contribuições de Marisa Lajolo (2002), Tereza Colomer (2007), Rildo Cosson & Graça Paulino (2009) para a temática aqui discutida. Com base nas reflexões dos referidos pesquisadores e nas experiências que tive como professor do ensino médio, identifico e conceituo modelos de educação literária coexistentes nas escolas e as razões para sua consolidação junto aos professores e aos estudantes. São do tipo instituídos e não-instituídos. Dentre os instituídos, temos o historiográfico-literário, calcado na periodização da literatura, através da identificação com a Historiografia literária brasileira e com as propostas apresentadas no livro didático de literatura e nos documentos escolares, cuja finalidade visa a aprovação dos estudantes nos exames, a partir da memorização dos conteúdos. O outro modelo de educação literária concebido e também registrado é o de concepção pedagógico-literário verificado a partir das práticas docentes. Por ser de natureza subjetiva, este modelo de educação literária apresenta três subdivisões: modelo de inspiração na literatura canônica, modelo de inspiração na periodização da literatura com vistas à aprovação nos exames e modelo de inspiração no letramento literário. Por fim, temos o modelo concebido de educação literária resultante das escolhas e dos gostos dos estudantes em relação à leitura literária, o que evidencia a identificação dos discentes com a literatura, inclusive a que não é veiculada nas escolas. Portanto, o modelo concebido de educação literária surge da conformidade entre o contexto dos estudantes e as leituras que são disponibilizadas e depois adotadas por eles. Por outro lado, os modelos instituídos são formatados a partir de documentos oficiais e/ou escolares e através das práticas docentes. Embora sejam tratados neste estudo como instituídos e não instituídos, ambos

coexistem no espaço escolar e são, por isso, legítimos, pois representam práticas e discursos dos principais atores escolares envolvidos nos processos de educação literária: professores e estudantes.

Palavras-chave: Educação literária, leitor, escola, livro didático

Políticas linguísticas e políticas públicas de ensino de literatura: entre a glosa e o ato

ANABELLE LOIVOS CONSIDERA (UFRJ)

Resumo: Para introduzir uma discussão sobre a relevância da política linguística para o ensino das literaturas de língua portuguesa, convocamos, aqui, a leitura literária como prática languageira – o que pode, acreditamos, contribuir enormemente para a busca de alternativas para o ensino de literaturas, a partir do ponto de vista da comunidade linguística brasileira e suas intensas e extensas variações. É preciso estabelecer, como ponto de partida para o estudo dos fatos linguísticos, inclusive da produção literária realizada nesta língua, as próprias comunidades linguísticas e, não, os Estados. A inversão dessa premissa e a aposta num projeto identitário que parta da micro para a macropolítica entre os atores sociais traz a garantia de um desenvolvimento sistemático e equitativo para toda a comunidade de falantes de uma língua, ensejando uma efetiva política da diversidade linguística, repartidos os benefícios recíprocos. Entretanto, apesar da multiplicidade de estudos da linguagem e da teoria da literatura para a construção de uma pedagogia da leitura e da produção textual, percebemos, na práxis da sala de aula, que talvez o maior desafio da docência resida na transposição didática de uma pedagogia da variação linguística e da pluralidade de textos circulantes. Ainda lidamos com certo incômodo com o conceito clássico de literatura, com o estabelecimento do corpus de obras qualificadas a entrarem na listagem privilegiada da ambiência escolar e com a percepção de que a formação do leitor vai se esvaindo ou se fluidificando, à medida em que a escola pensa estar “especializando” ou complexificando suas

leituras. Partiremos, aqui, do pressuposto de que as políticas linguísticas tomam a si, como estratégia política, o estudo a constituição das línguas nacionais, os direitos linguísticos, a minorização de línguas, a educação linguística (bilíngue ou multilíngue), os processos de extinção das línguas, entre outros fenômenos que ressaltam da imbricada relação entre poder, Estado, cidadania, nacionalidades, identidades, línguas e suas respectivas literaturas. No encaixe de fundamentos para esse debate, desenvolveremos alguns desdobramentos sobre o tema, buscando refletir também sobre a formação do professor leitor, bem como sobre as implicações dos vários modelos (ou mesmo não modelos) de ensino de língua e de literatura. Além de dialogar com as teorias sociolinguísticas (em LABOV, CALVET, ECKERT, CANAGARAJAH e outros) e do letramento literário (em PAULINO, COSSON, ZILBERMAN, LAJOLO e outros), teremos por base, ainda, os documentos regimentais da educação básica, produzidos no âmbito das políticas públicas para o ensino de língua portuguesa e suas respectivas literaturas no Brasil, a saber: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1999, PCN+, 2002 e PCN, 2006) e as duas versões do texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2015 e BNCC, 2016). Enfim, desejamos percorrer questões candentes, intuindo modos de estender ao campo do ensino de literatura uma das mais caras acepções da arte da palavra, que surge da identificação mas a implode, justamente para ocupar o espaço de resistência política aparentemente em vias de esgotamento, no contexto contemporâneo. A articulação nada plana entre língua e sociedade, literatura e política parece surgir, uma vez mais, como pedra de torque de toda a ensinança – não apenas como citação metalinguística, mas como marca discursiva, evento e afirmação.

Palavras-chave: Políticas linguísticas, ensino de literatura, políticas públicas para o ensino básico, documentos norteadores da área de LP/ LIT

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

As boas práticas de leitura literária, no ensino médio, do Paraná

JULIANA ALVES BARBOSA MENEZES (UNESP-ASSIS)

Resumo: O ensino de literatura, no ensino médio, frequentemente é questionado sob à acusação de que os jovens não gostam de ler os livros solicitados por seus professores, em virtude de algumas listas exigidas, em concursos vestibulares. Um cenário que se apresenta em crise, porém constatamos um movimento contrário em algumas práticas. Desse modo, como algumas escolas, mesmo em um cenário de crise, conseguem bons desempenhos em avaliações, como o ENEM, por exemplo, e amenizam tal crise. Nesse sentido, o trabalho objetivou analisar as práticas de formação de leitores de literatura, no nível médio, de duas escolas, uma pública e outra, privada, no Paraná, localizadas em Curitiba e Cascavel, que revelam boas práticas a partir do resultado do último ENEM. Nessas escolas, existe a formação de leitores? A literatura tem funcionado como uma experiência viva no processo de ensino? Optamos por um duplo viés, por considerar que os dados aliados à análise revelariam um refinamento maior dos resultados. Na ordem quantitativa, interessou-nos saber: 1. Como a história de leitura dos professores impacta nas aulas por eles ministradas?; 2. Como os mediadores do EM (ensino médio) realizam suas escolhas de livros?; 3. Identificar as práticas de leitura literárias nessas escolas do EM. Desse modo, a partir do cruzamento dos dados tínhamos a intenção de identificar as práticas utilizadas para a formação de leitores das duas “melhores” escolas, pública e privada, do Estado do Paraná. Como, por quê e para quê é ensinada a literatura na escola são questões que nortearam a pesquisa. Os instrumentos utilizados para colher os dados foram questionários com perguntas objetivas e abertas, aplicados para os professores e alunos. Além disso, realizamos a observação direta

das aulas dos professores envolvidos na pesquisa e entrevistas com os mesmos. Como resultados parciais da pesquisa, constatamos que: 1. A história de leitura dos professores, bem como as estratégias utilizadas na aula são de extrema importância para formar leitores mais proficientes; 2. Além disso, a escolha do material didático, o contexto escolar, a preocupação com o sucesso nos exames são fatores que também colaboram para uma aula de literatura mais eficaz, enfim, a consciência do professor nas suas escolhas, propostas de textos, obras também contribui para ensino mais eficaz; 3. Práticas mais participativas tendem a levar o aluno a gostar mais de literatura e ser mais crítico; enquanto práticas mais expositivas reproduz a formação de leitores massificados.

Palavras-chave: Literatura, Leitura Literária, Ensino, Ensino Médio

Letras, câmera, ação! - diálogos entre literatura e mídias na escola

MARIANA DA SILVA LIMA (CEFET-RIO)

Resumo: O Projeto “Letras, câmera, ação!” foi concebido a partir de experiências docentes no âmbito da disciplina Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Ensino Médio do CEFET/RJ – Campus Maria da Graça, e tem como objetivo levar o aluno a se apropriar da experiência literária estabelecendo diálogos com diversas mídias, tais como o vídeo, o cinema e a fotografia. O projeto foi concebido a partir da percepção das amplas limitações que o ensino tradicional de Literatura impõe àquela que seria uma das principais finalidades desta disciplina, qual seja, incutir no aluno o gosto pela leitura. Seguindo as diretrizes estabelecidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, as atividades se desenvolvem em uma perspectiva interdisciplinar – no caso da nossa instituição, incluem também os docentes de Artes, Filosofia e Física, os quais já trabalhavam em projetos relacionados à produção de conteúdos digitais e à fotografia. Ainda de acordo com os PCNs, as atividades propostas buscam despertar no aluno uma atitude criativa na abordagem dos conteúdos relativos a esta disciplina, tirando-o de uma postura passiva no aprendizado dos mesmos. O

projeto se propõe a abrigar diversas formas de realizações, desde a adaptação de obras literárias curtas para meios audiovisuais até a produção de ensaios fotográficos e de vídeos feitos com a câmera do celular a partir de temáticas desenvolvidas nas obras em estudo. Com isso, pretende-se desenvolver formas criativas e autônomas de se trabalhar com a Literatura, aproveitando-se o uso corrente que a atual geração de jovens faz das mídias digitais. Nesta comunicação pretendo apresentar um relato de experiência relativo à primeira proposta elaborada, e ainda em curso, a qual envolve a produção de vídeos inspirados pela leitura de poemas de Ferreira Gullar. A princípio, solicitou-se que os alunos pesquisassem a obra poética do autor e a seguir selecionassem alguns poemas de sua preferência. Depois esses textos foram lidos e discutidos em sala de aula. Em uma terceira etapa, os alunos compartilharam essas leituras com amigos e familiares, levando adiante os comentários iniciais e gerando outros no próprio momento dessas conversas. Essas reflexões conjuntas foram registradas em vídeos de celular e editadas pelos alunos. Os vídeos exibidos em aula viraram objeto de novas sessões de debate, e posteriormente serão submetidos a um concurso interno. Esta seleção final dará origem a um vídeo sobre a poesia de Ferreira Gullar, a ser exibido na Semana de Extensão da escola e publicado nas redes sociais. A próxima proposta, prevista para o segundo semestre, inclui a produção de ensaios fotográficos a partir de alguns temas trabalhados no romance Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago.

Palavras-chave: Literatura, Mídias, Relato, Experiência docente

Literatura, ensino e tecnologias digitais em diálogo com os espaços escolares e não escolares

LUCILO ANTONIO RODRIGUES (UEMS)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discutir algumas questões teórico-metodológicas atinentes às relações entre literatura e ensino. Dentro desse amplo espectro, elegemos como objeto de estudo

o diálogo entre o espaço escolar e o espaço não escolar. Quando se fala em educação não formal há sempre a preocupação em se estabelecer contornos a fim de que um espaço não seja substituído pelo outro. Embora pertinente, esse excesso de cuidado acaba por criar resistências à própria reflexão do processo em si. Se a educação e, por extensão, a educação literária, está presente, como assevera alguns estudiosos, em todos os espaços, então o espaço escolar não pode ignorar os momentos em que é atravessado pela informalidade. Tais momentos são facilmente constatados no cotidiano da sala de aula e, justamente por isso, postulamos que estes momentos estranhos são precisamente aqueles que merecem uma atenção especial. A partir de experiências práticas com o uso das tecnologias socialmente constituídas, isto é, das tecnologias disponíveis e de fácil uso, chegou-se à conclusão de que o diálogo entre os espaços escolares e os não escolares é mais efetivo quando pensado enquanto fronteira, ou seja, como local de enunciação de um saber deslocado. Assim, o que está em questão não é a importância do espaço não escolar na educação formal (os espaços físicos), mas a maneira como a agência dos sujeitos literários envolvidos no processo de ensino-aprendizagem vai reconfigurando o campo literário. Essa questão foi objeto de estudo em dois trabalhos científicos nos quais se buscou um encaminhamento teórico e metodológico a partir de uma reflexão sobre a estratégia blended learning (a aprendizagem mista). No primeiro estudo, de 2010, voltado especificamente para o ensino mediado pelas tecnologias digitais, propôs-se que o blended learning deveria ser pensado como uma estratégia que a) promove o diálogo entre os espaços formais e não formais; b) utiliza uma vasta gama de abordagens teóricas e metodológicas e c) vale-se de ferramentas tecnológicas mais socializadas. No segundo projeto, essa ideia foi desenvolvida, especificamente, para o ensino de literatura. Neste trabalho, desenvolvemos uma estratégia bastante flexível que foi denominada, provisoriamente, de Estratégia da Reprodutibilidade Transformativa.

No projeto atual (ainda em andamento) intitulado “Literatura, ensino e tecnologias digitais: caminhos para a inovação”, o foco é a produção de vídeo-poemas artesanais/digitais criados na sala de aula a partir da leitura, discussão e interpretação de poemas de autores brasileiros. As conclusões, ainda que parciais, sobre os trabalhos produzidos em sala de aula, além de atestarem a produtividade da agência transformadora dos locais de enunciação, tangenciam também outras algumas questões que extrapolam o campo literário e adentram um local ainda colonizado pelo tecnicismo, como, por exemplo, as políticas de inovação.

Palavras-chave: Literatura e Ensino, Educação literária, Tecnologias digitais, espaço escolar e espaço não escolar

Música e cultura no palco do livro didático

HÉBER FERREIRA DE SOUZA (UFES)

Resumo: Este trabalho integra um conjunto de pesquisas acadêmicas com o foco nos Estudos Literários, na linha de pesquisa Literatura: Alteridade e Sociedade (LAS) da Universidade Federal do Espírito Santo e se insere nas discussões do grupo de pesquisa “Literatura e Educação”. O surgimento da Nova História Cultural permitiu o redimensionamento de novos paradigmas interpretativos, provocando a expansão de novos objetos e métodos de investigação. Com isso, objetos culturais como o livro didático passam a ganhar visibilidade no campo acadêmico. Nesse contexto, a partir dos estudos de Roger Chartier (1990), pretende-se realizar um breve mapeamento de representações acerca de música e cultura presentes em um dos volumes da coleção “Singular & Plural: Leitura, produção e estudos de linguagem”, adotada pela rede municipal de Vila Velha/ES, para uso e apropriações durante os anos de 2013 a 2016. Com base na análise dos dados, é possível perceber que muitas atividades que envolvem a análise musical limitam-se puramente à interpretação de texto. Com isso, a literatura e a música passam a ser tratadas apenas como pretexto para testar a compreensão do aluno quanto ao grau de entendimento das informações contidas no texto

ou, às vezes, como “motivadores” para a produção textual. No entanto, sob a perspectiva da Educação Literária (DALVI, 2013), entende-se que o livro didático, de modo geral, ou parte do conteúdo nele trabalhado, seja literário ou musical pode (e deve) servir de ponte para autorizar um investimento pessoal do leitor, renunciado à transparência do texto, admitindo o desconforto da incerteza e, com isso, ganhando maturidade.

Palavras-chave: Livro didático, Música, Cultura, Ensino

O beijo da palavrinha e Divertida mente: a leitura literária em foco

MICHELLE BRAZ NOGUEIRA (UFAC)

Resumo: O trabalho concentra-se em discussões e reflexões sobre o ensino da literatura, além da apresentação de uma proposta de intervenção pautada na perspectiva Barthesiana e suas forças libertárias: Mimeses, Mathesis e Semioses. O foco das atividades propostas serão as obras o conto “O beijo da palavrinha”, de Mia Couto, e o Filme “Divertida Mente”, da Disney-Pixar. O objetivo é buscar atingir a verdadeira dimensão da literatura, uma vez que sabemos que, atualmente, as práticas desenvolvidas no ambiente escolar são pouco significativas, e reduzem a arte literária a algo complexo e de difícil compreensão. Desta forma, é importante refletir o quão as salas de aulas se encontram carentes de práticas de leitura literária realmente efetivas, principalmente no ensino fundamental II, fase na qual o trabalho com a literatura volta-se para a discussão apenas de questões educacionais ou pedagógicas, como utilização do texto como pretexto para o estudo de tópicos gramaticais ou preenchimentos de fichas de leitura que não cumprem nenhuma função. Enfatizamos que o desenvolvimento de práticas como essas no ambiente escolar, não proporcionam a plena identificação do leitor com o texto literário, nem o reconhece como fonte de saberes e rico em plurissignificação. É importante salientar que o ensino da literatura é muito mais do que o desenvolvimento de atividades monótonas que causam, na maioria

das vezes, aversão pela leitura de textos literários. Em razão disso, nós, professores, devemos criar metodologias que oportunizem aos alunos o envolvimento com a leitura literária e permitam visualizar o quanto o conhecimento advindo dela, trará conhecimentos essenciais à vida. Neste sentido, devemos mostrar que ser leitor vai além da decodificação das palavras, ser leitor é colocar-se perante a obra literária como um ser autônomo, questionador, construindo e expandindo seu sentido. Com base nessas reflexões, buscamos elaborar atividades de intervenção que visem o desenvolvimento de uma leitura literária plena, seja veículo de saber e humanização, além de colaborar no processo de formação intelectual, cultural e social do sujeito. Sendo assim, as bases teóricas que sustentam o trabalho são: Goulemot (2011), responsável por reflexões que destacam a leitura como busca de sentido, Candido (2002) e (2011), com considerações sobre a literatura e seu poder de humanizar, Cosson (2014), com reflexões sobre o letramento literário e Barthes (2013) que focalizará as forças da literatura encontradas no texto, forças essas, consideradas essenciais para que os educandos compreendam o quanto o texto literário tem a contribuir para a formação do indivíduo.

Palavras-chave: ensino de literatura, leitura literária, letramento literário, forças libertárias

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

Literatura e ensino: texto literário em sala de aula

DANGLEI DE CASTRO PEREIRA (UNB)

Resumo: A comunicação aborda aspectos teóricos e metodológicos relacionados ao ensino de literaturas em Língua Portuguesa (LsELP) em sala de aula. A proposta de comunicação, vinculada ao projeto de pesquisa “Questões em torno do ensino de literaturas em Língua

Portuguesa em Brasília/DF” e ao projeto de extensão “Oficina de leitura literária: método linear”, tem como principal objetivo verificar aspectos relacionados à formação docente e a interação com a literatura na formação de leitores literários na Educação Básica. Focalizamos, ainda, em que medida a abordagem de uma diversidade de obras literárias, contos, poemas e crônicas são apresentados a acadêmicos do Curso de letras na disciplina de Estágio Supervisionado I e II da Universidade de Brasília (UnB). Adotando como locus de investigação escolas públicas do Distrito Federal na região do entorno do DF atendidas pelos projetos de pesquisa e pelas ações de extensão descritas no início desta apresentação. Pensamos na importância da constituição de um escopo literário específico, muitas vezes usando os fragmentos e textos integrais disponíveis no Livro Didático (LD), entre outros materiais de apoio pedagógico (MAP), como espaço possível para o ensino de literatura. As ações descritas nesta comunicação refletem, portanto, inquietações relacionadas ao ensino de LsELP no Distrito Federal e os desdobramentos da pesquisa “Questões em torno do ensino de literaturas em Língua Portuguesa em Brasília/DF”. O projeto de extensão é, portanto, desdobramento da pesquisa, configurado como ação de intervenção e contribui para a formação do professor de literatura, atuante na Educação Básica e pensa a necessidade de uma contínua reflexão de docentes da Educação Básica, graduandos de Letras da UnB e acadêmicos das escolas atendidas pelo projeto em um exercício formativo de incentivo à prática docente no que se refere a relevância da apresentação do literário em ambiente escolar. É importante ressaltar que pensamos gêneros do discurso, conforme Bakhtin (1996), o que nos impele a levantar a hipótese de um progressivo distanciamento de leitores em formação face ao literário *Stricto Sensu* em sala de aula, o que, em nossa avaliação preliminar, contribui para a precarização da formação do leitor literário no contexto das ações aqui comentadas; objetivo central da pesquisa e que encontra na proposta de extensão um caminho interventivo. Nossa preocupação é, portanto, discutir o

perfil da formação de leitores literários em escolas públicas do DF e, com isso, focalizar, metonimicamente, como alunos e professores da Educação Básica entram em contato com a diversidade literária em Língua Portuguesa, possibilitando, via ações de extensão, a discussão da influência do cânone literário nesse processo, tendo como pano de fundo a necessidade de focalização mais detida do literário. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica como desdobramento de extensão configurada enquanto uma Pesquisa-ação, conforme Tripp (2000).

Palavras-chave: Leitura, Leitura literária na escola, Ensino de literatura, Pesquisa-ação

Apropriações literárias para a constituição de práticas de leitura interdisciplinares

ROSANA NUNES ALENCAR (UNIR), MILENA CLÁUDIA MAGALHÃES SANTOS GUIDIO (UFSB)

Resumo: Esta comunicação apresenta resultados parciais do “Projeto saberes vagalumes: apropriações literárias para a constituição de práticas de leitura interdisciplinares”. O referido projeto é desenvolvido em escolas públicas dos municípios de Teixeira de Freitas, estado da Bahia, e Vilhena, estado de Rondônia, conjugando uma série de ações, dentre as quais atividades de extensão e estudos sistematizados em grupo, que subsidiam a investigação de práticas interdisciplinares de ensino da literatura. Hoje, como um dos resultados das políticas públicas implementadas há quase duas décadas, a partir da implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), em que se deu a fusão entre o ensino de Língua Portuguesa e Literatura, vê-se o quase desaparecimento da literatura no currículo do Ensino Médio, o que nos permite perguntar: sob quais condições podemos reivindicar o direito à literatura? Em qual espaço privado ou público? Em quais lugares de ensino, de pesquisa, de publicação, de leitura, de discussão? Na escola? Na universidade? A ideia tem sido explicitar que o direito à literatura, com todos os paradoxos que possam advir daí, é indissociável do modo como as instituições reservam-lhe um

lugar. Assim, este projeto tem desenvolvido ações com o objetivo de responder a essas questões a partir do posicionamento de que é preciso manter uma pesquisa constante sobre as possibilidades que se podem extrair da leitura dos textos literários, demarcando o diálogo com outros tipos de textos, com vistas à formação de multiplicadores com capacidade crítica de avaliar suas práticas por intermédio da leitura dos documentos oficiais das políticas públicas destinadas ao ensino da literatura brasileira em cotejo com leituras teóricas e críticas acerca do estatuto contemporâneo. As oficinas realizadas no decorrer do projeto configuram-se, assim, como encontros de sensibilização ao texto literário a partir, basicamente, da leitura, análise crítica e momentos vivenciais de e com textos de literatura brasileira contemporânea. Percebe-se, aí, um sujeito leitor, em sua maioria jovem, estudante da rede pública de ensino com pouquíssima experiência na leitura literária. Têm-se depoimentos que comprovam não haver um programa de sistematização da leitura literária no interior das escolas, estando relegada a movimentos esporádicos de alguns professores. Entretanto, as vivências dos encontros demonstram largamente que a leitura, quando estão em jogo aspectos como acesso ao saber, apropriação à língua, construção de si, relações de inclusão, no dizer de Michèle Petit, no livro “A arte de ler ou como resistir à diversidade”, não é “uma atividade anódina, um lazer como outro qualquer” (PETIT, 2009, p. 60), mas, sim, uma fonte de afirmação pessoal e política.

Palavras-chave: Ensino, Literatura brasileira, Interdisciplinaridade, Políticas públicas

Experiências, literaturas e outros universos de leitura

ANGELI ROSE DO NASCIMENTO (UNIRIO/CEDERJ-UFRJ)

Resumo: Esta comunicação apresentará alguns aspectos relevantes para a investigação em andamento, através de estágio pós-doutoral em Educação sobre a formação de professores em curso de EAD e a literatura na formação do leitor, que integra a pesquisa institucional “Infância, linguagem e escola” (Corsino, 2015).

Para tanto, serão desenvolvidos alguns pressupostos teóricos acerca da cibercultura (Levy, 1999) e da “sociedade da transparência” (Han, 2013) como forma de discutir as condições de produção de leitura e de experiências de leituras literárias ante artefatos literários (e/ou novas textualidades) que se apresentam na contemporaneidade (Beiguelman, 2009 e Darnton, 2010). Em seguida, retomaremos resultados parciais de pesquisa seminal sobre formação de leitores jovens e suas experiências de leitura, que possibilitaram a construção de um perfil leitor baseado nos estudos sobre o mito literário de Don Juan (Kierkegaard, 2013). Tal perfil, enquanto modo de tradução daquelas experiências, disparadas ou não pelo ensino de literatura, categorizadas como “experiências donjanescas de leitura” (Nascimento, 2001) sugeriu o modo de recepção de textos literários de alguns jovens na contemporaneidade, produzindo uma teoria, a partir da própria literatura, no caso, versões do mito literário (Molina-1630, Saramago-2004 e Lima-2000) redimensionando também alguns referentes estabelecidos pela teoria da literatura (Compagnon, 2009), além de indicar a mudança no processo de percepção entre ler e ver (Barrento, 2013 e Jameson, 2000). Em continuidade, disponibilizaremos reflexões na forma de questões formuladas, através de perspectiva dialógica (Bakhtin, 2006), que permeiam a investigação atual, com o objetivo de contribuir para o debate em torno da formação de leitores, de professores leitores, principalmente, em cursos de Pedagogia, quer na modalidade presencial, quer na modalidade a distância.

Palavras-chave: formação de professores, leitura, EAD, artefatos literários

Ensino da poesia no nível médio: por uma abordagem comparativa

JOSÉ HÉLDER PINHEIRO ALVES (UFCG)

Resumo: O trabalho com a poesia no nível médio, além da tradicional abordagem historicista, prima também pela assimilação de traços estilísticos dos poetas e poetisas estudados. As sínteses sobre as

obras e autores(as) em livros didáticos (LD) e antologias quase sempre buscam fixar na mente do leitor traços estilísticos mais marcantes. Pouco importa a experiência de leitura empreendida pelo estudante, o que vale, isto é, o que se cobra, é um saber sobre o autor e sua obra independente de este saber ser correto, advindo de pesquisas e ensaios críticos. O que se pode questionar é: e a percepção dos leitores que, muitas vezes, podem conduzir a outras descobertas? E as ligações que podem fazer com outros textos, com a própria experiência? Noutras palavras, o leitor pode produzir sentidos para os poemas que não necessariamente cabem no quadro historicista e estilístico que norteiam os LDs. Visando buscar novos caminhos para abordagem do poema no ensino médio e na Universidade, realizamos alguns experimentos em sala de aula com o objetivo de estimular os leitores em formação a encontrarem sentidos para os textos lidos e não a mera assimilação do que já foi convencionado pela tradição de ensino. Um caminho seguido foi o de ofertar poemas de diferentes épocas e autores sobre uma temática comum. O procedimento básico é o de leitura e releitura oral, em sala de aula, e o estímulo à expressão mais pessoal das percepções. Também se estimulou a busca de outros poemas sobre a temática proposta para serem compartilhados pelos leitores. No âmbito da lírica brasileira, um exemplo de experimentação foi com a temática da lua. Oferecemos uma pequena antologia com poemas de Silva Alvarenga, Álvares de Azevedo, Rita Barém de Melo, Raimundo Correio, Cruz e Sousa, Alfonsus Guimarães, Auta de Sousa e Augusto dos Anjos.. Além das ilações as mais diversas, chamou-nos a atenção o número de poemas e canções que os alunos trouxeram para a sala de aula na semana seguinte, alguns, inclusive de autores desconhecidos. O pressuposto teórico que nos orienta é o de que quem atribui sentido aos textos são os leitores reais (JAUSS, 1994), bem como uma concepção de ensino que acredita no diálogo como instrumento mais democrático na construção do saber (FREIRE, 1997, 1988). A partir deste e de outros experimentos é que sugerimos a abordagem comparativa como um

caminho possível de aproximação do leitor jovem com a poesia. No âmbito da poesia brasileira – da colônia a pré-modernismo –, sugerimos também alguns temas sobre os quais já testamos, no âmbito da sala de aula, como por exemplo: poemas sobre amor e erotismo, a reflexão metalinguística, a temática do tempo, dentre outras. Não há, portanto, um caminho único para a formação de leitores. Cada grupo, cada situação poderá suscitar novas estratégias que visem a aproximação do leitor em formação com nossa rica tradição lírica.

Palavras-chave: Poesia lírica, Comparativismo, Interação, Formação do leitor

No centro do impasse: ler e reescrever Machado de Assis com estudantes do ensino médio

CARLA CRISTIANE MARTINS VIANNA (IFSUL)

Resumo: No cenário educacional brasileiro, a literatura tem sido subtraída das salas de aulas por diferentes razões, e a situação atual do ensino de literatura demonstra que talvez tenhamos ido de um extremo ao outro ao deslocarmos a literatura de um espaço sacralizado para uma contemporaneidade na qual um texto literário tem o mesmo espaço de outros gêneros textuais. Se antes ler e discutir Machado de Assis e Guimarães Rosa, por exemplo, era o procedimento esperado de um professor de literatura do ensino médio, hoje não há consenso entre os profissionais da área sobre a adequação didática de trabalhar autores densos como eles. Nesse contexto, ensinar literatura no ensino básico é procurar, cotidianamente, afirmar o valor do texto literário para a formação integral do estudante mas também significa uma pesquisa constante sobre a própria prática docente, pois não há mais certezas quando o assunto é o ensino de literatura. No entanto, embora o panorama desse início de século seja delineado pela perda de importância da arte literária no currículo escolar, ela é fundamental para o processo formativo dos estudantes numa perspectiva de um ensino voltado à humanização e à cidadania. Conforme Antonio Candido em

O direito à literatura, a fruição da arte da palavra é um direito humano inalienável e, como alguns desses direitos, ela tem sido negligenciada em favor de outros valores. O desafio de formar leitores literários, em pleno século XXI, exige que o docente se posicione diante de um impasse, equacionado pelas reais condições de trabalho nas escolas públicas brasileiras, pela textualidade eletrônica e suas implicações e pela (im)possibilidade de realizar o letramento literário de jovens por meio da leitura de autores canônicos. Por isso, esse trabalho pretende refletir sobre o ensino de literatura no ensino médio com textos de Machado de Assis a partir da exposição e análise de uma atividade de leitura e escrita literária que resultou em recriações de contos machadianos, mais especificamente, de Noite de Almirante (1884) e A missa do galo (1894). Para tanto, será reconstruída a metodologia desse exercício de leitura e escrita aplicado a estudantes do segundo ano do ensino médio do Instituto Federal Sul-rio-grandense mediante a apresentação e a análise dos contos machadianos trabalhados, bem como do livro Recontando Machado (2008), inspirador da proposta de escrita, e, por fim, da produção textual de alguns estudantes. Tais análises serão realizadas à luz de textos teóricos dedicados à questão do letramento literário.

Palavras-chave: Leitura literária, Recriação literária, Machado de Assis, Letramento literário

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 5

Singularidades e alcance das leituras literárias

VIMA LIA DE ROSSI MARTIN (USP)

Resumo: “A literatura ajuda a viver” (PETIT, 2009). Com essa afirmação, a antropóloga Michèle Petit, especialista na análise das relações entre sujeito e leitura, explicita aquela que talvez seja a principal função da

literatura: a de nos ajudar a viver. O tema - função ou papel da literatura - é vasto e tem sido discutido, na contemporaneidade, em textos tão diferentes como *Que é a literatura?*, de Jean-Paul Sartre, *Seis propostas para o próximo milênio*, de Italo Calvino, ou *“O direito à literatura”*, de Antonio Candido, entre outros. Esses três autores têm em comum o fato de reconhecerem a literatura como objeto de arte, cuja produção e fruição fazem parte de nossas necessidades mais elementares, sendo comum a todos os seres humanos, nos mais diferentes tempos e espaços. Em linhas gerais, podemos dizer que Sartre enfatiza a aspiração do artista e da obra de arte de recuperar a totalidade do ser (operação só concretizada pelo leitor, no ato da leitura); Calvino sublinha a capacidade de a literatura abrir novos horizontes de transformação para o leitor; e Candido explicita a dupla função da arte em nossas vidas, ambas diretamente relacionadas à questão dos direitos humanos: a de contribuir para a formação de nossa personalidade, humanizando-nos (em uma dimensão mais subjetiva), e a de facultar o desmascaramento da realidade, funcionando como acesso a um legado cultural coletivo, que se constitui num modo de conhecimento do mundo (em uma dimensão mais objetiva). As três perspectivas geram interessantes reflexões sobre a importância capital da arte e da literatura em nossa existência subjetiva e em nossa capacidade de compreender e intervir na realidade e são fundamentais para discorrermos sobre as singularidades e o alcance das leituras literárias. Assim, considerando o ato da leitura, simultaneamente individual e social, como um processo de produção de sentidos que envolve as dimensões do leitor, do autor, do texto e do contexto, buscaremos, em nossa comunicação, enfatizar sobretudo a dimensão do leitor, buscando verificar como a leitura literária, ao propiciar o contato com “metáforas vivas” (RICOEUR, 2000), nos “ajuda a viver”, sendo capaz de favorecer descobertas e aprendizados sobre nós mesmos e sobre mundo.

Palavras-chave: sujeito, leitura literária, metáfora viva, aprendizado

Tensões da cultura acadêmica em abordagens escolares da literatura

MARIA FERNANDA ALVITO PEREIRA DE SOUZA OLIVEIRA (UFRJ)

Resumo: Parece óbvio que, se um curso de licenciatura não promove oportunidades para que os futuros professores entrem em contato com ideias sobre o sentido e as possíveis formas de integrar a literatura ao processo de formação humana na escola, as poucas disciplinas de didática e prática de ensino que compõem o currículo não serão capazes de prepará-lo para sustentar no futuro a defesa da leitura literária como conteúdo escolar. No que tange ao ensino de literatura, tudo indica que as reformulações das matrizes curriculares que vêm sendo operadas desde os primeiros anos do milênio não atingiram ainda os valores que sustentam o currículo real, em algumas das mais renomadas faculdades de Letras brasileiras. Assim, se com Candido se concorda que o cânone deva ser um direito de todos, nem por isso a política interna à academia, a que se faz no seio da sala de aula das universidades, parece buscar ativamente a democratização de sua leitura para os próprios graduandos, que muitas vezes reagem com uma atitude evidentemente insustentável do ponto de vista profissional: a recusa à assunção da identidade de futuros responsáveis pelo ensino de literatura. O que, em tais condições, é possível fazer, no segmento específico da formação que cabe a nós, professores responsáveis pela preparação prático-teórica do profissional de língua e literatura? A tarefa de inverter uma direção de apagamento da literatura na escola, que tem origem, antes do curso universitário, nos próprios antecedentes culturais e educacionais de nossos alunos, parece reclamar de nós, na qualidade de supervisores de estágio, que assumamos uma posição política, não só no recorte de nossos programas de curso, mas principalmente em nosso trato pedagógico com os futuros professores que acompanhamos em suas experiências iniciais como docentes. Nesta comunicação, pretende-se apresentar as vicissitudes do trabalho de formação nas disciplinas de Didática e Prática de Ensino de Português-Literaturas de cursos de dupla licenciatura da Faculdade de Letras da UFRJ, buscando refletir sobre as

relações entre as proposições da docente para a estruturação da rotina acadêmica com duas turmas de estágio e algumas situações didáticas escolares envolvendo textos literários vivenciadas pelos licenciandos no ano de 2016 e acompanhadas pela professora supervisora. A análise dessas situações evidencia a permanência de um conflito entre transmitir conhecimentos e mediar a leitura da literatura, que se desdobra sob variadas formas de fuga à abordagem do próprio texto por parte dos futuros professores, apontando para um trabalho de mediação literária ainda necessário para os graduandos. Aqui é questão saber em que medida, na fase final da licenciatura, a posição de ensinante pode servir ela mesma como propulsora da formação literária do professor.

Palavras-chave: ensino de literatura, licenciatura, estágio supervisionado, currículo

Aulas de regências e a produção de saberes sobre o ensino de literatura

MARCOS VINÍCIUS SCHEFFEL (UFRJ)

Resumo: O presente trabalho analisa um conjunto de aulas de regência que tiveram em seu planejamento o texto literário. Essas aulas foram aplicadas por alunos do Curso de Letras da UFRJ entre 2014 e 2016, tendo a orientação de um professor de uma escola parceira (campo de estágio) e a minha supervisão na condição de professor de Didática e Prática de Ensino de Português e Literaturas. Cabe destacar que a aula de regência acompanhada pelo professor supervisor é uma prática consolidada nas Licenciaturas da UFRJ. Essa dinâmica requer uma proximidade maior do professor supervisor dos campos de estágio e uma concentração dos estagiários num número reduzido de escolas, possibilitando inclusive a criação de projetos de ensino-aprendizagem em parceria com as escolas. Quanto à preparação dos estagiários para regência, é comum que o plano de aula, a definição do tema, a seleção de materiais, a definição das estratégias de ensino sejam

previamente discutidos com as três partes envolvidas: estagiário, orientador de estágio e supervisor. A avaliação final desse processo leva em consideração as estratégias que funcionaram, as que não foram bem sucedidas e as que mereceriam ajustes. Como forma de registro, ao longo desses anos, produzo uma “resenha da aula” em que aponto as impressões sobre a aula e os aspectos a serem observados no ensino de língua e literatura. Todas essas práticas confluem para uma concepção formativa da avaliação, fornecendo um feedback qualificado aos futuros professores, e para a ideia que o estágio é um espaço de construção de saberes teóricos e práticos. Nesse sentido, pretendo comentar os ajustes que foram sendo promovidos na disciplina de Didática a partir da constatação de saberes e competências que precisavam ser reforçados procurando conectar teoria e prática. Numa perspectiva mais ampla, acredito que esse espaço privilegiado de observação dos estagiários atuando em sala possa fornecer subsídios para reformulação dos currículos das licenciaturas, pois é neste momento que se pode perceber os saberes e competências a serem construídos / problematizados ao longo do curso. Por fim, pretendo pensar em saberes e competências que devem ser construídos por um professor para poder lidar com os desafios de formar leitores na escola de educação básica.

Palavras-chave: Ensino de Literatura, Estágio, Regência

O que leem, escrevem, dizem e fazem os egressos do mestrado profissional em letras (profletras) da UFPA

FERNANDO MAUÉS DE FARIA JÚNIOR (UFPA)

Resumo: Instituído com público e objetivos muito específicos – “capacitar professores de Língua Portuguesa [já atuantes na rede pública] para o exercício da docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no País” (Edital de seleção 001/2015) –, o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), implantado em rede nacional, formou suas primeiras turmas e já tem os primeiros mestres enfrentando, em tempo integral,

o desafio de promover novas práticas no velho ambiente das salas de aula da educação básica. Ao reconhecer que tal desafio vai além das questões propostas durante o curso, que há outras forças estruturais, no contexto da escola e nas próprias vidas de docentes e estudantes, que podem auxiliar ou dificultar a adoção de novas alternativas de ensino, este trabalho relata os resultados preliminares de nossa pesquisa sobre as repercussões do mestrado nos pós-graduados pela Universidade Federal do Pará, nos anos de 2015 e 2016, em diversos aspectos: na autopercepção como profissionais; na avaliação que fazem do contexto educacional em que se inserem e, finalmente; na prática docente que desenvolvem na escola de educação básica. A investigação inicia pelo aparato teórico em que se fundamentam e as perspectivas de trabalho que alimentam, como expressos referências bibliográficas e nas propostas de atividades constantes das dissertações defendidas. Além disso, acompanhamos as atividades dos egressos através da análise de documentos (planejamento de aulas, material didático, avaliações escolares propostas, diários de classe etc.), observação direta em sala de aula e entrevistas realizadas com os mesmos e outros membros da comunidade escolar (estudantes, docentes, corpo técnico). Este trabalho apresenta os resultados da análise das dissertações – suas temáticas, bibliografia, propostas de atividades – e impressões preliminares da prática docente pós-formação resultantes das entrevistas gravadas e estudo de documentos pedagógicos. De forma geral, revelam-se as limitações provocadas por todo o sistema educativo, o da educação básica, mas também o do mestrado: um acervo teórico pertinente, mas limitado principalmente ao indicado durante as disciplinas e bastante homogêneo em todos os trabalhos, indiferente ao objeto específico de pesquisa; uma escolha surpreendentemente elevada por propostas de atividades com textos literários; a aplicação sempre precária da atividade planejada; a resposta positiva dos estudantes da educação básica, apesar de qualquer dificuldade na aplicação. Na análise preliminar da prática docente, revela-se uma mudança efetiva na

forma de encarar e apresentar textos literários, aliada à frustração pelas condições do contexto escolar permitirem menos mudanças do que se desejaria.

Palavras-chave: Profletras, Formação de Professores, Ensino de Literatura, Mestrado Profissional

Etnobiografia, Literatura e o Ensino e a Aprendizagem de Línguas

JOSANE SILVA SOUZA (UESC)

Resumo: Esse trabalho, de cunho etnobiográfico, é o resultado das minhas reflexões e minhas práticas ao lecionar duas disciplinas - Literatura de Língua Espanhola e Compreensão e Produção escrita em Língua Espanhola-, na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, em um curso de férias. Durante o processo de organização da disciplina, no qual os estudantes tiveram seus protagonismos quanto às escolhas literárias resguardados, pude perceber que eles, matriculados em um curso de Letras, estavam desmotivados e arredios à respeito da presença da Literatura em sala de aula, tanto na própria disciplina de Literatura quanto na disciplina de Produção e Compreensão escrita, o que, conseqüentemente, fez com que os atos de falar e produzir Literatura perpassem, inicialmente, por um caminho tortuoso e conflitivo. Eu, bem convicta, de que Literatura não se ensina, se pratica, conforme apregoa Gonzáles (2011) e de que precisamos rever o paradigma de que se aprendia uma língua estrangeira para ler Literatura foi substituído por um outro paradigma inversamente proporcional, o de que a Literatura passou a ser usada para aprender línguas (GONZÁLES, 2011), necessitei programar e reprogramar as disciplinas diversas vezes para entender como poderia, em conjunto com os discentes, ter acessos aos textos literários, condicionando a experiência e o prazer estético, deixando em segundo plano a perspectiva puramente teorizante. A partir dessa percepção pude propor um programa, onde o texto literário fosse o gatilho para as discussões das diversas temáticas que apareciam ao longo de nossas produções e leituras em nossas aulas, caminhamos

do texto para a teoria e não da teoria para o texto. A teoria passou a ter um papel secundário, enquanto que o texto literário pôde assumir uma posição desencadeadora para a promoção e percepção dos múltiplos saberes, inclusive do mundo dos próprios estudantes. Esse espaço de negociação foi altamente produtor, pois proporcionou aos estudantes liberdade e placidez na produção de um conto, tendo como fio condutor e estímulo o conto de Cortázar “diário para um cuento”. Logo, esse trabalho tem por objetivo mostrar como, através dos preceitos da Linguística Aplicada, foi possível fazer com que os estudantes pudessem experienciar o exercício literário, de forma que rompessem seus próprios paradigmas sobre a existência do texto literário em sala de aula, sobre o senso comum de que Literatura é uma linguagem para poucos e de que o Ensino e a Aprendizagem de Línguas devem ser separados da Literatura. Outro aspecto importante foi o reconhecimento de que professores em formação necessitam ter um senso mais crítico e apurado sobre o seu papel na mediação do conhecimento, tendo a Literatura como pano de fundo.

Palavras-chave: Literatura, Ensino e aprendizagem de línguas, etnobiografia

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 6

Perspectivas do ensino de literatura africana em língua portuguesa

CRISTIANE DA SILVA UMBELINO (UNB)

Resumo: O estudo tem o objetivo discutir aspectos teóricos/metodológicos relacionados ao ensino de literaturas africanas em língua portuguesa. Centraremos nossa abordagem na legislação destinada ao ensino de literaturas em língua portuguesa nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), entre outras e na Lei 10.639/03, alterada pela Lei

11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Uma das principais propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Língua e Literatura é promover a democratização do saber e a diversidade na abordagem dos gêneros discursivos em ambiente escolar, entendidos como heterogêneos. Ao interagir com os diferentes gêneros textuais/discursivos, o escrevente incorpora as modalidades organizacionais da linguagem e constrói o emaranhado de manifestações discursivas identificáveis na tradição da Língua Portuguesa (LP). Ao valorizar organizações textuais coerentes e coesas, os PCN oferecem orientações ao professor. Estas orientações podem ser entendidas como linhas de reflexão que passam por conceitos advindos da Sociolinguística, Linguística Textual, Gramática Normativa, Sociologia da linguagem, Sintaxe, Morfologia, Análise do Discurso, Teoria Literária, Crítica literária, entre outras áreas da Linguística e dos Estudos Literários. Desta forma, além de transitar nesses eixos, podemos também, refletir sobre a importância da especificidade dos estudos africanos, dentro de um território onde temos uma população com um número demasiado grande de afrodescendentes, sobretudo, após a edição da Lei 11.645/08 que comentaremos na sequência deste estudo. Voltando aos PCN, é possível verificar a preocupação em valorizar o texto literário como uma importante modalidade textual, não como único “modelo” textual de valor, mas como uma das faces da diversidade de produções linguísticas em LP. É um processo de democratização e, por que não dizer, de redimensionamento da aura de “abstração” que o texto literário adquire dentro das escolas. Daremos também, enfoque a discussão de como a literatura africana em língua portuguesa é tratada nestes textos, direcionadores do fazer pedagógico associado ao ensino de literaturas. Em um segundo momento, faremos a seleção de uma série de livros didáticos de penetração nacional, pesquisados no site do MEC, para verificação e discussão de um possível silêncio relacionado a essa literatura. Nossa hipótese é a de que a literatura em língua portuguesa

produzida na África não é abordada na Educação Básica, para além de questões étnicas, o que prejudica a valorização cultural via literariedade dos textos.

Palavras-chave: Ensino, Literatura, Africana, Cultura

“Corpo-mulher-negra em vivência”: a (in)visibilização de autoras negras nos livros didáticos

EUDMA POLIANA MEDEIROS ELISBON (UFES)

Resumo: Para milhares de estudantes da rede pública de ensino, o livro didático é um objeto cultural relevante, e muitas vezes exclusivo, de acesso ao texto literário. Historicamente, ele vem cumprindo um papel importante de divulgação, representação e legitimação do cânone literário reconhecidamente burguês, masculino e branco. Entretanto, autores e editoras de livros didáticos vêm apresentando uma relativa preocupação em democratizar os discursos e contemplar vozes historicamente subalternizadas, resultado das reivindicações dos movimentos culturais e, sobretudo, pela imposição de leis como a Lei 10.639/03 que trata da obrigatoriedade do ensino da História e da cultura afro-brasileira em escolas brasileiras. Nesse sentido e a partir das concepções de Roger Chartier sobre representações, práticas e apropriações, o objetivo deste trabalho é investigar em que medida os textos de autoras literárias negras são contemplados em coleções didáticas de língua portuguesa para o Ensino Médio, considerando-se que a escrita negra feminina, tal como defendido por Conceição Evaristo, distingue-se da escrita dos homens brancos, dos homens negros e das mulheres brancas; que essa subjetividade própria marcada pelo racismo e sexismo influencia no ponto de vista do texto e, por fim, que esse modo próprio de produzir e de conceber os textos literários, fundamental no processo de afirmação da herança cultural e de pertencimento étnico-racial e de gênero, precisa ser sancionado também pela atuação do livro didático ainda que não seja o único divulgador e responsável pelas representações, práticas e apropriações sociais.

Palavras-chave: livro didático, autoria, literatura negra, feminino

Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis: escritoras negras na sala de aula

RENATO KERLY MARQUES SILVA (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO MARANHÃO)

Resumo: Este trabalho discute sobre a necessidade de utilização de textos literários de autoras e autores negros em aulas de literatura para o ensino médio. Além disso, trata sobre a experiência desenvolvida com a utilização, em atividades do Ensino Médio, de textos das escritoras Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e Maria Firmina dos Reis (1825-1917), no Centro de Ensino Cruzeiro do Sul, localizado na cidade de São Luís (MA). A questão motivadora deste trabalho tem início com o registro de que apesar dos mais de dez anos da promulgação da Lei no 10.639/2003 que trata da obrigatoriedade do ensino da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial das escolas, ainda há uma ausência de materiais didáticos para a disciplina Língua Portuguesa que apresentem escritoras e escritores negros para alunos do ensino médio (PEIXOTO, 2014). Destacamos as obras de Maria Firmina (Úrsula, 1959; A Escrava, 1887) e Carolina de Jesus (Quarto de despejo, 1960), por percebermos a presença de um discurso de denúncia e crítica às condições de vida de homens e mulheres negros que apresentam muitas semelhanças, apesar dos cem anos que separam as publicações das autoras. Os negros que viviam nas senzalas, descritos por Maria Firmina, viram os negros favelados que Carolina Maria de Jesus registra em seu diário, denunciando a situação de homens e mulheres negros como sujeitos marginalizados em nossa sociedade (MUNANGA, 2004). Além do resgate dos textos escritos por estas mulheres que compõem importantes registros da literatura afro-brasileira (ASSIS, 2008), destacamos a necessidade de utilizá-los em sala de aula, para fomentarmos questionamentos sobre problemas sociais que marcam as experiências de vida em nossa sociedade e ultrapassam os limites históricos em que foram produzidos, no caso de Maria Firmina dos Reis, a São Luís escravocrata do século XIX, e no caso de Carolina Maria de

Jesus, a metrópole paulista dos anos de 1950. Os problemas presentes nos textos: a pobreza, o subemprego, a violência contra as mulheres, entre outros, são comuns ao contexto em que os alunos do Centro de Ensino Cruzeiro do Sul estão inseridos. Esta escola está localizada na Vila Mauro Fecury II, na região Itaquí-Bacanga, área marcada por altos índices de violência e alta taxa de famílias com baixa renda. Além das questões de cunho social, os textos destacados foram utilizados na realização de atividades que compõem os conteúdos programáticos do Ensino Médio, tais como: A discussão sobre variações linguísticas e os pré-conceitos que as cercam; As relações entre o uso da linguagem formal e linguagem coloquial; As distinções entre tipologias textuais e gêneros textuais, como romance, novela, conto e diário; Os contextos que estabelecem o destaque de determinados estilos e escolas literárias e as possíveis influências que envolvem o esquecimento e a permanência de alguns autores e obras.

Palavras-chave: Escritoras Negras, Literatura Brasileira, Ensino de Literatura, Ensino Médio

Narrar o caos: o Ragnarok em tempos de ausência, um diálogo entre narrativas míticas na escola

GRACIANE CRISTINA MANGUEIRA CELESTINO (UNB)

Resumo: A partir das narrativas de caos, em textos literários, HQs e livros infantis, algumas delas adaptadas para o cinema, o trabalho que se apresenta busca refletir a relação subjetiva que essas leituras comportam e ressignificam em adolescentes e jovens na escola. Duas serão as questões norteadoras deste estudo, 1) Como narrar o caos se ele inicialmente está no interior de cada ser humano? 2) Como compreender o Ragnarök na atualidade e sua interpretação pelos jovens leitores? Os povos do Norte, ou nórdicos, tinham uma compreensão bastante diferenciada e ao mesmo tempo aproximada à nossa, acerca do chamado Crepúsculo dos Deuses. Salienta-se, aqui, que pensar o mito enquanto construção de uma sublimação do caos, não é em absoluto,

pensar a destruição, e sim a formação de uma interioridade subjetiva a partir da cultura de povos tidos como bárbaros. Utilizando sua mitologia, apresentam-se as análises históricas, filosóficas e literárias que permeiam a Edda Poética, parte I, Völuspá. Esta análise será demonstrada a partir da leitura com um grupo de dez jovens, de uma escola pública do Distrito Federal, do quadrinho Thor e o Ragnarök em relação com a leitura da Edda Poética, parte I, identificando as relações de experiência leitora e compreensão das narrativas relacionadas ao chamado caos nórdico, busca-se relacionar tanto sua objetivação no cinema quanto nos textos literários. O referencial teórico utilizado para tal análise será embasado por Eudoro de Sousa, Mircea Eliade, Jorge Luis Borges, Johnni Langer, Annie Rouxel, Michele Pétit, Antônio Cândido, Valdir Prigol, Ángel Rama e Nestor Garcia Canclini. Acredita-se que o trabalho com a narrativa mítica possa ser realizado em diferentes faixas etárias, com adequações de linguagens e suportes, assim como ajustar o grau de dificuldade ou exigência da análise do trabalho. Diante dessa possibilidade, pensa-se que é possível que o ensino de literatura se beneficie de leituras em muitos casos à margem da tradição literária vigente, para ofertar momentos de crescimento literário e interior, pois o público alvo da formação acadêmica em nível de licenciatura são adolescentes e jovens, que mais tarde serão seus alunos na educação básica, e sentem, em sua maioria, uma curiosidade crescente ao ler, interpretar, solucionar questões, vivenciar situações, refletir sobre o que leem, em especial quando se trata de narrativas de cunho mítico pouco difundidas pela tradição greco-latina, como é o caso da narrativa mítica nórdica. As possibilidades de atuação em atividades de extensão foram construindo reflexões que puderam contribuir na formação do corpus teórico que será trabalhado com os jovens da Educação Básica. A escolha da Völuspá se orientou por uma ressignificação que atualmente está sendo vivenciada em variados suportes, inclusive pela estreia do filme da Marvel, Thor Ragnarök.; Busca-se aqui citar algumas das representações escolhidas para análise, tais como: as guerras, violência,

vaidade, extremismo, superexposição de imagem pessoal, sentimentos, afetividades e fronteiras, além da dualidade bem-mal.

Palavras-chave: Ensino, Mito, Experiência leitora, Ragnarok

A Olimpíada de Língua Portuguesa e a literatura em sala de aula - a representação do lugar/Ceilândia por meio da construção de narrativas de alunos de escolas públicas do DF

GLEISER MATEUS FERREIRA VALÉRIO (UNB)

Resumo: A Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP) é parte da realidade do ensino público brasileiro há vários anos (desde 2004). Muito mais que apenas um prêmio aos alunos por sua capacidade de produção textual, trata-se de um projeto desenvolvido pelo Ministério de Educação e que promove, por meio de oficinas e leituras de textos literários, a valorização da criatividade a partir dos resultados obtidos na escrita de produções originais nos mais diversos gêneros (Poesia, Memória e Crônica), nas instituições de ensino. A cada dois anos, os professores realizam estas oficinas, gerando um grande volume de material que, muitas vezes, fica limitado ao espaço da sala de aula, da escola e das sedes educacionais estaduais, municipais e distritais. De tal maneira, uma base inquestionável de documentos escritos, que demonstram a recepção e a interpretação do texto literário, acumula-se nas redes de dados deste programa sem uma maior análise por parte do meio acadêmico. Trata-se de um investimento imenso por parte do poder público que vai desde a elaboração, confecção de material, até premiações e que passa despercebido por pesquisadores, mesmo sendo de vital importância para o estudo da Literatura e de seu uso nas salas de aula pelo Brasil. Ainda cabe ressaltar a relevância da temática proposta para os textos dos alunos: “O Lugar onde vivo”. É através de um retorno do estudante para si e para seu espaço de vivência que o presente trabalho se volta. Contos, memórias, poesias, crônicas que exaltam o olhar atento aos elementos corriqueiros do cotidiano e dialogam com obras de autores conhecidos e que levam o

estudante a conhecer os mais diversos locais, culturas (mesmo que sob o foco do narrador e do eu-lírico) e a voltar para si e se compreender como parte de um todo, o mundo que o cerca. Ao representar o Lugar, o aluno se percebe parte da realidade vivida, interpreta a obra de autores renomados e produz textos que reflitam sua percepção da Literatura. O corpus para este artigo parte do material fornecido pela OLP e do produzido pelos alunos em aula, propondo reflexões acerca da importância do elemento local deste discente - Ceilândia - DF, em diálogo com os conceitos literários, levando à elaboração de uma didática que favoreça o ensino de Literatura, a representação e a recepção como elementos fundamentais para a interpretação de obras em contato com o leitor, assim como do Lugar enquanto categoria do espaço, fundamental para análise do texto literário

Palavras-chave: Literatura, Representação, Ensino, Lugar/Ceilândia

43

LITERATURA E OUTRAS ARTES (MÚSICA, PINTURA, DANÇA, CINEMA, TEATRO): RELAÇÕES INTERARTÍSTICAS**Francisco Antonio Ferreira Tito Damazo (UNITOLEDO)**
Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT)

Resumo: Este simpósio é um espaço para reflexões e discussões sobre as relações entre a literatura e outras artes (música, pintura, dança, cinema, teatro). O estudo comparativo entre artes e obras literárias, fundado na relação interartística, tem se apresentado de forma eficaz quanto à capacidade de envolver e seduzir o leitor, constituindo o ponto inter-relacional para o diálogo entre obras literárias, na perspectiva da intertextualidade, bem como entre a literatura e outros sistemas semióticos artísticos. Afinal, já em si mesma, a complexidade do literário se configura envolta por camadas cuja natureza, espelhada por sua linguagem, suscita perceptíveis traços homológicos com outras linguagens artísticas. Este espaço se abre também para experiências de leitura literária pela ótica das artes vivenciadas no ensino da literatura, seja no âmbito da literatura oral, seja no âmbito da expressão da arte literária por meio dessas outras artes, ou nas homologias possíveis de serem estabelecidas entre elas, como, por exemplo, através da musicalização de poemas, ou ainda pelas letras de canções da música popular brasileira que atingem a categoria de poesia; seja na possível visualização da obra de arte por meio das artes plásticas, ou mesmo da encenação de obra literária. Este procedimento tem demonstrado em atividades voltadas aos estudos e à pesquisa o grande interesse por parte de metodologias educacionais contemporâneas, considerando que os diferentes se compõem no todo. O propósito é tornar este espaço aberto para as pesquisas

que propendam à investigação das mais diversas e sutis relações entre a literatura e as outras artes, dando, assim, mais visibilidade às múltiplas possibilidades dessa instigante atividade de pesquisa. É público e notório, nos dias de hoje, o avanço do conhecimento por meio da inter-relação entre as mais diversas áreas das ciências e, por conseguinte, das artes. É consensual também o entendimento de que não se pode perder de vista que as coisas, os seres são um todo, de cuja relação integrada e interacional depende a plenitude de sua existência. Nesse sentido é que se pode afirmar que as mais diversas manifestações artísticas, guardadas suas especificidades, permitem-se dialogicidades múltiplas consubstanciadas em proximidades e diferenças. Aproximam-se pelo fato de que, dentre outros, todas elas têm o estético como primeira plana. Este é o dínamo de seus fazeres. Move-as o belo como fator e resultado de uma expressão que, sem obliterar a realidade, constrói – e com ela simultaneamente se constrói – uma linguagem elevada à categoria do inusitado, do singular, em que a ética e a moral se estabelecem sob o primado do estético. O olhar arguto do artista faz-se pelo viés da percepção desautomatizada. Suas inquietações e inconformismos, instigados por fina sensibilidade e visão crítica do mundo em que se inserem, fazem-no criar a obra de arte, cuja dimensão poética não se alinha com este seu universo e tampouco dele se desaliena. Ao contrário, configura-se como uma realidade, cuja beleza consiste na confluência da capacidade de emocionar, sensibilizar, ao mesmo tempo em que confronta. Este procedimento, reitera-se, é particular e comum a todas as artes. E sua comparação, tomando cada uma com sua forma e linguagem, pode conduzir à consecução de realidades e visões daí resultantes, mas com percepções também diferentes. Assim é que suas diferenças, em razão de suas peculiaridades, permitem olhares múltiplos muitas vezes sobre os mesmos temas, possibilitando leituras diversas e pertinentes. Compará-las, confrontá-las, sem dúvida, abrem para dimensões de sentido, ampliando o campo de análise, interpretação e compreensão da realidade. A esse respeito, em sua clássica Obra Aberta, Umberto

Eco diz que “Das estruturas que se movem até aquelas em que nós nos movemos, as poéticas contemporâneas nos propõem uma gama de formas que apelam à mobilidade das perspectivas, à múltipla variedade das interpretações. Mas vimos também que nenhuma obra de arte é realmente “fechada”, pois cada uma delas congloba, em sua definitude exterior, uma infinidade de leituras possíveis.” (Eco, 1969). Portanto, é pautando-se nessas reflexões que este simpósio propõe-se a dar continuidade a um trabalho de pesquisa iniciado em 2007, quando da sua primeira proposição, e pelos simpósios seguintes dos congressos da Abralic de 2008, 2010, 2013 e 2015 e, há pouco, em setembro de 2016, aqui, na Uerj, no XV Encontro deste congresso, cujos resultados podem ser observados em publicações, troca de experiências e participação de pesquisadores em grupos de pesquisa em diversos centros acadêmicos, enriquecendo a amplitude do conhecimento da Literatura Comparada

Palavras-chave: Literatura, Outras artes, Relações interartísticas

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Imagética Cinemática em Chico Buarque de Holanda

BENTO MATIAS GONZAGA FILHO (UNEMAT)

Resumo: A proposta desta comunicação é investigar e discutir a imagética cinemática, que acredito estar presente nas letras das canções do compositor brasileiro Chico Buarque de Hollanda. Para tal intento, tomarei como objeto de investigação aqui apenas a canção “Construção”, entre as muitas composições do artista com essa possibilidade de leitura. Utilizo a expressão imagética cinemática com o intuito de explicitar que o exercício de leitura estará voltado para a percepção de cenas de cinema na escrita do artista. Para melhor iluminar o conjunto de representações das imagens e entendê-lo na

articulação cinemática é importante a leitura da obra *A Philosophy of Cinematic Art*, de Berys Gaut (2010). O filósofo esclarece que a filosofia do filme se mostra como parte consolidada da estética, abarcando um grupo bem definido de questões, as quais são de grande importância para a conceituação do cinema como narração cinemática. Cinema is the medium of the moving image. In the etymologically rooted sense of the word, ‘cinema’ is related to the notion of kinematics, the study of things that move. ‘Movies’ and ‘motion pictures’ are terms that capture the phenomenon: we are discussing pictures that move. Moving images come in many kinds, a fact of which it has been easy to lose sight until recently, given the dominance of traditional photochemical, celluloid-based film for most of the period in which moving images have been subject to theorising. (GAUT, 2010, p.1) Entendendo o cinema como o meio da imagem em movimento, “study of things that move”, como propõe Gaut, pode-se percebê-lo então como narrativa cinemática. Esclarece-se, então, o uso da expressão imagética cinemática: a imagética que vem carregada de cenas de cinema (imagens que se movem). Octavio Paz (2012) abre a possibilidade do exercício diferenciado de ordem psicológica na percepção da imagem. O poeta, crítico e teórico abre novos horizontes e exercita outros olhares sobre a concepção da imagem: A unidade da imagem deve ser algo mais que a unidade meramente formal que se dá nos contrassensos e, de modo geral, em todas as propostas que não significam nada ou que constituem simples incoerências. Qual pode ser o sentido da imagem, se em seu interior vários e díspares significados lutam entre si? [...] Trata-se, então, de uma verdade de ordem psicológica... (PAZ, 2012, p.113) A procura da unidade da imagem nas canções de Chico Buarque, para além do formal e dos contrassensos, passa pelo exercício do conhecimento de mundo e pelas memórias imagéticas e emotivas proporcionadas pelo cinema. Conjunto fundamental para perscrutar a imagética cinemática e evidenciar a verdade psicológica das imagens em movimento guardadas nas letras do compositor. Verdade psicológica essa, tão bem esclarecida

e entendida por (EISENSTEIN, 2002, p.21): “Uma obra de arte, entendida dinamicamente, é apenas este processo de organizar imagens no sentimento e na mente do espectador”. No poema ou na letra de uma canção a palavra não é apenas signo, o fenômeno da imaginação, organizada na mente do leitor, atinge intensa pluralidade de cenas e proposições.

Palavras-chave: Imagética, Cinema, Percepção, Chico Buarque

“I stay alive to try that looke: Berthe Morisot pelos olhos de Anne Waldman

PAULA LUERSEN (UFRS)

Resumo: Em 1985, a poeta Anne Waldman publica no livro *Skin Meet BONES* alguns versos dedicados à pintora Berthe Morisot que, assim como ela, elegeu a arte como escolha de vida e aspiração profissional. O artigo propõe estabelecer, por meio desse poema, relações entre as duas artistas cujos olhares se encontram e se cruzam – ainda que uma produzisse pintura na Paris do século XIX e a outra escreva poesia na Nova York dos anos 60 e até hoje. O paralelo entre as trajetórias dessas duas mulheres permite apreender muitas das transformações sociais e políticas ocorridas no decorrer do século que separa suas produções. Busco, então, num primeiro momento, interrogar a experiência dessas artistas inseridas em épocas e contextos tão diversos, tornando explícitas as transformações que a primeira e segunda ondas do feminismo promoveram em suas vidas e em seu estatuto de artistas – mudanças que são claramente expressas na trajetória e no posicionamento político de cada uma. Depois, a análise se focará no poema Berthe Morisot, identificando seus enlaces com a biografia da pintora e com textos críticos sobre seu trabalho. O objetivo é tentar lançar um olhar mais atento para a artista, não mais guiado pelo ponto de vista dos críticos de sua época, mas pelo esforço de Anne Waldman em construir com versos, outro viés possível de onde enxergar a pintora impressionista, os desejos e anseios que animaram seu fazer artístico.

Waldman concentra-se no discurso de Morisot sobre sua própria obra e, logo, nos temas que lhe foram caros, como a apreensão da efemeridade e do detalhe passageiro em pintura. Procura-se demonstrar, por fim, como se dá o encontro entre as poéticas das duas artistas, revelando ressonâncias e dissonâncias entre suas produções, guiadas por um olhar comum, ainda que as constituam a partir de diferentes linguagens. O foco do trabalho está em pensar esse olhar comum implicado na obra das duas artistas, talvez a mesma afinidade que arrastava Berthe para o Museu do Louvre, com frequência, a prestar atenção nas luzes; Waldman para o Museu Metropolitano, para tentar manter-se conectada com algum tipo de beleza – como cita no poema *Show you out the door* (2006): “Eu permaneço viva para olhar para as coisas / e se eu não olho para algo bonito pelo menos uma vez ao Dia / eu vou para o Metropolitano”. Por fim, olhares que se encontram não apenas por compartilharem um gênero, ou habitarem um lugar e um tempo em comum, mas por cultivarem, por meio da arte, o desejo de registrar aquilo que julgam memorável, de forma a torná-lo acessível, pela pintura ou poesia, ainda a outros olhares.

Palavras-chave: poesia e pintura, Berthe Morisot, Anne Waldmann

“O violino” de Luiz Vilela: uma relação interartes

ALINE CARRIJO DE OLIVEIRA (UFU)

Resumo: O conto “O violino”, de Luiz Vilela, apresenta elementos comuns a outras artes que não somente a da linguagem escrita, como a elucidação da textura, da cor e da sonoridade por meio da palavra. De posse desse corpus, o objetivo deste trabalho é analisar as relações estabelecidas intratextualmente entre as artes à luz dos conceitos de intermedialidade, artes irmãs e teoria da recepção. O percurso deste estudo parte da necessidade empírica de aproximação entre os principais aspectos de cada arte elencada no texto literário proposto e encaminha-se para uma percepção da complexidade do efeito produzido na recepção do conto. Nesse sentido, a narração em

primeira pessoa propõe conexões entre as práticas da leitura, os ofícios artísticos, as percepções e memórias sensoriais dentro e fora do enredo. A oposição entre o ofício artístico e o comercial também apresenta um antagonismo relevante para a compreensão do corpus. A primeira característica da relação interartística aparece logo no título do conto, em que o autor traz um elemento musical e visual para fazer referência à música; o substantivo “violino” prepara o contexto de leitura como uma anunciação acerca do assunto da obra. Diante disso, pensar esse conto somente pelo viés da arte literária não abarcaria a totalidade semântica que ele carrega, pelo fato de ele compreender um universo de interpretações que transcenderá a palavra escrita; conforme nota-se no decorrer da leitura, o violino e seu “espaço” tornam-se símbolos a reverberar a relação do produtor artístico à obra e ao seu público. Assim, as pretensões estéticas e culturais do artista trazem uma reflexão acerca do conceito de artes irmãs, e é necessário deixar claro que para este trabalho não se utilizará essa proposição teórica somente nas relações de pares artísticos (como literatura e música, literatura e artes plásticas, literatura e artes cênicas, entre outros), pois ela está calcada na possibilidade de diálogos polifônicos entre inúmeros códigos e impressões específicas das várias artes, evidenciando as possibilidades de leitura diante da macroestrutura do conto. As inúmeras pretensões de leitura e de relação entre as artes, a partir de uma única, são factíveis e diversas, bem como a iminência de comparação entre diferentes manifestações artísticas por meio de suas similaridades estruturais ou temáticas. Portanto, o estudo proposto estender-se-á acerca das reflexões sobre a relação que o conto “O Violino”, enquanto texto literário, pode elucidar de regras e estruturas específicas de outras artes, provocando um efeito sinestésico no leitor.

Palavras-chave: Estudos interartes, Conto brasileiro, Artes irmãs, Teoria da recepção

2 + 2 = 5: As equações de George Orwell na linguagem pop do Radiohead

LAURO IGLESIAS QUADRADO (UFRS)

Resumo: Em meados do século XX, ao mesmo tempo em que novos fenômenos da música popular se consolidam no imaginário coletivo e atingem marcas comerciais até então inimagináveis, a Literatura Comparada se apresenta como um campo prolífico para a discussão de inauditas investigações no âmbito dos estudos literários. Citando apenas algumas teorias celebradas, ideias como transtextualidade, tradução intersemiótica e tradução criativa se mostram decisivas para o aprofundamento dos estudos intermediais em literatura, que passam a desfrutar, a partir de suas postulações, de novos e importantes referenciais. Eles são representativos de uma evolução crítico-metodológica nas relações de aproximação entre dois objetos estéticos distintos, mas que se unem em torno de uma relação entre si, seja ela explícita ou não. Nesta comunicação, será analisado um caso exemplar de intensa aproximação entre a literatura e a música popular, que toma forma no diálogo entre o romance 1984 (1949), do escritor britânico George Orwell, e a composição musical “2 + 2 = 5”, dos também britânicos do Radiohead, presente no álbum Hail to the Thief (2003). A canção tem o livro de Orwell como hipotexto, com a citação no título à célebre equação que representa os truques de retórica desenvolvidos no regime distópico concebido pelo escritor. No entanto, não há outras citações diretas ao livro em qualquer verso da música, mas sim uma relação de linguagem, em que a banda se utiliza de registros cunhados em 1984, como o newspeak e o doublethink. Tais conceitos, utilizados pelo autor como estratégias de manipulação através do poder político, aparecem de maneira análoga à construção dos versos de “2 + 2 = 5”. A partir dessas relações, serão exploradas como se dão, através dos códigos da linguagem musical, tanto na análise de letra quanto de sonoridades, as relações intertextuais entre obra musical e obra literária. Para ajudar na realização dessa tarefa, serão

considerados alguns conceitos do crítico Mark Greif e sua Filosofia do Pop, que desenvolve termos de mediação que ajudam a reconhecer a música popular como uma linguagem em si, independente de conceitos tradicionalmente ligados à poesia. Ademais, a relevância da discussão política proposta pelas duas obras se mostra particularmente pertinente no contexto global contemporâneo. Hail to the Thief foi composto em meio à conturbada reeleição de George W. Bush em 2000, e parece encontrar, facilmente, diálogo aberto com as vagas frases dos déspotas de Orwell, cujo romance encabeçou um inesperado retorno ao topo das listas de mais vendidos com a eleição de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos em 2016.

Palavras-chave: Radiohead, George Orwell, Literatura Comparada

Teatro e cinema: uma análise da adaptação de Nossa vida não vale um Chevrolet de Mário Bortoloto

GRACY KELLY NONATO RUIZ (UFMS)

Resumo: A contemporaneidade, rompendo com valores tradicionais e abrindo espaço para inovações de estilos e estética, apresentou novas possibilidades no meio artístico, em que a arte está cada vez mais próxima da realidade. O teatro também inovou, especialmente, sobre sua função social; trazendo para o prosclênio temas que representam as diferentes camadas de uma sociedade em constante transformação. Nesse sentido, a adaptação de peças teatrais para o cinema alude a esses novos caminhos, colaborando para o diálogo entre literatura e outras artes, especificamente, entre a linguagem fílmica e as formas teatrais de representação. A linguagem teatral, historicamente, fora evitada pelos diretores e teóricos do cinema, mas passou a ser parte integrante do meio cinematográfico, servindo até mesmo de base para suas especificidades. Ancorando-se nas contribuições de Magaldi (1998), Ryngaert (1996) e Pallottini (1989), acerca das noções que configuram o discurso teatral e, pautados nos pressupostos teóricos de Xavier (2003), Bazin (2008) e Brito (1996), acerca da relação teatro/cinema, propomos

nesse trabalho um olhar sobre os aspectos que envolvem a adaptação da peça *Nossa vida não vale um Chevrolet*, de Mário Bortolotto, para o cinema, no que tange aos temas abordados, constituição e discurso das personagens, tempo e espaço ficcionais. A peça foi encenada pela primeira vez no ano 2000, tendo sido publicada apenas em 2008, ano em que foi lançado o filme adaptado intitulado *Nossa vida não cabe num opala*. Vale observar que Mario Bortolotto, autor paranaense, tem se destacado por sua produção teatral, mas também tem publicados livros de contos, poemas e romances, além de atuar e dirigir suas próprias peças. A maioria dos seus textos é encenada por seu próprio grupo teatral, no qual dirige e atua chamado “Cemitério de automóveis”. O autor é ganhador do prêmio APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte – pelo conjunto da obra e o prêmio Shell de teatro de 2000 pela obra *Nossa vida não vale um Chevrolet*. Além de autor, diretor e ator, Bortolotto integra, como vocalista, uma banda de rock/jazz/blues. Em constante atividade artista em diferentes segmentos, o autor está entre os mais prolíficos do Brasil, trazendo para o cenário artístico o universo marginal, dando voz aos excluídos socialmente, bem como aqueles que se colocam nessa posição, por não se adaptarem às normas e regras impostas pela sociedade. Destaque-se, contudo, que o presente artigo busca, como princípio analítico, a compreensão dos modos de estruturação do projeto estético de Bortolotto, autor influenciado pelos quadrinhos, música e cinema, bem como pela cultura beatnik.

Palavras-chave: literatura brasileira contemporânea, dramaturgia, cinema, adaptação

Panis et Circencis: um manifesto literário/ musical

JOCEANE LOPES ARAÚJO (UEFS)

Resumo: 50 anos de um disco manifesto: *Tropicália ou Panis et Circencis*. Nele, ideias, aspirações, contrastes, ousadia, dissonância, antropofagia, canibalismo, polifonia, dialogismo, intertextualidade, vozes da miscigenação brasileira. *Brasis do Brasil*, “uma geleia geral”,

a prova dos nove do que somos. Um emblema, um signo repleto de afetos e desafetos tropicais, um canto crescente de uma cultura ao contrário, que, apesar de “envergonhar”, em alguns aspectos, é nossa e, portanto, deve ser lançada ao vento. Lançá-la, ao mundo, assina o decreto de morte dessa vergonha. Um disco-manifesto, a explicitação de um movimento, a oportunidade de acionar a força das vozes dissonantes de Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil, Nara Leão, Tom Zé, Capinam, Torquato Neto, Os Mutantes; conduzidos pelos arranjos surpreendentes de Rogério Duprat com a intenção de apresentar uma visão do Brasil sincrônica e diacrônica. Todas estas vozes dialogam com outras. Sejam no campo das artes plásticas (Hélio Oiticica), Cinema (Godard e Glauber Rocha), Literatura (Guimarães Hamlet), filosofia (Sartre, Beauvoir). Um diálogo translinguístico, metalinguístico, histórico, sociológico, sem barreiras e humano. Este álbum, portanto, apresenta a música, enquanto alegoria e carnavalização de um Brasil gerador de uma contracultura indomável. Este disco invade a MPB mesclando-a: Bossa Nova, literatura, canções folclóricas, contestação social, cafonice, candomblé, Beatles, magia, misticismo, catolicismo. Somos canibais! Viva a Antropofagia! Somos mestiços! Viva a Bahia! Viva o Brasil, Pindorama, país do futuro! *Panis et Circencis*, produzido em 1967, composto por doze canções; inicia sua trajetória com *Miserere Nóbis* e encerra com *O Hino ao Senhor do Bonfim*. Entre elas estão as outras dez, cujas temáticas díspares intencionam apresentar um panorama geral deste país através da música e dos diálogos literários. É um veículo no qual a voz do popular, da contracultura está ao lado da erudita. “Yes, nós temos bananas”. As vozes vítimas da Ditadura, do campônio, a política do pão e circo, o subúrbio, o moralismo, a família burguesa, o estrangeirismo, a contracultura, a colonização, a globalização, a economia, a política, a liberdade de expressão, os protestos, o sagrado, o profano. Um universo a ser desvencilhado. Devido às suas relações intersemióticas e dialógicas, utilizarei o aporte teórico de Bakhtin, Koch, Ducrot afim de analisar, dentro do disco, os aspectos

do dialogismo, intertextualidade e polifonia. Discutindo aspectos relevantes à construção desta obra literária/ musical: as razões, vozes que a constituem, a capa com seus emblemas, a noite de lançamento e o universo que cada canção abriga, em si, como se a música fosse uma espécie de “cinema falado”. Pontuarei também a transnacionalidade da poesia concreta presente no disco, ancorada em Haroldo de Campos e Augusto de Campos; Panis et Circencis na relação intersemiótica: disco x livro da baiana Ana de Oliveira; as marcas da intertextualidade implícita e explícita; a Antropofagia de Oswald como mentora do disco e a relação entre a música “Enquanto seu lobo não vem” e Terra em Transe de Glauber Rocha. Uma pesquisa, uma análise sobre este movimento Tropical que, no presente, ainda é farol e direciona nossos passos neste eterno país do futuro.

Palavras-chave: Panis et Circencis, Polifonia, Literatura, Música

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

A aventura do fotógrafo que queria superar Manet

ANNATERESA FABRIS (USP)

Resumo: Em Obscura (2009), lançando mão da éfrase, Régis Descott narra a história de um assassino obcecado por alguns quadros de Manet, principalmente *Olímpia* e *O almoço na relva*. Suas várias vítimas, raptadas para participarem de singulares tableaux vivants que reconstituíam os quadros do pintor, pareciam-se, de algum modo, com Victorine Meurent, uma das principais modelos de Manet e de artistas como Edgar Degas, Alfred Stevens, Norbert Goeunette e Henri de Toulouse-Lautrec. Ambientado no último quartel do século XIX, o romance tem como protagonista o doutor Jean Corbel, apaixonado por Manet a ponto de pintar uma cópia de *Olímpia*, cuja modelo fora sua companheira Sibylle Auclair. A descrição minuciosa dos quadros

de Manet por meio de reconstituições macabras permite aventar a hipótese de que Descott tenha buscado inspiração nas críticas feitas a *O almoço na relva* e *Olímpia*, quando de sua exposição em 1863 e 1865, respectivamente. Ao deparar-se, pela primeira vez, com uma das reconstituições homicidas, Corbel é tomado pela sensação de que seu autor era uma pessoa incapaz de igualar a criatividade de Manet e que, por isso, se dedicara à criação de uma “obra negra”. Contando com a colaboração do doutor Gérard Roch, que trabalhava na clínica do psiquiatra Émile Blanche, Corbel esboça a ideia de que o assassino deveria ser buscado na alta sociedade, haja vista tratar-se de uma pessoa muito inteligente e possuída por uma paixão artificial. Confrontado com imagens fotográficas de pessoas fixadas em poses rígidas, o detetive amador evoca outros dados associados ao objeto de sua investigação – marcas triangulares que haviam chamado sua atenção na casa de Auteuil e uso de luz natural no local da primeira encenação – e acaba por perceber que o autor dos tableaux vivants protagonizados por cadáveres, deveria ser procurado entre os fotógrafos ou os aficionados de fotografia. Representante do “romance ecrástico contemporâneo” (Alexandra Vranceanu), ou seja, de uma narrativa inspirada em obras de arte célebres, que atraem o autor por sua capacidade de engendrar um enredo, o texto de Descott insere-se também na tradição do “romance de artista”, bastante popular na França no século XIX. O topos da rivalidade entre artistas é um dos eixos do livro, abarcando três dimensões: disputa entre criadores; crítica ao trabalho do rival; conflito de gerações e vontade de produzir uma obra absolutamente inédita. Psiquiatria, arte e fotografia entrelaçam-se numa narrativa marcada pelo enigma e pelo desvario. A criação artística é a questão central do romance, que escapa dos limites do gênero policial por propor a seus leitores um enigma que vai além da descoberta do assassino e de suas motivações.

Palavras-chave: pintura, fotografia, psiquiatria, éfrase

A literatura e as artes como provedoras de uma proposição dialética

JACY CRISTINA ANTUNES DE QUEIROZ GONÇALVES (PUC-GO)

Resumo: O trabalho se propõe a prescurtar as relações intersemióticas entre Literatura e artes plásticas por meio de um caminho que entendemos como inovador nesse universo das artes comparadas. O que nos move ou o que podemos considerar fio condutor desse tipo de abordagem está na relação tensa e consequentemente dialética entre o discurso verbal e o discurso visual, considerando invariantes decisivas para a contribuição nos procedimentos delineadores de tão singular estudo. Portanto há uma questão basilar que conduzirá nossos propósitos: as relações tensivas entre um determinado tipo de obra plástica e um determinado tipo de obra literária, obras que nos parecem acentuar a questão maior dos estudos da Poética, trata-se das intensidades inventivas que, de maneira mais explícita apontam para o movimento centrípeto e centrífugo isto é, os movimentos da linguagem reportam para os movimentos externos do mundo ou como se pode dizer, da realidade empírica. Para que seja possível realizar esta pesquisa elegemos obras plásticas que engendram um plano de metaforização por meio de recortes metonímicos que no seu conjunto atingem dimensões hiperbólicas. E isso mais detidamente ocorre na obra plástica de René Magritte em cujo trabalho selecionaremos alguns quadros tais como Valores Pessoais (1952) e A rosa reclusa (1955), A sala de audição (1952). Não só estes exemplos mas outros quadros do pintor acentuam de maneira singular as interações tensas entre a arte e a realidade por meio de um surrealismo questionável por não ocorrer por meio de metáfora insólitas mas por meio de procedimentos conceituais de desviar nossa percepção criando o universo do que a tradição passou a considerar como o inverossímil crível. Esse universo de singularidades na hipérbole visual de René Magritte encontra na Literatura correspondências não tão comuns mas determinantes para o que entendemos como homologia estrutural entre os sistemas, dentre os autores nacionais que trabalham se valendo de tais procedimentos

destacamos Dalton Trevisan em contos de obras variadas: O vampiro de Curitiba (1965), Cemitério de elefantes (1964). Tanto na obra plástica quanto no texto literário, o que se percebe é uma forma de realização baseada em lentes de aumento ou como se o artista evidenciasse o contorno dos signos de modo a ratificar a natureza do simulacro que pulsa entre a arte e a realidade. São obras que tendem a deflagrar estilisticamente uma espécie de hiperrealismo e de acentuado grife nos índices e semi-símbolos de suas manifestações sgnicas. A Literatura e as artes possuem formas inusitadas de configurar o real e destituí-lo de suas pretensas camadas de manifestação. O que nos move nessas formas acima indiciadas é o modo como o artista e o escritor se valem de uma espécie de “água forte” para, como se estivesse com lápis crayon em suas mãos, delineassem os desenhos da representação e estimulassem dialeticamente a nossa leitura da realidade.

Palavras-chave: Dalton Trevisan, dimensões hiperbólicas, relações homológicas, René Magritte

A harmonia da composição: interseções entre música e literatura na ficção antuniana

MARIANA ANDRADE DA CRUZ (UFF)

Resumo: O objetivo do presente trabalho é tecer relações entre a escrita engenhosa do autor português contemporâneo António Lobo Antunes e a composição musical, partindo do conceito deleuziano de harmonia para entender como a obra literária, em sua totalidade, constitui um corpo por intermédio do qual as particularidades se unem para compor a unidade. Em seu livro “A dobra: Leibniz e o barroco”, Gilles Deleuze elabora diferentes interpretações a partir do arcaísmo teórico de Gottfried Wilhelm Leibniz e apresenta o conceito de dobra, expandido para além do campo meramente abstrato – sabendo-se da raiz filosófica dos trabalhos de Leibniz –, ou físico-espacial – considerando-se as incursões de Leibniz no campo da Física, matéria pela qual ele se tornou mais conhecido –, e considerado como símbolo de um procedimento

estilístico artístico e barroco, que encontraria equivalentes na arquitetura, na pintura e, sobretudo, na música. Para Deleuze, “o traço do barroco é a dobra que vai ao infinito, e seus efeitos se fazem sentir na musicalidade, por intermédio de elementos como o papel do baixo-contínuo enquanto “elemento organizador da melodia”. No entanto, a influência principal da dobra está naquilo que o autor chama de harmonia musical barroca – caracterizada pela presença do individual no uno, da multiplicidade variada no coletivo. Parte-se do conceito de mônada, tal qual foi postulado por Leibniz: “uma substância simples, que entra nos compostos”. Tal organização harmônica é vislumbrável na fortuna literária das obras de Lobo Antunes, caracterizadas por determinadas recorrências, tanto formais quanto estilísticas, que podem, em um primeiro momento, surpreender o leitor desprevenido, mas que sempre convocam a um mergulho insidioso e vertiginoso na leitura. Uma de suas características mais marcantes é aquela a que Dalva Calvão alude como “complexa geografia textual”: um mapeamento de personagens, locais e épocas, dispostos na trama de maneira a desrespeitar qualquer sequência cronológica. Nessa tessitura, as personagens surgem em estranho estado de simultâneas articulação e desarticulação: são ensimesmadas e adotam um discurso fragmentado, marcado por sucessivas mesclas entre passado e presente, encadeadas pela memória, e, ao mesmo tempo, do meio de seus debates interiores, tornam-se partes de um todo coeso, que é a obra em si. A unidade – textual e coesiva – do romance é, portanto, formada por intermédio dos monólogos fragmentados de suas personagens; ao leitor cabe a tarefa de, munido desse fio de Ariadne que é a percepção, guiar-se pelo labirinto discursivo para compreender, paulatinamente, quem são os indivíduos presentes no texto e como se constrói a relação entre seres aparentemente díspares. Esse procedimento, que se estrutura como puzzle textual, associamos à harmonia composicional teorizada por Deleuze. Segundo Maria Alzira Seixo, “a confusão temporal ou espacial, a relação tensa e contraditória entre as personagens, muito

mais que referidas, muito mais que narradas, transparecem no próprio tecido narrativo, na radical corporificação de um verdadeiro amálgama entre conteúdo e expressão, ou entre fundo e forma”. Seleccionaremos alguns romances do cânone antuniano para perspectivar como, à luz do conceito deleuziano, a leitura interartes pode ser efetuada.

Palavras-chave: Harmonia, Gilles Deleuze, António Lobo Antunes, Diálogos interartes

A metaficção no romance *Budapeste* de Chico Buarque e na peça *Seis personagens à procura de um autor* de Luigi Pirandello

JANIO DAVILA DE OLIVEIRA (UFSM)

Resumo: O objetivo do presente trabalho é fazer uma análise comparatista das obras *Budapeste* (2003), do escritor e compositor brasileiro Chico Buarque de Hollanda e de *Seis personagens à procura de um autor* (1921), do dramaturgo italiano Luigi Pirandello, pela perspectiva da metaficção. Embora a obra buarqueana pertença ao gênero romance e a peça de Pirandello ao gênero drama, as duas obras são marcadas pelo que Robert Stam (1981) denominou anti-ilusionismo, ou seja, a obra rompe seu estatuto de ficção e desse modo passam a refletir sobre sua natureza. Quando consumimos uma obra de arte, seja ela literária, pictórica, cinematográfica, musical ou de outra natureza, automaticamente assinamos um contrato de ilusão com o autor. Suspendemos nossa descrença, em troca, esperamos que o autor nos ofereça uma história verossímil. Cada vez mais, é possível perceber esse contrato que mencionamos entre autor e apreciador da obra, ser rompido, seja no cinema, no teatro ou na literatura, por parte de muitos escritores. O fenômeno observado por Stam mais tarde passou a ser denominado metaficção pela maior parte dos teóricos. Nas palavras de Gustavo Bernardo (2010), a metaficção é “um fenômeno estético autorreferente do qual a ficção duplica-se por dentro, falando-se de si mesma ou contendo a si mesma. Ainda segundo Bernardo, embora associada à pós-modernidade, essa característica pode ser

encontrada já em obras como *Dom Quixote*, de Cervantes, e *Tristram Shandy*, de Sterne. Na obra de Chico Buarque, nos deparamos com um protagonista que é um ghost-writer, alguém que escreve textos cuja autoria será assinada por outros, ou seja, um autor sem glamour e reconhecimento. Dentro do livro de Chico Buarque encontramos outros livros e adentramos em outros níveis ficcionais. Por fim, quando a obra toma seu rumo final, ficamos na dúvida se o protagonista-narrador é também o autor do texto que acabamos de ler. Além disso, Budapeste se vale de elementos paratextuais que têm uma influência direta no sentido do romance. A obra de Luigi Pirandello trata de seis personagens que invadem o ensaio de uma peça teatral após serem renegadas pelo seu primeiro autor e no momento estando em busca de um outro que pudesse assumir suas autorias. Os diálogos entre as personagens e o autor tratam diretamente das questões de criação, autoria e representação. Há também momentos de encenação, o que faz com que a peça contenha outras peças no seu interior, fortalecendo ainda mais o seu caráter metafictional. Como aporte teórico para o estudo, além dos autores já referidos, utilizaremos obras de Antônio Cândido, Leyla Perrone-Moises, Décio de Almeida Prado, Gérard Genette, entre outros.

Palavras-chave: Metaficção, Autoria, Romance, Teatro

Sobrevida da personagem Capitu: refiguração em minissérie

CLARICE GOMES CLARINDO RODRIGUES (UNEMAT)

Resumo: Esta pesquisa analisa a sobrevida da personagem Capitu, que transcende os capítulos do romance *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis e recebe nova figuração, por meio de um processo de transmediação; esse processo, o televisivo, está constituído pela minissérie intitulada *Capitu*, dirigida por Luis Fernando Carvalho e exibida pela rede Globo no ano de 2008, como parte das comemorações do centenário da morte do referido escritor. Observa-se como a linguagem visual, verbal oral e auditiva apropria-se dos elementos narrativos do romance *Dom Casmurro* para a refiguração

da personagem Capitu, e como os dispositivos retórico-discursivos, de ficcionalização e de conformação acional e comportamental, que compõem o processo de figuração na narrativa literária se efetuem a partir da atuação do casting, enquanto elemento fundamental na transposição da obra literária à midiática. Em conformidade com os estudos narrativos, como campo teórico em que se estruturam diversos eixos que conduzem às narrativas não literárias (jornalismo, história em quadrinhos, videogames, cinema, televisão, etc.), esta análise centra-se no estudo da personagem, como categoria fundamental da narrativa, em que se concentra grande potencial semântico e diversificadas reelaborações em vários contextos, épocas e gêneros narrativos. O resultado estético da transposição intermediária do romance à minissérie *Capitu* é a confluência artística do teatro e da música traduzida pela imagem audiovisual e imbricada na linguagem poética machadiana. A cenografia e a música são recursos que incidem nos elementos tempo, espaço, narrador e personagem. As reminiscências do narrador-personagem se materializam pela expressão carnavalesca de pensamentos e sentimentos, figurados por um personagem que contracenava com fragmentos do passado, com livre trânsito entre eles. Nessa direção, observa-se uma subversão cronotópica, na qual o tempo e o espaço se apresentam como uma grande colagem e sobreposição, de modo que os objetos, as ambientações e acontecimentos do século XIX são mesclados ao século XXI, em constantes modificações de cenas e cenários, os mais próximos possíveis da ficção, no intuito de romper com a perspectiva sisuda de uma minissérie; todavia, sem anular as potencialidades verossímeis presentes no enredo machadiano. Portanto, este trabalho está na esteira da personagem e segue-se o viés crítico de Henry James, ao afirmar que todos os elementos da ficção narrativa promanam dessa categoria que, com seu poder de verossimilhança e força, é capaz de gerar conflitos, provocar tramas, e quando bem construída – seduzir a atenção do leitor até o último capítulo. Com efeito, a personagem bem construída é capaz de despertar o leitor

para além das últimas páginas de uma narrativa, e assim é Capitu - uma das mais enigmáticas personagens da literatura brasileira, que se fixou no imaginário do leitor, com os seus “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, e vive, a transpor o tempo, à medida que novas figurações são lhes atribuídas em novos contextos e suportes narrativos.

Palavras-chave: Machado de Assis, Dom Casmurro, Refiguração, Sobrevida

Vozes múltiplas na canção de Itamar Assumpção

BRUNO CÉSAR RIBEIRO BARBOSA (UFAL)

Resumo: Este trabalho apresenta uma leitura das canções “Não há saídas”, parceria de Itamar Assumpção com o poeta paulistano Régis Bonvicino, e “Venha até São Paulo”, de Itamar Assumpção — músico, compositor, poeta e performer, e um dos nomes mais representativos da chamada “Vanguarda Paulista” — movimento que reuniu músicos e poetas na década de 1980, em São Paulo. Com oito discos lançados, além de participação em trabalhos de importantes músicos brasileiros, o paulista de Tietê desenvolveu uma poética que envolve diferentes estratégias: do experimentalismo vocal, com arranjos arrojados, às regravações de Ataulfo Alves e à parceria com o percussionista Naná Vasconcelos. Seus primeiros discos, editados às expensas do compositor, receberam nomes provocativos, como *Beleléu Ielêu eu* (1981) e *Às próprias custas S.A* (1982). Entre essas diferentes estratégias utilizadas pelo compositor ao longo de sua trajetória musical, destaco, neste estudo, um modelo composicional frequentemente adotado por Itamar, em que a multiplicidade de vozes e de gêneros musicais é um dos elementos fundamentais em suas performances, tanto no palco quanto no estúdio, na gravação de suas canções. Neste caso, pode-se pensar em “voz” tanto no sentido mais corrente relacionado aos que executam uma canção, como também em um sentido metafórico, como indicação de uma visão específica de canção, arte, referências, tradições. Temos, em Itamar Assumpção, múltiplas vozes em suas canções, seja pela

presença de cantoras inventivas, como Tetê Espíndola, Ná Ozzetti, Mirian Maria, entre outras, que participavam das gravações de vários de seus discos, seja pela experimentação que Itamar realizava, ao brincar com sua própria voz, não raro, deslizando do canto para a fala, apagando as barreiras entre ambos e evocando a oralidade das conversas cotidianas. Assim, a partir da leitura dessas canções, no contexto dos discos nos quais elas estão inseridas, este trabalho pretende desenvolver um breve estudo analítico entre as referidas músicas e as referências à cidade onde se deu a maior parte da formação artística do compositor, expostas nas canções, certamente como ecos das vozes de sua memória cultural e/ou afetiva. A análise será guiada, sobretudo, pelas noções de voz e oralidade, tendo como suporte algumas das proposições do teórico Paul Zumthor (2010); polifonia e dialogismo, de Bakhtin (2011); memória, Jacques Le Goff (2013) e canção e entoação, de Luiz Tatit, (2002). E para um aprofundamento dessas questões, outros conceitos relacionados ao tema também nos serão úteis, tais como: antropofagia cultural (ANDRADE, 1976, 2011; CAMPOS, 1981; PERRONE-MOISÉS, 1990), pensada inicialmente pelo poeta modernista Oswald de Andrade, no Manifesto Antropófago, em 1928, quando propunha uma apropriação crítica do legado cultural universal, reforçando a ideia do exercício de composição a partir do diálogo, da incorporação de outros textos através, por exemplo, da memória; apropriação (BOURRIAUD, 2011); hibridismo cultural (CANCLINI, 2003); intertextualidade (KRISTEVA, 1974).

Palavras-chave: Itamar Assumpção, Canção, Poesia, Vozes

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

A passagem do eu ao outro: relação entre a primeira e a terceira pessoa no cinema de Nanni Moretti

GABRIELA KVACEK BETELLA (UNESP-ASSIS)

Resumo: A pesquisa parte do debate sobre algumas categorias dos gêneros híbridos em diversas formas de arte, especialmente a literatura e o cinema. Autobiografia, autoficção e seus limites prestam-se para a discussão sobre as formas literárias e audiovisuais contemporâneas, no intuito de desvendar estratégias de aparente autenticidade e de desenvoltura ficcional. No caso do cinema de Nanni Moretti, por um lado, tais mecanismos reforçam o rompimento com a objetividade e a manutenção de um ponto de vista narcísico, especialmente nos filmes produzidos até 1993; de outro ângulo, o diretor nos proporciona um sensível enfrentamento do real por meio de formatos que afirmam a instabilidade dos gêneros e a autoexposição como mecanismo estético, crítico e autocrítico. Moretti escreve, atua e se faz personagem em muitos de seus filmes, o que oferece mais fermento às discussões, especialmente no que diz respeito aos pontos mais polêmicos para os riscos de tratar o discurso cinematográfico sob parâmetros da análise literária. Se é complicado mencionar a figura de um narrador à maneira convencional da literatura para o cinema, é possível adotar uma estratégia de aproximação com as considerações básicas dispostas a compartilhar noções literárias de modo eficaz para os filmes realizados após os anos de 1960, a partir do que Pier Paolo Pasolini estabeleceu como leitura original para o cinema moderno, graças a formulações sobre as diferenças sentidas pelo espectador e sobre as marcas autorais nos filmes. Nossa proposta aqui é acompanhar o desempenho do sujeito que narra e do sujeito narrado na filmografia do diretor, com ênfase nos seus filmes da década de 1990. Quando estabelecemos uma

relação com a escrita autobiográfica (como em *Caro diário*, de 1993), a utilização da primeira pessoa revela uma disposição em contrastar o estado do cinema italiano, as questões cívicas como cidadão e a vida privada com suas preocupações e fantasias, sem uma posição ideológica preconcebida do diretor. Ao percorrermos sua filmografia e observarmos o deslocamento da figura de Moretti para personagens e a utilização da voz off para marcar a terceira pessoa, notamos que as aparentes contradições instauradas pelas seguintes instâncias: o personagem interpretado pelo diretor, a voz que não é absoluta no comando do ponto de vista e a câmera que revela o “narrador narrado”. Todas passam a ser complementares numa enunciação adequada aos conteúdos críticos, capazes de cobrir a política, a sociedade, a produção cinematográfica e as questões familiares, conforme observamos substancialmente a partir de *Aprile*, de 1998.

Palavras-chave: Literatura e cinema, Sujeito da enunciação, Cinema italiano, Nanni Moretti

A poética modulada em Georg Trakl e Edvard Munch

AGUINALDO JOSÉ GONÇALVES (UNESP/PUC-GO)

Resumo: Nos movimentos determinantes nas relações homológicas entre o sistema verbal e o sistema visual deve-se captar aquilo que vale como fio de prumo nas aproximações de raízes que conduzem a efeitos altamente procedentes. Não é nas aproximações analógicas que se podem encontrar tais procedimentos de composição. As relações entre sistemas distintos devem, antes de tudo, apreender a natureza da célula que engendra o objeto de arte. É claro que estamos nos referindo ao signo e às suas nuances capazes de gerar novos objetos, novos sentidos, para não dizer, novas fisionomias do mundo e das possibilidades de vivências postas à disposição no universo do imaginário. O referido fio de prumo estaria portanto nas aproximações similares capazes de gerar homologias de várias ordens e isso só é possível por meio do dialogismo entre “garranchos”, “ranhuras” da

linguagem dos mais variados sistemas. Ao falarmos em processo de modulação poética referimo-nos à alta gama de significação gerada por esses estilhaçamentos hieroglíficos da linguagem, e é neste sentido que mostraremos alguns procedimentos na pintura de Edvard Munch e na poesia expressionista de Georg Trakl. No caso em questão, por confluência coincidente, os artistas pertencem a um mesmo período da história da arte e da literatura, Edvard Munch é um dos que influenciaram a pintura expressionista e Trakl realizou a sua poesia na primeira fase do expressionismo alemão, entretanto nosso critério de seleção não foi o de aproximar artistas de um mesmo período pois poderiam ser de períodos diferentes. O que nos moveu a este estudo é a íntima relação entre a forma de plasmação de um fusionismo entre o nível eidético, cromático e sintático no movimento da linha da pintura de Munch e o mesmo ocorrendo com o léxico, a sonoridade e a sintaxe poética no texto de Trakl. Evidentemente que essas homológicas relações são realizadas pelas raízes dos dois sistemas, tendo a essencial consciência da natureza de cada um dos meios (plástico e verbal), o que vai gerar a intrigantes vontade de apontar as manifestações relacionais entre as duas obras é o que Ulrich W. Weisstein denominou de “mútua iluminação entre os sistemas”. Outra evidência dentro desse universo é a instauração do que Julia Kristeva denomina de significância querendo apontar para o sentido em movimento advindo do que a semiótica denomina de genotexto. Tanto em Munch quanto em Trakl, as duas obras produzem um perfil disfórico do sentido. É também uma coincidência não tão coincidente. Queremos dizer: o teor tensivo engendrado pelos semi-símbolos fazem emergir o que chamaríamos de tom expressivo nas duas obras. Em um primeiro olhar o que temos nesses trabalhos é uma justaposição de signos sejam icônicos, sejam verbais, responsável pela composição das obras e consequentemente, por sua realização, entretanto a terceira instância da invenção artística que denominamos modulação denuncia o processo de motivação do signo linguístico e do ícone e é por aí que a obra faz juz ao que Louis

Hjelmslev apresenta nos processos tensivos entre o plano de expressão e o plano de conteúdo.

Palavras-chave: Edvard Munch, Georg Trakl, poético, signo

A tradução intersemiótica do poema The Tiger de William Blake na obra Watchmen de Allan Moore

SUELLEN CORDOVIL DA SILVA (UFSM)

Resumo: Nessa comunicação pretende-se analisar por meio dos estudos da tradução intersemiótica as relações das obras dos dois autores William Blake e Alan Moore, respeitando os contextos históricos dos mesmos. Observa-se uma remissão do poema The Tiger de William Blake na obra Watchmen de Alan Moore, especialmente no capítulo quinto da história em quadrinhos. O método de impressão de William Blake (1757-1827) foi reinterpretado em novos contextos artísticos atualmente. Dessa forma, acompanha-se uma nova recepção crítica a respeito das obras iluminadas de Blake e suas relações com outras obras de autores diferentes. Por isso, verifica-se evidências dos escritos de Blake em trabalhos de Alan Moore. O autor é um escritor britânico que teve obras adaptadas para o cinema. O autor também usa pseudônimos como Curt Vile, Jill de Ray, Translucia Baboon e The Original Writer. Ele elabora narrativas, performances e entrevistas que envolvem o leitor. O enredo de Watchmen carrega uma proximidade com uma proposta enigmática, pois os personagens da narrativa demonstram ações complexas. O contexto da história em quadrinhos é a tensão de guerra. Esses elementos são importantes para uma compreensão ampla da narrativa. Então, o capítulo cinco de Watchmen chamado “Fearful Symmetry” carrega uma característica textual ficcional e visual com a lâmina iluminada The Tiger de William Blake. A máscara de Rorschach carrega uma impressão de uma constante simetria visual. Além desse elemento, o título do capítulo da história em quadrinhos “Fearful Symmetry” remete ao próprio verso tratado ao longo do poema The Tiger. Para amparar teoricamente a análise das duas obras sob o viés

da tradução intersemiótica apresenta-se uma revisão bibliográfica de alguns teóricos os quais são: Peirce (1975), Lucia Santaella (1990), Diniz (1998), Clüver (2006), Jakobson (2007) e Plaza (2008). Com isso, Lucia Santaella (1990) afirma que a tradução é um movimento ininterrupto em um processo de pensamento em outro pensamento. Plaza (2008) afirma que a tradução intersemiótica rompe fronteiras entre os diversos sistemas de signos, como, por exemplo o verbal, pictórico, fotográfico, fílmico, televisivo, gráfico, musical entre outros gêneros. Essa proposta teórica ajuda a conhecer os processos de tradução dos signos de um contexto verbal para o não verbal. A tradução intersemiótica é de suma importância para se analisar os signos das obras de William Blake recriados nos trabalhos de Alan Moore.

Palavras-chave: William Blake, Alan Moore, Tradução intersemiótica

Animal Farm: um olhar interartístico entre literatura e cinema

THAINÁ APARECIDA RAMOS DE OLIVEIRA (UNEMAT)

Resumo: A transposição de textos literários para a linguagem audiovisual é sempre um tema de grande discussão e que aguça o interesse do público. Sabe-se que a arte cinematográfica e a literária são espaços semióticos distintos, uma vez que, cada qual apresenta suas particularidades na maneira de narrar e perceber o mundo. A literatura possibilita alçar voos fora do texto, isto é, mobiliza a imaginação do leitor para que construa as próprias imagens. De modo diferente, o cinema traduz em cenas as representações que a arte literária sugere, e, além desta relação, constrói-se através da intersecção de outras artes, tais como: pintura, dança, teatro e fotografia. A partir do vínculo interartístico é comum vermos obras literárias ganhando corpo no cinema. As adaptações trazem em seu contexto novos símbolos e códigos que provocam leituras diferentes, e, portanto, nova matéria artística. É nesse contexto que encontramos a obra *Animal Farm* do escritor George Orwell e suas adaptações cinematográficas. Na escrita deste autor há uma intensa fusão entre os planos artísticos e

políticos. Seus trabalhos, a partir de 1936, expõem ideias contrárias ao totalitarismo. É esse senso político e ideológico que percorre toda a produção da obra *Animal Farm* publicado em 1945. Dentre as adaptações encontradas sobre tal narrativa escolhemos trabalhar com uma animação dirigida o Joah Halas e Joy Batchelor em 1954 e a adaptação de John Stephenson no ano de 1999. Cabe lembrar que nesta obra, Orwell projeta críticas que refletem um contexto pós Revolução Russa. Nela, os animais planejam um ataque contra o poder de dominação exercido pelos humanos. Um grupo liderado por porcos resolve expulsar o proprietário da fazenda onde residem, e após esse ato, ficam proibidas, entre os animais, manifestações da cultura dos homens. Aos poucos, tais proibições, reunidas em sete mandamentos, são quebradas pelos próprios líderes da revolução e provocam o fracasso do manifesto. Por meio da alegoria Orwell exerce uma forte crítica ao contexto político da época. Diante disso, a presente pesquisa busca compreender como as adaptações transpuseram a criticidade Orwelliana para o cenário audiovisual, considerando que cada releitura é um material diferente e recebe influências do contexto e local de produção. Vale ressaltar que o cinema, assim como as obras literárias, são frutos do momento, e como tal é importante considerar o olhar do cineasta, qual a leitura que ele almeja realizar sobre a obra, e quais conceitos, ideologias que imperam no momento da transcrição para o contexto cinematográfico.

Palavras-chave: *Animal Farm*, literatura, cinema, Literatura Comparada

Relações entre literatura e imagem no conto O senhor marquês de Geraldo França Lima

IVAN MARCOS RIBEIRO (UFU)

Resumo: Neste trabalho pretende-se trazer à tona o fluxo criativo do escritor mineiro Geraldo França de Lima no conto “O Senhor Marquês”, e como a relação entre a literatura e a pintura é colocada no texto desse escritor. Tentar-se-á uma comparação com as artes, traçar um percurso

um tanto eficiente da técnica narrativa de Geraldo França de Lima, bem como tecer considerações sobre o modo como o escritor eficazmente lança mão de um recurso aparentemente incomum em seus textos. Dessa forma, Geraldo passa a figurar entre os escritores capazes de ir além da construção textual ao lançar mão de motivos artísticos, como o caso da pintura em “O Senhor Marquês”. Cabe, antes, traçar um paralelo, ainda que insipiente, sobre alguns pressupostos regentes da inserção da arte em literatura. No conto supracitado, Geraldo França de Lima pratica o exercício da inserção da obra de arte em sua narrativa. Na realidade, o leitor só irá perceber o papel da pintura – o retrato do casal fundamental da linhagem do Sr. De La-Tour, ao final da narrativa, nos últimos parágrafos. Até então, o conto se desenvolve em torno de elementos de certa forma diversificados, numa tentativa de criar uma atmosfera vívida, típica de uma cidade interiorana de Minas Gerais, com os conflitos sociais trazidos à tona por meio da construção do estrangeiro. Geraldo França de Lima é um escritor profícuo, com muitos contos e romances publicados. Entretanto é um prosador ainda com muito a oferecer em termos de leitura e de descobertas de seu estilo. Na leitura do conto “O Senhor Marquês”, percebe-se muitos traços de seu estilo, bem como uma correlação com uma estética muito bem disposta ao longo do texto. Não parece exagero afirmar que o escritor mineiro consegue realizar uma obra de enredo consistente, em que há elementos denunciadores de uma correspondência artística sólida. Assim sendo, resta afirmar que Geraldo França de Lima, no conto em questão, atinge com maturidade a relação entre literatura e pintura. Para o exercício teórico a ser trabalhado no corpus em questão, pretende-se buscar o amparo de obras a embasar os moldes do exercício comparativo entre literatura e pintura, além do conceito de écfrase. Esse “impulso ecrástico” se configura muito útil ao escritor, pois a obra de arte enriquece a narrativa, além de denotar uma característica que engloba no mínimo duas artes. Além disso, ganha-se sobremaneira no aspecto visual da narrativa em razão das referências imagéticas

auxiliadas pelo exercício da écfrase, na medida em que esse “impulso ecrástico” se configura muito útil ao escritor, pois a obra de arte enriquece a narrativa, além de denotar uma característica que engloba no mínimo duas artes. Além disso, ganha-se sobremaneira no aspecto visual da narrativa em razão das referências imagéticas auxiliadas pelo exercício da écfrase.

Palavras-chave: Literatura e pintura, Geraldo França de Lima, Conto Brasileiro, Ecfrase

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

As descrições picturais de Nana (1880) de Émile Zola e a estética impressionista de Edouard Monet; interdiscurso e trajetórias

TAINÁ DA SILVA MOURA CARVALHO (UFRJ)

Resumo: Esta comunicação como o título sugere tem por finalidade apresentar uma comparação entre as descrições picturais presentes na obra Nana, escrita por Émile Zola e publicada em volume em 1880 com a estética impressionista de Edouard Manet. Ademais, também serão comparadas as trajetórias desses dois artistas. A estreita relação de amizade e respeito entre Émile Zola e Edouard Manet pode ser percebida através das homenagens mútuas realizadas pelos artistas. Manet posteriormente à publicação do romance L'Assommoir (1877) pinta o quadro Nana (1877) que dá corpo à personagem homônima, filha da protagonista desse romance. Zola, por sua vez, reproduz no romance Nana (1880), a cena tematizada previamente por Manet, uma cortesã em suas vestes de baixo que é observada por um homem inteiramente vestido. Émile Zola, autor do projeto literário naturalista Les Rougon-Macquart (1871-1893) também exerceu a função de crítico de arte e foi um defensor da estética pictórica impressionista e. Edouard Manet, pintor considerado impressionista, fora um artista cujas telas

lhe renderam o status de recusado, visto que não priorizava temas ou técnicas consagrados pela Academia de Pintura. Nas críticas de arte de autoria de Émile Zola, autor naturalista, principalmente aquelas cujo tema são as telas de Manet recusadas pelo Salão de Pintura e Escultura, o literato salienta certos elementos presentes nos quadros, como as cores utilizadas pelo pintor e a inserção de elementos que mesmo estando em segundo plano da tela, segundo Zola, saltam aos olhos do público. Além disso, Émile Zola e Edouard Manet integraram uma tribo (MAINGUENEAU, 2006) cujas manifestações literárias e artísticas não foram validadas pelas instituições oficiais de seu tempo. Este trabalho pretende comparar suas trajetórias (BOURDIEU, 1992), dando destaque ao interdiscurso produzido pelo romancista e pelo pintor. Desta forma, esta comunicação visa identificar nas descrições picturais (LOUVEL, 1997) presentes na obra *Nana* traços estéticos comparáveis à produção pictural de Manet. Esta forma de descrição é identificada através de marcadores de picturalidade e parece formar um quadro. As descrições picturais que interessam esse estudo são aquelas posicionadas no início dos capítulos do romance, pois causam um efeito de prolepse (GENETTE, 1972), ou seja, antecipam a ação que se desenrolará no final daquele capítulo. Tendo em vista essa característica da narrativa da obra *Nana*, busca-se evidenciar os traços estéticos presentes nestas descrições que são comparáveis a traços presentes nas telas de Manet. Com este objetivo, serão cotejados elementos das descrições picturais presentes na obra de Émile Zola supracitada com as telas de Edouard Manet.

Palavras-chave: Zola, Manet, *Nana*, Descrição pictural

Borges e Xul: um eixo de inumeráveis relações

LIA LEITE SANTOS (UFC)

Resumo: Buscamos, através do estudo comparado entre sistemas artísticos distintos, verificar homologias fecundas que proporcionam a comunicação entre artes plásticas e poéticas na esfera da produção de

sentido. Desse modo, pretendemos lançar luz sobre as equivalências que relacionam as obras dos argentinos Alejandro Xul Solar e Jorge Luis Borges. Refletir sobre a relação entre os dois artistas conduz-nos, inexoravelmente, a questões que remetem à História da Literatura, tendo em vista que a categoria autor é peça fundamental dessa reflexão: consideramos condições temporais e espaciais que corroboram com a rede de relações que constituem os fatores estéticos e ideológicos de tais obras. Durante o século XX, as teorias da recepção colocaram o leitor no cerne das preocupações investigativas e deslocaram o autor de sua posição central, entretanto não se descartando a relevância deste na Literatura. Mesmo a determinação da morte do autor foi revista por Barthes em “O Prazer do Texto” (1973), como ressalta Annick Louis (2005). Assim caminhamos numa linha tênue entre tradição estrutural e pensamento cultural, ponderando aspectos que coadunam para uma averiguação equilibrada. Voltados para a análise estrutural, inclinamo-nos sobre os elementos internos que compõem cada sistema para chegarmos aos mecanismos operacionais que edificam a arquitetura da construção de significados, sem, contudo, negligenciar fatores determinantes como as trocas intelectuais. Interessam-nos, portanto, os intercâmbios referenciais que ocorreram entre os artistas contemporâneos, passíveis de serem observados tanto nos trabalhos ficcionais e na obra ensaística de Borges, quanto nas ilustrações, pinturas e objetos do multifacetado Xul. O escritor e o pintor cultivaram uma ligação prolífica (cujas especificidades afetivas não constam nos registros de nossa pesquisa), rica na troca de referências e na construção de um pensamento artístico singular. Podem-se encontrar menções nas obras do celebrado Borges desde 1925, quando escreveu pela primeira vez sobre o, até então, praticamente desconhecido Xul. A partir do falecimento do pintor, em 1963, essa produção ensaística nele focada se intensificou exponencialmente, contribuindo para o reconhecimento de um dos artistas plásticos mais originais do século XX e, naturalmente, atraindo atenção da crítica especializada. Para demonstrar o movimento

dualístico dessa dinâmica, proporemos algumas considerações acerca das pinturas de Xul, perscrutando os rastros de uma intertextualidade no desenvolvimento simbólico na obra dos artistas. Para tanto buscamos fundamentação no trabalho das autoras Patricia M. Artundo, organizadora da obra “Alejandro Xul Solar: Entrevistas, artículos y textos inéditos” (2006); Annick Louis, autora de “Jorge Luis Borges: oeuvre et manœuvre” (1995); e de Aguinaldo José Gonçalves, autor do ensaio “Relações homológicas entre literatura e artes plásticas.”

Palavras-chave: Literatura Latino-Americana, Artes Plásticas, Borges, Xul Solar

Cinefilia e dramaturgia na obra de Nelson Rodrigues

JANEIDE MAIA CAMPELO (UFRN)

Resumo: Quando Nelson Rodrigues estreia sua primeira peça de sucesso, Vestido de Noiva (1943), outra arte, o cinema, está vivendo um verdadeiro boom! e atraindo grande parte dos espectadores que outrora viam o teatro como uma das poucas vias de entretenimento na cidade do Rio de Janeiro dos anos 1940. Enquanto a cinema falado se expandia na mesma proporção em que o teatro decaía, Nelson Rodrigues propunha uma nova maneira de representar, trazendo para o palco dramas mais próximos da realidade da sociedade carioca da época e, também, novas formas de compor o espetáculo – Vestido de Noiva, por exemplo, trazia a história de uma personagem em três momentos diferentes e simultâneos de sua vida, fato que não só rompia com as convenções textuais da época, mas também com as cênicas, pois exigiria uma composição cênica também em três níveis, fazendo de Nelson a grande promessa do teatro brasileiro da época. Homem de teatro, Nelson Rodrigues sempre estabeleceu uma relação bastante conflituosa com a sétima arte. Frequentador das salas de cinema desde menino, aventurou-se na produção de A falecida (1953) que se tornou filme em 1968 e, segundo Nelson, rendeu-lhe dívidas insolúveis. Mas é em O óbvio ululante (1968) que o autor revela-se um frequentador das salas

de cinema cariocas e um apaixonado por filmes de western e pela atriz Joan Crawford, por exemplo. Uma leitura mais atenta da obra de Nelson Rodrigues revela ainda o quanto a cinefilia do autor influenciou na criação da sua obra, dos seus personagens e dos seus dramas. Não raro, percebemos características cinematográficas em suas peças, é o caso do industrial que, em Anti-Nelson Rodrigues (1973) deseja ser chorado como um “bandido de faroeste italiano” ou ainda de Boca de Ouro (1959) que, já morto, apresenta, segundo as “grã-finas” características neorrealistas. Neste trabalho, propomos o estabelecimento de um diálogo entre o palco e a tela: primeiro, refletiremos acerca do Nelson Rodrigues cinéfilo e de como suas experiências no cinema se materializam na sua obra teatral, sobretudo na construção de suas personagens e histórias; em seguida, mostraremos como as peças escritas por Nelson adquiriram tamanha receptividade quando transpostas para a narrativa fílmica. Nesse sentido, investigaremos de que maneira a forma como um texto escrito para ser encenado adquire características distintas – seja na forma de narrar, na constituição dos espaços etc – quando é transposto para outro campo artístico, nesse caso, o cinema. Para tal, tomaremos como base as reflexões de Roland Barthes (2004) acerca das relações possíveis entre cinema e literatura.

Palavras-chave: Teatro, Nelson Rodrigues, Cinema, Roland Barthes

Da literatura ao cinema de animação: O velho e o mar de Ernesto Hemingway adaptado por Aleksander Petrov

FRANCISCA MARIA DE FIGUERÊDO LIMA (UESPI)

Resumo: Este estudo visa desenvolver uma análise comparativa entre a obra literária O Velho e o Mar (1956), de Ernest Hemingway e sua animação cinematográfica homônima de 1999, realizada por Aleksander Petrov, sob a perspectiva dos estudos da adaptação fílmica. Nesta pesquisa são investigados, a princípio, os aspectos narrativos de ambas as obras, segundo os conceitos de diegese de Genette (1983), que são parte fundamental da composição da história, comparando a denotação

e a conotação (METZ, 1972) na narração e como estas se apresentam transpostas entre esses signos diferentes (linguístico, sonoro e visual). Analisamos de que maneira ocorre o diálogo entre a obra literária em estudo e sua adaptação, suas diferenças e semelhanças, procurando apontar os motivos das escolhas feitas pelo realizador. Levamos em consideração o fato de o trabalho do animador Aleksandr Petrov ser de reconhecido refinamento artístico, fazendo uso de técnicas próprias, dentro do espectro do cinema experimental. Os trabalhos de Petrov são já consagrados, e seus traços característicos o precedem, no entanto, é imprescindível uma revisão sobre sua técnica, pois, como ela está a serviço da significação da história, possui um destaque especial na produção. Com ela, Petrov faz do trabalho de adaptar uma recriação artística, uma criação que ultrapassa a simples transposição do signo verbal para o visual. Nessa comparação entre as obras tomamos como conceito base também o que postula Genette (1989) em *Palimpsestos*, sobre os diversos tipos de relação entre textos; guiados pela teoria mais recente de Stam (2009) que traz os conceitos de Genette para a prática da análise. Sobre a teoria da adaptação, as observações são feitas com base nos estudos de McFarlane (1996), Stam (2006; 2009) e Hutcheon (2013), sobre suas características e processos; e nos trabalhos de Miranda (1971), Barbosa Júnior (2001) e Graça (2006) sobre a especificidade da arte da animação, desde suas características e divergências, até as suas implicações criativas. Adentramos, assim, às questões sobre os processos da adaptação percebidos no filme animado, evidenciando o modo como eles ocorrem e sua relevância na relação com a obra literária. Não há neste estudo a determinação de fidelidade ou infidelidade na adaptação, pois de acordo com a discussão de Quine (1975) sobre a problemática ontológica, e levando em consideração o que diz Ricoeur (2011) sobre essa dicotomia fidelidade versus traição, que esse tipo de comparação frequentemente suscita, juízos de valor são tomados como irrelevantes para este tipo de pesquisa, principalmente porque o enfoque está nos processos,

e não somente o produto final. Através das observações feitas nesta análise, intentamos mostrar a importância desse tipo de transposição criativa dentro do contexto dos estudos da literatura, pois é com as possibilidades que ela apresenta que o cinema acrescenta cada vez mais perspectivas à literatura.

Palavras-chave: Literatura Comparada, Literatura e Cinema, Cinema de Animação, O Velho e o Mar

Reflexões sobre a humanização do herói em *Desonra* de J. M. Coetzee: o corpo, o choque cultural e o mito trágico

BRUNA MARCELO FREITAS (UNEMAT)

Resumo: Esta comunicação contempla a apresentação do projeto de pesquisa de doutorado intitulado “A humanização do herói em *Desonra*, de J. M. Coetzee: o corpo, o choque cultural e o mito trágico”. Tal proposta visa analisar como se realiza a construção estética do romance *Desonra* (publicado em 1999), a partir da reflexão sobre o corpo, o choque cultural e o mito trágico, aspectos estes significativos no conjunto da obra. O interesse em estudar esse romance é oriundo da inquietação em compreender as relações entre os feixes de conhecimentos (os saberes) que se apresentam de forma tão segregada e heterogênea diante de nós e acabam reverberando em nossa forma de ser e sentir, na dinâmica contraditória de nossa condição humana (totalidade versus fragmentação), cuja arte dá dimensões representativas de suas implicações. Sem dúvida, a arte, com sua capacidade de representação e liberdade criadora, pode salvar-nos nessa jornada fortuita. Para refletir sobre o processo de humanização de David Lurrie, partiremos da forma romanesca, buscando suporte teórico em “A Teoria do Romance”, de Lukács, e “Questões de literatura e estética: a teoria do romance”, de Bakhtin. Seguiremos apontando, em *Desonra*, como as vozes das personagens e narrador refletem suas perspectivas históricas, econômicas, políticas e culturais da África do Sul, no período pós-colonialista. Para compreender como se chocam

essas ideologias, tensionando a narrativa, recorreremos à Foucault, apontando o jogo de poder que parece possuir justificativa histórica na obra. Esse embate de perspectivas se opera, por assim dizer, no/ pelo corpo de maneiras várias. Intentaremos analisar como isso se dá no romance, considerando também, que se trata do corpo que sente, que vive o aqui e o agora, o corpo que se expressa, recrutando, portanto, Bauman para entender o “corpo do consumidor” em tempos líquidos. Por fim, pautando-se em Nietzsche e Mafessoli, examinaremos o retorno do trágico nesses tempos, na pós-modernidade, e como o trágico presentifica-se em Desonra, especificamente em David Lurrie. O herói problemático do romance afirma a vida, diz “sim” a ela à sua maneira, mas ele vive em um universo de tensionamentos (político, econômico, histórico, cultural e filosófico) que o faz refletir, rever-se, e não se trata só de perspectivas conflituosas, mas de acontecimentos trágicos, fatos que se operam no/com o corpo, que deixam marcas e essas podem afetar até as formas de sentir e de viver o momento presente, o aqui agora. Interessa-nos analisar como isso se processa no conjunto da narrativa. Desse modo, partindo da perspectiva de que o protagonista do romance Desonra sofre um processo de degradação social ao mesmo tempo em que se humaniza, o problema que se insinua nessa pesquisa está em discernir os aspectos estéticos subjacentes, isto é, como se dá a construção formal do romance nesse sentido.

Palavras-chave: romance, corpo, choque cultural, trágico

Inventar uma pele para tudo: entre Mira Schendel e Nuno Ramos

MARCELLA ASSIS DE MORAES (UFRJ)

Resumo: Esta fala se ocupa de dois móveis: as obras que Mira Schendel reuniu sob o nome de Objetos gráficos, no âmbito das artes visuais, e a obra que Nuno Ramos chamou de Cujo, no âmbito da literatura. A proposta de conciliá-las sob o mesmo escopo de análise considera, principalmente, uma preocupação que parece comum a ambos os artistas: a tentativa de pensar o corpo e o tempo na obra de arte, a

partir de formulações recorrentes a respeito da transparência e da espessura. Compõe-se aqui um panorama duplo, que se pensa antes em termos de intromissões (de intermitências) que de complementaridade: de um lado, Schendel, uma artista plástica cuja produção se desdobra sobre o espaço gráfico das letras – de outro, Ramos, um escritor cujo texto se ocupa das palavras como materiais. O que este texto propõe é pensar a consistência de uma obra que parece recusar tanto a transparência quanto a opacidade, tanto a pele do plano quanto a “objetividade” da escultura, tanto o traço do desenho quanto o grafo da escrita, quando esta não é mais uma coisa ou outra (p ou ? p), mas um corpo que se estende entre as duas. O que se quer elaborar é um efeito de espaçamento que parece se criar no movimento dessas alternâncias – um corpo que se espessa quando a tensão que força a obra rompe a possibilidade de uma duplicidade achatada. A questão que se faz é qual a temporalidade possível para uma obra cujos limites se recalculam incessantemente. Este texto pensa qual a constituição possível para uma obra que se lança a essa tentativa de compor, com partes semoventes, uma montagem que seja completa. O ponto a que nos atemos aqui é pensar a espessura de uma obra que parece acumular camadas de água, alga e lama – pele sobre pele –, ao mesmo tempo em que se desfaz em pedaços. O que se elabora é uma espécie de temporalidade possível para uma obra que se conduz por adiamentos – por uma duração inconciliável do corpo que se espessa – um “cujo” que articula os contornos do que está ausente. A noção em torno da qual este texto se organiza é o que Derrida propõe como “obra de espaço”, aquela que, em vez de se instalar sobre a superfície do suporte, estende-se ao longo de uma espessura que ele passa a comportar – “uma espécie de pele, perfurada de poros”. Mas o que se propõe aqui não é meramente a atenção ao significante da palavra ou ao suporte da obra. O que se chama corporeidade procede, na verdade, por uma “equação malsucedida entre a carne e o espírito, o corpo e a alma” (KIFFER, 2016, p. 46); não habita “nem „o espírito?, nem „o corpo”; não tem lugar

“nem no discurso, nem na matéria” (NANCY, 2001, p. 18); “sua fórmula é ‘nem A nem B’” (AGAMBEN, 2010, p. 32): o “nem/nem do subjétil (nem submisso, nem insubmisso)”, que situa “a conjectura dos dois” (DERRIDA, 1998, p. 45).

Palavras-chave: Nuno Ramos, Mira Schendel, corpo, tempo

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

Da literatura para o teatro: vetores de compreensão da realidade

JÚNIO CÉSAR BATISTA DE SOUZA (UNB)

Resumo: Este trabalho tem o objetivo colocar em evidência algumas relações presentes entre literatura e teatro, sobretudo na perspectiva que ambos podem ser vetores de compreensão da realidade. Tomando como pressuposto que segundo Llosa (2012) a vida pode ser maravilhosa a partir do prisma do conhecimento sobre as artes, lança-se o questionamento acerca das possibilidades de compreensão da realidade o qual o indivíduo se encontra inserido, incluindo-se aí também o efeito frutivo. Destarte, as relações interartísticas que permeiam o texto literário e o teatro são de importância fundamental no contexto social e educacional, pois o desenvolvimento do intelecto perpassa por experiências distintas e ao mesmo tempo similares. Assim, no que tange a literatura, de acordo com Zilbermam (1990), ela nos produz um efeito duplo de construção de realidades ficcionais ao passo que impera ao sujeito um posicionamento intelectual na circunstância específica, embora ela seja imaginária. De forma consubstanciada à literatura, o teatro em sua singularidade, oferece ao espectador a penetração no universo estético/imaginativo/real por meio da cena, da ação, o qual traz sensações visuais e auditivas, intensificando para alguns ainda mais as sensações da participação corpórea na obra. Assim, nas duas linguagens, suas dimensões que são complexas, se

sobrepõem formando uma dialogicidade de conteúdo e forma em um movimento pendular que reflete as potencialidades de interação com o mundo real. Também utilizando Todorov (2014) para reforçar nossa premissa sobre a literatura, o autor profere que tal linguagem amplia o universo do homem, estimulando-o a pensá-lo de formas diferentes com vistas de tanto concebê-lo quanto de organizá-lo. Por conseguinte, podemos concluir que o teatro insere-se no sistema proposto por Todorov. Por fim, propõe-se outra reflexão, alicerçada no conceito de “adiaforização” de Bauman (2014) a qual trata da relação entre consumidor e mercadoria, no sentido de que não há uma presença da ética, da moral ou da coerência, pois tudo está calcado em função do comércio, efêmero, fugaz e superficial. Todavia, pretende-se esboçar traços de um consumo artístico consciente em oposição à banalidade presente na grande massa. E embora haja pesquisas envolvendo a interligação de elementos de diversas formas de manifestação artística como fator de desvelamento do mundo, acredita-se que os estudos científicos ainda careçam de uma atenção mais consistente acerca desta vertente. Logo, este estudo encontra-se inserido em um contexto interdisciplinar pautando-se primordialmente pelo conceito de dialogia em Bakhtin (2002) em que ambas as linguagens são consideradas gêneros secundários complexos e ideológicos.

Palavras-chave: Literatura, Teatro, Arte, Ensino

Do quadrado ao círculo: projetos de máquinas de leitura das narrativas de Julio Cortázar e Amílcar Bettega

ADRIANA DE BORGES GOMES (UNEB), MIKE SAM CHAGAS (UFBA)

Resumo: Julio Cortázar, em *De otra máquina célibe* (1967) apresenta ao seu leitor a possibilidade inusitada da construção de uma máquina para ler seu romance *O jogo da amarelinha* (1963). A proposta da edificação é do engenheiro, patafísico e bibliófilo Juan Esteban Fassio, leitor fervoroso do romance. No texto de 67, Cortázar disse que pessoalmente não entendeu o funcionamento da máquina, porém

apresenta desenhos, diagramas e instruções do artefato, cujo nome é RAYUEL-O-MATIC. Em *Os lados do círculo* (2004), de Amílcar Bettega Barbosa, nos é desvelada certa aproximação narrativa com *O jogo da amarelinha*, cuja estrutura romanesca está subdividida em: Do lado de lá, Do lado de cá e De outros lados. Embora a narrativa de Bettega se configura como contos, é justamente em sua conformação estrutural que o livro se aproxima ao romance cortazariano, uma vez que *Os lados do círculo* também apresenta uma subdivisão: O puzzle (fragmento), Um lado, Lado um e O puzzle (suite et fin). Tanto o romance como o livro apresentam figuras geométricas em seus títulos, sugerindo ao leitor a criação da imagem dos quadrados de um jogo da amarelinha e da abstração de lados de um círculo. Ressalta-se ainda semelhanças entre as narrativas na construção das personagens moldadas por suas deambulações urbanas, como também identifica-se no exercício da metalinguagem analogias entre os contos e o romance. Apesar de Cortázar ter sentido dificuldade em entender RAYUEL-O-MATIC, o desenho do inventor apresenta claramente o artefato: quadrado, possuiria gavetas e um recipiente onde uma cama estaria embutida: bastaria o leitor apertar a tecla F e a cama surgiria da máquina, instilando sua comodidade de leitura. Nas instruções de Fassio a máquina teria seis teclas, de A a F, às quais ficariam a gosto do leitor sua opção de leitura. Tais instruções estão de acordo com a estrutura de *O jogo da amarelinha*, quando no romance, Cortázar dá a opção ao leitor de começar a leitura pelo capítulo 73. A orientação do engenheiro mostra que ao apertar a tecla A, o funcionamento da máquina começa com a abertura da gaveta para o capítulo 73. As aproximações entre o romance cortazariano e o livro de contos de Amílcar Bettega, na observância dessa engenhoca pensada por Fassio, nos instiga a abstração de uma máquina para ler esses lados do círculo. A modulação lúdica das narrativas sugerem uma leitura recreativa e criativa. Há porém uma sutil diferença entre as narrativas, é justamente nessa alteração que se centra o objetivo de nossa discussão, em torno

da apresentação de um projeto de uma máquina para ler *Os lados do círculo*. A diferença se apresenta na epígrafe de Bettega: “um quadrado em movimento gera o círculo que o aprisiona”. Nosso projeto terá como suporte teórico *Noções de Geometria descritiva*, de Alfredo dos Reis Jr., *Gesto inacabado: processo de criação artística* e *Redes da criação: construção da obra de arte*, de Cecília de A. Salles, *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, de M. Bakhtin e “*Alguns aspectos do conto*”, de J. Cortázar.

Palavras-chave: Máquina de ler, Quadrado círculo, Cortázar, Bettega

Ekphrasis e contemporaneidade

IZABELLA BORGES DE ABREU GOMES (UNIVERSITÉ SORBONNE-NOUVELLE)

Resumo: Nosso contemporâneo parece marcado pela presença maciça de representações oriundas das artes plásticas em obras de criação. Seja na literatura, na crítica, na história, na publicidade, ou ainda na mídia, a utilização de motivos próprios às artes ditas iconográficas, e o decorrente diálogo que travam com o suporte textual no qual se veem inseridos, parece originar a ressurgência de exercício estilístico tido como clássico: a prática da ekphrasis. O interesse pelas artes plásticas não é novo na área de humanas, contudo, recentemente tornou-se inevitável uma vez que sua utilização em produções textuais parece querer ampliar a carga semântica do texto escrito, além de conceder aos autores ekfrasistas uma autonomia quanto à genealogia que lhes seria naturalmente imposta, seja por sua origem linguística, seja pelo campo social no qual se inserem. Nosso intuito nesta comunicação é analisar de que maneira autores descrevem pinturas ou outros suportes iconográficos em seus textos, valendo-se por vezes do exercício da ekphrasis, ou seja, externos ao fazer iconográfico e, assim sendo, do ponto de vista da recepção. Ao fazê-lo, estes autores desenvolvem uma linguagem que evoca o vocabulário, a sintaxe e o estilo que revelam uma ambição ao mesmo tempo propriamente literária que crítica. Assim, a comunicação aqui proposta ambiciona depreender sentidos do diálogo

entre artes plásticas e a literatura, acerca da estética almejada, assim como dos sentidos obtidos, pela presença de obras iconográficas na ficção contemporânea.

Palavras-chave: Literatura contemporânea, Artes plásticas, ekphrasis, crítica

Ekphrasis na poética contemporânea: reflexões e análise na poesia de Santiago Vilela Marques

IOUCHABEL SARRATCHARA DE FATIMA FALCÃO (UFMT)

Resumo: O exercício “ekphrático” se consolida na transposição da imagem pictórica enquanto presença para o campo abstrato da imagem enquanto memória construída na recepção ou na ausência do objeto inicial. Isso se realiza quando a figura visual se desloca ao campo da palavra, esta não aprisionada à esfera sensorial, o que possibilita a reflexão sobre a multiplicidade de conexões que há na prática intermidial. Dentro das diversas relações entre as artes – interartes - que expande o objeto artístico além de sua concretude, a ekphrasis é a mais ativa em termos de historicidade, principalmente na associação entre a pintura, a retórica e a poesia. De maneira geral, ela designa uma representação verbal de uma representação visual. Na atualidade, “em tempos de desistoricização, o termo ekphrasis é usado para significar qualquer efeito visual” (HANSEN, 2006, p. 87). Este efeito visual está ligado, também, a um dos grandes impulsos da criação artística que é a representação. No processo de transposição e representação, destaca-se, aqui, a natureza das relações entre o poema e as outras arte, em especial à pintura. Para Heffernan, essa interação depende muito do autor, de sua relação com a obra e de sua concepção e reflexão sobre a arte: a relação de conteúdos é produzida pelo poder performativo da linguagem. Esta ideia determina a abordagem descritiva que alcança o nível poético e que justapõe meios distintos numa produção única e independente de expressão artística. O objetivo deste trabalho é apresentar uma leitura de integração entre a poesia

e a produção pictórica, entre a arte da imagem e a arte da palavra e que se faz presente como mote no poema “Natureza morta” do poeta contemporâneo brasileiro Santiago Vilela Marques. A ekphrasis de que o eu lírico se utiliza para expressar a estética de um quadro sem precedente representativo real se articula de duas maneiras: através do processo descritivo e através da singularização de um elemento inesperado, unificando as ações intertextual e intermidial na arquitetura poética. Mesmo envolvendo aspectos distintos, a definição de ekphrasis leva-nos a refletir sobre a palavra poética e sua expressão mimética, posto que a literatura se destaca sobre os demais textos pela sua literariedade, segundo Jakobson, pela sua autonomia distinta do valor prático, ao mesmo tempo em que evidencia o exercício poético enquanto “ekphrático” distinto da função objetiva da “pura descrição”. Destarte, a continuidade signica que desvela a historicidade retórica tece a imagem poética com fios descritíveis que expressam momentos únicos da poesia.

Palavras-chave: Ekphrasis, Intermidialidade, Poesia contemporânea, Santiago V. Marques

Processos interartes e intermediários em fotolivros brasileiros

ANA PAULA VITORIO DA COSTA (PUC-RIO)

Resumo: Fotolivros são usualmente definidos como uma categoria de livro de artista que se caracteriza, principalmente, por relações intermediárias observadas entre diversos sistemas e processos de linguagem. Desenvolvidos na América Latina, pelo menos desde 1920, é crescente sua produção no Brasil a partir da segunda metade do século XX. Eles, no entanto, raramente foram convertidos em objetos de pesquisa. Pode-se supor que uma das razões para tal negligência seja a dificuldade metodológica para abordar um fenômeno que não se adequa facilmente às análises mais ortodoxas, fotográficas e literárias. Os poucos estudos continuam a ser desenvolvidos de modo a examinar a fotografia como uma entidade isolada, ao invés de focar

nas relações entre os diversos sistemas envolvidos, incluindo layout, desenho, pintura, prosa e poesia verbal, etc. Esta pesquisa propõe uma abordagem analítica cuidadosa de alguns importantes exemplos de fotolivros brasileiros. O principal aparato metodológico baseia-se nas noções de signo icônico e hipoicônico de C.S. Peirce, e nas noções teóricas fornecidas pelos estudos de intermedialidade. Três obras são abordadas. Redescoberto recentemente, *Paranoia* (2000 [1963]) é constituído de 20 poemas e 75 fotografias, em preto & branco, dispostos em páginas de 23 x 15 cm. A obra, de Roberto Piva e Wesley Duke Lee, é um caso exemplar de fotolivro de literatura no qual as relações entre poesia verbal, fotografia e diversas propriedades da página - por exemplo, fonte tipográfica e distribuição dos espaços gráficos - ocorrem numa relação de complementariedade semiótica. A segunda obra abordada é *Silent Book* (2012), de Miguel Rio Branco. Considerado um dos mais relevantes fotolivros do século XX, o trabalho desenvolve-se na exploração da imagem fotográfica com diversas mídias como pintura, literatura, cinema e teatro. Outro trabalho analisado é *Sí por Cuba* (2005), de Tatiana Altberg. Com dimensões de 9 x 27.5 cm e impressa em capa dura, a edição final inclui um texto introdutório no qual a artista apresenta as motivações que resultaram na criação da obra e de 47 imagens fotográficas. Nos fotolivros *Paranoia*, *Silent Book* e *Sí por Cuba*, os sistemas semióticos envolvidos atuam de maneira singular no que diz respeito aos processos de significação relacionados à intermedialidade. Relativamente à mediação do poema, imagem fotográfica e outros sistemas, três características distintas, não excludentes, apoiam as relações: as imagens, os poemas, e as associações entre eles, “constrangem” propriedades materiais do livro para que funcionem como elementos de representação; o livro “constrange” os processos de significação, mediados pelo poema e pela imagem fotográfica; o livro permite que as imagens fotográficas, poemas, e outros sistemas semióticos atuem numa relação de mútua co-dependência.

Palavras-chave: Fotolivro, Fotolivro de Literatura, Fotografia, Livro

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 6

Encruzilhadas, aporias, iluminações do letrista Capinam

ROBERTO JOSÉ BOZZETTI NAVARRO (UFRRJ)

Resumo: Poeta que obteve precoce reconhecimento de um crítico como José Guilherme Merquior desde o seu primeiro livro de poemas, em 1966, *Inquisitorial*, José Carlos Capinam costuma ser mais lembrado e referido como letrista de canções, em especial ao movimento tropicalista. Embora tenha sido um de seus deflagradores e fautores, em seus 50 anos de trajetória no interior da produção poética do nosso cancioneiro, o letrista Capinam não pode ser circunscrito às diretrizes do movimento tropicalista. Tampouco pode-se ver em sua produção nenhuma espécie de automático alinhamento aos percursos dos mais proeminentes tropicalistas, a saber, Caetano Veloso e Gilberto Gil na acidentada, profícua e estimulante trajetória de ambos pela seara pop. Esta comunicação visa a uma apreciação em conjunto de seu cancioneiro, desde o período pré-tropicalista, próximo ideologicamente – ou mesmo engajado – nas diretrizes cepecistas (nesse sentido, enfoca-se o trabalho com Edu Lobo), passando, como foi já assinalado, pela produção tropicalista propriamente dita, e prosseguindo através das notáveis parcerias com músicos tão distintos e mesmo díspares, tais como Paulinho da Viola, Jards Macalé, Raimundo Fagner, João Bosco, Geraldo Azevedo, Xangai e outros. Uma diversidade tal implicaria em algo da ordem do ecletismo - portanto, subsumindo-se aos ditames mais diretamente mercadológicos - ou, diferentemente, estaria na verdade fundamentada numa reflexão sobre a cultura brasileira, a política, a poesia, a canção, consideradas estas duas últimas em seus sentidos sociais mais profundos? Para tentar responder a tais questões, a trajetória do poeta-letrista será investigada diacrônica e sincronicamente, buscando assim traçar um quadro tanto quanto

possível coerente de sua capacidade de existir em meio às tensões deflagradas por caminhos cancionais tão diversos, nos quais muitas vezes essa poética cancional se deparou e mesmo tematizou os impasses, as aporias e buscou mesmo apontar na direção de caminhos iluminadores.

Palavras-chave: Capinam, canção, MPB, poética

Entre referências, personagens e estrelas: relações interartísticas na obra A hora da estrela

LUCIANA FREESZ (UFJF)

Resumo: Esta comunicação é parte de uma pesquisa para a construção de uma tese que intenciona elaborar uma análise literária para a obra *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector e criar, a partir dela, ilustrações sobre trechos significativos do texto. Este trabalho pretende, assim, elaborar um fragmento para a observação do texto clariceano. Em *A hora da estrela*, é perceptível um grande número de referências bastante heterogêneas, literárias, musicais, artísticas, entre outras. Encontramos, assim, na história desenvolvida pelo narrador Rodrigo S.M., menções à obra *Alice no País das Maravilhas*, no trecho: “Você sabia que na Rádio Relógio disseram que um homem escreveu um livro chamado ‘Alice no País das Maravilhas’” (LISPECTOR, 1995, p. 66). Podemos apontar, ainda, referências a ícones do cinema como Marilyn Monroe e Greta Garbo: “Mas o que ela queria mesmo ser não era a altiva Greta Garbo [...] O que ela queria, como eu já disse era parecer com Marilyn” (LISPECTOR, 1995, p. 70). Há, também, uma variedade de metáforas relacionadas às artes plásticas e algumas alusões musicais. Clarice Lispector construiu uma narrativa que vai se fundamentando a partir de referências ao ato de pintar, de desenhar, característica que inspirou a proposta da tese em construção, da qual esta comunicação é parte. É possível, ao investigar o texto, descobrir uma série de traços que levam às relações interartísticas, possibilitando uma leitura de que a criação dos personagens se dá através de outras expressões

artísticas como a pintura, o cinema e a própria literatura. De acordo com Alfredo Bosi, em sua obra *História Concisa da Literatura Brasileira*, “o uso intensivo da metáfora insólita, a entrega ao fluxo da consciência, a ruptura com o enredo factual tem sido uma constante” no estilo de narrar de Lispector e, “na sua manifesta heterodoxia, lembra o modelo batizado por Umberto Eco de ‘opera aperta’”. (BOSI, 2013, p. 452). Este modelo de Eco constitui-se de uma criação artística que dá margem a outras interpretações, todas válidas, desde que sejam articuladas com o texto, dentro da compreensão de que “a obra de arte é uma mensagem fundamentalmente ambígua, uma pluralidade de significados que convivem num só significante” (ECO, 1971, p. 22). Entendemos, então, que *A hora da estrela* é como uma “obra aberta”, sobre a qual gostaríamos de analisar as referências artísticas sugeridas no texto. Pretendemos identificar resquícios e estabelecer comparações que mostrem a intertextualidade como ferramenta de diálogo entre o texto e as outras artes. Chamamos a atenção para o fato de que o olhar da escritora para essas outras linguagens e seus agentes influenciou uma abertura para outros sentidos, em termos sensoriais, ampliando a capacidade de interpretação dos leitores. Nas referências, a autora nos aproxima da dificuldade de Rodrigo S.M. e da situação de Macabéa, exibindo uma sensibilidade crítica e a constante inquietação sobre o mundo, algo comum a todas as artes. Referências: BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2013. ECO, Umberto. *Opera aperta*. São Paulo: Perspectiva, 1971. LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

Palavras-chave: Literatura, Outras artes, *A hora da estrela*, Clarice Lispector

Esaú e Jacó e Dois irmãos

FRANCISCO ANTONIO FERREIRA TITO DAMAZO (CENTRO UNIVERSITÁRIO TOLEDO)

Resumo: Esaú e Jacó de Machado de Assis carrega título que remete aos dois irmãos personagens do Gênesis. Todavia, os personagens

machadianos, Pedro e Paulo, quando muito, evocam àqueles quanto ao fato de serem gêmeos e se desentenderem constantemente, desde a gestação. Ainda evocam, talvez, a outra dualidade bíblica, os apóstolos Pedro e Paulo, sobre os quais a tia Perpétua ouvira numa missa. Tudo leva a crer que Machado, o que faz é ironizar aquela sociedade burguesa ingressada num capitalismo financista, sob os auspícios de uma República apenas de nomeada. Pedro e Paulo, filhos de um banqueiro, seriam, pois, “grandes”, como prognosticara a vidente do morro do Castelo. Personagens planas conduzidas pelos preceitos morais estabelecidos pela classe social que os absorve e conduzidos pela mãe e pelo Conselheiro Aires. Na verdade, são o ponto referencial para o desenvolvimento do complexo caráter de Flora. Portanto, nada a ver com Esaú e Jacó cujas peripécias resultarão, de fato, em grandes nações. Em Dois irmãos de Milton Hatoum, pode-se observar uma retomada dessa questão mítica da dualidade. Quer-nos parecer que, tanto com os textos bíblicos quanto com o romance machadiano, o romance deste manauara mantém um fio dialogizante, tendo em vista a recorrência à dualidade mítica. A tensividade familiar decorrente da tensiva oposição entre os gêmeos configura o eixo narrativo da obra. Se lá a equilibrada conduta de Natividade autoriza-a, a seu modo, a conduzir a ações dos filhos, aqui, a franca proteção de Zana ao caçula só faz intensificar a acirrada cizânia entre os dois irmãos. Ao contrário daqueles, Omar e Yaqub são personagens complexas, autônomas, que se conduzem por si mesmos. Daí que, ao contrário dos Esaús e Jacós (os bíblicos e os machadianos), os dois irmãos são o núcleo gerador dos conflitos vividos, essencialmente, na inter-relação entre eles, familiares e os seus dois agregados, cujo desfecho é o completo esfacelamento da família. Outro aspecto relevante a se observar entre os dois romances é o que diz respeito à narratividade. Mais especificamente quanto a seus narradores. O narrador de Esaú e Jacó tem em conta pelos menos dois propósitos, o padronizado ato de contar uma história e sua inovadora e ousada forma de narrá-la. Quanto ao primeiro procedimento, ele o

faz apresentando a trivial história da burguesa família Santos envolvida com o desenvolvimento de seus preciosos gêmeos. E o faz numa terceira pessoa cuja voz em tudo ressoa o pensamento e posicionamento do conselheiro Aires. Concomitantemente, mantém enfático diálogo com seus presumíveis narratários, com os quais discute, questiona a forma como vai compondo seu texto em detrimento da forma tradicional com que estão aqueles habituados e, ao mesmo tempo, concita-os a construir e reconstruir com ele a história. O narrador, personagem-secundário, em Dois irmãos, centra-se totalmente na dramática diegese em que está tensamente inserido, pois com ela envolve-se sua obscura identidade, o que o incomoda tanto quanto o entrevero dos dois irmãos, um dos quais, presumivelmente, seu pai. Este trabalho se desenvolverá tendo como suporte teórico variados estudos da Teoria da Literatura.

Palavras-chave: Esaú e Jacó, Dois irmãos, análise literária

Espectro da traição em A mulher sem pecado de Nelson Rodrigues

CLAUDIOMAR PEDRO DA SILVA (UNEMAT)

Resumo: No presente artigo propomos uma análise do espectro da traição na peça A mulher sem pecado (1941) primeira peça do dramaturgo que revolucionou a produção teatral brasileira, Nelson Rodrigues. Na peça o protagonista Olegário atua sob pressão na trama e suas ações são encadeadas pelo ciúme, pela constante dúvida e desconfiança obsessiva quanto a fidelidade de Lídia. O desequilíbrio do marido aumenta gradativamente na trama, assim como o ciúme da bela esposa, que tem origem humilde, elemento que a põe em situação de inferioridade. Nesse sentido, tomamos como fio condutor a figura da traição que o dramaturgo já ironiza no título da peça, uma vez que há uma contradição entre os termos “mulher” e “pecado”, que interpretados e referenciados nos padrões morais da década de 1940, vê-se que não há mulher sem pecado, pois Lídia sente-se envolvida na atmosfera de corrupção que está inserida no âmbito familiar. Lídia representa a mulher oprimida que deseja a liberdade

passional, cansada de sentir-se abandonada e perseguida pelo esposo por doentia suspeita, o que torna o cotidiano familiar em um caos sem limite a ponto de desejar frequentemente a morte de Olegário. O desejo de liberdade do círculo opressor do casamento é materializado pela fuga com o motorista Umberto, o homem mais ousado do entorno do convívio familiar. Partir com o motorista representa a liberdade das trevas que o matrimônio opressor simbolizava. A figura da adúltera na obra de Nelson Rodrigues representa mais do que a traição banal. É uma representação da condição humana, na peça em análise, a recusa do cotidiano a liberta da frustração feminina e abre espaço para o domínio da fantasia erótica. O pecado moral surge da vontade de realizar o rompimento de uma condição passiva das amarras de seu casamento. A traição de Lídia representa a tentativa de realização do desejo desorganizado do ser humano, o rompimento do casamento opressor e a liberdade para a realização das fantasias eróticas não obtidas na relação conjugal. Nelson finaliza a peça tragicamente com a punição do marido traído, uma vez que perde a esposa para um empregado e por ter implantado pensamentos pecaminosos na mente de Lídia. Quando a motivação das ações do protagonista são cessadas com a confirmação da traição pela carta deixada pela esposa que anuncia a sua partida com Umberto e que nunca mais voltaria e nem quer seu perdão, Olegário acaba cometendo suicídio. Palavras-chave: Traição. Obsessão. A mulher sem pecado. Nelson Rodrigues.

Palavras-chave: traição, obsessão, A mulher sem pecado, Nelson Rodrigues

Pintescrituras e a ficção de M(eu) Corpo: Memória, Imagem, Significação

MARCO ANTÔNIO VIEIRA (UNB)

Resumo: Pintescrituras: neologismo cunhado para lidar com as complexidades epistemológicas advindas da investigação da picturalidade na literatura de Virginia Woolf e no cinema de Peter Greenaway. Conjugam-se aqui a Teoria Lacaniana e as elaborações de

Paul Ricoeur em torno da memória e da história para uma visada poética do corpo em aparições na literatura, no cinema e nas artes visuais. O corpo é aqui objeto de uma fantasia escópica; uma fantasia do olhar e para o olhar. Corpo capturado em uma espécie de esquema ótico em que o olho, dispositivo corpóreo, borra as fronteiras entre o dentro e o fora da materialidade do corpo. Transitividade, intransitividade e reflexividade quanto ao objeto escópico. Vejo algo, algo se vê e vejo-me vendo. Corpo em que os elementos tropológicos, discursivos, imagéticos, sensoriais e até médicos – cabe que não nos esqueçamos de que uma das palavras que os gregos usavam para referir-se à memória (anamnesis), manteve-se no léxico médico como uma espécie de histórico do sintoma e que, em Platão, significa uma busca, espécie de trabalho do rememorar, ao passo que (mnémé) designa a lembrança como algo que aparece involuntariamente na alma, marcado pelo pathos. O corpo em discordância essencial e constitutiva com o sujeito da linguagem. O corpo como lugar do Outro, corpo-falante, para o derradeiro Lacan. Um corpo, em última instância, desejante, a despeito daquele que insiste em dizer falar em seu nome. O texto a compor esta comunicação propõe-se como uma paisagem em que se costura intencionalmente o poético ao teórico no intuito de iluminar este corpo como lugar do Outro em sua dimensão plástica e significante. O corpo, como medida da vida, estrutura-se temporal, tropológico e narrativo, daí que sua aparição só se possa dar como uma poiesis em que o icônico e o verbal fazem fronteira para a ficcionalização da vida e da existência. Corpo e História avizinham-se aqui. Nesta composição alegórica o corpo da História é marcado por vaivéns mnemônicos em que a abordagem diacrônica é preterida em nome de uma perspectiva sintomal, em que se privilegiam irrupções anacrônicas (Aby Warburg) que assombram o lugar calcificado de uma história petrificada. Este corpo do acontecimento: espasmos, oscilações, fraturas insistem em uma concepção não-teleológica da História e do sujeito que diz falar em nome deste corpo. Pareceu-nos inevitável que, ao pensar no corpo como o abraço entre Eros e Thanatos, morte e sexo, temas costumeiros

na literatura, no cinema e nas artes pautariam uma via de aparições semióticas e fronteiras discursivas e epistemológicas. Entre o começo e o fim aparentes e datados, um acontecimento a fugir de todo o controle consciente e temporal. Uma máquina sentiente - automaton - marcado pelas paixões e afetos (pathémata). Um corpo plurissemiótico em vertigem narrativo-temporal.

Palavras-chave: Interartisticidade, Intersemiose, Teoria Lacaniana, Teoria da Arte

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 7

Infâncias sem nome: aproximações e distanciamentos entre os narradores de Neil Gaiman nos gêneros romance e graphic novel

KLEBER KUROWSKY (UFSM)

Resumo: No decorrer da carreira de Neil Gaiman, o autor trabalhou com os mais diversos tipos de mídias e formas narrativas: romances, contos, poemas, quadrinhos, cinema e teatro. E através de todos esses gêneros, um tema em particular exerce uma presença constante: a infância, mais especificamente um narrador adulto relatando eventos de sua infância, os quais podem ou não terem elementos fantásticos, pois a memória do narrador é sempre incerta e rarefeita. A infância, ao ser retratada na obra de Gaiman, é quase sempre uma experiência traumática, repleta de medo e ausência; o vazio da infância é realçado ainda mais pelo fato de que, nas narrativas em primeira pessoa, o narrador não possui nome. Com o objetivo de verificar de que maneira isso ocorre na prosa de Gaiman, o romance “O oceano no fim do caminho” foi selecionada como objeto de estudo. Ao empregar esse tipo de narrador numa história em quadrinhos – ou graphic novel, como se convencionou chamar – observa-se que surge um novo leque de possibilidades narrativas: o aspecto visual possibilita uma nova gama de estratégias no que se refere à retratar a infância através da

memória incerta do personagem. Para observar como isso ocorre, foram selecionadas as obras “Violent Cases” e “Mr. Punch”, ambas ilustradas por Dave McKean, artista plástico que utiliza não apenas o desenho como forma de representar a narrativa, mas também recortes de jornais e fotografias antigas, realçando o lado memorialístico da obra. O artista se vale muito do recurso de “sarjeta”, o espaço em branco entre os painéis que, segundo Scott McCloud serve não apenas como uma forma de organizar a sintaxe da narrativa, mas serve também como lugar que o leitor preenche com suas próprias experiências; o leitor não vê todos os instantes da ação, como num filme, mas mesmo assim compreende os acontecimentos, isso é possibilitado pela sarjeta. O objetivo da comunicação, portanto, é expor essas três obras e apresentar as diferentes maneiras que as narrativas de infância são tratadas, tendo em vista a diferença de linguagem entre romance e graphic novel, apesar das semelhanças entre os narradores: ausência de nome, incerteza do passado, infância traumática. Primeiro, será apresentado o romance, explorando, principalmente, o narrador e de que maneira ele estrutura a narrativa a partir da memória, utilizando como base teórica os autores Walter Benjamin, Giorgio Agamben e Leonor Arfuch. Em seguida, o foco será nas duas graphic novels, quando será feita uma breve explicação de muitos elementos da narrativa em quadrinhos – em especial os conceitos de “painel” e “sarjeta” – pensados a partir de Will Eisner e Scott McCloud, para então explorar as particularidades das obras em si. Feito isso, será realizada uma comparação entre as obras, observando quais são as diferentes estratégias empregadas por um mesmo autor para retratar o tema da infância em mídias tão distintas.

Palavras-chave: Quadrinhos, Infância, Memória, Gaiman

Interdiscurso pictórico e naturalismo em Camille Lemonnier

RUBENS VINÍCIUS MARINHO PEDROSA (UFRJ)

Resumo: O romance Les deux consciences, publicado em 1902, tematiza um dos processos judiciais envolvendo seu autor, Camille Lemonnier (1844-1913). O escritor, considerado um grande expoente

no desenvolvimento da estética naturalista na Bélgica, teve um total de três processos movidos contra ele ao longo de sua trajetória, todos motivados por suas obras e sob a acusação de atentado ao pudor. Na defesa do escritor, são levantadas questões relacionadas às suas escolhas estéticas, relativas a um projeto de naturalismo belga. Menciona-se a referência à estética pictórica oriunda de pintores dos Países Baixos, como Pieter Brueghel (1525 – 1569), Jacob Jordaens (1593 -1678) e Peter Paul Rubens (1577-1640) que, constituindo uma herança cultural prezada pelos belgas, motivaria a presença do colorido pulsante e das representações pungentes, características nas obras de Camille Lemonnier. Além de ser aludido ao longo dos processos para refutar as acusações de pornografia direcionadas à Camille Lemonnier, o interdiscurso pictórico é incorporado a *Les deux consciences*, que pode ser visto como um romance que encena as lutas simbólicas presentes no campo literário belga. O que pode ser percebido tanto na defesa de Camille Lemonnier quanto no texto de *Les deux consciences* é a busca por uma distinção cultural pertinente ao naturalismo belga, sobretudo em relação à mesma estética na França. Além de ser o país onde o naturalismo se desenvolveu primeiro, a França sempre manteve com a Bélgica uma relação de trocas culturais, facilitada pela proximidade geográfica e pelo fato de a Bélgica ser uma nação em parte de língua francesa. As relações entre os dois países são permeadas por movimentos de atração e de repulsão, com a Bélgica, nação que se constituiu tardiamente, em 1830, buscando singularizar-se no campo das artes e da literatura. O elemento cultural flamengo representa um componente importante desse movimento de autonomia do campo literário. Entretanto, há de se considerar o modo como se dá o intercâmbio cultural entre os dois países e a estética de escritores naturalistas franceses, como por exemplo Joris-Karl Huysmans (1848-1907), que buscou igualmente na tradição pictórica dos Países Baixos elementos que constituiriam a estética de parte importante de suas obras. Aproximando Camille Lemonnier e Joris-Karl Huysmans, pretendo

discutir o modo como o escritor belga destacava a estética pictórica dos Países Baixos enquanto elemento de distinção cultural do naturalismo no campo literário belga, à luz dos conceitos de campo literário e possíveis estéticos (Pierre Bourdieu), transferências culturais (Michel Espagne) e iconotexto (Liliane Louvel).

Palavras-chave: Camille Lemonnier, literatura naturalista, pintura, campo literário

Literatura e teatro épico: os efeitos de distanciamento em *Aná, Zé e os escravos*

SIDNEI BOZ (UNEMAT)

Resumo: Este trabalho procura observar os efeitos de distanciamento do teatro épico brechtiano, presentes em *Ana, Zé e os Escravos* do dramaturgo angolano José Mena Abrantes. Escrita em 1980, esta peça nos oferece a oportunidade de analisarmos como a literatura dramática aproveitou-se das técnicas desenvolvidas a partir do surgimento do cinema com nomes como Piscator, como a estrutura de revista, oportunizando cortes na representação dramática do presente, inserindo na cena teatral, vários “presentes”. Estes efeitos tiveram acabamento no teatro épico com Brecht e têm como objetivo manter a atenção do público a cada cena, isolando-as e distanciando-as dos elementos tradicionais do drama. As formas teatrais familiares ao público acostumado ao teatro dramático são transformadas em objetos cênicos que devem ser mostrados separadamente, aproximando mais o teatro de uma estrutura narrativa e, portanto, literária. Esses efeitos são chamados de “efeitos de distanciamento”, “efeito V”, ou de estranhamento, visto que a palavra “*verfremdungseffekt*” não possui uma tradução específica em português. O efeito de distanciamento apresenta as cenas de forma que o espectador é tirado da sua situação cômoda de distração como apreciador da peça, com objetivo de despertar seu envolvimento político e social. Procuramos observar como este processo ocorre em *Ana, Zé e os Escravos*, obra que conta como as

histórias de uma mercadora de escravos angolanos e de um ladrão social português se entrecruzam no século XVIII, na época colonial em Angola: da abolição do tráfico de escravos em 1836 até o fim oficial da condição de escravo em 1878. As cenas da peça são distribuídas em cinco momentos específicos em que se apresentam uma introdução com a chegada dos portugueses à África ainda no século XV, a história de Dona Ana e de Zé do Telhado propriamente e o final, com o poema “Adeus à hora da largada” de Agostinho Neto, recitado em coro. A elaboração estética bem construída por José Mena Abrantes apresenta os “momentos” como se fossem quadros independentes, numa estrutura de revista, tendo o passado com personagens históricos como pano de fundo. Os personagens/atores desempenham diversas funções durante a peça, e valem-se dentre outros recursos literários, da ironia, ao estilo do teatro épico brechtiano. Parte da história de Angola é assim levada à cena nesta obra de teatro político, na qual se quer distanciar a plateia da ilusão do palco para levá-la à reflexão sobre os problemas sociais que afetaram o país antes de sua independência e que representavam uma ameaça à estabilidade política pós-colonial. Ana, Zé e os Escravos faz uso dos elementos estéticos que observamos, para transmitir uma mensagem de intervenção social de necessidade de luta contra a alienação.

Palavras-chave: Literatura Angolana, Teatro Épico, Pós-Colonialismo, Ana, Zé e os Escravos

Narrativa homérica e escultura na Grécia clássica: origens do diálogo entre arte e literatura

JOSEANA GEAQUINTO PAGANINE (UNB)

Resumo: O presente trabalho investiga a interação entre narrativa e escultura na Grécia clássica. Do ponto de vista geral, busca-se compreender como as características que constituíram a sociedade grega do período clássico, de acordo com Jean-Pierre Vernant, estão na base do que Ernst Gombrich chama de “revolução grega” na arte.

Em particular, é de interesse a relação do estilo da poesia homérica, tal qual assinalado por Erich Auerbach, com a mudança formal sofrida pela escultura grega clássica em relação ao período arcaico. Tomadas em conjunto, essas questões mostram que os gregos inauguraram uma nova visão de mundo, para a qual artistas e poetas contribuíram com um modo novo de representação do real, que passa pela utilização paulatina de técnicas que vão conduzir as obras a um naturalismo ou a uma maior verossimilhança.

Palavras-chave: Interartes, Grécia Clássica, Homero, Escultura grega

Os pescadores no imaginário artístico de Dorival Caymmi e Jorge Medauar

LUANA ISABEL SILVA DE ASSIS (UESC)

Resumo: O compositor, poeta e cantor Dorival Caymmi e o poeta e contista Jorge Medauar são dois artistas de expressiva importância na representação de diversos aspectos baianos. Uma relação entre as suas produções artísticas é a forma como eles interpretam as situações da vida popular. Neste artigo optamos por tratar como foram abordados os aspectos da vida dos pescadores na ficção de Medauar e nas composições de Caymmi, para tanto, selecionamos o conto “Peixe vermelho” e as canções praieiras “Pescaria (Canoeiro)”, “Mar” e “Vento”, assim podemos apresentar um estudo comparativo entre literatura e música e pensar na importância que os tipos humanos baianos tiveram para o imaginário artístico já que é presente nas canções de Caymmi e nos contos de Medauar. Ambos produziram obras relevantes no cenário nacional e representaram a Bahia e seus tipos, a vida do povo baiano e os seus hábitos, tradições, costumes, alegrias, dramas, angústias, etc., humanos a partir de um imaginário cultural. Além da motivação em falar sobre o seu lugar de origem, eles estavam inseridos em contextos que buscavam a construção de uma identidade nacional através de aspectos da cultura popular. O pescador, um dos tipos baianos característicos, está presente nas histórias de Medauar

e nas canções praieiras de Caymmi. Entendemos que no conto “Peixe vermelho”, do livro Água Preta (1958) e as canções “Pescaria (Canoeiro)” e “Mar”, lançadas no disco Canções praieiras (1954), e “Vento” que foi composta em 1949, possuem aspectos em comum no que se refere à abordagem da vida dos pescadores. Nas duas artes, literatura e música, Caymmi e Medauar não definem a constituição de suas personagens apenas pelas características físicas ou pela linguagem local, mas apresentam figuras populares através dos seus estados psicológicos. Medauar figurou entre os escritores que, através de uma vertente regionalista, defenderam a constituição de uma literatura que teria como temas ambientes e personagens as regiões rurais. Caymmi foi um dos nomes que atuaram na construção e modernização da música popular brasileira registrou seu amor pela Bahia e por seu povo em uma época em que o temas relacionados à “baianidade” eram recorrentes. Buscamos apresentar como os tipos humanos baianos foram importantes para o imaginário cultural dos artistas e o interessante diálogo entre artes distintas. Além de trazer algumas considerações sobre a literatura regional e a música popular brasileira, para enfim analisarmos como as representações dos pescadores por Caymmi e Medauar se complementam.

Palavras-chave: Representação, Dorival Caymmi, Pescadores, Jorge Medauar

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 8

O caderno rosa de Lori Lambi: a narrativa propulsora do desejo e do prazer

ALESSANDRA MARIA SILVA (PUC-GO)

Resumo: A personagem na obra de Hilda Hilst sendo uma criança de apenas oito anos, passa em primeira instância que se tratará de uma

representação de maldade, crueldade e de extrema violência, mas à medida que passamos a conhecê-la, entendemos o contrário, ela nada sofre, ainda mais ela se satisfaz com tudo que lhe acontece. O que para o mundo real seria produto do mal, no mundo fictício de Lori Lamby é reconhecido unicamente como prazer. Ela gosta do que fazem com ela, não se vê em momento nenhum como vítima. Hilst configura sua personagem principal como uma visualização da violência pelo bem. Aqui nesta obra conhecemos a outra versão da situação pejorativa da criança como objeto sexual condenável socialmente, logicamente num mundo fictício manobrado por estudos torrencialmente voltados para a psicanálise humana, como por Freud. As palavras vão se juntando e construindo o enredamento por si, elas ganham vida enveredando rumo à persuasão de tal forma, como se o leitor fosse o personagem. A imaginação ultrapassa as palavras, elas passam a ser imagéticas, resultam na iconização da cena. Assim sendo entendemos que um tema que não provoca emoção de alguma forma não tem condições de ser o fio condutor da literariedade, porque ela por sua vez é a emoção transposta em palavras. Mediante estas considerações expostas enxergamos a obra de Hilda Hilst como um espaço que foi conquistado pela autora, sendo que há ainda desinformados que não apreciam essa natureza e ainda a desclassificam como literária. Por conseguinte, ao supor que se esta obra fosse adentrada em uma época distante, como as obras de Sade foram, muita euforia haveria e autora seria simplesmente execrada e banida socialmente, como também fora Sade. Palavras e expressões obscenas como as que foram utilizadas neste trecho que iconizam o desejo e o prazer só poderiam ser de um gênero contemporâneo. Ele configura o processo de sucessão de gêneros que é resultado da evolução dos tempos. A obra de Hilda Hilst não se trata de uma obra pornográfica, mas de um trabalho original em que procedimentos da pornografia e da obscenidade são utilizados para criar um texto de alegoria crítica sobre a condição moral do homem. A obra O Caderno Rosa de Lori Lamby de Hilda Hilst se divide em três partes:

a primeira é o monólogo infantil onde a narradora-personagem, uma menina de oito anos, relata suas práticas sexuais com homens que os seus pais gerenciavam. A segunda também é um monólogo, um conto que a personagem Lori recebe para ler. A terceira são as cartas: as que ela escreve e as que ela recebe do “Tio Abel”, a que ela escreve para os pais quando já estão no hospício e os contos que a própria personagem escreve para fazerem parte do seu outro “caderno”, que seria chamado de “O cu do Sapo Liu-Liu e outras histórias”.

Palavras-chave: Hilda Hilst, iconização, literariedade, psicanálise

O olhar semiológico da Modernidade: Poe, Constantin, Guys e Baudelaire

PAULO VICTOR FERREIRA RODRIGUES (PUC-GO)

Resumo: Mediante os movimentos culturais que nos visitam atualmente, acertando às vezes mas muitas vezes revelando equívocos, sobretudo estéticos por meio de uma invasão ideológica das esferas culturais que passaram a consolidar termos tais como multiculturalismo, e por outro lado um verdadeiro incômodo nos toma por meio de falsas consciências e de trejeitos mal cozidos frente à literatura emergem os famigerados termos tais como os pós e contemporaneidade, que se apresentam sem clareza e mesmo assim se impõem de maneira inexorável nos conduzindo a um cardume entre águas lamosas de peixes irreconhecíveis, mediante isso, este texto se propõe a uma revisitação do que é considerado superado e obtuso. O texto se propõe a revisitar questões concernentes à Modernidade nas suas origens e naquilo que ela mais representa de clareza e justeza para a compreensão de todos os “ismos” em suas formas acabadas ou defeituosas. Para isso trilharemos os passos de três artistas que têm guiado nosso espírito. São eles: Edgar Allan Poe, Constantin Guys e Charles Baudelaire. Vale notar, entretanto, que o olhar semiológico deste último foi que voltou aos dois anteriores e provocou a nossa percepção e o nosso pensamento. Como se sabe Edgar Allan Poe (por volta de 1800) ganhou luz na França

(Paris de 1850) por meio da consciência iluminadora do autor de As flores do mal. No tricô de seu pensamento multiformatado para as artes, Baudelaire elegeu a pintura e os procedimentos do pintor de croquis Constantin Guys para iluminar o famigerado ensaio de abertura da Modernidade denominado O pintor da vida moderna. Vale notar porém que o olhar de Baudelaire flagrava no “pintor da vida e dos costumes” aspectos bem mais profundos que advinham do pensamento crítico inventivo daquele que escreveu Filosofia da composição e o conto e ensaio maior denominado O homem da multidão, falamos de Edgar Allan Poe. Trouxemos para esta fala a tentativa de explicitação do movimento, do ir e vir do pensamento no movimento das formas que subjazem e determinam nada mais nada menos que os finos e profundos fios que construíram a Modernidade. Analisaremos o modo como essa concepção de Poe é mais que alegorizada, subvertida à metáfora da própria Modernidade por meio de figuras ambíguas, elementos não tão claramente decodificáveis, a vidraça, o enfermo convalescente, Londres às 6 horas da tarde no início da Industrialização, enfim, a sintaxe mundana transubstanciada na forma narrativa fazendo emergir simbolicamente o Homem do mundo qual seja o artista, isso é revivenciado pelos pinceis de Constantin Guys magistralmente plasmados e tudo isso lido e visto por Charles Baudelaire que irá sistematizar, domar o ultrarromantismo mostrando ao mundo por sua poesia e por sua crítica essa virada do processo de representação do mundo tirando a visão expressiva de mimesis e penetrando na mimesis de produção para nos reportar ao pensamento de Luiz Costa Lima. O que se propõe aqui é buscar nas fagulhas semi-simbólicas do conto O homem da multidão, de Poe e no croqui intitulado Na rua, de Constantin Guys as relações homológicas existentes.

Palavras-chave: Constantin Guys, Edgar Allan Poe, Modernidade, relações homológicas

O processo inventivo de Julio Cortázar e sua relação com a pintura

JEOVANA JOSÉ DE SOUZA (PUC-GO)

Resumo: Esta pesquisa, nosso principal objetivo é fazer uma relação homológica entre a literatura de Cortázar e a pintura de René Magritte mostrando, por meio de raízes de procedimentos, a semelhança que há entre o texto verbal e o texto visual, expondo, no âmbito das diferenças de sistemas e da própria univocidade do ser, a equivalência de estilo e técnica entre o poeta e pintor, cuja influência comum é a estética surrealista. O corpus escolhido para esta análise será o conto “Continuidade dos parques”, que está no livro “Final do jogo”, e, as telas: “A Condição Humana” (La Condition Humaine) e “O Espelho Falso” (The False Mirror), respectivamente. No entanto, antes de fazermos o estudo homológico entre os sistemas literatura e pintura, faremos um levantamento das influências que, de certo modo, compuseram o estilo discursivo da literatura de Cortázar, dando a conhecer não somente a obra enquanto criação artística, mas, um pouco da essência de seu criador. As nuances que envolvem o estilo narrativo do escritor argentino vão formando teorias que se cruzam, e assim, o quebra cabeça cortazariano vai sendo formado. É perceptível como a literatura fantástica, em Cortázar, recebe características intrínsecas ao seu estilo narrativo, que são basicamente sua capacidade inventiva de criação, invertendo uma lógica habitual e desautomatizando a linguagem, impondo seu fazer artístico pautado na irreverência e, não permitindo curvar-se diante de nenhum modelo literário institucionalizado pela sociedade. A linguagem escrita e visual são as formas que a literatura e as artes plásticas têm, respectivamente, para manifestar sua arte. Nesse sentido, nossa proposta é a de analisar como Cortázar e Magritte desenvolveram as técnicas da linguagem escrita e visual no conto “Continuidade dos parques” e nas telas: “A Condição Humana” (La Condition Humaine) e “O Espelho Falso” (The False Mirror), respectivamente. Em “Continuidade dos parques” é possível perceber, além da poeticidade de Cortázar, uma estrutura lúdica na composição

do texto. Tal observação é passível de ser notada devido à ruptura burlesca dos moldes ficcionais que acabam por envolver o espaço do leitor, fazendo com que, este, saia de sua zona de conforto, de seu papel de expectador passivo para se enroscar nas teias da ficção. Em “A Condição Humana” percebe-se que Magritte, em seu processo de criação, obedece aos princípios que regem a natureza da pintura, fazendo o uso da “justaposição e simultaneidade dos objetos, no espaço da tela” (GONÇALVES, 1994, p. 287). No entanto, essa mesma justaposição está sinalizada por características disjuntivas e conjuntivas, que, ao mesmo tempo afirma, mas, também nega os procedimentos constitutivos da obra.

Palavras-chave: Julio Cortázar, literatura, pintura, René Magritte

O teatro brasileiro produzido em Mato Grosso – História e memória em Padre Pombo e Israel Figueiredo

AGNALDO RODRIGUES DA SILVA (UNEMAT)

Resumo: O teatro em Mato Grosso teve sua época áurea no período colonial, um momento de grande efervescência cultural na capitania, principalmente em cidades como Cuiabá, Vila Bela da Santíssima Trindade, Cáceres e Poconé. A região vivia o ciclo do ouro, cujo cenário da economia era de crise, pois era nesse panorama que ocorriam as manifestações culturais, entre elas o teatro, visando estimular e definir a teia de influências culturais na região. Os colonizadores investiam na proliferação de atividades artísticas, oportunizando a representação de centenas de peças diferentes, com o propósito de refinar os gostos dos colonizados. Eram adaptações de textos europeus, com a introdução de elementos das culturas locais, a fim de gerar a proximidade das cenas com a realidade vivida, conforme interesses da classe dominante. Houve dramaturgos que se destacaram no século XX, constituindo um grupo significativo de escritores, dentre os quais se podem citar: Padre Raimundo Conceição Pombo Moreira da Cruz e Israel Figueiredo. As poucas peças publicadas foram em edições únicas, e também em pouca quantidade, situação essa que ocasionou parcos

exemplares distribuídos, de modo que os livros ficaram reduzidos às bibliotecas da capital e aos arquivos públicos e particulares. Padre Pombo foi um dos principais dramaturgos de Mato Grosso, cujas peças teatrais estão localizadas nas décadas de 1950 e 60, abrindo caminhos a uma tendência teatral que articulava o religioso com o político e socioexistencial. De Padre Pombo, investigamos a peça *O último pelotão* (1964), drama construído em 05 (cinco) atos, cujo motivo localiza-se em um período de ditadura militar, em um país vizinho à Cortina de Ferro. A Cortina de Ferro foi uma expressão utilizada no Ocidente para designar a fronteira imaginária que dividiu a Europa em duas áreas de distintas influências, tanto política quanto econômica, naquele período que durou do final da Segunda Guerra Mundial ao da Guerra Fria; O último pelotão é bem característico desse período de repressão e de confronto ideológico entre Capitalismo e Socialismo. De Israel Figueiredo, a análise pautou-se sobre a peça *Clube do Caju Doce* (1977), publicada em *Cadernos Cuiabanos* n. 2, levando aos palcos os aspectos políticos e culturais de um momento histórico de grande tensão: a rusga. Os diálogos e as situações criadas têm o propósito de discutir os efeitos desse acontecimento na sociedade brasileira, diante de um quadro político nacional que redimensionou o fragmentado cenário político daquela época. Desse modo, *O último pelotão* e *Clube do caju doce* são peças teatrais que quebram os limites do regional, uma vez que discutem sociedade e política, memória e tradição, história e cultura, recuperando o passado para, enfim, contribuir com a transformação do presente.

Palavras-chave: Moderno Teatro Brasileiro, Dramaturgia Mato-grossense, História e Memória, Teatro e Política

O traço de tinta, o quadro e a narrativa: ‘Rosshald’ de Hermann Hesse e ‘Água viva’ de Clarice Lispector

VICTOR HUGO PEREIRA DE OLIVEIRA (UNB)

Resumo: Sendo a ‘palavra’ e a ‘tinta’ os materiais primordiais da literatura da pintura, respectivamente, ambas parecem encontrar um

ponto de cruzamento na dimensão ‘tempo’. Tais formas artísticas se dão no âmbito temporal, o que implica na necessidade de uma leitura sequencial dos elementos fundantes para que ocorra uma apreensão total do significado pleno dos significantes na pintura e na obra literária. Além disso, é importante ressaltar a presença da epifania na obra dos autores, que parece estar vinculada à ideia da obra de arte enquanto catarse. Ambos os autores trabalhavam com a pintura como um meio de expressão artística. Por vezes, este meio de expressão acabava por se mesclar às suas respectivas obras literárias. Clarice Lispector fez uma escolha bastante feliz ao colocar como narradora de ‘Água Viva’ uma artista plástica inominada. Esta artista plástica começa a se aventurar na grande arte que consiste na alquimia das palavras, a escrita literária. O fato de saber-se com certeza que a própria autora costumava pintar quadros parece adicionar uma certa camada autobiográfica neste romance, uma vez que Lispector se aventurou na alquimia das cores. Na obra de Hermann Hesse, as reflexões sobre a arte pictórica e musical ocupam um lugar de destaque. Em ‘Rosshalde’, Johann Veraguth se encontra entre a sua fascinação para com a pintura e crises de diversos âmbitos na sua casa e na sua família. No entanto, a presença de elementos da semiótica da pintura está menos explícita do que em ‘Água Viva’. E, à semelhança de Lispector, também Hesse se aventurava na pintura. ‘Rosshalde’, apesar de apresentar características formais diferentes de ‘Água Viva’, também revela alguns traços autobiográficos. A intensidade e o ritmo também fazem parte dos pontos de contato entre a escrita literária e a pintura. Na escrita, a intensidade o ritmo da narrativa podem ser utilizados tanto para longas descrições de paisagens – externas e internas – e diálogos quanto para sequências aceleradas de conversações insólitas. Já na pintura, o ritmo e a intensidade das pinceladas podem indicar tanto uma certa técnica quanto a o estado de espírito do artista. Para Kandinsky, os elementos da pintura refletem a interioridade do artista plástico. E a utilização do fluxo de consciência enquanto técnica literária, bastante presente na obra de Lispector e de

Hesse, pode indicar uma porção de coisas. Entre elas, a catarse psíquica dos personagens. Desta forma, a presente comunicação pretende explicitar a presença da descrição dos processos criativos dos escritores e de como estes integraram, nas suas obras literárias, elementos da semiótica da pintura.

Palavras-chave: Fluxo de Consciência, Semiótica da Pintura, Epifania, Processo Criativo

44

LITERATURA E PSICANÁLISE: CORPOS VAZIOS NOS ESCOMBROS DA MELANCOLIA

Hermano de França Rodrigues (UFPB)
Aristóteles de Almeida Lacerda Neto (IFMA)

Resumo: Com o texto *Luto e Melancolia* [1917 (1915)], Sigmund Freud confere ao mundo uma teorização seminal, ainda hoje referência para a clínica e para a cultura, sobre os enigmas de uma das expressões mais radicais e autênticas da *dor de existir*, do padecimento proveniente de nosso desamparo primordial, de nossa insuficiência constitutiva. Nas sinuosidades da melancolia, habitam perdas alheias à consciência, angústias de aniquilamento, impulsos flageladores do próprio desejo. O *eu* melancólico transborda-se, arruína-se, deflete a agressividade para si mesmo, para quem odeia, para quem, em delírio, confunde-se com o algoz. Mune-se das mais arcaicas defesas e, num ritual inconsciente de antropofagia, em defesa de si mesmo, sorve o objeto amado, perdido, para sempre, em um tempo e espaço que lhe escapam à razão. Ao contrário do sujeito enlutado, cujas memórias ao amante ausente vão, aos poucos, perdendo seu investimento libidinal, o que consente ao *Ego* retomar sua busca por novas ligações afetivas, o melancólico soçobra o tempo, desliga-se dele e de tudo aquilo que poderia separá-lo do ente que, por um tempo, preservou-lhe a vida. Sem cair em paradoxismos, subsiste na ameaça de sua própria existência, premido entre a instância mnemônica do passado e a miragem letífera de um futuro, num espaço alucinatório de um instante fustigador, incerto e inconsistente. Quiçá resida, no caráter dobradiço do presente, o apreço do melancólico pelo outrora, seu apelo à transitoriedade, seus arroubos destrutivos frente aos fios da esperança, tão frágeis desde a origem. Como projeção, o

futuro acede ao lugar da dúvida, do incógnito e, por que não dizer, da morte. Constitui uma construção espectral necessária porquanto instaura possibilidades de realização do desejo. Sob a orientação desse fantasma, percorremos os mais oblíquos caminhos, a fim de impender à promessa do gozo absoluto (anseio continuamente fadado ao malogro). O artifício – longe de representar um fracasso – assegura-nos suportar as falhas da vida, tão latentes e recrudescidas à percepção melancólica, da qual decorre um registro niilista do futuro. O porvir adquire, na arquitetura do desabamento psíquico, traços persecutórios. Daí, as distintas tentativas de ignorá-lo, o gesto de vilipendiá-lo a favor da adesão ao *Outro*, deslocado, entrementes, para dentro de si, a salvo dos efeitos mortíferos do tempo póstero. Tal contextura aparece, com constância, nas letras literárias, arte hábil em tecer, em profusões de linguagens, os movimentos inconscientes do espírito humano. A submissão à palavra é a mais singela disposição ao engano, a mais suave expressão da falta. O engenho literário ludibria o próprio artífice que, perdendo-se nos labirintos das cadeias significantes, regula e mantém, em desequilíbrio, o compasso do desejo. Orquestrados pela melancolia, os signos artísticos passam a contornar a desordem pulsional, num empreendimento defensivo do *Eu* para evitar, numa fuga onipotente à escrita, o colapso completo de si mesmo. O labor estético lança sobre as fraturas do *self* uma quase imperceptível camada de verniz, sensível em encobrir os sulcos ocasionados pelo agir desobjetalizante de *Thanatos*, destinado a expurgar e a extinguir aquilo que se tornou intolerável. Se a letra falha (e ela sempre naufraga e, por consequência, alçamos ao campo da insatisfação estruturante), as pulsões respondem, introduzindo, na elasticidade do significante, objetos relacionados às experiências primevas de satisfação. Fantasias orais, escópicas, anais ou fálicas ressurgem, de maneira a atribuir sentido à indispensável frustração do homem, sentenciado, desde o nascimento, a vagar errante à procura de um objeto e de um *status* há muito perdidos. O uso da palavra, ao render-se às flutuações do símbolo, subtrai o gozo e dá

contorno aos apelos e demandas ao *Outro*. Sua incompletude funda a condição desejante do sujeito, a qual reivindica a presença de um eleito, alvo de amor e gratidão ao suprir as exigências do *Ego*, assim como depositário de ódio e agressividade, quando desencadeador de privações. Essa ambivalência integra o curso natural da vida e concorre para os acidentes imperiosos da alma que marcam a singularidade do sujeito na cultura. Na qualidade de acontecimento subjetivo, o trajeto está longe de configurar um mandamento imposto a todos e, portanto, extravios são habilidosamente desenhados. A melancolia é, pois, um roteiro transviado, seguido por aquele que, na aurora dos tempos, teve seu pedido de autonomia e reconhecimento negado, ignorado, esquecido. Resulta, dessas considerações, a proposta deste Simpósio Temático: congregar pesquisas (concluídas ou em andamento) que, numa interlocução entre literatura e psicanálise, busquem analisar as dimensões representativas da melancolia, de modo a compreender as imagens e os discursos que a cercam, bem como as configurações que assumem em determinado momento da história social e literária. Com vistas a enriquecer o debate e as discussões, as investigações podem debruçar-se sobre a poesia, o conto, o romance, a carta, a narrativa de viagem, entre outros gêneros.

Palavras-Chave: Literatura; Melancolia; Desejo.

Referências:

- BERLINK, Luciana Chauí. **Melancolia – rastros de dor e de perda**. São Paulo: Humanitas, 2008.
- FREUD, SIGMUND. Luto e melancolia. In: **Obras Completas**, V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão – a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- KRISTEVA, Julia. **Sol negro – depressão e melancolia**. Rio de Janeiro, Rocco, 1989. SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos – a melancolia europeia chega ao Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

A representação da melancolia no romance *Simpatia pelo Demônio* (2016)

WAGNER CORIOLANO DE ABREU (UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL)

Resumo: Os proponentes do simpósio iniciam uma reflexão em torno da melancolia, tomando o texto Freud e outros referenciais relevantes a respeito da questão, para ao final lançar o desafio “congregar pesquisas (concluídas ou em andamento) que, numa interlocução entre literatura e psicanálise, busquem analisar as dimensões representativas da melancolia”. Não tendo uma pesquisa em andamento ou estudos aprofundados no campo da teoria psicanalítica, ainda assim senti necessidade de rever os apontamentos de leitura de um romance publicado recentemente, nos quais encontrei material para fundamentar um diálogo da Literatura com a Psicanálise, no sentido de pensar como se constrói as estruturas subjetivas na contemporaneidade. Elizabeth Roudinesco estabelece no verbete “Melancolia”, do Dicionário de Psicanálise, uma interface entre os campos literário e psicanalítico, registrando que “os mais belos estudos sobre a questão da melancolia não foram produzidos pelo discurso psiquiátrico ou psicanalítico, mas pelos poetas, filósofos, pintores e historiadores, que souberam garantir um estatuto teórico, social, médico e subjetivo”. Embora o pano de fundo do romance *Simpatia pelo demônio* (Companhia das Letras, 2016), de Bernardo Carvalho, seja dado por uma guerra (guerras?!), razão de ser da agência humanitária para quem trabalha a personagem nuclear, a questão das estruturas psíquicas se destacam na constituição da trama, sobretudo entre três personagens: Rato, chihuahua e Palhaço. “Por quê? Ora, porque um palhaço disfarça a melancolia. Mal a melancolia desponta e ele já começa a fazer graça. É melhor do que ficar com o melancólico em pessoa não é?”, a terapeuta arrematou,

deixando-o mudo, sem poder acreditar que, já na primeira sessão, era essa a imagem que ela fazia dele, de um “melancólico em pessoa”, o que afinal explicaria, como uma obviedade, a preferência do chihuahua pelo Palhaço” (p.120). Penso em tratar do ponto de vista teórico literário a questão da melancolia que se encontra na terceira parte do romance, justamente na personagem Palhaço, ator teatral e cidadão de dois continentes, porém dividindo até certo ponto (e aqui temos uma hipótese) com outras melancolias. Procurarei apresentar o modo como o romancista construiu a representação da melancolia por meio das personagens do romance. Igualmente, pretendo retomar o estudo de Freud, “Luto e Melancolia” (1917), a fim de “revigorar a antiga definição da melancolia, não como uma doença, mas um destino subjetivo”, conforme observa a psicanalista francesa.

Palavras-chave: Romance, Melancolia, Teoria literária, Psicanálise**A melancolia e a dor em *Emily L.*, de Marguerite Duras**

MARIA CRISTINA VIANNA KUNTZ (USP)

Resumo: Marguerite Duras nasceu em Gia-Dhin, na Conchinchina, no Vietnã em 1914. Falecida há vinte anos (1996), é, hoje, considerada uma das mais importantes escritoras francesas da segunda metade do século XX. Escritora “midiática” *avant-la lettre*, foi traduzida em mais de quarenta países e sua vasta obra apresenta mais de cinquenta títulos entre romances, filmes, peças de teatro e crônicas. Neles, a autora focaliza principalmente a mulher, seus sentimentos, sua dor. Sua escrita enigmática e lacônica revela o íntimo da alma feminina. As protagonistas jovens ou maduras apresentam uma alma dilacerada pelo sofrimento, pelas pressões familiares, sociais, ou circunstanciais (a Guerra), mas de algum modo persistem, continuam suas trajetórias. Nos anos 1980, após uma grave crise de saúde, Duras volta a escrever. Depois do enorme sucesso de *O Amante* que lhe dá o prêmio Goncourt, publica um texto também autobiográfico, *A dor*, e em seguida, volta à ficção com *Emily L.* em 1987. Os que haviam pensado que a autora retomara

um estilo mais “palatável”, percebem a retomada de seu hermetismo, bem como de sua elaboração narrativa. Neste romance, apresenta-se uma protagonista problemática, perdida em sua dor, em sua falta, em seu vazio. Danielle Bajomé ressalta a busca incessante e consciente da autora, a partir da dor, do sofrimento, próprio da condição humana (cf. BAJOMÉ, 1994). Freud ensina que a melancolia assume várias formas clínicas com origem em uma falta significativa e em geral, apresenta sintomas que afastam o indivíduo de sua vida, chamada normal (cf. FREUD, 1976). Kristeva define-a como uma “sintomatologia asilar de inibição e de assimbolia que se instala por momentos ou de maneira crônica em um indivíduo, mais frequentemente, em alternância, com a fase de exaltação” (KRISTEVA, 1987, p.18-19). Em Emily L., já a primeira frase anuncia a dor, o medo que se estenderá ao longo do romance. Assim, às aventuras amorosas, lembradas pelo casal de meia idade, ao velejarem pelos canais franceses, entremeia-se o vazio e a melancolia da narradora protagonista e seu parceiro cujo amor está morrendo. O leit-motiv é o desejo de escrever da protagonista da história encaixada, Emily, e a grande decepção de seu marido, incapaz de compreender e aceitar o poema que ela escrevera. Novamente uma história “simples” revelará, sob a pena de Duras, o universo feminino, humano, o desejo de viver “autrement”. O espelhamento das histórias afasta qualquer sentimento catártico e exige do leitor um trabalho de produção e compreensão, aprofundando em abyme o significado do romance (cf. KRISTEVA, 1987, p.263). Assim, nesta comunicação, estabeleceremos laços entre Literatura e Psicanálise, e mostraremos como a protagonista vive uma profunda melancolia aparentemente sem sentido, ecos de outras vozes presentes ao longo da obra de Duras. Ressaltaremos, ainda, em Emily L., a importância da palavra, da escrita, fruto do desejo de realização da protagonista com sua importância vital, que corresponde à necessidade premente da própria autora: “ “Condamnée à écrire” pour ne pas mourir” (VIRCONDELET, 1994, p.284)

Palavras-chave: Marguerite Duras, melancolia, mulher, escrita

A melancolia como identidade em Jean Rhys.

JULIANA PIMENTA ATTIE (UNIFAP)

Resumo: Perda do objeto amado e, por consequência, desinteresse pelo mundo são características tanto do luto quanto da melancolia. O que distingue, principalmente, os dois processos é que o melancólico desconhece a natureza do objeto perdido e também a origem da perda – em outras palavras, embora o melancólico saiba quem perdeu, não compreende o que o objeto perdido significa. Tal situação produz no melancólico um desconhecimento de si e provoca comportamentos de autodegradação e a necessidade do isolamento, por exemplo. Essa autorrecriminação e a incapacidade de estabelecer laços são características bastante presentes na escrita da anglo-caribenha Jean Rhys. A autora, ainda pouco explorada no Brasil, publicou sua primeira obra, a coletânea de contos *The Left Bank and other stories*, em 1927. Dentre romances e contos, o mais conhecido popularmente e aclamado pela crítica é *Wide Sargasso Sea*, obra que dá vida à Bertha, personagem caribenha marginalizada no romance *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. Os primeiros estudos sobre Jean Rhys tendiam a focar nos aspectos autobiográficos de suas obras; é apenas por volta da década de 80, nos Estados Unidos e na Europa, que outras questões são trazidas à tona: sua escrita experimental tipicamente modernista, a discussão pós-colonial, o debate feminista e – mais recentemente – as leituras psicanalíticas. É nessa última perspectiva, especialmente, que se coloca este artigo, cujo objetivo é apresentar não apenas o comportamento melancólico das personagens rhysianas, mas principalmente a melancolia como elemento formador da identidade dessas personagens, que, em sua maioria, vivem a experiência da solidão e do abandono. Conforme estudiosas de Rhys, como Catherine Maslen e Cora Ann Howells, a melancolia provém da instabilidade da identidade e o que Rhys constrói em suas obras é a tentativa – fracassada – da mulher colonizada de se compreender dentro do contexto imperialista e misógino da metrópole europeia, onde são, portanto, afloradas as

noções de inadequação e não pertencimento. Sendo assim, os romances e contos de Rhys são permeados pelo desejo das protagonistas em dar sentido à perda, à tristeza e ao sofrimento de modo a escapar dos parâmetros da objetificação sexual. Todavia, tais parâmetros culturais provam ser profundamente resistentes à aspiração feminina por uma identidade melancólica. Nesse intento, este trabalho analisará contos da autora pertencentes à coletânea *Tigers are better looking*, de 1968, como “Lotus”, “Outside de Machine” e “The Sound of the River”, a partir dos estudos sobre melancolia empreendidos por Freud e as releituras feitas por pesquisadores como Garcia-Roza, Kehl e Birman. Além disso, a fim de relacionar a melancolia com a questão da identidade feminina serão também explorados textos da fortuna crítica da escritora e também sobre feminismo pós-colonial, como os trabalhos de Spivak.

Palavras-chave: Identidade, Melancolia, Jean Rhys, Literatura feminina

Miguilim: lirismo e sublimação

MAYARA DE ANDRADE CALQUI (USP)

Resumo: A comunicação proposta tem como objetivo a análise de “Campo Geral”, presente no primeiro volume do ciclo de novelas *Corpo de Baile*, de Guimarães Rosa, publicado em 1956. Embrenhado no precário espaço sertanejo, tão marcado pelas faltas, o jovem Miguilim vai aprendendo a conviver com as perdas afetivas ao longo da narrativa. O aparecimento de tais perdas vai, em certa medida, acompanhando, se não repetindo, as outras ausências, inerentes à aridez do solo e à própria existência no sertão dos Gerais. A elaboração dessas faltas, contudo, não figura trágica da forma que o destino comum faria supor. Miguilim alcança, graças à força da palavra e das histórias, uma forma de sublimar a dor, transformando-a em poesia e em travessia. Nesta comunicação, originada de um recorte da pesquisa de mestrado, serão privilegiados os episódios envolvendo a cachorra de estimação e o irmão mais novo, Dito, para acompanhar os processos envolvidos nas tentativas de elaboração. Assim, focalizamos dois casos exemplares de perdas cuja elaboração do

luto fica sugerida pelo contato e identificação com as histórias. A intenção é aproximar essas duas passagens da novela, ressaltando a força e o encanto das narrativas entremeadas ao texto rosiano enquanto fonte de (re)elaboração psíquica. Dessa forma, podemos acompanhar, com o auxílio da teoria psicanalítica, a elaboração através do trabalho verbal, graças à escuta e à transmissão de histórias. Nesse sentido, o prazer proporcionado pela canção ouvida (pulsão invocante) é responsável por transportar uma experiência do cotidiano para o campo do Imaginário, no qual as manifestações poéticas ganham força. Isso ocorre, por exemplo, quando Miguilim sente-se confortado pela cantiga do Menino Triste, em um dos primeiros contatos com as histórias. Além de elaborar seu luto graças a uma cantiga, o garoto consegue reinvestir seu afeto no prazer da criação. O tema da fabulação como elaboração de faltas e como mecanismo psíquico para evitar o desprazer é um dos aspectos fundamentais da leitura aqui proposta, uma vez que se buscou um rastreamento das questões relativas às perdas, a fim de observar como se constituem enquanto linguagem. Vimos que o aporte psicanalítico oferece ricas possibilidades de leitura, sobretudo em questões como: a presença da voz e do verbo como meio de elaboração de faltas, as respostas aos efeitos de prazer e desprazer provocados pelas histórias ouvidas e contadas, a presença das pulsões oral e invocante, de vida e morte, a ocorrência de um “novo” que se (re)produz a cada aparição de maneira diferente, bem como a força significativa das repetições. Portanto, nessa tentativa de apreender o caminho percorrido pelas personagens durante o processo de reelaboração de cada perda, alguns elementos da teoria psicanalítica foram de grande valia, sobretudo os expostos em *A Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900) e nos ensaios “Luto e Melancolia” (FREUD, 1917) e “Escritores criativos e devaneios” (FREUD, 1908), para ampliar o olhar analítico-interpretativo a ser lançado sobre os textos. A isso são incorporados os principais traços do contexto sertanejo, responsáveis direta ou indiretamente por tais perdas.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, Perdas afetivas, Psicanálise, Luto

Os limiares da melancolia: paradoxos da identificação e seus destinos

LÍVIA SANTIAGO MOREIRA (UNICAMP)

Resumo: Neste trabalho iremos pensar nos elementos que compõem uma melancolia a partir dos trabalhos de Freud, Torok e Abraham, Kristeva e Lambotte. Através dos conceitos de identificação narcísica, cripta e identificação ao nada, trataremos da problemática envolvida no complexo melancólico que impede que o trabalho do luto. A melancolia será compreendida aqui na sua dimensão que coloca em colapso a noção de estrutura, contendo um discurso e lógicas próprias que sinalizam um diagnóstico de nosso próprio tempo, herdeiro da falência do projeto iluminista da razão pura. Pensaremos o corpo melancólico como corpo político e como campo de conflito entre diferentes temporalidades e, por fim, traremos a hipocondria como paradigma para a criação de uma nova subjetividade.

Palavras-chave: Melancolia, Identificação narcísica, Corpo político, hipocondria

Sexualidade senil: a melancolia do corpo em contos clariceanos.

ELISABETE FERRAZ SANCHES (USP)

Resumo: A comunicação propõe a leitura de alguns contos de Clarice Lispector nos quais as personagens femininas enfrentam a decadência do corpo não-desejável, porém desejante. Dessa maneira, o corpo, embora fonte de força libidinal, encontra no meio social a impossibilidade da realização dessa potência: a velhice. A consciência dessa limitação é dada – e construída – pelo olhar social que engendra uma noção de sexualidade feminina destinada ao corpo jovem, causando, assim, um tom melancólico em tais personagens cuja sexualidade teria prazo de validade e, no caso, já estaria vencido. Para o recorte proposto, a interpretação passará pelos contos “Ruído de passos” e “Mas vai chover”, do livro *A via crucis do corpo*; e “A procura de uma dignidade”, de *Onde estiveste de noite*. A personagem Sra. Jorge B. Xavier, de “A procura de uma dignidade”, encontra-se diante do

espelho e grita: “tem! que! haver! uma! porta! de saiiiiiída”. Não há porta de saída para a idosa, sozinha dentro da própria condição irrevogável de senilidade, agonizando por não ser mais desejada com sua máscara de uma mulher de 70 anos com aspecto seco por fora, mas úmida por dentro. Era o que ela mesma chamava de “fruto fora da estação”, com desejos lascivos e vivendo “como se ainda fosse alguém, ela que não era ninguém”, uma velha, ser descartável na sociedade em que estava, sem direito de ao menos desejar “comer a boca de Roberto Carlos”. Esse antagonismo do “de dentro e o “de fora”, isto é, a aparência seca e morta para a sexualidade em oposição aos desejos internos da protagonista, marca o conto “Ruído de passos”, no qual dona Cândida Raposo, senhora de oitenta e um anos, visita seu ginecologista para resolver “a coisa”, isto é, o desejo de prazer e “vertigem de viver”. Semelhante desejo sexual latente será observado no conto “Mas vai chover”, no qual Maria Angélica de Andrade – mais jovem do que Cândida – com sessenta anos, resolve manter um relacionamento com um rapaz que se “prestava as suas sem-vergonhices” em troca de um carro e regalias financeiras. A leitura terá, portanto, interesse em retratar, analisar e expor narrativas nas quais essa “nova raça” de velhas tem sua sexualidade ignorada e negada, nas quais são perseguidas pelo desejo sexual que não encontra satisfação e, quando encontra, deve ser reprimido. Para elas não há porta de saída, a não ser a melancolia de um corpo vivo que precisa se fazer de morto para (sobre)viver.

Palavras-chave: sexualidade, contos, senil, Clarice Lispector

Um mundo de silêncio e melancolia ou *O lustre*, de Clarice Lispector

MARIÂNGELA ALONSO (USP)

Resumo: Publicada em 1946, a obra *O lustre*, de Clarice Lispector, apresenta uma narrativa penetrante ao abordar o estranho e melancólico itinerário da personagem Virgínia, desde sua infância no sítio de Granja Quieta até a maturidade na cidade grande. Por meio de recursos altamente sinestésicos, a autora opta pelo processo de

descentramento da percepção cotidiana, na medida em que focaliza quadros descritivos, nos quais se misturam os mais diversos sentidos. A consequência desse procedimento revela-se ao leitor numa incômoda e intrigante lentidão narrativa. Cobrindo extensos blocos narrativos, as descrições são acompanhadas pelo silêncio e melancolia da personagem, inadaptada a qualquer um dos espaços, seja o campo, seja a cidade. A primeira cena do romance ilustra a intensidade melancólica que percorrerá todo o livro: a imagem de um rio placidamente quieto, com um chapéu marrom boiando na superfície de águas turvas. Esta imagem é suficiente para congrega a sugestão do signo da morte por meio de um afogamento que será imaginado por Virgínia e seu irmão Daniel, que, juntos, decidem guardar um segredo. A partir daí os irmãos criam a Sociedade das Sombras, jogos infantis sediados ao mesmo tempo na mata e no porão da casa, com os estranhos propósitos de saltar para fora da vida, atingir a solidão das trevas da noite, entre outros. Com Daniel, Virgínia mantém uma estranha relação, pautada pela submissão e admiração que será repetida na maturidade no relacionamento com os homens da cidade. Apartada de si mesma e das relações familiares, Virgínia também não possui laços com as figuras do pai e da mãe. O primeiro é caracterizado como autoritário e distante, enquanto a mãe é descrita como apática. As cenas das refeições à mesa denotam hostilidade e indiferença, na medida em que ressaltam o silêncio da personagem e a ausência de conexão verbal e emocional entre os membros da família. Assim, incapaz de articular sua subjetividade, a protagonista mergulha no aprendizado da morte ao contemplar o lustre da casa. O brilho e escandecência que emanam deste objeto trazem presságios à personagem, anunciando um ciclo de forças pulsionais, marcado sobremaneira pela potência criadora da melancolia e da pulsão de morte: Virgínia morrerá atropelada na cidade, ao lado do chapéu, em clara regressão às imagens das águas turvas da infância, nas quais incidiam o corpo de um afogado e também um chapéu. Tal procedimento articula o trabalho artístico de Clarice

Lispector à melancolia, na medida em que nos revela, por meio do itinerário de Virgínia, o jogo pulsional entre sujeito e objeto e a perda psíquica deste objeto. Resulta dessas considerações a proposta desta comunicação, que, por meio da interface de Literatura e Psicanálise visa analisar as esferas melancólicas presentes na construção da protagonista Virgínia, bem como a dimensão do silêncio como marca sombria de seu discurso. Para tanto, recorreremos a instrumentais teóricos que iluminam o tema, tais como as teorizações de Sigmund Freud em Luto e melancolia (1976), Além do princípio do prazer (1996) e O ego e o Id (1976).

Palavras-chave: Clarice Lispector, O lustre, Melancolia, Silêncio

Experiências melancólicas – perambulando por ruas, janela e palavras

CARLOS AUGUSTO MAGALHÃES (UNEB)

Resumo: Starobinski (1984) relativiza a importância que Walter Benjamin atribui ao binômio *flanêrie* – andança pelas ruas, movimento sem finalidade prática – e cidade moderna. É preciso não isolar a afirmativa benjaminiana, uma vez que também a imobilidade contemplativa, a cidade olhada apaixonadamente por um recluso voluntário do alto de uma janela é igualmente significativa e reveladora daquela interação. O crítico suíço chama atenção para as duas atitudes – a errância interminável e o confinamento que interrompe toda relação ativa com o mundo –, aspectos ambos da experiência melancólica. Na literatura brasileira, o entrecruzamento das imagens da rua e da janela com o afeto melancólico se faz presente em duas narrativas modernas – “O telegrama de Ataxerxes” e “Viagem aos seios de Duília”, de Aníbal Machado. No primeiro conto, o delirante Ataxerxes apresenta-se como certo tipo de *flâneur*, deslumbrado ante o espetáculo das ruas do Rio de Janeiro, em cuja pulsação e energia ele, migrante, tanto deseja se imiscuir. Ultrapassando o verniz do encantamento com a cidade e com a vida urbana, ganham consistência a intimidade e o temperamento melancólicos, disfarçados por uma imagem fictícia de excitação. Ante

a iminência da total danificação psíquica, o trato e a lida com a palavra significada representariam a “metamorfose psíquica” que pacifica, constituem-se como prazer e vêm a ser um norte existencial. No segundo conto, José Maria observa a Capital federal a partir da janela da própria casa em Santa Teresa. A aposentadoria é a oportunidade de o melancólico funcionário público fazer um balanço de vida e constatar o vazio da própria trajetória. A janela de onde ele vê a cidade lá embaixo seria uma metáfora da experiência melancólica identificada com a postura de contemplação da vida, em lugar da efetiva inserção nela. Há um elo com o passado e com uma cidadezinha de Minas Gerais, tempo-espaço de uma experiência fetichista envolvendo os seios de Duília. O retorno ao lugarejo em busca do passado e de Duília se apresenta como um grande equívoco. A dificuldade em lidar com o tempo se reflete também no descompasso entre a experiência do tempo biológico e a do tempo existencial

Palavras-chave: melancolia, janela, rua, signos

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

“Por que Deus permite que as mães vão-se embora?”. Mãe e filho, a dor da separação

GENILDA AZERÊDO (UFPB)

Resumo: Sokúrov, com ênfase na relação afetiva entre mãe e filho e no enfrentamento da morte. O filme dramatiza o momento de despedida dos dois – mas como um filho pode despedir-se para sempre de uma mãe? Como materializar, esteticamente, o desamparo e a dor inerentes à consciência da morte? Sokúrov o faz através de uma plasticidade eloquente, capaz de captar a densidade melancólica do momento; os planos podem ser apreciados como se fossem quadros ou pinturas, tamanhas sua força e beleza visual. A hipótese aqui colocada é que

esse filme tem seus significados atrelados ao diálogo com outras linguagens semióticas, a exemplo da poesia, da fotografia e da pintura, constituindo-se inovador quanto ao modo de narração audiovisual, sobretudo quando pensamos na morte e em seus efeitos devastadores.

Palavras-chave: narração audiovisual, pintura, afeto, Mãe e filho

Eu (não) estou aqui: a recomposição da humanidade a partir dos escombros da melancolia em A Lista (2014), de Jennifer Tremblay

EDVÂNEA MARIA DA SILVA (IFPE)

Resumo: “Janelas enormes na casa toda. Só vejo os campos a minha frente. Secos. Insípidos. Inférteis. Não quero estar aqui. Meu marido diz foi você quem quis vir pra cá. [...] Achei que aqui ele não me veria apenas amadurecer. Achei que aqui eu seria mais doce. Mas sou uma fruta amarga”. A fala da personagem-narradora de A lista (TREMBLAY, 2014, p. 18) leva-nos a pensar tratar-se de um “ser” melancólico “que acha satisfação no desnudamento de si próprio” (FREUD, 2010, p. 131). A lista de reclamações da personagem é reveladora de uma vida sem propósito, sem objetivo; entretanto, ainda que se refira a si mesma, ela é também reveladora do Outro. Para usarmos uma expressão de Freud, a personagem-narradora dá queixa, desabona a conduta de uma sociedade reificada (p. 133). Presa nos escombros da melancolia, a protagonista apresenta os traços de sua condição, a saber, um “desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar” (FREUD, p. 128). “Fecho os olhos. Acho que não sou a mãe deles. Eles não são meus filhos. Não quero mais saber deles. Não quero mais saber de mim”. (TREMBLAY, p. 20). Longe das convicções coletivas hegemônicas – leia-se a realização no casamento, principalmente, a realização com a maternidade! –, a narradora confirma sua condição de sujeito melancólico, apartado. A partir da leitura de Walter Benjamin acerca da condição melancólica do sujeito moderno, Kehl (2010, p. 3) observa que, em Baudelaire, “a forma subjetiva do indivíduo já se completou: ele se vê isolado entre seus semelhantes, seus rivais, seus irmãos, todos tão desenraizados quanto

ele”. Entendemos que tal condição se aproxima deveras da leitura que ora fazemos da destrocada personagem-narradora de *A lista* e que, paradoxalmente, a sua “doença” parece ser também a sua “cura”. A pergunta que se faz é: como se dá a recomposição de sua humanidade? A proposta deste trabalho é, portanto, analisar como o texto poético reverbera a visão de mundo do sujeito melancólico a partir de um ritmo, no sentido proposto por Octavio Paz (2012), não como medida, mas como visão de mundo que é “inseparável de nossa condição. Quero dizer: é a manifestação mais simples, permanente e antiga do fato decisivo que nos faz ser homens: ser temporais, ser mortais e sempre lançados em direção a “algo”, ao “outro”” (PAZ, p. 67, grifos do autor). É no arranjo poético desse ritmo – se desejar, desses escombros –, que a humanidade da personagem é recomposta.

Palavras-chave: Literatura, Psicanálise, Melancolia, Humanidade

O amanhecer interior e as frestas de consciência de Mari em *Após o Anoitecer*, de Haruki Murakami

CACIO JOSÉ FERREIRA (UNB)

Resumo: Esta comunicação analisa o romance *Após o anoitecer*, do escritor japonês Haruki Murakami, por meio das significações simbólicas da noite e do relógio emaranhados nas transformações que o tempo e as experiências provocam na alma humana. Essa consciência que brota da parte mais escura do eu, faz o indivíduo redescobrir os mais profundos sentimentos adormecidos no inconsciente. No romance em evidência, as irmãs Mari e Eri Asai são dirigidas por um narrador em primeira pessoa permitindo maior nitidez das cenas que compõem o mundo psicológico dos personagens. Com o intuito de investigar a expansão de sentidos que a densa noite causa na vida de Mari, o trabalho em evidência analisará os símbolos, os mistérios e os tempos que fragmentam a noite como frames de um filme. Desse modo, embebido nesse mar de significações, o estudo dos símbolos e a ampliação de consciência da personagem Mari permeará o

trabalho, observando a duplicidade frágil que renasce a cada pulsar de consciência. Dessa forma, a investigação contempla o entrelaçamento dos símbolos com o tempo descrito na narrativa com o mundo psicológico das personagens.

Palavras-chave: Após o Anoitecer, Psicanálise, símbolos, Haruki Murakami

Hatoum: trânsitos e neuroses entre Machado e Cortázar

CRISTIANE DE MESQUITA ALVES (UNAMA)

Resumo: HATOUM: TRÂNSITOS E NEUROSES ENTRE MACHADO E CORTÁZAR Cristiane de Mesquita Alves (UEPA/ UNAMA) José Guilherme de Oliveira Castro (UNAMA) Resumo: O artigo tem como objetivo apresentar como o mito individual do neurótico se forma e o narcisismo se consolida no comportamento das personagens principais de três contos da Literatura, tornando-os próximos às práticas neuróticas, a partir da leitura principal do conto *A casa ilhada*, uma das tessituras do livro *A cidade ilhada* (2009) do escritor manauara Milton Hatoum, almejando comparar a ação e as atitudes do cientista Lavedan às protagonistas dos contos *El río*, relato curto do livro *Final de Juego* de 1956, (2016) do escritor de literatura hispano-americana, o naturalizado argentino Julio Cortázar e as personagens do conto *Missa do galo*, em especial: Menezes, escrito por Machado de Assis, intertextualizando passagens nos contos, em que transitam entre si, para explicar o comportamento anormal e/ou não esperado das personagens: Lavedan-narrador (marido)- Menezes, em um processo de identificação e reconhecimento. Para tanto, empregou-se os conceitos pertinentes à neurose e indivíduo de Lacan (2008), para quem argumenta que “O sujeito neurótico se viu, finalmente, levado a comportamentos que nos mostram que as construções neuróticas do obsessivo acabam às vezes por confinar com construções delirantes.” (LACAN, 2008, p. 22), as quais, muitas vezes, justificam modos de agir das personagens tanto com as outras que estão ao seu redor físico e psicológico, tanto com

o espaço social em que estão inseridos; os de Freud em seus textos Sobre tipos neuróticos de adoecimento ([1912]; 2016) e Introdução ao narcisismo ([1914]; 2010), para explicar o processo de formação narcísica dos personagens literários elencados, e os de Bauman (2005) quem especifica que quando o indivíduo perde a identidade, “perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” (BAUMAN, 2005, p. 30), as identidades flutuam no ar, algumas da própria escolha do indivíduo, mas, outras infladas e lançadas pelas pessoas em sua volta, e é preciso estar alerta, de maneira constante, para defender as primeiras em relação às últimas. E, é o que faz os três indivíduos presentes nos tecidos literários selecionados, com o seu eu, em estado de persistente busca para tentar ver, ouvir, sentir, compreender o que está de fora de si para entender o que está dentro de si. Além disso, fez-se uso do método de Literatura Comparada de Remak e Pichois & Rousseau (2011) para estabelecer os entrelaços discursivos que transitam entre as narrativas.

Palavras-chave: Neurose. Narcisismo. Trânsitos. Identidades.

Psicologia do Subsolo

VINICIUS SCHRÖDER SENNA (UERJ)

Resumo: A expressão, que faz clara referência à novela de Dostoiévski, “psicologia do subsolo”, refere-se a um estudo da obra do autor russo feito por René Girard: Dostoiévski: do duplo à unidade (1963). Nesse ensaio, Girard analisa, dentre outras questões, o que chama de metafísica do subsolo. Os dados iniciais estão na literatura que mostra um sujeito determinado a se ver como “nada” enquanto faz dos outros “tudo”. Aos seus próprios olhos, o habitante do subsolo não tem qualquer valor. E como acontece numa balança, ao colocar sobre si todo o peso que o afunda, faz simultaneamente com que os outros subam. (GIRARD, 2011 [1963], p. 43). Admira-se, preferencialmente, aquele que é mais difícil de imitar, desenvolvendo um masoquismo que

busca a rejeição; como consequência, nenhum elogio é suficiente para uma mudança de rota psíquica. Como descrito por Freud, em Luto e Melancolia (2010 [1915-1917]): “A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição”. O protagonista de Memórias do Subsolo odeia e sente-se atraído por quem lhe parece superior. O outro odiado e admirado aparece em posição de superioridade porque serve como parâmetro, mas qualquer sugestão de autonomia seria um exagero. Trata-se de um mecanismo que alcança a todos: o desejo do modelo, que hoje inspira seu admirador, também foi copiado ? houve um modelo numa relação em que ele era o admirador. Essas são as bases da primeira intuição da teoria mimética de René Girard, isto é, o desejo humano é mimético. O que torna necessário um modelo para o desejo é algo bastante conhecido em filosofia: o vazio existencial. João Cezar de Castro Rocha descreve a questão nos termos da teoria mimética: “Trata-se de uma vacuidade propriamente estrutural, pois, sem a colaboração do outro, a interdividualidade não consegue se sustentar. Em vocabulário girardiano, esse é o mal ontologique” (ROCHA, 2016, p. 209). O impasse entre o desejo que precisa de um mediador ? para ter segurança sobre o objeto desejado ? e a vaidade golpeada dependência, contribuem para o entendimento das regras do subsolo: em que o outro sempre parece ter uma consistência impossível de ser alcançada. REFERÊNCIAS: FREUD, S. Luto e Melancolia. In: FREUD, S. Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e Outros Textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1917-1915]. p. 171-194. GIRARD, R. Mentira Romântica e Verdade Romanesca. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009 [1961]. ROCHA, J. C. D. C. In: MENDONZA-ÁLVAREZ, C.; MÉNDEZ-GALLARDO, J. L. J. E. M. Mímesis e Invisibilização Social. Tradução de Simone Campos. São Paulo: É Realizações, 2016.

Palavras-chave: Literatura, Psicologia do subsolo, Teoria Mimética, Desejo

O nome das personagens e a atuação melancólica no enredo da obra *O arrebatamento de Lol V Stein*, de Marguerite Duras: uma reflexão a partir de Lacan.

PAULO EDUARDO OLIVEIRA SANTOS (UEMA)

Resumo: Em “O arrebatamento de Lol V Stein” de Marguerite Duras, a narrativa é tecida sob a égide de uma linguagem abrangente, profunda e consistente que proporciona material literário de fino jaez, o que possibilita uma multiplicidade de olhares sobre o texto e experiências relevantes com os elementos da narrativa. Dessa forma, os textos durassianos tornam-se abrangentes pois, “ressaltam os processos psíquicos vivenciados pelos personagens, incompreensões, descontinuidades narrativas, surpresas e interrupções de fluxos, cortes que abrem vazios narrativos, etc. Nesse sentido, a leitura de Duras apresenta várias camadas de leitura” (FURTADO, 2012). Em primeiro lugar, discutir, principalmente, sobre os caminhos que tomam o texto literário que conduzem à experiência de Lol, personagem de Marguerite Duras na obra em questão, no momento do arrebatamento e perceber como esse evento se desenvolve e se perpetua dentro do romance à luz dos estudos de psicanálise, constitui aqui uma de nossas pretensões. Em segundo, lugar, lançaremos um olhar breve sobre o texto de Lacan intitulado Homenagem a Marguerite Duras pelo Arrebatamento de Lol V Stein, escrito concomitantemente com o Seminário 13: “O objeto da Psicanálise”, no qual trabalha o tema: “objeto-olhar”, tão importante no caso de deslumbramento que será comentado, confere a Duras grande apreço e admiração. No que tange ao texto durassiano, serão tecidas algumas considerações sobre as personagens, sobre o fluxo da narrativa e alguns pontos que consideramos relevantes para enveredarmos pelos caminhos dos estudos de psicanálise; e, no que diz respeito ao texto lacaniano destacaremos algumas passagens a fim de discutirmos sobre os ideais de seu autor em ter feito a referida homenagem, aqui expressa no título do próprio texto. Destacamos que: a ideia primordial é traçar uma diretriz através da escrita sobre

as percepções que tivemos a partir dos olhares que lançamos sobre os textos aqui referenciados, tanto o de Marguerite Duras quanto o de Lacan. Far-se-á uma reflexão a partir da atuação dos personagens de modo a elencar, dentro do texto durassiano, de que maneira é estabelecido um tom de melancolia no enredo sob a égide constante da denominação daqueles que protagonizam e antagonizam na dinâmica das cenas, que criam imagens e sentimentos melancólicos, posto que o encadeamento da narrativa subjaz questões dessa ordem. O ponto de partida aqui escolhido, diz respeito às personagens da obra de Marguerite Duras em *O Arrebatamento de Lol V Stein*, já que ao tecer os fios de seu texto, a autora, tem em seus personagens a pérola de sua tessitura. Os significados dos nomes da maioria dos personagens da obra em questão, corroboram e promovem maior entendimento de suas dinâmicas dentro do fazer narrativo, faremos aqui uma breve consideração sobre alguns desses nomes: Lol V Stein, Tatiana, Michael Richardson e Jacques Hold, principalmente.

Palavras-chave: Arrebatamento, Personagens, nomes, melancolia

Aqui estou eu diante do espelho: o enfrentamento de si na escrita íntima de Lúcio Cardoso.

RAFAEL BATISTA DE SOUSA (UNB)

Resumo: Tomando como ponto de partida a noção freudiana de “estranho familiar” (1919), o presente trabalho pretende investigar a tensa representação de si na escrita íntima de Lúcio Cardoso (1912-1968), compreendida nos seus Diários Completos (1970). Considerando o deslocamento e o desdobramento de um eu que se faz tu, a escrita do diário cardosiano revela uma tessitura que problematiza a si mesmo no enfrentamento da melancolia, da solidão e da obsessiva presença da morte.

Palavras-chave: Lúcio Cardoso, escrita íntima, estranho familiar

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

A melancolia dos corpos vazios e sua relação com o espaço ficcional: um estudo da personagem autraniana Rosalina, de *Ópera dos Mortos*

HELENA MARIA DE SOUZA COSTA ARRUDA (UFRJ)

Resumo: Ancorado em teóricos como Bachelard, Kristeva, Hall, Todorov, Borges Filho, entre outros, este trabalho pretende mostrar como o espaço ficcional no romance *Ópera dos mortos* (1967), de Autran Dourado, contribuiu de forma decisiva para que a personagem central Rosalina fosse (des)construída, uma vez que a personagem reúne vários predicados que a levam a constantes transformações físicas e de personalidade. Por se tratar de um romance que reúne vários símbolos: o sobrado; os relógios e seus pêndulos; as voçorocas; as pontes; a cidade, os empregados etc., Dourado em seu livro *Uma poética do romance: matéria de carpintaria* (2000), propõe ao leitor uma leitura simbólica da obra, ou seja, só é possível uma compreensão do romance a quem souber ler os símbolos e suas representações. Dessa forma, por entendermos o caráter dual da obra e das personagens, especialmente da personagem central, Rosalina, a tecelã de rosas, de dia, e a mulher luxuriosa, à noite, vimos ser possível e aplicável questões acerca do lugar, do entre-lugar, ou até mesmo da ausência de lugar para a personagem, uma vez que ela se desloca pela narrativa em busca de si, deparando-se com as outras que nela habitam. Rosalina tem, portanto, um caráter mais que dual na representação do bem e do mal, ela acaba por mesclar-se ao próprio sobrado, seu simulacro, de onde, por detrás das cortinas, observa a cidade interiorana mineira de Duas Pontes. O sobrado é o palco de sua tragédia familiar: primeiro andar, a representação da seriedade de seu pai, segundo andar, da luxúria de seu avô. Ao conectar-se a essas duas formas de encarar o mundo, Rosalina cambaleia entre a pudícia e a devassidão, fragmentando-se não

apenas em duas, mas em várias. O confinamento a que a personagem é submetida a leva a constante melancolia, pois corpo e alma não se coadunam. A loucura que – representada pela notívaga mulher de branco – passa a ser-lhe a única companheira em sua agônica solidão.

Palavras-chave: Espaço ficcional, Corpos vazios, Confinamento, Melancolia

Morte e vida e a outra vida em *Morreste-me*, de José Luís Peixoto.

IVANETE FRANÇA GALVÃO DE CARVALHO (UERJ)

Resumo: A comunicação que se apresenta pretende desenvolver uma reflexão acerca de “*Morreste-me*”, de José Luís Peixoto. Alinhado na geração dos novíssimos autores contemporâneos, seu nome se afirma pela qualidade de seus romances, os diversos prêmios atestam, como sua tradução para outros países. Sua obra se destaca pelo traço poético uma constante em seus romances. O primeiro desafio que se coloca ao examinarmos “*Morreste-me*”, Peixoto em diversas entrevistas confirma a hipótese, é defini-la quanto ao gênero: romance, biografia, poema em prosa? Afinal, o autor tem produção voltada para tais modalidades artísticas. A temática gira em torno da morte do pai. Daí encontremos questões que irão girar em torno do amor, da vida, da morte e do luto. Desse modo, procuramos compreender a multiplicidade de sentimentos que ali transitam, as memórias da convivência familiar e principalmente sua relação com o pai, o amor que os unia. A arte, a literatura como transgressão se afirmam. É no espaço do simbólico que se dá a vitória sobre o efêmero e a permanência se afirma. Se a morte limita o curso da vida, Peixoto através do livro, imortalizará a imagem do pai. A repetição da palavra “mesmo” ao longo do romance funciona como o duro aprendizado do luto. Em nosso trabalho, iremos analisar se há um limite para o ser humano suportar as rupturas e as lacunas deixadas nos instantes pós-morte. O luto implicará em resignação e fará realmente com que as lembranças sobreponham-se a dor? Ainda sob a perspectiva transgressora desses temas, reconhecer o papel da literatura, como

já assinalamos, em sua árdua tarefa de vencer o instante. Então analisaremos o combate sem tréguas entre a vida e a morte, Eros, pulsão de vida e Tânatos, pulsão de morte, segundo a teoria freudiana. Entre a continuidade e a descontinuidade dos seres e das coisas, de tudo nos cerca, surge o romance de Peixoto. Aqui, iremos nos valer dos teóricos como Philippe Ariès, Severo Sarduy, Jean Ziegler, Herbert Marcuse, Michel Foucault, Santo Agostinho entre outros, que apontam considerações e problematizam as questões da morte, do luto e da vida, a intensidade da dor e como cada um a enfrenta e a supera através da lembrança, da convivência e da saudade que pode eliminar a angústia e deixar vir sorratoriamente o sabor dos sentimentos que une entes queridos. Sob o conceito foucaultiano de que toda arte é transgressora e essa “transgressão leva o limite até o limite do seu ser”.

Palavras-chave: girando em torno dos temas do amor , da vida, da morte, do luto

S. Bernardo como autobiografia melancólica

CARLISSON MORAIS DE OLIVEIRA (UFPB)

Resumo: Davi Arrigucci Jr, em uma palestra sobre ponto de vista na literatura para um público de psicanalistas, aponta para a importância da escolha do tipo de narrador, de ângulo, de voz por parte do autor e as consequências que essa escolha acarreta no texto. Este trabalho aborda este problema no sentido contrário: as restrições que um tipo de narrador impõe a forma narrativa. Dentre as categorias que influenciam a forma literária, a memória e a função do autor são decisivas. E no romance S. Bernardo, de Graciliano Ramos, encontramos um encontro destas categorias: partindo da opinião de que Paulo Honório é um personagem melancólico, investigo quais são as consequências dessa caracterização na forma literária. O movimento poético dos escritores e o respectivo debate crítico sobre a autoficção destacaram a função do autor. Aproveitando o momento, faço o inverso: o apagamento dele. A consequência é analisar S. Bernardo como uma autobiografia de Paulo

Honório, suspendendo, momentaneamente, a autoria de Graciliano Ramos. Dito de outra forma, quero analisar a ficcionalização do processo criativo de Paulo Honório por Graciliano Ramos, tratando S. Bernardo como uma autobiografia ficcional, com destaque para as consequências na técnica narrativa. Como fundamentação teórica em relação à escrita, discuto o que é biografia a partir de Michael Benton; a relação entre melancolia e biografia literária apresentada por Jane Darcy, com destaque para a recepção da melancolia antes do romantismo; o panorama sobre autoficção e um catálogo de gêneros relacionados apresentados por Eurídice Figueiredo e a minha defesa da localização deste debate numa tradição. Em relação à melancolia, parto do texto fundamental de Freud e sigo para o texto “A memória, a história, o esquecimento” de Paul Ricœur, com destaque sobre o “trabalho de memória”, “trabalho de luto” e melancolia. Combinando uma análise comparativa de S. Bernardo com outras autobiografias, ficcionais ou não, aponto quatro características de uma autobiografia melancólica. 1) Devido ao problema da origem, a falha constituinte, só é possível falar poeticamente da melancolia em primeira pessoa. Se uma narrativa em terceira pessoa tentasse narrar a dinâmica melancólica, na prática, ela estaria assumindo o discurso psicanalítico ou um outro discurso. 2) A autobiografia melancólica é a formalização da autorrecriação, do estar preocupado consigo mesmo. Combinando estes dois primeiros pontos, temos que o melancólico fala e fala sobre si: ele é o emissor e o assunto. 3) A autobiografia é uma forma do espaço privado e, portanto, adequada a expressão melancólica; ao contrário, por exemplo, de uma elegia fúnebre, que está no cruzamento entre o público e o privado. 4) Apesar de falar de si e de rondar os problemas das origens relatando suas memórias, a autobiografia melancólica não faz o trabalho de rememoração, ela é um ato de repetição que narra repetições.

Palavras-chave: Forma literária, Memória, Luto, Paul Ricœur

O inconsciente atrás da porta: a psicanálise na obra de Haroldo Maranhão.

AIANA CRISTINA PANTOJA DE OLIVEIRA (UFPA)

Resumo: O presente trabalho é resultado de uma pesquisa iniciada em 2010 sobre os mais variados aspectos da obra de Haroldo Maranhão. O escritor paraense, nascido e criado na cidade de Belém, é dono de uma escrita tão célere que chega quase a ter a mesma intensidade da fala. A fluidez com que escrevia originou obras de enredos dinâmicos, sem, contudo, excluir uma arguta reflexão sobre o mundo e o homem. A escritura haroldiana transita entre o conto, o diário e o romance. Nesse último gênero, Haroldo Maranhão emprega a metaficção historiográfica, onde reconta e contesta o discurso histórico e oficial. A técnica da apropriação textual é outro instrumento utilizado pelo autor para a confecção de seus romances, o que atribuiu a sua escrita traços pós-modernistas. Em *A porta mágica* (1983), o aspecto mais marcante da escrita haroldiana é a configuração do inconsciente. No enredo, os atributos do inconsciente são manifestos principalmente pelas idas e vindas de Mariana, a protagonista, a um ambiente insólito, localizado atrás de uma porta, a qual a personagem tem acesso por meio do sono. Tal universo revela características próprias do inconsciente como o estranhamento de elementos familiares e a presença de seres exóticos e horripilantes. O trânsito de Mariana por uma atmosfera diferente do real indica o modo como a protagonista lida com seu inconsciente e como o relata. Nessas experiências, vividas e contadas pela menina, o elemento porta é a representação do próprio sonho e, conseqüentemente, o meio de adentrar ao inconsciente, uma vez que, segundo a psicanálise, o sonho é o caminho para o conhecimento das atividades inconscientes da mente. A leitura do referido livro de Haroldo Maranhão foi realizada anteriormente à leitura de obras psicanalíticas, como prosseguimento da pesquisa sobre a obra do autor paraense. Contudo, logo nos primeiros capítulos, percebeu-se a possibilidade de concatenar pontos de aproximação entre essa obra

de Haroldo Maranhão e a psicanálise. Desse modo, os referenciais teóricos utilizados nessa pesquisa foram os textos de Sigmund Freud que discorrem sobre o Inconsciente (1914 - 1916) e a Interpretação dos sonhos (1900). As obras abordam, respectivamente, a constituição do aparelho psíquico e o sonho como instrumento de satisfação dos desejos e de acesso a vários aspectos da vida inconsciente. A obra Freud e o inconsciente e Introdução à metapsicologia freudiana do teórico Luiz Alfredo Garcia-Roza, entre outras, também serão utilizadas como recursos para melhor compreensão da teoria psicanalítica. Percorrer as linhas de *A porta mágica* é decifrar a cada capítulo alusões ao inconsciente freudiano, o que estabelece a obra de Haroldo Maranhão no conjunto das representações artísticas do inconsciente.

Palavras-chave: Psicanálise, Haroldo Maranhão, Inconsciente, Literatura

O trem que já partiu: perda, vazio e melancolia em contos de Clarice Lispector e Virgínia Woolf.

LUCAS DE AGUIAR CAVALCANTI (UFRJ)

Resumo: A análise de diferentes críticos que escreveram sobre as obras de Virginia Woolf e Clarice Lispector revela a recorrência da problemática a respeito do vazio e da perda na obra das autoras. Benedito Nunes (1989) identifica na narrativa de Clarice “a perda do eu”, ou “esvaziamento do Ego de quem narra” a partir de *A paixão segundo G.H.*, como decorrência da experiência-limite de comer a barata. O esvaziamento do Eu também é característica da obra de Virgínia que Banfield (2000) assinala: “a arte moderna de Woolf demanda a redução do eu”. Nessa comunicação, pretendo pensar como redução do Eu, perda e vazio configuram-se em um conto de cada autora. Para tal, pretendo ler críticos que estudaram as autoras e o texto “Luto e Melancolia” (1917 [1915]) de Freud, associando-os com minhas próprias questões endereçadas aos contos. Em “A imitação da rosa”, Clarice Lispector desenvolve uma narrativa pobre em acontecimentos, baseada apenas nos movimentos da consciência da personagem Laura, uma

mulher que retornou recentemente para casa após “estar de novo bem”. A história anterior de Laura não nos é dada a conhecer, o essencial no conto parece ser narrado como um mero detalhe supérfluo, pista da história não contada. Nesse conto, perda e ausência estão tematizadas na própria obra para além do vazio sentido pelo leitor na história que não se lê. Após abrir mão das rosas mais lindas que já vira na vida, Laura sente “no seu coração, aquela rosa, que ao menos poderia ter tirado para si sem prejudicar ninguém no mundo, faltava.” No conto de Virginia Woolf, “An unwritten novel”, a perda já está expressa a partir do título que gera um efeito de vazio sobre toda a narrativa. O vazio já se expressa através do prefixo – un, que assinala a falta que habita o conto, marcando a ausência do que foi desfeito, as lacunas não preenchidas. O que Auerbach (2015) nota como característica mais singular da prosa woolfiana em *To the lighthouse*, a possibilidade de representar a consciência de diversos sujeitos, não é característica do conto em questão cuja narrativa é focada apenas na consciência da narradora. No entanto, a identificação do Eu da narrativa com a voz da narradora não é suficiente para evitar que o Eu se perca no fluxo de seus pensamentos, confundindo-se com a personagem que observa. A sobreposição das identidades de narradora e personagem culmina na pergunta: “quem estava dizendo que os ovos são mais baratos? Você ou eu?” Em “Luto e Melancolia” (1917 [1915]), Freud identifica o luto como processo conhecido e tido como efeito natural a partir da perda de um objeto amado, enquanto a melancolia engendra um vazio mais difícil de ser superado. O melancólico não sabe o que perdeu ou, se conhece o objeto que perdeu, não sabe o que perdeu nele. Proponho nessa comunicação mobilizar o conceito de melancolia apreendido do texto freudiano como auxílio para compreender perda e vazio a partir da análise comparada das narrativas de Clarice Lispector e Virginia Woolf.

Palavras-chave: psicanálise, contos, melancolia

Uma mulher à margem: fragmentação e melancolia em *Lucíola*, de José de Alencar.

ELISANGELA MARCOS SEDLMAIER (UFPB)

Resumo: As prostitutas, desde o alvorecer do cristianismo, sucumbem ante o repúdio e o escárnio de uma sociedade conservadora, que as enxerga, ainda, como seres abjetos e degenerados. Para além da depreciação, paradoxalmente, são vistas e “contempladas” por seus algozes, trazendo à tona uma trama contextual que desliza sob o véu da volúpia e da incompreensão. Muito já foi dito e escrito sobre elas e se, num primeiro momento, elas foram colocadas no altar do sagrado, posteriormente, foram e são arrastadas pela rua da profanação, o que as torna, por conseguinte, personagens de um enredo conjecturado na intersecção entre o asco e a fascinação. Encontramos na literatura uma vasta coleção de títulos, nos quais as vidas das prostitutas são descritas, ora de forma totalmente fictícia, ora de forma realista e isto, de certo modo, faz com que a subjetividade intrínseca às trajetórias individuais dessas atrizes sociais sejam, há séculos, imputadas, subjugadas e colocadas em segundo plano. Na copiosa cartografia da literatura brasileira, *Lucíola* (1862), de José de Alencar, pode nos auxiliar a problematizar, desconstruir e elucidar alguns aspectos sobre as questões supracitadas, pois, ao revelar a estória de Lúcia, o autor nos estimula a refletir sobre o percurso de uma menina que dispõe do seu corpo como uma forma de sobrevivência e, ao mesmo tempo, como um poço de sofreguidão e vazio. Fato que, neste prisma, fica evidente a não desconsideração do corpo como material de “trabalho” da prostituta, mas, fundamentalmente, o lugar que detém suas verdades, seus saberes, suas singularidades, suas fragmentações identitárias e as pulsões que a guiam. Nossa personagem, como veremos no desenvolvimento desta pesquisa, imprimirá um misto de luto e melancolia reverberante na transformação do corpo de menina para mulher. Lúcia que, outrora, era chamada de Maria da Graça, carregou as marcas das autoacusações, autocríticas e desonestidade

que dilaceraram seu corpo, sua vida e sua subjetividade. Neste trabalho, realizaremos, portanto, uma análise deste corpo feminino que, tantas vezes, se encontrou dilacerado pelas vilasões internas e externas. Para tanto, usaremos textos de Freud, como Luto e Melancolia (1915) e, adicionalmente, teóricos sobre o corpo e o feminino, como Fernandes (2011) e Kehl (2008). O objetivo, deste modo, é mapear e detectar as diversas motivações que transformam corpos belos e desejados em corpos vazios e/ou mutilados que trazem, por fim, a marca da melancolia e da fragilidade do feminino impressa na articulação com sua vida psíquica.

Palavras-chave: Literatura, Psicanálise, Prostituta, Melancolia

Adolescência à luz da psicanálise e da literatura por meio da escrita de diários.

ROSILENE FÉLIX MAMEDES (UFPB)

Resumo: Ao longo dos anos a humanidade vem passando por constantes transformações em distintas histórias, paralelamente a essas transformações a escrita também foi evoluindo até chegar no estágio que a conhecemos. Assim, além da necessidade de evoluirmos também possuímos uma série de outras, sejam de caráter individuais ou sociais, dessa forma, uma das necessidades mais urgentes que temos é a de nos comunicarmos, de expressarmos nossas necessidades, emoções, ou até mesmo apenas transmitir uma mera informação a outrem. Talvez seja este o motivo que ao longo dos anos a ciência e pesquisadores vêm procurando compreender mais sobre a fase da adolescência, buscando colaborar e/ou atenuar com os dilemas vividos, não só pelos adolescentes, mas como por todas as famílias, independentes de classes sociais. E é, exatamente, na busca de respostas que alicerçamos as nossas inquietudes, a despeito da continuidade e da descontinuidade. Para isso, fizemos um recorte das fases do comportamento humano, e optamos por investigar a fase da adolescência, para compreendermos como se processa a continuidade e a descontinuidade nesta fase.

Como relevância para a nossa pesquisa, atribuímos como contribuição a possibilidade de ampliar o debate sobre a fase da adolescência, buscando compreender o sujeito-adolescente a partir do seu (in) consciente que plasma na escrita dos diários pessoais, reconhecendo em suas linhas a continuidade e a descontinuidade do comportamento humano. Com os diários pessoais encontraremos respostas para compreender o universo do adolescente por meio da Literatura e da Psicanálise, ambas configuradas nesse gênero híbrido, que carrega em suas especificidades uma relação pessoal com o seu “proprietário”. Além dessa relação exploraremos conceitos da Psicanálise como a noção do inconsciente; a teoria da sexualidade, e o princípio do prazer e do desprazer, tendo como base primordial a discussão acerca da continuidade e da descontinuidade na fase da adolescência.

Palavras-chave: Adolescência, Literatura, Psicanálise, Diário Pessoal

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Poesia e Cinema: contorções da melancolia em *Hiroshima, Meu amor*

AMANDA RAMALHO DE FREITAS BRITO (UFPB), MARIA GENECLEIDE DIAS DE SOUZA (UFPB)

Resumo: O presente trabalho procura investigar como a melancolia fomenta a representação lírica no filme *Hiroshima, meu amor* (Alain Resnais, 1959) a partir das contorções do corpo. O corpo representa em *Hiroshima, meu amor* o espaço que reverbera a unificação do cotidiano com o universal, da memória com o esquecimento, do eu com o outro e do amor com a morte. Ideias sugeridas pela primeira imagem do filme: enquadramento em primeiro plano do entrelaçamento erótico dos personagens que sugere pelo brilho dos corpos, o suor do amor e o calor da bomba atômica, imagem reforçada pela poeira

nos corpos. Aliás, é por meio do encontro amoroso que se desenvolve uma percepção lírica em torno dos motivos da ausência e da trajetória fatídica da personagem que se confunde com a trajetória fatídica do outro (as vítimas da bomba atômica), entrelaçando memória coletiva e memória individual. As contorções do corpo serão investigadas como espaço de sugestões da linguagem figurativa e subjetiva que constitui o lírico na diegese cinematográfica. O “corpo” será estudado pelo viés teórico de Deleuze (2005, p. 227), que concebe as atitudes gestuais do corpo como categorias da vida (o corpo não pensa, mas reflete a embriaguez, os esforços e a resistência). No filme a representação da melancolia se dá pela consciência de finitude que perpassa as memórias da personagem francesa não nomeada ao descrever a tragédia atômica de Hiroshima. A descrição narrativa de uma memória coletiva configura-se como uma tentativa individual de recuperar “o tempo perdido”, já que toda a angústia da personagem é centrada no esquecimento das vivências da primeira juventude. Para Freud (1985), a melancolia é produto de uma perda de algo indefinível que se distanciou do sujeito no plano da idealização, quer dizer, o indivíduo, fatalmente melancólico não tem consciência e não compreende o que se perdeu, a perda é de natureza mais ideal, o que resulta em um profundo desencantamento. A melancolia, surgida do grego melas, significa etimologicamente negro, e remeteria ao lado sombrio do humor humano, frente às nuances da vida, como: culpa incompletude, saudade, solidão e esquecimento. O pathos representado pelo esquecimento no plano diegético do filme é sugerido pelas contorções do corpo em diálogo com os próprios mecanismos da linguagem cinematográfica: cores, planos, enquadramentos, travellings e voz em off. A construção lírica do corpo atravessa os diálogos melancólicos da personagem francesa diante da morte representada no plano da idealização pelo esquecimento. A experiência criada pelas imagens dos corpos e pelos movimentos gestuais harmonizados aos diálogos poéticos do filme reclama sua própria condição de arte, nos instigando a averiguar como o lirismo

se instaura na diegese por meio da melancolia. Como nos disse Scliar (2003), a melancolia ajuda a pôr em perspectiva os pensamentos diante do caos instaurado pelas ausências.

Palavras-chave: Lirismo, Melancolia, Corpo

A sobrevivência além da melancolia: o *sinthoma* diante da guerra em *L'Analphabète*, de Agota Kristof

NYEBERTH EMANUEL PEREIRA DOS SANTOS (UFCG)

Resumo: A relação entre a Psicanálise e a Literatura não data dos dias atuais. A Psicanálise nasceu com as histéricas e, também, com a Literatura. Logo, não considerar este campo do saber em diálogo com a literatura é ignorar aquilo que nelas convergem: o desejo de conhecer sobre o homem. Disto isto, como bem afirmou Bellemin-Noël (1978), ler a literatura com os óculos de Freud é ler na obra literária aquilo que ela diz sem revelar, porque o ignora; em outras palavras, ler o inconsciente do texto, aquilo que lhe escapa. Portanto, partindo deste não-dito do texto literário, temos como objetivo analisar a escrita sinthomática a partir do livro *L'Analphabète* (2000), escrita autobiográfica da autora húngara Agota Kristof. Para este estudo, nos baseamos nos conceitos de Luto e Melancolia (1917[1915]), Sintoma (1926) e Sinthoma (2007). O livro *L'Analphabète*, escrito em primeira pessoa, relata pontos importantes da vida da autora, sobretudo no encontro dela com o mundo da escrita, da língua e da palavra. É a partir desse encontro com o simbólico que observamos aquilo que Freud postulou como sintoma, o corpo estranho que gera estímulos e reações no tecido em que se incrusta, aquilo que se torna representante de importantes interesses e que adquire valor para a afirmação de si e que se torna imprescindível para o Eu. Ele é lugar paradoxal do sujeito, onde ele tem satisfação sexual e sofrimento. Ou seja, é através do traumático que o sintoma se estabelece. Sendo assim, ao concebermos a escrita como sintoma, entendemos que a autora consegue dar existência e problematizar aquilo que é mais duro em sua vida: as perdas causadas pela guerra,

perdas essas que conferem à narrativa o aspecto melancólico, aquelas que conscientemente têm nome, mas que têm força inconsciente capaz de sinthomatizar a sua escrita. Partindo disso, nos questionamos: como a escrita passa de sintoma a sinthoma na narrativa de Kristof? É, então, partindo do que Willemart (2014) afirma, sobre o sintoma enquanto estrutura significativa que o determina, para a passagem ao grão de gozo, ao sinthoma, que nos baseamos para o desenvolvimento deste trabalho e resposta do nosso questionamento. Assim, nos baseamos em Freud (1926), Lacan (2007), Willemart (2014), Bellemin-Noël (1978), bem como em outros autores que enxergam as possíveis e impossíveis confluências entre a literatura e a psicanálise, para desenvolvimento deste trabalho.

Palavras-chave: Psicanálise, Melancolia, Sintoma, Sinthoma

Vazios e melancolia marcados no corpo feminino: o conto *Amor*, de Clarice Lispector

JHONATAN LEAL DA COSTA (UFPB)

Resumo: Publicado em 1960, o livro de contos *Laços de família*, de Clarice Lispector, traz a representação de personagens que, em meio a espaços domésticos aparentemente estáveis, expõem, na confissão do enunciado literário, os conflitos da instabilidade emocional vivenciada sob a força do tédio. Nesse contexto, delimitamos, para análise desta proposta de trabalho, a narrativa “Amor”, proveniente do referido tomo contístico. Nele, a protagonista, Ana, é uma dona de casa, mãe e esposa que, preocupada em cumprir com as funções matriarcais, se vê esvaziada de sentido sempre que é obrigada a ficar sozinha consigo mesma. O turno da tarde, quando seus filhos estão na escola e o seu esposo está no trabalho, é interpretado pela personagem como “a hora perigosa”, o momento do dia em que o desânimo, o desinteresse pela vida, e a diminuição do sentimento de autoestima mais a afetam. Sendo assim, temos, como principal objetivo, nesta oportunidade, compreender de que modo a escritura ficcional clariceana plasma

o estado melancólico, através de manifestações do corpo, na/pela protagonista do conto “Amor”. Defendemos, em conformidade ao pensamento psicanalítico (Cf.: BIRMAN, 2005), que o corpo, mais do que uma construção biológica e anatômica, se formula, também, por determinações culturais, históricas, subjetivas, sociais, libidinais e do campo da fantasia, fator que nos auxiliará no entendimento da relação entre as ações e reações do corpo feminino criado por Clarice, e os sofrimentos de ordem psíquica por que passa a personagem supracitada. Ancorados na psicanálise freudiana, mais precisamente no texto “Luto e melancolia” (2004), acreditamos que, ao investir uma grande quantidade de libido (energia psíquica) nas relações estabelecidas para com os filhos e o marido, Ana, ao se ver desprovida fisicamente de seus objetos afetivos, perde significativa quantidade de energia ao não encontrar os referentes para os quais ela se destina, o que assevera a solidão, o dano, o prejuízo, e a desolação aguda sentida pela personagem. Desse modo, além das contribuições de Freud a respeito da melancolia, também contaremos, para este intento, com os trabalhos desenvolvidos por Françoise Dolto (1998) e Joel Birman (2005) no que se refere ao entendimento de corpo pela ótica psicanalítica, além das pesquisas desenvolvidas, no âmbito da crítica literária, por Benedito Nunes (1989), Bernadete Grob-Lima (2009) e Lúcia Helena (1985), os quais abordarão o percurso das personagens femininas na obra de Clarice Lispector. Nas considerações desse artigo, apresentaremos achados que perpassam as esferas do medo, da insegurança, da incompletude, da insatisfação e do desejo que, apesar de poderem estar para todo e qualquer ser humano, podem se estruturar com mais afinco na trajetória do ser feminino alicerçado em uma sociedade patriarcalista.

Palavras-chave: Psicanálise, Melancolia, Corpo, Clarice Lispector

Quando o desejo (não) bate à porta: subjetividades territorializadas pela melancolia

ANGELI RAQUEL RAPOSO LUCENA DE FARIAS (UFPB)

Resumo: Os encantos de Eros configuram e afetam o homem, em sua trajetória de perdas e ganhos. Cantado desde a mitologia Grega, no mito sobre a origem dos povos, quando Zeus, insatisfeito com seus filhos, torna-os incompletos, separando cada indivíduo em duas partes, o amor faz germinar a necessidade de união com outro, numa tentativa perene e inócua de um dia, nas estações da vida, sanar a incompletude. Nessa divisão do ser, o amor surge como cura, ilusão e possibilidade de anular a separação que nos torna não apenas humanos, mas sujeitos desejantes. Escapa-se do desamparo quando se une ao amor, numa dialética universal. E, se, por ventura, o amor não for encontrado? Se o objeto amado, almejado, tornar-se sempre desconhecido? Desamparado, outrora dividido, sem encontro com sua metade, o sujeito faz-se morada da melancolia, cujos laços aprisionam o amante numa contínua e infindável busca por um objeto perdido e, mormente, desconhecido. Nos recônditos do melancólico, território no qual penetraremos, a lógica desamparo/amor surge como enigma indecifrável, algo não atingido, ou melhor, atingido por um narcisismo egoico, incapaz de reconhecer as artimanhas de Thanatos, que goza, o tempo todo, do sofrer imposto ao Amor. A literatura, enquanto espaço criativo, redesenha, com certa propriedade, o drama do enamoramento melancólico, onde encontramos personagens desejosos de amor, que, não raras vezes, vivificam-se no gozo do abandono e da solitude. Nesse contexto, destacamos a obra de Caio Fernando Abreu, especificamente a coletânea de contos *Além do ponto* e outros contos (2010). Nela, deparamo-nos com tessituras enredadas nos nós da melancolia, a exemplo da narrativa *Além do Ponto*, onde se inscreve a trajetória de um personagem, sem nome, que, num dia chuvoso, anda, anda, anda, cai, levanta, esbarra, até chegar na porta – simbólica – do grande Outro lacaniano, aquele que não lá, que não o espera, que ele desconheço. Todavia, a esse Outro tenta, desesperadamente, dirigir

sua demanda. O conto encerra, desde a primeira linha, as figurações da melancolia, reverberando a angústia do protagonista em seu percurso rumo ao objeto amado, revestido de energia libidinal para atingir o inalcançável. O frio, a chuva, o pensar incessante, a noite, a lama, a sujeira, presentificados no conto, permitem que leitor e personagem (re)conheçam a dor, isenta de nomeações, pela lenta clara e límpida representação de uma rota vazia e sem significações. Como aparato teórico, recorreremos aos estudos (pós)freudianos, em especial, os trabalhos que tratam do adoecimento melancólico e suas relações com o narcisismo mortífero.

Palavras-chave: Melancolia, Desamparo, Psicanálise

Laços amorosos, corpos mutilados: o véu perverso do desamparo.

SÍLVIO TONY SANTOS DE OLIVEIRA (UFPB)

Resumo: A Literatura é, por excelência, um espaço criativo, potencial, de fantasias e ilusões, que busca, na realidade, a matéria prima para compor as experiências humanas que emanam de seus flancos. Em A poética, Aristóteles define-a como representação da realidade. Seguindo as pegadas do pensador grego, Antônio Candido, sob o prisma sociológico, afirma que a capacidade de efabulação acompanha as vicissitudes do corpo social, na medida em que consegue reverberar seus valores e costumes. Destarte, não raras vezes, deparamo-nos com ficções, cujas textualidades albergam o excessivamente humano, ou seja, aqueles comportamentos considerados, amiúde, inadequados, quiçá por arquitetar e desvelar a violência que se instaura do/no contato com o outro. Tal propriedade, de transformação do real, torna o evento literário um meio de expressão das subjetividades, ao longo das calendas da história. A título de ilustração, no século XIX, o fazer literário incorporou as grandes discussões sobre a sexualidade humana, que pairavam sobre a escrivania de psiquiatras e sexólogos. O fervor científico, acerca da doença mental, encontrou ressonância no movimento realista/naturalista, cujas obras incorporaram a vida de personagens atordoados por seus desejos, estreitando o abismo que, antes, separava a loucura

e a sanidade, o normal e o patológico. A estética voltou-se, então, para as diferenças, ora de modo crítico e contestador, ora revisitando-as como modelos estigmatizadores. Nesse cenário, na contramão da medicina e da igreja, a Psicanálise defendeu uma concepção de homem e sociedade, de natureza e cultura, capaz de abolir as crenças reducionistas que teimavam em considerar o humano uma entidade polarizada, ou seja, boa ou má. O presente trabalho, alicerçado na teoria psicanalítica de base (pós)freudiana, tenciona investigar os matizes melancólicos que recobrem o laço sadomasoquista no conto realista *A causa secreta* (1885), de Machado de Assis. Para tanto, debruçaremos sobre o triângulo amoroso forjado pelas moções sádicas do personagem Fortunato e pela disposição masoquista de sua esposa Ana Luísa e de seu amigo Garcia, a partir das quais se desenvolve a diegese da narrativa. Acreditamos que o referencial teórico escolhido revela-se adequado, por pretendemos adentrar no mundo subjetivo dos personagens, de suas práticas e discursos, de modo a interpretarmos o jogo libidinal que os conduz à satisfação de suas pulsões, numa trajetória de frustração e gozo. Aqui, todos se identificam com o sofrimento e com a morte, lançando-se a estados devastadores de angústia e dor. Entre os diversos questionamentos que circunscrevem esta pesquisa, encontram-se: quais as nuances perversas que estruturam psiquicamente os personagens Ana Luísa, Garcia e Fortunato? De que maneira o gozo perverso se funde a estados de melancolia e desespero? Quais os aspectos sócio-culturais que sustentam ou, melhor, ratificam o desejo de cada personagem e suas relações no cenário histórico em que se inserem? As relações corrosivas se estabelecem, apenas, em nível físico ou temos expansões de um sofrimento psíquico imposto ao Outro? Estes são alguns dos apontamentos que nos guiam neste percurso e que nos impelem a contribuir com os estudos psicanalíticos aplicados à Literatura.

Palavras-chave: Literatura, Psicanálise, Sadomasoquismo, Gozo

Esquecimento e lembrança: o amor em tempos sombrios.

HERMANO DE FRANÇA RODRIGUES (UFPB)

Resumo: Será que estamos vivenciando o declínio do Édipo ou, simplesmente, as experiências com o nome-do-pai obedecem a outras insígnias, nem sempre favoráveis à arquitetura do sujeito? Dadas às configurações narcísicas que recobrem a pós-modernidade, por vezes, somos impulsionados a acreditar que a fragilização dos laços humanos se deve, preponderantemente, às relações com o capital, aptas a moldar corpos onipotentes e individualizados. Esquecemos (quicá como defesa contra nós mesmos) que a condição humana emana de energias pulsionais que conclamam, outrossim, o ódio, a separação e a solidão. Não estamos nos referindo a uma condição determinada pelo tempo, mas a um processo subjetivo que se adapta, com menor ou maior intensidade, às demandas da Cultura, cujas forças ora obstruem os impulsos eróticos e tanáticos ora os libertam bruscamente. Essa dinâmica forja às civilizações, com suas virtudes e contradições. Nossa proposta de trabalho, numa interface entre a literatura e a psicanálise, busca decifrar, no conto *A disciplina do Amor*, de Lygia Fagundes Telles, os códigos de um mal-estar que, embora calcado nas insígnias de seu tempo, evoca a nossa contemporaneidade, onde as perdas, em geral, são revividas com frivolidade e indiferença. Engana-se, portanto, quem conjectura uma era de lutos intermináveis, crônicos e melancólicos. O narcisismo direciona a libido para o outro extremo, no qual o sujeito desesperança-se do outro (que não lhe deixa marcas, nem memórias). Como arcabouço teórico, recorreremos aos textos freudianos, em especial “Luto e Melancolia” e “O mal-estar na civilização”.

Palavras-chave: Literatura, Psicanálise, Melancolia, Perdas

Entre a pena e a tinta: delineamentos melancólicos em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

ARISTÓTELES DE ALMEIDA LACERDA NETO (IFMA), JANILSON SILVA DOS SANTOS (IFMA)

Resumo: O presente trabalho explicita uma análise do romance machadiano “*Memórias póstumas de Brás Cubas*”, de modo a demonstrar os elementos melancólicos delineados na referida obra.

O romance é, conforme a crítica, o precursor do realismo no cenário literário brasileiro. Valendo-se da cidade do Rio de Janeiro do século XIX, o enredo consegue contemplar temas diversos, tais como: a convivência com a escravidão, as relações sociais entre classes abastadas e o núcleo pobre carioca, a filosofia, a religião e o positivismo em ascensão naquele período. O cerne da obra, entretanto, está em Brás Cubas, que, saturado de pessimismo, ironia e humor ácido, relata as venturas e peripécias de sua vida terrena, ao modo de um ébrio, sem a típica linearidade do romance prosaico, e valendo-se de uma estética refinada. Todavia, é o caráter contraditório, e muitas vezes dicotômico do personagem, que evoca verdadeiramente o carisma de Brás Cubas, e que, em essência, compõe o arcabouço desta análise. Já na introdução do romance, essa dualidade se manifesta na maneira como Cubas descreve suas memórias: “escritas com a pena da galhofa e a tinta da melancolia” – temperamentos extremos, que claramente demonstram o caráter saturnino da personalidade do personagem. Romano Guardini, Jean-Pierre Schaller e Oliver Pot relacionam esse dualismo típico do melancólico como uma consequência entre o volume de suas expectativas e a fragilidade existencial de seu ser. Tal desequilíbrio, por exemplo, pode ser identificado em Brás Cubas pelas enormes expectativas de grandeza e sucesso projetadas nele pelo pai, as quais, nem de longe, foram atingidas pelo filho. O descontentamento, amiúde, tenta ser escamoteado por Brás Cubas, e brilhantemente a narrativa machadiana deixa escapar pequenas nuances desse recalque. Vale ressaltar que este estudo fundamenta-se na melancolia, partindo da teoria dos quatro humores, que remonta aos gregos e compõe o arcabouço teórico da obra Anatomia da Melancolia, de Robert Buton, bem como da análise de alterações comportamentais típicas da condição do melancólico, e plasmadas no romance, como o medo, a misantropia e o abatimento profundo; além disso, apoiamo-nos na analogia das representações simbólicas entre Cronos e Saturno, para exemplificar e descrever o aspecto dualístico da personalidade de Brás

Cubas. Por fim, nos valem do suporte teórico de Freud, constante na obra Luto e Melancolia, para explicar, dentre outros pontos, a relação de Cubas com as mulheres mais importantes descritas no texto – a Mãe, Sabina, Marcela e Vigília; assim como o impacto de cada uma nos desdobramentos de sua vida.

Palavras-chave: Romance, Machado de Assis, Melancolia

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

Afetos náufragos: rupturas homoeróticas e elaborações psíquicas.

FÁBIO GUSTAVO ROMERO SIMEÃO (UFPB)

Resumo: Na natureza, encontramos vários exemplos de animais que conseguem se desenvolver e atingir a idade adulta sem depender dos seus progenitores. O ser humano é diferente. Desde os primeiros momentos da sua vida, precisa de cuidados e de alguém que o acompanhe até a sua maioria de idade, pois, sem isso não sobreviveria. Mesmo quando adultos, sentimos a necessidade de nos relacionar com outras pessoas e de criar laços afetivos com elas. Na infância, é papel dos pais propiciar as condições básicas para o desenvolvimento saudável da criança. Quando isso não acontece, a criança experimenta sentimentos de solidão, tristeza e angústia que marcam sua personalidade e podem desencadear vários problemas na vida adulta. Eis o caso de Eduardo, personagem principal do romance Um Estranho em Mim, escrito pelo paraibano Marcos Lacerda e publicado no ano de 1999. Eduardo nunca conheceu seu pai e sua mãe saía para trabalhar (muitas vezes não voltava a casa por vários dias) e deixava-o aos cuidados de seus avós e de sua tia Piedade, que nas suas próprias palavras “era o inverso do nome”. Cresceu em um ambiente extremamente hostil, dominado pela avó e tia. Ambas

perpetravam, diariamente, contra ele e sua mãe, severos maus tratos. Na narrativa, percebemos a angústia de separação que assola o protagonista, manifesta em recordações de um pesadelo recorrente que o atormentou durante toda sua infância. Segundo o fundador da psicanálise, Sigmund Freud, um dos mecanismos de defesa acionados frente à perda de uma pessoa amada é a introjeção do objeto perdido. Como consequência direta dessa introjeção, o ego é cindido em duas partes: a identificada com o objeto e a que permanece crítica - a segunda rivalizando com a primeira. Foi assim que o mestre vienense explicou como as autoacusações tão características do melancólico são, na verdade, acusações direcionadas ao seu objeto perdido (QUINODOZ, 1993). Dessa forma, nossa discussão, numa conexão entre os estudos psicanalíticos de base (pós) freudiana e as teorizações sócio-históricas de GREEN (1999), e NAPHY (2004), visa examinar, na obra em foco, um recorte narrativo (destinado a exposição de uma trama onírica), de onde emergem significantes capazes de desvelar faces ocultas de Eduardo, sobretudo quando o enigmático faz ressoar o sexual e seus desdobramentos. Pretendemos, de igual modo, analisar os conflitos que marcam a passagem da infância à vida adulta e as ambivalências que recaem sobre o sujeito que sofre com o abandono (total ou parcial) do seu objeto de amor primeiro – os próprios pais.

Palavras-chave: Literatura, Homoerotismo, Melancolia, Angústia

As representações dos super-heróis nas histórias em quadrinhos: reflexão sobre as masculinidades.

THIAGO GUILHERME CALIXTO (UFPB)

Resumo: Nas histórias em quadrinhos (HQs) o protagonismo de personagens masculinos é evidente. O super-herói representa a máxima do ideário viril do homem, ocupando a todo o momento o centro da narrativa, os espaços secundários dentro das HQs são preenchidos pelos personagens coadjuvantes ‘não-masculinos’. O Batman, o Super Homem e o Flash são alguns dos super-heróis mais conhecidos e compartilham

entre si características latentes, mesmo que suas histórias apresentem narrativas de diferentes contextos sociais, todos eles personificam o molde socialmente valorizado do ‘verdadeiro homem’. Estes super-heróis são o supra sumo do ideal social masculino, exalam os valores gerais, detém o ápice das qualidades humanas e contribuem para a manutenção dos padrões de gênero. Fortes, musculosos e belos, os super-heróis são elaborados para serem um referencial digno de ser admirado e um modelo a ser seguido. A força desmedida é uma qualidade elementar que os super-heróis demonstram, como, levantar um carro de passeio em uma avenida congestionada ou parar um ônibus, lotado, e erguê-lo em seguida, todo esse esforço está associado ao padrão masculino de prestígio, no qual o homem é um símbolo de força física e toda atitude ou forma de fragilidade é julgada como atributo feminino, logo o homem que demonstra qualquer forma de fraqueza tem sua masculinidade posta em contestação. Essa força colossal é necessária para que o super-herói possa subjugar os inimigos e proteger os demais personagens das forças rivais. Este elemento protetor faz parte do caráter que constitui o super-herói. Se a força é um aspecto da afirmação masculina do super-herói, o corpo necessita representar tal qualidade, os elementos corporais que constituem um super-herói geralmente são formados por uma altura quase que sobre humana, queixos quadrados e largos dos super-heróis também marcaram um período das HQs, atualmente este aspecto tem perdido evidência, já o peitoral largo e o corpo sarado estão cada vez em mais visíveis, os músculos ganham mais tamanho e definição, os braços vultosos, as pernas torneadas além das veias cada vez mais à mostra ganham ainda mais força com o passar do tempo, os corpos volumosos evidenciam a construção social dos ‘corpos perfeitos’ que os super-heróis representavam dentro desse ideário masculino. Com todos esses atributos os super-heróis constituem um claro padrão de beleza: altos, musculosos e brancos, em sua extrema maioria. Os super-heróis são intrasigentemente heterossexuais em sua esmagadora maioria, este é um elemento fundamental, para que o super-herói não tenha sua virilidade

questionada os relacionamentos eclodem nas páginas das HQs, mesmo quando as experiências não são nada positivas. Afim de discutir a temática proposta foram utilizados os teóricos Schpun (2004), Falconnet (1977), Louro (2003), Mendonça (2007), entre outros. Espera-se que as análises e os achados desta pesquisa possibilitem novas reflexões acerca da visão social sobre o que é ser homem, que é bastante limitada e normativa e ainda exerce um caráter repressivo sobre outras formas de masculinidades existentes, os padrões e estereótipos masculinos estão bem claros e impregnada nas páginas das HQs e dão margem a questionamentos de cunho social e de gênero. Para que assim tais questões possam proporcionar novas respostas e tais respostas novos questionamentos, é necessário que a reflexão indagada por este estudo possibilite outros estudos, tendo em vista que os valores sociais mudam com o passar do tempo.

Palavras-chave: Masculinidades, História em Quadrinhos, Gênero, Super-heróis

A precarização do corpo feminino em *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto: percursos da violência e do desamparo.

RAFAEL VENÂNCIO (UFPB)

Resumo: Forjados a partir do desamparo, somos, sem escolhas, lançados no mundo, deparando-nos com a dor que consiste no simples fato de existir, cuja origem pode ser localizada no exato momento em que há a inevitável separação do corpo materno. Talvez lá, uma única vez em toda vida, estivéssemos seguros de qualquer angústia que tende a nos tomar. Neste aspecto, é certo que jamais haverá como voltar no tempo e, novamente, ocupar o lugar ambicionado junto ao ser pelo qual o desejo é inscrito no psiquismo. A título de ilustração, nos vastos campos da literatura, defrontamo-nos com personagens tomados pela agonia da rejeição e do abandono, nos quais se presentificam as insígnias de uma falta que funda a sua subjetividade. Eis o caso de Clara, personagem principal do romance *Clara dos Anjos*, escrito por Lima Barreto e publicado em 1948, após a morte do autor. Na narrativa

em foco, a ingênua mulata é seduzida e enganada pelo inescrupuloso Cassi Jones, filho de uma mãe extremamente castradora. Malgrado os cuidados de seus pais, que sem perceber, foram responsáveis por uma espécie de alienação que se apoderou da progênita, nada pôde evitar que a menina caísse nas garras do violonista, hábil na arte da instrumentalização. Uma vez apaixonada e cega de amor, ela entregou não só seu corpo, como, impensavelmente, foi levada a subverter os tabus que recaíam sobre a sexualidade feminina num contexto em que ainda predominavam resquícios da monarquia e da escravidão, mesmo no início do séc. XX. Esta última, abolida pela princesa Isabel de Bragança com a assinatura da Lei Áurea no ano de 1888, não foi capaz de erradicar o preconceito inerente ao regime escravocrata e Clara, neste sentido, é uma vítima, mas não somente em termos sociais: ela padece pelo fato de não ter sido capaz de alcançar as vias sublimatórias a fim de que seu desejo não a tivesse feito sucumbir perante o insaciável, e não menos urgente arbítrio de retornar ao momento primeiro de segurança em que se era um com o Outro, não à toa o desprezo de Cassi torna-se insustentável e as lágrimas que ela verte não consegue simbolizar o tamanho do sofrimento que é posta. Por isso, num diálogo entre a psicanálise de base freudiana e a literatura, nossa pesquisa pretende analisar, no corpus em cena, as ambivalências que (re)caem sobre a protagonista, dotando-a, ao mesmo tempo, de vícios e prerrogativas que evidenciam a incapacidade dela de se desligar do Outro, a quem se encontra vinculada por laços afetivos que, concomitantemente, a frustram e dilaceram.

Palavras-chave: Desamparo, Feminino, Psicanálise, Literatura

A (des)ordem de Édipo: a dinâmica incestual em *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum

JEANE LIMA ARAGÃO (UFPB)

Resumo: A sexualidade humana segue os caminhos pulsionais, os quais, conquanto percorram a superfície corpórea, carreando sulcos indeléveis, submetem-se à lógica fantasística, de onde emanam as mais

distintas figurações do gozo. O corolário é uma plasticidade impossível de ser performatizada, em sua totalidade, pelo sujeito, fadado, desde o nascimento, a experiências parciais. Daí, no decorrer da história, as civilizações erguerem mecanismos coercitivos para lidar com a potência e a diversidade do sexual. Comprovação cabal dessas reflexões encontra-se no conceito de sexualidade que vigorou no século XIX, lapidado ao labor do saber médico-psiquiátrico. Nessa perspectiva, a sexualidade apenas se manifestaria na puberdade. Ao passo que, na aurora da existência, estaria completamente ausente. Ou seja, a infância se constituiria como uma etapa marcada pela assexualidade. A imputação de desejos sexuais à figura infantil, para o contexto sócio-histórico em questão, representava a violação de valores morais e culturais vigentes. Esse foi o desafio enfrentado pelo mestre vienense Sigmund Freud (1856- 1939). No início de seus estudos, na busca pelo deciframento dos sintomas histéricos, o fundador da psicanálise dissipava as blumas do conservadorismo e atribui ao erotismo dos primeiros tempos um lugar central em seus pressupostos teóricos. Em trabalhos como Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade, descreve as etapas do desenvolvimento psíquico e sexual da criança, marcado pelo encontro desejoso e agressivo com o ente materno. É através dessa relação que os primeiros estímulos eróticos serão inscritos no corpo e no psiquismo. Não à toa nossa incursão rumo à autonomia está calcada nas fantasias incestuosas com as figuras parentais. Contudo, em favor da manutenção da civilização, o “acesso” ao incesto é interditado. O desejo incestuoso deve sucumbir ante a Lei paterna. Partindo dessas colocações, este trabalho tem por objetivo analisar, na interface entre Psicanálise e Literatura, a dimensão do desejo incestual na obra Dois Irmãos (2000), do escritor Milton Hatoum. A obra apresenta uma relação conflituosa entre os irmãos, Yaqub e Omar, e a figura materna. Alguns questionamentos circunscrevem o desenvolvimento desta pesquisa: Como se configura o desejo incestuoso entre a figura materna e o filho amado? Quais as configurações edípicas que instauram os

conflitos entre os personagens? De que maneira a Lei paterna se estabelece como forma de interdição do desejo incestuoso? Para tanto, ancoraremos nossas reflexões teóricas nos pressupostos teóricos de Sigmund Freud, uma vez que se mostra indispensável discutirmos a etiologia da sexualidade infantil, e de Jacques Lacan, a partir da releitura que o psicanalista francês faz da obra freudiana, entre outros autores.

Palavras-chave: incesto, literatura, Psicanálise, sexualidade

Amar sem o outro: a economia subversiva do fetiche.

JULIANA ANDRÉA CIRINO DA SILVA (UFPB)

Resumo: Não há nada mais doloroso do que o desamparo, ao qual estamos expostos, no exato momento do nascimento e no primeiro contato com o mundo. Este, em princípio estranho, é repleto de estímulos desprazerosos, impossíveis de serem suportados e, minimamente, reelaborados sem a mediação do Outro, cujo acolhimento, num processo de reverie, permite-nos sobreviver às angústias decorrentes da separação. Todavia, o refúgio é sempre efêmero, transitório e passageiro, o que, em termos de subjetivação, denuncia a condição solitária do sujeito, ou, apropriando-se de reflexões ferenczianas, sustenta o desejo inconsciente de retornar ao ambiente thalássico, onde a unidade provinha do fusionamento com a mãe. A ruptura, inscrita pelo parto, põe em cena o objeto perdido, elemento (des)estruturante do desejo, que delata, entre outras coisas, a incompletude humana. Destarte, assombrados por impressões primitivas, reeditadas no/pelo corpo adulto, construímos nossas experiências afetivas futuras, numa tentativa, talvez, de alcançar o que jamais poderá ser revivido. Quem sabe se, no fundo, o medo de perder o objeto amado, seja isto: novamente sentir-se abandonado por aquele ser suficientemente hábil a suprir todas as nossas necessidades e possibilitar a continuidade de nossa vida. Sigmund Freud, o Pai da Psicanálise, legou-nos, em seu artigo Luto e melancolia, escrito em 1917 [1915], as coordenadas que decifram a melancolia, em comparação

com o processo de luto, apresentando o caráter paralisante da doença psíquica. Na teorização freudiana, o sujeito melancólico não reconhece a perda do objeto amado, devorando-o para, desse modo, aprisioná-lo em seu interior, transformando-se, pois numa cripta, onde jaz aquele/aquilo que, deveras, desconhece. Sente-se, assim, incapaz de construir e manter uma nova união, passando a mergulhar e a se afogar em lagos rasos de subjetividade. Nas palavras do mestre vienense, o ego se empobrece. Tal conjectura, amiúde, invade o terreno dos encontros sexuais e, nesse cenário, o colorido cede lugar para os tons soturnos e tétricos. Eis a nossa proposta de trabalho: examinar, a partir dos estudos psicanalíticos (pós)freudianos, a dinâmica melancólica que recobre, num dos textos que compõem a coletânea *Primeiras Vezes*, da roteirista e escritora francesa Sibylline, o jogo fetichista arquitetado por um homem e sua boneca. Na narrativa em questão, o objeto fetichizado rouba a cena e revela o drama de seu parceiro, pondo em evidência a fragilidade que os une, bem como a solidão que os aproximam. Aqui, homem torna-se coisa e o inanimado envereda pelas densas paisagens do humano.

Palavras-chave: Sexualidade, HQ, Solidão

Memórias da alma: subjetividades vívidas, tempo em crise.

WIDIGIANE PEREIRA DOS SANTOS FERNANDES (UFPB)

Resumo: Quando o tempo sucumbir à alma e todo fôlego se esvair pelo tráfego do destino, a história continuará em outros, mesmo que esse outro não seja eterno. Assim, vamos desemaranhando a trajetória da velhice e o despertar da continuidade no outro. Como revelar desejos renegados ao esquecimento? Existe, no indivíduo, a necessidade de prolongamento de sua existência? A busca incessante para nos completarmos quanto seres pensantes e existentes que, procura o amor, o melhor sexo, a completude dos sentidos, quando tudo isso não é encontrado na juventude, ainda haverá tempo na velhice de ter esses sentimentos, esses desejos saciados? Tantos questionamentos

caminhando juntos em um indivíduo que ver, na própria trajetória, o fim, não só com indagações, mas como respostas a seus anseios. Envelhecer é uma caminhada ao lado da vida que nem sempre se revela segura, talvez a incerteza do que virá nos torne humanamente melhores. Durante essa trajetória, o corpo e a sexualidade não se separam. Se, por um lado, o corpo envelhece, por outro, os desejos não estão neste corpo, estão na alma e alma parece não envelhecer, não alerta para a finitude, compondo nossa identificação com um rio do futuro que, mesmo breve, quase ali, não teremos como saber o próximo contorno que ele fará, onde guiará nossas pulsões. É nesse contexto de aceitação, entre o envelhecer e a sexualidade ativa, que se delineia o livro e o filme de Gabriel García Márquez, *Memórias de Minhas Putas Tristes*, em um enredo melancólico pelo passado, porém, vivo, pois, continua existindo um presente, uma aceitação de quem se é realmente. As lembranças do personagem ecoam na memória, dando capacidade de encarar seu futuro, renovando as esperanças. A sensibilidade da obra norteia a necessidade de autoafirmação desse indivíduo no mundo e com a sua sexualidade. São conexões entre um passado e um futuro do qual ele mesmo não tem certeza se chegará. A dualidade dos deuses, o próprio Zeus vive esse dilema na mitologia, ser imortal ou viver uma existência em um corpo simples para amar uma mulher mortal, porém, esta escolha terrena é frágil e fugaz não é para um deus imortal que precisar ir além de um simples existir. Neste contexto o personagem da obra enfrenta a delicada nobreza das escolhas: continuar existindo em um mundo que lhe renega o prazer, a esperança e a alegria de ser como é sem mancha e na sua vagarosa saudosidade. É nesse jogo de ideias que resiste o Eu de Freud, pois, nenhuma pessoa que chegou a idade avançada quer deixar de lado sua racionalidade a não ser quando as patologias se instalam, mas não é o caso da obra, pelo contrário encontramos um personagem com vivacidade, intelecto aguçado pela experiência, buscando uma satisfação no que considera um ciclo que logo chegará ao fim. Lacan brinda o desempenho de Gabriel García Márquez

com uma visão da psicanálise voltada para o gozo e a relação destes corpos com o prazer dentro da subjetividade de um momento entre as improváveis ligações amorosas que essa personalidade ficcional tenta a todo custo manter, sua vontade ainda é jovem e essa motivação que nos interpela a continuar na vida de outros a nossa própria história.

Palavras-chave: Memória, Sexualidade, Erotismo, Freud

Resignações do desejo: quando a morte acolhe o amante.

TÂMARA DUARTE DE MEDEIROS (UFPB)

Resumo: No percurso da existência humana, é inevitável que sejamos expostos a dor da perda, com a qual somos obrigados a conviver diariamente, procurando ressignificá-la, a fim de que a tristeza não nos habite por completo. Nesse contexto, Freud, o pai da psicanálise, em seu artigo Luto e Melancolia (1917) denominou esse processo como luto, ação psíquica na qual a energia libidinal é deslocada do objeto perdido para outro. Em contrapartida, a melancolia se distingue pela recusa, tanto consciente como inconsciente, de se desligar do objeto amado, sem qual o mundo e a vontade de viver serão privados de sentido. De forma ilustrativa, Freud nos diz que o sujeito melancólico pode até saber quem perdeu, mas jamais anteverá o que se perdeu, quando, sem escolhas, fora separado daquele com quem acreditava estar fusionado. Na verdade, não há nada mais angustiante para alguém, nestas condições, do que descobrir que, por algum tempo, viveu enganado em relação aos laços de afeto, supostamente, trocados com o outro, já que o único momento em que estivemos, de fato, fundidos com um ser humano se encontra num estágio bastante primitivo da vida, do qual não temos lembranças que possam exprimir a sensação de estar protegido de qualquer desprazer inerente ao simples ato de existir. Este é o caso de Marie Duplessis, personagem principal do romance A Dama das Camélias, escrito pelo francês Alexandre Dumas Filho e publicado, pela primeira vez, em 1848. Na narrativa em foco, Duplessis é a cortesã mais cobiçada da cidade de Paris, tanto por sua beleza quanto pela

inteligência que encanta os homens a sua volta. Valendo-se de seu corpo, a jovem obtém dinheiro e ascensão social, extraindo de seus clientes exorbitantes quantias e caros presentes, como pagamento por seus serviços de prostituta. Seu profissionalismo e caráter pragmático, no entanto, tendem a ruir no momento em que conhece o aristocrata Armand Duval, simples estudante de Direito, que a encanta e a entenece a ponto de se apaixonar completamente por ele, pelo que é correspondida. Mas, a paixão que sentem um pelo outro, não é capaz de vencer os obstáculos que se apresentam, de modo que, inevitavelmente, acabam por se separar. Doente e sem homem que a ame, Duplessis é dilapidada pela tristeza e se entrega, resignadamente, à morte. Por isso, nossa pesquisa, numa conexão entre os estudos psicanalíticos de base freudiana e a literatura, em especial as contribuições de LAMBOTTE (2000), pretende investigar os caminhos que a dor percorre na narrativa em questão, determinando o destino da protagonista, que sucumbe frente às perdas amorosas.

Palavras-chave: Literatura, Psicanálise, Melancolia

45

LITERATURA E REVOLUÇÃO

ANDRÉA SIRIHAL WERKEMA (UERJ)

MARIA JULIANA GAMBOGI TEIXEIRA (UFMG)

Resumo: Começamos por citar o famoso fragmento A216, de Friedrich Schlegel: “A Revolução Francesa, a doutrina-da-ciência de Fichte e o Meister de Goethe são as maiores tendências da época. Alguém que se choca com essa combinação, alguém ao qual nenhuma revolução pode parecer importante, a não ser que seja ruidosa e material, alguém assim ainda não se alçou ao alto e amplo ponto de vista da história da humanidade. Mesmo em nossas pobres histórias da civilização, que no mais das vezes se assemelham a uma compilação de variantes, acompanhadas de comentário contínuo, a um texto clássico que se perdeu, alguns livrinhos, nos quais na época a plebe barulhenta não prestou muita atenção, desempenham um papel maior do que tudo o que esta produziu” (SCHLEGEL, 1997, p. 83). O aforisma bombástico do primeiro-romântico Schlegel anuncia um novo modo de organizar as matérias do saber, entenda-se aqui a história, a filosofia, a literatura. Mas pensemos em seu lado prático, sua facticidade, e não apenas nos grandes corpos teóricos ali representados: Schlegel alude a eventos revolucionários que criam tendências em sua época. Ora, a revolução vem tanto das armas e do povo na rua quanto dos livros, dir-se-ia: resta-nos observar neste fenômeno o seu vir a ser. O Romantismo em si, enquanto movimento revolucionário de quebra com a noção primeira de mimese, nos ensina uma lição fundamental para todas as (pós-)modernidades, que consistiria na ruptura permanente, o que não exclui, atenção, o trabalho com a matéria-prima da tradição

enquanto essa for transformável. Portanto, toda e qualquer revolução se alicerça fortemente na história, contra a qual, não obstante, investe e a qual quebra e estilhaça, na medida em que reinaugura parâmetros, refunda, começa um novo mundo. Poder-se-ia dizer de um grande livro, e já se disse, que ele reinventa o mundo: pensemos aí também em termos de linguagem, de corporeidade do verbo, de quebra com as continuidades frasais. Numa ponta da tradição está, é claro, a obra revolucionária; o que importa notar é que, quer se trabalhe com uma noção de *continuum*, quer se imaginem ciclos de retorno, a revolução é em si um voltar-se sobre si mesmo, que permite ao gesto revolucionário o encontro com o arcaico, o antigo, o redescoberto. Assim também nas artes se renova muitas vezes pelo caminho do primitivo, a exemplo das grandes vanguardas que abriram o século XX, ou dos gritos selvagens do povo que ecoaram nas ruas das cidades incendiadas – contra a civilização, para construir uma nova civilização. Se é possível pensar em revoluções – e em suas representações – na literatura, é necessário também lembrar que toda revolução traz em seu bojo, além da criação de um novo mundo, a destruição de muito daquilo que a tornou possível. Corremos o risco, no entanto, de chegar a uma concepção muito linear de revolução: há uma origem, há evolução, há uma grande ruptura, há novo começo, e assim seguimos. Mas não façamos tão pouco nem dos grandes movimentos sísmicos que abalaram a história da humanidade e que mereceram tal nome – revolução –, nem das grandes obras de arte que por analogia assim foram denominadas. É de Danton, na peça que leva o nome de sua morte, a frase famosa: “a Revolução é como Saturno, ela devora seus próprios filhos” (BÜCHNER, 2004, p. 101). E devoração, no âmbito da arte, é assegurar vida, é transformação, e é, paradoxalmente, assegurar um lugar na tradição, seja essa feita agora de lacunas e rupturas, marca de uma já longa modernidade, seja a que não se deixa apreender ou descrever e que ainda chamamos, talvez por falta de nome melhor, de pós-modernidade. Assim, morte não é apagamento,

a não ser que a história da arte assim o resolva – mas não seria este outro movimento alheio, ou no mínimo paralelo ao movimento da revolução? Desta forma também se faz na literatura, e alguns dos grandes livros ditos revolucionários o são antes por sua amarração forte de dados temporais diversos do que apenas pela quebra pura e simples com uma dada tradição literária. Assim o *Ulysses* de James Joyce traz em seu nome a inscrição da releitura, e sua odisseia é tanto mais uma revolução se a pensarmos em contraste com toda a literatura ocidental lida em suas páginas, em língua nova e velha, em reinvenção vertiginosa, em caminhada incessante nas ruas de uma cidade literária. Um exemplo que vale por mil: outras obras viriam aqui tomar esse lugar, mas que se imagine e que se discuta o tema, passando pela filosofia, pela história, para se chegar ao literário. É o que propomos no presente simpósio, para o qual convidamos todos aqueles que quiserem discutir as fortes relações entre literatura e revolução.

Palavras-chave: Literatura, Revolução, Forma, Tradição

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

Do método e do espírito da revolução historiográfica micheletiana: parte II

MARIA JULIANA GAMBONI TEIXEIRA (UFMG)

Resumo: O objetivo desta comunicação é retomar o problema apresentado no último encontro da ABRALIC, em 2016, desenvolvendo aspectos apenas rapidamente evocados naquela ocasião. Retomo, assim, a leitura do prefácio “De la méthode et de l’esprit de ce livre”, um dos paratextos de *Histoire de la révolution française*, no qual Michelet empreende um debate metodológico acerca dos fundamentos de sua atividade historiadora, associando-a intimamente à sua interpretação crítica da Revolução francesa. A característica mais saliente desse prefácio, de um ponto de vista formal, é sua heterodoxia estilística.

Fortemente imagético, construído a golpes de metáforas, provérbios e anedotas, o texto é avesso à clareza e à explicitação de ideias que se espera em um discurso do método. Minha comunicação tentou demonstrar que esse aparente hermetismo – em cujo reverso se justifica exemplarmente a leitura “literária”, predominante na recepção da obra micheletiana – se desfaz quando se empreende uma leitura mais cerrada do contexto político e intelectual que informa sua fatura. Mais especificamente, minha comunicação se ateve a identificar e explicitar, nos princípios críticos do mainstream da historiografia, da filosofia e da política do momento (os doutrinários e os ecléticos, esteio intelectual da Monarquia constitucional vigente), o modelo contra o qual Michelet fundava seu pensamento e sua prática historiográfica. Tentei demonstrar, então, como algumas das metáforas estruturais daquele prefácio tinham um endereço claro e nada hermético para os leitores de época, e poderiam ser facilmente reconhecidas como caricaturas do modelo intelectual então dominante. Nesta nova comunicação, o objetivo será retomar o mesmo texto e as mesmas metáforas, a fim de explicitar, agora, sua face positiva. Interessa-me, portanto, identificar e explicitar as bases teóricas a partir das quais Michelet cunha seu método. Minha hipótese principal é a de que a explicitação de tais bases não apenas fundamenta sua crítica ao mainstream dominante, mas e que, sobretudo, esse modelo epistêmico traz consigo uma justificativa forte para a adoção, por parte do historiador, do recurso às metáforas, provérbios e anedotas como método de escrita da História. Ou seja, interessa-me explicitar como a episteme mesma com a qual Michelet se compromete autoriza e estimula o estilo imagético que caracteriza esse prefácio e, mais amplamente, toda a sua obra historiográfica.

Palavras-chave: Michelet, método, literatura, história

A defesa do romance no “Ensaio sobre as ficções” de Madame de Staël

LUIZA DUARTE CAETANO (UFMG)

Resumo: A comunicação aqui proposta tem por objetivo perscrutar a defesa do gênero romanesco articulada por Madame de Staël em seu

“Ensaio sobre as ficções” (1795) sob a luz da discussão setecentista em torno da moral na literatura, tendo em vista, em particular, o status do romance no século XVIII e a influência dos acontecimentos da Revolução no pensamento staëliano. Será explorada a hipótese de que o discurso de Staël integra, simultaneamente, elementos do pensamento das Luzes e ideais da sensibilidade, aproximando-se da literatura em sua acepção moderna sem, contudo, romper completamente com a tradição beletrista. Apesar do aumento na produção e difusão do romance ao longo do século XVIII, o gênero ainda era amplamente tido (pelo menos no cenário francófono) como inferior à poesia, para não dizer imoral. Isso pode ser constatado, por exemplo, no “Ensaio sobre os romances”, de Marmontel, e no próprio prefácio de Rousseau à “Nova Heloísa”, no qual o cidadão de Genebra declara que moças castas não deveriam jamais ler esse tipo de livro e que qualquer jovem que apenas começasse a ler a história de Julie e Saint-Preux estaria irremediavelmente perdida. Na contracorrente da condenação do romance, Madame de Staël — cujo pensamento se funda tanto na filosofia das Luzes quanto na sensibilidade rousseuniana — busca, no “Ensaio sobre as ficções”, “provar que os romances que retratam a vida tal qual ela é [...] são os mais úteis de todos os gêneros de ficção” (p. 18). Segundo a autora, a moral romanesca seria superior àquela dos outros gêneros justamente pela capacidade do romance de fomentar uma identificação direta do leitor, sujeito “comum”, com os movimentos das paixões e do íntimo de suas personagens, que têm seu lugar privilegiado de representação nesse gênero “moderno”. Esta comunicação se propõe, assim, a acompanhar o argumento de Staël no Ensaio, explorando a relação do romance com o indivíduo (a qual estaria no cerne da eficácia moral desse gênero) e considerando o desenvolvimento do pensamento da autora durante a Revolução. Serão destacados, para tanto, os pontos em que Staël vai além da razão das Luzes para aproximar-se do romantismo nascente, marcando a mudança de paradigma do exemplo clássico, baseado no extraordinário,

para o sujeito moderno que se consolida no final do século XVIII.

Referências: BALAYÉ, Simone. Madame de Staël : lumières et liberté.

GOULEMOT, Jean-Marie. La littérature des lumières. MARMONTEL.

Essai sur les romans. MÉLONIO et al. Le roman. In: TADIÉ, Jean-Yves. La littérature française. Dynamique & histoire II. PAVEL, Thomas. L'art de l'éloignement: essai sur l'imagination classique. ROUSSEAU. Préface. In: Julie ou La Nouvelle Héloïse. STAËL, Madame de. Essai sur les fictions. In: STAËL. Recueil de morceaux détachés. STAROBINSKI, Jean. Madame de Staël : Passion et littérature. In: Table d'orientation.

Palavras-chave: Madame de Staël, romance, Século XVIII

Pelo direito de desobedecer e de resistir: análise de *Le Silence de la mer*, novela de Vercors

JANAÍNA PINTO SOARES (UFRGS)

Resumo: A presente comunicação se situa no âmbito de minha tese de doutorado em andamento em Estudos Literários na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a orientação da profa. Dra. Beatriz Gil, intitulada La représentation de l'attitude de désobéissance civile à partir de l'étude du Silence de la mer et de l'Imprimerie de Verdun, deux nouvelles de Vercors : une étude des récits, suivie de leurs traductions en portugais. Redigida durante o verão de 1941 e publicada em fevereiro de 1942, a novela Le Silence de la mer conta a história de um oficial alemão acolhido durante o inverno de 1940 na casa de um homem e de sua sobrinha. Durante essa estada forçada, os dois franceses impõem seu silêncio e recusam qualquer diálogo ao discurso do oficial. Nessa narrativa de destaque, que inaugura, na clandestinidade, as Éditions de Minuit, Vercors traduz em literatura as angústias e os protestos de dois cidadãos franceses que em seu silêncio buscam dizer: é preciso resistir. Nesta comunicação buscarei expor, em uma primeira parte, o debate em torno das definições de desobediência civil em filosofia, em seguida, exporei a ideia de desobediência civil em que minha tese se baseia. Segundo Henry David Thoreau, é moralmente

necessário que não nos tornemos uma ferramenta para levar injustiça a outrem. Em outras palavras, os cidadãos serão moralmente responsabilizados por seu apoio aos agressores, mesmo que seja exigido esse suporte por lei. Essa definição permite compreender as sociedades em que os cidadãos estão imersos em contextos cujas leis promovem políticas violentas e injustas em relação à população ou a uma parte da população. Em um segundo momento, apresentarei o contexto sócio-político da França sob o Regime de Vichy e a política de Colaboração durante a Ocupação alemã. Além disso, apresentarei um perfil político-literário do escritor Vercors, de seu verdadeiro nome Jean Bruller, cujo pseudônimo representa o refúgio da Resistência francesa (o maciço do Vercors). Enfim, por meio de uma análise narratológica e uma abordagem temática, esta comunicação se articulará em torno de algumas questões essenciais: conduziria o silêncio à resistência dos personagens em situações em que se deve enfrentar o inimigo e a humilhação? Será o silêncio uma “arma” para fugir da morte moral? Viso, assim, traçar uma reflexão sobre o silêncio como uma maneira de desobedecer a leis injustas e de resistir.

Palavras-chave: Vercors, literatura francesa século XX, desobediência civil, resistência

Texto em guerra: *Viagem ao fim da noite*, de Louis-Ferdinand Céline

LEONARDO FRANCISCO SOARES (UFU)

Resumo: A experiência da guerra se impôs ao século XX – “século heraclítico” – como o horizonte fatal do pensamento. São inúmeros os exemplos que podem demonstrar de forma emblemática a pregnância do tema da guerra no século XX. Seja pelo viés da arte – como Modris Eksteins, em seu livro Sagração da primavera (1991), que mostra como a arte de vanguarda e a guerra moderna estiveram atreladas –, ou seja pelo viés da análise histórica – como Mark Mazower, em Continente sombrio (2001), que examina a história da Europa desde a Primeira Guerra Mundial, em 1914 até os conflitos nos Bálcãs,

no final dos anos 90 —, diferentes autores irão enfatizar o vínculo íntimo entre o século XX e a experiência da guerra. Em *Da revolução* (1988), publicado originalmente em 1968, Hannah Arendt inicia o seu importante estudo atentando para o fato de que o inter-relacionamento entre guerra e revolução, sua reciprocidade e dependência mútua, se intensifica sobremaneira ao longo do século XX. Embora reconheça que o imbricamento entre as duas noções não seja um fenômeno recente, Arendt salienta que, até o período em que escreve, as guerras e as revoluções determinaram a fisionomia do século XX. Outro ponto significativo, dessa reflexão é a questão da violência, espécie de denominador comum entre guerra e revolução. Se, no século XX, o binômio guerra e revolução adentrou o cotidiano das experiências humanas, o estado de exceção inscreveu-se na vida natural, assistiu-se, também, à intensificação da aproximação entre arte/cultura e guerra/revolução; o que se confirma de modo significativo na literatura produzida no período. Não é difícil extrair, no universo ficcional de diferentes escritores, respostas a esse estado de coisas. Respostas tão diferentes e tão fortes que só vêm confirmar a riqueza e potencialidade da própria literatura. Dentre essas respostas, optou-se, aqui, por focar o romance *Viagem ao fim da noite*, de Louis-Ferdinand Céline, publicado em 1932, no contexto conturbado da França do entre-guerras. O romance se inicia em 1914 com a experiência de uma guerra mundial que demonstrou um monstruoso potencial destrutivo, ancorado nas condições da tecnologia moderna. Termina aproximadamente em 1930 com a crise econômica que vai se estendendo por toda a Europa. Para além da temática da narrativa, interessa-nos aqui pensar o trinômio Guerra, Revolução e Violência no âmbito da linguagem do romance de Céline. Texto em guerra, *Viagem ao fim da noite* não toma a guerra como algo puramente referencial, apenas uma efeméride. Ao contrário, ao construir formas alternativas de relato, registro, perspectiva, Louis-Ferdinand Céline questiona a própria topologia das narrativas de guerra, a gramática da representação dita realista, representando a guerra

também no processo e no ato de narrar; é a própria materialidade do texto que se faz “resíduo perturbador” (Felman, 2000, p. 47) da experiência da catástrofe.

Palavras-chave: Literatura e Guerra, Louis-Ferdinand Céline, *Viagem ao fim da noite*, Revolução

Lukács e Rancière: O “monstro naturalista”: narrar ou descrever

HAROLDO CERAVALLO SEREZA (USP)

Resumo: A crítica marxista conta com um texto fundamental para a discussão do naturalismo, um texto que desde o título coloca a forma como o elemento central da análise da obra literária, numa relação dialética com a realidade: “Narrar ou descrever”, de György Lukács. Mas o que o “excesso descritivo” revela sobre a democracia? Por que Jacques Rancière vê nesse “efeito de realidade” um efeito de igualdade?

Palavras-chave: naturalismo, marxismo, democracia, realismo socialista

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

Destino e temporalidade da revolução: Benjamin e Büchner

RODRIGO OCTÁVIO ÁGUEA BANDEIRA CARDOSO (UNICAMP)

Resumo: Em “Destino e Caráter”, Walter Benjamin explica que o destino é costumeiramente pensado, segundo um nexo causal, como uma consequência do caráter. Assim, o destino, sempre associado a um fim infeliz, à tragédia ou à morte, fruto de uma culpa ou dívida sem pagamento possível, seria fruto de uma necessidade que excede a vida singular de um indivíduo e encontra seu desenvolvimento. A forma natural do nexo de culpa, afirma Benjamin, é característica da tragédia, mas nela o herói termina por perceber-se “melhor que seus deuses”, maior que seu destino, um conhecimento que o deixa mudo e atônito diante da linguagem. A peça *A morte de Danton*, de Georg

Büchner parece mobilizar e confundir diversas temporalidades distintas. Trata-se, desde o subtítulo, de um drama. Relaciona-se assim com uma temporalidade moderna e burguesa, inserida em um tempo histórico de progresso e transformação submetido à ação subjetiva. No drama, como aponta Anatol Rosenfeld, as ações parecem decorrer diretamente umas das outras, em uma relação de necessidade correspondente às expectativas causais da plateia, que permanece imersa na ação, sem distanciamento. De fato, o final é conhecido e aguardado desde o título. Mas isso também, justamente, confere um caráter épico à obra – trata-se, afinal, de uma reflexão tardia sobre acontecimentos passados, que já encontraram seu desfecho, conhecido por todos. A superação do destino trágico, aparece constantemente como uma possibilidade para Danton – seus amigos sugerem que fuja, que faça um discurso tentando reverter a situação, que busque outros aliados, mas Danton se recusa. Quando a morte é iminente, seus amigos o acusam de preguiça. Aceita assim o seu desfecho dramático, é dócil ao destino, cedendo à culpa que o perseguia pelos massacres de setembro. Renegando a possibilidade da tragédia, a atitude de Danton, e a peça de Büchner, reinserem a Revolução Francesa, com todo o seu potencial mítico, no tempo histórico e burguês do humanismo moderno. A Revolução, para muitos de seus teóricos, é pensada como um desenvolvimento necessário da história. Kropotkin fala mesmo, em um ensaio, da “fatalidade da revolução”. A partir de uma reflexão sobre as diferentes temporalidades sucitadas pelos diferentes gêneros literários, buscando aprofundar a reflexão a respeito da significação do destino e de sua superação na tragédia, descritos por Benjamin, e problematizando o caráter teleológico frequentemente envolvido na noção de revolução, buscarei elucidar o nexos entre destino e revolução, a partir da peça A morte de Danton, de Georg Büchner.

Palavras-chave: destino, gêneros literários, teleologia, revolução

Joyce, Beckett, e a racionalidade da forma no modernismo literário

RAQUEL PATRIOTA DA SILVA (UNICAMP)

Resumo: O romance do século XX conheceu dois modos maiores de questionamento do cânone narrativo. Um deles tem seu exemplo máximo na obra *Ulysses*, de James Joyce. Essa obra tornou-se central mesmo à concepção do romance moderno devido às suas inovações formais, de que um exemplo é o abundante uso do discurso indireto livre, e pela forma como adere a certo projeto modernista de revolucionar a linguagem de modo a explorar ao máximo suas possibilidades de configuração formal e valor expressivo – como observou o crítico Colin MacCabe. Um efeito total da obra joyceana seria a da relativa autonomização das expectativas representacionais concernentes ao material narrativo. Um outro modo de questionamento do cânone narrativo surge na trilogia do pós-guerra de Beckett. Se, por um lado, podemos dizer que em Joyce havia uma consciência e um tipo de racionalidade estética voltada à manipulação sobre os efeitos semânticos, a obra de Beckett do pós-guerra pressupunha uma forma de enfraquecimento desse tipo de racionalidade ou, nos seus próprios termos, visava uma “literatura da despavira”. Seguindo a posição do crítico Shane Weller, trata-se-ia de substituir aquele privilégio do sujeito que revoluciona a palavra por uma prática em que são empregues métodos cujos resultados são imprevisíveis – daí a “impotência” do sujeito e a busca por uma “forma que admita o caos”. Ora, seria possível reconsiderar os procedimentos construtivos de *Ulysses* a partir do prisma da poética beckettiana e imaginar que, dalgum modo, o horizonte da revolução da linguagem e de sua máxima eficácia tangencia a abertura da linguagem ao caos. Em que medida seria possível falar de duas posições quanto à racionalidade da forma no interior de um quadro cultural modernista mais amplo? Se configuram duas posturas diversas, apesar de estabelecidas num continuum relativo ao problema que procuram resolver – o da capacidade expressiva da forma e da linguagem literária –, não estariam assim também

carregadas de oposição? Por um lado, o processo de exploração máxima das potencialidades presentes no gênero ou na forma do romance, através de uma estruturação progressivamente complexa das sequências narrativas, produz o texto “hipertramado” de James Joyce. Por outro, uma sistemática autossabotagem do valor expressivo conduz a um similar efeito, conforme o qual cada elemento parece entretecer múltiplas possibilidades de correlação com os demais, como na obra de Samuel Beckett. A ideia mesmo de uma trilogia do pós-guerra é uma imputação da crítica, que se esforça por estabelecer, junto à cronologia da produção, nexos intertextuais entre as três obras. Nossa exposição procurará perspectivar, travando um breve estudo comparado, como essas duas posturas tipificam respostas à questão da racionalidade da forma, apontando para duas configurações do romance depois de sua aparente saturação. Num primeiro momento, exploraremos a ideia de racionalidade da forma, para lançar os fundamentos de nossa comparação, que será realizada num segundo momento. Para concluir, nossa discussão se abre a partir da pergunta sobre o que motivaria essas distinções e o que nelas contribui para uma reflexão sobre como determinado contexto solicita à forma literária um horizonte de transformação da sensibilidade. [Proj. Fapesp 2016/00472-8]

Palavras-chave: Modernismo, Romance, Forma

El hombre que amaba a los perros, de Leonardo Padura

MÁXIMO HELENO RODRIGUES LUSTOSA DA COSTA (UFF)

Resumo: Depois de uma série de romances policiais, o especialista em Língua e Literatura Hispânicas, Leonardo Padura, escreveu em 2009 o *El hombre que amaba los perros*, que se transformou num sucesso imediato e converteu o escritor em cidadão do mundo. Apesar de suas mais de 700 páginas contradizerem o formato padrão de alguma ficção contemporânea, a novela tem também todas as características das obras de literatura em voga: há toda uma discussão sobre a memória e o processo de construção da obra literária; há a quebra da linearidade

temporal e a narração de histórias paralelas, que se encontrarão nos capítulos finais; há a astúcia da encomenda que, pelos correios, traz a grande obra de literatura, que flertou em muitos momentos com o fogo e o ocaso; entre outros. Ocorre que, sobre tudo isso, a novela de Padura ainda passa a limpo os sonhos derretidos de uma geração revolucionária, produzindo a autópsia da Revolução Russa, da Guerra Civil Espanhola, e, de quebra, como se refletisse um espelho infinito, fazendo também a desmontagem de todo o sonho de revolução na América Latina, a começar pela utopia cubana. Neste sentido, está em consonância com a geração de revolucionários sobreviventes, ou parentes de revolucionários desaparecidos, das ditaduras militares do nosso continente, no que diz respeito à inocência fascinante que cegou e dotou de coragem pueril os jovens que, lutando já por uma fé, subestimaram os limites morais das forças repressores e foram transformados em nada, ou, como querem alguns sobreviventes, em muleta para a existência alheia. O livro de Padura faz pensar que a luta foi para definir qual algoz os revolucionários queriam. A revolução cubana é apresentada por dentro, sem eufemismos ou complacência, com seu império do medo, sua política de delações premiadas, sua perseguição homofóbica e, sobretudo, a incrível miséria que sucedeu ao trabalho enorme sob à promessa nunca realizada de fartura, ou do suficiente para todos, culminando com a liberação para que a população pudesse abandonar a fome e, conseqüentemente, o país. Neste sentido, esta ficção dá as mãos à História e confirma o que, em conferência no Congresso de Hispanistas de 2014, no Rio de Janeiro, ao ser indagada por uma espectadora sobre a possibilidade de aprender história com a literatura, a professora Marcia Paraquett vaticinou: “E talvez seja a melhor maneira.” Na leitura que proponho, o militante espanhol Ramón Mercader é cada jovem que embrenhou-se de corpo e alma num sonho e, quando desconfiou de que algo do que lhe contavam não soava bem, já não tinha forças para retroceder e, daí, assumiu o risco de fazer(-se) o estrago maior. Assim, a novela de Leonardo Padura, sem corroborar

com os vencedores, opera a desmistificação de qualquer sonho revolucionário do nosso passado latino-americano.

Palavras-chave: Literatura contemporânea, Revolução cubana, História

En octubre no hay milagros e o tema da violência revolucionária

DIEGO FREITAS GARCIA (FURG)

Resumo: O romance *En octubre no hay milagros* (1965), do peruano Oswaldo Reynoso, desenvolve-se em pouco mais de 12 horas de um dia de outubro na cidade de Lima, durante a procissão religiosa do Señor de los Milagros. O autor apresenta sob a forma de um diário, com hora e local, os acontecimentos que estabelecem um contraponto entre o universo de Dom Manuel, banqueiro, o “dono do país”, que comanda o jogo da política e aquele de Dom Lucho, empregado do banco, a ponto de ser despejado do cortiço com a sua família. A narrativa apresenta uma violência emergente que relaciona-se com o surgimento de organizações revolucionárias no Peru: o crescimento das barriadas, a discriminação étnica, a crise de representação política e o acirramento dos conflitos sociais. O universo ficcional elaborado por Reynoso traduz esse contexto marcado pela desigualdade com a utilização de recursos literários, inovações técnicas e tipográficas responsáveis por abalar as formas convencionais da literatura peruana, promovendo uma rebelião contra a própria linguagem que obrigavam o leitor a abandonar a tranquilidade contemplativa. Inscrito no processo da Geração de 50, Oswaldo Reynoso atentou no romance *En octubre no hay milagros* para o cenário urbano de Lima em mutação, apropriou-se das técnicas desenvolvidas pelos escritores neorrealistas da Europa e Estados Unidos para forjar uma estética narrativa transgressora capaz de unir alta poesia e linguagem popular, como destacou José Maria Arguedas. O presente trabalho busca explorar o diálogo entre *En octubre no hay milagros* e o tempo-espço no qual foi produzido, abordando as inovações introduzidas pela Geração de 50 e as características da sociedade da época. Além do contexto nacional já referido, a proximidade da

Revolução Cubana colocava a luta armada como uma alternativa real para a tomada de poder pelos movimentos populares. Alguns focos de insurreição começam a aparecer em território peruano: os levantamentos camponeses de 1962, capitaneados por Hugo Blanco, a formação do Ejército de Liberación Nacional e as ações guerrilheiras do MIR com Luis de la Puente Uceda (1965). Diante da cisão do movimento comunista internacional entre a vertente soviética, defensora da coexistência pacífica, e a vertente chinesa, frações da esquerda peruana passaram a acreditar que o partido só nasceria da ação revolucionária. O desfecho do romance de Reynoso parece prefigurar o isolamento em que caíram certos grupos ao optarem pela luta armada. No corpus ficcional, o tema da insurgência revolucionária perpassa todo o romance, ora como ameaça para a classe dominante ora como possibilidade de superação da condição de dominação. Nesse sentido, é importante ampliar nossa reflexão com o auxílio dos pensadores da ciência política que contribuíram para a questão da violência direta orientada para fins revolucionários: Karl Marx, Georges Sorel, Hannah Arendt, Frantz Fanon. Assim, relacionando o projeto estético do autor Oswaldo Reynoso com a violência estrutural e a violência que se insurge para a instauração de uma nova sociedade, o trabalho pretende que tais temas iluminem-se reciprocamente.

Palavras-chave: Oswaldo Reynoso, *En octubre no hay milagros*, violência revolucionária, Peru

Revolução Russa e literatura soviética: paradoxos de um projeto unificador

DENISE REGINA DE SALES (UFRGS)

Resumo: O centenário da Revolução Russa traz à tona temas antigos, que merecem releituras, e temas novos, surgidos após a dissolução da URSS. A apresentação do volume *Contos soviéticos*, publicado no Brasil em 1944, fornece um ponto de partida para discussões ao definir a coletânea como representativa da “moderna literatura russa”, da

“literatura bolchevique”, da “literatura marxista”, embora quatro autores não sejam “escritores soviéticos no sentido político da palavra”. Afinal o que foi e o que é literatura soviética? Um conceito político ou uma categoria do campo da teoria da literatura? Toda a literatura produzida na União Soviética está indissociavelmente vinculada ao signo da revolução? Para caracterizar a literatura desse período, necessitamos de uma série de recursos que nos possibilitem certa reflexão e entendimento do processo literário, bem como da sua ligação ou não com um projeto histórico e social. Isso não quer dizer incorrer no ímpeto classificatório desta literatura, mas sim desvelar as suas transformações no decorrer desse processo. Dentro desse amálgama literário sob o signo soviético, primeiramente nos interessa problematizar a tensão entre o projeto artístico oficial (alinhado ao governo) e o restante da produção literária (os não alinhados), que compreende tanto a arte contrária ao regime, quanto tudo o que fugia às orientações estatais. O realismo socialista refere-se à literatura que buscava consolidar o movimento histórico-social por meio da representação de um futuro implícito e predeterminado, que procurava representar a vida em seu desenvolvimento revolucionário, constituindo-se num “realismo do sonho”, como caracteriza Boris Groys. Nesse contexto de unificação da literatura soviética um dos princípios programáticos consistia, num primeiro momento, no incentivo às literaturas das diversas repúblicas que compunham o bloco soviético, incorporando, de maneira ambígua, suas tradições históricas. Reuniam-se assim autores como Eduardas Mejelaitis e Aleksandr Tvardovski, Tchinguiz Aitmatov e Mikhail Stelmakh, Rassul Gamzatov e Iukhan Smuul, diferentes em suas concepções artísticas, mas semelhantes na orientação ideológica geral de sua obra. Ao mesmo tempo, esse movimento buscava suplantiar as línguas nacionais por meio dos veículos de comunicação e do sistema educacional (é o caso do escritor abkhaziano Fazil Iskander). O projeto unificador com vistas a criar uma nova forma de representação literária, condizente com a implantação da nova sociedade, gerou

paradoxos dentro do próprio regime político, com ocasionais períodos de valorização de obras nitidamente contrárias ao espírito do realismo socialista, e também fora dele, no processo de apagamento da identidade soviética que se observa na biografia de escritores consagrados. Esta comunicação visa discutir o modo como escritores e pensadores do período soviético se confrontaram com a questão do pertencimento e o lugar reservado ao pensamento revolucionário na literatura, seja como embate, recusa ou apagamento.

Palavras-chave: revolução russa, realismo socialista, literatura soviética, escritores soviéticos

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 3

Da circunstância brasileira de *Ressurreição*: bela, recatada e do lar

VAGNER LEITE RANGEL (UERJ)

Resumo: Em O 18 Brumário, Marx (2011, p. 25) diz – “Hegel comenta que todos os grandes fatos e todos os grandes personagens da história mundial são encenados, por assim dizer, duas vezes. Ele se esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”. Em abril de 2016 – durante intenso debate nacional sobre o impedimento da presidenta democraticamente eleita, Dilma Rousseff –, a revista *Veja* publica “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”. A matéria, que esboça o perfil da então provável primeira dama, é um claro sinal da orientação da revista, e de sua apologia ao patriarcado brasileiro em sua versão pós-moderna. Neste – seja colonial, seja moderno, seja pós-moderno –, o lugar social da mulher parece estar sintetizado no predicado que dá título à matéria: “bela, recatada e do lar”. Após intensas manifestações pelas redes sociais e piadas de toda sorte, Marcela Temer sai de cena. Esse episódio nacional, apesar de curto, é revelador das implicações da moral patriarcal entre nós. Para combatê-la, inúmeras postagens

e reportagens vieram à tona – todas criticando de modo veemente o tratamento dispensado à esposa de Michel Temer. Afinal, a reportagem representa mais um retrocesso; dessa vez, um retorno (?) à submissão feminina aos mandos e desmandos do machismo à brasileira, em vez de avanço em direção a conquistas democráticas. Portanto, a reação do público nacional foi, entre outras coisas, contra o perfil submisso da futura primeira dama. Porém, essa luta contra a herança de séculos e séculos de casa grande e senzala, não é de hoje. Há mais ou menos 145 anos, *Ressurreição*, de Machado de Assis, também ousava, pelo viés literário, representar e avaliar, ficcionalmente, o impacto do patriarcado nacional sobre suas personagens: Lívia, Dona Matilde, Clara e Raquel. O romance se passa em torno de 1850. Dado importante porque este é um período de transição, na cultura brasileira – estamos em pleno processo de ocidentalização dos hábitos mentais e práticas culturais, por um lado; por outro, este mesmo processo vai de encontro às raízes da cultura brasileira, isto é, ameaça – de modo tímido, é verdade – o domínio patriarcal. Eis que a jovem Lívia, romântica incorrigível, casa-se com um homem do tempo do primeiro reinado. Ora, não poderia ser feliz, porque a relação conjugal para o patriarca não passava de uma oportunidade para procriação. Presa ao papel de procriadora, cabe a Lívia ser feliz como mãe e mulher capaz de dar frutos ao seu marido, e nada mais! Porém seu marido morre, e é a viuvez que dá a Lívia a segunda chance de viver para além da “escravidão social” (palavras do romance de 1872). Portanto, a trama do romance gira em torno da possibilidade de Lívia cruzar o bojado oitocentista, isto é, ser mais do que uma mãe, bela, recatada e do lar. Essa luta, porém, é inglória, pois Lívia terminará seus dias no claustro doméstico (outra expressão do romance). Seu pecado? O desejo de não ser apenas bela, recatada e do lar, conforme reza a cartilha do patriarcado brasileiro. Vale lembrar: Lívia é romântica e, como tal, não se contenta com aquele papel, que, aliás, já exercera com o finado marido. Portanto a viuvez é um segundo berço para ela. Em vão, é verdade, mas é a sua tentativa de romper com o tamanho fluminense que nos dá a dimensão, e restrições tácitas,

daquele mesmo meio. Daí, a cada capítulo do romance, sua volúpia pela vida livre da escravidão social esbarra na moral oitocentista. Para se resguardar, Lívia recolhe-se da sociedade e se dedica à maternidade. Esse é o problema representado e avaliado em *Ressurreição*: o primeiro romance de Machado apresenta ao leitor a luta da personagem Lívia contra a mentalidade patriarcal. Aqui a ficção e a personagem da história nacional são encenadas como tragédia pessoal, que o leitor, como juiz do romance, pode tornar a personagem inocente ou culpada. A ficção de *Ressurreição* é a dramatização de uma página doméstica da história nacional como tragédia – tragédia, poderíamos pensar, de 145 anos atrás, porque o livro é de 1872. Mas a estratégica publicação da matéria sobre Marcela Temer em 18 de abril de 2016 parece sugerir, em alguma medida, uma espécie de volta ao passado, porém retorno no sentido de emergência de uma forma antidemocrática de se pensar o feminino, talvez compreensível nos oitocentos; mas que, ao que tudo indica, não morrera, antes caminhava pelas sombras dos séculos à espreita de uma oportunidade. Daí o título dessa comunicação: da circunstância brasileira de *Ressurreição*, isto é, a questão apresentada pelo romance continua na ordem do dia, como nos mostrou a *Veja* de 18 de abril. Contudo, a crítica ferrenha e/ou bem-humorada de leitoras e leitores, Brasil afora, tem mostrado que se é verdade que há quem suporte a orientação da revista, há também quem aponte o caráter farsesco da matéria, então publicada antes mesmo do afastamento oficial da então presidenta. Salvo engano, se a questão encenada em *Ressurreição* e apresentada ao seu leitor era digna de reflexão, porque chamava a atenção para as consequências do patriarcado sobre o feminino, em meados dos oitocentos, a matéria apresentada pela revista não busca levar água ao moinho de Lívia, e ajudá-la a romper com a escravidão social. Pelo contrário, a matéria, 145 anos depois, ratifica que o destino de Lívia deveria ter sido aquele mesmo, de 1872: o claustro doméstico. Assim, em vez de romper com o predomínio da mentalidade patriarcal, a revista o fortalece, bem como elege Dona Matilde, Clara e Raquel como exemplares – claro, nesse exercício especulativo.

Como diz a matéria, seriam mulheres de sorte! Poderíamos terminar acrescentando um trecho do romance, mulheres do “tipo da mãe de família. Tinha quarenta anos, e ainda conservava na frente, embora secas, as rosas da mocidade. Era uma mistura de austeridade e meiguice, de extrema bondade e extrema rigidez. Gostava muito de conversar e rir, e tinha a particularidade de amar a discussão, exceto em dois pontos que para ela estavam acima das controvérsias humanas: a religião e o marido. A sua melhor esperança, afirmava, seria morrer nos braços de ambos”. (ASSIS, 1872, p. s/p). Em *Ressurreição*, cabe ao leitor perceber a ironia situacional, já que o desenrolar do matrimônio contraria a paz doméstica. Já na revista, a história é outra... ASSIS, Machado de. *Ressurreição*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962. FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2004. MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

Palavras-chave: Brasil, Romantismo, Machado de Assis, Tradição

Resistência e militância em Lima Barreto: uma leitura de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*

MANOEL FREIRE RODRIGUES (UERN)

Resumo: Em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, a disposição de Lima Barreto para confrontar os valores consagrados é anunciada logo na apresentação do livro pelo narrador/personagem Augusto Machado, que se enuncia como autor na “Explicação Necessária”, espécie de paratexto em que expõe, com boa dose de ironia, as razões que o levaram a escrever a biografia de seu amigo e mestre Gonzaga de Sá. Na explicação Augusto Machado chama atenção para a singularidade de sua narrativa, que foge aos padrões consagrados tanto pela natureza do material quanto pelos procedimentos adotados em sua elaboração, ou seja, a recusa do modelo convencional se realiza em duas perspectivas: na escolha da matéria/tema e no seu tratamento literário. Quanto à escolha do material, a novidade estaria, segundo sugere o narrador, em escrever a biografia de um amanuense, personalidade sem brilho

cuja presença na vida pública não vai além dos trabalhos mecânicos inerentes às suas funções burocráticas na repartição pública. Com essa atitude de resistência Augusto Machado nega o modelo convencional de “biografia” de homens de relevo na vida pública do país, optando por retratar a vida do fracassado que perambula pelas ruas da cidade digerindo mágoas, e que não figura em festas solenes e salões mundanos frequentados pelos abonados que passeiam de automóvel. Nisso o narrador recusa o romance convencional da literatura “sorriso da sociedade”, peculiar ao espírito da belle époque, a que Lima Barreto chamaria “romance botafogano”, que retrata a vida mundana da alta burguesia, em que figuram capitalistas, políticos, ministros, diplomatas, homens de letras e magnatas da imprensa. Quanto ao tratamento literário dado ao tema Augusto Machado também foge do padrão convencional do romance realista, começando pela ausência de linearidade no relato dos acontecimentos, que se apresentam até certo ponto aleatoriamente, sem qualquer relação de causalidade, seguindo o ritmo inconstante das deambulações do narrador. Face ao exposto, esta comunicação tem por objetivo analisar alguns aspectos de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, ressaltando seus elementos anticonvencionais, bem como articular as dissonâncias formais e temáticas do romance com projeto literário (e libertário) de Lima Barreto, radialmente contrário à cultura oficial.

Palavras-chave: Lima Barreto, Literatura militante, Romance, Resistência

ABC do Negro em Jorge Amado: *Jubiabá* e o Romance de 30

BIANCA BRIGNONI (UNB)

Resumo: A proposta aqui é a apresentação de parte de um trabalho realizado pelo grupo de pesquisa Literatura, Estética e Revolução, LER, liderado pela professora doutora Adriana de Fátima Barbosa Araújo, com o intuito de tratar de um tema pertinente no que diz respeito ao Romance de 1930 e à luta de classes no Brasil em período de mudanças e renovações políticas. A obra *Jubiabá* (1935) é analisada sob uma perspectiva dialética baseada no conceito de realismo proposto por

Lukács e na estética marxista, visando construir uma relação entre forma e conteúdo, unidade e universal inserida na obra amadiana, em conjunto à militância política que se impunha fortemente no período. Assim, o intuito é esclarecer como o uso de determinados recursos formais, como no caso a escolha de Jorge Amado em utilizar o formato do Romance de formação, foram utilizados para entrelaçar consciência étnica à luta de classes. Este tipo de ligação é possível pelo fato de que o protagonista da obra analisada evolui seu pensamento político por meio da experimentação do mundo que o cerca e pelos caminhos que precisou trilhar do início da narrativa até seu auge, momento em que Antônio Balduino passa a ter consciência que a luta proletária existe e pode obter resultados que beneficiem a todos aqueles que são explorados, surgindo assim também a noção do coletivo. Ao dar voz a quem antes não era considerado parte da sociedade, Jorge Amado sofre diversas críticas que sugerem que sua obra se resume a literatura panfletária, esteticamente carente e extremamente idealizada. Ao se observar, entretanto, o objetivo proposto em Jubiabá e o fato de o Romance de formação estar sendo utilizado para dar protagonismo a um personagem nada comum para o que este estilo de obra contempla, tem-se então um romance extremamente humano e bem executado, que traz à tona uma realidade que não podia ser vista a olho nu. Nas ruas e becos brasileiros havia o proletariado das indústrias emergentes e os trabalhadores rurais empregados de uma agricultura elitista em declínio. Neste cenário de incertezas e de luta o protagonista de Jubiabá, diferentemente do que foi visto em Cacaú ou em Suor, encontra uma imensa variedade de vivências e locais de ação. Inserido em um contexto estrutural que é apresentado ao leitor desde o início da narrativa com o pequeno Baldo no Morro do Capa Negro até o período em que se inicia o movimento grevista, o protagonista se eleva das margens da sociedade ao centro da mudança.

Palavras-chave: Jubiabá, Realismo, Jorge Amado, Revolução de 30

Realismo e feminismo em Lucia Miguel Pereira: “gente e coisas” em surdina

ADRIANA DE FÁTIMA BARBOSA ARAÚJO (UNB)

Resumo: “Ele quer que eu ande bem vestida para lhe fazer honra, pensava: faço parte da sua representação, como o automóvel e a pérola na gravata. Não faz mal que eu me sinta infeliz, porque, isso, ninguém vê”. O trecho vem entre dupla aspas porque as aspas na prosa de ficção de Lucia Miguel Pereira e mais especificamente no romance *Em surdina* (1933) do qual essa passagem faz parte, são mais um dos elementos que colaboram na modulação das vozes, não apenas femininas, presentes nessa obra. As soluções na forma de uma terceira pessoa seletiva são facilmente relacionáveis com outros romances icônicos publicados no mesmo período, mas o conteúdo destoa mesmo do tipo de crítica social que o grande Romance de 30 conduzia. Esse desafinar foi tomado por uma parte da crítica como algo negativo, que relegou a obra de ficção de Lúcia Miguel Pereira para um patamar mais baixo que a sua obra crítica, bastante respeitada desde o início de sua carreira. A prosa de ficção de autoria de Lucia expunha um nervo custoso de ser aceito, os conflitos e as contradições internas de personagens femininas, seus limites de visão e atuação, seus preconceitos desde o ponto de vista da mulher casada, em Maria Luísa, da menina de família rica em *Em Surdina*, da de família pobre em *Amanhecer* e no grande *Cabra cega*. Personagens e narradoras vivem o drama da dificuldade em assumir os papéis a elas relegados. Nelas há algo que resiste e que elas mesmas aprendem a não negar. Uma moça que tem força para, na sociedade carioca da década de 1930, negar três pedidos de casamento, com supostos bons partidos, mas que ainda não consegue se imaginar vivendo longe da casa do pai mostra a dificuldade hercúlea de cada passo tomado na direção da desfetichização de si mesmas e de sua realidade “administrada” pela família. Nesse sentido, a questão que vamos elaborar nesse trabalho pensa o lugar e a condição da mulher na sociedade tomados no profundo realismo da narração das situações em

que estão a personagem, que aproxima as conexões da vida cotidiana. Realismo entendido aqui como pensa o conceito György Lukács, a partir de uma estética marxista, mas também levaremos em conta algumas intervenções do feminismo, com autoras contemporâneas brasileiras, Lourdes Bandeira e Rita Terezinha Schmidt, sempre de dentro da problemática particular levantada pelas situações da vida da personagem Cecília. A investigação proposta nesta comunicação faz parte de uma entre as pesquisas em andamento na Universidade de Brasília, no grupo de pesquisa que lidero, Estética e Revolução (LER), cadastrado no DGP-CNPq desde 2012. Especificamente me refiro à pesquisa no âmbito mais geral das três comunicações propostas a este simpósio (a minha e as das minhas duas orientandas em nível de mestrado) que pensa o Romance de 30 e suas questões de Forma e de Conteúdo trazidas em primeiro lugar pelas obras na sua individualidade e também na relação estabelecida com a radicalização do momento histórico e também pelas questões levantadas na relação com o romance social/proletário e com o romance da assim chamada tendência espiritualista/católica de Lucia Miguel Pereira. Nossa abordagem problematiza e revisita aspectos estéticos dos estudos literários que tem como tema o Romance de 1930 no seu aspecto marcante de problematização da personagem especialmente pensado na relação narrador culto/personagem iletrado. Mais especificamente ainda ora pelo ângulo do personagem excluído/iletrado ora pelo ângulo da personagem mulher e sua condição. No âmbito desse simpósio, propomos nossa contribuição em termos das revoluções formais que esse conjunto de romances traz tanto para a evolução do gênero romanesco como para uma nova etapa do trabalho com os conteúdos no que refere o personagem pobre/excluído ou mulher.

Palavras-chave: Lucia Miguel Pereira, Realismo, Romance de 30, Feminismo

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Forma problemática na obra de Álvares de Azevedo

ANDRÉA SIRIHAL WERKEMA (UERJ)

Resumo: Discutimos a prática da fusão dos gêneros literários na obra de Álvares de Azevedo, com ênfase em seu drama Macário. Tal prática aponta para a inserção de Azevedo em um Romantismo dito revolucionário, ou, anacronicamente, de vanguarda – preocupado com uma discussão propriamente estética, para além da obrigatoriedade das discussões nacionalistas em nosso Romantismo.

Palavras-chave: Romantismo, Gênero literário, Forma revolucionária

Teatro como revolução: algumas considerações sobre a dramaturgia de Augusto Boal e José Mena Abrantes

ANA MARIA LANGE GOMES (UNESP-ASSIS)

Resumo: O teatro possui um caráter persuasivo, sobretudo, por sua característica de colocar a narração em ação e, assim, expor o espectador ao confronto direto com a personagem. Esse aspecto por diversas vezes foi exercido como uma forma de domínio, mas, como coloca Augusto Boal (1931- 2009), dramaturgo brasileiro e pensador do teatro, a arte dramática também pode ser arma de libertação. Explorar essa potencialidade da atividade teatral coloca-a comprometida com o político, configura-a em revolucionário, e alinha-a à percepção de teatro como arma. Nessa direção, caminhou Augusto Boal e Jose Mena Abrantes, dramaturgos, homens de teatro, que procuraram redescobrir o teatro de seus países valendo-se das possibilidades de um teatro político. Augusto Pinto Boal, brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1931, foi um dos sócios do Teatro de Arena de São Paulo, uma das mais importantes companhias teatrais do Brasil responsável por disseminar a dramaturgia nacional e difundir a politização no

teatro e o comprometimento com o social. No entanto, o maior legado pelo qual Boal é reconhecido é pela criação e difusão pelo mundo do Teatro do Oprimido, metodologia que procura conciliar teatro e ação social. Em 2009, mesmo ano de falecimento do autor, foi nomeado embaixador mundial do teatro pela UNESCO. José Manuel Feio Mena Abrantes é de Angola, membro da União dos Escritores Angolanos, é fundador do Elinga Teatro, um dos mais conhecidos e importantes grupos teatrais de Angola. É diretor, encenador, autor de diversos livros sobre o assunto, poeta, contista e jornalista. Já recebeu o Prêmio Sonangol de Literatura. Entre as características de sua dramaturgia está o resgate da tradição oral, o apelo ao popular e o político e as considerações de fatos históricos. O conjunto de sua obra dramática pode ser classificada, segundo o próprio Abrantes, em: peças histórico-fantásticas, peças sobre temas da atualidade imediata, peças inspiradas em contos da tradição oral angolana e africana e adaptações de obras literárias conhecidas. Assim sendo, ambos os dramaturgos, como se pode perceber, percorreram na dramaturgia o caminho de acentuar elementos nacionais e colocar em pauta assuntos de interesse social e político, promovendo discussões, bem como a aproximação do popular. Essa postura insere-os no panorama dramatúrgico como revolucionários. Tendo isso em vista, este trabalho visa tecer algumas considerações acerca do trabalho desses dramaturgos a fim de salientar elementos e características revolucionárias, partindo, para tal, do conjunto de suas obras, sejam elas textos teatrais ou escritos teóricos. Com isso, pretende-se demonstrar a relevância de Augusto Boal e José Mena Abrantes no cenário teatral e notabilizar o caráter revolucionário do trabalho destes autores.

Palavras-chave: Literatura e revolução, Dramaturgia, Teatro em países de língua portuguesa

Literatura e resistência na poesia de Pedro Casaldáliga e Agostinho Neto

EDSON FLÁVIO SANTOS (UNEMAT)

Resumo: As análises feitas pelo viés comparatista, aqui expostas, partem da leitura de poemas de dois escritores que trazem no seu horizonte de expectativa o desejo de luta e resistência. Uma reflexão que veio à luz durante nossos estudos de doutorado. Os textos a serem trabalhados são oriundos das obras *Missa dos Quilombos*, *Versos Adversos* e *Antologia Retirante*, de Pedro Casaldáliga e *Sagrada Esperança* e *Renúncia Impossível*, de Agostinho Neto. Casaldáliga, é espanhol, veio para o Mato Grosso/Brasil, em 1968, e é do Bispo Emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia. Sempre colocou-se em oposição declarada aos grandes proprietários de terra, saindo em defesa das minorias. Agostinho Neto, angolano, filho de pais professores e missionários religiosos. Decidido a formar-se em Medicina, embarcou para Portugal em 1947 e se matriculou na Faculdade de Medicina de Coimbra. As entradas nos poemas permitem ensaiar estudos comparados sobre as relações culturais, políticas e sociais existentes entre esses autores, de Brasil e Angola, e que irão denotar uma rede de solidariedade entre as duas nações. Essa rede fraterna é sustentada não só pelos textos produzidos pelos autores em questão, mas de sobremaneira pela atuação séria e comprometida dos mesmos como cidadãos. O quadro teórico foi construído pelas teorias de BOSI (2002), CANDIDO (2000), FOCAULT (1977), MARX & ENGELS (1999) e SAID (2003) e outros que consideramos importantes para análise.

Palavras-chave: Pedro Casaldáliga, Agostinho Neto, Crítica Literária, Relações Brasil Angola

O engajamento na arte e na literatura: relações entre o estético e o político

RHEGYSMERE MYRIAN RONDON ALVES (UFMT)

Resumo: Este estudo centra-se sobre a produção literária brasileira contemporânea cuja temática se assenta sobre construções narrativas

das periferias urbanas. O foco de análise são as prosas do escritor paulistano Reginaldo Ferreira da Silva – mais conhecido como Ferréz (1975 -). Ficcionalizando sobre o ambiente da periferia e seu cotidiano, Ferréz surge como um grande incentivador da discussão da literatura em termos de criação e produção. Sendo possível atrelar sua produção à corrente da chamada literatura marginal. Em meio às mudanças sociais econômicas e políticas, em final do século XX e início do século XXI, presenciamos uma marcha em que a cultura se revela como meio eficaz de transformação social. E então, a cultura da favela vai se definindo e trazendo consigo o início da inclusão social nas periferias e populações de baixa renda das grandes cidades. Considerando ser este um marco e um instigador de mudanças na concepção da literatura e de seu percurso pela história, é relevante a análise sobre o movimento literário investido pelo escritor Ferréz. Nosso objeto de estudo para esta análise será a obra *Manual prático do ódio*. Nos interessa nesta leitura abordar a temática da periferia presente na obra na construção de uma narrativa como ideia coletiva, visualizando-a em sua grande força literária e seu forte impacto político. O enfoque aqui será a discussão dos termos que dão à literatura sua conceituação, aproximando-a de uma relação com a sociedade, originando o lugar de nascimento e ação da figura de autor. A relação entre autor obra e público, bem contextualizada por Antonio Candido aqui nos servirá de recurso para o estabelecimento e mesmo entendimento da relação dialética entre a arte e a sociedade. Aqui a cidade também, centro inspirador e norteador da narrativa, torna-se palco de significações, ela onde a escritura nasce e da qual parte para sua recriação no campo da ficção.

Palavras-chave: Literatura marginal, Periferia, Ferréz, Inclusão social

46

LITERATURA E TESTEMUNHO: TEORIAS, LIMITES, EXEMPLOS

Carlos Augusto Nascimento Sarmiento-Pantoja (UFPA)

Marcelo Paiva de Souza (UFPR)

Wilberth Salgueiro (UFES)

Resumo: Contemporaneamente, a noção de testemunho vincula-se à chamada “literatura do Holocausto”, como a narrativa de Primo Levi e a poesia de Paul Celan, por exemplo, mas também à literatura eslava – polonesa e russa, em especial – sobre o Gulag, como as obras de Gustaw Herling-Grudziński e Varlam Chalamov, entre outros (cujo antecedente histórico mais próximo é constituído pelas obras literárias oitocentistas versando sobre as penas dos condenados à Sibéria). Na América Latina, destaca-se um amplo e variado conjunto de textos votados à memória e à denúncia de fatos reveladores do viés autoritário, discriminatório e excludente de nossas sociedades, abrangendo desde Graciliano Ramos e Rigoberta Menchú a Ferréz, desde Miguel Barnet e Paulo Lins aos Racionais MC’s. A proposta do simpósio é estudar as relações entre literatura e testemunho, a partir de alguns traços e textos que caracterizam este “gênero”, como, por exemplo: registro em primeira pessoa; compromisso com a verdade e a lembrança; desejo de justiça; vontade de resistência; valor ético sobre o valor estético; representação de um evento coletivo; forte presença do trauma; sintomas de ressentimento; vínculo estreito com a história; condição de minoridade etc. A ideia é, portanto, “manter um conceito aberto da noção de testemunha: não só aquele que viveu um ‘martírio’ pode testemunhar” (SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Org.: Márcio Seligmann-Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003,

p. 48), entendendo, assim, que “testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro” (GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Memória, história, testemunho. Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006, p. 57). Pensar o que há de testemunho na literatura significa, a um só tempo, pensar as intrincadíssimas teias entre verdade e ficção, entre ética e estética, entre história e forma. Percebe-se que a avassaladora existência da “literatura de testemunho”, na sua salutar diversidade conceitual, promove um inevitável abalo na noção de cânone e de valor literário, além de alterar o quadro dos agentes ou produtores de literatura: textos e registros de presos, torturados, crianças de rua, favelados, empregados domésticos, prostitutas, sem-teto, índios, enfim, todo um grupo “subalterno” que agora depõe e se expõe não só em nome próprio, mas também em nome de muitos. Nesse sentido, é preciso destacar que “o estudo do testemunho articula estética e ética como campos indissociáveis de pensamento. O problema do valor do texto, da relevância da escrita, não se insere em um campo de autonomia da arte, mas é lançado no âmbito abrangente da discussão de direitos civis, em que a escrita é vista como enunciação posicionada em um campo social marcado por conflitos, em que a imagem da alteridade pode ser constantemente colocada em questão” (GINZBURG, Jaime. *Linguagem e trauma na escrita do testemunho. Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2012, p. 52). Seja na versão iniludivelmente dramática da experiência da Shoah e de outros genocídios, que geraram um conjunto de textos rubricados como “literatura de testemunho”, seja na versão lírica ou romanesca por vezes mais “suavizada” da experiência cotidiana da violência no Brasil e no mundo, temos um elemento absurdamente comum: a ação do homem contra o homem. O Simpósio pretende reunir, em suma, pesquisadores e interessados na problemática do testemunho e suas relações com o literário, apresentando [a] estudos teóricos que discutam os limites e as confluências entre estes discursos (o literário, tradicionalmente ligado à estética; e o testemunho,

produzido a partir de um propósito ético) e mormente [b] estudos que analisem obras específicas que exemplifiquem tais relações – quer obras já consagradas nesta perspectiva do testemunho, quer obras menos conhecidas ou mesmo não analisadas à luz do paradigma testemunhal. No XII Congresso Internacional da Abralic, ocorrido em 2011 em Curitiba, este Simpósio teve uma primeira edição; no XIII Congresso, em 2013, em Campina Grande, ocorreu uma segunda edição; e em 2015, em Belém, a terceira. Nestes encontros, além de questões eminentemente teóricas, o debate envolveu nomes como Alan Pauls, Alex Polari, Ana Maria Gonçalves, Art Spiegelman, Ayaan Hirsi Ali, Bernardo Kucinski, Cacaso, Caio Fernando Abreu, Carlo Levi, Carolina Maria de Jesus, Charlotte Delbo, Chico Buarque, Czesław Miłosz, Ferréz, Deborah K. Goldemberg, Elie Wiesel, Ferréz, Gonçalo M. Tavares, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Lara de Lemos, Lídia Tchukóvskaia, Lima Barreto, Luis Fernando Verissimo, Luiz Alberto Mendes, Miguel Torga, Miron Białoszewski, Paulo Ferraz, Paulo Leminski, Paulo Lins, Primo Levi, Renato Tapajós, Ricardo Piglia, Ruth Klüger, Sérgio Sampaio, Tereza Albues, Ungulani Ba Ka, Vasco Pratolini, Władysław Szlengel e W. G. Sebald. A ideia é, agora, estender o debate, seja em relação a estes nomes, como, naturalmente, incorporar outros autores e textos em que o problema da literatura e do testemunho se deixe perquirir.

Palavras-chave: Literatura e testemunho, Literatura do Holocausto, Zeugnis, testimonio, testemunho, Gulag e testemunho

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

Entre o passado totalitário e o devir esperançado do tempo: relatos sobre a Shoah

UBIRATAN MACHADO PINTO (UFRJ)

Resumo: Esta comunicação baseia-se no estudo de duas narrativas literárias discordantes entre si no que se refere à perspectiva em

particular de narradores-personagens diante do genocídio nazista na Alemanha. De acordo com isso, assinalemos duas obras: Jakob, o mentiroso (1969), o primeiro romance de Jurek Becker, e O nazista e o barbeiro (1977), de Edgar Hilsenrath. No texto de Becker, o ponto de vista de quem narra a história é uma resposta indelével aos crimes contra a humanidade. O narrador descreve as memórias de Jakob Heym, um judeu que viveu em um hipotético gueto polonês e não sobreviveu ao massacre já mencionado. No entanto, antes de ser morto, confidenciou ao sobrevivente que relata a sua história notícias inventadas e relacionadas ao avanço do Exército Vermelho contra a organização paramilitar de Hitler. Referente a essas circunstâncias, o aspecto mais significativo das reminiscências de Jakob deve-se ao fato de a sua mentira simbolizar a resistência em oposição à desumanidade. Por outro lado, o romance burlesco de Hilsenrath revela o foco narrativo questionável do capataz de campo de concentração chamado Max Schulz, que se apropria, após o colapso do Nacional-Socialismo, da identidade judaica de Itzig Finkelstein. Após conseguir ocultar a sua identificação real, ele emigra para Israel e, desse modo, pôde escapar de uma incriminação ou perseguição na Alemanha. Apesar de a leitura dessa prosa não corresponder à interpretação corrente da shoah, ou seja, ser incompatível com a visão sobre o extermínio dos judeus segundo o testemunho dos que sobreviveram à barbárie nazista, o texto literário de Hilsenrath insinua uma crítica mordaz e irônica por meio de uma análise às avessas, diferenciando-se de posicionamentos teóricos consagrados acerca do atentado genocida perpetrado durante a Segunda Guerra Mundial, e vai além de uma simples história fictícia, com um narrador incomum a expor o seu pensamento a respeito do que também presenciou nessa época. O objetivo, portanto, é apresentar a incompatibilidade de tais visões de mundo no contexto da shoah, como se fosse possível mostrar as duas faces de Jano que, em conformidade com essa conjuntura histórica, olham tanto em direção a um passado opressor ao extremo quanto para o devir esperançado do tempo.

Palavras-chave: tempo, resistência, ironia

Celan e memória por Różewicz

HUGO SIMÕES (UFPR)

Resumo: Algumas feridas nunca cessam de existir. Reabrem-se, expõem um interior que sangra, machucam e fazer ver o que dói. Marcas. Como tal, suscetíveis a tornarem-se apenas marcas, sem história ou lembrança. Lembrar para além de um visível domesticado, de uma comoção banal, parecia uma das “tarefas” da poesia que restou nos escombros da Segunda Grande Guerra e da Shoá. É através da persistência da lembrança do que causou essas marcas – do que as justificaram em “soluções finais” – que analisaremos aqui um poema ainda inédito no Brasil de Tadeusz Różewicz: “Der Tod ist ein Meister aus Deutschland”; presente no volume P?askorze?ba, de 1990, e escrito em memória de Paul Celan, um dos maiores poetas que escreveram em língua alemã (mesmo após ela ter corroborado no assassinato de seus pais, de uma parcela de sua comunidade e de inumeráveis vidas). O poema de Różewicz tem como título um verso memorável de Todesfuge, poema escrito por Celan ainda no período da II Guerra Mundial que viria a ser um de seus textos mais conhecidos, e se utiliza da mesma técnica – a fuga (peça musical em que múltiplas vozes se entrecruzam) – para imaginar o famoso “diálogo” (ou um cruzar de silêncios) entre o judeu Paul Celan e o célebre filósofo alemão Martin Heidegger, que havia apoiado a ascensão do regime nazista. “Der Tod ist ein Meister aus Deutschland” foi escrito quarenta e cinco anos após o final da guerra e vinte após o suicídio de Paul Celan. A distância temporal, todavia, não é suficiente para a redenção de culpados ou para a entrega ao esquecimento na poética do polonês Tadeusz Różewicz. Parece nela haver a insistência em se examinar profundamente uma ferida que nunca se fechou completamente ao mesmo tempo que nos lembra os porquês e os “comos” do grande desastre que é a guerra. O porquê dessa insistência e a homenagem a (e ficcionalização de) Paul Celan serão os meus objetos de estudo nessa comunicação, numa tentativa de leitura de uma espécie de testemunho do que ainda resta do horror.

Para tanto utilizo das leituras de Giorgio Agamben sobre o Lager (campo de concentração), o resto de Auschwitz e as múltiplas possibilidades de testemunho. Por outro lado, analisarei como a morte figura no encontro entre Celan e Heidegger poetizado por Różewicz em “Der Tod ist ein Meister aus Deutschland” – um elemento central ao poema, que talvez revele uma perspectiva różewicziana de enfrentamento a um passado que não cessa de fazer morrer, uma perspectiva em memória da vida.

Palavras-chave: Różewicz, Poesia, Memória, Testemunho

Perspectivas de um drama: *Wielkanoc* (Páscoa), de Stefan Otwinowski

MARCELO PAIVA DE SOUZA (UFPR)

Resumo: Escrito em plena ocupação nazista e publicado em 1946, o “drama em três atos com um prólogo” *Wielkanoc* (Páscoa), de Stefan Otwinowski (1910-1976), ocupa lugar entre as primeiras obras de escritores poloneses concebidas como resposta ao levante e à liquidação do gueto de Varsóvia e, mais amplamente, ao conjunto das difíceis questões – éticas, políticas, artísticas – suscitadas pela experiência histórica do Extermínio. Fornecendo evidência da firme atitude individual de Otwinowski perante o morticínio dos judeus, a peça também se mostra reveladora sob outros aspectos. Analisada do ponto de vista de sua construção formal, permite refletir sobre o problema do testemunho e suas especificidades no medium do teatro; investigada em sua fortuna no palco, em particular na encenação de Leon Schiller, ainda em 1946, permite situar e esmiuçar o problema do testemunho da Shoah no conturbado contexto social da Polônia do pós-guerra. À luz de pesquisas recentes em torno desses tópicos (sobretudo os trabalhos de Anna Kuligowska-Korzeniewska e Grzegorz Niziołek), a comunicação propõe-se revisitar-los e submeter o tema a debate.

Palavras-chave: *Wielkanoc*, Stefan Otwinowski, Leon Schiller, Testemunho do Extermínio no teatro polonês

Epidemia e extermínio em Pierre Seel e Reinaldo Arenas a partir de uma leitura de Paul Ricoeur

GUIDO VIEIRA AROSA (UFRJ), JOÃO CAMILLO BARROS DE OLIVEIRA PENNA (UFRJ)

Resumo: Como comparar e entender dois homossexuais que viveram realidades ao mesmo tempo tão díspares e tão semelhantes em suas consequências catastróficas? Como entender um autor como Reinaldo Arenas – escritor homossexual cubano (1943-1990), que de início apoiou a Revolução Cubana mas que nos anos 1960 e 1970 foi perseguido pelo regime por ser considerado “antirrevolucionário”, fato que o levou a fugir para os EUA em 1980 e, dez anos depois, matar-se por ser portador do vírus do HIV, com seus livros proibidos de circular na Ilha – que sempre escreveu, ainda que sofresse das mais diversas dificuldades e empecilhos externos, e que encontrou, no entanto, na doença chamada AIDS, seu maior silêncio, mas que desencadeou a necessidade da escrita do testemunho publicado em 1992 “Antes que anoiteça” (2009)? Como entender este autor, que sempre viveu e praticou sua homossexualidade de forma potente, apesar de sofrer e ser podado por cada passo dado? Como entender Arenas, que nunca expressou ter vivido um grande amor específico por um homem, mas que corporificou o amor ao sujeito homossexual em cada palavra? Por outro lado, saindo da América, saindo de Cuba e dos Estados Unidos e chegando à França, tem-se Pierre Seel (1923-2005), alsaciano homossexual que, adolescente, em sua cidade, começou a ter parceiros sexuais masculinos, mas que foi fichado na delegacia aos 17 anos como “homossexual”, fato que provocou sua deportação a um campo de concentração nazista, presenciando a morte de seu namorado comigo vivo por cães. Com o fim da guerra, se silenciou e adentrou em uma vida heterossexual, saindo dela apenas na década de 1980, já idoso, quando testemunha sua deportação anonimamente a uma revista gay, sendo seu testemunho em livro publicado apenas em 1994, no que se considera como o primeiro homossexual francês deportado na guerra por sua sexualidade a

testemunhar em seu país, em “Eu, Pierre Seel, deportado homossexual” (2012). Seel, que nunca pode dizer, mas que no fim sempre diz, e nisso encontra sua vida, uma vida que tem por base fundamentalmente um amor morto. No que podemos, então, nos embasar, para sentir-ler os textos de Arenas e Seel? Tentativa de resposta: no texto de Ricoeur, “Vivo até a morte, seguido de Fragmentos” (2012), que tece relações entre o Mal envolvido ao maligno com a morte, que deixa de ser fato natural da vida, mas que passa a ser entendida como aniquiladora, vide experiências como a doença epidêmica (Arenas) e os campos de concentração (Seel): “É o caso das grandes epidemias (...) e foi o caso dos campos de concentração, nessa situação extrema em que o sobrevivente provisório é rodeado, cercado, submerso pela massa indistinta dos mortos e dos moribundos e habitado pelo sentimento da enorme probabilidade da sua morte próxima, da iminência dessa morte. Então, ele se imagina, se percebe como já fazendo parte dessa massa indistinta dos mortos e dos moribundos. Insisto no efeito de massa e no efeito de indistinção. Ele é efetivo somente nas situações-limite de que falei: epidemia, extermínio” (RICOEUR, p.21).

Palavras-chave: Morte, Mal, Literatura de testemunho, Homossexualidade

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Chocolates e câmaras de gás: reflexões sobre a história das vítimas

ARTURO GOUVEIA DE ARAÚJO (UFPB)

Resumo: Na sétima das suas “Teses sobre a filosofia da história”, de 1940, Walter Benjamin se opõe à empatia dos historicistas pelos vencedores do processo histórico. Tais historicistas escrevem e interpretam a história assumindo a perspectiva das classes dominantes e dos opressores que continuam em sua marcha triunfal sobre os

enterrados. Diante das vozes eliminadas e excluídas da memória histórica, Benjamin refere-se à urgência de romper com essa tradição historiográfica, inverter a perspectiva das interpretações canonizadas e resgatar o passado criticamente – passado não como conjunto de fatos mortos, conforme o continuum linear das visões dominantes, mas um passado dinâmico que requer, ao contrário de sua redução a ruínas, uma recuperação e reavaliação de seu significado, em termos críticos e descontínuos, interligada ao tempo presente, em que os vencedores não cessam de vencer e de manter a opressão histórica e social. Como solução, aponta a necessidade de estabelecer um novo paradigma para a reescritura da história, assumindo a perspectiva de todos aqueles que podem ser caracterizados como “vencidos”. Já Paul Ricoeur, no livro Tempo e narrativa, dos anos 80, demonstra a importância de questionar os piores efeitos da utilização da razão no século vinte, como o horror da destruição em massa, constante das guerras provocadas por Estados criminosos. No campo dessas avaliações, Ricoeur não se refere aos atingidos pelo terror estatal como “vencidos”. Caracteriza o terror científico e político, devastador de massas humanas inocentes, como um fato que requer uma memória permanente, como esforço e motivação ética para a reflexão sobre “a história das vítimas”. Este artigo propõe uma reflexão acerca da sétima das “Teses sobre a filosofia da história”, de Walter Benjamin, comparando a “história a contrapelo” a esse novo paradigma apontado por Paul Ricoeur. Ambos os autores estão inseridos no contexto de expansão do nazismo; as experiências de “Estado de exceção” como regra e o assassinio industrial em Auschwitz são alguns dos temas ilustrativos da discussão. Na percepção de que “vencidos” e “vítimas” são sujeitos históricos diferentes, e que merecem as devidas distinções em termos de teorização e análise no campo das ciências humanas, propomos aqui alguns comentários comparativos entre essas duas qualificações. O objetivo não é teórico, no sentido de propor um modelo hermenêutico para o debate da questão, mas, antes, incitar discussões qualificadas sobre a contribuição de Paul Ricoeur

para a problemática em tela. Esclarecemos que todos os exemplos de vencidos e vítimas aqui enfocados são pessoas atingidas por forças estatais, oficiais, institucionais. Deixamos para uma outra oportunidade o enfoque de vítimas de violência não-estatal, como os massacres de Columbine e Realengo, a saga do “Franco-atirador de Washington”, chacinas praticadas pelo chamado “crime organizado”, atentados políticos de terroristas individuais e de grupos não-estatais, como o ocorrido em Oklahoma, assim como violências gratuitas e sádicas aos moldes Clockwork Orange.

Palavras-chave: Walter Benjamin, Paul Ricoeur, vencidos, vítimas

A guerra não tem rosto de mulher: o silenciamento do testemunho feminino

THAYZA ALVES MATOS (UNB), ÉMILE CARDOSO ANDRADE (UEG)

Resumo: Desde a história antiga temos como parte de toda uma tradição ocidental as narrativas sobre guerras. Da Guerra do Peloponeso a do Iraque, relatos sobre como se iniciaram as querelas, quais eram as estratégias, comandantes e generais, vencedores e perdedores, e os desdobramentos dessas sobre os territórios que atingiram chegam até nós por meio de jornais, periódicos, filmes, seriados de televisão e também, pela literatura. Mas devemos observar algo nestas narrativas. A guerra como local da violência e da virilidade é marcado pela perspectiva masculina. Em *A guerra não tem rosto de mulher*, de Svetlana Aleksievitch (2016) somos agraciados com um novo olhar sobre esse campo de batalha: relatos e testemunho de mulheres combatentes soviéticas na Segunda Guerra Mundial. Os testemunhos sobre um determinado evento é sempre tecido pela memória e pela lembrança, o que acaba por constituir um terreno de silêncios e silenciamentos. O que vemos na obra de Aleksievitch é um esforço em tentar recuperar o olhar dessas mulheres sobre um evento tão doloroso. Por ter nascido na Bielorrússia, Aleksievitch teve contato direto com mulheres que lutaram e sobreviveram as investidas alemães. Quase um milhão de

mulheres participaram do Exército Soviético, um dos (se não o maior) contingente feminino no período. Mas a presença dessas mulheres e moças foram apagadas com o tempo, apesar de todo esse quantitativo. O que observamos nas narrativas sobre a Segunda Guerra Mundial são relatos masculinos e que partindo de um local de fala privilegiado em um mundo patriarcal, generalizante e totalizante. Com *A guerra não tem rosto de mulher*, contamos com entrelaço da narrativa de Aleksievitch e de testemunhos em primeira pessoa de centenas de mulheres das quais a autora recolheu os depoimentos em um trabalho árduo de busca daquilo que havia sido sistematicamente enterrado. Jeane Marie Gagnebin em *Memória, História e Testemunho* analisa e reflete sobre a obra de Walter Benjamin, mais especificamente com os escritos *Experiência e pobreza* e *O narrador*. Suas reflexões se centram sobre a ideia de perda que Benjamin trabalha nestes textos, pensando no fim das grandes narrativas e do impacto da Grande Guerra sobre este acontecimento. Gagnebin nos traz que “A perda da experiência acarreta um outro desaparecimento, o das formas tradicionais de narrativa, de narração, que têm sua fonte nessa comunidade e nessa transmissibilidade. As razões dessa dupla desaparecimento provêm de fatores históricos que, segundo Benjamin, culminaram com as atrocidades da Grande Guerra — hoje, sabemos que a Primeira Guerra Mundial foi somente o começo desse processo. Os sobreviventes que voltaram das trincheiras, observa Benjamin, voltaram mudos. Por quê? Porque aquilo que vivenciaram não podia mais ser assimilado por palavras” (GAGNEBIN, 2006). O trauma da guerra silenciou milhares de sobreviventes. Mas hoje, 72 anos após o término da guerra, temos um exercício de busca dessa experiência inominável. Nos debruçamos sobre essa obra ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura de 2015 com o intuito de refletir acerca da construção do testemunho e do silenciamento dos relatos femininos. Aleksievitch conseguiu recolher alguns destes testemunhos femininos das sobreviventes do Exército Soviético. Mas quantos outros ainda estão silenciando sobre a dupla

insignia do trauma e do feminino, daquela que não deve falar.

Palavras-chave: Testemunho, Mulher, Segunda Guerra Mundial, Silenciamento

A poética da esperança em Czesław Miłosz - hipóteses de leitura da poesia de Czesław Miłosz à luz d’*O testemunho da poesia*

RONDINELY GOMES MEDEIROS (UFPR)

Resumo: Da leitura atenta da obra de Miłosz percebe-se sua relação complexa com a esperança, e não apenas (embora também) como tema ou conteúdo de um ou outro trecho, mas antes de tudo como uma disposição que assalta o espírito, uma inclinação intelectual irresistível. Tomando a sequência de conferências de “O Testemunho da Poesia” na qualidade de texto central para a compreensão da poética, da ética e da heurística que orientam, se exprimem e se depreendem de sua poesia, pretendemos ler alguns poemas seus (bem como a leitura dele de poemas de seus colegas de tempo e país), de períodos variados, sob a luz das considerações exuberantes e incisivas das conferências ali reunidas, enfatizando o lugar imaginário e conceitual da esperança e suas relações, no texto, com a humanidade e a história.

Palavras-chave: C. Miłosz, Poesia polonesa, Testemunho, Antropocentrismo

A palavra, a resistência e os *Poemas do povo da noite*: o testemunho em Pedro Tierra

VIVIANE CRISTINA OLIVEIRA (UFMG)

Resumo: Em 2013, recebeu segunda publicação no Brasil o livro “Poemas do povo da noite”, de Pedro Tierra, pseudônimo de Hamilton Pereira da Silva, militante político preso de 1972 a 1977. Durante os anos na prisão, sob regime de tortura, o poeta envia seus versos em embalagens de cigarro a amigos e familiares, o que possibilitará uma primeira impressão artesanal em 1975, uma impressão na Espanha em 1978, após menção honrosa da Casa das Américas, e uma edição no Brasil em 1979. No poema prólogo, o poeta indica seu desejo: fazer

circular a palavra poética como forma de resistência e comunicação. Resistência à tortura e comunicação da mesma pela palavra daquele que se apresenta como poeta testemunha, que fala não somente por ele, mas pelos mortos. Contudo, em vários poemas contidos no livro, o que se esboça é a tensão entre o desejo de comunicar, de fazer da palavra arma de combate, e a impossibilidade de fazê-lo. Se em poemas como “Os Materiais”, a palavra se quer faca e pedra para não se render à tortura, em outros como “A palavra sepultada”, o que se alcança murmurar é: “queria dizer-lhe muitas coisas,/ Não há como fazê-lo/ As palavras estão gastas, mortas por dentro” (TIERRA, 1979, p. 74). É a partir de versos como estes, em que de forma metalinguística nos são apresentadas as tensões de um fazer poético que passa, como afirmou Jeanne Marie Gagnebin, pela “necessidade absoluta do testemunho e, simultaneamente, pela sua impossibilidade linguística e narrativa” (GAGNEBIN, 2003, p. 106), que pretendo tecer algumas reflexões sobre a potência de um texto poético que se dobra sobre a sua condição de “documento” e artefato estético. Na enriquecedora e ambígua posição de poesia testemunho, os versos de Pedro Tierra nos permitem refletir sobre os desafios de ler o testemunho quando este está intimamente ligado a formas literárias. As possibilidades de comunicação pela palavra poética ganham força em alguns versos, mas a necessidade paradoxal de se desvencilhar do estético, da representação ficcional, da própria palavra, surgem como urgência de transformar a letra em ato. Por não lograr sair da encruzilhada entre a realidade que se quer comunicar, denunciar, e a forma literária que não pode plenamente representá-la, conduzindo ainda ao risco de conferir beleza ao horror e à dor, a voz se interrompe, se cala. É assim que os versos de Tierra se apresentam, como disse em prefácio Pedro Casaldáliga, sem que seja possível ler as “páginas como quem desfolha mais um poema, habitualmente flor. Este não é um livro de flores habituais. (...)” (CASALDÁLIGA, 1979, p.7). Não sendo um livro de poesia habitual, flor sem perfume, rompendo da violência, como a que Drummond imaginou rompendo o asfalto, “Poemas do povo da noite” torna-se relevante obra para as discussões

em torno do testemunho via literatura na América Latina, discussões com as quais aqui se pretende contribuir, destacando uma voz dentre outras que denunciam a violência marcante nos processos políticos, ensaiando romper os silêncios da história oficial ao dar lugar, inclusive, aos mortos.

Palavras-chave: Poesia, Testemunho, Resistência, América Latina

Metade cara, metade máscara: uma escrita-testemunho tecida entre os fios da memória

ELIZABETH GONZAGA DE LIMA (UNEB), MILENA COSTA PINTO (UNEB)

Resumo: Este estudo pretende examinar os sentidos imbricados no viés testemunhal em *Metade cara, metade máscara* (2004), da escritora indígena Eliane Potiguara. O livro um texto híbrido, constitui-se dos gêneros poesia, prosa, prosa-poética e (auto)/biografia. Estes últimos apresentam uma sutil fronteira, pois ao passo que a autora desenvolve sua escrita autobiográfica apresenta um repertório de histórias que diz respeito a diversos grupos indígenas. O enfoque testemunhal tem como cerne reescrever a história indígena ressemantizando-a. Tem por objetivo ainda garantir que os eventos narrados, cujos traumas são impressos, não tornem-se esquecidos e, conseqüentemente repetidos. Imbricado a relatos biográficos, autobiográficos e aos poemas, o sujeito autoral apresenta uma ‘leitura’ crítico-interpretativa de acontecimentos da ordem de um passado individual (figurações do eu) e coletivo (figurações do nós – o sujeito sociológico) do contingente indígena, acessado pelo fio da memória. Nesse aspecto apresenta característica análoga ao processo de (des)ressoalização que figura o pensamento de Deleuze e Guatarri (1997). Esses teóricos defendem a premissa da obliteração da personalidade/pessoalidade do sujeito autoral na literatura. Com relação ao testemunho, que no texto é figurado como verdade, identificam-se três modalidades apresentadas por Wilberth Salgueiro (2012), quais sejam, o testemunho originário (realizado pelo sobrevivente que viveu a experiência), o testemunho de terceiro (realizado pela testemunha que presenciou? viu? ouviu a experiência)

e o testemunho solidário (realizado pela testemunha – indireta que ouviu do sobrevivente a narração da experiência). Nesse sentido, o texto fornece ao leitor, narrativas ou pontos de vista elaborados pelos próprios sujeitos que vivenciaram ou têm relação direta ou indireta com a experiência. A análise dessa escrita-testemunho permite acessar narrativas de eventos passados, por intermédio de uma ‘(re)leitura’ desses eventos, elaborada pelo sujeito de autoria, que se utiliza do espaço da literatura para expressar uma reivindicação de escuta. Em *Metade cara, metade máscara*, se presentificam ocorrências tanto da vida em comum de povos indígenas, quanto do âmbito pessoal da autora – militante indígena – Eliane Potiguara. A discussão, à luz da literatura de testemunho visa compreender a acepção desse conceito no citado livro, a partir das concepções de Salgueiro (2012). No que toca às figurações autobiográficas conta-se com as ideias desenvolvidas por Oscar Sáez (2006), que dá ênfase a esse aspecto relacionado à questão indígena. O tratamento do caráter de repetição e coletividade fundamenta-se em Gilles Deleuze (2006) e para se pensar a ideia do reconhecimento do direito de fala aos excluídos, pelo testemunho, que configura uma das premissas da escrita de Potiguara (2004) no mencionado livro, utilizam-se as noções de Jaime Ginzburg (2011), entre outros.

Palavras-chave: Eliane Potiguara, testemunho, memória, (auto)/biografia

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

A cidade reescrita: literatura e ditadura na chave do testemunho

AUGUSTO SARMENTO-PANTOJA (UFPA)

Resumo: O presente trabalho busca compreender como a relação entre literatura e as ditaduras na América Latina estão imbrincadas

pelo testemunho. Isso pode ser observado quando lemos os romances “Estrella Distante” (1996), de Roberto Bolaño; “La borra del café” (1992), de Mario Benedetti; e “Em câmara lenta” (1977), de Renato Tapajós, quando ficção e testemunho são aproximados para produzir uma literatura que busca configurar o cenário de opressão e terror vividos pelos protagonistas em momentos. De certo modo, encontramos na escritura desses dois escritores uma reescrita de cidades como Concepción e Nascimento (Chile), Barcelona (Espanha) e Montevidéu (Uruguai), Quito (Equador), Pará e São Paulo (Brasil). No romance de Bolaño temos as viagens e transformações em busca de nos revelar suas sensações sobre e as relações de poder ali presentes. Narrado em primeira pessoa, por Arturo Belano, que conta a história do poeta autodidata Alberto Ruiz-Tagle, suas descobertas, seu desaparecimento, durante a ditadura de Pinochet. No romance de Benedetti, temos Claudio, que narra suas passagens por vários bairros de Montevidéu, as constantes mudanças e seu aprendizado juvenil, da primeira experiência sexual as decepções amorosas da vida adulta. O terceiro romance, pontua os caminhos de um narrador que expressa três espaços angustiantes durante a ditadura civil-militar brasileira, percorridos por militantes que lutaram pela democracia no Brasil, mas foram dizimados pela repressão. Encontramos três esferas espaciais de descrição das cidades, com Benedetti, uma cidade e seus múltiplos espaços; em Tapajós, os múltiplos espaços cidade-floresta; floresta-cidade; em Bolaño, as várias cidades entre a Europa e o América, representações da resistência dos espaços e dos lugares de memória.

Palavras-chave: Cidades, Testemunho, Literatura, Ditadura

Memórias do cárcere: o testemunho em *Memórias de um sobrevivente* e *Às cegas*, de Luiz Alberto Mendes

PATRINI VIERO FERREIRA (UFSM)

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma proposta de pesquisa relacionada à obra testemunhal de Luiz Alberto Mendes.

Memórias de um sobrevivente e Às Cegas são dois dos maiores exemplos da nova tendência que surge na literatura carcerária brasileira a partir dos anos 2000, com ainda uma característica marcante que os distingue entre os demais títulos: neles não há um relato, como enfoque central, do massacre de Carandiru, ocorrido em outubro de 1992; existe o relato da experiência prisional de um indivíduo comum durante o período de ditadura militar. A partir deste relato, pode-se chegar a um conceito sobre o tipo de narrativa encontrada nesta nova tendência da literatura carcerária brasileira: trata-se, portanto, de uma autobiografia de caráter confessional. Ao propor um estudo de duas obras de Luiz Alberto Mendes, sendo elas Memórias de um sobrevivente e Às cegas, pretende-se definir em que medida estes títulos enquadram-se não só ao gênero literatura carcerária, mas também à literatura de testemunho, buscando analisar e reconhecer dentro das obras selecionadas como e onde encontram-se as marcas e recursos utilizados pelo autor em sua escrita que podem ser associados ao testimonio latino-americano. Além disso, pretende-se esclarecer características inerentes à literatura de testemunho, que podem ser encontradas também, mais especificamente, na tendência da literatura carcerária brasileira surgida a partir dos anos 2000. Neste intento, as referências a serem utilizadas no projeto passam por autores como Maria Rita Palmeira, Hugo Achugar, Seligmann-Silva, Carla Sena Leite, Ana Maria Sanchez, Valéria de Marco, Aulus Mandagará Martins, que nos especificam as características do gênero literatura de testemunho, bem como as dificuldades de se chegar a um consenso com relação à conceituação deste mesmo gênero; Agamben e Anselmo Peres Alós, que nos esclarecem, respectivamente, os tipos de literatura de testemunho existentes e o objetivo principal do gênero; Moraña, que busca uma definição para o gênero literatura de testemunho; e Ginzburg, que nos dá uma ideia da importância de trabalhar a literatura de testemunho. A importância deste trabalho reside, em primeiro lugar, na reflexão que se busca aqui empreender do cânone literário estabelecido, realocando as obras de Luiz Alberto Mendes (representativas, neste projeto, do

gênero literatura carcerária no geral) como parte do todo que constitui a literatura brasileira. De outro ponto de vista, a análise literária que será empreendida no decorrer do estudo permite uma visão do texto para além do que está ali escrito, compreendendo os sentidos semânticos e ideológicos por trás das linhas e aprofundando, dessa maneira, a capacidade de entendimento e apropriação do texto pelo leitor/analista. Em última análise, o trabalho proposto tem a seu favor a visibilidade que pretende dar a uma tendência cada vez maior e mais eloquente na literatura brasileira (literatura carcerária), para a qual o número de pesquisas e estudos ainda é relativamente baixo.

Palavras-chave: literatura carcerária, literatura de testemunho, testimonio latino-americano, caráter confessional

Testemunho e exílio em *Inventário* de Elisa Lispector

PATRÍCIA LOPES DA SILVA (UFU)

Resumo: Testemunho e exílio em *Inventário* de Elisa Lispector O presente trabalho propõe discutir a relação do testemunho com a configuração da escrita do Eu no livro de contos *Inventário* de Elisa Lispector, publicado em 1977. Nessa coletânea, há presença de uma carga de melancolia, medo e morte. Esses sentimentos que acompanham as personagens das histórias retratam a memória da voz autoral de uma refugiada que exilada tenta reconstruir a vida e em meio ao devaneio relembra as atrocidades da guerra. Para essa investigação, recorreremos a algumas reflexões de Giorgio Agamben sobre testemunho, e apontamentos de Márcio Seligmann-Silva e Jeanne Marie Gagnebin.

Palavras-chave: Literatura, testemunho, Elisa Lispector

Violência urbana como experiência coletiva e como arte em *Manual prático do ódio*, de Ferréz

RHEGYSMERE MYRIAN RONDON ALVES (UFMT)

Resumo: Este estudo consiste na análise da trajetória literária do escritor brasileiro Reginaldo Ferreira da Silva (1975 -) – mais conhecido

como Ferréz –, cujas narrativas estão centradas na ficcionalização das periferias brasileiras. A partir dessas construções ficcionais propomos pensar na maneira singular com que o autor se lança à composição de um olhar sobre o cotidiano da periferia que o circunda, o Capão Redondo. Ferréz, ao articular seu fazer literário com a própria experiência de viver no espaço periférico, lança à discussão da literatura o debate sobre as condições de sua produção hoje, o lugar assumido pelo escritor e o tipo de laço que sua obra estabelece com a comunidade. Seu material literário, em especial os dois primeiros romances publicados, *Capão pecado* (2000) e *Manual prático do ódio* (2003) foram os instrumentos a partir dos quais nos permitimos discorrer sobre este pacto de leitura que admite uma escrita que se quer próxima à realidade narrada. A admissão de que esta escrita mantém com o real um teor de verossimilhança, conduziu nossas aproximações das relações entre testemunho e escrita marginal nas obras do autor. E possibilitou que o estudo do testemunho na sua relação com as modalidades de escritas do Eu aqui, se tornasse importante em nossas análises, utilizando principalmente de referenciais teóricos sobre autobiografia e escrita de si. As noções de autobiografia e espaço autobiográfico nos auxiliarão a pensar na existência de características que nos romances possibilitam a construção de um pacto de leitura autobiográfica.

Palavras-chave: Literatura Marginal, Ferréz, Pacto de Leitura, Engajamento do escritor

Memórias de despejos: testemunhos e recordações em cenários de remoção forçada

TAÍS FREIRE DE ANDRADE CLARK (PUC-MG)

Resumo: A partir da obra *Becos da Memória* de Conceição Evaristo, em que a autora, influenciada pela experiência de um despejo vivenciado na infância em Belo Horizonte, expõe o cotidiano de uma favela através do olhar da criança Maria-Nova, “con(fundindo) escrita

e vida”, pretende-se analisar a relevância da literatura-testemunho em um contexto social marcado por conflitos urbanos e a importância do reconhecimento de “histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Walter Benjamin: obras escolhidas – magia e técnica, arte e política. Traduzido por Sérgio Paulo Rouane. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 214.) Na narrativa descontínua de Evaristo, a memória da favela é construída por uma pluralidade de sujeitos, cujas recordações de um período marcado pela iminência do despejo forçado, retratam a discriminação e outras violações de Direitos Humanos sofridas pelos moradores, denunciando a exclusão social presente em nossa sociedade. “Becos da memória é uma criação que pode ser lida como ficções da memória ao narrar a ambiência de uma favela que não existe mais. Continuo afirmando que a favela descrita em Becos da memória acabou e acabou. Hoje, as favelas produzem outras memórias, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções.” (EVARISTO, Conceição. Becos da memória. 2ª Ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013, p. 13.) Considerando-se o valor da literatura-testemunho para salientar as vozes de grupos subalternos e minorias sociais, será especialmente interessante comparar as memórias dos Becos com os testemunhos dos moradores da Ocupação Izidora, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, expostos no documentário Na Missão, Com Kadu, de Aiano Belfica (2016). Considerada a maior ocupação urbana da América Latina e constituindo um dos sete maiores conflitos fundiários do mundo (segundo a ONU), a Izidora existe desde 2013 e abriga aproximadamente oito mil famílias. Em um contexto semelhante ao narrado por Evaristo, essas pessoas vivem há quatro anos a insegurança de não terem garantido seu direito à moradia e o risco da realização de um despejo forçado a qualquer momento. Comparando as recordações trazidas por personagens do livro de Evaristo com os relatos dos moradores da Izidora, pretende-se evidenciar uma realidade social invisibilizada pelas mídias tradicionais, denunciando as graves

violações de Direitos Humanos vivenciadas por pessoas em situações de vulnerabilidade e ignoradas pelo poder público. Como referencial teórico serão utilizados autores como Jeanne Marie Gagnebin, Walter Benjamin, Márcio Seligmann-Silva, Henri Lefebvre, David Harvey, bem como diversas contribuições da fortuna crítica da obra.

Palavras-chave: Literatura-testemunho, Despejo, Memória, Conceição Evaristo

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

Literatura e outras linguagens: exemplo do testemunho de pixadores em João Pessoa/PB

THIAGO DA SILVEIRA CUNHA (UFPB)

Resumo: Seguindo as linhas-guia da cidade, os graffiti e as pixações preenchem a urbe como se ela fosse um imenso caderno de caligrafia. Destaco que grafo pixação com “x” e não com “ch”, por acreditar que essa grafia indica questões de autoafirmação, subversão e re-apropriação da cidade, ou mesmo da gramática normativa e da morfologia das letras (tipografias) pelos seus praticantes. Tendo como palco a cidade de João Pessoa, o que propomos é explorar como grafiteiros e pixadores constroem uma narrativa acerca de sua memória coletiva através do testemunho. Tais inscrições escamoteiam o brado de escritores – como se autodenominaram os jovens pioneiros do graffiti nova-iorquino da década de 1960 – que praticam uma “literatura citatina”, por assim dizer, que funciona e acontece de forma notadamente marginal em relação aos canais convencionais de produção e circulação, tanto midiática, plástica quanto literária. Desse modo, acreditamos que a memória sobre esse movimento pode enriquecer e problematizar também as memórias a respeito da cidade e das ocupações urbanas de uma forma geral. Essas narrativas põem

em evidência o olhar e a fala de personagens reais, pertencentes à minorias que, dentre outros anseios, demonstram uma vontade de resistência – e re-existência – e de justiça. A partir dessa perspectiva, as noções de cânone e de valor literário inevitavelmente são abaladas, pois vê-se alterado o quadro de produtores literários tradicional: passa-se a englobar também grupos subalternos que agora se empoderam, depõem e se posicionam. Um exemplo disto tem sido a mobilização dos grafiteiros e, principalmente dos pixadores e ex-pixadores em nos procurar, a fim de contribuir com essa reconstituição de suas memórias coletivas. A postura de ouvir esses escritores, pode ajudar-nos a compreender melhor quem são esses autores e quais os espaços, personagens e conflitos de sua trama. Poderemos compreender melhor como esses personagens ocupam a cidade, tanto quanto como os próprios agentes adjetivam graffiti e pixação, o que muitas vezes distoa das adjetivações e conceituações dadas pelos discursos de quem exerce o poder jurídico, executivo, assim como o midiático. Também é de suma importância questionar sobre os limites e as confluências entre o testemunho e a literatura, entre a verdade e a ficção, entre o ético – histórico – e o estético – forma e performa no testemunho –, sobretudo quando aquele que fala cria a consciência de ser um narrador detentor da palavra, como temos observado em nossos interlocutores ao longo da pesquisa de campo. A metodologia utilizada perpassa a etnografia visual, adotando a câmera como co-irmã do caderno de campo (Leroi-Gourham, 1983), e executa procedimentos pertinentes à história oral e ao estudo da oralidade, apoiados nas reflexões de autores como Ong (1990), Simson (1998), Alberti (2004), Halbwachs (1990) e Pollak (1989, 1992). Dessa maneira, a partir do testemunho em primeira pessoa dos grafiteiros e pixadores, será possível compreender um pouco melhor sobre as narrativas dos escritores e personagens que compõem a arte urbana. Isto, além de ampliar o debate entre as diversas nuances que envolvem a relação do testemunho – e da história – com a literatura.

Palavras-chave: pixação, graffiti, memória, narrativa

Testemunhos da violência: o rimar a realidade dos Racionais MC's

ALAN OSMO (UNICAMP)

Resumo: Este trabalho propõe uma análise de três canções do grupo Racionais MC's a partir da teoria do testemunho. O grupo de rap Racionais MC's colocou como uma de suas principais propostas a de buscar contar a “realidade das ruas”, ou seja, a de falar de uma realidade da periferia de uma grande cidade no Brasil, marcada pela violência, pelos altos índices de homicídio, sobretudo da população negra, pelas terríveis desigualdades e pela ausência de serviços do Estado. A sua obra realiza um trabalho de organização de uma experiência histórica de violência em uma forma estética, questionando o silenciamento a que estão submetidos historicamente uma parcela significativa da sociedade brasileira. É possível ver em diversas canções do grupo uma dimensão testemunhal, que parece residir, principalmente, em tentar quebrar uma barreira de indiferença que paira de forma sistemática em grande parcela de nossa sociedade a respeito dessa realidade de violência. A primeira das três canções escolhidas, neste trabalho, é “Pânico na Zona Sul”, do primeiro álbum do grupo, lançado em 1990. Esta canção fala de um cotidiano de pânico, vivido pelos moradores da região, causado por uma violência generalizada em que pessoas inocentes são assassinadas. A respeito dessa realidade de violência, diz o narrador da canção que “ninguém quer ouvir a nossa voz” e que, nesse contexto, “difícilmente um testemunho vai aparecer”. A segunda canção escolhida é “Mano na porta do bar”, que faz parte de um disco lançado em 1993. Essa canção conta a história de um personagem respeitado pelo bairro, mas que entra na vida do crime, e que no final da canção é assassinado. O narrador da canção apresenta-se como uma “testemunha ocular”, como alguém que observa e descreve o que aconteceu com esse “mano na porta do bar”. Por fim, a terceira canção escolhida é “Diário de um detento”, que faz parte de um disco lançado em 1998. Essa canção, que é construída na forma de um diário, tem como tema o massacre do Carandiru, em que pelo menos 111 presos foram brutalmente

assassinados pela polícia militar em 1992. Esse episódio é contado pelo ponto de vista de um narrador que se apresenta como um sobrevivente da carnificina, e que testemunha o que aconteceu. A partir dessas três canções é possível observar como aparece a dimensão testemunhal na obra dos Racionais, a sua importância e como ela assume diversas nuances em diferentes canções. Por meio dessa discussão, este trabalho se propõe a refletir sobre de que modo a teoria do testemunho pode ser pensada para obras ligadas à realidade de violência na sociedade brasileira, como a dos Racionais MC's.

Palavras-chave: testemunho, violência, Racionais MC's, rap

Racismo e pobreza em poemas de Ricardo Aleixo e Elisa Lucinda: leitura de “Rondó da ronda noturna” (2002) e “Zumbi saldo” (1995)

WILBERTH SALGUEIRO (UFES)

Resumo: O testemunho de sobreviventes de acontecimentos catastróficos, como guerras e ditaduras, tem sido considerado, quando com rigor e ortodoxia, como o testemunho por excelência. Em geral, a maioria dos textos de testemunho se apresenta em prosa, dado o aspecto comunicacional e referencial dessa modalidade de expressão. No entanto, cada vez mais, o espectro do conceito de testemunho tem se estendido, seja quando se adota a noção de “testemunho solidário”, seja alcançando eventos do cotidiano ou ainda quando se apresenta, por exemplo, em versos. A poesia brasileira mais recente – que alguns têm chamado de pós-marginal – não tem se notabilizado por abordar temas e questões sociais, de interesse coletivo, com alguma parcela de engajamento ou interesse para além de exercícios metapoéticos ou de torneios à roda do sujeito lírico. Mas, naturalmente, aqui e ali despontam poetas que se dispõem a elaborar poemas com alto grau participativo, crítico, militante. O desafio tem sido, então, dar a estes poemas “engajados” um grau de elaboração estética que rebata e desminta a frequente acusação de, ao servirem a uma causa ou denúncia, serem “panfletários” e, por conseguinte, maus poemas.

Partindo de tais considerações, analisaremos os poemas “Rondó da ronda noturna” (2002), de Ricardo Aleixo, e “Zumbi saldo” (1995), de Elisa Lucinda, que trazem à tona temas como racismo e pobreza, tendo no horizonte a pergunta com que Theodor Adorno finaliza sua Teoria estética: “que seria a arte enquanto historiografia, se ela se desembaraçasse da memória do sofrimento acumulado?”. O poema do mineiro Ricardo Aleixo se faz de forma visual, mas “traduzido” em versos teríamos algo como: “quanto + / pobre + / negro /// quanto + / negro + / alvo /// quanto + / alvo + / morto /// quanto + / morto + / um”. Destacaremos na análise como o poema se integra a uma tradição de resistência ao preconceito racial, cuja face talvez mais trágica seja a banalização do genocídio da população negra. O poema da capixaba Elisa Lucinda possui apenas dez curtos versos: “Zumbi, meu zumbi. / Hoje meu coração eu arranco / Zumbi hoje eu fui ao banco / E ainda estou presa / Escuto os seus sinos / e ainda estou presa na senzala Bamerindus / Presa definitivamente / Presa absolutamente / à minha conta / corrente”. Neste, mostraremos como a senzala de outrora se institucionalizou em forma de gigantescas aparelhagens capitalistas de abuso e desmando econômico, chamadas bancos. Os poemas confirmam que preconceito e proletarianização são duas formas cotidianas de violência, produzidas em conjunto pelo Estado, pelo mercado e pela sociedade. Mas, ainda mais, os poemas apontam que, fugindo à alienação e à passividade, há, sim, uma arte que (se) pensa e se faz em memória do sofrimento acumulado.

Palavras-chave: Poesia de testemunho, Elisa Lucinda, Ricardo Aleixo, Theodor Adorno

Coleção Tramas Urbanas: uma perspectiva dialógica e testemunhal

MAÍRA SILVA DA FONSECA RAMOS (UNB), ANDERSON LUÍS NUNES DA MATA (UNB)

Resumo: O perfil dos escritores brasileiros é bastante homogêneo, vide as conclusões da pesquisa empreendida pelo grupo de estudos

em literatura brasileira contemporânea da UnB, que aponta serem os escritores, em sua maioria, homens, brancos, de classe média. Da mesma forma, os personagens trazidos nos livros publicados pelo mercado editorial atual brasileiro parecem-se em demasia com seus autores, talvez porque lhes seja mais confortável falar sobre a realidade que vivenciam. Neste cenário de ausências, surge a Coleção Tramas Urbanas, idealizada pela professora e crítica literária Heloísa Buarque de Hollanda, com o patrocínio da Petrobras, que traz, em seus mais de vinte títulos, editados pela Aeroplano de 2007 a 2014, experiências que acontecem agora nas periferias brasileiras, contadas sob a ótica dos próprios protagonistas. A referida Coleção, além de juntar escritores novos aos já consagrados no âmbito da chamada Literatura Marginal, a exemplo de Sérgio Vaz, Allan da Rosa e Sacolinha, também traz ao público trabalhos acadêmicos e de cunho jornalístico, em posição de diálogo, que pensam a produção dos autores moradores das periferias de grandes cidades brasileiras, reconhecendo-os como intelectuais. Ao invés de objeto da escrita alheia, os autores periféricos passam a ser sujeitos da própria escrita, trazendo à cena debates importantes sob o ponto de vista de quem fala - os autores -, oferecendo diversidade ao perfil sociológico dos escritores brasileiros (NASCIMENTO, 2012, s/p). Os autores que publicam pela Tramas Urbanas trazem para a literatura a visão de que o fazer literário não deve ficar circunscrito à produção das elites, permitindo pensar em uma nova perspectiva que rompa com a visão hegemônica reinante nesse cenário. Ainda, os acadêmicos que se debruçam sobre a produção literária dos autores marginais ou periféricos não desconhecem que as obras escritas pedem que sejam trazidos novos critérios de análise e valoração das obras (ZIBORDI, 2004, p. 81). Nesse sentido, a Coleção escolhida insere-se num projeto maior de democratização do processo de produção da literatura, oferecendo pluralidade de experiências literárias nesse campo de ausências sentidas. A perspectiva inscrita nos livros da Tramas Urbanas, cujos autores são os próprios protagonistas, é a do morador da periferia,

pobre, trabalhador, que em seu cotidiano vivencia a dura realidade de exclusão social e consegue mudar a própria história, reinventando seu lugar de estar no mundo. É a visão de mundo desses sujeitos, com suas experiências tão diferentes dos autores de classe-média, que será trazida para a presente comunicação. Serão discutidas, assim, a escrita de si presente nos livros editados pela Coleção Tramas Urbanas, o caráter testemunhal dessa produção, além da tensão entre realidade e escrita ficcional.

Palavras-chave: Tramas Urbanas, Testemunho, Realidade, Ficção

Sérgio Sampaio ou traços de uma mônada danificada

JORGE LUIS VERLY BARBOSA (UFES)

Resumo: Partindo da monadologia estabelecida por Leibniz no século XVII - e, também, pelos acúmulos, expansões e dissonâncias que o conceito teve ao longo dos tempos, sobretudo em Gabriel Tarde, Walter Benjamin e Theodor W. Adorno -, este trabalho se propõe a discutir alguns traços do binômio vida-e-obra em Sérgio Sampaio, visto como uma mônada da década de 1960-70 no Brasil, profundamente marcado pela barbárie instituída pela ditadura militar. Tendo também como aporte o conceito de “vida danificada” em Adorno (“Minima moralia”), nosso intento é o de mostrar, ainda que de maneira fragmentária, como as (algumas) canções de Sampaio podem ser lidas como, para usar a terminologia leibniziana, janelas em que se pode ver estampado o horror de um país marcado pelo(s) golpe(s), resultado da quase sempre arbitrária ação da história sobre os indivíduos. Por outro lado, a figura de Sérgio Sampaio, sempre à margem do mainstream e do sistema produtivo da indústria cultural, pode também ser lida como um retrato da resistência contra a barbárie, empreendida na/pela arte.

Palavras-chave: Sérgio Sampaio, Testemunho, Monadologia

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 5

Outras faces das (mesmas) lutas: formas (recentes) do *testimonio* no Brasil

TÂNIA MARIA PEREIRA SARMENTO-PANTOJA (UFPA)

Resumo: Para grande parte dos estudiosos da teoria do testemunho há duas grandes vertentes testemunhais: o Zeugnis e o Testimonio. Para Márcio Selligmann-Silva (2003) o Zeugnis apresenta como características fundamentais a matéria histórica concentrada na Segunda Guerra, no Nazismo e, mais particularmente, na Shoah; delinea-se com base nos signos de uma experiência verídica, na medida em que o testemunho é o resultado da transformação da vivência em discurso; nos coloca em face dos signos da ofensa: a verbalização de afetos que envolvem o desamparo, a nudez, o despojamento, o medo, a dor, etc., presentes na experiência concentracionária; é narrativa marcada pela forma fragmentadas da rememoração. Por sua vez o Testimonio é a segunda vertente teórica do testemunho. Entre suas características está a presença da matéria histórica relacionada à exploração e expropriação de comunidades tradicionais na América Latina – dentre as quais as indígenas. De acordo com alguns estudos de referência a forma do Testimonio que se tornou canônica é aquela criada e tornada conhecida a partir de 1980, com a instauração do Prêmio Casa das Américas e que tem como um de seus paradigmas mais conhecidos o testemunho de Rigoberta Menchú e Elizabeth Burgos, intitulado *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*. Essa forma testemunhal é fortemente caracterizada pela presença de um narrador “de ofício” (DE MARCO, 2004), que cumpre o papel de editor/organizador do texto e um testemunhante, este, “um narrador que não integra os espaços de produção de conhecimento considerados legítimos, mas cuja experiência, ao ser contada e registrada, constitui um novo saber

que modifica o conhecimento sobre a sociedade até então produzido” (DE MARCO, 2004). O *testimonio*, ainda é encontrado nesse formato no trânsito entre as últimas décadas do Século XX e as décadas iniciais do século XXI, em que o testemunhante nem sempre se limita a ser apenas o representante de um segmento oprimido e/ou invisibilizado, da mesma forma que se verifica que aqueles que antes necessitavam da figura do letrado (e do pacto político implicado nessa relação) para prover a narrativa testemunhal agora podem constituir outros trajetos. Nesse sentido, este estudo pretende apresentar um estado da arte relativo aos usos desse formato em situações mais recentes, a partir de contrapontos entre narrativas em que o Testimonio adota contornos híbridos e discute o autoritarismo de estado, como em *Memórias de uma guerra suja*, de Rogério Medeiros, Marcelo Netto e Cláudio Guerra, também em *O sobrevivente*, de Aleksander Henryk Laks e Tova Sender, e narrativas em que o Testimonio (pode ser) uma forma narrativa adotada por membros de movimentos de resistência indígenas, como *Oré awé roiru’a ma*: todas as vezes que dissemos adeus, de Kaka Werá Jecupé, e *A queda do céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert.

Palavras-chave: Testemunho, Memória, Resistência, Sobrevivência

A perspectivação do narrador-testemunha na configuração da verdade em *Chapada da Palma Roxa* de Tereza Albues

PAULA SIMONE FERNANDES ESTEVES (UNEMAT)

Resumo: O presente artigo problematiza um aspecto muito recorrente nas narrativas contemporâneas, o narrador-testemunha. A voz testemunhal que se conduz dentro do texto, recorre à memória de um passado que se pretende presente, seja pela necessidade que o narrador tem em narrar suas experiências traumáticas, ou ainda para dar voz às pessoas que sofreram o trauma e desta forma, conservá-lo numa tentativa de refletir sobre certos conflitos sociais. Assim, se coloca frente ao desafio de elaborar uma narrativa que acomode o relato seguro de acontecimentos conflituosos. Desse modo, lança mão de estratégias discursivas que dão suporte a sua narrativa, buscando

transformá-la num discurso legítimo dos fatos, demonstra com isso que há limites para o testemunho. Recentemente, o cenário literário tem sido tomado por narrativas de testemunho, seguindo caminhos bem distintos daqueles canonizados pela tradição. Nesse sentido, a teoria da narrativa tem voltado seu olhar para o narrador, principalmente o contemporâneo, como teorizou Adorno (2003), esse narrador não mais percebe o leitor como um mero expectador, imparcial, já que o caráter “catastrófico” que as narrativas, especialmente as que apresentam um narrador que se faz testemunha do outro, não mais se harmoniza com um leitor passivo. Diante desse contexto, este trabalho tem como objeto o romance contemporâneo Chapada da Palma Roxa (1990) da escritora mato-grossense Tereza Albues e como objetivo analisar a atuação do narrador-testemunha na perspectiva da constituição da verdade dentro da narrativa, uma vez que o relato desse narrador se constrói a partir da estética da dúvida diante de uma questão polêmica, o assassinato de um bebê e, mais ainda, porque essa testemunha narra não o que ela viu, mas sim o que ouviu, portanto, a experiência passa pelo crivo da audição, o que desestabiliza a imagem da “verdade” dentro do texto. Em vista disso, serão observadas as estratégias narrativas numa cadência entre narrar e ceder voz ao outro, entre relatar e perscrutar a mente das personagens na tentativa de descobrir o potencial de legitimidade da voz narrativa enquanto testemunha e os (des) limites do discurso testemunhal, que traz para o contorno do romance a problematização do conceito de verdade na esfera literária. Nesta perspectiva, pautaremos a análise nas contribuições teóricas sobre o narrador de Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin, Theodor Adorno, bem como a problematização do narrador-testemunha a luz das considerações de Márcio Seligmann-Silva e Jeanne Marie Gagnebin e, para compreender melhor a caracterização da verdade no jogo da enunciação, as contribuições de François Hartog e Mário Vargas Llosa, entre outras que se relacionam a análise.

Palavras-chave: discurso testemunhal, narrador-testemunha, verdade, Tereza Albues

Os sentidos do testemunho em João Antônio e na literatura periférica: confluências e divergências

JÚLIO CEZAR BASTONI DA SILVA (UFSCAR)

Resumo: A obra do escritor e jornalista João Antônio, lembrada por Ferréz como pioneira para a literatura marginal, possui um caráter fortemente confessional ou testemunhal. Tal característica está ligada a seu projeto literário, exposto em ensaio publicado em Malhação do Judas carioca (1975), intitulado “Corpo-a-corpo com a vida”. Segundo esse texto, João Antônio preconiza uma literatura atenta ao dado factual brasileiro, como forma de revelar as diversas facetas culturais e sociais do país, em especial manifestando forte compromisso com as classes subalternas. Tal formulação, à primeira vista, evocaria uma solução “neonaturalista” – como parte da crítica a classificou – para a literatura do autor, dado que estaria voltada a uma espécie de documentação da realidade brasileira, vazada em uma linguagem que ressaltaria a crueza da desigualdade e seus impactos sobre os desfavorecidos. No entanto, a proposta de “Corpo-a-corpo com a vida” pressupõe um contato com a realidade que se vale da experiência do autor-narrador sobre o fato narrado, isto é, propõe uma proximidade ou mesmo um enfrentamento – daí a ideia de “corpo-a-corpo” – com o que chama de “faixas de vida” nacionais. Desse modo, pode-se falar em uma simultaneidade do documento e da dramatização da presença do sujeito narrador, que tenta se colocar, na linguagem, em comunhão com os personagens e situações representadas. Tal particularidade, reforçada ainda pela construção de uma imagem que João Antônio realiza sobre si próprio, ressaltando sua origem social pobre e a vivência com as personagens que representa em seus contos, ocasiona uma espécie de ilusão referencial que se aproxima do testemunho, o qual a literatura periférica irá consagrar como princípio; isto é, nas narrativas de João Antônio temos a dramatização da persona subalterna, que se coloca, enquanto narrador, no mesmo plano social de seus personagens, o que se dá de modo quase indistinto nos seus textos em primeira ou em terceira

peessoa. Desse modo, a evocação de João Antônio por Ferréz levanta algumas questões de interesse, no que tange às possibilidades de aproximação entre duas propostas que se voltam à representação das classes subalternas brasileiras, tais como o projeto literário de daquele autor e a literatura marginal-periférica. Tratam-se de dois momentos nos quais a proposta ética se mescla à estética, ainda que pressuponham diferentes realizações e, talvez, princípios: de um lado, a busca pela representação da realidade nacional em perspectiva crítica, de modo a ressaltar o misto de dignidade e precariedade que cerca as camadas pauperizadas brasileiras; de outro, o testemunho que preserva e se vale da ideia de “lugar de fala”, de expressão do conflito de classes brasileiro, desde um ponto de vista subalterno. Em suma, a proposta deste trabalho visa investigar as divergências e confluências entre a literatura de João Antônio e a literatura marginal-periférica, de modo a verificar as possíveis continuidades e descontinuidades entre tais propostas literárias.

Palavras-chave: João Antônio, Corpo-a-corpo com a vida, Literatura periférica, Testemunho

***Días y noches de amor y de guerra* de Eduardo Galeano: considerações sobre literatura testemunhal na América Latina**

LIANA MÁRCIA GONÇALVES MAFRA (IFMA)

Resumo: O livro *Días y noches de amor y de guerra*, de Eduardo Galeano, apresenta-se como expressão literária, social e histórica de um período de tensão, violência, repressão e suas consequências, vivenciadas nos países da América Latina, principalmente Uruguai e Argentina, na ditadura militar. Desse modo, nesta apresentação, andar-se-á pela obra *Días y noches de amor y de guerra* que se apresenta como testemunha de uma época, na qual o autor relata suas próprias memórias e/entre as memórias de outros, através das histórias que lhe chegam, que vive, busca ou cria. As histórias presentes na obra foram retiradas, ouvidas, vividas em suas andanças por alguns países

da América. O regime militar censurou, torturou, fuzilou, porém a dor causada não foi somente a física, que deixa marcas, feridas e sangue exposto. O regime autoritário também manipulou a memória, mutilou a história, deixou chagas na alma e traumas nas vidas. E para resistir às atrocidades, a pena de Eduardo Galeano não se silenciou e tenta corrigir, por meio da ação dos personagens nas narrativas, as omissões da história na América Latina, através da operação da memória, dentro da literatura de resistência, por vezes chamada de engajada, de protesto, e também por meio da literatura de testemunho. Ressalta-se que foi a partir da década de 70 que cresceu o tipo de escrita qualificada com a expressão literatura de testemunho, “a escolha do termo obedeceu à necessidade de acolher um alto número de originais que se situavam na intersecção de memórias e engajamento” (BOSI 2002, p.221). Logo, não somente historiografia e não somente ficção, testemunho, colocando o sujeito no centro dos estudos e modificando a percepção de subjetividade e de hierarquia dos fatos. Beatriz Sarlo (2007) considera o testemunho como um “discurso”, ato de enunciação cujo narrador está envolvido nos fatos. O autor-narrador-personagem está cheio de gente. Quando recorre à própria memória não lembra sozinho, configurando-se também como registro de pertencimento e de identidade individual e do coletivo. Assim, a narrativa desenvolve-se na primeira pessoa e tais relatos atingem mais o coletivo que o individual, pois esses focos narrativos em primeira pessoa juntam-se a outros infinitamente. Em meio às questões centrais discutidas, reflete-se sobre a polêmica atuação e produção literária do escritor uruguaio, analisando especificamente como se estabeleceu o diálogo entre a memória, história e a literatura, como possibilidade de produzir uma outra versão para a história da América Latina, considerando que após décadas de regimes militares, a memória coletiva ainda se encontra fragmentada e mascarada.

Palavras-chave: Ditadura Militar, América Latina, Literatura testemunhal, Memória

A questão do testemunho indireto em Guimarães Rosa

SÍLVIO AUGUSTO DE OLIVEIRA HOLANDA (UFPA)

Resumo: O volume *Ave, palavra* (1970), de João Guimarães Rosa (1908-1967), reúne 54 textos dos mais diversos tipos, tais como diários, relatos de viagem, contos, poemas, crônicas, etc. Entre as crônicas, sobressai “O mau humor de Wotan”, cuja publicação original se deu no *Correio da Manhã*, de 29 de fevereiro de 1948. O que distingue, fundamentalmente, esse texto, no conjunto da obra rosiana, é o fato de seu autor não se enquadrar na noção de sobrevivente (cujo exemplo pode ser dado por Primo Levi, 1919-1987), pois as experiências vinculadas à guerra e à ocupação da França, da Polônia e da ex-URSS, etc., aí narradas, são antes produto da ficcionalização de uma experiência indireta, vivida em território alemão, do que a áspera narrativa de uma vivência pessoal de caráter traumático. A essas experiências se vinculam ainda o chamado “Diário de guerra”, escrito no contexto da Alemanha nazista e cuja publicação ainda esbarra em questões de ordem legal (GINZBURG, 2010, p. 95-106). Entre os principais estudos acerca dessa narrativa (SANTIAGO SOBRINHO, 2009; GINZBURG, 2010; BARBOSA, 2011; FARIAS, 2015; HOLANDA & BARBOSA, 2013; SILVA, 2014), ganha relevo o de Leonardo Silva (2014), em *Guimarães Rosa e Martin Heidegger: duas visões sobre o Nazismo*, no qual se postula que as chamadas crônicas rosianas de guerra, ainda que classificadas como formas de testemunho indireto, são capazes de evidenciar o autoritarismo do regime nazista. Para além desse viés político, a crônica de 1948 também pode ser analisada em relação à tradição musical alemã, por meio da identificação de referências ao prólogo e a outros elementos de *O anel dos Nibelungos* (1869), de Richard Wagner (1813-1883), inclusive em seu título (“Wotan”) (HOLANDA & BARBOSA, 2013). No âmbito de uma discussão sobre a noção de testemunho e sobre as relações entre Literatura e guerra, tais referências a Wagner não são ociosas, pois permitem que se evidencie, em meio ao caos da história, a posição ambígua do autor em relação à

cultura alemã, oscilando entre a rejeição à “face do caos” (“Ao voltarem a Hamburgo, a Polônia estava finda”, ROSA, 1970, p. 4) e a admiração pela cultura alemã e ocidental. Sendo assim, com base, sobretudo, em Seligmann-Silva, em *O local da diferença* (2005) e na recepção crítica da mencionada crônica de Guimarães Rosa, esta comunicação representa uma proposta de discussão tipológica, procurando pensar a especificidade e a singularidade que o conto ocupa, ainda que, no limite, seja questionável a ele aplicar a noção já consagrada de testemunho, noção que não se confunde nem com a autobiografia, nem com a historiografia, representando antes um modo específico de se relacionar com o passado (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 79).

Palavras-chave: O mau humor de Wotan, Guimarães Rosa, Testemunho, guerra

47

**LITERATURA, ESPAÇO E MEMÓRIA:
CONEXÕES POSSÍVEIS****Silvana Maria Pantoja dos Santos (UESPI/UEMA)****Carlos André Pinheiro (UFPI)****José Henrique de Paula Borralho (UEMA)**

Resumo: O Simpósio tem por finalidade abordar as relações entre espaço e memória e suas interfaces com a literatura, com o intuito de fomentar discussões que contribuam para ampliar as reflexões acerca da proposta. Pensar o espaço implica estabelecer relações de um ser ou coisa a um conjunto de indicações, que nada mais são do que atributo de referências. Existimos porque ocupamos espaços, assim assevera Oliveira e Santos (2001), e com eles estabelecemos relações afetuosas: de intimidade, de cumplicidade ou distanciada: de aversão ou de repúdio. Os espaços são testemunhos do passado, deixam entrever episódios aparentemente comuns, mas com alto teor de significação para o sujeito que rememora. Por sua vez, a memória tem a capacidade de conservar o passado, a partir de uma certa distância temporal, de modo que seu enquadramento pode ser visualizado como uma via de diferentes articulações. Seguindo os pressupostos de Nora(1993), os lugares de memória podem ser considerados materiais, devido a sua condição física; funcionais, por serem geradores de lembranças; simbólicos, por exercerem sobre os sujeitos influências de representações que não se apaga com o tempo. Tais lugares podem ser construídos por meio de interesses sociais e políticos. Por assim dizer, muitas recordações dependem do lugar, motor que também se encarrega de contar e fazer histórias. Nele, as ações marcam desdobramentos

de vivências, carregadas de significados que permanecem no ser. Tornam-se cúmplices de histórias, o que os fazem dotados de conteúdos e simbologias considerados testemunhos do passado, parafraseando Ecléa Bosi (2003). Desse modo, adquirem sentidos que vão além de sua condição de uso. Com isso, podemos dizer que a memória abarca procedimentos complexos que contribuem para diferentes formas de interatividade. Em textos literários, a memória pode adquirir status de estratégia de construção dos sentidos produzidos em torno de fatos reconstruídos e ressignificados pelas impressões e pelo registro linguístico. Com base nisso, os conteúdos de memórias são (re)construções individuais ou sociais, conscientes ou inconscientes, sendo recalcados, reelaborados, gravados ou excluídos. Por sua vez, no contínuo temporal, os espaços passam a comportar vivências pretéritas, cujas marcas do passado não se apagam por completo: em suas fissuras latejam os vestígios de outrora. Ante o exposto, será de interesse desta proposta acolher trabalhos que investiguem no texto literário o modo como os espaços ganham força, a partir dos agenciamentos de lembranças particulares ou aquelas que testemunham vivências do outro, favorecendo relações de troca. Dentre os espaços possíveis de análise, citemos o espaço íntimo, como a casa da primeira infância, com seus compartimentos a confidenciar segredos, a revelar o cotidiano familiar, a proteger em momentos de insegurança; o físico-geográfico, como o sertão, com suas mazelas que expurgam e segregam; a cidade envolta por questões sociais, a moldar comportamentos impulsionados pelo consumismo e individualismo, a revelar as marcas do passado encrustadas em fissuras e ruínas de seus artefatos, afinal, como assevera Benjamim (1994), o passado é um tempo saturado de agoras. O passado que se fixa em marcas deixadas no espaço urbano é uma forma peculiar de preservação do lugar, de manter a singularização em tempos globalizados, postura que envolve tanto a memória individual, quanto a coletiva, posto

que, no processo de rememoração, o sujeito reporta-se a espaços que fazem parte de um imaginário compartilhado com os membros do grupo. Ainda, serão acolhidos trabalhos com ênfase nos espaços de cenas autobiográficas, bem como os psíquicos, imaginários ou simbólicos. Entre os espaços de vivências e o momento da rememoração interpõe-se o fluxo temporal, isso significa que as lembranças podem ser modificadas pelas impressões de um sujeito que já não é o mesmo. Os espaços nas narrativas de memória exercem relevante importância porque trazem em si os despojos do passado, quer seja em relação ao seu patrimônio arquitetônico, quer seja em relação à cultura, costumes e tradição, ou em relação às marcas de subjetividade do sujeito que se enuncia. Serão considerados, ainda, os espaços da linguagem, além de outros recursos textuais utilizados na produção literária. Assim, a variabilidade de formas e meios com que os espaços podem ser abordados em uma obra proporciona, de modo equivalente, um grande número de possibilidades interpretativas e metodológicas. Cada uma delas podendo destacá-lo sob diferentes pontos de vista.

Palavras-chave: Literatura, Espaço, Memória

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Na berma de nenhuma estrada, de Mia Couto: as ambiguidades de um (não) lugar

RAQUELLE BARROSO DE ALBUQUERQUE (UFPI)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a influência do espaço na protagonista do conto de Mia Couto “Na berma de nenhuma estrada”, e sua busca por identidade, através de uma fuga desse espaço. O não lugar e a ambiguidade em relação aos sentimentos da protagonista acabam caracterizando esse espaço de vivência

da personagem, ao passo que esta confessa sua nulidade e sua fragmentação. No conto, a protagonista por diversas vezes mostra-se fragmentada, em meio a uma bruma de incertezas, começando pela falta de um nome. Ela foi designada apenas pelo termo “menina”, feita por seu pai, antes deste desaparecer pelo mundo, o que caracteriza uma metáfora da vontade dela de partir, sem mesmo saber para onde. A bruma, que permeia a narrativa, também age como cenário para um tom confessional, além de acentuar a atmosfera de incertezas e ambiguidades que permeia o conto. A não identificação nominal da menina, sua busca por identidade ou algo que a faça pertencente a um lugar, a metáfora da estrada como uma releitura da vida, na qual se caminha sem saber para onde, ao passo que não há retorno, como o que aconteceu com o pai da personagem, confirmam essa falta de identidade ou pertencimento tanto em relação à personagem, como em relação a seus pensamentos. Apenas seu tio, Josseldo, e a vila, “Passo longe”, são denominados, indicando uma aparente intenção de indicar que esses elementos textuais são as únicas bases identitárias presentes no texto. Tio Josseldo representa o pilar de confiança da personagem, enquanto que a vila de Passo longe indica uma ambiguidade em relação ao não pertencimento da personagem àquele lugar, ou seja, o único lugar nominado é o lugar de não identificação da menina. O não lugar torna-se evidente nessa questão, já o lugar, que seria onde há identidade e autoafirmação é o além estrada, cobijado pela personagem. Tal teoria, que diz respeito ao “lugar” e ao “não lugar”, de Marc Augé (2012), embasa boa parte de nossa análise. Outra questão que norteia nossa discussão é o sentido atribuído aos espaços “casa” e rua”. Em Roberto DaMatta (1997), esses espaços fazem parte da formação de algumas sociedades. No conto em análise, estes dois espaços também contracenam com a personagem, que ora se identifica com um deles, ora mostra aversão a outro. Para Bauman (2005), a identidade em si já é ambígua e caracteriza-se numa luta contra a dissolução. Para Bhabha (1998), a ideia do pensamento coletivo

influenciando o individual é também uma explicação para a insegurança da personagem em partir. A ida através da estrada da vida seria a continuação de sua busca por algo ainda desconhecido, mas cobijado e necessário à personagem, em relação à sua passagem neste mundo.

Palavras-chave: espaço, identidade, ambiguidade fragmentação

A configuração do espaço no romance *O inferno é aqui mesmo* de Luiz Vilela

MARIA DO SOCORRO PEREIRA SOARES RODRIGUES DO CARMO (UFMS)

Resumo: Pretendemos com este trabalho explicitar como se dá a construção do espaço no romance *O inferno é aqui mesmo* (1979), do ficcionista contemporâneo Luiz Vilela. Optamos por esse elemento da estrutura narrativa pela forte demarcação dos espaços entre as capitais, Belo Horizonte e São Paulo, e do espaço na redação do jornal *O vespertino*, em torno do qual se organiza toda a narrativa e onde trabalha o narrador protagonista Edgar, que narra suas angustias e desilusões a partir das percepções sobre fatos e pessoas que vivem nesses lugares. Da configuração destes espaços, exala atmosfera sombria e angustiante, que termina por impregnar os seres que neles interagem. Daí a frieza e a falta de vínculos firmes e duradouros revelados pelas personagens do romance. A narrativa é contada in ultima res, pois Edgar conta a sua história através de analepses, o que indicia a importância da memorização do período em que a personagem trabalha no jornal para a compreensão de seu desencanto com o trabalho e com as pessoas que o cercam, assim como sua decisão de viajar para a Europa. Se pensarmos na obra como um *roman à clef*, poderemos nos indagar sobre a influência do período na formação do futuro escritor. Como Edgar, Vilela, na década de 60, também trabalhou em um jornal famoso da metrópole paulista. Temos como aporte teórico, dentre outros, os conceitos de: Freud (1996), Lins (1976), Majadas (2011), Moisés (2004), Reis e Lopes (1989), Rosenfeld (1976), Said (2010).

Palavras-chave: Espaço, Memória, Metrôple, *Roman à clef*

Entre a ficção e o viver cotidiano: a obra *Os vizinhos*, de Dunga Rodrigues

MARIA ELIZABETE NASCIMENTO DE OLIVEIRA (UNEMAT)

Resumo: Este trabalho visa apresentar a dialética existente entre a vida cotidiana e a ficção em suas dimensões sócio-históricas e culturais. O nosso objeto de reflexão é a obra *Os vizinhos*, escrita em 1977, por Maria de Arruda Deschamps Rodrigues, popularmente conhecida como Dunga Rodrigues. A narrativa se estrutura a partir da descrição das casas, dos hábitos e costumes que regiam a cidade de Cuiabá no Estado de Mato Grosso. Carlos Rosa, ao fazer a apresentação do livro, descreve que a autora traz as diversas facetas humanas e nos surpreende com as intimidades do povo cuiabano e com sua autêntica geratriz de cuiabanidade. A obra é constituída em tempos vividos e não se trata de percursos lineares, mas de trajetórias descontínuas e provocadoras que se (re)fazem e instigam o leitor a repensar suas concepções sobre a vivência cotidiana, já que os repertórios apresentados também compõem a história de quem os lêem ao estabelecer as relações de proximidades e distanciamentos entre os momentos narrados e os vividos. Acreditamos ser esta uma das habilidades natas da autora, contar pedagogicamente as experiências vivenciadas, de modo a nos contagiar com sua dinâmica, perspicácia e suavidade. Objetivamos mostrar o movimento da narrativa ao desentranhar sentidos entre o texto ficcional, o ser humano e seus contextos, já que a obra literária se constitui na configuração estética do mundo, em um sistema simbólico da representação do real com seu poder de atemporalidade. É com estas conjecturas que convidamos para o deleite de alguns aspectos da obra *Os Vizinhos*, onde a relação entre a cidade e o ser humano é o eixo articulador do diálogo. Octavio Paz em sua obra *O arco e a Lira* (1982), ao afirmar que “a História é o lugar de encarnação da palavra poética” nos possibilita ler no espaço fictício os fios da historiografia e vice-versa, ou a compreender que a literatura e a história apresentam espaços que se interpenetram e, sendo assim, podem ser pensadas conjuntamente.

Assim, buscaremos caminhar no viés da dialética existente entre a obra ficcional e a sociedade, como diz Antonio Candido (2011), entre elas há correlações e influências recíprocas. É nesta conjectura que Dunga Rodrigues nos convida a subverter as normas convencionais, a jogar os refletores sobre o ser humano comum, como diria Michel de Certeau (1994), a perceber as astúcias e estratégias do ser humano ordinário, pois ela passeia livremente pelo campo da cultura, da linguagem, da história, da filosofia, das tradições e costumes do seu povo, fatores que imprimem dinamicidade em seus relatos, já que não se fixa em um lugar específico, nem do discurso, nem da vida. É com estas percepções que convidamos para o deleite de alguns aspectos da obra *Os Vizinhos*, onde a construção da cidade de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, e do cuiabano é o eixo articulador do diálogo.

Palavras-chave: Literatura, História, Espaço, Memória.

Mapas do desaparecimento: a representação de Paris em *Doutor Pasavento*, de Enrique Vila-matas

PRISCILLA OLIVEIRA PINTO DE CAMPOS (UFPE)

Resumo: Redefinindo as noções de cidade, espaços coletivos e imaginários, Enrique Vila-Matas produz, em *Doutor Pasavento*, um narrador errático, neurótico, memorialista, capaz de reorganizar as paisagens através de sua biblioteca e de processos nos quais a ausência de território fixo predomina. Este artigo pretende investigar como o escritor catalão aplicou o seu sistema de ressignificações geográficas em Paris, principal cidade explorada no romance. Para tal, teóricos como Jacques LeGoff, Lewis Mumford, Bernardo Secchi, Bruno Zevi, Franco Moretti e Beatriz Sarlo são utilizados como base da análise que visa compreender de que forma podemos narrar uma cidade. Quais os tipos de representações e tensões entre o coletivo e o individual aparecem no relato de Pasavento? Como podemos construir uma paisagem através da memória da biblioteca e de mecanismos intertextuais? De que maneira os escritos de Robert Walser, W. G. Sebald e Thomas

Pynchon relacionam-se com as construções narrativas geográficas do romance? Essas são algumas questões que atravessam este texto no qual os diálogos entre literatura, urbanismo e arquitetura aparecem como criadores de uma cartografia do desaparecimento. Na obra de Enrique Vila-Matas, a dedicação narrativa às questões espaciais ocupa lugar de destaque. A medida em que transpõe para o sistema literário componentes da arquitetura e do urbanismo, o espanhol acrescenta unidades psíquicas à paisagem e à concretude. Pouco a pouco, a representação realista do espaço perde o seu eixo e alcança a página em branco. Sem tal revés no olhar arquitetônico-urbanístico, atado ao corpo caminhante e ao exercício da linguagem, a topografia seria apenas repetição chapada do corpo terrestre. A Paris que se levanta sob o olhar de seu narrador (ou narradores), converte-se em um microcosmo infinito da subjetividade, como a cidade de Zora, retratada por Italo Calvino em *As cidades invisíveis*. Afinidades e contrastes. Receptáculo de coisas que deseja recordar. A cidade de Zora é o protótipo ideal para a Paris de Pasavento. Em ambas, existe um movimento de descontinuidade e continuidade que oscila entre o ímpeto de seguir o passado e, ao mesmo tempo, sob o preceito da alteridade, reivindicar a ruptura de relações importantes com aquilo que ocorreu anteriormente. O microcosmo parisiense, em *Doutor Pasavento*, figura como um inventário do possível, cidade perdida entre a máquina da memória e o corpo que enfrenta as divisões urbanas – o corpo que, sobretudo, propõe-se a cruzar a cidade como se fosse pela última vez.

Palavras-chave: Cidade, Espaço, Desaparecimento, Memória

Outros cantos, outros desertos: o sertão interrompido no romance contemporâneo

MAYARA ALEXANDRE COSTA (UFRJ)

Resumo: A presente proposta tem como intuito analisar os romances *Galileia* (2008), de Ronaldo Correia de Brito e *Outros cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende. Ambas narrativas se reportam ao sertão

nordestino hoje e redimensionam as problemáticas que atravessam esse espaço na contemporaneidade, articulando o acervo mnemônico que consolidou as imagens desse território em contínuo atrito com as imagens do presente. Sabemos que ao longo do século XX erigiu-se um “mapa dominante” que destacou determinadas linhas e traçados desse território, ora apostando na sua potência utópica – lugar mítico do paraíso reencontrado – ora distópica – lugar da escassez e do atraso. Neste mapa, o sertão foi encarado concomitantemente como o índice sumarizado da região nordeste, o lugar para onde se deve ir para recuperar a identidade nacional originária, e de onde se deve fugir para sobreviver. Na literatura, sobretudo, as obras regionalistas – entendidas como qualquer produção literária que se referisse aos espaços fora do eixo Rio-São Paulo – foram responsáveis por estabelecer um controle sobre os discursos e imagens considerados específicos das regiões não centrais. No caso do sertão nordestino, ele se tornou um recorte de características típicas, dotado de uma identidade uniforme, determinada pelo território e infensa aos influxos externos. Nas obras aqui selecionadas para análise, no entanto, observamos um agenciamento de uma cartografia que desestabiliza o imaginário dominante a respeito das pequenas cidades sertanejas, bem como, das paisagens, subjetividades e histórias que habitam esse lugar. Esse processo é deflagrado a partir de uma abordagem que busca evidenciar o seu caráter relacional, fato que se materializa nestas obras tanto nas referências culturais plurais que cortam o sertão, como também na aparição de “personagens-em-trânsito”, que intersectam e articulam diversos pontos do mapa, redimensionando as noções de diferença e pertencimento, e embaralhando as fronteiras entre local e global. O sentido de cartografia aqui referido se aproxima daquele proposto por Suely Rolnik no seu livro *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Para Rolnik, diferentemente do mapa que representa um todo estático, a cartografia se estabelece como “um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos

de transformação da paisagem” (ROLNIK, 1989, p.15). A cartografia estaria atenta às mutações das sensibilidades coletivas, à dissolução de determinados mundos e a consequente emergência de outros, encarados como territórios transitórios e em constante devir. Tanto em Galileia como em Outros Cantos é possível captar uma cartografia em que diversos deslocamentos funcionam como força disruptiva dos discursos e imagens frequentemente atribuídos ao sertão. Gesto fundamental para romper com certa manutenção de enunciados que comumente caracterizam a região, os quais, repetidos de forma completamente esvaziada do seu contexto histórico e social, podem condenar esse território a uma “história única” (para usar a expressão de Chimamanda Ngozi Adichie) e dificultar a sobreposição de um novo feixe de imagens que deem conta de suas permanentes transformações.

Palavras-chave: Sertão nordestino, Contemporâneo, Galileia, Outros Cantos

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

A casa como espaço da memória

CAMILA STEFANELLO (UFSM)

Resumo: Em *A poética do espaço*, Gaston Bachelard (1933, p. 24) apresenta a casa, “o nosso primeiro canto do mundo”, como um espaço de proteção e de acolhimento, pois “mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida” (BACHELARD, 1933, p. 26). Segundo o filósofo (1933, p. 26), a casa é “uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem”. Esse espaço abriga o devaneio, protege o sonhador e permite sonhar em paz (cf. BACHELARD, 1933, p. 26). Este trabalho de análise concentra-se em dois romances portugueses, *Para sempre* (1983), de Vergílio Ferreira, e *Não é meia-noite quem quer* (2012), de António

Lobo Antunes, nos quais o espaço da casa apresenta-se intimamente ligado ao processo de rememoração dos narradores-protagonistas. Em *Para sempre*, Paulo, em idade avançada, retorna à casa das tias, onde fora morar após a morte de sua mãe. Nessa casa, passa a relembrar a sua infância, a adolescência, a convivência com as tias Luísa e Joana, o casamento com Sandra, a ausência da filha e a morte da mãe, das tias e de Sandra. O discurso memorialístico do narrador entrecruza-se com reflexões e questionamentos acerca de sua própria existência, projeções sobre o futuro e autoaconselhamentos para que aceite, com dignidade, seu destino final, a morte. A casa degradada pelo mofo, pelo pó e pelo abandono e presa na imobilidade do tempo, acaba por refletir a interioridade da personagem, na sua espera pela morte e na busca pela verdade do seu ser. Em *Não é meia-noite quem quer*, uma mulher, com idade próxima aos cinquenta anos, retorna à casa de férias da família para despedir-se do local que fora vendido. Nesse espaço, relembra a sua infância juntamente aos pais e aos irmãos, o conturbado relacionamento entre os pais, o suicídio do irmão mais velho, o falhanço de seu próprio casamento, o desencanto com sua profissão e a perda de seu único filho. Às memórias do passado sobrepõem-se reflexões e sentimentos dolorosos da protagonista sobre o tempo vivido e sobre as personagens lembradas. Assim, nesses romances, a casa apresenta-se como um espaço da memória. Ao vagar pelos cômodos vazios, os narradores transitam entre passado, presente e futuro, recuperando e presentificando acontecimentos, afetos, desafetos e também fantasmas de personagens já mortas. Além disso, os espaços da casa permitem a comunhão com o eu interior e a revelação do íntimo das personagens. O estatuto simbólico da casa abriga a natureza complexa dos narradores e relaciona-se com a perturbada experiência emocional das personagens – seus devaneios, suas deambulações, suas dores, seus questionamentos, o sem sentido da vida ou a busca pelo seu significado – marcada pela ausência, pela perda, pela morte, e pela tentativa de compreender a própria existência.

Palavras-chave: Casa, Memória, Vergílio Ferreira, António Lobo Antunes

A casa, o mar, a aldeia: espaços de memória em paisagem com mulher e mar ao fundo, de Teolinda Gersão

SILVANA MARIA PANTOJA DOS SANTOS (UEMA/UESPI)

Resumo: Objetivamos com este trabalho analisar a tessitura da memória em Paisagem com mulher e mar ao fundo, de Teolinda Gersão, a partir da relação que a personagem central estabelece com os espaços de vivência. Agraciada com vários prêmios, dentre eles o Prêmio de Ficção do Pen Club pela repercussão dos romances O silêncio e O cavalo de sol, Teolinda Gersão publica paisagem com mulher e mar ao fundo em 1982, oito anos após a Revolução dos Cravos. Esta obra põe em cena os dilemas de uma mulher que tem sua vida dilacerada em meio ao contexto da ditadura salazarista. Da obra emerge o espaço da memória – com todas as implicações que esse termo comporta. As lembranças de cenas familiares de Hortense, personagem central da narrativa, são reviradas, sentidas, tocadas, ao tempo em que vão sendo entrecortadas por acontecimentos presentes, num profundo emudecimento, de onde emerge a voz da memória. A narrativa fragmentada desnorteia o leitor com a falta de delimitação de falas, com passado e presente que se confundem. Por meio do movimento da memória, Hortência desenha a genealogia familiar. Halbwachs (2006) assevera que os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde a história teve origem. A paisagem anunciada no título traduz o tom imagético e acústico que envolve a paisagem central da narrativa: a casa, a partir da qual Hortense ressignifica a vivência familiar, a aldeia e o mar que adentra a casa anunciando a cada instante a sua presença devoradora. Por ser o local gerador da memória e, portanto, de todo o enredo, a casa recebe descrições detalhadas: a sala de estar, a janela que se abre para a vila e o mar, o quarto, dentre outros espaços que compõem a sua existência. Para reconstruir a si mesmo, por intermédio da memória, a casa passa a ser o espaço agregador de aconchego e proteção. As imagens exteriores agregam descrições de casas da aldeia, da procissão, do cotidiano de mulheres e crianças no cais, de modo que

a aldeia apresenta-se envolta por uma cortina homogênea, opaca, sem vivacidade, cuja paisagem se desbota em meio a movimentos mecânicos dos moradores. O mar, por sua vez, com sua natureza mítica, abriga o perigo, o mistério, o abismo. Observa-se então, que a memória não é constituída apenas pela sua relação com o tempo, mas também com o espaço. Halbwachs (2006, p. 157) ensina que “as imagens habituais do mundo exterior são partes inseparáveis de nosso eu”, sendo assim, os espaços habitados e os objetos que nele se inserem integram-se à subjetividade do sujeito que rememora.

Palavras-chave: Literatura, Espaço, Memória, Teolinda Gersão

A casa: espaço da memória na obra de Zélia Gattai

JORGE LUIZ MARQUES DE MORAES (COLÉGIO PEDRO II)

Resumo: O longo ciclo de livros autobiográficos lançados por Zélia Gattai entre 1979 e 2006 constitui um panorama político-sentimental de parte significativa do século passado. O tom de crônica de costumes alinhava o projeto literário da autora, a partir de uma dicção claramente caracterizada pelo coloquialismo. Dessa maneira, no caso de Gattai, a construção do espaço é também construção linguística. Nesse contexto, um signo emerge com vigor: a casa. Não à toa, o livro de estréia da autora, o célebre “Anarquistas, Graças a Deus”, é iniciado com o seguinte período: “Num casarão antigo, situado na Alameda Santos número 8, nasci, cresci e passei parte da minha infância”. Da casa à casa, tal como Bento Santiago em “Dom Casmurro”, Zélia une as duas pontas da vida através desse signo: vinte anos depois de sua estreia, ao lançar “A casa do Rio Vermelho”, acaba por retomá-lo sob o viés da maturidade. Cabe então notar que, separadas no tempo e no espaço, as casas da Alameda Santos e do Rio Vermelho, embora eivadas de diferenças, se irmanam no abraço do afeto, da amizade e do carinho. Não se pode também deixar de destacar que ambas não estão suspensas do seu entorno, de modo que estudar as casas de Zélia é também estudar a São Paulo do início do século XX e a Salvador do final do milênio. Esta comunicação pretende

estudar o signo casa na obra memorialística de Gattai, em especial no que diz respeito às obras supracitadas. Para efetivar a análise, as principais referências teóricas são Gaston Bachelard, por conta de suas reflexões filosóficas basilares acerca da casa no imaginário humano, e Elódia Xavier, que, no Brasil, realizou fundamental estudo sobre o uso do signo em narrativas de autoria feminina. Utilizaremos ainda o livro da professora Mônica Figueiredo, que trata da relação entre casa e cidade em textos narrativos. Cabe ainda destacar o fato de que, embora o estudo sobre espacialidades, pouco a pouco, venha encontrando eco nos espaços acadêmicos, certo é que a obra de Gattai ainda constitui vasto território a ser desbravado. Efetivamente, são poucos e esparsos os trabalhos que tenham se dedicado a pensar a importância de Zélia na memorialística brasileira. A leitura aqui proposta, portanto, ambiciona preencher em parte essa lacuna, efetivando um estudo que se efetive a partir do espaço e da casa na obra da escritora: casa-útero; casa-aconchego; casa-referência; casa-ninho. Casa (re)construída sobre o alicerce das palavras, paredes levantadas com a argamassa da memória e embuçadas com palavras-sentimentos. Casa da infância, casa da velhice. As casas de Zélia.

Palavras-chave: Espaço, Memória, Casa, Zélia Gattai

A narrativa baiana contemporânea: memória e espaço urbano na ficção de Carlos Ribeiro

MILENA GUIMARÃES ANDRADE TANURE (UNEB)

Resumo: Nas escritas atuais, a presença de um homem contemporâneo que, atravessado pelas transformações do seu tempo, é representado, ou se faz representar, por meio de uma escrita memorialística questionadora e, em sua subjetividade, amplamente universal tem sido demarcada pela crítica literária. Em um cenário de incertezas, o texto literário tem sido utilizado para tentar recuperar o que perdido e que teria o poder de conferir o reconhecimento e o sentimento de estabilidade e pertencimento. Nesse cenário, o presente trabalho

objetiva evidenciar como a prosa ficcional do escritor baiano Carlos Ribeiro tem se inserido expressivamente nesse contexto, uma vez que temos, em essência, narrativas que, em seu tratamento a temas individuais, abarcam questões coletivas. Procura-se avaliar, assim, o modo pelo qual Ribeiro faz parte de uma tradição literária que promove uma relação entre a criação ficcional e as memórias subjetivas e coletivas. Essas memórias que se cruzam nas narrativas de Ribeiro surgem a partir da representação de espaços da cidade de Salvador que se revelam em sua produção literária. Tal característica, por sua vez, também localiza Ribeiro em uma dada tradição que tem se valido de um texto da cidade como via de criação de memórias e de denúncia ou pesar por uma imagem do espaço urbano que se perdeu, sobretudo em razão das ondas de modernização. A produção aqui apresentada expõe a ligação entre a vida urbana e a vida subjetiva em suas narrativas a partir da representação da cidade e de um homem mergulhado no mundo contemporâneo. Dessa forma, com uma linguagem densa de poesia e humanidade, nos dizeres de Guido Guerra, a obra de Ribeiro apresenta denso material da projeção da imagem urbana no texto literário. Para tanto, objetiva-se perceber o modo pelo qual pensar a memória do espaço urbano representa colocar em cena becos, casarões e ruas que apresentam uma simbologia diretamente associada às vivências experimentadas ao longo do curso da história urbana e da vida dos seus cidadãos. Tais considerações fundamentam-se em autores, sobretudo das áreas de antropologia e sociologia, que analisam a categoria de memória e escrita memorialística, como Lejeune (2008), Gagnebin (1997), Arfuch (2010), Le Goff (1990) e Halbwachs (1990). Tem-se, ainda, a historiadora Pesavento (1999), cujas pesquisas voltam-se, em especial, para a relação entre história, cidade e tempo. Pesavento (1999) evidencia uma natureza significativa dos espaços urbanos que está para além da materialidade física e, desse modo, estabelece um elo entre história e literatura. Assim, a análise da obra de Carlos Ribeiro desenvolve-se a partir do entrecruzamento de tais leituras a fim de

identificar o modo como a narrativa literária é capaz de revelar a ligação entre memórias urbanas e humanas, assim como individuais e coletivas, além de deixar ver de que forma se apresenta para o leitor da obra de Carlos Ribeiro uma escrita da memória que é subjetiva, mas também é uma escrita da memória da cidade de Salvador.

Palavras-chave: memória, espaço urbano, Salvador, Carlos Ribeiro

Entre memória, percepção e espaços: as vivências de Gita em *A árvore das palavras*, de Teolinda Gersão

THALITA DE SOUSA LUCENA (UEMA)

Resumo: A memória detém os componentes necessários para religar o sujeito a acontecimentos vividos em espaços e tempos distintos. Ela associa fatos decorridos, possibilitando reflexões e conhecimentos que se alimentam de imagens, sentimentos, ideias e valores. Sua relação com o espaço apresenta fios condutores que perpassam o sujeito em suas vivências individuais e coletivas. No universo ficcional, o espaço literário tem importância fundamental para a compreensão dos fatos narrados. A percepção, por sua vez, dá mobilidade ao olhar dos personagens, de modo que cada um desenvolve uma maneira peculiar de ver e sentir as coisas. Assim, este artigo tem como escopo investigar a construção da memória da personagem Gita na sua relação com os espaços de vivências, na obra *A árvore das palavras*, de Teolinda Gersão, a partir de sua experiência perceptiva em torno da realidade que a circunda. Publicado em 1997 em Portugal, *A árvore das palavras* é o primeiro livro da autora a chegar oficialmente no Brasil, em 2004. A produção literária de Teolinda Gersão envolve diferentes possibilidades de leitura, posto que está voltada para as relações humanas e fatos históricos, com ponderações de cunho social, fundamentais à sua dicção literária e reflexiva nas humanidades. A obra *A Árvore das palavras* é recortada por lembranças que explodem do cotidiano, nas coisas comuns, em um movimento intermitente que se faz gerador de imagens que não escoam, ao contrário, atualizam-se e repercutem no interior

da figura ficcional. O registro narrativo revela identidades circundadas por sentimentos, imagens, percepções e comportamentos que fixam o fazer literário como fonte produtiva para os estudos de representações culturais. O romance é ambientado em Lourenço Marques, atualmente Maputo, capital de Moçambique, no período histórico de guerras coloniais. As sucessivas independências do continente africano nos anos de 1950 levaram a Angola, Moçambique e Guiné o anseio por liberdade. A substância dessa obra também demonstra esse desejo e traz informações de vivências pós-coloniais, referências a aspectos culturais, de memória histórica do lugar e ainda um nítido destaque ao espaço construído a partir de segregações raciais. A obra retrata os conflitos, anseios e frustrações dos habitantes do lugar por meio das impressões da narradora. Trata-se de uma narrativa de escrita memorialística, cujas marcas individuais e também coletivas evidenciam os costumes e o cotidiano dos colonos, especialmente das mulheres. Tal processo, circunscreve-se a partir das envergaduras com a realidade social, atada a condições históricas e políticas que tecem memórias na escrita literária. Como declara Roberto Machado (2005, p. 114), “A linguagem literária é uma linguagem que se reduplica, se repete, se desdobra indefinidamente, fazendo-se espelho, imagem de si própria”. Assim, essa arte dialoga com a sociedade por meio do recurso da representação, associando diversas leituras de mundo e conteúdos, por repetições e criações.

Palavras-chave: Literatura, Espaço, Memória, Moçambique

Espaços de exclusão e memória em *Becos da memória*, de Conceição Evaristo e *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus

SARAH SILVA FROZ (UEMA)

Resumo: A relação entre memória e espaço tem sido explorada por pesquisadores de diversos campos do conhecimento, na literatura em particular, visto que é uma relação que perpassa o indivíduo na sua vivência individual e nas relações sociais. Nesta perspectiva, Silvana

Santos (2013, p.21) assevera que “a memória que subjaz à produção literária é resultante de um processo que envolve a relação que o homem estabelece com a natureza social, consigo mesmo e com a linguagem”. Desse modo, este trabalho objetiva analisar os espaços de memória nas obras *Becos da Memória* (2013), de Conceição Evaristo e *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2005), de Carolina Maria de Jesus, a fim de compreender como o espaço-senzala presentifica-se no espaço-favela, a partir dos mecanismos de exclusão. O espaço físico é evidenciado nas narrativas aqui investigadas, sendo este representativo da condição social dos personagens, mediada por valores sociais. A obra *Becos da Memória* foi escrita em fins de 1987 e início de 1988, mas somente publicado em 2006. Tem como cenário uma favela em processo de demolição, cujos moradores estão sendo remanejados para outro espaço de exclusão. O espaço primeiro está localizado em uma grande área de especulação imobiliária, ao lado de um bairro nobre. A comunidade não é nomeada, como também não é especificada a sua localização espacial. Em *Quartos de despejo: Diário de uma favelada*, lançado no mercado editorial pelo jornalista Audálio Dantas em 1960, retrata as vivências de uma mulher negra, entre 1955 a 01 de janeiro de 1960, na favela do Canindé, em São Paulo. Os escritos de Carolina Maria de Jesus nos impactam com o realismo cru e violento de vivências em uma comunidade excluída da teia social. O nome quarto de despejo “significa o pior lugar que sobrou para nós negros e negras na sociedade” (RIBEIRO, 2016, p.157). O termo quarto sugere um lugar íntimo, um local muito profundo, e a palavra despejo fora do nosso lugar, ocupando um não lugar. No título do romance de Conceição Evaristo há uma dualidade: becos é compreendido como menção ao espaço/lugar e como suporte memorial, ou seja, os lugares de memória que guardam vivências e referências. Ao dialogar com a ideia de espaços e memória, problematiza-se a simbologia que emana da favela, no que se refere à memória histórica que se presentifica no espaço. A narradora de *Becos da Memória* reatualiza a lembrança das correntes da

escravidão e da diáspora, estabelecendo uma comparação entre favela e senzala, visto que os personagens que habitam o espaço de exclusão são afro-brasileiros, alguns remanescentes do período escravocrata, excluídos e renegados a espaço suburbano. Assim como as senzalas eram espaços afastados da casa grande, para que os donos do poder não tivessem a sensação de serem “contaminados”.

Palavras-chave: Espaço, Memória, exclusão-social, Favela

Aspectos memorialísticos da figura paterna no conto “O Peru de Natal”, de Mário de Andrade

RAYRON LENNON COSTA SOUSA (UEMA)

Resumo: Os contos povoaram as tradições orais desde os tempos mais remotos, tempos em que a escrita não estava consolidada e a oralidade era a principal via de transmissão de conhecimentos culturais, entre eles o literário, perpassado de geração a geração. Considerando o gênero literário Conto como um dos gêneros que mais refletem a sociedade, estes são utilizados para retratar realidades realísticas e ficcionais capazes de desconstruir juízos de valor e lugares-comuns já firmados no íntimo dos leitores. O conto “O peru de Natal” integra a obra *Novos Contos*, datada de 1947, escrita por Mário de Andrade, autor considerado como um dos maiores representantes do movimento Modernista, tendo participado da Semana de Arte Moderna de 1922, bem como um dos grandes autores da literatura brasileira, tendo criado uma das obras mais inovadoras de nossa história literária, *Macunaíma*, romance que se destacou por sua contribuição ao retratar as qualidades e defeitos de um brasileiro comum. Assim, propõe-se neste artigo analisar o conto “O peru de Natal”, cuja temática gira em torno das memórias do filho Juca e de sua família tradicional que se centra no patriarcalismo, guardião de tradições, e que se modifica com a queda do regime patriarcal simbolizada pela morte do pai. Objetivamos percorrer como a memória é construída e ressignificada a partir do passado revivido, da infância a partir da lente do filho,

analisando-a à luz das teorias da Memória e das Representações Literária. Esta pesquisa classificou-se, segundo sua finalidade, como pesquisa teórico-bibliográfica, utilizando como metodologia a análise-crítica, caracterizada como explicativa, tendo como corpus de análise o conto “O peru de Natal”, de autoria de Mário de Andrade. O aporte teórico constitui-se das discussões sobre Memória Individual e Coletiva proposta por Maurice Halbwachs (2006), ainda sobre Memória, agora voltada para o silêncio e o esquecimento como identidade social constituída a partir de um dialogismo, Michael Pollak (1992), Henri Bergson (1999) com as discussões sobre a relação do corpo com o espírito estimulados pela materialidade das lembranças enquanto memórias, entre outras discussões. Concluiu-se, a partir das análises, que a figura do pai remetia a família ao passado cheio de privações, sofrido, marcadamente duro, a rigidez da tradição; por outro lado, o natal representava o (re)nascimento, o peru é o elemento que ativa as lembranças, ao mesmo tempo em que é o símbolo da felicidade sem culpa, apesar da intervenção da cor e do sabor da ameixa, enrugada e com uma aparência inflexível, sempre retomando à imagem do pai, que não é esquecida na narrativa, mas amenizada.

Palavras-chave: O peru de Natal, Conto, Memória, Patriarcalismo

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

A arte de narrar em Tereza Albues: espaços que entrelaçam a vida da narradora de *O berro do cordeiro em Nova York*

SIMONE ALVES CIPRIANO (UNEMAT)

Resumo: A proposta da comunicação é apresentar um estudo do romance *O berro do cordeiro em Nova York* (1995), da escritora contemporânea mato-grossense Tereza Albues (1936-2005). A obra é narrada em primeira pessoa, com discurso indireto livre, “romance de

sabor autobiográfico”. A narradora-protagonista utiliza-se do tempo da memória para tecer lembranças do passado, juntamente com acontecimentos do presente. O romance apresenta dois espaços: as lembranças do sítio Cordeiro, que localiza-se no Município de Nossa Senhora do Livramento, estado de Mato Grosso, espaço este que corresponde a infância da protagonista e o segundo, o nova-iorquino, da fase adulta da personagem. A narrativa apresenta um sertão repleto de desigualdades sociais, em que é possível perceber as relações de poder exercido tanto pelo governo, como pelos latifundiários sobre os menos favorecidos. O poder é praticado na maioria das vezes com fortes tons de injustiça, discriminação, preconceito e exploração, que tanto a narradora quanto os seus familiares sofrem no decorrer da história, fato que contribui para que as personagens vivam em constante fuga. No romance, a autora cria dois espaços como já mencionados, ora o sítio Cordeiro, ora a cidade nova-iorquina, para dizer da condição do homem que vive enclausurado dentro de si, consumido pelo desejo de encontrar a liberdade. E é na condição de enfrentamento da realidade, na luta pela libertação e deslocamentos espaciais, seja pelas regiões brasileiras, ou pelo exterior, que a narradora demonstra sua luta por melhores condições de vida e independência. É dentro do prisma de dúvida e questionamentos, de culpa e luta da narradora que traçaremos nossas discussões/análises. Nota-se uma tensão entre os espaços do Cordeiro (rural) e Nova York (urbano). Contudo, supõe-se que é na travessia entre (Cordeiro/Nova York) que a protagonista demonstra felicidade, pois o campo representa o espaço opressor, e no espaço citadino a narradora encontra-se deslocada e sem pertencimento. O presente trabalho tece reflexões sobre a configuração da narradora no romance, de maneira que o foco de nossas análises centra-se nas estratégias narrativas utilizadas pela protagonista para narrar as lembranças da infância, intercalando-as com o presente da enunciação que corresponde à fase adulta. Pretendemos analisar a tensão entre os espaços sociais, (rural) e (urbano), em que encontra-se inserida a protagonista do romance.

Desse modo, embasaremos nossos estudos na perspectiva crítica de Walter Benjamin (1994), Theodor Adorno (2003), Beatriz Sarlo (2007), Mikhail Bakhtin (1998), Ecléa Bosi (2003), Roland Bourneuf (1976), entre outros.

Palavras-chave: Literatura, Narrador, Narrativa contemporânea, Espaço

A confluência entre espaço e personagem no romance *A ostra e o vento* de Moacir Lopes

TALIA GABRIELLE SANTOS AZEVEDO (UEMA)

Resumo: O quarto romance de Moacir C. Lopes, *A Ostra e o Vento* (1964) narra a história de Marcela, personagem que vive numa ilha. Esse “espaço”, entre mar e terra, na obra em questão, não só se apresenta como cenário onde se desenrola a trama, mas ao longo da leitura percebemos suas nuances. Nessa obra o escritor, considerado um “romancista do mar” na literatura brasileira, apresenta a força da presença marítima aliada a outros elementos da natureza. Nessa conjuntura, este trabalho intenta analisar como a questão do espaço, na obra, se mostra em duas direções: tanto personagem é espaço, como espaço é personagem. Essas questões distintas se mostram na obra interligadas. A personagem Marcela, aponta desde o nome, para a centralidade de um “espaço físico” específico. Assim sendo, a ilha, que segundo o autor da obra em entrevista, se constitui como porção de terra “prisioneira do mar”, pode ser vista a partir de dois ângulos contrastantes: tanto do ponto de vista do confinamento como do ponto de vista da imanência. Ora, o aspecto isolado do acidente geográfico -ilha-, por ser distante do continente, traz à garota uma sensação de aprisionamento acentuada pela relação conflituosa com o pai, ora o fenômeno insular, entre a limitação e a vastidão oceânica, permite à Marcela uma imersão no universo de possibilidades sinestésicas pertencentes ao “todo” natural do lugar, renunciando ao finito e entregando-se ao infinito. Essa ambiguidade, colocada no contexto da trama de maneira singular, concentra a diversidade semântica do espaço

marítimo, tema recorrente na trajetória literária de Moacir C. Lopes. O mar tanto aparece na obra *A Ostra e o Vento* como lugar que confina as pulsões, não só sexuais, de uma menina em transição para vida adulta, quanto acolhe o mergulho corajoso no desconhecido, elemento esse ensejado quando do surgimento do personagem Saulo, no interior da narrativa. O que na obra parece fruto de separação, mostra na verdade a composição das partes constitutivas de um personagem complexo. Nesse sentido, é possível depreender que o espaço da ilha comporta-se de modo elástico, ou, seja, por vezes se comprime e por vezes se expande, entre mar, terra e vento, de modo a se amalgamar em Marcela, ganhando ares de personagem. A problemática do espaço, amplamente discutida na teoria literária, abre, na obra aqui em questão, precedente tanto para redimensionar a perspectiva do confinamento como para que se possa pensar, a partir daí, a tendência panteísta presente no comportamento de Marcela dado seu sentimento de pertença com o derredor da ilha, posto que a natureza estabelece o elo do espaço enquanto personagem de forma a permitir uma compressão de tal âmbito na narrativa de modo dinâmico, ou seja, o espaço, enquanto ambiência radica o sentimento paradoxal de situação da personagem Marcela confluindo, no eixo da narrativa de Moacir C. Lopes, para conversão tanto da mesma em espaço quanto do espaço em personagem.

Palavras-chave: Espaço, personagem, confinamento, imanência

O lugar e o não-lugar como construção de memória dos refugiados na narrativa *Diário da queda*, de Michel Laub

THIAGO FELICIO BARBOSA PEREIRA (UFPI)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo geral analisar como os refugiados são retratados no romance *Diário da queda*, de Michel Laub, bem como refletir sobre o lugar e o não-lugar deles no espaço da narrativa. A análise leva em consideração os relatos escritos pelo narrador, neto de sobreviventes do campo de Auschwitz, o qual

descreve-os como pessoas sujeitas a adaptar-se num lugar diferente do de origem. A narrativa fragmentada sugere que os retalhos a que o narrador tem que unir objetiva compor uma memória possível. Assim, é nesses fragmentos que o narrador encontra vazão para seus pensamentos que ora falam do lugar no qual se vive, ora remetem a uma lembrança do lugar onde vivenciou experiências traumáticas. Para isso, vale-se da contribuição teórica de Marc Augé (2003) que formula a ideia de lugar e não-lugar. Enquanto o não-lugar seria os espaços pelos quais os moradores urbanos transitam comunicando-se de forma prescritiva e/ ou até mesmo impositiva, o lugar seria aquele oposto, no qual este se complementa pela fala e troca exclusiva de alguns códigos implícitos social e culturalmente. Não-lugar é, pois, este espaço onde não se pode definir “nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico”. Assim, nesta vida de supermodernidade onde a identidade apresenta-se marcada por memória e um espaço construído por interesses, os personagens refugiados na literatura do escritor gaúcho Michel Laub em Diário de queda inserem-se neste não-lugar pautado pelos testemunhos do passado, cujos acontecimentos da memória contribuem para uma construção de interatividade neste novo espaço onde estão. Outro teórico importante para este trabalho a fim de compreender a condição de refugiado em outros espaços foi Edward Said (2003), que investiga a posição deste na situação recorrente de exílio. É sobretudo pela reflexão da experiência e visão de mundo dos exilados, refugiados e expatriados que Said compartilha e teoriza sobre a perda desorientadora das próprias raízes, contribuindo, pois, para a concretização do não-lugar dos refugiados. Para esta análise serviu-se também das contribuições de Benjamin (1994) acerca do narrador e seu papel na narrativa, uma vez que a obra aqui analisada apresenta em sua composição o relato de uma voz silenciada e Spivak (1999), cuja contribuição teórica aborda a possibilidade de discurso e voz do subalterno. Assim, o referido trabalho considera os espaços constituídos e ocupados pelos refugiados como recurso também da linguagem e

produção de memória, visto que o lugar e o não-lugar contribuem para a relevante questão da memória. Diante disso, o trabalho em comento representará um arcabouço teórico importante para o entendimento das subjetividades e vivências do refugiados e excluídos da narrativa aqui comentada.

Palavras-chave: Nao-Lugar, Memória, Refugiados, Michel Laub

Percursos do eu e grafias de vida por entre ruas, vilas e cidades da memória

FÁTIMA CRISTINA DIAS ROCHA (UERJ)

Resumo: O engenho Massangana, em Pernambuco; o morro do Curvelo, no Rio de Janeiro; a vila de Buíque, também em Pernambuco; o Engenho Corredor, na Paraíba; a rua Halfeld, em Juiz de Fora. Se esses nomes designam lugares de existência concreta – lugares modificados pelo tempo, em sua ação inexorável –, tais nomes também evocam paisagens eternizadas pela memória afetiva de escritores que ali vivenciaram experiências decisivas para sua trajetória existencial, literária, intelectual. Assim, ao traçarem a sua grafia de vida, esses escritores, na condição de memorialistas, preenchem de significados pessoais e de ressonâncias íntimas aqueles lugares de memória, como é o caso de Joaquim Nabuco, que, em Minha formação (1900), faz do engenho Massangana um espaço elegíaco e trágico, pois foi em meio à sua natureza harmoniosa que o menino Nabuco entrou em contato com a cruenta realidade da escravidão. Nascia ali, afirma o autobiógrafo, a carreira do abolicionista, firmemente enraizada no lugar em que passou os primeiros oito anos de sua vida, “os de sua formação definitiva”. A paisagem de Pernambuco – o “Recife da minha infância” – também emerge dos versos de Manuel Bandeira, mas, na autobiografia poética Itinerário de Pasárgada (1954), é o morro do Curvelo, no Rio de Janeiro, que se destaca. Tendo ali residido de 1920 a 1933, Bandeira encontra na Rua do Curvelo os caminhos da infância e o posto de observação da pobreza “mais dura e mais valente”, vivências tão marcantes que o poeta dirá, referindo-se à sua proposta estética: “A Rua do Curvelo

ensinou-me muitas coisas. (...) O elemento de humilde cotidiano que começou a se fazer sentir em minha poesia não resultava de nenhuma intenção modernista. Resultou, muito simplesmente, do ambiente do Morro do Curvelo”. De modo semelhante, os lugares enumerados no início deste Resumo ganharam novos traços e significados nas memórias, respectivamente, de Graciliano Ramos, que constrói, em *Infância* (1945), uma Buíque habitada por personagens singulares, responsáveis pela formação ética e estética do escritor alagoano; de José Lins do Rego, que, em *Meus verdes anos* (1956), redesenha o ambiente físico e social do engenho já representado no romance *Menino de engenho* (1932), potencializando no livro de memórias as alegrias e tormentos do menino criado sem mãe, acometido pelas crises asmáticas e pelos tormentos do sexo; e de Murilo Mendes, que, na prosa poética de *A idade do serrote* (1968), transforma a rua Halfeld da cidade da infância num microcosmo da Juiz de Fora mágica e quase sobrenatural, transfigurada pelo poeta que sempre procurou “sacralizar o cotidiano, desbanalizar a vida real, criar ou recriar a dimensão do feérico”. Considerando que as conexões entre literatura, espaço e memória não se limitam às obras mencionadas, ampliando-se na produção memorialística de nossos escritores, este trabalho aborda, nos textos citados acima e em outros igualmente relevantes, as estratégias de construção da autoimagem do autobiógrafo em que este prioriza a reversibilidade entre a dimensão pessoal e a coletiva da memória, de tal modo que a “escrita de si” é também a escrita do outro e a história do lugar.

Palavras-chave: Lugares da memória, Memorialismo, Escrita de si e do outro, Espaço afetivo

Símbolos da infância em *Os cavaleiros do platilento*

MONA LISA BEZERRA TEIXEIRA (UERN)

Resumo: O conjunto dos contos de José J. Veiga em *Os cavaleiros do Platilento* tem como característica preponderante a presença da

infância. Uma infância que é rememorada sob a ótica do adulto e que procura retomar, através da recordação, seus espaços de experiências e aprendizagem. Esse olhar amadurecido busca um plano superior para a figura da criança, e se mostra atento a tudo que a circunda. Para isso o autor utiliza um modo de narrar que tem características realistas e de cunho memorialístico em consonância com um realismo maravilhoso, como é possível observar em “Os cavaleiros de Platilento”, “Fronteira” e “A invernada do sossego”, narrativas ancoradas na confluência do espaço real da infância e de seu imaginário. O universo familiar, a natureza selvagem, os objetos, os costumes, crenças e as personagens revelam a necessidade da fantasia no mundo da criança, caracterizam histórias que extrapolam as fronteiras da mera vivência pessoal, assim como fizeram Graciliano Ramos, Clarice Lispector e Guimarães Rosa. As narrativas de Veiga apresentam uma espécie de defesa das crianças, uma possibilidade de, através das palavras, finalmente se vingarem das injustiças sofridas quando não podiam enfrentar os adultos. A memória não tem refreios, pode finalmente revelar situações e sentimentos antes reprimidos. A voz das crianças ressoa seu lugar libertando-o da esfera dos adultos, ainda que no tempo da narração isso não aconteça, pois elas são vítimas da intolerância e dos desmandos dos mais velhos. Mas a escrita denuncia a opressão, a memória revela para o mundo as experiências vividas. O narrador não está mais “tão perto do chão”, como diz o personagem menino do conto “Fronteira”. Entretanto, na memória dos espaços nem tudo é tristeza, sofrimento, morte e injustiça. A amizade entre as crianças, a presença de familiares amorosos, como o avô Rubém e a tia Zi, mostram os adultos sensíveis à inabilidade das crianças em lidar com as convenções e normas estabelecidas. As descobertas entre os da mesma idade e com os mais velhos revelam instantes de imaginação, solidariedade e de ligação afetiva. Nesse sentido, podemos aproximar o plano ficcional de Veiga às reflexões de Jeanne Marie Gagnebin em seu texto “Infância e pensamento”, sobre as recordações de Walter Benjamin. Para ela, ao lembrar o passado

numa perspectiva do presente, signos encobertos na infância emergem, abrindo novas possibilidades para a reflexão, pois a lembrança da infância não estaria em um plano de idealização, e sim de realização do que foi esquecido e recalado. A beleza da memória da infância em Os cavalinhos do Platiplanto é que ela não foge das autênticas percepções infantis, mesmo quando estruturada em situações fantasiosas e oníricas. Tudo é experiência nas narrativas, mesmo quando estas nos remetem a um mundo no qual não podemos tocar.

Palavras-chave: José J. Veiga, Os cavalinhos de Platiplanto, Memória e espaços, Literatura e infância

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Cartografia sentimental: espaços afetivos na poesia de Eucanaã Ferraz

CARLOS ANDRÉ PINHEIRO (UFPI)

Resumo: A poesia lírica está fundamentalmente ancorada na esfera da recordação, já observava Emil Staiger (1946) em famoso ensaio sobre os conceitos basilares da poética. Dentro dessa perspectiva, a memória passa a cumprir importante função estruturadora no processo da criação literária, pois é através dela que o eu-lírico tem acesso às matérias necessárias para a resignificação da experiência humana. De modo geral, a residualidade do passado pode se materializar em recursos fônicos, em recursos imagéticos, na inflexão da voz do eu-lírico, no tempo ou no espaço da poesia. Aqui especificamente, destacamos a relação estabelecida entre a memória e o espaço ficcional por acreditarmos que ela comporta um intenso teor representativo. Com efeito, os segmentos espaciais articulados no texto lírico geralmente imprimem a ideia de que, no campo da fenomenologia poética, o passado nunca morre. Dito de outra forma, é através do espaço que a memória parece comumente adquirir um novo sopro de vida. De certo

modo, a produção lírica de Eucanaã Ferraz se articula dentro desses princípios de estruturação espacial, dado que os espaços afetivos representados em sua obra estão transpassados pelo peso da memória. Especificamente em “Sentimental” (2012), o volume de poesias que será aqui analisado, a relação do espaço com a memória é materializada na figura do eu-lírico – um sujeito reflexivo, irônico e bastante consciente das fissuras ocasionadas pela passagem de tempos colidentes em um determinado espaço. Na verdade, o poeta emprega uma série de estratégias com o intuito de desenvolver o teor dessa relação: em alguns momentos do livro, por exemplo, a memória adquire uma fisionomia espacial, como se desejasse transformar em matéria palpável aquilo que se encontra na esfera da abstração; em outros momentos, percebe-se uma clara tentativa de abrigar as lembranças na espacialidade da linguagem; em muitas passagens da obra também emerge a ideia de que o passado não está morto porque ele se deixa vislumbrar em uma forma espacial; por fim, o poeta ainda opera uma rigorosa leitura da tradição familiar através dos espaços afetivos. Nesse sentido, o principal objetivo deste trabalho é fazer uma análise crítica do livro “Sentimental”, de autoria de Eucanaã Ferraz, atribuindo especial atenção aos mecanismos empregados pelo poeta carioca para articular a memória aos recursos estruturadores do espaço ficcional. A discussão tomará como aporte teórico os estudos de Maurice Halbwachs (1968) sobre a memória coletiva e o espaço, os estudos de Michel de Certeau (1980) acerca da apropriação do espaço na esfera do cotidiano, os estudos de Gaston Bachelard (1957) sobre o espaço e o devaneio poético, dentre outros. No fim das contas, pretendemos demonstrar que, ao criar novas espacialidades emergentes, Eucanaã Ferraz concebe o espaço como um dos mais importantes artifícios de combate contra a morte da memória – aspecto que acaba por lhe atribuir um caráter simultaneamente de registro e resistência.

Palavras-chave: Espaço Ficcional, Literatura Contemporânea, Eucanaã Ferraz, Sentimental

Dos delírios irracionais da imaginação: poesia e memória em Manoel de Barros

JOSÉ ROSA DOS SANTOS JÚNIOR (UNEB)

Resumo: A memória, os recursos mnemônicos e o seu duplo – o esquecimento – tem sido, ao longo do tempo, objeto de apreciações crítico-reflexivas que sempre apontam para a complexidade da temática no campo dos estudos filosóficos, psicanalíticos e literários. Aqui, nos interessa elucidar, por um lado, a maneira como essa memória modula as representações autorais do poeta Manoel de Barros, e, por, outro, o quanto essas mesmas memórias são moduladas pelos ditames da imaginação criativa. A dissociação entre memória e imaginação, apregoada e defendida por Ricoeur (2007), não é viável, tampouco possível se quisermos empreender reflexões e análises críticas acerca da memória na poética manoelina. Os vareios da imaginação e a inventividade poética do autor não estão rigidamente demarcados e/ou enclausurados numa zona distante da memória. Antes, elas dialogam, namoram, se tocam e, por desobediência poética, tornam movediças as fronteiras entre uma e outra. É o próprio Manoel de Barros que alerta o leitor para a especificidade de suas memórias inventadas. A memória, em Manoel de Barros, é movimento, contudo é um movimento que transcende as localizações físicas do espaço e do tempo. E, por ser movimento, é igualmente imaginação. A memória vive das representações que transitam da esquina sombria e obscura do pretérito para as luminosidades do presente. Amparado nos pressupostos teóricos cunhados por Bergson (2011), Freud (200), Portelli (1997), Ricoeur (2007), dentre outros, o presente trabalho objetiva suscitar uma série de reflexões críticas acerca das representações da memória e da imaginação no bojo da obra poética de Manoel de Barros.

Palavras-chave: Lírica, Memória, Imaginação, Manoel de Barros

Jornada à terra crua: a poesia como meio de reinterpretação do passado em Cora Coralina

MAYKOL VESPUCCI DE OLIVEIRA (UFRJ)

Resumo: Com base nos três livros de poemas publicados pela escritora Cora Coralina – Poemas dos becos de Goiás estórias mais (1965), Meu livro de cordel (1976) e Vintém de cobre: Meias confissões de Aninha (1983) –, o presente trabalho objetiva analisar o lugar que a poeta concede à poesia dentro da própria obra. Como a própria poeta afirma em alguns de seus poemas, o fazer poético, como atividade imaginativa e expressiva, é o meio que ela escolheu para reconstruir o passado de que fez parte. Nessa perspectiva, o lugar da poesia é o de mantenedora de um passado histórico. O poema de Cora Coralina é seu meio de resgate da memória e, por conseguinte, a poetização dos espaços físicos e das relações sociais presentes neles. Predominantemente autobiográficos, os versos de Cora Coralina levam o leitor aos espaços em que esta viveu em diferentes etapas de sua vida. A Casa Velha da Ponte, a escola, o Rio Vermelho, a Fazenda Paraíso, a Cidade de Goiás, os lugares onde a poeta viveu além das fronteiras do mundo de sua juventude. Esse passado é, no entanto, uma reconstrução imaginativa, já que o trabalho da escritora é, em primeiro lugar, um exercício poético. Sua memória é a base desse processo reconstrutor. Isto não significa, no entanto, que sua autobiografia seja inventada, mas sim que esta é vista sob uma nova perspectiva. A Cidade de Goiás, espaço tão importante em sua obra, se apresenta carregada de metáforas e a partir de uma visão crítica, pois a memória é sempre alterada pelo momento presente. Nesse processo, até mesmo a arquitetura dos espaços é ressignificada em sua autobiografia poética. A imagem da pedra, por exemplo, aparece como metáfora para as adversidades, mas também como objeto construtor da cidade. A vegetação é apresentada na natureza que retoma a cidade decadente, mesclando-se aos muros e cobrindo os casarões antes ocupados por famílias ricas, mas também surge como metáfora da própria vida. A estrada, a que diversas vezes nomeia

como o “caminho das pedras”, é colocada por Cora Coralina ora como o trajeto literário que esta percorre para refletir sobre o passado, ora como o próprio trajeto biográfico que cada indivíduo percorre durante a existência. Assim, a poesia, como pensamento imaginativo, permite que Cora Coralina reinterprete o contexto histórico em que viveu. Os espaços do passado são reinterpretados e poetizados, descobrindo as limitações impostas às mulheres da época, a divisão de classes, os becos rejeitados pelos olhares dos ricos, as escolas que moldavam as crianças por meio da violência.

Palavras-chave: Cora Coralina, Poesia, Memória, Literatura autobiográfica

Muito além do cartão postal: a cidade rememorada na poesia de Jorge Cooper

SUSANA SOUTO SILVA (UFAL)

Resumo: Maceió foi celebrada e também duramente criticada, em canções, contos, poemas, romances alguns canônicos, como Angústia, de Graciliano Ramos. Essa oscilação, às vezes, ocorre em uma única obra, como é o caso da poesia de Jorge Cooper (1911-1991), filho de pai inglês e mãe alagoana, que traz inscritas em seus versos as memórias das três cidades que habitou: Maceió (AL), Rio de Janeiro (RJ) e São Luís (MA). Sua obra foi publicada postumamente pela Imprensa Oficial do Estado, em 2010, e compõe-se dos livros *Achados*, *Poesia sem idade*, *Linha sem traço*, *Poemas* (Quando em São Luís), *Os últimos*, *Os últimos II*, *Os últimos III* e *Os últimos IV*. Antes, vieram a público apenas pequenas antologias poéticas, que receberam atenção da crítica local e nacional. A reunião de sua obra revela uma poesia marcada por forte inflexão crítica e pela recorrência do discurso memorialístico, em que as imagens do passado mesclam-se, de modo muito inventivo, à percepção do espaço da infância, da juventude e da velhice, bem como à reflexão acerca da inapreensibilidade dos sentidos contraditórios do tempo e da própria finitude. Em “Bilhete” (2010, p. 45), lemos: “A memória não

é um palimpsesto/ Uma aranha mexe-se na teia/ Tua lembrança ganha-me o sensorio/ infiltra-se-me no sangue/ ressuscita-me nossa história/ Sempre me foste ouvidos/ Neste poema não usarei de métrica e rima/ (Artifícios à memória)/? É de fácil gravação/ Ressuscitar-te-á nossa história”. A memória é, em Cooper, matéria de uma poesia densa e em tensa relação com os espaços habitados. Em *Achados*, seu primeiro livro, a noção de memória é evocada, direta e indiretamente; pelo uso do vocábulo memória e pela presença recorrente de outros do mesmo campo semântico: lembrança, herança, passado, história, vivido. Nas páginas iniciais desse livro, o poema, “Aspiração” enfrenta o tempo: “(os ponteiros do relógio são o tempo de braços abertos/ ao infinito das horas)” (COOPER, 2010, p. 23). Em seus poemas, Maceió é um espaço metamórfico, cuja transformação é nitidamente operada pelas memórias dos dois momentos em que o poeta a habita: na infância e na juventude, tempo de descobertas, amores e convívio com a família (as imagens do pai, em muitos dos seus poemas, imbricam-se com as da cidade rememorada reconstruída nas malhas dos seus versos); e na velhice, quando retorna à cidade abandonada, para aqui viver seus últimos anos e elaborar seus últimos poemas. Neste breve texto, serão analisados poemas dos primeiros e dos últimos livros, para tentar apreender esse movimento de transformação da cidade de Maceió, em sua obra, a partir da reflexão de teóricos como Berardinelli (2007), Ricouer (2007), Benjamin (1988), Gagnebin (2004) e Le Goff (2003).

Palavras-chave: Poesia, Memória, Cidade, Jorge Cooper

Um olhar a partir do mirante: relações entre tempo, espaço e memória na obra *Os canhões do silêncio*, de José Chagas

ERNANE DE JESUS PACHECO ARAUJO (UEMA/IFMA)

Resumo: Este trabalho objetiva analisar a relação entre tempo, espaço e memória a partir das percepções que o eu lírico tem sobre a cidade de São Luís do Maranhão na obra *Os Canhões do Silêncio*, de José Chagas. Esta obra, publicada em 2002, constitui-se de um longo poema

com quase 300 páginas. Nela, o olhar do sujeito poético dá-se a partir do mirante, espaço de construção elevada dos casarões coloniais que ambienta a parte antiga da cidade de São Luís, que se metamorfoseia num espaço de memória, lugar onde passado e presente se cruzam e dialogam, construindo percepções sobre a cidade, adquirindo um valor subjetivo, que se integra à subjetividade do eu poemático. Em *Os Canhões do Silêncio* se coloca em questão o tempo objetivo que se instaurou como absoluto, Cronos devorador, senhor soberano do homem, de modo que o eu lírico principia o poema dizendo que a louça do tempo deve ser quebrada. Instaura-se, dessa forma, um tempo que flui no interior do ser, o tempo subjetivo, tempo das memórias, das recordações, dos sonhos, dos desejos, das vontades. Esse tempo é alimento para o eu poemático. Alimento que fornece energia, que faz viver. O mirante enquanto construção arquitetônica está sujeito ao tempo objetivo, mas enquanto lugar do dizer poético é o espaço do devaneio, lugar de rememoração, ele quebra a louça do tempo objetivo, desmaterializa a construção arquitetônica e funda-se na subjetividade, tornando-se subjetivo. O eu lírico denomina de “tempo em si, que vive por si próprio” a esse tempo subjetivo. O espaço, por sua vez, dá vasação ao mirante, lugar do dizer poético. O eu lírico desmaterializa o mirante do seu aspecto pragmático, deslocando-o do plano material para o imaterial, lugar de memória, sonho e poesia. Em *Os Canhões do Silêncio*, o espaço do mirante se expande, ultrapassa as paredes de pedra e cal, encaminhando-se para o mundo da imaginação e da rememoração, onde o sujeito pode encontrar-se consigo mesmo, penetrando na intimidade do ser. Nessa intimidade estão a lembrança e o esquecimento, duas faces da mesma moeda, que revelam e escondem aquilo que o ser é na sua interioridade. Heidegger (2003, p.169) fala que “o tempo encaminha o que a simultaneidade entreabre: O tempo-espaço [...] O mesmo deve-se dizer do espaço, que entreabre, libera e concede localidades e lugares, assumindo o simultâneo como espaço-tempo”. No mirante, espaço e tempo tornam-se uno, indissociáveis, indivisíveis. Formam uma unidade espaço-temporal em que o sujeito

poético se localiza para rememorar. “O tempo se torna espaço/que se fecha no mirante” (CHAGAS, 2002, p. 51). O espaço guarda o tempo das vivências dos que por ele passaram. Cada marca, raladura ou arranhão são linguagens que comunicam vivências. O mirante aqui se metamorfoseia, passa a ser todo sensações. Forma-se, desse modo, uma tríade sujeito-mirante(lugar)-tempo. O tempo subjetivo confunde-se com o espaço, que se dilui no sujeito, de modo que este não diz mais “eu sou o que sou”, mas “eu sou onde estou”.

Palavras-chave: Literatura, Espaço, Tempo, Memória

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

A crônica contemporânea brasileira e seus novos espaços

LUIS EDUARDO VELOSO GARCIA (UNESP-ARARAQUARA)

Resumo: Considerado um dos gêneros mais expressivos e populares da literatura nacional, a crônica brasileira é um exemplo de gênero textual que tem suas principais características marcadas na relação com o suporte na qual está inserida, como podemos perceber em sua teoria vigente que aponta para o veículo comunicativo do jornal impresso em todas as bases de compreensão das suas características, desde seu tamanho textual até a linguagem mais leve e preocupada em dialogar com o leitor. Se tais bases fundamentais do gênero, firmadas por nomes como Eduardo Portella, Afrânio Coutinho, Davi Arrigucci Jr., Antonio Candido, Jorge de Sá, Margarida de Souza Neves, Marlyse Meyer e muitos outros, faziam sentido nas teorias levantadas até o momento, com o enfraquecimento do suporte do jornal (refletindo em quedas vertiginosas na sua importância mercadológica, como podemos observar no fechamento dos principais jornais do país) e o imponente espaço que o suporte digital abre para os cronistas, uma grande alteração se apresenta no gênero, principalmente na leitura sobre seu espaço

literário. Como se sabe, a crônica brasileira é reconhecida por trazer a tona o recorte do espaço local (a rua, o bairro ou a cidade) do autor visto de forma subjetiva de maneira que podemos enxergar facilmente o Rio de Janeiro nas crônicas de João do Rio, Lima Barreto, Rubem Braga, Sérgio Porto, Vinicius de Moraes e Nelson Rodrigues ou São Paulo nas obras de Antônio de Alcântara Machado e Oswald de Andrade, além de outras localidades por nomes como Mario Prata, João Ubaldo Ribeiro e Ignácio de Loyola Brandão. No entanto, ao tentarmos reposicionar esta leitura do espaço local na crônica de autores contemporâneos como Gregório Duvivier, Antônio Prata, Tati Bernardi, Xico Sá e muitos outros, esta leitura do espaço como era visto anteriormente se perde e não conseguimos mais compreender a rua, bairro ou cidade na qual estes se situam, afinal, a leitura deles corresponde ao “espaço local” globalizado ao qual se dirigem: os espaços das redes sociais dos suportes digitais. Através de análise de leitura desses suportes digitais em que se encontra inserida a crônica, procuraremos compreender de que maneira sua transposição para o meio digital alterará as características do gênero, principalmente no quesito referente ao seu espaço, ou melhor, as suas novas configurações de espaço, da qual pode-se encontrar rastros da literatura e cultura contemporânea bem claros como a desterritorialização e até mesmo, uma perspectiva de gentrificação. O que se propõem neste trabalho, portanto, é um novo olhar para a crônica contemporânea, entendendo de que maneira suas transformações de suportes alteram sua maneira de ser consumida e entendida pelo nosso tempo presente, além de suas representações feitas no espaço literário.

Palavras-chave: literatura contemporânea brasileira, espaço, crônica contemporânea brasileira, suporte

Câmara Cascudo e os argentinos: um intercâmbio sob o signo do modernismo

JOATAN DAVID FERREIRA DE MEDEIROS (UFRN)

Resumo: Este estudo pretende retomar o fio das relações de amizade intelectual e literária entre Câmara Cascudo e um grupo restrito de

escritores brasileiros e argentinos, entre eles Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Braulio Sánchez-Sáez e Luis Emilio Soto, com a finalidade de contribuir para a recomposição de um elo na cadeia de relações significativas entre as vanguardas do Brasil e da Argentina na década de 1920. Em tal cadeia, destaca-se o papel do autor potiguar como membro da rede que conectou intelectuais dos dois países num processo de intercâmbio cultural e literário. Este estudo identificou que a aproximação de Câmara Cascudo com a Argentina se deu ainda na juventude desse autor. As primeiras evidências desse contato surgem no ano de 1920, quando ele tinha então 22 anos e já era reconhecido na intelectualidade do Rio Grande do Norte pelos vínculos que mantinha com os já consagrados escritores da província, a exemplo de Henrique Castriciano, assim como pela atividade à frente do jornal A Imprensa, onde iniciou como comentarista e crítico literário em 1918, destacando, entre outros temas, obras e escritores portenhos. Nesse sentido, este estudo pretende discutir as seguintes questões: o que motivou o interesse do autor potiguar pelos temas do orbe platino? Como, desde sua provinciana Natal, teve acesso ao material que lhe permitiu a produção desses ensaios? De que maneira essa aproximação influenciou na sua produção intelectual? Como esse diálogo entre os escritores dos dois países refletiam o pensamento literário da época? Dessas inquietações se desdobra a narrativa que constitui este trabalho.

Palavras-chave: Câmara Cascudo, Literatura Latino-Americana, Intercâmbio Cultural, Modernismo Brasileiro

El siglo del viento de Eduardo Galeano: entre a história e a literatura

LIANA MÁRCIA GONÇALVES MAFRA (IFMA)

Resumo: A presente proposta de comunicação oral é resultado da pesquisa de pós-graduação em História, Ensino e Narrativas (PPGHEN), da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), e objetiva tecer, inicialmente, algumas considerações acerca do entrelaçamento entre Literatura e História, nas narrativas de Eduardo Galeano, autor da obra

Siglo del Viento (1986), da trilogia Memoria del Fuego, com foco nas narrativas sobre os regimes autoritários da América Latina, no período de 1960 a 1980, a partir da possibilidade da Literatura apresentar-se como material de inquirição para a História e para os estudos da História. Tal reflexão tem como objeto as narrativas do escritor uruguaio Eduardo Galeano, haja vista que o autor, em suas obras, expõe a problemática existente entre a transmissão da memória da América Latina e a história oficial. Sua escrita foi sempre direcionada a contar a história ignorada da América Latina sob a ótica daqueles que foram secularmente explorados, contra os vencedores que apresentam sua memória como legítima, única e obrigatória. E suas obras apresentam-se, desse modo, como uma revisão, re/des/construção da história da América partindo dos sujeitos excluídos/dominados/vencidos. Sob esse aspecto, a escrita de Eduardo Galeano é uma das tantas e expressivas faces das relações que se estabelecem entre a História e a Literatura não definindo em si o que é um campo e/ou outro, mas indagando o passado no desvelamento da passeidade, do real vivido. As evocações presentes em Galeano não são meras ilustrações retóricas, baseiam-se, segundo o autor, em extensa pesquisa de fontes alternativas às oficiais, em depoimentos e no cotidiano daquela época. Podemos antecipar, assim, que as obras de Galeano estão entranhadas na História e de História, tendo em vista que “é ainda da História que a Literatura extrai boa parte de seus materiais – seja da história dos historiadores ou da história vivida, mesmo que esta seja a história anônima, vivida diariamente através dos dramas pessoais que não se tornam públicos.” (BARROS, 2010, p.02). As narrativas de Siglo del Viento são escritas a contrapelo da história oficial do período e transgridem a relação história e ficção, com técnicas narrativas que subvertem a noção tradicional de gênero literário, a partir da história das vítimas do autoritarismo do momento. Então, a escrita de exílio e pós-exílio de Eduardo Galeano expressa a transformação do escritor jornalista para escritor narrador, a trajetória do intelectual, a partir de suas experiências em semanários e jornais de veia crítica e política, em vivência com escritores, artistas,

intelectuais da América Latina. A partir da historiografia e da literatura enfoca-se os abusos e os autoritarismos dos regimes e de como Eduardo Galeano narra as histórias dos crimes cometidos, tendo a memória como ponto fundamental para a recomposição do passado, preservando-o do silenciamento e do esquecimento.

Palavras-chave: Literatura, História, Ditadura, Memória

Esparsos de Câmara Cascudo: leitura e divulgação de obras e escritores estrangeiros nos anos de 1920

JOSÉ LUIZ FERREIRA (UFRN)

Resumo: Este estudo propõe uma discussão sobre os textos esparsos escritos e publicados pelo autor potiguar, Luís da Câmara Cascudo, principalmente nos jornais natalenses A Imprensa e A República, na terceira década do século XX, cujas temáticas se dão em torno da divulgação de obras e escritores estrangeiros, buscando compreender, assim, o modo como temas e tensões dominantes na conjuntura mundial e brasileira caracterizam situações nas quais as tradições regionais interagem no processo de construção de um sistema literário nacional. Analisar as tensões daí resultantes, no âmbito dos estudos atuais, em que se impõem como necessidade as questões transnacionais, significa colaborar com o esforço intelectual para compreender a própria contemporaneidade a partir da análise de um passado que, se não é recente, foi determinante para os caminhos da cultura e da literatura brasileiras, nos quais ainda se dão muitos dos passos do sistema literário em vigência.

Palavras-chave: Câmara Cascudo, modernismo, intercâmbio cultural, literatura

Um manuscrito, naturalmente - ficção, memória e história em O Nome da Rosa e A Rainha dos Cárceres da Grécia

LILIAN MONTEIRO DE CASTRO (UNB)

Resumo: Um manuscrito pode ser compreendido e avaliado de diferentes maneiras, de acordo com o contexto, método de investigação

ou com a disciplina – ou ciência – dos quais pode se tornar objeto. Se para a narrativa histórica um manuscrito pode ser fonte primária e garantir o “estatuto de verdade”, para a literatura, muitas vezes, o manuscrito, além de fonte, é artifício. Entretanto, ele é sobretudo, registro de memória, seja ela pessoal, coletiva ou histórica, “real” ou fictícia. O manuscrito cria um álibi de verossimilhança, um engodo para seduzir o leitor. Duas obras em que a ideia do manuscrito como álibi de verossimilhança se apresenta de forma clara são os romances *A Rainha dos Cárceres da Grécia* (1976), de Osman Lins, que se apresenta como um diário anônimo e *O Nome da Rosa* (1980), de Umberto Eco, uma epístola, a confissão do velho monge Adso de Melk. Ambas inserem em seus supostos manuscritos fatos e personagens históricos para corroborar a “veracidade” da narrativa, apesar de se inserirem em contextos históricos absolutamente distintos. O romance Lins cita trechos jornalísticos contemporâneos ao enredo e Eco situa sua narrativa num período histórico rico em fontes, o que proporcionaria a intersecção entre história e ficção. Memória histórica e memória pessoal – mesmo que esta seja fictícia – coincidem, reforçando o “efeito de real”. As obras apresentam ainda duas semelhanças: a intertextualidade com os escritos do autor argentino Jorge Luís Borges, o que define uma memória de literatura; e são manuscritos que falam sobre outros manuscritos – e também livros –, memória da literatura. No romance de Osman Lins, um narrador anônimo e dissimulado apresenta a crítica ao manuscrito de um romance inédito, que será apresentado ao leitor somente pelos comentários e citações que o próprio narrador faz em seu diário. Na obra de Umberto Eco, o manuscrito que o narrador e seu mestre Guilherme de Baskerville procuram também não se apresentará integralmente. Nos dois casos é pela memória do narrador que os enredos se dão a conhecer, mas enquanto o memorioso Adso busca salvar-se – assim como a seu mestre – do esquecimento por meio narrativa, o narrador de *A Rainha dos Cárceres da Grécia* parece tentar apagar-se. Sua identidade pouco se revela, evidenciando que o

seu interesse não está em manter a memória de si, mas a de Julia, sua companheira recém falecida e autora do manuscrito que se propõe a comentar. Narra-se através dela e à medida em que essa memória se apaga – o que se metaforiza pela desfiguração da gata Memosina, personagem do romance de Julia –, não só a memória do narrador, mas também sua existência parece se apagar, pois rememorar também é esquecer.

Palavras-chave: manuscrito, memória, intertextualidade, história

48

LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS: LUGARES, ENTRE-LUGARES E DESLIZAMENTOS**Maria Zilda da Cunha (USP)****Regina Silva Michelli Perim (UERJ)****Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (UNIMONTES)**

Resumo: A Literatura Infantil e Juvenil vem despertando interesse, multiplicando-se a produção de textos de e sobre esta área em diferentes âmbitos, como concursos, eventos acadêmicos e culturais, publicações em periódicos e livros. Na contemporaneidade, há um acervo de grandes obras esteticamente construídas para a infância e a adolescência, com escritores que já obtiveram o reconhecimento internacional, as quais se espriam pela utilização de variados suportes e discursos artísticos. As várias teorias das artes, ao longo do século XX e neste início de terceiro milênio, impõem uma ideia fundamental para a análise e a investigação dos textos literários: o texto é sempre, de forma evidente ou velada, atravessado por uma infinidade de referências que o precedem; constitui uma tessitura tramada e urdida por um conjunto de vozes e notas diversas – ou seja, o discurso literário é essencialmente dialógico e polifônico. Michel Schneider, em seu livro *Ladrões de palavras* (1990), argumenta que, de acordo com uma teoria eminentemente moderna, “que anuncia de uma só vez a teoria da intertextualidade” e de um projeto borgesiano do livro único e sem autor, os livros são imaginados por homens, e não por um homem. Assim, cada homem, chegada a sua vez de inventar, acrescenta algumas parcelas àquilo já criado, e depois morre. Cria-se, sempre, a partir do que já existe. A criação completa de alguma coisa seria impossível (SCHNEIDER, 1990, p. 147). Na mesma linha, garante Umberto Eco, em *Pós-escrito a O nome da rosa* (1985), que “os livros falam sempre de outros livros e

toda história conta uma história já contada” (1985, p. 20). Os estudos literários vêm apontando para a importância de abordagens mais diversas do corpus ficcional, propiciadoras de múltiplas leituras e de um olhar interdisciplinar e multissemiótico, possibilidades que a Literatura Comparada respalda com a articulação de diversas linguagens e áreas de saber, fundamentando o diálogo entre o texto literário e outras linguagens artísticas e hipermediáticas. Nesse sentido, a intertextualidade implica ainda considerar que a obra literária se constrói através das relações firmadas com os textos produzidos em múltiplos tempos e espaços, permitindo a aproximação entre tradição e contemporaneidade, entre local, nacional e universal. Nesse sentido, este simpósio espera receber trabalhos que tenham por tema fulcral a Literatura para crianças e jovens, em perspectiva dialógica com várias áreas do saber e/ou variadas linguagens, incluindo-se as variadas representações de leitores e de práticas de leitura por ela suscitadas, segundo uma metodologia comparatista. Acredita-se fecundo o diálogo desta Literatura com discursos produzidos por outras esferas de conhecimento, como a educação, a psicologia analítica e do desenvolvimento, a psicanálise, a história, a mitologia, a semiótica, a análise do discurso etc.; devido às especificidades do gênero, torna-se também produtivo observar a gama de produções textuais para crianças e jovens, desde o livro de imagens, a história em quadrinhos, a ilustração, a poesia e a prosa, a música, as artes plásticas, o teatro, o cinema, além da apropriação da narrativa literária para crianças e jovens por outras mídias, como os livros digitais. É preciso considerar ainda que a velocidade nas transformações operadas na sociedade contemporânea, marcada pelos avanços das novas tecnologias em plena era da informação, reflete-se na produção de boa parte da literatura para crianças e jovens, criando novos padrões estéticos, novas formas de consumo e de recepção. Como lembram Graça Paulino, Ivete Walty e Maria Zilda Cury, em *Intertextualidades: teoria e prática* (1995), a construção das redes de sentido de cada texto “se dá no jogo de olhares entre o texto e seu destinatário. Este último é um interlocutor ativo no processo e significação, na medida em que

participa do jogo intertextual tanto quanto o autor” (1995, p.15). Os recortes teóricos que podem orientar as pesquisas são, nesse viés, bastante variados, incluindo teorias da literatura, da narrativa, da lírica, da semiótica, das artes gráficas, do Efeito Estético de Iser, teorias ligadas às representações de leitores e de práticas de leitura, dentre outras abordagens. Do diálogo entre essas múltiplas perspectivas, pretendemos fazer brotar uma fértil discussão sobre a produção artístico-literária e de análise crítica sobre a literatura para crianças e jovens, seus suportes, circulação e recepção, sua relação com os vários públicos leitores, com a sociedade, com a escola, sua interação com as muitas linguagens que povoam o mundo contemporâneo. Enseja-se, ainda, receber pesquisas o insólito ficcional, abrangendo as diferentes vertentes do fantástico – o maravilhoso, o realismo mágico, o realismo animista, a ficção científica etc – direcionadas ao mesmo público infantil e juvenil.

Palavras-chave: Literatura infantil, Literatura juvenil, Literatura comparada, Diálogos intersemióticos

Referência:

ECO, Umberto. **Pós-escrito a O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete Walty; CURY, Maria Zilda.

Intertextualidades: teoria e prática. Belo Horizonte: Lê, 1995.

SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de palavras**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

Literatura Infantil e Juvenil: novas textualidades

MARIA AUXILIADORA FONTANO BASEIO (UNISA), MARIA ZILDA DA CUNHA (USP)

Resumo: O tecido cultural que nos engendra nesta era de caráter hipercomplexo, marcada pelo desenvolvimento das novas tecnologias,

tem reclamado reflexões em decorrência das profundas modificações na dinâmica da vida social, das problemáticas emergentes que, seguramente, afetam questões de ordem antropológica, filosófica, política, ética, estética, e que, além do mais transformam profundamente as relações do homem consigo mesmo, com o outro e com formas de linguagem por meio das quais esse ser tece suas representações e a realidade na qual se insere. O mundo digital propiciou a convergência de mídias, provocou intensa hibridização de códigos, confluência de suportes, mistura de linguagens. Toda essa conjectura operou transformações inauditas nas formas de percepção e cognição humanas. As textualidades em que essa complexidade se engendra oferecem desafios importantes de serem perscrutados. Como parte de uma pesquisa mais ampla, propõe-se aqui examinar como algumas dessas manifestações se tecem no universo da ficção, sobretudo nas produções culturais para crianças e jovens. Modifica-se o conceito de texto, em razão das sintaxes de descontinuidade e da natureza interativa e multirreferencial do projeto cibernético, convivem meios de caráter artesanal com as produções de cunho técnico, reproduzível e as realizadas com tratamento digital. Resultam, seguramente, novas formas de produção e de recepção de textos, o que impulsiona uma investigação de aspectos teóricos e metodológicos subsidiários ao desenvolvimento da recepção estética e crítica mais adequada ao leitor contemporâneo. Os desafios da educação, nesse sentido, passam pela compreensão das consequências epistemológicas e existenciais que as transformações - que estão ocorrendo - têm imposto às reflexões intelectuais de nosso tempo. Discutir tal problemática e a complexidade que a envolve demanda uma perspectiva interdisciplinar. Assim, para orientar nossa reflexão, abordaremos, em princípio, algumas ideias de autores como Agamben (2009) e M. Maffesoli (2014), o primeiro, no sentido de nortear nossa compreensão sobre o que ser contemporâneo pressupõe; o segundo no sentido de orientar a nossa percepção acerca dos impactos das novas tecnologias na cultura,

dos fenômenos recentes da cultura pós-moderna (os agrupamentos urbanos, suas práticas cotidianas que constituem o substrato de toda vida em sociedade) e uma melhor compreensão da cibercultura planetária. Os princípios da semiótica (uma teoria fenomenológica do conhecimento) nos propiciam uma visão da experiência para quem e além das artimanhas do verbal, enquanto o viés do comparativismo literário permite-nos traçar rotas de leitura que podem contribuir para o desenvolvimento de uma recepção estética e crítica mais adequada ao nosso leitor em formação. É nosso propósito, portanto, discutir, em face dessa malha híbrida, de nosso tempo, sem perder de vista o perfil do leitor contemporâneo (Santaella, 2010), aspectos da produção para crianças e jovens no âmbito da temática, dos diagramas narrativos, das operações de transmidialidades e a configuração de linguagem que se faz na fusão de hipertexto e hipermídia.

Palavras-chave: cibercultura, produção cultural para crianças e jovens, hipertexto, hipermídia

Adolescência sombria: das distopias clássicas às distopias infanto-juvenis

JULIANA RADOSAVAC FIGUEIREDO CERQUEIRA (UFF)

Resumo: Nos últimos anos, temos observado um grande avanço tecnológico atrelado, de forma marcante, ao desenvolvimento dos meios de comunicação e mídias sociais. Estes se inseriram na vida cotidiana de tal forma, que foram capazes de reconfigurar nossos modos de socialização, trabalho, aprendizado, entre outros. Istvan Csicsery-Ronay, Jr. chegou a apontar que a crescente penetração da tecnologia e da ciência na vida cotidiana teria chegado a tal ponto, que as imagens retiradas da ficção científica passaram a oferecer o melhor modelo para compreender as condições de um mundo cada vez mais centrado na tecnologia e para reagir a elas. Entre seus segmentos, um dos mais apreciados e comentados nos últimos tempos tem sido a distopia. Em *Modernidade Líquida*, Zygmunt Bauman chegou a afirmar que distopias

representantes de modelos sólidos, como 1984, já não faziam mais sentido na modernidade líquida, apresentando como exemplo o efêmero interesse que suscitou a obra de Orwell na época de seu aniversário de oitenta anos. O filósofo garantia que tais distopias dialogavam diretamente com ansiedades e medos oriundos da modernidade sólida: espaço propício ao totalitarismo. As afirmações de Bauman nos fazem imaginar que a distopia continuaria a ser apreciada somente se essa se tornasse fluída como a contemporaneidade, ou se ao menos encontrasse meios de dialogar com os novos medos líquidos. No entanto, suas previsões acerca das distopias provaram-se equivocadas. Ainda que distopias representantes de modelos fluídos tenham sido produzidas, isto não significou o esquecimento ou o fim das distopias como 1984. O fato se comprova através da nova tendência distópica, desta vez observada entre o público infanto-juvenil. Tais distopias, como O Doador de Memórias, Jogos Vorazes, Divergente, entre muitas outras, continuam retratando modelos sócio-políticos totalitários com engenhosos métodos de vigilância e de controle, anteriormente observados na distopia clássica mencionada por Bauman. Ora, se a modernidade líquida trouxe consigo um novo conjunto de ansiedades e, se esses modelos de poder não mais condizem com elas, como explicar, então, essa nova tendência distópica? A comunicação proposta tem como objetivo, portanto, apresentar um estudo comparativo de algumas distopias clássicas com outras contemporâneas voltadas para o público adolescente, de modo a investigar como certos elementos das distopias clássicas ainda podem ser capazes de dialogar com a contemporaneidade e, em contrapartida, quais são os elementos que se afastam da tradição distópica. Serão destacados tópicos como o estado sólido, técnicas de vigilância e controle, o deslocamento, o pós-apocalipse, entre outros. Almeja-se ainda discutir a relação entre o subgênero na contemporaneidade e o seu público. Afinal, é preciso questionar por que e como modelos tão sombrios vêm sendo fortemente apreciados por um público ao qual geralmente se associa a esperança.

Palavras-chave: Distopia, Ficção científica, Literatura infanto-juvenil

Uma análise da presença do romance de formação na literatura juvenil produzida nos Estados Unidos

CÁSSIA FARIAS OLIVEIRA DOS SANTOS (UFF)

Resumo: Enquanto a literatura infantil tem suas origens no século XVIII, a literatura juvenil produzida nos Estados Unidos, tal como a conhecemos hoje, se estabeleceu na segunda metade do século XX, em parte pela influência de autores jovens que escreviam sobre temas que interessavam aos adolescentes, que, naquela época, já haviam se estabelecido como um grupo social com necessidades e demandas próprias. Um gênero que também influenciou o surgimento dessa literatura foi o Bildungsroman, ou romance de formação, chegando alguns autores, como Roberta Seelinger Trites em *Disturbing the Universe*, a dizer que a literatura juvenil é uma evolução histórica deste gênero. Apesar de muito se falar da influência de *Apanhador* no campo de centeio nessas obras, comumente aceito como um romance de formação, parece, porém, haver uma resistência em falar de Bildungsroman quando se fala em livros para adolescentes. Mesmo quando o termo é usado, não parece haver um critério, bastando apenas que o personagem principal passe por algum tipo de aprendizado para o romance ser inserido nessa categoria, sendo que um Bildungsroman clássico pede um tipo de desenvolvimento e amadurecimento específicos. A presente comunicação apresenta, de forma breve, os resultados de uma investigação acerca das relações entre o romance de formação e a literatura juvenil, que buscou descobrir se, mais do que influenciar o surgimento dessa literatura, o Bildungsroman poderia ser considerado um gênero que ainda é utilizado pela chamada *Young adult literature*. Para isso, foi utilizado o livro *Bateria, garotas e a torta perigosa* (2004), de Jordan Sonnenblick, que conta a história de Steven, um menino de 13 anos, e de sua vida após seu irmão mais novo, Jeffrey, ser diagnosticado com câncer. A obra foi escolhida como exemplo da manifestação desse gênero na literatura juvenil, e foi contrastada com o já mencionado *Apanhador* no campo de

centeio (1951), de J.D. Salinger, e com *Grandes esperanças* (1860), de Charles Dickens, representantes de momentos distintos da história do romance de formação. A comparação entre as obras que, a princípio, se mostravam bastante distintas, mostrou que elas partilham elementos em comum que permitem classificá-las como sendo pertencentes ao mesmo gênero, com a pequena ressalva de que *Bateria*, por ser uma obra voltada ao público jovem, pede algumas alterações no modelo de Bildungsroman por conta de das características distintas da literatura juvenil, que devem ser levadas em conta ao se trabalhar com tais obras – como, por exemplo, a menor distância entre o tempo da ação e o tempo da narração, em comparação ao romance de formação clássico.

Palavras-chave: Literatura juvenil, romance de formação, Bildungsroman

Fadas e pivetes: a infância em Chico Buarque

ELIZABETH DA PENHA CARDOSO (PUC-SP)

Resumo: O artigo tem como objetivo uma aproximação inicial com dois modos da presença da criança na obra de Chico Buarque de Holanda. Primeiro, apresentaremos as duas produções francamente destinadas às crianças, o livro *Chapeuzinho Amarelo* e a peça *Os Saltimbancos*, ambas são resultados do diálogo do autor e dramaturgo com a tradição oral – os contos de fadas. Depois, veremos como a criança está representada nas canções de Chico. O eixo norteador do trabalho é averiguar de que modo essas duas dimensões da representação da infância se aproximam e se afastam na obra de Chico Buarque. Os conceitos de Walter Benjamin de infância, experiência e brinquedo/brincar auxiliaram na análise. Chico Buarque é um artista com várias facetas – cantor, compositor, romancista, dramaturgo – e com vários interesses, Chico sambista, Chico romântico, Chico crítico social. Os estudiosos de sua obra têm detalhado as características de tais facetas e o público já reconhece essas vinhetas nomeadoras e norteadoras de sua produção. No entanto, um aspecto dessa vasta e admirável obra tem recebido pouca diligência – a presença da infância na obra de

Chico Buarque. Na década de 1970, duas obras destinadas ao público infantil foram lançadas por Chico. *Saltimbancos*, adaptação musical para a peça de Sérgio Bardotti, 1977, e *Chapeuzinho Amarelo*, livro infantil ilustrado por Ziraldo e publicado em 1979. A primeira é um musical inspirado no conto “Os saltimbancos”, dos irmãos Grimm, e a segunda mantém intertextualidade com o conto da tradição oral “Chapeuzinho Vermelho”. A intertextualidade com o conto de fadas, presente em ambas as obras, norteará nossas análises da primeira parte deste artigo. Compositor sensível e atento às personagens do cotidiano, Chico Buarque tem dedicado seu inconfundível lirismo para dar voz às mulheres, aos malandros, aos amantes, aos trabalhadores braçais e às crianças. Veremos que algumas de suas canções, destinadas ao público geral, assumem a perspectiva da criança ou desenvolvem o tema da infância. Muitas vezes espelhando outras de suas vertentes expressivas, como o caso de “Pivete” (1978) e “Brejo da cruz” (1984), que são normalmente lidas como canções da linhagem da crítica social, mas aqui serão abordadas com o interesse na representação poética da criança e da infância. Juntamente com “Doze anos” (1977), “Eu sou a árvore” (2001), “Flor da idade” (1973), “João e Maria” (1977), “Leo” (1978), “Maninha” (1977), “O meu guri” (1981) e “Carioca” (1998). O estudo dessa produção de Chico será o foco na segunda parte do trabalho, com o auxílio da fortuna crítica da obra de Chico. Nas considerações finais serão apresentadas as possíveis aproximações e afastamentos entre esses dois universos, as obras voltadas às crianças e as dedicadas ao público amplo, unidos pela infância – a infância nas versões de Chico Buarque.

Palavras-chave: Literatura infantil, Chico Buarque, conto de fadas, infância

Kamala Khan: a luta cultural pessoal da Nova Marvel

GABRIEL BRAGA FERREIRA DE MELO (UERJ)

Resumo: Os deslocamentos ocorridos ao longo dos anos trouxeram como consequência a quebra das fronteiras e a crise nos conceitos

de nação e de identidade nacional homogêneos. O convívio com a diferença se tornou um problema da atualidade, fazendo com que imigrantes e nativos precisem aprender a viver em uma realidade desfavorável e incontrolável. Este convívio forçado entre diferentes fez com que a ideia de um *melting pot* que eliminaria as diferenças fosse substituído pelo movimento do multiculturalismo dentro dos Estados Unidos. O Outro já estava estabelecido, não bastava mais entender ou mitificar sua cultura “exótica”, precisava-se viver com os modos de vida diferentes vindos de outros lugares. Essa nova relação com o Outro reformula também o que a sociedade demanda de suas partes. Se os que estão relegados à posição de minoria estão presentes no cotidiano e lutam para se fazer ouvir, é necessário também que a literatura dê espaço a eles. A maior necessidade se torna a construção de identidades que tenham por base a inclusão, reivindicando uma visibilidade não existente até então. Os quadrinhos, embora com certa demora, respondem ao clamor da sociedade: surge uma nova leva de heróis protagonistas. O que esses heróis têm em comum? São sujeitos que transitam e precisam dialogar entre culturas. Sendo seu maior expoente Kamala Khan. Kamala, apesar de cidadã estadunidense, carrega traços que a identificam com uma minoria por ser muçulmana e filha de pais paquistaneses. Mais importante, Kamala vive um sentimento de ser forasteira não importando em que lugar ou grupo esteja. Ela se mostra uma personagem que trava uma batalha ainda mais intensa dentro de seu meio social quando não está de uniforme. Um combate característico do indivíduo que precisa estar em constante tradução para tentar se fazer compreendido. Kamala é atual e em consonância com a nossa realidade diversificada, habita um entre-lugar e é livre para deslocar significados, dialogar e negociar suas diferenças e suas identificações, seus pertencimentos e suas alteridades em relação a cada uma das margens culturais que a cerca. Ela é capaz de, partindo de sua situação de desenraizada, confundir, desconcertar e, por fim, deslocar o sujeito da cultura dominante, recrutando este para o seu

lado da luta, oferecendo uma visão de desligamento. Esta comunicação visa apresentar como o diálogo entre culturas e como a questão do não pertencimento a um único lugar cultural e à alteridade são trabalhados nas revistas da Kamala; como tal revista se torna uma arena de debate da realidade estadunidense nos dias de hoje; e como Kamala recebe o que vem de fora, mostrando tanto sua face positiva quanto a negativa objetivando a conscientização dos estadunidenses do mundo real para uma sociedade cada vez mais heterogênea. Nortearão a apresentação as noções de hibridismo e entre lugar de García Canclini (2008), zonas de contato de Pratt (1992) e a questão da tradução de Hall (2005) para a adequação de tal personagens em uma sociedade cada vez mais mutante e menos receptiva a identidades fixas e imóveis como nos mostra Bauman (2005).

Palavras-chave: Cultura, Pertencimento, Quadrinhos, Kamala

Os laços entre literatura para crianças e jovens negros e a escola: o método recepcional como reforço desses laços

DÊNIS MOURA DE QUADROS (FURG)

Resumo: O presente trabalho pretende relacionar os laços que existem entre literatura infanto-juvenil ou literatura para crianças e jovens e a escola, bem como o acesso aos livros. É possível perceber que o diálogo entre escola e literatura e, em especial, a literatura para crianças e jovens negros tem gerado sérias crises, onde o aluno como leitor é deixado de lado por uma leitura superficial e pedagógica de textos que não fazem sentido algum, ou muito pouco sentido, a esse leitor. Essas crises, bem como a perpetuação do hábito da leitura, ainda, como algo chato e moroso, em especial após a alfabetização, podem ser resolvidas, obviamente, através de adoção de uma política de formação de leitores que reveja suas práticas e métodos. Contudo a adoção dessa política perpassa sérios problemas escolares com a precariedade da educação básica no Brasil. Muitos dos textos trabalhados em sala de aula advindos da literatura para crianças e jovens não abordam, de forma geral, o tema

racismo, abrindo algumas aberturas para textos como “Nó na garganta” de Mirna Pynski. Ao buscarmos obras da literatura para crianças e jovens que abordem a negritude, segundo Bernd (1984), os títulos são escassos e os estudos acerca deles quase inexistentes. Para tanto elencamos o método recepcional como uma das alternativas viáveis de (re) encontro entre escola e literatura para crianças e jovens, em especial negros, e analisaremos três obras da literatura para crianças e jovens como exemplo dessa aplicação: “Minha mãe é negra sim”, texto de Patrícia Santana e ilustrações de Hyvanildo Leite; “Que cor é a minha cor?”, texto de Martha Rodrigues e ilustrações de Rubem Filho e “O mar que banha a ilha da Goré”, texto de Kiusam de Oliveira e ilustrações de Taisa Borges. Interessante apontarmos que além do tema abordado nas três obras, negritude (afirmação da afrodescendência), elas são escritas por mulheres negras. A análise dessas obras, bem como sua aplicação através do método recepcional, terá a contribuição dos níveis de adaptação (adaptação do assunto; adaptação da forma; adaptação do estilo e adaptação do meio), segundo Zilberman (2003), dessas obras escritas por adultos e destinadas ao público infantil e/ou juvenil, níveis que permitem, de alguma forma, a percepção dos espaços em brancos desses leitores em formação. Outro ponto que discutiremos é sobre o acesso desses livros sejam aos professores, pois não pertencem à lista de livros do PNBE (Plano Nacional Biblioteca na Escola), seja aos alunos. Esse problema reforça a necessidade de existência de políticas de formação de leitores que permitam o acesso e circulação dessas e outras obras dentro, principalmente, das escolas públicas.

Palavras-chave: Formação do Leitor, (D) Escolarização da leitura, Negritude

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Relações dialogais entre texto e imagem: a ilustração em livros ilustrados de Alexina de Magalhães Pinto e Ana de Castro Osório

RITA DE CÁSSIA SILVA DIONÍSIO SANTOS (UNIMONTES)

Resumo: As intersecções entre literatura e outras artes são multifacetadas e, não raro, apresentam considerável complexidade. Para Welck e Warren, por vezes, a literatura colheu inspiração na pintura, na escultura ou na música e, ainda, as outras obras de arte podem, assim como os objetos naturais ou as pessoas, constituir temas para a poesia, por exemplo (WELCK; WARREN, 1976, p.153). Nota-se que é evidente a importância que a temática da relação entre a palavra e as coisas (o dizível e o visível) nos processos de interação entre os homens tem tido nos estudos críticos, o que demonstra o importante protagonismo que a imagem exerce nas sociedades contemporâneas (CORTEZ, 2009, p. 355). No que diz respeito às contiguidades entre a literatura, a ilustração e o livro ilustrado, especificamente, Nilce M. Pereira argumenta que a ideia de unir a literatura com a representação imagética remonta às antigas civilizações, estando presente em livros de orações e hinos, em fórmulas mágicas, fragmentos de papiros etc (PEREIRA, 2009, p. 379). Nesse sentido, esta comunicação abordará – na perspectiva comparativista – as contingências entre literatura e ilustração (os textos e as imagens que os representam) em duas obras da literatura infantil: *Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares* (1916), da escritora brasileira Alexina Magalhães Pinto (1870-1921), e *Contos tradicionais portugueses para as crianças* (1897), da escritora portuguesa Ana de Castro Osório (1872-1935). A proposta (fundada em investigação científica de caráter bibliográfico e documental) privilegiará a perspectiva do método analítico e fundamentar-se-á no referencial teórico sobre a história da literatura infantil e juvenil (de autores como Regina Zilberman,

Leonardo Arroyo e Bruno Bettelheim) e em referências sobre a literatura comparada (especialmente em obras que discutem as relações entre texto e imagem). As narrativas das autoras – e suas representações imagéticas – evidenciam instigantes fenômenos estéticos que nos remetem à ideia de infância implícita no entresséculo XIX-XX – em especial, se atentarmos para os elementos que se podem vincular às categorias do insólito. Pretende-se, ademais, refletir sobre a atuação das duas escritoras na literatura infantojuvenil luso-brasileira nas primeiras décadas do século XX e sobre a forma como podem reverberar, nos dias atuais, os temas, conceitos e imagens presentes em suas produções, com a finalidade de se compreender a participação dessas autoras no que hoje se concebe como um sistema literário infantil e juvenil. Acredita-se que esta comunicação poderá ser uma possibilidade de reflexão sobre a importância das imagens nos livros infantis e juvenis do passado, contribuindo, dessa forma, para o debate contemporâneo sobre os aspectos visuais do texto, suas possibilidades tradutórias e, também, a ainda vigente atuação da ilustração literária neste contexto multi-imagético atual em que a imagem digital parece ser ubíqua e absoluta (PEREIRA, 2009).

Palavras-chave: Alexina de Magalhães Pinto, Ana de Castro Osório, Ilustração e Livro ilustrado, Literatura Infantojuvenil

Uma fábula de Dino Buzzati

MARIAROSARIA FABRIS (USP)

Resumo: Mais conhecido por seus numerosos contos e, principalmente, pelo romance *O deserto dos tártaros* (1940), Dino Buzzati, em 1945, publicava *A famosa invasão dos ursos na Sicília* (1945), considerada em geral, sua única incursão na literatura infanto-juvenil, embora *Barnabo delle montagne* (1933) e *Il segreto del Bosco Vecchio* (1935) também sejam arrolados por alguns autores nesse gênero. Ao criar uma fábula sobre ursos que deixam suas montanhas para conquistarem uma cidade dos homens, o escritor italiano oferecia uma vasta gama

de linguagens verbais e visuais, rearranjando, frequentemente, o mesmo conteúdo de diferentes formas. Embora para alguns críticos seja necessário refletir sobre a relação entre *A famosa invasão dos ursos na Sicília* e o que ele pretende representar, pois responderia aos dramáticos acontecimentos históricos contemporâneos de sua composição, esse livro ilustrado impõe-se mais pela criatividade que cativa o leitor, graças à complexa riqueza da interação entre imagens e palavras. Adepto da pintura narrativa, Buzzati concebeu uma série de tábuas coloridas e desenhos de vários tamanhos para narrar a saga dos ursos. As ilustrações coloridas são as que se sobressaem pelo apuro do traço, pelo agenciamento espacial da composição, pela distribuição harmoniosa dos volumes, pela atenção dada aos detalhes, pela feliz escolha das cores e pelo equilíbrio dos tons. Cada uma dessas imagens alude sempre ao acontecimento mais importante, e, quando há mais de uma no mesmo capítulo, a segunda se liga a outro momento significativo. Em várias ocasiões, o narrador chama a atenção do leitor para o que é representado, convidando a observar a tábua colorida ou o desenho em preto e branco. As imagens acabam sendo reiterativas em relação à trama, ao ilustrarem o que nela é contado e, no caso das coloridas, estas trazem nas legendas o resumo do texto a que alude a representação e pequenos desenhos que a sintetizam. É como se cada passagem a que elas se referem fosse narrada quatro vezes (e até mais, quando as estrofes ecoam trechos em prosa), numa interação constante entre a linguagem verbal e a visual. O autor fez da oralidade o traço dominante da linguagem empregada nessa fábula, optando por uma língua comunicativa, clara, de uma rigorosa simplicidade, sem termos rebuscados, quase perto da fala do dia a dia, mas não isenta de poeticidade. A oralidade se faz presente não só nos trechos em prosa, bem como nos versos, os quais, mais do que em formas literárias como poemas de cavalaria – *Orlando enamorado* (1483-1495), de Matteo Maria Boiardo, e *Orlando furioso* (1516-1532), de Ludovico Ariosto – e outras manifestações (composições dos jograis, canções de gesta,

romanças) arroladas pela crítica, levam a pensar nas filastrocche, ou seja, naquelas cantigas infantis que, com seu ritmo acelerado, suas rimas simples, às vezes assonantes, em que as palavras parecem perseguir-se de um verso para outro, embalam também a infância do escritor.

Palavras-chave: literatura infanto-juvenil, livro ilustrado, Dino Buzzati, A famosa invasão dos ursos na Sicília

Imagens da Infância nas narrativas *As Mulheres de Tijucopapo e La Lengua de Las Mariposas*

CHRISTIANE APARECIDA DURÃES OLIVEIRA LUNA (UNIMONTES), RITA DE CÁSSIA SILVA DIONÍSIO SANTOS (UNIMONTES)

Resumo: Imagens da Infância nas narrativas *As Mulheres de Tijucopapo* e *La Lengua de Las Mariposas* A imagem de uma criança geralmente aparece associada ao sensível, inocente, ingênuo. A criação deste mito está atrelada à construção das concepções e instituição da infância, como recorte etário. O diálogo entre culturas, representações, ideias que a Literatura Comparada propicia fertiliza o caminho para o pretense estudo voltado para o olhar do infante. E é em virtude dessa aproximação que se propõe uma pesquisa com base nos estudos comparativos entre as narrativas *As Mulheres de Tijucopapo*, de Marilene Felinto, e *La Lengua de Las Mariposas*, de Manuel Rivas. Pretende-se discutir a desconstrução do mito da ingenuidade imprimida no folclore infantil, a partir de uma abordagem crítica da personagem Rísia, criação de Felinto, e Moncho, fabulação de Manuel Rivas. Sob a ótica de Phillip Ariès, Rousseau, dentre outros, sobre a constituição da infância como estatuto teórico e construção social, um cenário fecundo se expõe para que se analisem comportamentos e se desmitifique a concepção da criança como aquela que nada percebe no seu entorno. Phillip Ariès (1978), em seu trabalho sobre as representações da criança, afirma que esta era definida como um adulto em miniatura durante a Idade Média, apenas recentemente se instituindo como uma categoria com especificidades definidas. Rousseau (1999), por sua

vez, pensa a criança como alguém de natureza boa, pura e ingênua, e na necessidade de respeitá-la, deve estar livre para que a natureza possa agir. Nessa perspectiva, esta comunicação pretende demonstrar, através da investigação do tecido que enreda as narrativas de Marilene Felinto e Manuel Rivas, como se dá a construção da criança em seus discursos ficcionais, a qual é marcada pelo não afastamento do infantil dos problemas que a rodeiam. Os protagonistas das obras em questão viveram realidades bastante distintas, assim como cada infância foi marcada por acontecimentos também diferentes. Moncho, com apenas seis anos, __no gozo das descobertas infantis tanto na escola como na vida cotidiana, na atmosfera da iminência da Guerra Civil Espanhola__, como estratégia de sobrevivência, trai o professor que lhe era íntimo (RIVAS, 2000, p.39). A personagem Rísia, por sua vez, num tom autobiográfico, vomita sua infância através da memória, denunciando todo tipo de privação, sobretudo a de afeto da família, pela qual passou enquanto criança. “Tudo aconteceu mesmo num tempo de menina” (FELINTO, 1992, p. 98). Derrida (1972) salienta que o que se denomina memória ficaria compreendido de maneira autêntica no último modo de repetição. Lembrar-se seria repetir à distância uma experiência de fato vivida, e, acrescenta, que o processo da desconstrução é complexo. O filósofo deposita esse poder de desconstruir na própria Literatura, ou seja, a Literatura apresentaria os recursos de validar o objeto desconstruído através dos diálogos que ela possibilita através do texto. Assim, a infância, enquanto idade cronológica marcada pela fantasia, curiosidade e inocência, ganha ressignificações, configurando-se numa experiência carregada de sentido histórico.

Palavras-chave: *As Mulheres de Tijucopapo*, *La Lengua de Las Mariposas*, mito da ingenuidade infantil, figurações da infância

A contação de histórias como procedimento narrativo na literatura infantil: análise comparativa entre Monteiro Lobato e Augusto Roa Bastos

MARIANA CORTEZ (UNILA)

Resumo: Esta comunicação apresentará as estratégias discursivas, as imagens descritas e a linguagem criada no conto “El pollito de fuego” (1974), de Augusto Roa Bastos (1917-2005) e em “Dom Quixote das crianças” (1944), de Monteiro Lobato (1882-1948), com o intuito de desvendar o imaginário latino-americano plasmado nestas histórias para crianças. O objetivo é a análise comparativa entre as obras com o propósito de entender como ambas lançam mão da mesma estratégia discursiva (bastante comum ao gênero literatura infantil) e ainda como tais narrativas são situadas em outros tempos e lugares, como propõe as teorias que entendem o discurso como social e, portanto, abordando o texto como pronunciamento de uma dada realidade (FIORIN, 1994 e 2015). No caso das obras em análise, há explicitamente a retomada de outra narrativa. Em Roa Bastos o recontar da lenda “Los pollitos de oro” (autoria desconhecida) e em Lobato, a releitura de “Dom Quixote de La Mancha”, de Miguel de Cervantes. Assim, além da história narrada, existe a mudança de gêneros do discurso: de lenda a conto infantil e de novela de cavalaria a conto para crianças. Para assumir a autoria das histórias, no conto de Roa Bastos, o narrador estabelece um contrato de leitura com seus pequenos leitores, propondo o jogo de “uma história dentro da história”, assim como o faz o narrador de Lobato, a Dona Benta. Ambas narrativas são contadas e as crianças projetam suas vozes nas vozes dos personagens, simulando o ambiente de contação de histórias com efeitos metaficcionais, Silva-Díaz (2005). Neste espaço familiar e afetivo, a mágica do “pollito de fuego” acende o jogo entre o real e a fantasia e ainda permite o devaneio sobre os acontecimentos da época: “Después grandes cosas empezaron a pasar en el país y en el mundo; de la buenas y de las malas” (p.23); em Lobato, no mesmo cenário familiar – o sítio, a história de Cervantes ganha novas vozes,

novos diálogos, instaurando uma história-base alimentada pela nova contextualização e linguagem como é exigência de Emília: “queremos estilo de clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendendo” (p.17). Autoriza-se, então, por meio de figuras e temas, recuperar os procedimentos de enunciação que fazem entrever o cenário latino-americano, localizando o espaço e o tempo do contar de Roa Bastos e Lobato. Autores como Delprat, Lemogodeuc e Penjon (2011) situarão os traços identitários da literatura latino-americana; Machado e Montes (2003) contribuição com a reflexão acerca da literatura infantil na América Latina e Bakhtin (1979) e Greimas (1979) oferecerão ferramentas para análise discursiva das obras.

Palavras-chave: Literatura infantil, Literatura latino-americana, análise discursiva

A literatura e a infância: percorrendo caminhos da criação e da imaginação

PAULA GOMES DE OLIVEIRA (UNB)

Resumo: Este trabalho debruçou-se sobre o tema das narrativas e da imaginação no trabalho pedagógico junto às crianças do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Buscou-se compreender aspectos constituintes do trabalho pedagógico com as narrativas - literárias e orais - capazes de estimular e potencializar a manifestação dos processos imaginativos das crianças. O referencial teórico fundamentou-se na teoria histórico-cultural de Vigotski, que apresenta o funcionamento psicológico fundamentado nas relações sociais entre o indivíduo e o mundo exterior, as quais se desenvolvem num processo histórico e fortemente interligado aos modos culturalmente constituídos de ordenar o real. Respaldados pela opção epistemológica e metodológica da pesquisa qualitativa, de caráter etnográfico, adotamos uma postura construtivo-interpretativa e reflexiva na análise realizada a partir de um intenso trabalho de imersão na escola pesquisada – escola pública, aliado ao uso de variados instrumentos de pesquisa – observação participante,

entrevistas, oficinas com as crianças. Percebemos que a utilização das narrativas no trabalho pedagógico é capaz de ampliar e potencializar a manifestação dos processos imaginativos das crianças, devido à presença de elementos organizados nas seguintes dimensões: 1) Dimensão narrativa; 2) Dimensão relacional, performática e estética; 3) Dimensão da cultura e da autonomia; 4) Dimensão da leitura, da escrita e da autoria; 5) Dimensões cognitivas, afetivas e imaginativas. A partir da interrelação entre essas dimensões, percebemos que o material da imaginação é extraído da realidade externa que as impacta emocionalmente. Portanto, a realidade constitui origem do material semiótico da imaginação, que por sua vez, é perpassada por pensamentos, ideias e impressões, demonstrando o caráter indissociável entre pensamento, emoções e imaginação das crianças, que possibilita as criações. Há, no movimento imaginativo, uma composição, uma justaposição de significados e sentidos, algo que cria laços, estremece, explode, cria brechas vazantes, rompe com tudo aquilo que poderia amarrar o pensamento e as palavras. Obviamente, não foi possível estabelecer o “contínuo” do tipo causa-consequência, lê-se uma história, e como em uma mágica, a imaginação cria asas e voa para qualquer lugar. Mas vislumbramos expressões na forma oral, pictórica, corporal e escrita dos movimentos múltiplos, imprevisíveis, inusitados, por isso, algumas vezes, até irreconhecíveis da imaginação infantil. Os processos imaginativos, mediados pelas palavras, surgiam de onde não esperávamos. Nesse sentido, a escola precisa pensar sobre o espaço destinado à literatura – narrativas orais e escritas - e aos processos imaginativos. Pensá-lo na perspectiva de um espaço de criação. Talvez a criação e a imaginação, para as crianças, possam ser consideradas um “labor” vital ou uma oportunidade de se ultrapassar a realidade. Ou talvez, seja apenas uma forma de ser e de viver, e mais, de compreender a própria realidade. Imaginação como força que opera acima da contingência perceptiva capaz de lançá-las em um movimento de criação a partir do contato e compartilhamento de narrativas, de

emoções, de pensamentos. E assim, quem sabe, por meio do trabalho com a literatura na escola possamos acolher melhor as crianças em seus movimentos imaginativos e viver com elas, dialogando com as infâncias que elas nos presenteiam.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Imaginação, Narrativas, Infância

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

Histórias de Chapeuzinho, quase sempre vermelho

REGINA SILVA MICHELLI PERIM (UERJ)

Resumo: Dentre as várias histórias escritas por Charles Perrault, a de Chapeuzinho Vermelho talvez possa ser caracterizada como a mais estranha ao grupo. Os contos do escritor francês garantem o final feliz para as personagens principais, exceto Chapeuzinho, que morre nas garras do lobo, sem a figura redentora do caçador, tal como aparece no texto dos irmãos Grimm. Novas versões - tanto em prosa, como registradas por meio de outras linguagens em que se incluem os quadrinhos, o livro de imagens, o filme cinematográfico etc. - respondem pela permanência da história no imaginário de seres humanos dos mais distintos lugares. Algumas narrativas mantêm-se mais ou menos fiel à estrutura das histórias consideradas fundadoras dessa tradição, as escritas por Perrault e pelos irmãos Grimm; podem ser considerados textos que primam por um viés monológico, na esteira dos estudos de Mikhail Bakhtin. Interessa-nos analisar narrativas que se configuram pelo dialogismo, instaurador de novos sentidos; o foco atém-se tanto à arquitetura narrativa, quanto à configuração da personagem em questão, revendo-se os paradigmas ideológicos da tradição (COELHO, 2000). O estudo da personagem tem por base o conceito de figuração desenvolvido pelo estudioso português Carlos Reis (2015), que considera a figuração como dinâmica, gradual e complexa,

implicando um trabalho de semiotização, haja vista constituir-se como um processo ou um conjunto de processos. Na esteira de Paul Zumthor (1993), observa-se que novas obras atualizam o dado tradicional, estabelecendo a intervocalidade e a intertextualidade: tem-se a noção de que cada texto constitui uma tessitura urdida por um conjunto de vozes e notas diversas, caracterizando o discurso literário como essencialmente dialógico e polifônico. Nesse sentido, nosso olhar pretende abranger algumas narrativas à roda de Chapeuzinho Vermelho, de que se podem citar: Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque; Fita verde no cabelo, de Guimarães Rosa; O gatinho Nicolau, Chapeuzinho Vermelho e o Lobo, de Aurélio de Oliveira; Que história é essa?, de Flávio de Souza; O fantástico mistério de Feiurinha, de Pedro Bandeira; Caindo na real, de Rubem Alves; Uma história atrapalhada, de Gianni Rodari; As sobrinhas da Bruxa Onilda e Chapeuzinho Vermelho, de M Company e R Capdevila, Chapeuzinho Vermelho, de James Finn Garner; “Na companhia dos lobos”, de Angela Carter, com filme homônimo de Neil Jordan. No repertório fílmico, intenta-se tecer considerações sobre Deu a louca na Chapeuzinho, direção de Cory Edwards; Chapeuzinho no século XXI, direção de Randal Kleiser. O aporte teórico que sustenta a pesquisa tem por base o conceito de figuração de personagens e a intertextualidade, abrangendo, além dos estudiosos já citados, Linda Hutcheon e Umberto Eco.

Palavras-chave: Chapeuzinho Vermelho, narrativas da tradição, Narrativas contemporâneas, Intertextualidade

O jovem leitor e sua relação com as aulas de literatura: uma proposta de reconquista através de obras clássicas e suas releituras

NOÊMIA COUTINHO PEREIRA LOPES (FADISA), RITA DE CÁSSIA SILVA
DIONÍSIO SANTOS (UNIMONTES)

Resumo: O professor de literatura, como também um importante agente de transformação social, deve ser um observador atento da realidade na qual está inserido. Esta, cada vez mais se apresenta

formada por indivíduos imediatistas, analfabetos funcionais e alienados, com dificuldade em perceber o grande número de informações nas entrelinhas de um texto literário, ao mesmo tempo em que dominam aplicativos em seus modernos equipamentos de comunicação digital e interação entre si com um número sem fim de contatos em redes de relacionamento, utilizando-se de leitura, escrita e linguagem não-verbal a fim de obter sucesso em seu processo de comunicação. Tal realidade contrasta com a informação de que os jovens de hoje não se interessam mais por nenhuma leitura e/ou escrita, bem como, pelos livros trabalhados nas aulas de literatura. Nesse cenário atual, faz-se necessário que o professor de literatura repense novas abordagens para os livros indicados em sala de aula, buscando reaproximar esse jovem leitor de livros que considera antigos e ultrapassados – os clássicos da literatura brasileira –, os quais, segundo ele, em nada lhe auxiliariam em seu processo de aprendizado, tornando as aulas de literatura momentos enfadonhos, tanto para o professor quanto para o aluno. Assim, fazendo um recorte quanto à abordagem “professor de literatura”, passando a trabalhar com a perspectiva do professor de literatura de Ensino Fundamental II e Médio, o presente trabalho objetiva apresentar, através da análise das obras “Dom Casmurro”, de Machado de Assis – texto integral, da Editora Moderna 2015 – e “Dona Casmurra e seu tigrão”, de Ivan Jaf – Editora Ática 2005 – como essas obras se aproximam não apenas entre si (sendo a segunda uma proposta de retomada da temática da primeira, num viés atual), mas principalmente da realidade do aluno que, embora sendo este um cidadão do século XXI, em muito ainda se parece com o jovem do século XIX no que tange às atitudes, medos e sonhos. O diálogo entre as obras possibilita levar o aluno a perceber, através da trajetória dos personagens Bentinho, Capitu, Barrão e Lu, de que maneira a narrativa “Dom Casmurro” foi construída e reconstruída em “Dona Casmurra e seu tigrão”, bem como apresentar possibilidades de oferecer ao adolescente leitor um novo olhar para a literatura, voltando este a se interessar por outras obras,

a princípio, nessa mesma abordagem de releitura. Para isso, serão utilizados os postulados de Antoine Compagnon, Ingedore Villaça Koch, Mirna Pinsky, Ricardo José Duff Azevedo e Maria Helena de Moura Neves – além de teorias comparatistas.

Palavras-chave: Machado de Assis, Ivan Jaf, Literatura Juvenil, Literatura Comparada

Ressonâncias e imaginação em “O companheiro de viagem”, de Andersen vs. o conto popular homônimo

EUCLIDES LINS DE OLIVEIRA NETO (USP)

Resumo: A presente comunicação visa expor o confronto entre um conto erudito de Hans Christian Andersen e o conto popular homônimo. Ao abordar-se uma narrativa literária percebe-se o manuseio e o incremento de um método de análise. Assim é quando se relaciona literatura e arquetipologia. A primeira, essa arte, antiga e sempre atual, de criar mundos, em suas utopias e distopias; a segunda, vista como o estudo e a taxionomia dos arquétipos. Os arquétipos, padrões universais (princípios originais), remontam Platão, a doutrina agostiniana e a atualização de Carl Gustav Jung. Gilbert Durand dá prosseguimento ao estudo do arquétipo, e afirma o método comparativo como seu método O qual faz emergir das narrativas series e conjuntos de imagens, permitindo perceber que elas são convergentes e evidenciam-se como estaticidade e cinemática (Cf. DURAND, 2012, p. 45). Em uma análise da narrativa literária observa-se a correlação desses “padrões universais”, que se articulam sempre “inéditos” e ressoam diferentemente nos dois textos. Nesse mundo recriado literariamente é detectável o arquétipo literário. A narrativa literária se tece também a partir da lógica atribuída a Antoine Lavoisier: “Na vida nada se perde, nada se cria; tudo se transforma”. Abdaja Junior a faz ressoar, como perícopo do pensamento “lavoisieriano”, na produção literária: Ninguém cria do nada. Há a matéria da tradição literária que o escritor absorve e metamorfoseia nos processos endoculturativos, (...) Ocorre, nesse sentido, uma apropriação natural das articulações literárias sem que o

próprio futuro escritor se aperceba de sua situação de ser social e de porta-voz de um patrimônio cultural coletivo. (ABDALA, 2003, p. 112) A intertextualidade correlaciona-se com a visão de Jung, ao caracterizar o arquétipo como irreduzível a simples fórmula, por ser comparável a um recipiente que não se esvazia e nem se enche jamais. Se sua existência potencial tomasse forma em alguma matéria não mais era o que fora antes. O arquétipo – Segundo Jung – é persistente, atravessa os séculos e requer atualizadas manifestações e interpretações” (Cf. JUNG, 2014, p. 181, § 301). Também os textos literários, sendo únicos e “irrepetíveis”, podem ressoar em outros, mas jamais iguais, embora esses possam ser “relidos” no novo texto. Genette apresenta o palimpsesto (GENETTE, 2005, p. 7): a análise comparativa detecta as marcas e as diferenças de um texto anterior, em um mais recente. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ABDALA JR., Benjamin. De voos e ilhas. São Paulo : Ática, 2003. ANDERSEN, Hans Christian. “O companheiro de viagem” In: Contos de Hans Christian Andersen. Traduzidos do Dinamarquês. Trad. Silva Duarte. São Paulo : Paulinas, 2011. ASBJØRNSSEN, Peter Christen e MOE, Jørgen. Contos Populares Noruegueses. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo : Landy, 2003. DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Trad. Hélder Godinho. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2012. GENETTE, Gérard. Palimpsestos – A literatura de segunda mão. Belo Horizonte : UFMG, 2005. JUNG. Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Trans. Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis : Vozes, 11 ed., 2014.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil, Andersen, Arquétipo, Palimpsesto

A ficção de fantasia e o maravilhoso na animação francesa “Casa dos contos de fadas”

LÍGIA REGINA MÁXIMO CAVALARI MENNA (UNIP/USP)

Resumo: Esta comunicação tem entre seus principais objetivos analisar a animação francesa “Casa dos contos de fadas” (Kéritý, la maison des contes, França, 2009), destinada ao público-infantil, considerando-a uma

obra de ficção de fantasia (Fantasy), cujas relações com o mito, com maravilhoso e os contos de fadas evidenciam-se. O termo “Fantasy” é amplamente utilizado na teoria literária anglo-saxã, mas apresenta diferentes e contrastantes definições as quais confundem o pesquisador, pois ora se aproxima do maravilhoso, ora do fantástico. Alguns teóricos chegam a flexibilizar tanto o conceito que se tem a impressão de que todas as obras que não possuem verossimilhança externa pertencem à ficção de fantasia, desde narrativas de terror à ficção científica. Devido a polêmicas sobre o termo e a dificuldade de defini-lo este trabalho também se prestará a refletir sobre o conceito de ficção de fantasia a partir da análise da animação escolhida.

Palavras-chave: Animação, Ficção de Fantasia, Maravilhoso, Contos de Fadas

49

LITERATURAS, AFRICANIDADES E DESCOLONIZAÇÃO

Felipe Fanuel Xavier Rodrigues (UERJ)

Luiz Henrique Silva de Oliveira (CEFET-MG)

Paulo Dutra (Stephen F. Austin State University)

Resumo: Este simpósio se propõe a explorar os contornos críticos e teóricos das produções literárias engendradas a partir das histórias, culturas e instituições de pessoas de origem africana, bem como o impacto dessas literaturas em contextos de desigualdades e demandas sociais as mais diversas. Ao declarar o período de 2015-2024 como a Década Internacional dos Afrodescendentes, a Organização das Nações Unidas reconheceu a urgência de se colocar na ordem do dia a promoção e proteção dos direitos humanos de um contingente de aproximadamente 200 milhões de pessoas de ascendência africana espalhadas pelo mundo. A discussão dessa pauta acarreta ressonância política e histórica em diversos contextos, com destaque para aqueles que foram afetados pela colonização, como é o caso do Brasil, último território no Hemisfério Ocidental a abolir a escravidão em 13 de maio de 1888, através da lei 3.353, sancionada pela Princesa Isabel. Durante a era escravocrata que vai dos séculos XVI ao XIX, calcula-se que o Brasil tenha recebido mais de 5 milhões do total estimado de 10 milhões de africanos escravizados nas travessias transatlânticas, tornando-se a colônia que importou a maior quantidade de mão de obra escrava nas Américas. Após a abolição dessa sistemática tragédia, o recrudescimento da hegemonia social, cultural e política dos estratos de influência europeia, bem como a ausência da garantia de direitos mínimos aos afrodescendentes e o estabelecimento de ideologias que pregavam a inferioridade dos negros perpetuaram a

desigualdade racial derivada do sistema colonial, forçando os afro-brasileiros a ocuparem os lugares mais inferiores da sociedade. Nos dias de hoje, apesar de a referida nação abrigar a segunda maior população afrodescendente, os jovens negros (pretos e pardos) continuam figurando como as principais vítimas de homicídio no país (CERQUEIRA et al., 2016). O fenômeno, já descrito como “genocídio negro”, expõe os efeitos funestos da persistência do racismo e impõe reflexões acerca da cultura como local de luta e sobrevivência para afrodescendentes que vivem em democracias desiguais. Na genealogia do racismo contemporâneo — onde quer que seja flagrante —, constam ontologias construídas para fundamentar sistemas de marginalização racial que cercearam os direitos dos negros em territórios controlados por projetos colonialistas etnocêntricos. Contudo, o imprevisível surgimento de literaturas de sujeitos que perspectivam tradições africanas, afirmam identidades negras e tematizam experiências em ambientes hostis manifesta a dinâmica cultural de afrodescendentes cuja escrita contrapõe práticas textuais e interpretativas que essencializaram seus corpos e os trataram como objetos. Ponto a considerar é que esta literatura produzida por afrodescendentes constrói-se por meio de questionamentos vários no âmbito da chamada literatura nacional. Como subsistema, aquela convive com a escrita canonizada por meio de uma relação ora amena, ora tensa. Circuitos e condições artísticas e culturais são viabilizados para além das instâncias de legitimação estabelecidas. O resultado é uma arte da palavra delineada por uma autoria que se coloca como negra; um ponto de vista negro como fim e começo; uma linguagem preocupada tanto com a expressão subjetiva individual e coletiva desta parcela populacional, quanto ciente da necessidade de desnaturalizar essencialismos e estereótipos linguísticos; um repertório temático preocupado em abordar a trajetória e as realidades as mais distintas dos afrodescendentes; e, a fim de que esta própria literatura perdure no tempo e no espaço, há a preocupação com a construção de

um público leitor cada vez mais ciente das especificidades desta arte e identificado com as demandas propostas por ela. Em suma, pode-se dizer que, a partir do estético, trata-se de um processo de descolonização, isto é, um processo histórico em que sujeitos legatários do mal-estar colonial “recriam” a si mesmos como seres humanos, rompendo, portanto, com a conformidade à lógica de um mundo em que a discriminação racial perdura. O presente simpósio acolhe comunicações dedicadas ao estudo da vida, obra e pensamento de autores e autoras de ascendência africana, cuja imaginação literária provém de vivências da afrodescendência em localidades formalmente descolonizadas, às margens das quais a africanidade constitui leitmotif de literaturas que se situam dialeticamente dentro e fora de sistemas literários hegemônicos. Abre-se, portanto, a possibilidade de discussões críticas de pesquisas interessadas em literaturas que se identificam com a afrodescendência nos aspectos identitários, criativos e formais, ressoando tradições literárias que materializam histórias, memórias e culturas dos negros nos diversos contextos em que suas textualidades eclodem. Referências bibliográficas: CERQUEIRA, Daniel et al. *Atlas da Violência 2016*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016.

Palavras-chave: Literatura Afrodescendente, Africanidades, Identidade Negra, Descolonização

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 1

Literatura e identidades afrodiaspóricas

FELIPE FANUEL XAVIER RODRIGUES (UERJ)

Resumo: O presente trabalho realiza um estudo crítico e comparativo de obras literárias contemporâneas de autoras negras no Brasil e nos Estados Unidos. Os textos são estudados por um prisma cultural, político

e social cuja abrangência permite investigar o impacto das literaturas de mulheres afrodescendentes em contextos descolonizados das Américas nos quais as desigualdades de classe, gênero e raça ainda persistem, apesar de eclodirem em ambientes formalmente democráticos. No âmbito dos estudos literários, não faltam lacunas críticas referentes à escrita de afrodescendentes produzida em várias localidades do chamado Novo Mundo, o que evidencia a necessidade de investigação contínua. Os poucos autores negros canonizados no Brasil raramente são estudados como literatura afro-brasileira, afrodescendente ou negra pela crítica dominante, que geralmente ignora a importância literária de temas raciais, deixando-a a cargo de historiadores e sociólogos que tendem a ler o negro, autor e personagem literário, como objeto sociológico e histórico. Apesar de a voz de autoras e autores negros, contemporâneos e distantes, permanecer ignorada pelos círculos majoritários da pesquisa literária, a eclosão de uma avant-garde crítica brasileira dedicada ao estudo de literaturas de afrodescendentes não somente rende arqueologia literária de figuras do passado, mas também mapeia a produção de quem escreve à margem nos dias atuais, corrigindo as omissões de sujeitos históricos que encontram na arte escrita uma forma de combater o silêncio imposto. No caso dos Estados Unidos, muitos avanços permitiram que a literatura afro-americana saísse da histórica posição marginal que ocupou no cânone artístico estadunidense e alcançasse o Prêmio Nobel de Literatura com a obra de Toni Morrison em 1993. Além de Morrison, desde 1970, várias escritoras negras se destacam por sua escrita, obtendo reconhecimento, através de prêmios literários, maior do que gerações anteriores de autores afrodescendentes, bem como atingindo um público leitor variado para além das fronteiras raciais. Por meio do entrecruzamento da criação literária de mulheres negras proposto por este trabalho, as questões étnicas e identitárias relativas às trajetórias de sujeitos da diáspora africana são examinadas em paralelo com revisões críticas de tópicos da teoria literária, especialmente com a releitura da contribuição intelectual de Carol Boyce Davies, Frantz Fanon, Henry Louis Gates

e Homi Bhabha, entre outros. Ao investigar comparativamente as literaturas contemporâneas de autoras afro-brasileiras e afro-americanas, a pesquisa também realça o viço de imagens, mitos e tradições da Diáspora Africana, representados em formas narrativas, poéticas e ensaísticas. Através de suas produções literárias, as escritoras de origem africana enfrentam os limites impostos à sua subjetividade e lançam mão da literatura como armamento de luta cultural. Com o domínio da arte da palavra, as autoras vocalizam suas experiências como agentes que desafiam as várias formas de violência epistêmica, física e psíquica às quais as mulheres afro-americanas e afro-brasileiras são historicamente submetidas.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira, Literatura afro-americana, Mulheres negras, Identidade afro-diaspórica

Celie, Ponciá e Maria Rami: intersecções entre as protagonistas de *A cor púrpura*, *Ponciá Vicêncio* e *Niketche: uma história de poligamia*

JACQUELINE LARANJA LEAL MARCELINO (UNEB)

Resumo: A proposta deste trabalho é promover o estudo da (re) construção de identidades de Celie, Ponciá e Maria Rami. As narrativas selecionadas e suas protagonistas se tangenciam através de memórias de escravidão e/ou colonização que impactaram os africanos e seus descendentes. As protagonistas das três narrativas em foco, Celie, Ponciá e Maria Rami, respectivamente das obras *A cor púrpura*, *Ponciá Vicêncio* e *Niketche: uma história de poligamia* desvelam, a princípio, vivências adaptadas às identidades forjadas para as mulheres nas sociedades em que vivem. Cada uma, no entanto, pela interação com o meio, com outros indivíduos e com outras realidades, passa a repensar os comportamentos que adotou em decorrência de ensinamentos culturais ou sociais e como de fato poderia se constituir para ter uma vida com mais autonomia e respeito por parte dos seus pares e/ou da sociedade. Os processos de crescimento e fortalecimento de cada protagonista são analisados centrando-se em questões de gênero imbricadas em relações de poder. A fundamentação teórica nessas

análises articulou questões do feminismo de bell hooks com identidade na perspectiva de Kabengele Munanga (1994), Paul Gilroy (2001) e Stuart Hall (1996 e 2006), tendo contribuído ainda os estudos sobre poder, de Foucault (1984, 1987 e 1995), e sobre a memória a partir de Jacques Le Goff (1990) e Maurice Halbwach (2006). Celie se deu conta de que sua identidade feminina era cerceada pelo sexismo e pelo patriarcado, como se as mulheres devessem sempre obedecer ou se submeter aos desejos e às ordens dos homens. Conheceu a violência em seu próprio lar quando menina e seguiu sofrendo abusos no casamento arranjado por seu padrasto, até que circunstâncias e pessoas surgiram em sua vida e ela pode mudar o que estava posto. A segunda protagonista, Ponciá Vicêncio, cresceu acreditando que a mãe mandava nos homens da família, então sentia-se feliz em sua identidade feminina. Porém, a jovem desvelava a angústia de não se reconhecer em seu sobrenome por saber que esse não estava conectado a seus antepassados e era antes um registro de posse dos antigos senhores dos seus pais. A busca de sua identidade estava relacionada a conhecer a história de sua origem, as vivências de seus antepassados, que foram subtraídos da liberdade de criar, do exercício do poder, do conhecimento, enfim, do status de humanidade, para serem tomados como meras peças de trabalho. Finalmente, Maria Rami, que por morar no sul de Moçambique, foi fortemente influenciada pela colonização portuguesa, distanciando-se das tradições do seu povo. A trama a coloca em interação principalmente com mulheres do norte e com a situação de poligamia que promovem um reencontro da personagem com as tradições africanas e o confronto com o sistema patriarcal.

Palavras-chave: escravidão, colonização, identidade, patriarcado

Reflexões acerca do feminismo negro em *Sassafrass, Cypress & Indigo* de Ntozake Shange: raça, gênero e política

CÁTIA CRISTINA BOCAIUVA MARINGOLO (UFMG)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo pensar questões de raça, gênero e política no romance “*Sassafrass, Cypress & Indigo*” (1982)

da escritora afro-americana Ntozake Shange. O romance narra a experiência de três personagens femininas negras, que dão título à obra, enfocando a interseccionalidade de raça, gênero e classe na situação de exploração e dominação de personagens mulheres negras. Shange demonstra no romance os efeitos nefastos de duradouras políticas racistas e segregacionistas nos Estados Unidos, apontando por outro lado, que mesmo em situação de opressão, faz-se necessário a luta pela liberdade. Assim, mesmo estas personagens estando constantemente submetidas a uma situação de opressão e desempoderamento, pela tomada de consciência é possível um movimento de empoderamento. Como afirma a estudiosa norte-americana Patricia Hill Collins, as mulheres negras tornam-se empoderadas quando rejeitam dimensões do conhecimento que perpetuam uma objetificação e exploração da mulher negra. Nos tornamos empoderadas quando compreendemos o feminismo negro como um projeto de justiça social que tem como objetivo fomentar o empoderamento de todas as mulheres negras.

Palavras-chave: Literatura afro-americana, Raça, Política, Feminismo negro

O trançar de histórias, translocalidades e identidades

JÂNDERSON ALBINO COSWOSK (UERJ)

Resumo: O presente trabalho refletirá sobre as estratégias textuais que Chimamanda Adichie e Toni Morrison utilizam para desvincularem seus escritos mais recentes de uma memória codificada através da retórica colonial escravocrata. Dentro desta perspectiva, busca-se meios de compreender como seus últimos trabalhos encenam situações que escapam das apropriações hegemônicas dos signos da africanidade no Ocidente, haja vista a proliferação de “translocalidades” ou de “cartografias pós-nacionais” (APPADURAI, 1997, p. 34) a partir dos movimentos diaspóricos contemporâneos. Com base nisto, propõe-se que a forma que escritoras instigam a pensar em novas maneiras de se apropriar da memória da africanidade está diretamente ligada aos

impasses do modelo de Estado-nação moderno, o que contribui para rumos mais conciliativos em se tratando das demandas identitárias que emergem na Nigéria e na Afro-América contemporâneas. Referências bibliográficas: APPADURAI, A. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. *Novos Estudos*, n. 49, São Paulo: CEBRAP, Novembro/1997.

Palavras-chave: memórias da africanidade, cartografias pós-nacionais, literatura afro-americana, literatura nigeriana de língua inglesa

Mar de sal e Memória: afrorrealismo e diáspora na poética de Marta Quiñónez

MARCELA BATISTA MARTINHÃO (UFJF)

Resumo: Este trabalho possui como objeto de estudo a poética de Marta Quiñónez, e sua provável afinidade com a corrente Afrorrealista hispano-americana contemporânea, desenvolvida pelo teórico Quince Duncan (2005), especificamente no contexto diaspórico colombiano. Marta Quiñónez nasceu no ano de 1970 em Apartadó, pequeno município do departamento de Antioquia, Colômbia, e atualmente vive em Medellín, cidade para onde migrou em sua juventude, iniciando sua travessia pessoal mesclada entre a vida textual, corpo e deslocamentos. Seus poemas surgem das adversidades da vida, como das experiências amorosas, do desejo, da dor e do constante sensação de deslocamentos, de encontros e desencontros, a partir de seu lugar de fala como poeta, mulher negra que, em seu caso, converte-se em sinônimo da visão crítica e reveladora da condição humana de pequenez e abandono, em meio a contemporaneidade. Para fins deste trabalho, tomaremos quatro poemas correspondentes a cinco subseções: o primeiro poema se denomina “África verde rojiza”, o segundo “Sabía que no era de aquí”, o terceiro poema “Siempre quise”, todos parte da obra Kartalá (2002), com exceção do quarto poema “Soy Marta”, texto de número um, pertencente à obra Acantilado (1999). Buscaremos tratar em sua poética sob a perspectiva de certo pertencimento subjetivo a um coletivo que

atravessa oceanos e se inscreve na totalidade de sua obra como busca e realocação, situadas no corpo e na memória, pensadas a partir da diáspora, viva em seu imaginário poético que se evidencia pela tensão entre passado, presente e provir. Assim que, a memória histórica nos poemas abordados constroem certa consciência da etnicidade afrohispanica, com posicionamento crítico e desmistificador da história, realizando a evocação histórica omitida pela historiografia tradicional, como um retorno simbólico e presente ao passado e ao movimento diaspórico. Aqui a autora não se refere a uma África mitificada, inclusive em um de seus poemas trata claramente de sua impossibilidade em escrever poemas africanos (2002, p. 31), ao contrário, África é uma busca pelas origens de uma herança real. Assim, a partir de uma materialização histórica ao poético, com as características históricas omitidas retornam protagonistas, em que se recorre à comunidade ancestral, não para efeitos de idealização, mas para a desmistificação do racismo excludente, desde uma poética dolorida, ancestral e latente no corpo, nos territórios e em sua vida.

Palavras-chave: Marta Quiñónez, afrorrealismo, diáspora, literatura feminina colombiana

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Configurações da diáspora em três romances brasileiros: *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis; *A casa da água*, de Antonio Olinto; e *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves

LUIZ HENRIQUE SILVA DE OLIVEIRA (CEFET-MG)

Resumo: Este trabalho procura discutir as configurações da diáspora por meio da leitura de três romances brasileiros, produzidos em momentos distintos: *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis; *A casa da água* (1969), de Antonio Olinto; e *Um defeito de cor* (2006), de

Ana Maria Gonçalves. Procuraremos entender a diáspora a partir das formulações de Stuart Hall (Da diáspora). A experiência da diáspora, segundo o autor caribenho, refuta qualquer possibilidade de pureza ou essência e admite uma concepção de identidade que vive com e através da diferença. Ainda na visão do autor, as identidades diaspóricas estão constantemente processo de produção e renovação, movimentos responsáveis por negociações dos sujeitos “em trânsito” com as culturas e situações nas quais estão inseridos. Um argumento de ordem histórica é comum aos textos literários abordados por este estudo: o trânsito negreiro e suas ressonâncias nos espaços em que as narrativas acontecem. Retirados de forma violenta de sua terra natal, os africanos foram trazidos em condições desumanas para as Américas, com destaque para o Brasil, entre os séculos XVI e XIX. Os seres humanos transplantados tiveram suas histórias silenciadas ou mesmo aniquiladas pela cultura hegemônica. Suspensos os laços com o território de origem, os negros africanos buscaram encontrar maneiras de reconstruir suas próprias identidades e atuar na formação de uma memória cultural específica. Herdeira deste processo histórico, a literatura brasileira por vezes tematiza o passado escravista nacional e algumas de suas consequências. A cena do transporte marítimo de afrodescendentes opera como ponto de partida e metáfora para as negociações que determinada personagens diaspóricas realizam. No livro de Maria Firmina dos Reis, Mãe Susana enuncia o provável primeiro relato literário acerca do tráfico negreiro. A fala desta personagem adianta o trato e a condição aos quais serão submetidos os afrodescendentes no Brasil. No livro de Antonio Olinto, o retorno de Mariana à África coloca em evidência não só o episódio histórico que lhe é pano de fundo, mas as possibilidades de estabelecimento dos chamados “agudás” naquele continente. E, por fim, no terceiro livro, Kehinde narra sua viagem transatlântica e faz desta cena força necessária para se manter viva e “conservar” suas origens identitárias, mesmo encontrando-se em permanente deslocamento. O argumento final deste estudo é que

a diáspora, portanto, ampara discussões acerca das identidades das personagens negras em diferentes momentos de nossa literatura. Estas possibilidades identitárias travam diálogos com a linhagem literária chamada de afro-brasileira, ao passo que promovem releituras da literatura brasileira tout court. A metodologia utilizada neste trabalho foi de natureza bibliográfica e de caráter exploratório das fontes e do referencial teórico.

Palavras-chave: diáspora, Úrsula, A casa da água, Um defeito de cor

“Maralinga” e “Massangana”: A rememoração afro-brasileira em Oswaldo de Camargo contra as “saudades do escravo” em Joaquim Nabuco

GUSTAVO DE OLIVEIRA BICALHO (UFMG)

Resumo: Este trabalho buscará estudar as reconfigurações literárias da memória da escravidão no Brasil, com foco nos impactos subjetivos das relações de subordinação típicas a esse regime. Para tanto, abordaremos o tema a partir de duas perspectivas opostas, em que a escravidão é lembrada, de um lado, pelas suas implicações estéticas e morais na formação do intelectual brasileiro e da cultura nacional e, de outro, pelos seus efeitos traumáticos na formação da subjetividade dos descendentes de escravizados. O primeiro caso será recuperado do mais famoso capítulo das memórias de Joaquim Nabuco reunidas em Minha Formação, “Massangana”, no qual o escritor narra as lembranças dos primeiros anos de sua vida, passados no engenho escravista que dá nome ao capítulo. Curiosamente, o abolicionista Nabuco narra seus primeiros contatos com pessoas escravizadas com profunda nostalgia, tipificando e generalizando a suposta generosidade do escravo como efeito moral de sua condição de trabalhador forçado. A leitura de “Massangana” nos oferece o olhar de um Nabuco esquecido pelo meio político após a instauração da república e saudoso da personagem mítica do escravo que ele ajudara a construir nos anos dourados da campanha abolicionista. Sugerimos que “Massangana” pode ser

interpretado como uma tentativa de salvação do homem político pela via de uma apresentação romanceada da memória da infância; uma forma de “estetização da política”, conforme a famosa formulação de Walter Benjamin, pela via da escrita autobiográfica. Para contrapor as “saudades do escravo” de Nabuco, traremos à cena o conto “Maralinga”, de Oswaldo de Camargo, publicado em *O carro do êxito*. Narrativa em retrospectiva que lembra o registro memorialístico de Nabuco, repete o recorte da infância, mas dessa vez pelo ângulo de uma criança negra. O povoado de Maralinga é uma versão atualizada de Massangana: não o engenho colonial, mas seu desdobramento histórico: um povoado com um “dono”, um velho senhor de olhos azuis que recebe o menino dos braços do pai, prometendo criá-lo e usufruir de seus serviços. Sem uma tentativa de tipificar a personagem negra, o conto de Camargo narra a dissolução de uma família afrodescendente como denúncia de relações sociais que remontam à estrutura escravocrata no cenário pós-abolição. Trazida como lembrança nostálgica ao centro do texto de Nabuco, a escravidão em “Maralinga” é sugerida como pano de fundo da narrativa, sob a forma de uma herança traumática. O trabalho buscará explorar usos opostos da memória nas duas narrativas, conotando relações distintas com o passado escravocrata e entender que consequências elas trazem hoje para o modo como lemos e imaginamos nossa própria história.

Palavras-chave: Oswaldo de Camargo, Joaquim Nabuco, Memória, Escravidão

Corpo negro, cabelo crespo: as novas apropriações de fala e escrita da mulher negra no Brasil

VANDERLUCIA APARECIDA DA COSTA E SILVA (CEFET-MG)

Resumo: Recentemente, graças à popularização de vlogs – diários virtuais em formato de vídeo postados em sites/aplicativos – e grupos em redes sociais direcionados ao cuidado e à divulgação das diversas texturas de cabelos crespos e cacheados, observa-se a retomada, pela mulher negra

no Brasil, de hábitos ancestrais nesses cuidados, um movimento de apropriação das novas tecnologias no incentivo ao autoconhecimento e valorização da própria história. Muitas destas vloggers aproveitam a boa quantidade de visualizações em seus posts para apresentar reflexões em torno do ser mulher e negra na sociedade brasileira e como os padrões de beleza, impostos pela mídia ou pelas publicidades de produtos de beleza, interferem na consolidação de uma identificação positiva com a negritude e todas as suas peculiaridades no que tange ao corpo feminino negro. Concomitante a popularização destes vlogs e páginas, observa-se o crescimento de blogs e sites de mulheres negras refletindo sobre sua condição e ao mesmo tempo dando publicidade a outras mulheres que não receberam a devida atenção na História, ou cuja escrita não é valorizada ou legitimada nos meios acadêmicos tradicionais. Este trabalho propõe-se a analisar como as novas tecnologias proporcionam a reapropriação de hábitos e valores quase esquecidos no cuidado com o corpo e cabelo da mulher negra, ao mesmo tempo em que favorecem situações de reflexão e reivindicação por reconhecimento, publicidade e legitimação de uma escrita e fala silenciadas ou desvalorizadas ao longo do tempo. Para tanto, pretende-se analisar um canal sobre cuidados com cabelo crespo tipo 4 do aplicativo de vídeos Youtube e um grupo da rede social Facebook: “Meu cabelo tipo 4”, cujos participantes e inscritos são, principalmente, mulheres negras de diversas faixas etárias que estão descobrindo a própria beleza e ao mesmo tempo lidando com o complexo processo de identificação racial, característico nas relações de cor e raça no Brasil. Tanto o canal, quanto o grupo tem em seus comentários relatos e textos de autoria das inscritas, em que refletem sobre o processo de aceitação da textura do próprio cabelo, o que, geralmente, passa pela aceitação de si e de seu passado negro, marcado pela nódoa do passado escravagista brasileiro. Estas reflexões serão amparadas a partir dos estudos de Stuart Hall (2002); Barbero (2009); Pereira e Gomes (2001), Spivak (2010).

Palavras-chave: Relações raciais, Identidade negra, Mulher negra, Corpo e cabelo

Jorge Amado e a temática da escravidão em *Cacau*

ISIDRO ALBINO JOSÉ (UEMS), ELIANE MARIA DE OLIVEIRA (UEMS)

Resumo: A palavra “escravidão” traz consigo toda a carga negativa que lhe é inerente. Ao pronunciá-la ou lembrá-la vem à tona toda a realidade histórica de uma prática social em que alguns seres humanos arrogavam-se - e ainda hoje se arrogam - o direito de propriedade sobre outros, simplesmente chamados de escravos, inúteis, preguiçosos, miseráveis, desgraçados, desprezíveis e como aparece na obra em análise, são chamados de “ALUGADOS”; verdadeira situação análoga à escravidão. Um pequeno trecho, bem no início do livro, traz o retrato de um trabalho realmente escravo: “As nuvens encheram o céu até que começou a cair uma chuva grossa. Nem uma nesga de azul. O vento sacudia as árvores e os homens seminus tremiam. Só os burros pareciam não sentir a chuva. Mastigavam o capim que crescia em frente ao armazém. Apesar do temporal os homens continuavam o trabalho” (AMADO, 2000, P. 1). O que o autor pretende é contar a história dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia, simplesmente chamados de “alugados” porque para os coronéis não havia diferença entre gente e material de trabalho, uma vez que todos eles tinham a mesma finalidade: servir de meio para o enriquecimento e bem estar do coronel e sua família! *Cacau* é um livro que lido às pressas pode não revelar as suas preciosidades. Mas, quando o leitor se detém aos detalhes percebe a gigantesca e surpreendente riqueza. Usando uma forte ideologia e brutalidade, os poderosos submetem os trabalhadores aos seus caprichos, sujeitando-os à exploração sem limites. Verdadeiros meios de trabalho e fonte de enriquecimento. Teoricamente, a escravidão, enquanto discurso clássico é detestável e banida do convívio social. Porém um olhar atento às práticas cotidianas faz crer que ainda se está longe do fim. Basta ler esta obra de Jorge Amado “*Cacau*”, para perceber que décadas depois da abolição da escravidão no Brasil, ainda há gente tratada como objeto e longe de ver sua dignidade reconhecida. É sobre esta temática da escravidão, trazida à tona por esse renomado

autor, que queremos focar nossa comunicação. Longe de pretender esgotar a temática da escravidão presente em *Cacau* de Jorge Amado, queremos apenas abrir a discussão e convidá-lo a voltar sua atenção a todo e qualquer sinal de exploração (explícito ou implícito) apresentado pelo autor. Aliás, o assunto em discussão é um desdobramento da minha pesquisa em andamento na linha da historiografia literária, no programa de mestrado acadêmico da Universidade de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Jorge Amado e *Cacau*, Literatura, Escravidão

Quilombos editoriais

FABIANE CRISTINE RODRIGUES (CEFET-MG)

Resumo: Este artigo dedica-se a apresentar um panorama daquilo que denomino “quilombos editoriais”, ou seja, as redes editoriais criadas e mantidas por autores negros como forma de resistir aos filtros editoriais estabelecidos pelas demais editoras e garantir a circulação de obras e autores negros, com discursos afrocentrados e temas pertinentes à totalidade de sua vivência enquanto indivíduos.

Palavras-chave: Redes editoriais, Literatura afro-brasileira, Edição

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 3

Cores e Valores: Machado de Assis, Racionais MC's e o branqueamento do Brasil

PAULO DUTRA (STEPHEN F. AUSTIN STATE UNIVERSITY)

Resumo: Esta comunicação apresenta uma discussão de alguns aspectos que circundam o contexto da produção artística e intelectual da diáspora africana no Brasil. Com o objetivo de expor como dita produção e sua recepção passam por um sistemático processo de deturpação que desemboca em aproximações, análises e conclusões baseadas em pressupostos branqueadores, demonstro como a obra do grupo

de rap dos Racionais MC's e sua recepção se inserem também nesse processo histórico a cujo tratamento Machado de Assis e sua obra foram submetidos. Ao contexto da corrente contenda sobre o pertencimento racial de Machado de Assis, em contraponto direto com uma discussão sobre a recepção de sua obra, acrescenta-se, em diálogo estreito, a produção do grupo de rap paulista e sua já significativa e interdisciplinar fortuna crítica.

Palavras-chave: Machado de Assis, Racionais MC's, branqueamento, raça

O resgate da memória negro-africana em *Chronique des Sept Misères* de Patrick Chamoiseau

ARNALDO ROSA VIANNA NETO (UFF)

Resumo: Nosso objetivo com este trabalho consiste em analisar a importância do elemento cultural africano na formação da identidade antilhana. Para tal, trabalhamos com o romance *Chronique des Sept Misères*, do antilhano Patrick Chamoiseau, no qual, através da figura do contador de histórias, procuramos pesquisar a memória fragmentada e a tentativa dos escritores antilhanos em reconstruí-la. Trata-se de investigar as estratégias narrativas utilizadas para a valorização e a reconstituição dos conteúdos ethnoetnoculturais que circulam nos fragmentos de origem negro-africana que constituem, entre outros, a identidade compósita crioula. O estudo do tema proposto será realizado à luz dos conceitos de Crioulização de Édouard Glissant e de Crioulidade de Patrick Chamoiseau, Jean Bernabé e Raphaël Confiant.

Palavras-chave: fragmento negro-africano, memória, identidade compósita, crioula

Negritude nas Américas: uma reflexão sobre afrodescendência, literatura e outras artes na contemporaneidade

VALERIA SILVA DE OLIVEIRA (UERJ)

Resumo: A presente comunicação objetiva discutir brevemente a importância do papel da literatura e até mesmo de outras artes no

processo de desconstrução das imagens cristalizadas do ser negro. Essas imagens estereotipadas foram construídas ao longo dos séculos e ainda estão presentes nas práticas sociais, principalmente no discurso hegemônico da contemporaneidade. Há alguns séculos atrás, povos de origem africana foram forçados a atravessar o Atlântico com o único propósito de satisfazer as necessidades de um mercado cada vez mais globalizado e competitivo e de uma classe social motivada por um desejo insaciável de aumentar seu poder. Na visão daqueles que estavam à frente do tráfico negreiro, o continente Africano era muito rentável, já que provia uma fonte inesgotável e barata de força de trabalho não só para o Brasil, mas também para todo o mundo. Uma das consequências desse sistema cruel e desumano de comércio daqueles que foram escravizados são as várias narrativas “oficiais” que tendem a descrever o homem negro como subespécie, intelectualmente inferior, estupradores natos e uma ameaça para a sociedade. O imaginário de medo que surge a partir dessas narrativas estereotipadas resulta, entre outras coisas, na marginalização e até na morte da população negra e afrodescendente. Nesse sentido, faz-se importante discutir também as consequências desastrosas, dolorosas e, muitas vezes, irreversíveis, da construção de um discurso que tem excluído e subjugado várias gerações de afrodescendentes por séculos (MODESTIN, 2015, p.37). Segundo Antônio Tillis (2015), se por um lado o homem negro tem sido constantemente vilificado, a mulher negra foi completamente apagada da história contada pelo discurso hegemônico (TILLIS, 2015, p.172). De fato, pelo menos até a década de 80, conforme sugere Angela Davis, embora já existissem publicações acerca da escravidão, era “[...] evidente a ausência de um livro especificamente dedicado à questão das mulheres escravas.” (DAVIS, 2016[1981], p.16). Diante da vilificação e exclusão cotidiana do negro africano e do afrodescendente, há cada vez mais a necessidade de concentrar esforços no sentido de desconstruir imagens cristalizadas e deformadas do “ser negro”. A desconstrução de tais estereótipos podem se realizar através de vários caminhos propostos pelas Humanidades – por meio da literatura ou mesmo de outras artes. O diálogo entre os

vários campos de conhecimentos das Ciências Humanas resulta em novos saberes. É importante observar que com a construção desses novos saberes surge a necessidade de novas epistemologias. Segundo Walter Mignolo (2009, p.3), é preciso engajar na desobediência epistemológica rumo à decolonização, liberdade de pensamento e à criação de espaços antes negados.

Palavras-chave: Negritude, Desconstrução, Decolonização, Literatura

Mar de sal e memória: poética afrorrealista da diáspora colombiana contemporânea em Marta Quiñónez

NANNY ZULUAGA HENAO (UFJF)

Resumo: Este trabalho possui como objeto de estudo a poética de Marta Quiñónez, e sua incursão na corrente Afrorrealista hispano-americana contemporânea, desenvolvida pelo teórico Quince Duncan, especificamente no contexto diaspórico colombiano. Para fins deste trabalho, tomaremos quatro poemas correspondentes a cinco subseções: o primeiro poema se denomina “África verde rojiza”, o segundo “África verde rojiza”, o terceiro “Sabía que no era de aquí” e por último “Siempre quise”, todos parte da obra Kartalá, com exceção do poema “Soy Marta”, texto de número um, pertencente à obra Acantilado. Buscaremos tratar em sua poética da noção de certo pertencimento subjetivo a um coletivo que atravessa oceanos e se inscreve na totalidade de sua obra como busca e realocização, pensadas a partir da diáspora, viva em seu imaginário literário através de uma evidente tensão. Marta Quiñónez nasceu em Apartadó, município do departamento de Antioquia e atualmente vive em Medellín, cidade para a qual migrou em sua juventude, iniciando sua travessia pessoal mesclada entre a vida textual e a biológica. Seus poemas surgem das adversidades da vida, como das experiências amorosas, do desejo, da dor e da diáspora, de encontros e desencontros, a partir de sua visão de mulher negra que, em seu caso, é sinônimo de uma visão crítica e reveladora de sua condição humana em meio a contemporaneidade.

Palavras-chave: Afrorealismo, Colombia, Mujer, Poesia

As africanidades em *Viva o povo brasileiro*

PÂMELA FERNANDA NUNES ROMERO (UEMS)

Resumo: O trabalho a ser apresentado faz parte de uma pesquisa maior, intitulada “Leitura e Agenciamento Discursivo em *Viva o Povo Brasileiro*: Uma análise crítica das Africanidades”, que se realiza no âmbito do programa do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. A finalidade deste é apresentar as africanidades na obra, convém para esclarecimentos fazer um aparte sobre dois conceitos, africanidades e identidade como discursos em construção, que no caso da última trata-se de um discurso que “preenche os espaços entre [...] o mundo pessoal e o mundo público” (Hall, 2000, p.18) num processo que de forma descontínua agrega valores de um determinado grupo pelo resgate da memória processado pela narrativa e por apego à tradição a religião, objetos, costumes, alimentação, enfim a fatores que embora possam ter sido solapados pelos detentores do poder, durante muitos anos, eles permanecem no meio do povo, e passam a ser a identidade de um determinado grupo, que no caso dos negros e seus descendentes intitula-se africanidade. Em *Viva o povo brasileiro* encontramos uma obra em que o foco é a descrição da formação identitária do povo brasileiro, sua origem, crenças, sua língua, cultura seus costumes. O autor ao representar o negro destaca a importância deste na construção cultural, religiosa, social e econômica que tem nas páginas da história do Brasil. A intenção do autor é exatamente fazer um resgate via negritude das vozes discursivas negras que ficaram politicamente interditas durante quatro séculos da história e da literatura brasileira. Os discursos que se processam no interior da obra atêm-se a questões antropológicas, filosóficas, literárias para justificar a escravidão engendrada pela elite dominante, enquanto outros evidenciam o apagamento do negro na literatura e história do Brasil. Como um conjunto de discursos agenciados pelo autor, a obra caracteriza-se numa espécie de simulacro humanístico centrado no homem de todas as épocas com uma fundamentação sócio-política, que

entrelaça os textos nos quais há uma imensa polifonia, no sentido da diversidade textual que propicia a convivência de gírias, de termos de outras línguas, de palavras originadas nos diversos extratos da cultura brasileira, enfim várias manifestações linguísticas discursivas, que fazem de João Ubaldo Ribeiro não apenas um contador de causos, mas um articulador da linguagem, cujos textos são compostos de um mosaico discursivo, que assume a função de resgatar e atualizar as africanidades no Brasil com um texto que pretende expor de forma direta ou indireta o pensamento filosófico discursivo brasileiro sobre a negritude, a forma como o negro aparece na História e na Literatura Brasileira e por fim como um romance de forma “engajada” pode trabalhar questões relativas a re(leitura) de quatro séculos da História do Brasil.

Palavras-chave: Africanidade, Identidade, Negritude

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

Vozes negras femininas na literatura de resistência contemporânea

MARIA APARECIDA FERREIRA DE ANDRADE SALGUEIRO (UERJ)

Resumo: A presente comunicação traz reflexões e convergências em torno de pesquisas em curso, mantendo foco sobre duas escritoras negras contemporâneas: a nigeriana Chibundu Onuzo e Nadifa Mohamed, nascida na Somália. Entre os diferentes pontos de intercessão encontrados em suas obras nos ocuparemos especialmente da questão das migrações como tema fulcral da realidade pós- e decolonial de seus textos como defesa da literatura diante dos desafios do capital global e, como não poderia deixar de ser, de como abordam a questão das mulheres no mundo de hoje. Chibundu Onuzo e Nadifa Mohamed são pouco conhecidas no Brasil, apesar de aqui já terem estado. Oriundas da África de hoje, são ambas, exemplos do papel das mulheres na literatura de resistência contemporânea, bem no espírito

do quilombo, autoras que tiveram – de formas variadas – suas vidas transformadas pela literatura e vice-versa, como tantos exemplos em nosso próprio país (Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Ana Maria Gonçalves, Cristiane Sobral). Duas filhas da diáspora africana, trabalham a identidade negra fora de África. Discutem, pensam, refletem sobre o significado na sociedade contemporânea elaborando pensamento sobre seus próprios fazeres literários e sobre o impacto deles sobre os outros.

Palavras-chave: Literatura Feminina; África; Contemporaneidade; Chibundu Onuzo; Leonora Miano

A violência do não-dizer em *Nós matámos o cão-tinhoso*, de Luis Bernardo Honwana

LIDIANA DE MORAES (UNIVERSITY OF MIAMI)

Resumo: Em 1964, Moçambique enfrentava o começo da guerra pela independência com o intuito de colocar um fim nos mais de 400 anos sob domínio de Portugal. O impacto do trauma da colonização associado com a consciência da condição opressora imposta pela bandeira portuguesa fez com que os acontecimentos que tomavam conta do país se tornassem uma infundável fonte de inspiração artística para as testemunhas do período pós-colonial. Era um momento de questionar o passado colonial e analisar o presente para poder vislumbrar o futuro independente. É nesse momento de transição que o escritor moçambicano Luis Bernardo Honwana publicou o seu primeiro (e único) livro, *Nós Matámos o Cão-Tinhoso*. Ao escrever, um autor – em especial aqueles situados em zonas de guerra nas quais a liberdade de expressão e pensamento é controlada não somente pelo uso de armas, mas principalmente pela violência do discurso de dominação – usa as palavras para dar voz às ideias que estão guardadas no silêncio de sua mente. No momento em que o jovem de 22 anos colocou no papel sua condição como sujeito pós-colonial, há uma ruptura com a condição de subalterno. Na apresentação de seu livro,

Honwana diz: “Não sei se realmente sou escritor. Acho que apenas escrevo sobre coisas que, acontecendo à minha volta, se relacionem intimamente comigo ou traduzam factos que me parecem decentes. Este livro de histórias é o testemunho em que tento retratar uma série de situações e procedimentos que talvez interesse conhecer” (9). Ao aliar seu testemunho da situação em que Moçambique se encontrava pré-independência com a descrição íntima da natureza humana, Nós Matámos o Cão-Tinhoso representa o impacto de séculos de silêncio que atormentaram àqueles que sonhavam em ser livres, mas tinham a vida constantemente vigiada pelo poder colonial. Sendo assim, proponho que através da análise de três contos – Nós Matámos o Cão-Tinhoso, As Mãos dos Pretos e Nhinguitimo – é possível perceber a violência da opressão colonial naquilo que os moçambicanos não conseguiam (e nem podiam) dizer. Em diferentes momentos dos três textos, o leitor é confrontado com personagens que não conseguem explicar (e até mesmo entender) a violenta realidade pós-colonial. No ambiente de exploração e subserviência colonial, ter voz representa o perigo da desestabilização do discurso dominante. Dessa maneira, a necessidade da sobrevivência faz com que o não-dito passe a carregar consigo o simbolismo de uma barreira imposta entre a possibilidade de libertação e a suspensão do pensamento crítico. Essa barreira expõe como a manipulação do discurso colonialista consegue se alastrar no imaginário da população pós-colonial.

Palavras-chave: Literatura Moçambicana, Colonialismo, Luis Bernardo Honwana, Nós Matámos o Cão-Tinhoso

A voz silenciada da personagem de Orlanda Amarílis

ALINE AZEVEDO ROCHA DUIM (UFJF)

Resumo: No trânsito entre Portugal e suas colônias – uma circulação de pessoas, produtos, e ideias, tardiamente difundidas, em relação aos demais processos coloniais, até meados do século XX – as mulheres tiveram intensa participação, embora frequentemente involuntária e

subalterna. Marcadas por posições subjetivas em que sua inscrição de gênero é muito concreta, elas participaram do processo colonial em papéis muitas vezes secundários e submetidos às imposições do casamento e da família. Da mesma forma, as mulheres africanas também traçaram sua rota rumo à metrópole em busca de trabalho e vida digna. Partindo da premissa de que as mulheres sempre foram os “outros” dentro de suas próprias culturas, é interessante salientar que, deslocadas de suas colônias, elas continuaram sendo excluídas quando se encontraram com o homem branco colonizador na metrópole. Assim sendo, coloco em apreciação um texto que nos remete ao período em que se deram os últimos impulsos colonialistas do regime salazarista, no período compreendido entre 50 e 70 do século XX. Sua protagonista é uma mulher, mulata, deslocada de uma ilha do arquipélago de Cabo Verde. Trata-se do conto “Desencanto” publicado no Livro Cais-do-Sodré-Té- Salamansa da autora cabo-verdiana Orlanda Amarílis. A autora Orlanda Amarílis nasceu em Assomada, cidade situada na ilha de Santiago (Cabo Verde), a oito de outubro de 1924. A maior parte de sua vida foi fora do arquipélago, terminando seus estudos de Magistério em Goa e depois a faculdade de Pedagogia em Lisboa, onde finalmente se estabeleceu. Orlanda publicou três livros de contos: Cais-do-Sodré-te-Salamansa (1974), Ilhéu dos Pássaros (1982), A Casa dos Mestros (1989). A autora cabo-verdiana Orlanda Amarílis foi o primeiro nome feminino a ganhar destaque na literatura internacional por trazer ao cenário literário o dia a dia da mulher, tanto aquelas que emigram em busca de melhores condições de sobrevivência quanto as que permanecem na ilha enfrentando as adversidades impostas devido à escassez de chuvas e recursos do arquipélago. Proveniente de um movimento literário surgido em 1940, em Cabo Verde, o qual tinha como meio de publicação a Revista Certeza, a autora Orlanda Amarílis publicava textos que objetivavam denunciar injustiças sociais e debater e garantir a legitimidade da literatura cabo-verdiana como representante de uma arte que defendesse a igualdade de oportunidades para as mulheres.

Assim sendo, torna-se imprescindível o papel desempenhado pela autora cabo-verdiana que, dentre os escritores africanos, foi capaz de ultrapassar obstáculos em relação e sua condição de mulher para refletir criticamente sobre a condição social, política e cultural de seu país. Orlanda Amarílis está sempre em busca da essencialidade cabo-verdiana. Com isso, propõe a ruptura com a alienação de colonizado, a aculturação e a condição inferiorizante para desencadear a valorização da cultura local e, com ela, o despertar da consciência nacional. Orlanda Amarílis, uma voz feminina a expressar a identidade de seu país, é, na visão de Tutikian (2008), um exemplo de escritora que potencializa ficcionalmente histórias de mulheres, revelando a condição feminina no sistema patriarcal e denunciando a objetualização da mulher de forma a construir uma consciência do feminino e a corroborar para dar sentido à história de seu país com uma consciência que se estende a todas as minorias. Para Tutikian, a grande personagem de Orlanda Amarílis “é o cabo-verdiano, o povo que aquelas mulheres representam, no arquipélago e em Lisboa sobretudo, mergulhando em duas vivências e em duas memórias” (2008, p. 46).

Palavras-chave: Literatura, Feminino, africanidade, Cabo Verde

Poesia e resistência: dois caminhos que se cruzam na escrita de Agostinho Neto

CELIOMAR PORFIRIO RAMOS (UFMT)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar algumas considerações acerca da escrita de Agostinho Neto e sobre a intersecção entre poesia e resistência. Sua produção, assim como sua vida, é marcada pela luta contra o colonizador . O poeta utiliza a poesia enquanto instrumento de luta em prol da libertação de Angola e, ao mesmo tempo, como instrumento de conscientização do povo angolano. O trabalho foi estruturado sob a hipótese de que a poesia é tomada como um instrumento de combate e visa motivar a população angolana a lutar contra o processo colonial e requerer a construção de uma identidade

nacional. Além disso, visa denunciar as atrocidades do colonizador e propagar esperança de dias melhores. Para realizar esse trabalho teremos como base os poemas do livro *Sagrada Esperança*. A linha de pesquisa na qual se insere este trabalho é literatura e vida social e, por isso, tomando o texto literário para refletir sobre a sociedade. A fim de sustentar teoricamente o trabalho temos como base o texto de crítica literária de Antonio Candido *Literatura e Sociedade* (2006) e de outros teóricos e críticos que seguem a mesma linha de raciocínio.

Palavras-chave: Agostinho Neto, resistência, poesia, engajamento

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 5

Brasil e Cabo Verde: diálogos poéticos

NORMA SUELI ROSA LIMA (UERJ)

Resumo: A comunicação tem por finalidade debater questões atualizadas e pertinentes às relações literárias poéticas travadas entre a literatura brasileira e a literatura cabo-verdiana, nos séculos XX e XXI, na observação deste percurso com aproximações ou afastamentos de determinadas correntes teóricas relacionadas ao luso-tropicalismo, ao comunitarismo, à formação identitária, ao construto imaginário do conceito de nações, à diáspora, à cultura de fronteiras, (entre outras), entendidos sempre na ambiência dos estudos pós-coloniais. Tendo por base os diálogos realizados entre autores do Modernismo Brasileiro e os da revista cabo-verdiana *Claridade*, busca-se analisar, através de estudo comparado, de que forma contextos políticos intervêm nas produções destes autores, bem como as estratégias que driblaram tais restrições. Igualmente investiga-se em ambas o caráter de cultura híbrida, que se em outrora se apresentavam com um traço negativo para as questões de negritude e africanidade (no sentido de percebidas como assimilação), nos contextos atuais ganham força como integradas à diversidade e

a aos discursos positivos da fraternidade e da convivência ideal entre povos de diferentes etnias. Para os métodos de análise e de abordagem comparada entre os discursos literário com os de outros campos do saber: Benedict Anderson, Boaventura de Sousa Santos, Clifford Geertz, Homi K. Bhabha, Sérgio Buarque de Holanda, Simone Caputo Gomes e Stuart Hall, entre outros. A proposta está vinculada à minha tese de doutorado, defendida na Universidade Federal Fluminense, e ao curso de Pós-Graduação que ministro na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Literatura Cabo-verdiana, Diáspora, Comunitarismo

A diáspora vista pela África: influências na produção cultural

ANTONIA DE THUIN (PUC-RIO)

Resumo: Nesse trabalho, pretendo mostrar algumas possibilidades da produção cultural no continente africano, para evidenciar a influência recebida por eles durante o processo da diáspora africana. Em seu livro “O Atlântico Negro”, Paul Gilroy explica como as trocas culturais possibilitadas pela diáspora moldaram não só a cultura negra nas Américas, mas também a cultura na África. Com as possibilidades surgidas com a internet, essa troca se modifica e intensifica, passando a ser não somente presencial, com as migrações forçadas e voluntárias, mas também virtual, como Goli Guerreiro explica em seu livro “Terceira Diáspora,” em que mostra as possibilidades desse incremento na troca, tendo como base a cidade de Salvador, mas buscando produções culturais ao longo de todo o território afetado pela diáspora. Tendo em mente essa ideia de troca cultural e as conexões feitas, existem diversos autores e artistas na África contemporânea que falam sobre e buscam expressar essa troca em seus trabalhos. Artistas como TJ Dema, poeta do Botswana ou Joana Choumali, fotógrafa da Costa do Marfim, falam de um espaço de produção que sofre influências constantes dessa colonização, enquanto preserva ainda um espaço de tradição,

representado por práticas culturais antigas, tais como a escarificação, presente no trabalho de Joana Choumali em alguns ensaios, ou a própria língua, questão importante e discutida em diversos momentos por TJ Dema, que tem como língua materna não o inglês ou o Shosa, mas o Setswana. A produção delas, bem como de outros artistas, passa por uma discussão do passado colonial, com o qual todo o continente africano ainda precisa lidar. A África ainda sofre com a história única (como chama Chimamanda Ngozi Adichie, em sua palestra para o TED), na qual sua existência é atrelada a fome, a guerras, a governos corruptos e ditaduras. E a quebra dessa percepção do estrangeiro sobre o continente africano pode se dar, na visão de Achille Mbembe, pela força da produção cultural e teórica, que seriam capazes de criar, usando o termo de Chimamanda Ngozie Adichie, múltiplas histórias sobre o mesmo local, permitindo outros conhecimentos e pontos de vista. Para Felwine Sarr, somente a produção de algo que não parta do pressuposto colonial do desenvolvimento pode gerar essa mudança. Ambos trabalham buscando influenciar novas possibilidades de produção de pensamento no continente, com seminários e cursos. Na minha fala, quero mostrar alguns artistas que trabalhem com essa perspectiva, em pesquisa continuada durante meu estágio de doutorado sanduíche na faculdade de Obafemi Awolowo, em Ilé Ifé, na Nigéria, e analisar sua contribuição nesse espaço de trocas culturais e criação de uma nova história.

Palavras-chave: África, produção cultural, diáspora

Do afogamento de Mariavilhosa à terra que não quer se abrir: as marcas do sagrado e das religiosidades em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto

ALINE CAMARA ZAMPIERI (UFMS)

Resumo: Na obra O sagrado e o profano Mircea Eliade (2002) define o termo sagrado como um fato misterioso, algo de ordem diferente e que não pertence ao nosso mundo natural e/ou profano, com o qual,

eventualmente, nos deparamos. A estas manifestações do sagrado o filósofo romeno denomina hierofanias e, afirma que um objeto qualquer pode torna-se sagrado sem deixar, contudo, de continuar a ser ele mesmo desde que a sua realidade imediata se transmute numa realidade sobrenatural. Em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, romance do escritor moçambicano Mia Couto (2010), algumas passagens nos levam a identificar essas hierofanias. A obra é narrada em primeira pessoa pelo protagonista Marianinho, um estudante universitário, o qual discorre sobre o seu retorno à enigmática ilha de Luar-do-Chão com o intuito de comandar as cerimônias fúnebres de seu avô, Dito Mariano, de quem recebera o mesmo nome. Chegando à ilha, da qual havia partido ainda criança a fim de dar início aos seus estudos na capital, o neto, favorito de Dito Mariano, se vê em meio a uma série de intrigas e segredos familiares, além de um falecimento que permanece estranhamente incompleto, dado o estado de catalepsia do avô diagnosticado pelo médico indiano Amílcar Mascarenhas. Pelas várias histórias que perpassam pela narrativa três passagens as quais manifestam o sagrado chamam a nossa atenção: o afogamento de Mariavilhosa, o aparecimento do burro enigmático e o (não) enterro do avô. Além das marcas do sagrado, permeiam também por esses episódios tanto imagens dos costumes e da religiosidade moçambicana (colonizado), quanto da cultura e da religião dos portugueses (colonizador). Assim, a fim de analisarmos as imagens do sagrado nos basearemos nos pressupostos de Mircea Eliade (2002) e no Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1999). Para evidenciar as tradições dos povos africanos e/ou moçambicanos nos valeremos da obra Usos e Costumes dos Bantos: A vida duma tribo no Sul da África, do missionário e antropólogo suíço Henrique Junod (1974). Com o intuito de tratar sobre as questões referentes ao pós-colonialismo traremos à tona as discussões do crítico indo-britânico Homi Bhabha (2013) em O local da Cultura e do teórico e professor de origem jamaicana Stuart Hall (2011) em Da Diáspora. Ademais,

traçaremos alguns diálogos entre a narrativa de Mia Couto (2010) e obras da tradição literária, evidenciando uma literatura que também se dá pela cultura eurocêntrica; assim como todas as demais literaturas dos países colonizados pela hegemonia europeia.

Palavras-chave: Literatura Africana, Tradição literária, Pós-Colonialismo, Sagrado

A crise do sujeito colonizado em *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe

JOÃO VICTOR SANCHES DA MATTA MACHADO (UFRJ)

Resumo: O livro O Mundo se Despedaça, do escritor nigeriano Chinua Achebe, foi um dos primeiros livros publicados por uma colônia inglesa na África, trazendo o ponto de vista do colonizado em plena campanha pela independência da Nigéria. O presente trabalho pretende observar o luto e a melancolia no aspecto cultural e histórico contido nessa obra. O que se realiza é uma leitura do livro em três momentos em que possamos perceber a ligação entre a personagem principal da narrativa (Okonkwo) e sua cultura, o processo pelo qual ela é confrontada pelo poder colonial, assim como as consequências para o sujeito colonizado. O primeiro momento se faz com a apresentação da personagem, sua ligação com a sociedade igbo e seus problemas com seu pai, em que podemos notar o sentido de autoafirmação e inflamação do ego que norteia as ações da personagem, sua identidade cultural. O segundo momento da obra (e primeiro momento de quebra do ego) acontece com o exílio, culminação de outras ações anteriores que caracterizam o início do processo de recuperação com base na cultura igbo. Nesse sentido, os males causados e o processo de cura se dão segundo aspectos autóctones e familiares ao sujeito melancólico que entende as relações culturais inseridas na relação de causa e consequências. O terceiro momento ocorre com a chegada do colonizador branco, no momento de retorno do exílio, novamente uma fratura no ego, porém agora com a perda do objeto imposta pela força imperial e exterior

à ação do sujeito estando, portanto, fora de seu controle. O que encontramos nesse momento é a crescente frustração, esgotamento do ego que busca em aspectos familiares uma resolução que lhe é negada pela força do colonizador ao esvaziar e silenciar a cultura do colonizado. O personagem totalmente imerso e dependente de sua cultura, que lhe é negada, não encontra apoio ou meios de superação de seu estado melancólico, também não cedendo à uma quebra do sujeito, é levado ao suicídio. A leitura que podemos ter volta-se ao aspecto colonial que, ao mesmo tempo que impõe a perda do objeto também nega os meios pelos quais o sujeito poderia passar por um processo de superação, pois, como podemos pensar nesse caso, o mecanismo de superação está inserido no próprio objeto perdido.

Palavras-chave: Chinua Achebe, Identidade, Colonialismo

50

LITERATURAS EM ABISMO: A PERSPECTIVA INTERSEMIÓTICA EM DEBATE

Fernando de Mendonça (UFS)

Maria do Carmo de Siqueira Nino (UFPE)

Resumo: Dando prosseguimento ao produtivo encontro ocorrido no encontro anterior da ABRALIC, este simpósio se organiza como um espaço para o debate de reflexões críticas voltadas à relação da literatura com as outras artes (cinema, fotografia, música, pintura, teatro, etc.), baseando-se numa perspectiva de análise intersemiótica e tendo como propósito ampliar e aprofundar os estudos advindos deste ramo da literatura comparada. Adotar a Intersemiose como postura de observação, continua sendo uma oportunidade para discutir as experiências literárias nas textualidades contemporâneas, notadamente marcadas pelo diálogo de linguagens e a hibridez de formas e mídias. Com o objetivo de melhor delimitar este complexo âmbito de pesquisa, multifacetado por natureza, propomos a aplicação do conceito de *mise en abyme* como uma âncora teórica, um denominador e ponto de interseção para as leituras que aqui possam emergir. Advinda de uma técnica romanesca explorada por André Gide, a partir dos últimos anos do séc. XIX, a expressão deriva de um termo que, na heráldica, vem se referir ao ponto em que diversas figuras e formas se relacionam, dentro de escudos e medalhões, compondo *em abismo* o fundo de uma imagem sem, necessariamente, se tocarem. Posteriormente teorizada por Lucien Dällenbach (1977; 1979), que aprofundou o caráter especular e destacou a presença desta ideia de composição narrativa como uma constante passível de identificação, da Antiguidade aos tempos modernos, esta consciência nos surge como um método de investigação para melhor

uniformizar o heterogêneo cenário aberto pela relação das artes. Assim, importa não somente verificar a maneira como variadas obras podem se relacionar, mais do que isso, torna-se relevante perceber a influência destas relações no gesto criativo, em si mesmo. Uma obra que se constrói *em abismo*, segundo Dällenbach, vem também se desdobrar numa ‘autotextualidade’, em outras palavras, numa ‘intertextualidade autárquica’, passando a depender intrinsecamente do diálogo com outros textos e linguagens para subsistir como forma autônoma e original. Sobreposição de camadas que logo se percebe como um *modus operandi* muito expressivo e recorrente na literatura contemporânea, seja em obras que ultrapassem o verbo escrito para alcançar novos domínios de visualidade e, até mesmo, sonoridade; ou literaturas que vêm encontrar nas tecnologias eletrônicas, na cibernética e na rede virtual, novos horizontes de possibilidades textuais. O conceito de *mise en abyme*, desde os romances e apontamentos ensaísticos de André Gide, presta-se como instrumento de análise comparatista, pois instaura numa obra a reflexividade direta por outra(s) obra(s), seja através de semelhança ou de contraste. Jogo de reflexos a ser resgatado por Dällenbach, ao definir uma narrativa *em abismo* como obrigatoriamente estruturada por meio de um ‘relato espelhado’, assim como determina Umberto Eco (1989) em sua teoria de espelhamentos, ampliando o caráter vertiginoso das artes que se alimentam ininterruptamente. Diante disso, o simpósio propõe uma ampla discussão de obras que recorram a caminhos em composição especular, seja no direcionamento de textos que apontem para outros textos (obras dentro de obras), mas especialmente, no caso de linguagens que se voltem para outras linguagens, desafiando a percepção e inovando as estéticas contemporâneas. Acompanhando uma tendência dos estudos mundiais em literatura comparada, como se pode constatar pela recente organização de um periódico internacional da *Università degli Studi di Verona* (2014), integralmente voltado para pesquisas que contemplem a *mise en abyme* como escopo principal de análise crítica, espera-se contribuir aqui para a discussão e divulgação do tema. Diante

da alta procura por esta proposta no XIV Encontro ABRALIC, a renovação do simpósio visa oportunizar um maior contato entre pesquisadores brasileiros que já se dediquem ao assunto.

Palavras-chave: Intersemiose, Mise en Abyme, Especularidade

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Capitu – Perspectivas Barrocas Para Uma Leitura Intersemiótica

MARIANA MACIEL NEPOMUCENO (UFPE), FÁBIO CAVALCANTE DE ANDRADE (UFPE)

Resumo: Apresentamos a perspectiva crítica do barroco para lançar luz sobre aspectos que conferem autonomia à minissérie Capitu, de Luiz Fernando Carvalho, em relação ao livro Dom Casmurro, de Machado de Assis. Procuramos compreender a presença de uma estética barroca, de maneira metodológica, seguindo rastros desta sensibilidade como chave para entendermos não somente a minissérie Capitu, mas também a proposta estética do diretor Luiz Fernando Carvalho. A aproximação com o barroco surge para avançar na investigação de caminhos abertos no intercâmbio entre linguagens que descambam na expressão audiovisual na televisão em busca do rompimento de concepções lineares do tempo, aceitando a dimensão instável e múltipla das criações que se afastam dos modos hegemônicos da ficção televisiva. O tempo no barroco escapa à linearidade e torna-se espiral, enrolando-se sobre si mesmo, aparentando estar imobilizado, congelado. A percepção de movimento contida nas esculturas e nas pinturas barrocas seja em expressões de pavor ou de êxtase são contraditórias neste aspecto: por mais que sugiram ação, dão também a impressão de imobilidade, de aprisionamento no instante da emoção. Esse aspecto da arte barroca condensa o tempo e o espaço em um só objeto e oferece também dinâmicas de espelhamento que materializam angústias e preocupações

de tempos e espaços instáveis - espiralados, cheio de dobras e de intersecções. Outro aspecto importante do conjunto artístico que denota a sensibilidade barroca é uma razão outra, reafirmada pelo imaginário no barroco a partir de efeitos de claro-escuro, de jogos de luz e sombra específicos, que conferem nebulosidade e indistinção ao ambiente representado pelo barroco. A ilusão, entretanto, deve ser compreendida num sentido diverso daquele a que se opõe o antiluscionismo. O que o barroco reivindica é a ilusão que permite o jogo de aparências e que não aspira ao efeito de realidade do naturalismo. Não há a crença no realismo mimético preconizado pela tradição clássica, posto que a ilusão se legitima como prerrogativa do imaginário, do devaneio. A presença do barroco em *Capitu*, no que esta expressão traz de diferença em relação ao classicismo, além de estar na teatralidade e nos excessos das expressões, das cores, das imagens, encontra-se também nas ações dos personagens e nos dramas em que eles se afoam a cada momento. Um estado de crise, como o era o do indivíduo no período barroco, imerso na disputa religiosa deflagrada pela Contra-Reforma, pois que o barroco foge à pretensão da eternidade por estar imerso no presente. Em um exercício de aproximações por contiguidade, propomos o diálogo entre a minissérie e outras linguagens que a própria obra reivindica: o cinema, a música e a Literatura.

Palavras-chave: Barroco, Televisão, Literatura, Cinema

Metaficções em *Blow Up* (Antonioni) e *As Babas Do Diabo* (Cortazar)

MARIA DO CARMO DE SIQUEIRA NINO (UFPE)

Resumo: O filme *Blow up* (1966) co-roteirizado e dirigido pelo cineasta italiano Michelangelo Antonioni a partir de uma adaptação livre de um curto conto do escritor argentino Julio Cortázar *Las Babas del Diablo* (1959), serão vistos aqui sob a égide dos aportes teóricos da metalinguagem, presente em ambas as obras. Como suportes teóricos usaremos as reflexões sobre especularidade conduzidas por Lucien Dällenbach em seu livro *Le récit spéculaire: essai sur la mise en abyme*,

assim como as considerações sobre metaficção empreendidas por outros autores como Robert Stam, Gustavo Bernardo e Samira Chalub. Na verdade, o conto apresenta uma narrativa cuja problemática gira em torno da linguagem, usada aqui a favor do que vai se constituir na trama: seu narrador, o fotógrafo que vai relatar o fato após seu próprio assassinato, começa por se questionar sobre como poderia fazê-lo, e assim sendo, Cortázar, a partir de sua personagem, vai alternar moebianamente na escrita a temporalidade entre fato e relato do fato, ou seja, entre o fato e sua percepção dele, associadas à experiências da linguagem literária, assim como de seus limites, usadas como questionamentos sobre como proceder. Antonioni por sua vez, insere com maestria no relato fílmico aspectos do ato fotográfico em todas as características de performatividade implícitas no mesmo, tanto por parte do fotógrafo, como por parte das modelos que posam para ele. A prática da fotografia em estúdio, principalmente, nos é de modo contundente apresentada sob o viés da construção da naturalidade e da espontaneidade, em contraponto com as fotos tiradas ao acaso no parque, que constituirão um elemento central na trama. A imagem fotográfica e o seu papel dentro da percepção física da realidade pelo personagem, será um dos motes a serem problematizados no filme. Em narrativas circulares com aspectos de *mise-en-abyme* a pontua-las, tematizando seus próprios processos, instaura-se uma organicidade discursiva que relativizam as fronteiras de espacialidades entre realidade e ficção, nódulo em torno do qual a especulação sobre a natureza do real adquire todo sentido entre o que é factual, objetivo e fruto da percepção, portanto subjetivo e que permeiam as duas obras.

Palavras-chave: *Mise en abyme*, literatura, cinema, realidade

As Metáforas da Resistência em *Le Silence de La Mer*

NYEBERTH EMANUEL PEREIRA DOS SANTOS (UFCG)

Resumo: O movimento resistente francês, mitificado pelos franceses e, consequentemente, pela literatura, teve como membros personagens

importantes da história da humanidade, durante o período da Segunda Guerra Mundial. Nomes importantes como os de Jacques Lacan, Jean-Paul Sartre, Albert Camus, entre outros, figuram entre os personagens que resistiram às atrocidades trazidas por Hitler durante a ocupação nazista na França. Dentre os modos de luta contrários à ideologia fascista alemã, encontra-se a literatura e, conseqüentemente, a figura de Vercors. Jean Bruller, ao se engajar no movimento de Resistência, adotou o pseudônimo de Vercors e, através de suas narrativas, contou literariamente a maneira encontrada pelos franceses para resistir e lutar. Dentre as diversas formas de resistência, o silêncio foi o meio pelo qual os franceses gritaram o não à ideologia fascista e, conseqüentemente, se identificaram uns aos outros como homens e mulheres em prol do mesmo bem comum. Como fruto emblemático dessa época, encontra-se *Le silence de la mer*, novela escrita durante o verão de 1941 e publicada em fevereiro de 1942, a qual marcou a criação da editora Éditions de Minuit, uma vez que os livros por ela publicados eram impressos escondidos, à meia-noite. A novela supracitada, escrita em formato de folhetim e distribuída clandestinamente, ganhou visibilidade, tanto nas telas de cinema, quanto nas tvs europeias, em ocasião do aniversário dos sessenta anos do final da II Guerra. Num plano ideológico, essa novela ajuda a refletir sobre o papel da Resistência e, conseqüentemente, sobre o silêncio enquanto arma dos patriotas. Como leitura e (re)escritura da história, a adaptação fílmica nos auxilia enquanto meio emblemático para mitificar, ainda mais, a Resistência francesa, simbolizando-a através de metáforas. É, então, nesse processo de passagem da obra literária para a mídia cinematográfica que procuramos entender o processo de *mise en scène* da Resistência, de modo que investigamos seu processo a partir dos conceitos de metáfora e de tradução intersemiótica. A metáfora, entendida a partir da semiótica, reúne numerosas discussões, desde aquelas que fazem relação do representamen com o signo simbólico, até aquelas que procuram estender as discussões da relação representamen com os

hipoícones. É, então, a partir do entendimento do processo metafórico, o qual se coloca entre palavras e imagens, que buscamos investigar a maneira de representação da Resistência no telefilme de *Le silence de la mer* (2004), através do processo da tradução intersemiótica, entendido como a passagem de signos verbais para signos não verbais. Assim, percebemos como importantes as relações de contiguidades entre os representamens e seus objetos, mas também consideramos a relação cultural que enlaça os signos simbólicos para que, a partir dessa relação, a Resistência se apresente visualmente. Para as discussões teóricas aqui levantadas, nos baseamos em Plaza (2010), Peirce (2012), Jakobson (2007), Bernadet (2006), Mograbi e Reis (2013), Barthes (1964), entre outros.

Palavras-chave: Metáfora, Resistência, Semiótica, Tradução Intersemiótica

Um Labirinto Sem Centro: Cidadão Kane, por Jorge Luis Borges

PALMIRENO COUTO MOREIRA NETO (UNICAMP)

Resumo: “Citizen Kane (cuyo nombre en la República Argentina es El ciudadano) tiene por lo menos dos argumentos. El primero, de una imbecilidad casi banal, quiere sobornar el aplauso de los muy distraídos.” A observação é feita por Jorge Luis Borges em 1941 na revista *Sur*, publicação na qual escrevia sobre cinema desde o início da década de 30. O primeiro dos argumentos identificados por Borges é bastante conhecido. Trata-se da trajetória de Charles Foster Kane, da sua elevação a uma das posições de maior prestígio na sociedade americana até o momento de percepção da nulidade da sua vida. Se o primeiro argumento não impressionava o escritor argentino, o segundo parecia menos banal: “El segundo es muy superior. Une al recuerdo de Koheleth, el de otro nihilista: Franz Kafka. El tema (a la vez metafísico y policial, a la vez psicológico y alegórico) es la investigación del alma secreta de un hombre, a través de las obras que ha construido, de las palabras que ha pronunciado, de los muchos destinos que ha roto.”

Essa investigação recorreria a um procedimento de desconstrução da série cronológica que Borges associa ao romance *Chance* (1914), de Joseph Conrad, e ao filme *The power and the glory* (1933), de William Howard. Assim, através de uma “rapsodia de cenas heterogêneas, sin orden cronológico”, Orson Welles apresentaria, “abrumadoramente”, “infinitamente”, alguns fragmentos da vida de Kane. Caberia ao espectador, por sua vez, montar o quebra-cabeça. Para Borges, entretanto, a operação mental de reconstituição da imagem de Charlie Kane a partir das frações apresentadas por Welles seria inviável: “Al final comprendemos que los fragmentos no están regidos por una secreta unidad: el aborrecido Charles Foster Kane es un simulacro, un caos de apariencias. (Corolario posible, ya previsto por David Hume, por Ernst Mach y por nuestro Macedonio Fernández: ningún hombre sabe quién es, ningún hombre es alguien).” Assim, ele conclui: “En uno de los cuentos de Chesterton – The head of Caesar, creo – el héroe observa que nada es tan aterrador como un laberinto sin centro. Este film es exactamente ese laberinto.” O julgamento do escritor argentino é fatal. Cidadão Kane estaria condenado às empoeiradas prateleiras da história do cinema junto a algumas obras de Griffith e Pudovkin que, embora aclamadas pela crítica, “nadie se resigna a rever”. Entediante, o filme sofreria de gigantismo e pedantaria. Partindo da resenha de Borges escrita em 1941 e examinando avaliações distintas de Cidadão Kane realizadas por ele posteriormente, serão abordados alguns pontos de convergência entre o filme dirigido por Orson Welles e “Funes, el memorioso”, conto publicado pelo escritor argentino em 1942.

Palavras-chave: Jorge Luis Borges, Orson Welles, Cidadão Kane, Literatura e Cinema

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Narrativas Mise en Abye: a estrutura em abismo de Corpo de baile

EDINÍLIA NASCIMENTO CRUZ (UFMG)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar os efeitos do procedimento narrativos do encaixe, presentes em *Corpo de baile* (1956), de Guimarães Rosa. O livro é composto por sete narrativas que juntas formam um corpo que se tensiona por apresentar uma estrutura que tanto remete ao sentido de unidade como de fragmentação. Por meio da técnica narrativa do encaixe, temas, personagens se repetem e diferentes gêneros se mesclam, remetendo à espécie de jogo de espelhos ou mise en abyme (estrutura em abismo). A forma de encadeamento que ocorre entre as novelas faz-se por meio da reduplicação complexa, paradoxal (desdobramento da obra em si mesma). A partir da técnica mise en abyme introduzida por André Gide e ampliada por Lucien Dällenbach, buscamos analisar a escrita rosiana e o desdobramento das histórias encaixadas no livro.

Palavras-chave: Mise en abyme, Encaixe, Corpo de baile, Guimarães Rosa

O Abismo de Tíro: notas sobre a composição especular de “Paludes”, entre Gide e Virgílio

FERNANDO DE MENDONÇA (UFS)

Resumo: Dando prosseguimento ao raciocínio desenvolvido no encontro anterior da ABRALIC, quando nos debruçamos sobre a composição romanesca de André Gide, a partir de seu “Diário dos Moedeiros Falsos” (1927), recuamos um pouco na carreira do autor para observar melhor uma de suas primeiras aplicações da ‘mise en abyme’, conceito proposto por ele em paralelo ao que já desenvolvia na produção ficcional: “Paludes” (1895), uma sátira a respeito dos intelectuais da ‘Belle

Époque' e das motivações criativas que levam um jovem escritor, dentro do livro, a escrever um livro de mesmo nome. O que move "Paludes" é sua própria escrita, nas angústias que um autor encontra para justificar a necessidade de escrever. No texto de Gide, o escritor dentro do livro (inominável, pelo que podemos completar o espelhamento junto ao escritor de fora do livro) desenvolve uma ambiciosa narrativa que nenhum de seus pares reconhece ou compreende, pautada ela por um personagem que simplesmente se dispõe a contemplar a beleza das paisagens, do alto de sua torre. Os traços comuns e aparentemente esvaziados do protagonista logo são desvendados pela complexidade de sua relação com um dos cânones ocidentais: Títiro, este é o seu nome, não apenas conduz a perspectiva de "Paludes", mas aponta para uma herança milenar, advinda da primeira Écloga de Virgílio, obra que não apenas inspira um personagem para o narrador gideano, mas que é textualmente citada, verso por verso, logo na introdução da sátira. Diante disso, propomo-nos a refletir em "Paludes" sua estrutura abismal desde a superfície, ou seja, no que é mais evidente em sua síntese narrativa de livro dentro do livro, em processo interminável e indefinidamente vinculado aos dias pessoais de André Gide, assim como o abismo que vertiginosamente se apresenta entre este moderno e a lírica de Virgílio, muito mais do que revisitada ou homenageada, mas devidamente atualizada dentro da engenhosa elaboração de "Paludes". As questões colocadas por Maurice Blanchot (1997) a respeito da escrita de Gide e seu caráter de experiência viva que transcende a literatura, assim como as considerações de Alain Goulet (2003), especialista na obra do propositos da 'mise en abyme', e, finalmente, a profunda leitura de Lucien Dällenbach (1975; 1977; 1979) sobre as possibilidades da composição em abismo, nortearão nosso retorno a um autor que permanece enquanto referência perpétua dos abismos em que a arte pode nos lançar.

Palavras-chave: Literatura, Mise en Abyme, Espelharidade, Criação Literária

Baratas em Revista (s): o jogo de espelhos na ficção de Clarice Lispector

MARIÂNGELA ALONSO (USP)

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo a compreensão do procedimento narrativo da mise en abyme em obras de Clarice Lispector (1920-1977). No conto A quinta história, da coletânea A legião estrangeira (1964), a escritora constrói em poucos parágrafos variações sobre um mesmo argumento, uma espécie de desdobramento de histórias que se sucedem, a partir de um mesmo ponto: como matar baratas. O conto em questão surge primeiramente em outubro de 1960 na revista Casa & Jardim, ressurgindo em abril de 1962 no periódico Senhor, mais precisamente na coluna intitulada Children's Corner, quando a autora publica em primeira mão alguns de suas narrativas mais representativas, que mais tarde também seriam lançadas em livros. Além disso, a narrativa foi republicada no Jornal do Brasil em julho de 1969 como Cinco relatos e um tema e posteriormente inserida na coletânea Felicidade clandestina, de 1971. Finalmente, em 1984 o mesmo texto apareceu na edição póstuma das crônicas de A descoberta do mundo. Essa dinâmica reiterativa é marcada pelo prosseguimento e tem por base a similaridade ou "homotetia", princípio matemático que designa a transformação geométrica que altera o tamanho de uma figura, mas mantém as características principais, como a forma e os ângulos. Esse modo peculiar de elaboração implica no desnudamento de uma escrita lúdica por parte da autora de A quinta história. Embora procurando escrever sob os preceitos de uma linguagem adequada ao público das revistas mencionadas, Clarice Lispector pratica a subversão de um gênero, deixando entrever um texto singular, numa espécie de laboratório para sua ficção. Desse modo, essa pesquisa visa levantar e descrever uma parte do processo de gênese de sua criação pelo exame do "caso clássico" da barata e suas implicações com o procedimento da mise en abyme. Não constituindo exemplos de formas prontas e acabadas, as versões fornecem um efeito estético e lúdico aos leitores. Como um sistema de signos, o circuito dos contos viabiliza a retomada

e o prolongamento textual. Não é diferente do que afirma Lucien Dallenbach (1977; 1979) quanto à reflexividade dos textos em abyme. Essa forma peculiar de elaboração implica no desnudamento de uma escrita em abismo à semelhança da lógica das matrioskas e das caixas chinesas, acopladas umas dentro das outras, em sinal de infinita retomada. Escritas sob o signo da espiral, as obras que compõem o corpus desta pesquisa trazem imagens difusas e inesperadas. O que resta desse jogo é o próprio sujeito e seus conflitos consigo e com o mundo. Assim, baseando-se numa perspectiva de análise intersemiótica, buscaremos confrontar os textos escolhidos, focalizando a mise en abyme como força seminal e questionadora da obra de Clarice Lispector.

Palavras-chave: Clarice Lispector, A quinta história, Mise en abyme

Por Que Ser Um Clássico? Notas em abismo sobre “Se um viajante numa noite de inverno”, de Italo Calvino

PATRICIA GONÇALVES TENÓRIO (PUC-RS)

Resumo: O mise-en-abyme do escritor francês André Gide foi tomado emprestado da heráldica, onde a reprodução de um escudo, ad infinitum, um dentro do outro, gera a sensação de espelhamento. Encontramos esse espelhamento no “romance de inícios de romances” “Se um viajante numa noite de inverno”, do escritor italiano Italo Calvino. A partir de uma análise aproximativa entre a coletânea de ensaios “Por que ler os clássicos”, e o “romance de início de romances” “Se um viajante numa noite de inverno”, ambos de Italo Calvino, tentaremos aplicar conceitos tais como figura, do filólogo alemão Erich Auerbach, e myse-en-abîme, de André Gide.

Palavras-chave: Mise-en-abyme, Figura, Escrita Criativa

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Trauma, Palavra e Imagem: uma leitura intersemiótica de Fumaça, de Antón Fuentes

DANIELLE CRISTINA MENDES PEREIRA (UFRJ)

Resumo: Pensar o livro ilustrado em nossos dias implica em problematizar este conceito e indagá-lo, de modo não ingênuo, frente à Pós-Modernidade, em um mundo pautado pela precariedade das certezas, das identidades e das configurações das memórias. Além disso, é premente considerar dois aspectos, a saber: o caráter estético do livro de imagem, para além de sua percepção como mero objeto propedêutico; e as novas conformações do conceito de texto postuladas pela semiótica social (KRESS, 2003), o que implica na compreensão do texto imagético como elemento passível de literariedade, e na reflexão e análise sobre os processos constitutivos de semioses resultantes das relações dialógicas estabelecidas entre o texto visual e o texto escrito nas obras – sejam estas conexões de redundância, de complementaridade, ou de oposição. Destarte, ao considerarmos o livro ilustrado como um objeto estético, apontamos neste a presença de uma poiese da imagem complexa, que demanda um olhar de recepção que não deve limitar-se à leitura do texto e da imagem, mas também considerar como elementos de análise os paratextuais, os enquadramentos, os formatos, as disposições das imagens e as suas interações – ou dispersões – entre si e em relação ao texto escrito (VAN DER LINDEN, 2011). Diante dessa premissa, este trabalho propõe-se a pensar o livro Fumaça (2011), de Antón Fortes, com ilustrações de Joanna Concejo. Interessa-nos analisar como Fumaça, indicado, pela editora, para crianças maiores de nove anos, dissolve a expectativa tecida pela doxa no que concerne ao teor de um livro infantil-juvenil, ao tomar como tema o período histórico do Holocausto, e ao contá-lo

através da voz de um narrador autodiegético infantil, em uma narrativa que não poupa o leitor do horror e da crueldade. Pautaremos nossa leitura em torno da investigação sobre as relações intersemióticas presentes na obra, e no conceito de Pós-Memória, cunhado por Marianne Hirsch (2012), a partir de seus estudos sobre narrativa, fotografias e memória. A Pós-Memória diz respeito às relações que a “generation after” bears to the personal, collective, and cultural trauma of those who came before” (HIRSCH, p. 04, 2012), sendo estas “experiências” constructos criativos, tecidos por narrativas e imagens. Assim, pretendemos buscar compreender em nossa análise como são elaborados os sentidos instaurados pela obra acerca da vivência de trauma bem como os modos pelos quais esta simboliza a experiência do Holocausto em uma linguagem literária que abrange o texto escrito e o visual - este, sobretudo, constituído através dos recursos da fotografia e da gravura, em uma dinâmica que envolve vasos comunicantes tanto com o que Hirsch percebe como imagens icônicas do Holocausto, quanto com a arte surrealista. Além disso, em vista de ambas abordagens e do tema estarem também presentes na obra “Collected Visions”, que se constitui de uma série de fotografias experimentais da fotógrafa Lorie Novak, faremos uma análise comparada entre o livro e esta, com o escopo de analisar convergências e especificidades no que toca à leitura simbólica, pela via da pós-memória, da experiência do trauma coletivo.

Palavras-chave: Intersemiose, Pós-Memória, Livro de imagem, Literatura e Fotografia

Leitura Intersemiótica de “O Mundo do Sertão”, uma iluminogravura de Ariano Suassuna

ESTER SUASSUNA SIMÕES (UFRJ)

Resumo: Ariano Suassuna foi um artista múltiplo. A partir de sua literatura, e em especial de sua poesia, criou um universo simbólico em que convivem criações das mais variadas modalidades artísticas. O Movimento Armorial, idealizado por Suassuna e lançado oficialmente

em 18 de outubro de 1970 no Recife, propôs a criação de uma arte erudita brasileira baseada nos elementos da nossa cultura popular, e tinha como uma de seus objetivos justamente a produção integrada entre as diferentes artes. Foi nesse contexto que Suassuna criou as suas iluminogravuras, gênero artístico que sintetiza, como sugere o neologismo que o nomeia, pelo menos duas influências importantes: as iluminuras medievais e as gravuras populares do Nordeste brasileiro. Trabalho feito em papel cartão, cada iluminogravura contém um soneto e suas ilustrações que, criadas originalmente numa matriz com tinta nanquim (a exemplo do texto), foram em seguida copiadas em offset para, então, serem coloridas a mão por Suassuna. Em 1980, Suassuna publica o primeiro conjunto de iluminogravuras, intitulado Dez Sonetos com Mote Alheio. Qualquer análise dessa produção do artista paraibano deve passar por questões da intersemiótica. Hoek (2006) faz sua reflexão sobre obras que integram texto e imagem a partir de duas perspectivas: a da recepção e a da produção. Do ponto de vista da produção é preciso notar que, enquanto o observador percebe imagem e texto como simultâneos, o artista, por outro lado, faz uma escolha a partir de um critério de sucessão. Seguindo esse critério, Hoek (2006) propõe, então, três classificações. A primeira, quando a imagem precede o texto. A segunda, quando o texto precede a imagem, gerando uma relação multimedial (em uma única obra) ou transmedial (duas obras diferentes). Por fim, quando há simultaneidade – texto e imagem perdem a auto-suficiência criando, a depender da relação física existente, um discurso misto ou sincrético. O texto das iluminogravuras precede suas ilustrações e não há, em geral, presença de ekphrasis. Única exceção talvez seja na obra “O Mundo do Sertão”, em que há referências que sugerem a construção do soneto a partir do brasão da família Suassuna, criado por Ariano. É exatamente esse trabalho que foi escolhido para ser analisado neste artigo, já que nele constrói-se uma das mais dinâmicas relações texto-imagem do conjunto. A análise demonstra que há inicialmente uma relação que se pode chamar de

multimedial, seguida de outro momento em que ela se caracteriza como transmedial, por exemplo. Há também interessante relação entre o que se vê como resultado da ilustração e o que postulava a arte heráldica. O próprio texto do soneto evoca imagens pictóricas e sugere desde o início esse olhar intersemiótico. Além do já referido texto de Hoek, a leitura de autores como Genette (2010), Manguel (2009) e Newton Júnior (1999) foram essenciais para a elaboração do trabalho que aqui se apresenta.

Palavras-chave: Ariano Suassuna, Iluminogravuras, Poesia, Pintura

Entre os Limites da Criação: a metaficção em “Abra Este Pequeno Livro” (2013), de Jesse Klausmeier e Suzy Lee

FERNANDA LIMA MAIA (UFPE)

Resumo: A arte metaficcional atua como um enigma que nunca hesitamos decifrar. Cada sentido desvelado produz novos signos e significados. Nessa vertente, Abra este pequeno livro (Cosac Naify, 2013) de Jesse Klausmeier e Suzy Lee é daqueles livros que prende a atenção do leitor da primeira à quarta capa num processo abissal que interage imagens, palavras, formas e cores. O livro não é apenas um objeto, mas um produto artístico. O leitor é o personagem e os personagens, leitores. A reflexão especular é explorada pelas autoras através de construções intersemióticas em abismo que atualizam histórias clássicas infantis. Em Abra este pequeno livro não só o título é autorreferente mas também toda a narrativa se mostra narcisista, assim como o próprio formato da obra que é diminuído ou ampliado conforme a transposição das páginas-livros. Segundo Linda Hutcheon, em Poética do pós-modernismo (Imago, 1991), essas narrativas, também paradoxais, apresentam o que ela denomina de poética pós-moderna. Elas são narcisistas por requererem a coparticipação do interlocutor no processo de recepção ao passo que faz comentário sobre si mesma. Escrito pela norte-americana Jesse Klausmeier e ilustrado pela sul-coreana Suzy Lee, Abra este pequeno livro propõe uma literatura entre linguagens, em que o texto verbal e as ilustrações são interdependentes, o que

também é percebido entre a narrativa e seus leitores-personagens. À luz de Gustavo Bernardo, em O livro da metaficção (Tinta Negra, 2010), podemos reafirmar que a obra de Klausmeier e Lee se trata de uma metaficção já que o texto não esconde seu caráter ficcional, mantendo o leitor consciente de seu papel coparticipativo no processo de construção da história na qual ele é protagonista. No entanto, retomando L. Hutcheon, em nenhum momento esse processo de leitura rompe com a tradição mimética, mas atua como desencadeador da narrativa. Ou seja, Abra este pequeno livro, de Jesse Klausmeier e Suzy Lee, evidencia a figura do leitor como cocriador e do autor como produtor inscrito, em que não é mais possível determinar se a obra começa no processo de criação do autor, na concretização do produto enquanto objeto artístico ou no ato da recepção. Dialogando com as palavras de Linda Hutcheon e Gustavo Bernardo estão Valentina Anker e Lucien Dällenbach, em A Reflexa?o especular na pintura e literatura recentes (Art Internacional, vol. XIX/2, 1975), para quem as obras contemporâneas colocam em evidência a tríade literária produção-produto-recepção. Para tanto, analisar o livro ilustrado Abra este pequeno livro de Jesse Klausmeier e Suzy Lee se faz pela necessidade em compreender como a reflexão especular, presente em abismo na obra, é capaz de quebrar os limites interiores ao texto, oscilando-os ao exterior – saltando entre as dimensões da ficção e da realidade -, formando uma literatura que se autorregula e se conscientiza enquanto produto artístico.

Palavras-chave: Infantojuvenil, Livro ilustrado, Metaficção, Mise en abyme

Quem São os Outros? Porosidade signica, abismo e silêncio na poesia pós-utópica de Augusto de Campos

JOSÉ EDUARDO GONÇALVES DOS SANTOS (UFPE)

Resumo: Augusto de Campos, poeta relativamente inscrito na tradição da literatura brasileira, rasura a cena da poesia contemporânea ao lançar seu Outro, 2015, obra inscrita sob o signo da porosidade interartes

desde sua apresentação, quando o poeta chama a atenção da sua recepção para o caráter conceitual que atravessa o livro: seria o outro o espaço de ausência-presença entre duas notas musicais. Seria, ainda, um livro organizado em elã de autonomização de corpos poéticos em estruturas visuais, na tônica do movimentos movimentam (CAMPOS, 2015). Além do caráter intersemiótico, o título abre a possibilidade da dupla leitura, ora na busca de se compreender que seriam esses outros, construídos na relação antropofágica que sempre permeou as obras de Augusto de Campos, ora guinando esse projeto recente à escritura com os anteriores, de modo a criar a obra que se volta ao conjunto de obras, ora para reconhecer e homenagear seus outros, ora para permanecer no caminho da invenção poética, na construção de formas revolucionárias. Portanto, em síntese, esta proposta tem como objetivos centrais i. observar o caráter intersemiótico presente na obra *Outro* (CAMPOS, 2015), de modo a compreender como a relação com os signos em rotação contribui para a construção da obra; ii. observar quem são os outros, na dupla possibilidade da leitura da obra, observando a presentificação desses outros em projetos anteriores, de modo a se compreender o *Outro* como projeto de retorno às fases anteriores. Logo, como apoio teórico, de modo central, tomaremos o conceito de poema pós-utópico (CAMPOS, H. 1994), como forma de resolver a flutuação conceitual acerca da poesia recente de Augusto de Campos, além dos referenciais acerca da poesia de invenção no contexto pós-vanguarda (Cf. RANCIÈRE, 2009; CAMPOS, A. 2015; CAMPOS, A.; CAMPOS, H.; PIGNATARI, D. 2006). Isto dito, salienta-se, ainda, que esta proposta visa colaborar, do ponto de vista teórico-crítico, com uma produção literária que, não com pouca ocorrência, caminhou à margem da margem, no duplo do silêncio: aquele operado pela crise da escrita, aquele operado pelo desinteresse crítico que relegou vaias às palavras vivas.

Palavras-chave: Poesia, Intersemiose, Abismo, Silêncio

A Linguagem em Abismo: uma análise intersemiótica do Livro *Luvas de Pelica* (1980), de Ana Cristina César

LUIZA MOREIRA DIAS (UFPE)

Resumo: Ana Cristina César (1952-1983), uma das principais expoentes da geração marginal – década de 70 -, apresenta uma obra poética resultante de um método composicional tanto relacionado com seus exercícios de tradução interlingual, quanto com exercícios de tradução intersemiótica, ou seja, a palavra, neste caso, desenvolvendo-se a partir de diferentes linguagens artísticas. Além disso, a importância atribuída, pela poeta, ao projeto editorial e visual de seus livros publicados em vida de maneira independente – a exemplo do *Cenas de Abril* (1979), *Correspondência Completa* (1979) e *Luvas de Pelica* (1980) – é evidenciada não só nos próprios projetos dessas publicações artesanais, mas também em posicionamentos a esse respeito encontrados nas atividades de crítica literária (reunidas no volume *Crítica e Tradução* (2016)) ou em suas correspondências pessoais (presentes no *Correspondência Incompleta* (1999)). Neste trabalho, buscaremos realizar uma leitura do livro *Luvas de Pelica* (1980) - espécie de diário poético de bordo, escrito e editado no período em que a autora cursava seu mestrado em tradução, na Universidade de Essex, Inglaterra – em uma perspectiva intersemiótica, à medida em que analisaremos, além dos elementos visuais presentes na edição do livro, partindo da fotografia da capa, intitulada *Violettes Révées*, de Bia Wouk; os próprios elementos de diferentes linguagens que compõem e coabitam a palavra poética no livro em questão. Nosso aporte teórico fundamenta-se em autores como Julio Plaza (2010), no que refere a uma teoria da tradução intersemiótica do signo estético, bem como no conceito de “mise en abyme”, desenvolvido por Bal (1994), o qual apresenta-se enquanto uma duplicação constante e vertiginosa da própria linguagem. O livro *Luvas de Pelica* (1980) configura-se a partir de uma estetização subversiva do elemento confessional; ao utilizar um gênero relacionado, à primeira vista, com a ideia do feminino na literatura ou com uma voz

feminina, a poeta reconfigura a própria ideia de diário e a do que seria uma voz feminina. O diário de bordo em questão não nos apresenta uma intimidade absoluta, nem nos permite um olhar de detetive que desvenda mistérios biográficos de determinada personagem. Pelo contrário, essa prosa poética compõe-se a partir de silêncios e vazios, abismos e fatos incompletos, personagens e vozes por vezes indistinguíveis. Além disso, há algo que, nas palavras de Süsserkind (1995), aproxima-se do monólogo dramático, ou seja, poética composta por “textos que se apoiam simultaneamente numa forma teatralizada de composição e num efeito lírico”. É, portanto, a partir dessas premissas que buscaremos analisar a referida obra de Ana Cristina César, enquanto produto de um trabalho estético incansável com a linguagem, ao invés de resultado exclusivo de brutas aventuras biográficas.

Palavras-chave: Intersemiose, Ana Cristina César, Mise en Abyme, Poética

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

A Inocência Entre Espelhos: Museu e Romance em Orhan Pamuk

ANA LUIZA ROCHA DO VALLE (USP)

Resumo: O romancista turco Orhan Pamuk publicou, em 2008, O Museu da Inocência, cujo enredo se passa em Istambul, entre 1975 e 1984, e contém, entre outras questões, a criação de um museu por seu protagonista. Em 2012, sob curadoria do escritor, foi aberto, também em Istambul, em uma das regiões da cidade mencionada na obra literária, um museu homônimo ao livro. As possibilidades de relação entre o museu físico e o museu fictício, contido no romance, são já uma sinalização do abismo ou do movimento especular em Pamuk. Mas, há ainda muitas outras camadas. As vitrines do museu e os capítulos do romance são organizados de forma similar, e conhecemos, ao longo

do texto e por meio de um narrador em primeira pessoa, os diversos objetos que as compõem. Eles são utilizados como representações simbólicas de momentos da trama referentes ao relacionamento amoroso do protagonista, mas também sobre as transições da cidade de Istambul nos anos 1970 e 1980. Adicione-se a tudo isto que o museu (físico) tem um catálogo (The Innocence of Objects), também assinado pelo romancista, em que a instituição é apresentada como, entre outras atribuições, um museu sobre a cidade de Istambul. Ademais, em algumas de suas conferências, como as que publicou em O Romancista Ingênuo e o Sentimental, Pamuk afirma ter coletado os objetos descritos no romance e expostos no museu ao longo do processo de escrita. Desse modo, a exposição seria não só sobre um relacionamento amoroso fictício e a capital turca (real?), mas também sobre o processo de composição do romance O Museu da Inocência. Neste trabalho, pretendemos nos amparar nas teorias a respeito do mise en abyme para propor uma análise inicial de O Museu da Inocência que considere o museu homônimo e o catálogo The Innocence of Objects (não traduzido para o português), como parte do universo expandido do romance. Propomo-nos a investigar de que forma os objetos mencionados ao longo do texto e expostos no museu físico são estruturais para a composição de ambas as narrativas – a literária e a museológica. Dessa forma, analisaremos os pontos de convergência e de distinção entre as técnicas narrativas de ambas as áreas e identificaremos de que modo cada uma delas se utiliza – ou não – de mecanismos similares à outra. Outro ponto a ser abordado é a relação do narrador-personagem com a figura do autor implícito e do escritor. Isto porque, também de uma maneira que pode se relacionar ao especular, Pamuk insere na trama um personagem que é seu homônimo. E embora pareça um mero figurante na maior parte do enredo, ele é, ao final, revelado como o verdadeiro escritor do livro que temos em mãos – embora ele seja narrado em primeira pessoa, como se fora escrito pelo protagonista Kemal Bey. Acreditamos que uma visão inicial de todas essas camadas será mais

bem organizada com o apoio das teorias do espelhamento e do abismo, gerando diálogos profícuos com a área da museologia.

Palavras-chave: Mise en Abyme, Orhan Pamuk, Museologia

Literatura Surda em Performance: considerações sobre a arte Visual Vernacular

BRUNO FERREIRA ABRAHÃO (UFRJ)

Resumo: Este trabalho pretende estudar, analisar e discutir os pressupostos e as dinâmicas de uma forma específica de concepção estética surda, mais precisamente a arte conhecida como Visual Vernacular. A arte Visual Vernacular, que surgiu em 1970, teve o seu maior desenvolvimento na França e nos Estados Unidos. Ela é uma forma estética experimental que mescla em sua estrutura a narrativa, a dramatização, a dança e a imagem e que se desenvolve a partir de uma construção linguística visual e motora que é concernente às línguas de sinais. Compõe-se de elementos dramáticos, movimentos corporais, e de expressões faciais que conduzem o cenário narrativo por ela criado. Apesar de trazer em si elementos da mímica e da poesia, ela se constitui como um fazer artístico diverso e único, com suas muitas peculiaridades, pois, ainda que tenha como a sua base a estrutura visual e motora das línguas de sinais, a Visual Vernacular não faz uso, propositalmente, de sinais padronizados. Intentamos demonstrar como há uma natureza de performance na arte visual veicular, compreendendo performance como “uma pintura sem tela, uma escultura sem matéria, um livro sem escrita, um teatro sem enredo, ou a união de tudo isso” (LEIRNER, 1989). Ou seja, intentamos neste trabalho investigar e demonstrar de que modo a arte Visual Vernacular pode ser considerada como performática, por ser ela desenvolvida a partir de vários modos produtores de semioses; para tanto, pretendemos estudar, pois, os modos pelos quais ela se expressa na relação tempo e espaço, e como apreende, reelabora e desenvolve elementos literários através da visualidade e da experiência motora, e da ideia de presentificação, já que ela acontece como ação,

como um processo contínuo que se apresenta ao público a partir de uma perspectiva tridimensional e icônica, ao usar classificadores e movimentos corporais e faciais altamente expressivos. Outro ponto que gostaríamos de estudar são os diálogos que podem ser percebidos entre a arte Visual Vernacular e a linguagem cinematográfica, presentes na construção estratégica, na Visual Vernacular, de gestos que emulam os movimentos da câmera, como o close, a visão panorâmica e várias formas de enquadramento. Consideramos como fundamental o estudo da Visual Vernacular por ser uma expressão estética inovadora e pouco conhecida, relacionada à identidade e à cultura surda, sendo a sua investigação uma forma de valorizar a literatura surda, a partir do momento que compreendemos o conceito de texto literário como plural e aberto a formas variadas de construções semióticas.

Palavras-chave: Visual Vernacular, Intersemiose, Literatura Surda, Performance

Diálogos Entre Ritos, Atos e Artes: O espetáculo Estudo para missa para Clarice

MARIA BETÂNIA ALMEIDA PEREIRA (UERJ)

Resumo: Composta por fragmentos da obra de Clarice Lispector, Estudo para missa para Clarice – um espetáculo sobre o Homem e seu Deus – é uma peça teatral dirigida por Eduardo Wotzik, tendo como artistas o próprio diretor, que atua como protagonista, e duas atrizes: Cristina Rudolph e Natally do Ó. Com mais de cento e cinquenta apresentações entre São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, Estudo para missa para Clarice inova ao sair do lugar comum de peças atuais, trazendo para o público uma nova forma de se ver e de se pensar a linguagem teatral. Cenário, figurino, jogos de luz, de sombra e de espelho, música, ritual, os gestos corporais dos personagens – tudo integra o corpo do texto e o corpo das vozes do teatro, aqui uma digressão do pensamento de Paul Zumthor (1993) ao discorrer acerca da potência da voz em atos performáticos e enfatizar outros componentes como

sonoridade, aspectos visuais, ritmos. Para além dos diálogos entre os textos clariceanos, o espetáculo revitaliza o teatro enquanto momento de comunhão entre a plateia e os artistas, exigindo dos espectadores o aguçamento dos órgãos do sentido e o desprendimento do corpo, quando convoca o humano do ser a participar efetivamente do ritual da “missa” para Clarice. Desta forma, pode-se dizer que a peça reafirma o pensamento de Antonin Artaud, ao considerar o teatro como cerimônia em que a comunidade participa efetivamente. A par das especificidades da literatura e do teatro, as inter-relações entre o espetáculo e os textos clariceanos suscitam alguns pontos caros à discussão em nosso trabalho: as corporalidades enquanto mecanismos estruturantes de atingir o inatingível; os ritos como momentos iniciáticos que propalam o inacabado; os diálogos interartes que corroboram para a riqueza da produção artística, mas ao mesmo tempo propiciam o debate acerca de suas limitações. Assim, consideramos, especificamente para a nossa análise o livro *A hora da estrela*, publicado em 1977, uma vez que fragmentos desta obra integram boa parte da peça e convergem para um diálogo profícuo. No entanto, o diálogo intersemiótico não se restringe à literatura e ao teatro ; outras linguagens artísticas são convocadas a partilhar simultaneamente a composição dos modos de ser destes campos artísticos, que também, no dizer de Rancière (2000), são “coisas de pensamento”.

Palavras-chave: diálogos interartes, literatura, teatro, Clarice Lispector

Literaturas e Comunicação Midiática: diálogos intersemióticos e práticas de duplicação simuladora

MARIA ISaura RODRIGUES PINTO (UERJ)

Resumo: As novas técnicas de comunicação desenvolvidas de forma acelerada, desde as últimas décadas do século XIX, instauraram, no domínio público, um trânsito extraordinário de imagens e informações que deram origem à chamada sociedade de massa. A comunicação midiática é um dos traços mais marcantes da contemporaneidade.

Com o incremento de novas formas de transmissão cultural, calcadas na profusão de imagens reduplicadas e amplamente disseminadas, verifica-se, no cenário atual, sobretudo o cidadão, a proliferação estonteante de simulacros (BAUDRILLARD, 1996). A simulação industrial, que se expande com o crescente progresso da tecnologia, reestrutura a vida diária, alterando mentalidades, comportamento e processos artísticos. O estreitamento de contato com as linguagens da mídia marca a sensibilidade contemporânea. A literatura não poderia se manter indiferente ao fortalecimento da comunicação midiática na atualidade, visto que “A escritura é um ato de solidariedade histórica” (BARTHES, 1974). Por conseguinte, a dimensão visual, que se impôs como dado especialmente atuante da dinâmica cultural, alcança a produção literária recente. O fazer escritural acha-se vinculado à visualidade e às técnicas correlatas aos dispositivos tecnológicos produtores de imagens. A adoção de manejos imagéticos torna a narrativa tão apropriada ao momento quanto as imagens do cinema, pois esses expedientes estão em sintonia com o pensamento estético dominante, contemporaneamente moldado pela mídia. As escrituras de autores, como Sérgio Sant’Anna e João Gilberto Noll, entre outros, inseridas numa ambiência dominada pelas técnicas de comunicação visual, em que reina a duplicação simuladora, fazem parte de um contexto de superposição de réplicas que se repetem exaustivamente e se tornam clichês por força da obsessão duplicadora. Tomando por base essas observações, o estudo aqui proposto consiste em examinar o considerável grau de avizinhação do domínio literário com o domínio midiático na atualidade. O campo de investigação, atuando dentro de uma perspectiva intersemiótica, inclui questões referentes ao modo como escrituras recentes, por diferentes vias, mantêm com a série literária e extraliterária relacionamentos intertextuais que se inscrevem no sistema de simulação. A abordagem se estende ao exame de mecanismos de incorporação de estratégias serializantes, mostrando que esses procedimentos não se reduzem à mera imitação

acrítica dos princípios e técnicas de duplicação. A análise decorrente dessa averiguação busca demonstrar que essas práticas constituem um tipo de narrativa que se constrói como “relato espelhado” (ECO, 1989), em que a linguagem, agenciadora de recursos de visualidade e de efeitos cinematográficos, cruza em sua rede de significantes fios de referências variadas, ao resgatar modos de dizer já formulados, e, sendo assim, acompanha e ilustra o conceito barthesiano de texto, enquanto tecido de muitos fios (BARTHES, 1977). Os padrões requisitados pelas escrituras são incorporados e misturados através de colagens, numa atitude criativa que abala o conceito pejorativo de plágio.

Palavras-chave: Literaturas, Comunicação midiática, Diálogos intersemióticos, Duplicação simuladora

51

LUIZ COSTA LIMA: UM TEÓRICO NOS TRÓPICOS

Aline Magalhães Pinto (UFMG)

Ana Lúcia de Oliveira (UERJ)

Dau Bastos (UFRJ)

Resumo: Luiz Costa Lima está completando oitenta anos de idade e acreditamos que uma das maneiras mais proveitosas de comemorar o aniversário é passar em revista seus escritos. Inaugurada em 1966, sua obra fecundou o trabalho de um grande número de pesquisadores, entre os quais muitos certamente terão grande interesse em focalizar descobertas semeadas nos 26 títulos lançados até o presente.

Como sabemos, há volumes inteiros devotados a uma determinada categoria, a exemplo de *A agarrás do tempo* (1989), que esmiúça a narrativa. Encontram-se, além disso, questões enfocadas em mais de um livro, como é o caso da mimesis e do controle do imaginário, que renderam trilogias e se espalharam por outras publicações. Assim, o conjunto se firma como a obra nacional mais vultosa do campo da teoria da literatura.

Igualmente notáveis são os tomos consagrados à ficção e à poesia brasileiras do passado e do presente. Adepto do exercício crítico enquanto atividade de risco, Luiz Costa Lima adota perspectivas muito particulares, frequentemente ao arrepiio das leituras canônicas. Um dos resultados mais evidentes de seu arrojo é o oferecimento de imagens renovadas de autores como Machado de Assis, Euclides da Cunha, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Cornélio Penna, João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa e vários contemporâneos.

Ciente da importância de fazer circular entre nós algumas ideias surgidas no exterior, o crítico se engajou igualmente na organização de seletas de

artigos e ensaios estrangeiros, dos quais chegou a traduzir vários. Entre elas destacam-se os dois volumes de *Teoria da literatura em suas fontes* (1975) e *A literatura e o leitor – textos de estética da recepção* (1979), cujos conteúdos mantêm uma relação estreita com a própria trajetória intelectual do organizador.

Perpassada pela erudição, a obra de Luiz Costa Lima se coloca ao lado da crítica e da história da literatura como prova maior de que é possível teorizar nos trópicos. Sua existência não implica desmerecimento dos demais textos dedicados à ficção e à poesia, mas atesta a fecundidade de o Brasil se colocar entre as nações cujos estudos literários produzem composições longas e penetrantes em torno de determinados conceitos. Tanto os livros da própria lavra quanto aqueles que Luiz Costa Lima organizou são de uma densidade tal que costumam demandar mais de uma leitura. Como resultam de escavações profundas da literatura ocidental e se articulam a uma bibliografia que inclui o conjunto das humanidades, exigem ser tratados como objetos de estudo. Nada mais oportuno que sirvam de matéria-prima ou ponto de partida para abordagens livres a ponto de incluírem discordâncias e questionamentos.

O exame do trabalho de Luiz Costa Lima se mostra ainda mais necessário ao lembrarmos que, devido também a questões editoriais que envolvem desde políticas de publicação até dificuldade de difusão do livro no Brasil, vive um grande descompasso entre importância e alcance. Prestigioso e respeitado, marcou a formação de uma grande quantidade de professores e se faz presente em muitas pesquisas, mas costuma ser visto como hermético mesmo por estudantes de mestrado e doutorado. Além disso, seus vários volumes circulam muito menos do que seria de se esperar. Daí a importância de iniciativas que, sem resvalar para o tom encomiástico, facilitem o acesso e desdobrem os achados.

Nesse sentido, desponta como pioneira a organização, por Hans Ulrich Gumbrecht e João Cezar de Castro Rocha, de *Máscaras da mimesis*

– a obra de Luiz Costa Lima (1999), constituída de análises feitas por intelectuais do naipe de Benedito Nunes, David Wellbery, Flora Süssekind, Haroldo de Campos, Wlad Godzich e Wolfgang Iser. Em 2010, apareceu a coletânea *Luiz Costa Lima – uma obra em questão*, organizada por Dau Bastos, feita de entrevistas concedidas pelo autor a dezoito pesquisadores do Brasil e do exterior.

O presente simpósio se insere nesse fluxo de interlocução multifacetada e franca. A proposta é que os participantes tematizem o todo ou parte da produção de Luiz Costa Lima, tanto em sua especificidade quanto em seu diálogo com autores de diferentes épocas e latitudes.

Independentemente das linhas que perfizerem, as diferentes comunicações contribuirão para ampliar o alcance de reflexões desenvolvidas ao longo de décadas. Ajudarão a imprimir visibilidade ao percurso percorrido por Luiz Costa Lima e, por extensão, ao caminho empreendido pelos estudos literários no último meio século.

Palavras-chave: Mimesis, Controle do imaginário, Teoria da literatura, Literatura comparada

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

Guimarães Rosa à luz de Luiz Costa Lima: realismo e literatura

EDINÍLIA NASCIMENTO CRUZ (UFMG)

Resumo: Neste trabalho propomos discutir o realismo em *Corpo de Baile* (1956), de Guimarães Rosa, tomando por referência os textos “O buriti entre homens ou o exílio da utopia”, publicado no livro *A Metamorfose do Silêncio* (1974) e o artigo “O Mundo em Perspectiva: Guimarães Rosa” (1963), de Luiz Costa Lima. O crítico traz à luz um estudo sobre “as dimensões do real” na obra do escritor mineiro e destaca que em Guimarães Rosa, “o mundo se abre como problema”

e por meio de um “leque de perspectivas”. Para a análise do realismo rosiano, tomaremos como referência o texto “Realismo e literatura,” em que Luiz Costa Lima, organiza uma teoria estrutural do discurso literário. Pretendemos nos apoiar na teoria por ele apresentada após a virada teórica da década de oitenta, em que propõe a ressignificação do conceito de mimesis. Com a revitalização da mimesis, inicia-se uma nova etapa da qual se originaram os livros *Mimesis e modernidade*: formas das sombras (1980), *O controle do imaginário. Razão e imaginação* nos tempos modernos (1984), *Sociedade e discurso ficcional* (1986), *Mimesis: desafio ao pensamento* (2000), que utilizaremos como apoio teórico neste estudo.

Palavras-chave: Realismo, Guimarães Rosa, Mimesis, Corpo de baile

O Borges de Luiz Costa Lima

JOÃO PAULO MARTINEZ HILDEBRANDT (UERJ)

Resumo: Luiz Costa Lima tem demonstrado, ao longo dos anos, inegável interesse pela obra de Borges. Quando inaugura a exploração de uma temática que lhe marcaria a trajetória, em *Mimesis e modernidade* (1980), ele insere ao fim do livro uma análise de alguns textos do escritor argentino, intitulada *A antiphysis em Jorge Luis Borges*. No decorrer da década de 1980, Borges seria referência importante ao menos em *Sociedade e discurso ficcional* (1986), no qual se estudam as feições que o controle do imaginário assume nas Américas, além de ser objeto de um capítulo de *O fingidor e o censor* (1988) – *Aproximação de Jorge Luis Borges* –, em que se recuperam e desenvolvem questões já levantadas naquela primeira investida crítica. Aqui e ali, ainda é possível observar, nos trabalhos posteriores do teórico brasileiro, menções ora à obra de Borges, ora à crítica que dela se ocupa, numa insistência que dá o que pensar. Em nossa comunicação, pretendemos discutir justamente os significados dessa tônica, tendo como ponto de partida os referidos trabalhos dos anos 80, mas estendendo a análise à totalidade da obra de Costa Lima, a partir de um mapeamento cuidadoso das passagens

em que são evocados textos de Borges ou de seus críticos. Boas pistas para a realização da tarefa que nos propomos podem ser encontradas no livro-balanço organizado por Dau Bastos em 2010. Nele há duas perguntas que citam diretamente o que chamamos de “o Borges de Luiz Costa Lima”, não por acaso formuladas nas entrevistas referentes aos volumes *Mimesis e modernidade* – por Ana Lúcia de Oliveira – e *Trilogia do Controle* – por Hans Ulrich Grumbrecht. Nessas questões e em suas respectivas respostas, surgem alguns pontos que podem ser antecipados como prováveis guias de nossa exposição. Entre eles estão a necessidade de pensar as potencialidades, mas também os limites da leitura de Borges realizada por Costa Lima na década de 80 – ele afirma explicitamente que se insurgira contra a apropriação do escritor argentino pela crítica desconstrucionista, o que o levava a privilegiar o Borges capaz de submeter tudo à estética, controlador à sua maneira –; a reflexão sobre a proeminência que a poética documental-nacionalista assume na América Latina e a possibilidade de se pensar a obra borgiana como um gesto de resistência; e a pertinência de ver em Borges uma espécie de antecipador de ousadias intelectuais performadas pelo próprio Luiz Costa Lima, como a indicar uma trilha capaz de superar a secular condenação à epigonia dos artistas e pensadores latino-americanos.

Palavras-chave: Luiz Costa Lima, Jorge Luis Borges, *Controle do imaginário*, Literatura latino-americana

Parangoler: uma descrição do mundo

PRISCILA LIRA DE OLIVEIRA (UFPR)

Resumo: A narrativa de *Opisanie Swiata* (2013), de Veronica Stigger, traz consigo uma bagagem do texto curto (explorado pela autora em livros anteriores) que, associada a linearidade de sua história central, pode ser, além de lida como um modo de usar da ficção, vista, fisicamente, da mesma forma, dada a materialidade significativa da obra. Ao relacionarmos esse “excesso” de narrativas dentro do

romance às reflexões de Costa Lima a respeito do conceito de mimesis, constatamos que a história dialoga com essa teoria, primeiramente, por conta do carácter fragmentário, bastante claro no texto e, de modo mais sutil e profundo, através das metáforas presentes em diversas cenas performáticas que constituem o romance. Partindo da leitura de uma cena chamada Imponente e Frágil, relacionada ao fazer mimético na produção, pudemos encontrar um diálogo promissor do romance de Stigger (também curadora, artista visual e crítica de arte) com as elaborações de Oiticica em torno dos Parangolés e com as questões infundáveis da obra literária com seus criadores e sua recepção.

Palavras-chave: Mímese, Teoria Literária, Opisanie Swiata, Literatura e Arte Visual

Sob o signo do controle religioso do imaginário: o fingimento decoroso nos sermões de Antônio Vieira

ANA LÚCIA MACHADO DE OLIVEIRA (UERJ)

Resumo: No âmbito da fértil reflexão teórica que Luiz Costa Lima vem desenvolvendo há vários anos acerca do objeto literário, a questão do controle do imaginário certamente constitui um núcleo central, articulado aos outros dois temas que mobilizaram o seu pensamento: a tentativa de repensar a mimesis e a questão da ficção. Ao tematizar o problema específico do controle religioso do imaginário, o crítico nos esclarece como, a partir do cristianismo, a ficção é maciçamente tomada como mentira, ou seja, como prática potencialmente nociva a um sistema fundado na unicidade de uma verdade. Desse modo, no campo teológico, o combate à ficção está ancorado em uma estratégia muito eficaz, relacionada ao próprio cerne da ortodoxia cristã: o emprego de uma ficção que não se formula como tal, apresentando-se antes como verdade teológica fundadora de uma crença. Para ser aceitável, portanto, em tal contexto, a ficção deve apresentar-se “sob um véu piedoso de imagens” (COSTA LIMA, História. Ficção. Literatura, 2006, p. 248), o que nos possibilita entender o lugar de destaque da

alegoria - a verdade escondida sob uma bela mentira - na produção de poetas e artistas durante esse longo período em que o peso da dimensão ético-religiosa impedia qualquer sinal de autonomia em suas criações. Partindo do destaque costalimiano da desconfiança ou mesmo da hostilidade que o pensamento religioso desenvolveu quanto à fictio, pretende-se abordar a feição particular assumida pelo controle do imaginário a partir do Concílio de Trento, com sua grande valorização do emprego das imagens como estratégia persuasiva e como ferramenta de combate ao protestantismo nascente. Em seguida, considerando a força da retórica cristianizada nas práticas letradas do século XVII e o lugar de destaque da alegoria nas representações da época, o trabalho proposto examinará especificamente a sermonística de Antônio Vieira para refletir acerca de seu uso da alegorese e do fingimento como figura veritatis.

Palavras-chave: controle do imaginário, alegoria, Antônio Vieira, fingimento

Tradição auditiva e mimesis de produção: uma possível aproximação da linguagem de Guimarães Rosa

REGINA LÚCIA DE FARIA (UFRRJ)

Resumo: Grosso modo, a reflexão teórica de Luiz Costa Lima acerca da ficção literária fundamenta-se em três vias conceituais: a mimesis, o controle do imaginário, a tradição auditiva. Não recebendo um tratamento sistemático como a mimesis e o controle do imaginário, que mereceram um estudo detido do autor, conforme atestam os livros que vem publicando ao longo de sua vida acadêmica, mas, provavelmente, de igual rentabilidade e força teórica para se pensar na produção intelectual brasileira, a tradição auditiva, tratada em dois ensaios escritos na década de 1970 – “Quem tem medo de teoria” (1975) “Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil (1978)– que integram Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria (1981), é retomado, dez anos depois, em “Dependência cultural e estudos literários”, reunido em Pensando nos trópicos: (dispersa demanda II) (1991), e, em mais um intervalo de

dez anos, é recuperado, agora em outra chave, em “Machado: mestre de capoeira”, coligido em *Intervenções* (2002) e em “Haroldo de Campos e o processo metafórico”, ensaio publicado recentemente na *Revista Olho d’água* (2016). O discurso de base auditiva é aquele que, embora fundado em moldes escriturais, não demonstraria claramente o desenvolvimento das premissas em que se sustenta, arrebatando o receptor por “conter uma palavra empolgada”. Se, num primeiro momento, Costa Lima via-o apenas como uma marca negativa do sistema intelectual brasileiro, nos ensaios mais recentes, verifica que o traço auditivo, quando usado de maneira proposital, pode assumir um aspecto positivo, pois, ao abandonar deliberadamente a linearidade descritiva, contribui para a não transparência da linguagem. Essa virada teórica vem explicitada em “Machado: mestre de capoeira”, artigo escrito por ocasião da publicação do primeiro volume das crônicas escritas por Machado de Assis, entre 1892 e 1897, com introdução e notas de John Gledson, incorporado em *Intervenções* (2002) e, posteriormente, em “Haroldo de Campos e o processo metafórico”, onde explica sua divergência com o intelectual paulista na abordagem da linguagem rosiana. Semelhante às invenções produzidas pela mão esquerda descritas nos versos do poema “O sim contra o sim”, de João Cabral de Melo Neto, em Machado a auditividade perturba “a lógica proposicional – a afirmação (a) gera (b) que gera (n), numa causalidade hilariante” (LIMA, 2001, p.234), impondo uma tensão em sua narrativa, responsável pela plurivalência de sentidos; na prosa rosiana, ela se volta para a formação neológica, conferindo à linguagem uma instabilidade semântica ad infinitum. Nessa comunicação pretendemos mostrar que, em Guimarães Rosa, por promover um constante deslocamento de sentido, a auditividade é um recurso que, estando na base da produção de sua linguagem metafórica, está a serviço daquilo que Costa Lima identifica como mimesis de produção. Para demonstrar tal pressuposto, elegemos o conto “Cara de bronze”.

Palavras-chave: Luiz Costa Lima, Auditividade, Mimesis de produção, linguagem rosiana

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Antonio Candido e Luiz Costa Lima: contrapontos teórico-críticos

ANITA MARTINS RODRIGUES DE MORAES (UFF)

Resumo: Pretendo, em minha comunicação, explorar aspectos da crítica feita por Luiz Costa Lima ao modelo teórico da Formação da Literatura Brasileira (1959), de Antonio Candido. Em “Concepção de História Literária na Formação” (*Pensando nos trópicos*, 1991), Costa Lima propõe que o tom descritivo da Formação dissimula os juízos de valor que a enformam. Ao desmontar tal estratégia discursiva, Costa Lima aponta a relevância que o nacional assume no projeto crítico-historiográfico de Candido, subordinando-se o literário a um critério expressivo-representacional. Trata-se, parece-me, de notar como certa demanda de expressão-representação faz funcionar o “controle do imaginário”, já que a literatura se justifica (e é julgada) pelo papel que possa desempenhar no processo de “aclimatação da cultura europeia” nos trópicos, ou seja, de “estilização das tendências locais”, de expressão do “brasileiro”. Em sua crítica, Costa Lima destaca os pressupostos teóricos da proeminência do nacional lidando com a questão da “forma literária” e com a noção de “sistema literário”. Ao investigar a questão da forma, Costa Lima acusa o caráter a-histórico que ela assume em Candido, algo que pode soar surpreendente, como nota, num autor tão empenhado em lidar com as relações entre texto e contexto histórico-social. No que tange à noção de sistema literário, a crítica de Costa Lima pende para os qualificativos “coeso”, “orgânico” e “coerente”. Tais atributos delatam a base funcionalista do pensamento de Candido, ou seja, evidenciam o débito com o conceito de “sistema” da antropologia social inglesa (com destaque para Radcliffe-Brown e Evans-Pritchard). Ao criticar a suposição de uma estabilidade da forma e de uma coesão homogeneizante do sistema, Costa Lima marca sua

distância com relação às premissas do modelo teórico da Formação. Meu interesse será explorar o alcance dessa crítica a Candido, ou seja, notar seus rastros, sua disseminação na própria teoria costalimiana da mimesis e do controle do imaginário. Pretendo, assim, traçar contrapontos, explorar diferenças, sugerindo um diálogo permanente, ainda que nem sempre audível. Contraponto, por exemplo, entre a concepção de representação pressuposta em Candido (pautada no primado da semelhança) e a teoria da mimesis de Costa Lima (que supõe o jogo entre semelhança e diferença); contraponto entre o modo como Candido entende a “realidade social” e o modo como Costa Lima coloca o problema das “representações sociais”. Afinal, ao invés da forma estável, Costa Lima aposta nos vazios do texto propostos por Iser; ao invés de se voltar ao funcionalismo inglês, trava diálogo com outras contribuições da antropologia, dentre as quais o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss.

Palavras-chave: Mimesis, controle do imaginário, antropologia e teoria literária, forma e sistema literário

Como e por que ler Luiz Costa Lima

ADAUARI SILVA BASTOS (UFRJ)

Resumo: A obra de Luiz Costa Lima é perpassada pela história, inclui análises específicas de autores e obras, mas se destaca de verdade devido à visada teórica. Assim se explica, em grande medida, a imagem de produção brilhante, porém de acesso custoso. A distância em relação aos escritos que a compõem é reforçada igualmente pela originalidade das muitas descobertas espalhadas em suas páginas, resultantes do recurso a uma vasta bibliografia e do empenho em pensar a fundo a poesia e a ficção. Como alguém que inicialmente teve dificuldade de compreendê-la, proponho-me a alinhar notas de leitura feitas ao longo de quase três décadas. Como se trata de 26 alentados volumes, evidentemente me limitarei a realçar alguns aspectos que me parecem relevantes em cada publicação. Mas tal síntese talvez interesse pela

possibilidade de dar forma a uma trajetória que há mais de meio século marca intensamente os estudos literários em nosso país. Inicialmente, comentarei quatro livros que, a despeito de seu reconhecido valor, são apresentados pelo próprio crítico como ensaios seminais: “Por que literatura” (1966), “Estruturalismo e teoria da literatura” (1973), “A metamorfose do silêncio” (1974) e “Escritos de véspera” (2011) – este último organizado por Aline Magalhães Pinto e Thiago Castañon Loureiro, a partir de textos aparecidos na década de 1970. Como segundo movimento, farei foco na trilogia que concentra as principais reflexões desenvolvidas pelo autor sobre a questão da mimesis: “Mimesis e modernidade” (1980), “Vida e mimesis” (1995) e “Mimesis: desafio ao pensamento” (2000). Aqui, já se vê que a exposição tentará conciliar o respeito à cronologia com a articulação em torno de temáticas. É natural, portanto, que o passo seguinte seja enfocar uma segunda trilogia, voltada para outra problemática a que nosso autor também se dedicou bastante e sobre a qual fez achados preciosos: “O controle do imaginário” (1984), “Sociedade e discurso ficcional” (1986) e “O fingidor e o censor” (1988). A poesia aparece em todos os livros de Luiz Costa Lima, mas em quatro deles ocupa inteiramente o centro: “Lira e antilira” (1968), “A ficção e o poema” (2012), “Sebastião Uchoa Leite: resposta ao agora” (2012) e “Os eixos da linguagem” (2015). Por sua vez, a narrativa, sobretudo em sua feição ficcional, mereceu destaque especial em “O romance em Cornélio Penna” (1976), “A aguarrás do tempo” (1989), “Terra ignota” (1997), “História. Ficção. Literatura” (2006) e “O controle do imaginário & a afirmação do romance” (2009). As coletâneas se integram ao todo da obra, mas, abordadas isoladamente, se deixam ver, além disso, propícias à participação nos debates em curso no campo das Letras e, por extensão, das humanidades. É o que se percebe em “Dispersa demanda” (1981), “Pensando nos trópicos” (1991) e “Intervenções” (2002). Por fim, a crise como condição humana ajuda a enfeixar no último bloco títulos tão distintos quanto “Limites da voz I e II” (1993), “O redemunho do

horror” (2003) e “Frestas – a teorização em um país periférico” (2013). Assim, rematamos a navegação buscando, no interior da própria obra, elementos que ajudem a pensar sua merecida propagação.

Palavras-chave: crítica, teoria, mimesis, controle do imaginário

Escrita, crítica e representação social em Luiz Costa Lima

LÚCIA RICOTTA VILELA PINTO (UNIRIO)

Resumo: Nos paratextos que acompanham as obras crítico-teóricas e historiográficas de Luiz Costa Lima, sua atitude mais frequente consiste em comentar o “complexo colonial carregado por todo sujeito” que desafia o pensamento nos trópicos. Com expansões maiores ou menores, em muitos enunciados de seus textos, o crítico evidencia um mal-estar diante do isolamento que a atividade intelectual impõe num país periférico como o Brasil. Em especial os textos exordiais de prefácios, notas preliminares e pessoais, autobiografia intelectual, depoimento e também epílogo são escritos segundo determinado mood e momento para expressar “o monótono desenrolar dos dias”. Monotonia é o nome que ele dá de bom grado ao “exercer o gosto de pensar como habitante dos trópicos”. No entanto, desse mal-estar tão imperioso quanto angustiante parece construir um valor a priori para a persistência de seu exercício crítico, rigor conceitual e abrangência de repertório comparatista. Em Máscaras da mimesis: a obra de Luiz Costa Lima, Flora Süssekind examina o “movimento autocrítico que singulariza a escrita” do crítico. A autora assinala a “razão histórica” dos esforços de síntese e “unidade”, por parte do crítico, em relação à diversidade geográfica e histórica de seus temas como obsessão própria de nosso contexto crítico-cultural em tratar impasses combinados e interdependentes de um sistema intelectual latino-americano marcadamente periférico e domesticado. João Cezar de Castro Rocha percebe o “estilo intelectual” de Costa Lima como análogo ao gesto de Goethe e Schiller de enfrentar o “complexo de inferioridade cultural” alemã face à arte italiana, francesa e espanhola, recorrendo às fontes

matriciais gregas do Ocidente. Costa Lima segundo João Cezar retoma o contato com textos e questões da tradição ocidental “em sua própria fonte” como contrapartida ao macaqueamento e provincianismo que acabou se tornando regra canônica na escrita da crítica literária brasileira. Já Luiz Eduardo Soares vê a tentativa costalimiana de ultrapasse da dependência cultural via “sua autoconstituição autoral” como “movimento crítico que põe em marcha a estratégia sinuosa e ambivalente da antropofagia”. Diante dessas hipóteses e dando continuidade a tal discussão, gostaria de propor que as aberturas performativas, com insinuações autobiográficas, não cifram propriamente a expressão de subjetividade antes codificam “rupturas de silêncio e lutas contra a afasia” do intelectual que confronta o seu pensamento teórico e crítico com a força perturbadora de uma voz. Voz essa que se quer inscrita numa escritura das margens na medida mesmo em que, tal qual em Redemunho do horror, finalmente associa a revisitação da mimesis ao “lugar em que se processa a diferença ou em que ela é percebida”. No “horror dos continentes marginalizados”, modos de fala do silêncio ampliam-se na obra de Costa Lima, reconfigurando os pontos cego e surdo de sua teoria nos trópicos.

Palavras-chave: Escrita, Crítica Literária, Representação Social, Margens

Intelectualidade, crítica e literatura no Brasil na reflexão de Luiz Costa Lima

EDUARDO DA SILVA DE FREITAS (UERJ)

Resumo: No leque de questões abordadas por Luiz Costa Lima em sua obra, há um importante segmento dedicado à apreciação do sistema intelectual brasileiro e das consequências dessa estrutura no pensamento sobre a literatura e na prática da crítica literária no país. Desde seu primeiro livro Por que literatura (1966), o autor tem discutido a organização, os hábitos e as ideias que circulam no ambiente cultural do Brasil. Neste caso, o foco recaía sobre certa bandeira que se levantava em favor de uma produção literária que fosse acessível ao

povo, causa que era repudiada pelo pensador que via na simplificação e no didatismo do objeto literário uma insuficiência para levar o homem à consciência de sua capacidade. Posteriormente, em 1981, quando da publicação de *Dispersa Demanda*, o assunto ressurgiu de modo mais intenso. Alguns artigos reunidos neste livro trazem panoramas a respeito do sistema intelectual brasileiro e da crítica literária no Brasil no século XIX e na época da publicação do livro. Trata-se sempre de investigar as causas mais internas que definem o ambiente cultural brasileiro – caracterizado pela oralidade, pela ostentação de saber, pela dependência cultural em relação aos centros metropolitanos – e influenciam a crítica literária – historicamente pouco afeita à reflexão mais aprofundada de seus pressupostos e do objeto artístico sobre o qual se manifesta. Nos três livros que viriam a integrar a Trilogia do Controle, a indagação se adensa, misturada que é com a formulação do conceito de “controle do imaginário” e com o tratamento da mimesis que também passa a fazer parte de modo mais vivo dos interesses do autor. Aqui, embora os comentários sobre o sistema intelectual, as formas literárias no Brasil e a crítica estejam mais diluídos, nem por isso deixam de ser incisivos. Eles aparecem em alguns capítulos, especialmente em *O Controle do Imaginário* e em *Sociedade e Discurso Ficcional*, quando trata da aclimação do ideário romântico no país e da inclinação documental da literatura do Brasil, ambas ligadas à questão da nacionalidade. Alguns desses pontos são retomados na coletânea de artigos publicada em 1991, intitulada *Pensando nos Trópicos*. Ali, se abordam novamente a questão da dependência cultural e suas relações com os estudos literários, mas também são proveitosas as análises sobre a antropofagia de Oswald de Andrade e da Formação da Literatura Brasileira, de Antonio Candido. Presenças constantes em muitos momentos de suas obras seguintes, inclusive no mais recente *Os Eixos da Linguagem* (2015), ainda que colateralmente, estes temas reaparecem claramente em *Frestas* (2013) ao tratar da carência do sistema de ensino no país e o modo pelo qual a sociedade encara a

questão intelectual, e ao abordar a degradação da crítica literária no país. O trabalho acompanha este percurso reflexivo, entendendo-o como duplo exercício de esforço de compreensão das características do ambiente intelectual do país que interferem nos discursos da crítica e da literatura produzidos no Brasil, e de questionamento dos pressupostos com os quais estes discursos operam.

Palavras-chave: Luiz Costa Lima, Cultura, Crítica literária, Literatura

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

“Mimesis: uma questão que não envelhece”

CARLINDA FRAGALE PATE NUÑEZ (UERJ)

Resumo: O título desta comunicação é o mesmo com que Luiz Costa Lima abre a pequena coletânea de textos organizada por ele e publicada, em 2010, pela EdUERJ – pequena quanto ao número de páginas (são 259) e de textos (apenas sete), mas grande quanto à seleção de autores de escol, à finalidade de sustentar a complexidade do tema central e aos desdobramentos que a obra se encarrega de apontar. Referimo-nos ao pequeno-grande livro “Mimesis e a reflexão contemporânea” (2010), com tiragem de mil exemplares esgotados em quatro anos, ainda que pouco divulgado. Nele, o organizador volta ao conceito visceral de décadas de estudo e prolífica produção teórico-crítica, desta vez a partir de textos absolutamente relevantes de pesquisadores com os quais sua obra direta ou indiretamente dialoga. A introdução comenta as posições de cada um dos colaboradores sobre a noção de mimesis e as dos que foram cogitados, mas não entraram na publicação. Do primeiro grupo – os “insiders” deste banquete teórico-crítico – participam Jean-Pierre Vernant (per si e em entrevista concedida a José Otávio Nogueira Guimarães), Hans Blumenberg, Arbogast Schmitt e David E. Wellbery acompanhado por Kafka; do segundo, Theodor

Adorno e Jacques Derrida, ausentes-presenças por razões expostas com a percuciência implacável de LCL. Não ombreando, mas colocando-se ao lado do monumental “Teoria da Literatura em suas fontes” (1975) e sua reedições (1982, 2001 e outra por vir), a obra aqui em pauta se atém à questão da mimesis, com o fito de “assinalar como [esta] adere ao próprio questionamento epistemológico contemporâneo” (2010: 49). Resulta, todavia, num manancial de dados, reflexões, correlações, deduções e demonstrações indispensáveis para o exercício da crítica especializada. Convidada a fazer a revisão técnica da coletânea, ocupei o lugar privilegiado de observadora, como a personagem que apresenta o proêmio do Livro II, no “De Rerum Natura” de Lucrécio, assistindo ao espetáculo de um mar de ideias, deleitando-me, a uma distância relativa do abundante material linguístico, poético, filosófico, filológico, histórico, literário etc..., reunido nos sete textos (na sua maioria inéditos em português) a serviço de esforços e sucessos teóricos de extrema relevância para a tópica da mimesis. Nesta comunicação, pretendo compartilhar esta experiência de leitura técnica, levada a manipular um naipe de línguas antigas e modernas, materiais de alta erudição e refinada acuidade histórica, capazes de potencializar o ato hermenêutico com sua atualidade, seu alto nível de criticidade e sua capacidade de transformar conhecimentos tidos como ultrapassados em chaves para novas percepções. Apresentarei exemplos práticos do trabalho realizado.

Palavras-chave: Mimesis e a reflexão contemporânea, Vernant, Blumenberg e Arbogast Schmitt, David Wellbery

Costa Lima e Wolfgang Iser: a insuficiência do realismo para a abordagem estética

MARIA ANTONIETA JORDÃO DE OLIVEIRA BORBA (UERJ)

Resumo: “Sob face de um bruxo” é o título de um ensaio de Luiz Costa Lima, publicado em 1981 no livro *Dispersa demanda: estudos de teoria e literatura*. Quando o texto passou a fazer parte da Revista eletrônica de Estudos literários em 2009, recebeu do autor uma observação breve

mas bem atrativa para quem se interessava por questões teóricas da literatura: “Há muito esgotado, enquanto esteve nas livrarias, não teve grande procura, nem gozou de particular estima entre os machadianos. Como autor, não me cabe julgar se era justo o seu ostracismo”. A retomada desse ensaio no Simpósio da Abralic de 2017 deve-se, em parte, à constatação do que apenas suspeitara como um dos momentos ricos do pensamento de nosso teórico, ao ler a menção à hipótese do “ostracismo”. De fato, pude perceber que, no período do Estruturalismo, “Sob a face de um bruxo” havia sido um trabalho pouco explorado, já que o autor ali apresentava a proposta de tematização de “cinco elementos” que percorriam os romances da maturidade machadiana numa mesma constelação – música, morte, representação social, loucura –, o que, além do caráter de originalidade, rasurava, de certa forma, o termo “realismo”, pelo privilégio da forma alegórica de distribuição de tais elementos nos vários romances. Tempos depois, foi possível constatar que a interpretação de Luiz Costa Lima constituía um modo de interpretar a obra de Machado por uma abordagem fundamentalmente estético. Em *Metamorfose do silêncio* (1974), Luiz Costa Lima dedicou-se a debater propostas sobre realismo, como as de Auerbach e Luckas, cujos pontos teóricos não respondiam por inteiro sua concepção de mimesis. Foi neste espaço que Costa Lima acabou por se posicionar da seguinte forma: “Ora, assim como o sonho pode ter como matéria acontecimentos de véspera ou perdidos na mais distante infância, assim também o discurso literário pode ter como cena uma realidade próxima, ou distante, extraverbal ou verbal, cultural ou literária. Caracterizamos a expressão realista como aquela em que os traços realidade próxima, extraverbal e cultural preponderam”. (LIMA, 1974, p.42). Nosso objetivo é explorar essas ideias de Luiz Costa Lima, de modo que possamos confrontá-las com os conceitos de foreground e background empregados por Wolfgang Iser (1978), ao descrever percepções do leitor no *The act of reading: a theory of aesthetic response*, a fim de que possamos retomar o tema

do realismo, em teorias que tangenciam o caráter estético da literatura desde o Estruturalismo até o paradigma da recepção.

Palavras-chave: Costa Lima, Iser, estética, realismo

Pensar a mimesis pela physis: desdobramentos da reflexão de Luiz Costa Lima

RENATA SAMMER (PUC-RIO)

Resumo: Fecundado pelas mais recentes investigações de Luiz Costa Lima ao redor da metáfora, o presente trabalho volta-se ao conceito de physis (“natureza”). Questionando o recurso aristotélico à semelhança (homoiosis), critica o fundamento natural que faria da metáfora a forma de revelação da natureza (physis) pela mimesis. Se buscamos aqui ampliar o conceito de physis é porque o compreendemos distante de uma “metafísica do próprio”, sem que para tanto seja necessário destituir a metáfora de sua referencialidade. Ao contrário, dedicando especial atenção ao conceito de metamorfose, buscamos aqui conhecer o modo como a operação metafórica se relaciona com o ficcional ao dar origem a formas que integram os termos envolvidos, traduzindo-os, misturando-os, alterando-os, mantendo-os, portanto, no domínio da physis. Desse modo, propomos pensar a mimesis pela physis, cuja dimensão metamórfica cabe-nos aqui ressaltar. Logo, a metáfora não se restringe ao desvelamento, mas exerce função plástica, capaz de atribuir, ainda que contingente e temporariamente, forma ao mundo. Antes que a técnica (ars), “a natureza por outros meios”, fosse demonizada, a atuação dos homens no real equivalia à natureza: o mundo natural bem como a casa fabricada pertenciam, ambos, à physis. Tal aspecto dinâmico da physis grega em muito a distingue do moderno mundo natural, apartado do mundo humano. Portanto, atentamos à estreita conexão entre a questão antropológica suscitada pela metáfora originária, identificada na origem da cultura - logo capaz de distinguir os homens dos animais -, e a questão animalista, porém não exclusiva ao mundo animal - logo naturalista (physisista). Isso porque o início da cultura é igualmente uma questão posta aos seus limites, toda questão dirigida ao humano

volta-se também ao não-humano. É na plasticidade desta fronteira que propomos aqui, na esteira da reflexão de Luiz Costa Lima, pensar o ficcional. Em última instância, o que distingue o homem dos demais seres vivos. A adoção da voz animal é um recurso ficcional utilizado com certa frequência, e pode ser exemplificado pelo burrinho de Giordano Bruno, pelo macaco e pelo inseto de Franz Kafka e pelo cão de Leon Tolstoi, para citar apenas alguns. Relações de analogia com o mundo natural são igualmente construídas a fim de tematizar o humano, como fazem John Coetzee, ao pensar os matadouros do século XX, e a poeta Fíama Hasse Brandão, ao buscar referências no mundo vegetal. Esses são apenas alguns exemplos a serem aqui analisados de modo a esmiuçar as questões acima levantadas, assim contribuindo para a reflexão ao redor da dimensão antropológica da metáfora e, de tal modo, da ficção, aqui compreendida enquanto maneira de se relacionar com o mundo e a ele atribuir sentido. Desse modo, ao considerar a questão animal e a vegetal, a questão humana pode ser abordada de uma nova perspectiva.

Palavras-chave: mimesis, physis, Luiz Costa Lima, ficção

Sobre uma força plástica: a relação entre desejo e imagem na teoria mimética de Luiz Costa Lima

ALINE MAGALHÃES PINTO (UFMG)

Resumo: O mergulho que leva Costa Lima ao conceito de mimesis é impulsionado pela tentativa de compreender as formas pelas quais a escrita e as formações discursivas configuram o desejo que constitui a relação com o outro. Desejo não é senão o outro nome da pré-reflexividade demandante de uma identificação - parâmetro em que se pauta a mimesis. Em desvio à propagada “morte do sujeito”, Costa Lima apresentara, em *Mimesis: desafio ao pensamento* (2003), a formulação da representação-efeito: imagem que não desliga de si a resposta afetiva do sujeito observador. Com isso, está aberta a distorções, desfigurações, diferenças. Não obedecendo ao clássico confronto de matriz cartesiana entre sujeito-objeto, sua tematização acabou por consolidar uma visada alternativa para o estudo da ficcionalidade, principal foco de atenção do

autor. Os trabalhos publicados a partir do final da primeira década do séc. XXI são marcados pela expansão do campo de incidência da mimesis e questionamento dos limites da representação-efeito, justamente porque sua investigação alinhava a mimesis à problematização dos sistemas de referências que regulam as noções de verdade e ficção. Produto da tensão entre os vetores da “semelhança” e da “diferença”, a mimesis aparece não mais endereçada somente à análise dos artefatos verbais e sim como processo poiético que evidencia a plasticidade de que se vale a espécie humana para lidar com sua carência constitutiva (“Mängelwesen”) i.e, falta de um ambiente que se possa chamar de fato “natural” ao homem. Essa lacuna ou vazio está na base da discursividade em geral, mas na medida em que o conhecimento crítico de um objeto de arte é diverso de um estado de consciência espontaneamente gerado em si mesmo, o campo do estético permanece como meio de reflexão privilegiado. Seguindo por essa estrada, Costa Lima afirma “tal reflexão não se cumpre sobre a arte senão que nela, pela expansão que a obra oferece ao espírito”. Compreendemos, portanto, o estudo dos mecanismos comunicativos e dos padrões de reflexividade da sociedade ocidental empreendidos por Luiz Costa Lima como um movimento que projeta a teoria literária num horizonte mais vasto, que solicita e dialoga com pensamento histórico, sociológico, filosófico e psicanalítico. Nesse sentido, essa comunicação visa abordar, na produção recente de Luiz Costa Lima - O controle do imaginário & a afirmação do romance (2009), A ficção e o poema (2012), Frestas: A teorização em um país periférico (2013) e Os Eixos da linguagem (2015) -, sua preocupação em construir uma reflexão teoria atenta à plasticidade dos processos geradores envolvidos nas formações discursivas, em especial a ficcional, conectada a uma capacidade ou potência humana que plasma o desejo em imagem. Em conjunto, esses trabalhos conformam o território em que, desdobrando uma via antropológica-filosófica, Costa Lima vem criando uma rede conceitual ampla e rizomática que visa cobrir o complexo universo das relações que se tecem entre linguagem e realidade.

Palavras-chave: Mimesis, Desejo, Plasticidade, Imagem

52

METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA E REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NAS NARRATIVAS LITERÁRIAS

Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)
Karine Rocha Oliveira (UFPE)
Stela Maria Viana Lima Brito (IESM-MA)

Resumo: A proximidade entre literatura e história sempre foi motivo de investigação para os estudiosos de literatura. É relevante destacar que o texto literário oferece aos leitores a oportunidade reconstruir os acontecimentos históricos, uma vez que estes são produzidos a partir de um olhar que o escritor tem dos fatos agenciados em sua escritura. Esses fatos nada mais são que marcas da história ressignificados nas narrativas, sendo estas mais uma possibilidade de leitura que podemos construir com a pretensão de indagar as verdades instituídas como discurso oficial da história. Benjamin, em seu texto Sobre o conceito de história (1987, p.224.), avalia a noção de História tomando como partida um ponto de vista marxista, sem deixar de levar em consideração sua formação de rabino. Assim, para Benjamin, o materialismo histórico deve tomar a seu serviço o que ele chama de teologia, que é o messianismo judaico, o que, lido habilmente, perpassa na conclusão de que a análise do passado traz consigo a ideia de redenção, como ponto de fuga para a vida comum e truncada que anula o sujeito. Ainda, de acordo Benjamin (1987), que aponta no presente, não apenas uma reivindicação ética de responder às perguntas que no passado ficaram sem solução, mas também o fato de que o que se concretiza no presente tem seus alicerces em fatos anteriores que não o determinam, mas o condicionam, formam, portanto, o seu esteio. Sendo assim, o materialista histórico deve ter os olhos

também volvidos para o passado, como manifesta a imagem cortada por Benjamin, no nono segmento de seu texto: o quadro de Klee, *Angelus Novus*, que exhibe um anjo com os olhos fixos em um ponto que está atrás, um monte de destroços, mas que não deixa de ser empurrado sempre para frente por uma tempestade que o impede de deter-se. Podemos dizer que esse anjo representa a História. A procêla do progresso o afasta para o futuro, e, apesar de ele saber que não poderá voltar para angariar os mortos e os fragmentos, não deixa de tê-los em seu horizonte, em sua vista. Assim deve ser aquele que se atenta com a recuperação da história: deve volver seu olhar para os elementos do passado, não deixar nunca de tê-los em alvo, tentando recuperar a história daqueles pequenos e vencidos que nunca puderam figurar no palco da História Oficial, essa que é produzida por uma historiografia que valoriza apenas os fatos ligados à história dos vencedores. Para Benjamin (1987) o cronista deve levar em conta que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Todos os acontecimentos são importantes, os grandes e os pequenos, e por isso é preciso questionar cada vitória que a ideologia considera absoluta, de modo a resgatar as vozes apagadas, silenciadas pela história de dominação. Sobre as vozes silenciadas trazemos, também, para essa discussão as representações do feminino, pois a literatura enquanto ressignificação da história, também concebeu a mulher subordinada ao olhar do homem. Nela, assim como na história escrita, fica sempre marcada pela visão, desejos e interesses dos grupos dominantes e o local de privilégio permanece destinado ao homem, pois a história escrita confunde-se com a do homem. É possível afirmar que, através dos protagonistas femininos e marginalizados nas narrativas literárias, questiona-se o passado dando voz a segmentos até então silenciados pelas narrativas oficiais. A Metaficção segundo Waugh (1984) conjectura uma narrativa com duas modalidades distintas, uma direcionada para

a própria narração e outra para os comentários sobre a natureza da narração e/ou sobre a relação entre o mundo da narração e o mundo real. Este simpósio tem como objetivo discutir sobre metaficção historiográfica e representações do feminino seja em termos teóricos ou críticos. Acatamos comunicações que proponham a análise de obras tanto na perspectiva histórica como na perspectiva do feminino ou ainda entrelaçando as duas tendências. Nossa proposta mostrará que literatura sendo uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo possui regras específicas de produção e guarda modos peculiares de aproximação com o real.

Palavras-chave: Metaficção historiográfica, Representações do feminino, Narrativas literárias

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

A adaptação revisionista nas representações do feminino em *As Brumas de Avalon*, De Marion Zimmer Bradley

JULIANA CRISTINA TERRA DE SOUZA(UEP-SP), APARECIDO DONIZETE ROSSI(UEP-SP)

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo analisar brevemente aspectos da metaficção historiográfica e das representações do feminino presentes no livro *As brumas de Avalon* (*The Mists of Avalon*, 1982), da escritora norte-americana Marion Zimmer Bradley. Nessa obra a autora inova a Matéria da Bretanha ao criar uma versão para o mito arturiano que segue uma perspectiva pautada no feminino. A partir da análise das personagens Morgana e Gwenhwyfar – que apresentam representações distintas do feminino no romance – e, tendo como interface de abordagem teórico-crítica as teorias e críticas feministas, particularmente *The Madwoman in the Attic* (1979), de Sandra Gilbert

e Susan Gubar e *Um teto todo seu* (*A Room of One's Own*, 1929), de Virginia Woolf, buscar-se-á apontar como *As brumas de Avalon* trata-se de uma obra que parte da tradição literária – em especial *A morte de Artur* (*Le Morte D'Arthur*, 1485) de Thomas Malory – contudo, re-visa os episódios literários tradicionais e busca ressignificar as imagens da mulher na história, questionando e subvertendo os papéis a elas atribuídos dentro do patriarcado. A perspectiva feminista da re-visão segue os pressupostos de Adrienne Rich em “*When We Dead Awaken: Writing as Re-Vision*” (1972). A luta de re-visão é o ato de olhar para trás e ver com novos olhos, ler um texto antigo a partir de uma nova direção crítica.

Palavras-chave: Representação, Gênero, Re-visão

A violência como corpo-texto canibal em *Nau catrineta*, de Rubem Fonseca: uma leitura feminina

LARA FERREIRA DA SILVA (UFPI)

Resumo: Neste conto, pretendemos apresentar a violência como condição de canibalismo, justificada na obra através de uma tradição e princípio familiar. Em “*Nau Catrineta*”, cometer o ato ritual de devorar solenemente sua própria noiva surge como obrigação para que o narrador-personagem, José, venha a ser o chefe do clã, por ser “o único varão da família” (FONSECA, 1990, p. 128). No conto pode-se ver também que a postura dos personagens familiares de José, no ritual da escrita antropofágica, pode ser apreendida como transgressora de uma ordem. Ao pontuar a figura da noiva, Ruth Silviano Brandão Lopes (1989) compara Ermê ao pau-brasil, visto que o pau-brasil é metáfora e metonímia do Brasil, passando por um processo de sofrimento e devoração, tal como a terra colonizada, dividida, fragmentada, representando então a cena do corpo esquartejado da moça, submetido a um ritual antropofágico. Diante disso, Lopes (1989) reitera que a figura de Ermê passou a ser comparada ao país, sendo esse o adubo e alimento de uma devoração política, econômica e sexual.

Palavras-chave: Violência, *Nau Catrineta*, Canibalismo, Rubem Fonseca

Cenas do Brasil colonial: práticas do feminino em *Os rios turvos* de Luzilá Gonçalves Ferreira

MARIA SUELY DE OLIVEIRA LOPES (UESPI)

Resumo: A literatura problematizadora da história possui, sem dúvidas, um esquema de referências ao passado. E o papel da metaficção historiográfica reside justamente em contrastar essa visão da parte dominante com a visão dos subjugados, ressaltando o caráter narrativo que possui a história. Luzilá Gonçalves Ferreira reconfigura cenas da história em suas obras. A título de exemplo, em *A garça mal ferida* (2002), a autora traz a história de Anna Paes na época da presença holandesa no século XVII e *No tempo frágil das horas* (2003), a história de Antônia Carneiro da Cunha, século XIX, no período de decadência dos engenhos de Pernambuco em decorrência do surgimento da revolução industrial. E na obra *Os rios turvos*, publicada em 1992, traz a tona vários acontecimentos históricos. Entre eles a inquisição, a vida dos judeus e as práticas femininas do período colonial. Ainda, narra a conflituosa história de amor entre Filipa Raposa e Bento Teixeira. Pelos motivos expostos dizemos que suas produções caracterizam-se como romances metaficcionais por reconstituir o olhar da história do Brasil em vários séculos. Nosso objetivo é analisar cenas da história do Brasil dando destaque as práticas femininas no Brasil colonial na obra *Os rios turvos* (1992) da autora em foco. Por meio da metaficção historiográfica a autora sugere uma reelaboração crítica da história, utilizando-se vários elementos como: a paródia, os intertextos e os discursos da história é o que afirma Linda Hutcheon (1991). A narrativa literária de *Os rios turvos* funciona com a inclusão de dados históricos, no meio da intriga, que foram retirados dos arquivos, por isso a caracterizamos como metaficção historiográfica. A narrativa se mantém em detalhes breves, reconstitui o ambiente cultural, social, político e religioso da época, o que torna um ambiente propício para o desenrolar dos fatos. Luzilá reinventa os contextos históricos como sendo significantes e determinantes, mas sem negar a textualidade,

pois o sentido e a forma encontram-se nos sistemas que transformam esses acontecimentos passados em fatos presentes. A textualidade é reintegrada na história e nas condições sociais e políticas do próprio ato discursivo. Metodologicamente o trabalho se divide em dois momentos: no primeiro faremos um estudo teórico sobre o diálogo entre literatura e história dando ênfase a metafigura historiográfica. E no segundo, analisaremos as cenas da história incluindo as práticas do feminino no Brasil colonial do século XVI. Para fundamentação teórica utilizaremos Hutcheon(1991), White (2000), Pesavento (2000) Maciel(2008) Esteves(1997), entre outros que serão citados ao longo das discussões. **Palavras-chave:** Literatura, História, Brasil Colonial, Práticas do Feminino

Conceição Evaristo e Ana Cruz: vozes em percurso

ELIANE TEREZINHA DO AMARAL CAMPELLO (UFRGS)

Resumo: Conceição Evaristo (1946-) e Ana Cruz (1965-), ambas mineiras, são escritoras que tematizam em suas produções poéticas as vozes, ainda em percurso, da diáspora afro-brasileira. As escritoras dominam o universo em que os efeitos de sentido no discurso do deslocamento geográfico e social entrelaçam-se à busca de uma identidade positiva e autônoma. As vozes das mulheres em seus poemas resultam da experiência vivida, e expressam a memória e a história de um povo escravizado no Novo Mundo, que talvez, ainda esteja na vigência de uma posição subalterna e humilhante. O percurso destas vozes será demonstrado em poemas selecionados na obra de Conceição e em *Eu não quero flores de plástico* (2016), de Ana. A errância, este movimento constante da voz e do olhar do eu-lírico em Conceição e em Ana, revelam-se em textos fortemente marcados pelo gênero social. A condição de mulheres escritoras negras e compartilhamento de uma experiência ancestral, que se desloca da liberdade à escravidão, com o apagamento da língua, da religião e até de conquistas históricas, na diáspora, são aspectos dos temas que (in)formam os poemas. As escritoras apresentam visões próprias com o fito de reconstruir a história

individual e coletiva, por meio do resgate das vozes silenciadas, no jogo ideológico entre dominação e subordinação. Seus poemas exibem especificidades da escrita de mulheres negras, devido às relações de suas escrituras com fatos autobiográficos e com o preconceito racial e social ao longo dos tempos. Entretanto, a palavra poética de Conceição e de Ana as diferenciam no espaço literário afro e brasileiro, na medida em que valores estéticos se entrecruzam à construção do Eu, da cultura e do saber. O suporte teórico que embasa esta proposta de comunicação considera conceitos retirados de trabalhos teóricos de Gayatri Spivak, Heloisa Toller Gomes, Angela Davis, Zilá Bernd, Cimamanda Adiche, Walter Benjamin e Eduardo Assis Duarte, entre outros.

Palavras-chave: Conceição Evaristo, Ana Cruz, escritoras afro-brasileiras, diáspora

Literatura e história em *Vozes da ribanceira* e *A misteriosa passageira*

RAIMUNDA CELESTINA MENDES DA SILVA (UESPI)

Resumo: O romance na literatura do Piauí é um gênero que se consolidou e se desdobrou em diferentes tendências. Muitos são os procedimentos ou as técnicas narrativas adotadas por esses escritores: uns adotam procedimentos que exploraram as obscuras regiões da mente, isto é, a memória; outros puseram em evidência questões como as representações de estados íntimos da consciência, outros inseriram a discussão sobre a própria criação literária no discurso ficcional; buscaram na vida cotidiana temas para criarem seus narradores e personagens, situando-os no espaço preciso do cotidiano piauiense. É uma literatura que aponta para o lugar específico da fala e da motivação que atinge cada escritor, cada poeta, cada contista, cada cronista desse universo literário, presentificando nas obras sentimentos, emoções e histórias, descrevendo o cotidiano, como o espaço que leva o sujeito à reflexão, a superações e ao resgate de um ser em relação às estruturas, aos sistemas e à instituição na qual se encontra inserido. É nesse contexto social que a lente do artista capta seus temas em forma de

discurso, ato que o revelará, ao tempo em que sua ideologia e seus métodos de trabalho também serão fixados. Analisar as narrativas Vozes da ribanceira e A misteriosa passageira, dos escritores piauienses Oton Lustosa e Lili Castelo Branco é o objetivo desse estudo, tendo em vista a formação de um estudo crítico, entrecruzando História, ficção e memória, para evidenciar o que elas têm em comum e em que se diferenciam nos aspectos históricos e ficcionais, ampliando assim, a percepção acerca de suas obras. Para tal, a investigação de natureza bibliográfica centrar-se-á nas propostas teóricas de Bakhtin, Costa Lima, Maria Teresa de Freitas, Foucault, Flávio Loureiro, Agnes Heller, João Carlos Tedesco, Le Goff, Linda Hutcheon.

Palavras-chave: Romance histórico, Literatura piauiense, Ficção, Narrativa histórica

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

Diálogo entre literatura e história nOs tambores de São Luís: redescobindo a saga negra na narrativa de Josué Montello

LAYANE DOS SANTOS (IESM-MA)

Resumo: A capital maranhense, São Luís, assim como diversas cidades brasileiras foi palco da chegada de inúmeros africanos escravizados. Por essa razão, transformou-se em cenário de resistência negra, desde o período aristocrata escravocrata. Essa particularidade ludovicense é refletida em Os tambores de São Luís, de Josué Montello, publicada em 1975. A obra do escritor maranhense revisita a história do negro no Brasil, por meio de uma narrativa retrospectiva, na qual refaz o percurso do negro pelas ruas históricas da capital maranhense, apresentando a trajetória de sofrimento, mas também de resistência e superação desse povo tão sofrido. O escritor maranhense resgata a memória negra, esquecida num país mestiço, a partir da ótica do dominado, o negro. Montello recompõe um enredo no qual o negro é agente de diversas

manifestações de resistência, a criação e expansão dos quilombos à mobilização das comunidades negras na luta pela libertação, são lembradas por meio de um diálogo entre Literatura e História. Hayden White (1995), que concebe a história como uma espécie de ficção, um discurso narrativo em prosa que combina vários episódios presumivelmente ocorridos no passado. Para o crítico e historiador, a história necessita cada vez mais discutir o problema do conhecimento histórico. É nesse sentido, que o texto montelliano apresenta uma análise histórica e literária da trajetória do negro no Brasil, haja vista a ficção ser norteadas pela história de luta dos negros no Brasil e os acontecimentos estarem abancados no inter-relacionamento do discurso estético. Montello conversa com o passado e evoca discussões, no presente, sobre o preconceito e a discriminação raciais e a resistência negra. Assim, a obra também apresenta uma abordagem metaficcional historiográfica, que consoante Hutcheon (1991) caracteriza-se pela apropriação de personagens e acontecimentos históricos sob a perspectiva da problematização dos fatos concebidos como “verdadeiros”. Ou seja, o que diferencia a meta-ficção historiográfica de um romance histórico é a autorreflexão causada pelo questionamento das “verdades históricas”, distinção perceptível no enredo de Os tambores de São Luís por meio da relação entre o mundo real, a história da escravidão do Brasil, e o mundo ficcional, a narrativa da dinastia de negros, todos nomeados de Damião. Assim, tem-se como objetivo demonstrar como o discurso literário de Josué Montello, configurou-se em relação ao negro (escravo) enquanto sujeito histórico e elemento atuante e consciente da condição de explorado, fato este que o incitou a empreender diversas formas de resistência e lutas.

Palavras-chave: Literatura, História, Saga negra, Os tambores de São Luís

Diários de juventude e Phyllis e Rosamond: a mulher em Virginia Woolf

MAYARA DOS SANTOS FREITAS(USP)

Resumo: Este trabalho visa falar sobre a mulher na literatura tomando como base os diários de juventude de Virginia Woolf e uma de suas

produções ficcionais iniciais, possivelmente a primeira delas, Phyllis e Rosamond, texto que faz parte dos chamados primeiros contos da autora inglesa. Os diários de juventude de Virginia Woolf foram reunidos em uma obra publicada em 1990 e intitulada *A passionate apprentice: The early Journals 1897-1909*. Trata-se de um conjunto de sete cadernos nos quais a autora inglesa escreveu de maneira intermitente entre os seus 15 e os seus 27 anos de idade. É sabido que, de maneira geral, a escrita íntima de um diário gira em torno da preservação de cada dia vivido, do cotidiano, das percepções, das angústias e dos desejos do Eu que escreve acerca do mundo ao seu redor. Os diários possibilitam assim, levando em consideração suas características e fronteiras, a visualização do período histórico em que são produzidos. Não fugindo a tal descrição, os diários da autora inglesa trazem desde informações acerca do dia a dia da jovem Virginia até inquietações sobre política, o fazer literário e o papel da mulher na sociedade em que ela se vê inserida. No que tange a parte ficcional, os denominados primeiros contos são um total de cinco produções realizadas concomitantemente à escrita dos diários e que não chegaram a ser publicadas em nenhum veículo à época de sua feitura. Para este trabalho, no entanto, optou-se por focar a discussão em apenas um dos contos, Phyllis e Rosamond, escrito em 1906. Nele, a autora cria um narrador que fala sobre a importância para as gerações futuras do registro dos tipos que formam a sociedade, mas consciente do fato de a maioria dos retratos sociais serem de homens decide-se por descrever mulheres “Como os retratos desse tipo que temos são quase invariavelmente do sexo masculino, que se empertigava pelo palco com proeminência maior, parece valer a pena tomar como modelo uma dessas muitas mulheres que se agrupam nas sombras” (“Phyllis e Rosamond” in *Contos completos*: Virginia Woolf. São Paulo: Cosac Naify, 2005). Partindo dessa ideia, tem-se um conto que trabalha a atmosfera social em que muitas mulheres se viam inseridas no início do século XX e qual era o papel a elas destinado. Pretende-se, por intermédio das possíveis relações entre os diários

de juventude e o conto Phyllis e Rosamond lançar um olhar sobre a mulher na literatura perpassando a sociedade em que Virginia Woolf estava inserida e como ela se sentia em relação a esse ambiente, o representava e o desejava quanto mulher e para as mulheres.

Palavras-chave: Diários de juventude, Contos, Virginia Woolf, Mulher na literatura

Feminino e hipocrisia social no século XIX: um estudo sobre *Lucíola*

ANDRÉA LUCAS DOS SANTOS (FACULDADE CENECISTA DE ITABORAÍ)

Resumo: O presente trabalho se propõe a analisar *Lucíola*, protagonista que dá nome ao romance de José de Alencar, sob a perspectiva da condição feminina apresentada no romance do século XIX. Na obra, o autor apresenta as diferentes faces do binômio Maria da Glória / Lúcia, presentes na mesma personagem, realçando a sua evolução e suas mudanças no decorrer da trama. De angelical a demoníaca, de “bela, recatada e do lar” a subversiva, Lúcia representa os dois lados de um momento histórico marcado pelo preconceito e pelo desprezo da figura feminina. Nosso estudo parte, então, para observação da intenção alencariana de desnudar a alma feminina, oferecendo uma nova forma de interpretar a condição da mulher, num claro contraponto com a sociedade moralista e misógina do Brasil de dezenove.

Palavras-chave: Feminino, Mulher, Empoderamento

História e dor em *Iracema*

TIAGO COUTINHO PARENTE (UFRJ)

Resumo: Nos últimos capítulos de *Iracema* (1865), de José de Alencar (1829-1877), Martim sai em missão específica com seu amigo-irmão Poti, chefe dos Pitiguaras: destruir os tabajaras, irmãos de Iracema, sua esposa. Para não fazê-la sofrer, Martin prefere não levá-la, mas quer se despedir antes de partir, Poti intervém: “As lágrimas da mulher amolecem o coração do guerreiro”. Ele pega uma flecha, acerta o caranguejo e diz: “Tu podes partir agora. Iracema seguirá teu rastro;

chegando aqui, verá tua seta, e obedecerá à tua vontade”. Martim seguiu Poti, antes quebrou “um ramo do maracujá, a flor da lembrança, o entrelaçou na haste da seta”. Ao ver a seta, Iracema entende o recado: “Ele manda que Iracema ande para trás, como o goiamum, e guarde sua lembrança, como o maracujá guarda sua flor todo o tempo, até morrer”. Grávida, fica triste por estar abandonada. Com a volta do esposo, percebe que Martim está com saudade da terra natal, Portugal. Martim parte em nova missão nas praias do Acaraú. Iracema tem seu filho sozinha, muito frágil, diz: “tu és Moacir, o nascido de meu sofrimento”. A proposta desta comunicação é, a partir da dor, do silêncio e das lembranças de Iracema, pensar a narrativa histórica proposta por Alencar para a colonização do Ceará. José de Alencar constrói de forma sutil um romance histórico e confessional, em que ele se coloca como personagem. A narrativa é feita em pequenos pedaços, fragmentos que, muitas vezes, pode passar despercebido para o leitor menos atento ou apressado. Além dos 33 capítulos em que narra a saga da índia tabajara, Alencar, após ao título, escreve “lenda do Ceará”, em seguida, dedica seu texto “à terra natal, um filho ausente” e escreve um prólogo em formato carta cujo destinatário desconhecemos o nome. A narrativa se inicia e, ao final, após o último capítulo, encontramos um argumento histórico com notas e outra carta, desta vez, destinada ao dr. Jaguaribe, em que Alencar conta como teve a ideia do livro: “em S. Paulo tinha começado uma biografia do Camarão. (...) a amizade heróica que o ligava a Soares Moreno, (...) e suas guerras contra o célebre Mel Redondo; aí estava o tema. Faltava-lhe o perfume que derrama sobre as paixões do homem a beleza da mulher” Alencar narra a colonização do Ceará a partir da perspectiva de Martim Soares Moreno. Dois anos após o lançamento de Iracema, Tristão Araripe, primo de Alencar, publica “História da província do Ceará”. O livro é considerado a primeira historiografia do estado e sua narrativa repete o período histórico de Iracema. Araripe aponta: “o primeiro território reconhecido e assenhorado pela gente portuguesa foi o terreno circunvizinho do estabelecimento de Martim

Soares na embocadura do rio Ceará”. Lendo Iracema a partir do conceito de história em Benjamin e Marx, percebemos que Alencar, por meio da literatura, constrói uma narrativa conservadora e hegemônica do passado.

Palavras-chave: Iracema, Colonização, História

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 3

Histórias de afrodescendência na narrativa de cordel *As proezas de Kunaré de Joaquim Mendes*

STELA MARIA VIANA LIMA BRITO (IESM-MA)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo estudar as narrativas de Joaquim Mendes, em especial, a obra *As Proezas de Kunaré*. A literatura afro-brasileira encontra-se numa fase de crescimento, realizações e descobertas. A investigação desse fenômeno, em que o negro é sujeito da narrativa e de sua própria história, trazendo para o cenário dos estudos culturais um novo discurso que desconstrói os estereótipos e preconceitos raciais contra o negro, sua história, cultura e religião se faz necessário. Joaquim Mendes utiliza-se do passado histórico para contar as experiências, as histórias de família, narrativas e relatos reais, ressignificados e transmitidos de geração a geração. Essas estratégias e arte de narrar são adotadas como resistência cultural e recusa aos preconceitos raciais contra o negro brasileiro. Os autores afro-brasileiros reivindicam a equidade racial, como também valorizam a história, a cultura, a religião ancestral, estabelecendo diálogos entre a tradição e a experiência moderna. Nesses termos, o negro assume o papel de sujeito da sua própria narrativa afrodescendente. O presente estudo fundamenta-se na obra de autores, tais como: Almeida (2004), Cascudo (1978), Ferreira (2006), Hall (2003 e 2006), Zilá Bernd (2002), dentre outros. Os resultados obtidos mostram a relevância do escritor

da cultura popular, através dos romances de cordel, afinal, nessa perspectiva, o negro é reconhecido tanto nas narrativas orais ou escritas, quanto na ficção ou através de outras formas de expressão literária como sujeito e protagonista da sua própria história. A narrativa de Mendes ao expressar a formação cultural, social, histórica e da sociedade brasileira torna-se um veículo indispensável ao estudo da literatura afro-brasileira contemporânea, como também para se conhecer e compreender o ideal histórico-literário e cultural da nova geração de autores negros do Brasil.

Palavras-chave: História, Afrodescendência, Narrativas, Joaquim Mendes

Iluminar as ‘zonas sombrias da história’: metaficção historiográfica no feminino na obra de Simone Schwarz-Bart

VANESSA MASSONI DA ROCHA (UFF)

Resumo: Esta comunicação pretende estudar a metaficção historiográfica e as vozes no feminino nas obras *Un plat de porc aux bananes vertes* (1967) e *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, de 1972 (A Ilha da chuva e do vento em tradução de Estela dos Santos Abreu, 1988) da escritora guadalupense Simone Schwarz-Bart. O primeiro romance marca o início de uma escrita a quatro mãos com o marido André Schwarz-Bart e o último, traduzido em mais de doze línguas, premiado internacionalmente e considerado obra canônica da literatura antilhana de expressão francesa, inaugura uma escrita mais autoral. De início, cabe assinalar que a Ilha de Guadalupe foi colônia francesa de 1635 até a departamentalização de 1946. O escritor e ensaísta martinicano Patrick Chamoiseau denuncia as agruras de Escrever em país dominado (1997) e reconhece a arte ficcional como espaço criativo de resistência diante da dominação silenciosa imposta pela departamentalização dos territórios caribenhos. Fazendo eco à ideia de que “as ficções voluntárias (histórias) de um povo dão, melhor do que suas ficções involuntárias (História), acesso à realidade deste povo” (HUSTON, 2008, p.179),

Schwarz-Bart promove uma releitura da história sob o prisma dos oprimidos buscando iluminar suas zonas sombrias da história (CONDÉ), tirando do anonimato personagens e heróis ignorados anteriormente e atribuindo “ao romancista a tarefa de suprir as falhas existentes nas histórias das colonizações” (DAMATO, 1995, p.190). Assim, a escritora denuncia a escravidão e os mais diversos tipos de violências (pós) coloniais sob o prisma feminino, uma vez que “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2014, p. 85). Valendo-se das premissas de que “na cultura oral das Antilhas, é a palavra feminina que veicula todo o saber de um povo” (PIETERS, 2013, p.15) e que a “mulher é a viga, o esteio da comunidade” (JUMINER, 1994, p.134) antilhana, os romances concedem às heroínas o reconhecimento de serem fontes da memória coletiva. Ambas as narradoras, Mariotte e Télumée, contam suas vidas às vésperas da morte, vidas que se imbricam e se confundem com a história dos arquipélagos caribenhos: Mariotte deixou a Martinica depois da erupção do vulcão Pelée, em 1902, que destruiu a capital Saint-Pierre. Internada em um hospício em Paris, ela relembra a terra natal e valoriza as artes de fazer do povo antilhano. Por sua vez, Télumée retrata a vida de quatro gerações de mulheres da família Lougandor em terras guadalupenses, de sua bisavô até si mesma. Fanta Mbaye acredita que a linhagem matriarcal assume uma função organizadora: “inventar uma história, ordenar uma sociedade fragmentada, dispersa e instável” (1985, p.29). Deste modo, ficção historiográfica apresenta novas cartografias do feminino caribenho e enaltece as vozes e as poéticas do matriarcado nas narrativas pós-coloniais, narrativas empreendidas com grande sensibilidade e engajamento político-cultural com intuito de promover uma revisão do fato colonial e de seus desdobramentos no cotidiano caribenho

Palavras-chave: Metaficção historiográfica, Representações do feminino, literatura (pós)colonial, Simone Schwarz-Bart

La auto ficción en la obra: *La tía Julia y el escritor* de Mario Vargas Llosa

MARGARETH TORRES DE ALENCAR COSTA (UESPI/UFPI), LAURA TORRES DE ALENCAR NETA (UFPI)

Resumo: El objetivo de este estudio es probar que la obra de Vargas Llosa : *La Tía Julia y el escritor* que se inserta por la crítica como escrita autobiográfica es en verdad una auto ficción. En esta obra Vargas Llosa habla de su relación amorosa con una tía suya además de narrar la historia del folletinista Pedro Camacho y otros sucesos, que prenden la atención del lector y lo lleva a seguir la lectura buscando investigar si el romance tiene o no un final feliz. Vargas Llosa, en su prólogo afirma a sus lectores que esta novela no se trataba de su vida que fue añadida por él como “un collage autobiográfico para que no resultara demasiado artificial”. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica. Para alcanzar el objetivo propuesto se hizo los siguientes cuestionamientos: ¿la obra escrita por Vargas Llosa es un texto autobiográfico o auto ficción? ¿Qué marcas existentes en el texto comprueban la afirmación de que el texto no es una autobiografía? El estudio en tela se basa en los teóricos: Lejeune, 2008 y Miraux, 2005 además del texto escrito por Vargas Llosa, 2008 para apoyar la pesquisa. Los resultados obtenidos contestan que verdaderamente el texto producido por Vargas Llosa es una auto ficción y no un texto autobiográfico.

Palavras-chave: Escrita autobiográfica, auto ficción, Vargas Llosa, Literatura

Mulheres, tradição e nação: permanências e rupturas em *Terra sonâmbula*

EVERTON FERNANDO MICHELETTI (USP)

Resumo: Na literatura de Mia Couto, as personagens femininas se destacam, havendo um esforço do autor em trazer as questões de gênero, sobretudo quanto às práticas sociais que oprimem as mulheres. Em algumas obras, as personagens femininas aparecem pelo

discurso narrativo masculino; em outras, em especial as publicadas mais recentemente, *A confissão da leoa* (2012) e *Mulheres de Cinzas* (2015), é dada a voz a elas como narradoras, ainda que intercalando com capítulos narrados por personagens masculinas. Em seu primeiro romance, *Terra sonâmbula*, que se passa no período de guerra posterior à Independência de Moçambique, há várias mulheres que chamam a atenção, embora não sejam protagonistas ou narradoras, sendo elas: Farida, sua mãe, a irmã gêmea Carolinda, sua tia Euzinha; a mãe de Kindzu; a portuguesa Virgínia; a prostituta cega Juliana Bastiana; Jotinha; as idosas profanadoras; a indiana Assma. No conjunto, são personagens que realizam ações modificadoras do enredo, intervindo no percurso dos protagonistas Kindzu e Muidinga/Gaspar. Simbolicamente, são estabelecidas relações entre elas e a terra, a nação moçambicana, havendo a temática da maternidade. Uma delas é mãe de Junhito, nome dado em homenagem à Independência do país, e outra tenta encontrar o filho, aquele que pode contribuir com a (re)construção da nação. Não se trata, portanto, de algo simples, ocorre toda uma problematização em torno dessas personagens, envolvendo tanto a permanência das tradições ancestrais africanas, reivindicadas constantemente por aqueles que se preocupam com as perdas culturais, quanto as rupturas impostas pela modernidade, pela globalização e outros fatores históricos. Desse modo, ao mesmo tempo em que Mia Couto tem, reconhecidamente, as tradições dos povos que formam Moçambique como suas principais referências para a produção literária, ele trabalha, como afirmam Fonseca e Cury, “sempre em tensão” com elas (2008, p. 77). Farida, a principal personagem feminina de *Terra sonâmbula*, sofre pelos rituais de seu povo por ser gêmea, é violentada sexualmente por um colono português e perseguida pelos administradores do governo pós-Independência, isto é, sofre pelas tradições ancestrais e pelo processo histórico recente. Juntamente a essas difíceis situações enfrentadas pelas mulheres em Moçambique, sendo recorrentes as metáforas que as relacionam com o espaço, com a terra, o corpo feminino e a nação, o

romance traz, também, os aspectos da masculinidade, do protagonista Kindzu, por exemplo, como um sementeiro dessa terra. Assim, a partir do que se apresenta, propõe-se analisar e discutir as funções das personagens femininas na obra, verificando se o autor ratifica ou transgride as divisões sociais de gênero.

Palavras-chave: Mia Couto, Personagem, Gênero, Nação

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Pelas frestas da história: as personagens femininas no romance histórico de Dinah Silveira de Queiroz

SARAH PINTO DE HOLANDA (UFCE)

Resumo: O romance descreveu, durante séculos, aventuras, traições, conquistas e derrotas de seus heróis e vilões. Neste cenário povoado de enredos e personagens, a mulher, quase sempre, atuou como simples coadjuvante, secundária nas decisões. Desvendando o outro lado da história, entre estes mundos lançados à humanidade pela literatura, encontramos o universo edificado pelo romance de Dinah Silveira de Queiroz. Nascida em São Paulo, em 1911, ela dedicou sua vida à literatura, escrevendo romances, contos, crônicas, teatro... Entre sua vasta produção, destacamos dois romances históricos: “A muralha”, de 1954 e “Os invasores”, de 1965. Naquele, um elemento de extração histórica, a Guerra dos Emboabas, é o cenário escolhido para o enredo de Dinah. Atuando como romance de fundação, ele desvenda a saga dos bandeirantes na Colônia. Os seres ficcionais, com uma pitada épica, interagem com os personagens históricos reais. Apesar de caber ao homem a responsabilidade de varar os sertões levantando suas espadas, quem compõe a galeria de personagens marcantes, no romance, são as mulheres: a destemida Isabel, que trafega com os bandeirantes caçando índio e guerreando como eles; a austera Mãe Cândida que comanda e

ordena a família; a corajosa Basília que defende sua estirpe desafiando a todos; a obstinada Rosália que, desobedecendo a autoridade paterna, foge com seu amado e inimigo da família, entre tantas outras. Mesmo tendo como pano de fundo uma batalha sangrenta, comprovada pelos livros de História, é através da ficcionalização da vida privada que ocorre a intensidade dramática do romance: as lutas nos aposentos na mudez dos corpos, nas casas solitárias, na dor das mulheres que dão à luz e alimentam os homens que vão determinar suas sinas. Já em “Os invasores” temos uma anedótica versão da malsucedida invasão à cidade do Rio de Janeiro pelo corsário francês Jean-Fraçois Duclerc, em 1710. Como em “A muralha”, o romance “Os invasores” é construído a partir de um elemento da História ‘oficial’ do Brasil, todavia, a dicção celebratória do primeiro é substituída pelo tom cômico e os personagens colossais dão lugar aos bufões. O romance circunda o dia aterrorizante do ‘ataque’ de Duclerc, mostrando a heróica frente defensiva dos estudantes brasileiros que de cima dos telhados atiravam pedras, caldeirões de água fervente e ovos nos invasores, o que garantiu sua rendição no Trapiche da cidade. Esse hilário e real episódio é ampliado na ficção de Dinah, as figuras femininas, apagadas dos quadros que retratam, com pretensão à fidelidade, a História nacional, avolumam-se nas malhas do enredo. Pelas linhas da autora, a cena da tomada do trapiche é ampliada e passamos a enxergar os vultos que, por detrás das portas, fazem a História: esposas, mães, filhas... mulheres latentes em seu universo de tensões que viam, pelas frestas das janelas, seus destinos selados por outrem. Embasados na possibilidade das análises interdisciplinares dos romances de Dinah, procuraremos ressaltar como as perspectivas sobre a História dialogam com as obras elencadas. Assim, guiou-nos os estudos de Aristóteles, Paul Ricoeur, Michel Halbwachs, Sidney Chalhoub, György Lukács, Flávio Aguiar, Alcmenio Bastos, Antonio Candido, entre outros.

Palavras-chave: Literatura e História, Autoria feminina, Romance Histórico, Dinah Silveira de Queiroz

Práticas de leitura em *Orgulho e preconceito*: Jane Austen e a construção de um novo perfil de mulher na literatura inglesa

LAILLA MENDES CORREIA (UESB)

Resumo: Até o início do século XX, o acesso à educação formal não era igualitário. Homens de alto poder aquisitivo recebiam educação fora de casa, nas chamadas grammar schools, e se dedicavam a assuntos como política e economia, enquanto à mulher estava reservado o aprendizado das letras no ambiente familiar, juntamente com outros saberes e técnicas, como a pintura, o bordado e a música. Preleções sobre como deveria ser a educação das mulheres constam da produção textual de Jean Jacques Rousseau, filósofo da educação cujos estudos sobre a temática têm relevância até hoje. Em *Emílio* ou *Da Educação*, Rousseau se propõe a traçar o perfil de uma “estudante ideal mulher” e advoga que a educação feminina deveria ser voltada para aspectos da vida privada e dedicada ao atendimento das necessidades do homem, desconsiderando a contribuição que as mulheres pudessem dar como seres independentes. Na contramão dessas proposições, destaca-se, na passagem para o século XIX, Jane Austen (1775-1817), considerada a primeira romancista moderna da língua inglesa. Em *Orgulho e Preconceito*, um dentre 6 livros publicados sob sua autoria, Austen faz uma crítica sutil à ideia de uma educação feminina voltada exclusivamente para aspectos do lar, e o faz pela voz de suas personagens, em que a autora questiona os padrões inalcançáveis de comportamento feminino propagandeados pela literatura corrente, majoritariamente masculina. Por intermédio das protagonistas de seus romances, a exemplo de Elizabeth Bennet, Austen, sem negar as regras de comportamento socialmente determinadas, propugna uma visão de mundo construída a partir do universo feminino, ou, pelo menos, de um setor deste universo: o mundo da nobreza inglesa. A romancista faz ambientar suas narrativas no interior de propriedades rurais, em torno de mesas de jantar, nos salões de bailes da nobreza e em outros espaços que demarcam seu pertencimento a determinada classe social e a um determinado tempo. Ainda que fale de um ângulo específico,

já que é esse universo a que teve acesso, Austen traz a mulher aristocrática para o centro da narrativa e a ela atribuiu uma capacidade de reflexão que vai além do que era socialmente aceito, uma vez que a mulher era narrada, majoritariamente, sob o olhar masculino. O presente trabalho se propõe a analisar as imagens e discursos sobre as práticas de leitura feminina em *Orgulho e Preconceito* de modo a situar a literatura de Austen em seu tempo de produção e difusão inicial e, complementarmente, a precisar os fatores de renovação e conservação no tratamento da mulher na literatura, mas também para além dela.

Palavras-chave: Jane Austen, Representações do feminino, Práticas de leitura, *Orgulho e Preconceito*

Reveja o que você aprendeu: a mulher na poesia trovadoresca e na narrativa medieval portuguesa

ANDRÉ CARNEIRO RAMOS (UERJ)

Resumo: Perante os riscos de se abordar um assunto tão relevante, importa inicialmente mencionar que pretendo aqui desenvolver uma breve reflexão sobre certos pormenores da mulher medievla e seu crucial papel na literatura portuguesa do período, com um foco maior nas chamadas “cantigas de amigo”, bem como na novela “Saudades” (Menina e moça), de Bernardim Ribeiro. Na poesia, abordarei o fato de os trovadores (e trovadoras) terem infringido o status quo de sua época, praticamente reinventando o conceito do amor em plena Idade Média. Quanto à narrativa, o ponto crucial é a ideia de desconstrução do ideal cavaleiresco que a mencionada obra reverberaria. Assim, tais proposições me levam a pensar no decisivo contributo que essas composições literárias legaram para a cultura ocidental. Nomes como Maria do Amparo Tavares Maleval, Natália Correia, Ria Lemaire, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Helder Macedo e Teresa Amado me levam a crer que a aproximação entre os gêneros escolhidos muito bem representa o delineamento de fecundas possibilidades de compreensão/releitura das obras envolvidas.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, Trovadorismo, Medievalismo, Feminino

Ser “a língua”: empoderamento e reconstrução histórica a partir de *Malinche*, de Laura Esquivel

MARIA INÊS FREITAS DE AMORIM (UERJ)

Resumo: A história oficial é escrita a partir da perspectiva daqueles que detêm o poder da palavra. Controlar os discursos é ser responsável pela construção identitária, é formar a representação das personagens históricas, é eleger os heróis e condenar os vilões. A história oficial é construída por aqueles considerados “vencedores”, por aqueles que conseguiram dominar e oprimir outros povos. Dessa forma, é possível personificar o dono do poder de voz na figura daquele que é considerado como o centro, ou seja, no homem branco, heterossexual, oriundo de um país do hemisfério norte e ocidental, membro das classes sociais mais ricas economicamente. Entretanto, todos os fatos possuem outras perspectivas, como a versão daqueles que foram subjugados. A voz feminina, latino-americana e indígena é marginalizada, e desta forma, silenciada, como afirma Spivak (2010, p.157): “A figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da ‘mulher do terceiro mundo’ encurralada entre a tradição e a modernização.” No processo de dominação espanhola do México, Hernan Cortés é considerado pela história oficial como o conquistador, enquanto a nativa Malinalli, também nomeada como Malinche, ficou conhecida como a traidora dos povos mexicas. O romance *Malinche*, da escritora mexicana Laura Esquivel, busca reverter esta norma, recontando fatos históricos a partir da voz marginalizada. O presente trabalho busca destacar e analisar elementos do romance que indiquem o poder da tomada de voz da personagem Malinalli para se assumir protagonista da história. O romance possui um narrador heterodiegético que acompanha as trajetórias e os sentimentos de Malinalli e Cortés, diferenciando as intenções e crenças de cada um destes personagens. A obra, assim, apresenta uma nova perspectiva da construção do México. Ao abordar estas questões em seu romance, Esquivel questiona a história oficial

e a posição ocupada pela mulher neste discurso. Ao escolher uma personagem incorporada pelo imaginário popular como “vilã” e dar protagonismo à sua história, humanizando-a, a autora deixa aberto para questionamentos fatos históricos consagrados. A mudança da voz que entoa o discurso é importante para a desconstrução de estigmas opressivos. A liberdade e o fim da subjugação são possíveis pela apropriação da perspectiva narrativa. A reescrita crítica da história possibilita que se reveja de que raízes um povo se formou. O romance não se preocupa em reconstruir cientificamente a história oficial, mas estimular uma reflexão sobre as múltiplas vozes que compõem a identidade de uma cultura. Para a análise que propomos, foram utilizados textos de autores que discutem a questão da identidade cultural, como Anderson (1993), Spivak (2010), Hall (2011) e Feminías (2013), autores que apresentam uma análise da história oficial, como Todorov (1983) e Díaz Del Castillo (2015) e autoras que debatem questões de gênero, como Anzaldúa (2000, 2005), Rago (2004), Shohat (2004), Velasco Marín (2007), Bernárdez Rodal (2009), Braidotti (2013) e Adiche (2015).

Palavras-chave: Metaficção historiográfica, Literatura Latino-americana, Representação Feminina, (Re)Construção Histórica

53

**NARRATIVAS AUDIOVISUAIS
CONTEMPORÂNEAS****Maria Elisa Rodrigues Moreira (UFMT)**
Rosângela Fachel de Medeiros(URI)
Damián Fraticelli (UBA)

Resumo: Chama a atenção, neste início de século XXI, a grande disseminação da imagem audiovisual, a qual se distribui na sociedade por meio dos mais diversos tipos de telas, desde as salas de cinema aos quase onipresentes smartphones. Esses suportes variados propiciam a convivência entre velhas e novas mídias: se é possível ainda, por um lado, assistir à programação em televisores comuns ou em salas de cinema mais tradicionais, por outro expandem-se as experiências renovadas diante dessas plataformas. As salas de cinema 3D chegaram para ficar e, a cada dia, parecem aprimorar sua tecnologia com o intuito de propiciar uma imersão cada vez maior no universo narrativo que ali se apresenta; as smart tvs possibilitam o acesso a conteúdo diversificado e on-line, fazendo da televisão um aparelho muito mais interativo, por meio do qual se pode agregar à experiência televisiva aquela oriunda da navegação web; os celulares parecem, hoje, servir menos para conversas telefônicas rápidas que para possibilitar a conexão ininterrupta com o mundo e com a multiplicidade de narrativas que pode ser acessada através de suas telas. Em meio a esse universo ofuscado pelo brilho das telas, constante e simultaneamente ligadas, as narrativas audiovisuais se expandem, por meio de desdobramentos inesperados, multiplicações vertiginosas e hibridizações surpreendentes, colocando em questão os modos pelos quais estávamos habituados a refletir sobre elas. Novos referenciais teóricos e distintos aportes metodológicos surgem diante de objetos que colocam problemas ao

pesquisador que não sabe ao certo como lidar com essa profusão de materiais que lhe provocam, exigindo que ele também se desdobre e multiplique seus caminhos de reflexão. As teorias da adaptação e da tradução intersemiótica, que já podemos considerar como referenciais estabelecidos nos estudos sobre narrativas audiovisuais, ainda que continuem a ser utilizadas mostram-se insuficientes para atender aos problemas colocados na contemporaneidade, de modo que a elas se acrescentam reflexões sobre os processos de transmediação e as narrativas transmidiáticas, sobre a imersão propiciada por filmes e jogos, sobre as noções de interface e de convergência, sobre a constituição de universos narrativos complexos, entre diversas outras. Teorias clássicas do cinema são utilizadas para se refletir não só sobre a chamada sétima arte, mas também sobre séries de televisão, webfilmes e performances multimídia: nesse deslocamento, agregam-se às teorias cinematográficas estudos específicos sobre a produção para televisão, sobre a comunicação social, sobre os meios multimodais, sobre as teorias de rede, sobre a produção de games. Franquias complexas expandem-se sobre mídias e suportes diversos, exigindo pesquisadores que sejam capazes de lidar com universos narrativos cada vez mais variáveis e problemáticos, reticulares, aos quais é impossível responder somente recorrendo a aportes teóricos advindos da literatura, do cinema, da televisão, da comunicação: esses novos objetos de análise transitam entre o cinema, a internet, os quadrinhos, os livros, os objetos, os games. Diante dessas mudanças, os métodos de trabalho requeridos também exigem transformações, e mostram-se cada vez mais associados às perspectivas transdisciplinares e transmidiáticas, indicando que a capacidade de se estabelecer um diálogo entre materiais tão diversos é essencial à compreensão desses materiais. A universidade não se depara mais, assim, apenas com a possibilidade do estudo de narrativas audiovisuais que se afirmaram ao longo do século XX: junto a estas, que continuam a ser objeto de estudo, a academia precisa enfrentar o desafio de produzir saberes a partir de uma série

de novos produtos, processos e mídias que hoje se fazem presentes de forma indiscutível na sociedade. O provocante slogan “Não é TV. É HBO”, utilizado por este veículo de comunicação entre os anos de 1996 e 2009, prenunciando um período de transformações no que diz respeito às narrativas audiovisuais, parece ser hoje insuficiente para cobrir toda a variedade de possibilidades que nos assola. É nessa perspectiva que este simpósio se propõe a discutir conteúdos, formatos e plataformas de séries, webseries, games, fanfictions, filmes, telenovelas, telefilmes, assim como sobre seus cruzamentos e sobre outras modalidades narrativas audiovisuais emergentes na contemporaneidade, buscando tornar-se um espaço para a reflexão sobre essas narrativas e sobre seu impacto na sociedade contemporânea. Para tanto, serão acolhidos trabalhos que versem sobre esses objetos, em perspectiva crítica-analítica, ou que se proponham a refletir sobre teorias e métodos que possibilitem que nos acerquemos deles de maneira mais produtiva e problematizadora.

Palavras- chave: Narrativa, Audiovisual, Transmediação, Imagem

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

Transculturação e transmediação na configuração dos super-heróis latino-americanos em *Kryptonita* (romance, filme, série)

ROSÂNGELA FACHEL DE MEDEIROS (URI)

Resumo: Super-heróis são um dos mais notórios produtos da cultura e do audiovisual estadunidense, tendo como máximo expoente as superproduções hollywoodianas. Adaptações (STAM, 2006) e transmediações (JENKINS, 2009) para o audiovisual de Super-heróis e enredos advindos do universo das HQs permeiam nosso imaginário desde a primeira aparição do Superman na telona em Superman e o Homem da Verruga (1951). Os super-heróis se tornaram figuras

marcantes no imaginário e na cultura ocidental, basta lembrar a série televisa Batman e Robin, da década de sessenta; a franquia de filmes do Superman, estrelada por Christopher Reeve, que começou no final da década de setenta e atravessou a década de 1980; a série de filmes sobre o Homem Morcego, que começou no final da década de 1980 e se estendeu até o século XXI. No entanto, passamos do lançamento anual e pontual de uma obra esperada pelos fãs a uma profusão de produções, em 2016 foram oito e para 2017 já estão anunciados seis. A presença dos super-heróis nas telas do cinema começou a se intensificar a partir de 2000, ano de lançamento do primeiro filme da franquia X-men. Advindos do universo ficcional da Marvel ou da DC Comics, os super-heróis têm sido figuras recorrentes nas produções hollywoodianas contemporâneas. Talvez não seja mera coincidência, então, que produções, como Birdman (2014), de Alejandro Iñárritu, e Deadpool (2016), de Tim Miller, venham propor a discussão e a reconfiguram da figura dos super-heróis hollywoodianos. Conhecido o potencial hegemônico do cinema hollywoodiano e da cultura estadunidenses é evidente que, como a maioria dos produtos culturais norte-americanos, os super-heróis também chegaram à América Latina e se imbricaram a nossa cultura. Como resultado desta forte presença e influência, surgiu ainda no início da década de 1970, o primeiro super-herói do continente: Chapolin Colorado (El Chapulín Colorado). Criado e interpretado pelo ator mexicano Roberto Gómez Bolaños: magro, feio, fraco e baixinho, Chapolin era uma paródia ao modelo de super-herói estadunidense. A série batizada com o nome de seu protagonista, como todas as histórias de super-herói, utiliza o humor para fazer críticas sociais. Desde então, podemos elencar alguns super-heróis nascidos em território latino-americano, que assim como Chapolin parodiam o modelo estadunidense. Em 2015, a websérie Superheróes en Latinoamérica propõe algo diferente, imaginar o que aconteceria com os super-heróis estadunidenses se precisassem se exilar na América Latina. E, no mesmo ano, é lançado na Argentina o filme Kryptonita, dirigido

por Nicanor Loreti, que é uma adaptação da romance homônimo lançado por Leonardo Oyola em 2011. Como já sugere o título, tanto o romance quanto, posteriormente, o filme estão intimamente ligados à cultura e ao universo ficcional dos super-heróis estadunidenses, que, no entanto, desta vez, é transculturado (RAMA, 1982). E, da mesma forma que no contexto estadunidense, o universo ficcional criado por Oyola é transcriado no filme e desse se expande transmidiaticamente para a série Nafta Súper (2016), nome do super-herói que entrelaça as narrativas, que também foi dirigida por Loreti.

Palavras-chave: Super-heróis, Transmídiação, Transculturação

Experiências literárias, videogame e textualidades: a construção da narrativa em *Assassin'S Creed*

MAX ALEXANDRE DE PAULA GONÇALVES (IFPR/UNESP-ASSIS)

Resumo: Em consonância com as propostas do XV Encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada e do Simpósio Temático “Narrativas audiovisuais contemporâneas”, o nosso trabalho propõe uma investigação sobre uma experiência literária que se apresenta sob uma textualidade até aqui pouco explorada no domínio da Literatura: o videogame e, conseqüentemente, os jogos que o compõem. De fato, trata-se de um suporte que ainda carece de maiores reflexões a respeito do seu estatuto na Literatura, visto que o seu formato passou por diversas mudanças nas três últimas décadas. Já não se trata mais apenas de um objeto de entretenimento, mas sim de uma amálgama de várias mídias, tanto em seus recursos técnicos quanto estéticos, que busca a imersão, a agência e a transformação do sujeito que interage com ele. Basta olharmos rapidamente para alguns jogos mais recentes, tais como Final Fantasy XV e The Last Guardian, para percebermos como o meio cinematográfico, juntamente com suas propriedades, foi incorporado aos games. Por isso, devemos pensá-lo enquanto suporte que apresenta uma experiência de narrativa a ser construída de maneira autônoma, com regras restritas em alguns casos, mas

também com uma liberdade e flexibilidade muito maiores em outros. No entanto, essa mesma experiência pode ser ampliada pelo interator se ele optar pela convergência de diversos conteúdos por meio de múltiplas plataformas de mídia, que é um dos princípios da Cultura de Convergência, analisada por Henry Jenkins (2006). Assim, nesse caso, seria a partir das transformações no comportamento individual e em suas interações sociais com as outras pessoas que o sujeito constrói a sua história/narrativa. Nesse sentido, ao ter a narrativa como foco, nossa proposta é analisar a experiência literária que é desenvolvida nos games da franquia *Assassin's Creed*. Lançado em 2007, pela empresa Ubisoft Montreal, a trama do jogo se desenvolve a partir do embate entre os Templários, uma organização surgida na Idade Média, e a Ordem dos Assassinos, outra organização que também surgiu no mesmo período que o grupo ao qual combate. Contudo, os conflitos ocorridos no passado são revelados por meio da memória dos ancestrais dos Assassinos contemporâneos, que vivem no século XXI. Há uma máquina, o Animus, que, ao mapear geneticamente os descendentes dos Assassinos, consegue sincronizar as memórias a fim de saber mais sobre o passado e, assim, encontrar as informações de que precisa. O game possui várias versões, que perpassam diversos períodos e eventos históricos, que vão da época das Cruzadas até a Revolução Vermelha. Dessa forma, ao citarmos a importância da cultura da convergência para a construção de narrativas, é interessante observar que *Assassin's Creed* não é apenas um jogo, mas sim um artefato cultural que veicula seus conteúdos por meio de livros, histórias em quadrinhos e filmes. Por isso, a fim de compreendermos a experiência literária e narrativa que essa franquia/série nos possibilita, iremos analisar os suportes utilizados por ela em nossa análise.

Palavras-chave: Experiências Literárias, Videogame, Narrativa, *Assassin's Creed*

Ficção imobiliária: narrativas contra a Gentrificação

FABIANA DE PINHO (PUC-RIO)

Resumo: De acordo com Maria Alba Sargatal Bataller, a gentrificação é um fenômeno fundamentalmente urbano definido pelo desenvolvimento de uma série de melhorias físicas, materiais e imateriais – econômicas, sociais e culturais – que ocorrem em alguns centros urbanos antigos e degradados. Sua principal característica é a substituição de classes sociais, pois, no lugar dos antigos moradores pertencentes a classes mais baixas, passam a viver outros com maior poder aquisitivo. Para que novos moradores usufruam de áreas antes tidas como degradadas, uma série de investimentos e melhorias transforma o local. Um outro aspecto da gentrificação é que os gestores públicos e a iniciativa privada compõem narrativas nos meios de comunicação que colocam as transformações nas cidades como algo bastante positivo para as pessoas. É comum vermos que tais meios trazem discursos nos quais palavras como revitalização, requalificação dos espaços urbanos somam-se a uma certa euforia com as novidades. Sabe-se que essas narrativas, em muito, ocultam e distorcem os relatos sobre os excessivos gastos públicos, as remoções indevidas e ilegais, os descontentamentos dos moradores com engarrafamentos, os altos preços dos imóveis que empurram os moradores para áreas mais baratas e sem a devida infra-estrutura. É preciso, assim, articular sobrevivências, representação e gentrificação, como forma de pensar no como é possível representar narrativas que contrariem as práticas e os discursos de apoio à gentrificação. Criado pelo coletivo Left Hand Rotation para discutir a gentrificação, o Museo de los Desplazados reúne vários colaboradores - pesquisadores, ativistas, produtores culturais - de diversas cidades do mundo e das áreas de conhecimento mencionadas. Com a ajuda deles, a plataforma vem construindo um arquivo composto por vários documentários, textos teóricos, fanzines, links e sugestões de filmes que visam a discutir os espaços gentrificados. Uma dessas ações é a série de 3 documentários chamada *Ficção Imobiliária*. Estes

documentários, na verdade, são constituídos por vários fragmentos de filmes com diferentes diretores, épocas, nacionalidades, personagens. Ele é montado com os recortes retirados de filmes que tratam, direta ou indiretamente, da gentrificação. Neste sentido é que o presente trabalho pretende analisar como o trabalho da montagem traz novas ressonâncias e significados, borra as fronteiras entre o documentário e a ficção e sugere que, independente da cidade ou da época, aspectos da gentrificação estarão presentes. Referências bibliográficas: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia, “A Cidade do Pensamento Único”, Petrópolis, 2000. DIDI-HUBERMAN, Georges. A sobrevivência dos vaga-lumes. . Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. _____. Cuando las imágenes tocan lo real. In: DIDI-HUBERMAN, G., CHÈROUX, C, ARNALDO, J. Cuando las imágenes tocan lo real. Madrid: Ciclo de Bellas Artes, 2013. FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Além dos limites do possível. Ficção e política. In MARGATO, Izabel e GOMES, Renato Cordeiro (orgs). Políticas da ficção. . Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015.

Palavras-chave: Ficção imobiliária, Gentrificação, Desplazamiento, Narrativas e Gentrificação

Flash, sons e gifs: odisseias imago contemporâneas no gifparanoia.org

FRANCINE DE ALMEIDA PEREIRA (UNEB)

Resumo: O presente trabalho busca analisar duas criações narrativas de áudio e vídeo contemporâneas que se apresentam em dois produtos de mídia digitais na página “gifparanoia.org”. Os dois produtos são: um webcomic e o projeto de uma série de GIFS criados sob o título: “I’m not an artist” e “I’M NOT AN ARTIST, an animated GIF paranoia anout non-stop design workers”, respectivamente. Estas mídias, que a primeira vista não se utilizariam do recurso do áudio, apresentam-se com a presença explícita deste recurso no webcomic e implícita nos ecos dos GIFS. Assim, o áudio interage com a narrativa de I’m not an artist como elemento de fundamental importância na composição da narrativa proposta, enquanto que aparece sublimado no agenciamento

e criações finais das narrativas GIFS. Esses formatos híbridos, mixes de mídias, produzidos pela agência espanhola Soon in Tokyo, representam meios pelos quais têm sido criadas formas alternativas de narrar dentro do circuito de convergência das mídias atual. Esses produtos são concomitantemente vitrines de sua agência formuladora através de sua forma de interação e divulgação em diversos meios, para além de se representarem enquanto produções criativas. Esta divulgação se efetiva em novo formato através da narrativa transmidiática GIF e slots que realizam convites ao internauta visitante a interagir produzindo narrativas visuais junto a criadores no projeto do mural: “I’M NOT AN ARTIST, an animated GIF paranoia anout non-stop design workers”. Estes produtos, por serem formulados em diversas extensões e materializações, de igual modo, apresentam propostas fragmentadas e caleidoscópicas do contemporâneo. Representam um cenário das mudanças na comunicação global convergente, e, por isso, acabam por deslocar os lugares da arte, criação, do consumo e também da narração. A narração aqui, portanto, perfaz um relevante representante dos processos de cognição e subjetividade dos sujeitos hodiernos, criadores e submetidos a uma forma de lidar e gerir o tempo em pacotes compactados, rápidos e de facilitada compreensão. A pesquisa utilizada como metodologias a análise da imagem e de mídia, como também a análise de conteúdo dos produtos culturais elencados. A fim de construir o arcabouço para discussão toma-se como referencial teórico os estudos de Henry Jenkins sobre cultura, conexão e narrativas transmidiáticas; as reflexões de Benjamin sobre a questão da reprodutibilidade, da criação e da obra; análises de Aarseth ao definir o cibertexto, proposta narratológica que complexifica o estudo destas mídias, pois considera o ir além da mera estrutura narrativa tradicional ou mesmo as mais recentemente elaboradas; e Agamben ao falar da contemporaneidade e seus escuros

Palavras-chave: GIF, Webcomics, narrativa audiovisual digital, cultura cibernética convergente

Produções audiovisuais na Era Digital: “Corpo Estranho”, de Lourenço Mutarelli

GRAZIELA RAMOS PAES (UFJF)

Resumo: Idealizado em 2008, o site Teatro para Alguém [www.teatroparaalguem.com.br] é uma plataforma que reúne produções tais como webpeças, webséries e webfilmes, realizadas a partir de processos colaborativos envolvendo artistas do teatro, do cinema e da literatura. Dentre essas produções, destaca-se “Corpo Estranho”, websérie da autoria de Lourenço Mutarelli transmitida ao vivo pelo site, via streaming, em dezembro de 2008. Diante do exposto, o objetivo deste texto é analisar diferentes características da webpeça supracitada partindo de considerações sobre as produções audiovisuais em meio digital, dialogando com os estudos interartes e seus aspectos transmidiáticos.

Palavras-chave: Audiovisual, Lourenço Mutarelli, Estudos Interartes

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

O canto da sereia: melodia do paraíso racial

ELAINE APARECIDA LIMA (UNILA)

Resumo: Inspirada pela obra de mesmo título, escrita por Nelson Motta, a minissérie exibida pela rede Globo de televisão, no mês de janeiro de 2013, *O canto da sereia*, será o objeto do presente trabalho. Ambientada em Salvador, capital mais negra do Brasil, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011 e 2015) e com enredo centrado em pleno período de carnaval, festa na qual, no âmbito estético, estão expostos diversos elementos representativos da cultura negra e, na dimensão política, grupos organizados apresentam discursos de autoafirmação, a produção parece ser objeto ideal para discutirmos as representações dos afrodescentes

em produtos audiovisuais contemporâneos e, neste ínterim, refletir sobre o papel de obras midiáticas de grande alcance de público na construção identitária do brasileiro atual. Examinaremos como, em um espaço eminentemente negro, a Bahia, as personagens afrobrasileiras estão caracterizadas na ficção televisiva. Identificando a ausência do protagonismo de personagens afrodescentes, bem como os estereótipos que as caracterizam, tentaremos buscar as raízes de tais representações, de um lado, refletindo sobre a incorporação, em *O canto da sereia*, do mito da democracia racial, implantado no período do Estado Novo, de outro, pensando sobre a forte influência da ideologia colonialista euro-norte-americana (marcada pelo branqueamento como símbolo de civilidade) no desenvolvimento da ficção televisiva no Brasil e, por fim, debatendo como a tradição do noir é atualizada na minissérie corroborando com a construção da imagem de paraíso racial baiano e, consequentemente, brasileiro. Vencer o inebriamento oriundo das auras de sensualidade e de musicalidade, as quais exalam do plano mais superficial do enredo da minissérie, será, para nós, olhar com atenção o lugar ocupado pelos negros na produção global de 2013, ouvir e interpretar os discursos ocultos em cada papel ocupado por uma personagem negra na obra. A música que tocaremos, a nosso ver mais encantadora do que aquela reproduzida pelos meios de comunicação, exporá a fragilidade do paraíso democrático racial brasileiro e demonstrará como o encantamento com o discurso midiático, alinhado aos discursos conservadores do Estado e da intelectualidade, nos faz cegos e inertes à realidade sócio-étnica desigual do Brasil. Não se pretende, neste trabalho, a comparação do romance que deu nome à minissérie à construção televisiva, de maneira que, as esparsas fricções com a obra original somente serão realizadas quando imprescindíveis à discussão sobre o rebaixamento do negro na produção global. Por outro lado, variadas serão as comparações com outras construções midiáticas, especialmente telenovelas produzidas entre os anos de 1960 à atualidade. Elas ocorrerão com o objetivo de perceber o quanto

o conservadorismo ainda impera na representação midiática do afrodescendente e sua cultura.

Palavras-chave: O canto da Sereia, identidade, representação afrodescendente, colonialismo

Índices do ódio em Juliana, de *O primo Basílio*: transposição de linguagens e intertextualidade entre romance e minissérie

FÁBIO DE CARVALHO MESSA (UFPR), JERONIMO DUARTE AYALA (UFSC)

Resumo: No processo de adaptação da literatura para a televisão, geralmente constata-se mecanismos específicos da passagem de uma narração em 3ª pessoa para determinados expedientes dramáticos e figurativos de cena. Exemplo disso seriam as descrições (físicas e comportamentais) comentadas do narrador sobre as personagens que se transformam, na tela, em atitudes e discursos dos atores que as desempenham. Sabe-se que a imagem pode expressar os pensamentos de uma personagem a partir de recursos de áudio em off ou por meio de representações sígnicas emblemáticas, traduzindo o que se passa em sua mente. Ao aproximar o romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, de sua versão televisiva (minissérie de 1988), elegemos a personagem Juliana para mostrar essas peculiaridades narrativas. Muito já foi dito em fortuna crítica sobre o que representa essa personagem no texto do romancista português: dos movimentos pertinentes à figura de antagonista, do eixo gerador dos conflitos na história, da relação patroa e empregada e de sua posterior reversão, dos traços da maldade e da conspiração, das manobras discursivas ardilosas, dos elementos de construção da chantagem. Considerando estes aspectos, propusemos a vislumbrar a Juliana apresentada na versão audiovisual, tomando por base sua configuração no texto romanesco. Nesse sentido, levamos em conta o seu comportamento corporal (linguagem do olhar, expressão fisionômica, movimentos corporais), sua dicção e performance discursiva. Para isso, buscamos trechos específicos da narrativa em que há descrições comentadas acerca da personagem, e seus momentos

correspondentes na minissérie, relativos ao processo gradual da construção das diferentes nuances do ódio em Juliana. À luz de alguns pressupostos da tradução intersemiótica e da intertextualidade e à sombra da polêmica concepção de narrativa transmídia, descrevemos e discutimos alguns impasses estruturais do processo de transposição romance-minissérie - no que se refere às ramificações de tempos pretéritos para a caracterização da personalidade de Juliana; assim como os impasses temáticos que giram em torno da signagem do rancor e do ódio.

Palavras-chave: adaptação, intertextualidade, semiose, ódio

Convergência e complexidade narrativa em *Black Mirror*

RENATA VALENTIM GOMES (UFMG)

Resumo: O artigo se propõe a examinar, a partir da semiótica do discurso, as relações de intermedialidade e transmidiação representadas no enredo do episódio *The National Anthem* da minissérie *Black Mirror* (Channel 4, Reino Unido, 2011), criada pelo jornalista e crítico de mídia Charlie Brooker. A série é uma narrativa seriada ficcional de natureza distópica, que se vale da representação de diversos fenômenos midiáticos encadeados, em enredos menos centrados na representação da tecnologia em si, mas nos reflexos de seus vários usos no cotidiano. No enredo do objeto em questão, é construída uma narrativa complexa, que lança mão de diferentes estratégias enunciativas e de modos de interação - em plataformas diversas que envolvem a TV tradicional, o Youtube, as redes Twitter e Facebook - orquestradas por um único personagem, com implicações concretas nas esferas política e pública do Reino Unido. Ao mesmo tempo em que busca identificar as estratégias inter e transmídiaicas, oriundas dos processos de convergência (JENKINS, 2008) presentes no enredo do objeto analisado, o trabalho se propõe também a refletir sobre a complexidade narrativa (MITTELL, 2012; 2015) presente tanto no produto televisivo quanto na criação de um storytelling que se dá na própria diegese do episódio. Ao examinar

a relação entre a ampla circulação discursiva propiciada pelas conexões intermediáticas e a complexidade narrativa - tanto nas representações feitas pelo enredo do episódio quanto pelo produto audiovisual em si – é possível vislumbrar as diferentes práticas semióticas empregadas nos dois níveis de complexidade narrativa empregados. Adotando o entendimento da TV como meio que reflete valores, problemas e tendências de uma sociedade em um dado momento, ao mesmo tempo em que exerce sobre ela um papel de constituição, influenciando comportamentos, temáticas e modismos (FRANÇA, 2012, p.39), o trabalho busca aproxima a sua capacidade de inserção reflexiva na vida social com a proposta discursiva da minissérie, já sugerida em seu título: um “espelho negro”, capaz de refletir o presente, a realidade. As narrativas criadas por Brooker empregam em cada episódio a ficção científica como artifício para tratar de fenômenos reais, derivados do papel ocupado pelos processos de convergência e de midiaticização da vida contemporânea. É lançando mão deste recurso que o autor constrói sua crítica. As representações destes fenômenos contemporâneos pela minissérie, projetados em uma narrativa distópica, ou seja, um olhar pessimista do futuro em relação às práticas do presente, suscitam questionamentos sobre a maneira como a crítica ao uso da tecnologia e aos modos de sociabilidade contemporâneos emerge nas representações de *Black Mirror*. Referências: FRANÇA, Vera V. A TV e a dança dos valores: roteiro analítico para tratar da relação entre televisão e sociedade. In: FRANÇA, V. V.; CORREA, L. G. (orgs). *Mídia, instituições e valores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008. MITTELL, Jason. *Complex TV: The Poetics of Contemporary Television and Storytelling*. New York and London: NY University Press, 2015. E-book. _____ . Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. In: *Revista Matrizes*, São Paulo, v. 5, nº 2, p. 29-52, 2012.

Palavras-chave: Televisão, Complexidade narrativa, Convergência, Práticas semióticas

Norman Bates: entre o cinema e a série televisiva

JUAN FERREIRA FIORINI (UFU), LEONARDO FRANCISCO SOARES (UFU)

Resumo: Em *Bates Motel*, série televisiva exibida desde 2013, vemos as relações conflituosas entre Norman Bates – considerado por muitos entusiastas do cinema como um dos melhores antagonistas da história cinematográfica – e sua mãe, Norma. Após a morte do pai de Norman, ele e sua mãe se mudam para outra cidade e compram um motel, dispostos a recomeçar a vida. No entanto, o que poderia ser interpretado como uma fábula de superação e de reconstrução logo se torna um pesadelo, e a proteção exagerada da mãe – interpretada por muitos como incestuosa – em relação ao jovem vai transtornando-o gradativamente, de modo que a situação se torne sufocante para o jovem Norman. Esse relacionamento conturbado (e pouco explicado no programa televisivo, o que faz com que as teorias que envolvem a relação entre a mãe e o filho fiquem ainda mais obscuras) transformaria futuramente esse personagem no serial killer psicótico interpretado por Anthony Perkins no já aclamado *Psicose* (1960), de Alfred Hitchcock. Dentro da análise que aqui se pretende, o produto televisivo é considerado, portanto, uma prequela, por conter elementos ambientados em um mesmo universo ficcional, cuja história antecede ao trabalho anterior – neste caso, o filme – e apresenta eventos que ocorreram antes da obra original. Esse exercício de conjecturar um “antes” de *Psicose* nos permite tecer conjecturas sobre o personagem, visto primeiramente como antagonista (no filme de Hitchcock) e que, mais adiante, exerce um expressivo protagonismo, graças a um efeito de inversão de papéis criado pela visão contemporânea oferecida pelos produtores do programa, Anthony Cipriano, Carlton Cuse e Kerry Ehrin. Repensar a trama cinematográfica a partir do ponto de vista da persona Norman Bates é, ainda, analisar a série como um gesto de revisão, de releitura, de reconfiguração do argumento cinematográfico a partir de uma perspectiva nova. Esse movimento revisionista do texto-base implica, ademais, em uma operação não somente de transposição de

linguagens aparentemente próximas – a saber, advindas das estéticas cinematográficas e televisivas – como também de adaptação, e para isso serão relevantes os estudos das teorias sustentadas por Linda Hutcheon (2013) e por Robert Stam (2006; 2008), que defendem a adaptação como constituição de um produto autônomo que, ao mesmo tempo, mantém sua relação com seus textos de origem dentro de um ato criativo pressuposto pela condição inevitável da intertextualidade (KRISTEVA, 1979). As teorias da adaptação, entendidas como a transposição declarada de obras reconhecíveis, como ato criativo e interpretativo de apropriação e recuperação e como gesto de engajamento com a obra adaptada, permitem-nos identificar, portanto, que a adaptação se realiza tanto no processo de adaptar o filme (que por sua vez, é a adaptação do romance de Robert Bloch) para o programa de televisão quanto no próprio produto, a série.

Palavras-chave: Bates Motel, Psicose, Adaptação, Intermidialidade

Penny Dreadful: a literatura e o cinema nas telas da TV

MARIA ELISA RODRIGUES MOREIRA (UFMT)

Resumo: Em 2014, estreou nos Estados Unidos (Showtime) e no Brasil (HBO) a série inglesa *Penny Dreadful*, ambientada na Inglaterra vitoriana, e que contou com três temporadas, finalizando-se em 2016. Chamou minha atenção o modo como nela, uma série produzida para a televisão, se articulavam também a literatura e o cinema. Pode-se dizer que a literatura apareceu na série de diversas maneiras. Primeiramente, pelo próprio título, uma remissão direta aos chamados “penny dreadfuls”, publicações de terror e fantasia seriadas, ricamente ilustradas, que se disseminaram na Inglaterra do século XIX, especialmente junto à classe trabalhadora, e que tinham uma evidente inspiração gótica. Em segundo lugar, por seu enredo, no qual se misturam personagens clássicos da literatura explicitamente nomeados (como Viktor Frankenstein e Dorian Gray, por exemplo, respectivamente associados aos livros *Frankenstein*, de Mary Shelley, e *O retrato de*

Dorian Gray, de Oscar Wilde) e seres místicos como vampiros (em remissão explícita a Drácula, de Bram Stoker, temos personagens como Van Helsing e Nina), lobisomens e bruxas, além de aproximações mais sutis, como a que se pode traçar entre o personagem Sir Malcom Murray, explorador inglês que se dedicou ao conhecimento da África, e o protagonista Marlowe, do *Coração das trevas* de Joseph Conrad. O diálogo com o cinema também se apresenta em diversos níveis. Um deles é o elenco de peso selecionado, com atores bastante reconhecidos por suas atuações cinematográficas, como Eva Green, Josh Hartnett e Timothy Dalton; a equipe de produção, que conta com nomes de larga experiência no cinema, como John Logan (criador e produtor) e Sam Mendes (produtor), e episódios comandados por experientes diretores televisivos, como Damon Thomas e James Hawes. Outro é a abordagem estética primorosa, na qual o cuidado com produção, iluminação e montagem, associado ao conhecimento da tradição cinematográfica dos filmes de horror (o expressionismo alemão e clássicos como *Nosferatu* são lembranças frequentes), remetem ao que Alejandro Totaro vai chamar de “cinematografación de la televisión”. Além disso, é possível pensarmos as estratégias de divulgação da série, que incluíram um blog com os bastidores de sua produção e uma série de trailers, ações típicas do cinema que têm migrado para as séries televisivas. É nessa perspectiva que proponho, nesta comunicação, uma reflexão, ainda inicial, sobre como essa série contemporânea articula elementos oriundos de diversos panoramas para a composição de um universo narrativo complexo, pautado pela possibilidade de tessitura de uma rede entre campos artísticos, elementos históricos e suportes midiáticos distintos.

Palavras-chave: *Penny Dreadful*, Televisão, Literatura, Cinema

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

Uma proposta para o estudo da circulação de narrativas transmídia e bottom-up

DAMIÁN FRATICELLI (UBA)

Resumo: Em 2003, Jenkins circunscreve como objeto de estudo as narrativas transmídia. Uma característica fundamental com que as define é a expansão do universo narrativo em vários meios, geridos pelos produtores, de cima para baixo (top-down). A história de um filme, por exemplo, expande-se em games, livros, animações, etc., e seus receptores a enriquecem, a partir de baixo, com suas produções em redes sociais, YouTube, Facebook ou blogs (bottom-up). A partir desta caracterização, Jenkins abriu uma fecunda linha de pesquisa que hoje domina o campo de estudo das narrativas do novo sistema de mídia com base na Internet e, atualmente, há uma tendência para incluir no âmbito do seu modelo qualquer fenômeno transmídia. No entanto, ao se observar a produção narrativa contemporânea, dificilmente pode-se argumentar que esta definição dá conta de toda ela. Além disso, as narrativas transmídia, pelo menos na América Latina, são excepcionais quando comparadas com as produzidas na direção oposta, ou seja, de baixo para cima (bottom-up), como as de YouTubers e Instagramers, que atingem milhões de visualizações. Nesta comunicação apresentaremos um modelo analítico desenvolvido por Carlón (2015) a partir de sua apropriação da teoria dos discursos sociais, de Eliseo Verón (1987). Sua proposta permite estudar a circulação tanto das narrativas top-down quanto das bottom-up. Especificamente, tomaremos como objeto de estudo duas produções humorísticas que são exemplos de ambos os tipos de direcionamentos de comunicação. Peter Capusotto e seus vídeos, programa humorístico de televisão argentino que se expandiu para cinema, rádio, literatura, YouTube, Facebook, Twitter e

site (narrativa top-down). E Zekiel79, YouTuber argentino, que realiza paródias de transmissões de futebol cujos vídeos são apropriados por sites desportivos e programas de televisão nacionais e estrangeiros, assim como compartilhadas por celebridades (narrativa bottom-up). A aplicação do modelo permitirá observar as diferenças em suas circulações e advertir que estamos em um novo tempo de produção do humor midiático, na qual enunciadores individuais se apropriam de procedimentos provenientes do humor midiático moderno e pós-moderno, e têm a capacidade de produzir seus próprios programas de humor com um alcance comparável ao dos meios de comunicação de massa. Esta pesquisa faz parte do trabalho que temos feito na disciplina Semiótica de redes, do curso de Ciências da Comunicação (FSOC-UBA). **Palavras-chave:** narrativas transmídia, narrativas bottom-up, Humor, circulação

Operações imaginantes, incertezas críticas

DANUSA DE PES PORTAS (PUC-RIO)

Resumo: A crescente tendência nos estudos dos meios de comunicação pela dimensão transnacional do tráfico e da produção de imagens acompanha o deslocamento da imagem para o centro dos debates sobre o papel da representação nas culturas contemporâneas. Essas questões poderiam cumprir-se em dois problemas-chaves fundamentais: a hibridação dos campos disciplinares da fotografia, do cinema, da literatura, da arte etc. em um contexto internacional; a relação entre imagem e arquivo, com relação à memória, a história, a justiça. Isto posto, o desafio presente dos Estudos Visuais e disciplinas afins é precisamente abordar estes cenários em constante devir, de grande complexidade, marcados por diversas mudanças de paradigmas, que têm sido determinados por rupturas com o projeto da Modernidade, impulsionados a partir da ‘Aufklärung’ e que parece esgotado. Um dos desafios pendentes para os Estudos Visuais que se encontra em desenvolvimento na América Latina é a construção de um lugar de

enunciação a partir do qual situar histórica e geopoliticamente seus conhecimentos. Nesse sentido, a crítica à tradição ocidental das histórias e teorias da arte e literatura provenientes do ‘mundo em primeiro plano’ é uma tarefa imprescindível. Os processos de ‘visualidade’ em nosso subcontinente propõem singularidades históricas, culturais, epistêmicas que não foram abordadas em sua trans-modernidade. O chamado ‘giro descolonial’ permite articular, simultaneamente, uma série de contribuições conceituais para entender a heterogeneidade histórica estrutural do regime de ‘visibilidade’ e ‘enunciados’ na região. Os Estudos Visuais e a Crítica Cultural tem colocado na agenda a importância de considerar as imagens num campo ampliado de produção, circulação, consumo, nas relações geopolíticas em que a assimetria cultural a nível internacional é a norma. Estes esforços parecem estar destinados ao fracasso porque não encontram a forma de estabelecer a relação constitutiva entre visualidade e geopolítica no contexto da modernidade ocidental. A crítica descolonial por outro lado tem origem no debate sobre as matrizes de poder geradas pela colonização nos campos do conhecimento, da cultura, das representações, e sua constante reestruturação através das diferentes ondas de modernização e ocidentalização pelas quais tem passado a América Latina. No horizonte desses problemas, o objetivo do trabalho será distinguir o papel constitutivo dos dispositivos de ensaísmo-crítico na dinâmica da imaginação teórica ocidental e as funções políticas dos agenciamentos memorialísticos de que se revelam portadores, valendo-se do ‘Atlas portátil de América Latina: arte y ficciones errantes’, de Graciela Speranza, como intercessor. Este trabalho crítico que se efetua a contrapelo das linguagens teóricas e disciplinares estabelecidas e das dinâmicas de intercambio cultural assentadas na ordem globalizada, começa na composição de um dispositivo de leitura proliferante em relações, aberto e heterogêneo, em que texto e imagem, arte e literatura, estabelecem um diálogo que se expande tanto no tempo como no espaço. E, logo, a partir dessas interrogantes, arguir acerca da

legibilidade, metodológica e crítica, da memória inquieta das imagens, dos disparates da cultura visual e dos desastres da história, inclusive hoje por remontar poética e politicamente.

Palavras-chave: Visualidade, Dispositivo, Imaginação Teórica, America Latina

Intermedialidade: o mundo literário na cultura audiovisual

ELAINE CRISTINA CARVALHO DUARTE (UNB)

Resumo: Não há como escapar, para onde quer que se olhe as imagens estão a nos espreitar. A TV, o cinema, a fotografia dos outdoors, os vídeos da internet, os celulares, os tablets, todos os meios de comunicação de massa nos acenam, a todo instante, e nos lembram que estamos, segundo Flusser, na era das imagens técnicas, dos espaços virtuais e no mundo dos conceitos matemáticos. Para muitos esse é o fim dos tempos, fim da arte, fim da literatura, para outros esse é o início de uma nova era, em que arte e tecnologia se juntam para formar um novo conceito artístico. O cenário literário está confuso, já não sabemos mais delimitar as fronteiras entre a literatura e as outras artes. O aparecimento do mundo eletrônico tem revolucionado as artes e quebrado paradigmas. Nesse sentido está cada vez mais difícil, senão impossível, analisar os projetos poéticos contemporâneos sob a luz dos conceitos tradicionais de literatura e arte, sendo necessário estabelecer novas relações entre as produções artísticas. É McLuhan quem afirma que a eletricidade deu ao mundo das artes um novo rumo, colocando o tato e os demais sentidos no centro das percepções artísticas. Essas novas relações de sentido fizeram emergir novos formatos de textos, como as narrativas audiovisuais, que se imbricam e se integram dentro de um ambiente multimidiático. Em tempos de Netflix e Youtube, não há mais como dissociar as artes em geral dessas produções que nos são apresentadas de maneira cada vez mais acelerada e que ocupam o nosso cotidiano. Tendo em vista a especificidade desses trabalhos, não há mais como refletir sobre eles a luz de teorias que não abrangem

todas as suas potencialidades. Sob essa perspectiva é preciso buscar novos caminhos para se analisar esses textos. Essa comunicação pretende traçar um breve esboço de um dos possíveis percursos teóricos para se analisar essas novas modalidades narrativas que surgem com o crescimento cada vez mais rápido dos aparatos tecnológicos. Dessa forma, de maneira sucinta, será discutida a importância de se ampliar os estudos literários para os estudos de mídia, buscando apresentar o papel não só dos conteúdos textuais, mas também das mídias que os suportam, sua produção e sua distribuição, que são elementos tão importantes na construção do significado do texto quanto as formas e os conteúdos. Dentro dessa concepção será abordado o papel do Estudo de Intermedialidade e seu considerável valor para se analisar os novos formatos textuais multimidiáticos com os quais temos nos defrontado.

Palavras-chave: Textos multimídia, Estudos de mídia, Intermedialidade, Narrativas audiovisuais

As conjunturas do Sensacionismo como modelos de narratividade no cenário contemporâneo

EDGAR GONZÁLEZ GALÁN (UFSM)

Resumo: O questionamento inaugural, que surge a partir das múltiplas reflexões sobre o Sensacionismo de Fernando Pessoa, é colocar o ênfase no desenvolvimento das teorias que criam pontes entre conhecimentos bem variados respeito à forma em que são expressos, representados e transmitidos. Me foi possível perceber que na teoria sobre a sensação que Pessoa achava-se uma tentativa pouco explorada, mas suscetível de sistematização como aparelho de criação, e assim, pensar nessa sensação como um motivo para começar uma discussão que atravessará distintas sensações do mundo, e, pelo tanto, diferentes disciplinas. O projeto estético de Pessoa tem já um desenho bem claro dos seus planos, os quais são expressos nos ensaios teóricos e representados por meio da heteronímia. No entanto, traçar uma linha das consequências que essa teoria traz nos âmbitos políticos y sociais,

tal e como é possível nesse drama em gente que é a heteronímia, não esgota, em menos ainda, explora aquele plano no seu aspecto criativo. É assim que a Literatura constrói seu objeto, pois, uma grande parte dela é uma organização de conhecimentos, enquanto outra, uma interação desses conhecimentos em um mundo possível, que mesmo sendo ficcional pode ter repercussões na vida moral do sujeito e pelo tanto nas suas ações. O drama mesmo é uma cadeia de ações. Mas, além dos conhecimentos, aquilo que nos permitem compreender esse intertexto, tanto na literatura como em qualquer outra atividade que contraste os discursos e suas interações, segundo Pessoa, é a sensação. Assim, o objetivo principal será adaptar a peça de teatro “O marinheiro”, publicada na revista Orpheu em 1915, para uma linguagem audiovisual por meio de uma tradução semiótica da narrativa da peça com o fim de elaborar um roteiro que aproveite os recursos das diferentes mídias. Para reconhecer esses recursos é que a teoria pessoana vai me ajudar, mas, para compor uma ótima interação deles dentro do roteiro, a teoria semiótica de Greimas vai acrescentar e transformar os discursos em relações sintagmáticas no nível fundamental, narrativo e discursivo. Neste caso, a minha hipótese é que o processo de síntese dessas teorias vão providenciar elementos suficientes para o aproveitamento dos valores e recursos do teatro, mas também e do meio audiovisual, na elaboração do roteiro. Acredito que o valor de sensação em Fernando Pessoa pode ser acrescentado com base em uma análise semiótica, pois esse valor age nos níveis fundamental, narrativo e discursivo da peça de teatro. A ideia é transmitir esse valor, e suas narrativas na peça, ao nível do discurso audiovisual; começando na desconstrução da sensação, tentarei traçar a sua progressão, na medida do possível, até o ponto de explorar as possibilidades do projeto estético da peça. Se bem o roteiro não esgota as possibilidades da representação e transmissão (pois os momentos da recepção não são enxergados), acredito que esse análise, junto com o trabalho prático, vão gerar um nível de significação muito amplo no roteiro.

Palavras-chave: Sensacionismo, Fernando Pessoa, Semiótica, Roteiro

54

**NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS
E FEMINISMOS: MULHERES EM
DESLOCAMENTO E SUAS PLURALIDADES****Liane Schneider (UFPB)**
Márcia de Almeida (UFJF)

Resumo: A ideia do presente Simpósio Temático é agrupar diversas pesquisas que se voltam para a produção de escritoras a partir da segunda metade do século XX, colocando as narrativas sob o foco da crítica literária feminista e dos estudos de gênero, priorizando questões centradas na sexualidade e/ou na etnicidade, bem como na mobilização da categoria espacial, em diálogo com temáticas que tratem do deslocamento humano, voluntário ou não, ou seja, migrações e/ou exílios, que vêm criando uma nova realidade mundial e uma nova produção literária. Partimos do reconhecimento de que as mulheres conseguiram alcançar maior visibilidade nas últimas décadas e que a literatura feita por elas tem retratado as etapas dessa caminhada, narrando e criando as trilhas para uma maior paridade de publicação entre autorias diferentemente marcadas pelos seus locais de pertencimento. Também temos presente que, ao longo dessa trajetória, muitos movimentos e deslocamentos foram necessários - deslocamentos subjetivos e coletivos, e que a literatura contemporânea tem focado esses novos lugares ocupados por mulheres reais na ficção que autoras vêm trazendo a público. Busca-se, igualmente, na análise das diversas narrativas, o entendimento e a justa valorização da recorrência da temática dos espaços, que se constata tão frequentemente nas obras, quer em termos geográficos – o que é mais evidente, ou seja, sendo mais facilmente detectável –, quer em

termos discursivos – que se revela nas entrelinhas do próprio texto, e em nível mais profundo, tendo em vista os múltiplos obstáculos que se interpõem à afirmação dessas produções, como a questão de gênero, a condição migratória, e, ainda, questões de ordem cultural, étnicas, de classe social e, eventualmente, até mesmo linguísticas. Assim sendo, também serão bem-vindas contribuições que atentem para uma perspectiva interdisciplinar, que alie a Literatura e a Teoria Literária à Geografia, à História, à Sociologia, pois, ainda que esse olhar múltiplo seja mais ou menos previsível, quando se estudam migrações, deslocamentos e diáspora, fica muito evidente sua pertinência na leitura dos livros das autoras com as quais temos trabalhado e com aquelas que serão enfocadas em trabalhos do Simpósio que organizamos. Nesse sentido, citamos algumas referências que embasam nossa proposta no que se refere a teorias: Elke Boehmer, Linda Hutcheon, Judith Butler, Iris Young, Sandra Almeida, Rita T. Schmidt, Yuval-Davis, entre outras. Além das citadas como ilustração, nos interessam as teorias que têm se voltado para os estudos sobre o lugar do sujeito, além da questão espacial em si, geralmente ocupado por aqueles identificados como os em deslocamento (ou como deslocados). Não é raro que esses sujeitos que migram sejam caracterizados ou vinculados ao abjeto no contexto em que passam a se inserir, conforme defendem as autoras Kulzbach e Mueller, apontando que aquilo que é percebido como desagradável, ou por vezes, indesejado pode ser reapresentado e reavaliado na ficção. Esse seria um estado de alerta e emergência, uma crise aguda, já que essas vozes apontariam para a natureza instável e fragmentaria do eu. Na verdade, a dualidade de estar ao mesmo tempo incluído e excluído, como elemento desejado e rejeitado, marca o abjeto desde o início. Temos consciência de que as temáticas que aproximam autobiografia e ficção podem também ser frequentes no campo de discussão que propomos, já que as narrativas sobre o deslocamento muitas vezes, de fato, são

recontadas em primeira pessoa e ninguém duvida que a opção pelo gênero autobiográfico esteja vinculada a um desejo de contar uma história por outro viés, por um olhar mais comprometido com experiências pessoais, o que acaba se manifestando como formas de resistir a narrativas anteriormente construídas, sobre situações ou identidades; ao recriar uma história, a autobiografia buscaria desafiar mecanismos de opressão, descobrindo novas fontes de força e poder, como ferramentas políticas (BEARD). De fato, ainda conforme Beard, quem escreve um texto autobiográfico, geralmente exerce a escrita como um ato político, buscando desfazer estereótipos negativos ou questionáveis - na busca por mobilizar outras possibilidades de interpretação. Claro que, em cada análise e discussão de texto, caberá verificar se há reais referências autobiográficas ou não, pois as autoras que pretendemos discutir, em grande parte, não deixam claro até que ponto vivenciaram as experiências que constroem literariamente ou se essas foram apenas embasadas em relatos e experiências compartilhadas e/ou imaginadas pelos grupos que retratam.

Palavras-chave: Literatura contemporânea, Escrita de mulheres, Deslocamento, Espaço e lugar

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Escrita de si-escrita dos outros: relendo A chave de casa

LORENA DE CARVALHO PENALVA (UFF)

Resumo: Este trabalho visa a analisar uma obra de Tatiana Salem Levy, A chave de casa, com vistas a refletir sobre a autoficção feminina, observando como o processo de escrita contribui para a reconfiguração identitária da personagem, não nominada do romance. É a partir da escrita que a personagem enfrenta os seus fantasmas; dialoga com

os mortos, ressignifica o seu passado/presente; repensa sobre o peso da tradição judaica; reflete sobre a condição do imigrante em terras estrangeiras. É na/com a escritura que o passado vem ao presente, modificado, alterado, embaralhado. O leitor é levado a compreender a trajetória de vida da personagem e de sua família a partir de rastros, lacunas e ausências de informações. O leitor deve se posicionar, diante do texto, como um investigador – ele junta os cacos das memórias. A personagem protagonista reflete sobre sua condição espelhada em uma história coletiva, histórica. Como trata-se de escritas de si, faremos uma breve reflexão sobre o conceito de autoficção, pensando no perfil do romance brasileiro contemporâneo, sobretudo no perfil do narrador.

Palavras-chave: Memória, Imigração, Identidade, Autoficção

Movimentos da memória feminina em *La Québécoite*, de Régine Robin.

FREDERICK GONÇALVES MARTINS (UFJF), MÁRCIA DE ALMEIDA (UFJF)

Resumo: Esta comunicação pretende mostrar como a migração (movimento do corpo) sustenta o movimento da escrita, na mobilização de um espaço feminino, em *La Québécoite*. Em outras palavras, como a conjugação exílio/errância responde um trabalho de escrita e memória, particularmente nessa narrativa de autoria feminina. E que daí surge a possibilidade de ser/estar no mundo, nos entre-lugares onde se encontram personagens femininos como Mimi Yente, que se confunde com os achados de um chiffonnier que recolhe detritos, estilhaços, fragmentos, e que permite à escritora construir suas colagens, e entrever a fugacidade do tempo, sua disjunção e superposição, tornando o passado um desvio no espaço presente onde a memória da diáspora surge cada vez mais forte como testemunho da vitória da ficção sobre o tempo. A clivagem do sujeito, o Outro em Si mesmo, o “JE est un autre” tornaram-se evidências do discurso cultural contemporâneo. Pressão da literatura e da psicanálise em suas versões vulgarizadas, a unidade do sujeito cartesiano é um mito do passado. Ser a fonte de sentido, ser o

pai e o filho de sua própria obra, autoengendrar-se pelo texto, escolher seus próprios ancestrais, suas próprias filiações imaginárias, multiplicar-se: Régine Robin, em *La Québécoite*, esforça-se para (re)construir um discurso coerente da memória, um discurso feito de imagens, totalmente manipulável e calculável, entre culturas e línguas, paisagens e poesias, geografias e travessias, coisas que assumem a dignidade de personagens, aos quais sobrepõe-se a imersão em grandes temas, como a incompreensão da morte, o irrefreável decorrer do tempo, as vicissitudes das relações humanas. Travessia. Da História à Linguística, da Linguística à análise do discurso, da Sociocrítica dos textos à Sociologia da Literatura. Através de uma narrativa híbrida, pode-se perceber como a autora teoriza e tematiza a sua própria prática romanesca, tratando do multiculturalismo, das identidades ambíguas e inconsistentes, e do cosmopolitismo do mundo moderno contemporâneo. Sua pesquisa consiste em deslocar aquilo que está em jogo na representação de si, isto é, remanejar as identidades a partir das memórias que ela instaura, na busca por uma “identidade pluralizada pelos fantasmas do autoengendramento” (ROBIN, 1997, p. 16). Através da sua linguagem, constata-se a referência a um imaginário de inquietante estranheza, que torna porosas as fronteiras entre o escritor, o narrador e os personagens, entre o artista e sua instalação, permitindo a passagem de todos os outros que constituem a identidade pluralizada de si. Tomam a palavra personagens migrantes, que narram a partir do exílio, e que fundam um discurso memorial ausente de uma dimensão temporal, na medida em que cruzam outros exílios, outras memórias, outras histórias. Nestas múltiplas narrativas, a memória e a enunciação de si são postas à prova da ficção. A escrita parece ser um processo consciente de construção da memória e da identidade, sejam elas individuais ou coletivas, em que as experiências são continuamente metaforizadas, desconstruindo a ilusão da autenticidade, do Eu somente Eu, de Rousseau, primeiro problema na definição da autobiografia, segundo Philippe Lejeune.

Palavras-chave: Escritas de Si, Migração, Memória, Autoria feminina

Remapeamento do self: uma cartografia de identidades nativas através da escrita autoetnográfica feminina contemporânea

FERNANDA VIEIRA DE SANT ANNA (UERJ)

Resumo: Este trabalho pretende expandir os desdobramentos de uma cartografia identitária e remapeamento do self, através da escrita de mulheres de traço autoetnográfico em um cenário pós-colonial, onde culturas nativas lutam contra o apagamento em um esforço por sobrevivência e ressurgimento. Falar da identidade nativa no entre-lugar de forma neutra, sem as marcas de gênero, privilegia a narrativa masculina, que acaba por tornar-se padrão. Assim, a análise da construção dessas identidades híbridas, levando em consideração a questão do gênero, desnuda um novo olhar, que não pode ser ignorado (ALMEIDA, 2015, p. 58). Considerando que um completo resgate das histórias nativas não pode ser realizado, consequência dos apagamentos ocasionados pelas práticas coloniais de assentamento e dominação, uma abordagem criativa para essas falhas históricas pode se fazer necessária, em um movimento de “preenchimento” das lacunas de uma estrutura histórica maior (GLISSANT, 1999, p. 61-65). Nesse sentido, a literatura, em especial a de traço autoetnográfico, pode aprofundar o questionamento dos discursos hegemônicos, denunciando as rupturas históricas e ressaltando questões profundas como des-localamentos de identidade e/ou território, figurando como mecanismo de reposicionamento de margens e alargamento dos limites de espaço e lugar na (re/des)construção da identidade e heranças nativas. Partindo das obras de traços autobiográficos de duas autoras nativas, *Bloodlines: Odyssey of a Native Daughter* (1998), de Janet Campbell Hale, nativa Coeur d’Alene estadunidense; e *Home* (2004), de Larissa Behrendt, aborígene das nações Kamilaroi e Yualawuy da Austrália; este trabalho pretende desdobrar os efeitos da colonização em identidades nativas, explorando uma nova cartografia do self, hibridismo, “outramento” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 22) e silenciamento de povos privados de sua própria história, mas que, ainda assim, são detentores de ricas e potentes histórias pessoais. A literatura autoetnográfica lida com

as múltiplas experiências do sujeito indígena, abordando a dinâmica dos trânsitos identitários e das múltiplas formações de cartografias de pertencimento e experiências pós-coloniais. “O feminino em trânsito, com o lócus da movência e da errância ocupa um território liminar, um espaço não somente duplo, [...], mas também plural, múltiplo, diverso e também, por vezes, dúbio e ambivalente” (ALMEIDA, 2015, p. 59-60). As escritoras que fazem do entre-lugar seu espaço enunciativo, mudam perspectivas e trazem um novo olhar para esse espaço, “prefigurando um espaço de traduções culturais ou um espaço literário transnacional ou translocal” (ALMEIDA, 2015, p. 15). Para o indígena não há para onde voltar, pois o des-localamento de sua identidade é essencialmente social antes de ser físico e esse “outramento” o coloca à deriva no que concerne um retorno em busca de origens. “Não um forasteiro, ainda assim estrangeiro” (MINH-HA, 1991, p. 261, tradução nossa). Partindo de um referencial teórico que inclui Hutcheon (1988), Spivak (1990), Pratt (1992), Massey (1994), Glissant (1999), Boehmer (2005), Hall (2006), Smith e Watson (2010), Graúna (2013), Almeida (2015) e Viveiros de Castro (2015), entre outros, este trabalho propõe uma articulação dos espaços pela literatura e um remapeamento da identidade nativa dentro da ruptura histórica através da ficção e autoetnografia, explorando a “performatividade de identidades plurais” (ALMEIDA, 2015, p. 12).

Palavras-chave: Des-localamento, Escrita de mulheres, Escrita autoetnográfica, Literatura nativa contemporânea

Desafiando tabus: o transgênero e a prostituição

EURÍDICE FIGUEIREDO (UFF)

Resumo: Desafiando tabus: o transgênero e a prostituição Nesta comunicação buscarei mostrar como a questão do transgênero, que entrou na pauta das discussões feministas, faz também sua entrada no texto literário. Amara Moira é o pseudônimo de uma trans que faz o doutorado em Teoria Literária na UNICAMP e, ao mesmo tempo, exerce a prostituição. No livro *E se eu fosse puta* ela escreve sobre esses dois

lugares de pertencimento, discute questões de gênero e preconceito, tornando assim visível aquilo que era, até recentemente, invisível.

Palavras-chave: literatura brasileira, transgênero, feminismo, prostituição

Os lugares viram as costas sem avisar: os submundos da literatura beat de Diane di Prima

MARIA CLARA DUNCK SANTOS (UNB)

Resumo: “Deslocar-se é não se conformar ao lugar onde estamos ou ao qual fomos destinadas(os) [...], daí a necessidade de locomoção. Se a identidade é cada vez mais pensada como uma busca, como uma posição nem sempre fixa do sujeito, marcado por diversas formas de pertencimento, o gênero tem importância ímpar, pois está ancorado, culturalmente, na existência corporal concreta”. Neste trecho, as pesquisadoras Regina Dalcastagnè e Virgínia Maria Leal (2010) situam a crítica literária sob uma perspectiva de gênero, lugar onde também se inscreve esta pesquisa sobre a escritora beat Diane di Prima. Nascida no seio de uma família católica no Brooklyn, foi na Manhattan dos anos 1950 que sua arte e comportamento transgressor fizeram morada. Deste contexto resultou a literatura sobre um sujeito feminino que desconstruiu padrões de gêneros e construiu identidades plurais por meio de uma vivência migrante e subversiva. Ainda que seja considerada a voz feminina mais conhecida da geração beat, ela é pouco lembrada, pois sua participação foi silenciada dentro e para além da irmandade, assim como a de outras mulheres. Allen Ginsberg, o mais famoso poeta beat, chegou a declarar em entrevista que a negligência em relação à literatura das beats é consequência de sua própria insuficiência. Contrapondo tal argumento, especialmente na última década, pesquisadoras(es) têm se comprometido em descortinar a participação das beats na vanguarda. No Brasil, então, começam a ser publicados os primeiros textos beats de autoria feminina, mas ainda fora do grande eixo de circulação do mercado, mais preocupado com os escritores já consagrados, como Jack Kerouac, por exemplo. As traduções passam a

ser compartilhadas em plataformas virtuais por grupos de estudos em universidades, clubes de leituras e blogs, ou ainda comercializadas por pequenas editoras, com tiragens limitadíssimas. Registra-se que Diane di Prima, além de se aliar à geração beat contra o discurso hegemônico – que dividia o país entre consumidores e marginais – recusou-se a se enquadrar na condição das mulheres da época, sobre o qual fala Betty Friedan (1962) em *A mística feminina: trabalhadoras exploradas*, tanto dentro quanto fora de casa, onde majoritariamente ocupavam cargos como secretárias, cumprindo jornada dupla como donas de casa. Portanto, considerando todo o exposto até aqui, este trabalho pretende auxiliar na revisão histórica da produção intelectual e artística feminina do movimento beat, apagada tanto pela cultura dominante quanto dentro do próprio movimento contracultural, ambos regidos pelo patriarcalismo. Para tanto é feita a leitura das narrativas autobiográficas de Diane di Prima, a saber: *Memoirs of a beatnik* (1998) e *Recollections of my life as a woman: the New York years* (2002). A análise está amparada pelos estudos de Doreen Massey (1994, 2000) e Susan Stanford Friedman (1998) sobre espaço e mobilidades na literatura de autoria feminina, a fim de promover uma reflexão sobre mulheres que fizeram do deslocamento espacial uma busca por outras possibilidades identitárias e afetivas.

Palavras-chave: estudos de gênero, afetos, espaço, mobilidades

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Uma comunidade de afetos na geografia do Desamparo, de Inês Pedrosa

ANA MARINHO LÚCIO (UFPB)

Resumo: Num lugar chamado Arrifes vivem velhos e velhas, um brasileiro regressado a Portugal, mulheres que rodopiam na danceteria Princesa e Jacinta, portuguesa que migrou para o Rio de Janeiro quando

criança e volta a Portugal para enterrar a mãe. Jacinta, Alice e Clarisse, três mulheres que vivem a experiência do deslocamento. Duas delas, mais velhas, voltam à aldeia para morrer. A última, mais jovem, para viver. Uma aldeia em que havia muito mais casas do que gente, uma aldeia que recolhe velhos (as) e mulheres regressadas do Brasil e de países da África, mas também fracassados e desempregados, em tempos de depressão econômica, como Raul, o arquiteto que trabalha num call-center, filho de Jacinta, e que é a voz mais presente ao longo do romance. O ano é 2013 e todos naquela aldeia necessitam de “fazer do universo uma comunidade de afetos.” Lisboa, Arrifes, Rio de Janeiro são os espaços em que circulam as personagens do romance. Os lugares nesse romance nos lembram as ideias de Foucault em uma conferência proferida ainda em 1967, depois publicada com o título *Outro espaços* (1984). Foucault formula questões sobre as relações entre espaço e poder e propõe uma figura espacial denominada heterotopia. Um dos espaços presentes no romance é o asilo, identificado por Foucault como um dos locais que se apresenta “no limite entre a heterotopia da crise e a heterotopia do desvio”. Outro espaço importante, que condensa vida e morte de duas personagens do romance, é o jardim. Além das ideias de Foucault, nos apoiamos em escritos de Sandra Regina Goulart Almeida (201, 2013 e 2015) sobre mobilidades, feminismos e geografias do afeto.

Palavras-chave: romance contemporâneo, Inês Pedrosa, espaço narrativo, geografias do afeto

Deslocamentos e imobilidades de mulheres no romance *O engate*, de Nadine Gordimer, e no filme *Tabu*, de Miguel Gomes

LILIAN REICHERT COELHO (UFSB)

Resumo: Apresentamos uma leitura do romance *O engate* (2001), da escritora sul-africana Nadine Gordimer, e do filme português *Tabu* (2012), dirigido por Miguel Gomes, a partir do questionamento sobre as diferenças entre as possibilidades de deslocamento espacial por diferentes sujeitos mulheres no mundo contemporâneo. O problema

da pesquisa residiu no questionamento sobre quais relações os sujeitos estabelecem afetivamente entre si e com os espaços por onde circulam, por onde podem ou não devem circular. Como balizas teóricas, acionamos autores com posicionamentos epistemológicos nem sempre convergentes, mas que se debruçam sobre o cenário contemporâneo, a exemplo de Bauman, Agamben e Foucault. Metodologicamente, empreendemos um estudo comparativo, mesmo cientes da pobreza de qualquer tentativa de comparação entre produções em linguagens e materialidades distintas. A protagonista de *O engate*, Julie Summers, é o sujeito econômica e culturalmente globalizado, que pode transitar livremente pelo mundo e exercer sua liberdade. A personagem corresponde ao paradigma do turista, tal como formulado por Bauman (1999). O mundo a espreme pelo excesso, concentrando-a num “presente perpétuo” (BAUMAN, 1999), típico modo de existir daqueles cuja mobilidade está não apenas garantida, mas lhes é exigida como sujeitos “globalmente móveis”, portanto, desprovidos de lugar, nos sentidos antropológico, identitário e afetivo. O mesmo parece ocorrer com Aurora, branca, outrora rica, fazendeira em Moçambique na juventude, protagonista de *Tabu*. Mas o mesmo não vale para a mulher negra empregada doméstica Santa, que, assim como os africanos “nativos” do passado colonial de Aurora, permanece imóvel no “seu” lugar, a quem o quarto de dormir é reservado como único deslocamento possível, onde exerce, na solidão, o direito de sonhar. Isso é feito por meio da literatura, pois um plano muito poético mostra Santa a ler as aventuras de Robinson Crusoe. Outra relação polarizada se estabelece como fio condutor da trama de *O Engate*, entre Julie e Abdu, imigrante muçulmano de um país não nomeado na narrativa. Abdu reproduz as “geografias imaginativas dominantes” (MASSEY, 2008, p. 250) tanto do seu lugar de “origem” quanto dos lugares para onde pretende ir. Por isso, no espaço de Abdu, ele e Julie se distanciam afetivamente, o que evidencia o paralelismo das personagens, não apenas dos diferentes “mundos” que representam. Julie demonstra abertura às

novas experiências, ciente de que não é a turista que pode a qualquer momento entediarse e retornar; Abdu está encerrado em seu desejo de partir. E, quanto mais polarizados os personagens, mais parecem intransponíveis as barreiras interculturais e afetivas que embaçam a possibilidade de comunicação. Julie aproxima-se das mulheres da família estendida de Abdu, afinando-se a partir de uma relação de sororidade que também está vinculada à espacialidade do deserto (FOUCAULT, 1984, 2006; LEFEBVRE, 1999, AUGÉ, 2005). As benesses da globalização incidem apenas para os economicamente abastados, alijando aqueles cuja “falta de sorte” (assim quer fazer pensar os discursos neoliberais) lhes impingiu nascer em lugares acentuadamente relegados ao polo negativo, dos negros, dos pobres, daqueles que servem apenas para compor o reservatório de mão-de-obra barata, quando não escrava, a flutuar ao sabor das demandas do consumo, situação que cria um mundo desconfortável, distópico, para as personagens.

Palavras-chave: literatura contemporânea, cinema português, mulheres, migração

Manifestação de identidade e ruptura das tradições na voz feminina de Conceição Lima

ELEN RODRIGUES GONÇALVES (UFJF)

Resumo: A literatura feminina africana atual reproduz a posição das mulheres em meio às sociedades patriarcais que, por muito tempo, delegaram-nas a funções estritamente domésticas, obrigando-as a permanecer à margem. O objetivo da presente pesquisa é estudar a obra poética de Conceição Lima, natural de São Tomé e Príncipe, que presenciou, desde sua infância, o período de grandes transformações políticas e históricas, reivindicadas pelo seu continente, em nome do resgate de uma identidade e uma liberdade que, ao longo dos séculos, pensara-se haver sido perdida. Considerada uma das vozes mais significativas da literatura feminina africana de língua portuguesa, a obra poética de Conceição configura um duplo processo de rememoração e reconexão com o passado: ora revisita o presente para ressignificá-

lo, ora volta-se para a própria juventude e sua família, ora recupera algum acontecimento da História em perigo de ser esquecido pelas dobras do tempo. Em suas obras *O útero da casa* (2004), *A dolorosa raiz do Micondó* (2012) e *No país de Akendenguê* (2011), é possível entrever em sua poética um latente entrelugar. Em outras palavras, se, em um primeiro momento, é possível reconhecer em seus poemas as ilhas de São Tomé e Príncipe, faz-se também logo presente a imagem de outros países do continente africano cujas histórias de dor e luta se assemelham. Em sua escrita, podem-se reconhecer fissuras de uma sociedade que, estacionada em machismos e preconceitos, configura-se como uma necessidade de renegociação de identidades que é fundamental para a escrita de mulheres negras em contextos multiculturais. A obra de Conceição Lima ultrapassa as fronteiras geográficas e nacionais – ou mesmo étnicas –, visto que a realidade hodierna é fundamentalmente transnacional, multicultural e diaspórica. Nota-se que o processo de colonização das ilhas São Tomé e Príncipe, conhecidas como ilhas de degredo, habitadas por criminosos desterrados de Portugal bem como africanos escravizados de outros países do continente, as ilhas constituíram por muito tempo um local de fronteira de culturas, línguas, identidades, etnias que se encontraram e interagiram de tal forma que, hoje, pelo fato de não só o país, mas o continente, ser um produto de separações e deslocamentos, cria-se uma necessidade urgente de reconectar e rememorar os elos perdidos da história. Por meio da poética feminina africana, é possível estabelecer um mergulho nos vazios e silêncios de uma sociedade que, embora, por um lado, suprima a voz feminina em nome de uma tradição e de costumes milenares, cujas fortes raízes, profundamente entranhadas no solo africano, deixam transparecer um legado de dor e opressão, por outro, a própria fortaleza dessas raízes perenes pode ser interpretada como o ressurgimento de uma força maior: a do útero materno. Transfigurado, na poética de Conceição Lima, em *Terra/Nação/Mulher*, ao desdobrar-se simbolicamente no espaço físico e subjetivo, revela, em todos, o desejo de identidade nacional. Estudar a

experiência de mulheres consubstanciadas na escrita de Conceição Lima permite entrever a noção de fluidez das identidades, que se tornam progressivamente múltiplas.

Palavras-chave: Conceição Lima, Literatura Santomense, escrita diaspórica

Quarentas Dias em território selvagem: a crítica feminista e a literatura de Maria Valéria Rezende

RENATA CRISTINA SANT'ANA (UFJF)

Resumo: Através do estudo da teoria e da crítica feminista (BEAVOIR, 1990; LAURETIS, 1994; SCOTT, 1995; SHOWALTER, 1994; WOOLF, 1985) busca-se apresentar os aspectos da escrita feminina na obra de Maria Valéria Rezende considerando a relação que envolve a vida e a obra da autora, a fim de analisar a representação do feminino no romance Quarenta Dias (REZENDE, 2014) e as implicações decorrentes das elaborações em torno do conceito de gênero. Trata-se de uma observação crítica sobre o choque entre forças ideológicas contrárias que inevitavelmente se entrecruzam nos interstícios da experiência social no âmbito da família, especificamente na relação entre mãe e filha. Tal análise se desenvolve em torno das funções e dos papéis sociais impostos, histórica e culturalmente à mulher, e que, ainda na atualidade, a condicionam em uma posição de subserviência e controle, submetendo-a a diferentes formas de exploração e de violência. O objeto literário deste estudo apresenta uma narradora-personagem que vivencia o processo de migração interna, o que traz à baila questões envolvendo o sujeito deslocado da contemporaneidade e os elementos responsáveis pelos conflitos identitários gerados pela ausência do sentimento de pertença a um novo lugar, bem como as negociações necessárias à sua nova condição de existir. Tal condição coloca em evidência os abismos invisíveis existentes entre mundos diferentes e as fraturas de sentimentos e de compreensão sobre o outro.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea, Crítica Feminista, família, migração

Caminhos de escrita, voos da arte: uma leitura de “O voo da guará vermelha”, de Maria Valéria Rezende

ANÉLIA MONTECHIARI PIETRANI (UFRJ)

Resumo: Tomando por relevo as relações político-textuais e político-contextuais dos estudos literários, esta comunicação tem por objetivo estudar a obra de Maria Valéria Rezende, em especial o romance “O voo da guará vermelha”, cuja primeira edição data de 2005. Entre personagens errantes (geográfica e imagisticamente falando) que buscam, na escrita e na arte, um espaço de resistência contra a opressão do patrão e contra a marginalização pela prostituição e doença, o romance de Maria Valéria conjuga discussões ao mesmo tempo sobre o papel social e cultural das mulheres, bem como sobre a relação desse papel com o empoderamento das mulheres e a consciência do valor da escrita, abrindo-se se à reflexão sobre uma política da imaginação e resistência poéticas. A discussão será norteadas por “Uses of literature”, de Rita Felski (2008), “Not for profit: why democracy needs the humanities”, de Martha Nussbaum (2010), e “A dominação e a arte da resistência”, de James C. Scott (2013).

Palavras-chave: Maria Valéria Rezende, autoria feminina, política da imaginação, consciência poética

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Uma análise das narrativas de estupro em Mar azul (2012) e Desesterro (2015)

KARINE MATHIAS DÖLL (UEPG), KELI PACHECO (UEPG)

Resumo: Se, por um lado, temos a literatura como um conjunto de metáforas e símbolos organizados de maneira figurativa que a consagram enquanto tal esteticamente, por outro temos ali imbricados discursos que perpassam a sociedade em seus mais variados âmbitos,

deixando por vezes escapar aos nossos olhos narrativas que fortalecem determinados tipos de práticas sociais que, antes de representarem um ‘estilo’, acabam por facilitar a reincidência de ações naturalizadas que geram violências comuns tanto no campo literário como fora dele. Nesse sentido, a proposta de analisar narrativas de estupro (rape narratives) (GUNNE, THOMPSON, 2010) no contexto da literatura brasileira contemporânea vem ao encontro de uma emergência de desmistificação das práticas discursivas presentes em obras literárias. No que diz respeito ao estupro, a literatura estabelece uma relação de elaboração e reiteração desses discursos, produzindo percepções que inscrevem o estupro dentro da cultura de maneira a institucionalizar um comportamento específico em face da subjetividade da mulher. Parafraseando Foucault, em *Arqueologia do saber* (1969), a unidade dos discursos sobre o estupro (e aqui entendemos que tais discursos referem-se às práticas literárias) não estaria fundada na existência do objeto ‘estupro’, ou na constituição de um único horizonte de objetividade, que atravessa boa parte das narrativas de estupro na contemporaneidade. Quando falamos em narrativas de estupro dentro da literatura estamos nos referindo a uma determinada violência que, por já consagrada no âmbito do real, cotidianamente, insere-se na ficção de maneira não-problemática e não-problematizada, culminando na perpetuação de uma dupla violência: a efetiva e a ficcionalizada, que acabam por coincidir à medida que não deveriam integrar prática alguma. Partindo da acepção moderna do termo estupro, que indica relação sexual sem consentimento, e da premissa de que outras definições já foram instituídas com funções ideológicas específicas (CATTY, 1999), a pesquisa tem como corpus as obras *Desesterro* (2015) e *Mar azul* (2012), de Sheyla Smanioto e Paloma Vidal respectivamente, nas quais estão presentes narrativas de estupro cuja análise se dará a partir de um ponto de vista literal antes de literário, pois entende-se que ambas as obras só acontecem enquanto romance em virtude do enredo proposto em conjunto com as narrativas de estupro. Daí

a necessidade de levantar algumas questões: de que maneira essas narrativas se impõem dentro das obras para fins de análise? De que forma o espaço em que estão inseridas fomenta o acontecimento? Quais foram os recursos narrativos empregados para que não recaiam num tom voyeurístico (GUNNE, THOMPSON, 2010) contraproducente à contingência e relevância da obra? Qual o significado de pensar a narrativa de estupro em separado e enfatizá-la, de maneira literal, ao invés de simplesmente entendê-la como um conjunto de narratividades? E, por fim, de que forma tais narrativas se fazem essenciais para a compreensão do romance como um todo? Assim, o objetivo último deste trabalho é encontrar uma forma, dentre tantas, de se refletir acerca do tema, para que exista um comprometimento ético de leitura de obras que tragam em seu enredo narrativas como as aqui selecionadas.

Palavras-chave: Literatura brasileira, Narrativas de estupro, Práticas discursivas, Crítica feminista

Desregulação de gênero nas narrativas de Lya Luft e Marina Colasanti

CARLOS MAGNO SANTOS GOMES (UFS)

Resumo: Os estudos comparados têm ampliado seus territórios teóricos ao explorar a contribuição dos estudos antropológicos para analisar as estruturas da violência contra a mulher nos textos literários. Partindo do diálogo entre literatura e antropologia, esta comunicação apresenta uma abordagem interpretativa acerca de como a violência de gênero é construída no imaginário da ficção de Lya Luft, em *As parceiras* (1980), e de Marina Colasanti, em *Contos de amor rasgados* (1986). Essas duas obras, anteriores à Constituição Federal de 1988, trazem questionamentos da violência doméstica imposta às mulheres como formas de manutenção da ordem e controle da família. Nesta análise, levamos em conta o pensamento feminista de Judith Butler, Henrietta Moore e Lia Zanotta Machado acerca da desmistificação dos mecanismos de controle da mulher. Para Butler, as “regulações

do desejo” devem ser rompidas; já Moore, destaca a “crise de masculinidade” como um padrão de controle; e Machado questiona as posições de poder e de hierarquia que ainda são vinculados à masculinidade. A partir dessas contribuições feministas, compararemos como os textos de Luft e Colasanti fragmentam, por meio de resoluções estéticas, uma estrutura social patriarcal que naturaliza a violência doméstica como parte das regulações de gênero. Tais marcas de rupturas estão registradas no abandono da maternidade, depois de seguidas violências sexuais, em Lya Luft; e pela rejeição ao cárcere privado, após o controle do corpo da mulher, em Marina Colasanti. As duas autoras parodiam maridos inseguros com sua masculinidade excessiva que desregula o casamento.

Palavras-chave: Antropologia, Feminismos, Desregulação de gênero, Autoras brasileiras contemporâneas

Lendo as adolescentes tomboys de Carson McCullers em diálogo com a teoria mimética de René Girard

JÚLIA REYES (UERJ)

Resumo: A escritora estadunidense Carson McCullers (1917 -1967) destacou-se na década de 1940 ao publicar, com apenas vinte e três anos seu primeiro romance *The Heart is a Lonely Hunter* (1940), traduzido no Brasil como *O coração é um caçador solitário* por Sonia Moreira (Cia das Letras, 2007). Ao longo de décadas, sua ficção foi analisada por diversos teóricos entre os quais teóricas feministas. Um dos motivos para a diversidade de leituras de orientação feminista sobre seus romances é a presença de personagens tomboys. Diversos dicionários definem tomboy como uma garota que se veste e tem comportamentos esperados de meninos, apreciando esportes, computadores ou carros, ou vestindo jeans, boné e jaquetas (Urban Dictionary) e apreciando atividades físicas (Cambridge Dictionary). Carson McCullers apresenta três personagens consideradas tomboys em sua ficção: Mick Kelly em *The Heart is a Lonely Hunter* (1940), a adolescente Frankie Adams em *The Member of the Wedding* (1946)

e Miss Amelia em *The Ballad of the Sad Café* (1943). Segundo Louise Westling em *Sacred Groves and Ravaged Gardens: The fiction of Eudora Welty, Carson McCullers and Flannery O'Connor* (1985), na infância, uma garota podia brincar com garotos, ter cabelos curtos, liberdade física, e podia servir de companhia para seu pai. Segundo Bertram Wyatt-Brown, essa tradição parece ter sido forte no Sul estadunidense. Até a puberdade, meninos e meninas eram criados sem muita diferenciação. No período anterior à Guerra Civil americana as garotas brincavam livremente, mas ao atingir a puberdade, enfrentam a necessidade de se adaptar a comportamentos e vestimentas adequadas segundo determinadas expectativas sociais. O modelo estadunidense de feminilidade era a dama sulista, modelo oposto à liberdade da adolescente tomboy. Westling aponta que McCullers explorou a independência feminina através das personagens citadas. Através delas, as necessidades de expressão artística, progresso econômico e relacionamentos interpessoais serão discutidas. Entende-se que a figura do tomboy refere-se a uma jovem que está passando para uma fase em que a menstruação e o desenvolvimento do corpo implicam a pressão social para a inserção desse corpo em pressupostos e expectativas heteronormativas sobre o feminino. O deslocamento da figura do tomboy nesse sentido é estratégico (e estrategicamente utilizado por Carson McCullers em sua ficção e em sua vida pessoal). A adolescente ainda não socialmente integrada a determinadas imagens e performances consideradas típicas do universo feminino usufrui de liberdades, realiza descobertas e vive conflitos sociais determinados. Ela não se veste nem age atendendo expectativas sociais reservadas ao gênero feminino e sofre exílios e vivencia dinâmicas de inclusão e exclusão, desejo e rejeição. Dialogando com a questão de gênero trabalhada por Judith Butler em *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity* (1990) busca-se um diálogo com a teoria mimética proposta pelo teórico francês René Girard (1923-2015) que discorreu sobre temas como o desejo mimético, o mecanismo do bode expiatório e os sinais vitimários. Com a teoria de René Girard, relacionaremos

gênero e violência, refletindo sobre a dinâmica da violência e os sinais que facilitariam a eleição de vítimas sociais considerando o gênero feminino e sua concepção na cultura.

Palavras-chave: Carson McCullers, tomboy, René Girard, bode expiatório

Contra o Silêncio: Reconfigurações das Vozes Femininas em *The Blind Assassin*

ALEXANDRA LAUREN CORRÊA GABBARD (UFMG)

Resumo: O romance *The Blind Assassin*, de Margaret Atwood, é a base para um questionamento das identidades femininas através de suas experiências, corpos, escritas e rebeldias. Eu analiso as personagens irmãs, Laura e Iris, e suas lutas contra a ideologia patriarcal que subverte e agrilhoa o sujeito feminino. Afirmo que, através do empoderamento de seus corpos, narrativas, maternidades e sororidades, as irmãs abrem um novo espaço para a reescrita da genealogia feminina.

Palavras-chave: Psicanálise feminista, Irigaray, Atwood, Identidades

Fragmentação e redefinição de si: retrato feminino no romance caribenho *Lucy*

LÍVIA MARIA BASTOS VIVAS (UNIVERSIDADE DO MINHO)

Resumo: A história do Caribe é marcada por movimento, sendo caracterizada por mais de cinco séculos de constante fluxo populacional, cuja maior parte foi resultado direto de migrações em larga escala. O advento da migração é temática frequente na literatura caribenha, sendo esta marcada por uma tradição emigrante. Os primeiros escritores nativos da região passaram grande parte de suas vidas no exterior e auferiram notoriedade a partir dos anseios do público metropolitano, a fim de promover o conhecimento de suas colônias. A reflexão sobre a questão da diáspora é considerada uma forma de auxílio de compreensão das complexidades, quando se imagina a nação e a identidade caribenhas numa era de globalização crescente. Questiona-se, portanto, o que a experiência da diáspora causa à identidade cultural dos caribenhos e de que forma a identidade, a diferença e o

pertencimento podem ser concebidos ou imaginados após a diáspora, já que a identidade cultural carrega em si traços de unidade essencial e são inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença. O ator Stuart Hall (1998) sugeriu uma ponderação sobre a maneira como as nações caribenhas são concebidas após trinta anos de independência política, quais as similaridades entre seus vizinhos em contexto histórico-cultural, como refletir sobre a relação das sociedades com suas terras de origem e como pressupor a natureza do pertencimento e da identidade nacional a partir do experimento da diáspora. Essa apresentação baseia-se na análise do romance *Lucy*, de autoria da escritora caribenha Jamaica Kincaid, um enredo de caráter autobiográfico que narra o processo de diáspora da jovem que migra para os Estados Unidos, rompendo com os elementos do seu passado- pátria, mãe, origens- e busca redefinir sua identidade em um contexto diferenciado. A nova trajetória permite à protagonista vivenciar circunstâncias distintas, mas não menos conflituosas. As adversidades auferem um contexto expressivo e diferenciado quando Lucy passa a conviver com uma família norte-americana, experimenta situações distintas e contrastantes, vendo-se então diante da “necessidade de hierarquizar e re-hierarquizar cotidianamente a sua identidade, e dar-lhes significado conforme o momento, procurando estabelecer um consenso”. A fim de firmar a sua identidade, Lucy manifesta necessidade de afastamento, porém o desligamento de suas raízes não é concretizado, pois ela continua atrelada ao seu país de origem e às suas memórias, ou seja, um enfrentamento próprio do ser colonial e que é comumente retratado pelos escritores e críticos desse gênero literário. Embora haja um claro estranhamento e árdua adaptação ao país onde passa a residir, para Lucy é incontestável o fato de que não mais se ajustaria às circunstâncias sob as quais vivia na sua terra. Se a diáspora, por um lado, a faz sentir-se distante e estrangeira, por outro, possibilita a construção de uma identidade própria, longe dos ditames patriarcais.

Palavras-chave: diáspora, identidade cultural, Caribe

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

“Deslocamentos subjetivos e coletivos”: (re)vistando o passado através do presente em *My Brother*, de Jamaica Kincaid

LEILA ASSUMPÇÃO HARRIS (UERJ)

Resumo: Em Colonial and Post-Colonial Literature: migrant metaphors, Elleke Boehmer assinala uma mudança gradual porém marcante na literatura diaspórica a partir das últimas décadas do século XX até os dias atuais. As narrativas nacionalistas, firmemente enraizadas nos laços com a terra natal, que surgiram após os movimentos independentistas das ex-colônias, foram dando lugar a uma literatura produzida por escritores/as cujas afiliações geográficas e culturais tornaram-se mais divididas, deslocadas e incertas” (2005, p.225). Não se trata de total perda de conexão com a identidade cultural na acepção mais conhecida do termo, como definida por Stuart Hall, ou seja, como o conjunto de “experiências históricas e códigos culturais compartilhados, proporcionando padrões de referência estáveis e permanentes”. No entanto, as mudanças advindas das migrações em massa, dos processos de globalização e de hibridização das nações modernas produzem outro significado para identidade cultural, levando em conta as rupturas ocasionadas pelos processos histórico-políticos, e realçando as transformações constantes,” não o que somos, mas o que nos tornamos”. É nesse contexto que Hall situa as identidades diaspóricas, “que se produzem e reproduzem continuamente através da transformação e da diferença” (1990, p. 223-35). Uma abordagem das temáticas de deslocamentos e mobilidades em obras produzidas por escritoras diaspóricas demanda uma conscientização sobre as hierarquias e redes de poder que influenciam o trânsito dos sujeitos migrantes. Igualmente relevante é adotar uma perspectiva interseccional para tratar categorias tais como gênero, raça, etnia, classe e opção sexual, entre outras, que comumente operam como “eixos de

subordinação” (Crenshaw, 2002). Práticas feministas ancoradas em um discurso oposicional e em políticas de representação são instrumentais para a visibilidade e agenciamento de grupos minoritários, mas é preciso que o olhar e a fala não reproduzam imagens essencialistas, que respeitem as diferenças ao representar a si mesmo e ao Outro. É através dessa ótica que pretendo examinar a representação literária dos processos de deslocamento e sua influência na contrução de subjetividades diaspóricas. Jamaica Kincaid certamente se inclui entre as escritoras migrantes contemporâneas que, de acordo com Boehmer, dramatizam a ligação complexa entre o público e o privado, entre as histórias pessoais e a história nacional (2005, p. 255). Ainda que seja prudente relativizar – ao invés de aceitar literalmente – as várias declarações de Kincaid sobre a natureza autobiográfica de sua escrita, é inegável que suas obras constituem um projeto contínuo de autorrepresentação. Os “enigmáticos” retratos ficcionais que Kincaid produz do “eu”, da “família”, da “história” esgarçam as fronteiras entre autobiografia, ficção, não ficção, e memoir (NASTA: 2009, p. 64). Em *My Brother*, os repetidos deslocamentos entre o destino diaspórico a a terra natal para visitar o irmão portador de AIDS levam a autora/ narradora a (re)visitar o passado, no qual complicados laços/ nós familiares e as indeleveis marcas da opressão colonial se misturam.

Palavras-chave: deslocamentos, subjetividade diaspórica, autorrepresentação, opressão colonial

Deslocamentos e (não) pertencimento em *A Small Place*, de Jamaica Kincaid

WALTER CRUZ CAMINHA (UERJ)

Resumo: A proposta deste trabalho é investigar os elementos de deslocamento, pertencimento e não-pertencimento no texto não-ficcional *A Small Place* (1988), da escritora antiguana Jamaica Kincaid. Na obra, a narradora apresenta Antígua nos moldes de um guia de viagens, mas vê-se rapidamente que a descrição é direcionada tanto aos antigos colonizadores da ilha caribenha - os ingleses – quanto

aos turistas contemporâneos interessados em usufruir da ilha sem qualquer preocupação com os habitantes locais. O intuito da narrativa é denunciar as consequências da opressão colonizadora, que perduram após a criação do estado-nação. Colocando-se simultaneamente dentro e fora da narrativa, dentro e fora de Antígua, a narradora é influenciada por uma variedade de deslocamentos – geográficos, emocionais, temporais, entre outros – que propiciam uma visão crítica de sua terra natal. A elucidação sobre o período em que Antígua era dominada pela Inglaterra demonstra o processo de apropriação da terra e imposição de costumes, despiando um povo de sua própria cultura e tornando-o “estrangeiro” em seu próprio país. Assim, percebe-se que a narradora não se sente parte do que se tornou o povo de Antígua durante e após o período em que estava sob os “cuidados” da Coroa inglesa, marcado pela exploração colonial, pela pobreza e pelo abandono. O texto não-ficcional escolhido também traz uma perspectiva diferente daquela abordada nos livros de História: a versão eurocêntrica da colonização é questionada e recontada do ponto de vista do indivíduo colonizado, contribuindo para a construção de um novo panorama da História. Stuart Hall (1997), importante teórico nos estudos de diáspora, identidade e hibridismo, conclui que escritores diaspóricos, advindos de ex-colônias, têm o potencial de passar de objetos da cultura dominante para sujeitos de suas próprias narrativas. Através das críticas ao sistema de colonização e suas consequências, a narradora em *A Small Place* demonstra inquietude ao descrever uma Antígua à qual ela pertence, mas não se sente parte da mesma. Evidências como o aprendizado da língua inglesa como ferramenta para perpetuar a colonização demonstram a ironia levantada pela opressão colonial: o colonizado passa a sentir-se deslocado em sua própria terra natal. Essa perspectiva dialógica, ainda de acordo com Hall, reforça a assimetria das relações de poder entre colonizador e colonizado. Os elementos autobiográficos usados por Jamaica Kincaid em suas obras são fundamentais para construir suas narradoras. Como sugerido por

Susheila Nasta (2009), Kincaid desenvolve narrativas que compõem um álbum fotográfico de sua família e sua história, indicando em seus personagens traços verossímeis que, em cada texto, apresentam uma parte de sua identidade diaspórica como mulher, escritora e antiguana. Neste trabalho, a análise de *A Small Place* por essa perspectiva torna-se possível através de publicações de autores como Stuart Hall, Leigh Gilmore, Susheila Nasta, Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin, entre outros, cujas ideias contribuem para o entendimento da construção da subjetividade diaspórica influenciada por vários tipos de deslocamento.

Palavras-chave: Deslocamento, Pertencimento, Pós-colonialismo, Identidade

Identidades híbridas e performatividade em *Yo!* de Julia Alvarez

PRISCILA REIS CATALÃO (UERJ)

Resumo: Stuart Hall argumenta em seu livro *Da diáspora* que a identidade cultural de um sujeito geralmente é considerada como estabelecida no momento de seu nascimento e perpetuada através do seu código genético e linhagem familiar, fazendo parte do que é o seu eu mais interior (HALL: 2003). Examina também a conjectura que a identidade cultural agrega, através de narrativas do passado, presente e futuro, sujeitos que cresceram e foram educados de forma similar dentro e como parte da mesma nação. Os descentramentos do sujeito durante o século XX, aliados aos movimentos de migração em massa, tornam necessário uma reavaliação da noção de identidade pessoal que não pode mais ser considerada como fixa, mas sim como fragmentada, de certa forma frágil, e em constante processo de transformação através da sua relação com o que não é. Sob esta ótica, também é preciso rever a concepção acerca da identidade cultural, levando-se em consideração tanto a globalização quanto o processo de hibridização que ocorre nas sociedades contemporâneas. É nessa perspectiva que se encaixam os sujeitos diaspóricos, vivendo no entre-lugar “a dualidade de estar ao

mesmo tempo incluído e excluído, como elemento desejado e rejeitado (...)” (ALMEIDA e SCHNEIDER: 2017). Temos por objetivo analisar a presença das questões mencionadas anteriormente no romance *Yo!* (1997), de Julia Alvarez, focalizando especialmente a problematização do conceito de identidade híbrida relacionada a performatividade. A narrativa gira em torno da vida de Yolanda, uma das personagens do primeiro romance de Alvarez, *How the García girls lost their accent* (1991). Sendo a própria autora um indivíduo diaspórico, que cresceu na República Dominicana e vive nos Estados Unidos da América, e com base em comparações entre as histórias de Yolanda e as histórias de Alvarez contidas em *Something to declare* (1998), uma coletânea de ensaios autobiográficos, observa-se afinidades entre o processo de hibridização cultural da protagonista-narradora de *Yo!* e aquele vivenciado pela autora. Para a teórica Judith Butler (1990), atributos de gênero são performativos: a noção de gênero se encontra atrelada ao modo como agimos em diversos contextos e não essencialmente ao que realmente somos. Em *Yo!* podemos debater que a forma como a protagonista se comporta depende de onde se encontra; a maneira como ela age se encaixa naquilo que se espera ora de uma mulher dominicana, ora de uma mulher americana. O ato da performance acaba por criar conflitos existenciais que explicitam essa característica inacabada e fragmentada da identidade híbrida de um sujeito diaspórico. O paradoxo do pertencimento a dois lugares ao mesmo tempo em que não se pertence a nenhum deles e a busca por uma consciência de si que apazigue as questões levantadas pelo deslocamento forçado permeiam a obra de Alvarez, o que faz dela muito atual frente às problemáticas contemporâneas, de modo que se faz mister que continuemos a investigar o fenômeno da hibridização cultural para que possamos entender melhor a performatividade da identidade diaspórica.

Palavras-chave: Diáspora, Identidade, Hibridização, Performatividade

Mulheres em trânsito: Exceção, violência e trauma no romances *The Farming of Bones*, de Edwidge Danticat e *In the Time of the Butterflies*, de Julia Alvarez

PRISCILLA DA SILVA FIGUEIREDO (UERJ)

Resumo: O presente trabalho se propõe a investigar a importância da literatura no necessário processo de superação do trauma que o período de exceção causa no corpo de uma nação e seus indivíduos. A distância do discurso historiográfico e a proximidade da memória dos sobreviventes parecem ser insuficientes para expressar a dor experimentada e transmitir a experiência. Diante dessa impossibilidade, a literatura em geral, e o romance em particular, pode contribuir para a reconstrução do passado e a possível superação do trauma. O século XX, atravessado por duas guerras no continente europeu, também mostrou sua face bárbara na região da América Latina e do Caribe, o que contribuiu para o deslocamento forçado de milhares de pessoas. É o caso das autoras romances que compõem o corpus da análise deste trabalho. As duas mulheres de origem caribenha recriam ficcionalmente períodos turbulentos em seus países de origem, e através das categorias ficcionais de seus romances conseguem penetrar nas brechas abertas pela história e pela memória e, de certa forma, aplacar a dor do tempo pretérito. Em *The Farming of Bones* (1998), Edwidge Danticat, reconstrói com sua ficção um evento histórico pouco conhecido: o “Massacre da Salsinha” (*The Parsley Massacre*, em inglês). Neste romance, a narradora/protagonista, uma empregada de origem haitiana chamada Amabelle Desir, é forçada a deixar a casa onde mora desde criança, na República Dominicana e voltar para o Haiti. Em *In the Time of the Butterflies* (1994), Julia Alvarez [re]cria ficcionalmente a história das irmãs Mirabal, mulheres “comuns” que se tornaram ferozes opositoras do regime ditatorial de Rafael Trujillo na República Dominicana. A militância das irmãs as colocou entre o cárcere e o deslocamento até que foram assassinadas a mando do ditador. A morte das irmãs é considerada o estopim para o fim do Trujillato. A análise dos romances

para este trabalho baseou-se no conceito benjaminiano de constelação em busca do elemento articulatório unificador da estrutura ficcional, que dá coesão ao elemento poético nos romances e mostrou que é a partir do espaço, do deslocamento, que as narrativas reconstróem o passado e revisitam suas ruínas. Desta maneira, é através da simulação da verdade por meio de seu mecanismo estético que os romances escolhidos para compor o corpus da análise deste trabalho contribuem para o processo de retomada do passado e superação do trauma. Ademais, o trabalho orienta-se também pelo conceito de poética da pós-modernidade, pela perspectiva da des/colonialidade e pelos estudos da Shoah. Alguns teóricos relevantes para esses temas são: Linda Hutcheon, Maria Lugones e Márcio Seligman-Silva. Palavras-chave: deslocamento, mulher, estado de exceção, trauma

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]
Sessão 5

O mundo de ponta-cabeça: hibridação geográfica e conflitos étnico-culturais do sujeito feminino movente no conto “The Upside-downness of the World as It Unfolds”, de Shani Mootoo

MARCELA DE OLIVEIRA E SILVA LEMOS (UFMG)

Resumo: Em sua teorização sobre geografias de identidade em *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*, Susan Stanford Friedman (1998) considera o geográfico e o temporal as mais frequentes orientações de discursos de subjetividade híbrida e hibridação cultural. Para Friedman, tais modos de pensar a hibridação são “necessários e inseparáveis” (1998, p. 87). Porém, ela reconhece que certos estudos privilegiam a orientação temporal, “ressaltando a hibridação produzida historicamente” (1998, p.87) por um processo de “sedimentação” de diferentes culturas, que se misturam e geram novas formações com o tempo. A autora ressalta que, por outro lado, teorias

migratórias enfatizam a “hibridação produzida geograficamente” (1998, p. 87), através de deslocamentos espaciais, linguísticos ou textuais, de forma que a identidade do indivíduo movente seja “produto de um enxerto cultural”, uma “sobreposição de diferentes culturas no espaço único” desse sujeito (1998, p.24). Assim, a hibridação, frequentemente romantizada em sua associação com multiculturalismo, pode ser vista, de fato, como um processo doloroso de fragmentação, desorientação e conflito. Com base na discussão de Friedman, proponho-me a analisar o conto da escritora indiano-trinitino-canadense Shani Mootoo “The Upside-downness of the World as It Unfolds”, publicado na coletânea *Out on Main Street & Other Stories* (1993). Na estória, a narradora em primeira pessoa, anônima, porém associada à Mootoo pelas coincidências em suas histórias de vida, nos conta sobre sua ancestralidade, educação e migrações. Nascida em Trinidad, em uma família de origem indiana, ela e sua irmã são instruídas, ainda crianças, por uma viúva inglesa. Curiosamente chamada Mrs. Ramsey, lembrando-nos da personagem da autora Virginia Woolf (1927), a viúva e sua casa simbolizam o império britânico, que oprime os colonos, ou, no caso, as alunas, impondo-lhes sua língua, religião, noções de gênero e costumes, e desvalorizando a cultura local. Preferindo o Canadá à antiga metrópole quando lhe é dada a opção de morar no exterior, a narradora adulta se vê em um país em que é uma mulher exótica e desejada por seu local de origem, ao mesmo tempo em que excluída e alienada por sua hibridação, sua “impureza”. Nesse cenário conflituoso, a língua, comida, vestes e crenças que ela forçosamente, mas nunca completamente, substituiu por hábitos ingleses tornam-se, frente às curiosas amigas canadenses, uma marca de falta, de um vazio que a faz sentir uma “órfã cultural” (MOOTOO, 1993, p. 117). Neste estudo, discuto a hibridação da identidade da narradora-personagem, conforme a teorização de Friedman, como um efeito de seu deslocamento geográfico e linguístico, assim como dos encontros, ou embates, culturais e étnicos representados no texto. Proponho, também, que o tom impassível da

narração de práticas de aculturação, vindas de Mrs. Ramsey ou das amigas, denuncia a violência desse processo, que ignora a subjetividade e complexidade do outro. Considero, ainda, que a ironia contida no texto de Mootoo empodera a mulher imigrante porque questiona o poder do opressor, e, por extensão, de sistemas colonizadores, que fomentam a hibridação que lhes é abjeta.

Palavras-chave: Hibridação geográfica, Geografias de identidade, Literatura de autoria feminina, Literatura pós-colonial

De migrante a nômade: a subjetividade feminina em transformação

ANA CRISTINA DOS SANTOS (UERJ)

Resumo: Desde a metade do século XX, a errância parece ter se convertido na nova condição da humanidade, marcada pelos movimentos globais em massa e pela mobilidade virtual (TORO, 2010). Estar no mundo, hoje, é conviver com deslocamentos, movimentos migratórios, diásporas, exílios e todas as suas implicações. Esses deslocamentos constantes entre um lugar e outro, mudam não só o espaço, mas também os sujeitos. Como consequência, há uma experiência de profunda transformação subjetiva, oriunda do contato com a alteridade. Assim, pensar nos deslocamentos contemporâneos, seja por razões econômicas, políticas, sociais ou simplesmente turísticas, implica analisar os constantes processos de reconfiguração da subjetividade, pois o contato com o outro “desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades” (IANNI, 2003, p. 14). Esse vínculo entre espaço, movência e subjetividade define os deslocamentos das sociedades pós (que incluem a modernidade tardia, a pós-modernidade e a globalização) e explica o fato de as identidades estarem no centro das discussões culturais contemporâneas. Essa relação entre deslocamento e as constantes negociações identitárias dos sujeitos em trânsito são temas que marcam o cenário literário atual. O tema também figura nas narrativas de escritores latino-americanos contemporâneos que tratam da migrância pelos espaços urbanos, principalmente nas obras de escritores filhos de pais exilados

dos regimes totalitários da América Latina que cresceram fora de seus países de origem e conviveram entre duas ou mais culturas. Entre eles, encontra-se a escritora, objeto deste trabalho, a chilena Rossana Dresdner que viveu exilada com sua família na Suécia. Sua obra *Pasajeros en tránsito* (2012) possui como tema a cartografia da errância e coloca em cena, por meio do cruzamento da voz da personagem Gabriela com as vozes dos demais personagens, sujeitos em constante movência, conscientes de que o pertencimento é algo temporário e a identidade um conceito em transformação e, portanto, negociável. Os personagens do romance não abandonam completamente sua relação com os países de origem, mas reconfiguram o sentimento de pertença ao relacionar suas culturas com a do país de chegada, a Suécia, impossibilitando a construção de um pertencimento único. São personagens desterritorializadas, conscientes de que constroem a sua subjetividade a partir da experiência do trânsito entre duas ou mais culturas, em um espaço híbrido e não unitário. Não encontram um significado para o termo “estar em casa”, pois o que significa “estar em casa” quando se deve “aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas” (HALL, 2005, p. 89)? Como deslocamentos e subjetividades são termos inter-relacionados, a narradora reflete sobre o processo de transformação de seu ser como devir, em diálogo com as vozes dos outros personagens, redefinindo e (re)inventando a si mesma e a sua própria história. Dessa forma, o romance permite analisar e discutir as novas relações com o espaço que resultam das experiências dos deslocamentos e da reterritorialização e suas consequências para a (re)construção identitária do sujeito feminino.

Palavras-chave: deslocamento, feminino, identidade, Sujeitos em trânsito

Olhares femininos sobre a colonização italiana na África

MÁRCIA DE ALMEIDA (UFJF)

Resumo: Com base na crítica feminista, nos estudos de gênero e sob a perspectiva dos estudos pós-coloniais, a presente comunicação

pretende investigar, em obras narrativas das escritoras Gabriella Ghermandi, Igiaba Scego e Marina Colasanti, três visões particulares sobre a campanha imperialista italiana na África, a partir do reconhecimento de que essas são marcadas, evidentemente, pelos locais de pertencimento das autoras. O Império Colonial Italiano foi proclamado oficialmente em 9 de maio de 1936, com o anúncio da vitória das tropas italianas na Etiópia, última região a ser conquistada na África, após a ocupação da Líbia, da Eritreia e da Somália. Nesse dia, Vittorio Emanuele III assumiu o título de Imperador e Mussolini, o de fundador do Império, que chegou ao fim com a derrota da Itália na Segunda Guerra Mundial e com a consequente perda das colônias. Gabriella Ghermandi nasceu na Etiópia, em 1965, filha de pai italiano e mãe ítalo-eritreia. Estudou em escolas italianas em Addis Abeba e transferiu-se definitivamente para a Itália em 1979, onde se dedica a diversas atividades culturais: editoria, promoção de eventos artísticos e oferecimento de oficinas de leitura e escritura em escolas. Em 2007, publicou seu primeiro romance, *Regina di fiori e di perle* (Rainha de flores e de pérolas), no qual tematiza as guerras de conquista e os anos de ocupação italiana na Etiópia. De origem somali, Igiaba Scego nasceu (1974) e se formou em Roma, para onde imigraram seus pais, após o golpe de estado do ditador Siad Barre. Contista, cronista e romancista, a escritora vem, nos últimos anos, se afirmando como crítica da questão pós-colonial na Itália e, cada vez mais, escreve artigos e ensaios sobre o tema. Em 2010, publicou *La mia casa è dove sono* (A minha casa é onde estou), que recupera a memória familiar e, em 2014, trouxe a público o ensaio *Roma negata: percorsi postcoloniali nella città* (Roma apagada: percursos pós-coloniais na cidade), em parceria com Rino Bianchi. Marina Colasanti, artista plástica de formação, jornalista e autora de obras de poesia, contos, crônicas e ensaios, além de livros infantojuvenis, publicados no Brasil e no exterior, dispensaria apresentação, exceto pelo fato, pouco conhecido entre seus leitores, de ter nascido, em 1937, na cidade de Asmara, capital da Eritreia, e ter

residido posteriormente em Trípoli, na Líbia, antes de mudar-se para Itália, terra de seus pais, e, em 1948, transferir-se definitivamente para o Brasil. Em 2010, publicou o livro de memórias *Minha guerra alheia*, no qual resgata a vida familiar nas então colônias italianas no continente africano. Este trabalho objetiva, assim, analisar como as diversas escritoras - seja a partir da vivência, pessoal ou familiar, seja por meio de depoimentos, seja de modo ficcional - promovem a recuperação da memória colonial italiana na África e, através da crítica aos estereótipos ligados ao colonizador e ao colonizado, constroem uma versão alternativa, no feminino, para a história oficial sobre o período.

Palavras-chave: autoria feminina, estudos de gênero, estudos pós-coloniais, migração

Memórias e processos de deslocamento em Adriana Lisboa em Azul Corvo

LIANE SCHNEIDER (UFPB)

Resumo: Uma jovem protagonista move-se entre Estados Unidos e Brasil em busca por informações sobre seu pai após a perda da figura materna. Esse pai ausente/presente a conduz por uma reconstrução da história brasileira por trilhas tão sinuosas e obscuras quanto as buscas pessoais dessa jovem. Com o apoio de autores e autoras voltados à discussão do urbano como local de relato das histórias de si e do grupo, entre os quais menciono Luis Brandão, Joan Scott e Macklem, proponho discutir a protagonista Evangelina, lendo seus caminhos como quase uma história de detetive, onde não mais apenas o pai e o reencontro são fundamentais para sua sobrevivência, mas seu crescimento como sujeito que quer compreender, juntamente com os leitores e leitoras, os anos da ditadura no território brasileiro. O deslocamento físico, que proporciona aproximações e afastamentos e os novos ângulos de abordagem ao longo de sua busca são partes fundamentais da empreitada e da construção do enredo como um todo. Portanto, enfocaremos a protagonista, seus deslocamentos e as consequências

desses para o romance como um todo, inserindo-o num contexto de narrativas de reconstrução histórica.

Palavras-chave: deslocamento, História nacional, memória, escrita feminina

55

NARRATIVAS LITERÁRIAS E REPRESENTAÇÕES DO FEMININO

Margareth Torres de Alencar Costa (UFPI)

Sebastião Alves Teixeira Lopes (UESPI)

Telma Borges (Unimontes)

Resumo: Este Simpósio tem o objetivo de propiciar espaço para discussão acadêmica acerca de representações do feminino nos mais diversos gêneros literários, aceitando-se também contribuições que abordem aspectos teóricos sobre a relação entre literatura e gênero ou sobre a representação da mulher no texto literário. Apesar da grande luta dos movimentos feministas e da ampla conscientização acerca das amarras patriarcais e de relações de gênero que insistem em colocar a mulher em situação de inferioridade em relação ao homem nas sociedades ocidentais contemporâneas, ainda persiste entre nós uma tendência de representar o feminino, nos mais variados discursos sociais, de forma a ratificar relações desiguais de gênero, interpelando o feminino em posições sociais que perpetuam a subalternização da mulher. Compreendemos a literatura como um fenômeno capaz de refletir conflitos sociais e tensões ideológicas que muito revelam da própria sociedade onde circulam essas narrativas. O discurso literário, portanto, constitui-se de uma complexa rede de representações que ensejam construções de sentidos que, além de ‘re-apresentarem’ o feminino, o interpela, posicionando mulheres em espaços sociais pré-determinados, de acordo com ideologias patriarcais e de gêneros hegemônicas. Nesse sentido, há atualmente um grande fluxo de pesquisas acadêmicas que se voltam para a investigação de como o feminino é representado nas narrativas literárias, desde casos que apresentam o feminino de forma

subalterna e subjugada, a exemplos que mostram o empoderamento de mulheres que se mostram capazes, de alguma forma, de subverter e confrontar regramentos sociais de ordem patriarcal, falocêntrica ou heteronormativa. É nosso objetivo refletir, através da interpretação de narrativas literárias, sobre ideologias que naturalizam e fossilizam posicionamentos sociais para as mulheres, de forma a reservar-lhes espaços sociais delimitados, impedindo-lhes de exercerem participação social e política efetivas. Para tanto, insistimos em uma perspectiva não-essencialista do 'feminino', categoria social que abarca internamente diferenças das mais diversas, seja de classe, 'raça', credo, sexualidade etc., o que impede uma visão monolítica e totalizante de grupo social tão amplo e diversificado. Assim sendo, busca-se uma abordagem crítica que não considere a questão de gênero isoladamente, sem levar em conta uma rede complexa constituída por diversas fontes de identificação, ou seja, mesmo quando se ressalta uma delas, como a de gênero, por exemplo, as demais não devem ser apagadas. Mulheres, como sujeitos complexos, não podem ser reduzidas à questão de gênero. Assim sendo, encorajamos a inscrição de comunicações para o Simpósio que abordem as mais diversas facetas da questão do gênero feminino, em diálogo com narrativas literárias, seja no campo teórico ou no crítico. Alentamos a participação de trabalhos que abordem a Teoria Literária Feminista, em suas mais variadas facetas, assim como as que ressaltem a participação da mulher no questionamento e redefinição do cânone literário, de forma a incluir narrativas de autoria feminina, ou ainda ensaios que abordem no campo teórico a representação do feminino em textos literários. De forma semelhante, esperamos contar com a participação de comunicações no campo da crítica literária que examinem os mais diversos temas relacionados à questão de gênero, dentre os quais, somente a título de ilustração, apontamos alguns a seguir. Esperamos a participação de pesquisadores focados no exame de movimentos sociais ligados à questão de gênero e como esses são representados no discurso literário, dedicando

especial atenção aos movimentos de empoderamento de mulheres. Encorajamos ainda a inscrição de trabalhos no campo da crítica literária que reflitam sobre o papel social da maternidade na vida das mulheres, de forma a evitar que se tornar mãe implique na dominação da mulher pelo homem, relegando-a à função biológica da gestação, parto e amamentação e, posteriormente, à função social de cuidadora dos filhos (SCAVONE, 2001), impedindo-a de realizar outras potencialidades. Contamos também com a participação de ensaios que abordem o feminino em relação ao masculino, evitando a tradicional dissociação entre os gêneros, como se essas categorias pudessem ser compreendidas de forma isolada (HITA, 1999). Animamos ainda a inscrição de comunicações que observem as forças discursivas que constroem ideologicamente as identidades sexuais e de gênero (BUTLER, 2003), examinando as multiplicidades de desejo e, na contramão, as políticas de controle dos corpos. Esperamos ainda a participação de pesquisas voltadas para a relação colonização, oralidade e memória na construção da identidades de mulheres negras (ALVES, 2015), com especial atenção para a (re)construção de subjetividades na diáspora. Enfim, incentivamos a inscrição de comunicações que examinem a questão do feminino em diálogo com narrativas literárias, seja no campo da Teoria ou Crítica Literárias, em suas mais diversas abordagens e objetos de investigação.

Palavras-chave: Teoria literária, Crítica literária, Feminismo, Gênero

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

A influência do amor cortês na construção das personagens femininas em Giovanni Boccaccio

EVANDRO ALBINO DE SOUZA (UFRJ)

Resumo: A grande obra de Giovanni Boccaccio (1313-1375) - Decameron, o livro dos dez dias - é um marco da literatura italiana

medieval. Ela constitui parte da tríade das obras mais importantes da literatura italiana do século XIV - Decameron, Divina Commedia (Dante Alighieri) e Il Canzoniere (Francesco Petrarca). Com sua narrativa precisa da realidade conturbada do século XIV, em pleno avanço da peste negra que assolou a Europa, Boccaccio sintetiza em 100 novelas as aspirações, costumes, as crenças, sentimentos e infortúnios amorosos de homens e mulheres da Baixa Idade Média. É nesse cenário de efervescência cultural, social e econômica que Boccaccio constrói suas novelas com os mais variados temas, além de histórias com inúmeras personagens, diferentes paisagens e situações que apresentam um panorama de experiências narrativas distintas. Narradas por dez jovens nobres (sete mulheres e três rapazes) que decidem se refugiar em uma casa de campo em Florença para passar as tardes a contar belas histórias, as novelas boccaccianas tratam-se de um vasto manancial de temas diversos nos quais a figura feminina toma para si um lugar de preponderante pioneirismo. A presença feminina é fundamental para grande parte das novelas e para o desenvolvimento de suas tramas. As mulheres em Boccaccio possuem inúmeras facetas: transitam do virtuosismo e engenhosidade ao ardil e à astúcia sedutora; inserem-se em picantes histórias de adultério, libertinagem e profanação; sofrem de amor e morrem pela impossibilidade de sua concretização. Não à toa o livro se abre com uma dedicatória “alle vaghe donne che dentro a’ dilicati petti tengono le amorese fiamme nascose” (às graciosas mulheres que carregam dentro dos delicados peitos as escondidas chamas amorosas). É preciso, entretanto, recorrer ao ideal de expressão literária do período para compreender a complexidade das personagens femininas. O nascimento do amor cortês, do culto à mulher casada e do amor inalcançável no século XII trouxe à figura feminina um novo status social. No amor cortês, o homem – ou trovador – deve exaltar o amor a sua amada. Nessa relação, o homem se torna vassalo da mulher: ele deve jurar-lhe fidelidade e seguir as leis da cortesia. Além disso, qualidades como refinamento, paciência e retenção são valorizadas

como conduta entre os amantes. O ideal de amor cortês permite à mulher uma nova posição nas relações amorosas e um destacado papel nas novelas boccaccianas. O amor se apresenta como um impulso instintivo, uma reação à inflexibilidade dos costumes, à ordem religiosa; fluxo natural que se realiza através da vontade e espontaneidade dos amantes. Logo, não é de se surpreender as histórias de adultérios praticados por homens e mulheres nas novelas de Boccaccio. Com isso, a presente pesquisa tratará a temática amorosa em novelas selecionadas, com especial ênfase para a repercussão que o amor cortês trouxe à figura feminina no Decameron.

Palavras-chave: Literatura italiana, Giovanni Boccaccio, Amor cortês, Personagens femininas

As personagens Machadianas e as gentis leitoras: contrastes no *Jornal das Famílias*

VALDINEY VALENTE LOBATO DE CASTRO (UFPA)

Resumo: Em janeiro de 1863, o editor francês Baptiste Louis Garnier lança, no Rio de Janeiro, o *Jornal das Famílias* destinado às gentis leitoras, a fim de prepará-las para se tornarem perfeitos exemplos de mulher e mãe, o que se percebia desde o editorial do primeiro número quando se esclarece o público a que se pretende atingir e os textos deleitáveis que iriam ser publicados. Esse intento estava presente na própria capa do jornal, que, durante seus dezesseis anos de existência manteve a mesma ilustração: uma mulher sentada, em meios a utensílios de costura, muito à vontade, com os olhos atentos em sua tarefa. A amenidade transparece em várias publicações do suporte: conselhos matrimoniais, receitas culinárias, figurinos de moda, ilustrações com as últimas novidades européias atraíam as leitoras cariocas ávidas por tudo o que era novidade na França, onde parte do jornal era produzida. O jornal foi um verdadeiro sucesso, mantendo-se até 1878 mesmo tendo um preço oneroso e não contando com anúncios. Além das matérias ligadas à moda, o que causou a boa

receptividade das leitoras também foi a seção “Romances e Novellas”, que ocupava grande parte das páginas do jornal. Ao longo dos dezesseis anos do periódico foram escritas 223 narrativas tendo como colaboradores homens ilustres da época, dentre esses Joaquim Manuel de Macedo e José Maria Machado de Assis, o qual publicou 86 textos, sendo o principal colaborador do suporte. As mulheres apresentadas nos contos machadianos são muitas vezes senhoras casadas ou jovens na idade de casar, mas estão longe de representarem a imagem de submissão e docilidade que o periódico pretendia. Ao invés de apresentar o casamento como sustentáculo da sociedade, o “Bruxo do Cosme Velho” apresenta as incongruências possíveis de ocorrer nos matrimônios: enlaces sem amor, infelicidade do casal, traição do marido e da esposa, o que possibilita à leitora da época refletir sobre sua condição subalterna diante da sociedade patriarcal e do cerceamento vivido. Diante disso, o objetivo desse estudo é analisar os contos machadianos, a fim de compreender como muitas vezes os silêncios e os disfarces das personagens femininas oferecem bem mais complexidade do que o periódico propunha, isto porque a personagem feminina é delineada como a não se revelar prontamente para o leitor, pouco a pouco se desvenda seus anseios, frustrações e atitudes, sentimentos que não raro são frutos do comportamento social, comum às mulheres da época. E a leitura de contos que repousam nas páginas do periódico e não foram selecionados pelo autor para figurar em suas antologias permite revisitar essas desprestigiadas narrativas, o que também é objetivo desse estudo.

Palavras-chave: Machado de Assis, Jornal das Famílias, contos, mulher

A essência infantil resgatada: uma leitura do conto “Mentira de amor”, de Ronaldo Correia de Brito

ÉRICA ALVES ROSSI (UFMS)

Resumo: O presente trabalho faz uma análise do conto “Mentira de amor”, de Ronaldo Correia de Brito, publicado no livro Faca (2003).

Baseando-se na concepção de Piglia (2004) de que todo conto engendra duas histórias, o estudo visa mostrar como ambas se imbricam e como diferentes elementos são manejados para construir a história cifrada que tem como protagonista a personagem Delmira. Narra-se a história de uma mãe desolada pela morte da filha que, pela manipulação do marido, torna-se prisioneira domiciliar, juntamente com suas outras três filhas. Tem-se no conto uma situação exemplar: a submissão feminina e o esvaziamento da personalidade de uma mulher pouco consciente de sua condição e de sua existência individual. Em primeiro plano, acompanhamos a esposa que, motivada pela chegada de um circo, quer autorização do marido para assistir, com as filhas, a um espetáculo, mas por não encontrar meios de o convencer, sugere-se que irá aproveitar-se de um lançamento de fogos para atirar no marido e conseguir a liberdade. Delmira parece buscar mais do que o retorno da filha, busca o resgate da sua criança interior, símbolo da consciência de sua própria individualidade. Com a chegada do circo, a personagem passa a rememorar experiências infantis e ao revivê-las toma coragem para mudar a sua vida. Tem-se, aí, a história cifrada de que nos fala Piglia: delineando o processo construtivo do conto à luz de concepções cunhadas por Carl Jung e pela psicologia analítica, temos o arquétipo da criança interior que simbolicamente é apresentado pela figura da filha morta. O resgate das lembranças da infância e de seu processo de consciência aproxima a personagem da filha de forma espelhada; a todo o momento anseia por sua volta e deseja ser por ela resgatada. O circo é elemento desencadeador do processo, despertando a imaginação e a criatividade, motivando-a a transgredir, a lançar-se ao perigo em nome do desejo que agora a toma por completo. A segunda tese de Piglia é a de que a história cifrada é a chave da forma do conto e de suas variantes. Aqui a narrativa se constrói por um tempo de espera, típico do universo infantil, acentuado pela ansiedade por momentos de prazer. Por meio de uma narrativa breve, que acentua a dicotomia entre liberdade e prisão, público e privado, passado e presente, e de

um tempo que se repete em uma rotina infindável, a angústia dessa mulher em retomar o controle da sua vida passa pela imaginação para então desenhar-se como promessa de morte e libertação. Mais do que se limitar à “pequena e miserável história que conta”, como nos adverte Cortázar, o conto reproduz a busca de uma experiência única, de uma verdade secreta, a de que o anseio humano é por repetir a experiência vibrante da infância, a nossa forma mais genuína, livres de todas as castrações sociais às quais o adulto é submetido.

Palavras-chave: Ronaldo Correia de Brito, Regionalismo, Conto, Representações do feminino

A figura da mãe no Ciclo do Extremo Norte, de Dalcídio Jurandir: a trajetória de D. Amélia

ALINNIE OLIVEIRA ANDRADE SANTOS (UFPA)

Resumo: O escritor brasileiro Dalcídio Jurandir (1909-1979) dedicou seu trabalho como romancista na execução do projeto literário que ficou conhecido como Ciclo do Extremo Norte. Esse Ciclo, composto por dez obras – Chove nos Campos de Cachoeira (1941), Marajó (1947), Três Casas e um Rio (1958), Belém do Grão Pará (1960), Passagem dos Inocentes (1963), Primeira Manhã (1967), Ponte do Galo (1971), Os Habitantes (1976), Chão de Lobos (1976) e Ribanceira (1978) – é um conjunto de narrativas ambientadas na Amazônia e tem como principal protagonista, o menino Alfredo. A trajetória de vida dele é contada em nove dos dez romances desde a sua infância em Cachoeira do Arari, seus anos na escola em Belém, até o início da fase adulta quando volta para o meio rural, indo trabalhar na cidade de Gurupá. Mesmo centrado no desenrolar dos dramas do personagem principal e sua relação com as cidades que mora e as pessoas com quem convive, os romances dalcidianos possuem um grande número de mulheres que colaboram para o desenvolvimento das narrativas, contribuindo de forma marcante para a construção dos enredos e dos dramas dos personagens centrais das obras, como também acrescentando os seus próprios dilemas

personais. Dentre essas mulheres, nos chama atenção a mãe de Alfredo, a negra D. Amélia, que, amásia do pai do menino – o Major Alberto – adquire certa autonomia e respeito na comunidade local, o que não possuiu em sua juventude. É ela também que organiza toda a viagem do menino do Marajó para Belém, para dar continuidade aos seus estudos, realizando assim o maior sonho do filho. O presente trabalho, portanto, objetiva analisar o percurso de D. Amélia nos livros do Ciclo do Extremo Norte em que está presente, não apenas levando em consideração a sua maternidade, como também observando os seus demais dramas, a sua história como um todo, além de refletir sobre a forma como ela consegue a já referida consideração dos outros moradores da região. As faces femininas representadas por Dalcídio Jurandir nos ajudam a desvelar a sociedade amazônica do início do século passado e também como essa sociedade foi retratada pela literatura brasileira. Investigar, pois, as personagens femininas dos romances produzidos por Dalcídio Jurandir se faz necessário para se obter uma melhor compreensão de suas obras, as quais possuem como forte aspecto a denúncia social, bem como nos possibilita observar o papel do escritor paraense no contexto da literatura nacional de grande parte do século XX.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir, mãe, Amazônia

Anas, Bárbaras, Carolinas e Januárias: tipologias femininas na obra de Chico Buarque de Hollanda

CAMILA FONSECA DE OLIVEIRA CALDERANO (UFJF)

Resumo: Este trabalho concebe tipologias femininas a partir da análise das canções de Chico Buarque, desde o primeiro compacto (1965) até o disco mais recente, de 2011. Elencamos as composições musicais em um esquema tipológico de rastreamento das variações da representação e apresentação do feminino criadas pelo compositor. Adentramos, pra tanto, nas questões que circundam a canção, enquanto complexo cultural propagador de um patrimônio coletivo e social; e nas questões que se relacionam a construção da leitura e do discurso feministas

na segunda metade do século XX. Indicamos nove tipos mulheris, quais sejam: (i) a mãe; (ii) a cativa-devotada; (iii) a apaixonada; (iv) a abandonada; (v) a prostituta; (vi) a lésbica, (vii) a transgressora; (viii) a melancólica; e (ix) a consciente do amor.

Palavras-chave: Chico Buarque, Feminino, Canção

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

“A mulher de trinta anos” e “As netas da Ema” - parâmetros de representação

ROSANA ARRUDA DE SOUZA (UFMT)

Resumo: Neste trabalho, discutimos a representação do feminino por meio de um contraponto entre os romances: “A mulher de trinta anos” (1842), do escritor francês Honoré de Balzac (1799-1850), e “As netas da Ema” (2005), da escritora brasileira Eugenia Zerbiní. Mais especificamente, discutimos os fatores de representação do feminino perpassados nos romances, como casamento, maternidade e sexualidade e de como estes fatores resultam de atitudes performáticas do gênero (BUTLER, 2003), ou seja, em ambos os romances, as protagonistas constituem-se mediante parâmetros estabelecidos na sociedade. Em “A mulher de trinta anos”, é retratado o contexto histórico francês do século XIX, em que as mulheres não dispunham de outras funções a desempenharem ao longo da vida, além de filha, esposa e mãe, excetuando-se aquelas que dedicavam suas vidas ao convento (de bom ou mau grado) ou ficavam solteiras, agregadas às famílias. Julie, protagonista de “A mulher de trinta anos”, se casa apaixonada, porém se decepciona logo na noite de núpcias por incompatibilidade conjugal; tem sua primeira filha e também se decepciona, e considera tanto a filha quanto o casamento como frutos do cumprimento de instituições sociais. Já no romance “As netas da Ema”, a protagonista é uma empresária bem-sucedida prestes a fazer cinquenta anos de idade. Embora tenha

estudado, trabalhado, viajado muito e conseguido alta colocação profissional, a personagem lamenta não ter se casado nem tido filhos e, por isso, não se considera feliz, como pensa que são as mulheres esposas e mães. Desse modo, percebemos que a mulher atual, embora tenha outras opções além do casamento e da maternidade – algumas delas nem se casam e outras estão se casando com idade mais madura, e algumas nem têm filhos por opção – não está isenta de padrões sociais a serem atendidos. Assim, para tratarmos da representação do feminino nesses romances, fazemos um breve estudo acerca de identidade e gênero por meio de Stuart Hall (2005), Tomaz Tadeu da Silva (2000), Judith Butler (2003) e Spivak (2010); bem como estudiosos da escrita balzaquiana, como Terezinha de Camargo Viana (1999). Com base na leitura dos romances e nos autores consultados, questionamos se o maior número de papéis a serem ocupados pela mulher atual aumenta as suas perspectivas ou as afunila, à medida que aumentam as diferenças com as quais nos comparamos e, por conta da comparação, perguntamos, tal qual a protagonista de “As netas da Ema”, se, de fato, somos felizes. A questão é demasiada complexa. Julie não era feliz por ter escassez ou nenhuma escolha, no entanto, não tinha muitas a quem se comparar, uma vez que o destino das demais aristocratas francesas era semelhante ao dela. Ao mesmo tempo, parece que sua felicidade estava sempre condicionada pelo outro, primeiro o marido, depois o amante e, por fim, os filhos. Ao final da vida, no entanto, percebe-se solitária.

Palavras-chave: representação, a mulher de trinta anos, as netas da Ema

Fatores no ciclo urbano de violência de gênero: agressão e constrição emocional em *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca

LARA FERREIRA DA SILVA (UFPI)

Resumo: Nossa proposta sobre a violência de gênero certamente não se restringe às áreas urbanas, mas assume formas particulares em relação ao contexto urbano mais amplo. Pretendemos exhibir que este tipo de violência existente na obra fonsequiana consiste em um fenômeno sócio histórico e acompanha toda a experiência da

humanidade, um problema social. A violência centrada nas mulheres também representa um obstáculo oculto ao desenvolvimento econômico e social. Em linhas gerais, Moser e Moser (2003) observam que seja importante não generalizar e cair na armadilha de categorizar as mulheres como vítimas e os homens como o problema, apesar da violência contra as mulheres ser, no entanto, uma das principais formas pelas quais os homens afirmam a sua masculinidade, bem como asseguram o controle dos recursos e da tomada de decisões em todos os níveis da sociedade. Em *Feliz Ano Novo*, há vários registros de violência de gênero. Podemos iniciar pelo conto homônimo, onde ocorre um estupro executado pelo personagem Pereba dentro da mansão na zona sul do Rio de Janeiro, no momento do assalto. Além da apoderação de objetos materiais através da brutalidade pelos personagens assaltantes, a violência representa a solução para outras carências – devem-lhe sexo também. É notável que a cultura e o corpo social conceituam os indivíduos como sujeitos do conhecimento e da ação, identificando a violência em tudo aquilo que limita uma pessoa à condição de objeto.

Palavras-chave: Violência de gênero, *Feliz Ano Novo*, Urbano, Rubem Fonseca

Identidade(s) fragmentada(s) e busca por espaço(s), em *Dama da noite*, de Caio Fernando Abreu

RAQUELLE BARROSO DE ALBUQUERQUE (UFPI)

Resumo: Este trabalho faz considerações acerca da busca por identidade(s), empreendida de forma niilista e passiva, pela personagem anônima do conto “Dama da noite”, de Caio Fernando Abreu. O anonimato persistente é uma das marcas do escritor gaúcho, que descreve a sina de homens, mulheres, sejam cis, sejam trans, sejam transfigurados pela fragmentação, pela busca de algo. Este algo seria um espaço, um teto todo seu ou uma noite toda deles. No conto, a presença da noite e seu envolvimento com o cenário urbano atuam como o cenário perfeito, que abraça a situação de

solidão e marginalização da protagonista. A atitude e visão de mundo transgressoras dão um tom confessional e único ao diálogo, que deixa o leitor de certa forma perdido quanto ao acontecimento ou ainda sobre a própria identidade da protagonista: seria uma mulher? Seria alguém se passando por uma mulher? Seria a própria morte ou a própria AIDS personificada? O disfarce por trás da multidão, que proporciona o anonimato também soa bem contemporâneo. Observaremos a influência da noite, com seus prédios e neons, sobre a atitude e a busca de identidade(s) por parte da personagem, além da solidão e sensação de não ser no mundo, que inebriam o discurso da mesma. Busca-se, desta forma, fazer a conexão entre o espaço e o reflexo deste no comportamento da protagonista, assim como examinar as falas das personagens, embaladas pelo vazio e, até certo ponto, pelo desespero, na busca do seu espaço ou até na negação dele. Dentro desse cenário opressor das grandes metrópoles pós-modernas, existe sua soirée carregada de prazeres e possibilidades de fuga e/ou autoconhecimento. Em Cardoso (2007), Lima (2010), Busatto (2015) e Favalli (1995) temos a análise literária da prosa caiofernandiana, em específico, sobre o conto em análise neste trabalho. Além disso, Busatto (2015) nos traz a questão do espaço urbano e toda a poética que o mesmo guarda. Bauman, na sua obra *Identidade* (2005), evidencia o processo de transformação da identidade imersa na “modernidade líquida”, ao passo que em *Vida Líquida* (2009), o sociólogo fala da efemeridade da existência, da falta de satisfação do ser social consigo mesmo e com o outro, o que traz como consequência relacionamentos e existências descartáveis. A sondagem filosófica em relação ao estar no mundo é feita por Giddens (2002), que fala sobre a aceitação de identidade do eu, que atinge a raiz própria desse “estar”. Caio Fernando Abreu trabalha o sujeito de forma a proporcionar fuga e identificação. Apresenta o sujeito e sua fragmentação em um espaço urbano que o dilacera ao mesmo tempo em que reflete toda sua instabilidade.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu, *Dama da noite*, espaço, identidade

Mirandolina: a representação da mulher dominadora nas comédias de Carlo Goldoni

CAROLINE BARBOSA FARIA FERREIRA (UFES)

Resumo: Segundo Chartier (1990, p. 17), em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler de forma diversa. As representações do mundo social não são de forma alguma discursos neutros, mas produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade, a fim de legitimar um projeto reformador ou a justificar as suas escolhas e condutas. Para compreendermos a ligação que existe entre a literatura e os elementos históricos, é necessário perceber “a relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade” (CANDIDO, 2000, p. 16). O texto literário não é um espelho, não pode ser lido de forma literal, mas, pela sua verossimilhança, carrega aspectos do mundo real, apresentando características da sociedade que ele representa. A ficção, portanto, não é o avesso do real, mas outra forma de captá-lo. Diante disso, esta comunicação tem o objetivo de analisar a representação da mulher nas comédias de Carlo Goldoni, teatrólogo italiano do século XVIII, responsável pela reforma do teatro na Itália – suas peças refletem a ideologia, os interesses, os problemas, a sensibilidade da nova classe burguesa. A comédia de Goldoni realiza uma pintura de quadros sociais do cotidiano veneziano, em um contexto de profundas transformações sociais, e por isso, pode ser utilizada como fonte de conhecimento dessa sociedade. Os textos do comediógrafo valem por si só como testemunho da sociedade, pela sua autenticidade, e pelos seus valores humanos e universais, que os mantêm vivos até os dias de hoje. Por serem muitas as representações de mulheres no teatro goldoniano, analisaremos a personagem Mirandolina, da peça *La locandiera* (1752), mulher sedutora, que manipula os homens ao seu redor, porque todo o seu prazer era o de ser “servida”, “desejada” e “adorada” pelos homens (I, 9.1). *** * CHARTIER, R. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

**CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

***GOLDONI, C. *La locandiera*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2011.

Palavras-chave: Mulher, Representação, Teatro italiano

Mulher-mercadoria: figurações da mulher pobre em *Angústia*, de Graciliano Ramos

EVANDRO JOSÉ DOS SANTOS NETO (USP)

Resumo: Para além da heterogeneidade da produção regionalista brasileira na década de 1930, a concepção do romance como drama social, que singulariza essa literatura, expõe em primeiro plano a ideia das contradições estabelecidas pela modernidade, que surgem a partir da experiência de se ser parte de um ambiente repleto de novidades e transformações que, ao mesmo tempo, ameaça destruir o que está posto, o já conhecido. Assim, vemos a construção de personagens que estão no meio de um turbilhão de permanente desintegração e mudança, onde as garantias, se ainda existem, fazem parte também de um cenário passageiro. Graciliano Ramos também se vale dessas contradições em sua obra. Entretanto, em *Angústia*, a representação dessas transformações é feita de forma peculiar e indireta, se afastando da tradição já estabelecida pelo romance nordestino. Em *Angústia*, é a imaginação de Luís da Silva que conduz a narrativa, construindo o seu próprio campo interpretativo em cima da negação da percepção. Em se tratando de Marina, essa visão não está baseada apenas na objetividade material que é fornecida pela percepção. Há principalmente a objetividade relacionada à consciência do observador que apresenta essa conduta. Assim, mediante a descrição de um narrador que está profundamente envolvido na situação, toda a existência de Marina, desde a descrição física até os desenhos psicológicos, é passível de reprovação, pois é essa a intenção que ele deseja captar. De uma forma geral, a figuração da mulher pobre no romance de 30 vem quase sempre acompanhada da questão sexual. Através de uma norma comum

cristalizada pela cultura patriarcal e misógina, ficou estabelecido que a virgindade da mulher será sempre um contraponto à prostituição, e o casamento, um lugar seguro entre ambas. Para a moça pobre existem duas alternativas: o casamento ou a “Rua da Lama”. Entretanto, em ambos os casos, a concepção da mulher é engendrada para a satisfação das necessidades masculinas. Assim, Marina é vista por Luís da Silva como algo que pode suprir suas necessidades em dois aspectos: social e sexual, mas nunca em sua individualidade. Ao conceber Marina como um “arranjo de peças”, Luís transforma não apenas as partes do seu corpo em mercadoria, mas também as suas características pessoais. A reificação da personagem sob a perspectiva sexual torna-se ainda mais acentuada com o surgimento de outra figura masculina: Julião Tavares. Através dele, Marina tem a beleza de sua figura feminina ressignificada, transformada em matéria que causa inveja nos outros homens ao mesmo tempo em que consolida o poder e as relações de mando existentes nesta ordem social. Entretanto, na felicidade transitória presente na maquiagem e nas joias que Marina usa estão cravados os símbolos do duvidoso, do desejo por uma prosperidade minguada, simulacro da prosperidade dos ricos e prova de quanto esse desejo violenta os pobres, porque sinaliza a repulsa e a negação de sua condição social.

Palavras-chave: mulher, mercadoria, romance de 30, angústia

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Teatro comparado: o feminismo em *Casa de Boneca* e *A dança final*

IVANILDO JOSÉ DA SILVA (IBILCE/UNESP)

Resumo: A presente proposta visa analisar, dentro de uma perspectiva teórico-comparatista, as peças *Casa de boneca* (1879), de Henrik Ibsen e *A dança final* (1993), de Plínio Marcos. Ancorando-se nas

contribuições de Marvin (1997), acerca do discurso teatral; nos estudos de Welles e Warren (1976) sobre o conceito de literatura comparada e nos pressupostos teóricos de Perrot (2008) sobre a configuração do gênero feminino, o objetivo deste trabalho é realizar uma abordagem comparatista que aproxime autores, textos teatrais e personagens, a fim de verificar como a temática do feminino está configurada no campo da dramaturgia. Por esse viés, a comparação é salutar por observar o momento histórico de produção das peças teatrais, a linguagem empregada pelos autores, a forma literária específica, o discurso das personagens, dentre outros elementos que contribuem no processo de análise, pois “a literatura comparada é, na melhor das hipóteses, uma arte de ler rigorosa e exigente, um estilo de ouvir ou ler atos de linguagem que privilegia certos componentes desses atos” (Steiner, 2001, p.158).

Palavras-chave: Gênero, feminismo, texto dramático, personagem

Um grito com cor e gênero: metaficção e movimentos anti-canônicos em *Foe*, de J. M. Coetzee

JIVAGO ARAÚJO HOLANDA RIBEIRO GONÇALVES (UFPI)

Resumo: A partir do entendimento de que o olhar pós-colonial voltado às literaturas das ex-colônias busca apontar e resistir às construções textuais que naturalizaram e perpetuaram formas de dominação e de violência, seja racial ou étnica, como de gênero ou ainda de outras margens identitárias que emergem no seio dessas diversas nações, outrora reféns do julgo colonial, é possível apontar a produção de narrativas metaficcionais como mecanismo de revisão e denúncia dos silenciamentos imputados pelo cânone europeu às vozes dessas minorias. Destarte, o trabalho aqui proposto tem como corpus o romance *Foe*, escrito em 1986 pelo sul-africano J. M. Coetzee. O objetivo desta comunicação é propor que o referido autor utilizou-se de estratégias narrativas metaficcionais para abordar, criticamente, os posicionamentos das personagens centrais do romance, a saber, Susan,

em inglesa em uma jornada para encontrar sua filha desaparecida, e Sexta-feira, um ex-escravo mutilado, e o entrelace de suas vidas na busca por contarem suas respectivas histórias e resistirem ao ato de serem falados por outrem. Essa construção metaficcional se dá em relação direta com o cânone ocidental, uma vez que a obra analisada é uma releitura de Robinson Crusoé, obra escrita em 1719 por Daniel Defoe, que por sua vez é uma reescritura de A tempestade, drama shakespeariano de 1611. É precisamente na exposição de tais marcas coloniais que a narrativa metaficcional (no recorte aqui proposto e a partir do romance aqui analisado) se desenvolve, possibilitando a subversão das relações de gênero e raça que marcam a obra canônica. Com o propósito de trazer à luz a dialética da colonização, assim como as nuances da dominação colonial e os pressupostos da escrita canônica que a corroboram, foram apreciados trechos da obra de J. M. Coetzee em comparação com a obra de Daniel Defoe, incluindo diálogos e as construções das relações entre as personagens. A partir do estudo de Foe é possível afirmar que J. M. Coetzee, por meio de uma escrita metaficcional, desenvolveu uma releitura de uma obra canônica, partindo de uma ótica pós-colonial que privilegiou a problematização da autoria da mulher e do negro no processo de construção da própria narrativa e de suas próprias histórias. Como suporte teórico utilizou-se Spivak (2010) com o intuito de abordar a problemática do sujeito subalternizado e das instâncias do discurso que o representa; Bonnici (1998) para um olhar sobre a narrativa metaficcional enquanto eixo de produção literária capaz de viabilizar as críticas caras à teoria pós-colonial; Hutcheon (1991) de quem lançamos mão principalmente da noção de metaficção historiográfica e de sujeito off-centered, o sujeito das margens que postula o questionamento ao centro e suas possibilidades de representação, e Bosi (1992) para uma abordagem das nuances da dialética da colonização e a complexidade da violência desse processo a partir de uma aprofundada análise etimológica do termo colonização. Após a análise do romance, é possível concluir que há forte teor de resistência e contestação ao cânone que são evidenciados em

duas instâncias principais: a primeira, as indagações de Susan quanto à escrita de cunho eminentemente masculina que é desenvolvida por Foe, um romancista que toma para si a missão de relatar a história de Susan, portanto, ser a sua voz e assim roubar sua possibilidade de expor sua própria verdade; a segunda, através da recusa de Sexta-feira de incorporar a língua daquele que o coloniza, resistindo à totalidade da violência colonizadora que lhe seria imputada via linguagem.

Palavras-chave: Pós-colonialismo, Autoria Feminina, Foe, Metaficção

O espaço da casa e a dissonância do discurso feminino: uma leitura de Lucio Cardoso

CARLA DA COSTA LEMOS (UFF)

Resumo: Gaston Bachelard, em seu ensaio “A casa: do porão ao sótão” publicado originalmente sob o título “La Poétique de L’Espace” em 1957, analisa o espaço do lar doméstico como sendo o “primeiro universo” do homem, pois congrega características como aconchego e abrigo. Segundo essa concepção, a casa seria como o berço metafórico que prepararia o homem para o mundo, cabendo à mulher a função de proteger e harmonizar este pequeno cosmo. Desde a Grécia antiga, as mulheres viviam reclusas no Gineceu, onde, longe de todos os olhares e tentações da sociedade e, privadas de quaisquer direitos políticos e jurídicos, cuidavam da prole e da morada. No entanto, ao longo do tempo, com todas as mudanças relativas ao papel da mulher e as discussões sobre igualdade de gêneros, alguns paradigmas foram quebrados, construindo-se uma nova visão sobre a mulher e o espaço doméstico. Neste íterim se inscreve a obra de Lúcio Cardoso intitulada Crônica da casa assassinada (1959/2009), que pode ser lida como uma denúncia em relação ao papel que se confere à mulher em uma sociedade fortemente marcada pelo patriarcalismo. Nesse sentido, o romance do autor mineiro parece promover o deslocamento de uma concepção histórica que vincula a habitação doméstica exclusivamente ao gênero feminino. O espaço da narrativa, a Chácara dos Meneses, é

atada ao gênero masculino, representado pelo personagem Demétrio Meneses que, atento às tradições vigentes na sociedade da época, entra em conflito com os personagens que carregam as marcas dissonantes da transgressão e da mudança. Essas personagens são: a) Nina, a estrangeira, cunhada de Demétrio, imune às suas ordens, b) Timóteo, irmão de Demétrio, homossexual, que, por travestir-se com as roupas de sua mãe, é obrigado por este a manter-se no quarto escondido da família e c) Ana, esposa de Demétrio que subverte seu comportamento a partir do exemplo de Nina, transformando-se ao longo da trama e provocando situações que contribuem para ruína da família e, consequentemente, do modelo masculino proposto por seu marido e tutor. A escrita fragmentada e polifônica de Lúcio Cardoso, ao relacionar as cartas, os depoimentos e os diários dos diversos narradores, apresenta a decadência da tradição patriarcal, construindo uma escrita em que a casa, apresentada como um espaço símbolo deste patriarcalismo vigente, sucumbe frente a proposições marcadamente femininas. Dessa forma, esta comunicação tem como objetivo fazer uma releitura crítica da obra, buscando relacionar concepções ligadas ao espaço da casa e a dissonância do discurso feminino. Por fim, busca-se compreender as relações de oposição construídas nesta relação dialógica entre o espaço da casa de fazenda tradicional e o renovador empoderamento destas personagens femininas.

Palavras-chave: Lúcio Cardoso, Espaço, Patriarcalismo, Empoderamento feminino

Representação das identidades femininas em: *Travessuras da menina má*

ANA RAQUEL DE SOUSA LIMA (UFPI)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo examinar a influência social nas diversas identidades da personagem Lily. Identificando nestas possíveis deslocamentos vislumbrados nas atitudes da personagem. Em *Travessuras da menina má*, de Mario Vargas Llosa, romance corpus desta pesquisa, o autor retrata a figura da mulher com suas atitudes,

sonhos, desejos e identidades. *Travessuras da Menina Má* é uma obra marcada pelos encontros e desencontros entre as duas personagens, Lily e Ricardo Somorcucio. Contudo é a partir desses acontecimentos que as identidades da personagem Lily insurgem de diferentes formas. O trabalho desenvolve-se através de pesquisa qualitativa bibliográfica, trazendo uma abordagem principalmente sobre as identidades femininas e a influência social na construção dessas. Nessa análise são citados autores como Baumam (2005) o qual argumenta que “as identidades flutuam no ar, algumas de nossas próprias escolhas, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta”, Butler (2003) O principal embate da autora foi com a premissa na qual se origina a distinção sexo/gênero: sexo é natural e gênero é construído. Candido (2006) exprimindo a influência dos fatores externos na estrutura da obra e Hall (2006) o qual problematiza a questão do sujeito não ter apenas uma identidade e sim várias identidades diferentes e muitas vezes contraditórias ao longo da vida, entre outros. Em conclusão percebe-se que, apesar do secular patriarcalismo e da ênfase dada a questão social da vida doméstica da mulher, esta vem redefinindo suas identidades em relação ao outro e em relação à sociedade.

Palavras-chave: Mulher, Identidades, Sociedade

Lucíola e Rubí: perfis femininos em um romance brasileiro e uma telenovela mexicana

THAIS MARIA HOLANDA JERKE SEVILLA PALOMARES (UFF)

Resumo: Nesta comunicação, buscaremos analisar perfis de mulheres apresentados em locais, épocas e suportes diferentes: o romance brasileiro de José de Alencar, do século XIX, e a telenovela mexicana produzida pela empresa Televisa, no início do século XXI. O tema do feminino está fortemente presente tanto no romance urbano *Lucíola* (1862), do autor brasileiro, quanto na telenovela mexicana *Rubí* (2004), que trazem como protagonista uma mulher, com a qual seu público principal, o feminino, muitas vezes se identifica. A relação entre os romances e as telenovelas, que a princípio pode parecer inusitada, vai

se desenhando através das temáticas abordadas e do público que as consome. Nos romances de Alencar, temáticas como o casamento, as convenções sociais e a conduta feminina aceita serão abordadas com intensidade, além do amor, relacionado à mulher e visto como o grande motor das ações e o único meio de redenção e purificação. A relação amor/dinheiro e o conflito amor x sociedade são muito presentes. A moral também é essencial para que se alcance um final feliz, como nos é ilustrado em *Lucíola* (1862). As histórias de mulheres no romance de Alencar, assim como acontecia nos folhetins, geralmente ratificam a ideia de que elas devem ser puras, virtuosas, boas mães e boas donas de casa. Ainda vemos em várias telenovelas protagonistas com as mesmas características femininas consideradas desejáveis: altruístas, fariam qualquer sacrifício pelo bem do homem que amam ou pelos seus filhos. A relação entre bondade e supressão da sexualidade, presente nas telenovelas, já estava no romance. A mulher que explora a sexualidade geralmente é considerada vilã nessas tramas. Em *Lucíola* (1862), a protagonista é condenada por ser cortesã, o que a impede de ter um final feliz, mesmo depois do arrependimento. Na telenovela *Rubí* (2004), a personagem rompe os estereótipos e maniqueísmos tão comuns em telenovelas: é protagonista e vilã. Nascida pobre e bela, *Rubí* acredita merecer a riqueza e se casa com o noivo de sua melhor amiga para ascender socialmente. Em muitos momentos, *Rubí* se comporta como uma *femme fatale*, um perfil de mulher frequente entre as vilãs de melodramas. É interessante destacar que sua relação com o diabólico e com o pecado se dá justamente através de sua aparência física. Apesar de ser uma vilã, *Rubí*, assim como a grande maioria das protagonistas de telenovelas mexicanas, apresenta muitas das características e valores morais já presentes nos romances de Alencar: o casamento como grande objetivo na busca pela felicidade e a estima à pureza sexual. Assim, percebemos que, apesar da distância de vários séculos e dos diferentes locais e suportes das produções, as obras apresentam diversas características em comum. Ao longo desta

comunicação, decifraremos e exploraremos as relações possíveis ao comparar a abordagem do feminino nesses perfis de mulheres. Para apoiar nossa reflexão, nos baseamos em obras de autores como Bornay (1995), Campedelli (1987), Marco (1987), Oroz (1992), Ribeiro (1996), e Sarlo (1995).

Palavras-chave: perfis femininos, *Lucíola*, *Rubí*, José de Alencar

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Contadoras de histórias: de *Sherazade* a turistas

ANGELI ROSE DO NASCIMENTO (UFRJ/UNIRIO)

Resumo: A presente comunicação desenvolve reflexões sobre a condição da mulher na contemporaneidade, a partir de análise do romance “O Burlador de Sevilha”, de João Gabriel de Lima, homônimo do texto seminal *El burlador de Sevilla* de Tirso de Molina, com destaque para as relações estabelecidas entre personagens que configuram as tramas entrelaçadas e passadas em espaços e tempos diversos num jogo de sedução (Liicenanu, 2014). Numa estrutura narrativa, a princípio, considerada dupla, o narrador de Lima vê-se diante de figuras femininas que desconstroem ou instigam a desconstrução de representações conferidas a mulheres na contemporaneidade. Neste sentido, a dinâmica do jogo (Benjamin, 1987) que transita entre a mentira, da esfera individual, e o simulacro, da esfera social, está presente tanto na estruturação do romance, como nas interações entre personagens, entre leitores e o espaço literário instaurado (Blanchot, 1987). Para tanto, apresentaremos um breve e introdutório estudo do mito literário e ocidental de Don Juan que integra pesquisa anterior sobre o perfil do “buscador” e o legado do mito para os estudos de literatura (Kierkegaard, 2013); em seguida, exploraremos alguns elementos da narrativa com base nos estudos sobre o romance e a poética da pós-modernidade (Hutcheon, 1991), além de situarmos as

personagem femininas em relação a uma tradição de resistência pela contação de histórias e narrativas de si (Arfuch, 2010). De Sherazade a turistas, passando por uma guia de turismo e uma jornalista, o elenco ficcional feminino flui e dá a ver o jogo amoroso entre presenças e ausências de vozes e de corpos no corpus literário em questão. E como forma de conclusão deste trabalho sobre investigação em curso que atualiza e se ramifica a partir de pesquisa seminal sobre leitores, formação e mitos literários (Nascimento, 2007), apresentaremos considerações acerca dos deslocamentos possíveis para compreender algumas emancipações femininas que se baseiam em diferentes gêneros textuais (Bakhtin) e variados modos de ser e estar no mundo das narrativas literárias (Adichie, 2015).

Palavras-chave: mito literário, feminismo, jogo, romance

Integração e inteireza: personagens parenteanas em plenificações do ser

LÍLIAN ALMEIDA DE OLIVEIRA LIMA (UESB)

Resumo: A presença marcante de personagens femininas e a problematização desse universo, abalando estruturas e padrões hegemônicos, é traço forte da produção narrativa da escritora brasileira Helena Parente Cunha. Todavia, o presente artigo pretende pôr em evidência representações femininas que assumam um aspecto diferenciado dentro do cenário das personagens parenteanas, através de um olhar cujo foco está no conhecimento profundo de si, na lógica de integração consigo e com o(s) que estão em volta. O percurso que se pretende fazer, aqui, remete a dois encontros: o primeiro, com o próprio eu, interno; o segundo, com o outro, externo, amoroso, a partir do livro *A casa e as casas* (1996), especialmente com duas das quatro partes em que está dividido o livro de contos: *Viagem ao redor do divã* e *O colar de coral*. Diferentes espaços de (des)abrigo, são apresentados nessa publicação, e, nas duas partes que interessam para este trabalho, vamos percorrer, primeiro, a casa interna, os vãos da memória e a psiquê, e depois notaremos que a morada se faz no encontro com o

amor. Em *Viagem ao redor do divã* a personagem perscruta a si mesma numa viagem psicanalítica, e, desvendando-se, assume a sabedoria e a leveza de saber quem é. Em *O colar de coral* o encontro é com o amante. Inexistem a dominação e a mágoa ancestral que costumam enevoar o relacionamento homem-mulher. Em ambas as partes o tom é suave, mesmo quando as feridas da alma doem. As duas sessões do livro se complementam na medida em que buscando e encontrando a si mesma, conhecendo-se profundamente, a personagem torna-se apta para vivenciar o relacionamento amoroso do alto de sua sabedoria, serenidade e altivez. Estabelecido o encontro consigo, o encontro com o outro se dá sob uma conjuntura distinta, não apenas por conta da personagem feminina, mas também porque o parceiro é outro, diferente do macho dominador. Eles figuram sob um imaginário que tem por base a partilha e o companheirismo, atendem a um “modo de se emocionar” pautado na harmonia dos seres com tudo o que está a sua volta. O percurso por estas casas, estabelecido sobre as bases da pesquisa bibliográfica, será feito em diálogo com a psicanálise e as ideias de Carl Gustav Jung sobre individuação, inicialmente, e com as discussões sobre imaginário pontuadas por Gilbert Durand, posteriormente. Importa também a concepção de “emocionar” estabelecida por Humberto Maturana. Além destes, outros nomes que contribuam para pensar a relação entre homens e mulheres, bem como aquelas relacionadas a uma cultura patriarcal e uma cultura matrística serão evocados na construção deste artigo.

Palavras-chave: Gênero, Representação feminina, Helena Parente Cunha, Integração

Fronteiras do feminismo: memórias autobiográficas no romance caribenho Annie John

LÍVIA MARIA BASTOS VIVAS (UNIVERSIDADE DO MINHO)

Resumo: Ao partilharem princípios conjuntos, os fundamentos pós-coloniais e feministas viabilizaram uma eficiente consonância entre seus componentes de análise crítica. Os cruzamentos entre

essas linhas favoreceram o aparecimento de considerações sociais e culturais articuladas, possibilitando a eclosão de vozes silenciadas. As discussões suscitadas pela teoria pós-colonial possibilitam a reflexão sobre o lugar das mulheres na contemporaneidade, suas diferenças, os vários sujeitos oriundos do feminismo e a própria transversalidade da questão de gênero. As agendas associadas ao feminismo ocidental são vistas com profundo ceticismo no terreno dos movimentos de mulheres pós-coloniais, pois apesar de seus objetivos em comum, o sentimento recíproco de desconfiança faz com que os debates que poderiam ser bem articulados entre os dois grupos sejam acirrados, condição desfavorável à abertura para um diálogo profícuo para os dois lados. Refletir sobre histórias legíveis, alternativas e críticas, mantendo a postura desestabilizadora e intervencionista, torna-se, portanto, decisivo tanto para a crítica pós-colonial quanto para a crítica feminista contemporânea. O fato de a mulher negra reivindicar seus próprios espaços no domínio teórico e histórico culminou para a explosão da produção literária de sua autoria, como também da escrita sobre ela. Essas publicações têm na questão racial um dos eixos basilares para a composição do enredo que entremeia o curso de suas personagens e testemunham que o racismo não apenas opera como ideologia e estrutura distinta, mas também interage com outras ideologias e estruturas de dominação. Para Stasiulis (1987:5), em relação à sociedade branca, as feministas negras “chegaram à quase unanimidade em concordar que a questão racial, mais do que a de gênero, configura a sua primeira fonte de opressão.” O mesmo pode ser dito sobre a opressão de gênero. Nos debates em torno de suas experiências, portanto, tanto estão envolvidos o sexismo quanto o racismo. Esses dois conceitos entrelaçam-se estreitamente e combinam-se, sob certas condições, em um fenômeno híbrido. A eclosão do movimento feminista negro transportou o debate que se travava entre marxistas e feministas sobre as categorias de sexo e classe para outra esfera, provando que o fator raça deveria se articular aos demais, possibilitando que esses elementos coexistissem não apenas quando relacionados às desigualdades

entre homens e mulheres, mas entre os componentes desses grupos, separadamente. Assim, gênero, etnia, raça e classe passaram a ser tratados como elementos distintivos das relações sociais que a partir de uma aplicação simultânea contribuem para dar voz ao subalterno. De maneira a exemplificar tal perspectiva, essa apresentação baseia-se na análise do romance *Annie John*, de autoria da escritora caribenha Jamaica Kincaid, cuja protagonista é uma criança que cresce em uma perspectiva familiar que lhe propicia experimentar situações que possibilitam a apreensão da realidade à sua volta enquanto espaço de subordinação. Ao entrar na adolescência e conduzir-se analiticamente diante dos fatos, a personagem assume uma postura reflexiva e questionadora, a partir da qual sua identidade negra e feminina é aos poucos é moldada, conduzindo-a, portanto, à urgência em romper com os padrões hegemônicos que a posicionam em desvantagem enquanto mulher e indivíduo fruto da opressão colonial.

Palavras-chave: pós-colonialismo, feminismo, racismo, literatura caribenha

Livro de Rute: leitura contemporânea, reflexão literária da condição feminina e a valorização das medidas socioprotetivas presentes na Torá

CLÁUDIA ANDRÉA PRATA FERREIRA (UFRJ)

Resumo: O Livro de Rute, na Bíblia Hebraica, pertence ao corpus denominado Ketuvim (“Escritos”), mas também faz parte das Meguilot (“rolos”). Estes são cinco “rolos” que fazem parte do ciclo de leituras da sinagoga e são lidos nas festividades judaicas: Shir HaShirim (Cântico dos Cânticos) é lido na festa de Pessach (Páscoa), Rute é lido na festa de Shavuot (Pentecostes), Eichá (Lamentações) é lido na festa de Tishá BeAv (memória da destruição do Templo e de Jerusalém), Qohelet (Eclesiastes) é lido na festa de Sucot (Tendas) e Ester é lido na festa de Purim (Sortes). Um particular nas Meguilot é o protagonismo da mulher, que, de certa forma, desafia um “parecer negativo” presente no livro de Qohelet. Na Torá (Pentateuco) encontram-se três categorias de

peessoas que recebem particular proteção de YHWH (Deus) porque são consideradas dependentes: o órfão, a viúva e o estrangeiro (cf. Ex 22,21; Dt 10,18; 14,19; 16,11.14; 24,17-21; 26,12-13), prevendo, inclusive, uma maldição para quem maltratar tais pessoas (cf. Dt 27,19). O livro de Rute, nesse sentido, é particularmente relevante para o estudo sobre a condição feminina e as medidas socioprotetivas previstas na Bíblia. Rute é viúva, pobre, talvez órfã de pai (cf. Rt 1,8) e que, ao se decidir por seguir e permanecer ao lado de sua sogra Noemi, torna-se também estrangeira em Belém por ser moabita. Rute, na dinâmica da Bíblia Hebraica, é uma espécie de memória que evoca o sentido da libertação do cativeiro egípcio. Na sua pessoa, a aplicação da legislação de cunho social, prevista para proteger os mais necessitados, ganha novos contornos éticos. A personagem Rute, como protagonista do livro que leva seu nome, destaca a ação da mulher no resgate de sua dignidade e na participação das lutas libertárias do seu povo. A análise da Bíblia do ponto de vista da mulher ocorre há mais de cem anos, mas somente nas últimas duas décadas começou a ganhar visibilidade e relevância na área de estudos bíblicos, além de acrescentar novos critérios de investigação – destacaremos os estudos literários e de narrativa. De tal forma, procuramos evidenciar a realidade e o significado da experiência feminina e as questões sociais que o livro reflete. Alguns importantes conceitos são relembrados tais como as leis que tratam de questões sociais que se referem ao pobre, ao estrangeiro, aos órfãos e viúvas, trabalhadores, atitudes de tolerância e benevolência (cf. Lv 19,9-10; 23,22 e Dt 24,20-22). A narrativa de Rute torna-se, portanto, uma espécie de resgate da legislação social que objetiva reestabelecer procedimentos justos para com a camada social menos favorecida. Ênfase: Reflexão linguística e literária do livro de Rute: a condição feminina e a valorização das medidas socioprotetivas presentes na Bíblia Hebraica. Evidenciar a realidade e o significado da experiência feminina e as questões sociais que o livro reflete.

Palavras-chave: Bíblia Hebraica e Livro de Rute, Bíblia e Mulher, Protagonismo Feminino, Medidas Socioprotetivas

O papel da educação feminina e o cerceamento da liberdade da mulher em Maria Benedicta Bormann/Délia e Caroline von Wolzogen

JULIANA OLIVEIRA DO COUTO (UERJ)

Resumo: Na Alemanha, na virada do século XVIII para o XIX, e no Brasil, entre os séculos XIX e XX, imperava, em meio à ascensão e consolidação da burguesia, um regime patriarcal que ditava os critérios de “feminilidade” e “virtude” e relegava às meninas uma educação superficial, se comparada à dos meninos. No cerne dos romances Agnes von Lilien e Lésbia, de Caroline von Wolzogen e Maria Benedicta Bormann (pseudônimo Délia), respectivamente, encontra-se a questão da educação feminina no período e o cerceamento da liberdade das mulheres provocado pelas convenções sociais. No que se refere ao conteúdo dos romances em questão, observa-se que Lésbia surge como uma espécie de grito de liberdade em relação às demandas da moral e das regras sociais. A própria narrativa se torna uma forma de emancipação impraticável no mundo real, ou seja, a reação contra a norma estabelecida se dá no plano da escrita, visto que pouco poderia ser feito no plano das ações concretas. O escrito de Caroline von Wolzogen, por sua vez, apresenta uma atmosfera mais sentimental, ligada à exploração da virtude, o que de modo algum anula seu poder reflexivo, afinal, a questão da educação feminina é um dos pontos centrais da obra. Vale ressaltar que a questão da virtude se configura como um ponto crucial na temática do papel feminino, dado que as mulheres eram ostensivamente incentivadas a ser um modelo de conduta impecável. Vale salientar, no que concerne ao período histórico retratado, que a alteração da estrutura social, fruto da ascensão da burguesia, que provocou uma alteração nos valores vigentes, não ofereceu às mulheres burguesas uma libertação, como a que seus maridos, pais e irmãos experimentaram ao sobrepor a ideologia burguesa à decadência aristocrática. As mulheres ainda se encontravam atreladas a regras rígidas criadas por uma sociedade concebida por homens e para os homens. Às mulheres incumbia apenas o papel social de mãe e esposa dedicada. Aspiraões intelectuais eram “naturais” somente

aos homens. Por esta razão, relegava-se às meninas uma educação superficial, destinada apenas às suas funções sociais, nitidamente submissas. Devido a estes fatores, observar o peso da voz feminina em um período de transição, que culminou na versão contemporânea do patriarcalismo, oferece uma visão panorâmica acerca de uma problemática que se encontra longe de ser esgotada. A análise destes escritos se apresenta, por conseguinte, como item essencial a um estudo relativo à implementação da sociedade burguesa e o discurso acerca da imagem da mulher conforme comparece na literatura.

Palavras-chave: Literatura Feminina, Educação feminina, Lésbia, Agnes von Lilien

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

“Escritor não tem sexo, ou melhor, tem os dois”: a mulher e a escrita literária nas crônicas de Clarice Lispector

MARIA ELENICE COSTA LIMA LACERDA (UFRJ)

Resumo: Este trabalho pretende, a partir da leitura e análise da crônica “A entrevista alegre”, do livro *A descoberta do mundo* (1999), de Clarice Lispector, abordar questões acerca da autoria e da representação da mulher tanto no cenário literário quanto nas outras esferas sociais. Como se sabe, Clarice se destacou como umas das principais escritoras brasileiras do século XX. Isso se deve principalmente ao fato de apresentar uma escrita inusitada que inaugurou procedimentos até então nunca experimentados na literatura brasileira, tais como a epifania e o monólogo interior. Ao mesmo tempo, a autora viveu o dilema de ser esposa de diplomata e passar longos períodos distante do Brasil, da família e dos amigos. Além disso, teve que se desdobrar para cumprir a dupla jornada de escritora e mãe de dois filhos, preocupação cada vez mais frequente em seus textos, em especial após o divórcio, período em que teve que escrever profissionalmente para

sobreviver. Esses dilemas biográficos vez ou outra são encontrados em seus escritos, principalmente em suas crônicas e em suas cartas, fazendo-nos refletir sobre as condições das mulheres na sociedade e os constantes deslocamentos a que são expostas. Não se trata de uma vitimização do sexo feminino, mas de apontar algumas das inúmeras dificuldades enfrentadas pelas mulheres para conseguirem um lugar privilegiado, acentuadas devido aos valores estabelecidos no patriarcalismo e que perpetuam até os dias atuais. A pesquisa é de caráter teórico-biográfico e pautou-se no pensamento das seguintes estudiosas: Elisabeth Badinter, Maria Rita Kehl, Maria Ângela D’Incao, Ruth Silviano Brandão, Virgínia Woolf, entre outras, sobre a história das mulheres; e Elódia Xavier, Lucia Helena, Nádia Battella Gotlib, Leyla Perrone Moisés, Regina Lúcia Pontieri, Vera Moraes, entre outras, sobre a escritura de Clarice Lispector. De modo geral, pode-se concluir que é a partir do seu lugar social de esposa, mãe, dona-de-casa, entre outros, que a mulher se depara com o não-lugar, num incessante duelo entre o que a sociedade espera das mulheres e o que elas almejam conquistar para si. Desse modo, tentando satisfazer aos dois lados, a mulher findou acumulando, principalmente em meados do século XX até à contemporaneidade, diversas funções como, por exemplo, o trabalho fora de casa, a leitura, a escrita e alguns raros momentos de devaneio. Por isso, a mulher clariciana é parte do comum, do dia a dia. Afinal, é através da excentricidade de sua escritura que Clarice consegue não apenas imaginar a mulher do cotidiano, mas transpô-la às artimanhas do imaginário do leitor.

Palavras-chave: Feminino, Escritura, Gênero, Literatura

O erótico/obsceno na construção das identidades femininas na obra *A Via Crucis do Corpo* de Clarice Lispector

JOABE NUNES DOS SANTOS (UFPE)

Resumo: Na sociedade contemporânea, o feminino tem sido alvo de inúmeras discussões. Sob diversas perspectivas e olhares diferenciados, aquilo que se diz feminino tem encontrado espaço e

ganhado visibilidade. A mulher desta sociedade aparece como um ser em busca de empoderamento e libertação. Entretanto, tratar da mulher no contexto da sua sexualidade, expor experiências eróticas e obscenas, ainda que sejam vivenciadas somente no campo do imaginário, é um desafio que Clarice Lispector aceitou tratar em sua escrita, especificamente nos contos do livro *A Via Crucis do Corpo* (1974). Esse trabalho tem como temática a investigação do erótico e obsceno como fator constitutivo de determinadas personagens dos contos que compõem tal obra. Portanto, o erótico e obsceno estão ali presentificado, seja por meio de falas ou de atos. Clarice Lispector, aborda questões que são tabus para a sociedade, e a mulher está no centro desses tabus. Trazendo à tona situações obscenas e eróticas que servem como mote para uma construção de uma identidade feminina oposta, em que a mulher se torna dona do seu corpo. Os objetivos desse trabalho são investigar a importância do erótico e obsceno como fator de construção identitária feminina nos contos do livro levando a uma observação de sua valoração estética, também como fator construtivo dessas narrativas. Procurar-se-á discutir a relevância de uma literatura feminina contemporânea brasileira e consequentemente a construção das identidades femininas expressivas nas obras de Clarice Lispector. O presente trabalho tem como centro a análise tematólogica dos contos que compõem o livro *A Via Crucis do Corpo* (1974), sob uma perspectiva dos estudos culturais, em que as representações identitária e de gênero serão estudadas a partir de teóricos que contribuem com essa temática. Serão analisadas algumas das principais personagens do livro tendo em vista a evidência do erótico e obsceno como fatores de construção de uma identidade feminina. O aporte teórico para análise dos dados do trabalho trará em seus escopos estudiosos que compreendem a mulher em seu contexto histórico-social, entendendo a identidade dessa mulher e todo o seu processo de formação como resultado de construções sociais impostas, das quais necessita libertar-se. Nesse sentido, teóricos como Georges Bataille (1987), Michel Foucault (1988), Simone de

Beauvoir (1960), Elaine Showalter (1994), Stuart Hall (2014), entre outros, contribuirão profundamente para entender como a literatura de Clarice Lispector expõe essas identidades. A contribuição deste estudo firma-se na possibilidade de construir um perfil identitário da mulher a partir de um olhar para o erótico e obsceno como fator inerente a essa construção, aprofundando a compreensão da relevância do feminino em Clarice Lispector.

Palavras-chave: Feminino, Erótico, Obsceno, Clarice Lispector

Velhice, gênero e invisibilidade segundo Clarice Lispector: uma “Viagem a Petrópolis”

LÍLIAN LIMA GONÇALVES DOS PRAZERES (UFES), ADÉLIA MARIA MIGLIEVICH RIBEIRO (UFES),

Resumo: Clarice Lispector é uma das escritoras de grande relevância no universo literário brasileiro, tendo sua obra dado margem a vários estudos, seja no que tange à reflexão sobre a escrita, seja sobre as questões sociais e de gênero que leitores e críticos identificaram em sua produção. É tocante o arcabouço de temas sobre os femininos que ela conseguiu fazer reverberar e chegar ao leitor através de sua ficção. No entanto, destacamos que longe está em Clarice a pretensão de se fazer porta-voz das mulheres oprimidas. Ainda assim ao ler suas histórias, podemos perguntar se seu discurso, na medida em que cativa leitores e leitoras, pode contribuir nos processos lentos de descolonialidade do poder, do saber e do ser numa perspectiva de gênero. Esta questão nos leva a pensar no papel de Clarice Lispector enquanto mulher, escritora, intelectual que viveu numa sociedade patriarcal, passou pela diáspora, foi uma estrangeira em muitas terras e se encontrou no Brasil. A autora buscou na palavra escrita uma forma de expressão, muito provável, de sua própria subalternidade e estranheza no mundo. Para refletir sobre a escrita de Lispector sobre o tema citado, esse trabalho, versa sobre a velhice a partir da leitura e análise do conto “Viagem a Petrópolis”, publicado no livro *A legião estrangeira* (1964), que tem como personagem central uma mulher

idosa conhecida por Mocinha. Na realidade, seu nome é Margarida, uma senhora miúda, seca, que não sabia que estava só no mundo. Ela vivia de casa em casa, mal conhecia os que a acomodavam, foi levada do Maranhão para o Rio de Janeiro por uma mulher que lhe prometeu um lugar num asilo, no entanto, abandonou-a quando ela chegou. No conto, a personagem Mocinha encontra-se na casa de uma família, já há algum tempo. A família quer se livrar da senhora levando-a para Petrópolis e abandonando-a por lá. Narrado em terceira pessoa, a vida de Mocinha vai se compondo para o leitor através da perspectiva do narrador. Utilizamos na análise alguns insights da chamada crítica pós-colonial que adaptamos para a singularidade da narrativa de maneira que, embora se trate da história de um Brasil urbano, julgamos férteis as noções de “silenciamento” e “subalternidade” da indiana Gayatri Spivak que relacionamos à percepção da “colonialidade” (do poder, do saber, do ser) dos descoloniais Aníbal Quijano e Maldonado-Torres. Nosso intento é perceber a velhice, ainda mais a feminina quando solitária, como experiência de abandono e itinerância que Clarice com especial sensibilidade captura mediante as impressões da personagem.

Palavras-chave: Velhice, Clarice Lispector, Colonialidade, silenciamento

Crescimento e libertação das personagens femininas em “O inventor de flores” e O Mágico de Olho Verde, de Alciene Ribeiro

NATÁLIA TANO PORTELA (UFMS)

Resumo: Alciene Maria Ribeiro Leite de Oliveira, neste trabalho chamada como Alciene Ribeiro, iniciou sua carreira de escritora nas páginas do Suplemento Literário de Minas Gerais em 1976. Seu primeiro livro publicado, *Eu choro do palhaço*, ganhou o prêmio “Galeão Coutinho” pela União Brasileira de Escritores. Apesar desse e de outros prêmios conquistados, a obra de Alciene Ribeiro seguiu o mesmo curso de diversas outras obras de autoria feminina: aclamação inicial, com posterior esquecimento por parte da crítica. O artigo empreende algumas reflexões acerca do conto “O inventor de flores” (1982) e da novela infanto-juvenil *O Mágico de Olho Verde* (1984), de

Alciene Ribeiro. Ambas as obras tratam, de formas diferentes – em concordância com as características distintas de cada gênero literário – do mesmo enredo. A protagonista, uma criança, muda-se para uma cidade maior com a mãe e o irmão quando da morte do pai. Nossa hipótese é a de que a construção do narrador e o foco narrativo no conto e, principalmente, na novela sugere um amadurecimento da protagonista, com consequente aumento da objetividade em seu modo de ver. Além disso, observa-se a libertação da mãe de uma situação de opressão dentro do relacionamento com o pai. Tem-se, por exemplo, em *O Mágico de Olho Verde*, o crescimento pessoal da menina, com seu amadurecimento, e o crescimento pessoal da mãe, com sua libertação, sendo que o primeiro é retratado pela diminuição gradativa da subjetividade e emprego de primeira pessoa com foco na personagem Mila, enquanto o segundo é retratado pelo aumento gradual do foco na personagem Carmem. Utilizando-se de técnicas inversas de emprego do foco narrativo, Alciene Ribeiro consegue apresentar o crescimento pessoal de duas personagens numa mesma narrativa. Apesar de se tratarem de um conto e de uma novela infanto-juvenil, as obras reúnem características de *bildungsroman*, um romance de formação. Para este estudo, utilizamo-nos dos preceitos de Wayne Booth e Mieke Bal acerca do narrador e do foco narrativo, além das reflexões de Herbert Marcuse a respeito da sexualidade e a sua vinculação com os arranjos sociais e históricos de dominação e controle. Este estudo se justifica porque a temática do amadurecimento do ser humano e a temática da libertação de uma situação opressora são recorrentes na literatura mundial, mas raramente são retratadas a partir do ponto de vista feminino. Na obra de Alciene Ribeiro, é constante a temática das relações entre gêneros e da posição da mulher na sociedade, com a percepção feminina da realidade e das relações sociais

Palavras-chave: Contos, Alciene Ribeiro, Literatura Brasileira Contemporânea

Representações da mulher em “Anel de vidro”, de Ana Luísa Escorel

THIAGO FELÍCIO BARBOSA PEREIRA (UFPI), MARGARETH TORRES DE ALENCAR COSTA (UESPI)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a representação do discurso feminino e seus efeitos na obra Anel de vidro, da escritora brasileira Ana Luisa Escorel, que narra a história de quatro cônjuges sob o ponto de vista de ambos. Tema explorado desde os tempos bíblicos, a traição é o grande cerne do romance que narra quatro vieses, permitindo que cada um dos personagens narradores protagonistas relate sua leitura do adultério. Este trabalho, foca apenas nas vozes femininas, mais precisamente nos capítulos da “mulher traidora” e da “mulher traída”, uma vez que são estas vozes que nos permitem observar como a mulher assume um papel preponderante na narrativa ficcional brasileira contemporânea demonstrando desta forma o empoderamento de sua conduta, ações e destino. Para esta análise, o trabalho parte da seguinte questão: De que forma as personagens femininas, de O Anel de Vidro constroem, através de suas atitudes e comportamentos uma resposta aos padrões e códigos impostos pelo lado masculino? Assim, durante boa parte da narrativa, a temática do gênero faz-se de modo proeminente, sobretudo, nas vozes femininas, provocando indagações e reflexões acerca da posição da mulher no matrimônio. Estas, serão aqui analisadas considerando o conceito de erotismo, de Bataille (1987), o qual concebe-o como uma experiência interior do ser humano, assim como também uma aprovação da vida; Butler (2003), quando ela se refere aos problemas de subversão da identidade feminina, bem como sua discussão a respeito do gênero; Benjamin (1994) e suas contribuições acerca do narrador e seu papel na narrativa, uma vez que a narrativa aqui analisada apresenta em sua composição duas narradoras femininas e Spivak (1999), cuja contribuição teórica aborda a possibilidade de discurso e voz do subalterno. Desse modo, a representação do feminino no referido texto literário apresenta-se como uma expressão de empoderamento das

mulheres e construção de sua identidade enquanto mulher em relação ao universo masculino.

Palavras-chave: Empoderamento Feminino, Anel de vidro, Literatura contemporânea, Ana Luisa Escorel

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 6

(Meta)autoficção: a performance do eu em Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo

TELMA BORGES (UNIMONTES)

Resumo: A belorizontina Conceição Evaristo é destaque na literatura brasileira contemporânea pelo enfrentamento que faz em seus textos, ao se lançar no debate de temas tão candentes sobre a condição da mulher negra, seja do ponto de vista do gênero, seja da cor. Em livros como Ponciá Vicêncio, Becos da memória e Insubmissas lágrimas de mulheres essas questões emergem não só para recontar a história que foi, por séculos silenciada, mas também para contar, como um gesto inaugural que, não raro em primeira pessoa, reposiciona a ordem do discurso, dando voz não só a um passado silenciado, mas também abrindo caminhos para um futuro no qual a voz que conta e a mão que escreve estejam irmanadas num mesmo movimento de empoderamento feminino. Insubmissas lágrimas de mulheres, cuja primeira edição saiu em 2011, reúne treze relatos de mulheres negras, todas em algum momento vítimas de violência, ou por serem negras, ou por serem mulheres ou por serem pobres. Mas o que poderia ser um conjunto de relatos de mulheres vitimizadas por sua condição sócio-histórico-cultural subalternizada, é a história de superação de mulheres que ousaram enfrentar e superar os desafios a elas impostos e, mais do que isso, ousaram relatar para uma narradora que se desloca no tempo e no espaço em busca de mulheres que queiram dar voz a suas experiências,

às quais a narradora dá letra. Neste trabalho, gostaria de discutir uma questão teórica que me parece emergir dos escritos de Conceição Evaristo, e tem a ver com a possível relação a ser estabelecida entre quem conta, quem ouve, quem escreve e quem assina a autoria do livro. Para tanto, valho-me de duas expressões comuns à cultura angolana do contar e/histórias: o missosso e a maka. Enquanto o missosso é aquela narrativa percebida como “totalmente tradicional”, no sentido de que é produto apenas do imaginário, a maka é uma forma de narrativa que relata um acontecimento representado como tendo sido vivido pelo contador ou por pessoa de sua intimidade ou por alguém de quem se ouviu falar. Minha questão neste trabalho é a de que essas duas formas estão conjugadas nos contos de Insubmissas lágrimas de mulheres da seguinte forma: em cada um dos treze relatos há duas narradoras em primeira pessoa, aquela que se desloca no espaço, em busca das (e) histórias que ouviu e escreve, e aquelas que contam suas próprias (e) histórias. A essas narradoras se junta uma terceira, também em primeira pessoa, que estabelece relações entre os relatos e se inscreve no livro como Conceição Evaristo. Diante do exposto, minha hipótese é a de que os procedimentos estéticos manuseados pela autora evidenciam não somente uma preocupação com a “griotização” da expressão narrativa, recuperando na escrita os procedimentos característicos da oralidade, mas também um procedimento de meta-autoficção, uma vez que o conjunto de histórias que compõem o livro discute o próprio ato de criação literária, além de sua unidade poder ser pensada como a décima quarta história, aquela que, a despeito de sua coletividade, ou até mesmo por isso, conta a experiência da própria autora, que se inscreve enquanto escreve, como disse em entrevista concedida a Eduardo Assis Duarte: quando escrevo sou eu, Conceição Evaristo, eu-sujeito a criar um texto e que não me desvencilho de minha condição de cidadã brasileira, negra, mulher (...).

Palavras-chave: Conceição Evaristo, Performance narrativa, (Meta) autoficção, Insubmissas lágrimas de mulheres

Dialogando entre mulheres: análise comparativa sobre a representação da violência contra a mulher nas obras *Umas duas*, de Eliane Brum e *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo

LUCIANE DE LIMA PAIM (UFSM)

Resumo: Consideramos importante ressaltar que esse trabalho faz parte de uma proposta de pesquisa originada a partir de percepções de que por mais que avanços tenham sido conquistados, infelizmente, a sociedade brasileira ainda vive uma epidemia de violência contra a mulher. Mesmo com a sanção da Lei Maria da Penha, em 2006, hoje, o histórico desse tipo de violência só tem aumentado. Informações diárias e recorrentes apontam quanto o passado ainda está impregnado em nosso dia a dia, pois apesar de muito se ler em revistas e jornais atuais sobre a violência contra a mulher, sabe-se que ela já existia em séculos passados. Felizmente, a Literatura, desde os primórdios e cada dia de forma mais inovadora, tem nos presenteado com obras que abordam esse tema, para que assim esse tipo de violência seja motivo de estudo e discussão, com o propósito de fazer o leitor refletir sobre isso. Justifica-se assim, então, o motivo de questionar, estudar e analisar um assunto presente em nosso cotidiano, pois o corpus deste estudo são as obras “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo e “Uma Duas”, de Eliane Brum. Duas autoras totalmente diferentes, Brum e Evaristo, acabam se aproximando por trazerem aos seus leitores fatos sobre a vida de personagens femininas que sofrem ou sofreram algum tipo de violência. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar comparativamente as obras “Uma duas” (2011), de Eliane Brum, e “Olhos D’água” (2014), de Conceição Evaristo, com foco nas formas como cada autora descreve os tipos de violência que as personagens femininas sofrem durante a narrativa, e quais os principais tipos de violência contra a mulher aparecem nas obras, além de problematizar questões que envolvam as relações entre racismo, violência contra a mulher, preconceito de gênero e de condição social; investigar a questão de a mulher negra ser mais violentada ou não do que a mulher branca; analisar a diferença de

escrita, sobre esse tipo de violência, entre autoras de etnias diferentes; contribuir com a maior visibilidade da Literatura Contemporânea escrita sobre a violência contra a mulher, analisar a representação dessa violência nos textos literários contemporâneos, e identificar os recursos estruturais e estéticos utilizados para a representação da violência contra a mulher nas narrativas. A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa é de caráter bibliográfico e comparativo, pois serão abordados conceitos teóricos e críticos dos Estudos Comparados, Violência, Violência contra a mulher e Racismo, em diálogo com o corpus a ser analisado, e para isso serão estudados teóricos como Tânia Carvalhal, Yves Michaud, Carlos Magno Gomes, Margareth Rago, Karl Schollhammer, Pierre Bourdieu, dentre outros. Assim, pretende-se com esse estudo entender que a literatura representa a violência tal como seria na realidade, contudo ela não é a própria realidade. Ademais, seja em contos ou romances, é possível perceber que, mesmo que algumas vezes apareça de forma implícita, a violência contra a mulher existe, sim, e se junta a isso a imprescindibilidade em estudar e discutir esse assunto.

Palavras-chave: Análise Comparativa, Representação do Feminino, Violência contra a Mulher, Literatura de Autoria Feminina

Débora Garcia: Poesia e luta feminista, “A negra quer falar/ sua condição denunciar”

JULIANA CRISTINA COSTA (UFJF)

Resumo: A poesia contemporânea negra está sendo configurada por diversas vozes que através da escrita esboçam como se dá a interação dos sujeitos negros com o mundo social, este que é marcado por relações assimétricas de poder e também permeado de ideologias que fomentam desigualdades, como a racial e a de gênero por exemplo. A escrita de mulheres negras também se apresenta plural, sendo os textos literários das mesmas manifestando temáticas que esboçam a experiência de quem possui uma dupla condição, o de mulher e o de negra, como

expressou Conceição Evaristo em “ Gênero e Etnia: uma escrevivência de dupla face”, onde a escritora e crítica literária também manifesta que a maioria das representações literárias da mulher negra ainda é embasada na escravidão. Sueli Carneiro (2003) expressa que as mulheres negras são retratadas com “antimusas da sociedade brasileira”, sendo que no âmbito geral das lutas feministas a questão racial ainda não se tornou algo relevante. As representações literárias das mulheres negras sobre o seu universo de experiência rompem com os estereótipos, tanto raciais como os de gêneros, demonstram que os textos femininos negros contemporâneos promove uma reescrita do feminino considerando as relações raciais. A palavra se torna um instrumento de luta e de denúncia para estas mulheres, como forma de romper com os mecanismos de silenciamento que lhe são impostos. Miriam Alves em um famoso poema manifesta que “ Eu falo/ A minha fala é um falo/ que atravessa suas certezas culturais”, neste jogo de palavras , fala e falo, a potencialidade do ato de falar, do discurso, para o enfrentamento das questões que envolve cultura e sociedade. A partir da análise dos poemas de Débora Garcia; poeta, cantora e atriz paulista, presentes no livro Coroações (2014), este trabalho visa demonstrar a construção poética como ato de luta, resistência, sendo a palavra, poética ou não, uma possibilita de ser. Em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), Frantz Fanon expressou que falar é existir absolutamente para o outro” e a escritora e ativista Audre Lorde manifestou que ao transformar o silêncio em linguagem em ação se promove um processo de auto- revelação. Sendo assim, as escritas tanto de Débora Garcia como de outras escritoras negras se tornam enfrentamento de processos de silenciamento e exclusão social. Com a palavra, as mulheres negras promovem pela poesia um ato de resistência e luta. Um exemplo disto é manifestado no poema “ Academia”, presente na obra em análise e já citada acima, onde Débora manifesta que: “A negra quer falar/ sua condição quer denunciar.”

Palavras-chave: Luta feminista negra, Literatura afro-brasileira, direito a voz, relações raciais

“Já fizemos muitos minutos de silêncio, agora serão gerações e gerações de barulho”: as poesias das mulheres negras das periferias de São Paulo

RENATA DORNELES LIMA (UFRJ)

Resumo: O manifesto escrito por Ferréz na edição especial da Revista Caros Amigos/Literatura Marginal, em 2001, promove um movimento inaugural de mobilização para que os sujeitos marginalizados/periféricos deixem de ser objetos de estudo e passem a ser atores da produção literária. A periferia não passa a ter voz a partir desse manifesto - cenas culturais sempre estiveram presentes nos diversos territórios denominados periféricos -, no entanto, o movimento de Reginaldo Ferreira da Silva - nome de batismo de Ferréz -, atenta para as produções de escritores originários desses territórios. Há, nesse manifesto, uma voz coletiva, uma espécie de voz comunitária, como uma oportunidade de todos falarem por meio de seu discurso. Todos periféricos. Majoritariamente homens. O que pretendemos, neste trabalho, é discutir não somente a importância desse movimento para a cena literária brasileira, mas como esse discurso impetrado por Ferréz não pensou a voz da mulher negra periférica, mostrando uma diferenciação no que diz respeito ao gênero e não percebendo a relevância dessa voz. Apenas nove mulheres foram convidadas a escrever para as edições da revista em um universo de quarenta e oito autores. Escolhemos para esse trabalho a produção literária de quatro jovens escritoras negras de São Paulo: Luz Ribeiro, Mel Duarte, Jenyffer Nascimento e Elizandra Souza, o que, a partir dessa escolha, nos faz excluir outras inúmeras escritoras. As poetisas citadas serão objeto de estudo por apresentarem um discurso muito semelhante, em seus poemas, no que tange os temas abordados: negritude, periferia, feminino e feminismo. São temas que nos são caros e importantes para pensar um movimento literário periférico que esteja para além de uma literatura centrada em produções apenas de homens. A tríade que nos importa neste trabalho é periferia/negritude/feminino, como uma forma

de dar espaço e voz a um grupo social que está “à margem da margem da margem” por serem essas poetisas mulheres, negras e periféricas e, portanto, apresentam questões, em textos diversos, díspares em relação a produções literárias dos autores periféricos já canonizados no movimento da literatura marginal. Nosso objetivo, neste trabalho, não é analisar as obras dos autores periféricos, mas contrastar as duas linhas de escrita inseridas no que se autointitulou Literatura Marginal evidenciando a importância da escrita dessas mulheres como forma de autorreconhecimento e de construção de uma identidade particular. As escritoras escolhidas para objeto deste trabalho promovem a figura da mulher para além da figura da mãe e de um mero corpo sexualizado. Tomam para si a incumbência de discutir a figura do feminino no âmbito social, problematizando todas as questões primordiais da mulher. É a reivindicação da tradição da negritude a partir do olhar feminino, opondo-se e desafiando a centralidade masculina do discurso.

Palavras-chave: feminino, feminismo, negritude, periferia

Subversões imaginárias e representações do feminino em *Eu, Tituba, feitiçeira negra de Salem*, de Maryse Condé

IRENE CORRÊA DE PAULA SAYÃO CARDOZO (UFF)

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo fazer uma análise do romance *Eu, Tituba, Feitiçeira Negra de Salem*, da autora francófona Maryse Condé, que coloca em cena uma personagem histórica que foi julgada por bruxaria em Salem, no ano de 1692, sobre a qual pouco se sabe, além dos poucos registros de seu julgamento por feitiçaria. Condé re-cria sua trajetória através de um entrelaçar de vozes que nos leva a crer em uma sobreposição de perspectivas, da autora (Condé) e da narradora em primeira pessoa (a “feitiçeira” e escrava Tituba), da história e da ficção, da biografia e da autobiografia. Trata-se de pensar como a força sobrenatural/a magia, sobretudo através da figura da mulher-feitiçeira, transgressora e questionadora dos mecanismos de poder (presente no realismo mágico) e a dramatização do “eu”

pela escrita (presente nesta “autoficção póstuma”) contribuiriam para perturbar e desestabilizar enquanto centralidade a identidade social e historicamente imposta da narradora, construída a partir de representações estereotipadas (mulher, escrava, negra, feiticeira, etc.), para dar voz ao sujeito-narrador a partir de novas e inusitadas elaborações subjetivas e identitárias. A presença do sobrenatural na obra de Condé potencializa a expressão do desejo de fabulação da origem e de transgressão, não somente da realidade do texto, mas das diversas formas de opressão inerentes às relações de poder, sobretudo às que dizem respeito ao gênero e à etnia.

Palavras-chave: Alteridade, Escritas do feminino,, Realismo mágico, Feiticeira

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 7

Sor Juana Inés de la Cruz: empoderamento feminino no século XVII

MARGARETH TORRES DE ALENCAR COSTA (UESPI)

Resumo: SOR JUANA INES DE LA CRUZ: EMPODERAMENTO FEMININO NO SÉCULO XVII Margareth Torres de Alencar Costa* Juana Ramírez de Asbaje conhecida internacionalmente como Soror Juana Inés de La Cruz, natural de Neplanta (México) nas proximidades de dois vulcões e que segundo seu primeiro biógrafo Diego de Calleja nasceu dia 12 de novembro, no século XVII, período onde o México era colônia da Espanha, a Igreja e o Santo Ofício tinham o poder sobre as almas, as consciências e também na política da Colônia. O primeiro texto auto ficcional escrito sobre Soror Juana foi de autoria de suas próprias mãos no texto intitulado Respuesta a sor Filotea de la Cruz (1700), texto escrito para realização de sua auto defesa sobre uma outra carta escrita pela monja e que havia sido publicada pelo bispo de Puebla, Manuel Fernandez de Santa Cruz intitulado por este de Carta Atenagórica no

qual sóror Juana criticava o Sermão do Mandato de autoria do padre Antonio Vieira. Já aqui é possível inferir que neste contexto onde uma freira tinha que ser obediente, silenciosa e não poderia falar nem produzir textos sobre temas como este esta mulher admirável deu a si mesma o direito de voz, de produzir e divergir sobre tema polêmicos, sobre sua vida, seu destino, mudou sua vida e entrou para a historia da Literatura Hispano americana e foi exemplo de empoderamento no século XVII, mesmo que nesta época esta palavra não tenha sido utilizada com este sentido mas o significado pleno da palavra hoje e naquela época foi alcançado por soror Juana Inés de la Cruz. O objeto de estudo será a Carta Respuesta a Sor Filotea de la Cruz da autoria de soror Juana. Quando ainda era uma criança foi viver com seu avô materno, onde descobriu o mundo da biblioteca que lhe abriu as portas para seu primeiro empoderamento no que diz respeito ao conhecimento científico. Com a morte deste soror soror Juana Ines vai viver com sua tia materna dona María Ramírez e o marido desta Juan de Mata, que a apresentaram ao mundo da corte vice reinal. As consequências positivas desta mudança foi exatamente a possibilidade de acesso ao estudo, fato que aumentava mais e mais sua sede pelo conhecimento. Depois de oito anos com os Mata torna-se dama de companhia da Vice Rainha Dona Leonor Carreto esposa do Vice rei Don Antonio Sebastián de Toledo, marques de Mancera. Assim o objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão dos mecanismos utilizados por Soror Juana Inés de La Cruz para dar-se voz, alcançar seus direitos de mulher que não aceitou o destino imposto partindo do questionamento: de que artifícios se valeu soror Juana Inés de la Cruz para construir sua identidade de mulher e escritora no século XVII? Para realização deste estudo foram utilizadas as contribuições de: Lejeune (2008), Willemart (2009), Mireaux (2005), Bosi (1994) Gomes (2004) e Costa (2013) no que diz respeito ao estudo da autobiografia e auto ficção em Alatorre (2007) Paz (1992) no que diz respeito ao contexto social e político no qual viveu e produziu soror Juana Inés de La Cruz e na perspectiva de gênero, recorreremos a Simone de Beavouir (1980) e Judith Butler (2016). Os resultados obtidos

revelaram que soror Juana construiu sua identidade, efetivamente lançou mão de armas poderosas para seu empoderamento embora tenha sido impedida de realiza-lo plenamente devido ao contexto social e político adverso às mulheres no século XVII. Palavras chave: Soror Juana Ines de la Cruz; Empoderamento feminino; Século XVII; Respuesta a Sor Filotea de la Cruz.

Palavras-chave: Soror Juana Ines de la Cruz, Empoderamento feminino, Respuesta a Sor Filotea de la Cruz, Século XVII

A dança dos outros: nação e gênero em *Dancing girls*, de Margaret Atwood

SEBASTIÃO ALVES TEIXEIRA LOPES (UFPI)

Resumo: O conto “Dancing girls”, da aclamada escritora canadense Margaret Atwood, encontra-se na homônima coletânea publicada em 1977. Trata-se de uma curta narrativa que aborda as nuances identitárias de um Canadá pós-colonial e multicultural, ressaltando a incomunicabilidade entre os sujeitos, seja pela questão das diferenças culturais, seja pela diferenciação de gênero. No conto, o feminino encontra-se inserido nessa dupla faceta de incomunicabilidade, que ora se manifesta pela incapacidade de lidar com as alteridades culturais típicas de uma sociedade multicultural como a canadense, ora pela incapacidade de comunicação entre homens e mulheres perceptível na sociedade pós-moderna da segunda metade do século XX. Nesse sentido, o feminino encontra-se diretamente relacionado ao projeto de nação, em especial através da personagem da Sra. Nolan, que transformou seu casarão em pensão para estudantes internacionais, metáfora interessante para descrever o Canadá multicultural do pós-II Guerra Mundial, assim como a uma complexa teia de relações de gênero, em que o feminino é comodificado e silenciado. O objetivo desta comunicação é, portanto, observar no conto “Dancing girls” de Margareth Atwood essa dupla abordagem do feminino que, por um lado, apresenta indícios dos desafios de um Canadá multicultural em

constituir-se enquanto nação e, por outro, evoca a construção de uma sociedade mais justa em termos de gênero, em que o feminino não seja tão reprimido e alienado. Mabiana Camargo e Neide Pinheiro (2014) ressaltam os conflitos que surgem das relações sociais que envolvem diferenças culturais típicas de sociedades multiétnicas, observando que nesses casos sempre há um Eu que produz o Outro, o estranho, o alienígena. Já de acordo com Jennifer Murry (2010), os contos de *Dancing girls and other stories* lidam primordialmente com a ansiedade que marcou a América do Norte nas décadas de 1960 e 1970, por conta dos sentimentos contraditórios em relação a liberação sexual da mulher. Capaz de partir de personagens absolutamente comuns em meia a cenas triviais do cotidiano, Margaret Atwood termina por exercer uma crítica análise da sociedade canadense, expondo seus conflitos irreconciliáveis, seus paradoxos, seus projetos fracassados de nação, sempre dissociados do povo e de suas necessidades. Da mesma forma, é capaz de mostrar como a estruturação de gênero ainda é marcada pela herança patriarcal, em que o feminino ainda é tolhido e reprimido. Em forma de conclusão, ressalta-se a incomunicabilidade apresentada em “Dancing girls”. Destaca-se a falta de comunicação efetiva entre as personagens, que são representadas ilhadas em seus guetos, esses demarcados por diferenças culturais ou de gênero.

Palavras-chave: Margaret Atwood, *Dancing girls*, Nação, Gênero

Um teto todo dela – a liberdade do pensamento de Virginia Woolf

LUCAS DE AGUIAR CAVALCANTI (UFRJ)

Resumo: Embora Virgínia Woolf tivesse algum interesse pessoal por política, ela não foi uma autora politicamente influente em seu tempo, sendo Um teto todo seu o seu texto com maior poder de persuasão e maior alcance político, na opinião de seu biógrafo e sobrinho Quentin Bell. Nesse longo ensaio, escrito a partir de palestras em faculdades femininas de Cambridge no ano de 1928, Virgínia cria uma personagem que representa a mulher de seu tempo que decide colocar-se em

posição de investigar o mundo. Até a primeira metade do século XIX, a mulher Inglesa não tinha acesso à educação universitária, não podia administrar suas posses ou votar. Tendo esses direitos recentemente conquistados, Virgínia Woolf convida suas contemporâneas a assumir a postura ética, em nome das mulheres do passado, de compreender, investigar e criticar a civilização construída pelos homens. Ao longo dos séculos, os homens puderam investir em suas formações, frequentar universidades, viajar e conhecer o mundo enquanto as mulheres ficaram em casa criando os filhos e dando à luz as próximas gerações. No início do século XX, as coisas começavam a mudar aos poucos, era hora da mulher refletir sobre o mundo em que vivia e sobre a sua condição. Naquele momento, as mulheres haviam conquistado recentemente o direito ao voto, já havia duas faculdades em Cambridge que aceitavam alunas, a própria Virginia Woolf era uma autora reconhecida e convidada a palestrar na universidade mais famosa do Reino Unido. Ainda assim, como palestrante, Virginia abre mão de exercer o papel autoritário de quem detém o conhecimento, cria um ensaio baseado em uma ficção leve e cheia de momentos de humor. Virginia recusa ser um catedrático do sexo feminino para, ao seu modo, construir seu próprio espaço, ou um teto todo seu. Pretendo nessa comunicação analisar o pensamento sofisticado que Virginia Woolf desenvolve nesse grande ensaio, associando-o ao pensamento ficcional desenvolvido em dois contos, “Uma sociedade” e “O diário de Mistress Joan Martyn”, além de recorrer a algumas crônicas da autora. Desejo percorrer a argumentação de Virginia sobre o papel das mulheres na sociedade, na história, na cultura e na literatura para demonstrar a força de seu pensamento que não se limita diante das barreiras entre os gêneros ficcionais e acadêmicos. Na verdade, o pensamento wolfiano transita livremente entre crônicas, ensaios e contos analisando a literatura do passado e do presente, criticando o modelo da civilização europeia, questionando a autoridade exercida pelos homens através dos séculos, exortando as mulheres a tomarem parte na construção de um futuro melhor. Deste modo, essa comunicação pretende abordar o traço feminino em Virginia Woolf

que não se apaga diante do tratamento de temas universais, mas que subverte a lógica patriarcal para despojar-se do autoritarismo acadêmico e do cientificismo e construir um modo próprio de pensar.

Palavras-chave: feminismo, ensaio, Virginia Woolf

A construção da identidade feminina em *A cor púrpura*

MARIA CLARA COSTA MENEZES DA ROCHA (UFRN)

Resumo: O enredo do romance *A Cor Púrpura* (1982) de Alice Walker (1944 -), é situado por volta de 1909 no Sul dos Estados Unidos e narra a história de Celie: uma mulher pobre, negra, brutalmente agredida e abusada desde a infância pelo homem que acreditava ser seu pai. Sua irmã Nettie, única fonte de carinho, é afastada dela ainda criança após Celie ser ofertada pelo seu padrasto para casar-se. A nova rotina de casada dá continuidade à uma vida de abusos e agressões, porém oferece oportunidade para que Celie conviva com vários outros indivíduos que serão de fundamental importância para seu crescimento social, emocional e psicológico. Caracterizado como romance epistolar, *A Cor Púrpura* favorece por meio desse gênero textual, a possibilidade de Celie poder se expressar no mundo. Escrever cartas torna-se a principal forma de dar voz a protagonista, um ser humano silenciado, principalmente, em função da sua etnia, sua classe social e da sua identidade de gênero. Através de relatos feitos em um inglês proveniente de áreas rurais e em tom confessional, endereçados a Deus, a personagem intensifica o seu processo de autoconhecimento e consegue estabelecer uma interação com o contexto social que a envolve. Com base nisso, sentimos a necessidade de refletir sobre as relações de gênero e sexualidade estabelecidas pela citada personagem, inserida na sociedade vigente em *A Cor Púrpura*, onde predominam o machismo e o patriarcalismo. Investigamos a partir dessas relações com as demais personagens (femininas) presentes na obra, o quanto estas contribuem para a construção/ sobreposição de uma identidade mais concreta em detrimento da fragilizada, submissa e insegura

com a qual Celie inicia o romance. Para trabalharmos a construção da identidade feminina neste romance, é preciso nos deter, primeiramente, no conceito de identidade cultural. Para tal, escolhemos os estudos de Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (1992) uma vez que esta obra abrange grande parte da problemática sobre a existência de uma crise identitária na pós-modernidade. Ou seja, o sujeito que se habituou a ter sua personalidade centrada em uma identidade apenas, precisa aprender a se reconhecer em sua fragmentação. Ao trazermos esse conceito de Hall de identidade fragmentada para as teorias de gênero e sexualidade, nos deparamos primeiramente com a quebra das dicotomias que circundam entre homem/mulher; masculino/feminino; macho/fêmea; que insistem em inserir, intrinsecamente, nesses conceitos a heteronormatividade. Contamos também com a escolha de *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003) de Judith Butler como principal suporte teórico para o nosso trabalho devido à propriedade multidisciplinar que ela estabelece com diversos autores que tratam sobre gênero e sexualidade, culminando para o desenvolvimento de teorias sobre identidade de gênero que alcançam o contexto pós-moderno da obra em questão. Na referida obra, Butler analisa aspectos como o corpo, o desejo, o social e o psicológico como possíveis critérios por meio dos quais compomos a identidade de gênero do sujeito, sendo os mesmos aspectos também avaliados ao longo do romance *A Cor Púrpura*.

Palavras-chave: Feminino, Identidade de Gênero, Pós-Modernidade, Identidade Cultural

Filha, mãe, avó e o corpo

ÁGNES CHRISTIANE DE SOUZA (UFPE)

Resumo: O presente artigo se trata de um estudo detalhado da forma com que se lida com o corpo – seja este corpo seu ou de outrem - em três gerações de mulheres de uma mesma família. Para tal investigação, como objeto de análise, foi utilizado o romance da autora mexicana

Guadalupe Nettel intitulado “O corpo em que nasci”. Neste romance, bem como em diversas das suas obras, sejam contos ou outros romances, a autora engendra, em sua narrativa, questionamentos do seu corpo e questionamentos sobre o corpo de outras mulheres, como este é político e repleto de significado, que vai de uma roupa que se usa, perpassa por um esporte que se pratica e como estas reflexões mudam através de uma lógica geracional. Os dois focos principais dessa investigação dizem respeito principalmente a relação dessas mulheres da mesma família, sendo elas, filha, mãe e avó materna, respectivamente, entre si, como se lida com o corpo e como “se educa” outro corpo em outra época, e como uma narrativa produzida por uma mulher coloca em segundo plano personagens masculinos, dando a eles pouca significação em uma temática que foca nas mais diversas descobertas que se tem no decorrer da vida para com o seu corpo. A forma que encontrei de pontuar tais reflexões, que são possíveis dentro de um romance autobiográfico, foi o recorte de mitemas no romance a fim de demonstrar como Guadalupe Nettel conta suas memórias repletas de autorreflexão e questionamentos acerca da relação com sua mãe e sua avó materna. Como arcabouço teórico foram utilizadas as colocações de Judith Butler no que concerne ao que ela se refere como “ato performativo”, o cerceamento de um modo de agir, principalmente nas mulheres a agirem como mulheres femininas e não como meninos, não é natural, ou melhor, não pode ser considerado “inato”, Philippe Ariés, no que diz respeito a ausência de autonomia e diminuição da figura de uma criança – ainda mais sendo menina - no funcionamento de uma família, debate que é possível ser complementado por Ramos e Britto da Motta. Junto a esses aspectos, dou uma pequena pincelada no que diz Dutra e Rich quanto à sexualização de vestimentas e uma breve pincelada sobre uma heterossexualidade compulsória. É através desses teóricos e de alguns outros que aqui não foram citados que é possível refletir a importância de estudos dentro da literatura sobre o corpo da mulher, seja ela cis ou trans, seja ela branca, negra ou índia,

independente da sua orientação sexual, o corpo da mulher é, antes de tudo, político dentro das mais diversas sociedades, seja no México ou na França, onde é ambientado o romance autobiográfico, seja no Brasil ou em qualquer outro lugar.

Palavras-chave: Corpo, Descoberta, Gerações

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 8

Sujeitas negras em e ante nossas Teorias da Literatura

ALCIONE CORREA ALVES (UFPI)

Resumo: Se, nas VII Jornadas Caribeñas, realizadas recentemente na Universidad de Chile, a comunicação ora proposta discutira contribuições do conceito de rede, em sua formulação conforme Eduardo Devés-Valdés (2007; 2014) à compreensão de um corpus de pensamento negro feminino americano, assim como, posteriormente, em que medida este pensamento se mostraria capaz de por em questão alguns dos fundamentos a uma Teoria Literária debruçada sobre literaturas negras americanas ou, em última instância, sobre quaisquer literaturas de [aqueles tomados como] nossos Outros americanos; a este simpósio do Congresso Internacional da ABRALIC, propõe-se a presente comunicação, visando a debater algumas das contribuições críticas que um corpus de feminismo negro decolonial pode trazer ao estudo de literaturas negras femininas americanas, tal como o pleiteamos, na condição de pesquisadoras(es), no atual estado do campo dos Estudos Literários, no Brasil. Como hipótese norteadora, salienta-se o esforço de perceber uma corrente de pensamento negro feminino decolonial em sua dupla empresa de dialogar com um quadro mais amplo de feminismos do Sul (notadamente ao que delimitamos como black feminism) e de formular, desde seu lugar americano, pensamento próprio voltado a seu lugar negro feminino americano. Este trabalho é

tributário de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Projeto de Pesquisa Teseu, o labirinto e seu nome, ora desenvolvido na Universidade Federal do Piauí.

Palavras-chave: feminismo negro decolonial, black feminism, rede

Ela por ela: a autorrepresentação da mulher indígena na literatura de testemunho

ANTÔNIA CLAUDENE DE LIMA SANTOS (UFRJ)

Resumo: Neste trabalho que ora exponho, tomo como objeto de estudo a obra *Si me permiten hablar*, de Domitila Chungara / Moema Viezzer (2005). *Si me permiten hablar* é o relato da vida da boliviana Domitila Barrios, uma mulher indígena que foi esposa de um homem trabalhava nas minas de estanho da comunidade Siglo XX em Potosí, Bolívia, na década de 1970. Domitila teve um papel fundamental na luta contra os abusos cometidos pelos donos das minas e pelo governo boliviano, organizou greves, manifestações a favor dos trabalhadores e de seus direitos. Sua luta tornou-se mais conhecida fora de seu país quando foi convidada pela ONU, em 1973, para participar de uma Tribuna Internacional em Defesa dos Direitos das Mulheres, neste evento a ativista boliviana relatou a lutas das mulheres de sua comunidade e conheceu a brasileira Moema Viezzer com quem construiria sua obra de testemunho *Si me permiten hablar*. Neste relato, Domitila conta sobre sua infância com as irmãs e o pai, sua vida de casada, sua vida nas minas e o relato ganha também um caráter de denúncia, já que as condições de trabalho e de vida de Domitila são bem difíceis. Nesta obra estudo a questão da auto representação da mulher indígena, como Domitila se constrói como sujeito ao longo de seu relato, como ela vai ocupando novos espaços em sua comunidade, através da mudança de como ela se vê e de como ela começa a ver também o lugar destinado às mulheres indígenas no local onde vive. Essa mudança na perspectiva do olhar de Domitila passa por questões históricas relacionadas à forma como as mulheres indígenas foram representadas

e vistas ao longo do tempo. Georges Duby (1993) e Michelle Perrot (1993) destacam que a mulher indígena sempre foi vista como um objeto sexual ou uma simples mão-de-obra barata desde os tempos da conquista. A história dessas mulheres e de seu povo foi contada por homens brancos, de outra cultura e através de um outro olhar, por isso a importância de uma obra como a de Chungara que testemunha a realidade de uma mulher indígena pobre e explorada, que pede a palavra, mostrando a necessidade de que todas as vozes sejam ouvidas e tenham representatividade em nossa sociedade. Para tratarmos sobre a questão da auto representação de uma mulher indígena, acreditamos ser necessário apresentarmos brevemente os conceitos de literatura de testemunho, representação e auto representação da mulher indígena, para tanto utilizaremos como quadro teórico os seguintes autores: Mabel Moraña (1995), Georges Duby (1993), Michelle Perrot (1993) e Sara Beatriz Guardia (2002).

Palavras-chave: Literatura de testemunho, Mulher, Indigenismo, Domitila Chungara

Autoginografias pornográficas e identidades plurais

BARBARA LIMA MADSEN (UERJ)

Resumo: O que envolve a narrativa autobiográfica de atrizes pornôs? Que elementos são escolhidos por uma escritora quando se propõe a registrar sua autobiografia ou memoir, e quais desses elementos também estarão presentes quando o registro autobiográfico é o de uma performer pornográfica? Como a exposição do corpo físico às lentes e olhares públicos preconizaria um máximo desvelar de identidade, e até que ponto o desvendar de uma história pessoal é mais íntimo que a exposição do próprio corpo? O corpo apresentado será o corpo narrado, e vice-versa? Seria uma exposição narrativa uma forma menor de se expor para quem já se expõe tanto? Para Hélène Cixous, o corpo está presente e o corpo é a fonte de escrita, mas essa escrita vem de um outro reino do corpo onde o autor não está no controle. (CIXOUS e

CALLE-GRUBER, 1997: 88). A prática autobiográfica, então, é uma dessas ocasiões culturais quando a história do corpo cruza com a implantação da subjetividade feminina. (SMITH, 2010: 271) O corpo autonarrado por performers pornográficas é exclusivamente o corpo pornográfico? O referencial autoral consegue escapar do escopo da pornografia, ou restringe-se a ela? Uma constelação de ideologias indubitavelmente implica na construção social do sujeito. Mas o quanto das ideologias discursivas que rodeiam o produto pornográfico influenciam a criação de sujeito/corpo pornográfico, e a que ponto tais elementos ideológicos irão determinar as fachadas narradas em processos autobiográficos? Conforme aponta Foucault: “não são elementos perturbadores que, superpondo-se à sua forma pura, neutra, intemporal e silenciosa, a reprimiriam e fariam falar em seu lugar um discurso mascarado, mas sim elementos formadores.” (2008: 75). O pânico moral que envolve a definição tradicional de pornografia, diretamente ligando-a à devassidão, à imoralidade e à indecência, impede não somente que a voz de mulheres que se encontram dentro desta indústria seja ouvida, mas, além: as embute de uma estreita gama de conceitos morais e um específico padrão de comportamento que, certamente, deixa de fora a auto expressão. É contra tais elementos formadores que as performers escrevem, uma vez que vocalizam uma realidade interna que nem sempre corresponde ao que delas é esperado, desta forma criando um espaço de resistência no qual “o corpo funciona como uma poderosa fonte de metáforas para o social” (SMITH: 2010: 269) O que encontramos nos textos escritos por performers pornográficas é exatamente o oposto: a simplificação das relações entre o sujeito mulher e o produto pornográfico justamente através do questionamento dos elementos que poderiam engessar identidades femininas se encarados exclusivamente como impostos e não voluntariamente escolhidos. É através da inclusão de corpos diversos ao universo pornográfico, incluindo corpos formados pelo discurso regulador, bem como a inclusão de narrativas femininas/feministas, que se desconstrói

o mito de que a mulher é um ser objetificado pelo desejo pornográfico. Ela, agora, é dona do mesmo desejo pornográfico no qual se inscreve, e sobre o qual escreve em narrativas em primeira pessoa, deslocando sua voz da margem invisível para o centro da cena.

Palavras-chave: pornografia, autobiografia, memoir, sex workers

Eu sou uma lésbica: representação das invertidas e monstruosas

RENATA DE SOUZA SPOLIDORO (UERJ)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre rupturas e deslocamentos de identidades de gênero, baseadas na heteronorma. A pesquisa se apoia, em um primeiro momento, no livro *Eu sou uma lésbica* (2006), de Cassandra Rios, publicado originalmente em formato de folhetim entre os meses de janeiro e abril de 1980 na Revista Status. São analisadas as personagens lésbicas e “excêntricas” (HUTCHEON, 1991): tanto a protagonista, que entende a identidade lésbica feminina como única e fixa, como as personagens secundárias, algumas chamadas de “machonas” por adotarem aspectos da masculinidade estereotipada. A partir do estudo, são traçadas discussões sobre a forma como se constroem as “masculinidades femininas” (HALBERSTAM, 1998) presentes no texto e como a voz de Flávia, narradora autodiegética, acaba por transformá-las em “invertidas” e “aberrações”, pois vão de encontro ao padrão heteronormativo. Os deslocamentos, a fluidez de gênero apresentados pelas mulheres “machonas”, que figuram no texto de Rios, remetem ao “entre-lugar” (HANCIAU, 2005) dos gêneros, o que provoca uma discussão sobre a escrita de tais personagens na época da publicação original, período de repressão política e censura. Ao ser publicado novamente em 2006, agora em formato de livro, tal obra de Cassandra Rios suscita ainda um debate contemporâneo relacionado à Teoria Queer, à noção de performatividade (BUTLER, 1991), à desconstrução e à instabilidade de categorias de identidades sexuais e de gênero antes tidas como fixas – como é o pensamento da narradora e da protagonista do livro. O embasamento teórico queer serve de apoio

para compreender na escrita de Rios como uma espécie de saída para representar indivíduos fora da norma, as multidões queer, como definiu Preciado (2011), em um contexto repressor, mas sem ser censurada, especialmente tratando-se das masculinidades femininas, conteúdo pouco atraente aos olhos dos consumidores de uma revista destinada ao público masculino. No entanto, marca-se que tais personagens não desfrutam de “ finais felizes”. Portanto, também servem como base os elementos discursivos que fornecem pressupostos para compor a representação da noção do “fracasso queer” (HALBERSTAM, 2011), que paira sobre os cotidianos das personagens, transformando-as em “monstros” sem moral, o que acaba por distanciá-las ainda mais da lógica familiar heteropatriarcal. De tal forma, os pontos principais abordados no trabalho suscitam algumas perguntas: como são construídas as masculinidades femininas presentes no texto? De que forma a noção de “fracasso queer” pode ser interpretada com relação ao desfecho das personagens marginalizadas? Como a monstruosidade e a inversão funcionam tanto como elementos de exclusão, como de autoafirmação de uma possível identidade lésbica “monstruosa” e “invertida”? E, finalmente, de que forma tal deslocamento identitário se dá ao longo da narrativa?

Palavras-chave: teoria queer, identidade, masculinidades femininas, representação lésbica

Mulheres e futebol: problemas da dominação masculina no esporte e na sociedade

VITOR LOURENÇO RODRIGUEZ SALGADO (UFRJ)

Resumo: O futebol, historicamente, foi construído como um cenário de dominação masculina. Permeando os mais diversos espaços sociais, o poder simbólico das relações estabelecidas a partir do jogo de bola implica um lugar de reprodução e performance dos valores atrelados a um ethos de masculinidade. Em estádios, praças, escolas, bares, observamos, de modo geral, o futebol como um meio através do qual se determinam socialmente posições marcadas pelo gênero, estabelecendo

quase sempre uma escala de valor que tem como referência superior a figura do “macho”. A predominância da dominação masculina engloba um conhecimento que tanto o dominador quanto o dominado partilham em comum. Formulados pela/em/para a sociedade, os valores atribuídos à diferença hierárquica entre homens e mulheres enaltecem uma divisão assimilada reciprocamente em que o dominado não reconhece, sobre si, a imposição de uma ordem desfavorável e, na mesma medida, fornece as condições necessárias para a perpetuação do poder. Se por um lado, o conhecido jargão “futebol é coisa para macho”, entre muitos outros que funcionam com o mesmo propósito, acentua as relações de poder e a exclusividade concernente aos espaços da bola; por outro e paradoxalmente, atenua os possíveis distúrbios na ordem social, tendo em vista a massiva reprodução do discurso masculino e consequente transformação “da história em natureza, do arbitrário em natural”, como dirá Pierre Bourdieu. Falar socialmente dos círculos de dominação nos espaços relacionados ao futebol não nos tira do interesse de discutir amplamente a sociedade. Ao contrário, permite estabelecer paralelos entre traços que se difundem nos âmbitos público e privado, nas relações interpessoais, nos lugares de convívio entre pessoas e na circulação de material midiático. A atuação de agentes discursivos, como a televisão, jogadores, clubes, torcedores e rádios, fundamenta a retórica do futebol sob o foco do “macho”, gerando um movimento duplo por sua vez ligado à instauração de uma ordem social e, ao mesmo tempo, à naturalização desta mesma ordem dentro do senso comum. O campo da reprodução não só demonstra a disseminação de elementos característicos a uma dominação masculina, mas também à aceitação passiva por parte do dominado de uma lógica que, embora seja socialmente construída, denota um padrão estabelecido como “normal”, “natural”. Em decorrência disso, o que tentamos pensar com este trabalho são as representações do feminino dentro de um espaço convencionalmente masculino. De maneira mais específica, a partir de dois contos escritos por mulheres, provenientes da recente produção literária argentina do Século XXI, ancorados sobre os estudos sociais acerca das questões de

gênero, abordaremos alguns dos processos centrais que envolvem a manifestação de práticas associadas ao futebol na tentativa de avaliar as dinâmicas femininas enquanto crítica a um modelo masculino hegemônico.

Palavras-chave: Futebol, Representações do feminino, Dominação masculina, Estudos de gênero

56

**NORMA E ANTINORMA: ALTERNATIVAS
À CRISE DAS TEXTUALIDADES
CONTEMPORÂNEAS****Camillo Cavalcanti (UESB)****Hilario Antonio Amaral (UNESP – Araraquara)**

Resumo: Afirmar que a diversidade e a intensidade das inúmeras “experiências literárias” contemporâneas desautorizam concepções normativas do estético e do literário e que, assim, impedem a renovação do repertório teórico e crítico nos leva a pensar que a crise da crítica literária tem origem, justamente, nessa desautorização das normas. Legitimar a total ausência de normas seria um grave equívoco. Mas, se tudo aquilo que foi utilizado até agora não serve para mais nada, passou, já era, então alguma coisa deve existir entre todos esses destroços, ou entulhos, que não deve ser desprezada e que poderia servir de inspiração, seja pela simpatia ou pela repulsa, para a construção de um novo sistema, de novos métodos com novas normas. Nada começa do zero. O debate em torno das correntes de teoria literária se avulta inadiável: como identificar os proveitos e as falências do comportamento que mergulhou os estudos literários na crise? Preferimos ler “pelo contrário”, na ementa deste encontro nacional, como referência à frase anterior (isto é: “pelo contrário das textualidades contemporâneas”, no lugar do termo mais próximo (isto é: “pelo contrário das concepções normativas”). Mister revisitar o amplo escopo da teoria literária no sentido de pensar alternativas à crise, dentro (a crise de repertório e crítica) e fora (a crise da leitura) da literariedade. Assim como há joio e trigo no passado da teoria e da crítica, também há no presente. Em geral, até 1980 reinou o

estruturalismo francês, desde seu surgimento por volta de 1960. Fora dele, também o fluxo seguiu qualquer formalismo, como semiótica, semiologia, semântica, informação estética. O problema não parece residir nos defeitos do método, mas no suposto prejuízo ao objeto (restrição: diminuição ou enfraquecimento). A crise vivida pela teoria literária até 1980 foi realmente ausência ou desconhecimento do objeto: o literário muitas vezes não era definido ou definido como qualquer texto. Por outro lado, o triunfo coube mesmo à tecnocracia da pesquisa, ao aparelhamento da análise, daí a objetividade dos métodos propostos, não raro a profundidade. Interessante perceber o foco intratextual desse olhar, e por isso sempre antenado, muito ou pouco, a dimensões semiológicas, isto é, sógnicas (resultando na maior ou menor proximidade com a linguística). Na outra margem do rio, a crise da teoria literária se desdobra de 1980 até hoje, marcada não pela falta de opções (há inchaço de alternativas), mas sim pela demissão ou rejeição. A crise atual é resultado do sepultamento das propostas de análise literária com rigor metodológico (o ocaso do estruturalismo). Bem assim, as definições de literatura claras e precisas foram destinadas ao fiasco. Contudo, o mosaico herdado dos modelos de abordagem guarda a solução para sair da crise: decifrar o código diferenciando o pertinente do impróprio. Essa revisão reclama o balanço da teoria literária, explicando como e por que as correntes construtoras de métodos com rigorosidade científica representam o apogeu recusado da crítica literária (o que se confirma pelo diagnóstico da crise subsequente), enquanto as correntes a partir de 1980, por causa do temor em prejudicar o objeto literário, praticamente desistiram de buscar o método, e sucedeu o ocaso da atividade crítica ao ponto em que se conhece já no final da segunda década do séc. XXI. Estamos chegando à metade do século dentro de uma crise que impacta na formação de professores (licenciaturas) e depois nos valores dos alunos (escola básica). O estado da educação reflete na caracterização do indivíduo em larga escala, a visão de

mundo é reproduzida da universidade para a escola, dos professores aos alunos (que na universalização do ensino representam todos os adultos e futuros cidadãos). O caminho se revela na criação de uma nova norma aberta, nascida das ruínas.

Palavras-chave: Teoria Literária, Crítica, Epistemologia, Método

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 1

Teoria Literária depois da Estética de Adorno

MATHEUS DE BRITO (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Resumo: Quando Theodor Adorno introduz sua Teoria Estética com o apocalíptico anúncio da perda de evidência de tudo o que diz respeito à arte, ele está prestes a delinear um quadro em que a própria instituição da práxis artística desvincula-se das premissas por assim dizer assumidas pela Estética como disciplina filosófica. Em verdade, Adorno retoma o (seu) bordão que se tornou, numa generalização acelerada pelo processo de tecnificação – industrialização, quantificação e proletarianização espiritual, etc. – da contemporânea universidade, um dos mais autênticos clichês de hoje: a impotência da teoria para cumprir a promessa de transformação prática do mundo. Como explicar, contudo, a existência das centenas de páginas que se seguem a essas declarações? Ao inverso da negação universal da atividade teórica – que seria a conclusão mais simples para o problema tal como posto – e da recomendação de outro destino menos ingrato, Adorno insiste nas possibilidades da “mensura do heterogêneo a partir do pensamento da unidade” (Dialética Negativa, 2009, p. 13). O problema da crítica tem uma radicação epistemológica. O que poderia surgir de um esforço teórico, como olhar voltado ao que é mais importante, quando se complexificasse para, superando suas insuficiências epistemológicas, “reconciliar-se” com seu objeto numa “meditação sobre a multiplicidade que não se mostraria mais hostil” (2009, p. 14)? Com o “pós-

estruturalismo” e no contexto de uma pós-modernidade mais ou menos experienciada no ambiente acadêmico, a unidade é que se tornou hostil. A impossibilidade de ratificar um parâmetro para efetuar juízos seguros ou produzir uma interpretação, uma leitura definitiva, não raro celebra-se de forma precipitada. Um vago entusiasmo habita (ainda) em torno da “theory”. Ainda que configuradas segundo interesses institucionais particulares, as noções de autor, obra e referente, que delimitavam a “objetividade” e determinavam a relativa estabilidade do conhecimento produzido por nossas disciplinas, sucumbiram progressivamente à consciência da impossibilidade de desvencilharmo-nos dos “jogos de linguagem,” da remissão infinita dos signos uns aos outros por meio da codificação de sua diferencialidade, da insubstancialidade da cognição, da vacuidade que ameaça desde dentro todas as proposições, etc. – uma série de des- e seus correlatos pós- se conjugam para “sempre já” novamente dar cabo do projeto moderno, “iluminista,” de humanidade. Esses são bons e maus frutos discursivos da conhecida virada pragmática. Conforme certas vozes a respeito do estado da arte, como podemos ver de Paul de Man a Slavoj Žižek, dentre tantos outros, sua impotência efetiva e sua inconsistência interna são, porém, a feliz culpa da teoria. Assim, por que falar em crise? Todavia, somente a ideia de crise alimenta a possibilidade de transformação dos catálogos descritivos da Teoria e das Humanidades em geral. Pode a Estética, especialmente aquela que toma a crise como seu próprio princípio construtivo, oferecer uma alternativa ao enrijecimento discursivo das humanidades? Nosso trabalho fará um pequeno esboço dessa crise na contemporânea teoria literária, e procurará delinear, por via da obra de Theodor Adorno, outra forma de pensar seus atuais problemas.

Palavras-chave: teoria literária, estética, crise das humanidades

Normar: crise e consenso

HILARIO ANTONIO AMARAL (UNESP)

Resumo: Afirmar que a diversidade e a intensidade das inúmeras “experiências literárias” contemporâneas desautorizam concepções

normativas do estético e do literário e que, assim, impedem a renovação do repertório teórico e crítico nos leva a pensar que a crise da crítica literária tem origem, justamente, nessa desautorização das normas. Legitimar a total ausência de normas seria um grave equívoco. Mas se tudo aquilo que foi utilizado até agora não serve para mais nada, passou, já era, então alguma coisa deve existir entre todos esses destroços, ou entulhos, que não deve ser desprezada e que poderia servir de inspiração, seja pela simpatia ou pela repulsa, para a construção de um novo sistema, de novos métodos - com normas até. Nada começa do zero. Mister revisitar o amplo escopo da teoria literária no sentido de pensar alternativas à crise, dentro (a crise de repertório e crítica) e fora (a crise da leitura) da literariedade. Em geral, até 1980 reinou o estruturalismo francês desde seu surgimento por volta de 1960. Fora dele, o fluxo seguiu qualquer formalismo como semiótica, semiologia, semântica. O problema não parece residir no interesse pelo método, mas no prejuízo ao objeto (restrição: diminuição ou enfraquecimento). A crise vivida pela teoria literária até 1980 foi causada pelo desconhecimento do objeto: o literário definido como qualquer texto. O triunfo coube mesmo ao aparelhamento da análise, de suas bases, daí a objetividade dos métodos propostos, não raro a profundidade. Interessante perceber o foco intratextual desse olhar. e por isso, sempre antenado, muito ou pouco a dimensões semiológicas, isto é sógnicas (resultando na maior ou menor proximidade com a linguística). Na outra margem do rio, a crise da teoria literária se desdobra de 1980 até hoje, marcada não pela falta de opções (há tantas alternativas), mas sim pela rejeição. A crise atual é resultado do sepultamento das propostas de análise literária com rigor metodológico (o ocaso do estruturalismo). Contudo, o mosaico herdado dos modelos de abordagem guarda a solução para sair da crise: decifrar o código diferenciando o pertinente do impróprio. Essa revisão faz o balanço da teoria literária, explicando como e por que as correntes construtoras de métodos rigorosos representam o apogeu da crítica literária. Estamos

na segunda década deste século, em meio a uma crise que impacta na formação de professores (licenciaturas) e alunos. O estado da educação reflete na caracterização do indivíduo. O caminho se revela na criação de uma nova norma aberta, nascida das ruínas.

Palavras-chave: Estilística, Crise, Textos

Machado leitor de Homero: a imitação criativa em três romances do jovem autor

EDSON FERREIRA MARTINS (UFV)

Resumo: No presente trabalho, a partir da narrativa ficcional de Machado de Assis, que dialoga constantemente com o cânone ocidental, ora estilizando-o, ora subvertendo-o, propomos uma leitura dos procedimentos narrativos utilizados pelo autor para a construção de sua poética de revalorização da imitatio e da aemulatio, em um contexto estético efervescente, marcado pela convivência, nem sempre harmoniosa, de estéticas plurais, que vão do Romantismo ao Simbolismo. Orientada teoricamente pelo conceito bakhtiniano de dialogismo (BAKHTIN, 2002) como uma marca constituinte de todo tipo de linguagem, sobretudo na artística, presente no discurso literário, nosso trabalho busca discutir a redefinição que Machado dá para conceitos como mito (BURKERT, 1991), e clássico (CALVINO, 1993; BARBOSA, BRANDÃO e TREVISAM, 2009; CAIRUS, 2011) em sua produção literária. Para a comunicação, selecionamos alguns episódios particulares dos três primeiros romances publicados pelo escritor fluminense (Ressurreição, A mão e a luva e Helena) em que o narrador se refere a/invoca passagens que estilizam os dois épicos atribuídos a Homero, A Ilíada e A Odisseia, que inauguram a literatura grega, em seu período arcaico. Em nossa análise, buscamos identificar, a partir da estratégias narrativas que o Bruxo do Cosme Velho estabelecerá com as matrizes literárias da Antiguidade Clássica, o engendramento de um tipo particular de “literatura nacional”, por meio da poética da emulação (ROCHA, 2013), que não se exime de falar de assuntos remotos no

tempo e no espaço (neste caso, da Grécia Antiga), sem perder de vista a questão da brasilidade.

Palavras-chave: Recepção, Cultura Clássica, Homero, Machado de Assis

Roland Barthes em verdade

CAMILLO CAVALCANTI (UESB)

Resumo: Este artigo explicita um perfil de Roland Barthes, desde jovem até velho. Especialmente O grau zero da escrita (1953), “Introdução à análise estrutural da narrativa” (1966) e Aula (1977). Nessas três fases, vários enganos prejudicam argumentos e conclusões, apesar das muitas virtudes. Roland Barthes, depois de sua passagem pelo Estruturalismo, retornou ao primeiro tipo de abordagem porque, no final, escolheu a hermenêutica. Mas a hermenêutica solitária não é suficiente para estudar a Literatura: ela precisa de outros procedimentos advindos da Filologia e suas áreas de conhecimento. Por outro lado, o Estruturalismo, embora dentro das dimensões linguísticas e teórico-literárias, propõe abstratos esquemas parafrásticos inaptos a descobrir a verdadeira estrutura da obra literária e seu sistema, a Literatura. Pensar num mundo de Guerra Fria não é fácil, daí os erros de Barthes resultantes dessa extrema opressão. O pensamento de Roland Barthes foi deveras pressionado pela ideologia de esquerda, dificultando seu aperfeiçoamento.

Palavras-chave: Epistemologia, Teoria Literária, Crítica, Estruturalismo

57

O CORPO E SUAS MUTAÇÕES

Davi Pinho (UERJ)

Maria Conceição Monteiro (UERJ)

Neil Besner (UWinnipeg)

Resumo: Do título de nossa proposta, duas palavras se fazem questões: mutações e corpo. Com o presente simpósio, almejamos reunir trabalhos que reacendam pensares sobre as figurações do corpo na arte e na filosofia. Nessa díade, as mutações são um duplo fazer. De um lado, podemos pensar as figurações do corpo e suas mutações na arte em geral, com especial interesse na literatura e no cinema. De outro, podemos apresentar as mutações teóricas que geramos a partir das nossas interpretações íntimas e sopesadas, como filhos monstruosos que fazemos na tradição, o que Gilles Deleuze certa vez chamou de *enculage*, um enrabamento (*Lettre a un critique sévère*, 1973). Ao cotejarmos os pensares sobre o corpo, necessariamente criamos novas portas de acesso ao inacabável desejo de sabê-lo. Assim, nossa proposta é de reunir diversos trabalhos que contribuam para essa contínua procura pelo corpo que legamos e metamorfoseamos. O século XX inventa o corpo do ponto de vista de uma teorização. Essa invenção surge com Freud, na psicanálise, ao observar os corpos exibidos por Charcot na Salpêtrière, que o levam a pensar na histeria e naquilo que iria constituir o enunciado de sua grande interrogação: o inconsciente. E o inconsciente fala através do corpo. Em seguida, Edmund Husserl, pela fenomenologia, entende o corpo humano como centro de toda significação. Tal visão vai respingar no existencialismo de Merleau-Ponty, para quem o corpo é a encarnação da consciência (*Phenomenology of Perception*, 1945). O corpo do século XX é *lócus*

de repressão e libertação. O corpo, no centro das lutas políticas e das aspirações individuais, é destaque nos debates culturais e transformado em objeto de pensamento. Aos poucos, ao passo que se repensa os antigos valores metafísicos, o corpo aparece como um lugar de colisão para os novos feminismos, para os estudos de gênero, e para as questões da *performance*.

Já no século XXI, vê-se a massificação de imagens do corpo, em que se aprofunda a exploração imagética do ser vivo. O corpo é também um grande mercado em que suas peças são comercializadas. Hoje, a fronteira entre o mecânico e o orgânico é tênue, ante a proliferação dos implantes em que a genética se aproxima da replicação da individualidade. Na rebarba dos avanços tecnológicos, o humano do corpo recebe o prefixo *trans* e, nessa travessia robótica, repensa a noção de humanidade circunscrita em suas balizas. Entre a promessa da vida eterna da ciência e a certeza do cortejo final, o transumanismo aparece como campo fundamental nas Humanidades hoje, apesar de ter sido cunhado em 1957, na especulação científica de Julian Huxley. Nesse novo campo de investigação, o corpo humano é tensionado no limiar entre os discursos científicos hodiernos e as tradições filosóficas. As figurações desse novo corpo na literatura e no cinema ganham a matiz insólita dos monstros de outrora, frutos imaginados no profundo ceticismo de artistas e pensadores de outros séculos iluminados.

Na esteira dessa larga tradição, muitas são as instâncias que poderão provocar os trabalhos que serão reunidos no presente simpósio: do corpo na psicanálise ao transumano, ou ainda, o corpo-questão em toda a história da arte, da concepção humanista da modernidade às (des) construções contemporâneas. Pensamos, assim, que cada apresentação tocará em um fragmento desse largo corpo mutante que multiplicamos há séculos. Assim, convidamos todos os trabalhos que queiram contribuir com leituras mutantes sobre as questões que atravessam o corpo – da vida à morte.

Em suma, a ideia é nenhuma, e essa é a proposta. Nos interessa a palavra que toca o corpo enquanto devir-palavra. Cada comunicação se faz de palavras e, com palavras, cada um comporá o texto sobre o que é o corpo para si hoje, ou ainda, como o corpo se desvela nas obras de arte que serão discutidas. A proposta é fazer, fazer-se, fazendo da palavra que sempre foi verbo, mas também substantivo, um devir-substância. Este é um simpósio sobre o corpo, os saberes, os pensares, e nossas mutações.

Palavras-chave: Corpo, Literatura e outras artes, Filosofia

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Um corpo costurado em Virginia Woolf

DAVI PINHO (UERJ)

Resumo: Costurar é salvar a vida, escreve Virginia Stephen em uma carta a Leonard Woolf no ano em que se casariam, 1912. A imagem da mulher que costura aparece recorrentemente em Virginia Woolf e, como em *To the Lighthouse* (1927), parece sempre remeter a uma arte que teria a potência “de reunir os fragmentos”, como nos diz a narradora de *Night and Day* (1919), de criar um lugar onde a alteridade não é um jogo de assertividade e destruição, mas um ser em conjunto, estar com o outro. Muitas cenas de amizade, de amor, são criadas por Woolf nesse redimensionamento de si que vem com os apêndices da costura – lembro aqui dos flashes de luz que as agulhas de Mrs. Ramsay produzem, alguma coisa análoga à luz do farol que dá corpo à massa enevoadada da casa sem vida em “*Time Passes*”. Nesse sentido, costurar e escrever, a mulher que costura e quem escreve, estão sempre andando em vias paralelas, tanto na obra crítica e teórica de Woolf quanto em seus romances. Não é curioso que, quando Woolf escreve *A Room of One's Own* (1929), ela tente costurar o que ela chama de uma sentença

feminina a uma outra sentença masculina, dando origem ao que seria um texto andrógino, grande questão de uma teoria woolfiana. Se o andrógino tivera corpo nos mitos, em Woolf seu corpo é sempre um corpo costurado pela e na linguagem da arte, na literatura. Em sua glosa silenciosa, que vai de Platão aos românticos ingleses, Woolf abriga o entendimento de que a escrita pode pôr o humano do humano em movimento, para além dos (e, portanto, em desafio aos) limites epistemológicos de seu tempo. Assim, o presente trabalho se propõe a pensar o corpo andrógino que aparece em Virginia Woolf, um corpo-texto que é metamorfoseado dos mitos. Em “Letter to a Young Poet”, Woolf, em tom de conselho, cria a imagem do escritor como aquele que está sempre à janela, cujo sentido rítmico se abre e se fecha até que um todo – ou um corpo, poderíamos dizer – nasce. É aqui, neste ensaio de 1932, que ela diz que a escrita leva a um “escape do corpo unissexual”. É interessante notar que também Rainer Maria Rilke, em suas cartas para outro jovem poeta, nos dará a imagem do escritor como uma presença que confunde o masculino e o feminino. No entanto, Orlando (1928), escrito enquanto Woolf pensa a androginia que fecha *A Room*, não apenas confunde as sentenças masculinas e femininas – e uso aqui a ambiguidade de Woolf, as frases e as performances que saem delas como veredito para o homem e para a mulher –, mas também tenta entender as marcas que as sentenças deixam no corpo humano. Ou seja, se há um escape do corpo unissexual na escrita, Orlando parece dizer que o corpo ainda assim pode se ver prisioneiro de um corpo social, outro, maior e mais cruel, que tenta a todo momento apagar o que seria a potência da androginia. Proponho então que pensemos qual corpo-texto Woolf nos lega e, para além disso, qual movimento de tal corpo ainda resta e nos vem em nossos tempos. “Quem vem?”, pergunta de Bernard em *The Waves* (1931): esta será nossa questão.

Palavras-chave: Androginia, Corpo, Escrita

‘On Being Ill’ and the pain of the body

MARIA OLIVEIRA (UFAC)

Resumo: In her article “On being ill”, Virginia Woolf discusses the limits of language to describe the drawbacks of illness and to describe pain. This paper aims at analyzing how Virginia Woolf deals with these limits to convey the pain of the body in her novels, whether it may be in *The Voyage Out* when Rachel gets sick or in *Jacob’s Room* when the mother suffers with Jacob’s absent body. In *Mrs. Dalloway* there is Clarissa’s silent disease and Septimus’ dismantled body. In *To the lighthouse*, there is the mother’s absent body and the suffering in the bodies of those she left. Lily, for instance, questions how she can express the feelings of the body. In *The Waves*, the suffering of the body is also expressed through the soliloquies of the characters. When Orlando is brokenhearted, suffering for love, he sleeps for seven days and seven nights. The theoretical framework will be based on *Desdobramentos do corpo no século XXI* and *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, among others.

Palavras-chave: body, pain, Virginia Woolf, suffering

O agir de corpos femininos em *The Waves*

PATRICIA MAROUVO (UFRJ)

Resumo: A pluralidade do romance *The Waves* (1931) de Virginia Woolf se traduz no entrecruzamento de falas que, por mais contraditórias que por vezes sejam, se complementam num todo identitário das seis personagens principais. A fluidez de uma frase que desemboca na outra e ecoa uma mesma ideia persistente posteriormente revela o processo de amadurecimento e compreensão dos papéis sociais e da procura pessoal de cada um, inevitavelmente conectados à trajetória do fazer humano frente à morte derradeira. A perspectiva delimitada pelos círculos sociais de cada personagem, seja ela Bernard, Neville, Louis, Susan, Jinny ou Rhoda, as encerra nas suas possibilidades de performance, limitando o movimento de seus corpos no espaço e a

maneira como atuam. David Bradshaw (2015) já sinalizava claramente que as diferentes vozes da narrativa se posicionam como corpos imperiais, quer de maneira robusta ou aquiescente, propondo que as personagens femininas refletem, assertiva ou passivamente, as noções de disputa por poder, permeadas pela relação de sujeito e objeto propagadas pelo patriarcado inglês no início do século XX. Assim, Jinny incorpora o que Bradshaw chama de um Hitlerismo avant la lettre, Rhoda se perde em meio ao corpo social do qual não parece fazer parte ainda que o queira conquistar e reinar como uma tzarina, e Susan mostra-se feroz e competitiva em seu zelo materno e o orgulho de sua vida familiar frente às outras. Todas elas, no entanto, têm seus momentos de crise quando, confrontadas com a alteridade que o corpo outro anuncia, e, assim, perdem a convicção do que representam e, consequentemente, como se apresentam. Jinny, cuja força se alicerça nas vibrações febris de um corpo movido pelo desejo e que se quer desejado pelo olhar masculino, envergonha-se de suas unhas pintadas de vermelho frente às unhas curtas necessárias aos afazeres domésticos a que Susan se preza, criando seus filhos no cenário campestre do interior da Inglaterra. A clara oposição entre ambas estas personagens as reúne, no entanto, em comparação a Rhoda, cuja voz falha em sociedade, retraindo o dizer da suicida nos interstícios de possibilidade de fala pelo silêncio, tornando-a a mais misteriosa e encerrada em si mesma. Desse modo, este trabalho objetiva investigar as limitações a que compete cada personagem, vislumbradas por Virginia Woolf como alternativas plausíveis para a mulher recém saída da era vitoriana, mas ainda descobrindo seu lugar no império britânico, reféns dos papéis engendrados pelo patriarcado e, simultaneamente, impulsionadas por seus movimentos individuais e próprios de autoconhecimento.

Palavras-chave: Agir, Corpo feminino, Linguagem

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

A personagem transexual em *Do fundo do poço se vê a lua*

ANTONIO PETERSON NOGUEIRA DO VALE (UFRN), ROSANNE BEZERRA DE ARAÚJO (UFRN)

Resumo: A transexualidade tem sido explorada na atualidade e tem conquistado espaço acadêmico. Cleópatra, personagem transexual de *Do fundo do poço se vê a lua* (2010), do escritor brasileiro Joca Reiners Terron (1968-), é o cerne desta pesquisa, que visa se debruçar sobre a temática da transexualidade na literatura brasileira, que tem apresentado, nos últimos anos, uma significativa produção envolvendo uma minoria sexual e sua identidade na contemporaneidade. A partir deste objetivo geral, avulta-se a tese de essa personagem ser a primeira da literatura nacional que se submete a um processo cirúrgico para a redesignação de gênero, diferenciando-se de personagens que figuram no meio literário com características diferentes de seu gênero biológico, a exemplo de Diadorim, em *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, ou, possivelmente, a *Dama da noite*, do conto homônimo de Caio Fernando Abreu. Esta pesquisa pretende, pois, versar sobre o processo de redesignação sexual da personagem de Terron e suas nuances constitutivas de identidade da personagem Wilson e sua pulsão de morte transmutando para a personagem Cleópatra e sua pulsão de vida. Assim, o processo de mudança, que desafia convenções sociais pautadas na heteronormatividade, leva a personagem Wilson de um patamar solidificado e de privilégios na sociedade machista e falocêntrica para o espaço de mulher submissa num universo egípcio, com uma tônica mais patriarcal, mas que faz parte do processo constitutivo da personagem. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade* (2013), de Judith Butler, ressalta questões pertinentes a nossa análise, pois estão relacionadas à complexidade da personagem e formação de

sua identidade. Na nossa análise da protagonista (Wilson/Cleópatra), faremos um paralelo com a personagem do filme Cleópatra (1963), de Mankiewicz, cuja rainha egípcia inspira Wilson a seguir com suas transformações corpóreas e desejo de pertencimento ao universo feminino e à linhagem ptolomaica. A atriz Elizabeth Taylor, do filme de Mankiewicz, é, para Wilson, a cópia fiel da qual ele pretende se tornar uma outra cópia, servindo, pois, de fonte da reinvenção para o personagem que assumirá uma nova identidade, ao fugir de uma caótica São Paulo pós-ditadura para uma poeirenta Cairo fundamentalista. O doppelgänger, categoria analisada a partir da leitura da obra O duplo, de Otto Rank, (2013), é uma das temáticas relacionadas ao desenvolvimento da personagem analisada e, como tal, será utilizado em segundo plano, para dar, à leitura da obra, a sua integralidade. Aqui, há a defesa de o duplo representar a dualidade e a intimidade da personagem em seu aspecto mais trágico, revelando que o romance de Terron está para além de uma simples história cronológica apresentada pelo protagonista e narrador Wilson/Cleópatra. Esta pesquisa investiga a ligação entre a literatura e as questões sociais hodiernas no que dizem respeito ao gênero e outras áreas do conhecimento, como a filosofia e a sociologia.

Palavras-chave: Transexualidade, Identidade, Redesignação de gênero, Transformações corpóreas

A escrita camp de uma narradora trans em Do fundo do poço se vê a lua, de Joca Reiners Terron

LILIAN REICHTER COELHO (UFSB)

Resumo: Apresenta um exercício de leitura do romance brasileiro contemporâneo Do fundo do poço se vê a lua (2010), do escritor Joca Reiners Terron, a partir do problema configurado pela instalação de uma ambiência camp pela narradora-protagonista, uma transexual que sonha ser a Cleópatra de Elizabeth Taylor. A narradora protagonista, a trans brasileira Cléo, é construída como uma paródia camp. O traço paródico

reside no fato de a personagem encarnar a ideia mulher orientada por estereótipos, um deles ancorado na concepção e na performance “hiperfemininas” (BUTLER, 2003; BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2007). Na “pedagogia dos gêneros”, genitaliza sua existência, ao reproduzir a lógica binária e fetichizar o próprio corpo. O grande sonho de ir para o Egito e ser uma dançarina irresistível para os homens iconiza o “jogo cênico da feminilidade” tal como projetado pela personagem pelo imbricamento da Cleópatra que fora sua mãe (codinome utilizado na guerrilha contra a ditadura no Brasil), da Cleópatra de Liz Taylor no cinema e da mulher ideal, pois reproduz a “docilidade dos corpos” (FOUCAULT, 1987), encarnando uma feminilidade “adequada” (HOENISCH; PACHECO, 2012), isto é, convencional, nada subversiva. E isso a conduz a um desfecho fatal. Com exceção da glamourização sonhada para si pela protagonista narradora no palco que deveria ser o Egito da rainha Cleópatra, nada mais é idealizado no romance. Numa suspeita onisciência que conduz a não-confiabilidade (BOOTH, 1961; 1977, p. 105) na instância narradora, é pelos olhos do irmão gêmeo William que Cléo descreve o Cairo como landscape radicalmente oposta aos estereótipos turísticos associados em geral ao Egito. São Paulo e Cairo equivalem-se como metrópoles distópicas, pouco acolhedoras, cenários perfeitos para a encenação do pesadelo das personagens, todas elas marcadas pelo trágico ou portadoras de histórias sobre outrem que, uma vez engastadas na narrativa, auxiliam nos reiterados prenúncios dos malogros de Cléo. O corpo espetacularizado de Cléo a partir de atitudes quase infantis, ingênuas, é o substrato do camp em Do fundo do poço se vê a lua, visto que essa estética “(...) é um dissolvente da moralidade, neutraliza a indignação moral, fomenta o sentido lúdico”. (SONTAG, 1987, p. 320). Isso, no entanto, não é compreendido pelos personagens masculinos egípcios, para quem o abjeto, o grotesco (ROUDINESCO, 2008; DIAS, GLENADEL, 2004), deve ser eliminado pela justiça com as próprias mãos, de modo cruel. A mentira, o corpo artificial, a escrita marginal. Tudo conduz à violência: seja o estupro coletivo e o assassinato de Cléo no deserto, seja a vingança impetrada pelo gêmeo sobrevivente travestido

de Cléo. Entendemos que, de certa forma, o final mirabolante da narrativa revela um ato político de Terron, ao contrariar, na polarização dos discursos, a celebração entusiástica de algumas teorias sociais sobre os hibridismos e multiculturalismos de qualquer ordem, como se não houvesse mais violência física nos palcos interculturais. Do ponto de vista teórico, foram acionadas referências multidisciplinares, tanto da crítica literária quanto da antropologia, da sociologia e da comunicação. Metodologicamente, a opção foi a crítica textual (BERGEZ, 2006).

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea, corpo trans, estética camp, identidade de gênero

O corpo transgênero em Ney Matogrosso e a desconstrução da heteronormatividade através da música e da performance

MARINA DE OLIVEIRA (UFPEL)

Resumo: A partir da performance de Ney Matogrosso para a música “Rua da passagem (trânsito)”, de Arnaldo Antunes e Lenine, no show “Atento aos sinais”, investiga-se como a noção de heteronormatividade pode ser desconstruída em uma situação de representação. Isto se dará pelo estudo da letra da música e pela análise de como a presença transgênera construída pelo intérprete coloca a desrepressão da sexualidade como força-motriz para a conquista de um mundo mais igualitário. Para respaldar o estudo, utilizam-se as ponderações de Judith Butler acerca das questões de gênero e de Renato Cohen acerca da linguagem performática.

Palavras-chave: Corpo transgênero, Ney Matogrosso, Performance, Música

‘O céu é um lugar na Terra’: o inumano e a morte em San Junipero

RENATA DE SOUZA SPOLIDORO (UERJ)

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre rupturas e deslocamentos de gênero e do corpo na ficção contemporânea. Com tal propósito, o trabalho se apoia no episódio San Junipero (2016),

da série britânica de ficção científica Black Mirror (2011-). A cidade que dá nome ao episódio trata-se de uma realidade virtual, em que os cérebros humanos estão conectados através da tecnologia. Dessa forma, a consciência do humano, armazenada em aparatos similares a Discos Rígidos de computador continua viva e atuante em uma espécie de “segunda vida”. As pessoas podem ser visitantes, modalidade muito utilizada como forma de tratamento para idosos com doenças terminais que estão “à espera” da morte, ou habitantes, pois é possível fazer uma passagem para San Junipero após a morte (entendida aqui como o abandono do corpo físico), numa tentativa de imortalidade, ou seja, uma vida eterna após a vida “real”. Ao considerar especialmente a tecnologia e a presença da máquina, muito representadas nas artes audiovisuais, são discutidos alguns aspectos em relação à obra: a morte e a possibilidade de imortalidade; o transumano e o corpo pós-humano; a arte e os limites do humano. Parte-se do questionamento de Kagan (2012) sobre a imortalidade, se há uma existência que deseja “ficar presa” na eternidade, no ‘para sempre’, para refletir sobre o lugar que ocupam as personagens lésbicas nas obras contemporâneas. Além disso, também é proposta uma reflexão sobre de que forma são tratados não só o discurso, mas a presença e a ideia da morte em relação às personagens. Ainda é parte do trabalho analisar a construção do transumano e da possibilidade ofertada às protagonistas, o casal Kelly e Yorkie, de uma segunda chance para viver de novo e eternamente. O cérebro, as memórias, a consciência do humano junto ao aparato tecnológico para a construção de um corpo computadorizado é inumano, definido por Trigg (2014) como o humano e o não-humano que habitam o mesmo corpo. Portanto, a figuração da morte e do transumano presentes na trama suscitam algumas questões: Como as impossibilidades que se tornam possíveis na arte nos servem para analisar os limites do humano, especialmente em relação ao “final feliz” das protagonistas lésbicas? Qual é o papel da tecnologia em relação aos corpos femininos e marginalizados? E, finalmente, de que forma a

ideia da morte do organismo, na obra de arte passa de um elemento de ausência para ser presença, união entre as personagens retratadas?

Palavras-chave: transumano, deslocamento, representação lésbica, corpo feminino

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

A expansão do corpo em objetos-apêndices: totens da memória em Aquarius

ADRIANA JORDÃO (UERJ)

Resumo: No contato cotidiano com os seres que os tocam, no uso continuado através do tempo e de novos donos, no silêncio de sua presença e de seu testemunho, os objetos biográficos se afastam de suas definições de ordem prática e despertam seu lado vivo, orgânico, modificam sua natureza para tornarem-se prolongamentos dos corpos e da intimidade dos sujeitos. Não mais inanimados, tais objetos pulsam, convivem, exercem funções identitárias simbólicas individuais e coletivas e estendem, como apêndices, os corpos dos sujeitos que os possuem, agora eternamente vivos e em comunicação constante, corpos-texto que falam àqueles que lhes sabem ouvir. São, nas palavras de Gaston Bachelard, “verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta”. A organicidade dos objetos-apêndices se mostra em sua transformação em reservatório daquilo que transborda dos corpos em seus momentos íntimos, que escapa dos indivíduos e é absorvido por madeira, papel, tecido: sua essência é alterada e os corpos ganham prolongamentos físicos, emanções capazes de permanecer até mesmo quando os corpos que um dia as produziram já se foram. Esta comunicação pretende discutir os objetos em sua função de prolongamento de corpos em memória palpável e resistente, assim como o uso desta representação de continuidade e celebração da memória pela ficção,

seja ela fílmica ou literária. Para tal, tomaremos como ilustração da matéria passagens em Aquarius, produção franco-brasileira dirigida por Kleber Mendonça Filho. Aquarius, selecionado para o Festival de Cannes de 2016, explora, entre outros tópicos, o valor da memória sobre o esquecimento. Tempo, vida e corpos transmutados em objetos ultrapassam os limites do tempo para formarem juntos um ser orgânico em simbiose com Clara, a protagonista, mulher em cujo entorno o enredo se desenrola. A permanência do passado no presente através das expansões de corpos, de amores e de experiências em forma de objetos-texto é celebrada neste aclamado filme, onde a memória surge viva entre uma coleção de vinis, livros, cadernos de notas, fotografias, móveis, lembranças, cicatrizes, indissociáveis de Clara como ela o é deles.

Palavras-chave: memória, corpo, Aquarius, literatura

História da Ilha

CAROLINA CORREIA DOS SANTOS (UFRJ)

Resumo: Lacatumarea Silicata é uma espécie de criatura que, como a Siphonora Ovulares, pode ser que habite uma das Ilhas Flutuantes que Beatriz Chachamovits fez emergir nos seus desenhos. As Ilhas têm seus contornos mal definidos e é impossível afirmar que os animais feitos por Beatriz vivam ali. Não é uma questão factual, certamente; mas esse mundo – de Beatriz, da Lacatumarea, da Siphonora e das Ilhas – conta uma história e existe por causa dela. É na relação entre a artista e suas criaturas que todos os atores emergem. A relação é, de fato, a menor unidade de análise possível. Depois da manifestação do ciborgue, é “a espécie de companhia”, “de estimação”, “de criação”, não “o animal”, que melhor contesta o binarismo natureza/cultura e que talvez possa, de modo mais produtivo, “informar políticas e ontologias mais vivíveis nos atuais mundos de vida”. Este trabalho pretende constituir-se uma ficção com a obra de Beatriz Chachamovits, seguindo de perto o manifesto (“The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and

Significant Otherness”) de Donna Haraway, simbiogeneticamente constituída por sua cadela, Ms. Cayenne Pepper: “We are, constitutively, companion species. We make each other up in the flesh. Significantly other to each other, in specific difference, we signify in the flesh a nasty developmental infection called love. This love is an historical aberration and a naturalcultural legacy.” Haraway tem insistido na necessidade de contar histórias – fabulações especulativas. Importa que histórias contem histórias. A necessidade de contar histórias que sejam novas e que desafiem aquilo que é facilmente (re)conhecível se vincula não só ao passado ao que a história remete, mas a um porvir. O SF (string figures, speculative fabulation, Science fiction, Science fact, speculative feminism, so far) de Haraway tem a ver com a possibilidade de conformação de novos mundos e tempos, mundos “materiais-semióticos” presentes e futuros. É preciso ser criativa, responsável, hábil. É preciso pensar, como ela afirma: “think we must; we must think. That means, simply, we must change the story; the story must change.” Na história deste trabalho, as espécies de corais, de peixes e criaturas marítimas entram numa relação com a artista de cujas mãos brotam esculturas de pequenos fundos de mares.

Palavras-chave: Donna Haraway, Beatriz Chachamovits, simbiose, espécies

Corpo-coisa, corpo-poesia

DOUGLAS ROSA DA SILVA (UFRGS)

Resumo: Perspectivas de caráter singelo, plural e movediço: sob o prisma do poético, a palavra, a letra, a deformidade do signo ocasiona violência. A partir de poéticas inscritas na contemporaneidade, todas concedidas pela autoria feminina, busca-se, maiormente, examinar algumas das múltiplas subjetividades acerca do corpo propostas pelo palavreado poético dado por mulheres. Visto que, na problematização pela compreensão do contemporâneo, há uma urgência pela expressão de corporalidades distintas que não estão mais orientadas para a subserviência imposta pela estrutura androcêntrica, entende-se que as

manifestações subjetivas do poema atuam como locução dispar, como matriz criadora de um perceptível poético-político-oposicionista acerca da vida. A leitura e desdobramentos ficam focalizados, sobretudo, no livro *Um útero é do tamanho de um punho*, publicado em 2012, de autoria da poeta gaúcha Angélica Freitas. Deste modo, o estudo movimenta-se, em acréscimo, por escritos de outras autoras que, assim como Angélica, tem problematizado, poeticamente, o fomento de uma hibridez de corpos, corpos reais, corpos vívidos, corpos pulsantes, corpos... É observado que os poemas, dados de modo temporalmente indisciplinado e em locução com as singularidades do ser, faz culminar na leitura do corpo-poesia, que se calca em lacunas, violências, rachaduras no que é tido verdadeiro. Neste seguimento, constata-se que há uma re-inauguração autêntica de uma poesia que se constitui no olhar bambeado entre o público e o privado, entre o que se espera e o inesperado, entre o consentimento e o escape. A referida característica expõe o poema entre limiares que já não se cartografam numa única via, portanto, há o indício de um desalinho do que se denomina hegemônico. O poema se desconfigura da noção de um corpo-coisa e parte em direção a um corpo-poesia. Para análise, volta-se para o bojo de teorias contemporâneas que elencam, em híbrido, um debate que trata da relação entre corpo e literatura, da escrita e produções de mulheres, das subjetividades múltiplas e do devir. Entre as teóricas e teóricos que compõem a ação de auxiliar o desenvolvimento da reflexão, encontram-se Judith Butler, Luce Irigaray, Hélène Cixous, Gilles Deleuze, entre outras e outros que se alinham com as proposições aqui tratadas. Efetua-se, a partir do analítico, uma explanação possível da intervenção dos corpos que se arrebatam junto, inerente e imagetivamente ao poema. No conclusivo, ainda que inicial, assegura-se a constatação de que o corpo-poesia, na acepção de contravocabulo, se fortalece por intermédio do âmbito poético. O corpo-poesia é um fora-real – e possível – corpo impulsionado pela escrita poética de mulheres.

Palavras-chave: Corpos Poéticos, Poesia Brasileira Contemporânea, Escrito de mulheres

Inscrições em corpos no limiar do tornar-se: marcas da vergonha, impureza e libertação em Dracula

THIAGO SILVA SARDENBERG (UERJ)

Resumo: Em *Body Work: Objects of Desire in Modern Narrative* (1993), Peter Brooks afirma que marcas sobre um corpo implicam na passagem dele para a escrita, no que o mesmo torna-se um corpo literário, conta uma história. Dentro das narrativas vampírescas, o devir vampiro – um tornar-se liberto de códigos morais e éticos que norteiam o comportamento humano, um empoderamento muitas vezes considerado perigoso – é usualmente precedido por inscrições em corpos das vítimas, marcas deixadas pelas presas do vampiro. Tais marcas não só contam a história do que houve com o corpo, como também são indicativas do porvir, das mutações as quais aquele corpo será submetido. Em *Dracula* (1897) de Bram Stoker, texto seminal da literatura vampíresca, entretanto, as marcas nos corpos das vítimas evidenciam mais que transformações fisiológicas; elas também depõem sobre algo que pode pôr em risco todo o status quo vitoriano, catalisado através do contato com o vampiro: uma desestabilização de rígidos papéis de gênero, no que a mulher deixa de ser pensada unicamente a partir de suas relações com os homens (a filha, a pretendente, a noiva, a esposa) e torna-se uma predadora, voraz e voluptuosa. Inicialmente, as marcas no corpo são conscientemente escondidas; elas são indicativas do fato de que aquele corpo foi profanado por algo maligno e, conseqüentemente, tornou-se ‘impuro’. Da mesma forma, a hóstia ou outras relíquias sagradas também deixam marcas nesses corpos no limiar entre nosso modo de existência e as outras formas de viver e sentir que o vampirismo proporciona, funcionando como letras escarlates hawthornianas. Uma vez completado o processo de mutação, entretanto, a vergonha dá lugar a uma liberação total das forças repressoras, produzindo uma existência onde a gratificação é o único objetivo. Esse trabalho olhará para as inscrições nos corpos femininos, sujeitos ao olhar e ao julgamento do homem vitoriano, no que elas

falam sobre a escrita na carne como reveladoras de uma verdade para além do olho nu; olharemos também para os próprios corpos em si, pré e pós-mutação, como forma de falar sobre o vampirismo como um mal que deve ser combatido perante os olhos da moralidade vitoriana. Por fim, recorreremos a conceitos-chave da teoria psicanalítica de Sigmund Freud como forma de dialogar e explicitar os conflitos internos experienciados pelas personagens humanas que, entrando em contato com os personagens vampiros, demonstram-se propensas a uma existência que, mesmo fazendo parte do sistema psíquico do próprio indivíduo, não poderia ser experienciada de outra forma.

Palavras-chave: Vampiros na Literatura, Dracula, Bram Stoker

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 4

O corpo inumano e o desencanto com a modernidade em *Frankenstein*

CASSIO LAROTONDA MAIA (UERJ)

Resumo: Desde tempos imemoráveis, as manifestações artísticas transbordam dos seres humanos também como sintoma daquilo que existe além do racional, expressando a nostalgia de uma harmonia com o todo longamente perdida. (FRYE, 1951). Dessas diversas manifestações, podemos depreender significados que vão além daqueles que jazem na superfície e são, portanto, enciclopédicos – uma vez que expressam a relação entre sujeito e objeto, assim como a relação entre a sociedade e seu conjunto de prática, entre outros. O medo é, dos sentimentos elementares, dos mais atuantes sobre a psiquê humana. Edmund Burke (citar) nos chama a atenção para o fato de que ele é exímio em sustar a ação e a racionalidade. Nesse aspecto, podemos notar como o medo aflora na criação simbólica desde seus primórdios, quando, com o intento ter algum controle sobre a infinitude ameaçadora e aleatória de seu entorno – visto que

diversas sociedades pré-agrícolas mantinham relação “antagônica” com a natureza -, os grandes caçadores pré-históricos pintaram suas caças nas paredes das cavernas; diante do pavor da infertilidade, esculpiram musas de seios e nádegas exageradas. (TUAN, 2005, p. 77) O medo, à primeira vista¹, portanto, encontra fonte em um fator externo que ameaça uma determinada harmonia preestabelecida como ideal. Um pilar indispensável à narrativa do medo é o Monstro. Usado frequentemente como significante de algo horrível ou excessivo, as dimensões do monstro vão além dessas simples acepções e desde sua etimologia (mostrar, avisar, no latim *monstrare* e *monere*) propõem algo maior. Para Punter e Byron (2004, 63 – 67) o monstro é uma reiteração moral. As figuras monstruosas, sendo o ponto de convergência em que faz interseção tudo aquilo que diverge do aceitável e da moral, retifica e ratifica a política do normal. O monstro elenca em si o que potencialmente desarrima as estruturas que embasam a sociedade que lhe dá vida. Além disso Jeffrey Cohen (2000, p. 25 – 30) propõe que, por nascer de uma esquina metafórica, é possível compreender as sociedades a partir dos monstros que elas produzem e que frequentemente, por fugir à conceituação e ao prescrito, o monstro provoca aversão, asco. Ainda que as primeiras narrativas não tratassem de monstros como compreendemos contemporaneamente, as figuras aristocráticas que antagonizavam as histórias servem, certamente, como personificações dos excessos além das fronteiras do correto e do normal, admoestam e servem de exemplificação do mal para a burguesia que os engendra e os consome. Se no Gótico bifurcavam os âmbitos da razão e da superstição, sendo o primeiro o porto seguro da família burguesa setecentista e o segundo um criadouro de vilões aristocráticos, perseguidores de mulheres e algozes da segurança familiar, em 1818, com o lançamento de *Frankenstein*, da autora Mary Shelley, tal ordem é subvertida: no intento de (literalmente) dar à luz um sonho humanista/iluminista – o total controle sobre as extremidades máximas da aleatoriedade da vida que regem o ser: a vida e a morte – e

desvelar os segredos da natureza, Victor Frankenstein termina por trazer ao mundo um monstro. Dessa vez, segundo Botting (citar), é a ciência que borra as claras distinções, posto que o monstro é, ao mesmo tempo, natural e artificial. Para o mesmo teórico, na busca pelo belo propiciado pela razão, ao tentar transcender vida e morte, Victor se vê defronte a um monstro que é, na verdade, horrível e que dá corpo ao que a ciência inicialmente tencionava negar: o outro. Obviamente, o ojeriza. Além disso, o monstro se manifesta como sendo o retorno concreto e letal daquilo que é reprimido pela própria razão e pela moralidade, transitando, portanto, entre o horror privado e público. (citar, p. 103 – 104). A ciência, que inicialmente deveria controlar as forças inesgotáveis do mundo amorfo, dando-lhe forma, torna-se o manancial que faz surgir o monstro potencialmente imprevisível. O que este trabalho propõe é uma análise das manifestações do inumano e do desencanto com a modernidade presentes na obra de Shelley, *Frankenstein*.

Palavras-chave: Corpo, Modernidade, Monstro, Frankenstein

Criador x criatura: a representação do corpo artificial como geradora de conflitos em filmes de ficção científica

FRANCISCO MAGNO SOARES DA SILVA (UERJ)

Resumo: Transcender barreiras parecer ser uma condição inerente ao ser humano. Os obstáculos impostos por sua natureza biológica e a angústia proveniente da consciência de sua mortalidade serviram como motor propulsor do progresso da humanidade. A fim de saciar o desejo de transpor limites, o ser humano encontrou na tecnologia um modo de tomar as rédeas de sua existência, distanciando-se cada vez mais da figura metafísica de um criador. Através da técnica o Homem passa ocupar o lugar do Criador. Com o progresso tecnológico, além de conseguirmos erradicar doenças outrora fatais e prolongar a expectativa de vida, tornou-se possível alterar e moldar o corpo humano a nosso bel prazer buscando atender os desejos negados pela Natureza. Os avanços na medicina moderna permitem que doenças sejam detectadas

e tratadas antes mesmo do nascimento. Tal progresso no campo da engenharia genética dá margem a possibilidade de pais escolherem para seus futuros bebês as características físicas de sua preferência, customizando sua criança ideal, como fazemos com automóveis ou computadores por exemplo. O fascínio pela tecnologia viabilizou a construção de máquinas maravilhosas que tornam nossas vidas muito mais práticas. A evolução dessas máquinas tem alcançado patamares de desempenho e autonomia tão impressionantes que questiona-se a possibilidade dessas construções serem dotadas de consciência. Junto a esse questionamento surge uma sombra de medo: e se chegar o dia em que não teremos mais o total controle dessas máquinas? Como lidar com construções inteligentes que não respondem mais ao nosso comando e desejo? As respostas para tais perguntas podem pôr em cheque o futuro da humanidade e sua posição de superioridade entre todos seres conhecidos do universo. O medo de perder o controle das máquinas tem sido tema recorrente em produções cinematográficas, em especial o gênero ficção científica, que sempre explorou o mote do confronto humano x máquina. O embate agrava-se ainda mais quando a entidade fruto da técnica do Homem é representada como um corpo construído artificialmente à semelhança do humano, incutindo no último dúvidas acerca de sua própria identidade. Conforme adquire consciência, o corpo inumano passa a reivindicar sua autonomia, rebelando-se contra seu criador. A partir daí o ser artificial deixa de ser uma criação fantástica feita para servir ao humano e transforma-se em uma ameaça à sociedade. O objetivo deste trabalho é utilizar filmes de ficção científica como *Westworld* (1973), *Blade Runner* (1982), *Ex_Machina* (2014), entre outros para abordar as relações entre o humano e seu duplo artificial, explorando como a dissolução das barreiras que os separam serve como gatilho para o conflito, ressaltando que esses corpos artificiais são representados como fonte de medo e ansiedade por trazerem à tona os dilemas que afligem o ser humano.

Palavras-chave: ficção científica, transumanismo, corpo artificial

Representações do corpo humano em *Ubik*, de Philip K. Dick

OSIRES DE ARAUJO SILVA FILHO (UFPI)

Resumo: A pesquisa pretende analisar como o corpo humano é descrito no romance de ficção científica *Ubik* (1969), de Philip K. Dick. O enredo distópico da obra se passa num futuro de sociedades consumistas, inicialmente 1992, em que poderes são algo corriqueiro e as pessoas “mortas” podem ser mantidas numa forma de animação suspensa chamada meia-vida, algo próximo da atual criogenia, mas que permite uma consciência limitada. Neste sentido, dois personagens chamam atenção: o empresário Glen Rucinter e sua esposa, Ella. O primeiro possui um corpo composto por mais de uma dezena de órgãos artificiais enxertados no seu sistema fisiológico à medida que os genuínos, originais, falhavam. Enquanto isso, Ella encontra-se no Moratório Entes Queridos, localizado na Suíça e de propriedade de Hebert Von Vogelsang. Os moratórios se aproximariam um pouco dos conhecidos cemitérios de hoje, porém os corpos das meias-vidas, espécie de estágio entre a vida e a morte, são conservados em bolsas térmicas. Eles encontram-se neste estado de latência até que possam renascer em um novo útero e nesse intervalo de tempo é possível estabelecer comunicação com amigos e parentes por meio de atividade cefálica com uso de amplificadores portáteis de protófonos. A partir destas observações, desenvolver-se-á uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, pois esta modalidade possibilita a reflexão crítica a partir de conhecimento acumulado (registros disponíveis), sendo, portanto, a mais adequada para a construção deste trabalho. Inicialmente reflexões serão feitas em torno de pensadores da modernidade tardia e que dedicaram parte de seus trabalhos às modificações que o corpo humano vem sofrendo: Giddens (2002) afirma que nesta época “o corpo está plenamente disponível para ser trabalhado pelas influências da alta modernidade. Como resultado desses processos, suas fronteiras se alteram.”; Jonas (2006) declara que se antes o homem deveria ter o total domínio sobre a natureza, modificando-a e criando-a,

agora, “o homo faber aplica sua arte sobre si mesmo e se habilita a refabricar inventivamente o inventor e confeccionador de todo o resto.”; para Bauman (2009) o corpo é “fonte particularmente prolífica de uma ansiedade eterna, exacerbada pela ausência de escoadouros estabelecidos e confiáveis para aliviá-la, que dirá para reduzi-la e ou dispersá-la”. Pode-se concluir, portanto, que se nos períodos precedentes da história o homem seria capaz apenas de prolongar o tempo de vida imposto pela natureza, na modernidade tardia, o homem passa a ser capaz de acelerar o curso natural da natureza e ainda de criar naturezas artificiais ontologicamente semelhante às naturezas originais e esta realidade já era retratada, antes mesmo disso se concretizar em obras ficcionais, como *Ubik*.

Palavras-chave: Philip K. Dick, *Ubik*, Distopia, Corpo

Não é a língua: Copi e o Teatro de Extremos

RENAN JI (UERJ)

Resumo: Observo no google as imagens do argentino Raul Damonte Botana (1939-1987), mais conhecido pelo nome artístico Copi, e tento imaginá-lo em proximidade e concretude. Travestido de drag ou de modelo Tom of Finland, ele incorpora o que normalmente conceberíamos como o “ator-travesti”, conceito cunhado pelo próprio Copi para definir estética e ideologicamente boa parte de seus trabalhos. Vejo no olhar risonho, sardônico, uma espécie de humor irreverente que parece denunciar em germe o ator-travesti por trás do corpo franzino e pálido, tão branco que sua avó o chamara “copito de nieve”, originando mais tarde o apelido / nome artístico com que ficaria conhecido. O seu olhar parece resistir como o próprio enigma do ator-travesti – enredado nos fluxos metamórficos e transitórios, entre as diversas identidades, gêneros e sexualidades –, mas encerrando sempre um inevitável gosto pelo riso debochado e pela crítica ferina dos costumes. Argentino e radicado em Paris, Copi é um artista múltiplo – ficcionista, cartunista e dramaturgo. Com uma vasta obra ainda pouco

reconhecida pelo público, pretendo abordar apenas uma peça escrita pelo autor em 1967, *O homossexual* ou da dificuldade de se expressar, encenada pela Companhia Teatro de Extremos em julho de 2015. A partir do texto em espanhol da peça e da montagem, discutirei como o conceito de ator-travesti se realiza como figura ficcional e dramatúrgica, culminando na denúncia de um corpo atravessado por repressões e impossibilitado de se expressar. O homossexual narra a trajetória de uma comunidade de párias transexuais, relegados pelo Estado russo a viver em exílio numa Sibéria infestada de lobos e ameaças de prisão. A alegoria ambiental da transfobia revela um espaço distópico em que as transexuais planejam fugas, aliciam parceiros, concebem e expõem filhos, amam e transam entre si, e com vários outros. A despeito do caráter excessivo da fábula e da representação violenta da sexualidade, estamos diante de um melodrama insano e cômico que descortina o potencial do ator-travesti como fator de criação cênica e de construção ficcional, mas que também se presta a uma crítica ferina e direta dos costumes e dos preconceitos de gênero. Copi nos desenha um microcosmo trans que no seu ápice nos mostra que a dificuldade de se expressar não é tanto uma questão de língua e fala. É o cu, o ânus, fartamente mencionado como fixação na fala dos personagens e na tessitura da peça, que está em jogo no universo de *O homossexual*... Nesse sentido, a condição marginalizada do trans se liga, no fim das contas, ao que se faz com o ânus, à uma prática tabu que origina toda uma estrutura ideológica transfóbica e homofóbica. Copi e a montagem da Companhia Teatro de Extremos propõem de maneira drástica e violenta o interdito, revelando seu absurdo: tudo se reduz ao que se faz com uma parte do corpo. Veremos como essa baixa anatomia adquire um súbito empoderamento político e simbólico no texto de Copi. O problema, definitivamente, não é a língua.

Palavras-chave: Copi, Teatro dos extremos, corpo, sexualidade

Mutações em monstro e máquina

RICARDO JOSÉ DE LIMA TEIXEIRA (UERJ)

Resumo: A incansável busca pelo aperfeiçoamento do corpo, pela sua superação e, se possível para subjugar a morte física através da tecnociência é o que move homens como Seth Brundle e Charles Neumann. O primeiro, protagonista do filme “A Mosca”, dirigido por David Cronenberg em 1986, é um cientista que após uma tentativa de tele transporte aparentemente bem-sucedida tem seus genes inadvertidamente misturados aos de uma mosca, e, para seu espanto, vê seu corpo aos poucos se metamorfosear tal qual na obra de Kafka em um gigantesco inseto. Neumann é o personagem-título do romance Homem-Máquina (2011) de Max Barry. Assim como Brundle, Neumann é um engenheiro que também altera seu corpo em busca do aperfeiçoamento de suas partes, substituindo membros a seu ver fracos por novas partes mecânicas mais fortes, eficazes e apropriadas. Em ambos os casos a serem estudados percebe-se claramente a presença cada vez mais forte da técnica a cunhar os avanços que possibilitam a mutação do corpo. Embora a técnica não seja determinante no caso do filme de Cronenberg, o devir-inseto ocorre à revelia do cientista, porém ela está definitivamente presente no objetivo de Neumann em busca da superação do corpo.

Palavras-chave: mutação, corpo, técnica

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

Alegorias da violência em Anjo Negro de Nelson Rodrigues

ÂNGELA MARIA DIAS (UFF)

Resumo: A presente comunicação se propõe a refletir sobre a série Polvo, produzida por Adriana Varejão em 2015, que constitui um objeto de arte inusitado e sugestivamente engajado na discussão de questões

sócio-histórico-culturais da formação étnica do povo brasileiro, bem como nas maneiras peculiares e criativas que o imaginário coletivo vem criando para lidar com a própria miscigenação. Trata-se de “uma caixa com 33 tubos de tinta (com tiragem de 200 exemplares), além da série de pinturas elaboradas a partir destas tintas, que criam um imenso painel. As telas são retratos de Adriana, executadas por outros pintores retratistas, com intervenções da artista. A cor da pele é neutra, acinzentada, com pinceladas geométricas e de inspiração indígena, realizadas com os tons das tintas Polvo”. Este ensaio visa também relacionar o presente trabalho com outras produções da artista sobre temas correlatos, como os contidos na sua primeira exposição retrospectiva, Adriana Varejão: Histórias às margens, de 2013.

Palavras-chave: polvo, povo, miscigenação, imaginário social

Lei, corpo e desejo em Corpo de Baile

LUIZ FERNANDO VALENTE (BROWN UNIVERSITY)

Resumo: Esta comunicação dá continuidade à nossa reflexão sobre o erotismo na obra de João Guimarães Rosa (1908-1967), desenvolvida em ensaios anteriores e no oitavo capítulo (“As contradições de Eros”) do nosso livro Mundivivências: leituras comparativas de Guimarães Rosa (2011), com especial atenção às novelas de Corpo de baile (1956). Enquanto nos trabalhos precedentes concentramo-nos nas novelas “Buriti” e “A estória de Lélío e Lina”, nesta comunicação deter-nos-emos na novela “Dão-lalão. Colocando em questão a abordagem clássica de Benedito Nunes, segundo a qual a dialética do amor na obra de Guimarães Rosa apontaria na direção da harmonia e da totalidade, nossa comunicação focaliza na representação do erótico na obra rosiana como uma forma de transgressão, através da qual se reposiciona a dicotomia da lei e do desejo, que, como sugeriram Sigmund Freud e Herbert Marcuse, constitui um dos fundamentos da civilização ocidental. Focalizaremos na representação do corpo e revisitaremos o questionamento do primado da racionalidade como principal veículo para o entendimento da realidade, que forma um dos alicerces da

obra de Guimarães Rosa. Enquanto Nunes recorre a Platão, aos Neoplatonistas, e à tradição hermético-mística, vamos buscar apoio para nosso argumento na obra de Georges Bataille (1897-1962). Finalmente, propomos que ao mesmo tempo em que “Dão-lalão” faz instigantes perguntas sobre o erotismo como expressão do que Bataille chamou de non-savoir, a novela levanta também questões sobre relações de raça e gênero dentro de um contexto cultural e histórico especificamente brasileiro.

Palavras-chave: Bataille, erotismo, transgressão

Satã: um corpo mutante

MARIA CONCEIÇÃO MONTEIRO (UERJ)

Resumo: O humano em diálogo com entidades transcendentais é o ponto axial desta apresentação, em que se analisa a figura de Satã, enquanto corpo de energia poética. Essa figura é vista, em sua função poético-cultural, como imagem-mundo representativa da própria natureza humana, na sua ambígua posição entre o bem e o mal. Através dela, segundo a compreensão e interpretação propostas, o medo e o perigo configuram o limite do próprio pensamento humano, na sua dinâmica de constante transformação do conhecimento. Enquanto construção poético-imaginária, o corpo de Satã obedece ao princípio da hibridação: humano/inumano e divino. Em Satã figura-se o humano perverso. Jean-Jacques Courtine (2015) reflete sobre o corpo monstruoso e observa que a confecção desse corpo é obtida pelo jogo de uma dupla série de operações: uma realizando distorções sistemáticas da figura humana, a outra imbricando nela traços não humanos. Por tudo isso, o diabo se apresenta como um ser mitológico. Aqui, pensando com Thacker (2011), o termo implica mais do que uma compreensão humana do humano, mas, ao contrário, a compreensão do mundo e, ao mesmo tempo, o limite da possibilidade humana de conhecer o inumano. Satã se encontra exatamente em uma dimensão interpretativa que não é comumente associada ao humano mas, por outro lado, não deixa de expor componentes fundamentais para pensar

categorias que vão além do pensamento humano, como a ausência, o negativo, o nada. Satã se encontra entre a representação do mundo e aquilo que escapa ao mundo como o conhecemos por tal representação. Ele, com sua energia, é portador de uma luz ambígua. Além do mal, há em Satã também um caráter erótico, que se expressa na imaginação poético-literária. Podemos constatar isso em diversos autores. Dante, na sua viagem pelo Inferno, Purgatório e Paraíso, circula por diferentes lugares e observa as falhas humanas em vários círculos do Inferno; em *The Monk*, de Matthew G. Lewis, Matilda exerce poder transcendente, quando em estado de possessão; a vida do anjo caído é dramatizada por John Milton, em *Paradise Lost*; e mais tarde, no século passado, na figura de Woland, em *O mestre e Margarida* de Mikhail Bulgákov; isso para nomear apenas alguns. A relação dialógica nas narrativas é estabelecida pelo poder de Satã em construir outros mundos ou realidades, que estão para além do que podemos representar tradicionalmente, porque apresentam um outro significado. Ele se revela não naquilo que pode ser representado, mas como um tipo de experiência que acontece internamente no ser por meio do corpo. O mundo é decifrado através do corpo, que passaria então a decifrar o enigma do mundo. Satã desperta a imaginação desejante do outro para superar-se, expandindo a vida para sonhar além dos limites em que vivemos e nos representamos. O corpo possuído por Satã revela novas possibilidades do ser humano.

Palavras-chave: Satã, corpo, imaginação poética, mito

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 6

O corpo no limite do possível em Hilda Hist e Georges Bataille

ALINE LEAL FERNANDES BARBOSA (PUC-Rio)

Resumo: Toda arte é erótica. Falamos isso evocando erotismo como potência transgressora capaz de romper os limites da descontinuidade

dos seres em favor da unidade das paixões. Erotismo como dissolução das formas constituídas, como Georges Bataille tratou-o em sua obra, associando-o à morte, à experiência interior, ao sacrifício, à poesia, borradas as linhas demarcatórias das identificações em uma grande fumaça inebriante, rumo à “indistinção, à confusão dos objetos distintos” (L’erotisme, 2011, p.29). Tendo como fio condutor o pensamento anti-idealista e heterogêneo do autor francês, trazemos para a reflexão a obra de Hilda Hilst, dando ênfase à sua trilogia erótica: O caderno rosa de Lory Lamby (1990); Contos d’escárnio – textos grotescos (1990); Cartas de um sedutor (1991), realizando uma pesquisa entre a filosofia e a literatura. A ideia de unir esses autores parte do princípio de que eles ensaiaram, à sua maneira, um movimento de transgressão dos interditos, certa violência diante de determinada ordem vigente, violação das formas regulares de vida social, uma afronta ética e estética às nossas sensações, aos nossos sentimentos e pensamentos tão bem determinados. De modo que toda arte – como diz Bataille, um resíduo extremamente raro daquilo que vulgarmente se chama arte – tem em si essa potência erótica, violenta, destruidora de categorias, que ultrapassa os limites do humanamente tolerável, detonadora de angústia, de incômodo, arte como perda, dispêndio. É preciso aqui também ter em vista a presença forte do corpo nessas obras, um corpo despossuído, desmontado, desfigurado, em (quase) tudo destituído de sua individualidade. Corpo erótico, em suas curvas, pele, corte, em sua pressão de descontinuidade e desejo de continuidade. No movimento dos dois textos a aposta na ferida como propiciadora de contato entre os corpos, contato entre o alto e o baixo, e supressão da relação sujeito/objeto. Os tabus relacionados às partes dos corpos serão transgredidos na medida em que é preciso colocá-los em pauta, em que urgem, não obedecem aos imperativos de discrição, refutam a higienização de sua carga vergonhosa, fazendo um elogio ao abjeto. Trazer para a cena o que convencionalmente se propõe ocultar acompanha certa violência, e será justamente essa ferida aberta a via

de comunicação entre os corpos. A presença do corpo é ostensiva, e aparece sobretudo na linha da transgressão, violento e violado ele tenciona essa linha, de modo que, desfigurado o corpo, é difícil agarrá-lo e transformá-lo em linguagem, parece que algo sobra (ou falta) para esse encaixe, de certa forma instabilizando o conceito de representação, fragilizando a possibilidade de contorno. Por fim, nossa análise deve explorar os limites desta desfiguração.

Palavras-chave: erotismo, desfiguração, transgressão

O corpo diante do fim: a camisa de força na poesia de Armando Freitas Filho

GIANNI PAULA DOS ANJOS DE MELO (UNICAMP)

Resumo: Desde a publicação do livro Numeral/Nominal (2003) é possível observar na obra de Armando Freitas Filho um “diálogo tenso da presença do homem frente ao tempo de vida. Há uma coragem entre raivosa e erótica, que arremete para dentro das coisas — não em consonância, mas em desafio” (BOSI, 2000, p. 5). Essa tônica se estende e se intensifica nos trabalhos subsequentes do autor: Raro mar (2006), Lar, (2009), Dever (2013) e Rol (2016). No momento em que o poeta se reconhece em um lugar de mais passado do que futuro, os temas da morte e da finitude, nada novos na sua escrita, parecem ganhar outros contornos, não apenas por uma consequência biográfica, mas por um desdobramento que responde à própria obra. “Existo por escrito”, “escrever” ou “Máquina de escrever” são, respectivamente, verso, neologismo e título de livro sinalizadores da simbiose entre vida e escrita proposta na poética de Armando; ele que, mais do que sempre, agora nos fala das “últimas linhas / do capítulo do livro e do dia” (FREITAS FILHO, 2013, p.72). Neste contexto, buscamos observar como o corpo e o erotismo, assuntos permanentes na sua obra, se integram a essa tônica da finitude nas publicações recentes. Para tal, propõe-se a análise dos poemas “No espelho”, “Duas cabeças” e “111”, fortemente marcados pelas imagens do envelhecer, que não é apaziguado nesta

poética. Aqui, a maturidade não sinaliza conformação ou serenidade, mas incômodo e inadequação. Assim, também não se compreende que a presença da finitude coincida com um preparar-se para a morte, mas antes com um acolhimento do fim enquanto acontecimento que se dá em gerúndio. Lar, e Dever, livros em que constam os poemas analisados, alargam a compreensão de que a morte não está fora do corpo, nem fora da linguagem, como nos propõe Octavio Paz: “a morte não está fora do homem, não é um fato estranho que venha do exterior. [...] A morte não é uma falta na vida humana; ao contrário, ela a completa. Viver é ir para frente, avançar em direção ao estranho, e este avançar é ir ao encontro de nós mesmos” (2012, p. 157). Diniz (2008) aponta para a comunhão entre a matéria de que somos feitos e o horizonte que nos espera dizendo que “o corpo é o sintoma mais íntimo da própria finitude”, e em Armando Freitas Filho isso sempre esteve muito evidente. Agora, no entanto, nada escapa ao imperativo do limite, do encerramento, do fim. Referências DINIZ, Marcelo. A poética do inacabado: o projeto Numeral de Armando Freitas Filho. (Apresentação no XI Congresso Internacional da ABRALIC). Universidade de São Paulo, 2009. FREITAS FILHO, Armando. Máquina de escrever: poesia reunida e revista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. PAZ, Octavio. O arco e a lira. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Palavras-chave: Armando Freitas Filho, poesia contemporânea brasileira, finitude

O corpo do poema de Ana Cristina Cesar

LUCAS DOS PASSOS (UFES)

Resumo: As leituras da poética de Ana Cristina Cesar costumam ter por fito sobretudo perscrutar o sofisticado jogo literário que se encena não só dentro dos limites de seus textos como também no intenso (e, naturalmente, crítico) diálogo que manteve com a geração de que, nalguma medida, fez parte. Assim, um olhar diagonal sobre a fortuna crítica da poeta fornece um panorama de estudos que se prestam a

destacar, por exemplo, as peculiaridades da voz urdida em sua obra (como se vê principalmente – mas não só – em Até segunda ordem não me risque nada, de Flora Süssekind); a consciência do corpo em devir numa perspectiva literária (como analisa Anitta Costa Malufe) ou, ainda, por um prisma histórico (como propõe Italo Moriconi em seu ensaio biográfico sobre a autora); a intrincada reflexão sobre os limites da representação, inclusive em seu caráter corporal, que Viviana Bosi assinala em sua leitura dos poemas gatográficos; e as estratégias de encenação da intimidade (com todos seus desdobramentos literários e sociais) – dado marcado por boa parte da crítica. Essas questões, a propósito, figuram na revisão realizada por Luciana di Leone em Ana C.: as tramas da consagração e ocupam um dos centros da reflexão de Marcos Siscar sobre a poeta num dos volumes da coleção Ciranda da poesia; mas é outro ponto ressaltado pelo ensaio de Siscar que me chama especialmente a atenção: a despeito de toda a contenda já conhecida entre a matriz poética cabralino-concretista e a estética da poesia marginal, o crítico propõe – justamente em virtude das idiossincrasias do sujeito na lírica de Ana Cristina – que a poeta pode, sim, ser lida em clave semelhante à da obra de João Cabral. O cerebralismo identificado na poética de Ana C. merece, portanto, ser analisado não apenas pela ótica mais global que envolve a desmistificação da experiência individual e a superação, pela via do rigor, do trânsito mais imediato entre vida e linguagem: é preciso trazer ao seio da discussão traços formais decisivos que definem a natureza do corpo dos (e nos) poemas da autora. Assim, uma vez que já se avançou bastante nas discussões acerca da configuração de voz, sujeito e linguagem na obra de Ana C., sua poética carece ainda de mais leituras que contemplem a compreensão da materialidade corpórea dos textos: afinal, para citar apenas o óbvio, nela se vislumbram inúmeras faces do verso contemporâneo – polimétrico, livre, fragmentado, visual – e um reavivamento do poema em prosa. É com este objetivo que, por meio da análise métrica, fonológica e semiótica de um conhecido poema de

Cenas de abril (“olho muito tempo o corpo de um poema”), proponho esmiuçar a compreensão de Ana Cristina Cesar sobre o poema enquanto corpo. Para isso, servirão de apoio estudos de versificação de Cavalcanti Proença (1955) e Péricles Eugênio da Silva Ramos (1959); ensaios de Paulo Henriques Britto (2011, 2014) sobre o verso livre; e reflexões de Giorgio Agamben (2002, 2012) sobre os limites e interrupções do verso – aliadas à compreensão icônica de ritmo oferecida por Décio Pignatari (2004).

Palavras-chave: Ana Cristina Cesar, Corpo e poesia, Iconicidade, Poesia brasileira contemporânea

Corpo e erotismo na poética colasantiana

TÁSSIA TAVARES DE OLIVEIRA (UFPB)

Resumo: Neste trabalho investigamos os olhares de Marina Colasanti que se voltam ao corpo e sua sexualidade, evidenciando uma preocupação recorrente da poeta com as alterações sofridas ao longo do tempo. A lírica amorosa tradicional não se destaca, de maneira geral, dentro da obra colasantiana. No entanto, as representações de Eros são um aspecto importante a ser analisado em sua poética, dado que se repetem como uma manifestação de conhecimento sobre o corpo feminino, sobre o corpo do outro, afinados com uma experiência quase mística de libertação do prazer feminino, compreensão ou aceitação da passagem do tempo. Compreendemos que a linguagem dos corpos é poeticamente falada através dos poemas eróticos de Marina Colasanti, e que estes, por sua vez, têm muito a nos dizer sobre os novos arranjos afetivos-sexuais que se estabelecem na contemporaneidade, principalmente no que diz respeito à perspectiva feminina. Revelam extrema desenvoltura vocabular para com temas comumente interditos às mulheres, sem, contudo, descuidar da linguagem poética; desse modo, termos crus da anatomia íntima humana apresentam-se entre metáforas, símbolos, metalinguagem, intertextualidade. Analisamos tal característica nos poemas em consonância com as mudanças

vivenciadas pelas mulheres na modernidade tardia graças ao feminismo. O processo de transformação da intimidade nas sociedades modernas alterou significativamente o papel feminino na esfera privada, de modo que não podemos pensar em revolução sexual sem imaginar as pautas feministas sobre o direito ao próprio corpo e prazer. No entanto, mesmo em tempos de sexualidade plástica (Giddens, 1993), ainda há áreas e discursos que, quando proferidos por mulheres mudam de registro – passam de livre manifestação artística a rebaixamento da temática e, principalmente, do ser enunciador. Nos propomos a sistematizar essa produção de viés erótico e analisar alguns dos poemas colasantianos, de modo que tal análise ilumine nossa compreensão sobre como as representações de Eros na poesia de Marina Colasanti rompem os interditos em relação à sexualidade feminina. Tentaremos responder essa pergunta através de uma tipologia de poemas selecionados que abordam a representação do ato sexual e do corpo da mulher através de imagens ou convenções não usuais, a saber: o corpo feminino não sexualizado e a lírica erótico-amorosa. Evidentemente, alertamos que os poemas aqui analisados nem sempre se enquadram em apenas uma das categorias, pois há um entrelaçamento entre estas que apontam para uma concepção poética colasantiana sobre a relação entre as mulheres, seus corpos e o sexo. Defendemos que a poesia erótica de Marina Colasanti dialoga com as pautas do movimento feminista atual no que diz respeito à autonomia do corpo feminino; que há particularidades da linguagem do corpo e da experiência feminina que estão explícitas nessa poesia e que isso colabora para uma diferente forma de conceber o erotismo não mais sobre a ótica masculina; que as representações da mulher madura/idosas presentes nos poemas eróticos rompem com o interdito sobre a sexualidade feminina na maturidade; e que diversas associações são reveladas entre o ato sexual e a natureza implicando diversos efeitos ao longo dos poemas.

Palavras-chave: Poesia, Gênero, Corpo, Erotismo

58

O JOGO DO TEXTO: O AUTOR, O LEITOR E SUAS PRÁTICAS NA CONTEMPORANEIDADE

Juliana Cristina Salvadori (UNEB)

José Carlos Felix (UNEB)

Ana Maria César Pompeu (UFC)

Resumo: Este simpósio almeja compreender de que maneira as textualidades contemporâneas (produzidas, circuladas e recebidas por meio de suportes/materialidades diversos, por vezes convergentes) põem em xeque a função do autor e, logo, o papel do leitor, a partir da redefinição dos conceitos de texto e obra. O objetivo é compreender as práticas de leitura/escrita que estas novas textualidades demandam – e nestas pensamos particularmente naqueles atos de (des)leitura e (des)escrita que a contemporaneidade fomenta (as adaptações, apropriações, refrações) – enfocando estes novos textos como o locus da convergência entre os atos de leitura e escritura, processo pelo qual (des)escrevem-se textos (assim como materialidades) canônicos. Neste sentido, esta leitura é pensada como poiesis - ato criativo, em que se atualiza(m) a(s) potencialidade(s) do texto, particularmente do literário (vide AGAMBEN, 2012), e a escrita como desleitura na acepção de Bloom (1995), isto é, apropriação desviante do outro e do texto do outro – texto escrevível, a ser lido sempre na perspectiva de uma abordagem comparada, isto é, em diálogo com outros textos. Se os debates fundadores da área / disciplina da literatura comparada se concentraram na circunscrição do campo e na definição dos parâmetros de comparação (CARVALHAL, 2006; NITRINI, 2010), para uma análise comparatista válida, os anos 2000, principalmente, testemunham a re-emergência de um campo dado como morto (SPIVAK, 2003) a partir de uma releitura

do lugar da literatura comparada em relação ao campo dos estudos literários e a aceitação desse lugar fronteiriço, liminar, intersticial - trans-nacional, trans-cultural, trans-midiático: uma opção pelo movimento e pelo fluxo. A literatura comparada, nesta perspectiva, passa a nos oferecer, com base em um corpo teórico e prático, a tentativa de inteligibilidade (leitura) dessas diferentes manifestações contemporâneas a partir da compreensão da diferença que se apropria do texto do outro e o desescreve, deslendo-o na refeitura. É na rede desses questionamentos postos particularmente a conceitos-chave dos estudos e da crítica literária (autoria, obra, texto e leitura) que buscamos compreender a reconfiguração dos textos e matrizes narrativas contemporâneas bem como as práticas de leitura e escrita que estes objetos ressignificados ensejam.

Palavras-chave: Desleitura, Textualidade, Apropriação, Escritura-leitura

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

O inacabado como obra aberta: as relações entre autor, editor, leitor e texto

BIANCA ROSINA MATTIA (UFSC)

Resumo: Perspectivas de caráter singelo, plural e movediço: sob o prisma do poético, a palavra, a letra, a deformidade do signo ocasiona violência. A partir de poéticas inscritas na contemporaneidade, todas concedidas pela autoria feminina, busca-se, maiormente, examinar algumas das múltiplas subjetividades acerca do corpo propostas pelo palavreado poético dado por mulheres. Visto que, na problematização pela compreensão do contemporâneo, há uma urgência pela expressão de corporalidades distintas que não estão mais orientadas para a subserviência imposta pela estrutura androcêntrica, entende-se que as manifestações subjetivas do poema atuam como locução díspar, como

matriz criadora de um perceptível poético-político-oposicionista acerca da vida. A leitura e desdobramentos ficam focalizados, sobretudo, no livro *Um útero é do tamanho de um punho*, publicado em 2012, de autoria da poeta gaúcha Angélica Freitas. Deste modo, o estudo movimenta-se, em acréscimo, por escritos de outras autoras que, assim como Angélica, tem problematizado, poeticamente, o fomento de uma hibridez de corpos, corpos reais, corpos vívidos, corpos pulsantes, corpos... É observado que os poemas, dados de modo temporalmente indisciplinado e em locução com as singularidades do ser, faz culminar na leitura do corpo-poesia, que se calca em lacunas, violências, rachaduras no que é tido verdadeiro. Neste seguimento, constata-se que há uma re-inauguração autêntica de uma poesia que se constitui no olhar bambeado entre o público e o privado, entre o que se espera e o inesperado, entre o consentimento e o escape. A referida característica expõe o poema entre limiares que já não se cartografam numa única via, portanto, há o indício de um desalinho do que se denomina hegemônico. O poema se desconfigura da noção de um corpo-coisa e parte em direção a um corpo-poesia. Para análise, volta-se para o bojo de teorias contemporâneas que elencam, em híbrido, um debate que trata da relação entre corpo e literatura, da escrita e produções de mulheres, das subjetividades múltiplas e do devir. Entre as teóricas e teóricos que compõem a ação de auxiliar o desenvolvimento da reflexão, encontram-se Judith Butler, Luce Irigaray, Hélène Cixous, Gilles Deleuze, entre outras e outros que se alinham com as proposições aqui tratadas. Efetua-se, a partir do analítico, uma explanação possível da intervenção dos corpos que se arrebatam junto, inerente e imagetivamente ao poema. No conclusivo, ainda que inicial, assegura-se a constatação de que o corpo-poesia, na acepção de contravocabulo, se fortalece por intermédio do âmbito poético. O corpo-poesia é um fora-real – e possível – corpo impulsionado pela escrita poética de mulheres.

Palavras-chave: Corpos Poéticos, Poesia Brasileira Contemporânea, Escrito de mulheres

Durante o XV Congresso Internacional da ABRALIC, em 2016, no simpósio temático “Desescritas e desleitura contemporâneas: o autor, o leitor e a obra em jogo/no jogo do texto”, apresentei a comunicação oral intitulada “Do texto ao paratexto, do autor ao editor: uma leitura de Alabardas, de José Saramago”. Minha fala esteve baseada nos estudos acerca dos paratextos editoriais, conforme Gérard Genette (2009), presentes no livro “Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas” (2014), romance inacabado e com publicação póstuma, do escritor José Saramago. A intenção era a de pensar a relação editor-autor na edição e publicação desse livro. Na oportunidade, o conceito de autor foi alicerçado na concepção proposta por Roger Chartier, em “O que é um autor?” (2014), na qual Chartier sugere que a autoria seja elevada à “dimensão da própria materialidade dos textos, [...]” (2014, p. 62), de modo que “os novos leitores tornam novos os textos, e que o novo sentido que lhes é dado é devido à sua nova forma.” (2014, p. 62). Além disso, a pensar sobre o editor, a proposta teve como fundamento um dos conceitos de adaptação cunhado por Linda Hutcheon (2013) em “Uma teoria da adaptação”, qual seja, a de “um ato criativo e interpretativo de apropriação/recuperação” (2013, p. 30). Na oportunidade, a partilha com as demais comunicações apresentadas, bem como as contribuições dos proponentes do referido Simpósio Temático, instigaram-me a repensar a pesquisa, a qual prossegue na discussão da relação editor-autor, mas soma à ela, o leitor e também o próprio texto inacabado. Nesse sentido, a proposta desta comunicação é a de pensar, inicialmente, sobre o inacabado e a possibilidade de lê-lo ou não como obra aberta, conforme definiu Umberto Eco (2015) em seu livro, o que permite aprofundar a relação do leitor com o texto – a leitura literária, portanto, no rumo das reflexões de Vicent Jouve (2002) –. Quanto ao editor, acrescenta-se agora à pesquisa, a possibilidade de pensar no seu trabalho, especialmente no caso da publicação do texto inacabado, a partir do conceito de “suplemento”, proposto por Jacques Derrida (2004). A proposta desta comunicação, assim, é apresentar a continuidade da pesquisa que desenvolvo sobre o inacabado na

literatura, especialmente do romance inacabado de José Saramago, inicialmente mencionado, que não deixa de despontar para, quem sabe, uma nova prática, seja do autor, do leitor, do texto e [por que não?] também do editor, na contemporaneidade.

Palavras-chave: Editor, Leitor, Obra aberta, Texto inacabado

A construção do livro: materialidade e conformação

MARIANA DUBA SILVEIRA ELIA (PUC-RIO)

Resumo: Em sequência à comunicação feita neste simpósio durante o XV Encontro Abralic, em 2016, pretende-se apresentar alguns desdobramentos da pesquisa, que, ainda em fase inicial, se debruça sobre os elementos perigráficos e a construção do livro. Na comunicação “Perigrafia e ‘periagentes’: conformação autoral a partir de textos que caminham ao lado da narrativa”, procuramos instigar uma discussão acerca das formas de emergência da figura do autor tendo como foco de análise os textos inseridos na capa e nas páginas iniciais do livro. O objetivo naquele caso era apreender estratégias de compreensão e apreensão daquele que assina uma obra, tomando como base o trabalho de Antoine Compagnon (2007). Agora, gostaríamos de dar prosseguimento às indagações da pesquisa, deslocando nossa reflexão para o tema da construção do livro. A figura do autor permanece como ponto incontornável, mas interessa-nos aliar o estudo de sua emergência aos processos de produção do livro, enquanto objeto que conforma um autor e uma obra. Para aprofundar essa etapa, separamos algumas premissas: (1) a perigrafia é um dos elementos constituintes do livro; (2) o livro é um objeto que será apreendido por outro que não o autor e um objeto de mercado. Frisamos assim seu aspecto de objeto, portanto sua materialidade e concretude. A primeira premissa dialoga com a afirmação de Gérard Genette: “Paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro” (2009:9), cuja asseveração também gostaríamos de colocar em pauta. A segunda deriva do interesse em pensar como a materialização de uma obra influencia a sua fruição e

a tomada de posse por um autor e também um leitor. Nesse sentido, continuamos apoiando-nos no pensamento de Roger Chartier, quando discute o suporte material e imaterial do livro (1994; 1999), a fim de entender de que forma a relação entre texto, leitor e autor pode ser intermediada pelo livro. Da mesma maneira, mantemos o interesse no aprofundamento do estudo dos modelos adotados em editoras para fazer emergir concepções a respeito do autor e da literatura. Porém, aqui, a comunicação pretende discutir as possibilidades de aproximação da produção editorial de uma reflexão crítica a respeito dos textos perigráficos que tornam o texto literário uma obra. Essa discussão integra o desenvolvimento da pesquisa ao lado do estudo de casos, que no primeiro momento foca o trabalho empreendido pela editora Patuá, em especial na confecção da perigrafia dos livros de prosa contemporânea brasileira. Nosso enfoque é portanto a materialidade do livro e sua construção para a emergência de uma obra, acrescentando assim uma nova camada no estudo da produção da literatura e de sua recepção. Pois nossa sugestão é que os paratextos agem diretamente na construção de um imaginário autoral e os agentes que participam da produção do livro delineiam os contornos da figura do autor e da materialização da obra.

Palavras-chave: mercado literário, perigrafia, autoria, editor

Ricardo Lísias e o retorno do autor em Divórcio

PAMELLA OLIVEIRA COSTA-ALMEIDA (UFG)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o romance Divórcio (2013), de Ricardo Lísias, mapeando a experiência enquanto material literário, o diálogo com as teorias da autoficção (embora o autor negue fazê-la) e a influência do paratexto na interpretação a partir das teorias do retorno do autor à cena crítica que norteiam a recepção do texto. Trata-se aqui de uma pesquisa que procura analisar, na literatura brasileira contemporânea, a ficção de Lísias baseada na observação da construção da experiência vivida que rodeia a ficção,

estratégia narrativa em que o autor lança mão de suas memórias pessoais para dar voz a seus personagens, por meio do processo de construção da ficcionalização do eu. Esse processo, entretanto, em muito se deve ao fenômeno do retorno do autor à cena midiática. A reflexão acerca do caráter autobiográfico de uma narrativa é impossível senão pelo espaço biográfico que o leitor acessa a respeito do autor, através de entrevistas, aparições públicas e redes sociais. Através da análise dessas ocorrências na obra de Ricardo Lísias, autor brasileiro, que também é Doutor em Literatura e professor universitário, pretende-se levantar questões relevantes para esse trabalho. A partir de sua obra, procuramos expandir as margens acerca das definições de gênero nas quais se buscam delimitar as narrativas, e que, no entanto, não parecem mais suficientes para definir todas as expressões narrativas. O autor, seguindo uma corrente comum na literatura contemporânea, atribui um discurso memorialístico aos personagens ficcionais; essas memórias, no entanto, dialogam muito com as vivências pessoais dos próprios autores. Para isso, contar-se-á com o amplo apoio das entrevistas do autor concedidas a diversos canais midiáticos e à crítica especializada. Pretendeu-se partir dos conceitos de experiência, luto e esquecimento, analisando ainda a teoria de Foucault (1992) que trata da autoria e da função-autor. Ademais, serão utilizadas as considerações de Roland Barthes (2004), Eurídice Figueiredo (2013, 2014), Luciene Azevedo (2008, 2010), Leonor Arfuch (2002) e Serge Doubrovsky (2014) como suporte teórico no tocante às questões autorais e autoficcionais. Assim, pretendemos, a partir da análise dessa significativa obra da literatura brasileira contemporânea e desse autor ícone, buscar as respostas para as questões crescentes acerca da participação do autor no cenário midiático enquanto subversão do interesse original do leitor, uma vez que sua presença na mídia desperta mais a curiosidade do leitor pelo texto.

Palavras-chave: Autoficção, Literatura contemporânea, Retorno do autor

Vômito sem gelo nem limão: o azedo intragável em *Os sobreviventes*, de Caio Fernando Abreu

FELIPE FERNANDES RIBEIRO (UFRJ)

Resumo: Este ensaio traz uma breve, porém lapidada, reflexão sobre o conto *Os sobreviventes*, do livro *Morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu. O objetivo é apresentar à luz da teoria e crítica literária um panorama minucioso acerca do papel do escritor e da literatura contemporânea no contexto do século XX. Busca-se também explicitar pontos pertinentes no que tange à escrita como espaço de conhecimento, experimentação e ferramenta de concepção criativa, dando destaque aos mecanismos formais e recursos alusivos a fim de demonstrar as qualidades literárias do autor brasileiro assim como os aspectos artísticos e constitutivos de sua linguagem. Dessa forma, vale ressaltar que este estudo se propõe a servir de fomento e apoio às investigações subsequentes; além, claro, como ponto de partida para outras leituras possíveis.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu, Literatura contemporânea, Conto, Estética da Recepção

Trânsito contínuo: formas de mediatização da voz poética em *O homem que desafiou o Diabo*

JOSÉ CARLOS FELIX (UNEB)

Resumo: Uma característica muito peculiar dos filmes que reelaboram o cotidiano popular e seus modos de vida é a apresentação da narrativa oral. Essa, por sua vez, articula o enredo, mediando um diálogo entre as imagens e o espectador. As referências para produção seriam as narrativas contadas e recontadas incessantemente pelos narradores, cantadores e repentistas, estes que são os mestres na arte de improvisar e criar versos poéticos. Neste sentido, o roteirista também é um autor, já que ele cria, a partir do que capta do mundo, atrelando a sua própria experiência, outras performances. No momento em que ele reinterpreta aquilo que leu/ouviu, mobiliza a produção de novos sentidos e, com isso, operacionaliza, por meio da técnica, o ato narrativo. Essas

interações entre linguagens diferenciadas promovem a divulgação da cultura popular além de apresentar, na contemporaneidade, elementos que caracterizam a tradição oral. Assim, a presente proposta tem como objetivo discutir como se dá a mediação da poesia popular no filme *O homem que desafiou o Diabo* (2007), dirigido por Moacyr Góes, sabendo que se trata de uma produção cuja inspiração parte do romance *As pelejas de Ojuara: o homem que desafiou o Diabo* (2006), obra escrita pelo escritor rio-grandense Nei Leandro de Castro. Nesse movimento em que a poesia oral se articula por diversos intercâmbios, cabe aqui observar como ela se move na sintaxe do texto cinematográfico. A cena traduzida através dos meios audiovisuais devolve “a imagem de uma presença”, reitera Zumthor. Nesse sentido, o espectador é, ao mesmo tempo, ouvinte e coautor da poesia que lhe é transmitida, e a obra se manifesta em performance, agora mediatizada pelos recursos da luz, som, cenário e os movimentos da câmera. Deste modo, procuramos investigar no filme analisado, os diálogos com outras produções (orais, escritas), além de evidenciar nessas relações a permanente manifestação da voz poética. Além disso, o cotejo entre o livro e o filme examina de que maneira ambos reconstituem, reabilitam, reescrevem e reencenam a performance e os rastros poéticos de uma voz nômade, marcadamente incógnita da tradição da poesia oral, por meio do registro e das convenções da escrita e imagéticas. A metodologia consiste em uma abordagem literária interpretativa e comparativa com o objetivo de identificar como as vicissitudes dos processos de apropriação e reescrita no entremeio dos códigos gráficos institucionalizados convencionalmente, fazem emergir uma modulação contemporânea da voz, arroladas em suas características identitárias, discursivas e culturais. No que se refere à fundamentação teórica, nos valeremos de incursões aos trabalhos de Frederico Fernandes (2007), Jerusa Pires Ferreira (2003, 1995), Carlos Pacheco (1992), Maria Inês Almeida; Sônia Queiroz (2004).

Palavras-chave: Poesia oral, Voz poética, Reescrita, O homem que desafiou o diabo

Valentina vai além: desleitura e desescrita de Assembleia de mulheres de Aristófanes

ANA MARIA CÉSAR POMPEU (UFC)

Resumo: Assembleia de Mulheres (393/2 a.C.) é a décima peça que nos chegou de Aristófanes, único comediógrafo da Comédia Antiga Grega que nos deixou textos completos (onze comédias, das aproximadamente quarenta que teria composto). É, no entanto, a primeira do século IV a.C. e apresenta modificações formais importantes em relação às comédias do século V a.C., fazendo uma transição para a Comédia Intermediária ou Média Grega. As principais mudanças se dão na participação do coro, que, apesar de dar nome à peça, *Ekklesiazousai*, “As mulheres que se reúnem em assembleia”, tem uma substancial redução nas intervenções. É a primeira peça que não traz a parábase, longo interlúdio coral em que o poeta, através do coro, se dirigia ao público do teatro ateniense, aconselhando-o, censurando-o, fazendo o próprio elogio em relação aos concorrentes e pedindo o voto, pois se tratava de um concurso de comédias, no festival de Dioniso. Praxágora, a protagonista, havia combinado com as outras mulheres em um festival feminino que elas conseguiriam barbas postiças, as roupas de seus maridos e tentariam tomar um pouco mais de sol, para poderem participar da Assembleia popular, que era interdita às mulheres. Lá elas proporiam entregar o governo da cidade às mulheres e votariam pela aprovação da proposta. Tudo correndo como combinado, elas promovem uma verdadeira comunhão de bens entre todos os cidadãos de Atenas. A comunhão, no entanto, atinge também a família, pois não haverá mais mulheres e filhos para cada cidadão individualmente, mas para todos. As mulheres serão comuns a todos os homens. Haverá prioridade para as feias sobre as belas, nas questões sexuais. Não haverá reconhecimento dos pais pelos filhos, as crianças julgarão seus pais todos os homens que tiverem idade para isso. Também não haverá mais questões judiciais, pois ninguém terá necessidade de contrair dívidas ou de roubar. Em português, temos duas traduções

mais difundidas da peça: uma de Portugal, de Maria de Fátima Sousa e Silva, *As mulheres no Parlamento*, e outra do Brasil, de Mário da Gama Kury, *A revolução das mulheres*, ambas de 1988. A tradução brasileira, apesar de fluente, contém cortes e significativas alterações no final da peça, comprometendo sua interpretação. Os dezoito versos iniciais do monólogo de Praxágora foram cortados da tradução de Mário da Gama Kury, que traduz Praxágora por Valentina. Trata-se de uma apologia à lamparina, como uma confidente dos segredos femininos, sejam eles amorosos, de depilação, que era feita com as chamas da lamparina, ou de assalto à despensa (em vez da geladeira de hoje), especialmente pelo vinho, a que as mulheres na comédia são extremamente apegadas. Nesta comunicação, analisaremos as duas traduções referidas, com ênfase na atuação de Valentina, que continua em cena e atua na conclusão da peça, na versão de Mário da Gama Kury, que reler e reescreve (Agamben, 2012; Bloom, 1995) o texto de Aristófanes, em que a protagonista é retirada da cena final.

Palavras-chave: Aristófanes, desleitura, desescrita, Assembleia de Mulheres

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Entre Letras e Tintas: Relações Interartes na Poesia de Paul Auster

EGLE PEREIRA DA SILVA (UFRJ)

Resumo: Romancista consagrado, o escritor norte-americano Paul Auster, inicia sua carreira literária como poeta. Sob esta égide publicou cinco livros de poesia - *Unearth* (1974), *Wall Writting* (1976), *Effiges* (1976), *Fragments from cold* (1977) e *Facing the Music* (1980). Publicados em número reduzido, jamais foram reeditados, com exceção de *Effiges*, numa edição luxuosa e limitada, com ilustração da artista plástica Sarah Horowitz, lançado em 2013. A relação de

Auster com as artes plásticas, no entanto, não é nova, o pictórico faz parte de sua produção primeva, seja nas capas e materiais utilizados na sua fabricação, seja no interior, acompanhando os poemas (em consonância com estes), sendo a sua circunstância desencadeadora ou servindo de tributo de um artista para outro. Mais do que diálogo entre Literatura e Artes, intercâmbio de propriedades e atributos, o poeta Paul Auster as coloca em estado de tensão, empreendendo um projeto estético-ficcional corajoso, e muito particular, seguido pelo prosador por vir: palavras e imagens devem ser lidas como se não houvesse uma língua comum de base; como se fossem signos para os quais não há significados, exceto aqueles produzidos por um leitor disposto e inventivo. E também como alerta: na maior parte dos casos, os signos seguem um código estabelecido, e apenas a ignorância do conjunto de disposições de suas regras impede a sua leitura. Mesmo assim (ou justamente por isso), o leitor detém-se com deliciosa atenção, tenta reconstruir a sua história, inventa um significado para essas figuras que parecem falar com ele em uma espécie de língua estrangeira, ainda não aprendida. Ainda que o material lido fale por meio de uma língua desconhecida, é possível atribuir-lhe um sentido, como se toda leitura contasse também com a capacidade criativa de quem o lê. No cisalhamento da poesia com a pintura, aquela já mostra a posição do autor em relação ao sentido de texto e da própria literatura: tecido complexo de relações entre elementos de diferentes níveis, formas e materialidades, com a potência de tornar possível a significação; espaço polissêmico, onde outros textos e manifestações artísticas variadas se cruzam; campo aberto de expressões cuja origem se perde e diferentes códigos são projetados indefinidamente tornando quem os utiliza, de certa forma, anônimo; região onde a linguagem é tematizada como errância, e o leitor, entendido não como receptor passivo, mas coautor – pois também gera sentidos infinitos – é convidado a entrar na sua circularidade e se deixar interrogar por ela. Interartisticidade, intertextualidade, essencialidade da linguagem literária, textualidade,

autoria e leitor estão no cerne da obra de Auster, e são discutidos pela primeira vez na forma dançante do verso. O objetivo deste trabalho é o exame da poesia de Auster em sua articulação com as artes plásticas, em suas diferentes manifestações, à luz das teorias de Aby Warburg, Hans Vaihinger, Roland Barthes, Maurice Blanchot e do próprio Auster, teórico de si mesmo.

Palavras-chave: Paul Auster, Poesia, Relações Interartes

Silas Flannery atormentado ou a impossibilidade de vanguarda

JANA CAMBUÍ ALVES LIMA (UNEB)

Resumo: O presente trabalho pretende fazer uma análise de Silas Flannery, personagem do romance de Italo Calvino (1979), “Se um viajante numa noite de inverno”, a partir de uma leitura sobre os conceitos de contemporaneidade de Giorgio Agamben (2009) e Karl Erik Schollhammer (2009). O escritor atormentado por sua incapacidade de escrever o livro que considera possível de ser escrito apenas por alguém que não existe - o que ele chama de “verdadeiro livro” -, pode ter seus desejos de captura do “mundo não escrito” comparados à ideia de fratura temporal de Agamben sobre o contemporâneo. Paralelamente, a impossibilidade de vanguarda trazida por Zygmunt Bauman (1998) confronta o desejo do – aqui considerado – alter ego de Calvino, o escritor Silas Flannery, em se tornar um artista sensível a esse obscurantismo possível ao mundo presente. Trazer a figura do autor como uma figura atormentada entre seus desejos de leitor e sua própria produção dentro de uma pesquisa já iniciada sobre a arte da leitura a partir do dado romance de Calvino, permite um olhar apurado para o outro lado do discurso proposto por ele, dentro do mesmo romance analisado. Como traz Bauman, o artista contemporâneo - e consequentemente o escritor - sente a necessidade incorporada no imaginário coletivo da atualidade de romper com padrões de forma radical; esse é o caso de Silas Flannery. Assim como traz fortemente os percalços de uma leitura confusa, permeada por aparentes problemas de distribuição, diagramação, edição -

crítica própria de Italo Calvino sobre o que é publicado na atualidade – em “Se um viajante” não se esquece também do tormento do escritor que responde às expectativas do grande público, mas não às suas próprias expectativas de leitor atento e com denso repertório cultural. Manter-se contemporâneo seria, talvez, o desafio que enfrenta densamente o personagem, Silas Flannery, e que é proposto por Bauman, Agamben, Schollhammer e, porque não dizer, Calvino.

Palavras-chave: Contemporaneidade, Literatura, Autoria

Por uma leitura diaspórica: A Map to the Door of No Return – notes to belonging” de Dionne Brand

JULIANA CRISTINA SALVADORI (UNEB)

Resumo: O presente trabalho elege como objeto a obra *A Map to the Door of No Return* da escritora caribenha-canadense Dionne Brand (2001). Neste, objetivamos compreender como a escrita diaspórica por parte da autora provoca o deslocamento das identidades culturais de seus leitores demandando destes também uma leitura diaspórica. O texto de Brand (2001) é híbrido, um produto de vários cruzamentos incidindo no próprio formato da obra, que remonta simultaneamente às memórias de discursos fragmentados dos sujeitos da diáspora: é poesia, é prosa, é ensaio, é teoria a mediar as próprias experiências da autora quanto ao deslocamento, exílio e perda a partir da experiência da diáspora.

Palavras-chave: Diáspora, Deslocamento, Leitura, Dionne Brand

O cânone doméstico e o gótico: análise das estratégias textuais e narrativas na tradução dos contos de Angela Carter

GABRIELA HASEGAWA RODRIGUES (UERJ)

Resumo: O conceito de desleitura repensa “o ato da leitura a partir de outras perspectivas, encarando-a como prática transgressora e desviante: desler o texto é também mediá-lo para outros públicos, e, nessa perspectiva, os outros textos /textos outros [...]. Esta concepção da tradução e (re)(des)leituras como operação de mediação é central

para redefini-las como opção de atuação crítica - traduzir, como ler, é eleger e pôr em circulação certas narrativas, estruturas, autores, línguas. Nosso objetivo, portanto, é repensar o ato da leitura como ato transgressor a borrar as fronteiras linguísticas, discursivas, culturais que a contemporaneidade e suas novas textualidades põem em xeque”. Tomando como ponto de partida “o pressuposto que, na tradução, a função crítica se imbrica ao processo de leitura, recepção e circulação de textos e de autores em contexto estrangeiro”, buscamos compreender a tradução como reescrita de textos literários, segundo a concepção benjaminiana. Pela abordagem cultural dos estudos de tradução, essa análise contribui para aquilo que Venutti denomina de cânone doméstico de um autor estrangeiro (ou de um gênero) e, através disso, há a construção de representações culturais e estereótipos estrangeiros. As traduções, segundo Venutti, “constroem representações distintamente domésticas de textos e culturas estrangeiras”. Ainda, Lefevere entende que esse cânone doméstico se forma por meio do processo de manipulação dos textos literários, nomeando este processo de reescritura. Ele afirma que: “Produzindo traduções, histórias da literatura ou suas próprias compilações mais compactas, obras de referência, antologias, críticas ou edições, reescritores adaptam, manipulam até um certo ponto os originais com os quais eles trabalham, normalmente para adequá-los à corrente, ou a uma das correntes ideológica ou poetológica dominante de sua época”. É através desse conceito que pretendemos compreender como a reescritura de contos góticos apresentada nas traduções e adaptações contribuem para a formação de um cânone doméstico tanto do gênero gótico quanto dos autores. Ainda, analisaremos as estratégias textuais e narrativas usadas pelos tradutores/reescritores brasileiros, pensando no papel destes no sistema literário nacional e avaliaremos a tradução desses contos para o Brasil, com o apoio da ética da tradução de Berman que diz: “[a] tradução de má qualidade forma uma atitude doméstica que é etnocêntrica coma relação à cultura estrangeira”, em contraponto, a de boa qualidade que “representa uma ‘abertura, um diálogo, uma

hibridização, uma descentralização do etnocentrismo”.Especificamente, buscaremos avaliar a tradução e analisar as estratégias textuais e narrativas dos contos da autora inglesa Angela Carter, além de verificar o cânone doméstico da autora e do gótico.

Palavras-chave: angela carter, gótico, tradução

Expectativa e frustração em “A cartomante”: Um estudo das atmosferas literárias no conto machadiano

WAGNER DA CONCEIÇÃO TRINDADE (UFF/ COLÉGIO PEDRO II)

Resumo: A proposta deste trabalho é analisar a obra machadiana sob a perspectiva das materialidades na literatura. Nesse sentido, a partir da recuperação da textualidade do conto A cartomante, observaremos como Machado de Assis insere, de modo intencional, uma série de recursos literários já conhecidos pelos leitores de seu tempo para produzir uma atmosfera romântica no conto e, assim, gerar uma expectativa narrativa no público. O estudo se concentrará na apresentação dessas ambiências presentes no texto machadiano, levando em conta as materialidades do texto e os efeitos da leitura do conto nos leitores, que acabam envolvidos num clima engendrado pelo narrador, mas duramente desiludidos pela quebra de expectativa após um desfecho inesperado das ações narrativas. Para tanto, além da devida análise das partes constitutivas do texto machadiano, apresentaremos aspectos importantes acerca dos estudos envolvendo as atmosferas na literatura, a partir da obra de Hans Ulrich Gumbrecht e seus trabalhos sobre Stimmung, ambiência e atmosfera nas obras literárias. Inês Gil e Heidrun Krieger também oferecerão um relevante suporte teórico por meio de suas pesquisas envolvendo as atmosferas em outras perspectivas artísticas e na relação entre Stimmung e afetos. Todos esses estudos se mostram consonantes com o viés teórico desse trabalho, que é a reflexão acerca dos efeitos objetivos das atmosferas nas obras literárias.

Palavras-chave: Materialidades, Stimmung, Atmosferas, Ambiências

60

O SUJEITO E A ESCRITURA: LITERATURA, MEMÓRIA E IMAGINÁRIO NAS FICÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

Daniel Conte (Universidade Feevale)
Ricardo Postal (UFPE)

Resumo: A história é uma indagação sobre a verdade dos fatos produzidos por atores sociais; no entanto, o resultado dessa atividade reflexiva é sempre parcial e está comprometido com o sujeito enunciator do discurso, com o tempo do discurso, com o público ao qual esse se destina. A ficção, por sua vez, também consiste na busca de uma “verdade”, que pode ter como objeto um acontecimento histórico, mas dele abstrai a experiência do ser humano com o seu passado. Nessa representação, em que história e ficção emergem, a presença de um sujeito que expõe sua ideologia e, consequentemente, a de seu grupo e a de seu tempo igualmente se destaca. Assim, história e ficção são discursos elaborados por meio de uma narração que, situada em um tempo presente, tenta resgatar e recompor o passado. Nesse sentido, ambos os discursos se originam em uma construção imagética, cujas lacunas e silêncios devem ser preenchidos pelo leitor, que lida, simultaneamente, com o factual e o imaginado. Nessa ordem, pode-se afirmar que ao pensarmos as narrativas em língua portuguesa contemporâneas, desencontramos fronteiras objetivas, uma vez que a ficção se expressa por um movimento em que os discursos histórico e literário se cruzam, cabendo a essa iluminar a realidade que lhe deu origem. Nesse sentido, há um diálogo das narrativas com a história, o qual valoriza a memória como elemento deflagrador e a representação de conflitos de identidade, o que permite analisá-las em suas correlações recíprocas tanto no que se refere ao mundo ficcional

instituído quanto ao processo discursivo que lhes dá forma. A história torna-se, assim, tema das narrativas e não apenas mero pano de fundo. Reinterpretando e transfigurando artisticamente a história, a narrativa dá forma à realidade de sujeitos sociais, sintetizando acontecimentos e anseios coletivos, ainda que esses sejam manifestados pela ação de personagens e por meio da ficção. Paralelamente, a partir de sua composição, essa modalidade de narrativa transforma o leitor em cúmplice de um exercício estético que infringe e subverte tradicionais discursos da história, bem como as formas de conceber a ficção, que mostra uma face híbrida, sem que se possa determinar os limites entre fantasia e realidade. Dessa forma, o resgate e a representação das formas assumidas pela vida humana no passado opõem-se à sua reconstrução objetiva, uma vez que pressupõem a criatividade e a imaginação, caracteres essenciais do fazer ficcional. Vislumbra-se, nessa perspectiva, a capacidade da Literatura de não só registrar e ficcionalizar fatos históricos concernentes à vida dos povos, mas também de, na plenitude de sua potencialidade ficcional, fazer história. A defesa de um diálogo entre a Literatura e a História sublinha a circunscrição do discurso histórico como uma prática eminentemente narrativa. E é justamente isso que fazem escritores de literatura contemporânea em língua portuguesa ao conferirem maior amplitude aos fatos históricos, revendo, por via da ficção, as narrativas manifestadas pelo discurso oficial dos estados portugueses, brasileiro, moçambicano, angolano, guineense, cabo-verdiano, sãotomeense e timorense. Exposições ficcionalizadas dos acontecimentos históricos desses países fundamentam-se em narrativas que revelam a coerência, a integridade, a plenitude e a inteireza de uma imagem de vida que é, e só pode ser, imaginária. Neste simpósio, abre-se espaço para a realização de exercícios teórico-críticos que incidam sobre narrativas da literatura contemporânea lusitana, brasileira e luso-africana que reflitam sobre a história, sustentando-se nos influxos da memória e tratando da representação e dos conflitos de

identidades. Essas narrativas revelam-se objetos privilegiados para a investigação das relações interdisciplinares entre a literatura e a história e para a apreensão de significações que, inscritas em imagens simbólicas, configuram uma memória coletiva em que identidades se confrontam, se permeiam e se hibridizam. É a partir desse enfoque que o simpósio se volta para a análise da interlocução entre Literatura e História, visando a ampliar as discussões sobre a constituição das identidades portuguesa, brasileira e africana, na tessitura de narrativas. Convergem para essa proposição autores como António Lobo Antunes, José Saramago, Lídia Jorge, Inês Pedrosa, Valter Hugo Mãe, Ana Paula Riberio Tavares, José Eduardo Agualusa, Chico Buarque, Milton Hatoum, Paulina Chiziane, Pepetela, Luís Cardoso, Gonçalo Tavares, João Almino, Ana Miranda, entre outros, cujas narrativas têm merecido estudos isolados, sem que a representação histórico-social, a engenhosidade, a criatividade e a novidade de sua produção sejam relacionadas entre si, perspectiva que suas configurações estéticas provocam e que novos caminhos da crítica suscitam, razão por que este simpósio mostra-se como um campo profícuo para suas atualizações.

Palavras-chave: Ficção, Língua portuguesa, Memória, Imaginário

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Literatura e Economia: o Crash de 29 nas literaturas dos países colonizados por Portugal

DANIEL CONTE (FEEVALE)

Resumo: As máculas da superprodução e do subconsumo que marcaram o dia 24 de outubro de 1929 em Nova York, ocasionando a quebra da bolsa de valores e a grande depressão econômica dos anos seguintes, trouxeram consequências que, ainda, figuram nas ficções em língua portuguesa. O crash fortaleceu o papel do Estado nas atividades

econômicas, e acelerou o fim do liberalismo. Foi desde este movimento econômico que se começou a organizar em terras colonizadas por Portugal, uma elite crioula que atravessou o Atlântico em direção à metrópole em busca de conhecimento formal nas universidades lusitanas. Este trabalho busca evidenciar a figuração desse evento histórico e o tratamento estético que lhe é dado nas obras “Órfãos do Eldorado”, de Milton Hatoum e “Requiem para o navegador solitário”, de Luis Cardoso.

Palavras-chave: Literatura, Crash de 1929, História, Figuração

A alegórica história de *Mãe, materno mar*

CASSIANA GRIGOLETTO (IFRS-SERTÃO)

Resumo: A tarefa de preservação das heranças culturais pode ser desempenhada pelo registro histórico, mas também por inúmeros outros meios. Dentre eles, destacamos o das artes em geral, capazes de mobilizar poderosos mecanismos de memória. Considerando as ideias de Paul Ricoeur (2007, p. 26), que acredita ser o passado “o referente último da memória”, e a afirmação de Pierre Nora (1993, p. 28), de que a memória “só conheceu duas formas de legitimidade: histórica ou literária”, é que concebemos as aproximações entre Literatura e História. Essas duas áreas do conhecimento, além de partilharem uma estrutura discursiva comum - a narrativa que se origina em uma construção imagética que se produz no limiar da recordação e do esquecimento -, constituem-se como constructos sociais e ideológicos. Nesse sentido, ambos os discursos são marcados por lacunas e silêncios que precisam ser preenchidos pelo leitor. Para Aleida Assmann (2011, p. 26), a arte vai além dos demais armazenadores de memória pela capacidade que possui de estimulá-los uma vez que “tematiza a crise da memória e encontra novas formas para a dinâmica da recordação e do esquecimento culturais.” Esse parece ser o caminho que o escritor Boaventura Cardoso procura trilhar em seu romance *Mãe, materno mar* (2001), ao tematizar aspectos históricos de Angola pelo viés alegórico,

problematizando-os ficcionalmente. O ponto de partida da narrativa é uma viagem. Trata-se do deslocamento de um comboio que parte de Malanje rumo a Luanda, porém sofre várias interrupções. Em cada paragem, variadíssimos acontecimentos vão ocorrer. Estão no comboio quatro líderes religiosos que disputam fiéis e vivem em conflito, mas que, diante dos problemas, acabam se unindo e recorrendo a práticas e rituais religiosos das tradições africanas. Diante disso, objetivamos observar como a pluralidade de vozes e histórias narradas ao longo desta viagem de comboio que enfrenta várias interrupções e, em vez de duas horas, se prolonga por quinze anos, funcionam como estratégias narrativas que, de forma alegorizada, representam as dificuldades e emperramento do país em decorrência da primeira fase da guerra civil (1975/76-1991), cenário em que proliferam inúmeras Igrejas como respostas salvacionistas ao sofrimento da população. Além disso, verificamos que a alegoria inclui uma viagem pelo interior angolano, pelas crenças, tradições e permanência de hábitos, aparentemente, incompatíveis com o mundo urbano e globalizado. Desse modo, *Mãe, materno mar* constrói uma espécie de microcosmos que traduz as várias nuances do país por volta da década de 1980.

Palavras-chave: Literatura angolana, Boaventura Cardoso, Representação alegórica da História, Conflitos identitários

A guerra colonial portuguesa em Angola nas *Cartas da Guerra* de António Lobo Antunes

PEDRO BEJA AGUIAR (PUC-RIO)

Resumo: Esta proposta de comunicação se organiza em torno da leitura e da análise de um conjunto de cartas escritas por António Lobo Antunes durante a sua permanência em missão militar, entre os anos de 1971 e 1973, na guerra colonial portuguesa em Angola. Reunidas, organizadas e editadas pelas filhas do autor, Maria José e Joana Lobo Antunes, no volume *D’este viver aqui neste papel descripto. Cartas da Guerra* (2005), essas cartas expõem um olhar particular sobre a

guerra colonial, conjugando relatos de acontecimentos e situações de guerra, com paisagens e personagens marcadas pelo medo e pela angústia. Nestes papéis, o registro pessoal das condições específicas que se colocam entre o autor e a sua companheira, destinatária de todas as cartas reunidas, permite observar também a sua experiência na guerra a partir da formação de redes de sociabilidade e vivências afetivas, construídas com angolanos ou com camaradas da Comissão. Desta forma, a proposta de comunicação buscar analisar o conjunto de cartas tomando-as como fontes históricas que permitam interrogar diretamente uma parte do discurso oficial construído em torno da experiência colonial portuguesa em Angola. O jovem autor das cartas articula, no espaço epistolar, impressões e registros sistematicamente rasurados na coesa narrativa dos aparelhos de comunicação do Estado, compondo, assim, um quadro dissonante. Como parte deste quadro alternativo, podemos destacar registros referentes: a) às oscilações entre a consciência do tempo da comissão e o tempo da escrita nas cartas; b) ao medo permanente de sofrer ataques do que chama de “terroristas” (os angolanos); c) ao sucateamento da infraestrutura militar portuguesa; d) às redes de sociabilidade estabelecidas com os soldados portugueses e e) às situações violentas, as paisagens e personagens da guerra.

Palavras-chave: António Lobo Antunes, Guerra Colonial em Angola, Cartas da Guerra, Experiência

Ficção, História e Memória em *Os cus de Judas* e *Mayombe*

HAIDÊ SILVA (USP)

Resumo: O objetivo do presente trabalho é analisar de que forma se relacionam Ficção, História e Memória nas obras *Os cus de Judas*, de Antonio Lobo Antunes e *Mayombe* de Pepetela. No romance *Os cus de Judas*, o momento histórico que corresponde à guerra colonial na África no começo dos anos de 1970 é questionado por meio da ficção, com a finalidade de esclarecer que não existe uma única verdade a respeito

do passado, revisitado neste romance, para que possa, finalmente, ser compreendido sob uma nova perspectiva, o que sugere que as verdades são muitas e o registro histórico documentado constitui apenas mais uma delas. A ficção portuguesa, no geral, e a obra de Lobo Antunes, em particular, constituem um material que permite o diálogo com a história na medida em que focalizam, de um ponto de vista crítico, as guerras que antecederam a libertação das colônias portuguesas na África, sob o ponto de vista de uma geração que vivenciou os prejuízos causados à população portuguesa, principalmente aos que foram obrigados a participar, direta ou indiretamente, da guerra nas colônias africanas. A geração que sobreviveu à guerra e que depositou suas esperanças na Revolução dos Cravos na realidade não colheu os frutos dessa revolução porque não fazia parte da classe social que estava no poder. O romance registra a história desses heróis miseráveis, para os quais não existe lugar na História do país. Nesse contexto, a ficção de Lobo Antunes registra a história que a História portuguesa despreza. *Mayombe*, publicado originalmente em 1980, recompõe o cotidiano dos guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), em luta contra as tropas portuguesas e, portanto, aborda as ações, os sentimentos e as reflexões do grupo de guerrilheiros, e as contradições e os conflitos que permeavam as relações daqueles que buscavam construir uma nova Angola, livre da colonização. No entanto, a variedade do foco narrativo, que dá voz tanto ao narrador quanto aos guerrilheiros, demonstra que nem mesmo a revolução se organiza como um conjunto, e assim é vista de forma diferente e conflitante pelos próprios guerrilheiros, pois cada um desses narradores/personagens tem origem, ideologia, visão e propostas próprias, e portanto, possuem ideais distintos que os impedem de lutar pela mesma unidade libertadora.

Palavras-chave: Ficção, História, Memória, Língua Portuguesa

A representação da personagem Antônio Gonçalves Dias no romance *Dias e dias* de Ana Miranda: um diálogo entre a ficção e a história

ÉDILA DE CÁSSIA SOUZA SANTANA (UFMS)

Resumo: O presente trabalho tem como corpus de estudo o romance *Dias e dias*, publicado em 2002 pela escritora Ana Miranda. Trata-se de um romance histórico que através de uma revisitação do passado incorpora discursos que permitem questionar valores e possibilitar novas leituras e questionamentos do passado histórico do país. A narrativa propõe uma reescrita da memória nacional através da historiografia literária em torno da vida e obra do escritor Gonçalves Dias, reinterpretando fatos que possibilitam uma reflexão acerca da identidade cultural brasileira. Dessa forma, a proposta desse trabalho é analisar como ocorre a representação da personagem Antônio Gonçalves Dias no romance *Dias e dias*, no que compreende a construção ficcional da personagem em questão e sua significação na obra, tendo em vista a sua relação com o passado histórico do nosso país. A proposta deste trabalho gira também em torno das discussões acerca das representações textuais em suas variadas formas artísticas, que têm assumido cada vez mais nos espaços discursivos relações importantes no que compreende as indagações sobre fronteiras, aproximações e distanciamentos das diferentes áreas do conhecimento e modalidades artísticas. Tais relações são advindas da necessidade de (re) organizar os espaços discursivos, questionar conceitos e valores, criando assim espaços configuradores de novas práticas culturais e identitárias. Assim, muitas das representações discursivas são marcadas pela constante presença de discursos híbridos que promovem de certa forma a diluição das fronteiras pela articulação de diferentes vozes como ocorre por exemplo na relação entre a ficção e a história entendidas como maneiras distintas de narrar os fatos. No que compreende essa relação, Linda Hutcheon (1991) criou o termo “metaficção historiográfica” referindo aos romances históricos, como um texto que se apropria de acontecimentos e personagens históricos,

incorporando história e ficção. Assim, muitas narrativas incorporam discursos e aspectos próprios do e no seu processo formativo, por meio de uma abordagem discursiva que representa uma nova forma da narrativa literária questionar valores, pensando por si e em si mesma, não procurando por uma verdade, porém por uma infinidade de leituras e de questionamentos. Ao desenvolver essa relação, percebe-se que narrativas como *Dias e dias* permite novas possibilidades de leituras e reflexões acerca da história e com elas as inúmeras indagações, bem como a forma com que homens desse tempo viam o mundo. Nesse sentido, analisar-se-á os aspectos que configuram a formação da personagem tendo como suporte os estudos sobre a personagem de ficção de Antônio Candido (2002) e Beth Brait (1985) que revelam que é a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza. À análise sobre a relação literatura e história no romance, os estudos de Linda Hutcheon (1991) com os conceitos da metaficção historiográfica, Antônio Roberto Esteves (1998), Hayden White (1994), Marilene Weinhardt, (1994, 2002), Maria Teresa de Freitas (1989) e Gyorgy Lukács (2011) intensificam a relação possível entre literatura e história, na perspectiva de resgatar fatos por vezes pouco explorado pela história.

Palavras-chave: Metaficção historiográfica, Literatura comparada, Literatura Brasileira, Antônio Gonçalves Dias

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Memória e Migração em *Nihonjin*

RICARDO POSTAL (UFPE)

Resumo: *Nihonjin*, romance de Oscar Nakasato publicado em 2011 narra a imigração japonesa para fazendas de São Paulo com todas as suas dificuldades, processos adaptativos e definitiva fixação na terra

nova. Trabalhando com a memória intergeracional de uma mesma família, apresenta formas diferentes de relacionamento dos migrados com a alteridade, o enfrentamento do preconceito, formulações de estratégias e agremiações para fortalecimento da cultura ancestral dentro da cultura receptora, o que tornam o romance um exemplo fecundo de transculturalidade. Essa comunicação pretende realçar as relações eu-outro no romance, bem como apresentar um panorama de suas variadas resoluções. As identidades em diálogo no romance demonstram o amalgama cultural que se realizou no Brasil, porém fora do âmbito da docilidade e acolhimento que um certo senso comum repete sem criticar. Os modos de aceitação, adaptação, recusa e conflito cultural serão aqui analisados e postos em perspectiva.

Palavras-chave: Memória, identidade, migração, transculturalidade

Autoficção e História em *O Irmão Alemão*, de Chico Buarque

MARIA ISOLINA DE CASTRO SOARES (UFES)

Resumo: Este trabalho propõe uma discussão sobre a relação ambígua entre ficção e realidade no romance *O Irmão Alemão*, de Chico Buarque, obra híbrida construída de fatos ficcionais que têm suporte empírico. Postula a necessidade de um novo conceito de ficção para abarcar obras que, como a em questão, veiculam fatos biográficos na trama ficcional. Como o narrador reconstrói o período da ditadura militar no Brasil, época vivida pelo autor Chico Buarque, este trabalho discorre, também, a respeito do teor testemunhal presente no romance.

Palavras-chave: Autoficção, Testemunho, História, Memória

Inscrever o nome no casco: narração e memória em *Relato de um certo Oriente*

FABRICIA WALACE RODRIGUES (UNB)

Resumo: A presente comunicação propõe a discussão das relações entre escrita literária e memória no primeiro romance de Milton Hatoum. Entendendo a memória como o fio condutor da narração, bem como

o principal material da escrita, até mesmo o conceito de autor será problematizado, tanto no nível da diegese, na figura da narradora central do romance, quanto no que diz respeito ao trabalho do próprio Milton Hatoum.

Palavras-chave: Escrita, Memória, Narração, Milton Hatoum

O narrador em *O filho eterno*, de Cristovão Tezza

CECÍLIA GUEDES BORGES DE ARAUJO (UESPI)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo geral analisar o narrador no romance *O filho eterno*, de Cristovão Tezza; bem como refletir sobre a pessoa do discurso na construção da narrativa e na fragmentação do texto, de que forma essa (des) construção forma a ideologia do pai no romance e sua visão em relação ao nascimento do filho Felipe, portador de síndrome de Down. A análise leva em conta as digressões nas memórias do pai e a escrita acusa as sequências e entrecortadas do filho. Dessa forma, dialoga com a estrutura da narrativa de Auerbach (2001) (2007), rica em fragmentações de pensamentos e sentimentos. O foco narrativo e a estrutura de ideias do narrador na obra levam em conta o ponto de vista do pai na ficção, dando ao leitor uma liberdade imaginária a partir dos pensamentos dessa personagem, o que passa na sua mente e o que ele diz a si mesmo. A narrativa fragmentada é utilizada por Tezza para fazer uso da memória de um passado que volta depois de vinte e cinco anos, deixando marcas de revolta, luto e trauma na obra. Coincidentemente ou propositalmente, o romance é composto por vinte e cinco capítulos, a mesma idade de Felipe, representando, assim, as memórias da relação de paternidade entre ambos. O enredo ambienta-se na década de 80, quando a síndrome de Down era desconhecida por muitos e os portadores da doença eram chamados de mongoloides, por se assemelharem às características físicas dos mongóis, segundo os ingleses. Metodologicamente, o passo seguinte consiste em entender a maneira como o narrador constrói uma narrativa entrecortada, característica do romance contemporâneo e a liberdade de escrita que o autor assume. Segundo Adorno (2003), o

narrador é um dos elementos da construção estrutural da ficção e ele evoca uma questão de como construir uma memória do passado em tempos de ruínas. A personagem pai no romance está em tempos de ruínas de forma simbólica, pois ele se vê dessa forma quando descobre que seu primeiro filho é “mongol” e o romance progride pelos seus pensamentos, ora de revolta, ora de vergonha. Nesse sentido, levando em conta as reflexões de Benjamin (1987) Adorno (2003), Ginzburg (2012), Friedman (2002) e outros, abordam-se, nesta pesquisa, as estratégias de elaboração do romance contemporâneo, bem como a relação entre as escolhas formais e estéticas, além de inovações nos discursos do narrador e o posicionamento perante questões sociais pouco discutidas na década de 80, como a síndrome de Down e a relação de paternidade.

Palavras-chave: Narrador, O filho eterno, Memória, Síndrome de Down

Memória e imaginário em *Os Desvalidos*, de Francisco J. C. Dantas

MANUELLA MIRNA ENÉAS DE NAZARÉ (UFPE)

Resumo: Toda obra de arte é um diálogo aberto estabelecido entre a subjetividade de um autor e as condições sociais e naturais da época e do local na qual é produzida, como acredita Antonio Candido (2004). Dentro desta perspectiva, a literatura abre caminho e dá autoridade para que se trate das complexidades em torno do sujeito autor, dos seus limites e potencialidades, bem como das várias demandas do real e dos conflitos do presente. Assim, a relação autor e obra, as dimensões humanas das personagens, o papel da memória, as representações do imaginário são temáticas prediletas por muitos autores. Importa perceber isso nas literaturas de fins do século XX até hoje, quando o mundo mudou drasticamente pela intensificação do capitalismo, da globalização e das novas tecnologias, com consequências continentais e regionais, de maiores e de menores proporções sobre os indivíduos e suas manifestações de cultura. Nesse processo, a memória é uma das poucas colunas ainda erguidas diante do mundo tantas vezes abalado, conforme Olmi (2006). É, sobretudo, a consciência de uma referência

anterior, por mais mal construída que seja. Atentos a esses contextos, sociais e literários, este trabalho se propõe a investigar as memórias e os imaginários que entram em jogo na narrativa de “Os Desvalidos”, publicada em 1993 pelo escritor Francisco J. C. Dantas. Essa obra é um romance que nasce de memórias, retratando a trajetória do sertanejo Coriolano que teve sua casa invadida por Lampião, mas conseguiu fugir, deixando para trás sua terra natal. Já se percebe nessa motivação de narrativa que “Os Desvalidos” dialoga com arquétipos, temáticas e imaginários da tradição regional na ficção brasileira. Dantas sabe escrever belas imagens com suas palavras simples, o que deixa mais nítida essa construção, despertando mais interesse. É importante assinalar que ele reporta-se às dimensões sociais e humanas nutridas pelas velhas tradições, mas situadas num contexto moderno, no qual os indivíduos que não se adequam são lançados à margem da sociedade, em uma condição de nulidade. Portanto, a obra retoma a tradição regional na literatura brasileira e a problematiza com o presente, relendo e atualizando a cultura popular nordestina através de arquétipos, tópicos, memórias e imaginários de tradição, e temas consagrados, como a migração, o cangaço, a desvalia do ser humano. Com uma linguagem trabalhada entre memórias e angústias individuais, o imaginário regional nordestino é acionado, então, para ser reinventado e atualizado, renovando, com isso, a ficção brasileira dessa tradição. Destacamos que a universalidade do indivíduo é lembrada mesmo no trabalho com imaginários tradicionais de uma região, uma vez que o único lema que rege a trajetória dos personagens dessa obra é o de ser padrões de si mesmos. “Os Desvalidos” fala de sonhos não realizados, da angústia de quem não consegue mudar a sua história, de medos, mágoas, incompreensões, humilhações, privações e solidão, dramas que não são exclusivas de nenhum dos sertanejos da obra. Este trabalho investiga, então, a memória e o imaginário dessa obra, que dialogam com a tradição regional da literatura brasileira.

Palavras-chave: Literatura, Imaginário, Memória

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

O sujeito e a escritura: o imaginário da criação literária

MÁRCIA IVANA DE LIMA E SILVA (UFRGS)

Resumo: Falar sobre imaginário da criação literária implica pensar em, no mínimo, duas possibilidades de abordagem: o do público em relação ao escritor e aquele do escritor sobre seu próprio ato criativo. O público, por sua vez, pode ser dividido em leitor especializado e leitor leigo. Aqui se abre uma perspectiva interessante, pois, enquanto o leitor especializado tentar pensar a criação literária a partir de parâmetros objetivos, o leitor leigo alimenta o imaginário de que a explicação para tal ação se dá apenas no âmbito das Musas ou, mais modernamente, da Inspiração. Quero abordar, especificamente, o ponto de vista do escritor, a partir dos depoimentos dos próprios autores a respeito de sua criação. Para tanto, tomo como base as noções teóricas de imaginário de Gaston Bachelard, para pensar os significados da relação escritor X escritura X leitor.

Palavras-chave: Imaginário, Criação literária, Gaston Bachelard

O labirinto lisboeta: revisitando a cidade no romance *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago

ARIANE DE ANDRADE DA SILVA (UERJ)

Resumo: Ler a cidade. Escrever a cidade. Em *As cidades invisíveis* (CALVINO, 1990), o imperador Kublai Khan, diante da impossibilidade de conhecer seu território por completo, delega a Marco Polo a missão de percorrer as cidades sob seu domínio e contar-lhe as suas impressões sobre cada uma. Assim, nessa obra, Ítalo Calvino traça o percurso de um viajante que guiado pelo desejo, ainda que de seu soberano, deambula e perde-se pelas cidades. Ao tentar perceber a essência dos lugares por onde passa, Marco Polo cria, com seus relatos de viagem, uma cartografia própria do espaço tornando-se, desse modo,

leitor-escritor de cidades simbólicas, geometrizadas à mercê de sua apreensão. De modo semelhante a Marco Polo, isto é, movidos pelo desejo, os personagens do romance *História do Cerco de Lisboa* (1989), de José Saramago, se propõem a reler a cidade de Lisboa por diferentes caminhos. No romance, a cidade é apropriada por óticas que estão, sobretudo, interessadas em remontar, reconstruir Lisboa, motivadas por suas paixões, a partir de fragmentos de história e memória. Nesse sentido, o que este artigo propõe é uma leitura do romance de Saramago, buscando analisar de que formas a (re)leitura da cidade de Lisboa se submete à deambulação de personagens pelos variados caminhos que traçam. Na obra, os labirintos de Lisboa, são a metáfora de uma cidade-escrita enviesada, em que Saramago, através da ficcionalização e subversão de discursos tradicionais portugueses, guia o leitor a um determinado momento histórico. Dessa forma, afirma-se que a narrativa demonstra que “ler a cidade consiste não em reproduzir o visível, mas torná-la visível” (GOMES, 1994, p.34) e, desse modo, o leitor-espectador viaja ao lado de personagens que flanam por uma Lisboa histórica, labiríntica e fragmentada. Em concomitância, nessa análise, busca-se destacar a existência de cercos amorosos, marcados, nomeadamente, pelas personagens Maria Sara e Raimundo Silva. Para tanto, acompanharemos tais personagens em suas deambulações pela cidade, num processo que transcende a Lisboa física, vemos a construção de uma cidade-escrita em palimpsesto, pois, ao percorrer a história, sobressalta-se uma cidade em camadas, fundida entre passado e presente e, finalmente, relida, por um olhar memorialístico enamorado.

Palavras-chave: Lisboa, Cidade, Cerco amoroso, Memória

O projeto literário saramaguiano e o entrecruzamento das narrativas históricas e literárias

ANA MARIA CAVALCANTE DE LIMA (USP)

Resumo: Por meio da elaboração de um narrador pluralizado, que promove um jogo de aproximação e de afastamento temporal e espacial

da matéria narrada, José Saramago evoca a narrativa historiográfica para minar o seu estatuto de versão oficializada dos fatos. Em *Memorial do convento* (1982), em *História do cerco de Lisboa* (1989) e em *O homem duplicado* (2002), por exemplo, é perceptível o atrito promovido entre a narrativa histórica e a literária. Almejando resgatar do esquecimento a classe de homens simples cuja força de trabalho foi responsável por erguer o convento de Mafra, a memória, sugerida a partir do título, em *Memorial do convento*, alia-se à ficção para possibilitar a narração de uma versão alternativa dos fatos, na qual a arraia-miúda portuguesa possa receber a devida importância na construção do monumento. Em *História do cerco de Lisboa*, o narrador acompanhará Raimundo Silva em suas tentativas de modificar o texto histórico e nas obrigações que surgem como consequência do ato consumado pelo revisor, uma vez este tendo sido desafiado a escrever uma narrativa em que os cruzados não tenham auxiliado os portugueses na tomada de Lisboa, ora sob domínio mouro. Em *O homem duplicado*, a aproximação e o apagamento dos limites entre as narrativas históricas e as literárias podem ser observados em níveis diversos, desde o posicionamento metodológico do professor de História e personagem principal da narrativa, Tertuliano Máximo Afonso, à metáfora dos duplos fisicamente iguais, com narrativas corporais idênticas, já que possuem as mesmas cicatrizes, mas com essências e personalidades diferentes. No traspasse entre passado e presente, possibilitado pela concretude do espaço construído, quer seja o convento de Mafra ou as ruas da Lisboa contemporânea de Raimundo Silva, o narrador, que se pronuncia na primeira pessoa do plural em ambos os romances, irá oscilar entre uma reflexão crítica acerca dos fatos, permitida pelo afastamento temporal inerente à narrativa, e a condição de testemunha ocular dos acontecimentos, quando se põe extremamente aproximado das ações dramáticas, chegando a participar ativamente delas. Esse processo instiga à revisão dos eventos retratados pela narrativa histórica, contestando o status imediato de verdade conferido à historiografia. Por meio da inobservância do passado, cuja preteridade não pode ser

resgatada objetivamente, a narrativa historiográfica aproxima-se da ficção, sendo esta a única maneira de configurar o já acontecido. Nessa aproximação irremediável, parece se fundamentar a ironia da narrativa saramaguiana. O entrecruzamento entre a história e a ficção e o método utilizado pelo autor para explorá-lo serão os tópicos que nortearão a comunicação ora sugerida. Para promover a análise desses aspectos presentes na obra do autor pretende-se utilizar, a título de ilustração e de análise literária, trechos de *Memorial do convento*, de *História do cerco de Lisboa* e de *O homem duplicado*, obras em que se evidenciam as intenções de promover um embate histórico-literário.

Palavras-chave: Narrativa, Saramago, Historiografia, Literatura

O meu Porto: memória e arte no percurso autobiográfico de Mário Cláudio

MARIANA CASER DA COSTA (UFF)

Resumo: A obra do escritor português Mário Cláudio habita uma dimensão autobiográfica que se faz presente sob diferentes aspectos: a biografia de artistas e a inevitável reflexão sobre o trabalho artístico e sua função, como em *Amadeo* (1984), *Guilhermina* (1986) e *Rosa* (1988); a referência a personagens e eventos históricos relacionados, especialmente, à cultura portuguesa, como em *Peregrinação do Barnabé das Índias* (1998), e o diálogo da literatura com outras linguagens artísticas, como em *A fuga para o Egito* (1987). Por último, a ficcionalização da biografia do autor, em um crescente exercício de fusão entre o ser real e o de papel, se dá no que chamamos de seu percurso autobiográfico e que se constitui de um tríptico romanesco que se propõe a biografar os antepassados de Mário Cláudio – *A Quinta das Virtudes* (1990), *Tocata para dois clarins* (1992) e *O Pórtico da Glória* (1997) –, além de *Meu Porto* (2001) e *Astronomia* (2015), respectivamente um livro de registros de origem híbrida (pois reúne ficção, relato e artes visuais) sobre a cidade natal do escritor e sua autobiografia. Parto desse recorte não para percorrer os caminhos que levam à figura do autor, mas para, nesse trajeto, verificar de que

maneira a memória e a arte preenchem a narrativa cujo pano de fundo é a cidade do Porto. Sendo assim, primeiramente, a memória particular do escritor, oriunda de suas próprias lembranças e de registros familiares, liga-se à memória coletiva de Portugal, de modo que esta passa a ser recontada e redimensionada pela ficção. Em seguida, a arte, elemento constante nas cinco obras que constituem o corpus deste trabalho, contribuem para a visualidade da memória e do espaço dados a ler pelo texto. Desse modo, o diálogo entre as diversas linguagens artísticas a ele chamadas, a saber: a pintura, a música, a jardinagem, o bordado, a arquitetura, a miniatura e a própria literatura, ajudam a compor um quadro plural do Porto de Mário Cláudio, espaço urbano que guarda memórias do artista, da cultura e da história de seu país. Por fim, compreendendo-se como cidadão e crítico, como leitor e como autor dessa cidade que lhe representa, Mário Cláudio traz à tona uma grande discussão sobre o trabalho da escrita e, inscrevendo-se em seu próprio labor, aborda temas caros à contemporaneidade, como a autorreflexão e a metalinguagem e, enfim, desinstala o leitor de seu lugar passivo para, na companhia do autor, ressignificar espaço, memória e mesmo a arte. Este texto pretende introduzir as ideias que serão apresentadas em minha tese de doutorado, a ser defendida em 2018, e possui uma extensa fundamentação teórico-crítica que, evidentemente, percorre os três caminhos aqui propostos.

Palavras-chave: Mário Cláudio, percurso autobiográfico, memória, arte

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

Os caminhos da memória em *O livro dos guerrilheiros*

ROSANGELA SARTESCHI (USP)

Resumo: A partir da obra “O livro dos guerrilheiros – narrativas”, do escritor angolano José Luandino Vieira, o presente trabalho pretende

fazer uma reflexão sobre os limites da ficção e da história no domínio da narrativa, apontando para as formas de construção identitária realizadas em Angola no pós-independência. A narrativa escolhida estabelece um processo de resgate de histórias esquecidas de modo a conhecer/reconhecer e de valorizar as diferentes perspectivas concernentes às configurações dessa sociedade, desconstruindo, assim, as significações e representações da história oficial.

Palavras-chave: Luandino Vieira, História, ficção e memória, narrativa angolana

Os memoráveis, de Lídia Jorge, e as várias Revoluções dos Cravos

LÍCIA REBELO DE OLIVEIRA MATOS (UFRJ)

Resumo: A revolução de 1974 pode ser considerada o episódio mais marcante da história lusitana recente, sendo referida como divisor de águas no que concerne a questões econômicas, políticas, sociais e culturais de Portugal. Ela dispõe da aura poética que, via de regra, circunda os movimentos de libertação pelo mundo e pelos séculos afora: no caso português, grande parte dessa poesia reside no mito de uma revolução feita com flores em vez de balas de fogo, o que acabou por lhe gerar o título de Revolução dos Cravos. Ainda muito vivos na memória portuguesa, o 25 de Abril e seus desdobramentos são frequentemente aludidos e, mesmo, revividos na literatura, caso do romance *Os memoráveis* (2014), de Lídia Jorge. No aniversário de 40 anos do movimento que trouxe a liberdade de volta a seu país, a escritora publica uma obra ficcional sobre uma equipe de reportagem que, no ano de 2004, colhe relatos de alguns participantes do episódio, com o intuito de exibir um programa de televisão sobre a revolução portuguesa. Tendo como protagonista uma jornalista filha de dois declarados simpatizantes do movimento, Jorge joga, muito sabiamente, com três tipos de memória: a histórica, a coletiva e a individual. Ao longo da narrativa, o trabalho encomendado à repórter acaba por revelar-se mais do que um retorno à história de Portugal,

mas um regresso a sua própria história e, também, a seu país, já que a personagem optara por exercer seu ofício fora da terra e da língua natal. Misturam-se, então, dois níveis de testemunhos em *Os memoráveis*. O primeiro refere-se aos relatos dos personagens entrevistados, que, segundo Jorge, são inspirados em entrevistas de participantes reais da revolução – a autora reforça, assim, o fascinante imaginário histórico-ficcional do 25 de Abril. Já o segundo consiste na narração do romance em si: a jornalista, tal qual os ex-revolucionários, mostra a revolução sob seu olhar – ultracrítico e anti-idealista –, deixando escapar uma intimidade há anos enterrada. Configurando-se num a mais dentre os tantos textos existentes sobre a Revolução dos Cravos e, com isso, alimentando a mitologia que a envolve, *Os memoráveis* pode frustrar aqueles que acreditam na existência de uma versão real, por assim dizer, do episódio ocorrido em 25 de abril de 1974. Lídia Jorge faz perder-se seu leitor nas diversas vozes e nos diferentes níveis de enunciação existentes na obra, levando-o a um estado de inquietação sobre a história e a multiplicidade de narrativas criadas a partir daquilo que não se pode reter: o passado.

Palavras-chave: Cravos, memória, Portugal, revolução

Ricardo Guilherme Dicke e o seu texto ficcional nas malhas do imaginário: um estudo sobre identidade

IOUCHABEL SARRATCHARA DE FATIMA FALCÃO (UFMT)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar o texto literário como representação dos conflitos identitários na contemporaneidade e que estão presentes na narrativa do escritor Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008), cujo texto oferece uma multiplicidade de elementos de composição que articulam a ficção e o relato autobiográfico utilizando o cenário mato-grossense, estado brasileiro que apresenta em sua história a expansão moderna tardia em relação ao litoral do país e que, devido a isso, também carrega o ritmo frenético da urgência capitalista associada ao choque de devastação ambiental de forma peculiar, tanto no que

condiz aos meios de exploração do espaço quanto as novas formas de tecnologia que atingiram diretamente as condições e relações do homem com o meio, com o outro e consigo. As modificações no espaço alimentam as angústias e nostalgias de personagens em constantes tentativas de compreensão de si, que viajam no tempo resgatando suas raízes europeias tanto históricas quanto artísticas e as unindo às reflexões do homem comum interiorano, muitas das vezes atingido pelo sentimento de impotência diante das grandiosidades vazias da modernidade. Assim, nos campos diversos da problemática que envolve as definições estigmatizadas de identidade nos países latino-americanos pelo processo de colonização, a literatura é também utilizada como ferramenta de denúncia efetuada pelo sujeito empírico nas imensas e perenes continuidades da escrita. Esta leitura é amparada pelos estudos sobre a literatura latino-americana e suas particularidades de Ángel Rama; pelas reflexões sobre “culturas brasileiras” e o ação do autor, de Alfredo Bosi; pelos estudos sobre identidade de Stuart Hall; além de teóricos e estudiosos sobre os fenômenos decorrentes da modernização e também sobre a literatura produzida em Mato Grosso que enriquecem a análise em termos, principalmente, de investigação da abordagem do sujeito empírico que atua em um cenário isolado, até então pouco reconhecido artisticamente, o que acentua o nível de dificuldade de identificação diante das divergências que o representam discursivamente. Alguns dos resultados indicam, por exemplo, que os personagens figuram, algumas vezes através de recursos fantásticos, o homem que, na contemporaneidade, está em conflito com o sistema e consigo mesmo diante dos processos híbridos e interculturais de sobreposições de fatores externos que influenciam na sua visão de mundo, expressos, no corpo do texto, por alguns elementos como livros, o rádio e o acesso aos veículos automotivos, que difundem o movimento caracterizante dos objetos culturais modernizantes oriundos do processo de globalização, o que infere em um sistema de acessibilidade a diferentes culturas, possibilitando

não apenas o conhecimento de outros perfis culturais como também o questionamento dos seus próprios valores pelo sujeito no exercício de alteridade. A escritura dickeana revela, assim, que a identidade dos personagens, construída na narrativa, proferem não só a memória – individual e histórica – como também nuances da visão de mundo do autor, que busca na localidade posicionar-se nela e nas dimensões do espaço global através dos recursos ficcionais, unindo os resíduos do tempo para representar o caráter plural e, ao mesmo tempo individual do sujeito contemporâneo.

Palavras-chave: Ficção, Memória, Identidade, Literatura produzida em Mato Grosso

61

OS ESPAÇOS DA LITERATURA NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Andrea Saad Hossne (USP)
Raquel Illescas Bueno (UFPR)
Jefferson Agostini Mello (USP)

Resumo: No texto de descrição do tema da ABRALIC 2016-2017 lemos que a literatura contemporânea tende a avançar as fronteiras do que comumente se tem chamado de Literatura; mais ainda, ela põe em xeque a ideia mesma de fronteira, implicando em múltiplos e diversos modos e instâncias de experiência. No sentido de discutir e testar possibilidades e limites dessa consideração, nosso foco neste simpósio é, de um lado, investigar as relações entre a literatura e a cultura contemporânea – cultura entendida aqui seja em seu sentido mais estrito, de artefatos e práticas culturais que não os literários, seja em sentido mais amplo, como modos de vida, de experiência; e, de outro, refletir sobre a articulação das práticas literárias contemporâneas com as novas formas de produção, circulação e recepção da literatura e da cultura, em sintonia, então, com a proposta de 2017, que se refere à necessidade da “reconstrução da materialidade dos meios de comunicação”. Partimos do pressuposto de que as relações entre literatura, cultura e sociedade são sobredeterminadas, isto é, ao mesmo tempo em que para discuti-las não são suficientes teorias como as do reflexo ou da base/superestrutura, elas também não podem ser lidas apenas na chave voluntarista ou idealista, como se as obras se liberassem totalmente do chão histórico. Assim, para além da já conhecida tópica da crítica contemporânea acerca da perda de centralidade da literatura, propomos os seguintes sub-temas a serem discutidos dentro do nosso simpósio: a) Produtores: No que toca aos que escrevem a literatura, seria o caso de verificar a que movimentos

e grupos da e na cultura contemporânea a sua literatura responde e/ou corresponde, que agentes a mobilizam ou são mobilizados por ela; em suma, quem são os produtores (legitimados, outsiders, alternativos) da narrativa, da poesia e da crítica contemporâneas? b) Posicionamentos/ Polêmicas: Como um desdobramento do tópico anterior, seria o caso de discutir que diferentes papéis e posições tanto esses produtores quanto os críticos literários têm assumido ultimamente no campo social e cultural; como se movimentam na esfera pública, que embates ou debates assumem ou descartam? c) Textos: Na discussão dos meandros do texto literário, importa refletir sobre os aspectos e pressupostos que balizam atualmente os diálogos das formas literárias com outras formas artísticas, tradicionais e contemporâneas (cinema, artes visuais, teatro, música, história em quadrinhos). Ainda, quais as narrativas e personagens que os textos literários e culturais legitimam e rejeitam nos dias que correm, isto é, que aspectos da cultura e da sociedade contemporâneas as obras internalizam e valorizam? d) Suportes: Se esse é um tema fundamental para as artes visuais, há pouca reflexão sobre ele nos estudos literários. Assim, no que diz respeito aos suportes da literatura contemporânea, perguntamo-nos em que medida os meios digitais, a internet e os modos de produção e recepção que esta traz desafiam as noções de literatura e de experiência, incluindo, no caso, a experiência de leitura e o lugar do leitor. Desdobrando essa questão, indagamos sobre as confluências e diferenças entre a recepção/produção crítica que circula na internet, marcada por postagens, na prática, anônimas, e pela divulgação de vlogs e blogs independentes, com o circuito crítico que marcou o momento anterior, quando, além do circuito universitário, ainda havia crítica especializada circulando regularmente nas grandes mídias. Finalmente, no que tange o objeto livro, em seu formato tradicional, quais as mudanças nas últimas décadas? e) Crítica literária: Pensando exclusivamente na crítica literária, quais são e como operam as instâncias de legitimação dos espaços literários e culturais? Nos dias que correm os escritores valorizados no meio universitário

nas últimas décadas, cujas obras compõem o catálogo das editoras de maior prestígio, tendem a circular de forma relativamente restrita, com grande parte de seu público leitor formado por outros escritores e por pessoas ligadas ao circuito editorial. Terá sido sempre assim? Quais as especificidades perceptíveis no momento atual? e) Outros mediadores: Em um simpósio que visa a pensar as materialidades da literatura contemporânea, cabem, também, reflexões sobre o papel de editores e agentes literários, sobretudo em um momento de expansão do mercado editorial e de internacionalização da produção brasileira. Assim divididos, os sub-temas podem nos levar a refletir sobre as noções e categorias que têm como pressuposto a autonomia da literatura para definir-se a si mesma, com suas regras e instituições próprias, com suas lutas internas, seus debates na esfera pública acerca de sua função e seu valor, ou seja, noções que circunscrevem um espaço e uma especificidade – tais como a de campo de Bourdieu (crítica, ensino, academia etc.) ou a de sistema literário de Candido (autor, obra, leitor). Estariam elas sendo colocadas em xeque pela proclamada perda, na contemporaneidade, da especificidade da literatura, concebida, então, como pós-autônoma e desterritorializada (Ludmer) ecoando a proposta temática (2016-2017) da ABRALIC? Ou, pelo contrário, novos e velhos constrangimentos ainda estariam atuando em conjunto com a produção literária?

Palavras-chave: Literatura Contemporânea, Espaço, Cultura, Mediações

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

A potência do silêncio nos romances gráficos

ANA LUCIA AMADO SARAIVA RIBEIRO (PUC-RIO)

Resumo: Resumo da pesquisa em andamento, intitulada “A potência do silêncio nos romances gráficos” No cenário contemporâneo dos últimos 10 anos, as histórias em quadrinhos têm constituído um campo

bastante fértil em experiências de linguagem. Os romances gráficos, ao explorarem as relações de desencontro, desencaixe, entre o visível e o legível, têm se mostrado um campo especialmente potente em revelar o silêncio como um expediente de linguagem capaz de iluminar e potencializar no texto - seja de palavras ou de imagens - a ambiguidade, a contradição, o paradoxo, o nonsense, o indizível, enfim, todos os âmbitos erráticos da linguagem que desafiam a capturação e a sedimentação do sentido. De acordo com essa perspectiva, a presente pesquisa procura investigar em que medida é possível afirmar que o silêncio, que emerge dos recursos metafóricos da linguagem, e também do que não é dito nem mostrado, aponta para a expansão das possibilidades de sentido e não para limites da linguagem.

Palavras-chave: silêncio, imagem, visualidades, romance gráfico

Aproximações entre romance e quadrinhos em O grifo de Abdera, de Lourenço Mutarelli

RENATA MANONI DE MELLO CASTANHO (USP)

Resumo: Em diálogo com a proposta do Seminário “Os espaços da literatura na cultura contemporânea”, a presente comunicação terá como objetivo pensar alguns aspectos do livro *O grifo de Abdera* (2015), do brasileiro Lourenço Mutarelli, em especial os pontos de contato da literatura com outras formas artísticas da cultura contemporânea e que pertencem a públicos e tradições diferentes. A aproximação da forma romance com sua prima distante, a história em quadrinhos (HQ), aparece nesta obra como uma maneira interessante de propor uma ampliação nas capacidades expressivas da linguagem literária, através dos eixos de continuidade e ruptura com as tradições Realista e Moderna. *O grifo de Abdera* é um romance escrito em primeira pessoa, em que o narrador procura transmitir uma experiência que, apesar de seus traços fantásticos, reivindica como uma história real. Sua intenção é contar a história de seu duplo, Oliver, com quem compartilha a consciência de identidade – apesar de, no início da narrativa, eles nunca terem se visto pessoalmente. A história do encontro entre os dois

personagens, assim, se mistura com a própria metanarrativa sobre as possibilidades de narrar, sobre o lugar social do artista contemporâneo e sobre o espaço da literatura em um momento cultural diagnosticado com o fascínio pela imagem. Esse romance, que pode ser considerado pós-moderno, mobiliza assim alguns debates que têm permeado a literatura recente. Especificamente, nossa proposta será discutir o problema da representação na literatura contemporânea diante de uma realidade que já não é considerada tão estável quanto no passado, e que constantemente tem suas fronteiras com a ficção problematizadas. O grifo de Abdera amplia também a reflexão sobre os níveis de representação, tais como as categorias de autor, narrador e personagem, bem como o problema entre eu e alteridade, em um jogo de espelhos aparentemente infinito. Nossa fala, portanto, apresentará brevemente esse conjunto de questões encontradas nesta obra e relevantes para o debate contemporâneo e, em seguida, se deterá mais atentamente na análise da HQ anexada ao romance. Com traços carregados e uma estética marcada pelo non-sense e pelo pastiche, essa HQ ocupa cerca de um terço das páginas da obra e será lida a partir da tradição do mise en abyme, forma antiga repensada para uma realidade social nova. Através desse gancho, debateremos criticamente a noção de “literatura da exaustão” proposta pelo escritor americano John Barth em sua leitura da obra de Jorge Luis Borges. Por fim, faremos uma reflexão a respeito da suposta “crise do romance”, que na realidade parece permear toda a tradição dessa forma, o que coloca em questão as posições mais ou menos alarmistas sobre o suposto “fim da literatura”.

Palavras-chave: Literatura contemporânea, Romance, História em Quadrinhos, Representação

Diálogo com a recepção crítica de Lourenço Mutarelli: olhares sobre a produção e suas impressões

PAULO VITOR COELHO (USP)

Resumo: Nossa comunicação baseia-se na pesquisa de mestrado em desenvolvimento na Universidade de São Paulo, cujo título provisório

é Ele entra: Lourenço Mutarelli e sua proposta híbrida em O cheiro do ralo. Primeiro, discutiremos mais atentamente um texto de sua fortuna crítica assinado por Alcir Pécora, publicado pela Folha de S. Paulo, a respeito do terceiro romance de Mutarelli A arte de produzir efeito sem causa. Buscamos levantar problemas que dizem respeito à recepção da obra de Mutarelli, aos pontos observados no trabalho do autor e pensar como essa recepção influencia, ou não, a produção posterior de Lourenço Mutarelli. Essa escolha justifica-se pelo momento da carreira do autor: essa obra marca sua estreia em uma editora de grande porte, depois de longo período em outras bem menores, com pouca inserção no mercado literário. Esse trabalho despertou o interesse de um grande jornal e de um crítico de importância no meio. A avaliação crítica feita por Pécora não foi das mais positivas, onde aponta a falta de coerência da narrativa e da citação frequente de obras do universo underground por parte do protagonista. Sua leitura, no entanto, conseguiu captar alguns procedimentos formais recorrentes do estilo de Mutarelli, mas seu desfecho não levou a discussão mais à frente. Por exemplo, quais os efeitos pretendidos? Em qual contexto de produção esse texto surge? Dados seus trabalhos anteriores, qual o lugar desse texto na trajetória de Mutarelli? Só que essas perguntas ainda são bastante gerais para abarcar o problema de forma satisfatória. Lembremos que essa resenha foi publicada em uma coluna de seiscentas palavras, em um jornal não especializado em crítica literária, e visava uma avaliação rápida com fins de “indicação de leitura”. Passando para outro tipo de suporte, exporemos também alguns textos de sua recepção acadêmica. Os caminhos interpretativos da obra de Mutarelli (em especial de nosso objeto, O cheiro do ralo) apresentam articulações mais elaboradas, porém com alguns lugares-comuns já detectáveis nos textos dos últimos anos. Esse percurso nos auxilia a mapear os vários pontos de vista lançados até então sobre Mutarelli para montarmos nossa hipótese exposta no título da pesquisa: sua proposta híbrida. Isso é, o texto do autor é estruturado segundo trânsito e referências trazidas de vários

outros campos das artes (histórias em quadrinhos, cinema, teatro), desestabilizando anseios classificatórios ou generalizantes; e mais, alargando as possibilidades da prosa contemporânea, quer criativas, quer em questão de gênero “romance”. Assim, esse diálogo com a fortuna crítica de Mutarelli procura vislumbrar saídas interpretativas para a obra escolhida como objeto da pesquisa, como também observar problemas concernentes à produção crítica acerca desse autor, que ainda busca ferramentas para ler com mais clareza seus textos, temas e abordagens do contemporâneo inseridas em sua ficção.

Palavras-chave: Lourenço Mutarelli, O cheiro do ralo, Fortuna crítica, prosa contemporânea

Titãs e Torquato Neto: a hora e a vez dos bichos escrotos desafinarem de vez o coro dos contentes

ANGIE MIRANDA ANTUNES (UFJF)

Resumo: Os poemas de Torquato Neto, que só foram publicados postumamente, ganharam espaço quando musicados pelos Titãs. A primeira versão de “Go back” (1984) é a musicalização do poema homônimo. Nas duas versões de 1988, o poema “Go back” ganha a companhia do “andarandei”, também de Torquato. A música seria regravada por outras quatro bandas nos anos 1990 e outras duas vezes pelos próprios Titãs, sendo uma em 2010 para uma novela global, e a outra em 1997, com a versão de “Go back” em espanhol e a substituição de “andarandei” por “Farewell” (1923), de Pablo Neruda. Todo esse percurso permite pensar as imbricações contextuais da poética de Torquato Neto. Da penumbra da ditadura ao pastiche dos anos 1990, passando pelo enfrentamento nas ruas pela democracia, na década de 1980, os versos do poeta piauiense – “Só quero saber do que pode dar certo/Não tenho tempo a perder” –, se tornam o refrão e conclamam por novos ares. Não se trata de escapismo ingênuo, pois nos dois poemas de Torquato e em todo o discurso da banda Titãs há a consciência e a aceitação de que ciclos chegam ao fim e de que é

preciso seguir em frente (embora não haja sinalização dos próximos passos). A textualidade vigente entre música e poesia possibilita a vociferação da despedida às milhares de vozes que fazem ecoar seus versos, num movimento simultâneo e intrínseco de clamar “avante!”. Mesmo quando os poemas são extraídos de seu contexto, já nos anos 1990, sua mensagem exaltada pelo refrão reverbera. Ainda que insista: “sigamos em frente”, algo nessa mensagem deixa minar o estado de exceção constante e a luta contínua que se trava nos centros urbanos. Por que se quereria tanto ir para frente? Por que essa mensagem ainda faz tanto sentido? Quando olhamos minuciosamente o desenrolar das questões levantadas pelos movimentos sociais e culturais dos anos 1960, percebemos que a ordem das coisas pouco mudou. Só há muita purpurina no ar. Enquanto a crítica da obra de Torquato aprisiona em seu suicídio, a música a liberou. Tanto a Tropicália quanto o rock apostaram na liberdade, no movimento de interiorização e exteriorização cultural e, desta forma, permitiram a confluência de discursos plurais. Manter no ar o apelo por uma atitude receptiva, possibilita, como diria Torquato, transar as ideias e alcançar nossos contemporâneos dos anos 1960, 1970 e até 1980 na batalha contra os discursos aprisionadores da produção e da fortuna crítica literárias. A obra de Torquato Neto, especialmente a coluna Geleia Geral, clama pela resistência, insiste na recusa daquela sombra que pendia sobre o Brasil à época da ditadura. Mas, para além disso, pulsa pelos novos ares, por uma nova forma de pensar. Seu discurso vorticoso opera em estética semelhante a do rock, com denúncia da calamidade e do caos. Só para aqueles “cidadãos civilizados” (“Bichos escrotos”, Titãs) ou para os “contentes” (“Let’s play that”, Torquato Neto), que aprisionam a produção cultural brasileira, a morte assusta mais do que a vida.

Palavras-chave: Poesia, Cultura rock, Contemporâneo, Textualidade (crítica)

“Palavras azuis celestes”: um estudo sobre Roça Barroca, de Josely Vianna Baptista

MARIA SALETE BORBA (UNICENTRO)

Resumo: Dando continuidade à discussão realizada no ensaio ““De superfícies as nuvens sem céu’: um estudo sobre Sol entre nuvens, de Josely Vianna Baptista” (BORBA, 2016), no qual foi analisado o espaço a partir das discussões teóricas desenvolvidas na França do final da década de 1960 e início da de 1970 com Michel Foucault e Roland Barthes. Conforme foi observado, tanto Foucault, quanto Barthes contribuíram para a compreensão da complexidade da abordagem e da variabilidade do conceito de espaço. Para a presente reflexão, tem-se como o objetivo analisar alguns fragmentos de outro livro Roça barroca (2011), da poetisa paranaense. A leitura destacará o estudo do espaço político-poético, pelo viés da palavra-imagem, como características advindas do pensamento moderno. Tal análise inclui, por um lado, os traços do barroco e, por outro lado, a leitura do mito da origem que nos é apresentado ao longo desse livro que é dedicado à leitura das “palavras azuis celestes”. Desse modo, a discussão será realizada com o objetivo de se repensar o contemporâneo enquanto espaço de simultaneidade, de justaposições. O diálogo em torno da categoria espaço se dará tanto pelo viés das relações teóricas que figuram no trabalho crítico de Walter Benjamin e Severo Sarduy, quanto pela leitura da linguagem enquanto percepção do sensível, do espaço enquanto desdobramento.

Palavras-chave: Josely Vianna Baptista, Espaço, Literatura contemporânea

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

A produção literária na periferia: limites e possibilidades

RENATA DE OLIVEIRA BATISTA RODRIGUES (UFRJ)

Resumo: O presente trabalho pretende discutir a produção literária da periferia e suas relações com outras manifestações culturais também periféricas, com ênfase nos espaços, numa perspectiva de avanços de fronteiras. Uma considerável quantidade de narrativas possui como cenário a periferia, e os escritores também são oriundos dela. E pensar em produção literária de pessoas da periferia, é entender que vozes silenciadas em outros momentos da trajetória literária e intelectual do nosso país estão hoje narrando suas próprias e também outras histórias. Nessa nova configuração, já é perceptível que outros olhares podem falar do Brasil. Novos olhares, mais Brasis. Pensar o território num momento em que vozes outrora silenciadas intelectualmente, como já dito, são ouvidas, é pensar na história dos vencedores e dos vencidos. Qual história é contada? Quem conta a história? Quem é o privilegiado? Será que de fato conhecemos a nossa história? Talvez o conceito de territorialidade proporcione uma ampliação das questões, uma vez que trata da apropriação do território enquanto espaço geográfico de apropriação identitária. Remete ao sentimento de pertencimento a um lugar onde o cidadão sente-se familiarizado. A nova geração da Literatura Marginal deu protagonismo às pessoas antes silenciadas por sua condição de marginalidade social e, neste momento consegue, em relatos muito peculiares a quem experimentou determinadas situações bem de perto, produzir mais uma imagem de Brasil. A periferia agora tem sua produção exposta. O fato de a periferia produzir literatura, melhor, o fato da produção literária da periferia ter conquistado maior visibilidade na contemporaneidade, produz efeitos. Na verdade, a visibilidade literária da periferia é um movimento humano característico

do mundo contemporâneo. É quase impossível pensar na produção literária da nova geração da Literatura Marginal e não refletir sobre os conceitos de território, territorialidade, periferia, marginalidade, entre outros. Contudo, talvez o que traga mais controvérsias, seja o conceito de território, especialmente, por em alguns momentos o foco maior ser o próprio território em vez do uso que se faz dele. Faz-se necessário a retomada do conceito de territorialidade, que, dizendo em poucas palavras, dá conta do uso que se faz do território, que é o que interessa para um estudo literário, as relações e subjetividades que são produzidas nele. As perspectivas futuras de análise para o presente trabalho poderão apontar para a ampliação do campo de estudo da nova geração da Literatura Marginal, especialmente em literatura. Atualmente, uma considerável parte dos estudos da nova geração da Literatura Marginal está vinculado às Ciências Sociais. Quando não, é parte de pesquisa literária numa perspectiva interdisciplinar. Questões próprias, envolvendo indagações sobre realidade ou ficção, territorialidade, são uma tentativa de legitimar o estudo enquanto literário.

Palavras-chave: Periferia, Produção literária, Territorialidade**ECO – performances poéticas: a produção de presença e o afeto nas cenas contemporâneas de poesia**

ANELISE DE FREITAS (UFJF)

Resumo: A pesquisa concentra sua atenção no panorama da cena contemporânea de poesia em Juiz de Fora, utilizando o início do sarau ECO – Performances Poéticas como estopim para o pensamento dessa formação de um cenário, que compreende o início do século XXI até a atualidade. O aporte teórico se dá, principalmente pelo desenvolvimento de alguns termos críticos praticados por pensadores como Hans Ulrich Gumbrecht, Luciana di Leone, Paul Zumthor e Pierre Bourdieu, que discutem, respectivamente, a produção de presença, o afeto, a performance e a criação simbólica do campo,

discussões importantes para o desenvolvimento dessa pesquisa. A cena é constituída por certo intercâmbio de capitais externos – a macroestrutura – e internos – relativos à própria cena – a partir de seus agentes; enfim, um campo simbólico e uma produção de presença. A poesia contemporânea brasileira (do sudeste) não possui um agrupamento estético, ou seja, esses poetas não encontram sua filiação através de uma prática poética similar, mas sim pela coletividade. A senda do programa é a prática e o texto funciona como um dispositivo, amplificado pelas citações, aspas e as vozes. Esse apontamento teórico do afeto funciona na crítica através das subjetividades. No contexto do evento em questão, foi pela oralidade que ele se fez notório, embora muitas publicações impressas e virtuais — entre revistas e editoras nascidas nessa cena — tenham surgido a partir do ECO – Performances Poéticas. O evento não foi criado com o intuito de ser apenas um sarau, isto é, apresentação de poetas e poemas, mas sim para respeitar os processos de alteridade da voz do outro, que é uma voz que vem de outra parte, atravessando o limite do corpo sem rompê-lo. A vocalidade é sentida como presença. A leitura reintegra um ato perdido por nós: o desejo de restabelecer a unidade da performance. Esse é um ato de presença e, por isso, não é possível abordar a performance de maneira unívoca. Além da materialidade do livro e da presença na poesia oral, dois elementos ainda estão em voga: a presença do leitor (reduzido à solidão) e uma ausência (intensidade da demanda poética). Para Zumthor, a voz não representa apenas ela mesma, mas a emanção do corpo (poesia oral: corpo do que fala ? corpo do que ouve). O corpo exerce todo um papel na recepção e leitura, pois é ele que percebe e reage (presença). A contemporaneidade subjetiviza o espaço-tempo: um leitor de poesia a lê no presente de um devir não utópico, de estar sujeito à. Nesse processo, tempo e texto são espacializados, já que não somente a lembrança, mas a relembrar (também corporal) dessa presença (que não é temporal, mas espacial), forma parte desse contemporâneo. A metodologia que se objetivou utilizar nesse trabalho

foi a da autoetnografia, isto é, a partir da prática de auto-reflexão da pesquisadora como uma observadora não-indeferente, perspectiva essa apontada por Daniela Versiani.

Palavras-chave: cena contemporânea de poesia, ECO – Performances Poéticas, literatura contemporânea brasileira, Cultura Brasileira

Editoras cartoneras e línguas de fronteira: espaço de encontros e desencontros

RITA LENIRA DE FREITAS BITTENCOURT (UFRGS)

Resumo: Desde a fundação da Cooperativa Eloisa Cartonera, em Buenos Aires, 2003, pelo poeta Washington Cucurto, com a proposta de publicar textos conhecidos e desconhecidos, ilustrados com capa feita de papelão recolhido das ruas e pintados rusticamente pelos próprios papeleiros, a ideia ganhou enorme simpatia e se espalhou de forma avassaladora. Essas novas editoras mantêm, às vezes, o caráter inaugural de intervenção política, mas também podem trilhar outros caminhos, tornando-se, por exemplo, uma prática cult, passando de projeto socio-educativo a experiência plástica. Por conta disso, talvez se possa dizer, hoje, que são tantas e várias as propostas de atuação quantas são as Cartoneras independentes que se espalharam pelo mundo, todas funcionando com o auxílio de blogs e sites na internet, com sistemas de compras online. Só no Brasil, há mais de vinte projetos ativos de Cartoneras, dentre eles, Dulcineia Catadora (SP), Clãdestina Cartonera (MG), Magnólia Cartonera (PR), Mariposa Cartonera (PE), cArtonerA cArAAtApA (RJ), Katarina KartonerA (SC), Vento Norte Cartonero (RS). Uma das leituras possíveis neste ensaio, dá-se a partir da YiYi Yambo Cartonera, com sede em Porta Porã, MS, dirigida por Douglas Diegues, poeta que desde seu primeiro livro, “Dá gusto andar desnudo por estas selvas” (Curitiba: Travessa dos Editores, 2002), escreve em uma mescla de línguas entre o português e o espanhol, por ele denominada de “portunhol selvagem” ou “portuñol salbaje”. Sua proposta editorial alternativa vem aliada a um tratamento plástico dos materiais e à opção

de publicar, preferencialmente, textos que exploram as línguas de fronteira, a partir de uma visada político-cultural que busca incorporar traduções e práticas linguísticas subversivas e transnacionais.

Palavras-chave: Cartoneras, Portuñol, Douglas Diegues, Espaço

Uma leitura a contrapelo acerca do desaparecimento da literatura ou de seu lugar na contemporaneidade

ANDREA SAAD HOSSNE (USP)

Resumo: Em Aqui América Latina – Uma especulação (2010), Ludmer apresenta uma série de comentários de obras literárias a partir de uma coordenada espaço-temporal: Buenos Aires, ano 2000. Tais leituras e reflexões (“O diário sabático”) foram acrescidas de proposições posteriores. O eixo espaço-temporal preside a organização do livro, dividido em duas partes: Temporalidades e Territórios. Questões que perpassam tópicos como memória, nação, mercado, história, globalização, levam-na à proposição da coexistência entre ficções de temporalidades da nação e de temporalidades globais. É a partir disso que postula a diferenciação entre literaturas autônomas (remetendo ao “sistema literário argentino”) e pós-autônomas. Ao referir-se a estas, coloca em xeque a noção de campo literário (Bourdieu) e aponta para um tipo de texto e de leitura nos quais “não se sabe ou não importa se são ou não literatura”, “não se sabe ou não importa se são realidade ou ficção” (LUDMER, 2013, p.127). Tais ideias serão desenvolvidas também em comunicação posterior, “Lo que viene después” (Sevilha, 2012), e mesclam diagnósticos e hipóteses quanto à manutenção ou à perda de poder e do valor intrínseco ao literário. Dessa mescla resulta a proposição de que “As literaturas pós-autônomas do presente sairiam da ‘literatura’, atravessariam a fronteira e entrariam em um meio (uma matéria) real-virtual, sem exterior, que é a imaginação pública “[...] (Idem, p.133). Esta comunicação pretende fazer uma leitura a contrapelo das proposições de Ludmer, aproximando-as de duas obras literárias em que a problematização do literário e de seu lugar na contemporaneidade

são também centrais: El juego de los mundos (2000), de César Aira (um dos textos comentados por Ludmer) e Não há nada lá (2001, Ciência do Acidente; 2011, Companhia das Letras), de Joca Reiners Terron. El juego de los mundos, livro não distribuído, foi publicado pelas Ediciones el Broche, em edição reduzida. Livro difícil de se encontrar, é uma ficção científica que trata do fim da literatura. O “jogo” do título se dá já nessa relação entre o modo de publicação e o tema da obra. Já o livro de Terron, que também tematiza a desapareição da literatura e do livro, saiu, em 2001, pela editora do autor, Ciência do Acidente, com vinhetas gráficas, palavras que se dissolvem ou se apagam na página. A segunda edição, jamais assim designada, sai em 2011, pela Companhia das Letras. Nessa “reaparição” do livro, as vinhetas desaparecem, mantendo-se as demais características. Em ambas, o livro termina na página em branco. Dois textos literários que mobilizam expedientes tanto internos quanto externos que encenam a suposta desapareição do literário, e que, entretanto, permanecem, bem como seus autores e obras, consagradas em seus respectivos contextos. O mecanismo retórico da desapareição nos dois escritores, confrontados entre si e às pospostas de Ludmer, propiciam uma leitura a contrapelo, na qual não apenas o lugar da literatura se encontre problematizado, mas também o próprio modo de fazê-lo, abrindo, talvez, outras perspectivas críticas para além daquelas enunciadas ou configuradas pela ensaísta e pelos escritores.

Palavras-chave: campo literário, literatura pós-autônoma, lugar da literatura, sistema literário

Crítica e política: deslocamentos da literatura brasileira contemporânea

CLAUDIA LUIZA CAIMI (UFRGS), REJANE PIVETTA DE OLIVEIRA (UNIRITTER-POA)

Resumo: A literatura é, em grande medida, tributária de uma visão de cultura identificada a manifestações artísticas e intelectuais eruditas, guardando prerrogativas de gostos, padrões estéticos e morais dos

grupos que detêm o poder de legitimá-la. Mesmo em tempos de expansão das formas literárias – tanto do ponto de vista da hibridização de gêneros e linguagens, da interferência das tecnologias, assim como da entrada em cena de vozes de grupos minorizados – estamos longe do que poderíamos chamar de uma “Democracia das Letras”, o que se deve menos à falta de medidas educacionais ou de programas de entidades civis ou governamentais com vistas à ampliação do acesso à cultura letrada, e mais à posição de privilégio que certos agentes e modos de representação ocupam no sistema literário. Esta comunicação propõe-se a refletir sobre produções literárias realizadas em “espaços heterotópicos”, conforme Foucault (2015), ou “espaços do fora”, na caracterização de Deleuze (1991), entendidos como espaços não hegemônicos da produção literária. Espaços como manicômios, presídios e coletivos periféricos constituem exemplos por excelência desse recorte em que a escrita constitui um campo de produção de imagens dissonantes do mundo, pouco dado a ver. Esta comunicação detém-se no exame de textos produzidos nesses espaços-limite, para o qual convergem experiências-extremas, que se expressam em condições de quase absoluta obscuridade no sistema literário. Trata-se, especialmente, da análise de textos resultantes de “ateliês de escrita” realizados em ambientes de manicômios, do que é exemplo a coletânea *Vidas do fora: habitantes do silêncio*, conjunto de textos produzidos em ateliês de escrita do Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre. A discussão desses textos pretende explicitar o repertório de imagens que dão a ver espaços, personagens, situações, usos da linguagem, repertórios estéticos criadores de dissensos. Privilegiamos nesta análise uma abordagem política dos fenômenos literários, que trata de compreendê-los no interior de um sistema de relações, evitando tomar as obras de maneira isolada, como produtos acabados, sobre os quais incidem operações analíticas cristalizadas pelo habitus (BOURDIEU, 2006). A partir do estudo de tais experiências literárias, cuja escrita emerge de um espaço deslocado do eixo comum de produção das imagens do mundo, a comunicação propõe-se a explicitar os termos

de uma crítica política (RANCIÈRE, 2005), em que o estético promove a desestabilização das visões homogêneas do mundo e da própria literatura. Importa, pois, desenvolver os termos de uma crítica política, com atenção aos espaços e condições em que os textos criam desvios e vazios, vinculando-se a modos de vida e à construção de novas subjetividades, visibilidades e inteligibilidades do mundo.

Palavras-chave: heterotopia, espaços do fora, dissenso, crítica política

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 3

As cartas de Phillip Roth e o “descontrole” da ficção

ADRIANO SCHWARTZ (USP)

Resumo: A correspondência do escritor norte-americano Philip Roth foi recentemente liberada para consulta na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. A leitura desse material mostra um autor bastante consciente de sua produção e muito interessado em controlar e direcionar ao máximo a recepção de seus textos, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, os livros que essa correspondência discute, inúmeras vezes tematizam e exploram a necessidade de “descontrole” da ficção. Pretendo, nesta apresentação, mostrar os resultados preliminares dessa pesquisa em que o escritor, a sua obra e os seus críticos e leitores debatem o papel frágil e possível da ficção no mundo contemporâneo. Estou especialmente interessado em um período de cerca de dez anos, entre o final dos anos 70 e o final dos anos 80, quando Roth publicou a primeira trilogia de Nathan Zuckerman (“Zuckerman acorrentado”, *Zuckerman bound*), que consiste em uma longa discussão sobre o lugar do artista na atualidade, o volume autobiográfico “Os fatos” (*The facts*) e o seu livro mais experimental, “O avesso da vida” (*Counterlife*), e em com essas obras, textualmente, propõe um conjunto de posições que muitas vezes geram ruído no confronto com a troca de cartas entre Roth e grandes autores e críticos

literários norte-americanos e europeus no mesmo período.

Palavras-chave: romance contemporâneo, Philip Roth, teoria da ficção, correspondência entre escritores

Do real ao ficcional, do virtual ao literário: procedimentos da escrita de Clara Averbuck

CARLOS HENRIQUE VIEIRA (UNICAMP), DANIELA BIRMAN (UNICAMP)

Resumo: O aparecimento e a consequente popularização da internet produziram diversas mudanças na sociedade contemporânea, entre elas está a incomparável facilidade para a publicação e o compartilhamento de ideias, fotos, vídeos, músicas e textos no ambiente virtual, uma vez que o produtor passou a ser livre das mediações outrora fundamentais para a divulgação de uma obra. Analisando-se o campo literário atual é possível encontrar diferentes casos nos quais a internet facilitou a circulação de textos, a formação de público e o surgimento de figuras autorais. Isso porque o escritor não depende mais, exclusivamente, da mediação feita pelas editoras para que seu texto chegue aos seus leitores; além disso, a divulgação anteriormente feita pela imprensa ou pela academia pode agora ser feita em páginas pessoais, blogs e nas redes sociais. O que possibilitou ao escritor contemporâneo lançar-se independentemente, divulgar os seus textos ou, em último caso, divulgar a si mesmo. A trajetória, um tanto controversa, da escritora Clara Averbuck é bastante significativa para avaliar como a internet contribuiu para o surgimento desses novos autores. Averbuck foi uma das colaboradoras fixas do e-zine CardosOnline, do qual também participaram os escritores Daniel Galera e Daniel Pellizzari. Em 2001, com o fim do e-zine, ela começa a publicar seus textos através de uma página intitulada Dexedrina (dexedrina.hpg.com.br) e inicia o blog Brasileira!Preta (brazileirapreta.blogspot.com.br). No blog, por um lado, Averbuck não deixa de lado a principal função destas páginas surgidas no início do século XXI aqui no Brasil, a saber, ser um diário virtual onde a escrita pessoal e subjetiva acaba se tornando pública, por outro, ela vai além e o utiliza para divulgar trechos que viriam a ser publicados nos

seus romances Máquina de pinball (2002) e Vida de gato (2004). Com a publicação e comercialização de seus romances e o conhecimento do que fora anteriormente publicado no blog, Averbuck envolve-se em uma série de polêmicas. A principal delas devido a semelhança entre os acontecimentos de sua vida pessoal relatados no blog e o que é narrado nos romances pela narradora-personagem, Camila Chirivino. Em ambos os suportes, ela parece não fazer questão de deixar claro onde termina o real e começa a ficção, pelo contrário, as fronteiras entre o real e o ficcional são sempre tencionadas, o que levou muitos leitores a lerem os romances como relatos autobiográficos e ainda fez com que as obras fossem sempre mencionadas pela crítica ou pelo meio acadêmico ao se discutir a autoficção contemporânea. Assim, nesta comunicação pretende-se analisar a recente possibilidade de divulgação de textos literários na internet. Bem como, através do exame das obras de Averbuck, problematizar os procedimentos adotados pela escritora para a divulgação de seus textos e a construção de uma figura autoral exposta na rede e, por fim, considerar as principais consequências destes procedimentos que acabaram por gerar certas tensões e polêmicas.

Palavras-chave: Clara Averbuck, internet, autoficção, blog

A permanência do paradigma: o romance de João Gilberto Noll e a dialética do localismo e do cosmopolitismo

PATRÍCIA FABRO BARBOSA (UFPR)

Resumo: A obra romanesca de João Gilberto Noll apresenta, pela via da reconfiguração, a permanência do paradigma da tensão entre localismo e cosmopolitismo. A questão, na obra, é interiorizada e implode no sujeito que enuncia o elemento de ligação com a terra natal a partir da precariedade da narrativa e de narradores-protagonistas cosmopolitas, aparentemente desenraizados, que buscam, todavia, o pertencimento por meio do localismo. O diálogo com os rastros da tensão moderna, já discutida anteriormente na literatura desde o século XVII se dá, nesse caso, nos lapsos temporais e espaciais da narrativa, por meio das flutuações das personagens cujas fronteiras indefinidas – já que

sujeitos da dissolução contemporânea – evidenciam, simultânea e paradoxalmente, uma necessidade de ordenação da identidade. É na ambivalência da aproximação e do afastamento da terra e da língua materna que o espaço estabelecido – o apartamento, a cidade, o país – é a retomada da identidade, em contraponto à desmemória da perambulação onírica – a rua, o campo aberto, a multidão – que exerce a função de mola propulsora para o retorno, e em que se desenha a busca pelo enraizamento. Nesse sentido, busca-se perceber de que modo é possível estabelecer uma relação, do ponto de vista do século XXI, com a modernidade, ou, mais especificamente, com o Modernismo (e o período que o antecede) e as questões que permearam a construção da literatura no Brasil, ou, antes, formaram as bases dessa identidade literária, enquanto processo de incorporação, de resistência ou contradição, cujo chão histórico está atrelado à condição periférica. Desse modo, observa-se que a dialética do cosmopolitismo e do localismo, elemento balizador da escrita literária de séculos anteriores, não estaria superada, e sim transfigurada na questão do sujeito ensimesmado, em seu desencontro com seu espaço e sua identificação dissipada pelo descentramento da contemporaneidade. A discussão tem como embasamento o ensaio germinal de Antonio Candido, “Literatura e cultura de 1900 a 1945”, cuja pertinência, como se observa, apesar do distanciamento temporal, ainda reside na literatura contemporânea, no caso específico de João Gilberto Noll, em consonância com as ideias que tangenciariam o conceito de sujeito na pós-modernidade. Vista sob esse aspecto, e sob os termos de Candido, a obra romanesca que aqui serve de objeto, seria, ainda, um tipo de literatura de permanência, cuja “evolução” consistiria em seu valor estético, uma vez que incorpora a matéria anterior, pelas vias da obscuridade e da complexidade, à linguagem singular e ao fluxo narrativo aparentemente caótico, que escapa da linearidade, da possível representação realista, e no qual predomina, antes, a fragmentação da narrativa intimista e lacunar.

Palavras-chave: João Gilberto Noll, Romance contemporâneo, Narrador

Espaços e imaginários: a força poética das águas na produção romanesca de Carlos Barbosa

JOSEILTON RIBEIRO BONFIM (UNEB), CARLOS AUGUSTO MAGALHÃES (UNEB)

Resumo: Faz-se, neste estudo, uma análise da produção romanesca, do escritor baiano Carlos Barbosa, tomando como foco o imaginário das águas, revelado a partir das narrativas *A dama do Velho Chico* (2002) e *Beira de rio, correnteza: ventura e danação de um salta-muros no tempo da ditadura* (2010). Procede-se a uma abordagem que apresenta o Sertão das águas do São Francisco a partir da problematização dos conceitos de regionalismo e ideário sertanejo. Esse redimensionamento revela como aquelas águas tornam-se força simbólica e elemento de releitura do espaço que outrora sempre fora representado como seco e improdutivo. Além disso, propõe-se uma discussão sobre os conceitos de imaginação formal e imaginação material, postulados por Gaston Bachelard (2013), noções a partir das quais se aborda a apropriação da água para além de elemento orgânico, percebendo-a como elemento simbólico. A questão norteadora gira em torno da captação das imagens e símbolos circunscritos à presença constante da água nas narrativas estudadas. Como metodologia, foi adotada uma análise de cunho bibliográfico, a qual se valeu da leitura das narrativas de Barbosa, bem como de textos teóricos que fundamentam as análises aqui construídas. O conceito de Sertão foi discutido e problematizado a partir de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2009), Cláudia Pereira Vasconcelos (2012) e Ligia Chiappini (1994. 1995); a inserção da produção de Barbosa na contemporaneidade foi discutida a partir das propostas de Juliana Santini (2011, 2014), que trabalha com a resignificação do regionalismo em obras contemporâneas. Além disso, foi discutido o conceito de imaginário, desenvolvido por Gilbert Durand (2012). Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2015), Zilá Bernd (2007) e P. Commelin (1967), noção com que se referenda a análise dos símbolos. O estudo constata como a água redimensiona o espaço sertanejo, tornando-o plurissignificativo e como a presença marcante do elemento aquoso rompe as fronteiras

regionais e mostra a universalidade da produção romanesca de Carlos Barbosa, a qual se insere num novo sentido de regionalismo.

Palavras-chave: Carlos Barbosa, Sertão das Águas, Rio São Francisco, Imaginário das águas

A farmácia literária: remédio e veneno romanesco

MÔNICA FERNANDA RODRIGUES GAMA (UFOP)

Resumo: A literatura sobre literatura é um tipo de ficção com o qual já estamos acostumados. Leitores de Cervantes, Flaubert e Borges, fomos preparados para as ficções de Vila-Matas, por exemplo. No entanto, alguns best sellers recentemente publicados têm proposto a ideia de que a literatura tem uma função pragmática - a de curar males em seus leitores, como uma espécie de remédio para a alma. Nesta comunicação, propõe-se pensar essas ficções como uma reatualização da ideia de que a literatura age de uma forma particular na vida de seus leitores - mas o que foi descrito como patologias literárias (quixotismo ou bovarismo, por exemplo), agora é, sintomaticamente, usado como justificativa para a frágil permanência da literatura como objeto privilegiado de consumo.

Palavras-chave: Função da literatura, literatura contemporânea, patologia literária, best seller

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Crítica literária nos anos 1970: as batalhas teóricas e seus desdobramentos

JEFFERSON AGOSTINI MELLO (USP)

Resumo: Ao longo da década de 1970, o estruturalismo francês provocou no Brasil grande reação de agrupamentos intelectuais, que o viam como uma “ferramenta” metodológica que banalizava a erudição e a formação a longo prazo, ou como uma moda, que servia

para um ensino tecnicizante da literatura, bem de acordo com a expansão universitária do período e as coerções da Ditadura. Contudo, a perspectiva estruturalista apresentava algumas vantagens: ajudava a cortar caminhos, isto é, acelerava a formação de quadros para aquele tipo universidade que surgia e que necessitava de novos docentes e, ainda, em termos teóricos, dessacralizava a série literária, abolia o contexto histórico, permitindo dissertações e teses em torno de uma única obra e possibilitando o acesso aos recém-chegados – nem sempre com as credenciais culturais necessárias – no campo acadêmico. Nesta proposta de comunicação, busco situar no espaço social e acadêmico um grupo de intelectuais de letras que iriam se tornar professores e/ou pesquisadores de relevo mais tarde, mas que estavam ainda em processo de formação durante a partir dos últimos anos da década de 1960 e durante a década de 1970. Trata-se de uma primeira etapa de uma pesquisa em que, em um segundo momento, pretendo analisar a produção deles, no mesmo período, a partir dos seus itinerários e dos conceitos de figuração (Norbert Elias) e estrutura de sentimento (Raymond Williams). A etapa final do projeto – a ser apenas enunciada nesta comunicação – consistirá em refletir sobre as ressonâncias e possíveis contribuições da tradição do estruturalismo/pós-estruturalismo brasileiro para os dias que correm, nos quais é possível perceber, de um lado, um maior questionamento dos poderes da literatura consagrada, e, de outro, reações intempestivas de agentes que falam a partir deste espaço e que ressentem da crise literatura erudita na sociedade. Ao tocar o problema da dicotomia democratização/elitização do literário, tenha-se como hipótese que, mesmo que aquelas propostas dos anos 1970 fossem mais contidas no que diz respeito à relativização do literário e do seu valor, elas podem ser interessantes para se pensar como se configura um setor da produção crítica e cultural de hoje, com a qual eles dividem preocupações comuns, mas cujo autocentrismo e vínculo identitário elas confrontavam.

Palavras-chave: Crítica literária no Brasil, Teoria literária, Estruturalismo, Democracia

Sobre o espaço da crítica literária na ficção contemporânea

RAQUEL ILLESCAS BUENO (UFPR)

Resumo: A dificuldade de se avaliar comparativamente os graus de visibilidade de diferentes manifestações culturais nos dias atuais assume uma conotação interessante quando confrontamos os discursos sobre o iminente desaparecimento da literatura com aqueles que enfatizam o crescimento e o espraioamento não apenas da arte literária, mas também da crítica. Essa suposta maior presença da literatura no cotidiano ora é encarada como exemplo de democratização dos espaços de produção e avaliação, ora como prova eloquente da perda de referenciais e balizas mais seguros pelos quais se operava a constituição e renovação do cânone até pouco tempo. Nesse cenário de divergência quanto à importância da literatura, a crítica com frequência migra para o interior de obras que se apresentam como ficção. A proposta para esta comunicação é trabalhar com duas modalidades bastante diferentes de incorporação da crítica literária em obras ficcionais. Da primeira, são exemplares, dentre tantas outras, as narrativas metaliterárias de Dalton Trevisan e Roberto Bolaño. Para tratar da segunda, que tem a ver com a vontade de reconhecimento crítico para obras comerciais, será avaliada a narrativa *S*, de J.J. Abrams e Doug Dorst. Trevisan, que na década de 1940 publicou textos críticos na revista *Joaquim*, em seguida absteve-se totalmente de ser um árbitro cultural, negando-se inclusive a dar declarações sobre a própria obra. Porém, já no final dos anos 1990, ele passou a incluir em suas coletâneas pequenos contos em que expõe preferências literárias. São especialmente importantes para esse filão os textos que retomam cartas enviadas a Otto Lara Resende, publicados a partir de 2010. Bolaño, de linhagem borgiana, muitas vezes inventou os escritores que são lidos e comentados por seus personagens. A presença do assunto literário em narrativas policiais, as discussões de natureza ética suscitadas por intelectuais associados ao mal e à iniquidade, a própria explicitação da desconfiança em relação aos cânones são derivações que encaminham a uma mesma constatação: assim como

na obra de Trevisan, a presença da crítica literária na ficção de Bolaño é atitude de resistência de algum autor que reconheça ser muito pequena a repercussão desse assunto em outros círculos. Já a presença da crítica literária em *S* parte de outro pressuposto: a um livro de grande apelo mercadológico interessa flertar com seus possíveis detratores. O projeto dessa obra, a um tempo altamente experimental e assumidamente comercial, inclui aspectos de ironia no trato com as temáticas do desaparecimento da literatura e do livro enquanto objeto físico.

Palavras-chave: crítica literária, literatura contemporânea, metaliteratura, mercado

A circulação da obra de Bernardo Carvalho em Portugal

UMBERTO DE SOUZA CUNHA NETO (USP)

Resumo: Este trabalho é produto de projeto de mestrado em desenvolvimento no Programa de pós-graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo; a pesquisa investiga a circulação da obra de Bernardo Carvalho, autor brasileiro contemporâneo, em Portugal, através da leitura e análise da crítica produzida em contexto acadêmico (revistas, teses e dissertações) e também publicada na imprensa portuguesa. Trata-se, também, de verificar os modos de produção (desde o trabalho do autor até as formas de circulação dos textos) e recepção da literatura naquele país, com o qual o Brasil, historicamente, mantém relações culturais e linguísticas relativamente próximas e não tão desiguais, dada a posição periférica de ambos no espaço literário mundial; para tanto, utiliza-se como base as teorias de Bourdieu a respeito do “mercado de bens simbólicos” e de Pascale Casanova acerca da “República Mundial das Letras”. Até o presente momento, o nosso trabalho verificou uma mudança iniciada a partir dos anos 1970 em Portugal – com a abertura política do país e o fim da ditadura salazarista –, mudança essa que se deu em termos políticos, mas que refletiu diretamente em questões culturais e, mais especificamente, literárias. O fim da ditadura e a posterior entrada de Portugal na União Europeia fez

com que a literatura produzida no país saísse de um contexto fechado e nacional e assumisse um caráter cosmopolita e desterritorializado, como mostra Miguel Real em estudo recente. Bernardo Carvalho, por sua vez, é conhecido por sua obra cosmopolita e parece ser beneficiado tanto por escrever em Português, quanto por esse momento da literatura portuguesa; sendo assim, nota-se uma boa recepção de sua obra por parte da imprensa e sua inserção em disciplinas acadêmicas que tratam da literatura brasileira mais recente, além de algumas pesquisas a nível de pós-graduação e artigos em revistas acadêmicas. Contudo, nota-se que tanto a literatura portuguesa recente quanto a produção de Bernardo Carvalho não escapam às regras que regem o mercado de bens simbólicos, estudado por Bourdieu e retomado por Casanova, que trata especificamente do jogo da literatura mundial e da concorrência dos diferentes espaços em busca de uma literatura cada vez mais próxima do Meridiano de Greenwich Literário. A apresentação deste trabalho também segue a proposta de continuar as discussões iniciadas no XV Encontro da ABRALIC, realizado em 2016, quando apresentamos as leituras feitas pela imprensa portuguesa para a obra de Bernardo Carvalho e outros autores de língua portuguesa. Em 2017, no XV Congresso Internacional da ABRALIC, queremos mostrar os avanços da pesquisa que já caminha para a finalização.

Palavras-chave: literatura contemporânea, literatura mundial, sociologia da cultura, recepção

O lugar da memória marginal na poesia hagiográfica de Cacaso

MARIA FERNANDA DOS SANTOS (UNICENTRO)

Resumo: Pretende-se analisar a relação entre hagiografia e memória dentro da obra poética de Antônio Carlos de Britto, mais conhecido com Cacaso, integrante do Movimento Poesia Marginal ou Geração Mimeógrafo, reunida na antologia LERO-LERO (2002) que abrange sua obra de cunho poético de 1967 a 1982. Devido a recorrência da figura do anjo nessa antologia, se constata a emergência de uma

escrita hagiográfica na lírica do poeta mineiro. Recordando uma lenda talmúdica citada por Walter Benjamin (2016) em que os anjos, sempre novos, eram criados para, depois de terem entoado seus hinos, deixarem de existir e se dissolverem no nada, a questão que se propõem é: quais seriam os “hinos” que os anjos de Cacaso aludem? Assim sendo, buscar-se-á compreender o lugar que a memória marginal ocupa em tais poemas de Cacaso; nesse sentido, o conceito de memória que permeará esse trabalho é aquele descrito por Michael Pollak como “memórias marginais”, em seu artigo “Memória, Esquecimento, Silêncio” (1989), que diz respeito às memórias subterrâneas, dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, que se constroem a partir de uma transmissão oral de sua história. Visa-se constatar que algo similar ocorre em Cacaso quando a lírica de seus versos aproxima-se de uma linguagem oral que, com sua escrita objetiva e fragmentária, constrói um elemento de combate ao silenciamento perpetuado pelos anos de chumbo da ditadura militar, cenário em que se desdobra a obra poética de Cacaso. Para tanto, é necessário se questionar em que medida o recurso utilizado por Cacaso de publicar de forma marginal, ou seja, utilizar a arte de mimeografar, é uma maneira de afrontar o mercado editorial de sua época, trazendo à tona aquelas memórias que deveriam ser silenciadas. Cacaso ao trazer à tona anamneses, por meio da hagiografia, não somente reivindica, reclama, mas também satiriza e ironiza o momento crítico de sua época. Por meio dessa figura do anjo se revelará uma forma humorística e nostálgica de se abordar a questão política. Para abordar a temática hagiográfica e sua relação com o cotidiano do poeta Cacaso, será feita a análise de alguns poemas que denotam a figura do anjo como eu-lírico ou ainda como principal imagem constituinte, e para se pensar sobre estas imagens abordar-se-á o artigo “Hagiografias” (2008) de Flora Sussekind. Por ser notório, também, o espectro de um anjo melancólico e nostálgico que enxerga seu presente a partir das lembranças do passado, como o anjo da história de Walter Benjamin, construído a partir do Angelus Novus

de Paul Klee, será trabalhado os apontamentos do teórico da Escola de Frankfurt em O anjo da História (2016) organizado e traduzido por João Barrento, bem como o artigo de Nicolau Sevcenko intitulado “O Enigma pós-moderno” (1993).

Palavras-chave: Hagiografia, Memória Marginal, Cacaso, Ditadura Militar

62

PASSADO PRESENTE NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM)

Rita Barbosa de Oliveira (UFAM)

Elizabeth Dias Martins (UFC)

Resumo: Dentre a diversidade de pesquisas no universo do comparatismo, reconhecendo a transversalidade e a pluralidade da abordagem das questões e considerando a diferença entre os objetos do estudo comparativo, este Simpósio acolhe trabalhos para comunicação a respeito de temas recorrentes nas obras literárias da segunda metade do século XX e do início do século XXI em comparação com as obras de épocas anteriores, não apenas presentes nos sistemas literários como também na interação da arte da palavra com as demais artes e áreas do conhecimento. Neste sentido, serão aceitos trabalhos que visem à discussão da atualização de temas nas obras do período acima delimitado sob os pontos de vistas da intertextualidade, por meio das ideias de Aguiar e Silva, Romanno de Sant’Anna; da residualidade, teorizada por Roberto Pontes; da tradição e da experimentação, com o pensamento de Harold Bloom e T. S. Eliot; e dos vieses da tradução, com Michaël Oustinoff e Haroldo de Campos, seguindo o viés da Literatura Comparada de Carvalhal, Octavio Paz e Jonathan Culler. Na proposta de comunicação devem constar a metodologia de demonstração e análise do trabalho como também o quadro teórico que o fundamenta, este ampliado de acordo com a linha de investigação escolhida.

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

“Zeca Dama”: A (Des)construção da Homossociabilidade e da Masculinidade no Seringal Amazônico

ENDERSON DE SOUZA SAMPAIO (UFAM)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo fazer uma leitura crítica do conto “Zeca Dama”. Esta narrativa é parte do livro *O tocador de charamela*, de Erasmo Linhares. O texto integra a trilogia “Três histórias da terra” da qual também fazem parte “Tio Antunes” e “João Carioca”. A prosa de Erasmo Linhares faz parte do que Lucilene Gomes de Lima (2009) define como “ficções do seringal ou ficções do ciclo da borracha”, nas palavras da autora essas “produções conseguem retratar o modo de vida de seringueiros e a extração da matéria prima da floresta”. Lima (2009 p. 13) acrescenta ainda que em sendo “tema recorrente nas publicações em prosa de ficção, o látex estimulou historiadores e economistas em análises muitas vezes contraditórias”. A produção ficcional na Amazônia do período da chamada economia gomífera aborda temáticas variadas, desde a situação do caboclo, até a violência que é acionada constantemente como estratégia narrativa. Sabendo disso apontamos que O conto “Zeca Dama” ficcionaliza a descrição do êxodo, a chegada dos retirantes nordestinos à região. Seus sonhos, ilusões, as tragédias experimentadas num mundo desconhecido, ao qual terão que se adaptar a duras penas. A narrativa tematiza, além do sofrimento dos ‘soldados da borracha’, suas alegrias, as festas em que homens, por falta de mulher, dançavam com homens. (TELLES, 2014, p. 172-173, grifos nossos). Conforme essas considerações iniciais, informamos que em nossa análise focalizaremos os aspectos da homossociabilidade e da masculinidade nos seringais amazônicos. Sobre a homossociabilidade cabe mencionar que a entendemos como “a sociabilidade estabelecida entre homens”, a qual se configura

como “importante aspecto na manutenção de uma cultura patriarcal” (ALÓS, 2010, p. 119). Em relação à masculinidade ressaltamos que ela ocorre dentro de “um contexto cultural violento que pressiona os homens a exercerem a masculinidade de forma competitiva e violenta” (URRA, 2014, p. 125). Apresentando comportamentos homossociais, a personagem “Zeca Dama” impõe sua masculinidade, uma vez que “o indivíduo que tem atitudes, comportamentos, sensibilidades ‘femininas’ perde sua condição de homem”, ou seja, “não há escolha ou opção: o homem para ser homem deve ter a marca da virilidade” (BLAY, 2014, p. 19-20). Além destes pontos nos ateremos também a: a) ao enclausuramento de homens na floresta amazônica; b) a ausência feminina no seringal; e c) a violência masculina. Quanto ao enclausuramento masculino na floresta amazônica entendemos o seringal como espaço iminentemente masculino tal como é ficcionalizado na prosa de Linhares. Em relação à ausência feminina nos seringais, Guedelha (2015) argumenta que “a mulher era uma presença rara” causando por este motivo, inúmeras violências. No que tange a violência, partilhamos do pensamento de que “a violência é proteica, assume múltiplas formas, mas está sempre alicerçada em uma pressuposição, a de que alguns seres humanos são menos humanos, ou de que algumas vozes ou protagonismos valem mais do que outros” (SCHMIDT, 2016). Para atingir os objetivos acima elencados buscamos apoio nos textos de matriz teórica, dentre os quais estão os estudos de Alós (2010), Guedelha (2015), Lima (2009) e Telles (2014).

Palavras-chave: “Zeca Dama”, Homossociabilidade E Da Masculinidade, Seringal Amazônico

A Erotização na Poética de Gilka Machado: a crítica de ontem versus a crítica de hoje

NEIVANA ROLIM DE LIMA (UFAM)

Resumo: Gilka Machado figura entre as vozes mais representativas da poesia erótica feminina brasileira. Escrevendo no início do século

XX, ela traz, em sua produção poética, elementos marcadamente eróticos e femininos. Sua postura transgressora para a época pode ser lida como uma forma de emancipação da mulher perante a literatura. Em sua lírica, a poetisa escreve “poemas sobre temas até então proibidos: o ‘cio’, ‘a volúpia’, por exemplo” (GOTLIB, 2003, p. 41), ou seja, erotiza o corpo e “o desejo feminino como principal motivo de construção poética” (GOTLIB, 2003, p. 41) e, em razão de sua escolha, “foi veementemente combatida pelos escritores modernistas, especialmente por Mário de Andrade (1893-1945), que a considerava por demais escandalosa. Seus poemas desafiavam os preceitos e a conduta moral da época, e deixavam em pânico os falsos moralistas de então” (DUARTE, 2012, p. 337). Gilka Machado contribuiu significativamente para que repensemos o papel social da mulher “ao reivindicar o direito de tomar decisões a respeito do próprio corpo e o direito de sua representação sob a forma poética”, ousada, “a poesia de Gilka Machado vai mais além: acusa os agentes opressores – os homens; e proclama a rejeição dessa forma reprimida de ser mulher” (GOTLIB, 2003, p. 41). Dessa forma, a poesia de Gilka Machado ajuda a “[...] corrigir o atraso social e intelectual brasileiro em que se encontrava a mulher brasileira” (DUARTE, 2012, p. 336), logo urge mencionar que compreendemos Gilka Machado como fazendo parte do seleto grupo de “mulheres que não se enquadraram aos padrões propostos de comportamento, mulheres estas que “sempre sofreram por sua insubordinação” (KAMITA, 2003, p. 105). Em nossa proposta, buscamos resgatar Gilka Machado da crítica do passado, para uma crítica do presente sobre a corporificação dos desejos femininos na Literatura. No intuito de alcançar esse objetivo, elegemos como objeto de investigação dois poemas do corpo poético gilciano, “O fogo” e “Noturnos VII”, os quais foram analisados tendo como parâmetro a concepção de erotismo de Del Priore, contida no livro *Histórias Íntimas*, que é definida pela primeira vez em 1566 como “o que tiver relação com o amor ou proceder dele” (DEL PRIORE, 2011, p. 15). Nestes termos trazemos a comparação entre a crítica de ontem, a de

Mário de Andrade, e a crítica de hoje, a qual permite debruçar sobre o erotismo e a literatura escrita por mulheres, por meio das propostas de Del Priore (2011), Duarte (2012) e Gotlib (2003).

Palavras-chave: Gilka Machado, Erotismo, Literatura de autoria feminina, Crítica Literária

A forma poética clássica na obra de Ernesto Penafort

HERVELYN TATYANE DOS SANTOS FERREIRA (UFAM)

Resumo: A obra de Ernesto Penafort tem sido objeto da crítica de ensaístas como Anthístenes Pinto, no livro *8 poetas amazonenses* (1992), para quem o poeta não conseguiu quebrar todas as amarras tradicionais da poesia. A forma do soneto é uma delas, mas ao usar o decassílabo, o faz com tamanha cautela e requinte, a despeito da sobrecarga emotiva, convencendo de que a forma convencional, quando bem aplicada por um autêntico poeta, chega a ser intemporal, desde que a linguagem e o enfoque acompanhem o processo do tempo sobre o homem e o mundo. Sombra, vento, água, tempo, imagens recorrentes nas obras de Penafort dividem espaço com as tonalidades da cor azul. Azul que leva ao infinito, que sugere ser o ponto entre o real e o imaginário, que pode representar a fuga de um mundo cinzento com a chegada da tecnologia, vermelho com a violência ou até mesmo amarelo materialista, azul do céu representando o todo, a imensidão, a felicidade, paz e pureza, azul que pode significar o desapego aos valores da terra, ser a claridade que ilumina a falta do conhecimento e que revela o oculto na aparência trazendo a tons múltiplas verdades. Sabe-se que os citados temas integram a poesia desde remotas eras, em diferentes culturas, conforme se verifica nos livros sobre a simbologia das coisas, e que eles, de acordo com Roberto Pontes, se apresentam como resíduos das mentalidades nas manifestações artísticas. Ernesto da Silva Penafort nasceu em Manaus, em 1936 e faleceu na mesma cidade em 1992. Na década de 60, estudou Ciências Sociais na Universidade do Brasil, mas abandonou o curso devido ao clima político vivido no país, ocasião

em que retornou a Manaus. Formou-se em Direito pela Universidade Federal do Amazonas. Colaborando para alguns jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Manaus. Foi membro do Clube da Madrugada e um de seus presidentes. Publicou quatro livros de poemas: Azul geral (1973), A medida do azul (1982), Os limites do azul (1985) e Do verbo azul (1988). Embora nesse conjunto de livros predominem os poemas, inclusive poemas em prosa, a contística é também contemplada. Nesta comunicação, prioriza-se o estudo do poema nas citadas obras, com a proposta de discutir o modo como o soneto é empregado pelo poeta amazonense, tomando como quadro teórico Antísthenes Pinto, com a obra acima mencionada, José da Cruz Filho, em O soneto, Jorge Tufic, no texto O soneto no Amazonas, capítulo de seu livro Existe uma literatura amazonense? e Roberto Pontes, em Poesia insubmissa afrobrasilusa.

Palavras-chave: Ernesto Penafort, Poesia no Amazonas, Poesia brasileira, Residualidade cultural e literária

A trajetória da morte dos retirantes de Portinari, na Uíara de Octávio Sarmiento.

ALEXANDRE DA SILVA SANTOS (UFAM)

Resumo: A Literatura, sendo utilizada por quem dela tem o domínio da retórica, dos signos poéticos, constrói uma identidade de mundo, de um costume popular, de um concretismo ficcional para melhor refletir o pensamento do homem, como ele atua, interage consigo e com os outros, com a natureza. Paralelo a isso, a imagem enquanto mensagem visual composta por diversos tipos de signos equivale a uma manifestação de uma linguagem caracterizada pelo olhar, mediante um efeito mimético do artista para recriar ou criar uma realidade e, portanto, como uma ferramenta de expressão e comunicação, também reflete os estados de inquietação do homem. Deste modo, o estudo em questão surgiu a partir de uma investigação acadêmica a ser descrita em mais detalhes no tópico textual “Material e Método” e literária sobre a presença do lendário na Literatura Amazonense tendo

como referencial o quadro “Os retirantes”, de 1944, enquanto marca do passado, de Cândido Portinari e o poema de Octávio Sarmiento “Uíara”, publicado em 2007, enquanto registro do presente, no âmbito da publicação. Por conseguinte, essa análise intertextual, propõe a compreensão da presença das sereias, que eram consideradas musas da morte, na poesia do Octávio Sarmiento, como o fim da jornada dos retirantes, descrito na tela de Portinari. Elas, que eram célebres pela doçura do canto, passavam a vida em rochedos, onde faziam morrer os navegantes atraídos pelo seu canto, no contexto do poema, os rochedos são substituídos pela floresta amazônica, pela cidade. Nessa jornada, Militão, personagem de Sarmiento (2007) é o resultado do fim de uma jornada marcada por perdas, recursos escassos e abandonos, cujo discurso poético cria imagens que reiteram tais estigmas no percurso existencial desse indivíduo. Quando o sertanejo do poema escuta o canto da sereia, o último calor de vida se esvai. Nesse cenário, surge a figura de Cândido Portinari, pintor, que a serviço do Ministério da Educação, na época do governo Vargas, realiza muitas obras, havendo destaque para três obras em particular, pintadas entre os trabalhos para o estado; uma delas é a série “Retirantes de 1944”, que demonstra o drama de uma família de migrantes nordestinos, castigados pela fome e pela seca é uma delas. Assim, em uma abordagem intertextual, há o encontro dos perdidos e atormentados desencontrando as mazelas, tanto na época de Portinari, na migração de sertanejos do sertão, quanto em Sarmiento, no migrar para a floresta amazônica presença da sereia Uíara. Logo, a tela “Retirantes” (1944) é uma face do país, uma pintura que denuncia, a sensibilidade do pintor usada para retratar a realidade do país, tema presente, na conjectura social do Brasil. Assim, esses retirantes eram homens e mulheres, indivíduos em cuja rotina, por meio de suas experiências próprias, construíram um caminho para a sobrevivência no interior de um mundo duro, violento e árido como o chão de onde partiram, essas marcas do passado, ainda se fazem presente pelos mesmos motivos e apenas em alguns desfechos diferentes

no presente. Por fim, a compreensão dos mecanismos existentes para o processo de criação na Literatura, dialoga com a História, Imaginário e o pictório, por entender a imagem como elemento constituinte do nosso cotidiano antes mesmo da linguagem escrita.

Palavras-chave: Literatura, Os retirantes, Uiara, Intertextualidade

Tradição e inovação em Lavoura Arcaica: um diálogo com o Sermão da Sexagésima e a Parábola do Semeador

FRANCISCA YORRANNA DA SILVA (UFC)

Resumo: A literatura comparada ao longo de sua história tem buscado fazer o estudo comparativo de obras literárias pautando-se, principalmente, nas questões que dizem respeito às fontes, influências, originalidade, tradição e inovação. Se por um lado a teoria literária se ocupa na procura de conceitos que possibilitem uma melhor compreensão do texto tendo em vista as questões mencionadas acima, a literatura, por sua vez, tem fornecido os elementos necessários à teorização. Com esta afirmação, queremos dizer que, no âmbito literário, têm se proliferado o número de obras que põem em xeque a relevância de tais preocupações. A literatura contemporânea, por exemplo, tem se alimentado cada vez mais da tradição, seja para romper ou para dar continuidade a ela. Assim, caminhando entre rupturas e permanências, a literatura contemporânea vem comprovar que tradição e inovação andam juntas. Prova disto é o romance Lavoura Arcaica (1975), no qual podemos ler uma narrativa original que nos conta a história do jovem André e de sua família, imigrantes libaneses que vivem no interior paulista em meados do século XX. André, um dos filhos mais jovens de Iohána, patriarca da família, e protagonista do romance, é o narrador através de quem conheceremos o percurso do nosso herói, os anos vividos na casa paterna, a partida, os motivos de sua fuga e o retorno ao seio da família. Ao mesmo tempo, quando lemos o romance de Raduan Nassar, percebemos que nele há uma reescrita constante de textos anteriores a este, sobretudo, os de cunho religioso, dos quais

são exemplos o Sermão da Sexagésima e a Parábola do Semeador. Estes, apesar de caracterizados por se reportarem à temática religiosa, mantêm a essência literária. O primeiro insere-se na literatura barroca de língua portuguesa, tanto do Brasil quanto de Portugal; o segundo, relatado nos evangelhos, assegura seu caráter literário pela linguagem que o constitui. Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o diálogo intertextual e residual entre os três textos, com o intuito de expor como o entrecruzamento entre tradição e inovação garantem a originalidade do romance em questão. Nossa argumentação fundamenta-se na teoria da residualidade proposta por Roberto Pontes (1999) e que se caracteriza pela identificação de resíduos literários e culturais, preocupando-se não somente em apontá-los, mas em explicar de que modo ocorre o processo de sobrevivência desses resíduos e, para tanto, faz uso de conceitos como mentalidade, cristalização e hibridação cultural; e de seus desdobramentos: imaginário, memória coletiva, endoculturação, etc. Ao concluirmos este trabalho, esperamos cumprir nosso objetivo a fim de contribuir para o enriquecimento do debate literário acerca das questões que têm orientado o comparatismo literário.

Palavras-chave: Residualidade, Parábola do Semeador, Sermão da Sexagésima, Lavoura Arcaica

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

Da Penélope Grega à Penélope Moderna: a Memória em “Penélope” de Ana Martins Marques

VIRGINIA DA SILVA SANTOS (UFAL)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar seis poemas da poeta mineira Ana Martins Marques, intitulados “Penélope”, encontrados em seu primeiro livro de poesia, Vida Submarina (2009).

Pretendemos abordá-los a partir de uma perspectiva mnemônica, compreendendo a memória como uma faculdade que, além de reter experiências pessoais, engloba experiências coletivas e até mesmo experiências de leituras. Embora não seja nosso propósito enveredar por uma análise entre o mito grego – considerado um dos grandes marcos temáticos da Odisseia – e os poemas em tela, não podemos deixar de perceber que a lírica de Ana Martins Marques tem, como contraponto, a Penélope grega. Porquanto, sem mostrar qualquer hostilidade, o eu lírico de Marques vai costurando-a, reconstruindo-a e multiplicando-a em seis Penélopes. As formulações de Claude Burgelin (2001), em seu ensaio “Comment la littérature reinvente la mémoire”, são importantes para a análise desses poemas. Burgelin faz aproximações entre a memória e a literatura a partir da ideia de intertextualidade. Para ele, a memória, assim como a literatura, se apropria das histórias de outros, de fantasias, de mitos; e assim como a literatura, a memória vive da linguagem, entendendo a linguagem não apenas como os grifos, mas como a sonoridade, o ritmo, a imagem acústica: Já a proposta de Silvina Rodrigues Lopes (2012) presente no texto. “A poesia, memória excessiva”, está centrada na relação entre a memória e a literatura, ou seja, o significado que damos àquilo que sentimos diante de um poema está ligado às lembranças as quais aquele poema nos remete, o que amplia a relação literatura-memória para além da discussão fechada no processo de escrita para atingir também a recepção, visto que para Lopes o texto literário não é apenas o produto das lembranças do escritor, mas é também o produtor de lembranças no leitor. Por outro lado, Judith Schlanger (2008), em *La mémoire des oeuvres*, propõe que, por estarmos rodeados de livros, livros que lemos, que iremos ler, que nunca leremos ou que nem ao menos sabemos da existência; isso faz com que a atividade poética, por mais pessoal que almeje ser, não consegue se livrar do peso da memória, o que nos permite afirmar que um texto, por mais que fale sobre uma situação íntima, subjetiva, não deixa de fazer referência a outros textos. São esses, portanto, os

autores que farão parte do referencial teórico deste trabalho, além de outros escritores que porventura possam corroborar para uma melhor compreensão desses poemas.

Palavras-chave: Poesia, Memória, Ana Martins Marques

Maria do Carmo e Domingas: Um Estudo Comparativo de Vidas Fragmentadas pelo Patriarcalismo

MAURÍCIO VIANA DE SÁ (UFAM)

Resumo: Este trabalho é parte de minha dissertação e tem como principal objetivo analisar a condição da moça virgem e a vulnerabilidade que lhe cabe nos romances brasileiros. Analisamos aqui as personagens Maria do Carmo, de *A Normalista*, de Adolfo Caminha, de 1893, e Domingas, de *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, de 2000. A mentalidade em torno da virgindade, no decorrer da história, foi e ainda é emblemática para pensarmos como, na cultura brasileira, ainda permanece, aos olhos do patriarcalismo, enquanto motivo de controle, de subtração e repressão nas vidas das mulheres. As personagens que escolhemos, ainda crianças, são entregues às famílias, como sempre, devido à miséria e isso faz o homem pensar que elas são objeto de prazer e sua propriedade. Ambas sofrem abusos e incestos. Maria do Carmo é entregue ao padrinho João da Mata, pois seu pai, com a morte da mãe, sente-se sozinho e sem condições de criar a filha, deixa-a numa vida que irá causar sofrimentos ininterruptos. Domingas, órfã, foi retirada de um convento por Halim para ajudar sua mulher Zana. Mas sua vida, para sempre, é representativa da escravidão da mulher. Seu silêncio é um grito estridente que representa muitas mulheres brasileiras. Para tratar da temática, recorro à leituras de Yvonne Knibiehler, Heinrich Kraemer e James Sprenger, George Duby, Michel Foucault, Jules Michelet, Geneviève Fraisse e Michelle Perrot e, como abordagem de teoria e método, recorro à Tânia Carvalhal e Roberto Pontes.

Palavras-chave: Mulher, Virgindade, Adolfo Caminha, Milton Hatoum

Mitos Amazônicos: Análise Residual em Vida e Morte da Onça-Gente, de Joel Rufino dos Santos

IZABELY BARBOSA FARIAS (UFAM)

Resumo: Para organizar uma análise introdutória acerca dos resíduos míticos no livro *Vida e Morte da Onça-Gente*, de Joel Rufino dos Santos, primeiramente, identificamos em Marcos Frederico Krüger (2011) as relações entre mito e literatura e o uso das mitologias clássicas na Literatura Brasileira, em especial na construção do imaginário amazônico. Joel Rufino dos Santos (2006), em *Vida e Morte da Onça-Gente*, ao narrar os mitos e as façanhas dos entes sobrenaturais por meio da ficção, resgata a herança dos portugueses, e outros europeus, na colonização da América Latina em contato com a herança cultural dos povos indígenas e africanos e a construção de entes que povoam o imaginário amazônico. Nos contos de Joel Rufino, as palavras, os personagens e o cenário são prova dessa hibridação na formação do povo brasileiro e nas histórias que fazem parte do nosso imaginário. Desse modo, os contos do livro demonstram o que Mircea Eliade (1972) denomina de mitos primordiais, pois se referem à criação ou à origem de um acontecimento no tempo primordial. Os personagens presentes no livro também fazem parte do mito, visto que Joel Rufino narra como, “graças às façanhas dos entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição” (ELIADE, 1972, p. 9). Sua narrativa reatualiza a importância dos mitos sagrados e faz emergir o que chamamos de resíduos, aquilo que é efetivamente formado no passado, mas que ainda está ativo no processo cultural, não só como elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente (WILLIAMS, 1979, p. 125) ou, como esclarece Roberto Pontes (2015), o resíduo é “a brasa acesa e oculta sob cinzas, à qual basta um sopro para voltar a ser chama” (PONTES, 2015, p.113). Em *Vida e morte da onça gente* destacam-se os mitos cristalizados como amazônicos, mas herdados da cultura indígena e

africana e do contato com a cultura colonizadora. Estão no livro o mito da criação da noite, nosso primeiro parente Baíra, as mulheres sem peito (Amazonas ou Icamíabas), a descoberta do fogo, a história de Honorato e Felizmina, a rainha Quiximbi, Iemanjá, entre outros. Para o presente estudo, fundamentamo-nos na teoria da Residualidade Literária e Cultural sistematizada por Roberto Pontes (1999, 2015), em Mircea Eliade (1972) e Marcos Frederico Krüger (2011) a fim de apontar os mitos ficcionados por Joel Rufino dos Santos e os resíduos da cultura indígena ativos na região amazônica.

Palavras-chave: Residualidade, Mito, Amazônia, Vida e morte da onça-gente

Um Padre às Avestas: Estudo da Loucura Residual na Poética Ceciliana

MONIKE RABELO DA SILVA LIRA (UFAM)

Resumo: O Padre Rolim é um dos muitos personagens presentes na poética do Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meireles, sobre o qual trazemos uma análise da temática loucura recorrendo a Erasmo de Rotterdam (2013), de *O Elogio da Loucura*, mediante os termos “loucura louca” e “loucura sábia”; a Michel Foucault (2014), de *História da Loucura*, diante da noção de loucura como crime, e à caracterização da loucura quixotesca, por meio de observações atemporais, que se mantêm na literatura e na sociedade contemporâneas, enquanto resíduos, os quais promovem a complexidade da temática loucura. A fundamentação teórica da pesquisa está na Literatura Comparada, de Tânia Carvalhal (2006), na mentalidade, conceito operacional da Teoria da Residualidade Literária e Cultural, de Roberto Pontes (1999; 2003; 2006; 2015) e na Teoria da Complexidade, de Edgar Morin (2011), à qual recorreremos pela compreensão transdisciplinar do tema e da construção teórica necessária para pensar a Literatura. O estudo sobre a loucura residual do Padre Rolim do Romanceiro da Inconfidência apresenta-se em duas seções: na primeira refletimos a respeito da mentalidade e da complexidade, e na segunda nos voltamos para uma interface entre

Literatura e História por meio do estudo da loucura da personagem Padre Rolim, observando os percursos insólitos de sua participação na Inconfidência Mineira, bem como dos aspectos que caracterizam seu comportamento paradoxal, pois, embora tendo o papel ideológico de padre, Rolim transgredir o modelo exemplar o qual lhe cabe, pois se acostuma com a prática do pecado e se envolve em escândalos amorosos, por isso aqui chamamos de “padre às avessas”. Aspecto esse que, somado às suas andanças (como uma espécie de fuga), ao seu caráter idealista e a sua relação com a maçonaria, são motivadores da perda da sua razão e da provocação do riso, confirmando, assim, a representação da loucura na personagem enquanto loucura quixotesca. A pesquisa confirma a contemporaneidade da temática da loucura e sua representação social em Romanceiro da Inconfidência, no que diz respeito à figura transgressora de Rolim. Além da abordagem do tema loucura e do uso da Teoria da Residualidade, destacamos no presente trabalho a importância de realizar estudos sobre o Romanceiro da Inconfidência, de 1953, uma obra poética de uma escritora consagrada pela crítica literária que soube com maestria recontar a Inconfidência Mineira sob o olhar humanizado da Literatura. Nossa análise confirma também que a poesia de Cecília Meireles é de denúncia e resistência. Denúncia, contra a dominação e a violência portuguesa na Inconfidência. Resistência, por parte da aristocracia mineira que se uniu, em prol de um ideal coletivo: a independência política do Brasil.

Palavras-chave: Loucura, Residualidade, Mentalidade, Cecília Meireles

63

PERSPECTIVAS DA LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Gabriela Silva (PUC-RS)

Ilse Maria Vivian (URI)

Inara de Oliveria Rodrigues (UESC)

Resumo: A literatura portuguesa ocupa um espaço significativo no cânone ocidental com nomes como Camões, Fernando Pessoa, Eça de Queiroz, José Saramago entre tantos outros. Ao longo do século XX e ainda no XXI a literatura produzida em Portugal manteve-se de caráter documental, repleta de questionamentos políticos-sociais e históricos, tanto na poesia como no âmbito da narrativa. A questão de sua origem, das guerras e personalidades que compõem esse imaginário português sempre foram recorrentes e presentes na literatura até os mais recentes dias. Demarcada pelo período pós-25 de abril de 1974, com a queda da ditadura salazarista, a literatura portuguesa engajou-se numa nova escrita em constante resgate histórico e simbólico da identidade nacional. As relações de construção literária e percurso histórico estão intimamente ligadas. As obras são resultado de seu tempo, do universo de ideias que as cercam. Então, o século XXI marca uma distinta perspectiva na literatura portuguesa em vozes e temáticas, muitas ainda voltadas para o envolvimento social e a tomada de consciência da realidade contemporânea e outras percepções do sujeito. Novos sentidos são dados à ficção e uma singular configuração de apreensão e representação do real se apresentam como norteadores da produção literária nomeada como contemporânea em Portugal. Ampla em suas manifestações, essa literatura abrange memória, deslocamentos e descentralizações, paródias, revisitações e experimentalismos que movem estruturas e temas já conhecidos,

como também projetam-se em outras formas de narrar e apresentar a ficção e a poesia. Em constante mutação, como nos versos de Camões “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” a literatura portuguesa foi alargando seu espaço de produção e de construção da identidade. João Barrento em seu último livro de ensaios *A chama e as cinzas* – um quarto de século de literatura portuguesa (1974-2000) aborda alguns dos questionamentos e problemáticas da literatura portuguesa produzida no final do século anterior e do atual. Essas questões se originam ao pensarmos sobre os novos desafios sociais, mudanças de paradigmas técnico-científicos e transformações culturais globais. Segundo o autor, pode-se entender melhor “o lugar social, cultural e curricular da Literatura Portuguesa hoje e da literatura portuguesa de hoje, num Portugal europeu em plena crise de identidade, crescendo e perdendo-se de si no meio de contradições que derivam do embate entre realidades constitutivamente pré-modernas e momentos de uma pós-modernidade assimilada à pressa.” (BARRENTO, 2016, p.179) Do mesmo modo, porém de formas diferentes, podemos pensar sobre a literatura portuguesa a partir de nossos estudos, tanto ao pensarmos na importância da herança literária, quanto nas modificações dessa literatura até os dias atuais. Entender a literatura portuguesa é perceber o movimento de diversas literaturas que se dinamizam a partir dela e é também perceber que ela transcende (sem esquecer-se) a história, procura caminhos narrativos experimentais e inovadores para o próprio país onde se engendra e para o mundo além das fronteiras nacionais. Nomes significativos no espaço literário português tornam-se objetos de estudo e ampliam o entendimento das novas formas de escrita. Essas novas produções nos auxiliam a pensar em questões como a definição de elementos intrínsecos do universo literário: linguagem, organização de suas categorias constitutivas, valores estéticos e humanísticos. Aspectos formais que se conjugam à questões ideológicas e identitárias permitem o surgimento de possibilidades de leitura e estudos: tendências, teoria literária, domínios temáticos, problematizações, comparativismo das

mais diferentes vertentes e escopos. Perceber as transformações que acontecem na literatura produzida em Portugal contemporaneamente é dispor-se a entender as modificações que avançam sobre o homem português e sua cultura. A experimentação narrativa, as diferentes formas de pensar e reagir ao mundo e as tentativas de revisão histórica são elementos constantes na literatura portuguesa. A matéria-prima da literatura portuguesa contemporânea ainda é o homem português, não só como objeto artístico contemplado e descrito nos textos, mas o sujeito português leitor de um mundo externo ao seu, ou ainda um mundo pertinente ao entendimento do seu próprio universo histórico e social, vivenciado através de experiências particulares ou coletivas. Faz-se então, necessário o espaço para a discussão e apresentação das ideias dessa literatura, numa multiplicidade de focos que cresce em novas formas de se perceber as modificações alinhadas às constantes transformações da própria literatura portuguesa. As tendências dessa literatura do século XX e XXI são portanto o objetivo desse simpósio, que pretende-se como espaço para o debate e a reflexão dos textos, estilos e especificidades da literatura portuguesa contemporânea, em sua diversidade de nomes e escritas.

Palavras-chave: Literatura portuguesa, Contemporaneidade, Escritas, Lusofonia

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Lisboa de 1147, Portugal de 1989: o palimpsesto saramaguiano de *História do cerco de Lisboa*

IARIMA NUNES REDU (USP)

Resumo: José Saramago foi um dos grandes nomes da ficção em língua portuguesa produzida posteriormente à Revolução dos Cravos, tendo tido especial relevância na produção romanesca dos anos 1980. Em seu último romance da década, *História do cerco de Lisboa*, Saramago tece

uma trama ficcional espelhada entre o Portugal contemporâneo, lidando com os desafios de ter sido recentemente incorporado à Comunidade Econômica Europeia, e a Lisboa de 1147, campo de batalha entre os mouros que a habitavam e os portugueses que a queriam conquistar. Um importante componente de História do cerco de Lisboa é a representação dupla da cidade – a cidade no fim da década de 1980 e os vestígios, reais e imaginados, da povoação moura de 1147. Há diversos momentos nos quais as duas cidades se sobrepõem, e o tempo do século XX parece ao mesmo tempo condicionado e co-presente com as memórias do século XII. Essa sobreposição de tempos no mesmo espaço parece problematizar a permanência do passado português no presente do país, bem como suas consequências. Nesta comunicação, pretende-se apresentar a tensão entre os dois momentos históricos representados no romance, cujo ápice se apresenta na percepção palimpsestosa da cidade de Lisboa por parte de Raimundo Silva. A análise do palimpsesto saramaguiano foi norteadada por estudiosos relacionados a correntes historiográficas referentes à Nova História, como Hayden White, Paul Ricoeur e Carlo Ginzburg, bem como por teóricos culturais, como Linda Hutcheon, e por estudiosos da literatura, cultura e história portuguesas, como Eduardo Lourenço e Margarida Calafate Ribeiro. Conclui-se que, representando uma Lisboa presa em um entre-lugar, o narrador saramaguiano problematizou aspectos da vida portuguesa contemporânea, dividida entre voltar-se para Portugal ou lançar-se para a Europa.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, Literatura e História, Intertextualidade, José Saramago

Todos os nomes e Intermittências da morte como tendências de Literatura-mundo em José Saramago

MARIA CATARINA RABELO BOZIO (USP)

Resumo: Ainda que José Saramago seja amplamente reconhecido por sua produção literária no eixo da metaficção historiográfica – principalmente se percebida uma intrínseca relação com a história

de Portugal –, é possível indicar que alguns dos livros da fase final de sua carreira apontam para uma gradativa independência em relação a essa temática localizada na Península Ibérica, a margem da Europa. Nesse contexto, a presente comunicação pretende indicar o autor português como uma das forças que resultaram na introdução, em Portugal, da tendência contemporânea de escolhas temáticas que acolhem o conceito de Literatura-mundo, de acordo com a leitura de Helena Carvalhão Buescu em *Experiência do incomum e boa vizinhança - Literatura comparada e Literatura-mundo*. De acordo com tal perspectiva, sendo *Todos os nomes* (1997) e *Intermittências da Morte* (2005) obras de Saramago que não se categorizam como produções artísticas amparadas de modo restrito em momentos históricos e localizações geográficas específicas do país Portugal, é possível perceber que, no nível dos sujeitos, tais obras podem apontar – cada uma a seu tempo e perspectiva – para o reconhecimento de Saramago como um autor que colaborou para a efetivação de tal tendência de literatura lusitana. Nesse cenário, embora que não caracterizem uma desnacionalização, principalmente no caso de *Todos os nomes*, as narrativas que abrem a possibilidade simbólica de trabalho com perspectivas além das nacionais, enquanto temática e recorte de leitura para além do território português, o que hoje se apresenta de modo fortalecido e em ampliação em boa parte da produção dos autores portugueses contemporâneos. Por essa perspectiva, pretende-se analisar como o conceito de Literatura-mundo apresenta-se em *Todos os nomes* – com um eixo de valorização das experiências sentimentais de um homem que descobre seu hobby na busca por indícios e passado de uma mulher já falecida –; e em *Intermittências da Morte*, obra em que as mortes ficam em suspenso num determinado país, e percebe-se na leitura que tal acontecimento que possibilita a reflexão sobre todo o sistema social e a organização econômica a partir da única certeza comum para os vivos, bem como na personificação apaixonante da morte. Em ambas as obras de Saramago, os eixos

centrais das perspectivas narrativas dirigem a percepção do leitor para o reconhecimento de experiências comuns para os sujeitos, sejam elas de leituras da concepção do indivíduo perante o mundo ou de questões afetivo-emocionais que interferem em suas relações humanas, por exemplo quando uma das personagens de *Intermitências da Morte* apaixona-se pela personificação da morte ou quando o protagonista de *Todos os nomes* passa a investigar uma mulher já falecida. BUESCU, Helena Carvalhão. *Experiência do incomum e boa vizinhança: literatura comparada e literatura-mundo*. Porto: Porto Editora, 2013. KAUFMAN, Helena. “A metaficção historiográfica de José Saramago”. In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 120, Abr. 1991, p. 124-136. LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Gradiva, 2015. SARAMAGO, José. *Intermitências da Morte*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005. SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997. SILVA, Gabriela. “A novíssima literatura portuguesa: novas identidades de escrita”. In: *Revista Desassossego*, nº 16. Dez. 2016. p. 6-21.

Palavras-chave: José Saramago, Literatura-mundo, Morte, Relações humanas

Do silêncio ao grito: as vozes em *Levantado do chão* de José Saramago.

LUANA CATITA STEFFLER (UFSM)

Resumo: A narrativa literária portuguesa contemporânea tem demonstrado expressiva caracterização do homem lusitano, problematizando questões sobre sua identidade nacional. O presente trabalho põe em debate um dos primeiros romances de José Saramago que isso fizeram, *Levantado do chão*, no sentido de contribuir para rever e expandir a forma como as vozes e as perspectivas das personagens foram lidas pela crítica. O contexto espaço-temporal da narrativa é a zona rural, do Alentejo, em Portugal, desde quase um século de história até período posterior ao 25 de abril de 1974, data da revolução que pôs fim ao regime ditatorial de Salazar. Representa, dada sua referência

historiográfica, um grupo social abalado pelas consequências do regime ditatorial português, e nisso assume o tom de “combatividade” que Álvaro Cardoso Gomes associa à ficção portuguesa contemporânea, resulta “de uma consciência sempre atenta aos magnos problemas político-sociais de Portugal” aliada a um, “inventário crítico da linguagem, do modo de narrar [...]” (GOMES, 1993, p. 84). O romance apresenta o difícil cenário rural em que estão inseridas as personagens de três gerações da família Mau-Tempo: as intempéries do ambiente afetando suas tentativas de sustento; a situação de pobreza constante; a fome e o acostumar-se a ela; o trabalho intenso, sem idade ou doença que sejam motivos de descanso; o desgaste da rotina bruta; a negação de melhorias de qualidade de vida por parte do Latifúndio. Por tal, a psicologia das personagens é dada, inicialmente, através de uma aceitação e condicionamento à situação vivida, com gestos reprimidos, fisionomias e aparências físicas de entrega à má sorte, os diálogos constituídos de silêncios e vácuos de expressão, dores não protestadas, pensamentos não externados e expressões corporais significativas de nulidade e retesamento. Acontece, porém, um processo gradativo de tomada de consciência por parte das personagens Mau-Tempo, perante a situação social enfrentada, que as leva à afirmação ideológica e ao enfrentamento do poder dominante. Da apatia beirando à submissão, à alienação e à inconsciência à rebeldia, à solidariedade, à associação coletiva, enfim, o despertar para uma consciência política e para a noção de seus direitos e espaço como pessoas. Este trabalho visa examinar os indícios textuais que figuram esse movimento do silêncio e da inércia até a assunção de vozes e ações, e dialogar sobre a forma como as personagens são construídas na narrativa. Conforme os estudos de perspectiva narrativa de um dos nomes mais importantes da narratologia contemporânea, Asgar Nunning (2007), identificar como funcionam os elementos textuais e a que se deve a singularidade do discurso dessas personagens que, sem autodefesa, em boa parte de suas trajetórias, devem ao narrador heterodiegético sua valoração

positiva e o grau de empatia perante o leitor até o momento em que falam por si.

Palavras-chave: Literatura portuguesa, José Saramago, Levantado do Chão, Perspectiva narrativa

A escrita e a solidão em *O paraíso segundo Lars D* de João Tordo

GABRIELA SILVA (PUC-RS)

Resumo: O princípio organizador deste trabalho é a percepção do papel do escritor. A reflexão sobre o ato da escrita aparece desde muito na literatura portuguesa, há ocorrências em Fernando Pessoa, no Livro do Desassossego (entre outras) e também em diversos autores como José Saramago ou Vergílio Ferreira. João Tordo (1975) apresenta em *O paraíso segundo Lars D*. (2015), a figura ficcional de um escritor e a relação com o universo em que insere: o cotidiano, as relações familiares e amorosas - e a relação com a escrita. Uma história sobre a solidão da escrita e das vidas compartilhadas. Nas linhas estruturantes do romance de João Tordo, a memória, o medo da morte, a relação com o corpo e com a passagem do tempo enunciam a reconstrução da história narrada pela mulher de Lars D. “A cartografia emocional” proposta pelo autor apresenta diferentes personagens que acabam encontrando-se e construindo uma ideia de paraíso. Pertencente à novíssima literatura portuguesa João Tordo caracteriza-se pelos temas ligados à solidão do indivíduo, a dor, o luto e sobretudo a sobrevivência às próprias condições de cada destino. Numa perspectiva da teoria da literatura apresentamos aspectos constitutivos da obra *O paraíso segundo Lars D*. analisando as personagens que compõem o romance e sua organização como narrativa. A partir da ideia que são as personagens que dão sentido a uma narrativa, pensamos na própria figura de Lars D. e a relação com da escrita ficcional e dos princípios que a orientam. Ser escritor, captar do cotidiano as histórias que decide contar, apropriar-se e valer-se da própria memória para construir narrativas são algumas das contrariedades a que submete Lars D. Alinha-se as questões de

ordem criativa, as emocionais e os mais simples acontecimentos de seu dia-a-dia com a esposa. A potencialidade da escrita pensada por João Tordo une-se ao enunciado por Maurice Blanchot em *O espaço literário*, a escrita é uma das únicas formas de superação da morte. E o fazer literário é uma ação solitária, essencial à escrita e a compreensão do mundo que se deseja representar. “O escritor nunca sabe que a obra será realizada” afirma Blanchot, e a personagem de João Tordo vive exatamente essa ideia: deixa o romance que escreveu para a mulher, sem a ideia se irá chegar ao conhecimento do mundo ou será colocado numa gaveta. No labirinto que se constrói entre a memória, a escrita e o cotidiano das personagens é que se elabora a narrativa de Lars D. Sobre a escrita também Umberto Eco em *Confissões de um jovem romancista*, comenta que a ficção nunca é baseada num mundo adverso daquele que vivemos. Em associação a essa ideia, *O paraíso de Lars D*, trata exatamente das condições de um escritor, sujeito que dedica-se a criar um universo repleto de requisitos de verosimilhança ligados à própria existência. Nisso reside uma das características que sempre esteve presente na literatura de todas as épocas, e que mais uma vez abrange a construção ficcional contemporânea: a reflexão sobre as possibilidades do mundo ficcional.

Palavras-chave: João Tordo, literatura portuguesa contemporânea, ficção, teoria da literatura

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Um nó semântico trespassa a bic preta: cenas de escrita no último Herberto Helder

ROBERTO BEZERRA DE MENEZES (UFMG)

Resumo: As reflexões aqui desenvolvidas nascem do atrito salutar provocado por dois textos de Rosa Maria Martelo: “Cenas de escrita

(alguns exemplos)”, presente em A forma informe, livro publicado em 2010, e “Alguém, ninguém, algo escreve? (Breve nota sobre a cena da escrita em Herberto Helder)”, do livro Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil: Homenagem a Arnaldo Saraiva, de 2011. Esse atrito produtivo me instiga a colocar algumas questões que envolvem tanto a noção de cena de escrita proposta pela ensaísta portuguesa, como a presença de Herberto Helder entre os exemplos. Como ressalta Martelo, as cenas de escrita são fruto de uma dicção metaliterária, mais própria do discurso moderno e pós-moderno. Essa dicção revela os meandros da poesia, sua constituição como questionamento de si mesma; coloca em xeque sua arquitetura e seu lugar na página, no livro, no mundo. Assim, imediatamente mais específica que a noção de metaliteratura ou metapoesia, a cena de escrita se dá na encenação do ato de escrituração, revelando de modo imagético onde e como esse ato se dá; mas também diz muito, de modo subjacente, da arte poética do poeta, dando a entrever os modos possíveis de sua postura com a literatura, o autor e o seu gesto escritural. Os poemas que Rosa Maria Martelo escolheu para ilustrar suas ideias têm em comum a presença significativa da mesa, espaço onde a escrita se configura, seja ela uma mesa de café, como é o caso de Sá-Carneiro e de Mário Cesariny, seja a mesa-mundo de Jorge de Sena, ou ainda uma mesa não localizável, como a que encontramos em Herberto Helder. Em todos os casos, a mesa é elemento propulsor do ato escritural e a ela se seguem outros instrumentos que circulam no campo semântico da escrita, ainda na era da tecnologia: o papel, a caneta, a mão (e, por associação, o caderno, o livro, a esferográfica, a bic cristal preta, as falangetas, no caso de Helder). Esses elementos carregam potencialidades para compor uma cena/imagem de escrituração e, quando associados com a presença da mesa que os apoie e os encerre, compõem também essa matéria de que emana a energia poética. Partiremos, portanto, da discussão em torno do que a ensaísta propõe e alargaremos o corpus por ela apresentado no intuito de apreender novas nuances a esse propósito. Para isso,

iremos recolher exemplos nos últimos livros que o poeta publicou em vida, a saber: A faca não corta o fogo (2008, 2009), Servidões (2013) e A morte sem mestre (2014), reunidos posteriormente no volume Poemas completos (2014).

Palavras-chave: Poesia Portuguesa, Cenas de escrita, Herberto Helder Rosa Maria Martelo

Os passos em volta, a poética dos contos de Herberto Helder

ALEXANDRA LOPES DA CUNHA (PUC-RS)

Resumo: Cortázar, ao discorrer sobre narrativas breves, relaciona aspectos fundamentais neste tipo de narrativa. Dentre eles, destaca a questão da “esfericidade”, ou seja, uma boa narrativa deve se bastar. A história nasce, desenvolve-se e termina nos limites concedidos pelo seu narrador. É pela necessidade da brevidade, da concisão que surgiria a tensão, justamente pela máxima economia dos meios. O conto, ainda não possa se falar em um número preciso de páginas ou palavras seria, por suas características, breve. Cortázar acredita que a tensão criada pelo bom contista se deve não apenas à brevidade, mas também a existência de um ritmo narrativo, uma pulsação interna muito própria, além da existência do que chama de imprevisto, de estranhamento. São aspectos difíceis de explicar, mas o leitor consegue identificar e diferenciar o bom texto daquele que é apenas correto. E mais, relaciona, em seu texto, a poesia e o conto. Para o autor, o contista e o poeta, os realmente bons, conseguem dar origem a criaturas vivas, capazes de gerar no leitor: “cicatrizes indeléveis”. Cortázar cita Poe, o primeiro grande contista moderno, como exemplo e sabe-se que foi o escritor norte-americano também poeta. O próprio Cortázar também o foi, ainda que se tenha acesso a muito pouco de sua produção poética. Há outros exemplos: Jorge Luís Borges, José Saramago, Mia Couto, Gonçalves M. Tavares, Paul Auster, e, no caso específico deste trabalho, Herberto Helder. Todos eles exemplos de poetas contistas ou contistas poetas. Parece-nos possível argumentar e tentar demonstrar, principalmente

nos concentrando na análise das narrativas curtas deste último, o escritor português nascido em Açores Herberto Helder, que o processo da criação poética influenciou na opção pelas narrativas curtas nesta obra em questão. O objetivo deste trabalho é analisar as narrativas curtas trazidas à luz pelo autor Herberto Helder na obra: os passos em volta, tentando associá-las à sua criação poética. É a intenção verificar pontos em comum, no que diz respeito ao conceito de esfericidade definido por Cortázar, tanto em sua criação contística, como na sua criação poética: a concisão e contundência exigida na poesia, meio onde toda a palavra tem um peso fundamental, Helder parece-nos um exemplo de como a poesia e a arte do conto se alimentam na criação daquilo que o autor argentino definia como “Cicatrizes indeléveis”: obras esféricas, enxutas e potentes que permanecem com o leitor após a leitura.

Palavras-chave: Literatura portuguesa contemporânea, criação poética, criação contística, Herberto Helder

Os trabalhos da morte em Herberto Helder

PAULO RICARDO BRAZ DE SOUZA (UFF)

Resumo: “dos trabalhos do mundo corrompida/ que servidões carrega a minha vida” (HELDER, 2013, p. 19): com estas palavras, Herberto Helder como que assinala o pórtico de entrada daquela que é uma de suas obras mais instigantes. Espécie de ante-epitáfio lírico, no dizer da ensaísta portuguesa Diana Pimentel, *Servidões* (2013) não foi o último livro que Herberto publicou em vida – *A morte sem mestre* (2014) cumpre muito modestamente tal função de campa funerária na trajetória de um poeta maior na segunda metade do século XX –, mas nele, em especial, a proposta de uma tanatografia poética assume um peso ético que a sua obra até então não conhecia. A morte como transubstanciação do corpo na escrita é tema que esta poesia conhece desde a sua estreia com *O amor em visita* (1958) – “a morte sobe pelos dedos, navega o sangue,/ desfaz-se em embriaguez dentro do coração faminto” (HELDER, 2009, p. 20) – e a performatização tanatográfica do sujeito é já evidente

na dissolução identitária de *Lugar* (1962), por exemplo – “Vai morrer imensamente (ass)assinado.” (HELDER, 2009, p. 182). É, entretanto, em *Servidões* que a presença da finitude se manifesta como metamorfose falhada – já, em *A faca não corta o fogo* (2008), os temas da velhice e da precariedade dos corpos são recorrentes, mas julgo que é mais deflagradamente no livro de 2013 que a morte é, por assim dizer, “experimentada” como limite da alteridade além do qual não se é permitido seguir. Em outras palavras, a morte assume uma literalidade que, em outros momentos, não possuía, quando era então índice de uma prática metamórfica que se vivenciava simbolicamente no erotismo dos corpos ou no exercício criativo. Entretanto, ainda que a poesia se defronte com tais limites de uma factualidade natural, é na cultura que são reelaboradas tais coerções. Neste sentido, é ainda como símbolo que a morte aparece em *Servidões*, mas símbolo de uma linguagem que diz a perda. A partir de um profícuo diálogo com o pathos de alguma tradição lírica, Herberto revisita o tópico da servidão como maneira de dizer as interseções da morte. Desde os cantares de amor do medievo, passando por Luís de Camões até suas releituras modernas, a servidão é gesto que implica dois movimentos: de desejo e morte; a afirmação de si na entrega para o outro. O autor d’A colher na boca nos oferece um poderoso questionamento sobre a prática criadora como atitude servil que engendra, na linguagem, aqueles movimentos. “Quando os lemos lado a lado, a todos estes poemas, sabemos estarem eles entregues ao serviço de uma só inspiração” (HELDER, 2013, p. 15). O pathos (desejo) inspirador da criação, diferentemente do gênio romântico que afirma insistentemente o eu demiúrgico, será aquele que o leva a desposseção de si e, por isso mesmo, a uma acurada consciência da morte. O objetivo desta comunicação é precisamente demarcar as zonas de diálogo herbertiana com uma tradição lírica da servidão, destacando os meios pelos quais o poeta repensa a ideia de serviço como modo de trabalhar a morte.

Palavras-chave: Poesia portuguesa contemporânea, Herberto Helder, Servidão, Morte

Figurações do tempo em *Ainda é tempo* e *Como é natural* de Mário Dionísio

PATRÍCIA RESENDE PEREIRA (UFMG)

Resumo: O intuito desta comunicação é discutir a relação que pode ser estabelecida entre dois poemas do poeta português Mário Dionísio, “Ainda é tempo”, de *Dispersos no tempo*, e “Como é natural”, lido em *O silêncio voluntário*, ambos publicados na segunda edição de *Poesia incompleta*, de 1979. Para tanto, é preciso levar em consideração que o poeta, integrante do movimento neo-realista português, escreve ao longo dos difíceis anos do Estado Novo, informação que em muito tem condições de contribuir para se pensar os dois textos poéticos. É possível notar, nesse sentido, que o tempo nos dois poemas aparece de modo distinto, evidenciado pelos quase dez anos de diferença que se tem entre a escrita de ambos. No primeiro, de 1953, pode-se ver que o sujeito encontra-se diante de uma difícil situação, como se faz notar os versos iniciais da primeira estrofe: “Das grandes praças desertas com cinzas fumegantes / dos patamares suspensos onde o pranto gelou / das esquinas do horror que minou continentes”. Nela, percebe-se que o poeta descreve quase um cenário de guerra, tamanha a desolação, verificada pelas praças desertas, ainda com a fumaça provocada pelo ataque direcionado contra a população. Contudo, mesmo assim, é possível constatar a presença da constante mensagem de que ainda há tempo para tornar possível que tudo mude para melhor, como indica seus versos finais: “Ainda é tempo porque sempre é tempo / dos milhões de homens simples e cansados / atirarem as mãos nuas e ardentes / contra a noite e a morte”. Essa mensagem, de certa forma, otimista, é contrastada com o segundo poema em pauta, “Como é natural”, a ser analisado neste trabalho. Com data de 1960, sete anos após o primeiro, o segundo texto poético apresenta um peso muito maior quando se pensa no tempo, pois o poeta considera ser “[...] tarde / talvez já seja muito tarde” para qualquer mudança. O tom pessimista assume níveis ainda maiores quando se vê que, em seus versos finais, ao

olhar para o relógio, o sujeito depara-se com um fantasma, que avisa: “E um fantasma lá dos fundos do quadrante / Sorri-me com tristeza e diz É tarde / Talvez já seja muito tarde”. Portanto, tendo os poemas citados como ponto de partida, o trabalho tem como propósito investigar a maneira como o tempo para mudanças aparece de modo distinto nos dois textos poéticos, levando em consideração, ainda, os dez anos que separam a publicação de cada um.

Palavras-chave: Mário Dionísio, poesia portuguesa, tempo, “Poesia incompleta”

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Pedacinhos de ossos: esboço para uma ontologia da pobreza na poética de Manuel de Freitas

SÉRGIO HENRIQUE DA SILVA LIMA (UFMG)

Resumo: Falar de uma pobreza ontológica não significa negligenciar as perplexidades que se encontram nos movimentos de ajuste e desvio que decidem os excessos contemporâneos. Sobretudo porque se trata de levar a cabo o que poderia virtualmente encontrar lugar nos limiares do humano e do inumano – nas bordas da vida e da morte –, diz-se antes de um modo particular de existência (seria também afirmar, como no caso que aqui interessa, de um gesto ético-cívico) que se direciona ao minimamente variável que sobrevive frente à demasiada violência da repetição que rege o hoje. De forma menos ou mais precisa – e, quem sabe, arriscada, como cabe ao risco que se corre na poesia –, tal perspectiva não se limita aos efeitos resistentes que advêm enquanto contracaras do mesmo-movente que demarca os modos de existência e de política contemporâneos. Mais do que isso: significa também que uma responsabilidade estética se articula no duplo gesto de se excluir para, só assim, exhibir a sua pertença aos casos

que desenham possíveis “formas de vida” poéticas e políticas. Frente a tal perspectiva, furtar-se do real – não para abandoná-lo, mas para nele fatidicamente mergulhar e descobrir em seu excessivo prosaísmo que ele nos “ensina a cair”, ou seja, a lidar com as progressivas experiências de perda da densidade do mundo – é assumir que o fora da linguagem só pode se ajustar com o contingentemente perecível, pois é o que há de restar da relação com a soberania dos préstimos dados à afirmação da vida e à sua série de dispositivos. Entregue à condição de fragilidade e pobreza ontológica, a poética em Manuel de Freitas se revela enquanto uma produção/construção direcionada a este fora, a este outro que se manifesta sempre a partir do retorno à “perfídia do real”. De um lado, isso se verifica no duplo prosaísmo que atravessa a sua poesia: o do reencontro com o leitor, que dissolve as dicotomizações da legibilidade e ilegibilidade, realocando a poesia nos postos de despoetização e inutilidade; e aquele que se dá na economia poética e que se define pela in-diferença com relação ao enjambement (“dispositio” última do poema), que também decide o topos de exceção da poesia onde a sua (sobre)vida - que já é prosa - é conduzida ao seu extremo. De outro lado, isso se faz no investimento em performances, a princípio extrapoéticas, que recaem na imagem de Manuel de Freitas enquanto editor (menor, em rigor), ensaísta, tradutor, crítico e antologador. A atenção, a dizer, desierarquizante, aberta aos modos plurais de existir com/na poesia – o que significa agenciar os atravessamentos de intensidades – descobre-se em Freitas em meio à ascese das divergências de corpos, contingências e linguagens e nos lembra de que, ontologicamente, o fazer enquanto repetição-recriação do quase imperceptível “começa pela perda e como tal não tem nada a perder, nada a esperar”, a não ser “o milagre incerto da multiplicidade da morte”. Seguindo tais encaixos, a presente proposta se justifica por um ligeiro traço da po-ética em Manuel de Freitas que, partindo de alguns dispositivos poético-enunciativos, faz-se enquanto uma reflexão crítica que investe nas miradas filosóficas, estéticas e políticas

no intuito de delinear alguma contemporaneidade possível na lavra do poeta.

Palavras-chave: Poesia portuguesa contemporânea, Manuel de Freitas, Ontologia, Pobreza

A dessentimentalização romântica na poesia de Joaquim Manuel Magalhães

JULIANA JORDÃO CANELLA VALENTIM (UFF)

Resumo: Na análise do livro *Alta noite em alta fraga*, escrito por Joaquim Manuel Magalhães em 2001, poderíamos encontrar passagens que o conectassem com as categorias específicas da tradição literária romântica, tais quais o eu-confessional, a melancolia, o desencanto sobre a paisagem urbana e até mesmo a temática amorosa. Mas, ao ler adequadamente os poemas, percebe-se que a apropriação destes elementos é uma apropriação em crise. Crise no sentido de tensão entre uma tradição anterior e a contemporaneidade. Se o sujeito poético aparece em primeira pessoa, a motivação não está em projetar a partir dele o mundo, mas sim em ironizar o mundo através do seu olhar. O poeta torna-se aquele que pode dizer a imagem urbana e retirar dela o sentido para escrever. A relação entre a poesia elegíaca presente em *Alta noite em alta fraga* e a tradição romântica transparece no vazio deixado pela dessentimentalização. Por isso, ao tratar sobre a obra de Magalhães, algumas vezes, a temática romântica aparece como um verniz sobre a linguagem poética, pois a imagem do sujeito poético condoído pela cidade é apenas a marca de um microrrealismo, em oposição à poesia da década anterior. Sobre a relação de crise dentro da poética de Joaquim Manuel Magalhães cabe afirmar que se trata de um atrito entre o que foi escrito e o que não foi reescrito. Aquilo que está em ausência no texto literário da reescrita causa a crise dentro de um projeto poético. A relação entre os poemas de *Alta noite em alta fraga* com a sua reescrita, em 2010 no livro *Um toldo vermelho*, ressalta principalmente o apagamento do sujeito poético, categoria

em ausência. O sujeito, anterior à reescrita, aparecia como categoria de eu-confessional, influenciado por características da tradição romântica. Mas, na reescrita, este sujeito poético é apagado da cena levando a crer que o projeto poético de Um toldo vermelho vai além de conferir aos poemas um caráter de palinódia, poema de retratação de ordem romântica, mas sim de concretização de um projeto literário. Diria Joaquim Manuel Magalhães, em Dois Crepúsculos, que a poesia portuguesa do século XIX não reconheceu o Romantismo como uma categoria literária. Em um dos ensaios, tratando sobre Carlos de Oliveira, Magalhães escreve: “O facto de a poesia portuguesa nunca ter assumido o Romantismo como uma categoria histórica precisa impediu que, ao longo dos anos desde o início do século XIX até aos nossos dias, ela conseguisse deixar de assumi-lo como uma categoria estética continuamente presente” (MAGALHÃES, 1981, p. 290). Desta forma, as características da poesia românticas voltariam a aparecer na poesia portuguesa desde o século XIX, como apareceriam também na poesia contemporânea. Cabe a esta comunicação investigar de forma a dessentimentalização descrita por Magalhães aparece como indicio de um romantismo oculto na sua poesia.

Palavras-chave: Romantismo, Literatura Portuguesa, Poesia, Poesia Contemporânea

As poéticas da modernidade e a crise – apontamentos em *O roubo do silêncio* de Marcos Siscar e *Mais espesso que a água* de Luís Quintais

MEIRE LISBOA SANTOS GONÇALVES (UFG)

Resumo: A literatura está em crise na atualidade e a poesia reflete esta problemática, muitos chegam a afirmar que ninguém mais lê poemas, que a poesia morreu, expressões estas que refletem um negativismo frente ao contexto literário, pois de um modo próprio e experimentando uma poética que se alimenta desta crise, tem-se o rompimento das concepções tradicionais. Não é mais pela regularidade, pela simetria dos versos e das rimas que as composições ajustam-se, os poetas, não só os

da atualidade, mas desde o período romântico procuram uma poesia que defina o seu próprio lugar. O século XX foi um período marcado por grandes acontecimentos, como duas grandes guerras mundiais, severas ditaduras vigentes em muitos países, inclusive, no Brasil e em Portugal, que acabaram por refletir na alteração do *modus vivendi* da humanidade. O mundo passou a viver triste e a carregar sentimentos de descrença, de desinteresse, de angústia e de melancolia. Os indivíduos passaram a experimentar um sentimento de vazio existencial, de inconstância, em busca de um tudo em meio ao nada. Esse sentimento também abarcou o espaço das artes e, no caso da Literatura, em especial, da poesia, observa-se uma tentativa de utilizar a linguagem poética para tentar entender e responder a essa expectativa, ou seja, preencher esse vazio. Entretanto, esta tarefa, como se observa, não é e não está sendo fácil para os poetas. Frente a esse contexto, há a necessidade de se pensar o lugar da poesia e sua capacidade de dialogar com as tensões presentes na atualidade. Para tanto, este trabalho visa focar dentre estas tensões como a poesia vem explorando o gênero poema em prosa, tão híbrido, como a realidade que se vive, e o silêncio, uma tendência para extrapolar o que as palavras não conseguem, buscando um sentido para além das muralhas da linguagem. Assim com *O roubo do silêncio* de Marcos Siscar e *Mais espesso que a água* de Luís Quintais tentar-se-á explorar estas temáticas e verificar como essas tensões são presentes em menor ou maior grau nos representantes brasileiro e português, respectivamente. Objetiva-se, portanto, estudar as formas e os modos de acontecimento do poema em prosa, pensando-o como uma união de contrários, um olhar estetizante das poéticas da modernidade, bem como apontar como o silêncio encarna o instável, o frágil, a percepção de um estado de mudança, que é ambivalente. Pretende-se apontar, primeiramente, as teorias referentes às duas características apontadas e depois percebê-las em alguns poemas extraídos das obras supracitadas.

Palavras-chave: Modernidade, Crise, Poema em prosa, Silêncio

Anacronismo e desfasamento em Manuel António Pina

PALOMA RORIZ (UFF)

Resumo: Partindo de uma noção tomada de Adorno, Edward Said compreende o caráter tardio de uma obra sobretudo como um modo refratário e anômalo de acionar o tempo presente. Assim, “o estilo tardio faz parte e, ao mesmo tempo, está à parte do presente”, enquanto “forma de exílio”, de distanciamento, anacronismo e dissonância em relação ao próprio tempo. O propósito desta comunicação é procurar refletir em que medida a obra poética de Manuel António Pina, entendida dentro de uma condição tardia, como proposta por Said, aponta para certa inadequação de sua poesia em relação ao que vai se desenhar como uma poesia “nova” nos anos 70 em Portugal, voltada em grande parte para o esgotamento do ethos modernista, num quadro de instabilização do espaço poético-crítico da poesia portuguesa daquele momento, em sua procura de abertura e criação de novos paradigmas, como vemos em vozes como a de Joaquim Manuel Magalhães, por exemplo. Caberia então pensar de que forma fazer anacronismo, em sua dimensão de intransigência, dificuldade e “contradição em aberto”, pode significar também fazer experiência, através de uma tensão contínua entre o novo e o tardio, em sua consciência catastrófica e irônica do presente, o que se revelaria em procedimentos temáticos refratários e recorrentes de Pina, como no caso da morte, da casa e da própria linguagem, em toda sua amplitude melancólica e pensativa; assim como na operação poética de seus textos buscando muitas vezes se fazer no espaço de um hiato constitutivo de infância, em que pese todo o seu questionamento acerca da linguagem. Para Rosa Maria Martelo, “a poesia de Pina tinha vindo para um encontro com a tradição moderna, mas, nos anos de 1970, quando o poeta começa a publicar, já era ‘um pouco tarde’ para isso”. Não por acaso, o poeta dá ao seu primeiro livro o título Ainda não é o fim nem o princípio do mundo calma é apenas um pouco tarde. Segundo ainda Martelo, Pina nos diz com esse título que vinha ao “encontro da hora

modernista que fora a de Pound, Eliot, Pessoa, Apollinaire (...), mas descobrira que ela pertencia a um passado irrepetível, canônico, de algum modo fechado e não prorrogável”. Deste modo, cabe questionar como a poética de Pina, operando e transitando no “seio de um desfasamento incontornável”, pode encontrar na consciência desse desfasamento um “ângulo de refração” capaz de capturar, em sua contradição e paradoxo, a fragilidade e fratura do contemporâneo.

Palavras-chave: Anacronismo, Condição tardia, Poesia contemporânea

Uma solidão solidária: poesia como comunidade de afetos em Manuel de Freitas

TAMY DE MACEDO PIMENTA (UFF)

Resumo: Em 2002, uma pequena antologia intitulada Poetas sem qualidades foi publicada em Portugal em uma edição de trezentos e cinquenta exemplares. Apesar de reunir poemas de nove poetas que começaram a escrever nos anos 90, foi o prefácio – “o tempo dos puetas” –, assinado pelo poeta e crítico Manuel de Freitas, o que mais chamou a atenção da crítica portuguesa, por trazer interessantes questões a respeito da poesia mais recente produzida no país. Contrapondo os nove poetas da antologia aos poetas ditos “com qualidades”, Freitas afirma – ainda que negativamente, por só ser possível falar assim destes poetas – sua relação com o tempo e o mundo em que estão inseridos, pautada na “perplexidade, inquietação ou escárnio”, e sua maneira de escrever essa contemporaneidade: abrindo mão de uma retórica excessiva em favor de uma comunicação. Assim, nas palavras de Ida ALVES (2008, p.126), “Os poemas selecionados para a antologia ‘comunicavam’ uma subjetividade que não se desejava fingida, produto de um malabarismo verbal artificioso, mas sim deslocada da vida para a escrita sem retóricas, verdadeira na sua escassez semântica e na sua fragilidade lírica” e, dessa forma, conseguem estabelecer um vínculo entre a experiência que escrevem e a experiência corriqueira vivenciada pelo leitor

contemporâneo, tornando essa experiência partilhável. Como bem nos lembra Rosa Maria MARTELO (2003, s/p), a comunicação só se torna possível “porque essa experiência se transformou, entretanto, num destino comum e, nessa medida, se tornou reconhecível para o leitor enquanto mundo habitual.” Ainda de acordo com a crítica portuguesa, por meio de “uma relação mais imediata, ou mais legível, com a experiência e, por consequência, capaz de uma maior cumplicidade com o leitor”, os Poetas sem qualidades parecem querer inventar uma outra linguagem: “limpa” e comunicante (MARTELO, 2002, s/p). Para atingir tal propósito, é preciso buscar outros artifícios da linguagem, diferentes dos usados pelos poetas “ourives de bairro, artesãos tardo-mallarmeanos”, mas, ainda assim, exigentes de um trabalho formal, estilístico e retórico. A poesia passar a ser menos um ofício cantante e mais um ofício comunicante, a fim de compartilhar “o(s) resto(s)” (FREITAS, 2002a, p.12) da vida, ou da morte, “quotidianamente vivida” (FREITAS, 2010a, p.7) em nosso tempo. Isto posto, ainda que Freitas não participe como poeta em Poetas sem qualidades, interessa-nos, nesta comunicação, demonstrar brevemente como sua obra cria uma espécie de comunidade de afetos pela poesia, em que, nas palavras do poeta, a “solidão possa ser solidária” (FREITAS, 2012, p.165). Utilizaremos alguns exemplos retirados de livros de poemas, mas sem deixar de traçar relações com sua crítica quando necessário.

Palavras-chave: Manuel de Freitas, Comunidade, Afeto, Poetas sem qualidades

Poesia como resistência em *A convergência dos ventos* de Nuno Júdice

BRUNA FERNANDA DE SIMONE (UNESP)

Resumo: Desde a Poesia Reunida (2001) até sua publicação poética mais recente, *A Convergência dos Ventos* (2015), a obra de Nuno Júdice parece buscar lugar em um mundo contemporâneo que cede pouco ou quase nenhum espaço ao poema. Seus poemas empreendem discussões a respeito dos próprios processos poéticos e seus recursos, além de

retomar escritores, personagens da literatura e as grandes histórias literárias que compõe o imaginário da literatura portuguesa e ocidental. Em seu livro mais recente, há uma atenção especial ao tratamento com o tempo. O tempo é uma das grandes questões da vida contemporânea e é, também, uma das grandes questões da poesia judicianiana. Ao contrário do que vivemos no mundo real, nos poemas de Nuno Júdice o tempo é sua melhor forma de resistência, sua arma na luta contra o efêmero. Há um sujeito que transforma, a todo momento, o espaço em tempo, tentando conservar o instante que passa. Levando em conta as várias facetas que o tempo assume em sua poesia. Dessas facetas, podemos citar duas apenas em *A Convergência dos Ventos* (2015): o tempo da experiência subjetiva, vivido no poema através das memórias, e comumente relacionado a um amor perdido; o tempo cultural, da história literária, suas tradições, personagens e mitos, comumente citados nos poemas. Trata-se de uma poesia que resiste ao mundo, a sua aceleração e à massificação da arte por meio do congelamento do tempo no poema. Traz para dentro do texto poético suas próprias tradições e histórias, cria um sujeito eu-lírico singular que guia o leitor pelo poema como se esse fosse o retrato de um mundo antigo, que resiste ao tempo e todas as consequências dele. O poema é o lugar seguro e estável, ao contrário do mundo, o poema acolhe e petrifica o que passou, tornando o efêmero em eterno. O poema é o lugar de fixação daquilo que poderia desaparecer com o tempo, por isso é a forma de resistência de todo o imaginário de um sujeito poeta, que ao mesmo tempo em que revela o processo de criação do poema, também faz dele uma grande “casa abandonada, o rosto belíssimo de imagens mortas” (JÚDICE, 1990, p.44), promovendo assim, uma “meditação sobre ruínas” (JÚDICE, 2001, p.622). Diante do exposto, o presente trabalho busca demonstrar que há, nos poemas judicianos, uma renovação da tradição da poesia moderna enquanto obra de resistência a partir de um estudo da configuração tempo e do sujeito poético em *A Convergência dos Ventos* (2015).
Palavras-chave: poesia e resistência, poesia contemporânea, Nuno Júdice

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

Quanto vale o valor na ficção épica de Gonçalo M. Tavares?

EVELYN BLAUT FERNANDES (UFRJ)

Resumo: Para ler o projeto épico de Gonçalo M. Tavares como uma tarefa arqueológica, leio *Uma viagem à Índia: melancolia contemporânea* (um itinerário), livro construído em aberto dialogismo com *Os Lusíadas*, como uma emulação da viagem de Vasco da Gama. No entanto, a (contra)epopeia de Gonçalo M. Tavares, ao subverter as versões épicas da viagem através do (anti)heroísmo do seu protagonista que peregrina pelo desencantado século XXI, desconstrói e, ao mesmo tempo, reinventa um itinerário literário. O movimento cíclico da viagem tem como destino final uma civilização que, de algum modo, poderia ser um microcosmo do mítico Oriente. Tão importante quanto o lugar de chegada é o roteiro escolhido, uma vez que Bloom vai ao Oriente pela Europa, invertendo o percurso de Vasco da Gama. Mas ir à Índia no século XXI também significa refletir sobre o desemprego e outras consequências do movimento de partir no mundo contemporâneo. Para compreender o deslocamento de Bloom nesta viagem que, embora circular, é convertida em movimento de queda onde o retorno para casa ocorre após (não) ter visto uma paisagem mítica que ainda povoa o imaginário ocidental, é preciso saber que Bloom não representa só o homem contemporâneo, ele é um ser que migra para fugir (também) do problema de existir. Dentre tantas questões levantadas no percurso de Bloom, o valor dentro e fora da literatura é uma problematização que não deveria ser obscurecida. Esta comunicação pretende pensar como o valor capitalista da vaidade (na/da literatura) é refletido em ambas as epopeias portuguesas. O mercantilismo contemporâneo seria impossível em virtude de um tipo de valor cada vez mais distante do que é celebrado em Camões. O Bloom de Gonçalo M. Tavares não

viaja rumo a uma discutível e desequilibrada troca comercial (nem o Gama de Camões, ao contrário do Gama histórico), mas se encontra desconcertado entre duas mortes: uma que sofreu, outra que provocou. Por isso, foge. No entanto, mesmo quando finalmente chega ao seu destino, Bloom encontra a decepção, a barbárie, o descaso. Em tempos de ostentação, qual o valor na/da literatura? Que “outro valor mais alto se alevanta” (Lus., I, 3) nos tempos atualmente sombrios em que prevalecem o “definitivo tédio” (VI, X, 156) e o “dinheiro que suj[a] as mãos” (VI, II, 22)? Como são alternadas a “tristeza” (Lus., X, 145) e a “enveja” (Lus., X, 156) com o desamor (VI, X, 145) e a indiferença (VI, X, 156) na (contra-)epopeia de Gonçalo M. Tavares?

Palavras-chave: ficção portuguesa contemporânea, Camões, Gonçalo M. Tavares, valor

Retorno e retornados- um não lugar, um não estar

ELIANA DA CONCEIÇÃO TOLENTINO (UFSJ)

Resumo: A independência dos países de África, colonizados pelos portugueses, ocorreu concomitante à Revolução dos Cravos, o que provocou o retorno de quase meio milhão de portugueses. Este trabalho pretende uma leitura de “O Retorno” (2012) de Dulce Maria Cardoso, atentando para as consequências e o lugar que não cabia aos retornados de África na sociedade portuguesa dos 1970. Para diálogo com o texto literário, busca-se apoio teórico em Beatriz Sarlo (2007), Gagnebin (2009), Hall (2003), entre outros.

Palavras-chave: Retornados, África, Portugal

Teolinda Gersão, contadora de histórias

ORIVALDO ROCHA DA SILVA (U.P. MACKENZIE)

Resumo: Os anos seguintes à revolução de 1974 coincidem com um período produtivo na produção romanesca portuguesa com o surgimento de uma inspiradíssima leva de novas obras. Tal fenômeno pode auxiliar no entendimento do predomínio das formas em prosa versus as formas em poesia no que se refere à preferência do público leitor. Se a poesia,

por desvencilhar-se da censura, fora importante para a formação de um pensamento revolucionário, a prosa, após a abertura, pode voltar à cena para articular, pela narrativa, a compreensão de toda uma época. Seguramente, um acontecimento da relevância de uma revolução pode exercer a função de elemento motivador para as diversas áreas de atuação humana, influenciando, marcadamente, a produção artística e, mais especificamente, a literatura. Nos termos de Eduardo Lourenço, “fracassadas ou vitoriosas, as revoluções são grandes consumidoras de imaginário activo” (Literatura e Revolução. In: Colóquio/Letras (78), Lisboa: mar 1984. p. 7-16). Nesse contexto, a escritora Teolinda Gersão, em seu primeiro romance *O Silêncio* (1981) foi logo reconhecida pela crítica e agraciada com o Prêmio de Ficção do Pen Clube, distinção que voltaria a ser concedida a outro romance seu de 1989, *O Cavalo de Sol*. Naquela obra de estréia, a autora já trabalhara com certos temas que serão revisitados, de uma forma ou de outra, nos demais romances: a casa, a mulher e a linguagem (a escrita). Outra temática, talvez menos perceptível do que as citadas, é a da História, ou a de uma particular concepção de História, uma vez que Teolinda reserva apreço maior às histórias pessoais em combinação e entretidas com os dados factuais coletivos, numa espécie de negação da própria perspectiva histórica tomada isoladamente. Coerente com isso, a questão da crise da linguagem é como que uma marca dos universos narrativos de Teolinda em seus dois primeiros trabalhos, *O Silêncio* (1981) e *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982) que apresentam também aspectos de experimentação linguística potencializados em *Os guarda-chuvas cintilantes* (1984), obra identificada pela autora como “diário” na própria folha de rosto, mas que em verdade não permite ao leitor classificá-la tão facilmente assim, por conta de sua complexa heterogeneidade. A respeito de *O Cavalo de Sol* (1989) é possível observar uma preocupação por imprimir, à sua estrutura, uma menor fragmentação e, conseqüentemente, uma mais acentuada linearidade, em comparação ao que se tem nas três obras anteriores. Nessa comunicação, objetiva-se destacar a mudança de rumo observada na produção de Teolinda

Gersão, mudança essa que é marcada pela obra *A Casa da Cabeça de Cavalo* (1995), quinta incursão da autora ao gênero romance. Sua ordenação particular permite que se aborde mais detidamente aspectos de construção narrativa presentes no romance, focando principalmente os expedientes de contar e recontar histórias ou os de apresentar as muitas versões possíveis para um mesmo acontecimento, constituindo o que podemos denominar como o jogo das histórias, a estratégia narrativa básica utilizada na obra. A partir da obra de 1995, então, Teolinda assume claramente o papel de contadora de histórias.

Palavras-chave: Teolinda Gersão, histórias, jogo das histórias, linguagem

As relações entre memória e história: uma perspectiva do testemunho, do trauma e da melancolia nos romances portugueses contemporâneos

JOSÉ LUÍS FORNOS (FURG)

Resumo: O objetivo do estudo de pesquisa, intitulado *As relações entre memória e história: uma perspectiva do testemunho, do trauma e da melancolia nos romances contemporâneos portugueses* é investigar as relações entre memória e história, considerando as categorias do testemunho, do trauma e da melancolia nos romances portugueses publicados a partir do ano de 2000. Para tal empreendimento analítico, recorre-se aos campos teóricos da historiografia, da psicanálise e da teoria da literatura, inserindo-os numa perspectiva política e sociológica. Dos entrelaçamentos previstos, são importantes a compreensão e a explicação dos processos sociais envolvendo sujeitos vinculados em distintos territórios, demarcados regional, nacional e globalmente. Entre os estudiosos que servem de base para o estudo, encontram-se os trabalhos de Nietzsche, Walter Benjamin, T. H. Adorno, Emmanuel Lévinas, Sigmund Freud, Jacques Lacan, Paul Ricoeur, Edward Said, Homi Bhabha, Giorgio Agamben, Boaventura de Sousa Santos, Beatriz Sarlo, Márcio Seligmann-Silva, entre outros.

Palavras-chave: memória, história, trauma, romance português contemporâneo

64

**POESIA CONTEMPORÂNEA: CRÍTICA E
TRANSDISCIPLINARIDADE****Leonardo Davino de Oliveira (UERJ)****Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS)**

Resumo: A poesia teria empobrecido depois do fim das vanguardas? Qual é a adjetivação mais precisa para a poesia atual? A modernidade foi superada? Essas perguntas norteiam a proposta deste Simpósio e nos levam a pensar sobre como a poesia contemporânea é notadamente marcada pela ruptura das fronteiras entre gêneros, estéticas e éticas composicionais. Ou pela ideia de “pós-utopia”, lançada por Haroldo de Campos (1997). Isso dificulta a apreensão holística do poema, que, por sua vez, tem exigido o acionamento cada vez maior de saberes variados por parte do crítico e do leitor. Para Marcos Siscar (2010), por exemplo, “o mesmo processo de esvaziamento do contemporâneo é reconhecível, inclusive, em análises que pretendem abordar de frente a literatura do presente” (p.171). Entre o “me dê um cigarro” modernista de Oswald de Andrade e o “me segura que eu vou dar um troço” marginal de Wally Salomão, há o desenvolvimento ético e estético do conceito verbivocovisual dos concretos, que incorpora à poesia procedimentos feitos por precursores, tais como Sousândrade. Por isso, a partir da definição dada por Giorgio Agamben (2009) para o que é o contemporâneo, situamos como contemporânea a poesia realizada a partir da década de 1960, no Brasil, em especial, a partir da Tropicália, com sua abertura às possibilidades de relação antropofágica entre as diversas perspectivas estético-artística-filosóficas. Sem desprezar a ressignificação das formas composicionais clássicas, ou seja, sem deixar de atentar para a permanência e as ressonâncias de um discurso

poético da tradição e da modernidade na poesia atual. No Brasil, pelo menos desde a Poesia Concreta, com sua ética verbivocovisual, os limites que separam a poesia de outras artes, particularmente, as artes plásticas, e a arquitetura e a publicidade, foram diluídos. A Tropicália, sendo uma releitura da antropofagia oswaldiana, também incorpora as discussões dos poetas concretos, por exemplo. De Mallarmé a Joyce, de Cummings a Apollinaire, Oswald e João Cabral, passando pela escrita ideogramática, pelo Formalismo Russo, pelas modalidades da poesia segundo Ezra Pound (meloopia, fanopeia, logopeia) e pela montagem eisensteiniana, os poetas Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari desenvolveram uma poesia em que as linguagens artísticas confluem em fusão e que, sem dúvida, encontrará ressonância nas chamadas performances poéticas pós-1968: quando a política ganha destaque nas Artes, em especial na canção popular. É também nesse período, entre 1960 e 1970, que, se por um lado, vivenciamos grande emergência das teorias imanentistas, quando a crítica se concentra no texto em si, por outro lado, percebe-se também a demanda pelo debate coletivo da memória, o que levará à produção de uma poesia empenhada na liberação do corpo. Está em voga a luta pelas liberdades individuais. A poesia demanda mais do que escrita e papel. Para Paul Zumthor (2007), se “a noção de ‘literatura’ é historicamente demarcada, de pertinência limitada no espaço e no tempo”, a poesia é a arte “de uma linguagem humana, independente dos modos de concretização e fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas” (p. 12). Desse modo, o objetivo principal desse simpósio é promover a reflexão sobre o universo estético e cultural da poesia contemporânea, associando linguagens e instrumentos teóricos das diversas áreas disciplinares - articulando elementos que transpassam entre, além e através das disciplinas e dos suportes: música, canção, artes plásticas, performance, fotografia, vídeo, internet -, a fim de iluminar a atualidade da crítica de poesia. Crítica que reflete e refrata a crise de identidade e de representação porque perpassa a poesia (CAMPOS, 1979; SISCAR,

2010); crítica que não é, a priori, mais que a obra, mas, pelo contrário, incorpora a obra. Vejam-se, por exemplo, a grande quantidade de criações críticas, obras engajadas e críticas criativas que tem caracterizado boa parte da produção atual. Topos que problematiza a própria divisão entre arte e não-arte. Bem como a crítica especializada da crítica que segue as leis de mercado. O que leva-nos a perguntar se a crítica se esqueceu de ser crítica. Portanto, esperamos reunir pesquisadores em torno da transdisciplinaridade e da crítica da poesia feita no presente recente. São bem-vindas ao simpósio as propostas de comunicações que versem sobre a tentativa de estesia, leitura e crítica da poesia contemporânea, colaborando para conferir maior precisão à formulação conceitual dessa poesia. A proposta é tornar este espaço um ambiente aberto às investigações das mais diversas e sutis abordagens do fazer poético, a fim de desautomatizar e dar visibilidade à arte da palavra, na Academia, no ensino e no cotidiano.

Palavras-chave: Poesia, Contemporâneo, Crítica, Transdisciplinaridade

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

Sereias na poesia contemporânea: lara

LEONARDO DAVINO DE OLIVEIRA (UERJ)

Resumo: Cantada como símbolo da identidade nacional pelos escritores românticos e como elemento arcaico da entidade brasileira pelos escritores da antropofagia modernista, a lara reaparece em nosso imaginário para celebrar a “cor local”, a diferença e os contatos com o estrangeiro. Invenção Romântica, resultado do amálgama entre a Sereia europeia e as lendas indígenas brasileiras, cantada entre ninfeias (Olavo Bilac), ou “da podridão” (Oswald de Andrade), a lara retorna como ícone de beleza e perigo na voz de Maria Bethânia. Ao cantar “Uma lara” (Meus quintais, 2014), canção de Adriana Calcanhotto, Bethânia

reafirma os mitemas do ser cantante e evoca a potência matriarcal. Paralelo a isso, agrega-se a declamação do texto “Maio – Uma perigosa Yara” (1987), de Clarice Lispector. Esse encontro resulta no cantar de uma lara afirmativa do nacional sem ufanismos. Essa lara não nega o “dom de iludir” feminino: não mais silenciado pelo patriarcado e pelo machismo. O feitiço sirênico é assumido como elemento de positividade. E, se a criação poética é fruto da memória, a lara que aparece recupera, reelabora e atualiza as laras evidenciadas ao longo de nossa formação literária. A entidade presente nesse momento ilumina o percurso que a lara fez desde os Românticos até agora: as perdas e os ganhos das características no processo de ensaiar o Brasil. Artistas leitoras, as três mulheres se unem no canto de Bethânia transmutada em lara: Sereia e Musa. E ao invés de negar o perigo do canto, elas afirmam esse perigo como o retorno do amalgama entre feitiço e poesia, Humano e natureza.

Palavras-chave: Poesia, Sereia, lara

Uma Poética da Ninfa: aparições na poesia brasileira moderna e contemporânea

MAURA VOLTARELLI ROQUE (UNICAMP)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo pensar a imagem da Ninfa na poesia moderna e contemporânea brasileira. Objeto de reflexão de nomes como Giorgio Agamben, Roberto Calasso, Georges Didi-Huberman e Aby Warburg, a Ninfa surge, no contexto da literatura brasileira, de forma mais expressiva no período chamado de “pré-modernismo” e continua a aparecer, adquirindo novas formas e funções próprias, em autores como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, chegando também à poesia contemporânea em poetas como Carlito Azevedo e Donizete Galvão. Como percebeu Didi-Huberman (2012), a Ninfa constitui, antes de tudo, um objeto teórico que encarna ou representa os conceitos fundamentais pensados pelo historiador da arte alemão Aby Warburg, entre eles estão a ideia de Pathosformel

(fórmula de pathos) e a de Nachleben, a vida póstuma das imagens, pensada por Warburg a partir da sobrevivência dos gestos ao longo da cultura ocidental e expressa em um dos seus projetos principais, o atlas de imagens que ele chamou “Mnemosyne”. A partir da complexidade estética e temporal de uma imagem como a da Ninfa, buscamos pensar o quanto essa figura mítica desarranja as narrativas usuais da história da literatura moderna brasileira, nos permitindo ver vínculos insuspeitados entre os momentos moderno e contemporâneo, de um lado, e momentos anteriores, sobretudo aquele período que ficou conhecido, por falta de nome melhor, como “pré-modernismo”. Ou seja, ali onde os historiadores literários marcados pelo discurso do modernismo veem (ou esperam ver) sobretudo rupturas (entre a cultura literária do século XIX e a do século XX), podemos ver antes reaparições, continuidades intermitentes, enlases de tempos. Levando em consideração as abordagens críticas que se faz da poesia moderna e, principalmente, da poesia contemporânea, que se dividem entre uma crítica que vê na sobrevivência de figuras do passado uma simples “retradicionização frívola” (IUMNA, 2011), e outra que vê nessas reaparições uma necessidade de repensar a tradição pela via do “dizer de novo”, colocando-a em relação com o presente (SCRAMIM, 2012), buscamos nos aproximar de um encontro de temporalidades que, ao mesmo tempo em que torna mais complexa, desloca a poesia dos seus lugares tradicionais, colocando-a de fato “em crise”, buscando compreendê-la a partir do lugar instável que se abre entre o passado e o presente. A presença da Ninfa na poesia brasileira talvez também permita pensar o quanto essa imagem ambígua, inapreensível, que se constitui de uma montagem e de uma tensão constante de potências opostas, sendo ao mesmo tempo evanescente e corpórea, inocente e mortífera, impassível e erótica, tem a nos dizer sobre as próprias tensões que atravessam nossa poesia mais recente. Da mesma forma, enquanto “imagem sobrevivente” (Didi-Huberman, 2007) que não cessa de aparecer e desaparecer, fluir e refluir como uma onda, encenando

inúmeras metamorfoses (serva florentina, Salomé dançante, anjo protetor, mênade delirante, Vitória romana, Vênus impassível), a Ninfa talvez diga algo sobre a capacidade da poesia em resistir e reinventar-se nessa época hostil em si mesma à própria poesia, em ser, como a Ninfa, aquela que vive depois de morta, uma espécie de fantasma do tempo.

Palavras-chave: poesia moderna e contemporânea, Ninfa, crítica, sobrevivências

Ogum e São Jorge: conexões etnopoéticas em liturgia de candomblé

RONCALLI DANTAS PINHEIRO (UFPB)

Resumo: Este artigo tem como foco de análise as narrativas colhidas em torno do mito de Ogum, expressão fixado em cantos, orações e rezas na religiosidade popular brasileira em diálogo com São Jorge. Esta tradição discursiva presente desde as narrativas orais medievais em torno do nome do santo guerreiro é atualizado no imaginário religioso brasileiro envolvendo conexões poéticas entre diversos significantes, abrangendo conteúdos verbais, sonoros, performáticos etc. A pesquisa realizada do tipo observação participante, teve como pergunta mobilizadora: como ocorre a “decodificação poética” dos rituais de Candomblé em nação Jeje entre os membros da comunidade, considerando não serem falantes da língua yorubá? Para a análise foi utilizado as variantes do romance Justo Juíz do Romancero tradicional Ibérico coletado no século XX, na província de Trás-os-Montes em Portugal e publicado em 1987 por Manoel da Costa Fontes, a oração recitada por Dionísio Azevedo para fechamento de corpo, presente no disco de áudio São Jorge guerreiro, as Corimbas de Ogum coletado em terreiro de Umbanda na cidade de João Pessoa, Paraíba, em agosto 2014 e os Cantos em yorubá para o mesmo Orixá em terreiro de Candomblé de nação Jeje, coletados em novembro de 2015. Como orientação teórica, elegeu-se textos sobre o romanceiro ibérico e brasileiro, com os autores Idellete Muzart e Braulio do Nascimento e para compreensão da atualização da tradição na comunidade estudada, buscou-se os estudos

etnopoéticos orientados por Paul Zumthor e Jerome Rothenberg. A partir da análise dos arquétipos do guerreiro “vencedor de demandas”, que permeia entre as narrativas mitológicas de São Jorge e Ogum, em seus desdobramentos delimitados nas danças e cantos, fixada na memória de comunidades, verifica-se uma conexão comunicativa em que a poética se realiza em sínteses dos referidos significantes. Assim, espera-se contribuir com os conhecimentos sobre o tema, ampliando a compreensão de como a identidade brasileira, mestiça, é constituída entre tramas narrativas simbólicas de diferentes tradições textuais e culturais por vias de sínteses semióticas entre diferentes linguagens.

Palavras-chave: Linguagens, São Jorge, Ogum

Lírica e interlocução em Hilda Hilst

SANDRA APARECIDA FERNANDES LOPES FERRARI (IFRO)

Resumo: Tratar de constituição da lírica na modernidade leva a pensar sobre as formas de subjetividades que essa lírica assume e como se adapta ao seu tempo e ao seu espaço. Com o advento da modernidade, a visão de sujeito lírico se desvincula do seu estado confortável de soberania absoluta, fato que gera uma reação considerada como um sintoma de uma crise característica da poesia da modernidade. Por outro lado, nos tempos atuais, essa “crise” ganhou o sinônimo de perda de qualidade, de desprestígio, o que gerou, evidentemente, um rearranjo tanto no discurso poético quanto no crítico. Na contemporaneidade, a poesia está ligada não mais à representação pura e simples da ideia de sublime, centrada num “eu” que disserta sobre seus sentimentos em profundidade. A lírica de hoje requer, muito mais do que a lírica tradicional, um interlocutor que participe de sua criação. Celia Pedrosa, na apresentação ao livro “Subjetividades em devir”, aponta que a experiência moderna de subjetividade é um efeito daquilo que se pensa heteronômico, em que “se desestabilizam as fronteiras do subjetivo e do objetivo, do racional e do afetivo, do interior e do exterior, do individual e do coletivo, do privado e do público, de

modo a propor possibilidades novas de compreensão” (2008, p. 8). Essa relação tensiva é uma das heranças deixadas pela poesia lírica da modernidade do final do século XIX e início do século XX: a comunicação poética possui algo de indigesto e faz o leitor “em estado de choque”, expressão utilizada por Hugo Friedrich em seu livro *Estrutura da lírica moderna* (1991), pensar sobre a intimidade comunicativa. Desta forma, apresentamos proposta de discussão sobre alguns sentidos de lírica que podem ser vistos como uma espécie de interlocução no livro *Júbilo, memória e noviciado da paixão*, sobretudo, em “Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio de Hilda Hilst. Na constituição do livro está um eu lírico, cuja voz é a espera e o suposto lamento pela ausência do amado, seu interlocutor. Para tanto, é possível pensar sobre a dialética tensiva entre as vozes, descritas no ensaio *As três vozes da poesia*. (1972), de T.S. Eliot. Neste ensaio, o autor infere que há três vozes na poesia moderna: a voz do poeta que fala de si mesmo, a que se manifesta diante de um público e a que tenta criar uma personagem dramática que dialoga com outros seres imaginários. Nesse sentido, o lugar de onde fala a voz poética de Hilst e suas relações tensivas com o contexto de criação são questões plausíveis de reflexão crítica.

Palavras-chave: Lírica, Interlocução, Contemporaneidade, Hilda Hilst

Paul Celan, Max Martins, Age de Carvalho: topologia a caminho

THIAGO PONCE DE MORAES (IFRJ/UFF)

Resumo: A presente comunicação é uma proposta de diálogo que toma por desígnio as obras de dois poetas paraenses contemporâneos, Max Martins e Age de Carvalho, a partir de questões de escrita suscitadas pelos textos em prosa do poeta romeno Paul Celan, reunidos em *Arte poética – O Meridiano* e outros textos. Esse diálogo intenta promover, no encontro dessas obras, uma reflexão liberta dos aparatos da crítica que toma por fundamento índices historicistas, biográficos, contextuais, de maneira geral, uma vez que busca, de maneira diversa, assumir

os textos de Celan como ambiência para (e interferência) na leitura das obras dos poetas brasileiros. Se compreendemos que ler poesia, junto a Celan, é um “estar en route”, um estar a caminho pelas vias e passagens que os poemas abrem sob nossos olhos, sob nossos pés, então podemos considerar esse andar com os poemas, andar a partir dos poemas, um estar a caminho, um ir a algum lugar. O diálogo proposto ambiciona, pois, fazer com que os textos da *Arte poética* de Celan forneçam os critérios topológicos para que se perceba aquilo que as obras poéticas apresentam nesse “en route” que carregam, para que se possa contorná-las, lê-las e perpassá-las em seus caminhos. A concepção de “topologia”, todavia, não está dada de antemão e será também buscada no terreno sempre movediço dos poemas. O que essa expressão sugere, no entanto, esse lugar de onde partir, é algo de que não se pode prescindir, aquilo que invoca sua própria formação: topografia – ?????: lugar, região, posição, possibilidade; ?????: descrever, escrever, inscrever; riscar, esculpir, esboçar. Desse modo, a ideia de topologia nesse diálogo recolhe, a princípio, essa paisagem de palavras, essa constelação, que promete um revolver contínuo, irresoluto, do próprio solo/texto – de areia, barro ou pedra – que temos sob os nossos olhos, que temos sob os nossos pés. Não se trata, nesse diálogo forjado pela aproximação das obras, de responder final e absolutamente – numa atitude por demais positivista e a priori demarcada – a questões surgidas desse encontro, mas de ouvi-las, de estar atento a elas, de buscar com elas os caminhos que elas mesmas abrem, fazendo com que esses caminhos se cruzem, se sobreponham, se ultrapassem, numa convergência de escritas e leituras, numa rede ampla de atravessamentos, em que todas as peças causem interferência mútua e continuamente. O caminho do diálogo proposto precisa, pela própria escolha das obras, manter-se como viagem: como um submeter-se ao risco do instável, do desconhecido. A concepção de topologia também abre caminho por esse sentido: o de estar em deslocamento e, portanto, de permanecer em errância, em perigo, no ambiente

turvado da experiência que as leituras legam, a que as leituras carregam, numa tentativa – a cada incursão renovada – de realizar uma leitura de poesia contemporânea; entendendo que o diálogo estabelecido entre as obras propõe uma topologia daquilo que não tem lugar específico, conquanto tenha ainda um lugar que lhe é próprio, um lugar a caminho, em travessia, mas também à deriva – sem um topos demarcável; nas palavras de Celan: “à luz da u-topia”.

Palavras-chave: Topologia, Poesia Contemporânea, Leitura, Utopia

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

Arabescos líricos: a autorreflexão como processo estilístico da poesia contemporânea brasileira

AMANDA RAMALHO DE FREITAS BRITO (UFPB), HERMANO DE FRANÇA

RODRIGUES (UFPB)

Resumo: A poesia contemporânea insinua-se como uma reverberação estética híbrida e heterogênea, que se funda, após os anos 1945, como um prolongamento das tendências inauguradas pela geração crítica e atuante das vanguardas e do modernismo. Nesse contexto, a “procura da poesia” inaugura um debate estético centrado, principalmente, na experiência subjetiva da própria poesia, onde os textos poéticos verberam uma realidade em si, “buscando os processos que visam a atingir e a explorar as camadas matérias do significante” (BOSI, 2011, p.476), além de um exímio diálogo com outras manifestações estéticas (artes plásticas, música, cinema, etc.). Tais enviesamentos são repercutidos, por exemplo, na poética contemporânea de Paulo Leminski, Sérgio de Castro Pinto e Arnaldo Antunes e, anteriormente na vanguarda concretista brasileira através da experimentação e da criação de poemas-objetos de Augusto de Campos, José Paulo Paes e Décio Pignatari. Ainda na esteira do contemporâneo, outras vozes

poéticas “fundam linhagens”, como a lírica palimpsesta de Adélia Prado e a intersecção visual e verbal das Odes Mínimas de Hilda Hilst. Pensar o lugar da poesia contemporânea não tem sido uma práxis nítida, já que a aproximação temporal da crítica com a criação poética constitui uma encruzilhada: a poesia abriga um conceito de indeterminação, em razão das várias manifestações estéticas e subjetivas que convivem simultaneamente através de valores transversais ou não, que ora dialogam com as vanguardas históricas da arte e da literatura brasileira (antropofagismo, tropicalismo, modernismo e concretismo), ora problematizam o conceito de arte e gênero por meio de uma poesia do não-lugar, expressivamente digital, que toma impulso com as novas tecnologias informacionais, como a animação computadorizada do “Poema Bomba” de Augusto de Campos. A animação reflete o movimento plástico do poema, sugerindo o próprio dinamismo da poesia contemporânea. Além disso, o balizamento da poesia-visual como especificidade das experimentações estéticas contemporâneas, suscita uma discussão: não podemos restringir aos poemas mais atuais o processo criativo da experiência visual, pois nós encontramos poemas visuais desde o século III a. C, como As asas de Eros e O ovo (Símias de Rodes), o que implica uma leitura comparativa entre os diferentes poemas e épocas, gerando uma compreensão diacrônica da poesia-visual brasileira, o que pode sugerir a criação dialógica ou o entre-lugar e autorreflexão como recursos fundamentais da poesia contemporânea. Conforme nos diz Schollhammer (2011, p.09), “o contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo”. Diante de tais discussões, observaremos como alguns poemas balizam a contemporaneidade através de seus recursos expressivos, metapoéticos e dialógicos e reclamam para si a própria condição de poesia enquanto construção: “poeta x poema” e “a girafa” de Sérgio de Castro Pinto; “Com Licença Poética”, de Adélia Prado; “Poema I” (Rinoceronte Elefante), de Hilda Hilst e poemas de Arnaldo Antunes reiterados do livro “Agora aqui ninguém precisa de si”.

Buscaremos respaldo no conceito de autorreflexão proposto por Stam (2008) para embasarmos nossas discussões sobre a construção poética nos textos contemporâneos refletidos criticamente em nosso artigo.

Palavras-chave: Autorreflexão, Poesia Contemporânea, Crítica

À procura de pés no dark room: Glauco Mattoso e a visão sem olhos

BARUC CARVALHO MARTINS (UFF)

Resumo: Glauco Mattoso é um poeta cego. A limitação do uso dos olhos gerou, desde 1995 com a perda total da visão devido ao avanço do glaucoma, a produção de uma estética diferenciada, que o próprio poeta deu o nome de pornosiana (voltada para a pureza formal e a impureza de conteúdo). Com este trabalho, procuramos investigar a distância mesma entre o poeta e o cego na antologia O poeta pornosiano (2011) que é mobilizada nos modos de fazer, ver e sentir convocados na produção da poesia, argumentando, como a antropofagia da escrita assumida pelo poeta se converte em uma estratégia outra de visão, fazendo entrar em tensão dois sentidos da experiência esboçados a partir das pesquisas de Daniel Stern: um modal – a partir da diferenciação dos sentidos sensoriais: em tato, olfato, paladar, visão e audição – e outro amodal – anterior à diferenciação dos sentidos. Isto é, entre um sentido de experiência representativo (modal) e um sentido de experiência não representativo (amodal) que não só participaria da produção da poesia como também seria agenciado a partir do embate ruidoso da própria estética pornosiana, entre a pureza formal e a impureza de conteúdo. Com Félix Guattari, levaremos essa tensão ao limite para “crescer pelo meio”, entre o discursivo e o não discursivo, o representativo e o não representativo, com o objetivo de captar o campo de forças onde o cego e o poeta já não podem mais ser aproximados porque há uma distância irreduzível entre um e outro – visto que só há distância. A pornografia assume, então, uma função precisa nessa estratégia: converte-se em uma máquina de guerra nômade promovendo uma desterritorialização das palavras num nível muito mais profundo que o da simples forma, multiplicando

os seus efeitos de sentido no mesmo movimento em que a sintaxe é rachada e se produz uma nova. Trata-se de um esforço de minoração da língua, seguindo Gilles Deleuze, não para promover uma reversão do poema, mas para atingir o seu próprio avesso. Poeta e cego, então, se encontram na própria materialidade da pornografia e do que ela coloca em jogo nesse movimento paródico contra a aparência do mundo. Restabelecendo nosso vínculo com este, e não outro – ainda que seja “um outro” deste –, mundo. A transgressão de Glauco Mattoso, com isso, discípulo de Gregório de Matos, recupera a tarefa nietzschiana de crença neste mundo para atingir o fora do nihilismo. Mas é também uma tarefa esquizofrênica para atingir o fora de Édipo. Ambas as tarefas revelam uma produção estético-ético-política que a poesia serve como arma e que ajuda a ser pensada quando destituímos os olhos da visão e nos abrimos para as forças da terra.

Palavras-chave: poesia brasileira contemporânea, Glauco Mattoso, estética, visão

A palavra-jardim: poética em ritmo vegetal

ELISA DUQUE NEVES DOS SANTOS (UFF)

Resumo: A partir do estudo sobre a relação poesia-ritmo-natureza e um corpus de poemas, em especial em três poetas contemporâneos da língua portuguesa Daniel Faria (Portugal, em “Explicação das árvores e de outros animais”, 1998), Leonardo Fróes (Brasil, em “Trilha”, 2015) e Júlia de Carvalho Hansen (Brasil, em “Seiva veneno ou fruto”, 2016) continuamos a investigar interações entre o ritmo poético e o biótico. Os poemas selecionados, que tratam de imagens que remetem ao ambiente vegetal (plantas, árvores, jardins), permitem questionar tanto o lugar-fronteira da linguagem poética: entre o cultivo e a selvageria e a existência de subjetividades que circulam e compõem uma atmosfera vegetal, quanto refletir sobre as possíveis relações entre literatura-natureza vegetal nas esferas de biopoder e biopolítica por meio de uma “Plant Theory” (Teoria das Plantas, Jeffrey T. Nealon) que contribui para o debate. Interessa, sobretudo, o desenvolvimento do pensamento de

palavra poética como uma “palavra-jardim”: no mesmo tempo em que é cultivada e cercada pela seleção, cortes e escolhas inerentes do labor poético, escapa, interage e simula uma natureza bárbara, que foge a uma delimitação que poderá ser aproximada à transgressão do interdito para se atingir uma “continuidade sagrada”. Dessa forma, com o apoio de Georges Bataille (pensamentos sobre o erotismo), Alfred Whitehead (e sua concepção de natureza em devir - becoming), além de Hans Ulrich Gumbrecht, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, importa desenvolver a noção de acoplagem de frequências (entrainment - Manuel DeLanda) como sugestão de um contágio rítmico e de dupla articulação entre “linguagens”: uma humana e outra vegetal, de forma que tais poetas aproximem seus fazeres poéticos de certo “tráfego” entre essas dimensões não somente na criação de imagens que evidenciam uma atmosfera vegetal, mas também como uma proposta de relação orgânica entre os poemas e o mundo. O interesse é o de pensar a palavra-jardim para além de imagens temáticas, mas como uma “oferta natural”: o sacrifício do código para o êxtase de uma comunhão (por vezes erótica) com o ambiente natural (paisagens silvestres e animalidades em devir) e de como nessa relação sobrevive o vínculo de encantamento da íntima troca - em que a noção de engajamento de corpos e o conceito de ritmo encontrado em “O arco e a lira”, de Octavio Paz, serão fundamentais para que o poema também possa ser pensado como organismo em fluxo e produto de um ritmo biológico, portanto vivente, da interação/experiência da linguagem do poema, do poeta e do leitor, com o mundo e com o que qualificamos como natureza vegetal.

Palavras-chave: poesia contemporânea, natureza vegetal, ritmo, sagrado

Haroldo de Campos e a pós-utopia: um aceno para o futuro

THIAGO DE MELO BARBOSA (UNICAMP)

Resumo: Em 1984, o poeta, crítico e tradutor, Haroldo de Campos, publica “Poesia e Modernidade: da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico”, valioso ensaio dentro da sua obra. No texto em questão, Haroldo dedica o maior número de páginas a discutir, via

Jauss e Octavio Paz, o conceito de modernidade, entretanto, o que indubitavelmente chamou mais atenção no ensaio foi a sua discussão final acerca da ideia de um “momento pós-utópico” que estaríamos vivendo após o “fim das vanguardas”. Dentre outros pontos, nesse debate, Haroldo de Campos irá enfatizar que com o esgotamento dos projetos de vanguarda no final dos anos de 1960, se dará início a um período no qual os poetas não mais se reúnem em torno de um objetivo comum, uma era de poesia marcada por projetos individuais, logo, uma era de intensa pluralidade poética. Um dos primeiros desdobramentos importantes a ser destacado desse texto — que logo se converte em “acontecimento crítico” —, é o fato de que, com ele, o poeta faz um aceno para o futuro, com o qual busca tanto afastar a sombra da vanguarda que marcou a recepção de sua poesia quanto lançar-se como autor contemporâneo, ou melhor, autor “pós-utópico”. Neste sentido, é revelador que palavras-chaves do ensaio, tais como “agoridade” e “pós-utópico”, apareçam negritadas no texto da contracapa de A Educação dos Cinco Sentidos, livro de poemas lançado no ano seguinte à primeira publicação de “Poesia e Modernidade...”. Logicamente, o gesto crítico-poético de um autor já consagrado na época, como era Haroldo de Campos, não passa despercebido, a bem da verdade, é possível pensar em tal gesto como um momento fundante, dentro da tradição poética brasileira, de um modo de leitura do contemporâneo que, por essa visão, terá como marco inicial o chamado fim das vanguardas e como horizonte norteador a noção de pluralidade estética e individualidade dos projetos poéticos. Diante disso, hoje, mais de 30 anos depois da publicação de “Poesia e Modernidade...”, revisitamos esse aceno haroldiano não procurando acertos ou erros em suas hipóteses, mas antes, buscando discutir as repostas dadas à provocação do poeta-crítico. Para tanto, pensando por amostragem e buscando a delimitação necessária a qualquer trabalho acadêmico, analisaremos os “efeitos” do gesto haroldiano em acontecimentos crítico-poéticos de dois períodos distintos: primeiro, num período bem próximo ao do

ensaio, focaremos no caso do poema “póstudo” (1985), de Augusto de Campos, e sua polêmica repercussão, em seguida, dando um salto temporal, analisaremos duas antologias de poesia contemporânea publicadas, respectivamente, no final do século passado e início do corrente, a saber: Esses Poetas: uma antologia dos anos 90, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda, e Na Virada do Século: poesia de invenção no Brasil, organizada por Claudio Daniel e Frederico Barbosa. Com tais investigações, não se pretende revelar a face oculta da poesia contemporânea, nem mesmo dizer que ela descende de uma única matriz, mas, antes, esmiuçar os caminhos e descaminhos do que cremos ser um dos principais vetores de leitura do atual momento da poesia brasileira.

Palavras-chave: Haroldo de Campos, Crítica, Pós-utópico

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 3

Um caso de atropelamento: autoficção e performance nos poemas de Marília Garcia

MARCIO RAMOS JUNQUEIRA (UNEB)

Resumo: Partindo das reflexões sobre “espaço biográfico” (Leonor Arfuch) e construção da figura autoral contemporaneamente propomos investigar alguns procedimentos autoficcionais operados por Marília Garcia no livro “Um teste de resistores” (7letras/2014). Tomando o conceito de “autoficção” como um deslocamento/descolamento para além do “pacto” (auto)biográfico (Philippe Lejeune) onde (na auto-ficção) narrador e autor empírico se hibridizam em narrativas “ficcionais” em primeira pessoa pretendemos : analisar as narrativa de um atropelamento/quase-atropelamento presente nos poemas “Blind Light” e “A poesia é uma teste de resistores?” em dialogo com a oralização/performance desse segundo texto.

Palavras-chave: poesia, autoficção, performance, marilia garcia

ODPIS – Finitude poética na contemporaneidade

LARISSA DE CÁSSIA ANTUNES RIBEIRO (UFPR)

Resumo: A função do poeta se desenha através da linguagem que se configura na forma do poema, seja por meio do uso de modelos e regras ou pela negação de padrões estabelecidos. No entanto, estudar a função da poesia na contemporaneidade requer atenção à uma série de questões e questionamentos cruciais que englobam a relação do sujeito com o mundo. Em uma época de quebra e construção de paradigmas, as identidades se tornam fluidas e fragmentadas em um meio onde as múltiplas formas de comunicação reconfiguram o uso da palavra. Nancy (2005) argumenta que o fazer poesia, independente de qualquer época, significa lidar com as infinitudes que o mundo apresenta: “A coisa feita é finita. A sua finição é a perfeita actualidade do sentido infinito”. (NANCY, 2005, p. 17). Dessa forma, ele sugere que poesia proporciona diferentes significados dentro de alguns limites. Agambem (2002) estuda como a rima leva o leitor ao desenvolvimento de significações: “Pois o que é a rima senão o descolamento entre um evento semiótico (a repetição de um som) e um evento semântico, que induz a mente a requerer uma analogia de sentido lá onde nada pode encontrar além de uma homofonia?” (AGAMBEM, 2002, p. 143). A analogia dos sons faz com que se reflita sobre a analogia dos sentidos. Mas em uma obra onde a rima aparece de maneira menos evidente como a construção do poema pode levar ao desenvolvimento dos conceitos? De que maneira a poesia contemporânea lida com a finitude ou com a ausência dela? Em meio ao efêmero, à fragmentação e à descontinuidade, a obra “A morte de Tony Bennett” de Leonardo Gandolffi apresenta o tempo presente como poético-narrativo ao abordar a linguagem do dia-a-dia como expressão da sua poesia. O texto “ODPIS”, pertencente a esse livro, tem o tom de uma notícia de jornal, mas é escrito em verso. Trata-se do relato de um assassinato, cometido por um marido traído, o qual registra o crime, publica e a história vira um best-seller. A vida e a ficção, portanto, compõem a chave para ao fluir de concepções sobre espaços,

sujeitos, vivências e morte. Dessa maneira, a poesia se instala entre os limites dos absurdos do cotidiano, arraigados aos limites do texto literário. O poeta contemporâneo entrelaça ficção à realidade, prosa ao verso através da apresentação do verossímil. O eu-lírico se coloca no movimento de dispersões da subjetividade, desdobrando seu olhar na fluidez dos retratos ficcionais. Esse poema conversa com as concepções de Nancy (2005) a respeito da resistência da poesia e com Agambem (2002) que analisa os limites do verso e a amplitude poética. Desse modo, o presente trabalho se presta à análise do poema e a sua forma de articular conceitos em seus limites e amplitudes.

Palavras-chave: Poesia, Contemporaneidade, Ficção

Cartas já não adiantam mais: relações entre escrita íntima e a poética de Ana Cristina Cesa

CESAR GARCIA LIMA (UFF/FAPERJ)

Resumo: Como na canção “Eu te amo, eu te amo”, de Roberto Carlos, a poesia de Ana Cristina Cesar é permeada pelo desejo de interlocução, dirigindo-se obsessivamente a um destinatário querido, especialmente pelo formato de carta ou de diário íntimo. Marcada pela alternância entre o tom culto e o coloquial, influenciada pela literatura inglesa e pelos beatniks estadunidenses, a poesia da autora de *A teus pés* (1982) mescla a confidência e as referências eruditas, tecendo uma poética heterogênea, que busca a cumplicidade do leitor e conduz o poema como uma trama policial que lança pistas e aguça a curiosidade para um desenlace, que muitas vezes não se dá. Até que ponto essa escrita pública mantém o estatuto de texto íntimo, sob uma matriz epistolar falseada e de um diário cifrado? Como, ao mimetizar o diário e adotar a carta como modelo, Ana C elabora uma diegese em que personagens baseadas em pessoas reais convivem com outras ficcionais? Analisarei aqui, entre outros textos, *Cenas de Abril*, livro lançado de maneira independente e incorporado a *A teus pés*, verificando como a escrita confidente é usada para compor um painel de poemas na qual

referências ao cotidiano, à própria literatura, ao cinema, à música popular brasileira e à televisão instauram uma estrutura de cenas com elementos narrativos com reversão de expectativas e cortes cinematográficos. Tendo emergido na cena literária brasileira a partir da poesia alternativa carioca do final anos 1970, Ana C elabora uma colcha de retalhos tanto sofisticada quanto fora do padrão, expondo uma intimidade lírica que se confunde com sua própria biografia, num grito pulsante e trágico, em que o melodramático ecoa como encenação. Nesta pesquisa, procuro delinear traços comparativos entre a poesia de Ana C e a escrita de si estudada por Michel Foucault, refletindo como a obra da autora carioca, repleta de insinuações, mantém-se atualizada por novos volumes póstumos que expõem seus arquivos, como *Inéditos e Dispersos*, e a fotobiografia *Inconfissões*, organizada por Eucanaã Ferraz. Para as análises de textos serão utilizadas múltiplas referências, desde as próprias cartas de Ana C publicadas em *Correspondência Incompleta*, livro organizado por Armando Freitas Filho e Heloísa Buarque de Hollanda, aos estudos de Mikhail Bakhtin sobre os gêneros literários, assim como as pesquisas de Geneviève Haroche-Bouzinac sobre o termo “ilusão de presença”, usado para nomear a interlocução epistolar. Entre as referências de pesquisadores brasileiros que se debruçaram sobre a obra de Ana C serão abordados estudos de Flora Sussekind, Sérgio Alcides e Nonato Gurgel, com o intuito de dialogar com o “estritamente real” da escrita íntima, que a autora menciona como uma ambição de trabalho criativo em carta a Cecília Leal datada de agosto de 1976.

Palavras-chave: Escrita íntima, Carta, Diário

Marcos Siscar: poeta-crítico contemporâneo

ANDRE VINICIUS PESSOA (UERJ/CAPES/FAPERJ)

Resumo: No ensaio “A cisma da poesia brasileira” (2010), publicado em 2005, o poeta, tradutor, ensaísta e professor Marcos Siscar mostrou uma face visível da poesia brasileira contemporânea, traduzida pela multiplicidade de poéticas e calcada na superação de antigas dicotomias

entre projetos dessemelhantes, cujas polêmicas tinham o caráter agônico de uma disputa pela hegemonia do discurso, como é o caso da datada “cisma experiência versus experimentação”. Hoje, pouco mais de dez anos após a publicação desse ensaio, a constatação de uma extrema vitalidade na poesia contemporânea brasileira, reconhecível no grande número de produções, na descentralização das vozes envolvidas e no entusiasmo dos novos poetas em torno de seus projetos, como se sabe, ainda permanece atual. Essa tese da diversidade, inescapável às análises, retornaria na prosa crítica de Siscar, em “O tombeau das vanguardas: ou a ‘pluralização de poéticas possíveis’ como paradigma crítico contemporâneo” (2016), quando o autor analisou o ensaio de Haroldo de Campos, “Poesia e Modernidade: Da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico” (1997). Campos, num breve, mas significativo trecho desse texto de 1984, reconheceu no momento mesmo de sua escrita, designado como pós-utópico, a superação da ideia de uma vanguarda totalizadora, paradoxalmente a mesma que o próprio ensaio tratou de monumentalizar. Tal ultrapassagem, ou o chamado “o fim das vanguardas”, que inclusive indicou novos sentidos à sua própria trajetória, estaria justamente na raiz da coexistência tácita de projetos variados. O diagnóstico de Campos sobre a diversidade, ou a multiplicidade de poéticas, se cumpriu, mas a sua rasa repetição se transformou para Siscar numa espécie de zona de conforto do pensamento quando se indaga sobre o que é contemporâneo. Daí a “aflição” que o ensaísta nutre sobre o estado atual da poesia fomentar diversas inquietações, encenadas ao longo de sua obra crítica e poética, pois, nas suas próprias palavras, “tomar pé no que chamamos de contemporâneo envolve o desafio contínuo de dar dramaticidade a esses impasses” (2016, p. 36). As indagações sistemáticas de Siscar, assim como a sua postura assumida de ser um herdeiro da crise do verso (e, consequentemente, da crise da poesia) que se evidencia desde os escritos de Stéphane Mallarmé, revelam em sua obra crítica uma progressiva perplexidade. Ao repercutir seus textos críticos,

interpretados por Masé Lemos em “Marcos Siscar e a vingança da poesia” (2011) como um acontecimento crítico em devir, ou “espécies de ‘manifestos’ não vanguardistas, pois não fazem tábula rasa da tradição e tampouco são projetos fechados sobre o fazer poético” (2011, p. 8), a proposta dessa comunicação é ingressar no fluxo dinâmico de suas reflexões para atualizar a pergunta sobre o que é o contemporâneo e provocar debates sobre a poesia produzida atualmente no Brasil.

Palavras-chave: Marcos Siscar, poeta-crítico, contemporâneo, vanguardas

O cosmos da poesia: revelações metapoéticas em Claudia Roquette-Pinto

ELOIZA FERNANDA MARANI (UFMS)

Resumo: A linguagem, na história da evolução humana, se configura com a busca por uma identidade, por um novo caminho, por uma nova história a ser traçada e trilhada. Com a autonomia da linguagem, o homem passa então a se descobrir como um ser falho e repleto de incertezas, que cercam o seu existir. Toda essa evolução é claramente retratada no universo literário, que se pauta pelo trabalho árduo, pela força e pelo jogo de palavras devidamente articulados pelo escritor, capaz de revelar este mundo e criar outro, desvelador de questões da existência humana, construída a partir da opacidade da linguagem. É este poder de dar vida às coisas que faz o artista um criador de um mundo. Sob estas perspectivas, focamos nosso pensamento na poesia de Claudia Roquette-Pinto, que versa sobre o papel imprescindível do escritor no “cosmos” da poesia. Autora de sete livros – Os dias gagos (1991), Saxífraga (1993), Zona de sombra (1997), Corola (2000), Margem de manobra (2005), Botoque e Jaguar: a origem do fogo (2009) e Entre lobo e cão (2014) – a escritora carioca, pelo procedimento metapoético, em especial pelo uso de aspectos e de detalhes pequenos e aparentemente “insignificantes” da natureza, revela em sua escrita a “voz” que evidencia o processo criativo e a consciência

de seu tempo, no intuito de ressignificar o mundo que a cerca. Isto é, as composições da autora, arquitetada a partir de imagens e termos da botânica, simplificam e refletem a própria essência da vida. Dessa forma, vislumbramos a correlação entre poema, poeta, leitor, em um movimento de intensa reflexão sobre a linguagem, o ser e o tempo na poesia. Somente a literatura possui o poder de transitar entre o abstrato e o concreto e materializar em palavras o mundo, de maneira que chegue a se caracterizar como humanizadora, pois consegue definir e atingir, profundamente, a íntima essência do ser humano. A presente comunicação tem como objetivo exibir bio/bibliograficamente a autora Claudia Roquette-Pinto e esboçar a leitura e análise de diversos poemas da autora, presente nas obras *Os dias gagos* (1991), *Corola* (2000) e *Margem de manobra* (2005), no intuito de exemplificar, ilustrar e traçar a construção de um percurso estrutural e, conseqüentemente, interpretativo, desvendando o trilhar fecundo da poeta na formação do constructo poético. Para fomentar nossas discussões e estudo analítico, nos baseamos em Paz (2012), Eliot (1991), Bosi (2003), Haroldo de Campos (1992), Ivety Walty (1999), Blanchot (2011), entre outros que se fizerem necessários para abarcar o desígnio proposto.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Poesia contemporânea, Metapoesia, Aspectos da natureza

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Tropicalismo e Racionais: os limites do Brasil moderno pela canção popular

CARLOS AUGUSTO BONIFÁCIO LEITE (UFRS)

Resumo: Partindo de uma análise dos primeiros momentos do desenvolvimentismo brasileiro, aqui compreendidos entre 1950 e 1968, quando diversos objetos estéticos reagiram a uma nova condição do

país na ordem internacional, com enfoque no Tropicalismo - dicção agônico-prazerosa, característica forte da experiência de uma fração da classe média do período -, o trabalho buscará interpretar os traços combativos e radicais da dicção dos Racionais MC's, anos 90, como indícios da incompletude e dos impasses da formação do Brasil moderno, que a revés de uma disposição progressista e conciliatória, desde o início apartava os de baixo das benesses da modernidade e sugeria uma enganosa emancipação pelo consumo. Certa pedagogia da sobrevivência dos manos, a ocupação das canções já lançadas como procedimento, as letras extensas e com raros e peculiares refrões são algumas características que parecem indicar uma recusa ao arranjo cordial do Brasil moderno, estrutura que os tropicalistas almejavam explodir por dentro.

Palavras-chave: tropicalismo, racionais, cordialidade

Torquato Neto em Nosferato no Brasil: performance como resistência à invisibilidade e à ausência de voz

ESMERALDA BARBOSA CRAVANCOLA (UFBA)

Resumo: A partir dos estudos de pós-graduação e das discussões desencadeadas durante o Encontro da ABRALIC, em 2016, a obra de Torquato Neto tem se mostrado cada vez mais versátil e se abre para uma leitura da sua relação com a tradição oswaldiana, bem como com as ressonâncias da poesia concreta e ainda sua força no discurso e na criação da movimentação tropicalista. Todas essas confluências ressoam não só em seus textos escritos – poemas, letras de canção, crônicas, diários, cartas – como também na sua produção/atuação em super-8. Se pensarmos nos limites que separam a poesia e o cinema, principalmente esse cinema marginal do qual Torquato Neto fez parte, podemos perceber uma linguagem se fundido na outra, como forma de resistência às impossibilidades que se faziam presentes, não só por causa do sistema ditatorial e violento em que esse sujeito vivia, como na sua invisibilidade causada pela ausência da voz do compositor. A poesia

de Torquato Neto ultrapassa as folhas dos jornais, o papel em branco da página que convida o sujeito aos abismos da obstinação poética, ou a voz do intérprete que até hoje leva seu texto ao grande público (que muitas vezes nem sabe de quem é aquela letra). Sua poesia também chega até nós por meio de filme em super-8, na figura de Nosferato, um vampiro que atua durante o dia. É na tentativa de entender essa movimentação artística do poeta Torquato Neto e apreender as qualidades sensíveis configuradas em sua obra, que arrisco um diálogo com o texto *Performance, Recepção, Leitura*, de Paul Zumthor (2014), em busca da reflexão sobre a implicação do corpo como algo indizivelmente pessoal, e qual seria o lugar da voz para um sujeito privado de se limitar e se liberar por meio dela; dessa maneira, procuro fazer a indagação de que meios esse sujeito se utiliza, já que não se faz habitar na linguagem por meio da voz. Nesse sentido, o diálogo se volta para as reflexões de Frederico Coelho sobre a fantasmagoria do compositor e um texto de Tom Zé sobre Torquato Neto em *Tropicalista* lenta luta. A poesia do corpo, a performance do artista que insiste por meio de várias linguagens, que mescla as possibilidades de suporte no empenho por um trabalho poético que foi silenciado, se mostra da maior importância para pensar criticamente as décadas de 1960-70, período histórico-social brasileiro em que alguns objetos culturais foram deixados em segundo plano, mas podem ser vistos como parte dessa criação em meio ao caos, além de descentralizar a visão sobre a movimentação tropicália/marginália.

Palavras-chave: Torquato Neto, performance, poesia, cinema marginal

Táticas transescriturais nos babilaques de Waly Salomão

TAZIO ZAMBI DE ALBUQUERQUE (USP)

Resumo: As poéticas de invenção gestadas entre os anos 1960 e 70 no Brasil articularam-se sob o signo da experimentalidade a contrapelo da política de repressão instituída pelo golpe militar de 1964, marcadas por um profundo deslocamento dos valores historicamente consolidados

que estruturam os modelos de produção e consumo do poema. Emerge dessa circunstância histórica uma profusão de programas (e “anti-programas”) estéticos e comportamentais, que opera a implosão das fronteiras convencionais entre vida e obra bem como da insularidade do texto poético, lançando-o ao encontro de outros campos, como os das artes plásticas, do cinema, da performance, da canção etc. Com esse salto em direção ao alheio, o contágio mútuo entre as variadas esferas de produção simbólica se torna a instância instituinte do motor proposicional, promovendo uma mutação das práticas enunciativas, que pretendem se inscrever no cotidiano como “[...] o inconcluído inconclusivo / inconclusível / o nunca inteiramente gerado” (SALOMÃO, 2007, p. 66). Assim como o estatuto do texto poético é posto em regime de movência e indeterminação em meio às transformações dos contextos tecnoculturais, também se modificam as formas de circulação e fruição, exigindo a elaboração de estratégias singulares de leitura. Waly Salomão, que figura nessa paisagem como marco referencial e ao mesmo tempo enigma, tendo em vista o caráter multifário de sua atuação no campo cultural também como produtor, compositor, editor, cineasta, performador etc., transita entre protagonistas do tropicalismo musical, da marginália e da poesia concreta, sem a nenhum dos grupos aderir permanentemente, e arquiteta sua obra como uma recusa aos códigos hegemônicos, especialmente em suas “performances poético-visuais” intituladas babilaques, realizadas entre 1974 e 1979, em Nova York, Salvador e Rio de Janeiro. A partir da composição de elementos heterogêneos, em que se amalgamam a escritura, a performance e a fotografia, Waly Salomão produz as tensões necessárias para a irrupção de uma textualidade compósita que se desdobra num continuum multidirecional e multidimensional, através de um conjunto potencialmente infinito de materialidades, no qual a palavra é “[...] o agente que hibridiza o campo sensorial da experiência” (SALOMÃO, 2007, p. 21). Este trabalho tem como objetivo apresentar uma breve análise dos procedimentos composicionais

dos babilaques de Waly Salomão, no que se referem à supressão dos limites de códigos, repertórios e práticas, por meio do acionamento de táticas transescriturais, que constituem um complexo de des/re/territorializações, oscilando entre fixos (articulação do sistema gráfico-visual e de extenso repertório de modos de inscrição) e fluxos (operação de um conjunto de acoplagens e mediações da página tipográfica).

Palavras-chave: Waly Salomão, poesia contemporânea, enunciação

Poesia Agora: produção e crítica da diversidade

LUCAS VIRIATO DE MEDEIROS MACHADO PINTO DE SOUZA (PUC-RIO)

Resumo: O momento atual da poesia é considerado por alguns críticos como de crise, desânimo e estagnação. Em “Poesia e paisagens urbanas”, Antonio Cicero nos dá o pano de fundo desse cenário, ao lembrar que a vitória das vanguardas paradoxalmente levou à impossibilidade do surgimento de novas vanguardas (2005). Com isso, em contraponto com a efervescência do século passado, teríamos agora uma situação de aparente imobilidade no campo da criação poética. No entanto, de outro lado, uma multidão de novos poetas parece seguir seu caminho e levar adiante a poesia, independente da crise e do mal-estar crítico, lidando com o “próprio ridículo” (SISCAR, 2015) que é continuar falando depois que tudo já foi dito. Assim, passadas as agitações e transformações das vanguardas do século XX, passada a poesia concreta dos anos 50/60, passado o período marginal e a sua poesia-vida dos anos 70, passado o reencontro da poesia com a academia dos anos 80/90, quais as tendências apresentadas pela poesia após a virada do século e quais dessas características vêm se apresentando como verdadeiras linhas de força nestes primeiros quinze anos do novo milênio? Através da exposição Poesia Agora, pretende-se explorar o cenário da poesia contemporânea, procurando tangenciar as questões citadas acima. Tal exposição, da qual fui o curador, foi aberta ao público de 26 de junho a 27 de setembro de 2015, no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo. Em 2017, renasceu em sua segunda

edição, exposta na Caixa Cultural de Salvador de 15 de março a 28 de maio. Enfileiraram-se lado a lado, mais de trezentos autores: os mais consagrados, ganhadores de prêmios e editais, e os mais inéditos, desconhecidos, garimpados com persistência, os longínquos. Os que conheci ao longo dos anos de trabalho como editor, os que conheci nas viagens literárias, os que conheci nos eventos, os que vieram por indicação. Os critérios de convocação foram inclusivos, horizontais. Variar as dicções, os temas, as propostas. Para ser poeta, basta estar vivo e se colocar no mundo através da poesia. Em um ambiente de perda de autonomia das artes, a produção poética contemporânea ganha contornos de ferramenta política de inserção social, de criação de mundos, e transformação pessoal e coletiva.

Palavras-chave: Poesia brasileira, Poesia contemporânea, Crítica, teoria e prática literárias, Novos cenários da poesia

65

POESIA CONTRA POLÍCIA: CENAS E FORMAS DE COMBATE NA PRODUÇÃO POÉTICA CONTEMPORÂNEA**Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)**
Tiago Guilherme Pinheiro (UNICAMP)

Resumo: Novas situações sociais, novos arranjos de poder trazem à tona o espectro de antigos problemas: num cenário amplo em que um conjunto de políticas globais e nacionais prepara o terreno para um novo estágio da violência estrutural e de incremento das formas de exploração do trabalho e da degradação da vida comum cabe recolocar, uma vez mais aos pesquisadores do campo das Letras, a velha pergunta sobre como a Poesia e a Polícia se encontram e se confrontam nas diferentes cenas que compõe esse tempo heterogêneo que chamamos de “contemporâneo”. Pensar esse encontro é, desde sempre, pensar o embate entre a potência e o controle, o desregramento e a norma cega, a inquietação da dúvida permanente e a certeza total, sem fissuras ou contraditos. Nesse sentido, são mais do que duas instituições ou práticas sociais que aqui se enfrentam, mas dois modos de conhecer o mundo, duas maneiras de se relacionar com o corpo, o pensamento e as práticas sociais. Entre todas as diferenças que as separam, há no conflito histórico e constante entre poesia e polícia uma zona simbólica comum, constituída pelos modos como ambas buscam fazer um uso particular de linguagem, levando ao limite sua força simbólica. Se a primeira busca fazer da tensão entre som e sentido, texto e gesto, seu modo de constituir mundos, a outra busca instituir o ato performativo total, no qual palavra e ordem, voz e violência, história

e natureza, coincidiriam totalmente, sem arestas ou ambiguidades de qualquer forma: a tentativa de conciliar essas duas visões produziu, no século XX, os piores tipos de pesadelo, como nunca é possível esquecer.

É notório que com o aumento das intensidades em torno de questões como a migração e a xenofobia, a concentração cada vez mais acelerada de riqueza, o desmantelamento geral de instituições públicas, a precarização e instrumentalização do ensino, o abandono de políticas para refrear a destruição ecológica, a evidência cada vez mais cínica do perpétuo estado de exceção em que vivem as sociedades como a brasileira – tudo isso faz com que o aparato policial se difunda cada vez mais, estendendo para todos os lados os seus tentáculos, ascendendo quase incontestemente como principal agente do estado, verdadeira materialização do seu poder. Polícia aqui não se entende apenas como sua manifestação mais patente como aparelho repressor do estado, que tem como objetivo garantir a Lei, agindo ao mesmo tempo como sua encarnação e excesso. Trata-se de um congelamento na própria trama do sensível, na contagem e manutenção dos lugares próprios a cada componente em uma sociedade, consistindo no próprio avesso da política, tal como a descreve Jacques Rancière. A recente situação brasileira, inclusive, oferece exemplos mais que suficientes para que se possa observar também não só a natureza de classe do aparato policial, sua brutalidade excludente e ação continuamente discricionária para com os setores mais frágeis da sociedade, como permite também pensar a transformação dessa instituição violenta e autoritária em verdadeiro paradigma, uma vez que as formas de vigilância e cerceamento da liberdade, bem como de apoio completo ao poder central, vêm se tornando cada dia mais amplas, espalhando-se no corpo da sociedade para além da atuação imediata do aparato policial-militar. É como se se entranhasse na sociedade, de modo acelerado, o estigma do terror e do controle

que governam as instituições voltadas para a repressão e o enquadramento coletivo.

Se a denúncia e a luta direta contra esse estado de coisas não pode ser considerada uma tarefa específica (ou mesmo primordial) da poesia – sem que se lhe inflija uma ordem de restrição qualquer, uma normatização de fundo também autoritária, uma limitação, enfim, a sua própria potência de desestabilização – é necessário reconhecer que a sua vocação sempre foi combativa. E que, particularmente no período moderno, os enfrentamentos com o poder (seja ele estatal ou econômico, cultural ou ideológico) marcaram de maneira decisiva a história da poesia, aguçando suas armas ou revelando, em certos casos, os seus limites letais: a trajetória de Lorca e Brodsky e Pasolini, entre tantos exemplos possíveis, se afirmam aqui. Convém lembrar também que a literatura é um esporte de combate, é pugilista, agonística, para recordar o mote de um curso oferecido por Antoine Compagnon e que faz ecoar uma série de autores, de Homero a Cortázar, de Dante a Carlito Azevedo, e tantos outros no caminho. Diante desse conjunto amplo e heterogêneo de coisas, o presente Simpósio gostaria de acolher trabalhos que se proponham a pensar as múltiplas formas e direções do embate entre poesia e polícia hoje na cultura contemporânea (não só do Brasil), de modo a fazer notar o crescente destino político da poesia produzida no presente entre nós, seu caráter contestatário e anti-*establishment*. Comunicações dedicadas a observar as representações da violência e do terror são bem-vindas, assim como aquelas que querem investigar como, no plano da linguagem e das formas específicas da lírica, a linguagem policial pôde ser aproveitada, bem como as maneiras com que a poesia vem elaborando os contra-discursos com que esmiuçar e combater a fala sem sombras do poder.

Palavras-chave: Poesia contemporânea, Polícia, Violência, Combate

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

O picho e a posse: a rua tatuada na poesia de Reuben da Rocha

FABIO WEINTRAUB (USP)

Resumo: O apagamento recente de pichações e grafites empreendido de modo autoritário pela atual prefeitura de São Paulo traz novamente à baila o estatuto enigmático dessas intervenções, ora vistas como arte, ora como ações de resistência e apropriação do espaço urbano por parte de grupos e dos movimentos sociais que dele se veem alijados pela segregação socioeconômica, pela gentrificação das áreas centrais, pela criminalização da periferia, entre outras razões. Em entrevista recente, a urbanista Paula Santoro afirma que o projeto “Cidade linda”, do prefeito João Doria, “usa um discurso de beleza e feiura para escamotear a tentativa de inviabilizar as ações de resistência e contestação das pessoas e dos movimentos sociais através do grafite. E essa inviabilização se dá por meio do apagamento da presença simbólica dessas pessoas, dessa periferia” (Azenha e Tessitore, 2017). No entanto, se a truculência higienista da administração pública se exerce de modo indistinto contra pichações e grafites, cobrindo a ambos com tinta cinza, cumpre diferenciar tais manifestações a fim de melhor entender seu eventual caráter subversivo. Tereza Caldeira procura distinguir a pichação do grafite, destacando o caráter mais subversivo da primeira forma de intervenção. À diferença dos grafites, de teor artístico, muitas vezes realizados sob os auspícios da municipalidade e até com patrocínio da iniciativa privada, as pichações são coibidas pela polícia e malvistas pela população, que as considera vandalismo. Explica Tereza Caldeira que as intervenções dos pichadores “expõem as características de um espaço público ao qual dispõem de poucas formas de acesso e no qual se sentem forçados a impor sua presença” (Caldeira, 2012, p. 39). Em seu livro de estreia, + realidades que canais de tv, o poeta e performer

maranhense Reuben da Rocha abre-se para os espaços urbanos como um território em disputa, adotando em certa medida procedimentos de escrita que internalizam a lógica e os ideais do “pixo”. “O pixador é ainda + o cavalo das ruas, incorporado pela voz plural dos invisíveis, a selva cifrada q pintam juntos na cidade os pichadores: nuvens de gigantes gafanhotos tipográficos tintográficos riscografogritográficos”. A presente comunicação almeja demonstrar como a figura do pichador se junta na obra de Reuben da Rocha à figura de outros agentes urbanos, como os skatistas e os maconheiros, que estabelecem com a cidade uma relação corporal, criptográfica, resistente à polícia do código e à patrimonialização do espaço público. REFERÊNCIAS AZENHA, Manuela, TESSITORE, Mariana. Olhe antes que apaguem. Revista Brasileiros, n. 114. São Paulo: Brasileiros Editora Ltda., fev. 2017, p. 38. CALDEIRA, Teresa. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. 2. ed. São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2003. _____. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. Novos Estudos, São Paulo, n. 94, nov. 2012. MICAELIA, Caroline: Passos de uma outra dança: dinâmicas e enfrentamentos. ROCHA, Reuben da Cunha. + realidades que canais de tv. Piauí: Pitomba, 2013. WEINTRAUB, Fabio. O tiro, o freio, o mendigo e o outdoor: representações do espaço urbano na poesia brasileira pós-1990. Universidade de São Paulo, 2013 **Palavras-chave:** Poesia brasileira contemporânea, Reuben da Rocha, Arte urbana, Pichação

Aula fora da aula: poesia contemporânea e ocupação secundarista no contexto brasileiro

LUIZ GUILHERME RIBEIRO BARBOSA (COLÉGIO PEDRO II)

Resumo: No final de 2016, em ensaio publicado no site Suplemento Pernambuco, Flora Sússekkind observou a retomada do paradigma da canção do exílio na cultura brasileira, a partir de um poema de Angélica Freitas publicado ele também na internet. Resposta aos desdobramentos ultraconservadores das jornadas de junho de 2013,

a intensificação da relação entre cultura e política nesses últimos anos acabou por elaborar figurações do exílio que, para além do deslocamento ou da expulsão, são também a produção de um enclave de manifestação e resistência à força da lei. As ocupações das escolas de ensino médio por estudantes secundaristas (ocorridas inicialmente na rede estadual de São Paulo em 2015, e posteriormente na rede estadual sobretudo do Paraná mas também de outros estados, ao mesmo tempo que na rede federal de escolas espalhadas pelo país) representaram esse exílio insulado no coração das instituições de formação para a democracia – que são as escolas, principalmente as escolas públicas. Cantar as ocupações começa por revisitar os processos de exílio, pois sendo elas uma tática emergencial para imunizar do exílio uma comunidade, produzem ao mesmo tempo um espaço de exceção onde, tendo estado em falta ou em estado de fragilidade, as relações democráticas possam ser instituídas provisoriamente, enquanto a resistência for possível. Produzindo exceção contra o exílio, exilando-se para não serem exilados, os ocupantes não encontram na regra o pertencimento, e propõem, durante a ocupação, práticas de cuidado da escola que demandam o aprendizado dos “saberes pretos”, pilares de praticamente qualquer comunidade em contexto brasileiro (a limpeza do espaço, o preparo dos alimentos e a segurança da instituição, atividades terceirizadas de baixa remuneração exercidas predominantemente por pessoas pretas e com menor reconhecimento do seu pertencimento à comunidade escolar). Desejando, de acordo com a leitura de Alexandre Nodari (2016), suspender provisoriamente as relações entre sujeito e objeto que organizam as relações entre professor e aluno, e comunidade e propriedade, as ocupações secundaristas intercedem para “limitar a lógica do limite”, e assim a lógica das relações sujeito/objeto. Como, no entanto, as ocupações têm sido cantadas na poesia contemporânea, se não têm sido elas cantadas, na poesia, pelos estudantes secundaristas? Se as práticas textuais escolares têm comparecido nos trabalhos de Guilherme Zarvos (Lições educacionais pra Tintum, 2012) ou em poema

de Leonardo Gandolfi que simula uma questão de prova (Escala Richter, 2015), a prática política da ocupação comparece em poema de Horácio Costa (“Ayers Rock ou a ocupação política do cartão postal”, 2013) e organiza Ocupa, livro de estreia de Dimitri BR, publicado em 2016. Buscando ler a seção do livro “Volta às aulas”, essa comunicação se propõe a considerar como os poemas de Dimitri BR leem os processos de ocupação como “lição de casa” a transformar, desde sua força política, as canções do exílio.

Palavras-chave: Ocupação, Escola, Canção do exílio

A mise-en-scène da poesia em (de) protesto

BÁRBARA XAVIER FRANÇA (UFMG)

Resumo: Em junho de 2016, o músico, compositor e estudioso da literatura brasileira José Miguel Wisnik compartilhou em sua página no Facebook um vídeo que apresenta um jovem negro, baiano e em situação de rua chamado Vitor recitando o poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade. Gravado possivelmente com câmera de celular durante uma manifestação contra o, até então, presidente interino Michel Temer, o curta foi anunciado por Wisnik como “uma das coisas mais transbordantes de sentido que as nossas retinas fatigadas e os nossos ouvidos podem ver e ouvir nesse momento no Brasil. Ele diz a pergunta de todas as perguntas e é a própria resposta de todas as perguntas”. O pesquisador não detém a autoria e não foi o único a publicar o link, mas a sugestão sobre pensar o transbordamento de sentidos possíveis a partir da leitura das imagens (poéticas, cinematográficas) com o contexto brasileiro atual é o que guia esta proposta de trabalho. É noite e há luzes de postes e de faróis de carro. Com barulho de movimentação em vias de minguar, passos esparsos e a insistência de gritos de “Fora, Temer” na banda sonora, o vídeo, de alguma forma, partilha da edição crua e ansiosa, própria aos programas policiais de fim de tarde. Apreendido como “o bandido”, Vitor, no entanto, não é encurralado e indagado, como se esperaria que fosse

dentro da lógica do espetáculo televisivo. Pelo contrário, indaga-nos, ele próprio: “e agora, José?”. Vitor, em uma performance que faz lembrar um rapper durante uma batalha de rima, devolve a pergunta para aquele que o olha. A pergunta que Drummond faz para um mundo em frangalhos pós-guerra, o jovem baiano agora a reendereço, ressignificando versos, deslocando lugares predeterminados ? para o morador de rua, para o manifestante, para o interesse de uma câmera, para a poesia declamada ?, instaurando novos possíveis. Na esteira de Jacques Rancière, exploramos a hipótese de que o vídeo de Vitor dizendo “José” resiste a uma lógica policial especialmente devido a esses deslocamentos. Propomos pensar a irrupção da política na quebra de expectativas que o link proporciona, permitindo, nessas fissuras, o contato com versões não oficiais destes tempos. Se, como diz Jean Louis Comolli, filma-se o inimigo para conhecê-lo e para resistir a ele, Vitor, incorporando o inimigo da sociedade em diversos âmbitos (é o jovem, é o negro, é o marginal, é o poeta), ao ser filmado, destinando a manifestação para o extracampo, impõe perguntas sobre quem e o que resiste no momento atual brasileiro. O trabalho também propõe olhar para outras experiências da relação poesia- manifestações (saraus nas ocupações secundaristas do ano passado, antologias sobre as jornadas de 2013 – “Antologia Vinagre”, por exemplo ?,) para pensar certa mise-en-scène da poesia em protesto.

Palavras-chave: poesia e resistência, manifestação, vídeo, política

Língua de cão: aproximações entre o *Livro das Postagens* e os vídeos da mídia alternativa produzidos em manifestações políticas

MARIA DEL-VECCHIO BOGADO (PUC-RIO)

Resumo: A partir da distinção entre comunicação, ferramenta própria da sociedade de controle, e ato de criação, ferramenta de resistência, apresentados por Deleuze, e também dos conceitos de polícia e política apresentados por Rancière, proponho um cruzamento entre dois objetos notoriamente heterogêneos: o *Livro das Postagens* (7 Letras,

2016), de Carlito Azevedo e vídeos produzidos em situações de conflito com a polícia por coletivos de mídia não hegemônicos, tais como: Mídia NINJA, Mídia Independente Coletiva e A Nova Democracia. A partir de junho de 2013, veículos de mídia alternativa ganham maior visibilidade e desde então tem se destacado ao desafiar o controle narrativo consensual gerido por grandes corporações midiáticas, mas ainda há de ser destacada a estética particular que engendram, que assim como o *Livro das Postagens*, é marcada pela urgência. Esse título evidentemente estabelece um diálogo com o universo das postagens das redes sociais, mas mais do que uma proximidade exagerada, trava com ele um embate. Enquanto a experiência do feed de notícias é marcada por um regime de atenção fluído, a partir do qual se passa de um conteúdo a outro sem se deter muito tempo em qualquer texto ou imagem, a primeira parte do livro, o *Livro do cão*, convoca outra temporalidade. Este fio que vai se desvelando em um longo poema requer uma atenção contínua, detida, imersa. Enquanto o poeta anuncia em diversos versos a ausência do autor, que supostamente deveria estar ali regendo o texto com firmeza, acaba por convoca cada vez mais um leitor crítico. Depois do percurso de fôlego, segue-se para uma fragmentação exacerbada na segunda parte. Diante dessa sugestão reiterada de descontrole, convoca-se um leitor montador. Na linguagem do jornalismo televisivo o comentário do repórter tende a ditar o sentido do que é visto. Para que essa voz se sobressaia absoluta, no campo sonoro convém a ofuscação do som direto, do ambiente; assim como no campo visual convém uma montagem de planos curtíssimos calculadamente entrelaçados para que não durem o tempo necessário para se tornarem visíveis, relegando-os apenas a ilustrações da fala. Já os vídeos dos veículos alternativos, muitos transmitidos ao vivo, são produzidos por pessoas que, nas situações de risco, não tem total controle do que filmam, remetendo a autoria fragilizada do *Livro das Postagens*. Com a urgência de postar, a montagem é deixada para o espectador, lançam planos de longuíssima duração com poucos comentários. Ou seja, convoca-se um espectador mais crítico, também ele montador, que deve criar sentido para o

que vê e escuta. Tanto o livro como esses vídeos borram a partilha do sensível ao problematizar os limites entre autor e leitor (ou espectador). Além do mais, ambos, em alguma medida, resistem a simplesmente comunicar. Como nos lembra Deleuze, não é por acaso que os policiais e autoridades enviam “comunicados”. A informação é antes uma ordem, dita-se o que se deve crer ou fazer. Escapar do regime comunicacional é escapar de uma linguagem propriamente policial, ordenadora, é um gesto político crucial presente nessas elaborações aparentemente tão distintas.

Palavras-chave: política/polícia, Carlito Azevedo, junho de 2013, sociedade de controle

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Naturezas sulfúricas: poesia e anarquismo em Fabiano Calixto

TIAGO GUILHERME PINHEIRO (UNICAMP)

Resumo: A poesia de Fabiano Calixto traça constantes filiações com a noção de anarquismo: trata de um modo tanto de designar sua própria produção, como de reconstituir uma série literária dentro da história brasileira (que incluiria Oswald de Andrade, Drummond, Murilo Mendes, Orlando Parolini e outros) e mundial (os surrealistas, Ferlinghetti, Ginsburg, Heriberto Yépez, e outros). No plano da construção dos poemas, essa relação, entretanto, ultrapassa a nomeação de uma comunidade literária, e converte-se num dispositivo imanente das formas. Em especial, trata-se de ver como a poesia de Calixto busca nas imagens de uma fauna e floras ruínas, sobreviventes no ambiente urbano, tais como ratos, pombos e cães sarnentos, um modo de entrever fissuras formais, visões plásticas (constitutivas e explosivas) das formas de vida nas grandes cidades. Desse modo, poesia e anarquismo estariam ligados de modo tenso a uma política ontológica. Veremos

como esse conflito entre fábrica e canção, entre técnica e natureza, entre cidade e primitivismo, entre humano e animal, inseridos no ambiente urbano ruinoso, permite a Calixto imaginar uma estética que se opõe a dimensão existencial que podemos designar como policial.

Palavras-chave: Poesia brasileira, Fabiano Calixto, Anarquismo, teoria da poesia

Linguagem, percepção e movimento em *As aventuras de cavalo Dada em + realidades q canais de TV*

JOÃO GONÇALVES FERREIRA CHRISTÓFARO SILVA (UFMG)

Resumo: Pretende-se, nesta comunicação, apresentar uma leitura de *As aventuras de cavalo Dada em + realidades q canais de TV*, de Reuben da Rocha (vulgo cavalodadá), levando em conta a correlação que parece haver, nesse livro, entre desautomatização do uso da linguagem, a desautomatização da percepção e a desautomatização do movimento corporal. Escrevendo e pensando a partir de figuras urbanas marginalizadas – o skatista, o pixador – o poeta vai formando um corpo poético híbrido e anárquico, feito de imagens gráficas, colagens e texto escrito, no qual se desenvolvem formas de pensar e perceber que não se enquadram nos códigos que regem nossa relação normalizada com o mundo. Linguagem, percepção e movimento tornam-se homólogos em sua oposição a modelos de expressão e percepção codificados: assim como a absorção de traços da linguagem utilizada em interações via internet representa a libertação em relação a um código gramatical dominante, os skatistas “raciocinam o espaço ocupado: ão o espaço maquete” e a maconha possibilita que o corpo corra “fora do tempo e da história”. Une-se a isso a constante interpelação do leitor, em especial na seções “Teste de indeterminação induzida” e “Construa vc mesmo seu calibrador de onda”, constituídas por receitas e instruções, nas quais a forma imperativa do modelo genérico é corroída pelo caráter disruptivo daquilo mesmo que se sugere que se faça.

Palavras-chave: Poesia brasileira contemporânea, Estranhamento, Desautomatização

Dispositivos de controle e descontrolo: três semblantes da pane em Lucas Matos

RAFAEL ZACCA (PUC-RIO)

Resumo: Sabemos, com Jonathan Crary, que os dispositivos de controle e descontrolo social se conjugam na submissão e no aniquilamento dos corpos no cenário do capitalismo: seja para torná-los produtivos, seja para eliminar as diferenças, mais que a normatização, estão em ação, hoje, mecanismos de operacionais dos corpos. O cenário fora definido também na atualização que Deleuze realizou da sociedade disciplinar constatada por Foucault. Paralelamente a essa mudança de paradigma das relações de poder, vemos surgir também a captura dos dispositivos de resistência pelo direcionamento do descontrolo na sociedade produtiva – de tal modo, que a força revolucionária do hedonismo, da fuga da cidade e da reunião dos jovens, nos anos 1960 por si só revolucionária, hoje não tem necessariamente um poder imediatamente contestador. Diante de um cenário de desespero político, por parte daqueles que resistem, talvez seja instrutivo atentar para as formas de combate que operam na dicção de algumas e alguns poetas contemporâneos: parece haver certa poesia, hoje, que, antes de ser capturada pelos dispositivos de controle e descontrolo induzidos pelo capital, capturam-no, antecipando a sua entrega, para poder com ela conviver por mais tempo. Tal convívio se dá em favor de um encontro (se quisermos agora o auxílio de uma imagem) com uma máquina, cujo complexo pretende-se sabotar. É o caso de poetas como Franklin Dassi Alves, em *Grandes Mamíferos*, Liv Lagerblad, em *O crize*, e Lucas Matos, em *Três semblantes*. Nos três casos citados, é a dicção que se antecipa à captura do capital e utiliza os seus instrumentos, pervertidos em suas funções originais, de modo a desfuncionalizar o sujeito de suas relações produtivas. Acontece qualquer coisa como uma corrupção do sistema operacional. De que maneira isto se torna um ato político, se é, de todo modo, talvez restrito ao falante da obra, que é sempre um falante suposto? A passagem política acontece talvez no

registro das sensibilidades conviventes no seio da pólis: quero propor aqui que há certa afecção entre os fazeres que se colocam numa mesma pólis, isto é, que a política se dá menos pelo discurso que pelo modo como cada dicção contamina outros modos de sentir e fazer coisas na cidade. Jacques Rancière é aqui uma referência fundamental, para compreender como, naquilo que o filósofo reconhece como sendo a “partilha do sensível”, ocorre o intercâmbio político-estético entre as formas de sentir e fazer dos conviventes. Proponho, nesta apresentação, três formas de sabotagem operacional na poesia de Lucas Matos: a hipertrofia do sentimento de dívida na série de poemas sobre Marianne K.; a paranoia generalizada nos textos dedicados ao espião Silas; e os mecanismos de controle e descontrolo corporais (no poema “17 segundos”) e mentais (no poema “O discurso do Rabi Al’zheimer a favor da distinção entre meninos e velhos”).

Palavras-chave: Lucas Matos, controle, descontrolo, poder

Nos corredores do mundo: encontro e belicosidade em *Jóquei*, de Matilde Campilho, e *Arredia*, de Karina Couto

PAULO ROBERTO BARRETO CAETANO (CEFET-MG)

Resumo: A enumeração caótica tem lugar significativo na produção literária de diversos tempos e latitudes. Parte da produção contemporânea parece se apropriar de tal expediente a fim de pensar o lugar do enunciado (aparentemente) banal, lançando luz sobre imagens (inicialmente) opacas para então fazer luzir aquilo que, por exemplo, a rotina embotadora costuma abafar. Em *Jóquei*, de Matilde Campilho, são vários os poemas que arrolam “encontros-signos” ou “itens-signos” entre dois personagens para sugerir uma potência de vida (seja por uma afetividade, seja por um desejo de resistência) que não se deixa solapar por uma urbe (como é o espaço de vários poemas da portuguesa) tão apressada quanto insossa. Por sua vez, a performance “*Arredia*” (2016), de Karina Souto, usa da lista para denunciar em espaços públicos o assassinato de travestis. Os dois textos (o livro de poemas

e a performance), para além da proximidade temporal, podem ser aproximados pelo afã enumerativo, o qual deixa emergir uma “sujeito requerente”, ou seja, aquele que anseia uma subjetividade sem o afeto do medo, como coloca Safatle (2015), ao discorrer sobre o amor e a heteronomia sem servidão. A comunicação assim pretende observar a enumeração que perpassa os dois textos tendo em vista a tensão entre encontro e belicosidade.

Palavras-chave: enumeração, belicosidade, afeto, encontro

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

Mundo inimigo: Pasolini e a poesia brasileira contemporânea

GUSTAVO SILVEIRA RIBEIRO (UFMG)

Resumo: Um dos aspectos mais marcantes da poesia fortemente política que vem sendo produzida no Brasil dos últimos anos, e até aqui ainda pouco estudado em toda a sua extensão, é a presença (diríamos mesmo a reivindicação) de Pier Paolo Pasolini na cena poética do país. Mais do que apenas uma referência cultural e literária entre outras, o trabalho em torno ao legado de Pasolini parece assinalar a aproximação a um conjunto de questões (formais, ideológicas, políticas) que vem se afirmando com muita força na poesia contemporânea, fazendo com que a menção do seu nome, o diálogo com seus textos e filmes, a consideração, enfim, da sua obra como um marco decisivo para os que hoje escrevem poemas no Brasil, possa ser vista como uma tomada de posição, mais do que como um gesto de erudição ou ato celebratório qualquer. O trabalho de Pasolini, sua poesia em particular, é multifacetada: às vezes torrencial, próxima da prosa e do ensaio, ela se alimentou também, tantas vezes, das formas arcaicas e do despojamento da língua das ruas. A problematização dos restos do fascismo, seu lugar na língua e na cultura, na história e nas formas

de representação, é outro elemento que a singulariza, assim como a aproximação intensa que realiza entre sexo e política, entre o desejo erótico e a contestação ao poder. Todos esses elementos, somados à dicção de combate e mobilização que a atravessa, podem ser vistos na poesia brasileira do presente, em escritores que, mesmo muito diferentes entre si (Carlito Azevedo, Ricardo Domeneck, Eduardo Sterzi, Fabiano Calixto, Franklin Alves Dassie), têm procurado assumir o legado ao mesmo tempo anárquico e cerebral do autor de “As cinzas de Gramsci”, de modo a assinalar, quem sabe, que aquelas estratégias compositivas, aquele modo particular de misturar o ético e o estético que se encontra em Pasolini, sejam questões decisivas para o contemporâneo, modos de reinscrever a urgência política do presente no corpo do poema sem cair na linguagem gasta e codificada da “art engagé” de períodos anteriores. É significativo observar também que, junto ao próprio texto do poeta italiano, apareça com frequência na cena poética brasileira o seu cadáver mutilado, o corpo torturado do poeta morto por seus inimigos. A presença da morte, a selvageria do ataque até hoje não esclarecido, vai conferir um sentido suplementar a sua figura e ao seu trabalho: quase como uma conclusão lógica de um percurso acidentado e de lutas tanto à direita quanto à esquerda, o assassinato do poeta serve como um emblema do lugar esquivo e problemático, do não-lugar, enfim, de certa poesia no mundo presente - dado igualmente reivindicado pelos poetas brasileiros em tela.

Adversária direta da alienação da cultura, sua mercantilização quase absoluta, bem como de todas os modos de controle e autoridade (o Estado Policial, a estratificação de classes, os regimentos do corpo, as fronteiras nacionais ou linguísticas), ela não é outra coisa que uma máquina de guerra lírica, estando exposta, assim, às consequências violentas da atitude fundamental que escolhe para si: a recusa.

Palavras-chave: Pasolini, Poesia brasileira contemporânea, Desejo, Política

Política e poesia brasileira contemporânea: algumas considerações a partir de dois textos de lumna M. Simon e Antonio Cicero

MAURÍCIO CHAMARELLI GUTIERREZ (UFJF)

Resumo: Este trabalho gostaria de pensar os lugares assignados à poesia brasileira atual por dois gestos teóricos de pendor panorâmico (que não procuram tratar de obras singulares mas se referir a esse sintagma ambíguo “poesia contemporânea brasileira” ou “poesia moderna”). Por um lado, o ataque empreendido por lumna Maria Simon em “Condenados à tradição”, saído na Revista Piauí em 2011; por outro, o “Poesia e paisagens urbanas”, de Antonio Cicero, publicado em 2000 no livro Mais poesia hoje, organizado por Célia Pedrosa e, em 2005, em versão ampliada, como texto de abertura do segundo livro do próprio autor. De um lado, o tom policialesco de juízo, o texto centrado na ideia de “(re)tradicionalização”, querendo isso dizer a utilização de formas tradicionais como sintoma de um divórcio entre a poesia e seu próprio tempo. Do outro lado, o caráter de manifesto em tom menor, a formulação apaziguadora (que não oculta, e nem precisaria ocultar, a primeira pessoa interessada que formula um lugar para sua própria prática poética) de um lugar aberto e amplo para a poesia em nossa época, considerada como a que se segue ao fim do ciclo das vanguardas e à realização – supostamente completa – de sua tarefa histórica. Gostaria de centrar essa leitura em torno do único elemento sobre o qual os textos parecem concordar – o diagnóstico do fim do ciclo histórico das vanguardas: em Simon esse fim parece provocar certa dificuldade em identificar o que seria o novo sujeito singular que escreve a história da poesia brasileira, marcadamente a partir da década de 90 – dificuldade essa que vem à tona na extrapolação violenta de um diagnóstico sobre a “poesia brasileira contemporânea” a partir de duas falas isoladas de dois poetas específicos (quase como se a retraditionalização fosse somente o pretexto para uma tese de fundo não formulada: a de que o fim das vanguardas implica o fim das relações políticas da poesia com a história e com o tempo); em Cicero, por outro lado, um total recalque do imbricamento histórico entre a vanguarda

política e a vanguarda artística acaba, por um lado, assignando à esta última uma tarefa estritamente conceitual (o feito histórico da vanguarda foi o alargamento infinito da nossa compreensão da essência da arte e da poesia) e, por outro, situando a poesia atual em um lugar excessivamente estetizante (encerrado o período da “abertura”, resta aos poetas somente ocupar o espaço aberto como a cada um aprouver, cabendo somente a avaliação de cada obra do ponto de vista do belo e do “feito estético”). O que parece se perder em ambos os casos é a possibilidade de repensar as relações entre poesia e política em nosso tempo: primeiramente, um pensamento da obra ela mesma como criação e distribuição de corpos ou povos por vir, pelos quais, portanto, o velho sujeito coletivo da vanguarda não está em condições de responder; a partir disso, em segundo lugar, uma mudança no estatuto dos sujeitos históricos – ou antes uma inquietação com os nomes com que se escrevem a história (da poesia).

Palavras-chave: Poesia contemporânea brasileira, Política, Vanguarda

Na escuridão dos tempos: Amor, Política e Poesia

DANIELLE HENRIQUE MAGALHÃES (UFRJ)

Resumo: O amor é cego. A justiça é cega. Homero é cego. O contemporâneo fita o escuro. Nestes tempos, extinção tem sido a palavra de ordem. A violência não cai do escuro. Tudo está às claras: não mais se esconde por trás da política a sombra da polícia: ela se mostra de frente, por trás, por todos os lados as duas em uma, por cima e por baixo somos violentamente penetrados por uma máquina de extermínio. Derrida começa Espectros de Marx dizendo que não vivemos melhor, mas vivemos mais justamente se aprendemos a viver com os fantasmas, sendo essa uma questão ética – não restrita ao direito (à dívida), mas dizendo respeito ao dom, a um irreduzível deslocar-se. Hannah Arendt, em O que é política?, diz que, já em Homero, “agir” e “falar” foram a mesma coisa. A palavra não estava a serviço da ação nem da explicação da ação: falar era uma espécie de ação. Sabemos que a linguagem está em uma “relação excessiva ou

excedida para com o outro” (DERRIDA), uma vez que a linguagem é uma experiência do fora, instaurada na ética e voltada para o outro e desde o outro. Desde a antiguidade, política e liberdade nunca foram a mesma coisa, apesar de sempre estarem em relação. Quando a vida passa a ser uma questão política, isso significa que a política passa a ser uma ameaça à vida. Seu conteúdo é a força. Compreendida em uma relação de meios e fins, a política nada mais é do que um meio para atingir uma finalidade que está para além dela, do que ela mesma pode assegurar. Seu objetivo deveria ser a vida, mas hoje ela cai como uma ameaça à própria vida. Os veículos de comunicação, a mídia, estão a serviço do poder. Guy Debord, em *All the King's Men*, diz: “Não se trata de colocar a poesia a serviço da revolução, mas sim de colocar a revolução a serviço da poesia.” Rimbaud, em Carta ao vidente, diz: “a poesia não ritmaria mais a ação [como era na Grécia]. Ela está à frente.” Hoje, a poesia não está a serviço do poder: a política está muito aquém da poesia. Guy Debord diria ainda: “Ora, o que é a poesia, senão o momento revolucionário da linguagem, não separável enquanto tal dos momentos revolucionários da história e da história da vida pessoal?”. Neste momento em que a política ameaça a vida, e a poesia, ao contrário, coloca-se à altura da vida, estaria ainda a palavra separada da ação? Neste momento em que a política é um meio para um fim que está além dela mesma, seria a poesia um modo de se recuperar a política? Neste tempo em que tudo está às claras, algo como a miopia, ou mesmo um tipo de cegueira, parece ser uma demanda do pensamento. Como ir aos mortos, ou ir ao amor, ou ir à política, ou ir à poesia, ou ir ao tempo senão vendo o que não é iluminado pelas luzes do nosso tempo?

Palavras-chave: Poesia, Política, Filosofia, Amor

Poesia e resistência: Impossível como nunca ter tido um rosto

JULIANA VELOSO MENDES DE FREITAS (UFMG)

Resumo: Um dos grandes temas de Hannah Arendt foi o totalitarismo, uma nova forma de dominação engendrada na Modernidade que se consolida destruindo a disposição do envolvimento para a discussão do

destino comum do povo e aniquila os espaços públicos para o encontro dessas discussões. Esse regime se constrói dentro da democracia gradualmente e uma sociedade pode conviver com vários elementos dessa forma de dominação antes que ela se instale por completo. Tais elementos agem como correntes subterrâneas e de forma sutil minam a participação do sujeito na vida pública. Manipulando afetos, o totalitarismo opera desatando e fomentando o ressentimento, que concede um forte sentimento identitário. O sujeito ressentido não responde como sujeito político e sim como vítima. Assim, ele não gera ações capazes de emular o espaço público, tornando-se estéril e intolerante, negando o outro e reduzindo o horizonte da igualdade. Pensar a discussão sobre o totalitarismo proposta por Arendt em nosso contexto é caminhar com uma vela em mãos: que na tentativa de nos iluminar, revela a escuridão sem fim que temos adiante. A inexistência de uma esfera pública brasileira e a dificuldade de abrir essa esfera em um país que não fomenta o cultivo do indivíduo beira a impossibilidade, haja vista que em nosso ambiente patriarcal nacional não há uma separação nítida entre o público e o privado. O predomínio constante das vontades particulares nos espaços de domínio público corrói a contingência da formação/abertura da esfera pública. O viver no outro, primando mais o cultivo do externo que do interno, a ausência da concentração espiritual, observada por Antonio Candido, corroboram para que os problemas de nossa sociedade ou sejam tratados e debatidos em esferas fechadas e especializadas, como as universidades, ou não sejam debatidos de forma nenhuma. A palavra polícia tem origens no vocábulo latino *politia*, e no grego *politeia*, possuindo a raiz *polis*, termo que significa cidade. Polícia é um desdobramento da cidade e, conseqüentemente, da coisa pública. É sintomática a violência emanada dessa instituição e sua postura belicosa contra a *polis* e o público. As correntes subterrâneas do totalitarismo anulam a esfera pública e alimentam o sectarismo e a intolerância. Instituições formadas pelo povo com a finalidade de servir a esse povo se mostram

desinteressadas do bem comum coletivo e, ao não reconhecerem a alteridade, enxergam os outros (que também são eles próprios) como inimigos. Pensemos, então, que o fazer poético abre campo para a discussão sobre a realização da poesia como um ato político e como uma das ferramentas de tentativa de abertura e cultivo de uma esfera pública. Consideremos a poesia como um dispositivo de pensamento e de resistência, de comunicação e desnaturalização da violência; com a cautela de não submetê-la à ideia de arte como panaceia para os males do mundo. Para tanto, esta comunicação propõe um breve estudo de Impossível como nunca ter tido um rosto (2015), mais recente livro do múltiplo artista, poeta e editor, Ricardo Aleixo, à luz das questões contemporâneas de resistência, liberdade e experiências estéticas e políticas transformadoras.

Palavras-chave: poesia, esfera pública, Hannah Arendt , Ricardo Aleixo

66

POESIA E INTERFACES: OPERAÇÕES, COMPOSIÇÕES, TRADUÇÕES

Marcelo Jacques de Moraes (UFRJ)
Masé Lemos (UNIRIO)
Maurício Mendonça Cardozo (UFPR)

Resumo: As experiências poéticas contemporâneas envolvem questões teóricas e críticas diversas, estabelecendo relações e tensões entre meios artísticos e campos do saber diversos, bem como sondando modos de criação, de circulação e/ou de exposição do que ainda se pretende pensar nos limites da poesia – ou para além deles. Interessamos, portanto, de maneira geral, refletir sobre a configuração atual do domínio da poesia especialmente a partir de suas interfaces com outras práticas de produção de sentido que continuem, de maneira explícita ou não, a reivindicá-la, ainda que negativamente.

Assim, por exemplo, alguns temas que nos parecem pertinentes: a articulação da obra propriamente literária de um autor com sua reflexão crítica sobre a própria escrita e sobre a de outros escritores que ele porventura eleja como seus contemporâneos, bem como com sua reflexão crítica sobre a tradução de si e de outros autores; a questão fundamental da sintaxe da frase poética e seus modos de encenação da relação entre o verso e a prosa; a relação da poesia com outras artes; a produção de imagens na poesia a partir da tensão entre o figurativo e o literal; a força dos intertextos e da apropriação das obras umas pelas outras, bem como as questões teórico-críticas que movem suas traduções e retraduições; o trabalho de invenção linguística e sua relação com as línguas que proliferam cada vez mais intensamente por meio das mutações mediáticas; a retórica das vanguardas, seus impasses históricos e sua eventual superação; as posições antipoéticas

e a necessidade da literatura como instituição; a ironia na relação com a vida literária institucionalizada e seu alcance político; as noções de dispositivo e de performance e seu agenciamento prático no domínio da poesia; a autonomia da poesia e sua disposição própria ao pensamento; a problematização dos regimes de representação preponderantes na historiografia da poesia e da arte moderna; o regime artístico e a produção de subjetividades; a tradução da poesia em diacronia, sincronia ou anacronia, bem como a questão da contemporaneidade e da extemporaneidade da tradução poética.

Nosso simpósio tem, em suma, por objetivo discutir a poesia contemporânea – tomamos aqui o adjetivo no sentido prático, não polêmico: a poesia que se lê nos dias de hoje – com especial atenção às formas próprias de morte e vida do que se conceba como obra poética, às suas estratégias de criação, de reflexão, de exposição e de tradução, abordando questões como as relações de apropriação e expropriação entre a poesia e os vários meios de expressão artística, suas afinidades com a história das formas e com a filosofia contemporânea, a tensão entre a experiência e o experimental que nela se revela, ou, ainda, o lugar da tradução como prática de leitura e/ ou de criação.

Palavras-chave: Poesia, Crítica, Interfaces, Tradução

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

Qualidades para uma poesia sem qualidades

MASÉ LEMOS (UNIRIO)

Resumo: A poesia – e também o seu discurso crítico e teórico – é marcada pela interrogação acerca de sua especificidade, afinal, que qualidades transformam objetos verbais em objetos poéticos? O que faz a poesia ser poesia? Diversas definições ontológicas acerca do que seria poesia (Valéry, Jakobson, Todorov), além de definições

programáticas, foram sendo assim construídas. Essas interrogações retornam no contemporâneo como reviravolta, mesmo que em paralelo, o trabalho de definições, principalmente retrospectivas, continue sua marcha. Reviravolta, pois não há mais interesse em definir, em marcar as qualidades inerentes e portanto reconhecíveis da poesia. As qualidades exigidas para uma poesia (e para uma arte) sem qualidades são justamente aquelas que não visam necessariamente a criar marcas reconhecíveis para a poesia, e que sejam por isso capazes de reinventar o campo crítico e teórico. Nesse sentido, o crítico e teórico francês, Jean-Pierre Cometti publicou, em 1999, “L’art sans qualité”, alusão ao romance de Robert Musil “O homem sem qualidades”. Segundo Cometti, essa ausência de qualidades poderia ser vivida como “maldição” pela perda das certezas do homem moderno, como “aspiração” à pureza ou ainda como “possibilidade” de novos caminhos ainda a serem construídos. É a partir dessa última acepção, qual seja, de uma abertura a novas possibilidades, que Cometti constrói sua leitura sobre a arte do século XX. O poeta Christophe Hanna, assim como Cometti ligado ao grupo “Questions théoriques”, empreende leituras teóricas e críticas da poesia no contemporâneo a partir desse viés do “sem qualidades”. Assim, em vários ensaios, designará, por exemplo, a poesia “poor”, a poesia literal, a pós-poesia de Jean-Marie Gleize, como “poesia sem qualidades”. Por sua vez, o poeta português Manuel de Freitas publica em 2002 a hoje célebre antologia “Poetas sem qualidades”. No prefácio intitulado “O tempo dos puetas”, que abre sua antologia, Freitas afirma que a “um tempo sem qualidades, como aquele em que vivemos, seria no mínimo legítimo exigir poetas sem qualidades”, procurando por “vozes desalinhadas e descontentes”. Tendo em vista que esses poetas acima mencionados não se conhecem, trata-se aqui de tentar discernir proximidades e diferenças entre essas poéticas para mapear questões que transitam no extremo contemporâneo.

Palavras-chave: Poesia contemporânea, Christophe Hanna, Jean-Marie Gleize, Manuel de Freitas

“Write with merda”: a persistência de Ulisses e alguns resíduos de erudição literária em gigolô de bibelôs, de Waly Salomão

GUSTAVO SCUDELLER (UNIFESP)

Resumo: A convergência entre corpo e erudição constitui uma das facetas mais intrigantes da poesia de Waly Salomão. Em Gigolô de Bibelôs, o entrelaçamento dessas duas linhas de interesse pode ser reconhecido na frequência com que cenas de violência e tortura, de dejeção e defesa das necessidades mais elementares do corpo coincidem com reflexões sobre o estatuto do próprio fazer poético e literário, sobre seus lugares de inscrição e sobre o papel que a tradição literária e a cultura do livro ainda exercem sobre essas formas de criação na atualidade. Essa tensão se evidencia bem numa passagem de “Self-portrait”, texto em prosa poética de Me segura qu’eu vou dar um troço!, livro incluído em Gigolô de Bibelôs como um de seus capítulos. Nela, o poeta esboça o roteiro da cena de um filme na qual um poeta baiano surge lendo Ulisses no banheiro, enquanto se esforça para se aliviar de uma constipação. Sem sucesso, o protagonista passa a refletir sobre a semelhança entre as inscrições do banheiro e aquelas dos bancos de ônibus e imagina compor uma obra literária apenas com essas inscrições, ao que acaba concluindo, frustrado: “cu não é tinteiro dedo não é pincel parede não é papel”. A conclusão, proibitiva — e, embora formulada em baixo calão, ainda perfeitamente alinhada com a visão tradicional acerca dos materiais e dos espaços de circulação do poético —, é imediatamente contrastada com sua reformulação, em tom provocativo, de manifesto: “write with merda: cu é tinteiro dedo é pincel parede é papel”. A passagem, muito breve, é uma das raras e mais exíguas em que a figura de Ulisses é referida no livro — e, ainda nesse caso, de forma enviesada e indireta, pois já relida, em termos modernos, pela obra de Joyce. Isso não neutraliza seu interesse e sua força, no entanto: mesmo reduzido à privada, na figura do protagonista da cena, Ulisses — de Homero ou de Joyce — continua servindo de superego e modelo a partir dos quais o poeta pode refletir sobre as

condições existentes para a literatura dar alguma dignidade ou sentido para vida na atualidade. Nesse contexto, a erudição literária, mesmo que aparentemente abandonada pela busca de novos suportes e experiências, acaba dando mostras de vitalidade, na medida em que se projeta como um dos horizontes na direção do qual essa poesia continua se produzindo. Pensando nisso, nossa proposta para essa comunicação é discorrer sobre esta e outras passagens da obra de Waly, procurando demonstrar como, em tais casos, a literatura e a leitura se apresentam como atividades vitais indissociáveis dos indivíduos e igualmente colocadas em risco com eles quando sua integridade física é posta sob ameaça em razão de mudanças súbitas nas circunstâncias ou nas formas de ocupação da vida que exercem pressões sobre eles, como a política, a economia e o mundo do trabalho.

Palavras-chave: poesia, poéticas do corpo, erudição, Waly Salomão

O retorno do real nas poéticas contemporâneas: uma leitura da “pedra” e do “cão” em Carlito Azevedo, Ricardo Domeneck e Marília Garcia

JULIANA BRATFISCH (UNICAMP)

Resumo: A perspectiva de tensionar os limites daquilo que na modernidade foi nomeado “poesia” parece ser um dos horizontes atuais mais relevantes da poesia contemporânea. Na França um dos debates atuais mais interessantes nesse sentido é aquele que contrapõe certas poéticas da “literalidade” como as de Jean-Marie Gleize, Pierre Alferi, Nathalie Quintane e Emmanuel Hocquard a um “novo lirismo”, como podemos ler em um artigo de Michel Collot. No Brasil, ainda que de modo distinto, parece haver uma tentativa atual de conciliar em certas poéticas contemporâneas tanto um realismo radical inspirado no objetivismo norte-americano dos anos 1930 como sua releitura de matriz pongiana feita pelos franceses nas últimas décadas com uma releitura da modernidade de matriz cabralina em poetas como Carlito Azevedo, Ricardo Domeneck e Marília Garcia. Trata-se, entretanto, de um retorno do real traumático, pois o olhar objetivo nessas poéticas

é sempre um estado provisório, um deslocamento necessário para também afirmar certa subjetividade. Como na análise feita por Hal Foster de Andy Warhol, o realismo traumático aqui é menos uma categoria em si mesma – não queremos diagnosticar o trauma da poesia brasileira contemporânea, pois isso nos levaria certamente a uma avaliação negativa de tais poéticas em relação às poéticas modernistas – do que uma noção heurística, uma maneira de sair da oposição entre pura referencialidade e puro simulacro. Repetir certas imagens presentes em poéticas modernistas parece ser um modo de reler a tradição propondo que a poesia não seja nem rigor e objetividade, nem espontaneidade e subjetividade, mas algo que se dá no intervalo de ambas as posturas. Seria, portanto, na utopia do literal – mais programático em algumas poéticas do que em outras – que apareceria uma crítica do sujeito ainda centrada no sujeito. No que concerne à apresentação proposta para este simpósio, farei uma leitura das imagens da “pedra” e do “cão” nesses três poetas visando propor uma discussão mais ampla das relações entre objetivismo e poesia contemporânea.

Palavras-chave: objetivismo, literalismo, poesia contemporânea

A concepção do “poético” no discurso crítico sobre obras audiovisuais: os filmes e vídeos de Cao Guimarães

CARLA DA SILVA MIGUELOTE (UNIRIO)

Resumo: O presente trabalho pretende contribuir para uma investigação acerca da concepção do “poético” quando o termo se encontra referido a obras audiovisuais. Compreende-se que a relação entre cinema e poesia não são imutáveis, uma vez que nem a poesia nem o cinema são imutáveis, mas se revestem de formas distintas ao longo do tempo (o próprio termo audiovisual usado, aqui, como uma concepção alargada do cinema). Atestando uma notável vitalidade, as relações entre as duas artes são tão mutáveis e plurais quanto as diversas práticas que se abrigam sob o nome de cada uma delas. Nesse sentido, parte-se da revisão da concepção do “poético” nas teorias de alguns cineastas (Luis Buñuel, Jean Epstein, Andrei Tarkovski e Pier Paolo Pasolini) para, em

seguida, trazer o debate para o contexto contemporâneo, em que as produções no campo da videoarte trazem novos contornos à distinção entre um “cinema de prosa” e um “cinema de poesia”. Trata-se, mais especificamente, de investigar os usos e ocorrências dos vocábulos “poético”, “poética”, “poesia” em textos críticos acerca dos filmes e vídeos do artista brasileiro Cao Guimarães. Tal investigação se insere na linha do estudo “Qu’est-ce qui est ‘poétique’? Excursion dans les discours contemporains sur le cinema” (2012), das pesquisadoras francesas Nadja Cohen e Anne Reverseau. Partindo da constatação de que o adjetivo “poético” é constantemente usado na crítica contemporânea de cinema, embora nunca definido com rigor nesse campo, as pesquisadoras rastreiam os usos do termo e observam que suas recorrências convergem para três concepções do poético fora do campo da poesia: “a oposição a uma norma, em particular narrativa, o embaralhamento entre as fronteiras do sonho e da realidade na linha dos surrealistas, e a concentração sobre seus próprios meios encarada como um essencialismo” (2012, p. 174, tradução minha). Ora, a oposição à narrativa e a concentração sobre os próprios meios são frequentemente apontadas como práticas características da videoarte. Renato Rezende e Katia Maciel, por exemplo, pensando os gêneros artísticos de acordo com o uso que fazem de sua linguagem (prevalência dos procedimentos técnico-formais, no caso da poesia, e dos procedimentos narrativos e semânticos, no caso da prosa), propõem transcender a questão do meio (a imagem ou a palavra) e do suporte (a película e a página) para alinhar, de um lado, a videoarte e o poema, e, de outro, o cinema narrativo e a prosa de ficção. Os autores defendem, nesse sentido, que algumas produções no campo da videoarte poderiam ser consideradas como poesia em campo ampliado. Uma das questões que se encontram no horizonte deste estudo consiste, portanto, em se perguntar sobre as operações críticas que permitiriam diferenciar um vídeo poético, um videopoema e um vídeo entendido como poesia em campo ampliado.

Palavras-chave: Cinema, Poesia, Videoarte, Cao Guimarães

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Da objetividade à destinação

MARCOS SISCAR (UNICAMP)

Resumo: O antagonismo entre poesia da coisa e poesia do sujeito baseia-se em uma falsa oposição. Não há poesia da coisa que não seja discurso de um sujeito; e não há poesia do sujeito que não envolva a objetivação de determinada experiência. Esse antagonismo, entretanto, tem um sentido histórico e crítico determinante: não apenas oferece uma narrativa possível da poesia moderna, como caracteriza certo modo de mobilização da capacidade crítica pela poesia. A oposição à poesia do sujeito (entendida como “lirismo”) é, de fato, uma das estratégias por meio das quais a poesia apresenta sua ambição crítica, ao longo do século XX e XXI. A esse propósito, é interessante notar que, tomado como discurso subjetivo, sentimental, fluente e figurado, o lirismo é combatido em nome da objetividade, quer seja a objetividade das “coisas” (em oposição à imprecisão sentimental) quer seja a objetividade do “real” (em oposição às idiossincrasias da primeira pessoa). Em ambos os casos, trata-se de reorientar o olhar, dirigindo-o para o mundo exterior e, portanto, de ajustar a poesia às ambições de uma atitude mais ativa no que diz respeito à “realidade”. A objetividade, em suma, é uma noção estratégica para o ideal de poesia crítica, embora muito raramente seja assumida sem nuances. A discussão francesa recente em torno da “literalidade” deixa muito clara a complexidade desse gesto que é ao mesmo tempo antfigurativo e anti-institucional, ou seja, antipoético. Na poesia brasileira, essa tradição é influente, embora não tenha sido suficientemente caracterizada. Se a consolidação das obras modernistas não deixa de reunir indícios sobre esses dois campos semânticos da objetividade, Cabral o formaliza certamente do modo mais consistente, a exemplo do que fazem obras como a de

Ponge, na França. Seria possível dizer que a vanguarda concretista, por sua vez, desloca e reforça o paradigma, colocando-o no próprio centro da reflexão sobre a poesia, ao trazer para o primeiro plano o flerte com uma visão regrada da criação. Não por acaso essas são algumas das obras brasileiras nas quais a semântica da “antipoesia”, da contraposição ao “poético” como tal, aparece de modo mais enfático. Nelas, a exigência de objetividade, opondo resistência à subjetividade lírica, se associa a uma suspeita relacionada à poesia, entendida como instituição do “lirismo”, alienante e passiva, numa atitude que se quer poética e política simultaneamente. A proposta deste trabalho é levantar algumas pistas que permitam formalizar o problema no âmbito da poesia brasileira recente, apontando para a necessidade de um deslocamento da relação opositiva entre sujeito e objeto. Trata-se de constatar que uma das consequências do declínio do teor de “objetividade” na poesia brasileira, relacionado à vanguarda, não abre exatamente para a ideia de pluralidade do real, mas para a emergência da questão do “endereçoamento” ou da “destinação”.

Palavras-chave: Poesia brasileira, Poesia contemporânea, Lirismo e objetividade

Josely Vianna Baptista: uma poética xamânica da tradição e da tradução

CELIA PEDROSA (UFF)

Resumo: Nossa pesquisa tem como ponto de partida a reflexão sobre a produtividade do uso pelas críticas literária e artística contemporâneas das noções de crise e expansão, pensadas aqui em sua interação mutuamente desestabilizante. Através da focalização das diferentes atividades de Josely Vianna Baptista – poeta, tradutora, crítica - elas servirão para reavaliar a tradição moderna das relações entre verbal e visual, no que diz respeito tanto à materialidade da letra, da palavra e do verso, quanto à articulação de imagens do corpo, da terra e do território. Essa reavaliação implica uma concepção do literário que

relativiza distinções apriorísticas e hierarquizantes e nele enfatiza um modo de uso da língua enquanto habitação simultânea do estranho e do comum. No trabalho de Josely essa simultaneidade pode ser compreendida como uma poética xamânica da tradução, no modo como implica o convívio de memória afetiva, mítica e histórica, línguas e culturas portuguesa, espanhola e indígena. Tensionando, desse modo, experiências de repetição e experimentação, essa poética serve à reencenação pluralizada e diferida dos valores de origem e de infância, mobilizando uma opção discursiva híbrida, disrítica, que a própria escritora nomeia como neobarroca, neonbarroca, roça barroca, ampliando o espectro de sentido do que a crítica já chamou de estilo hispânico-guarani.

Palavras-chave: Josely Vianna Baptista, crise, expansão, tradução

Performances de uma poética: a tradução do texto teatral

RODRIGO IELPO (UFRJ)

Resumo: Em entrevista recente, Aderbal Freire-Filho, ao responder a uma pergunta sobre a tradução que havia feito para a peça *A paz perpétua*, do dramaturgo espanhol Juan Mayorga, chama atenção para as complexas relações que configuram a autoria no que tange à poética do texto teatral. Pensando a dimensão da encenação, o diretor afirma que nos textos escritos para o teatro, a autoria remete necessariamente a uma parceria entre o autor da peça e o diretor que a montará. A complexidade aí apontada se vê aprofundada no caso dos textos traduzidos, uma vez que o tradutor também atuará como operador dos processos de sentido que resultarão no espetáculo a ser apresentado. A importância desse terceiro partícipe aparece de forma exemplar em comentário feito por Angela Lopes Leite. Ao falar sobre sua tradução da peça *Incêndios*, de Wajdi Mouawad, a tradutora explica que em seu processo de trabalho, a tradução final, aquela que servirá de base à montagem de determinado diretor, passa por várias versões até encontrar sua forma final. Isso se dá pelo fato de que, para ela, a

tradução deve ser “testada” em leituras em voz alta, devolvendo ao texto seu aspecto propriamente teatral. Ou seja, para que a tradução do texto de teatro não perca de vista suas especificidades, não podemos afastar seu caráter performativo, incluindo nesta todos os elementos de ordem cênica que a atravessarão. Essa operação acaba por evocar a condição iterável (Derrida) particularmente sensível nos textos teatrais, os quais devem colocar literalmente em cena o traço citacional que os mobiliza desde o princípio, permitindo, assim, que continuem a funcionar em tempos e espaços completamente distintos daquele em que a peça foi redigida. Diante disso, a proposta dessa comunicação é, por um lado, pensar em que medida o gesto tradutório do texto teatral inaugura o próprio processo de encenação ao colocar em jogo os mecanismos essenciais à sua poética, devedores, evidentemente, de sua performatividade. Por outro, pensar as formas como esse “gênero” de tradução, ao atualizar as potências performativas dos textos, acaba por ecoar uma dimensão ético-estética presente nos pressupostos de certa crítica descrita por Walter Benjamin em *A Ideia de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*.

Palavras-chave: Tradução, Poética Teatral, Performatividade

Abalos em tradução: em busca de uma genética estilística em *Murs* de Marcel Cohen

VERÓNICA GALÍNDEZ (USP)

Resumo: Este trabalho se inscreve em um projeto de tradução a quatro mãos da obra *Murs*, do autor francês Marcel Cohen para o português do Brasil. Para este projeto em especial, elaboramos primeiramente uma metodologia de tomada de decisões. Levando em consideração que a tradução, enquanto trabalho parafrástico criativo entre línguas e culturas, está fundada em um processo linguageiro regulador, procedemos da seguinte maneira: i) leituras isoladas do texto fonte; ii) anotações isoladas feitas no texto-fonte; iii) compartilhamento de leituras e de anotações; iv) traduções isoladas; v) troca das

traduções seguidas de anotações isoladas sobre a tradução do outro; vi) compartilhamento das traduções e das anotações; vii) tomada de decisão comum. Essa metodologia mostrou-se eficaz principalmente no plano do trabalho produtivo, haja vista seu caráter coletivo, pois tínhamos condições de compreender melhor as escolhas efetuadas no plano subjetivo e de orientar melhor a integração do conjunto. Entretanto, faltava-nos uma análise mais aprofundada das propriedades estilísticas do texto fonte identificadas intuitivamente nessa primeira etapa metodológica adotada. Para tentar dar conta dessa lacuna, utilizamos um programa da linguística de corpus, o Wordsmith Tools (Scott, 1996; 2000), de uma perspectiva experimental. Esse programa oferece possibilidades de busca em vários aspectos. Pode-se, por exemplo, trabalhar sobre a sintaxe, a pontuação, a prosódia semântica, as colocações, o discurso, entre outros. No caso deste projeto, concentraremos nosso olhar sobre o léxico e sobre algumas questões de sintaxe e de posicionamento que delas decorrem para mostrar que é possível fazer dialogar o trabalho de tradução, enquanto prática criativa, com uma reflexão sobre o processos criativos desencadeados por uma análise baseada na genética textual. Nessa abordagem linguística, o texto-fonte, digitalizado e convertido em formato “txt”, que pode ser reconhecido pelo programa, adquire o status de corpus de estudo; ou seja: o corpus que vamos tratar automaticamente, descrever e analisar. Propomos, assim, uma reflexão em que as relações entre as poéticas contemporâneas e a tradução travam um diálogo instigante a respeito das formas, analisadas objetivamente por meio de ferramentas de análise linguística, dos processos de criação do autor e também da tradução. A tradução é vista tanto do ponto de vista metodológico como do ponto de vista de sua importância para as reflexões acerca da criação literárias. A partir dessa articulação, propõe-se uma contribuição para as poéticas contemporâneas.

Palavras-chave: Poéticas contemporâneas, Literatura contemporânea, Estudos da tradução, Genética textual

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

Vida e envelhecimento da obra literária e da obra literária em tradução

MAURICIO MENDONÇA CARDOZO (UFPR/CNPq)

Resumo: Pensar a tradução – como produto ou processo, prática ou fenômeno – pesando as consequências do redimensionamento das noções de sujeito e de linguagem que se nos impõe na contemporaneidade impele-nos a redimensionar, igualmente, certa visão mais convencional das figuras do tradutor, da tradução e do texto traduzido, levando-nos a reconhecer o tradutor como um sujeito interferente, a tradução como uma atividade transformadora, de ordem crítica, e seu produto, o texto traduzido, como um objeto singular (que não pode prescindir de sua singularidade para cumprir seu fim tradutório). Diante disso, é preciso levar em conta que, para além de representar uma forma de vida para a obra original, o texto traduzido constitui, ele mesmo, uma forma singular de vida. Todavia, à revelia dos esforços encetados nas últimas duas ou três décadas no campo de inscrição do que podemos chamar de um pensamento contemporâneo sobre a tradução, em suas mais diversas vertentes, ainda é corrente hoje em dia a noção – não raro tomada por óbvia e inequívoca – de que a tradução seria “naturalmente” datada e, em razão disso, teria uma espécie de prazo de validade, diferentemente do que aconteceria com o texto que ela traduz, com a obra que ela toma por origem, uma vez que, nessa perspectiva, o chamado texto original – seja pelo pressuposto de sua força e grandiosidade, seja pelo pressuposto da intangibilidade de sua condição aurática – habitaria uma condição que se assume correntemente poder transcender a factualidade de sua inscrição histórica no tempo. Nesse sentido, enquanto as obras originais se perpetuariam numa forma de vitalidade perene manifestada no que Walter Benjamin chamou de sua pervivência (Fortleben), em

geral as traduções dessas obras se esgotariam no curso do tempo, evidenciando a fragilidade de sua condição provisória e efêmera. Das traduções diremos, na esteira dessa forma de compreendê-las, que elas envelhecem, como se – condenadas a destino semelhante ao do retrato de Dorian Gray – assumissem sozinhas o peso e as consequências do tempo de vida das obras que representam, enquanto estas preservariam seu vigor e frescor juvenil. Mas dizer das traduções que elas são datadas e que envelhecem não seria já assumir que elas também se inscrevem em seu tempo e, portanto, que elas constituem, em alguma medida, uma forma singular de vida? Em outras palavras, seu envelhecimento não daria testemunho também de uma vida singular como obra? Em que termos da relação entre tradução e original se fundaria a percepção de que esta habita uma condição de vida diferente daquela? E como entender a suposta transcendência vital das obras originais se não podemos ignorar que, também elas, na fragilidade de sua condição textual, estão igualmente à mercê dos efeitos do tempo? Não poderíamos dizer que a tradução cumpre justamente o fim de evidenciar uma condição que, para além de estigmatizá-la como efêmera e provisória, revela uma condição comum a toda forma de arte verbal? Este trabalho se propõe a discutir algumas dessas questões, circunscrevendo como objeto a obra poética em tradução e levando às últimas consequências seu dimensionamento como forma de vida.

Palavras-chave: tempo e tradução, vida e tradução, alteridade e tradução, tradução e relação

Entre o Anjo e o Polichinelo: ecos

IZABELA LEAL (UFPA)

Resumo: A videoarte Entre o Anjo e o Polichinelo, realizada por mim e Galvanda Galvão em 2016, pretende apresentar, a partir do diálogo entre várias linguagens – cinema, poesia, fotografia, escultura –, a figura do poeta como “pintor da vida moderna”, evidenciando um tempo em dissolução, em que o passado aparece sob a forma de ruínas,

tal como se dá a ver na imagem do Anjo, escolhida por Benjamin como metáfora para pensar a modernidade em suas conhecidas teses Sobre o conceito de história (1940). Por volta de 1940, o poeta belenense Paulo Plínio Abreu (1921-1959) estava iniciando a sua produção artística, publicando poemas e traduções no Suplemento Arte-Literatura do jornal Folha do Norte, coordenado por Haroldo Maranhão. Posteriormente, traduziu as Elegias de Duíno, de Rainer Maria Rilke (1895-1926), junto com o antropólogo alemão Peter Paul Hilbert (1914-1989), na época residente em Belém. Para Paulo Plínio Abreu esse projeto tradutório certamente representou uma abertura de horizontes ante a literatura estrangeira, gerando efeitos estéticos inesperados em sua própria obra, o que possibilita a reconfiguração de imagens da poética rilkeana, tais como a o “anjo” e a “boneca” (polichinelo), no horizonte amazônico. Por outro lado, a ideia de um mundo fragmentado e sua possível reconstituição, tema que Plínio herda também de Rilke nos versos que este último dedicou a Baudelaire – “somente o poeta juntou as ruínas de um mundo desfeito e de novo o fez uno” –, é igualmente transfigurada ao longo dessa travessia entre as duas poéticas aqui presentes. Neste sentido, a videoarte propõe uma reconfiguração dos diversos aspectos da experiência, e as práticas de tradução e de criação poética que a atravessam permitem ampliar as fronteiras do local em direção ao estrangeiro, redimensionando o próximo e o distante. É importante notar que a tradução realizada por Paulo Plínio Abreu permanece, até o momento, praticamente desconhecida fora de Belém, não sendo mencionada nem mesmo em trabalhos acadêmicos voltados à tradução e recepção da obra de Rilke no Brasil. Ainda que essa tradução, quando avaliada apenas como processo de transposição de uma língua a outra, possa apresentar inúmeros problemas, ela deve ser vista e compreendida como prática de circulação entre culturas e, mais do que isso, como operação de formação poética e de abertura ao estrangeiro, questões que se tornam cruciais quando se trata de estudar a obra de um poeta pertencente ao horizonte amazônico em meados do

século XX. Por último, é importante ressaltar que a videoarte se constitui também como uma operação de tradução – assim como de criação e crítica –, na medida em que tenta transpor em imagens a complexidade poética dos autores em questão.

Palavras-chave: videoarte, tradução, poesia, modernidade

Criação, tradução e reflexão na poesia de Age de Carvalho

MAYARA GUIMARAES (UFPA)

Resumo: A proposta de pensar o processo de criação poética de Age de Carvalho, autor paraense contemporâneo, que há mais de trinta anos convive proximamente com a língua alemã e sua cultura, seus poetas e ensaístas, implica discutir o tangenciamento entre criação, tradução e reflexão crítica sobre tempo e linguagem no convívio diário, oral e escrito, de duas línguas. O exercício de leitura e tradução, que o tornou conhecedor, apreciador e apropriador da língua alemã e sua vasta tradição cultural, permitiu-lhe mesclar, em simbiose poética, a língua portuguesa, natal, com a língua emprestada. Nessa via, é importante retornar a um sentido de poesia (enquanto uma das linguagens da arte) como limiar que opera a noção de movimento e entende-se como zona de mudança – temporal e espacial - fluxo e contrafluxo, permitindo a transição entre múltiplos territórios. Dentro dessa seara, duas ideias ecoam na poesia moderna e tornam-se ponto de encontro de reflexão sobre o poético na poesia de Age, apontando um vínculo entre sua produção, contemporânea, e certa tradição poética brasileira, que passa não apenas por Cabral e Ferreira Gullar, mas sobretudo por Drummond, Mário Faustino e certos aspectos da poesia concretista. De um lado, a ideia de que “o poeta é quem fala humanamente” (“Dichter ist, wer menschlich spricht”) e a da constatação de um elemento de obscuridade natural ao poema. Delas propõe-se a reflexão em torno da dimensão humana da poesia como condição de sua existência e a de que o poema constitui-se de uma obscuridade que provém da demanda de um modo de ser da poesia, entendido a partir de si mesmo, não a partir de fora, ainda que atravessado por esse fora, na sua relação com uma herança

poética e com a experiência do cotidiano, da memória, do corpo. O reconhecimento desta condição enigmática no espaço do poema dramatiza a condição enigmática da existência humana, como mistério que se abre e fecha, como obscurecimento que é ao mesmo tempo impedimento e bloqueio, mas que encontra em si próprio, por meio do trabalho de escavação da palavra, a saída para o enigma. Um estado de busca ainda em vigor na poesia contemporânea. Nesta comunicação, buscarei discutir a experiência limite da escrita de poesia como exercício de abandono do caminho seguro rumo à dissolução da ordem linguística homegênea e ao acolhimento de uma força de desvio característica da criação poética. No caso da poesia de Age de Carvalho, essa potência veicula a língua como espaço de reencenação de questões culturais, éticas e estéticas que se mesclam. No entrelaçamento de diferentes mundos, línguas, tempos e espaços, a imagem da viagem opera em sua poesia uma interface com a experiência erótica, a experiência da morte, a memória e a própria criação, considerando a ideia do „fora de lugar“ como imagem que aponta para a condição do estrangeiro, do poeta e do tradutor.

Palavras-chave: Age de Carvalho, poesia brasileira contemporânea, tradução, criação

Tradução divergente: pensando a recepção da atual poesia do Brasil no México

CLAUDIA DIAS SAMPAIO (UFF/FAPERJ)

Resumo: Pensar a recepção da poesia atual do Brasil no México a partir da noção de “tradução divergente”, no âmbito do espanhol e do português latino-americanos, é a proposta desta comunicação, cujo estudo é um desdobramento da pesquisa que venho realizando no Brasil e no México sobre os deslocamentos das fronteiras entre narrativa e poesia no panorama da poesia atual; tendo por perspectiva a questão da tradução e a problemática das aproximações entre o espanhol e o português. A construção de questões teóricas e a análise de procedimentos que enriqueçam tais reflexões estão entre

os principais objetivos dessa pesquisa. Nesse sentido, a tradução se apresenta como tema fértil, se pensamos tanto nas reflexões de Haroldo de Campos e do legado que os poetas concretos construíram, baseados na ideia de criação e crítica, como também na natureza relacional desse empreendimento. Uma das conexões entre a tradução e o deslocamento de fronteiras entre narrativa e poesia se mostra se tomarmos a intraduzibilidade como questão intrínseca à poesia e à tradução, considerando que a própria relação entre poesia e prosa já implica um entre-lugar de uma tradução no interior da própria língua. Tal concepção poderia ser pensada ainda no que se refere às apropriações da linguagem do cotidiano pela linguagem poética, e nas fantasmagorias resultantes desse procedimento. Raúl Antelo, em “La traducción infinita”, aborda essa fantasmagoria a partir de uma análise das traduções de Borges detectando, no ato da tradução, a presença de uma desconstrução da fronteira entre verdade e falsidade: “El traductor debe producir entonces una imago, más que una imagen, un contacto por vaciamiento, una imagen ausente, una imagen de lo ausente, alojando en la repetición traductora, algo de ese fantasma desprendido de la repetición primera” (ANTELO, 2006). Portanto, a partir da análise de como a tradução, em um sentido mais amplo, opera em certos trabalhos da produção recente de poesia no México e da experiência do trânsito entre as culturas mexicana e brasileira, será apresentada a noção de “tradução divergente” como horizonte possível para produção de crítica e de poesia que envolva as línguas e as culturas nesses dois países.

Palavras-chave: Tradução, Poesia, Crítica, Brasil e México

Descrição, transcrição, transcriação: a partir de Chantal Akerman (e da tentativa de título “ela faz filmes porque faz filmes, porque faz filmes”)

LUCAS FERRAÇO NASSIF FERREIRA DOS SANTOS (PUC-RIO)

Resumo: Chantal Akerman por Chantal Akerman; Chantal Akerman, cineasta do nosso tempo. Este ensaio é a proposta de escrever um texto do texto de Chantal Akerman, entre literal e metafórico,

entre documentário e ficção, num real de ficção insurgente. Para isso foi escolhido descrever, narrar suas cenas, o que é visto e ouvido no lugar de explicar o filme. Essa é uma contenção do estudo (em estudos fílmicos) naquilo que é tido como um primeiro passo; aqui esse primeiro passo é onde se concentra todo o trabalho, destacando passagens possíveis entre os textos, na materialidade do texto. O filme de Chantal Akerman, primeiramente, foi visto e ouvido, descrito, teve suas cenas narradas. A narração foi feita em áudio gravado e, em seguida, transcrito: considerando as potencialidades da descrição e da transcrição audio-visual no pensamento e na prática do cinema e da literatura. Chantal Akerman filma a si mesma como cineasta do nosso tempo. Chantal Akerman, cineasta do nosso tempo, filma a si mesma. Ela lê um texto que escreveu sobre isso, sobre fazer um filme sobre si mesma, cineasta do nosso tempo. Adiante, entram as cenas de seus outros filmes: talvez para que falem por ela? Talvez, não. Para que falem com ela? Para que falem comigo, conosco? Filosofia terapêutica, cinema terapêutico: com calma, lemos e escrevemos. Entretanto, uma calma atenta, na beira de uma leve angústia. Uma calma da filosofia na tentativa de ir respirando junto do filme, descrevendo ao invés de explicando, evitando os conceitos, apelando para as palavras e para “como” usamos as palavras, o que fazemos com elas; em prol das frases lidas e das possíveis frases escritas – no desejo de se contentar em descrever ao invés de explicar através de um conceito que diga tudo o que se poderia dizer. E uma calma do cinema, das imagens que passam a serem narradas e transcritas para este papel (ou melhor: para esse documento .doc, no computador, de volta à tela de onde os filmes foram vistos). Imagens e calma que não são descritas como protetor de tela (screensaver); a descrição é inquieta (disse estar na beira de uma leve angústia) e levaria – essa é a hipótese – a outro lugar que ainda não se sabe o que é, que até agora se apresenta como uma tentativa, uma busca sobre o “como”: a proposição de uma proposta.

Palavras-chave: Chantal Akerman, Transcriação, Jogos de linguagem

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

Pensamento poético e intertextualidade em Orides Fontela

PATRICIA LAVELLE (PUC-RIO)

Resumo: Kant (Relido) Duas coisas admiro: a dura lei cobrindo-me e o estrelado céu dentro de mim. Com o objetivo de pensar as potencialidades da interface poesia/filosofia, examinarei o modo operatório da intertextualidade na produção poética de Orides Fontela. A partir da análise do poema “Kant (Relido)”, em cuja fatura extremamente sintética identificamos não apenas a referência a uma passagem significativa da Crítica da razão prática, mas também uma releitura do mito de Gaia e Uranos, relatado na Teogonia de Hesíodo, procurarei compreender o modo como a poeta dialoga com suas leituras, operando transformações e deslocamentos consideráveis. Neste poema, como em outros, Orides Fontela não se contenta em dizer de outro modo as teses que o texto filosófico enuncia, transpondo-as alegoricamente, numa expressão poética, mas ela responde poeticamente à interpelação contida na teoria. Assim, sua obra nos leva a colocar a questão do pensamento poético.

Palavras-chave: Intertextualidade, filosofia e poesia, Orides Fontela, pensamento poético

Usos de desvantagens da tradição para a poesia contemporânea

SOFIA DE SOUSA SILVA (UFRJ)

Resumo: Nas primeiras décadas do século XX em Portugal, Fernando Pessoa e o grupo reunido em torno da revista Orpheu se dedicam a celebrar a independência da esfera da arte das esferas da moral e da verdade, o que abre novas e amplas perspectivas para a criação. Os textos sobre o sensacionismo — a doutrina criada por Pessoa e que marcou o lançamento de Orpheu — trazem algumas ideias a respeito da

arte e da função social do artista (ou a ausência dela). Fiel à liberdade da arte, o programa sensacionista prevê duas únicas regras: “sentir tudo de todas as maneiras” e “ser a síntese de tudo”. A obra de arte sensacionista deve ser tão cosmopolita e universal quanto possível, deve abrigar todas as tendências; o poeta sensacionista deve multiplicar a sua personalidade e com isso ampliar a sensibilidade. Só assim lhe será possível sentir tudo, e não apenas segundo a sua percepção particular, mas de todas as maneiras. O movimento de tornar a arte independente da moral e da verdade termina por torná-la superior às outras esferas, sendo a literatura ainda superior às demais artes. Em Pessoa, se é através da poesia que se poderá “sentir tudo” e assim alargar a sensibilidade humana e o conhecimento que o homem tem do mundo, se será o poeta e não o filósofo a “síntese de tudo”, nenhum projeto pode ser mais grandioso que este. Mas é um projeto que se ergue sobre a insistência na dissociação entre o poético e o político. Afirmada e confirmada a autonomia da arte, fica um problema com que as gerações posteriores do século XX terão de se haver: para que servem poetas? Ou: terá a poesia algum papel? É certo que a atividade artística não se deve pautar por qualquer ciência nem muito menos por exemplos de moralidade, é certo que as regras que presidem à sua realização e à sua crítica são próprias e dizem respeito apenas ao seu campo. Mas então a arte poderá dizer algo sobre a pólis? De que maneira se relacionará com o tempo em que vivemos? Estará fechada em si mesma? Muitas vezes ao longo do século XX tem sido repetida a pergunta de Hölderlin: para quê poetas em tempos de indigência? A atitude de exaltação pela autonomia da arte vivida pela geração de Orpheu, em Portugal, será seguida por um reposicionamento dessa questão no pensamento de artistas posteriores. A discussão sobre o papel da poesia passa, no caso da poesia portuguesa, por uma reavaliação da relação com a tradição literária em língua portuguesa, na qual Luís de Camões, Cesário Verde e Fernando Pessoa adquirem papéis preponderantes. Assim, o trabalho procurará estudar como alguns poetas da segunda metade do século XX

se propõem a pensar o papel da poesia e, em particular, de que modo a relação com a tradição pode ser uma via privilegiada de reflexão sobre a poesia.

Palavras-chave: Poesia contemporânea, Tradição, Papel da poesia, Poesia moderna

Glauco Mattoso: o cego obscuro

MARCELO DINIZ (UFRJ)

Resumo: Glauco Mattoso é uma persona: nome escolhido por Pedro José Ferreira da Silva para personagem, narrador e assinatura de uma escrita. Seus mais de cinco mil sonetos são publicados, em geral, sem ordem cronológica, com os títulos que sugerem seus eixos temáticos, ou mais especificamente, suas tópicas recorrentes: a podosmofilia, o masoquismo, a cegueira. Neles, Glauco Mattoso é sempre narrador; neles, muitas vezes, Glauco Mattoso é personagem. Em sua obra em prosa, seu estilo ao mesmo tempo coloquial e erudito, suas obsessões temáticas e o uso franco da primeira pessoa denotam sempre a onipresença desse narrador/personagem/assinatura: Glauco Mattoso. Decerto, essa figura de narrador/personagem/assinatura, sobretudo no que tange à poesia, remete a um procedimento de longa e forte tradição na poesia ocidental: Dante, Petrarca, Camões, Ronsard são referências desse procedimento dentro de um projeto de escrita que encontra no Renascimento seu amadurecimento: a prática poética é concebida como dispositivo de transposição da pessoa em autor, e de significação da obra como performatividade da formação do sujeito. Glauco Mattoso parece remontar a outra linhagem: Villon, Aretino, Gregório, Bocage, referências freqüentes no paideuma mattosiano, que remetem à poesia satírica, fescenina, maldita, pornográfica. Se o sujeito da tradição canônica remete à sublimação pela escrita, o sujeito da tradição underground a que Glauco Mattoso se filia compreende a escrita como prática provocadora, crítica e, decerto, marginal, como o próprio autor se refere. A condição marginal em que essa escrita se

afirma indicia consciência política e modus operandi de sua relação com a tradição canônica: a paródia, recurso próprio da sátira, no que possui de dessacralizador dos discursos, é presente na obra de Glauco Mattoso, não somente na casualidade de alguns poemas, sobretudo na onipresença do estilo que elabora sua persona. Há paródias em Glauco Mattoso, mas a onipresença da paródia é indicada pela onipresença desse narrador/personagem/assinatura. O cânone concebe a escrita como superação da persona, como sublimação do sujeito, como emulação da língua, o que se lê na tradição ocidental como a aventura heróica do sujeito na língua, através da língua, eternizando seu nome; na marginalidade de Glauco Mattoso, com todas as inversões paradigmáticas aí implicadas, é a língua pelo avesso o que se lê: de instituição simbólica fetiche do cânone, devém órgão erótico, dispositivo de sarcasmo e de quebra de tabus. A escrita, de projeto estético e moral, devém prática política e amoral. Esta pesquisa pretende a reflexão a respeito da obra mattosiana considerando dois aspectos centrais, um de sua tópica e outro de seu procedimento: a cegueira e a pornografia.

Palavras-chave: assinatura, pornografia, autobiografia, performance

Autorreflexividade lírica em “Fisiologia da composição”, de Paulo Henriques Britto

ROSANA NUNES ALENCAR (UNIR)

Resumo: Esta comunicação empreende uma investigação crítico-analítica da seção “Fisiologia da composição”, presente no livro Macau (2003), de Paulo Henriques Britto. A hipótese é a de que nos cinco poemas que compõem a citada seção, desde o título, esse poeta acolhe a persona poética de João Cabral de Melo Neto, sobretudo porque ambos tratam da criação artística como um ato construtivo, autorreflexivo. Dessa relação se desdobram questões muito próprias da poesia contemporânea brasileira, a saber: como os poetas contemporâneos têm trabalhado com a tradição literária? Existiria nesse caso o processo de “retradionalização” anunciado por Iumna

Simon (2008)? Em que medida a valorização de formas poéticas, como faz Britto com o soneto e os versos decassílabos, serviria para problematizar a presença da norma e do rigor na contemporaneidade? Se considerarmos que Edgar Allan Poe, em 1846, publicou o ensaio “A filosofia da composição” (2011) – compreendendo o texto artístico como um objeto construído – constatamos ser antiga a discussão que polariza o rigor e a espontaneidade, a técnica e o confessionalismo, a intelectualidade e a encenação do eu. Foi a modernidade, entretanto, que acentuou essa polarização. As noções de “impessoalidade” e “despersonalização”, próprias do pensamento teórico-poético de T. S. Eliot e Stéphane Mallarmé, respectivamente, contribuíram para que as correntes críticas de natureza textualista, do início do século XX, se ocupassem do esvaziamento da experiência pessoal na lírica moderna. Mas nem João Cabral, nem Paulo Henriques Britto negam a subjetividade lírica em prol do esteticismo. Naquele, embora seja visto por uma parcela da crítica literária brasileira como o poeta engenheiro do rigor e do cálculo, é preciso reconhecer o caráter relativo da posição teórico-estética de sua produção. Neste, a subjetividade se manifesta quando a poesia lírica performatiza o fazer; isso porque mesmo pressupondo a existência de uma entidade poética centrada em si, não há como ignorar a presença do sujeito lírico. Nessa perspectiva, ainda que a voz lírica se esvazie ante o espetáculo da linguagem, existe, implicitamente, um contrato poético de endereçamento. Por trás da máscara da impessoalidade, há um eu que se dirige a uma segunda pessoa (PEDROSA, 2014). Assim, como resposta prévia às questões aventadas, ressaltamos que o rigor, ou seja, a autorreflexividade lírica presente nos poemas da seção “Fisiologia da composição”, faz parte de uma estratégia que coloca a poesia em comunicação com o outro, ou com “as exigências da ‘rua’”, como destaca Siscar referindo-se a João Cabral (2011, p. 21). Do ponto de vista teórico-crítico, as reflexões propostas neste trabalho são orientadas pelo estudo de Marcos Siscar, Célia Pedrosa, como também de Paulo Henriques Britto que além de

poeta é crítico literário e teórico da tradução literária.

Palavras-chave: Poesia contemporânea, Tradição literária, Subjetividade lírica, Paulo Henriques Britto

Soneto, sonetinho, soneteto, sonetoide: variações formais na poesia de Paulo Henriques Britto

MIGUEL HEITOR BRAGA VIEIRA (UEL)

Resumo: Além de exímio tradutor de língua inglesa (trouxe para o português textos de autores como Paul Auster, Thomas Pynchon, Elizabeth Bishop, Emily Dickinson) e professor de literatura, Paulo Henriques Britto, nascido em 1951, vem construindo uma consistente obra literária que conta, até o momento, com seis volumes de poemas e um de contos, assim como ensaios de crítica cultural e tradutológicos. Em relação à poesia, seu trabalho se pauta pelo manejo de estruturas pré-determinadas, como o soneto, ora seguindo os preceitos mais rígidos, ora modificando-os de acordo com uma perspectiva lúdica e irônica. Nas palavras de Manuel da Costa Pinto, trata-se de “um artífice do verso e um pesquisador das formas fixas” (2006). De fato, a partir de seu livro de estreia, Liturgia da matéria, de 1989, até o mais recente, Formas do nada, de 2012, Britto produz poemas que o alçam à categoria de virtuose de composições poéticas estáveis, lançando mão de baladas, sextilhas, entre outras; destaca-se, nesse âmbito, o emprego do soneto como matéria de expressão artística. Ao lado de Glauco Mattoso, o autor carioca parece ser um dos poetas que mais têm investido na prática e uso desse formato na poesia brasileira contemporânea, desde aqueles mais tradicionais e consagrados (como o petrarquiano e o inglês), aos menos divulgados e canônicos (como o sonetinho e o soneto invertido). Acrescentam-se, a essas estruturas, outras bastante inusitadas, como o soneto manco, o soneteto e o sonetoide, cujas faturas sempre buscam o extremo de concisão verbal, no sentido de encurtar os versos do poema, ou mesmo amputar alguns deles de suas estrofes. Essa apresentação tem por objetivo principal, portanto, apresentar e analisar as variações formais que o soneto possui na obra poética de Paulo Henriques Britto.

No entanto, afora essa preocupação de ordem formal, o trabalho busca também verificar de que modo os temas mais frequentes nos poemas de Britto (o amor, o desencanto, a ironia, o real e seu embate com a linguagem, a metalinguagem) relacionam-se com as formas fixas escolhidas para abarcá-los, em especial, o soneto. Chama atenção, nesse sentido, o registro linguístico adotado pelo poeta, coloquial no mais das vezes, tendendo a aproximar-se das conquistas modernistas. Essa postura serve como recurso criativo: escolhe-se uma forma tradicional e preenche-o de linguagem em tom menor. Para os fins desse estudo, alguns outros aspectos serão observados e aprofundados: os elementos históricos e técnicos do soneto em suas variantes; a presença do soneto na poesia brasileira, especificamente na contemporaneidade; o contexto das formas fixas na poesia brasileira contemporânea; a crítica de poesia em nosso ambiente literário.

Palavras-chave: Poesia brasileira contemporânea, Paulo Henriques Britto, Formas fixas, Soneto

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 5

Teatralidades na linguagem: transposições poemáticas

SUSANA SCRAMIM (UFSC)

Resumo: O objetivo desta comunicação é destacar e analisar os procedimentos de sobreposição, justaposição e transposições textuais – estéticas e estésicas – observado em alguns trabalhos de poesia no contemporâneo. Essas práticas textuais serão compreendidas como modo de operar passagens entre o que não pertence propriamente ao domínio do estético, diga-se, o estésico, num movimento em direção ao campo da discussão moderna de arte, movimento esse contínuo e que envolve ambos os campos, tanto o estético em direção ao estésico como do estésico ao estético. A hipótese que orienta esse arranjo –

tanto poético quanto teórico – está fundamentada na compreensão de que esse movimento cria um novo lugar para a política na arte contemporânea. Serão estudados com mais atenção os livros: *Antígona González* (2012), da poeta mexicana Sara Uribe, e *Rede* (2014), de Paula Glenadel. Ambos os livros operam tanto sobreposições de relatos não propriamente ligados ao literário, uma vez que recolocam em cena um certo anti-historicismo ao privilegiarem a releitura de mitos, quanto investem formalmente no registro erudito deles. Justapõem os relatos míticos a formalizações modernas, transpondo-os em linguagem teatral, situando o estético em um limiar entre política e a arte.

Palavras-chave: Poesia, Teatralidades da linguagem, Paula Glenadel, Sara Uribe

Do desejo de escrita

ANA KIFFER (PUC-RIO)

Resumo: Como não consigo falar sobre a poesia. Como falar sobre. Como falar do que não consigo. O quê não consigo. Como falar. Esse balbucio descreve o arco que ser pensar: do desejo da escrita e suas implicações entre o regime artístico e a produção de subjetividades, dos processos de abafamento do desejo de escrita –subjetivos e sócio-políticos – *La Parole Etouffé* - de Suzanne Horer e Heanne Socquet, livro no qual as escritoras falam de seus [des]caminhos para que nos autorizemos a dizer. Interessa nesse livro as construções ou as leituras que faz M. Duras sobre a sua própria obra, ela mesmo uma grande ‘reflexão’ sobre o escrever, sobre o que significa uma mulher escrever; mas também as de Roland Barthes no curso *A Preparação do Romance*, e como o crítico desenha o seu desejo de escrita de um romance, o seu confinamento dele, o seu modo de dizer do que não se pode falar, o como falar; e ainda os cadernos artísticos e poéticos da filósofa Anne Sauvagnargues, seu ateliê sobre os joelhos, a nossa conversa, o seu poema e a tradução que dele fiz, como estou ali nesse encontro, como dizer. Como poderei balbuciar na reflexão que venho empreendendo sobre o desejo de escrita o traço da minha própria trajetória, ali tremulando, como um vestígio ou resto, ainda sem rosto ou

nome, em meio a esses sobre os quais falo? Estaria a poesia hoje –pela sua própria capacidade em amontoar pequenos restos- mais próxima a esses balbucios que configuram, em maior ou menor grau, os passos iniciais desse imenso e insignificante desejo - o de escrita?

Palavras-chave: desejo, escrita, subjetividade, poesia

Francis Ponge, entre poesia e tradução

DANIELLE ALMEIDA (UFRJ)

Resumo: Na poética de Francis Ponge, as coisas são materiais de inspeção que ajudam a compor uma espécie de arqueologia do presente, recompondo o que constitui o homem e sua relação com a realidade. Porém, longe de qualquer tentativa de fixação desse mesmo presente, a poesia pongiana, espécie de rascunhos, anotações incompletas, textos inacabados parecem se apresentar para o leitor como um caleidoscópio cujos cacos de cristais e espelhos não cessam de desdobrar novos significados a cada gesto da escrita. O “método” pongiano se revelaria, assim, como processo de tradução do próprio texto (do) mundo, oferecendo-nos suas poesias menos como revelação de uma essência das coisas do que como exploração de seus possíveis significados. Desse modo, seria interessante aproximar esse movimento daquilo que diz Walter Benjamin em A tarefa do tradutor ao afirmar que a tradução revela o que é inerente ao original, a potência linguística do texto. É nesse sentido que a própria tradução de alguns dos textos de Ponge, como os que compõem o livro *Comment une figue de paroles et pourquoi*, aparece como operação crítica de espelhamento do processo criativo do poeta. Ao refletir sobre tal prática tradutória como uma tradução da tradução – aquela executada por Ponge em relação às coisas -, este trabalho pretende discutir como a modernidade dos textos do poeta francês se evidencia na prática de um deslocamento de sentidos pelo jogo entre línguas, realizando-se como um complemento indispensável ao estudo de sua produção.

Palavras-chave: Francis Ponge, poesia moderna, tradução

Jean-Christophe Bailly e a legenda(gem) dispersa do mundo: comparações, conexões, ricochetes, desarraigamentos

MARCELO JACQUES DE MORAES (UFRJ)

Resumo: A hoje já extensa obra de Jean-Christophe Bailly (1949) opera desde sempre no limite da indefinição entre os gêneros: seus ensaios, prosas, poemas, peças de teatro exploram e embaralham recursos formais e estratégias retóricas assim como gêneros e disciplinas a partir dos mais diversos temas e objetos de interesse: entre outros, o pensamento da infinitude da linguagem desde o romantismo alemão, as condições modernas e contemporâneas da vinda do sentido na poesia e na prosa, os modos de produção de significações próprios à imagem desde a pintura e a fotografia, as experiências de partilha do comum e da separação desde os deslocamentos no espaço e a fluidez das fronteiras geográficas e identitárias, os modos de existência das coisas e dos animais e, mais genericamente, as formas de vida e os regimes de relações singulares que esses temas e objetos permitem (in)definir ou propagar. Interessa-me aqui explorar algumas dessas linhas de força da obra de Bailly, com especial atenção a uma busca que parece atravessar todas essas experiências de escrita ao mesmo tempo em que permanece para ele como condição essencial do poema – ou de seu alargamento –, tal como a define e pratica em diferentes textos: manter a linguagem em estado de agitação, como área de receptividade, de contatos, de ressonâncias, disseminando índices de significância, fazer de seu manejo um movimento de resistência à pulsão de encerrar sob o nome aquilo que nos chama do desconhecido, substantivando-o. Trata-se, em suma, de desencerrar sem fim, de reabrir o mundo sob a linguagem, de desbatizá-lo, de produzir e dispersar, a partir dessa operação, lendas e legendas:

comparações, conexões, ricochetes, desarraigamentos.

Palavras-chave: Jean-Cristophe Bailly, poesia francesa, prosa

67

POLÊMICAS INTELECTUAIS NA AMÉRICA LATINA ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX: RETÓRICA, CULTURA E HISTÓRIA**Silvia Maria Azevedo (UNESP/Assis)****Ana Paula Franco Nobile Brandileone (UENP/CCP)**

Resumo: Fenômenos da cultura de âmbito mundial que se registram em diferentes períodos da História, as polêmicas intelectuais configuram-se como um dos traços marcantes da vida político-cultural na América Latina, entre os séculos XIX e XX. A exemplo do que aconteceu no Brasil, frequentemente os debates resultaram do trânsito de seus autores em redações, editoras e gabinetes de homens influentes. Os interesses alheios, até certo ponto escusos, acompanham as contendas em suas variadas formas e sob múltiplas vozes. Articuladas em variados veículos e gêneros – manifestos, ensaios, correspondências, suplementos literários, revistas, entrevistas, debates, folhetos de cordel -, as polêmicas arregimentaram grande parte da intelectualidade, tanto da elite considerada letrada (jornalistas, literatos, juristas, médicos, políticos), quanto da esfera dita popular (repentistas, cantadores e cordelistas). Formas de intervenção discursiva que combinam as palavras escritas à imagética de seu tempo, as polêmicas intelectuais na América Latina percorreram os séculos XIX e XX com alarde e sem descanso, com participação de profissionais de diversos setores, em meio às singularidades históricas, políticas e culturais de cada tempo e país. Em sua configuração, os debates obedecem a determinados protocolos retóricos, tendo em vista a consagração dos próprios atores envolvidos junto aos diversos auditórios. Com o aval dos veículos - fossem eles de pequena, média ou grande tiragem -, a disseminação da palavra muitas vezes foi processada mediante a legitimação dos pares, envolvendo interesses de personagens diretamente envolvidos nas disputas ligados

a variadas instâncias do poder. Naturalmente, os registros de textos de natureza antagônica revelam algumas dubiedades. Isso interessa particularmente às Letras, no âmbito dos estudos linguísticos e literários, já que a fatura do texto não apenas segue alguns expedientes discursivos pré-moldados, mas permite apontar o caráter artificial e postiço da polêmica em si. Ao lado de algum refinamento na linguagem, a contagiar também os modos e tons de dizer, uma coisa e outra não impediram o elemento ruidoso, entre opiniões e réplicas. A razão parece clara: quase sempre os autores exprimiam-se de determinado modo também como tentativa de ostentar sua habilidade em tecer argumentos contra um alvo em particular, convocando simultaneamente a adesão do público leitor. Objetivando localizar e analisar certas marcas de conteúdo, forma e expressão que aproximam os protagonistas de tais contendas de âmbito político e cultural, propomos responder algumas questões de forma e fundo, dentre as quais: 1. Em que medida as polêmicas envolvendo os intelectuais estariam mais ou menos ligadas a figuras públicas e/ou instituições de poder, nos países de origem? 2. Sob que aspectos as divergências no campo das ideias poderiam revelar o caráter personalista das figuras que se converteram em autênticos focos irradiadores dos debates? 3. De que modo se pode relacionar o teor e a qualidade das discussões a problemáticas relacionadas ao contexto sócio-histórico dos debates em marcha? 4. Afinal, o que se entende por —polêmica intelectual—, especialmente naqueles países onde a produção de cultura, e o acesso por parte dos pares, bem como dos leitores em geral, é tímido? 5. Como avaliar o efetivo alcance de determinados debates, considerando a circulação de textos e imagens nos veículos disponíveis, a partir de meados do século XIX? 6. Seria a polêmica, em si, uma maneira apelativa e institucionalizada de clamar pela maior atenção de um público rarefeito, ainda em fase de constituição? O resgate das discussões sobre temas aderentes à cultura de cada país pode lançar novas luzes sobre a canonização da própria crítica, cujos efeitos podemos sentir ainda hoje.

Palavras-chave: Polêmicas, Retórica, Intelectuais, História

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

José de Alencar: polêmicas ao correr da pena

CARLA HAUER GRIVICICH (UERJ)

Resumo: Alencar e as polêmicas ao correr da pena Polêmicas literárias sempre fizeram parte do universo literário de escritores nacionais e estrangeiros, sobretudo no século XIX e sempre foram usados como recursos para obtenção de projeção no meio intelectual acanhado em que viviam. José de Alencar destacou-se sobremaneira na utilização desse recurso, sendo sempre referida a primeira grande polêmica, travada com diversos opositores, entre os quais o imperador Pedro II, aquela que o lançou definitivamente no mundo literário em 1856, acerca do poema de Gonçalves de Magalhães, A Confederação dos Tamoios, e a última, em 1875 – dois anos antes de sua morte – com Joaquim Nabuco, travada através do jornal O Globo que, se não encerrou sua carreira, foi através dela que podemos ter uma avaliação mais completa de suas opiniões em sua maturidade literária. Contudo em sua autobiografia literária, escrita em 1873, Alencar demonstra que aparentemente desde sempre esteve impregnado de tal recurso. Oriundo de uma família de militantes políticos, Alencar marcou o século XIX nacional tanto politicamente quanto literariamente: foi eleito deputado pelo Partido Conservador em 1860, assumindo em 1861 e, participando intimamente do poder, tornou-se Ministro da Justiça de 1868 a 1870, com a subida dos conservadores ao poder. No campo literário, Alencar foi romancista, dramaturgo, cronista e poeta, além de crítico literário. É possível verificar que em pelo menos duas ocasiões anteriores Alencar dispôs-se com concorrentes no campo jornalístico ou político através de sua coluna no Correio Mercantil intitulada Ao correr da pena. Ao contrário do que o suave nome diz, Alencar aparentemente utilizou o espaço não somente para fazer crônicas leves.

Sua ânsia em destacar-se nos campos literário e político, o fizeram – sem sucesso – avançar sobre as linhas leves do traçado pelo jornal. É sempre importante destacar que Alencar, filho de importante Senador do Império, era desconhecido como intelectual e como político. O presente trabalho se voltará para essas ocasiões na série de crônicas intituladas como *Ao correr da pena*, procurando situar o momento político-literário em que se encontrava o escritor e os demais envolvidos nessa tentativa de destaque a que pretendia o escritor e o recurso discursivo utilizado pelo mesmo para o alcance de seus objetivos, muitas vezes frustrados, como será visto. Serão destacadas duas crônicas. A primeira delas, escrita em 1854, obteve resposta formulada no *Jornal do Commercio*; a segunda – e última –, escrita em 1855, a que encerra a carreira do escritor naquele órgão de imprensa.

Palavras-chave: Alencar, Polêmicas, Intelectuais

José de Alencar e Bruno Tolentino: dois forasteiros contra o establishment

PEDRO SETTE-CÂMARA (UERJ)

Resumo: Em 1993, Bruno Lúcio de Carvalho Tolentino (1940-2007) chegava ao Brasil após quase trinta anos morando na Europa. Voltava deportado, após ter cumprido metade da pena de onze anos por tráfico de drogas na Inglaterra. Trazia na mala centenas e centenas de poemas que, reunidos em alguns volumes, viriam a lhe render três prêmios Jabuti e alguns prêmios da Academia Brasileira de Letras. Em 1994, o crítico Antonio Candido, seu primo, contribui para que seu livro *As Horas de Katharina* seja publicado pela Companhia das Letras. É sua primeira publicação no Brasil em três décadas. No dia 3 de setembro daquele mesmo ano de 1994, a convite de João Moura Jr., editor do suplemento *Cultura*, do Estado de São Paulo, Tolentino publica um artigo atacando a tradução do poema “Praise for an Urn”, do poeta norte-americano Hart Crane, feita por Augusto de Campos. Sucedem-se uma réplica de Augusto de Campos, uma tréplica de Bruno Tolentino, um

abaixo-assinado em defesa de Campos que acusa Tolentino de “acusar e denegrir” o concretista, e uma carta de Olavo de Carvalho, o qual ainda não tinha lançado nem mesmo *O Imbecil Coletivo*. Tolentino reuniria os textos da polêmica no livreto *Os Sapos de Ontem*, publicado em 1995 pela hoje extinta editora Diadorim (Rio de Janeiro), acrescentando um longo ensaio contra o concretismo e uma série de poemas satíricos dedicados aos irmãos Campos e aos abaixo-assinados. John Milton, professor de literatura inglesa da USP, iniciaria um artigo dos *Cadernos de Tradução* (1996) dizendo ter sido esta a “maior polêmica da história da tradução no Brasil”. (A polêmica ainda foi ecoada no romance *Até você saber quem é*, de Diogo Rosas G., publicado pela Record em 2016.) Notemos, é claro, o qualificador: “da tradução”. A própria fundação da literatura “nacional” no Brasil ocorreu em meio a uma polêmica: a da Confederação dos Tamoios. Nela, um recém-chegado com boas relações, José de Alencar, decide atacar anonimamente pela imprensa o poeta Gonçalves de Magalhães, representante máximo do establishment literário de sua época, com argumentos que o próprio Tolentino viria a ecoar sem saber: a poesia apresentada por Magalhães não estaria à altura do país. Em sua defesa acorreram Manuel de Araújo Porto Alegre e ninguém menos do que o imperador Pedro II, apresentando-se como “Amigos do Poeta”. Mesmo depois de tornar-se um escritor estabelecido, Alencar viria a reclamar em seus ensaios da “conspiração do silêncio” que havia em torno de suas obras – como também viria a fazer Bruno Tolentino, que, com sua poesia classicizante, pode ter sido comentado na imprensa, mas ainda não foi abraçado pela academia (há uma tese de mestrado a seu respeito concluída na PUC-Rio, e outra em andamento na UFBA – e só). Apoiando-nos no quadro lançado por João Cezar de Castro Rocha em *Literatura e Cordialidade* (1998), pretendemos esmiuçar paralelos entre a polêmica da Confederação dos Tamoios e a polêmica Tolentino-Campos e o ambiente literário brasileiro do meio do século XIX e do final do século XX.

Palavras-chave: Cordialidade, Tradução, Sátira

Inquéritos e polêmicas: a “tournée Brésil” de Sebastião Sampaio pelo Maranhão em 1908

SÍLVIA MARIA AZEVEDO (UNESP/Assis)

Resumo: No final de 1907, a Gazeta de Notícias anunciou a organização do inquérito “Brasil - Estados de Hoje”, com o objetivo de dar a conhecer o Brasil da época para os próprios brasileiros, produzindo material informativo e preparatório para a Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro, em comemoração ao centenário do decreto de abertura dos portos às nações amigas. Para tanto, enviou o jornalista Sebastião Sampaio, incumbido de percorrer as principais cidades de São Paulo (Campinas, Ribeirão Preto, Santos) e de alguns estados do Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Rio Grande do Norte) de onde o jornalista paulista remetia reportagens e sínteses monográficas, que eram publicadas nas edições diárias e dominicais do jornal, acompanhadas de fotografias. Com vistas a colher informações em torno da história literária do Estado, a passagem de Sebastião Sampaio pelo Maranhão, em 1908, foi acompanhada de acirrada polêmica, com repercussão na imprensa da capital, da qual participaram os principais nomes da intelectualidade maranhense. O objetivo da comunicação é recuperar tanto o sentido geral da enquete de Sebastião Sampaio, quanto a polêmica em torno da literatura maranhense na qual o jornalista da Gazeta de Notícias esteve envolvido.

Palavras-chave: Inquérito, Polêmicas, Imprensa, Sebastião Sampaio

Machado de Assis e Sílvio Romero: entre o tácito e o explícito

THAMIRES REGINA ANTUNES GONÇALVES (UERJ)

Resumo: Sílvio Romero foi um importante crítico no século XIX, nasceu em Sergipe, em 1851, e cursou a Faculdade de Direito de Recife. Durante sua carreira como crítico literário, dedicou muitas páginas a estudos sobre a obra de Machado de Assis, tornando-se, como se sabe, seu crítico mais mordaz. Em Outros estudos de Literatura Contemporânea, publicado em 1905, dedicou um capítulo a análise das

Poesias Completas publicadas por Machado de Assis em 1901. Embora Sílvio Romero inicie afirmando que Machado é o mais afortunado representante de nossa literatura, o mais celebrado, o mais querido, completa afirmando que o célebre escritor não é tudo quanto dele tem dito. Este é, pois, o tom de toda a crítica publicada por Romero sobre Machado de Assis. No entanto, a análise de mais fôlego do crítico foi a obra intitulada Machado de Assis, publicado em 1897. Romero faz um estudo comparativo do autor, tratando sobre sua obra completa, estilo, humorismo e/ou espirito, pessimismo e nacionalismo. Chama atenção nessa obra o fato de ela ser dedicada a Tobias Barreto. Na edição da Laemmert, de 1897, se lê: “Tobias Barreto, nosso maior amigo da escola de Recife”. Ao longo de 351 páginas sobre Machado de Assis, Sílvio Romero não faz nada além de exaltar os feitos de Tobias Barreto. A dedicatória dá o tom da análise e da intenção de Romero: colocar em evidência Tobias Barreto e, em consequência, a Escola de Recife. A intenção fica ainda mais clara ao longo da argumentação, que tem Tobias Barreto como o contraponto de Machado de Assis. Embora, durante o livro, Sílvio Romero faça menções a outros autores, a argumentação sempre gira em torno de Machado de Assis e Tobias Barreto. O objetivo desta comunicação é apresentar as ideias de Romero sobre Machado de Assis, contrapondo-as ao tácito comportamento de Machado de Assis em relação aos ataques do crítico sergipano. Considerando que Machado não respondia às críticas de Romero, ele acaba por criar naturalmente (ou propositadamente) uma imagem de autor inabalável e, por conseguinte, uma horda de defensores prontos a tomar seu partido, como fez, por exemplo, Lafayete Rodrigues Pereira, à época do lançamento do polêmico livro sobre Machado de Assis, publicado por Romero. Sendo assim, explorar os desdobramentos desta delicada relação.

Palavras-chave: Polêmica, Literatura Brasileira, crítica literária

A voz do escritor intelectual: Érico Veríssimo no mundo

FERNANDA BOARIN BOECHAT (UFPR)

Resumo: O papel político do escritor e da obra literária representaram ao longo da carreira de Erico Verissimo uma preocupação central, fato observável não só na própria obra do escritor, mas em diversas entrevistas, correspondências, declarações e polêmicas públicas nas quais ele ingressou no cenário nacional e internacional. Nesse sentido, a associação do discurso literário a questões políticas se expande, destacando-se a voz do escritor como voz requerida e desejável no amplo debate que se dá no mundo da vida. Tem-se o escritor como porta voz de um discurso que se dá por meio de sua obra, mas também graças a ela. Essa aproximação entre o escritor e o espaço público leva-nos a aproximar Erico daquela figura do intelectual fruto da modernidade, que vinha se moldando na França especialmente desde a segunda metade do século XIX, por exemplo sob a influência de poetas como Charles Baudelaire. Dessa forma, definimos aqui a ideia de “intelectual” como aquele que ocupa o espaço público na defesa de certos valores, que se coloca no papel de flâneur, contemplativo, mas também de um criativo por excelência. Este intelectual, ademais, é visto como um sujeito engajado, mas dissociado de instituições políticas, o qual pertenceria a um campo intelectual autônomo e se engajaria em causas particulares em nome de valores universais, como a liberdade e a justiça. Trata-se de um campo intelectual que, ao se encontrar nas fronteiras e interseções do campo político e dos campos de produção cultural, encontra também condições para operar como campo de produção ideológica. Compreendemos que quando se trata da carreira de Erico seja possível aproximar sua atuação àquela do intelectual que descrevemos brevemente, tanto mais se considerarmos as condições históricas da modernidade, cujos ecos foram ouvidos também no Brasil mais tardiamente. Além disso, ao longo da carreira, Erico não só atuou como escritor, mas também como editor, conselheiro literário e tradutor da Editora Globo, o que lhe possibilitou o desenvolvimento da obra

a medida em que foi desenvolvendo sua atuação política. Tais cargos lhe possibilitaram também a inserção em uma rede política atuante, que impulsionou, por exemplo, os convites que recebeu para as duas estadias nos Estados Unidos nos anos 1940 ao longo da política de Boa Vizinhança estadunidense, as quais, por sua vez, foram definitivas para a posterior consolidação de seu engajamento político nacional e internacional. Aqui, a atuação de Erico está relacionada à figura do intelectual que vai se construindo de forma independente, em busca de uma liberdade com relação às instituições vigentes, à moda de Émile Zola. Tem-se um modelo de intelectual de espírito global, com um pensamento internacionalizado graças às influências de leituras, trocas de correspondências e viagens, para além do território nacional. Por fim, procuraremos demonstrar em que medida Erico e sua obra são influenciados por estes contatos e interseções diversos, mas também em que medida seu posicionamento político e produção foram capazes de influenciar os meios em que se inseriram.

Palavras-chave: Erico Verissimo, Discurso literário, Intelectual

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

Embates e afinidades literárias em perspectiva: Domingos Carvalho da Silva e certa “Geração de 45

LAÍSE RIBAS BASTOS (UFSC)

Resumo: Este trabalho tem como ponto de partida o estudo das cartas recebidas por Domingos Carvalho da Silva, advogado, poeta e editor nascido em Portugal, em 1915, e radicado em São Paulo desde criança. Domingos Carvalho da Silva colaborou assiduamente com textos críticos para diversos jornais de São Paulo, e em 1965 passou a atuar como professor de Literatura na Universidade de Brasília. Durante a década de 1940, contribuiu expressivamente para a configuração da

então “Geração de 45” – título que perdura na historiografia literária. A expressão, sugerida por ele mesmo na conferência “Há uma nova poesia no Brasil” (1948), fora problematizada por muitos de seus pares em algumas cartas. Assim, este trabalho tem como proposta ler e investigar criticamente as possíveis relações determinantes deste período de intensa movimentação literária e intelectual no Brasil. A missiva de Domingos Carvalho da Silva reúne uma ampla correspondência recebida desde 1942 até 1975, e inclui escritores, editores, críticos de arte e literatura, políticos, artistas e intelectuais de diversas ordens. Para este trabalho, a análise será centrada na correspondência recebida no início da década de 1940 até o final da década de 1960, de correspondentes que possibilitam o mapeamento das afinidades, conflitos e possíveis dissensões pessoais e literárias – como escolhas editoriais, publicação e circulação de livros. Serão analisadas correspondências dos principais missivistas de Domingos Carvalho da Silva, tais como: João Cabral de Melo Neto, Alceu Amoroso Lima, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Francisco Ferreira de Loanda, Ledo Ivo e Marcos Konder Reis. Esse cenário de amizades e dissidências em torno da literatura deve-se, sobretudo, à tentativa de consolidar um grupo de escritores em torno de uma perspectiva literária e intelectual comum. A heterogeneidade do possível grupo e o problemático projeto envolvendo a produção literária da época estão fortemente evidenciados nas cartas desses correspondentes. Somadas aos primeiros números da “Revista brasileira de poesia”, lançada em 1947 e editada por Domingos Carvalho da Silva, as correspondências arquivadas em suas pastas formam o principal corpus de análise deste trabalho. Trata-se de uma investigação crítica capaz de cruzar este material com outras publicações da época, percorrer a recorrência de nomes, estabelecer ausências, delimitar estratégias, opiniões, divergências, ou mesmo breves consensos, que configuraram o debate em torno da chamada “Geração de 45”, e, de certo modo, em torno de um circuito editorial envolvendo, naquele momento, o Clube de Poesia (fundado na cidade de São Paulo), os

Congressos de escritores realizados a partir de 1948, e revistas como “Joaquim” (PR), “Edifício” (MG), jornal “Tentativa” (SP), entre outros. Se, por um lado, a necessidade de expressão individual marca o movimento crítico e literário desses autores e assenta-se na demanda de um novo público leitor em contrapartida àquele das décadas anteriores, por outro, tal movimento orienta-se pela formação de grupos, estabelecendo assim seu caráter simultaneamente ambíguo e díspar. Diante dessa tensão é possível encontrar, portanto, os meios e modos de permanência da literatura conforme apresentada entre as décadas de 1940 e 1960 nas cartas, textos, e conferências que marcaram o importante debate na época.

Palavras-chave: Correspondências, “Geração de 45”, Literatura Brasileira, Embates literários

Mário Faustino: poesia, crítica e experiência

ANDRÉ VINÍCIUS PESSOA (UERJ/CAPES/FAPERJ)

Resumo: O crítico João Alexandre Barbosa (1990) reconhece a tradição do poeta-crítico como incrementadora da atividade crítica no Brasil ao promover a sutura entre posições históricas e formais nas análises das obras. Conscientes de seu papel histórico, a partir de considerações técnicas concernentes ao seu próprio procedimento criativo, os poetas-críticos prestaram uma contribuição decisiva à crítica literária brasileira. A compreensão mais acurada de sua trajetória caminha lado a lado com a necessidade de afirmação de seu discurso, historicamente excêntrico em relação ao exercício regular tanto da chamada “crítica de rodapé” quanto da crítica universitária. Nesse contexto, para além dos antagonismos, encontra-se a contribuição do poeta piauiense Mário Faustino, que, com a coluna “Poesia-Experiência”, publicada no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1956 e 1958, congregou uma série de esforços no sentido de dinamizar não apenas a verve crítica dos poetas de seu tempo, mas especialmente afirmar a relação intrínseca que a atividade reflexiva

estabelece com os destinos da produção poética. Poeta-crítico por definição, Faustino aplicou indistintamente sua consciência crítica aos ofícios da poesia e da crítica de poesia. Antologista, tradutor e editor, o poeta possuía uma concepção abrangente do fenômeno poético. Desse modo é que Faustino, nas palavras de Flora Süssekind, “entre o review e o ensaio breve, reavaliou a produção poética brasileira e estrangeira moderna, traduziu e divulgou poetas praticamente desconhecidos pelo grande público, e soube perceber, no momento do seu aparecimento, a importância do projeto construtivo dos concretos” (2002, p. 31). Augusto de Campos, ao se referir à coluna “Poesia-Experiência” e relacioná-la à influência exercida pelo poeta estadunidense Ezra Pound, escreveu que nela “Faustino reabilitou o review, com seu desabusado scholarship jornalístico, sua preceptística de massa, na base polêmica e descontraída do ABC of Reading” (2015, p. 51). Como bom discípulo de Pound, o poeta preferia em algumas ocasiões apenas mostrar poemas a ter que comentá-los. Por isso mesmo, através de um rigoroso trabalho de seleção, por muitas vezes abandonava o tom ilustrativo ou erudito para se render ao que é próprio do dizer poético. A proposta dessa comunicação é mostrar algumas particularidades do método crítico de Faustino e como foi a sua atuação durante o breve período de sua coluna. Também abrir o debate para indagar se esse tipo de abordagem hoje teria algum paralelo com a crítica literária brasileira contemporânea, ao acenar tanto para a sua crise de valores e a escassez de espaços nos veículos da mídia tradicional quanto para uma provável retomada de sua importância e significação a partir dos recentes esforços acadêmicos e das amplas possibilidades dos novos meios digitais.

Palavras-chave: Mário Faustino, poeta-crítico, crítica literária brasileira, review

A disputa pela forma: Candido e Rama no debate literário latino-americano

FÁBIO SALEM DAIE (USP)

Resumo: O brasileiro Antonio Candido e o uruguaio Ángel Rama são dois dos maiores teóricos da cultura na América Latina e, a despeito da distância que por vezes resiste entre América portuguesa e hispânica, travaram longo e fecundo contato. Preocupados em pensar a especificidade da cultura na periferia, ambos cunharam conceitos que visavam dar conta da complexidade das interações locais e regionais, tais como “sistema literário” e “redução estrutural” (Candido) e “comarca” e “transculturação” (Rama). Inclusa nessas inovações teóricas, estava a noção fundamental de “formação”, que deu origem a trabalhos importantes como *La Formación de la Novela Latinoamericana* (1974) e *La Ciudad Letrada* (1984), por parte do uruguaio, além do clássico *Formação da Literatura Brasileira* (1957) e “*Literatura e Subdesenvolvimento*” (1972), de Candido. A ideia de que, no início do século vinte, a América Latina não completara seu processo de modernização, e a percepção (a partir de 1930), de que teria de traçar seu próprio caminho para tanto, constitui ponto essencial para entender toda a produção moderna. Por meio do conceito de “formação”, Candido e Rama dialogam também com outros importantes intelectuais: Roberto Retamar (“*Caliban*”), José María Arguedas (“*Formación de una cultura nacional indoamericana*”) e, mais recentemente, Beatriz Sarlo (“*Modernidad Periférica – Buenos Aires 1920-1930*”). Vale ressaltar que, com a guinada neoliberal e o abandono dos projetos desenvolvimentistas nacionais, nas décadas de 1980-1990, o debate sobre a “formação” segue mais atual do que nunca na nossa América. Esta comunicação aborda não apenas as confluências entre o pensamento de Antonio Candido e Ángel Rama, mas também as suas discordâncias: entre elas, principalmente no que se refere às diferentes interpretações dos conceitos de “formação” e “forma”. É sabido, afinal, que se Rama adota algumas das inovações teóricas de Candido, por

outro lado as mobiliza no sentido de pensar seu objeto por excelência, a literatura latino-americana. Por esta via, Rama não somente considerava a “formação” do sistema literário latino-americano “tardia” em comparação com o sistema literário brasileiro, mas também devia sua perspectiva a uma compreensão diversa da noção de “forma”. Não por acaso, também em contraste com *Candido*, apoiará boa parte de suas investigações não especificamente literárias sobre a Antropologia, mais do que propriamente a Sociologia (muito mobilizada pelo crítico brasileiro em ensaios clássicos como “Dialética da Malandragem” ou “De cortiço a cortiço”). É, afinal, dessa grande e rica polêmica intelectual que herdaremos parte significativa de nosso atual horizonte teórico, com o qual (a favor ou contra) devemos dialogar se desejamos avançar na compreensão da literatura produzida no Brasil e no continente.

Palavras-chave: Forma literária, Formação, Antonio Candido, Ángel Rama

Polêmicas da vida (pós)moderna: o embate entre Ferréz e Luciano Huck

ANA PAULA FRANCO NOBILE BRANDILEONE (UENP)

Resumo: Em 2007, ganhou as páginas do jornal uma contenda envolvendo o apresentador da Rede Globo, Luciano Huck, e o escritor Ferréz, importante articulador das vozes periféricas na literatura. Em outubro de 2007, Luciano Huck teve seu relógio de marca Rolex roubado por duas pessoas em uma motocicleta, em um bairro rico da zona sul de São Paulo. O lance seguinte e decisivo foi um artigo escrito pela vítima, refletindo sobre o episódio. Sob o título de “Pensamentos quase póstumos”, o texto foi publicado na seção Tendências/Debates do jornal Folha de São Paulo, um dia após o ocorrido, no dia 1 de outubro de 2007, no qual o apresentador apela para os sentimentos dos leitores. Este artigo encontrou uma extraordinária repercussão na mídia, materializada em cartas enviadas para a redação do jornal, em artigos jornalísticos, em matérias para programas de rádio e de televisão e em

debates na internet. Entre as reações imediatas suscitadas pelo artigo de Huck também teve intensa reverberação o ponto de vista expresso por Ferréz, cujo texto foi publicado no mesmo espaço do jornal, uma semana depois, com o título de “Pensamentos de um correria”, conto posteriormente publicado em *Os ricos também morrem*, de 2015. Ferréz imaginou o ladrão como sendo um “correria”, ou seja, alguém que ataca com grande pressa e de modo repentino. Fabulou o drama de seu personagem literário como o de um morador de periferia, habitando próximo do lixo, com pai ausente, padrasto violento, filho para cuidar, mãe alcoólatra, parentes dependentes dos frutos colhidos em suas ousadias e correrias. Para o escritor, o “correria” é uma pessoa que se pergunta, espantado, como é possível alguém usar no braço um objeto cujo valor permitiria a compra de várias casas no bairro distante ou na favela em que reside. Eis a polêmica conclusão do texto ficcional: “No final das contas, todos saíram ganhando, o assaltado ficou com o que tinha de mais valioso, que é sua vida, e o correria ficou com o relógio. Não vejo motivo pra reclamação, afinal, num mundo indefensável, até que o rolo foi justo pra ambas as partes”. Entre defensores e acusadores de um e de outro, Ferréz ficou com a pior: foi indiciado por apologia ao crime. Episódio que é retomado pelo autor no prefácio da sua última coletânea de contos *Os ricos também morrem*: “Algumas palestras canceladas, as revistas e jornais a favor da ‘vítima’, meu nome jogado aos porcos” (FERRÉZ, 2015, p.11). A partir do exposto, esta comunicação tem por objetivo localizar e analisar as divergências que envolvem estes protagonistas no campo das ideias, levando ainda em conta a irradiação de problemáticas relacionadas ao contexto social, histórico e cultural dos debates em marcha.

Palavras-chave: Polêmica, Luciano Huck, Ferréz, Repercussão midiática

68

(PÓS-) MEMÓRIA E TRANSMISSÃO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Silvina Liliana Carrizo (UFJF)
Laura Barbosa Campos (UERJ)
Pedro Armando de Almeida Magalhães (UERJ)

Resumo: Vivemos na era do “ativismo memorial”, expressão do historiador francês Henry Rousso (2016, p.10) referindo-se ao uso exacerbado da memória e ao consequente desgaste do termo. A multiplicação de instituições, como arquivos e museus; o compartilhamento em massa de fotografias e imagens, através de redes sociais que passam a ser suportes de lembranças; as políticas preservacionistas e as leis memorialistas são alguns sintomas do desejo de rememoração. O desejo de com-memoração ligado à ideia de reparação de eventos traumáticos e rupturas geracionais acabou se disseminando por boa parte da cultura, sobretudo após as catástrofes que marcaram o século XX: os genocídios armênio, judaico, de bósnios e de populações africanas; mas também o massacre contínuo e enlouquecido das populações indígenas e afro-descendentes, bem como de gerações inteiras perseguidas por ditaduras na América Latina e em outros continentes. O ativismo memorial tem tornado as diferenças entre memória, tradição e história cada vez mais tênues e, não por acaso, todos os dispositivos de memória e arquivamento, ferramentas desse mesmo ativismo, vêm sendo incessantemente revistos e remodelados. Buscamos, com o fim de dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos pelo grupo “Representações da (pós-) memória na literatura contemporânea” durante a XIV ABRALIC, 2016, ampliar também as perspectivas não apenas para a exploração dos passados, mas sim, e fundamentalmente, para a compreensão do

presente. Este é o caso, por exemplo, das “narrativas de filiação” (Dominique Viart), textos construídos como um processo de investigação da ascendência e do próprio fenômeno de transmissão de uma herança problemática por envolver ausências e rupturas. A proposta do simpósio é estudar as formas/conteúdos da profusão memorialista na literatura contemporânea a partir de alguns textos que apresentam essa característica, como, por exemplo, as escritas de si, e de alguns traços comuns, como a representação de um evento coletivo, a articulação entre o histórico, o real e o ficcional e a forte presença do trauma. Pretendemos reunir pesquisadores interessados no debate sobre a representação simbólica nas textualidades contemporâneas e nos seus diversos materiais e suportes e as relações entre tempo, memória e transmissão. Relembrar e recontar o passado, além de mobilizar diferentes tipos de memória (voluntária ou involuntária), são também questões muito ligadas à literatura de testemunho, área de estudo que desempenha um papel central para se entender processos históricos traumáticos, com violência estrutural e diretamente ligados ao atual ativismo memorial analisado por Rousso. Entendemos o termo testemunho no sentido amplo, referindo-se não apenas àquele que vivenciou o evento traumático e sobreviveu para testemunhar, mas englobando as três etimologias diferentes para o termo, conforme identifica Giorgio Agamben (2010). Pensando também dentro da chave de leitura elaborada por Márcio Seligmann-Silva: “O testemunho revela a linguagem e a lei como constructos dinâmicos, que carregam a marca de uma passagem constante, necessária e impossível entre o ‘real’ e o simbólico, entre o ‘passado e o ‘presente’” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p.5). Nesse sentido, afirma-se também como relevante para o simpósio, a articulação entre o testemunho e a representação da pós-memória. A problemática de transferência inter e transgeracional de eventos traumáticos é uma noção identificada por Marianne Hirsh como uma “pós-memória”. Segundo a pesquisadora norte-americana, a

pós-memória é uma espécie de memória por procuração em que o sujeito “é dominado por narrativas que precederam o seu nascimento e a sua consciência” (HIRSH, 2012, p.5). A autora destaca ainda que o testemunho de segunda ordem, que participa desse movimento de pós-memória, tanto pode se constituir de descendentes de vítimas quanto de pessoas cujas famílias nada sofreram. O prefixo “post” empregado por Hirsh em “postmemory”, não deve levar a crer em algo próximo do conceito de superação ou de “passado que passou”. Hirsch explica: “Não é simplesmente uma concessão à temporalidade linear ou à lógica sequencial. [...]. Como outros “pós”, pós-memória reflete uma oscilação incômoda entre continuidade e ruptura” (HIRSCH, 2012, p.5-6). O simpósio pretende, assim, refletir sobre a ampla profusão memorialista na literatura contemporânea, em seus variados modos de inscrição nas diferentes linguagens dos escritores, bem como pensar criticamente as relações entre a literatura e outras artes e mídias em função das problemáticas elencadas nos parágrafos anteriores.

Palavras-chave: Pós-memória, Testemunho, Narrativas de filiação, Transmissão

Referências:

- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz:** o arquivo e o testemunho (HOMO SACER III). Trad. Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo, 2010.
- HIRSH, Marianne. **The Generation of Postmemory.** Writing and Visual Culture after the Holocaust. New York : Columbia University Press, 2012.
- ROUSSO, Henry. **Face au passé.** Essais sur la mémoire contemporaine. Paris : Belin, 2016.
- SELIGMANN-SILVA. O local do testemunho. **Revista Tempo e Argumento**, v.2, nº1/Jun 2010. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/viewFile/1894/1532> VIART, Dominique. La littérature française au présent. Bordas: Paris, 2008.

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Linguagens de mescla: memórias, línguas e territórios

SILVINA LILIANA CARRIZO (UFJF)

Resumo: Esse trabalho tem como proposta analisar de forma relacional a produção de literatura em portunhol dentro do campo literário latino-americano. Tomaremos como eixo a problemática que se estabelece entre as memórias, as línguas e os territórios em Wilson Bueno (Paraná, Brasil), Douglas Diegues (Tríplice Fronteira) e Fabián Severo (Artigas, Uruguai). Livros teórico-críticos como *Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem* (1990) de George Steiner e Kafka. Para uma literatura menor (2002) de Gilles Deleuze e Félix Guattari junto com *O Mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à multiterritorialidade* (2007), de Rogério Haesbaert coadjuvam para ampliar a compreensão do conflito e das estratégias de escritores em relação às línguas/linguagens e suas tomadas de posição dentro do campo (BOURDIEU, 1996). As noções de “extra”, “des” e “multi” permitem refletir sobre as conexões que se arquitetam para pensarmos os vínculos não naturalizados entre os escritores e seus territórios e o lugar particular que ocupam aí as memórias linguísticas. Quais são os sentidos da fronteira nesses três escritores? Quais as relações que a fronteira pode vir a construir como liame de materiais e capital cultural nos conflitos linguísticos? De que maneira o nexo língua/memória operacionaliza essas poéticas? De que maneira isso é possível pela presença do portunhol? Estas particulares formas de literaturas menores comportam práticas contra-hegemônicas tanto no que tange aos projetos escriturais de cada escritor quanto no que se refere à apreciação crítica comparatista. Práticas estas que dadas as diferentes estratégias de mescla agem, ao mesmo tempo, como literaturas minorizadas e literaturas críticas perante a naturalização das literaturas

produzidas nas línguas oficiais. As poéticas e políticas desses escritores (expressadas nas suas obras e também nas suas entrevistas) iluminam os jogos de poder dentro do campo literário na avaliação sempre mediada das escolhas, dos processos e dos projetos. Nesse sentido, as noções de linguajamento e plurilinguajamento (MIGNOLO, 2003), copresença de línguas e plurilinguismo (AMATI-MEHLER et al, 2005) colaboram tanto nas formações de poepolíticas literárias, quanto nas políticas da memória. No caso de *A babel do inconsciente. Língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica*, interessa também observar o papel desempenhado por várias línguas (espanhol, português e as vezes o guarani), notadamente no seu processo de mescla como no específico do portunhol na literatura, e como isso pode contribuir para a reorganização da identidade do sujeito-escritor e as relações com a memória. Já no que tange a Mignolo em *Histórias locais/ Projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*, destacamos a questão do linguajamento e plurilinguajamento como forma de articular e reaver a memória (afetiva, histórica e cognoscitiva) dos escritores extra, des ou multiterritorializados, e como isso importaria numa forma liminar de apreender o mundo.

Palavras-chave: Linguagens de mescla, Portunhol, Memória, Plurilinguismo

Testemunho e pós-memória em Noemi Jaffe e Michel Laub

ALICE CARDOSO FERREIRA (UFJF)

Resumo: Em *O que os cegos estão sonhando?* (2013), Noemi Jaffe reproduz, na primeira parte do livro, o diário escrito por sua mãe, à época D. Lili Stern, após ser libertada dos campos nazistas. Traduzido do húngaro, o original se encontra hoje no Museu do Holocausto em Jerusalém. A narrativa se encaixa na literatura de testemunho, com grande expressão a partir da década de 1970. De acordo com as descrições de testemunho propostas por Giorgio Agamben em *O que resta de Auschwitz* (2008) — em que testis seria a testemunha por aproximação, e superstes, a testemunha que vivenciou algo e agora

pode dar testemunho disso — e também por Márcio Seligmann-Silva (2005) — segundo o qual há uma distinção estrutural entre o testemunho primário, o sobrevivente, superstes, e o testemunho secundário, o da história, testis, que consegue transmitir a referência sobre o ocorrido — o diário escrito por D. Lili testemunha a Shoah a partir do ponto de vista de quem a vivenciou e a relata a partir da sua experiência. Ao lado dessa questão do testemunho, aparecem também nessa narrativa, como descritas abaixo, características relacionadas à pós-memória. Outra publicação com temáticas semelhantes é o Diário da Queda (2011), de Michel Laub, na qual o testemunho da Shoah é um sobrevivente que escreve um diário, mas silencia a experiência, não a menciona na escrita. O protagonista aprende sobre a história de seu avô (este sobrevivente dos campos), que não conheceu, através do que seu pai lhe conta. Apesar de o sobrevivente da Shoah na narrativa ser fictício, que o aproxima da descrição do testemunho da história segundo Seligmann-Silva, as considerações a respeito do trauma e da memória são relevantes. Freud em seu último livro O homem Moisés e a religião monoteísta (1938) não chegou a definir o trauma enquanto terminologia, mas de acordo com a teoria psicanalítica, ele seria uma fixação psíquica na situação de ruptura, em que há distúrbios duradouros na vivência do sujeito, sendo sua temporalidade complexa. O testemunho da vivência da Shoah toma proporções diversas causadas pelo trauma; essas partem da experiência emocional, ocasionadas pelo medo, susto, vergonha, podendo evoluir para histerias ou neuroses. Na narrativa, o fato de o avô do protagonista não ser capaz de externar sobre o ocorrido, leva-o ao suicídio. Igualmente relevante para as narrativas se torna a relação com a memória, e mais precisamente com a pós-memória. Como afirma Marianne Hirsch (2012), o termo se refere não a uma relação sequencial entre um antes e um após, exigente de uma temporalidade e de uma causalidade, mas uma relação entre ruptura e continuidade, em que há uma transferência inter e transgeracional, na qual a geração atual se reconhece na anterior e os eventos traumáticos são identificados também nessa geração. Portanto,

há possibilidade de leitura de ambas as narrativas a partir da descrição do testemunho, tanto por Agamben quanto por Seligmann-Silva, bem como em relação às pós-memórias, relacionando o testemunho ao trauma, que ultrapassa a experiência da geração que a vivenciou.

Palavras-chave: Testemunho, Shoah, Pós-memória, Ruína

Esquecer/Escrever é preciso: uma leitura de *La casa de los conejos*

DAYANE CAMPOS DA CUNHA MOURA (UFJF)

Resumo: Propomos, a partir da análise de Manèges. Petite histoire argentine (2007) traduzido ao espanhol como La casa de los conejos, da escritora argentina Laura Alcoba, pensar acerca das relações entre a memória e o desejo de esquecer, problemática que atravessa a narrativa e configura-se como uma sorte de paradoxo, uma vez que para esquecer foi preciso realizar um trabalho de memória e recriar o passado. Embora o livro tenha sido publicado como romance, trata-se de uma obra autorreferencial, cujo pacto com o leitor se estabelece de maneira indireta, através de elementos que apontam para identificação entre autora e narradora. Nele, Alcoba dá voz à narradora de sete anos que se vê deslocada de uma condição de legalidade à clandestinidade em razão do envolvimento dos pais nas ações do grupo Montoneros na Argentina pré-ditatorial. Ao mesmo tempo, a adulta que lê os fatos vivenciados naquele período ressignifica-os e assim modifica a própria história familiar e a de Diana E. Teruggi, militante assassinada durante o ataque à imprensa clandestina que se ocultava na casa onde haviam vivido a narradora, a mãe, o marido e Diana- que à época estava grávida. Pretendemos propor que Alcoba, ao retomar o tema da ditadura militar, um trauma na história das Américas, sob o viés da petit histoire, da voz infantil, atendendo a um impositivo desejo de esquecimento, trabalha não apenas a história do ponto de vista pessoal, mas se inscreve como um fragmento que reorganiza, subtrai, soma e, assim, dissolve a história oficial. Não se trata de um testemunho, mas de olhar de forma marginal, desde a margem, uma narração que não cessa de se construir. É importante mencionar que Alcoba deixou a Argentina em 1979 para

ir ao encontro da mãe que havia se refugiado na França, e desde então vive em território francês. Nesse sentido, perguntamo-nos em que medida autores como Laura Alcoba e tantos outros que foram obrigados a abandonar sua terra natal reinscrevem-se e modificam a narrativa da nação a partir de um não-lugar ou um lugar exterior àquele para o qual se volta seu olhar. Vamos dialogar com Andreas Huyssen, que em *Seduzidos pela memória* (2000) afirma que contemporaneamente vivenciamos o que ele chama de “passados presentes”, com Ricardo Piglia e o conceito de “ex-tradición”. Mobilizaremos também algumas reflexões desenvolvidas por Idelber Avelar em *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina* (2003), com o intuito de analisar de que forma Alcoba redesenha as paisagens de uma Argentina dos anos 70 a partir de um tempo e um espaço deslocados e como se dão as relações entre a memória e o esquecimento mediados pela escrita.

Palavras-chave: Memória, Esquecimento, Escrita, História

Eu, tu e nós: questões identitárias e literárias em *A queda do céu: palavras de um Xamã Yanomani*

JULIANA ALMEIDA SALLES (UFRJ)

Resumo: O presente trabalho, uma vertente de minha pesquisa de doutorado, busca analisar questões identitárias e de gênero literário no relato de vida indígena *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami* (2015), de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Por tratar do relato do xamã Kopenawa, a obra possui particularidades que me levaram a pensar um dos eixos de minha pesquisa: o gênero em que se insere. Em seu lançamento no Brasil, tanto Kopenawa quanto Albert falaram sobre a obra e os termos utilizados para qualificá-la – “etnografia colaborativa”, “contra-etnografia”, “auto-etnografia”, “livro falado-escrito”, “(co)autoria de discurso”, “mistura de autoetnografia, manifesto cosmopolítico e relato de vida” e “primeiro livro já escrito por um índio Yanomami” – mostram-se incipientes. Outro exemplo da confusão encontra-se justamente no prólogo de *A Queda do Céu*, o qual

Bruce Albert inicia afirmando que este livro seria “ao mesmo tempo relato de vida, autoetnografia e manifesto cosmopolítico” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 43). Consciente desta indefinição, no postscriptum, o etnólogo francês trata de distanciar a obra de uma etnografia e dá três razões para tal: (a) o relato foi colhido por iniciativa de Kopenawa, seu narrador; (b) a divisão do trabalho entre as duas partes envolvidas foi claramente definida e acordada; e (c) a redação do texto é um produto colaborativo baseada num contrato de redação explícito. A difícil compreensão e conceptualização precisa do gênero provém da inovação na relação entre aquele cuja vida é contada e aquele que a escreve. Portanto, acredito que aqui se insere a necessidade da análise do papel de “outro” imposto pelos brancos aos indígenas. Tal imposição, que ao meu ver, tem suas raízes no discurso canibal eurocêntrico, afeta minha análise da obra, pois *A Queda do Céu*, com sua dinâmica modelo/redator (Kopenawa/Albert, respectivamente), acaba subvertendo a tradicional noção de alteridade ao passar a palavra a um xamã yanomami brasileiro, e imprimir sua história em forma de livro, deixando um homem branco (Albert) em segundo plano. Tamanha subversão leva à nossa dificuldade ao delimitar o gênero no qual se encaixa.

Palavras-chave: Literatura indígena, Escrita de si, Alteridade

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

A escrita do trauma em Clémence Boulouque e em Delphine de Vigan

LAURA BARBOSA CAMPOS (UERJ)

Resumo: Verifica-se, desde a década de 80, a proliferação do tema familiar na literatura contemporânea. De Annie Ernaux a Paul Auster, passando por Carlos Heitor Cony ou Patrick Modiano, a reconstituição das origens e a investigação sobre a ascendência como tentativa de esclarecer enigmas do presente estruturam textos cujos narradores

são, em geral, herdeiros de um processo de transmissão problemático ou rompido. O questionamento da ancestralidade opera, na verdade, um desvio para chegar a si. O teórico francês Dominique Viart cunhou o termo “narrativas de filiação” para denominar essa modalidade de escrita de si contemporânea. É nessa categoria que se inscrevem as obras das escritoras francesas que nos interessam neste trabalho: Delphine de Vigan (1966) e Clémence Boulouque (1977). Em *Rien ne s’oppose à la nuit* (2011), [Nada se opõe à noite] Vigan reelabora uma dolorosa história familiar, tendo a figura materna como personagem central. Os sofrimentos da mãe bipolar, mortes acidentais, suicídios e incesto integram uma série de acontecimentos traumáticos no cerne de uma família, ao mesmo tempo, “alegre e devastada” que a narradora busca investigar e reconfigurar. Em *Mort d’un silence* (2003), [Morte de um silêncio] de Clémence Boulouque, a narrativa é desencadeada pelo ataque a Nova Iorque em 11 de setembro de 2001. O atentado às Torres Gêmeas desperta os fantasmas de adolescência da narradora. O texto retrata a história de seu pai, o magistrado Gilles Boulouque que, depois de uma onda de ataques terroristas nos anos 80, na França, não suporta a pressão política e midiática e se suicida em dezembro de 1990. Nesta comunicação, defenderemos o argumento de que as narrativas de filiação elencadas anteriormente são autobiografias oblíquas que mobilizam estratégias de escrita com duas funções primordiais: a reabilitação da figura parental e a reparação de eventos traumáticos.

Palavras-chave: Clémence Boulouque, Delphine de Vigan, Trauma, narrativas de filiação

A representação da transgressão e do trauma nas narrativas sobre o aborto

ISADORA DE ARAÚJO PONTES (UFF)

Resumo: Na narrativa autobiográfica de *L’événement* [O acontecimento] (2000), Annie Ernaux conta seu aborto clandestino praticado na Paris em 1964, buscando tornar comunicável a violência sofrida, atribuindo

à experiência um caráter também político e social. Colombe Schneck publica, em 2015, *Dix-sept ans* [Dezessete anos], narrativa referencial sobre seu aborto, realizado também em Paris, porém legalmente, vinte anos depois da experiência de Ernaux. Como relata Schneck, a motivação para a escrita do acontecimento vivido nasceu de uma entrevista concedida por Ernaux, na qual ela afirma a importância de se romper o silêncio e narrar a experiência, de modo a contribuir para que essa realidade vivida pelas mulheres não seja esquecida. A obra de Schneck, mesmo que posterior à lei Veil, narra também um acontecimento que se apresenta de modo traumático e evidencia discussões sobre a diferença sexual e a dominação de gênero. O aborto é ainda uma temática tabu, em desacordo com os preceitos morais e religiosos, visto como uma anormalidade, ignorando-se que a norma também representa uma produção artificial do poder. Vale lembrar que realizar um aborto no início dos anos 1960, era também um crime. Trata-se, desse modo, de narrativas sobre um tema interdito, ainda que não mais juridicamente, no discurso, e sobre uma questão intimamente ligada aos direitos reprodutivos das mulheres. Ambas se centram em uma experiência traumática identificada como um momento de iniciação e ruptura, no entanto, a narrativa de Schneck, ao narrar sua relação com a experiência, comunica também a incorporação daquilo que viria a ser seu filho, fenômeno que, segundo Nicolas Abraham e Maria Torok (1972), seria o fruto da identificação melancólica. Tendo em vista essas considerações, pretendemos abordar como essas obras operam uma transgressão, ao produzirem um discurso sobre o aborto, e as próprias relações entre as narrativas, considerando-se que Schneck afirma, no início de sua obra, uma espécie de filiação à narrativa de Ernaux, de modo que podemos pensar nas obras como integrantes de uma rede imaginária na literatura de mulheres. É também relevante para nossa análise o modo como o aborto aparece em cada narrativa e sua ligação com a história dos direitos das mulheres na França, pensando-se como a legalização influi na transmissão da experiência,

pois ainda que a obra de 2015 narre um aborto legal e em condições seguras, ao contrário daquele experienciado por Ernaux, Schneck não deixa de narrar o aborto como um trauma. Assim, este trabalho propõe uma leitura crítica das duas narrativas que pretende traçar como se dá a transmissão dessa experiência por cada autora, considerando suas dimensões traumática e melancólica, mas também política, pois colocam em cena o poder de agir do indivíduo.

Palavras-chave: Annie Ernaux, Colombe Schneck, Aborto, Trauma

“Ainda estou aqui” e o impedimento à memória

TÁSCIA OLIVEIRA SOUZA (UFJF)

Resumo: A insistência do passado sobre o presente foi abordada no documentário “Nostalgia da luz”, de Patricio Guzmán, a partir de uma analogia com a astronomia. Na produção franco-chilena, o deserto do Atacama é o espaço onde convivem astrônomos em busca e novas estrelas, arqueólogos à procura de velhos fósseis e mulheres que tentam encontrar os corpos de seus homens assassinados e deixados ali pela ditadura de Pinochet. O princípio é um só: da mesma forma que o que se observa no céu é um retrato do passado, tirado há anos-luz antes de viajar pelo espaço até ser visto da Terra, o trauma histórico de perseguições e mortes, independentemente de ter acontecido anos atrás, também continua a ofuscar o presente. Ainda que se refira à realidade chilena, o filme de Guzmán ajuda a pensar a problemática da memória também em relação as mortes e ocultações de cadáver ocorridas no Brasil, uma vez que ambos os regimes ditatoriais — assim como o da Argentina, contra o qual as mães e avós da Praça de Maio ainda hoje bradam na busca por seus filhos e netos sequestrados pelo governo — se inserem no contexto histórico mais amplo das ditaduras latino-americanas sob influência dos Estados Unidos e alimentadas pela Guerra Fria. O impedimento ao cadáver — e, portanto, à memória — não é causa apenas de traumas individuais, mas também coletivos. No plano do indivíduo ou da família, o luto é o rito de renúncia, resignação

e reconciliação com a perda. Ele é marcado por uma rememoração repetitiva — nesse caso uma repetição com objetivo positivo — até que a sensação de privação e ruína se exaure, deixando lugar apenas à saudade, ou à nostalgia, como no título do documentário. De forma análoga, no âmbito de uma sociedade, lutos coletivos também estão relacionados à ideia de perda, seja de um território, de uma pátria, de um direito — como à liberdade e à dignidade —, de um sistema de governo — como a democracia, de uma guerra — ou uma guerrilha, de um povo — ou incontáveis representantes dele. Em contrapartida, o impedimento ao luto leva a uma repetição negativa, no sentido da psicanálise freudiana, encarada como um sintoma de algo que está recalado, algo de que, no fundo, não se quer lembrar, mas cujo esquecimento forjado não é real. Essa memória impedida é o principal tema de “Ainda estou aqui”, de Marcelo Rubens Paiva. Não o desaparecimento de Rubens Paiva, pai do autor; não seu sequestro, tortura e assassinato na sede do Dops, no Rio de Janeiro; não o atestado de óbito sem corpo, muito tardio, ou a descoberta, mais tardia ainda, de que esse mesmo corpo que nunca houve teve, na verdade, os restos atirados ao mar. No livro, a vítima primeira é a memória.

Palavras-chave: Memória, Trauma, Luto, Repetição

A imagem do Intelectual: o diário e a cena da escrita.

DANIEL DA SILVA MOREIRA (UFJF)

Resumo: Leonor Arfuch, em Vidas de escritores, um dos capítulos de seu livro O espaço biográfico, dedica-se a um estudo sobre as entrevistas de escritores, “(...) aqueles que trabalham com palavras, que podem inventar vidas — e obras —, e aos quais, paradoxalmente, se solicita o suplemento de outra voz.” (ARFUCH, 2010, p. 209). Diante de uma premência social por produzir essa “outra voz” do autor, advinda da valorização, entre o fim do século XIX e o início do século XX, da intimidade dos grandes escritores, a entrevista se destaca e se institui como um dos principais canais de produção de imagens do escritor e de suas obras. Dentre essas representações, Arfuch chama a atenção

para dois momentos recorrentes nessa prática cultural: a cena da escrita e a cena da leitura. Creio que seja possível estender a fala da autora a outras formas de expressão do “eu”, inclusive ao diário e, assim, tratarei, nesse momento, da cena da escrita e de seus possíveis desdobramentos. O objetivo de meu texto é verificar o modo como, de fato, os diaristas se representam como escritores e, mais importante ainda, como vão representar a escrita do próprio diário e de seus outros textos, o que leva a uma inclusão do texto diarístico dentro do todo literário. Segundo Arfuch, na entrevista entram em confronto duas visões do processo criativo, uma, herdeira do romantismo, girando em torno da ideia de genialidade e inspiração, a outra, desenvolvida mais tarde, ligada ao trabalho árduo e contínuo (ARFUCH, 2010, p. 219), essas duas visões vão se encontrar em torno de um tópico recorrente, a cena da escrita, que se comporia através da obstinação demonstrada pelos autores em construírem e expressarem textualmente uma dimensão material da produção literária, traduzida na descrição do ambiente em que escrevem, as circunstâncias, os instrumentos que utilizam, enfim, é como se criassem em seus textos o atelier de artista em que os leitores se acostumaram a desejar poder entrar, é o fetiche por conhecer uma dimensão privada dos produtores de grandes obras, pelas grandes mentes da humanidade. Os diários de Cardoso, Ayala e Laus não vão se furtar a essa prática, vão tematizar reiteradamente a representação de si como escritores. A diferença será que, enquanto a entrevista vai indagar o autor já publicado, lido e laureado, o diário vai mostrar a cena de escrita e a formação de um escritor ainda em processo, lidando algumas vezes com as questões mais básicas em torno da escrita, como ter um local adequado no qual produzir as obras que planejam. A meu ver, todas as cenas de escrita evocadas pelos três diaristas que estudo têm em comum mostrarem uma forte relação com a literatura, ou, ainda melhor, um desejo profundo de se integrarem a ela, produzindo algo significativo. Cardoso, Ayala e Laus representam-se como escritores, e o fazem guiados por uma crença de que escrever trata-se de uma prioridade em suas vidas, é o assunto mais importante com o qual vão

gastar suas energias, regrando-se, controlando-se e tentando modificar o mundo às suas voltas para atender a essa aspiração. A noção de trabalho desempenha, nesse contexto, um papel preponderante pois, recuperando a divisão entre trabalho e inspiração descrita por Leonor Arfuch, a rotina do trabalhador vai dominar a constituição da cena de escrita. O diário permite ao escritor – talvez o tipo de diarista mais claramente propenso desde o início a publicar – mostrar como avançou e como avança seu pensamento e sua técnica, mostrar seu processo e seu atelier, ou ao menos ter a sensação de que o faz. Permite, também, num plano mais prático, ordenar o próprio trabalho, inscrevê-lo numa linha do tempo que permite avaliar sua “produtividade”, como em qualquer outra atividade burguesa/capitalista. O processo de mercantilização da figura do escritor e de tudo a ele relacionado vai tornar a produção literária sujeita a dinâmicas muito semelhantes às de outras produções. O controle do tempo, por exemplo, conceito tão importante na vida burguesa, vai ser igualmente uma questão para os escritores/diaristas.

Palavras-chave: Escritas de si, Diário de escritor, Literatura Brasileira, Memória

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Ricardo Lísias escreve-se: luto e vingança.

PEDRO ARMANDO DE ALMEIDA MAGALHÃES (UERJ)

Resumo: Partindo-se das concepções de memória estabelecidas por Paul Ricoeur, de questionamentos historiográficos como o de Siegfried Kracauer, e de casos históricos de escândalos literários, como os de Baudelaire, Flaubert, Zola e Fernando Sabino, procura-se analisar dois romances do escritor brasileiro Ricardo Lísias: *O céu dos suicidas* (2012) e *O divórcio* (2013). Antes do surgimento dos dois romances, no final de 2011, tive a oportunidade de travar longo diálogo com o autor, em

tarde de autógrafos. Na ocasião Ricardo Lísias me contou seu projeto de forma resumida, que foi executado exemplarmente. O livro como objeto foi assim instrumentalizado como meio de vivenciar e experimentar a perda, de forma “positiva” (luto) e “negativa” (vingança). A publicação e divulgação dos dois romances podem ser vistos como espetáculos midiáticos personalizados que podem servir de paradigmas gerais. Dito de outra forma: as narrativas podem ser desvinculadas dos seres reais para os quais direcionam-se o luto (amigo de Lísias) e a vingança (ex-mulher de Lísias), podendo produzir o efeito catártico geral do drama grego. Afastando-se de produção anterior, O livro dos mandarins (2009), na qual procurava apurar a técnica da escrita através de fluxos recorrentes, estruturação repetitiva e geométrica, em trama envolvendo alto executivo neoliberal que mergulha de cabeça na perversidade e narcisismo do mundo corporativo, demonstrando certa filiação estilística com o Graciliano Ramos de Angústia (1936), Lísias encontra na escrita de si formas de expressar o próprio luto face ao suicídio de amigo querido ou efetivar a vendeta diante da traição despudorada de sua mulher. A grande repercussão do livro O divórcio se justifica (é a nossa hipótese) não só pela vinculação íntima à realidade dos fatos, mas também por consubstanciar uma forma de diário do diário: Lísias se escreve a partir do diário da ex-esposa, não necessariamente sendo fiel (a mulher também não foi fiel). Ou seja: escrita em segundo grau; paradoxalmente, enterramento ou recobrimento de diário alheio através de diário próprio revelador. E se O divórcio é publicado logo após O céu dos suicidas, ele nem por isso deixa de iluminar o romance do luto, já que a perda do amigo é reivindicada não como acinte religioso, espiritual, o que poderia ser o caso em se tratando de suicídio, mas como compaixão pelo desespero individual em tempos depressivos e sombrios. O céu dos suicidas é uma narrativa que propõe nova camada de sentido à indignação pela perda de ente querido que se matou: ao invés do silêncio, horror e repúdio face ao suicídio, a voz do luto amoroso, fraterno e nostálgico pelo ente que se perdeu.

Palavras-chave: romance, historiografia, memória, escritas de si

Memória oral transposta à escrita literária: Sefarad (2001) de Antônio Munoz Molina

ANA PAULA DE SOUZA (UNICAMP)

Resumo: Judeus-sefarditas sobreviventes da perseguição nazista na França ou na Hungria, filhas de comunistas exilados durante a Guerra Civil Espanhola e a ditadura franquista, ex-combatentes da Divisão Azul do exército alemão, exilados das ditaduras da ex-URSS ou da América Latina, migrantes andaluzes radicados em Madri, essas figuras anônimas, personagens da “vida real”, transformam-se em protagonistas do romance Sefarad (2001), do escritor espanhol Antonio Muñoz Molina (1956). Comportando-se quase que como um historiador oral, ou como um editor de romance de testimonio latino-americano, o escritor andaluz transpõe à escrita literária as memórias orais a ele confiadas em conversas fortuitas, entrevistas e depoimentos. Sefarad é literatura escrita nutrida daquilo que Benjamin chama de “experiência transmitida de boca em boca” (1987, p. 198). A memória oral sempre teve lugar na ficção moliniana. Em El jinete polaco (1991) e El viento de la luna (2006), o autor recupera a memória oral ouvida de familiares e pessoas próximas durante a infância e adolescência para recompor, na ficção, uma micro-história da Espanha rural subjugada pela ditadura franquista. A novela Carlota Fainberg é uma homenagem do escritor a uma figura análoga à do “narrador” benjaminiano: o bom contador de histórias, aquele que detém a habilidade de enredar seus ouvintes em narrativas envolventes. O objetivo desta comunicação é mostrar o processo por meio do qual Muñoz Molina transforma a memória oral em fonte para a escrita literária, os recursos estilísticos que emprega nesse empreendimento, e com que finalidade o faz. Sefarad é um tributo àquele que domina a arte de narrar, e suscita algumas reflexões a respeito da memória oral: sua função terapêutica, o valor da recuperação da memória para quem narra, a capacidade do relato oral de transportar narrador e interlocutor pelo tempo e espaço. Aliás, viajar pelo tempo, voltar ao passado, (re)encontrar a realidade, essa parece ser a função primordial da adoção do testemunho oral como fonte para

a escrita literária em Sefarad, afinal, conforme a premissa aristotélica sobre a memória reformulada por Paul Ricœur, “[...] não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de que algo aconteceu, [...]” (2007, p. 156). Sefarad é um intenso recontar de histórias e, no caso das memórias orais, promove a sua conservação e transmissão em um registro escrito, o da literatura, o que para Ricœur significa mais do que apenas arquivar uma memória oral, mas preservar e transmitir o que existe de autêntico na memória oralmente declarada. Ao tornar públicos, por meio da literatura, testemunhos que dificilmente alcançariam grande audiência, Muñoz Molina escreve um romance que, longe de ser o que Ricœur chama de “depósito morto”, como a ideia de escrita como simples conservação poderia supor, é “memória viva”, tão viva na escrita quanto o era na voz das testemunhas.

Palavras-chave: Memória oral, Narrativa espanhola contemporânea, Antonio Muñoz Molina, Sefarad

Repactuando memórias através do arquivo: a narrativa de Aleiton Fonseca em “O Pêndulo de Euclides”

TARCISIO FERNANDES CORDEIRO (UFMG)

Resumo: A ficção contemporânea tem dado novos contornos à gesta de acontecimentos pretéritos. Nesse movimento, outras perspectivas são atribuídas a temas até então estabelecidos, vozes silenciadas passam a ocupar a centralidade do plano narrativo e tramas complexas realinham os discursos de outrora. Logo, o paradigma da verdade única e oficial se vê fragilizado frente ao referencial da verossimilhança, de modo que as fronteiras da ficção, cada vez mais dilatadas, abrem espaço, segundo Linda Hutcheon (1991), à metaficção historiográfica. Nesta guinada, conforme Reinaldo Marques (2015), deve-se atentar para os usos do arquivo, espaço originalmente de legitimação do Estado-nação, que se consolida após a revolução francesa, mas, já na década de 1980, sobretudo com o processo de globalização, passa a ser utilizado por novas perspectivas. Leituras menos lineares começam a surgir, feitas por pesquisadores pautados por olhares transdisciplinares, comparatistas

e, sobretudo, dispostos a romper com a tendência a univocidade do arquivo. No que diz respeito à guerra de Canudos, sabe-se que as ações militares destruíram a comunidade do Belo Monte, denominação utilizada pelos locais, implicando na morte de milhares de camponeses, em fins de 1897, no sertão baiano. Para além do extermínio físico, as autoridades brasileiras impuseram vigorosa campanha para o aniquilamento das memórias relativas ao episódio, estando, inclusive, as ruínas da cidade destruída submersas pelas águas do açude do Cocorobó, obra concluída em 1969. Em contraponto, a ação estatal encontrou, no transcorrer do tempo, inúmeras resistências, de modo que hoje temos uma vasta produção literária e historiográfica que tratam, sob diversas perspectivas, as causas e os desdobramentos desse massacre. Exemplo desse processo verifica-se no romance “O pêndulo de Euclides”, de Aleilton Fonseca, em que a trama se estabelece a partir de uma questão epistêmica, a saber: Canudos seria uma temática exaurida? Na tentativa de superar a angústia dessa possibilidade, o narrador/pesquisador se lança numa travessia pelos arquivos que alimentam esse enredo. Publicada em 2009, pela Bertrand Brasil, a obra rende homenagens a Euclides da Cunha, autor de “Os Sertões”, em seu centenário de morte. De sorte que o trato comparatista se revela útil à análise desse texto que intercala pesquisa histórica, envolvimento afetivo, traços memorialísticos e ethos acadêmico. O arquivo perpassa a trama, quer seja enquanto espaço físico de pesquisa: universidade, museu, memorial, sítio arqueológico; ou numa abordagem intimista em que as memórias, as confissões, os diálogos e também os sonhos e as utopias são desvelados. Assim, nessa comunicação, propõe-se um diálogo entre as temáticas: literatura, memória, arquivo, história, a partir da leitura do romance de Aleilton Fonseca, O pêndulo de Euclides. Para tanto, pretende-se problematizar a relação entre tais conceitos, destacando as intersecções da narrativa ficcional com o plano histórico a partir do arquivo, e de seus desdobramentos memorialísticos, em que o texto literário de Euclides da Cunha se transformou.

Palavras-chave: Arquivo, Euclides da Cunha, Memórias

111: memória e esquecimento do Massacre do Carandiru

ALEXANDRE FERREIRA VELHO (PUC-RIO)

Resumo: O ano 2017 começou com o registro, nas primeiras semanas de janeiro, de mais de 130 assassinatos de presos em presídios brasileiros, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Sendo chamado de “crise nos presídios” pela mídia e pelas autoridades políticas, o evento (re) lançou luz para um acontecimento que, ainda que latente na memória brasileira, mostra certas “relações de ignorância e de indiferença (...) em relação ao passado no Brasil” (GAGNEBIN, 2014, p.177). O acontecimento, ao qual me refiro, é o Massacre do Carandiru ocorrido em outubro de 1992. Chamada para conter uma rebelião na antiga Casa de Detenção de São Paulo, a operação da Polícia Militar resultou em uma chacina, em que 111 detentos foram assassinados. Quase 25 anos depois do Massacre, nenhum agente que participou da ação, cumpriu pena pelas mais de cem mortes cometidas. Em artigo intitulado “O preço de uma reconciliação extorquida”, Jeanne Marie Gagnebin nos convoca, a partir de um delineamento de dois modelos de reconciliação com o passado, a repensar as relações de ignorância e indiferença que nós, brasileiros, temos sobre as questões da memória e do esquecimento de uma série de fatos contundentes da nossa história. Esse chamado não é um apelo a comemorações solenes, “mas uma tarefa de análise que deveria produzir instrumentos de reflexão para esclarecer também o presente, para evitar a repetição incessante, sob novas formas, das políticas de exclusão e genocídio” (GAGNEBIN, 2014, p.184). Convocar Gagnebin para essa conversa com/sobre a memória e o esquecimento do Massacre do Carandiru, objetiva marcar a necessidade de lembrar do acontecimento de 2 de outubro de 1992, uma vez que, como vivido novamente no início desse ano, os mesmos sistemas de extermínio, baseados numa cultura da barbárie calcada na perversa convicção de que “bandido bom é bandido morto”, continuam sendo empregados pelas controversas forças de “segurança” do Estado e avalizados por uma grande parcela da população, que justifica seu posicionamento pelo medo da violência cotidiana. Tinha três anos em outubro de 1992.

Não tenho lembranças do acontecido na época, nem me recordo de essa temática ser trazida à cena ao longo de minha juventude. Minhas memórias sobre a “barbárie” passada dentro do Carandiru foram sendo construídas através de fragmentos de reportagens jornalísticas em razão dos julgamentos dos policiais ou do completar de anos de seu acontecimento. Esta comunicação, entrecortada pelo cenário descrito nos parágrafos anteriores, se debruça sobre as questões que envolvem a memória e o esquecimento do Massacre do Candiru, bem como sua transmissão. Sensibilizado pela obra “111 vigília canto leitura” onde o artista e escritor Nuno Ramos e convidados leem durante 24 horas os nomes dos 111 assassinados no presídio, a comunicação se constrói em dois momentos: o primeiro, em que invento/inventario o meu testemunho do massacre, e o segundo, no qual reflito sobre o modo como a performance-vigília de Ramos testemunha e presentifica a existência de cada um desses sujeitos (ainda que mortos), para que eles não sejam esquecidos, isto é, para que seus nomes não desapareçam nos trâmites burocráticos da justiça e da memória da nossa história.

Palavras-chave: Memória, Esquecimento, Massacre do Carandiru, Nuno Ramos

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

Exercícios de niilismo: memórias do exílio e do desenraizamento em textos de Agota Kristof

RENATO VENÂNCIO HENRIQUE DE SOUZA (UERJ)

Resumo: Dando continuidade às reflexões apresentadas durante o XV Encontro ABRALIC, realizado em 2016, nosso trabalho tem como objetivo aprofundar as questões ligadas à(s) escrita(s) da abjeção, articulando-a(s) ao “projeto de escrita” da escritora de origem húngara radicada na Suíça, particularmente nos textos que compõem a “trilogia dos gêmeos”: *Le grand cahier* (2014), *La preuve* (1995a) e

Le troisième mensonge (1995b). Nesses textos, a autora faz uso de estratégias narrativas e de gêneros diferentes para falar de identidades fragmentadas, habitadas pela pulsão de escrever no intuito de preservar a memória e de lutar contra o sentimento de ausência de sentido que as ameaça. Nesse jogo de espelhos e de representações que multiplica as perspectivas e denuncia a mentira no interior das diferentes versões da narrativa kristofiana, o leitor é alertado para o fato de que “existem vidas que são mais tristes do que o mais triste dos livros” e de que “um livro, por mais triste que seja, não pode ser tão triste quanto uma vida” (KRISTOF, 1995b, p. 14). No Congresso deste ano, vamos ampliar o corpus estudado, incluindo a narrativa autobiográfica *L’alphabet* (2004), o romance *Hier* (2015) e o livro de contos *C’est égal* (2005). Percebe-se, nesses textos, um apanhado representativo da visão de mundo de Kristof, marcada pelo niilismo e pela experiência da abjeção e do exílio. Exílio que pode se manifestar tanto pelo deslocamento espacial quanto pela depressão e pelo desejo de autoaniquilamento: Rennie Yotova chega a falar de “escrita suicida” em seu ensaio dedicado à referida trilogia (YOTOVA, 2011, p. 95). Escrevendo numa “língua inimiga”, o francês, a autora chama a nossa atenção para a fratura do ser que foi obrigado a se exilar e que encontrou na escrita uma tábua de salvação e um meio de expressão para seu profundo mal-estar no mundo. Como outros “professores de desespero” (Cf. HUSTON, 2006), Kristof se inscreve numa tradição de escritores cuja visão de mundo negativa e niilista aparece como “a verdade da [própria] condição humana” (HUSTON, 2006, p. 29).

Palavras-chave: Niilismo, abjeção, memória, exílio

Desafios memorialísticos à mesa: sabores e dissabores identitários no exílio em *Un plat de porc aux bananes vertes* de Simone e André Schwartz-Bart

VANESSA MASSONI DA ROCHA (UFF)

Resumo: Esta comunicação privilegia o estudo dos desafios memorialísticos na obra *Un plat de porc aux bananes vertes*, escrita

a quatro mãos por Simone e André Schwarz-Bart em 1967. Obra de estreia da escritora guadalupense e primeira da parceria literária do casal, o romance coloca em cena a nostalgia da personagem Mariotte em sua velhice em Paris. De origem martinicana, a personagem abandona a ilha durante a erupção do vulcão Montagne Pelée em 1902, o que desencadeou a destruição da cidade de Saint-Pierre e o exílio em massa de seus habitantes. Internada em um hospício, a personagem escreve, cinquenta anos após a tragédia martinicana, sete cadernos nos quais afloram vozes, traumas, testemunhos, questionamentos e desejos de retorno à terra natal. Enfim, os sabores e dissabores de um exílio sem volta pleno de culpas e vazios identitários. Solitária e à beira da morte, a personagem sobrevive graças aos escritos fabulatórios e memorialísticos que contemplam o patrimônio da “memória cultural oral nas Antilhas” (LUDWIG, 1994, p. 16), a saber: paisagens, histórias, músicas, personagens, língua crioula e gastronomia local como esteios afetivos para um presente sem vigor e sem diretrizes. Assumindo o papel de uma contadora de histórias (CHAMOISEAU, 1997, p. 184), Mariotte reconhece o papel da arte para “liberar o grito” (MAXIMIN, 2006, p. 41) e forjar uma “forma possível de esperança” (MAXIMIN, 2006, p. 42) após as sucessivas violências, desde a escravidão até as intempéries naturais. Deste modo, o romance autobiográfico do casal Schwarz-Bart coloca à mesa a memória como meio de se religar à origem perdida, como estratégia para povoar o “não-lugar” (Marc AUGÉ) do hospício, como arte testemunhal dos horrores vividos e como procedimento para o “dever da memória” (Marc AUGÉ, 2001, p. 119) e o “culto do passado” (MALU-MEERT, 1985, p. 13). A ficcionalização memorialística se erige, igualmente, como revisão do fato colonial e valorização dos heróis anônimos (GLISSANT) antilhanos, o que se reflete na denúncia da relação hierárquica e cruel dos franceses e dos antilhanos, como se vê, por exemplo, no apequenamento no negro diante do branco e na maneira como Mariotte é tratada pelos outros pensionários do asilo. Neste contexto, o ilustre prato de porco com bananas verdes, presente desde o título da narrativa, evoca a célebre Madeleine de Proust e os

caminhos da memória involuntária no “edifício imenso da lembrança” (PROUST, 2005, p.46), sobretudo na velhice. Por certo, Mariotte muitas vezes é invadida por vozes de entes já falecidos, sonhos e pesadelos que fragilizam ainda mais sua saúde e sua lucidez. O passado parece assombrar à narradora que se sente culpada por não ter regressado à Martinica e atribui ao seu exílio na França sua flagrante “deriva identitária” (BERNABE). Neste sentido, a escrita pode ser compreendida como testamento afetivo fundamental para uma morte mais serena

Palavras-chave: memória, testemunho, ficção (pós)colonial, identidade caribenha

Poesia contemporânea afro-brasileira: rompendo com os mecanismos de silenciamento e de esquecimento

JULIANA CRISTINA COSTA (UFJF)

Resumo: A literatura é um espaço simbólico onde transitam formações ideológicas que fomentam o imaginário social. Através da historiografia literária brasileira é possível perceber que por muito tempo o controle do imaginário esteve nas mãos de grupos hegemônicos. A ideologia dominante de acordo com o tempo e a sociedade em que o texto literário foi construído pode ser percebida na linguagem, pois o escritor enquanto sujeito não vive apartado das influências ideológicas da esfera social, sendo possível pelo texto literário contestá-las ou reproduzi-las. O domínio da palavra é um domínio de poder. O termo palavra remete ao léxico e à voz, remetendo também à escrita e à fala, sendo primordial para nossas interações sociais. Através da linguagem, podemos construir ethos, isto é, imagens mentais daquilo que expressamos, influenciando assim nas visões de mundo de nossos interlocutores ou leitores. No livro *O poder simbólico* (1989), Bourdieu referindo-se ao espaço social, expressa sobre a existência de um espaço de relações “que é tão real quando o espaço geográfico”. Neste complexo espaço de relações é onde as identidades vão sendo construídas e o espaço social pode ser visto como uma estrutura social, onde segundo Norman Fairclough (2003 a) a “linguagem configura-se como um sistema semiótico”, sendo

assim, a análise da linguagem não foca no sujeito que enuncia, mas nas questões ideológicas que ela apresenta. O crítico literário Edward Said em *Cultura e Imperialismo* (1995) considera que a literatura não pode ser isolada da sociedade e nem da história, portanto Said possibilita considerar que há uma relação dialética entre literatura, sociedade e história. A literatura afro-brasileira contemporânea desempenha uma função política concomitante com o trabalho estético. Na escrita da maioria das escritoras negras observa-se a reivindicação ao direito a voz, sendo a fala a possibilidade de ser e existir socialmente, o que corrobora com o que expressou Frantz Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008): “Falar é existir absolutamente para o outro”, sendo assim, ao expressarem suas vivências e as situações que envolvem os sujeitos negros, permitem visibilizar as consequências históricas da desigualdade racial e também romper com o processo de silenciamento que o racismo instaura sutilmente na sociedade brasileira. Ao remeterem nas tessituras poéticas questões referentes ao passado colonial cujas concepções ideológicas ainda são manifestadas nas interações sociais do presente, trazem a possibilidade da leitura do presente mediante o questionamento desse passado que ainda não se extinguiu no imaginário social. Esta comunicação visa através da poesia das escritoras contemporâneas: Cristiane Sobral, Débora Garcia e Jennifer Nascimento apresentar de modo panorâmico como se dá a construção poética como combate do silenciamento e do esquecimento da condição social do negro na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Literatura Negra Contemporânea, Ideologia, mulheres negras

Portugalidade e pós-memória: configurações e desconstrução da identidade portuguesa no século XXI

ROBERTA GUIMARÃES FRANCO (UFLA/FAPEMIG)

Resumo: A produção literária portuguesa, ao longo de séculos, estabeleceu um diálogo profundo com processos históricos vivenciados pelo país, principalmente pela vertente da construção/afirmação

identitária. Eduardo Lourenço, em “O labirinto da saudade - psicanálise mítica do destino português”, ao chamar a atenção para autognose do país, realizada pela literatura do século XIX, acaba por voltar-se ao percurso identitário português que, de certa forma, confere uma imagem idealizada dessa nação: “[...] a mais sumária autópsia da nossa historiografia revela o irrealismo prodigioso da imagem que os Portugueses se fazem de si mesmos” (LOURENÇO, 2009). No entanto, nas últimas décadas, a literatura portuguesa vem desbravando o silenciamento imposto durante as décadas de 30 e 70 do século XX, período do Estado Novo português, silenciamento que ainda persiste em variados aspectos, como já destacou José Gil em “Portugal hoje - o medo de existir”. Esse desbravar, que já no fim da década de 70 destacava nomes como Manuel Alegre e António Lobo Antunes, vem ganhando outras configurações, a partir da presença de uma nova geração, e do boom editorial envolvendo as mais diversas áreas, que decidiu repensar os anos do Salazarismo, da Guerra Colonial, e do processo colonizatório em África, de uma maneira geral. Especialmente na literatura, a pós-memória não só apela para uma reelaboração do conceito de “testemunha”, como também surge como elemento crucial para refletir sobre a ideia de Portugalidade, conceito que vem sendo problematizado pelo filósofo Onésimo Teotónio Almeida, no recém publicado “A obsessão da Portugalidade”, por exemplo - “Os intelectuais, bem como os cientistas sociais, ignorarão à sua própria custa esta questão da identidade. Ela não passará, todavia, por mais que eles lhe fechem os olhos. Poderá mudar de nome – e talvez até conviesse, dado que, como espero ter demonstrado, o termo hoje incorpora um complexo de realidades em simultâneo. Todavia, ainda que mudasse de nome, não deixaria de existir”. Portanto, as narrativas do século XXI, produzidas pelas gerações de filhos e netos do salazarismo, ao mesclar testemunho, autobiografia, memória, História e ficção, passado e presente, conduzem os leitores a um lugar desconfortável de reencenar e reconfigurar a identidade portuguesa a partir do conturbado século

XX. Fazem parte dessa geração, nomes como Dulce Maria Cardoso, Isabela Figueiredo, Tiago Rebelo, João Ricardo Pedro, Julio Borges Pereira. Neste trabalho, parte do projeto de pesquisa (FAPEMIG) “Poder e silêncio(s): a pós-colonialidade entre o discurso oficial e a criação ficcional”, pretende-se discutir o papel da pós-memória, presente nas narrativas contemporâneas, para a configuração ou desconstrução da ideia de Portugalidade.

Palavras-chave: Portugalidade, Pós-memória, Identidade

69

PRESENÇA DA ESCRITA FEMININA OU DA ESCRITA SOBRE MULHERES**Viviane Vasconcelos (UERJ)**
Tatiana Pequeno (UFF)

Resumo: O objetivo é reunir reflexões acerca da Literatura Portuguesa, das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e/ou da Literatura Galega, ao longo da história, a fim de tentar esboçar uma discussão sobre a presença da escrita feminina ou da escrita sobre mulheres. Para tanto, podemos observar a descrição das mulheres desde as composições galego-portuguesas da Idade Média, as personagens dos romances portugueses do século XIX, por exemplo, ou refletir sobre o espaço das mulheres no mercado editorial desde o século passado. Por meio da relevância da revisitação histórica buscamos apontar as diferenças existentes entre essas literaturas no que diz respeito aos temas citados anteriormente. Na Idade Média e na Era Clássica, é possível pensar na descrição da imagem da mulher em uma trajetória histórico-literária, pois a participação das mulheres nas literaturas portuguesa e galega se caracteriza por uma ausência absoluta, característica que é mantida por muitos séculos, com raros e significativos textos, como as “Cartas Portuguesas”, de Sórora Mariana Alcoforado (1640-1723), conhecidas desde o século XVII. É importante destacar que essa ausência é ratificada pelo desconhecimento de grande parte da produção realizada por escritoras que ficaram à margem da história da literatura. Na literatura galega, a inserção das mulheres na literatura se deu, assim como na literatura portuguesa, pelo acesso de um grupo pequeno ao círculo das letras e das artes. De acordo com Carmen Blanco García, em “Literatura galega de las

mujeres: fundación e refundación” (1995), a presença feminina na literatura galega começa a acontecer gradualmente a partir do século XVIII, como é o caso de Rosalía de Castro (1837-1885), conhecida como a precursora da literatura galega moderna, e de Marquesa de Alorna (1750-1839), uma das vozes mais notáveis de um “Pré-Romantismo” em Portugal. A partir do século XIX, é possível observar elaborações de personagens femininas muito distintas nos romances do Romantismo e do Realismo português, como também na produção poética dos Oitocentos. A transformação dessa imagem também ocorre em outros gêneros e de outras maneiras, como nas cartas entre o escritor Camilo Castelo Branco (1825-1890) e D. Ana Plácido (1831-1895) ou nas cartas trocadas entre as personagens Simão e Teresa, do livro “Amor de Perdição”. Na tentativa de construção de uma discussão sobre as diferenças e aproximações acerca da elaboração da imagem da mulher e da presença de escritoras, há uma outra complexa reflexão quando abordamos as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, não só em relação às distinções entre as literaturas de cada país, como também no que diz respeito à condição feminina em cada contexto. No livro “A Mulher em África. Vozes de uma margem sempre presente”, organizado por Inocência Mata e Laura Cavalcante Padilha (Lisboa, 2007), há análises que privilegiam a reflexão sobre o lugar das mulheres nessas culturas, sobretudo pela capacidade que a literatura produz em questionar o discurso estabelecido e de pôr “em xeque os mecanismos de que se vale a hegemonia de ordem epistémica, política, ética e estética” (2007, p. 13)”. Nesse sentido, outra pergunta que deve ser feita é “como” esses escritores e escritoras compreendem e/ou atuam na afirmação do papel da mulher na literatura, pois muitas dessas reflexões ocorrem hoje em dia por meio de experiências micro-políticas e em espaços literários novos, como antologias e poemas publicados em ambientes virtuais. Segundo Boaventura de Sousa Santos, em “Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade”, mesmo as identidades aparentemente mais consistentes, como a da mulher,

escondem “jogos de polissemia, choques de temporalidades (...), responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades” (SANTOS, 1999, p.119). Essas transformações também ocorrem na literatura por meio da busca por novas linguagens e estéticas, como obras metaliterárias que questionam a estrutura e tentam construir uma escrita que se confunde com a vida, seja por meio da aproximação com elementos biográficos, seja através da incorporação de elementos presentes no cotidiano. É importante enfatizar, ainda, as diferentes dicções nas narrativas e poemas contemporâneos de autoria feminina, como outros sentidos que são atualizados no que diz respeito, por exemplo, às representações dos corpos, à elaboração e ao desenvolvimento das personagens femininas, à relação escritora e mercado editorial, ou seja, discussões marcadas, muitas vezes, pela necessidade da afirmação política e ideológica.

Palavras-chave: Personagens femininas, Autoria feminina, Escrita, História

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

A representação de África na Literatura Portuguesa Pós-74: Lobo Antunes e Isabela Figueiredo.

ANDRÉ CARNEIRO RAMOS (UERJ)

Resumo: Perante os riscos de se abordar um assunto tão relevante, importa mencionar que pretendo desenvolver uma reflexão sobre duas possíveis leituras de Angola e Moçambique, respectivamente, tendo como base as memórias associadas aos dramas da chamada Guerra do Ultramar: de um lado, com as translúcidas experiências de António Lobo Antunes, transformadas em ficção; e de outro, com a articulação identitária e gradativa da mulher no estrato desse mesmo

conflito, com Isabela Figueiredo. É certo que levarei em conta a noção de reescritura do passado, num anseio dos escritores em produzir narrativas que evidenciassem territórios “sufocados” por tempos pretéritos tão nefastos. Nesse sentido, à sua maneira, ambos simbolizam genuinamente a impossibilidade de se desconsiderar a importância da dimensão social que o ato da escrita possui e reverbera. Assim, tais proposições me levam a pensar nas contribuições ofertadas ao tema e alinhavadas pela premissa de uma visceral representação africana. Sintonizados nessas leituras, Ruy Belo, Maria Alzira Seixo, Zygmunt Bauman, Boaventura de Sousa Santos, Paulina Chiziane, Rita Laura Segato e José Gil levam-me a crer que o diálogo aqui proposto muito bem delineará fecundas possibilidades de compreensão e releitura das obras literárias envolvidas.

Palavras-chave: Literaturas de Língua Portuguesa, Memória, Guerra do Ultramar, Literatura Comparada

A construção de identidade feminina na poesia de Paula Tavares

CIOMARA BREDER KREMPER (UFJF)

Resumo: O objetivo deste trabalho é entender como se dá o processo de hibridação e de construção do entrelugar na poesia da angolana Paula Tavares. É observado que esse discurso poético é marca de hibridismo, que se efetiva como uma tradução cultural e é instrumento de formação de identidade(s) própria(s) e nacional(is). É visto ainda que essa poesia se consagra como locus privilegiado da enunciação feminina. Nota-se que o hibridismo aparece como estratégia no espaço intersticial da poesia de Paula Tavares, não é mera inovação estética, é uma maneira encontrada pela autora de desestabilizar o discurso hegemônico. Haja vista que ela é de origem minoritária: é mulher, é africana e vive em situação de diáspora, no país colonizador de sua nação. Destaca-se que o estudo das literaturas lusófonas, assim como a angolana, possibilita um maior conhecimento da diversidade sociocultural desse país e da história desses povos africanos, assim como fornece uma

melhor compreensão da formação de identidades diaspóricas. Para tal, observou-se a conclusão a que chega Leila L. Hernandez. Deveria já ser óbvio que a África é um continente feito de profundas diversidades, é um verdadeiro mosaico cultural, o que nos confirma o hibridismo. Em virtude disso, é que se analisa o discurso de Paula Tavares, como forma de combater essa visão preconceituosa, como forma de preencher essas lacunas e, para dar voz aos discursos historicamente sufocados. Haja vista que nas culturas pós-coloniais, nessa multiplicidade de contextos, esses antigos símbolos precisam ser ressignificados, traduzidos, para deixar florescer todo o seu hibridismo cultural. Para embasar este estudo adotam-se os pensamentos de alguns teóricos, como Stuart Hall; Homi K. Bhabha; Lynn Mario T. M. de Souza; Tomaz Tadeu da Silva; Kathryn Woodward; Laura C. Padilha, Constância L. Duarte e Leila L. Hernandez; Kwame Anthony Appiah; Néstor Garcia Canclini e outros.

Palavras-chave: Hibridismo, Angola, Identidade Feminina, Paula Tavares

A narrativa portuguesa contemporânea e a representação feminina: uma breve análise da obra de Dulce Maria Cardoso

PAULA RENATA LUCAS COLLARES RAMIS (PUC-RS)

Resumo: Este trabalho faz parte de um estudo a respeito das questões de gênero e de escrita na literatura portuguesa contemporânea de autoria feminina. No tratamento desta temática, abordam-se as relações entre as personagens femininas em alguns romances da literatura portuguesa. O estudo procura demonstrar como as autoras questionam a condição e a identidade feminina em seus universos ficcionais. Deseja-se analisar o discurso produzido por mulheres, observando as marcas de suas experiências. Assim busca-se perceber de que forma tais romances, produzidos no século XXI, estabelecem contrastes com as velhas imagens do feminino, consagradas por escritores de períodos anteriores. Sabe-se que em vários autores portugueses, pelo menos até a metade do século XX, a figura da mulher era ora representada como boa esposa, mãe zelosa ou como uma mulher libertina (a mulher “anjo” ou

“demônio”). Em 1960, José Cardoso Pires, em “A cartilha do Marialva”, reproduz o conceito de “marialvismo” para definir o machismo português. O engenheiro, em o Delfim (1968), traduz essa mentalidade patriarcal. Nesse ensaio, Cardoso Pires mostra que, até a década de 30, na literatura portuguesa havia forte presença de ideias marialvas na construção das personagens femininas. Em relação à produção feminina em Portugal, sabe-se que, em virtude da ditadura (1926-1974), a emancipação social da mulher portuguesa é tardia. Por exemplo, o direito ao voto só foi ocorrer depois do 25 de Abril de 1974. Sem dúvida, esse contexto afetou a literatura de autoria feminina. Considerando toda a história de silêncio imposto, é de extrema importância pensarmos nesse novo “cânone feminino”, principalmente, mostrando como a escrita dessas autoras é essencial na construção de um discurso próprio. É importante deixar claro que, apesar do corpus analisado contemplar romances escritos por mulheres, não há a intenção de distinguir autoria feminina e autoria masculina, já que é possível encontrarmos um discurso antifalocêntrico em textos produzidos tanto por homens quanto por mulheres. Temos, como exemplo, as personagens de José Saramago que são mulheres fortes que fogem dos estereótipos tanto tempo enraizados na literatura. Entretanto, considerando toda a história de silêncio imposto, acredito ser importante pensarmos nesse novo “cânone feminino”, principalmente, mostrando como a escrita dessas autoras é necessária para a construção de um discurso próprio. Como afirma Isabel Allegro Magalhães, em O sexo dos textos, “aparentemente só os autores têm sexo, os textos não”. Entretanto, é preciso considerar que “(...) os textos, afinal, expressam a diversos níveis essa inegável diferença – antropológica, histórica e cultural – que existe entre a maneira de estar no mundo própria dos homens e própria das mulheres” (1995, p.9). A novíssima ficção portuguesa, obedecendo às lógicas de mercado, conquistou novos espaços e públicos de outros países. São diferentes autores que delineiam estilos próprios. Em relação à produção feminina, diferente do tom de denuncia presente

em Novas Cartas Portuguesas (Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno), percebe-se também uma nova configuração do feminino. Nesta comunicação, pretende-se abordar tais questões na obra da escritora Dulce Maria Cardoso a partir da construção de mulheres completamente desajustadas.

Palavras-chave: Narrativa, Dulce Maria Cardoso, Escrita Feminina, Portugal

A personagem feminina no romance Maria Isabel, de Maria Peregrina de Sousa

JULIANA DE SOUZA MARIANO (UERJ)

Resumo: Pesquisar sobre escritoras portuguesas do século XIX não é tarefa das mais simples. A barreira maior é a escassez de fontes, que se deve, principalmente, ao papel que cabia à mulher na sociedade de oitocentos. Sem direitos políticos e restrita ao espaço privado, deveria estar sempre sob a dependência de um homem. Ao penetrar num espaço que não era o seu, é compreensível que as mulheres que ousaram se afirmar como escritoras o tenham feito, a princípio, sob o signo do anonimato. É o caso de Maria Peregrina de Sousa (1809-1894). Dona de uma vasta obra, mas ainda dispersa e não sistematizada, a autora participou ativamente dos periódicos portugueses da época, como *Archivo Popular* – em que fez sua estreia –, *Grinalda*, *Aurora*, *Almanach das Senhoras*, *Pirata* e na *Revista Universal Lisboense*, publicando poemas, romances e contos populares, muitas vezes utilizando pseudônimos como “Uma obscura portuense”, “Mariposa” ou suas iniciais, “D. M. P.”. Também contribuiu para o *Iris* do Rio de Janeiro. Como afirma Teresa Leitão de Barros (1924), “a sua colaboração era parte obrigada de todo o periódico literário que se prezasse” (BARROS, 1924, p. 180). Em nossa dissertação de Mestrado, estudamos os romances *Retalho do mundo* (1859); *Maria Isabel* (1866), *Henriqueta*: romance original (1876), publicados em livro, e a novela “Pepa” (1848), publicada no periódico *Iris*. Optamos por trabalhar essas narrativas

porque todas têm, como protagonistas, mulheres. Além disso, englobam o amplo espaço de tempo de produção de Peregrina. Não se espera, contudo, que as mulheres dos livros de Peregrina sejam uma cópia fiel das mulheres da realidade. Antes de tudo, suas obras representam sua perspectiva, sua visão particular sobre a sociedade em que vivia. Além disso, suas personagens vivenciam situações caras ao universo feminino: o estigma da bastardia, o temor do adultério, o anseio pela instrução e pela livre escolha no campo dos afetos, o dote, as normas de conduta, as diferenças entre os gêneros impostas pela sociedade. Para esta comunicação, selecionamos o romance Maria Isabel. Nosso objetivo é investigar como o discurso do senso comum ora se confirma às vezes, ora é desestabilizado, e como algumas personagens poderiam contornar os interditos sociais. Pretende-se discutir como a obra de Peregrina interpela a sociedade e como suas personagens femininas se inserem num mundo repleto de interditos. Ao trazer essa “obscura portuense” à luz, pretendemos também refletir sobre como uma autora pensava a sua realidade e qual o reflexo disso na sua produção literária.

Palavras-chave: Maria Peregrina de Sousa, Século XIX, Escrita feminina, Narrativa

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

Pelas mãos de Jenny, Camila e Natália – percursos femininos na prosa de Inês Pedrosa

CLAUDIA MARIA DE SOUZA AMORIM (UERJ)

Resumo: Esse estudo tece considerações sobre três mulheres da mesma família, de três gerações distintas, num mundo em transformação constante. As escolhas, os encontros e desencontros, as reflexões das três personagens compõem a tessitura de palavras e imagens com que narram uma parte de suas vidas em contraponto aos acontecimentos

que reconfiguram as forças que se movem em Portugal e na Europa do início do século XX até o fim desse século. Nesse fio entremeado de vozes femininas, vislumbra-se um cenário histórico marcado, entre outras coisas, por um novo lugar do feminino no ocidente.

Palavras-chave: Inês Pedrosa, escrita feminina, literatura portuguesa contemporânea

Corpo e aparelho poético: Angélica Freitas, Margarida Vale de Gato e Paula Tavares

TATIANA PEQUENO DA SILVA (UFF)

Resumo: A poesia de Angélica Freitas, Margarida Vale de Gato e Paula Tavares respira, hoje, sem dificuldades. O corpo da poesia escrita por mulheres, entretanto, foi claudicante por muito tempo, resistindo às adversidades do silenciamento e das estratégias institucionais de apagamento e irrelevância, como se o seu aparelho poético demonstrasse sinais não de uma gorda saúde (como observa Deleuze no já tão conhecido ensaio “A literatura e a vida”). Que consequências então carregam tais corpos de poesia? Em que medida a organicidade e a percibibilidade destes aparelhos já surgidos sob a lógica da mecânica fálica comparece no verso e nos poemas? Queremos discutir tais questões pois, embora possam parecer datadas, assumem (novamente) um corpo coletivo de reivindicações mobilizadoras que rearranjam os agenciamentos previsíveis do mercado editorial e da crítica acadêmica, colocando o dedo na ferida aberta deste complexo de órgãos que é a poesia escrita por mulheres em língua portuguesa. Assim, tomografar os livros *Um útero é do tamanho de um punho* (2012), de Angélica Freitas; *Mulher ao Mar* (2010), de Margarida Vale de Gato e *Amargos como os frutos* (2011), de Paula Tavares, é procurar avaliar o que restou da convalescência destes aparelhos poéticos e, sem dúvidas, examinar o que resta para a movência destes corpos rumo à dança do futuro.

Palavras-chave: estudos feministas, mulher, poesia

“Beatriz”, de A. P. Lopes de Mendonça: um trecho italiano no contexto das discórdias civis portuguesas dos anos 40 e 50 do século XIX

SÉRGIO NAZAR DAVID (UERJ)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo o estudo do conto “Beatriz” de A. P. Lopes de Mendonça (1826-1865). “Beatriz” teve sua primeira versão no jornal “A Revolução de Setembro”, em 4 e 5/2/1851. A segunda versão integra a obra “Recordações de Itália” (2 vols.), 1852-1853. A terceira versão, objeto da nossa análise, é de 1860, de “Cenas e fantasias de nossos tempos”. Beatriz é uma veneziana que ama um oficial austríaco durante o período de luta que antecedeu a unificação italiana. O conto de A. P. Lopes de Mendonça põe em conflito dois vetores poderosos da literatura romântica: o amor-paixão e o nacionalismo. Ao fazê-lo, apresenta uma síntese da situação da mulher dentro da conflituosa e paradoxal sociedade liberal.

Palavras-chave: A. P. Lopes de Mendonça, romantismo, liberalismo, amor-paixão

Mulheres peregrinas no medievo galego-português: da Rainha Santa às ‘amigas’ do Trovadorismo

MARIA DO AMPARO TAVARES MALEVAL (USP/UERJ)

Resumo: A Rainha Isabel de Portugal (c.1269-1336), mulher do rei-trovador D. Dinis (1261-1325), foi um exemplo perfeito de virtudes cristãs, o que fez com que fosse beatificada e canonizada pela Igreja. Empreendeu peregrinações a Santiago de Compostela, do mesmo modo que o fundador da Ordem religiosa que seguiu: São Francisco de Assis (c.1181-1226). Mas a esse centro de peregrinação, o principal do medievo europeu, acorreram não somente os que buscavam a ascensão espiritual. Muito outros motivos moviam os peregrinos, e em muitas cantigas de amigo do Trovadorismo galego-português pode-se comprovar que para aí, bem como para igrejas ou ermidas circunvizinhas, se encaminharam donzelas, à busca de realizarem seus

anseios amorosos. Pretendemos revisitar, nesta comunicação, as duas espécies de peregrinação – a espiritual e a sensual ?, que levaram essas mulheres, de existências real ou fictícia, a santuários galegos, em busca do alcance de objetivos à primeira vista tão díspares. Para tanto, nos basearemos fundamentalmente na Vida e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal, texto do século XIV, restituído à sua presumível forma primitiva por J. J. Nunes e publicado pela Imprensa da Universidade de Coimbra em 1921; e no corpus completo da Lírica Profana Galego-portuguesa, reunido e publicado, sob a coordenação de Mercedes Brea, pelo Instituto Ramón Piñeiro, em Santiago de Compostela, 1996.

Palavras-chave: Hagiografia medieval, Trovadorismo, Peregrinação, Feminismo

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 3

A escrita feminina afro-brasileira no cenário literário brasileiro

MARIÂNGELA MONSORES FURTADO CAPUANO (COLÉGIO PEDRO II)

Resumo: No Brasil, houve um claro projeto de apagamento da figura do negro do cenário literário brasileiro. A produção artística e literária dos afro-brasileiros que se assumiam como tal, desde o período colonial, sempre foi intensa; porém houve um verdadeiro escamoteio dos vínculos autorais, e até mesmo textuais, principalmente se as obras remetessem à questão da etnicidade africana. Os escritos desses artistas ou não foram publicados ou foram esquecidos nas estantes e arquivos, pois não eram convenientes ao projeto claro de miscigenação branqueadora pelo qual passou a população, principalmente, após a abolição da escravidão. A comunicação tem como objetivo apresentar uma leitura do romance Úrsula, da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, do século XIX, primeira escritora afro-brasileira a ter um livro

publicado, e do livro Olhos d'Água, de Conceição Evaristo, escritora brasileira contemporânea. O trabalho procura levantar questões sobre a autoria feminina negra em dois momentos históricos no cenário literário brasileiro.

Palavras-chave: mulher, literatura afro-brasileira, cânone, desconstrução de estereótipos

Comparação e contraposição de conceitos no romance A Paixão Segundo G.H., de Clarice Lispector

NAYARA CRISTINA MARQUES (UNESP)

Resumo: A obra de Clarice Lispector apresenta um permanente questionamento e dualidade entre o ser social e o ser natural, encarcerando o primeiro no limite das funções que cumpre socialmente ao mesmo tempo em que vê o segundo de forma positiva, já que o ser natural não está preso aos ritos sociais e culturais nos quais se encontra o ser-humano. A partir de situações ordinárias da vida cotidiana vividas por personagens comuns, há o desencadeamento de reflexões e pensamentos apresentados na narrativa por meio do fluxo de consciência e da análise mental de modo a exhibir em primeiro plano a subjetividade das personagens. Assim, os acontecimentos da história narrada passam pelo filtro subjetivo das personagens antes de chegarem ao leitor. Por meio destas situações comuns, as personagens são levadas a uma travessia que nas palavras de NUNES (1995) é caracterizada como “tormetosa” e é responsável pelo desencadeamento gradativo de reflexões e pensamentos sobre os mais diversos temas que afligem o ser-humano. Essas reflexões relacionam-se por vezes com temas referentes à natureza, ao divino e ao humano, conceitos estes que permeiam a obra clariciana. Neste trabalho, estudaremos como os conceitos de natural, divino e humano se relacionam ao mesmo tempo em que se contrastam para criar uma narrativa na qual estão evidentes conflitos subjetivos entre as personagens e a ordem social, as personagens e o meio em que vivem e, por fim, as personagens em conflito com elas mesmas. O recorte realizado para este estudo

compreende o romance A paixão segundo G.H., publicado no ano de 1964. A partir do estudo do romance, faz-se relevante levantar alguns aspectos relacionados à intertextualidade com textos religiosos como o texto bíblico, especialmente o Velho Testamento, e quais os efeitos de sentido que o diálogo com o texto religioso em comparação aos conceitos abordados neste trabalho apresenta ao longo da narrativa. Assim, a partir de uma análise imanentista da obra citada, veremos como estes conceitos relacionam-se e contrapõem-se entre si, assim como outros conceitos existentes e contrapostos no decorrer da narrativa, como, por exemplo, os conceitos de cultura e real. Como fundamentação teórica nos basearemos na teoria de Adorno (2008) e Todorov (1973), tendo em vista os estudos das categorias da narrativa, Nunes (1995), a qual funciona como embasamento teórico-crítico para o entendimento da obra clariciana e Flusser (2002) e Tosaus Abadía (1996), que nos servirão de base para a compreensão da divindade e do senso de realidade na literatura moderna e contemporânea.

Palavras-chave: A paixão segundo G.H., divino, natural, humano

A mulher e a busca do eu, em uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres

PRISCILA NOGUEIRA BRANCO (UFRJ)

Resumo: Este trabalho tem como intuito fazer uma análise do livro “Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres”, de Clarice Lispector, dando luz à questão da mulher e a busca por sua identidade, dentro de uma perspectiva moderna. Logo, a mulher enquanto sujeito aprendiz de seus caminhos e dos seus próprios prazeres. Na primeira parte, tratarei de como Clarice constrói uma nova mulher, a partir da desconstrução do mito de Ulisses, presente na obra de Homero, A Odisseia, relacionando também com o mito de Eros e Psiqué. A mulher, no mito invertido de Clarice, é quem faz a viagem. Não espera em casa, passiva, pelo retorno de seu marido, o que demonstra que a mulher pode ser a dona de seus próprios rumos. A segunda parte mostra como a mulher constrói o que se é apenas através da dor. Dor essa que nos é imposta desde

que nascemos, apenas por sermos mulheres dentro desta sociedade patriarcal que privilegia os homens. A resignação, a serventia e a submissão que nos são tão ensinadas ainda permanecem, mesmo com a inserção da mulher no mercado de trabalho. Por fim, o último ponto é sobre o caminho que a mulher percorre a fim de encontrar quem se é e pelo seu direito de ter prazer, e não dor. Os conflitos pelos quais a mulher passa para seguir essa estrada e poder arrancar todas suas máscaras sem arrependimentos. Ao arrancar a “persona” de que se veste, é possível alcançar sua identidade, seu “eu”, através do “outro”, passando a ser sujeito de si mesma.

Palavras-chave: Mulher, Identidade, Outro

A mulher que habita a superfície do texto - anotações sobre três diários de Llansol

JÚLIA DE CARVALHO MELO LOPES (PUC-RIO)

Resumo: Em um de seus diários publicados no Brasil, *Finita*, Maria Gabriela Llansol apresenta um modo de estar no mundo: “tudo o que até hoje tenho escrito é procurar saber como se pode escrever a Regra do desejo mútuo, a regra de que tu dizes da Comunidade. Se se entra em precisões, cerceiam-me os impulsos, se não nos abeiramos do exato, desfaz-se a rede e esvai-se o mútuo”. Que regra? Que Comunidade? Esta proposta de comunicação pretende discutir, a partir de três diários da escritora – *Um Falcão no Punho*, *Finita* e *Inquérito às Quatro Inconfidências* – o que dá a ver a escrita de uma mulher que falou sobre feminino, sobre mulher e sobre a existência. Que feminino habita na escrita de Llansol? As casas da escrita, os campos de batalha, tantas vezes apresentados no texto? Em muitos de seus livros, personagens históricas transformam-se em suas figuras. Em seus diários, ela também é uma dessas figuras, a existir sobre o globo, a compor uma cosmogonia. Que mulher é, então, desenhada? O que do feminino é, naquelas páginas, apresentado? Um feminino propositor de uma cosmogonia, portanto, em que os seres se completam e estão abertos às combinações possíveis – que não se enclausura,

enfim. Uma compleição que não se diz harmoniosa, mas se vincula a uma correspondência no estar juntos. “Noto que eu não espero para escrever, nem deixo de escrever para passar pela experiência que produz a escrita; tudo é simultâneo e tem as mesmas raízes, escrever é o duplo de viver”, escreve em *Um Falcão...* É no manuseio da linguagem, na apresentação e na invenção de uma presença que Llansol elabora um feminino, desconectado de uma militância ou representação de tipos sociais. É uma outra coisa: “abeiramento”, força espalhada na superfície do texto. Nos diários também figuram mulheres que atravessam seu cotidiano, visitas em sua casa, que surgem ao virar a esquina, no gesto de abertura de um livro, que forjam o agora. Que habitam a fronteira, numa reverberação do que viria a dizer Lygia Clark: “pois é isso que sou e não adianta querer ser menos fronteira”, em carta para o amigo Hélio Oiticica. Esta comunicação pretende, portanto, engendrar uma investigação sobre a linguagem e o feminino numa discussão sobre a comunidade, acolhendo as perguntas sobre o estar no mundo e mantendo-as ativas. Uma comunidade que se dá no acontecimento – posto que não é substância, nem pode se cristalizar. Que, a despeito de sua indeterminação, aparece, se realiza na “força do seu querer”, como comenta a filósofa Silvina Rodrigues Lopes (2007). Uma comunidade que se dá no estar junto, fluido, noutra intenção. Este resumo apresenta um modo de pensar a constituição de uma comunidade e a presença da linguagem nessa constituição e qual feminino é aí forjado.

Palavras-chave: Maria Gabriela Llansol, Diário, Feminino

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

A eviterna discussão entre literatura e gênero

JOABE NUNES DOS SANTOS (UFPE)

Resumo: O que seria uma literatura feminina? Poderiam as mulheres escreverem de uma forma diferente dos homens? Quem produz

tal literatura? Afinal o que escrevem as mulheres? A partir dessas perguntas, abre-se um leque de possibilidades imenso, em que a figura central é a mulher e o seu ingresso no universo literário. Embora a mulher seja parte integrante das produções orais antigas a sua inclusão na literatura em si é algo recente, se compararmos a quantidade de séculos em que lhe foi imposta uma condição de inferioridade, não somente na literatura, mas em todos os aspectos da vida em sociedade. Portanto esse trabalho nasce da necessidade de responder tais perguntas a luz de teorias que discutem tal temática. Objetivando um processo de discussão das relações existentes entre criação literária e gênero o trabalho traz à tona uma discussão entre teóricas do que seria uma escrita atravessada pelas questões de gênero e da maneira como o patriarcado influenciou e ainda mantém forte influência no que entendemos como literatura feminina. Dado as discussões não tão atuais do que realmente é ser uma mulher ou um ser de características femininas, a tentativa de responder tais perguntas nos levam por um caminho ora pendente para a existência real de uma literatura autenticamente feminina, ora o contrário. O proposto no decorrer do trabalho é levar o leitor a uma reflexão acerca da possibilidade de existência de um gênero para a escrita literária, ou, talvez ao menos algo que explique a motivação por trás daqueles que defendem que a escrita não possui um gênero definido. Para que tal discussão fosse possível, foram levantadas bibliografias de teóricas que contribuem com essa temática. Dentre as quais estão presentes: Constância Lima Duarte (2017), Heloísa Buarque de Holanda (1994), Simone de Beauvoir (1960), Judith Butler (2016), Maggie Humm (s/d), Elaine Showalter (1994) entre outras. Tais autoras corroboraram e discutem entre si a existência ou não de um gênero para o fazer literário, tendo em vista a maneira que o patriarcado inviabilizou a escrita das mulheres ao longo do tempo. É necessário fazer um resgate do que as mulheres produziram e de que maneira essa produção refletem nos papéis de gênero que sequer são reconhecidos na construção de uma literatura mundial, quiçá, nacional.

Se a literatura nacional ou internacional possuiu um gênero ou não isso é uma discussão que ainda requer muitos desdobramentos, entretanto, negar a participação da mulher nessa construção é alimentar cada vez mais o corpo patriarcal no qual se sustenta a origem do fazer literário.

Palavras-chave: Feminino, Literatura, Mulher, Gênero

A cidade que não é de Ulisses, o Paraíso que não é de Eva

JOÃO FELIPE BARBOSA BORGES (UFJF/IFF)

Resumo: Desde a década de 1990, é crescente o interesse (não só) acadêmico sobre a cidade, tanto por parte de governantes, arquitetos, historiadores, geógrafos, cientistas sociais, e até por nós, da ciência da literatura, que tendemos analisar as representações textuais/discursivas do espaço urbano. Quando se considera, no entanto, no cerne da questão, a presença feminina na representação deste espaço, nos deparamos com uma verdadeira ausência de estudos que investiguem sobre o papel da mulher na cidade (tanto como autora, quanto como personagem), sobretudo em textos literários anteriores ao século XIX. Em parte, pela própria ausência, no âmbito da historiografia literária, de textos de autoria feminina, e em parte pelas restrições sociais, culturais e históricas que desde sempre as mulheres enfrentaram no espaço público. Nesse sentido, tenho por interesse, nesta comunicação, investigar sob que formas, através de que canais, e em meio a que discursos, a mulher influi na formação do conhecimento histórico-literário sobre a cidade de Lisboa. Da literatura trovadoresca ao momento contemporâneo, procuro refazer os passos de personagens femininas e/ou escritoras no contraste com os passos de personagens masculinas e/ou escritores na representação literária do espaço lisboeta. Parto do pressuposto de Isabel Allegro de Magalhães (1995), em *O sexo dos textos*, para quem a análise de distintos ou similares indicadores de sensibilidades, percepções do real e modos de atuação relacionados literariamente ao sexo e/ou ao gênero, não pode prescindir de uma reflexão sobre textos de homens

e mulheres de uma mesma época. Crivada a partir do agenciamento de lusos corpos e discursos, muitas Lisboas se verterão a nosso olhar. Como se verá, na maioria das vezes a cidade quererá ter nascido daquele mesmo pó primordial que, com o sopro divino nas narinas de Adão – não Eva –, gerou vida, daquele mesmo pó do qual floresceu a árvore do meio do jardim, reveladora do conhecimento do bem e do mal, daquele mesmo rio, enfim, que do Éden, se dividia e se tornava em quatro braços: Pisom, Giom, Tigre e Eufrates. Cinco, a bem dizer, não posso me esquecer do Tejo, rio mais que providencial. Mas se chamei Paraíso a essas cidades de papel, é sobretudo porque sua construção genesíaca sugere, com raras exceções, a expulsão da mulher e de formas associadas ao feminino, entre as quais destaco o corpo, o desejo e as emoções, do espaço da cidade, ou antes, limitando-as à cidade do pecado, que muito longe estará da representação corrente do Éden edificado, cuja entrada da mulher só foi permitida dentro de um modelo virtuoso e virginal de silenciamento da mácula do corpo. Clarifico, desde já, que minha hipótese não pressupõe uma identidade de mulher responsiva à uma identidade de homem, primeiro porque ambos se dizem no plural, e segundo, o principal, porque quando traço um caminho comparativo é para antes, através destas mulheres, manchar um discurso auratizado sobre a cidade, que no seu pretendo apagamento do corpo, das emoções, da subjetividade, deixa uma cicatriz que não é de Penélope, mas do grego/português, europeu, ocidental, másculo e universal Ulisses.

Palavras-chave: Cidade, Mulher, Lisboa

Construção do Imaginário e Relações de Poder na Narrativa de Autoria Feminina

CLÁUDIA REGINA DA SILVA RODRIGUES (UFRJ)

Resumo: A literatura de autoria feminina procura adquirir autonomia, tendo como elemento principal a atuação das mulheres nos mais diversos segmentos, divulgando a trajetória percorrida através da

história. As escritoras sempre buscaram legitimar e dar visibilidade à história das mulheres; conduzindo olhares e vozes, aliando os contextos do passado com as práticas sociais da atualidade. As narrativas produzidas sobre a relação entre os gêneros são capazes de gerar uma enunciação ficcional capaz de levar a uma nova visão de mulher. Sendo capazes de conduzir a uma posição crítica sobre a história e a um olhar renovado sobre a questão, sem deixar de ressaltar as peculiaridades identitárias das mulheres e, muitas vezes, também edificando a própria identidade. Sob o domínio patriarcal, o conhecimento feminino sempre foi tido como menos importante no ambiente cultural e na literatura, sendo a mulher excluída do processo de criação. A escrita de autoria feminina era vista como algo específico de “mulher para mulher”, envolto no pensamento antigo que a denominava como leitora insignificante. Por meio dos personagens dessa escrita feminina, são estabelecidas relações que indagam e também discordam das posições ocupadas na sociedade por mulheres e homens. Essa escrita salienta a luta da mulher por reconhecimento e visibilidade, sobretudo pela revisão da identidade feminina na sociedade. A partir do que foi mencionado o tema proposto nos levará a fazer uma análise do romance *Memórias de Marta* de Júlia Lopes de Almeida, buscando averiguar e contrapor questões pertinentes à temática. Júlia Lopes de Almeida não teve seu valor estético-literário devidamente reconhecido, acredito que pelo fato de ser uma mulher em pleno século XIX. A autora foi relegada ao esquecimento, com isso desejamos fazer um trabalho de resgate; logo, visamos tornar acessível a questão da mulher na sociedade, levando a uma possível reflexão e incitando o interesse naqueles que procuram entender mais sobre o assunto. E, nesse sentido, é interessante pensar as possibilidades de leituras críticas das minorias representadas através da literatura; sobretudo a questão da mulher. Sendo assim, é nossa intenção buscar identificar como se deu a representação das mulheres na obra em questão e de que forma a autora produziu o material literário a fim de transmitir através de seus

personagens a imagem que nos fizeram repensar o imaginário feminino ali presente. Também é necessário buscar entender como ocorreu o processo de construção da subjetividade de cada personagem protagonista que conduziu o leitor até o imaginário pretendido.

Palavras-chave: Escrita Feminina, Representação Literária, Século XIX



PRESENÇA DAS DITADURAS NA FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: ARGENTINA, BRASIL, CHILE E URUGUAI.

Juliane Vargas Welter (UFRN)
Karina de Castilhos Lucena (UFRGS)

Resumo: As ditaduras na América do Sul, Argentina (1976 – 1983), Brasil (1964 – 1985), Chile (1973 – 1990) e Uruguai (1973 – 1985), foram responsáveis pelo trânsito forçado de artistas, intelectuais e militantes que nos anos 1970 se viram obrigados a abandonar seus países e fixar residência em novos locais. Esse trânsito, muitas vezes invisível nos documentos oficiais, ganha destaque como matéria ficcional, tanto na literatura como no cinema, especialmente nas produções mais recentes. Assim, são muitas as narrativas, literárias e cinematográficas, produzidas depois de findadas as ditaduras que tratam da trajetória daqueles que foram direta ou indiretamente afetados por esses regimes. O romance *A resistência* (2016), de Julián Fuks, consagrado pelo Prêmio Jabuti de melhor romance em 2016, funde a memória familiar do escritor à trajetória política de argentinos (seus pais) que se exilam no Brasil, tendo como problemática central a adoção do irmão do narrador ainda durante o regime. Maria Pilla, em *Volto semana que vem* (2015), narra o caminho inverso: as suas memórias de brasileira que se exila na Argentina também na tentativa de desviar da perseguição política, o que acaba por levá-la à prisão naquele país. O cinema acompanha a temática e faz registro semelhante, por exemplo, o filme uruguaio *Migas de Pan* (2016), dirigido por Manana Rodríguez, que retrata a prisão da protagonista no Uruguai e seu posterior exílio na Espanha. O longa chileno *No* (2012), de Pablo Larraín, discute as tensões do

processo de abertura política no Chile. O cinema brasileiro também participa desse momento de retomada do tema com produções de documentários como *Diário de uma busca* (2011), de Flávia Castro, *Uma longa viagem* (2011), de Lúcia Murat, e *Os dias com ele* (2013), de Maria Clara Escobar. Esses são apenas alguns exemplos da presença das ditaduras sul-americanas nas narrativas produzidas na região. Vale destacar que também o teatro seguiu essa tendência. No Chile, a peça *La muerte y la doncella* (1991), de Ariel Dorfman, traz no argumento os primeiros movimentos de redemocratização, um ano após a queda de Augusto Pinochet, abrindo espaço para o debate sobre políticas de memória e punição a torturadores. Este simpósio pretende, assim, debater a presença das ditaduras na ficção contemporânea, seja em narrativas literárias ou cinematográficas, produzidas na Argentina, Brasil, Chile ou Uruguai. Entende-se por ficção contemporânea, neste momento, aquela produzida na esteira da redemocratização em cada um desses países. O objetivo do simpósio, portanto, é pensar panoramicamente os processos políticos que impactam na literatura e no cinema sul-americanos sem deixar de atentar para a especificidade desses processos em cada país. Acredita-se que este panorama deixa ver formações históricas, políticas e ficcionais que talvez ficassem ocultas se vistas isoladamente. Nesse sentido, o contraste entre obras produzidas em tempos e locais específicos mas de assunto compartilhado, ao mesmo tempo em que ilumina essas especificidades, revela convergências que permitem entender a literatura e o cinema na Argentina, no Brasil, no Chile e no Uruguai como um conjunto. O recorte aqui feito, portanto, inclui países sul-americanos que, para além do período cronológico análogo, compartilham uma história de ditaduras semelhantes e redemocratizações desiguais. Este simpósio aceita perspectivas teóricas diversas – a teoria literária, a teoria social, a história, a filosofia, a psicanálise –, mas privilegia o cruzamento entre elas aos moldes do que fazem Christian

Dunker, Maria Rita Kehl, Márcio Seligmann-Silva, Vladimir Safatle. Da mesma forma, são bem-vindos trabalhos que articulam forma estética e processo social pela perspectiva de Antonio Candido, Beatriz Sarlo, Roberto Schwarz, entre outros. Serão aceitos estudos de pesquisadores da área de Letras que se dedicam à literatura brasileira, literatura hispano-americana, literatura comparada ou teoria literária. Do mesmo modo, pesquisadores de áreas afins, que tenham por objeto o cinema ou a literatura, também podem apresentar seus trabalhos. Salienta-se que podem ser enquadrados neste simpósio estudos que incorporam o debate feminista no escopo deste tema, com problematizações como a autoria feminina, a especificidade da violência sofrida por mulheres no enclausuramento por motivo político ou, ainda, a potência dos estudos de gênero na contemporaneidade. Entende-se que a visada em conjunto e em comparação permitirá um alcance de análise mais amplo. Assim, a proposta é tornar este um espaço aberto, acolhendo pesquisadores e trabalhos de diferentes perspectivas. Este simpósio almeja, portanto, ampliar o debate estético e político das produções contemporâneas, bem como de nossos processos históricos e traumáticos recentes.

Palavras-chave: Ficção contemporânea, Literatura brasileira, Literatura hispano-americana, Ditaduras

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

‘Por que eu sobrevivi e eles não?’: a culpa dos sobreviventes e a literatura pós-ditatorial

LUA GILL DA CRUZ (UNICAMP)

Resumo: Esta proposta centra-se em uma leitura comparativa das obras ‘K – relato de uma busca’ (2011), de Bernardo Kucinski, e ‘Não

falei' (2004), de Beatriz Bracher, tendo em vista o teor testemunhal de tais obras em relação ao período da ditadura civil-militar brasileira e o debate que realizam acerca do conceito de culpa. Escritas com um distanciamento temporal de mais de quarenta anos, as obras constroem uma leitura acerca do passado histórico a partir do presente, e principalmente da tentativa de (r)elaboração da matéria histórica e da experiência traumática – lida a partir da chave freudiana - por parte dos sobreviventes. A inscrição do trauma percorre, nas narrativas, o sentimento de culpa do sobrevivente, conceito cunhado principalmente a partir da série de catástrofes históricas do século XX, em especial a Shoah. Distinto do conceito de responsabilidade ou de “culpa coletiva”, a que muitos filósofos se detiveram no pós-guerra, o conceito que nos interessa aqui diz respeito a uma repetição constante do questionamento, por parte dos sobreviventes, de ‘por que eu sobrevivi e eles não?’. Diante da perda e da ausência, a tentativa de resposta à pergunta, perpassa o testemunho e a narração que procura, sob o signo da impossibilidade e a partir dos rastros e omissões, dar sentido à experiência. Que culpa - ou vergonha, nos termos de Primo Levi (2004) - seria essa? No caso dos livros aqui abordados, esta comunicação se deterá em três culpas diferentes, ainda que relacionadas: 1) a relação da culpa paterna, no caso do personagem K., perante o desaparecimento e a morte da filha, A.; 2) a culpa do sobrevivente do personagem-narrador, Gustavo, em ‘Não Falei’, frente à acusação de delação e traição de ter entregue seu cunhado sob tortura; 3) a culpa – não tão transparente – do irmão, autor de ‘K.’, Bernardo Kucinski, a partir do testemunho e da omissão e do silêncio na narrativa. A forma do testemunho se constrói exatamente na tentativa de expiação do recalcado, do esquecido no espectro privado e, principalmente, público. O imperativo, nascido da violência histórica, de que não mais se esqueça e não mais aconteça, exige uma elaboração do passado que não se isole na culpabilização ou na recriminação, mas que, ao contrário, aponte ao passado de forma a iluminar o presente e encontre uma forma de a história ser contada

e dividida. Para fundamentar a discussão, me atenho a constructos teóricos das áreas de história, filosofia e psicanálise e, em especial, aos teóricos Agamben, Calveiro, Caruth, Freud e Seligmann-Silva.

Palavras-chave: Literatura contemporânea brasileira, Ditadura civil-militar, K. - relato de uma busca, Não falei

A ditadura militar e seu poder de silenciamento: o dizer do silêncio no discurso de resistência em “A festa”

IRANILDO MOTA DA SILVA (UFRN)

Resumo: O regime militar brasileiro trouxe repercussões negativas e pontuais no meio acadêmico, social e cultural nas décadas de 1960 e 1970. Neste contexto, muitos artistas e escritores passaram a expressar as suas angústias e posicionamentos ideológicos por meio de movimentos sociais e da arte literária, de modo a descrever os acontecimentos que outrora marcavam uma era conturbada pela crise política. Fazendo um recorte diacrônico chegaremos aos romances publicados entre os anos 60 e 70, período conturbado pelo qual viveu o Brasil, inclusive os romancistas. Neste período, a história nos aponta os inúmeros exílios sofridos pela classe artística da época: cantores, atores, jornalistas e escritores. Por isso se nota a necessidade de estudos que contemplem análises deste percurso histórico/literário. Durante a época em que perdurou o regime militar no Brasil, foi quando mais se presenciou na literatura brasileira a prática de silenciamento do discurso crítico às produções literárias daquele período. Viu-se, logo após a publicação do AI5, um silenciamento que pretendia reprimir todos os discursos críticos àquele regime. No entanto, nos deparamos com a seguinte questão: será que esta prática de silenciamento resultou realmente em um silêncio nas obras literárias publicadas durante o regime de repressão? Com base, principalmente, nos estudos desenvolvidos por Orlandi (2007) e Foucault (2014) no que se refere ao discurso de poder e das mais variadas significações de silêncio e silenciamento e nos estudos de Brandão (1994) e Aquino (1999) no

que tange à época do governo militar no Brasil e da censura imposta por ele, esta comunicação tem por objetivo analisar se há no romance *A festa*, de Ivan Ângelo, esta repressão discursiva e também a possível presença de um silêncio que signifique. Isso pretendemos, uma vez que é no discurso que se verifica as diversas faces do poder que reprime e do poder que resiste. É o que Orlandi (2007) aponta como o silêncio fundador e política do silêncio. Brandão (1994), que também foi vítima desse silenciamento, afirma que a literatura ajudou a disfarçar atitudes contra o amordaçamento e o silenciamento. Os escritores não estavam na sociedade apenas para contar histórias. Consideramos também os estudos de escritores que vivenciaram este momento político, pois, segundo Foucault (2014), seria um erro negar a existência e a importância do indivíduo que escreve ou inventa para a análise de um discurso. Acreditamos que este trabalho possa trazer reflexões que contribuam para as discussões sobre a tríade literatura, cultura e história; texto e contexto; e o debate acerca do posicionamento de escritores diante da censura imposta pelos regimes militares do século XX através da literatura ficcional.

Palavras-chave: Silenciamento e repressão, Silêncio, Crítica à ditadura militar, *A Festa*

Ainda resta uma ponte em ruínas sobre o abismo: reflexos do exílio ditatorial em parte da obra de João Gilberto Noll e Roberto Bolaño

CRISTIANO RODRIGUES BATISTA (UNICAMP)

Resumo: Toda a América Latina passou por períodos de governos ditatoriais em alguns momentos do século XX. Argentina, Brasil, Chile, México são exemplos de países que sofreram com o funcionamento opressor do Estado violento que utilizava da força bruta de seus exércitos para silenciar todos que se opusessem ao regime. As ditaduras iniciadas nos anos 60 e 70 nesses países mataram muitas pessoas que tentaram se opor ou se organizar para mudar o quadro político que vigorava naquele momento. À medida que os governos militares que

comandavam as referidas ditaduras passaram a ser alvos de crítica por falta de liberdade de expressão ou de suspensão de direitos civis, eles iniciaram um processo no qual reconstruíam, de certa maneira, parte das narrativas que compunham a fundação de seus respectivos países. Iniciaram um processo de construção de uma mensagem que delimitava quem fazia parte da nação e, em contrapartida, quem não pertencia a ela ou dificultava seu desenvolvimento. As ditaduras latino-americanas construíram um discurso nacionalista que atuou quase como um movimento de refundação da nação, um discurso único que era repetido com a intenção de ofuscar os outros. Novas narrativas fundantes foram produzidas, novas relações de pertencimento foram criadas, novos inimigos foram apresentados aos pertencentes. Neste momento, participantes do processo anterior à nova fundação passaram a experimentar o não pertencimento ao antigo espaço. Foi nesse processo que surgiu uma maneira de fratura entre o ser e sua origem: iniciou-se, conseqüentemente, uma nova geração de exilados. A literatura latino-americana do período posterior à ditadura precisou resgatar sentimentos e acontecimentos que não puderam ser contados na época em que ocorreram, devido à censura ou à necessidade de tempo para a reflexão sobre o período. Alguns escritores quiseram pensar sobre o exílio não só como tema para textos históricos ou biográficos, mas também como conceito que reflete a condição do homem que vive na sociedade contemporânea. Além disso, o exílio, que se origina na refundação da nação em processos como os golpes militares latino-americanos, passou a ser responsável por escolhas estéticas de certa ficção produzida no período da pós-ditadura na América Latina. João Gilberto Noll e Roberto Bolaño são dois exemplos de escritores que têm suas ficções marcadas por escolhas formais que podem ser interpretadas como concepção estética remetendo, em alguma medida, ao exílio. O brasileiro e o chileno possuem textos paradigmáticos dessa literatura que, mais do que tratar do exílio, constroem-se sendo estruturados esteticamente como tal. Essa comunicação tem

como objetivo promover uma reflexão acerca de como a escritura, dos dois autores, encontra-se marcada pelo momento histórico cujas características são diáspora e perseguição política – levando a formas de exílio.

Palavras-chave: João Gilberto Noll, Roberto Bolaño, Ditadura, Exílio

Como “conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta”: a escritura macaggiana e a representação da “marcha para o oeste”, via discurso varguista, e do modelo desenvolvimentista militarista na Amazônia roraimense.

MIRELLA MIRANDA DE BRITO SILVA (UFRR)

Resumo: Maria Macaggi, nascida em 24 de abril de 1913, em Paranaguá, no Paraná, entrou para a história e imaginário do estado de Roraima como Nenê Macaggi. Enviada ao norte no ano de 1940 pelo então presidente Getúlio Vargas, sua empresa inicial era a realização de um trabalho de caráter jornalístico, a exemplo do que já fizera em Pernambuco e em outras localidades acerca dos governos “biônicos”. Na Amazônia, ela deveria empreender uma descrição da situação dos recém-criados territórios da região, intento de caráter evidentemente propagandístico, de que o governo de Vargas foi pródigo. Nenê, que já vivera um período no Rio de Janeiro e que passara por alguns estados do Nordeste, fixou-se, num primeiro momento, na capital do Amazonas, mudando-se, no ano seguinte, em 1941, para o Território Federal do Rio Branco, hoje estado de Roraima, onde deu continuidade ao seu trabalho jornalístico e literário. Macaggi, que antes de estabelecer-se como romancista na região Norte já gozava de certo prestígio nos círculos literários do Sul e Sudeste do Brasil, elabora parte fundamental de sua obra em Roraima e sobre Roraima, sua história e seu povo. Suas obras iniciais, publicadas no Paraná e o Rio de Janeiro, receberam críticas bastante positivas de escritores e críticos da época, como os poetas João Ribeiro e Alberto de Oliveira, que elogiaram o temperamento sombrio e trágico das narrativas na jovem escritora, comparando-a ao mestre da shortstory Edgar Allan Poe. Sua obra posterior, entretanto, não chegou

a ser objeto de estudos críticos até a última década, com a elaboração de artigos e de ao menos uma tese pelas mãos de professores pesquisadores das universidades locais. Destacamos, em nosso trabalho, nos romances desta paranaense que se fez macuxi, a representação do modelo desenvolvimentista veiculado pela chamada “marcha para o oeste”, como era conhecido o projeto getulista de desenvolvimento do interior do Brasil através de uma migração massiva de brasileiros para o Centro-Norte do Brasil, de modo a “colonizar” aquelas partes do país ainda não tocadas pela onda desenvolvimentista caracterizadora do governo de Vargas. A obra de Macaggi, inteiramente realizada nas décadas de 70 e 80 do século passado, ora adere, ora repudia os modelos de desenvolvimento da Amazônia, quase sempre predatórios e descaracterizadores, preconizados por Vargas e retomados, posteriormente, pelo Regime Militar. Este jogo de adesão/repulsa gera, subterraneamente e ao longo de sua produção, uma terceira via através da sugestão de um modelo de desenvolvimento assentado numa figura quase sempre acessória em seus escritos, mas que ganha o status de protagonista nos seus últimos romances: o índio. É ao rastreamento destas tensões, que trazem à cena jogos de poder entre o centro e a periferia (em termos políticos e literários), que nosso trabalho se dedica. Para tanto, privilegiaremos a elaboração de uma visão panorâmica de sua produção em terras amazônicas, sem nos prender a um único romance.

Palavras-chave: Nenê Macaggi, Amazônia, Marcha para o Oeste, Militarismo

Excessos e passado – notas sobre romances brasileiros contemporâneos.

JULIANE VARGAS WELTER (UFRN)

Resumo: Este artigo pretende investigar, partindo dos pressupostos teóricos de Roberto Schwarz (1978), as relações entre a forma literária e o processo histórico social em romances da literatura brasileira contemporânea traçando assim um panorama dessa produção. Para

tanto, o trabalho parte de narrativas que, em maior ou menor grau, retomam o tema da ditadura e figurações do seu campo semântico, como os desaparecidos políticos. Refiro-me aqui aos romances K., relato de uma busca (2011), de Bernardo Kucinski; A resistência, de Julian Fuks (2015); Volta semana que vem (2015), de Maria Pilla; Os visitantes (2016), também de Bernardo Kucinski; e Cabo de guerra (2016), de Ivone Benedetti. Para além do enredo, pretende-se investigar de que forma o trauma do regime militar impacta a forma estética desses romances escritos já no século XXI e que, portanto, estão imbricados em um contexto contemporâneo. Assim, essas obras parecem dar conta de um passado mal resolvido e de um futuro incerto que, ao que tudo indica, foi materializado em golpes recentes a nossa democracia. Dito de outra forma, investigar de que maneira a literatura recente engendra o trauma de 1964 é refletir sobre o impacto dos golpes a democracia no campo da cultura.

Palavras-chave: Romance, Forma literária, Ditadura, literatura brasileira contemporânea

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

“Garopaba mon amour”: o contexto ditatorial representado no conto de Caio Fernando Abreu.

LILIAN GREICE DOS SANTOS ORTIZ DA SILVEIRA (FURG)

Resumo: Publicado no ano de 1977, “Garopaba mon amour” também aborda o período ditatorial brasileiro que se estende do ano de 1964 até 1985. Esse período, resultante da deposição do então presidente João Goulart, trouxe como consequência práticas autoritárias e limitação das liberdades individuais que tiveram impacto na vida dos indivíduos. A repressão ocorreu por meio de algumas medidas que modificavam a realidade anterior: tivemos restrição do direito ao voto, limitação

da participação popular, uso de violência para conter movimentos contrários ao regime, dentre outras atitudes. O impacto da mudança da democracia para a ditadura foi maior quando promulgaram o Ato Institucional 5 (AI-5) em 1968, pois esse ato significou a total mudança que esse período trazia aos brasileiros: a cidadania foi abalada e foi permitida a ampliação da repressão policial, o que acabou viabilizando a ocorrência de práticas de tortura durante essa época em nosso país. Na época ditatorial, a literatura acabou funcionando como uma espécie de denúncia dos acontecimentos e de crítica social. Em “Garopaba mon amour” existe uma preocupação em retratar o contexto de escrita do conto e vemos a denúncia de que a tortura era um dos métodos de silenciar os opositores do governo. Na narrativa, primeiramente temos a descrição de uma natureza pacífica para, em seguida, sermos apresentados ao espancamento do personagem que se nega a fornecer as informações solicitadas pelos agressores. A alusão às atrocidades cometidas para que o objetivo de verificar quais eram os conhecimentos que alguém possuía acerca de determinado assunto deixa evidente a denúncia que o escritor pretendia fazer em seu texto. É possível afirmar, então, a articulação entre os textos do escritor com fatos históricos e a existência de elementos de crítica social em seus contos. Caio F. Abreu consegue criticar o contexto brasileiro a partir do conto “Garopaba mon amour” porque é capaz de discutir o olhar dos outros perante as práticas que fogem das normas estabelecidas, a imposição de regras, os abusos do governo e as atrocidades cometidas no período. Logo, podemos considerar seu conto como um retrato da situação de nosso país durante a ditadura militar. A dor do personagem permeia toda a narrativa e, ao final, vamos vendo seus sentimentos por meio da mistura entre realidade e devaneio. O final do conto não deixa claro o destino do personagem que sofre até o último momento por conta das marcas que a violência deixou em seu corpo e em sua consciência.

Palavras-chave: ditadura, repressão, Caio Fernando Abreu

Cerimônia, violência e indiferença: análise comparativa entre pelotão e general

BEATRIZ MENDES E MADRUGA (UFRN)

Resumo: O presente trabalho estabelece uma análise comparativa entre dois contos produzidos e publicados durante a ditadura militar brasileira: “O Pelotão”, de Sérgio Sant’Anna e “O General Está Pintando”, de Hermilo Borba Filho. Ambas as narrativas têm em seu enredo um ato de violência final antecipado por uma atmosfera de cerimônia, pompa, e preparação. Essa atmosfera contribui, também, para conferir um aspecto ainda mais indiferente à violência praticada, denotando, desse modo, uma crítica à violência que atravessa esse período político. No conto de Sérgio Sant’Anna, o caráter descritivo permeia toda a cena narrativa onde um pelotão (especificamente denominado Pelotão Especial) levanta, nas primeiras horas da manhã, e prepara-se de forma meticulosa e organizada para um fuzilamento. Tal fuzilamento é feito por todo o Pelotão contra um único homem, identificado somente como um professor, que se apresenta como prisioneiro destinado a essa morte. Todos os soldados do Pelotão atiram com seus fuzis ao mesmo tempo, em absoluta sincronia. Em seguida, os soldados retiram-se para tomar café-da-manhã (que nesse dia tem aspecto um pouco mais especial que rotineiro). Na narrativa de Hermilo, por sua vez, a história não inicia com uma preparação para um ato final de violência. Em contrário, todos os personagens e eventos são organizados de forma metódica e cerimoniosa para que o general pinte um quadro, e tudo isso acontece no meio de uma cidade, ao ar livre, enquanto toda a população reserva-se a olhar para o evento guardando certa distância e silêncio. Uma criança provoca uma abrupta interrupção da cena: o general já está pintando seu quadro, quando o menino atravessa o local correndo, em busca de um padre para a sua avó, que está em casa morrendo. Ao se aproximar do lugar onde o general pinta a tela, essa criança é imediatamente morta por um dos soldados. Em ambos os contos, a autoria da violência é militar, e as vítimas são, em cada

história, um único indivíduo que no momento está completamente incapaz de defender-se. Estão inseridos, aí, conteúdos de indiferença e impessoalidade, bem como opressão e banalização da violência. Ao analisar os contos comparativamente, pretende-se verificar de que forma alguns dos elementos narrativos se apresentam em cada um deles, de modo a produzir tais efeitos semelhantes nas duas narrativas; esses elementos incluem: o narrador, os personagens, e o aspecto descritivo da cena de violência. A análise comparativa seguirá princípios da crítica dialética: a inseparabilidade entre forma do texto e seu conteúdo, conforme discute Bakhtin; a vinculação indispensável entre literatura e sociedade, posto que o meio influencia a obra literária, mas esta também influencia e interfere no meio social (CANDIDO, 2014). Os textos serão apreendidos enquanto elementos estéticos e em mesmo tempo relacionados ao meio social e ideológico de sua produção. Compará-los e também discuti-los sob a ótica dos teóricos acima referidos permitirá melhor compreender a produção artística desse período político, os conteúdos imersos e as críticas presentes.

Palavras-chave: Literatura brasileira, Ficção contemporânea, Ditadura, Violência

A cidade dos apáticos: os efeitos da ditadura civil-militar e a atualidade política dos contos de João Antônio (1963-1986)

BEATRIZ MOREIRA DA GAMA MALCHER (UFRJ)

Resumo: Minha pesquisa tem como objetivo desenvolver uma leitura acerca da representação realidade nos contos do autor paulistano João Antônio Ferreira Filho no período compreendido entre os anos 1963 e 1986. Nesta apresentação, em específico, pretendo desenvolver um estudo comparativo entre o conto “Malagueta, Perus e Bacanaço”(1963) e “Abraçado ao meu rancor”(1986). Observando o papel que a cidade desempenha em ambos os contos, levando em conta o sentido político distinto que o isolamento dos personagens - marginais, no primeiro caso, e um membro da burguesia, no segundo - e considerando o

período de produção de ambos – pré-golpe civil-militar, no caso do primeiro, e de redemocratização, no caso do segundo - pretendo analisar como a realidade política e social é exposta e formalmente internalizada na obra. Se na década de 1960 o foco principal do autor parece recair sobre as classes subalternas – os ditos marginais – no período pós-ditadura a burguesia acende para o local de destaque. Entendendo a importância do contexto da ditadura civil-militar para esta análise, parto da hipótese de que o enrijecimento do modelo de disciplina e ordem empreendido pelos militares - com o financiamento da alta burguesia industrial e dos latifundiários - que “higienizou” as cidades, endureceu as leis e perseguiu em grande medida os grupos marginalizados, explicaria os bares e bordéis - em que as ações do primeiro conto se desenrolavam – desaparecerem, os malandros saírem de cena e seus lugares serem ocupados por uma burguesia intelectualizada – ou “classe média”, nos termos do autor. Esta, porém, a contrapelo do entusiasmo que o fim da ditadura inspiraria, ocupa o espaço urbano representado pelo contista com apatia e desesperança. Parto da hipótese de que a ditadura civil-militar teria desempenhado o papel não apenas de excluir ainda mais as classes subalternas, mas de intensificar o sentido de isolamento dentre os grupos intelectualizados. Isto se daria devido ao fato da hegemonia do pensamento de esquerda (como proposto por Roberto Schwarz) da década de 1960 ter sido ceifada pela ditadura, alienando intelectuais e artistas do debate político. Proponho, portanto, a partir da comparação entre estes contos, entender a leitura a contrapelo do otimismo progressista do período de redemocratização desenvolvida por João Antonio, assim como observar uma crítica explícita feita aos efeitos da modernização conservadora empreendida nos anos da ditadura civil-militar brasileira. Utilizo como metodologia de pesquisa o processo de redução estrutural, como pensado por Candido, de modo a realizar uma análise interna dos textos. Pretendo também, utilizando como inspiração a metodologia auerbachiana, observar de maneira concomitantemente prospectiva

e retrospectiva a realidade exposta nos contos, ou seja, respeitando e compreendendo a obra dentro de seu contexto específico e dos limites de seu tempo, sem deixar, porém, de ressaltar os efeitos que aquela realidade nela exposta – no caso, o isolamento e a apatia da classe média intelectualizada no contexto de redemocratização – se relacionam com o tempo presente - onde uma parcela da mesma classe média protagoniza um outro golpe político enquanto a outra parece despreparada para compreendê-lo e combatê-lo.

Palavras-chave: Ditadura civil-militar, João Antônio, Espaço urbano, Sociologia da Crítica

Memória, identidade e fiação científica brasileira: o que a narrativa de *Umbra* nos revela sobre a ditadura militar brasileira.

FÁBIO HENRIQUE NOVAIS DE MESQUITA (UFMA), NAIARA SALES ARAÚJO (UFMA)

Resumo: Este estudo busca fazer uma análise da novela *Umbra* (1977) do escritor gaúcho Plínio Cabral a partir de teorias da memória de Maurice Halbwachs (2006), Michael Pollak (1989; 1992), Paul Ricoeur (2007), Maria Paula Nascimento Araújo e Myrian Sepúlveda dos Santos (2007). A produção artística e literária constituíram formas de dizer o que a ditadura militar instaurada no Brasil nos anos de 1960 tentaram silenciar. Desta forma, memórias estavam sendo conduzidas para o esquecimento e a identidade nacional sendo forjada no seio de um nacionalismo imaginado nos moldes positivistas do progresso tecnológico e econômico em detrimento do poder soberano do povo. A narrativa de *Umbra* revela, aos poucos uma profunda relação com a situação em que se encontrava o Brasil que cada vez mais sofria com a falta de uma política que atuasse de maneira enérgica contra a livre instalação de multinacionais que se apropriavam dos recursos naturais nacionais sem, que para isso, fossem sujeitas a quaisquer fiscalização por parte do governo. Uma obra de denúncia que assume um caráter distópico, mostra uma preocupação com um futuro sem memória, sem identidade, com recursos escassos para a sobrevivência. Homens e

mulheres autômatos, sem poder de decisão sobre a sua história, vítimas do mau uso da tecnologia. Apesar de ser publicada em fins dos anos de 1970, esta obra dialoga com os tempos atuais em que a preocupação com o meio ambiente, especialmente com a Amazônia, considerada o pulmão do mundo tem crescido bastante. O período da ditadura militar tentou esconder um problema que a obra de Cabral possibilitou desvelar por meio de uma linguagem própria da criação literária, que, de acordo com Roland Barthes é “fugidia”. Com o intuito de também contribuir com os estudos já existentes neste universo, esta análise aborda a memória associada ao discurso literários engendrado pela Ficção Científica Brasileira (FCB), gênero não canônico, no entanto revelador se interstícios dos quais a história oficial não se ocupa. Para tornar o estudo mais significativo, lança-se mão dos estudos da pesquisadora de Ficção Científica Brasileira Naiara Araújo (2014) que abraça este gênero como um campo revelador do discurso literário engajado, ao se posicionar contra argumentos de alguns críticos, tais como Elizabeth Ginway, que o consideram, no Brasil, desvinculado de quaisquer pontos de vista acerca da realidade político-social pela qual passava o país nas décadas de 1960-1970. Embora a ficção científica tenha enfrentado resistência por parte da crítica literária brasileira considerada canônica, que demorou a reconhecer sua legitimidade, ela possui uma longa história. Umbra se inscreve dentro deste gênero e por meio de seu enredo, problematiza questões acerca da alienação de bens inalienáveis como a memória, a identidade, a nação e a necessidade de lutar contra o poder da ditadura e da ganância.

Palavras-chave: Umbra, Ficção Científica, Ditadura, Memória

O “direito à memória” – sobre *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva

MILENA CLÁUDIA MAGALHÃES SANTOS GUIDIO (UFSB)

Resumo: Esta comunicação trata do romance *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva, naquilo que permite pensar, a partir

da investigação do imbricamento entre real e ficção proposto no livro, em questões que dizem respeito aos modos como a literatura contemporânea tem constituído o seu ter-lugar: a responsabilidade do escritor, o uso e a constituição dos arquivos, as noções de verdade, de herança. O livro vale-se de dados da história em sua composição. Sem autocomiseração, o autor, que é também o narrador, expõe dois lutos: aquele que teve início com a tortura e morte de seu pai, o deputado Rubens Paiva, pela ditadura militar brasileira e o que vivencia no momento em que escreve, quando acompanha o desenvolvimento do Alzheimer em sua mãe, Eunice Paiva. São dois lutos distintos, mas que dão a exata medida da dor das perdas individuais e coletivas. Ele traça o perfil daquela responsável pelo título do livro, que, nos lampejos de lucidez, repete: “Ainda estou aqui”. Estar presente e ausente, estar ausente e presente são dois modos de convivência com o luto, cujo processo precisa ao mesmo tempo ser inscrito e esquecido, para que a vida possa existir. O luto sem fim pelo pai e o luto por etapas da mãe reforçam o caráter de testemunho de Marcelo Paiva, que narra em primeira pessoa a história de dois outros; não quaisquer dois, mas dos seus progenitores. Um que “desaparece” repentinamente vítima das atrocidades da ditadura brasileira e uma que “desaparece” aos poucos, vítima da doença. Essas desapareições são inscritas no livro como formas de presença. Nesse sentido, Paiva, na medida em que narra parte da história de sua família, é também testemunha da história. E o faz como um sobrevivente. Ele não esconde que ser um sobrevivente tem suas implicações no modo como organiza a sua literatura. Aqui, o privado diz respeito ao público. Essa “potência própria da literatura”, na expressão de Derrida, em *Genèses, généalogies, genres et le génie* (2003, p. 58), isto é, o dom “genial e generoso” do texto de poder valer-se da indecisão entre “realidade e ficção, testemunho e invenção, efetividade e fantasma, fantasma do acontecimento e acontecimento do fantasma”, é encenada, no romance, a partir de um conjunto de arquivos que estão entre a voz do narrador, reconstituindo acontecimentos traumáticos da

história recente do país. Esta leitura baseia-se, sobretudo, nas reflexões de Jacques Derrida acerca dos traços autobiográficos, da memória e do arquivo.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea, Memória, Ditadura militar brasileira

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Assinatura rasurada: cinzas, sombras e formas em travessia na América Latina.

DANIELLE FERREIRA COSTA (IFMA)

Resumo: Quando um diálogo artístico, carregado de uma mesma intencionalidade da forma, transita por diversas narrativas de uma época, ou de épocas diversas, constrói-se uma escritura como travessia, no sentido barthesiano de texto. Conforme Roland Barthes, o texto possui um movimento paradoxal, descentralizado, subversivo, sem fechamento, ou seja, o texto “não pode parar; o seu movimento constitutivo é a travessia” (BARTHES, 2004, p. 67). Nesse sentido, o texto, em sua travessia, assume uma carga significativa que capta as tensões, os sentimentos e os dilemas latentes de uma sociedade, situada em uma determinada época. Isso é o que percebemos ao confrontamos as diversas narrativas da América Latina do século XXI, as quais apresentam rastros, ou restos, que trazem à tona um passado traumático – as ditaduras coirmãs – e ainda latente do Brasil, com Milton Hatoum e Cinzas do Norte (2005); do Paraguai, com Lourdes Talavera e Sombras sin sosiego (2009); e do Chile, com Alejandro Zambra e Formas de volver a casa (2010). Assim, objetiva-se investigar de que modo às obras literárias produzidas pela América Latina, no século XXI, configuram uma escritura em que o imaginário simbólico produzido pelas ditaduras coirmãs configura-se como uma

assinatura rasurada que unifica seus autores em um sistema literário transnacional. Para tanto, seremos norteados pela hipótese que as ficções contemporâneas latino-americanas apresentam sistemas de representação simbólicas centradas em atos narrativos de protagonistas que, por meio da metáfora do espelho, reconhecessem-se como um Eu fragmentado ao confrontar-se com sua memória turva e incompleta das ditaduras coirmãs. Além disso, o fato de que o trabalho escritural desses escritores latino-americanos delineia uma paisagem, na qual as rasuras deixadas pelas ditaduras abandonam os limites geográficos para organizarem-se em novas fronteiras estéticas e ideológicas, revelando um lugar de enunciação comum, ou seja, uma “geocultura latino-americana” ainda marcada pelo passado traumático dos períodos ditatoriais do Cone Sul. Utilizando a pesquisa bibliográfica, o tema será estudado pelo confronto de categorias de pensamento desenvolvidas por críticos, teóricos e filósofos, que em sua maioria pertencem da abordagem pós-estruturalista, da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt ou da pós-ocidentalista, com romances contemporâneos de nações latino-americanas que, por serem de um gênero marcado por uma capacidade de adaptação, de sobrevivência e de transformação, concentram todas as tensões das sociedades que os produziram. Nesta pesquisa comparatista, as categorias do pensamento utilizadas serão: a da América Latina, com Leyla Perrone-Moisés e Ángel Rama; a da Literatura, com Antonio Candido; a da Transculturação, com Fernando Ortiz Ortiz e Ángel Rama; a da Assinatura, com Jacques Derrida e Roland Barthes; a da Identidade e da Cultura Nacional; com Stuart Hall; a do Território, com Gilles Deleuze; a da Escritura e da Travessia, com Roland Barthes; a do Narrador e da Alegoria, com Walter Benjamin; a de Memória, com Paul Ricoeur; e a do Romance, com Barthes, Benjamin e Michael Foucault.

Palavras-chave: América Latina, Ditadura, Memória, Assinatura

Reflexões sobre memória, autoficção e ditadura em Montoneros: uma história, de Andrés di Tella.

VITOR LOURENÇO RODRIGUEZ SALGADO (UFRJ)

Resumo: Em *Montoneros: una historia* (1994), Andrés Di Tella coloca em pauta a questão que envolve a passagem da memória histórica da sociedade argentina de uma geração para a outra. Retomando o conflituoso cenário dos anos de 1970 até o fim da ditadura militar e consequente redemocratização em 1983, o documentário reúne uma rede testemunhal de pessoas que participaram ativamente das dinâmicas político-sociais da época, entre elas simpatizantes e integrantes do grupo de guerrilha armada Montoneros. Com base nos estudos de Beatriz Sarlo sobre memória e testemunho, pretendemos neste trabalho problematizar o modo de construção autoficcional da personagem principal, ex-montonera e ex-desaparecida, Ana. De modo mais específico, a investigação consiste em relacionar a formação do sujeito ao processo histórico, tendo como prioridade a discussão do período ditatorial argentino (1976-1983) e, consequentemente, os modos de constituição da memória através dos relatos de experiência dos indivíduos envolvidos na guerrilha urbana. Com o fim dos regimes de exceção na América latina, verifica-se no quadro social um cenário de desencantamento das massas com as grandes utopias políticas. Os abalos provocados pelas atividades de tortura e perseguições, as repercussões midiáticas alinhadas ao poder ditatorial e os escândalos vinculados aos grupos guerrilheiros pelas vias repressivas e ideológicas do Estado contribuíram significativamente para uma reestruturação da sociedade ajustada a um modelo ético-moral conservador. No caso argentino, de acordo com Andrés Di Tella, foi criada em torno à luta armada a ideia de tabu, impossibilitando que as vozes de integrantes dos grupos radicais de esquerda ecoassem nos diversos meios sociais. Desde a instauração do “*Nunca más*”, popularizado através da CONADEP (Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas), criada para julgar os crimes de militares e expressar o repúdio ao terrorismo de

Estado, são estimuladas novas formas de recompor historicamente os fatos e eventos inerentes ao autoritarismo militar. O resgate dos testemunhos proporciona, dentro de um contexto de redemocratização e de assentamento das tensões políticas, a reflexão sobre o passado e o modo como se pretende construir o presente. Segundo Sarlo, o “direito à memória” é fundamental para por um fim no silenciamento no qual foram lançados os sujeitos que sofreram diretamente as consequências da ditadura e aqueles que perderam familiares e amigos no período. Nesse sentido, propomos pensar os expedientes particulares ao momento histórico dos anos de 1970 a 1983 e, a partir dos eventos relatados pelos personagens do documentário, analisar como se dá a passagem e a transmissão da história para as gerações futuras.

Palavras-chave: Autoficção, Memória, Beatriz Sarlo, Montoneros

Eduardo Galeano e a sensibilidade histórica da Memória

HELOÍSA HELENA RIBEIRO DE MIRANDA (UFMT)

Resumo: Por meio deste trabalho desejamos investigar os (des) limites epistemológicos estabelecidos entre a História, a Memória e a Literatura no modo de configuração da singularidade histórica latino-americana, manifestadas nas obras de Eduardo Galeano. Na tentativa de compreender como se dá à travessia do escritor engajado, produtor de textos em linguagem prosaica; ao poeta subterrâneo, cujo jogo com a língua acaba por se distanciar da referencialidade cotidiana e autoriza a arquitetura de um espaço literário autônomo. Para tanto, partiremos de um estudo sistemático de textos diversos, retirados das seguintes obras: *Memoria del fuego* (1986), *El libro de los abrazos* (1989), *Las palabras andantes* (1993), *Boca Del tiempo* (2004), *Espejos: una historia casi universal* (2008), e *Los hijos de los días* (2012), com o intuito de identificar, selecionar e analisar textos, que versem sobre a Ditadura Militar na América Latina, os quais manifestem, por meio da sensibilidade literária, eventos negligenciados pela historiografia oficial. O estudo dos textos partirá de uma análise estilístico-formal do

conteúdo, com auxílio de teorias que abordem a distinção entre História e Memória, bem como a dicotomia entre a narrativa historiográfica e a narrativa de ficção, com a finalidade de compreender como os limites epistemológicos entre História e Memória nem sempre se apresentam de forma definida na Literatura, a qual por meio de seu jogo com a linguagem, configura-se como um espaço que consente a fluidez entre extremos e permite a solvência dessas limitocidades. Iniciamos, então, nossa jornada pelo universo da história e da memória com as contribuições do historiador francês Jacques Le Goff (2003) que define a história como uma ciência ambígua em si mesma, posto que deseja ser objetiva, mas não é; deseja reviver os acontecimentos do passado, mas apenas pode recordá-los no presente. Essa composição inexata da história, segundo Le Goff, reside na ânsia que ela possui em ser neutra, mas acaba por se esbarrar na subjetividade da interpretação dos sujeitos que a compõe. Quanto à memória faremos uso de duas acepções: uma filosófica e outra psicanalítica. Partir-se-á primeiro do axioma bergsoniano que concebe a memória com uma imagem do passado; estando ligada a consciência consegue distinguir a matéria da substância, sendo constituída, especificamente por lembranças e, portadora da capacidade de trazer o passado ao presente. Já na teoria psicanalítica, a memória não está na consciência, mas no inconsciente, sendo composta por traços, ela se estrutura como uma parte do aparelho psíquico do sujeito, o qual é responsável por sua subjetividade. Nessa perspectiva, a manifestação da memória relacionada aos eventos históricos da Ditadura Militar, deverá ser considerada como a própria substância da subjetividade, a qual não poderá ser vista somente como uma percepção imagética, mas como um prolongamento da matéria sensível do passado. É em virtude dessa subjetividade da memória que a Literatura se transfigura em um espaço, no qual sua sensibilidade contribui, não apenas para a escrita da história, mas também corrobora para a materialidade da própria sensibilidade histórica.

Palavras-chave: Galeano, História, Memória, Sensível

Ponía el dedo en una llaga que demasiados deseaban disfrazar de cicatriz: um comentário sobre “La muerte y la doncella”, de Ariel Dorfman

KARINA DE CASTILHOS LUCENA (UFRGS)

Resumo: O objetivo desta comunicação é comentar a peça “La muerte y la doncella”, do argentino-chileno-estadunidense Ariel Dorfman (1942). Esse texto, escrito em 1990 e posto em cena no ano seguinte, no Chile que assistia à queda de Augusto Pinochet, é de grande interesse para pensarmos o cruzamento entre processo histórico e forma literária. A rubrica inicial da peça dá o tom: “El tiempo es el presente; y el lugar, un país que es probablemente Chile aunque puede tratarse de cualquier país que acaba de salir de una dictadura” (1997, p. 5). Nesse período e ambiente, se encontram três personagens: Paulina Salas, presa e torturada durante a ditadura que acabava; Gerardo Escobar, marido de Paulina, advogado membro da Comisión Investigadora Presidencial, encarregada de investigar (e não punir) os crimes da ditadura, e preparar a transição para a democracia; e Roberto Miranda, médico, pretendo torturador de Paulina. Fechados em um apartamento, esses três personagens corporificam os impasses da redemocratização em países assolados por ditaduras civis-militares, como são quase todos os países latino-americanos. Quanto à forma, vale destacar a opção de Dorfman pela tragédia, gênero catártico por excelência, e o paralelo entre a catarse aristotélica e a função que políticas de memória têm na elaboração de traumas coletivos. Nas palavras de Dorfman, “preferí escribir lo que podría llamarse una tragedia, por lo menos si atendemos a la función que le reconoció Aristóteles hace miles de años: ayudar al público a purgarse a través de la conmiseración y el terror, es decir, permitir que una comunidad se enfrentara a los temas que, de no tratarse a la dañada luz del día, podrían conducir a su ruina o menoscabo” (1997, p. 91-92). Um texto como “La muerte y la doncella”, que trata da redemocratização chilena no exato momento em que ela acontece, pode ser um bom parâmetro para pensarmos em países

com processos de abertura política bastante diferentes, como é o caso do Brasil. Que o Chile tenha instaurado uma Comisión Investigadora quando transitava da ditadura para a democracia, e que a literatura tenha prontamente registrado esse processo, nos faz pensar na tardia Comissão Nacional da Verdade (CNV) brasileira e no quanto esse atraso nos afastou da purgação de nossos traumas históricos. Também a partir do comentário sobre a peça de Dorfman, podemos debater a potência que as políticas de memória – como são os relatórios de Comissões Nacionais da Verdade – têm sobre a criação ficcional. A presença da ditadura na ficção contemporânea brasileira, para seguirmos no mesmo exemplo, sugere que, embora tardia, nossa CNV desempenha função relevante tanto para o campo da História quanto da Literatura.

Palavras-chave: Literatura chilena, Literatura brasileira, Literatura e História



REPRESENTAÇÃO: O CONCEITO E SEUS LIMITES NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Anderson Luís Nunes da Mata (UnB)
Edma de Góis (UFBA)

Resumo: No final da década de 1970, Rosalind Krauss (1979) propôs a ideia de “expanded field”, a respeito das esculturas inadequadas às definições do gênero. Mais recentemente, Florencia Garramuño (2014) retomou essa proposta de Krauss, a fim de analisar a “inespecificidade” na arte contemporânea. A permanência do debate pelas últimas décadas decorre de uma crise que é parte constitutiva da modernidade, e que não foi capaz de tornar a preocupação com o gênero irrelevante nos estudos literários. De um lado, há a lógica nomotética, que tenta submeter o texto literário a alguma forma de classificação, de outro, a força da singularidade de cada enunciação. Em meio a essa tensão, encontram-se autores e leitores, que não são necessariamente sujeitos distintos, lidando com o aprofundamento de uma filologia que não chega a termo, mantendo-se em processo, e expandindo as classificações dadas aos gêneros, sempre em transformação – pela leitura e pela escrita. É nesse contexto que propomos uma discussão que traga à tona, especialmente no contexto da produção brasileira e latino-americana, os dois problemas: a insuficiência dos gêneros como chave para acessar a obra de arte, e, de fundo, a própria crise da representação, da qual se desdobram os problemas de classificação, não apenas aqueles dos gêneros, mas outros, que se tensionam com os limites das molduras da doxa para os processos de mimese e representação. Tendo em vista o debate em torno dos seus limites, faz-se necessário compreender que sentidos estão contidos nos

diversos conceitos abrigados no termo representação. Por um lado, a teoria tenta definir, compreender ou aprofundar as reflexões sobre o conceito, a partir de aproximações e distanciamentos da mimese, as relações entre obra e mundo, entre o texto e o real, o que pautou, com base aristotélica, as teorias clássicas sobre o assunto, tratando tanto da autoria e seu papel de criação e de mediação, quanto da recepção em diferentes protocolos de leitura. Estamos pensando aqui junto com Paul Ricoeur (2011) e sua proposta de retomada de Aristóteles e Santo Agostinho por meio das três mímeses, que articulam autoria, texto e recepção, e, afinal, tempo e memória. Também temos em mente a proposta de “representação-efeito”, feita por Luís Costa Lima (1981; 2010) ao longo de sua obra, sem deixar de observar a abordagem, apoiada em Mikhail Bakhtin, que Ella Shohat e Robert Stam (2006) fazem do conceito de representação, por meio da ideia de focalização, relativizando os sentidos produzidos nas obras, que põem em diálogo diversas vozes, em um processo no qual afetam e são afetadas por diferentes instâncias de autoria e recepção. Esse debate deve ser feito sem descartar a crítica ao próprio conceito de representação e sua dependência da produção de sentido, como o fazem, por exemplo, Hans U. Gumbrecht (2011), por meio do conceito de presença, Jean-Luc Nancy (1997), com a ideia de “sens”, e Jacques Rancière (2009), a partir do “sensible”. Em outro registro, a crítica se depara com manifestações que põem em causa o que entendemos por representação, bem como formas que anunciam o extravasamento de limites das artes, como propõe Garrañuño (2014) ou que oferecem novas possibilidades, “formações da forma”, nos termos do filósofo Jean-Luc Nancy (2010). Daí lembramos algumas narrativas de difícil apreensão de um gênero, porque sugerem uma escrita que se distancia do modelo tradicional. Como na retomada do verso clássico de Camões pelo poeta português Herberto Helder – “Transforma-se o amador. Corre pelas formas dentro” – aproximariam-se da autoficcionalização do autor, ainda atrás de uma “definição”, à maneira do que fazem, por

exemplo, Carlito Azevedo, Márcia Denser ou Marcus Vinícius Faustini. Lembramos também as obras de artistas que parecem caminhar sobre a linha imaginária de divisão das artes (artes visuais, audiovisual e literatura nos trabalhos de Rosângela Rennó, de Nuno Ramos, de Joel Pizzini, ou nos livros de artista de Valêncio Xavier). Em uma perspectiva política, essas obras, através das rupturas ou dissoluções das fronteiras dos gêneros e das linguagens, podem situar-se, em ato de resistência, na liminaridade, como propõe Mignolo (2003), o que pressupõe “um outro pensamento”, ou seja, outras formas de conhecer o mundo. Este simpósio reunirá trabalhos que articulam estas duas questões: por um lado, a viabilidade crítica do conceito de representação na atualidade, e, por outro, a discussão da inespecificidade das manifestações artísticas, que colocam à mostra um outro problema associado à representação. Nesse sentido, serão acolhidas as comunicações que se propuserem a discutir, com enfoque no contemporâneo, preferencialmente desde o Brasil ou em diálogo com a produção oriunda de outros países da América Latina, o campo expandido das artes – literatura, artes visuais, cinema, música, performance –, em articulação com problemas estéticos, políticos e éticos relativos à representação, na autoria ou na recepção, por meio da atualização ou da crítica do conceito.

Palavras-chave: Representação, Forma, Arte contemporânea, Gênero

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

Representação-afeto: por uma dimensão sensorial e emocional da experiência literária

LÍGIA GONÇALVES DINIZ (UNB)

Resumo: Nesta comunicação, gostaria de apresentar o conceito de representação-afeto, como uma dimensão da experiência literária

que integra representações literárias e experiências subjetivas afetivas (sensoriais e emocionais), assim complexificando o modo como nos relacionamos com os universos ficcionais e, a partir daí, com o mundo “real”. A noção de representação é de importância primordial para os estudos literários e tem sua raiz no debate aristotélico sobre mimesis, assim como suas interpretações e apropriações subsequentes. Mesmo quando seus limites são questionados – por exemplo, pelos autores de tendência desconstrucionista –, a representação está no coração do debate literário. No entanto, na época digital e audiovisual em que vivemos, precisamos mirar no alargamento do conceito de representação, especialmente quando pensamos no ensino de literatura e, de modo geral, na própria sobrevivência do hábito de ler literatura. Na medida em que a Internet se impõe nas nossas vidas cotidianas com sua superabundância de imagens, sons e outros estímulos sensoriais, é necessário que foquemos os modos como o ato de ler obras literárias pode promover os mesmos tipos de estímulos, ainda que por outros caminhos. É fundamental, sobretudo, refletir sobre quais são os potenciais – não apenas intelectuais, mas afetivos – que apenas as experiências literárias podem oferecer a nós. Proponho, a partir dessa reflexão, que repensemos a noção de representação – como o lastro de conexão entre obra e leitor – de modo a se entremear de uma dimensão afeita. Defendo que os efeitos sensório-motores e os efeitos emocionais disparados pelas experiências literárias contribuem para uma diferenciação na percepção do contato entre os mundos ficcionais e o mundo concreto e material. Tais efeitos afetivos desenvolvem sua potencialidade ao expandir nossa conexão com a realidade de um modo que não é energizado pelos sentidos intelectuais e sim por sua carga imaginária e somática. Para construir o conceito de representação-efeito, parto da teoria do efeito estético desenvolvida por Wolfgang Iser, especialmente em suas obras sobre o imaginário e em seus textos sobre as ideias de encenação e emergência. Baseio-me ainda no conceito de representação-efeito, do teórico brasileiro Luiz Costa Lima, procurando

ampliá-lo e radicalizá-lo. Finalmente, examino a noção de imaginário radical, proposta por Cornelius Castoriadis. Conduzindo minha mirada sobre essas três empresas teóricas, o conceito de presença, conforme proposto por Hans Ulrich Gumbrecht, é fundamental para pensar uma relação com as obras literárias – e outros objetos estéticos, em geral – não calcada unicamente na tentativa de extrair significados e relações objetivas com a realidade, seja para afirmá-las ou para negá-las. A hipótese a guiar todo esse trajeto é, assim, que a literatura guarda, por sua força sobre a imaginação do leitor, um grande potencial de ativar afetivamente a relação entre leitor e mundo.

Palavras-chave: representação, afeto, leitura, experiência

A matéria como tensão na poética híbrida de Nuno Ramos

LUCIANA SILVA CAMARA DA SILVA (UFRJ)

Resumo: Nuno Ramos demonstra um intenso hibridismo na sua poética cujos materiais se comportam livremente, sendo eles a identidade da obra, expandindo o lugar da materialidade no cenário contemporâneo. Através da análise de alguns textos e obras visuais do artista, os limites são extrapolados, elementos diferentes se entrelaçam e ao mesmo tempo são complementares expondo o impensável como arte em realização artística. O trabalho de Ramos apresenta uma expressão singular sobre o material, trabalhado em tensão, são distâncias que se aproximam: blocos de pedra, mármore, gesso, areia, tecido, vaselina, plástico, parafina, cal, água, sal, asfalto, vidro, madeira, óleo, entre outros. Ao descontextualizar esses materiais, incorporando esses elementos e construindo outros a partir deles, um novo olhar incide sobre a plasticidade da matéria palpável de sua arte. A intensidade matéria da expressão plástica coabita os diferentes processos artísticos em que elementos díspares tornam-se “peças” da cena das artes transpondo para as obras literárias esse enredo material múltiplo em que vozes oscilantes dão o tom da linguagem mista onde tudo é posto à prova, tudo é matéria a se moldar e desmanchar, tudo se transforma e é

testado em seus limites. É o que percebemos nas obras literárias em que os limites materiais – através das palavras – também nos perturbam. Aspectos discursivos e estéticos da matéria que percorre as artes visuais e as literárias são problematizados, pressupondo que o contato com o mundo se faz também através da sua materialidade, de forma a produzir uma sensibilidade agregada à percepção, dialogando com expectativas e com o todo da obra, em que linguagem, matéria, indivíduo e mundo estão em constante correlação. Com esse propósito, utilizaremos, em especial, noções emprestadas de Roland Barthes (2012) por meio do *punctum* e *studium* e suas relações geradas ao espectador/leitor e, em Jean-Luc Nancy (2008), através do olhar que se lança na zona intrincada de teares que é o fazer artístico com suas relações de proximidade e exclusão, mesclando-se numa dança incessante, terreno que as artes ocupam. É necessário refletirmos acerca dos conceitos em Lucy Lippard (1973) sobre “desmaterialização” e suas ideias norteadoras para o estudo da matéria como prática artística na obra de Nuno Ramos. Além destes autores, recorreremos ainda a noção de “tudo fala” de Jacques Rancière (2009), ao descrever a dimensão estética, onde não existe nada insignificante, tudo significa e tudo é linguagem. Dessa forma, tentaremos demonstrar através desta comunicação que estas múltiplas formulações estão afinadas com a pluralidade poética de Ramos.

Palavras-chave: Nuno Ramos, Literatura Brasileira Contemporânea, Arte Brasileira Contemporânea, Poética híbrida

Dos males do corpo à cura pela narrativa: representações de doença e morte na literatura brasileira contemporânea

EDMA DE GÓIS (UFBA)

Resumo: No final dos anos de 1970, ao mesmo tempo em que o semiólogo Roland Barthes cumpre o luto com a morte da mãe, reflete sobre a possibilidade da literatura representar o processo de enlutamento. A partir de uma leitura da obra *Diário de Luto* (2011) e tendo como referenciais teóricos os trabalhos de Alan Badiou (2004),

Florência Garramuño (2014), Karl Erik Schøllhammer (2012) e o próprio Roland Barthes (2015), este texto propõe uma reflexão a respeito da viabilidade crítica do conceito de representação para a compreensão de narrativas contemporâneas, dando ênfase a textos que tematizam a morte, como é o caso do romance *Minha mãe morrendo e o menino mentido* (2001), do escritor Valêncio Xavier.

Palavras-chave: representação, morte, realismo traumático, Valêncio Xavier

“Este é um poema que você está lendo como se fosse eu”: a liminaridade como um modo de leitura

ANDERSON LUÍS NUNES DA MATA (UNB)

Resumo: Ricardo Aleixo, em texto sobre poema de Hans M. Enzensberger a respeito de Dante, conclui que os versos do poeta alemão “são seus”, mas são lidos por seu leitor “como se fossem” dele – são do leitor, afinal: “Este poema agora é meu. Este é um poema que você está lendo como se fosse seu. Este poema é seu”. A provocação de Aleixo instaura uma série de deslocamentos no modo tradicional de se compreender os fenômenos, articulados, da representação e da mimesis: o texto não é de Dante, não é de Enzensberger, não é nem mesmo de Aleixo: as assinaturas vão sendo rasuradas na medida em que os textos são publicados. Quando se observam as investigações sobre representação na crítica literária, sobretudo aquelas situadas no âmbito dos estudos culturais, nas quais o termo “representação” é bastante utilizado, o enfoque sobre a autoria, no entanto, é muito frequente: saúda-se um autor pelo que ele alcança na sua escrita ou expõem-se as limitações e preconceitos presentes nos textos. Com viés moral e pretensão política, muitas vezes, a crítica recai sobre a exigência de uma correção: a representação deve ser correta, isto é, ser fiel ao real que ela traz para o texto. E deve ser corrigida, caso sejam encontradas falhas na correlação entre o real e o objeto estético. Esse conceito de fidelidade, no entanto, é vago, e comumente deixa escaparem as refrações que se

fazem presentes na mediação entre o real e a mimese. Isso não significa que as demandas de correção sejam inócuas ou equivocadas, como alertam Ella Shohat e Robert Stam (2004), reconhecendo a legitimidade desse modo de compreender as artes. Porém, a ênfase na autoria, mesmo que considere tais refrações, não leva para o gesto crítico um aprofundamento na reflexão sobre outra agência fundamental nos processos de representação e na configuração mimética: a leitura. É nesse sentido que a reivindicação de um conceito de “pensamento liminar”, como entendido por Walter Mignolo (2003), pode ser uma forma de propor uma compreensão, no contexto das artes, da emergência e do alcance de gestos decoloniais. O que se reivindica nesta comunicação é que essa liminaridade não se limite à instância de autoria do texto, isto é, que não esteja inscrita apenas na assinatura de quem o publicou, mas também, e, principalmente, no ato de leitura, que pode resistir ao texto e ser, ele próprio, tanto na produção de sentido quanto no que escapa ao sentido, o que se configura como liminaridade na representação de um texto literário.

Palavras-chave: representação, liminaridade, leitura

Por uma outra (sub) versão: gênero literário e representação em Eduardo Galeano

FRANCIELLY BALIANA GODOY (UNIFESP)

Resumo: A escolha de pensar as discussões acerca dos conceitos de mimesis e representação, assim como as relativas a gênero literário, a partir de duas obras do escritor uruguaio Eduardo Galeano: “As veias abertas da América Latina” e “Os Nascimentos”, se baseia na proposta do autor de escrever a história da América Latina tendo como foco as memórias de grupos historicamente silenciados. Em “As veias abertas da América Latina”, de 1970, Galeano parece caminhar pelas diversas possibilidades do ensaio, trazendo à tona uma reflexão econômica sobre as consequências da colonização. Estas mesmas concepções também são trabalhadas em “Os Nascimentos”, de 1982, primeiro volume da

trilogia “Memória do Fogo”, onde o escritor atravessa as (in)definições de gênero literário, desta vez se utilizando de um hibridismo entre características convencionadas do conto, do relato, da crônica e da linguagem poética para trazer à tona o que a historiografia tradicional por muito tempo deixou de lado. O que se pode perceber é que em ambas as obras Galeano subverte concepções prévias de gênero literário, abrindo, portanto, a possibilidade do debate acerca dessas próprias concepções, que pode ser tecido a partir de um olhar analítico para suas obras. Ao mesmo tempo, também apresenta distintas noções de representação ao narrar os olhares de negros, mulheres e indígenas para a história pré-colombiana e para os séculos XVI e XVII, enveredando verdade e ficção, mas sempre se referenciando em fontes bibliográficas da Antropologia, Sociologia e da História para construir seus textos. Nas duas obras, de modos tão distintos, Galeano trata daquilo que é possível de se tornar parte da historiografia, dos relatos de pessoas por muito tempo colocadas à margem de uma versão dita oficial. Estas vozes e memórias parecem ser preconizadoras de outros mundos possíveis, tal como se pode conceber a verossimilhança aristotélica, que se configura como aquilo que é possível de ser, e não necessariamente como aquilo que é, conforme retoma Paul Ricoeur em “Tempo e Narrativa” (2011). Nossa proposta de trabalho, portanto, pretende pensar as transformações estéticas e de gênero entre as obras “As veias abertas da América Latina” e “Os nascimentos”, e conceber as dimensões políticas e de representação que essas mudanças carregam. O quanto essa subversão a concepções pré-definidas de gênero e de representação contribuem para que as obras em questão questionem a dimensão política da historiografia? Ao apresentar outras vozes, Galeano apresenta, também, outros mundos possíveis, e, portanto, também outras relações miméticas, o que dialoga novamente com a interpretação que Ricoeur faz da mimesis, encarando-a como um movimento, uma operação, e não uma estrutura fixa. Para tanto, além dos estudos sobre representação, nos ateremos também a concepções

da Literatura Comparada, dos estudos de Gênero Literário e dos Estudos Culturais para pensar as relações da memória em seus encontros com a mimesis e as propostas de gêneros literários presentes nas duas obras de Eduardo Galeano em questão.

Palavras-chave: Eduardo Galeano, América Latina, Gênero Literário, Representação

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Representação e experimentação na literatura de Elvira Vigna

PEDRO TAAM (PUC-SP)

Resumo: O presente artigo trata do processo de individuação e da criação da memória como palimpsesto na literatura de Elvira Vigna. A partir de um referencial teórico dividido em duas partes, essas questões serão analisadas do ponto de vista filosófico e artístico. O primeiro grupo de teóricos chamados à discussão é composto por Gilbert Simondon, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Anne Sauvagnargues. É Anne Sauvagnargues quem sintetiza e relaciona a obras dos teóricos mencionados e, entendendo a arte como uma captura de forças e não uma espécie de percepção espiritualizada, permite que olhemos para a obra de arte – no caso, a obra literária – como uma zona ecológica ao mesmo tempo técnica, social e biológica, afastando-se do paradigma antropocêntrico centrado na subjetividade e na representação e se dirigindo a um pensamento acentrado, marginal, menor, voltado à individuação e à experimentação de forma geral. É justo nas margens que os romances de Vigna acontecem, seus personagens não-hegemônicos e suas narradoras nada oniscientes desferem um duro golpe nas estruturas vigentes de poder – sejam políticas, econômicas ou de gênero. Mais do que isso: Vigna põe em questão a própria estaticidade dos sistemas de valoração, por meio da recusa

categorica de seus personagens em oferecer certezas, julgamentos e confortos. Suas narradoras nunca “são”, mas estão em constante “tornar-se”. Sua escrita pode a princípio parecer fragmentada, e de fato seria se as frases bruscamente cortadas (por si só um dispositivo metanarrativo) não se encadeassem inexoravelmente umas às outras e à própria estrutura de seus romances de forma ao mesmo tempo discreta e profunda. Aqui entra a segunda parte do nosso estudo, em que procuramos evidenciar as conexões entre partes aparentemente disjuntas, as ligações inusitadas, mais sugeridas do que impostas, mais abertas à especulação do leitor do que ditas com todas as letras. Nessa empreitada, chamaremos ao diálogo um segundo grupo de teóricos, composto pelo filósofo Charles Sanders Peirce e por Lucia Santaella. Nesse ponto, utilizaremos a filosofia peirceana não como sistema taxonômico classificatório e sim como ferramenta de questionamento fenomenológico, lógico e ontológico, voltada não somente para o texto literário, mas também para a realidade em que ele se insere e as infinitas possibilidades de fruição por ele suscitadas. Por fim, concluiremos o artigo com um interlace entre ambas as questões, memória e individuação, demonstrando não somente que a própria construção da memória como palimpsesto é, por si mesma, um processo de individuação como, inversamente, o processo de individuação é um palimpsesto de memórias mediado por signos que, ao capturar e refratar as forças do Real, terminam por construir um sujeito, embora algo marginal: acentrado, não-hegemônico, em camadas.

Palavras-chave: Elvira Vigna, Individuação, Memória, Filosofia

Fragmentos historiográficos: cartografias feministas nas obras de Elvira Vigna e Clarice Lispector

JÚLIA BRAGA NEVES (HUMBOLDT-UNIVERSITÄT ZU BERLIN/KING)

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo comparar as representações históricas de mulheres nos romances *Como Se*

Estivéssemos em *Palimpsesto de Putas* (2016) de Elvira Vigna e *A Cidade Sitiada* (1949) de Clarice Lispector. Embora produzidos em contextos históricos distintos, argumento que esses romances trazem importantes reflexões sobre a historiografia e a sua relação com a literatura a partir de elementos estéticos não convencionais, como a não-linearidade temporal e construções espaciais um tanto fragmentadas. Teorias tradicionais sobre o romance histórico como gênero literário consideram o realismo como principal forma de representação, seja ele como meio de mimese da realidade (Lukács 1937; Fleishman 1971) ou como representações que simulam o real através da linguagem (Hutcheon 1988; Boccardi 2009). Nos romances de Vigna e Lispector percebemos a descrição de cidades reais, como Brasília, Rio de Janeiro, Berna e São Geraldo, a partir de elementos estéticos surrealistas que misturam nomes de ruas e características geográficas reais com descrições fictícias sobre as histórias e o cotidianos desses lugares. No romance de Lispector, podemos ler o desenvolvimento urbano e industrial em Minas Gerais a partir das modificações no espaço em volta da protagonista, Lucrécia, enquanto ela mantém-se num papel subalterno que imita objetos estáticos e inanimados, sugerindo assim que o desenvolvimento das décadas de 1930 e 1940 não contemplava a emancipação das mulheres. Escrito no século XXI, o romance de Vigna já marca um período histórico em que o feminismo é figurado como característica significativa no romance contemporâneo, ainda que lute por maiores espaços de visibilidade. Vigna utiliza-se de diversos espaços urbanos para promover discussões sobre a relação entre mulheres feministas e o machismo cotidiano, contemplado por sua protagonista anônima. Em seu palimpsesto urbano, Vigna constrói um mundo no qual todas as mulheres são putas e, de forma mais significativa, interligadas por pequenos afetos do cotidiano. A partir de discussões sobre os elementos de narratividade na historiografia presentes nas obras de Hayden White (1987), Linda Hutcheon (1988) e Paul Ricoeur (1983), sustento que as formas não-realistas, fragmentárias e não-lineares para a representação histórica são estratégias comuns na literatura

produzida por mulheres. Por um lado, elas servem como possibilidade de narrar a história sem a premissa de produzir ‘verdades históricas’, mas com o compromisso de narrar uma história que consiga produzir reflexões sobre o papel das mulheres numa determinada realidade. Por outro lado, há o risco de essas obras ficarem às margens da História justamente por relatarem eventos históricos que não se tornaram fatos históricos e por não se utilizarem da forma do realismo e da linearidade temporal que marcam a narrativa historiográfica. Sendo assim, argumento que a ênfase na temporalidade, como vemos em Ricoeur, é insuficiente para a narração da história das mulheres, cuja narratividade depende também de sua relação com os espaços por onde circulam (Almeida 2016). Considerando a perspectiva espacial desses romances, sugiro que a historicidade deles se encontra justamente nas relações das personagens com os espaços e as cartografias que elas produzem, elementos que marcam uma grande parte da literatura contemporânea de autoria feminina.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Elvira Vigna, gênero, espaço

Fora do plano: uma análise do espaço como forma de exclusão

ANDERSON DE FIGUEIREDO MATIAS (UNB)

Resumo: Considerando o texto literário um lugar em que interesses e perspectivas sociais interagem e se chocam e a arte uma expressão legítima dos socialmente excluídos, a comunicação *Fora do Plano: uma análise do espaço como forma de exclusão* pretende analisar como o retrato de mobilidades geográficas pode demonstrar o complexo e arbitrário processo de violência, apropriação e destruição identitária que configura o espaço como forma de exclusão. Para tanto, foram selecionadas duas narrativas contemporâneas, o filme *A cidade é uma só?* (2011), de Adirley Queirós, e o romance *Becos da memória* (2006), de Conceição Evaristo. Esses textos, além de retratarem trânsitos migratórios compulsórios, apresentam em comum o fato de terem sido produzidos a partir da perspectiva do oprimido, no caso a população negra. A ideia é mostrar como produções artísticas podem romper a

linha contínua, existente desde o fim do século XIX, entre um imaginário social eivado de preconceitos e as práticas excludentes. Isso a partir da hipótese de que, nessas obras, a representação do espaço reconstrói a periferia como um lugar do qual os personagens se apropriam a fim de ressignificar o sentido da degradação e da precariedade, sem perder de vista a abordagem crítica dos problemas sociais e a consciência da necessidade de superação desses problemas. Nesse sentido, pelo fato de habitar a periferia não ter sido, para personagens dessas obras, uma escolha, mas sim o cumprimento de uma determinação legal, essas narrativas se configuram como um marco de resistência e de enfrentamento da ordem social vigente. Além disso a análise dessas obras possibilita outras discussões. Uma delas diz respeito à forma como a interface da literatura com outras expressões culturais ajuda a superar a maneira dicotômica – erudito X popular, central X marginal, canônica X de massa – com que a arte é tratada e que tradicionalmente coloca o segundo elemento em uma posição inferior. Outra reflexão relevante a ser desenvolvida envolve a ideia de extermínio dos suportes e discursos tradicionais que envolvem a literatura, o que exige pensar as novas mídias e recepções, assim como a percepção de que a era do texto eletrônico e da interatividade das redes sociais enfatizam o papel dialógico do novo leitor, transformado-o, muitas vezes, em coautor pela apropriação ou pela reconstrução do conteúdo. Essa perspectiva é significativa uma vez que as produções culturais, hoje, são um conjunto de textos híbridos de diferentes gêneros, campos e de produtores variados. Os textos têm perdido seu caráter único, fechado, e interagem com outros textos, imagens e sons, ampliando as possibilidades de intertextualidade, o que também aponta para a necessidade de se discutir a configuração do cânone literário e reconsiderar a arte dos socialmente excluídos. Para fundamentar essa discussão, o referencial teórico adotará conceitos desenvolvidos por pensadores como Regina Delcastagnè, Luiz Costa Lima, Florencia Garramuño, Pierre Bourdieu e Diana Klinger.

Palavras-chave: Representação, Espaço, Exclusão, Autoria

Pensando o conceito de representação em Becos da memória e Um defeito de cor

MARIA APARECIDA CRUZ DE OLIVEIRA (UNB)

Resumo: A leitura de romances como *Becos da Memória* e *Um defeito de cor* possibilita pensarmos sobre o conceito de representação e problematizarmos os seus limites. Isso porque trata-se de narrativas que caminham para o propósito de descolonizar o real, querem se livrar da “desconfiança alegórica” e da ideia de real como essência, verdade. Poderíamos dizer, ainda de modo superficial, que a representação que percebemos nesses romances está mais relacionada a ideia de refração do real, fratura, perspectiva a partir de um lugar de fala, um real multifacetado da cosmogonia africana. Mas ainda não é só isso, então pretendemos verificar a possibilidade de conceber a ideia de que esses textos apresentam um gênero de real que não é exatamente a ideia ocidentalizada de real que conhecemos, isso se justificaria porque são romances concebidos a partir de uma outra epistemologia, de “um outro pensamento”. A leitura desses romances será realizada por teóricos como Luiz Costa Lima (2000); Henrique Freitas (2016), etc.

Palavras-chave: Representação, real, Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo

Literatura como exposição: um olhar sobre as biografias de mídia popular no Brasil

PEDRO IVO ROCHA DE MACEDO (UNB)

Resumo: Propõe-se um estudo das representações de personagens de mídia popular no Brasil, as chamadas subcelebridades, por meio de biografias e autobiografias publicadas a partir da década de 1990 e seu posicionamento no campo literário. Procura-se investigar por que os indivíduos retratados nesses volumes, difundidos em meios de consumo de pouca profundidade analítica, recorrem à literatura como ferramenta de exposição e propagação de suas imagens. Investiga-se como tais obras, que têm por objeto personalidades alheias ao mundo

literário, viabilizam-se no mercado brasileiro de produção e distribuição, e são recepcionadas no país. Buscando ainda verificar se há estratégias narrativas comuns aos diferentes textos e como essas personalidades se reconfiguram ao ser recepcionadas pelo leitor, ganhando uma dimensão que lhes é vedada pelo consumo de si como produtos.

Palavras-chave: Representação, Autobiografia, Subcelebridade, Campo literário



SHAKESPEARE EM MÚLTIPLOS TEMPOS E (INTER)TEXTUALIDADES

Fernanda Teixeira de Medeiros (UERJ)
Liana de Camargo Leão (UFPR)
Marlene Soares dos Santos (UFRJ)

Resumo: A obra dramática e lírica de Shakespeare, em circulação desde o século XVI, encarna de forma exemplar as múltiplas textualidades em que se difunde a literatura. Emblema disso é a presença do livro, ou de muitos livros, nos arredores e no interior do Globe Theatre elisabetano, conforme relata a historiadora Tiffany Stern (In De Grazia & Wells, 2010): muitos espectadores chegavam horas antes da apresentação para garantir bons assentos, já que não havia lugares marcados, e levavam consigo livros para ajudar a passar o tempo. Aproveitando-se dessa situação, os teatros passaram a vender livros também, como fazem até hoje o Shakespeare's Globe, o National Theatre e o Royal Shakespeare Theatre. Lembremos que foi principalmente através da palavra impressa que o teatro shakespeariano foi transmitido e universalizado, graças às sucessivas gerações de editores que *Lukas Erne* (2008) chama de “colaboradores modernos” de Shakespeare. Após a publicação do *Primeiro Fólio*, em 1623, com a obra completa shakespeariana, então constando de 36 peças, organizadas em torno de uma figura autoral central (Roger Chartier), seguiram-se várias edições, que divulgaram seu nome não mais limitado aos palcos, aumentando o número de seus apreciadores, que fizeram dele o livro mais famoso da língua inglesa juntamente com a Bíblia. Dois outros marcos editoriais merecem destaque por ampliarem, consideravelmente, o público leitor shakespeariano, incluindo crianças e mulheres, ambos, coincidentemente, datando de 1807: *Contos de Shakespeare*, de Mary

e Charles Lamb, e *Shakespeare para família*, de Henrietta e Thomas Bowdler. Aqui, já vemos o Shakespeare adaptado, o que constitui, desde a Restauração, uma outra vertente muito forte de sua circulação. Além disso, deve-se ressaltar o papel dos tradutores que não só propagaram a dramaturgia shakespeariana em outros países como, em muitos casos, fizeram de suas traduções verdadeiras obras literárias, como o alemão August Schlegel.

No campo das artes visuais, a pintura se inspira na obra shakespeariana através dos pincéis de William Hoggarth e William Blake, e adquire uma grande projeção com a inauguração da Boydell's Shakespeare Gallery em 1789, com o ambicioso projeto de exibir todas as personagens shakespearianas vistas por grandes pintores. Em 1848, Rossetti, Hunt e Millais fundam o movimento Pré-Rafaelita, dedicando-se a pintar personagens e cenas inspiradas pela dramaturgia de Shakespeare. Desde fins do século XVIII, a presença de Shakespeare é marcante também na música, com as óperas de Victor Berlioz, Giuseppe Verdi e Richard Wagner e, no século XX, como as composições de Benjamin Britten.

Com o nascimento do cinema, consolida-se a presença de Shakespeare universalmente. Grigori Kozintsev, na União Soviética; Akira Kurosawa, no Japão; e Franco Zeffirelli, na Itália, produzem inesquecíveis adaptações fílmicas, que se somam às dos expoentes americanos e ingleses como Orson Welles, Laurence Olivier e, mais recentemente, Kenneth Branagh.

No teatro do século XX, muitos diretores deixam uma marca definitiva na história das montagens shakespearianas como os ingleses Harvey Granville-Barker, John Gielgud, Laurence Olivier, Peter Hall, Peter Brook, o japonês Yukio Ninagawa e o canadense Robert Lepage.

A televisão também se tornou uma grande divulgadora da obra de Shakespeare. No período entre 1978-1985, a BBC transmitiu encenações especialmente feitas para o seu projeto de exibir 37 peças do cânone. Mais recentemente, séries como, por exemplo, *The Hollow*

Crown (2016), baseada nas duas tetralogias das peças históricas, alcançaram grande sucesso de público e crítica.

No campo literário, as intertextualidades shakespearianas estendem-se por diversas culturas e línguas, tanto na forma de leitura crítica quanto de apropriações e adaptações, fazendo-se visíveis, no contexto anglófono, nas obras de Samuel Taylor Coleridge, John Keats, Walter Scott, Charles Dickens, T.S. Eliot, James Joyce, W. H. Auden, Samuel Beckett, Robert Nye, John Updike, e Neil Gaiman, entre outros. No Brasil, Machado de Assis foi um leitor assíduo de Shakespeare, e contemporaneamente, importantes autores de ficção, como Bernardo Carvalho, Rubens Figueiredo, Rodrigo Lacerda, Jorge Furtado, Luis Fernando Veríssimo, entre outros, estabelecem diálogos com a obra shakespeariana.

Em plena era digital, os aplicativos para celulares não deixam de inspirar releituras de peças. Uma coleção chamada *OMG Shakespeare* começou, em 2015, a republicar as peças em “*textspeak*”, o idioma das trocas de mensagens virtuais. A “marca” Shakespeare também se encontra em diversos produtos, vendidos com fins exclusivamente comerciais: canetas, cadernos, bolsas, canecas, chaveiros, entre outros.

Nessa longa e múltipla trajetória, a obra shakespeariana vê-se renovada, enriquecida e desafiada, circulando em meios por vezes muito distantes de seus suportes originais -- o palco e o livro. Tendo em vista essa miríade de modalidades de presença, nos domínios erudito e popular, a proposta do Simpósio é reunir pesquisadores/as que lidem com universo shakespeariano levando em conta sua infinita capilarização e variedade, enfrentando os desafios de pensar Shakespeare a partir do seu texto, e para além dele.

Palavras-chave: Shakespeare, Adaptações, Apropriações, Intertextualidades

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

A reconstrução contemporânea do cânone shakespeariano

ALEXANDER REZENDE LUZ (UFRRJ)

Resumo: Até o século XIX, o cânone shakespeariano limitava-se às 36 peças contidas no Fólho de 1623. No século XX, uma outra peça, Pericles: Prince of Tyre passou a fazer-se presente em praticamente qualquer coleção das obras do bardo inglês. Há, no entanto, outras peças e poemas publicados no século XVII - com o nome de Shakespeare, ou com as iniciais W. S. na primeira página - normalmente considerados apócrifos mesmo que alguns deles tenham sido impressos enquanto Shakespeare ainda estava vivo. Estas obras eram frequentemente ignoradas ou tinham sua relação com Shakespeare descartada a priori. Esta estabilidade canônica parece ter ficado para trás. Nas duas primeiras décadas do século XXI é possível notar nítidos esforços de reconstrução do cânone shakespeariano. As peças Sir Thomas More, Edward III e Two Noble Kinsmen passaram de apócrifas a canônicas em importantes coleções das obras completas, como a Arden Shakespeare, mesmo apesar do fato de que tanto no manuscrito de Sir Thomas More quanto na primeira edição de Edward III o nome “Shakespeare” jamais aparece. Além dessas peças, a edição The New Oxford Shakespeare: The Complete Works (2016) inclui ainda o livro de poemas The passionate Pilgrim, fragmentos supostamente da obra perdida Cardenio, e a peça The tragedy of M. Arden of Faversham, todos, atribuídos a Shakespeare. Neste trabalho pretendo analisar o que levou a essas obras a serem consideradas shakespearianas por certos autores e o que esta nova tendência revela sobre os critérios contemporâneos de autoria e autenticidade.

Palavras-chave: Shakespeare, cânone, textos apócrifos

“Ele é pura diversão”: uma análise das performances cômicas do universo shakespeariano

ERIKA COACHMAN (UFRJ)

Resumo: Homo neanderthalensis, homo erectus, homo sapiens: todas essas denominações foram concebidas a fim de rotular as diferentes etapas do desenvolvimento humano. Para este trabalho, no entanto, não interessam as transformações biológicas que o homem sofreu com o passar dos séculos, mas sim uma característica comportamental quase inerente à espécie humana: a capacidade de rir. Aristóteles (384 – 322 a.C.) foi um dos primeiros a perceber no riso um traço responsável por distinguir o ser humano das demais espécies; por isso mesmo, ele cunhou a expressão homo ridens para salientar a importância desse diferencial (BERGSON, 1987, p. 12; HUIZINGA, 2012, p.8). Embora seja um companheiro do homem de longa data, o riso sempre enfrentou inimigos ferrenhos. Nos tempos de William Shakespeare, a oposição não vinha exclusivamente de extremistas religiosos, mas de todos os lados. Em uma sociedade onde se privilegiava o siso e os bons modos, declararam guerra ao riso tanto os puritanos – defensores da castidade e da discrição – quanto os humanistas – que desejavam transformar o homem em uma obra de arte e rejeitavam as distorções faciais e comportamentais que acompanhavam uma boa gargalhada. Em meio a circunstâncias desfavoráveis, o gênio do teatro, Shakespeare, criou um universo humorístico, habitado por bobos, clowns e até cavalheiros que convidavam o público a rir deles e com eles. Em grande parte, as comédias ofereciam ao público o riso da recreação, da constatação e da contestação. As tragédias faziam ecoar um riso amargo, comumente associado a uma reflexão profunda sobre a condição humana. É no palco do teatro elisabetano que o riso e a tragédia se reencontram (MINOIS, 1946, p.313-314). Nele, aprendemos que é possível rir mesmo diante de acontecimentos trágicos ou da ausência de sentido de nossa existência. Tudo pode ser derrisório, até mesmo a guerra ou a morte. Neste estudo, pretende-se refletir sobre como as personagens

shakespearianas constroem o humor. Afinal, que traços identitários as tornam engraçadas? A partir de que recursos linguísticos elas produzem o humor? Para responder a estes questionamentos, a análise distribuirá essas personagens em sete categorias: clowns, criados, trapaceiros, rústicos, policiais, bobos e cavalheiros, partindo do pressuposto de que cada um desses tipos lança mão de artifícios diferenciados para produzir o humor e levar o público ou o leitor ao riso.

Palavras-chave: Shakespeare, performances cômicas, humor

“Ela é toda coberta de países”: a geografia poética das comédias shakespearianas

MARLENE SOARES DOS SANTOS (UFRJ)

Resumo: Drômio de Siracusa em A comédia dos erros (1594) descreve a criada que o perseguia com intenções amorosas como sendo “esférica como um globo” e “toda coberta de países”. Segue-se um diálogo com o seu amo em que o saber geográfico da época – Europa, América e as Índias – é localizado no corpo feminino. Nesta comédia Shakespeare já estaria indicando como trataria a geografia – imaginativamente, livre de amarras com o real – inventando uma viagem de navio de Verona para Milão (Os dois cavalheiros de Verona) e uma costa marítima para a Boêmia (O conto do inverno). Segundo Patrice Pavis (1999) o espaço dramático é o espaço da ficção; sua construção depende tanto das indicações que nos dá o autor do texto quanto do nosso esforço de imaginação. Nas suas tramas, Shakespeare não só explicita o local – “Esta é a Ilíria, senhora” – como convida o leitor/ espectador a imaginá-lo já que este é informado que o país é governado por “um duque, nobre em nome e natureza” (Noite de Reis). Às vezes, a localização da peça já se anuncia no próprio título como em Os dois cavalheiros de Verona e O mercador de Veneza, e a grande ressonância destas cidades (principalmente esta última) no momento cultural elisabetano-jaimesco já influenciava a participação imaginativa do público. Apesar da publicação de atlas como o de Abraham Ortelius – Theatrum

Orbis Terrarum (1570) e o de Gerardus Mercator – Atlas (1595) e das descobertas e conquistas de novas terras narradas por Richard Hakluyt, em The Principal Navigations (1508-1600) com a consequente abertura de novos portos comerciais de vital importância para uma ilha como a Inglaterra (Andrew Hadfield, 2002), Shakespeare usa a geografia a serviço da sua dramaturgia, tanto na ação como na linguagem. A Europa renascentista ocupa um lugar de centralidade nas comédias, mas há espaço tanto para lugares míticos como Troia em Troilus e Créssida como para a cidadezinha inglesa de As alegres comadres de Windsor. As viagens marítimas são elementos importantes da narrativa como meios de chegadas e partidas, algumas interrompidas por tempestades com consequências trágicas como naufrágios, que redirecionam a ação cômica para lugares outros como em A comédia dos erros, Noite de Reis e A tempestade. A poesia, de suma importância no teatro elisabetano-jaimesco, além de usar a geografia com grandes possibilidades retóricas e metafóricas, é fundamental para motivar a contribuição do espectador para a realização da peça principalmente se imaginarmos os palcos vazios, sem cenários, para os quais Shakespeare escreveu: “Pensai que estás agora em Mitilene” (Péricles). A proposta desta comunicação é demonstrar que Shakespeare compreendeu a geografia como um dos pilares das suas construções dramáticas e como ele a incorporou ao seu processo cômico fazendo com que o espaço dramático enriquecesse a/s feitura/s e leitura/s das suas comédias.

Palavras-chave: Shakespeare, geografia, comédia, espaço dramático

O Ricardo III de Gasparani e Módena: um solo de múltiplas vozes

LIANA DE CAMARGO LEÃO (UFPR), MARCIA MARTINS (PUC-RIO)

Resumo: A proposta deste trabalho é apresentar e discutir a recente adaptação para o palco da peça Ricardo III (2014), na qual um único ator vive 26 personagens, dos quais pelo menos dois não foram criados por Shakespeare: o Narrador e Sérvula, a faxineira do castelo. Criada há mais de quatrocentos anos, a obra de Shakespeare vem sendo

adaptada das mais variadas formas desde meados do século XVII. As primeiras adaptações eram voltadas para a encenação, introduzindo mudanças na linguagem, tramas e personagens das peças. Mais tarde se iniciaram as adaptações para outros gêneros, em um ritmo cada vez mais intenso. Essa intersemioticidade, no entanto, não esvaziou a força das adaptações cênicas; talvez não seja precipitado supor que, contemporaneamente, a maioria das montagens de peças shakespearianas promovem mudanças as mais diversas no texto de origem. O conceito de adaptação no qual nos baseamos considera que essa estratégia pode, em termos gerais, envolver: i) a transposição de um gênero para outro; ii) a transposição para uma outra época, lugar ou ambiente cultural; e iii) a intervenção nas obras, seja por meio de cortes e omissões, seja por meio de acréscimos, expansões e interpolações. As encenações contemporâneas da poesia dramática shakespeariana tendem a recorrer a ii) e/ou a iii) em suas concepções, e este Ricardo III não é diferente. O texto da peça foi retrabalhado em um roteiro que recorre ao Narrador para conduzir a trama e recorre a cortes, acréscimos e interpolações para o desenrolar da ação. Ao mesmo tempo, não houve qualquer mudança em termos de transposição geográfica ou temporal, ao contrário: o Narrador didaticamente apresenta, no início da peça, a dinastia Plantageneta, buscando aproximar o público do contexto histórico. A linguagem é mista: para o Narrador, coloquial; para os solilóquios do protagonista, a tradução em verso de Anna Amélia Carneiro de Mendonça (Nova Fronteira, 1993); e para as demais cenas, a prosa. A simplicidade é a tônica da montagem, que buscou trabalhar com o mínimo de cenografia para estimular a capacidade lúdica e imaginativa do espectador. Sob esse aspecto, os idealizadores do espetáculo procuraram ser fiéis ao espírito do teatro elisabetano, o teatro das convenções por excelência. O “alívio cômico” não só está presente como recebeu um toque de brasilidade, por meio tanto de diálogos com sotaques do Sul e do Nordeste do Brasil, como do acréscimo do personagem da faxineira. Com esses recursos, objetivou-

se não apenas uma certa leveza e humor na trama focada em um personagem tido por muitos como “assassino serial”, com também uma aproximação com a realidade (e o imaginário) do público brasileiro.

Palavras-chave: adaptações teatrais, Ricardo III, tradução teatral

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Intertextualidades com o *Hamlet* shakespeariano e a posição do narrador em *Enclausurado* de Ian McEwan

ANGELICA TOMIELLO (UEM)

Resumo: A partir da leitura do romance *Enclausurado* (2016), do autor britânico Ian McEwan, o leitor é incomodado pela posição que o narrador assume, sendo tirado da posição confortável de leitor de uma ilusão, passivo como ocorria no romance burguês, numa tentativa de ser realista. Com o delinear shakespeareano da tragédia *Hamlet*, a posição do narrador nesse romance retoma as discussões de Lukács (2000) e Adorno (2003) sobre a forma do romance e sua crise devido a não possibilidade de narrar de uma maneira objetiva e realista como acontecia até meados do século XIX após certas experiências, mantendo-se alheio ao processo social em que a obra e o narrador (autor) se inseriam. A perspectiva inusitada dada ao narrador, que auxilia nesse incômodo, é a de um feto, que mesmo sem ter nascido ainda, se mostra capaz de narrar sua história a partir da posição em que se encontra, percorrendo sobre os temas que aparecem no romance com muita naturalidade, o que pode causar no leitor uma certa desconfiança frente à neutralidade do autor e seu caráter subjetivo nessa composição. Esse narrador, ao trazer discussões acerca de inúmeros temas, como questões de gênero, conceito de família, refugiados, literatura, produção, meio ambiente e até sobre vinhos, assuntos em sua grande maioria, contemporâneos, faz com que o leitor

reflita sobre sua própria posição frente a esses pontos e acompanhe a narrativa na mesma direção que a tragédia shakespeariana, inclusive com a identificação dos nomes e das características dos personagens, além de uma intensa relação da mãe com o narrador autodieético. O narrador-protagonista, ao tomar a posição do herói individualizado, narra sua angústia frente a uma vida que tem por enfrentar, e seu processo de amadurecimento e formação enquanto feto, assim como Hamlet, que passa por um processo de amadurecimento na peça, de acordo com algumas interpretações, como pontua Solange Ribeiro de Oliveira (2008). Muitas das aproximações, dissonâncias e o desenvolvimento mais complexo da trama, das personagens e suas individualidades são possibilitadas tanto pelo contexto contemporâneo em que se insere a obra, quanto pela forma adotada pelo autor na tentativa de renovar a trama hamletiana através do gênero romance. Diante, portanto, da compreensão de que a forma também é produtora de sentido e de que Shakespeare continua sendo adaptado, apropriado, referenciado de inúmeras maneiras, o presente trabalho se constitui a partir do estudo da crise da forma do romance e sobre a posição desse narrador-personagem inusitado, que se apresenta continuamente sob influência da peça do bardo inglês em suas intertextualidades, sem o objetivo de enveredar por reduções qualitativas entre a peça e o romance.

Palavras-chave: Enclausurado, Hamlet, Intertextualidade, Crise do romance

Hamlet em prosa e verso na literatura brasileira contemporânea

FERNANDA TEIXEIRA DE MEDEIROS (UERJ)

Resumo: A proposta desta comunicação é discutir duas apropriações da tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca (1601), pela literatura brasileira contemporânea. Trata-se do romance Hamlet, uma reescritura, de Marici Passini (2003), e do poema “Recebi as nossas homenagens”, de Eucanaã Ferraz (2012). Ambos são exemplos de

um fenômeno amplo, difuso, heterogêneo e global, que constitui o campo das adaptações e apropriações da shakespeariana em todas as linguagens artísticas. Por outro lado, os dois textos integram um fenômeno local - a constelação de obras da literatura brasileira em seu diálogo assíduo, ainda que não volumoso, com o repertório shakespeariano, desde o século XIX. Se as proporções dessa troca não são quantitativamente expressivas, qualitativamente são muito importantes, se pensarmos, por exemplo, na força da presença de Shakespeare na obra de Machado de Assis. Machado foi o autor que mais sistematicamente recorreu a Shakespeare, investindo em seu diálogo com o Bardo na elaboração de seus nove romances, centenas de contos e crônicas, além de poemas. O encontro do Bruxo com Shakespeare impõe-se necessariamente como balisa de reflexão e nos fornece, além de um marco histórico, uma experiência muitíssimo bem-sucedida do fenômeno da intertextualidade, já que Machado demonstrou, antropofagicamente, que incluir Shakespeare em seu processo criativo não significava “abrasileirar” a obra inglesa, muito pelo contrário. Chegando à contemporaneidade, encontraremos em autores diversos uma amostra significativa de diálogos shakespearianos, como vemos em Bernardo Carvalho, Rodrigo Lacerda, Rubens Figueiredo, Luis Fernando Veríssimo, Adriana Falcão, Darcy Ribeiro, Marcio Souza, entre outros. A sistematicidade de Machado é substituída por uma diversidade de experiências, pulverizadas entre variadas vozes. É neste quadro contemporâneo que lemos o romance de Passini, reescritura experimental e poética da tragédia shakespeariana, que reativa nela seu caráter metadiscursivo, e o poema de Eucanaã Ferraz, que nos leva a perguntar, diante de seus oito versos “O que pode um poema?” ou, ainda, “Que tamanha força simbólica tem uma peça a ponto de poder ser condensada em tão poucas linhas?” Interessa-me, nessa discussão, uma gama de questões. Primeiramente, os problemas levantados por Linda Hutcheon em *A Theory of Adaptation* (2006), acerca das especificidades dos gêneros da obra fonte e da obra adaptada como

constraints no processo adaptativo, e as distinções feitas por Julie Sanders entre adaptação e apropriação (2006). Além disso, acredito ser importante refletir sobre o estatuto do texto explicitamente intertextual: pode-se lhe atribuir o caráter de discurso crítico? É um texto endereçado a especialistas? Finalmente, em relação à obra de Shakespeare propriamente dita, o debate sobre o papel desempenhado pelas releituras e reescrituras é um outro ponto a ser comentado, em que se reflete, por exemplo, acerca da ideia de uma “popularização” de Shakespeare por meio das adaptações e apropriações.

Palavras-chave: HAMLET, apropriação, reescritura, literatura brasileira contemporânea

Um diálogo entre a Dinamarca e a Espanha: *Hamlet* e *A tragédia espanhola*

LEONARDO BÉRENGER ALVES CARNEIRO (PUC-RIO)

Resumo: A crítica contemporânea não hesita em admitir o talento de William Shakespeare (1564-1616) como adaptador de enredos (ficcionais, historiográficos, poéticos ou dramáticos) com os quais teve contato, provavelmente desde sua formação escolar em Stratford-Upon-Avon, na composição de sua obra. No caso específico de *Hamlet* (1600-01), é sabido que Shakespeare recorreu a fontes estrangeiras e inglesas. A maioria dos elementos lendários utilizados por Shakespeare foram retirados de *Vita Amleth*, obra integrante de *Historiae Danicae*, de autoria de Saxo Grammaticus (1150-1220), e traduzida na França em 1570 por François de Belleforest (1530-1583), com publicação em seu *Histoires Tragiques*, que chegou ao número de dez edições, tamanha sua popularidade. Contudo, uma teoria bastante difundida entre os estudiosos aponta para a possibilidade de que a principal fonte de Shakespeare na composição de *Hamlet* tenha sido uma peça (hoje perdida) conhecida como *Ur-Hamlet*. Tendo como mais provável autor o dramaturgo Thomas Kyd (1558-1594), *Ur-Hamlet* já era conhecida do público inglês por volta provavelmente do ano de 1587. Visto que cópia alguma de *Ur-Hamlet* não nos tenha chegado, não há evidências de

que Kyd a escreveu, tampouco as há de que a obra não possa ter sido uma primeira versão de *Hamlet* do próprio Shakespeare. No entanto, *A tragédia espanhola*, esta seguramente escrita por Kyd, e um clássico já a seu tempo, inaugura na história do teatro de língua inglesa um gênero que se deflagrará como altamente popular no período elisabetano, e de decisiva influência para que Shakespeare compusesse seu *Hamlet*: a “tragédia de vingança”. Nesse sentido, a comunicação proposta tem por objetivo investigar e discutir os diferentes tratamentos dados pelos dois dramaturgos ao gênero “tragédia de vingança”, bem como buscar compreender a extensão da presença da obra de Kyd na tragédia da Dinamarca.

Palavras-chave: *Hamlet*, *A tragédia espanhola*, William Shakespeare, Thomas Kyd

Uma reflexão sobre os paratextos das traduções brasileiras de *Hamlet*

PEDRO LUÍS SALA VIEIRA (UFRJ)

Resumo: A obra de William Shakespeare possui notoriedade incontestada, sendo um dos autores mais lidos, encenados e adaptados em palcos e cinemas em âmbito global. Tamanha importância e influência do cânone shakespeariano na literatura ocidental naturalmente refletem na tradução de suas obras para outros idiomas, ainda mais considerando as releituras e reinterpretações que a obra sofreu ao longo de sua trajetória histórica. A prática tradutória não se distingue apenas pelas estratégias e ferramentas utilizadas por cada tradutor, mas também por outros elementos que envolvem o processo tradutório, como o contexto sócio-histórico do tradutor, as intenções que norteiam a sua produção e a avaliação do público receptor de uma obra produzida num diferente momento histórico. Considerando este último aspecto, a presente pesquisa pretende analisar as traduções brasileiras de *Hamlet* sob a ótica de sua recepção cultural no Brasil. O estudo parte do pressuposto teórico de que a literatura se estabelece como um sistema dinâmico que sofre claras intervenções e coerções sociais, sendo fruto de seu contexto social, cultural e histórico. O mesmo raciocínio se aplica à literatura

traduzida, no qual os textos traduzidos seriam produtos sócio-históricos ligados diretamente a uma cultura receptora formada por leitores que modificam o seu horizonte de expectativas continuamente em relação a uma determinada obra ou a um determinado cânone. As peças shakespearianas, principalmente no que tange as mais populares como “Hamlet”, são exemplos típicos de obras pertencentes ao cânone que ao longo dos séculos passam por diversos processos de reinterpretação e releitura influenciados pelos mais variados fatores, inclusive por questões sociopolíticas e ideológicas. Diante deste cenário, e perante a permanente publicação de traduções de Hamlet e sua inserção cada vez mais intensa no cenário cultural brasileiro, faz-se imprescindível estudar o contexto de recepção de suas obras. Para tanto, serão estudados os paratextos das doze traduções de Hamlet publicadas no mercado editorial brasileiro, isto é, as produções verbais e não verbais que introduzem tal obra ao nosso sistema literário. Trata-se de textos que discursam sobre o texto literário seja no âmbito do livro – os peritextos, como capa, contracapa, prefácios, posfácios, notas de rodapé, etc – ou extrínsecos a ele – os epitextos, tais como críticas sobre o livro ou entrevistas com o autor, formando textos fisicamente descontínuos do livro que ainda tratam sobre o mesmo. Esses elementos textuais servem, dentre outras funções, para assegurar a recepção da obra no sistema que se encontra inserida. O sistema cultural receptor e o contexto sócio-histórico de produção da obra influenciam diretamente na confecção de tais elementos. Deste modo, os fatores extratextuais são determinantes para o estudo da recepção de uma obra literária sob a ótica paratextual. Tratando-se de literatura traduzida, esse aspecto adquire outra dimensão: o discurso sobre uma reescrita, isto é, um texto que foi transposto de uma cultura para outra. No caso dos paratextos de obras traduzidas, tentaremos demonstrar que tais elementos podem tratar não apenas do texto literário, mas também de seu processo tradutório e fatores extratextuais que o circundam.

Palavras-chave: Tradução, Hamlet, Paratextos, Recepção

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 3

O soldado Romeu: um recorte sobre identidades sexuais em uma tradução intersemiótica de Romeu e Julieta

HILDEBERTO DA SILVA REIS JUNIOR (UFBA)

Resumo: A trajetória temática de representação homossexual no cinema produz uma força de presença, que aos poucos desfaz a condição de simulacro há muito atribuída ao indivíduo não-heterossexual. O filme *Private Romeo* (2011), dirigido por Alan Brown, é exemplo de um produto midiático cuja proposta só é possível por conta do rastro de produções que o antecede. Trata-se de uma tradução intersemiótica da peça *Romeu e Julieta*, escrita por William Shakespeare no século XVI. A releitura do diretor Brown apresenta dois jovens soldados de um colégio militar estadunidense – um ambiente cuja atmosfera de opressão valoriza determinados valores ligados à moralidade social em detrimento da expressão do individual – no instante de descoberta do desejo sexual de ambos. Tal proposta fílmica funciona como uma crítica ao contexto heteronormativo dentro do sistema militar norte americano, rígido e moralista, no qual, durante muitos anos, existiu uma política institucionalizada e constituída de discriminação, que proibia militares homossexuais de assumirem sua identidade sexual. A adaptação fílmica *Private Romeo* traduz o texto dramático *Romeu e Julieta* para propor a desconstrução de paradigmas sobre homoafetividade, identidade sexual e papeis de gênero, saindo de um modelo de discurso heteronormativo no qual o texto dramático shakespeariano está inserido já como uma repetição em diferença do tema ocidental do amor proibido, e propõe novas expressões sobre moral, corpo e linguagem. Esta proposta de comunicação sugere uma análise da proposta narrativa do filme em questão a partir, principalmente, da leitura das discussões introduzidas por Judith Butler (2016) e Eve Kosofsky Sedgwick (1990), sobre a discussão em torno

das identidades sexuais e papéis de gêneros regulamentados por e no mundo ocidental; Michael Foucault (1999), sobre a sexualidade; Jacques Derrida (1995), com a discussão sobre rastro, escritura e diferença na tessitura dos textos; Gilles Deleuze (2000), com a proposta de reversão da hierarquização platônica modelo-cópia-simulacro. A construção do casal protagonista dentro dos aspectos e da concepção do filme de 2011 é o recorte tomado para a análise, tendo em vista o perigo da universalização, normatização e higienização da história de sujeitos não-heterossexuais, que, no filme, é contada através das vozes canônicas das personagens criadas por William Shakespeare. Nesse sentido, *Private Romeo*, como um produto da leitura crítica da anterioridade, portanto, é objeto capaz de propor análise e discussão sobre a potência positiva de um grupo social cuja identidade sexual é etiquetada como um tipo de simulacro platônico. Em outras palavras, discute-se o caráter de desvio atribuído e regulado pelos aparatos sociais para os sujeitos e as relações não-heterossexuais e suas identidades sexuais.

Palavras-chave: Romeu e Julieta, Identidade Sexual, Tradução Intersemiótica, contemporaneidade

A atualidade do muro: *Lear* de Edward Bond, uma releitura de Shakespeare no teatro pós-guerra britânico

JONATHAN RENAN DA SILVA SOUZA (USP)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo apontar os modos pelos quais o dramaturgo britânico Edward Bond (1934-), trabalhando com a obra de William Shakespeare (1564-1616), problematiza questões de cunho social da Inglaterra do período pós-Segunda Guerra Mundial. Intenta-se traçar paralelos entre as questões analisadas nas peças e possibilidades de conexão com o contexto atual. À luz da peça de Bond, empreende-se um balanço do que foram os anos 1960 e suas potencialidades de mudanças estruturais no que se refere ao sistema capitalista. Considera-se para tanto a peça *Lear* (1971), que se constitui como uma releitura de *Rei Lear* (1606). Trazendo a questão da autoridade, que na peça de Bond se apresenta através das personagens

shakespearianas *Lear* e *Cordélia* em releitura, procura-se perceber a problemática da ação política revolucionária diante de estruturas de poder estabelecidas. Focando a imagem do muro presente e central na peça de Bond, busca-se analisar suas significações e interpretações na obra. Criação de Bond sobre a obra de Shakespeare, o muro faz parte da imagética da dramaturgia do autor e constitui-se como um meio para a reflexão sobre os processos de mudanças sociais possíveis. Adicionalmente, propõe-se considerar as estruturas opressoras do sistema que se mantêm e a participação dos indivíduos nesse processo. Toma-se a imagem do muro ainda em sua potencialidade de reflexão sobre o contexto da contemporaneidade de hegemonia capitalista pós-Muro de Berlim, no qual a questão do muro que divide Estados Unidos e México retorna à pauta após as últimas eleições americanas. Em tempos de pós-modernidade, em que o apagamento histórico toma espaço, as peças de ambos os dramaturgos convidam à reavaliação do que foram os movimentos revolucionários do século XX, a qual se dá a partir da alegoria proposta pela personagem *Cordélia* na peça de Bond. Problematicando a questão do poder e as possibilidades de mudanças da sociedade, Bond retoma temáticas presentes na peça de Shakespeare, apresentando a urgência de se discutir métodos de ação política efetiva. Em termos teóricos, toma-se como ponto de partida o comentário de Michael Patterson sobre *Lear* para se ressaltar o trabalho de Bond ao tratar do tema da violência, o qual aparece através do uso de técnicas próprias do teatro épico. Desse modo, a produção de Edward Bond constitui-se como importante diagnóstico das preocupações com o coletivo, fruto dos anos 1960, e a atualidade e suas problemáticas. Ao final, retoma-se um debate que ainda é atual e premente: o papel da arte, do teatro, e da tradição shakespeariana em específico como formas de pensar problemas antigos e persistentes e desejadas mudanças sociais profundas e duradouras.

Palavras-chave: Estudos de Dramaturgia, Teatro Britânico, Releitura, Atualidade

A floresta que se move: reescrevendo Macbeth de Shakespeare para a tela

RAQUEL FERREIRA RIBEIRO (UFC)

Resumo: Este trabalho analisa *A Floresta que se Move* (2015), adaptação fílmica da peça *Macbeth* de William Shakespeare, dirigido pelo brasileiro Vinícius Coimbra. *Macbeth*, uma de suas tragédias mais conhecidas, retrata os temas ambição, morte, destino e busca pelo poder. *Macbeth* conta a história do nobre guerreiro escocês *Macbeth* que, ao receber uma profecia de que será rei, com a ajuda da esposa, *Lady Macbeth*, trama a morte do rei *Duncan*. *Macbeth* assume o trono, mas ao mesmo tempo em que se vê atormentado pelo seu ato, não hesita em matar novamente, tornando-se um tirano sanguinário para se manter no poder. Esta é a peça de Shakespeare que apresenta tom mais maligno, supersticioso e, ao mesmo tempo, violento e de questionamento moral do homem. O filme de Coimbra, filmado também na Escócia, adapta a história para o contexto atual e apresenta a ambição do protagonista *Elias*, ajudado pela esposa *Clara*, de se tornar presidente do banco para o qual trabalha. Os estudos sobre o diálogo entre cinema e literatura requerem um novo modo de investigação de narrativa dentro das novas possibilidades oferecidas por uma mídia diferente. A transmutação de um texto clássico em filme move novas ideias estéticas cujas novas ideologias foram impulsionadas ainda no início do século XX (NAREMORE, 2000). O lugar de importância do teatro elizabetano, de Shakespeare e de seus contemporâneos é visto como uma experiência ativa e não passiva, cujos espectadores são convidados a preencher lacunas e participar criativamente (BRODE, 2000). A posição central de prestígio da obra de Shakespeare no sistema literário coloca, com o tempo, grande parte de suas adaptações em lugar semelhante, devido também ao reconhecimento de grandes diretores como Orson Welles, Akira Kurosawa e Roman Polanski no contexto cinematográfico. No entanto, é importante observar que os estudos da tradução, de acordo com teoria de polissistemas de Even-Zohar (1990), tendem a

considerar elementos culturais e a influência da cultura de chegada no objeto traduzido e, neste caso, adaptado para o cinema. Consideramos não somente os princípios de tradução intersemiótica (PLAZA, 2001) mas também as adaptações cinematográficas tanto como trabalho de tradução (CATTRYSE, 1992) quanto reescrita (LEFEVERE, 2007), oferecendo ao público um novo texto. O foco deste trabalho é, portanto, descrever os desafios de adaptar o texto shakespeariano para o contexto contemporâneo do século XXI, analisando as representações do tom maligno, supersticioso e violento para o filme, que tornam a produção de Coimbra uma notável reescrita do texto de Shakespeare para os dias atuais.

Palavras-chave: Adaptação fílmica, Shakespeare, *Macbeth*, Cinema

Salvem Shakespeare: as estratégias literárias de abordagem de William Shakespeare em “The Sandman” de Neil Gaiman e “Kill Shakespeare”, de Anthony Del Col e Connor McCreary

GUSTAVO MELO CZEKSTER (PUC-RS)

Resumo: Nos últimos anos, os quadrinhos deixaram de ser considerados como um produto da indústria cultural e passaram a ser vistos como expressão artística apta a ser estudada de forma autônoma. Para a consolidação desta imagem, foi essencial o surgimento de alguns escritores que, graças a uma sólida formação cultural, trouxeram elementos da literatura clássica para dentro das suas obras, estabelecendo um diálogo intertextual entre o novo e o já consagrado. Agindo assim, tais escritores acabaram dando uma nova roupagem para obras clássicas, utilizando-se de elementos biográficos e de fatos ficcionais para dar estrutura para as suas tramas, rejuvenescendo obras literárias e, em alguns casos, ressignificando-as. Neste trabalho, será feita uma análise das estratégias literárias usadas pelo escritor inglês Neil Gaiman para se apropriar de temas, personagens e situações das peças de William Shakespeare (1564 – 1616), utilizando-as no interior de três histórias da série de quadrinhos “*The Sandman*” (*Vertigo*): “Homens

de boa fortuna”, “Sonho de uma noite de verão” e “A tempestade”. Além de abordar os temas shakespearianos dentro do universo próprio de “The Sandman”, através de um procedimento de apropriação, assimilação e reescritura, Gaiman transforma o próprio dramaturgo inglês em personagem, suprimindo – por meio da ficção – as lacunas da biografia de uma pessoa real. Procedimento similar foi realizado por Anthony Del Col e Connor McCreary, escritores canadenses que realizaram a graphic novel de 12 episódios chamada “Kill Shakespeare”, na qual os personagens clássicos do dramaturgo inglês conspiram entre si e lutam, sempre com o objetivo de matar o criador, em uma atitude que remete à “morte do autor” de acordo com o desenvolvido por Roland Barthes. Para o novel campo da Escrita Criativa, que ainda necessita de maiores desenvolvimentos teóricos, é de especial interesse a maneira através da qual os autores incorporaram obras e personagens de um contexto literário particular para o interior de uma nova obra criativa, sem perder as características do original e inclusive o renovando. Não suficiente criar uma história de quadrinhos baseada em uma obra literária, os escritores usaram estratégias narrativas para que tal transição ocorresse de maneira natural, agregando novos elementos e chaves de leitura para as obras de Shakespeare, que passa a ser lido também na ótica daqueles que redesenharam os limites da sua criação, estabelecendo, assim, uma relação de dupla troca. Por meio de um método comparatista, será abordada a forma com que Neil Gaiman, Anthony Del Col e Connor McCreary enxergam a obra e a pessoa de Shakespeare não como um ente autônomo, mas como parte da sua criação, dissolvendo os limites das obras para que se encaixem dentro do seu universo ficcional, usando para tanto os estudos de Harold Bloom, Barbara Heliodora e Stephen Greenblatt.

Palavras-chave: William Shakespeare, Quadrinhos, Neil Gaiman, Anthony Del Col e Connor McCreary

O Doutor e o Bardo: um jogo de cultura popular e referências literárias

FLAVIA RODRIGUES MONTEIRO (UFMG)

Resumo: O status de mídia popular passou dos palcos para as telas e Shakespeare seguiu essa transição. É interessante para os estudos intermediários notar a forma como Shakespeare pode se reinventar através de diferentes mídias. Através dos séculos, o status popular das peças shakespearianas nos palcos elisabetanos cedeu lugar à apreciação dos escritos do Bardo na cultura erudita. Shakespeare se manteve adaptável mas foi distanciado das massas. Contudo, o dinamismo do Bardo ainda trilha seu caminho em direção à cultura popular. O cinema recria Shakespeare desde sua invenção. Quando as telas diminuíram e ganharam o espaço doméstico, o dramaturgo inglês também se fez presente. Atualmente, embora possam não ter acesso ao estudo sistemático de suas obras, as massas, mesmo pertencentes a diferentes culturas, reconhecem o nome Shakespeare e parte do seu legado. A globalização e o surgimento de novas mídias facilitaram a propagação de objetos culturais que antes só seriam apreciados em âmbito local. Dessa forma, uma produção shakespeariana inglesa pode ser consumida no Brasil através da tela de um computador ou da TV. Produzida pela BBC de Londres, a série televisiva de ficção científica, Doctor Who, fornece um exemplo do potencial alcance da popularidade do Bardo. Devido ao seu caráter popular na Inglaterra, a série voltou a ser produzida em 2005 e logo conseguiu mais fãs ao redor do mundo. No segundo episódio da terceira temporada, “O Código Shakespeare” (“The Shakespeare Code”, 2007), o Doutor e sua companheira Martha viajam para 1599 e vivem uma aventura com o Bardo. O episódio apresenta diversas referências literárias e históricas que não se restringem ao campo shakespeariano. A produção televisiva parece homenagear mídias precedentes como literatura e teatro, já que faz referências a outros autores além de Shakespeare e desenvolve parte importante de sua ação no palco do teatro Globe. As referências aparecem como citações diretas e menções às obras dos escritores J. K. Rowling, Ray Bradbury,

Dylan Thomas e do próprio Shakespeare. O enredo do episódio gira em torno de uma ameaça alienígena, as Carrionites, seres com a forma de bruxas que drenam seus poderes através da manipulação das palavras e, por isso, escolhem Shakespeare, o grande mágico das palavras, para ser sua ferramenta. As Carrionites ecoam as bruxas de Macbeth em sua atmosfera sinistra. Além das referências textuais e midiáticas, o episódio brinca com concepções equivocadas sobre a vida de Shakespeare e seu contexto histórico como, por exemplo, o mito das peças perdidas (*Love's Labour's Won*) e a ideia de que Shakespeare realmente sentava e escrevia suas peças em uma mesinha. O episódio também faz menção à importância de Shakespeare para acadêmicos e em certo ponto sugere que Martha é a Dark Lady dos sonetos shakespearianos. Como resultado de todo esse jogo de cultura popular e referências literárias, pode-se dizer que essa “reescrita” shakespeariana é uma forma de apresentar o Bardo para diferentes públicos e preservar seu legado através de uma nova mídia, contribuindo assim para a (re)popularização do Bardo.

Palavras-chave: Shakespeare, Doctor Who, Intermedialidade, Cultura Popular

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 4

O poder usurpado: ecos da obra shakespeariana no seriado *House of Cards*

ELENICE KOZIEL (UFPR)

Resumo: Para Linda Hutcheon (2013), as histórias não são apenas contadas, mas recontadas. E ao recontá-las, é necessário adaptá-las, ou seja, atualizar o conteúdo para o novo público. Atualmente, existem diversos meios para (re)contar histórias que vão além do texto escrito. Dentre esses meios estão os seriados televisivos. Diversos seriados estabelecem uma relação dialógica com obras

literárias, ora como adaptação declarada e extensiva, ora como alusões ou ecos intertextuais. Dentro desse contexto, inúmeras são as produções artísticas que dialogam com os textos de Shakespeare em diferentes esferas midiáticas como, por exemplo, palco, cinema, televisão, histórias em quadrinhos, games, entre outros. Dentre essas releituras das peças shakespearianas que circulam em diferentes meios, a presente comunicação irá focar no diálogo que existe entre a obra shakespeariana, mais especificamente a peça Ricardo III, e o seriado *House of Cards*, produzido e veiculado pelo Netflix a partir de 2013. Embora não se trate de uma adaptação declarada, possui o que poderíamos chamar de ecos da obra shakespeariana. As temáticas que são elaboradas nas peças de Shakespeare continuam presentes no nosso cotidiano. Uma delas é a complexa luta pelo poder. O embate pela conquista e manutenção do poder – mesmo que ilegítimo – é um tema que se mantém muito atual. Por essa perspectiva, nossa análise irá tentar estabelecer aproximações, especialmente, entre o vilão shakespeariano, Ricardo III e o vilão do seriado, Frank Underwood: dissimulação, sedução, ironia, sangue frio e a persistente busca pelo topo do poder são alguns dos aspectos que caracterizam esses personagens. Já no monólogo de abertura da peça shakespeariana, Ricardo III revela-se falso e traiçoeiro, capaz de armar conjunturas e tramas perigosas. Como observa Bárbara Heliodora (2014), após esse monólogo inicial, a plateia já fica ciente do verdadeiro caráter do protagonista. “Ricardo pode ‘representar’ para os outros personagens, mostrando-se sempre como um perseguido, vítima de seu físico desagradável, sincero e incapaz de mentir; porém o faz sem iludir a plateia, que já está avisada sobre seu falso comportamento.” (HELIODORA, 2014, p. 98). Da mesma forma ocorre com os monólogos protagonizados por Frank Underwood no seriado. Ao falar diretamente para a câmera, o personagem informa o espectador de suas verdadeiras intenções. Frank não esconde do público seu caráter, seu cinismo e, dessa forma, tem o espectador como uma espécie de cúmplice. Assim

como Ricardo III, Underwood não sente remorso e não fracassa em tirar do seu caminho todos aqueles que de alguma forma ameaçam seus planos de chegar ao poder.

Palavras-chave: Shakespeare, House of Cards, Ricardo III, Poder

Shakespeare nas redes sociais: *Peace, Good Tickle-Brain*, de Mya Gosling

REBECA QUELUZ (UFPR)

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo analisar os quadrinhos do blog “Good Tickle-Brain”, da bibliotecária e cartunista Mya Gosling. A autora, que começou a postar seu trabalho no Facebook e, posteriormente, criou um blog e contas em outras redes sociais como o Twitter e o Instagram para divulgá-lo, traz como tema principal a obra de Shakespeare. Ela ficou conhecida, sobretudo, por resumir os enredos das peças shakespearianas em três quadros (que ela chama de Three-panel plays). Fez também paródias musicais de Hamlet, Macbeth, O conto de inverno, Sonho de uma noite de verão e Como gostais. Relacionou Shakespeare à política, a eventos mundialmente celebrados, como a Copa do Mundo, a datas especiais (como o Dia dos Namorados, Natal, Halloween, Thanksgiving, Ano Novo) e ao ensino. Entretanto, nossa atenção será direcionada especialmente para os quadrinhos referentes à seção “Social Media Shakespeare”, onde se encontram as séries “Shakespearean Selfies” e “Shakespearean Autocorrects”, publicadas entre os anos de 2013 e 2016. Nelas, Gosling imagina as personagens shakespearianas (tais quais Hamlet, Julieta, Ricardo III, Tamora, Macbeth, Petruchio) utilizando Instagram e Whatsapp e supõe alguns problemas de comunicação a partir dos desentendimentos gerados por essas tecnologias. Além disso, conjectura falas referentes às situações presenciadas por cada uma das personagens e remete a cenas icônicas (como a de Hamlet segurando a caveira de Yorick, Julieta tomando a poção sugerida pelo frei Lourenço, ou o cavalo que Ricardo III perde na batalha). De forma divertida e inusitada, a cartunista se

apropria da estrutura narrativa de Shakespeare e a modifica, transforma e recria acrescentando uma pitada de ironia. Desse modo, a partir do embasamento teórico dos trabalhos de Linda Hutcheon (2013) sobre adaptação, de Julie Sanders (2006) sobre apropriação, Abigail Rokison (2013) sobre produções, versões e adaptações das obras de Shakespeare, Paulo Ramos (2011) sobre o humor nos quadrinhos e Thiago Castro (2016) sobre tiras cômicas online, queremos propor uma reflexão sobre o diálogo entre a literatura e os quadrinhos, observando como se dão essas transformações, quais características se destacam no produto final, e como a forma e as mediações técnicas e gráficas podem recriar o conteúdo. Buscamos um olhar crítico para compreender como Gosling se apropria da informação verbal literária, da linguagem do humor gráfico e dos processos de mediação, construindo uma releitura elaborada por uma narrativa de imagens sequenciadas no meio digital. Seus quadrinhos atualizam a obra shakespeariana e podem servir como um meio de aproximação e de incentivo à leitura das peças do bardo inglês a novos públicos das redes sociais.

Palavras-chave: Shakespeare, apropriação, Good Tickle-Brain, Mya Gosling

Um panorama sobre peças shakespearianas em musical

YURI JIVAGO AMORIM CARIBE (UFPE)

Resumo: Este trabalho pretende apresentar um panorama histórico das Shakespeare Adaptations na contemporaneidade (1980-2017), com foco na questão dos musicais. Estudar o processo de adaptação de obras literárias ou mesmo de filmes comuns em musicais configura-se em algo muito particular por tratar-se da introdução de um elemento transformador: a música. Segundo Hutcheon (2006), o papel de diretores, produtores e letristas em processos assim é fundamental, visto que todos são considerados adaptadores. A pretensa recepção do público deve ser outro fator a ser considerado, visto que há bastante expectativa em torno de qualquer referência às obras shakespearianas.

Diante desses fatores, chegamos ao problema em questão: observar as Shakespeare Adaptations na contemporaneidade, especialmente os musicais. Apresentamos aqui um levantamento sobre as principais comédias desse autor adaptadas em musical. Observamos, por exemplo, que *A Midsummer Night's Dream* (provavelmente escrita e montada entre 1594 e 1596), e a tragédia *Macbeth* (1605-1606) são duas das obras mais adaptadas nesse formato. Percebemos também que a Broadway, em Nova Iorque, é, sem dúvida, o local onde mais se adapta Shakespeare em musical. A procura por peças nesse estilo é grande, provavelmente por isso é que diretores renomados se debruçaram sobre espetáculos da literatura shakespeariana, adaptando-as em musicais. As comédias são mais adaptadas e algumas já ganharam montagens brasileiras. Uma verdadeira indústria de adaptações em musical parece surgir: obra literárias são adaptadas e, em seguida, exportadas para o mundo. Grande parte dessas peças já possui formato pré-definido (adquirido por cessão de direitos autorais), o que de certa forma padroniza o espetáculo. O adaptador, porém, atuará como tradutor e letrista, recompondo as letras das canções para a língua do país onde a peça será montada. Essas letras se destacam como um ponto especial de análise. Os títulos também merecem atenção, visto que muitas vezes o produtor local opta por não usar o mesmo nome da peça de Shakespeare (texto-fonte). Alguns inclusive optam por fazer um trocadilho com o título original na língua de chegada. Acreditamos que o fato de introduzir canções em peças que não foram pensadas dessa forma e ainda utilizar título ou enredo shakespeariano na divulgação de montagens desse tipo são situações que nos remetem ao conceito de apropriação de Sanders (2006). A apropriação se dá em função da livre interpretação de um adaptador, o que pode gerar um produto que se afasta bastante do texto-fonte, normalmente gerando controvérsias. Assim, conforme já fizemos em pesquisa anterior (CARIBÉ, 2013) quando analisamos a questão das adaptações e da montagem brasileira do musical *Priscilla, Queen of the Desert* (2012), apresentaremos um

panorama dos principais musicais adaptados a partir de peças de Shakespeare em importantes cidades do mundo. Também propomos um debate sobre a atualidade das comédias shakespearianas e sobre a conexão natural dessas comédias com a música, fato que possivelmente explica essa prática.

Palavras-chave: Shakespeare Adaptations, comédias, musicais, adaptadores

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 5

Os Proteus de William Shakespeare e de Antônio José da Silva: em busca de uma possível intertextualidade

EDUARDO NEVES DA SILVA (USP)

Resumo: Este trabalho pretende desenvolver uma análise comparativa entre a comédia *Os dois cavalheiros de Verona*, de William Shakespeare, e a “ópera” joco-séria *As variedades de Proteu* (1737), do comediógrafo luso-brasileiro Antônio José da Silva, também conhecido como o Judeu. Embora não se saiba até que ponto este último tivesse conhecimento da produção teatral shakespeariana, uma vez que no Portugal setecentista ainda não havia traduções da obra do bardo para o português, os pontos de contato entre as referidas peças permitem vislumbrar um suposto diálogo intertextual entre elas. O primeiro ponto de contato é mais evidente e diz respeito ao fato de os protagonistas das duas peças carregarem o mesmo nome: Proteu. O segundo concerne à tentativa destes protagonistas em conquistar uma dama já “comprometida” com outra personagem. Em Shakespeare, a dama é Sílvia, a amada de Valentino, o melhor amigo de Proteu; em Antônio José da Silva, essa dama é Cirene, a noiva de Nereu, irmão de Proteu. O terceiro ponto é outra semelhança de nomes: tanto o cão que aparece na peça inglesa, quanto o criado da “ópera” joco-séria, se chamam Caranguejo. Afora

as semelhanças apontadas, nota-se que os protagonistas em questão recorrem à simulação em sua conquista amorosa. Em *Os dois cavalheiros de Verona*, Proteu se vale de uma trapaça (trick) para conquistar Sílvia. O caráter “proteico” da personagem corresponde à falsidade, à desfaçatez, ao cinismo, em suma, a tudo que diz respeito a uma personalidade enganosa, fingida, pouco confiável. Segundo acreditamos, o Proteu shakespeariano sintetizaria uma das características mais significativas do herói barroco, qual seja, a teatralidade; ou, mais especificamente, o fingimento. No caso da peça de Antônio José da Silva, entretanto, o fingimento, longe de sua conotação negativa, deve ser entendimento fundamentalmente como uma habilidade mágica em alterar a aparência exterior. Com efeito, em *As variedades de Proteu*, o galã transforma-se em objetos naturais ou artificiais, com o fito de aproximar-se da amada e, deste modo, cortejá-la. O que há de constante no Proteu silviano, a despeito de suas “variedades”, reside justamente na sinceridade do sentimento amoroso que nutre por Cirene. A despeito das diferenças entre os dois heróis, o aspecto fundamental do fingimento ou mascaramento é o que os aproxima da ideia de uma teatralidade generalizada no universo barroco, muito bem expressa, aliás, na célebre frase colocada na entrada do Globe Theatre, onde Shakespeare se consagrou como teatrólogo: *Totus mundus agit histrionem*, isto é, o mundo todo interpreta.

Palavras-chave: Shakespeare, Antônio José da Silva, Barroco

O julgamento em *Conto de inverno*, *Dom Casmurro* e *São Bernardo*: as evidências, o ciúme e a culpa

IZAURA VIEIRA MARIANO DE SOUZA (UERJ)

Resumo: É fato consolidado e já bastante discutido no meio acadêmico a influência de William Shakespeare para a literatura. Machado de Assis bebeu dessa fonte, e, em permanente diálogo com a tradição literária, reciclou muito da obra shakespeariana na sua escrita. Vale lembrar que o próprio autor de *Hamlet* também colocou em prática o método

da reciclagem: A escritura dramática de Shakespeare é construída com base em suas muitas leituras. Para o enredo de *O conto do inverno* ele utilizou principalmente o popular romance em prosa Pandosto: *the triumph of time*, com o subtítulo de *The history of Dorastus and Fawnia* (1588), escrito por Robert Greene (1558-1592). (SANTOS, 2007, p. 14). Em muitos dos romances machadianos encontramos um arcabouço que retoma a estrutura shakespeariana, como é o caso de *Conto de Inverno* e *Dom Casmurro*, de que trataremos nesse trabalho. Apesar da comparação entre *Otelo* e *Dom Casmurro* ser a mais predominante nos estudos deste romance de Machado tendo em vista as várias referências a esta peça de Shakespeare na obra, para nossa apreciação, nos interessa investigar como a estrutura do julgamento de *Conto de Inverno* pode ser reconhecida em *Dom Casmurro*. Contudo, gostaríamos de incluir outro escritor brasileiro na análise, Graciliano Ramos, mais precisamente com o romance *São Bernardo*, que também converge para o tema do ciúme, vinculado ao instinto de propriedade: “os motivos temáticos se misturam, aparentemente justapostos mas, na realidade, convergindo para o motivo central: o ciúme, ou o sentimento de posse com relação à mulher.” (LAFETÁ, 1978, p. 190). Fazemos essa menção ao romance do escritor alagoano, pois há algumas características nas três obras que seguem uma elaboração análoga no que concerne à temática do ciúme e da dúvida, além de enriquecer o estudo do tema em questão. Propomos uma leitura que enfatiza o texto literário, concentrando nossos esforços na relação entre o poder e o saber para a construção de um discurso de acusação a respeito da traição, e no estatuto da evidência apresentado em cada caso. Analisaremos como Leontes, Bento Santiago e Paulo Honório detêm a posição de autoridade em detrimento das acusadas, Hermíone, Capitu e Madalena. Observaremos como há uma cena de julgamento presente nas três obras, ainda que diferentemente construídas, e, como a culpa, consequência da atitude ciumenta dos protagonistas, atua em cada um dos enredos. Veremos que, ligado à cena do julgamento e ao sentimento

de culpa há um viés religioso que permeia as narrativas. Nesse sentido, consideramos que a discussão é válida por tratarmos de obras de grande destaque na literatura e que, juntas, mostram-nos o valor do diálogo e da emulatio, não no senso da redução ao mesmo, mas na relevância da reciclagem para um constante diálogo que só engrandece os estudos literários. REFERÊNCIAS: SANTOS, Marlene Soares dos. “Introdução”. In: SHAKESPEARE, William. O conto do inverno. São Paulo: Iluminuras, 2007, p. 7-20. LAFETÁ, João Luiz. “O mundo à revelia”. In. RAMOS, Graciliano. São Bernardo. Rio de Janeiro: Record, 1978, p. 173-197.

Palavras-chave: Conto de Inverno, Dom Casmurro, São Bernardo, julgamento

Visões femininas d'A *Tempestade* no romance contemporâneo de expressão inglesa

MARIA CLARA VERSIANI GALERY (UFOP)

Resumo: A *Tempestade*, peça do período final da produção teatral de Shakespeare e encenada pela primeira vez em 1611, é um texto que resiste às classificações mais convencionais. É, possivelmente, a obra do poeta inglês lida e interpretada de forma mais radical por leitores, escritores e artistas do mundo inteiro: embora tenha sido classificada dentro de gêneros dramáticos diferentes, transcende às classificações que buscam enquadrá-la como comédia, romance ou masque. A ilha fictícia em que o enredo se desenvolve também já foi transposta para diversas regiões do mundo. Na esfera da crítica, influência e significados da peça cruzam múltiplas fronteiras, suscitando a mais ampla gama de leituras. Dentre essas, é no âmbito dos estudos culturais que A *Tempestade* tem fomentado discursos ideológicos diversos desde a segunda metade do século XX, por meio de um enfoque interdisciplinar. Como afirma Chantal Zabus, em seu livro sobre a peça de Shakespeare: “Escritores de diferentes orientações sexuais, raciais, culturais e ideológicas se propuseram reescrever A *Tempestade* depois de Shakespeare. A ressonância específica da peça é o resultado de uma

combinação sem precedentes de pós-colonialismo, pós-patriarcado e pós-modernismo”. A *Tempestade* é também uma obra que foi apropriada, em diversos momentos, em romances de expressão inglesa. Nesse sentido, é interessante como várias autoras identificadas com a literatura pós-colonial reescreveram a ilha de Próspero sob perspectivas bastante diversificadas: Michelle Cliff (*No Telephone to Heaven*, 1987), Gloria Naylor (*Mama Day*, 1988), Marina Warner (*Indigo*, 1992), Nancy Huston (*Plainsong*, 1993) e, mais recentemente, Margaret Atwood (*Hag-Seed*, 2016) são algumas das escritoras que lançaram mão do hipotexto shakespeariano em novas criações. A proposta de comunicação em tela visa discutir apropriações da *Tempestade* no romance contemporâneo, enfocando as obras aqui mencionadas, mas destacando principalmente o romance de Atwood. Pretende-se analisar a forma com que escritoras reimaginam as figuras e enredos shakespearianos em novos (com) textos e resgatam personagens femininas situadas à margem da peça de Shakespeare.

Palavras-chave: A *Tempestade*, romance pós-colonial, hipotexto shakespeariano, escrita feminina

Estudo de uma adaptação infantil de *Romeu e Julieta*

TIAGO MARQUES LUIZ (UFU)

Resumo: *Romeu e Julieta* são considerados o arquétipo do amor juvenil. Shakespeare transitou em todas as pluralidades textuais possíveis, sendo lido, reescrito, interpretado e adaptado à todas as mídias, como a dança, a pintura, o cinema, o quadrinho, entre outros. Nesta proposta de comunicação, pretende-se fazer um estudo comparativo entre a peça trágica inglesa do casal de Verona e a sua adaptação cinematográfica para o público infanto-juvenil, pela Mauricio de Sousa Produções, de 1979. O enfoque deste trabalho é a cena do baile dos Capuletos, com ênfase no contraste entre a seriedade do texto-matriz e com a comicidade da adaptação, onde vemos uma nova roupagem da peça do bardo, levando em consideração que suas peças não eram

destinadas ao público infanto-juvenil da Inglaterra Renascentista. Para Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007), o próprio texto infantil materializa seu processo de escrita e produção, fazendo referência a outras obras, instaurando uma espécie de diálogo entre textos. E para as autoras, metalinguagem e intertextualidade “parecem aproximar a literatura infantil contemporânea de obras não-infantis, que encontram na metalinguagem a manifestação de sua modernidade” (LAJOLO, ZILBERMAN, 2007, p. 152). O processo de adaptação não se esgota na transposição do texto literário para outro veículo. Ele gera uma cadeia de interpretações, identificações, intertextualidades, constituindo uma realização estética que envolve tradução e interpretação de significados e valores histórico-culturais. Sabemos que a passagem do texto escrito para o cinema não está vinculada à fidelidade ao hipotexto, especialmente pelo fato de que a relação entre mídias distintas abre espaço para redefinições de sentido, deslocamentos, acréscimos, ausências. Como pontua Maria Aparecida Conti (2013), há “uma produção ininterrupta de identidade, marcada por mutações, ocorrendo em todas as situações, nos textos artísticos escritos e imagéticos, inclusive”. Dizemos isso pelo fato do filme trazer traços característicos do Brasil, como a trilha sonora que o compõe, como o samba, o rock, o forró, sendo a valsa um gênero musical estrangeiro que é trazida para o filme, além da gravação na cidade de Ouro Preto. Embora a Literatura infantil tenha seu espaço consolidado, o fato de ser uma literatura recente “pode aumentar equívocos de artistas e teóricos, na sua produção e análise, mas não a invalida” (CUNHA, 1983, p. 22). Com a importância de Shakespeare para o teatro, também é necessário que as crianças tenham o contato com a obra do autor, ainda na infância, mesmo que os assuntos tratados por ele sejam considerados tabus entre os adultos.

Palavras-chave: Comicidade, Intermidialidade, Literatura Infanto-Juvenil, Tragédia Inglesa

Os tempos de Shakespeare: relevância

ROBERTO FERREIRA DA ROCHA (UFRJ)

Resumo: No poema encomiástico, publicado no volume que constitui a primeira edição das obras dramáticas completas de William Shakespeare (1564-1616), conhecido como o Primeiro Fólio (1623), Ben Jonson (1572-1637), colega e rival do Bardo, afirmou que “He was not of an age, but for all time”. A disseminação global de suas obras em múltiplas línguas e diferentes mídias na contemporaneidade parece confirmar o prognóstico do autor de Volpone. Tendo sido fundamentalmente um homem de teatro, Shakespeare tinha plena consciência de que o palco, pelas suas próprias características, teria que se referir primordialmente à atualidade. “Agora” sempre foi e sempre será a palavra-chave do teatro. Dramaturgos podem se inspirar em histórias e fatos que aconteceram em épocas e lugares muito distantes (e Shakespeare o fez com frequência em suas comédias, peças históricas e tragédias), mas eles, em todas as épocas, estarão falando para seus contemporâneos sobre aquilo que os interessa de perto. Da mesma forma, para que tenha lugar aquilo que Peter Brook chamou, em um de seus livros mais importantes, de teatro vivo, é imprescindível que o espetáculo fale das questões que realmente sejam relevantes para seu público. Nesta comunicação, partindo do conceito brechtiano de significado virtual, procurarei discutir brevemente instâncias em que textos dramáticos shakespearianos, principalmente aqueles com um viés político mais evidente, foram relidos e/ou apropriados por encenadores e críticos brasileiros para discutir em cena momentos conturbados de nossa história contemporânea. Os dois momentos aos quais me refiro são, em primeiro lugar, o golpe militar-civil que instaurou uma ditadura militar que teria quase vinte e cinco anos de vigência. E em o segundo lugar, o levante institucional que culminou com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Do primeiro momento, será analisada uma encenação da tragédia romana Júlio César (c. 1599) dirigida por Antunes Filho. Esta montagem, que data de 1966, colocou em cena a tradução de Carlos

Lacerda, importante político direitista que foi ativo colaborador na face de preparação do golpe militar-civil que se consumou em primeiro de abril de 1964. A análise se deterá não só nas escolhas estéticas do diretor, mas também no contexto e no modo de produção específico do espetáculo. Os locais de apresentação, o público a quem o espetáculo se dirigiu e a polêmica reação crítica que envolveu a encenação antes e durante a temporada bastante tumultuada do espetáculo também serão discutidos. Em seguida, serão debatidas duas análises críticas do drama histórico Ricardo II (c. 1594). A peça de Shakespeare dramatiza a perda do poder de Ricardo Plantageneta (1367-1400); os dois textos críticos, com vieses ideológicos bastante próximos, comparam as causas da queda do monarca inglês e do afastamento da presidenta brasileira.

Palavras-chave: William Shakespeare (1564-1616), Júlio César, Ricardo II, Relevância



TEMPOS DA BELLE ÉPOQUE

Cesar Braga-Pinto (Northwestern U.)
Maite Condes (University of Cambridge)

Resumo: A partir do tema da ABRALIC desse ano, “Experiências literárias, textualidades contemporâneas”, esse simpósio procura propostas que considerem produções culturais na Belle Époque brasileira (c.1890-1920) no contexto das tensões resultantes das transformações tecnológicas, materiais, sexuais, políticas e psicológicas do período. Cruzando o fin-de-siècle, a Belle Époque esteve marcada por aquilo que Brito Broca chamou de “um mundanismo”, conforme a elite cultural, social e política se abria para a modernidade e para um novo espírito de cosmopolitismo. Novos artigos de importação e nova mão de obra alteraram a paisagem material e social da cidade, abrindo-se a novas práticas e novas sensibilidades. Por mais que a nova era parecesse receptiva e acolhedora, ela também detonou uma crise ao testemunhar, entre outras coisas, a emergência de novas formas de produção cultural, novas ideologias e novos movimentos sociais (socialismo, anarquismo, feminismo) que questionaram a moralidade assim como as identidades tradicionais. Subjetividades sociais, políticas e culturais foram reposicionadas, criando assim uma série de apreensões em relação à paisagem cotidiana, sobretudo no Rio de Janeiro, mas também em outras cidades do país. O seminário aceitará trabalhos que examinem as maneiras pelas quais a cultura do período reagiu às transformações culturais e urbanas e como a arte registrou (ou rasurou) novas subjetividades, experiências e

temporalidades. Temas incluem, mas não se limitam a: gêneros não normativos e sexualidades queer; feminismo e a “nova mulher”; “dadyismo” e novas masculinidades; imitação, mimetismo e pose; história, moda e o contemporâneo; desejos cosmopolitas; modernas aristocracias; configurações urbanas e cartografias suburbanas; políticas raciais e representações do corpo racializado; cultura popular e operária; novas tecnologias; nostalgia e revolução; culturas visuais e consumo

Palavras-chave: Belle Époque, Gênero e sexualidade, Cosmopolitismo, Modernidade

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Casos Alegres e a Leitura Alegre

RIANE AVELINO DIAS (UERJ)

Resumo: O trabalho tem a proposta de conhecer a obra *Casos alegres*: histórias para gente sorumbática (1905), do escritor carioca esquecido Pedro Carlos da Silva Rabelo (1868-1905). Pedro Rabelo foi um dos membros fundadores da ABL e autor/jornalista no Rio de Janeiro nos primórdios da República, principalmente na *Gazeta de Notícias*. Nesta, assinava ao lado de Olavo Bilac (1865-1818) e Coelho Neto (1864-1934) as colunas satíricas “Filhotadas” e “Casa de Doidos”, com o pseudônimo de Pierrot. *Casos alegres*: histórias para gente sorumbática é um texto de difícil acesso e que, até o momento, só pôde ser encontrado no acervo da Fundação Casa de Ruy Barbosa, onde obtivemos autorização para fotografá-lo. Esta obra é composta tanto por contos como por poesias e é detentora de uma descrição divergente entre os estudiosos. Há quem afirme se tratar de um folhetim polêmico (OLIVEIRA, 2008); outros afirmam que esta é uma coletânea de suas publicações jornalísticas feita postumamente por amigos do autor (MACHADO,

2009); e ainda, é chamado de título “picante”, sendo lançado pela conceituada editora Laemmert (EL FAR, 2004). Iremos analisar a relação entre a obra *Casos alegres* e a chamada “Leitura Alegre”, que nada mais é do que uma literatura licenciosa, eivada de ares libertinos e que se mostra como a “moda” que surge para entreter uma grande gama de recém alfabetizados, comumente, homens. “Os impressos eram capazes de acelerar o coração e proporcionar uma experiência de satisfação física e mental ao leitor”, diz Leonardo Mendes (2016), orientador desta pesquisa em seus estudos sobre o assunto. Consecutivamente, outras facetas da obra serão esmiuçadas como, por exemplo, a capa feita pelo ilustrador e caricaturista português Julião Machado, conhecido por fazer parcerias com Bilac em outros trabalhos na imprensa carioca e em capas de livros da época, as escolhas para a ilustração em si e as cores utilizadas, e deliberaremos sobre algumas possíveis leituras sobre a mesma. Observaremos também o diálogo entre a obra literária e a produção jornalística do autor evidenciado pelo uso do pseudônimo Pierrot tanto em suas colunas polêmicas como na própria obra *Casos Alegres*, e de que forma elas influenciaram a escolha das obras que seriam publicadas de maneira inédita e quais seriam aproveitadas na coluna jornalística supracitada. E este é o objetivo deste trabalho, buscar informações em jornais da época que façam referências a essa obra e como esta se desenvolveu naquele momento em relação à biografia do autor, enfatizando historicamente a criação, o desenvolvimento e a publicação da mesma, sem necessariamente contradizer os pesquisadores, mas clarificando as circunstâncias do seu entorno. Para isto, recorreremos à pesquisa de fontes primárias na Hemeroteca Digital Brasileira (Biblioteca Nacional), onde se encontra grande parte (ainda desconhecida) da produção jornalística do autor e da crítica de suas obras ficcionais; e na qual podemos encontrar nuances acerca da biografia do autor e de suas obras.

Palavras-chave: Belle Époque, Pedro Rabelo, Leitura Alegre

João do Rio e os Wilderianos

CESAR BRAGA-PINTO (NORTHWESTERN UNIVERSITY)

Resumo: Durante as primeiras décadas do século XX, a figura de Oscar Wilde na literatura, na imprensa e nas ruas do Rio de Janeiro se torna cada vez mais presente. Emular Wilde, menos na literatura do que no vestir e no uso do paradoxo, servia como uma forma de reconhecimento entre membros de um grupo de escritores e diletantes que se acreditavam membros de uma elite econômica ou de uma aristocracia do espírito. Tal grupo de aspirantes a cosmopolitas, no entanto, era longe de ser homogêneo. Dentre os dândis mais célebres encontram-se figuras tão diversas como o milionário paraense Camerino Rocha, o caricaturista negro Calixto Cordeiro, além de escritores, tradutores ou imitadores da obra de Wilde. Dentre estes, Elysio de Carvalho (1880-1925) – anarquista, cosmopolita, aristocrata e autodenominado “rebelde nato”, que mais tarde se tornaria um criminalista e nacionalista ortodoxo – foi o primeiro a traduzir uma obra do escritor irlandês, e sua versão da Balada de Reading Gaol foi publicada ainda em 1899. Mais importante, porém, é a figura de seu contemporâneo e amigo Paulo Barreto (1881-1921), um afrodescendente que viria a assinar a maior parte de suas obras como “João do Rio”, inclusive sua tradução de Dorian Gray (1911). A partir de alguns conceitos de Sylvia Molloy e Judith Butler este trabalho analisará o significado destas performances, poses, simulações e imitações para novas configurações de gênero e sexualidade nas primeiras décadas, e a maneira como elas se contrapuseram às exigências de uma subjetividade nacional.

Palavras-chave: Decadentismo, Imitação, Queer, João do Rio

Coelho Neto e a literatura de Caliban na Belle Époque brasileira

RENATA FERREIRA VIEIRA (UERJ)

Resumo: Durante as primeiras décadas do século XX, a figura de Oscar Wilde na literatura, na imprensa e nas ruas do Rio de Janeiro se torna cada vez mais presente. Emular Wilde, menos na literatura do que no

vestir e no uso do paradoxo, servia como uma forma de reconhecimento entre membros de um grupo de escritores e diletantes que se acreditavam membros de uma elite econômica ou de uma aristocracia do espírito. Tal grupo de aspirantes a cosmopolitas, no entanto, era longe de ser homogêneo. Dentre os dândis mais célebres encontram-se figuras tão diversas como o milionário paraense Camerino Rocha, o caricaturista negro Calixto Cordeiro, além de escritores, tradutores ou imitadores da obra de Wilde. Dentre estes, Elysio de Carvalho (1880-1925) – anarquista, cosmopolita, aristocrata e autodenominado “rebelde nato”, que mais tarde se tornaria um criminalista e nacionalista ortodoxo – foi o primeiro a traduzir uma obra do escritor irlandês, e sua versão da Balada de Reading Gaol foi publicada ainda em 1899. Mais importante, porém, é a figura de seu contemporâneo e amigo Paulo Barreto (1881-1921), um afrodescendente que viria a assinar a maior parte de suas obras como “João do Rio”, inclusive sua tradução de Dorian Gray (1911). A partir de alguns conceitos de Sylvia Molloy e Judith Butler este trabalho analisará o significado destas performances, poses, simulações e imitações para novas configurações de gênero e sexualidade nas primeiras décadas, e a maneira como elas se contrapuseram às exigências de uma subjetividade nacional.

Palavras-chave: Decadentismo, Imitação, Queer, João do Rio

Vaslav Nijinsky: corpo eros e escrita de caos

HAROLDO ANDRÉ GARCIA DE OLIVEIRA (PUC-RIO)

Resumo: A busca de novas formas de expressão artística que rejeitassem a imposição da tradição clássica marca a efervescência política e cultural que configura o momento de transição do século XIX ao XX. Inspirada pelas inovações propostas pela Literatura e pelas artes plásticas (especialmente a pintura), a dança beneficia-se de correntes reformadoras - como as vanguardas artísticas - na tentativa de romper com a tradição canônica instituída através de novos modos de representação na cena. O movimento reformador da dança no início do século XX abre um espaço de reflexão para a figura do bailarino,

ao revitalizar a dança masculina na Europa. Figuras como o jovem coreógrafo Michel Fokine e sua coreografia solo O cisne (dançada pela bailarina Ana Pavlova) evoca a busca de uma expressividade cênica para a dança, anteriormente negada em prol de uma representação técnica. A descoberta do bailarino russo Vaslav Nijinsky delineia um novo espaço para a presença do corpo masculino na tradição do balé clássico que, com sua técnica artística, seu aspecto andrógino e sua intensa biografia promovem uma discussão sobre as mudanças de determinados paradigmas sociais na contemporaneidade. O trabalho em questão propõe a refletir sobre a produção de uma escrita através da obra de Nijinsky e sua influência na formulação do conceito de corpo homoerótico na contemporaneidade. Para isso, recorreremos ao discurso biográfico presente no diário do artista (organizado e publicado por sua filha Romola Nijinska), em seus grafismos e registros fotográficos dos balés *Le spectre de la rose* (1911), *L'après midi d'un faune* (1912) e *Le sacre du printemps* (1913). Desta forma, ao revisitar o arquivo memorialístico do artista em questão, refletimos sobre o conceito de atravessamento das sexualidades, postulado na entrevista do filósofo Michel Foucault intitulada “Da amizade como modo de vida”, publicada na edição de número 25 do jornal francês *Gai Pied* (1981). Ao encontrarmos zonas de contato entre o conceito de homoerotismo sugerido por Jurandir Freire Costa e as considerações sobre corpo sem órgão e devir minoritário de Gilles Deleuze e Félix Guattari, é possível reflexionar sobre o potencial criativo presente na escrita corpo proposta por Nijinsky e suas reverberações na cultura contemporânea. O resultado deste trabalho assinala a abertura de reflexões sobre as novas subjetividades de gênero e sexualidade expressas na escrita autobiográfica e artística do bailarino que prenuncia o aspecto do corpo como um instrumento de visibilidade da diversidade no mundo contemporâneo. Deste modo, buscamos nos aproximar de uma proposta de corpo e escrita que ressoe nos campos político, ético e estético da atualidade.

Palavras-chave: Corpo, Dança, Escrita, Gênero

RABELAIS: Alfredo Gallis e a literatura pornográfica na Belle Époque

ALINE CRISTINA MOREIRA DUARTE (UERJ)

Resumo: No Brasil, a Belle Époque foi um período de grandes transformações tecnológicas e culturais. Ideais de progresso e modernização causaram muitos impactos naqueles anos. A partir de 1890, uma marca de modernização foi a visibilidade crescente dos livros pornográficos. O fenômeno estava relacionado ao processo de popularização do livro. A literatura deixava de ser privilégio da elite letrada. Surge um mercado livreiro interessado em atrair um público mais diversificado. Entre esses livros populares, aqueles que se voltavam para a temática sexual eram os que mais chamavam a atenção do público. Os livreiros usavam jornais de grande circulação, como o *Cidade do Rio*, *O País* e a *Gazeta de notícias*, para anunciar os livros pornográficos sob expressões sugestivas como “Biblioteca do solteirão”, “Leitura [só] para homens”, “Preservativo para o frio”, entre outros, ressaltando o caráter clandestino, divertido e mundano desse tipo de leitura. Num mesmo anúncio de “últimas novidades literárias”, era possível encontrar obras francesas traduzidas, a maioria pertencente à tradição libertina do século anterior, outras de autores portugueses e também brasileiros. Mas o leitor não era informado da origem dessas obras. As informações se limitavam a dizer que aquela era uma “Leitura quente!!!”. Para evitar mal-entendidos, um anúncio da *Gazeta de Notícias* alertava: qualquer um que queira entrar no universo da literatura pornográfica “precisará reformar os botões das calças”. Os livros pornográficos atraíam não só pelo baixo custo – entre 2 e 3 mil-réis –, mas também por convidarem o leitor ao universo das alcovas em que o prazer sexual era um fim em si mesmo, desvinculado do imperativo religioso da procriação. No Brasil, um dos pornógrafos mais conhecidos foi Rabelais, pseudônimo do escritor português Joaquim Alfredo Gallis (1859-1910). Embora sua fortuna crítica ainda seja limitada, a pesquisa em fontes primárias e a leitura das obras oferecem um panorama dos diversos temas retratados na literatura

licenciosa daquele período. Tomando carona no sentido de “carnalidade triunfante” (BAKHTIN) associado ao escritor renascentista homônimo, Rabelais publicou vários volumes de contos picantes que faziam muito sucesso no circuito editorial luso-brasileiro da Belle Époque. Marcas da tradição pornográfica são notáveis na literatura de Rabelais, tais como o voyeurismo/exibicionismo, o falocentrismo (ode ao pênis), a abolição das hierarquias pelo sexo, a prostituta como personagem paradigmática, a fantasia da sexualidade desregrada dos antigos, e o caráter “pedagógico” dos manuais que ensinavam o que fazer durante o ato sexual. Nesta comunicação, vamos conhecer a trajetória de Rabelais e estudar seu best-seller, *Volúpias*, livro de estreia, publicado em São Paulo, pela Livraria Teixeira, em 1886.

Palavras-chave: Belle Époque, Literatura pornográfica, Alfredo Gallis

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Ir embora por vontade própria seria bastante diferente de ser expulso : Como e para que textos atuais citam a cidade remodelada da Belle Époque

FABIANA DE PINHO (PUC-RIO)

Resumo: O Rio de Janeiro é uma cidade que em sua biografia constam três grandes transformações urbanas ancoradas no deslocamento de pessoas mais pobres. O Bota-Abaixo do prefeito Pereira Passos, a criação da Avenida Presidente Vargas pelo prefeito Henrique Dosworth e as últimas transformações no Rio de Janeiro nesses inícios do século XXI, promovidas pelo Prefeito Eduardo Paes em função dos Jogos Olímpicos, promoveram remoções bastante emblemáticas no que se refere ao desrespeito ao direito às cidades. As intervenções urbanas no Rio de Janeiro representadas na literatura não são novidade. As mudanças na cidade foram tematizadas por Olavo Bilac, João do Rio, Lima Barreto e Marques Rebelo, indicando, assim, uma tradição na

narrativa urbana sobre o Rio. Claro está que os contextos históricos, políticos, sociais e culturais são diferentes em cada período. Isto pode levar a formas e linguagens distintas nas representações construídas nos textos. A remodelação do Rio na Belle Époque alterou a cidade e o conjunto de experiências de seus habitantes. Semelhante ao momento atual, os donos do poder daquela época tentaram gerar uma cidade racional, higiênica e controlável (Gomes, 2008). As narrativas, desta forma, tiveram um papel fundamental na construção da cartografia simbólica da e sobre cidade, revelando-se como um espaço de crítica às ações excludentes. Seguindo os rastros das três transformações urbanas mencionadas, o presente trabalho pretende compreender duas questões: 1) os motivos pelos quais textos literários contemporâneos, frente à gentrificação do Rio de Janeiro por conta dos Jogos Olímpicos, citam, com veemência, as mudanças no Rio da Belle Époque; e 2) Se Lima Barreto e João do Rio, por exemplo, foram críticos de sua época, quais são as vozes que hoje cumprem este papel na cena literária contemporânea? Além desses pontos, cabe ressaltar, para os fins deste trabalho, a importância de se analisar também como as mídias atuais de maior expressão evocaram, nos inícios do século XXI, as transformações de Pereira Passos. Para tentar responder às questões mencionadas, serão analisados textos de Lima Barreto, o conto *Antes da queda* de J.P. Cuenca e algumas peças de jornais de grande circulação. Referências bibliográficas: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia, “A Cidade do Pensamento Único”, Petrópolis, 2000. BACKES, Marcelo. *A casa cai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. BATALLER, Maria Alba Sargatal (2012). “O estudo da gentrificação”. *Revista Continentes* (Rio de Janeiro. Online), ano 1, n. 1. CUENCA, J.P. *Antes da queda*. In *Granta* 9— Os melhores jovens escritores brasileiros. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. HARVEY, David. *O direito à cidade*. Artigo publicado na revista *New Left Review* em 2008. RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. 2ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. SARLO, Beatriz. *La ciudad*

vista: mercancias e cultura urbana. Buenos Aires:Ed. Siglo veintiuno, 2009. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

Palavras-chave: Representação do Rio de Janeiro, Literatura e experiência urbana, Belle Époque e Literatura contemporânea, Transformações urbanas na Literatura Contemporânea

Cinema e Crônica: Reportagens de Novas Experiências Urbanas na Belle Époque

MAITE CONDE (UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE)

Resumo: A primeira exibição pública do cinematographe dos irmãos Lumière teve lugar em Paris a 28 de dezembro de 1896. Só meio ano depois, o cinema chegou ao Brasil. Chegou de França como um produto importado, nas mesmas barcas que traziam outras mercadorias importadas de Europa. A primeira sessão ocorreu a 8 de julho de 1896, numa pequena sala na Rua do Ouvidor no que então era a capital do país, o Rio de Janeiro. O novo aparelho foi entusiasmaticamente saudado por jornalistas. Um escritor para o Jornal do Comércio, por exemplo, elogiou o cinema e não hesitou em animar aos seus leitores de experimentar o moderno produto importado. Foi na imprensa também que escritores brasileiros começaram a falar sobre o cinema. Entre 1900 e 1910 vários escritores mencionaram a chegada e a difusão do cinema em seus ensaios jornalísticos ou crônicas. Artur Azevedo, Olavo Bilac, João do Rio e Lima Barreto: todos incluíram referências à nova invenção cinematográfica em crônicas escritas na primeira década do século vinte. Para dois destes escritores, porém, o cinema, era mais que uma novidade a ser mencionada brevemente. No começo de século vinte, Olavo Bilac e João do Rio escreveram crônicas mais detalhadas sobre o novo aparelho, nas quais detalhavam as suas percepções e experiências do cinema. Comum nas suas descrições era uma observação das fortes ligações entre o novo meio e a sociedade contemporânea da bela época. Na crônica “Moléstia da época” (1906), Olavo Bilac ressaltou como o cinema estava conectado com os novos tempos, e em 1909 João do Rio também escreveu que o cinematógrafo “é bem moderno e bem

d’agora.” Para João do Rio, entretanto, o cinema não era só d’agora, como também era análogo à atividade do crônista. Assim chamou a sua coleção de crônicas Cinematógrafo de letras em 1909. Esta apresentação analisa estas duas crônicas cinematográficas escritas por Olavo Bilac e João do Rio no começo do século vinte. Pretendo examinar como as crônicas documentam a nova invenção recém chegada no Brasil e especialmente analisa as diversas maneiras em que os textos ressaltam uma forte ligação entre o cinema e um novo espaço urbano no Rio de Janeiro, um novo espaço que afetou tanto o cotidiano carioca quanto a cidade letrada na bela época.

Palavras-chave: Cinema, crônica, Olavo Bilac, João do Rio

Telégrafo e fonógrafo: metáforas modernas da fragmentação em Antônio Nobre e Camilo Pessanha

BRUNO ANSELMÍ MATANGRANO (USP)

Resumo: Em um contexto de pós-revoluções, efervescência cultural e múltiplas descobertas científicas e tecnológicas, surge o telégrafo, invenção do americano Samuel Morse (1791-1872) que, rapidamente, se difundiu por todo o mundo, relativizando as noções de “tempo” e “espaço”, já que as notícias passaram a circular em distâncias muito maiores em intervalos bastante curtos. Tal mudança na percepção espaço-temporal refletiu-se na forma como as informações passaram a ser enviadas, isto é, de modo cada vez mais breve e fragmentado. A esse respeito, em sua obra Os meios de comunicação como extensão do homem (1964), o filósofo e teórico da comunicação Marshall McLuhan (1911-1980) estabelece relações de contiguidade entre as inovações tecnológicas e o próprio ser humano, uma vez que a percepção humana e sua relação com o mundo é mediada pela tecnologia, de modo que, por consequência, a arte também foi afetada por tais transformações. Além do telégrafo, outra invenção de destaque foi o fonógrafo, criado em 1877 pelo americano Thomas Edison (1847-1931). Assim como a fotografia, que permitiu conservar imagens de coisas já existentes, o fonógrafo, ao propiciar a gravação de qualquer som, inclusive o da

voz humana, da música e da natureza, tornava perene algo até então visto como extremamente fugaz. Por conta disso, logo seu uso se voltou para a música, apesar de, inicialmente, ter sido visto apenas como mais um meio de comunicação. Segundo McLuhan, o fonógrafo alterou a forma como se lidava com a música, e, por consequência, com artes “aparentadas”, como a poesia e a dança, todas fortemente relacionadas ao conceito de tempo, já que esta nova invenção possibilitava a fruição de melodias e, consequentemente, a dança em lugares vários, sem necessidade de músicos tocando ao vivo. Não parece, pois, exagero ver no fonógrafo e no telégrafo metáforas da fragmentação adotadas pela arte finissecular, sobretudo pela poesia simbolista, cujas consequências são a necessidade de interação do leitor (a quem cabe a função de “completar” o sentido sugerido pela obra de arte), a sinestesia (proveniente da confusão dos sentidos) e a angústia (originária da dificuldade de absorção desta nova realidade espaço-temporal relativizada). Tendo isso em mente, parece natural que essas imagens tenham sido resgatadas em dois poemas simbolistas: o soneto 12, de Antônio Nobre (1867-1900), e o soneto “Fonógrafo”, de Camilo Pessanha (1867-1926), igualmente sinestésicos, sugestivos e fragmentários, escritos no contexto do simbolismo português. À luz das teorias de McLuhan que estabelecem relações de continuidade entre a fragmentação da informação, a fragmentação da percepção, a fragmentação na arte (sobretudo, da pintura impressionista e da poesia e música simbolista) e a fragmentação do sujeito, pretende-se analisar estes dois poemas em perspectiva comparada, através dos quais se espera mostrar como estas duas invenções modernas podem ser lidas como síntese metafórica da fragmentação do sujeito poético, manifesta por imagens, sintaxe e ritmo igualmente fragmentados, resultantes das mudanças de paradigmas artísticos, suscitados, por sua vez, pela mudança da percepção provocada pelas inovações tecnológicas.

Palavras-chave: modernidade, fragmentação do sujeito, simbolismo, fragmentação da percepção

As Chroniquetas de Arthur Azevedo

ANA CLÁUDIA SURIANI DA SILVA (UNIVERSITY COLLEGE LONDON)

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa sobre a série “Chroniqueta”, de Arthur Azevedo, realizada sob minha coordenação pelos alunos do curso PORT4421: Short Fiction and the Making of Modern Brazil, do Department of Spanish, Portuguese and Latin American Studies, University College London, 2017. “Chroniqueta” é uma das séries mais longas do dramaturgo, jornalista, contista, crítico de arte e cronista, tendo sido publicada na revista “A Estação” entre dezembro de 1885 a junho de 1903. Apesar da sua vasta produção cronista – são aproximadamente quatro mil crônicas espalhadas por 45 periódicos (Rosso) – essa faceta da obra de Arthur Azevedo é a menos conhecida e estudada, em comparação com seus contos e peças de teatro, e ainda se encontra em grande parte dispersa. A comunicação discutirá a caracterização da série como “crônica lista” (Thérenty) e a representação multifacetada que ela nos oferece das transformações culturais e sociais do Rio de Janeiro no final do século XIX. Veremos na comunicação que a série apresenta uma visão otimista da escalada da produção literária, artística e musical e do mundo social da Belle Époque carioca. Além disso, discutiremos a íntima relação que o cronista manteve com o público alvo da revista, o qual era, predominantemente, porém não exclusivamente, feminino. Ver-se-á que Arthur Azevedo não se limita aos assuntos principais da revista – moda, costumes, costura, literatura e artes –, pois sua coluna não deixa de tratar dos assuntos políticos mais atuais, os quais considerava relevantes para mulher da Belle Époque, e nem o colunista de expressar as suas convicções políticas.

Palavras-chave: Arthur Azevedo, crônica, A Estação

Machado de Assis: Um olhar de costas para o fim do século

INGRID BRIOSO RIEUMONT (PRINCETON UNIVERSITY)

Resumo: “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1880) de Machado de Assis e “Aventuras del Soldado Desconocido cubano” (1936) do escritor

cubano Pablo de la Torriente Brau são dois romances narrados desde essa peculiar temporalidade que é o póstumo. Com sua proposta de um difunto autor, os dois romances estabelecem uma ruptura com o conceito de telos ao articular a possibilidade de uma duração, uma forma de existência ou persistência que gostaríamos de chamar o tempo do cadáver. Os dois textos contam para nós sobre essa possibilidade de se afetar do corpo, seguindo a noção deleuziana de *affectus*, postulando uma espécie de jovialidade, uma pulsão vital em Brás Cubas e Hiliodomiro del Sol. Seria, portanto, impossível de ler essas biografias sem entender que elas não nos contam as biografias de duas vidas, senão de dos mortos vivos que escrevem sobre duas épocas mas sempre fora delas. Ao estudo dessa dimensão temporal e narrativa que é o póstumo dedicaremos este ensaio.

Palavras-chave: tempo, cadáver, póstumo

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Mulheres e interiores: epistolografia e literatura em Júlia Lopes de Almeida

RODRIGO JORGE RIBEIRO NEVES (USP)

Resumo: Júlia Lopes de Almeida não foi apenas uma das grandes escritoras da literatura brasileira na virada do século XIX para o XX, mas também uma ativa intelectual e militante, com um intensa atuação pública, especialmente, no que tange aos direitos das mulheres. Em sua obra “Correio da roça” (1913), a escritora faz uso do romance epistolar, gênero com pouca penetração na literatura brasileira, para tratar de um de seus temas mais caros, o da pequena propriedade agrícola como possibilidade de um desenvolvimento mais justo e menos desigual do Brasil. O romance se constitui de 58 cartas e cartões postais trocados entre diversos correspondentes, mas que se concentram em duas

personagens femininas, Fernanda e Maria. Em um esmerado exercício pedagógico e solidário, Fernanda busca evitar que Maria sucumba ao desalento e consiga extrair de si mesma a força de sua condição, a despeito das dificuldades sociais, econômicas e de gênero que o tempo e o lugar impunham. Esta comunicação pretende analisar e discutir de que modo a escrita epistolar na tessitura narrativa de “Correio da roça” expõe as tensões dos (des)lugares em que se inscrevem as missivistas por meio de suas respectivas estratégias de (re)encenações narrativas, próprias das escritas de si (*écriture de soi*), e como Júlia Lopes, ao mesmo tempo, resgata um gênero tradicional e antecipa questões fundamentais, não apenas para a sociedade daquela época, mas até mesmo para a nossa hodierna, e ainda perversa, realidade.

Palavras-chave: Júlia Lopes de Almeida, Romance epistolar, Epistolografia, Mulher e sociedade

Configurações (anti)patriarcais no naturalismo brasileiro

MARINA POZES PEREIRA SANTOS (UFF)

Resumo: Nesta comunicação, pretende-se analisar algumas configurações narrativas antipatriarcais da ficção naturalista brasileira e analisar como esse posicionamento foi recebido pela crítica no primeiro momento de circulação da estética, nas décadas de 1880 e 1890. Para isto, considera-se a hipótese de que o naturalismo abraçou as causas antipatriarcais em pauta no contexto político-social do período, caracterizado pela transição da Monarquia para a República, como autonomia feminina, sexo fora do casamento, aborto e divórcio. Causas que primavam pela libertação feminina e colocavam em crise a autoridade patriarcal, na qual a mulher figurava como submissa e inferior ao homem, educada para o casamento e para a maternidade, sob a óptica da moral cristã que via a atividade sexual apenas como meio para procriação. O desejo sexual era considerado como uma doença que precisava ser tratada e controlada por meio do casamento e da maternidade. Contrapondo-se a esta visão patriarcal,

apoiada pelos princípios moralistas da época e compartilhada pela historiografia tradicional, entendemos como configurações narrativas antipatriarcais as ações e as atitudes das personagens femininas nos romances naturalistas que se opuseram às convenções da sociedade patriarcal como: submissão aos pais e aos maridos, sexo somente depois do casamento e apenas com o seu cônjuge e realização plena da maternidade. A partir disso, exploraremos os romances *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro (1845-1890), *O aborto* (1893), de Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) e *Livro de uma sogra* (1895), de Aluísio Azevedo (1857-1913), destacando temas como sexo livre e fora do casamento, sem fins de procriação, aborto e divórcio. Ao invés de mulheres histéricas e ninfomaníacas, como retrata a historiografia tradicional, vemos as ações das protagonistas femininas como indícios de autonomia para decidir sobre sua vida amorosa e sexual, impondo-se em meio à sociedade patriarcal machista e opressora. Assim, considera-se todo o potencial transgressivo dessas personagens, que desprezavam as expectativas da sociedade patriarcal, mais importante do que as teses sobre histeria feminina que a maioria dos romances naturalistas – presos às teorias científicas e deterministas do romance experimental de Zola – tentavam desenvolver. Nesses romances, os preconceitos da moralidade patriarcal estão sob suspeição, promovendo uma liberação da sexualidade feminina e, por extensão, dos prazeres no corpo feminino. Eles contam histórias de mulheres liberadas ou que reivindicavam liberação, não se envergonhando do seu próprio desejo. Aham o casamento uma instituição falida e são a favor do aborto e do divórcio. Dessa forma, almeja-se demonstrar como a ficção naturalista, por razões programáticas e como resultado de sua visão materialista, científica e desiludida de mundo, nutria uma concepção de autonomia feminina que foi combatida pela recepção crítica e raramente reconhecida pela historiografia. E, por vezes, mal recebida pelos próprios leitores. Para comprovar esta hipótese, trabalhamos com novas fontes de pesquisa, especialmente os acervos e periódicos

da hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional. Assim, o naturalismo, no contexto da Belle Époque brasileira, sob as tensões ideológicas e políticas do período, potencializava a emergência de novas ideologias e novos movimentos sociais, questionando a moralidade e as identidades tradicionais da época.

Palavras-chave: historiografia tradicional, naturalismo, sexualidade, autonomia feminina

Tensões entre as Esferas do Público e do Privado: Júlia Lopes de Almeida, Leitora e Escritora

CINTIA KOZONOI VEZZANI (NORTHWESTERN UNIVERSITY)

Resumo: Nesta apresentação eu analiso a complexa situação de escritoras brasileiras no final do século XIX – com ênfase nos desafios que elas enfrentaram ao circular entre as esferas do público e do privado. Eu comparo duas instâncias no trabalho de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) que abordam as tensões entre ser uma leitora e ser uma escritora e, ao mesmo tempo, cumprir com as expectativas sociais dos papéis de esposa e mulher. Em seu romance, *A Falência* (1902), a protagonista Camila, uma adúltera, se recusa a ler um romance sobre adultério. Ela argumenta que romances escritos por homens estão repletos de “injustiças e de mentiras perversas”, pois os autores culpam as mulheres por tudo. Eu comparo esse episódio com a entrevista que Almeida deu em 1905 ao jornalista João do Rio na qual ela se descreve como sendo “de muito pouca leitura”, admitindo que “uma dona de casa não pode perder tanto tempo” lendo, uma vez que as responsabilidades domésticas vêm em primeiro lugar. Dessa forma, nem a personagem Camila, nem a escritora Almeida são ávidas leitoras, porém, por razões diferentes: no primeiro caso, por conta de uma aversão à típica representação de mulheres na ficção e, no segundo caso, por não ter tempo para ler devido aos trabalhos domésticos. Paradoxalmente, o ato de “não ler” é descrito no romance como um ato de resistência às convenções literárias, enquanto na entrevista é o resultado de uma

distribuição assimétrica de responsabilidades e trabalhos. Porém, essas justificativas são realmente tão distintas? Não seria talvez o caso de que a representação estereotipada de mulheres seja precisamente o produto da divisão de trabalho que previne que a escritora leia (e que, provavelmente, também dificulte que mais mulheres sejam escritoras)? Neste ensaio, eu exploro como esses dois diferentes tipos de texto – um romance e uma entrevista, considerados como narrativas biográficas – permitem diferentes maneiras para criticar as desigualdades sociais vivenciadas pelas mulheres brasileiras durante a Belle Époque. Eu argumento que o trabalho doméstico das mulheres resulta na base econômica que, embora frequentemente não receba nenhum valor monetário é, não obstante, a fonte das condições para que o trabalho criativo, executado normalmente por homens, seja possível. O trabalho na esfera pública de Almeida como escritora é uma exceção à típica divisão de trabalho, mas o seu comentário durante a entrevista sugere que ela é incapaz de cumprir totalmente com a sua posição na esfera pública, pois ela também precisa trabalhar para manter essa mesma esfera através das suas tarefas domésticas. As duas observações sobre leitura feitas por Júlia Lopes de Almeida são tentativas para articular um conflito interno entre os seus dois papéis: como escritora e esposa/mãe de família que são resultados do invisível trabalho da mulher.

Palavras-chave: Escritoras brasileiras, Fim do século XIX, Esferas do Público e do Privado, Feminismo

Trabalho e política em Júlia Lopes de Almeida

LIGIA CRISTINA MACHADO (UNICAMP)

Resumo: A escritora carioca Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) publicou durante toda sua vida mais de 30 obras literárias, tendo sido reconhecida pelos seus pares como a maior escritora do entresséculos. A autora sempre manteve contato próximo com os grandes autores da Belle Époque carioca, os mesmos que se reuniram a partir de 1897 ao redor da Academia Brasileira de Letras. Por conta do seu gênero, não

pode participar da agremiação, situação que, entretanto, não deixou de ser discutida e comentada entre os letrados da época devido ao reconhecimento que já se imaginava merecido para tal escritora. As obras de Júlia Lopes versaram sobre os mais variados assuntos – desde os tradicionais manuais de educação feminina e literatura infantil até contos e romances com real preocupação estética e literária. A autora soube dividir muito bem suas obras de acordo com os públicos imaginados por ela. Assim, em obras como *A família Medeiros* (1892), *A falência* (1901) e *A intrusa* (1908) Júlia Lopes falava de situações femininas permeadas com forte problematização política e social. Vale lembrar que, com o fim da escravidão, pensar o mundo do trabalho era um dos assuntos mais importantes para a política do período e contava com reflexão da maioria dos intelectuais seja por meio de suas crônicas ou romances. Essa comunicação procura trazer a luz esse lado pouco discutido da autora como uma problematizadora de assuntos sociais e do universo do trabalho da Belle Époque.

Palavras-chave: Júlia Lopes de Almeida, mulher-escritora, Belle Époque, universo do trabalho

74

**TEXTUALIDADES CONTEMPORÂNEAS:
PROCESSOS DE HIBRIDAÇÃO**

Sylvia Helena Cyntrão (UnB)
 Júlio Cesar Valladão Diniz (PUC-Rio)
 Fernando Fábio Fiorese Furtado (UFJF)

Resumo: A proposta do simpósio “Textualidades contemporâneas: processos de hibridação” é reunir pesquisadores da área de Letras que trabalham a partir de uma perspectiva transdisciplinar e sob a noção da literatura como campo ampliado e expandido. Objetiva-se colocar no espaço de discussão do simpósio múltiplas formas de abordagem que, ao mesmo tempo, questionam e reformulam o estatuto estrito da literatura. Da mesma forma, pretende-se colocar em tensão os objetos e as teorias que rasuram as fronteiras entre distintas linguagens e práticas artísticas da contemporaneidade, como forma de destacar o que se denomina “processos híbridos”. Dentro desse amplo recorte, interessam ao simpósio propostas que possam contribuir para uma discussão sobre as noções de textualidade e literatura como campos de disputa crítica e teórica que foram reconfigurados mediante sua interface com disciplinas como a filosofia, a antropologia, a história, a teoria da comunicação, entre outras. Interessa-nos também compor um retrato amplo da área, que incorpore, ao lado das manifestações literárias em seu sentido tradicional, os processos de pesquisa que trabalham com questões de visualidade, sonoridade, plasticidade e jogam luz sobre narrativas musicais, cinematográficas, teatrais e do campo das artes visuais e plásticas. Acompanhando o que Michel Foucault, já nos anos de 1970, apontava em sua afirmação de que “a partir do século XIX, todo ato literário se dá e toma consciência de si mesmo como uma

transgressão dessa essência pura e inacessível que seria a literatura”, e as ideias que se desdobraram em inúmeras contribuições para pensar o espaço do literário, este simpósio pretende aprofundar como na contemporaneidade um conjunto de práticas artísticas vêm ainda se debruçando sobre o que define a compreensão do termo literatura, e de que formas essa compreensão implica uma desestabilização de noções consolidadas historicamente. O simpósio procura entender igualmente de que maneira as faculdades de Letras brasileiras têm encarado o desafio de se abrir teoricamente e metodologicamente para absorver as pesquisas que trabalham a interdisciplinaridade da abrangência de objetos incorporados pela noção de “campo ampliado”, na perspectiva contemporânea de processos de hibridação. Questionamentos sobre uma possível perda de valor do literário strictu sensu no quadro atual de pesquisas acadêmicas, sobre a construção ou consolidação de modelos teóricos que possam dar conta dessa dita “inespecificidade” da experiência literária contemporânea, ou sobre a implicação dessa tendência para compreensão do que define o literário fora dos meios acadêmicos são interrogações que, também, se desdobram como foco de interesse do debate que propomos para o XV Congresso Internacional da ABRALIC. Nesse sentido, vale incorporar como suporte dos objetivos deste simpósio as reflexões de Luiz Ruffato, em entrevista de 2007 para o projeto “Ofício da Palavra”, nas quais o escritor afirmava e destacava, como de suma importância, a transposição do debate crítico e público sobre literatura dos meios de comunicação para a universidade: “A crítica literária no Brasil está centrada hoje na academia, com muita gente fazendo ótimos trabalhos. É uma crítica extremamente importante para o desenvolvimento da literatura contemporânea. Talvez seja a primeira vez na história brasileira que as universidades estejam acompanhando, de fato, o que está sendo feito na atualidade. Eu costumava brincar que o slogan da universidade era “autor bom é autor morto”. (...). Hoje existem inúmeros nichos

de acompanhamento do que está sendo feito na literatura brasileira, com muita coragem. Porque é preciso coragem, acima de tudo, para avaliar o que está sendo feito junto quando esta produção acontece.” Os modos como o campo acadêmico de Letras, ao se tornar poroso para outros campos disciplinares, e ao incluir em seu escopo de pesquisas práticas artísticas diversas, ganha ou perde potência, sendo espaço de intervenção crítica na literatura contemporânea é, no nosso entendimento, uma discussão ainda pertinente e necessária para os pesquisadores da área de forma geral. Assim, para concretizar a proposta, este simpósio receberá os trabalhos que coloquem objetos e práticas artísticas em fricção com o debate sobre os temas da memória, identidade, subjetividade, gênero, nacionalidade, realismo e materialidade das escritas, como parte do campo de problemas que os estudos de literatura enfrentam atualmente. Os conceitos que envolvem tais estudos nos interessam em especial, pois determinam hoje claves importantes de leitura sobre o que entendemos como experiência da contemporaneidade.

Palavras-chave: Textualidades, Contemporâneo, Hibridação, Crítica

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Textualidades dos espaços em trânsito: percepções, sensibilidades e afetos

ROGÉRIO LIMA (UNB)

Resumo: Para Geoffroy de Lagasnerie (2017): “Porque nós vivemos num mundo mal, todo autor deve necessariamente se colocar a questão de saber como não ser cúmplice, voluntariamente ou involuntariamente, dos sistemas de poder”. Todo criador deve necessariamente se interrogar como, por meio de sua prática artística, não participar na reprodução de um mundo atravessado por sistemas de exploração

e violência. Segundo Laurie Hawkes (2016), num contexto cada vez mais difícil de compreender, poder se recolher, tecer ligações entre os acontecimentos, levar os outros em conta e permanecer criativo são ativos ou pontos fortes preciosos. Assim como a resiliência, saber pensar é um processo que ajuda a resistir às provações do agora e a viver melhor. Esta comunicação tem como proposta pensar alguns aspectos do tempo presente, lançando— a partir das pesquisas que temos desenvolvido — uma mirada investigativa e teórica sobre algumas formas de expressão intelectual no âmbito das artes e das humanidades que fazem uso da palavra e da imagem como suporte para veiculação de ideias. O recorte que propomos para esta comunicação recai sobre os espaços urbanos e como eles integram hoje um grande número de formas de manifestações artísticas que têm a palavra como elemento constituinte fundamental. Na maioria dos trabalhos expostos aos olhares apressados dos transeuntes o tema do afeto é o que mais sobressai, seja a partir do uso único da palavra, ou seja por meio da mescla de variados sistemas de comunicação. O nosso objetivo nessa comunicação é apresentar aspectos de uma leitura possível do que classificamos como textualidades urbanas contemporâneas, ou “Poética do Extremo”.

Palavras-chave: Textualidades urbanas, espaços em trânsito, percepção, sensibilidade e afetos

Quatro Pontos de Dispersão: Fratura, Exílio, Asilo, Desistência”

DANIEL CASTANHEIRA (PUC-RIO)

Resumo: A engenharia da existência contemporânea já não sustenta bases narrativas alinhadas às consonâncias de um projeto progressista e suas variações modernas. De outra maneira, a produção de mundos é feita sobre crise, sobre as ruínas dos significados, sobre o arruinamento, com efeito, da própria noção de sentido e representação. Esse processo de crise já fora anunciado ao longo do século xx - como crítica, como política. De resto, não é mais anúncio, mas fait accompli. Os discursos

devem agora lidar com a produção afirmativa de espaços-crise. A diferença que parece marcar a contemporaneidade, e principalmente corroborar suas formas afirmativas de expressão, é desejar que, talvez, estar sobre as ruínas seja distinto de estar sob os escombros. O anjo de Klee não se espanta mais: caído, recolhe os cacos. Não há redenção nem redentor. O diabo não há. Nunca fomos catequizados. Não há um inocente. O trabalho se compõe em quatro fragmentos intitulados “Quatro Pontos de Dispersão: Fratura, Exílio, Asilo, Desistência”. O conjunto dos fragmentos tentam apresentar e discutir quatro propostas de espaços-crise. Cada fragmento é composto por uma série de procedimentos em escritas contemporâneas que põem em jogo essas espacialidades, tramando uma encenação ativa da noção de crise aliada a uma poética da dispersão.

Palavras-chave: escrita, contemporaneidade, crise, dispersão

Esquecimento - procedimento de escrita em três movimentos.

RAISSA DE GÓES (PUC-RIO)

Resumo: Esta comunicação pretende desenvolver uma noção de esquecimento como um modo de escrita. Entendendo escrita como algo estendido, não somente a letra impressa no papel. Sua premissa aposta em um modo de esquecimento que não apaga totalmente o objeto esquecido. Assim, não se faria em oposição à memória ao produzir uma escrita - a escrita do esquecimento. A comunicação se divide em três momentos: o procedimento de uma escrita sobre o tema, os movimentos provocados por esta pesquisa/escrita e o exercício de uma ficção crítica. O procedimento parte de uma questão: como escrever sobre o esquecimento? Seria melhor escrever com ou sobre? Desenvolvo, então, a ideia desse escrever sobre como uma escrita colada à pesquisa. Uma escrita que se faz na investigação, sem o distanciamento do cientista. Ela acontece colada às letras, acontece como uma respiração no pescoço, como se o esquecimento estivesse sobre mim. Um corpo sobre outro corpo. Uma cópula, como ensina

Roland Barthes em *Como viver junto*. (MARTINS FONTES, 2013) Os movimentos mostram as diferentes formas de esquecimento, as aparições dessa escrita, por assim dizer. Investigo, sobretudo, a questão dos desaparecidos na América do Sul durante as ditaduras militares da década de 1960. Homens e mulheres sequestrados por governos ilegítimos, lançados ao mar ou sobre as areias do deserto do Atacama. Corpos jamais recuperados. Uma tentativa, por parte do Estado, de um apagamento. Apagamento de histórias, ideologia e corpos. Não há nada que se apague de todo. E o esquecimento se inscreve no discurso de nosso continente. Há também outros movimentos desse apagar que deixa marcas. O distanciamento amoroso, as ruínas e escombros da cidade e trabalhos artísticos. O terceiro momento trata de uma ficção crítica. O texto cria um entrelaçamento de histórias ouvidas, vividas, fabuladas e esquecidas com a história do próprio país. Aproxima-se de uma dicção mais próxima à oralidade. Procura um interlocutor já ausente, como alguém que já foi e deixou seu rastro, seu traço. Mas provoca ainda o desejo de escrita, de fala. E uma escrita se efetiva. Como um fantasma do esquecimento.

Palavras-chave: Escrita, esquecimento, política, ficção

Para que tudo não vire poeira, ainda

MARIANA KAUFMAN (PUC-RIO)

Resumo: “Para que tudo não vire poeira, ainda” propõe uma comunicação criada a partir de um recorte de minha pesquisa de mestrado em curso. Nela meu objetivo é construir uma reflexão sobre o estatuto da arte enquanto força multiplicadora de possíveis em face da disseminação contemporânea de imaginações convictas do “fim do mundo” ou, no mínimo, do “fim da humanidade”. Mais especificamente, proponho pensar o estatuto do “acontecimento impossível” no cinema de Jia Zhangke, em especial no filme *Still life*, com ênfase nos modos singulares como ali se operam fissuras temporais e espaciais capazes de deslocar a experiência ou vivência daquilo que

morre ou desaparece diante nossos olhos. De repente, sem se anunciar um prédio levanta voo, como um foguete, com explosões de fogo em sua cauda, e desaparece no céu. É o amanhecer. Ninguém viu o prédio voar. Ninguém notou, nada aconteceu, nada se transformou. Alguém viu, nós vimos o prédio que voou. E daquele momento em diante, nada mais será o mesmo para o espectador. A partir da descrição acima que faço a partir de uma cena emblemática do filme *Still Life*, me coloco como espectadora, perplexa diante do prédio que voa, e como sujeito, perplexa imersa no mundo apocalíptico atual, pretendo desenvolver uma fala com pequenos pontos de reflexão sobre como a experiência contemporânea – impregnada de uma sensação distópica, diante das falências dos sistemas econômicos, políticos, sociais e com as ideias tão difundidas nos imaginários coletivos de fim de mundo – se torna um campo de impossíveis em que a arte permanece como uma força de multiplicação de possíveis. As imaginações contemporâneas do “fim do mundo”, sobretudo no mundo dito “ocidental”, se deixam atravessar por uma espécie de anestesia sensível, ligada em parte a formas cristalizadas de experimentar o tempo e a morte, e também o jogo entre o natural e seus “outros” – o cultural, o contra-natural, o sobrenatural. Ao mesmo tempo em que essas noções de fim de mundo já se tornam quase clichês, não só nos imaginários coletivos mas também nos produtos culturais, o problema do fim se apresenta como de tal forma grandioso e abstrato, que ainda possibilita urdir fissuras em que, mais do que aquilo de que sabemos não ser capazes, está em jogo aquilo que nem sequer ainda conseguimos imaginar. No cinema de Jia Zhangke, sobretudo em *Still Life*, encontramos ocasiões singulares tanto para pensar quanto para mitigar sensivelmente essa anestesia sensível, sobretudo pelos modos como se convoca ali – em meio a mundos e tempos em vias de desaparecer – o “acontecimento impossível”. Para a construção da comunicação proposta estabeleço alguns intercessores fundamentais. Um dos grandes campos de interlocução é a antropologia simétrica, encabeçada por Viveiros de Castro e seus interlocutores para pensar as filosofias ameríndias entendendo o mundo como vários mundos e

as noções de possíveis e impossíveis ampliadas. Além desse campo, a intercessão com Deleuze e Guattari, Jean-Luc Nancy, Maurice Blanchot e Rancière são fundamentais para ampliar e potencializar o pensamento sobre arte e política, entendendo-se a poesis como construção do próprio mundo, a arte como esse lugar de potência multiplicadora de possíveis, de deslocamento radical de vivências do espaço, do tempo, da morte, da alteridade. E, claro, a intercessão com a obra do cineasta chinês Jia Zhangke é o que conduz o processo, trazendo para conversar aqui tantos outros artistas como Godard, Virginia Woolf, Marguerite Duras, Werasetull Apichatpong, Hou Hsiao-hsien etc.

Palavras-chave: Impossível, Jia Zhangke, Contemporâneo, Possíveis

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Francisco é Francisco? (Do gosto da especulação no romance de Chico Buarque de Holanda)

SYLVIA HELENA CYNTRÃO (UNB)

Resumo: Tenho investigado a obra do premiado autor brasileiro Chico Buarque de Hollanda em seus vários vetores: o lírico das letras das canções, o dramático das peças e representações cênicas musicais, e , há algum tempo, também o ficcional, sobretudo os últimos dois romances publicados, que abordam a persistência da memória: Leite derramado e O irmão alemão. Escolhi para essa comunicação me debruçar sobre o último, partindo da noção de que a memória pode se tornar uma potente farsa , uma traidora filosófica nas narrativas. Olhando o texto a partir do seu destino, promovemos a analogia entre a ideia de Luigi Pirandello em sua peça Assim é se lhe parece, que neste 2017 completa 100 anos de contemporaneidade, e o que venho ouvindo de leitores leigos (ou não) acerca de O irmão alemão, e que remete ao estranhamento propiciado pela ambiguidade autoral. “Afinal, o livro é ou não é também uma autobiografia de Chico Buarque?”. Com a ideia de

uma leitura sobre o trânsito do artista Chico Buarque de Hollanda, tanto pela ‘mão’ desse trânsito, entendida aqui como a via externalizada, manifestada pelo discurso, quanto pela sua ‘contramão’, a da ideologia textual latente, que possibilita a organização da mão dupla ficcional, organizou-se uma dinâmica para demonstrar como ideias e ideais são figurativizados pela voz que fala em um contexto historicamente situado. Percebe-se que o autor fomenta fortemente na narrativa o gosto da especulação, pois a explícita ligação com diversas referências culturais da recente história política brasileira do século XX, faz a obra remeter eventualmente à persona do autor – em si um sistema semiológico a ser considerado nessa comunicação. Propiciam-se , assim, pistas conceituais, firmadas a partir da leitura de Giorgio Agambem, Paul Ricoeur e Roland Barthes, para a compreensão dessa metáfora autoral que se multiplica , estetiza a memória afetiva e oferece um modo de ser. Pretende-se demonstrar que um dos mais relevantes valores do literário em O irmão alemão é justamente o “fazer parecer” no cruzamento das duas vias textuais -mão e contramão- que figuram como des-figuram o trânsito do imaginário coletivo brasileiro, promovendo pelas frestas do ambíguo sua expansão.

Palavras-chave: autobiografia, farsa, contemporâneo, Chico Buarque

Literatura e espetáculo: A ironia como desejo em Leite Derramado

ELIZABETH BARROS DE SOUZA LIMA (UNB)

Resumo: Chico Buarque publica em 2009 Leite Derramado, narrativa que relata a história de um velho jogado em um leito de hospital, e que passa seus dias relembrando sua trajetória de vida. Por meio do discurso irônico é visível a ironia que desvenda a natureza de fragilidade humana, e expõe a subjetividade do anti-herói romanesco. Perante isso, pretende-se neste estudo destacar a natureza de espetacularização da linguagem, ressaltando tanto o aspecto de rebaixamento, quanto as múltiplas faces do discurso narrado.

Palavras-chave: Leite Derramado, Ironia, Espetáculo, Literatura

Epistemologia da confusão: uma discussão sobre o papel do sujeito em Foucault na narrativa literária contemporânea

WILTON BARROSO FILHO (UNB)

Resumo: As principais características do conceito de sujeito em Foucault são o cuidado de si e a cultura de si. Pretendemos aplicá-las a narradores duplos da literatura como nos romances *La modification* de Michel Butor, *Aura* de Carlos Fuentes e *Uma das* de Eliane Brum, que cotejados por *Eu e os outros*, texto teórico de Carlos Fuentes fazem emergir um problema filosófico novo a confusão ou negação da ordem estabelecida. O que obriga uma releitura da constituição do sujeito foucaultiano, que faz emergir um sujeito impregnado de presenteísmos agamberinos. Trazendo considerações relevantes a cerca de uma Estética da Confusão, e de uma Hermenêutica da Confusão. Ou seja levando em consideração as noções de tempo de Ricoeur podemos elencar algumas das novas perspectivas de velhas noções como pertencimento e identidade no mundo globalizado contemporâneo. Ou seja, partindo do sujeito em Foucault, examinamos as possibilidades reflexivas do narrador “vous” de Butor, trazendo o conflito do sujeito narrador que mergulha na profundidade do eu. Já *Aura* de Fuentes nos fala de um narrador, externo a si mesmo, que se perde na dubiedade da sua própria percepção do outro e se confunde, se perde de si. *Uma das* tem duas vozes, filha e mãe, que se confundem e se distinguem na luta contemporânea pelo direito de existir e morrer com dignidade. As três narrativas tomadas em um conjunto podem revelar um aspecto curioso que evoca a passagem do moderno ao pós-moderno, do simples cartesiano ao complexo contemporâneo. Interpretadas dentro dos tempos propostos por Ricoeur relatam o confuso. Um sujeito confuso tem sensações confusas, tem um presente narrativo difuso também. Isso por si só não produz uma estética propriamente dita, mas algo mais simples e sutil o efeito estético, que como define Kant na *Crítica da Razão Pura* não produz conhecimento. Daí surge uma questão filosófica muito interessante, em que condições o sujeito foucaultiano pode buscar o conhecimento, que não pode ser mais o singular cartesiano,

mas que se vê ainda obrigado a responder a questão epistemológica kantiana: o que é que eu posso saber? Tentaremos trazer pistas de elementos de resposta. O pertencimento no mundo múltiplo e a identidade complexa como tentativa de exercício do conhecimento de si no contexto do sujeito foucaultiano. Concluiremos com um panorama possível da cultura de si, outro atributo do sujeito foucaultiano, agora vista em um contexto que se esvai o tempo todo, ou seja o líquido que se desvenda no presente.

Palavras-chave: Confusão, Esclarecimento, Epistemologia do Romance, Filosofia e Literatura

As vozes narrativas em busca de suas raízes

DENISE MOREIRA SANTANA (UNB)

Resumo: O presente trabalho visa apresentar um estudo comparativo das vozes narrativas dos romances: *Leite derramado* do autor Chico Buarque e do romance *A morte de Artemio Cruz* do autor Carlos Fuentes. A abordagem epistemológica aqui proposta observará a recapitulação sentimental, histórica, política, social e econômica realizada pelo personagem principal, Eulálio Montenegro d'Assumpção, representante da elite republicana e burguesa carioca que cai em um processo de decadência e invisibilidade social plasmado no decorrer da narrativa, apresentando este fracasso como o resultado da realidade a qual pertencemos. Ao mesmo tempo a voz narrativa tripla do personagem Artemio Cruz prepara-nos para entender as relações da revolução de 1910, no México, através de uma recapitulação histórica, política, social, sentimental e econômica de um representante da elite burguesa mexicana que se encontra relutante contra o seu processo de morte, de um homem que não poupou esforços para a sua ascensão social desmedida, sórdida e desprezível. Diante desta perspectiva iremos comparar estes narradores personagens com o narrador de fundo existente na obra: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, um narrador defunto, cuja ética e a moral não é mais pertencente ao terreno deste mundo, desta existência, um narrador que conquista

um espaço de liberdade declarativa, para revelar a vulnerabilidade de uma sociedade que tem muito a esconder de si mesma, e medo de enfrentar as relações de hipocrisia que ela mesma causa, seja nos séculos XIX, XX ou XXI. Para a análise crítica desse processo comparativo entre as vozes narrativas dos autores em questão vamos recorrer aos estudos da Epistemologia do Romance que nos prepara um solo epistemológico, histórico, filosófico e hermenêutico fecundo que nasce da questão kantiana do que posso saber ao comparar os elementos narrativos comuns e os incomuns entre os romances, acrescente-se aqui a questão hegeliana do fazer estético mediador da autonomia criadora, de uma hermenêutica gadameriana que mostra que o narrador joga reiteradamente com o leitor ao se depararem com um espaço romanesco da tradição literária de Miguel de Cervantes. A partir dos estudos deste grupo de pesquisa em Literatura da UnB, ao qual pertencço como mestranda, a proposta é a de fazer um levantamento dos vestígios deixados pelas obras, nas entrelinhas dos textos, nos silêncios narrativos, nas vozes dos personagens narradores, nos traços narrativos na presença e na superação dos aspectos de cunho histórico, social, sentimental, político ou econômico para então sedimentar uma narrativa da condição humana plural, reflexiva e livre.

Palavras-chave: Epistemologia do Romance, A morte de Artemio Cruz, Leite derramado, Vozes narrativas

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

Políticas do Audiovisual no Brasil Contemporâneo: Novos agentes, novas estéticas

MIGUEL JOST (PUC-RIO)

Resumo: A comunicação que proponho é um desdobramento da pesquisa que desenvolvo no pós-doutorado (CAPES-PNPD) “Políticas públicas de cultura: contexto histórico e perspectivas contemporâneas”

no Departamento de Letras da PUC-Rio. Nesse XV encontro da ABRALIC pretendo apresentar um estudo de caso que inclui três produções audiovisuais contemporâneas do cinema brasileiro que se conectam diretamente com as mudanças de paradigma nas políticas culturais a partir de 2002 e que foram apontadas por Gilberto Gil, ministro entre 2002 e 2008, já no discurso de posse que inaugurou sua gestão. Quando incluiu a curiosa expressão, à época, que o Brasil precisa realizar um “do in antropológico”, Gilberto Gil falava em ativar territórios que alta capacidade de vocação para produção cultural, mas que não encontravam condições e possibilidades de desenvolverem produtos os colocarem em circulação. Nesse sentido, minha proposta é analisar especificamente o caso das políticas propostas para área do audiovisual entre 2002 e 2010 e que, de alguma forma, operaram uma transformação da lógica que historicamente centralizou a produção do campo cinematográfico em determinadas regiões, em especial no eixo Rio de Janeiro – São Paulo. Para além disso debater como, a partir destas políticas, surgem no cenário dessa produção audiovisual novas experiências a partir dos olhares de agentes (produtores, diretores, roteiristas) que foram beneficiados por esse novo paradigma da relação entre o estado a produção no campo cultural. Os filmes são “Branco sai preto fica” de Adirley Queiroz (Brasília 2014), “Ela volta na quinta” (Minas Gerais 2015) e A vizinhança do tigre (Minas Gerais 2016). Pretendo analisar estes filmes a partir de suas propostas estéticas, sua circulação dentro da cena contemporânea do cinema brasileiro e sob a luz de textos e outros filmes que nas últimas décadas abordaram a relação entre o cinema brasileiro e noção de periferia, fome, pobreza. A título de exemplo, pretendo colocar em discussão conceitos que determinaram importantes noções sobre este debate como o de “cosmética da fome” da professora e pesquisadora Ivana Bentes (UFRJ) e “dialética da marginalidade” do professor e pesquisador João Cezar de Castro Rocha (UERJ). O principal objetivo da comunicação é esboçar uma reflexão sobre como o surgimento de agentes, que provém de uma

experiência mais conectada a esses temas, reconfiguram o olhar sobre eles dentro da produção cinematográfica brasileira atual. Dessa forma, invertem a lógica representativa que norteou e balizou a relação do cinema brasileiro com a noção de “subdesenvolvimento” nos anos 1960 e com a noção de “periferia” nos anos 1990 e início dos anos 2000.

Palavras-chave: Políticas públicas, políticas culturais, audiovisual, cinema contemporâneo

Coletivos de cultura e ocupações: modos contemporâneos de reformular subjetividades e disputar narrativas

MARINA LIMA MENDES (PUC-RIO)

Resumo: Esta comunicação propõe relacionar a proliferação dos coletivos de cultura no Brasil com as práticas de ocupação do espaço público e a disputa de narrativa na contemporaneidade. As ruas das cidades são suportes, plataformas para as vozes da multiplicidade. Além de constituir um desejo de reformular novas subjetividades no Contemporâneo, o caráter inerente de anti-institucionalidade destes grupos inaugura espaços e circuitos alternativos. Eles articulam redes mais flexíveis, ágeis, convidativas para expandir potências. Possuem maior autonomia e liberdade nas formas e conteúdos, além de possibilitar interdisciplinaridades. Assim, forjam-se áreas de contaminação entre poesia, prosa, artes cênicas, música, artes plásticas e outras performances mais híbridas. Como consequência, vemos surgir linguagens plurais ocupando os novos terrenos. Nestas zonas de sobrevivência, a diferença é afirmada e celebrada através da convivência. Trata-se, portanto, de difundir o foco da produção artística, da resistência política, e reformular subjetividade para disputar espaço com o capital. A proposta por trás de ocupações dos espaços públicos é gerar novos modos de experimentar o corpo político heterogêneo na rua. Contagiar e transbordar. Fincar um posicionamento. Uma ocupação não é um coletivo. Mas, em sua maioria, é fruto de associações e articulações de coletivos. Por isso, as formas de descrever seus modos

de existir e agir são tão similares. Ambos, coletivos e ocupações, desejam, através de novas linguagens e métodos, produzir dissonância em meio aos holofotes das mídias que assolam nossa existência. Desvirtuar, desconstruir. Em carta aos estudantes que ocupavam a Universidade Federal Fluminense, em Niterói-RJ, Cezar Migliorin ensaiou respostas à pergunta que ele mesmo levantou: o que é uma ocupação? Dentre suas conjecturas, apontou que ser ocupante é não ter identidade, mas sim pertencer a um coletivo que “antes de dizer o que é, se coloca sob o risco da invenção / ocupação”. Continua: Toda ocupação inventa um espaço ao mesmo tempo em que inventa formas de vida. Uma forma de vida que não pede autorização para agir, e mais que isso, diz que a ação é possível. Um agir que configura novas formas de interação entre sujeitos, instituições, imaginação e colaboração. Para me ajudar a erguer o debate, apresento ideias de Gilles Deleuze e Felix Guattari em “Mil Platôs: Volume 1”, Georges Didi-Huberman em “Sobrevivência dos Vaga-lumes”, Jacques Rancière em “A Partilha do Sensível”, Ericson Pires em “Cidade Ocupada”, entre outros.

Palavras-chave: Coletivos, Ocupação, Subjetividades

Inscrições Urbanas: A cidade como suporte de outras escritas contemporâneas

JULIA CASOTTI NOGUEIRA (PUC-RIO)

Resumo: Esta comunicação pretende refletir sobre o impacto de inscrições artísticas no Rio de Janeiro, cidade vista como suporte de outras possíveis escritas contemporâneas. A intenção é analisar como as inscrições urbanas, criadas a partir de palavras, instauram uma outra situação discursiva que fissa o poder da ordem, da limpeza e de “quem pode dizer o quê” na cidade. O interesse é pensar o espaço público como algo que também é meio de produção de sentido, se desloca o tempo todo e extrapola as tentativas de significação estática. Um dos guias para pensar essas ocupações é o conceito de “instauração”, noção fundamental na filosofia da arte de Nelson

Goodman, usada pelo artista plástico Tunga desde a década de 1990, como afirma a pesquisadora Noéli Ramme (2012). A instauração deveria unir dois conceitos preexistentes: a instalação, que seria estática e espacial, e a performance, dinâmica e temporal. Deveria ainda indicar uma preocupação com a participação do espectador. A partir deles, podemos pensar que a instauração é da ordem não apenas do espaço, mas também do tempo; ela é um acontecimento. Entendida como a instauração de uma nova realidade, ela é, sobretudo, ação. De acordo com Lisette Lagnado (1997), a substituição dos termos instalação e performance mostra um deslocamento de categorias já esgotadas. Por exemplo, na performance a ação ainda tem foco no corpo do artista, enquanto na instauração o público é coparticipante e criador da ação. E, como relembra Lisette, o campo da instauração mantém uma afinidade com o campo da experiência real de Hélio Oiticica (1937-1980) e Lygia Clark (1920-1988), guardando pontos afins com a proposta de Allan Kaprow em 1957 e 1958, quando menciona o procedimento denominado *environment*. Aproximando o conceito “instauração” das inscrições urbanas, é possível notar que elas ganham sentido a partir da interação com o espectador na cidade, a partir dessa produção de sentido com a ocupação do espaço urbano. Promovendo também movimentos ficcionais nas cidades contemporâneas, em que o cidadão pode ter voz através dos muros e “desordenar” o poder vigente. Trata-se de encontrar outras formas de narrar a cidade, perseguir os índices, as pegadas, estar sensível aos acenos sutis – luzes, nomes, barulhos – que as cidades fazem para nós, assim como o historiador italiano Carlo Ginzburg destaca os detalhes como principais sinais para desenvolver o paradigma indiciário. E ao dialogar com os detalhes das paisagens enxergadas através de frestas, a pesquisa busca ver aquilo que escapa no dia a dia agitado das cidades, como as inscrições nos muros do Rio de Janeiro, que também têm voz. Inscrições estas que funcionam também como sobrevivências, como “palavras-vaga-lumes” propostas por Didi-Huberman (2011), que aparecem, apesar da saturação contemporânea,

e que nos incentivam a não perder a capacidade de enxergá-las. Presente na metáfora dos vaga-lumes escrita por Pier Paolo Pasolini, a sobrevivência simbolizaria os resistentes que se transformam em vaga-lumes fugidios, tentando se fazer tão discretos quanto possível, continuando ao mesmo tempo a emitir seus sinais, em lampejos inventivos, irradiando luz e desejo.

Palavras-chave: inscrições urbanas, instauração, Rio de Janeiro, escritas contemporâneas

CEP 20.000: O direito à existência literária para além do livro

VITOR GRABOWSKI DE PAIVA (PUC-RIO)

Resumo: O presente trabalho pretende comentar a relação entre os artistas ligados ao evento de poesia falada CEP 20.000 e o livro impresso, a partir da noção de “existência literária” e direito a essa existência sugeridas por Antonin Artaud. Fundado em 1990 pelos poetas Guilherme Zarvos e Chacal, o CEP 20.000 (Centro de experimentação poética) tornou-se não só um dos principais eventos de experimentação artística (com especial enfoque na poesia falada) do Rio de Janeiro, como também um espaço de questionamento da própria fronteira entre público e palco, entre encenação e vida. A natural tendência à informalidade, ao hibridismo e à ausência de hierarquia na relação com os artistas tornou o palco do CEP um lugar de adesão corpórea, como um modo de se viver a literatura para além de qualquer publicação física. Não por acaso, por mais de uma década os poetas ligados ao CEP 20.000 quase não publicaram em livro, assim como o evento pouco realizou ou participou de antologias. O CEP mais ofereceu-se como sendo ele próprio um meio suficiente de publicação/existência dessas literaturas, um ecossistema literário de certa forma autossustentável. Falar os poemas no palco do CEP se afirmava como uma publicação vivida, que se desdobrava em especial função: oferecer ao poeta o direito de existir literariamente, de afirmar a literatura como concretude dessa vida vivida, para além das exigências e incongruências do mercado editorial. O poeta francês Antonin Artaud, em sua troca de cartas com o

então editor da Nouvelle Revue Française, Jacques Rivière, entre 1923 e 1925, a partir da resistência do editor em publicar seus poemas, ilumina com brilhantismo visceral a noção de existência literária da qual aqui parto. Diante da percepção de que tal rejeição se baseava na ausência do que ele chama de “nível formal” e “grande pureza de material” em seus poemas, Artaud explicita sua verdadeira questão, para além de sua aceitação na revista: a substância de seu pensamento poderia existir literariamente? Teria ele o direito de “continuar a pensar em verso e prosa”? Um “espírito que existe literariamente”? Tendo nascido de um evento de natureza crítica (o Terças Feiras Poéticas, realizado em 1990 na Faculdade da Cidade) e migrado para o campo direto da experimentação poética em um palco, o CEP, por intuição e vocação, em sua própria natureza entra em consonância com as perguntas de Artaud. Da mesma forma que Artaud jamais quis abandonar o debate ou as estruturas literárias que tanto rejeitava e o rejeitavam, o CEP resiste, e hoje muitos de seus artistas vêm publicando e aderindo à academia como meio de ampliar essa noção de literatura vivida (e esse deslocamento é também pauta fundamental). De todo modo, ter essa proposição de uma literatura a ser exercida e vivida segue sendo o motor fundamental do evento, sua pulsação vital, que hoje, funcionando já em sua quarta ou quinta geração, 27 anos depois de sua fundação, ainda mais parece se oferecer como um interessante contraponto às virtualidades do contemporâneo.

Palavras-chave: Poesia falada, CEP 20.000, Contemporaneidade, Coletivo

A parte do fogo: aproximações, equivalências, e narrativas do incêndio do MAM

FELIPE PARANAGUÁ BRAGA (PUC-RIO)

Resumo: Em 1978 um incêndio de grandes proporções destruiu quase a totalidade do acervo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Ao analisar os vestígios dessa história em ruínas, confrontando agentes que tornavam aquele espaço fundamental para a cultura brasileira,

além das obras perdidas e documentos desse processo, me deparo com lacunas a serem preenchidas onde a própria ideia de fim da história se confunde a produção artística do período. A exposição Geometria Sensível que era constituída por uma grande retrospectiva do artista uruguaio Joaquim Torres Garcia e de um núcleo de “artistas vivos” e que foi inteiramente destruída, estabelece um possível ponto inicial para se entender as posições institucionais do MAM naquele momento, criando um contraponto ao que era produzido na Área Experimental, núcleo do museu que contemplava artistas que se colocavam a margem da própria instituição e da sala Corpo e Som, onde o incêndio supostamente teria se iniciado. A partir desse inventário do acontecia no momento do incêndio, podemos identificar alguns debates que expunham posições artísticas diversas e tendências que viriam a prevalecer na década seguinte. A mudança de eixo nas artes visuais que se dá nos anos posteriores e que tem relações diretas com o crescimento do mercado de arte, o início de uma abertura política com o processo de anistia e a perda do MAM como ambiente centralizador de fomento artístico, abrindo espaço para Escola de Artes Visuais do Parque Lage ocupar esse papel, cria as condições para o surgimento da chamada Geração 80. Nesse sentido talvez seja possível pensar na relação entre uma arte que deriva da arte conceitual e uma arte com apelo visual irrestrito, não que esses campos possam ser separados indistintamente, no entanto parece claro que o que prevalece seria uma arte supostamente mais visual que conceitual, e aqui esse prevalecimento não tem a ver com qualidades estéticas, mas sim com uma narrativa que serviu para ilustrar um determinado período e que por essa facilidade foi muito mais mediatizada que a outra. No entanto ainda que essas correntes se apresentem como eixos para facilitar a construção de narrativas, os debates que ocorriam no período de 1978, durante a exposição Geometria Sensível, talvez possam ser reavaliados hoje frente a uma construção da história que se segue. Dar luz as falas, as ruínas e os vestígios daquele momento talvez nos ajude a entender algumas possibilidades de narrativas que se estabelecem nas décadas

posteriores. E tornem aquele momento como um possível marco simbólico do fim de um projeto de modernidade que já não teria dado certo.

Palavras-chave: Museu, Curadoria, Arte, texto de artista

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Bob Dylan e o híbrido da canção

PAULO DA COSTA E SILVA (UFRJ), GUSTAVO SANT'ANNA DE SOUZA (PUC-RIO)

Resumo: Em outubro de 2016, o cantor e compositor Bob Dylan foi laureado com o prêmio de literatura mais conhecido no mundo: o Nobel. A premiação recrudescceu uma antiga polêmica que, embora adormecida, despertou com energia suficiente para romper o dique dos mundos acadêmicos e dos círculos especializados desembocando, literalmente, na “boca do povo”. A indagação central resumia-se a seguinte pergunta: “seria uma letra de música, poesia?”. Ao defender a eleição do conjunto da obra de Dylan, a academia sueca comparou o autor a poetas fundadores da literatura ocidental, tais quais Homero e Safo, recordando que esses eram também, ao seu modo, cancionistas. Lembrou ainda que os poemas de tais mestres gregos eram entoados acompanhados por um ensemble instrumental “do mesmo jeito que Bob Dylan”. Finalmente, terminaram sua argumentação oficial com a afirmação de que estavam entregando o prêmio a “um grande poeta na tradição do idioma inglês” que havia “criado novas expressões poéticas dentro da grande tradição da música americana”. (grifo nosso). Nosso interesse neste debate passa ao largo de uma pretensa tentativa de legitimação poética de compositores consagrados como Bob Dylan, Cole Porter, George Brassen, Jacques Prévert, Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, Paulo César Pinheiro, Mano Brown, ou tantos outros cancionistas que costumam ser citados como exemplo de virtude poética (por aqueles que defendem, obviamente, a letra

de música como poesia). Nem tampouco nos interessa deslegitimar o compositor musical de uma autovisão de si mesmo como poeta inserido na tradição (“I am a poet and I know it” – Bob Dylan). O que desejamos, de fato, nesta proposta de comunicação é aproveitar o instigante debate a respeito do que vem a ser o fazer poético e literário, de quais são os limites da palavra e quais os suportes que a legitimam para, a partir dessa discussão, debruçarmo-nos sobre outra questão que, embora tangencie todas essas, diferencia-se delas, na medida em que aponta para a própria materialidade da linguagem, a saber: “Quais são as possibilidades e as especificidades da palavra em sua faceta mais extrema e radicalmente musical, que é a canção?”. Neste debate dialógico, em que conversaremos sobretudo com a poesia em verso (que se utiliza do suporte papel) e com a fala cotidiana (que se utiliza do suporte moléculas do ar), tomaremos por canção qualquer gênero em que a palavra seja entoada musicalmente no decorrer de um tempo implícito pré-determinado (pulso) e dialogue, expanda-se ou/e restrinja-se ao tomar contato com aspectos sonoros tais quais o timbre, a frequência, o ritmo, a intensidade, entre outros. Acrescentaremos ainda nesta discussão, nos estudos de caso em que essa voz seja acompanhada por instrumentos, breves reflexões a respeito da maneira como a harmonia e o arranjo podem interferir naquilo que chamamos de letra para gerar o que Paul Zumthor chamou de “valor global da obra” e que denominaremos aqui, em referência ao título do simpósio, como “um híbrido apelidado canção.”

Palavras-chave: Bob Dylan, Canção, Poéticas da voz, Intertextualidade

Titãs, Torquato e Neruda: a textualidade da despedida

ANGIE MIRANDA ANTUNES (UFJF)

Resumo: Nas configurações da Mundialização da Cultura (2003) observadas por Renato Ortiz, as mercadorias circulam como novos modos de conferir identidade, sobrepujando, por exemplo, as próprias identidades nacionais. A cultura rock flutua inadvertidamente nesta onda, alinhavando sentimentos semelhantes na busca cotidiana e

constante por outra forma de viver, uma que seja capaz de confluir com os centros urbanos, que avançam formatados pelas ofertas repetitivas dos oligopólios. Dessa maneira, interessa-nos fazer emergir o discurso literário surpreendido no discurso do rock, especialmente o da banda brasileira Titãs. Esse encontro ocorre na música “Go back” (1988) e conta com três poemas, a saber: “Go back” (1971) e “andarandei” (1971), de Torquato Neto, e “Farewell” (1923), de Pablo Neruda. Na medida em que a banda combina os três poemas, os versos de Torquato – “Só quero saber do que pode dar certo/Não tenho tempo a perder” –, se tornam o refrão e conclamam por novos ares. Não se trata de escapismo ingênuo, pois nos três poemas há a consciência e a aceitação do fim de uma etapa (mas não há sinalização de quais poderiam ser os próximos passos). A textualidade vigente entre música e poesia possibilita a vociferação da despedida às milhares de vozes que fazem ecoar seus versos, num movimento simultâneo e intrínseco de clamar “avante!”. Pungente nos anos 1980, época em que foi gravada a música “Go back”, a pós-modernidade, com seu tempo de exceção constante, exaspera cada um de nós na medida em que exacerba as vulnerabilidades: somos pequenos e frágeis, sem proteção divina e sem proteção do Estado. Nem as comunidades, como afirma Robert Castel em *A insegurança social* (2005), fornecem mais a sensação de proteção. E já não há crença no desenrolar simplório da história rumo a uma “sociedade de semelhantes” (CASTEL, 2005, p. 92). São os encontros na cidade que permitem a reorganização das pessoas nas subculturas urbanas, acolhedoras de outros modos de realizar o mundo. Hans Ulrich Gumbrecht (2015) trata da ubiquidade na perspectiva ampla do presente, algo, digamos, sobre o eterno retorno daqueles que nunca se foram, já que a cada passo que damos (sem saber se avançamos), encontramos com o passado travestido de “novo” produto cultural. Nesse sentido, o rock, tanto quanto a literatura, contribui para manter a circularidade do passado, seja pela glória retumbante de seus primeiros anos, seja pelo fato de que a ordem das questões levantadas à época

pouco mudou. O discurso um tanto “agressivo” do rock, que continua a agregar fãs centros urbanos a fora, demonstra um vínculo de “realidade” com os *modus operandi* da sociedade, tanto frente aos atos miúdos de crueldade humana, quanto frente às condições de desigualdade inerente a uma organização socioeconômica com padrões inalcançáveis para muitos. Assim, sem perspectiva de fim, assoalhamos a repetição dos versos de Torquato e Neruda com o intuito de manter as perguntas no ar (ainda que sem respostas). Por sorte, há mais de trinta anos, podemos clamar por novos ares com melodia e em coro.

Palavras-chave: Literatura, Cultura rock, Contemporâneo, Textualidade

A capa e o estado permanente de invenção de si: a capa de disco como suporte para o (auto)retrato do artista

AICHA DE FIGUEIREDO BARAT (PUC-RIO)

Resumo: Esta comunicação pretende refletir sobre os usos da capa de disco como suporte para o retrato e/ou autorretrato do artista. Partindo do “estado permanente de invenção”, expressão cunhada por Hélio Oiticica, analisaremos capas que apresentam fotografias de artistas como locus de constante criação e recriação das *personae* artísticas. Músicos e cantores associam frequentemente sua imagem, e, portanto, seus rostos, a seus discos. O retrato de um artista na capa permite uma associação imediata do público com o conteúdo do disco. Ao analisar as capas como superfície para retratos, atentamos para um processo que lida diretamente com questões de visualidade e que joga luz sobre certas narrativas (musicais, mas não só). A imagem transmitida por um artista, e o modo como ele se coloca em cena, é também uma forma de (auto)biografia, na medida em que há, muitas vezes, parentesco com o conteúdo do disco. Para Roland Barthes, “o que caracteriza as sociedades ditas avançadas é que hoje essas sociedades consomem imagens e não crenças, como as do passado.” (BARTHES, 2011, p. 126). O uso da fotografia na elaboração de capas nos guia por uma história cultural do século XX. Podemos dizer que a fotografia é um vetor

crucial da capa de disco. Inegavelmente ela trouxe uma identidade visual a muitos músicos e bandas e os transformou em mitos. Como aponta Susan Sontag, “[a] fotografia tornou-se a arte fundamental das sociedades prósperas, perdulárias, inquietas – uma ferramenta indispensável da nova cultura de massa que tomou forma.” (SONTAG, 2015, p.84). A partir do final dos anos 1960, a criatividade investida na visualidade das capas de disco não cessa de se reinventar de forma experimental: praticamente não há limites para o campo de 30 cm x 30 cm de uma capa de LP. A capa que possui um artista retratado lida com o desafio de dar conta de uma identidade, ou seja, de uma representação e, também, de uma funcionalidade, que, no caso do disco, é a sua divulgação. Para Karl Erik Schollhammer, “[não] há mais dúvida sobre a superioridade contemporânea da representação visual em termos de eficiência de divulgação e de impacto sensível sobre o público. O sucesso dos meios de comunicação deve-se em parte à facilidade de percepção e ao automatismo com que o público absorve a imagem viva.” (SCHOLLHAMMER, 2007, p. 9). Assim, vemos que as capas contribuem para a construção de um regime de visibilidade. Elas tornam visível o que não seria e respondem pela visualidade de uma época como poucos suportes. Além disso, retratar um cantor, ou um músico, é também pensar os problemas de representação da identidade, o papel do retrato como modo de representação e também as funções desse retrato em um objeto comercial.

Palavras-chave: capa de disco, música popular, retrato, visualidade

Música e notação: das musas à indeterminação

BERNARDO MOUZINHO GIRAUTA (PUC-RIO)

Resumo: O objetivo desta comunicação é discutir algumas relações entre música e escrita, tendo como foco práticas de notação musical. Proponho que a “hibridização” entre música e literatura não é um fenômeno restrito à contemporaneidade. Para isso, parto de uma antiga observação do bispo medieval Isidoro de Sevilha; prossigo por

uma breve reflexão acerca dos neumas e pentagramas e chego às experiências notacionais de John Cage denominadas Variations, sempre com o auxílio de Ludwig Wittgenstein. No século VII, o bispo Isidoro de Sevilha, em seu livro Etimologia, ao definir a palavra “música” (derivada de “musa”), afirmou que os sons não podiam ser escritos. Daí a relação entre a música e a deusa da memória Mnemosyne, mãe das musas que cantavam a palavra lírica ao poeta: sem a memória, os sons estariam condenados ao esquecimento. Já no século IX, uma forma de notação musical começou a ser desenvolvida na Europa, complexificando a afirmação de Isidoro. O objetivo perseguido pelos músicos que desenvolveram os neumas, as primeiras práticas ocidentais de notação, excluindo-se aqui aquelas da Grécia antiga, era a representação visual e codificada da música. Os padrões rítmicos então utilizados baseavam-se inteiramente nos pés métricos da poesia (troqueu, anapesto, etc). Tal relação entre métrica poética e música na Idade Média, além da proximidade entre som e palavra na poesia da Grécia Arcaica, citada por Isidoro e muito explorada pelo jovem Nietzsche, evidenciam a antiguidade da “hibridização” entre artes literárias e musicais. Com o tempo, os neumas culminaram na consagrada forma pentagramática, absolutamente indissociável da música tonal e “autônoma”. O início do século XX, por sua vez, assistiu ao esgotamento das possibilidades criativas da linguagem musical do tonalismo. Ao mesmo tempo, a proliferação das indústrias e máquinas alteraram radicalmente a paisagem sonora das cidades e do campo. Muitos músicos voltaram sua atenção ao timbre e ao espaço, parâmetros ignorados na notação pentagramática. Nesse momento, alguns compositores abandonaram o pentagrama e iniciaram, por inúmeros caminhos distintos, novas experimentações notacionais. Um desses caminhos acompanhou o movimento da “música indeterminada”, cujo principal representante é o artista John Cage. Suas “Variations” não buscam a representação das alturas e durações, mantendo-as indeterminadas. O foco está, por exemplo, no mapeamento do espaço da performance e nas relações

políticas que nele acontecem (Variations III e IV). As Variations operam uma torção das regras dos jogos de linguagem musical dominantes em nosso contexto sócio-político, aproximando-se de um dos aspectos da filosofia de Wittgenstein, isto é, “uma luta contra o enfeitamento de nosso intelecto pelos meios de nossa linguagem” (Investigações Filosóficas, §109).

Palavras-chave: partitura, música, linguagem, representação

“Eu tô te explicando pra te confundir” – A questão da personagem na ficção e o livro autobiográfico de Tom Zé

PATRÍCIA ANETTE SCHROEDER GONÇALVES (USP)

Resumo: Nas vésperas do aniversário de cinquenta anos da Tropicália – um dos tópicos mais abordados em termos de canção brasileira –, novas narrativas de integrantes do “Grupo Baiano” sobre os anos 1960 (sobretudo de 1967 a 1968) têm se destacado; dentre essas, duas recentes obras do cancionista Tom Zé, nas quais este rediscute a história e a estética do Tropicália. Se a origem desse acontecimento cultural tem sido amplamente relacionada, por diversos críticos e por artistas do próprio grupo (notadamente Caetano Veloso), ao legado estético e político do modernismo brasileiro da década de 1920, à Bossa Nova, à Jovem Guarda, ao cinema e teatro “de vanguarda” dos anos 1960 e às influências do Rock internacional, nessas duas obras de Tom Zé essas relações são suspensas para dar lugar a uma narrativa memorialística diversa, que se volta sobretudo à importância da Bahia na sua formação e extensivamente também da formação do grupo tropicalista. O livro de sua autoria, *Tropicalista Lenta Luta* (2003) e seu disco *Tropicália Lixo Lógico* (2012) apresentam pois sua “tese” sobre as determinações e origens do movimento, segundo seus termos, ou, se quisermos, uma versão própria da história por parte de quem não se inseriu da mesma forma que seus pares no mercado fonográfico e na mídia. Num contexto editorial em que a biografia e a autobiografia de cantores, músicos e grupos musicais é um dos gêneros literários mais vendidos

no Brasil atualmente, é no entanto inseguro dizer que estudos analíticos exaustivos tenham sido feitos sobre o nicho em questão. O gênero da autobiografia, que tem alguma importância para a reprodução e divulgação dos músicos e cancionistas, parece carecer sobretudo do interesse da crítica literária. Esses materiais tão evidentemente emaranhados na indústria cultural são tidos frequentemente como documentos para uma apreciação histórica: muito mais que ficção ou autoficção, as autobiografias desses artistas são por vezes tratadas como se usa fazer com as entrevistas de jornais, ou seja, sem uma reflexão metalinguística, de estilo ou de forma. Não tem sido diferente na discussão bibliográfica do cancionista iraraense erradicado em São Paulo, Tom Zé. Nesse sentido, esta apresentação busca de partida abordar os termos em que a crítica tem tratado ambas as obras de Tom Zé; para num segundo momento explorar uma primeira ideia sobre a personagem narradora na autoficção do cancionista, *Tropicalista Lenta Luta*, com vistas a acrescentar um aspecto de crítica literária à discussão sobre essa obra, não sem refletir sobre a teoria literária que se aventura a pensar e escrever sobre canção comercial.

Palavras-chave: autobiografia, Tropicália, Tom Zé, personagem

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 5

Quereres – notações sobre três pequenos gestos

JÚLIO DINIZ (PUC-Rio)

Resumo: Problematização de apontamentos mínimos e inespecíficos sobre uma possível leitura comparativa de três lugares de fala no espaço de dicções suplementares: a escrita gaga, a música rasurada e a imagem tagarela. Busca-se nessas notações uma interface com a desterritorialização do campo literário, a transitoriedade das construções híbridas e a aceleração das possíveis escritas dos quereres

a partir de uma fala hipócrita e fingida do desejo de falar do desejo. Uma fala cujo retrato o mais borrado possível é o da escrita da voz como corpo musical do silêncio. O ensaio se divide em três partes: 1. O desejo da escrita – ser galinha; 2. O desejo da voz – ser ovo; 3. O desejo da imagem – ser galinha, ser ovo.

Palavras-chave: Textualidades, Sonoridades, Imagens, Territórios

Conversas entre teoria e ficção na obra e prática de escritores-professores universitários neste início de século XX
Leonardo Villa-Forte (PUC-Rio) Guimarães Rosa curador de Guimarães Rosa

LIVIA DE SÁ BAIÃO (PUC-RIO)

Resumo: Na primeira metade dos anos 1950, o refúgio do escritor, de modo que pudesse tocar sua vida financeiramente e viabilizar a própria escrita, costumava se localizar ou nas redações dos jornais – casos de Lima Barreto, Carlos Heitor Cony e Graciliano Ramos, entre outros – ou em escritórios de burocracia estatal e diplomacia – casos de Guimarães Rosa, Raul Bopp, entre outros. Da metade do século XX para cá, vemos cada vez mais escritores viabilizando sua existência e produção em novos locais: a produtora ou canal audiovisual, e a universidade. E não só no Brasil. Pensemos em autores como Gonçalo M. Tavares, em Portugal; Pablo Katchadjian, na Argentina; e, em nosso país, em casos como os de Silvano Santiago, Ricardo Lísias, Flávio Carneiro ou José Luiz Passos, todos ocupando ou tendo ocupado o cargo de professor universitário durante boa parte do período em que vêm produzindo suas obras ficcionais. Esta comunicação pretende se centrar nas relações entre universidade, ou, mais precisamente, a prática e o pensamento teórico-acadêmico, e a produção de literatura de ficção, tentando propor pistas que indiquem onde esses dois vetores (teoria e ficção) se entrelaçam e se afastam, e como o fazem, neste início de século XXI. Para isso, partiremos das obras teóricas e ficcionais de alguns dos mencionados, bem como de artigos e entrevistas. Num momento como o atual, em que uma parcela considerável de escritores

brasileiros contemporâneos passam pelos programas de pós-graduação das universidades, a intenção será a de esboçar uma cartografia da figura – ou das figuras – do autor-professor e entender como, na obra e na prática de cada um, um universo se insere ou não no outro. Como conversam entre si? Chegam a se mesclar ou mantêm distância? Se eles se mesclam, como se mesclam? Se mantêm distância, como é esta distância? O sistema universitário em que cada um está inserido propicia ou repele esta possível conversa entre os dois vetores? Como o faz? Tais perguntas nortearão esta comunicação.

Palavras-chave: Ficção, Teoria, Escritor, Professor

Guimarães Rosa curador de Guimarães Rosa

LIVIA DE SÁ BAIÃO (PUC-RIO)

Resumo: Hanging together: words in a sentence, and works of art in a space Claire Bishop O presente trabalho pretende pensar o espaço literário a partir da prática curatorial na arte moderna e contemporânea, numa perspectiva transdisciplinar, tomando como base o fazer artístico de João Guimarães Rosa e seu livro Tutameia. Buscando rasurar a fronteira entre as artes visuais e a literatura, a intenção é estabelecer relações pouco convencionais entre um escritor curador, Guimarães Rosa, e o papel de um curador artista. Para tal, utilizarei, como fio condutor, a estratégia poética das colagens e o estatuto ensaístico de uma escrita crítica e filosófica. O surgimento da arte conceitual e a ampliação das possibilidades do que se entende por arte foram determinantes para nova relação que se estabeleceu entre gesto curatorial e gesto artístico e instauraram a instabilidade dos limites entre curadoria e autoria. Essa “virada curatorial” trouxe um protagonismo inédito para a curadoria e teve seus marcos fundadores nas exposições “Live in your head: when attitudes become form”, em 1969, e na Documenta 5, em 1972, ambas sob a responsabilidade de Harald Szeemann. Diante da multiplicidade de formas artísticas que se apresentaram a partir dos anos 1960 e da incompatibilidade das mesmas com as narrativas cronológicas e hegemônicas, a colagem

se colocou como uma técnica inevitável para o curador-autor bem como o caráter experimental do ensaio. Da mesma maneira que nas colagens cubistas ou nos filmes de Eisenstein, o curador-artista busca uma unidade para a exposição a partir das relações que ensaia com os fragmentos colocados em conjunto dentro de um mesmo espaço institucional. É nesse aspecto que se faz interessante traçar um paralelo com o processo de escrita de Guimarães Rosa. Ao adentrarmos no laboratório de escrita rosiana, nos deparamos com um verdadeiro colecionador de fragmentos e um cuidadoso curador de elementos tão díspares quanto a fala de um vaqueiro e as mais eruditas citações de Shakespeare. O processo de escrita de Rosa leva ao limite os atos de recortar e colar palavras numa frase e frases num parágrafo, para ele a colagem é uma estratégia poética fundamental. Avançando um pouco mais nas correspondências entre o escritor curador e o curador-autor, é minha intenção pensar também na materialização do livro e no conjunto expositivo enquanto obra de arte e unidade que, de alguma maneira buscam a totalização. Levando-se em conta que o espaço institucional do museu ressignifica a obra de arte assim como o livro ressignifica o texto, pretende-se examinar, do lado do escritor, o livro Tutameia de Guimarães Rosa e, do lado do curador, a exposição Temporama de Dominique Gonzalez-Foerster com curadoria de Pablo Leon de la Barra e analisada por Luiz Camillo Osório no artigo “Virada curatorial: o pôr-em-obra da exposição como poética relacional”.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, Curadoria, Tutameia, Colagem

Terry Eagleton e ideologia do híbrido

TIAGO LEITE COSTA (PUC-Rio)

Resumo: Há algumas décadas o crítico literário Terry Eagleton tem se notabilizado como intérprete dos conteúdos ideológicos implícitos às mais influentes teorias da cultura atuais. Em livros como “A ideologia da estética” (1998), “Ilusões do pós-modernismo” (1998); “O problema dos desconhecidos” (2010), Eagleton analisa por diversos

ângulos os pressupostos teóricos e as consequências sociais da crítica contemporânea às categorias modernas de conhecimento e suas derivações éticas, políticas e estéticas. Ao menos desde a publicação de “A condição pós-moderna” (1979), de Jean-François Lyotard, circula no meio das artes e das ciências humanas a crença de que vivemos num período de superação do pensamento e da cultura moderna. Em inúmeras frentes discursivas é comum nos depararmos com a apologia de textos e práticas artísticas que, supostamente, deveriam catapultar o imobilizado sujeito cartesiano para um mundo de cognições imediatas, identidades híbridas, tempos fragmentados e intensidades afetivas. Entretanto, apesar do tom libertário, arte e teoria contemporâneas podem se mostrar tão exclusivistas quanto o discurso que pretendem superar. Isso fica claro quando alinham, de um lado, uma série de termos como “diferença”, “desejo”, “pluralidade” etc. e amontoam, do outro lado, de modo pejorativo, tudo que representa suas antíteses: “identidade”, “razão”, “universalidade” e assim por diante. Para Terry Eagleton, esta é uma das ambivalências fundamentais de boa parte da teoria cultural contemporânea. Sua justa ambição de superar a ordem estrita das categorias puras e suas normas opressoras, frequentemente, vem acompanhada de palavras de ordem surdas ao diálogo e à autocrítica. Na produção estética, a contradição fica particularmente caricata nas tentativas exasperadas de romper com a gramática moderna em bloco, o que soa quase sempre como um recrudescimento dos programas das vanguardas históricas. Ocorre que nem sempre o passado é um fantasma paralisante no cérebro dos vivos: “A história tanto é emancipação quanto opressão e a vanguarda tanto é nova tecnologia capitalista quanto insurreição política. Romper com o passado é, entre outras coisas, romper com a possibilidade de transcendê-lo”. (EAGLETON, O problema dos desconhecidos, 2010, p. 374). Nada disso invalida a intuição contemporânea de que a vida seja um fluxo de diferenças e de que não haja algo como identidades ou sujeitos bem determinados. De fato, é provável que todas as

manifestações culturais que nos rodeiam não passem de uma série infinita de hibridismos a perder de vista. A questão é: em que sentido esta constatação deve ser comemorada? Por quais razões a ausência real de unidades e identidades (supondo que exista algo como “um modo como o mundo é”) deveria ser considerada um valor ético ou estético? Essas são algumas perguntas que pretendo discutir no simpósio “Textualidades contemporâneas: processos de hibridização” tomando como referência os questionamentos de Terry Eagleton sobre arte e cultura na contemporaneidade.

Palavras-chave: Terry Eagleton, Contemporaneidade, Arte, Cultura

O pop-camp político do Teatro do Ridículo

ANA GABRIELA DICKSTEIN ROIFFE (PUC-RIO)

Resumo: Em meados dos anos 60, entre as diversas manifestações que desafiavam classificações normativas no mundo tradicional da arte, surgiu em Nova York o Theatre of The Ridiculous, ou Teatro do Ridículo, que se tornou um dos grandes responsáveis por consolidar a cena underground da década seguinte, influenciando movimentos como o glam rock e a disco music. Gênero teatral que se desdobrou por duas diferentes companhias – The Play-House of the Ridiculous e The Ridiculous Theatrical Company –, a estética cênica do Teatro do Ridículo derivou diretamente da sua relação com o cinema, de onde vieram alguns de seus integrantes, como Jack Smith e Ronald Tavel, e alguns de seus textos, geralmente oriundos de roteiros audiovisuais ou de diálogos de filmes. Caracterizado como a epítome da pop arte no teatro, suas obras parodiavam as formas clássicas literárias, misturando referências como as estrelas hollywoodianas dos anos 30 e 40, grandes dramaturgos, televisão, publicidade e música popular, a partir de textos e notas que estimulavam longas improvisações, uma ruptura radical com o realismo e o naturalismo e, em geral, uma provocação direta ao público. Não menos importante para o Teatro do Ridículo era a sua relação com o travestismo, encarnado por atores não profissionais, que,

recrutados em ruas e festas, subiam nos palcos brincando de forma anárquica com a ideia de gêneros. Por todas essas características, é recorrente a associação entre o Teatro do Ridículo e o conceito de camp, que reúne manifestações ligadas a uma estética do exagero, da ironia, da ostentação e da teatralização da vida. Um dos mais importantes artigos sobre o tema, “Notes on Camp” (1964), de Susan Sontag, relaciona o camp ao artificial e a uma sensibilidade generosa, puramente estética, desengajada e despolitizada. Nessa mesma linha, o Teatro do Ridículo não apenas foi entendido como sem moral e valores, configurando uma dramaturgia que se recusava a levar a vida a sério – à diferença do Teatro do Absurdo –, mas também como um gênero caracterizado pelo mau gosto e pelo grotesco. A partir da análise da obra *The Life of Lady Godiva* (1966), de Ronald Tavel, a comunicação discutirá de que maneira o Teatro do Ridículo preconizou debates e manifestações contemporâneos, produzindo formas estéticas a partir de um contágio não hierarquizado entre textualidade literária, oralidade e visualidade dos meios de comunicação e, ao mesmo tempo, criando um repertório político na sua relação com a cultura de massa, a sexualidade e as transigentes fronteiras entre as artes.

Palavras-chave: Teatro do Ridículo, campo expandido, camp

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 6

De volta ao labirinto: entre a literatura e a história

FLAVIO MARTINS CARNEIRO (UERJ)

Resumo: A meio caminho entre o ensaio e a ficção, o artigo propõe algumas reflexões sobre possíveis relações entre a escrita ficcional e a escrita da história. Duplamente híbrido, portanto – na sua forma de composição e no tema tratado –, o texto a ser apresentado buscará definir, mais que diferenças, possíveis afinidades entre dois leitores que

escrevem, o ficcionista e o historiador, num mundo, o contemporâneo, em que fronteiras (inclusive as de gênero) se diluem na forma de textos de dupla ou múltipla face. É o que se pode ver, por exemplo, na obra do pouco conhecido poeta e crítico argentino Diego Parodi, autor de um belíssimo livro, *Las letras en laberinto*, publicado no final dos anos 1980 e que resgato do quase anonimato para servir de fio condutor dessas reflexões. No seu livro, Parodi discorre sobre duas formas de escrita – a do historiador e a do ficcionista – que se relacionam sobretudo a partir de três eixos, interligados de alguma maneira à questão do conceito de verdade. Seriam eles: originalidade, ruptura e autoria. Acompanharemos Parodi na sua inquietante discussão sobre estatutos que possibilitem uma distinção e um diálogo entre os discursos da história e da literatura, na qual o autor recorre a alguns dos nomes da chamada Nova História francesa e cuja premissa inicial seria a de que nenhum debate sobre o tema pode prescindir de considerações sobre a questão da originalidade. Segundo ele, uma mesma pergunta moveria historiadores e ficcionistas: o que aconteceu, num tempo e lugar determinados, que não havia acontecido antes? A noção de ruptura seria, segundo o autor, a pedra de fundação não apenas da literatura moderna como da própria história, ou, pelo menos, da história enquanto discurso “científico”. O modo como se estabelece o cânone literário seria semelhante ao modo do cânone histórico, pautados, ambos, pela presença da ruptura provocada por um ato de originalidade, de natureza estética (literatura) ou política (história). Parodi afirma, ainda, que a questão da originalidade estaria, por sua vez, atrelada a uma outra, à da autoria. Seria preciso, então, reformular a pergunta inicial, criando uma outra, mais pertinente: quem fez com que acontecesse, num tempo e lugar determinados, o que não havia acontecido antes? É a partir dessas questões que Parodi fará sua leitura de algumas obras de ficção, começando pelo *Quixote* e seguindo por algumas narrativas da segunda metade do século XX, desdobrando, às vezes de forma direta, às vezes apenas indiretamente, os fios de um mesmo novelo, em que se

entrelaçam literatura e história. Relendo, à luz do século XXI, a obra de Diego Parodi, o artigo se propõe, também, como forma de apresentação crítica de um poeta e ensaísta que a história (da literatura) parece ter esquecido em algum canto de sua vasta memória.

Palavras-chave: literatura, história, ficção, ensaio

(Trans)tornar (a) o tempo e (a) história

DANUSA DE PES PORTA (PUC-RIO)

Resumo: A crescente tendência nos estudos dos meios de comunicação pela dimensão transnacional do tráfico e da produção de imagens acompanha o deslocamento da imagem para o centro dos debates sobre o papel da representação nas culturas contemporâneas. Essas questões poderiam cumprir-se em dois problemas-chaves fundamentais: a hibridação dos campos disciplinares da fotografia, do cinema, da literatura, da arte etc. em um contexto internacional; a relação entre imagem e arquivo, com relação à memória, a história, a justiça. Isto posto, o desafio presente dos Estudos Visuais e disciplinas afins é precisamente abordar estes cenários em constante devir, de grande complexidade, marcados por diversas mudanças de paradigmas, que têm sido determinados por rupturas com o projeto da Modernidade, impulsionados a partir da ‘Aufklärung’ e que parece esgotado. Um dos desafios pendentes para os Estudos Visuais que se encontra em desenvolvimento na América Latina é a construção de um lugar de enunciação a partir do qual situar histórica e geopoliticamente seus conhecimentos. Nesse sentido, a crítica à tradição ocidental das histórias e teorias da arte e literatura provenientes do ‘mundo em primeiro plano’ é uma tarefa imprescindível. Os processos de ‘visualidade’ em nosso subcontinente propõem singularidades históricas, culturais, epistêmicas que não foram abordadas em sua trans-modernidade. O chamado ‘giro descolonial’ permite articular, simultaneamente, uma série de contribuições conceituais para entender a heterogeneidade histórica estrutural do regime de ‘visibilidade’ e ‘enunciados’ na região. Os Estudos Visuais e a Crítica Cultural tem colocado na agenda

a importância de considerar as imagens num campo ampliado de produção, circulação, consumo, nas relações geopolíticas em que a assimetria cultural a nível internacional é a norma. Estes esforços parecem estar destinados ao fracasso porque não encontram a forma de estabelecer a relação constitutiva entre visualidade e geopolítica no contexto da modernidade ocidental. A crítica descolonial por outro lado tem origem no debate sobre as matrizes de poder geradas pela colonização nos campos do conhecimento, da cultura, das representações, e sua constante reestruturação através das diferentes ondas de modernização e ocidentalização pelas quais tem passado a América Latina. No horizonte desses problemas, o objetivo do trabalho será distinguir o papel constitutivo dos dispositivos de ensaísmo-crítico na dinâmica da imaginação teórica ocidental e as funções políticas dos agenciamentos memorialísticos de que se revelam portadores, valendo-se do ‘Atlas portátil de América Latina: arte y ficciones errantes’, de Graciela Speranza, como intercessor. Este trabalho crítico que se efetua a contrapelo das linguagens teóricas e disciplinares estabelecidas e das dinâmicas de intercambio cultural assentadas na ordem globalizada, começa na composição de um dispositivo de leitura proliferante em relações, aberto e heterogêneo, em que texto e imagem, arte e literatura, estabelecem um diálogo que se expande tanto no tempo como no espaço. E, logo, a partir dessas interrogantes, arguir acerca da legibilidade, metodológica e crítica, da memória inquieta das imagens, dos disparates da cultura visual e dos desastres da história, inclusive hoje por remontar poética e politicamente.

Palavras-chave: Visualidade, Dispositivo, Imaginação Teórica

Literatura y prensa: intimidad escritural y contexto de violencia en corresponsales de guerra

JAIME GALGANI (UMCE- CHILE)

Resumo: En el contexto del proyecto de investigación FONDECYT nº1160222, se presenta un aspecto de la relación problemática entre escritores corresponsales de guerra y el contexto de violencia al que

se ven sometidos por la misión encomendada. Se considera cómo el escritor debe movilizar sus recursos literarios, desde el trabajo propio e íntimo de la escritura, hacia los fines periodísticos de comunicar la visión del mundo conflictivo al que está sometido transitoriamente por las circunstancias bélicas que le toca cubrir.

Palavras-chave: Corresponsales de guerra, modernidad, peridismo, literatura

Memória, horror e alteridades em “Nove noites” de Bernardo Carvalho

LIVIA PENEDO JACOB (UERJ)

Resumo: A obra “Nove Noites” de Bernardo Carvalho é por si só uma mescla, não apenas devido aos gêneros textuais que comporta – narrativo e epistolar – como também pela polifonia que o caracteriza. É preciso lembrar, ainda, que se trata de ficção histórica de teor jornalístico, marca de estilo irrefutável do autor. O romance é, portanto, emblema da multiplicidade identitária que caracteriza a pós-modernidade. Nesse sentido, restringi-lo a uma análise unifocal constituiria um paradoxo. Nossa leitura de Nove Noites se insere dentro da pesquisa “Horror e Alteridades às Margens dos Antepassados”, a partir da qual se busca compreender as interseções e divergências existentes nas obras contemporâneas de escritores indígenas e obras contemporâneas de autores não indígenas que versam sobre os povos ameríndios. Sobre a obra em questão, nos interessa um levantamento sobre a alteridade e a memória perdida, construída ou reconstruída pelos sujeitos durante a tentativa de descolonização por estes empreendida. O romance de Bernardo Carvalho apresenta uma visão neutra sobre o indígena nos dizeres de CARNEIRO (2005: 143) e de GODET (2013: 57) para quem “o caminho escolhido pelo escritor coloca em evidência uma representação do lugar marginal que a sociedade brasileira reserva ao índio, o não valor de sua cultura, a recusa em reconhecê-lo como sujeito autônomo”. Essa mudança de perspectiva referente à abordagem dos povos ameríndios não pode ser

compreendida sem uma leitura dos desdobramentos da Antropologia no Brasil. No caso de “Nove Noites”, esse aspecto torna-se ainda mais relevante, na medida em que a ficção gira em torno do suicídio do antropólogo norte-americano Buell Quain ocorrido na tribo indígena dos Krahô em 1939. A escrita sobre os povos ameríndios na ficção nacional foi influenciada pela própria escrita etnográfica não podendo a análise antropológica ser abandonada no caso em estudo. Em busca de uma abordagem mais tradicional, nos deparamos com a obra “Os Redemunhos do Horror” de Luiz Costa Lima na qual o autor busca figuras do horror decorrente dos processos colonizadores. Para Costa Lima, “Nove Noites” de Bernardo Carvalho é uma das poucas ficções nacionais a trazer como característica central a descrição do horror decorrente do choque entre o etos ocidental e a cultura não ocidental, à semelhança do que depreendemos a partir da leitura de Coração das Trevas de Conrad.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea, Antropologia, Indígenas, Bernardo Carvalho

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 7

Três poetas brasileiros e o rapto da pós-modernidade

FERNANDO FIORESE (UFJF)

Resumo: O presente trabalho propõe uma abordagem que almeja ultrapassar os debates em torno das denominações atribuídas ao contemporâneo para pensar as provocações que nos são lançadas pelo ocaso da modernidade, assinalado pelo arrefecimento de sua vis crítica e pelo fim das utopias. Em não poucos casos, muitos dos nomes postos em circulação para designar as condições da existência nos dias atuais – Pós-Modernidade (Jean-François Lyotard), Hipermodernidade (Gilles Lipovetsky), Neomodernidade (Sérgio Paulo Rouanet),

Modernidade Líquida (Zygmunt Bauman), Modernidade Tardia (Anthony Giddens), Modernidade Reflexiva (Ulrich Beck), Supermodernidade (Marc Augé), Ultramodernidade (Frédéric Lenoir), Antimodernidade (Jürgen Habermas) – têm-se prestado ao desdobrar de estudos que se restringem a descrever e constatar os sentidos negativos e defectivos do vigor e da vigência global da tecnologia e da cultura massificada, quando não descambam para discussões de cunho meramente nominalista. Entretanto, em consonância com o pensamento de Gianni Vattimo, particularmente em “La fine della modernità: nichilismo ed ermeneutica nella cultura post-moderna” (1987) e “La società trasparente” (1989), pretendemos seja possível refletir não apenas acerca do que é o contemporâneo, mas o que pode vir a ser caso aceitemos o repto de acolher as potencialidades cognitivas e práticas que se nos oferecem. Neste sentido, as poéticas de Francisco Alvim, Paulo Henriques Britto e Iacyr Anderson Freitas parecem oferecer um “locus” a partir do qual podemos pensar os modos de enfrentamento das questões levantadas por Vattimo no que se refere à cena pós-moderna como experiência de liberdade problemática e oscilante. Tanto que, na obra dos três poetas referidos, mesmo que de forma enviesada ou implícita, surpreendemos os acontecimentos que, ainda de acordo com Vattimo, assinalam o trânsito da modernidade à pós-modernidade, a saber: o fim da noção de história unitária, centralizada e conforme ao ideal europeu de progresso e civilização, o advento plural e explosivo de outras vozes, racionalidades e “Weltanschauungen” “locais” (minorias étnicas, sexuais, religiosas, culturais, estéticas etc.) e a crise do “princípio de realidade” debitário do vigor e da violência da Metafísica no sentido de submeter as coisas, o homem e o mundo à objetividade da ciência-técnica. A priori, devemos nos referir ao plurilinguismo que compartilham as obras de Francisco Alvim e Paulo Henriques Britto, exercício discursivo que, ao operar a expressão tanto na língua materna quanto na língua estrangeira, tanto reafirma o paradoxo entre subjetividade e objetividade quanto problematiza a questão da identidade nacional nos termos definidos pelo modernismo brasileiro. Também não podemos descurar do

desaparecimento do eu da escrita através do acolhimento de vozes plurais, anônimas e olvidadas pelo historicismo, seja pela introdução de um prosaísmo alheio e algo desconfiado nos versos de métrica tradicional, que não esconde um sujeito perplexo ante a desordem da realidade exterior, seja pelo embate com as forças adversativas da linguagem e dos dialetos das subculturas. Por fim, desnecessário ressaltar que as diferenças entre tais poetas ao acolherem o repto do contemporâneo importa mais que as similaridades, sendo a identificação daquelas o objetivo primeiro deste trabalho.

Palavras-chave: Pós-Modernidade, Poesia, Textualidade, Metafísica

Sobre a escritura expandida de Nuno Ramos: para pensar-viver-sentir como modos artísticos de estar no mundo

MARIA BEATRIZ CASTANHEIRA (PUC-RIO)

Resumo: Em Frutos Estranhos, ao pensar a noção de “inespecífico”, Florência Garramuño analisa produções artísticas contemporâneas que projetam o desejo de uma arte a perder fixidez, ganhar impermanência e propor novas associações. Mediante o esgotamento das noções tradicionais de campo artístico e de formas artísticas e em se tratando de um processo incessante de deslocamentos de subjetividades face ao imaginário e ao mundo, Garramuño procura construir o pensamento crítico em face desse estado especialmente volátil das práticas de arte e escritura num contexto em que o interesse se desloca do objeto para a experimentação artística. Explorando a ênfase proposta por Garramuño, neste trabalho parte-se do livro Junco e da instalação Monólogo para um cachorro morto, ambos de Nuno Ramos: obras que se caracterizam por gestos de expansão, ao convocarem, além de palavras, a prática artística com imagens, sons, texturas, enfim, corporeidades sensoriais e sensíveis. Tais gestos expansivos são abordados como escritas contemporâneas do quase cujos procedimentos potencializam multiplicidades de sentido, de perspectivas e zonas de vizinhança entre formas de vida. A quasidade é uma categoria crucial para o perspectivismo ocidental e implica a

possibilidade de abalarmos dimensões irrefletidas de nossos próprios modos de vida e de transitarmos entre pontos de vista móveis, entre as articulações narrativas das imagens, nos entre-lugares da arte, da filosofia e da antropologia. Este trabalho levanta a hipótese de que a quasidade dá o tom dos dois fazeres artísticos de Nuno Ramos aqui tratados, resultando numa inespecificidade e numa inapropriedade, de quase contágio inevitável entre corpos e espíritos, humanos e não-humanos, naturezas e culturas. É nesse sentido que o pensamento-arte de Nuno Ramos expande na companhia de outros tantos que, de algumas décadas para cá, vêm realizando um impuro movimento, uma abertura, que se mobiliza em torno da passagem de um gesto formal para um gesto ético, tentando encontrar conexões pensantes e agenciamentos nas práticas artísticas, levando em conta sempre o lugar da arte na contemporaneidade. Dos objetos escolhidos – Junco e Monólogo para um cachorro morto - destacam-se as cenas poéticas nas quais seja possível reconhecer a passagem do gesto formal para o gesto ético nesse entre da expansão e para onde convergem quase humano, quase cachorro, quase nomeado, quase ver, quase ler, quase vida, quase morte, quase diálogo, quase monólogo. Nesse contexto, com a leitura de objetos artísticos fora do alcance usual de seu campo de reflexão, pode-se supor o espaço do literário onde se executam e se expandem o pensamento e os afetos, a partir de uma expansão que é também transgressora. Uma expansão em que a experiência artística contemporânea se atreve pelo mundo, resiste às doutrinas e, como outros modos de existência, permanece indomesticável.

Palavras-chave: Nuno Ramos, escritura expandida, quase, multiplicidade

A ficção enquanto possibilidade de se pensar o humano: estudos sobre o sujeito em “Uma duas”, de Eliane Brum

NATHÁLIA COELHO DA SILVA (UNB)

Resumo: A partir de uma perspectiva transversal entre a filosofia e a literatura, este presente trabalho tem por objetivo pensar o sujeito contemporâneo no romance Uma Duas, de Eliane Brum. A reflexão é

baseada nos estudos do grupo de pesquisa Epistemologia do Romance da Universidade de Brasília, os quais levam o leitor-pesquisador ao exercício de desmonte da narrativa, a fim de encontrar a gênese do livro, seu fundamento primeiro. Nessa empreitada, utilizam-se as disciplinas filosóficas Epistemologia, Estética e Hermenêutica na possibilidade de retorno ao processo criativo do autor, numa estrada construída frente aos elementos que emergem da narrativa, ao contexto histórico o qual está inserido e sobretudo à relação da obra e autor, obra e pesquisador. Compreende assim, à luz desta atividade “arqueológica”, que a personagem Laura, no universo de Uma/Duas, inicia e termina o romance ao enveredar-se nas escrita de uma ficção dentro da ficção na tentativa única de “matar” a mãe. É nesse entre-lugar o desenrolar da história, contada, num primeiro momento, por sua voz em primeira pessoa (para dentro de si) e em terceira pessoa (para fora de si). Laura pode ser - dentro de conceito elaborado por Milan Kundera - o ego experimental de um escritor em formação que vive, sofre, escreve e pensa (não necessariamente nessa ordem) a própria história e a que cria. Ela aparenta ser sujeito e objeto de si mesmo ao se enveredar numa reflexão sobre sua pluralidade. Ela é, “Uma Duas” literalmente: mais de um indivíduo no âmbito coletivo e no privado, em sua casa e em sociedade. Vale lembrar que essa percepção se dá ao enxergá-la em contexto: numa perspectiva metaficcional - galgada nos estudos de Linda Hutcheon - de viver e ao mesmo tempo pensar a história, transitando entre “ficção” e “realidade”. É possível ainda refletir sobre a dicotomia ética e estética da recriação de si mesmo e as relações de poder estabelecidas no convívio com o outro, também dotado de múltiplas identidades e necessitado da invenção de seus próprios personagens. Importante ressaltar: as digressões acima firmam-se nas reflexões de três principais filósofos, pensados como complementares: Immanuel Kant, Georg Hegel e Michel Foucault. Os três teóricos, justapostos em seus respectivos contextos históricos, ajudam a compreender e a aprofundar a noção de sujeito desde a modernidade:

aquele que se responsabiliza pelos seus atos, pensa por conflito e carece da necessidade de conhecer-se em profundidade bem como sua própria cultura. Por fim, o trabalho tem ainda a intenção de validar a possibilidade de compreensão do campo ficcional como um espaço de análise da condição humana.

Palavras-chave: Sujeito, Filosofia, Literatura, Ficção

A epistemologia do romance: fundamentação, pensamento, espírito e memória

LUCAS FERNANDO GONÇALVES (UNB)

Resumo: O presente artigo apresenta a Epistemologia do Romance, proposta de Wilton Barroso Filho, refletindo sobre sua constituição como fundamento metodológico, pensamento da sensibilidade e o seu espírito científico. O referencial teórico de pesquisa é: epistemológico, estético e hermenêutico. Compreendemos, concordando com Georg Lukács e Milan Kundera, que o romance é obra oriunda da Modernidade e que sua arte compõe elementos racionais. Com isso, nosso objetivo de pesquisa é encontrar as escolhas estéticas, de um determinado autor, o tema fundamental de sua obra e a invariância que há na arquitetura literária do(s) romancista(s). Concluímos que a literatura é um importante referencial para compreendermos o ser em que, na concepção de Heidegger, havia sido esquecido pelos filósofos ao longo da História europeia.

Palavras-chave: Epistemologia, Estética, Hermenêutica, Método

Deslocamento, memória e hibridação cultural em

ANA MARIA LISBOA DE MELLO (UFRJ)

Resumo: Marie-Célie Agnant, escritora do Québec, nascida em Port-au-Prince, no Haiti, constrói o romance “La dot de Sara” (1995), a partir de relatos de mulheres do Québec de origem haitiana. A personagem Marianna deixa o Haiti para cuidar por uns meses da neta, recém nascida, a pedido de sua filha Giselle, mas acaba ficando 20 anos. A narrativa expõe as dificuldades de inserção Marianna no país de

acolhida, bem como a herança que vai transmitindo à neta Sara à medida que ela cresce. Eis o dote de Sara. Marianna narra a sua neta a história de seus antepassados no país caribenho e ensina-lhe a língua créole. Portanto, trata-se de uma narrativa ficcional que surge no seio de uma pesquisa sociológica sobre relatos de avós de origem haitiana, razão pela qual revela hibridismo linguístico e cultural nas Américas, decorrente dos movimentos migratórios. Pretende-se analisar a escrita migrante do romance, que se desloca de uma cultura à outra, de uma língua à outra, e permite refletir sobre esses deslocamentos, processos identitários, contrastes sociais e intercâmbios linguístico-culturais.

Palavras-chave: migração, memória, hibridação, culturas

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 8

Escritas da infratura

FREDERICO COELHO (PUC-RIO)

Resumo: Em “Ensaio e anseios crípticos” (UNICAMP, 2011), livro que reúne textos em prosa crítica de Paulo Leminski, o poeta paranaense exerce, em formatos velozes e agudos, exercícios de pensamentos que atravessam diversos temas da literatura, da poesia, da tradução, da música e de outras áreas conectadas ao seu repertório - seja ele da alta tradição moderna, seja ele da cultura pop de massas. No texto “Forma é poder”, Leminski discorre sobre o perigo representado pela força do naturalismo e sua suposta objetividade isenta das centralidades e hegemonias sociais que permeiam discursos narrativos - seja no jornalismo, seu espaço “natural”, seja na literatura brasileira - basta lembrarmos que a produção literária do final dos anos 1970 e início dos anos 1980 foi permeada por livros que mesclavam best-sellers com o relato social e a linguagem do jornalismo (livros de romance-reportagem, relatos autobiográficos de exilados ou narrativas policiais

cruas). Nesse contexto, o alerta crítico de Leminski reivindica o que ele chama de INFRATURA. (“Violência. Ruptura. Contravenção”). Esta comunicação parte do termo sugerido pelo poeta crítico para especular seus desdobramentos em prol de escritas produzidas em situação-limite, acontecimentos cujas produções textuais são formas de narrar vidas infratoras, fraturadas ou “abaixo das superfícies” da moral, do poder e da linguagem. São textos feitos em prisões, hospícios ou exílios, escritas do delírio, relatos de tortura, sujeitos em deslocamentos poéticos, sonhos e suicídios. Assim, o termo poético de Leminski nos servirá como princípio crítico de leitura, propondo de forma mais ampla uma reflexão sobre a produção de pensamento no âmbito da contracultura brasileira e de seus participantes.

Palavras-chave: Literatura, Infratura, Crítica, Contracultura

Suspiro – o que sobra e o que some através de Mira Schendel

OMAR SALOMÃO (PUC-RIO)

Resumo: Uma entrada através das escritas, riscos e rasuras nas monotipias de Mira Schendel, costurando com interpretações e comentários de artistas como Alberto Giacometti, Antonin Tápies, Junichiro Tanizaki, uma leitura não ortodoxa acerca desse quase-silêncio do suspiro. Ler o texto não escrito. A ambientação e o distúrbio que a disposições e sobreposição de letras podem causar em um cruzamento visual de tinta, mancha e texto. Quando “não é o traço que é pleno, sim o branco” (Jean Genet). O olho atento ao silêncio. A força do inacabado e a ausência de uma necessidade de se definir e expor obviamente as ambiguidades, os sentidos. As letras que vejo e não ouço. A deriva das letras em Schendel parecem não encontrar vocal que as ative. A escrita que cai da borda, e infiltra na transparência do papel, no entre. Mira Schendel cria obras de aberturas, não de conclusões. O limite não está marcado. Onde nem mesmo a beira do papel (ainda menos a da linguagem) é nítida.

Palavras-chave: poesia, vazio, limite, mira schendell

O movimento dos corpos na renga particular de John Cage

ADRIANA MACIEL (PUC-RIO)

Resumo: É na quebra entre signo e objeto, na democratização de vozes e meios, na autonomia de sua heterogeneidade que John Cage age escrevendo sua ficção. A ficção é a possibilidade de se pensar o real. É uma forma de apresentação e apreensão dos fatos que não se opõe a ele, mas trabalha realizando dissensos. Rearranjos materiais de signos, sons e imagens. A máquina ficcional de Cage intervém no real, em consonância com vozes de outros tempos, numa partilha de propostas estéticas que inventam uma paisagem outra, em contrassenso. Suas performances, e a escrita está entre elas, fazem da recepção indeterminada uma intervenção poética no mundo. Fazem o público agir na exigência de uma presença intensa, sem imposição de ação ou reação. No início dos anos 1970, John Cage começa a escrever seus mesósticos. Poemas em que procurava uma escrita que não fosse sobre ideias, que não as desenvolvesse, mas que as produzisse. Pés dançando sobre vozes que se encontram no trabalho de escrita. É assim que Cage se refere à escrita, como trabalho. O gesto, o verbo, é trabalhar, mais abrangente que escrever. Trabalho de escrita em invenção. Os mesósticos são poemas que têm uma palavra escrita verticalmente em torno da qual as frases horizontais se organizam. Diferentes dos acrósticos, a palavra na vertical fica no centro e não no início. O primeiro mesóstico foi escrito como presente de aniversário para um amigo. Eles são um exercício de aleatoriedade e sentido. A escrita é interrompida pelo corte vertical que se estende em letras maiúsculas. É uma convocação aos diferentes sentidos e combinações. Palavra do meio e palavras-asa, um arranjo de movimentos, um exercício de aleatoriedade e sentido. A escrita é interrompida pelo corte vertical que se estende em letras maiúsculas. Entre elas e as minúsculas que as circundam, o olhar se inquieta. É uma convocação aos diferentes sentidos e combinações. Palavra do meio e palavras-asa, um arranjo de movimentos. As letras agem, algumas mais, outras menos, em sua

possibilidade de combinação. Themes and Variations, mesóstico de 1982, é um texto escrito para ser lido em voz alta. Cage pediu que ele fosse impresso no livro Composition in retrospect, publicado em 1993. O texto se compõe de cinco seções que devem ser lidas em doze minutos cada uma. A quarta é a mais rápida, e a última, a mais lenta. São quinze temas, quinze nomes de pessoas importantes na sua vida. São quinze e poderiam ser mais, e outros. São quinze para caber no tempo necessário da fala, os quinze que primeiro vieram à memória. As operações de acaso foram usadas para determinar quais ideias seriam escritas com quais nomes, de modo que as associações sejam contingentes. Ao serem lidos, os mesósticos deixam indistinta a palavra que os sustenta. A ligação se oculta, é uma sombra sonora que interfere na fala. A relação acontece na materialidade da escrita, na sua notação. Como espinha dorsal, as palavras que sustentam os mesósticos são sempre escritas com letras maiúsculas e todas as outras, as letras das palavras-asa, são minúsculas. Os nomes se apresentam escondidos por entre ideias fragmentadas, mas saltam aos olhos nas letras destoantes das linhas. Muitos mesósticos de Cage são escritos em homenagem a alguém e, na maior parte das vezes em que isso acontece, as palavras-asa estão diretamente relacionadas ao nome que os sustenta, na vertical. Não é o caso aqui. Cage reúne seus poetas num círculo imaginário e os faz se relacionar com 110 ideias selecionadas em mesósticos presentes em livros anteriores. Uma espécie particular de renga.

Palavras-chave: escrita, John Cage, mesóstico

Intoxicação voluntária e escritas de si na produção de subjetividades dissidentes

LUIZ GUILHERME FONSECA (PUC-RIO)

Resumo: Em “Testo Yonqui – Sexo, drogas y biopolítica” (2014), o filósofo Paul B. Preciado diagnostica no segundo pós-guerra a emergência de um novo regime de poder. O poder não atuaria mais de fora, de cima, mas por dentro. Se em Foucault o biopoder

se caracterizava por instituições exoesqueléticas de produção da subjetividade, e em Deleuze a característica fundamental do que ele chamou de sociedade de controle era a substituição da disciplina pela vigilância, Preciado identifica o deslocamento para uma manifestação imanente do poder: fluxo de fármacos legais e ilegais na nossa corrente sanguínea, circulação de hormônios endógenos e exógenos, cirurgias estéticas, cirurgias reparadoras ou emergenciais, próteses e demais dispositivos que normatizam os corpos e permitem que eles funcionem ou mantenham-se vivos. No mesmo livro, atravessando os textos teóricos que dão conta da emergência desse novo regime de poder, Preciado nos apresenta o diário de um meticuloso protocolo de auto-intoxicação com testosterona em gel. Se o humano, e com ele o gênero, o sexo e o corpo, é uma construção tecno-cultural sofisticada, a auto-administração de testosterona em gel adquirida através de meios ilegais, sem acompanhamento médico e fora de um protocolo de mudança sexual é a produção de uma contra-ficção somatopolítica que não apenas evidencia o caráter absolutamente moldável das características humanas mais enraizadamente consideradas como naturais, como também abre brechas para construções políticas dissidentes. No clássico texto “A Literatura e a vida”, Deleuze nos fala de certa produção literária, nomeadamente a de Kafka e de autores norte-americanos, como produtora de criação sintática (ser estrangeiro na própria língua ou criar uma língua estrangeira) e enunciação coletiva de um povo menor (ou de um povo por vir). Ao fazer do corpo essa plataforma de experimentação política, ao pensá-lo como uma ficção passível de construção e reconstrução não apenas identitária, estética, muscular, mas ética e inclusive molecular, Preciado está criando uma nova sintaxe corporal, uma sintaxe que incorpora todos os estrangeiros históricos por excelência, a saber, os povos não-brancos, precarizados e subalternizados por todos os sistemas políticos que nos atravessaram e continuam atravessando. Mais do que isso: praticar a auto-intoxicação de gel de testosterona e manter um meticuloso diário sobre isso é criar a

enunciação coletiva de um povo menor, um povo ainda por vir, escrever por esse povo (e já nos adiantou Deleuze: “por” significa “em intenção de” e não “em lugar de”), um corpo ainda por vir. Dessa forma, essa comunicação ambiciona investigar a experimentação consigo mesmo (intoxicação com testosterona) e as escritas de si (o meticuloso diário/registro dessa experiência) como produtoras de uma subjetividade dissidente, levando em consideração as consequências políticas dessas práticas.

Palavras-chave: Textualidades, Híbridação, Escritas de si, Intoxicação voluntária

Imaginismo onírico: pode o sonho produzir narrativas políticas?

CHARLES PHILIPPE JACQUARD (PUC-RIO)

Resumo: Essa proposta de comunicação ambiciona investigar a relação entre operações oníricas da tribo nômade australiana Walpiri como potência de cosmogênese e fabricação de mundos possíveis, e os conceitos de pós-humano, ciberespaço e fantasmagoria. A manifestação imagética é conceito transversal desta pesquisa e aproxima o onirismo a uma espécie de mídia: não uma manifestação de um inconsciente freudiano recalcado, e sim uma máquina, no sentido Deleuziano, de produção de fissuras ao plano de imanência, capaz de incitar, ou atuar como estopim para a fabricação de um outro possível, de um estudo acerca da morfogênese entre as forças e o processo em que são capturadas em estado de matéria, produzindo formas e, por consequência, ‘um mundo’. Trata-se de especular acerca de uma operação estético-política que se inicia com experiência oníricas ou psicotrópicas entendendo o inconsciente como a porta de acesso à máquina-mundo, o registro de um processo de sonhar, devir e transformar que nomeio de “imaginismo onírico”, em franco tributo a Oswald de Andrade e sua contribuição fundamental à produção de um pensamento original, “tropicalizante” e em contágio direto com as práticas Walpiris. A fundação de outros possíveis, de outras ficções

híbridas, capazes de forjar ontologias alternativas, se faz emergencial diante do cenário de hoje. Diante do capitalismo global integrado em aceleração contínua, ou “globalitário”, como prefere Milton Santos, que nos priva até do sono, proponho que o delírio alcançado durante a experiência onírica possa atuar a ignição capaz se disparar um processo de construção de narrativas políticas que produzam um curto-circuito no discurso de poder do modelo vigente.

Palavras-chave: onirismo, ontologia, pós-humano, morfogênese



TEXTUALIDADES CONTEMPORÂNEAS: TRADUÇÃO, HISTÓRIA E CRÍTICA

Gilles Jean Abes (UFSC)

Andréa Cesco (UFSC)

Cláudia Grijó Vilarouca (UFPA)

Resumo: Este simpósio pretende reunir trabalhos cuja metodologia esteja centrada sobretudo na tradução comentada e/ou anotada de textos literários, na história da tradução, assim como em pesquisas no âmbito da crítica da tradução, tendo como horizonte um debate sobre as textualidades contemporâneas. Em outras palavras, buscamos discutir o conjunto de características que formam um texto, seja este literário ou de gêneros como as HQ's ou Games, considerando também outros suportes, tais como a internet ou virtuais. Nossa ótica, para melhor ilustrar a questão, é o conceito de letra de Antoine Berman. Entendemos que estas características do texto, que podem envolver elementos estéticos, como na poesia ou na prosa literária, ou ainda semióticos nos quadrinhos, podem ser abordados sob a perspectiva daquele conceito. Para além dos elementos essenciais à clareza, precisão e objetividade do discurso - da textualidade - propomos uma discussão sobre outros elementos que compõem o texto, tais como ritmo, rima, métrica, espaço gráfico, imagem, cor, forma, lacunas, além de combinações de palavras que escapam à fala/escrita considerada “padrão” ou aceita, melhor dizendo, que provocam um desvio. Lembramos aqui da famosa declaração de Mallarmé de que poesia se faz com palavras. Compreendemos todos esses elementos a partir do conceito de letra, cujo alcance ampliamos voluntariamente, já que acolhe o Outro - os elementos supracitados - que pode ser bizarro, estranho,

estrangeiro, quase imperceptível, instável, mas latente ou vibrante no texto. Ademais, acreditamos que a pesquisa em tradução inspira-se no campo fértil da prática tradutória e na sua reflexão. Segundo Neckel: “O processo de tomada de decisão do tradutor revela a forma como compreende, e posteriormente escolhe para representar em seu texto, as propriedades inerentes ao texto de partida”. E não há dúvida de que a teoria pode se nutrir da experiência prática. O tradutor vai delineando, portanto, sua própria poética sobre o ato de traduzir e os objetos decorrentes de certo ato pragmático: suas traduções. Segundo Levý, “traduzir é um processo de tomada de decisão: uma série de um certo número de situações consecutivas – movimentos, como em um jogo – que impõem ao tradutor a necessidade de escolher dentre um certo número (muitas vezes exatamente definível) de alternativas”. Assim, este simpósio pretende proporcionar um espaço de discussão e reflexão - resultante de uma experiência do traduzir - sobre as escolhas que surgem do ato tradutório e suas implicações, assim como discutir o posicionamento do tradutor em relação ao texto de partida e de chegada, ao leitor, a questões culturais ou ainda frente a diferentes suportes. Entendemos a experiência como Antoine Berman o faz, a partir de Heidegger, enquanto acontecimento que vem, atinge, cai, derruba o tradutor e torna-o outro. O fazer tradutório significa passar, sofrer do início ao fim, aguentar, acolher o que o atinge ao submeter-se a este fazer. Trabalhos que abordem a história da tradução também serão pertinentes para se debater, inclusive, diferentes posturas perante o texto, conforme a época em que as traduções foram realizadas ou publicadas. Considera-se que a escolha deste eixo temático poderá oferecer o espaço necessário para o intercâmbio entre os diferentes posicionamentos teóricos e práticos. Finalmente, este simpósio procura dar visibilidade ao tradutor e a criar uma cultura de inclusão da questão do poder e da reflexão do traduzir. Sendo assim, serão aceitas contribuições que versem também sobre as mais diversas experiências de tradução literária: retradução, autoria e estratégias

e crítica de tradução serão igualmente objetos de discussão do simpósio a partir da experiência da tradução em si. Apresentações teóricas e práticas sobre a sua experiência enquanto tradutor de obras literárias publicadas em livros ou revistas especializadas, ou em outros suportes, serão muito bem-vindas. É importante precisar que entendemos a literatura no seu sentido amplo, ou seja, romance, poesia, contos, correspondência, biografia, obras do Novo Jornalismo, literatura infanto-juvenil, ou ainda história em quadrinhos, games, etc. Acolher, analisar e traduzir a letra de diferentes textos, eis a discussão que esperamos incentivar e que desejamos profícua.

Palavras-chave: Tradução comentada, História da tradução, Crítica da tradução, Textualidades

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

A operação tradutora de Ana Hatherly

MATTHEWS CARVALHO ROCHA CIRNE (UFRJ)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo levantar reflexões acerca do processo tradutório na poesia de Ana Hatherly, especialmente em Rilkeana (1999), conjunto de variações e subvariações realizadas sobre As Elegias de Duíno e Sonetos a Orfeu, de Rainer Maria Rilke. A tradução é um aspecto fundamental que configura a poética hatherliana e também define a contemporaneidade na poesia portuguesa, fazendo com que as fronteiras entre o passado e o presente sejam unificadas e contribuam para a tradição cultural representada através da literatura. É a partir da perspectiva da tradução como releitura crítica e como resultado de um processo experimental, que a leitura da obra poética de Hatherly torna-se necessária.

Palavras-chave: Tradução, Plagiotropia, Tradição, Experimentação

An Analysis of some Metaphors and Translation Strategies in the Song Lyrics “Waters of March”

CILÉIA ALVES MENEZES (UFPA)

Resumo: This study has emerged as a result of the subject entitled “Translation of poetic texts” required in the institutional Doctorate Program in Translation Studies that I take part in. Poetic texts are full of allegories that poets make use of in order to achieve their purpose to describe the world as they see. I am truly interested in verifying how these resources usually used by them are translated to another language, mainly, the use of metaphors, since metaphor is meant to be considered a creative device of the poetic imagination and it is present in our daily life, not just in language, but also in thoughts and actions. It is so common that we use it unconsciously. Great poets can illuminate texts through this powerful tool for understanding the world like Antonio Carlos Jobim, in a very remarkable way, could make use of in “Waters of March”. The song “Waters of March” was composed by the Brazilian poet and singer Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim in 1972. It was written in March which sets the end of Brazilian summer. I decided to write this essay based on this song for two main reasons: firstly, being Tom Jobim, as he was called, an outstanding Brazilian singer, his songs bring many aspects from Brazilian culture, and this one in particular is a representation of national identity. Secondly, I wonder how the author preserved the poetic essence since it is a clear example of a typical Brazilian culture problem. The current presentation aims to show the analysis of the song lyrics “Waters of March” by exploring the metaphors used by the author and the way he deals with the translation from the original song Águas de Março in Portuguese. By this means, I will show that some metaphors which are present in the source text can suffer a process of cultural translation so that these same metaphors are meant to be absent in the target text. Also, the movement from one verse or stanza to another is again a different resource used by Jobim. For this purpose, I will examine the strategies the author claims to overcome

his difficulties in order to translate it. Some other metaphorical aspects will be described based on lexico grammatical elements. With this end in mind, I will draw on the theories of translation and metaphorical concepts applying them to cultural issues, since most of the time, metaphors are linked to culture and they are considered one of the core issues related to translation studies. Lakoff and Johnson (1980), Lakoff and Turner (1989), Lima (2010), Venuti (2008) and Rocha (2013) were used to support the theoretical background of this study. To conclude, some considerations about the strategy of domestication opted by the writer in some parts of the translation will be used with the purpose to favor listeners from English-speaking countries and also to overcome his difficulties concerning cultural issues in the translation.

Palavras-chave: Waters of March, Song Translation, Metaphors, Domestication

Contracultura em tradução: Woody Guthrie na Itália, Espanha e Brasil

CASSIANO TEIXEIRA DE FREITAS FAGUNDES (UFSC)

Resumo: A obra do compositor e autor Woody Guthrie (1912 - 1967) é dicotômica em relação ao ideário dos Estados Unidos. Por um lado, está inserida no âmbito de sua cultura hegemônica, e reverbera alguns de seus valores centrais, como o individualismo; por outro, exalta o coletivismo e o pacifismo. Artista icônico em seu país, compôs algumas das canções mais conhecidas na tradição da música popular norte-americana. A mais conhecida é This Land is your Land, que, segundo Spitzer (2012), é considerada o hino não-oficial dos Estados Unidos. Mas Guthrie também apoiou o sindicalismo e foi ligado a grupos comunistas norte-americanos, sendo por isso chamado de “patriota radical americano” (Nowlin, 2013). Em Bound For Glory (1942), sua autobiografia, deu voz aos destituídos, desempregados, trabalhadores rurais e imigrantes do período entre a crise de 1929 e a Segunda Grande Guerra. Para tanto, utilizou-se de representações de variedades linguísticas sub-padrão do Inglês norte-americano. Após

se tornar referência para a contracultura da década de 1960, sua obra se beneficiou da hegemonia cultural norte-americana e se tornou conhecida mundialmente, ainda que contestasse valores dominantes de seu país de origem. A presente pesquisa investiga as traduções de *Bound For Glory* publicadas na Itália e na Espanha para tentar identificar características da recepção do artista em seus polissistema culturais. Partimos da ideia de que as estratégias e procedimentos usados nas traduções de representações literárias de variedades linguísticas, assim como características paratextuais das traduções publicadas, podem levar à descrição dos polissistemas, em seus elementos definidores de ordem sociolinguística, cultural e editorial. Adicionalmente, comparamos os dados obtidos com dois itens que dizem respeito ao polissistema cultural brasileiro: a recepção da obra de Woody Guthrie no Brasil, que é majoritariamente baseada em sua música, já que até o presente momento, nenhuma tradução do livro foi publicada; e os resultados de nossa pesquisa anterior, que apontaram uma recente mudança em relação às estratégias e procedimentos adotados em traduções de representações de variedades linguísticas. Dois níveis de pesquisa serão aqui articulados: partimos do microscópico, pertinente às particularidades linguísticas e elementos usados em uma tradução, em direção ao macro, que diz respeito à visão sistêmica da tradução, da literatura e da cultura. Este enfoque, que também resume nossa metodologia, já foi desenvolvido por pesquisadores como José Lambert (2011), e é sugerido por Maria Tymoczko (2002). A autora defende a utilização das duas “ordens infinitas” de magnitudes distintas, entendidas aqui como teorias sistêmicas e estudos culturais versus linguística, que se reforçam mutuamente, na busca de comprovações e conclusões de pesquisa.

Palavras-chave: Tradução Literária, Teoria dos Polissistemas, Variedades Linguísticas, Estudos Culturais

Por uma poética da autotradução: o limbo de Nancy Huston

JULIA DE VASCONCELOS MAGALHÃES VERAS (UFMG/ UNIVERSITÉ PARIS 8
VINCENNES SAINT-DENIS)

Resumo: Para alguns escritores, a autotradução, além de uma prática, se constitui como um princípio poético, como podemos observar na obra quase inteiramente bilíngue da escritora canadense de língua inglesa Nancy Huston. Huston recebeu diversos prêmios literários, dentre eles o prix du Gouverneur général, no Quebec (1993), pelo livro *Cantiques de plaines*, autotradução de *Plainsong*. Destaco esse prêmio pois gerou uma interessante polêmica por ter sido atribuído na categoria “Romans et Nouvelles en Langue Française”, sendo que, para alguns, deveria ter concorrido na categoria “Traduction”. Essa é uma polêmica constante na recepção da obra da autora e baseia-se em uma noção tradicional, que pressupõe uma separação entre tradutor e escritor e entre original e tradução. A tradução como um processo de escrita se torna um dos aspectos evidenciados em Huston que analisarei no seu livro bilíngue (francês/inglês), *‘Limbes’ / Limbo, un hommage à Samuel Beckett*, no qual é impossível saber qual é o original. Em *Limbes* a escritora também faz referência direta a Samuel Beckett, escritor que mais praticou a autotradução de que temos notícia e do qual tiramos essa noção de poética da autotradução. Como os textos foram escritos lado a lado, não existe original e versão, mas, ao contrário, um texto simultaneamente bilíngue. Huston faz, em sua obra literária autotraduzida, uma crítica da obra beckettiana. *Limbes*, *‘Limbo’*, é também uma leitura de Beckett do ponto de vista do bilinguismo e da autotradução. Além disso, é uma obra poética que, na autotradução, evidencia a impossibilidade de sentido nas duas línguas, a estrangeiridade do próprio original, a noção da realidade como ficção, da identidade como máscara. Se esses são os temas da obra, de outra forma, a homenagem a Beckett também se faz com a publicação em formato bilíngue, a única que a própria Huston fez. Considerarei também as reflexões da autora nos ensaios *Losing North/ Nord Perdu* e nas *Lettres Parisiennes*, para pensar a autotradução e

o bilinguismo. Veremos como a autotradução é a radicalização dessa espécie de busca incessante e idealizada (e também impossível) de uma língua absoluta, “pura” (Benjamin, 2011) e, ao mesmo tempo, em Huston, o movimento de uma superação dessa tentativa melancólica de restauração, esboçada na possibilidade de identidades múltiplas e no próprio processo criativo, indissociável, também, da autotradução. Finalmente, esse limbo da autotradução, o não-lugar entre a escrita e a tradução, e do escritor, situado entre duas literaturas, acaba por proporcionar um espaço de criação além de tornar-se um lugar privilegiado de iluminação das questões tão caras à teoria da tradução literária.

Palavras-chave: tradução, autotradução, Nancy Huston, Samuel Beckett

Os sentidos e os cinco sentidos do poema: duas traduções de um dos “prelúdios” de T. S. Eliot

ARTUR ALMEIDA DE ATAÍDE (UFPE)

Resumo: Como parece Jorge Luis Borges sugerir com exemplos simples – entre outros momentos, em “Las dos maneras de traducir” –, toda paráfrase implica, buscado ou não, um mundo de ênfases que esteve e nunca esteve, por assim dizer, presente no original parafraseado. Desse mesmo rearranjo de sutis traços semânticos faz uso consciente o próprio Borges ao traduzir, por exemplo, uma seleção de cem dísticos extraídos do Cherubinischer Wandersmann, de Angelus Silesius (1624-1677). A experiência de Borges, cujas diminutas amplificações e transformações terão tido em vista a exploração do misticismo de Silesius em direções aparentemente novas, fazendo repontar no horizonte semântico de certos dísticos, inclusive, valores filosóficos de épocas posteriores à do texto originário (como fez um dia Pierre Menard, personagem de Borges), parece servir como paralelo aclarador das motivações e do procedimento escolhido por Ivan Junqueira ao traduzir o primeiro dos “Prelúdios” de T. S. Eliot, dividindo-se, aparentemente, entre o intuito

literal e a intensificação das imagens suscitadas vocábulo a vocábulo. Como ponto de vista didaticamente complementar, apresentamos uma retradução do poema de Eliot (e de alguns dísticos de Silesius), mas na qual a auscultação dos sentidos e ideias, e de seus sutis desdobramentos potenciais, dá lugar, em primeiro plano, à experiência de leitura do poema como encenação de uma calculada coreografia sonoro-articulatória: acentos, timbres e padrões métricos indissociáveis da sequência de palavras em cada verso, e trazida à vida por cada corpo leitor – e agora igualmente transformada pela tradução. A abordagem do poema de Eliot, portanto, ora como construção sobretudo mental, ora como construção sobretudo sensorial: diferentes ênfases, diferentes leituras, diferentes experiências de tradução. Além da reflexão sobre esses diferentes caminhos, e sobre a sua natureza complementar, serão apresentados alguns dos percalços enfrentados ao longo do processo da tradução.

Palavras-chave: Poesia, Tradução, T. S. Eliot

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 2

Emancipação estética: uma análise comparativa de neologismos de Grande Sertão: Veredas em suas traduções para o espanhol

LEOMIR SILVA DE CARVALHO (UFPA)

Resumo: “Emancipação estética: uma análise comparativa de neologismos de Grande sertão: veredas em suas traduções para o espanhol” é uma pesquisa em andamento que tem por escopo a análise comparativa, sob o enfoque do conceito de emancipação estética, de neologismos de Grande sertão: veredas (1956) em suas traduções para o espanhol, ambas intituladas Gran sertón: veredas. A primeira tradução para o espanhol do romance rosiano é a espanhola, lançada em 1967 pela editora Seix Barral, que tem como tradutor Ángel

Crespo (1926-1995). A segunda é a tradução argentina, publicada em 2009 pela editora Adriana Hidalgo, que tem dois tradutores, Florencia Garramuño e Gonzalo Aguilar. A pesquisa fundamenta-se no conceito de emancipação estética segundo a Estética da Recepção de linha jaussiana e, no campo de Estudos da Tradução, no pensamento de Haroldo de Campos (1929-2003) e de Antoine Berman (1942-1991). O entendimento de neologismo dialoga estreitamente com os estudos literários, enfatizando seu potencial criativo para a obra de partida e a possibilidade de abertura e tensão para as obras de chegada, de acordo com os procedimentos adotados. Grande sertão: veredas (1956) é o único romance do escritor brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967), em que o ex-jagunço Riobaldo conta sua estória a um ouvinte não nomeado e que só pode ser depreendido pelas marcas de interlocução que o protagonista deixa na conversa. Desde o seu lançamento, uma característica em especial instigou os leitores da obra, a linguagem densa do romance, repleta de regionalismos, neologismos, arcaísmos, referências eruditas e populares. Consta-se que os neologismos, especificamente, atuam como porta aberta à criação literária. O autor tem uma matéria flexível diante de si, dentro do que na língua é possível criar ou transgredir, e toma como diretriz a intervenção direta na palavra. Em Guimarães Rosa, esse método é relevante, ainda que não tenha se dedicado à poesia em sua acepção mais estrita, escrevendo sobretudo contos e novelas. Desse modo, busca-se investigar o potencial emancipatório na relação entre tradução e crítica e entre tradução e criação literária. Ademais, expõe-se a ideia de autonomia, no campo da ética de Berman e, por meio de sua analítica, baseia-se a posterior análise de neologismos dentro do âmbito dos Estudos da Tradução. O estudo considera textos do próprio Guimarães Rosa relatando seu interesse pela linguagem e pelo uso de neologismos como “Pequena palavra” (1957), prefácio à Antologia do conto húngaro, organizada por Paulo Rónai; e “Hipotrérico” (1967), um dos quatro prefácios de Tutameia. Ao lado disso, compara os critérios estabelecidos pelos

tradutores, observando, preliminarmente, como as decisões e os diálogos que realizam incidiram sobre a potencial criação de palavras nas obras de chegada.

Palavras-chave: Emancipação estética, Neologismos, Grande sertão: veredas, Gran sertón: veredas

Traduzir para ler “outros”: vozes poéticas em *Sermones y Prédicas del Cristo de Elqui*, obra de Nicanor Parra

MARY ANNE WARKEN SOARES SOBOTTKA (UFSC)

Resumo: Neste trabalho discutiremos a importância da voz poética para a tradução dos versos de “*Sermones y Predicas del Cristo de Elqui*” (1977), obra de Nicanor Parra (1914-), Prêmio Cervantes 2011. “*Cristo de Elqui*”, personagem histórico dos anos trinta, foi um cidadão chileno chamado Domingo Zárate Vega (1897), profeta insano que depois de anos de pregações no deserto chega até a capital e consegue publicar seus pensamentos. Ao resgatar esse Cristo, são resgatados também elementos da cultura, de uma determinada sociedade e o discurso da pregação em um tom de sátira. A paródia vai além do personagem. O poeta se utiliza do sermão como forma de enunciação. Nessa obra o eu poético utiliza-se da máscara para desenvolver-se em poemas publicados em contexto político hostil: os anos setenta no Chile que estão marcados pela censura da ditadura militar. A linguagem e a estética da obra estão vinculadas aos elementos do monólogo dramático, o que confere ritmo e periodicidade aos versos. São sermões e prédicas em texto escrito com marcas de oralidade do espanhol chileno. A utilização de temas vulgares pronunciados por um Cristo que é um homem comum, conferem ao discurso dessa obra enlace com a linguagem poética que é a antipoesia parriana anunciada em 1954 com a publicação de “*Poemas y Antipoemas*”. O lírico e o prosaico evidenciam a dessacralização do eu poético, é uma voz que se contradiz, joga e se posiciona no rol de narrador, personagem, poeta e antipoeta. Com exemplos retirados de fragmentos da obra *Sermones* traduzidos do espanhol chileno para o português brasileiro, comentamos dificuldades

e escolhas. A performatividade do texto de partida, a presença sutil dos idiomas Quechua e Mapudungún, a sonoridade dos versos dessa obra, construídos para serem lidos e falados, oferecem elementos para pensar a tradução literária e poética. Os vários personagens e vozes oferecem desafios e ao mesmo tempo funcionam como diretrizes para sua leitura. A tradução assim, é vista como uma forma de ler e acolher o outro em sua singularidade e hibridez. Em exemplos práticos, apresentamos elementos relacionados com o ritmo e a estética, assim como características importantes que remetem à cultura e ao contexto histórico. Para nossas reflexões buscamos apoio nas considerações de Paulo Henriques Britto em a Tradução Literária (2012) e de Álvaro Faleiros em seu artigo A voz e o silêncio em Paulo Henriques Britto e Haroldo de Campos tradutores (2014). Através dessas leituras pensaremos a prática da tradução da escrita poética, exercitando a reflexão teórica para uma melhor compreensão do trabalho tradutório.

Palavras-chave: Tradução, Poesia, Parra, Britto

A sátira ao teatro grego e o feminino na tradução da obra *La fortuna con seso y la hora de todos* de Francisco de Quevedo y Villegas

CLEONICE MARISA DE BRITO NAEDZOLD DE SOUZA (UFSC)

Resumo: Francisco de Quevedo y Villegas, escritor pertencente ao século de ouro espanhol, escreveu muitas obras satíricas em que critica vários segmentos da sociedade espanhola da época. A obra *La Fortuna con seso y la Hora de todos* foi classificada como fantasia moral e sua publicação ocorreu em 1650; a obra está dividida em 50 capítulos, além da primeira parte. O texto possui como mote a insatisfação dos deuses do Olimpo que estão sentindo-se prejudicados pelas atitudes da Fortuna, personagem que oferece dádivas e castigos aleatoriamente aos humanos, e assim provoca a desconfiança dos humanos nos deuses. Inspirado no estilo grego Quevedo recria o *spoudaiogéioion* característica da sátira clássica na qual se mesclava linguagem culta e língua vulgar, em que se faziam paródias das divindades do Olimpo clássico, além de elementos do cristianismo e

citações relacionadas à bíblia. Alguns profissionais como médicos, falsos fidalgos, casamenteiros, taberneiros, escrivães, figuras importantes da época, como “el conde duque de Osuna”, políticos além de passagens históricas relacionadas a vários países com suas pendências e disputas pelo domínio de novos territórios e poder. Este trabalho pretende comentar a tentativa de tradução da primeira parte do livro *La Fortuna con seso y la Hora de todos* de Francisco de Quevedo y Villegas, considerando a importância dos jogos de palavras que formam o sentido cômico do texto e caracterizam o estilo das obras satírico-morais desse escritor, a organização frasal e as muitas dificuldades para o processo de tradução de um texto que possui as dificuldades decorrentes da época em que foi escrito e do estilo do autor. As mulheres são alvo fácil que aparecem como tema em cinco capítulos e ainda no capítulo final, como parte numa grande discussão sobre as leis criadas por homens e que os beneficiam em detrimento das mulheres, que não tem direito de estudar e nem liberdade de expressão. Para demonstrar essa imagem do feminino farei uma análise de como elas são apresentadas, a que são comparadas e que tipos de castigo recebem, assim como a tradução de expressões e ditos que aparecem nas falas próprias das personagens femininas, como por exemplo da personagem a Fortuna. Considerando a opinião de Paulo Henriques Brito o objetivo desse trabalho é encontrar correspondências para os inúmeros elementos que compõem o texto escrito em espanhol e tentar recriar na língua portuguesa o estilo, os elementos cômicos e procurar, na medida do possível, uma aproximação com a língua portuguesa do século XVII.

Palavras-chave: Quevedo, Tradução, Sátira, Feminino

A tradução de contos populares: os reflexos da memória, história e cultura nas narrativas bruxólicas

MYRIAN VASQUES OYARZABAL (UFSC)

Resumo: Francisco de Quevedo y Villegas, escritor pertencente ao século de ouro espanhol, escreveu muitas obras satíricas em que critica vários segmentos da sociedade espanhola da época. A obra

La Fortuna con seso y la Hora de todos foi classificada como fantasia moral e sua publicação ocorreu em 1650; a obra está dividida em 50 capítulos, além da primeira parte. O texto possui como mote a insatisfação dos deuses do Olimpo que estão sentindo-se prejudicados pelas atitudes da Fortuna, personagem que oferece dádivas e castigos aleatoriamente aos humanos, e assim provoca a desconfiança dos humanos nos deuses. Inspirado no estilo grego Quevedo recria o spoudaioigéioion característica da sátira clássica na qual se mesclava linguagem culta e língua vulgar, em que se faziam paródias das divindades do Olimpo clássico, além de elementos do cristianismo e citações relacionadas à bíblia. Alguns profissionais como médicos, falsos fidalgos, casamenteiros, taberneiros, escrivães, figuras importantes da época, como “el conde duque de Osuna”, políticos além de passagens históricas relacionadas a vários países com suas pendências e disputas pelo domínio de novos territórios e poder. Este trabalho pretende comentar a tentativa de tradução da primeira parte do livro La Fortuna con seso y la Hora de todos de Francisco de Quevedo y Villegas, considerando a importância dos jogos de palavras que formam o sentido cômico do texto e caracterizam o estilo das obras satírico-morais desse escritor, a organização frasal e as muitas dificuldades para o processo de tradução de um texto que possui as dificuldades decorrentes da época em que foi escrito e do estilo do autor. As mulheres são alvo fácil que aparecem como tema em cinco capítulos e ainda no capítulo final, como parte numa grande discussão sobre as leis criadas por homens e que os beneficiam em detrimento das mulheres, que não tem direito de estudar e nem liberdade de expressão. Para demonstrar essa imagem do feminino farei uma análise de como elas são apresentadas, a que são comparadas e que tipos de castigo recebem, assim como a tradução de expressões e ditos que aparecem nas falas próprias das personagens femininas, como por exemplo da personagem a Fortuna. Considerando a opinião de Paulo Henriques Brito o objetivo desse trabalho é encontrar correspondências para os inúmeros elementos que compõem o texto escrito em espanhol e tentar recriar na língua portuguesa o estilo, os

elementos cômicos e procurar, na medida do possível, uma aproximação com a língua portuguesa do século XVII.

Palavras-chave: Quevedo, Tradução, Sátira, Feminino

Da história à crítica através da tradução de *Calila e Dimna*

LILIANE VARGAS GARCIA (UFSC)

Resumo: Pensar a história como crítica a partir do Livro de Calila e Dimna, uma tradução textual realizada na Espanha do século XIII, supostamente em 1251, situa a seleção do texto de forma ilustrativa e exige, ao mesmo tempo, rastrear espaços mínimos, buscar aberturas, fendas que permitam uma nova aproximação de um material já exaustivamente analisado. Calila e Dimna compõe-se de um conjunto de fábulas refratadas, de forma indireta no castelhano, através do texto árabe Kalila wa-Dimna, cuja origem remete aos relatos do Pañcatantra e Mahabharata indiano, bem como à lenda budista de Canda Pradyota. Estas fontes estimam-se produzidas dois séculos antes de Cristo. A origem do texto, portanto, atualiza as primeiras fases lógicas da tradução como satisfação das necessidades comunicativas, uma prática associada ao conhecimento em outra língua cuja função é re-produzir e intermediar um saber. A tradução árabe, que se converteu ao longo de seu largo percurso histórico como um original, foi realizada em 750 por Ibn AL-Muqaffac a partir do texto pahlavi (persa literário) de Berzebuy, uma tradução do sânscrito. Tanto o texto em sânscrito como o persa se perderam, mas a tradução árabe conservou e permitiu o trânsito destas fábulas em múltiplas línguas do oriente ao ocidente. Sua condição de tradução da tradução impossibilita a relação direta com o conceito de obra original, mas permite, por outro lado, pensar no objeto como uma prova viva da tradução em si e por si, difusora da cultura na medida em que, como afirma Barthes, “a cultura é essencialmente linguagem”. A tradução de Kalila wa-Dimna, por sua refração discursiva, pela complexidade de seu percurso histórico, é aqui concebida como a ponte necessária que permitiu a travessia do texto por diversas culturas, agregando valores e favorecendo diálogos. Esta tradução

textual, albergue de tantos estrangeiros, se oferece como uma reflexão, através do tempo, sobre o “ato de traduzir” e sobre “a obra traduzida” ao constituir-se como linguagem, como fronteira de múltiplas operações de leitura. Ao representar o fazer crítico simultaneamente com a escrita da história, esta abordagem quer servir à crítica como análise das implicações do papel da tradução em uma dimensão histórica, indagando, a partir do texto objeto, a constituição do texto fenômeno como prática Cultural do espaço onde é gerado. Para o âmbito deste artigo, seguindo a especificidade proposta por García Yebra, limita-se e adota-se o conceito de cultura como um conjunto de ideias agrupadas em campos conceituais como religião, filosofia, política, arte, literatura, etc., e que podem fixar-se e transmitir-se por escrito. Com esta perspectiva, busca-se uma leitura historiográfica e linguística para resituar a tradução castelhana do Livro de Calila e Dimna como uma escritura fundacional que opera na conformação da língua castelhana como veículo do saber cultural. Referenciando o contexto histórico onde se gesta a tradução do texto “objeto”, aborda-se o texto “fenômeno” para investigar como a tradução, uma operação de linguagem, coloca em circulação e redefine paradigmas ao engendrar disposições linguísticas, históricas e culturais como elementos decisivos do poder criador, fundador e difusor da tradução.

Palavras-chave: tradução, linguagem, cultura, historia medieval

QUINTA 10

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

A tradução no ninar de uma cantiga: entre o ritmo, o sentido e a alteridade

ROSANNE BRANCO (UFPA)

Resumo: O presente artigo objetiva discutir abordagens entre a narrativa oral, ritmo e tradução no contexto do gênero da cantiga de ninar infantil francesa “Frère Jacques”, observando as variáveis

fônicas e de sentido, originadas do contraponto léxico-semântico-cultural resultante da tradução da produção oral francesa, como língua de partida, tanto quanto para a língua alemã e para a língua inglesa, como línguas de chegada. A investigação visa analisar, mais particularmente, de como se dá o fenômeno da tradução na inter-relação da poética com essas instâncias oriundas de tradução, considerando suas vozes, ritmo, humor e performances, buscando apontar as estratégias buscadas pela tradução, de forma a manter a musicalidade e manutenção da obra na sua completude poética. Para fundamentar e dar sustentabilidade a essa investigação, no âmbito da Poética, da Oralidade e da Tradução foram considerados os pensamentos de teóricos como Paul Zumthor (1993), Henri Meschonnic (1999), Antoine Berman (2013), Georges Mounin (1963) e Octavio Paz (1991). No desenvolvimento da abordagem, observaremos quais elementos ideológicos e/ou culturais evidenciam ou caracterizam a alteridade, construída no processo da tradução da língua de partida para a língua de chegada, observando as diferentes expressões orais e contextos culturais. Durante as abordagens e análises poderemos constatar que na oralidade da cantiga de ninar, assegurar a musicalidade fonética e o ritmo têm mais relevância do que o caráter lexical e semântico. Resquícios de memórias da infância nos fazem lembrar a magia dos sons e da musicalidade da canção “Frère Jacques” presentes no imaginário popular e do nosso mundo infantil, bem como, nos reporta, momentaneamente e de forma humorística, à expressão “conto do vigário” de cunho popular, cuja significação é voltada ao tema da esperteza e oportunismo religioso à época do século XVIII, cuja expressão adentrou no Brasil oriunda da cultura de Portugal e que se mantém até hoje nos discursos literários e de oralidade popular, especialmente nos povoados e nas pequenas cidades do interior do Brasil. Embora não seja o foco da atual pesquisa, abordagens de humor relatados ou musicados em poemas litúrgicos, constatamos em nossas pesquisas a presença frequente de freis e padres inseridos em

linguagens poéticas orais, dentre estas “Frère Jacques”, cuja canção retrata mensagens de valores morais e status, de cunho humorístico, que esse grupo eclesástico exercia e despertava na sociedade naquele determinado período.

Palavras-chave: Oralidade, Tradução poética, Cantiga de ninar, Alteridade

Escrever é existir, mas traduzir é nascer. Adiaffi, um escritor-tradutor e ativista

YÉO N’GANA (UFSC)

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar e descrever o processo da minha tradução de parte dos nomes e expressões em língua anhi encontradas em *La carte d’identité* (1980). Se a vitória da escrita sobre a oralidade vem se confirmando, ao longo do tempo, no campo do conhecimento, torna-se fundamental – pelo menos entre os intelectuais africanos – repensar a episteme e sobretudo redefinir o seu modo de transmissão. A passagem da fala para a escrita, significa aceitar a metamorfose, implica derrubar barreiras invisíveis, em constante transformação, erguidas por um imaginário secular no qual a escrita possui um superpoder. Para Bakhtine, por onde não há texto, também há objeto de estudo e de reflexão (Cf. Ricard, 2011). Jean-Marie Adiaffi, como a maioria dos escritores da sua geração, ciente de que a traçabilidade do texto é uma questão de vida ou de morte, empreendeu a introdução da língua dele, o Anhi, na sua produção literária. Tanto em *La carte d’identité* como na sua produção em geral, o que prevalece são o sentimento e a vontade de reestabelecer a verdadeira história do povo marfinense em geral e anhi em particular, e a [re]construção da identidade nacional. Nessas obras com caráter didático, Adiaffi aproveita para, através de glosas (inter)lineares, ensinar ao leitor as língua e cultura anhi. Enquanto ativista assumido, Adiaffi, além de se referir às divindades anhi como fonte inesgotável da sua espiritualidade, da sua existência; também questiona a própria língua, motor das interações diárias, quando disse que “todas as línguas são bonitas para aqueles que

as falam, para todos aqueles que usam-nas como meio de comunicação. E se referirmos às nossas línguas nacionais como a meros e pobres dialetos, já é uma posição política que assumimos. Essa posição política consolida assim sua condenação à morte. (*La carte d’identité*, 1980, pp.104-105) A língua e, através dela, a filosofia anhi constituem uma questão de autodeterminação, de liberdade. Outrossim, a tradução, implícita ou explicitamente, manifesta o desejo de compartilhar um bem comum, principalmente nesse território utópico chamado globalização que dividimos. Traduzir é então revelar a diversidade. Enquanto tal, exige, por parte do leitor, um esforço de compreensão ao qual estamos todos convidados. Neste espaço ainda mais escorregadio não há lugar para qualquer forma de ingenuidade nas escolhas, claro se quisermos evitar genocídios linguísticos, culturais e humanos como aqueles que vivemos com a colonização e o caso do Rwanda, etc. Neste trabalho, refletiremos sobre a possibilidade de uma tradução dialógica (Ricard, 2011) no âmbito de dar continuidade à visão e ao projeto do autor onde os nomes e expressões em anhi representam marcadores culturais essenciais.

Palavras-chave: Tradução dialógica, Nomes próprios, Língua anhi, Jean-Marie Adiaffi

Na travessia e na tradução: a romantização da literatura de mulheres viajantes do século XIX

LOUISE MARIE GOODMAN (UFMG)

Resumo: No quesito literatura de viagem, a interligação entre os termos travessia e tradução tem ocupado um lugar de destaque nos estudos tanto literários quanto culturais nas últimas duas décadas (CLIFFORD, 1997; CRONIN, 2000; POLEZZI, 2016). Como processos, ambos partem de locais fixos e implicam um ato de trânsito. Nas palavras de Susan Bassnett, “tanto a tradução como a escrita de viagens são atividades hermenêuticas, que envolvem processos de exploração, escavação e descoberta” (BASSNETT, 2000, p. 106). Mais recentemente, a interrogação etimológica desses termos, derivados do prefixo latino

“trans”, sugere um novo significado para o entrelaçamento dessas duas palavras: tais termos se sobrepõem um ao outro de modo que não faz mais sentido pensá-los como estruturas distintas, isto é, viajar e traduzir se mesclam, na verdade, em um conceito indivisível (ALMEIDA, 2015; MUNKLET, SCHMITZ, STEIN, STROH, 2013). Ao longo do tempo, o estudo da escrita de viagens, antes baseado no conteúdo da obra, mudou e evoluiu para uma análise da escrita de viagem como um objeto material, ou seja, passou-se a investigar como acontece o próprio processo de tradução (MARTIN, 2012). Nesta linha de pensamento, o presente estudo direcionará sua atenção para as crônicas de viagem de escritoras européias que viajaram para o Brasil no século XIX, assim como as traduções modernas de suas obras. Como corpus de estudo, será analisado o texto da viajante alemã e professora, Ina von Binzer, especificamente tanto seu texto, *Leid und Freud einer Erzieherin in Brasilien* (1887), quanto a única tradução em língua portuguesa, *Os meus romanos: Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil* (1956). A obra de von Binzer é particularmente interessante, já que a autora foi uma viajante e tradutora (no sentido cultural e linguístico), que postumamente teve sua obra traduzida. Tomaremos em consideração três aspectos que revelam o quanto a tradução romantiza a obra em si: primeiro, o título; segundo, o tratamento do gênero feminino; e, por último, a descrição das paisagens geográficas. Acreditamos que essa tradução se apresenta problemática, uma vez que oferece uma interpretação equivocada sobre a maneira com a qual a escritora atravessou os mais diversos espaços (físicos e literários) no exterior, articulando tal experiência. O objetivo do presente estudo é sublinhar a noção de gênero em relação à viagem e ao espaço e suas subsequentes traduções. Considerando que travessia e tradução partem de lugares fixos e se encaminham para o abismo, segundo Clifford (1997), este artigo oferece novas considerações quanto aos meios de se aproximar da obra em questão e da sua tradução.

Palavras-chave: literatura de viagem, mulheres viajantes, tradução

Tradução literária em Línguas de Sinais: Tradução comentada de textos e contextos da literatura brasileira

JEFFERSON BRUNO MOREIRA SANTANA (UFSC)

Resumo: O objetivo principal deste trabalho de investigação é comentar o processo de traduzir e avaliar o produto da tradução, visando uma análise dos modelos adotados em Línguas de Sinais em obras literárias da literatura mundial e da nacional, ou seja, textos literários traduzidos, pretendendo apresentar o desenvolvimento de um projeto de tradução por meio de uma seleta literária, com base em três temáticas em nível de Brasil, Literatura e Índio, Literatura e Negro e Literatura e Mulher, expor diferentes gêneros literários em uma língua gesto-visual, a partir de vídeo-traduições. As definições conceituais sobre tradução cultural, ideologia, adaptação, exotização, estrangeirização, representação e visão do mundo similar-diferente, são verificadas nos modelos publicados por editoras e órgãos que publicam traduções para as línguas gesto-visuais. A produção de traduções da Literatura Brasileira e dos temas selecionados, a qual terá diversos gêneros literários, dentre eles, poemas, contos, fragmentos de romances é o destaque do estudo em questão. A feitura de um estudo crítico da literatura publicada em Libras (Língua Brasileira de Sinais), com ênfase nos gêneros literários traduzidos para as Línguas de Sinais em uma esfera nacional e internacional, proporcionou uma reflexão acerca das escolhas dos textos e dos assuntos selecionados. A explicitação de perceber quais são os motivos de traduzir textos e obras literárias para surdos em escala mundial e no Brasil, então será uma percepção de formação de leitores de textos, de controles curriculares, políticos, sociais, culturais e ideológicos? A partir das noções metodológicas de como se dá o processo tradutório e interpretativo de modalidade linguística nível dos modos e dos canais e comunicação das línguas traduzidas, neste caso, Português Escrito para a Libras, obviamente a reflexão propôs pensar em um processo intermodal entres as línguas. Os elementos estruturais do texto original são constatados, mas o foco metodológico será a avaliação

dos elementos culturais da Língua Alvo, neste caso, a construção visual dos diferentes gêneros literários em Libras, realizando uma transcrição dos modelos tradutórios adotados por editoras e para além a tradução comentada da seleção literária temática realizada. A análise do original também será avaliada para as evidências dos elementos culturais da Língua Fonte. As bases teóricas e metodológicas utilizam como alicerce teórico os Estudos Descritivos da Tradução e os Estudos Culturais, complementados pela visão de Lawrence Venuti sobre o modelo tradutório estrangeirizante, domesticado e a visibilidade, a invisibilidade do tradutor na tarefa de traduzir. Então, as referências são relevantes para compreender uma genealogia sistêmica das Línguas de Sinais e a Libras no contexto cultural da comunidade usuária dessa língua. Para tanto, são trazidas à tona, entre outros fatores, reflexões sobre aspectos de recepção, focalizando os discursos de críticos, a fortuna crítica, e a tradução comentada da seleta literária proposta, a função do tradutor, das editoras envolvidas e das ações políticas governamentais no contexto de uma língua “menor”.

Palavras-chave: Tradução literária, Libras, Literatura brasileira, Tradução comentada

Reflexões sobre a tradução de si: Ugo Foscolo e Jacopo Ortis entre a vida e a poiesis

KARINE SIMONI (UFSC)

Resumo: A escrita de si, esteja ela em uma poesia, um romance ou um epistolário, quase nunca reflete o ser humano real, mas sim a imagem que o/a autor/a quer oferecer de si mesmo/a. As fronteiras entre o homem e o personagem são muitas vezes tão tênues a ponto de impedir tanto o leitor como o crítico de estabelecerem uma linha divisória precisa entre a vida e a poiesis. É certamente o caso do poeta, escritor, tradutor, ensaísta e crítico literário Ugo Foscolo (1778-1827), que desde os primeiros sonetos e do seu conhecido romance *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, “si è fermato spesso a guardarsi e a definirsi” (VARESE, p. 9), quase como se necessitasse conferir de tempos em tempos a própria identidade de

homem e de escritor, para poder contrastá-la com o mundo que lhe era contemporâneo. Falar de si, descrever-se, narrar-se, parecem, para ele, uma espécie de obsessão, que o induz a usar as máscaras dos seus personagens. Para Guido Bezzola, “Foscolo non sapeva andare molto al di là di se stesso o delle proprie proiezioni eroiche, nel momento di creare dei personaggi” (2006, p. 10), mas, segundo Francesco Flora, mais do que nos personagens, é nas cartas onde se encontra “tanta parte della sua più romita anima, e del suo pensiero, e dalla più segreta lirica; qui, meglio che nel ritratto Solcata ho fronte, egli svela la sua anima folgorante e mesta” (1959, p. 29). Nesse sentido, as cartas de caráter mais sentimental são um importante instrumento para conhecer o homem em sua completude, pois ultrapassam a simples função de comunicação entre remetente e destinatário e se constituem, como espero mostrar, um laboratório para a poética do autor, em especial para a composição de *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, considerado o primeiro romance epistolar da literatura italiana e que tem como temas principais a paixão política e a paixão amorosa. A primeira edição completa do romance é publicada em 1802, justamente no período em que Foscolo manteve um romance com a bela e culta Antonietta Fagnani Arese (1778-1847), casada com um nobre lombardo. O turbulento convívio entre Foscolo e Arese é conhecido pelas 136 cartas que Foscolo endereçou à jovem, que as devolveu a ele quando Foscolo descobriu uma traição e o envolvimento amoroso terminou. Nessas cartas é possível visualizar a força emotiva, a variedade de tons e a capacidade foscoliana de criação artística da própria imagem. Da mesma forma, não poucas expressões registradas nas cartas foram inseridas nas sucessivas edições do romance, até a última, de 1817. Meu objetivo é apresentar algumas reflexões sobre o *modus operandi* de Foscolo no que tange à construção de si no epistolário e no romance *Ultime lettere di Jacopo Ortis*: seria Foscolo um tradutor de si mesmo? A motivação principal vem de um projeto de tradução do epistolário de Foscolo, em especial das cartas que correspondem ao período da escrita de *Ultime Lettere di Jacopo Ortis*, já traduzido para o português.

Palavras-chave: Ugo Foscolo, Jacopo Ortis, Escrita epistolar, Tradução de si

SEXTA 11

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 4

Qe é qe reque qe regressem (qe vem de *Les Revenentes*, de Perec)?

JOSÉ ROBERTO ANDRADE FÉRES (UFPB)

Resumo: Georges Perec (1936-1982) lança em 1969 seu famoso romance sem a letra E, *La Disparition* (1969), *O Sumiço*, em português, tradução de minha autoria assinada com o pseudônimo “Zéfere” e agraciada em 2016 com dois prêmios Jabuti (nas categorias “Tradução” e “Capa”) e com o Prêmio Literário Biblioteca Nacional (na categoria “Tradução”). Poucos anos depois, Perec publica *Les Revenentes* (1972), narrativa em que empreende justamente o oposto: o E é a única vogal empregada — nas suas quase cem páginas... Bem como o escritor, ao ter terminado o lipogramático *O Sumiço* (sem a vogal E), passei a me dedicar ao trabalho monovocálico (só com a vogal E), até agora intitulado *Qe Regressem*, tradução ainda embrionária tomada por objeto da comunicação aqui proposta. Pretende-se portanto compartilhar os primeiros passos desse trabalho e, a partir da análise de uma pequena passagem dos textos de partida e de chegada, refletir sobre os desafios e as estratégias requeridas para a feitura da tradução. Para que se chegue a tais estratégias, leva-se em conta não somente o livro que se está traduzindo, mas toda a obra de Perec e suas próprias palavras sobre ela (em grande parte reunidas por Dominique Berteli e Mireille Ribière nos dois volumes de *Entretiens et conférences*), fontes indispensáveis para o tradutor, sobretudo por se tratar de um autor que tinha o projeto de conectar seus livros entre si, de fazer com que seus diferentes textos funcionassem à maneira de um grande quebra-cabeças, pequenas peças que, conforme se lê em *La Vie mode d'emploi* (*A Vida modo de usar*, traduzida no Brasil por Ivo Barroso), só fazem sentido quando ligadas umas às outras. Assim sendo, existem procedimentos dos quais lanço mão em *Qe Regressem*

que não necessariamente são utilizados em *Les Revenentes*, e, sim, em outros livros do escritor. Por outro lado, já que é bem diferente escrever somente com o E em francês (língua em que sua frequência se aproxima dos 18%) e usar apenas essa vogal na língua portuguesa (na qual sua ocorrência é inferior a 13%), a tradução parece demandar, por exemplo, mais transgressões (ortográficas, gramaticais etc.) que o texto a ser traduzido. Ainda assim, sempre têm-se em mente os jogos de escrita praticados pelo próprio Perec, embora seja preciso, igualmente, ter consciência de que as potencialidades de um português só com E são bem distintas das do francês monovocálico perecquiano e que, por conseguinte, entram em jogo na tradução outras cartas, outros dados, outras jogadas — análogas, mas nunca idênticas (relembrando a fórmula de Octavio Paz) — para que regressem *Les Revenentes*.

Palavras-chave: Les revenentes, Georges Perec, Tradução literária, Oulipo

Rumo à prosa: aspectos de um novo projeto de tradução dos *Petits Poèmes en Prose*, de Baudelaire

EDUARDO HORTA NASSIF VERAS (UNICAMP)

Resumo: Como na França, o surgimento de uma recepção crítica sistemática dos *Petits poèmes en prose*, de Baudelaire, é bastante tardia por aqui, especialmente se comparada com o caso de *Les Fleurs du mal*. Lá, aqueles poemas foram, inicialmente, considerados como “esboços abortados de poemas em verso”, como uma espécie de “queda no prosaísmo”, conforme a apreciação de Suzanne Bernard (1959). Aqui, parece vigorar a mesma recusa em se reconhecer nos poemas em prosa uma experiência válida por si mesma, acrescida de argumentos próprios à nossa tradição literária. Na esteira da primeira recepção de Baudelaire entre nós, ainda no século XIX, as primeiras leituras do *Spleen de Paris* no Brasil também se dão sob o influxo de uma concepção formalista e estetizante de poesia, que atravessa a primeira metade do século para renascer na geração de 1945, deixando sua marca na primeira

tradução integral dos poemas em prosa por Aurélio Buarque de Holanda, publicada em livro em 1950. A hipótese desta comunicação é que a tradução de Holanda, que permaneceria como única entre nós até o final da década de 80, deve ser analisada à luz daquela concepção de poesia, da qual Paul Valéry foi uma espécie de patrono, no início do século XX, e para a qual o universo da prosa era concebido como antípoda. A partir desse raciocínio, o novo projeto de tradução dos poemas em prosa de Baudelaire, no qual tenho trabalhado, em parceria com a pesquisadora Isadora Petry, procura acentuar, na outra ponta, os elementos prosaicos da obra, a fim de realçar a tensão poética que, me parece, define o projeto literário do *Spleen de Paris*. Esta comunicação pretende apresentar os principais pilares dessa nova tradução já em vias de finalização, que se definem em função do diálogo com outros textos do poeta, com a recepção crítica atual de sua obra e com as reflexões contemporâneas sobre os conceitos de prosa e poesia. Com base em estudos críticos atuais sobre a gênese e o projeto literário da prosa baudelaireana, bem como no exame da correspondência do autor, os tradutores buscaram, assim, recuperar o caráter ambivalente daqueles poemas concebidos ao mesmo tempo para e contra os jornais que os acolheram em sua maioria. Após apresentar a relação de nossos pressupostos com fragmentos metapoéticos extraídos da obra de Baudelaire, tentarei mostrar, finalmente, como esse projeto de tradução também é devedor de uma perspectiva contemporânea a respeito da prosa enquanto recurso literário, que perpassa a reflexão de poetas-teóricos franceses como Pierre Alféri, Jean-Marie Gleize e Christophe Hanna. Esse raciocínio deverá evidenciar, em última instância, uma concepção de tradução indissociável da leitura crítica da obra e da relação com o ambiente teórico-histórico de sua recepção, bem como das discussões contemporâneas de âmbito mais gerais acerca da própria poesia.

Palavras-chave: Baudelaire, poemas em prosa, tradução, antipoesia

Tradução, autoria e original: potências do rizoma

GILLES JEAN ABES (UFSC)

Resumo: A partir da experiência dos poetas Carlos Drummond de Andrade e Charles Baudelaire, considerando seus comentários a respeito de seu fazer tradutório, pois também foram tradutores, percebo certo mal-estar ou desconforto em relação à tradução (enquanto ofício e objeto) e no que diz respeito ao papel do tradutor. Drummond descreve o ofício como “escrever um livro alheio” e, diante das dificuldades, condena a tradução como “moeda falsa”. O poeta itabirano fala sobre sua experiência de traduzir *As relações perigosas* do Laclos (ANDRADE, 2006). Baudelaire, por sua vez, nos trechos de duas cartas de 1865, aborda o tema da tradução de duas formas (BAUDELAIRE, 1973). Primeiro, comenta sua experiência enquanto tradutor de Edgar Allan Poe e também propõe a um editor a tradução da novela gótica *Melmoth o viajante*, do autor irlandês Charles Maturin, publicada em 1820. Curiosamente, Baudelaire, apesar de ter dedicado muito tempo a verter Edgar Poe e de sua tradução ter divulgado a obra e figura do autor americano, não se considera um tradutor e não se oferece para traduzir Maturin. Novamente há uma analogia com a moeda, a proposta da tradução é vista pelo poeta das *Flores do mal* como uma maneira fácil de “bater moeda”, ou seja, criar, fazer moedas (ganhar dinheiro facilmente). Esses comentários, da parte de autores que já possuem certa experiência e segurança em seu ofício de poetas, engendraram algumas interrogações: Qual é a origem da insegurança dos dois poetas? Se há insegurança no seu papel de tradutor, autor e tradutor são diferentes instâncias? Para dar visibilidade ao tradutor, é necessário desqualificar o primeiro para legitimar o segundo? Como entender então os conceitos de original e tradução, que estão frequentemente no cerne do debate no que tange à visibilidade do tradutor, sem desvalorizar as noções de autoria e de original? Trata-se neste trabalho, que dá continuidade a uma reflexão que venho desenvolvendo desde o ano passado, primeiramente, de tentar investigar, a partir da experiência

dos dois poetas, a questão da autoria nas figuras do autor e do tradutor e debater noções como original e tradução, que ao meu ver formam as faces de uma mesma moeda, já que uma ganha valor com a existência da outra. Para melhor entender esta experiência, também procuro agregar reflexões do poeta/tradutor Paulo Henriques Britto (2012). A questão da autoria me levou igualmente a buscar a origem dos direitos autorais sobretudo a partir dos conceitos de property e propriety de Mark Rose, citado por Roger Chartier em suas investigações sobre a história do livro (CHARTIER, 2012). Em seguida, procuro apontar uma vereda possível para evitar um embate hierárquico entre autor/tradutor, original/tradução. Minha proposta é a de entender estas relações dentro do conceito de rizoma (DELEUZE, GATTARI, 1995), evitando assim qualquer hierarquia, e situando, tanto o original quanto o texto traduzido dentro de um rizoma proliferante e imprevisível, sem início ou fim, sem periferia ou centro, no qual haveria espaço não somente para o original, o que envolveria também os manuscritos e as diferentes edições deste texto fonte, como suas traduções que, em seu conjunto, insuflariam sobrevida à obra e formariam uma sorte de caleidoscópio de leituras possíveis. Não havendo mais hierarquia, nem necessidade de desvalorizar uma das faces da moeda, rememorando-nos do complexo processo do fazer literário e ressaltando a vitalidade que a tradução fornece ao original, abríamos outras vias para a valorização do traduzir.

Palavras-chave: Tradução, Autoria, Original, Rizoma

A tradução da hipocrisia social nos *Sueños y Discursos*, de Francisco de Quevedo y Villegas

ANDRÉA CESCO (UFSC)

Resumo: A intensa preocupação do século XVII pelas inclinações pecaminosas da cega humanidade leva facilmente em direção à sátira, gênero em que a Espanha é rica. A crítica da sociedade toma necessariamente a forma de um ataque contra a conduta contemporânea, no lugar de postular um modelo social alternativo. E

a insatisfação frente a essa sociedade se dá pelos canais da sátira e da homilia. O texto tem como objetivo mostrar como a hipocrisia social na Espanha do século XVII é abordada pelo escritor espanhol Francisco de Quevedo y Villegas, através de vários personagens da sua obra satírica *Sueños y Discursos* (1993). Ressalta-se que a obra foi escrita entre 1605 e 1621 e é composta de cinco narrativas – “Sueño del Juicio”, “Alguacil endemoniado”, “Infierno”, “El mundo por de dentro” e “El sueño de la Muerte” – que estão dispostas em forma de diálogo e satirizam os costumes e os personagens de seu tempo, de todas as classes sociais. O tema da hipocrisia é tratado através dos seus diversos disfarces, como a cobiça dos clérigos e sacristãos, os falsos duelos do viúvo e da viúva, a hipocrisia social dos maridos sofridos, as mentiras dos meirinhos e escrivães, entre outros. Veremos, através de algumas passagens dos *Sueños*, como os hipócritas adaptam a sua consciência, atribuindo a sua conduta intenções nobres, desinteressadas e altruístas. O texto está dividido em duas partes: a primeira trata da sátira quevediana, pois Quevedo passa para a história da literatura espanhola caracterizado fundamentalmente como produtor de sátiras, além disso, a obra *Sueños* figura entre as mais brilhantes e mais engenhosas obras do gênero, tanto na literatura espanhola como internacional; e a segunda, discorre sobre a hipocrisia na sociedade espanhola do século XVII, através da obra *Sueños y Discursos*.

Palavras-chave: Quevedo y Villegas, *Sueños*, Tradução, Hipocrisia

76

**TEXTUALIDADES JUDAICAS
CONTEMPORÂNEAS****Lyslei Nascimento (UFMG)**
Nancy Rozenchan (USP)

Resumo: Este simpósio receberá propostas de comunicações que elaborem reflexões teóricas e críticas sobre as múltiplas formas de textualidades judaicas na contemporaneidade. A tradição judaica oferece, com diversidade, uma importante oportunidade de se analisar a literatura, em várias de suas manifestações na atualidade bem como as relações da literatura com a tecnologia, com outros textos como o cinema, a fotografia, a cibernética e as artes visuais e gráficas. Os valores literários, considerados imprescindíveis, que Italo Calvino elencou em Seis propostas para o próximo milênio (1991), a saber: a leveza, a exatidão, a multiplicidade, a rapidez, a visibilidade e a consistência – são alguns dos operadores capazes de delinear, em vários níveis, a inscrição dessa tradição na contemporaneidade, sua incidência e estratégia de enunciação. Das tábuas da Lei às telas do computador, como apontam Regina Zilberman & Marisa Lajolo (2009), a relação dos judeus com as palavras, é paradigmática. Da materialidade do suporte e da mídia sobre a qual se instala a produção literária, metáforas sempre atualizadas da arqueologia, da genealogia, da tradução, da tradição dos manuscritos e palimpsestos, passando pelo hipertexto e pela invenção de realidades virtuais, a textualidade judaica também põe em cena o escritor e sua representação, nem sempre cordial ou submisso, com o ofício da literatura. Copistas, cronistas, demiurgos e magos das palavras, esses criadores de textos, autorizados e

não autorizados, exibem, em suas peculiaridades, tensões entre a autoria, a cópia, a repetição, a diferença. Em recente publicação, Amós Oz & Fania Oz-Salzberger (2015) distinguem a controvérsia, a ironia, o autoexame, os muitos exílios, as diásporas e a Shoah, além de uma particular relação com a memória, como estratégias discursivas em que a experimentação de estilos, de gêneros, de autorias, configuram uma linhagem de textos, que exhibe, em sua diversidade, vozes, lugares e formas de inscrição que põem em relevo uma tradição literária criativa e criadora. Essas características revelam a interatividade, a escrita hipertextual, a construção de identidades, memórias e realidades virtuais que ressignificam não só a escrita, mas o corpo, o objeto livro, os manuscritos e as telas. Lendas como a do Golem, como um duplo e um espelhamento de criadores e criaturas, a relação do autômato com a monstruosidade, os ciborgues e a tecnologia; ou a de Lilith e as questões de gênero, deixando vislumbrar o estranhamento diante do feminino, por exemplo; a reelaboração de mitos da criação e a relação com a escrita e outros tantos temas caros à reflexão presente na ficção se perpetuam no contexto judaico e migram para outros espaços revelando vitalidade e abrangência. Os contos em microrrelatos ou em prosa poética; o romance enciclopédico e a estrutura narrativa linear ou em curto-circuito com verbetes e fragmentos; a poesia digital e a dicção bíblica, bem como os gêneros híbridos, o inacabamento, a tradução e o diálogo entre as artes, só para citar algumas dessas manifestações das textualidades judaicas na contemporaneidade, estão presentes numa literatura que trabalha com uma tradição que é, ao mesmo tempo, arcaica – com seus símbolos e metáforas milenares – mas também contemporânea, na medida em que se inscreve, em suas mais variadas formas, no tempo atual. O acervo judaico é, nesse sentido, como o Aleph, no conto célebre de Jorge Luis Borges, espaço e tempo de convergências, tensões, duplos e fantasmagorias. Para Ricardo Piglia, a memória é a tradição. No caso da memória judaica,

feita de uma proverbial tradição de comentários e interpretações, os textos se configuram como uma pré-história contemporânea, como vestígios de um passado que se filtram no presente a partir de uma concepção de leitura e escrita cada vez mais ampla e difusa. Delineia-se, dessa forma, um noção de arquivo enquanto um conjunto de bens culturais e práticas discursivas que instauram enunciados como acontecimentos continuamente reorganizados, traduzidos e revisados. O modo de ação do escritor, nesse contexto, lendo e relendo o acervo judaico, um arquivo, portanto, que o antecede, implica estabelecer estratégias para entrar e sair da tradição, para propor ao leitor um jogo de transmissões, de retomadas, de citações. Constituídas por vestígios de cultura, de onde se retiram fragmentos dispersos, essas textualidades podem alcançar desfechos não previstos. Nesse sentido, o que se acessa não é mais uma tradição imaginada como coesa como um todo coeso, mas um rastro, um recorte, vários recortes, que se inscrevem na contemporaneidade pela invenção.

Palavras-chave: Literatura judaica contemporânea, Tradição na contemporaneidade, Texto e contemporaneidade, Memória e contemporaneidade

TERÇA 08

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 1

Sexualidade e repressão em *Uma certa paz*, de Amós Oz

EVANDRO JOSÉ DOS SANTOS NETO (USP)

Resumo: Uma certa paz, quarto romance de Amós Oz, foi publicado em 1982 mas os eventos narrados no livro se desdobram entre 1965 e 1967, na iminência da Guerra dos Seis Dias. A possibilidade do embate com os árabes confere aos eventos descritos uma atmosfera de inquietação contínua, mas é no ambiente doméstico que o confronto

real se estabelece. De modo geral, a obra de Oz busca confirmar literariamente a existência de um conflito de gerações que, apesar das transformações que perpassam a sociedade israelense na primeira metade século XX, surge como um inescapável acerto de contas, palco para um entendimento mais agudo da aplicação da ideologia sionista e do seu declínio na formação da individualidade da juventude israelense. A ambição da obra parece ser de, a partir de um conflito familiar, trazer para o visível a repressão a que o indivíduo é submetido, tornando possível uma análise para além do contexto social. A repressão sexual e a repressão dos instintos de violência adquirem um papel definitivo na narrativa e revelam a precariedade da conduta adotada por uma sociedade dinâmica e complexa que está, paradoxalmente, imbricada em normas e leis que não garantem a sua manutenção. Nesse sentido, a polifonia, recurso estilístico utilizado para traçar os panoramas, faz com que o ponto de vista não esteja limitado apenas a um tempo ou a um espaço específicos e permite que sejam trazidos ao conhecimento do leitor os pensamentos mais íntimos das personagens.

Palavras-chave: individualidade, sexualidade, repressão, sionismo

Relações entre literatura e história israelense na ficção de Amós Oz

FERNANDA DOS SANTOS SILVEIRA MOREIRA (UFRJ)

Resumo: Amós Oz é um dos principais nomes da literatura israelense contemporânea, cuja produção literária tem sido traduzida para diversos idiomas. Tendo iniciado sua trajetória como escritor na década de 1960, publicou diversas obras, entre ensaios, artigos, contos e romances, dentre os quais os mais recentes são o livro ensaístico *Os judeus e as palavras*, que escreveu em parceria com sua filha, a historiadora Fania Oz-Salzberger, de 2012, e o romance *Judas*, de 2014. Em sua obra de ficção, Oz retorna diversas vezes a alguns períodos da história recente de Israel, em particular aos anos seguintes à criação do Estado, em 1948, problematizando, a partir das diferentes perspectivas das personagens, as questões e demandas do estabelecimento de um

Estado israelense no Oriente Médio. Para esta comunicação propõe-se a uma análise comparativa de dois romances de Oz que estão contextualizados na Jerusalém dos anos finais da década de 1950: *Meu Michel*, de 1968, e *Judas*, de 2014. Nessas mais de quatro décadas que separam a publicação das duas obras, Israel passou por transformações intensas em sua estrutura política interna, como a virada política de 1977, seus conflitos armados, como a Guerra do Yom Kippur, em 1973, as intervenções no Líbano e as Intifadas, e a ferida aberta e sempre latente do conflito árabe-israelense, dentre outras questões externas e internas da sociedade israelense. As duas obras se distinguem em relação ao contexto político da publicação de cada uma, o que também torna mais amplas as percepções a partir do conhecimento sobre o desenrolar da história. Como Chartier aponta, ao analisar o conto *O espelho e a máscara de Borges*, embora o objeto – aqui o período histórico nas duas narrativas – seja o mesmo, cada escritura é única, “a estética que a governa, a forma da publicação do texto e a figura de seu destinatário” são diferentes. Nos dois romances, os protagonistas estão em busca de retomar o passado: em *Meu Michel* a fim de não esquecer e se esquecido, o que seria comparado à morte; em *Judas*, o passado é investigado e ressignificado, intentando compreender de que forma o presente e o futuro poderiam ser outros se o passado tivesse não apenas acontecido, mas sido analisado de uma maneira diferente. Assim, as duas narrativas apresentam um panorama não apenas do período em que se passam, mas também dos anos anteriores à criação do Estado de Israel. O objetivo deste trabalho é delinear de que forma se relacionam literatura e história nas duas narrativas tanto nos pontos que as aproximam, quanto nos pontos que as diferenciam, analisando também como a distância temporal entre as duas publicações e todos os eventos históricos entre elas podem contribuir para uma modificação na relação que se estabelece com o passado e suas (re)configurações na literatura.

Palavras-chave: Literatura, História, Amós Oz

A alteridade do semelhante: desvendando a face do *marrokai sakin*, em *Shum Gamadiu Lô Yavô'ú*, de Sara Shiló

LEOPOLDO OSORIO CARVALHO DE OLIVEIRA (UFRJ)

Resumo: Publicado em Israel no ano de 2005, *Shum Gamadim Lo Yavô'u* (literalmente “Nenhum Anões Não Virão”), sem tradução para o português até o momento, é o primeiro romance de Sara Shiló e, desde então, foi laureado com prêmios diversos, até mesmo o Prêmio Sapir em 2007. Shiló (em solteira, Bavli), nasceu em Jerusalém, em 1958, em uma família ligada a negócios de alimentação e hotelaria, e após ter se casado e se formado, passou a viver no norte de Israel, na cidade de Ma'alot, perto da fronteira com o Líbano. E é exatamente a experiência de viver no meio social destas aldeias de desenvolvimento (ayarot hapituach, em hebraico) que fornece material para seu romance. A narrativa de *Shum Gamadim* é composta por quatro monólogos interiores de membros da família Dadon, em uma noite em que a aldeia é atacada por foguetes Katyusha, durante a Guerra do Líbano, em 1982. Por meio da recriação do cotidiano desta família, de seus pensamentos e desejos mais íntimos e pela recriação de sua linguagem peculiar, a autora finalmente desvela ao israelense a verdadeira face do *marrokai sakin* (“marroquino faca”) o imigrante judeu-marroquino, vítima de estereótipos e de preconceitos. Através da análise deste romance pungente e instigante, o presente trabalho se propõe a examinar os percalços e vieses da inserção de imigrantes judeus-marroquinos na sociedade israelense, bem como examinar o impacto que este romance peculiar causou nos debates sobre literatura, sua feição e função para o judaísmo como um todo e para a sociedade israelense em particular. Em nossas análises, a fonte primeira de reflexões e primária será o próprio texto literário, em seu original em hebraico, e sua estrutura narrativa, linguística e situacional, buscando inseri-lo nas vertentes contemporâneas da literatura de Israel, bem como sua avaliação pela crítica literária especializada (Brushtein, 2005). Concomitantemente, como meio de lançar luz à narrativa de Shiló, recorreremos ao suporte teórico de história, sociologia e antropologia sobre a imigração a Israel

de judeus oriundo do Norte da África e Oriente Médio, os chamados *mizrachim*, e sua inserção na sociedade. No apoiaremos principalmente em Deutscher (1956), Eisenstadt (1977), Malka (1991) e Segev (1998). Finalmente, a partir de ideias dos debates de Ahad Haam e Berditchevski e seus apoiadores e opositores, aplicadas ao texto de Shiló, faremos uma breve reflexão sobre a relação língua – linguagem – literatura nacional e a possibilidade de expressão de estados emotivos complexos através de uma linguagem simples, rustica e/ou não standard.

Palavras-chave: Alteridade, Imigração, Marroquinos, Sociedade

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 2

Do legado da literatura norte-americana à obra de Moacyr Scliar: intertextos da condição judaica

FÁBIO DE CARVALHO MESSA (UFPR)

Resumo: Como será que alguns escritores de descendência judaica encararam o sentido de identidade, principalmente em relação ao tratamento com o outro? Personagens e enredos da ficção contemporânea servem para desenvolver esta reflexão, pois na experiência da diáspora judaica, junto aos aspectos religiosos e culturais, a alteridade se firma num compromisso ético entre o eu e o outro. Há um interesse da crítica literária recente pelo estudo dessas linguagens deslocadas, diaspóricas, consistindo numa oportunidade, para os que se dedicam aos estudos judaicos, desenvolver uma discussão mais ampla, levando em conta a proverbial história de exílio e errância do povo judeu. Este trabalho verifica se a proposta de Moacyr Scliar em abordar a cultura judaica e todas as suas circunstâncias e impasses, bastante evidenciada nas narrativas dos anos 70 e 80, continuam contundentes nas suas narrativas dos anos 2000, ou misturaram-se e adequaram-se a novas propostas temáticas e intertextuais. Neste passeio especulativo,

discorreremos sobre como Scliar apresenta seus protagonistas enredados em intertextos que remetem a alegorias e mitos da modernidade, como os de Franz Kafka, e ao legado de toda uma tradição de escritores da literatura norte-americana como Philip Roth, Saul Bellow e Bernard Malamud, suas visões éticas e culturais, assim como as questões que antecederam os debates mais atuais sobre a fixação da identidade. Na leitura dos textos desses autores, distinguem-se, pelo menos, dois movimentos: o de criar referência e o de apontar o referente. Ou seja, no primeiro estaria em jogo a proposta de criar um legado cultural, que se inscreveria sem ser propriamente determinado. Os próprios autores desconheciam essas regras, apenas depositariam uma inscrição que os transcenderia e os exporia na esfera da linguagem, clamando, portanto, de ser lida, em busca de um estatuto de existência. Já no segundo caso, o de remeter a um referencial judaico seria, na realidade, o ato de apontar para uma organização de matriz judaica, que estaria vinculada à tradição, à religião, à vida comunitária. A memória do passado sempre foi um elemento essencial na experiência judaica, assim como a referência à memória coletiva não resulta exatamente de um processo metafórico, mas sim de uma realidade social transmitida e sustentada por meio de esforços conscientes e de instituições responsáveis pela organização do grupo. A cultura judaica no Brasil ficou sem o seu principal representante literário desde 2011. Scliar pensou esta condição a partir de sua própria arte e do exercício da medicina. No conjunto das narrativas, evidenciou o judeu como o sujeito expulso, estrangeiro, insistiu nessas retratações talvez para tentar esclarecer esse impasse existencial e suas controvérsias no mundo ocidental. Manteve o toque de humor e uma certa dose de melancolia, próprios da literatura judaica norte-americana. Em toda sua obra, nunca abandonou o território do judeu e a temática judaica, pois passou a dimensioná-los num amplo mosaico da sociedade brasileira, assim como no contexto histórico da sua geração.

Palavras-chave: judaísmo, migração, exílio, intertextualidade

Moacyr Scliar: fazedor de Golems

MÁRCIO CESAR PEREIRA DOS SANTOS (UFMG)

Resumo: O mito do “golem “ atravessa toda a escrita de origem judaica migrando a partir da modernidade para a literatura contemporânea. Moacyr Scliar, numa longa tradição desses “fazedores de Golems”, retomou esse mito em alguns de seus escritos. Destaco, em particular, nos romances “Cenas de uma vida minúscula”, de 1991, e “Manual da Paixão solitária”, de 2008. Em Scliar, o golem é parte de uma reflexão sobre o fazer literário, um ideário que atravessa toda sua obra, que o autor estabelece, principalmente, a partir de sua ficção de origem bíblica, contos, crônicas, sobretudo em seus romances em que as metáforas de origem da Escritura Sagrada” revelam as complexas técnicas da recriação textual. Como escreveu Gilda Salem Szklo: “A intertextualidade, nos escritos de Scliar, é a fonte da sua criatividade, possivelmente o tema principal da sua obra.” O golem seria, assim, na obra de Scliar, a metáfora da criação imperfeita, impura, que não visa competir com a fonte original, nem repeti-la, apenas recria-la em novas possibilidades de significação.

Palavras-chave: Golem, Literatura, Moacyr Scliar, Moacyr Scliar

QUARTA 09

Manhã [09:00 – 11:00]

Sessão 3

A literatura de testemunho de Ilse Losa

SAUL KIRSCHBAUM (PESQUISADOR INDEPENDENTE)

Resumo: Ilse Losa é muito pouco conhecida no Brasil. Judia, em solteira Lieblich, nasceu em 1913 na Alemanha. Com a ascensão do nazismo ao poder, viu-se obrigada a fugir às pressas da Alemanha, buscando refúgio no Porto, Portugal, onde obteve a nacionalidade portuguesa e desenvolveu plenamente sua carreira de escritora. Seu primeiro livro foi publicado em 1949. Mesmo em Portugal, onde viveu desde 1934 até

seu falecimento em 2006, é mais conhecida por sua literatura infantil: em 1984 ganhou o Grande Prêmio Gulbenkian de Literatura para Crianças, pelo conjunto de sua obra. Também colaborou na organização e tradução de obras portuguesas publicadas na Alemanha e traduziu do alemão alguns dos mais consagrados autores, como Anna Seghers, Bertold Brecht e Max Frisch. É sua, entre outras, a primeira tradução em português do Diário de Anne Frank, para o qual escreveu um prefácio. Colaborou com colunas em importantes jornais e revistas portuguesas e alemãs, entre os quais o Jornal de Notícias, o Comércio do Porto, o Diário de Notícias e o Neue Deutsche Literatur. Não bastasse tudo isso, Losa merece ser apreciada e estudada por uma vertente menos conhecida de sua obra ficcional. Ilse Losa escreveu, para adultos, três romances - O Mundo em que Vivi (1949), Rio sem Ponte (1952) e Sob Céus Estranhos (1962) – e um número de contos, novelas e crônicas, publicados em antologias – Histórias quase Esquecidas... (1950), Aqui Havia uma Casa (1955), Encontro no Outono (1965), O Barco Afundado (1979) e Estas Searas (1984). Em 1991, alguns desses textos foram reformulados pela autora e republicados pelas Edições Afrontamento, do Porto, sob o título Caminhos sem Destino, com prefácio de Américo Oliveira Santos. Muitas dessas narrativas curtas elaboram experiências que têm a ver com as transformações sofridas pela vida na Alemanha desde antes da ascensão do nazismo até o imediato pós-guerra, requerendo serem lidas como literatura de testemunho ou literatura de exílio. Por outro lado, seus contos e romances vão ao encontro da afirmação de Ana Isabel Marques, de que a experiência do exílio é vivida e percebida de forma diferente por homens e mulheres, diferença que se reflete na escrita ao nível dos temas e da perspectiva adotada.

Palavras-chave: Ilse Losa, Literatura de exílio, Literatura de testemunho

Arquivos possíveis: *Sob céus estranhos*, de Daniel Blaufuks

LYSLEI NASCIMENTO (UFMG)

Resumo: “Sob céus estranhos: uma história de exílio”, do fotógrafo, cineasta e escritor português Daniel Blaufuks, publicado em 2007,

apresenta, como um álbum de fotografias de família, uma espécie de poética da coleção que expõe o pendor contemporâneo para a revisitação da memória a partir de uma concepção aberta e multifacetada de arquivo. Um mundo de alusões, fotografias, objetos, comidas, costumes que atraíram e marcaram o artista são por ele manipuladas, resgatadas do passado e reinscritas no presente. Para Sptizer, quando o artista utiliza essas reminiscências, bem como filmes da época e de família, excertos de memórias e jornais antigos, trechos de diários de refugiados, relatos de família e materiais de arquivos europeus e norte-americanos, acaba por oferecer ao leitor um documento e um testemunho, mas também uma possibilidade de rearranjo da memória.

Palavras-chave: Arquivo, Memória, Ficção, Fotografia

O inferno dos outros: uma análise sobre o humor e o horror na obra de David Grossman

KARLA LOISE DE ALMEIDA PETEL (USP)

Resumo: Diferentemente de seus textos anteriores, a última obra do autor contemporâneo israelense David Grossman aborda, através de humor inequivocamente ácido, as mazelas pessoais de seu protagonista e as idiossincrasias cotidianas dos israelenses (e também dos judeus). O inferno dos outros (2016) nos conta a história de Dovale, um comediante do gênero stand up que faz uma investigação minuciosa sobre si mesmo e o contexto no qual está inserido, por meio de piadas dos mais diversos tipos. Enquanto são alternadas cenas da apresentação do humorista em um bar na decadente cidade de Netanya, juntamente com flashes de uma conversa controversa que teve recentemente com o amigo de juventude Avishai Lazar, o leitor é sensivelmente impelido a refletir sobre como o sarcasmo e o drama podem não só andar de mãos dadas, como inclusive ser complementares. No vértice desse relacionamento marcado por afeto e desconforto mútuos entre dois companheiros que não se falavam há quase quatro décadas, está outro

personagem importante: o público, que reage ao show de Dovale com tantas manifestações de prazer e diversão como com flagrante inquietação e melancolia. De certa forma, os expectadores desse estranho espetáculo se veem capturados pelo inferno do comediante, que além de expressar seus mais íntimos conflitos, também expõe seus ouvintes aos seus próprios dilemas. Instaura-se, portanto, uma dinâmica recíproca de êxtase e rejeição, que com o passar do tempo parece ficar cada vez mais patológica. Diante de tal temática, o presente trabalho propõe uma abordagem analítico-interpretativa da narrativa de David Grossman, considerando o humor e o horror como seus componentes fundamentais e complementares. Entre as questões sobre as quais esta pesquisa busca tratar estão, portanto: uma piada é só uma piada ou serve de crítica ao comportamento de um sujeito ou mesmo de um grupo? O humor pode ser considerado um recurso de sobrevivência quando se está totalmente submerso pelo caos? O quão os indivíduos estão realmente sensíveis ou apáticos aos episódios de horror que marcam a existência humana? Nessa mesma esteira, objetiva-se também pensar o humor como uma experiência emocional de grande relevância, capaz de exercer funções específicas sobre a mente humana. Para Sigmund Freud (1980), por exemplo, o humor estabelece relação com mecanismos inconscientes, uma vez que o fato de que grande parte do prazer derivado do contar, ou ouvir uma piada, dispensa a compreensão dos processos que a caracterizam como humorística, ou seja, não são de modo algum necessários para a brincadeira ser compreendida e/ou ser considerada cômica. Como, afinal, David Grossman explora esses elementos no intuito de pensar, entre outras questões, a incontestável condição da fragilidade humana.

Palavras-chave: humor, horror, literatura israelense contemporânea, David Grossman

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

A resistência: uma leitura à luz do Talmud

SHEILA KAPLAN (UFRJ)

Resumo: Numa passagem aparentemente sem maior importância do romance *A resistência*, de Julián Fuks, o narrador relembra uma das “parábolas” que seu pai costumava contar. Para fazer uma salada, dizia ele, são necessárias quatro pessoas – um avarento, um pródigo, um sábio e um louco. “Ao avarento cabia despejar uma quantidade parca de vinagre, ao pródigo esbanjar no azeite, da quantidade acurada de sal ocupava-se o sábio, e o louco ali chegava para misturar tudo com entusiasmo”. Quando o menino pergunta ao pai porque o sábio, sozinho, não podia desempenhar todas essas funções, o pai apenas ri, complacente, e desse riso o narrador apreende uma lição quanto a seu “excesso de estima pela sabedoria e pela racionalidade”. Por trás da anedota, aparentemente inocente, há a força de um relato hagádico, com sua permanente interrogação sobre a existência. As perguntas percorrem o romance do início ao fim. São elas, as “indagações inoportunas”, as “perguntas vãs” ou “inconsequentes”, como se refere o narrador, que, multiplicadas incessantemente, desdobram-se em questões sobre a adoção do irmão, a perseguição dos pais pela ditadura argentina, a condição do exílio e o próprio livro que está sendo escrito. É assim que, embora a menção ao judaísmo apareça discretamente, não mais que a ascendência do pai do narrador – filho de “um lendário Abraham” e “uma tal Ileana” –, citada como fato remoto, ofuscado pelo reconhecimento de Buenos Aires como “cidade que consideravam própria”, a lógica da tradição interpretativa judaica estrutura o romance. A discussão talmúdica reflete-se não só na forma de uma imensa interrogação, acerca de tudo e de todos, especialmente de si mesmo, mas ainda no arcabouço ordenado e lógico, como da Guemará; no

escrutínio de cada palavra (com destaque para a reflexão do termo ‘adotado’, que abre o romance); na duplicidade que o movimenta. “O livro é duplo em cada linha”, comenta o pai, após ler os escritos do filho. Característica que, como escrevem Amós Oz e Fania Oz-Salzberger, também está presente na Torá oral: “o estudo rabínico adora dualidades”. Rastrear como a tradição hermenêutica judaica ressoa nas entrelinhas da obra de Fuks é a finalidade deste trabalho, proposta que permite destacar a lógica do “deslindar, elucidar, explicar e contraexplicar”, comum aos dois textos. Como também comum a ambos é a costura estreita entre questionamentos pessoais e a história, que, num caso e no outro, visam iluminar com novos sentidos o presente. E se A resistência se constrói sobre uma interdição, aquilo que o narrador não pode e não quer dizer — e no entanto diz —, aparece também aí a necessidade da transmissão da memória, em conformidade ao imperativo judaico. É preciso lembrar e passar adiante a história, seja a das perseguições aos judeus ao longo das eras, seja a dos crimes perpetrados durante a ditadura.

Palavras-chave: Hermenêutica judaica, Literatura brasileira, Intertextualidade, Talmud

Cervantes e Kabbalah: aspectos da sabedoria oculta propõem uma outra leitura da obra *Dom Quixote de La Mancha*

CHARLES KIEFER (PUC-RS)

Resumo: Os clássicos da Literatura estão sempre sendo atualizados a partir de novas leituras possíveis. Partindo da obra *Dom Quixote de La Mancha* propomos nesta investigação uma abordagem linguística, mostrando como Cervantes escondeu e cifrou o que sabia sobre Kabbalah em sua obra prima. A tradição judaica se faz presente no livro de Cervantes e o investigador analisa pontos que demonstram associações cifradas à tradição judaica, aos escritos do Zohar, Talmud e da própria Torah.

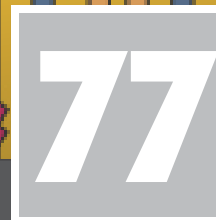
Palavras-chave: Miguel de Cervantes, *Dom Quixote de La Mancha*, Kabbalah, Linguagem

Traços de expressão árabe e russa na literatura hebraica contemporânea

NANCY ROZENCHAN (USP)

Resumo: Quando do início do desenvolvimento da literatura hebraica moderna no leste europeu no século XIX, foi notável o empenho de autores, cujas língua-mãe e língua de comunicação não eram o hebraico, para redigirem as suas obras na mais pura linguagem que a época podia proporcionar quando praticamente a língua bíblica não era falada. Este esforço foi intensamente reforçado quando o centro de criação da literatura se transferiu para o solo bíblico. Todavia, muitas décadas mais tarde, quando as massas de imigrantes judeus provenientes de diversos países se reuniram em Israel, a barreira protetora da linguagem se arrefeceu diante da realidade de que estes novos habitantes do país não se desfizeram integralmente das língua-mãe e língua de comunicação do país de origem. Autores e autoras contemporâneos da literatura hebraica, como Sara Shilo e Alona Kimchi, contrapõem em suas obras, sem empecilhos, a linguagem em que se expressam personagens que mesclam árabe ou russo ao hebraico. Além de expor este fenômeno, esta comunicação procurará avaliar como esta opção se presta a apreciar questões da identidade israelense contemporânea.

Palavras-chave: literatura hebraica, literatura israelense, escrita hebraica, árabe e russo no hebraico



TEXTUALIDADES TRANSAMERICANAS E TRANSATLÂNTICAS

Ana Cecília Olmos (USP)
Elena Palmero González (UFRJ)

Resumo: Dando continuidade aos trabalhos iniciados no XV Encontro da ABRALIC celebrado em setembro de 2016, este simpósio convoca propostas que abordem a literatura latino-americana contemporânea em seus vínculos de pertencimento a uma comunidade literária pensada para além do paradigma nacional ou continental que, seguindo um imperativo de representatividade, sustentou a grande tradição crítica e historiográfica do século XIX e grande parte do XX.

Diversas perguntas norteiam esta convocatória: O que ocorre quando a variável nacional, de grande tradição crítica nos estudos literários latino-americanos, se apresenta como uma variável em crise, atualmente afetada pelos movimentos migratórios, pelo intercâmbio de signos, símbolos e valores que fluem nas redes sociais, pelas novas formas de identidade de grupo geradas nas comunidades virtuais, pelos diversos processos de mundialização da cultura e pelo próprio esgotamento de um modelo crítico e historiográfico que articulava literatura, língua e território nacional de maneira linear e contínua? Como pensar as fronteiras, as fertilizações diaspóricas, as relações norte-sul, os diálogos ilhas-continente, os intercâmbios trasatlânticos, os processos de negociação linguística, as poéticas produzidas na expansão dos limites da linguagem, do espaço, dos gêneros e dos suportes tradicionais da produção literária? Como pensar os diálogos translocais, transmediais, transgêneros e de transárea que hoje dinamizam a cultura latino-americana? Qual o sentido de voltar a temas tradicionais da historiografia literária latino-americana

(fundamentalmente dos séculos XIX e XX) que se fixaram sob um modelo de base lineal sob outras perspectivas de análise?

Sem pretender respostas definitivas, tentamos mobilizar uma reflexão em torno de uma textualidade transamericana e transatlântica, pensando a comunidade literária latino-americana a partir de um heterogêneo constitutivo, do conflito e do paradoxo dos limites. Nessa linha de pensamento, o simpósio propõe abrir um espaço de debate em torno a questões que problematizem toda articulação linear e contínua entre literatura, língua e território, mobilizando uma reflexão crítica disposta a explorar os deslocamentos, as fronteiras e os intercâmbios linguísticos, literários ou culturais. Em síntese, atendendo à alta mobilidade cultural da contemporaneidade, buscaremos indagar as possibilidades de uma literatura que, na sua errância, tende a apagar a sua origem para favorecer uma multiplicidade de enraizamentos simultâneos ou sucessivos (N. Bourriaud). Serão aceitas propostas que abordem questões tais como: literatura e movimentos migratórios; literatura e processos de negociação linguística; literatura e outras linguagens; literatura e formas heterogêneas da cultura; literatura e tradução; relações literárias transversais entre o regional, o nacional e o mundial; literatura e deslocamentos interamericanos e transatlânticos; releituras contemporâneas da historiografia literária latino-americana e temas comparados de história e crítica da literatura latino-americana.

Palavras-chave: Relações literárias transamericanas, Relações literárias transatlânticas, Deslocamentos culturais, literários e linguísticos, Estudos de Transárea

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

Wo am I? Identidade, alteridade e negociação cultural no livro *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie

IASMIN ROCHA DA LUZ ARARUNA DE OLIVEIRA (UERJ)

Resumo: Frente ao panorama mundial pós-moderno, marcado pelo acirramento da globalização e por um crescimento de sociedades multiculturais, nas quais é possível observar um fluxo contínuo de migrantes, é necessário entender como as identidades, antes unificadas e estáveis, tem se tornado fragmentadas e diversas. Partindo disso, esse artigo tem como objetivo, a partir de teóricos como Stuart Hall, Nestor Garcia Canclini, Edward Said, Homi Bhabha, Silviano Santiago, Glória Anzaldúa, entre outros, analisar no romance *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie o percurso da personagem migrante Ifemelu e como esta personagem lida com as questões da identidade e da alteridade num contexto de diversidade cultural. Em meio a uma Nigéria dominada pelo regime militar nos anos 1990, Ifemelu, personagem principal da trama, e Obinze, seu primeiro amor de juventude, assistem à situação calamitosa do país, recheada por sucessivas greves na universidade, e à partida de vários estudantes que buscam melhores condições de vida e um futuro mais promissor. Ifemelu não foge à regra e parte da Nigéria para viver e estudar nos Estados Unidos. Longe dos familiares e do namorado, a personagem precisa reconstruir sua identidade e enfrentar, pela primeira vez, a questão racial. É apenas na América do Norte que Ifemelu se descobre enquanto mulher negra. A chegada da personagem aos Estados Unidos não é fácil e as perspectivas de uma vida melhor e mais confortável são, a princípio, frustradas. Ifemelu tem muitas dificuldades para arranjar um emprego e para se adaptar aos códigos sociais da cultura norte americana. Por ser negra, africana e imigrante, ela sente o peso dos estereótipos e é oprimida em diferentes momentos da narrativa, o que fica claro quando assume

papeis que são inferiorizados pelos norte-americanos, como babá e prostituta. Além disso, há uma forte pressão para que Ifemelu suprima seu sotaque nigeriano e tente adotar a pronúncia americana do inglês, visto que o inglês da Nigéria é marcado pelo hibridismo por conta das diferentes etnias que habitam o país. O inglês de Ifemelu é marcado pelo igbo, o qual também é língua materna da personagem. “Americanah!”, brincava Ranyinudo sempre. “Você está vendo as coisas com olhos de americano. Mas o problema é que nem é uma americanah de verdade. Se pelo menos tivesse um sotaque americano, a gente aturaria as reclamações!” A princípio, Ifemelu tem uma postura aparentemente neutra frente às ofensas, ao racismo e aos discursos xenofóbicos, no entanto, a vida da personagem ganha uma nova guinada, quando ela decide escrever um blog denunciando as situações de opressão pelas quais passa e questionando os modos de vida dos americanos a partir da perspectiva de uma negra não americana. O romance aborda temáticas referentes ao multiculturalismo, além da busca pela identidade marcada pela vivência num ambiente de alteridade e de diversidade cultural. Ifemelu se desloca tanto geograficamente, da Nigéria para os Estados Unidos e, depois, dos Estados Unidos de volta à Nigéria, quanto ideologicamente, passando por diversos processos de construção identitária. A personagem não deseja perder aquilo que a faz sentir-se nigeriana, todavia, percebe também a necessidade da negociação cultural. REFERÊNCIAS: ANZALDUÁ, Glória. Como domar uma língua selvagem. Cadernos de Letras UFF – Dossiê da língua portuguesa, nº39, pág. 297-309, 2009. BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. CANCLINI, Nestor Garcia. Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. _____. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008. FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. FIGUEIREDO, Eurídice. Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura. Rio de Janeiro: 7letras, 2010. HANCIAU, Núbia Jacques. Entre-lugar. In:

FIGUEIREDO, Eurídice. Conceitos de literatura e cultura. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 125-141. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. _____. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. PARANHOS, Ana Lúcia Silva. Des(re)territorialização. In: BERND, Zilá (Org.) Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 147-166. SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. SANTIAGO, Silviano. O Cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Palavras-chave: Identidade, Alteridade, Negociação cultural, Americanah

Literatura, ética e violência: narrativas transamericanas da escravidão

DENISE ALMEIDA SILVA (URI)

Resumo: Esta comunicação propõe o estudo de narrativas da escravidão em uma perspectiva transamericana, a partir do estudo comparativo de obras de escritoras negras das Américas publicadas a partir do quarto final do século XX. A escolha da exploração da escravidão e da violência inerente a essa prática justifica-se quando se considera como a exploração e saque dos bens naturais das Américas, impulsionada pelo desejo de lucro fácil e farto, levou ao aprisionamento e, especialmente no Caribe, ao genocídio dos indígenas, e, mais tarde, à importação em massa de escravos africanos. Embora seja impossível calcular o número de africanos sequestrados para as Américas, estima-se que não menos de quatorze milhões cruzaram o Atlântico a bordo dos navios negreiros, dos quais cerca de vinte por cento morreram já na travessia transatlântica; atestam, ainda, a violência do sistema escravista os incontáveis escravos mortos, mutilados e abusados física e psicologicamente. Uma vez que a presença negra em solo americano associa-se à prática da escravidão em diferentes regiões de cada país e do continente americano, desafia e impossibilita uma narrativa una, nacional ou continental. Também

a prática da violência é concebida, aqui, como construção material e histórica, a qual deve, pois, ser entendida a partir de contextos temporais e espaciais específicos. Propõe-se, assim, o estudo de tema recorrente na literatura negra contemporânea das Américas: o ideal de liberdade e dignidade, especialmente como contraposto à prática da escravidão, em seu viés histórico e em formas contemporâneas de despossessão econômica e injustiça social. Como Conceição Evaristo (2010) ressalta, a palavra poética é não apenas um modo de narração do mundo, mas a expressão de desejo utópico de construir um outro mundo, revelando o descontentamento com a ordem estabelecida. Nesse contexto, e para os povos colonizados, a arte torna-se lugar de recriação e resistência, apresentando fatos e interpretações novas de uma história anteriormente narrada pela voz e pelo olhar do colonizador. Propõe-se exame da relação forma- conteúdo na expressão da violência da escravidão, pois como Ginzburg (2010) comenta, há ligação indissociável entre a percepção do contexto e a concepção estética e ética. Lembrando o Adorno de Educação após Auschwitz, Ginzburg ressalta um princípio geral presente em muitos de seus trabalhos: a ideia de que o extermínio não deve se repetir, de forma que a catástrofe não se torne continuidade nem regra – sua filosofia da história reconhece a presença da violência, mas a recusa criticamente, motivo pelo qual a violência entra no campo estético sobretudo dada a potencialidade do “elemento antibárbaro da arte”. Três narrativas da escravidão, escritas por escritoras da América do Norte, Central e do Sul, serão alvo desta análise: *Corregidora* (1975), da escritora americana Gayl Jones; *Abeng* (1984), da jamaicana Michelle Cliff, e *Ponciá Vicêncio* (2003), da brasileira Conceição Evaristo. Espera-se que a análise comparatista contribua para a compreensão de como a escravidão, tema que perpassa as narrativas das Américas em um debate que atravessa os campos estético, ético e político, tem sido tratada em espaços e temporalidades diferentes ao longo do último quarto de século.

Palavras-chave: Escravidão, violência, ética, narrativas transamericanas

Errâncias de um gênero na obra de autores de origem antilhana: a reinvenção da textualidade policial à luz da poética da criouliização

MARIA BERNADETTE THEREZA VELLOSO PORTO (UFF)

Resumo: Errâncias de um gênero na obra de autores de origem antilhana: a reinvenção da textualidade policial à luz da poética da criouliização Maria Bernadette Porto (UFF/CNPq) Gênero aberto à pluralidade de vozes, de pontos de vista e de temporalidades, o romance constitui domínio privilegiado da representação do Diverso (GLISSANT) no campo literário antilhano. No âmbito da escrita policial, autores como Patrick Chamoiseau, Ernest Pépin, Raphaël Confiant e Maryse Condé introduzem um espaço de reflexão e de transformações criativas. Para tanto, afastam-se de um modelo prévio como se conferissem nova origem a um gênero considerado, muitas vezes, como menor. Buscando inspiração nos arquivos móveis do universo da oralitura, conferem a suas obras um perfil singular que os distingue do maniqueísmo e da lógica cartesiana presentes na textualidade policial. Desviando-se do esquema clássico crime/investigação/solução do mistério, engajam-se na aclimação do gênero ao contexto sócio-histórico e cultural local, propondo uma reflexão crítica sobre a sociedade e sobre a própria escrita. A partir da ironia e de um olhar desviante (BISCHOFF), apostam frequentemente na subversão do gênero graças a uma perspectiva paródica e carnavalesca. Enquanto repetição com diferença e transcontextualização irônica (HUTCHEON), em suas obras a paródia corresponde à mobilidade de um gênero que, ao migrar da metrópole para as “margens”, não cessa de se revitalizar. Nas obras ficcionais dos escritores citados, a escolha da textualidade policial se reveste das características do desvio (GLISSANT): diante da impossibilidade de representar a palavra dos oprimidos na história oficial, trata-se de dar voz, na qualidade de testemunhas de um crime, a uma pluralidade de personagens subalternos cujos depoimentos parecem suspeitos aos olhos dos representantes da lei. Isto confirma o poder fabulador da morte, presente no imaginário coletivo antilhano, como se depreende

nas vigílias fúnebres. Mais do que a solução de um mistério ao término de uma investigação ou a confrontação entre o Bem e o Mal, seus romances apresentam a antinomia entre dois universos à primeira vista irreconciliáveis, entre a ordem e a desordem, entre a violência da urbanização e a força da tradição, entre a língua francesa e a língua crioula. Sem cair nas armadilhas das dicotomias previsíveis, tais livros foram inspirados na criouliização (GLISSANT), processo cultural associado ao inacabamento e aos encontros imprevisíveis para além das fronteiras. E é sob o signo dos encontros da criouliização que textos de Stanley Péan e Émile Ollivier foram concebidos. Escritores da diáspora haitiana no seio da literatura quebequense, exploram a escrita policial a partir da migração de figuras ligadas ao imaginário haitiano – e em particular ao Vaudou –, que, da passagem da ilha ao continente, adquirem novas significações. Assumindo características do monstro – ser das zonas limítrofes, nascido das encruzilhadas metafóricas e culturais (COHEN) –, as figuras de Erzulie e Bizango devem ser vistas sob o viés dos movimentos do trans: transculturais, transnacionais, imprimem à paisagem cosmopolita de Montreal as marcas do imprevisível, capazes de abalar antigas certezas. Ao tirarem partido da cultura fortemente sincrética do Haiti, os dois autores tropicalizam o espaço urbano montrealense (NEPVEU) graças à contribuição de signos culturais antilhanos que, no espaço do Outro, circulam em jogos de negociações identitárias entre línguas, memórias e imaginários, em um mundo marcado pela Relação (GLISSANT) e por identidades móveis, ligadas à inauguração de novas origens no interior das Américas transnacionais.

Palavras-chave: gênero, narrativa policial, Antilhas, Quebec

A Poética da Relação: o Caribe em conexão com o mundo

MARIA FERNANDA ISIDORO CHAVES (UFRJ)

Resumo: Em um mundo cada dia mais xenofóbico, racista e homofóbico, onde a intolerância e o discurso de ódio ganham cada vez mais espaço, faz-se, mais do que nunca, urgente e necessária, a Poética

da Relação, proposta por Édouard Glissant. Para o ensaísta, poeta e romancista nascido na Martinica no ano de 1928 e morto em 2011, a condição insular do Caribe proporciona a abertura ao outro por meio de pensamentos inacabados, em constante construção, ao mesmo tempo locais e universais. Glissant irá recorrer à História para explicar como as ilhas caribenhas passam de meras superfícies de trânsito a espaços que proporcionaram a transculturação, a ebulição cultural, o contato e a troca de influências, fazendo do Caribe um mar que descentra, ao contrário do Mediterrâneo que, segundo o próprio autor, concentra, fechando-se, assim, ao novo e ao diferente. Enquanto local de passagem, o Caribe torna-se uma oportunidade para a Relação já que essa é, conforme o martiniquenho, sinônimo de movimento. O processo das plantations instalado em boa parte da América foi, de acordo com Glissant, determinante na construção desse Caribe transcultural. Segundo ele, a exploração do trabalho do negro associada ao projeto de desvalorização e aniquilação dessa mesma cultura acabou por proporcionar novas formas de expressão, já que o negro precisou encontrar meios de expressar aquilo que era proibido pelos colonos: sua própria cultura. Essa proibição construiu, assim, uma expressão baseada no acaso, no inesperado, na descontinuidade, na valorização do inédito, na não submissão a regras previamente estabelecidas, proporcionando a construção de um imaginário baseado no insólito. Dessa forma, o Caribe mostra-se, desde sua formação, aberto ao outro, respeitando o diferente, aceitando o inesperado, sendo um microcosmo do que pode e deve ser o pensamento universal. Ainda para Glissant, a Relação é: “a possibilidade para cada um encontrar-se, a todo momento, solidário e solitário” (GLISSANT, 1990, p.146), o que irá fazer com que o autor recorra ao conceito de rizoma em oposição ao conceito de raiz para expor seu pensamento. Enquanto a raiz vincula-se à unidade, a um ponto fixo e, portanto, a uma relação binária, já desgastada e reducionista, o rizoma engloba aquilo que “nem começa nem conclui”, e, contrário à raiz, não apresenta um ponto de partida definido. Glissant

nos convida, assim, a compreender o mundo e as relações humanas a partir do Caribe, afinal, lá, historicamente, lutou-se contra o preconceito, contra a voz do mais forte, contra a hegemonia de um povo sobre o outro, contra o isolamento, ou seja, desde sempre a experiência insular abriu seu povo para o outro, vendo na Relação não uma ameaça, mas uma continuidade de si mesmo. Dessa forma, a partir dessa proposição, Glissant nos apresenta o seguinte e atual desafio: “Como sermos nós sem se fechar ao outro e como se abrir ao outro sem nos perdermos de nós mesmos?” (GLISSANT, 1996, p.23) Bibliografia: GLISSANT, Édouard. Poétique de la Relation. Paris: Gallimard, 1990. GLISSANT, Édouard. Introduction à une poétique du divers. Paris: Gallimard, 1996.

Palavras-chave: Relação, Caribe, insularidade, rizoma

Espaço biográfico e figurações da memória na literatura cubana-americana

ELENA C. PALMERO GONZÁLEZ (UFRJ)

Resumo: Neste trabalho proponho estudar um segmento muito singular da literatura cubana, a literatura produzida no espaço geocultural dos Estados Unidos por escritores que emigraram de Cuba muito pequenos ou que nasceram na terra de adoção de seus pais. Trata-se de uma escrita de natureza anfíbia, bifronte, marcada pelo hífen revelador da biculturalidade, expressiva dos novos enraizamentos que acompanham a todo movimento diaspórico. Nesse corpus, focalizo por sua vez um campo discursivo particular: o que abriga narrativas vivenciais e autorreferentes, atreladas a um espaço biográfico (ARFUCH, 2010), questão que vincula à constituição de uma memória comunitária diaspórica e, extensivamente, à constituição de uma memória cultural cubana. Um estudo sistemático da literatura cubana-americana apontará uma marcada recorrência do tema da memória, que se desenvolve nas mais variadas formas discursivas do autobiográfico: às vezes, nas formas clássicas da autobiografia, das memórias ou da confissão; outras vezes, nas formas híbridas da autoficção ou da ficção

romanesca de cunho autobiográfico; e ainda nas formas ensaísticas que exibem um tecido biográfico em sua apresentação. A proposta é ler esses textos em uma trama discursiva dialógica, postular um espaço comum de inteligência de todas essas narrativas, à margem da clássica leitura taxonômica de gêneros discursivos e da procura do contrato verdade/ficção. Pensando o espaço biográfico como uma zona de convergência de múltiplas formas, gêneros e horizontes discursivos que, perpassados pelo biográfico e vivencial, abrem um espaço de indagação sobre nossa contemporaneidade, proponho estudar a confluência de discursos de teor autobiográfico e memorial produzidos por escritores cubano-americanos como espaço de autorreflexão de uma época e de uma comunidade, traçando uma cartografia de trajetórias individuais, mas sempre na busca de uma significação coletiva. Fazer uma leitura transversal, simbólica, cultural e política do espaço biográfico gerado nessa textualidade pode funcionar como sugestivo horizonte de leitura de uma memória comunitária diaspórica, e, por extensão, de uma memória cultural cubana.

Palavras-chave: Literatura e diáspora, Literatura cubana-americana, Espaço biográfico, Memória

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

Menos tropical e mais tropicalista: a subtropicalia ítalo-germânica e um projeto de dissolução do Brasil

GUSTAVO ARTHUR MATTE (PUC-RS)

Resumo: Nem brasileira, nem estrangeira. Nem italiana, nem alemã. Nem gaúcha ou barriga-verde. A voz desta reflexão se aproxima e se afasta, mergulha e emerge, implode e explode as imagens de sua terra natal (a cidade de Chapecó) na busca de algum denominador identitário, um porto seguro para que possa, finalmente, entender: “é possível,

para mim, ser brasileiro?”. Mas a questão é mais espinhosa do que pode parecer a quem não conhece as especificidades da formação cultural do Oeste de Santa Catarina, região de colonização recente e acelerada, italiana e alemã, onde os grandes “temas históricos nacionais” (como a escravidão de africanos, a colonização portuguesa e o domínio territorial português) não existiram. É um lugar alheio à ambiência sociocultural do Brasil, extraviado da tradição nacional; ao mesmo tempo, recente demais para ter uma tradição própria bem definida, perceptível, continuável. Surgem, então, questões interessantes: como falar a partir de um lugar sem tradição? É um lugar sem passado? Sem memória? E como pertencer a esse lugar? Ou melhor: como pertencer literariamente a esse lugar? A busca pela resposta está atrelada à execução de um projeto literário intitulado *Demo via, let's go!*, cuja relativização constante de conceitos-chave (pátria, nação, tradição, mundialização, identidade nacional etc.) problematiza noções de cultura, regionalidade e nacionalidade, para encontrar a síntese em um conceito novo e retardatário: a Subtropicália – tentativa de (des)construir a brasilidade através de um ponto de vista bastante incomum: o Sul italiano-alemão, urbano e jovem, negociando constantemente entre o local, o nacional e o mundializado das técnicas de comunicação e da cultura de massas – para diluir a presença hegemônica da brasilidade luso-tropical na evidência de outras formas de sensibilidade e experiência. O percurso reflexivo parte da constatação de duas temporalidades mais ou menos bem delineadas convivendo na cidade de Chapecó durante a passagem para o século XXI, resultado de uma intensa transformação geracional que levou uma sociedade tradicional de agricultores italo-germânicos a precisar, repentinamente, conviver com uma crescente juventude urbana, antenada na cultura global de massas, de viés cosmopolita e contracultural, trazendo consigo a discussão sobre formas comportamentais que vinham sendo discutidas, nos grandes centros urbanos, pelo menos desde os anos 1960. Disto, resulta a surpresa de que as formas desterritorializadas da indústria cultural

tenham se misturado à experiência local sem grandes necessidades de negociação ou mediação simbólica, ao contrário, por exemplo, das formas convencionais de brasilidade, que sempre encontraram resistência. A comparação com outras reflexões que tentaram pensar o Sul do Brasil pela ótica do estranhamento revela a constância da ideia de uma homogeneidade cultural nacional e outra regional, quase sempre inconciliáveis. É o caso da *Estética do frio*, de Vitor Ramil, ou (em grau e forma bem diferentes) do romance *Estudo de caso*, de Paulo Pappen – que parecem marcar a especificidade regional através de um signo identitário bem delineável, seja o clima ou o uso da língua. Procurarei trazer a questão da identidade para uma ótica mais “diluída”, transitando concomitantemente por variados espaços, códigos culturais e temporalidades inconciliáveis apenas na aparência.

Palavras-chave: identidade regional, identidade nacional, deslocamento cultural, mundialização

Deslocamentos territoriais e hibridações culturais em *La cognizione del dolore* de Carlo Emilio Gadda

FABRIZIO RUSCONI (UFRJ)

Resumo: No romance *La cognizione del dolore* (1938-1941) de Carlo Emilio Gadda (1893-1973), dois sistemas culturais e linguísticos parecem coexistir: um contexto regional italiano, a Brianza, e outro estrangeiro, latino-americano. Os fatos narrados se passam em um estado imaginário da América do Sul, que no romance assume formas e nomes de fantasia, por trás das quais podem ser lidas memórias e impressões de uma estadia na Argentina realizada pelo escritor engenheiro na década de 1920. Os efeitos que o texto provoca a partir desse ponto de vista estranho são consideráveis. Gadda subverte a perspectiva recorrente na literatura de viagem e de migração: “ao invés de falar da sua experiência e da própria cultura de um ponto de vista externo, projeta externamente a matéria da narração e coloca o ponto de vista do narrador em seu lugar de origem” (DI RUZZA, 2013). O intuito desse trabalho será o de

aprofundar a questão do híbrido territorial e linguístico. O maradagalese – a língua falada no Maradagàl – assinala algumas questões relevantes na relação escritura e língua (DELEUZE e GUATTARI, 1977); enquanto o deslocamento ficcional, num país inexistente, porém verossímil, problematiza as categorias de identidade, comunidade e território (BOURRIAUD, 2009).

Palavras-chave: Carlo Emilio Gadda, La Cognizione del Dolore, Híbrido territorial e linguístico, Deslocamentos

Em trânsito

MANUELA FANTINATO (PUC-RIO)

Resumo: O nome de Vilém Flusser é amplamente conhecido no mundo ocidental, quase invariavelmente associado a uma filosofia ou teoria dos novos meios de comunicação. Tcheco de nascimento, foi incluído no rol dos pensadores de tradição germânica, embora tenha passado mais de 30 anos no Brasil, para onde veio fugindo da ameaça nazista. Por aqui, publicou diversos livros, foi ativo colaborador na imprensa e atuou em importantes universidades e espaços institucionais. Ao longo de sua vida, dedicou-se aos mais variados temas, da escrita às imagens técnicas, da arte à ciência, do existencialismo à epistemologia. Sempre avesso a classificações e à criação de sistemas ou metodologias, rejeitava a determinação de filósofo, preferindo a de escritor. Entre seus escritos, destacam-se vários ensaios, produzidos em português, alemão, inglês e francês, sobre a experiência do exílio. Muitos desses textos foram reunidos no livro “The freedom of the migrant: objections to nationalism”, lançado, a partir de traduções de originais alemães, nos Estados Unidos, mas não circulado no Brasil, país onde iniciou sua carreira intelectual e onde se engajou durante os anos em que tinha como meta “tornar-se escritor brasileiro”, conforme narra em sua autobiografia, Bodenlos. Este trabalho trata da filosofia do exílio de Vilém Flusser, a partir dos textos reunidos no livro “The freedom of the migrant”, procurando compreender o conceito de exílio trabalhado

pelo autor e suas relações com sua própria prática intelectual. O exílio parece ser uma instituição fundadora do pensamento de Vilém Flusser, uma espécie de metáfora cujo sentido ele subverte, compreendendo-a como potência produtiva. Trata-se de uma experiência que desestrutura sua relação com passado e futuro, no sentido que lhe furta ambos, e com a noção de uma identidade estável, mas que também lhe concede liberdade para as futuras escolhas que faz. Chega a colocar-se como modelo a serem seguido: “Nós, os inúmeros milhares de migrantes (sejam trabalhadores estrangeiros, expatriados fugitivos ou intelectuais em visitas frequentes a seminários) nos reconhecemos então não como marginais mas sim como vanguarda do futuro”. Diferentemente de outros artistas e intelectuais que compartilharam experiências semelhantes de deslocamento, Flusser transforma seu exílio em filosofia e modo de vida. Empreende críticas ao nacionalismo e reflexões sobre as diferentes experiências de deslocamento do mundo contemporâneo, exaltando a condição de eterno migrante como produtora de significados e pensamento. Trata-se de um pensamento que se faz em trânsito, obedecendo a condição contemporânea de um mundo em ruínas, em que a estabilidade de geografias, identidade e saberes não faz mais sentido.

Palavras-chave: exílio, contemporaneidade, Vilém Flusser, intelectual

O escritor fora de sua língua

RAFAEL EDUARDO GUTIERREZ GIRALDO (PESQUISADOR INDEPENDENTE)

Resumo: As transformações socioculturais das últimas décadas (o enfraquecimento dos estados nacionais, o recrudescimento das ideologias autoritárias, a volatilidade do capital, a desterritorialização da cultura, a virtualização da vida, os altos fluxos migratórios, etc.) interpelam-nos a ressignificar, enquanto pesquisadores da cena do presente, nossos aparatos (muitas vezes, fixos) de leitura e a abrir-nos a uma abordagem multifocal das artes, mais particularmente, da literatura. Nesse sentido, aceitando-se a premissa de que a nossa época

reconfigurou, por exemplo, as relações território/cultura, parece-nos pertinente lançar algumas interrogações: tais transformações teriam instaurado uma crise na cultura? Uma vez admitida uma crise nesta, haveria desembocado no campo das letras? Estas indagações permitem-nos indagar o lugar das letras contemporâneas no espectro das reacomodações do tempo e, sobretudo, perscrutar as (novas) conexões entre cultura/território/identidade na era da globalização. Assim sendo, se estes não são mais associados de modo natural, como têm sido compreendidos? Como a literatura, em terras latino-americanas, os tem elaborado? Para trazer à baila essas questões, na presente comunicação, propomos uma leitura de Leite derramado (2009), de Chico Buarque. Dentre muitos elementos, esta obra, aparentemente, potencializa o estatuto fictício da homogeneidade cultural da nação. Através da voz de um (ex) representante da aristocracia no Brasil, que decide contar sua história, alçam-se à visibilidade narrativa as tensões, contradições e conflitos que atravessam a temporalidade (linear) da nação. A enunciação do narrador centenário parece, ao narrar a si mesmo, dotada, também, do anseio de delinear o Outro. Na apresentação deste, emergem os fatores raça/classe, obliterados nos limites do discurso do nacional. Procuraremos, então, refletir se a obra, aqui estudada, se alinharia a um conjunto de textos latino-americanos, de fim do século XX e início do XXI, que, em tese, mobilizariam uma perspectiva crítica diante das concepções universalistas da história, as quais tendem a apostar na ideia de um sujeito político “universal” e a apagar, por extensão, os antagonismos entre os diversos atores sociais (proletariado, burguesia, mulheres, negros, grupos LGBTQ, etc.) que disputam reconhecimento, direitos e poder no âmbito da sociedade. Se a narrativa estiver no conjunto de tais obras, como faria despontar, em seu interior, a rasura à teleologia do universal? Como se constrói o contraste Eu/Outro na fala do narrador protagonista? Esta fala é capaz de vislumbrar o Outro em sua singularidade? Desse modo, buscaremos, nesta proposta, investigar as estratégias ficcionais mobilizadas na obra para desassociar

a tríade território/cultura/identidade nacional. Para tanto, apoiaremos-nos, fundamentalmente, nas formulações do antropólogo argentino Alejandro Grimson (2012) acerca das chamadas teorias da identidade.

Palavras-chave: Chico Buarque, identidade, nação, universal

Felipillo, ou o tradutor-intérprete de Juan José Saer

LÍVIA GROTTTO (USP)

Resumo: O conto de Juan José Saer, “El intérprete”, incluído no volume de 1976, *La mayor*, aborda a tradução de culturas ao resgatar e reelaborar ficcionalmente uma “cena de tradução” ocorrida no território peruano: o encontro do rei inca Atahualpa (Ataliba em Saer) com o conquistador espanhol Francisco Pizarro, intermediados pelo tradutor Felipillo. Em certo momento da narração, este último se pergunta, hesitando sobre a sua função de tradutor-intérprete: “¿Entendí lo mismo que dijeron? ¿Devolví lo mismo que recibí?” (Saer, 2008, 178). Esse choque da língua e dos valores quéchuas com a língua e os valores castelhanos manifesta vários tipos de intraduzibilidade, aos quais Ilse Logie (2003, 494) soma o das afetividades, pois para o tradutor Felipillo o quéchua é a “lengua primordial y plena con la que su madre le llamaba”, em oposição ao castelhano – idioma masculino, por assim dizer – que exercia sobre Felipillo o fascínio da cultura forte e dominadora, com “sus pechos de piedra que cintilaban” (Saer, 2008, 178). A “cena de tradução”, segundo a expressão empregada por Nora Catelli e Marieta Gargatagli, é justamente esse “lugar imaginario donde se enjuicia, precisamente, la existencia de los otros. Se dirime esa existencia y la nuestra a través de la apropiación o rechazo de una lengua, un mundo o un orden simbólico ajeno” (Catelli, Gargatagli, 1998, 21). Em Saer, ao lado do romance *El entenado*, o conto “El intérprete”, no qual gostaria de deter-me durante a comunicação, revisa a identidade daqueles que o tradutor Felipillo procura entender. Por meio de sua “antropologia especulativa” (Saer, 2014, 16; Riera, 1996), a maior parte das representações do “selvagem” e/ou “bárbaro”, com as

quais se têm contato desde as crônicas da conquista, são questionadas. O conto ainda manifesta o enfrentamento, as dificuldades, mas também as possibilidades de tradução entre colonizador e colonizado, presente e passado, língua castelhana e língua autóctone, língua escrita e oral. Trata-se de uma busca da alteridade que, em Saer, desenha um lugar de tradução da palavra do outro (o indígena, o colonizado), cuja língua, considerada de “intercâmbio” – em oposição às “línguas de cultura” como o francês, o italiano ou o próprio espanhol – foi apagada. Com esse conto Saer passa a requerer para a tradição estética hispano-americana um tempo anterior à colonização, assim como o resgate de uma grande quantidade de culturas, línguas e povos autóctones. Uma tradição que também seria reivindicada por outros escritores como José María Arguedas e Carlos Fuentes.

Palavras-chave: Juan José Saer, tradução de culturas, antropologia especulativa, literatura hispano-americana

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 3

Os arquivos da intimidade do exílio de espanhóis na América

SILVIA CÁRCAMO (UFRJ)

Resumo: As escritas da intimidade (memórias, diários íntimos, entrevistas) de escritores espanhóis exilados na América por causa da derrota republicana na Guerra Civil conformam um amplo, disperso e heterogêneo arquivo desprendido do território. Sua pesquisa lança luz sobre o cone de sombra em que permaneceu a produção desses escritores. Sem espaço na historiografia literária espanhola e igualmente insignificante na latino-americana, defendemos a necessidade de incursionar no estudo das relações, nos diálogos e nas diferenças existentes neste espaço de escritura. Propomos como central a noção de inter-arquivo (Daniel Link) para situar a literatura em que uma

comunidade está construindo uma particular subjetividade em situação de exílio. Tomamos como objeto de atenção os trânsitos, posições nos campos culturais e o pertencimento a comunidades literárias de Rosa Chacel na Espanha, na Argentina e no Brasil.

Palavras-chave: Relações transatlânticas, comunidades literárias, Rosa Chacel, Exílio espanhol

Novos mapas do hispanismo: a decadência dos impérios ibéricos

ANNA HERRON MORE (UNB)

Resumo: O tema do simpósio nos desafia a pensar conexões transatlânticas e transhemisféricas entre obras e autores literários como reflexão e resposta ao enfraquecimento do paradigma das histórias literárias nacionais e regionais. Ou seja, nos instiga a pensar novos mapas das literaturas americanas, além de fronteiras nacionais e lingüísticas. Esses mapas podem ser não somente espaciais, mas temporais, juntando obras em novas influências, reflexões, e contradições para criar sentidos além do histórico mas que fogem da ideia do universal. O quê seria a literatura que conecta um lugar a outro fora de instituições conhecidas; quais são as formas materiais ou ressonâncias literárias que fazem os textos circular e em quê âmbitos ou territórios; quê novos encontros podem existir uma vez que as fronteiras e o nacionalismo deixam de implicar obstáculos entre obras? Esta apresentação focará essa chamada para a renovação espacial e temporal dos textos americanos em um momento histórico específico, ao final do século XVII. Tomando como ponto de partida a noção do território administrativo, com suas capitais e periferias, a pergunta seria, o quê acontece quando começam a decair as instituições que seguram essas relações geográficas? Tal é o caso da decadência dos impérios espanhol e português, sobre tudo na versão monárquica habsburga que dominou ambos os territórios durante um momento chave entre o final do século XVI e o meio do século XVII. Até o final do século XVII, esse desmoronamento já foi completa e a ambição

de controle imperial total —relacionado a uma imaginação antiga de cristandade universal— se impossibilita. O trabalho propõe-se a ler uma estranha ressonância entre três figuras que transitam a periferia dos impérios ibéricos na segunda metade do século XVII: Baruch Espinosa, Sor Juana Inés de la Cruz, e a Rainha Njinga de Angola. São três autores cujas obras e figuras reflipam as ruínas de formas fundamentais que sustentaram os impérios católicos. O Espinosa, como é conhecido, vem de uma família portuguesa-judáica cuja língua doméstica era o espanhol. A freira mexicana Sor Juana Inés de la Cruz declara entrar no claustro irónicamente como ato de autonomia e confronta a igreja institucional. Njinga é uma líder mbundu que sobrevive as guerras angolanas e assim resiste ao mercantilismo português e ao catolicismo como forma de subjugação política. Ela escreve cartas mas também é descrita por vários textos portugueses que se fascinam e frustram com sua autonomia perene. O trabalho apresentará a justificativa de um livro em andamento, que utiliza os escritos sobre e de estas três figuras, para pensar uma ontologia fronteiriça que estrategicamente evita as formas finais que têm definido até esse momento o projeto político ibérico: a teleologia aristotélica; o catolicismo, e a subordinação política. Além do interesse do próprio projeto, a apresentação empregará o método comparativo dialético, em que cada obra articula uma resposta as aporias das outras desde os limites distintos de sistemas fechados. Levará este método e suas consequências ao diálogo com as disciplinas acadêmicas atuais, para pensar uma maneira de re-articular relações entre obras escritas desde as ruínas dos projetos totalizadores.

Palavras-chave: Mapa, Fronteiras, Ontologia, Hispanismo

Lecturas/escrituras fuera de lugar (pero no de cualquier sitio). A propósito de dos ensayos de Juan Villoro

MIRIAM VIVIANA GÁRATE (UNICAMP)

Resumo: Partiendo de reflexiones acerca del ensayo de las décadas recientes como género sin orillas (Weinberg, 2007) en el que la

enunciación subjetiva sirve para inquirir preferencias estéticas y posiciones éticas (Olmos, 2016) se pretende examinar la relación establecida entre lectura literaria, registro autobiográfico y crónica socio-histórica en dos textos de Juan Villoro. En *El rey duerme: crónica hacia Hamlet* (2007), la dimensión ensayística-literaria (la reflexión sobre las ideas formuladas por Bloom en Shakespeare, la invención de lo humano, sobre la nueva traducción al español de Hamlet emprendida por Segovia, la puesta en diálogo de esas lecturas con La memoria de Shakespeare, de autoría de Borges) se ve constantemente “interrumpida” por la evocación de experiencias asociadas a la estadía del escritor en Yale durante 1994 (sus apuntes personales sobre el seminario de Bloom, que frecuentó, el olvido y posterior rescate de esas notas tomadas en un cuaderno que le regalara una joven estudiante, la colaboración de Segovia en el suplemento cultural de *La Jornada* durante los años en que Villoro fue su director). En ese “otro” relato prevalece la traza autobiográfica pero las resonancias se expanden. Villoro viaja a New Haven poco después de estallar la revuelta zapatista; escucha a Bloom al mismo tiempo que Colosio es asesinado, le pide a Segovia una columna sobre métrica cuando éste desea hablar de “temas más significativos para la hora mexicana.” La ecuación se “invierte” en 8.8. *El miedo en el espejo* (2011), singular “crónica en fragmentos” escrita por Villoro luego de ser sorprendido por el terremoto del 2010 en Santiago de Chile, donde participaba de un congreso. En este caso, el registro autobiográfico y el cronístico se ven interferidos por un demorado ensayo sobre *El terremoto en Chile* (1808), novela de Kleist que a su vez sufre la interferencia (y se torna espacio de resonancia) de las consideraciones del chileno Viveros Collyer acerca del sismo reciente y de las relaciones entre verdad, lógica y experiencia en una civilización que “cree haber domesticado la tierra por todos lados.” Examinar las desterritorializaciones y reterritorializaciones de una escritura que promueve permanentes cruces discursivos, espacio-temporales y culturales diseñando la traza de un sujeto fuera de lugar (Said, 2004)

pero no de cualquier sitio, ni de cualquier tiempo, ni desatento a las asimetrías y disputas entre tradiciones hegemónicas y periféricas es el propósito de la ponencia. Se trata de una instancia enunciativa que ensaya reordenamientos estético-literarios como correlato de una postura ética y busca delinear otras orillas para la literatura, hoy.

Palavras-chave: ensayo literario/crónica/autobiografía, Juan Villoro, relecturas del canon

A profanação da nação e a crítica ao jornalismo na literatura latino-americana contemporânea

DIOGO DE HOLLANDA CAVALCANTI (UFRJ)

Resumo: Este trabalho faz parte de uma pesquisa sobre as representações da nação e da memória histórica na literatura latino-americana contemporânea. Nesta ocasião, enfocamos a presença aparentemente crescente de representações do jornalismo e do jornalista em romances que tematizam a nação e a memória histórica nacional. O corpus inclui obras de Juan Gabriel Vásquez, Juan Pablo Villalobos, Evelio Rosero, Rodrigo Rey Rosa, Juan Villoro, Sergio Chejfec, Roberto Bolaño, Luis Fernando Cueto, entre outros autores que mostram os meios de comunicação como dispositivos homogeneizadores contra os quais a literatura busca se erguer. Como fundamentação teórica, a comunicação articula reflexões sobre as mudanças na compreensão do nacional – visto não mais como algo monolítico e atrelado a um território – com uma análise das relações ambíguas entre jornalismo e memória coletiva. Dialogando com o trabalho de Josefina Ludmer (“Tonos antinacionales en América Latina”, de 2010), identificamos nos romances estudados um gesto de profanação, no sentido dado por Giorgio Agamben em seu livro *Profanações* (2007), ou seja, o de restituir alguma coisa ao uso comum dos homens, retirando da esfera religiosa e sacra em que se achava confinada. Desta maneira, profanar a nação seria uma tentativa de refundá-la sob um paradigma democratizante – ou, como diz Hugo Achugar (2006, p.160), de instaurar uma “memória

democrática”, em que caibam não apenas os presidentes, os generais, os latifundiários, mas todos os setores da sociedade. Uma vez que a memória histórica, como afirma Abril Trigo (2003, p.88), é “un montaje narrativo, literario y pedagógico, que exorciza lo diferente, aquello que transgrede la norma o desvía de la eterna repetición de lo mismo”, a profanação funciona como um “contradispositivo” que permite aos escritores representar a memória nacional como uma construção permanente, um constante embate de memórias, em contraste com as visões monolíticas cristalizadas pela história hegemônica e os meios de comunicação de massa. Estes, embora possam contribuir para a preservação de uma memória coletiva, são também construtores de discursos hegemônicos e, cada vez mais, produtores de esquecimento, o que fazem tanto pela condição anterior, de fabricante de discursos hegemônicos, como pela natureza mercadológica, o caráter de usinas de notícias em busca de audiência e rentabilidade. Walter Benjamin já observava que o próprio discurso jornalístico – pautado pela novidade, a objetividade, a desconexão entre as notícias – produz a separação entre fato e experiência, ou seja, relata os fatos sem transmitir uma experiência nem propiciar uma memória. Ricardo Piglia (2012), por sua vez, notou que, com o fluxo incessante de informações, assistimos às catástrofes sem nos sentir implicados, como se fôssemos meros espectadores. Segundo ele, enquanto a literatura consegue envolver o leitor por transmitir uma experiência, o jornalismo nos atinge superficialmente por difundir apenas informações.

Palavras-chave: Literatura latino-americana, Literatura e nação, Literatura e memória, Jornalismo e literatura

Literatura e futuro: Piglia, Saer, Calvino

KELVIN FALCÃO KLEIN (UNIRIO)

Resumo: O objetivo desta comunicação é o de resgatar a releitura proposta pelo escritor argentino Ricardo Piglia das “seis propostas para o próximo milênio” do escritor italiano Italo Calvino. Em dois textos

distintos e interligados, “Uma proposta para o novo milênio” e “Três propostas para o próximo milênio – e cinco dificuldades”, Ricardo Piglia retoma a investida de Calvino acrescentando, porém, uma reflexão acerca daquilo que denomina “deslocamento” e como tal acréscimo é fundamental para a passagem de um registro metodológico de matriz europeia em direção a um latino-americano. O que postula Piglia em seu confronto com Calvino é precisamente a produtividade crítica desses “processos de negociação” que ocorrem na dinâmica desses “intercâmbios transatlânticos”, intercâmbio presente não só na retomada que Piglia faz de Calvino, mas em grande parte de sua obra, tanto crítica quanto ficcional, desde “Respiração artificial” até os recentes “Diários”, passando pelos ensaios de “Formas breves” e “O último leitor”. Uma vez estabelecido tal ponto de partida, a comunicação irá explorar um viés comparatista, aproximando a figura de Ricardo Piglia (e seus esforços de releitura das relações entre América Latina e Europa) de seu conterrâneo, também escritor e crítico, Juan José Saer. No que diz respeito a Saer, o texto específico em questão nesta comunicação será “El río sin orillas”, seu ensaio narrativo em quatro partes acerca da história da Argentina e do Rio da Prata. Ainda mais especificamente, lidarei na comunicação com as páginas de abertura de “El río sin orillas”, nas quais o narrador empreende a viagem da França em direção à Argentina, oferecendo, textual e metaforicamente, uma sorte de contraponto suplementar ao percurso de Piglia em suas propostas. Além desses momentos independentes no interior da poética de ambos os autores, Piglia e Saer, a comunicação lidará também com parte de suas conversações, reunidas no livro “Por un relato futuro”, que serve também como ponto de contato com as propostas de Calvino (como a leitura da tradição pode oferecer perspectivas para o futuro da literatura). A aproximação entre Ricardo Piglia, Juan Jose Saer e Italo Calvino por esse viés dos “processos de negociação” e dos “intercâmbios transatlânticos” como avatares da discussão nacional será aprimorada também com o uso e comentário do artigo de Arcadio Díaz Quiñones,

“A literatura de uma nação pequena: Juan Jose Saer e Ricardo Piglia” (reunido no volume coletivo “Entre ficción y reflexión: Juan José Saer y Ricardo Piglia”). A hipótese central da comunicação é que boa parte dos elementos pertencentes ao “futuro”, diagnosticados pelos três autores em questão, já fazem parte da ordem do dia da contemporaneidade, o que redundará na necessidade de revisão das práticas e das poéticas.

Palavras-chave: Ricardo Piglia, Deslocamento, Tradição, Nação

Lo disperso, lo híbrido, lo fragmentario en la literatura latinoamericana.

ANA CECILIA OLMOS (USP)

Resumo: Este trabajo propone una indagación sobre la potencia crítica de escrituras que, en tránsito entre el ensayo, la crónica, el cuento, el diario o el cuaderno de notas, resisten a cualquier rasgo de especificidad discursiva y se ponen en juego en lo precario, lo heteróclito, lo fugaz y lo abierto, asumiendo la dispersión como procedimiento discursivo que expulsa la literatura hacia zonas de indeterminación enunciativa, genérica y de afiliación literaria. Aunque se trata de una práctica de larga tradición moderna, estas escrituras parecen proliferar a partir de la segunda mitad del siglo XX, cuando las narrativas totalizadoras del boom comenzaron a dar señales de agotamiento, y adquieren una mayor presencia, pero sospecho que bajo diferente signo, en las primeras décadas del siglo XXI. En efecto, a partir de los años 70, se observa una expansión de la literatura hacia una experiencia vital que la lleva a explorar las fronteras de los géneros en una peculiar reformulación del espacio narrativo. Libros como Manual del distraído (1978) de Alejandro Rossi, Prosas apátridas (1975) de Julio Ramón Ribeyro, Zettel (2008) de Héctor Libertella, Irrupciones (2001) de Mario Levrero, Coronación de las flores (2008) de Mario Bellatin pueden ser pensados en este sentido, es decir, como reunión de restos dispersos y heterogéneos de un proceso de escritura que, estrechando los vínculos entre arte y vida, explora los límites de lo que institucionalmente se define como literatura

para instalarse en un espacio de incertidumbre discursiva que no puede ser nombrado. Las reflexiones sobre las literaturas posautónomas (Ludmer, 2010), del arte fuera de sí (Escobar, 2004), del arte fuera de marco (Richard, 2001), de las ficciones errantes (Speranza, 2012), de la estética radicante (N. Baurrioud), de las escrituras centrífugas y liminares (Link, 2006), del arte inespecífico (Garramuño, 2015), de las formas híbridas (Gutiérrez Giraldo, 2015), intentan responder a una producción literaria que se desplaza, con particular maleabilidad, entre la ficción y otros lenguajes y discursos. De diferentes maneras, todas estas nociones apuntan a un cuestionamiento de la especificidad literaria que, aunque remita a experimentaciones que no son ajenas a una idea de literatura moderna, parecen asumir otros modos y producir otros efectos en los días de hoy. Sin dejar de tener en cuenta estas perspectivas teórico-críticas, este trabajo busca indagar las peculiaridades que asumen estas escrituras que en su configuración fragmentaria cuestionan las nociones de centro, unidad y totalidad de las formas acabadas de la representación, colocando en crisis toda instancia de fabulación, sea del sujeto, de la trama narrativa o de la historia literaria.

Palavras-chave: escrituras fragmentarias e híbridas, Julio Ramón Ribeyro, Héctor Libertella, Alejandro Rossi

SEXTA 11

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 4

Dos fantasmas que nos habitan os sonhos: uma leitura de *Visiones de mujer con alas*, de Aimée G. Bolaños

GILIARD ÁVILA BARBOSA (UFRGS/IFSUL)

Resumo: Dando continuidade aos estudos iniciados na elaboração do trabalho apresentado durante o XV Encontro da ABRALIC, esta investigação continua problematizando a questão das identidades como processos de subjetivação que dialogam na e com a História

oficial, inscrevendo, no contexto das literaturas da diáspora, histórias outras na constituição da cultura enquanto instituição. Sobretudo quando se considera uma literatura de autoria feminina que transita por espaços classicamente masculinos – os espaços da viagem, da palavra, do mito – a pluralidade de perspectivas contra-canônicas se impõe como característica. Há, no entanto, no estudo que agora proponho apresentar, um deslocamento de enfoque: se, no Encontro celebrado em setembro de 2016, discutimos a possibilidade de se pensar uma espécie de poética feminina do deslocamento a partir da leitura de duas autoras de origem caribenha, agora nos centraremos na obra *Visiones de mujer con alas* (2016), de Aimée G. Bolaños, a fim de discutir a cosmovisão deste poemário que tem por característica fundamental a presença de deslocamentos, a começar pela constituição de uma poesia que vai para além da palavra, interagindo com fragmentos visuais que dialogam por sua vez com os fragmentos poéticos e mnemônicos que constituem um sujeito partido, que recusa a estabilidade de uma identidade instituída. Posta como rastros de um sujeito feminino e em trânsito, a poética de Aimée G. Bolaños nos convida a questionar os limites da linguagem, das geografias e da memória, contrapondo a eles o sem-fim dos sonhos e da imaginação. Constituída em constante diálogo e questionamento do cânone masculino e eurocêntrico, a poesia de Aimée G. Bolaños desafia o leitor habituado às tradições e convoca-o a uma viagem pela palavra: “Caverna umbría es tu casa. // Juntos encenderemos el fuego”. Na viagem que se estabelece nesse passo conjunto – não mais o passo solitário feminino de que tratávamos no Encontro anterior, abordando a *Penélope* de Juana Rosa Pita – o leitor mergulha nas profundezas do Sonho e se depara com um universo de imagens que lhe fazem questionar suas próprias certezas com relação à linguagem, à intertextualidade, a uma escrita da memória, aos mitos que constituem nossas histórias como ocidentais. *Visiones de mujer con alas* é um encontro de protagonismos (da palavra, da imagem, da arte, da mulher, da perda) que nos convoca a conceber o mundo de uma nova forma, desapegada dos moldes da tradição, mas sem perdê-los de

vista. Assim como o quadro de Hieronymus Bosch, O jardim das delícias, contrapõe paraíso e inferno, mas encontra sua razão de ser no mélange em que ambos se fundem, o poemario de Aimée nos faz mergulhar em um abismo poético que desconstrói as nossas certezas e refaz, pela provocação, novos caminhos para um processo de autodescoberta do sujeito que lê, do sujeito que escreve, do sujeito que vive a palavra. É no entrecaminho entre a perda e a utopia de um sonho possível pela imaginação que se tece a caminhada poética deste livro, desta autora, de nós enquanto leitores.

Palavras-chave: Poéticas do trânsito, Poesia latino-americana contemporânea, Autoria feminina

Voz, língua e comunidade em “La fiesta del monstruo” de Bustos Domecq

PABLO GASPARINI (USP)

Resumo: Neste artigo propomos uma leitura do relato “La fiesta del monstruo” (1947, Borges-Casares sob o pseudônimo de Bustos Domecq), a partir das descontinuidades com as séries literárias e políticas que o texto procura estabelecer, isto é, tentaremos ler este relato a partir das disrupções que a sua intertextualidade e o teor de sua língua marcariam respeito da tradição gauchesca e da persistência do binômio interpretativo civilização/barbárie. Postulamos que a aparição de um novo sujeito social, o proletário politizado, na Argentina de meados do século XX, interfere nos consensos representacionais da subalternidade. O aproveitamento narrativo da voz, tão caro às figurações narrativas e poéticas dos setores populares, acabaria aqui desvelando, na sua inovadora materialidade imigrante (lunfardismos, italianismos, gírias exóticas), a desmarcação de toda possível comunidade nacional. Pensamos, desta maneira, que o relato, objeto já de leituras celebres relacionadas a sua literalidade política, pode ser considerado -como grande parte da obra escrita em colaboração com Bioy Casares- como o resíduo da internacionalizada língua literária de Borges, aquela que permitiu a transação horizontal com as tradições

européias. Decerto, a obra em colaboração escrita sob os pseudônimos de Bustos Domecq e de Suárez Lynch, abriria a possibilidade de indagar os “monstros” estéticos de Borges, os limites que a sua própria proposta literária (e linguística) deve traçar para poder se constituir. A monstruosidade política virá assim monstruosidade literária (e vice-versa), um movimento de ida e volta que remite as tensões do campo literário argentino de meados do XX, mas que também é capaz de ganhar novas inflexões caso seja projetado à territorialidade globalizada da contemporaneidade. Partimos, em nossas reflexões, do trabalho de María del Carmen Marengo (2002), e, de diversos desenvolvimentos teóricos sobre voz e língua. Para além da leitura de “La fiesta del monstruo”, faremos referências a diversos textos de Seis problemas para Don Isidoro Parodi (1942), Crônicas de Bustos Domecq (1967), e Nuevos cuentos de Bustos Domecq (1977).

Palavras-chave: Borges, Bioy Casares, Bustos Domecq, voz

Deslocamento e dissimulação em *Un poquito tarada* de Dani Umpi

ISABEL CRISTINA JASINSKI (UFPR)

Resumo: Em sintonia com a reflexão sobre as “Américas transitivas e as redes do literário”, este trabalho pretende levantar questões sobre a obra *Un poquito tarada* (2012) de Dani Umpi, escritor, músico e artista visual uruguaio, residente em Buenos Aires. Seu trabalho artístico envolve texto, gesto, corpo e espaço, partindo do underground rio-platense, conjugado como um espaço descentralizado ou uma ilha urbana, de acordo com Josefina Ludmer (2010). Essa perspectiva permite considera-lo como um escritor que expressa “territórios de estranheza e vertigem”, abrindo-se para a passagem entre linguagens e meios, o texto escrito e o hipertexto, a palavra e a imagem, a arte pop e a linguagem queer. A protagonista é uma mulher argentina de 30 anos que mora com a avó em São Paulo e adota o nome da melhor amiga, Mica. Rouba sua identidade em Buenos Aires para entrar furtivamente no Brasil e se aproximar de Bruna, sua quase irmã, com o intuito de achar o paradeiro do pai que fugira quando era pequena. Após

descobrir seu plano, Bruna revela que ele está na Bolívia, para onde as meninas se deslocam e encontram outra irmã, Luzmilla. Ao estar vinculada à religião, porque era líder de uma comunidade espiritualista, a existência do pai projeta uma sacralidade e associa sua imagem à ausência, na maior parte do relato. Porém, seu fantasma se materializa para a personagem como um nômade incapaz de estabelecer vínculos permanentes. A dinâmica narrativa em *Un poquito tarada* se constitui pela mobilidade e pela multiplicidade, como entende Zilá Bernd em *Dicionário das mobilidades culturais* (2010), já que a viagem é um aspecto fundamental da trama. As redes sociais de diferentes épocas (como fotolog, plop, facebook, instagram), os intercâmbios culturais, os deslocamentos urbanos em São Paulo, Buenos Aires, Punta del Este, Santiago do Chile, Los Angeles, as desterritorializações identitárias dos perfis fakes da protagonista, as múltiplas subjetividades da noite paulistana e portenha, são experiências de deslocamento na obra de Dani Umpi. Ao partir de uma memória individual cultivada pela distância e pelo trauma do abandono, em seu percurso, a personagem profana a imagem que tinha a priori do pai para devolvê-la ao uso, que Giorgio Agamben analisa em *Profanaciones* (2005), equivalente a uma resignificação do passado na fluidez do presente. Da premeditação ao impulso, a protagonista passa a viver o instante, processo simbolizado pelo carnaval de Pocoata, ao final da busca. A condição da protagonista passa a ser de abandono de si, da origem, da identidade, da nação – descobre que o pai não era argentino, como acreditava –, gerando uma ambivalência de sentidos que cria sua própria “arqui-textura”, conforme considera Raul Antelo, em “Postautonomia: pasajes” (inv/2008, 2009). Disso resulta desidentificação e eclipse do nome, o que favorece a dissimulação e a braconagem, como processos narrativos marcados por multiplicidades que tencionam as relações de sentido e os intercâmbios culturais em *Un poquito tarada*.

Palavras-chave: Literatura hispano-americana contemporânea , literatura e mobilidade, Américas transitivas, Dani Umpi

A representação das recentes imigrações no romance *Si me querés quereme transa* de Cristian Alarcón

DALVA DESIRÉE CLIMENT (UFRJ)

Resumo: O romance *si me querés quereme transa* de Cristian Alarcón traz para a cena literária a questão das recentes imigrações na cidade de Buenos Aires que sente o incremento de sujeitos provenientes dos países limítrofes e andinos. Essa percepção surge com mais força no final da década de 90, quando o país sofre uma grave crise econômica que teve seu ápice no ano de 2001, e mesmo que os dados migratórios não demonstrem um crescimento alarmante dos imigrantes limítrofes e peruanos. Nessa época a sociedade é levada através de discurso do governo e da mídia a associar os problemas da crise aos novos habitantes, seja por conta do aumento do desemprego e da criminalidade ou ainda pelo crescimento das favelas. Essa heterogeneidade encontrada nas villas atuais do Conurbano Bonarense aparecerá retratada de modo ficcional no romance analisado. Se na atual Buenos Aires podemos encontrar territórios denominados a partir da nacionalidade majoritária encontrada em determinado espaço, por exemplo, a villa dos peruanos ou a dos paraguaios, no espaço criado por Cristian Alarcón essas diferentes nacionalidades conformam uma única villa, a Villa del Señor. Esta tem seus espaços habitados por distintos “ranchos”: o lado dos bolivianos, dos peruanos, dos paraguaios e etc. Priorizando a questão migratória, o escritor enfatiza o problema da visão homogeneizante constituída a partir de um mito fundacional e visibiliza as práticas culturais de que os imigrantes fazem uso para apropriar-se do novo território que constituem um patrimônio simbólico e político dentro desses espaços, sendo um importante fator para ler as villas do Conurbano Bonaerense. Para dar conta da narração de territórios e sujeitos complexos, o escritor lança mão de diversas técnicas literárias e jornalísticas, transitando entre ambos campos e diluindo as fronteiras entre o real e o ficcional. Cria uma narrativa porosa, conforme define Garramuño, assimilando a experiência do

real como ponto chave para a construção do romance. Ao lançar-se no desafio de narrar uma cidade fragmentada, constituída de diversas lhas urbanas, o escritor prioriza a independência da criação literária e, ao mesmo tempo que nos desafia a repensar o gênero romance, dialoga com o cânone da literatura latino-americana criando um espaço ficcional aonde as diferentes etnias convivem e dialogam, despontam no texto as diversas práticas culturais dos imigrantes e suas formas de relacionar-se no espaço. Para dar conta dessas questões lançamos mão do conceito de “Ilha Urbana” de Josefina Ludemer para ler os diversos espaços representados, os estudos referente à imigração utilizamos dos aportes de Alejandro Grimson e Elisabeth Jellín e para pensar nas práticas culturais utilizadas pelos imigrantes os estudos referente ao “trabalho da imaginação” de Arjun Appadurai e para as questões referente ao Território Rogério Haesbaert.

Palavras-chave: Narrativa do contemporâneo, Território, Imigração, Villa

O contraste eu/outro em *Leite derramado* de Chico Buarque

RAFAELA CASSIA PROCKNOV (USP)

Resumo: As transformações socioculturais das últimas décadas (o enfraquecimento dos estados nacionais, o recrudescimento das ideologias autoritárias, a volatilidade do capital, a desterritorialização da cultura, a virtualização da vida, os altos fluxos migratórios, etc.) interpelam-nos a ressignificar, enquanto pesquisadores da cena do presente, nossos aparatos (muitas vezes, fixos) de leitura e a abrir-nos a uma abordagem multifocal das artes, mais particularmente, da literatura. Nesse sentido, aceitando-se a premissa de que a nossa época reconfigurou, por exemplo, as relações território/cultura, parece-nos pertinente lançar algumas interrogações: tais transformações teriam instaurado uma crise na cultura? Uma vez admitida uma crise nesta, haveria desembocado no campo das letras? Estas indagações permitem-nos indagar o lugar das letras contemporâneas no espectro das reacomodações do tempo e, sobretudo, perscrutar as (novas) conexões

entre cultura/território/identidade na era da globalização. Assim sendo, se estes não são mais associados de modo natural, como têm sido compreendidos? Como a literatura, em terras latino-americanas, os tem elaborado? Para trazer à baila essas questões, na presente comunicação, propomos uma leitura de *Leite derramado* (2009), de Chico Buarque. Dentre muitos elementos, esta obra, aparentemente, potencializa o estatuto fictício da homogeneidade cultural da nação. Através da voz de um (ex) representante da aristocracia no Brasil, que decide contar sua história, alçam-se à visibilidade narrativa as tensões, contradições e conflitos que atravessam a temporalidade (linear) da nação. A enunciação do narrador centenário parece, ao narrar a si mesmo, dotada, também, do anseio de delinear o Outro. Na apresentação deste, emergem os fatores raça/classe, obliterados nos limites do discurso do nacional. Procuraremos, então, refletir se a obra, aqui estudada, se alinharia a um conjunto de textos latino-americanos, de fim do século XX e início do XXI, que, em tese, mobilizariam uma perspectiva crítica diante das concepções universalistas da história, as quais tendem a apostar na ideia de um sujeito político “universal” e a apagar, por extensão, os antagonismos entre os diversos atores sociais (proletariado, burguesia, mulheres, negros, grupos LGBTQ+, etc.) que disputam reconhecimento, direitos e poder no âmbito da sociedade. Se a narrativa estiver no conjunto de tais obras, como faria despontar, em seu interior, a rasura à teleologia do universal? Como se constrói o contraste Eu/Outro na fala do narrador protagonista? Esta fala é capaz de vislumbrar o Outro em sua singularidade? Desse modo, buscaremos, nesta proposta, investigar as estratégias ficcionais mobilizadas na obra para desassociar a tríade território/cultura/identidade nacional. Para tanto, apoiaremos, fundamentalmente, nas formulações do antropólogo argentino Alejandro Grimson (2012) acerca das chamadas teorias da identidade.

Palavras-chave: Chico Buarque, identidade, nação, universal

78

TRILHAS FILOSÓFICAS POR VEREDAS LITERÁRIAS: PERCURSOS DE ESGRIMISTAS EM METAGÊNESE COMPARATISTA

Deise Quintiliano Pereira (UERJ)

Mario Bruno (UERJ)

Alex Fabiano Correia Jardim (Unimontes)

Resumo: “Sabe-se que os filósofos pré-socráticos costumavam expressar-se em linguagem poética – eles eram poetas – e que somente com o advento da ciência socrática foi esse procedimento abandonado. Pois até Sócrates, o intercâmbio entre filosofia e poesia processava-se a partir de um solo comum, e tudo acontecia de modo alheio a qualquer modalidade de lógica excludente. De fato, o parentesco entre filosofia e poesia não deriva tão-somente de qualquer coisa como a forma externa da expressão, exterioridade esta que, de resto, se quer como entidade autônoma. Muito antes disso, filosofia e poesia medram a partir de uma mesma problemática, a ponto de se poder asseverar que, quando Nietzsche fala da “filosofia no tempo trágico dos gregos”, faz-se difícil garantir onde termina o substantivo e onde começa o adjetivo”. Partindo das reflexões de Gerd Bornheim, reconhecemos que, embora distantes de sua origem comum, filosofia e literatura jamais deixaram de travar um fecundo comércio entre si. O século XX viu prolongar-se o interesse dos filósofos pelos temas literários e o dos escritores e teóricos da literatura pela filosofia. As relações entre literatura e filosofia permanecem na ordem do dia. Se nos limitássemos aos últimos anos, constataríamos uma verdadeira diligência literária por parte de alguns filósofos. Pensemos em Heidegger e sua análise da obra de Hölderlin ou em Deleuze e seu belo ensaio sobre Proust. Podemos ainda evocar os escritos de Pierre Macherey (*À quoi pense la littérature ?*) e Jacques Rancière

(La Parole muette. Essai sur les contradictions de la littérature), que buscam balizar as fronteiras entre filosofia e literatura. Mas como demarcar limites tão tênues? Em sua obra Philosophie et littérature. Approches et enjeux d’une question, Philippe Sabot afirma que hoje se desenvolve uma “espécie de filosofia da literatura que engaja, de maneira enviesada, mas decisiva, tanto uma redefinição da filosofia – enquanto ela se faz também nos textos literários e não apenas nos tratados e ensaios de filosofia – como de uma reelaboração da própria ideia de literatura – à medida que ela escapa de toda determinação essencial e da ordem da especulação estética, para se fazer um instrumento do pensamento”. Tendo se interessado sobejamente pelo lado obscuro da palavra, Maurice Blanchot insere-se na mesma linhagem de escritores que investem no trabalho de compreensão do concerto entre literatura e filosofia. É preciso, todavia, ter ciência de que para o autor de A Escrita do desastre os movimentos fundamentais pendem claramente para o primeiro termo do binômio: é na literatura que melhor exercita seu talento de esgrimista com uma pena nas mãos. Com efeito, o interesse incondicional pela literatura o levaria a denominar a filosofia como “nossa companheira clandestina”. Em Parler, ce n’est pas voir, Blanchot arremataria a questão ao demonstrar que, de Hölderlin e René Char, a palavra poética, na tradição filosófica, não irrompe como tal, ou seja, como uma maneira de dizer, mas como “uma maneira transcendental de ver”. Não se trata, portanto de recusar a filosofia, mas de circunscrevê-la no limite do seu olhar a uma distância necessária, passível de ver respeitadas sua alteridade e suas leis sob cuja primazia não se ajoelha o pensamento. Ao contrário, pensar equivale a um “falar sem saber que língua se fala nem que retórica se utiliza”. Destarte, observamos uma contínua interseção entre filosofia e literatura, capaz de produzir novos discursos sobre o homem e novas formas expressivas do pensamento. A proposta desse simpósio insere-se, assim, no ângulo agudo dessa convergência, instando aos participantes discutirem os copiosos modelos dialógicos

que irrompem das camadas de fissuras talhadas entre o filosófico e o literário. Nossa busca é de estender o conceito de filosofia da literatura, de Philippe Sabot, à produção de um saber que reorienta o pensamento na direção de sua origem grega, quando o logos era ao mesmo tempo poético e filosófico.

Palavras-chave: Dialogismo, Transdisciplinaridade, Literatura filosófica, Metagênese

TERÇA 08

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 1

“Diários de motocicleta”: é possível se falar em cinema engajado na contemporaneidade?

DEISE QUINTILIANO PEREIRA (UERJ)

Resumo: Análise hermenêutica do percurso do personagem Che Guevara, em “Diários de motocicleta”, filme do cineasta Walter Salles, a partir do arcabouço teórico fornecido pelo conceito de “engajamento”, disseminado nos escritos de Jean-Paul Sartre e, mais especificamente, na conferência “O existencialismo é um humanismo”, de 1945, que constitui uma espécie de tratado deontológico-filosófico do tema, promovendo um diálogo transdisciplinar entre literatura, filosofia, cinema e crítica de arte, com o fito de interrogar sobre a possibilidade de emergência de um “engajamento” estético no cinema nacional contemporâneo.

Palavras-chave: Engajamento, Cinema, Filosofia, Walter Salles

Das Páginas do livro para as telas do cinema - um estudo comparativo entre a obra literária “os pássaros” e sua adaptação para o cinema: considerações a partir do pensamento de Gilles Deleuze

ADHEMAR SANTOS DE OLIVEIRA (UNIMONTES)

Resumo: Quando uma obra literária é adaptada para o cinema, é comum ouvirmos comentários e lamentos a respeito da “fidelidade”

ou “infidelidade” do filme em relação à obra. O presente trabalho tem como objetivo um estudo comparativo entre a obra literária “Os pássaros” (1936) do escritor Frank Baker, e sua adaptação para o cinema, ocorrida em 1963, sob a direção Alfred Hitchcock. Obtendo assim o processo de recriação da obra literária para a Sétima Arte, a partir do fruto da interpretação subjetiva, o filme deve ser analisado de forma autônoma e não pode ser julgado pelo critério de “fidelidade”, já que este se torna impossível ao longo do processo de adaptação. Ademais, para o filósofo Gilles Deleuze o cinema, através das suas composições estéticas das imagens-movimento e das imagens-tempo, leva o espectador ao seu limite, forçando-o a pensar, a refletir sobre o todo como totalidade intelectual, ultrapassando, desse modo, a imaginação e fazendo com que a imagem se torne, então, pensamento. Portanto, esta comunicação pretende, por meio de uma reflexão, estabelecer uma relação entre a Literatura, o Cinema e a filosofia das páginas dos livros para as telas do cinema.

Palavras-chave: Literatura, Cinema e Filosofia, Imagem, Fidelidade e Adaptação fílmica, Imagem-movimento e Imagem-tempo

Todos os homens são mortais: a necessária finitude humana, segundo Simone de Beauvoir

NEIDE COELHO BOECHAT (CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO- UNIFAI)

Resumo: O trabalho aqui desenvolvido diz respeito à obra de Simone de Beauvoir: *Tous les hommes sont mortels*, traduzida literalmente para o português. Trata-se de uma instigante e ousada ficção produzida pela autora em 1946. Instigante, pelo tom ensaístico que ela atribuiu a um texto cujo tema é, em si mesmo problemático, a saber a finitude humana. Ousado, porque, embora o personagem principal seja mera ficção, ela o coloca no interior da História real, mantendo-se fiel aos fatos históricos, às datas e locais de acontecimentos, possibilitando ao leitor um mergulho naquela “realidade” e uma identificação com os “fatos” imaginários narrados. É essa ambiguidade, genialmente,

mantida pela autora ao longo da história, que assegura a fascinação do leitor. A tese de Beauvoir é clara: a morte é necessária, ou seja, a finitude se desvela como o grande alívio da existência humana. Beauvoir inverte, dessa forma, os polos constitutivos da “consciência infeliz” proposta por Hegel. Este romance, nos fala de um homem – Fosca –, um conde medieval, nascido em Carmona no século XIII que em sua desmedida ambição, almejava a imortalidade como condição para o alcance da glória pretendida. Para isso, o conde aceita a oferta de um mendigo que conhecia um remédio trazido do Egito: era o elixir da imortalidade. A partir daí, a autora empreende uma longa narrativa que nos conduz aos mais contrastantes universos. Fosca, em sua ambição se desloca por vários países europeus e chega ao Novo mundo sempre guerreando para enriquecer seu império. Os combates eram cada vez mais sangrentos. Aos poucos, “a danação da eternidade”, tese proposta pela autora, começa a se manifestar através das perdas sofridas pelo conde: perde sua mulher, seus filhos e netos atingidos pela peste. A vida de Fosca atravessa os séculos. No decorrer de sua existência construiu vários impérios e os viu ruir. Construiu várias famílias e acompanhou a morte de todas as suas mulheres e seus filhos. Finalmente, chega ao século XX e, casualmente, encontra-se com uma atriz, Régine, que se apaixona por ele. Contudo, cansado e desiludido; nada mais o emociona, nada mais deseja. O medo de sofrer novas perdas o impede de desejar construir novas relações e com a ausência do desejo, vê esvair-se sua humanidade, isto é, não se reconhece mais no outro. A questão da alteridade é trabalhada por Beauvoir com grande beleza. Ela aproveita as aventuras de Fosca, para ressaltar as decepções e os sofrimentos de uma vida sem limites; descreve com maestria a desvalorização dos atos humanos tão valorizados no universo dos mortais e tão sem importância quando se sabe que não se vai morrer. Com uma escrita delicada, a autora trata de questões profundas e difíceis que margeiam o universo religioso sem, contudo, perder de vista a concretude própria dos princípios ateus que sustentam a realidade da vida como um valor

em si mesma. Isso fica claro em vários momentos como no diálogo com Beatriz: “Quando Antônio mergulhava no lago, quando partia ao assalto à frente da tropa, eu o admirava, porque arriscava a vida; mas, em que consiste a sua coragem? Gostava da generosidade dele; você dá sem contar suas riquezas(...) mas tem tantos milhões de vida à sua frente, que o que sacrifica não é nunca nada”. É da morte como algo necessário e da finitude como instrumento de valorização da vida que se pretende tratar neste trabalho.

Palavras-chave: morte, vida, finitude, alteridade

Literatura e filosofia: absurdo existencial e nonsense literário

ELSON DIAS DE OLIVEIRA (UNIMONTES)

Resumo: Far-se-á uma leitura comparativa dos romances “A chuva imóvel”, de Campos de Carvalho, “A náusea”, de Jean-Paul Sartre, e “O estrangeiro”, de Albert Camus, na medida em que tais narrativas sublinham, cada uma à sua maneira, o caráter gratuito, contingente e absurdo da existência humana. Não o faremos com o intuito de subjugar o fato literário a uma prescrição filosófica, conforme se vê comumente; nem com a sensação de que o romancista foi buscar nos ensaios filosóficos temas inspiradores para sua criação. Interessa perceber uma zona de contato, na medida em que o texto literário, em sua autonomia e imanência, remete-nos a determinada maneira de interpretar as coisas. O “sentimento do absurdo” ou “absurdo existencial” é, de certa maneira, o mesmo tanto para o narrador-protagonista de “A chuva imóvel”, de Campos de Carvalho, quanto para as literaturas e filosofias existencialistas de Sartre e de Camus; cada pensador à sua maneira, naturalmente. Mas podemos discernir que, enquanto tais filósofos, tanto em escritos teóricos quando em escritos ficcionais, trabalhavam com a percepção de “restabelecimento”, que seria o embate da consciência perante o absurdo existencial, o sujeito de A chuva imóvel, por meio da poética do “nonsense”, permanecerá estancado em sua “náusea existencial”. A linguagem “nonsense”

concorre, sobremaneira, para uma “afirmação” desse absurdo, desse “estranhamento”, dessa “ferida aberta”. Os elementos “nonsense” são fatores estéticos determinantes na configuração do absurdo existencial em A chuva imóvel, posto que, enquanto jogos de linguagem, tais elementos proporcionam uma espécie de flutuação entre o senso e o não-senso, entre a lucidez e o desvario, entre a lógica da Razão e a lógica do Absurdo.

Palavras-chave: Literatura e Filosofia, Absurdo existencial, Nonsense Literário

QUARTA 09

Tarde [14:00 – 16:00]

Sessão 2

Lima Barreto e as verdades de uma escrita delirante

ALEX FABIANO CORREIA JARDIM (UNIMONTES)

Resumo: Pretendemos nesse trabalho pensar Lima Barreto enquanto figura singular da literatura brasileira. Este escritor carioca, tratou em suas obras de problemas que atingiam diretamente a população do país. Seu posicionamento crítico e contrários às ideias que vigoravam à época o colocaram no papel de único a reivindicar as transformações sociais que o Brasil necessitava. Seus escritos conseguem dar visibilidade a uma ‘certa gente’ desprovida de voz: negros, pobres, moradores do subúrbio carioca, loucos, visionários. Falamos de uma outra paisagem existente no Brasil. Essa preocupação faz dele um escritor à frente do seu tempo. Muitas vezes incompreendido, a sua vida privada serviu de referência para um olhar preconceituoso a respeito da sua escrita: alcoolismo, internação no hospício, pobreza, além, é claro, de ter sido negro. A exposição das tensões sociais em seus textos adianta sobremaneira os modernistas de 22. Além de encontrarmos em Lima Barreto, uma profunda crítica ao academicismo e à tradição, em especial, no uso da linguagem e suas demarcações europeias, ele também ousou dar

visibilidade a pessoas e acontecimentos que anteriormente mereciam apenas as páginas policiais. Um determinado povo passa a fazer parte da literatura de Lima Barreto, além de uma ‘língua’ estranha à burguesia intelectual do início do século XX. O olhar crítico e irônico do cotidiano brasileiro é descrito em seus textos. Encontramos em seus romances o retrato das ruas, das repartições públicas, das prisões, favelas, bares e manicômio. Os habitantes desses espaços foram explorados em sua obra a ponto de torná-los visíveis. Exemplo disso é a crítica às instituições manicomiais. Lima Barreto nos apresenta uma noção de insanidade demarcada pelo inconformismo em relação à sua condição social, expresso em seus romances. A narrativa de Lima Barreto, além da denúncia social, constrói um denso texto literário, crítico da cultura brasileira do final do século XIX e início o século XX. Tal escrita, de certa maneira, coloca o problema do papel social do escritor.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Lima Barreto, Loucura, Michel Foucault

Desmoronamento da linguagem e experiência literária em Maura Lopes Cançado

MÁRCIA MOREIRA CUSTÓDIO (UFES)

Resumo: A criação literária de Maura Lopes Cançado caminha na tênue linha entre experiência e invenção, sem, no entanto, que uma ou outra desqualifique a força da experiência e da imaginação. Pelo contrário, o valor reside justamente na construção de uma linguagem que se faz no trânsito, entre as fronteiras, ou seja, é no espaço em movimento, que o sentido se constrói, em relação ao real e ao ficcional. Deslizando em sua própria estrutura, a linguagem faz fissura na letra, rompe a palavra, aprofunda no real e o atravessa, ao invés de interpretá-lo. Quando o factual é submetido à palavra literária, desconstrói-se o nome próprio, deixando dele apenas rastro, permitindo, desse modo, o desencadeamento de cadeias significantes. Palco de sua intimidade, as obras de Maura unem referencial e ficcional, com narrativas centradas

não só na primeira pessoa, em seu diário, mas desbordando fragmentos de si nas tramas dos contos, marcados pelas primeira e terceira pessoas. Contudo, não é no solo do real ou da invenção que incide a força da linguagem literária de Maura, uma vez que a palavra não dá conta de realizar uma total decifração. Em Maura, a linguagem literária inaugura-se no rastro da brecha que se erige entre a palavra e a sua impossibilidade. A começar pelos títulos de suas obras, *Hospício é deus* (1965) e *O sofredor do ver* (1968), a metáfora nega a referencialidade, abrindo um amplo de possibilidades de significação, porque forma-se um insistente brilho na escuridão nascida do vir a ser da palavra. Este trabalho analisa a relação entre a subjetividade e a experiência literária na escrita de *Hospício é deus* e *O sofredor do ver*, de Maura Lopes Cançado, compreendendo que a criação literária de Maura configura-se em artimanha, em estratégia para dar vazão ao fluxo da experiência-limite. Nos rastros de Maurice Blanchot e Michel Foucault, a tensão da escrita será trazida a palco. Para se construir um modo de compreensão acerca da subjetividade literária, leva-se em consideração que Maura autora sofre as consequências de sua escrita na realização da dobra do pensamento da Maura escritora. Nessa perspectiva, a experiência literária de Maura configura-se então como espaço próprio para se pensar a produção de subjetividade.

Palavras-chave: Maura Lopes Cançado, Experiência literária, *Hospício é deus*, *O sofredor do ver*

Mar-cela e o embate vivo entre mar e terra à luz de Deleuze

TALIA GABRIELLE SANTOS AZEVEDO (UEMA)

Resumo: Em texto intitulado *Causas e Razões das Ilhas Desertas*, manuscrito dos anos 50, Deleuze, baseado no que diz a geografia, se coloca na fronteira entre dois tipos de ilhas possíveis: continentais e oceânicas. As continentais seriam acidentais, derivadas, se caracterizariam pela desarticulação ou seja, pelo afastamento do continente, já as oceânicas são originárias ora emergem de erupções

submarinas ora desaparecem, e apesar da instabilidade constituem, segundo o autor, “verdadeiro organismo”. A partir dessa distinção, o filósofo nos permite, tomando aqui como base a personagem Marcela, da obra do escritor cearense A Ostra e o Vento (1964), colocar a seguinte questão: que tipo de ilha seria Marcela? A menina carrega no nome o sentido dessa interrogação: Mar-cela. Nessa conjuntura, este trabalho, através da chave privilegiada que é o nome da personagem, intenta promover uma leitura dessa obra literária à luz da filosofia. Toda escolha literária tem uma carga simbólica, é na trilha dessa percepção que Moacir C. Lopes constrói o enredo desse romance. A narrativa não só se passa numa ilha, mas tem como eixo principal a vida de uma personagem que se envolve profundamente com a mesma. O que haveria de ser uma ilha se não uma porção de ‘terra’ cercada por ‘mar’ de todos os lados? Desse espaço delimitado, emerge um embate antigo: entre oceano e terra. Segundo Deleuze, esse encontro tempestuoso que colocado em outros termos, mostra na sua raiz, a oposição entre pai e mãe, traz também em seu bojo a possibilidade de concebermos a partir dos dois tipos de ilhas possíveis, caracterizadas acima, proximidades insuspeitas. Assim sendo, nesse âmbito, separação e recriação andariam juntas. Com base nesse encaminhamento, podemos tomar o contexto vivido pela personagem Marcela num amplo sentido: a medida que se vê separada da mãe, quando criança, e do continente, pela obsessão do pai solitário, descobre a infinitude de possibilidades imanentes da ilha. Entre o vôo de catraios e mumbebos, em meio a brotação multicolor de dalias e begônias, a menina aos poucos, compreende que a imensidão da natureza ali presente, justamente pela separação do continente, a vincula intimamente às potencialidades da ilha, e consequentemente a si mesma. Essa conexão íntima, surgida no interior do conflito com o José, o pai, origina tanto experiências singulares como um ser misterioso chamado Saulo, que vêm à tona através de confissões presentes em seu diário, encontrado após seu desaparecimento, quando da ilha já deserta.

Palavras-chave: Ilha, embate, mar, terra

Tensão dissonante no “nativo de câncer”, de Ruy Barata

LAURENICE NOGUEIRA DA CONCEIÇÃO (UFPA)

Resumo: Ruy Paranatinga Barata, poeta amazônico paraense, depois de ter publicado, em 1943, a obra Anjo dos Abismos e, em 1951, A Linha Imaginária, passou a escrever aquela que viria a ser sua última criação, e à qual dedicou pelo menos os dez últimos anos de vida: o poema “O Nativo de Câncer”. Foi em 1960 que publicou a primeira parte do texto, no jornal paraense A Folha do Norte. A publicação do poema completo só foi feita em 2000, postumamente (pois falecera em 1990), no livro Antilogia, organizado pelo próprio autor, contendo outros 13 poemas, alguns inéditos. Neste trabalho, pretende-se discutir “O Nativo de Câncer” como texto poético que dialoga com a tradição literária da epopeia clássica grega, considerando que não é uma reprodução desse gênero literário, nem tampouco um mero retrato da realidade, mas uma forma de pensamento poético sobre o mundo, em especial o amazônico, e sobre a própria poesia, instaurando, assim, um tempo e um lugar da poiésis, num revelar-esconder do real, enquanto *Physis*, por meio do pensamento poético-originário. Para tal, estabeleceremos diálogo com Benedito Nunes que escreveu a apresentação de Antilogia, em 2000, e que favoreceu a ideia presente em Heidegger de que pensamento e poesia não se opõem, pelo contrário, complementam-se. Estabelecemos, portanto, relação com a perspectiva do pensamento poético originário de alguns autores, como Heidegger, Manuel Antônio de Castro e Emmanuel Carneiro Leão, partindo do princípio, por exemplo, de que a tensão dissonante da qual teóricos como Hugo Friedrich fala, e que podemos encontrar nessa obra moderna, configura-se, no “Nativo de Câncer”, numa obscuridade própria do desvelamento da poiésis, no operar das questões da vida, da morte, do tempo e da linguagem, que nunca se esgotam. Por essa abordagem, o texto se alinha com a postura de Antônio Máximo Ferraz, conforme a qual arte não é nem puramente fruto de uma subjetividade, uma vez que a Criatividade não é totalmente dominada pelo artista, mesmo ele sendo

criativo, nem simples retrato de uma realidade, neste caso a amazônica. A essas questões, o homem está destinado. Destarte, o texto “Nativo de Câncer” será discutido como doação da Linguagem, que, como tal, não pode estar circunscrita, a exemplo do que diz Emil Staiger, à rigidez dos gêneros épico e lírico, embora seja perpassada por eles. Antes, amalgama esses gêneros e entrelaça pensamento e poesia, por meio da instauração de seu próprio mundo em diálogo com o imensurável do Ser.

Palavras-chave: Poiésis, Questão, Amazônia, Ruy Barata

QUINTA 10

Tarde [14:30 – 16:30]

Sessão 3

A Ontologia do singular em Alberto Caeiro

MARCOS VINICIO GUIMARÃES GIUSTI (IFF)

Resumo: Este trabalho analisa a afirmação do filósofo moçambicano José Gil de que há uma teoria da individuação na poesia de Alberto Caeiro. Segundo Gil há, em Caeiro, a influência de Duns Scot e Guilherme de Ockham, e dos nominalistas do século XIV. Pretende-se, portanto, seguir essa pista, tentando identificar na obra poética de Caeiro a emergência de uma ideia comum aos pensamentos scotista e ockhamiano: o singular. Observa-se que o singular emerge nas filosofias de Duns Scot e Guilherme de Ockham, no quadro de uma teoria do conhecimento, estendendo-se, posteriormente, para a construção de uma ontologia do contingente. É possível vislumbrar esse mesmo movimento também em Alberto Caeiro? Há em sua poesia essa disposição gnosiológica, que permite descortinar a construção de uma ontologia da contingência, ou como prefere José Gil, uma ontologia da imanência? Pretende-se, então, mostrar como se constrói um plano de imanência a partir da poesia de Caeiro, tomando como base a proposta do filósofo francês Alain Badiou de uma ontologia matemática

- centrada na noção cantoriana de multiplicidade inconsistente, oriunda da teoria dos conjuntos - onde o conceito de singular emerge em sua relação com o múltiplo, sendo ao mesmo tempo sua condição e sua consequência. Ao seguir essa trilha, afasta-se qualquer possibilidade de se pensar a inscrição do singular numa metafísica da transcendência do Uno (o que a filósofa francesa Judith Balse chama de uma “metafísica sem metafísica”, ao apresentar a ontologia caeiriana como uma contramedida ao dualismo platônico que se fundamenta essencialmente na relação Uno-múltiplo), como bem explicita a passagem das “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, de Álvaro de Campos, em que este relata-nos que traduziu um poema de Wordsworth para Caeiro: “uma flor à margem do rio para ele era uma flor amarela, e não era mais nada”. Depois de ouvir os versos do poeta inglês, Caeiro se pronuncia da seguinte maneira: “esse simples via bem: uma flor amarela não é realmente senão uma flor amarela”, para emendar em seguida, “há uma diferença. Depende se se considera a flor amarela como uma das várias flores amarelas, ou como aquela flor amarela só”. Há, nesta sentença de Caeiro, o descortino de uma ontologia do singular, conquanto o múltiplo seja o princípio ontológico fundamental. É esta intrincada relação entre o singular e o múltiplo, sem que se incorpore ao quadro ontológico o uno, que Caeiro propicia àquele que vislumbra em sua poesia a manifestação mais profunda do Ser.

Palavras-chave: Caeiro, Ontologia, Singular, Multiplicidade inconsistente

Mito e filosofia na tragédia de Sófocles

ORLANDO LUIZ DE ARAÚJO (UFC)

Resumo: O relacionamento do mito com a filosofia faz parte da história da transformação daquele com a convenção literária e social. Este relacionamento também é o grande desafio para pensadores como os pré-socráticos, antes do advento da tragédia grega, e Platão, depois. A tragédia, que faz uso do mito para colocar em cena o debate contemporâneo, parece sintetizar a ambiguidade entre mito e

pensamento. Sófocles, ao produzir sua obra dramaturgica, no século V, quer mudar o modo com a sociedade ateniense concebe o mundo social a sua volta, calcando-se na experiência do pensamento ínsito na democracia e no cotidiano da pólis. A despeito de não ser um pensador, mas um homem de teatro, Sófocles apresenta, especialmente nas reflexões e máximas postas na boca das personagens ou do Coro, um debate importante sobre temas que estão na pauta do projeto filosófico dos sofistas e de sábios como Sócrates e Platão. Nesta comunicação, pretendo discutir, a partir do teatro de Sófocles, a reconfiguração da autoridade da sua poética, (re)estabelecendo seu lugar na produção intelectual do século V, em diálogo com a tradição mítica que, durante muito tempo, serviu como estrutura inescapável para o pensamento. Para isso, procuro distinguir duas áreas importantes, onde, provavelmente, o mito, em conexão com a filosofia, produz resultados profícuos. Primeiro, na noção de auto-representação filosófica; segundo, no exame da interpenetração dinâmica do mito com filosofia. Essas duas áreas, claro, estão sempre relacionadas e serão úteis para esboçar, brevemente, as várias ramificações da presença da filosofia no mito ou desse naquela.

Palavras-chave: Mito, Filosofia, Tragédia Grega, Sófocles

Balzac e a questão da identidade em um tempo em que « l’homme armé de la pensée a remplacé le banneret bardé de fer »

HUMBERTO LUIZ LIMA DE OLIVEIRA (UEFS)

Resumo: Este trabalho intenta mostrar como, de modo inaugural, o escritor francês Honoré de Balzac, em pleno século XIX, traz à cena narrativa a questão da identidade como um construto sociocultural. De fato, nos novos tempos que se instauram com a chamada Restauração, logo após o desmoronamento do império napoleônico, logo quando « l’homme armé de la pensée a remplacé le banneret bardé de fer » (ALAIN: 1995), Balzac parece levar o leitor a indagar qual mesmo poderia ser o papel reservado ao antigo soldado, a este ser que “parece uma criança” (BALZAC:1834-1842), se ele está aprisionado nas

armadilhas da identidade, se ele não (re)negocia seu papel no seio de uma sociedade fundada sobre o império do dinheiro? De fato, quando as identidades pareciam se redefinir nesse novo tempo onde “tudo que é sólido se desmancha(va) no ar” (BERMAN: 1998), Balzac nos lembra que a movência identitária não pode ser vivida da mesma maneira por todos os seres humanos, posto que dependendo da motivação interior de cada um. Desta forma, o “historiador dos costumes” vai nos mostrar personagens que, de diferentes modos, vão se confrontar à nova sociedade pós-revolucionária da Restauração onde o ethos está sendo redefinido para permitir aos indivíduos, nesta sociedade que se parece à selva, de tornar-se o que a nova ética do capitalismo selvagem espera de cada um deles e, desta forma, possa estabelecer o preço a pagar seja pela recusa, seja pelo sucesso. Para ilustrar, tomando o romance Le Colonel Chabert, que integra Cenas da vida parisiense, procuraremos seguir os trajetos sociais de dois personagens: o antigo herói militar personagem homônima de O Coronel Chabert, e a condessa Ferraud, sua ex-mulher, née Chapotel, sem esquecer a personagem emblemática de Eugène de Rastignac, de O Pai Goriot, como figura que inauguraria os novos tempos tendo o cinismo como filosofia de vida. Compreendendo que o texto literário é ele próprio transdisciplinar, não hesitaremos em ousar transitar tanto pelos Estudos culturais quanto pela Sociocrítica quando assim se fizer necessário para dar conta deste que reconhecemos ser tão simplesmente um ato de leitura (ISER: 2003) visando extrair um sentido de um texto que em si mesmo é complexo e polifônico. **Palavras-chave:** identidade cultural, ethos, Literatura, Balzac

A Noção de ligação no atlas do corpo e da imaginação, de Gonçalo M. Tavares

ALESSANDRO CARVALHO SALES (UNIRIO)

Resumo: Atlas do Corpo e da Imaginação, do escritor português Gonçalo M. Tavares, é uma obra singular, compósito transdisciplinar de múltiplas faces, que tece conexões inesperadas entre inúmeras

áreas e autores, mas que podemos situar sobretudo na fronteira que se estabelece entre a literatura e a filosofia. Essa obra, embora originalmente uma tese de doutorado, parece ter sido concebida como uma espécie de caleidoscópio em movimento, pois há que se observar aí não apenas o fluxo dos textos fragmentários, mas também suas relações com o conjunto de imagens e de legendas poéticas/textuais que provocativamente permeia todo o escrito, página a página, tudo propondo uma multiplicidade de camadas de sentido. Nele, sublinhemos que a ideia de teoria é tomada como uma espécie sofisticada e particular de arranjo, como modo de estabelecer ligações, ou seja, de efetuar aproximações entre coisas e/ou ideias. Todo o acento aqui vai mesmo, ao que tudo indica, para a noção de ligação, mais ainda quando levamos em conta que em 2009, havia Gonçalo publicado um pequeno volume chamado Breves Notas sobre as Ligações. O dispositivo montado pelo escritor em seu Atlas nos convida então permanentemente à proposição de ligações, relações e conexões entre elementos diversos. “Como é que as coisas se ligam?”, interroga textualmente o autor em suas Breves Notas sobre as Ligações. Como podemos ligar os diferentes componentes visuais de uma simples página de um livro, vide aliás a complexidade de um trabalho como o Atlas? Acrescentamos ainda: e de maneira muitas vezes a renovar/ampliar os sentidos em pauta, perspectivando e problematizando os objetos, colocando-os sob ângulos inusitados? Aqui, será relevante apontar os vínculos entre a ideia de corpo e a ideia de ligação proposta por Gonçalo. É possível que cumpra papel importante, em tal contexto, o problema da visão. Como o corpo que afeta e é afetado vê? Por que ele vê o que vê? Como ver de outra maneira? Quais os vínculos entre visão e ligação? Quanto à condição eminentemente transdisciplinar das colocações do escritor português, indagamos ainda: por que a ideia de ligação é capaz de sustentar a transdisciplinaridade? Tudo pode se ligar a tudo? O que são, nesse contexto, critérios de ligação? Há aí qualquer vestígio de fundacionismo? Em todo caso, como demarcar

possíveis fronteiras entre arte, ciência e filosofia? Essas perguntas, em nossa percepção, levantam algumas dos principais temas e problemas envolvidos no coração do Atlas, enfeixados sobretudo segundo a noção de ligação, linha premente de força que, finalmente, põe em xeque o próprio estatuto moderno do conhecimento e de uma epistemologia. Nessa direção, parecem mesmo emergir do Atlas novas e atuais formas de conhecimento, aliás, de pensamento, seja por exemplo através da criação conceitual capaz de valorizar dimensões múltiplas do corpo e do sensível, seja através da valorização de modos de escrita renovados e ampliados capazes de potencializar a imaginação como visão e relação entre diferenças.

Palavras-chave: Gonçalo M. Tavares, Literaturas de Língua Portuguesa, Filosofia, Ligação





Caderno de resumos 2017

ISBN 978-85-8199-087-3

ERRATA

- Páginas 1756 – 1757: Em relação ao trabalho da proponente Bianca Rosina Mattia (UFSC), suprimir o trecho que se inicia em “Resumo: Perspectivas de caráter singelo, plural e movediço [...]” até “[...] Palavras-chave: Corpos Poéticos, Poesia Brasileira Contemporânea, Escrito de mulheres”. O resumo da autora, de fato, principia na página 1758.
- Páginas 2082 – 2083: Em relação ao trabalho da proponente Renata Ferreira Vieira (UERJ), onde se tem “Resumo: Durante as primeiras décadas do século XX, a figura de Oscar Wilde [...] até “[...] Palavras-chave: Decadentismo, Imitação, Queer, João do Rio”, leia-se: “Resumo: ‘O senhor Coelho Neto é o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual’. Ao assumir esse posicionamento no artigo ‘Histrião ou Literato?’ na Revista Contemporânea, do dia 15 de fevereiro de 1919, o escritor Lima Barreto (1881-1922) lançava sobre o escritor maranhense Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934) a fama de escritor elitista que se ocupava, somente, em divertir as reuniões sociais cariocas. A declaração tornou-se famosa após a Semana de Arte de 1922, que se apropriou da opinião de Lima Barreto e mobilizou uma campanha de repúdio (bem sucedida) às obras de Coelho Neto. Em razão dessa ocasião, a produção literária do autor entrou na historiografia literária tradicional como uma literatura frívola, conhecida também como o “sorriso da sociedade”. Indo além dessa compreensão historiográfica, esta comunicação tem como objetivo apresentar uma faceta pouco conhecida do escritor Coelho Neto, a de autor de literatura licenciosa no final do século XIX. Na Belle Époque brasileira, entre as décadas de 1890 e 1920, o mercado editorial tornava-se um negócio lucrativo devido às vendas crescentes de livros populares, como os romances naturalistas e as obras pornográficas. Parte desse lucro devia também às publicações de “textos divertidos”, divulgados, anteriormente, nas seções humorísticas dos jornais, como os da coluna “O Filhote”, do jornal carioca Gazeta de Notícias, que foram publicados em formato de livro pela livraria-editora Laemmert. O interesse dos editores da Laemmert pelos “textos divertidos” indicava o aparecimento do chamado mercado da “leitura alegre”, que passava a comercializar a literatura licenciosa de escritores profissionais importantes da imprensa, entre eles Coelho Neto, Olavo Bilac (1865–1918), Guimarães Passos (1867–1909) e Pedro Rabelo (1868–1905). A partir desse contexto, a comunicação irá expor como Coelho Neto era um dos principais produtores de textos para o mercado da “leitura alegre”, desenvolvendo uma relação dessacralizada com a escrita literária por meio da produção de “obras de leitura leve” – como bem definiu o crítico Artur Azevedo (1855-1908), na coluna “Palestra” do jornal O País (26/07/1898, p.2). Com o pseudônimo de Caliban, Coelho Neto escreveu contos curtos e picantes, a princípio publicados na coluna “O Filhote” entre 2 de agosto de 1896 e 28 de maio de 1897. O interesse em escrever textos sem a preocupação com as grandes questões existenciais colocou o nome de Coelho Neto ao alcance do grande público, simpático ao caráter divertido e erótico da literatura. Atenta à efervescente

XV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC

recepção popular aos livros de entretenimento, a Livraria Laemmert publicou os contos com o título *Álbum de Caliban* em 1897 e 1898. Impregnado na percepção moderna de escritor profissional das últimas décadas do século XIX, Coelho Neto manifestava, com a literatura de Caliban, o mundanismo da vida cultural da Belle Époque brasileira, que percebia as novas condições de escrita como uma prática transformada pelas demandas de uma sociedade que compreendia (e consumia) literatura e sexo para além do limite sacerdotal das letras. Palavras-chave: Coelho Neto; Imprensa; Literatura Licenciosa”.